

Projeto de Pós-Doutorado
Antologia Temática ou Estado da Arte da Literatura

SAÚDE, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE SEGUNDO O ESPIRITISMO

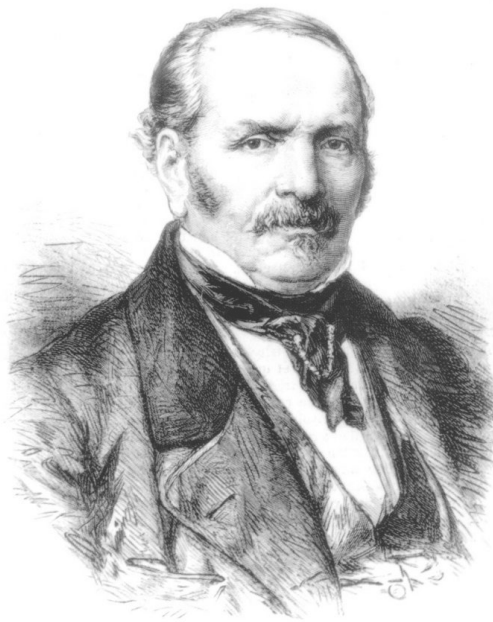


Volume III **Saúde** **segundo o** **Espiritismo**

Marcus Zulian Teixeira

ihpv

SAÚDE, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE SEGUNDO O ESPIRITISMO



Volume III Saúde segundo o Espiritismo

Marcus Zulian Teixeira

São Paulo
Edição do Autor
2025



Copyright © 2025 Marcus Zulian Teixeira (editor)

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Daniela Di Giovanni

A presente obra recebeu os apoios do **IHPV** (editoração) e da **AME-Brasil** (divulgação).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Marcus Zulian.

Saúde segundo o espiritismo [livro eletrônico] /
Marcus Zulian Teixeira. -- São Paulo :
Ed. do Autor, 2025. -- (Saúde, espiritualidade
e religiosidade segundo o espiritismo ; v. 3)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-48904-9

1. Espiritismo 2. Saúde - Aspectos religiosos -
Espiritismo I. Título. II. Série.

25-274524

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde : Espiritismo 133.9

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB 8/9427

Como citar esta publicação no todo, segundo ABNT NBR 6023:2018:

TEIXEIRA, Marcus Zulian. **Saúde segundo o Espiritismo**. São Paulo: Edição do Autor, 2025. (Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo; v. 3). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1606087>



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Os autores são exclusivamente responsáveis pelas ideias, conceitos, citações e imagens apresentadas neste livro.

Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Marcus Zulian Teixeira

Graduação em Engenharia Agrônômica pela Escola Superior
de Agricultura “Luiz de Queiróz” (ESALQ-USP)

Graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo (FMUSP)

Pós-Graduação em Medicina Homeopática pela
Associação Paulista de Homeopatia (APH)

Médico Especialista em Homeopatia (AMB-AMHB)

Doutorado em Ciências Médicas pela FMUSP

Pesquisador da FMUSP

Currículo Lattes (CNPQ)

ORCID

www.homeozulian.med.br 

“Quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que estudá-la metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das ideias.”
(Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*)

“É indispensável a cada um o esforço próprio no estudo, meditação, cultivo e aplicação da Doutrina, em toda a intimidade de sua vida.”
(Emmanuel, *O Consolador*)

“Todas as aquisições espirituais exigem perseverança no estudo, na observação e no serviço aplicado.”
(André Luiz, *Obreiros da Vida Eterna*)

“Estudar o Espiritismo na sua limpidez cristalina e sabedoria incontestável é dever que não nos é lícito postergar, seja qual for a justificativa a que nos apoiemos. Cada conceito necessariamente examinado reluz e clarifica o entendimento, facultando mais amplas percepções, em torno da vida e dos seus fenômenos.”
(Joanna de Ângelis, *Estudos Espíritos*)

“O estudo sistematizado do Espiritismo é hoje, como foi no passado e será no futuro, uma necessidade que não deve ser postergada sob qual for o motivo que, aparentemente, se apresente como justificado.”
(Manoel Philomeno de Miranda, *Temas da Vida e da Morte*)



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Sumário

Sumário

Apresentação.....	10
Prefácio.....	11
Lista de Legendas das Obras Citadas.....	12
Introdução.....	14
“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou estado da arte da literatura”	
Projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (2022-2025)	
Primeira Parte – Tipos de Fluidos, Reinos da Natureza e Corpos Constituintes	38
I. Relações entre energia e matéria (onda-partícula).....	39
I.1. Histórico.....	39
I.2. Elementos constitutivos do Universo: matéria, fluido universal e espírito.....	45
I.3. Toda matéria é energia condensada.....	51
II. Tipos de fluidos e suas propriedades	54
II.1. Fluido cósmico universal ou matéria elementar primitiva: substrato para a formação de todos os corpos materiais e fluidos da Natureza.....	54
II.2. Fluido ou princípio vital: substrato para a formação do corpo vital e para a manifestação e a manutenção da vida orgânica (seres vivos).....	57
II.3. Fluido espiritual ou matéria do mundo espiritual: substrato para a formação do corpo perispírico, veiculação do pensamento e da vontade.....	62
II.4. Pensamento, fluido ou matéria mental: corpúsculo fluídico moldado pelos sentimentos e pela vontade do espírito, plasmador de criações físico-mentais e indutor da sintonia ou afinidade entre os seres.....	64
III. Reinos da natureza: princípios, fluidos e corpos constituintes	69
III.1. Reino mineral: princípio material, matéria e corpo material.....	70
III.2. Reino vegetal: princípio vital, fluido vital e corpo vital (além do corpo material).....	73
III.3. Reino animal: princípio instintivo-inteligente, fluido espiritual e corpo perispírico ou perispírito (além dos corpos material e vital).....	76
III.4. Reino humano: princípio espiritual (inteligência-consciência), fluido mental e corpo espiritual ou espírito (além dos corpos material, vital e perispírico).....	87
Segunda Parte – Constituição Humana – Corpos Sutis	97
I. Corpo material ou físico.....	98
I.1. Constituição, evolução e finalidade.....	98
I.2. Células e metabolismo celular: princípios inteligentes rudimentares controlados pela mente (espírito) através dos centros de força ou vitais.....	102
I.3. Evolução do princípio espiritual e desenvolvimento do sistema nervoso: controle das funções, formação dos sentidos e produção do pensamento.....	106
I.4. Descrição do sistema nervoso segundo a visão espiritual.....	110
I.5. O cérebro é o órgão de manifestação da mente.....	114
I.6. O corpo físico é controlado pela mente (psicossomatismo).....	117
I.7. Sistema endócrino, glândulas, hormônios e centros de força ou vitais.....	119
I.8. Sistema sanguíneo ou hemático: relação do sangue com a vitalidade.....	125
I.9. O corpo físico funciona como depurador das moléstias da alma.....	127
I.10. Necessidade do respeito e da gratidão para com o corpo físico.....	130

II. Corpo vital, princípio vital ou duplo etérico	133
II.1. Origem, constituição e funções	133
II.2. O princípio vital orgânico está unido substancial ao corpo físico	138
II.3. Saúde orgânica e princípio (fluido) vital - Vitalismo	139
III. Corpo perispírico, perispírito ou psicossoma	142
III.1. Definição, formação e propriedades do perispírito	142
III.2. Fisiologia do perispírito e centros de força ou vitais (chacras)	149
III.3. Relação entre perispírito, mente, pensamentos e sentimentos	152
III.4. Memória perispiritual – Inconsciente ou subconsciente	160
III.5. Purificação do perispírito pela depuração dos pensamentos e sentimentos (evolução espiritual ou ética-moral)	166
III.6. O perispírito modela e comanda o corpo físico	168
III.7. Perispírito, doença e cura	175
III.8. Os sofrimentos e as enfermidades podem permanecer no perispírito após a morte física	178
III.9. Perispírito e mediunidade	187
III.10. Obsessão, possessão, subjugação e metamorfose perispiritual	198
IV. Espírito, alma ou princípio inteligente	202
IV.1. Definição, origem e natureza	202
IV.2. Evolução do espírito ou princípio inteligente	208
IV.3. Relação entre espírito e mente (binômio espírito-mente)	221
IV.4. Localização do binômio espírito-mente no crânio	223
IV.5. O binômio espírito-mente modela e comanda o perispírito	227
IV.6. O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital	231
IV.7. Binômio espírito-mente, pensamento (substância, partícula, átomo ou matéria mental) e energia	242
IV.8. Indução mental e vontade	249
IV.9. Pensamentos e emoções	252
IV.10. Pensamentos e aura humana	256
IV.11. Ligação entre os seres através do pensamento – Lei de afinidade	259
IV.12. Pensamento como poder criador e aglutinante	266
IV.13. Necessidade de cultivar bons pensamentos	270
Terceira Parte – Obsessão e Desobsessão	274
I. Obsessão	275
I.1. Interação entre encarnados e desencarnados: importância e magnitude	275
I.2. Definição, conceitos e noções preliminares	283
I.3. Histórico	292
I.4. Tipos e formas de obsessão	299
I.5. Causas da obsessão – Origem em vidas passadas	318
I.6. Obsessão e evolução espiritual (evolução ética-moral)	325
I.7. Obsessão, afinidade e sintonia mental	334
I.8. O remorso (culpa) pelos delitos outrora praticados favorecem a obsessão	339
I.9. Mecanismo da obsessão: atuação na mente e no cérebro – Ação hipnótica	344
I.10. Evolução do processo obsessivo	353
I.11. Simbiose entre obsessor e obsidiado	359
I.12. Obsessão e metamorfose perispiritual: ovoides, licantropia e zoantropia	365
I.13. Obsessão causando transtornos ou doenças físicas e mentais	387
I.14. Obsessão e vícios	403
II. Desobsessão	409
II.1. Tratamento complexo e de longo curso	409
II.2. Fundamentos da terapia desobsessiva: doutrinação, evangelização, estudo da doutrina, tratamento fluídico do obsidiado e do obsessor	414

II.3.	Poder da prece, da leitura edificante e da evangelização.....	435
II.4.	Afastamento dos espíritos obsessores: benefícios e riscos.....	441
II.5.	Reuniões espíritas de desobsessão – Características	449
II.6.	Benefícios do intercâmbio mediúnico: choque anímico-fluídico	465
II.7.	Auxílio espiritual nas desobsessões – Atuação durante o sono físico.....	472
II.8.	Revolta e ataque dos obsessores contra os trabalhos de desobsessão – Afastamento dos obsidiados	480

Quarta Parte – Medicina Espiritual – Aspectos Gerais.....492

I.	Papel da medicina e do médico espiritualizado.....	493
I.1.	Medicina do futuro – Medicina espiritual.....	493
I.2.	Missão do médico.....	509
I.3.	Atividades do plano espiritual junto a médicos e hospitais.....	514
II.	Saúde segundo a medicina espiritual.....	526
II.1.	Compromisso relevante	526
II.2.	Saúde e força vital – Vitalismo.....	529
II.3.	Saúde física e mental (espiritual).....	535
III.	Doença segundo a medicina espiritual	538
III.1.	Gênese das doenças no perispírito ou psicossoma.....	538
III.2.	Relação entre mente, perispírito e doença – Psicossomatismo.....	542
III.3.	Doença e evolução ética-moral	555
III.4.	Doença e obsessão.....	562
III.5.	Benefícios da doença	562
IV.	Processo saúde-doença e centros de força	572
IV.1.	Fisiologia do perispírito (centros de força perispirituais).....	572
IV.2.	A mente controla o corpo físico através dos centros de força.....	572
IV.3.	Obsessão, doenças e centros de força	577
V.	Sono e sonhos	579
V.1.	Desprendimento do espírito ou emancipação da alma durante o sono	579
V.2.	Atividades do espírito durante o desprendimento no sono.....	584
V.3.	Sonhos como lembranças das atividades do espírito durante o sono.....	588
V.4.	Pesadelos e suas causas: fenômenos espirituais ou inconscientes	600
V.5.	Utilização do sono para esclarecimento e auxílio aos encarnados	607
VI.	Genética, hereditariedade e reencarnação	612
VI.1.	Evolução espiritual, hereditariedade e reencarnação	612
VI.2.	Afinidade, hereditariedade e reencarnação.....	622
VI.3.	Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação.....	627
VII.	Sexualidade.....	633
VII.1.	Sexo e evolução ética-moral	633
VII.2.	Importância e responsabilidade do sexo segundo a visão espiritual.....	640
VII.3.	Necessidade do controle da energia sexual.....	654
VII.4.	Desequilíbrio sexual e disfunções orgânicas	664
VII.5.	Individualidade sexual e inversão do sexo (homossexualidade)	668
VII.6.	Aborto: causas e consequências.....	677

Quinta Parte – Medicina Espiritual – Transtornos Mentais 697

I.	Inconsciente, subconsciente, consciente e superconsciente.....	698
II.	Maturidade psicológica e evolução ética-moral	709
III.	Causas físicas e orgânicas.....	721

IV. Causas espirituais.....	725
IV.1. Causas cármicas – Matrizes perispirituais consequentes aos deslizes éticos-morais do passado...	727
IV.2. Obsessão causando transtornos mentais.....	733
IV.3. Causa na fixação mental do passado (auto-obsessão).....	743
V. Vícios: causas e consequências.....	756
V.1. Causas dos vícios.....	756
V.2. Efeitos dos vícios nos corpos físico e espiritual.....	773
V.3. Vício e obsessão.....	776
V.4. Padecimentos dos viciados após a desencarnação e na reencarnação.....	784
V.5. Tratamento complexo e de longo curso.....	790
VI. Suicídio: causas e consequências.....	796
VI.1. Causas do suicídio.....	796
VI.2. Efeitos do suicídio no corpo espiritual e na reencarnação (corpo físico).....	808
VI.3. Sofrimentos do suicida após a morte.....	815
VI.4. Responsabilidades pelo ato praticado.....	834
VI.5. Tratamento preventivo para o suicida em potencial.....	839
VII. Análise espiritual de alguns transtornos mentais (neuropsiquiátricos).....	845
VII.1. Autismo (Transtorno do Espectro do Autismo).....	849
VII.2. Deficiência Intelectual (Transtorno do Desenvolvimento Intelectual).....	853
VII.3. Epilepsia.....	861
VII.4. Histeria (Transtorno da Personalidade Histriônica).....	874
VII.5. Esquizofrenia (Espectro da Esquizofrenia).....	877
VII.6. Psicose Maníaco-Depressiva (Transtorno Bipolar).....	885
VII.7. Depressão (Transtornos Depressivos).....	889
VII.8. Pedofilia (Transtorno Pedofílico).....	896
VII.9. Doença de Alzheimer e Doença de Parkinson.....	904
VIII. Efeitos dos tratamentos convencionais.....	906
Sexta Parte – Medicina Espiritual – Terapias Espíritas.....	911
I. Cura das doenças segundo a medicina espiritual.....	912
II. Psicoterapia espiritual: evangelização e reforma íntima.....	927
III. Prece e oração.....	942
III.1. Valor e poder da prece.....	942
III.2. Prece e emanção de forças.....	957
III.3. Maneira correta de orar.....	962
IV. Fluidoterapia – Passes magnéticos.....	967
IV.1. Transusão de energias curativas – Auxílio terapêutico-magnético.....	967
IV.2. Requisitos para sua aplicação.....	976
IV.3. Relação entre a fé e a receptividade do auxílio magnético.....	983
IV.4. Fluidoterapia para tratamento de doenças físicas e mentais.....	985
IV.5. Passes com função anestesiante e indutora do sono.....	994
IV.6. Passes para recordação do passado (reativação da memória perispiritual).....	996
IV.7. Fluidoterapia para desligar obsessores e suas emanções tóxicas.....	998
IV.8. Água fluidificada e sopro curativo.....	999
V. Tratamento dispensado pelos espíritos.....	1003
V.1. Tratamento fluídico-magnético.....	1003
V.2. Cirurgia fluídico-magnética e cirurgia mediúnica.....	1006
V.3. Regressão da memória para análise mental e conscientização terapêutica.....	1019
VI. Desobsessão.....	1029
VII. Importância da alimentação e da respiração.....	1029
Referências Bibliográficas.....	1037

Apresentação

Salvador, 18 de fevereiro de 1992.

Meu caro Marcus:

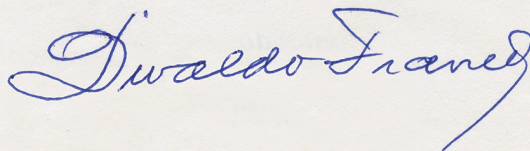
Jesus seja conosco e nos abençoe!

Foi-me um grande prazer estar com você, não obstante rapidamente.

Chegando à Casa onde me encontrava, comecei a folhear o seu trabalho e proseguei fazendo-o com encantamento. A sua inspiração em realizá-lo é muito feliz, porque vem preencher uma lacuna em nossos meios. Às vezes, gostaríamos de encontrar um assunto que lemos e não nos recordamos em que Obra. Tendo esse valioso contributo especializado, já iremos diretamente ao assunto, relendo-o, na síntese maravilhosa que você apresenta.

Conforme lhe disse, Manoel P. de Miranda esteve ao seu lado durante a realização do labor e encontra-se feliz com o resultado, orando, a fim de que logre o destino: chegar aos corações e mentes humanas.

Abraçando-o e desejando-lhe progresso contínuo, seu irmão em Jesus,



(Resenha do médium baiano **Divaldo Pereira Franco** ao “projeto-piloto” dessa série de livros, apresentado em 1992)

Prefácio

É com enorme prazer que escrevo o prefácio desta obra monumental do Dr. Marcus Zulian Teixeira. Trata-se de um trabalho extraordinário, resultado de décadas de dedicação ao cuidado com a saúde humana, à pesquisa científica e ao aprofundamento em questões espirituais e existenciais.

A trajetória de Marcus é singular. Formou-se, inicialmente, em Engenharia Agrônoma pela ESALQ-USP, em 1981, atuando durante cinco anos na área, com foco no desenvolvimento de produtos ecologicamente sustentáveis. No entanto, seu interesse crescente pelos fatores que promovem e restauram a saúde o levou a trilhar um novo caminho: a Medicina. Formou-se médico pela Faculdade de Medicina da USP em 1991 e, em seguida, especializou-se em Homeopatia pela Associação Paulista de Homeopatia (1992–1994), obtendo o título de especialista pela Associação Médica Brasileira (1995).

Além de clínico, Marcus é um pesquisador incansável, movido por curiosidade intelectual e espírito científico. Defendeu seu doutorado pela FMUSP em 2009 e realizou pós-doutorado na mesma instituição em 2017. Foi nesse período que o conheci, quando ele se aproximou do Programa em Saúde, Espiritualidade e Religiosidade do Instituto de Psiquiatria do HCFMUSP (ProSER), demonstrando interesse em desenvolver seus projetos de pesquisa. Desde então, tenho me impressionado com sua seriedade, rigor e comprometimento.

Em 2020, iniciou uma linha de pesquisa original e promissora: investigar os efeitos de preparações homeopáticas isoterápicas de DNA (a chamada “homeopatia genômica”) sobre os telômeros — estruturas fundamentais à integridade do material genético celular — em voluntários saudáveis. Esse estudo piloto, ainda em andamento, poderá trazer importantes contribuições à compreensão da saúde celular sob uma perspectiva inovadora.

Nos últimos anos, tenho-me dedicado ao estudo da relação entre espiritualidade/religiosidade e saúde mental e física, tanto na prevenção quanto na reabilitação de pacientes. A relevância desse campo vem sendo confirmada por um número crescente de estudos científicos robustos — compilados nas edições do *Handbook of Religion and Health* (1998, 2012 e 2024)¹, coordenado pelo Prof. Harold Koenig e colaboradores.

Sabendo desse meu interesse, o Dr. Marcus propôs, em 2022, seu segundo pós-doutorado, com o objetivo de descrever e sistematizar as inter-relações entre saúde, espiritualidade e religiosidade à luz da Doutrina Espírita. A pesquisa, cuidadosamente conduzida, consistiu em um levantamento temático das principais obras da literatura espírita, agrupando os conteúdos conforme sua relação com os três eixos do estudo. O resultado é esta obra grandiosa — um verdadeiro “estado da arte” sobre o tema — que agora se apresenta ao público em três volumes: **Religiosidade segundo o Espiritismo, Espiritualidade segundo o Espiritismo e Saúde segundo o Espiritismo**.

Cada tomo aborda, com profundidade, um dos aspectos centrais da investigação, empregando o método da antologia temática como recurso discursivo.

Este conjunto representa uma contribuição ímpar à compreensão das interfaces entre saúde, espiritualidade e religiosidade sob a ótica espírita, consolidando um campo teórico-prático e oferecendo uma referência essencial para estudiosos e futuros pesquisadores.

Espera-se, ainda, que esta publicação inspire iniciativas semelhantes voltadas a outras tradições religiosas, como o islamismo, judaísmo, hinduísmo e budismo, entre outras — promovendo o diálogo entre ciência, espiritualidade e cultura.

Permito-me, por fim, um comentário pessoal: em mais de 35 anos de vida acadêmica, não conheci alguém tão dedicado, metódico e gentil como Marcus Zulian Teixeira. Além de clínico respeitado e referência internacional em homeopatia — com publicações regulares na principal revista da área, a *Homeopathy* —, destaca-se em rankings de produção científica e mantém um rigor e ética admiráveis.

Em suma, esta obra é singular: fruto do trabalho de um médico e pesquisador reconhecido, profundo conhecedor da Doutrina Espírita, e que oferece ao público uma reflexão densa, generosa e transformadora.

Boa leitura — e boa reflexão!

Homero Vallada

Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da
Faculdade de Medicina da USP

¹ Harold G. Koenig, Tyler VanderWeele, and John R. Peteet, *Handbook of Religion and Health*, 3rd edn (New York, 2024; online edn, Oxford Academic, 23 Nov. 2023). Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190088859.001.0001>.

Lista de Legendas das Obras Citadas

Allan Kardec

AK, *O livro dos espíritos* / Allan Kardec. *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. 1857.

AK, *O livro dos médiuns* / Allan Kardec. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. 1859.

AK, *O evangelho segundo o espiritismo* / Allan Kardec. *O evangelho segundo o espiritismo*. 1863.

AK, *O céu e o inferno* / Allan Kardec. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. 1865.

AK, *A gênese* / Allan Kardec. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. 1868.

AK, *Obras póstumas* / Allan Kardec. *Obras póstumas*. 1890.

Francisco Cândido Xavier

AL, *Nosso lar* / André Luiz (Espírito). *Nosso lar*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1944.

AL, *Os mensageiros* / André Luiz (Espírito). *Os mensageiros*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1944.

AL, *Missionários da luz* / André Luiz (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1945.

AL, *Obreiros da vida eterna* / André Luiz (Espírito). *Obreiros da vida eterna*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1946.

AL, *No mundo maior* / André Luiz (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1947.

AL, *Libertação* / André Luiz (Espírito). *Libertação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1949.

AL, *Entre a terra e o céu* / André Luiz (Espírito). *Entre a terra e o céu*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1957.

AL, *Nos domínios da mediunidade* / André Luiz (Espírito). *Nos domínios da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1955.

AL, *Ação e reação* / André Luiz (Espírito). *Ação e reação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1957.

AL, *Evolução em dois mundos* / André Luiz (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1959.

AL, *Mecanismos da mediunidade* / André Luiz (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1960.

AL, *Sexo e destino* / André Luiz (Espírito). *Sexo e destino*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1963.

AL, *E a vida continua* / André Luiz (Espírito). *E a vida continua...* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1968.

AL, *Desobsessão* / André Luiz (Espírito). *Desobsessão*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 1964.

EMM, *Emmanuel* / Emmanuel (Espírito). *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1938.

EMM, *A caminho da luz* / Emmanuel (Espírito). *A caminho da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1939.

EMM, *O consolador* / Emmanuel (Espírito). *O consolador*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1941.

EMM, *Roteiro* / Emmanuel (Espírito). *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 1952.

Divaldo Pereira Franco

MPM, *Nos bastidores da obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nos bastidores da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1970.

MPM, *Grilhões partidos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Grilhões partidos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1974.

MPM, *Tramas do destino* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tramas do destino*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1976.

MPM, *Nas fronteiras da loucura* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nas fronteiras da loucura*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1982.

MPM, *Painéis da obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Painéis da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1984.

MPM, *Temas da vida e da morte* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Temas da vida e da morte*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1996.

MPM, *Loucura e obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Loucura e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1988.

MPM, *Trilhas da libertação* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Trilhas de libertação*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1996.

MPM, *Tormentos da obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tormentos da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2001.

MPM, *Sexo e obsessão* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Sexo e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2003.

MPM, *Entre os dois mundos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Entre os dois mundos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2006.

MPM, *Reencontro com a vida* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Reencontro com a vida*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2006.

MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2009.

MPM, *Transição planetária* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transição planetária*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2010.

MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Mediunidade: desafios e bênçãos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2012.

MPM, *Amanhecer de uma nova era* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Amanhecer de uma nova era*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2012.

MPM, *Perturbações espirituais* / Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Perturbações espirituais*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 2015.

JA, *Estudos espíritas* / Joanna de Ângelis (Espírito). *Estudos espíritas*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1982.

JA, *O homem integral* / Joanna de Ângelis (Espírito). *O homem integral*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. 1990.

Yvonne do Amaral Pereira

BM, *Dramas da obsessão* / Bezerra de Menezes (Espírito). *Dramas da obsessão*. Psicografado por Yvonne do Amaral Pereira. 1964.



Volume III

Saúde segundo o Espiritismo

Introdução

“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou estado da arte da literatura”

Projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao
Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo
(2022-2025)

Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou estado da arte da literatura^{1,2}

I Introdução

Em todas as civilizações e culturas, desde épocas mais remotas, o ser humano busca compreender sua essência espiritual, ponto de ligação com a Divindade e subsídio ao entendimento do sentido da vida e do mistério da morte. Denominada, simplificada e, como alma ou espírito, representa a esperança na continuidade do ser e de sua vida de relações afetivas após o desenlace carnal, assumindo posição de destaque no desenvolvimento de diversas filosofias e religiões.

Paralelamente, racionalidades médicas vitalistas seculares (Medicina Tradicional Chinesa, Medicina Tradicional Indiana e Homeopatia, dentre outras) também contribuem à ampliação do entendimento do processo saúde-doença, localizando em instâncias não materiais (força vital, mente, alma e espírito, dentre outras) as possíveis causas do adoecimento humano e correlacionando manifestações subjetivas da individualidade (pensamentos, sentimentos e emoções, dentre outras) ao desequilíbrio dos diversos sistemas fisiológicos (Teixeira, 1996, 2000a, 2000b, 2002, 2017b).

Segundo Harold Koenig (2012), importante pesquisador da interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade, “religião, medicina e saúde têm sido relacionados de uma maneira ou de outra em todas as populações, desde os primórdios da humanidade [...] somente nos últimos tempos esses sistemas de cura foram separados, e esta separação ocorreu em grande parte em países altamente desenvolvidos; em muitos países em desenvolvimento, existe pouca ou nenhuma separação”.

Em 1946, a *Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS)* definia saúde como “um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade” (WHO, 1946). Em 1999, foi sugerida uma emenda à

Constituição da OMS para incluir o aspecto espiritual no conceito multidimensional de saúde: “saúde é um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade” (WHO, 1999).

E dentro dessa mudança conceitual, tem-se observado um número cada vez maior de estudos evidenciando uma associação positiva entre o envolvimento espiritual e religioso a melhores indicadores de saúde física e, principalmente, mental. Nesse contexto, espiritualidade e religiosidade se relacionam a menores taxas de suicídio, depressão, ansiedade e uso de substâncias ilícitas; melhor recuperação nos casos de depressão e maior bem-estar geral, dentre outros benefícios que as caracterizam como fonte de força e resiliência para os pacientes, incluindo aqueles com transtornos mentais graves (Koenig et al, 2012; Bonelli e Koenig, 2013; Pargament e Lomax, 2013).

Diante dessas evidências, a World Psychiatric Association (Moreira-Almeida et al, 2016) e outras associações psiquiátricas de diversos países, tais como a Royal College of Psychiatrists (1999), a American Psychiatric Association (1990) e a Associação Brasileira de Psiquiatria (Cordeiro, 2014) passaram a recomendar a inclusão da espiritualidade e da religiosidade na prática clínica e na formação médica.

Valorizando os aspectos espirituais e religiosos de cada indivíduo no direcionamento da atenção à saúde mental, a American Psychiatric Association (APA) incluiu na quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) os “Problemas Espirituais e Religiosos” como uma nova categoria diagnóstica (Lukoff et al., 1992; Lu et al., 1994), justificando a avaliação de experiências espirituais e religiosas como parte constituinte da investigação psiquiátrica, sem necessariamente julgá-las como psicopatológicas. Nesse contexto, espiritualidade e religiosidade passam a ser valorizadas como importantes contributos na atenção clínica e na promoção à saúde,

1 Teixeira MZ. Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou estado da arte da literatura [Projeto de pós-doutorado]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2022. Disponível em:  <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1400581>.

2 Teixeira MZ. Interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade: importância do ensino, da pesquisa e da assistência na educação médica. Revista de Medicina (São Paulo). 2020; 99(2): 134-147. Disponível em:  <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v99i2p134-147>.

sendo de fundamental importância sua incorporação às atividades de ensino, pesquisa e assistência dos currículos acadêmicos das diversas áreas da saúde (Teixeira, 2020).

Em consonância ao crescimento da educação médica em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), tais como a homeopatia e a acupuntura (Teixeira et al, 2004, 2005; Teixeira, 2013, 2017a), que ampliam o entendimento do processo de adoecimento humano e incrementam a terapêutica das doenças em vista de suas concepções antropológicas vitalistas (Teixeira, 1996, 2000a, 2000b, 2002, 2017b), a disseminação de outras abordagens filosófico-espiritualistas poderia contribuir de forma semelhante na compreensão e no tratamento do binômio doente-doença (Teixeira, 2020).

Analogamente, pela importância crescente dedicada à correlação entre saúde, espiritualidade e religiosidade, profissionais da saúde devem estar preparados para compreender as demandas espirituais e religiosas de seus pacientes, adquirindo informação e treinamento nos diversos aspectos e abordagens desse vasto campo de conhecimento (Teixeira, 2020).

Atendendo a esse objetivo, propomos neste estudo sistematizar e disponibilizar as contribuições da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento dessa correlação, em vista de ser um sistema ideológico de cunho científico, filosófico e religioso, disseminado mundialmente e seguido por 2% da população brasileira (em torno de 3,8 milhões de indivíduos), segundo o último censo demográfico (IBGE, 2010; Somain, 2012).

II Revisão da Literatura

II.1. Saúde, Espiritualidade e Religiosidade

Levantamento realizado na base de dados PubMed (01.02.2022) utilizando as palavras-chave “spirituality” AND “health” indica 15.803 estudos publicados, com importante incremento na última década (2011-2021: 61,9% dos estudos ou 9.783/15.803), demonstrando o interesse crescente das ciências da saúde nessa área do conhecimento. No Banco de Teses e Dissertações da Biblioteca Digital da USP  (<http://www.teses.usp.br/>), encontramos 27 trabalhos (15 dissertações de mestrado e 12 teses de doutorado) que apresentam “espiritualidade ou religiosidade” e “saúde” como palavras-chave. Na Biblioteca Virtual da FAPESP  (<https://bv.fapesp.br/pt/>), ao pesquisarmos as palavras-chave “espiritualidade” ou “religiosidade” na área de “Ciências da Saúde”, encontramos 32 estudos que receberam auxílio à pesquisa ou bolsas da Instituição.

Segundo pesquisadores da área (Koenig, 2008, 2012; King e Koenig, 2009), as definições para os termos “espiritualidade” e “religiosidade” são muito semelhantes e se sobrepõem. De forma simplificada, “espiritualidade” é entendida como uma busca pessoal pela compreensão de questões espirituais/existenciais maiores (por exemplo, o sentido da vida e o mistério da morte) e suas relações com o sagrado e/ou transcendente (Deus, Alá, Brahma, Buddha e Verdade Suprema, dentre outras denominações), o que não ocasiona, necessariamente, o desenvolvimento de práticas ou a formação de comunidades religiosas. Por outro lado, entende-se “religiosidade” como a prática de uma religião, que é definida como um sistema de crenças e atividades realizadas por determinada comunidade, com suporte em rituais que veneram e praticam, com o intuito de entrarem em contato com o sagrado e/ou transcendente; em geral, as religiões também apresentam crenças específicas sobre a vida após a morte (abordada também pela espiritualidade) e regras de conduta e relacionamento dentro de um grupo social.

Inúmeros motivos justificam a inclusão do binômio espiritualidade-religiosidade (E/R) no ensino, na pesquisa e na assistência à saúde: (a) muitos pacientes possuem crenças espirituais/religiosas e apresentam necessidades nessa área quando estão doentes; (b) crenças espirituais/religiosas fornecem subsídios para que os pacientes enfrentem inúmeros aspectos que os afligem (enfrentamento ou *coping* espiritual/religioso); (c) crenças e práticas espirituais/religiosas são promotoras da saúde e da qualidade de vida, incrementando os tratamentos convencionais e diminuindo os custos com a saúde; (d) crenças espirituais/religiosas dos pacientes afetam suas decisões em relação aos tratamentos, podendo entrar em conflito ou influenciar o cumprimento dos mesmos; (e) crenças espirituais/religiosas dos médicos podem influir nas decisões que tomam e o tipo de cuidado que dedicam aos pacientes; (f) estudos demonstram que muitos pacientes gostariam que os profissionais da saúde os vissem como seres integrais (englobando seus aspectos biológicos, psíquicos, espirituais e sociais, segundo o conceito multidimensional de saúde da OMS, citado anteriormente) e incluíssem suas necessidades espirituais/religiosas nos cuidados que recebem, procedimentos que trariam benefícios significativos ao tratamento; dentre outros aspectos (Koenig et al, 1999; Koenig 2001, 2012; Ehman et al, 1999; Sulmasy, 2002; Puchalski, 2007).

Em relação à aceitação das crenças dos pacientes nos cuidados rotineiros da saúde, estudos indicam que grande parte dos médicos se esquivam de sua responsabilidade nessa área (Woll et al, 2008; Verhagen, 2010; Best et al, 2016). Apesar da histórica correlação entre

saúde mental, espiritualidade e religiosidade (Koenig, 2012), endossada na atualidade pela psiquiatria moderna (Moreira-Almeida, 2007), pesquisa nacional americana (EUA) evidenciou que a maioria dos psiquiatras consultados relatou que nunca, ou raramente, indagava os pacientes acerca de suas questões espirituais/religiosas, embora concordassem com a importância do tema no contexto terapêutico (Curlin et al, 2007). Atitude semelhante foi observada em levantamentos realizados com psiquiatras de outros países, que justificaram na falta de tempo e treinamento o principal impedimento para incorporar essas questões à prática clínica (Neeleman e King, 1993; Baetz et al, 2004; Durà-Vilà et al, 2011).

Analogamente, em recente pesquisa realizada com 484 psiquiatras brasileiros membros da Associação Brasileira de Psiquiatria, Menegatti-Chequini et al (2016) constataram que, apesar da maioria dos psiquiatras terem uma filiação religiosa (67,4%), 55,5% não costumava indagar sobre a E/R de seus pacientes, tendo como principais impedimentos o “medo de ultrapassar o papel do médico” (30,2%) e a “falta de treinamento” (22,3%). Replicando o levantamento em 121 psiquiatras do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HC-FMUSP), Menegatti-Chequini et al (2019) encontraram resultados semelhantes: 64,2% consideravam que as crenças religiosas eram influentes em sua prática clínica e 50% relataram que frequentemente perguntavam sobre a E/R de seus pacientes, citando como barreiras mais comuns a “falta de tempo” (27,4%), o “medo de ultrapassar o papel do médico” (25%) e a “falta de treinamento” (19,1%).

Muitas vezes, utilizando-se do Código de Ética Médica (Conselho Federal de Medicina, 2009), médicos alegam que crenças religiosas podem gerar um conflito entre a própria consciência e a do paciente, desrespeitando decisões feitas de antemão pelo paciente no que tange ao seu tratamento de saúde. No entanto, posturas opostas são defendidas por profissionais da saúde e pesquisadores da bioética: “O respeito à autonomia do paciente estende-se aos seus valores religiosos. Tais valores não podem ser desconsiderados ou minimizados por outrem, em particular pelos profissionais da saúde, a despeito dos melhores e mais sinceros interesses destes”, valendo ressaltar que “os valores religiosos podem ser uma força positiva para o conforto e a recuperação do paciente se ele estiver seguro de que os mesmos serão respeitados” (Souza e Moraes, 2009). Esse dilema reforça a importância da inclusão de atividades, disciplinas e debates sobre esses tópicos na educação dos profissionais da saúde e no cuidado dos pacientes nos diversos setores da saúde (Chehaibar, 2010; Braghetta et al, 2011; Teixeira, 2020).

Exemplificando essa conduta, nos EUA, as normas estabelecidas pelo Medicare (CMS Manual System, 2010) e pela Joint Commission on Accreditation of Healthcare Organizations (JCAHO, 2017) exigem que os prestadores de cuidados em saúde mostrem respeito pelos valores culturais e pessoais dos pacientes, crenças e preferências (incluindo as convicções espirituais e religiosas). Em vista disto, se os profissionais da saúde desconhecem essas crenças e preferências, eles não podem mostrar respeito por elas e ajustá-las em conformidade ao cuidado dispensado (Koenig, 2012).

Assim sendo, além da disponibilidade desses temas aos estudantes da área da saúde (d’Ávila, 2010), torna-se imprescindível que os profissionais da saúde integrem os referidos contributos na semiologia e na propedêutica clínica convencional através de histórias ou anamneses espirituais breves (Seyringer et al, 2007; Koenig, 2012; Delgado-Guay, 2014; Moreira-Almeida et al, 2014; Braghetta, 2017), com o intuito de ampliar o entendimento do adoecer humano, incrementar a relação médico-paciente e promover o bem-estar geral do indivíduo. Por outro lado, estimulando a incorporação de práticas espirituais/religiosas à terapêutica convencional, poderiam ampliar a resolutividade das doenças modernas e diminuir os custos com os cuidados na saúde (Koenig et al, 2012; Bonelli e Koenig, 2013; Pargament e Lomax, 2013), como veremos em detalhes adiante.

II.1.1. Educação dos profissionais da saúde em “espiritualidade e saúde” (E/S)

Diversos estudos indicam os benefícios da inclusão da temática “espiritualidade e saúde” (E/S) nos currículos das faculdades de medicina (Puchalski e Larson, 1998; Graves et al, 2002; Guck e Kavan, 2006; Puchalski, 2006; Schonfeld et al, 2016) e de enfermagem (Narayanasamy, 2006; van Leeuwen et al, 2006; Baldacchino, 2008; Timmins e Neill, 2013), dentre outras áreas da saúde.

Levantamento global sobre a educação médica em espiritualidade (Lucchetti et al, 2012a) mostrou predomínio norte-americano perante os demais países, sendo que em 1994 apenas 13% (17/126) das escolas médicas dos EUA ofereciam atividades curriculares ligadas à espiritualidade; em 1998, esse número atingiu 31% (39/126) e, em 2004, 67% (84/126) das faculdades de medicina disponibilizavam essas atividades. Em 2008, 67% (100/150) das escolas médicas norte-americanas continuavam oferecendo alguma atividade ligada à espiritualidade, sendo que em 75% (75/100) delas como prática regular (Fortin e Barnett, 2004). Em 2010, pesquisa nacional indicou que 90% das escolas

médicas dos EUA ministravam atividades relacionadas à E/S, 73% com conteúdo em cursos obrigatórios abordando outros tópicos como Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) ou Medicina Alternativa e Complementar (MAC), e 7% com um curso obrigatório dedicado especificamente ao tema (Koenig et al, 2010).

No Reino Unido, pesquisa respondida por 53% (17/32) das escolas médicas consultadas mostrou que 59% (10/17) dessas instituições forneciam alguma forma de ensino no campo da espiritualidade. A inclusão dessas atividades ocorria na forma de palestras, discussões em grupos, entrevistas de pacientes, acompanhamento de capelães e leituras específicas (Neely e Minford, 2008).

No Brasil, levantamento respondido por 47,7% (86/180) das escolas médicas consultadas (2010-2011) indicou que apenas 10,5% (9/86) ofereciam cursos sobre E/S e 40,7% (35/86) tinham cursos ou algum conteúdo sobre E/S. Apenas duas escolas ofereciam cursos que envolviam treinamento prático e três escolas tinham cursos que ensinavam como conduzir uma anamnese espiritual. A maioria dos diretores médicos (54%) acreditava que E/S deveria ser ensinada em suas escolas (Lucchetti et al, 2012b).

Segundo esse mesmo levantamento (Lucchetti et al, 2012b), o conteúdo curricular desses cursos mostrou-se bastante heterogêneo, abordando tópicos diversos: aspectos intrínsecos às diversas filosofias e religiões, PICS ou MAC, interface entre física quântica e saúde, dentre outras.

Para ampliar a abrangência do ensino acadêmico de temas relacionados ao binômio E/S, Dal-Farra e Geremia (2010) sugerem três possibilidades para operacionalizar este processo junto aos profissionais da saúde: “composição de disciplinas na matriz curricular de tal forma que as inter-relações entre E/S sejam contempladas na formação de profissionais de saúde; oferecimento de cursos de extensão e demais possibilidades, como estágios, que sejam utilizados como atividades complementares, conforme prevêem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Superior; e abordagem na transversalidade, na qual os componentes curriculares abordem as práticas educativas com atenção aos aspectos relativos à espiritualidade e a sua relação com a saúde”.

Além da graduação médica, cursos sobre E/S também são ministrados em programas de residência médica (cuidados paliativos, psiquiatria, medicina interna e medicina de família) nos EUA, Canadá e Europa (Lucchetti et al, 2012a), propiciando aos residentes incrementos na relação médico-paciente, na compreensão da necessidade espiritual do paciente e na satisfação com o trabalho (Wasner et al, 2005).

II.1.2. Emprego da espiritualidade/ religiosidade (E/R) no enfrentamento (coping) de problemas de saúde

Espiritualidade e religiosidade (E/R) podem auxiliar os pacientes no enfrentamento (coping) de problemas de saúde. Diversos estudos evidenciam que o enfrentamento espiritual/religioso ajuda as pessoas a lidarem com uma grande variedade de doenças crônicas e situações estressantes: dores crônicas, doenças renais, diabetes, doenças pulmonares, câncer, doenças hematológicas, doenças cardiovasculares, distúrbios neurológicos, HIV/AIDS, lúpus eritematoso sistêmico, síndrome do intestino irritável, doenças musculoesqueléticas, doenças psiquiátricas, terminalidade da vida e estresse pós-traumático, dentre outras (Koenig, 2012).

Em pacientes portadores de câncer, estudos demonstram que o enfrentamento espiritual/religioso está associado a níveis mais baixos de desconforto, ansiedade, hostilidade e isolamento social (Acklin et al, 1983; McCullough et al, 2000; Janiszewska et al, 2008; PDQ Supportive and Palliative Care Editorial Board, 2015, 2016), auxiliando também os cuidadores familiares (Kim et al, 2007; Kim et al, 2015). Características provenientes de crenças ou convicções espirituais/religiosas fortes, tais como esperança, otimismo, ausência de arrependimento e satisfação de vida também estão associadas com melhor adaptação em indivíduos diagnosticados com câncer.

O tipo de enfrentamento religioso também pode influenciar a qualidade de vida dos pacientes. Estudos em pacientes com câncer avançado evidenciam que o emprego de métodos de enfrentamento religioso positivo (tais como ‘apreciações religiosas benevolentes’) está associado à melhor qualidade de vida e maior bem-estar psicológico e existencial. Em contraste, o emprego de métodos de enfrentamento religioso negativo (como ‘raiva de Deus’, por exemplo) piora a qualidade de vida e o bem-estar psicológico e existencial (Tarakeshwar et al, 2006; Hills et al, 2005), assim como aumenta as ideias suicidas (Trevino et al, 2014). Estudo em pacientes com câncer diagnosticado no período de cinco anos mostrou que a espiritualidade estava associada com menos angústia e melhor qualidade de vida, independentemente da ameaça percebida, estando no bem-estar espiritual/existencial (e não no bem-estar religioso) o principal contributo (Laubmeier et al, 2004).

Bem-estar espiritual/existencial, entendido como um “senso de significado para a vida e paz interior” (Brady et al, 1999), está diretamente relacionado à capacidade dos pacientes com câncer em continuarem desfrutando a vida, apesar dos altos níveis de dor ou fadiga. Estudos com pacientes oncológicos indicam que o bem-estar espiritual/existencial está

inversamente relacionado à ansiedade e à depressão (O'Mahony et al, 2005; Whitford et al, 2008; McCoubrie e Davies, 2006) e diretamente relacionado à saúde física e mental (Krupski et al, 2006); por outro lado, medidas de religiosidade podem não se relacionar à depressão (Nelson et al, 2002; McCoubrie e Davies, 2006) ou prever um aumento da depressão e agravamento da doença, particularmente nos casos em que o bem-estar espiritual/existencial era menor (Yanez et al, 2009; Kim et al, 2011).

Pesquisas realizadas em pacientes pediátricos revelam que as crianças possuem uma vida espiritual rica e complexa, a qual muitas vezes ultrapassa a religiosidade no entendimento do contexto e propósito das doenças crônicas, sugerindo que as crenças espirituais as auxiliam no enfrentamento das mesmas (Drutchas e Anandarajah, 2014).

Em suma, o envolvimento religioso positivo e a espiritualidade parecem estar associados a um incremento na saúde e a uma expectativa de vida maior, mesmo após serem controladas outras variáveis como hábitos de vida e apoio social (Mueller et al, 2001).

II.1.3. Influência da espiritualidade/religiosidade (E/R) na saúde mental e física: pesquisas e implicações clínicas

Conforme citado anteriormente, práticas e crenças espirituais/religiosas são comumente usadas por pacientes e médicos para lidar com as doenças e outras mudanças de vida estressantes. Um grande número de pesquisas demonstra que pessoas com mais E/R apresentam mais saúde e se adaptam melhor aos distúrbios mentais e físicos que venham a acometê-los, em comparação com aqueles com menos E/R. Esses possíveis benefícios para o bem-estar mental e físico têm consequências fisiológicas que impactam a saúde, afetam o risco de contrair doenças e influenciam a resposta aos tratamentos. Diversos estudos qualitativos e quantitativos, analisados em revisões sistemáticas e metanálises, descrevem essas evidências científicas.

Em revisão sistemática geral e ampla (1872-2010), Koenig (2012) analisou as pesquisas sobre E/R e suas implicações clínicas em uma grande variedade de distúrbios ou doenças mentais e físicas, cujos resultados iremos descrever abaixo, acrescentando outras revisões recentes.

II.1.3.1. Saúde mental

Em torno de 80% das pesquisas sobre E/R envolvem estudos na área da saúde mental, disponibilizando na literatura um grande número de revisões sistemáticas gerais sobre o assunto (Moreira-Almeida et al, 2006; Rew e Wong, 2006; Yonker et al, 2012; Bonelli e

Koenig, 2013; Unterrainer et al, 2014; Gonçalves et al, 2015; AbdAleati et al, 2016).

Analisando os estudos de alta qualidade metodológica (escore ≥ 7 ; escala de 0-10 pontos), Koenig (2012) descreve as relações da E/R no desenvolvimento de diversos distúrbios e doenças mentais: depressão (178 estudos, relações inversa ou positiva em 68% e direta ou negativa em 7%), ansiedade (67 estudos, relações inversa em 55% e direta em 10%), suicídio (49 estudos, relações inversa em 80% e direta em 4%), esquizofrenia/distúrbios psicóticos (7 estudos, relações inversa em 29%, direta em 29% e mista em 29%), distúrbio bipolar (2 estudos, relações inversa em 50% e mista em 50%), dependência química (álcool, 145 estudos, relações inversa em 90% e direta em apenas 1 estudo; cigarro, 83 estudos, relação inversa em 90%; outras drogas, 112 estudos, relações inversa em 86% e direta em apenas 1 estudo), distúrbios sexuais (50 estudos, relação inversa em 84%), crime/delinquência (60 estudos, relações inversa em 82% e direta em apenas 1 estudo), instabilidade conjugal (38 estudos, relação inversa em 92%), dentre outros.

Outras revisões descreveram relações inversas semelhantes para os seguintes distúrbios: suicídio (Wu et al, 2015), esquizofrenia/distúrbios psicóticos (Gearing et al, 2011; Smolak et al, 2013), dependência química (Yeung et al, 2009; Longshore et al, 2009; Haber et al, 2011; Kub e Solari-Twadell, 2013), distúrbios alimentares (Akrawi et al, 2015) e estresse pós-traumático (Schaefer et al, 2008), dentre outros. Por outro lado, outros estudos também descreveram relações diretas (negativas) entre E/R e ansiedade (Agorastos et al, 2014), distúrbios de personalidade (Bennett et al, 2013) e ilusões/alucinações (Cook, 2015).

II.1.3.2. Saúde física

Segundo Koenig (2012), existe um corpo de evidências crescente de que o estresse e as emoções negativas (depressão e ansiedade, por exemplo) causam efeitos adversos nos sistemas fisiológicos vitais, comprometendo a manutenção da saúde física e a cura; aumentam a susceptibilidade ou agravam os desfechos de uma ampla gama de doenças físicas; e podem diminuir a expectativa de vida. Por outro lado, suporte e apoio social têm sido reconhecidos como um aspecto protetor contra as doenças e propiciador do aumento da longevidade. Reduzindo o estresse e as emoções negativas, E/R também aumentam o suporte social e afetam positivamente os hábitos e os comportamentos de vida e saúde, propiciando impacto favorável sobre uma série de doenças físicas e a resposta ao tratamento das mesmas.

Analisando os estudos de alta qualidade metodológica (escore ≥ 7 ; escala de 0-10 pontos), Koenig (2012) descreve as associações entre E/R e transtornos

ou doenças físicas: doenças coronarianas (13 estudos, associações inversa em 69% e direta em apenas 1 estudo), funções cardiovasculares (16 estudos, 69% associação inversa em 69%), hipertensão (39 estudos, associação inversa em 62%), doenças cerebrovasculares (9 estudos, associação inversa em 44%), doença de Alzheimer e demências (14 estudos, associações inversa em 57% e direta em 21%), funções imunológicas (14 estudos, associação inversa em 71%), suscetibilidade às infecções (12 estudos, associação inversa em 70%), funções endócrinas (13 estudos, associação inversa em 69%), câncer (20 estudos, associação inversa em 60%), dores em geral (18 estudos, associações inversa em 50% e direta em 20%) e mortalidade (63 estudos, associações inversa em 57% e direta em 5%), dentre outros.

Outras revisões sistemáticas descreveram associações inversas semelhantes para câncer (Visser et al, 2010), HIV/AIDS (Doolittle et al, 2016), esclerose lateral amiotrófica (van Groenestijn et al, 2016), dor crônica (Lucchetti et al, 2012b) e mortalidade (McCullough et al, 2000; Powell et al, 2003; Chida et al, 2009; Lucchetti et al, 2011a), sendo que os efeitos sobre a longevidade foram intensos nos indivíduos que frequentavam regularmente serviços religiosos, com um incremento médio de 37%, que corresponde aos efeitos das estatinas e da reabilitação física após infarto do miocárdio (Koenig, 2012).

II.1.3.3. Mecanismos de ação psicofisiológicos

Em linhas gerais, como mecanismo de ação primário, estudos descrevem que E/R incrementa as emoções positivas (bem-estar, felicidade, esperança, otimismo, auto-estima, significado, propósito e senso de controle sobre a vida, dentre outras) e consequentes atitudes (humildade, altruísmo, compaixão, empatia, gentileza, gratidão e perdão, dentre outras), que auxiliam a neutralizar as contrapartidas negativas, propiciando melhor qualidade de vida e um recurso para o enfrentamento das adversidades externas (circunstâncias ambientais difíceis e estressantes) e internas (predisposição genética ou vulnerabilidade aos transtornos mentais e físicos). Além deste contributo psicoemocional, a maioria das religiões possui regras e regulamentos sobre o modo de vida (hábitos saudáveis, ausência de vícios, prática da prece e meditação, dentre outras) e relacionamento social que protegem os indivíduos de possíveis distúrbios e eventos estressores, propiciando também suporte e apoio do grupo em momentos difíceis (Koenig, 2012).

Como mecanismo de ação secundário, emoções positivas advindas de práticas espirituais/religiosas influenciam a saúde humana atuando em diversos sistemas fisiológicos (neurológico, imunológico, endócrino, metabólico e cardiovascular, dentre outros)

e seus mediadores (Seeman et al, 2003; Seybold et al, 2007; Koenig, 2012; Hulett e Armer, 2016).

No sistema nervoso central (SNC), E/R aumenta a atividade (fluxo sanguíneo) bilateral no córtex frontal, giro do cíngulo e tálamo, e diminui no córtex parietal superior, que contém a área somatossensorial primária (representação corporal). Enquanto o aumento da atividade no córtex frontal se relaciona à atenção focada requerida na prece e na meditação, a diminuição no córtex parietal reflete a perda de uma “cognição clara e consistente das limitações físicas do eu”, que pode resultar em relatos subjetivos da “unidade com Deus” (Seybold et al, 2007).

O estado meditativo também aumenta os níveis séricos de neurotransmissores (GABA, melatonina e serotonina, dentre outros) afetando a consciência espiritual e produzindo experiências místicas. Além das regiões anteriormente citadas, E/R pode ativar estruturas do lobo frontal (conexões com sistema límbico, hipotálamo e amígdala) envolvidas na regulação do funcionamento do sistema nervoso autônomo (diminuição da pressão arterial, ritmo cardíaco, respiração e nível de cortisol, dentre outros), reduzindo estresse, ansiedade e pânico. Atuando no córtex pré-frontal, E/R pode regular os níveis de dopamina e os desequilíbrios subsequentes (doença de Parkinson), assim como distúrbios dopaminérgicos podem influenciar na E/R de seus portadores. Neurônios dopaminérgicos também exercem influência regulatória nos sistemas hipotalâmico, autonômico e endócrino (Seybold et al, 2007).

Pela relação bidirecional entre SNC e sistema imunoendócrino, E/R aumenta a resposta imune [aumento nos títulos de imunoglobulinas (Ig), na atividade de células *natural killer* (NK) e alteração no título de interleucinas (IL), dentre outras] e diminui a resposta ao estresse (diminuição do cortisol e das catecolaminas). No sistema cardiovascular, modula o fluxo sanguíneo regional e o metabolismo da glicose, reduzindo os riscos cardiovasculares, quantificados na diminuição da proteína C reativa e do fibrinogênio (Seybold et al, 2007).

Em recente revisão sistemática, Hulett e Armer (2016) analisaram os estudos que correlacionam, em pacientes sobreviventes de câncer de mama, os efeitos de intervenções de cunho espiritualista em desfechos neuroimunoendócrinos, quantificando as alterações em biomarcadores: yoga (diminuição de cortisol, IgA, IL-1, IL-1b, IL-6 e TNF- α ; aumento de CD56); imaginação guiada (diminuição de IL-1 β ; aumento de IL-2, NK e CD4+/CD8+); mindfulness (diminuição de cortisol, IL-4, IL-6 e IL-10; aumento de IL-2, NK, Th1/Th2, CD4+/CD8+ e interferon-gama); dentre outras.

II.1.4. Aspectos fundamentais para integrar a espiritualidade na atenção à saúde

Segundo Koenig (2012), os profissionais da saúde deveriam estar cientes dos motivos para integrar a espiritualidade no atendimento aos pacientes, familiarizados com as evidências científicas existentes e capacitados para fazê-lo de forma sensível e rotineira. Independentemente de uma formação específica dos estudantes e profissionais da saúde, alguns aspectos básicos deveriam ser observados, para que as questões espirituais possam ser abordadas de forma ética e natural na prática clínica diária e no cuidado com os pacientes.

Dentre esses aspectos, destaca que o profissional da saúde deveria: realizar uma história espiritual breve e documentá-la no prontuário do paciente, para que outros profissionais tomem conhecimento; respeitar as crenças espirituais/religiosas dos pacientes levantadas durante a história espiritual, sem preconceitos ou críticas; conduzir a história espiritual e a contemplação de uma possível intervenção espiritual/religiosa sempre de forma isenta e centrada na vontade do paciente, evitando-se qualquer coerção ou imposição pelas suas crenças (ou falta de crença) pessoais; após a administração das intervenções espirituais/religiosas solicitadas pelo paciente, confirmar se suas necessidades foram satisfeitas e observar a evolução do seu estado de saúde; dentre outros (Koenig, 2012).

Finalizando, Koenig (2012) reitera que “os profissionais da saúde devem se inteirar sobre as crenças e práticas de diferentes tradições espirituais e religiosas que se relacionam aos cuidados da saúde, especialmente as tradições de fé dos pacientes passíveis de se encontrar em seu país ou região”, pois estas “terão um impacto direto no tipo de cuidado que deverá ser dispensado, especialmente quando os pacientes estão hospitalizados, gravemente doentes ou perto da morte”.

Seguindo esta indicação, o objetivo e finalidade deste estudo visa disponibilizar aos profissionais da

saúde as particularidades, crenças e práticas da Doutrina Espírita ou Espiritismo, englobando os aspectos que se relacionam aos cuidados e à promoção da saúde, em vista da importância desta abordagem espiritual/religiosa em nosso meio.

II.2. Doutrina Espírita ou Espiritismo

A Doutrina Espírita ou Espiritismo é uma doutrina de cunho científico, filosófico e religioso que surgiu na França em meados do século XIX, a partir dos estudos e observações feitas pelo pedagogo e educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, também conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec (1804-1869).

Dedicando-se inicialmente ao estudo do magnetismo e à investigação científica das chamadas “mesas girantes”, eventos em que se observava o movimento de mesas e outros objetos sem a interferência humana, Kardec passou a se interessar por outros fenômenos paranormais ou experiências anômalas^{3,4} (Cardeña et al, 2014; Daher et al, 2017; Moreira-Almeida e Lotufo-Neto, 2017; Maraldi et al, 2017), constatando que muitos deles não eram ‘patológicos’ e sim causados por espíritos desencarnados ou inteligências incorpóreas que se utilizavam de indivíduos (“médiums”, do latim ‘intermediários’) dotados de uma propriedade peculiar (“mediunidade” ou ‘capacidade de intermediar’) para se manifestar perante o mundo corpóreo (Moreira-Almeida, 2013).

Após o estudo sistemático de centenas de médiums e suas diversas manifestações, comparando e analisando as informações obtidas (premissas do método experimental e científico), Kardec reconhece na mediunidade uma característica peculiar e inerente ao ser humano, propriedade evidenciada em estudos neurológicos modernos (Peres et al, 2012; Beischel et al, 2015; Hove et al, 2016; Mainieri et al, 2017). Classificou os fenômenos mediúnicos segundo seus efeitos: a) de efeitos materiais, físicos ou objetivos, em que o médium participa passivamente do fenômeno fornecendo

3 Atualmente, esses fenômenos paranormais são estudados pela Psicologia Anomalística segundo a denominação de “experiências anômalas”: “*Experiências anômalas ou ‘paranormais’ são definidas, ainda, como experiências incomuns, irregulares, ou que, apesar de poderem ser vivenciadas por uma parcela substancial da população, são interpretadas como desviantes da experiência ordinária ou das explicações geralmente aceitas para a compreensão da realidade*” (Cardeña et al, 2014). Dentre essas experiências anômalas destacam-se as experiências fora-do-corpo, as experiências próximas da morte (de quase-morte), as experiências alucinatórias, as experiências sinestésicas, as experiências de sonhos lúcidos, as experiências de percepção extra-sensorial, as experiências extra-motoras e as experiências místicas ou espirituais, dentre outras.

4 Dentre inúmeros institutos de pesquisa nacionais e internacionais existentes, esses fenômenos paranormais, experiências espirituais, estados alterados de consciência ou experiências anômalas são foco de estudo do Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde (NUPES) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais (INTER-PSI) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que desenvolvem atividades de ensino e pesquisa na graduação e na pós-graduação.

o substrato fluídico ou ectoplasma⁵ para que o efeito possa ocorrer (materialização, transfiguração, levitação, transporte, voz direta, escrita direta, tiptologia e sematologia, dentre outros); b) de efeitos inteligentes ou subjetivos, em que o médium participa ativamente do fenômeno captando e transmitindo os aspectos e conteúdos do plano espiritual através de suas próprias capacidades sensitivas (intuição, vidência, audição, psicografia e psicofonia, dentre outros).

Assim sendo, a mediunidade (experiências espirituais ou estados alterados de consciência) é uma faculdade psíquica manifesta de forma mais ou menos intensa e por meio de uma variedade significativa de tipos de manifestações. Kardec utilizou-se de médiuns e suas respectivas mediunidades, principalmente as relacionadas aos fenômenos de efeitos inteligentes (intuição, vidência, audição, psicografia e psicofonia), para captar o conhecimento transmitido pelos espíritos desencarnados ou inteligências incorpóreas, método investigativo e sistemático que permitiu estruturar um amplo corpo doutrinário que aborda diversos aspectos científicos, filosóficos e religiosos que permeiam a humanidade.

Fruto dos questionamentos e diálogos de Kardec com espíritos ou entidades espirituais de alta hierarquia, a Codificação Espírita está fundamentada em cinco obras básicas: *O livro dos espíritos* (1857) (Kardec, 2013a), que aborda a filosofia espiritualista ou princípios da doutrina espírita (a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade); *O livro dos médiuns* (1859) (Kardec, 2013b), que aborda o espiritismo experimental ou mediunidade; *O evangelho segundo o espiritismo* (1863) (Kardec, 2013c), que aborda as máximas éticas e morais de Jesus Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida; *O céu e o inferno* (1865) (Kardec, 2013d), que aborda a Justiça Divina segundo o Espiritismo (situação real da alma durante e depois da morte); e *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* (1868) (Kardec, 2013e), que aborda a visão espírita desses conceitos e conteúdos bíblicos. Citemos ainda a obra publicada após a morte de Kardec, *Obras póstumas* (1890) (Kardec, 2013f), que reúne importantes registros deixados pelo Codificador.

Doutrina fundamentada sobre a existência, as manifestações e o ensino dos espíritos, o Espiritismo busca integrar a ciência, a filosofia e a religião ao entendimento da realidade que nos cerca, trazendo

explicações sobre temas de difícil compreensão segundo os ditames materialistas, tais como: causa e origem dos sofrimentos humanos segundo a lei do carma ou lei de ação e reação; imortalidade e evolução moral e intelectual dos espíritos através de reencarnações sucessivas; pluralidade dos mundos habitados; existência de planos espirituais que servem de moradia aos espíritos desencarnados; possibilidade da comunicação entre espíritos desencarnados e encarnados por intermédio da mediunidade; noção tríplice da natureza humana (espírito, perispírito e corpo físico-princípio vital); causas espirituais e psicoemocionais das doenças físicas e mentais; influência das crenças e práticas espirituais/religiosas no enfrentamento das doenças e na promoção da saúde; dentre outros.

II.2.1. Contribuições do Espiritismo ao tratamento complementar de doenças físicas e mentais

O Espiritismo é a terceira religião mais comum no Brasil (atrás apenas da católica e da protestante) e suas terapias têm sido empregadas por milhões de pessoas em todo o mundo no tratamento adjuvante e complementar de diversas doenças físicas e mentais. Essas práticas terapêuticas incluem prece/oração, imposição de mãos (passe ou fluidoterapia), água fluidificada (magnetizada), prática da caridade/voluntariado, educação espiritual (prática de valores éticos e morais) e desobsessão (terapia de libertação espiritual) (Luchetti et al, 2011b).

No entendimento da gênese dos transtornos mentais, o Espiritismo acrescenta uma causa ‘espiritual’ aos conhecidos fatores sociais, psicológicos e biológicos. Tendo sua origem em encarnações passadas e nas influências negativas de espíritos desencarnados com os quais o paciente se relacionou no pretérito, essa causa espiritual recebe a denominação de “obsessão” ou “possessão”, sendo fruto da interferência psíquica dessas entidades espirituais na saúde física e mental dos indivíduos encarnados. No intuito de dissolver essa simbiose entre espíritos encarnados e desencarnados, o Espiritismo emprega a terapia de desobsessão como prática terapêutica espiritual (Moreira-Almeida e Lotufo Neto, 2005).

No Brasil, assim como em outros países, a tendência a se considerar as experiências anômalas de transe e de obsessão como distúrbios patológicos é histórica. Na segunda metade do século XX, essas experiências foram consideradas pelos psiquiatras brasileiros como

5 O termo “ectoplasma” (do grego *ektós*, ‘por fora’, e *plasma*, ‘molde’ ou ‘substância’: substância ou plasma que sai do corpo), foi introduzido na parapsicologia pelo fisiologista Charles Richet (Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1913) para designar uma espécie de substância esbranquiçada que pode exteriorizar-se para fora do corpo de determinados indivíduos com características especiais (sensitivos ou médiuns), permitindo a ocorrência de fenômenos paranormais.

sintomas de transtornos mentais (Almeida et al, 2007). Mais recentemente, critérios diagnósticos e protocolos específicos foram desenvolvidos para ajudar a diferenciar as manifestações patológicas das manifestações espirituais saudáveis e culturalmente aceitas (Moreira-Almeida et al, 2011; Moreira-Almeida e Lotufo-Neto, 2017), trazendo uma nova compreensão para essas vivências. No entanto, os profissionais da saúde não recebem treinamento adequado para lidar com os aspectos espirituais de seus pacientes, incluindo as experiências anômalas de transe e de obsessão, que seria de suma importância para se evitarem diagnósticos incorretos e condutas terapêuticas iatrogênicas (Maraldi et al, 2017).

Ao longo do século XX, surgiram no Brasil dezenas de hospitais psiquiátricos espíritas que buscam integrar o tratamento médico convencional com o tratamento espiritual ou espírita complementar, com estrutura operacional própria que envolve profissionais da área da saúde e ministrantes das terapias espirituais (passe ou imposição de mãos; água fluidificada; prece intercessória; terapia de desobsessão; educação espiritual através de palestras sobre questões espirituais, morais e éticas; diálogo fraterno). Numa avaliação dessa proposta em seis importantes hospitais psiquiátricos espíritas brasileiros, Lucchetti et al (2012c) concluem que, apesar das terapias espirituais serem oferecidas aos interessados, a ausência de protocolos de tratamento padronizados e estudos científicos que comprovem a eficácia da proposta continuam a ser uma barreira para se avaliar o impacto desta abordagem espiritual integrativa sobre a saúde mental, a qualidade de vida, a aderência e a percepção da qualidade do tratamento pelos pacientes.

Em outro estudo, Lucchetti et al (2016) avaliaram as características do tratamento espiritual oferecido em centros espíritas da cidade de São Paulo, com o intuito de compreender como os problemas de saúde física e mental eram abordados. Dentre os 365 centros espíritas que receberam o questionário, 55 (15,1%) foram incluídos na análise final. Em média, cada centro relatou a existência de 261 pessoas por semana atendendo sessões espirituais, totalizando, aproximadamente, 15.000 participantes por semana na amostra analisada. O tratamento espiritual complementar mais comum era a desobsessão (terapia de libertação espiritual) (92,7%); o menos comum era a cirurgia espiritual, presente em apenas 5,5% dos centros. Os problemas de saúde mais frequentemente relatados pelos participantes eram depressão (45,1%), câncer (43,1%) e doenças em geral (33,3%).

Buscando descrever o modelo de tratamento espiritual para depressão oferecido nos centros espíritas, Lucchetti et al (2015) realizaram um estudo descritivo das atividades desenvolvidas na Federação Espírita do

Estado de São Paulo (FEESP), visitando as seções de intervenção espiritual, observando as terapias oferecidas, ouvindo a comunicação dos espíritos e entrevistando dois pacientes. A assistência consistia em uma sessão de tratamento espiritual de 90 minutos, que incluía palestras de educação espiritual, desobsessão (terapia de libertação espiritual), passe (imposição de mãos) e recomendações individuais de conduta moral/ética (estimulando emoções e atitudes virtuosas e positivas). Ambos os pacientes relataram remissão da depressão quando foram entrevistados.

II.2.2. Eficácia terapêutica do tratamento espírita complementar: evidências científicas

Com o intuito de comprovar a eficácia terapêutica das diversas modalidades do tratamento espírita complementar (prece/oração, imposição de mãos/toque terapêutico, água fluidificada/magnetizada, voluntariado/caridade, educação espírita em valores/conduitas morais e terapia de desobsessão), Lucchetti et al (2011b) desenvolveram uma revisão sistemática das evidências científicas existentes na literatura, selecionando os estudos de melhor qualidade metodológica segundo critérios de inclusão/exclusão e as escalas de escore de Newcastle-Ottawa e Jadad.

Evidenciando a baixa qualidade metodológica dos 1.998 estudos disponíveis na literatura, apenas 50 artigos satisfizeram os critérios mínimos de seleção e foram incluídos na análise final: prece (6/467), imposição de mãos (11/288), água fluidificada (2/16), voluntariado (10/283), desobsessão (0/49) e educação espírita (21/961). Vale destacar que os estudos referentes à educação espírita visam evidenciar o papel de uma vida virtuosa, pautada em valores éticos-morais e emoções/atitudes positivas nos desfechos de saúde.

Segundo a análise, foram encontradas moderadas a fortes evidências de que a prática do voluntariado (prática da caridade) e o cultivo de emoções e atitudes positivas estavam associados a melhores desfechos de saúde. Além disso, imposição de mãos, educação espírita (vida virtuosa) e prática da oração/prece também parecem estar associadas a resultados positivos. No entanto, há uma ausência de estudos sobre água fluidificada e desobsessão.

II.2.3. Critérios para a seleção das referências bibliográficas que serão utilizadas no presente estudo

Do mesmo modo que Kardec, em sua época, fundamentou os ditames científicos, filosóficos e religiosos da Doutrina Espírita ou Espiritismo em conformidade com as informações e os ensinamentos ditados

por espíritos evoluídos e captados por médiuns através da mediunidade, na contemporaneidade, esse conteúdo doutrinário foi reiterado, incrementado e ampliado com centenas de obras espíritas escritas segundo os mesmos processos mediúnicos.

Apesar de a mediunidade ser uma característica psíquica e sensitiva inerente ao ser humano, as manifestações mediúnicas serão mais ou menos confiáveis segundo a interferência menor ou maior, respectivamente, da consciência do médium no conteúdo transmitido pela consciência do espírito desencarnado (fenômeno denominado por “animismo”)⁶. Assim como Kardec selecionou médiuns confiáveis para receber ensinamentos fidedignos que permitissem a estruturação do corpo doutrinário espírita em sua época, esses mesmos cuidados devem ser tomados na atualidade, caso se queira incorporar novos conhecimentos advindos do plano espiritual aos tradicionais e pré-existentes.

Assim sendo, na elaboração desse levantamento literário sobre os diversos contributos da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento das inter-relações entre saúde, espiritualidade e religiosidade, além das obras clássicas de Kardec citadas anteriormente (Kardec, 2013a, 2013b, 2013c, 2013d, 2013e, 2013f), optou-se por incluir outras obras escritas por médiuns contemporâneos fidedignos e consagrados, nos quais a mediunidade se manifesta(ou) segundo premissas éticas, morais e técnicas de excelência, e que se utilizaram, em geral, da mediunidade psicográfica (Rocha et al, 2014) para captar os ensinamentos de espíritos comprometidos com o bem comum e a evolução da humanidade.

Seguindo essas premissas, serão adicionadas ao estudo as obras psicografadas pelos médiuns Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e Divaldo Pereira Franco (1927-) consideradas de importante cunho científico e que discorram sobre aspectos relacionados à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade, perfazendo dezenas de volumes que abordam os mais variados tópicos do tema em estudo.

Dentre as centenas de volumes psicografados pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier, serão incluídas no presente estudo as obras ditadas pelos espíritos Emmanuel (Emmanuel, 1938, 1939, 1941, 1952) e André Luiz (André Luiz, 1944a, 1944b, 1945, 1946, 1947, 1949, 1954, 1955, 1957, 1959, 1960, 1963, 1964, 1968).

Da vasta coleção do médium baiano Divaldo Pereira Franco, serão adicionadas ao estudo as obras ditadas pelos espíritos Manoel Philomeno de Miranda (Manoel Philomeno de Miranda, 1970, 1974, 1976, 1982, 1984,

1988, 1996a, 1996b, 2001, 2003, 2006a, 2006b, 2009, 2010, 2012a, 2012b, 2015) e Joanna de Ângelis (Joanna de Ângelis, 1982, 1990). Em vista de sua importância ao tema, acrescentamos também a obra ditada pelo espírito Bezerra de Menezes e psicografada pela médium Yvonne do Amaral Pereira (Bezerra de Menezes, 1964).

Além dessas importantes obras contemporâneas, outras obras espíritas de cunho filosófico e científico poderão ser incorporadas à proposta em atualizações futuras, ampliando o leque de informações e conhecimentos sobre a interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade.

II.3. Estudos de revisão

Nas diversas áreas do conhecimento literário e científico, o contínuo crescimento quali-quantitativo das publicações suscita a realização de estudos que permitam levantamentos, balanços, mapeamentos, sistematizações e análises, a fim de que se possam avaliar os temas e assuntos focalizados, as abordagens metodológicas empregadas, os procedimentos de interpretação e análise, assim como as lacunas existentes para sugerir novos estudos e pesquisas. Nessa perspectiva, os estudos de revisão respondem a esta demanda, selecionando, organizando, analisando e descrevendo o conteúdo das principais publicações existentes, seja em forma resumida ou fornecendo citações completas que abranjam o espectro da literatura relevante em uma determinada área. As revisões também podem apresentar um panorama histórico sobre determinado tema ou assunto, considerando-se as publicações existentes num campo de estudo (Vosgerau e Romanowski, 2014).

Para atender a essas finalidades, encontramos distintos tipos de revisão de variadas formas literárias (livros, artigos de periódicos ou jornais, revistas e sites, registros históricos, relatórios e consensos, dissertações e teses, dentre outras), que realizam suas pesquisas segundo diferentes métodos e procedimentos, com denominações diversas: revisão bibliográfica, revisão do tipo “estado da arte”, revisão narrativa, revisão sistemática, revisão integrativa e meta-análise, dentre outras.

A primeira etapa de um estudo de revisão consiste no mapeamento da produção literária ou científica, denominado levantamento bibliográfico, em que se arrolam todas as referências bibliográficas sobre o tema a ser estudado. Ao se produzir um ensaio teórico sobre o material levantado, realizamos uma pesquisa ou revisão bibliográfica. O aprofundamento da sistematização e da análise dos dados do levantamento bibliográfico dá origem aos distintos tipos de revisão ou pesquisa bibliográfica existentes.

6 Na literatura espírita, o termo ‘animismo’ é usado para designar um tipo de fenômeno produzido pelo próprio espírito encarnado (homem), sem que este seja um instrumento mediúnico da ação espiritual e sim o artífice dos fenômenos em questão.

II.3.1. Revisão do tipo “estado da arte”

Segundo Ferreira (2002), nas últimas décadas, tem-se produzido um conjunto significativo de revisões ou pesquisas bibliográficas denominadas como “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, que buscam mapear e discutir uma produção literária e/ou científica através de um método de caráter inventariante e descritivo. Ao utilizarem esta dinâmica, os pesquisadores se propõem a “conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito”, em vista do incremento crescente de publicações nas diversas áreas do conhecimento.

Para inventariar e descrever a produção bibliográfica de uma determinada área do saber, o pesquisador do “estado da arte” trabalha em duas frentes distintas: num primeiro esforço de ordenação dos estudos existentes, busca identificar, quantificar e delimitar as principais referências do assunto num determinado período, local, área ou tipo de produção; posteriormente, para inventariar e descrever o material selecionado segundo determinadas tendências e escolhas, precisa conhecer cada estudo em profundidade, evitando ater-se ao conhecimento limitado das sínteses ou resumos dos trabalhos em questão (Ferreira, 2002).

Segundo Romanowski e Ens (2006), estudos do tipo “estado da arte” têm o objetivo de realizar um levantamento, um mapeamento e uma sistematização dos diferentes aspectos da produção de determinada área do conhecimento, apontando os principais enfoques, os temas mais pesquisados e as possíveis lacunas existentes, contribuindo para a definição, a organização e a análise de um campo de investigação. Consolidando o campo teórico e prático deste saber, essas análises possibilitam examinar as ênfases e os temas abordados nas pesquisas, os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações e as contribuições dessas pesquisas para mudanças e inovações da prática em questão.

Em síntese, dentre os diversos autores que propagam essa dinâmica de estudo, é unânime a concepção de que revisões ou pesquisas bibliográficas “estado da arte” são de fundamental importância no processo de evolução da ciência, pois possibilitam a plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado assunto em determinada época, sua amplitude, tendências teóricas e vertentes metodológicas. Esses aspectos estão claramente exemplificados em recente revisão “estado da arte” sobre autismo, “Autism Spectrum Disorders”, publicada e disponibilizada na forma de livro digital (eBook) de acesso livre (Grabrucker, 2021).

Na descrição do método de trabalho para desenvolver estas pesquisas, Romanowski (2002) destaca os passos e procedimentos a serem seguidos na elaboração do inventário e na descrição dos resultados encontrados na produção literária e/ou científica em estudo:

- (1) definição dos temas e descritores para direcionar as buscas a serem realizadas;
- (2) localização dos bancos de dados ou fontes de informação que permitam acesso à produção bibliográfica sobre os temas a serem estudados;
- (3) estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* do “estado da arte”;
- (4) coleta do material de pesquisa;
- (5) leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando os temas, o objetivo do estudo e a metodologia empregada para a proposta em questão;
- (6) organização do texto final da pesquisa com a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as inter-relações existentes; e
- (7) análise e elaboração das discussões e conclusões.

Conforme explicitam Ens e André (2005), os dados levantados pelas revisões ou pesquisas bibliográficas “estado da arte” proporcionam discussões e questionamentos que possibilitam novas propostas e encaminhamentos para a temática em estudo. Dentre eles, vale ressaltar: Como a produção atual contribui efetivamente para o avanço do conhecimento da área? Qual a relevância e a consistência do conhecimento produzido, considerando-se as categorias e subcategorias analisadas? Quais as contribuições desses estudos para a aplicação prática deste campo de conhecimento? Quais as possibilidades de generalização, a partir de similaridades e integração dos resultados encontrados? Quais as políticas e estratégias públicas, sociais, científicas e educativas executadas a partir da produção diretamente relacionada ao tema? Os estudos levantados podem auxiliar no delineamento de novas propostas? Dentre outras.

Como limitações deste tipo de estudo, os autores destacam o tempo despendido para a realização das leituras completas dos textos e as interpretações e análises pessoais do material explicitadas pelo pesquisador na sistematização das sínteses. Assim como a ausência de descrição detalhada do material em estudo é uma limitação de muitas pesquisas que se intitulam como “estado da arte” e se utilizam exclusivamente de resumos para tecer suas análises e considerações (Ferreira, 2002), a descrição dos resultados finais do “estado da arte” de forma resumida e sintética também pode limitar o conhecimento de toda a riqueza da produção literária e/ou científica de determinado campo de saber: “uma palavra excluída, substituída ou acrescentada a qualquer um dos resumos pode permitir que cada leitor faça uma apropriação diferente daquele texto, pode conduzi-lo a uma direção não prevista, pode confundir-lo na opção por um ou por outro resumo com o objetivo de escrever aspectos da produção acadêmica de certa área do conhecimento, pode ser responsável pela frustração do leitor pesquisador quando buscar o original” (Ferreira, 2002).

Em resposta a essa limitação de expressão do significado do conteúdo estudado, levando em conta as múltiplas possibilidades de construção do “estado da arte”, Freitas e Pires (2015) sugerem uma forma inovadora de análise e descrição dos dados coletados na pesquisa através da Análise Textual Discursiva (ATD), baseados nos estudos de Chartier (1998), “para quem a leitura é sempre uma prática criadora, inventiva e produtora, e que, portanto, a significação dos textos, quaisquer que sejam, serão constituídas, pelo leitor/analista, diferencialmente pelas leituras que se apoderam destes textos”. Segundo Chartier destaca, “não devemos nos esquecer de que o texto produzido não muda enquanto o mundo muda, o que significará a própria mudança do texto por meio de sua leitura, pois os espaços dos livros que serão lidos já estarão diferentes”.

Analogamente ao processo de ATD, que propicia uma pesquisa qualitativa envolvendo análises criteriosas de textos diversos e uma melhor compreensão dos fenômenos investigados, culminando no desenvolvimento de um metatexto representativo e mais complexo, outras formas discursivas mais amplas de apresentação dos resultados da revisão ou pesquisa bibliográfica “estado da arte” também podem ser utilizados, em vista de que “os textos não carregam um significado único a ser identificado; trazem significantes que exigem que o analista construa significados a partir de suas teorias, seu foco de pesquisa e seu ponto de vista” (Freitas e Pires, 2015).

II.3.2. Antologia temática como “estado da arte” da pesquisa bibliográfica

O termo “antologia” deriva do grego ‘anthos’ (flor) e ‘lego’ (escolher), denotando uma ‘coleção de flores’. Como obra literária, a antologia é um gênero discursivo, uma compilação de textos selecionados segundo determinados pré-requisitos, acompanhados ou não de comentários ou observações.

Desde a Grécia antiga, as antologias oferecem compilações de poemas ou composições literárias ordenadas segundo determinado tema, autor ou época na qual foram produzidas. Além de propiciar a disseminação de manuscritos ancestrais publicados em locais diversos, essas coletâneas também foram utilizadas para compilar histórias breves ou romances sintéticos em um único volume.

Nos últimos séculos, as antologias têm assumido importância como ferramenta pedagógica ou didática nas pesquisas sobre determinado autor, gênero literário ou assunto, orientando e facilitando as análises dos estudantes quando existe grande número de obras e escasso período de tempo para o estudo. No entanto, para cumprir este papel, torna-se imprescindível uma escolha correta das obras e passagens que melhor retratam determinada produção literária.

Ao contrário das simples coletâneas, que propiciam leituras breves e desconexas, as antologias convidam a um estudo prolongado, seguindo um levantamento histórico e uma noção de hierarquia e evolução. Para isso, a seleção dos textos deve ser contextualizada segundo critérios cronológicos, importância da publicação e tópicos particulares, dentre outros. Para Serrani (2008), “entender a antologia como discurso requer analisar sempre as condições específicas de sua produção, pois não existe discurso descontextualizado”.

Considerando as antologias como uma importante e atual ferramenta de ensino e estudo, Mujica (1997) descreve os vários tipos existentes, dentre eles as “antologias temáticas”: “antologias temáticas reúnem escritos de um tópico particular, fornecendo diversas perspectivas sobre uma questão e mostrando como diferentes autores retratam este tema”.

Diversas publicações na área da saúde exemplificam o emprego de revisões antológicas temáticas, disseminando o conteúdo existente em distintos campos do conhecimento através da compilação dos melhores textos, escolhidos segundo critérios predeterminados: *Investigaciones sobre servicios de salud: una antología* (White et al, 1992; Buss, 1993), *Antología de textos clásicos de la psiquiatría latinoamericana* (Bayardo et al, 2011; Portilla, 2012), *Best practice strategies to safeguard drug prescribing and drug administration: an anthology of expert views and opinions* (Seidling et al, 2016), *Anthology of Venezuelan psychiatry* (Rojas-Malpica et al, 2016) e *Circulation Research “In This Issue” Anthology* (Williams et al, 2016), dentre outras.

Assim sendo, descrevendo os conteúdos e textos selecionados em sua forma literal (*ipsis litteris*), a antologia temática corresponde ao método discursivo mais amplo e fidedigno para se apresentar os resultados da pesquisa bibliográfica “estado da arte”, permitindo ao leitor acessar toda a riqueza da produção literária e/ou científica em determinado campo do saber.

Se, no passado, a amplitude dos textos das antologias representava uma limitação para a plena divulgação do seu conteúdo em livros e revistas impressos, atualmente, essa dificuldade está dirimida na possibilidade da publicação dos livros em diversas plataformas e suportes digitais (pdf e e-book, dentre outras), permitindo que o conhecimento adquirido seja divulgado sem os vieses interpretativos das descrições resumidas e sintéticas.

III Justificativa do Estudo

Pela importância crescente dedicada à correlação entre saúde, espiritualidade e religiosidade, profissionais da saúde devem estar preparados para atenderem às demandas espirituais e religiosas de seus pacientes, adquirindo

informação e treinamento nos diversos aspectos e abordagens desse vasto campo de conhecimento.

Atendendo a esse objetivo, propomos neste estudo sistematizar e disponibilizar as contribuições da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento dessa correlação, em vista de ser um sistema ideológico de cunho científico, filosófico e religioso, disseminado mundialmente e atingindo relevante parcela da população brasileira através de seus seguidores e simpatizantes.

Até onde vai o nosso conhecimento, não há, até o momento, publicações que procurem abarcar o tema dentro da metodologia proposta de forma sistemática e completa.

IV Objetivo do Estudo

O objetivo desse estudo é descrever os contributos da Doutrina Espírita ou Espiritismo ao entendimento das inter-relações entre saúde, espiritualidade e religiosidade. Para tanto, será realizada uma pesquisa nas principais obras da literatura espírita, agrupando os conteúdos das mesmas segundo os diversos temas relacionados aos três tópicos em questão (saúde, espiritualidade e religiosidade) e em conformidade com os passos e procedimentos da revisão “estado da arte” (Romanowski, 2002).

O resultado dessa investigação será descrito numa série ou coleção composta por três livros (volumes) digitais, cada qual abordando um dos tópicos em estudo (“Religiosidade segundo o Espiritismo”, “Espiritualidade segundo o Espiritismo” e “Saúde segundo o Espiritismo”), seguindo os ditames da antologia temática como método discursivo.

Como objetivo geral, o produto final desse trabalho irá contribuir de forma relevante para uma melhor compreensão da relação entre saúde, espiritualidade e religiosidade segundo os princípios e preceitos do Espiritismo.

Com os dados levantados no *corpus* da pesquisa, consolidando o campo teórico e prático deste saber, poderemos sugerir novas propostas e encaminhamentos para a temática em estudo, seguindo as premissas de Ens e André (2005).

V Método

Valendo-nos da conclusão de Ferreira (2002), que sugere uma ampliação na forma de apresentação final das análises de pesquisas bibliográficas, aplicaremos nessa revisão da literatura uma dinâmica metodológica híbrida associando as premissas da revisão “estado da arte” (Romanowski, 2002; Ens e André, 2005; Romanowski e Ens, 2006; Vosgerau e Romanowski, 2014) às da “antologia temática” (Mujica, 1997; Serrani, 2008), com

o intuito de aproximar o leitor à plena compreensão dos assuntos em estudo.

Seguindo um levantamento histórico e uma perspectiva de hierarquia evolutiva (Serrani, 2008; Vosgerau e Romanowski, 2014), a seleção do material desta antologia temática será contextualizada segundo critérios cronológicos, importância da publicação e tópicos particulares.

Como método de trabalho para o desenvolvimento desta produção literária e científica, destacamos os passos e procedimentos que serão seguidos na realização do inventário, seleção dos textos, descrição dos resultados e elaboração das discussões, conclusões e sugestões: (1) critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* desta antologia temática; (2) levantamento dos temas relacionados à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade; (3) leitura das publicações com elaboração de inventário preliminar, considerando os temas, o objetivo do estudo e a metodologia empregada para a proposta em questão; (4) organização do texto final da pesquisa segundo o método discursivo antológico, com o agrupamento dos textos que se relacionem aos diversos tópicos de cada um dos três tópicos em estudo (saúde, espiritualidade e religiosidade) e a descrição dos conteúdos selecionados em sua forma literal (*ipsis litteris*), identificando as tendências dos temas abordados e as inter-relações existentes; e (5) análise e elaboração das discussões, conclusões e sugestões (propostas e encaminhamentos) para a temática em estudo (Romanowski, 2002; Ens e André, 2005; Romanowski e Ens, 2006; Mujica, 1997).

V.1. Critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* desta antologia temática

Seguindo um levantamento histórico e uma perspectiva de hierarquia evolutiva, selecionando as publicações espíritas de maior importância, fidedignidade e que discorram sobre os tópicos em estudo, o *corpus* desta antologia temática será composto, principalmente, pelas obras de Allan Kardec e as psicografadas pelos médiuns contemporâneos Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco citadas anteriormente (II.2.3. Critérios para a seleção das referências bibliográficas que serão utilizadas no presente estudo).

V.2. Levantamento dos temas relacionados à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade

Considerando as premissas das “antologias temáticas”, que buscam reunir “escritos de um tópico particular, fornecendo diversas perspectivas sobre uma questão e mostrando como diferentes autores retratam este tema” (Mujica, 1997), faz-se necessário um

levantamento dos temas que se relacionam à tríade saúde-espiritualidade-religiosidade, a fim de que se elabore um inventário preliminar das obras espíritas em estudo e a consequente organização do texto final da pesquisa.

Em relação ao tópico “religiosidade” (Volume I – “Religiosidade segundo o Espiritismo”), serão selecionados os textos espíritas que abordem ‘temas’ relacionados às práticas religiosas (espíritas ou não), ou seja, os sistemas de crenças, atividades e condutas realizadas por determinadas comunidades, com suporte em rituais que veneram e praticam, com o intuito de entrarem em contato com o sagrado e/ou transcendente, tais como: animismo, catolicismo, clarividência, centro espírita, céu/paraíso/inferno, crença, culto, desobsessão, Deus/divindade, dogma, doutrinação, ectoplasma, espiritismo, espírito, ética/moral, evangelho, evolução, fé, fluidoterapia, igreja, imposição de mãos, intuição/percepção, Jesus, magnetismo, materialização, mediunidade, médium, milagre, missa, mundo/plano espiritual, oração, passe, prece, psicofonia, psicografia, psicomетria, religião, reunião espírita, ritual e templo, dentre outros.

Para o tópico “espiritualidade” (Volume II – “Espiritualidade segundo o Espiritismo”), serão selecionados os textos espíritas que abordem ‘temas’ relacionados à busca do homem pela compreensão de questões espirituais/existenciais maiores (sentido da vida, evolução dos seres e dos espíritos, causa dos sofrimentos e provações, evolução espiritual e moral, mistério da morte, vida após a morte, planos espirituais, dentre outros), suas relações com o sagrado e/ou transcendente e demais aspectos filosóficos, tais como: ação/reação, alma, amor/ódio, anjo/demônio, antipatia/simpatia, bem/mal, carma, céu/paraíso/inferno, consciência/razão, defeito/qualidade, Deus/divindade, desencarnação, destino/missão, educação, encarnação, espírito/espiritual, ética/moral, evolução, família, guia espiritual, homem, humanidade, imortalidade, influência espiritual, justiça, livre arbítrio, materialismo, morte, mundo/plano espiritual, nascimento, perturbação espiritual, planeta, povo/raça/nação, purgatório, obsessão/subjugação, purgatório, reencarnação, reforma íntima, sofrimento/provação, Terra, trabalho, umbral e vida, dentre outros.

Quanto ao tópico “saúde” (Volume III – “Saúde segundo o Espiritismo”), serão selecionados os textos espíritas que abordem ‘temas’ relacionados à saúde e à ciência em geral, tais como: alimentação, aura, célula/tecido, centro de força, ciência, corpo imaterial/sutil, doença/enfermidade, dor/sofrimento, droga, embriologia, emoção/sentimento, energia/vibração, estresse, éter, eutanásia, evolução, fases da vida, fecundação, fisiologia, fluido, fobia, genética, gestação, hábito/vício, inconsciente, infecção, infertilidade, inteligência/intelecto, instinto, intuição/percepção, loucura, magnetismo, medicamento, medicina, mediunidade, memória, mente,

metabolismo, microbiologia, molécula/átomo/partícula, natureza, obsessão/subjugação, órgão/sistema, patologia, pensamento/psiquismo, proteína, personalidade, química, reflexo, sangue, saúde, sensibilidade/sentido, sexo/sexualidade, sonho, sono, suicídio, temperamento e terapia/tratamento, dentre outros.

V.3. Leitura das publicações com elaboração de inventário preliminar, considerando os temas, o objetivo do estudo e a metodologia empregada para a proposta em questão

Na elaboração de um inventário preliminar, todas as obras selecionadas serão lidas e os textos relacionados aos ‘temas’ de cada tópico em estudo (saúde, espiritualidade e religiosidade) serão identificados, demarcados e catalogados. Este material servirá de substrato para a organização do texto final.

V.4. Organização do texto final da pesquisa com a descrição dos conteúdos selecionados segundo o método discursivo antológico, identificando as tendências dos temas abordados e as inter-relações existentes

Após a catalogação dos ‘temas’, eles serão agrupados segundo tendências e inter-relações com cada um dos aspectos em estudo, formando capítulos e subcapítulos específicos. Após esse rearranjo de ‘temas’, os conteúdos serão transcritos segundo o método discursivo antológico (*ipsis litteris*), respeitando-se a ordem cronológica das publicações e uma possível hierarquia evolutiva na complexidade dos diversos textos selecionados. Essa será a forma final de apresentação do *corpus* da pesquisa.

V.5. Análise e elaboração das discussões, conclusões e sugestões (propostas e encaminhamentos) para a temática em estudo

Finalizando a pesquisa, os resultados encontrados serão discutidos à luz dos conhecimentos científicos modernos, traçando-se comparações que reiterem ou neguem os dados, além de buscar sugerir estudos e pesquisas futuras nesse campo de atuação.

VI Plano de Trabalho

Este projeto de pós-doutorado tem perspectiva de duração de 36 meses (3 anos), sendo que os 18 meses iniciais serão dedicados à leitura das obras selecionadas e elaboração de inventário preliminar (item V.3); os próximos 12 meses serão empregados para a organização do texto final da pesquisa com a descrição dos conteúdos selecionados segundo o método discursivo antológico (item V.4); os últimos 06 meses serão utilizados para a elaboração das discussões, conclusões e sugestões (item V.5), assim como para a produção da coleção composta pelos três livros (volumes) digitais [diagramação e formatação; depósito legal e registro no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional (FBN); solicitação de ISBN na Agência Brasileira do ISBN da FBN; dentre outras providências].

Tabela 1. Plano de trabalho com fases do projeto e carga horária

Fases do Projeto	Estimativa de tempo a ser utilizado
Leitura das obras selecionadas e elaboração de inventário preliminar	18 meses (com carga horária de 20h semanais ou 1470h totais)
Organização do texto da pesquisa segundo o método discursivo antológico	12 meses (com carga horária de 20h semanais ou 980h totais)
Elaboração das discussões, conclusões e sugestões finais / produção da coleção composta pelos três livros (volumes) digitais	6 meses (com carga horária de 20h semanais ou 490h totais)

VII Referências Bibliográficas

AbdAleati NS, Mohd Zaharim N, Mydin YO. Religiosity and Mental Health: Systematic Review Study. *J Relig Health*. 2016;55(6):1929-37.

Acklin MW, Brown EC, Mauger PA. The role of religious values in coping with cancer. *J Relig Health*. 1983;22(4):322-33.

Agorastos A, Demiralay C, Huber CG. Influence of religious aspects and personal beliefs on psychological

behavior: focus on anxiety disorders. *Psychol Res Behav Manag*. 2014;7:93-101.

Akrawi D, Bartrop R, Potter U, Touyz S. Religiosity, spirituality in relation to disordered eating and body image concerns: A systematic review. *J Eat Disord*. 2015;3:29.

Almeida AAS, Oda AMGR, Dalgallarrondo P. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. *Rev Psiquiatr Clin*. 2007;34(1):34-41.

American Psychiatric Association (APA). Committee on religion and psychiatry. Guidelines regarding possible conflict between psychiatrists' religious commitments and psychiatric practice. *Am J Psychiatry*. 1990;147(4):542.

André Luiz (Espírito). Ação e reação. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

André Luiz (Espírito). Desobsessão. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

André Luiz (Espírito). E a vida continua... Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1968.

André Luiz (Espírito). Entre a terra e o céu. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

André Luiz (Espírito). Evolução em dois mundos. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

André Luiz (Espírito). Liberação. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

André Luiz (Espírito). Mecanismos da mediunidade. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1960.

André Luiz (Espírito). Missionários da luz. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

André Luiz (Espírito). No mundo maior. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1947.

André Luiz (Espírito). Nos domínios da mediunidade. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1955.

André Luiz (Espírito). Nosso lar. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944a.

- André Luiz (Espírito). Obreiros da vida eterna. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1946.
- André Luiz (Espírito). Os mensageiros. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944b.
- André Luiz (Espírito). Sexo e destino. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1963.
- Baetz M, Griffin R, Bowen R, Marcoux G. Spirituality and psychiatry in Canada: Psychiatric practice compared with patient expectations. *Can J Psychiatry*. 2004;49(4):265-71.
- Baldacchino DR. Teaching on the spiritual dimension in care to undergraduate nursing students: the content and teaching methods. *Nurse Educ Today*. 2008;28(5):550-62.
- Bayardo SJV, Malpica CR, Garrabé de Lara J (Eds.). Antología de textos clásicos de la psiquiatría latinoamericana. Guadalajara: GLADET, 2011. 503 p.
- Beischel J, Boccuzzi M, Biuso M, Rock AJ. Anomalous information reception by research mediums under blinded conditions II: replication and extension. *Explore (NY)*. 2015;11(2):136-42.
- Bennett K, Shepherd J, Janca A. Personality disorders and spirituality. *Curr Opin Psychiatry*. 2013;26(1):79-83.
- Best M, Butow P, Olver I. Doctors discussing religion and spirituality: A systematic literature review. *Palliat Med*. 2016;30(4):327-37.
- Bezerra de Menezes. Dramas da obsessão. Psicografado por Yvonne Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: FEB, 1964.
- Bonelli RM, Koenig HG. Mental disorders, religion and spirituality 1990 to 2010: a systematic evidence-based review. *J Relig Health*. 2013;52(2):657-73.
- Brady MJ, Peterman AH, Fitchett G, Mo M, Cella D. A case for including spirituality in quality of life measurement in oncology. *Psychooncology*. 1999;8(5):417-28.
- Braghetta CC, Lucchetti G, Leão FC, Cândido Vallada, Vallada H, Cordeiro Q. Aspectos éticos e legais da assistência religiosa em hospitais psiquiátricos. *Rev Psiquiatr Clin*. 2011;38(5):189-93.
- Braguetta CC. Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliar espiritualidade: Escala de Atitudes Relacionadas à Espiritualidade (ARES). [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2017.
- Buss PM. Investigaciones sobre servicios de salud: una antología. *Cad Saúde Pública*. 1993;9(1):101-3.
- Cardena E, Lynn SJ, Krippner S. Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence. 2 ed. Washington, DC: American Psychological Association, 2014, 452p.
- Chartier R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora Unesp; 1998.
- Chehaibar GZ. Bioética e crença religiosa: estudo da relação médico-paciente Testemunha de Jeová com potencial risco de transfusão de sangue [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2010.
- Chida Y, Steptoe A, Powell LH. Religiosity/spirituality and mortality. A systematic quantitative review. *Psychother Psychosom*. 2009;78(2):81-90.
- CMS Manual System, Centers for Medicare and Medicaid Services, State Operations Manual, Appendix M-Guidance to Surveyors, Hospice; 2010. Disponível em:  <https://www.cms.gov/Regulations-and-Guidance/Guidance/Transmittals/downloads/R65SOMA.pdf>.
- Conselho Federal de Medicina (CFM). Código de ética médica: Resolução CFM no 1.931/09. Brasília: CFM; 2009.
- Cook CC. Religious psychopathology: The prevalence of religious content of delusions and hallucinations in mental disorder. *Int J Soc Psychiatry*. 2015;61(4):404-25.
- Cordeiro Q. Creation of the section on spirituality and mental health at the Brazilian psychiatric association. *Psyche and Spirit*. 2014;3(1):2-3.
- Curlin FA, Lawrence RE, Odell S, et al. Religion, spirituality, and medicine: psychiatrists' and other physicians' differing observations, interpretations, and clinical approaches. *Am J Psychiatry*. 2007;164(12):1825-31.
- d'Avila RL. A ética médica e a bioética como requisitos do ser moral: ensinando habilidades humanitárias em medicina. *Bioética*. 2010;18(2):311-27.

- Daher JC Jr, Damiano RF, Lucchetti AL, Moreira-Almeida A, Lucchetti G. Research on Experiences Related to the Possibility of Consciousness Beyond the Brain: A Bibliometric Analysis of Global Scientific Output. *J Nerv Ment Dis.* 2017;205(1):37-47.
- Dal-Farra RA, Geremia C. Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas. *Rev Bras Educ Med.* 2010;34(4):587-97.
- Delgado-Guay MO. Spirituality and religiosity in supportive and palliative care. *Curr Opin Support Palliat Care.* 2014;8(3):308-13.
- Doolittle BR, Justice AC, Fiellin DA. Religion, Spirituality, and HIV Clinical Outcomes: A Systematic Review of the Literature. *AIDS Behav.* 2016 Dec 21. [Epub ahead of print]
- Drutchas A, Anandarajah G. Spirituality and coping with chronic disease in pediatrics. *R I Med J.* (2013) 2014;97(3):26-30.
- Durà-Vilà G, Hagger M, Dein S, Gerard L. Ethnicity, religion and clinical practice: a qualitative study of beliefs and attitudes of psychiatrists in the United Kingdom. *Ment Health Relig Cult.* 2011;14(01):53-64.
- Ehman JW, Ott BB, Short TH, Ciampa RC, Hansen-Flaschen J. Do patients want physicians to inquire about their spiritual or religious beliefs if they become gravely ill? *Arch Intern Med.* 1999;159(15):1803-1806.
- Emmanuel (Espírito). *A caminho da luz.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.
- Emmanuel (Espírito). *Emmanuel.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1938.
- Emmanuel (Espírito). *O Consolador.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1941.
- Emmanuel (Espírito). *Roteiro.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1952.
- Ens RT, André MDA. A formação de professores nas dissertações e teses da área de educação no Brasil: um estudo comparativo. In: *Congresso Internacional de Educação e Trabalho: Representações Sociais, Competências e Trajetórias Profissionais.* Aveiro, 2005. Anais... Aveiro: Editora Universidade de Aveiro; 2005.
- Ferreira NSA. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educ Soc.* 2002;23(79):257-72.
- Fortin AH, Barnett KG. Medical school curricula in spirituality and medicine. *JAMA.* 2004;291:2883.
- Freitas AV, Pires CMC. Estado da arte em educação matemática na EJA: percursos de uma investigação. *Ciênc educ (Bauru).* 2015;21(3):637-54.
- Gearing RE, Alonzo D, Smolak A, McHugh K, Harmon S, Baldwin S. Association of religion with delusions and hallucinations in the context of schizophrenia: implications for engagement and adherence. *Schizophr Res.* 2011;126(1-3):150-63.
- Gonçalves JP, Lucchetti G, Menezes PR, Vallada H. Religious and spiritual interventions in mental health care: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled clinical trials. *Psychol Med.* 2015;45(14):2937-49.
- Grabrucker AM, editor. *Autism Spectrum Disorders* [Internet]. Brisbane (AU): Exon Publications; 2021 Aug 20. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK573612>.
- Graves DL, Shue CK, Arnold L. The role of spirituality in patient care: incorporating spirituality training into medical school curriculum. *Acad Med.* 2002;77:1167.
- Guck TP, Kavan MG. Medical student beliefs: spirituality's relationship to health and place in the medical school curriculum. *Med Teacher.* 2006;28:702-7
- Haber JR, Koenig LB, Jacob T. Alcoholism, personality, and religion/spirituality: an integrative review. *Curr Drug Abuse Rev.* 2011;4(4):250-60.
- Hills J, Paice JA, Cameron JR, Shott S. Spirituality and distress in palliative care consultation. *J Palliat Med.* 2005;8(4):782-8.
- Hove MJ, Stelzer J, Nierhaus T, et al. Brain Network Reconfiguration and Perceptual Decoupling During an Absorptive State of Consciousness. *Cereb Cortex.* 2016;26(7):3116-24.
- Hulett JM, Armer JM. A systematic review of spiritually based interventions and psychoneuroimmunological outcomes in breast cancer survivorship. *Integr Cancer Ther.* 2016;15(4):405-423.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.* Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, IBGE, 2010, p. 1-215.

- Janiszewska J, Buss T, de Walden-Gałuszek K, Majkowicz M, Lichodziejewska-Niemierko M, Modlińska A. The religiousness as a way of coping with anxiety in women with breast cancer at different disease stages. *Support Care Cancer*. 2008;16(12):1361-6.
- Joanna de Ângelis (Espírito). *Estudos espíritas*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- Joanna de Ângelis (Espírito). *O homem integral*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- Joint Commission on Accreditation of Healthcare Organizations (JCAHO). *Medical Record - Spiritual Assessment*. 2017. Disponível em:  <https://www.jointcommission.org/search/?keywords=spiritu&f=site-name&site%20name=Joint%20Commission>.
- Kardec A. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 53ª ed. Brasília: FEB, 2013e. 409 p.
- Kardec A. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 61ª ed. Brasília: FEB, 2013d. 407 p.
- Kardec A. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 131ª ed. Brasília: FEB, 2013c. 410 p.
- Kardec A. *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. Tradução de Guillon Ribeiro. 93ª ed. Brasília: FEB, 2013a. 526 p.
- Kardec A. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Tradução de Guillon Ribeiro. 81ª ed. Brasília: FEB, 2013b. 446 p.
- Kardec A. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 26ª ed. Brasília: FEB, 2013f. 477 p.
- Kim Y, Carver CS, Cannady RS. Caregiving motivation predicts long-term spirituality and quality of life of the caregivers. *Ann Behav Med*. 2015;49(4):500-9.
- Kim Y, Carver CS, Spillers RL, Crammer C, Zhou ES. Individual and dyadic relations between spiritual well-being and quality of life among cancer survivors and their spousal caregivers. *Psychooncology*. 2011;20(7):762-70.
- Kim Y, Wellisch DK, Spillers RL, Crammer C. Psychological distress of female cancer caregivers: effects of type of cancer and caregivers' spirituality. *Support Care Cancer*. 2007;15(12):1367-74.
- King MB, Koenig HG. Conceptualising spirituality for medical research and health service provision. *BMC Health Serv Res*. 2009;9:116.
- Koenig H, King D, Carson V. *Handbook of religion and health*. 2nd ed. New York: Oxford University Press; 2012.
- Koenig HG, Hooten EG, Lindsay-Calkins E, Meador KG. Spirituality in medical school curricula: findings from a National Survey. *Int J Psychiatry Med*. 2010;40:391-8.
- Koenig HG, Idler E, Kasl S, et al. Religion, spirituality, and medicine: a rebuttal to skeptics. *Int J Psychiatry Med*. 1999;29(2):123-31.
- Koenig HG. *Medicine, Religion and Health: where science and spirituality meet*. Pennsylvania: Templeton Foundation Press; 2008.
- Koenig HG. Religion, spirituality and medicine: how are they related and what does it mean. *Mayo Clin Proc*. 2001;76(12):1189-91.
- Koenig HG. Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications. *ISRN Psychiatry*. 2012;2012:278730.
- Krupski TL, Kwan L, Fink A, Sonn GA, Maliski S, Litwin MS. Spirituality influences health related quality of life in men with prostate cancer. *Psychooncology*. 2006;15(2):121-31.
- Kub J, Solari-Twadell PA. Religiosity/spirituality and substance use in adolescence as related to positive development: a literature review. *J Addict Nurs*. 2013;24(4):247-62.
- Laubmeier KK, Zakowski SG, Bair JP. The role of spirituality in the psychological adjustment to cancer: a test of the transactional model of stress and coping. *Int J Behav Med*. 2004;11(1):48-55.
- Longshore D, Anglin MD, Conner BT. Are religiosity and spirituality useful constructs in drug treatment research? *J Behav Health Serv Res*. 2009;36(2):177-88.
- Lu FG, Lukoff D, Turner R. Religious or spiritual problems. In: APA. *DSM-IV Sourcebook*. Washington DC: American Psychiatric Press; 1994.

- Lucchetti AL, Lucchetti G, Leão FC, Peres MF, Vallada H. Mental and Physical Health and Spiritual Healing: An Evaluation of Complementary Religious Therapies Provided by Spiritist Centers in the City of São Paulo, Brazil. *Cult Med Psychiatry*. 2016;40(3):404-21.
- Lucchetti AL, Peres MF, Vallada HP, Lucchetti G. Spiritual Treatment for Depression in Brazil: An Experience From Spiritism. *Explore (NY)*. 2015;11(5):377-86.
- Lucchetti G, Aguiar PR, Braghetta CC, Vallada CP, Moreira-Almeida A, Vallada H. *Cult Med Psychiatry*. 2012c;36(1):124-35.
- Lucchetti G, Lucchetti AL, Bassi RM, Nobre MR. Complementary Spiritist Therapy: systematic review of scientific evidence. *Evid Based Complement Alternat Med*. 2011b;2011:835945.
- Lucchetti G, Lucchetti AL, Espinha DC, de Oliveira LR, Leite JR, Koenig HG. Spirituality and health in the curricula of medical schools in Brazil. *BMC Med Educ*. 2012b;12:78.
- Lucchetti G, Lucchetti AL, Koenig HG. Impact of spirituality/religiosity on mortality: comparison with other health interventions. *Explore (NY)*. 2011a;7(4):234-8.
- Lucchetti G, Lucchetti AL, Puchalski CM. Spirituality in medical education: global reality? *J Relig Health*. 2012a;51(1):3-19.
- Lucchetti G, Oliveira AB, Mercante JP, Peres MF. Anxiety and fear-avoidance in musculoskeletal pain. *Curr Pain Headache Rep*. 2012b;16(5):399-406.
- Lukoff D, Lu F, Turner R. Toward a more culturally sensitive DSM-IV: psychoreligious and psychospiritual problems. *J Nerv Ment Dis*. 1992;180(11):673-82.
- Mainieri AG, Peres JFP, Moreira-Almeida A, Mathiak K, Habel U, Kohn N. Neural correlates of psychotic-like experiences during spiritual-trance state. *Psychiatry Res*. 2017 30;266:101-7.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Amanhecer de uma nova era. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012b.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Entre os dois mundos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006a.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Grilhões partidos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1974.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Loucura e obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1988.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Mediunidade: desafios e bênçãos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012a.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Nas fronteiras da loucura. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1982.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Nos bastidores da obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1970.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Painéis da obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1984.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Perturbações espirituais. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2015.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Reencontro com a vida. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006b.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Sexo e obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2003.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Temas da vida e da morte. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996a.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Tormentos da obsessão. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2001.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Tramas do destino. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1976.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Transição planetária. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2010.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Transtornos psiquiátricos e obsessivos. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2009.
- Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). Trilhas de libertação. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996b.

- Maraldi EO, Krippner S, Barros MCM, Cunha A. Dissociation From a Cross-Cultural Perspective: Implications of Studies in Brazil. *J Nerv Ment Dis.* 2017;205(7):558-67.
- McCoubrie RC, Davies AN. Is there a correlation between spirituality and anxiety and depression in patients with advanced cancer? *Support Care Cancer.* 2006;14(4):379-85.
- McCullough ME, Hoyt WT, Larson DB, Koenig HG, Thoresen C. Religious involvement and mortality: a meta-analytic review. *Health Psychol.* 2000;19(3):211-22.
- Menegatti-Chequini MC, Goncalves JPB, Leao FC, Peres MFP, Vallada H. A preliminary survey on the religious profile of Brazilian psychiatrists and their approach to patients' religiosity in clinical practice. *BJPsych Open.* 2016;2:346-52.
- Menegatti-Chequini MC, Maraldi EO, Peres MFP, Leão FC, Vallada H. How psychiatrists think about religious and spiritual beliefs in clinical practice: findings from a university hospital in São Paulo, Brazil. *Braz J Psychiatry.* 2019;41(1):58-65.
- Moreira-Almeida A, Cardena E. Differential diagnosis between non-pathological psychotic and spiritual experiences and mental disorders: a contribution from Latin American studies to the ICD-11. *Rev Bras Psiquiatr.* 2011;33(01):21-36.
- Moreira-Almeida A, Koenig HG, Lucchetti G. Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. *Rev Bras Psiquiatr.* 2014;36(2):176-82.
- Moreira-Almeida A, Lotufo Neto F. Spiritist views of mental disorders in Brazil. *Transcult Psychiatry.* 2005;42(4):570-95.
- Moreira-Almeida A, Lotufo-Neto F. Methodological guidelines to investigate altered states of consciousness and anomalous experiences. *Int Rev Psychiatry.* 2017;29(3):283-92.
- Moreira-Almeida A, Neto FL, Koenig HG. Religiousness and mental health: a review. *Rev Bras Psiquiatr.* 2006;28(3):242-50.
- Moreira-Almeida A, Sharma A, Rensburg B, Verhagen P, Cook C. WPA Position Statement on Spirituality and Religion in Psychiatry. *World Psychiatry.* 2016;15(1):87-8.
- Moreira-Almeida A. Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora [editorial]. *Rev Psiquiatr Clin.* 2007;34(suppl1):3-4.
- Moreira-Almeida A. Pesquisa em mediunidade e relação mente-cérebro: revisão das evidências. *Rev Psiquiatr Clin.* 2013;40(6):233-40.
- Mueller PS, Plevak DJ, Rummans TA. Religious involvement, spirituality, and medicine: implications for clinical practice. *Mayo Clin Proc.* 2001;76(12):1225-35.
- Mujica B. Teaching literature: canon, controversy and the literary anthology. *Hispania.* 1997;80(2):203-15.
- Narayanasamy A. The impact of empirical studies of spirituality and culture on nurse education. *J Clin Nurs.* 2006;15(7):840-51.
- Neeleman J, King M. Psychiatrists religious attitudes in relation to their clinical-practice - a survey of 231 psychiatrists. *Acta Psychiatr Scand.* 1993;88(6):420-4.
- Neely D, Minford EJ. Current status of teaching on spirituality in UK medical schools. *Med Educ.* 2008;42(2):176-82.
- Nelson CJ, Rosenfeld B, Breitbart W, Galiotta M. Spirituality, religion, and depression in the terminally ill. *Psychosomatics.* 2002;43(3):213-20.
- O'Mahony S, Goulet J, Kornblith A, et al. Desire for hastened death, cancer pain and depression: report of a longitudinal observational study. *J Pain Symptom Manage.* 2005;29(5):446-57.
- Pargament K, Lomax J. Understanding and addressing religion among people with mental illness. *World Psychiatry.* 2013;12(1):26-32.
- PDQ Supportive and Palliative Care Editorial Board. Spirituality in Cancer Care (PDQ®): Patient Version. 2015 May 18. PDQ Cancer Information Summaries [Internet]. Bethesda (MD): National Cancer Institute (US); 2002-. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK66027/>.
- PDQ Supportive and Palliative Care Editorial Board. Spirituality in Cancer Care (PDQ®): Health Professional Version. 2016 Nov 9. PDQ Cancer Information Summaries [Internet]. Bethesda (MD): National Cancer Institute (US); 2002-. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK66000/>.
- Peres JF, Moreira-Almeida A, Caixeta L, Leao F, Newberg A. Neuroimaging during trance state: a contribution to the study of dissociation. *PLoS One.* 2012;7(11):e49360.
- Portilla Geada N. Antología de textos clásicos de la psiquiatría latinoamericana. *Salud Ment.* 2012;35(3):263-4.

- Powell LH, Shahabi L, Thoresen CE. Religion and spirituality: linkages to physical health. *Am Psychol*. 2003;58(1):36-52.
- Puchalski CM, Larson DB. Developing curricula in spirituality and medicine. *Acad Med*. 1998;73(9):970-4.
- Puchalski CM. Spirituality and medicine: curricula in medical education. *J Cancer Educ*. 2006;21(1):14-8.
- Puchalski CM. Spirituality and the care of patients at the end-of-life: an essential component of care. *Omega (Westport)*. 2007;56(1):33-46.
- Rew L, Wong YJ. A systematic review of associations among religiosity/spirituality and adolescent health attitudes and behaviors. *J Adolesc Health*. 2006;38(4):433-42.
- Rocha AC, Paraná D, Freire ES, Lotufo Neto F, Moreira-Almeida A. Investigating the fit and accuracy of alleged mediumistic writing: a case study of Chico Xavier's letters. *Explore (NY)*. 2014;10(5):300-8.
- Rojas-Malpica C, Portilla-Geadá Nde L, Téllez Pacheco P. Anthology of Venezuelan psychiatry. *Int Rev Psychiatry*. 2016;28(2):207-30.
- Romanowski JP, Ens RT. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. *Dialogo Educ*. 2006;6(19):37-50.
- Romanowski JP. As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo; 2002.
- Royal College of Psychiatric. Spirituality and psychiatry special interest group. RCPSYCH, 1999. Disponível em: www.rcpsych.ac.uk/college/specialinterestgroups/spirituality.aspx.
- Schaefer FC, Blazer DG, Koenig HG. Religious and spiritual factors and the consequences of trauma: a review and model of the interrelationship. *Int J Psychiatry Med*. 2008;38(4):507-24.
- Schonfeld TL, Schmid KK, Boucher-Payne D. Incorporating Spirituality into Health Sciences Education. *J Relig Health*. 2016;55(1):85-96.
- Seeman TE, Dubin LF, Seeman M. Religiosity/spirituality and health. A critical review of the evidence for biological pathways. *Am Psychol*. 2003;58(1):53-63.
- Seidling HM, Stützle M, Hoppe-Tichy T, et al. Best practice strategies to safeguard drug prescribing and drug administration: an anthology of expert views and opinions. *Int J Clin Pharm*. 2016;38:362-73.
- Serrani S. Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico. *Alea*. 2008;10(2):270-87.
- Seybold KS. Physiological mechanisms involved in religiosity/spirituality and health. *J Behav Med*. 2007;30(4):303-9.
- Seyringer ME, Friedrich F, Stompe T, Frottier P, Schrank B, Frühwald S. [The "Gretchen question" for psychiatry--the importance of religion and spirituality in psychiatric treatment]. *Neuropsychiatr*. 2007;21(4):239-47.
- Smolak A, Gearing RE, Alonzo D, Baldwin S, Harmon S, McHugh K. Social support and religion: mental health service use and treatment of schizophrenia. *Community Ment Health J*. 2013;49(4):444-50.
- Somain R. Religiões no Brasil em 2010. *Confins Revue franco-brésilienne de géographie/ Revista franco-brasileira de geografia*: Théry, Hervé; 2012.
- Souza ZS, Moraes MIDM. A ética médica e o respeito às crenças religiosas. *Bioética*. 1998;6(1):89-93.
- Sulmasy DB. A biopsychosocial-spiritual model for the care of patients at the end of life. *Gerontologist*. 2002;42 Spec No 3:24-33.
- Tarakeshwar N, Vanderwerker LC, Paulk E, Pearce MJ, Kasl SV, Prigerson HG. Religious coping is associated with the quality of life of patients with advanced cancer. *J Palliat Med*. 2006;9(3):646-57.
- Teixeira MZ, Lin CA, Martins MA. Homeopathy and acupuncture teaching at Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: the undergraduates' attitudes. *Sao Paulo Med J*. 2005;123(2):77-82.
- Teixeira MZ, Lin CA, Martins MA. O ensino de práticas não-convencionais em saúde nas faculdades de medicina: panorama mundial e perspectivas brasileiras. *Rev Bras Educ Med*. 2004;28(1):51-60.
- Teixeira MZ. A concepção vitalista de Samuel Hahnemann. *Rev Homeopatia (São Paulo)*. 1996;61(3-4):39-44.
- Teixeira MZ. A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as princi-

pais concepções médicas e filosóficas. São Paulo: Editorial Petrus, 2000a.

Teixeira MZ. Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. *Rev Med (São Paulo)*. 2017b;96(3):145-58.

Teixeira MZ. Educação médica em terapêuticas não convencionais. *Rev Med (São Paulo)*. 2013;92(4):224-35.

Teixeira MZ. Interconexão entre saúde, espiritualidade e religiosidade: importância do ensino, da pesquisa e da assistência na educação médica. *Rev Med (São Paulo)*. 2020;99(2):134-47.

Teixeira MZ. O vitalismo hahnemanniano na prática clínica homeopática. *Rev Homeopatia (São Paulo)*. 2000b;65(2):22-34.

Teixeira MZ. O vitalismo homeopático ao longo da história da medicina. *Homeopat Bras*. 2002;8(2):109-23.

Teixeira MZ. Panorama mundial da educação médica em terapêuticas não convencionais (homeopatia e acupuntura). *Rev Homeopatia (São Paulo)*. 2017a;80(1/2):18-39.

Timmins F, Neill F. Teaching nursing students about spiritual care - a review of the literature. *Nurse Educ Pract*. 2013;13(6):499-505.

Trevino KM, Balboni M, Zollfrank A, Balboni T, Prigerson HG. Negative religious coping as a correlate of suicidal ideation in patients with advanced cancer. *Psychooncology*. 2014;23(8):936-45.

Unterrainer HF, Lewis AJ, Fink A. Religious/Spiritual Well-being, personality and mental health: a review of results and conceptual issues. *J Relig Health*. 2014;53(2):382-92.

van Groenestijn AC, Kruitwagen-van Reenen ET, Visser-Meily JM, van den Berg LH, Schröder CD. Associations between psychological factors and health-related quality of life and global quality of life in patients with ALS: a systematic review. *Health Qual Life Outcomes*. 2016;14(1):107.

van Leeuwen R, Tiesinga LJ, Post D, Jochemsen H. Spiritual care: implications for nurses' professional responsibility. *J Clin Nurs*. 2006;15(7):875-84

Verhagen PJ. The case for more effective relationships between psychiatry, religion and spirituality. *Curr Opin Psychiatry*. 2010;23(6):550-5.

Visser A, Garssen B, Vingerhoets A. Spirituality and well-being in cancer patients: a review. *Psychooncology*. 2010;19(6):565-72.

Vosgerau DSAR, Romanowski JP. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev Dialogo Educ*. 2014;14(41):165-89.

Wasner M., Longaker C., Fegg MJ, BorasioGD. Effects of spiritual care training for palliative care professionals. *Palliative Medicine*. 2005;19(2):99-104.

White K, Frenk J, Ordóñez C, Paganini JM, Starfield B. Investigaciones sobre servicios de salud: una antología. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud, 1992. 1200 p.

Whitford HS, Olver IN, Peterson MJ. Spirituality as a core domain in the assessment of quality of life in oncology. *Psychooncology*. 2008;17(11):1121-8.

WHO (World Health Organization). Amendments to the Constitution. Fifty-second world health assembly (Provisional agenda item 16). April, 7th; 1999.

WHO (World Health Organization). Constitution of the World Health Organization. Basic Documents. WHO. Genève: 1946.

Williams R, Editors. Circulation Research "In This Issue" Anthology. *Circ Res*. 2016;119(1):e1-e27.

Woll ML, Hinshaw DB, Pawlik TM. Spirituality and religion in the care of surgical oncology patients with life-threatening or advanced illnesses. *Ann Surg Oncol*. 2008;15(11):3048-57.

Wu A, Wang JY, Jia CX. Religion and Completed Suicide: a Meta-Analysis. *PLoS One*. 2015;10(6):e0131715.

Yanez B, Edmondson D, Stanton AL, et al. Facets of spirituality as predictors of adjustment to cancer: relative contributions of having faith and finding meaning. *J Consult Clin Psychol*. 2009;77(4):730-41.

Yeung JW, Chan YC, Lee BL. Youth religiosity and substance use: a meta-analysis from 1995 to 2007. *Psychol Rep*. 2009;105(1):255-66.

Yonker JE, Schnabelrauch CA, Dehaan LG. The relationship between spirituality and religiosity on psychological outcomes in adolescents and emerging adults: a meta-analytic review. *J Adolesc*. 2012;35(2):299-314.

Anexo – Declaração de participação no programa de pós-doutorado do Departamento de Psiquiatria (FMUSP)



Comissão de Pesquisa

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que o (a) **Dr (a). Marcus Zulian Teixeira**, matrícula USP nº 1483912 e CPF nº 046.634.948-38, é pós-doutorando (a) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Psiquiatria, sob a supervisão do (a) Prof (a). Dr (a). Homero Pinto Vallada Filho, participando do projeto intitulado *"Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo: antologia temática ou Estado da Arte da literatura."*, no período de 01/03/2022 a 28/02/2025.

São Paulo, 21 de novembro de 2022.

Profa. Dra. Ana Claudia Latrônico Xavier
Presidente da Comissão de Pesquisa da FMUSP

Comissão de Pesquisa

Prédio anexo da Assistência de Pesquisa e Inovação FMUSP
Av. Dr. Arnaldo, 455 - Cerqueira César - São Paulo - Brasil - 01246 903

www.fm.usp.br



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Primeira Parte

Tipos de Fluidos, Reinos da Natureza

e Corpos Constituintes

- I.** Relações entre energia e matéria (onda-partícula)
 - II.** Tipos de fluidos e suas propriedades
 - III.** Reinos da natureza: princípios, fluidos e corpos constituintes
-

I Relações entre energia e matéria (onda-partícula)

I.1. Histórico

“ONDAS E PERCEPÇÕES. Agitação e ondas.

Em seguida a esforços persistentes de muitos Espíritos sábios, encarnados no mundo e patrocinando a evolução, a inteligência do século XX compreende que a Terra é um magneto de gigantescas proporções, constituído de forças atômicas condicionadas e cercado por essas mesmas forças em combinações multiformes, compondo o chamado campo eletromagnético em que o Planeta, no ritmo de seus próprios movimentos, se tipifica na Imensidade Cósmica. Nesse reino de energias, em que a matéria concentrada estrutura o Globo de nossa moradia e em que a matéria em expansão lhe forma o clima peculiar, a vida desenvolve agitação. E toda agitação produz ondas. Uma frase que emitimos ou um instrumento que vibra criam ondas sonoras. Liguemos o aquecedor e espalharemos ondas caloríficas. Acendamos a lâmpada e exteriorizaremos ondas luminosas. Façamos funcionar o receptor radiofônico e encontraremos ondas elétricas. Em suma, toda inquietação se propaga em forma de ondas, através dos diferentes corpos da Natureza. **Tipos e definições.** As ondas são avaliadas segundo o comprimento em que se expressam, dependendo esse comprimento do emissor em que se verifica a agitação. Fina vara tangendo as águas de um lago provocará ondas pequenas, ao passo que a tora de madeira, arrojada ao lençol líquido, traçará ondas maiores. Um contrabaixo lançá-las-á muito longas. Um flautim desferi-las-á muito curtas. As ondas ou oscilações eletromagnéticas são sempre da mesma substância, diferenciando-se, porém, na pauta do seu comprimento ou distância que se segue do penacho ou crista de uma onda à crista da onda seguinte, em vibrações mais ou menos rápidas, conforme as leis de ritmo em que se lhes identifica a frequência diversa. Que é, no entanto, uma onda? À falta de terminologia mais clara, diremos que uma onda é determinada forma de resurreição da energia, por intermédio do elemento particular que a veicula ou estabelece. Partindo de semelhante princípio, entenderemos que a fonte primordial de qualquer irradiação é o átomo ou partes dele em agitação, despedindo raios ou ondas que se articulam, de acordo com as oscilações que emite. **Homem e ondas.** Simplificando conceitos em torno da escala das ondas, recordemos que, oscilando de maneira integral, sacudidos simplesmente nos elétrons de suas órbitas ou excitados apenas em seus núcleos, os átomos lançam de si ondas que produzem calor e som,

luz e raios gama, através de inumeráveis combinações. Assim é que entre as ondas da corrente alternada para objetivos industriais, as ondas do rádio, as da luz e dos raios X, tanto quanto as que definem os raios cósmicos e as que se superpõem além deles, não existe qualquer diferença de natureza, mas sim de frequência, considerado o modo em que se exprimem. E o homem, colocado nas faixas desse imenso domínio, em que a matéria quanto mais estudada mais se revela qual feixe de forças em temporária associação, somente assinala as ondas que se lhe afinam com o modo de ser. Temo-lo, dessa maneira, por viajante do Cosmo, respirando num vastíssimo império de ondas que se comportam como massa ou vice-versa, condicionado, nas suas percepções, à escala do progresso que já alcançou, progresso esse que se mostra sempre acrescentado pelo patrimônio de experiência em que se gradua, no campo mental que lhe é característico, em cujas dimensões revela o que a vida já lhe deu, ou tempo de evolução, e aquilo que ele próprio já deu à vida, ou tempo de esforço pessoal na construção do destino. Para a valorização e enriquecimento do caminho que lhe compete percorrer, recebe dessa mesma vida, que o acalenta e a que deve servir, o tesouro do cérebro, por intermédio do qual exterioriza as ondas que lhe marcam a individualidade, no concerto das forças universais, e absorve aquelas com as quais pode entrar em sintonia, ampliando os recursos do seu cabedal de conhecimento e das quais se deve aproveitar, no aprimoramento intensivo de si mesmo, no trabalho da própria sublimação. **Continente do “infrassom”.** Ajustam-se ouvidos e olhos humanos a balizas naturais de percepção, circunscritos aos implementos da própria estrutura. Abaixo de 35 a 40 vibrações por segundo, a criatura encarnada, ou que ainda se mostre fora do corpo físico em condições análogas, movimenta-se no império dos “infrassons” (Outros autores admitem que estes infrassons começam abaixo de 18 vibrações por segundo - Nota do Autor espiritual), porquanto os sons continuam existindo, sem que disponha de recursos para assinalá-los. A ponte pressionada por grande veículo ou a locomotiva que avança sobre trilhos agita a porta de residência não distante, porta essa cuja inquietação se comunica a outras portas mais afastadas, em regime de transmissão “infrassom”. Nesse domínio das correntes imperceptíveis, identificaremos as ondas eletromagnéticas de Hertz a se exteriorizarem da antena alimentada pela energia elétrica e que, apresentando frequência aumentada, com o emprego dos chamados “circuitos oscilantes”, constituídos com o auxílio de condensadores, produzem as ondas da telegrafia sem fio e do rádio comum, começando pelas ondas longas, até aproximadamente mil metros, na medida equivalente à frequência de 300.000 vibrações por segundo ou 300 quilociclos, e avançando pelas

ondas curtas, além das quais se localizam as ondas métricas ou decimétricas, disciplinadas em serviço do radar e da televisão. Em semelhantes faixas da vida, que a ciência terrestre assinala como o continente do “infrassom”, circulam forças complexas; contudo, para o Espírito encarnado ou ainda condicionado às sensações do Plano Físico, não existe nessas províncias da Natureza senão silêncio. **Sons perceptíveis.** Aumente-se a frequência das ondas, nascidas do movimento incessante do Universo, e o homem alcançará a escala dos sons perceptíveis, mais exatamente qualificáveis nas cordas graves do piano. Nesse ponto, penetraremos a esfera das percepções sensoriais da criatura terrestre, porquanto, nesse grau vibratório, as ondas se transubstanciam em fontes sonoras que afetam o tímpano, gerando os “tons de Tartini” ou “tons de combinação”, com efeitos psíquicos, segundo as disposições mentais de cada indivíduo. Eleva-se o diapasão. Sons médios, mais altos, agudos, superagudos. Na fronteira aproximada de pouco além de 15.000 vibrações por segundo, não raro, o ouvido vulgar atinge a zona-limite (A escala de percepção é extremamente variável - Nota do Autor espiritual). Há pessoas, contudo, que, depois desses marcos, ouvem ainda. Animais diversos, quais os cães, portadores de profunda acuidade auditiva, escutam ruídos no “ultrassom”, para além das 40.000 vibrações por segundo. Prossegue a escala ascendente em recursos e proporções inimagináveis aos sentidos vinculados ao mundo físico. **Outros reinos ondulatórios.** Salientando-se no oceano da Vida Infinita, outros reinos ondulatórios se espriam, ofertando novos campos de evolução ao Espírito, que a mente ajustada às peculiaridades do Planeta não consegue perceber. Sigamos através das oscilações mais curtas e seremos defrontados pelas ondas do infravermelho. Começam a luz e as cores visíveis ao olhar humano. As micro-ondas, em manifestação ascendente, determinam nas fibras intraretinianas, segundo os potenciais elétricos que lhes são próprios, as imagens das sete cores fundamentais, facilmente descortináveis na luz branca que as sintetiza, por intermédio do prisma comum, criando igualmente efeitos psíquicos, em cada criatura, conforme os estados mentais que a identifiquem. Alteia-se a ordem das ondas e surgem, depois do vermelho, o alaranjado, o amarelo, o verde, o azul, o anilado e o violeta. No comprimento de onda em que se localiza o violeta, em 4/10.000 de milímetro, os olhos humanos cessam de enxergar; todavia, a série das oscilações continua em progressão constante e a chapa fotográfica, situada na vizinhança do espectro, revela a ação fotoquímica do ultravioleta e, ultrapassando-o, aparecem as ondas imensamente curtas dos raios X, dos raios gama, dirigindo-se para os raios cósmicos, a cruzarem por todos os departamentos do Globo. Semelhantes notas oferecem ligeira ideia da

transcendência das ondas nos reinos do Espírito, com base nas forças do pensamento.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 1)

“CONQUISTAS DA MICROFÍSICA. Primórdios da Eletrônica. Espíritos eminentes, atendendo aos imperativos da investigação científica entre os homens, volve-m da Espiritualidade ao Plano Terrestre, incentivando estudos acerca da natureza ondulatória do Universo. A Eletrônica balbucia as primeiras notas com Tales de Mileto, 600 anos antes do Cristo. O grande filósofo, que tinha a crença na unidade essencial da Natureza, observa a eletrização no âmbar (“elektron”, em grego). Seus apontamentos sobre as emanções luminosas são retomados, no curso do tempo, por Herão de Alexandria e outras grandes inteligências, culminando nos raciocínios de Descartes, no século XVII, que, inspirado na teoria atômica dos gregos, conclui, trezentos anos antes da descoberta do elétron, que na base do átomo deveria existir uma partícula primitiva, chegando a desenhá-la, com surpreendente rigor de concepção, como sendo um “remoinho” ou imagem aproximada dos recursos energéticos que o constituem. Logo após, Isaac Newton realiza a decomposição da luz branca, nas sete cores do prisma, apresentando, ainda, a ideia de que os fenômenos luminosos seriam correntes corpusculares, sem excluir a hipótese de ondas vibratórias, a se expandirem no ar. Huygens prossegue na experimentação e defende a teoria do éter luminoso ou teoria ondulatória. Franklin teoriza sobre o fluido elétrico e propõe a hipótese atômica da eletricidade, tentando classificá-la como sendo forma da de grânulos sutis, perfeitamente identificáveis aos remoinhos eletrônicos hoje imaginados. **Campo eletromagnético.** Nos primórdios do século XIX, aparece Tomás Young, examinando as ocorrências da reflexão, interferência e difração da luz, fundamentando-se sobre a ação ondulatória, seguindo-se-lhe Fresnel, a consolidar-lhe as deduções. Sucedem-se investigadores e pioneiros, até que, em 1869, Maxwell afirma, sem que as suas asserções lograssem despertar maior interesse nos sábios de seu tempo, que as ondulações de luz nasciam de um campo magnético associado a um campo elétrico, anunciando a correlação entre a eletricidade e a luz e assegurando que as linhas de força extravasam dos circuitos, assaltando o espaço ambiente e expandindo-se como pulsações ondulatórias. Cria ele a notável teoria eletromagnética. Desde essa época, o conceito de campo eletromagnético assume singular importância no mundo, até que Hertz consegue positivar a existência das ondas elétricas, descobrindo-as e colocando-as a serviço da Humanidade. Nas vésperas do século XX, a Ciência já considerava a Natureza terrestre como percorrida por ondas inumeráveis que cruzam todas as faixas do Planeta, sem jamais se misturarem. Entretanto, certa indagação

se generalizara. Reconhecido o mundo como vasto magneto, composto de átomos, e sabendo-se que as ondas provinham deles, como poderiam os sistemas atômicos gerá-las, criando, por exemplo, o calor e a luz? **Estrutura do átomo.** Max Planck, distinto físico alemão, reparou, em 1900, que o átomo, em lançando energia, não procede em fluxo contínuo, mas sim por arremessos individuais ou, mais propriamente, através de grânulos de energia, estabelecendo a teoria dos “quanta de energia”. Foi então que Niels Bohr deduziu que a descoberta de Planck somente se explicaria pelo fato de gravitarem os elétrons, ao redor do núcleo, no sistema atômico, em órbitas seguramente definidas, a exteriorizarem energia, não girando como os planetas em torno do Sol, mas saltando, de inesperado, de uma camada para outra. E, procedendo mais por intuição que por observação, mentalizou o átomo como sendo um núcleo cercado, no máximo, de sete camadas concêntricas, plenamente isoladas entre si, no seio das quais os elétrons circulam livremente, em todos os sentidos. Os que se localizam nas zonas periféricas são aqueles que mais facilmente se deslocam, patrocinando a projeção de raios luminosos, ao passo que os elétrons aglutinados nas camadas profundas, mais ligados ao núcleo, quando mudam de órbita deixam escapar raios mais curtos, a se graduarem na série dos raios X. Aplicada a teoria de Bohr em multifários setores da demonstração objetiva, ela alcançou encorajadoras confirmações e, com isso, dentro das possíveis definições terrestres, o cientista dinamarquês preparou o caminho a mais amplo entendimento da luz. **Estado radiante e raios X.** A Ciência da Terra acreditava antigamente que os átomos fossem corpúsculos eternos e indivisíveis. Elementos conjugados entre si entrelaçavam-se e se separavam, plasmando formas diversas. Seriam como vasto, mas limitado capital da vida de que a Natureza poderia dispor sem qualquer desperdício. No último quartel do século XIX, porém, singulares alterações marcaram os passos da Física. Retomando experiências iniciadas pelo cientista alemão Hittorf, William Crookes valeu-se de um tubo de vidro fechado, no qual obtinha grande rarefação do ar, fazendo passar, através dele, uma corrente elétrica, oriunda de alto potencial. Semelhante tubo poderia conter dois ou mais eletrodos (cátodos e ânodos, ou polos negativos e positivos, respectivamente), formados por fios de platina, e rematados em placas metálicas de substância e molde variáveis. Efetuada a corrente, o grande físico notou que do cátodo partiam raios que, atingindo a parede oposta do vidro, nela formavam certa luminosidade fluorescente. Crookes classificou como sendo radiante o estado em que se mostrava o gás contido no recipiente e declarou guardar a impressão de que conseguira reter os corpúsculos que entretecem a base física do Universo. Mas,

depois dele, aparece Roentgen, que lhe retoma as investigações e, projetando os raios catódicos sobre tela metálica, colocou a própria mão entre o tubo e pequena chapa recamada de substância fluorescente, observando que os ossos se destacavam, em cor escura, na carne que se fizera transparente. Os raios X ou raios Roentgen foram, desde então, trazidos à consideração do mundo. **Elétron e radioatividade.** O jovem pesquisador francês Jean Perrin, utilizando a ampola de Crookes e o eletroscópio, conseguiu positivar a existência do elétron, como partícula elétrica, viajando com rapidez vertiginosa. Pairava no ar a indagação sobre a massa e a expressão elétrica de semelhante partícula. Surge, todavia, José Thomson, distinto físico inglês, que, estudando-a do ponto de vista de um projétil em movimento, consegue determinar-lhe a massa, que é, aproximadamente, 1.850 vezes menor que a do átomo conhecido por mais leve, o hidrogênio, calculando-lhe, ainda, com relativa segurança, a carga e a velocidade. Os apontamentos objetivos, em torno do elétron, incentivaram novos estudos do infinitamente pequeno. Animado pelos êxitos dos raios de Roentgen, Henri Becquerel, com o auxílio de amigos espirituais, porque até então o gênio científico na Terra desconhecia o extenso cabedal radioativo do urânio, escolhe esse elemento para a pesquisa de novas fontes dos raios X e surpreende as radiações diferentes que encaminham o casal Curie à descoberta do rádio. A Ciência percebeu, afinal, que a radioatividade era como que a fala dos átomos, asseverando que eles nasciam e morriam ou apareciam e desapareciam no reservatório da Natureza. **Química Nuclear.** O contador de Geiger, emergindo no cenário das experimentações da Microfísica, demonstrou que, em cada segundo, de um grama de rádio se despreendem 36 bilhões de fragmentos radioativos da corrente mais fraca de raios emanantes desse elemento, perfazendo um total de 20.000 quilômetros de irradiação por segundo. No entanto, há tão grande quantidade de átomos de rádio, em cada grama desse metal, que somente no espaço de 16 séculos é que o seu peso fica reduzido à metade (NOTA DA EDITORA, em 1993: Este parágrafo, conforme está escrito, parece dizer que o tempo de meia-vida depende da quantidade de material, ou número de átomos de rádio, o que não condiz com o conhecimento que a Ciência tem do assunto. Lembra Emmanuel, no Prefácio, que André Luiz se serviu, nesta obra, de estudos e conclusões de cientistas da Terra, podendo, então, ter havido, quanto ao assunto em pauta, entendimento imperfeito ou do autor espiritual, ou do médium, ou da fonte científica da qual se originou o parágrafo.). Apreendendo-se que a radioatividade exprimia a morte dos sistemas atômicos, não seria possível apressar-lhes a desintegração controlada, com vistas ao aproveitamento de seus

potenciais energéticos? Rutherford lembrou que as partículas emanadas do rádio funcionam como projéteis vigorosos, e enchendo um tubo com azoto, nele situou uma parcela de rádio, reparando os pontos de queda dos corpúsculos eletrizados sobre pequena tela fosforescente. Descobriu, desse modo, que os núcleos do azoto, espancados em cheio pelas partículas radioativas alfa, explodiam, convertendo-se em hidrogênio e num isótopo do oxigênio. Foi realizada, assim, calculadamente, a primeira transmutação atômica pelo homem, originando-se, desde então, a chamada química nuclear, que culmina hoje com a artilharia atômica do ciclotron, estruturado por Lawrence, à feição de um eletroímã onde, acelerados por uma corrente de milhares de volts, em tensão alternada altíssima, projéteis atômicos bombardeiam os elementos a eles expostos, que se transmutam em outros elementos químicos conhecidos, acrescidos dos chamados radioisótopos, que o casal Joliot-Curie obteve pela primeira vez arremessando sobre o alumínio a corrente menos penetrante do rádio, constituída de núcleos do hélio, ou hélios. Surgiram, assim, os fecundos serviços da radioatividade artificial. Nossos apontamentos sintéticos objetivam apenas destacar a analogia do que se passa no mundo íntimo das forças corpusculares que entretecem a matéria física e daquelas que estruturam a matéria mental.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 2)

“FÓTONS E FLUIDO CÓSMICO. Estrutura da luz. Clerk Maxwell, centralizado nos estudos do eletromagnetismo, previra que todas as irradiações, inclusive a luz visível, pressionam os demais corpos. Observações experimentais com o jato de uma lâmpada sobre um feixe de poeira mostraram que o feixe se acurvou, como se impelido por leve corrente de força. Semelhante corrente foi medida, acusando insignificante percentagem de pressão, mas o bastante para provar que a luz era dotada de inércia. Os físicos eram defrontados pelo problema, quando Einstein, estruturando a sua teoria da relatividade, no princípio do século XX, chegou à conclusão de que a luz, nesse novo aspecto, possuiria peso específico. Isso implicava a existência de massa para a luz. Como conciliar vibração e peso, onda e massa? Intrigado, o grande cientista voltou às experiências de Planck e Bohr e deduziu que a luz de uma lâmpada resulta de sucessivos arremessos de grânulos luminosos, em relâmpagos consecutivos, a se desprenderem dela por todos os lados. Pesquisadores protestaram contra a assertiva, lembrando o enigma das difrações e das interferências, tentando demonstrar que a luz era constituída de vibrações. Einstein, contudo, recorreu ao efeito fotoelétrico – pelo qual a incidência de um raio luminoso sobre uma película de sódio ou potássio determina a expulsão de elétrons da mesma

película, elétrons cuja velocidade pode ser medida com exatidão –, e genialmente concebeu os grânulos luminosos ou fótons que, em se arrojando sobre os elétrons de sódio e potássio, lhes provoca o deslocamento, com tanto mais violência, quanto mais concentrada for a energia dos fótons. O aumento de intensidade da luz, por isso, não acrescenta velocidade aos elétrons expulsos, o que apenas acontece ante a incidência de uma luz caracterizada por oscilação mais curta. **“Saltos quânticos”.** A teoria dos “saltos quânticos” explicou, de certo modo, as oscilações eletromagnéticas que produzem os raios luminosos. No átomo excitado, aceleram-se os movimentos, e os elétrons que lhe correspondem, em se distanciando dos núcleos, passam a degraus mais altos de energias. Efetuada a alteração, os elétrons se afastam dos núcleos aos saltos, de acordo com o quadrado dos números cardinais, isto é, de 1 para 2 no primeiro salto, de 2 para 4 no segundo, de 3 para 9 no terceiro, de 4 para 16 no quarto, e assim sucessivamente. Na temperatura aproximada de 1.000 graus centígrados, os elétrons abandonam as órbitas que lhes são peculiares, em número sempre crescente, e, se essa temperatura atingir cerca de 100.000 graus centígrados, os átomos passam a ser constituídos somente de núcleos despojados de seus elétrons-satélites, vindo a explodir, por entrechoques, a altíssimas temperaturas. Reportando-nos, pois, à escala de excitação dos sistemas atômicos, vamos encontrar a luz, conhecida na Terra, como oscilação eletromagnética em comprimento médio de onda que nasce do campo atômico, quando os elétrons, erguidos a órbitas ampliadas pelo abastecimento de energia, retornam às suas órbitas primitivas, veiculando a sua energia de queda. Se excitarmos o átomo com escassa energia, apenas se altearão aqueles elétrons da periferia, capazes de superar facilmente a força atrativa do núcleo. Compreenderemos, portanto, que, quanto mais distante do núcleo, mais comprido será o salto, determinando a emissão de onda mais longa e, por esse motivo, identificada por menor energia. E quanto mais para dentro do sistema atômico se verifique o salto, tanto mais curta e, por isso, de maior poder penetrante, a onda exteriorizada. **“Efeito Compton”.** Buscando um exemplo, verificaremos que a estimulação das órbitas eletrônicas externas produzirá a luz vermelha, formada de ondas longas, enquanto que o mesmo processo de atrito nas órbitas que se lhe seguem, na direção do núcleo, originará a irradiação azul, formada de ondas mais curtas, e a excitação nas órbitas mais íntimas provocará a luz violeta, de ondas ainda mais curtas. Continuando-se a progressão de fora para dentro, chegaremos aos raios gama, que derivam das oscilações do núcleo atômico. Em todos esses processos de irradiação, o poder do fóton

depende do comprimento da onda em que se manifesta, qual ficou positivado no “efeito Compton”, pelo qual uma colisão provocada entre fótons e elétrons revela que os fótons, em fazendo ricochete no entrechoque, descarregam energia, baixando a frequência da própria onda e originando, assim, a luz mais avermelhada. **Fórmula de De Broglie.** A evidência do fóton vinha enriquecer a teoria corpuscular da luz. Entretanto, certos fenômenos se mantinham à margem, somente explicáveis pela teoria ondulatória que a Ciência não aceitara até então. Foi o estudioso físico francês, Luis De Broglie, que compareceu no cenário das contradições, enunciando o seguinte princípio: – “Compreendendo-se que as ondas da luz, em certas circunstâncias, procedem à feição de corpúsculos, por que motivo os corpúsculos de matéria, em determinadas condições, não se comportarão à maneira de ondas?” E acrescentava que cada partícula de matéria está acompanhada pela onda que a conduz. Suportando hostilidades e desafios, devotou-se a minuciosas perquirições e criou a fórmula para definir o comprimento da onda conjugada ao corpúsculo, entendendo-se, desde então, que os elétrons arremessados pela válvula de Roentgen, quando originam oscilações curtas, aproximadamente 10.000 vezes mais reduzidas que as da luz, são transportados por ondas tão curtas como os raios X. **Mecânica ondulatória.** Físicos distintos não se sentiam dispostos a concordar com as novas observações de De Broglie, alegando que a teoria se mostrava incompatível com o fenômeno da difração e pediam que o sábio lhes fizesse ver a difração dos elétrons, de vez que não admitiam a existência de corpúsculos desfrutando propriedades que, a seu ver, eram exclusivamente características das ondas. Pouco tempo decorrido, dois cientistas americanos projetaram um jato de elétrons sobre um cristal de níquel e registraram a existência da difração, de conformidade com os princípios de De Broglie. Desde então, a mecânica ondulatória instalou-se na Ciência, em definitivo. Mais da metade do Universo foi reconhecido como um reino de oscilações, restando a parte constituída de matéria igualmente suscetível de converter-se em ondas de energia. O mundo material como que desapareceu, dando lugar a tecido vasto de corpúsculos em movimento, arrastando turbilhões de ondas em frequências inumeráveis, cruzando-se em todas as direções, sem se misturarem. O homem passou a compreender, enfim, que a matéria é simples vestimenta das forças que o servem nas múltiplas faixas da Natureza e que todos os domínios da substância palpável podem ser plenamente analisados e explicados em linguagem matemática, embora o plano das causas continue para ele indevassado, tanto quanto para nós, as criaturas terrestres temporariamente apartadas da vida física.

“Campo de Einstein”. Conhecemos a gama das ondas, sabemos que a luz se desloca em feixes corpusculares que denominamos “fótons”, não ignoramos que o átomo é um remoinho de forças positivas e negativas, cujos potenciais variam com o número de elétrons ou partículas de força em torno do núcleo, informamos-nos de que a energia, ao condensar-se, surge como massa para transformar-se, depois, em energia; entretanto, o meio sutil em que os sistemas atômicos oscilam não pode ser equacionado com os nossos conhecimentos. Até agora, temos nomeado esse “terreno indefinível”, como sendo o “éter”; contudo, Einstein, quando buscou imaginar-lhe as propriedades indispensáveis para poder transmitir ondas características de bilhões de oscilações, com a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, não conseguiu acomodar as necessárias grandezas matemáticas numa fórmula, porquanto as qualidades de que essa **matéria** devia estar revestida não são combináveis, e concluiu que **ela não existe**, propondo abolir-se o conceito de “éter”, substituindo-o pelo conceito de “campo”. Campo, desse modo, passou a designar o espaço dominado pela influência de uma partícula de massa. Para guardarmos uma ideia do princípio estabelecido, imaginemos uma chama em atividade. A zona por ela iluminada é-lhe o campo peculiar. A intensidade de sua influência diminui com a distância do seu fulcro, de acordo com certas proporções, isto é, tornando-se $1/2$, $1/4$, $1/8$, $1/16$, etc., a revelar valor de fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero, porque, em teoria, o campo ou região de influência alcançará o infinito. A proposição de Einstein, no entanto, não resolve o problema, porque a indagação quanto à **matéria de base** para o **campo** continua desafiando o raciocínio, motivo pelo qual, escrevendo da esfera extrafísica, na tentativa de analisar, mais acuradamente, o fenômeno da transmissão mediúnica, definiremos o meio sutil em que o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico ou Hálito Divino, a força para nós inabordável que sustenta a Criação.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 3)

“UNIVERSO. PROPOSIÇÃO - É de todos os tempos o empenho audacioso do homem no sentido de interpretar o Universo, entender o mecanismo das galáxias, e, conseqüentemente, da vida, no campo da forma. Conceitos ingênuos, inspirados por emoções desvairadas e fantasias exorbitantes, constituíram por largos períodos de tempo como representações seguras da Engenharia Cósmica. Dados matemáticos e estudos profundos, milenarmente reunidos, vêm a pouco e pouco, porém, estabelecendo o plano inicial da mecânica celeste, em programado sonho de elucidar os perfeitos sistemas de mundos que gravitam nos espaços siderais. De Tales de Mileto, pesquisando a eletricidade do âmbar, a Faraday e Oersted, no

campo eletromagnético, de Galileu, com as suas lunetas humildes, aos Drs. Frank Drake e K. Menon, desenvolvendo o “Projeto Ozma” através de um radiotelescópio parabólico de 26m, tentando escutar os sons provindos de Tau de Ceti e Epsilon de Eridano, a 112 trilhões de quilômetros de distância, vão-se estabelecendo novos recordes no estudo do Universo. Todas as pesquisas têm, todavia, tentado estabelecer as linhas básicas mediante as quais surgiu o nosso Sistema Solar e, em decorrência disso, os demais sistemas espalhados pelos bilhões e bilhões de galáxias que se expandem pelo Infinito... Até a pouco se acreditava que os planetas eram consequências de “acidentes” decorrentes de colisões. Hoje, porém, concluiu-se que o nosso Sol como as demais estrelas são o resultado da “contração gravitacional de poeira e gás interestelares”. No entanto, toda e qualquer proposição, por mais fantástica, estruturada em cálculos surpreendentes, ainda resulta como pálido reflexo dos efeitos secundários que permitirão ao homem encontrar o Criador a revelar-se através da Sua Obra, conforme a afirmação de Allan Kardec. ESQUEMATIZAÇÃO - Anaxágoras, quinhentos anos antes de Jesus, informava que “tudo quanto vemos é uma visão do invisível”, introduzindo nos seus estudos filosóficos o espírito, e facultando às elucubrações do pensamento seguros dados para observações rigorosas no campo da forma. Logo depois, Demócrito de Abdera, escrevia: “Doce e amargo, frio e quente, assim como as diversas cores, todas essas coisas só existem na opinião, e não na realidade; o que na verdade existe são partículas imutáveis, os átomos e seus movimentos no espaço vazio”, abrindo o campo para divagações e estudos que culminariam nas profundas observações do matemático alemão Leibniz ou de Berkeley, ao afirmar: “Todo o conjunto do céu e o que guarnece a Terra, ou numa só palavra: todos os corpos que formam a poderosa estrutura do mundo não possuem qualquer substância senão a que lhes dê o espírito... Se eles não são realmente percebidos por mim, ou não existem em meu espírito, nem no de nenhuma outra criatura, de duas, uma: ou não têm existência ou subsistem apenas na mente de algum Espírito Eterno.” Foi, todavia, mais tarde que se abandonaram as teorias mecânicas para que se adotassem as abstrações matemáticas, quando Max Planck apresentou a Teoria dos Quanta, objetivando resolver diversos problemas defrontados nos seus estudos sobre a radiação. Aplicando a Teoria dos Quanta, Einstein conseguiu desvendar o efeito fotoelétrico, facultando à Física importantes observações. Louis de Broglie sugeriu, então, que se “considerassem os elétrons não como simples partículas, mas como sistemas de ondas”, modificando inteiramente o conceito vigente, no que foi apoiado por Sir James Jeans e Schroedinger,

que desenvolveu a ideia sob um sistema matemático, que denominou por “mecânica ondulatória”. Posteriormente, Heisenberg e Born desenvolveram novas técnicas matemáticas, conseguindo descrever os fenômenos quânticos em termos de ondas como em termos de partículas, modificando enormemente a filosofia da Ciência. Einstein, discordando da Teoria do “éter” e do “espaço como sistema ou arcabouço fixo, em absoluto repouso, dentro do qual fosse possível distinguir o movimento absoluto ou relativo”, reuniu tudo num postulado fundamental e apresentou a Teoria da Relatividade, que modificou completamente a conceituação do Universo mecânico, estruturando-o sobre outros dados. Prosseguindo em incessantes interpretações, concebeu depois a Teoria do Campo Unificado, que se transformaria logo mais numa verdadeira ponte entre os dois sistemas: do Quanta e da Relatividade. Os estudos prosseguiram afanosos e a Ciência hoje consegue explicar com relativa segurança a formação das galáxias, da poeira cósmica e das estrelas, dos átomos e do mundo subatômico; todavia, tudo isto repousa no pressuposto real do que já existia: quanta de energia, nêutrons livres, essência cósmica ou o que se deseje denominar, constituindo o sublime Universo. E foi por essa razão, após minuciosa análise, que o próprio Einstein asseverou: “Minha religião consiste em humilde admiração do espírito superior e ilimitado que se revela nos menores detalhes que podemos perceber com os nossos espíritos frágeis e duvidosos. Essa convicção profundamente emocional na presença de um poder raciocinante superior, que se revela no incompreensível universo, é a ideia que faço de Deus.” “(...) E Deus fez a luz” - afirmam as mais remotas tradições históricas do Conhecimento, fundamentadas na análise dos livros religiosos da Humanidade, encarregados de interpretar no seu simbolismo os movimentos primeiros da Criação, no nosso Sistema Solar. E ao fazer-se a luz, simplesmente foi facultado que o Sol aquecesse, iluminasse a Terra e os demais áulicos que gravitam em sua órbita, após, obviamente, tê-los elaborado e guindado nas Leis da Gravitação Universal, em milênios e milênios, mediante os quais os Engenheiros Galácticos estabeleceram em Seu Nome as forças de atração e repulsão, que os sustentam nos planos espaciais. Nos cem bilhões de sóis da Via Láctea e nos cem milhões de galáxias, que aproximadamente existem, na sua quase totalidade maiores do que a nossa, palidamente se configuram os planos do Universo desafiando a inteligência humana, a fim de que o homem penetre no Amor e o amor responda sobre a grandeza da Vida, pois que todos os demais caminhos sem o amor conduzem, normalmente, à falência dos desejos e ambições, com pesados tributos de desenganos e frustrações. Acompanhando a

jornada de um átomo de carbono pode-se isto compreender. Nasce ele invariavelmente numa estrela, em três etapas distintas. Quando dois prótons se chocam um deles perde a carga elétrica e transforma-se num nêutron, formando outra substância, o deutério ou hidrogênio pesado. Mais tarde, esse núcleo capta outro próton e nêutron transformando-se em um núcleo de hélio. Esta é a primeira etapa. De quando em quando ocorre que três átomos de hélio se chocam de uma só vez e formam, então, o núcleo de carbono. Após essa segunda etapa a estrela explode, graças à pesada carga de átomos e estes são espalhados pelo oceano tênue do hidrogênio que invade o espaço. Por fim, quando uma nova estrela começa a formar-se desse hidrogênio, capta alguns dos átomos existentes de carbono e de outros que reúne e os misturam na sua estrutura. Continua, então, esse átomo a jornada interminável pelos diversos reinos da Natureza até um dia atingir o homem e perder-se no ar dos pulmões de algum ser, num turbilhão de aproximadamente 10 octilhões de átomos (no pulmão humano), respirando-se, assim, o mesmo átomo que esteve em outros pulmões e poderá ser respirado por futuros seres. Esse átomo de carbono está imutável viajando há aproximadamente quatro bilhões de anos ou talvez mais, podendo desaparecer somente numa estrela nova, vitimado por colisões atômicas violentíssimas que o desagregarão, vindo a formar novos átomos outros... Concepções mirabolantes, portanto, nascem cada dia e continuam chamando a atenção dos estudiosos para o Universo. Ora são os quasares, que emitem enormes quantidades de energia, ora outra são os “buracos”, fazendo que imaginações que raíam à ficção suspeitem que em 70 bilhões de anos, aproximadamente, do Universo nada mais existirá senão um imensurável “buraco negro”... DEDUÇÃO - “Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas” - asseverou sabiamente Jesus, e após ensinar as lições da fraternidade e do amor partiu para o Seu Reino, preparando para o homem - sua meta sublime, seu fanal! - A morada definitiva, onde a sombra, a dor e a morte, não possuindo dimensão ou legitimidade, são fantasmas desvanecidos pelo sopro da realidade. Estudando a estrutura de um átomo a Ciência miniaturiza para o entendimento humano as possíveis constituições do Universo... Acima, porém, e imediatamente antes que o homem não se penetre da necessária capacidade de entender as gloriosas elaborações da “Casa do Pai”, deverá mergulhar no labirinto de si mesmo e compreender a urgência de aplicar as regras do Evangelho de Jesus no comportamento diário, para habitá-la e fruí-la por fim, quando despojado da pesada indumentária dos parcos sentidos.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 2)

I.2. Elementos constitutivos do Universo: matéria, fluido universal e espírito

“DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO. CONHECIMENTO DO PRINCÍPIO DAS COISAS.

17. É dado ao homem conhecer o princípio das coisas? “Não, Deus não permite que ao homem tudo seja revelado neste mundo.” **18.** Penetrará o homem um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas? “O véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ainda não possui.” **19.** Não pode o homem, pelas investigações científicas, penetrar alguns dos segredos da Natureza? “A Ciência lhe foi dada para seu adiantamento em todas as coisas; ele, porém, não pode ultrapassar os limites que Deus estabeleceu.” Quanto mais consegue o homem penetrar nesses mistérios, tanto maior admiração lhe devem causar o poder e a sabedoria do Criador. Entretanto, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência o faz juguete da ilusão. Ele amontoa sistemas sobre sistemas e cada dia que passa lhe mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades rejeitou como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho. **20.** Dado é ao homem receber, sem ser por meio das investigações da Ciência, comunicações de ordem mais elevada acerca do que lhe escapa ao testemunho dos sentidos? “Sim, se o julgar conveniente, Deus pode revelar o que à ciência não é dado apreender.” Por essas comunicações é que o homem adquire, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu futuro. **ESPÍRITO E MATÉRIA. 21.** A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por ele em dado momento? “Só Deus o sabe. Há uma coisa, todavia, que a razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que logreis figurar o início de sua ação, podereis concebê-lo ocioso, um momento que seja?” **22.** Define-se geralmente a matéria como sendo — o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. São exatas estas definições? “Do vosso ponto de vista, elas o são, porque não falais senão do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria.” **a)** — Que definição podeis dar da matéria? “A matéria é o laço que prende o espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação.” Deste ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o espírito. **23.** Que é o espírito? “O princípio inteligente do Universo.” **a)** — Qual a natureza íntima do

espírito? “Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vós, ele nada é, por não ser palpável. Para nós, entretanto, é alguma coisa. Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.” **24.** É o espírito sinônimo de inteligência? “A inteligência é um atributo essencial do espírito. Uma e outro, porém, se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós, são a mesma coisa.” **25.** O espírito independe da matéria, ou é apenas uma propriedade desta, como as cores o são da luz e o som o é do ar? “São distintos uma do outro; mas, a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria.” **a)** — Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades que por esse nome se designam.) “É necessária a vós outros, porque não tendes organização apta a perceber o espírito sem a matéria. A isto não são apropriados os vossos sentidos.” **26.** Poder-se-á conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito? “Pode-se, é fora de dúvida, pelo pensamento.” **27.** Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito? “Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.” **a)** — Esse fluido será o que designamos pelo nome de eletricidade? “Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente.” **28.** Pois que o espírito é, em si, alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão dar aos dois elementos gerais as designações de — matéria inerte e matéria inteligente? “As palavras pouco nos importam. Compete-vos a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase

sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos.” Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se promanam ou não de uma só fonte; se há pontos de contato entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme à opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos. Elas se nos mostram como sendo distintas; daí o considerarmo-las formando os dois princípios constitutivos do Universo. Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema é que chamamos Deus.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo II)

“DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO. [...] PROPRIEDADES DA MATÉRIA. 29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria? “Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada.” A gravidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo. **30.** A matéria é formada de um só ou de muitos elementos? “De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva.” **31.** Donde se originam as diversas propriedades da matéria? “São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias.” **32.** De acordo com o que vindes de dizer, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutar dos corpos não passam de modificações de uma única substância primitiva? “Sem dúvida e que só existem devido à disposição dos órgãos destinados a percebê-las.” A demonstração deste princípio se encontra no fato de que nem todos percebemos as qualidades dos corpos do mesmo modo: enquanto que uma coisa agrada ao gosto de um, para o de outro é detestável; o que uns veem azul, outros veem vermelho; o que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou salutar. **33.** A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades? “Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!” Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar-se, pela ação da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um

gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que não há mais de um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos são apenas modificações desse elemento, o que se segue é que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que se compõe de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, se torna corrosiva, duplicando-se a proporção do oxigênio. Transformação análoga se pode produzir por meio da ação magnética dirigida pela vontade. O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são meras modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores consequências, tê-los como tais, até nova ordem. **a)** — Não parece que esta teoria dá razão aos que não admitem na matéria senão duas propriedades essenciais: a força e o movimento, entendendo que todas as demais propriedades não passam de efeitos secundários, que variam conforme à intensidade da força e à direção do movimento? “É acertada essa opinião. Falta somente acrescentar: e conforme à disposição das moléculas, como o mostra, por exemplo, um corpo opaco, que pode tornar-se transparente e vice-versa.” **34.** As moléculas têm forma determinada? “Certamente, as moléculas têm uma forma, porém não sois capazes de apreciá-la.” **a)** — Essa forma é constante ou variável? “Constante a das moléculas elementares primitivas; variável a das moléculas secundárias, que mais não são do que aglomerações das primeiras. Porque, o que chamais molécula longe ainda está da molécula elementar.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo II)

“URANOGRAFIA GERAL. (Este capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título — *Estudos uranográficos* e assinadas GALILEU. Médiun: C. F. *Nota do Tradutor:* Estas são as iniciais do nome de Camilo Flammarion.) [...] **A MATÉRIA. 3.** À primeira vista, não há o que pareça tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto, como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a Arte ou a Natureza nos fazem passar diariamente ante o olhar, haverá duas que revelem perfeita identidade, ou, sequer, paridade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro, entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da

animalidade na Terra! Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são, de fato, apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam. **4.** A Química, cujos progressos foram tão rápidos depois da minha época, em a qual seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia; ciência que se pode considerar, com justiça, filha do século da observação e baseada unicamente, de maneira bem mais sólida do que suas irmãs mais velhas, no método experimental; a Química, digo, fez tábua rasa dos quatro elementos primitivos que os antigos concordaram em reconhecer na Natureza; mostrou que o elemento terrestre mais não é do que a combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e produtos de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, é apenas um estado da matéria, resultante do movimento universal a que esta se acha submetida e de uma combustão sensível ou latente. Em compensação, fez surgir considerável número de princípios, até então desconhecidos, que lhe pareceram formar, por determinadas combinações, as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que atuam simultaneamente, segundo certas leis e em certas proporções, nos trabalhos que se realizam dentro do grande laboratório da Natureza. Deu a esses princípios o nome de *corpos simples*, indicando de tal modo que os considera primitivos e indecomponíveis e que nenhuma operação, até hoje, pode reduzi-los a frações relativamente mais simples do que eles próprios. Os principais corpos simples são: entre os não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc. (Vide nota especial à pág. 178) **5.** Mas, onde param as apreciações do homem, mesmo ajudadas pelos mais impressionantes sentidos artificiais, prossegue a obra da Natureza; onde o vulgo toma a aparência como realidade, onde o prático levanta o véu e percebe o começo das coisas, o olhar daquele que pode apreender o modo de agir da Natureza apenas vê, nos materiais constitutivos do mundo, a *matéria cósmica* primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões na época do aparecimento destas, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, e que um dia se desmembram, por efeitos da decomposição no receptáculo da extensão. **6.** Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos

aprofundar e sobre as quais não poderemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas. Sobre essas questões, calar-me-ei, ou justificarei à minha maneira de ver. A com que nos ocupamos, porém, não pertence a esse número. Àqueles, portanto, que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, direi: abarcaí, se for possível, com olhar investigador, a multiplicidade das operações da Natureza e reconheceréis que, caso não se admita a unidade da matéria, impossível será explicar, já não direi somente os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção dum inseto. **7.** Caso se observe tão grande diversidade na matéria, é porque, sendo em número ilimitado as forças que hão presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas. Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva; o *cosmo*, ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“URANOGRAFIA GERAL. [...] AS LEIS E AS FORÇAS. 8. Se um desses seres desconhecidos que consomem a sua efêmera existência no fundo das tenebrosas regiões do oceano; se um desses poligástricos, uma dessas nereidas — miseráveis animálculos que da Natureza mais não conhecem do que os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo e de basear suas apreciações num raciocínio conjectural extensivo à universalidade das coisas, que ideia faria da natureza viva que se desenvolve no meio por ele habitado e do mundo terrestre que escapa ao campo de suas observações? Se, agora, por maravilhoso efeito do poder da sua nova faculdade, esse mesmo ser chegasse a elevar-se, acima das suas trevas eternas, a galgar a superfície do mar, não distante das margens opulentas de uma ilha de esplêndida vegetação, banhada pelo Sol fecundante, dispensador de calor benéfico, que juízo faria ele das suas antecipadas teorias sobre a criação universal? Não as baniria, de pronto, substituindo-as por uma apreciação mais ampla, relativamente tão incompleta quanto a primeira? Tal, ó homens, a imagem da vossa ciência toda especulativa. **9.** Vindo, pois, tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu, que apenas sou, como vós, um ser relativamente ignorante, em face da ciência real, malgrado a aparente superioridade que, com relação aos meus irmãos da Terra, me advém da possibilidade de estudar problemas naturais que lhes são interditos na posição em que eles se encontram como terrícolas, trago por único objetivo

dar-vos uma noção geral das leis universais, sem explicar pormenorizadamente o modo de ação e a natureza das forças especiais que lhes são dependentes.

10. Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica* primitiva, geradora do mundo e dos seres. São-lhe inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de *gravidade*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo*, *eletricidade ativa*. Os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de *som*, *calor*, *luz*, etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, revelam outros caracteres desconhecidos na Terra e, na imensa amplidão dos céus, forças em número indefinito se têm desenvolvido numa escala inimaginável, cuja grandeza tão incapaz somos de avaliar, como o é o crustáceo, no fundo do oceano, para apreender a universalidade dos fenômenos terrestres. Tudo reportamos ao que conhecemos e do que escapa à percepção dos nossos sentidos não compreendemos mais do que compreende o cego de nascença acerca dos efeitos da luz e da utilidade dos olhos. Possível é, pois, que noutros meios, o fluido cósmico possua propriedades, seja suscetível de combinações de que não fazemos nenhuma ideia, produza efeitos apropriados a necessidades que desconhecemos, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz. Quem nos diz, porém, que não existam outros agentes, afora a luz, aos quais são adequados organismos especiais? A vista sonambúlica, que nem a distância, nem os obstáculos materiais, nem a obscuridade detêm, nos oferece um exemplo disso. Suponhamos que, num mundo qualquer, os seres sejam normalmente o que só excepcionalmente o são os nossos sonâmbulos; eles, sem precisarem da nossa luz, nem dos nossos olhos, verão o que não podemos ver. O mesmo se dá com todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam de conformidade com os meios. Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos designios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade. **11.** A Natureza jamais se encontra em oposição a si mesma. Uma só é a divisa do brasão do Universo: *unidade-variedade*. Remontando à escala dos mundos, encontra-se *unidade* de harmonia e de

criação, ao mesmo tempo que uma variedade infinita no imenso jardim de estrelas. Percorrendo os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, patenteia-se a grande lei de continuidade. Considerando as forças em si mesmas, pode-se formar com elas uma série, cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal. Não podeis apreciar esta lei em toda a sua extensão, por serem restritas e limitadas as forças que a representam no campo das vossas observações. Entretanto, a gravitação e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação da lei primordial, que impera para lá dos céus. Todas essas forças são eternas — explicaremos este termo — e universais, como a criação. Sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e em toda parte, modificando suas ações pela simultaneidade ou pela sucessividade, predominando aqui, apagando-se ali, pujantes e ativas em certos pontos, latentes ou ocultas noutros, mas, afinal, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os maravilhosos trabalhos da Natureza, onde quer que eles se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“URANOGRAFIA GERAL. [...] A CRIAÇÃO UNIVERSAL. 17. Após haver remontado, tanto quanto o permitia a nossa fraqueza, em direção à fonte oculta donde dimanam os mundos, como de um rio às gotas d’água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais. A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno. A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas. **18.** Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal,

animal ou qualquer outra — porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração. As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos. Muito importa nos compenetrarmos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador. Efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“FLUIDOS MATERIAIS E FLUIDOS ESPIRITUAIS. 1º - Serão os fluidos correntes de electrônios? **2º** - Serão essas correntes de duas naturezas – uma para atuar sobre a matéria e outra sobre o Espírito preso a essa matéria? **3º** - A corrente espiritual será formada pelas ondas eletrônicas? **4º** - O electrônio da corrente espiritual será o mesmo da corrente material? **1º** - A ciência terrestre classifica o electrônio como a derradeira unidade de matéria, de carga elétrica negativa. No mundo do Infinitesimal, porém, temos um caminho ilimitado e progressivo a percorrer. O homem, diante da incapacidade da sua estrutura e em face da sua zona sensorial limitada, não consegue ir além, no labirinto de segredos do microcosmo e, para que nos façamos entendidos, não podemos convir convosco em que os fluidos, de um modo geral, sejam correntes de electrônios, ainda mesmo considerando-se a necessidade de representar-se, com essa unidade, uma base para a vossa possibilidade de compreensão e de análise, porque os electrônios são ainda expressões de matéria em estado de grande rarefação. **2º, 3º e 4º** - Embora sintéticas, pela sua construção fraseológica, essas proposições são bastante complexas em si mesmas. As correntes de fluidos espirituais têm a sua organização particular e estão aptas a determinar a transformação das correntes de força material, em qualquer circunstância. Seria aconselhável nunca se confundir as ondas eletrônicas com os fluidos de natureza espiritual. A matéria, atingindo sublimidades de quintessência, quase se confunde no plano puro do espírito, constituindo tarefa difícil para o eletromagnetismo positivar onde termina uma e onde começa outro. Ainda agora, os cientistas, investigando a natureza da radioatividade em todos os corpos da matéria viva, perguntam ansiosos qual a fonte permanente e inesgotável onde

os corpos absorvem, incessante e automaticamente, os elementos necessários a essa perene e inextinguível irradiação. No que se refere às ondas eletrônicas ou aos elementos radioativos da matéria em si mesma, essa fonte reside, sem dúvida, na energia solar, que vitaliza todo o organismo planetário. O orbe terrestre é um grande magneto, governado pelas forças positivas do Sol. Toda matéria tangível representa uma condensação de energia dessas forças sobre o planeta e essa condensação se verifica debaixo da influência organizadora do princípio espiritual, preexistindo a todas as combinações químicas e moleculares. É a alma das coisas e dos seres o elemento que influi no problema das formas, segundo a posição evolutiva de cada unidade individual. Todas as correntes eletrônicas, portanto, ou ondas de matéria rarefeita, são elementos subordinados às correntes de fluidos ou vibrações espirituais; aquelas são os instrumentos passivos, estas as forças ativas e renovadoras do Universo. Os corpos terrestres encontram no Sol a fonte mantenedora de suas substâncias radioativas, mas todas essas correntes de energia são inconscientes e passivas. Os Espíritos, por sua vez, encontram em Deus a fonte suprema de todas as suas forças, em perene evolução, no drama dinâmico dos sistemas. As correntes fluídicas no mundo espiritual são, pois, vibrações da alma consciente, dentro da sua gloriosa imortalidade. Concluímos, assim, que há fluidos materiais e fluidos espirituais; que os primeiros são elementos inconscientes e passivos e os últimos a força eterna e transformadora dos mundos, salientando-se que uma só lei rege a vida, em sua identidade substancial. Nas ondas eletrônicas, filhas da energia solar, chama-se-lhe afinidade, magnetismo, atração, e, nas correntes de fluidos espirituais, filhas da alma, partícula divina, chama-se-lhe misericórdia, simpatia, piedade e amor. Nessa lei única, que liga a Criação ao seu Criador e da qual estudamos os fenômenos isolados, desenrola-se o drama da evolução do espírito imortal.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXII)

“OS PODERES DO ESPÍRITO. Grande será o dia em que todos os homens reconhecerem sobre a matéria a soberana influência do Espírito. Toda a imensa bagagem de progresso das civilizações não se fez sem o princípio espiritual: dele, as menores coisas dependeram, como ainda dependem; do seu reconhecimento, por parte de quantos habitam o orbe, advirão os esplendores da época de luz e de esclarecimento. Esse tempo há de assinalar a época da crença pura e reconfortadora das almas, como manancial de esperanças; só esse surto de espiritualidade pode vivificar as construções religiosas, combatidas atualmente pelos abusos da grande maioria dos seus expositores, que, traindo os seus compromissos, se desviaram do píncaro luminoso do exemplo para o chavascal de mesquinhas materialidades. **OS MENDIGOS DA**

SABEDORIA. Nos últimos tempos, a sede humana de saber o que existe além da Terra tem feito com que o homem engendre as mais fantasiosas teorias concernentes aos mistérios do ser e do destino, sobre o orbe terreno; no afã de estraçalhar os véus espessos que cobrem os enigmas da sua evolução, muitos foram os que descambaram para terrenos perigosos, onde encontram, apenas, os espinhos do ateísmo dissolvente. Esses Espíritos que, torturados com os problemas da vida, aí se entregam à criação de engenhosos sistemas, afiguram-se-nos desesperados à porta da sabedoria, orgulhosos na sua impotência e na sua incapacidade. Muitos deles, anos e anos, persistem no mesmo trabalho e no mesmo esforço, alegando não terem encontrado o espírito em suas indagações científicas, abandonando a vida material com um passado que os encobre pela atividade, bem-intencionada, por eles despendida, mas desolados, em reconhecendo infrutuosos os seus esforços, que outra coisa não conseguiram senão lançar a descrença e a confusão nas almas. **INSUFICIÊNCIA SENSORIAL.** Reconhecem, então, a insuficiência sensorial que lhes obstava a compreensão do verdadeiro panorama da vida, no seu desdobramento universal; sentem a exiguidade dos sentidos do homem carnal e a relatividade de suas funções, ao penetrarem no domínio de vibrações que se lhes conservaram inacessíveis, chegando à conclusão de que as filosofias não podem ser substituídas pelas ciências positivas, e que sobre o mundo físico e objetivo paira uma região transcendente, onde a investigação não se pode fazer sentir, à falta de elementos de ordem material. **A INÚTIL TENTATIVA.** É inútil a tentativa de afastamento do Espírito na obra da evolução terrena. É ele, desde os primórdios da Civilização, a alma de todas as realizações; e indestrutível é a doutrina biológica do vitalismo, porque o sistema do monismo e o mecanicismo da seleção natural, se satisfazem a algumas questões insuladas, não resolvem os problemas mais importantes da vida. O princípio das espécies, a origem dos instintos, as organizações primitivas das raças, das sociedades e das leis, só as teorias espiritualistas explicam satisfatoriamente. **TUDO É VIBRAÇÃO ESPIRITUAL.** Já não nos referindo aos poderes plásticos do Espírito, no tocante às questões fisiológicas, quais sejam as dos fenômenos osmóticos, a autonomia de certos órgãos que parecem independentes na sua ação dentro do organismo, o trabalho da célula que fabrica a antitoxina apta a destruir o micróbio que a ataca, a estrutura do princípio fetal, os sinais de nascença que a Ciência tem negado, baseando-se na ausência de ligação nervosa entre o feto e o organismo materno, desçamos ao mundo zootécnico. Somente a intervenção do princípio espiritual explica as metamorfoses dos insetos, o mimetismo, como o embrião dos instintos e das possibilidades do

futuro. Tudo, nos domínios da matéria, se concatena e se reúne, sob a orientação de um princípio estranho às suas qualidades amorfas. **A MATÉRIA.** A matéria não organiza, é organizada. E não representa senão uma modalidade da energia esparsa no Universo. Os seus elementos não fazem outra coisa senão submeter-se às injunções do Espírito; e é a soberana influência deste último que elucida todos os problemas intrincados dos seres e dos destinos, É ao seu apelo, cedendo aos seus desejos, que todas as matérias brutas se vêm rarefazendo, oferecendo aspectos novos e delicados. A Civilização, as conquistas científicas e as concepções religiosas representam o fruto dos labores dos Espíritos que, na Terra, se iniciaram nos trabalhos que regeneram e aperfeiçoam. O que lhes compete, na atualidade é o não estacionamento nos domínios conquistados, laborando para que os ideais de justiça, de verdade e de paz se concretizem na face do orbe. É nessa tarefa bendita que devem concentrar os seus esforços para que o planeta terrestre não veja sucumbir, na aluvião de insânias das guerras, o seu patrimônio de progressos, obtidos à custa de trabalhos penosos e ingentes sacrifícios.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXV)

1.3. Toda matéria é energia condensada

“**NOS CÍRCULOS DA MATÉRIA.** Superando as vulgaridades que lhe assinalam a romagem na carne, o Espírito reconhece a sua posição de internado nos círculos da matéria que, a seu turno, é simplesmente o conjunto das vidas inferiores, suscetível de ser examinado pela nossa capacidade de apreciação. Em seus múltiplos estados, a matéria é força coagulada, dentro de extensas faixas dinâmicas, guardando a entidade mental de tipos diversos, em seu longo roteiro evolutivo. Corpos sólidos, líquidos, gasosos, fluidos densos e radiantes, energias sutis, raios de variadas espécies e poderes ocultos tecem a rede em que a nossa consciência se desenvolve, na expansão para a imortalidade gloriosa. O homem é gênio divino em aperfeiçoamento ou um anjo nascituro, no grande império das existências microscópicas, em cujo âmbito é escravo natural das ordenações superiores e legítimo senhor das potências menores. Em torno dele tudo é movimento, transformação e renovação. No seio multifário da natureza em que se agita, tudo se modifica no embate turbilhonário das energias que lhe favorecem a experiência e a ascensão. Embora a ordem dominante nos elementos infra infinitesimais, tudo aí se desfaz e se refaz incessantemente, oferecendo ao Espírito fases importantes de materialização e desmaterialização, dentro de leis sistemáticas que funcionam em igualdade de condições para todos. Mas, além dos elementos químicos analisados, entre o hidrogênio e

o urânio, que se agrupam no Planeta, através de infinitas combinações, jazem as linhas de força do mundo subatômico, geradas pelos potenciais elétricos e magnéticos que presidem a todos os fenômenos da vida e, por trás dessas linhas positivas, neutras ou negativas, que constituem a matéria, verdadeira aglomeração de sistemas solares microscópicos e de nebulosas infinitesimais, permanece o pensamento que tudo cria, renova e destrói para refazer. A energia mental é o fermento vivo que improvisa, altera, constringe, alarga, assimila, desassimila, integra, pulveriza ou recompõe a matéria em todas as dimensões. Por isso mesmo, somos o que decidimos, possuímos o que desejamos, estamos onde preferimos e encontramos a vitória, a derrota ou a estagnação, conforme imaginamos. A história da Criação, no livro de Moisés, idealizando o Senhor diante do abismo, simboliza a força da mente e perante o cosmo. “Faça-se a Luz - determinou a Divina Vontade - e a luz se fez sobre as trevas”. Por nossa vez, cada dia, proclamamos com as nossas ideias, atitudes, palavras e atos: - “Faça-se o destino!” E a vida nos traz aquilo que dela reclamamos. Os acontecimentos obedecem às nossas intenções e provocações manifestas ou ocultas. Encontraremos o que merecemos, porque merecemos o que buscamos. A existência, pois, para nós, em qualquer parte, será invariavelmente segundo pensamos.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 5)

“[...] Cabe-nos assinalar, desse modo, que, na essência, toda a matéria é energia tornada visível e que toda a energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação, cujas leis nos conservam e prestigiam o bem praticado, constringendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o Bem de Todos é o seu Eterno Princípio. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 1)

“A Ciência do século XX, estudando a constituição da matéria, caminha de surpresa a surpresa, renovando aspectos de sua conceituação milenar. Não obstante a teoria de Leucipo, o mentor de Demócrito, o qual, quase cinco séculos antes do Cristo, considerava todas as coisas formadas de partículas infinitesimais (átomos), em constante movimentação, a cultura clássica prosseguiu detida nos quatro princípios de Aristóteles, a água, a terra, o ar e o fogo, ou nos três elementos hipostáticos dos antigos alquimistas, o enxofre, o sal e o mercúrio, para explicar as múltiplas combinações no campo da forma. No século XIX, Dalton concebe cientificamente a teoria corpuscular da matéria, e um maravilhoso período de investigações se inicia, através de inteligências respeitabilíssimas, renovando ideias e concepções em volta da chamada “partícula indivisível”. Extraordinárias descobertas descortinam novos e grandiosos

horizontes aos conhecimentos humanos. Crookes surpreende o estado radiante da matéria e estuda os raios catódicos. Röntgen observa que radiações Invisíveis atravessam o tubo de Crookes envolvido por uma caixa de papelão preto, e conclui pela existência dos raios X. Henri Becquerel, seduzido pelo assunto, experimenta o urânio, à procura de radiações do mesmo teor, e encontra motivos para novas indagações. O casal Curie, intrigado com o enigma, analisa toneladas de pechblenda e detém o rádio. Velhas afirmações científicas tremem nas bases. Rutherford, à frente de larga turma de pioneiros, inicia preciosos estudos, em torno da radioatividade. O átomo sofre irresistível perseguição na fortaleza a que se acolhe e confia ao homem a solução de numerosos segredos. E, desde o último quartel do século passado, a Terra se converteu num reino de ondas e raios, correntes e vibrações. A eletricidade e o magnetismo, o movimento e a atração palpitam em tudo. O estudo dos raios cósmicos evidencia as fantásticas energias espalhadas no Universo, provendo os físicos de poderosíssimo instrumento para a investigação dos fenômenos atômicos e subatômicos. Bohrs, Planck, Einstein erigem novas e grandiosas concepções. O veículo carnal agora não é mais que um turbilhão eletrônico, regido pela consciência. Cada corpo tangível é um feixe de energia concentrada. A matéria é transformada em energia, e esta desaparece para dar lugar à matéria. Químicos e físicos, geômetras e matemáticos, erguidos à condição de investigadores da verdade, são hoje, sem o desejarem, sacerdotes do Espírito, porque, como consequência de seus porfiados estudos, o materialismo e o ateísmo serão compelidos a desaparecer, por falta de matéria, a base que lhes assegurava as especulações negativistas. Os laboratórios são templos em que a inteligência é concitada ao serviço de Deus e, ainda mesmo quando a cerebração se perverte, transitoriamente subornada pela hegemonia política, geradora de guerras, o progresso da Ciência, como conquista divina, permanece na exaltação do bem, rumo a glorioso porvir. O futuro pertence ao Espírito! E, meditando no amanhã da coletividade terrestre, André Luiz organizou estas ligeiras páginas, em torno da mediunidade, compreendendo a importância, cada vez maior, do intercâmbio espiritual entre as criaturas. Quanto mais avança na ascensão evolutiva, mais seguramente percebe o homem a inexistência da morte como cessação da vida. E agora, mais que nunca, reconhece-se na posição de uma consciência retida entre forças e fluidos, provisoriamente aglutinados para fins educativos. Compreende, pouco a pouco, que o túmulo é porta à renovação, como o berço é acesso à experiência, e observa que o seu estágio no Planeta é uma viagem com destino às estações do Progresso Maior. E, na

grande romagem, todos somos instrumentos das forças com as quais estamos em sintonia. Todos somos médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio, associando-nos às energias edificantes, se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, ou às forças perturbadoras e deprimentes, se ainda nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada. Cada criatura com os sentimentos que lhe caracterizam a vida íntima emite raios específicos e vive na onda espiritual com que se identifica. Semelhantes verdades não permanecerão semiocultas em nossos santuários de fé. Irradiar-se-ão dos templos da Ciência como equações matemáticas. E enquanto variados aprendizes focalizam a mediunidade, estudando-a da Terra para o Céu, nosso amigo procura analisar-lhe a posição e os valores, do Céu para a Terra, colaborando na construção dos tempos novos. Todavia, o que destacamos por mais alto em suas páginas é a necessidade do Cristo no coração e na consciência, para que não estejamos desorientados ao toque dos fenômenos. Sem noção de responsabilidade, sem devoção à prática do bem, sem amor ao estudo e sem esforço perseverante em nosso próprio burilamento moral, é impraticável a peregrinação libertadora para os Cimos da Vida. André Luiz é bastante claro para que nos alonguemos em qualquer consideração. Cada médium com a sua mente. Cada mente com os seus raios, personalizando observações e interpretações. E, conforme os raios que arremessamos, erguer-se-nos-á o domicílio espiritual na onda de pensamentos a que nossas almas se afeiçoam. Isso, em boa síntese, equivale ainda a repetir com Jesus: – A cada qual segundo suas obras. EMMANUEL. Pedro Leopoldo, 3 de outubro de 1954.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Raios, Ondas, Médiuns, Mentel...)

“FÓTONS E FLUIDO CÓSMICO. [...] Fórmula de De Broglie. A evidência do fóton vinha enriquecer a teoria corpuscular da luz. Entretanto, certos fenômenos se mantinham à margem, somente explicáveis pela teoria ondulatória que a Ciência não aceitara até então. Foi o estudioso físico francês, Luis De Broglie, que compareceu no cenário das contradições, enunciando o seguinte princípio: – “Compreendendo-se que as ondas da luz, em certas circunstâncias, procedem à feição de corpúsculos, por que motivo os corpúsculos de matéria, em determinadas condições, não se comportarão à maneira de ondas?” E acrescentava que cada partícula de matéria está acompanhada pela onda que a conduz. Suportando hostilidades e desafios, devotou-se a minuciosas perquirições e criou a fórmula para definir o comprimento da onda conjugada ao corpúsculo, entendendo-se, desde então, que os elétrons arremessados pela válvula de Roentgen, quando originam oscilações curtas, aproximadamente 10.000 vezes mais reduzidas que as da luz, são

transportados por ondas tão curtas como os raios X. **Mecânica ondulatória.** Físicos distintos não se sentiam dispostos a concordar com as novas observações de De Broglie, alegando que a teoria se mostrava incompatível com o fenômeno da difração e pediam que o sábio lhes fizesse ver a difração dos elétrons, de vez que não admitiam a existência de corpúsculos desfrutando propriedades que, a seu ver, eram exclusivamente características das ondas. Pouco tempo decorrido, dois cientistas americanos projetaram um jato de elétrons sobre um cristal de níquel e registraram a existência da difração, de conformidade com os princípios de De Broglie. Desde então, a mecânica ondulatória instalou-se na Ciência, em definitivo. Mais da metade do Universo foi reconhecido como um reino de oscilações, restando a parte constituída de matéria igualmente suscetível de converter-se em ondas de energia. O mundo material como que desapareceu, dando lugar a tecido vasto de corpúsculos em movimento, arrastando turbilhões de ondas em frequências inumeráveis, cruzando-se em todas as direções, sem se misturarem. O homem passou a compreender, enfim, que a matéria é simples vestimenta das forças que o servem nas múltiplas faixas da Natureza e que todos os domínios da substância palpável podem ser plenamente analisados e explicados em linguagem matemática, embora o plano das causas continue para ele indevassado, tanto quanto para nós, as criaturas terrestres temporariamente apartadas da vida física. [...]” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 3)

“PERTURBAÇÕES ESPIRITUAIS. Vivemos num universo constituído de energia que se expressa em ondas, vibrações, mentes e ideias, condensando-se em matéria e voltando ao estágio inicial incessantemente. Nele tudo vibra, pois que não existe o repouso absoluto nem o absoluto caos. Aquilo que se nos apresenta como desordem obedece a princípios fundamentais geradores de futura harmonia. Todo e qualquer movimento, emissão vibratória, por mais sutil, influencia o conjunto, nada havendo que não se encontre produzindo ressonância, à semelhança de uma sinfonia de incomparável beleza, cujo conjunto de instrumentos diferentes produz o encanto e a musicalidade perfeita. A matéria, nesse indefinível oceano vibratório, é a energia condensada, que, após a vigência do seu ciclo, retorna ao campo de origem. O ser humano, durante o périplo carnal, é o princípio inteligente do Universo, desenvolvendo os sublimes tesouros que nele jazem adormecidos e, através de sucessivas reencarnações, atinge o estágio de vibração sublime, quando se torna Espírito iluminado. Nessa larga experiência evolutiva, acumula os valores defluentes das vivências, crescendo sempre na direção da perfeição relativa que lhe está reservada. Em cada etapa, aprimora específicos recursos,

trabalhando as anfractuosidades morais resultantes dos tentames iniciais da fase do instinto, atravessando o período da razão, no rumo da intuição. Sob a ação gloriosa do Deotropismo, a sua é a fatalidade da plenitude. Enquanto transita pelas faixas mais grosseiras do processo evolutivo, submete-se às injunções penosas que lhe rompem as couraças da ignorância para facultar-lhe o discernimento, que o alça ao conhecimento e à liberdade. Nem sempre, porém, esse desenvolvimento ocorre de maneira feliz, em razão da predominância dos instintos agressivos, da preservação da espécie, que o levam a utilizar-se da força, dos ímpetos desordenados que se lhe demorarão na conjuntura de que se constitui. A cada ação sucede-lhe uma reação equivalente. No imenso obscurantismo em que se demora, a Divina Providência tem tido o cuidado de enviar-lhe Embaixadores sábios que o têm tentado despertar para a realidade espiritual que lhe é legítima. Através dos milênios sucessivos, esses amorosos mestres e condutores das massas buscaram demonstrar-lhe a transitoriedade do corpo e a perenidade do ser. Cultos bizarros, a princípio, e sacrifícios grosseiros foram as primeiras manifestações da vida estuante, dentro do nível moral em que se encontrava, no seu primarismo evolutivo, culminando com a vinda de Jesus à Terra, abençoando-a com as incomparáveis lições do amor, que soluciona todas as equações existenciais. Habitado, porém, às forças deletérias dos sentimentos grosseiros, o ser humano teve muita dificuldade para aceitar as libertadoras diretrizes dos Seus ensinamentos e, inevitavelmente, adaptou-as às próprias paixões, gerando situações dolorosas para si mesmo. Jesus sabia dos limites humanos e compreendia-os, ampliando a sua compaixão, prometeu enviar o Consolador em hora própria, quando as dores fossem superlativas e a compreensão mental mais elevada, de modo a entender-lhe os supremos postulados. A legião de seres bem-aventurados, que constitui o Consolador, traz o Mestre de volta, e vem desvelando o significado profundo da existência, os valores altíssimos da existência física, diluindo os mistérios que ocultam a vida transcendental e demonstrando de maneira vigorosa esse intercâmbio entre as duas faces da realidade: a material e a espiritual. Constatase, desse modo, que a inter-relação entre os chamados vivos e os mortos é muito maior e vigorosa do que se pensa. Graças à Lei das Afinidades, há uma poderosa atração entre os semelhantes vibratórios, especialmente no que diz respeito ao campo moral e intelectual. Conforme as aspirações íntimas e comportamentos pessoais, cada ser respira a psicofera que emite e transita no campo vibratório que constrói. [...] Salvador, 15 de junho de 2015. MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Perturbações espirituais)

II Tipos de fluidos e suas propriedades

II.1. Fluido cósmico universal ou matéria elementar primitiva: substrato para a formação de todos os corpos materiais e fluidos da Natureza

“URANOGRAFIA GERAL. [...] A CRIAÇÃO UNIVERSAL. 17. Após haver remontado, tanto quanto o permitia a nossa fraqueza, em direção à fonte oculta donde dimanam os mundos, como de um rio as gotas d’água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais. A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno. A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas. **18.** Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração. As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos. Muito importa nos compenetrarmos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como

também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador. Efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“OS FLUIDOS. I. NATUREZA E PROPRIEDADE DOS FLUIDOS. ELEMENTOS FLUIDICOS. [...] 2.

O fluido cósmico universal é, como já foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. (Cap. X) Como princípio elementar do Universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o primitivo estado normal, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados. (Cap. IV, nos 10 e seguintes) Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados de fenômenos espirituais ou psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.¹ (¹ A denominação de fenômeno **psíquico** exprime com mais exatidão o pensamento, do que a de fenômeno **espiritual**, dado que esses fenômenos repousam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou, melhor, dos fluidos perispíricos, inseparáveis da alma. Esta qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; pode-se, pois, admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagres.) **3.** No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível. Dentro da relatividade

de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes. Lá, porém, como neste mundo, somente aos Espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel que desempenham os elementos constitutivos do mundo onde eles se acham. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos a que assistem e para os quais muitas vezes concorrem maquinalmente, como os ignorantes da Terra o são para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, para dizer de que modo é que veem e escutam. **4.** Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Alguns há, pertencentes a um meio diverso a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer ideia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer ideia da teoria das cores. Mas, entre tais fluidos, há os tão intimamente ligados à vida corporal, que, de certa forma, pertencem ao meio terreno. Em falta de observação direta, seus efeitos podem observar-se, como se observam os do fluido do ímã, fluido que jamais se viu, podendo-se adquirir sobre a natureza deles conhecimentos de alguma precisão. É essencial esse estudo, porque está nele a chave de uma imensidade de fenômenos que não se conseguem explicar unicamente com as leis da matéria. **5.** A pureza absoluta, da qual nada nos pode dar ideia, é o ponto de partida do fluido universal; o ponto oposto é o em que ele se transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproximadas de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, conseqüentemente, compõem o que se pode chamar a *atmosfera espiritual da Terra*. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados deste planeta haurem os elementos necessários à economia de suas existências. Por muito sutis e impalpáveis que nos sejam esses fluidos, não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores. O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, tanto menos afinidades têm os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita. Não é rigorosamente exata a qualificação de *fluidos espirituais*, pois que, em definitiva, eles são sempre matéria mais ou menos

quintessenciada. De realmente espiritual, só a alma ou princípio inteligente. Dá-se-lhes essa denominação por comparação apenas e, sobretudo, pela afinidade que eles guardam com os Espíritos. Pode dizer-se que são a matéria do mundo espiritual, razão por que são chamados *fluidos espirituais*. **6.** Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Ela talvez somente seja compacta em relação aos nossos sentidos; prová-lo-ia a facilidade com que a atravessam os fluidos espirituais e os Espíritos, aos quais não oferece maior obstáculo, do que o que os corpos transparentes oferecem à luz. Tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, à matéria tangível há de ser possível, desagregando-se, voltar ao estado de eterização, do mesmo modo que o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. *Na realidade, a solidificação da matéria não é mais do que um estado transitório do fluido universal, que pode volver ao seu estado primitivo, quando deixam de existir as condições de coesão.* Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazer supô-lo. Ainda não conhecemos senão as fronteiras do mundo invisível; o porvir, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que se nos conserva em mistério.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“FLUIDO CÓSMICO. Plasma divino. O fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio. Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano. **Co-criação em plano maior.** Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indestrutível, os grandes Devas da teologia hindu ou os Arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa. Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, riantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade. **Impérios estelares.** Devido à atuação desses Arquitetos Maiores, surgem nas galáxias as organizações estelares como vastos continentes do Universo em evolução e as nebulosas intergalácticas como imensos domínios do Universo, encerrando

a evolução em estado potencial, todas gravitando ao redor de pontos atrativos, com admirável uniformidade coordenadora. É aí, no seio dessas formações assombrosas, que se estruturam, inter-relacionados, a matéria, o espaço e o tempo, a se renovarem constantemente, oferecendo campos gigantescos ao progresso do Espírito. Cada galáxia, quanto cada constelação, guardam no cerne a força centrífuga própria, controlando a força gravídica, com determinado teor energético, apropriado a certos fins. A Engenharia Celeste equilibra rotação e massa, harmonizando energia e movimento, e mantêm-se, desse modo, na vastidão sideral, magníficas florestas de estrelas, cada qual transportando consigo os planetas constituídos e em formação, que se lhes vinculam magneticamente ao fulcro central, como os elétrons se conjugam ao núcleo atômico, em trajetões perfeitamente ordenados na órbita que se lhes assinala de início. **Nossa Galáxia.** Para idearmos, de algum modo, a grandeza inconcebível da Criação, comparemos a nossa galáxia a grande cidade, perdida entre incontáveis grandes cidades de um país cuja extensão não conseguimos prever. Tomando o Sol e os mundos nossos vizinhos como apartamentos de nosso edifício, reconheceremos que em derredor repontam outros edifícios em todas as direções. Assestando instrumentos de longo alcance da nossa sala de estudo, perceberemos que nossa casa não é a mais humilde, mas que inúmeras outras lhe superam as expressões de magnitude e beleza. Aprendemos que, além de nossa edificação, salientam-se palácios e arranha-céus como Betelgeuze, no distrito de Órion, Canopus, na região do Navio, Arcturus, no conjunto do Boieiro, Antares, no centro do Escorpião, e outras muitas residências senhoriais, imponentes e belas, exibindo uma glória perante a qual todos os nossos valores se apagarão. Por processos ópticos, verificamos que a nossa cidade apresenta uma forma espiralada e que a onda de rádio, avançando com a velocidade da luz, gasta mil séculos terrenos para percorrer-lhe o diâmetro. Nela surpreenderemos milhões de lares, nas mais diversas dimensões e feitios, instituídos de há muito, recém-organizados, envelhecidos ou em vias de instalação, nos quais a vida e a experiência enxameiam vitoriosas. **Forças atômicas.** Toda essa riqueza de plasmagem, nas linhas da Criação, ergue-se à base de corpúsculos sob irradiações da mente, corpúsculos e irradiações que, no estado atual dos nossos conhecimentos, embora estejamos fora do plano físico, não podemos definir em sua multiplicidade e configuração, porquanto a morte apenas dilata as nossas concepções e nos aclara a introspecção, iluminando-nos o senso moral, sem resolver, de maneira absoluta, os problemas que o Universo nos propõe a cada passo, com os seus espetáculos de grandeza. Sob a orientação das Inteligências Superiores, congregam-se os

átomos em colmeias imensas e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes encontrarão adequado berço ao desenvolvimento. Semelhantes mundos servem à finalidade a que se destinam, por longas eras consagradas à evolução do Espírito, até que, pela sobrepressão sistemática, sofram o colapso atômico pelo qual se transmutam em astros cadaverizados. Essas esferas mortas, contudo, voltam a novas diretrizes dos Agentes Divinos, que dispõem sobre a desintegração dos materiais de superfície, dando ensejo a que os elementos comprimidos se libertem através de explosão ordenada, surgindo novo acervo corpuscular para a reconstrução das moradias celestes, nas quais a obra de Deus se estende e perpetua, em sua glória criativa. **Luz e calor.** Os mundos ou campos de desenvolvimento da alma, com as suas diversas faixas de matéria em variada expressão vibratória, ao influxo ainda dos Tutores Espirituais, são acalentados por irradiações luminosas e caloríficas, sem nos referirmos às forças de outra espécie que são arrojadas do Espaço Cósmico sobre a Terra e o homem, garantindo-lhes a estabilidade e a existência. Temos, assim, a luz e o calor, que teoricamente classificamos entre as irradiações nascidas dos átomos supridos de energia. São estes que, excitados na íntima estrutura, despedem as ondas eletromagnéticas. Todavia, não obstante tatearmos com relativa segurança as realidades da matéria, definindo a natureza corpuscular do calor e da luz, e embora saibamos que outras oscilações eletromagnéticas se associam, insuspeitadas por nós, na vastidão universal, aquém do infravermelho e além do ultravioleta, completamente fora da zona de nossas percepções, confessamos com humildade que não sabemos ainda, principalmente no que se refere à elaboração da luz, qual seja a força que provoca a agitação inteligente dos átomos, compelindo-os a produzir irradiações capazes de lançar ondas no Universo com a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, preferindo reconhecer, em toda a parte, com a obrigação de estudarmos e progredirmos sempre, o hálito divino do Criador. **Co-criação em plano menor.** Em análogo alicerce, as Inteligências humanas que ombreiam conosco utilizam o mesmo fluido cósmico, em permanente circulação no Universo, para a Co-criação em plano menor, assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. Dentro das mesmas bases, plasmam também os lugares entenebrecidos

pela purgação infernal, gerados pelas mentes desequilibradas ou criminosas nos círculos inferiores e abismais, e que valem por aglutinações de duração breve, no microcosmo em que estagiam, sob o mesmo princípio de comando mental com que as Inteligências Maiores modelam as edificações macrocósmicas, que desafiam a passagem dos milênios. Cabe-nos assinalar, desse modo, que, na essência, toda a matéria é energia tornada visível e que toda a energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação, cujas leis nos conservam e prestigiam o bem praticado, constringendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o Bem de Todos é o seu Eterno Princípio. Compete-nos, pois, anotar que o fluido cósmico ou plasma divino é a força em que todos vivemos, nos ângulos variados da Natureza, motivo pelo qual já se afirmou, e com toda a razão, que “em Deus nos movemos e existimos” (Paulo de Tarso, em Atos, capítulo 17º, versículo 28 - Nota do Autor espiritual). Uberaba, 15/1/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 1)

II.2. Fluido ou princípio vital: substrato para a formação do corpo vital e para a manifestação e a manutenção da vida orgânica (seres vivos)

“DO PRINCÍPIO VITAL. SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS. Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascer, crescer, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc. **60.** É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos? “Sim, a lei de atração é a mesma para todos.” **61.** Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos? “A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos está animalizada.” **62.** Qual a causa da animalização da matéria? “Sua união com o princípio vital.” **63.** O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito, ou causa? “Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver

sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.” **64.** Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro? “É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio.” **a)** — Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações. “Isto é consequência do que dissemos.” **65.** O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos? “Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria.” **66.** O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos? “Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.” **67.** A vitalidade é atributo permanente do agente vital, ou se desenvolve tão-só pelo funcionamento dos órgãos? “Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida.” **a)** — Poder-se-á dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo? “Sim, é isso.” O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor. **A VIDA E A MORTE.** **68.** Qual a causa da morte dos seres orgânicos? “Esgotamento dos órgãos.” **a)** — Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada? “Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.” **69.** Por que é que uma lesão do coração mais depressa causa a morte do que as de outros órgãos? “O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.” **70.** Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? “A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.” Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem

a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“No meu cansaço, procurei o apartamento do enfermo, cujo estado se agravava de momento a momento. Zélia amparava-lhe a frente e dizia, banhada em lágrimas: – Ernesto, Ernesto, tem pena de mim, querido! Não me deixes só! Que será de mim se me faltares? O doente acariciava-lhe as mãos e respondia com imenso afeto, apesar da forte dispnéia. Roguei ao Senhor energias necessárias para manter a compreensão imprescindível e passei a interpretar os conjuges como se fossem meus irmãos. Reconheci que Zélia e Ernesto

se amavam intensamente. E, se de fato me sentia companheiro fraternal de ambos, devia auxiliá-los com os recursos ao meu alcance. Iniciei o trabalho procurando esclarecer os espíritos infelizes que se mantinham em estreita ligação com o enfermo. Minhas dificuldades, porém, eram enormes. Sentia-me abatidíssimo. Nessa emergência, lembrei certa lição de Tobias, quando me dissera: – “aqui, em ‘Nosso Lar’, nem todos necessitam do aerôbus para se locomoverem, porque os habitantes mais elevados da colônia dispõem do poder de volitação; e nem todos precisam de aparelhos de comunicação para conversar a distância, por se manterem, entre si, num plano de perfeita sintonia de pensamentos. Os que se encontrem afinados desse modo, podem dispor, à vontade, do processo de conversação mental, apesar da distância”. Lembrei quanto me seria útil a colaboração de Narcisa e experimentei. Concentrei-me em fervorosa oração ao Pai e, nas vibrações da prece, dirigi-me a Narcisa encarecendo socorro. Contava-lhe, em pensamento, minha experiência dolorosa, comunicava-lhe meus propósitos de auxílio e insistia para que me não desamparasse. Aconteceu, então, o que não poderia esperar. Passados vinte minutos, mais ou menos, quando ainda não havia retirado a mente da rogativa, alguém me tocou de leve no ombro. Era Narcisa que atendia, sorrindo: – Ouvi seu apelo, meu amigo, e vim ao seu encontro. Não cabia em mim de contentamento. A mensageira do bem fixou o quadro, compreendeu a gravidade do momento e acrescentou: – Não temos tempo a perder. Antes de tudo, aplicou passes de reconforto ao doente, isolando-o das formas escuras, que se afastaram como por encanto. Em seguida, convidou-me com decisão: – Vamos à Natureza. Acompanhei-a sem hesitação e ela, notando-me a estranheza, acentuou: – Não só o homem pode receber fluidos e emití-los. As forças naturais fazem o mesmo, nos reinos diversos em que se subdividem. Para o caso do nosso enfermo, precisamos das árvores. Elas nos auxiliarão eficazmente. Admirado da lição nova, segui-a, silencioso. Chegados a local onde se alinhavam enormes frondes, Narcisa chamou alguém, com expressões que eu não podia compreender. Daí a momentos, oito entidades espirituais atendiam-lhe ao apelo. Imensamente surpreso, vi-a indagar da existência de mangueiras e eucaliptos. Devidamente informada pelos amigos, que me eram totalmente estranhos, a enfermeira explicou: – São servidores comuns do reino vegetal, os irmãos que nos atenderam. E, à vista da minha surpresa, rematou: – Como vê, nada existe de inútil na Casa de Nosso Pai. Em toda parte, se há quem necessite aprender, há quem ensine; e onde aparece a dificuldade, surge a Providência. O único desventurado, na obra divina, é o espírito imprevidente, que se condenou às trevas da maldade. Narcisa manipulou, em poucos instantes, certa substância

com as emanções do eucalipto e da mangueira e, durante toda a noite, aplicamos o remédio ao enfermo, através da respiração comum e da absorção pelos poros. O enfermo experimentou melhoras sensíveis. Pela manhã, cedo, o médico observou, extremamente surpreendido: – Verificou-se esta noite extraordinária reação! Verdadeiro milagre da Natureza! Zélia estava radiante. Encheu-se a casa de alegria nova. Por minha vez, experimentava grande júbilo n'alma. Profundo alento e belas esperanças revigoravam-me o ser. Reconhecia, eu mesmo, que vigorosos laços de inferioridade se haviam rompido dentro de mim, para sempre.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 50)

“Calando-se o nosso orientador, tivemos a atenção exclusivamente voltada para a beleza circundante. Aquele campo amigo e hospitaleiro caracterizava-se por ambiente muito diverso. Não mais as emanções pesadas da cidade grande, mas o vento leve, embalsamado de suavíssimos perfumes. Refletia eu na bondade do Senhor, que nos oferecia recursos novos, quando Aniceto voltou a dizer: – A Natureza nunca é a mesma em toda parte. Não há duas porções de terra com climas absolutamente iguais. Cada colina, cada vale, possui expressões climatéricas diferentes. É forçoso reconhecer, porém, que o campo, em qualquer condição, no círculo dos encarnados, é o reservatório mais abundante e vigoroso de princípios vitais. Em geral, todos nós, os cooperadores espirituais, estimamos o ar da manhã, quando a atmosfera permanece igualmente em repouso, isenta dos glóbulos de poeira convertidos em microscópicos balões de bacilos e de outras expressões inferiores. Entretanto, os trabalhos de hoje não nos permitiram o descanso mais cedo... Apoiamo-nos no veludoso relvado e, percebendo-nos a sede de saber, Aniceto prosseguiu: – Assim me explico, porque na floresta temos uma densidade forte, pela pobreza das emanções, em vista da impermeabilidade ao vento. Aí, o ar costuma converter-se em elemento asfixiante, pelo excesso de emissões dos reinos inferiores da Natureza. Na cidade, a atmosfera é compacta e o ar também sufoca, pela densidade mental das mais baixas aglomerações humanas. No campo, desse modo, temos o centro ideal... Indicando, prazeroso, as frondes balouçantes, acentuou: – Reina aqui a paz relativa e equilibrada da Natureza terrestre. Nem a selvageria da mata virgem, nem a sufocação dos fluidos humanos. O campo é nosso generoso caminho central, a harmonia possível, o repouso desejável.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 41)

“O recinto jazia repleto de entidades em fase primária de evolução. Saldanha, excessivamente atarefado, anunciou-nos que presidiria, de perto, aos trâmites da ação mediúnica, notificando-nos, prazeroso, que lhe fora hipotecada plena ajuda das entidades ali dominantes. Em razão disso, podíamos analisar os fatos,

em companhia de Gúbio, recolhendo preciosa lição. Depois de visivelmente satisfeito no acordo financeiro estabelecido, colocou-se o vidente em profunda concentração e notei o fluxo de energias a emanarem dele, através de todos os poros, mas muito particularmente da boca, das narinas, dos ouvidos e do peito. Aquele força, semelhante a vapor fino e sutil, como que povoava o ambiente acanhado e reparei que as individualidades de ordem primária ou retardadas, que coadjuvavam o médium em suas incursões em nosso plano, sorviam-na a longos haustos, sustentando-se dela, quanto se nutre o homem comum de proteína, carboidratos e vitaminas. Examinando a paisagem, Gúbio esclareceu-nos em voz imperceptível aos demais: – Esta força não é patrimônio de privilegiados. É propriedade vulgar de todas as criaturas, mas entendem-na e utilizam-na somente aqueles que a exercitam através de acuradas meditações. É o “spiritus subtilissimus” de Newton, o “fluido magnético” de Mesmer e a “emanação ódica” de Rei Chenbach. No fundo, é a energia plástica da mente que a acumula em si mesma, tomando-a ao fluido universal em que todas as correntes da vida se banham e se refazem, nos mais diversos reinos da natureza, dentro do Universo. Cada ser vivo é um transformador dessa força, segundo o potencial receptivo e irradiante que lhe diz respeito. Nasce o homem e renasce, centenas de vezes, para aprender a usá-la, desenvolvê-la, enriquecê-la, sublimá-la, engrandecê-la e diviniza-la. Entretanto, na maioria das vezes, a criatura foge à luta que interpreta por sofrimento e aflição, quando é inestimável recurso de auto aprimoramento, adiando a própria santificação, caminho único de nossa aproximação do Criador.” (AL, *Libertação*, Capítulo 11)

“Alcançáramos a orla do mar, em plena noite. A movimentação da vida espiritual era aí muito intensa. Desencarnados de várias procedências reencontravam amigos que ainda se demoravam na Terra, momentaneamente desligados do corpo pela anestesia do sono. Dentre esses, porém, salientava-se grande número de enfermos. Anciães, mulheres e crianças, em muitos aspectos diferentes, compareciam ali, sustentados pelos braços de entidades numerosas que os assistiam. Conversações edificantes e lamentos doloridos chegavam até nós. Serviços magnéticos de socorro urgente eram improvisados aqui e além... E o ar, efetivamente, confrontado ao que respirávamos na área da cidade, era muito diverso. Brisas refrescantes sopravam de longe, carreando princípios regeneradores e insuflando em nós delicioso bem-estar. – O oceano é miraculoso reservatório de forças – elucidou Clarêncio, de maneira expressiva –; até aqui, muitos companheiros de nosso plano trazem os irmãos doentes, ainda ligados ao corpo da Terra, de modo a receberem refazimento e repouso. Enfermeiros e amigos desencarnados

desvelam-se na reconstituição das energias de seus tutelados. Qual acontece na montanha arborizada, a atmosfera marinha permanece impregnada por infinitos recursos de vitalidade da Natureza. O oxigênio sem mácula, casado às emanações do planeta, converte-se em precioso alimento de nossa organização espiritual, principalmente quando ainda nos achamos direta ou indiretamente associados aos fluidos da matéria mais densa.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 5)

“Hilário, que utilizara o psicoscópio em primeiro lugar, alegou com o deslumbramento de uma criança espantada: – Mas, e a luz? A matéria que conhecemos no mundo transfigurou-se. Tudo aqui se converteu em claridade nova! O espetáculo é magnífico!... – Nada de estranheza – falou o Assistente, bondoso –, não sabe você que um homem encarnado é um gerador de força eletromagnética, com uma oscilação por segundo, registrada pelo coração? Ignora, porventura, que todas as substâncias vivas da Terra emitem energias, enquadradas nos domínios das radiações ultravioletas? Em nos reportando aos nossos companheiros, possuímos neles almas regularmente evoluídas, em apreciáveis condições vibratórias pela sincera devoção ao bem, com esquecimento dos seus próprios desejos. Podem, desse modo, projetar raios mentais, em vias de sublimação, assimilando correntes superiores e enriquecendo os raios vitais de que são dínamos comuns. – Raios vitais? – redarguiu meu colega, faminto de esclarecimento – Sim, para maior limpidez da definição, chamemos-lhes raios ectoplásmicos, unindo nossos apontamentos à nomenclatura dos espiritistas modernos. Esses raios são peculiares a todos os seres vivos. É com eles que a lagarta realiza suas complicadas demonstrações de metamorfose e é ainda na base deles que se efetuam todos os processos de materialização mediúnica, porquanto os sensitivos encarnados que os favorecem libertam essas energias com mais facilidade. Todas as criaturas, porém, guardam-nas consigo, emitindo-as em frequência que varia em cada uma, de conformidade com as tarefas que o Plano da Vida lhes assinala. E, otimista, acrescentou: – O estudo da mediunidade repousa nos alicerces da mente com o seu prodigioso campo de radiações. A ciência dos raios imprimirá, em breve, grande renovação aos setores culturais do mundo. Aguardemos o porvir. Em seguida, Áulus convidou-nos a inspeção mais direta e acompanhamo-lo, alegremente.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 2)

“Correspondendo à atuação magnética dos mentores responsáveis, desdobrou-se o médium, afastando-se do veículo físico, de modo tão perfeito que o ato em si mais se me afigurava a própria desencarnação, porque o corpo jazia no leito, como se fora um casulo de carne, largado e inerte. O veículo físico, assim prostrado, sob o domínio dos técnicos do nosso plano, começou a expelir o ectoplasma, qual pasta flexível, à

maneira de uma geleia viscosa e semilíquida, através de todos os poros e, com mais abundância, pelos orifícios naturais, particularmente da boca, das narinas e dos ouvidos, com elevada percentagem a exteriorizar-se igualmente do tórax e das extremidades dos dedos. A substância, caracterizada por um cheiro especialíssimo, que não conseguimos descrever, escorria em movimentos reptilianos, acumulando-se na parte inferior do organismo medianímico, onde apresentava o aspecto de grande massa protoplásmica, viva e tremulante. Companheiros nossos prestavam carinhosa assistência ao médium separado da vestimenta física, como se ele fora um doente ou uma criança. À margem da ação, Áulus esclareceu prestimoso: – O ectoplasma está em si tão associado ao pensamento do médium, quanto as forças do filho em formação se encontram ligadas à mente maternal. Em razão disso, toda a cautela é indispensável na assistência ao mediano. [...] Em derredor, grande massa de substância ectoplásmica leitosa-prateada, da qual se destacavam alguns fios escuros e cinzentos, amontoava-se, abundante. Técnicos de nosso plano manipulavam-na, com atenção. Áulus fixou a paisagem de trabalho ativo e explicou-nos: – Aí temos o material leve e plástico de que necessitamos para a materialização. Podemos dividi-lo em três elementos essenciais, em nossas rápidas noções de serviço, a saber – fluidos “A”, representando as forças superiores e sutis de nossa esfera, fluidos “B”, definindo os recursos do médium e dos companheiros que o assistem, e fluidos “C”, constituindo energias tomadas à Natureza terrestre. [...] – O ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispírica, assim como um produto de emanações da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza. Em certas organizações fisiológicas especiais da raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos que analisamos. É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos desencarnados ou não que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações, visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem mentalmente afinados com ele. Exige-nos, pois, muito cuidado para não sofrer o domínio de Inteligências sombrias, de vez

que manejado por entidades ainda cativas de paixões deprimentes poderia gerar clamorosas perturbações. E, apontando o mediador que despertava sonolento, enunciou: – Nosso amigo, polarizando as energias do nosso plano, funciona como entidade maternal, de cujas possibilidades criativas os Espíritos materializados totalmente, ou não, retiram os recursos imprescindíveis às suas manifestações, sendo, a prazo curtíssimo, autênticos filhos dele. Assinalando a conceituação, Hilário falou entusiástico: – Isso dá a entender que nas forças geradoras extravasadas do médium e dos cooperadores de nossa esfera poderemos surpreender igualmente os princípios fundamentais da genética humana, em figurações que a ciência terrena ainda não conhece... – Sim, sem dúvida – confirmou o Assistente –, os princípios são os mesmos, embora os aspectos sejam diferentes, O futuro nos reserva admiráveis realizações nesse ponto. Trabalhem e estudemos.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 28)

“A voz de Silas, tocada de profunda fé, arrebatava-nos ao pranto insofreado. Azuléneas cintilações nimbavam-lhe a cabeça e, como resposta do Alto, ali, na selvagem floração do bosque ermo, vimos, ao longe, cinco flamas, em pontos diferentes do Espaço, que se aproximavam de nós, celeremente... Renteando conosco, transfiguraram-se em companheiros que nos saudaram regozijantes. Em rápidos minutos, energias imponderáveis da Natureza, associadas aos fluidos de plantas medicinais, foram trazidas à nossa enferma, que as inalava a longos sorvos, e, em tempo breve, vimos Poliana surpreendentemente refeita, pronta a retomar o envoltório para a necessária restauração. – Ricos da Terra – pensei com lágrimas –, onde o poder das vossas arcas abarrotadas de ouro, ante a simples fulguração de uma prece? Onde a grandeza de vossos palácios, recheados de fausto e pedraria, confrontada com um simples minuto de reverência da alma, em comunhão com a Paternidade de Deus, na majestade do Céu? Incapaz de raciocinar por si, quanto à metamorfose experimentada, por força das inibições que sofria na provação temporária, a doente não conseguia ver-nos, mas sorria, venturosa, sentindo-se mais robusta e mais ágil. Novamente amparada, regressou ao tugúrio infecto e auxiliámo-la a retomar a cápsula física. Enquanto descerrava os olhos, reconfortada, Silas esclareceu: – As melhoras adquiridas pela organização perispiritica serão apressadamente assimiladas pelas células do equipamento fisiológico. E acentuou: – Sabem os médicos terrenos que o sono é um dos ministros mais eficientes da cura. É que, ausente do corpo, muitas vezes consegue a alma prover-se de recursos prodigiosos para a recuperação do veículo carnal em que estagia no mundo.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 13)

“Argos foi colocado sobre a mesa e a Irmã Angélica fez as apresentações. O diretor da Clínica era um lutador

abnegado que ali se radicava fazia mais de trinta anos e que, na Terra, fora dedicado estudioso das cirurgias cardíacas em campo aberto, o que, à época, constituía uma verdadeira temeridade. O Dr. Froebel explicou a técnica da sobrevida, numa síntese muito bem urdida, com a intenção de esclarecer-nos, principalmente a nós outro que sou leigo em assuntos médicos. — Iremos retirar o tônus vital — começou por elucidar — que degenera em Argos, predispondo-o à desencarnação e o faremos ser absorvido pelo pulmão onde já depositamos regular quantidade de maaprana* ou energia superior e de vitalidade extraída dos vegetais terrestres. (* Resolvemos utilizar a expressão *maaprana*, de origem sânscrita, que significa energia proveniente de Brama. Acredita-se, na tradição bramânica, que da sua atuação com a *acaxa*, ou substância, se dá a origem da *pracríte* ou matéria. Como se tratava de um processo para a restauração orgânica, material do paciente, recorremos a esse verbete por parecer-nos mais apropriado para a elucidação do leitor. - Nota do Autor espiritual.) Na parte superior interna e transparente da máquina serão misturadas, sob a ação de uma pequena bomba encarregada de fazer a *oxigenação* da substância fluidica. Fez um intervalo, enquanto apontou o aparelho e o setor onde se daria o processo referido. Logo depois, deu prosseguimento: — Providenciaremos um doador encarnado que, consultado em encontro conosco, em reunião especializada, prontificou-se a cooperar. Isto porque, no caso em tela, faz-se necessário, também, o fluido humano e, como sói acontecer nos trabalhos de transfusão de sangue, em que a identidade de tipos é condição indispensável para os resultados que se almejam, aqui encontramos algo semelhante. [...] Chamando um jovem que se encontrava presente, concluiu: — Este é o nosso irmão Venceslau, que residiu nesta Colônia e se reencarnou com tarefas definidas no campo da recristianização dos homens, através da abençoada Doutrina Espírita. Acostumado à vida religiosa, em face de experiências passadas, nosso amigo adaptou-se sem maior sacrifício ao clima de ação que lhe diz respeito sob a salutar proteção da Irmã Angélica, sua desvelada benfeitora maternal. Venceslau sorriu gentilmente e saudou-nos com espontaneidade. Enquanto isto ocorria, uma outra mesa foi localizada ao lado do paciente adormecido sob os cuidados do Irmão Bernardo. De imediato, o Dr. Froebel solicitou à Irmã Angélica que se encarregasse de orar, suplicando o divino beneplácito para o trabalho a iniciar-se. A generosa Mentora, ungida de amor, fê-lo com breves palavras, repassando-as de ternura e submissão à vontade superior. Todos nos dirigimos ao local e acompanhamos o médico, que passou a ser ajudado pelo Dr. Arnaldo e duas enfermeiras prestativas que já se encontravam no posto. Foram introduzidos dois cateteres no braço direito de Argos, que se ligavam ao pulmão. Vimos, de imediato, que saía uma substância

pardo-acinzentada para o interior da máquina. O médico fechou pequena válvula, interrompendo o fluxo. Um outro cateter foi ligado do aparelho ao braço esquerdo do enfermo por onde deveria retornar a energia purificada. Imediatamente vimos uma das enfermeiras fazer uma terceira ligação, desta vez era um cateter que se fixava à artéria do braço esquerdo de Venceslau, que deveria doar determinada dose de tônus vital. Era um momento comovedor e de elevação espiritual significativa. A Irmã Angélica acompanhava o delicado serviço de sobrevida, numa postura de veneranda diretora da tarefa, inspirando confiança e tranquilidade. A um sinal do chefe cirúrgico, foram abertas as pequenas válvulas. Vimos a energia de Argos, que já se encontrava em grande parte do cateter, penetrar no depósito de maaprana e clorofila, ao mesmo tempo em que do médium Venceslau o tono vital chegava à parte inferior do pulmão, que uma pequena bomba impelia para cima de modo a confundir-se com a substância em renovação e fosse transferida para o paciente pelo cateter do braço esquerdo. A operação transcorreu num prazo de trinta minutos aproximadamente. Desde o primeiro momento da transfusão de força vital, o Espírito Argos começou a dar sinais de menos desconforto. Normalizou-se-lhe a respiração e, ao terminar, já apresentava a face com o róseo da saúde em retorno. — Acreditamos — explicou o cirurgião — que ele disporá de energia para um quinquênio, aproximadamente, quando, segundo as suas conquistas, poderá receber nova dose ou interromper-se-lhe a estada no domicílio carnal...” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 5)

II.3. Fluido espiritual ou matéria do mundo espiritual: substrato para a formação do corpo perispirítico, veiculação do pensamento e da vontade

“DO PRINCÍPIO VITAL. [...] INTELIGÊNCIA E INSTINTO. 71. A inteligência é atributo do princípio vital? “Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas, a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.” A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades. Podem distinguir-se assim: **1º**, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem

inteligência: são os corpos brutos; **2º**, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; **3º**, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar. **72.** Qual a fonte da inteligência? “Já o dissemos; a inteligência universal.” **a)** — Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material? “Isto não passa de simples comparação, todavia inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Demais, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é desse número.” **73.** O instinto independe da inteligência? “Precisamente, não, por isso que o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres proveem às suas necessidades.” **74.** Pode estabelecer-se uma linha de separação entre instinto e a inteligência, isto é, precisar onde um acaba e começa a outra? “Não, porque muitas vezes se confundem. Mas, muito bem se podem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.” **75.** É acertado dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais? “Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se transvia.” **a)** — Por que nem sempre é guia infalível a razão? “Seria infalível, se não fosse falseada pela má-educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.” O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado. O instinto varia em suas manifestações, conforme às espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“OS FLUIDOS. [...] AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FLUIDOS. CRIAÇÕES FLUÍDICAS. FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO. 13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som. **14.** Os Espíritos

atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinada; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera. É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores — enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. — que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento. Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste. **15.** Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros. Há mais: criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo se fotografa. Tenha um homem, por exemplo, a ideia de matar a outro: embora o corpo material se lhe conserve impassível, seu corpo

fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os matizes deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que intentou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito. Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Contudo, vendo a intenção, pode ela pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“**ALMA E FLUIDOS. Fluidos em geral.** A consciência que aprendera a realizar complexas transsubstanciações de força nas diversas linhas da Natureza, em se adaptando aos continentes da esfera extrafísica, passa a manobrar com os fenômenos de meditação e reflexão, de que o pensamento é a base fundamental. Definimos o fluido, dessa ou daquela procedência, como sendo um corpo cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retidas por um agente de contenção, ou separando-se, quando entregues a si mesmas. Temos, assim, os fluidos líquidos, elásticos ou aeriformes e os outrora chamados fluidos imponderáveis, tidos como agentes dos fenômenos luminosos, caloríficos e outros mais. **Fluido vivo.** No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluido cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transsubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. Esse fluido é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado. Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética. O solo do mundo espiritual, estruturado com semelhantes recursos, todos eles miando na quintessência, corresponde ao peso específico do Espírito, e, detendo possibilidades e riquezas virtuais, espera por ele a fim de povoar-se de glória

e beleza, porquanto, se o plano terrestre é o seio tépido da vida em que o princípio inteligente deve nascer, medrar, florir e amadurecer em energia consciente, o plano espiritual é a escola em que a alma se aperfeiçoará em trabalho de frutescência antes que possa desferir mais amplos voos no rumo da Luz Eterna. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

II.4. Pensamento, fluido ou matéria mental: corpúsculo fluídico moldado pelos sentimentos e pela vontade do espírito, plasmador de criações físico-mentais e indutor da sintonia ou afinidade entre os seres

“ANTE A VIDA MENTAL. Quando a criatura passa a interrogar o porquê do destino e da dor e encontra a luz dos princípios espiritualistas a clarear-lhe os vastos corredores do santuário interno, deve consagrar-se à apreciação do pensamento, quanto lhe seja possível, a fim de iniciar-se na decifração dos segredos que, para nós todos, ainda velam o fulcro mental. Se as incógnitas do corpo fazem no mundo a paixão da ciência, que designa exércitos numerosos de hábeis servidores para a solução dos problemas de saúde e genética, reconforto e eugenia, além-túmulo a grandeza na mente desafia-nos todos os potenciais de inteligência, no trato metódico dos assuntos que lhe dizem respeito. A psicologia e a psiquiatria, entre os homens da atualidade, conhecem tanto do espírito quanto um botânico, restrito ao movimento em acanhado círculo de observação do solo, que tentasse julgar um continente vasto e inexplorado por alguns talos de erva crescidos ao alcance de suas mãos. Libertos do veículo de carne, quando temos a felicidade de sobre pairar além das atrações de natureza inferior, que, por vezes, nos imantam à crosta da Terra, indefinidamente, compreendemos que o poder mental reside na base de todos os fenômenos e circunstâncias de nossas experiências isoladas ou coletivas. A mente é manancial vivo de energias criadoras. O pensamento é substância, coisa mensurável. Encarnados e desencarnados povoam o Planeta, na condição de habitantes dum imenso palácio de vários andares, em posições diversas, produzindo pensamentos múltiplos que se combinam, que se repelem ou que se neutralizam. Correspondem-se as ideias, segundo o tipo em que se expressam, projetando raios de força que alimentam ou deprimem, sublimam ou arruinam, integram ou desintegram, arrojados sutilmente do campo das causas para a região dos efeitos. A imaginação não é um país de névoa, de criações vagas e incertas. É fonte de vitalidade, energia, movimento... O idealismo operante, a fé construtiva, o

sonho que age, são os pilares de todas as realizações. Quem mais pensa, dando corpo ao que idealiza, mais apto se faz à recepção das correntes mentais invisíveis, nas obras do bem ou do mal. E, em razão dessa lei que preside à vida cósmica, quantos se adaptarem ao reto pensamento e à ação enobrecedora se fazem preciosos canais da energia divina, que, em efusão constante, banha a Humanidade em todos os ângulos do Globo, buscando as almas evoluídas e dedicadas ao serviço de santificação, convertendo-as em médiuns ou instrumentos vivos de sua exteriorização, para benefício das criaturas e erguimento da Terra ao concerto dos mundos de alegria celestial.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 25)

“AFINIDADE. O homem permanece envolto em largo oceano de pensamentos, nutrido-se de substância mental, em grande proporção. Toda criatura absorve, sem perceber, a influência alheia nos recursos imponderáveis que lhe equilibram a existência. Em forma de impulsos e estímulos, a alma recolhe, nos pensamentos que atrai, as forças de sustentação que lhe garantem as tarefas no lugar em que se coloca. O homem poderá estender muito longe o raio de suas próprias realizações na ordem material do mundo, mas, sem a energia mental na base de suas manifestações, efetivamente nada conseguirá. Sem os raios vivos e diferenciados dessa força, os valores evolutivos dormiriam latentes, em todas as direções. A mente, em qualquer plano, emite e recebe, dá e recolhe, renovando-se constantemente para o alto destino que lhe compete atingir. Estamos assimilando correntes mentais, de maneira permanente. De modo imperceptível, “ingerimos pensamentos”, a cada instante, projetando, em torno de nossa individualidade, as forças que acalentamos em nós mesmos. Por isso, quem não se habilite a conhecimentos mais altos, quem não exercite a vontade para sobrepor-se às circunstâncias de ordem inferior, padecerá, invariavelmente, a imposição do meio em que se localiza. Somos afetados pelas vibrações de paisagens, pessoas e coisas que nos cercam. Se nos confiamos às impressões alheias de enfermidade e amargura, apressadamente se nos altera o “tônus mental”, inclinando-nos à franca receptividade de moléstias indefiníveis. Se nos devotamos ao convívio com pessoas operosas e dinâmicas, encontramos valioso sustentáculo aos nossos propósitos de trabalho e realização. Princípios idênticos regem as nossas relações uns com os outros, encarnados e desencarnados. Conversações alimentam conversações. Pensamentos ampliam pensamentos. Demoramo-nos com quem se afina conosco. Falamos sempre ou sempre agimos pelo grupo de espíritos a que nos ligamos. Nossa inspiração está filiada ao conjunto dos que sentem como nós, tanto quanto a fonte está comandada pela nascente. Somos obsidiados por amigos desencarnados ou não e auxiliados por benfeitores, em qualquer plano da vida, de conformidade com a nossa condição

mental. Daí o imperativo de nossa constante renovação para o bem infinito. Trabalhar incessantemente é dever. Servir é elevar-se. Aprender é conquistar novos horizontes. Amar é engrandecer-se. Trabalhando e servindo, aprendendo e amando, a nossa vida íntima se ilumina e se aperfeiçoa, entrando gradativamente em contato com os grandes gênios da imortalidade gloriosa.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 26)

“ALMA E FLUÍDOS. [...] Centros encefálicos. É, pois, em novo plano, a dividir-se em variados setores de ação e de luta, que a consciência desencarnada, agora relativamente responsável, vai conhecer o resultado de suas próprias criações na passagem pelo campo carnal, através dos reflexos respectivos em seu pensamento, – o fluido em que se lhe imprimem os mais íntimos sentimentos e que lhe define os mais íntimos desejos. [...] Esse fluido ou matéria mental tem a sua ponderabilidade e as suas propriedades quimioeletromagnéticas específicas, definindo-se em unidades perfeitamente mensuráveis, qual acontece no sistema periódico dos elementos químicos, no plano terrestre, compreendendo-se que, em círculos da inteligência mais evoluída, surpreendentes combinações dos fatores conhecidos podem ser efetuadas com vistas a certos fins, como sucede atualmente na Terra, onde elementos como o netuno, o plutônio, o amerício e o cúrio podem ser artificialmente produzidos. Reflexão das ideias. A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram. E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria textura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula de pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derama do Espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluido gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, como “raio da emoção” ou “raio do desejo”, força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura. Com o fluido mental carregam-se desse modo, não apenas as disposições mentossensitivas das criaturas, em atuação recíproca, mas também as imagens que transitam entre os cérebros que se afinam pela reflexão natural e incessante, estabelecendo-se as ideias progressivas que, originariamente vertidas dos Espíritos Superiores, transmitem aos desencarnados da Terra as noções de civilização mais apurada. E por essas mesmas entidades, em contato com as tribos encarnadas do paleolítico, semelhantes noções descem para o

chão planetário, disciplinando as criaturas e ofertando-lhes novos horizontes à visão e ao entendimento. Pela reflexão das ideias, surge, assim, entre as duas esferas entranhado circuito de forças.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“ALMA E FLUÍDOS. [...] Plasma criador da mente. É pelo fluido mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz notavelmente acelerado. Pela troca dos pensamentos de cultura e beleza, em dinâmica expansão, os grandes princípios da Religião e da Ciência, da Virtude e da Educação, da Indústria e da Arte descem das Esferas Sublimes e impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que, gradativamente, se acomoda a novos hábitos. Épocas imensas despendera o princípio inteligente para edificar os prodígios da sensação e do automatismo, do instinto e da inteligência rudimentar; entretanto, com a difusão do plasma criador oriundo da mente, em circuitos contínuos, consolida-se a reflexão avançada entre o Céu e a Terra, e os fluidos mentais ou pensamentos atuantes, no reino da alma, imprimem radicais transformações no veículo fisiopsicossomático, associando e desassociando civilizações numerosas para construí-las de novo, em que o homem, herdeiro da animalidade instintiva, continua, até hoje, no trabalho progressivo de sua própria elevação aos verdadeiros atributos da Humanidade. Uberaba, 12/3/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“MEDIUNIDADE E CORPO ESPIRITUAL. [...] Aura humana. Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam. Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde à natureza. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura. Nas reenâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entreja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda. Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovoide,

não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as ideias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança como no cinematógrafo comum. Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 17)

“MATÉRIA MENTAL. Pensamento do Criador. Identificando o Fluido Elementar ou Hálito Divino por base mantenedora de todas as associações da forma nos domínios inumeráveis do Cosmo, do qual conhecemos o elétron como sendo um dos corpúsculos-base, nas organizações e oscilações da matéria, interpretaremos o Universo como um todo de forças dinâmicas, expressando o Pensamento do Criador. E superpondo-se-lhe à grandeza indevassável, encontraremos a matéria mental que nos é própria, em agitação constante, plasmando as criações temporárias, adstritas à nossa necessidade de progresso. No macrocosmo e no microcosmo, tateamos as manifestações da Eterna Sabedoria que mobiliza agentes incontáveis para a estruturação de sistemas e formas, em variedade infinita de graus e fases, e entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande surge a inteligência humana, dotada igualmente da faculdade de mentalizar e co-criar, empalmando, para isso, os recursos intrínsecos à vida ambiente. Nos fundamentos da Criação vibra o pensamento imensurável do Criador e sobre esse plasma divino vibra o pensamento mensurável da criatura, a constituir-se no vasto oceano de força mental em que os poderes do Espírito se manifestam. Pensamento das criaturas. Do Princípio Elementar, fluindo incessantemente no campo cósmico, auscultamos, de modo imperfeito, as energias profundas que produzem eletricidade e magnetismo, sem conseguir enquadrá-las em exatas definições terrestres, e, da matéria mental dos seres criados, estudamos o pensamento ou fluxo energético do campo espiritual de cada um deles, a se graduarem nos mais diversos tipos de onda, desde os raios super-ultra-curtos, em que se exprimem as legiões angélicas, através de processos ainda inacessíveis à nossa observação, passando pelas oscilações curtas, médias e longas em que se exterioriza a mente humana, até às ondas fragmentárias dos animais, cuja vida psíquica, ainda em germe, somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos. Os Espíritos aperfeiçoados, que conhecemos sob a designação de potências angélicas do Amor Divino, operam no micro e no macrocosmo, em nome da Sabedoria Excelsa, formando condições adequadas e multiformes à expansão, sustentação e projecção da vida, nas variadas esferas da

Natureza, no encalço de aquisições celestiais que, por enquanto, estamos longe de perceber. A mente dos homens, indiretamente controlada pelo comando superior, interfere no acervo de recursos do Planeta, em particular, aprimorando-lhe os recursos na direção do plano angélico, e a mente embrionária dos animais, influenciada pela direção humana, hierarquiza-se em serviço nas regiões inferiores, da Terra, no rumo das conquistas da Humanidade. Corpúsculos mentais. Como alicerce vivo de todas as realizações nos planos físico e extrafísico, encontramos o pensamento por agente essencial. Entretanto, ele ainda é matéria, – a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo. Temos, ainda aqui, as formações corpusculares, com bases nos sistemas atômicos em diferentes condições vibratórias, considerando os átomos, tanto no plano físico, quanto no plano mental, como associações de cargas positivas e negativas. Isso nos compele naturalmente a denominar tais princípios de “núcleos, prótons, nêutrons, pósitrons, elétrons ou fótons mentais”, em vista da ausência de terminologia analógica para estruturação mais segura de nossos apontamentos. Assim é que o halo vital ou aura de cada criatura permanece tecido de correntes atômicas sutis dos pensamentos que lhe são próprios ou habituais, dentro de normas que correspondem à lei dos “quanta de energia” e aos princípios da mecânica ondulatória, que lhes imprimem frequência e cor peculiares. Essas forças, em constantes movimentos sincrônicos ou estado de agitação pelos impulsos da vontade, estabelecem para cada pessoa uma onda mental própria. Matéria mental e matéria física. Em posição vulgar, acomodados às impressões comuns da criatura humana normal, os átomos mentais inteiros, regularmente excitados, na esfera dos pensamentos, produzirão ondas muito longas ou de simples sustentação da individualidade, correspondendo à manutenção de calor. Se forem os elétrons mentais, nas órbitas dos átomos da mesma natureza, a causa da agitação, em estados menos comuns da mente, quais se iam os de atenção ou tensão pacífica, em virtude de reflexão ou oração natural, o campo dos pensamentos exprimir-se-á em ondas de comprimento médio ou de aquisição de experiência, por parte da alma, correspondendo à produção de luz interior. E se a excitação nasce dos diminutos núcleos atômicos, em situações extraordinárias da mente, quais sejam as emoções profundas, as dores indizíveis, as laboriosas e aturadas concentrações de força mental ou as súplicas aflitivas, o domínio dos pensamentos emitirá raios muito curtos ou de imenso poder transformador do campo espiritual, teoricamente semelhantes aos que

se aproximam dos raios gama. Assim considerando, a matéria mental, embora em aspectos fundamentalmente diversos, obedece a princípios idênticos àqueles que regem as associações atômicas, na esfera física, demonstrando a divina unidade de plano do Universo. Indução mental. Recorrendo ao “campo” de Einstein, imaginemos a mente humana no lugar da chama em atividade. Assim como a intensidade de influência da chama diminui com a distância do núcleo de energias em combustão, demonstrando fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero, a corrente mental se espalha, segundo o mesmo princípio, não obstante a diferença de condições. Essa corrente de partículas mentais exterioriza-se de cada Espírito com qualidade de indução mental, tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetivos que demande. Tanto quanto, no domínio da energia elétrica, a indução significa o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contato visível, no reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. E tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético. Compreendemos assim, perfeitamente, que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto imponderáveis na Terra), de luz ou sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade. Formas-pensamentos. Pelos princípios mentais que influenciam em todas as direções, encontramos a telementação e a reflexão comandando todos os fenômenos de associação, desde o acasalamento dos insetos até a comunhão dos Espíritos Superiores, cujo sistema de aglutinação nos é, por agora, defeso ao conhecimento. Emitindo uma ideia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, ideia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposam o modo de sentir. É nessa projeção de forças, a determinarem o compulsório intercâmbio com todas as mentes encarnadas ou desencarnadas, que se nos movimenta o Espírito no mundo das formas-pensamentos, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo ou no-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha. Isso acontece porque, à maneira do homem que constrói estradas para a sua própria expansão ou

que talha algemas para si mesmo, a mente de cada um, pelas correntes de matéria mental que exterioriza, eleva-se a gradativa libertação no rumo dos planos superiores ou estaciona nos planos inferiores, como quem traça vasto labirinto aos próprios pés.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 4)

“CORRENTE ELÉTRICA E CORRENTE MENTAL. Dínamo espiritual. Ainda mesmo que a Ciência na Terra, por longo tempo, recalitre contra as realidades do Espírito, é imperioso convir que, no comando das associações atômicas, sob a perquirição do homem, prevalecem as associações inteligentes de matéria mental. O Espírito, encarnado ou desencarnado, na essência, pode ser comparado a um dínamo complexo, em que se verifica a transubstanciação do trabalho psicofísico em forças mentoeletromagnéticas, forças essas que guardam consigo, no laboratório das células em que circulam e se harmonizam, a propriedade de agentes emissores e receptores, conservadores e regeneradores de energia. Para que nos façamos mais simplesmente compreendidos, imaginemo-lo como sendo um dínamo gerador, indutor, transformador e coletor, ao mesmo tempo, com capacidade de assimilar correntes contínuas de força e exteriorizá-las simultaneamente. Gerador elétrico. Recordemos que um motor se alimenta da corrente elétrica, fornecida pelos recursos atômicos do plano material. E para simples efeito de estudo da transmissão de força mediúnica, em que a matéria mental é substância básica, lembremo-nos de que a chamada força eletromotriz nasce do agente que a produz em circuito fechado. Afirmamos que o gerador elétrico é uma fonte de força eletromotriz, entretanto não nos achamos à frente de uma força automática, mas sim de uma característica do gerador, no qual a energia absorvida, sob forma particular, se converte em energia elétrica. O aparelho, gerador, no caso, não plasma correntes elétricas e sim produz determinada diferença de potencial entre os seus terminais ou extremos, facultando aos elétrons a movimentação necessária. Figuremos dois campos elétricos separados, cada um deles com cargas de natureza contrária, com uma diferença de potencial entre eles. Estabelecido um fio condutor entre ambos, a corrente elétrica se improvisa, do centro negativo para o centro positivo, até que seja alcançado o justo equilíbrio entre os dois centros, anulando-se, desde então, a diferença de potencial existente. Se desejamos manter a diferença de potencial a que nos referimos, é indispensável interpor entre ambos um gerador elétrico, por intermédio do qual se nutra, constante, o fluxo eletrônico entre um e outro, de vez que a corrente circulará no condutor, em vista do campo elétrico existente entre os dois corpos. [...] Átomos e Espíritos. Para entendermos com mais segurança o problema da compensação vibratória na produção da corrente elétrica e (de outro modo) da corrente mental, lembremo-nos de que, conforme a lei

de Coulomb, as cargas de sinal contrário ou de força centrípeta atraem-se, contrabalançando-se essa atração com a repulsão por elas experimentada, ante as cargas de sinal igual ou de força centrífuga. A harmonia eletromecânica do sistema atômico se verifica toda vez que se encontre neutro ou, mais propriamente, quando as unidades positivas ou unidades do núcleo são em número idêntico ao das negativas ou aquelas de que se constituem os elétrons, estabilidade essa que decorre dos princípios de gravitação nas linhas do microcosmo. Afirma-se, desse modo, que existe uma unidade de diferença de potencial entre dois pontos de um campo elétrico, quando a ação efetuada para transportar uma unidade de carga (ou 1 coulomb), de um ponto a outro, for igual à unidade de trabalho. Entendendo-se que os mesmos princípios predominam para as correntes de matéria mental, embora as modalidades outras de sustentação e manifestação, somos induzidos a asseverar, por analogia, que existe capacidade de afinização entre um Espírito e outro, quando a ação de plasmagem e projeção da matéria mental na entidade comunicante for, mais ou menos, igual à ação de receptividade e expressão na personalidade mediúnica.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 5)

“ONDA MENTAL. Onda hertziana. Examinando sumariamente as forças corpusculares de que se constituem todas as correntes atômicas do Plano Físico, podemos compreender, sem dificuldade, no pensamento ou radiação mental, a substância de todos os fenômenos do espírito, a expressar-se por ondas de múltiplas frequências. Valendo-nos de ideia imperfeita, podemos compará-lo, de início, à onda hertziana, tomando o cérebro como sendo um aparelho emissor e receptor ao mesmo tempo. Pensamento e televisão. Recorrendo, ainda, a recursos igualmente incompletos, recordemos a televisão, cujos serviços se verificam à base de poderosos feixes eletrônicos devidamente controlados. Nos transmissores dessa espécie, é imperioso conjugar a aparelhagem necessária à captação, transformação, irradiação e recepção dos sons e das imagens de modo simultâneo. De igual maneira, até certo ponto, o pensamento, a formular-se em ondas, age de cérebro a cérebro, quanto a corrente de elétrons, de transmissor a receptor, em televisão. Não desconhecemos que todo Espírito é fulcro gerador de vida onde se encontre. E toda espécie de vida começa no impulso mental. Sempre que pensamos, expressando o campo íntimo na ideiação e na palavra, na atitude e no exemplo, criamos formas-pensamentos ou imagens-moldes que arrojamos para fora de nós, pela atmosfera psíquica que nos caracteriza a presença. Sobre todos os que nos aceitem o modo de sentir e de ser, consciente ou inconscientemente, atuamos à maneira do hipnotizador sobre o hipnotizado, verificando-se o inverso, toda vez que aderimos ao modo de ser e de sentir dos outros. O

campo espiritual de quem sugestiona gera no âmbito da própria imaginação os esboços ou planos que se propõe exteriorizar, assemelhando-se, então, à câmara de imagens do transmissor vulgar, em que o iconoscópio, com o jogo de lentes adequadas, focaliza a cena sobre a face sensível do mosaico que existe numa das extremidades dele mesmo, iconoscópio, ao passo que um dispositivo explorador, situado na outra extremidade, fornece um feixe tênue de elétrons ou raio explorador que percorre toda a superfície do mosaico. Quando o raio explorador alcança a superfície do mosaico, desprende-se deste uma corrente elétrica de potência proporcional à luminosidade da região que está atravessando e, compreendendo-se que a maior ou menor luminosidade dos pontos diversos do mosaico equivale à imagem sobre ele mesmo refletida, perceberemos com facilidade que as variações de intensidade da corrente fornecida pelo mosaico equivalem à metamorfose das cenas em eletricidade, variações que respondem pelas modificações das cores e respectivos semitons. As imagens arremessadas através do dispositivo de focalização da câmera, atingindo o mosaico, se fazem invisíveis ao olhar comum. Nessa fase da transmissão, os vários pontos do mosaico acumulam maior ou menor corrente elétrica, segundo a porção de luz a incidir sobre eles. Somente depois dessa operação, que prossegue em variadas minudências técnicas, é que a cena passa ao transmissor da imagem, a reconstituir-se, através do cinoscópio ou válvula da imagem, no aparelho receptor, válvula essa cujo funcionamento é quase análogo ao do iconoscópio, na transmissão, embora fisicamente não se pareçam. Células e peças. Com muito mais primor de organização, o cérebro ou cabine de manifestação do Espírito, tanto quanto possamos conhecer-nos, do ponto de vista da estrutura mental, em nossa presente condição evolutiva, possui nas células e implementos que o servem aparelhagens correspondentes às peças empregadas em televisão para a emissão e recepção das correntes eletrônicas, exteriorizando as ondas que lhe são características, a transportarem consigo estímulos, imagens, vozes, cores, palavras e sinais múltiplos, através de vias aferentes e eferentes, nas faixas de sintonia natural. As válvulas, câmaras, antenas e tubos destinados à emissão dos elétrons, ao controle dos elétrons emitidos, à formação dos feixes corpusculares e respectiva deflexão vertical e horizontal e a operações outras para que o mosaico ou espelho elétrico forneça os sinais de vídeo, equivalentes à metamorfose da cena em corrente elétrica, e para que a tela fluorescente converta de novo os sinais de vídeo na própria cena óptica, a exprimir-se nos quadros televisionados, – configuram-se, admiravelmente, nos recursos sensíveis do cérebro, sistema nervoso, plexos e glândulas endócrinas, enriquecidos de outros elementos sensoriais no veículo físico e psicossomático, cabendo-nos, ainda, acentuar que a nossa

comparação peca demasiado pela pobreza conceptual, porquanto, em televisão, na atualidade, há conjuntos distintos para emissão e recepção, quando o Espírito, na engrenagem individual do cérebro, conta com recursos avançados para serviços de emissão e recepção simultâneos. Alavanca da vontade. Reconhecemos que toda criatura dispõe de oscilações mentais próprias, pelas quais entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou encarnadas que se lhe afinem com as inclinações e desejos, atitudes e obras, no quimismo inelutável do pensamento. Compreendendo-se que toda partícula de matéria em movimentação se caracteriza por impulso inconfundível, fácil ser-nos-á observar que cada Espírito, pelo poder vibratório de que seja dotado, imprimirá aos seus recursos mentais o tipo de onda ou fluxo energético que lhe define a personalidade, a evidenciar-se nas faixas superiores da vida, na proporção das grandezas morais, do ponto de vista de amor e sabedoria, que já tenha acumulado em si mesmo. E para manejar as correntes mentais, em serviço de projecção das próprias energias e de assimilação das energias alheias, dispõe a alma, em si, da alavanca da vontade, por ela vagarosamente construída em milênios e milênios de trabalho automatizante. A princípio, adstrita aos círculos angustos do primitivismo, a vontade, agarrada ao instinto de preservação, faz do Espírito um inveterado monomaniaco do prazer inferior. Avançando pelo terreno inicial da experiência, aparece o homem qual molusco inteligente, sempre disposto a fechar o circuito das próprias oscilações mentais sobre si mesmo, em monoideísmo intermitente.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 11)

“Cada mente é um dínamo gerador de energias, cuja intensidade e procedência canalizam forças poderosas, conforme a direção que se lhes dá. Portadora de energias ainda desconhecidas para nós outros

desencarnados, a onda mental agrega como desarticula as moléculas que compõem a matéria em suas múltiplas e complexas expressões. A criação, por isso mesmo, é decorrência da Mente Divina que tudo rege, em razão do que, em parte alguma, existe o vácuo, ocorrem mecanismos de inutilidade produzindo paradas ou caos. Este é apenas pobreza das percepções e primarismo da nossa ideia de conjunto. Na energia pura está a base de todas as coisas. A mente, por sua vez, constituída por energia especial, emitindo raios e ondas contínuos, quando dirigida com objetivos próprios e conhecidos, sincroniza com as vibrações que constituem o mecanismo geral, podendo alterar-lhe o conteúdo, o potencial dinâmico...” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

III Reinos da natureza: princípios, fluidos e corpos constituintes^{1,2,3,4,5}

“DOS TRÊS REINOS. OS MINERAIS E AS PLANTAS. 585. Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível? “Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.” Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de

- 1 Vide Subcapítulo I.4 (“Reinos da natureza, elementos constituintes e teoria evolutiva”), Capítulo I (“Alma ou Espírito”), Terceira Parte (“Morte do Corpo e Imortalidade do Espírito”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 2 Vide Subcapítulo I.6 (“Reinos da natureza e evolução dos seres vivos”), Capítulo I (“Universo, formação dos mundos e dos seres vivos”), Primeira Parte (“Evolução Material e Evolução Espiritual”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 3 Vide Subcapítulo I.1 (“Princípios (constituintes) dos seres orgânicos: princípio material (corpo), princípio vital (vitalidade), princípio intelectual (instinto e inteligência) e princípio espiritual (consciência”), Capítulo I (“Consciência”), Terceira Parte (“Consciência, Livre-arbítrio e Destino”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 4 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.
- 5 Vide o artigo “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina (São Paulo) 2017; 96(3): 145-158” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=108.

vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extra materiais e o conhecimento de Deus.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“[...] Em razão disso, o homem não pode ser examinado parcialmente, como um conjunto de ossos, nervos e sangue, tampouco na acepção tradicional dualista, de alma e corpo, mas, sob o aspecto pleno e total de Espírito, perispírito e matéria... Através do Espírito participa da realidade eterna; pelo perispírito vincula-se ao corpo e, graças ao corpo, vive no mundo material. É o perispírito o órgão intermediário pelo qual experimenta a influência dos demais Espíritos, que pululam em sua volta aguardando o momento próprio para o intercâmbio em que se comprazem.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Loucura e Obsessão)

III.1. Reino mineral: princípio material, matéria e corpo material

“**DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO.** [...] **PROPRIEDADES DA MATÉRIA. 29.** A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria? “Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada.” A gravidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo. **30.** A matéria é formada de um só ou de muitos elementos? “De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva.” **31.** Donde se originam as diversas propriedades da matéria? “São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias.” **32.** De acordo com o que vindes de dizer, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos não passam de modificações de uma única substância primitiva? “Sem dúvida e que só existem devido à disposição dos órgãos destinados a percebê-las.” A demonstração deste princípio se encontra no fato de que nem todos percebemos as qualidades dos corpos do mesmo modo: enquanto que uma coisa agrada ao gosto de um, para o de outro é detestável; o que uns veem azul, outros veem vermelho; o que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou

salutar. **33.** A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades? “Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!” Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar-se, pela ação da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que não há mais de um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos são apenas modificações desse elemento, o que se segue é que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que se compõe de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, se torna corrosiva, duplicando-se a proporção do oxigênio. Transformação análoga se pode produzir por meio da ação magnética dirigida pela vontade. O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são meras modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores consequências, tê-los como tais, até nova ordem. **a)** — Não parece que esta teoria dá razão aos que não admitem na matéria senão duas propriedades essenciais: a força e o movimento, entendendo que todas as demais propriedades não passam de efeitos secundários, que variam conforme à intensidade da força e à direção do movimento? “É acertada essa opinião. Falta somente acrescentar: e conforme à disposição das moléculas, como o mostra, por exemplo, um corpo opaco, que pode tornar-se transparente e vice-versa.” **34.** As moléculas têm forma determinada? “Certamente, as moléculas têm uma forma, porém não sois capazes de apreciá-la.” **a)** — Essa forma é constante ou variável? “Constante a das moléculas elementares primitivas; variável a das moléculas secundárias, que mais não são do que aglomerações das primeiras. Porque, o que chamais molécula longe ainda está da molécula elementar.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo II)

“**URANOGRÁFIA GERAL.** (Este capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título — *Estudos uranográficos* e assinadas GALILEU. Médiun: C. F. Nota do Tradutor: Estas são as iniciais do nome de Camilo Flammarion.) [...] **A MATÉRIA. 3.** À primeira vista, não há o que pareça tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto, como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a Arte ou a Natureza nos fazem passar diariamente ante o olhar, haverá duas

que revelem perfeita identidade, ou, sequer, paridade de composição? Quanta dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro, entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra! Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são, de fato, apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam. **4.** A Química, cujos progressos foram tão rápidos depois da minha época, em a qual seus próprios adeptos ainda a relegavam para o domínio secreto da magia; ciência que se pode considerar, com justiça, filha do século da observação e baseada unicamente, de maneira bem mais sólida do que suas irmãs mais velhas, no método experimental; a Química, digo, fez tábua rasa dos quatro elementos primitivos que os antigos concordaram em reconhecer na Natureza; mostrou que o elemento terrestre mais não é do que a combinação de diversas substâncias variadas ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis e produtos de certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser também um elemento principal, é apenas um estado da matéria, resultante do movimento universal a que esta se acha submetida e de uma combustão sensível ou latente. Em compensação, fez surgir considerável número de princípios, até então desconhecidos, que lhe pareceram formar, por determinadas combinações, as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que atuam simultaneamente, segundo certas leis e em certas proporções, nos trabalhos que se realizam dentro do grande laboratório da Natureza. Deu a esses princípios o nome de *corpos simples*, indicando de tal modo que os considera primitivos e indecomponíveis e que nenhuma operação, até hoje, pode reduzi-los a frações relativamente mais simples do que eles próprios. Os principais corpos simples são: entre os não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os metálicos, o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc. (Vide nota especial à pág. 178) **5.** Mas, onde param as apreciações do homem, mesmo ajudadas pelos mais impressionantes sentidos artificiais, prossegue a obra da Natureza; onde o vulgo toma a aparência como realidade, onde o prático levanta o véu e percebe o

começo das coisas, o olhar daquele que pode apreender o modo de agir da Natureza apenas vê, nos materiais constitutivos do mundo, a *matéria cósmica* primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões na época do aparecimento destas, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, e que um dia se desmembram, por efeitos da decomposição no receptáculo da extensão. **6.** Há questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais não poderemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas. Sobre essas questões, calar-me-ei, ou justificarei a minha maneira de ver. A com que nos ocupamos, porém, não pertence a esse número. Àqueles, portanto, que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, direi: abarcaí, se for possível, com olhar investigador, a multiplicidade das operações da Natureza e reconheceréis que, caso não se admita a unidade da matéria, impossível será explicar, já não direi somente os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção dum inseto. **7.** Caso se observe tão grande diversidade na matéria, é porque, sendo em número ilimitado as forças que hão presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas. Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva; o *cosmo*, ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“GENESE ORGÂNICA. FORMAÇÃO PRIMÁRIA DOS SERES VIVOS. 1. Tempo houve em que não existiam animais; logo, eles tiveram começo. Cada espécie foram aparecendo, à proporção que o globo adquiria as condições necessárias à existência delas. Isto é positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, existindo um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas, esse primeiro casal, donde saiu? É um desses mistérios que entendem com o princípio das coisas e sobre os quais apenas se podem formular hipóteses. A Ciência ainda não pode resolver o problema; pode, entretanto, pelo menos, encaminhá-lo para a solução. [...] **3.** A formação dos primeiros seres vivos se pode deduzir, por analogia, da mesma lei em virtude da qual se formaram e formam todos os dias os corpos inorgânicos. À medida que se aprofunda o estudo das leis da Natureza, as engrenagens que, de início, pareciam tão complicadas se vão simplificando e confundindo na grande lei de unidade que preside a toda a obra da criação. Isso se compreenderá melhor, quando estiver compreendida a formação dos corpos

inorgânicos, que é o degrau primário daquela outra.

4. A Química considera elementares umas tantas substâncias, como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Combinando-se, elas formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inúmeras variedades que resultam da combinação destes. A combinação de dois corpos para formar um terceiro exige especial concurso de circunstâncias: seja um determinado grau de calor, de secura ou de umidade; seja o movimento ou o repouso; seja uma corrente elétrica, etc. Se essas circunstâncias não se verificarem, a combinação não se operará.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto que deles resulta adquire outras, diferentes das daqueles. É assim, por exemplo, que o oxigênio e o hidrogênio, que são gases invisíveis, quimicamente combinados formam a água, que é líquida, sólida, ou vaporosa, conforme a temperatura. Na água, a bem dizer, já não há oxigênio nem hidrogênio, mas um corpo novo. Decomposta essa água, os dois gases, tornados livres, recobram suas propriedades: já não há água. A mesma quantidade desse líquido pode ser assim, alternativamente, decomposta e recomposta, ao infinito.

6. A composição e decomposição dos corpos se dão em virtude do grau de afinidade que os princípios elementares guardam entre si. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca que existe entre o oxigênio e o hidrogênio; mas, ao se pôr em contato com a água um corpo que tenha com o oxigênio mais afinidade do que a que este tem com o hidrogênio, a água se decompõe: o oxigênio é absorvido e o hidrogênio se liberta. Já não haverá água.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de certa quantidade dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, são necessárias uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio forem combinadas com duas de hidrogênio, em vez de água ter-se-á o deutóxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado, no entanto, dos mesmos elementos que entram na composição da água, porém noutra proporção.

8. Tal, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da Natureza. A inumerável variedade deles resulta de um número pequeno de princípios elementares combinados em proporções diferentes. Por exemplo: o oxigênio, combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade, o minio, que são venenosos. O oxigênio, com os metais chamados cálcio,

sódio, potássio, forma a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, a cré, as estalactites das grutas; unida ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso e o alabastro; ao ácido fosfórico, o fosfato de cal, base sólida, dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídrico ou hidroclórico; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. Todas essas combinações e milhares de outras se obtêm artificialmente, em pequenas quantidades, nos laboratórios de química; elas se operam em larga escala no grande laboratório da Natureza. Em sua origem, a Terra não continha essas matérias em combinação, mas, apenas, volatilizados, seus princípios constitutivos. Quando as terras calcárias e outras, tornadas pedrosas com o tempo, se lhe depositaram na superfície, aquelas matérias não existiam inteiramente formadas; porém, no ar se encontravam, em estado gasoso, todas as substâncias primitivas. Precipitadas por efeito do resfriamento, essas substâncias, sob o império de circunstâncias favoráveis, se combinaram, segundo o grau de suas afinidades moleculares. Foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, de sulfatos, etc., a princípio em dissolução nas águas, depositadas, depois, na superfície do solo. Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao estado primitivo de incandescência: tudo se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são volatilizáveis se volatilizariam. Depois, outro resfriamento determinaria nova precipitação e de novo se formariam as antigas combinações.

10. Estas considerações provam quanto a Química era necessária para a inteligência da Gênese. Antes de se conhecerem as leis da afinidade molecular, não era possível compreender-se a formação da Terra. Esta ciência lançou grande luz sobre a questão, como o fizeram a Astronomia e a Geologia, doutros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos mais notáveis fenômenos é o da cristalização, que consiste na forma regular que assumem certas substâncias, ao passarem do estado líquido, ou gasoso, ao estado sólido. Essa forma, que varia de acordo com a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Toda gente conhece os cristais de açúcar cândi; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces que terminam em pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que no inverno se produzem sobre as vidraças são devidos à cristalização do vapor d'água durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas. A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, para nós

infinitamente pequenas, mas que não deixam por isso de ocupar certo espaço, solicitadas umas para as outras pela atração molecular, se arrumam e justapõem segundo o exigem suas formas, de maneira a tomar cada uma o seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração e a constituir um conjunto simétrico. A cristalização só se opera em certas circunstâncias favoráveis, fora das quais ela não pode dar-se. São condições essenciais o grau da temperatura e o repouso absoluto. Compreende-se que um calor muito forte, mantendo afastadas as moléculas, não lhes permitiria condensarem-se e que a agitação, impossibilitando-lhes um arranjo simétrico, não lhes consentiria formar senão uma massa confusa e irregular, donde o não haver cristalização propriamente dita. **12.** A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos. A análise química mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono os que desempenham papel principal. Os outros entram acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporções na combinação dos referidos elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, nenhum corpo especial entra que igualmente não se encontre no reino mineral. [...] **14.** As diferentes combinações dos elementos, para formação das substâncias minerais, vegetais e animais, não podem, pois, operar-se, a não ser nos meios e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares estão numa espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias se tornam favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximando-se e se separam em virtude da lei de afinidades e, por suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Desapareçam essas condições e o trabalho subitamente cessa, para recommear quando elas de novo se apresentarem. É assim que a vegetação se ativa, enfraquece, para e prossegue, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; que esta planta prospera, num clima ou num terreno, e se estiola ou perece noutros. **15.** O que diariamente se passa às nossas vistas pode colocar-nos na pista do que se passou na origem dos tempos, porquanto as leis da Natureza não variam. Visto que são os mesmos os elementos constitutivos dos seres orgânicos e inorgânicos; que os sabemos a formar incessantemente, em dadas circunstâncias, as

pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir daí que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, em virtude da lei de afinidade, à medida que as condições da vitalidade do globo foram propícias a esta ou àquela espécie. A semelhança de forma e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode comparar-se à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se, sob a ação da mesma lei, as moléculas produzem conjunto análogo.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

III.2. Reino vegetal: princípio vital, fluido vital e corpo vital (além do corpo material)

“DO PRINCÍPIO VITAL. SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS. Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc. **60.** É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos? “Sim, a lei de atração é a mesma para todos.” **61.** Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos? “A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos está animalizada.” **62.** Qual a causa da animalização da matéria? “Sua união com o princípio vital.” **63.** O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito, ou causa? “Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.” **64.** Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro? “É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio.” **a)** — Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações. “Isto é consequência do que dissemos.” **65.** O princípio vital reside em algum dos

corpos que conhecemos? “Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria.” **66.** O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos? “Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.” **67.** A vitalidade é atributo permanente do agente vital, ou se desenvolve tão-só pelo funcionamento dos órgãos? “Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida.” **a)** — Poder-se-á dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo? “Sim, é isso.” O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor. **A VIDA E A MORTE. 68.** Qual a causa da morte dos seres orgânicos? “Esgotamento dos órgãos.” **a)** — Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada? “Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.” **69.** Por que é que uma lesão do coração mais depressa causa a morte do que as de outros órgãos? “O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.” **70.** Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? “A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.” Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o

movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“DOS TRÊS REINOS. OS MINERAIS E AS PLANTAS. [...] 586. Têm as plantas consciência de que existem? “Não, pois que não pensam; só têm vida orgânica.” **587.** Experimentam sensações? Sofrem quando as mutilam? “Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Consequentemente, não têm a sensação da dor.” **588.** Independe da vontade delas a força que as atrai umas para as outras? “Certo, porquanto não pensam. É uma força mecânica da matéria, que atua sobre a matéria, sem que elas possam a isso opor-se.” **589.** Algumas plantas, como a sensitiva e a dionéia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. São dotadas essas plantas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a Natureza vegetal e a Natureza animal? Constituem a transição de uma para outra? “Tudo em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras. As plantas não

pensam; por conseguinte carecem de vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.” O organismo humano nos proporciona exemplo de movimentos análogos, sem participação da vontade, nas funções digestivas e circulatórias. O piloro se contrai, ao contato de certos corpos, para lhes negar passagem. O mesmo provavelmente se dá na sensitiva, cujos movimentos de nenhum modo implicam a necessidade de percepção e, ainda menos, da vontade. **590.** Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação, que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo? “Há, se quizerdes, uma espécie de instinto, dependendo disso da extensão que se dê ao significado desta palavra. É, porém, um instinto puramente mecânico. Quando, nas operações químicas, observais que dois corpos se reúnem, é que um ao outro convém; quer dizer: é que há entre eles afinidade. Ora, a isto não dais o nome de instinto.” **591.** Nos mundos superiores, as plantas são de natureza mais perfeita, como os outros seres? “Tudo é mais perfeito. As plantas, porém, são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens.” [...] (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“GÊNESE ORGÂNICA. [...] PRINCÍPIO VITAL.

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata. Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros. **17.** Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão. (Cap. VI, Uranografia geral) Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem,

que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade. **18.** Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica. A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se extingue, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o efeito produzido por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira subsiste à extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono; mas, não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que possível lhe é reconstituir uma pedra. **19.** Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de compreender-se. Mais exato, no entanto, havéramos sido, dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se eletricidade. Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras pilhas elétricas, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“**ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO.** De todas as funções gerais que caracterizam os seres viventes, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica. Essa força é o que denominais princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas

se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte de energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas. Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXIV)

“MEDIUNIDADE E CORPO ESPIRITUAL. [...]”

Aura humana. Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam. Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde à natureza. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura. Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entraja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda. Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovoide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as ideias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança como no cinematógrafo comum. Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 17)

III.3. Reino animal: princípio instintivo-inteligente, fluido espiritual e corpo perispirítico ou perispírito (além dos corpos material e vital)

“DO PRINCÍPIO VITAL. [...]” **INTELIGÊNCIA E INSTINTO. 71.** A inteligência é atributo do princípio vital? “Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas, a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.” A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades. Podem distinguir-se assim: **1º**, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; **2º**, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; **3º**, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar. **72.** Qual a fonte da inteligência? “Já o dissemos; a inteligência universal.” **a)** — Poder-se-ia dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material? “Isto não passa de simples comparação, todavia inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Demais, como sabeis, há coisas que ao homem não é dado penetrar e esta, por enquanto, é desse número.” **73.** O instinto independe da inteligência? “Precisamente, não, por isso que o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres proveem às suas necessidades.” **74.** Pode estabelecer-se uma linha de separação entre instinto e a inteligência, isto é, precisar onde um acaba e começa a outra? “Não, porque muitas vezes se confundem. Mas, muito bem se podem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.” **75.** É acertado dizer-se que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais? “Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se transvia.” **a)** — Por que nem sempre é guia infalível a razão? “Seria infalível, se não fosse falseada pela má-educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão

permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.” O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado. O instinto varia em suas manifestações, conforme às espécies e às suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“**PERISPÍRITO. 93.** O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer? “Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.” Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito. **94.** De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? “Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.” **a)** — Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? “É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.” **95.** O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível? “Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**DOS TRÊS REINOS. [...] OS ANIMAIS E O HOMEM. 592.** Se, pelo que toca à inteligência, compararmos o homem e os animais, parece difícil estabelecer-se uma linha de demarcação entre aquele e estes, porquanto alguns animais mostram, sob esse aspecto, notória superioridade sobre certos homens. Pode essa linha de demarcação ser estabelecida de modo preciso? “A este respeito é completo o desacordo entre os vossos filósofos. Querem uns que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos em erro. O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem-dotado do que muitos destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre.

Pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos! não sabeis distinguir-vos deles? Reconhecei o homem pela faculdade de pensar em Deus.” **593.** Poder-se-á dizer que os animais só obram por instinto? “Ainda aí há um sistema. É verdade que na maioria dos animais domina o instinto. Mas, não vês que muitos obram denotando acentuada vontade? É que têm inteligência, porém limitada.” Não se poderia negar que, além de possuírem o instinto, alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria. Nada, porém, criam, nem melhora alguma realizam. Qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam outrora e o fazem, nem melhor, nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. A cria, separada dos de sua espécie, não deixa por isso de construir o seu ninho de perfeita conformidade com os seus maiores, sem que tenha recebido nenhum ensino. O desenvolvimento intelectual de alguns, que se mostram suscetíveis de certa educação, desenvolvimento, aliás, que não pode ultrapassar acanhados limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza maleável, porquanto não há aí progresso que lhe seja próprio. Mesmo o progresso que realizam pela ação do homem é efêmero e puramente individual, visto que, entregue a si mesmo, não tarda que o animal volte a encerrar-se nos limites que lhe traçou a Natureza. [...] **595.** Gozam de livre-arbítrio os animais, para a prática dos seus atos? “Os animais não são simples máquinas, como supondes. Contudo, a liberdade de ação, de que desfrutam, é limitada pelas suas necessidades e não se pode comparar à do homem. Sendo muitíssimo inferiores a este, não têm os mesmos deveres que ele. A liberdade, possuem-na restrita aos atos da vida material.” [...] **597.** Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria? “Há e que sobrevive ao corpo.” **a)** — Será esse princípio uma alma semelhante à do homem? “É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.” **598.** Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma? “Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.” **599.** À alma dos animais é dado escolher a espécie de animal em que encarne? “Não, pois que lhe falta livre-arbítrio.” **600.** Sobrevivendo ao corpo em que

habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem? “Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.” **601.** Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva? “Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. São sempre, porém, inferiores ao homem e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes.” Nada há nisso de extraordinário. Tomemos os nossos mais inteligentes animais, o cão, o elefante, o cavalo, e imagine-mo-los dotados de uma conformação apropriada a trabalhos manuais. Que não fariam sob a direção do homem? **602.** Os animais progridem, como o homem, por ato da própria vontade, ou pela força das coisas? “Pela força das coisas, razão por que não estão sujeitos à expiação.” **603.** Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus? “Não. Para eles o homem é um deus, como outrora os Espíritos eram deuses para o homem.” **604.** Pois que os animais, mesmo os aperfeiçoados, existentes nos mundos superiores, são sempre inferiores ao homem, segue-se que Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam. “Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contato que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá entrevê-los; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, logrará ver claro na obra de Deus. Até lá, suas muito restritas ideias lhe farão observar as coisas por um mesquinho e acanhado prisma. Sabei não ser possível que Deus se contradiga e que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que por nenhum de seus pontos deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador.” **a)** — A inteligência é então uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem? “É, porém os animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral.” **605.** Considerando-se todos os pontos de contato que existem entre o homem e os animais, não seria lícito pensar que o homem possui

duas almas: a alma animal e a alma espírita e que, se esta última não existisse, só como o bruto poderia ele viver? Por outra: que o animal é um ser semelhante ao homem, tendo de menos a alma espírita? Dessa maneira de ver resultaria serem os bons e os maus instintos do homem efeito da predominância de uma ou outra dessas almas? “Não, o homem não tem duas almas. O corpo, porém, tem seus instintos, resultantes da sensação peculiar aos órgãos. Dupla, no homem, só é a natureza. Há nele a natureza animal e a natureza espiritual. Participa, pelo seu corpo, da natureza dos animais e de seus instintos. Por sua alma, participa da dos Espíritos.” **a)** — De modo que, além de suas próprias imperfeições de que cumpre ao Espírito despojar-se, tem ainda o homem que lutar contra a influência da matéria? “Quanto mais inferior é o Espírito, tanto mais apertados são os laços que o ligam à matéria. Não o vedes? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. São distintas uma da outra a alma do animal e a do homem, a tal ponto que a de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas, conquanto não tenha alma animal, que, por suas paixões, o nivele aos animais, o homem tem o corpo que, às vezes, o rebaixa até ao nível deles, por isso que o corpo é um ser dotado de vitalidade e de instintos, porém ininteligentes estes e restritos ao cuidado que a sua conservação requer.” Encarnando no corpo do homem, o Espírito lhe traz o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. As duas naturezas nele existentes dão às suas paixões duas origens diferentes: umas provêm dos instintos da natureza animal, provindo as outras das impurezas do Espírito, de cuja encarnação é ele a imagem e que mais ou menos simpatiza com a grosseria dos apetites animais. Purificando-se, o Espírito se liberta pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, aproxima-se do bruto. Isento dela, eleva-se à sua verdadeira destinação. **606.** Donde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados? “Do elemento inteligente universal.” **a)** — Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais? “Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.” **607.** Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento? “Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.” **a)** — Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não? “Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio

inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS. 24. Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os *zoófitos* ou *animais-plantas*, cujo nome indica que eles participam de um e outro: serve-lhes de traço de união. Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como aqueles, elas precisam de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, desde que lhes faltem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Oferecem como caráter distintivo mais acentuado conservarem-se presas ao solo e tirarem dele a nutrição, sem se deslocarem. O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação. Um degrau acima, o animal é livre e procura o alimento: em primeiro lugar, vêm as inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela faculdade da locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, aos quais a vida assume prodigiosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma

em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que abrange os peixes, os répteis, os pássaros; seguem-se, por fim, os mamíferos cuja organização é a mais completa.

25. Ao se considerarem apenas os dois pontos extremos da cadeia, nenhuma analogia aparente haverá; mas, ao se passar de um anel a outro sem solução de continuidade, chega-se, sem transição brusca, da planta aos animais vertebrados. Compreende-se então a possibilidade de que os animais de organização complexa não sejam mais do que uma transformação, ou, se quiserem, um desenvolvimento gradual, a princípio insensível, da espécie imediatamente inferior e, assim, sucessivamente, até ao primitivo ser elementar. Entre a glândula e o carvalho é grande a diferença; entretanto, se acompanharmos passo a passo o desenvolvimento da glândula, chegaremos ao carvalho e já não nos admiraremos de que este proceda de tão pequena semente. Ora, se a glândula encerra em latência os elementos próprios à formação de uma árvore gigantesca, por que não se daria o mesmo do ouço ao elefante? (Nº 23) De acordo com o que fica dito, percebe-se que não exista geração espontânea senão para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam produto das transformações sucessivas desses mesmos seres, realizadas à proporção que as condições atmosféricas se lhes foram tornando propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de reproduzir-se, os cruzamentos acarretaram inúmeras variedades. Depois, uma vez instalada em condições favoráveis, quem nos diz que os germens primitivos donde ela surgiu não desapareceram para sempre, por inúteis? Quem nos diz que o nosso ouço atual seja idêntico ao que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Explicar-se-ia assim porque não há geração espontânea entre os animais de complexa organização. Esta teoria, sem estar admitida ainda, de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar hoje na Ciência. Os observadores sérios aceitam-na como a mais racional.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“O HOMEM CORPÓREO. 26. Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros

corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio. **27.** Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Logo abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó, têm certos ademais do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: *homens das florestas*. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, com a mão, os alimentos: sinais característicos. **28.** Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contato com o anel precedente. *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.* Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado. **29.** Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que se resignar a não ver no *seu corpo material* mais do que o último anel da animalidade *na Terra*. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar. Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO. 15. Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem. Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada

apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco.

16. Admitida essa hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (nº 11). Melhorados, os corpos, pela procriação, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco. Como em a Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco, que só lhes falta ser peludos, para se tornar completa a semelhança.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“OS FLUIDOS. [...] FORMAÇÃO E PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO. 7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispíritico e o corpo carnal têm pois origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes. **8.** Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito naturalmente variam, conforme os mundos. Dando-se Júpiter como orbe muito adiantado em comparação com a Terra, como um orbe onde a vida corpórea não apresenta a materialidade da nossa, os envoltórios perispírituais hão de ser lá de natureza muito mais quintessenciada do que aqui. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com o nosso corpo carnal, também os nossos Espíritos não poderiam nele penetrar com o perispírito terrestre que os reveste. Emigrando da Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e

toma outro apropriado ao mundo onde vai habitar. **9.** A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão porque continuam a crer-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros, um pouco mais desmaterializados, não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres. Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores, e, até encarnar neles. Tiram dos elementos constitutivos do mundo onde entram os materiais para a formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontrem. Fazem como o nobre que despe temporariamente suas vestes, para envergar os trajes plebeus, sem deixar por isso de ser nobre. É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem manifestar-se aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos trazem consigo não o invólucro, mas a lembrança, por intuição, das regiões donde vieram e que, em pensamento, eles veem. São videntes entre cegos. **10.** A camada de fluidos espirituais que cerca a Terra pode-se comparar às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras, do que as camadas superiores. Não são homogêneos esses fluidos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da *soma* das partes puras que eles encerram. Tal, por comparação, o álcool retificado, ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta, por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo que sua força e sua inflamabilidade diminuem, embora no todo continue a haver álcool puro. Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram dele seus perispíritos; porém, *conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele encarna.* O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar. Resulta disso este fato capital: *a constituição íntima*

do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda. O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, são os mesmos os efeitos que o corpo produz, semelhantes às necessidades, ao passo que diferem em tudo o que respeita ao perispírito. Também resulta que: *o envoltório perispíritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.* **11.** O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que têm de nele viver: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. *O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito, como a atmosfera para as dos encarnados.* Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morreriam no meio desses fluidos, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como a criatura terrena se afasta de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí porque não podem sair do meio que lhes é apropriado à natureza; para mudarem de meio, precisam antes mudar de natureza, despojar-se dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se depurem e moralmente se transformem. Então, gradualmente se identificam com um meio mais depurado, que se lhes torna uma necessidade, como os olhos, para quem viveu longo tempo nas trevas, insensivelmente se habitua à luz do dia e ao fulgor do Sol. **12.** Assim, tudo no Universo se liga, tudo se encaixa; tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade, até a mais pura espiritualidade. A Terra é qual vaso donde se escapa uma fumaça densa que vai clareando à medida que se eleva e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito. A potência divina refulge em todas as partes desse grandioso conjunto e, no entanto, quer-se que Deus, não contente com o que há feito, venha perturbar essa harmonia! Que se rebaixe ao papel de mágico, produzindo efeitos pueris, dignos de um prestidigitador! E ousa-se, ainda por cima, dar-lhe como rival em habilidade o próprio Satanás! Não haveria modo de amesquinhar mais a majestade divina e admirar-se de que a incredulidade progrida. Tendes razão de dizer: “A fé vai-se.” Mas, a que se vai é a fé em tudo o que aberra do bom-senso e da razão; é a

fé idêntica à que outrora levava a dizerem: “Vão-se os deuses!” A fé, porém, nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, essa está sempre vivaz no coração do homem e, por mais sufocada que tenha sido sob o amontoado de histórias pueris com que a oprimiram, ela se reerguerá mais forte, desde que se sinta libertada, tal como a planta que, comprimida, se levanta de novo, logo que a banham os raios do Sol! Efetivamente, tudo é milagre em a Natureza, porque tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres se patenteiam a toda gente, a todos os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir e não em proveito apenas de alguns! Não! Milagres não há no sentido que comumente emprestam a essa palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação, leis essas perfeitas.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“É fato incontestável a ação fisiológica de indivíduo a indivíduo, com ou sem contato. Semelhante ação evidentemente só pode ser exercida por um agente intermediário, do qual são reservatórios o nosso corpo, os nossos olhos e os nossos dedos, principais órgãos de emissão e de direção. Esse agente invisível é necessariamente um fluido. Quais a sua natureza e a sua essência? Quais as suas propriedades íntimas? Será um fluido especial, ou uma modificação da eletricidade, ou de algum outro fluido conhecido? Não será antes o a que hoje damos o nome de fluido cósmico, quando se acha esparso na atmosfera, e fluido perispirítico, quando individualizado? Esta questão, aliás, é secundária. O fluido perispirítico é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calórico. É-nos invisível, no nosso estado normal, e somente por seus efeitos se revela. Torna-se, porém, visível a quem se ache no estado de sonambulismo lúcido e, mesmo, no estado de vigília, às pessoas dotadas de dupla vista. No estado de emissão, ele se apresenta sob a forma de feixes luminosos, muito semelhante à luz elétrica difundida no vácuo. A isso, em suma, se limita a sua analogia com este último fluido, porquanto não produz, pelo menos ostensivamente, nenhum dos fenômenos físicos que conhecemos. No estado ordinário, denota matizes diversos, conforme os indivíduos que o emitem: ora vermelho fraco, ora azulado, ou acinzentado, qual ligeira bruma. As mais das vezes, espalha sobre os corpos circunjacentes uma coloração amarelada, mais ou menos forte. Sobre essa questão, são idênticos os relatos dos sonâmbulos e dos videntes. Teremos ainda ocasião de tratar disso, quando falarmos das qualidades que ao fluido imprimem o móvel que o põe em movimento e o adiantamento do indivíduo que o emite. Nenhum corpo lhe opõe obstáculo; ele os penetra e atravessa todos. Até agora nenhum se conhece que seja capaz de o isolar. Somente a vontade lhe pode ampliar ou restringir a ação. A vontade, com efeito, é o seu mais poderoso princípio. Pela vontade,

dirigem-se-lhe os eflúvios através do espaço, saturam-se dele alguns objetos, ou faz-se que ele se retire dos lugares onde superabunda. Digamos, de passagem, que é neste princípio que se funda a força magnética. Parece, enfim, que ele é o veículo da vista psíquica, como o fluido luminoso o é da vista ordinária. O fluido cósmico, conquanto emane de uma fonte universal, se individualiza, por assim dizer, em cada ser e adquire propriedades características, que permitem distingui-lo de todos os outros. Nem mesmo a morte apaga esses caracteres de individualização, que persistem por longos anos após a cessação da vida, coisa de que já temos podido convencer-nos. Cada um de nós tem, pois, o seu fluido próprio, que o envolve e acompanha em todos os movimentos, como a atmosfera acompanha cada planeta. É muito variável a extensão da irradiação dessas atmosferas individuais. Achando-se o Espírito em estado de absoluto repouso, pode essa irradiação ficar circunscrita nos limites de alguns passos; mas, atuando a vontade, pode alcançar distâncias infinitas. A vontade como que dilata o fluido, do mesmo modo que o calor dilata os gases. As diferentes atmosferas individuais se entrecruzam e misturam, sem jamais se confundirem, exatamente como as ondas sonoras que se conservam distintas, a despeito da imensidade de sons que simultaneamente abalam o ar. Pode-se, por conseguinte, dizer que cada indivíduo é centro de uma onda fluídica, cuja extensão se acha em relação com a força da vontade, do mesmo modo que cada ponto vibrante é centro de uma onda sonora, cuja extensão está na razão propulsora do fluido, como o choque é a causa de vibração do ar e propulsora das ondas sonoras. Das qualidades peculiares a cada fluido resulta uma espécie de harmonia ou desacordo entre eles, uma tendência a se unirem ou evitarem, uma atração ou repulsão, numa palavra: as simpatias ou antipatias que se experimentam, muitas vezes sem manifestas causas determinantes. Se nos colocamos na esfera de atividade de um indivíduo, a sua presença não raro se nos revela pela impressão agradável ou desagradável que nos produz o seu fluido. Se estamos entre pessoas de cujos sentimentos não partilhamos, cujos fluidos não se harmonizam com os nossos, penosa reação entra a oprimir-nos e sentimo-nos ali como nota dissonante num concerto! Se, ao contrário, muitos indivíduos se acham reunidos em comunhão de vistas e de intenções, os sentimentos de cada um se exaltam na proporção mesma da massa das forças atuantes. Quem não conhece a força de arrastamento que domina as aglomerações onde há homogeneidade de pensamentos e de vontades? Ninguém pode imaginar a quantas influências estamos assim submetidos, à nossa revelia. Não podem essas influências ser a causa determinante de certas ideias, dessas ideias que em dado momento se nos tornam comuns e a outras pessoas, desses

pressentimentos que nos levam a dizer: paira alguma coisa no ar, pressagiando tal ou tal acontecimento? Enfim, certas sensações indefiníveis de bem-estar ou de mal-estar moral, de alegria ou tristeza, não serão efeitos da reação do meio fluídico em que nos encontramos, dos eflúvios simpáticos ou antipáticos que recebemos e que nos envolvem como as emanções de um corpo odorífico? Não podemos pronunciar-nos afirmativamente, de modo absoluto, sobre essas questões, mas é forçoso convir, pelo menos, em que a teoria do fluido cósmico, individualizado em cada ser sob o nome de fluido perispirítico, abre um campo inteiramente novo para a solução de uma imensidade de problemas até agora insolúveis. Em seu movimento de translação, cada um de nós leva consigo a sua atmosfera fluídica, como o caracol leva a sua concha; esse fluido, porém, deixa vestígios da sua passagem; deixa um como sulco luminoso, inacessível aos nossos sentidos, no estado de vigília, mas que serve para que os sonâmbulos, os videntes e os Espíritos desencarnados reconstituam os fatos ocorridos e examinem os móveis que os ocasionaram. Toda ação física ou moral, patente ou oculta, de um ser sobre si mesmo, ou sobre outro, pressupõe, de um lado, uma força atuante e, de outro, uma sensibilidade passiva. Em todas as coisas, duas forças iguais se neutralizam e a fraqueza cede à força. Ora, não sendo todos os homens dotados da mesma energia fluídica, ou, por outra, não tendo o fluido perispirítico, em todos, a mesma potência ativa, explicado fica por que, nuns, essa potência é quase irresistível, ao passo que, noutros, é nula; por que algumas pessoas são muito acessíveis à sua ação, enquanto que outras lhe são refratárias. Essa superioridade e essa inferioridade relativas de pendem evidentemente do organismo; mas, fora erro acreditar-se que estão na razão direta da força ou da fraqueza física. A experiência prova que os homens mais robustos às vezes sofrem as influências fluídicas mais facilmente do que outros de constituição muito mais delicada, ao passo que com frequência se descobrem entre estes últimos uma força que a frágil aparência deles não permitiria se suspeitasse. De muitas formas se pode explicar essa diversidade no modo de agir. O poder fluídico aplicado à ação recíproca dos homens uns sobre os outros, isto é, ao Magnetismo, pode depender: 1º da quantidade de fluido que cada um possui; 2º da natureza intrínseca do fluido de cada um, abstração feita da quantidade; 3º do grau de energia da força impulsiva; porventura, até, dessas três causas reunidas. Na primeira hipótese, aquele que tem mais fluido dá-lo-ia ao que tem menos, recebendo-o deste em menor quantidade. Haveria nesse caso analogia perfeita com a permuta de calórico entre dois corpos que se colocam em equilíbrio de temperatura. Qualquer que seja a causa daquela diferença, podemos

aperceber-nos do efeito que ela produz, imaginando três pessoas cujo poder representaremos pelos números 10, 5 e 1. O 10 agirá sobre o 5 e sobre o 1, porém mais energicamente sobre o 1 do que sobre o 5; este atuará sobre o 1 mas será impotente para atuar sobre o 10; o 1, finalmente, não atuará sobre nenhum dos dois outros. Será essa talvez a razão por que certos pacientes são sensíveis à ação de tal magnetizador e insensíveis à de tal outro. Pode-se também, até certo ponto, explicar esse fenômeno, apoiado nas considerações precedentes. Dissemos, com efeito, que os fluidos individuais são simpáticos ou antipáticos, uns com relação aos outros. Ora, não poderia dar-se que a ação recíproca de dois indivíduos estivesse na razão da simpatia dos fluidos, isto é, da tendência destes a se confundirem por uma espécie de harmonia, como as ondas sonoras produzidas pelos corpos vibrantes? Indubitavelmente, essa harmonia ou simpatia dos fluidos é uma condição, ainda que não indispensável em absoluto, pelo menos muito preponderante, e quando há desacordo ou antipatia, a ação não pode deixar de ser fraca, ou, até nula. Este sistema explica bem as condições prévias da ação; mas, não diz de que lado está a força e, admitindo-o, somos forçados a recorrer à nossa primeira suposição. [...]” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Introdução ao estudo da fotografia e da telegrafia do pensamento)

“SOBRE OS ANIMAIS. Com o desenvolvimento das ideias espiritualistas no mundo, torna-se um estudo obrigatório, e para todos os dias, o grande problema que implica o drama da evolução anímica. Teria sido a alma criada no momento da concepção, na mulher, segundo as teorias antirreencarnacionistas? Como será a preexistência? O espírito já é criado pela potência suprema do Universo, apto a ingressar nas fileiras humanas? E os pensadores se voltam para os vultos eminentes do passado. As autoridades católicas valem-se de Tomás de Aquino, que acreditava na criação da alma no período de tempo que precede o nascimento de um novo ser, esquecendo-se dos grandes padres da antiguidade, como Orígenes, cuja obra é um atestado eterno em favor das verdades da preexistência. Outras doutrinas religiosas buscam a opinião falível da sua ortodoxia e dos seus teólogos, relutando em aceitar as realidades luminosas da reencarnação. Pascal, escrevendo na adolescência o seu tratado sobre os cones, e inúmeros Espíritos de escol, laborando com a sua genialidade precoce nas grandes tarefas para as quais foram chamados à Terra, constituem uma prova eloquente, aos olhos dos menos perspicazes e dos estudiosos de mentalidades tardas no raciocínio, a prol da verdade reencarnacionista. O homem atual recorda instintivamente os seus labores e as suas observações do passado. Sua existência de hoje á a continuação de quanto efetuou nos dias do pretérito. As conquistas de

agora representam a soma dos seus esforços de antanho, e a civilização é a grande oficina onde cada um deixa estereotipada a própria obra. **A SOMBRA DOS PRINCÍPIOS.** Contempla-se, porém, até hoje, a sombra dos princípios como noite insondável sobre abismos. Os desencarnados de minha esfera não se acham indenes, por enquanto, do socorro das hipóteses. A única certeza obtida é a da imortalidade da vida e como não é possível observar a essência da sabedoria, sem iniciativas individuais e sem ardorosos trabalhos, discutimos e estudamos as nobres questões que, na Terra, preocupavam o nosso pensamento. Um desses problemas, que mais assombram pela sua singular transcendência, é o das origens. Se na Terra o progresso humano se verifica, através de dois caminhos, o da Ciência e o da Revelação espiritual, ainda não encontramos, em identidade de circunstâncias, em nossa evolução relativa, nenhuma estrada estritamente científica para determinar o Alfa do Universo, senão a das hipóteses plausíveis. Contudo, saturada da mais profunda compreensão moral, copiosa é a nossa fonte de revelações, a qual constitui para nós um elemento granítico, servindo de base à sabedoria de amanhã. **OS ANIMAIS, NOSSOS PARENTES PRÓXIMOS.** Se bem haja no próprio círculo dos estudiosos dos espaços o grupo dos opositores das grandes ideias sobre o evolucionismo do princípio espiritual através das espécies, sou dos que o estudam, atenta e carinhosamente. Eminentemente naturalistas do mundo, como Charles Darwin, vislumbram grandiosas verdades, levando a efeito preciosos estudos, os quais, aliás, se prejudicaram pelo excessivo apego à ciência terrena, que se modifica e se transforma, com os próprios homens; e, dentro das minhas experiências, posso afirmar, sem laivos de dogmatismo, que oriundos na flora microbiana, em séculos remotíssimos, não poderemos precisar onde se encontra o acume das espécies ou da escala dos seres, no pentagrama universal. E, como o objetivo desta palestra é o estudo dos animais, nossos irmãos inferiores, sinto-me à vontade para declarar que todos nós já nos debatemos no seu acanhado círculo evolutivo. São eles os nossos parentes próximos, apesar da teimosia de quantos persistem em o não reconhecer. Considera-se, às vezes, como afronta ao gênero humano a aceitação dessas verdades. E pergunta-se como poderíamos admitir um princípio espiritual nas arremetidas furiosas das feras indomesticadas, ou como poderíamos crer na existência de um rio de luz divina na serpente venenosa ou na astúcia traiçoeira dos carnívoros. Semelhantes inquirições, contudo, são filhas de entendimento pouco atilado. Atualmente, precisamos modificar todos os nossos conceitos acerca de Deus, porquanto nos falece autoridade para defini-lo ou individualizá-lo. Deus existe. Eis a nossa luminosa afirmação, sem poder, todavia, classificá-lo, em sua

essência. Os que nos interpelam por essa forma, olvidam as histórias de calúnias, de homicídios, no seio das perversidades humanas. Para que o homem se conservasse nessa posição especial de perfectibilidade única, deveria apresentar todos os característicos de uma entidade irrepreensível, dentro do orbe onde foi chamado a viver. Tal não se verifica e, diariamente, comentais os dramas dolorosos da Humanidade, os assassinios, os infanticídios nefandos, efetuados em circunstâncias nas quais, muitas vezes, as faculdades imperfeitas dos irracionais agiriam com maior benignidade e clemência, dando testemunho de melhor conhecimento das leis de amor que regem o mecanismo do mundo. **A ALMA DOS ANIMAIS.** Os animais têm a sua linguagem, os seus afetos, a sua inteligência rudimentar, com atributos inumeráveis. São eles os irmãos mais próximos do homem, merecendo, por isso, a sua proteção e amparo. Seria difícil ao médico legista determinar, nas manchas de sangue, qual o que pertence ao homem ou ao animal, tal a identidade dos elementos que o compõem. A organização óssea de ambos é quase a mesma, variando apenas na sua conformação e observando-se diminuta diferença nas vértebras. O homem está para o animal, simplesmente, como um superior hierárquico. Nos irracionais desenvolvem-se igualmente as faculdades intelectuais. O sentimento de curiosidade é, na maioria deles, altamente avançado e muitas espécies nos demonstram as suas elevadas qualidades, exemplificando o amor conjugal, o sentimento da paternidade, o amparo ao próximo, as faculdades de imitação, o gosto da beleza. Para verificar a existência desses fenômenos, basta que se possua um sentimento acurado de observação e de análise. Inúmeros espíritos trouxeram à luz o fruto de suas pacientes indagações, que são para vós elementos de inegável valor. Entre muitos, citaremos Darwin, Gratiolet e vários outros estudiosos dedicados a esses notáveis problemas. Os mais ferozes animais têm para com a prole ilimitada ternura. Aves existem que se deixam matar, quando não se lhes permite a defesa das suas famílias. Os cães, os cavalos, os macacos, os elefantes deixam entrever apreciáveis qualidades de inteligência. É conhecido o caso dos cavalos de um regimento que mastigavam o feno para um de seus companheiros, inutilizado e enfermo. Conta-se que uma fêmea de cinocéfalos, muito conhecida pela sua mansidão, gostava de recolher os macaquinhos, os gatos e os cães, dos quais cuidava com desvelado carinho; certo dia, um gato revoltou-se contra a sua benfeitora, arranhando-lhe o rosto, e a mãe adotiva, revelando a mais refletida inteligência, examinou-lhe as patas, cortando-lhe as unhas pontiagudas com os dentes. Constitui um fato observável a sensibilidade dos cães e dos cavalos ao elogio e às reprimendas. Longe iríamos com as citações. O que podemos

assegurar é que, sobre os mundos, laboratórios da vida no Universo, todas as forças naturais contribuíam para o nascimento do ser. **TODOS SOMOS IRMÃOS.** De milênios remotos. Viemos todos nós, em pesados avatares. Da noite dos grandes princípios, ainda insondável para nós, emergimos para o concerto da vida. A origem constitui, para o nosso relativo entendimento, um profundo mistério, cuja solução ainda não nos foi possível atingir, mas sabemos que todos os seres inferiores e superiores participam do patrimônio da luz universal. Em que esfera estivemos um dia, esperando o desabrochamento de nossa racionalidade? Desconheceis ainda os processos, os modismos dessas transições, etapas percorridas pelas espécies, evoluindo sempre, buscando a perfeição suprema e absoluta, mas sabeis que um laço de amor nos reúne a todos, diante da Entidade Suprema do Universo. É certo que o Espírito jamais retrograda, constituindo uma infantilidade as teorias da metempsicose dos egípcios, na antiguidade. Mas, se é impossível o regresso da alma humana ao círculo da irracionalidade, recebi como obrigação sagrada o dever de amparar os animais na escala progressiva de suas posições variadas no planeta. Estendei até eles a vossa concepção de solidariedade e o vosso coração compreenderá, mais profundamente, os grandes segredos da evolução, entendendo os maravilhosos e doces mistérios da vida.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XII)

“79 - *Como interpretar nosso parentesco com os animais?* Considerando que eles igualmente possuem diante do tempo um porvir de fecundas realizações, através de numerosas experiências chegarão, um dia, ao chamado reino hominal, como, por nossa vez, alcançaremos, no escoar dos milênios, a situação de angelitude. A escala do progresso é sublime e infinita. No quadro exíguo dos vossos conhecimentos, busquemos uma figura que nos convoque ao sentimento de solidariedade e de amor que deve imperar em todos os departamentos da natureza visível e invisível. O mineral é atração. O vegetal é sensação. O animal é instinto. O homem é razão. O anjo é divindade. Busquemos reconhecer a infinidade de laços que nos unem nos valores gradativos da evolução e ergamos em nosso íntimo o santuário eterno da fraternidade universal.” (EMM, *O consolador*, Primeira parte - Ciência, Capítulo 3 - Ciências especializadas)

“O diretor espiritual da casa submetia o mediunero a delicada intervenção magnética que não seria lícito perturbar ou interromper. O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo somático. Enquanto o equipamento fisiológico descansava, imóvel, Castro, tateante e assombrado, surgia, junto de nós, numa cópia estranha de si mesmo, porquanto, além de maior em sua configuração

exterior, apresentava-se azulada à direita e alaranjada à esquerda. Tentou movimentar-se, contudo, parecia sentir-se pesado e inquieto... Clementino renovou as operações magnéticas e Castro, desdobrado, recuou, como que se justapondo novamente ao corpo físico. Verifiquei, então, que desse contato resultou singular diferença. O corpo carnal engolira, instintivamente, certas faixas de força que imprimiam manifesta irregularidade ao perispírito, absorvendo-as de maneira incompreensível para mim. Desde esse instante, o companheiro, fora do vaso de matéria densa, guardou o porte que lhe era característico. Era, agora, bem ele mesmo, sem qualquer deformidade, leve e ágil, embora prosseguisse encadeado ao envoltório físico pelo laço aeriforme, que parecia mais adelgado e mais luminoso, à medida que Castro-Espírito se movimentava em nosso meio. Enquanto Clementino o encorajava com palavras amigas, o nosso orientador, certamente assinalando-nos a curiosidade, deu-se pressa em esclarecer: – Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou “corpo astral” estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o “duplo etérico”, formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora. Para melhor ajustar-se ao nosso ambiente, Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colmeia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda. – Ah! – disse Hilário, com expressão admirativa – aqui vemos, desse modo, a exteriorização da sensibilidade!... – Sim, se algum pesquisador humano ferisse o espaço em que se situa a organização perispírica do nosso amigo, registraria ele, de imediato, a dor do golpe que se lhe desfechasse, queixando-se disso, através da língua física, porque, não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação. Observei atentamente o médium projetado ao nosso círculo de trabalho. Não envergava o costume azul e cinza de que se vestia no recinto, mas sim um roupão esbranquiçado e inteiriço que descia dos ombros até o solo, ocultando-lhe os pés, e dentro do qual se movia, deslizante. Áulus registrou-me as anotações íntimas e esclareceu: – Nosso irmão, com a ajuda de Clementino, está usando as forças ectoplásmicas que lhe são próprias, acrescidas com os recursos de cooperação do ambiente em que nos achamos. Semelhantes energias transudam de nossa alma, conforme a densidade específica de nossa própria organização, variando

desde a sublime fluidez da irradiação luminescente até a substância pastosa com que se operam nas crisálidas os variados fenômenos de metamorfose. Depois de fitar o médium hesitante alguns momentos, prosseguiu: – Castro é ainda um iniciante no serviço. À medida que entesoure experiência, manejará possibilidades mentais avançadas, assumindo os aspectos que deseje, considerando que o perispírito é constituído de elementos maleáveis, obedecendo ao comando do pensamento, seja nascido de nossa própria imaginação ou da imaginação de inteligências mais vigorosas que a nossa, mormente quando a nossa vontade se rende, irrefletida, à dominação de Espíritos tirânicos ou viciosos, encastelados na sombra. – Nosso amigo, então, se pudesse... – comentou Hilário, curioso. Mas, cortando-lhe a frase, o Assistente completou-a, ajuntando: – Se pudesse pensar com firmeza fora do campo físico, se já tivesse conquistado uma boa posição de autogoverno, com facilidade imprimiria sobre as forças plásticas de que se reveste a imagem que preferisse, aparecendo ao nosso olhar como melhor lhe aprouvesse, porque é possível estampar em nós mesmos o desenho que nos agrada. – Sim – ponderei –, importa reconhecer, contudo, que esse desenho, embora vivo, não é comparável ao vestuário em nosso plano... Áulus percebeu que minhas indagações incluíam sempre o imperativo de maior esclarecimento para Hilário, ainda neófito em nosso campo de ação e, talvez por isso, procurou fazer-se tão claro e minucioso quanto possível, acrescentando: – De modo nenhum. O pensamento modelará a forma que nos inclinamos a adotar, no entanto, os apetrechos de nossa apresentação na esfera diferente de vida a que fomos trazidos, segundo vocês já conhecem, variarão em seus tipos diversos. Lembremo-nos, para exemplificar, de um homem terrestre tatuado. Terá ele escolhido um desenho, através do qual a sua forma, por algum tempo, se faz mais facilmente identificável, mas envergará a vestimenta que mais lhe atenda ao bom gosto, conforme as usanças do quadro social a que se ajusta. E, sorrindo, acentuou: – Pela concentração mental, qualquer Espírito se evidenciará na expressão que deseje, todavia, empregando nossa imaginação criadora, podemos e devemos mobilizar os recursos ao nosso alcance, aprimorando concepções artísticas no campo de nossas relações, uns com os outros. A Arte, tanto quanto a Ciência, entre nós, é muito mais rica que no círculo dos encarnados e, por ela, a educação se processa mais eficiente, no que tange à beleza e à cultura. Assim como não podemos conceber uma sociedade terrestre digna e enobrecida, tão somente composta por homens e mulheres em nudismo absoluto, embora com maravilhosos primores de tatuagem, é preciso considerar que os indivíduos de nossa comunidade, não obstante dispondo de um veículo prodigiosamente esculpido pelas forças

mentais, não menoscabam as excelências do vestuário, por intermédio das quais selecionamos emoções e maneiras distintas. Não podemos esquecer que progresso é trabalho educativo. A ascensão do Espírito não seria regresso ao empirismo da taba.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 11)

“**CORPO SOMÁTICO.** [...] Difícil uma análise histórica, em síntese sobre o homem, um exame da sua organização somática pelos milênios incontáveis, desde as formas primárias em que a vida se manifestou no Orbe quando os “fascículos de luz” da Divindade começaram a adensar-se nas manifestações iniciais da matéria viva... O naturalista honesto, no entanto, fixado à complexa documentação paleontológica, embriológica, como a da Anatomia Comparada, apresenta o lêmure como o mais velho espécime conhecido, dentre os símios, do qual surgiu o platirrino, e, posteriormente, o catarrino que, em se bifurcando, deu origem ao antropopiteco, o erectus, que serviu de tronco ao ramo de que nasce o homem. Antes, porém, distintas raças serviram de moldes ascendentes para a formação paulatina da organização do Homo sapiens. Foram elas as de Grimaldi (demonstrada através de dois esqueletos negróides, que foram descobertos na Riviera Italiana, próximo a Grimaldi); as do Cro-Magnon (quando encontraram os ossos de quatro homens, dolococéfalos, com expressiva estatura, que teriam habitado grande parte da Europa. Esse achado ocorreu no ano de 1868, na Dordonha, próximo a Eyzies, na França); e as de Chancelade (consideradas como do período Magdaleniano, que teria dado origem aos esquimós). Não obstante os antropólogos divergirem entre si, apresentando novos grupos e subgrupos em que sustentam as teorias esposadas, são aquelas as melhormente aceitas pela generalidade dos estudiosos do assunto. Em 1950 Mayr sugeriu uma nova classificação para os homínídeos fósseis, simplificando, assim, as anteriores num único Homo, que se distribuiu em 3 classes: transvaalensis, erectus e sapiens, facultando novas pesquisas e valiosas anotações corroboradoras. De Lineu, a Cuvier, a Blumenbach, as classificações se estereotiparam, cabendo ao sábio de Göttingen, baseado na Antropologia Física, poder oferecer maior contribuição ao pensamento moderno, especialmente através dos estudos craniológicos, a que empregou seus melhores esforços... Simultaneamente, desde os primórdios do pensamento filosófico, o problema da evolução mereceu as mais expressivas contribuições. Com Heráclito, firmou-se o conceito dialético do Mundo, inspirado na filosofia grega, que tudo reduzia a incessantes transformações, mediante as quais as espécies vivas eram mutáveis. Lucrécio, ao apresentar o seu *De Natura Rerum* descreveu poeticamente a Natureza e se tornou o precursor legítimo do Darwinismo, por meio da “seleção natural” e da “luta pela vida”. Mais tarde, Buffon

afirmou os princípios evolucionistas em oposição ao fiocismo criacionista, facultando a Lamarck estabelecer a teoria dos seres vivos, donde se originou o Transformismo. Darwin, porém, culminou as pesquisas, já iniciadas, tornando-se o grande sistematizador e legítimo expositor da “concepção transformista da Natureza”. Hegel, simultaneamente, estabeleceu uma dialética concorde com tais princípios, em bases idealistas, cabendo a Spencer uma visão mais ampla da evolução, que definiu como sendo “Uma integração da matéria e uma dissipação concomitante do movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente a uma heterogeneidade definida e coerente, sofrendo, ao mesmo tempo, o movimento mantido e uma transformação paralela.” O pensamento hegeliano sustentou a teoria do materialismo dialético, então vigente. Logo depois, a teoria mutacionista propôs conceitos por meio dos quais as mutações, que seriam rápidas transformações, se fariam transmitir por hereditariedade, nunca, porém, provocadas pela ação mesológica, assim podendo facilitar, promover ou impedir as mesmas mutações, fazendo surgir, então, novos caracteres e ensejando a “seleção natural” darwiniana, na qual alguns caracteres sobreviveriam, enquanto outros desapareceriam. Os favoráveis à sobrevivência da espécie seriam, então, mantidos pela hereditariedade... Indubitavelmente que os conceitos evolucionistas não podem hoje ser negados, graças à monumental comprovação da Ciência atual, nos vários campos em que se expressa. Merece examinar, porém, que ao princípio espiritual, nas sucessivas reencarnações, se deve a transmissão às formas mais grosseiras, das necessidades psíquicas, que impõem o surgimento de órgãos e caracteres novos a se transmitirem por hereditariedade e se fixarem, prosseguindo o processo evolutivo incessantemente. A princípio, o Espírito se encontrava em atrasada expressão, utilizando-se da forma símio em transição para fixar-lhe implementos novos, desde que a função precede o órgão e aquela procede do Espírito, que modela as formas próprias, de que precisa para crescer e produzir experiências não conhecidas. À medida que as formas se aprimoravam, Espíritos mais bem credenciados impuseram-lhe atributos outros que constituíram, através dos milênios múltiplos e sucessivos, o corpo que hoje ainda serve de temporária morada para as edificações das futuras formas, com que a Humanidade progredirá no porvir, sob condições mais felizes, seguras e harmônicas. Ao Espírito, que é o ser, se devem as exteriorizações somáticas que constituem o não ser.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 5)

“**PENSAMENTO E PERISPÍRITO.** Portador de expressiva capacidade plasmadora, o perispírito registra todas as ações do Espírito através dos mecanismos sutis da mente que sobre ele age, estabelecendo os

futuros parâmetros de comportamento, que serão fixados por automatismos vibratórios nas reencarnações porvindouras. **Corpo intermediário** entre o ser pensante, eterno, e os equipamentos físicos, transitórios, por ele se processam as imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retomo à causa geratriz. Captando o impulso do pensamento e computando a resposta da ação, a ele se incorporam os fenômenos da conduta atual do homem, assim programando os sucessos porvindouros, mediante os quais serão aprimoradas as conquistas, corrigidos os erros e reparados os danos destes últimos derivados. Constituído por campos de forças mui especiais, ele irradia vibrações específicas portadoras de carga própria, que facultam a perfeita sintonia com energias semelhantes, estabelecendo áreas de afinidade e repulsão de acordo com as ondas emitidas. [...] O Espírito aspira e o perispírito age sobre os implementos materiais, dando surgimento a respostas orgânicas ou a fatos que retomam à fonte original, como efeito da ação física que o mesmo corpo transfere para o ser eterno, concedendo-lhe crédito ou débito que se incorpora à economia da vida planetária. O mundo mental, das aspirações e ideais, é o grande agente modelador do mundo físico, orgânico. Conforme as propostas daquele, têm lugar as manifestações neste. [...] O pensamento, desse modo, é um agente de grave significado no processo natural da vida, representando o grau de elevação ou inferioridade do Espírito, que, mediante o seu psicossoma ou órgão intermediário, plasma o que lhe é melhor e mais necessário para marchar no rumo da libertação.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Pensamento e Perispírito)

III.4. Reino humano: princípio espiritual (inteligência-consciência), fluido mental e corpo espiritual ou espírito (além dos corpos material, vital e perispirítico)

“**DOS ESPÍRITOS. ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS.** 76. Que definição se pode dar dos Espíritos? “Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.” (Nota — A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo.) 77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou serão simples emanções ou porções desta e, por isto, denominados filhos de Deus? “Meu Deus! São obra de Deus, exatamente qual a máquina o é do homem que a fábrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem. Sabes que, quando faz alguma coisa bela, útil, o homem lhe chama sua filha,

criação sua. Pois bem! O mesmo se dá com relação a Deus: somos seus filhos, pois que somos obra sua.” **78.** Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade? “Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável. Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.” **79.** Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material? “Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.” **80.** A criação dos Espíritos é permanente, ou só se deu na origem dos tempos? “É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar.” **81.** Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros? “Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.” **82.** Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais? “Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois debes compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.” Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação. **83.** Os Espíritos têm fim? Compreende-se que seja eterno o princípio donde eles emanam, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa donde saiu, como sucede com os corpos materiais. É difícil de conceber-se que uma coisa que teve começo possa não ter fim. “Há

muitas coisas que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que as repilais. O filho não compreende tudo o que a seu pai é compreensível, nem o ignorante tudo o que o sábio apreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**121.** Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal? “Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.” **122.** Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra? “O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“**LIBERDADE DE PENSAR. 833.** Haverá no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual goze ele de absoluta liberdade? “No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não há como pôr-lhe peias. Pode-se-lhe deter o voo, porém, não aniquilá-lo.” **834.** É responsável o homem pelo seu pensamento? “Perante Deus, é. Somente a Deus sendo possível conhecê-lo, ele o condena ou absolve, segundo a sua justiça.” **LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA. 835.** Será a liberdade de consciência uma consequência da de pensar? “A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo X)

“[...] O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas. É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos

seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme à dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte: As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras, mediante progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo *absoluto*, cada um de cujos indivíduos haure na fonte universal a quantidade do princípio inteligente que lhe seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com o trabalho que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que ele, por sua morte, restitui ao reservatório donde a tirou. Os dos mundos mais adiantados que o nosso (Ver nº 188) constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, cujos auxiliares eles são, mas de modo nenhum procedem das da Terra, espiritualmente falando. Outro tanto não se dá com o homem. Do ponto de vista físico, este forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos; porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe confere o senso moral e um alcance intelectual de que carecem os animais e que é nele o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade. Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que fora inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir sistemas. O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, a progressividade de suas faculdades, seu estado feliz ou desgraçado de acordo com o seu adiantamento na senda do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio. Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento *atual* nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo XI)

“O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA. 11. Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde acaba um e o outro começa? Será o instinto uma inteligência rudimentar, ou será uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria? *O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos*

e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas prole, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar, etc. **12.** *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, de acordo com a oportunidade das circunstâncias.* É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma. *Todo ato maquinal é instintivo; o ato que denota reflexão, combinação, deliberação é inteligente. Um é livre, o outro não o é.* O instinto é guia seguro, que nunca se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, está, por vezes, sujeita a errar. Ao ato instintivo falta o caráter do ato inteligente; revela, entretanto, *uma causa inteligente*, essencialmente apta a prever. Ao se admitir que o instinto procede da matéria, ter-se-á de admitir que a matéria é inteligente, até mesmo bem mais inteligente e previdente do que a alma, pois que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se equivoca. Ao se considerar o instinto uma inteligência rudimentar, como se há de explicar que, em certos casos, seja superior à inteligência que raciocina? Como explicar que torne possível se executem atos que esta não pode realizar? Se ele é atributo de um princípio espiritual de especial natureza, qual vem a ser esse princípio? Pois que o instinto se apaga, dar-se-á que esse princípio se destrua? Se os animais são dotados apenas de instinto, não tem solução o destino deles e nenhuma compensação os seus sofrimentos, o que não estaria de acordo nem com a justiça, nem com a bondade de Deus. (Cap. II, 19)” (AK, *A gênese*, Capítulo III)

“O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA. [...] 13. Segundo outros sistemas, o instinto e a inteligência procederiam de um único princípio. Chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que primeiramente apenas tivera as qualidades do instinto, passaria por uma transformação que lhe daria as da inteligência livre. Se fosse assim, no homem inteligente que perde a razão e entra a ser guiado exclusivamente pelo instinto, a inteligência voltaria ao seu estado primitivo e, quando o homem recobrasse a razão, o instinto se tornaria inteligência e assim alternativamente, a cada acesso, o que não é admissível. Aliás, é frequente o instinto e a inteligência se revelarem simultaneamente no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o homem põe maquinalmente um pé à frente do outro, sem nisso pensar; quando, porém, ele quer acelerar ou demorar o passo, levantar o pé ou desviar-se de um tropeço, há cálculo, combinação; ele age com deliberado propósito. *A impulsão involuntária do movimento é o ato instintivo; a calculada direção do movimento é o ato inteligente.* O animal carnívoro é impelido pelo instinto a se alimentar de carne, mas as precauções que toma e que variam conforme as circunstâncias, para segurar a presa, a sua providência das eventualidades são atos da inteligência. [...]. **15.** Nesta ordem de ideias, ainda mais longe se pode ir. Por muito racional que seja, essa teoria não resolve todas as dificuldades da questão. Se observarmos os efeitos do instinto, notaremos, em primeiro lugar, uma unidade de vistas e de conjunto, uma segurança de resultados, que cessam logo que a inteligência o substitui. Demais, reconheceremos profunda sabedoria na apropriação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie. Semelhante unidade de vistas não poderia existir sem a unidade de pensamento e esta é incompatível com a diversidade das aptidões individuais; só ela poderia produzir esse conjunto tão harmonioso que se realiza desde a origem dos tempos e em todos os climas, com uma regularidade, uma precisão matemática, cuja ausência jamais se nota. A uniformidade no que resulta das faculdades instintivas é um fato característico, que forçosamente implica *a unidade da causa*. Se a causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, há de ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que atesta sabedoria e providência há de ter uma causa sábia e providente. Ora, uma causa dessa natureza, sendo por força inteligente, não pode ser exclusivamente material. [...] Tanto mais ativa é essa solicitude, quanto menos recursos tem o indivíduo em si mesmo e na sua inteligência. Por isso é que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores, do que

no homem. Segundo essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia seguro. O instinto materno, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, não devia ele ser entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. *Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.* [...]” (AK, *A gênese*, Capítulo III)

“GÊNESE ESPIRITUAL. PRINCÍPIO ESPIRITUAL. 1. A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios. De acordo com este princípio: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente”, ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste. Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se, pois, vivo, o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não há quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência, que faz com que este se mova, está fora dele, ao passo que está no homem a que faz que este obre. **2.** O princípio espiritual é corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a soberana inteligência a reinar, pela eternidade em fora, unicamente sobre a matéria bruta, como não se poderia conceber que um monarca terreno, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Não se podendo admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, inúteis seriam essas qualidades, se ele as houvesse de exercitar somente sobre a matéria. **3.** Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, a criar seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los ao nada, após alguns dias de sofrimento sem compensações, a recrear-se na contemplação dessa sucessão indefinita de seres que nascem, sem que o hajam pedido, pensam por um instante, apenas para conhecerem a dor, e se extinguem para sempre, ao cabo de efêmera existência. Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis por que o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando o efeito, não podem eles admitir a causa. O materialismo é, pois, consequente

consigo mesmo, embora não o seja com a razão. **4.** É inata no homem a ideia da perpetuidade do ser espiritual; essa ideia se acha nele em estado de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente aí está a compensação às misérias da vida. Essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus. À ideia intuitiva e à força do raciocínio o Espiritismo junta a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Torna precisa e define o que aquela ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra o ser inteligente a atuar fora da matéria, quer depois, quer durante a vida do corpo. **5.** São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital? Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para que os confundíssemos. Mas, havendo, como há, seres que vivem e não pensam, quais as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual por nenhum sinal exterior se manifesta, é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, n^{os} 16 a 19) **6.** Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.? Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; momentânea seria, como a do corpo, a existência do ser inteligente que, então, ao morrer, volveria ao nada, ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas. As propriedades *sui generis* que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. Individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados *Espíritos*, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos da Natureza,

orgânicos e inorgânicos. **7.** Admitido o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem, seu ponto de partida? Aqui, falecem absolutamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o mais, apenas lhe é dado formular hipóteses e, quer porque esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, quer porque lhe seja inútil ou prejudicial presentemente, Deus não lho outorga, nem mesmo pela revelação. O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça, atributo essencial da Divindade, é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta. **8.** Ao mesmo tempo que criou, desde toda a eternidade, mundos materiais, Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais. Se assim não fora, os mundos materiais careceriam de finalidade. Mais fácil seria conceberem-se os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem aqueles. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências. **9.** Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumpre alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“GÊNESE ESPIRITUAL. [...] UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL À MATÉRIA. 10. Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, conto o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, no mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos. O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento

do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada. **11.** Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo, igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: *Alma da Terra*) **12.** Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal. **13.** Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável. **14.** O corpo, conseqüentemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. É um ponto este que não sofre contestação. A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a *habitação* e o *habitante*. Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz

dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“GÊNESE ESPIRITUAL. [...] ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS. [...] 23. Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual, como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana. Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal. Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, forçoso convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo. Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo *ao entrar na humanidade*, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“[...] A CONSCIÊNCIA. Na história de todos os povos, observar-se a tendência religiosa da Humanidade; é que, em toda personalidade existe uma fagulha divina – a consciência, que estereotipa em cada espírito a grandeza e a sublimidade de sua origem; no embrião, a princípio rude nas suas menores manifestações, a consciência se vai despidendo dos véus de imperfeição e bruteza que rodeiam, debaixo de muitas vidas do seu ciclo evolutivo, em diferentes círculos de existência, até que atinja a plenitude do aperfeiçoamento psíquico e o conhecimento integral do seu próprio “eu”, que, então, se unirá ao centro criador do Universo, no qual se encontram todas as causas reunidas e de onde irradiará o seu poema eterno de

sabedoria e amor. É a consciência, centelha de luz divina, que faz nascer em cada individualidade a ideia da verdade, relativamente aos problemas espirituais, fazendo-lhe sentir a realidade positiva da vida imortal, atributo de todos os seres da criação. [...]” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XV)

“CORPO ESPIRITUAL. Retrato do corpo mental. Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental’ que lhe preside a formação (* O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre - Nota do Autor espiritual). Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berço-túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência. Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas coloides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“EVOLUÇÃO E CORPO ESPIRITUAL. Primórdios da vida. Procurando fixar ideias seguras acerca do corpo espiritual, será preciso remontarmos, de algum modo, aos primórdios da vida na Terra, quando mal cessavam as convulsões telúricas, pelas quais os Ministros Angélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do Planeta. [...] **Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios.** Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exoesqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida,

surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue – condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma – detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individuações do Espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina. Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico aos fetos e às lycopodiáceas, aos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esquelética. Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arqueossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos. Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência. **Faixas inaugurais da razão.** Estagiando nos marsupiais e cretáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, equídeos, canídeos, proboscídeos e antropídeos inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropídeos da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão. **Elos desconhecidos da evolução.** Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente. considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito,

nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra. **Evolução no tempo.** É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, fixando-os na tessitura da própria alma. Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, despendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. Isso é perfeitamente verificável na desintegração natural de certos elementos radioativos na massa geológica do Globo. E entendendo-se que a civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a bênção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicosomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica. Uberaba, 22/1/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 3)

“AUTOMATISMO E CORPO ESPIRITUAL. [...]
Evolução e princípios cosmocinéticos. Os dias da Criação, assinalados nos livros de Moisés, equivalem a épocas imensas no tempo e no espaço, porque o corpo espiritual que modela o corpo físico e o corpo físico que representa o corpo espiritual constituem a obra de séculos numerosos, pacientemente elaborada em duas esferas diferentes da vida, a se retomarem no berço e no túmulo com a orientação dos Instrutores Divinos que supervisionam a evolução terrestre. Com semelhante enunciado não diligenciamos, de modo algum, explicar a gênese do Espírito, porque isso, por enquanto, implicaria arrogante e pretensiosa definição do próprio Deus. Propomo-nos simplesmente salientar que a lei da evolução prevalece para todos os seres do Universo, tanto quanto os princípios cosmocinéticos,

que determinam o equilíbrio dos astros, são, na origem, os mesmos que regulam a vida orgânica, na estrutura e movimento dos átomos. O veículo do Espírito, além do sepulcro, no plano extrafísico ou quando reconstituído no berço, é a soma de experiências infinitamente repetidas, avançando vagarosamente da obscuridade para a luz. Nele, situamos a individualidade espiritual, que se vale *das vidas menores* para afirmar-se –, das *vidas menores* que lhe prestam serviço, dela recolhendo preciosa cooperação para crescerem a seu turno, conforme os inelutáveis objetivos do progresso. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 4)

“EXISTÊNCIA DA ALMA. Evolução morfológica e moral. A evolução morfológica prosseguiu, emparelhando-se com a evolução moral. O crânio avançou, com vagar, no rumo de aprimoramento maior, os braços refinavam-se, as mãos adquiriam excelência tátil não sonhada e os sentidos, todos eles, progrediam em acrisolamento e percepção. Todavia, com o advento da responsabilidade que o separara da orientação direta dos Benfeitores da Vida Maior, entregou-se o homem a múltiplos tentames de progresso no campo do espírito. No regime interior de livre indagação, conferia asas audaciosas ao pensamento e, com isso, mais se lhe acentuava o poder de imaginar, facilitando-se-lhe a mentalização e o desprendimento do corpo espiritual, cujas células em conexão com as células do corpo físico se automatizavam assim, na emancipação parcial, através do sono, para acesso da alma a ensinamentos de estrutura superior. Guarda a criatura humana, então, consigo, na tessitura dos próprios órgãos, a herança dos milhões de estágios diferentes, os reinos inferiores, e, no fundo, sente-se inclinada a viver no plano dos outros mamíferos que lhe respiram a vizinhança, com o instinto absoluto dominando sem restrições; no entanto, com a evolução irreversível, o amor agigantou-se-lhe no ser, sugerindo-lhe novas disposições à própria existência. **Noção do direito.** Em razão do apego aos rebentos da própria carne, institui a propriedade da faixa de solo em que se lhe encrava a moradia e, atendendo a essa mesma raiz de afetividade, traça a si próprio determinadas regras de conduta, para que não imponha aos semelhantes ofensas e prejuízos que não deseja receber. Acontece, assim, o inesperado. O homem selvático que não pretende abandonar os apetites e prazeres da experiência animal, fabrica para si mesmo os freios que lhe controlarão a liberdade, a fim de que se lhe enobreça o caráter iniciante. Estabelecendo a posse tirânica em tudo o que julga seu, desiste de aproveitar o que pertence ao vizinho, sob pena de expor-se a penalidades cruéis. Nasce, desse modo, para ele a noção do direito sobre o alicerce das obrigações respeitadas. **Consciência desperta.** É assim que ele transformado interpreta,

sob novo prisma, a importância de sua presença na Terra. Não mais lhe seduzem a despreocupação e o nomadismo, assim como para o homem adulto é já passado o ciclo da infância. Sabe agora que o berço carnal se reveste de significação mais profunda. Compreende, a pouco e pouco, que a vida lhe registra as contas pessoais, porquanto aprende que pode negar o braço ao companheiro necessitado de apoio, sabendo, porém, que o companheiro poderá recusar-lhe o seu, no momento em que o desequilíbrio lhe bata à porta. Reconhece que dispõe de liberdade para matar o desafeto, mas não ignora que o desafeto, a seu turno, pode igualmente exterminar-lhe o corpo ou amargar-lhe o caminho. Percebe que os seus gestos e atitudes, para com os outros, criam nos outros atitudes e gestos semelhantes para com ele.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 11)

“Nascimento da consciência. Antropológica e historicamente, a sobrevivência equilibrada do homem e da sociedade tem estado sempre vinculada à ideia de um mito central, no qual se haurem os valores éticos de sustentação das suas atividades e do seu equilíbrio. Toda vez em que fatores adversos interferem nos mitos humanos, desacreditando aquele que sintetiza as suas aspirações, os homens se encaminham para o caos e se agridem e se perturbam, parecendo haver perdido o rumo. Passada a tempestade, os seus remanescentes, não destruídos in totum, emergem, dando surgimento a uma nova ideiação, e um mito criativo aparece preenchendo a lacuna deixada pelo anterior. No estado atual da sociedade existe a carência de um mito predominante, que aglutine todas as mentes, sobre elas derramando as suas benesses e confortando-as. A perda do mito expõe os conteúdos psíquicos, que alteram os objetivos das suas necessidades, fazendo-os mergulhar no vazio ou no desinteresse, no prazer ou na alucinação do poder. Em se considerando que nenhum desses objetivos plenifica o indivíduo, ele passa a disputar a necessidade abrangente do despertar da consciência, interpretando os mitos menores nele jacentes. Jung, em uma análise profunda, estabeleceu que “a existência só é real quando é consciente para alguém”, afirmando a necessidade que o Criador possui em relação ao homem consciente. Oportunamente, voltou a esclarecer que “a tarefa do homem é (...) conscientizar-se dos conteúdos que pressionam para cima, vindos do inconsciente”. Esse despertar e crescimento da consciência, ainda segundo o eminente psicanalista, termina por afetar-lhe também o inconsciente. É óbvio que, se os conteúdos psíquicos emergentes formam a consciência, as contribuições atuais desta se irão incorporar ao inconsciente que surgirá mais tarde. Deste modo, o nascimento da consciência se opera mediante a conjunção dos contrários, como

decorrência de uma variada gama de conteúdos psíquicos, que formam as impressões arquetípicas ao fazerem contato com o ego, dando surgimento à sua substância psíquica e tornando todo esse trabalho um processo de individuação. Daí surgem os discernimentos entre as coisas opostas, o eu e o não-eu, o ego e o inconsciente, o sujeito e o objeto, a própria pessoa e a outra. Dando campo aos conflitos, este sentimento que enfrenta e contesta torna-se uma forma altamente criativa de luta, cuja vitória proporciona satisfação, ampliação e aprimoramento da vida. Sem essa dualidade dos opostos, que leva à reflexão, no processo de individuação, não há aumento real de consciência, que somente se opera entrando em contato com os opostos e os absorvendo. A consciência, do ponto de vista filosófico, é “um atributo altamente desenvolvido na espécie humana e que se caracteriza por uma oposição básica, essencial. E o atributo pelo qual o homem toma em relação ao mundo — bem como aos denominados estados interiores e subjetivos — a distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração... Por sua vez, declara, ainda, Jung, a consciência é “a relação dos conteúdos psíquicos com o ego, na medida em que essa relação é percebida como tal, pelo ego”. E conclui que “as relações com o ego que não são percebidas como tal são inconscientes”. Estabelece, ademais, a diferença entre consciência e psique, que esta última “representa a totalidade dos conteúdos psíquicos” e como esses conteúdos, na sua totalidade, não estão vinculados no ego, tais não são consciência. Nos mitos centrais de todos os povos, os opostos formaram a essência das suas crenças, dos seus conteúdos psíquicos geradores da consciência. Encontramo-los nas religiões da antiguidade oriental e, particularmente, no mito da Criação, no qual, os conflitos da treva e da luz, do bem e do mal são relevantes. O Zoroastrismo também o ressuscitou e, mais tarde, a alquimia facultou o surgimento da Pedra Filosofal como mediadora dos opostos, do Santo Gral, como depósito que compõe as bases da consciência humana, a se avolumar através dos tempos, dando, desde o início, a ideia das suas várias expressões, tais: a consciência moral, a consciência de fé, a consciência do dever, de justiça, de paz, de amor... Os equipamentos constitutivos da consciência utilizam-se, e adquirem mais amplas percepções que facultam o desenvolvimento emocional e ético do homem, auxiliando-o na liberação de conflitos. As heranças atávicas, que se convertem em arquétipos, no inconsciente individual e coletivo dizem respeito às realidades do Espírito, em si mesmo responsável pelos resíduos psíquicos, que se transformam nos conteúdos preponderantes para a formação da consciência. O homem deve adquirir o conhecimento para elevar-se do ser bruto, tornando-se o

sujeito detentor da consciência. Não lhe bastará conhecer, mas também, viver a experiência de ser o objeto conhecido. Não somente conhecer de fora para dentro, porém, vivenciar o que é conhecido, incorporando-o à sua realidade. Enquanto o ego conhece, o outro passa a ser um objeto detido, conhecido, o que não plenifica. Esta satisfação advém quando o ego, passando pela vivência do que conhece, torna-se, por sua vez, conhecido pelo outro, que também tem a função de sujeito conhecedor. O ego adquire, desse

modo, a consciência autêntica, no momento em que é sujeito que conhece o objeto conhecido. Indispensável, nesse jogo do conhecer sendo conhecido, que se não crie uma dependência em relação à pessoa que conhece. A vida saudável é a que decorre da liberdade consciente, capaz de enfrentar os obstáculos e dificuldades que se apresentam no relacionamento humano e na própria individualidade. Esta é a meta que a consciência almeja.” (JA, *O homem integral*, Oitava parte, Capítulo 32)



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Segunda Parte

Constituição Humana – Corpos Sutis

- I. Corpo material ou físico**
 - II. Corpo vital, princípio vital ou duplo etérico**
 - III. Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma**
 - IV. Espírito, alma ou princípio inteligente**
-

I Corpo material ou físico^{1,2}

1.1. Constituição, evolução e finalidade

“O HOMEM CORPÓREO. 26. Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais unicamente difere por alguns matizes na forma exterior. Quanto ao mais, a mesma composição de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como tudo o que vive. Não há, em seu sangue, na sua carne, em seus ossos, um átomo diferente dos que se encontram no corpo dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se haviam combinado para formá-lo; e esses elementos, por meio de novas combinações, vão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. É tão grande a analogia que se estudam as suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não podem ser feitas nele próprio. **27.** Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Logo abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o orangotango, o chimpanzé, o jocó, têm certos ademais do homem, a tal ponto que, por muito tempo, foram denominados: *homens das florestas*. Como o homem, esses macacos caminham eretos, usam cajados, constroem choças e levam à boca, com a mão, os alimentos: sinais característicos. **28.** Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contato com o anel precedente. *Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.* Visto que são idênticas às dos outros corpos as condições do corpo do homem, química e constitucionalmente; visto que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, também nas mesmas condições que os outros se há de ele ter formado. **29.** Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que se resignar a não ver

no *seu corpo material* mais do que o último anel da animalidade na Terra. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar. Todavia, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, tanto mais cresce de importância o princípio espiritual. Se o primeiro o nivela ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite extremo do animal: não vemos o limite a que chegará o espírito do homem.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“O SANTUÁRIO SUBLIME. Noutro tempo, as nações admiravam como maravilhas o Colosso de Rodes, os Jardins Suspensos da Babilônia, o Túmulo de Mausolo, e, hoje, não há quem fuja ao assombro, diante das obras surpreendentes da engenharia moderna, quais sejam a Catedral de Milão, a Torre Eiffel ou os arranha-céus de Nova Iorque. Raros estudiosos, no entanto, se recordam dos prodígios do corpo humano, realização paciente da Sabedoria Divina, nos milênios, templo da alma, em temporário aprendizado na Terra. Por mais se nos agigante a inteligência, até agora não conseguimos explicar, em toda a sua harmoniosa complexidade, o milagre do cérebro, com o coeficiente de bilhões de células; o aparelho elétrico do sistema nervoso, com os gânglios à maneira de interruptores e células sensíveis por receptores em circuito especializado, com os neurônios sensitivos, motores e intermediários, que ajudam a graduar as impressões necessárias ao progresso da mente encarnada, dando passagem à corrente nervosa, com a velocidade aproximada de setenta metros por segundo; a câmara ocular, onde as imagens viajam, da retina para os recônditos do cérebro, em cuja intimidade se incorporam às telas da memória, como patrimônio inalienável do espírito; o parque da audição, com os seus complicados recursos para o registro dos sons e para fixação deles nos recessos da alma, que seleciona ruídos e palavras, definindo-os e catalogando-os na situação e no conceito que lhes são próprios; o centro da fala; a sede miraculosa do gosto, nas papilas da língua, com um potencial de corpúsculos gustativos que ultrapassa o número de 2.000; as admiráveis revelações do esqueleto ósseo; as fibras musculares; o aparelho digestivo; o tubo intestinal; o motor do coração; a fábrica de sucos do fígado; o vaso de fermentos do pâncreas; o caprichoso sistema sanguíneo, com os seus milhões de vidas microscópicas e com as suas artérias vigorosas, que suportam a pressão de várias atmosferas; o avançado laboratório dos pulmões; o precioso serviço

1 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.

2 Vide o artigo “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina (São Paulo) 2017; 96(3): 145-158” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=108.

de seleção dos rins; a epiderme com os seus segredos dificilmente abordáveis; os órgãos veneráveis da atividade genésica e os fulcros elétricos e magnéticos das glândulas no sistema endócrino. No corpo humano, temos na Terra o mais sublime dos santuários e uma das supermaravilhas da Obra Divina. Da cabeça aos pés, sentimos a glória do Supremo Idealizador que, pouco a pouco, no curso incessante dos milênios, organizou para o espírito em crescimento o domicílio de carne em que alma se manifesta. Maravilhosa cidade estruturada com vidas microscópicas quase imensuráveis, por meio dela a mente se desenvolve e purifica, ensaiando-se nas lutas naturais e nos serviços regulares do mundo, para altos encargos nos círculos superiores. A bênção de um corpo, ainda que mutilado ou disforme, na Terra, é como preciosa oportunidade de aperfeiçoamento espiritual, o maior de todos os dons que o nosso Planeta pode oferecer. Até agora, de modo geral, o homem não tem sabido colaborar na preservação e na sublimação do castelo físico. Enquanto jovem, entrega-lhe as possibilidades, de fora para dentro, desperdiçando-as impensadamente, e, tão logo se vê prejudicado por si mesmo ou prematuramente envelhecido, confia-se à rebelião, destruindo-o de dentro para fora, a golpes mentais de revolta injustificável e desespero inútil. Dia surge, porém, no qual o homem reconhece a grandeza do templo vivo em que se demora no mundo e suplica o retorno a ele, como trabalhador faminto de renovação, que necessita de adequado instrumento à conquista do abençoado salário do progresso moral para a suspirada ascensão às Esferas Divinas.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 3)

“Felicitavam-me o íntimo as melhores e mais confortadoras impressões, não só pela recepção carinhosa, senão também pelo ambiente educativo. Não longe de nós, em luminosos pedestais, descansavam duas maravilhas da estatuária, a figuração delicada de um corpo masculino e outro modelo feminino, singularmente belo pela perfeição anatômica, não somente da forma em si, mas também de todos os órgãos e as mais diversas glândulas. Através de disposições elétricas, ambas as figurações palpitavam de vida e calor, exibindo eflúvios luminosos, quais os homens e mulheres mais evolucionados na esfera carnal. Identificando-me a admiração, Alexandre sorriu e disse ao Assistente Josino, com o propósito de fazer-se ouvido por mim: – Talvez André não conheça bastante o nosso respeito e gratidão ao aparelho físico terrestre. – Em verdade – ajuntei – ignorava, até agora, que o corpo carnal fosse, entre nós, objeto de tamanhos cuidados. Não sabia que a nossa colônia contasse com instituição desse teor. – Como não, meu amigo? – Interferiu o Assistente, com inflexão de carinho – o corpo físico na Crosta Planetária representa uma bênção de Nosso Eterno Pai. Constitui primorosa obra da Sabedoria Divina, em cujo

aperfeiçoamento incessante temos nós a felicidade de colaborar. Quanto devemos à máquina humana pelos seus milênios de serviço a favor de nossa elevação na vida eterna? Nunca relacionaremos a extensão de semelhante débito. E, fixando os modelos que me provocavam assombro, acentuou: – Todo o nosso zelo, no serviço de reencarnação, permanece muito aquém do quanto deveríamos realizar em benefício do aprimoramento da máquina orgânica. [...] Passei então a observar detidamente os modelos masculino e feminino, não longe de meus olhos. Muito gentil Josino pousou a destra, de leve, nos meus ombros, e falou-me: – Aproxime-se das criações educativas. Você lucrará muito, observando de perto. Não contive um gesto de agradecimento e afastei-me dos dois respeitáveis amigos, acercando-me das figurações ali expostas. Detive-me na contemplação do molde masculino, que apresentava absoluta harmonia de linhas, qual arte helênica de sabor antigo. O modelo, estruturado em substância luminosa, constituía, a meu parecer, a mais primorosa obra anatômica até então sob minha análise. Semelhava-se aquela figura humana, imóvel, a qualquer coisa divina. Fixei-lhe as minuciosidades com espanto. Nunca vira semelhante perfeição de minudências fisiológicas. Toda a musculatura estava, ali, formada em fibras radiosas. Desde o frontal ao ligamento anular do tarso, viam-se fios de luz simbolizando as regiões diversas da musculatura em geral. Determinadas fibras, todavia, como as que se localizavam na zona orbicular das pálpebras, no triangular dos lábios, no grande peitoral, no pectíneo, nas eminências tenar e hipotênar até o extensor dos dedos, eram mais brilhantes. Do exame de superfície, passei a observações mais profundas, identificando as disposições maravilhosas das figuras representativas da circulação linfática e sanguínea. Oh! Os órgãos estavam todos ali, vibrando em obediência a dispositivos elétricos para demonstrações educativas. Os vasos para o sangue venoso apresentavam-se em luz acinzentada, ao passo que as regiões do sangue arterial se figuravam em cor encarnada. Surpreendi-me, rendi silencioso preito de admiração à Sabedoria Divina, que nos concede o sublime aparelho físico terrestre para as nossas aquisições eternas. Impressionava-me a composição perfeita dos vasos distribuídos em torno do tronco celíaco, à maneira de pequenos rios de luz, destacando-se em expressão a luminosidade das cavas superior e inferior, das jugulares externa e interna, das artérias e veias axilares, da veia porta, das artérias esplênica e mesentérica superior, da aorta descendente, dos vasos ilíacos e dos gânglios da virilha. Cobrindo as maravilhas orgânicas, estava o sistema nervoso, semelhando-se a uma capa radiante estruturada em fios tenuíssimos de luz feérica. A região do cérebro parecia uma lâmpada em azul suavíssimo, cuja luminosidade se ligava em sentido direto ao cerebelo,

descendo em seguida pela medula espinhal até o ple-xo sagrado, onde o foco brilhante adquiria expressão mais intensa, para atenuar-se, depois, no grande ciá-tico. Transferi minhas observações para a forma femi-nina, igualmente radiosa, concentrando meu potencial analítico sobre o sistema endocrínico, disposto à ma-neira de constelação, entre as peças orgânicas. Desde a epífise, situada entre os hemisférios cerebrais, até os núcleos procriadores, as glândulas pareciam formar belo sistema luminoso, semelhante a pequenos astros de vida, congregados em sentido vertical, qual antena rútila atraindo a luz procedente de Mais Alto. Cada qual apresentava sua forma específica, suas expres-sões vibratórias, suas características particulares, diver-sificando-se, igualmente, a cor de cada uma, embora recebessem todas, a seu modo, a coloração da epífise, semelhante a pequenino sol azulado, mantendo em seu campo de atração magnética todas as demais, des-de a hipófise à região dos ovários, como o nosso astro de vida, garantindo a coesão e o movimento da sua grande família de planetas e asteroides.” (AL, *Missio-nários da luz*, Capítulo 12)

“CORPO SOMÁTICO. CONCEITO - Genericamente, corpo é toda e qualquer quantidade de ma-téria, limitada, que impressiona os sentidos físicos, expressando-se em volume, peso... Aglutinação de moléculas - orgânicas ou inorgânicas - que modelam formas animadas ou não, ao impulso de princípios vitais, anímicos e espirituais. Estágio físico por onde transita o elemento anímico na longa jornada em que colima a perfeição, na qualidade de espírito puro... O corpo humano, em razão de mutações, transforma-ções, adaptações, condicionamentos filogenéticos e mesológicos, serve de domicílio temporário ao espí-rito que, através dele, adquire experiências, aprimora aquisições, repara erros, sublima aspirações. Alto em-préstimo divino, é o instrumento da evolução espiri-tual na Terra, cujas condições próprias para as suas necessidades fazem que a pouco e pouco abandone as construções grosseiras e se sutilize, conseguindo plasmar futuros contornos e funções futuras, median-te o comportamento a que vai submetido no suceder dos tempos. Por enquanto, serve também de labora-tório de experiências pelas quais os Construtores da Vida, há milénios, vêm desenvolvendo possibilidades superiores para culminarem em conjunto ainda mais aprimorado e sadio. Formado por trilhões e trilhões de células de variada constituição, apresenta-se como o mais fantástico equipamento de que o homem tem notícia, graças à perfeição dos seus múltiplos órgãos e engrenagens, alguns dos quais, autossuficientes, como o aparelho circulatório, que elabora até mesmo o de que se faz preciso para o seu funcionamento e pro-dutividade. Atendido por notáveis complexos elétricos e eletrônicos, é auto reparador, dispondo dos mais

perfeitos arquivos de microfotografia, nos centros da memória, que, se pudessem ser equiparados a uma construção com as atuais técnicas de miniaturização com que se elaboram os computadores, esses departa-mentos mnemônicos ocupariam uma área de aproxi-madamente 160.000 quilômetros cúbicos, tão-somente para os bilhões de informações de uma única reencar-nação... Ele pode, no entanto, mediante o perispírito que lhe vitaliza muitas evocações, reter e traduzir pro-gramações referentes a incontáveis jornadas pretéritas do Espírito em ascensão para Deus. Aparelhado para as diversas atividades que se lhe fazem mister, dis-põe do quanto lhe é imprescindível para as transfor-mações e renovações que o mantêm com equipagem em funcionamento harmônico. Qualquer ultraje que sofra se lhe imprime por processos muito sutis, incor-porando-o aos tecidos constitutivos da sua eficiência em gravames e ofensas que o transtornam, como co-brador honesto junto ao condutor leviano que o dirige em regime inadiável de urgência... A sua valorização através das aspirações nobres vitaliza-o e equilibra-o com imperceptíveis melhoramentos que o mantêm e sustentam. No conjunto endocrínico, por exemplo, sin-croniza os mais perfeitos sistemas de elaboração de hormônios de que se tem conhecimento. O cérebro - ainda por desbravar - só paulatinamente vai sendo utilizado, dispondo de áreas ainda não acionadas, que são reservas formidandas para o futuro do homem... Preciosas redes de capilares, microscópicos, colocados nas junções das artérias e das veias são deslumbran-tes implementos de integração perfeita, realizando a sustentação das células, ajudando a eliminação dos tó-xicos e sustentando os diversos departamentos vitais com o oxigénio salutar. Não obstante a sua insignifi-cância aparente, são peças porosas que facultam ao oxigénio penetrá-los num sentido, enquanto por outro eliminam os produtos colaterais nitrogenados do me-tabolismo proteico, culminando pelo preciosismo com que deixa passar uma substância aquosa que renova o banho líquido de que se nutrem as células, graças ao qual sobrevivem e se multiplicam... Os departamentos dos sentidos, em câmaras excepcionais, recebem, tra-duzem e respondem todas as mensagens que lhes che-gam, com a velocidade do pensamento, catalogando e descrevendo informações novas com que enrique-ce o património das suas aquisições. Mesmo quando, conscientemente, a memória não procede aos registros ou os sentidos parecem não os captar, a maquinaria sublime os anota e transfere para o subconsciente, que os armazena em depósitos especiais, dotados da capacidade de trazê-los de volta, oportunamente, ao celeiro da consciência atual sob estímulos próprios... Preservá-lo é mais do que dever - significa elevado compromisso de que ninguém se liberará levianamen-te ante a própria e a Consciência Cósmica, que tudo

rege e conduz com suprema sabedoria e perfeição.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 5)

“**CORPO SOMÁTICO.** [...] HISTÓRICO - Modernos biólogos e geneticistas fascinados com as conquistas do engenho atual, diante do corpo, sugerem, precipitados uns, levianos outros, alterações singulares e sonham com as possibilidades de poderem intervir, a golpe de audácia, na sua estrutura, interferindo no processo genético, por meios artificiais, em busca de resultados surpreendentes... Interpretando erradamente o conceito do Cristo de que somos deuses, pretende o homem, que crê, brincar de divindade, ele que, brincando, fomenta a guerra, a destruição, o egoísmo, por ainda não saber, sequer, brincar como homem. Os não crentes se refugiam na negação e propõem aventuras. Difícil uma análise histórica, em síntese sobre o homem, um exame da sua organização somática pelos milênios incontáveis, desde as formas primárias em que a vida se manifestou no Orbe quando os “fascículos de luz” da Divindade começaram a adensar-se nas manifestações iniciais da matéria viva... O naturalista honesto, no entanto, fixado à complexa documentação paleontológica, embriológica, como a da Anatomia Comparada, apresenta o lémure como o mais velho espécime conhecido, dentre os símios, do qual surgiu o platirrino, e, posteriormente, o catarrino que, em se bifurcando, deu origem ao antropopiteco, o erectus, que serviu de tronco ao ramo de que nasce o homem. Antes, porém, distintas raças serviram de moldes ascendentes para a formação paulatina da organização do Homo sapiens. Foram elas as de Grimaldi (demonstrada através de dois esqueletos negroides, que foram descobertos na Riviera Italiana, próximo a Grimaldi); as do Cro-Magnon (quando encontraram os ossos de quatro homens, dolicocefalos, com expressiva estatura, que teriam habitado grande parte da Europa. Esse achado ocorreu no ano de 1868, na Dordonha, próximo a Eyzies, na França); e as de Chancelade (consideradas como do período Magdaleniano, que teria dado origem aos esquimós). Não obstante os antropólogos divergirem entre si, apresentando novos grupos e subgrupos em que sustentam as teorias esposadas, são aquelas as melhormente aceitas pela generalidade dos estudiosos do assunto. Em 1950 Mayr sugeriu uma nova classificação para os homínidos fósseis, simplificando, assim, as anteriores num único Homo, que se distribuiu em 3 classes: transvaalensis, erectus e sapiens, facultando novas pesquisas e valiosas anotações corroboradoras. De Lineu, a Cuvier, a Blumenbach, as classificações se estereotiparam, cabendo ao sábio de Göttingen, baseado na Antropologia Física, poder oferecer maior contribuição ao pensamento moderno, especialmente através dos estudos craniológicos, a que empregou seus melhores esforços... Simultaneamente, desde os primórdios do

pensamento filosófico, o problema da evolução mereceu as mais expressivas contribuições. Com Heráclito, firmou-se o conceito dialético do Mundo, inspirado na filosofia grega, que tudo reduzia a incessantes transformações, mediante as quais as espécies vivas eram mutáveis. Lucrécio, ao apresentar o seu De Natura Rerum descreveu poeticamente a Natureza e se tornou o precursor legítimo do Darwinismo, por meio da “seleção natural” e da “luta pela vida”. Mais tarde, Buffon afirmou os princípios evolucionistas em oposição ao fiocismo criacionista, facultando a Lamarck estabelecer a teoria dos seres vivos, donde se originou o Transformismo. Darwin, porém, culminou as pesquisas já iniciadas tornando-se o grande sistematizador e legítimo expositor da “concepção transformista da Natureza”. Hegel, simultaneamente, estabeleceu uma dialética concorde com tais princípios, em bases idealistas, cabendo a Spencer uma visão mais ampla da evolução, que definiu como sendo “Uma integração da matéria e uma dissipação concomitante do movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente a uma heterogeneidade definida e coerente, sofrendo, ao mesmo tempo, o movimento mantido e uma transformação paralela”. O pensamento hegeliano sustentou a teoria do materialismo dialético, então vigente. Logo depois, a teoria mutacionista propôs conceitos por meio dos quais as mutações, que seriam rápidas transformações, se fariam transmitir por hereditariedade, nunca, porém, provocadas pela ação mesológica, assim podendo facilitar, promover ou impedir as mesmas mutações, fazendo surgir, então, novos caracteres e ensejando a “seleção natural” darwiniana, na qual alguns caracteres sobreviveriam, enquanto outros desapareceriam. Os favoráveis à sobrevivência da espécie seriam, então, mantidos pela hereditariedade... Indubitavelmente que os conceitos evolucionistas não podem hoje ser negados, graças à monumental comprovação da Ciência atual, nos vários campos em que se expressa. Merece examinar, porém, que ao princípio espiritual, nas sucessivas reencarnações, se deve a transmissão às formas mais grosseiras, das necessidades psíquicas, que impõem o surgimento de órgãos e caracteres novos a se transmitirem por hereditariedade e se fixarem, prosseguindo o processo evolutivo incessantemente. A princípio, o Espírito se encontrava em atrasada expressão, utilizando-se da forma símio em transição para fixar-lhe implementos novos, desde que a função precede o órgão e aquela procede do Espírito, que modela as formas próprias, de que precisa para crescer e produzir experiências não conhecidas. À medida que as formas se aprimoravam, Espíritos mais bem credenciados impuseram-lhe atributos outros que constituíram, através dos milênios múltiplos e sucessivos, o corpo que hoje ainda serve de temporária morada para as edificações das futuras

formas, com que a Humanidade progredirá no porvir, sob condições mais felizes, seguras e harmônicas. Ao Espírito, que é o ser, se devem as exteriorizações somáticas que constituem o não ser.” (JA, *Estudos espíritos*, Capítulo 5)

“**CORPO SOMÁTICO.** [...] **CONCLUSÃO** - Vasilhame sublime, é o corpo humano o depositário das esperanças e o veículo de bênçãos, que não pode ser desconsiderado levianamente. Seja cárcere sombrio - na limitação em que retém o Espírito déspota, que dele se vale para a expiação; seja conjunto harmônico de formas - na distinção de traços com que faculta o aproveitamento das oportunidades; seja grabato de meditação - nas constrictões paralíticas em que impõe profundas reflexões morais; seja cela de alucinação - nos desvarios da mente ultrajada; seja celeiro de sabedoria - no qual se edificam os monumentos da Cultura, da Arte, do Pensamento, da Ciência, da Fé, do Amor -, é sempre o santuário de recolhimento que o Excelso Criador nos concede, a fim de galgarmos os degraus da escada ascensional, desde as baixadas primeiras aos esplendores espirituais que nos estão destinados. Amá-lo, preservá-lo e utilizá-lo com nobreza é a tarefa que nos cabe desempenhar incessantemente, sem cansaço, para o próprio bem.” (JA, *Estudos espíritos*, Capítulo 5)

1.2. Células e metabolismo celular: princípios inteligentes rudimentares controlados pela mente (espírito) através dos centros de força ou vitais

“**CÉLULAS E CORPO ESPIRITUAL. Princípios inteligentes rudimentares.** Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente, no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo. **Formas das células.** Animálculos infinitesimais, que se revelam domesticados e ordeiros na colmeia orgânica, assumem formas diferentes, segundo a posição dos indivíduos e a natureza dos tecidos em que se agrupam, obedecendo ao pensamento simples ou complexo que lhes comanda a existência. São cenositos ou microrganismos que podem viver livremente, como autositos, ou como parasitos; sincícios ou massa de células que se fundem para a execução de atividade particular, como, por exemplo, na musculatura cardíaca ou na camada epitelial que compõe a parte externa da placenta, com ação histolítica sobre

a estrutura da organização materna; células anastomosadas, como as que se coordenam na formação dos tecidos conjuntivos; células em grupos coloniais, com movimentos perfeitamente coordenados, quais as que se mostram nos volvocídeos; células com matriz intersticial, que elaboram substâncias imprescindíveis à conservação da vida na província corpórea, e as células que podem diversificar-se, constituindo-se elementos livres, como na preparação dos glóbulos da corrente sanguínea. Articulam-se em múltiplas formas, adaptando-se às funções que lhes competem, no veículo de manifestação da criatura que temporariamente as segrega, à maneira de peças eletromagnéticas inteligentes, em máquina eletromagnética superinteligente, atendendo com precisão matemática aos apelos da mente, assemelhando-se, de certo modo, no organismo, aos milhões de átomos que constituem harmonicamente as cordas de um piano, acionadas pelos martelos minúsculos dos nervos, ao impacto das teclas que podemos simbolizar nos fulcros energéticos do córtice encefálico, movimentado e controlado pelo Espírito, através do centro coronário que sustenta a conjunção da vida mental com a forma organizada em que ela própria se expressa. **Motores elétricos microscópicos.** Dispostas na construção da forma em processo idêntico ao da superposição dos tijolos numa obra de alvenaria, as células são compelidas à disciplina, perante a ideia orientadora que as associa e governa, quanto os tijolos vulgares são constrangidos à submissão ante as linhas traçadas pelo arquiteto que lhes aproveita o concurso na concretização de projeto específico. É assim que são funcionárias da reprodução no centro genésico, trabalhadores da digestão e absorção no centro gástrico, operários da respiração e fonação no centro laríngeo, da circulação no centro cardíaco, servidoras e guardiãs fixas ou migratórias do tráfego e distribuição, reserva e defesa no centro esplênico, auxiliares da inteligência e elementos de ligação no centro cerebral e administradoras e artistas no centro coronário, amolgando-se às ordens mentais recebidas e traduzindo na região de trabalho que lhes é própria a individualidade que as refreia e influencia, com justas limitações no tempo e no espaço. Temolas, desse modo – repetimos –, por microscópicos motores elétricos, com vida própria, subordinando-se às determinações do ser que as aglutina e que lhes imprime a fixação ou a mobilidade indispensáveis às funções que devam exercer no mar interior do mundo orgânico, formado pelos líquidos extracelulares, a se definirem no líquido lacunar que as irriga e que circula vagarosamente; na linfa que verte dos tecidos, endereçada ao sangue; e no plasma sanguíneo que se movimenta, rápido, além de outros líquidos intersticiais, característicos do meio interno. **O todo indivisível do organismo.** Lógico entender, dessa forma, que,

diante do governo mental, a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo sistema nervoso e controlado pelos hormônios ou substâncias produzidas em determinado órgão e transportadas a outros arraiais da atividade somática, que lhes excitam as propriedades funcionais para certos fins, hormônios esses nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, enfeixando cargas de elementos químicos em nível ideal, quando o equilíbrio íntimo lhe preside as manifestações, e consubstanciando recursos de manutenção e preservação da vida normal, perfeitamente isoláveis pela ciência comum, como já acontece com a adrenalina das suprarrenais, com a insulina do pâncreas, a testosterona dos testículos e outras secreções glandulares do cosmo orgânico. **Automatismo celular.** É da doutrina celular corrente no mundo que as células tomam aspectos diferentes conforme a natureza das organizações a que servem, competindo-nos desenvolver mais amplamente o asserto, para asseverar que a inteligência, influenciando o citoplasma, que é, no fundo, o elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas, obriga as células ao trabalho de que necessita para expressar-se, trabalho este que, à custa de repetições quase infinitas, se torna perfeitamente automático para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, na execução das tarefas que a vida lhes assinala. **Efeitos do automatismo.** Perfeitamente compreensíveis, nessa base, os estudos científicos que reconhecem os agrupamentos colaboracionistas das células especializadas, através da cultura artificial dos tecidos orgânicos, em que um fragmento qualquer desses mesmos tecidos, seja da epiderme ou do cérebro, permanece vivo, por muito tempo, quando mergulhado em soro que, cuidadosamente imunizado e mantido na temperatura correspondente à do corpo físico, acusa uma vida intensa. Decorridas algumas horas, os produtos de excreta intoxicam o soro, impedindo o desenvolvimento celular; mas, se o líquido for renovado, continuam as células a crescer no mesmo ritmo de movimento e expansão que lhes marca a atividade no edifício corpóreo. Todavia, fora do governo mental que as dirigia, não se revelam iguais às suas irmãs em função orgânica. As células nervosas, por exemplo, com as suas fibrilas especiais, não produzem células com fibrilas análogas, e as que atendem nos músculos aos serviços da contração se desdiferenciam, regredindo ao tipo conjuntivo. Todas as que se ausentam do conjunto estrutural do tecido inclinam-se para a apresentação morfológica da ameba, segundo observações cientificamente provadas. Isso ocorre porque as células, quando ajustadas

ao ambiente orgânico, demonstram o comportamento natural do operário mobilizado em serviço, sob as ordens da Inteligência, comunicando-se umas com as outras sob o influxo espiritual que lhes mantém a coesão, e procedem no soro quais amebas em liberdade para satisfazer aos próprios impulsos. **Fenômenos explicáveis.** Dentro do mesmo princípio de submissão das células ao estímulo nervoso, é que a experiência de transplante dos tecidos de embriões entre si, com alguns dias de formação, pode oferecer resultados surpreendentes, de vez que as células orientadas em determinado sentido, quando enxertadas sobre tecidos outros “in vivo”, conseguem gerar órgãos-extras, em regime de monstruosidade, obedecendo a determinações especializadas resultantes das ordens magnéticas de origem que saturavam essas mesmas células. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 5)

“**CORPO ESPIRITUAL.** [...] **Estrutura mental das células.** É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmos-nos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluídos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretecidos na essência da matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito. **Centros vitais e células.** São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação. Essas células que obedecem às ordens do Espírito, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, procedem do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações protoplásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras. Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de

substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exocretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça, encontrando, porém, esse clima, que lhes é indispensável, na estrutura aquosa de nossa constituição fisiopsicossomática, a expressar-se nos líquidos extracelulares, formados pelo líquido intersticial e pelo plasma sanguíneo.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“**FLUXO MENTAL. Partícula elétrica.** Por anotações ligeiras, em torno da Microfísica, sabemos que toda partícula se desloca, gerando onda característica naturalmente formada pelas vibrações do campo elétrico, relacionadas com o número atômico dos elementos. Em conjugando os processos termoeletricos e o campo magnético, a Ciência pode medir com exatidão a carga e a massa dos elétrons, demonstrando que a energia se difunde, através de movimento simultâneo, em partículas infra-atômicas e pulsações eletromagnéticas correspondentes. Informamo-nos, ainda, de que a circulação da corrente elétrica num condutor é invariavelmente seguida do nascimento de calor, formação de um campo magnético ao redor do condutor, produção de luz e ação química. Deve-se o aparecimento do calor às constantes colisões dos elétrons livres, espontaneamente impelidos a se moverem ao longo do condutor, associando a velocidade de transferência ou deslocamento à velocidade própria, no que tange à translação sobre si mesmos, o que determina a agitação dos átomos e das moléculas, provocando aquecimento. A constituição de um campo magnético, ao redor do condutor, é induzida pelo movimento das correntes corpusculares a criarem forças ondulatórias de imanização. A produção de luz decorre da corrente elétrica do condutor. E a ação química resulta de circulação da corrente elétrica, através de determinadas soluções. **Partícula mental.** Em identidade de circunstâncias, apesar da diversidade dos processos, toda partícula da corrente mental, nascida das emoções e desejos recônditos do Espírito, através dos fenômenos íntimos e profundos da consciência, cuja estrutura ainda não conseguimos abordar, se desloca, produzindo irradiações eletromagnéticas, cuja frequência varia conforme os estados mentais do emissor, qual acontece na chama, cujos fótons arremessados em todas as direções são constituídos por grânulos de força cujo poder se revela mais ou menos intenso, segundo a frequência da onda em que se expressam. **Corrente mental sub-humana.** Nos reinos inferiores da Natureza, a corrente mental restringe-se a impulsos de sustentação nos seres de constituição primária, a começar dos minerais, preponderando nos vegetais e avançando pelo domínio dos animais de formação mais simples, para se evidenciar mais complexa nos animais superiores que já conquistaram bases mais amplas à produção do pensamento contínuo. Em

todas as criaturas sub-humanas, os agentes mentais, na forma de impulsos constantes, são, desse modo, empregados na manutenção de calor e magnetismo, radiação e atividade química nos processos vitais dos circuitos orgânicos, de maneira a sedimentarem, pouco a pouco, os alicerces da inteligência, salientando-se que nos animais superiores os impulsos mentais a que aludimos já se responsabilizam por valioso patrimônio de percepções avançadas. **Função dos agentes mentais.** Por intermédio dos agentes mentais ou ondas eletromagnéticas incessantes, temos os fenômenos elétricos da transmissão sináptica ou transmissão do impulso nervoso de um neurônio a outro, fenômenos esses que podem ser largamente analisados nos gânglios simpáticos (quais o oftálmico, o estrelado, o cervical superior, o mesentérico inferior, os lombares), na medula espinhal, após a excitação das fibras aferentes, nos núcleos motores dos nervos óculo-motor comum e motores espinhais. Podemos, ainda, verificar essa ocorrência nos neurônios motores espinhais, valendo-nos de eletródios intracelulares. Inibindo, controlando, libertando ou distribuindo a força nervosa ou os potenciais eletromagnéticos acumulados pelos impulsos mentais, nas províncias celulares, surpreendemos a coordenação dos estímulos diversos, mantenedores do equilíbrio orgânico, através da ação conduzida dos vários mediadores químicos de que as células se fazem os fabricantes e distribuidores essenciais.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 10)

“**EVOLUÇÃO E METABOLISMO. Suprimentos da vida.** Observamos a chegada dos princípios inteligentes no mundo e a sua respectiva expansão, assim como um exército que, para atender às próprias necessidades, organiza, de início, a precisa cobertura de suprimentos. Primeiro, as bactérias lavrando o solo para que as plantas proliferassem, criando atmosfera adequada ao reino animal. Depois das plantas, aparecem os animais, gerando recursos orgânicos para que o instinto pudesse expandir-se no rumo da inteligência. E, em seguida ao animal, surge o homem, plasmando os valores definitivos da inteligência, para que a Humanidade se concretize a caminho da angelitude. Fases progressivas do metabolismo Em todos os reinos da Natureza, o elemento espiritual aprende a nutrir-se e preservar-se. Por milhares de séculos, repete as operações da fotossíntese ou assimilação clorofiliana no império verde, pela qual consome energia luminosa e elabora matérias orgânicas, desprendendo o oxigênio indispensável à constituição do ar atmosférico, e recapitula as operações da quimiossíntese, em formas autótrofas, como sejam certas classes de bactérias, que se utilizam de energia química para viver, através da oxidação de compostos minerais. Gradativamente, no domínio vegetal, assimila os mecanismos mais íntimos da respiração, absorvendo o

oxigênio e eliminando o gás carbônico pelos estômatos e pneumatódios, cutícula e lenticelas, de modo a conduzir o oxigênio sobre as matérias orgânicas para a formação dos produtos de desassimilação e projeção de energia. E, lentamente, em meio desprovido de matérias orgânicas, qual acontece com as nitrobactérias, as sulfobactérias, as ferrobactérias, etc., aprende também a oxidar respectivamente o amoníaco ou os nitritos, o ácido sulfídrico, o óxido ferroso. Em semelhantes atividades, infinitamente repetidas, habilitasse ao ingresso no reino animal, onde, em estágios evolutivos mais nobres, se matriculará na técnica da elaboração automática dos catalisadores químicos, com a faculdade de transubstanciar matérias orgânicas complexas em recursos assimiláveis. Milênios transcorrem para que então consiga adestrar-se nas diástases diversas, como sejam as proteases e as zímases, entre os fermentos hidrolisantes e decomponentes. A crisálida de consciência inicia-se, dessa forma, na fabricação de prótidos, glúcides, lípidos e outros meios de nutrição, aprendendo igualmente a emitir hormônios de crescimento e vitaminas diversas no ciclo das plantas. Não apenas tecidos e órgãos do corpo físico se esboçam nas formas rudimentares da Natureza, mas também os centros vitais do corpo espiritual, que, obedecendo aos impulsos da mente, se organizam em moldes seguros, com a capacidade de assimilar as partículas multifárias da vitalidade cósmica, oriundas das fontes vivas de força que alimentam o Universo. **Excitações químicas.** Governando as células físicas, os agentes de natureza espiritual se evidenciam em todos os processos de nutrição, motivando as chamadas excitações químicas, também classificáveis por quimiotactismo eletromagnético. O princípio inteligente, tocado por múltiplos estímulos, sob o império de atrações e repulsões, haure elementos quimiotáticos eletromagnéticos no laboratório das forças universais, através da respiração, para conservar-se e defender-se, preservando os valores de reprodução e sustentação. É assim que as células masculinas dos fetos são atraídas pelo ácido málico, enquanto as bactérias se movimentam obedecendo também a estímulos de ordem química. Os óvulos de certos peixes e quinodermos, entre estes o ouriço-do-mar, sem a presença da fêmea que os deita têm o poder de atrair os espermatozoides separados da mesma espécie, demonstrando que arrojam de si mesmos substância específica na perpetuação que lhes é própria. Entre os animais, as células da reprodução segregam substâncias particulares com que se procuram mutuamente, evoluindo o veículo psicossomático para mais altos níveis de consciência sobre as mais amplas formas de quimiotropismo constante, em bases de excitações exógenas e endógenas.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 8)

“EVOLUÇÃO E METABOLISMO. [...] Administração do metabolismo. Laborando pacientemente nos séculos e alcançando a civilização elementar do paleolítico, a mente humana controla então, quase que plenamente, o corpo que se exprime, formado sob a tutela e o auxílio incessante dos Construtores Espirituais, passando a administrar as ocorrências do metabolismo, em sua organização e adaptação, através da coordenação de seus próprios impulsos sobre os elementos albuminoides do citoplasma, em que as forças físicas e espirituais se jungem no campo da experiência terrestre. Os sistemas enzimáticos revelam-se definidos e as glândulas de secreção interna fabricam variados produtos, refletindo o trabalho dos centros vitais da alma. Hormônios e para-hormônios, fermentos e co-fermentos, vitaminas e outros controladores químicos, tanto quanto preciosas reservas nutritivas equacionam os problemas orgânicos, harmonizando-se em produção e níveis precisos, na quota de determinados percentuais, conforme as ordens instintivas da mente. Todos os serviços da província biológica, inclusive as emoções mais íntimas, são sustentados por semelhantes recursos, constantemente lançados pelo próprio Espírito no cosmo de energia dinâmica em que se manifesta. Experiências valiosas, efetuadas com pleno êxito, comprovaram que a própria miosina ou sistema albuminoide da contração muscular detém consigo as qualidades de um fermento, a adenosinatrifosfatase, responsável pela catálise da reação química fundamental que exonera a energia indispensável ao refazimento das partículas miosínicas dos tecidos musculares. **Acumulações de energia espiritual.** Por intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ela própria libertadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese. Nessa base, dispomos largamente dos anticorpos e dos múltiplos agentes imunológicos cunhados pela governança do Espírito, em favor da preservação do corpo, de acordo com as multimilenárias experiências adquiridas por ele mesmo, na lenta e laboriosa viagem a que foi estrangido nas faixas inferiores da Natureza. Da mesma sorte, possuímos, funcionando automaticamente, a secretina, a tiroxina, a adrenalina, a luteína, a insulina, a foliculina, os hormônios gonadotrópicos e unidades outras, entre as secreções internas, à guisa de aceleradores e excitantes, moderadores e reatores, transformadores e calmantes das atividades químicas nos vários departamentos de trabalho em que se subdivide o Estado Fisiológico. **Impulsos determinantes da mente.** Sobre os mesmos alicerces referidos, surpreendemos, ainda, as enzimas numerosas, como a

pepsina, isolada por Northrop, e a catalase definida por von Euler, tanto quanto outras muitas, que a ciência terrestre, gradualmente, saberá descobrir, estudar, fixar e manobrar, com vistas à manutenção e defesa da saúde física e da integridade mental do homem, no quadro de merecimentos da Humanidade, de vez que todos os estados especiais do mundo orgânico, inclusive o da renovação permanente das células, a prostração do sono, a paixão artística, o êxtase religioso e os transe mediúnicos são acalentados nos circuitos celulares por fermentações sutis, aí nascidas através de impulsos determinantes da mente, por ela convertidos, nos órgãos, em substâncias magnetoelétricoquímicas, arremessadas de um tecido a outro, guardando a faculdade de interferir bruscamente nas propriedades moleculares ou de catalisar as reações desse ou daquele tipo, destinadas a garantir a ordem e a segurança da vida, na urdidura das ações biológicas. Em identidade de circunstâncias nos traumas cerebrais da cólera e do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como em tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam.

Metabolismo do corpo e da alma. O metabolismo subordina-se, desse modo, à direção espiritual, tanto mais intensa e exatamente, quanto maior a quota de responsabilidade do ser pelo conhecimento e discernimento de que disponha, e, em plena floração da inteligência, podemos identificá-lo não apenas no embate das forças orgânicas, mas também no domínio da alma, porquanto raciocínio organizado é pensamento dinâmico e, com o pensamento consciente e vivo, o homem arroja de si mesmo forças criadoras e renovadoras, forjando, desse modo, na matéria, no espaço e no tempo, os meandros de seu próprio destino. Pedro Leopoldo, 9/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 8)

1.3. Evolução do princípio espiritual e desenvolvimento do sistema nervoso: controle das funções, formação dos sentidos e produção do pensamento³

“EVOLUÇÃO E CÉREBRO. Formação do mundo cerebral. No regaço do tempo, os Arquitetos Divinos auxiliam a consciência fragmentária na construção do cérebro, o maravilhoso ninho da mente, necessitada de mais ampla exteriorização. A massa de células

nervosas que precede a formação do mundo cerebral, nos invertebrados, dá lugar à invaginação do ectoderma nos vertebrados, constituindo-se, lentamente, a vesícula anterior ou prosencéfalo, a vesícula média ou mesencéfalo e a vesícula posterior ou rombencéfalo. Nos peixes, os hemisférios cerebrais mostram-se ainda muito reduzidos, nos anfíbios denotam desenvolvimento encorajador e nos répteis avançam em progresso mais vasto, configurando já, com alguma perfeição, o aqueduto de Sylvius, aprimorando-se, com mais segurança, em semelhante fase, na forma espiritual, o centro coronário do psicossoma futuro, a refletir-se na glândula pineal, já razoavelmente plasmada em alguns lacertídeos, qual o rincocéfalo da Nova Zelândia, em que a epífise embrionária se prolonga até à região parietal, aí assumindo a feição de um olho com implementos característicos. Zoólogos respeitáveis consideram o mencionado aparelho como sendo um globo ocular abandonado pela Natureza; contudo, é aí que a epífise começa a consolidar-se, por fulcro energético de sensações sutis para a tradução e seleção dos estados mentais diversos, nos mecanismos da reflexão e do pensamento, da meditação e do discernimento, renunciando as operações da mediunidade, consciente ou inconsciente, pelas quais Espíritos encarnados e desencarnados se consorciam, uns com os outros, na mesma faixa de vibrações, para as grandes criações da Ciência e da Religião, da Cultura e da Arte, na jornada ascensional para Deus, quando não seja nas associações psíquicas de espécie inferior ou de natureza vulgar, em que as almas prisioneiras da provação ou da sombra se retratam reciprocamente.

Girencefalia e lissencefalia. Prossegue o crescimento dos hemisférios cerebrais nas aves, com significativas porções cerebelares, para encontrarmos, nos mamíferos, o encéfalo com apreciáveis dotações, apresentando circunvoluções nos girencéfalos e aumento expressivo na área do córtex. Quanto mais se verticaliza a escalada, mais se reduz a percentagem volumétrica do cerebelo, enquanto que os hemisférios cerebrais se dilatam; contudo, é preciso destacar que esse fenômeno de progressão, fundamentalmente, não se relaciona com a inteligência e nem esta é, a rigor, proporcional ao número de circunvoluções cerebrais, tanto que mamíferos, quais o coelho, o canguru, o ornitorrinco e até mesmo certos primatas, possuem cérebro lissencéfalo ou sem circunvoluções. A girencefalia e a lissencefalia obedecem a tipificações traçadas pelos Orientadores Maiores, no extenso domínio dos vertebrados, preparando o cérebro humano com a estratificação de lentas e múltiplas experiências sobre a

³ Vide Subcapítulo IV.3 (“Relação entre espírito e mente (binômio espírito-mente)”); Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sútis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

vasta classe dos seres vivos. A maneira de crianças tenras, internadas em jardim-de-infância para aprendizados rudimentares, animais nobres desencarnados, a se destacarem dos núcleos de evolução fisiopsíquica em que se agrupam por simbiose, acolhem a intervenção de instrutores celestes, em regiões especiais, exercitando os centros nervosos. **Fator de fixação.** Os neurônios nascem e se renovam, milhões de vezes, no plano físico e no plano extrafísico, na estruturação de cérebros experimentais, com mais vivos e mais amplos ingredientes do corpo espiritual, quando em função nos tecidos físicos, até que se ergam em unidades morfológicas definitivas do sistema nervoso. Demonstrando formação especialíssima, porquanto reproduz mais profundamente a tessitura das células psicossomáticas, o neurônio é todo uma usina microscópica, constituindo-se de um corpo celular com prolongamentos, apresentando o núcleo escassa cromatina e um nucléolo. Acha-se o núcleo cercado de protoplasma em que há mitocôndrios, neurofibrilas, aparelho de Golgi, melanina abundante e um pigmento ocre, estreitamente relacionado com o corpo espiritual, de função muito importante na vida do pensamento, aumentando consideravelmente na maturidade e na velhice das criaturas, além de uma substância, invisível na célula em atividade, a espalhar-se no citoplasma e nos dendritos facilmente reconhecível por intermédio de corantes básicos, quando a célula se encontra devidamente fixada; essa substância – a expressar-se nos chamados corpúsculos de Nissi, que podem sofrer a Cromatólise – representa alimento psíquico, haurindo pelo corpo espiritual no laboratório da vida cósmica, através da respiração, durante o repouso físico para a restauração das células fatigadas e insubstituíveis. O pigmento ocre que a ciência humana observa, sem maiores definições, é conhecido no Mundo Espiritual como fator de fixação, como que a encerrar a mente em si mesma, quando esta se distancia do movimento renovador em que a vida se exprime e avança, adensando-se ou rarefazendo-se ele, nos círculos humanos, conforme a atitude mental do Espírito na quota de tempo em que se lhe perdure a existência carnal. **Reflexos-tipos.** Estabelecidos os centros nervosos, em que se entrosam as forças fisiopsicossomáticas, os reflexos-tipos são organizados no reino animal, fixando-se o reflexo de flexão, que consta da flexão de um membro atacado na superfície por estímulos de variadas origens, o reflexo fásico que interessa a defesa própria na remoção de estímulos perniciosos o reflexo miotático a evidenciar-se na contração de um músculo quando responde à extensão de suas fibras, os reflexos posturais diversos e os múltiplos reflexos segmentares e intersegmentares, com os arcos que lhes são característicos, tanto na parte aferente como na eferente, preparando-se o veículo fisiopsicossomático do

porvir em suas reações nervosas fundamentais. Através deles, o encéfalo, conservando consigo o centro coronário e o centro cerebral, registra excitações inúmeras, para que as faculdades de percepção e seleção, atenção e escolha se consolidem. **Formação dos sentidos.** No corpo dos animais superiores, obra-prima de supervisão e construção dos Arquitetos do Espírito, no transcurso dos séculos, a consciência fragmentária acrisola, então, os sentidos. Findo longo período de trabalho, afirma-se o tato, por sentido cutâneo essencial, a espalhar-se por toda a pele. Esta se converte em superfície receptora, com variadas terminações nervosas que se salientam por extrema complexidade, desde as arborizações simples até os corpúsculos especializados que se localizam dentro da derme, utilizando células especiais, em comunicação incessante com o cérebro, para que as sensações táteis constantes possam defender os patrimônios da vida. Adestrada a atenção, o animal na esfera física e na esfera extrafísica elabora, por atividades reflexas, várias substâncias que lhe excitam os centros receptivos, definindo os chamados sentidos químicos, a culminarem no olfato e no gosto. No epitélio olfatório, as células basais, as de sustentação e as olfativas, sobre as glândulas de Bowman, que se encarregam de fornecer o muco necessário à discriminação dos elementos odoríferos, operam a seleção das propriedades aromáticas das substâncias, e, no dorso da língua, na epiglote, na face posterior da faringe como no véu do paladar, os corpúsculos gustativos, guardando as células epiteliais de sustentação e as células gustativas, associados às pequenas glândulas salivares, fazem o registro das substâncias destinadas à nutrição. **Visão e audição.** O sentido da vista, admiravelmente fixado, passa a permitir a constituição das imagens dos objetos na retina, segundo um sistema dióptrico particular, aperfeiçoando-se as células receptoras da luz, cujo impulso nervoso alcança as vias ópticas, transportando as imagens captadas até à profundidade do cérebro, onde a mente incorpora as interpretações que lhe são próprias e analisa-as, plasmando observações para o arquivo da memória e da experiência. E a audição, alicerçando-se em órgão complexo, consolida-se no ouvido interno (protegido pelo ouvido externo e pelo ouvido médio), em que o tubo coclear, a dividir-se em três compartimentos, vai encontrar as células evoluídas dos órgãos de Corti e as fibras nervosas do acústico encarregadas de transmitir as vibrações sonoras que atingem o ouvido médio, em estímulos nervosos, a saírem através do nervo auditivo na direção da mente, que realiza a seleção dos valores atinentes às sensações de tom, intensidade e timbre, estabelecendo, em seu próprio favor, vasta rede de reflexos condicionados com expressão decisiva em seu desenvolvimento. Sob a orientação das Inteligências Sublimes, cada sentido se instala em

organização especial, formada de vários aparelhos e implementos. Também o cérebro integral se organiza em lobos diversos, com vasta margem de recursos para o futuro, quando a alma então nascente, em atividade instintiva na construção de seu próprio veículo, se erigirá em consciência desperta com capacidade de utilizar as vantagens potenciais que a Divina Sabedoria lhe oferta. **Microcosmo prodigioso.** Com o tempo, a Direção Espiritual da Vida consegue, enfim, organizar, com mais eficiência, o sistema nervoso autônomo, regulando e coordenando as funções das vísceras. Estruturam-se desse modo, primorosamente, a inervação visceral aferente e eferente e os centros coordenadores, os sistemas simpático e parassimpático e as fibras pré e pós-ganglionares de Langley, com os neurônios a edificarem vias eletromagnéticas de comunicação entre o governo espiritual e as províncias orgânicas. Em todos os ângulos do cérebro, esse microcosmo prodigioso, células especiais permanecem sob o controle do Espírito, assimilando-lhe os desejos e executando-lhe as ordens no automatismo que a evolução lhe confere. Desde o grupo tectobulbar das fibras pré-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidas com neurônios no mesencéfalo, protuberância e bulbo e incluindo os núcleos supra-ópticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, com neurônios localizados na medula sacra, nervos especiais funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou recolhida pela mente, em ação constante, nos domínios da sensação e da ideia, em conexões e trajetos que a ciência do homem mal começa a perceber, atuando nos demais centros do corpo espiritual e nas zonas fisiológicas que os configuram no veículo somático, através de circuitos reflexos. No diencéfalo, campo essencialmente sensitivo e vegetativo, parte das mais primitivas do sistema nervoso central, o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, e, dessa junção de forças, o Espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem, como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com os quais, no regime de responsabilidade e de auto-escolha, plasmará, no espaço e no tempo, o seu próprio caminho de ascensão para Deus. Uberaba, 12/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 9)

“PALAVRA E RESPONSABILIDADE. Linguagem animal. Aperfeiçoando as engrenagens do cérebro, o princípio inteligente sentiu a necessidade de comunicação com os semelhantes e, para isso, a linguagem surgiu entre os animais, sob o patrocínio dos Gênios Veneráveis que nos presidem a existência. De início, o fonema e a mímica foram os processos

indispensáveis ao intercâmbio de impressões ou para o serviço de defesa, como, por exemplo, o silvo de vários répteis, o coaxar dos batráquios, as manifestações sonoras das aves e o mimetismo de alguns insetos e vertebrados, a se modificarem subitamente de cor, preservando-se contra o perigo. Contudo, à medida que se lhe acentuava a evolução, a consciência fragmentária investia-se na posse de mais amplos recursos. O lobo grita pelos companheiros na sombra noturna, o gato encolerizado mostra fúria característica, miando raivosamente, o cavalo relincha de maneira particular, expressando alegria ou contrariedade, a galinha emite interjeições adequadas para anunciar a postura, acomodar a prole, alimentar os pintinhos ou rogar socorro quando assustada, e o cão é quase humano, em seus gestos de contentamento e em seus ganidos de dor. **Intervenções espirituais.** É assim que, atingindo os alicerces da Humanidade, o corpo espiritual do homem infraprimitivo demora-se longo tempo em regiões espaciais próprias, sob a assistência dos Instrutores do Espírito, recebendo intervenções sutis nos petrechos da fonação para que a palavra articulada pudesse assinalar novo ciclo de progresso. A laringe, situada acima da traqueia e adiante da faringe, consubstanciada num esqueleto cartilaginoso, urdido em fibras e ligamentos, com uma seleta de pequenos músculos, sofre, nas mãos sábias dos Condutores Espirituais, à maneira de um órgão precioso entre os dedos de cirurgiões exímios no serviço de plástica, delicadas operações no curso dos séculos, para que os músculos mencionados se façam simétricos e para que se vinculem, tão destros quanto possível, à produção fisiológica da voz. Em sua contextura interna, aglutina-se uma mucosa ciliada que se destina ao trabalho de lançamento do som e que verte pelos estreitamentos, transformando-se em pavimentosa-estratificada na borda livre das cordas vocais verdadeiras. Fora da ação das cordas vocais, a laringe revela no pescoço movimentos de ascensão e descenso, elevando-se na expiração e na deglutição e baixando na inspiração, na sucção e no bocejar, salientando-se no corpo qual perfeito instrumento de efeitos musicais. **Mecanismo da palavra.** Com o extremo carinho de vagarosa confecção, os Técnicos da Espiritualidade Superior compõem a cartilagem situada em plano inferior, a cricóide, que representa um anel modificado da traqueia, sustentando uma placa na parte posterior, sobre a qual, no bordo superior e de ambos os lados da linha média, se apoiam as duas aritenóides, que se permitem, assim, a conjunção ou o afastamento entre si. Cada uma possui na base uma apófise: a interna, vocal, em que está inserida a parte posterior da corda vocal verdadeira do mesmo lado, e a outra, que é externa, muscular. Com a mesma habilidade, os Técnicos tecem a cartilagem localizada na região anterior ou cartilagem tireoide, a

destacar-se sob a pele no chamado Pomo-de-Adão, em suas lâminas verticais que se conjugam na linha mediana, traçando um ângulo diedro que se volta para a retaguarda e onde se fixam as cordas vocais verdadeiras, cartilagem essa que, por baixo, se une com o anel da cricóide e, por cima, com o osso hioide, através de membranas e ligamentos, o qual fornece apoio para a implantação do laringe. Acima das cordas vocais verdadeiras, surgem as cordas vocais falsas a limitarem com a parede os ventrículos laterais de Morgagni. Todos os músculos que garantem o movimento das cordas são pares, exceto o ari-aritenóideo, assegurando as funções da glote vocal e formando, com avançado primor de previsão e eficiência, a abóbada de precioso condicionamento, onde a pressão do ar pode fazer-se com segurança para separar as cordas vocais em serviço. **Linguagem convencional.** Aprende então o homem, com o amparo dos Sábios Tutores que o inspiram, a constituição mecânica das palavras, provindo da mente a força com que aciona os implementos da voz, gerando vibrações nos músculos torácicos, incluindo os pulmões e a traqueia como num fole, e fazendo ressoar o som no laringe e na boca, que exprimem também cavidades supraglóticas, para a criação, enfim, da linguagem convencional, com que reforça a linguagem mímica e primitiva, por ele adquirida na longa viagem através do reino animal. A esse modo natural de exprimir-se por gestos e atitudes silenciosos, em que derrama as suas forças acumuladas de afetividade e satisfação, desagrado ou rancor, em descargas fluídico eletromagnéticas de natureza construtiva ou destrutiva, superpõe a criatura humana os valores do verbo articulado, com que acrisola as manifestações mais íntimas, habilitando-se a recolher, por intermédio de sinalética especial na escala dos sons, a experiência dos irmãos que caminham na vanguarda e aprendendo a educar-se para merecer esse tipo de assistência que lhe outorgará o estado de alegria maior, ante as perspectivas da cultura com que a vida lhe responde às indagações. **Pensamento contínuo.** Com o exercício incessante e fácil da palavra, a energia mental do homem primitivo encontra insopitável desenvolvimento, por adquirir gradativamente a mobilidade e a elasticidade imprescindíveis à expansão do pensamento que, então paulatinamente, se dilata, estabelecendo no mundo tribal todo um oceano de energia sutil, em que as consciências encarnadas e desencarnadas se refletem, sem dificuldade, umas às outras. Valendo-se dessa instituição de permuta constante, as Inteligências Divinas dosam os recursos da influência e da sugestão e convidam o Espírito terrestre ao justo despertamento na responsabilidade com que lhe cabe conduzir a própria jornada... Pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio,

fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo e, por semelhante maravilha da alma, as ideias-relâmpagos ou as ideias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos e inquirições, traduzindo desejos e ideias de alentada substância íntima. Começando a fixar o pensamento em si mesmo, fatigando-se para concatená-lo e exprimi-lo, confiou-se o homem a novo tipo de repouso – a meditação compulsória, ante os problemas da própria vida –, passando a exteriorizar, inconscientemente, as próprias ideias e, com isso, a desprender-se do carro denso de carne, desligando as células de seu corpo espiritual das células físicas, durante o sono comum, para receber, em atitude passiva ou de curta movimentação, junto do próprio corpo adormecido, a visita dos Benfeitores Espirituais que o instruem sobre as questões morais. O continuísmo da ideia consciente acende a luz da memória sobre o pedestal do automatismo. **Luta evolutiva.** Entre a alma que pergunta, a existência que se expande, a ansiedade que se agrava e o Espírito que responde ao Espírito, no campo da intuição pura, esboça-se imensa luta. O homem que lascava a pedra e que se escondia na fumaça, escravizando os elementos com a violência da fera e matando indiscriminadamente para viver, instado pelos Instrutores Amigos que lhe amparam a senda, passou a indagar sobre a causa das coisas... Constrangido a aceitar os princípios de renovação e progresso, refugia-se no amor-egoísmo, na intimidade da prole, que lhe entretém o campo íntimo, ajudando-o a pensar. Observa-se tocado por estranha metamorfose. Vê, instintivamente, que não mais se poderia guiar pela excitabilidade dos seus tecidos orgânicos ou pelos apetites furiosos herdados dos animais... Desligado lentamente dos laços mais fortes que o prendiam às Inteligências Divinas, a lhe tutelarem o desenvolvimento, para que se lhe afirmem as diretrizes próprias, sente-se sozinho, esmagado pela grandeza do Universo. A ideia moral da vida começa a ocupar-lhe o crânio. O Sol propicia-lhe a concepção de um Criador, oculto no seio invisível da Natureza, e a noite povoa-lhe a alma de Visões nebulosas e pesadelos imaginários, dando-lhe a ideia do combate incessante em que a treva e a luz se digladiam. Abraça os filhinhos com enternecimento feroz, buscando a solidariedade possível dos semelhantes na selva que o desafia. Mentaliza a constituição da família e padece na defesa do lar. Os porquês a lhe nascerem fragmentários, no íntimo, insuflam-lhe aflição e temor. Percebe que não mais pode obedecer cegamente aos impulsos da Natureza, ao modo dos animais que lhe comungam a paisagem, mas sim que lhe cabe agora o dever de superar-lhes os mecanismos, como quem vê no mundo em que vive a própria moradia, cuja ordem lhe requisita apoio e cooperação. **Nascimento da responsabilidade.** A ideia de Deus iniciando a religião,

a indagação prenunciando a Filosofia, a experimentação anunciando a Ciência, o instinto de solidariedade prefigurando o amor puro, e a sede de conforto e beleza inspirando o nascimento das indústrias e das artes, eram pensamentos nebulosos torturando-lhe a cabeça e inflamando-lhe o sentimento. Nesse concerto de forças, a morte passou a impor-lhe angustiosas perquirições e, enterrando os seus entes amados em sepulcros de pedra, o homem rude, a iniciar-se na evolução de natureza moral, perdido na desértica vastidão do paleolítico, aprendeu a chorar, amando e perguntando para ajustar-se às Leis Divinas a se lhe esculpirem na face imortal e invisível da própria consciência. Foi, então, que, em se reconhecendo ínfimo e frágil diante da vida, compreendeu que, perante Deus, seu Criador e seu Pai, estava entregue a si mesmo. O Princípio da responsabilidade havia nascido. Pedro Leopoldo, 16/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 10)

1.4. Descrição do sistema nervoso segundo a visão espiritual⁴

“**A Casa Mental.** [...] – Examina o cérebro de nosso irmão encarnado. Concentrei-me na contemplação do delicado aparelho, centralizando toda a minha capacidade visual, de modo a analisá-lo interiormente. O envoltório craniano, ante meus poderes visuais intensificados, não apresentava resistência. Como reparara de outras vezes, ali estava o complicado departamento da produção mental, semelhando-se a laboratório dos mais complexos e menos acessíveis. As circunvoluções separadas entre si, reunidas em lobos, igualmente distanciados uns dos outros pelas cissuras, davam-me a ideia de um aparelho elétrico, quase indevassado pelos homens. Comparando os dois hemisférios, recordei as designações da terminologia clássica e demorei-me longos minutos reparando as especiais disposições dos nervos e as características da substância cinzenta. A voz do meu orientador quebrou o silêncio, exclamando inopinadamente: – Observa a sinalização. Assombrado, notei, pela primeira vez, que as irradiações emitidas pelo cérebro continham diferenças essenciais. Cada centro motor assinalava-se com peculiaridades diversas, através das forças radiantes. Descobri, surpreso, que toda a província cerebral, pelos sinais luminosos, se dividia em três regiões distintas. Nos lobos frontais, as zonas de associação eram quase brilhantes. Do córtex motor, até a extremidade da medula espinhal, a claridade diminuía, para tomar-se ainda mais fraca nos gânglios basais. [...] O mentor silenciou por instantes, sem que me acudisse

ânimo suficiente para trazer qualquer comentário aos seus elevados conceitos. Logo após, indicou-me a medula espinhal e continuou: – Creio ociosa qualquer alusão aos trabalhos primordiais do nosso longo drama de vida evolutiva. Desde a ameba, na tépida água do mar, até o homem, vimos lutando, aprendendo e selecionando invariavelmente. Para adquirir movimento e músculos, faculdades e raciocínios, experimentamos a vida e por ela fomos experimentados, milhares de anos. As páginas da sabedoria hinduísta são escritos de ontem e a Boa-Nova de Jesus-Cristo é matéria de hoje, comparadas aos milênios vividos por nós, na jornada progressiva. Depois de fazer com a destra significativo gesto, prosseguiu: – No sistema nervoso, temos o cérebro inicial, repositório dos movimentos instintivos e sede das atividades subconscientes; figuremo-lo como sendo o porão da individualidade, onde arquivamos todas as experiências e registramos os menores fatos da vida. Na região do córtex motor, zona intermediária entre os lobos frontais e os nervos, temos o cérebro desenvolvido, consubstanciando as energias motoras de que se serve a nossa mente para as manifestações imprescindíveis no atual momento evolutivo do nosso modo de ser. Nos planos dos lobos frontais, silenciosos ainda para a investigação científica do mundo, jazem materiais de ordem sublime, que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução. Os esclarecimentos singelos e admiráveis empolgavam-me. Calderaro era educador da mais elevada estirpe. Ensinava sem cansar, sabia conduzir o aprendiz a conhecimentos profundos sem nenhum sacrifício da parte do aluno. Apreciava-lhe eu a nobreza, quando prosseguiu, findo breve intervalo: – Não podemos dizer que possuímos três cérebros simultaneamente. Temos apenas um que, porém, se divide em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fora um castelo de três andares: no primeiro situamos a residência de nossos impulsos automáticos, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados; no segundo localizamos o domicílio das conquistas atuais, onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos a casa das noções superiores, indicando as eminências que nos cumpre atingir. Num deles moram o hábito e o automatismo; no outro residem o esforço e a vontade; e no último demoram o ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, deste modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 3)

⁴ Vide Subcapítulo IV.3 (“Relação entre espírito e mente (binômio espírito-mente)”); Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”); Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpus Sotis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

“Estudando o cérebro. [...] Fez característico movimento com o indicador e acentuou: – Repara os centros corticais. Contemplei, admirado, aquele maravilhoso mundo microscópico. As células piramidais, distinguindo-se pelo tamanho, diziam da importância das funções que lhes impendiam no laboratório das energias nervosas. Observando atentamente o quadro, não me parecia que estivesse a examinar o tecido vivo da substância branco-cinza: tive a impressão de que o córtex fosse um robusto dínamo em funcionamento. Não estaríamos diante de algum aparelho elétrico de complicada estrutura? Malgrado essas impressões, reparei que a matéria cerebral ameaçava amolecimento. Continuava perplexo, sem saber como formular os comentários cabíveis, quando o Assistente me veio em socorro, esclarecendo: – Estamos diante do órgão perispiritual do ser humano, adeso à duplicata física, da mesma forma que algumas partes do corpo carnal têm estreito contato com o indumento. Todo o campo nervoso da criatura constitui a representação das potências perispiríticas, vagarosamente conquistadas pelo ser, através de milênios e milênios. Em renascendo entre as formas perecíveis, nosso corpo sutil, que se caracteriza, em nossa esfera menos densa, por extrema leveza e extraordinária plasticidade, submete-se, no plano da Crosta, às leis de recapitulação, hereditariedade e desenvolvimento fisiológico, em conformidade com o mérito ou demérito que trazemos e com a missão ou o aprendizado necessário. O cérebro real é aparelho dos mais complexos, em que o nosso eu reflete a vida. Através dele, sentimos os fenômenos exteriores segundo a nossa capacidade receptiva, que é determinada pela experiência; por isto, varia ele de criatura a criatura, em virtude da multiplicidade das posições na escala evolutiva. Nem os símios ou os antropóides, a caminho da ligação com o gênero humano, apresentam cérebros absolutamente iguais entre si. Cada individualidade revela-o consoante o progresso efetivo realizado. O selvagem apresenta um cérebro perispiritual com vibrações muito diversas das do órgão do pensamento no homem civilizado. Sob este ponto de vista, o encéfalo de um santo emite ondas que se distinguem das que despide a fonte mental de um cientista. A escola acadêmica, na Crosta Planetária, prende-se à conceituação da forma tangível, em trânsito para as transformações da enfermidade, da velhice ou da morte. Aqui, porém, examinamos o organismo que modela as manifestações do campo físico, e reconhecemos que todo o aparelhamento nervoso é de ordem sublime. A célula nervosa é entidade de natureza elétrica, que diariamente se nutre de combustível adequado. Há neurônios sensitivos, motores, intermediários e reflexos. Existem os que recebem as sensações exteriores e os que recolhem as impressões da consciência. Em todo o cosmo celular agitam-se

interruptores e condutores, elementos de emissão e de recepção. A mente é a orientadora desse universo microscópico, em que bilhões de corpúsculos e energias multiformes se consagram a seu serviço. Dela emanam as correntes da vontade, determinando vasta rede de estímulos, reagindo ante as exigências da paisagem externa, ou atendendo às sugestões das zonas interiores. Colocada entre o objetivo e o subjetivo, é obrigada pela Divina Lei a aprender, verificar, escolher, repelir, aceitar, recolher, guardar, enriquecer-se, iluminar-se, progredir sempre. Do plano objetivo, recebe-lhe os atritos e as influências da luta direta; da esfera subjetiva, absorve-lhe a inspiração, mais ou menos intensa, das inteligências desencarnadas ou encarnadas que lhe são afins, e os resultados das criações mentais que lhe são peculiares. Ainda que permaneça aparentemente estacionária, a mente prossegue seu caminho, sem recuos, sob a inflexível atuação das forças visíveis ou das invisíveis.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“Verificando-se pausa natural nas elucidações, ocorreram-me inúmeras e ininterruptas associações de ideais. Como interpretar todas as revelações de Caldeirão? As células do acervo fisiológico não se revestiam de características próprios? Não eram personalidades infinitesimais, aglomeradas sob disciplina nos departamentos orgânicos, mas quase livres em suas manifestações? Seriam, acaso, duplicatas de células espirituais? Como conciliar tal teoria com a liberação dos microorganismos, em seguida à morte do corpo? E, se assim fora, não devera a memória do homem encarnado eximir-se do transitório esquecimento do passado? O instrutor percebeu minhas perquirições inarticuladas, porque prosseguiu, sereno, como a responder-me: – Conheço-te as objeções e também as formulei noutro tempo, quando a novidade me feria a observação. Posso, contudo, dizer-te hoje que, se existe a química fisiológica, temos também a química espiritual, como possuímos a orgânica e a inorgânica, existindo extrema dificuldade em definir-lhes os pontos de ação independente. Quase impossível é determinar-lhes a fronteira divisória, porquanto o espírito mais sábio não se animaria a localizar, com afirmações dogmáticas, o ponto onde termina a matéria e começa o espírito. No corpo físico, diferenciam-se as células de maneira surpreendente. Apresentam determinada personalidade no fígado, outra nos rins e ainda outra no sangue. Modificam-se infinitamente, surgem e desaparecem, aos milhares, em todos os domínios da química orgânica, propriamente dita. No cérebro, porém, inicia-se o império da química espiritual. Os elementos celulares, aí, são dificilmente substituíveis. A paisagem delicada e superior é sempre a mesma, porque o trabalho da alma requer fixação, aproveitamento e continuidade. O estômago pode ser um alambique, em que o mundo infinitésimo se revele, em tumultuária animalidade,

aproximando-se dos quadros inferiores porquanto o estômago não necessita recordar, compulsoriamente, que substância alimentícia lhe foi dada a elaborar na véspera. O órgão de expressão mental, contudo, reclama personalidades químicas de tipo sublimado, por alimentar-se de experiências que devem ser registradas, arquivadas e lembradas sempre que oportuno ou necessário. Intervém, então, a química superior, dotando o cérebro de material insubstituível em muitos departamentos de seu laboratório íntimo. Interrompeu-se o Assistente por alguns segundos, como a dar-me tempo para refletir. Em seguida, continuou, atencioso: – Na verdade, não há nisso mistério algum. Voltemos aos ascendentes em evolução. O princípio espiritual acolheu-se no seio tépido das águas, através dos organismos celulares, que se mantinham e se multiplicavam por cissiparidade. Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, impondo-lhes o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas, de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se, aqui e ali, ajudado pela interferência indireta das inteligências superiores? Impossível responder, por enquanto. Sugou o seio farto da Terra, evolucionando sem parar, através de milênios, até conquistar a região mais alta, onde conseguiu elaborar o próprio alimento. Calderaro fixou em mim significativo olhar e perguntou: – Compreendeste suficientemente? Ante o assombro das ideais novas que me fustigavam a imaginação, impedindo-me o minucioso exame do assunto, o esclarecido companheiro sorriu e continuou: – Por mais esforços que envidemos por simplificar a exposição deste delicado tema, o retrospecto que a respeito fazemos sempre causa perplexidade. Quero dizer, André, que o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência... Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da

mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana. O orientador, interrompendo-se, acariciou-me de leve, como companheiro experimentado no estudo estimulando aprendiz humilde, e acrescentou: – Em síntese, o homem das últimas dezenas de séculos representa a humanidade vitoriosa, emergindo da bestialidade primária. Desta condição participamos nós, os desencarnados, em número de muitos milhões de espíritos ainda pesados, por não havermos, até o momento, alijado todo o conteúdo de qualidades inferiores de nossa organização perispiritual; tal circunstância nos compele a viver, após a morte física, em formações afins, em sociedades realmente avançadas, mas semelhantes aos agrupamentos terrestres. Oscilamos entre a liberação e a reencarnação, aperfeiçoando-nos, burilando-nos, progredindo, até conseguir, pelo refinamento próprio, o acesso a expressões sublimes da Vida Superior, que ainda não nos é dado compreender. Nos dois lados da existência, em que nos movimentamos e dentro dos quais se encontram o nascimento e a morte do corpo denso, como portas de comunicação, o trabalho construtivo é a nossa bênção, aparelhando-nos para o futuro divino. A atividade, na esfera que ora ocupamos, é, para quantos se conservam quites com a Lei, mais rica de beleza e de felicidade, pois a matéria é mais rarefeita e mais obediente às nossas solicitações de índole superior. Atravessado, contudo, o rio do renascimento, somos surpreendidos pelo duro trabalho de recapitulação para a necessária aprendizagem. Por lá semearemos, para colher aqui, aprimorando, reajustando e embelezando, até atingir a messe perfeita, o celeiro farto de grãos sublimes, de modo a nos transferirmos, aptos e vitoriosos, para outras terras do céu. Não devemos acreditar, porém, quanto aos serviços de resgate e de expiação, que a esfera carnal seja a única capaz de oferecer o bendito ensejo de sofrimento áspero, redentor. Em regiões sombrias, fora dela, quais não podes ignorar, há oportunidade de tratamento expiatório para os devedores mais infelizes, que voluntariamente contraíram perigosos débitos para com a Lei. Verificou-se breve pausa, que não interrompi, considerando a inconveniência de qualquer indagação de minha parte. Calderaro, todavia, continuou, solícito: – Perguntas por que motivo não conserva o homem encarnado a plenitude das recordações do longuíssimo pretérito; isto é natural, em virtude da tão grande ascendência do corpo perispiritual sobre o mecanismo fisiológico. Se a forma física evoluiu e se aperfeiçoou, o mesmo terá acontecido ao organismo perispirítico, através das idades. Nós mesmos, em nossa relativa condição de espiritualidade, ainda não possuímos o processo de reminiscência integral dos caminhos per-lustrados. Não estamos, por enquanto, munidos de suficiente luz para descer com proveito a todos os

ângulos do abismo das origens; tal faculdade, só mais tarde a adquiriremos, quando nossa alma estiver escoimada de todo e qualquer resquício de sombra. Comparando, entretanto, a nossa situação com o estado menos lúcido de nossos irmãos encarnados, importa não nos esqueça que os nervos, o córtex motor e os lobos frontais, que ora examinamos, constituem apenas regulares pontos de contato entre a organização perispiritual e o aparelho físico, indispensáveis, um e outro, ao trabalho de enriquecimento e de crescimento do ser eterno. Em linguagem mais simples, são respiradouros dos impulsos, experiências e noções elevadas da personalidade real que não se extingue no tûmulo e que não suportariam a carga de uma dupla vida. Em razão disto, e atendendo aos deveres impostos à consciência de vigília para os serviços de cada dia, desempenham função amortecedora: são quebra-luzes, atuando beneficentemente para que a alma encarnada trabalhe e evolva. Além disto, nascimento e morte, na esfera carnal, para a generalidade das criaturas são choques biológicos, imprescindíveis à renovação. Em verdade, não há total esquecimento na Crosta Terrestre, nem restauração imediata da memória nas províncias de existência, que se seguem, naturais, ao campo da atividade física. Todos os homens conservam tendências e faculdades, que quase equivalem a efetiva lembrança do passado; e nem todos, ao atravessarem o sepulcro, podem readquirir, repentinamente, o patrimônio de suas reminiscências. Quem demasiado se materialize, demorando-se em baixo padrão vibratório, no campo de matéria densa, não pode reacender, de pronto, a luz da memória. Despende tempo a desfazer-se dos pesados envoltórios a que inadvertidamente se prendeu. Dentro da luta humana, também, é indispensável que os neurônios se façam de luvas, mais ou menos espessas, a fim de que o fluxo das recordações não modere o esforço edificante da alma encarnada, empenhada em nobres objetivos de evolução ou resgate, aprimoramento ou ministério sublime. Importa reconhecer, porém, que a nossa mente aqui age no organismo perispiritico, com poderes muito mais extensos, mercê da singular natureza e elasticidade da matéria que presentemente nos define a forma. Isto, contudo, em nossos círculos de ação, não nos evita as manifestações grosseiras, as quedas lastimáveis, as doenças complexas, porque a mente, o senhor do corpo, mesmo aqui, é acessível ao vício, ao relaxamento e às paixões arruinantes.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“Nessa altura das elucidações, arrisquei uma pergunta, no intervalo que se fez, espontâneo: – Como interpretar, de maneira simples, as três regiões de vida cerebral a que nos referimos? O companheiro não se fez rogado e redarguiu: – Nervos, zona motora e lobos frontais, no corpo carnal, traduzindo impulsividade,

experiência e noções superiores da alma, constituem campos de fixação da mente encarnada ou desencarnada. A demora excessiva num desses planos, com as ações que lhe são consequentes, determina a destinação do cosmo individual. A criatura estacionária na região dos impulsos perde-se num labirinto de causas e efeitos, desperdiçando tempo e energia; quem se entrega, de modo absoluto, ao esforço maquinal, sem consulta ao passado e sem organização de bases para o futuro, mecaniza a existência, destituindo-a de luz edificante; os que se refugiam exclusivamente no templo das noções superiores sofrem o perigo da contemplação sem as obras, da meditação sem trabalho, da renúncia sem proveito. Para que nossa mente prossiga na direção do alto, é indispensável se equilibre, valendo-se das conquistas passadas, para orientar os serviços presentes, e amparando-se, ao mesmo tempo, na esperança que flui, cristalina e bela, da fonte superior de idealismo elevado; através dessa fonte ela pode captar do plano divino as energias restauradoras, assim construindo o futuro santificante. E, como nos encontramos indissoluvelmente ligados aos que se afinam conosco, em obediência a indefectíveis desígnios universais, quando nos desequilibramos, pelo excesso de fixação mental, num dos mencionados setores, entramos em contato com as inteligências encarnadas ou desencarnadas em condições análogas às nossas.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“Observando os lobos frontais da médium, tão revestidos de luminosidade, fiz sentir a Calderaro minha admiração. O instrutor amigo, não se esquivando a novos esclarecimentos, informou: – Eulália, neste instante, fixa-se mentalmente na região mais alta que lhe é possível. Recolhe-se, calma, no santuário mais íntimo, de modo a compreender e desculpar com proveito. Indicando a referida região cerebral, concluiu: – Nos lobos frontais, André, exteriorização fisiológica de centros perispiríticos importantes, repousam milhões de células, à espera, para funcionar, do esforço humano no setor da espiritualização. Nenhum homem, dentre os mais arrojados pensadores da Humanidade, desde o pretérito até os nossos dias, logrou jamais utilizá-las na décima parte. São forças de um campo virgem, que a alma conquistará, não somente em continuidade evolutiva, senão também a golpes de autoeducação, de aprimoramento moral e de elevação sublime; tal serviço, meu amigo, só a fé vigorosa e reveladora pode encetar, como indispensável lâmpada vanguardeira do progresso individual.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 9)

“Realmente, ao lado da irmã sob nossa vista, fruíamos deliciosa sensação de paz e reconforto. Provavelmente fascinado pela onda de alegria indefinível em que nos banhávamos, Hilário indagou: – Se extraíssemos agora uma ficha psicoscópica de dona Celina, a

posição dela, como a estamos registrando, seria devidamente caracterizada? – Perfeitamente – elucidou Áulus, de pronto –; assinalar-lhe-ia as emanções fluídicas de bondade e compreensão, fé e bom ânimo. Assim como a Ciência na Terra consegue catalogar os elementos químicos que entram nas formações de matéria densa, em nosso campo de matéria rarefeita é possível analisar o tipo de forças sutis que dimanam de cada ser. Mais tarde, o homem poderá examinar uma emissão de otimismo ou de confiança, de tristeza ou desesperação e fixar-lhes a densidade e os limites, como já pode separar e estudar as radiações do átomo de urânio. Os princípios mentais são mensuráveis e merecerão no porvir excepcionais atenções, entre os homens, qual acontece na atualidade com os fotônios, estudados pelos cientistas que se empenham em decifrar a constituição específica da luz. Depois de ligeiro intervalo, o Assistente aduziu: Uma ficha psicoscópica, sobretudo, determina a natureza de nossos pensamentos e, através de semelhante auscultação, é fácil ajuizar dos nossos méritos ou das nossas necessidades. Logo após, nosso orientador convocou-nos a exame detido, junto ao campo encefálico da irmã Celina, acentuando: – Em todos os processos medianímicos, não podemos esquecer a máquina cerebral como órgão de manifestação da mente. Decerto, já possuem conhecimentos adequados em torno do aparelhamento orgânico, dispensando-nos a atenção em particularidades técnicas sobre o vaso carnal. E afagando-lhe a cabeça pintalgada de cabelos brancos, acrescentou: – Bastar-nos-á sucinto exame da vida intracraniana, onde estão assentadas as chaves de comunicação entre o mundo mental e o mundo físico. Centralizando a atenção, através de pequenina lente que Áulus nos estendeu, o cérebro de nossa amiga pareceu-nos poderosa estação radiofônica, reunindo milhares de antenas e condutos, resistências e ligações de tamanho microscópico, à disposição das células especializadas em serviços diversos, a funcionarem como detectores e estimulantes, transformadores e amplificadores da sensação e da ideia, cujas vibrações fulguravam aí dentro como raios incessantes, iluminando um firmamento minúsculo. O Assistente observou conosco aquele precioso labirinto, em que a epífise brilhava como pequenino sol azul, e falou: – Não nos convém relacionar minudências relativas ao cérebro e ao sistema nervoso em geral, com as quais se encontram vocês familiarizados nos conhecimentos humanos comuns. Nesse instante, reparei admirado os feixes de associação entre as células corticais, vibrando com a passagem do fluxo magnético do pensamento. – Recordemos – prosseguiu o instrutor

– que o delicado aparelho encefálico reúne milhões de células, que desempenham funções particulares, quais sejam as dos trabalhadores em fila hierárquica, na harmoniosa estrutura de um Estado. E, enumerando determinadas regiões, trecho a trecho, daquele prodigioso reino pensante, declarou: – Não precisaremos alongar digressões. As experiências adquiridas pela alma constituem maravilhosas sínteses de percepção e sensibilidade, na condição de Espíritos libertos em que nos encontramos, mas especificam-se no equipamento de matéria densa como núcleos de controle das manifestações da individualidade, perfeitamente analisáveis. É assim que a alma encarnada possui no cérebro físico os centros especiais que governam a cabeça, o rosto, os olhos, os ouvidos e os membros, em conjunto com os centros da fala, da linguagem, da visão, da audição, da memória, da escrita, do paladar, da deglutição, do tato, do olfato, do registro de calor e frio, da dor, do equilíbrio muscular, da comunhão com os valores internos da mente, da ligação com o mundo exterior, da imaginação, do gosto estético, dos variados estímulos artísticos e tantos outros quantas sejam as aquisições de experiência entesouradas pelo ser, que conquista a própria individualidade, passo a passo e esforço a esforço, enaltecendo-a pelo trabalho constante para a sublimação integral, à face de todas as vias de progresso e aprimoramento que a Terra lhe possa oferecer.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 3)

I.5. O cérebro é o órgão de manifestação da mente⁵

“MECANISMOS DA MENTE. Alma e corpo. Aclarando os problemas complexos da alienação mental na maioria dos Espíritos desencarnados, pelo menos durante algum tempo além da morte, vale comentar, ainda que superficialmente, alguns dos experimentos efetuados pela ciência terrestre nos mecanismos nervosos, para que possamos ajuizar da importância da harmonia entre a mente e o seu veículo fisiopsicossomático, no plano físico ou extrafísico. Assemelhando-se no conjunto ao musicista e seu instrumento, alma e corpo hão de conjugar-se profundamente um com o outro para a execução do trabalho que a vida lhes reserva. E, sabendo-se que a alma é direção e o corpo obediência, é da Lei Divina que o homem receba em si mesmo o fruto da plantação que realizou, visto que, nos órgãos de sua manifestação, recolhe as maiores concessões do Criador para que efetive o seu aperfeiçoamento na Criação. Assim sendo, de seu próprio

5 Vide Subcapítulo IV.3 (“Relação entre espírito e mente (binômio espírito-mente)”); Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpus Sutus”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

comportamento retira, nos vastos setores em que se lhe processa a evolução, o bem ou o mal que, lançando ao caminho, estará impondo a si mesmo. **Seção da medula.** Através de experimentação positiva, conhece a Ciência de hoje a inalienável correlação entre o cérebro e todas as províncias celulares do mundo corpóreo. Tomando, pois, em nossas anotações, o sistema cerebral por gabinete administrativo da mente, reconheceremos sempre que a conduta do corpo físico está invariavelmente condicionada à conduta do corpo espiritual, como a orientação do corpo espiritual está submetida ao governo da nossa vontade. [...]

Sincronia de estímulos. Entenderemos, assim, facilmente, que o córtex encefálico, com as suas delicadas divisões e subdivisões, governando os núcleos reguladores dos sentidos, dos movimentos, dos reflexos e de todas as manifestações nervosas da individualidade encarnada, corresponde à sede do centro cerebral do psicossoma (ou corpo espiritual) no corpo físico, unida à sede do centro coronário, localizada no diencéfalo, entrosando-se ambos em perfeita sincronia de estímulos, pelos quais se manifesta o Espírito em sua constituição mental, harmônica, difícil ou desequilibrada, segundo a posição em que ele mesmo valoriza, conserva, prejudica ou desordena os recursos que a Lei Divina lhe faculta à própria exteriorização no Plano Físico e no Plano Espiritual. E assim como dispomos, no córtex, de ligações energéticas da consciência para os serviços do tato, da audição, da visão, do olfato, do gosto, da memória, da fala, da escrita e de automatismos diversos, possuímos no diencéfalo (tálamo e hipotálamo), a se irradiarem para o mesencéfalo, ligações energéticas semelhantes da consciência para os serviços da mesma natureza, com acréscimos de atributos para enriquecimento e sublimação do campo sensorial, como sejam a reflexão, a atenção, a análise, o estudo, a meditação, o discernimento, a memória crítica, a compreensão, as virtudes morais e todas as fixações emotivas que nos sejam particulares. Emitindo a onda de indagação e trabalho que nos diga respeito, através do centro coronário, conjugado ao centro cerebral, recebemo-la de volta, em circuito de raios substanciais da nossa própria força mental, com impactos aferentes e eferentes, para que a nossa consciência, por si, ajuíze, pela essência dos resultados ou reflexos de nossas próprias ações, quanto ao acerto ou desacerto de nossa escolha, nessa ou naquela circunstância da vida. Não podemos esquecer que cada núcleo das ligações a que nos reportamos se subdivide em peculiaridades diversas, entendendo-se, pois, que os fenômenos de obliteração suscetíveis de ocorrer em alguns dos setores corticais do corpo físico podem surgir igualmente no corpo espiritual, quando a turvação da mente é capaz de obstruir temporariamente esse ou aquele fulcro energético da região diencefálica, no

centro coronário da entidade desencarnada.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 16)

“CÉREBRO E ENERGIA. [...] Gerador do cérebro. Com alguma analogia, encontramos no cérebro um gerador autoexcitado, acrescido em sua contextura íntima de avançados implementos para a geração, excitação, transformação, indução, condução, exteriorização, captação, assimilação e desassimilação da energia mental, qual se um gerador comum desempenhasse, não apenas a função de criar força eletromotriz e consequentes potenciais magnéticos para fornecê-los em certa direção, mas também todo o acervo de recursos dos modernos emissores e receptores de radiotelefonia e televisão, acrescidos de valores ainda ignorados na Terra. Erguendo-se sobre os vários departamentos do corpo, a funcionarem por motores de sustentação, o cérebro, com as células especiais que lhe são próprias, detém verdadeiras usinas microscópicas, das quais as pequenas partículas de germânio, na construção do transistor, nos conjuntos radiofônicos miniaturizados, podem oferecer imperfeita expressão. É aí, nesse microcosmo prodigioso, que a matéria mental, ao impulso do Espírito, é manipulada e expressa, em movimento constante, produzindo correntes que se exteriorizam, no espaço e no tempo, conservando mais amplo poder na aura da personalidade em que se exprime, através de ação e reação permanentes, como acontece no gerador comum, em que o fluxo energético atinge valor máximo, segundo a resistência integral do campo, diminuindo de intensidade na curva de saturação. Nas reentrâncias de semelhante cabine, de cuja intimidade a criatura expede as ordens e decisões com que traça o próprio destino, temos, no córtex, os centros da visão, da audição, do tato, do olfato, do gosto, da palavra falada e escrita, da memória e de múltiplos automatismos, em conexão com os mecanismos da mente, configurando os poderes da memória profunda, do discernimento, da análise, da reflexão, do entendimento e dos multiformes valores morais de que o ser se enriquece no trabalho da própria sublimação. Nessas **províncias-fulcros** da individualidade, circulam as correntes mentais constituídas à base dos átomos de matéria da mesma grandeza, qual ocorre na matéria física, em que as correntes elétricas resultam dos átomos físicos excitados, formando, em sua passagem, o consequente resíduo magnético, pelo que depreendemos, sem dificuldade, a existência do eletromagnetismo tanto nos sistemas interatômicos da matéria física, como naqueles em que se evidencia a matéria mental.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 9)

“FLUXO MENTAL. [...] Partícula mental. Em identidade de circunstâncias, apesar da diversidade dos processos, toda partícula da corrente mental, nascida das emoções e desejos recônditos do Espírito,

através dos fenômenos íntimos e profundos da consciência, cuja estrutura ainda não conseguimos abordar, se desloca, produzindo irradiações eletromagnéticas, cuja frequência varia conforme os estados mentais do emissor, qual acontece na chama, cujos fótons arremessados em todas as direções são constituídos por grânulos de força cujo poder se revela mais ou menos intenso, segundo a frequência da onda em que se expressam. **Corrente mental sub-humana.** Nos reinos inferiores da Natureza, a corrente mental restringe-se a impulsos de sustentação nos seres de constituição primária, a começar dos minerais, preponderando nos vegetais e avançando pelo domínio dos animais de formação mais simples, para se evidenciar mais complexa nos animais superiores que já conquistaram bases mais amplas à produção do pensamento contínuo. Em todas as criaturas sub-humanas, os agentes mentais, na forma de impulsos constantes, são, desse modo, empregados na manutenção de calor e magnetismo, radiação e atividade química nos processos vitais dos circuitos orgânicos, de maneira a sedimentarem, pouco a pouco, os alicerces da inteligência, salientando-se que nos animais superiores os impulsos mentais a que aludimos já se responsabilizam por valioso patrimônio de percepções avançadas. **Função dos agentes mentais.** Por intermédio dos agentes mentais ou ondas eletromagnéticas incessantes, temos os fenômenos elétricos da transmissão sináptica ou transmissão do impulso nervoso de um neurônio a outro, fenômenos esses que podem ser largamente analisados nos gânglios simpáticos (quais o oftálmico, o estrelado, o cervical superior, o mesentérico inferior, os lombares), na medula espinhal, após a excitação das fibras aferentes, nos núcleos motores dos nervos óculo-motor comum e motores espinhais. Podemos, ainda, verificar essa ocorrência nos neurônios motores espinhais, valendo-nos de eletródios intracelulares. Inibindo, controlando, libertando ou distribuindo a força nervosa ou os potenciais eletromagnéticos acumulados pelos impulsos mentais, nas províncias celulares, surpreendemos a coordenação dos estímulos diversos, mantenedores do equilíbrio orgânico, através da ação conduzida dos vários mediadores químicos de que as células se fazem os fabricantes e distribuidores essenciais. **Corrente mental humana.** No homem a corrente mental assume feição mais elevada e complexa. No cérebro humano, gabinete da alma erguida a estágios mais nobres na senda evolutiva, ela não se exprime tão só à maneira de impulso necessário à sustentação dos circuitos orgânicos, com base na nutrição e reprodução. É pensamento contínuo, fluxo energético incessante, revestido de poder criador inimaginável. Nasce das profundezas da mente, em circunstâncias por agora inacessíveis ao nosso conhecimento, porque, em verdade, a criatura, pensando, cria sobre a Criação ou Pensamento

Concreto do Criador. E, após nascida, ei-la – a corrente mental – que se espalha sobre o cosmo celular em que se manifesta, mantendo a fábrica admirável das unidades orgânicas, através da inervação visceral e da inervação somática a se constituírem pelo arco reflexo espinhal, bem como pelos centros e vias de coordenação superiores. E, assim, percorre o arco reflexo visceral, vibrando: 1) nas fibras aferentes, cuja tessitura celular permanece nos gânglios das raízes dorsais e dos nervos cranianos correspondentes; 2) nas fibras conectoras mielínicas que se originam na coluna intermédio-lateral; 3) nas fibras motoras originadas nos neurônios ganglionares e que terminam nos efetores ou fibras pós-ganglionares. Acima do nível espinhal, vibra, ainda: 1) na integração pontobulbar em que se hierarquizam reflexos importantes, como sejam os da pressão arterial; 2) no conjunto talâmico e hipotalâmico, em que se mecanizam os reflexos do Espírito; 3) na composição cortical. A corrente mental, segundo anotamos, vitaliza, particularmente, todos os centros da alma e, conseqüentemente, todos os núcleos endócrinos e juntas plexiformes da usina física, em cuja urdidura dispõe o Espírito de recursos para os serviços da emissão e recepção, ou exteriorização dos próprios pensamentos e assimilação dos pensamentos alheios.” [...]” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 10)

“**ONDA MENTAL. Onda hertziana.** Examinando sumariamente as forças corpusculares de que se constituem todas as correntes atômicas do Plano Físico, podemos compreender, sem dificuldade, no pensamento ou radiação mental, a substância de todos os fenômenos do espírito, a expressar-se por ondas de múltiplas frequências. Valendo-nos de ideia imperfeita, podemos compará-lo, de início, à onda hertziana, tomando o cérebro como sendo um aparelho emissor e receptor ao mesmo tempo. **Pensamento e televisão.** Recorrendo, ainda, a recursos igualmente incompletos, recordemos a televisão, cujos serviços se verificam à base de poderosos feixes eletrônicos devidamente controlados. Nos transmissores dessa espécie, é imperioso conjugar a aparelhagem necessária à captação, transformação, irradiação e recepção dos sons e das imagens de modo simultâneo. De igual maneira, até certo ponto, o pensamento, a formular-se em ondas, age de cérebro a cérebro, quanto a corrente de elétrons, de transmissor a receptor, em televisão. Não desconhecemos que todo Espírito é fulcro gerador de vida onde se encontre. E toda espécie de vida começa no impulso mental. Sempre que pensamos, expressando o campo íntimo na ideação e na palavra, na atitude e no exemplo, criamos formas-pensamentos ou imagens-moldes que arrojamos para fora de nós, pela atmosfera psíquica que nos caracteriza a presença. Sobre todos os que nos aceitem o modo de sentir e de ser, consciente ou inconscientemente, atuamos à maneira do hipnotizador

sobre o hipnotizado, verificando-se o inverso, toda vez que aderimos ao modo de ser e de sentir dos outros. O campo espiritual de quem sugestiona gera no âmbito da própria imaginação os esboços ou planos que se propõe exteriorizar, assemelhando-se, então, à câmara de imagens do transmissor vulgar, em que o iconoscópio, com o jogo de lentes adequadas, focaliza a cena sobre a face sensível do mosaico que existe numa das extremidades dele mesmo, iconoscópio, ao passo que um dispositivo explorador, situado na outra extremidade, fornece um feixe tênue de elétrons ou raio explorador que percorre toda a superfície do mosaico. Quando o raio explorador alcança a superfície do mosaico, desprende-se deste uma corrente elétrica de potência proporcional à luminosidade da região que está atravessando e, compreendendo-se que a maior ou menor luminosidade dos pontos diversos do mosaico equivale à imagem sobre ele mesmo refletida, perceberemos com facilidade que as variações de intensidade da corrente fornecida pelo mosaico equivalem à metamorfose das cenas em eletricidade, variações que respondem pelas modificações das cores e respectivos semitons. As imagens arremessadas através do dispositivo de focalização da câmara, atingindo o mosaico, se fazem invisíveis ao olhar comum. Nessa fase da transmissão, os vários pontos do mosaico acumulam maior ou menor corrente elétrica, segundo a porção de luz a incidir sobre eles. Somente depois dessa operação, que prossegue em variadas minudências técnicas, é que a cena passa ao transmissor da imagem, a reconstituir-se, através do cinescópio ou válvula da imagem, no aparelho receptor, válvula essa cujo funcionamento é quase análogo ao do iconoscópio, na transmissão, embora fisicamente não se pareçam. **Células e peças.** Com muito mais primor de organização, o cérebro ou cabine de manifestação do Espírito, tanto quanto posamos conhecer-nos, do ponto de vista da estrutura mental, em nossa presente condição evolutiva, possui nas células e implementos que o servem aparelhagens correspondentes às peças empregadas em televisão para a emissão e recepção das correntes eletrônicas, exteriorizando as ondas que lhe são características, a

transportarem consigo estímulos, imagens, vozes, cores, palavras e sinais múltiplos, através de vias aferentes e eferentes, nas faixas de sintonia natural. As válvulas, câmaras, antenas e tubos destinados à emissão dos elétrons, ao controle dos elétrons emitidos, à formação dos feixes corpusculares e respectivas deflexão vertical e horizontal e a operações outras para que o mosaico ou espelho elétrico forneça os sinais de vídeo, equivalentes à metamorfose da cena em corrente elétrica, e para que a tela fluorescente converta de novo os sinais de vídeo na própria cena óptica, a exprimir-se nos quadros televisionados, – configuram-se, admiravelmente, nos recursos sensíveis do cérebro, sistema nervoso, plexos e glândulas endócrinas, enriquecidos de outros elementos sensoriais no veículo físico e psicossomático, cabendo-nos, ainda, acentuar que a nossa comparação peca demasiado pela pobreza conceptual, porquanto, em televisão, na atualidade, há conjuntos distintos para emissão e recepção, quando o Espírito, na engrenagem individual do cérebro, conta com recursos avançados para serviços de emissão e recepção simultâneos.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 11)

I.6. O corpo físico é controlado pela mente (psicossomatismo)^{6,7,8}

“Admirava, tomado de profunda impressão, aqueles gráficos numerosos que se alinhavam, com absoluta ordem, demonstrando o cuidado espiritual que precede o serviço de reencarnações, quando o meu amigo ponderou: – A medicina humana será muito diferente no futuro, quando a Ciência puder compreender a extensão e complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral. As preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; as grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo. Se isso pode acontecer na esfera de atividades vulgares das lutas físicas, imagine o campo

-
- 6 Vide Subcapítulo III.6 (“O perispírito modela e comanda o corpo físico”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 7 Vide Subcapítulo IV.6 (“O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 8 Vide Subcapítulo VI.3 (“Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

enorme de observações que nos oferece o plano espiritual, para onde se transferem, todos os dias, milhares de almas desencarnadas, em lamentáveis condições de desequilíbrio da mente. O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se, muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“Depois do entendimento com os internados, o Instrutor Druso aquiesceu em dispensar-nos alguns minutos de conversação educativa. Explanara brilhantemente sobre o problema das provas na experiência terrestre. Alertara-nos quanto à necessária renovação mental nos padrões do bem, destacando a necessidade do estudo para a assimilação do conhecimento superior, e do serviço ao próximo para a colheita de simpatia, sem os quais todos os caminhos da evolução surgem complicados e difíceis de ser transitados. Junto dele, enquanto prelecionava, fora colocada singular escultura – uma estátua notável reproduzindo o corpo humano, transparente aos nossos olhos, à qual apenas faltava o sopro espiritual para revelar-se viva. Patenteavam-se, ali, à nossa visão, todos os órgãos e apetrechos do carro físico, sob a proteção do sistema nervoso e do sistema sanguíneo. O coração, à maneira de um grande pássaro no ninho das artérias enroscadas na árvore dos pulmões; o fígado, à feição de um condensador vibrante; o estômago e os intestinos como digestores técnicos e os rins, quais aparelhos complexos de filtragem, convidavam-nos a profunda admiração; contudo, nosso maior interesse concentrava-se no sistema endócrino, no qual as glândulas se salientavam por figurações de luz. A epífise, a hipófise, a tireoide, as paratireoides, o timo, as suprarrenais, o pâncreas e as bolsas genésicas caracterizavam-se, perfeitas, sobre o fundo vivo dos centros perispirituais, que se combinavam uns com os outros, em sutilíssimas ramificações nervosas, singularmente ajustadas, através dos plexos, emitindo cada centro irradiações próprias, constituindo-se o conjunto num todo harmônico, que nos impelia à contemplação extática. Percebendo-nos a surpresa, o chefe da casa disse, bondoso: – Habitualmente convidamos a atenção de nossos internados para os veículos de nossas manifestações, mostrando-lhes, quanto possível, a correspondência entre nossos estados espirituais e as formas de que nos servimos. É indispensável compreendamos que todo mal por nós praticado conscientemente expressa, de algum modo, lesão em nossa consciência e toda lesão dessa espécie determina distúrbio ou mutilação no organismo que nos exterioriza o modo de ser. Em todos os planos do Universo, somos espírito e manifestação, pensamento e forma. Eis o motivo por que, no mundo,

a Medicina há de considerar o doente como um todo psicossomático, se quiser realmente investir-se da arte de curar. E, tocando a bela escultura à nossa vista, continuou: – Da mente clareada pela razão, sede dos princípios superiores que governam a individualidade, partem as forças que asseguram o equilíbrio orgânico, por intermédio de raios ainda inabordáveis à perquirição humana, raios esses que vitalizam os centros perispiríticos, em cujos meandros se localizam as chamadas glândulas endócrinas, que, a seu turno, despedem recursos que nos garantem a estabilidade do campo celular. Como é óbvio, nas criaturas encarnadas esses elementos se consubstanciam nos hormônios diversos que atuam sobre todos os órgãos do corpo físico, através do sangue. O homem comum, que já conhece a tiroxina e a adrenalina, energias fabricadas pela tireoide e pelas suprarrenais, com influência decisiva no trabalho circulatório, nos nervos e nos músculos, não ignora que todas as demais glândulas de secreções internas produzem recursos que decidem sobre saúde e enfermidade, equilíbrio e desequilíbrio nos indivíduos encarnados. Ora, em substância, como é fácil de ver, todos os estados acidentais das formas de que nos utilizamos, no espaço e no tempo, dependem, assim, do comando mental que nos é próprio. É por isso que a justiça, sendo instituto fundamental de ordem na Criação, começa invariavelmente em nós mesmos, em toda e qualquer ocasião que lhe defraudemos os princípios. A evolução para Deus pode ser comparada a uma viagem divina. O bem constitui sinal de passagem livre para os cimos da Vida Superior, enquanto que o mal significa sentença de interdição, constringendo-nos a paradas mais ou menos difíceis de reajuste.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“CÉLULAS E CORPO ESPIRITUAL. [...] O todo indivisível do organismo. Lógico entender, dessa forma, que, diante do governo mental, a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo sistema nervoso e controlado pelos hormônios ou substâncias produzidas em determinado órgão e transportadas a outros arraiais da atividade somática, que lhes excitam as propriedades funcionais para certos fins, hormônios esses nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, enfeixando cargas de elementos químicos em nível ideal, quando o equilíbrio íntimo lhe preside as manifestações, e consubstanciando recursos de manutenção e preservação da vida normal, perfeitamente isoláveis pela ciência comum, como já acontece com a adrenalina das suprarrenais, com a insulina do pâncreas, a testosterona dos testículos e outras secreções

glandulares do cosmo orgânico. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 5)

“MEDIUNIDADE CURATIVA. Mente e psicossoma. Compreendendo-se o envoltório psicossomático por templo da alma, estruturado em bilhões de células a se caracterizarem por atividade incessante, é natural imaginemos cada centro de força e cada órgão por departamentos de trabalho, interdependentes entre si, não obstante o caráter autônomo atribuível a cada um. Semelhantes peças, no entanto, obedecem ao comando mental, sediado no cérebro, que lhes mantém a coesão e o equilíbrio, por intermédio das oscilações inestancáveis do pensamento. Temos, assim, as variadas províncias celulares sofrendo o impacto constante das radiações mentais, a lhes absorverem os princípios de ação e reação desse ou daquele teor, pelos quais os processos da saúde e da enfermidade, da harmonia e da desarmonia são associados e desassociados, conforme a direção que lhes imprima a vontade. Naturalmente não podemos esquecer que o alimento comum garante a subsistência do corpo físico, através da permuta contínua de substâncias com a incessante transformação de energia, e isso acontece porque a força mental conjuga substância e energia na produção dos recursos de apoio à existência e dos elementos reguladores do metabolismo. Além desses fatores, cabe-nos contar com os fatores mentais para a sustentação de todos os agentes da vida, que se fará dessa ou daquela forma, segundo a qualidade desses mesmos ingredientes. Conforme a integridade desses princípios, resultará a integridade do poder mecânico da mente para a formação dos anticorpos na intimidade das forças componentes do sistema sanguíneo.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 22)

“Na raiz de todas as enfermidades que sitiam o homem encontramos no desequilíbrio dele próprio a sua causa preponderante. Sendo o Espírito o modelador dos equipamentos de que se utilizará na reencarnação, desdobra as células da vesícula seminal sobre as matrizes vibratórias do perispírito, dando surgimento aos folhetos blastodérmicos que se encarregam de compor os tubos intestinal e nervoso, os tecidos cutâneos e todos os elementos constitutivos das organizações física e psíquica. São bilhões de *seres* microscópicos, individualizados, trabalhando sob o comando da mente, que retrata as aquisições anteriores, na condição de conquistas ou dívidas, que cumpre aprimorar ou corrigir. Cada um desses *seres* que se ajustam perfeitamente aos implementos vibratórios da alma emite e capta irradiações específicas, em forma de oscilações eletromagnéticas, que compõem o quadro da individualidade

humana. Em razão da conduta mental, as células são estimuladas ou bombardeadas pelos fluxos dos interesses que lhe apraz, promovendo a saúde ou dando gênese aos desequilíbrios que decorrem da desarmonia, quando essas unidades em estado de mitose degeneram oferecendo campo às bactérias patológicas que se instalam vencendo os fatores imunológicos, desativados ou enfraquecidos pelas ondas contínuas de mau humor, pessimismo, revolta, ódio, ciúme, lubricidade e viciações de qualquer natureza que se transformam em poderosos agentes da perturbação e do sofrimento. No caso dos fenômenos teratológicos das patogenias congênitas, encontramos o Espírito infrator encarcerado na organização que desrespeitou impunemente, quando a colocou a serviço da irresponsabilidade ou da alucinação, agora recuperando, de imediato, os delitos perpetrados, mesmo que em curto prazo expiatório. Problemas de graves mutilações e deficiências, enfermidades irreversíveis surgem como efeitos da culpa guardada no campo da consciência, em forma de arrependimentos tardios pelas ações nefastas antes praticadas.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Introdução)

I.7. Sistema endócrino, glândulas, hormônios e centros de força ou vitais⁹

“A região do cérebro parecia uma lâmpada em azul suavíssimo, cuja luminosidade se ligava em sentido direto ao cerebelo, descendo em seguida pela medula espinhal até o plexo sagrado, onde o foco brilhante adquiria expressão mais intensa, para atenuar-se, depois, no grande ciático. Transferi minhas observações para a forma feminina, igualmente radiosa, concentrando meu potencial analítico sobre o sistema endócrino, disposto à maneira de constelação, entre as peças orgânicas. Desde a epífise, situada entre os hemisférios cerebrais, até os núcleos procriadores, as glândulas pareciam formar belo sistema luminoso, semelhante a pequenos astros de vida, congregados em sentido vertical, qual antena rútila atraindo a luz procedente de Mais Alto. Cada qual apresentava sua forma específica, suas expressões vibratórias, suas características particulares, diversificando-se, igualmente, a cor de cada uma, embora recebessem todas, a seu modo, a coloração da epífise, semelhante a pequenino sol azulado, mantendo em seu campo de atração magnética todas as demais, desde a hipófise à região dos ovários, como o nosso astro de vida, garantindo a coesão e o movimento da sua grande família de planetas e asteroides.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

⁹ Vide Subcapítulo III.2 (“Fisiologia do perispírito e centros de força ou vitais (chacras)”), Capítulo III (“Corpo perispírico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

“Patenteavam-se, ali, à nossa visão, todos os órgãos e apetrechos do carro físico, sob a proteção do sistema nervoso e do sistema sanguíneo. O coração, à maneira de um grande pássaro no ninho das artérias enroscadas na árvore dos pulmões; o fígado, à feição de um condensador vibrante; o estômago e os intestinos como digestores técnicos e os rins, quais aparelhos complexos de filtração, convidavam-nos a profunda admiração; contudo, nosso maior interesse concentrava-se no sistema endócrino, no qual as glândulas se salientavam por figurações de luz. A epífise, a hipófise, a tireoide, as paratireoides, o timo, as suprarrenais, o pâncreas e as bolsas genésicas caracterizavam-se, perfeitas, sobre o fundo vivo dos centros perispirituais, que se combinavam uns com os outros, em sutilíssimas ramificações nervosas, singularmente ajustadas, através dos plexos, emitindo cada centro irradiações próprias, constituindo-se o conjunto num todo harmônico, que nos impelia à contemplação extática. Percebendo-nos a surpresa, o chefe da casa disse, bondoso: – Habitualmente convidamos a atenção de nossos internados para os veículos de nossas manifestações, mostrando-lhes, quanto possível, a correspondência entre nossos estados espirituais e as formas de que nos servimos. É indispensável compreendamos que todo mal por nós praticado conscientemente expressa, de algum modo, lesão em nossa consciência e toda lesão dessa espécie determina distúrbio ou mutilação no organismo que nos exterioriza o modo de ser. Em todos os planos do Universo, somos espírito e manifestação, pensamento e forma. Eis o motivo por que, no mundo, a Medicina há de considerar o doente como um todo psicossomático, se quiser realmente investir-se da arte de curar. E, tocando a bela escultura à nossa vista, continuou: – Da mente clareada pela razão, sede dos princípios superiores que governam a individualidade, partem as forças que asseguram o equilíbrio orgânico, por intermédio de raios ainda inabordáveis à perquirição humana, raios esses que vitalizam os centros perispiríticos, em cujos meandros se localizam as chamadas glândulas endócrinas, que, a seu turno, despedem recursos que nos garantem a estabilidade do campo celular. Como é óbvio, nas criaturas encarnadas esses elementos se consubstanciam nos hormônios diversos que atuam sobre todos os órgãos do corpo físico, através do sangue. O homem comum, que já conhece a tiroxina e a adrenalina, energias fabricadas pela tireoide e pelas suprarrenais, com influência decisiva no trabalho circulatório, nos nervos e nos músculos, não ignora que todas as demais glândulas de secreções internas produzem recursos que decidem sobre saúde e enfermidade, equilíbrio e desequilíbrio nos indivíduos encarnados. Ora, em substância, como é fácil de ver, todos os estados acidentais das formas de que nos utilizamos, no espaço e no tempo, dependem, assim, do

comando mental que nos é próprio. É por isso que a justiça, sendo instituto fundamental de ordem na Criação, começa invariavelmente em nós mesmos, em toda e qualquer ocasião que lhe defraudemos os princípios. A evolução para Deus pode ser comparada a uma viagem divina. O bem constitui sinal de passagem livre para os cimos da Vida Superior, enquanto que o mal significa sentença de interdição, constringendo-nos a paradas mais ou menos difíceis de reajuste.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“**CORPO ESPIRITUAL.** [...] **Centros vitais.** Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer. Nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica. É assim que, regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena, nele identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundárias de uma usina respondem ao comando da peça-motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las. Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células eferentes; o centro laríngeo, controlando notadamente a respiração e a fonação; o centro cardíaco, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base; o centro esplênico, determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo; o centro gástrico, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização, e o centro genésico, guiando

a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas. **Centro coronário.** Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas. Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, ideias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as consequências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino. **Estrutura mental das células.** É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmos-nos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluídos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretecidos na essência da matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito. **Centros vitais e células.** São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação. Essas células que obedecem às ordens do Espírito, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, procedem do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações protoplásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras. Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie

no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas, na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exoneração excretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça, encontrando, porém, esse clima, que lhes é indispensável, na estrutura aquosa de nossa constituição fisiopsicossomática, a expressar-se nos líquidos extracelulares, formados pelo líquido intersticial e pelo plasma sanguíneo. **Exteriorização dos centros vitais.** Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo físico vulgar, reconheceremos facilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“CÉLULAS E CORPO ESPIRITUAL. Motores elétricos microscópicos. Dispostas na construção da forma em processo idêntico ao da superposição dos tijolos numa obra de alvenaria, as células são compelidas à disciplina, perante a ideia orientadora que as associa e governa, quanto os tijolos vulgares são constrangidos à submissão ante as linhas traçadas pelo arquiteto que lhes aproveita o concurso na concretização de projeto específico. É assim que são funcionárias da reprodução no centro genésico, trabalhadores da digestão e absorção no centro gástrico, operários da respiração e fonação no centro laríngeo, da circulação no centro cardíaco, servidoras e guardiãs fixas ou migratórias do tráfego e distribuição, reserva e defesa no centro esplênico, auxiliares da inteligência e elementos de ligação no centro cerebral e administradoras e artistas no centro coronário, amolgando-se às ordens mentais recebidas e traduzindo na região de trabalho que lhes é própria a individualidade que as refreia e influencia, com justas limitações no tempo e no espaço. Temo-las, desse modo – repetimos –, por microscópicos motores elétricos, com vida própria, subordinando-se às determinações do ser que as aglutina e que lhes imprime a fixação ou a mobilidade indispensáveis às funções que devam exercer no mar interior do mundo orgânico, formado pelos líquidos extracelulares, a se definirem no líquido lacunar que as irriga e que

circula vagarosamente; na linfa que verte dos tecidos, endereçada ao sangue; e no plasma sanguíneo que se movimenta, rápido, além de outros líquidos intersticiais, característicos do meio interno.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 5)

“**A epífise.** Enquanto o nosso companheiro se aproveitava da organização mediúnica, vali-me das forças magnéticas que o instrutor me fornecera, para fixar a máxima atenção no médium. Quanto mais lhe notava as singularidades do cérebro, mais admirava a luz crescente que a epífise deixava perceber. A glândula minúscula transformara-se em núcleo radiante e, em derredor, seus raios formavam um lótus de pétalas sublimes. Examinei atentamente os demais encarnados. Em todos eles, a glândula apresentava notas de luminosidade, mas em nenhum brilhava como no intermediário em serviço. Sobre o núcleo, semelhante agora a flor resplandecente, caía luzes suaves, de Mais Alto, reconhecendo eu que ali se encontravam em jogo vibrações delicadíssimas, imperceptíveis para mim. Estudara a função da epífise nos meus apagados serviços de médico terrestre. Segundo os orientadores clássicos, circunscreviam-se suas atribuições ao controle sexual no período infantil. Não passava de velador dos instintos, até que as rodas da experiência sexual pudessem deslizar com regularidade, pelos caminhos da vida humana. Depois, decrescia em força, relaxava-se, quase desaparecia, para que as glândulas genitais a sucedessem no campo da energia plena. Minhas observações, ali, entretanto, contrastavam com as definições dos círculos oficiais. Como o recurso de quem ignora é esperar pelo conhecimento alheio, aguardei Alexandre para elucidar-me, findo o serviço ativo. Passados alguns minutos, o generoso mentor acercava-se de mim. Não esperou que me explicasse. – Conheço-lhe a perplexidade – falou. Também passei pela mesma surpresa, noutro tempo. A epífise é agora uma revelação para você. – Sem dúvida – acrescentei. – Não se trata de órgão morto, segundo velhas suposições – prosseguiu ele. – É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. O neurologista comum não a conhece bem. O psiquiatra devassar-lhe-á, mais tarde, os segredos. Os psicólogos vulgares ignoram-na. Freud interpretou-lhe o desvio, quando exagerou a influência da “libido”, no estudo da indisciplina congênita da Humanidade. Enquanto no período do desenvolvimento infantil, fase de reajustamento desse centro importante do corpo perispiritual preexistente, a epífise parece constituir o freio às manifestações do sexo; entretanto, há que retificar observações. Aos catorze anos, aproximadamente, de posição estacionária, quanto às suas atribuições essenciais, recomeça a

funcionar no homem reencarnado. O que representava controle é fonte criadora e válvula de escapamento. A glândula pineal reajusta-se ao concerto orgânico e reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos. Achava-me profundamente surpreendido. Findo o intervalo que impusera à exposição do ensinamento, Alexandre continuou: – Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na sequência de lutas, pelo aprimoramento da alma, e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida. – Deus meu! – exclamei – e as glândulas genitais, onde ficam? O instrutor sorriu e esclareceu: – São demasiadamente mecânicas, para guardarem os princípios sutis e quase imponderáveis da geração. Acham-se absolutamente controladas pelo potencial magnético de que a epífise é a fonte fundamental. As glândulas genitais segregam os hormônios do sexo, mas a glândula pineal, se me posso exprimir assim, segrega “hormônios psíquicos” ou “unidades-força” que vão atuar, de maneira positiva, nas energias geradoras. Os cromossomos da bolsa seminal não lhe escapam a influência absoluta e determinada. Alexandre fez um gesto significativo e considerou: – No entanto, não estamos examinando problemas de embriologia. Limitemo-nos ao assunto inicial e analisemos a epífise, como glândula da vida espiritual do homem. Dentro de meu espanto, guardei rigoroso silêncio, faminto de instruções novas. – Segregando delicadas energias psíquicas – prosseguiu ele –, a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrínico. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta. De modo geral, todos nós, agora ou no pretérito, viciamos esse foco sagrado de forças criadoras, transformando-o num imã relaxado, entre as sensações inferiores de natureza animal. Quantas existências temos despendido na canalização de nossas possibilidades espirituais para os campos mais baixos do prazer materialista? Lamentavelmente divorciados da lei do uso, abraçamos os

desregramentos emocionais, e daí, meu caro amigo, a nossa multimilenária viciação das energias geradoras, carregados de compromissos morais, com todos aqueles a quem ferimos com os nossos desvarios e irreflexões. Do lastimável menosprezo a esse potencial sagrado, decorrem os dolorosos fenômenos da hereditariedade fisiológica, que deveria constituir, invariavelmente, um quadro de aquisições abençoadas e puras. A perversão do nosso plano mental consciente, em qualquer sentido da evolução, determina a perversão de nosso psiquismo inconsciente, encarregado da execução dos desejos e ordenações mais íntimas, na esfera das operações automáticas. A vontade desequilibrada desregula o foco de nossas possibilidades criadoras. Daí procede a necessidade de regras morais para quem, de fato, se interesse pelas aquisições eternas nos domínios do Espírito. Renúncia, abnegação, continência sexual e disciplina emotiva não representam meros preceitos de feição religiosa. São providências de teor científico, para enriquecimento efetivo da personalidade. Nunca fugiremos à lei, cujos artigos e parágrafos do Supremo Legislador abrangem o Universo. Ninguém enganará a Natureza. Centros vitais desequilibrados obrigarão a alma à permanência nas situações de desequilíbrio. Não adianta alcançar a morte física, exibindo gestos e palavras convencionais, se o homem não cogitou do burilamento próprio. A Justiça que rege a Vida Eterna jamais se inclinou. É certo que os sentimentos profundos do extremo instante do Espírito encarnado cooperam decisivamente nas atividades de regeneração além do túmulo, mas não representam a realização precisa. O instrutor falava em tom sublime, pelo menos para mim, que, pela primeira vez, ouvia comentários sobre consciência, virtude e santificação, dentro de conceitos estritamente lógicos e científicos no campo da razão. Agora, aclaravam-se-me os raciocínios, de modo franco. Receber um corpo, nas concessões do reencarnacionismo, não é ganhar um barco para nova aventura, ao acaso das circunstâncias, mas significa responsabilidade definida nos serviços de aprendizagem, elevação ou reparação, nos esforços evolutivos ou redentores. – Compreende, agora, as funções da epífise no crescimento mental do homem e no enriquecimento dos valores da alma? – indagou-me o orientador. – Sim... – respondi sob impressão forte. – Segregando “unidades-força” – continuou –, pode ser comparada a poderosa usina, que deve ser aproveitada e controlada, no serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade e não relaxada em gasto excessivo do suprimento psíquico, nas emoções de baixa classe. Refocar-se no charco das sensações inferiores, à maneira dos suínos, é retê-la nas correntes tóxicas dos desvarios de natureza animal e, na despesa excessiva de energias sutis, muito dificilmente consegue o homem levantar-se do

mergulho terrível nas sombras, mergulho que se prolonga, além da morte corporal. Em vista disso, é indispensável cuidar atentamente da economia de forças, em todo serviço honesto de desenvolvimento das faculdades superiores. Os materialistas da razão pura, senhores de vastos patrimônios intelectuais, perceberam de longe semelhantes realidades e, no sentido de preservar a juventude, a plástica e a eugenia, fomentaram a prática do esporte, em todas as suas modalidades. Contra os perigos possíveis, na excessiva acumulação de forças nervosas, como são chamadas às secreções elétricas da epífise, aconselharam aos moços de todos os países o uso do remo, da bola, do salto, da barra, das corridas a pé. Desse modo, preservavam-se os valores orgânicos, legítimos e normais, para as funções da hereditariedade. A medida, embora satisfaça em parte, é, contudo, incompleta e defeituosa. Incontestavelmente, a ginástica e o exercício controlados são fatores valiosos de saúde; a competição esportiva honesta é fundamento precioso de socialização; no entanto, podem circunscrever-se a meras providências em benefício dos ossos e, por vezes, degenera-se em elástico das paixões menos dignas. São muito raros ainda, na Terra, os que reconhecem a necessidade de preservação das energias psíquicas para engrandecimento do Espírito eterno. O homem vive esquecido de que Jesus ensinou a virtude como esporte da alma, e nem sempre se recorda de que, no problema do aprimoramento interior, não se trata de retificar a sombra da substância e sim a substância em si mesma. Ouvia-lhe as instruções, entre a emotividade e o assombro. – Entende, agora, como é importante renunciar? Percebe a grandeza da lei de elevação pelo sacrifício? A sangria estimula a produção de células vitais, na medula óssea; a poda oferece beleza, novidade e abundância nas árvores. O homem que pratica verdadeiramente o bem vive no seio de vibrações construtivas e santificantes da gratidão, da felicidade, da alegria. Não é fazer teoria de esperança. É princípio científico, sem cuja aplicação, na esfera comum, não se liberta a alma, descentralizada pela viciação nas zonas mais baixas da Natureza. E porque observasse que as instruções lhe tomavam demasiado tempo, Alexandre concluiu: – De acordo com as nossas observações, a função da epífise na vida mental é muito importante. – Sim – considere –, compreendo agora a substancialidade de sua influência no sexo e entendo igualmente a dolorosa e longa tragédia sexual da Humanidade. Percebo, nitidamente, o porquê dos dramas que se sucedem, ininterruptos, as aflições que parecem nunca chegar ao fim, as ansiedades que esbarram no crime, o cipoal do sofrimento, envolvendo lares e corações. – E o homem sempre disposto a viciar os centros sagrados de sua personalidade – concluiu Alexandre, solenemente –, sempre inclinado a

contrair novos débitos, mas dificilmente decidido a retificar ou pagar. – Compreendo, compreendo... E, asilando certas dúvidas, exclamei: – Não seria então mais razoável... O orientador cortou-me a palavra e esclareceu: – Já sei o que deseja indagar. E, sorrindo: – Você pergunta se não seria mais interessante encerrar todas as experiências do sexo, sepultar as possibilidades do renascimento carnal. Semelhante indagação, no entanto, é improcedente. Ninguém deve agir contra a lei. O uso respeitável dos patrimônios da vida, a união enobrecedora, a aproximação digna, constituem o programa de elevação. É, portanto, indispensável distinguir entre harmonia e desequilíbrio, evitando o estacionamento em desfiladeiros fatais. Ditas estas palavras, Alexandre calou-se, como orientador criterioso que deixa ao discípulo o tempo necessário para digerir a lição.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 2)

“**REFLEXO CONDICIONADO ESPECÍFICO.** [...]”

Mecanismo do fenômeno hipnótico. Recorrendo, para exemplo, em nosso estudo, ao conhecido processo de Liébeault, o hipnotizador passará à ação franca, colocando-se à frente do enfermo. E, situando de leve a mão esquerda sobre a sua cabeça, manterá dois dedos da mão direita, à distância aproximada de vinte a trinta centímetros dos olhos do paciente, de modo a formar com eles um ângulo elevado, compelindo-o a levantar os olhos, em atenção algo laboriosa, para que lhe fixe os dedos por algum tempo. Com esse gesto, o magnetizador estará projetando o seu próprio fluxo energético sobre a epífise do hipnotizado, glândula esta de suma importância em todos os processos medianímicos (Para mais claro entendimento do assunto, indicamos ao leitor a releitura do capítulo 2º do livro “Missionários da Luz”, do mesmo Autor espiritual, recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier - Nota da Editora), por favorecer a passividade dos núcleos receptivos do cérebro, provocando, ao mesmo tempo, a atenção ou o circuito fechado no campo magnético do paciente, cuja onda mental, projetada para além de sua própria aura, é imediatamente atraída pelas oscilações do magnetizador que, a seu turno, lhe transmite a essência das suas próprias ordens. Libertando as aglutininas mentais do sono, o passivo, na hipnose estimulada, se vê influenciado pela vontade que lhe comanda transitoriamente os sentidos, vontade essa a que, de maneira habitual, adere de “moto-próprio”, quase que alegremente.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 14)

“Minha estupefação não tinha limites. É forçoso confessar, porém, que minha surpresa se distendia muito mais, ao fixar os eflúvios brilhantes que emanavam dos centros genitais, semelhando-se, em conjunto, a minúsculo santuário cheio de luz. Como eu dirigisse ao meu instrutor um olhar de indagação, seus esclarecimentos não se fizeram esperar. – Na Crosta

– disse-me Alexandre, sorrindo, após reaproximar-se de mim –, em sentido geral ainda existe muita ignorância acerca da missão divina do sexo. Para nós, porém, que desejamos valorizar as experiências, a paternidade e a maternidade terrestres são sagradas. A faculdade criadora é também divindade do homem. O útero maternal significa, para nós outros, a porta bendita para a redenção; para grande número de pessoas na Esfera do Globo, a visão celestial é símbolo de repouso e alegria sem fim, enquanto, para muitos de nós, a visão terrestre significa trabalho edificante e salutar. Não alcançaremos, porém, a terra prometida do serviço redentor, sem o concurso das forças criadoras associadas, do homem e da mulher. Compreendi, com novo espírito, o caráter sublime das energias sexuais e recordei-me, compadecidamente, de todos os encarnados que ainda não conseguiram edificar o respeito e o entendimento, relativos aos sagrados órgãos procriadores. Meu orientador, entretanto, como antena receptora de todas as minhas emissões mentais, advertiu-me, bondoso: – Relegue ao esquecimento qualquer expressão das reminiscências menos construtivas. Os que ultrajam o sexo, escrevendo, agindo ou falando, já são grandes infelizes por si mesmos.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“**SEXO E CORPO ESPIRITUAL. Ação dos hormônios.** Atingindo inequívoco progresso em seus estímulos, o corpo espiritual, desde a protoforma psicossômica nos animais superiores até o homem, conforme a posição da mente a que serve, determina mais ampla riqueza hormonal. As glândulas sexuais que então mobiliza são mais complexas. Exercem a própria ação pelos hormônios que segregam, arrojando-os no sangue, hormônios esses, femininos ou masculinos, que possuem por arcabouço da constituição química, em que se expressam, o núcleo ciclo-pentano-peridrofenantreno, filiando-se ao grupo dos esteróis. Os hormônios estrogênicos, oriundos do ovário, mantêm os caracteres femininos secundários, e os androgênicos, segregados pelo testículo, sustentam os caracteres masculinos da mesma ordem. Produzem ações estimulantes e inibitórias, todavia, como atendem necessariamente a impulsos e determinações da mente, por intermédio do corpo espiritual, incentivam o desenvolvimento ou a maneira de proceder da espécie, mas não os origina. Por isso, nenhum deles possui ação monopolizadora no mundo orgânico, não obstante patentearem essa ou aquela influência de modo mais amplo. Ainda em razão do mesmo princípio que lhes vige na formação, pelo qual obedecem às vibrações incessantes do campo mental, os hormônios não se armazenam: transformam-se rapidamente ou sofrem apressada expulsão nos movimentos excretórios. Entendendo-se os recursos da reprodução como engrenagens e mecanismos

de que o Espírito em evolução se vale para a plasmagem das formas físicas, sem que os homens lhe comprovem, de modo absoluto, as qualidades mais íntimas, é fácil reconhecer que as glândulas sexuais e seus hormônios exibem efeitos relativamente específicos. Inegavelmente, o ovário e os hormônios femininos se responsabilizam pelos distintivos sexuais femininos, mas podem desenvolver alguns deles no macho, prevalecendo as mesmas diretrizes para o testículo e os hormônios que lhe correspondem. Isso é claramente demonstrável nos experimentos de castração, enxertos e injeções hormonais, porquanto, apesar de a ação sexual específica do testículo e do ovário apresentar-se como fato indiscutível, a gônada, refletindo os estados da mente, herdeira direta de experiências inumeráveis, eventualmente produz certa quantidade de hormônios heterossexuais e, da mesma sorte, ainda que os hormônios sexuais se afirmem com atividade específica intensa, em determinados acontecimentos realizam essa ou aquela ação em órgãos do sexo oposto. Esses são os efeitos heterossexuais ou bissexuais das glândulas ou dos hormônios.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 18)

“**Parasitoses físicas.** [...] - O irmão Miranda sabe que os elementos constitutivos do perísprito são de energia muito específica, ainda não havendo sido classificada pelos estudiosos da física quântica. Pensam muitos especialistas de nosso plano que ele seria constituído por átomos muito sutis ionizados ou por partículas semelhantes aos neutrinos ainda mais tênues e velozes do que aqueles que foram detectados nos formidáveis laboratórios terrestres; nada obstante, prefiro, pessoalmente, a definição do preclaro codificador, quando se refere a um envoltório semimaterial, portanto, em termos muito simples, resultado de uma energia semimaterial, de um campo específico. A sua irradiação contínua impregna a organização física dos seus conteúdos, que são resultantes dos atos que procedem do ser pensante — o Espírito imortal. Essa maravilhosa estrutura energética pode ser penetrada por outras, dependendo dos valores morais do ser espiritual que a acolhe, de acordo com a afinidade de constituição. Quando é superior, torna-se mais vibrante e resistente, gerando valores positivos no organismo; sendo de procedência inferior, termina por tornar-se cediça e frágil, apresentando lesões que se refletem como distúrbio equivalente no mundo das formas. Forma energética do corpo somático, tudo aquilo que lhe ocorre na organização será refletido na forma. Eis porque, toda e qualquer terapêutica direcionada a doenças deve sempre considerar o ser humano total, não apenas como o corpo ou como o corpo e a mente (Espírito), mas como Espírito, perísprito e corpo. Quando isso ocorrer, e não

estão longe os dias da sua aceitação, o binômio saúde-doença estará recebendo muito melhor contribuição do que aquela que lhe tem sido direcionada até estes dias. - Compreendo sim - aduzi-lhe aos comentários - a realidade do enfoque apresentado pelo caro amigo, porque muitos cancerologistas, cardiologistas e outros profissionais da saúde de ambos os planos da vida, são unânimes em afirmar que transtornos psicológicos, raiva e ressentimento, ciúme e inveja, isto é, todos esses fatores de perturbação emocional, refletem-se na área da saúde, dando surgimento a patologias graves, como algumas das que dizem respeito às suas especialidades. Por outro lado, verificamos amiúde, os casos de problemas orgânicos derivados dos conflitos, particularmente dos aparelhos digestivo e cardíaco, por somatização. Se a mente pessoal gera esses fenômenos perturbadores, sob ação de outras mentes mais vigorosas, ainda sob a cruz dos conflitos originados na conduta extravagante do passado, é claro que os efeitos danosos são muito mais fortes, favorecendo o surgimento de doenças mais graves, produzidas pelos agentes microbianos de destruição dos tecidos. Em assim sendo, qual a melhor terapia para ser aplicada? - Indiscutivelmente - redarguiu -, a do Evangelho, isto é, a da transformação moral do paciente, que é a sua parte fundamental, e a nossa contribuição em relação a ele, a fluidoterápica, a fim de afastar o agente desencadeador do problema, a sua conveniente doutrinação, a compaixão e misericórdia para com ele, sem nenhuma diferença daquela que seria aplicada nos transtornos obsessivos mentais e comportamentais. Pelo pensamento, cada um de nós elege a companhia espiritual que melhor nos apraz. Na larga experiência de lidar com obsessos físicos, tenho aprendido que é a mente o grande agente fomentador de vida, como de destruição dos seus elementos constitutivos. Afinal, o que criou e rege o universo é a mente divina na qual tudo se encontra imerso. A mente humana, nos seus limites, produz a constelação de ocorrências próximas à sua fonte emissora de energia, sempre em sintonia com a qualidade de vibrações exteriorizadas. Pensar bem, portanto, já não tem sentido apenas ético ou religioso, mas uma abrangência muito maior que é o psicoterapêutico preventivo e curador.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 15)

1.8. Sistema sanguíneo ou hemático: relação do sangue com a vitalidade

“Em virtude das anteriores explicações do orientador, relativamente à importância da assistência de Herculano a Segismundo reencarnado, até aos sete anos, procurei obter do instrutor alguma elucidação a respeito. Pedi desculpas a Alexandre, todavia, não me

pude furtar à delicada inquirição. Porque tamanho cuidado com o sangue do futuro recém-nascido? Somente aos sete anos iniciais de existência humana estaria terminado o serviço de reencarnação? Como sempre acontecia, o nobre mentor ouviu-me, complacente, sorriu qual pai carinhoso, e respondeu, solícito: – Você não ignora que o corpo humano tem as suas atividades propriamente vegetativas, mas talvez ainda não saiba que o corpo perispiritual, que dá forma aos elementos celulares, está fortemente radicado no sangue. Na organização fetal, o patrimônio sanguíneo é uma dádiva do organismo materno. Logo após o renascimento, inicia-se o período de assimilação diferente das energias orgânicas, em que o “eu” reencarnado ensaia a consolidação de suas novas experiências e, somente aos sete anos de vida comum começa a presidir, por si mesmo, ao processo de formação do sangue, elemento básico de equilíbrio ao corpo perispiritual ou forma preexistente, no novo serviço iniciado. O sangue, portanto, é como se fora o fluido divino que nos fixa as atividades no campo material e em seu fluxo e refluxo incessante, na organização fisiológica, nos fornece o símbolo do eterno movimento das forças sublimes da Criação Infinita. Quando a sua circulação deixa de ser livre, surge o desequilíbrio ou enfermidade e, se surgem obstáculos que impedem o seu movimento, de maneira absoluta, então sobrevém a extinção do tônus vital no campo físico, ao qual se segue a morte com a retirada imediata da alma.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“**PASSE MAGNÉTICO.** [...] Representando o sistema hemático, no corpo humano, o conjunto das energias circulantes no psicossoma, energias essas tomadas pela mente, através da respiração, ao infinito reservatório do fluido cósmico, é para ele que se encontra intimamente associado ao estímulo nervoso ou aparelho de comunicação entre o governo do Estado simbólico a que nos referimos e suas províncias e cidadãos – os órgãos e as células. Correspondendo a centros vitais do perispírito – que não podemos entender agora, por ausência de terminologia adequada entre os homens –, temos o eritrônio, o leucocitônio e o trombônio, tanto quanto o sistema retículoendotelial e os gânglios linfáticos, dando nascimento, no plasma sanguíneo, às coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, dos trombócitos, dos macrófagos e dos linfócitos a se dividirem através de famílias numerosas, em trabalho incessante, desde as usinas geratrizes do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o estroma dos órgãos. Reconhecendo-se a capacidade do fluido magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do Estado Orgânico – particularmente as sanguíneas e as histiocitárias –, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou

a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 15)

“**MEDIUNIDADE CURATIVA.** [...] **Sangue e fluidoterapia.** Salientando-se que o sistema hemático no corpo físico representa o conjunto das energias circulantes no corpo espiritual ou psicossoma, energias essas tomadas em princípio pela mente, através da respiração, ao reservatório incomensurável do fluido cósmico, é para ele que nos compete voltar a atenção, no estudo de qualquer processo fluidotérapico de tratamento ou de cura. Relacionados com os centros psicossomáticos, os variados núcleos da vida sanguínea produzem as grandes coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, trombócitos, macrófagos, linfócitos, histiócitos, plasmócitos, monócitos e outras unidades a se dividirem, inteligentemente, em famílias numerosas, movimentando-se em trabalho constante, desde os fulcros geradores do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o âmago dos órgãos. Fácil entender que todo desregramento de natureza física ou moral faz-se refletir, de imediato, por reações mentais consequentes, sobre as províncias celulares, determinando situações favoráveis ou desfavoráveis ao equilíbrio orgânico. O pensamento é a força que, devidamente orientada, no sentido de garantir o nível das entidades celulares no reino fisiológico, lhes facilita a migração ou lhes acelera a mobilidade para certos efeitos de preservação ou defensiva, seja na improvisação de elementos combativos e imunológicos ou na impugnação aos processos patogênicos, com a intervenção da consciência profunda. Deduzimos, sem dificuldade, que se é possível a hipnotização da mente humana, com vistas a certos fins, com mais propriedade operar-se-á a magnetização das entidades corpusculares, para efeitos determinados, no ajustamento das células.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 22)

“Retornamos ao Sanatório e seguimos diretamente para a Enfermaria onde Argos já se encontrava, após o trânsito no Centro de Recuperação. Houvera observado que, após a cirurgia espiritual em favor da sua *moratória*, o corpo físico absorvia lentamente uma bioluminescência que irradiava do perispírito, órgão assimilador das energias e substâncias que lhe foram ministradas. Era como se estivesse dentro de um molde da sua própria forma, aumentado e fosforescente. Na sucessão dos dias verifiquei que a massa energética era assimilada pelas células, que se robusteciam, e grande parte era absorvida pela medula óssea, encarregada de gerar novos glóbulos vermelhos que lhe

revitalizavam o organismo.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 14)

“À medida que os minutos passavam, o agonizante dava mostras de maior sofrimento, estertorando e emitindo pensamentos de mal contida ira contra todos e tudo. O suor abundante e o colapso periférico, com o entorpecimento e o arroxear das extremidades do corpo, denotavam a vitória da morte sobre a matéria que não mais podia lutar, enquanto o Espírito permanecia lúcido, na destrambelhada usina mental, agarrando-se aos despojos que se lhe negavam ao comando. Nesse comenos, ouvi um dos mais terríveis obsessores presentes que já o afligia, tentando desgarrá-lo do corpo, informar a indigitado companheiro: — Já não demora. Em menos de dez minutos tudo estará acabado. Vá buscar os *sugadores*. Fiquei perplexo ante a ordem inusitada. Mentalmente o Dr. Lustoza sugeriu-me calma, silêncio e oração. De súbito irromperam na câmara onde a morte triunfava, quatro Entidades, de aparência lupina, atadas a cordas, como se fossem cães, embora mantivessem alguns sinais humanoides, que emitiam contristadores uivos e se movimentaram, inquietas, nas mãos vigorosas que lhes sustentavam as correias presas aos pescoços. Denotavam sentir o que acontecia, tal a agitação de que davam mostras. O desencarnante percebeu chegar a hora e, aterrado sob asfixia cada vez mais constritora, debateu-se, tentou gritar, mas a tosse rouca o venceu com brutal hemoptise, impedindo-lhe a respiração, vitimando-o, em definitivo. O vigilante perseguidor, com terrível ricto na face macilenta, ordenou: — Soltem os *animais*! Vimos as Entidades sinistras arrojar-se sobre o defunto e, numa cena perturbadora, profundamente asquerosa, sugar as energias da pasta sanguínea, como do cadáver, retirando por absorção bucal os fluidos empestados que eram eliminados. [...] Os sugadores locupletavam-se sobre os restos mortais, como se fossem chacais famintos disputando animais abandonados pelos que os houveram destruído. Pareciam embriagar-se na volúpia com que se atiravam e roubavam as últimas energias do corpo em cadaverização. Logo depois, o vigoroso algoz, num gesto brusco, deslindou as últimas amarras fluídicas e segurando, à força, o alucinado senhor Marcondes, que experimentava inomináveis quão indescritíveis aflições e submeteu-se, debatendo-se à nova injunção. — Retirem os *animais* — impôs, feroz. — Saíamos daqui. As Entidades reagiram ao seu condutor, não desejando abandonar o repasto, no que foram forçadas a chibata, e o grupo heterogêneo, ridículo e apavorante retirou-se com grande chocarrice, levando o recém-desencarnado. Transcorreram menos de uma hora desde o desenlace e tudo parecia haver acontecido em um demorado período de incessantes aflições.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 17)

I.9. O corpo físico funciona como depurador das moléstias da alma

“Encantávamos as exposições claras e simples de nossa interlocutora, cuja palavra tangia com tanta felicidade graves problemas da vida. Em suas fórmulas verbais singelas e acessíveis, penetrávamos inquietantes enigmas da puericultura. Blandina sabia associar a compreensão e a graça, instruindo-nos com discernimento. Comovido, diante das anotações que lhe definiam a valiosa posição cultural, Ponderei: — Usando semelhantes apontamentos, podemos entender com mais segurança, os processos dolorosos das enfermidades congênicas e das moléstias insidiosas que assaltam a meninice no mundo. Sempre fui possuído de aflitivo assombro, à frente do mongolismo e da epilepsia, da encefalite letárgica e da meningite, da lepra e do câncer, na tenra organização infantil. — E que dizer dos desastres irremediáveis — considerou Hilário, com emoção —, dos desastres que arrebatam adoráveis flores do lar, deixando inconsoláveis pais e mães? Por vezes numerosas, procurei resposta às terríveis inquirições que nos atormentam, perante corpinhos dilacerados, nos hospitais de sangue, sem conseguir ausentar-me do escuro labirinto. — Sim — esclareceu a enfermeira, bondosa —, as reparações nos martirizam na carne, mas, sem elas, não atingiríamos o próprio reajustamento. — Cada qual de nós renasce na Terra — apreciou o Ministro — a exprimir na matéria densa o patrimônio de bens ou males que incorporamos aos tecidos sutis da alma. A patogenia, na essência, envolve estudos que remontam ao corpo espiritual, para que não seja um quadro de conclusões falhas ou de todo irreais. Voltando à Terra, atraímos os acontecimentos agradáveis ou desagradáveis, segundo os títulos de trabalho que já conquistamos ou conforme as nossas necessidades de redenção. Bem humorado, acentuou: — A carne, de certo modo, em muitas circunstâncias não é apenas um vaso divino para o crescimento de nossas potencialidades, mas também uma espécie de carvão milagroso, absorvendo-nos os tóxicos e resíduos de sombra que trazemos no corpo substancial.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 10)

“Quatro semanas correram céleres, quando fomos realmente procurados por Odila, no Templo do Socorro, para um entendimento particular. Clarêncio, Hilário e eu recebemo-la quase sem surpresa. Vinha algo triste e preocupada. Com respeitosa delicadeza, contou-nos a experiência inquietante que atravessava. Júlio prosseguia apresentando na fenda glótica a mesma ferida. Instalara-se com ele em aposentos adequados na Escola das Mães e ao filhinho dispensava todo o cuidado suscetível de reerguer-lhe as energias, entretanto, a luta continuava... Recursos medicamentosos e passes magnéticos não faltavam, contudo, não surti-

feito. Daria tudo para vê-lo forte e feliz. Esperava a descoberta de algum milagre, capaz de atender-lhe o anseio de mãe, no entanto visitara, em companhia de Blandina, outros setores de assistência à infância torturada; vira inúmeras crianças infelizes, portadoras de problemas talvez mais dolorosos que aqueles do filhinho bem-amado. Apavorara-se. Jamais supusera a existência de tantas enfermidades depois da morte. Tentara obter os bons ofícios de vários amigos, para esclarecer-se convenientemente, e todos, à uma, repetiam sempre que os compromissos morais adquiridos conscientemente na carne somente na carne deveriam ser resolvidos e que, por isso mesmo, a reencarnação para Júlio era o único caminho a seguir. O corpo físico funcionaria como abafador da moléstia da alma, sanando-a, pouco a pouco... Que fizera o menino no pretérito para receber semelhante punição? A pobre senhora enxugava as lágrimas que lhe caíam espontâneas. Clarêncio, profundo conhecedor do sofrimento humano, falou como sacerdote: – Odila, o passado agora não é o remédio próprio. Atendamos à hora que passa. Temos Júlio extremamente necessitado à nossa frente e o alívio dele é o nosso objetivo mais imediato. A mãezinha resignada concordou num gesto silencioso. – Também creio – prosseguiu o nosso instrutor, imperturbável – que a reencarnação do pequeno é urgente medida se desejamos observá-lo no caminho da própria recuperação. – Irmã Clara recomendou-me viesse rogar-lhe o concurso. Ajude-me, abnegado amigo!...” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 27)

“Amaro e a família, coadjuvados por alguns vizinhos, amortalhavam a forma hirta do menino, quando rumamos de volta ao Lar da Bênção. Notei que Júlio, asilado nos braços de Odila, se mostrava aliviado e tranquilo, como nunca o vira até então. Enquanto as nossas irmãs permutavam ideias, com respeito ao futuro, indaguei do orientador, acerca da serenidade que felicitava agora o pequenino. Clarêncio informou, prestimoso: – Júlio reajustou-se para a continuação regular da luta evolutiva que lhe compete. O renascimento malgrado não teve para ele tão somente a significação expiatória, necessária ao Espírito que deserta do aprendizado, mas também o efeito de um remédio curativo. A permanência no campo físico funcionou como recurso de eliminação da ferida que trazia nos delicados tecidos da alma. A carne, em muitos casos, é assim como um filtro que retém as impurezas do corpo perispiritual, liberando-o de certos males nela adquiridos. – Isso quer dizer... O Ministro, porém, cortou-me a palavra, acentuando: – Isso quer dizer que Júlio doravante poderá exteriorizar-se num corpo sadio, conquistando merecimento para obter uma reencarnação devidamente planejada, com elevados objetivos de serviço. Terá, por alguns meses conosco, desenvolvimento natural, regressando à Terra, em

elogiáveis condições de harmonia consigo mesmo. – Mas voltará, assim, em tão pouco tempo? – perguntei, admirado. – Esperamos que assim seja. Deve atender ao crescimento de qualidades nobres para a vida eterna que somente o retorno à escola da carne poderá facilitar. Além disso, precisa conviver com Amaro, Zulmira e Silva, de maneira a confraternizar-se realmente com eles, segundo o amor puro que o Cristo nos ensinou. – Essas anotações – ponderei – lançam nova claridade em nosso estudo da vida. Compreendemos, assim, que as moléstias complicadas e longas guardam função específica. Os aleijões de nascença, o mongolismo, a paralisia... – Sim – confirmou o orientador –, por vezes é tão grande a incursão da alma nas regiões de desequilíbrio, que mais extensa se faz para ela a viagem de volta à normalidade. Sorrindo, acrescentou: – O tempo de inferno restaurador corresponde ao tempo de culpa deliberada. Em muitas fases de nossa evolução somos imantados às teias da carne, que sempre nos reflete a individualidade intrínseca, assim como a argila é conduzida ao calor da cerâmica ou como o metal impuro é arrojado ao cadinho fervente. A depuração exige esforço, sacrifício, paciência.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 33)

“Meu companheiro guardou, reverente, a anotação e considerou: – Caro instrutor, depreendemos da elucidação que, ao nos reencarnarmos, conduzimos conosco os remanescentes de nossas faltas, que nos partilham o renascimento, na máquina fisiológica, como raízes congeniais dos males que nós mesmos plantamos... – Perfeitamente – acentuou o mentor amigo –, nossas disposições, para com essa ou aquela enfermidade no corpo terrestre, representam zonas de atração magnética que dizem de nossas dívidas, diante das Leis Eternas, exteriorizando-nos as deficiências do espírito. Druso meditou alguns instantes, como se estivesse ponderando no íntimo a gravidade do assunto, e apreciou: – Nossas assertivas não excluem, decerto, a necessidade da assepsia e da higiene, da medicação e do cuidado preciso, no tratamento dos enfermos de qualquer procedência. Desejamos simplesmente acentuar que a alma ressurge no equipamento físico transportando consigo as próprias falhas a se lhe refletirem na veste carnal, como zonas favoráveis à eclosão de determinadas moléstias, oferecendo campo propício ao desenvolvimento de vírus, bacilos e bactérias inúmeros, capazes de conduzi-la aos mais graves padecimentos, de acordo com os débitos que haja contraído, mas também carrega consigo as faculdades de criar no próprio cosmo orgânico todas as espécies de anticorpos, imunizando-se contra as exigências da carne, faculdades essas que pode ampliar consideravelmente pela oração, pelas disciplinas retificadoras a que se afeiçoe, pela resistência mental ou pelo serviço ao próximo com que atrai preciosos recursos em seu

favor. Não podemos esquecer que o bem é o verdadeiro antídoto do mal. – Ainda assim – juntou Hilário –, será lícito recordar que os animais igualmente sofrem moléstias diagnosticáveis, como sejam a aftosa, a raiva e a pneumonia. – Como também as plantas experimentam enfermidades peculiares, reclamando adubos e fungicidas completou o mentor, sorrindo. E acrescentou: – A dor é ingrediente dos mais importantes na economia da vida em expansão. O ferro sob o malho, a semente na cova, o animal em sacrifício, tanto quanto a criança chorando, irresponsável ou semiconsciente, para desenvolver os próprios órgãos, sofrem a dor-evolução, que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso. Em nosso estudo, porém, analisamos a dor-expição, que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, detendo-a em complicados labirintos de aflição, para regenerá-la, perante a Justiça... É muito diferente... – Curioso! – exclamou Hilário – não havia pensado ainda em semelhantes conceitos... Dor-evolução, dor-expição... – Como temos ainda dor-auxílio – atalhou Druso, benevolente. – Como assim? E percebendo a surpresa que se nos estampava no rosto, o orientador aduziu: – Em muitas ocasiões, no decurso da luta humana, nossa alma adquire compromissos vultosos nesse ou naquele sentido. Habitualmente, logramos vantagens em determinados setores da experiência, perdendo em outros. Às vezes, interessamo-nos vivamente pela sublimação do próximo, olvidando a melhoria de nós mesmos. É assim que, pela intercessão de amigos devotados à nossa felicidade e à nossa vitória, recebemos a bênção de prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais frequentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição da morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual. Druso, no entanto, a essa altura, foi chamado a outras linhas de ação, deixando-nos entregues aos nossos pensamentos.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“**DESTINO E RESPONSABILIDADE.** O primeiro e mais imediato efeito da fé que assenta sobre as bases da razão é a consciência da responsabilidade. Não tendo o homem senão uma visão estreita da vida, limitada aos curtos horizontes da existência terrena, as suas aspirações tomam-se de breve período e pequena extensão, tendo em vista o término que se anuncia ante o advento da morte. Pelo contrário, considerando

o corpo como sendo uma veste de rápida duração e elaborado para a sua finalidade transitória, embora fundamental ao progresso da alma, dilatam-se as ambições e transferem-se para o futuro, através de um fenómeno natural, sem acomodação ao conformismo, às metas que não podem, de imediato, ser alcançadas. Os estímulos para a luta fazem-se mais poderosos e as realizações constituem vitórias logradas no dia-a-dia da existência corporal. Por outro lado, os sofrimentos perdem a aparência primitiva e revelam-se como desafios que são colocados ao longo do caminho do progresso, com a finalidade de promover o indivíduo e facultar-lhe a aquisição de valores que, sem esses testes e imposições, permaneceriam adormecidos. Semeador diligente e responsável, o homem ciente dos seus deveres não tem pressa, tampouco retarda a marcha, porquanto sabe que há época para preparar o solo, semeá-lo, cuidar das débeis plântulas até que elas respondam corretamente através do fatalismo que lhes jaz inato. Não tem, desse modo, a presunçosa preocupação de colher em solo não semeado, assim como não pretende resultados antes do tempo adequado. Cada ação se dá no seu momento próprio. O que antes se lhe afigurava enigma ou injustiça, cede lugar a uma ordem natural, com o conhecimento da qual tudo se aclara e revela. A criança frágil e macerada, enferma e mutilada no corpo ou na mente, não foi criada, como ser algum, no momento do seu nascimento, nem ali se encontra para punir os genitores ou ancestrais mais recuados, cuja conduta arbitrária ou equivocada ensejasse a rude expiação. Pelo contrário, carpe o próprio ser os seus desatinos que foram transferidos de uma para outra existência corporal, qual ocorre com o aluno rebelde e incapaz, que a benefício dele mesmo como da sociedade, no educandário, ao invés de ser promovido, o que seria uma injustiça, é conservado na mesma classe para revisar os assuntos não assimilados e aprender o que lhe permite a ascensão a outro nível. Cumprido o áspero período de recuperação e reparação dos erros, aquele ser prisioneiro na dor se liberta e volve à sua individualidade, que reúne todas as suas conquistas, prosseguindo em novas etapas de progresso sem o sinete da aflição ou o limite expiatório. No intervalo entre uma e outra reencarnação, reintegrado nos seus valores intelecto-morais, mantém correspondência mediúnica com os afetos que permanecem no corpo, animando-os e impulsionando-os ao progresso, mediante o qual volverão mais tarde a reunir-se, felizes, em grupos familiares ou fraternais. Recuperando a lucidez após a morte do corpo físico, compreende a necessidade da provação anterior a que foi submetido, bem como as razões que ligaram os seus pais ao quadro de dor, podendo explicar-lhes tais sucessos e armá-los de valor para procedimentos futuros. A ignorância, a falta de discernimento, as limitações são

corporais, logo superadas após a libertação do cárcere orgânico no qual esteve por breve ou largo período para a redenção educativa. Pais e filhos crucificados nas traves invisíveis das enfermidades físicas, psíquicas ou morais são comparsas dos mesmos delitos, novamente reunidos para a renovação de propósitos, através do ressarcimento dos débitos que ficaram após a morte anterior e que não foram saldados. As leis fomentadoras do progresso reúnem os incursos nos mesmos códigos da Justiça e os trazem aos sítios onde delinquiram, de modo que, juntos outra vez, recomponham a paisagem moral danificada, soerguendo os que ficaram vitimados pela sua tirania ou insensibilidade. Seria um absurdo, se fosse diferente o comportamento da Divina Sabedoria, brindando a esses seres infelizes da Terra com os desajustes nos quais se estorcegam, não houvesse para eles uma causa anterior ou se lhes concedesse após a morte o paraíso para cuja conquista nada fizeram, tendo-se em vista a impossibilidade em que se encontram para realizá-lo. Deixá-los à própria sorte em qualquer lugar de dor eterna, após tanto sofrimento, constituiria, da mesma forma, aberração maior... Não se depurasse o criminoso através da reencarnação, e permaneceriam nele as marcas ultrizes dos seus desvios, resultado da sua imperfeição espiritual, que as experiências sucessivas no corpo logram aprimorar, libertando-o da inferioridade. Assim, as inteligências que se compraziam na luxúria e na tirania retomam nas patologias da idiotia, assim como os suicidas que esfacelaram o crânio, esmigalhando o cérebro, volvem nas expressões da excepcionalidade, do mongolismo, da hidrocefalia, vinculados àqueles que, de alguma forma, se fizeram comparsas da delinquência a que se entregaram. Os quadros complexos das enfermidades que dilaceraram os homens restauram-lhes a dignidade perdida e despertam-nos para a valorização dos recursos da vida, que são malbaratados quase sempre com leviandade e prepotência, revolta e presunção, que o egoísmo comanda, soberano. Às vezes, ficam surpresas muitas pessoas que são aquinhoadas com mensagens afetuosas dos filhos de tenra idade, já desencarnados, de doentes e limitados mentais, como de analfabetos, que ora se expressam com fluidez e correção, preocupados em identificar-se e auxiliar os familiares e amigos que permaneceram na Terra. Guarde-se na mente que tais dificuldades e prejuízos pertencem ao corpo, impostos pelo Espírito necessitado de expiar e de reparar faltas, jamais do ser eterno que, após a recuperação moral, assume o controle dos seus triunfos e pode expressar-se sem os impositivos constritores do processo de reeducação a que esteve submetido. Ciente dessa realidade lógica e normal, a responsabilidade assume o comando dos atos atuais do homem, que se engaja, consciente e espontaneamente, num programa de elevação, a que se

entrega com otimismo por antecipar os resultados do seu empreendimento, em face das realizações que se permite. Não se trata de uma utopia, senão do prosseguimento das atividades que a morte não interrompe, da mesma forma que os planos acalentados antes do berço, após este se desdobram em operações de grave significado para a vida e que vão tomando corpo, à medida que as oportunidades e os meios se apresentam. Essa visão responsável da vida confere ao sofrimento o valor que tem: concitar o Espírito endividado ao resgate ou estimulá-lo à conquista de novos títulos de enobrecimento de que necessita para ser feliz. Não entendendo a linguagem silenciosa, embora operante, do amor e da beleza, em toda parte presentes, o homem não se pode furtar à reflexão, ao exame, quando colhido pela dor ou recambiado ao leito pela provação, ou impedido de seguir conforme lhe apraz, através da expiação que surge no momento a que menos espera, como a cegueira repentina, a paralisia progressiva sem aparente causa lógica, a hemiplegia ou a paraplegia, a incapacidade para o matrimônio, a reviravolta econômica que o leva à escassez de recursos, ou os dramas morais, os tormentos emocionais e psíquicos que estrugem de um para outro momento, alterando completamente a programação estabelecida ou o curso dos acontecimentos agradáveis no qual se encontrava. Em tudo, porém, se apresenta a providencial sabedoria de Deus demonstrando a fugacidade da organização física ante a perenidade da vida em si mesma. A fé, racionalmente adquirida, responsabilizando o homem, é farol que lhe ilumina o passo em qualquer circunstância, apontando-lhe o rumo seguro por onde segue.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Destino e responsabilidade)

I.10. Necessidade do respeito e da gratidão para com o corpo físico

“Felicitem-me o íntimo as melhores e mais confortadoras impressões, não só pela recepção carinhosa, senão também pelo ambiente educativo. Não longe de nós, em luminosos pedestais, descansavam duas maravilhas da estatuária, a figuração delicada de um corpo masculino e outro modelo feminino, singularmente belo pela perfeição anatômica, não somente da forma em si, mas também de todos os órgãos e as mais diversas glândulas. Através de disposições elétricas, ambas as figurações palpitavam de vida e calor, exibindo eflúvios luminosos, quais os homens e mulheres mais evoluídos na esfera carnal. Identificando-me a admiração, Alexandre sorriu e disse ao Assistente Josino, com o propósito de fazer-se ouvido por mim: – Talvez André não conheça bastante o nosso respeito e gratidão ao aparelho físico terrestre. – Em verdade – ajuntei – ignorava, até agora, que o corpo carnal fosse,

entre nós, objeto de tamanhos cuidados. Não sabia que a nossa colônia contasse com instituição desse teor. – Como não, meu amigo? – Interferiu o Assistente, com inflexão de carinho – o corpo físico na Crosta Planetária representa uma bênção de Nosso Eterno Pai. Constitui primorosa obra da Sabedoria Divina, em cujo aperfeiçoamento incessante temos nós a felicidade de colaborar. Quanto devemos à máquina humana pelos seus milênios de serviço a favor de nossa elevação na vida eterna? Nunca relacionaremos a extensão de semelhante débito. E, fixando os modelos que me provocavam assombro, acentuou: – Todo o nosso zelo, no serviço de reencarnação, permanece muito aquém do quanto deveríamos realizar em benefício do aprimoramento da máquina orgânica. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“Fortemente impressionado com a revelação do respeitável amigo, observei: – Oh! Como é grande a responsabilidade do homem, em frente ao corpo material! – Diz bem – acrescentou o orientador – ao se referir com semelhante admiração a esse soberano dever da criatura reencarnada. Sem atender às pesadas responsabilidades que lhe competem na preservação do vaso físico, homem algum poderá realizar o progresso espiritual. O Espírito renasce na carne para a produção de valores divinos em sua natureza; mas como atender ao semelhante imperativo, destruindo a máquina orgânica, base fundamental do serviço a fazer? Inda agora, referia-se você à lei da herança. O corpo terreno é também um patrimônio herdado há milênios e que a Humanidade vem aperfeiçoando, através dos séculos. O plasma, sublime construção efetuada ao influxo divino, com água do mar, nas épocas primitivas, é o fundamento primordial das organizações fisiológicas. Em voltando à Crosta, temos de aproveitar-lhe a herança, mais ou menos evolvida no corpo humano. A essa altura das elucidações surpreendentes para mim, Alexandre, depois de ligeiro intervalo, continuou: – Por isso mesmo, não desconhece você que, enquanto nos movimentamos na esfera da carne, somos criaturas marinhas respirando em terra firme. No processo vulgar de alimentação, não podemos prescindir do sal; nosso mecanismo fisiológico, a rigor, se constitui de sessenta per cento de água salgada, cuja composição é quase idêntica à do mar, constante dos sais de sódio, de cálcio, de potássio. Encontra-se, na esfera de atividade fisiológica do homem reencarnado, o sabor do sal no sangue, no suor, nas lágrimas, nas secreções. Os corpúsculos aclimatados nos mares mais quentes viveriam à vontade no líquido orgânico. Há verdadeiras surpresas de comparação analógica que poderíamos efetuar neste sentido. Não soube o que responder, em vista das definições ouvidas, e, ante o meu silêncio, foi o próprio Alexandre que continuou, depois de significativa parada: – Como vê, ao renascermos na Crosta do

Mundo, recebemos com o corpo uma herança sagrada, cujos valores precisamos preservar, aperfeiçoando-o. As forças físicas devem evoluir como as nossas almas. Se nos oferecem o vaso de serviço para novas experiências de elevação, devemos retribuir, com o nosso esforço, auxiliando-as com a luz de nosso respeito e equilíbrio espiritual, no campo de trabalho e educação orgânica. O homem do futuro compreenderá que as suas células não representam apenas segmentos de carne, mas companheiras de evolução, credoras de seu reconhecimento e auxílio efetivo. Sem esse entendimento de harmonia no império orgânico, é inútil procurar a paz.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“A abnegada protetora endereçou à assembleia um gesto de bênção e falou em voz pausada e emocionante, depois de ligeira saudação: – “Meus amigos, todos aguardais a hora feliz de abençoado retorno à “esfera do recomeço”; entretanto, a dádiva do vaso de carne é inapreciável bênção divina. “Não busqueis a reencarnação tão somente pela ânsia de olvido, nos sonhos do mundo que as tentações do campo inferior podem transformar em pesadelo. “A vida que conhecemos, até agora, é contínuo processo de aperfeiçoamento. “Não basta desejar. É imprescindível orientar o desejo na direção do Bem infinito.” Fez ligeira pausa e, talvez respondendo à arguição mental de muitos, prosseguiu: – “Não julgueis seja eu excepcional emissária do reino da luz. Sou humilde servidora, sem outro crédito perante o Eterno Doador que não seja o da boa vontade. Meus pés jazem ainda marcados pelo pretérito obscuro e meu coração ainda guarda cicatrizes recentes e profundas de experiências amargas, que os dias incessantes, até agora, não conseguiram apagar. “Não me confiais, portanto, nomes e títulos que não posuo. Sou simplesmente vossa irmã de luta, interessada em acordar-vos para a sublimidade do futuro. “Nosso coração é um templo que o Senhor edificou, a fim de habitar conosco para sempre. “Gloriosas sementes de divindade esperam-nos a harmonia e o ajustamento interiores para desabrocharem, dentro de nós mesmos, arrebatando-nos às esferas resplandecentes. “A aquisição das virtudes iluminativas, no entanto, não constitui serviço instantâneo da alma, suscetível de efetuar-se de momento para outro. “Somos, cada qual de nós, um ímã de elevada potência ou um centro de vida inteligente, atraindo forças que se harmonizam com as nossas e delas constituindo nosso domicílio espiritual. A criatura, encarnada ou desencarnada, onde estiver, respira entre os raios de vida superior ou inferior que emite, ao redor dos próprios passos, tal qual a aranha que se confunde nos fios escuros que produz ou a andorinha que corta os altos céus com as próprias asas. Todos nós exteriorizamos energias, com as quais nos revestimos, e que nos definem muito mais que as palavras. “De que vos valeria o retorno à oficina da carne,

sem conhecimento das obrigações que nos competem, ante a Justiça Divina? Que nos adiantaria o temporário esquecimento do passado, sem nos integrarmos na responsabilidade, a maior força capaz de nos socorrer nos círculos de matéria densa e que se traduz em tendência nobre a persistir conosco? “A volta à vestimenta física é uma bênção que poderemos conseguir à custa de generosas intercessões, quando nos faleçam méritos para obtê-la, no instante oportuno, por nós mesmos, tanto quanto é possível conseguir trabalho digno na Esfera da Crosta, movimentando amigos que nos conduzam aos objetivos disputados; no entanto, qual ocorre a muitos encarnados que se localizam em respeitáveis quadros de serviço, tão só para usarem direitos que nada fizeram pelos merecer, com flagrante abuso das leis que nos regem as ações, muitas almas procuram o santuário da carne formulando precipitadas promessas e nele penetram agravando os próprios débitos. “Tímidas, levianas ou inconsequentes, aproveitam o estágio bendito na Região da Neblina (“Região de Neblina” é também sinônimo de Esfera Carnal. – Nota do autor espiritual), para repetirem as mesmas faltas de outra época, com absoluta perda do tempo, que é patrimônio do Senhor.” Nesse momento, dentro de breve intervalo que imprimiu à alocação edificante e piedosa, Matilde estendeu-nos as mãos que despediam raios de intensa luz e exclamou, maternal: – “Rogais o regresso à sombra protetora da carne, no propósito de desfazer os sinais desagradáveis que vos marcam a veste espiritual. Contudo, já armazenastes suficiente força para esquecer os males que vos foram causados na Crosta da Terra? Reconheceis os vossos erros, a ponto de aceitar a necessária retificação? Fortalecesteis o ânimo, a fim de examinar as necessidades que vos são peculiares, sem aflições alucinatórias? Aprendestes a servir com o Cordeiro Divino, até ao sacrifício pessoal na cruz da incompreensão humana, anulando na própria alma as zonas viciadas de sintonia com os poderes das trevas? Já auxiliastes os companheiros de caminho evolutivo e salvador com a intensidade e a eficiência que vos justifiquem a rogativa de colaboração intercessora? Que boas obras já efetuastes a fim de rogardes novos recursos do Céu? Com quem contaís para vencer nas experiências porvindouras? Acreditais, porventura, que o lavrador recolherá sem plantar? Armazenastes bastante serenidade e entendimento no coração, de modo a não vos intoxicardes amanhã, no plano físico, sob o bombardeio sutil dos raios pardos da cólera, da inveja ou do ciúme nefasto? Permaneceis convencidos de que ninguém se aquecerá ao Sol Divino, sem abrir o próprio coração às correntes da Luz Eterna? Ignorais, acaso, que é preciso igualmente trabalhar para que se mereça a bênção de um templo carnal na Terra? Que amigos beneficiastes para pedir-lhes a ternura e o sacrifício da paternidade e da maternidade no mundo,

em vosso favor? “Não vos iludais. “Somente as criaturas primitivas, nos círculos selvagens da natureza, conhecem, por agora, a semi-inconsciência do viver, por se abeirarem ainda dos reinos inferiores. Recebem a reencarnação quase ao jeito dos irracionais, que aperfeiçoam instintos para ingressarem, mais tarde, no santuário da razão. “Para nós, porém, senhores de vigorosa inteligência, que já respiramos em centenas de formas diversas e que já atravessamos vários climas evolutivos, ofendendo e sendo ofendidos, amando e odiando, acertando e errando, resgatando débitos e contraindo-os, a vida não pode resumir-se a mero sonho, como se a reencarnação constituísse simples processo de anestesia da alma. “É indispensável, pois, que nos refaçamos, aprimorando o tom vibratório de nossa consciência, alargando-a para o bem supremo e iluminando-a à claridade renovadora do Divino Mestre. “A mente humana, honrando os patrimônios celestiais que lhe foram conferidos, não poderá vegetar, à feição do arbusto enfezado que nada produz de útil na economia do orbe, nem deve imitar o irracional que se localiza na retaguarda da inteligência incompleta. “Uma existência entre os homens, por mais humilde, para nós outros é acontecimento importante demais para que o apreciemos sem maior consideração. Todavia, sem abraçar a noção de responsabilidade individual, que nos deve marcar o esforço de santificação, qualquer empresa dessa ordem é arriscada, porque em nosso aprendizado intensivo, na recapitulação, cada Espírito segue sozinho no círculo dos próprios pensamentos, sem que os companheiros de jornada, com raríssimas exceções, lhe conheçam as esperanças mais nobres e lhe partilhem as aspirações dignificadoras. Cada criatura encarnada permanece só, no reino de si mesma, e faz-se indispensável muita fé e suficiente coragem para marcharmos vitoriosamente, sob o invisível madeiro redentor que nos aperfeiçoa a vida, até ao Calvário da suprema ressurreição.” Nesse instante, Matilde fez mais longa pausa na alocação com que nos enriquecia aquela hora de sabedoria e luz e acercou-se de Gúbio, prostrado e palidíssimo. Afagou-o, bondosa, com palavras de agradecimento e, em seguida, como se desejasse quebrar a feição de solenidade que a sua presença nos imprimira à reunião, dirigiu-se, com acento carinhoso, aos ouvintes, rogando-lhes que se pronunciassem acerca dos projetos acalentados para o futuro. Vozes de gratidão elevaram-se, comovidas.” (AL, *Libertação*, Capítulo 18)

“Petitinga sempre interessado em ajudar-nos com esclarecimentos, diante da jovem adormecida, explicava: — Essas crises procedem de visões por parte de Mariana dos seus perseguidores espirituais, pois que estes, amparados, não a inquietam no momento. Ocorre que o próprio espírito, jugulado ao remorso por muitos anos antes de reencarnar, fixou vigorosamente

na sede da memória perispiritual, que mais tarde se imprimiriam no cérebro, as cenas dolorosas que vivera no Hospício do Haarlén, conforme narrara ela mesma quando desdobrada pelo sono, no reencontro com Guilherme. O corpo é sempre para o espírito devedor — devedores que reconhecemos ser todos nós — sublime refúgio, portador da bênção do olvido momentâneo aos males que praticamos e cuja evocação, se nos viesse à Consciência de inopino, nos aniquilaria a esperança da redenção. Quando viciado por indisciplina da nossa vontade, ele envia aos recônditos do espírito os condicionamentos que se transformam em flagício, passando de uma reencarnação a outra, até que se depure, libertando os centros da vida das impressões vigorosas que os sulcaram. Na mesma ordem, os erros e os gravames praticados pelo espírito em processo evolutivo são transmitidos ao corpo que os integra na forma, assinalando nas células os impositivos da própria reparação, a se apresentarem como limitação, frustração, recalque, complexos da personalidade como outros problemas e enfermidades que são as *mãos* da Lei Divina reajustando o infrator à ordem. A semelhança de uma esponja, o corpo absorve as impressões que partem do espírito ou as elimina, como também se carrega da psicofera ambiente e a envia ao íntimo, passando a viver-lhe as emanções. Abençoar, portanto, esse «doce jumentinho», como o chamava meigamente Francisco, o Santo de Assis, com disciplina e educação, é dever que a todos nós devemos impor a benefício próprio e que não podemos postergar. Diante das informações doutrinárias oferecidas pelo preclaro Benfeitor Petitinga, quedávamo-nos comovidos, buscando pesar, cada vez mais, as responsabilidades que nos competem na condução da organização física, lamentavelmente tão pouco aproveitada pela imensa maioria das criaturas humanas.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 7)

“Os filhos, netos, demais familiares e servos foram trazidos para a oração geral, conforme o hábito local, entre o choro das pessoas simples, que o amavam, e da reflexão que o momento da desencarnação impõe a todos, enquanto D. Adelaide acolhia com carinho de mãe o recém-chegado... As lágrimas de dor, na Terra, faziam-se acompanhar dos júbilos além do corpo transitório. Ao tempo em que as pessoas se encarregavam do mister de preparar e trasladar de cômodo o recém-desencarnado, a veneranda Entidade, antes de conduzir o amado a outra esfera de vida, deteve-se,

contemplando o corpo do esposo sucumbido em processo de desagregação. Naquele instante, num ato de profundo respeito pela maquinaria orgânica, a sublime concessão da Divindade ao espírito em crescimento, proferiu uma prece de gratidão aos despojos submissos, nos quais o companheiro aprendera paciência e se adestrara na humildade, crescendo no rumo da luz, após vencida a etapa de provas e experiências ora encerradas.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 25)

“**CORPO SOMÁTICO.** [...] **CONCLUSÃO** - Vasilhame sublime, é o corpo humano o depositário das esperanças e o veículo de bênçãos, que não pode ser desconsiderado levemente. Seja cárcere sombrio - na limitação em que retém o Espírito déspota, que dele se vale para a expiação; seja conjunto harmônico de formas - na distinção de traços com que faculta o aproveitamento das oportunidades; seja grabato de meditação - nas constrictões paráliticas em que impõe profundas reflexões morais; seja cela de alucinação - nos desvarios da mente ultrajada; seja celeiro de sabedoria - no qual se edificam os monumentos da Cultura, da Arte, do Pensamento, da Ciência, da Fé, do Amor -, é sempre o santuário de recolhimento que o Excelso Criador nos concede, a fim de galgarmos os degraus da escada ascensional, desde as baixadas primeiras aos esplendores espirituais que nos estão destinados. Amá-lo, preservá-lo e utilizá-lo com nobreza é a tarefa que nos cabe desempenhar incessantemente, sem cansaço, para o próprio bem.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 5)

II Corpo vital, princípio vital ou duplo etérico^{10,11}

II.1. Origem, constituição e funções

“**DO PRINCÍPIO VITAL. SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS.** Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascerem, crescerem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se

10 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.

11 Vide o artigo “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina (São Paulo) 2017; 96(3): 145-158” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=108.

formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc. **60.** É a mesma a força que une os elementos da matéria nos corpos orgânicos e nos inorgânicos? “Sim, a lei de atração é a mesma para todos.” **61.** Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos? “A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos está animalizada.” **62.** Qual a causa da animalização da matéria? “Sua união com o princípio vital.” **63.** O princípio vital reside nalgum agente particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito, ou causa? “Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.” **64.** Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos constitutivos do Universo. O princípio vital será um terceiro? “É, sem dúvida, um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. É, para vós, um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso deriva de um só princípio.” **a)** — Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, devida a certas modificações. “Isto é consequência do que dissemos.” **65.** O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos? “Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamais fluido magnético, ou fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria.” **66.** O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos? “Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, porquanto o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.” **67.** A vitalidade é atributo permanente do agente vital, ou se desenvolve tão-só pelo funcionamento dos órgãos? “Ela não se desenvolve senão com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida.” **a)** — Poder-se-á dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo? “Sim, é isso.” O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes entretém e desenvolve a atividade daquele agente, quase como sucede com o atrito, que desenvolve o calor. **A VIDA E A MORTE.** **68.** Qual a causa da morte dos seres orgânicos? “Esgotamento dos órgãos.” **a)** — Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada? “Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o

corpo está enfermo, a vida se extingue.” **69.** Por que é que uma lesão do coração mais depressa causa a morte do que as de outros órgãos? “O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.” **70.** Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? “A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.” Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes

a extinguir-se. **INTELIGÊNCIA E INSTINTO. 71.** A inteligência é atributo do princípio vital? “Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, porquanto um corpo pode viver sem a inteligência. Mas a inteligência só por meio dos órgãos materiais pode manifestar-se. Necessário é que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.” A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades. Podem distinguir-se assim: 1º, os seres inanimados, constituídos só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2º, os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3º, os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes outorga a faculdade de pensar.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“URANOGRAFIA GERAL. [...] A CRIAÇÃO UNIVERSAL. 17. Após haver remontado, tanto quanto o permitia a nossa fraqueza, em direção à fonte oculta donde dimanam os mundos, como de um rio às gotas d’água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais. A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno. A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas. **18.** Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer

suspeitais — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração. As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos. Muito importa nos compenetrarmos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador. Efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“GÊNESE ESPIRITUAL. PRINCÍPIO ESPIRITUAL. [...] 5. São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital? Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para que os confundíssemos. Mas, havendo, como há, seres que vivem e não pensam, quais as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual por nenhum sinal exterior se manifesta, é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, nos 16 a 19) **6.** Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.? Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; momentânea seria, como a do corpo, a existência do ser inteligente que, então, ao morrer, volveria ao nada, ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas. As propriedades sui generis que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, re montando dos efeitos à

causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. Individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos. [...] **UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL À MATÉRIA. 10.** Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, conto o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, no mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos. O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada. **11.** Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo, igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: Alma da Terra) **12.** Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal. **13.** Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa impréstável. **14.** O corpo, conseqüentemente, não passa

de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. É um ponto este que não sofre contestação. [...] **18.** Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vitomaterial do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior. Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito. Dado que, um instante após a morte, completa é a integração do Espírito; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, provado evidentemente fica que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“O CORPO ESPIRITUAL. [...] ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO. De todas as funções gerais que caracterizam os seres vivos, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogênicos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica. Essa força é o que denominais princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente,

encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte de energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas. Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXIV)

“**FLUIDO CÓSMICO. Plasma divino.** O fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio. Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano. **Co-criação em plano maior.** Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indestrutível, os grandes Devas da teologia hindu ou os Arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa. Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, riantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradas que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade. [...] **Forças atômicas.** Toda essa riqueza de plasmagem, nas linhas da Criação, ergue-se à base de corpúsculos sob irradiações da mente, corpúsculos e irradiações que, no estado atual dos nossos conhecimentos, embora estejamos fora do plano físico, não podemos definir em sua multiplicidade e configuração, porquanto a morte apenas dilata as nossas concepções e nos aclara a introspecção, iluminando-nos o senso moral, sem resolver, de maneira absoluta, os problemas que o Universo nos propõe a cada passo, com os seus espetáculos de grandeza. Sob a orientação das Inteligências Superiores, congregam-se os átomos em colmeias imensas e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes

encontrarão adequado berço ao desenvolvimento. [...] **Co-criação em plano menor.** Em análogo alicerce, as Inteligências humanas que ombreiam conosco utilizam o mesmo fluido cósmico, em permanente circulação no Universo, para a Co-criação em plano menor, assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. [...] Cabe-nos assinalar, desse modo, que, na essência, toda a matéria é energia tornada visível e que toda a energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação, cujas leis nos conservam e prestigiam o bem praticado, constringendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o Bem de Todos é o seu Eterno Princípio. Compete-nos, pois, anotar que o fluido cósmico ou plasma divino é a força em que todos vivemos, nos ângulos variados da Natureza, motivo pelo qual já se afirmou, e com toda a razão, que “em Deus nos movemos e existimos” (Paulo de Tarso, em Atos, capítulo 17º, versículo 28 - Nota do Autor espiritual). Uberaba, 15/1/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 1)

“**MEDIUNIDADE E CORPO ESPIRITUAL. Aura humana.** Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam. Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde à natureza. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura. Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entraja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda. Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovoide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais

característicos e em que todas as ideias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança como no cinematógrafo comum. Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 17)

“Quando a Diretora espiritual informou que ele iria sofrer já o efeito da prisão na qual se achava e cujo corpo não podia manipular, o Espírito, que descarregava suas energias de violência no médium, que as eliminava mediante sudorese viscosa abundante e fluídos escuros, em quantidade, começou a sentir-se debilitado. Neste momento, a ação do perispírito do encarnado sobre ele fez-se mais forte e começou a encharcá-lo do fluido animal, que lhe constitui o envoltório e é retirado do “fluido universal de cada globo”, encarregado de manter o equilíbrio dos órgãos, das células e das moléculas do organismo material. Essa energia, de constituição mais densa, produzia no comunicante sensações que o angustiavam, como se lhe gerassem asfixia contínua. As forças que lhe eram aplicadas pela Benfeitora e a psicofera geral incidiam sobre ele de forma desagradável, demonstrando-lhe o limite da própria vontade e a debilidade de meios para prosseguir no alucinado projeto do mal a que se afevorava.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 11)

II.2. O princípio vital orgânico está unido substancial ao corpo físico

“Princípio vital, o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja a fonte donde promane, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Pois que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. A palavra vitalidade não daria a mesma ideia. Para uns o princípio vital é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz achando-se a matéria em dadas circunstâncias. Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele reside em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos inertes absorvem a luz. Esse seria então o fluido vital que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc. Seja como for, um fato há que ninguém ousaria contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência

e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana. [...] “Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. “Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“GÊNESE ORGÂNICA. [...] PRINCÍPIO VITAL.

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata. Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros.

17. Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão. (Cap. VI, Uranografia geral) Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade. **18.** Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica. A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela

ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se extingue, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o efeito produzido por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira subsiste à extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono; mas, não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que possível lhe é reconstituir uma pedra. **19.** Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de compreender-se. Mais exato, no entanto, houveramos sido, dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se eletricidade. Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras pilhas elétricas, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“Enquanto Clementino o encorajava com palavras amigas, o nosso orientador, certamente assinalando-nos a curiosidade, deu-se pressa em esclarecer: – Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou “corpo astral” estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o “duplo etérico”, formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que,

por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora. Para melhor ajustar-se ao nosso ambiente, Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colmeia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda. – Ah! – disse Hilário, com expressão admirativa – aqui vemos, desse modo, a exteriorização da sensibilidade!... – Sim, se algum pesquisador humano ferisse o espaço em que se situa a organização perispírica do nosso amigo, registraria ele, de imediato, a dor do golpe que se lhe desfechasse, queixando-se disso, através da língua física, porque, não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 11)

II.3. Saúde orgânica e princípio (fluido) vital - Vitalismo^{12,13,14,15}

“**A VIDA E A MORTE. 68.** Qual a causa da morte dos seres orgânicos? “Esgotamento dos órgãos.” **a)** — Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada? “Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.” **69.** Por que é que uma lesão do coração mais depressa causa a morte do que as de outros órgãos? “O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.” **70.** Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? “A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.” Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e

12 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.

13 Vide o artigo “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina (São Paulo) 2017; 96(3): 145-158” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=108.

14 Vide Subcapítulo II.2 (“Fluido ou princípio vital: substrato para a formação do corpo vital e para a manifestação e manutenção da vida orgânica (seres vivos)”), do Capítulo II (“Tipos de fluidos e suas propriedades”), Primeira Parte (“Tipos de Fluidos, Reinos da Natureza e Corpos Constituintes”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

15 Vide Subcapítulo II.2 (“Saúde e força vital – Vitalismo”), do Capítulo II (“Saúde segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vin-do a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contém. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“LETARGIA, CATALEPSIA, MORTES APARENTES. 422. Os letárgicos e os catalépticos, em geral, veem e ouvem o que em derredor se diz e faz, sem que possam exprimir que estão vendo e ouvindo. É pelos olhos e pelos ouvidos que têm essas percepções? “Não; pelo Espírito. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se.” **a)** — Por quê? “Porque a isso se opõe o estado do corpo. E esse estado especial dos órgãos vos prova que no homem há alguma coisa mais do que o corpo, pois que, então, o

corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito se mostra ativo.” **423.** Na letargia, pode o Espírito separar-se inteiramente do corpo, de modo a imprimir-lhe todas as aparências da morte e voltar depois a habitá-lo? “Na letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo, por efeito da morte real e pela desagregação dos órgãos, os laços que prendem um ao outro, integral se torna a separação e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Desde que um homem, aparentemente morto, volta à vida, é que não era completa a morte.” **424.** Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido? “Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso. O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.” A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“Não havia terminado, quando se acercou de nós, inesperadamente, uma velhinha simpática. – Justina, minha irmã, que o Senhor a abençoe! – saudou-a o orientador, gentil. A entidade amiga, que demonstrava muita inquietude no olhar, respondeu com afetuoso respeito e explicou-se: – Alexandre, tenho necessidade de seu auxílio urgente e vim ao seu encontro. Desculpe-me. E, antes que o instrutor pudesse sondar-lhe verbalmente a aflição, a interlocutora prosseguiu: – Meu filho Antônio encontra-se em estado gravíssimo... Agora era Alexandre que a interrompia: – Adivinho o que se passa. Quando o visitei, no mês findo, notei-lhe as perturbações circulatórias. – Sim, sim – continuou a mãe aflita. – Antônio vive no círculo de pensamentos muito desregrados, apesar do bom coração. E hoje trouxe para o leito de repouso tantas preocupações descabidas, tanta angústia desnecessária, que as suas criações mentais se transformaram em verdadeiras torturas. Em balde, auxiliiei-o com os meus humildes recursos; infelizmente, é tão grande o seu desequilíbrio interior, que toda a minha colaboração resultou inútil, permanecendo-lhe o cérebro sob a ameaça

dum derramamento mortífero. E sentindo a gravidade do minuto, acrescentou, triste: – Ó Alexandre, bem sei que devemos subordinar nossos desejos aos desígnios de Deus. Entretanto, meu filho necessita de mais alguns dias na Terra. Creio que, em dois meses, conseguirei dele, indiretamente, a solução de todos os problemas que lhe afetam a paz da família. Sua autoridade pode auxiliar-nos! Seu coração edificado em Cristo permanece em condições de fazer-nos semelhante bem!... Reconhecendo a urgência do assunto, exclamou o orientador: – A caminho! Não temos um segundo a perder! Daí a poucos instantes, penetramos na residência confortável. A velhinha, aflita, conduziu-nos a uma alcova espaçosa, onde o filho, chefe da casa, repousava metido em alvos lençóis, dando-me a impressão característica dum moribundo. Antônio parecia próximo dos setenta anos e exibia todos os sinais do arterioesclerótico adiantado. O quadro era agora profundamente educativo para mim, que entrara num círculo valioso de observações novas. Identificava perfeitamente o estado pré-agônico, em todas as suas expressões físico-espirituais. A alma confusa, inconsciente, movimentava-se com dificuldade, quase que totalmente exteriorizada, junto do corpo imóvel, a respirar dificilmente. Enquanto Alexandre se inclinava paternalmente sobre ele, observei que estávamos diante de uma trombose perigosíssima, por localizar-se numa das artérias que irrigam o córtex motor do cérebro. A apoplexia não se fizera esperar. Mais alguns instantes e a vítima estaria desencarnada. Alexandre, que centralizara todas as atenções no enfermo, tocou-lhe o cérebro perispiritual e falou com autoridade serena: – Antônio, mantenha-se vigilante! Nosso auxílio pede a sua cooperação! O moribundo, desligado parcialmente do corpo, abriu os olhos fora do invólucro de carne, dando a entender vagas noções de consciência, e o instrutor prosseguiu: – Você foi acidentado pelos próprios pensamentos em conflito injustificável. Suas preocupações excessivas criaram-lhe elementos de desorganização cerebral. Intensifique o desejo de retomar as células físicas, enquanto nos preparamos a fim de ajudá-lo. Este momento é decisivo para as suas necessidades. O interpelado não respondeu, mas observei que Antônio compreendera a advertência, no imo das forças da consciência, colocando-se em boa posição para colaborar em favor de si mesmo. Em seguida, o orientador iniciou complicadas operações magnéticas, no corpo inanimado, ministrando energias novas à espinha dorsal. Decorridos alguns instantes, colocou a destra ao longo do fígado e, mais tarde, demorando-a no cérebro físico, bem à altura da zona motora, chamou-me e disse: – André, mantenha-se em prece, cooperando conosco. Convocarei alguns irmãos em serviço, nesta noite, para auxiliar-nos. E acentuou, após meditar por alguns segundos: – O grupo do Irmão Francisco

não pode estar longe. Dito isto, Alexandre assumiu atitude de profunda concentração de pensamento. Não passou mais de um minuto e pequena expedição de oito entidades, quatro companheiros e quatro irmãs, penetrou o recinto doméstico, em religioso silêncio. Saudamo-nos todos, ligeiramente, e o instrutor dirigiu-se, atencioso, à entidade que guardava atribuições de chefia. – Francisco, precisamos aqui das emanções de algum dos nossos amigos encarnados, cujo veículo material esteja agora em repouso equilibrado. E ao passo que o novo irmão observava, cuidadoso, o agonizante, Alexandre acrescentava: – Conforme observa, estamos diante dum caso gravíssimo. É preciso muito critério na escolha do doador de fluidos. O dirigente dos socorristas pensou um momento e obtemperou: – Temos um companheiro que nos atenderá razoavelmente. Trata-se de Afonso. Enquanto vou buscá-lo, nosso grupo auxiliará sua ação curativa, emitindo forças de colaboração magnética, através da prece. [...] Não decorreu muito tempo e Francisco voltava seguido de alguém. Tratava-se do companheiro encarnado a que Alexandre se referira. Não houve oportunidade para saudações. O orientador, tomando-lhe a destra, conduziu-o imediatamente à cabeceira do moribundo, dizendo-lhe com autoridade afetuosa: – Afonso, não temos um segundo a perder. Coloque ambas as mãos na frente do enfermo e conserve-se em oração. O interpelado não pestanejou. Dando-me a impressão dum veterano em semelhantes serviços de assistência, parecia sumamente despreocupado de todos nós, fixando-se tão somente na obrigação a cumprir. Foi então que vi Alexandre funcionar como verdadeiro magnetizador. Recordando meus antigos trabalhos médicos nos casos extremos de transfusão de sangue, via-lhe perfeitamente o esforço de transferir vigorosos fluidos de Afonso para o organismo de Antônio, já moribundo. Na qualidade de discípulo, acentuando minhas faculdades de análise, junto de preciosa lição, observei que o semblante do enfermo se transformava gradualmente. À medida que o instrutor movimentava as mãos sobre o cérebro de Antônio, este revelava sinais crescentes de melhoras. Verificava, sob forte assombro, que a sua forma perispiritual reunia-se devagarzinho à forma física, integrando-se, harmoniosamente, uma com a outra, como se estivessem, de novo, em processo de reajustamento, célula por célula. Depois de um quarto de hora, segundo meu cálculo de tempo, estava finda a laboriosa intervenção magnética e Alexandre, chamando a velhinha, acentuou: – Justina, o coágulo acaba de ser reabsorvido e conseguimos socorrer a artéria com os nossos recursos, mas Antônio terá, no máximo, cinco meses a mais, de permanência na Terra. Se você pleiteou o auxílio de agora para ajudá-lo a resolver negócios urgentes, não perca as oportunidades, porque os reparos deste instante não

perdurarão por mais de cento e cinquenta dias. E não se esqueça de preveni-lo, pelos processos intuitivos ao nosso alcance, quanto ao cuidado que deverá manter consigo mesmo no terreno das preocupações excessivas, mormente à noite, quando ocorrem os fenômenos desastrosos mais sérios de circulação, em vista da invigilância de muitas pessoas que se valem das horas sagradas do repouso físico para a criação de fantasmas cruéis, no campo vivo do pensamento. Se o nosso amigo se despreocupar da autocorrigenda, talvez desencarne antes dos cinco meses. Toda a cautela é indispensável. A genitora agradeceu, comovida, em lágrimas de contentamento.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 7)

“Longe de perceber-se sob a assistência carinhosa de que era objeto, a enferma ausente do corpo de carne, como num sonho consolador, foi convenientemente acomodada por Silas no tapete de relva macia, sentindo-se calma eleve... Finda essa operação, o Assistente convocou-nos à prece e, levantando o olhar para o firmamento faiscante de estrelas, rogou compungidamente: – “Pai de Infinita Bondade, Tu que dás provimento às necessidades do verme aparentemente esquecido no ventre do solo, que vestes a flor anônima, perfumando-lhe a textura, muitas vezes sobre a lama do charco, desce compassivo olhar sobre nós, que nos tresmalhamos a distância de Teu amor! “Em particular, Pai Justo, compadece-Te de nossa Poliana, vencida!... “Ela não é mais, Senhor, a mulher sequiosa de aventura e de ouro, disposta a lançar lodo e treva no caminho dos semelhantes, mas sim pobre mãe fatigada, reclamando novas forças para a renúncia! Não é mais a moça vaidosa que tripudiava nos tormentos do próximo, mas triste mendiga, anulada para o trabalho, que soluça de porta em porta, esmolando o pão com que deve sustentar o torturado filho de sua dor e nutrir a própria vida. “Ó Pai, não a deixes perder agora a benção do corpo, na senda redentora onde se arrasta! “Acrescenta-lhe os recursos para que não interrompa a experiência sublime em que se localiza... “Tu que nos deste, pelo Cristo, a divina revelação do sofrimento, como sendo o roteiro de nossa recondução para os Teus braços, ajuda-a a refazer as energias aniquiladas, a fim de que não pereça antes de encontrar a nova luz que lhe aguarda o coração para a subida à Glória Eterna!...” A voz de Silas, tocada de profunda fé, arrebatava-nos ao pranto insofreável. Azulinhas cintilações nimbavam-lhe a cabeça e, como resposta do Alto, ali, na selvagem floração do

bosque ermo, vimos, ao longe, cinco flamas, em pontos diferentes do Espaço, que se aproximavam de nós, celeremente... Renteando conosco, transfiguraram-se em companheiros que nos saudaram regozijantes. Em rápidos minutos, energias imponderáveis da Natureza, associadas aos fluidos de plantas medicinais, foram trazidas à nossa enferma, que as inalava a longos sorvos, e, em tempo breve, vimos Poliana surpreendentemente refeita, pronta a retomar o envoltório para a necessária restauração. – Ricos da Terra – pensei com lágrimas –, onde o poder das vossas arcas abarrotadas de ouro, ante a simples fulguração de uma prece? Onde a grandeza de vossos palácios, recheados de fausto e pedraria, confrontada com um simples minuto de reverência da alma, em comunhão com a Paternidade de Deus, na majestade do Céu? Incapaz de raciocinar por si, quanto à metamorfose experimentada, por força das inibições que sofria na provação temporária, a doente não conseguia ver-nos, mas sorria, venturosa, sentindo-se mais robusta e mais ágil. Novamente amparada, regressou ao tugúrio infecto e auxiliamo-la a retomar a cápsula física. Enquanto descerrava os olhos, reconfortada, Silas esclareceu: – As melhoras adquiridas pela organização perispirítica serão apressadamente assimiladas pelas células do equipamento fisiológico. E acentuou: – Sabem os médicos terrenos que o sono é um dos ministros mais eficientes da cura. É que, ausente do corpo, muitas vezes consegue a alma prover-se de recursos prodigiosos para a recuperação do veículo carnal em que estagia no mundo.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 13)

III Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma^{16,17}

III.1. Definição, formação e propriedades do perispírito

“**PERISPÍRITO. 93.** O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer? “Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e

16 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.

17 Vide o artigo “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina (São Paulo) 2017; 96(3): 145-158” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=108.

transportar-se aonde queira.” Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito. **94.** De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? “Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.” **a)** — Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? “É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

95. O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível? “Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“A ALMA. [...] 135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo? “Há o laço que liga a alma ao corpo.” **a)** — De que natureza é esse laço? “Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e reciprocamente.” O homem é, portanto, formado de três partes essenciais: 1º — o corpo ou ser material, análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º — a alma, Espírito encarnado que tem no corpo a sua habitação; 3º — o princípio intermediário, ou perispírito, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tal, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo II)

“A ALMA. [...] 141. Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pretendem que a alma é exterior ao corpo e o circunvolve? “A alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso constitua o envoltório do corpo. A alma tem dois invólucros. Um, sutil e leve: é o primeiro, ao qual chamais perispírito; outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o gérmen em um núcleo, já o temos dito.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo II)

“[...] Figuremos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o *ser que pensa e sobrevive*. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do

outro, a que damos o nome de *perispírito*. Esse invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável, para se assemelhar aos seres humanos. Por que, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas, onde encontra o homem os seus mais possantes motores, senão entre os mais raros fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como, por exemplo, a eletricidade? Não é exato que a luz, imponderável, exerce ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto esta: por que, quando dirigido por uma vontade, não teria propriedade idêntica à daquela matéria?” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo I)

“51. Eis aqui a resposta que, sobre este assunto, deu um Espírito: “O que uns chamam perispírito não é senão o que outros chamam envoltório material fluídico. Direi, de modo mais lógico, para me fazer compreendido, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda lhes são de todo inerentes; logo, são, como vedes, matéria. Daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que os Espíritos superiores não podem experimentar, visto que os fluidos terrestres se acham depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Esta, para progredir, necessita sempre de um agente; sem agente, ela nada é, para vós, ou, melhor, não a podeis conceber. O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. “Agora o ponto de vista científico, ou seja: a essência mesma do perispírito. Isso é outra questão. Compreendei primeiro moralmente. Resta apenas uma discussão sobre a natureza dos fluidos, coisa por ora inexplicável. A ciência ainda não sabe bastante, porém lá chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito. A alma é o pensamento: não muda de natureza. Não vades mais longe, por este lado; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Supondes que, como vós, também eu não perquiro? Vós pesquisais o perispírito; nós outros, agora, pesquisamos a alma. Esperai, pois.” — *Lamennais*.” (AK, *O livro dos médiuns*, Primeira parte, Capítulo III)

“54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que mais tarde falaremos, levaram à consequência

de que há no homem três componentes: 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º, o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. A morte é a destruição, ou, antes, a desagregação do envoltório grosseiro, do invólucro que a alma abandona. O outro se desliga deste e acompanha a alma que, assim, fica sempre com um envoltório. Este último, ainda que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós, em seu estado normal, não deixa de ser matéria, embora até ao presente não tenhamos podido assenhorear-nos dela e submetê-la à análise. Esse segundo invólucro da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis. O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para a explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e por nos não anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que, quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito. **55.** Não dito que o Espírito é uma chama, uma centelha. Isto se deve entender com relação ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, a que se não poderia atribuir forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que se encontre, o Espírito está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza se eteriza, à medida que ele se depura e eleva na hierarquia espiritual. De sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito e não concebemos uma sem a outra. O perispírito faz, portanto, parte integrante do Espírito, como o corpo o faz do homem. Porém, o perispírito, só por só, não é o Espírito, do mesmo modo que só o corpo não constitui o homem, porquanto o perispírito não pensa. Ele é para o Espírito o que o corpo é para o homem: o agente

ou instrumento de sua ação. **56.** Ele tem a forma humana e, quando nos aparece, é geralmente com a que revestia o Espírito na condição de encarnado. Daí se poderia supor que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se modela, de certa maneira, por este e lhe conserva o tipo; entretanto, não parece que seja assim. Com pequenas diferenças quanto às particularidades e exceção feita das modificações orgânicas exigidas pelo meio em que o ser tem que viver, a forma humana se nos depara entre os habitantes de todos os globos. Pelo menos, é o que dizem os Espíritos. Essa igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que só têm o perispírito; a com que, em todos os tempos, se representaram os anjos, ou Espíritos puros. Devemos concluir de tudo isto que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, seja qual for o grau de evolução em que se achem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a forma que toma, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência. Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma: presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. Os Espíritos, portanto, são, como se vê, seres semelhantes a nós, constituindo, ao nosso redor, toda uma população, invisível no estado normal. Dizemos — no estado normal, porque, conforme veremos, essa invisibilidade nada tem de absoluta. **57.** Voltemos à natureza do perispírito, pois que isto é essencial para a explicação que temos de dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que decorre do fato das aparições tangíveis, a que volveremos. Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser palpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicada

mente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa. **58.** A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, desconhecemo-la por completo. Apenas pelos seus atos ele se nos revela e seus atos não nos podem impressionar os sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. Ora, o perispírito é matéria, conforme acabamos de ver. Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre que ele atua, como nós atuamos sobre o ar, para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações. Considerada deste modo, facilmente se concebe a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se, desde então, que todos os efeitos que daí resultam cabem na ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhosos. Só pareceram sobrenaturais, porque se lhes não conhecia a causa. Conhecida esta, desaparece o maravilhoso e essa causa se inclui toda nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma ordem nova de fatos que uma nova lei vem explicar e dos quais, dentro de algum tempo, ninguém mais se admirará como ninguém se admira hoje de se corresponder com outra pessoa, a grande distância, em alguns minutos, por meio da eletricidade.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS. 17. O Espiritismo ensina de que maneira se opera a união do Espírito com o corpo, na encarnação. Pela sua essência espiritual, o Espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter ação direta sobre a matéria, sendo-lhe indispensável um intermediário, que é o envoltório fluídico, o qual, de certo modo, faz parte integrante dele. É semimaterial esse envoltório, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, do Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível, conforme se dá com todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores. O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Enquanto aquele se acha unido ao corpo, serve-lhe ele de veículo ao pensamento, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações que os

agentes exteriores produzam. Servem-lhe de fios condutores os nervos como, no telégrafo, ao fluido elétrico serve de condutor o fio metálico. **18.** Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do *princípio vital do gérmen*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se *enraíza*, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união; nasce então o ser para a vida exterior. Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo. Mantida que era por uma força atuante, tal união se desfaz, logo que essa força deixa de atuar. Então, o perispírito se desprende, *molécula a molécula*, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito*. Dado que, um instante após a morte, completa é a integração do Espírito; que suas faculdades adquirem até maior poder de penetração, ao passo que o princípio de vida se acha extinto no corpo, provado evidentemente fica que são distintos o princípio vital e o princípio espiritual. **19.** O Espiritismo, pelos fatos cuja observação ele faculta, dá a conhecer os fenômenos que acompanham essa separação, que, às vezes, é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que doutras é lenta, laboriosa, horivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“FORMAÇÃO E PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO. 7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispirítico e o corpo carnal têm, pois, origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes. **8.** Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito naturalmente variam, conforme os

mundos. Dando-se Júpiter como orbe muito adiantado em comparação com a Terra, como um orbe onde a vida corpórea não apresenta a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais não de ser lá de natureza muito mais quintessenciada do que aqui. Ora, assim como não poderíamos existir naquele mundo com o nosso corpo carnal, também os nossos Espíritos não poderiam nele penetrar com o perispírito terrestre que os reveste. Emigrando da Terra, o Espírito deixa aí o seu invólucro fluídico e toma outro apropriado ao mundo onde vai habitar. **9.** A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Alguns há, portanto, cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável com relação à matéria tangível, ainda é por demais pesado, se assim nos podemos exprimir, com relação ao mundo espiritual, para não permitir que eles saiam do meio que lhes é próprio. Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos. Esses Espíritos, cujo número é avultado, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se entregues às suas ocupações terrenas. Outros um pouco mais desmaterializados não o são, contudo, suficientemente, para se elevarem acima das regiões terrestres. Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores, e, até, encarnar neles. Tiram, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontrem. Fazem como o nobre que despe temporariamente suas vestes, para envergar os trajes plebeus, sem deixar por isso de ser nobre. É assim que os Espíritos da categoria mais elevada podem manifestar-se aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes. Tais Espíritos trazem consigo, não o invólucro, mas a lembrança, por intuição, das regiões donde vieram e que, em pensamento, eles veem. São videntes entre cegos. **10.** A camada de fluidos espirituais que cerca a Terra se pode comparar às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras, do que as camadas superiores. Não são homogêneos esses fluidos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais necessariamente se encontram as moléculas elementares que lhes formam a base, porém mais ou menos alteradas. Os efeitos que esses fluidos produzem estarão na razão da soma das partes puras que eles encerram. Tal, por comparação, o álcool retificado, ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta, por efeito dessa mistura, ao mesmo tempo que sua força e sua inflamabilidade

diminuem, embora no todo continue a haver álcool puro. Os Espíritos chamados a viver naquele meio tiram dele seus perispiritos; porém, *conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele encarna.* O Espírito produz aí, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas que a sua natureza pode assimilar. Resulta disso este fato capital: *a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda.* O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, são os mesmos os efeitos que o corpo produz, semelhantes as necessidades, ao passo que diferem em tudo o que respeita ao perispírito. Também resulta que: *o envoltório perispirítico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio; que os Espíritos superiores, encarnando excepcionalmente, em missão, num mundo inferior, têm perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.* **11.** O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que têm de nele viver: os peixes, na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. *O fluido etéreo está para as necessidades do Espírito, como a atmosfera para as dos encarnados.* Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morreriam no meio desses fluidos, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados dali, como a criatura terrena se afasta de um fogo muito ardente ou de uma luz muito deslumbrante. Eis aí porque não podem sair do meio que lhes é apropriado à natureza; para mudarem de meio, precisam antes mudar de natureza, despojar-se dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; numa palavra, que se depurem e moralmente se transformem. Então, gradualmente se identificam com um meio mais depurado, que se lhes torna uma necessidade, como os olhos, para quem viveu longo tempo nas trevas, insensivelmente se habitua à luz do dia e ao fulgor do Sol.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

§ I — O PERISPÍRITO COMO PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES. 9. Os Espíritos, como já foi dito, têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de **perispírito**. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é

mais ou menos etéreo, conforme os mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta. **10.** Durante a encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito, sendo-lhe o corpo apenas um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado aos fenômenos a que tem de prestar-se e do qual o Espírito se despoja por ocasião da morte. O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa. **11.** O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluidica, ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força da vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contato corporal, podem achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição. **12.** Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos Espíritos)

“PERISPÍRITO. CONCEITO - Parte essencial do complexo humano, o perispírito ou psicossoma se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõe cada Orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico. Graças à sua existência, a dualidade ancestral, Espírito e Matéria, se transformou em organização trina, em considerando a essencialidade de que se faz objeto, na sustentação da vida vegetativa e orgânica, de que depende o soma, como veículo da Alma, e, simultaneamente, pelas impressões que envia à centelha encarnada, que as transforma em aquisição valiosa, decorrente da marcha evolutiva. Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, é tanto mais denso ou sutil, quanto evoluído seja o Espírito que dele se utiliza. Também considerado corpo astral, exterioriza-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se como energia específica ou

aura. Por mais complexos cálculos se processem as técnicas para o estudo da irradiação perispiritual ou da sua própria constituição, faltam, no momento, elementos capazes de traduzir aquelas realidades, por serem, por enquanto, de natureza desconhecida, embora existente e atuante. Não é uma condensação de caos elétrico ou de forças magnéticas, antes possui estrutura própria, maleável, em algumas circunstâncias tangível - como nas materializações de desencarnados, nas aparições dos vivos e dos mortos; atuante - nos transportes, nas levitações; ora ponderável, podendo aumentar ou diminuir o volume e o peso do corpo; ora imponderável, como ocorre nas desmaterializações e transfigurações. Informe na sua natureza íntima, adquire a aparência que o Espírito lhe queira imprimir, podendo, desse modo, tornar-se visível em estado de sono ou de vigília, graças às potencialidades de que disponha o Ser que o manipula. Conhecido pelos estudiosos, desde a mais remota antiguidade, há sido identificado numa gama de rica nomenclatura, conforme as funções que lhe foram atribuídas, nos diversos períodos que duravam as investigações. Desde as apreciáveis lições do Vedanta quando apareceu como Manu, mâyã e Kosha, era conhecido no Budismo esotérico por Kama-rupa, enquanto no Hermetismo egípcio surgiu na qualidade de Kha, para avançar, na Cabala hebraica, como manifestação de Rouach. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o carne sutil da alma e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o corpo sutil e etéreo. Os neoplatônicos, de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos Princípios, identificava-o como aura; Tertuliano, o gigante inspirado da Apologética, nele via o corpo vital da alma, enquanto Proclo o caracterizava como veículo da alma, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido. Na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de corpo astral, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia, em que se notabilizou. Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos “átomos espirituais ou mônadas”, surpreendeu-o, dando-lhe a denominação de corpo fluídico. Outros perquiridores, penetrando a sonda da investigação no passado e no presente, localizam-no na tecedura da vida humana como elemento básico da organização do ser. Perfeitamente consentâneo aos últimos descobrimentos, nas experiências de detecção por efluvioscopia e efluviografia, denominado corpo bioplásmico, o Apóstolo Paulo já o chamava corpo espiritual, conforme escreveu aos coríntios (I Epístola, 15:44), corpo corruptível, logo depois, na mesma Epístola, verso 53,

ou alma, na exortação aos companheiros da Tessalônica (I Epístola, 5:23), sobrevivente à morte. FUNÇÕES - Organizado por energias próprias e eletromagnéticas e dirigido pela mente, que o aciona conforme o estágio evolutivo do Espírito, no corpo espiritual ou perispírito estão as matrizes reais das funções que se manifestam na organização somática. Catalisador das energias divinas, que assimila, é encarregado de transmitir e plasmar no corpo as ordens emanadas da mente e que procedem do Espírito. Arquivo das experiências multifárias das reencarnações, impõe, na aparelhagem física, desde a concepção, mediante metabolismo psíquico muito complexo e sutil, as limitações, coerções, punições, ou faculta amplitude de recursos físicos e mentais, conforme as ações do estágio anterior, na carne, em que o Espírito se acumpliciou com o erro ou se levantou pela dignificação. Interferindo, decisivamente, no comportamento hereditário, não apenas modela a forma de que se revestirá o Espírito, desde o embrião que se lhe amolda completamente, como reproduzindo as expressões fisionômicas e anatômicas, quando da desencarnação. Graças às moléculas de que se forma, responde pelas alterações da aparelhagem fisiopsíquica, no campo das necessidades reparadoras que a Lei impõe aos Espíritos calcetas. É o responsável pela irradiação da energia dos trilhões de corpúsculos celulares - essas pequenas usinas que se aglutinam ao império das radiações que lhes impõem a gravitação harmônica, na aparelhagem que constitui os diversos órgãos cuja forma e anatomia lhe pertencem, cabendo às células apenas o seu revestimento -, exteriorizando a aura e podendo, em condições especiais, modelar à distância o duplo etéreo, tornando-o tangível. Graças à sua complexidade, conserva intacta a individualidade, através da esteira das reencarnações, e se faz responsável pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, como ao corpo informa das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os centros vitais ou de força, que controlam a aparelhagem fisiológica e psicológica e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio. Nele estão sediadas as gêneses patológicas de distúrbios dolorosos quais a esquizofrenia, a epilepsia, o câncer de variada etiologia, o pênfigo... que em momento próprio favorece a sintonia com microrganismos que se multiplicam desordenadamente e tomam de assalto o campo físico ou através de sintonias próprias, ensejando a aceleração das perturbações psíquicas de largo porte. Em todo processo teratológico os fatores causais lhe pertencem. E, num vasto campo de problemas emocionais como fisiológicos, as síndromes procedem das tecelagens muito delicadas da sua ação dinâmica, poderosa. Desde épocas imemoriais, a filosofia hindu, estudando as suas manifestações no ser reencarnado,

relacionou-o com os chakras¹ (¹ Chakra - Palavra sânscrita que significa roda. Igualmente conhecida, em páli, como Chakka. - Nota da Autora espiritual.) ou centros vitais que se encontram em perfeito comando dos órgãos fundamentais da vida, espalhados na fisiologia somática, a saber: coronário, também identificado como a “flor de mil pétalas”, que assimila as energias divinas e comanda todos os demais, instalado na parte central do cérebro, qual santuário da vida superior - sede da mente -, responsável pelos processos da razão, da morfologia, do metabolismo geral, da estabilidade emocional e funcional da alma no caminho evolutivo; cerebral ou frontal, que se encarrega do sistema endócrino, do sistema nervoso e do córtice cerebral, respondendo pela transformação dos neuroblastos em neurônios e comandando desde os neurônios às células efectoras; laríngeo, que controla os fenômenos da respiração e da fonação; cardíaco, que responde pela aparelhagem circulatória e pelo sistema emocional, sediado entre o esterno e o coração; esplênico, que se responsabiliza pelo labor da aparelhagem hemática, controlando o surgimento e morte das hemácias, volume e atividade, na manutenção da vida; gástrico, que conduz a digestão, assimilação e eliminação dos alimentos encarregados da manutenção do corpo; genésico, que dirige o santuário da reprodução e engendra recursos para o perfeito entrosamento dos seres na construção dos ideais de engrandecimento e beleza em que se movimenta a Humanidade. Incorporando experiências novas e eliminando expressões primitivas, é o fator essencial para o intercâmbio medianímico entre encarnados e desencarnados. MORAL E PERISPÍRITO - Refletindo o pretérito do homem, na forma de tendências no presente, liberta-se das fixações negativas ou as avoluma, consoante a direção, que ao Espírito aprouver aplicar, dos recursos natos. Toda experiência venal brutaliza-o, desequilibrando-lhe os centros vitais que, posteriormente, responderão com distonias e desordens variadas, em forma de enfermidades insolúveis. As ações de enobrecimento e os pensamentos superiores, quando cultivados, oferecem-lhe potencialidades elevadas, que libertam das paixões, com consequente sublimação dos sentimentos que exornam o Espírito. Não foi por outra razão que o Mestre recomendou cuidado em relação aos escândalos, às agressões mentais, morais e físicas, considerando melhor o homem entrar na Vida sem o membro escandaloso, do que com ele, como a afirmar que melhor é ser vítima do que fator de qualquer desgraça. Possui todo Espírito os inestimáveis recursos para a felicidade como para a desdita, competindo-lhe moralizar-se, disciplinar-se, elevar-se, a fim de ascender à pureza, após a libertação das mazelas de que se impregnou. [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 4)

III.2. Fisiologia do perispírito e centros de força ou vitais (chacras)

“Após saudarmos a devotada Mariana, que o assistia com desvelo maternal, o Ministro examinou-o e notificou à irmã Blandina, algo inquieta: – Estejamos tranquilos. Espero conduzi-lo à reencarnação em breves dias. – Sim, essa providência não deve tardar – considerou nossa amiga, atenciosa. Assinalando-nos decerto a curiosidade, de vez que também percebia Hilário interessado em adquirir informações e conhecimentos em torno dos problemas que anotávamos de perto, o instrutor convidou-nos a observar a infortunada criança, comunicando: – Como não desconhecem, o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado. Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, consequentemente, o “habitat” que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório. Cada qual de nós respira em determinado tipo de onda. Quanto mais primitiva se revela a condição da mente, mais fraco é o influxo vibratório do pensamento, induzindo a compulsória aglutinação do ser às regiões da consciência embrionária ou torturada, onde se reúnem as vidas inferiores que lhe são afins. O crescimento do influxo mental, no veículo eletromagnético em que nos movemos, após abandonar o corpo terrestre, está na medida da experiência adquirida e arquivada em nosso próprio espírito. Atentos a semelhante realidade, é fácil compreender que sublimamos ou desequilibramos o delicado agente de nossas manifestações, conforme o tipo de pensamento que nos flui da vida íntima. Quanto mais nos avizinhamos da esfera animal, maior é a condensação obscurecente de nossa organização, e quanto mais nos elevamos, ao preço de esforço próprio, no rumo das gloriosas construções do espírito, maior é a sutileza de nosso envoltório, que passa a combinar-se facilmente com a beleza, com a harmonia e com a luz reinantes na Criação Divina. Ouvíamos as preciosas explicações, enlevados, mas Clarêncio, reparando que não nos cabia fugir do quadro ambiente, voltou-se para a garganta enferma de Júlio e continuou: – Não nos afastemos das observações práticas, para estudar com clareza os conflitos da alma. Tal seja a viciação do pensamento, tal será a desarmonia no centro de força que reage em nosso corpo a essa ou àquela classe de influxos mentais. Apliquemos à nossa aula rápida, tanto quanto nos seja possível, a terminologia trazida do mundo, para que vocês consigam fixar

com mais segurança os nossos apontamentos. Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o “centro coronário” que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando, todavia, com eles em justo regime de interdependência. Considerando em nossa exposição os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma. Logo após, anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário”, que ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à palavra, à cultura, à arte, ao saber. É no “centro cerebral” que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos. Em seguida, temos o “centro laríngeo”, que preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireoide e das paratireoides. Logo após, identificamos o “centro cardíaco”, que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral. Prosseguindo em nossas observações, assinalamos o “centro esplênico” que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos. Continuando, identificamos o “centro gástrico”, que se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização e, por fim, temos o “centro genésico”, em que se localiza o santuário do sexo, como templo modelador de formas e estímulos. O instrutor fez pequena pausa de repouso e prosseguiu: – Não podemos olvidar, porém, que o nosso veículo sutil, tanto quanto o corpo de carne, é criação mental no caminho evolutivo, tecido com recursos tomados transitoriamente por nós mesmos aos celeiros do Universo, vaso de que nos utilizamos para ambientar em nossa individualidade eterna a divina luz da sublimação, com que nos cabe demandar as esferas do Espírito Puro. Tudo é trabalho da mente no espaço e no tempo, a valer-se de milhares de formas, a fim de purificar-se e santificar-se para

a Glória Divina. Clarêncio afagou a garganta doente do menino, dando-nos a ideia de que nela fixava o objeto de nossas lições, e aduziu: – Quando a nossa mente, por atos contrários à Lei Divina, prejudica a harmonia de qualquer um desses fulcros de força de nossa alma, naturalmente se escraviza aos efeitos da ação desequilibrante, obrigando-se ao trabalho de reajuste. No caso de Júlio, observamo-lo como autor da perturbação no “centro laríngeo”, alteração que se expressa por enfermidade ou desequilíbrio a acompanhá-lo fatalmente à reencarnação. – E como sanará ele semelhante deficiência? – perguntei, edificado com os esclarecimentos ouvidos. Com a serenidade invejável de sempre, o Ministro ponderou: – Nosso Júlio, de atenção encadeada à dor da garganta, constrangido a pensar nela e padecendo-a, recuperar-se-á mentalmente para retificar o tônus vibratório do “centro laríngeo”, restabelecendo-lhe a normalidade em seu próprio favor. E decerto para gravar, com mais segurança, a elucidação, concluiu: – Júlio renascerá num equipamento fisiológico deficitário que, de algum modo, lhe retratará a região lesada a que nos reportamos. Sofrerá intensamente do órgão vocal que, sem dúvida, se caracterizará por fraca resistência aos assaltos microbianos e, em virtude de o nosso amigo haver menosprezado a bênção do corpo físico, será defrontado por lutas terríveis, nas quais aprenderá a valorizá-lo. Em seguida, porém, o instrutor desdobrou várias operações magnéticas, a benefício do pequeno enfermo, que se mantinha calmo, e, com os agradecimentos das duas solícitas irmãs que nos ouviam, atentamente, despedimo-nos de retorno ao nosso domicílio espiritual.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 20)

“CORPO ESPIRITUAL. [...] Centros vitais. Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer. Nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica. É assim que, regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena, nele identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais

que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundinas de uma usina respondem ao comando da peça motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las. Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células eferentes; o centro laríngeo, controlando notadamente a respiração e a fonação; o centro cardíaco, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base; o centro esplênico, determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo; o centro gástrico, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização; e o centro genésico, guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.

Centro coronário. Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas. Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, ideias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino. **Estrutura mental das células.** É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluidos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretecidos na essência da matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito. **Centros vitais e células.**

São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação. Essas células que obedecem às ordens do Espírito, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, procedem do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações protoplásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras. Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas, na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exoneração excretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça, encontrando, porém, esse clima, que lhes é indispensável, na estrutura aquosa de nossa constituição fisiopsicossomática, a expressar-se nos líquidos extracelulares, formados pelo líquido intersticial e pelo plasma sanguíneo. **Exteriorização dos centros vitais.** Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo físico vulgar, reconheceremos facilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“**ALMA E FLUÍDOS.** [...] **Centros encefálicos.** É, pois, em novo plano, a dividir-se em variados setores de ação e de luta, que a consciência desencarnada, agora relativamente responsável, vai conhecer o

resultado de suas próprias criações na passagem pelo campo carnal, através dos reflexos respectivos em seu pensamento, – o fluído em que se lhe imprimem os mais íntimos sentimentos e que lhe define os mais íntimos desejos. Com a supervisão dos Orientadores Divinos, associaram-se lhe no cérebro o centro coronário e o centro cerebral em movimento sincrônico de trabalho e sintonia. Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se, a rigor, do segundo que lhe recolhe os estímulos, transmitindo impulsos e avisos, ordens e sugestões mentais aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa. E assim como o centro cerebral se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensório, o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencefalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à corteza cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele [Devemos esclarecer que a via olfatória não passa pelo tálamo, contudo, mantém conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo. (Nota do Autor espiritual)], vasto sistema de governança do Espírito. Aí, nessa delicada rede de forças, através dos núcleos intercalados nas vias aferentes, através do sistema talâmico de projeção difusa e dos núcleos parcialmente abordados pela ciência da Terra (quais os da linha média, que não se degeneram após a extirpação do córtex, segundo experiências conhecidas), verte o pensamento ou fluído mental, por secreção sutil não do cérebro, mas da mente, fluído que influencia primeiro, por intermédio de impulsos repetidos, toda a região cortical e as zonas psicossomatossensitivas, vitalizando e dirigindo todo o cosmo biológico, para, em seguida, atendendo ao próprio continuísmo de seu fluxo incessante, espalhar-se em torno do corpo físico da individualidade consciente e responsável pelo tipo, qualidade e aplicação do fluído, organizando-lhe a psicossfera ou halo psíquico, qual ocorre com a chama de uma vela que, em se valendo do combustível que a nutre, estabelece o campo em que se lhe prevalece a influência. Esse fluído ou matéria mental tem a sua ponderabilidade e as suas propriedades quimioeletromagnéticas específicas, definindo-se em unidades perfeitamente mensuráveis, qual acontece no sistema periódico dos elementos químicos, no plano terrestre, compreendendo-se que, em círculos da inteligência mais evoluída, surpreendentes combinações dos fatores conhecidos podem ser efetuadas com vistas a certos fins, como sucede atualmente na Terra, onde elementos como o netuno, o plutônio, o amerício e o cúrio podem ser artificialmente produzidos.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“PERISPÍRITO. [...] **FUNÇÕES** - Organizado por energias próprias e eletromagnéticas e dirigido pela mente, que o aciona conforme o estágio evolutivo do Espírito, no corpo espiritual ou perispírito estão as matrizes reais das funções que se manifestam na organização somática. Catalisador das energias divinas, que assimila, é encarregado de transmitir e plasmar no corpo as ordens emanadas da mente e que procedem do Espírito. [...] Graças às moléculas de que se forma, responde pelas alterações da aparelhagem fisiopsíquica, no campo das necessidades reparadoras que a Lei impõe aos Espíritos calcetas. É o responsável pela irradiação da energia dos trilhões de corpúsculos celulares - essas pequenas usinas que se aglutinam ao império das radiações que lhes impõem a gravitação harmônica, na aparelhagem que constitui os diversos órgãos cuja forma e anatomia lhe pertencem, cabendo às células apenas o seu revestimento -, exteriorizando a aura e podendo, em condições especiais, modelar à distância o duplo etéreo, tornando-o tangível. Graças à sua complexidade, conserva intacta a individualidade, através da esteira das reencarnações, e se faz responsável pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, como ao corpo informa das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os centros vitais ou de força, que controlam a aparelhagem fisiológica e psicológica e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio. [...] Desde épocas imemoriais, a filosofia hindu, estudando as suas manifestações no ser reencarnado, relacionou-o com os chakras¹ (1 Chakra - Palavra sânscrita que significa roda. Igualmente conhecida, em páli, como Chakka. - Nota da Autora espiritual.) ou centros vitais que se encontram em perfeito comando dos órgãos fundamentais da vida, espalhados na fisiologia somática, a saber: coronário, também identificado como a “flor de mil pétalas”, que assimila as energias divinas e comanda todos os demais, instalado na parte central do cérebro, qual santuário da vida superior - sede da mente -, responsável pelos processos da razão, da morfologia, do metabolismo geral, da estabilidade emocional e funcional da alma no caminho evolutivo; cerebral ou frontal, que se encarrega do sistema endocrínico, do

sistema nervoso e do córtice cerebral, respondendo pela transformação dos neuroblastos em neurônios e comandando desde os neurônios às células efetoras; laríngeo, que controla os fenômenos da respiração e da fonação; cardíaco, que responde pela aparelhagem circulatória e pelo sistema emocional, sediado entre o esterno e o coração; esplênico, que se responsabiliza pelo labor da aparelhagem hemática, controlando o surgimento e morte das hemácias, volume e atividade, na manutenção da vida; gástrico, que conduz a digestão, assimilação e eliminação dos alimentos encarregados da manutenção do corpo; genésico, que dirige o santuário da reprodução e engendra recursos para o perfeito entrosamento dos seres na construção dos ideais de engrandecimento e beleza em que se movimenta a Humanidade. Incorporando experiências novas e eliminando expressões primitivas, é o fator essencial para o intercâmbio medianímico entre encarnados e desencarnados. [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 4)

III.3. Relação entre perispírito, mente, pensamentos e sentimentos^{18,19,20}

“AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FLUIDOS. CRIAÇÕES FLUÍDICAS. FOTOGRAFIA DO PENSAMENTO. 13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som. **14.** Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma

¹⁸ Vide Subcapítulo IV.3 (“Relação entre espírito e mente (binômio espírito-mente)”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

¹⁹ Vide Subcapítulo IV.5 (“O binômio espírito-mente modela e comanda o perispírito”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

²⁰ Vide Subcapítulo IV.9 (“Pensamentos e emoções”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

aparência, uma forma, uma coloração determinada; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera. É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores — enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. — que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento. Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. Um avaro manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste. **15.** Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros. Há mais: criando *imagens fluídicas*, o pensamento se reflete no envoltório perispírico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo se *fotografa*. Tenha um homem, por exemplo, a ideia de matar a outro: embora o corpo material se lhe conserve impassível, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento e reproduz todos os matizes deste último; executa fluidicamente o gesto, o ato que intentou praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal qual se lhe desenrola no espírito. Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem

no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Contudo, vendo a intenção, pode ela pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus. [...]

18. Sendo apenas Espíritos encarnados, os homens têm uma parcela da vida espiritual, visto que vivem dessa vida tanto quanto da vida corporal; primeiramente, durante o sono e, muitas vezes, no estado de vigília. O Espírito, encarnado, conserva, com as qualidades que lhe são próprias, o seu perispírito que, como se sabe, não fica circunscrito pelo corpo, mas irradia ao seu redor e o envolve como que de uma atmosfera fluídica. Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha preponderante papel no organismo. Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados. O pensamento do encarnado atua sobre os fluidos espirituais, como o dos desencarnados, e se transmite de Espírito a Espírito pelas mesmas vias e, conforme seja bom ou mau, sanea ou vicia os fluidos ambientes. Desde que estes se modificam pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu invólucro perispírico, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, há de, ainda mais, guardar a de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem depurar-se pelo afastamento destes, cujos perispíritos, porém, serão sempre os mesmos, enquanto o Espírito não se modificar por si próprio. Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido. Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta, quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito com eles se confunde. Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo resente uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades. Os meios onde superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que o encarnado absorve pelos poros perispíricos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais. **19.** Assim se explicam os

efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição. Mas, do mesmo modo que há radiações sonoras, harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, agradável é a impressão; penosa, se aquele é discordante. Ora, para isso, não se faz mister que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre. Tal a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos. Envolve-a uma como salubre atmosfera moral, onde se respira à vontade; sai-se reconfortado dali, porque impregnado de salutar eflúvios fluídicos. Basta, porém, que se lhe misturem alguns pensamentos maus, para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido, ou o de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, onde malévolos pensamentos provocam correntes de fluido nauseabundo.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“A fotografia e a telegrafia do pensamento são questões até agora pouco explanadas. Como todas as que não apresentam ligação com as leis que, por sua essência, devem ser universalmente difundidas, foram relegadas para segundo plano, não obstante serem de capital importância e poderem os elementos que elas contêm concorrer para a elucidação de muitos problemas que ainda se acham sem solução. Quando um artista de talento executa um quadro, obra magistral a que consagrou todo o gênio que progressivamente adquiriu, dá primeiramente os traços gerais, de sorte que se compreenda, desde o esboço, todo o partido que espera tirar dali. Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias; e, embora a este último trabalho deva, talvez, dispensar maiores cuidados do que àquele outro, tal não lhe seria possível, se não houvera esboçado antes o seu quadro. O mesmo sucede em Espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem. Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras. Por isso é que, durante certo tempo, forçoso se torna pôr de lado o estudo dessas questões. Com efeito, poder-se-ia logicamente falar de fotografia e de telegrafia do pensamento, antes de estar demonstrada a existência da alma que manobra os elementos fluídicos e a dos fluidos que permitem se estabeleçam relações entre duas almas distintas?

Ainda hoje, talvez, mal começamos a estar suficientemente esclarecidos para a elaboração de tão vastos problemas! Entretanto, não se acharão deslocadas aqui algumas considerações de natureza a preparar as bases para um estudo mais completo. Limitado em suas ideias e aspirações, tendo circunscritos os seus horizontes, o homem precisa concretar todas as coisas e pôr-lhes etiquetas, a fim de guardar delas apreciável lembrança e basear seus futuros estudos nos dados que haja reunido. Pelo sentido da vista foi que lhe vieram as primeiras noções do conhecimento. Foi a imagem de um objeto que lhe ensinou a existência desse objeto. Quando conheceu muitos objetos, tirou deduções das impressões diferentes que eles lhe produziam no íntimo do ser, fixou na inteligência a quintessência deles por meio do fenômeno da memória. Ora, que é a memória, senão uma espécie de álbum mais ou menos volumoso, que se folheia para encontrar de novo as ideias apagadas e reconstituir os acontecimentos que se foram? Esse álbum tem marcas nos pontos capitais. De alguns fatos o indivíduo imediatamente se recorda; para recordar-se de outros, é-lhe necessário folhear por longo tempo o álbum. A memória é como um livro! Aquele em que lemos algumas passagens facilmente no-las apresenta aos olhos; as folhas virgens ou raramente perlustradas têm que ser folheadas uma a uma, para que consigamos reconstituir um fato sobre o qual pouco tenhamos demorado a atenção. Quando o Espírito encarnado se lembra, sua memória lhe apresenta, de certo modo, a fotografia do fato que ele procura. Em geral, os encarnados que o cercam nada veem; o álbum se acha em lugar inacessível ao olhar deles; mas, os Espíritos o veem e folheiam conosco. Em dadas circunstâncias, podem mesmo, deliberadamente, ajudar a nossa pesquisa, ou perturbá-la. O que se produz de um encarnado para um desencarnado também se verifica do desencarnado para o vidente. Quando se evoca a lembrança de certos fatos da existência de um Espírito, apresenta-se-lhe a fotografia desses fatos; e o vidente, cuja situação espiritual é análoga à do Espírito livre, vê como ele e, até, em determinadas circunstâncias, vê o que o Espírito não vê por si mesmo, tal como um desencarnado pode folhear a memória de um encarnado, sem que este tenha disso consciência e lembrar-lhe fatos de há muito esquecidos. Quanto aos pensamentos abstratos, por isso mesmo que existem, tomam corpo para impressionar o cérebro; têm de agir naturalmente sobre este e, de certo modo, gravar-se nele. Ainda neste caso, como no primeiro, parece perfeita a semelhança entre os fatos da terra e os do espaço. Já tendo sido o fenômeno da fotografia do pensamento objeto de algumas reflexões nossas na *Revista*, para maior clareza reproduziremos alguns trechos do artigo em que o assunto foi tratado e que completaremos com outras

observações novas. Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre aqueles como o som atua sobre o ar; eles nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, com verdade, que há ondas nos fluidos e radiações de pensamento, que se cruzam sem se confundirem, como há, no ar, ondas e radiações sonoras. Ainda mais; criando **imagens fluídicas**, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico como num espelho, ou, então, como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar tomando aí um corpo e, de certo modo, **fotografando-se**. Se um homem, por exemplo, tiver a ideia de matar alguém, embora seu corpo material se conserve impassível, seu corpo fluídico é acionado por essa ideia e a reproduz com todos os matizes. Ele executa fluidicamente o gesto, o ato que o indivíduo premeditou. Seu pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se desenha, como num quadro, tal qual lhe está na mente. É, assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no invólucro fluídico. É assim que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos corporais. Estes veem as impressões interiores que se refletem nos traços fisionômicos: a cólera, a alegria, a tristeza; a alma, porém, vê nos traços da alma os pensamentos que não se exteriorizam. Entretanto, se, vendo a intenção, pode a alma pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, não pode, contudo, determinar o momento em que ele será executado, nem lhe precisar os pormenores, nem mesmo afirmar que ele se realize, porque ulteriores circunstâncias podem modificar os planos concebidos e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não está no pensamento; o que vê é a preocupação ocasional ou habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más. Daí os erros nas previsões de alguns videntes. Quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio de um homem, eles apenas podem pressentir-lhe a probabilidade, de acordo com o pensamento que veem; mas, não podem afirmar que se dará de tal forma, ou em tal momento. A maior ou menor exatidão nas previsões depende, além disso, da extensão e da clareza da vista psíquica. Nalguns indivíduos, desencarnados ou encarnados, limita-se a um ponto ou é difusa, ao passo que noutros é nítida e abrange todo o conjunto dos pensamentos e das vontades que hajam de concorrer para a realização de um fato. Mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior que pode, em sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a mais perspicaz vista psíquica. (Veja, em *A Gênese*, o capítulo sobre a **Presciência**.) A teoria das criações fluídicas e, por conseguinte, da fotografia do pensamento, é uma conquista do moderno Espiritismo e pode, doravante, considerar-se como firmada em

princípio, ressaltadas as aplicações de minúcias, que hão de resultar da observação. Este fenômeno é incontestavelmente a origem das visões fantásticas e desempenha grande papel em certos sonhos. Quem na Terra sabe de que maneira se estabeleceram os primeiros meios de comunicação do pensamento? Como foram inventados ou, antes, descobertos, dado que nada se inventa, pois que tudo existe em estado latente, cabendo aos homens apenas os meios de pôr em ação as forças que a Natureza lhes oferece? Quem sabe quanto tempo foi necessário para que os homens usassem da palavra de modo perfeitamente inteligível? Aquele que soltou o primeiro grito inarticulado tinha sem dúvida uma certa consciência do que queria exprimir, mas os a quem ele se dirigiu nada a princípio compreenderam. Só ao cabo de longo lapso de tempo se verificou a existência de palavras convencionadas, depois a de frases abreviadas e, por fim, discursos inteiros. Quantos milhares de anos não foram necessários para que a Humanidade chegasse ao ponto em que hoje se encontra! Cada progresso nos modos de comunicação, nas relações entre os homens, foi sempre assinalado por uma melhora no estado social dos seres. À medida que as relações de indivíduo a indivíduo se tornam mais estreitas, mais regulares, a necessidade se faz sentir de uma nova e mais rápida forma de linguagem, mais apropriada a pôr os homens em comunicação instantânea e universalmente uns com os outros. Por que não teria cabimento no mundo moral, de encarnado a encarnado, por meio da telegrafia humana, o que ocorre no mundo físico, por meio da telegrafia elétrica? Por que as relações ocultas que ligam, de maneira mais ou menos consciente, os pensamentos dos homens e dos Espíritos, por meio da telegrafia espiritual, não se generalizariam entre os homens, de modo consciente? A telegrafia humana! Aí está uma coisa de molde certamente a provocar o riso dos que se negam a admitir o que não caia sob os sentidos materiais. Mas, que importam as zombarias dos presunçosos? As suas negações, por mais que eles as multipliquem, não obstarão a que as leis naturais sigam seu curso, nem a que se encontrem novas aplicações dessas leis, à medida que a inteligência humana se ache em estado de lhes experimentar os efeitos. O homem exerce ação direta sobre as coisas, assim como sobre as pessoas que o cercam. Frequentemente, uma pessoa de quem se faz pouco caso a exerce decisiva sobre outras de reputação muito superior. Isto decorre de que na Terra se veem muito mais máscaras do que semblantes e de que aí o olhar tem a obscurecê-lo a vaidade, o interesse pessoal e todas as paixões más. A experiência demonstra que se pode atuar sobre o espírito dos homens, à revelia deles. Um pensamento superior, **fortemente pensado**, permita-se-nos a expressão, pode, pois, conforme a sua força e a sua elevação, tocar de

perto ou de longe homens que nenhuma ideia faz da maneira por que ele lhes chega, do mesmo modo que muitas vezes aquele que o emite não faz ideia do efeito produzido pela sua emissão. É esse um jogo constante das inteligências humanas e da ação recíproca de umas sobre as outras. Juntai-lhe a das inteligências dos desencarnados e imaginai, se o conseguirdes, o poder incalculável dessa força composta de tantas forças reunidas. Se se pudesse suspeitar do imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria assombrado! Sentir-se-ia aniquilado diante dessa infinidade de pormenores, diante dessas inúmeras redes ligadas entre si por uma potente vontade e atuando harmonicamente para alcançar um único objetivo: o progresso universal. Pela telegrafia do pensamento, ele apreciará em todo o seu valor a lei da solidariedade, ponderando que não há um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso, ou de outro gênero, que não tenha ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles. Se o egoísmo o levava a desconhecer as consequências, para outrem, de um pensamento perverso, pessoalmente seu, por esse mesmo egoísmo ele se verá induzido a ter bons pensamentos, para elevar o nível moral da generalidade das criaturas, atentando nas consequências que sobre si mesmo produziria um mau pensamento de outrem. Que serão, senão consequência da telegrafia do pensamento, esses choques misteriosos que nos advertem da alegria ou do sofrimento de um ente caro, que se acha longe de nós? Não é a um fenômeno do mesmo gênero que devemos os sentimentos de simpatia ou de repulsão que nos arrastam para certos Espíritos e nos afastam de outros?” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Fotografia e telegrafia do pensamento)

“O PERISPÍRITO. Como será o tecido sutil da espiritual roupagem que o homem envergará, sem o corpo de carne, além da morte? Tão arrojada é a tentativa de transmitir informes sobre a questão aos companheiros encarnados, quão difícil se faria esclarecer à lagarta com respeito ao que será ela depois de vencer a inércia da crisálida. Colado ao chão ou à folhagem, arrastando-se, pesadamente, o inseto não desconfia que transporta consigo os germes das próprias asas. O perispírito é, ainda, corpo-organização que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro, de conformidade com o seu peso específico. Formado por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno. Organismo delicado, extremo poder plástico, modifica-se sob o

comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir. Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermizo. O progresso mental é o grande doador de renovação ao equipamento do espírito em qualquer plano de evolução. Note-se, contudo, que não nos reportamos aqui ao aperfeiçoamento interior. O crescimento intelectual, com intensa capacidade de ação, pode pertencer a inteligências perversas. Daí a razão de encontrarmos, em grande número, compactas falanges de entidades libertas dos laços fisiológicos, operando nos círculos da perturbação e da crueldade, com admiráveis recursos de modificação nos aspectos em que se exprimem. Não adquiriram, ainda, a verticalidade do Amor que se eleva aos santuários divinos, na conquista da própria sublimação, mas já se iniciaram na horizontalidade da Ciência com que influenciam aqueles que, de algum modo, ainda lhes partilham a posição espiritual. Os “anjos caídos” não passam de grandes gênios intelectualizados com estreita capacidade de sentir. Apaixonados, guardam a faculdade de alterar a expressão que lhes é própria, fascinando e vampirizando nos reinos inferiores da natureza. Entretanto, nada foge à transformação e tudo se ajusta, dentro do Universo, para o geral aproveitamento da vida. A ignorância dormiente é acordada e aguilhada pela ignorância desperta. A bondade incipiente é estimulada pela bondade maior. O perispírito, quanto à forma somática, obedece a leis de gravidade, no plano a que se afina. Nossos impulsos, emoções, paixões e virtudes nele se expressam fielmente. Por isso mesmo, durante séculos e séculos nos demoraremos nas esferas da luta carnal ou nas regiões que lhes são fronteiriças, purificando a nossa indumentária e embelezando-a, a fim de preparar, segundo o ensinamento de Jesus, a nossa veste nupcial para o banquete do serviço divino.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 6)

“– É parálítico de nascença, primogênito de um casal aparentemente feliz, e conta oito anos na existência nova – informou Calderaro, indicando-o –; não fala, não anda, não chega a sentar se, vê muito mal, quase nada ouve da esfera humana; psiquicamente, porém, tem a vida de um sentenciado sensível, a cumprir severa pena, lavrada, em verdade, por ele próprio. Há quase dois séculos, decretou a morte de muitos compatriotas numa insurreição civil. Valeu-se da desordem político-administrativa para vingar-se de desafetos pessoais, semeando ódio e ruínas. Viveu nas regiões inferiores, apartado da carne, inomináveis suplícios. Inúmeras vítimas já lhe perdoaram os crimes; muitas, contudo, seguiram-no, obstinadas, anos afora... A malta, outrora densa, rareou pouco a pouco, até que

se reduziu aos dois últimos inimigos, hoje em processo final de transformação. Com as lutas acremente vividas, em sombrias e dantescas furnas de sofrimento, o desgraçado aprestou-se para esta fase conclusiva de resgate; conseguiu, assim, a presente reencarnação com o propósito de completar a cura efetiva, em cujo processo se encontra, faz muitos anos. A paisagem era triste e enternecedora. O doente, de ossos enfezados e carnes quase transparentes, pela idade deveria ser uma criança bela e feliz; ali, entretanto, se achava imóvel, a emitir gritos e sons guturais, próprios da esfera sub-humana. Com o respeito devido à dor e com a observação imposta pela Ciência, verifiquei que o pequeno paralítico mais se assemelhava a um descendente de símios aperfeiçoados. – Sim, o espírito não retrocede em hipótese alguma – explicou Calderaro –; todavia, as formas de manifestação podem sofrer degenerescência, de modo a facilitar os processos regenerativos. Todo mal e todo bem praticados na vida impõem modificações em nosso quadro representativo. Nosso desventurado amigo envenenou para muito tempo os centros ativos da organização perispiritual. Cercado de inimigos e desafetos, frutos da atividade criminosa a que se consagrou voluntariamente, permanece quase embotado pelas sombras resultantes dos seus tremendos erros. No campo consciencial, chora e debate-se, sob o agulhão de reminiscências torturantes que lhe parecem intermináveis; mas os sentidos, mesmo os de natureza física, mantêm-se obnubilados, à maneira de potências desequilibradas, sem rumo... Os pensamentos de revolta e de vingança, emitidos por todos aqueles aos quais deliberadamente ofendeu, vergastaram-lhe o corpo perispiritual por mais de cem anos consecutivos, como choques de desintegração da personalidade, e o infeliz, distante do acesso à zona mais alta do ser, onde situamos o castelo das noções superiores, em vão se debateu no Campo do esforço presente, isto é, à altura da região em que localizamos as energias motoras; é que os adversários implacáveis, apegando-se a ele, através da influência direta, compeliaram-lhe a mente a fixar-se nos impulsos automáticos, no império dos instintos; permitiu a Lei que assim acontecesse, naturalmente porque a conduta de nosso infortunado irmão fora igual à do jaguar que se aproveita da força para dominar e ferir. Os abusos da razão e da autoridade constituem faltas graves ante o Eterno Governo dos nossos destinos.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“Nesse ínterim, a pequena família se reuniu, ao redor da mesa posta, e a segunda esposa do médico me impressionou pelo apuro da apresentação. A pintura do rosto, sem dúvida, era admirável. O traje elegante e sóbrio, as joias discretas e o penteado harmonioso realçavam-lhe a profundidade do olhar, mas rodeava-se ela de substância fluidica deprimente. Halo plúmbeo

denunciava-lhe a posição de inferioridade. Socialmente, aquela dama devia ser das de mais fino trato; contudo, terminado o repasto, deixou positivamente evidenciada sua deplorável condição psíquica. Depois de uma discussão menos feliz com o marido, a jovem mulher buscou o sono da sesta, num divã largo e macio. Intencionalmente, Maurício convidou-me a espreitar-lhe o repouso e, com enorme surpresa, aturdido mesmo, não lhe vi os mesmos traços fisionômicos na organização perispiritual que abandonava a estrutura carnal, entregue ao descanso. Alguma semelhança era de notar-se, mas, afinal de contas, a senhora tornara-se irreconhecível. Estampava no semblante os sinais das bruxas dos velhos contos infantis. A boca, os olhos, o nariz e os ouvidos revelavam algo de monstruoso. A própria esposa desencarnada, ali presente em clamorosa revolta, não se animou a enfrentá-la. Recuou semi-espavorida, tentando ocultar-se junto do filho. Lembrei-me, então, do livro em que Oscar Wilde nos conta a história do retrato de Dorian Gray, que adquiria horrenda expressão à medida que o dono se alterava, intimamente, na prática do mal e, endereçando a Maurício olhar indagador, dele recebi sensata elucidação: – Sim, meu amigo – disse, tolerante –, a imaginação de Wilde não fantasiou. O homem e a mulher, com os seus pensamentos, atitudes, palavras e atos criam, no íntimo, a verdadeira forma espiritual a que se acolhem. Cada crime, cada queda, deixam aleijões e sulcos horrendos no campo da alma, tanto quanto cada ação generosa e cada pensamento superior acrescentam beleza e perfeição à forma perispiritual, dentro da qual a individualidade real se manifesta, mormente depois da morte do corpo denso. Há criaturas belas e admiráveis na carne e que, no fundo, são verdadeiros monstros mentais, do mesmo modo que há corpos torturados e detestados, no mundo, escondendo Espíritos angélicos, de celestial formosura. E designando a infeliz que se ausentava de casa, semiliberta do veículo material, acentuou: – Esta irmã desventurada permanece sob o império de Espíritos gozadores e animalizados que, por muito tempo, a reterão em lastimáveis desequilíbrios. Acreditamos que ela, sem fé renovadora, sem ideais santificantes e sem conduta digna, não se precatará tão cedo dos perigos que corre e somente se lembrará de chorar, aprender e transformar-se para o bem, quando se afastar, em definitivo, do vaso de carne, na condição de autêntica bruxa. O assunto era realmente fascinante e a lição era imensa. Entretanto, meu tempo disponível esgotara. O minuto exigia pronto regresso.” (AL, *Libertação*, Capítulo 10)

“O Ministro, contudo, calou-se, dando-nos a entender que o momento não comportava digressões filosóficas. Acariciou, ainda por alguns instantes, a cabeça do ancião e, em seguida, chamou-o, de manso: – Leonardo, recorda! Volta ao Paraguai, onde adquiriste o

remorso que hoje te retalha o coração! A dor, quase sempre, é culpa sepultada dentro de nós... Retrocedamos ao ponto inicial de teu sofrimento!... Recorda! Recorda!... O velhinho, diante de nosso intraduzível assombro, acordou de olhos transtornados. Ergueu a fronte, mas seu rosto alterara-se de maneira sensível. Sustentava iniludivelmente os traços fundamentais, mas fizera-se mais jovem. Registrando a surpreendente transfiguração, Hilário interferiu, perguntando: – Oh! Que força mágica será esta? Nosso orientador fitou-o, sereno, e esclareceu: – Não nos esqueçamos de que temos diante de nós o veículo espiritual, por excelência vibrátil. O corpo da alma modifica-se, profundamente, segundo o tipo de emoção que lhe flui do âmago. Isso, aliás, não é novidade. Na própria Terra, a máscara física altera-se na alegria ou no sofrimento, na simpatia ou na aversão. Em nosso plano, semelhantes transformações são mais rápidas e exteriorizam aspectos íntimos do ser, com facilidade e segurança, porque as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensivos que as moléculas do corpo carnal. A consciência, por fulcro anímico, expressa-se, desse modo, na matéria sutil com poderes plásticos mais avançados.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 13)

“Enquanto regressávamos ao nosso círculo de trabalho e de estudo, para articular novas providências de auxílio em favor dos protagonistas da história que a vida estava escrevendo, concluí que não me cabia perder a oportunidade de mais amplo entendimento com o nosso orientador, com alusão aos esclarecimentos que nos fornecera, acerca do perispírito. Assim como o homem comum mal conhece o veículo em que se movimenta, ignorando a maior parte dos processos vitais de que se beneficia e usando o corpo de carne à maneira de um inquilino estranho à casa em que reside, também nós, os desencarnados, somos compelidos a meticulosas meditações para analisar a vestimenta de que nos servimos, de modo a conhecer-lhe a intimidade. Efetivamente, em novas condições na vida espiritual, passamos a apreciar, com mais segurança, o corpo abandonado à Terra, penetrando os segredos de sua formação e desenvolvimento, sustentação e desintegração, mas somos desafiados pelos enigmas do novo instrumento que passamos a utilizar. Lidamos, na Vida Maior, com o carro sutil da mente, pelo menos na esfera em que nos situamos, acentuando, pouco a pouco, os nossos conhecimentos, quanto às peculiaridades que lhe dizem respeito. Reparei que Hilário, pela expressão dos olhos, demonstrava não menor anseio de saber. E, encorajado pela atitude do companheiro, desfechei a primeira questão, considerando: – Inegavelmente, será difícil alcançar o grande equilíbrio que nos outorgará o trânsito definitivo para as eminências do Espírito Puro. – Ah! sim – concordou o Ministro,

com grave entono –, para que tivéssemos na Crosta Planetária um vaso tão aprimorado e tão belo, quanto o corpo humano, a Sabedoria Divina despendeu milênios de séculos, usando os multiformes recursos da Natureza, no campo imensurável das formas... Para que venhamos a possuir o sublime instrumento da mente em planos mais elevados, não podemos esquecer que o Supremo Pai se vale do tempo infinito para aperfeiçoar e sublimar a beleza e a precisão do corpo espiritual que nos conferirá os valores imprescindíveis à nossa adaptação à Vida Superior. – Compete-nos, então – observou Hilário, atencioso –, atribuir importante papel às enfermidades na esfera humana. Quase todas estarão no mundo, desempenhando expressivo papel na regeneração das almas. – Exatamente. – Cada “centro de força” – ponderei – exigirá absoluta harmonia, perante as Leis Divinas que nos regem, a fim de que possamos ascender no rumo do Perfeito Equilíbrio... – Sim – confirmou Clarêncio –, nossos deslizos de ordem moral estabelecem a condensação de fluidos inferiores de natureza gravitante, no campo eletromagnético de nossa organização, compelindo-nos a natural cativo em derredor das vidas começantes às quais nos imantamos. Hilário, conduzindo mais longe as próprias divagações, perguntou: – Imaginemos, contudo, um homem puramente selvagem, a situar-se em plena ignorância dos Desígnios Superiores, que se confia a delitos indiscriminados... Terá nos tecidos sutis da alma as lesões cabíveis a um europeu supercivilizado, que se entrega à indústria do crime? Clarêncio sorriu compreensivo e acentuou: – Sigamos devagar. Comentávamos, ainda há pouco, o problema da evolução. Assim como o aperfeiçoado veículo do homem nasceu das formas primárias da Natureza, o corpo espiritual foi iniciado também nos princípios rudimentares da inteligência. É necessário não confundir a semente com a árvore ou a criança com o adulto, embora surjam na mesma paisagem de vida. O instrumento perispirítico do selvagem deve ser classificado como protoforma humana, extremamente condensado pela sua integração com a matéria mais densa. Está para o organismo aprimorado dos Espíritos algo enobrecidos, como um macaco antropomorfo está para o homem bem-posto das cidades modernas. Em criaturas dessa espécie, a vida moral está começando a aparecer e o perispírito nelas ainda se encontra enormemente pastoso. Por esse motivo, permanecerão muito tempo na escola da experiência, como o bloco de pedra rude sob marteladas, antes de oferecer de si mesmo a obra-prima... Despendirão séculos e séculos para se rarefazerem, usando múltiplas formas, de modo a conquistarem as qualidades superiores que, em lhes utilizando a organização, lhes conferirão novas possibilidades de crescimento consciencial. O instinto e a inteligência pouco a pouco se transformam em conhecimento e

responsabilidade e semelhante renovação outorga ao ser mais avançados equipamentos de manifestação... O prodigioso corpo do homem na Crosta Terrestre foi erigido pacientemente, no curso dos séculos, e o delicado veículo do Espírito, nos planos mais elevados, vem sendo construído, célula a célula, na esteira dos milênios incessantes... E, com um olhar significativo, Clarêncio concluiu: – ... até que nos transfiramos de residência, aptos a deixar, em definitivo, o caminho das formas, colocando-nos na direção das esferas do Espírito Puro, onde nos aguardam os inconcebíveis, os inimagináveis recursos da suprema sublimação.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 21)

“Lembrei-me de mulheres que se fazem mães nos hospícios, mas, analisando-me os pensamentos, o orientador explicou: – A posição de alienada mental não lhe retira os favores da Natureza, mas a crueldade meditada com que se afastou dos compromissos assumidos, imprimiu certo desequilíbrio ao centro genésico. Nossas defecções mais íntimas, embora desconhecidas dos outros, prejudicam-nos o veículo sutil e não podemos trair o tempo nas reparações necessárias, ainda mesmo quando o remorso nos ajude a restaurar as boas intenções. A perfeita entrosagem dos elementos psicofísicos filia-se à mente. A vida corpórea é a síntese das irradiações da alma. Não há órgãos em harmonia sem pensamentos equilibrados, como não há ordem sem inteligência.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 10)

“Escrevendo acerca do corpo espiritual, que Allan Kardec denominou perispírito, não se propõe André Luiz traçar esse ou aquele estudo mais profundo, fazendo a discriminação dos princípios que o estruturam, com o fim de equacionar debatidos problemas da filosofia e da religião. Desde tempos remotos, a Humanidade reconheceu-lhe a existência como organismo sutil ou mediador plástico, entre o Espírito e o corpo carnal. No Egito, era o Ka para os sacerdotes; na Grécia era o eidolon, na evocação das sibilas. Ontem, Paracelso designava-o como sendo o corpo sidéreo e, não faz muito tempo, foi nomeado como somod nas investigações de Baraduc. André Luiz, porém, busca apenas acordar em nós outros a noção da imortalidade, principalmente destacando-o, aos companheiros encarnados, qual forma viva da própria criatura humana, presidindo, com a orientação da mente, o dinamismo do casulo celular em que o Espírito – viajor da Eternidade – se demora por algum tempo na face da Terra, em trabalho evolutivo, quando não seja no duro labor da própria regeneração. E assim procedeu, acima de tudo, para salientar que, atingindo a maioridade moral pelo raciocínio, cabe a nós mesmos aprimorar-lhe as manifestações e enriquecer-lhe os atributos, porque todos os nossos sentimentos e pensamentos, palavras e obras, nele se refletem, gerando consequências felizes

ou infelizes, pelas quais entramos na intimidade da luz ou da sombra, da alegria ou do sofrimento. Apreciando-lhe a evolução, nosso amigo simplesmente esclarece que o homem não está sentenciado ao pó da Terra e que da imobilidade do sepulcro se reerguerá para o movimento triunfante, transportando consigo o céu ou o inferno que plasmou em si mesmo. Em suma, espera tão-somente encarecer que o Espírito responsável, renascendo no arcabouço das células físicas, é mergulhado na carne, qual a imagem na câmara escura, em fotografia, recolhendo, por seus atos, nessa posição negativa, todos os característicos que lhe expressarão a figura exata, no banho de reações químicas efetuado pela morte, de que extrai a soma de experiências para a sua apresentação positiva na realidade maior. O apóstolo Paulo, no versículo 44 do capítulo 15º de sua primeira Epístola aos Coríntios, asseverou, convincente: – “Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.” Nessa preciosa síntese, encontramos no verbo “semeiar” a ideia da evolução filogenética do ser e, dentro dela, o corpo físico e o corpo espiritual como veículos da mente em sua peregrinação ascensional para Deus. É para semelhante verdade que André Luiz nos convida a atenção, a fim de que por nossa conduta reta de hoje possamos encontrar a felicidade pura e sublime, ao sol de amanhã. EMMANUEL. Pedro Leopoldo, 21 de julho de 1958.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Anotação)

“CORPO ESPIRITUAL. Retrato do corpo mental. Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental* que lhe preside a formação [*O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre. (Nota do Autor espiritual)]. Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berço túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência. Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do

sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas coloides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“Entrementes, tambémurgia afastar os obsessores responsáveis pelos acontecimentos que descrevemos. Tratava-se de pequena falange de poderosos inimigos invisíveis: — um pai e seus três filhos varões, uma família, portanto, perseguidora de outra família. Israelitas típicos dos meados do século XVI, em Portugal, era impressionante vê-los trajando ainda a indumentária clássica da sua qualidade racial e social da época, pois que, atados às tumultuosas recordações e às impressões dolorosas do pretérito, com tal veemência se haviam apegado ao mesmo, que seus perispíritos, pressionados pelas poderosas forças realizadoras do pensamento, se apresentavam exatamente idênticos aos seus envoltórios humanos de quatro séculos antes. Fossem alcançados pela vidência de um médium assaz desenvolvido e seriam notificados quais homens fantasiados para um baile de máscaras, indo e vindo, rancorosos e sofredores, pelo ambiente doméstico de Leonel, tal se fizessem parte da família. Não obstante, o imaginário médium teria simultaneamente observado certo detalhe singular nas configurações perispirituais das mesmas entidades: — Vestígios sanguinolentos em seus corpos físico espirituais, tais como dedos das mãos e dos pés com unhas arrancadas, gotejando sangue; carnes queimadas, quais desenhos de feridas recentes produzidas por ferros incandescentes; pulsos deslocados, impossibilitando destreza de movimentos; mordeduras de ratos gigantes, tão comuns nos calabouços de outrora; estigmas, ao longo das faces, pelo pescoço, braços e pernas, do azorrague despedaçador, enfim, todo o emblema trágico da ignomínia usada nos tratos às vítimas da Inquisição verificada em Portugal, por aquela época. Odientos e sombrios, deixavam entrever também o panorama impressionante da longa permanência na incompreensão, do desamor ao próximo, enquanto extrema fadiga, sofrimentos morais inimagináveis se estereotipavam em seus semblantes espirituais, indicando a urgência que traziam de igualmente serem socorridos pela misericórdia d’Aquele que não deseja a perdição do pecador, mas que ele viva e se renove para o Bem. Roberto fora hebreu

em certa existência vivida em Portugal e na Espanha e fácil lhe seria valer-se da circunstância para atingir os nobres fins que trazia em mira. Fez, portanto, que retroagissem ao passado as próprias forças mentais (fenômeno de regressão da memória, tão conhecido nos dias atuais, passível de realização tanto entre encarnados como entre desencarnados), pela ação de uma irradiação da própria vontade... e voltou a ser o judeu de outrora, o homem oprimido e sofredor em Portugal, ao tempo da Inquisição, ameaçado a cada passo por um sequestro e quicá pela morte, sob os tratos do Santo Ofício. Assim transfigurado, deixou-se materializar conforme requeriam as circunstâncias, e penetrou serenamente na residência sinistrada, a qual se afigurava às suas sensibilidades delicadas o próprio local onde existiriam o choro e o ranger de dentes lembrados na exposição messiânica.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 8)

III.4. Memória perispiritual – Inconsciente ou subconsciente²¹

“**A SUBCONSCIÊNCIA NOS FENÔMENOS PSÍQUICOS.** Todas as teorias que pretendem elucidar os fenômenos mediúnicos, alheios à Doutrina Espiritista, pecam pela insuficiência e falsidade. Em vão, procura-se complicar a questão com termos rebuscados, apresentando-se as hipóteses mais descabidas e absurdas, porquanto os conhecimentos hodiernos da Física, da Fisiologia e da Psicologia não explicam fatos como os de levitação, de materialização, de natureza, afinal, genuinamente espírita. Para a ciência anquilosada nas concepções dogmáticas de cada escola, a fenomenologia mediúnica não deve constituir objeto de ridículo e de zombaria, mas sim um amontoado de materiais preciosos à sua observação. Felizmente, se muitos dos pesquisadores criaram os mais complicados sistemas elucidativos, cheios de extravagância nas suas enganadoras ilações, alguns deles, desassombradamente, têm colaborado com a filosofia espiritualista para a consecução dos seus planos grandiosos, que implicam a felicidade humana. **A SUBCONSCIÊNCIA.** A subconsciência, tão investigada em vosso tempo, não elucida os problemas dos chamados fenômenos intelectuais. Estudos levados a efeito sobre essa câmara escura da mente são ainda mal orientados, apesar disso, muitas teorias apressadas presumem explicar todo o mediunismo com a sua estranha influência sobre o “eu” consciente. De fato, existem fenômenos subliminais; todavia, a subconsciência é o acervo de experiências realizadas pelo ser em suas existências passadas.

²¹ Vide Capítulo I (“Inconsciente, subconsciente, consciente e superconsciente”), Quinta Parte (“Medicina Espiritual – Transtornos Mentais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

O Espírito, no labor incessante de suas múltiplas existências, vai ajuntando as séries de suas conquistas, de suas possibilidades, de seus trabalhos; no seu cérebro espiritual organiza-se, então, essa consciência profunda, em cujos domínios misteriosos se vão arquivando as recordações, e a alma, em cada etapa da sua vida imortal, renasce para uma nova conquista, objetivando sempre o aperfeiçoamento supremo. **O OLVIDO TEMPORÁRIO.** O esquecimento, nessas existências fragmentárias, obedecendo às leis superiores que presidem ao destino, representa a diminuição do estado vibratório do Espírito, em contato com a matéria. Esse olvido é necessário, e, afastando-se os benefícios espirituais que essa questão implica, à luz das concepções científicas, pode esse problema ser estudado atentamente. Tomando um novo corpo, a alma tem necessidade de adaptar-se a esse instrumento. Precisa abandonar a bagagem dos seus vícios, dos seus defeitos, das suas lembranças nocivas, das suas vicissitudes nos pretéritos tenebrosos. Necessita de nova virgindade; um instrumento virgem lhe é então fornecido. Os neurônios desse novo cérebro fazem a função de aparelhos quebradores da luz; o sensorio limita as percepções do Espírito e, somente assim, pode o ser reconstruir o seu destino. Para que o homem colha benefícios da sua vida temporária, faz-se mister que assim seja. Sua consciência é apenas a parte emergente da sua consciência espiritual; seus sentidos constituem apenas o necessário à sua evolução no plano terrestre. Daí a exiguidade das suas percepções visuais e auditivas, em relação ao número inconcebível de vibrações que o cercam. **AS RECORDAÇÕES.** Todavia, dentro dessa obscuridade requerida pela sua necessidade de estudo e desenvolvimento, experimenta a alma, às vezes, uma sensação indefinível... é uma vocação inata que impele para esse ou aquele caminho; é uma saudade vaga e incompreensível, que a persegue nas suas meditações; são os fenômenos introspectivos, que a assediam frequentemente. Nesses momentos, uma luz vaga da subconsciência atravessa a câmara de sombras imposta pelas células cerebrais e, através dessa luz coada, entra o Espírito em vaga relação com o seu passado longínquo; tais fatos são vulgares nos seres evoluídos, sobre quem a carne já não exerce atuação invencível. Nesses vagos instantes, parece que a alma encarnada ouve o tropel das lembranças que passam em revoada; aversões antigas, amores santificantes, gostos aprimorados, de tudo aparece numa fração no seu mundo consciente; mas, faz-se mister olvidar o passado para que alcance êxito na luta.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XIV)

“O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA. O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das

faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.

O PRODIGIOSO ALQUIMISTA. Todas as células orgânicas renovam-se incessantemente; e como poderia a criatura conhecer-se entre essas continuadas transubstanciações? Para que se manifeste o pensamento – que desconhece as glândulas que o segregam, porquanto constitui a vibração do corpo espiritual dentro de sua profunda consciência – quantas células se consomem e se queimam? O cérebro assemelha-se a um complicado laboratório onde o espírito, prodigioso alquimista, efetua inimagináveis associações atômicas e moleculares, necessárias às exteriorizações inteligentes. É ainda, pois, ao corpo espiritual que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXIV)

– Entretanto, observo, na atualidade, especialmente outro campo alusivo ao assunto. Antes de minha volta ao plano espiritual, faminto de novas informações referentes ao psiquismo da personalidade humana, examinei, atento, a doutrina de Freud. Impressionado com as variações psicológicas dos caracteres juvenis, sob minha observação direta, e apaixonado pela solução dos profundos enigmas que envolvem a criatura terrestre, encontrei na psico-análise um mundo novo. Todavia, por mais que eu estudasse a prodigiosa coleção dos efeitos, jamais alcancei a tranquilidade completa na investigação das causas, no círculo dos fenômenos em exame. Discípulo espontâneo e distante do eminente professor de Freiberg, somente aqui pude reconhecer os elos que lhe faltam ao sistema de posituação das origens de psicoses e desequilíbrios diversos. Os “complexos de inferioridade”, o “recalque”, a “libido”, as “emersões do subconsciente” não constituem fatores adquiridos no curto espaço de uma existência terrestre e, sim, característicos da personalidade egressa das experiências passadas. A subconsciência é, de fato, o porão dilatado de nossas lembranças, o repositório das emoções e desejos, impulsos e tendências que não se projetaram na tela das realizações imediatas; no entanto, estende-se muito além da zona limitada de tempo em que se move um aparelho físico. Representa a estratificação de todas as lutas com as aquisições mentais e emotivas que lhes foram consequentes, depois da utilização de vários corpos. Faltam, pois, às teorias de Sigmundo Freud e seus continuadores a noção dos princípios reencarnacionistas e o conhecimento da verdadeira localização dos distúrbios nervosos, cujo início muito raramente se verifica no campo biológico vulgar, mas quase que invariavelmente no corpo perispiritual preexistente, portador de sérias perturbações

congênitas, em virtude das deficiências de natureza moral, cultivadas com desvairado apego, pelo reen-carnante, nas existências transcorridas. As psicoses do sexo, as tendências inatas à delinquência, tão bem estudadas por Lombroso, os desejos extravagantes, a excentricidade, muita vez lamentável e perigosa, representam modalidades do patrimônio espiritual dos enfermos, patrimônio que ressurge, de muito longe, em virtude da ignorância ou do relaxamento voluntário da personalidade em círculos desarmônicos. Estabelecera-se, entre nós, uma pausa feliz, que aproveitei, atentamente, arregimentando raciocínios quanto ao assunto, considerando os argumentos construtivos que o assistente enunciara, em benefício de minha própria iluminação. Recordei meus escassos conhecimentos da doutrina freudiana e voltei mentalmente ao consultório, onde, muitas vezes, fora procurado por amigos atacados de estranhas e desconhecidas enfermidades mentais, a se socorrerem de minhas pobres noções de Medicina, não obstante minha carência de especialização em tal sentido. Eram maníacos, histéricos e esquizofrênicos de variados matizes, em cujos cérebros ainda existia luz bastante para a peregrinação através dos livros científicos. Havia devorado ensinamentos de Freud; entretanto, se as teorias eram valiosas pelos elementos de análise, não ofereciam socorro algum substancial e efetivo ao doente. Descobriam a ferida sem trazer um bálsamo curativo. Indicavam o quisto doloroso, mas subtraíam o bisturi da intervenção benéfica. As explicações de Barcelos, por isso mesmo, se aproveitadas por médicos cristãos na Crosta Planetária, poderiam completar o trabalho de benemerência que a tese freudiana trouxera aos círculos acadêmicos. [...]” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“As preciosas explicações que ouvira não poderiam ser mais simples, nem mais lógicas. Entretanto, perquiria a mim mesmo: o cérebro de um desencarnado seria também suscetível de adoecer? Sabia eu que a substância cinzenta, no mundo carnal, podia ser acometida pelos tumores, pelo amolecimento, pela hemorragia; mas na esfera nova, a que a morte me conduzira, que fenômenos mórbidos assediariam a mente? Calderaro registrou-me as indagações e esclareceu: – Não discutiremos aqui as moléstias físicas propriamente ditas. Quem acompanha, como nós, desde muito tempo, o ministério dos psiquiatras verdadeiramente consagrados ao bem do próximo, conhece, à saciedade, que todos os títulos de gratidão humana permanecem inexpressivos ante o apostolado de um Paul Broca, que identificou a enfermidade do centro da palavra, ou de um Wagner Jauregg, que se dedicou à cura da paralisia, em perseguição à espiroqueta da sífilis, até encontrá-lo no recesso da matéria cinzenta, perturbando as zonas motoras. Diante de fenômenos como estes, é compreensível a quebra da harmonia cerebral

em consequência de compulsoriamente se arredarem das aglutinações celulares do campo fisiológico os princípios do corpo perispiritual; essas aglutinações ficam, então, desordenadas em sua estrutura e atividades normais, qual acontece ao violino incapacitado para a execução perfeita dum trecho melódico, por trazer uma ou duas cordas desafinadas. Não devemos, nem podemos ignorar as leis que regem os domínios da forma... Daí a impossibilidade de querermos psicologia equilibrada sem fisiologia harmoniosa, na esfera da ciência humana: isto é caso pacífico. Referir-nos-emos tão só às manifestações espirituais em sua essência. Indagas se a mente desencarnada pode adoecer... Que pergunta! Cuidas que a maldade deliberada não seja moléstia da alma? Que o ódio não constitua morbo terrível? Supões, porventura, não haja vermes mentais da tristeza e da inconformação? Embora tenhamos a felicidade de agir num corpo mais sutil e mais leve, graças à natureza de nossos pensamentos e aspirações, já distantes das zonas grosseiras da vida que deixamos, não possuímos ainda o cérebro dos anjos. Constituímos incessante trabalho a conservação de nossa forma atual, a caminho de conquistas mais alcandoradas; não podemos descansar nos processos iluminativos; cumpre-nos purificar sempre, selecionar pendores e joeirar concepções, de molde a não interromper a marcha. Milhões vivem aqui, na posição em que nos achamos, mas outros milhões permanecem na carne ou em nossas linhas mais baixas de evolução, sob o guante de atroz demência. É para esses que devemos cogitar da patologia do espírito, socorrendo os mais infelizes e interferindo fraternal e indiretamente na solução de problemas escabrosos em cujos fios negros se enredam. São duendes em desespero, vítimas de si mesmos, em terrível colheita de espinhos e desilusões. O corpo perispiritual humano, vaso de nossas manifestações, é, por ora, a nossa mais alta conquista na Terra, no capítulo das formas. Para as almas esclarecidas, já iluminadas de redentora luz, representa ele uma ponte para o campo superior da vida eterna, ainda não atingido por nós mesmos; para os espíritos vulgares é a restrição indispensável e justa; para as consciências culpadas, é cadeia intraduzível, pois, além do mais, registra os erros cometidos, guardando-os com todas as particularidades vivas dos negros momentos da queda. O gênero de vida de cada um, no invólucro carnal, determina a densidade do organismo perispirítico após a perda do corpo denso. Ora, o cérebro é o instrumento que traduz a unimo-nos à luz ou à treva, ao bem ou ao mal. Percebendo a atenção com que lhe seguia os preciosos esclarecimentos, Calderaro sorriu significativamente e perguntou: – Compreendeste? Indicando os dois sofrendores, ao nosso lado, prosseguiu: – Examinamos aqui dois enfermos: um, na carne; outro, fora dela. Ambos trazem o cérebro intoxicado, sintonizando-se,

absolutamente, um com o outro. Espiritualmente, rolaram do terceiro andar, onde situamos as concepções superiores, e, entregando-se ao relaxamento da vontade, deixaram de acolher-se no segundo andar, sede do esforço próprio, perdendo valiosa oportunidade de reerguer-se; caíram, destarte, na esfera dos impulsos instintivos, onde se arquivam todas as experiências da animalidade anterior. Ambos detestam a vida, odeiam-se reciprocamente, desesperam-se, asilam ideias de tormento, de aflição, de vingança. Em suma, estão loucos, embora o mundo lhes não vislumbre o supremo desequilíbrio, que se verifica no íntimo da organização perispiritual.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 3)

“Cumpriria cientificar-me do passado espiritual das personagens implicadas no drama que se apresentava complexo e muito grave, a fim de me habilitar para uma favorável solução do mesmo. Deixei, portanto, os delinquentes sob a guarda protetora dos responsáveis, espiritualmente, pelo Centro que os hospedava, e afastei-me, tranquilo, convidando Roberto a me acompanhar num giro indispensável pelo Espaço, à procura de informações seguras e rápidas. Certamente que, para inteirar-me dos remotos contratempos que criaram o antagonismo entre os meus pupilos do momento, não seria obrigatório o recurso de varrer as ondas luminosas do éter, em busca de arquivos informativos que detalhadamente esclarecessem o de que necessitaríamos para um trabalho eficiente de reeducação dos mesmos. Tal processo, em sendo fecundo e seguro, mesmo belo, é lento e penoso, mesmo para as possibilidades de um Espírito algo esclarecido. Impõe a necessidade de técnicos selecionadores, de demarcações rítmicas das ondas da luz, casando-as com os nossos padrões vibratórios, para que o serviço da boa captação não sofra deficiências para as análises sobre os acontecimentos a serem examinados. Conforme não mais ignoram os estudiosos e pensadores do Espiritismo, as poderosas sensibilidades etéricas, as ondas luminosas disseminadas pelo Universo, o fluído universal, enfim, sede da Criação, veículo da Vida, possui a prodigiosa capacidade de fotografar e arquivar em suas indestrutíveis essências os acontecimentos desenrolados sob a luz do Sol, na Terra, ou pela vastidão do Infinito. A História da Humanidade, portanto, estaria arquivada em imagens e sons pelo infinito a fora, e, como a da Humanidade, necessariamente a história de cada individualidade, particularmente. Rever, portanto, o que passou, rebuscando imagens e cenas fotografadas nas “ambiências etéricas”, não será, para um Espírito trabalhador, tarefa muito rara, embora penosa. Comumente, esses Espíritos o realizam para estudos científicos e filosóficos, lições profundas e muito eruditas para as almas fortes que se dedicam a cursos elevados na vida espiritual, para análises magníficas, que somente ao mundo invisível interessam, por enquanto. Para o caso de Leonel, no entanto, seria dispensável

tal recurso, visto que poderíamos contar com outros processos mais fáceis, igualmente seguros. Poderíamos, por exemplo, extrair dos arquivos mentais do próprio Leonel, em operação psíquica melindrosa, o seu passado reencarnatório, particularizando episódios em que se visse em relações com aqueles que, no momento, eram os seus obsessores. Poderíamos tentar as mesmas informações com os seus quatro perseguidores, obrigando-os a um retrocesso parcial ao pretérito para extrair da sua memória, ou consciência (arquivos mentais do perispírito), as recordações informativas, exatas, uma vez que, na precária situação em que se achavam, não lograriam energias para evocarem voluntariamente esse passado, com as minúcias de que precisaríamos. [...]” (BM, *Dramas da obsessão*, Segunda parte, Capítulo 1)

“O sábio mentor acercou-se de Angélica e tocou-lhe o centro cerebral, que ao contato da mão poderosa se impregnou de coloração específica, passando a vibrar singularmente. Aplicou o mesmo recurso ao centro coronário, e logo após ao genésico. Ativados habilmente, filamentos coloridos acionados por energia especial passaram a vitalizar os demais que se acenderam, como lâmpadas mágicas, nas quais tonalidades variadas oscilavam em caleidoscópio, circulando e vibrando numa irrigação por toda a aparelhagem fisiológica, agora luminosa aos nossos olhos, como se as artérias, veias e vasos estivessem percorridos por desconhecido gás néon, que se exteriorizava em todas as direções. Nos núcleos de força perispiritual, mais intensas eram as cores em círculos concêntricos, sucessivos... A paciente agitou-se mais fortemente por um momento, sem despertar, e, logo após, acalmou-se. Quando o Instrutor desfez o circuito provocado pela sua energia através do centro coronário, passaram a diminuir as fulgurações, que se reduziram consideravelmente, permanecendo debilmente lampejantes. “A histeria” — tornou à consideração — “já era conhecida desde remota antiguidade. Fenômenos psíquicos, por ignorados, muitas vezes foram com ela confundidos, como reciprocamente ocorria. Na Idade Média, graças às superstições engendradas pela ignorância e mantidas pela intolerância, a histeria alcançou o seu período áureo, particularmente quando das ocorrências das “possessões espirituais coletivas” que tomavam de assalto cidades, regiões, monastérios, do que decorreram as hoje clássicas demonopatias rudemente punidas pela Igreja, mediante aplicação de métodos nefandos.” “Tais crises psíquicas repetiram-se, posteriormente, durante o chamado período romântico no século XIX... “A João Martinho Charcot, o célebre anatomopatologista do sistema nervoso, que se dedicou às questões das psiconeuroses dentre outras, a histeria tornou à celebridade nas aulas por ele ministradas na Salpêtrière, entre 1873 e 1884, onde era médico desde onze anos antes. “Desdobrando-lhe as pesquisas, o

prof. Pedro Janet facultou-se transferir para a histeria um sem-número de síndromes nervosas, descobrindo o subconsciente através do qual procura negar toda a fenomenologia mediúnica. “A atitude extremista do respeitável estudioso em torno de tão grave problema fez que a sua teoria pecasse pelos absurdos, hoje reaparecendo em muitos aspectos comprovadamente ultrapassada. “Por muito tempo acreditou-se que a histeria estava vinculada exclusivamente às questões uterinas, o que a tomava imoral e pecaminosa, no que Freud, ao conceber as bases da Psicanálise, discordou frontalmente, através de bem fundamentadas razões, constatando estados histéricos, também, nos homens. “Identificando a região do polígono cerebral de Wundt e Charcot como a sede do subconsciente, Janet, e mais tarde Grasset, desenvolveu a estranha tese com que esgrimiu cegamente contra a mediunidade, desde 1889 quando apresentou o resultado dos seus estudos na Obra intitulada “L’Automatisme Psychologique” (Vide o Capítulo 4 de “Nos Bastidores da Obsessão”, Edição FEB, 1970. Nota do Autor espiritual). “O debate em torno do subconsciente desde então vem sendo grande, hoje ressurgindo sob a designação de hiperestesia indireta do Inconsciente entre os modernos adeptos da Parapsicologia, partidária da psicologia sem alma. “Não nos cabe dúvida quanto à fragilidade de tal enunciado, desde que nos constituímos evidência da sobrevivência ao túmulo e do intercâmbio entre as duas esferas de atividade: a espiritual e a material. “Não negamos as possibilidades do subconsciente, aliás estudadas pelo Codificador do Espiritismo, que merece, todavia, mais detida análise.” Como desejando ser mais explícito, prosseguiu: — Angélica vem de um passado moral pouco recomendável. Jovem e atraente, aos primeiros dias do século atual, consorciou-se por imposição paterna com um homem a quem não amava, mais idoso, do que ela, o que lhe constituiu, a princípio, inominável martírio. “Seu consorte, impossibilitado para o matrimônio, confidenciou-lhe o problema que o afligia, prometendo-lhe regular liberdade, desde que se mantivessem as conveniências sociais para ele relevantes. Tal conjuntura afetiva constituía já uma medida coercitiva de que se utilizava a Vida a fim de discipliná-los corretamente... Deveria, portanto, ter aproveitado a oportunidade, mediante a austeridade moral que a guindaria a relevante posição espiritual. Isto, porém, não se deu. Acobertada pelo esposo insensato e leviano, tombou em quedas sucessivas, ocultando os frutos das dissipações por meio de infanticídios impiedosos que se repetiram por quatro vezes consecutivas, no último dos quais logrou ser expulsa do corpo, através de hemorragia violenta... “Ao despertar no Além reencontrou aqueles que impedira de renascer, passando a sofrer-lhes acrimônias, injúrias e rudes perseguições. “Infelizmente, conduta que

tal ainda hoje é corrente: apagar o erro por meio de maior crime, isto é: ocultar o ultraje moral, incidindo no aborto delituoso, destruindo quem não tem culpa da leviandade. “A Lei, porém, sempre chama a necessárias contas todos os seus arbitrários desrespeitados, como estamos verificando. “Ao reencarnar-se, o Espírito culpado, através de processo muito complexo, fixou no centro coronário, onde se situa a epífise, a veladora da sexualidade, os abusos anteriormente cometidos, que foram sendo revelados, à medida que a puberdade ativava o centro genésico, produzindo-lhe o estado atual, e, simultaneamente, fazendo que a memória dos sucessos infelizes comesse a trasladar-se do inconsciente profundo para o consciente atual, em forma de tormentosas crises evocativas das sensações experimentadas nas pavorosas regiões de dor donde proveio... “O Inconsciente possui, portanto, fatores preponderantes, não, porém, exclusivamente desta encarnação conforme desejam os estudiosos materialistas, que apenas percebem os efeitos sem aprofundarem as causas... — E será ela uma obsidiada — aventei — no sentido lato da palavra? — Sim — concordou. — Aqui, porém, a obsessão é efeito, contingência natural da sintonia da mente endividada com as mentes das suas vítimas. Nela mesma, na paciente, nas zonas fisiológicas estão as distonias psicofísicas já instaladas pela consciência culpada, em forma de sintomas vários e desconexos que, no caso, lhe constituem a histeria. O Benfeitor aplicou-lhe recursos próprios, através de passes especiais, enquanto nos quedamos a meditar, procurando melhor entender as sutis vinculações causa-efeito, na histeria e na obsessão, na loucura e na possessão.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 12)

“Intrigava-me, no entanto, como fora possível penetrar com tal segurança nos meandros complexos daquela vida, elucidando com facilidade e clareza as causas geradoras da questão. Dr. Bezerra, percebendo-me as interrogações, discretas e silenciosas, acudiu-me com presteza: — Cada Espírito é um arquivo vivo de si mesmo. Todas as suas trajetórias, desde as mais recuadas, nele se encontram gravadas, podendo ser penetradas quando as circunstâncias o permitem e por quem esteja habilitado a fazê-lo. Assim como existem Centros de Computação que reúnem, em nossa Zona de ação, as informações sobre todos, em departamentos especiais, em cada ser se encontram os registros das suas ações, do seu processo de evolução. A aparente dificuldade de lê-los é dependente dos recursos de penetração de quem se candidata à operação. Nossa irmã, entretanto, habilitada pelos diversos anos de adestramento e em face das suas conquistas morais, dispõe de clareza e percepção psíquica para o mister com relativa facilidade. O homem é, desse modo, o espelho que lhe reflete a história, somente visível para quem dispõe de óptica especial e profunda. Indaguei, então: — E os erros, quando corrigidos, não

ficam eliminados do histórico das vidas? — Eliminados, não — aclarou, paciente —, corrigidos, pois que o erro pode ser considerado como sendo uma ação de resultados perturbadores e não um mal, conforme a deturpada visão teológica, que lhe dá uma perenidade que sequer a punição eterna consegue eliminar. Tomemos o exemplo do computador: qualquer dado que seja enviado à memória, ali, fica gravado, mesmo que outras informações adicionais sejam remetidas, anulando-lhe a validade. Corrige-se a anotação, sem que se elimine o dado inicial, que deve permanecer para futuros confrontos e aclaramentos que se façam necessários. Do mesmo modo, no atual estágio de evolução do homem, o perispírito é-lhe o computador, muito mais sofisticado do que se imagina, guardando-lhe toda a história evolutiva até que se alterem os mecanismos e processos de captação, em faixas mais elevadas da vida. Anuí de boa mente com a elucidação, perfeitamente lógica.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 7)

“A vivência do conhecimento é de suma importância para a real aquisição dos valores iluminativos que enobrecem o Espírito. Em razão disso, por mais respeitável seja o teórico, os seus conceitos, não experimentados na prática, tomam-se adorno intelectual para a própria vaidade, sem que se revelem úteis para quem padeça urgente necessidade de recurso que solucione os desafios à frente. O universo de cada ser humano prossegue vasto, para ser adentrado mesmo que pelos profissionais das “Ciências da alma”. Conduzindo, cada qual, a soma das experiências transatas, que respondem pelos fenômenos e episódios atuais, a identificação das causas exige, além da habilidade do terapeuta, um seguro conhecimento da reencarnação, a fim de penetrar-se com equilíbrio nesse cosmo, e, sem violência, auxiliar o paciente a deslindar-se das constrições a que se encontra atado. Certamente, porque identificando o homem na sua realidade integral, Jesus afirmava que nós julgamos “segundo a carne”, a aparência, enquanto Ele, que conhecia o ser no seu conjunto total, a “ninguém julgava”. Ocorrências de hoje procedem dos fatores ocultos no ontem, que desencadearam as reações só agora aparecidas. Ansiedades e frustrações, afetos e animosidades, calma e pavor, confiança e suspeita, inquietação e segurança, que se manifestam no comportamento do indivíduo, têm a sua gênese, às vezes, na atual existência; sem dúvida, todavia, na sua quase totalidade, são efeitos das ocorrências pretéritas, que o tempo arquivou na memória perispiritual, mas não consumiu. São semelhantes às ramas verdejantes que surgem à flor do solo, presas a tubérculos volumosos, que crescem e se desenvolvem ocultos, nas camadas inferiores da terra, e cuja vida aumenta, enquanto cessa a que permanece na superfície. No inconsciente, é certo, jazem muitos fatores que desencadeiam os episódios desconcertantes, decorrentes das vivências anteriores

que o Espírito conheceu e registrou na memória extracerebral. Na área moral, são idênticos os acontecimentos: conforme a conduta numa fase, cada qual avança para os resultados que se manifestarão noutra.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 22)

“**A REENCARNAÇÃO.** [...] A introdução do conceito reencarnacionista na Psicologia dá-lhe dimensão invulgar, esclarecimento das dificuldades na argumentação em torno do Inconsciente, dos arquétipos, individual e coletivo, estudando o homem em toda a sua complexidade profunda e, mediante a identificação do seu passado, facultando-lhe o descobrimento e utilização das suas possibilidades, do seu vir-a-ser. Nos alicerces do Inconsciente profundo encontram-se os extratos das memórias pretéritas, ditando comportamentos atuais, que somente uma análise regressiva consegue detectar, eliminando os conteúdos perturbadores, que respondem por várias alienações mentais. No capítulo dos impulsos e compulsões psicológicas, o passado espiritual exerce uma predominância irrefreável, que leva aos grandes rasgos do devotamento e da abnegação, quanto à delinquência, à agressividade, à multiplicidade de personificações parasitárias, mesmo excluindo-se a hipótese das obsessões. Na imensa panorâmica dos distúrbios mentais, especialmente nas esquizofrenias, destacam-se as interferências constritoras dos desencarnados que se estribam nas leis da cobrança pessoal, certamente injustificáveis, para desforçar-se dos sofrimentos que lhes foram anteriormente infligidos, em outras existências, pelas vítimas atuais. Diante das ocorrências do déjà-vu, os remanescentes reencarnacionistas estabelecem parâmetros sutis de lembranças que retornam à consciência atual como lampejos e clichês de evocações, ressumando dos conteúdos da inconsciência — ou da memória extracerebral, do perispírito — oferecendo possibilidades de identificação de pessoas, acontecimentos, lugares e narrativas já vividos, já conhecidos, antes experimentados... Desfilam, então, os fenômenos psicológicos das simpatias e das antipatias, dos amores alucinantes e dos ódios devoradores, que ressurgem dos arquivos da memória anterior ante o estímulo externo de qualquer natureza, que os desencadeiam, tais: um encontro ou reencontro; uma associação de ideias — a atual revelando a passada — uma dissensão ou um diálogo; qualquer elemento que constitua ponte de ligação entre o hoje e o ontem. Excetuando-se os conflitos que têm sua psicogênese na vida atual, a expressiva maioria deles procede das jornadas infelizes do ser eterno, herdeiro de si mesmo, que transfere as fobias, insatisfações, consciência de culpa, complexos, dramas pessoais, de uma para outra reencarnação através de automatismos psicológicos, responsáveis pelo equilíbrio das Leis que governam a Vida.” (JA, *O homem integral*, Nona parte, Capítulo 39)

III.5. Purificação do perispírito pela depuração dos pensamentos e sentimentos (evolução espiritual ou ética-moral)

“ANTE O INFINITO. Amadurecida a compreensão na maioridade mental, percebe o homem a sua própria pequenez, à frente do Infinito. Reconhece que a vida divina palpita soberana, desde os princípios magnéticos do mundo subatômico até as mais remotas constelações. Observa que o planeta, grande e sublime pelas oportunidades de elevação que nos oferece, é simples grão de areia, quando comparado ao imenso universo. Cercado por sóis e mundos incontáveis, ergue-se, dentro de si mesmo, para indagar quanto aos problemas da morte, do destino, da dor... Suas perguntas silenciosas atravessam o Espaço incomensurável, em busca das eternas revelações... Para o coração alimentado pela fé e elevado à glória do ideal superior, o Espiritismo com Jesus traz a sua mensagem iluminada de esperança. Interrogando o infinito, que se estende triunfante, no Espaço e no Tempo, os homens ouvem a palavra dos vivos que os antecederam, na grande viagem do túmulo, afirmando com imponente beleza: - Irmãos, a vida não cessa!... Tudo é renovação e eternidade. Tanto quanto as leis cósmicas nos governam a experiência física, indefectíveis leis morais nos dirigem o espírito. Abstende-vos do mal. Os compromissos da alma com os planos inferiores constituem aumento de densidade em seu veículo de manifestação. Nosso corpo espiritual, em qualquer parte, refletirá a luz ou a treva, o céu ou o inferno que trazemos em nós mesmos. Cultivai a fraternidade e o bem, porque, hoje e amanhã, colheremos da própria sementeira. Além das fronteiras de sombra e cinza, onde se esfriam e se desintegram os derradeiros farrapos da carne, a vida continua impondo-nos o resultado de nossas próprias ações. Amai o trabalho e engrandecei-o! É por ele que a civilização se levanta, que a educação se realiza e que a nossa felicidade se perpetua. Na Pátria das Almas, chora amargamente o espírito que lhe esqueceu a riqueza oculta, olvidando que somente pelo serviço conseguimos desenvolver as nossas possibilidades de crescimento interior para a imortalidade. Aceitai o ato de servir e ajudar, não como castigo, mas sim como preciosa honra que o Divino Poder nos confere. Não vos inquietem no mundo o orgulho coroado de louros e o vício com a iniquidade, aparentemente vitoriosos!... A Justiça reina, imperecível. Quem humilha os outros será humilhado pela própria consciência e o instituto universal das reencarnações funciona igualmente para todos, premiando os justos e corrigindo os culpados. Cada falta exige reparação. Cada desequilíbrio reclama reajuste. Os padecimentos coletivos da sociedade humana constituem a redenção

de séculos ensanguentados pela guerra e pela violência. As aflições individuais são remédios proveitosos à cura e refazimento das almas. Anexai os desejos do reino de vosso “eu” aos sábios desígnios do Reino de Deus. O egoísmo e a vaidade nos encarceram na lama da Terra. Lede as páginas vivas da Natureza e buscai a vida sã e pura, usando a boa vontade para com todos. Simplificai vossos hábitos e reduzi as vossas necessidades. Tende confiança, sede benevolentes, instruí-vos, amai e esperai!... Crescei no conhecimento e na virtude para serdes mais fortes e mais úteis. Além dos horizontes que o nosso olhar pode abranger, outros mundos e outras humanidades evoluem no rumo da perfeição!... Todos somos irmãos, filhos de um só Pai, que nos aguarda sempre, de braços abertos, para a suprema felicidade no eterno bem!... E, ouvindo os sagrados apelos de Cima, o coração que desperta para a vida superior compreende, enfim, que Deus é a Verdade Soberana, que o trabalho é a nossa bênção, que o amor e a sabedoria representam a nossa destinação e que a alma é imortal.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 40)

“Gúbio sorriu e considerou: – Sabes, assim, que o vaso perispirítico é também transformável e perecível, embora estruturado em tipo de matéria mais rarefeita. – Sim... – acrescentei, reticencioso, em minha sede de saber. – “Viste companheiros – prosseguiu o orientador –, que se desfizeram dele, rumo a esferas sublimes, cuja grandeza por enquanto não nos é dado sondar, e observaste irmãos que se submeteram a operações redutivas e desintegradoras dos elementos perispiríticos para renascerem na carne terrestre. Os primeiros são servidores enobrecidos e gloriosos, no dever bem cumprido, enquanto que os segundos são colegas nossos, que já merecem a reencarnação trabalhada por valores intercessores, mas, tanto quanto ocorre aos companheiros respeitáveis desses dois tipos, os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual. “Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que por muitos anos elegeram em centro de interesses fundamentais. Grande número, nessas circunstâncias, mormente os participantes de condenáveis delitos, imantam-se aos que se lhes associaram nos crimes. Se o discípulo de Jesus se mantém ligado a Ele, através de imponderáveis fios de amor, inspiração e reconhecimento, os pupilos do ódio e da perversidade se demoram unidos, sob a orientação das inteligências que os entrelaçam na rede do mal. Enriquecer a mente de conhecimentos novos, aperfeiçoar-lhe as faculdades de expressão, purificá-la nas correntes iluminativas do bem e engrandecê-la com a incorporação definitiva de princípios nobres é desenvolver nosso corpo glorioso, na expressão do apóstolo Paulo, estruturando-o em matéria sublimada e divina. Essa matéria, André, é o tipo de

veículo a que aspiramos, ao nos referirmos à vida que nos é superior. Estamos ainda presos às aglutinações celulares dos elementos físico-perispiríticos, tanto quanto a tartaruga permanece algemada à carapaça. Imergimo-nos dentro dos fluidos carnis e deles nos libertamos, em vicioso vaivém, através de existências numerosas, até que acordemos a vida mental para expressões santificadoras. “Somos quais arbustos do solo planetário. Nossas raízes emocionais se mergulham mais ou menos profundamente nos círculos da animalidade primitiva. Vem a foice da morte e sega-nos os ramos dos desejos terrenos; todavia, nossos vínculos guardam extrema vitalidade nas camadas inferiores e renascemos entre aqueles mesmos que se converteram em nossos associados de longas eras, através de lutas vividas em comum, e aos quais nos agrilhoamos pela comunhão de interesses da linha evolutiva em que nos encontramos.” As elucidações eram belas e novas aos meus ouvidos e, em razão disso, calei as interrogações que me vagueavam no íntimo, para atenciosamente registrar as considerações do instrutor, que prosseguiu: – A vida física é puro estágio educativo, dentro da eternidade, e a ela ninguém é chamado a fim de candidatar-se a paraísos de favor e, sim, à moldagem viva do céu no santuário do Espírito, pelo máximo aproveitamento das oportunidades recebidas no aprimoramento de nossos valores mentais, com o desabrochar e evoluir das sementes divinas que trazemos conosco. O trabalho incessante para o bem, a elevação de motivos na experiência transitória, a disciplina dos impulsos pessoais, com amplo curso às manifestações mais nobres do sentimento, o esforço perseverante no infinito bem, constituem as vias de crescimento mental, com aquisição de luz para a vida imperecível. Cada criatura nasce na Crosta da Terra para enriquecer-se através do serviço à coletividade. Sacrificar-se é superar-se, conquistando a vida maior. Por isto mesmo, o Cristo asseverou que o maior no Reino Celeste é aquele que se converter em servo de todos. Um homem poderá ser temido e respeitado no Planeta pelos títulos que adquiriu à convenção humana, mas se não progrediu no domínio das ideias, melhorando-se e aperfeiçoando-se, guarda consigo mente estreita e enfermiza. Em suma, ir à matéria física e dela regressar ao campo de trabalho em que nos achamos presentemente, é submetermo-nos a profundos choques biológicos, destinados à expansão dos elementos divinos que nos integrarão, um dia, a forma gloriosa.” (AL, *Libertação*, Capítulo 6)

“Em seguida, Clarêncio deteve-se na contemplação do velhinho que repousava e continuou comentando, mais particularmente com Hilário: – Conforme a vida de nossa mente, assim vive nosso corpo espiritual. Nosso amigo entregou-se, demasiado às criações interiores do tédio, ódio, desencanto, aflição e condensou semelhantes forças em si mesmo, coagulando-as desse modo, no veículo

que lhe serve às manifestações. Daí esse aspecto escuro e pastoso que apresenta. Nossas obras ficam conosco. Somos herdeiros de nós mesmos. – Mas... e se nosso irmão trabalhasse? Se depois da morte procurasse conjugar o verbo servir? – Inquiriu meu colega, preocupado – Ah! Indiscutivelmente o trabalho renova qualquer posição mental. Gerando novos motivos de elevação e novos fatores de auxílio, o serviço estabelece caminhos outros que realmente funcionam como recursos de libertação. Por isso mesmo, o constante apelo do Senhor à ação e à fraternidade se estende, junto de nós, diariamente através de mil modos... Todavia, quando não nos devotamos ao trabalho, enquanto nos demoramos na vestimenta terrestre, mais difícil se faz para nós a superação dos obstáculos mentais, porque a indolência trazida do mundo é tóxico cristalizante de nossas ideias, fixando-as, por vezes, durante tempo indefinível. Se pretendemos possuir um psicossoma sutilizado capaz de reter a luz dos nossos melhores ideais, é imprescindível descondensá-lo pela sublimação incessante de nossa mente, que precisará, então, centralizar-se no esforço infatigável do bem. É para esse fim que o Pai Celestial nos concede a dor e a luta, a provação e o sofrimento, únicos elementos reparadores, suscetíveis de produzir em nós o reajuste necessário, quando nos pomos em desacordo com a Lei.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 12)

“**PERISPÍRITO.** [...] MORAL E PERISPÍRITO - Refletindo o pretérito do homem, na forma de tendências no presente, liberta-se das fixações negativas ou as avoluma, consoante a direção, que ao Espírito aprouver aplicar, dos recursos natos. Toda experiência venal brutaliza-o, desequilibrando-lhe os centros vitais que, posteriormente, responderão com distonias e desordens variadas, em forma de enfermidades insolúveis. As ações de enobrecimento e os pensamentos superiores, quando cultivados, oferecem-lhe potencialidades elevadas, que libertam das paixões, com conseqüente sublimação dos sentimentos que exornam o Espírito. Não foi por outra razão que o Mestre recomendou cuidado em relação aos escândalos, às agressões mentais, morais e físicas, considerando melhor o homem entrar na Vida sem o membro escandaloso, do que com ele, como a afirmar que melhor é ser vítima do que fator de qualquer desgraça. Possui todo Espírito os inestimáveis recursos para a felicidade como para a desdita, competindo-lhe moralizar-se, disciplinar-se, elevar-se, a fim de ascender à pureza, após a libertação das mazelas de que se impregnou. [...]” (JA, *Estudos espíritos*, Capítulo 4)

“**A REENCARNAÇÃO.** Destituída de finalidade seria a vida que se diluísse na tumba, como efeito do fenômeno da morte. Diante de todas as transformações que se operam nos campos da realidade objetiva, como das alterações que se processam na área da energia, seria utópico pensar-se que a fatalidade do existir é o aniquilamento. Embora as disjunções moleculares e as

modificações na forma, tudo se apresenta em contínuo vir-a-ser, num intérimo desintegrar-se — reintegrando-se —, que oferece, à Vida, um sentido de eternidade, além e antes do tempo, conforme as limitadas dimensões que lhe conferimos. Nesse sentido, especificamente, o complexo humano apresenta-se através de faixas de movimentação instável, qual ocorre com o corpo; em mecanismos de sutilização, o perispírito; e de aprimoramento, quando se trata do Espírito, este último, aliás, inquestionavelmente imortal. A aquisição da consciência é o resultado de um processo incessante, através do qual o psiquismo se agiganta desde o sono, na força aglutinadora das moléculas, no mineral; à sensibilidade, no vegetal; ao instinto, no animal; e à inteligência, à razão, no homem. Nesta jornada automática, funcionam as inapeláveis Leis da Evolução, em a Natureza, defluentes da Criação. Chegando ao patamar humano, esse psiquismo, de início rudimentarmente pensante, atravessa inúmeras experiências pessoais, que o tornam herdeiro de si mesmo, em um encadeamento de aprendizagens pelo mergulho no corpo e abandono dele, toda vez que se rompem os liames que retêm a individualidade. Este processo de renascimentos, que os gregos denominavam de palingénésico, constitui um avançado sistema de crescimento intelecto-moral, fomentador da felicidade. Graças a ele, a existência humana se reveste de dignidade e de relevantes objetivos que não podem ser interrompidos. Toda vez que surge um impedimento, que se opera um transtorno ou sucede uma aparente cessação, a oportunidade ressurgente e o recomeço se estabelece, facultando ao aprendiz o crescimento que parecia terminado. Face a este mecanismo, os fenômenos psicológicos apresentam-se em encadeamentos naturais, e elucidam-se inumeráveis patologias psíquicas e físicas, distúrbios de comportamento, diferenças emocionais, intelectuais e variados acontecimentos, nas áreas sociológica, econômica, antropológica, ética, etc. O processamento da aquisição intelectual faz-se ao largo das experiências de aprendizagem, mediante as quais o Eu consciente adiciona conteúdos culturais, ao mesmo tempo que desenvolve as aptidões jacentes,

para as diversas categorias da técnica, da arte, da ética, num incessante aprimoramento de valores. A anterioridade do Espírito ao corpo, brinda-lhe maior soma de conhecimentos do que os apresentados pelos principiantes no desiderato físico. A genialidade de que uns indivíduos são portadores, em detrimento dos limites que se fazem presentes em outros seres do mesmo gene, demonstra que os psiquismos aí expressos diferem em capacidade e lucidez. Embora herdeiro dos caracteres da raça — aparência, morfologia, cabelos, olhos, etc. —, os valores psicológicos, intelecto-morais não são transmissíveis pelos genes e cromossomos, antes, são atributos da individualidade eterna, que transfere de uma para outra existência corporal o somatório das suas conquistas salutares ou perturbadoras. Não há como negar-se a influência genética na evolução do ser, os impositivos do meio, dos costumes e dos hábitos, entretanto, impende observar que o corpo reproduz o corpo, não a mente, a consciência, que só o Espírito exterioriza. [...]” (JA, *O homem integral*, Nona parte, Capítulo 39)

III.6. O perispírito modela e comanda o corpo físico^{22,23,24}

“**O CORPO ESPIRITUAL.** De todos os fenômenos da vida, os que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e desassimilação; todavia, os que afetam mais particularmente a percepção do homem não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações e apenas fazeis geralmente uma ideia da vida por intermédio desses movimentos destruidores. **A VIDA CORPORAL – EXPRESSÃO DA MORTE.** Quando, no homem ou nos irracionais, um gesto se opera, a Natureza determina o desaparecimento de certa percentagem de substância da economia vital; quando a sensibilidade se exterioriza e os pensamentos se manifestam, eis que

²² Vide Subcapítulo I.6 (“O corpo físico é controlado pela mente (psicossomatismo)”), Capítulo I (“Corpo material ou físico”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sútis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

²³ Vide Subcapítulo IV.6 (“O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sútis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

²⁴ Vide Subcapítulo VI.3 (“Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais. A vida corporal é bem a expressão da morte, através da qual efetuam as vossas observações e os vossos estudos. Não dispões, dentro da exiguidade dos vossos sentidos, senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital, dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat. A vida, em suas causalidades profundas, escapa aos vossos escalpelos e apenas o embriologista observa, no silêncio da penumbra, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas. **INACESSÍVEL AOS PROCESSOS DA INDAGAÇÃO CIENTÍFICA.** Segundo os dados da vossa fisiologia, a célula primitiva é comum a todos os seres vertebrados e espanta ao embriologista a lei organogênica que estabelece a ideia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoide ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma; nos domínios da vida, essa ideia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos vossos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização, e sob cuja influência se efetuam todos os fenômenos endosmóticos. O organismo fluídico, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplasmáticas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo por átomo, à matéria do germe e dirigindo-a segundo a sua natureza particular. **RESPONDENDO ÀS OBJEÇÕES.** Algumas objeções científicas têm sido apresentadas à teoria irrefutável do corpo espiritual preexistente, destacando-se entre elas, por mais digna de exame, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos de reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdaram, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente. De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana das gêmulas, corpúsculos infinitesimais que se transmitem pela vida seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária disposição de todas as moléculas do corpo, as quais se reproduzem dentro de cada espécie. A maioria das moléstias, inclusive a dipsomania, é transmissível; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como

um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe discutir neste estudo. Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica. Reconhecendo-se, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação, representando cada ser o organismo que provém por filiação, afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto, espiritualmente, temos a considerar, apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental. **ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO.** De todas as funções gerais que caracterizam os seres vivos, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica. Essa força é o que denominamos princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte de energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas. Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos. **O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA.** O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria. **O PRODIGIOSO ALQUIMISTA.** Todas as células orgânicas renovam-se incessantemente; e como

poderia a criatura conhecer-se entre essas continuadas transsubstanciações? Para que se manifeste o pensamento – que desconhece as glândulas que o segregam, porquanto constitui a vibração do corpo espiritual dentro de sua profunda consciência – quantas células se consomem e se queimam? O cérebro assemelha-se a complicado laboratório onde o espírito, prodigioso alquimista, efetua inimagináveis associações atômicas e moleculares, necessárias às exteriorizações inteligentes. É ainda, pois, ao corpo espiritual que se deve a maravilha da memória, misteriosa chapa fotográfica, onde tudo se grava, sem que os menores coloridos das imagens se confundam entre si. **ALMA E CORPO.** Tem-se procurado explicar, pela prática dos neurologistas, toda a classe de fenômenos intelectuais, através das ações combinadas do sistema nervoso; e, de fato, a Ciência atingiu certezas irrefutáveis, como, por exemplo, a de que uma lesão orgânica faz cessar a manifestação que lhe corresponde e que a destruição de uma rede nervosa faz desaparecer uma faculdade. Semelhante asserto, porém, não afasta a verdade da influência de ordem espiritual e invisível, porque se faz mister compreender, não a alma insulada do corpo, mas ligada a esse corpo, o qual representa a sua forma objetivada, com um aglomerado de matérias imprescindíveis à sua condição de tangibilidade, animadas pela sua vontade e por seus atributos imortais. Algumas escolas filosóficas fizeram da alma uma abstração, mas a psicologia moderna restabeleceu a verdade, unindo os elementos psíquicos aos materiais, reconhecendo no corpo a representação da alma, representação material necessária, segundo as leis físicas imperantes na Terra, as quais colocaram no sensorio o limite das percepções humanas, que são exíguas em relação ao número ilimitado das vibrações da vida, que para elas se conservam inapreensíveis. É, pois, o corpo espiritual a alma fisiológica, assimilando a matéria ao seu molde, à sua estrutura, a fim de materializar-se no mundo palpável. Sem ele, a fecundação constaria de uma composição amorfa e todas as manifestações inteligentes e sábias da Natureza, que para todos nós devem significar a expressão da vontade divina, constituiriam uma série de atos irregulares e incompreensíveis, sem objetivo determinado. **A EVOLUÇÃO INFINITA.** E como se tem operado a evolução do corpo espiritual? Remontai ao caos telúrico do vosso Globo nas épocas primárias. Cessadas as perturbações geológicas, estabelecido o repouso em algumas grandes extensões de matéria resfriada, eis que, entre as forças cósmicas associadas, aparece o primeiro rudimento de vida organizada – o protoplasma. Eis que os séculos se escoam... eis as amebas, os zoófilos, os seres monstruosos das profundidades submarinas...Recapitulemos os milênios passados e acharemos a nossa própria história; a individualidade, o nosso “ego” constitui o nosso maior

triumfo. E, chegados ao raciocínio e ao sentimento da Humanidade, através de vidas inumeráveis, teremos atingido o zênite da nossa evolução anímica? Não. Se nos achamos acima dos nossos semelhantes inferiores – os irracionais -, acima de nós se encontram os seres superiores da espiritualidade, que se hierarquizam ao infinito e cuja perfeição nos compete alcançar.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXIV)

“O Ministro não se fez rogado e explicou: – O psicossoma [Do grego: psyké, alma, espírito, e soma, corpo. (Nota da Editora)] ou o perispírito da definição espírita não é idêntico de maneira absoluta em todos nós, assim como, na realidade, não existem dois corpos físicos totalmente iguais. Cada criatura vive num carro celular diferente, apesar das peças semelhantes, impostas pela lei das formas. No círculo de matéria densa, sofre a alma encarnada os efeitos da herança recolhida dos pais, entretanto, na essência, a lei da herança funciona invariavelmente do indivíduo para ele mesmo. Detemos tão somente o que seja exclusivamente nosso ou aquilo que buscamos. [...] E, imprimindo grave entono à voz, ponderou: – A hereditariedade é dirigida por princípios de natureza espiritual.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 12)

“O organismo materno assemelhava-se a um alambique destinado a sutilar as energias do reencarnante para restituí-las, decerto, a ele mesmo, na formação do novo envoltório. Registrando-nos o assombro, o instrutor explicou com a sua habitual gentileza: – A reencarnação, tanto quanto a desencarnação, é um choque biológico dos mais apreciáveis. Unido à matriz geradora do santuário materno, em busca de nova forma, o perispírito sofre a influência de fortes correntes eletromagnéticas, que lhe impõem a redução automática. Constituído à base de princípios químicos semelhantes, em suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras, quando ligado ao centro genésico feminino experimenta expressiva contração, à maneira do indumento de carne sob carga elétrica de elevado poder. Observa-se, então, a redução volumétrica do veículo sutil pela diminuição dos espaços intermoleculares. Toda matéria que não serve ao trabalho fundamental de refundição da forma é devolvida ao plano etéreo, oferecendo-nos o perispírito esse aspecto de desgaste ou de maior fluidez. – Quer dizer então... – aventurou Hilário, em sua curiosidade construtiva. – Quero dizer que os princípios organogênicos essenciais do perispírito de Júlio já se encontram reduzidos na intimidade do altar materno e, à maneira de um ímã, vão aglutinando sobre si os recursos de formação do novo vestuário de carne que lhe será o vaso próximo de manifestação. – E a forma a rarefazer-se sob nossos olhos? – inquiriu meu colega, espantado. – Está em ativo processo de dissolução. E, com a

bela serenidade que lhe assinala o espírito, continuou elucidando: – Também o corpo físico parece dormir na desencarnação, quando, na realidade, começa a restituir as unidades químicas que o compõem à Natureza que lhes emprestou a título precário, apenas com a diferença de que a alma desencarnada, ainda mesmo quando em deploráveis condições de sofrimento e inferioridade, avança para a libertação relativa, ao passo que, em nos reencarnando, sofremos o processo de volta às teias da matéria densa, não obstante orientados por nobres objetivos de evolução. É por isso que, conduzidos à reconstituição orgânica, revivemos, nos primeiros tempos da organização fetal, embora apressadamente, todo o nosso pretérito biológico. Cada ser que retoma o envoltório físico revive, automaticamente, na reconstrução da forma em que se exprimirá na Terra, todo o passado que lhe diz respeito, estacionando na mais alta configuração típica que já conquistou, para o trabalho que lhe compete, de acordo com o degrau evolutivo em que se encontra.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 29)

“**CORPO ESPIRITUAL.** [...] **Centros vitais.** Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer. Nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica. É assim que, regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena, nele identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundinas de uma usina respondem ao comando da peça motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las. Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo,

desde os neurônios sensitivos até as células efetoras; o centro laríngeo, controlando notadamente a respiração e a fonação; o centro cardíaco, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base; o centro esplênico, determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo; o centro gástrico, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização; e o centro genésico, guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.

Centro coronário. Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas. Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, ideias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino. **Estrutura mental das células.** É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmos-nos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluidos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretecidos na essência da matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito. **Centros vitais e células.** São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos

que nos constituem o cosmo vivo de manifestação. Essas células que obedecem às ordens do Espírito, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, procedem do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações protoplásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras. Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas, na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exoneração excretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça, encontrando, porém, esse clima, que lhes é indispensável, na estrutura aquosa de nossa constituição fisiopsicossomática, a expressar-se nos líquidos extracelulares, formados pelo líquido intersticial e pelo plasma sanguíneo. **Exteriorização dos centros vitais.** Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo físico vulgar, reconheceremos facilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“LINHAS MORFOLÓGICAS DOS DESENCARNADOS. – A que diretrizes obedecem as entidades desencarnadas para se apresentarem morfologicamente? – As linhas morfológicas das entidades desencarnadas, no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados. A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas. Fácil observar, assim, que a desencarnação libera todos os Espíritos de feição masculina ou feminina

que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo a prova necessária ou a tarefa específica porquanto, fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem. [Devemos esclarecer que essas ocorrências, para efeito de responsabilidade cármica e identificação pessoal respeitam, via de regra, a ficha individual da existência última vivida pela personalidade na Terra, situação que perdura até novo estágio evolutivo que se processa, seja na reencarnação, seja na promoção a mais alto nível de sublimação e serviço. (Nota do Autor espiritual)] Ainda assim, releva observar que se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, conforme as suas disposições íntimas. Se a alma desenleada do envoltório físico foi transferida para a moradia espiritual, em adiantada senectude, gastará algum tempo para desfazer-se dos sinais de ancianidade corpórea, se deseja remoçar o próprio aspecto, e, na hipótese de haver partido da Terra, na juventude primeira, deverá igualmente esperar que o tempo a auxilie, caso se proponha a obtenção de traços da maturidade. Cabe, entretanto, considerar que isso ocorre apenas com os Espíritos, aliás em maioria esmagadora, que ainda não dispõem de bastante aperfeiçoamento moral e intelectual, pois quanto mais elevado se lhes descortine o degrau de progresso, mais amplo se lhes revela o poder plástico sobre as células que lhes entretecem o instrumento de manifestação. Em alto nível, a Inteligência opera em minutos certas alterações que as entidades de cultura mediana gastam, por vezes, alguns anos a efetuar. Temos também nas sociedades respeitáveis da Espiritualidade aqueles companheiros que, depois de estágios depurativos, se elevam até elas, por intercessões afetivas ou merecimentos próprios, carregando, porém, consigo, determinadas marcas deprimentes, como sejam mutilações que os desfiguram, inibições ou moléstias que se denunciam na psicossfera que os envolve, ou distintivos outros menos dignos, como remanescentes de circuitos mentais dos remorsos que padeceram, a se lhes concentrarem, desequilibrados, sobre certas zonas do corpo espiritual, mas, em todos esses casos, as entidades em lide ali se encontram, habitualmente, por períodos limitados de reeducação e refazimento, para regressarem, a tempo breve, no rumo das sendas de saneamento e resgate nas reencarnações redentoras. Pedro Leopoldo, 27/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 4)

“PENSAMENTO E PERISPÍRITO. Portador de expressiva capacidade plasmadora, o perispírito registra todas as ações do Espírito através dos mecanismos

sutis da mente que sobre ele age, estabelecendo os futuros parâmetros de comportamento, que serão fixados por automatismos vibratórios nas reencarnações porvindouras. **Corpo intermediário** entre o ser pensante, eterno, e os equipamentos físicos, transitórios, por ele se processam as imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retomo à causa geratriz. Captando o impulso do pensamento e computando a resposta da ação, a ele se incorporam os fenômenos da conduta atual do homem, assim programando os sucessos porvindouros, mediante os quais serão aprimoradas as conquistas, corrigidos os erros e reparados os danos destes últimos derivados. Constituído por campos de forças mui especiais, ele irradia vibrações específicas portadoras de carga própria, que facultam a perfeita sintonia com energias semelhantes, estabelecendo áreas de afinidade e repulsão de acordo com as ondas emitidas. Assim, quando por ocasião da reencarnação o Espírito é encaminhado por necessidade evolutiva aos futuros genitores, no momento da fecundação o gameta masculino vitorioso esteve impulsionado pela energia do perispírito do reencarnante, que naquele espermatozoide encontrou os fatores genéticos de que necessitava para a programática a que se deve submeter. A partir desse momento, os códigos genéticos da hereditariedade, em consonância com o conteúdo vibratório dos registros perispirituais, vão organizando o corpo que o Espírito habitará. Como é certo que, em casos especiais, há toda uma elaboração de programa para o reencarnante, na generalidade, os automatismos vibratórios das **Leis de Causalidade** respondem pela ocorrência, que jamais tem lugar ao acaso. Todo elemento irradia vibrações que lhe tipificam a espécie e respondem pela sua constituição. Espermatozoides e óvulos, em consequência, possuem campo de força específico, que propela os primeiros para o encontro com os últimos, facultando o surgimento da célula ovo. Por sua vez, cada gameta exterioriza ondas que correspondem à sua **fatalidade biológica**, na programação genética de que se faz portador. Desse modo, o perispírito do reencarnante sincroniza com a vibração do espermatozoide que possui a mesma carga vibratória, sobre ele incidindo e passando a plasmar no óvulo fecundado o corpo compatível com as necessidades evolutivas, como decorrência das catalogadas ações pretéritas. Equilíbrio da forma ou anomalia, habilidades e destreza, ou incapacidade, inteligência, memória e lucidez, ou imbecilidade, atraso mental, oligofrenia serão estabelecidos desde já pela incidência das conquistas espirituais sobre o embrião em desenvolvimento. Sem descartarmos a hereditariedade nos processos da reencarnação, o seu totalitarismo, conforme pretendem diversos estudiosos da Embriogenia e outras áreas da ciência, não tem razão de ser. Cada Espírito é legatário de si mesmo. Seus atos e sua vida anterior

são os plasmadores da sua nova existência corporal, impondo os processos de reabilitação, quando em dívida, ou de felicidade, se em crédito, sob os critérios da Divina Justiça. Certamente, caracteres físicos, fisionômicos e até alguns comportamentais resultam das heranças genéticas e da convivência em família, jamais os de natureza psicológica que afetam o destino, ou de ordem fisiológica no mapa da evolução. Saúde e enfermidade, beleza e feiura, altura e pequenez, agilidade e retardamento, como outras expressões da vida física, procedem do Espírito que vem recompor e aumentar os valores bem ou mal utilizados nas existências pretéritas. Além desses, os comportamentos e as manifestações mentais, sexuais, emocionais decorrem dos atos perpetrados antes e que a reencarnação traz de volta para a indispensável canalização em favor do progresso de cada ser. As alienações, os conflitos e traumas, as doenças congênitas, as deformidades físicas e degenerativas, assim como as condições morais, sociais e econômicas, são capítulos dos mecanismos espirituais, nunca heranças familiares, qual se a vida estivesse sob injunções do absurdo e da inconsequência. A aparente hereditariedade compulsória, assim como a injunção moral atuante em determinado indivíduo, fazendo recordar algum ancestral, explica-se em razão de ser aquele mesmo Espírito, ora renascido no clã, para dar prosseguimento a realizações que ficaram incompletas ou refazer as que foram perniciosas. Motivo este que libera “o filho de pagar pelos pais” ou avós, o que constituiria, se verdadeiro, uma terrível e arbitrária imposição da Justiça que, mesmo na Terra, tem código penalógico mais equilibrado. Os pensamentos largamente cultivados levam o indivíduo a ações inesperadas, como decorrência da adaptação mental que se permitiu. Desencadeada a ação, os efeitos serão incorporados ao **modus vivendi** posterior da criatura. E mesmo quando não se convertem em atitudes e realizações por falta de oportunidade, aquelas aspirações mentais, vividas em clima interior, apresentam-se como **formas** e **fantasmas** que terão de ser diluídos por meio de reagentes de diferente ordem, para que se restabeleça o equilíbrio do conjunto espiritual. Conforme a constância mental da ideia, aparece uma correspondente **necessidade** da emoção. Todos esses condicionamentos estabelecem o organograma físico, mental e moral da futura empresa reencarnacionista a que o Espírito se deve submeter, ante o fatalismo da evolução. O conjunto — Espírito ou mente, perispírito ou psicossoma e corpo ou soma — é tão entranhadamente conjugado no processo da reencarnação que, em qualquer período da existência, são articulados ou desfeitos sucessivos equipamentos que procedem da ação de um sobre o outro. O Espírito aspira e o perispírito age sobre os implementos materiais, dando surgimento a respostas orgânicas ou a fatos que retomam

à fonte original, como efeito da ação física que o mesmo corpo transfere para o ser eterno, concedendo-lhe crédito ou débito que se incorpora à economia da vida planetária. O mundo mental, das aspirações e ideais, é o grande agente modelador do mundo físico, orgânico. Conforme as propostas daquele, têm lugar as manifestações neste. Assim se compreende porque a Terra é mundo de “provas e expiações”, considerando-se que os Espíritos que nela habitam estagiam na sua grande generalidade em faixas iniciais, inferiores, portanto, da evolução. À medida que o ser evolve, melhores condições estatui para o próprio crescimento, dentro do mesmo critério da lei do progresso, que realiza com mais segurança os mecanismos de desenvolvimento, de acordo com as conquistas logradas. Quanto mais adiantado um povo, mais fáceis e variados são-lhe os recursos para o seu avanço. O pensamento, desse modo, é um agente de grave significado no processo natural da vida, representando o grau de elevação ou inferioridade do Espírito, que, mediante o seu psicossoma ou órgão intermediário, plasma o que lhe é melhor e mais necessário para marchar no rumo da libertação.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Pensamento e perispírito)

“PERISPÍRITO. [...] FUNÇÕES - Organizado por energias próprias e eletromagnéticas e dirigido pela mente, que o aciona conforme o estágio evolutivo do Espírito, no corpo espiritual ou perispírito estão as matrizes reais das funções que se manifestam na organização somática. Catalisador das energias divinas, que assimila, é encarregado de transmitir e plasmar no corpo as ordens emanadas da mente e que procedem do Espírito. Arquivo das experiências multifárias das reencarnações, impõe, na aparelhagem física, desde a concepção, mediante metabolismo psíquico muito complexo e sutil, as limitações, coerções, punições, ou faculta amplitude de recursos físicos e mentais, conforme as ações do estágio anterior, na carne, em que o Espírito se acumpliciou com o erro ou se levantou pela dignificação. Interferindo, decisivamente, no comportamento hereditário, não apenas modela a forma de que se revestirá o Espírito, desde o embrião que se lhe amolda completamente, como reproduzindo as expressões fisionômicas e anatômicas, quando da desencarnação. Graças às moléculas de que se forma, responde pelas alterações da aparelhagem fisiopsíquica, no campo das necessidades reparadoras que a Lei impõe aos Espíritos calcetas. É o responsável pela irradiação da energia dos trilhões de corpúsculos celulares - essas pequenas usinas que se aglutinam ao império das radiações que lhes impõem a gravitação harmônica, na aparelhagem que constitui os diversos órgãos cuja forma e anatomia lhe pertencem, cabendo às células apenas o seu revestimento -, exteriorizando a aura e podendo, em condições especiais, modelar à

distância o duplo etéreo, tornando-o tangível. Graças à sua complexidade, conserva intacta a individualidade, através da esteira das reencarnações, e se faz responsável pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, como ao corpo informa das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os centros vitais ou de força, que controlam a aparelhagem fisiológica e psicológica e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio. Nele estão sediadas as gêneses patológicas de distúrbios dolorosos quais a esquizofrenia, a epilepsia, o câncer de variada etiologia, o pênfigo... que em momento próprio favorece a sintonia com microrganismos que se multiplicam desordenadamente e tomam de assalto o campo físico ou através de sintonias próprias, ensejando a aceleração das perturbações psíquicas de largo porte. Em todo processo teratológico os fatores causais lhe pertencem. E, num vasto campo de problemas emocionais como fisiológicos, as síndromes procedem das tecelagens muito delicadas da sua ação dinâmica, poderosa. [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 4)

“O MODELO ORGANIZADOR BIOLÓGICO. O homem é, deste modo, um conjunto de elementos que se ajustam e interpenetram, a fim de condensar-se em uma estrutura biológica, assim formado pelo Espírito — ser eterno, preexistente e sobrevivente ao corpo somático —, o perispírito — também chamado modelo organizador biológico, que é o “princípio intermediário, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, num fruto, o germe, o perisperma e a casca”* (* *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, 29ª edição da FEB - Nota da Autora espiritual) — e o corpo — que é o envoltório material. Estes elementos mantêm um inter-relacionamento profundo com os respectivos planos do Universo. O perispírito, também denominado corpo astral, é constituído de vários tipos de fluidos (energia) ou de matéria hiperfísica, sendo o laço que une o Espírito ao corpo somático. Multimilenarmente conhecido, atravessou a História sob denominações variadas. Hipócrates, por exemplo, chamava-o Enormon, enquanto Plotino o identificava como Corpo Aéreo ou Ígneo. Tertuliano o indicava como Corpo Vital da Alma, Orígenes como Aura, quiçá inspirados no apóstolo Paulo que o referia como Corpo Espiritual e Corpo Incorrupível. No Vedanta ele aparece como Manontaya-Kosha e no Budismo Esotérico é designado por Kainarupa. Os egípcios diziam-no Ka e o Zend Avesta aponta-o por Baodhas, a Cabala hebraica por Rouach. É o Eidolon do Tradicionalismo grego, o miago dos latinos, o Khi dos chineses, o Corpo sutil e etéreo de Aristóteles... Confúcio igualmente o identificou, chamando-o Corpo Aeriforme e Leibniz qualificou-o de Corpo fluidico... As variadas épocas da Humanidade defrontaram-no

e por outras denominações ele passou a ser aceito. De importância máxima no complexo humano, é o moderno Modelo organizador biológico, que se encarrega de plasmar no corpo físico as necessidades morais evolutivas, através dos genes e cromossomos, pois que, indestrutível, eteriza-se e se purifica durante os processos reencarnatórios elevados. Pode-se dizer, que ele é o esboço, o modelo, a forma em que se desenvolve o corpo físico. E na sua intimidade energética que se agregam as células, que se modelam os órgãos, proporcionando-lhes o funcionamento. Nele se expressam as manifestações da vida, durante o corpo físico e depois, por facultar o intercâmbio de natureza espiritual. É o condutor da energia que estabelece a duração da vida física, bem como é responsável pela memória das existências passadas que arquiva nas telas sutis do inconsciente atual, facultando lampejos ou recordações esporádicas das existências já vividas. O filósofo escocês Woodsworth estudando-o, disse que é o Mediador plástico “através do qual passa a torrente de matéria fluente que destrói e reconstrói incessantemente o organismo vivo.” Na sua estrutura de energia se localizam os distúrbios nervosos, que se transferem para o campo biológico e que procedem dos compromissos negativos das reencarnações passadas. Igualmente, ele responde pelas doenças congênitas, em razão das distonias morais que conduz de uma para outra vida. Por isso mesmo, trata-se de um organismo vivo e pulsante, sendo constituído por trilhões de corpos unicelulares rarefeitos, muito sensíveis, que imprimem nas suas intrincadas peças as atividades morais do Espírito, assinalando-as nos órgãos correspondentes quando das futuras reencarnações. Veículo sutil e organizador, é o encarregado de fixar no organismo os traumas emocionais como as aspirações da beleza, da arte, da cultura, plasmando nos sentimentos as tendências e as possibilidades de realizá-las. Graças à sua interpenetração nas moléculas que constituem o corpo, exterioriza, através deste, os fenômenos emocionais — carmas —, positivos ou não, que procedem do passado do indivíduo e se impõem como mecanismos necessários à evolução. Comandado pelo Espírito mediante automatismos nas faixas menos evoluídas da Vida, pode ser dirigido conscientemente, desde que se encontre liberado dos impositivos dos resgates dolorosos, no processo da aprendizagem compulsória. Quanto mais o homem se espiritualiza, domando as más inclinações e canalizando as forças para as aspirações de enobrecimento e sublimação, mais sutis são as suas possibilidades plasmadoras, dando gênese a corpos sadios, emocional e moralmente, em razão do

agente causal estar liberado das aflições e limites purificadores. O amadurecimento psicológico proporciona ao indivíduo utilizar-se das aquisições morais, mentais e culturais para estimular-lhe os núcleos fomentadores de vida, alterando sempre para melhor a própria estrutura física e psíquica pelo irradiar de energias saudáveis, reconstruindo o organismo e utilizando-o com sabedoria para fruir da paz e da alegria de viver.” (JA, *O homem integral*, Nona parte, Capítulo 38)

III.7. Perispírito, doença e cura²⁵

“CATALEPSIA. RESSURREIÇÕES. 29. A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritico igualmente o é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no Espírito, qual choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, que parece ter nos nervos os seus fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, ainda não puderam achar explicação para todos os efeitos. A interrupção pode dar-se pela separação de um membro, ou pela secção de um nervo, mas, também, parcialmente ou de maneira geral e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande sobre-excitação ou preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa no corpo e, em sua febril atividade, atrai a si, por assim dizer, o fluido perispiritual que, retirando-se da superfície, produz aí uma insensibilidade momentânea. Poder-se-ia também admitir que, em certas circunstâncias, no próprio fluido perispiritual uma modificação molecular se opera, que lhe tira temporariamente a propriedade de transmissão. É por isso que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido e que uma pessoa, cuja atenção se acha concentrada num trabalho, não ouve o ruído que se lhe faz em torno. Efeito análogo, porém, mais pronunciado, se verifica nalguns sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. Finalmente, do mesmo modo também se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de muitos mártires. (*Revue Spirite*, janeiro, de 1868: “Estudo sobre os Aissauouas”) A paralisia já não tem absolutamente a mesma causa: aí o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores que se tornam inaptos à circulação fluidica; são as cordas do instrumento que se alteraram. **30.** Em certos estados patológicos, quando o Espírito há deixado o corpo e o perispírito só por alguns pontos se lhe acha aderido, apresenta ele, o corpo, todas as aparências da morte e enuncia-se uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Semelhante estado pode durar mais

²⁵ Vide Subcapítulo III.1 (“Gênese das doenças no perispírito ou psicossoma”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

ou menos tempo; podem mesmo algumas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, pode o Espírito, quer por uma ação enérgica, da sua própria vontade, quer por um influxo fluídico estranho, igualmente forte, ser chamado a volver ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta a renascer, como às vezes se dá, de uma só fibrila da raiz. Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico se têm destacado do corpo carnal, ou quando este último há chegado a um estado irreparável de degradação, impossível se torna todo regresso à vida.

CURAS. 31. Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, seja homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas. **32.** São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais. **33.** A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras: 1º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido; 2º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou

moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito; 3º pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o magnetismo misto, semi-espiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador. **34.** É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional. No entanto, em épocas diversas e no seio de quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero assentam num princípio natural e que o poder de operá-las não constitui privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da Natureza e que só são miraculosas na aparência.¹ (¹ Casos de curas instantâneas relatados na *Revue Spirite*: “O príncipe de Hohenlohe”, dezembro de 1866, pág. 368; — “Jacob”, outubro e novembro de 1866, págs. 312 e 345; outubro e novembro de 1867, págs. 306 e 339; — “Simonet”, agosto de 1867, página 232; — “Caid Hassan”, outubro de 1867, pág. 303; — “O cura Gassner”, novembro de 1867, pág. 331.)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ I — O PERISPÍRITO COMO PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES. [...] 12. Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos Espíritos)

“PREDISPOSIÇÕES MÓRBIDAS. — Como apreendermos a existência das predisposições mórbidas do corpo espiritual? — Não podemos olvidar que a imprudência e o ócio se responsabilizam por múltiplas enfermidades, como sejam os desastres circulatórios provenientes da gula, as infecções tornadas de higiene, os desequilíbrios nervosos nascidos da toxicomania e a exaustão decorrente de excessos vários. De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas. A recordação dessa ou daquela falta grave, mormente daquelas que

jazem recalçadas no espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar de “zona de remorso”, em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria. Estabelecida a ideia fixa sobre esse “nódulo de forças desequilibradas”, é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermício de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo ou exatamente redimidos perante a Lei. Essas enquistações de energias profundas, no imo de nossa alma, expressando as chamadas dívidas cármicas, por se filiarem a causas infelizes que nós mesmos plasmamos na senda do destino, são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra. Isso porque, se nos comprometemos diante da Lei Divina em resgatar as nossas obrigações em qualquer tempo, dentro das mesmas circunstâncias nas quais patrocinamos a ofensa em prejuízo dos outros. É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade, entendendo-se, ainda, que essas desarmonias são, algumas vezes, singularmente agravadas pelo assédio vindicativo dos seres a quem ferimos, quando imanizados a nós em processos de obsessão. Todavia, ainda mesmo quando sejamos perdoados pelas vítimas de nossa insânia, detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão à tona de nossa existência, para a necessária expurgação, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene moral.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 19)

“A interlocutora, desejando imprimir de forma indelével os esclarecimentos na alma dos ouvintes, absortos pela pujança da narração, continuou: — Vossas dores não alcançaram o clímax... Necessário lograr o acume do monte para conseguir-se maior horizonte visual. Assim, também, é imprescindível alcançar o ápice do sofrimento para poder superar a complexidade dos gravames infelizes. “As enfermidades físicas e psíquicas que vos avassalam têm as suas patogêneses nos recessos da alma endividada, que faculta, por desarmonia vibratória, se desenvolvam os agentes mórbidos, favorecendo-os com a fácil proliferação, mediante a ausência ou diminuição das defesas orgânicas que foram destruídas pelo comportamento moral-espiritual... “O mesmo ocorre na esfera psíquica, em que ressumam as lembranças inditasas não frenadas pelo total esquecimento da reencarnação ou cujas ações

nefastas desarticularam os centros da maquinaria mental, que se organiza dentro da esquemática tormentosa ou deficiente, resultante do abuso como das sobrecargas mefíticas que a venceram... “Além disso, à instância do intercâmbio psíquico com os adversários retidos fora das roupagens físicas, mais se agravam os problemas, surgindo os processos muito variados e difíceis de solucionar-se, a curto ou médio prazo. “Enquanto não se reabilitem os infratores, atestando a excelência dos seus propósitos, não diminui a sanha dos seus perseguidores. Outrossim, em alguns casos, que não são poucos, mesmo diante da renovação do ex-algoz, as antigas vítimas não cedem na louca obstinação a que se entregam e em que se exaurem, enquanto não se lhes lucilam nos espíritos enlouquecidos as benditas claridades do amor e do perdão. “Portanto, a contribuição da honestidade e a paciência na dor são de incalculável valor, pelas energias que produzem a benefício do próprio paciente como pelo efeito moral junto aos seus sicários infelizes.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 12)

— Os atos infelizes, deliberadamente praticados, em razão da força mental de que necessitam, destroem os tecidos sutis do perispírito que, se ressentindo do desconcerto, deixarão matrizes na futura forma física, na qual se manifestarão as deficiências purificadoras, e a queda do tom vibratório específico permitirá que os envolvidos no fato, no tempo e no espaço, próximos ou não, se vinculem pelo processo de uma sintonia automática de que não se furtarão. Aí estabelecem-se as enfermidades de qualquer porte. Os fatores imunológicos do organismo, padecendo a disritmia vibratória que os envolve, são vencidos por bactérias, vírus e toda a sorte de micróbios patológicos que logo se desenvolvem, dando gênese às doenças físicas. Por sua vez, na área mental, os conflitos e mágoas, os ódios acerbos, as ambições tresvariadas e os tormentosos delitos ocultos, quando da reencarnação, por estarem ínsitos no Espírito endividado, respondem pelas distonias psíquicas e alienações mais variadas. Acrescentemos a essas predisposições a presença dos cobradores desencarnados, cuja ação mental encontra perfeito acoplamento na paisagem psicofísica dos a quem persegue, e teremos a presença da constrição obsessiva. Eis porque é rara a enfermidade que não conte com a presença de um componente espiritual, quando não seja diretamente este o seu efeito. O corpo e a mente refletem a realidade espiritual de cada criatura. Argos reencarnou com a região pulmonar descompensada, em face do sério comprometimento no qual se enleou, ao mesmo tempo com a mente aturdida, lutando contra o ressumar das reminiscências que, de quando em quando, o assaltam e a consciência que tem daquilo que lhe cumpre realizar.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 6)

III.8. Os sofrimentos e as enfermidades podem permanecer no perispírito após a morte física²⁶

“**A ALMA APÓS A MORTE. 149.** Que sucede à alma no instante da morte? “Volta a ser Espírito, isto é, volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente.” **150.** A alma, após a morte, conserva a sua individualidade? “Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?” **a)** — Como comprova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material? “Continua a ter um fluido que lhe é próprio, haurido na atmosfera do seu planeta, e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo III)

“**155.** Como se opera a separação da alma e do corpo? “Rotos os laços que a retinham, ela se desprende.” **a)** — A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de demarcação nitidamente traçada entre a vida e a morte? “Não; a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram.” Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica. A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos opera um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo. Tal o resultado dos estudos

feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte. Essas observações ainda provam que a afinidade, persistente entre a alma e o corpo, em certos indivíduos, é, às vezes, muito penosa, porquanto o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e peculiar a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte. Verifica-se com alguns, suicidas.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo III)

“**ENSAIO TEÓRICO DA SENSACÃO NOS ESPÍRITOS. 257.** O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança da dor que a conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de congelar-se, nem de queimar-se. Não vemos todos os dias a recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo aprofundado do perispírito, que tão importante papel desempenha em todos os fenômenos espíritas; nas aparições vaporosas ou tangíveis; no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte; na ideia, que tão frequentemente manifesta, de que ainda está vivo; nas situações tão comoventes que nos revelam os dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver pelos gozos materiais; e inúmeros outros fatos, muita luz lançaram sobre esta questão, dando lugar a explicações que passamos a resumir. O perispírito é o laço que à matéria do corpo prende o Espírito, que o tira do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruido o corpo, elas se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Não se confundam, porém, as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo. Estas últimas só por termo de comparação as podemos tomar e não por analogia. Liberto do corpo,

²⁶ Vide Capítulo IV (“Fases da Desencarnação”), Quinta Parte (“Desencarnação”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temo-los visto atravessar chamas, sem experimentarem qualquer dor. Nenhuma impressão lhes causa, consequentemente, a temperatura. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver. Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito. Disse-nos, certa vez, um suicida: “Não, não estou morto.” E acrescentava: No entanto, sinto os vermes a me roerem. Ora, indubitavelmente, os vermes não lhe roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; roíam-lhe apenas o corpo. Como, porém, não era completa a separação do corpo e do perispírito, uma espécie de repercussão moral se produzia, transmitindo ao Espírito o que estava ocorrendo no corpo. Repercussão talvez não seja o termo próprio, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual ainda o conservava ligado o perispírito, o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Assim, pois, não haveria no caso uma reminiscência, porquanto ele não fora, em vida, roído pelos vermes: havia o sentimento de um fato da atualidade. Isto mostra que deduções se podem tirar dos fatos, quando atentamente observados. Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral. Ora, não sendo o perispírito, realmente, mais do que simples agente de transmissão, pois que no Espírito é que está a consciência, lógico será deduzir-se que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos

completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro. Mas, dir-se-á, desde que pelo perispírito é que as sensações agradáveis, da mesma forma que as desagradáveis, se transmitem ao Espírito, sendo o Espírito puro inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Assim é, de fato, com relação às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais ideia alguma podemos formar, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz. Sabemos que isso é real; mas, por que meio se produz? Até lá não vai a nossa ciência. Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos do ser todo e não, como no homem, de uma parte apenas do ser; mas, de que modo ele as tem? Ignoramo-lo. Os próprios Espíritos nada nos podem informar sobre isso, por inadequada a nossa linguagem a exprimir ideias que não possuímos, precisamente como o é, por falta de termos próprios, a dos selvagens, para traduzir ideias referentes às nossas artes, ciências e doutrinas filosóficas. Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos. Pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao sensorium commune, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto, nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. Em apoio do que dizemos há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializado está o Espírito. Pelo que concerne à vista, essa, para o Espírito, independe da luz, qual a temos. A faculdade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. É, contudo, mais extensa, mais penetrante nas mais purificadas. A alma, ou o Espírito, tem, pois, em si mesma, a faculdade de todas as percepções. Estas, na vida corpórea, se obliteram pela grosseria dos órgãos do corpo; na vida extracorpórea se vão desanuviando, à proporção que o invólucro semimaterial se eteriza. Haurido do meio ambiente, esse invólucro varia de acordo com a natureza dos

mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do polo ao equador. Quando vêm visitar-nos, os mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos. Todos, porém, assim os inferiores como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir. Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar ativas ou nulas suas percepções. Uma só coisa são obrigados a ouvir — os conselhos dos Espíritos bons. A vista, essa é sempre ativa; mas, eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se, à medida que ele se desprende, e pode alcançar a nitidez que tinha durante a vida terrena, independentemente da possibilidade de penetrar através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinito, do futuro e do passado, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito. Objetarão, talvez: toda esta teoria nada tem de tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não mais sofreríamos e eis nos informais de que ainda sofreremos. Desta ou daquela forma, será sempre sofrimento. Ah! Sim, pode dar-se que continuemos a sofrer, e muito, e por longo tempo, mas também que deixemos de sofrer, até mesmo desde o instante em que se nos acabe a vida corporal. Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muito mais vezes, contudo, são devidos à nossa vontade. Remonte cada um à origem deles e verá que a maior parte de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. O mesmo se dá com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira por que viveu na Terra. Certo já não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles. Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, ou, por outra, quanto mais desmaterializado se achar, menos sensações dolorosas experimentará. Ora, está nas suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual. Ele tem o livre-arbítrio, tem, por conseguinte, a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem

inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá a influência. Nenhuma recordação dolorosa lhe advirá dos sofrimentos físicos que haja padecido; nenhuma impressão desagradável eles lhe deixarão, porque apenas terão atingido o corpo e não a alma. Sentir-se-á feliz por se haver libertado deles e a paz da sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral. Interrogamos, aos milhares, Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade, ocuparam todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo; acompanhamo-los passo a passo na vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas ideias, nos seus sentimentos e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se contaram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo. Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas consequências experimentavam; que a outra vida é fonte de inefável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só de si mesmos se devem queixar, quer no outro mundo, quer neste.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VI)

“O PASSAMENTO. 1. A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte, em si, mas o momento da transição. Sofremos ou não nessa passagem? Por isso se inquietam, e com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la, e, por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la. **2.** Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas. Quem poderá, no entanto, esclarecer-nos a tal respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo quando a Ciência e a Religião se calam? E calam-se porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito e da matéria, parando uma nos umbrais da vida espiritual e a outra nos da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas, e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas da

natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo. O conhecimento do laço fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenômenos. **3.** A insensibilidade da matéria inerte é um fato, e só a alma experimenta sensações de dor e de prazer. Durante a vida, toda a desagregação material repercute na alma, que por este motivo recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma e não o corpo quem sofre, pois este não é mais que instrumento da dor: — aquela é o paciente. Após a morte, separada a alma, o corpo pode ser impunemente mutilado que nada sentirá; aquela, por insulada, nada experimenta da destruição orgânica. A alma tem sensações próprias cuja fonte não reside na matéria tangível. O perispírito é o envoltório da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte. Ele não forma com ela mais que uma só entidade, e nem mesmo se pode conceber uma sem outro. Durante a vida o fluido perispíritico penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma, do mesmo modo como esta, por seu intermédio, atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos. **4.** A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca. O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo. “A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento.” Não é preciso, portanto, dizer que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Estas circunstâncias é que nos cumpre examinar. **5.** Estabeleçamos em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos reputar situações extremas dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes: 1º Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria absolutamente. 2º Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma. 3º Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo. 4º Se após a cessação completa da vida orgânica existirem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfça. Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem

menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável. [...] **8.** A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento. Posto isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma nos últimos transes. **9.** Em se tratando de morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente; para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração. Nesta contingência o Espírito pode ter já recuperado a sua lucidez, de molde a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado. Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura. No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes, e outras se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebata com violência, molécula por molécula. **10.** Quanto menos vê o Espírito além da vida corporal, tanto mais se lhe apegue, e, assim, sente que ela lhe foge e quer retê-la; em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e pode mesmo prolongar a luta por dias, semanas e meses inteiros. Certo, nesse momento o Espírito não possui toda a lucidez, visto como a perturbação de muito se antecipou à morte; mas nem por isso sofre menos, e o vácuo em que se acha, e a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias. Dá-se por fim a morte, e nem por isso está tudo terminado; a perturbação continua, ele sente que vive, mas não

define se material, se espiritualmente, luta, e luta ainda, até que as últimas ligações do perispírito se tenham de todo rompido. A morte pôs termo à moléstia efetiva, porém, não lhe sustou as consequências, e, enquanto existirem pontos de contato do perispírito com o corpo, o Espírito ressen-te-se e sofre com as suas impressões. **11.** Quão diversa é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis! Sendo frágeis os laços fluídicos que o prendem ao corpo, rompem-se suavemente; depois, a confiança do futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, fá-lo encarar a morte qual redenção e as suas consequências como prova, advindo-lhe daí uma calma resignada, que lhe ameniza o sofrimento. Após a morte, rotos os laços, nem uma só reação dolorosa que o afete; o despertar é lépido, desembaraçado; por sensações únicas: o alívio, a alegria! **12.** Na morte violenta as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial há começado previamente a separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar. Outros há, para os quais a situação se prolonga por anos inteiros. É uma situação essa muito frequente até nos casos de morte comum, que nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados. No suicida, principalmente, excede a toda expectativa. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes. **13.** O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo. **14.** Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que

abduque das vantagens imediatas em prol do futuro, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom-senso e ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência. O espírita sério não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo, a sua nova situação. **15.** Com certeza não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem a pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Força é confessar, porém, que pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, como pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação. Ele dá a mais, e a cada um, os meios de auxiliar o desprendimento *doutros* Espíritos ao deixarem o invólucro material, abreviando-lhes a perturbação pela evocação e pela prece. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela evocação conduzida com sabedoria e prudência, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo, e, se é sofredor, incute-se-lhe o arrependimento — único meio de abreviar seus sofrimentos.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo I)

“NO APRIMORAMENTO. No aperfeiçoamento do corpo espiritual, além do primitivismo de certas almas que jazem, longo tempo, entorpecidas após a morte física, observemos, ainda, o quadro das mentes envolvidas intelectualmente, mas submersas nas densas vibrações decorrentes de compromissos escuros. Não

permanecem no regime da inércia, em sono larval; entretanto, agitam-se nos desvarios da loucura. Criam imagens que vivem e se movimentam na intimidade delas próprias, por tempo indeterminado, cuja duração varia com a força do impulso de suas paixões. Carregam consigo os dramas intensos de que se fizeram autoras. Encarnada na Terra, a inteligência vive entre as provocações da esfera carnal e as sugestões silenciosas da mente. Quanto mais intelectualizada a criatura, mais profundamente respira no plano das ideias, influenciando e sendo influenciada. Geralmente, porém, o homem desequilibra os próprios sentimentos, inclinando-se, em maior ou menor percentagem, para o afastamento das leis com as quais se deve nortear. Atravessa os caminhos humanos, ganhando pouco e quase sempre perdendo muito, dentro de si mesmo, obscurecendo-se nas pesadas sombras dos pensamentos inquietantes que produz para o consumo de suas necessidades mentais. Assim é que a desencarnação não lhes modifica o campo íntimo. Encasulada no círculo vibratório das criações que lhe dizem respeito, a alma sofre naturais inibições, ante a paisagem da vida gloriosa. Não possui ainda órgão de percepção para sintonizar-se com os espetáculos deslumbrantes da imensidade, encarcerada, qual se encontra, entre as paredes estranhas das concepções obscuras e estreitas em que se agita. Como a lâmpada vive no seio das próprias irradiações, emitindo luz que é também matéria sutil, a alma permanece no seio das criações que lhe são peculiares, prendendo-se à paisagem em que prevaleçam as forças e desejos que lhe são afins, porque o pensamento é também substância rarefeita, matéria dentro de expressões inabordáveis até agora pelas investigações terrestres. Podendo alimentar-se, por tempo indefinível, das emanções dos próprios desejos, entidades existem que estacionam, durante muitos anos, dentro dos quadros emocionais em que se comprazem, atrasando a marcha evolutiva, até que reencarnam na recapitulação das experiências em que faliram, retomando o serviço de purificação interior para a sublimação de si mesmas. Desse modo, somos defrontados por dolorosos fenômenos congeniais. Suicidas recomeçam a luta física, no círculo de moléstias ingratas, e criminosos reaparecem no berço, com deploráveis mutilações e defeitos; alcoólatras regressam à existência, em companhia de pais que se sintonizam com eles e grandes delinquentes reencenam a viagem do aprimoramento moral, na esfera de provas temíveis, quais sejam as de enfermidades indefiníveis e de aflições dificilmente remediáveis. No extenso e abençoado viveiro de almas que é o mundo, pouco a pouco, de século a século e de milênio a milênio, usando variados corpos e diversas posições no campo das formas, nosso espírito constrói lentamente, para o próprio uso, o veículo acrisolado e divino, com que o

Senhor nos reserva em plena imortalidade vitoriosa.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 7)

“Aniceto designou-me um grupo de seis enfermos espirituais, acentuando: – Aplique seus recursos, André. Com a nossa colaboração, os amigos em tarefa nesta casa poderão atender a responsabilidades diferentes e também imperiosas. Os mais apagados trabalhadores do bem rejubilem-se pela exemplificação nas lutas comuns e edifiquem-se no Senhor Jesus, porque nenhuma de suas manifestações fica perdida no espaço e no tempo. Naquele instante em que fora chamado a prestar auxílios reais, eu não recorria aos meus cabedais científicos, não me reportava tão somente à técnica da medicina oficial, a que me filiara no mundo, mas recordava aquela Narcisa humilde e simples, das Câmaras de Retificação, enfermeira devotada e carinhosa, que conseguia muito mais com amor do que com medicações. Aproximei-me duma senhora profundamente abatida, lembrando o exemplo da generosa amiga de “Nosso Lar”, entendendo que não deveria socorrer utilizando apenas a firmeza e a energia, mas também a ternura e a compreensão. – Minha irmã – disse, procurando captar-lhe a confiança –, vamos ao passe reconfortador. – Ai! Ai! – respondeu a interpelada – nada vejo, nada vejo! Ah! O tracoma! Infeliz que sou! E me falam em morte, em vida diferente... Como recuperar a vista?! Quero ver, quero ver!... – Calma – respondi, encorajado –, não confia no Poder de Jesus? Ele continua curando cegos, iluminando-nos o caminho, guiando-nos os passos! Somente mais tarde lembrei que, naquele instante, olvidara a curiosidade doentia, não pensei na impressão deixada pelo tracoma naquele organismo espiritual, nem me preocupei com a expressão propriamente científica do fenômeno, vendo, apenas, à minha frente, uma irmã sofredora e necessitada. E, à medida que me dispunha a observar a prática do amor fraternal, uma claridade diferente começou a iluminar e a aquecer-me a fronte. Lembrando a influência divina de Jesus, iniciei o passe de alívio sobre os olhos da pobre mulher, reparando que enorme placa de sombra lhe pesava na fronte. Pronunciando palavras de animação, às quais ligava a melhor essência de minhas intenções, concentrei minhas possibilidades magnéticas de auxílio nessa zona perturbada. Dentro de alguns instantes, a desencarnada desferiu um grito de espanto. – Vejo! Vejo! – exclamou, entre o assombro e a alegria – grande Deus! Grande Deus! E ajoelhando-se, num movimento instintivo para render graças, dirigia-me a palavra, comovidamente: – Quem sois vós, emissário do bem? Dominava-me profunda emoção, que não conseguia soffrear. Confundia-me a bondade do Eterno. Quem era eu para curar alguém? Mas a alegria daquela entidade, libertada das trevas, afirmava a ocorrência, na qual não queria acreditar. A luz daquela dádiva como que mostrava mais fortemente o fundo

escuro de minhas imperfeições individuais e o pranto inundou-me as faces, sem que pudesse retê-lo nos recônditos mananciais do coração. Enquanto a enferma espiritual se desfazia em lágrimas de louvor, também eu me absorvia numa onda de pensamentos novos. O acontecimento surpreendia-me. Desejava socorrer o doente próximo e, contudo, estava enlaçado em singular deslumbramento íntimo. Aniceto, porém, aproximou-se delicadamente e falou em voz baixa: – André, a excessiva contemplação dos resultados pode prejudicar o trabalhador. Em ocasiões como esta, a vaidade costuma acordar dentro de nós, fazendo-nos esquecer o Senhor. Não olvides que todo o bem procede d’Ele, que é a luz de nossos corações. Somos seus instrumentos nas tarefas de amor. O servo fiel não é aquele que se inquieta pelos resultados, nem o que permanece vontade divina do Senhor e passa adiante. Aquelas palavras não poderiam ser mais significativas. O generoso mentor voltou ao serviço a que se entregara, junto de outros irmãos, e, valendo-me do amoroso aviso, dirigi-me à reconhecida senhora, acentuando: – Minha amiga, agradeça a Jesus e não a mim, que sou apenas obscuro servidor. Quanto ao mais, não se impressione em demasia com a visão dos aspectos exteriores; volte o poder visual para dentro de si mesma, para que possa consagrar ao Senhor da Vida os sublimes dons da visão. Notei que a ouvinte se surpreendia com as minhas palavras, que lhe pareceram, talvez, inoportunas e transcendentais, mas, novamente firme na compreensão do dever, acerquei-me do enfermo próximo. Tratava-se dum infeliz irmão que falecera na Gamboa, vitimado pelo, câncer. Toda a região facial apresentava-se com horrífico aspecto. Apliquei os passes dê reconforto, ministrando pensamentos e palavras de bom ânimo, e reparei que o pobrezinho se sentia tomado de considerável melhora. Prometi-lhe interesse amigo, a fim de internar-se em alguma casa espiritual de tratamento, recomendando que preparasse a vida mental para colher semelhante benefício, oportunamente. Em seguida, atendi a dois ex-tuberculosos do Encantado, a uma senhora que desencarnara em Piedade, em consequência de um tumor maligno, e a um rapaz de Olaria, que se desprendera num choque operatório. Nenhum destes quatro últimos, contudo, manifestou qualquer alívio. Persistiam as mesmas indisposições orgânicas, os mesmos fenômenos psíquicos de sofrimento. Terminada a tarefa que me fora cometida, reuni-me ao nosso instrutor e Vicente, que me esperavam a um canto da sala. – As atividades de assistência – exclamou Aniceto, cuidadoso – se processam conforme observam aqui. Alguns se sentem curados, outros acusam melhoras e a maioria parece continuar impermeável ao serviço de auxílio. O que nos deve interessar, todavia, é a sementeira do bem. A germinação, o desenvolvimento, a flor e o fruto pertencem ao Senhor. Vicente,

que se mostrava fortemente impressionado, observou: – O número de entidades perturbadas espanta. Vemo-las, em diversos graus de desequilíbrio, desde “Nosso Lar” até a Crosta. Aniceto sorriu e falou em tom grave: – Devemos esmagadora percentagem desses padecimentos à falta de educação religiosa. Não me refiro, porém, àquela que vem do sacerdócio ou que parte da boca de uma criatura para os ouvidos de outra. Refiro-me à educação religiosa, íntima e profunda, que o homem nega sistematicamente a si mesmo.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 44)

“Nesse momento, o ex-sacerdote sustou por longos instantes a pregação, possibilitando-nos detido exame do quadro exterior. Longas filas de sofrendores acorriam de todos os recantos, fitando-nos à clareza das tochas, a distância de trinta metros, aproximadamente. Estendiam-se em vasta procissão de duendes silenciosos e tristes, parecendo guardar todas as características das enfermidades físicas trazidas da Crosta, no campo impressivo do corpo astral. Viam-se ali necessitados de todos os tipos: aleijões, feridas, misérias exibiam-se ao nosso olhar, constringindo-nos os corações. Muitos deles, ajoelhados, talvez na suposição de que fôssemos embaixadores do Celeste Poder em visita ao purgatório desditoso, mantinham-se em posição de supremo respeito, embora deixando transparecer, na face angustiada, indescritíveis padecimentos. De olhos ansiosos, falavam sem palavras do intenso e secreto desejo de se unirem a nós; entretanto, algo lhes coibia a realização. Semelhavam-se a prisioneiros, suspirando pela liberdade. Porque não corriam ao nosso encontro? Porque não se ajoelhavam, junto de nós, em sinal de reconhecimento sincero a Deus? Desejando penetrar a causa daquela imobilidade compulsória, compreendi, sem maiores esclarecimentos, o que se passava. Entre a multidão compacta e nós outros, cavava-se profundo fosso, e, onde surgiam possibilidades de transposição mais fácil, reuniam-se pequenos grupos de entidades que se revelavam por sinistra expressão fisionômica. Não podia abrigar qualquer dúvida. Aqueles rostos agressivos e duros sustentavam severa vigilância. Que faziam aí semelhantes verdugos? Permaneceriam dirigidos por potências vingadoras, com poderes transitórios na zona das trevas, ou agiriam por sua conta própria, obedientes a desvairadas paixões da mente em desequilíbrio? Recordei antigas lendas do inferno esboçado na teologia católico-romana, para concluir que a fogueira ardente, onde Satã se comprazia em torturar as almas, devia ser mais bela que a paisagem de lama, treva e sofrimento à nossa vista. Recolhi, porém, o fio das considerações desnecessárias ao momento, compreendendo que o minuto não comportava divagações, por exigir contribuição ativa.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 8)

“Calara-se o instrutor, mas o assunto era por demais importante para que eu me desinteressasse dele apressadamente. Recordei os inúmeros casos de moléstias obscuras de meu trato pessoal e aduzi: – Decerto a Medicina escreveria gloriosos capítulos na Terra, sondando com mais segurança os problemas e as angústias da alma... – Gravá-los-á mais tarde – confirmou Clarêncio, seguro de si. – Um dia, o homem ensinará ao homem, consoante as instruções do Divino Médico, que a cura de todos os males reside nele próprio. A percentagem quase total das enfermidades humanas guarda origem no psiquismo. Sorridente, acrescentou: – Orgulho, vaidade, tirania, egoísmo, preguiça e crueldade são vícios da mente, gerando perturbações e doenças em seus instrumentos de expressão. No objetivo de aprender, observei: – É por isso que temos os vales purgatoriais, depois do túmulo... a morte não é redenção... – Nunca foi – esclareceu o Ministro, bondoso. – O pássaro doente não se retira da condição de enfermo, tão só porque se lhe arrebente a gaiola. O inferno é uma criação de almas desequilibradas que se juntam, assim como o charco é uma coleção de núcleos lodacentos, que se congregam uns aos outros. Quando, de consciência inclinada para o bem ou para o mal, perpetramos esse ou aquele delito no mundo, realmente podemos ferir ou prejudicar a alguém, mas, antes de tudo, ferimos e prejudicamos a nós mesmos. Se eliminamos a existência do próximo, nossa vítima receberá dos outros tanta simpatia que, em breve, se restabelecerá, nas leis de equilíbrio que nos governam, vindo, muita vez, em nosso auxílio, muito antes que possamos recompor os fios dilacerados de nossa consciência. Quando ofendemos a essa ou àquela criatura, lesamos primeiramente a nossa própria alma, de vez que rebaixamos a nossa dignidade de espíritos eternos, retardando em nós sagradas oportunidades de crescimento. – Sim – concordei –, tenho visto aqui aflitivas paisagens de provação que me constroem a meditar... – A enfermidade, como desarmonia espiritual – atalhou o instrutor –, sobrevive no perispírito. As moléstias conhecidas no mundo e outras que ainda escapam ao diagnóstico humano, por muito tempo persistirão nas esferas torturadas da alma, conduzindo-nos ao reajuste. A dor é o grande e abençoado remédio. Reeduca-nos a atividade mental, reestruturando as peças de nossa instrumentação e polindo os fulcros anímicos de que se vale a nossa inteligência para desenvolver-se na jornada para a vida eterna. Depois do poder de Deus, é a única força capaz de alterar o rumo de nossos pensamentos, compelin-do-nos a indispensáveis modificações, com vistas ao Plano Divino, a nosso respeito, e de cuja execução não poderemos fugir sem graves prejuízos para nós mesmos.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 21)

“O Assistente meditou um instante e acrescentou: – Entre os homens, porém, se não é fácil cultivar a vida digna, é muito difícil habilitar-se a criatura à morte libertadora. Comumente, desencarna-se a alma, sem que se lhe desagarrem os pensamentos, enovelados em situações, pessoas e coisas da Terra. A mente, por isso, continua encarcerada nos interesses quase sempre inferiores do mundo, cristalizada e enfermeja em paisagens inquietantes, criadas por ela mesma. Daí o valor do culto religioso respeitável, formando ambiente propício à ascensão espiritual, com indiscutíveis vantagens, não só para os Espíritos encarnados que a ele assistem, com sinceridade e fervor, mas também para os desencarnados, que aspiram à própria transformação. Todos os santuários, em seus atos públicos, estão repletos de almas necessitadas que a eles comparecem, sem o veículo denso, sequiosas de reconforto. Os expositores da boa palavra podem ser comparados a técnicos eletricitas, desligando “tomadas mentais”, através dos princípios libertadores que distribuem na esfera do pensamento. Sorriu bem-humorado e prosseguiu: – Em razão disso, as entidades vampirizantes operam contra eles, muitas vezes envolvendo-lhes os ouvintes em fluidos entorpecentes, conduzindo esses últimos ao sono provocado, para que se lhes adie a renovação. Observando os irmãos retardados que se abeiravam da mesa num quase semicírculo, tive a ideia de usar o psicoscópio, de modo a examiná-los devidamente, ao que Áulus informou, prestimoso: – Não será preciso. Bastará uma análise atenta para a colheita de resultados interessantes, de vez que os nossos amigos estampam no próprio corpo perispiritual os sofrimentos de que são portadores. Notei que o Assistente não desejava alongar a conversação, decerto preparando-se para colaborar nos trabalhos próximos e, por esse motivo, aproveitei os instantes à nossa frente, especificando observações, junto aos companheiros menos felizes que se uniam estreitamente uns aos outros, entre a angústia e a expectativa. Pareciam envolvidos em grande nuvem ovalada, qual nevoeiro cinza-escuro, espesso e móvel, agitado por estranhas formações. Reparei o conjunto, notando que alguns deles se mostravam enfermos, como se estivessem ainda na carne. Membros lesados, mutilações, paralisias e ulcerações diversas eram perceptíveis a rápido olhar. Talvez porque Hilário e eu nos demorássemos em atencioso exame, na posição de aprendizes em aula, um dos colaboradores espirituais da reunião acercou-se de nós e falou, cordial: – Nossos irmãos sofredores trazem consigo, individualmente, o estigma dos erros deliberados a que se entregaram. A doença, como resultante de desequilíbrio moral, sobrevive no perispírito, alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando esses pensamentos persistem depois da morte do corpo físico. – Mas, adquirem melhoras positivas

em reunião de intercâmbio? – indagou Hilário, espantado. – Sim – esclareceu o interlocutor –, assimilam ideias novas com que passam a trabalhar, ainda que vagarosamente, melhorando a visão interior e estruturando, assim, novos destinos. A renovação mental é a renovação da vida. Meditei na ilusão dos que julgam na morte livre passagem da alma, em demanda do céu ou do inferno, como lugares determinados de alegria e padecimento... Quão raros na Terra se capacitam de que trazemos conosco os sinais de nossos pensamentos, de nossas atividades e de nossas obras, e o túmulo nada mais faz que o banho revelador das imagens que escondemos no mundo, sob as vestes da carne!... A consciência é um núcleo de forças, em torno do qual gravitam os bens e os males gerados por ela mesma e, ali, estávamos defrontados por vasta fileira de almas, sofrendo nos purgatórios diferenciados que lhes eram característicos.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 4)

“O recinto a que demandáramos era confortável e amplo; mas a expressiva assembleia que o lotava era, em grande parte, desagradável e triste. Ao clarão de vários lampadários, podíamos observar, do largo estrado em que nos instaláramos com o orientador, os semblantes disformes que, em maioria, ali se congregavam. Aqui e ali se acomodavam assistentes e enfermeiros, cuja posição espiritual era facilmente distinguível pela presença simpática com que encorajavam os sofredores. Calculei em duas centenas, aproximadamente, o número de enfermos que à nossa frente se reuniam. Mais de dois terços apresentavam deformidades fisiológicas. Quem terá visitado um sanatório de moléstias da pele, analisando em conjunto os doentes mais graves, poderá imaginar o que fosse aquele agregado de almas silenciosas e dificilmente reconhecíveis. Notando a quase completa quietude ambiente, indaguei de Druso quanto à tempestade que se contorcia lá fora, informando-me o generoso amigo que nos achávamos em salão interior da cidadela, exteriormente revestido de abafadores de som. Integrando a equipe dirigente, Hilário e eu passamos a conhecer companheiros agradáveis e distintos, os Assistentes Silas e Honório e a irmã Celestina, três dos mais destacados assessores na condução daquela morada socorrista. Não nos foi possível qualquer entendimento, além das saudações comuns, porque o orientador, após indicar um dos enfermos para proferir a oração de início, que ouvimos emocionadamente, versando numa roda de amigos: – Irmãos, continuemos hoje em nosso comentário acerca do bom ânimo. Não me creiam separado de vocês por virtudes que não possuo. A palavra fácil e bem-posta é, muita vez, dever espinhoso em nossa boca, constrangendo-nos à reflexão e à disciplina. Também sou aqui um companheiro à espera da volta. A prisão redentora da carne acena-nos ao regresso.

É que o propósito da vida trabalha em nós e conosco, através de todos os meios, para guiar-nos à perfeição. Cerceando-lhe os impulsos, agimos em sentido contrário à Lei, criando aflição e sofrimento em nós mesmos. No plano físico, muitos de nós supúnhamos que a morte seria ponto final aos nossos problemas, enquanto outros muitos se acreditavam privilegiados da Infinita Bondade, por haverem abraçado atitudes de superfície, nos templos religiosos. A viagem do sepulcro, no entanto, ensinou-nos uma lição grande e nova – a de que nos achamos indissolúvelmente ligados às nossas próprias obras. Nossos atos tecem asas de libertação ou algemas de cativeiro, para a nossa vitória ou nossa perda. A ninguém devemos o destino senão a nós próprios. Entretanto, se é verdade que nos vemos hoje sob as ruínas de nossas realizações deploráveis, não estamos sem esperança. Se a sabedoria de nosso Pai Celeste não prescinde da justiça para evidenciar-se, essa mesma justiça não se revela sem amor. Se somos vítimas de nós mesmos, somos igualmente beneficiários da Tolerância Divina, que nos descerra os santuários da vida para que saibamos expiar e solver, restaurar e ressarcir. Na retaguarda, aniquilávamos o tempo, instilando nos outros sentimentos e pensamentos que não desejávamos para nós, quando não estabelecíamos pela crueldade e pelo orgulho vasta sementeira de ódio e perseguição. Com semelhantes atitudes, porém, levantamos em nosso prejuízo a desarmonia e o sofrimento, que nos sitiam a existência, quais inexoráveis fantasmas. O pretérito fala em nós com gritos de credor exigente, amontoando sobre as nossas cabeças os frutos amargos da plantação que fizemos... Daí os desajustes e enfermidades que nos assaltam a mente, desarticulando-nos os veículos de manifestação. Admitíamos que a transição do sepulcro fosse lavagem miraculosa, liberando-nos o Espírito, mas ressuscitamos no corpo sutil de agora com os males que alimentamos em nosso ser. Nossas ligações com a retaguarda, por essa razão, continuam vivas. Laços de afetividade mal dirigida e cadeias de aversão aprisionam-nos, ainda, a companheiros encarnados e desencarnados, muitos deles em desequilíbrios mais graves e constringentes que os nossos. Nutrindo propósitos de regeneração e melhoria, somos hoje criaturas despertando entre o Inferno e a Terra, que se afinam tão entranhadamente um com o outro, como nós e nossos feitos. Achamo-nos imbuídos do sonho de renovação e paz, aspirando à imersão na Vida Superior, entretanto, quem poderia adquirir respeitabilidade sem quitar-se com a Lei? Ninguém avança para a frente sem pagar as dívidas que contraiu. Como trilhar o caminho dos anjos, de pés amarrados ao carreiro dos homens, que nos acusam as faltas, compelindo-nos a memória ao mergulho nas sombras?!...” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 2)

“Mal terminara o interlocutor e a expedição penetrava o enorme átrio. Os cooperadores responsáveis estavam aparentemente calmos, evidenciando alguns, entretanto, no olhar, funda preocupação. Os recolhidos, no entanto, exceção de cinco que vinham de maca, desmemoriados e dormentes, revelavam perturbações manifestas que, em alguns, se expressavam por loucura desagradável, se bem que pacífica. Enquanto os enfermeiros se desvelavam em ajudá-los, carinhosos e atentos, e os cães se deitavam, extenuados, aqueles seres recém-chegados falavam e reclamavam, demonstrando absoluta ausência mental da realidade e provocando piedade e constrangimento. Silas convidou-nos à movimentação. Efetivamente, cabia-nos algo fazer na cooperação. O chefe da caravana aproximou-se de nós e o Assistente no-lo apresentou num gesto amigável. Era o Atendente Macedo, valoroso condutor de tarefas socorristas. Afeiçoados e parentes dos recém-vindos cercavam-nos, agora, com expressões de alegria e sofrimento. Algumas senhoras que vira, antes, em ansiosa expectativa, derramavam lágrimas discretas. Notei que as criaturas recém-desligadas do corpo denso, conturbadas qual se achavam, traziam consigo todos os sinais das moléstias que lhes haviam imposto a desencarnação. Ligeiro exame clínico poderia sem dúvida favorecer a leitura da diagnose individual. [...]” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 4)

“CORPO ESPIRITUAL. [...] Corpo espiritual depois da morte. Em suma, o psicossoma é ainda corpo de duração variável, segundo o equilíbrio emotivo e o avanço cultural daqueles que o governam, além do carro fisiológico, apresentando algumas transformações fundamentais, depois da morte carnal, principalmente no centro genésico, quando há sublimação do amor, na comunhão das almas que se reúnem no matrimônio divino das próprias forças, gerando novas fórmulas de aperfeiçoamento e progresso para o reino do Espírito. Esse corpo que evolui e se aprimora nas experiências de ação e reação, no plano terrestre e nas regiões espirituais que lhe são fronteiriças, é suscetível de sofrer alterações múltiplas, com alicerces na adinamia proveniente da nossa queda mental no remorso, ou na hiperdinamia imposta pelos delírios da imaginação, a se responsabilizarem por disfunções inúmeras da alma, nascidas do estado de hipo e hipertensão no movimento circulatório das forças que lhe mantém o organismo sutil, e pode também desgastar-se, na esfera imediata à esfera física, para nela se refazer, através do renascimento, segundo o molde mental preexistente, ou ainda restringir-se a fim de se reconstituir de novo, no vaso uterino, para a recapitulação dos ensinamentos e experiências de que se mostre necessitado, de acordo com as falhas da consciência perante a Lei. Outros aspectos do psicossoma examinaremos quando as circunstâncias nos induzam

a apreciar-lhe o comportamento nas regiões espirituais vizinhas da Terra, dentro das sociedades afins, em que as almas se reúnem conforme os ideais e as tarefas nobres que abraçam, ou segundo as culpas dilacerantes ou tendências inferiores em que se sintonizam, geralmente preparando novos eventos, alusivos às necessidades e problemas que lhes são peculiares nos domínios da reencarnação imprescindível. Pedro Leopoldo, 19/1/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“No processo de libertação psíquica dos componentes que constituem a organização somática, após o fenômeno da morte biológica, Espíritos há que, por falta de educação mental em relação aos quesitos superiores, se demoram anos e até séculos em lamentáveis fixações que os infelicizam e perturbam. Vivendo da matéria somente os fenômenos da sensação, desacostumados às emoções elevadas, apegam-se às impressões perniciosas, negando-se a aceitar a condição de desencarnados, e, graças a tal conduta, tombam em estados de alucinação, hibernação e **doenças** que são sequelas daquelas que lhes vitimaram o corpo. Amor e ódio, renúncia e apego, bondade e mesquinhez, constituem mecanismos de libertação ou algemas escravizadoras que caracterizam cada ser após o desenlace físico. A grande maioria das criaturas, embora informada das valiosas lições do Espiritualismo, vive, não raro, as experiências materialistas que as acompanham, como demoradas fixações a reclamarem, genericamente, para o mecanismo da desimpregnação, o mesmo tempo em que delas se tomaram dependência. Vícios e costumes mórbidos, que encarceraram nas jaulas das paixões os que se lhes entregaram, continuam como **necessidades** poderosas, exigindo que os seus aficionados busquem o prosseguimento da insânia na vinculação a companheiros terrenos, igualmente descuidados, o que gera obsessões de largo porte... Outrossim, se não ocorrer essa ligação parasitária, só o tempo, largo ou breve, conforme maior ou menor envolvimento da vítima, logra desagregar as partículas morbílicas que penetram o perispírito e nele se instalam produzindo o prolongamento da desdita. [...]” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Enfermagem espiritual libertadora)

III.9. Perispírito e mediunidade

“DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS.
72. Demonstrada, pelo raciocínio e pelos fatos, a existência dos Espíritos, assim como a possibilidade que têm de atuar sobre a matéria, trata-se agora de saber como se efetua essa ação e como procedem eles para fazer que se movam as mesas e outros corpos inertes. Uma ideia se apresenta muito naturalmente e nós a tivemos. Dando-nos outra explicação muito diversa, pela qual longe estávamos de esperar, os Espíritos a

combateram, constituindo isto uma prova de que a teoria deles não era efeito da nossa opinião. Ora, essa primeira ideia todos a podiam ter, como nós; quanto à teoria dos Espíritos, não cremos que jamais haja acudido à mente de quem quer que seja. Sem dificuldade se reconhecerá quanto é superior à que esposávamos, se bem que menos simples, porque dá solução a inúmeros outros fatos que, com a nossa, não encontravam explicação satisfatória. **73.** Desde que se tornaram conhecidas a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que este pode exercer sobre a matéria; desde que, em casos de aparição, se viram mãos fluídicas e mesmo tangíveis tomar dos objetos e transportá-los, julgou-se, como era natural, que o Espírito se servia muito simplesmente de suas próprias mãos para fazer que a mesa girasse e que à força de braço é que ela se erguia no espaço. Mas, então, sendo assim, que necessidade havia de médium? Não pode o Espírito atuar só por si? Porque, é evidente que o médium, que as mais das vezes põe as mãos sobre a mesa em sentido contrário ao do seu movimento, ou que mesmo não coloca ali as mãos, não pode secundar o Espírito por meio de uma ação muscular qualquer. Deixemos, porém, que primeiro falem os Espíritos a quem interrogamos sobre esta questão. **74.** As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito São Luís. Muitos outros, depois, as confirmaram. I. Será o fluido universal uma emanção da divindade? “Não.” II. Será uma criação da divindade? “Tudo é criado, exceto Deus.” III. O fluido universal será ao mesmo tempo o elemento universal? “Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.” IV.

Alguma relação tem ele com o fluido elétrico, cujos efeitos conhecemos? “É o seu elemento.” V. Em que estado o fluido universal se nos apresenta, na sua maior simplicidade? “Para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisamos ascender aos Espíritos puros. No vosso mundo, ele sempre se acha mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que vos cerca. Entretanto, podeis dizer que o estado em que se encontra mais próximo daquela simplicidade é o do fluido a que chamais *fluido magnético animal*.”^{27,28} VI. Já disseram que o fluido universal é a fonte da vida. Será ao mesmo tempo a fonte da inteligência? “Não, esse fluido apenas anima a matéria.” VII. Pois que é desse fluido que se compõe o perispírito, parece que, neste, ele se acha num como estado de condensação, que o aproxima, até certo ponto, da matéria propriamente dita? “Até certo ponto, como dizes, porquanto não tem todas as propriedades da matéria. É mais ou menos condensado, conforme os mundos.” VIII. Como pode um Espírito produzir o movimento de um corpo sólido? “Combinando uma parte do fluido universal com o fluido, próprio àquele efeito, que o médium emite.” IX. Será com os seus próprios membros, de certo modo solidificados, que os Espíritos levantam a mesa? “Esta resposta ainda não te levará até onde desejais. Quando, sob as vossas mãos, uma mesa se move, o Espírito haure no fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida factícia. Assim preparada a mesa, o Espírito a atrai e move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade. Quando quer pôr em movimento uma massa por demais pesada para suas forças, chama em

27 Nos parágrafos 74 a 77 do capítulo IV da segunda parte do *Livros dos Médiuns* (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo IV), devemos atentar para a distinção entre os diversos estados que o fluido universal se nos apresenta, para não confundirmos o “corpo vital, princípio vital ou duplo etérico” com o “corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”, como algumas citações podem sugerir. O “*fluido magnético animal*” ora citado, indispensável à ocorrência das manifestações mediúnicas de ordem material ou física, é o princípio ou fluido vital, elemento constituinte do corpo vital ou duplo etérico dos médiuns encarnados, estado de maior simplicidade do fluido universal que “anima a matéria”, estando unido substancialmente ao “corpo material ou físico” durante a vida (“fonte da vida”) e retornando à Natureza com a morte deste. **Esse fluido vital não constitui o perispírito em si** (“pois que o perispírito não é mais do que esse mesmo fluido vital”), **mas pode ser considerado parte integrante do mesmo nos corpos materiais ou físicos animados com a vida, segundo a concepção espírita que une, indistintamente, o corpo astral ao corpo vital.** Nos parágrafos 100 a 109 do capítulo VI da segunda parte do *Livro dos Médiuns* (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo VI), que iremos transcrever a seguir, essa possível confusão doutrinária de conceitos (união indistinta do corpo astral e do corpo vital na definição de perispírito) torna-se mais claramente esclarecida, quando se aborda o estado de “condensação do fluido do perispírito” necessário para os fenômenos mediúnicos de manifestações visuais, no qual “a modificação do perispírito (do espírito desencarnado) se opera mediante sua combinação com o fluido peculiar ao médium”. Ou seja, pela combinação do fluido perispiritual do espírito com o fluido magnético animal do médium ocorre “uma espécie de condensação do perispírito, por meio de uma mudança na disposição de suas moléculas, na qual ele adquire as propriedades de um corpo sólido e tangível”, desde que a emissão do fluido magnético animal (fluido vital) da pessoa seja suficientemente abundante para operar essa transformação do corpo perispiritual do espírito desencarnado. (Nota do Autor)

28 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.

seu auxílio outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Esse elemento, que constitui o que chamais perispírito, vos faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material. Julgo ter-me explicado muito claramente, para ser compreendido.” [...] XIII. Se compreendemos bem o que disseste, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira deste fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é ainda por meio deste fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É assim? “É. Quer dizer: ele empresta à matéria uma espécie de vida factícia; a matéria se anima da vida animal. A mesa, que se move debaixo das vossas mãos, vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este quem a impele, como faz o homem com um fardo. Quando ela se eleva, não é o Espírito quem a levanta, com o esforço do seu braço: é a própria mesa que, animada, obedece à impulsão que lhe dá o Espírito.” XIV. Que papel desempenha o médium nesse fenômeno? “Já eu disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser bastante para a animar.” XV. Pode o Espírito atuar sem o concurso de um médium? “Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, o que se verifica principalmente nos fenômenos espontâneos.” [...] 75. Estas explicações são claras, categóricas e isentas de ambiguidade. Delas ressalta, como ponto capital, que o fluido universal, onde se contém o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, agente que recebe impulsão do Espírito, seja encarnado, seja errante. Condensado, esse fluido constitui o perispírito, ou invólucro semimaterial do Espírito. Encarnado este, o perispírito se acha unido à matéria do corpo; estando o Espírito na erraticidade, ele se encontra livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim nos podemos exprimir. Em algumas pessoas se verifica, por efeito de suas organizações, uma espécie de emanção desse fluido e é isso, propriamente falando, o que constitui o médium de influências físicas. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, como mais ou menos

fácil a sua combinação, donde os médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão, porém, não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico. [...] 77. Assim, quando um objeto é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar, não é que o Espírito o tome, empurre e suspenda, como o faríamos com a mão. O Espírito o *satura*, por assim dizer, do seu fluido, combinado com o do médium, e o objeto, momentaneamente vivificado desta maneira, obra como o faria um ser vivo, com a diferença apenas de que, não tendo vontade própria, segue o impulso que lhe dá a vontade do Espírito. Pois que o fluido vital, que o Espírito, de certo modo, emite, dá vida factícia e momentânea aos corpos inertes; pois que o perispírito não é mais do que esse mesmo fluido vital, segue-se que, quando o Espírito está encarnado, é ele próprio quem dá vida ao seu corpo, por meio do seu perispírito, conservando-se unido a esse corpo, enquanto a organização deste o permite. Quando se retira, o corpo morre. Agora, se, em vez de uma mesa, esculpirmos uma estátua de madeira e sobre ela atuarmos, como sobre a mesa, teremos uma estátua que se moverá, que baterá, que responderá com os seus movimentos e pancadas. Teremos, em suma, uma estátua animada momentaneamente de uma vida artificial. Em lugar de mesas falantes, ter-se-iam estátuas falantes. Quanta luz esta teoria não projeta sobre uma imensidade de fenômenos até agora sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela não explica!” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo IV)

“DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS. 100. De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes, sem contestação possível, são aquelas por meio das quais os Espíritos se tornam visíveis. Pela explicação deste fenômeno se verá que ele não é mais sobrenatural do que os outros. Vamos apresentar primeiramente as respostas que os Espíritos deram acerca do assunto: [...] 21ª Como pode o Espírito fazer-se visível? “O princípio é o mesmo de todas as manifestações, reside nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações, ao sabor do Espírito.” 22ª Pode o Espírito propriamente dito fazer-se visível, ou só o pode com o auxílio do perispírito? “No estado material em que vos achais, só com o auxílio de seus invólucros semimateriais podem os Espíritos manifestar-se. Esse invólucro é o intermediário por meio do qual eles atuam sobre os vossos sentidos. Sob esse envoltório é que aparecem, às vezes, com uma forma humana, ou com outra qualquer, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, assim em plena luz, como na obscuridade.” 23ª Poder-se-á dizer que é pela condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível? “Condensação não é o termo. Essa palavra apenas pode ser usada para estabelecer uma comparação, que vos faculte compreender o fenômeno, porquanto não há

realmente condensação. Pela combinação dos fluidos, o perispírito toma uma disposição especial, sem analogia para vós outros, disposição que o torna perceptível.” [...] **ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS APARIÇÕES.** [...]

104. O Espírito, que quer ou pode fazer-se visível, reveste às vezes uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade se pode tornar real, isto é, possível se torna ao observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneca com a rapidez do relâmpago. Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil. Dado se possa atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, o mesmo já não ocorre quando se consegue segurá-la, palpá-la, quando ela própria segura o observador e o abraça, circunstâncias em que nenhuma dúvida mais é lícita. Os fatos de aparições tangíveis são os mais raros; porém, os que se têm dado nestes últimos tempos, pela influência de alguns médiuns de grande poder¹ (¹ Entre outros, o Sr. Home) e absolutamente autenticados por testemunhos irrecusáveis, provam e explicam o que a história refere acerca de pessoas que, depois de mortas, se mostraram com todas as aparências da realidade. Todavia, conforme já dissemos, por mais extraordinários que sejam, tais fenômenos perdem inteiramente todo caráter de maravilhosos, quando conhecida a maneira por que se produzem e quando se compreende que, longe de constituírem uma derrogação das leis da Natureza, são apenas efeito de uma aplicação dessas leis. **105.** Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível e tem isto de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, sem que, entretanto, jamais os tenhamos visto. Mas, também, do mesmo modo que alguns desses fluidos, pode ele sofrer modificações que o tornem perceptível à vista, quer por meio de uma espécie de condensação, quer por meio de uma mudança na disposição de suas moléculas. Aparece-nos então sob uma forma vaporosa. A condensação (preciso é que não se tome esta palavra na sua significação literal; empregamo-la apenas por falta de outra e a título de comparação), a condensação, dizemos, pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, conservando, porém, a possibilidade de retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível. Podemos apreender esse efeito, atentando no vapor, que passa do de invisibilidade ao estado brumoso, depois ao estado líquido, em seguida ao sólido e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não

de uma causa física exterior, como se dá com os nossos gases. Quando o Espírito nos aparece, é que pôs o seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Mas, para isso, não basta a sua vontade, porquanto a modificação do perispírito se opera mediante sua combinação com o fluido peculiar ao médium. Ora, esta combinação nem sempre é possível, o que explica não ser generalizada a visibilidade dos Espíritos. Assim, não basta que o Espírito queira mostrar-se; não basta tão pouco que uma pessoa queira vê-lo; é necessário que os dois fluidos possam combinar-se, que entre eles haja uma espécie de afinidade e também, porventura, que a emissão do fluido da pessoa seja suficientemente abundante para operar a transformação do perispírito e, provavelmente, que se verifiquem ainda outras condições que desconhecemos. É necessário, enfim, que o Espírito tenha a permissão de se fazer visível a tal pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou só o é em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar. **106.** Outra propriedade do perispírito inerente à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo: ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem não haver tapagem capaz de obstar à entrada dos Espíritos. Eles visitam o prisioneiro no seu calabouço, com a mesma facilidade com que visitam uma pessoa que esteja em pleno campo. [...]

109. O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações. O conhecimento dele foi a chave da explicação de uma imensidade de fenômenos e permitiu que a ciência espírita desse largo passo, fazendo-a enveredar por nova senda, tirando-lhe todo o cunho de maravilhosa. Dos próprios Espíritos, porquanto, notai bem que foram eles que nos ensinaram o caminho, tivemos a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí encontraremos ainda a de muitos outros fenômenos que examinaremos antes de passarmos ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor as compreenderemos, quanto mais conhecedores nos acharmos das causas primárias. Quem haja compreendido bem aquele princípio, facilmente, por si mesmo, o aplicará aos diversos fatos que se lhe possam oferecer à observação.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo VI)

“DA BICORPOREIDADE E DA TRANSFIGURAÇÃO. 114. Estes dois fenômenos são variedades das manifestações visuais e, por muito maravilhosos que pareçam à primeira vista, facilmente se reconhecerá, pela explicação que deles se pode dar, que não estão fora da ordem dos fenômenos naturais. Assentam ambos no princípio de que tudo o que ficou dito, das propriedades do perispírito após a morte, se aplica ao perispírito dos vivos. Sabemos que durante o sono o Espírito readquire parte da sua liberdade, isto é,

isola-se do corpo e é nesse estado que, em muitas ocasiões, se tem ensejo de observá-lo. Mas, o Espírito, quer o homem esteja vivo, quer morto, traz sempre o envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas de que já tratamos, pode tornar-se visível e tangível. Há fatos muito positivos, que nenhuma dúvida permite a tal respeito. Citaremos apenas alguns exemplos, de que temos conhecimento pessoal e cuja exatidão podemos garantir, sendo que a todos é possível registrar outros análogos, consultando suas próprias reminiscências. **115.** A mulher de um dos nossos amigos viu repetidas vezes entrar no seu quarto, durante a noite, houvesse ou não luz, uma vendedora de frutas que ela conhecia de vista, residente nas cercanias, mas com quem jamais falara. Grande terror lhe causou essa aparição, não só porque, na época em que se deu, ela ainda nada conhecia do Espiritismo, como também porque se produzia com muita frequência. Ora, a vendedora de frutas estava perfeitamente viva e, àquelas horas, provavelmente dormia. Assim, enquanto, na sua casa, seu corpo material repousava, seu Espírito, com o respectivo corpo fluídico, ia à casa da senhora em questão. Por que motivo? É o que se não sabe. Diante de fato de tal natureza, um espírita, iniciado nessa espécie de fenômenos, ter-lhe-ia perguntado; disso, porém, nenhuma ideia teve a senhora. De todas as vezes, a aparição se eclipsava, sem que ela soubesse como, e, de todas igualmente, após a desapareição, cuidou de se certificar de que as portas estavam bem fechadas, de modo a não poder ninguém penetrar-lhe no aposento. Esta precaução lhe deu a prova de estar sempre completamente acordada na ocasião e de não haver sido joguete de um sonho. De outras vezes, viu, da mesma maneira, um homem que lhe era desconhecido e, certo dia, viu seu próprio irmão, que se achava na Califórnia. Este se lhe apresentou com a aparência tão perfeita de uma pessoa real, que, no primeiro momento, acreditou que ele houvesse regressado e quis dirigir-lhe a palavra. Logo, entretanto, o vulto desapareceu, sem lhe dar tempo a isso. Uma carta, que posteriormente lhe chegou, trouxe-lhe a prova de que o irmão, que ela vira, não morrerá. Essa senhora era o que se pode chamar um médium vidente natural. Mas, então, como acima dissemos, ainda nunca ouvira falar em médiuns. [...] **119.** Voltemos ao nosso assunto. Isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. Demais, pelas mesmas causas que temos exposto, pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de *bicorporeidade*, foi que deu azo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. Aqui vão dois exemplos, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica. Santo Afonso de Liguori foi

canonizado antes do tempo prescrito, por se haver mostrado simultaneamente em dois sítios diversos, o que passou por milagre. Santo Antônio de Pádua estava pregando na Itália (vide *Nota Especial* à página 187), quando seu pai, em Lisboa, ia ser supliciado, sob a acusação de haver cometido um assassinio. No momento da execução, Santo Antônio aparece e demonstra a inocência do acusado. Comprovou-se que, naquele instante, Santo Antônio pregava na Itália, na cidade de Pádua. Por nós evocado e interrogado, acerca do fato acima, Santo Afonso respondeu do seguinte modo: 1ª Poderias explicar-nos esse fenômeno? “Perfeitamente. Quando o homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, ao sentir que lhe vem o sono, pode pedir a Deus lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quiseses, abandona então o corpo, acompanhado de uma parte do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado próximo do da morte. Digo próximo do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio ser isto o que queres saber.” 2ª Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito. “Achando-se desprendido da matéria, conformemente ao grau de sua elevação, pode o Espírito tornar-se tangível à matéria.” 3ª Será indispensável o sono do corpo, para que o Espírito apareça noutros lugares? “A alma pode dividir-se, quando se sinta atraída para lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não se ache adormecido, se bem seja isto muito raro; mas, em todo caso, não se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre um estado mais ou menos extático.” (Nota. A alma não se divide, no sentido literal do termo: irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Dá-se o que se dá com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em muitos espelhos.) 4ª Que sucederia se, estando o homem a dormir, em quanto seu Espírito se mostra noutra parte, alguém de súbito o despertasse? “Isso não se verificaria, porque, se alguém tivesse a intenção de o despertar, o Espírito retornaria ao corpo, prevenido a intenção, porquanto o Espírito lê os pensamentos.” (Nota. Explicação inteiramente idêntica nos deram, muitas vezes, Espíritos de pessoas mortas, ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não a teoria da visibilidade e da tangibilidade.) **120.** Tácito refere um fato análogo: Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, aguardando a volta dos ventos estivais e da estação em que o mar oferece segurança, muitos prodígios ocorreram, pelos

quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses tomavam por aquele príncipe... Esses prodígios redobram o desejo, que Vespasiano alimentava, de visitar a sagrada morada do deus, para consultá-lo sobre as coisas do império. Ordenou que o templo se conservasse fechado para quem quer que fosse e, tendo nele entrado, estava todo atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebeu, por detrás de si, um dos mais eminentes Egípcios, chamado Basílides, que ele sabia estar doente, em lugar distante muitos dias de Alexandria. Inquiriu dos sacerdotes se Basílides viera naquele dia ao templo; inquiriu dos transeuntes se o tinham visto na cidade; por fim, despachou alguns homens a cavalo, para saberem de Basílides e veio a certificar-se de que, no momento em que este lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não mais duvidou de que tivesse sido sobrenatural a visão e o nome de Basílides lhe ficou valendo por um oráculo. (*Tácito: Histórias*, liv. IV, caps. LXXXI e LXXXII. Tradução de Burnouf.) **121.** Tem, pois, dois corpos o indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes. Mas, desses dois corpos, um somente é real, o outro é simples aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma. Ao despertar o indivíduo, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível, pelo menos não conhecemos disso exemplo algum, e a razão, ao nosso ver, o demonstra, que, no estado de separação, possam os dois corpos gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente. Demais, do que acabamos de dizer ressalta que o corpo real não poderia morrer, enquanto o corpo aparente se conservasse visível, porquanto a aproximação da morte sempre atrai o Espírito para o corpo, ainda que apenas por um instante. Daí resulta, igualmente, que o corpo aparente não poderia ser matado, porque não é orgânico, não é formado de carne e osso. Desapareceria, no momento em que o quisessem matar¹. (¹ Ver na *Revue Spirite*, janeiro de 1859: “O Duende de Baiona”; fevereiro de 1859: “Os agêneres; meu amigo Hermann”; maio de 1859: “O laço que prende o Espírito ao corpo”; novembro de 1859: “A alma errante”; janeiro de 1860: “O Espírito de um lado e o corpo do outro”; março de 1860: “Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas”; “O doutor V. e a senhorita I.”; abril de 1860: “O fabricante de São Petersburgo; aparições tangíveis”; novembro de 1860: “História de Maria Agreda”; julho de 1861: “Uma aparição providencial”.) **122.** Passemos ao segundo fenômeno, o da *transfiguração*. Consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo. Aqui está um fato dessa natureza cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido durante os anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne. Uma mocinha, de mais ou menos quinze anos, gozava da singular faculdade de se

transfigurar, isto é, de tomar, em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas. Tão completa era a ilusão, que os que assistiam ao fenômeno julgavam ter diante de si a própria pessoa, cuja aparência ela tomava, tal a semelhança dos traços fisionômicos, do olhar, do som da voz e, até, da maneira particular de falar. Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes sem que a vontade da mocinha ali interferisse. Tomou, em várias ocasiões, a aparência de seu irmão, que morrera alguns anos antes. Reproduzia-lhe não somente o semblante, mas também o porte e a corpulência. Um médico do lugar, testemunha que fora, muitas vezes, desses estranhos efeitos, querendo certificar-se de que não havia naquilo ilusionismo, fez a experiência que vamos relatar. Conhecemos os fatos, pelo que nos referiram ele próprio, o pai da moça e diversas outras testemunhas oculares, muito honradas e dignas de crédito. Veio a esse médico a ideia de pensar a moça no seu estado normal e de fazer-lhe o mesmo no de transfiguração, quando apresentava a aparência do irmão, que contava, ao morrer, vinte e tantos anos, e era mais alto do que ela e de complexão mais forte. Pois bem! Verificou que, no segundo estado, o peso da moça era quase duplo do seu peso normal. Concludente se mostra a experiência, tornando impossível atribuir-se aquela aparência a uma simples ilusão de ótica. Tentemos explicar esse fato, que noutro tempo teria sido qualificado de milagre e a que hoje chamamos muito simplesmente fenômeno. **123.** A transfiguração, em certos casos, pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia expressão muito diferente da habitual, ao ponto de tornar-se quase irreconhecível a pessoa. Temo-lo observado frequentemente com alguns sonâmbulos; mas, nesse caso, a transformação não é radical. Uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará, nem diminuirá. No fenômeno com que nos ocupamos, há mais alguma coisa. A teoria do perispírito nos vai esclarecer. Está, em princípio, admitido que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseqüentemente, a opacidade; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos. Figuremos agora o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, passível se torna das mesmas modificações de que o seria, se o corpo estivesse separado. Perdendo ele a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, ficar velado, como se mergulhado numa bruma. Poderá então o perispírito mudar de aspecto,

fazer-se brilhante, se tal for a vontade do Espírito e se este dispuser de poder para tanto. Um outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá, a essa combinação de fluidos, imprimir a aparência que lhe é própria, de tal sorte, que o corpo real desapareça sob o envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do estranho fenômeno e raro, cumpra-se diga, da transfiguração. Quanto à diferença de peso, explica-se da mesma maneira por que se explica com relação aos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou, pois que não aumentou nele a quantidade de matéria. Sofreu, porém, a influência de um agente exterior, que lhe pode aumentar ou diminuir o peso relativo, conforme explicamos acima, n^{os} 78 e seguintes. Provável é, portanto, que, se a transformação se produzir, tomando a pessoa o aspecto de uma criança, o peso diminua proporcionalmente. **124.** Concebe-se que o corpo possa tomar outra aparência de dimensão igual ou maior do que a que lhe é própria. Como, porém, lhe será possível tomar uma de dimensão menor, a de uma criança, conforme acabamos de dizer? Neste caso, não será de prever que o corpo real ultrapasse os limites do corpo aparente? Por isso mesmo que tal se pode dar, não dizemos que o fato se tenha produzido. Apenas, reportando-nos à teoria do peso específico, quisemos fazer sentir que o peso aparente houvera podido diminuir. Quanto ao fenômeno em si, não afirmamos nem a sua possibilidade, nem a sua impossibilidade. Dado, entretanto, que ocorra, a circunstância de se lhe não oferecer uma solução satisfatória de nenhum modo o infirmaria. Importa se não esqueça que nos achamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de haver dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes poderiam ser perfeitamente tornadas invisíveis. A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta muito naturalmente das explicações precedentes e das que foram ministradas a respeito do fenômeno dos transportes, n^{os} 96 e seguintes.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo VII)

“**39.** O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a antiguidade e designado por S. Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é *inseparável da alma*, forma um dos elementos constitutivos do *ser humano*, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia. **40.** O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais

e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege — fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz-se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.” (AK, *A gênese*, Capítulo I)

“**APARIÇÕES. TRANSGIFURAÇÕES. 35.** Para nós, o perispírito, no seu estado normal, é invisível; mas, como é formado de substância etérea, o Espírito, em certos casos, pode, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da Natureza. Nada tem esse de mais extraordinário, do que o do vapor que, quando muito rarefeito, é invisível, mas que se torna visível, quando condensado. Conforme o grau de condensação do fluido perispirítico, a aparição é, às vezes, vaga e vaporosa; doutras vezes, mais nitidamente definida; doutras, enfim, com todas as aparências da matéria tangível. Pode, mesmo, chegar, até, à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si. São frequentes as aparições vaporosas, forma sob a qual muitos indivíduos, depois de terem morrido, se apresentam às pessoas que lhes são afeiçoadas. As aparições tangíveis são mais raras, se bem haja delas numerosíssimos casos, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprime ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo. [...] **39.** Podendo o Espírito operar transformações na textura do seu envoltório perispirítico e irradiando-se esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno análogo ao das aparições. Pode a imagem real do corpo apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, e assumir outra aparência; ou, então, vistos através da camada fluídica modificada, os traços primitivos podem tomar

outra expressão. Se, saindo do terra-a-terra, o Espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual, pode a expressão de um semblante feio tornar-se bela, radiosa e até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é presa de paixões más, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo. Assim se operam as transfigurações, que refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito. O fenômeno resulta, portanto, de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispírica, que se produz sobre o próprio corpo do vivo e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o serem, geralmente, perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, precisamente por se basearem na matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“MANIFESTAÇÕES FÍSICAS. MEDIUNIDADE.

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da sus pensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica, tão antigos quanto o mundo, porém vulgares hoje, facultam a explicação de alguns outros, análogos e espontâneos, aos quais, pela ignorância da lei que os rege, se atribuíam caráter sobrenatural e miraculoso. Tais fenômenos têm por base as propriedades do fluido perispírico, quer dos encarnados, quer dos Espíritos livres. **41.** Por meio do seu perispírito é que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo; ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta; atuando sobre a matéria inerte, é que produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que os levanta, derriba ou transporta. Nada tem de surpreendente esse fenômeno, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade. É igualmente com o concurso do seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem, desenhem. Já não dispondo de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, corpo ao qual faz que atue como se fora o seu próprio, mediante o eflúvio fluídico que verte sobre ele. **42.** Pelo mesmo processo atua o Espírito sobre a mesa, quer para que esta se mova, sem que o seu movimento tenha significação determinada, quer para que dê pancadas inteligentes, indicativas das letras do alfabeto, a fim de formarem palavras e frases, fenômeno esse denominado *tiptologia*. A mesa não passa de um instrumento de que o Espírito se utiliza, como se utiliza do lápis para escrever. Para esse efeito, dá-lhe ele uma vitalidade momentânea, por meio do fluido que lhe inacula, porém *absolutamente não se identifica com ela*. [...] **43.** Quando a mesa se destaca

do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força de um braço; envolve-a e penetra-a de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como faz o ar com os balões e papagaios. O fluido que se infiltra na mesa dá-lhe momentaneamente maior leveza específica. Quando fica pregada ao solo, ela se acha numa situação análoga à da campânula pneumática sob a qual se fez o vácuo. Não há aqui mais que simples comparações destinadas a mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. IV)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“§ I — O PERISPÍRITO COMO PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES. [...] **13.**

Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. Sua natureza etérea não é que a isso obstará, pois se sabe que os mais poderosos motores se nos deparam nos fluidos mais rarefeitos e nos mais imponderáveis. Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca, os Espíritos produzem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de toda espécie, levantamento, transporte ou lançamento de objetos. Para explicarem-se esses fatos, não há porque recorrer ao maravilhoso, nem ao sobrenatural. **14.** Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música, etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens. **15.** Podem ser espontâneas ou provocadas as manifestações dos Espíritos. As primeiras dão-se inopinadamente e de improviso. Produzem-se, muitas vezes, entre pessoas de todo estranhas às ideias espíricas. Nalguns casos e sob o império de certas circunstâncias, pode a vontade provocar as manifestações, sob a influência de pessoas dotadas, para tal efeito, de faculdades especiais. As manifestações espontâneas sempre se produziram, em todas as épocas e em todos os países. Sem dúvida, já na antiguidade se conhecia o meio de as provocar; mas, esse meio constituía privilégio de certas castas que somente a raros iniciados o revelavam, sob condições rigorosas, escondendo-o ao vulgo, a fim de o dominar pelo prestígio de um poder oculto. Ele, contudo, se perpetuou, através das idades até aos nossos dias, entre alguns indivíduos, mas quase sempre desfigurado pela superstição, ou de mistura com as práticas ridículas da magia, o que contribuiu para o desacreditar. Nada mais fora até então senão germens lançados aqui e ali. A Providência reservara para a nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos, para os expurgar das ligas impuras e torná-los úteis ao melhoramento da Humanidade, madura agora

para os compreender e lhes tirar as consequências.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“§ II — MANIFESTAÇÕES VISUAIS. 16. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, tendo isso de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, mas que nunca vimos. Pode também, como alguns fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, quer por uma espécie de condensação, quer por uma mudança na disposição molecular. Pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível e retomar instantaneamente seu estado etéreo e invisível. É possível fazer-se ideia desse efeito pelo que acontece com o vapor, que passa do estado de invisibilidade ao estado brumoso, depois ao líquido, em seguida ao sólido e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como se dá com os gases. Quando um Espírito aparece, é que ele põe seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Entretanto, nem sempre basta a vontade para fazê-lo visível: é preciso, para que se opere a modificação do perispírito, o concurso de umas tantas circunstâncias que dele independem. É, preciso, ao demais, que ao Espírito seja permitido fazer-se visível a tal pessoa, permissão que nem sempre lhe é concedida, ou somente o é em determinadas circunstâncias, por motivos que nos escapam. (Veja-se: *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, capítulo VI) Outra propriedade do perispírito, peculiar essa à sua natureza etérea, é a **penetrabilidade**. Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado. Eles visitam o preso no seu cárcere tão facilmente como visitam a um que está no campo a trabalhar. 17. As manifestações visuais ocorrem ordinariamente durante o sono, por meio dos sonhos: são as **visões**. As **aparições** propriamente ditas dão-se no estado de vigília, estando aqueles que as percebem no gozo pleno de suas faculdades e da liberdade de usar delas. Apresentam-se, em geral, sob forma vaporosa e diáfana, algumas vezes vaga e imprecisa. Frequentemente, não passam, à primeira vista, de um clarão esbranquiçado, cujos contornos pouco a pouco se acentuam. Outras vezes, as formas se apresentam nitidamente desenhadas, distinguindo-se os menores traços do rosto, ao ponto de poder-se descrevê-lo com precisão. Os ademanes e o aspecto assemelham-se aos que o Espírito tinha quando vivo. 18. Podendo assumir todas as aparências, o Espírito se apresenta debaixo daquela que mais reconhecível o possa tornar, se o quiser. É assim que, embora como Espírito nenhuma enfermidade corpórea lhe reste, ele se mostrará estropeado, coxo, ferido com cicatrizes, se isso for necessário a lhe

comprovar a identidade. O mesmo se observa com relação ao traje. O dos Espíritos que nada conservam das fraquezas terrenas, aquele de ordinário consta de amplos panos flutuantes e de uma cabeleira ondulante e graciosa. Amiúde os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação, como: uma auréola, asas os que podem ser considerados anjos, resplandecente aspecto luminoso, enquanto que outros trajam as que recordam suas ocupações terrestres. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal, etc. A figura dos Espíritos superiores é bela, nobre e serena; os mais inferiores têm qualquer coisa de feroz e bestial e, por vezes, ainda mostram vestígios dos crimes que cometeram ou dos suplícios por que passaram, sendo-lhes essas aparências uma realidade, isto é, julgam-se quais aparecem, o que é para eles um castigo. 19. O Espírito que quer ou pode realizar uma aparição toma por vezes uma forma ainda mais precisa, de semelhança perfeita com um sólido corpo humano, de sorte a causar ilusão completa e dar a crer que está ali um ser corpóreo. Nalguns casos e dadas certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é, pode-se tocar, apalpar a aparição, senti-la resistente como um corpo vivo e com o calor que se observa neste, o que não impede que ela se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Pode, pois, uma pessoa estar em presença de um Espírito, trocar com ele palavras e gestos ordinários e supor que se trata de um simples mortal, sem suspeitar sequer que tem diante de si um Espírito. 20. Qualquer que seja o aspecto sob que se apresente um Espírito, ainda que sob forma tangível, pode ele, no instante em que isso se dê, somente ser visível para algumas pessoas. Pode, pois, numa reunião, mostrar-se, apenas, a um ou a diversos dos que nela estejam. De dois indivíduos que se achem lado a lado, pode acontecer que um o veja e toque e o outro nem o veja, nem o sinta. O fenômeno da aparição a uma só pessoa, entre muitas que se encontrem reunidas, explica-se por ser necessária, para que ele se produza, uma combinação do fluido perispiritual do Espírito com o da pessoa. E, para que isso se dê, é preciso que haja entre esses fluidos uma espécie de afinidade que permita a combinação. Se o Espírito não encontra a necessária aptidão orgânica, o fenômeno da aparição não pode reproduzir-se; se existe a aptidão, o Espírito tem a liberdade de aproveitá-la ou não. Daí resulta que, se duas pessoas igualmente dotadas quanto a essa aptidão se encontram juntas, pode o Espírito operar a combinação fluídica apenas com aquela das duas a quem ele queira mostrar-se. Se não a operar com a outra, esta não o verá. É como se se tratasse de dois indivíduos cujos olhos estivessem vendados: se um terceiro quiser mostrar-se a um dos dois apenas, somente dos olhos desse retirará a

venda. A um, porém, que fosse cego, nada adiantaria a retirada da venda: ele, por isso, não adquiriria a faculdade de ver. **21.** São muito raras as aparições tangíveis, sendo, no entanto, frequentes as vaporosas. São-no, sobretudo, no momento da morte. O Espírito que se libertou como que tem pressa de ir rever seus parentes e amigos, quicá para avisá-los de que acaba de deixar a Terra e dizer-lhes que continua a viver. Recorra cada um às suas lembranças e verificará que muitos fatos autênticos desse gênero, aos quais não foi dada a devida atenção, ocorreram, não somente à noite, mas em pleno dia e em completo estado de vigília.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“§ III — TRANSFIGURAÇÃO. INVISIBILIDADE. 22. O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos Espíritos. Como já foi dito, o daquelas não se acha confinado no corpo: irradia e forma em torno deste uma espécie de atmosfera fluídica. Ora, pode suceder que, em certos casos e dadas as mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação análoga à já descrita: a forma real e material do corpo se desvanece sob aquela camada fluídica, se assim nos podemos exprimir, e toma por momentos uma aparência inteiramente diversa, mesmo a de outra pessoa ou a do Espírito que combina seus fluidos com os do indivíduo, podendo também dar a um semblante feio um aspecto bonito e radioso. Tal o fenômeno que se designa pelo nome de “transfiguração”, bastante frequente e que se produz, principalmente, quando as circunstâncias ocorrentes provocam mais abundante expansão de fluido. O fenômeno da transfiguração pode operar-se com intensidades muito diferentes, conforme o grau de depuração do perispírito, grau que sempre corresponde ao da elevação moral do Espírito. Cinge-se, às vezes, a uma simples mudança no aspecto geral da fisionomia, enquanto que outras vezes dá ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida. A forma material pode consequentemente desaparecer sob o fluido perispirítico, sem que se faça para isso necessário que o fluido assuma outro aspecto. Por vezes, apenas oculta um corpo inerte ou vivo, tornando-o invisível para uma ou para muitas pessoas, como o faria uma camada de vapor. Tomamos as coisas atuais unicamente como termos de comparação, sem pretendermos uma analogia absoluta, que não existe. **23.** Estes fenômenos talvez pareçam singulares, mas somente por não se conhecerem ainda as propriedades do fluido perispirítico. Este é, para nós, um novo corpo, que há de possuir propriedades novas e que não se podem estudar senão pelos processos ordinários da Ciência, mas que não deixam, por isso, de ser propriedades naturais, só tendo de maravilhosa a novidade.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“§ IV — EMANCIPAÇÃO DA ALMA. 24. Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, esse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que a sua presença não é necessária para atuar isoladamente e ir aonde quiser, no gozo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades. Durante a encarnação, o Espírito jamais se acha completamente separado do corpo; qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se preso sempre àquele por um laço fluídico que serve para fazê-lo voltar à prisão corpórea, desde que a sua presença ali se torne necessária. Esse laço só a morte o rompe. “Durante o sono, a alma se liberta parcialmente do corpo. Quando dormimos, ficamos, temporariamente, no estado em que nos acharemos de maneira definitiva após a morte. Os Espíritos que depois da morte de seus corpos se desligaram da matéria, tiveram sonos inteligentes; aqueles, quando dormem, juntam-se à sociedade de outros seres que lhes são superiores; viajam, conversam e se instruem com eles, trabalham mesmo em obras que, quando morrem, acham inteiramente acabadas. Isto deve ensinar-vos a não temer a morte, pois que morreis todos os dias, como o disse um santo. “Assim é com relação aos Espíritos elevados. Quanto à massa geral dos homens que, por ocasião da morte, têm de passar por aquela perturbação, por aquela incerteza de que eles próprios vos hão falado, esses vão ou a mundos inferiores à Terra, aonde os chamam antigas afeições, ou em busca de prazeres ainda mais degradantes, talvez, do que os de sua predileção neste mundo. Vão à cata de doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que entre vós professam. O que gera na Terra a simpatia é apenas o fato de que o Espírito, ao despertar, se sente vincula do, pelo coração, àqueles em cuja companhia acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Por outro lado, o que também explica essas invencíveis antipatias que uma criatura às vezes experimenta é que ela sente, dentro do seu coração, que os que lhe são antipáticos possuem uma consciência diversa da sua, pois que ela os conhece sem jamais os ter visto. É também o que explica a indiferença, que nasce da circunstância de não nos interessar o granjeio de novos amigos, quando sabemos que outros contamos que nos amam e nos querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida. “Por meio do sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos e é isso o que faz que os Espíritos superiores consintam, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Deus quer que, enquanto se achem em contato com o vício, eles possam ir retemperar-se na fonte do bem, para não suceder que também venham a falir, quando o que lhes cabe é instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para irem ter com seus amigos do céu; é o

recreio após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a libertação final que os restituirá ao meio que lhes é próprio. “O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais, pois que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que vistes. É que a vossa alma não se acha em todo o desenvolvimento de suas faculdades; não é, muitas vezes, mais do que a lembrança da perturbação que experimenta à partida ou à volta, à qual se junta a do que fizestes ou do que vos preocupa no estado de vigília. Se assim não fosse, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os mais sábios, como os mais simples têm? Também os maus Espíritos se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas ou pusilânimes. “A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas resultantes da recordação incompleta do que durante eles foi visto. Dá-se então o que se daria com uma narrativa da qual se truncassem frases ao acaso: reunidos, os fragmentos que restassem nenhuma significação racional apresentariam. “Em suma, dentro em pouco vereis desenvolver-se outra espécie de sonhos, tão antigos como os que conheceis, mas que ainda ignorais. O sonho de Joana d’Arc, o sonho de Jacob, os sonhos dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos são lembranças que a alma, inteiramente desprendida do corpo, conserva dessa outra vida de que eu ainda não há muito vos falava.” (*O Livro dos Espíritos*, Parte 2ª, cap. VIII)

25. A independência e a emancipação da alma se manifestam, de maneira evidente, sobretudo no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia. A lucidez sonambúlica não é senão a faculdade, que a alma tem de ver e sentir sem o concurso dos órgãos materiais. É um de seus atributos essa faculdade e reside em todo o seu ser, não passando os órgãos do corpo de estreitos canais por onde lhe chegam certas percepções. A visão a distância, que alguns sonâmbulos possuem, provém de um deslocamento da alma, que então vê o que se passa nos lugares a que se transporta. Em suas peregrinações, ela se acha sempre revestida do seu perispírito, agente de suas sensações, mas que nunca se desliga completamente do corpo, como já ficou dito. O afastamento da alma produz a inércia do corpo, que às vezes parece sem vida. **26.** Esse afastamento ou desprendimento pode também operar-se, em graus diversos, no estado de vigília. Mas, então, jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres. O corpo não dorme, caminha, age, mas os olhos olham sem ver, dando a compreender que a alma está algures. Como no sonambulismo, ela vê as coisas distantes; tem percepções e sensações que desconhecemos; às vezes, tem a presciência de alguns acontecimentos futuros pela ligação que percebe

existir entre eles e os fatos presentes. Penetrando no mundo invisível, vê os Espíritos com quem lhe é possível entabular conversação e cujos pensamentos lhe é dado transmitir. À sua volta ao estado normal, de ordinário sobrevém o esquecimento do que se passou. Algumas vezes, porém, ela conserva uma lembrança mais ou menos vaga do ocorrido, como se tivesse tido um sonho. **27.** Não raro, a emancipação da alma amortece tanto as sensações físicas, que chega a produzir verdadeira insensibilidade que, nos momentos de exaltação, lhe possibilita suportar com indiferença as mais vivas dores. Provém essa insensibilidade do desprendimento do perispírito, agente transmissor das sensações corporais. Ausente, o Espírito não sente as feridas feitas no corpo. **28.** Em sua manifestação mais simples, a faculdade que a alma tem de emancipar-se produz o que se denomina o devaneio em vigília. A algumas pessoas, essa emancipação também dá a presciência, que se traduz pelos pressentimentos; em grau mais avançado de desprendimento, produz o fenômeno conhecido pelo nome de “segunda vista”, “vista dupla”, ou “sonambulismo vigil”. **29.** O **êxtase** é a emancipação da alma no grau máximo. “No sonho e no sonambulismo, a alma erra pelos mundos terrestres; no êxtase, penetra num mundo desconhecido, no mundo dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites, que ela não poderia transpor sem quebrar totalmente os laços que a prendem ao corpo. Cercam-na um brilho resplandecente e desusado fulgor, elevam-na harmonias que na Terra se desconhecem, invade-a indefinível bem-estar; dado lhe é gozar antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que põe um pé no limiar da eternidade. No êxtase, é quase completo o aniquilamento do corpo; já não resta, por assim dizer, senão a vida orgânica e percebe-se que a alma lhe está presa apenas por um fio, que mais um pequeno esforço faria partir-se.” (*O Livro dos Espíritos*, nº 455) **30.** Como em nenhum dos outros graus de emancipação da alma, o êxtase não é isento de erros, pelo que as revelações dos extáticos longe estão de exprimir sempre a verdade absoluta. A razão disso reside na imperfeição do espírito humano; somente quando ele há chegado ao cume da escala pode julgar das coisas lucidamente; antes não lhe é dado ver tudo, nem tudo compreender. Se, após o fenômeno da morte, quando o desprendimento é completo, ele nem sempre vê com justeza; se muitos há que se conservam imbuídos dos prejuízos da vida, que não compreendem as coisas do mundo visível, onde se encontram, com mais forte razão o mesmo há de suceder com o Espírito ainda retido na carne. Há por vezes, nos extáticos, mais exaltação que verdadeira lucidez, ou, melhor, a exaltação lhes prejudica a lucidez, razão por que suas revelações são com frequência mistura

de verdades e erros, de coisas sublimes e outras ridículas. Também Espíritos inferiores se aproveitam dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não há quem saiba governá-la, para dominar o extático, e, para conseguirem seus fins, assumem aos olhos deste **aparências** que o aferram às suas ideias e preconceitos, de modo que suas visões e revelações não vêm a ser mais do que reflexos de suas crenças. É um escolho a que só escapam os Espíritos de ordem elevada, escolho diante do qual o observador deve manter-se em guarda. **31.** Pessoas há cujo perispírito se identifica de tal maneira com o corpo, que só com extrema dificuldade se opera o desprendimento da alma, mesmo por ocasião da morte; são, em geral, as que viveram mais para a matéria; são também aquelas para as quais a morte é mais penosa, mais cheia de angústias, mais longa e dolorosa a agonia. Outras há, porém, cujas almas, ao contrário, se acham presas ao corpo por liames tão frágeis, que a separação se efetua sem abalos, com a maior facilidade e frequentemente antes que se dê a morte do corpo. Ao aproximar-se-lhes o termo da vida, essas almas entreveem o mundo onde vão penetrar e pelo qual aspiram no momento da libertação completa.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“§ V — **APARIÇÃO DE PESSOAS VIVAS. BICORPOREIDADE.** **32.** A faculdade, que a alma possui de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília. Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência tão idêntica à realidade, que possível se torna a muitas pessoas estar com a verdade, ao afirmarem tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se no outro o Espírito. Foi este fenômeno, aliás muito raro, que deu origem à crença nos homens duplos e que se denomina de **bicorporeidade**. Por muito extraordinário que seja, tal fenômeno, como todos os outros, se compreende na ordem dos fenômenos naturais, pois que decorre das propriedades de perispírito e de uma lei natural.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“É fato hoje comprovado e perfeitamente explicado que o Espírito, isolando-se de um corpo vivo, pode, com auxílio do seu envoltório fluido-perispirítico,

aparecer em lugar diferente do em que está o corpo material. Até ao presente, porém, a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos. Se são exatos, os fatos seguintes provam que ela igualmente se produz no estado de vigília. Extraímos-las da obra alemã: *Os Fenômenos Místicos da Vida Humana*, por Maximiliano Perty, professor da Universidade de Berne, publicada em 1861. (Leipzig e Heidelberg). [...]” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas)

III.10. Obsessão, possessão, subjugação e metamorfose perispiritual²⁹

“**OBSESSÕES E POSSESSÕES. 45.** Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação mal-fazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter. Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. [...] **47.** Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constrangido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, conseqüentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18) De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da

²⁹ Vide Subcapítulo I.12 (“Obsessão e metamorfose perispiritual: ovoides, licantrópia e zoantropia”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

posseção é mesmo o último que fala e obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] § VII — DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO. 56. A obsessão consiste no domínio que os maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de as escravizar e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal. Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. Se o Espírito é bom, sua atuação é suave, benfazeja, não impele o indivíduo senão à prática de atos bons; se é mau, força-o a ações más. Se é perverso e malfazejo, aperta-o como numa teia, paralisa-lhe até a vontade e mesmo o juízo, que ele abafa com o seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada d’água. Fá-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade. À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de **posseção**. É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“De quando em quando, grupos hostis de entidades espirituais em desequilíbrio nos defrontavam, seguindo adiante, indiferentes, incapazes de registrar-nos a presença. Falavam em alta voz, em português degradado, mas inteligível, evidenciando, pelas gargalhadas, deploráveis condições de ignorância. Apresentavam-se em trajes bisonhos e conduziam apetrechos de lutar e ferir. Avançamos mais profundamente, mas o ambiente passou a sufocar-nos. Repousamos, de algum modo, vencidos de fadiga singular, e Gúbio, depois de alguns momentos, nos esclareceu: – Nossas organizações perispíricas, à maneira de scafandro estruturado em material absorvente, por ato deliberado de nossa vontade, não devem reagir contra as baixas vibrações deste plano. Estamos na posição de homens que, por amor, descessem a operar num imenso lago de lodo; para socorrer eficientemente os que se adaptaram a ele, são compelidos a cobrir-se com as substâncias

do charco, sofrendo-lhes, com paciência e coragem, a influência deprimente. Atravessamos importantes limites vibratórios e cabe-nos entregar a forma exterior ao meio que nos recebe, a fim de sermos realmente úteis aos que nos propomos auxiliar. Finda a nossa transformação transitória, seremos vistos por qualquer dos habitantes desta região menos feliz. A oração, de agora em diante, deve ser nosso único fio de comunicação com o Alto, até que eu possa verificar, quando na Crosta, qual o minuto mais adequado de nosso retorno aos dons luminescentes. Não estamos em cavernas infernais, mas atingimos grande império de inteligências perversas e atrasadas, anexo aos círculos da Crosta, onde os homens terrestres lhes sofrem permanente influência. Chegou para nós o momento de pequeno testemunho. Muita capacidade de renúncia é indispensável, a fim de alcançarmos nossos fins. Podemos perder por falta de paciência ou por escassez de vocação para o sacrifício. Para a malta de irmãos retardados que nos envolverá, seremos simples desencarnados, ignorantes do próprio destino. Passamos a inalar as substâncias espessas que pairavam em derredor, como se o ar fosse constituído de fluidos viscosos. Elói estirou-se, ofegante, e não obstante experimentar, por minha vez, asfixiante opressão, busquei padronizar atitudes pela conduta do instrutor, que tolerava a metamorfose, silencioso e palidíssimo. Reparei, confundido, que a voluntária integração com os elementos inferiores do plano nos desfigurava enormemente. Pouco a pouco, sentimo-nos pesados e tive a ideia de que fora, de improviso, religado, de novo, ao corpo de carne, porque, embora me sentisse dono da própria individualidade, me via revestido de matéria densa, como se fosse obrigado a envergar inesperada armadura. Decorridos longos minutos, o orientador apelou, diligente: – Prossigamos! Doravante, seremos auxiliares anônimos. Não nos convém, por enquanto, a identificação pessoal.” (AL, *Libertação*, Capítulo 4)

“E incidindo toda a força magnética que lhe era peculiar, através das mãos, sobre uma pobre mulher que o fixava, estarecida, ordenou-lhe com voz soturna: – Venha! Venha! Com expressão de sonâmbula, a infeliz obedeceu à ordem, destacando-se da multidão e colocando-se, em baixo, sob os raios positivos da atenção dele. – Confesse! Confesse! – Determinou o desapiedado julgador, conhecendo a organização frágil e passiva a que se dirigia. A desventurada senhora bateu no peito, dando-nos a impressão de que rezava o “confeiteiro” e gritou, lacrimosa: – Perdoai-me! Perdoai-me, ó Deus meu! E como se estivesse sob a ação de droga misteriosa que a obrigasse a desnudar o íntimo, diante de nós, falou, em voz alta e pausada: – Matei quatro filhinhos inocentes e tenros... e combinei o assassinio de meu intolérável esposo... O crime, porém, é um monstro vivo. Perseguiu-me, enquanto me demorei no

corpo... Tentei fugir-lhe através de todos os recursos, em vão... e por mais buscassem afogar o infortúnio em “bebidas de prazer”, mais me chafurdei no charco de mim mesma... De repente, parecendo sofrer a interferência de lembranças menos dignas, clamou: – Quero vinho! Vinho! Prazer!... Em vigorosa demonstração de poder, afirmou, triunfante, o magistrado: – Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas? Em seguida, fixando sobre ela as irradiações que lhe emanavam do temível olhar, asseverou, peremptório: – A sentença foi lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba... À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto. Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispirítico. Em voz baixa, procurei recolher o ensinamento de Gúbio, que me esclareceu num cício: – O remorso é uma bênção, sem dúvida, por levar-nos à corrigenda, mas também é uma brecha, através da qual o credor se insinua, cobrando pagamento. A dureza coagula-nos a sensibilidade durante certo tempo; todavia, sempre chega um minuto em que o remorso nos descerra a vida mental aos choques de retorno das nossas próprias emissões. E acentuando, de modo singular, a voz quase imperceptível, acrescentou: – Temos aqui a gênese dos fenômenos de licantrópia, inextricáveis, ainda, para a investigação dos médicos encarnados. Lembra-te de Nabucodonosor, o rei poderoso, a que se refere a Bíblia? Conta-nos o Livro Sagrado que ele viveu, sentindo-se animal, durante sete anos. O hipnotismo é tão velho quanto o mundo e é recurso empregado pelos bons e pelos maus, tomando-se por base, acima de tudo, os elementos plásticos do perispírito. Notando, porém, que a mulher infeliz prosseguia guardando estranhos caracteres no semblante, perguntei: – Esta irmã infortunada permanecerá doravante em tal aviltamento da forma? Finda longa pausa, o instrutor informou, com tristeza: – Ela não passaria por esta humilhação se não a merecesse. Além disso, como se adaptou às energias positivas do juiz cruel, em cujas mãos veio a cair, pode também esforçar-se intimamente, renovar a vida mental para o bem supremo e afeiçoar-se à influência de benfeitores que nunca escasseiam na senda redentora. Tudo, André, em casos como este, se resume a problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida. O orientador não conseguiu continuar.” (AL, *Libertação*, Capítulo 5)

“Nesse instante, porém, um servidor da casa penetrou no recinto e disse: – Instrutor Druso, conforme as

recomendações havidas, o doente recolhido na noite passada foi instalado no gabinete de socorro magnético, aguardando-lhe a intervenção. – Conseguiu dizer algo? – Não. Continua apenas com os gemidos periódicos. – Nenhum indício de identificação? – Nenhum. O mentor infatigável convidou-nos a segui-lo, explicando que a operação em perspectiva poderia oferecer importantes elementos de estudo ao trabalho que nos propúnhamos realizar. A breve trecho de tempo, vimos-nos os quatro numa sala de regulares proporções, que primava pela simplicidade e pelo azul repousante. Em mesa desmontável, um homem disforme estirava-se em decúbito dorsal, respirando apenas. Para referir-nos com franqueza à criatura sob nossos olhos, cabe-nos afirmar que o aspecto do infeliz chegava a ser repelente, apesar dos cuidados de que já fora objeto. Parecia sofrer inqualificável hipertrofia, mostrando braços e pernas enormes. Entretanto, onde o aumento volumétrico do instrumento perispirítico se fazia mais desagradável era justamente na máscara fisionômica, em que todos os traços se confundiam, qual se estivéssemos à frente de uma esfera estranha, à guisa de cabeça. Seria um homem desencarnado em algum atropelamento terrestre, aguardando, ali, o imediato alívio que se deve aos acidentados comuns? Druso sentiu-nos a pergunta silenciosa e explicou: – Trata-se de um companheiro, dificilmente identificável, trazido até aqui por uma de nossas expedições socorristas. – Mas terá sido recentemente liberto do mundo físico? – indagou meu colega, tanto quanto eu, dolorosamente impressionado. – Por enquanto, não sabemos – elucidou o orientador. – É uma dessas pobres almas que terá deixado o círculo carnal sob o império de terrível obsessão, tão terrível que não terá podido recolher o amparo espiritual das caridosas legiões que operam nos túmulos. Indubitavelmente, largou o corpo denso sob absoluta subjugação mental, caindo em problemas angustiantes. – Mas, por que semelhante calamidade? – inquiriu Hilário, empolgado de assombro. – Meu amigo – replicou Druso, benevolente –, não será mais justo sondar os motivos pelos quais nos decidimos a contrair débitos, assim tão escabrosos? E, modificando o tom de voz que se fez algo triste e comovedor, aconselhou: – As regiões infernais estão superlotadas do sofrimento que nós mesmos criamos. Precisamos equilibrar a coragem e a compaixão no mesmo nível, para atender com segurança aos nossos compromissos nestes lugares. Fitei o irmão desventurado que se mantinha em funda prostração, qual enfermo em estado de coma, e, considerando os imperativos de nosso aprendizado, indaguei: – Poderemos conhecer a razão da surpreendente deformidade sob nosso exame? O orientador percebeu a essência construtiva de minha perquirição e respondeu: – O fenômeno, todo ele, é de natureza espiritual. Recordar-se você de que a dor

no veículo físico é um acontecimento real no encéfalo, mas puramente imaginário no órgão que supõe experimentá-la. A mente, através das células cerebrais, registra a desarmonia corpórea, constringendo a urdidura orgânica ao serviço, por vezes torturado e difícil, do reajuste. Aqui, também, o aspecto anormal, até monstruoso, resulta dos desequilíbrios dominantes na mente que, viciada por certas impressões ou vulcanizada pelo sofrimento, perde temporariamente o governo da forma, permitindo que os delicados tecidos do corpo perispirítico se perturbem, tumultuados, em condições anormais. Em tal situação, a alma pode cair sob o cativeiro de Inteligências perversas e daí procedem as ocorrências deploráveis pelas quais se despenha em transitória animalização por efeito hipnótico. Notei, contudo, que o Instrutor, compadecido, não desejava alongar entendimentos que se não reportassem ao socorro devido ao infortunado, e calei-me.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 3)

“VAMPIRISMO ESPIRITUAL. [...] Obsessão e vampirismo. Em processos diferentes, mas atendendo aos mesmos princípios de simbiose prejudicial, encontramos os circuitos de obsessão e de vampirismo entre encarnados e desencarnados, desde as eras recuadas em que o espírito humano, iluminado pela razão, foi chamado pelos princípios da Lei Divina a renunciar ao egoísmo e à crueldade, à ignorância e ao crime. Rebelando-se, no entanto, em grande maioria, contra as sagradas convocações, e livres para escolher o próprio caminho, as criaturas humanas desencarnadas, em alto número, começaram a oprimir os companheiros da retaguarda, disputando afeições e riquezas que ficavam na carne, ou tentando empreitadas de vingança e delinquência, quando sofriam o processo liberatório da desencarnação em circunstâncias delituosas. As vítimas de homicídio e violência, brutalidade manifesta ou perseguição disfarçada, fora do vaso físico, entram na faixa mental dos ofensores, conhecendo-lhes a enormidade das faltas ocultas, e, ao invés do perdão, com que se exonerariam da cadeia de trevas, empenham-se em vinditas atroz, retribuindo golpe a golpe e mal por mal. Outros desencarnados, exigindo que Deus lhes providencie solução aos caprichos pueris e proclamando-se inabilitados para o resgate do preço devido à evolução que lhes é necessária, tornam-se madraços e gozadores e, alegando a suposta impossibilidade de a Sabedoria Divina dirimir os padecimentos dos homens, pelos próprios homens criados, fogem, acovardados e preguiçosos, aos deveres e serviços que lhes competem. **“Infecções fluídicas”.** Muitos acometem os adversários que ainda se entrosam no corpo terrestre, empolgando-lhes a imaginação com formas mentais monstruosas, operando perturbações que podemos classificar como “infecções fluídicas” e que determinam o colapso cerebral com

arrasadora loucura. E ainda muitos outros, imobilizados nas paixões egoísticas desse ou daquele teor, descansam em pesado monoideísmo, ao pé dos encarnados, de cuja presença não se sentem capazes de afastar-se. Alguns, como os ectoparasitas temporários, procedem à semelhança dos mosquitos e dos ácaros, absorvendo as emanções vitais dos encarnados que com eles se harmonizam, aqui e ali; mas outros muitos, quais endoparasitas conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados ao quimismo do espírito, e que podemos nomear como simpáticas e aglutininas mentais, produtos esses que, sub-repticiamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos a verterem, contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo. Estabelecida essa operação de ajuste, que os desencarnados e encarnados, comprometidos em aviltamento mútuo, realizam em franco automatismo, à maneira dos animais em absoluto primitivismo nas linhas da Natureza, os verdugos comumente senhoreiam os neurônios do hipotálamo, acentuando a própria dominação sobre o feixe amielínico que o liga ao córtex frontal, controlando as estações sensíveis do centro coronário que aí se fixam para o governo das excitações, e produzem nas suas vítimas, quando contrariados em seus desígnios, inibições de funções viscerais diversas, mediante influência mecânica sobre o simpático e o parassimpático. Tais manobras, em processos intrincados de vampirismo, prestigiam o regime de medo ou de guerra nervosa nas criaturas de que se vingam, alterando-lhes a tela psíquica ou impondo prejuízos constantes aos tecidos somáticos. **“Parasitas ovoides”.** Inúmeros infelizes, obstinados na ideia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovoides, vinculados às próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influência, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes. Nessas condições, o obsessivo ou parasita espiritual pode ser comparado, de certo modo, à *Sacculina carcini*, que, provida de órgãos perfeitamente diferenciados na fase de vida livre, enraíza-se, depois, nos tecidos do crustáceo hospedeiro, perdendo as características morfológicas primitivas para converter-se em massa celular

parasitária. No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 15)

“[...] As observações da experiência, tendo por instrumento o irmão Ambrósio, levaram-me a profundas reflexões. O conhecimento das propriedades do perispírito, conforme as lúcidas referências do eminente Codificador do Espiritismo Allan Kardec, é a única forma de compreender-se inúmeros enigmas que dizem respeito à saúde física, mental e emocional dos indivíduos, bem como os processos de evolução do ser humano. Sede da alma, arquiva as experiências que são vivenciadas, bem como os pensamentos elaborados, transformando-os em realidade, conforme a intensidade da sua constituição. Eis porque a fixação de determinadas ideias termina por impor-se na face da criatura, exteriorizando o seu comportamento interior, mesmo quando o disfarce se apresenta ocultando as estruturas reais da personalidade. Graças a este poder plástico que lhe é uma das propriedades básicas, as ideias demoradamente mantidas levam a estados obsessivos-compulsivos, que terminam por alterar a forma do ser que passa a vivenciar uma monoideia degenerativa e desagregadora da estrutura molecular, de que esse corpo sutil se constitui. Essa condição permite que Entidades perversas e vingativas induzam as suas vítimas a assumir posturas bizarras e infelizes, mediante largos processos de hipnose a que se deixam arrastar. Esse fenômeno ocorre, todavia, porque há uma ressonância vibratória em quem entra em contato com esses técnicos espirituais, encarregados de realizar processos perturbadores. Já podíamos notar na face do nosso recém-chegado os sinais da alteração que se operava, como consequência dos próprios e dos pensamentos que lhe eram transmitidos. As atividades que haviam sido realizadas traziam como meta libertar o paciente das sucessivas camadas mentais deletérias nas quais se envolveu, realizando-se o processo de fora para dentro, a fim de que, ao despertar para a realidade lúcida passe a operar a transformação no sentido inverso: do interior para o exterior.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 13)

IV Espírito, alma ou princípio inteligente^{30,31}

IV.1. Definição, origem e natureza

“II. Há outra palavra acerca da qual importa igualmente que todos se entendam, por constituir um dos fechos de abóbada de toda doutrina moral e ser objeto de inúmeras controvérsias, à minguia de uma aceção bem determina da. É a palavra alma. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada um dá a esse termo. Uma língua perfeita, em que cada ideia fosse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões. [...] Segundo outros, finalmente, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta aceção é, sem contradita, a mais geral, porque, debaixo de um nome ou de outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra, no estado de crença instintiva, não derivada de ensino, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de civilização de cada um. Essa doutrina, segundo a qual a alma é causa e não efeito, é a dos espiritualistas. [...] Julgamos mais lógico tomá-lo na sua aceção vulgar e por isso chamamos ALMA ao ser imaterial e individual que em nós reside e sobrevive ao corpo. Mesmo quando esse ser não existisse, não passasse de produto da imaginação, ainda assim fora preciso um termo para designá-lo. [...] VI. [...] Vamos resumir, em poucas palavras, os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções. “Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. “Criou o Universo, que abrange todos os seres animados, e inanimados, materiais e imateriais. “Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos. “O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. “O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita. “Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. “Entre as diferentes espécies de seres corpóreos,

30 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.

31 Vide o artigo “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina (São Paulo) 2017; 96(3): 145-158” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=108.

Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras. “A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório. “Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. “Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos. “O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições. “O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de conceber-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS. 76.

Que definição se pode dar dos Espíritos? “Pode-se dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.” (Nota — A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo.) 77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou serão simples emanções ou porções desta e, por isto, denominados filhos de Deus? “Meu Deus! São obra de Deus, exatamente qual a máquina o é do homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem. Sabes que, quando faz alguma coisa bela, útil, o homem lhe chama sua filha, criação sua. Pois bem! O mesmo se dá com relação a Deus: somos seus filhos, pois que somos obra sua.” 78. Os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus, de toda a eternidade? “Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação sua e se acham submetidos à sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável. Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.” 79. Pois que há dois elementos gerais no Universo: o elemento inteligente e o elemento material, poder-se-á dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

“Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.” 80. A criação dos Espíritos é permanente, ou só se deu na origem dos tempos? “É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar.” 81. Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros? “Deus os cria, como a todas as outras criaturas, pela sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.” 82. Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais? “Como se pode definir uma coisa, quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.” Dizemos que os Espíritos são imateriais, porque, pela sua essência, diferem de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação. 83. Os Espíritos têm fim? Compreende-se que seja eterno o princípio donde eles emanam, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa donde saiu, como sucede com os corpos materiais. É difícil de conceber-se que uma coisa que teve começo possa não ter fim. “Há muitas coisas que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que as repilais. O filho não compreende tudo o que a seu pai é compreensível, nem o ignorante tudo o que o sábio apreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer. [...] **FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS. 88.** Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante? “Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.” a) — Essa chama ou centelha tem cor? “Tem uma coloração que, para vós, vai do colorido es curo e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro.” Representam-se de ordinário os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto

da cabeça, porque aí está a sede da inteligência. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

“GÊNESE ESPIRITUAL. PRINCÍPIO ESPIRITUAL. 1. A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa de demonstração, do mesmo modo que o da existência do princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática. Ele se afirma pelos seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios. De acordo com este princípio: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente”, ninguém há que não faça distinção entre o movimento mecânico de um sino que o vento agite e o movimento desse mesmo sino para dar um sinal, um aviso, atestando, só por isso, que obedece a um pensamento, a uma intenção. Ora, não podendo acudir a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, tem-se de concluir que o move uma inteligência à qual ele serve de instrumento para que ela se manifeste. Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se, pois, vivo, o homem pensa, é que há nele alguma coisa que não há quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência, que faz com que este se mova, está fora dele, ao passo que está no homem a que faz que este obre. **2.** O princípio espiritual é corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, visto que não se poderia conceber a soberana inteligência a reinar, pela eternidade em fora, unicamente sobre a matéria bruta, como não se poderia conceber que um monarca terreno, durante toda a sua vida, reinasse exclusivamente sobre pedras. Não se podendo admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, inúteis seriam essas qualidades, se ele as houvesse de exercitar somente sobre a matéria. **3.** Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, a criar seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los ao nada, após alguns dias de sofrimento sem compensações, a recrear-se na contemplação dessa sucessão indefinita de seres que nascem, sem que o hajam pedido, pensam por um instante, apenas para conhecerem a dor, e se extinguem para sempre, ao cabo de efêmera existência. Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis porque o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro; negando o efeito, não podem eles admitir a causa. O materialismo é, pois, consequente consigo mesmo, embora não o seja com a razão. **4.** É inata no homem a ideia da perpetuidade do ser espiritual; essa ideia se acha nele em estado de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente aí está a compensação às misérias da vida. Essa a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas e mais devotos do que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio, o Espiritismo junta a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Torna precisa e define o que aquela ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra o ser inteligente a atuar fora da matéria, quer depois, quer durante a vida do corpo. **5.** São a mesma coisa o princípio espiritual e o princípio vital? Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria certa razão para que os confundíssemos. Mas, havendo, como há, seres que vivem e não pensam, quais as plantas; corpos humanos que ainda se revelam animados de vida orgânica quando já não há qualquer manifestação de pensamento; uma vez que no ser vivo se produzem movimentos vitais independentes de qualquer intervenção da vontade; que durante o sono a vida orgânica se conserva em plena atividade, enquanto que a vida intelectual por nenhum sinal exterior se manifesta, é cabível se admita que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito e que o Espírito tem uma vitalidade independente da matéria, evidente se torna que essa dupla vitalidade repousa em dois princípios diferentes. (Cap. X, nos 16 a 19) **6.** Terá o princípio espiritual sua fonte de origem no elemento cósmico universal? Será ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.? Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; extinguir-se-ia pela desagregação, como o princípio vital; momentânea seria, como a do corpo, a existência do ser inteligente que, então, ao morrer, volveria ao nada ou, o que daria na mesma, ao todo universal. Seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas. As propriedades *sui generis* que se reconhecem ao princípio espiritual provam que ele tem existência própria, pois que, se sua origem estivesse na matéria, aquelas propriedades lhe faltariam. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se, remontando dos efeitos à causa, à conclusão de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constitutivos do Universo. Individualizado, o elemento espiritual constitui os seres chamados Espíritos, como, individualizado, o elemento material constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos. **7.** Admitido o ser espiritual e não podendo ele proceder da matéria, qual a sua origem, seu ponto de partida? Aqui, falecem absolutamente os meios de investigação, como para tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem apenas pode comprovar o que existe; acerca de tudo o mais, apenas lhe é dado formular hipóteses e, quer porque

esse conhecimento esteja fora do alcance da sua inteligência atual, quer porque lhe seja inútil ou prejudicial presentemente, Deus não lho outorga, nem mesmo pela revelação. O que Deus permite que seus mensageiros lhe digam e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça, atributo essencial da Divindade, é que todos procedem do mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir pelas suas atividades individuais; que todos atingirão o grau máximo da perfeição com seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos do mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que nenhum há mais favorecido ou melhor dotado do que os outros, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta. **8.** Ao mesmo tempo que criou, desde toda a eternidade, mundos materiais, Deus há criado, desde toda a eternidade, seres espirituais. Se assim não fora, os mundos materiais careceriam de finalidade. Mais fácil seria conceberem-se os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem aqueles. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento de suas inteligências. **9.** Progredir é condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa o fim que lhes cumprir alcançar. Ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando incessantemente, também desde toda a eternidade tem havido seres que atingiram o ponto culminante da escala. Antes que existisse a Terra, mundos sem conta haviam sucedido a mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que surgiam para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os Espíritos puros, vulgarmente chamados anjos.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“§ II — A ALMA. 4. Há no homem um princípio inteligente a que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar. Se o pensamento fosse propriedade da matéria teríamos a matéria bruta a pensar. Ora, como ninguém nunca viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais; como, quando o corpo morre, não mais pensa, forçoso é se concluir que a alma independe da matéria e que os órgãos não passam de instrumentos com que o homem manifesta seu pensamento. **5. As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social.** Se, conforme pretendem os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a bília o é pelo fígado, seguir-se-ia que, morto o corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais recairiam no nada; que os nossos parentes, os amigos e todos quantos houvessem tido a nossa afeição estariam irremissivelmente perdidos; que o homem de

gênio careceria de mérito, pois que somente ao acaso da sua organização seria devedor das faculdades transcendentes que revela; que entre o imbecil e o sábio apenas haveria a diferença de mais ou menos substância cerebral. As consequências dessa doutrina seriam que, nada podendo esperar para depois desta vida, nenhum interesse teria o homem em fazer o bem; que muito natural seria procurasse ele a maior soma possível de gozos, mesmo à custa dos outros; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; que aquele que fosse persistentemente desgraçado na Terra, nada de melhor teria a fazer, do que se matar, porquanto, destinado a mergulhar no nada, isso não lhe seria nem pior, nem melhor, ao passo que de tal forma abreviaria seus sofrimentos. A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade — origem de todas as virtudes e base da ordem social — e seria ainda, a justificação do suicídio.

6. O Espiritismo prova a existência da alma. Provam a existência da alma os atos inteligentes do homem, por isso que eles hão de ter uma causa inteligente e não uma causa inerte. Que ela independe da matéria está demonstrado de modo patente pelos fenômenos espíritas que a mostram agindo por si mesma e o está, sobretudo, pelo seu insulamento **durante a vida**, o que lhe permite manifestar-se, pensar e agir sem o corpo. Pode-se dizer que, se a química separou os elementos da água; se, dessa maneira, pôs a descoberto as propriedades desses elementos e se pode, à sua vontade, fazer e desfazer um corpo composto, o Espiritismo, igualmente, pode isolar os dois elementos constitutivos do homem: **o Espírito e a matéria, a alma e o corpo**, separá-los e reuni-los à vontade, o que não deixa dúvida sobre a independência de uma e outro. **7. A alma do homem sobrevive ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte deste.** Se a alma não sobrevivesse ao corpo, o homem só teria por perspectiva o nada, do mesmo modo que se a faculdade de pensar fosse produto da matéria. Se não conservasse a sua individualidade, isto é, se se dissolvesse no reservatório comum chamado o **grande todo**, como as gotas d’água no Oceano, seria igualmente, para o homem, o nada do pensamento e as consequências seriam absolutamente as mesmas que se não houvesse alma. A sobrevivência desta à morte do corpo está provada de maneira irrecusável e até certo ponto palpável, pelas comunicações espíritas. Sua individualidade é demonstrada pelo caráter e pelas qualidades peculiares a cada um. Essas qualidades, que distinguem umas das outras as almas, lhes constituem a personalidade. Se as almas se confundissem num todo comum, uniformes seriam as suas qualidades. Além dessas provas inteligentes, há também a prova material das manifestações visuais, ou aparições, tão frequentes e autênticas, que não é lícito

pô-las em dúvida. **8. A alma do homem é ditosa ou desgraçada depois da morte, conforme haja feito o bem ou o mal durante a vida.** Em se admitindo um Deus soberanamente justo, não se pode admitir que as almas tenham todas a mesma sorte. Se a posição futura do criminoso houvesse de ser a mesma que a do homem virtuoso, excluída estaria toda a utilidade da prática do bem. Ora, supor que Deus não faz diferença entre o que pratica o bem e o que pratica o mal fora negar-lhe a justiça. Nem sempre recebendo punição o mal e recompensa o bem, durante a vida terrenal, deve-se concluir daí que a justiça será feita depois, sem o que Deus não seria justo. As penas e os gozos futuros estão, ao demais, provados pelas comunicações que os homens podem estabelecer com as almas dos que aqui viveram e que vêm descrever o estado em que se encontram, ditoso ou infeliz, a natureza de suas alegrias ou de seus sofrimentos e enumerar-lhes as causas. **9. Deus, alma, sobrevivência e individualidade da alma após a morte do corpo, penas e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de todas as religiões.** O Espiritismo junta às provas morais desses princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação e corta cerce os sofismas do materialismo. Em presença dos fatos, cessa toda razão de ser da incredulidade. É assim que o Espiritismo restitui a fé aos que a tenham perdido e dissipa as dúvidas dos incrédulos.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“OS PODERES DO ESPÍRITO. Grande será o dia em que todos os homens reconhecerem sobre a matéria a soberana influência do Espírito. Toda a imensa bagagem de progresso das civilizações não se fez sem o princípio espiritual: dele, as menores coisas dependeram, como ainda dependem; do seu reconhecimento, por parte de quantos habitam o orbe, advirão os resplendores da época de luz e de esclarecimento. Esse tempo há de assinalar a época da crença pura e reconfortadora das almas, como manancial de esperanças; só esse surto de espiritualidade pode vivificar as construções religiosas, combatidas atualmente pelos abusos da grande maioria dos seus expositores, que, traindo os seus compromissos, se desviaram do píncaro luminoso do exemplo para o chavascal de mesquinhas materialidades. **OS MENDIGOS DA SABEDORIA.** Nos últimos tempos, a sede humana de saber o que existe além da Terra tem feito com que o homem engendre as mais fantasiosas teorias concernentes aos mistérios do ser e do destino, sobre o orbe terreno; no afã de estraçalhar os véus espessos que cobrem os enigmas da sua evolução, muitos foram os que descambaram para terrenos perigosos, onde encontram, apenas, os espinhos do ateísmo dissolvente. Esses Espíritos que, torturados com os problemas da

vida, aí se entregam à criação de engenhosos sistemas, afiguram-se-nos desesperados à porta da sabedoria, orgulhosos na sua impotência e na sua incapacidade. Muitos deles, anos e anos, persistem no mesmo trabalho e no mesmo esforço, alegando não terem encontrado o espírito em suas indagações científicas, abandonando a vida material com um passado que os encobre pela atividade, bem-intencionada, por eles despendida, mas desolados, em reconhecendo infrutuosos os seus esforços, que outra coisa não conseguira senão lançar a descrença e a confusão nas almas.

INSUFICIÊNCIA SENSORIAL. Reconhecem, então, a insuficiência sensorial que lhes obstava a compreensão do verdadeiro panorama da vida, no seu desdobramento universal; sentem a exiguidade dos sentidos do homem carnal e a relatividade de suas funções, ao penetrarem no domínio de vibrações que se lhes conservaram inacessíveis, chegando à conclusão de que as filosofias não podem ser substituídas pelas ciências positivas, e que sobre o mundo físico e objetivo paira uma região transcendente, onde a investigação não se pode fazer sentir, à falta de elementos de ordem material. **A INÚTIL TENTATIVA.** É inútil a tentativa de afastamento do Espírito na obra da evolução terrena. É ele, desde os primórdios da Civilização, a alma de todas as realizações; e indestrutível é a doutrina biológica do vitalismo, porque o sistema do monismo e o mecanicismo da seleção natural, se satisfazem a algumas questões insuladas, não resolvem os problemas mais importantes da vida. O princípio das espécies, a origem dos instintos, as organizações primitivas das raças, das sociedades e das leis, só as teorias espiritualistas explicam satisfatoriamente. **TUDO É VIBRAÇÃO ESPIRITUAL.** Já não nos referindo aos poderes plásticos do Espírito, no tocante às questões fisiológicas, quais sejam as dos fenômenos osmóticos, a autonomia de certos órgãos que parecem independentes na sua ação dentro do organismo, o trabalho da célula que fabrica a antitoxina apta a destruir o micróbio que a ataca, a estrutura do princípio fetal, os sinais de nascença que a Ciência tem negado, baseando-se na ausência de ligação nervosa entre o feto e o organismo materno, desçamos ao mundo zootécnico. Somente a intervenção do princípio espiritual explica as metamorfoses dos insetos, o mimetismo, como o embrião dos instintos e das possibilidades do futuro. Tudo, nos domínios da matéria, se concatena e se reúne, sob a orientação de um princípio estranho às suas qualidades amorfas. **A MATÉRIA.** A matéria não organiza, é organizada. E não representa senão uma modalidade da energia esparsa no Universo. Os seus elementos não fazem outra coisa senão submeter-se às injunções do Espírito; e é a soberana influência deste último que elucida todos os problemas intrincados dos seres e dos destinos. É ao seu apelo,

cedendo aos seus desejos, que todas as matérias brutas se vêm rarefazendo, oferecendo aspectos novos e delicados. A Civilização, as conquistas científicas e as concepções religiosas representam o fruto dos labores dos Espíritos que, na Terra, se iniciaram nos trabalhos que regeneram e aperfeiçoam. O que lhes compete, na atualidade é o não estacionamento nos domínios conquistados, laborando para que os ideais de justiça, de verdade e de paz se concretizem na face do orbe. É nessa tarefa bendita que devem concentrar os seus esforços para que o planeta terrestre não veja sucumbir, na aluvião de insânias das guerras, o seu patrimônio de progressos, obtidos à custa de trabalhos penosos e ingentes sacrifícios.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXV)

“ESPÍRITO. CONCEITO - Individualidades inteligentes, incorpóreas, que povoam o Universo, criadas por Deus, independente da matéria. Prescindindo do mundo corporal, agem sobre ele e, corporificando-se através da carne, recebem estímulos, transmitindo impressões, em intercâmbio expressivo e contínuo. São de todos os tempos, desde que a Criação sendo infinita, sempre existiram e jamais cessarão. Constituem os seres que habitam tudo, no Cosmo, tornando-se uma das potências da Natureza e atuam na Obra Divina como cooperadores, do que resulta a própria evolução e aperfeiçoamento intermínimo. Perdendo-se suas origens no intrincado da complexidade das leis, transcende ao entendimento humano o mecanismo de seu nascimento e formação, princípio inteligente que são, a glorificar a Obra de Deus em toda parte. Indestrutíveis, jamais terão fim, não obstante possuindo princípio, quando a Excelsa Vontade os criou. Dependendo do grau de seu desenvolvimento são imunes aos obstáculos de qualquer natureza material, por dotados de constituição específica, superior às organizações físicas, podendo irradiar-se em todas as direções e participar, simultaneamente, de inúmeros acontecimentos de uma só vez, sem qualquer prejuízo para a própria integridade. **CONOTAÇÕES** - Buscando penetrar na realidade e constituição dos Espíritos, o que desvendaria os enigmas incontáveis da existência, os religiosos de todas as épocas estruturaram neles a base das afirmações éticas, estabelecendo a vida na Terra como consequência da vida espiritual, que sempre houve, mesmo sem a existência deste orbe. Dentro de tal premissa, a vida humana torna-se o resultado que decorre da outra, oportunidade que o Espírito usufrui para o crescimento, através de renascimentos sucessivos no corpo físico. Doutrinas exóticas estabeleceram a concepção panteísta do Universo, através da qual os Espíritos seriam fragmentos de Deus, que a Ele se reintegrariam, desaparecendo, portanto, pela destruição da individualidade, nisto incluindo todas as coisas, como partes mesmas da Divindade. Observações apressadas engendraram teorias outras, igualmente absurdas, tais

a metempsicose, mediante a qual os Espíritos que se não houveram com equidade e nobreza na Terra a ela retornam, renascidos como animais inferiores. Não há, porém, retrocesso nem regressão na escala espiritual, mediante a qual adicionam-se experiências da evolução, armazenando-se conquistas, transferindo-se de uma para outra vida aprendizagens e realizações. Sendo infinito o progresso, numa existência o ser aprimora uma qualidade, enquanto dormem determinadas aptidões, e assim, incessantemente. Sem nos reportarmos às augustas fontes da informação mediúnica, na Antiguidade Oriental, que hauriam nos Espíritos desencarnados o conteúdo de muitas das suas doutrinas religiosas e filosóficas, no século V, antes de Cristo, Tales, em Mileto, preocupado com o enigma da constituição da vida e particularmente da vida humana, interrogava sobre o Espírito e a Matéria. Ensejava-se compreender ou decifrar a problemática do ser, inaugurando, a partir de então, o pensamento metafísico que se iria desdobrar, logo depois, nas escolas idealista e atomista, que tentaram colocar balizas demarcatórias nos planos da Criação. Inicialmente considerado o Espírito como princípio vital, sopro de vida, foi-se deslocando entre os gregos para uma diferenciação da alma, que seria a expressão das manifestações afetivas inferiores, enquanto ele passava à representação das afeições superiores, princípio mais elevado do indivíduo. A doutrina aristotélica já apresenta essa conceituação mais ou menos definida, dando origem à formação ideológica entre o caráter metafísico e o psicológico do Espírito. Embora o renascimento da doutrina neoplatônica entre os estudiosos de Alexandria, nos séculos V-VII, formulando judiciosas conceituações perfeitamente cristãs, dentre as quais a reencarnação, o pensamento aristotélico predominaria, sendo desdobrado e aceito por Tomás de Aquino, que apoiava o dogma romano nos seus alicerces, a prejuízo da revelação espiritual do Cristo, por longos séculos, a partir da Idade Média. Com Hegel, o Espírito foi colocado filosoficamente em termos compatíveis, porquanto foram excluídas todas as teorias que o tornavam “fixo e imutável”, apresentando a hipótese da sua evolução, transformações e inter-relacionamentos de todos os fatos que o influenciam. As escolas de pensamento, então surgidas, apresentam confirmações ao conceito hegeliano ou combatem-no por meio do materialismo, que reduz o Espírito a uma conquista da própria matéria que, progredindo das formas mais simples às mais complexas, num momento imprevisível adquiriu consciência. A revolução tecnológica, porém, iniciada no último quartel do século XIX, reduziu a matéria à condição de “energia condensada”, transformando laboratórios e gabinetes científicos de pesquisa material em santuários de investigação em que a mente, o espírito, passam a ocupar lugar de destaque, nos quais,

a pouco e pouco, o investigador consciente defronta a realidade do Espírito além da estrutura somática, a esta precedente e a ela sobrevivente. **CONCLUSÃO** - Com a chegada do Consolador, conforme prometeu Jesus, através de Allan Kardec, o Espírito voltou a ser conceituado e tido na sua legítima acepção, demonstrando, pela insofismável linguagem dos fatos, a sua realidade, em vigoroso apelo ao pensamento e à razão, no sentido de fazer ressurgir a ética religiosa do Cristianismo. Através desse renascimento cristão, opõe-se uma barreira ao materialismo e aponta-se ao que sofre o infinito horizonte do amanhã ditoso que o espera, após vencidas as dificuldades do momento, superadas as limitações, Espírito que é, em marcha na direção da Verdade.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 3)

IV.2. Evolução do espírito ou princípio inteligente

“**VI.** [...] Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. Comprazem-se no mal. Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, antes perturbadores e enredadores, do que perversos. A malícia e as inconseqüências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos. “Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral. “Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante. “Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos. “A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal. “As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu

progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição. “As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, o homem perverso a de um Espírito impuro. “A alma possuía sua individualidade antes de encarnar; conserva-a depois de se haver separado do corpo. “Na sua volta ao mundo dos Espíritos, encontra ela todos aqueles que conhecera na Terra, e todas as suas existências anteriores se lhe desenham na memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez. “O Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa do minar pelas más paixões, e põe todas as suas alegrias na satisfação dos apetites grosseiros, se aproxima dos Espíritos impuros, dando preponderância à sua natureza animal. “Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. “Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós.” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS. 96.

São iguais os Espíritos, ou há entre eles qualquer hierarquia? “São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.” **97.** As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número determinado? “São ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais. “Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição máxima: os Espíritos puros. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.” **98.** Os Espíritos da segunda ordem, para os quais o bem constitui a preocupação dominante, têm o poder de praticá-lo? “Cada um deles dispõe desse poder, de acordo com o grau de perfeição a que chegou. Assim, uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas.” **99.** Os da terceira categoria são todos essencialmente maus? “Não; uns há que não fazem nem o mal nem o bem; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando se lhes depara ocasião de praticá-lo. Há também os levianos ou estouvados, mais perturbadores do que malignos, que se comprazem antes na malícia

do que na malvadez e cujo prazer consiste em mistificar e causar pequenas contrariedades, de que se riem.”

ESCALA ESPÍRITA. 100. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES. — A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um grau a outro a transição é insensível e, nos limites extremos, os matizes se apagam, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Podem, pois, formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Dá-se aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Sejam, porém, quais forem, em nada alteram as bases da ciência. Assim, é natural que inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os Espíritos nenhuma importância ligam ao que é puramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo. Deixam-nos a nós a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, os sistemas. Façamos ainda uma consideração que se não deve jamais perder de vista, a de que entre os Espíritos, do mesmo modo que entre os homens, há os muito ignorantes, de maneira que nunca serão demais as cautelas que se tomem contra a tendência a crer que, por serem Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, os que possuem limitados conhecimentos são, como neste mundo, os ignorantes, os inaptos a apreender uma síntese, a formular um sistema. Só muito imperfeitamente percebem ou compreendem uma classificação qualquer. Consideram da primeira categoria todos os Espíritos que lhes são superiores, por não poderem apreciar as gradações de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como sucede entre nós a um homem rude com relação aos civilizados. Mesmo os que sejam capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes, quanto às particularidades, conformemente aos pontos de vista em que se achem, sobretudo se se trata de uma divisão, que nenhum cunho absoluto apresente. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que a Botânica houvesse em consequência experimentado modificação alguma. É que nenhum deles inventou as plantas, nem seus caracteres. Apenas observaram as analogias, segundo as quais formaram os grupos ou classes. Foi assim que também nós procedemos. Não

inventamos os Espíritos, nem seus caracteres. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram. Os Espíritos, em geral, admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os Espíritos bons. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição. Esta divisão nos pareceu perfeitamente racional e com caracteres bem positivados. Só nos restava pôr em relevo, mediante subdivisões em número suficiente, os principais matizes do conjunto. Foi o que fizemos, com o concurso dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram. Com o auxílio desse quadro, fácil será determinar-se a ordem, assim como o grau de superioridade ou de inferioridade dos que possam entrar em relações conosco e, por conseguinte, o grau de confiança ou de estima que mereçam. É, de certo modo, a chave da ciência espírita, porquanto só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos acerca das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Faremos, todavia, notar que estes não ficam pertencendo, exclusivamente, a tal ou tal classe. Sendo sempre gradual o progresso deles e, muitas vezes, mais acentuado num sentido do que em outro, pode acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar-se.

TERCEIRA ORDEM. – ESPÍRITOS IMPERFEITOS. 101. CARACTERES GERAIS. — Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são consequentes. Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem. Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já denotam a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e rejubilam quando uma ocasião se lhes depara de praticá-lo. A inteligência pode achar-se neles aliada à maldade ou à malícia; seja, porém, qual for o grau que tenham alcançado de desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e mais ou menos abjetos seus sentimentos. Restritos conhecimentos têm das coisas do mundo espírita e o pouco que sabem se confunde com as ideias e preconceitos da vida corporal. Não nos podem dar mais do que noções errôneas e incompletas; entretanto, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, o observador atento encontra a confirmação das grandes verdades

ensinadas pelos Espíritos superiores. Na linguagem de que usam se lhes revela o caráter. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser classificado na terceira ordem. Consequentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito desta ordem. Eles veem a felicidade dos bons e esse espetáculo lhes constitui incessante tormento, porque os faz experimentar todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar. Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Sofrem, pois, verdadeiramente, pelos males de que padeceram em vida e pelos que ocasionam aos outros. E, como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim julguem. Podem compor cinco classes principais. **102.** Décima classe. ESPÍRITOS IMPUROS. — São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos perversos, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam. Nas manifestações dão-se a conhecer pela linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos, como nos homens, é sempre indício de inferioridade moral, senão também intelectual. Suas comunicações exprimem a baixeza de seus penhores e, se tentam iludir, falando com sensatez, não conseguem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por se traírem. Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal. Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem se mostram propensos a todos os vícios geradores das paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia, a cupidez, a avareza sórdida. Fazem o mal por prazer, as mais das vezes sem motivo, e, por ódio ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, pouco importando a categoria social a que pertençam, e o verniz da civilização não os forra ao opróbrio e à ignomínia. **103.** Nona classe. ESPÍRITOS LEVIANOS. — São ignorantes, maliciosos, irrefletidos e zombeteiros. Metem-se em tudo, a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertence os Espíritos vulgarmente tratados de duendes, trasgos, gnomos, diabretes. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos

servidores. Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se servem é, amiúde, espirituosa e faceta, mas quase sempre sem profundidade de ideias. Aproveitam-se das esquisitices e dos ridículos humanos e os apreciam, mordazes e satíricos. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade. **104.** Oitava classe. ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS. — Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um cunho de seriedade, de natureza a iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e ideias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais polpidos, através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam despir-se. **105.** Sétima classe. ESPÍRITOS NEUTROS. — Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, quer no que concerne ao moral, quer no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grossieiras alegrias sentem saudades. **106.** Sexta classe. ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES. — Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as classes da terceira ordem. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc. Afiguram-se, mais do que outros, presos à matéria. Parecem ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros, quer nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses fenômenos não derivam de uma causa fortuita ou física, quando denotam caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir tais fenômenos, mas os de ordem elevada os deixam, de ordinário, como atribuições dos subalternos, mais aptos para as coisas materiais do que para as coisas da inteligência; quando julgam úteis as manifestações desse gênero, lançam mão destes últimos como seus auxiliares. **SEGUNDA ORDEM. — BONS ESPÍRITOS** **107.** CARACTERES GERAIS. — Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, conforme a categoria que ocupem, os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se

descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos. Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une lhes é fonte de inefável ventura, que não tem a perturbá-la nem a inveja, nem os remorsos, nem nenhuma das más paixões que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Todos, entretanto, ainda têm que passar por provas, até que atinjam a perfeição. Como Espíritos, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles a quem não é grato sofrê-la. Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os seus semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem. A esta ordem pertence os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Em épocas de superstições e de ignorância, eles hão sido elevados à categoria de divindades benfazejas. Podem ser divididos em quatro grupos principais: **108.** Quinta classe. ESPÍRITOS BENÉVOLOS. — A bondade é neles a qualidade dominante. Apraz-lhes prestar serviço aos homens e protegê-los. Limitados, porém, são os seus conhecimentos. Hão progredido mais no sentido moral do que no sentido intelectual. **109.** Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS. — Distinguem-se pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais, do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos. **110.** Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA. — As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas. **111.** Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES. — Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Da linguagem que empregam se exala sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se complacentemente com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Afastam-se, porém, daqueles a quem só a curiosidade impele, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem. Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de

progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo. **PRIMEIRA ORDEM. — ESPÍRITOS PUROS. 112.** CARACTERES GERAIS. — Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens. **113.** Primeira classe. CLASSE ÚNICA. — Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus. Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de ociosidade monótona, a transcorrer em perpétua contemplação. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, concitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, constitui para eles ocupação gratíssima. São designados, às vezes, pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins. Podem os homens pôr-se em comunicação com eles, mas extremamente presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo D)

“PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS. 114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram? “São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.” **115.** Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus? “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber. A cada um deu determinada missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer chegar, progressivamente, à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros, só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.” **a)** — Segundo o que acabais de dizer, os Espíritos, em sua origem, seriam como as crianças, ignorantes e inexperientes, só adquirindo pouco a pouco os conhecimentos de que carecem com o percorrerem as diferentes fases da vida? “Sim, a comparação é boa. A criança rebelde se conserva ignorante e imperfeita. Seu aproveitamento

depende da sua maior ou menor docilidade. Mas, a vida do homem tem termo, ao passo que a dos Espíritos se prolonga ao infinito.” **116.** Haverá Espíritos que se conservem eternamente nas ordens inferiores? “Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas, demoradamente, porquanto, como já doutra vez dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Pretenderias que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vós mesmos?” **117.** Depende dos Espíritos o progredirem mais ou menos rapidamente para a perfeição? “Certamente. Eles a alcançam mais ou menos rápido, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a submissão que testemunham à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que outra recalcitrante?” **118.** Podem os Espíritos degenerar? “Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.” **119.** Não podia Deus isentar os Espíritos das provas que lhes cumpre sofrer para chegarem à primeira ordem? “Se Deus os houvesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Demais, a desigualdade entre eles existente é necessária às suas personalidades. Acresce ainda que as missões que desempenham nos diferentes graus da escala estão nos desígnios da Providência, para a harmonia do Universo.” Pois que, na vida social, todos os homens podem chegar às mais altas funções, seria o caso de perguntar-se por que o soberano de um país não faz de cada um de seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são funcionários superiores; por que todos os colegiais não são mestres. Ora, entre a vida social e a espiritual há esta diferença: enquanto que a primeira é limitada e nem sempre permite que o homem suba todos os seus degraus, a segunda é indefinida e a todos oferece a possibilidade de se elevarem ao grau supremo. **120.** Todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem? “Pela fieira do mal, não; pela fieira da ignorância.” **121.** Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal? “Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.” **122.** Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra? “O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por

uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.” **a)** — Onde vêm as influências que sobre ele se exercem? “Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que rejubilam com o fazê-lo sucumbir. Foi isso o que se intentou simbolizar na figura de Satanás.” **b)** — Tal influência só se exerce sobre o Espírito em sua origem? “Acompanha-o na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistem de obsidiá-lo.” **123.** Por que há Deus permitido que os Espíritos possam tomar o caminho do mal? “Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios? Podeis, todavia, dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que ele deixa a cada um, porquanto, assim, cada um tem o mérito de suas obras.” **124.** Pois que há Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, deve haver, sem dúvida, gradações entre esses dois extremos. Não? “Sim, certamente, e os que se acham nos graus intermédios constituem a maioria.” **125.** Os Espíritos que enveredaram pela senda do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros? “Sim; mas as eternidades lhes serão mais longas.” Por estas palavras — as eternidades — se deve entender a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade de seus sofrimentos, cujo termo não lhes é dado ver, ideia que revive todas as vezes que sucumbem numa prova. **126.** Chegados ao grau supremo da perfeição, os Espíritos que andaram pelo caminho do mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros? “Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para os outros e a todos ama com o mesmo coração. Aqueles são chamados maus, porque sucumbiram. Antes, não eram mais que simples Espíritos.” **127.** Os Espíritos são criados iguais quanto às faculdades intelectuais? “São criados iguais, porém, não sabendo donde vêm, preciso é que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progredem mais ou menos rapidamente em inteligência como em moralidade.” Os Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem, nem por isso são Espíritos perfeitos. Não têm, é certo, maus pendores, mas precisam adquirir a experiência e os conhecimentos indispensáveis para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, necessitam de se desenvolver e esclarecer e que não passam, sem transição, da infância à maturidade. Simplesmente, assim como há homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde a origem, com a diferença capital de que a criança tem

instintos já inteiramente formados, enquanto que o Espírito, ao formar-se, não é nem bom, nem mau; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção, por efeito do seu livre-arbítrio.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo I)

23. Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual, como se encontra entre os mais atrasados selvagens, perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana. Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal. Este sistema, fundado na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo. Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto. Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as fieiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo ao entrar na humanidade, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos. **24.** A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover ao alimento do corpo, à sua segurança, ao seu bem-estar, força-o a empregar suas faculdades em investigações, a exercitá-las e desenvolvê-las. Útil, portanto, ao seu adiantamento é a sua união com a matéria. Daí o constituir uma necessidade a encarnação. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito, sobre a matéria, auxilia a transformação e o progresso material do globo que lhe serve de habitação. É assim que, progredindo, colabora na obra do Criador, da qual se torna fator inconsciente. **25.** Todavia, a encarnação do Espírito não é constante, nem perpétua: é transitória. Deixando

um corpo, ele não retoma imediatamente outro. Durante mais ou menos considerável lapso de tempo, vive da vida espiritual, que é sua vida normal, de tal sorte que insignificante vem a ser o tempo que lhe duram as encarnações, se comparado ao que passa no estado de Espírito livre. No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que aplica ao seu adiantamento os conhecimentos e a experiência que alcançou no decorrer da vida corporal; examina o que fez enquanto habitou a Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça planos e toma resoluções pelas quais conta guiar-se em nova existência, com a ideia de melhor se conduzir. Desse jeito, cada existência representa um passo para a frente no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação. **26.** Normalmente, a encarnação não é uma punição para o Espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de ele progredir. (*O Céu e o Inferno*, cap. III, nos 8 e seguintes) À medida que progride moralmente, o Espírito se desmaterializa, isto é, depura-se, com o subtrair-se à influência da matéria; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e percepções se ampliam; sua felicidade se torna proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como atua em virtude do seu livre-arbítrio, pode ele, por negligência ou má vontade, retardar o seu avanço; prolonga, consequentemente, a duração de suas encarnações materiais, que, então, se lhe tornam uma punição, pois que, por falta sua, ele permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, pois, do Espírito abreviar, pelo trabalho de depuração executado sobre si mesmo, a extensão do período das encarnações. **27.** O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos Espíritos e progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Deste ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea é aí mais penosa do que noutros orbes, havendo-os também mais atrasados, onde a existência é ainda mais penosa do que na Terra e em confronto com os quais esta seria, relativamente, um mundo ditoso. **28.** Quando, em um mundo, os Espíritos hão realizado a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde adquiram novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida

espiritual, em a qual continuam a progredir, mas nou-
tro sentido e por outros meios. Chegados ao ponto
culminante do progresso, gozam da suprema felicida-
de. Admitidos nos conselhos do Onipotente, conhe-
cem-lhe o pensamento e se tornam seus mensageiros,
seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo
sob suas ordens os Espíritos de todos os graus de
adiantamento. Assim, qualquer que seja o grau em que
se achem na hierarquia espiritual, do mais ínfimo ao
mais elevado, têm eles suas atribuições no grande me-
canismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao
mesmo tempo que a si próprios. Aos menos adianta-
dos, como a simples serviçais, incumbe o desempe-
nho, a princípio inconsciente, depois, cada vez mais
inteligente, de tarefas materiais. Por toda parte, no
mundo espiritual, atividade, em nenhum ponto a ocio-
sidade inútil. A coletividade dos Espíritos constitui, de
certo modo, a alma do Universo. Por toda parte, o
elemento espiritual é que atua em tudo, sob o influxo
do pensamento divino. Sem esse elemento, só há ma-
téria inerte, carente de finalidade, de inteligência, ten-
do por único motor as forças materiais, cuja
exclusividade deixa insolúveis uma imensidade de
problemas. Com a ação do elemento espiritual indivi-
dualizado, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser,
tudo se explica. Prescindindo da espiritualidade, o ho-
mem esbarra em dificuldades insuperáveis. **29.** Quan-
do a Terra se encontrou em condições climáticas
apropriadas à existência da espécie humana, encarna-
ram nela Espíritos humanos. Donde vinham? Quer eles
tenham sido criados naquele momento; quer tenham
procedido, completamente formados, do espaço, de
outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles
nesta, a partir de certa época, é um fato, pois que antes
deles só animais havia. Revestiram-se de corpos ade-
quados às suas necessidades especiais, às suas apti-
dões, e que, fisiologicamente, tinham as características
da animalidade. Sob a influência deles e por meio do
exercício de suas faculdades, esses corpos se modifica-
ram e aperfeiçoaram: é o que a observação comprova.
Deixemos então de lado a questão da origem, insolú-
vel por enquanto; consideremos o Espírito, não em
seu ponto de partida, mas no momento em que, mani-
festando-se nele os primeiros germens do livre-arbítrio
e do senso moral, o vemos a desempenhar o seu papel
humanitário, sem cogitarmos do meio onde haja trans-
corrido o período de sua infância, ou, se o preferirem,
de sua incubação. Malgrado à analogia do seu envol-
tório com o dos animais, poderemos diferenciá-lo des-
tes últimos pelas faculdades intelectuais e morais que
o caracterizam, como, debaixo das mesmas vestes
grosseiras, distinguimos o rústico do homem civiliza-
do. **30.** Conquanto devessem ser pouco adiantados os
primeiros que vieram, pela razão mesma de terem de
encarnar em corpos muito imperfeitos, diferenças

sensíveis haveria de certo entre seus caracteres e apti-
dões. Os que se assemelhavam, naturalmente se agru-
param por analogia e simpatia. Achou-se a Terra,
assim, povoada de Espíritos de diversas categorias,
mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Rece-
bendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e
procriando-se esses corpos na conformidade dos res-
pectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer
quanto ao físico, quer quanto ao moral (nº 11). Conti-
nuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam,
os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo,
físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só
com o tempo desaparece, mediante a fusão e o pro-
gresso deles. (*Revue Spirite*, julho de 1860, página 198:
“Frenologia e Fisiognomonia”.) **31.** Podem comparar-
se os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses ban-
dos de emigrantes de origens diversas, que vão
estabelecer-se numa terra virgem, onde encontram
madeira e pedra para erguerem habitações, cada um
dando à sua um cunho especial, de acordo com o grau
do seu saber e com o seu gênio particular. Grupam-se
então por analogia de origens e de gostos, acabando
os grupos por formar tribos, em seguida povos, cada
qual com costumes e caracteres próprios. **32.** Não foi,
portanto, uniforme o progresso em toda a espécie hu-
mana. Como era natural, as raças mais inteligentes
adiantaram-se às outras, mesmo sem se levar em conta
que muitos Espíritos recém-nascidos para a vida espi-
ritual, vindo encarnar na Terra juntamente com os pri-
meiros aqui chegados, tornaram ainda mais sensível a
diferença em matéria de progresso. Fora, com efeito,
impossível atribuir -se a mesma ancianidade de criação
aos selvagens, que mal se distinguem do macaco, e
aos chineses, nem, ainda menos, aos europeus civiliza-
dos. Entretanto, os Espíritos dos selvagens também fa-
zem parte da Humanidade e alcançarão um dia o nível
em que se acham seus irmãos mais velhos. Mas, *sem
dúvida, não será em corpos da mesma raça física*, im-
próprios a um certo desenvolvimento intelectual e mor-
al. Quando o instrumento já não estiver em
correspondência com o progresso que hajam alcança-
do, eles emigrarão daquele meio, para encarnar nou-
tro mais elevado e assim por diante, até que tenham
conquistado todas as graduações terrestres, ponto em
que deixarão a Terra, para passar a mundos mais avan-
çados. (*Revue Spirite*, abril de 1862, pág. 97: “Perfecti-
bilidade da Raça Negra”.) (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

[...] **13.** Os mundos materiais tiveram começo e
terão fim. Quer a matéria exista de toda a eternida-
de, como Deus, quer tenha sido criada numa época
qualquer, é evidente, segundo o que se passa coti-
dianamente às nossas vistas, que são temporárias as
transformações da matéria e que dessas transforma-
ções resultam diferentes corpos, que incessantemente
nascem e se destroem. Como produtos que são da

aglomeração e da transformação da matéria, os diversos mundos hão de ter tido, como todos os corpos materiais, começo e terão fim, na conformidade de leis que desconhecemos. Pode a Ciência, até certo ponto, formular as leis que lhes presidiram à formação e remontar ao estado primitivo deles. Toda teoria filosófica em contradição com os fatos que a Ciência comprova é necessariamente falsa, a menos que prove estar em erro a Ciência. **14.** Criando os mundos materiais, também criou Deus seres inteligentes a que damos o nome de Espíritos. **15.** Desconhecemos a origem e o modo de criação dos Espíritos; apenas sabemos que eles são criados simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, porém perfectíveis e com igual aptidão para tudo adquirirem e tudo conhecerem, com o tempo. A princípio, eles se encontram numa espécie de infância, carentes de vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência. **16.** À medida que o Espírito se distancia do ponto de partida, desenvolvem-se-lhe as ideias, como na criança, e, com as ideias, o livre-arbítrio, isto é, a liberdade de fazer ou não fazer, de seguir este ou aquele caminho para seu adiantamento, o que é um dos atributos essenciais do Espírito. **17.** O objetivo final de todos os Espíritos consiste em alcançar a perfeição de que é suscetível a criatura. O resultado dessa perfeição está no gozo da suprema felicidade que lhe é consequente e a que chegam mais ou menos rapidamente, conforme o uso que fazem do livre-arbítrio. **18.** Os Espíritos são os agentes da potência divina; constituem a força inteligente da Natureza e concorrem para a execução dos desígnios do Criador, tendo em vista a manutenção da harmonia geral do Universo e das leis imutáveis que regem a criação. **19.** Para colaborarem, como agentes da potência divina na obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem transitoriamente um corpo material. Os Espíritos encarnados constituem a Humanidade. A alma do homem é um Espírito encarnado. **20.** A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna; a vida corporal é transitória e passageira: não é mais do que um instante na eternidade. **21.** A encarnação dos Espíritos está nas leis da Natureza; é necessária ao adiantamento deles e à execução das obras de Deus. Pelo trabalho, que a existência corpórea lhes impõe, eles aperfeiçoam a inteligência e adquirem, cumprindo a lei de Deus, os méritos que os conduzirão à felicidade eterna. Daí resulta que, concorrendo para a obra geral da criação, os Espíritos trabalham pelo seu próprio progresso. **22.** O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio labor; ele avança na razão da sua maior ou menor atividade ou da sua boa vontade em adquirir as qualidades que lhe falecem. **23.** Não podendo o Espírito, numa só existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que hão de conduzi-lo à meta, ele chega a essa aquisição por meio

de uma série de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para a frente na senda do progresso e se escoa de algumas imperfeições. **24.** Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade nas suas existências pretéritas, assim como os germens das imperfeições de que ainda se não expungiu. **25.** Quando um Espírito empregou mal uma existência, isto é, quando nenhum progresso realizou na senda do bem, essa existência lhe resulta sem proveito, ele tem que a recomençar em condições mais ou menos penosas, por efeito da sua negligência ou má vontade. **26.** Devendo o Espírito, em cada existência corpórea, adquirir alguma coisa no sentido do bem e despojar-se de alguma coisa no sentido do mal, segue-se que, após certo número de encarnações, ele se acha depurado e alcança o estado de puro Espírito. **27.** É indeterminado o número das existências corpóreas; depende da vontade do Espírito reduzir esse número, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral. **28.** No intervalo das existências corpóreas, o Espírito é errante e vive a vida espiritual. A erraticidade carece de duração determinada. **29.** Quando, num mundo, os Espíritos têm realizado a soma de progresso que o estado desse mundo lhe faculta efetuar, deixam-no e passam a encarnar noutro mais adiantado, onde entesouram novos conhecimentos e assim por diante, até que, de nenhuma utilidade mais lhe sendo a encarnação em corpos materiais, entram a viver exclusivamente a vida espiritual, em que também progredem noutro sentido e por outros meios. Galgando o ponto culminante do progresso, gozam da felicidade suprema. Admitidos nos Conselhos do Onipotente, identificam-se com o pensamento deste e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os outros Espíritos ainda em diferentes graus de adiantamento.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“OS ESPÍRITOS DA TERRA. Está cheio o vosso mundo de Espíritos atrasados em sua evolução, encarnados e desencarnados, em cujas mentes ainda não se fixaram nitidamente as noções do dever em todos os seus prismas. Admirai-vos, às vezes, os que vos acolheis sob a bandeira da paz da consoladora Doutrina dos Espíritos, da incompreensão que lavra no mundo e da teimosia de muitas consciências rebeldes à luz e refratárias à Verdade; a Terra está cheia de dores, oriundas dos abusos levados a efeito por elevado número dos seus habitantes que, aliás, constituem considerável maioria. Vós, porém, que estudais e vos sentis possuídos da aspiração de melhorar, procurai ponderar todas as questões que se vos apresentem, com acurada atenção, procurando resolver todos os problemas à luz de esclarecido entendimento. **ESPÍRITOS DA TERRA.** A Terra está povoada, em quase

todas as latitudes, de seres que se desenvolveram com ela própria e que se afinam perfeitamente às suas condições fluídicas. Pequena percentagem de homens é constituída de elementos espirituais de outros orbes mais elevados que o vosso; daí, a enorme diferença de avanço moral entre os seres humanos e os abnegados apóstolos da luz que, em todos os tempos, tentam clarear-lhes as estradas do progresso. É comum conhecerem-se pessoas que nutrem perfeita adoração a todos os prazeres que o mundo lhes oferece. Por minuto de voluptuosidade, pela contemplação dos seus haveres efêmeros, por uma hora de contato com as suas ilusões, jamais procurariam o conhecimento das verdades da eterna vida do espírito; procuram toda casta de gozos, evitam qualquer estudo ou meditação e se entregam, freneticamente, ao bem-estar que a carne lhes oferta. Essas criaturas, invariavelmente, são espíritos estritamente terrenos, que não saem dos âmbitos da existência mesquinha do planeta; esta afirmação, porém, não implica, de modo geral, a origem desses seres em vosso próprio orbe, mas, sim, a verdade de que muitos deles, pelas suas condições psíquicas, mereceram viver em sua superfície, como prova, expiação ou meio de progresso. Apegam-se com fervor a tudo quanto seja carnal e experimentam o pavor da morte, inseguros na sua fé e falhos de conhecimentos quanto à sua vida futura. **COMO SE OPERA O PROGRESSO GERAL.** O progresso espiritual dessas criaturas verifica-se com a vinda incessante, ao planeta, de almas esclarecidas, que já tiveram a ventura de conhecer outros planos mais elevados do Universo, e que deles vêm mais ricas em conhecimento e virtude, derramando lições preciosas nos ambientes em que encarnam. Quando notardes, em meio de uma coletividade, certas almas que dela se distanciam por suas elevadas qualidades morais, mais adiantadas que seus irmãos em noções dignificadoras do espírito, podeis crer que esses seres estão na Terra temporariamente, isto é, por tempo breve, resgatando desvios de pretérito longínquo ou desempenhando o elevado papel de missionários. Trazem sempre exemplos nobilitantes, que obrigam os seus semelhantes à imitação ou realizam reformas nos domínios das atividades a que se dedicam, com o conhecimento inato de que são portadores, em razão da sua permanência em outras esferas. É assim que se observa a evolução moral e intelectual do homem terreno, que vem adaptando, através dos evos, o que tem recebido dos nobres mensageiros das mansões iluminadas do Universo, corporificados em seu meio ambiente. **OS PERÍODOS DE RENOVAÇÃO.** Quando se verifica um “status quo” nas correntes evolutivas, que parecem, às vezes, estagnar, grandes conjuntos de almas evoluídas combinam entre si uma vinda coletiva ao orbe terreno, e ativamente abrem novas portas à Arte, à Ciência, à Virtude

e à Inteligência da Humanidade. Conheceis, em vossa História, desses períodos de ressurreição espiritual! Tendes exemplos relevantes no século de Péricles, na antiga Hélade e no movimento de renovação que se operou na Europa, com os artistas inspirados que encheram de luz os dias da Renascença. **MISSÃO DO ESPIRITISMO.** Em vossos dias, o Espiritismo, que representa o Consolador prometido pelo Cristo aos séculos posteriores à sua vinda ao mundo, é uma extraordinária mensagem do Céu à Terra, e faz-se necessário aquilatar-lhe o valor. Inda existem multidões de Espíritos rebeldes, porém, a consciência terrena, em suas características gerais, está agora apta a receber, depois de tantos anos de lutas, o conhecimento espiritual que lhe fará desprezar os últimos resquícios da materialidade inconsciente, aprendendo a discernir os seus erros. Espalhando a boa nova da imortalidade, a doutrina de amor abrirá novos horizontes à esperança dos homens, conduzindo-os à aquisição do tesouro espiritual, reservado por Deus a todas as suas criaturas. Quando todos os homens compreenderem o sentido de suas magníficas lições, o vosso planeta terá atingido uma nova fase evolutiva e o Espiritismo terá concluído, entre vós, a sua sagrada e gloriosa missão.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXXI)

“NO APRIMORAMENTO. No aperfeiçoamento do corpo espiritual, além do primitivismo de certas almas que jazem, longo tempo, entorpecidas após a morte física, observemos, ainda, o quadro das mentes evoluídas intelectualmente, mas submersas nas densas vibrações decorrentes de compromissos escuros. Não permanecem no regime da inércia, em sono larval; entretanto, agitam-se nos desvarios da loucura. Criam imagens que vivem e se movimentam na intimidade delas próprias, por tempo indeterminado, cuja duração varia com a força do impulso de suas paixões. Carregam consigo os dramas intensos de que se fizeram autoras. Encarnada na Terra, a inteligência vive entre as provocações da esfera carnal e as sugestões silenciosas da mente. Quanto mais intelectualizada a criatura, mais profundamente respira no plano das ideias, influenciando e sendo influenciada. Geralmente, porém, o homem desequilibra os próprios sentimentos, inclinando-se, em maior ou menor percentagem, para o afastamento das leis com as quais se deve nortear. Atravessa os caminhos humanos, ganhando pouco e quase sempre perdendo muito, dentro de si mesmo, obscurecendo-se nas pesadas sombras dos pensamentos inquietantes que produz para o consumo de suas necessidades mentais. Assim é que a desencarnação não lhes modifica o campo íntimo. Encasulada no círculo vibratório das criações que lhe dizem respeito, a alma sofre naturais inibições, ante a paisagem da vida gloriosa. Não possui ainda órgão de percepção para sintonizar-se com os espetáculos deslumbrantes

da imensidade, encarcerada, qual se encontra, entre as paredes estranhas das concepções obscuras e estreitas em que se agita. Como a lâmpada vive no seio das próprias irradiações, imitando luz que é também matéria sutil, a alma permanece no seio das criações que lhe são peculiares, prendendo-se à paisagem em que prevaleçam as forças e desejos que lhe são afins, porque o pensamento é também substância rarefeita, matéria dentro de expressões inabordáveis até agora pelas investigações terrestres. Podendo alimentar-se, por tempo indefinível, das emanções dos próprios desejos, entidades existem que estacionam, durante muitos anos, dentro dos quadros emocionais em que se comprazem, atrasando a marcha evolutiva, até que reencarnam na recapitulação das experiências em que faliram, retomando o serviço de purificação interior para a sublimação de si mesmas. Desse modo, somos defrontados por dolorosos fenômenos congeniais. Suicidas recomeçam a luta física, no círculo de moléstias ingratas, e criminosos reaparecem no berço, com deploráveis mutilações e defeitos; alcoólatras regressam à existência, em companhia de pais que se sintonizam com eles e grandes delinquentes reencetam a viagem do aprimoramento moral, na esfera de provas temíveis, quais sejam as de enfermidades indefiníveis e de aflições dificilmente remediáveis. No extenso e abençoado viveiro de almas que é o mundo, pouco a pouco, de século a século e de milênio a milênio, usando variados corpos e diversas posições no campo das formas, nosso espírito constrói lentamente, para o próprio uso, o veículo acrisolado e divino, com que o Senhor nos reserva em plena imortalidade vitoriosa.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 7)

“EVOLUÇÃO E CORPO ESPIRITUAL. Primórdios da vida. Procurando fixar ideias seguras acerca do corpo espiritual, será preciso remontarmos, de algum modo, aos primórdios da vida na Terra, quando mal cessavam as convulsões telúricas, pelas quais os Ministros Angélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do Planeta. A matéria elementar, de que o eletrão é um dos corpúsculos base [Na Esfera Espiritual, em que estagiamos, o eletrão é também partícula atômica dissociável. (Nota do Autor espiritual)], na faixa de experiência evolutiva sob nossa análise, acumulada sobre si mesma, ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura. A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espalhar

se no colo da paisagem primitiva. Dessa geleia cósmica verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído. Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos... **Nascimento do reino vegetal.** Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética. Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início. Milênios e milênios chegam e passam... **Formação das algas.** Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal. O tempo age sem pressa, em vagarosa movimentação no berço da Humanidade, e aparecem as algas nadadoras, quase invisíveis, com as suas caudas flexuosas, circulando no corpo das águas, vestidas em membranas celulósicas, e mantendo-se à custa de resíduos minerais, dotadas de extrema motilidade e sensibilidade, como formas monocelulares em que a mônada já evoluída se ergue a estágio superior. Todavia, são plantas ainda e que até hoje persistem na Terra, como filtros de evolução primária dos princípios inteligentes em constante expansão, mas plantas superevolvidas nos domínios da sensação e do instinto embrionário, guardando o magnésio da clorofila como atestado da espécie. Sucedendo-as, por ordem, emergem as algas verdes de feição pluricelular, com novo núcleo a salientar-se, inaugurando a reprodução sexuada e estabelecendo vigorosos embates nos quais a morte comparece, na esfera de luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras, em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir. **Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios.** Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exoesqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura

molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue – condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma – detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individuações do Espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina. Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico aos fetos e às lycopodiáceas, aos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esqueletal. Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arqueossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos. Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência. **Faixas inaugurais da razão.** Estagiando nos marsupiais e cretáceos do eoceno médio, nos rinoce-rotídeos, cervídeos, antilopídeos, equídeos, canídeos, pro boscídeos e antropoides inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropóides da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão. **Elos desconhecidos da evolução.** Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual, trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porquanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem

estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se en contra [As expressões “Plano Físico” e “Plano Extrafísico”, largamente usadas nestas páginas, foram utilizadas por nós, à falta de termos mais precisos que designem as esferas de evolução para os Espíritos encarnados e desencarnados, pertencentes ao “habitat” planetário. (Nota do Autor espiritual)] **Evolução no tempo.** É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, fixando-os na tessitura da própria alma. Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, despendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. Isso é perfeitamente verificável na desintegração natural de certos elementos radioativos na massa geológica do Globo. E entendendo-se que a civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a bênção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicosomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica [As presentes estimativas e apontamentos do Plano Espiritual, apesar das compreensíveis divergências humanas, coincidem exatamente com observações e ilações de vários estudiosos encarnados. (Nota do Autor espiritual)]. Uberaba, 22/1/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 3)

“AUTOMATISMO E CORPO ESPIRITUAL. Automatismo fisiológico. Compreensível salientar que o princípio inteligente, no decurso dos evos, plasmou em seu próprio veículo de exteriorização as

conquistas que lhe alicerçariam o crescimento para maiores afirmações nos horizontes evolutivos. Dominando as células vivas, de natureza física e espiritual, como que empalmando-as a seu próprio serviço, de modo a senhorear possibilidades mais amplas de expansão e progresso, sofre no plano terrestre e no plano extraterrestre as profundas experiências que lhe facultarão, no bojo do tempo, o automatismo fisiológico, pelo qual, sem qualquer obstáculo, executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida. **Atividades reflexas do inconsciente.** Sabemos que, em nos propondo aprender a ler e escrever, antes de tudo nos consagramos à empresa difícil de assimilação do alfabeto e da escrita, consumindo energia cerebral e coordenando o movimento dos olhos, dos lábios e das mãos, em múltiplas fases de atenção e trabalho, de maneira a superar nossas próprias inibições, para, depois, conseguirmos ler e escrever, mecanicamente, sem qualquer esforço, a não ser aquele que se refere à absorção, comunicação ou materialização do pensamento lido ou escrito, porquanto a leitura e a grafia ter-se-ão tornado automáticas na esfera de nossa atividade mental. Nessa base de incessante repetição dos atos indispensáveis ao seu próprio desenvolvimento, vestindo-se de matéria densa no plano físico e desnudando-se dela no fenômeno da morte, para revestir-se de matéria sutil no plano extrafísico e renascer de novo na Crosta da Terra, em inumeráveis estações de aprendizado, é que o princípio espiritual incorporou todos os cabedais da inteligência que lhe brilhariam no cérebro do futuro, pelas chamadas atividades reflexas do inconsciente. **Teoria de Descartes.** Atento a isso e espantado diante do gigantesco patrimônio da mente humana é que Descartes, no século 17, indagando de si mesmo sobre a complexidade dos nervos, formulou a “teoria dos espíritos animais” que estariam encerrados no cérebro, perpassando nas redes nervosas para atender aos movimentos da respiração, dos humores e da defesa orgânica, sem participação consciente da vontade, chegando o filósofo a asseverar que esses “espíritos se conjugavam necessariamente refletidos”, aplicando semelhante regra notadamente aos animais que ele classificava por máquinas desprovidas de pensamento. Descartes não logrou apreender toda a amplitude dos caminhos que se descerram à evolução na esteira dos séculos, mas abordou a verdade do ato reflexo que obedece ao influxo nervoso, no automatismo em que a alma evolui para mais altos planos de consciência, através do nascimento, morte, experiência e renascimento na vida física e extrafísica, em avanço inevitável para a vida superior. **Automatismo e herança.** Assim como na coletividade humana o indivíduo trabalha para a comunidade a que pertence, entregando-lhe o

produto das próprias aquisições, e a sociedade opera em favor do indivíduo que a compõe, protegendo-lhe a existência, no impositivo do aperfeiçoamento constante, nos reinos menores o ser inferior serve à espécie a que se ajusta, confiando-lhe, maquinalmente, o fruto das próprias conquistas, e a espécie labora em benefício dele, amparando-o com todos os valores por ela assimilados, a fim de que a ascensão da vida não sofra qualquer solução de continuidade. Se, no círculo humano, a inteligência é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade, nas linhas da civilização, sob os signos da cultura, observamos que, na retaguarda do transformismo, o reflexo precede o instinto, tanto quanto o instinto precede a atividade refletida, que é base da inteligência nos depósitos do conhecimento adquirido por recapitulação e transmissão incessantes, nos milhares de milênios em que o princípio espiritual atravessa lentamente os círculos elementares da Natureza, qual vaso vivo, de forma em forma, até configurar-se no indivíduo humano, em trânsito para a maturação sublimada no campo angélico. Desse modo, em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inexequibilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porquanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica. **Evolução e princípios cosmocinéticos.** Os dias da Criação, assinaladas nos livros de Moisés, equivalem a épocas imensas no tempo e no espaço, porque o corpo espiritual que modela o corpo físico e o corpo físico que representa o corpo espiritual constituem a obra de séculos numerosos, pacientemente elaborada em duas esferas diferentes da vida, a se retomarem no berço e no túmulo com a orientação dos Instrutores Divinos que supervisionam a evolução terrestre. Com semelhante enunciado não diligenciamos, de modo algum, explicar a gênese do Espírito, porque isso, por enquanto, implicaria arrogante e pretensiosa definição do próprio Deus. Propomo-nos, simplesmente, salientar que a lei da evolução prevalece para todos os seres do Universo, tanto quanto os princípios cosmocinéticos, que determinam o equilíbrio dos astros, são, na origem, os mesmos que regulam a vida orgânica, na estrutura e movimento dos átomos. O veículo do Espírito, além do sepulcro, no plano extrafísico ou quando reconstituído no berço, é a soma de experiências infinitamente repetidas, avançando vagarosamente da obscuridade para a luz. Nele, situamos a individualidade espiritual, que se vale das

vidas menores para afirmar-se –, das vidas menores que lhe prestam serviço, dela recolhendo preciosa cooperação para crescerem a seu turno, conforme os inelutáveis objetivos do progresso. **Gênese dos órgãos psicossomáticos.** Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre. É assim que o tato nasceu no princípio inteligente, na sua passagem pelas células nucleares em seus impulsos ameboides; que a visão principiou pela sensibilidade do plasma nos flagelados monocelulares expostos ao clarão solar; que o olfato começou nos animais aquáticos de expressão mais simples, por excitações do ambiente em que evoluíam; que o gosto surgiu nas plantas, muitas delas armadas de pelos viscosos destilando sucos digestivos, e que as primeiras sensações do sexo apareceram com algas marinhas providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas uma para as outras, mas também de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas. **Trabalho da inteligência.** Examinando, pois, o fenômeno da reflexão sistemática, gerando o automatismo que assinala a inteligência de todas as ações espontâneas do corpo espiritual, reconhecemos, sem dificuldade, que a marcha do princípio inteligente para o reino humano e que a viagem da consciência humana para o reino angélico simbolizam a expansão multimilenar da criatura de Deus que, por força da Lei Divina, deve merecer, com o trabalho de si mesma, a auréola da imortalidade em pleno Céu. Pedro Leopoldo, 26/1/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 4)

“EVOLUÇÃO E SEXO. [...] Filtros de transformismo. O princípio inteligente é experimentado de modos múltiplos no laboratório da Natureza, constituindo-se-lhe, pouco a pouco, a organização físico-espiritual e traçando-se-lhe entre a Terra e o Céu a destinação finalista. Com o amparo dos Trabalhadores Divinos, fixa em si mesmo os selos vivos da reprodutividade, que se definem e aperfeiçoam no regaço dos milênios, deixando na retaguarda, como filtros de transformismo, não somente os reinos mineral e vegetal, institutos de recepção e expansão da onda criadora da vida, em seu fluxo incessante, como também certas classes de organismos outros que passariam a coexistir com os elementos em ascensão, qual acontece ainda hoje, quando observamos ao lado da inteligência humana, relativamente aprimorada, plantas e vermes que já existiam no pré-câmbrico inferior. Os tecidos germinais sofrem, por milhares de anos, provas continuadas para que se lhes possa aferir o valor e se lhes apure o adestramento. Formas monstruosas

aparecem e desaparecem, desde os anelídeos aos animais de grande porte, por séculos e séculos, até que as espécies conseguissem acomodação nos próprios tipos. Entre as que chegam à luz e as que se fundem nas sombras, traçam-se parentescos profundos. Os cromossomos permanecem imorredouros, através dos centros genésicos de todos os seres, encarnados e desencarnados, plasmando alicerces preciosos aos estudos filogenéticos do futuro. **Descendência e seleção.** É justo lembrar, no entanto, que os trabalhos gradativos da descendência e da seleção, que encontrariam em Lamarck e Darwin expositores dos mais valiosos, operavam-se em dois planos. As crisálidas de consciência dos reinos inferiores, mergulhadas em campo vibratório diferente pelo fenômeno da morte, justapunham-se às células renascentes que continuavam a servi-las, colhendo elementos de transmutação para a volta à esfera física, pela reencarnação compulsória, sob a orientação das Inteligências Sublimes que nos sustentam a roagem, circunstância que nos compele a considerar que o transformismo das espécies, como também a constituição de espécies novas, em se ajustando a funções fisiológicas, expansão e herança, baseiam-se no mecanismo e na química do núcleo e do citoplasma, em que as energias fisiopsicossomáticas se reúnem. **Genealogia do Espírito.** Os naturalistas situados no chão do mundo, desde os sacerdotes egípcios, que estudavam a origem da vida planetária em conchas fósseis, até os mais eminentes biólogos modernos, atreitos à unilateralidade de observação, compreensivelmente não conseguirão suprir as lacunas existentes no quadro da evolução, não obstante Cuvier, com a Anatomia Comparada, tenha traçado forma básica à sistemática da Paleontologia. Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à saciedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução filogenética de todo o reino animal, demonstrando que, além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do Espírito. Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos. Pedro Leopoldo, 2/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 6)

IV.3. Relação entre espírito e mente (binômio espírito-mente)³²

“A Casa Mental. [...] Depois de fazer com a destra significativo gesto, prosseguiu: – No sistema nervoso, temos o cérebro inicial, repositório dos movimentos instintivos e sede das atividades subconscientes; figuremo-lo como sendo o porão da individualidade, onde arquivamos todas as experiências e registramos os menores fatos da vida. Na região do córtex motor, zona intermediária entre os lobos frontais e os nervos, temos o cérebro desenvolvido, consubstanciando as energias motoras de que se serve a nossa mente para as manifestações imprescindíveis no atual momento evolutivo do nosso modo de ser. Nos planos dos lobos frontais, silenciosos ainda para a investigação científica do mundo, jazem materiais de ordem sublime, que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução. Os esclarecimentos singelos e admiráveis empolgavam-me. Calderaro era educador da mais elevada estirpe. Ensinava sem cansar, sabia conduzir o aprendiz a conhecimentos profundos sem nenhum sacrifício da parte do aluno. Apreciava-lhe eu a nobreza, quando prosseguiu, findo breve intervalo: – Não podemos dizer que possuímos três cérebros simultaneamente. Temos apenas um que, porém, se divide em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fora um castelo de três andares: no primeiro situamos a residência de nossos impulsos automáticos, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados; no segundo localizamos o domicílio das conquistas atuais, onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos a casa das noções superiores, indicando as eminências que nos cumpre atingir. Num deles moram o hábito e o automatismo; no outro residem o esforço e a vontade; e no último demoram o ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, deste modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 3)

“Estudando o cérebro. [...] Fez característico movimento com o indicador e acentuou: – Repara os centros corticais. Contemplei, admirado, aquele maravilhoso mundo microscópico. As células piramidais, distinguindo-se pelo tamanho, diziam da importância das funções que lhes impendiam no laboratório das

energias nervosas. Observando atentamente o quadro, não me parecia que estivesse a examinar o tecido vivo da substância branco-cinzenta: tive a impressão de que o córtex fosse um robusto dínamo em funcionamento. Não estaríamos diante de algum aparelho elétrico de complicada estrutura? Malgrado essas impressões, reparei que a matéria cerebral ameaçava amolecimento. Continuava perplexo, sem saber como formular os comentários cabíveis, quando o Assistente me veio em socorro, esclarecendo: – Estamos diante do órgão perispiritual do ser humano, adeso à duplicata física, da mesma forma que algumas partes do corpo carnal têm estreito contato com o indumento. Todo o campo nervoso da criatura constitui a representação das potências perispiríticas, vagarosamente conquistadas pelo ser, através de milênios e milênios. Em renascendo entre as formas perecíveis, nosso corpo sutil, que se caracteriza, em nossa esfera menos densa, por extrema leveza e extraordinária plasticidade, submete-se, no plano da Crosta, às leis de recapitulação, hereditariedade e desenvolvimento fisiológico, em conformidade com o mérito ou demérito que trazemos e com a missão ou o aprendizado necessário. O cérebro real é aparelho dos mais complexos, em que o nosso eu reflete a vida. Através dele, sentimos os fenômenos exteriores segundo a nossa capacidade receptiva, que é determinada pela experiência; por isto, varia ele de criatura a criatura, em virtude da multiplicidade das posições na escala evolutiva. Nem os símios ou os antropóides, a caminho da ligação com o gênero humano, apresentam cérebros absolutamente iguais entre si. Cada individualidade revela-o consoante o progresso efetivo realizado. O selvagem apresenta um cérebro perispiritual com vibrações muito diversas das do órgão do pensamento no homem civilizado. Sob este ponto de vista, o encéfalo de um santo emite ondas que se distinguem das que despide a fonte mental de um cientista. A escola acadêmica, na Crosta Planetária, prende-se à conceituação da forma tangível, em trânsito para as transformações da enfermidade, da velhice ou da morte. Aqui, porém, examinamos o organismo que modela as manifestações do campo físico, e reconhecemos que todo o aparelhamento nervoso é de ordem sublime. A célula nervosa é entidade de natureza elétrica, que diariamente se nutre de combustível adequado. Há neurônios sensitivos, motores, intermediários e reflexos. Existem os que recebem as sensações exteriores e os que recolhem as impressões da consciência. Em todo o cosmo celular agitam-se

³² Vide Subcapítulos I.3 (“Evolução do princípio espiritual e desenvolvimento do sistema nervoso: controle das funções, formação dos sentidos e produção do pensamento”), I.4 (“Descrição do sistema nervoso segundo a visão espiritual”) e I.5 (“O cérebro é o órgão de manifestação da mente”), Capítulo I (“Corpo material ou físico”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sútis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

interruptores e condutores, elementos de emissão e de recepção. A mente é a orientadora desse universo microscópico, em que bilhões de corpúsculos e energias multiformes se consagram a seu serviço. Dela emanam as correntes da vontade, determinando vasta rede de estímulos, reagindo ante as exigências da paisagem externa, ou atendendo às sugestões das zonas interiores. Colocada entre o objetivo e o subjetivo, é obrigada pela Divina Lei a aprender, verificar, escolher, repelir, aceitar, recolher, guardar, enriquecer-se, iluminar-se, progredir sempre. Do plano objetivo, recebe-lhe os atritos e as influências da luta direta; da esfera subjetiva, absorve-lhe a inspiração, mais ou menos intensa, das inteligências desencarnadas ou encarnadas que lhe são afins, e os resultados das criações mentais que lhe são peculiares. Ainda que permaneça aparentemente estacionária, a mente prossegue seu caminho, sem recuos, sob a indefectível atuação das forças visíveis ou das invisíveis.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“Estudando o cérebro. [...] Interrompeu-se o Assistente por alguns segundos, como a dar-me tempo para refletir. Em seguida, continuou, atencioso: – Na verdade, não há nisso mistério algum. Voltemos aos ascendentes em evolução. O princípio espiritual acolheu-se no seio tépido das águas, através dos organismos celulares, que se mantinham e se multiplicavam por cissiparidade. Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, impondo-lhes o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas, de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se, aqui e ali, ajudado pela interferência indireta das inteligências superiores? Impossível responder, por enquanto. Sugou o seio farto da Terra, evolucionando sem parar, através de milênios, até conquistar a região mais alta, onde conseguiu elaborar o próprio alimento. Calderaro fixou em mim significativo olhar e perguntou: – Compreendeste suficientemente? Ante o assombro das ideias novas que me fustigavam a imaginação, impedindo-me o minucioso exame do assunto, o esclarecido companheiro sorriu e continuou: – Por mais esforços que envidemos por simplificar a exposição deste delicado tema, o retrospecto que a respeito fazemos sempre causa perplexidade. Quero dizer, André, que o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de

formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência... Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“Escrevendo acerca do corpo espiritual, que Allan Kardec denominou perispírito, não se propõe André Luiz traçar esse ou aquele estudo mais profundo, fazendo a discriminação dos princípios que o estruturam, com o fim de equacionar debatidos problemas da filosofia e da religião. Desde tempos remotos, a Humanidade reconheceu-lhe a existência como organismo sutil ou mediador plástico, entre o Espírito e o corpo carnal. No Egito, era o Ka para os sacerdotes; na Grécia era o eidolon, na evocação das sibilas. Ontem, Paracelso designava-o como sendo o corpo sidéreo e, não faz muito tempo, foi nomeado como somod nas investigações de Baraduc. André Luiz, porém, busca apenas acordar em nós outros a noção da imortalidade, principalmente destacando-o, aos companheiros encarnados, qual forma viva da própria criatura humana, presidindo, com a orientação da mente, o dinamismo do casulo celular em que o Espírito – viajor da Eternidade – se demora por algum tempo na face da Terra, em trabalho evolutivo, quando não seja no duro labor da própria regeneração. E assim procedeu, acima de tudo, para salientar que, atingindo a maioria moral pelo raciocínio, cabe a nós mesmos aprimorar-lhe as manifestações e enriquecer-lhe os atributos, porque todos os nossos sentimentos e pensamentos, palavras e obras, nele se refletem, gerando consequências felizes ou infelizes, pelas quais entramos na intimidade da luz ou da sombra, da alegria ou do sofrimento. Apreciando-lhe a evolução, nosso amigo simplesmente esclarece que o homem não está sentenciado ao pó da Terra e que da imobilidade do sepulcro se reerguerá para o movimento triunfante, transportando consigo o céu ou o inferno que plasmou em si mesmo. Em suma, espera tão-somente encarecer que o Espírito responsável, renascendo no arcabouço das células físicas, é mergulhado na carne, qual a imagem na câmara escura, em fotografia, recolhendo, por seus atos, nessa posição negativa, todos os característicos que lhe expressarão a figura exata, no banho de reações químicas efetuado pela morte, de que extrai a soma de experiências para a sua apresentação positiva na realidade maior. O apóstolo

Paulo, no versículo 44 do capítulo 15º de sua primeira Epístola aos Coríntios, asseverou, convincente: – “Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.” Nessa preciosa síntese, encontramos no verbo “semeiar” a ideia da evolução filogenética do ser e, dentro dela, o corpo físico e o corpo espiritual como veículos da mente em sua peregrinação ascensional para Deus. É para semelhante verdade que André Luiz nos convida a atenção, a fim de que por nossa conduta reta de hoje possamos encontrar a felicidade pura e sublime, ao sol de amanhã. EMMANUEL. Pedro Leopoldo, 21 de julho de 1958.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Anotação)

“CORPO ESPIRITUAL. Retrato do corpo mental. Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental* que lhe preside a formação [* O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre. (Nota do Autor espiritual)]. Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berço túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência. Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas coloides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

V.4. Localização do binômio espírito-mente no crânio

“Máquina divina. Não se passaram muitos minutos e estávamos ao lado do agonizante, cuja situação preocupava o clínico espiritual. Era um cavalheiro de

sessenta anos presumíveis, que a leucemia aniquilava morosamente. – Há muitos dias se encontra em coma – explicou o facultativo –, mas temos necessidade de mais forte auxílio magnético, para facilitar o desprendimento. No aposento, além de duas senhoras desencarnadas – a mãe do agonizante e uma parenta próxima –, viam-se familiares encarnados, dando mostras de grande aflição. Nosso orientador examinou o enfermo detidamente e sentenciou: – Nada resta senão a necessidade de concurso para o desligamento final. Aniceto, a seguir, recomendou observássemos o moribundo com atenção. Concentrando todas as minhas possibilidades, fixei o enfermo prestes a desencarnar. Notei, com minúcias, que a alma se retirava lentamente através de pontos orgânicos insulados. Assombrado, verifiquei que, bem no centro do crânio, havia um foco de luz mortíça, candelabro aceso às ondulações brandas do vento. Enchia toda a região encefálica, despertando-me profunda admiração. – A luz que você observa – disse o instrutor amigo – é a mente, para cuja definição essencial não temos, por agora, conceituação humana. Notando minha estranheza, Aniceto colocou-me a destra na fronte, transmitindo-me vigoroso influxo magnético, e acentuou: – Repare a máquina divina do homem, o tabernáculo sagrado que o Senhor permitiu se formasse na Terra para sublime habitação temporária do espírito. Agora, André, não está você diante duma demonstração anatômica da ciência terrestre, examinando carne morta e músculos enrijecidos. Observe agora! O olho mortal não poderá contemplar o que se encontra à sua vista neste instante. O microscópio é ainda pobre, não obstante representar uma nobre conquista para a limitada visão humana.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 49)

“A epífise. Enquanto o nosso companheiro se aproveitava da organização mediúnica, vali-me das forças magnéticas que o instrutor me fornecera, para fixar a máxima atenção no médium. Quanto mais lhe notava as singularidades do cérebro, mais admirava a luz crescente que a epífise deixava perceber. A glândula minúscula transformara-se em núcleo radiante e, em derredor, seus raios formavam um lótus de pétalas sublimes. Examinei atentamente os demais encarnados. Em todos eles, a glândula apresentava notas de luminosidade, mas em nenhum brilhava como no intermediário em serviço. Sobre o núcleo, semelhante agora a flor resplandecente, caía luzes suaves, de Mais Alto, reconhecendo eu que ali se encontravam em jogo vibrações delicadíssimas, imperceptíveis para mim. Estudara a função da epífise nos meus apagados serviços de médico terrestre. Segundo os orientadores clássicos, circunscreviam-se suas atribuições ao controle sexual no período infantil. Não passava de velador dos instintos, até que as rodas da experiência sexual pudessem deslizar com regularidade, pelos caminhos

da vida humana. Depois, decrescia em força, relaxava-se, quase desaparecia, para que as glândulas genitais a sucedessem no campo da energia plena. Minhas observações, ali, entretanto, contrastavam com as definições dos círculos oficiais. Como o recurso de quem ignora é esperar pelo conhecimento alheio, aguardei Alexandre para elucidar-me, findo o serviço ativo. Passados alguns minutos, o generoso mentor acercava-se de mim. Não esperou que me explicasse. – Conheço-lhe a perplexidade – falou. Também passei pela mesma surpresa, noutro tempo. A epífase é agora uma revelação para você. – Sem dúvida – acrescentei. – Não se trata de órgão morto, segundo velhas suposições – prosseguiu ele. – É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. O neurologista comum não a conhece bem. O psiquiatra devassar-lhe-á, mais tarde, os segredos. Os psicólogos vulgares ignoram-na. Freud interpretou-lhe o desvio, quando exagerou a influência da “libido”, no estudo da indisciplina congênita da Humanidade. Enquanto no período do desenvolvimento infantil, fase de reajustamento desse centro importante do corpo perispiritual preexistente, a epífase parece constituir o freio às manifestações do sexo; entretanto, há que retificar observações. Aos catorze anos, aproximadamente, de posição estacionária, quanto às suas atribuições essenciais, recomeça a funcionar no homem reencarnado. O que representava controle é fonte criadora e válvula de escape. A glândula pineal reajusta-se ao con certo orgânico e reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos. Achava-me profundamente surpreendido. Findo o intervalo que impusera à exposição do ensinamento, Alexandre continuou: – Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na sequência de lutas, pelo aprimoramento da alma, e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida. – Deus meu! – exclamei – e as glândulas genitais, onde ficam? O instrutor sorriu e esclareceu: – São demasiadamente mecânicas, para guardarem os princípios sutis e quase imponderáveis da geração. Acham-se absolutamente controladas pelo potencial magnético de que a epífase é a fonte fundamental. As glândulas genitais segregam os hormônios do sexo, mas a glândula pineal, se me posso exprimir assim, segrega “hormônios psíquicos” ou “unidades-força” que vão atuar, de maneira positiva, nas energias geradoras.

Os cromossomos da bolsa seminal não lhe escapam a influência absoluta e determinada. Alexandre fez um gesto significativo e considerou: – No entanto, não estamos examinando problemas de embriologia. Limitemo-nos ao assunto inicial e analisemos a epífase, como glândula da vida espiritual do homem. Dentro de meu espanto, guardei rigoroso silêncio, faminto de instruções novas. – Segregando delicadas energias psíquicas – prosseguiu ele –, a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrínico. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta. De modo geral, todos nós, agora ou no pretérito, viciamos esse foco sagrado de forças criadoras, transformando-o num imã relaxado, entre as sensações inferiores de natureza animal. [...] – Compreende, agora, as funções da epífase no crescimento mental do homem e no enriquecimento dos valores da alma? – indagou-me o orientador. – Sim... – respondi sob impressão forte. – Segregando “unidades-força” – continuou –, pode ser comparada a poderosa usina, que deve ser aproveitada e controlada, no serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade e não relaxada em gasto excessivo do suprimento psíquico, nas emoções de baixa classe. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 2)

“Aconselhando-me cautela na ministração de energias magnéticas à mente do moribundo, começou a operar sobre o plexo solar, desatando laços que localizavam forças físicas. Com espanto, notei que certa porção de substância leitosa extravasava do umbigo, pairando em torno. Esticaram-se os membros inferiores, com sintomas de esfriamento. Dimas gemeu, em voz alta, semi-inconsciente. Acorreram amigos, assustados. Sacos de água quente foram lhe apostos nos pés. Mas, antes que os familiares entrassem em cena, Jerônimo, com passes concentrados sobre o tórax, relaxou os elos que mantinham a coesão celular no centro emotivo, operando sobre determinado ponto do coração, que passou a funcionar como bomba mecânica, desreguladamente. Nova cota de substância desprendia-se do corpo, do epigástrico à garganta, mas reparei que todos os músculos trabalhavam fortemente contra a partida da alma, opondo-se à libertação das forças motrizes, em esforço desesperado, ocasionando angustiosa aflição ao paciente. O campo físico

oferecia-nos resistência, insistindo pela retenção do senhor espiritual. Com a fuga do pulso, foram chamados os parentes e o médico, que acorreram, pressurosos. No regaço maternal, todavia, e sob nossa influência direta, Dimas não conseguiu articular palavras ou concatenar raciocínios. Alcançáramos o coma, em boas condições. O Assistente estabeleceu reduzido tempo de descanso, mas volveu a intervir no cérebro. Era a última etapa. Concentrando todo o seu potencial de energia na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que não pude perceber com minúcias e brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana, absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada. Quis fitar a brilhante luz, mas confesso que era difícil fixá-la, com rigor. Em breves instantes, porém, notei que as forças em exame eram dotadas de movimento plasticizante. A chama mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do nosso amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro a membro, traço a traço. E, à medida que o novo organismo ressurgia ao nosso olhar, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empalidecia gradualmente, até desaparecer de todo, como se representasse o conjunto dos princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espalhando-se, em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispiritual, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, das novas dimensões vibratórias. Dimas-desencarnado elevou-se alguns palmos acima de Dimas-cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto. A genitora abandonou o corpo grosseiro, rapidamente, e recolheu a nova forma, envolvendo-a em túnica de tecido muito branco, que trazia consigo. Para os nossos amigos encarnados, Dimas morrera, inteiramente. Para nós outros, porém, a operação era ainda incompleta. O Assistente deliberou que o cordão fluídico deveria permanecer até ao dia imediato, considerando as necessidades do “morto”, ainda imperfeitamente preparado para desenlace mais rápido.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 13)

“Assimilação de correntes mentais. Faltavam apenas dois minutos para as vinte horas, quando o dirigente espiritual mais responsável deu entrada no pequeno recinto. Nosso orientador articulou a apresentação. O Irmão Clementino abraçou-nos, acolhedor. A casa pertencia-nos a todos, explicou sorridente. Estivéssemos, pois, à vontade, na tarefa de que nos achávamos investidos. A essa altura, diversas entidades do nosso plano colocaram-se junto dos médiuns que estariam de serviço. Clementino avançou em direção

de Raul Silva, perto de quem se postou em muda reflexão. Logo após, Áulus convidou-me ao psicoscópio e, graduando-o sob nova modalidade, recomendou-nos acurado exame. Foquei os companheiros encarnados em concentração mental, identificando-os sob aspecto diferente. Dessa vez, os veículos físicos apareciam quais se fossem correntes eletromagnéticas em elevada tensão. O sistema nervoso, os núcleos glandulares e os plexos emitiam luminescência particular. E, justapondo-se ao cérebro, a mente surgia como esfera de luz característica, oferecendo em cada companheiro determinado potencial de radiação. [...] Nesse instante, o irmão Clementino pousou a destra na fronte do amigo que comandava a assembleia, mostrando-se-nos mais humanizado, quase obscuro. – O benfeitor espiritual que ora nos dirige – acentuou o nosso instrutor – afigura-se-nos mais pesado porque amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo à posição de Raul, tanto quanto lhe é possível, para benefício do trabalho começante. Influencia agora a vida cerebral do condutor da casa, à maneira dum musicista emérito manobrando, respeitoso, um violino de alto valor, do qual conhece a firmeza e a harmonia. Notamos que a cabeça venerável de Clementino passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, se nimbava de luminosidade intensa, embora diversa. [...] O instrutor percebeu-nos a muda inquirição e apressou-se em aclarar: – A lâmpada em cujo bojo se faz luz arroja de si mesma os fotônios que são elementos vivos da Natureza a vibrarem no “espaço físico”, através dos movimentos que lhes são peculiares, e nossa alma, em cuja intimidade se processa a ideia irradiante, lança fora de si os princípios espirituais, condensados na força ponderável e múltipla do pensamento, princípios esses com que influímos no “espaço mental”. Os mundos atuam uns sobre os outros pelas irradiações que despedem e as almas influenciam-se mutuamente, por intermédio dos agentes mentais que produzem. [...]” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 5)

“CORPO ESPIRITUAL. [...] Centros vitais. Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer. Nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica. É assim que, regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena, nele identificamos o

centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundárias de uma usina respondem ao comando da peça motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las. Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtex encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras; [...]" (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“EVOLUÇÃO E CÉREBRO. [...] Microcosmo prodigioso. Com o tempo, a Direção Espiritual da Vida consegue, enfim, organizar, com mais eficiência, o sistema nervoso autônomo, regulando e coordenando as funções das vísceras. Estruturam-se desse modo, primorosamente, a inervação visceral aferente e eferente e os centros coordenadores, os sistemas simpático e parassimpático e as fibras pré e pós-ganglionares de Langley, com os neurônios a edificarem vias eletromagnéticas de comunicação entre o governo espiritual e as províncias orgânicas. Em todos os ângulos do cérebro, esse microcosmo prodigioso, células especiais permanecem sob o controle do Espírito, assimilando-lhe os desejos e executando-lhe as ordens no automatismo que a evolução lhe confere. Desde o grupo tectobulbar das fibras pré-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidas com neurônios no mesencéfalo, protuberância e bulbo e incluindo os núcleos supra-ópticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, com neurônios localizados na medula sacra, nervos especiais funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou recolhida pela mente, em ação constante, nos domínios da sensação e da ideia, em conexões e trajetos que a ciência do homem mal começa a perceber, atuando nos demais centros do corpo espiritual e nas zonas fisiológicas que os configuram no veículo somático, através de circuitos reflexos. No diencéfalo, campo essencialmente sensitivo e vegetativo, parte das mais primitivas do sistema nervoso central, o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, e,

dessa junção de forças, o Espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem, como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com os quais, no regime de responsabilidade e de auto-escolha, plasmará, no espaço e no tempo, o seu próprio caminho de ascensão para Deus. Uberaba, 12/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 9)

“MECANISMOS DA MENTE. [...] Sincronia de estímulos. Entenderemos, assim, facilmente, que o córtex encefálico, com as suas delicadas divisões e subdivisões, governando os núcleos reguladores dos sentidos, dos movimentos, dos reflexos e de todas as manifestações nervosas da individualidade encarnada, corresponde à sede do centro cerebral do psicossoma (ou corpo espiritual) no corpo físico, unida à sede do centro coronário, localizada no diencéfalo, entrosando-se ambos em perfeita sincronia de estímulos, pelos quais se manifesta o Espírito em sua constituição mental, harmônica, difícil ou desequilibrada, segundo a posição em que ele mesmo valoriza, conserva, prejudica ou desordena os recursos que a Lei Divina lhe faculta à própria exteriorização no Plano Físico e no Plano Espiritual. E assim, como dispomos no córtex de ligações energéticas da consciência para os serviços do tato, da audição, da visão, do olfato, do gosto, da memória, da fala, da escrita e de automatismos diversos, possuímos no diencéfalo (tálamo e hipotálamo), a se irradiarem para o mesencéfalo, ligações energéticas semelhantes da consciência para os serviços da mesma natureza, com acréscimos de atributos para enriquecimento e sublimação do campo sensorial, como sejam a reflexão, a atenção, a análise, o estudo, a meditação, o discernimento, a memória crítica, a compreensão, as virtudes morais e todas as fixações emotivas que nos sejam particulares. Emitindo a onda de indagação e trabalho que nos diga respeito, através do centro coronário, conjugado ao centro cerebral, recebemo-la de volta, em circuito de raios substanciais da nossa própria força mental, com impactos aferentes e eferentes, para que a nossa consciência, por si, ajuíze, pela essência dos resultados ou reflexos de nossas próprias ações, quanto ao acerto ou desacerto de nossa escolha, nessa ou naquela circunstância da vida. Não podemos esquecer que cada núcleo das ligações a que nos reportamos se subdivide em peculiaridades diversas, entendendo-se, pois, que os fenômenos de obliteração suscetíveis de ocorrer em alguns dos setores corticais do corpo físico podem surgir igualmente no corpo espiritual, quando a turvação da mente é capaz de obstruir temporariamente esse ou aquele fulcro energético da região diencefálica, no centro coronário da entidade desencarnada.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 16)

“Estudando o hipnotismo. [...] «O Professor José Grasset, por exemplo, o excelente mestre de Montpellier, inspirado nas observações realizadas em torno do *polígono cerebral* que também servira de base a Wundt e Charcot, afirmava ter descoberto ali o centro da consciência, o núcleo da vontade, colocando, imediatamente abaixo, o centro de Broca, responsável, pelos encargos da linguagem e os responsáveis pela visão, audição, gustação, etc... Imaginava, então, um ponto de referência que passava a ser o centro do *psiquismo superior*, encarregado dos fenômenos conscientes e no *polígono* propriamente dito o campo do pensamento e da vontade, encarregado de todas as tarefas do *automatismo psicológico*. Elucidava, em consequência, que toda sugestibilidade que dimanava do operador se transmite *inconscientemente* tomando posse do campo cerebral, no *polígono* do hipnotizado. A vontade dominante se encarrega de conduzir a vontade dominada, como se a alma de quem hipnotiza substituísse momentaneamente a alma do que foi hipnotizado». Dessa forma, o hipnotismo pode ser denominado, como querem alguns experimentadores, «O anestésico da razão». [...]» (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

“Delito oculto. [...] “Cada criatura, embora inconscientemente, sabe a razão do seu sofrimento, porquanto, nas paisagens mentais se encontram os clichês das suas infrações, revoltando-se ou fazendo-se crer injustiçada, por mecanismo de evasão ou preguiça, largamente cultivada, que se transforma em anestésico da alma.” Desejando completar o raciocínio lógico, concluiu: - O Espírito é o responsável por si mesmo, embora mergulhado no contexto da Excelsa Misericórdia de Deus, fomentando o próprio crescimento através da utilização dos recursos pedagógicos com os quais sintoniza espontaneamente.” Nesse comenos, o caridoso Bezerra acercou-se da paciente e penetrou-a com um profundo olhar, percuciente e lúcido, após o qual nos convidou a examinar a causa da alienação de Julinda, esclarecendo: - Com o respeito que nos merecem as observações dos honrados estudiosos da psique humana, que estabeleceram características definidas nos quadros da anamnese de uma PMD, a gênese real da alienação da nossa enferma se encontra num desforço espiritual, formando uma problemática obsessiva, conforme poderemos constatar. “Busquemos-lhe a sede da consciência e procuremos detectar a região dos folículos cerebrais, no córtex do encéfalo, escutando os conflitos que lhe assomam dos arquivos mentais em desconcerto.” Fixei a atenção na região indicada, sintonizando o pensamento na sua faixa psíquica.

Imediatamente passei a ver e a ouvir confusos quadros e ruídos que se misturavam em verdadeira miscelânea de perturbação. A pouco e pouco foram-se definindo as cenas e acompanhamos uma altercação entre a enfermeira e o esposo, que melhor definia a conjuntura do momento provacional. [...]» (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 3)

IV.5. O binômio espírito-mente modela e comanda o perispírito³³

“Assinalando-nos decerto a curiosidade, de vez que também percebia Hilário interessado em adquirir informações e conhecimentos em torno dos problemas que anotávamos de perto, o instrutor convidou-nos a observar a infortunada criança, comunicando: – Como não desconhecem, o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado. Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, consequentemente, o “habitat” que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório. Cada qual de nós respira em determinado tipo de onda. Quanto mais primitiva se revela a condição da mente, mais fraco é o influxo vibratório do pensamento, induzindo a compulsória aglutinação do ser às regiões da consciência embrionária ou torturada, onde se reúnem as vidas inferiores que lhe são afins. O crescimento do influxo mental, no veículo eletromagnético em que nos movemos, após abandonar o corpo terrestre, está na medida da experiência adquirida e arquivada em nosso próprio espírito. Atentos a semelhante realidade, é fácil compreender que sublimamos ou desequilibramos o delicado agente de nossas manifestações, conforme o tipo de pensamento que nos flui da vida íntima. Quanto mais nos avizinhamos da esfera animal, maior é a condensação obscurecente de nossa organização, e quanto mais nos elevamos, ao preço de esforço próprio, no rumo das gloriosas construções do espírito, maior é a sutileza de nosso envoltório, que passa a combinar-se facilmente com a beleza, com a harmonia e com a luz reinantes na Criação Divina.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 20)

“Observei atentamente o médium projetado ao nosso círculo de trabalho. Não envergava o costume azul e cinza de que se vestia no recinto, mas sim um

33 Vide Subcapítulo III.3 (“Relação entre perispírito, mente, pensamentos e sentimentos”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

roupão esbranquiçado e inteiriço que descia dos ombros até o solo, ocultando-lhe os pés, e dentro do qual se movia, deslizante. Áulus registrou-me as anotações íntimas e esclareceu: – Nosso irmão, com a ajuda de Clementino, está usando as forças ectoplásmicas que lhe são próprias, acrescidas com os recursos de cooperação do ambiente em que nos achamos. Semelhantes energias transudam de nossa alma, conforme a densidade específica de nossa própria organização, variando desde a sublime fluidez da irradiação luminiscente até a substância pastosa com que se operam nas crisálidas os variados fenômenos de metamorfose. Depois de fixar o médium hesitante alguns momentos, prosseguiu: – Castro é ainda um iniciante no serviço. À medida que entesoure experiência, manejará possibilidades mentais avançadas, assumindo os aspectos que deseje, considerando que o perispírito é constituído de elementos maleáveis, obedecendo ao comando do pensamento, seja nascido de nossa própria imaginação ou da imaginação de inteligências mais vigorosas que a nossa, mormente quando a nossa vontade se rende, irrefletida, à dominação de Espíritos tirânicos ou viciosos, encastelados na sombra. – Nosso amigo, então, se pudesse... – comentou Hilário, curioso. Mas, cortando-lhe a frase, o Assistente completou-a, ajuntando: – Se pudesse pensar com firmeza fora do campo físico, se já tivesse conquistado uma boa posição de autogoverno, com facilidade imprimiria sobre as forças plásticas de que se reveste a imagem que preferisse, aparecendo ao nosso olhar como melhor lhe aprouvesse, porque é possível estampar em nós mesmos o desenho que nos agrada. – Sim – ponderei –, importa reconhecer, contudo, que esse desenho, embora vivo, não é comparável ao vestuário em nosso plano... Áulus percebeu que minhas indagações incluíam sempre o imperativo de maior esclarecimento para Hilário, ainda neófito em nosso campo de ação e, talvez por isso, procurou fazer-se tão claro e minucioso quanto possível, acrescentando: – De modo nenhum. O pensamento modelará a forma que nos inclinamos a adotar, no entanto, os apetrechos de nossa apresentação na esfera diferente de vida a que fomos trazidos, segundo vocês já conhecem, variarão em seus tipos diversos. Lembremo-nos, para exemplificar, de um homem terrestre tatuado. Terá ele escolhido um desenho, através do qual a sua forma, por algum tempo, se faz mais facilmente identificável, mas envergará a vestimenta que mais lhe atenda ao bom gosto, conforme as usanças do quadro social a que se ajusta. E, sorrindo, acentuou: – Pela concentração mental, qualquer Espírito se evidenciará na expressão que deseje, todavia, empregando nossa imaginação criadora, podemos e devemos mobilizar os recursos ao nosso alcance, aprimorando concepções artísticas no campo de nossas relações, uns com os outros. A Arte, tanto quanto a Ciência, entre nós,

é muito mais rica que no círculo dos encarnados e, por ela, a educação se processa mais eficiente, no que tange à beleza e à cultura. Assim como não podemos conceber uma sociedade terrestre digna e enobrecida, tão-somente composta por homens e mulheres em nudismo absoluto, embora com maravilhosos primores de tatuagem, é preciso considerar que os indivíduos de nossa comunidade, não obstante dispondo de um veículo prodigiosamente esculpido pelas forças mentais, não menoscabam as excelências do vestuário, por intermédio das quais selecionamos emoções e maneiras distintas. Não podemos esquecer que progresso é trabalho educativo. A ascensão do Espírito não seria regresso ao empirismo da taba.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 11)

“CORPO ESPIRITUAL. Retrato do corpo mental. Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental* que lhe preside a formação [*O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre. (Nota do Autor espiritual)]. Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berço túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência. Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas coloides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“LINHAS MORFOLÓGICAS DOS DESENCARNADOS. – A que diretrizes obedecem as entidades desencarnadas para se apresentarem morfológicamente? – As linhas morfológicas das entidades desencarnadas,

no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados. A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas. Fácil observar, assim, que a desencarnação libera todos os Espíritos de feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo a provação necessária ou a tarefa específica porquanto, fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem. [Devemos esclarecer que essas ocorrências, para efeito de responsabilidade cármica e identificação pessoal respeitam, via de regra, a ficha individual da existência última vivida pela personalidade na Terra, situação que perdura até novo estágio evolutivo que se processa, seja na reencarnação, seja na promoção a mais alto nível de sublimação e serviço. (Nota do Autor espiritual.)] Ainda assim, releva observar que se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, conforme as suas disposições íntimas. Se a alma desenleada do envoltório físico foi transferida para a moradia espiritual, em adiantada senectude, gastará algum tempo para desfazer-se dos sinais de ancianidade corpórea, se deseja remoçar o próprio aspecto, e, na hipótese de haver partido da Terra, na juventude primeira, deverá igualmente esperar que o tempo a auxilie, caso se proponha a obtenção de traços da maturidade. Cabe, entretanto, considerar que isso ocorre apenas com os Espíritos, aliás em maioria esmagadora, que ainda não dispõem de bastante aperfeiçoamento moral e intelectual, pois quanto mais elevado se lhes descortine o degrau de progresso, mais amplo se lhes revela o poder plástico sobre as células que lhes entretecem o instrumento de manifestação. Em alto nível, a Inteligência opera em minutos certas alterações que as entidades de cultura mediana gastam, por vezes, alguns anos a efetuar. Temos também nas sociedades respeitáveis da Espiritualidade aqueles companheiros que, depois de estágios depurativos, se elevam até elas, por intercessões afetivas ou merecimentos próprios, carregando, porém, consigo, determinadas marcas deprimentes, como sejam mutilações que os desfiguram, inibições ou moléstias que se denunciam na psicofera que os envolve, ou distintivos outros menos dignos, como remanescentes

de circuitos mentais dos remorsos que padeceram, a se lhes concentrarem, desequilibrados, sobre certas zonas do corpo espiritual, mas, em todos esses casos, as entidades em lide ali se encontram, habitualmente, por períodos limitados de reeducação e refazimento, para regressarem, a tempo breve, no rumo das sendas de saneamento e resgate nas reencarnações redentoras. Pedro Leopoldo, 27/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 4)

“Atendendo ao impositivo da hora, o Instrutor convocou-nos ao serviço de despertamento dos membros do grupo, ali reunidos, facultando a cada um a percepção ambiente relativa ao próprio estado psíquico e espiritual. Cada mente, na condição de fixador e seletor de aptidões, somente permite ao espírito o que este cultiva e grava nas engrenagens do perispírito, conseguindo ligeiras conquistas que decorrem da Misericórdia de acréscimo de Nosso Pai, não se podendo permitirem maiores incursões por ausência de condições psíquicas e energias encarregadas de produzir-lhes o “peso específico” para movimentar-se ou permanecer nas diversas faixas vibratórias acima das densas correntes do corpo somático. Assim, o homem é sempre o que pensa, porquanto da fonte mental fluem os rios das realizações. As matrizes mentais demoradamente fixadas por viciações, desequilíbrios, não podem de inopino ser removidas ou alteradas, constituindo os fulcros da ideação e da vida, onde cada ser, encarnado ou desencarnado, habita... Da mesma forma ocorre com as aspirações superiores que fomentam a dispersão das forças densas e grosseiras que decorrem no mergulho do magnetismo da Terra mesmo, ensejando sintonia com mais nobres ondas de emissão espiritual, sutilizando o perispírito e liberando-o dos condicionamentos mais fortes do corpo físico que vitaliza e a que se vincula... Podíamos perceber, desse modo, as diversas reações dos convidados. Alguns variavam desde a perplexidade ao medo, enquanto outros, à surpresa sucediam o júbilo e a emoção de identificarem o ambiente em que estavam, compreendendo, de pronto, as razões de ali se encontrarem.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 20)

“**PENSAMENTO E PERISPÍRITO.** Portador de expressiva capacidade plasmadora, o perispírito registra todas as ações do Espírito através dos mecanismos sutis da mente que sobre ele age, estabelecendo os futuros parâmetros de comportamento, que serão fixados por automatismos vibratórios nas reencarnações porvindouras. **Corpo intermediário** entre o ser pensante, eterno, e os equipamentos físicos, transitórios, por ele se processam as imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retomo à causa geratriz. Captando o impulso do pensamento e computando a resposta da ação, a ele se incorporam os fenômenos da conduta atual do homem, assim programando os sucessos

porvindouros, mediante os quais serão aprimoradas as conquistas, corrigidos os erros e reparados os danos destes últimos derivados. Constituído por campos de forças mui especiais, ele irradia vibrações específicas portadoras de carga própria, que facultam a perfeita sintonia com energias semelhantes, estabelecendo áreas de afinidade e repulsão de acordo com as ondas emitidas. Assim, quando por ocasião da reencarnação o Espírito é encaminhado por necessidade evolutiva aos futuros genitores, no momento da fecundação o gameta masculino vitorioso esteve impulsionado pela energia do perispírito do reencarnante, que naquele espermatozoide encontrou os fatores genéticos de que necessitava para a programática a que se deve submeter. A partir desse momento, os códigos genéticos da hereditariedade, em consonância com o conteúdo vibratório dos registros perispirituais, vão organizando o corpo que o Espírito habitará. Como é certo que, em casos especiais, há toda uma elaboração de programa para o reencarnante, na generalidade, os automatismos vibratórios das **Leis de Causalidade** respondem pela ocorrência, que jamais tem lugar ao acaso. Todo elemento irradia vibrações que lhe tipificam a espécie e respondem pela sua constituição. Espermatozoides e óvulos, em consequência, possuem campo de força específico, que propela os primeiros para o encontro com os últimos, facultando o surgimento da célula ovo. Por sua vez, cada gameta exterioriza ondas que correspondem à sua **fatalidade biológica**, na programação genética de que se faz portador. Desse modo, o perispírito do reencarnante sincroniza com a vibração do espermatozoide que possui a mesma carga vibratória, sobre ele incidindo e passando a plasmar no óvulo fecundado o corpo compatível com as necessidades evolutivas, como decorrência das catalogadas ações pretéritas. Equilíbrio da forma ou anomalia, habilidades e destreza, ou incapacidade, inteligência, memória e lucidez, ou imbecilidade, atraso mental, oligofrenia serão estabelecidos desde já pela incidência das conquistas espirituais sobre o embrião em desenvolvimento. Sem descartarmos a hereditariedade nos processos da reencarnação, o seu totalitarismo, conforme pretendem diversos estudiosos da Embriogenia e outras áreas da ciência, não tem razão de ser. Cada Espírito é legatário de si mesmo. Seus atos e sua vida anterior são os plasmadores da sua nova existência corporal, impondo os processos de reabilitação, quando em dívida, ou de felicidade, se em crédito, sob os critérios da Divina Justiça. Certamente, caracteres físicos, fisiológicos e até alguns comportamentais resultam das heranças genéticas e da convivência em família, jamais os de natureza psicológica que afetam o destino, ou de ordem fisiológica no mapa da evolução. Saúde e enfermidade, beleza e feiura, altura e pequenez, agilidade e retardamento, como outras expressões da vida física,

procedem do Espírito que vem recompor e aumentar os valores bem ou mal utilizados nas existências pretéritas. Além desses, os comportamentos e as manifestações mentais, sexuais, emocionais decorrem dos atos perpetrados antes e que a reencarnação traz de volta para a indispensável canalização em favor do progresso de cada ser. As alienações, os conflitos e traumas, as doenças congênitas, as deformidades físicas e degenerativas, assim como as condições morais, sociais e econômicas, são capítulos dos mecanismos espirituais, nunca heranças familiares, qual se a vida estivesse sob injunções do absurdo e da inconsequência. A aparente hereditariedade compulsória, assim como a injunção moral atuante em determinado indivíduo, fazendo recordar algum ancestral, explica-se em razão de ser aquele mesmo Espírito, ora renascido no clã, para dar prosseguimento a realizações que ficaram incompletas ou refazer as que foram perniciosas. Motivo este que libera “o filho de pagar pelos pais” ou avós, o que constituiria, se verdadeiro, uma terrível e arbitrária imposição da Justiça que, mesmo na Terra, tem código penalógico mais equilibrado. Os pensamentos largamente cultivados levam o indivíduo a ações inesperadas, como decorrência da adaptação mental que se permitiu. Desencadeada a ação, os efeitos serão incorporados ao **modus vivendi** posterior da criatura. E mesmo quando não se convertem em atitudes e realizações por falta de oportunidade, aquelas aspirações mentais, vividas em clima interior, apresentam-se como **formas** e **fantasmas** que terão de ser diluídos por meio de reagentes de diferente ordem, para que se restabeleça o equilíbrio do conjunto espiritual. Conforme a constância mental da ideia, aparece uma correspondente **necessidade** da emoção. Todos esses condicionamentos estabelecem o organograma físico, mental e moral da futura empresa reencarnacionista a que o Espírito se deve submeter, ante o fatalismo da evolução. O conjunto — Espírito ou mente, perispírito ou psicossoma e corpo ou soma — é tão entranhadamente conjugado no processo da reencarnação que, em qualquer período da existência, são articulados ou desfeitos sucessivos equipamentos que procedem da ação de um sobre o outro. O Espírito aspira e o perispírito age sobre os implementos materiais, dando surgimento a respostas orgânicas ou a fatos que retomam à fonte original, como efeito da ação física que o mesmo corpo transfere para o ser eterno, concedendo-lhe crédito ou débito que se incorpora à economia da vida planetária. O mundo mental, das aspirações e ideais, é o grande agente modelador do mundo físico, orgânico. Conforme as propostas daquele, têm lugar as manifestações neste. Assim se compreende porque a Terra é mundo de “provas e expiações”, considerando-se que os Espíritos que nela habitam estagiam na sua grande generalidade em faixas iniciais, inferiores,

portanto, da evolução. À medida que o ser evolve, melhores condições estatui para o próprio crescimento, dentro do mesmo critério da lei do progresso, que realiza com mais segurança os mecanismos de desenvolvimento, de acordo com as conquistas logradas. Quanto mais adiantado um povo, mais fáceis e variados são-lhe os recursos para o seu avanço. O pensamento, desse modo, é um agente de grave significado no processo natural da vida, representando o grau de elevação ou inferioridade do Espírito, que, mediante o seu psicossoma ou órgão intermediário, plasma o que lhe é melhor e mais necessário para marchar no rumo da libertação.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Pensamento e perispírito)

IV.6. O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital^{34,35,36,37,38}

“AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO. A CARNE É FRACA. Há tendências viciosas que são evidentemente próprias do Espírito, porque se apegam mais ao moral do que ao físico; outras, parecem antes dependentes do organismo, e, por esse motivo, menos responsáveis são julgados os que as possuem: consideram-se como tais as disposições à cólera, à preguiça, à sensualidade, etc. Hoje, está plenamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes a diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Assim, esse desenvolvimento é um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a bossa da música, mas possui essa tendência porque o seu Espírito é musical. Se a atividade do

Espírito reage sobre o cérebro, deve também reagir sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, deste modo, o artista do próprio corpo, por ele talhado, por assim dizer, à feição das suas necessidades e à manifestação das suas tendências. Desta forma a perfeição corporal das raças adiantadas deixa de ser produto de criações distintas para ser o resultado do trabalho espiritual, que aperfeiçoa o invólucro material à medida que as faculdades aumentam. Por uma consequência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bÍlis ou de quaisquer outros fluidos. É assim, por exemplo, que ao glutão enche-se-lhe a boca de saliva diante dum prato apetitoso. Certo é que a iguaria não pode excitar o órgão do paladar, uma vez que com ele não tem contato; é, pois, o Espírito, cuja sensibilidade é despertada, que atua sobre aquele órgão pelo pensamento, enquanto que outra pessoa permanecerá indiferente à vista do mesmo acepipe. É ainda por este motivo que a pessoa sensível facilmente verte lágrimas. Não é, porém, a abundância destas que dá sensibilidade ao Espírito, mas, precisamente, a sensibilidade deste que provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo condiciona-se à disposição normal do Espírito, do mesmo modo porque se condiciona à disposição do Espírito glutão. Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve encaminhar-se para estimular um temperamento bilioso, do que resulta não ser um homem colérico por bilioso, mas bilioso por colérico. O mesmo se dá em relação a todas as outras disposições instintivas: um Espírito indolente e fraco deixará o organismo em estado de atonia relativo ao seu caráter, ao passo que, ativo e enérgico, dará ao sangue

³⁴ Vide Subcapítulo I.6 (“O corpo físico é controlado pela mente (psicossomatismo)”), Capítulo I (“Corpo material ou físico”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

³⁵ Vide Subcapítulo III.6 (“O perispírito modela e comanda o corpo físico”), Capítulo III (“Corpo perispírico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

³⁶ Vide Subcapítulo II.3 (“Saúde física e mental (espiritual)”), Capítulo II (“Saúde segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

³⁷ Vide Subcapítulo III.2 (“Relação entre mente, perispírito e doença – Psicossomatismo”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

³⁸ Vide Subcapítulo VI.3 (“Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

como aos nervos qualidades perfeitamente opostas. A ação do Espírito sobre o físico é tão evidente que não raro vemos graves desordens orgânicas sobrevirem a violentas comoções morais. A expressão vulgar: — *A emoção transtornou-lhe o sangue* — não é tão destituída de sentido quanto se poderia supor. Ora, que poderia transtornar o sangue senão as disposições morais do Espírito? Pode admitir-se, por conseguinte, ao menos em parte, que o temperamento é determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. E nós dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral, tais como quando um estado mórbido ou anormal é determinado por causa externa, accidental, independente do Espírito, como sejam a temperatura, o clima, os defeitos físicos congênitos, uma doença passageira, etc. O moral do Espírito pode, nesses casos, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza intrínseca seja modificada. Escusar-se de seus erros por fraqueza da carne não passa de sofisma para escapar às responsabilidades. *A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que inverte a questão deixando àquele a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, destituída de pensamento e vontade, não pode prevalecer jamais sobre o Espírito, que é o ser pensante e de vontade própria. O Espírito é quem dá à carne as qualidades correspondentes ao seu instinto, tal como o artista que imprime à obra material o cunho do seu gênio. Libertado dos instintos da bestialidade, elabora um corpo que não é mais um tirano de sua aspiração, para espiritualidade do seu ser, e é quando o homem passa a comer para viver e não mais vive para comer. A responsabilidade moral dos atos da vida fica, por tanto, intacta; mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito. Assim, quanto mais esclarecido for este, menos desculpável se torna, uma vez que com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. Esta lei explica o insucesso da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, todo o esforço para modificá-lo se nulifica ante as disposições morais do Espírito, opondo-lhe uma resistência inconsciente que neutraliza a ação terapêutica. Por conseguinte, sobre a causa primordial é que se deve atuar. Daí, se puderdes, coragem ao poltrão, e vereis para logo cessados os efeitos fisiológicos do medo. Isto prova ainda uma vez a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a influência espiritual sobre os organismos. (*Revue Spirite*, março de 1869, pág. 65)” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VII)

“GÊNESE ESPIRITUAL [...] UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL À MATÉRIA. 10. Tendo a matéria que ser objeto do trabalho do Espírito para

desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, no mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos. O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que lhe cabe executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada. **11.** Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe-lhe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, nº 7: Alma da Terra) **12.** Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, tem, por adiantar-se, que fazer uso de suas faculdades, rudimentares a princípio. Por isso é que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele abandona para tomar outro, à proporção que se lhe aumentam as forças. Ora como em todos os tempos houve mundos e esses mundos deram nascimento a corpos organizados próprios a receber Espíritos, em todos os tempos os Espíritos, qualquer que fosse o grau de adiantamento que houvessem alcançado, encontraram os elementos necessários à sua vida carnal. **13.** Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável. **14.** O corpo, conseguintemente, não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito. Desde então, pouco importam a sua origem e os materiais que entraram na sua construção. Seja ou não o corpo do homem uma criação especial, o que não padece dúvida é que tem a formá-lo os mesmos elementos que o dos animais, a animá-lo o mesmo princípio vital, ou, por outra, a aquecê-lo o mesmo fogo, como tem a iluminá-lo a mesma luz e se acha sujeito às mesmas vicissitudes e

às mesmas necessidades. É um ponto este que não sofre contestação. A não se considerar, pois, senão a matéria, abstraindo do Espírito, o homem nada tem que o distinga do animal. Tudo, porém, muda de aspecto, logo que se estabelece distinção entre a habitação e o habitante. Ou numa choupana, ou envergando as vestes de um campônio, um nobre senhor não deixa de o ser. O mesmo se dá com o homem: não é a sua vestidura de carne que o coloca acima do bruto e faz dele um ser à parte; é o seu ser espiritual, seu Espírito. **HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO. 15.** Da semelhança, que há, de formas exteriores entre o corpo do homem e o do macaco, concluíram alguns fisiologistas que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nada aí há de impossível, nem o que, se assim for, afete a dignidade do homem. Bem pode dar-se que corpos de macaco tenham servido de vestidura aos primeiros Espíritos humanos, forçosamente pouco adiantados, que viessem encarnar na Terra, sendo essa vestidura mais apropriada às suas necessidades e mais adequadas ao exercício de suas faculdades, do que o corpo de qualquer outro animal. Em vez de se fazer para o Espírito um invólucro especial, ele teria achado um já pronto. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem não raro se reveste da pele de certos animais, sem deixar de ser homem. Fique bem entendido que aqui, unicamente, se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu Espírito e o do macaco. **16.** Admitida essa hipótese, pode dizer-se que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nas particularidades, conservando a forma geral do conjunto (nº 11). Melhorados, os corpos, pela procriação, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede com as árvores de enxerto. Deram origem a uma espécie nova, que pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à proporção que o Espírito progrediu. O Espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar, para seu uso, corpos de macaco, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o Espírito humano procriou corpos de homem, variantes do primeiro molde em que ele se meteu. O tronco se bifurcou: produziu um ramo, que por sua vez se tornou tronco. Como em a Natureza não há transições bruscas, é provável que os primeiros homens aparecidos na Terra pouco diferissem do macaco pela forma exterior e não muito também pela inteligência. Em nossos dias ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm tanta parecença com o macaco,

que só lhes falta ser peludos, para se tornar completa a semelhante.” (AK, *A gênese*, Capítulo XI)

“**Máquina divina.** Não se passaram muitos minutos e estávamos ao lado do agonizante, cuja situação preocupava o clínico espiritual. Era um cavalheiro de sessenta anos presumíveis, que a leucemia aniquilava morosamente. – Há muitos dias se encontra em coma – explicou o facultativo –, mas temos necessidade de mais forte auxílio magnético, para facilitar o desprendimento. No aposento, além de duas senhoras desencarnadas – a mãe do agonizante e uma parenta próxima –, viam-se familiares encarnados, dando mostras de grande aflição. Nosso orientador examinou o enfermo detidamente e sentenciou: – Nada resta senão a necessidade de concurso para o desligamento final. Aniceto, a seguir, recomendou observássemos o moribundo com atenção. Concentrando todas as minhas possibilidades, fixei o enfermo prestes a desencarnar. Notei, com minúcias, que a alma se retirava lentamente através de pontos orgânicos insulados. Assombrado, verifiquei que, bem no centro do crânio, havia um foco de luz mortiça, candelabro aceso às ondulações brandas do vento. Enchia toda a região encefálica, despertando-me profunda admiração. – A luz que você observa – disse o instrutor amigo – é a mente, para cuja definição essencial não temos, por agora, conceituação humana. Notando minha estranheza, Aniceto colocou-me a destra na fronte, transmitindo-me vigoroso influxo magnético, e acentuou: – Repare a máquina divina do homem, o tabernáculo sagrado que o Senhor permitiu se formasse na Terra para sublime habitação temporária do espírito. Agora, André, não está você diante duma demonstração anatômica da ciência terrestre, examinando carne morta e músculos enrijecidos. Observe agora! O olho mortal não poderá contemplar o que se encontra à sua vista neste instante. O microscópio é ainda pobre, não obstante representar uma nobre conquista para a limitada visão humana. A cooperação magnética do querido mentor modificara a cena e fui compelido a concentrar todas as minhas energias, a fim de não inutilizar a observação pelo golpe do espanto. A luz mental, embora fosca, tornara-se mais nítida e o corpo do moribundo agigantou-se, oferecendo-me espetáculo surpreendente aos olhos ansiosos. Parecia-me o corpo, agora, maravilhosa usina nos mais íntimos detalhes. O quadro científico era simplesmente estupefativo. Identificava, em grandes proporções, os nove sistemas de órgãos da máquina humana; o arcabouço ósseo, a musculatura, a circulação sanguínea, o aparelho de purificação do sangue consubstanciado nos pulmões e nos rins, o sistema linfático, o maquinismo digestivo, o sistema nervoso, as glândulas hormonais e os órgãos dos sentidos. Tal revelação histológica era diferente de tudo que eu poderia sonhar nos meus trabalhos

de medicina. A circulação do sangue parecia-se a movimento de canais vitalizadores daquele pequeno mundo de ossos, carne, água e resíduos. Milhões de organismos microscópicos iam e vinham na corrente empobrecida de glóbulos vermelhos. Presenciava a passagem de formas esquisitas, à maneira de minúsculas embarcações carregadas de bactérias mortíferas. Elementos maiores da flora microbiana transformavam-se em pequeninos barcos hospedando feras minúsculas, às centenas. Invadiam todos os núcleos organizados. Os órgãos, como os pulmões, o fígado e os rins, estavam sendo assaltados, irremediavelmente, por incalculável quantidade de sabotadores infinitesimais. E à medida que se consolidavam os micróbios invasores, em determinadas regiões celulares, alguma coisa se destacava, lentamente, da zona atacada, como se um molde sempre novo fosse expulso da forma gasta e envelhecida, reconhecendo eu, desse modo, que a desencarnação se operava através de processo parcial, facultando-me ilações preciosas. Reparei que algumas glândulas faziam desesperado esforço para enviar aos centros invadidos determinadas porções de hormônios, que eram incontáveis absorvidos pelos elementos letais. O plasma sanguíneo figurava-se líquido estranho e gangrenoso. Pela excessiva movimentação da onda mental, observei que o moribundo tentava readquirir a direção dos fenômenos orgânicos, mas em vão. Todos os complexos celulares atriavam entre si e as bactérias pareciam gozar o direito de multiplicação crescente e festiva. – Está vendo a máquina divina, formada pelo molde espiritual preexistente? – perguntou Aniceto, compreendendo-me a profunda admiração. O corpo do homem encarnado é um tabernáculo e uma bênção. Nesta hecatombe angustiosa de uma existência, pode você reparar que todos os movimentos do corpo estão subordinados à administração da mente. O organismo vivo, André, representa uma conquista laboriosa da Humanidade terrestre, no quadro de concessões do Eterno Pai. Pode você, agora, identificar os movimentos da matéria viva. Cada órgão é um departamento autônomo na esfera celular, subordinado ao pensamento do homem. Cada glândula é um centro de serviços ativos. Há muita afinidade entre o corpo físico e a máquina moderna. São ambos impulsionados pela carga de combustível, com a diferença de que no homem a combustão química obedece ao senso espiritual que dirige a vida organizada. É na mente que temos o governo dessa usina maravilhosa. Não possuímos, aí, tão somente o caráter, a razão, a memória, a direção, o equilíbrio, o entendimento; mas, também, o controle de todos os fenômenos da expressão corpórea. Na sede mental e, conseqüentemente, no cérebro, temos todos os registros de distribuição dos princípios vitais aos núcleos celulares, inclusive a água e o açúcar. Os centros metabólicos são grandes oficinas de

trabalho incessante. A mente humana, ainda que indefinível pela conceituação científica limitada, na Terra, é o centro de toda manifestação vital no planeta. Cada órgão, cada glândula, meu amigo, integra o quadro de serviço da máquina sublime, construída no molde sutil do corpo espiritual preexistente e, por isso mesmo, chegará o tempo em que a ciência reconhecerá qualquer abuso do homem como ofensa causada a si mesmo. A usina humana é repositório de forças elétricas de alto teor construtivo ou destrutivo. Cada célula é minúsculo motor, trabalhando ao impulso mental. Aniceto calou-se por momentos e, enquanto eu via, aterrado, os mais estranhos fenômenos microbianos no corpo do moribundo, volveu ele à palavra educativa: – Vemos aqui um irmão no momento da retirada. Repare a incapacidade dele para governar as células em conflito. A corrente sanguínea transformou-se em veículo de invasores mortíferos, que não encontraram qualquer fortificação na defensiva. Observe e identificará milhões de unidades da tuberculose, da lepra, da difteria, do câncer, que até agora estavam contidos nos porões da atividade fisiológica, pela defesa organizada, e que se multiplicam assustadoramente, de par com outros micróbios tão prolíferos quão terríveis. A nutrição foi interrompida. Não há possibilidade de novos suprimentos hormonais. O agonizante retrai-se aos poucos e ainda não abandonou totalmente a carne, por falta de educação mental. Vê-se pelo excesso de intemperança das células, sobre as quais não exerce nem mesmo um controle parcial, que este homem viveu bem distante da disciplina de si mesmo. Seus elementos fisiológicos são demasiadamente impulsivos, atendendo muito mais ao instinto que ao movimento da razão concentrada. A falar verdade, este nosso amigo não se está desencarnando, está sendo expulso da divina máquina, onde, pelo que vemos, não parece ter prezado bastante os sublimes dons de Deus.” (AL, *Os Mensageiros*, Capítulo 49)

“Admirava, tomado de profunda impressão, aqueles gráficos numerosos que se alinhavam, com absoluta ordem, demonstrando o cuidado espiritual que precede o serviço de reencarnações, quando o meu amigo ponderou: – A medicina humana será muito diferente no futuro, quando a Ciência puder compreender a extensão e complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral. As preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; as grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo. Se isso pode acontecer na esfera de atividades vulgares das lutas físicas, imagine o campo enorme de observações que nos oferece o plano espiritual, para onde se transferem, todos os dias, milhares

de almas desencarnadas, em lamentáveis condições de desequilíbrio da mente. O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se, muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“Em vasto recinto do Ministério das Comunicações, fomos apresentados ao Instrutor Albério, que se dispunha a iniciar a palestra. Tomamos lugar entre as dezenas de companheiros que o seguiam, atentos, em muda expectativa. Como tantos outros orientadores que eu conhecia, Albério assomou à tribuna, sem cerimônia, qual se nos fora simples irmão, conversando conosco em tom fraternal. – Meus amigos – falou, com segurança –, dando continuidade aos nossos estudos anteriores, precisamos considerar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos. Não ignoramos que o Universo, a estender-se no Infinito, por milhões e milhões de sóis, é a exteriorização do Pensamento Divino, de cuja essência partilhamos, em nossa condição de raios conscientes da Eterna Sabedoria, dentro do limite de nossa evolução espiritual. Da superestrutura dos astros à infraestrutura subatômica, tudo está mergulhado na substância viva da Mente de Deus, como os peixes e as plantas da água estão contidos no oceano imenso. Filhos do Criador, d’Ele herdamos a faculdade de criar e desenvolver, nutrir e transformar. Naturalmente circunscritos nas dimensões conceptuais em que nos encontramos, embora na insignificância de nossa posição comparada à glória dos Espíritos que já atingiram a angelitude, podemos arrojá-los de nós a energia atuante do próprio pensamento, estabelecendo, em torno de nossa individualidade, o ambiente psíquico que nos é particular. Cada mundo possui o campo de tensão eletromagnética que lhe é próprio, no teor de força gravítica em que se equilibra, e cada alma se envolve no círculo de forças vivas que lhe transpiram do “hálito” mental, na esfera de criaturas a que se imana, em obediência às suas necessidades de ajuste ou crescimento para a imortalidade. Cada planeta revoluciona na órbita que lhe é assinalada pelas leis do equilíbrio, sem ultrapassar as linhas de gravitação que lhe dizem respeito, e cada consciência evolui no grupo espiritual a cuja movimentação se subordina. Somos, pois, vastíssimo conjunto de Inteligências, sintonizadas no mesmo padrão vibratório de percepção, integrando um Todo, constituído de alguns bilhões de seres, que formam por assim dizer a Humanidade Terrestre. Compondo, assim, apenas humilde família, no infinito concerto da vida cósmica, em que cada mundo guarda somente determinada família da Humanidade Universal, conhecemos, por enquanto, simplesmente as expressões da vida que nos fala mais

de perto, limitados ao degrau de conhecimento que já escalamos. Dependendo dos nossos semelhantes, em nossa trajetória para a vanguarda evolutiva, à maneira dos mundos que se deslocam no Espaço, influenciados pelos astros que os cercam, agimos e reagimos uns sobre os outros, através da energia mental em que nos renovamos constantemente, criando, alimentando e destruindo formas e situações, paisagens e coisas, na estruturação dos nossos destinos. Nossa mente é, destarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios. A ideia é um “ser” organizado por nosso espírito, a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção. Do conjunto de nossas ideias resulta a nossa própria existência. O orador fez pequeno intervalo que ninguém ousou interromper e prosseguiu comentando: – Segundo é fácil de concluir, todos os seres vivos respiram na onda de psiquismo dinâmico que lhes é peculiar, dentro das dimensões que lhes são características ou na frequência que lhes é própria. Esse psiquismo independe dos centros nervosos, de vez que, fluindo da mente, é ele que condiciona todos os fenômenos da vida orgânica em si mesma.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 1)

“Depois do entendimento com os internados, o Instrutor Druso aquiesceu em dispensar-nos alguns minutos de conversação educativa. Explanara brilhantemente sobre o problema das provas na experiência terrestre. Alertara-nos quanto à necessária renovação mental nos padrões do bem, destacando a necessidade do estudo para a assimilação do conhecimento superior, e do serviço ao próximo para a colheita de simpatia, sem os quais todos os caminhos da evolução surgem complicados e difíceis de ser transitados. Junto dele, enquanto prelecionava, fora colocada singular escultura – uma estátua notável reproduzindo o corpo humano, transparente aos nossos olhos, à qual apenas faltava o sopro espiritual para revelar-se viva. Patenteavam-se, ali, à nossa visão, todos os órgãos e apetrechos do carro físico, sob a proteção do sistema nervoso e do sistema sanguíneo. O coração, à maneira de um grande pássaro no ninho das artérias enroscadas na árvore dos pulmões; o fígado, à feição de um condensador vibrante; o estômago e os intestinos como digestores técnicos e os rins, quais aparelhos complexos de filtragem, convidavam-nos a profunda admiração; contudo, nosso maior interesse concentrava-se no sistema endócrino, no qual as glândulas se salientavam por figurações de luz. A epífise, a hipófise, a tireoide, as paratireoides, o timo, as suprarrenais, o pâncreas e as bolsas genésicas caracterizavam-se, perfeitas, sobre o fundo vivo dos centros perispirituais,

que se combinavam uns com os outros, em sutilíssimas ramificações nervosas, singularmente ajustadas, através dos plexos, emitindo cada centro irradiações próprias, constituindo-se o conjunto num todo harmônico, que nos impelia à contemplação extática. Percebendo-nos a surpresa, o chefe da casa disse, bondoso: – Habitualmente convidamos a atenção de nossos internados para os veículos de nossas manifestações, mostrando-lhes, quanto possível, a correspondência entre nossos estados espirituais e as formas de que nos servimos. É indispensável compreendamos que todo mal por nós praticado conscientemente expressa, de algum modo, lesão em nossa consciência e toda lesão dessa espécie determina distúrbio ou mutilação no organismo que nos exterioriza o modo de ser. Em todos os planos do Universo, somos espírito e manifestação, pensamento e forma. Eis o motivo por que, no mundo, a Medicina há de considerar o doente como um todo psicossomático, se quiser realmente investir-se da arte de curar. E, tocando a bela escultura à nossa vista, continuou: – Da mente clareada pela razão, sede dos princípios superiores que governam a individualidade, partem as forças que asseguram o equilíbrio orgânico, por intermédio de raios ainda inabordáveis à perquirição humana, raios esses que vitalizam os centros perispiríticos, em cujos meandros se localizam as chamadas glândulas endócrinas, que, a seu turno, despedem recursos que nos garantem a estabilidade do campo celular. Como é óbvio, nas criaturas encarnadas esses elementos se consubstanciam nos hormônios diversos que atuam sobre todos os órgãos do corpo físico, através do sangue. O homem comum, que já conhece a tiroxina e a adrenalina, energias fabricadas pela tireoide e pelas suprarrenais, com influência decisiva no trabalho circulatório, nos nervos e nos músculos, não ignora que todas as demais glândulas de secreções internas produzem recursos que decidem sobre saúde e enfermidade, equilíbrio e desequilíbrio nos indivíduos encarnados. Ora, em substância, como é fácil de ver, todos os estados acidentais das formas de que nos utilizamos, no espaço e no tempo, dependem, assim, do comando mental que nos é próprio. É por isso que a justiça, sendo instituto fundamental de ordem na Criação, começa invariavelmente em nós mesmos, em toda e qualquer ocasião que lhe defraudemos os princípios. A evolução para Deus pode ser comparada a uma viagem divina. O bem constitui sinal de passagem livre para os cimos da Vida Superior, enquanto que o mal significa sentença de interdição, estrangendo-nos a paradas mais ou menos difíceis de reajuste.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“CÉLULAS E CORPO ESPIRITUAL. Princípios inteligentes rudimentares. Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio

inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente, no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo. **Formas das células.** Animálculos infinitesimais, que se revelam domesticados e ordeiros na colmeia orgânica, assumem formas diferentes, segundo a posição dos indivíduos e a natureza dos tecidos em que se agrupam, obedecendo ao pensamento simples ou complexo que lhes comanda a existência. São cenositos ou microrganismos que podem viver livremente, como autositos, ou como parasitos; sincícios ou massa de células que se fundem para a execução de atividade particular, como, por exemplo, na musculatura cardíaca ou na camada epitelial que compõe a parte externa da placenta, com ação histolítica sobre a estrutura da organização materna; células anastomosadas, como as que se coordenam na formação dos tecidos conjuntivos; células em grupos coloniais, com movimentos perfeitamente coordenados, quais as que se mostram nos volvocídeos; células com matriz intersticial, que elaboram substâncias imprescindíveis à conservação da vida na província corpórea, e as células que podem diversificar-se, constituindo-se elementos livres, como na preparação dos glóbulos da corrente sanguínea. Articulam-se em múltiplas formas, adaptando-se às funções que lhes competem, no veículo de manifestação da criatura que temporariamente as segrega, à maneira de peças eletromagnéticas inteligentes, em máquina eletromagnética superinteligente, atendendo com precisão matemática aos apelos da mente, assemelhando-se, de certo modo, no organismo, aos milhões de átomos que constituem harmonicamente as cordas de um piano, acionadas pelos martelos minúsculos dos nervos, ao impacto das teclas que podemos simbolizar nos fulcros energéticos do córtice encefálico, movimentado e controlado pelo Espírito, através do centro coronário que sustenta a conjunção da vida mental com a forma organizada em que ela própria se expressa. **Motores elétricos microscópicos.** Dispositas na construção da forma em processo idêntico ao da superposição dos tijolos numa obra de alvenaria, as células são compelidas à disciplina, perante a ideia orientadora que as associa e governa, quanto os tijolos vulgares são constrangidos à submissão ante as linhas traçadas pelo arquiteto que lhes aproveita o concurso na concretização de projeto específico. É assim que são funcionárias da reprodução no centro genésico, trabalhadores da digestão e absorção no centro gástrico, operários da respiração e fonação no centro laríngeo, da circulação no centro cardíaco, servidoras e guardiãs fixas ou migratórias do tráfego e distribuição, reserva e defesa no centro esplênico, auxiliares da inteligência e elementos de ligação no centro cerebral e

administradoras e artistas no centro coronário, amolando-se às ordens mentais recebidas e traduzindo na região de trabalho que lhes é própria a individualidade que as refreia e influencia, com justas limitações no tempo e no espaço. Temo-las, desse modo – repetimos –, por microscópicos motores elétricos, com vida própria, subordinando-se às determinações do ser que as aglutina e que lhes imprime a fixação ou a mobilidade indispensáveis às funções que devam exercer no mar interior do mundo orgânico, formado pelos líquidos extracelulares, a se definirem no líquido lacunar que as irriga e que circula vagarosamente; na linfa que verte dos tecidos, endereçada ao sangue; e no plasma sanguíneo que se movimenta, rápido, além de outros líquidos intersticiais, característicos do meio interno.

O todo indivisível do organismo. Lógico entender, dessa forma, que, diante do governo mental, a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo sistema nervoso e controlado pelos hormônios ou substâncias produzidas em determinado órgão e transportadas a outros arraiais da atividade somática, que lhes excitam as propriedades funcionais para certos fins, hormônios esses nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, enfeixando cargas de elementos químicos em nível ideal, quando o equilíbrio íntimo lhe preside as manifestações, e consubstanciando recursos de manutenção e preservação da vida normal, perfeitamente isoláveis pela ciência comum, como já acontece com a adrenalina das suprarrenais, com a insulina do pâncreas, a testosterona dos testículos e outras secreções glandulares do cosmo orgânico.

Automatismo celular. É da doutrina celular corrente no mundo que as células tomam aspectos diferentes conforme a natureza das organizações a que servem, competindo-nos desenvolver mais amplamente o asserto, para asseverar que a inteligência, influenciando o citoplasma, que é, no fundo, o elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas, obriga as células ao trabalho de que necessita para expressar-se, trabalho este que, à custa de repetições quase infinitas, se torna perfeitamente automático para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, na execução das tarefas que a vida lhes assinala.

Efeitos do automatismo. Perfeitamente compreensíveis, nessa base, os estudos científicos que reconhecem os agrupamentos colaboracionistas das células especializadas, através da cultura artificial dos tecidos orgânicos, em que um fragmento qualquer desses mesmos tecidos, seja da epiderme ou do cérebro, permanece vivo, por muito tempo, quando mergulhado em soro que, cuidadosamente imunizado e mantido na

temperatura correspondente à do corpo físico, acusa uma vida intensa. Decorridas algumas horas, os produtos de excreta intoxicam o soro, impedindo o desenvolvimento celular; mas, se o líquido for renovado, continuam as células a crescer no mesmo ritmo de movimento e expansão que lhes marca a atividade no edifício corpóreo. Todavia, fora do governo mental que as dirigia, não se revelam iguais às suas irmãs em função orgânica. As células nervosas, por exemplo, com as suas fibrilas especiais, não produzem células com fibrilas análogas, e as que atendem nos músculos aos serviços da contração se desdiferenciam, regredindo ao tipo conjuntivo. Todas as que se ausentam do conjunto estrutural do tecido inclinam-se para a apresentação morfológica da ameba, segundo observações cientificamente provadas. Isso ocorre porque as células, quando ajustadas ao ambiente orgânico, demonstram o comportamento natural do operário mobilizado em serviço, sob as ordens da Inteligência, comunicando-se umas com as outras sob o influxo espiritual que lhes mantém a coesão, e procedem no soro quais amebas em liberdade para satisfazer aos próprios impulsos. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 5)

“EVOLUÇÃO E METABOLISMO. [...] Administração do metabolismo. Laborando pacientemente nos séculos e alcançando a civilização elementar do paleolítico, a mente humana controla então, quase que plenamente, o corpo que se exprime, formado sob a tutela e o auxílio incessante dos Construtores Espirituais, passando a administrar as ocorrências do metabolismo, em sua organização e adaptação, através da coordenação de seus próprios impulsos sobre os elementos albuminóides do citoplasma, em que as forças físicas e espirituais se jungem no campo da experiência terrestre. Os sistemas enzimáticos revelam-se definidos e as glândulas de secreção interna fabricam variados produtos, refletindo o trabalho dos centros vitais da alma. Hormônios e para-hormônios, fermentos e co-fermentos, vitaminas e outros controladores químicos, tanto quanto preciosas reservas nutritivas equacionam os problemas orgânicos, harmonizando-se em produção e níveis precisos, na quota de determinados percentuais, conforme as ordens instintivas da mente. Todos os serviços da província biológica, inclusive as emoções mais íntimas, são sustentados por semelhantes recursos, constantemente lançados pelo próprio Espírito no cosmo de energia dinâmica em que se manifesta. Experiências valiosas, efetuadas com pleno êxito, comprovaram que a própria miosina ou sistema albuminoide da contração muscular detém consigo as qualidades de um fermento, a adenosina-trifosfatase, responsável pela catálise da reação química fundamental que exonera a energia indispensável ao refazimento das partículas miosínicas dos tecidos

musculares. **Acumulações de energia espiritual.** Por intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ela própria libertadas nos processos endotérmicos, mantenedores da biossíntese. Nessa base, dispomos largamente dos anticorpos e dos múltiplos agentes imunológicos cunhados pela governança do Espírito, em favor da preservação do corpo, de acordo com as multimilenárias experiências adquiridas por ele mesmo, na lenta e laboriosa viagem a que foi constrangido nas faixas inferiores da Natureza. Da mesma sorte, possuímos, funcionando automaticamente, a secreтина, a tiroxina, a adrenalina, a luteína, a insulina, a foliculina, os hormônios gonadotrópicos e unidades outras, entre as secreções internas, à guisa de aceleradores e excitantes, moderadores e reatores, transformadores e calmantes das atividades químicas nos vários departamentos de trabalho em que se subdivide o Estado Fisiológico. **Impulsos determinantes da mente.** Sobre os mesmos alicerces referidos, surpreendemos, ainda, as enzimas numerosas, como a pepsina, isolada por Northrop, e a catalase definida por von Euler, tanto quanto outras muitas, que a ciência terrestre, gradualmente, saberá descobrir, estudar, fixar e manobrar, com vistas à manutenção e defesa da saúde física e da integridade mental do homem, no quadro de merecimentos da Humanidade, de vez que todos os estados especiais do mundo orgânico, inclusive o da renovação permanente das células, a prostração do sono, a paixão artística, o êxtase religioso e os transe mediúnicos são acalentados nos circuitos celulares por fermentações sutis, aí nascidas através de impulsos determinantes da mente, por ela convertidos, nos órgãos, em substâncias magnetoelétricoquímicas, arremessadas de um tecido a outro, guardando a faculdade de interferir bruscamente nas propriedades moleculares ou de catalisar as reações desse ou daquele tipo, destinadas a garantir a ordem e a segurança da vida, na urdidura das ações biológicas. Em identidade de circunstâncias nos traumas cerebrais da cólera e do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como em tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam. **Metabolismo do corpo e da alma.** O metabolismo subordina-se, desse modo, à direção espiritual, tanto mais intensa e exatamente, quanto maior a quota de responsabilidade do ser pelo conhecimento e discernimento de que disponha, e, em plena floração da inteligência, podemos identificá-lo não apenas no

embate das forças orgânicas, mas também no domínio da alma, porquanto raciocínio organizado é pensamento dinâmico e, com o pensamento consciente e vivo, o homem arroja de si mesmo forças criadoras e renovadoras, forjando, desse modo, na matéria, no espaço e no tempo, os meandros de seu próprio destino. Pedro Leopoldo, 9/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 8)

“**ALMA E FLUÍDOS.** [...] **Centros encefálicos.** É, pois, em novo plano, a dividir-se em variados setores de ação e de luta, que a consciência desencarnada, agora relativamente responsável, vai conhecer o resultado de suas próprias criações na passagem pelo campo carnal, através dos reflexos respectivos em seu pensamento, – o fluído em que se lhe imprimem os mais íntimos sentimentos e que lhe define os mais íntimos desejos. Com a supervisão dos Orientadores Divinos, associaram-se lhe no cérebro o centro coronário e o centro cerebral em movimento sincrônico de trabalho e sintonia. Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se, a rigor, do segundo que lhe recolhe os estímulos, transmitindo impulsos e avisos, ordens e sugestões mentais aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa. E assim como o centro cerebral se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensorio, o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à corteza cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele [Devemos esclarecer que a via olfatória não passa pelo tálamo, contudo, mantém conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo. (Nota do Autor espiritual)], vasto sistema de governança do Espírito. Aí, nessa delicada rede de forças, através dos núcleos intercalados nas vias aferentes, através do sistema talâmico de projeção difusa e dos núcleos parcialmente abordados pela ciência da Terra (quais os da linha média, que não se degeneram após a extirpação do córtex, segundo experiências conhecidas), verte o pensamento ou fluído mental, por secreção sutil não do cérebro, mas da mente, fluído que influencia primeiro, por intermédio de impulsos repetidos, toda a região cortical e as zonas psicossomatossensitivas, vitalizando e dirigindo todo o cosmo biológico, para, em seguida, atendendo ao próprio continuísmo de seu fluxo incessante, espalhar-se em torno do corpo físico da individualidade consciente e responsável pelo tipo, qualidade e aplicação do fluído, organizando-lhe a psicosfera ou halo psíquico, qual ocorre com a chama de uma vela que, em se valendo do combustível que a nutre, estabelece o campo em que se lhe prevalece

a influência. Esse fluído ou matéria mental tem a sua ponderabilidade e as suas propriedades quimioeletromagnéticas específicas, definindo-se em unidades perfeitamente mensuráveis, qual acontece no sistema periódico dos elementos químicos, no plano terrestre, compreendendo-se que, em círculos da inteligência mais evoluída, surpreendentes combinações dos fatores conhecidos podem ser efetuadas com vistas a certos fins, como sucede atualmente na Terra, onde elementos como o netuno, o plutônio, o amerício e o cúrio podem ser artificialmente produzidos.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“**MEDIUNIDADE CURATIVA. Mente e psicossoma.** Compreendendo-se o envoltório psicossomático por templo da alma, estruturado em bilhões de células a se caracterizarem por atividade incessante, é natural imaginemos cada centro de força e cada órgão por departamentos de trabalho, interdependentes entre si, não obstante o caráter autônomo atribuível a cada um. Semelhantes peças, no entanto, obedecem ao comando mental, sediado no cérebro, que lhes mantém a coesão e o equilíbrio, por intermédio das oscilações inestancáveis do pensamento. Temos, assim, as variadas províncias celulares sofrendo o impacto constante das radiações mentais, a lhes absorverem os princípios de ação e reação desse ou daquele teor, pelos quais os processos da saúde e da enfermidade, da harmonia e da desarmonia são associados e desassociados, conforme a direção que lhes imprima a vontade. Naturalmente não podemos esquecer que o alimento comum garante a subsistência do corpo físico, através da permuta contínua de substâncias com a incessante transformação de energia, e isso acontece porque a força mental conjuga substância e energia na produção dos recursos de apoio à existência e dos elementos reguladores do metabolismo. Além desses fatores, cabe-nos contar com os fatores mentais para a sustentação de todos os agentes da vida, que se fará dessa ou daquela forma, segundo a qualidade desses mesmos ingredientes. Conforme a integridade desses princípios, resultará a integridade do poder mecânico da mente para a formação dos anticorpos na intimidade das forças componentes do sistema sanguíneo.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 22)

“Na raiz de todas as enfermidades que sitiam o homem encontramos no desequilíbrio dele próprio a sua causa preponderante. Sendo o Espírito o modelador dos equipamentos de que se utilizará na reencarnação, desdobra as células da vesícula seminal sobre as matrizes vibratórias do perispírito, dando surgimento aos folhetos blastodérmicos que se encarregam de compor os tubos intestinal e nervoso, os tecidos cutâneos e todos os elementos constitutivos das organizações física e psíquica. São bilhões de seres microscópicos, individualizados, trabalhando

sob o comando da mente, que retrata as aquisições anteriores, na condição de conquistas ou dívidas, que cumpre aprimorar ou corrigir. Cada um desses seres que se ajustam perfeitamente aos implementos vibratórios da alma emite e capta irradiações específicas, em forma de oscilações eletromagnéticas, que compõem o quadro da individualidade humana. Em razão da conduta mental, as células são estimuladas ou bombardeadas pelos fluxos dos interesses que lhe apraz, promovendo a saúde ou dando gênese aos desequilíbrios que decorrem da desarmonia, quando essas unidades em estado de mitose degeneram oferecendo campo às bactérias patológicas que se instalam vencendo os fatores imunológicos, desativados ou enfraquecidos pelas ondas contínuas de mau humor, pessimismo, revolta, ódio, ciúme, lubricidade e viciações de qualquer natureza que se transformam em poderosos agentes da perturbação e do sofrimento. No caso dos fenômenos teratológicos das patogenias congênitas, encontramos o Espírito infrator encarcerado na organização que desrespeitou impunemente, quando a colocou a serviço da irresponsabilidade ou da alucinação, agora recuperando, de imediato, os delitos perpetrados, mesmo que em curto prazo expiatório. Problemas de graves mutilações e deficiências, enfermidades irreversíveis surgem como efeitos da culpa guardada no campo da consciência, em forma de arrependimentos tardios pelas ações nefastas antes praticadas.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Introdução)

“**Medicina holística.** O cenário especial era um convite à reflexão, uma superior mensagem de estesia. Em pleno coração da natureza, recordava um anfiteatro grego, sem as paredes circunjacentes, banhado pela tênue claridade de um longo entardecer. Reuníamos ali, alguns milhares de ouvintes interessados nas conferências hebdomadárias que estudavam e discutiam temas pertinentes ao futuro da humanidade terrestre. Os oradores eram convidados conforme suas especialidades e abordagens dos assuntos, por isso mesmo eram cativantes, arrebatadores. Naquela oportunidade, o conferencista era o Dr. José Carneiro de Campos, médico baiano que contribuíra grandemente para o desenvolvimento e a prática do sacerdócio a que se dedicara na condição de verdadeiro apóstolo. Enquanto perfumada aragem perpassou no ar, Petitinga e nós acomodamo-nos entre os muitos interessados e aguardamos a alocução. Apresentado por venerando benfeitor, em poucas palavras, sem as referências vazias e desnecessárias, o amigo assomou à tribuna e, depois das saudações cordiais, começou a sua oração: — A perfeita interação mente-corpo, espírito-matéria, constitui desde já a base do atual modelo holístico para a saúde. A anterior separação cartesiana desses elementos, que constituem um todo, contribuiu para

que a terapia médica diante das enfermidades tivesse aplicações isoladas, dissociando a influência de um sobre o outro, com a preponderância dos efeitos de cada um deles na paisagem do equilíbrio orgânico assim como da doença. “Cada vez mais se evidencia que na raiz de muitos males está agindo a vontade do paciente, que se compraz na preservação do estado que experimenta, negando-se, consciente ou inconscientemente, à recuperação. Multiplicam-se, por consequência, as técnicas da auto cura, e mediante estas são colocados à disposição do enfermo os recursos que ele deve movimentar a benefício próprio, liberando-se dos mecanismos de apoio por meio dos quais mascara os conflitos, estresses e desconfortos íntimos que lhe subjazem no cotidiano.” Fazendo uma pausa, para que pudéssemos apreender a tese, logo prosseguiu com voz agradável: — As tensões mal direcionadas e suportadas por largo período, quando cessam, são substituídas por moléstias de largo porte, na área dos desequilíbrios físicos, dando gênese a cânceres, crises asmáticas, insuficiência respiratória etc. Outras vezes, propiciando estados esquizofrênicos, catatônicos, neuróticos, psicóticos, profundamente perturbadores. Quando afetam a área do comportamento moral, conduzem à ingestão e uso de drogas adictícias, alcoólicos, tabagismo, que representam formas de enfermidades sociais, degenerando o grupo humano que lhe padece a presença perniciosa. “A influência da mente sobre o corpo é de grande significação para a saúde, pelo estimular ou reter da energia que a sustenta, e, quando bloqueada pelo psiquismo perturbado, cede campo à proliferação dos germes que se lhe instalam, fomentando os distúrbios que se catalogam como doenças. Da mesma forma, a ação da vontade, aplicada com equilíbrio em favor da harmonia pessoal, desbloqueia as áreas interrompidas, e a energia de sustentação das células passa a vitalizá-las, restabelecendo o campo de desenvolvimento propiciador da saúde.” Novamente fez oportuno silêncio, e logo adiu: — A causalidade do comportamento psicofísico do indivíduo encontra-se no ser espiritual, artífice da existência corpórea, que conduz os fatores básicos da felicidade como da desdita, que decorrem das suas experiências ditosas ou desventuradas, responsáveis pela energia saudável ou não, que lhe constitui o organismo, bem como pela vontade ajustada ou descontrolada, que lhe assinala o psiquismo. O ser interior reflete-se no soma, que somente se recompõe e renova sob a ação da conduta mental e moral dirigida para o equilíbrio das emoções e da existência. A ação da vontade, no restabelecimento da saúde ou na manutenção da doença, é de ponderável resultado, refletindo os estados de harmonia ou os conflitos que decorrem da presença ou ausência da consciência de culpa impondo reparação. Os estresses e traumas

prolongados desgastam os controles retentivos do bem-estar e desatrelam as emoções que geram a desorganização celular. “Diante de quaisquer problemas na área da saúde, a conscientização do paciente quanto ao poder de que dispõe para a auto cura, desde que o deseje sinceramente, é de primacial importância, facultando-lhe a visão de um quadro otimista, que lhe propicia a restauração pessoal. “Há, em todos os indivíduos, quase uma tendência para a autocompaixão, a autodestruição, a vingança contra os outros em desforço inconsciente por ocorrências que lhe são desagráveis. Ante a impossibilidade de assumir essa realidade exteriormente, transformam tal aptidão em doenças, estimulando a degenerescência das células que aceleram a sua multiplicação, formando tumores cancerígenos, matando as defesas imunológicas e abrindo-se às infecções, às contaminações que perturbam a maquinaria orgânica e fomentam a instalação das enfermidades.” A assembleia silenciosa acompanhava-lhe o raciocínio claro com encantamento. Dando maior ênfase às palavras, prosseguiu: — Não raro, pessoas portadoras de neoplasia maligna e outras doenças, quando recuperam a saúde sentem-se surpreendidas e algo decepcionadas, tão acostumadas se encontravam com a injunção mortificadora de que eram objeto. Por outro lado, dão-se conta de que a família já lhes não dispensa a mesma atenção e o grupo social logo se desinteressa por suas vidas, despreocupando-se em relação às mesmas. Sentindo-se isoladas, desmotivam-se de viver, criam recidivas ou facultam a presença de outras mazelas com que refazem o quadro de protecionismo que passam a receber, satisfazendo-se com a ocorrência aflitiva. “Uma terapêutica bem orientada deverá sempre fundamentar-se na realidade do Espírito e nos reflexos do seu psiquismo no corpo. Da mesma forma, diante dos fenômenos perturbadores da mente, o conhecimento do estado somático é de importância para aquilatar-se sobre a sua influência no comportamento mental. “Espírito e corpo, mente e matéria, não são partes independentes do ser, mas complementos um do outro, que se inter-relacionam poderosamente por meio do psicossoma ou corpo intermediário — perispírito — encarregado de plasmar as necessidades evolutivas do ser eterno na forma física e conduzir as emoções e ações às telas sutis da energia pensante, imortal, então reencarnada. Sem essa visão da realidade do homem, a sua análise é sempre deficiente e o conhecimento sobre ele de pequena monta. “Os traumas, os estresses, os desconcertos psíquicos e as manifestações genéticas estão impressos nesse corpo intermediário, que é o modelo organizador biológico sob a ação do Espírito em processo de evolução e irão expressar-se no campo objetivo como necessidade moral de reparação de crimes e erros antes praticados. Se aquelas causas não

procedem desta existência, hão de ter sido em outra anterior. Igualmente, as conquistas do equilíbrio, da saúde, da inteligência, do idealismo, resultam das mesmas realizações atuais ou transatas que assinalam o ser. “A evolução é inexorável, e todos a realizarão a esforço pessoal, embora sob estímulos e diretrizes superiores que a Paternidade divina dispensa igualitariamente a todos. “A transitoriedade de uma existência corporal, como a sua brevidade no tempo, é insuficiente para o processo de aprimoramento, de beleza, de felicidade a que estamos destinados. As diferenças entre o bruto e o harmônico, o sábio e o ignorante, o feliz e o desventurado, confirmam a boa e a má utilização das experiências anteriores, como também assinalam as maiores ou menores vivências mais ou menos numerosas de uns e de outros. A reencarnação é, portanto, processo intérmino de crescimento ético-espiritual, facultando a aquisição de valores cada vez mais expressivos na conquista da Vida. Seria irrisão limitar a adição de títulos iluminativos ao Espírito projetado na sublime aventura da evolução, tendo pela frente a não dimensionalidade do tempo que lhe está destinado. Nesse contexto, a doença é acidente de trânsito evolutivo de fácil correção, experiência de sensação desagradável que emula à aquisição do bem-estar e das emoções saudáveis, ocorrendo por opção exclusiva de cada qual, e somente o próprio indivíduo poderá resolver, corrigir e dela libertar-se.” O interesse geral era manifesto. Os rostos denotavam em todos a satisfação. Passado breve tempo, deu curso à exposição: — Os processos degenerativos que se manifestam como enfermidades dilaceradoras e de longo trânsito procedem sempre do caráter moral do homem, com as exceções daqueles que os solicitam para ensinar aos demais abnegação, dignidade e sublimação. Originam-se nos profundos recessos do temperamento rebelde, violento, egoísta, e explodem como flores em decomposição nos órgãos que se esfacelam, sem possibilidades de recuperação. Pode-se dizer que esses mecanismos ulcerativos sempre se apresentam nos déspotas, nos sanguinários, nos ditadores, quando apeados do poder ou ainda durante a sua dominação, refletindo os terríveis contingentes de energias deletérias que veiculam intimamente. Os seus estágios finais são caracterizados por dores excruciantes e decomposição do corpo, em vida, que ultrajaram com a mente perversa e insana. Quando tal não ocorre, fogem do mundo por meio dos suicídios covardes, que lhes demonstram a fragilidade moral, ou partem da Terra vitimados por acidentes e homicídios dolorosos. O mesmo ocorre com aqueles que se utilizaram da roupagem física para o mercado do sexo, das sensações grosseiras e vivem aspirando sempre os tóxicos de potencial elevado de destruição vibratória. No seu tormento, são destruídos pelo psiquismo que lhes consumiu as

forças e a capacidade de viver acima dos baixos padrões morais aos quais se entregaram. E mesmo quando, no cansaço dos anos e no desgaste da vitalidade, resolvem-se por mudanças éticas, por assumir nova compostura, não logram tempo para evadir-se aos efeitos dos atos passados, tombando nas engrenagens emperradas e esfaceladas do organismo escravo das construções mentais viciosas. “A mente, exteriorizando as aspirações do Espírito, impõe à organização somática as suas próprias aspirações e preferências, que se corporificam, quando mórbidas, nas mais diferentes dependências e patologias, responsáveis pela desarticulação dos seus mecanismos. Assim sendo, qualquer abordagem terapêutica não deve ser parcial, e sim holística, atendendo a todas as partes construtivas do ser. Em boa hora, a consciência médica confere atenção às terapias alternativas que, na sua maioria, consideram o homem um ser total e buscam-no essencial, imortal, trabalhando sobre a sua realidade profunda, que é o Espírito, a fonte de energia a manifestar-se no corpo. Assim, mediante o novo modelo biológico, todo tentame em favor do equilíbrio deve fundamentar-se na transformação moral do paciente, na sua recomposição emocional, originada na mudança dos painéis mentais para a adoção de pensamentos sadios e na vivência concorde com os ideais de engrandecimento, que são catalisadores das forças vivas presentes na natureza — sintonia ecológica — que interagem na sua constituição global. Eis por que as preocupações com o verde, a harmonia do meio ambiente e a sua preservação fazem parte do esquema de saúde social, mudando completamente os conceitos modernos da agricultura industrial para superprodução com os consequentes danos que decorrem das aplicações químicas, bem como as atuais alucinações imobiliárias que destroem a flora, tanto quanto a poluição dos rios, lagos, ar e mares com os detritos químicos das fábricas, com o mercúrio, nas áreas de mineração, e todos os fatores que se transformam em chuvas ácidas destruidoras, no aumento das áreas desérticas e no efeito estufa avassalador... “O homem, desnorteado e ambicioso, destruindo a vida do planeta, mata-se também, como quase elimina as suas possibilidades futuras, na menor das hipóteses, retardando-as. “Qualquer modelo de saúde holística terá que abranger o conjunto das necessidades humanas e nunca deter-se, apenas, às suas partes isoladamente. “O homem é membro da Vida, tem vida integrada à natureza e deve ser considerado globalmente, alterando o tradicional modelo biomédico para uma visão mais completa, na qual o amor, conforme a proposta de Jesus Cristo, tenha prevalência, assinalando definitivamente as atitudes e condutas de cada um. Enquanto a Medicina não se unir à Psicologia, à Ecologia, à Agricultura e a outras doutrinas afins para um mais amplo conhecimento do

ser, dando-lhe uma conduta holística, as terapias prosseguirão deficientes, incapazes de integrá-lo no contexto da realidade a que pertence, minimizando somente as doenças sem as erradicar, atendendo às partes sem maior ação no conjunto, assim permanecendo incompleta, insuficiente portanto para a finalidade da saúde global. “Jesus Cristo, por conhecer profundamente o homem, curava-o, admoestando-o para evitar-lhe o comprometimento negativo, de modo a associá-lo ao bem geral, graças ao qual se poupava a males outros maiores.” Fazendo uma pausa mais demorada, concluiu: —O homem do futuro, após superar as suas deficiências presentes, receberá mais amplo auxílio da Medicina, adquirindo uma saúde integral, que será também resultado da sua perfeita consciência de amor e respeito à vida. O crepúsculo fora substituído suavemente pela colcha escura da noite salpicada de estrelas fulgurantes, e uma claridade de luar tomara todo o recinto que respirava as emoções gerais. A reunião foi encerrada em clima de paz.” (MPM, *Trilhas da liberdade*, Medicina holística)

IV.7. Binômio espírito-mente, pensamento (substância, partícula, átomo ou matéria mental) e energia

“**ANTE A VIDA MENTAL.** Quando a criatura passa a interrogar o porquê do destino e da dor e encontra a luz dos princípios espiritualistas a clarear-lhe os vastos corredores do santuário interno, deve consagrar-se à apreciação do pensamento, quanto lhe seja possível, a fim de iniciar-se na decifração dos segredos que, para nós todos, ainda velam o fulcro mental. Se as incógnitas do corpo fazem no mundo a paixão da ciência, que designa exércitos numerosos de hábeis servidores para a solução dos problemas de saúde e genética, reconforto e eugenia, além-túmulo a grandeza na mente desafia-nos todos os potenciais de inteligência, no trato metódico dos assuntos que lhe dizem respeito. A psicologia e a psiquiatria, entre os homens da atualidade, conhecem tanto do espírito, quanto um botânico, restrito ao movimento em acanhado círculo de observação do solo, que tentasse julgar um continente vasto e inexplorado, por alguns talos de erva, crescidos ao alcance de suas mãos. Libertos do veículo de carne, quando temos a felicidade de sobrepairar além das atrações de natureza inferior, que, por vezes, no imantam à crosta da Terra, indefinidamente, compreendemos que o poder mental reside na base de todos os fenômenos e circunstâncias de nossas experiências isoladas ou coletivas. A mente é manancial vivo de energias criadoras. O pensamento é substância, coisa mensurável. Encarnados e desencarnados povoam o Planeta, na condição de habitantes

dum imenso palácio de vários andares, em posições diversas, produzindo pensamentos múltiplos que se combinam, que se repelem ou que se neutralizam. Correspondem-se as ideias, segundo o tipo em que se expressam, projetando raios de força que alimentam ou deprimem, sublimam ou arruinam, integram ou desintegram, arrojados sutilmente do campo das causas para a região dos efeitos. A imaginação não é um país de névoa, de criações vagas e incertas. É fonte de vitalidade, energia, movimento... O idealismo operante, a fé construtiva, o sonho que age, são os pilares de todas as realizações. Quem mais pensa, dando corpo ao que idealiza, mais apto se faz à recepção das correntes mentais invisíveis, nas obras do bem ou do mal. E, em razão dessa lei que preside à vida cósmica, quantos se adaptarem, ao reto pensamento e à ação enobrecedora, se fazem preciosos canais da energia divina, que, em efusão constante, banha a Humanidade em todos os ângulos do Globo, buscando as almas evoluídas e dedicadas ao serviço de santificação, convertendo-as em médiuns ou instrumentos vivos de sua exteriorização, para benefício das criaturas e erguimento da Terra ao concerto dos mundos de alegria celestial.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 25)

“**O psicoscópio.** [...] Logo após, muniu-se de pequena pasta e, talvez porque nos percebesse a curiosidade, informou, paciente: – Temos aqui o nosso psicoscópio, de modo a facilitar-nos exames e estudos, sem o impositivo de acurada concentração mental. Tomei o enigmático volume, chamando a mim o agradável serviço de transportá-lo, notando, então, que na Terra o minúsculo objeto não pesaria senão alguns gramas. Espicaçado tanto quanto eu pela curiosidade, Hilário indagou sem preâmbulos: – Psicoscópio? Que novo engenho vem a ser esse? – É um aparelho a que intuitivamente se referiu ilustre estudioso da fenomenologia espiritual, em fins do século passado. Destina-se à auscultação da alma, com o poder de definir-lhe as vibrações e com capacidade para efetuar diversas observações em torno da matéria – esclareceu Áulus, com leve sorriso. – Esperamos esteja, mais tarde, entre os homens. Funciona à base de eletricidade e magnetismo, utilizando-se de elementos radiantes, análogos na essência aos raios gama. É constituído por óculos de estudo, com recursos disponíveis para a microfotografia. E, enquanto demandávamos a cidade terrestre, em que nos cabia operar, o mentor continuava, explicando: – Em nosso esforço de supervisão, podemos classificar, sem dificuldade, as perspectivas desse ou daquele agrupamento de serviços psíquicos que aparecem no mundo. Analisando a psicoscopia de uma personalidade ou de uma equipe de trabalhadores, é possível anotar-lhes as possibilidades e categorizar-lhes a situação. Segundo as radiações que projetam, planejamos a obra que podem realizar no

tempo. Meu colega e eu não conseguíamos sopitar a surpresa. Entre assombrado e receoso, ousou Hilário inquirir: – Quer isso dizer que qualquer de nós pode ser submetido a exame dessa espécie? – Sem dúvida – considerou o nosso interlocutor bem-humorado –, decerto que estamos sujeitos às sondagens dos planos superiores tanto quanto pesquisamos agora os planos que se nos situam à retaguarda. Se o espectroscópio permite ao homem perquirir a natureza dos elementos químicos, localizados a enormes distâncias, através da onda luminosa que arrojam de si, com muito mais facilidade identificaremos os valores da individualidade humana pelos raios que emite. A moralidade, o sentimento, a educação e o caráter são claramente perceptíveis, através de ligeira inspeção.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 2)

“Movimentando-se algo mais, o Assistente estacou diante de respeitável senhora, que se mantinha em fervorosa prece, e exclamou: – Apresento-lhes agora nossa irmã Celina, devotada companheira de nosso ministério espiritual. Já atravessou meio século de existência física, conquistando significativas vitórias em suas batalhas morais. Viúva há quase vinte anos, dedicou-se aos filhos, com admirável denodo, varando estradas espinhosas e dias escuros de renúncia. Suportou heroicamente o assédio de compactas legiões de ignorância e miséria que lhe rodeavam o esposo, com quem se consorciara em tarefa de sacrifício. Conheceu, de perto, a perseguição de gênios infernais a que não se rendeu e, lutando, por muitos anos, para atender de modo irrepreensível às obrigações que o mundo lhe assinalava, acrisolou as faculdades medianímicas, aperfeiçoando-as nas chamas do sofrimento moral, como se aprimoram as peças de ferro sob a ação do fogo e da bigorna. Ela não é simples instrumento de fenômenos psíquicos. É abnegada servidora na construção de valores do espírito. A clarividência e a clariaudiência, a incorporação sonambúlica e o desdobramento da personalidade são estados em que ingressa, na mesma espontaneidade com que respira, guardando noção de suas responsabilidades e representando, por isso, valiosa colaboradora de nossas realizações. Diligente e humilde, encontrou na plantação do amor fraterno a sua maior alegria e, repartindo o tempo entre as obrigações e os estudos edificantes, transformou-se num acumulador espiritual de energias benéficas, assimilando elevadas correntes mentais, com o que se faz menos acessível às forças da sombra. Realmente, ao lado da irmã sob nossa vista, fruíamos deliciosa sensação de paz e reconforto. Provavelmente, fascinado pela onda de alegria indefinível em que nos banhávamos, Hilário indagou: – Se extraíssemos agora uma ficha psicoscópica de dona Celina, a posição dela, como a estamos registrando, seria devidamente caracterizada? – Perfeitamente – elucidou Áulus,

de pronto –, assinalar-lhe-ia as emanções fluídicas de bondade e compreensão, fé e bom ânimo. Assim como a Ciência na Terra consegue catalogar os elementos químicos que entram nas formações de matéria densa, em nosso campo de matéria rarefeita é possível analisar o tipo de forças sutis que dimanam de cada ser. Mais tarde, o homem poderá examinar uma emissão de otimismo ou de confiança, de tristeza ou desesperação e fixar-lhes a densidade e os limites, como já pode separar e estudar as radiações do átomo de urânio. Os princípios mentais são mensuráveis e merecerão no porvir excepcionais atenções, entre os homens, qual acontece na atualidade com os fotônios, estudados pelos cientistas que se empenham em decifrar a constituição específica da luz. Depois de ligeiro intervalo, o Assistente aduziu: – Uma ficha psicoscópica, sobretudo, determina a natureza de nossos pensamentos e, através de semelhante auscultação, é fácil ajuizar dos nossos méritos ou das nossas necessidades.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 3)

“Assinalando-nos a curiosidade, o Assistente explicou: – Em qualquer estudo mediúnico, não podemos esquecer que a individualidade espiritual, na carne, mora na cidadela atômica do corpo, formado por recursos tomados de empréstimo ao ambiente do mundo. Sangue, encéfalo, nervos, ossos, pele e músculos representam materiais que se aglutinam entre si para a manifestação transitória da alma, na Terra, constituindo-lhe vestimenta temporária, segundo as condições em que a mente se acha. Nesse instante, o irmão Clementino pousou a destra na fronte do amigo que comandava a assembleia, mostrando-se-nos mais humanizado, quase obscuro. – O benfeitor espiritual que ora nos dirige – acentuou o nosso instrutor – afigura-se-nos mais pesado porque amorteceu o elevado tom vibratório em que respira habitualmente, descendo à posição de Raul, tanto quanto lhe é possível, para benefício do trabalho começante. Influencia agora a vida cerebral do condutor da casa, à maneira dum musicista emérito manobrando, respeitoso, um violino de alto valor, do qual conhece a firmeza e a harmonia. Notamos que a cabeça venerável de Clementino passou a emitir raios fulgurantes, ao mesmo tempo que o cérebro de Silva, sob os dedos do benfeitor, se nimbava de luminosidade intensa, embora diversa. O mentor desencarnado levantou a voz comovente, suplicando a Bênção Divina com expressões que nos eram familiares, expressões essas que Silva transmitiu igualmente em alta voz, imprimindo-lhes diminutas variações. Com a emotividade que nos invadia a todos, brando silêncio se interpôs, durante rápidos minutos. Fios de luz brilhante ligavam os componentes da mesa, dando-nos a perceber que a prece os reunia mais fortemente entre si. Terminada a oração, acerquei-me de Silva. Desejava investigar mais a fundo as impressões

que lhe assaltavam o campo físico, e observei-lhe, então, todo o busto, inclusive braços e mãos, sob vigorosa onda de força, a eriçar-lhe a pele, num fenômeno de doce excitação, como que “agradável calafrio”. Essa onda de força descansava sobre o plexo solar, onde se transformava em luminoso estímulo, que se estendia pelos nervos até o cérebro, do qual se derramava pela boca, em forma de palavras. Acompanhando-me a análise, o Assistente explicou: – O jacto de forças mentais do irmão Clementino atuou sobre a organização psíquica de Silva, como a corrente dirigida para a lâmpada elétrica. Apoiando-se no plexo solar, elevou-se ao sistema neuro-cerebrino, como a energia elétrica da usina emissora que, atingindo a lâmpada, se espalha no filamento incandescente, produzindo o fenômeno da luz. – E o problema da voltagem? – indaguei, curioso. – Não foi esquecido. Clementino graduou o pensamento e a expressão, de acordo com a capacidade do nosso Raul e do ambiente que o cerca, ajustando-se-lhes às possibilidades, tanto quanto o técnico de eletricidade controla a projeção de energia, segundo a rede dos elementos receptivos. E sorrindo: – Cada vaso recebe de conformidade com a estrutura que lhe é própria. Os confrontos de Áulus sugeriam belas indagações. A ligação elétrica gera luz na lâmpada. E ali? O contato espiritual, decerto, segundo inferíamos, improvisava forças igualmente a se derramarem do cérebro e da boca de Silva, na feição de palavras e raios luminosos... O instrutor percebeu-nos a muda inquietação e apressou-se em aclarar: – A lâmpada em cujo bojo se faz luz arroja de si mesma os fotônios que são elementos vivos da Natureza a vibrarem no “espaço físico”, através dos movimentos que lhes são peculiares, e nossa alma, em cuja intimidade se processa a ideia irradiante, lança fora de si os princípios espirituais, condensados na força ponderável e múltipla do pensamento, princípios esses com que influímos no “espaço mental”. Os mundos atuam uns sobre os outros pelas irradiações que despedem e as almas influenciam-se mutuamente, por intermédio dos agentes mentais que produzem. A palavra serena e precisa do orientador compelia-nos à meditação, embora rápida. Os claros apontamentos, em torno da energia mental, conduziam-me a preciosas reflexões. Então, o pensamento não escapava às realidades do mundo corpuscular, ponderei de mim para comigo. Assim como possuímos na Terra valiosas observações alusivas à química da matéria densa, relacionando-lhe as unidades atômicas, o campo da mente oferecia largas ensanchas ao estudo de suas combinações... Pensamentos de crueldade, revolta, tristeza, amor, compreensão, esperança ou alegria teriam natureza diferenciada, com características e pesos próprios, adensando a alma ou sutilizando-a, além de lhe definirem as qualidades magnéticas... A onda mental possuiria determinados coeficientes de

força na concentração silenciosa, no verbo exteriorizado ou na palavra escrita... Compreendia, desse modo, mais uma vez, e sem qualquer obscuridade, que somos naturalmente vítimas ou beneficiários de nossas próprias criações, segundo as correntes mentais que projetamos, escravizando-nos a compromissos com a retaguarda de nossas experiências ou libertando-nos para a vanguarda do progresso, conforme nossas deliberações e atividades, em harmonia ou em desarmonia com as Leis Eternas...” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 5)

“Notando-me a curiosidade, o instrutor aclarou, benevolente: – Todos os objetos que você vê emoldurados por substâncias fluídicas acham-se fortemente lembrados ou visitados por aqueles que os possuíram. Não longe, havia curioso relógio, aureolado de luminosa faixa branquicenta. Áulus recomendou-me tocá-lo e, quase instantaneamente, me assomou aos olhos mentais linda reunião familiar, em que venerando casal se entretinha a palestrar com quatro jovens em pleno viço primaveril. Com aquele quadro vivo a destacar-se ante a minha visão interior, examinei o recinto agradável e digno. O mobiliário austríaco imprimia sobriedade e nobreza ao conjunto, que jarrões de flores e telas valiosas enfeitavam. O relógio lá se encontrava, dominando o ambiente, do cimo de velha parede caprichosamente adornada. Registrando-me a surpresa, o Assistente adiantou: – Percebo a imagem sem o toque direto. O relógio pertenceu a respeitável família do século passado. Conserva as formas-pensamentos do casal que o adquiriu e que, de quando em quando, visita o museu para a alegria de recordar. É um objeto animado pelas reminiscências de seus antigos possuidores, reminiscências que se reavivam no tempo, através dos laços espirituais que ainda sustentam em torno do círculo afetivo que deixaram. Hilário tateou a preciosidade e falou: – Isso quer dizer que vemos imagens aqui impressas por eles, por intermédio de vibrações... – Justamente – confirmou o orientador. – O relógio está envolvido pelas correntes mentais dos irmãos que ainda se apegam a ele, assim como o fio de cobre na condução da energia está sensibilizado pela corrente elétrica. Auscultando-o, na fase em que se encontra, relacionamo-nos, de imediato, com as recordações dos amigos que o estimam. Hilário refletiu alguns momentos e observou: – Então, se estivéssemos interessados em conhecer esses companheiros e encontrá-los, um objeto nessas condições seria um mediador para a realização de nossos desejos... – Sim, perfeitamente – aprovou o instrutor –; usaríamos, para isso, alguma coisa em que a memória deles se concentra. Tudo o que se nos irradia do pensamento serve para facilitar essa ligação. – Muito importante o estudo da força mental – considerei, sob forte impressão. Áulus sorriu e comentou: – O pensamento espalha nossas

próprias emanções em toda parte a que se projeta. Deixamos vestígios espirituais, onde arremessamos os raios de nossa mente, assim como o animal deixa no próprio rastro o odor que lhe é característico, tornando-se, por esse motivo, facilmente abordável pela sensibilidade olfativa do cão. Quando libertados do corpo denso, aguçam-se nos os sentidos e, em razão disso, podemos atender, sem dificuldade, a esses fenômenos, dentro da esfera em que se nos limitam as possibilidades evolutivas. – Somos, desse modo, induzidos a crer – considerou meu companheiro – que não dispomos de recursos para alcançar o pensamento daqueles que se fizeram superiores a nós... – Sim, aqueles que atingiram uma elevação que não somos capazes de imaginar, remontaram a outros planos, transcendendo-nos o modo de expressão e de ser. O pensamento deles vibra em outra frequência. Naturalmente, podem acompanhar-nos e auxiliar-nos, porque é da Lei que o superior venha ao inferior quando queira, contudo, por nossa vez, não nos é facultado segui-los. O Assistente refletiu um instante e prosseguiu: – Simbolizemos, para discernir. O que ocorre, entre eles e nós, acontece entre nós e os seres que se nos localizam à retaguarda. Podemos, por exemplo, cuidar dos interesses das tribos primitivas ou retardadas, sem que elas consigam fazer o mesmo em nosso favor. Penetramos os costumes e conhecimentos da taba, sem que a taba entenda patavina de nosso edifício cultural. O pensamento nos condiciona ao círculo em que devemos ou merecemos viver e, só ao preço de esforço próprio ou de segura evolução, logramos aperfeiçoá-lo, superando limitações para fazê-lo vibrar em esferas superiores.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 26)

“ALMA E FLUÍDOS. Fluídos em geral. A consciência que aprendera a realizar complexas transsubstanciações de força nas diversas linhas da Natureza, em se adaptando aos continentes da esfera extrafísica, passa a manobrar com os fenômenos de meditação e reflexão, de que o pensamento é a base fundamental. Definimos o fluído, dessa ou daquela procedência, como sendo um corpo cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retidas por um agente de contenção, ou separando-se, quando entregues a si mesmas. Temos, assim, os fluídos líquidos, elásticos ou aeriformes e os outrora chamados fluídos imponderáveis, tidos como agentes dos fenômenos luminosos, caloríficos e outros mais. **Fluído vivo.** No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluído vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluído cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo,

transubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. Esse fluído é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado. Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebataado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética. O solo do mundo espiritual, estruturado com semelhantes recursos, todos eles miando na quintessência, corresponde ao peso específico do Espírito, e, detendo possibilidades e riquezas virtuais, espera por ele a fim de povoar-se de glória e beleza, porquanto, se o plano terrestre é o seio tépido da vida em que o princípio inteligente deve nascer, medrar, florir e amadurecer em energia consciente, o plano espiritual é a escola em que a alma se aperfeiçoará em trabalho de frutescência antes que possa desferir mais amplos voos no rumo da Luz Eterna. [...] **Reflexão das ideias.** A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram. E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria textura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula de pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do Espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluído gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, como “raio da emoção” ou “raio do desejo”, força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura. Com o fluído mental carregam-se, desse modo, não apenas as disposições mentossensitivas das criaturas, em atuação recíproca, mas também as imagens que transitam entre os cérebros que se afinam pela reflexão natural e incessante, estabelecendo-se as ideações progressivas que, originariamente vertidas dos Espíritos Superiores, transmite aos desencarnados da Terra as noções de civilização mais apurada. [...] Pela reflexão das ideias, surge, assim, entre as duas esferas entranhado circuito de forças.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“MATÉRIA MENTAL. Pensamento do Criador. Identificando o Fluido Elementar ou Hálito Divino por base mantenedora de todas as associações da forma nos domínios inumeráveis do Cosmo, do qual

conhecemos o elétron como sendo um dos corpúsculos-base, nas organizações e oscilações da matéria, interpretaremos o Universo como um todo de forças dinâmicas, expressando o Pensamento do Criador. E superpondo-se-lhe à grandeza indevassável, encontraremos a matéria mental que nos é própria, em agitação constante, plasmando as criações temporárias, adstri-tas à nossa necessidade de progresso. No macrocosmo e no microcosmo, tateamos as manifestações da Eterna Sabedoria que mobiliza agentes incontáveis para a estruturação de sistemas e formas, em variedade infinita de graus e fases, e entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande surge a inteligência humana, do-tada igualmente da faculdade de mentalizar e co-criar, empalmando, para isso, os recursos intrínsecos à vida ambiente. Nos fundamentos da Criação vibra o pen-samento imensurável do Criador e sobre esse plasma divino vibra o pensamento mensurável da criatura, a constituir-se no vasto oceano de força mental em que os poderes do Espírito se manifestam. **Pensamento das criaturas.** Do Princípio Elementar, fluindo inces-santemente no campo cósmico, auscultamos, de modo imperfeito, as energias profundas que produzem ele-tricidade e magnetismo, sem conseguir enquadrá-las em exatas definições terrestres e, da matéria mental dos seres criados, estudamos o pensamento ou fluxo energético do campo espiritual de cada um deles, a se graduarem nos mais diversos tipos de onda, desde os raios super-ultra-curtos, em que se exprimem as legiões angélicas, através de processos ainda inacessíveis à nossa observação, passando pelas oscilações curtas, médias e longas em que se exterioriza a mente humana, até às ondas fragmentárias dos animais, cuja vida psíquica, ainda em germe, somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos. Os Espíritos aperfeiçoados, que conhecemos sob a designação de potências angélicas do Amor Divino, operam no micro e no macrocosmo, em nome da Sabedoria Excelsa, formando condições adequadas e multiformes à expansão, sustentação e projeção da vida, nas varia-das esferas da Natureza, no encaixo de aquisições celestiais que, por enquanto, estamos longe de perceber. A mente dos homens, indiretamente controlada pelo comando superior, interfere no acervo de recursos do Planeta, em particular, aprimorando-lhe os recursos na direção do plano angélico, e a mente embrionária dos animais, influenciada pela direção humana, hierarquiza-se em serviço nas regiões inferiores, da Terra, no rumo das conquistas da Humanidade. **Corpúsculos mentais.** Como alicerce vivo de todas as realizações nos planos físico e extrafísico, encontramos o pensamento por agente essencial. Entretanto, ele ainda é matéria, – a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos pre-valecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso

mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo. Temos, ainda aqui, as formações corpusculares, com bases nos sistemas atômicos em diferentes condições vibratórias, considerando os átomos, tanto no plano físico, quanto no plano mental, como associações de cargas positivas e negativas. Isso nos compele naturalmente a denominar tais princípios de “núcleos, prótons, nêutrons, pósitrons, elétrons ou fótons mentais”, em vista da ausência de terminologia analógica para estruturação mais segura de nossos apontamentos. Assim é que o halo vital ou aura de cada criatura permanece tecido de correntes atômicas sutis dos pensamentos que lhe são próprios ou habituais, dentro de normas que correspondem à lei dos “quanta de energia” e aos princípios da mecânica ondulatória, que lhes imprimem frequência e cor peculiares. Essas forças, em constantes movimentos sincrônicos ou estado de agitação pelos impulsos da vontade, estabelecem para cada pessoa uma onda mental própria. **Matéria mental e matéria física.** Em posição vulgar, acomodados às impressões comuns da criatura humana normal, os átomos mentais inteiros, regularmente excitados, na esfera dos pensamentos, produzirão ondas muito longas ou de simples sustentação da individualidade, correspondendo à manutenção de calor. Se forem os elétrons mentais, nas órbitas dos átomos da mesma natureza, a causa da agitação, em estados menos comuns da mente, quais sejam os de atenção ou tensão pacífica, em virtude de reflexão ou oração natural, o campo dos pensamentos exprimir-se-á em ondas de comprimento médio ou de aquisição de experiência, por parte da alma, correspondendo à produção de luz interior. E se a excitação nasce dos diminutos núcleos atômicos, em situações extraordinárias da mente, quais sejam as emoções profundas, as dores indizíveis, as laboriosas e aturadas concentrações de força mental ou as súplicas aflitivas, o domínio dos pensamentos emitirá raios muito curtos ou de imenso poder transformador do campo espiritual, teoricamente semelhantes aos que se aproximam dos raios gama. Assim considerando, a matéria mental, embora em aspectos fundamentalmente diversos, obedece a princípios idênticos àqueles que regem as associações atômicas, na esfera física, demonstrando a divina unidade de plano do Universo.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 4)

“**CORRENTE ELÉTRICA E CORRENTE MENTAL. Dínamo espiritual.** Ainda mesmo que a Ciência na Terra, por longo tempo, recalcitre contra as realidades do Espírito, é imperioso convir que, no comando das associações atômicas, sob a perquirição do homem, prevalecem as associações inteligentes de matéria mental. O Espírito, encarnado ou desencarnado, na

essência, pode ser comparado a um dínamo complexo, em que se verifica a transubstanciação do trabalho psicofísico em forças mentoeletromagnéticas, forças essas que guardam consigo, no laboratório das células em que circulam e se harmonizam, a propriedade de agentes emissores e receptores, conservadores e regeneradores de energia. Para que nos façamos mais simplesmente compreendidos, imaginemo-lo como sendo um dínamo gerador, indutor, transformador e coletor, ao mesmo tempo, com capacidade de assimilar correntes contínuas de força e exteriorizá-las simultaneamente.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 5)

“**CÉREBRO E ENERGIA. Geradores e motores.**

Na produção de corrente contínua em eletricidade, possuímos geradores e motores, capazes de criar força eletromotriz e fornecer corrente, no que respeita aos geradores, ou de ceder potência determinada, no que tange aos motores. Nas máquinas destinadas a semelhantes serviços, encontramos os enrolamentos em tambor, que podem ser imbricados ou ondulados, com particularidades técnicas variadas. Anotando a multiplicidade dos aparelhos dessa espécie, lembremo-nos de que os geradores, em sua maioria, são sempre auto excitados. E para consolidar imagens comparativas, preciosas no assunto, permitimo-nos repetir as figurações já feitas, em capítulos anteriores, em torno da **atenção** e da **desatenção**, para fixar com mais segurança o nosso estudo, acerca da criação da energia mental e expansão respectiva. [...] **Gerador do cérebro.** Com alguma analogia, encontramos no cérebro um gerador auto-excitado, acrescido em sua textura íntima de avançados implementos para a geração, excitação, transformação, indução, condução, exteriorização, captação, assimilação e desassimilação da energia mental, qual se um gerador comum desempenhasse, não apenas a função de criar força eletromotriz e consequentes potenciais magnéticos para fornecê-los em certa direção, mas também todo o acervo de recursos dos modernos emissores e receptores de radiotelefonia e televisão, acrescidos de valores ainda ignorados na Terra. Erguendo-se sobre os vários departamentos do corpo, a funcionarem por motores de sustentação, o cérebro, com as células especiais que lhe são próprias, detém verdadeiras usinas microscópicas, das quais as pequenas partículas de germânio, na construção do transistor, nos conjuntos radiofônicos miniaturizados, podem oferecer imperfeita expressão. É aí, nesse microcosmo prodigioso, que a matéria mental, ao impulso do Espírito, é manipulada e expressa, em movimento constante, produzindo correntes que se exteriorizam, no espaço e no tempo, conservando mais amplo poder na aura da personalidade em que se exprime, através de ação e reação permanentes, como acontece no gerador comum, em que o fluxo energético atinge valor máximo, segundo a resistência

integral do campo, diminuindo de intensidade na curva de saturação. Nas reentrâncias de semelhante cabine, de cuja intimidade a criatura expede as ordens e decisões com que traça o próprio destino, temos, no córtex, os centros da visão, da audição, do tato, do olfato, do gosto, da palavra falada e escrita, da memória e de múltiplos automatismos, em conexão com os mecanismos da mente, configurando os poderes da memória profunda, do discernimento, da análise, da reflexão, do entendimento e dos multiformes valores morais de que o ser se enriquece no trabalho da própria sublimação. Nessas **províncias-fulcros** da individualidade, circulam as correntes mentais constituídas à base dos átomos de matéria da mesma grandeza, qual ocorre na matéria física, em que as correntes elétricas resultam dos átomos físicos excitados, formando, em sua passagem, o consequente resíduo magnético, pelo que depreendemos, sem dificuldade, a existência do eletromagnetismo tanto nos sistemas interatômicos da matéria física, como naqueles em que se evidencia a matéria mental. **Corrente do pensamento.** Sendo o pensamento força sutil e inexaurível do Espírito, podemos categorizá-lo, assim, à conta de corrente viva e exteriorizante, com faculdades de autoexcitação e autoplásticação inimagináveis. À feição do gerador “shunt”, se a mente jaz desatenciosa, como que mantendo o cérebro em circuito aberto, forma-se, no mundo intracraniano, reduzida força mentocriativa que não determina qualquer corrente circulante no campo individual: mas, se a mente está concentrada, fazendo convergir sobre si mesma as próprias oscilações, a força mentocriativa gerada produz uma corrente no campo da personalidade que, a seu turno, provoca a formação de energia mental de sentido análogo àquele em que se exprime o magnetismo de resíduo, dilatando o fluxo até que a força aludida atinja o seu valor máximo, de acordo com a resistência do campo a que nos referimos. Surpreendemos, nessa fase, o mesmo fenômeno de elevação da voltagem no gerador elétrico, porquanto, no cosmo fisiopsíquico somático, a corrente mentocriativa se alteia até o ponto de saturação, do qual se alonga, com menor expressão de potencial, no rumo dos objetivos a que se afeiçoe, conforme a linha do desejo. **Negação da corrente mental.** Sempre que a corrente mental ou mentocriativa não possa expandir-se, tal negação se filia a causas diversas, das quais, como acontece na máquina “shunt”, assinalamos as mais expressivas: 1) Ausência de magnetismo residual, em se tratando de cérebros primitivos, isto é, de criaturas nos primeiros estágios do pensamento contínuo, no reino hominal, ou de pessoas por largo tempo entregues a profunda e reiterada ociosidade espiritual. 2) Circuitos mentais invertidos, em razão de monoidéismo vicioso, na maioria das vezes agravado por influências obsessivas. 3) Deficiência da aparelhagem

orgânica, por motivo de enfermidade ou perturbações temporárias, oriundas do relaxamento da criatura, no trato com o próprio corpo.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 9)

“**FLUXO MENTAL. Partícula elétrica.** Por anotações ligeiras, em torno da Microfísica, sabemos que toda partícula se desloca, gerando onda característica naturalmente formada pelas vibrações do campo elétrico, relacionadas com o número atômico dos elementos. Em conjugando os processos termoeletricos e o campo magnético, a Ciência pode medir com exatidão a carga e a massa dos elétrons, demonstrando que a energia se difunde, através de movimento simultâneo, em partículas infra-atômicas e pulsações eletromagnéticas correspondentes. Informamo-nos, ainda, de que a circulação da corrente elétrica num condutor é invariavelmente seguida do nascimento de calor, formação de um campo magnético ao redor do condutor, produção de luz e ação química. Deve-se o aparecimento do calor às constantes colisões dos elétrons livres, espontaneamente impelidos a se moverem ao longo do condutor, associando a velocidade de transferência ou deslocamento à velocidade própria, no que tange à translação sobre si mesmo, o que determina a agitação dos átomos e das moléculas, provocando aquecimento. A constituição de um campo magnético, ao redor do condutor, é induzida pelo movimento das correntes corpusculares a criarem forças ondulatórias de imantação. A produção de luz decorre da corrente elétrica do condutor. E a ação química resulta de circulação da corrente elétrica, através de determinadas soluções.

Partícula mental. Em identidade de circunstâncias, apesar da diversidade dos processos, toda partícula da corrente mental, nascida das emoções e desejos recônditos do Espírito, através dos fenômenos íntimos e profundos da consciência, cuja estrutura ainda não conseguimos abordar, se desloca, produzindo irradiações eletromagnéticas, cuja frequência varia conforme os estados mentais do emissor, qual acontece na chama, cujos fótons arremessados em todas as direções são constituídos por grânulos de força cujo poder se revela mais ou menos intenso, segundo a frequência da onda em que se expressam. **Corrente mental sub-humana.** Nos reinos inferiores da Natureza, a corrente mental restringe-se a impulsos de sustentação nos seres de constituição primária, a começar dos minerais, preponderando nos vegetais e avançando pelo domínio dos animais de formação mais simples, para se evidenciar mais complexa nos animais superiores que já conquistaram bases mais amplas à produção do pensamento contínuo. Em todas as criaturas sub-humanas, os agentes mentais, na forma de impulsos constantes, são, desse modo, empregados na manutenção de calor e magnetismo, radiação e atividade química nos processos vitais dos circuitos orgânicos,

de maneira a sedimentarem, pouco a pouco, os alicerces da inteligência, salientando-se que nos animais superiores os impulsos mentais a que aludimos já se responsabilizam por valioso patrimônio de percepções avançadas. **Função dos agentes mentais.** Por intermédio dos agentes mentais ou ondas eletromagnéticas incessantes, temos os fenômenos elétricos da transmissão sináptica ou transmissão do impulso nervoso de um neurônio a outro, fenômenos esses que podem ser largamente analisados nos gânglios simpáticos (quais o oftálmico, o estrelado, o cervical superior, o mesentérico inferior, os lombares), na medula espinhal, após a excitação das fibras aferentes, nos núcleos motores dos nervos óculo-motor comum e motores espinhais. Podemos, ainda, verificar essa ocorrência nos neurônios motores espinhais, valendo-nos de eletródios intracelulares. Inibindo, controlando, libertando ou distribuindo a força nervosa ou os potenciais eletromagnéticos acumulados pelos impulsos mentais, nas províncias celulares, surpreendemos a coordenação dos estímulos diversos, mantenedores do equilíbrio orgânico, através da ação conduzida dos vários mediadores químicos de que as células se fazem os fabricantes e distribuidores essenciais. **Corrente mental humana.** No homem, a corrente mental assume feição mais elevada e complexa. No cérebro humano, gabinete da alma erguida a estágios mais nobres na senda evolutiva, ela não se exprime tão só à maneira de impulso necessário à sustentação dos circuitos orgânicos, com base na nutrição e reprodução. É pensamento contínuo, fluxo energético incessante, revestido de poder criador inimaginável. Nasce das profundezas da mente, em circunstâncias por agora inacessíveis ao nosso conhecimento, porque, em verdade, a criatura, pensando, cria sobre a Criação ou Pensamento Concreto do Criador. E, após nascida, ei-la – a corrente mental – que se espalha sobre o cosmo celular em que se manifesta, mantendo a fábrica admirável das unidades orgânicas, através da inervação visceral e da inervação somática a se constituírem pelo arco reflexo espinhal, bem como pelos centros e vias de coordenação superiores. E, assim, percorre o arco reflexo visceral, vibrando: 1) nas fibras aferentes, cuja tessitura celular permanece nos gânglios das raízes dorsais e dos nervos cranianos correspondentes; 2) nas fibras conectoras mielínicas, que se originam na coluna intermédia-lateral; 3) nas fibras motoras originadas nos neurônios ganglionares e que terminam nos efetores ou fibras pós-ganglionares. Acima do nível espinhal, vibra, ainda: 1) na integração pontobulbar, em que se hierarquizam reflexos importantes, como sejam os da pressão arterial; 2) no conjunto talâmico e hipotalâmico, em que se mecanizam os reflexos do Espírito; 3) na composição cortical. A corrente mental, segundo anotamos, vitaliza, particularmente, todos os centros

da alma e, conseqüentemente, todos os núcleos endócrinos e juntas plexiformes da usina física, em cuja urdidura dispõe o Espírito de recursos para os serviços da emissão e recepção, ou exteriorização dos próprios pensamentos e assimilação dos pensamentos alheios. **Campo da aura.** Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares. Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de auto exteriorização, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo, naturalmente, a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos. E, desse modo, estende a própria influência que, à feição do **campo** proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espalhar-se no Universo infinito.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 10)

IV.8. Indução mental e vontade

“Imprimindo grave entono à voz agradável e fraternal, acrescentou: – Notemos que nós mesmos, os desencarnados, nos movemos num campo de matéria que se caracteriza por densidade específica, embora rarefeita, quando confrontada com as antigas formas físicas, e nossa mente, em qualquer parte, na Crosta ou aqui onde nos achamos, é um centro psíquico de atração e repulsão. O espírito encarnado respira numa zona de vibrações mais lentas, enfaixado num veículo constituído de trilhões de células que são outras tantas vidas microscópicas inferiores. Cada vida, porém, por mais insignificante, possui expressão magnética especial. A vontade, não obstante, condicionada por leis cósmicas e morais, inclinará a comunidade dos corpúsculos vivos que permanecem a seu serviço por tempo limitado, à maneira do eletricitista que liga as forças da usina para atividades num charco ou para serviços numa torre. Sendo cada um de nós uma força inteligente, detendo faculdades criadoras e atuando no Universo, estaremos sempre engendrando agentes psicológicos, através da energia mental, exteriorizando o pensamento e com ele improvisando causas possíveis, cujos efeitos podem ser próximos ou remotos sobre o ponto de origem. Abster-nos de mobilizar a vontade, seremos invariáveis joguetes das circunstâncias predominantes, no ambiente que nos rodeia; contudo, tão logo deliberemos manobrá-la, é indispensável resolvamos o problema de direção, porquanto nossos estados pessoais nos refletirão a escolha íntima. Existem

princípios, forças e leis no universo minúsculo, tanto quanto no universo macrocósmico. Dirija um homem a sua vontade para a ideia de doença e a moléstia lhe responderá ao apelo, com todas as características dos moldes estruturados pelo pensamento enfermigo, porque a sugestão mental positiva determina a sintonia e receptividade da região orgânica, em conexão com o impulso havido, e as entidades microbianas, que vivem e se reproduzem no campo mental das milhões de pessoas que as entretêm, acorrerão em massa, absorvidas pelas células que as atraem, em obediência às ordens interiores, reiteradamente recebidas, formando no corpo a enfermidade idealizada. Claro que nesse capítulo temos a questão das provas necessárias, nos casos em que determinada personalidade renasce, atendendo os impositivos das lições expiatórias, mas, mesmo aí, o problema de ligação mental é infinitamente importante, porquanto o doente que se compraz na aceitação e no elogio da própria decadência acaba na posição de excelente incubador de bactérias e sintomas mórbidos, enquanto que o espírito em reajustamento, quando reage, valoroso, contra o mal, ainda mesmo que benéfico e merecido, encontra imensos recursos de concentrar-se no bem, integrando-se na corrente de vida vitoriosa. Registrava as explicações, profundamente edificado, e, não obstante a longa pausa que se fez espontaneamente, não ousei interromper o curso da argumentação a fim de não quebrar a linha do pensamento. Prestimoso e digno, Gúbio continuou: – Nossa mente é uma entidade colocada entre forças inferiores e superiores, com objetivos de aperfeiçoamento. Nosso organismo perispiritual, fruto sublime da evolução, quanto ocorre ao corpo físico na esfera da Crosta, pode ser comparado aos polos de um aparelho magneto-elétrico. O espírito encarnado sofre a influência inferior, através das regiões em que se situam o sexo e o estômago, e recebe os estímulos superiores, ainda mesmo procedentes de almas não sublimadas, através do coração e do cérebro. Quando a criatura busca manejar a própria vontade, escolhe a companhia que prefere e lança-se ao caminho que deseja. Se não escasseiam milhões de influxos primitivistas, constringendo-nos, mesmo aquém das formas terrestres a entreter emoções e desejos, em baixos círculos, e armando-nos quedas momentâneas em abismos do sentimento destrutivo, pelos quais já peregrinamos há muitos séculos, não nos faltam milhões de apelos santificantes, convidando-nos à ascensão para a gloriosa imortalidade. O instrutor, fitando em nós o olhar percuciente e calmo, ponderou: – Entenderam, agora, como é compreensível a opção de certos espíritos pela casa escura do crime, depois do tumulto, qual ocorre a milhões de entidades encarnadas que, em plena harmonia com a natureza terrestre, estimam viver no domicílio da enfermidade? Atitudes mentais

enraizadas não se modificam facilmente. O rei que governa milhares, o condutor que se acostumou a traçar férreas diretrizes, o homem que se habituou a dobrar caracteres alheios, quando não dispõem de princípios santificantes, no terreno idealístico, para se alimentarem intimamente na tarefa a que se consagram, não se transformam em servidores humildes de um momento para outro, só porque se desfizeram da carga de células materiais. [...]” (AL, *Libertação*, Capítulo 2)

“**MATÉRIA MENTAL.** [...] **Indução mental.** Recorrendo ao “campo” de Einstein, imaginemos a mente humana no lugar da chama em atividade. Assim como a intensidade de influência da chama diminui com a distância do núcleo de energias em combustão, demonstrando fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero, a corrente mental se espalha, segundo o mesmo princípio, não obstante a diferença de condições. Essa corrente de partículas mentais exterioriza-se de cada Espírito com qualidade de indução mental, tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetivos que demande. Tanto quanto, no domínio da energia elétrica, a indução significa o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contato visível, no reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. E tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas, enquanto perdure a sustentação do fluxo energético. Compreendemos assim, perfeitamente, que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto imponderáveis na Terra) de luz ou sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 4)

“**ONDA MENTAL.** [...] **Alavanca da vontade.** Reconhecemos que toda criatura dispõe de oscilações mentais próprias, pelas quais entra em combinação espontânea com a onda de outras criaturas desencarnadas ou encarnadas que se lhe afinem com as inclinações e desejos, atitudes e obras, no quimismo inelutável do pensamento. Compreendendo-se que toda partícula de matéria em movimentação se caracteriza por impulso inconfundível, fácil ser-nos-á observar que cada Espírito, pelo poder vibratório de que seja dotado, imprimirá aos seus recursos mentais o tipo de onda ou fluxo energético que lhe define a personalidade, a

evidenciar-se nas faixas superiores da vida, na proporção das grandezas morais, do ponto de vista de amor e sabedoria, que já tenha acumulado em si mesmo. E para manejar as correntes mentais, em serviço de projeção das próprias energias e de assimilação das energias alheias, dispõe a alma, em si, da alavanca da vontade, por ela vagarosamente construída em milênios e milênios de trabalho automatizante. A princípio, adstrita aos círculos angustos do primitivismo, a vontade, agarrada ao instinto de preservação, faz do Espírito um inveterado monomaníaco do prazer inferior. Avançando pelo terreno inicial da experiência, aparece o homem qual molusco inteligente, sempre disposto a fechar o circuito das próprias oscilações mentais sobre si mesmo, em monoideísmo intermitente. **Vontade e aperfeiçoamento.** A memória e a imaginação, ainda curtas, limitam a volição do homem a simples tendência que, no fundo, é aspecto primário da faculdade de decidir. Ele mesmo opera a retração da onda mental que o personaliza, repelindo as vibrações que o inclinam ao burilamento sempre difícil e à expansão sempre laboriosa, para deter-se no reino afetivo das vibrações que o atraem, onde encontra os mesmos tipos de onda dos que se lhe assemelham, capazes de entreter-lhe a egolatria, no gregarismo das longas simbioses em repetidas reencarnações de aprendizagem. A civilização, porém, chega sempre. O progresso impõe novos métodos e a dor estilhaça envoltórios. As modificações da escolha acompanham a ascensão do conhecimento. A vontade de prazer e a vontade de domínio, no curso de largos séculos, convertem-se em prazer de aperfeiçoar e servir, acompanhados de autodomínio. **Ciclotron da vontade.** Arremessa a criatura, naturalmente, a própria onda mental na direção dos Espíritos que penetraram mais amplos horizontes da evolução. Alcançando semelhante estágio de consciência, a vontade, no campo do Espírito, desempenha o papel do ciclotron no mundo da Química, bombardeando automaticamente os princípios mentais que se lhe contraponham aos impulsos. E é, ainda, com essa faculdade determinante que ela preside as junções de onda, junto àquelas que se proponha assimilar, no plano das sintonias, de vez que, quanto mais elevado o discernimento, mais livre se lhe fará a criação mental originária para libertar e aprisionar, enriquecer e sublimar, agravar os males ou acrescentar os próprios bens na esfera do destino.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 11)

“**REFLEXO CONDICIONADO. Importância da reflexão.** Entendendo-se que toda mente vibra na onda de estímulos e pensamentos em que se identifica, facilmente perceberemos que cada Espírito gera em si mesmo inimaginável potencial de forças mento-eletromagnéticas, exteriorizando nessa corrente psíquica os recursos e valores que acumula em si

próprio. Daí nasce a importância da reflexão em todos os setores da vida. É que, gerando força criativa incessante em nós, assimilamos, por impulso espontâneo, as correntes mentais que se harmonizam com o nosso tipo de onda, impondo às mentes simpáticas o fruto de nossas elucubrações e delas recolhendo o que lhes seja característico, em ação que independe da distância espacial, sempre que a simpatia esteja estabelecida e, com mais objetividade e eficiência, quando o serviço de troca mental se evidencie assegurado conscientemente. **Tipos de reflexos.** Vale a pena recordar o conhecimento dos reflexos condicionados, em evolução na escola instituída por Pavlov. Esse campo de experiências traz a estudo os reflexos congênitos ou incondicionados, quais os chamados protetores, alimentares, posturais e sexuais, detentores de vias nervosas próprias, como que hauridos da espécie, seguros e estáveis, sem necessidade do córtex, e os reflexos adquiridos ou condicionados, que não surgem espontaneamente, mas sim conquistados pelo indivíduo, no curso da existência. Os reflexos adquiridos ou condicionados, que se utilizam da intervenção necessária do córtex cerebral, desenvolvem-se sobre os reflexos preexistentes, à maneira de construções emocionais, por vezes instáveis, e sobre os alicerces das vias nervosas, que pertencem aos seguros reflexos congênitos ou absolutos. **Experiência de Pavlov.** Lembremo-nos de que Pavlov, em uma de suas experiências, separou alguns cães do convívio materno, desde o nascimento, sujeitando-os ao aleitamento artificial. Como é lógico, revelaram naturalmente os reflexos congênitos, quais o patelar e o córneo-palpebral, mas, quando lhes foi mostrada a carne, tanto aos olhos quanto ao olfato, não segregaram saliva, não obstante à frente do alimento tradicional da espécie, demonstrando a esperada secreção apenas quando a carne lhes foi colocada na boca. Desde então, os animais se habituaram a formar a mencionada secreção, sempre que o referido alimento lhes fosse apresentado à vista ou ao olfato. Observemos que o estímulo provocou um reflexo condicionado, como que em regime de enxertia sobre o reflexo congênito desencadeado pelo alimento introduzido na boca. **Reflexos psíquicos.** Os princípios de reflexão podem ser aplicados aos reflexos psíquicos. Compreenderemos, desse modo, que o ato de alimentar-se é um hábito estratificado na personalidade do cão, em processo evolucionista, através de reencarnações múltiplas, e que o ato de preferir carne, mesmo em se tratando de alimento ancestral da espécie a que se entrosa, é um hábito que ele adquire, formando impressões novas sobre um campo de sensações já consolidadas. Recorremos à imagem simplesmente para salientar que os nossos reflexos psíquicos condicionados se revestem de suma importância em nossas ligações mentais diversas. E esses reflexos são

– todos eles – presididos e orientados pela indução. Nos cães de Pavlov a que nos reportamos, a faculdade de comer representa atitude espontânea, como aquisição mental automática, mas o interesse pela carne a que foram habituados define uma atitude excitante, compelindo-lhes a mente a exteriorizar uma onda característica que age como pensamento fragmentário, em torno deles, a reagir neles próprios, notadamente sobre as células gustativas. Do mesmo modo, variados estímulos aparecem nos animais aludidos, segundo o desdobramento das impressões que lhes atingem o acanhado mundo sensorio, acentuando-lhes a experiência. Podemos, assim, apreciar a riqueza dos reflexos condicionados, pelos quais se expande a vida mental do Espírito humano, em que a razão, por luz do discernimento, lhe faculta o privilégio da escolha. É nesses reflexos condicionados da atividade psíquica que principiam para o homem de pensamentos elementares os processos inconscientes da conjugação mediúnica, porquanto, emitindo a onda das ideias que lhe são próprias, ao redor dos temas que lhe sejam afins, exterioriza na direção dos outros as imagens e estímulos que acalenta consigo, recebendo, depois, sobre si mesmo os princípios mentais que exteriorizou, enriquecidos de outros agentes que se lhe sintonizam com as criações mentais. **Agentes de indução.** Temos plenamente evidenciada a auto-sugestão, encorajando essa ou aquela ligação, esse ou aquele hábito, demonstrando a necessidade de autopolicamento em todos os interesses de nossa vida mental, porquanto, conquistada a razão, com a prerrogativa da escolha de nossos objetivos, todo o alvo de nossa atenção se converte em fator indutivo, compelindo-nos a emitir os valores do pensamento contínuo na direção em que se nos fixe a ideia, direção essa na qual encontramos os princípios combináveis com os nossos, razão por que, automaticamente, estamos ligados em espírito com todos os encarnados ou desencarnados que pensam como pensamos, tão mais estreitamente quanto mais estreita a distância entre nós e eles, isto é, quanto mais intimamente estejamos comungando a atmosfera mental uns dos outros, independentemente de fatores espaciais. Uma conversação, essa ou aquela leitura, a contemplação de um quadro, a ideia voltada para certo assunto, um espetáculo artístico, uma visita efetuada ou recebida, um conselho ou uma opinião representam agentes de indução, que variam segundo a natureza que lhes é característica, com resultados tanto mais amplos quanto maior se nos faça a fixação mental ao redor deles. **Uso do discernimento.** A liberdade de escolha, na pauta das Leis Divinas, é clara e inconteste nos processos da consciência. Ainda mesmo em regime de prisão absoluta, do ponto de vista físico, o homem, no pensamento, é livre para eleger o bem ou o mal para as rotas do Espírito. O discernimento deve

ser, assim, usado por nós outros à feição de leme que a razão não pode esquecer à matroca, de vez que se a vida física está cercada de correntes eletrônicas por todos os lados, a vida espiritual, da mesma sorte, jaz imersa em largo oceano de correntes mentais e, dentro delas, é imprescindível saibamos procurar a companhia dos espíritos nobres, capazes de auxiliar a nossa sustentação no bem, para que o bem, como aplicação das Leis de Deus, nos eleve à vida superior.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 12)

IV.9. Pensamentos e emoções³⁹

“**RENOVAÇÃO.** As revelações dos Espíritos convidam naturalmente a ideais mais elevados, a propósitos mais edificantes. Para as inteligências realmente dispostas à renúncia da animalidade, são elas sublime incentivo à renovação interior, modificando a estrutura fluídica do ambiente mental que lhes é próprio. Se a civilização exige o desbravamento da mata virgem, para que cidades educadas surjam sobre o solo e para que estradas se rasguem soberanas, é indispensável a eliminação de todos os obstáculos, à custa do sacrifício daqueles que devotam ao apostolado do progresso. A Humanidade atual, em seu aspecto coletivo, considerada mentalmente, ainda é a floresta escura, povoada de monstruosidades. Se nos fundamentos evolutivos da organização planetária encontramos os animais pré-históricos, oferecendo a predominância do peso e da ferocidade sobre quaisquer outros característicos, nos alicerces da civilização do espírito ainda perseveram os grandes monstros do pensamento, constituídos por energias fluídicas, emanadas dos centros de inteligência que lhes oferecem origem. Temos, assim, dominando ainda a formação sentimental do mundo, os mamutes da ignorância, os megatérios da usura, os iguanodontes da vaidade ou os dinossauros da vingança, da barbárie, da inveja ou da ira. As energias mentais dos habitantes da Terra tecem o envoltório que os retém à superfície do Globo. Raros são aqueles cuja mente vara o teto sombrio com os raios de luz dos sentimentos sublimados que lhes fulguram no templo íntimo. O pensamento é o gerador dos infracórculos ou das linhas de força do mundo subatômico, criador de correntes de bem ou de mal, grandeza ou decadência, vida ou morte, segundo a vontade que o exterioriza e dirige. E a moradia dos homens ainda está mergulhada em fluidos ou em pensamentos vivos e semicondensados de estreiteza espiritual, brutalidade, angústia, incompreensão, rudeza, preguiça, má-vontade, egoísmo, injustiça, crueldade, separação, discórdia, indiferença, ódio, sombra e miséria... Com

a demonstração da sobrevivência da alma, porém, a consciência humana adquire domínio sobre as trevas do instinto, controlando a corrente dos desejos e dos impulsos, soerguendo as aspirações da criatura para níveis mais altos. Os corações despertados para a verdade começam a entender as linhas eternas da justiça e do bem. A voz do Cristo é ouvida sob nova expressão na mais profunda acústica da alma. Quem acorda converte-se num ponto de luz no serro denso da Humanidade, passando a produzir fluidos ou forças de regeneração e redenção, iluminando o plano mental da Terra para a conquista da vida cósmica no grande futuro. Em verdade, pois, nobre é a missão do Espiritismo, descortinando a grandeza da universalidade divina à acanhada visão terrestre; no entanto, muito maior é muito mais sublime é a missão do nosso ideal santificante com Jesus para o engrandecimento da própria Terra, a fim de que o Planeta se divinize para o Reino do Amor Universal.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 30)

“Nosso orientador rogou escusas, pela nossa interferência no trabalho. – Não se incomodem – acentuou a interlocutora, encantadoramente natural –, achamo-nos num curso rápido, acerca da importância da voz a serviço da palavra. Podem partilhá-lo conosco. Nossa aula é uma simples conversação... Fitando bondosamente o Ministro, rematou: – Sentem-se. Sou eu quem pede perdão por fazê-los esperar mais um pouco. Em breves instantes, todavia, entraremos em nosso entendimento mais íntimo. E, voltando à poltrona que nada tinha de cátedra, sem qualquer atitude professoral, tão grande era o doce ambiente de maternidade que sabia irradiar de si, começou a dizer para os aprendizes: – Conforme estudamos na noite de hoje, a palavra, qualquer que ela seja, surge invariavelmente dotada de energias elétricas específicas, libertando raios de natureza dinâmica. A mente, como não ignoramos, é o incessante gerador de força, através dos fios positivos e negativos do sentimento e do pensamento, produzindo o verbo que é sempre uma descarga eletromagnética, regulada pela voz. Por isso mesmo, em todos os nossos campos de atividade, a voz nos tonaliza a exteriorização, reclamando apuro de vida interior, de vez que a palavra, depois do impulso mental, vive na base da criação; é por ela que os homens se aproximam e se ajustam para o serviço que lhes compete e, pela voz, o trabalho pode ser favorecido ou retardado, no espaço e no tempo. Dentro da pausa ligeira que se fizera espontânea, simpática senhora interrogou: – Mas, para que tenhamos a solução do problema, é indispensável jamais nos encolerizarmos? – Sim – elucidou a instrutora, calma –, indiscutivelmente, a cólera não aproveita a

³⁹ Vide Subcapítulo III.3 (“Relação entre perispírito, mente, pensamentos e sentimentos”), Capítulo III (“Corpo perispírico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

ninguém, não passa de perigoso curto-circuito de nossas forças mentais, por defeito na instalação de nosso mundo emotivo, arremessando raios destruidores, ao redor de nossos passos... Sorrindo bem humorada, acrescentou: – Em tais ocasiões, se não encontramos, junto de nós, alguém com o material isolante da oração ou da paciência, o súbito desequilíbrio de nossas energias estabelece os mais altos prejuízos à nossa vida, porque os pensamentos desvairados, em se interiorizando, provocam a temporária cegueira de nossa mente, arrojando-a em sensações de remoto pretérito, nas quais como que descemos quase sem perceber a infelizes experiências da animalidade inferior. A cólera, segundo reconhecemos, não pode e nem deve comparecer em nossas observações, relativas à voz. A criatura enfurecida é um dínamo em descontrole, cujo contato pode gerar as mais estranhas perturbações. Um moço, com evidente interesse nas lições, argumentou: – E se substituíssemos o termo “cólera” pelo termo “indignação”? Irmã Clara pensou alguns instantes e redarguiu: – Efetivamente, não poderíamos completar os nossos apontamentos, sem analisar a indignação como estado d’alma, por vezes necessário. Naturalmente, é imprescindível fugir aos excessos. Contrariar-se alguém a propósito de bagatelas e a todos os instantes do dia será baratear os dons da vida, desperdiçando-os, de modo inconsequente, sem o mínimo proveito para si mesmo ou para os outros. Imaginemos a indignação por subida de tensão na usina de nossos recursos orgânicos, criando efeitos especiais à eficiência de nossas tarefas. Nos casos de exceção, em que semelhante diferença de potencial ocorre em nossa vida íntima, não podemos esquecer o controle da inflexão vocal. Assim como a administração da energia elétrica reclama atenção para a voltagem, precisamos vigiar a nossa indignação, principalmente quando seja imperioso vertê-la através da palavra, carregando a nossa voz tão somente com a força suscetível de ser aproveitada por aqueles a quem endereçamos a carga de nossos sentimentos. É indispensável modular a expressão da frase, como se gradua a emissão elétrica... E, ante a assembleia que lhe registrava os ensinamentos com justificável respeito, prosseguiu, depois de ligeiro intervalo: – Nossa vida pode ser comparada a grande curso educativo, em cujas classes inumeráveis damos e recebemos, ajudamos e somos ajudados. A serenidade, em todas as circunstâncias, será sempre a nossa melhor conselheira, mas, em alguns aspectos de nossa luta, a indignação é necessária para marcar a nossa repulsa contra os atos deliberados de rebelião ante as Leis do Senhor. Essa elevada tensão de espírito, porém, nunca deve arrojar-se à violência e jamais deve perder a dignidade de que fomos investidos, recebendo da Divina Confiança a graça do conhecimento superior. Basta, dentro dela, a nossa abstenção dos atos

que intimamente reprovamos, porque a nossa atitude é uma corrente de indução magnética. Em torno de nós, quem simpatiza conosco geralmente faz aquilo que nos vê fazer. Nosso exemplo, em razão disso, é um fulcro de atração. Precisamos, assim, de muita cautela com a palavra, nos momentos de tensão alta do nosso mundo emotivo, a fim de que a nossa voz não se desmande em gritos selvagens ou em considerações cruéis que não passam de choques mortíferos que infligimos aos outros, semeando espinheiros de antipatia e revolta que nos prejudicarão a própria tarefa.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 22)

“Hilário, intrigado, perguntou: – Examinamos, porém, um fenômeno comum? – Intensamente generalizado. É a influência de almas encarnadas entre si que, às vezes, alcança o clima de perigosa obsessão. Milhões de lares podem ser comparados a trincheiras de luta, em que pensamentos guerreiam pensamentos, assumindo as mais diversas formas de angústia e repulsão. – E poderíamos enquadrar o assunto nos domínios da mediunidade? – Perfeitamente, cabendo-nos acrescentar ainda que o fenômeno pertence à sintonia. Muitos processos de alienação mental guardam nele as origens. Muitas vezes, dentro do mesmo lar, da mesma família ou da mesma instituição, adversários ferrenhos do passado se reencontram. Chamados pela Esfera Superior ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se veem possuídos, uns à frente dos outros, e alimentam com paixão, no ímo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em venenos magnéticos, suscetíveis de provocar a enfermidade e a morte. Para isso, não será necessário que a perseguição recíproca se expresse em contendas visíveis. Bastam as vibrações silenciosas de crueldade e despeito, ódio e ciúme, violência e desespero, as quais, alimentadas, de parte a parte, constituem corrosivos destruidores. Finda ligeira pausa, o Assistente continuou: – O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade; todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco. – E como solucionar o problema da antipatia contra nós? – indagou meu companheiro com interesse. Áulus sorriu e respondeu: – A melhor maneira de extinguir o fogo é recusar-lhe combustível. A fraternidade operante será sempre o remédio eficaz, ante as perturbações dessa natureza. Por isso mesmo, o Cristo aconselhava-nos o amor aos adversários, o auxílio aos que nos perseguem e a oração pelos que

nos caluniam, como atitudes indispensáveis à garantia de nossa paz e de nossa vitória.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 19)

“Voltei-me, de imediato, para o chão, seguindo-lhe os gestos, e notei, efetivamente, que o mísero se movimentava num montão de sujeira, coberto por filetes de sangue podre. Somente depois de mais ampla atenção, averigui que o quadro repugnante era constituído pelas emanções mentais do companheiro infeliz sob nossos olhos. – Doutores! – continuou ele, em tom de súplica – há quem diga que roubei dos outros, a fim de satisfazer meus vícios no alcoice que eu frequentava... Mas é mentira, é mentira!... Juro-vos que morava no bordel por espírito de caridade... As mulheres desditosas requeriam defesa... Auxiliei-as quanto pude... Ainda assim, adquirir, junto delas, a enfermidade que me aniquilou o corpo físico e que ainda me empesta a respiração, convertendo-se aqui em meu próprio hálito!... Socorrei-me por quem sois!... Socorrei-me por quem sois!... A repetição dos rogos, contudo, derramava-se em tom imperativo, como se as palavras humildes do petitório fossem apenas o disfarce de uma ordem tiranizante. O Assistente convidou-nos à retirada e explicou: – É um antigo e inveterado gozador que despendeu em prazeres inúteis largos recursos que lhe não pertenciam. Por muito tempo ainda, a mente dele oscilará entre a irritação e o desencanto, nutrindo o ambiente horrível de que se fez o fulcro desequilibrado. De regresso ao tugúrio de Orzil, perguntei sem preâmbulos: – Nossos irmãos doentes, desse modo, estarão segregados, até que se renovem? – Perfeitamente – aclarou Silas, bondoso. – E que devem fazer para atingir a melhora necessária? – indagou Hilário com insofreadável assombro. Nosso amigo sorriu e obtemperou: – O problema é de natureza mental. Modifiquem as próprias ideias e modificar-se-ão. Entregou-se a ligeira pausa, mostrou novo brilho no olhar percuciente e acentuou com segurança: – Isso, porém, não é tão fácil. Consagram-se vocês, presentemente, a estudos especiais dos princípios de causa e efeito. Fiquem, pois sabendo que nossas criações mentais preponderam fatalmente em nossa vida. Libertam-nos quando se enraízam no bem que sintetiza as Leis Divinas, e encarceram-nos quando se firmam no mal, que nos expressa a delinquência responsável, enleando-nos por essa razão ao vinco sutil da culpa. Afirma velho aforismo popular na Terra que “o criminoso volta ao local do crime”. Daqui podemos asseverar que, mesmo desfrutando a possibilidade de ausentar-se da paisagem do crime, o pensamento do criminoso está preso ao ambiente e à própria substância da falta cometida. E, reparando em nossa perplexidade, acrescentou: – Recordemos, ainda, o pensamento, atuando à feição de onda, com velocidade muito superior à da luz, e lembremo-nos de que toda mente é dínamo

gerador de força criativa. Ora, sabendo que o bem é expansão da luz e que o mal é condensação da sombra, quando nos transviamos na crueldade para com os outros, nossos pensamentos, ondas de energia sutil, de passagem pelos lugares e criaturas, situações e coisas que nos afetam a memória, agem e reagem sobre si mesmos, em circuito fechado, e trazem-nos, assim, de volta, as sensações desagradáveis, hauridas ao contato de nossas obras infelizes. Estudamos três tipos de almas que deixaram na existência última somente quadros tristes e lamentáveis, nos quais não dispõem de atenuantes que lhes empalideçam as faltas indiscutíveis. Os filhos do nosso amigo que sofre a fixação de usura não receberam dele quaisquer recursos de educação dignificante que os habilitem a ajudá-lo, quando visitados pelas ondas do pensamento paternal, que voltam ao centro de origem carregadas pelos princípios mentais de ódio e egoísmo dos jovens litigantes. Nosso irmão que padece a fixação de remorso, não tendo expiado nos cárceres da justiça humana o crime que perpetrado deliberadamente, recolhe, de retorno, as ondas de pensamento que emite, sem qualquer auxílio que lhe amenize o arrependimento doloroso; e o nosso companheiro que se detém no vício reabsorve as ondas de seu próprio campo mental, acumuladas de fatores deprimentes, que a elas se incorporam nos lugares por onde passam, restituídas a ele mesmo com multiplicados elementos de corrupção. Diante de nosso espanto, o Assistente inquiriu: – Compreenderam? Sim, havíamos entendido... Sob forte emoção, Hilário considerou: – Agora percebo com mais clareza o benefício concreto da oração e da piedade, da simpatia e do socorro que, na Terra, deveríamos dispensar, sinceramente, aos chamados mortos... – Sim, sim... – respondeu Silas, prestimoso – todos estamos ligados uns aos outros, na carne e fora da carne, e achamo-nos livres ou prisioneiros, no campo da experiência, segundo as nossas obras, através dos vínculos de nossa vida mental. O bem é a luz que liberta, o mal é a treva que aprisiona... Estudando as leis do destino, é preciso atentar para semelhantes realidades indefectíveis e eternas.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 5)

“PALAVRA E RESPONSABILIDADE. [...] Linguagem convencional. Aprende então o homem, com o amparo dos Sábios Tutores que o inspiram, a constituição mecânica das palavras, provindo da mente a força com que aciona os implementos da voz, gerando vibrações nos músculos torácicos, incluindo os pulmões e a traqueia como num fole, e fazendo ressoar o som no laringe e na boca, que exprimem também cavidades supraglóticas, para a criação, enfim, da linguagem convencional, com que reforça a linguagem mímica e primitiva, por ele adquirida na longa viagem através do reino animal. A esse modo natural de exprimir-se por gestos e atitudes silenciosos, em

que derrama as suas forças acumuladas de afetividade e satisfação, desagrado ou rancor, em descargas fluídico eletromagnéticas de natureza construtiva ou destrutiva, superpõe a criatura humana os valores do verbo articulado, com que acrisola as manifestações mais íntimas, habilitando-se a recolher, por intermédio de sinalética especial na escala dos sons, a experiência dos irmãos que caminham na vanguarda e aprendendo a educar-se para merecer esse tipo de assistência que lhe outorgará o estado de alegria maior, ante as perspectivas da cultura com que a vida lhe responde às indagações.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 10)

“ALMA E FLUÍDOS. [...] Reflexão das ideias. A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram. E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria textura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula de pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do Espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluído gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, como “raio da emoção” ou “raio do desejo”, força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura. Com o fluído mental carregam-se desse modo, não apenas as disposições mentossensitivas das criaturas, em atuação recíproca, mas também as imagens que transitam entre os cérebros que se afinam pela reflexão natural e incessante, estabelecendo-se as ideações progressivas que, originariamente vertidas dos Espíritos Superiores, transmitem aos desencarnados da Terra as noções de civilização mais apurada. E por essas mesmas entidades, em contato com as tribos encarnadas do paleolítico, semelhantes noções descem para o chão planetário, disciplinando as criaturas e ofertando-lhes novos horizontes à visão e ao entendimento. Pela reflexão das ideias, surge, assim, entre as duas esferas entranhado circuito de forças.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“Acolhiam satisfeitos as judiciosas apreciações da senhora Tamburini, que aceitava plenamente a convicção de serem criaturas desencarnadas em algum departamento do Mundo Espiritual; entretanto, não obstante o respeito que lhes mereciam, não logravam admiti-las por verdade incontestável. Evelina, sentada no chão relvoso, ao pé de Fantini que se acomodava num

pequeno escabelo, iniciou o diálogo, avaliando, cismarenta: – De fato, a cada dia me sinto mais leve, sempre mais leve. E, com isso, vou perdendo o controle de mim mesma. Noto que os meus sentimentos sobem do coração para o cérebro, à maneira das águas de um manancial profundo ao jorro da fonte... Na cabeça, observo que as emoções se transfiguram em pensamentos que me escorrem imediatamente para os lábios em forma de palavras, a partirem de mim, quais as correntes líquidas que se estendem, para além do nascedouro, terra avante...” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 8)

“[...] “A mente é dínamo gerador de energia cujo potencial e finalidade estão governados pelo comportamento moral, pelo desejo de quem os emite. Há enfermidades de diferentes procedências que se instalam sob a contribuição da conduta mental dos próprios pacientes, dando margem a fenômenos de autodestruição a curto ou longo prazo, de desarticulação das defesas psíquicas e orgânicas, quando irrompem problemas graves na área da saúde, com muitas dificuldades para uma diagnose correta, quanto para uma terapêutica segura. O homem é, intrinsecamente, o que pensa, sendo esse seu mecanismo mental o resultado das suas experiências pregressas, noutras reencarnações, o que motiva as fixações, as preferências, os ideais sustentados. De mais alto valor, portanto, o cultivo sistemático dos pensamentos positivos, das ideias enobrecedoras, da conversação edificante, das aspirações otimistas, que facultam a renovação das paisagens íntimas e a substituição dos *clichês* infelizes, propiciadores de doenças, de turbações do raciocínio, de desajustes de todo tipo.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 17)

“PENSAMENTO E EMOÇÕES. As emoções constituem capítulo da vida humana, que prossegue merecendo acuradas reflexões, de modo a canalizá-las com a segurança e eficiência indispensáveis aos resultados salutareos para os quais se encontram na organização fisiopsíquica de cada criatura. Refletindo o estado espiritual em que transitam os homens, invariavelmente manifestam-se em desgoverno, levando a paroxismos e desajustes de demorada regularização. Dirigindo o comportamento, fazem que se transite de uma para outra com sofreguidão, em ânsia contínua, que termina por exaurir aquele que se lhes submetem sem o controle necessário. Estimulando o egoísmo, impõem a satisfação pessoal sob os altos custos da inquietação e da insegurança última, em face dos novos desejos de gozos insaciáveis, que terminam por constituir característica predominante da conduta individual viciosa. Essa busca irrefreável do prazer, que se toma dependência, fomenta gozos que depois, invariavelmente, se convertem em dores. Entre as mais desgastantes, assume preponderância a ansiedade, que parece imprescindível à vida, qual ocorre com o sal para o paladar de inúmeros

alimentos. Pessoas há que não passam sem os condicionamentos das emoções, vivificando a ansiedade que as consome em flamas de angústia. Mal terminam de lograr a meta perseguida e já se encontram, sôfregas, em batalhas por novas conquistas, transferindo-se de uma realização para novo desejo, com verdadeira volúpia incontrolada. As emoções alimentam-se naqueles que as agasalham e se lhes adaptam aos impositivos caprichosos. Comparemo-las a uma vela cuja finalidade é iluminar. Para o mister, ela gasta combustível, como é fenômeno natural. Preservada para os fins, oferece luz por período largo; no entanto, deixada na direção do ar canalizado, apressa o próprio consumo e, acesa nas duas extremidades, mais rapidamente se acaba. Assim também as emoções, que têm finalidade superior no campo da vida; quando não se submetem à disciplina, exigem carga dupla da energia na qual se sustentam, culminando por destruir a sua fonte geradora. O pensamento, porém, é o agente que as pode conduzir com a proficiência desejada, orientando-as com equilíbrio, a fim de que o rendimento seja positivo, capitalizando valores que merecem armazenados no processo iluminativo para a execução das tarefas nobres. Esse esforço propicia autoconfiança, harmonia íntima, gerando bem-estar pessoal, que extrapola a área da individualidade e se irradia beneficiando em derredor. Ninguém pode bloquear as emoções ou viver sem elas. Intentar ignorá-las ou pretender esmagá-las é empreendimento inócuo, senão negativo. Toda emoção ou desejo recalcado reaparece com maior vigor, em momentos imprevistos. Substituir os interesses negativos e viciosos, por outros de caráter mais gratificante quão duradouro, é o primeiro passo, nessa luta de renovação moral e educação emocional. Porque o pensamento atua no fluido que a tudo envolve, pelo seu teor vibratório produz natural sintonia com as diversas faixas nas quais se movimentam os Espíritos, na esfera física ou na Erraticidade, estabelecendo vínculos que se estreitam em razão da intensidade mantida. Essa energia fluídica, recebendo a vibração mental, assimila o seu conteúdo emocional e transforma-se, de acordo com as **moléculas** absorvidas, criando uma psicosfera sadia ou enfermiça em volta daquele que a emite e passa a aspirá-la, experimentando o seu efeito conforme a qualidade de que se constitui. Quando o episódio é de largo trato e o seu teor é pernicioso, culmina por afetar a organização física ou psíquica do agente desencadeador, dando acesso a processos viróticos, psicopatológicos, degenerativos em geral, obsessivos... A tudo envolvendo, essa força é neutra em si mesma; todavia, maleável e receptiva, altera a sua constituição de acordo com os elementos mentais que a interpenetram. Ao pensamento disciplinado, portanto, cabe a árdua tarefa de educar as emoções, gerando fatores de saúde, que contribuem para a harmonia

interior, dando margem ao surgimento de fenômenos de paz e confiança. A ansiedade, responsável pela instabilidade comportamental e pelo humor, cede lugar, quando a fé comanda a onda mental que se dirige a Deus e se afina com as vibrações-resposta do Pensamento Divino. Outro valioso auxiliar para a empresa é a meditação, que aprofunda os interesses e as aspirações nas realidades metafísicas, eliminando, a pouco e pouco, as impressões mais fortes das sensações primitivas, que normalmente se sobrepõem às emoções, desarticulando-as. Pensando, o Espírito estabelece o clima no qual se desenvolve e de cuja energia se nutre. Conforme fixe o pensamento, edifica ou destrói, passando de autor a vítima das próprias maquinações. Pelas afinidades de ondas mentais e interesses emocionais, reúnem-se os seres, que elaboram o **habitat** no qual se demoram. A direção correta e constante do pensamento esclarecido, que conhece as causas e finalidades da vida, realiza o controle das emoções, tomando os indivíduos nobres e equilibrados, que não se transtornam diante de provocações, nem se apaixonam ante as sensações, ou se descompensam enfrentando o sofrimento. A amargura e a ansiedade não os sitiam, mesmo que, de passagem, deixem ligeiros sinais que a potente luz do amor real e da certeza da fatalidade feliz do bem faz que desapareçam.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Pensamento e emoções)

IV.10. Pensamentos e aura humana

“Sob a custódia de quatro guardas da residência de Gregório, que nos comunicaram a necessidade de examinar antes de qualquer contato direto com o aludido sacerdote, penetramos o recinto de largas dimensões, no qual se congregavam algumas dezenas de entidades em deploráveis condições. Moços e velhos, homens e mulheres, aí se misturavam em relativo silêncio. Alguns gemiam e choravam. Reparei que a multidão se constituía, em sua quase totalidade, de almas doentes. Muitos padeciam desequilíbrios mentais visíveis. Observei-lhes, impressionado, o aspecto enfermiço. O perispírito de todos os que aí se enclausuravam, pacientes e expectadores, mostrava a mesma opacidade do corpo físico. Os estigmas da velhice, da moléstia e do desencanto, que perseguem a experiência humana, ali triunfavam, perfeitos... O medo controlava os mais desesperados, porque o silêncio caía, abafante, embora a inquietação que transparecia de todos os rostos. Alguns servidores da casa, em trajes característicos, separavam, por grupos vários, as pessoas desencarnadas que entrariam, naquele momento, em seleção para julgamento oportuno. Discretamente, o instrutor elucidou-nos: – Presenciamos uma cerimônia semanal dos juízes implacáveis que vivem sediados aqui. A operação seletiva realiza-se com base nas irradiações de cada um. Os guardas que vemos em

trabalho de escolha, compondo grupos diversos, são técnicos especializados na identificação de males numerosos, através das cores que caracterizam o halo dos Espíritos ignorantes, perversos e desequilibrados. A divisão para facilitar o serviço judiciário é, por isto mesmo, das mais completas. [...] O magistrado, que detinha a palavra, determinou silêncio e exprobrou, asperamente, a atitude dos queixosos. Logo após, notificou que os Espíritos Seletores se materializariam, em breves minutos, e que os interessados poderiam solicitar deles as explicações que desejassem. Concomitantemente, ergueu as mãos em mímica reverencial e, fazendo-nos sentir que presidia ao estranho cenáculo, fez uma invocação em alta voz, denunciando, nos gestos, a condição de respeitável hierofante, em grande solenidade. Terminada que foi a alocução, vasto lençol nebuloso, semelhante a uma nuvem móvel, apareceu na tribuna que se mantinha, até então, despovoada. E pouco a pouco, diante de nossos olhos assombrados, três entidades tomaram forma perfeitamente humana, apresentando uma delas, a que no porte guardava maior autoridade hierárquica, pequeno instrumento cristalino nas mãos. Trajavam túnicas de curiosa e indefinível substância em amarelo vivo e revestiam-se de halo afogueado, não brilhante. Essa auréola, mais acentuadamente viva em volta da fronte, desferia radiações perturbadoras, que recordavam a esbraseada expressão do ferro incandescido. Ambos os acólitos da personalidade central do trio tomaram folhas de apontamento num cofre vizinho e, ladeando-a, desceram até nós, em silêncio. Inesperada quietação tomou a turba, dantes agitada. Ainda não sei de que recôndita organização provinham tais funcionários espirituais; no entanto, reparei que o chefe da expedição tríplice mostrava infinita melancolia na tela fisionômica. Alçou ele o instrumento cristalino, à frente do primeiro grupo, formado de catorze homens e mulheres de vários tipos. Efetuou observações que não pude acompanhar e disse algo aos companheiros que se dispuseram à anotação imediata. [...] Alcançando o terceiro grupo, constituído de mulheres diversas, mal havia aplicado o singular instrumento ao campo vibratório que lhes dizia respeito, foi o mensageiro abordado por uma senhora, pavorosamente desfigurada, que lhe lançou em rosto atrozes queixas. – Porque tamanha humilhação? – inquiriu em pranto copioso – Fui dona de uma casa que me encheu de trabalho, voltei para cá rodeada de especiais considerações, naturalmente devidas ao meu estado social e arrebanham-me entre mulheres sem pudor? Que autoridades são estas que impõem a mim, dama de nobre procedência, o convívio de meretrizes? Forte crise de soluços embargou-lhe a voz. O selecionador, no entanto, dentro de uma calma que mais se avizinhava da frieza, declarou sem rebuços: – Estamos numa esfera onde o equívoco se faz mais

difícil. Consultai a própria consciência. Teríeis sido, realmente, a padroeira de um lar respeitável, como julgais? O teor vibratório assevera que as vossas energias santificantes de mulher, em maior parte, foram desprezadas. Vossos arquivos mentais se reportam a desgastamentos emotivos em cuja extinção gastareis longo tempo. Ao que parece, o altar doméstico não foi bem o vosso lugar. A senhora gritou, gesticulou, protestou, mas os selecionadores prosseguiram na tarefa a que se impunham. Ao nosso lado, aplicou o instrumento, em que se salientavam pequeninos espelhos e falou para os auxiliares, definindo-nos a posição: – Entidades neutras. Fixou-nos com penetrante fulguração de olhar, como se nos surpreendesse, mudo, as intenções mais profundas e passou adiante. Instado por mim, Gúbio esclareceu: – Não fomos acusados. Ser-nos-á possível o engajamento no serviço desejado. – Que aparelho vem a ser esse? – indagou Elói, antecipando-me a curiosidade. O orientador não se fez rogado e elucidou: – Trata-se de um captador de ondas mentais. A seleção individual exigiria longas horas. As autoridades que dominam nestas regiões preferem a apreciação em grupo, o que se faz possível pelas cores e vibrações do círculo vital que nos rodeia a cada um. – Porque nos considerou neutros? – interroguei por minha vez. – O instrumento não é suscetível de marcar a posição das mentes que já se transferiram para a nossa esfera. É recurso para a identificação de perispíritos desequilibrados e não atinge a zona superior.” (AL, *Libertação*, Capítulo 5)

“Como quem se punha em socorro do companheiro, Silas aduziu: – Os que se agitam nestas furnas jazem, de modo geral, quase sempre extremamente revoltados e, na insânia a que se entregam, fazem-se verdadeiros demônios de insensatez. É necessário se disponham à conformação clara e pacífica para que, ainda mesmo semi-inconscientes, consigam acolher com proveito o auxílio que se lhes estende aos corações. E como se quisesse passar à demonstração do que asseverava, convidou-nos a inspecionar as celas próximas. – Quantos doentes agora internados? Orzil, atencioso, respondeu sem titubear: – Temos três amigos em franca situação de inconsciência. Depois de alguns passos, ouvimos gritaria estentórica. As acomodações reservadas aos enfermos jaziam ao fundo, à maneira de largos boxes de confortável cavaliária. Essa é a figura mais adequada à nossa tarefa descritiva, porque a construção em si denunciava rusticidade e segurança, naturalmente adstrita aos objetivos de contenção. À medida que nos acercávamos do refúgio, desagradável odor nos afetava as narinas. Respondendo-nos à inquirição íntima, o Assistente salientou: – Vocês não ignoram que todas as criaturas vivem cercadas pelo halo vital das energias que lhes vibram no âmago do ser e esse halo é constituído por partículas de força a

se irradiarem por todos os lados, impressionando-nos o olfato, de modo agradável ou desagradável, segundo a natureza do indivíduo que as irradia. Assim sendo, qual ocorre na própria Terra, cada entidade aqui se caracteriza por exalação peculiar. – Sim, sim... – confirmamos Hilário e eu, simultaneamente. Entretanto, o cheiro alarmante de carne em decomposição era para nós, ali, um acontecimento excepcional. Silas percebeu-nos a estranheza e endereçou interrogativo olhar ao encarregado daquele oratório de purgação, o qual informou, presto: – Temos conosco o irmão Corsino, cujo pensamento continua enrodilhado ao corpo sepulto, de maneira total. Enredado à lembrança dos abusos a que se entregou na carne, ainda não conseguiu desvencilhar-se da lembrança daquilo que foi, trazendo a imagem do próprio cadáver à tona de todas as suas recordações.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 5)

“MEDIUNIDADE E CORPO ESPIRITUAL. Aura humana. Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam. Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde à natureza. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanções do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura. Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entraja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda. Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovoide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as ideias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança como no cinematógrafo comum. Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes. **Mediunidade inicial.**

A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nossa. Isso porque exteriorizamos, de maneira invariável, o reflexo de nós mesmos, nos contatos de pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais. É por essa couraça vibratória, espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal, que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico. Essa obra de permuta, no entanto, foi iniciada no mundo sem qualquer direção consciente, porque, pela natural apresentação da própria aura, os homens melhores atraíram para si os Espíritos humanos melhorados, cujo coração generoso se voltava, compadecido, para a esfera terrena, auxiliando os companheiros da retaguarda, e os homens rebeldes à Lei Divina aliciaram a companhia de entidades da mesma classe, transformando-se em pontos de contato entre o bem e o mal ou entre a Luz e a Sombra que se digladiam na própria Terra. Pelas ondas de pensamento a se enovelarem umas sobre as outras, segundo a combinação de frequência e trajeto, natureza e objetivo, encontraram-se as mentes semelhantes entre si, formando núcleos de progresso em que homens nobres assimilaram as correntes mentais dos Espíritos Superiores para gerar trabalho edificante e educativo, ou originando processos vários de simbiose em que almas estacionárias se enquistaram mutuamente, desafiando debalde os imperativos da evolução e estabelecendo obsessões lamentáveis, a se elastecerem sempre novas, nas teias do crime ou na etiologia complexa das enfermidades mentais. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 17)

“MATÉRIA MENTAL. [...] Corpúsculos mentais. Como alicerce vivo de todas as realizações nos planos físico e extrafísico, encontramos o pensamento por agente essencial. Entretanto, ele ainda é matéria, – a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo. Temos, ainda aqui, as formações corpusculares, com bases nos sistemas atômicos em diferentes condições vibratórias, considerando os átomos, tanto no plano físico, quanto no plano mental,

como associações de cargas positivas e negativas. Isso nos compele naturalmente a denominar tais princípios de “núcleos, prótons, nêutrons, pósitrons, elétrons ou fótons mentais”, em vista da ausência de terminologia analógica para estruturação mais segura de nossos apontamentos. Assim é que o halo vital ou aura de cada criatura permanece tecido de correntes atômicas sutis dos pensamentos que lhe são próprios ou habituais, dentro de normas que correspondem à lei dos “quanta de energia” e aos princípios da mecânica ondulatória, que lhes imprimem frequência e cor peculiares. Essas forças, em constantes movimentos sincrônicos ou estado de agitação pelos impulsos da vontade, estabelecem para cada pessoa uma onda mental própria.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 4)

“**FLUXO MENTAL.** [...] **Campo da aura.** Articulado, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares. Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de auto exteriorização, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo, naturalmente, a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos. E, desse modo, estende a própria influência que, à feição do **campo** proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espalhar-se no Universo infinito.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 10)

“**CARGAS ELÉTRICAS E CARGAS MENTAIS.** [...] **Correntes de elétrons mentais.** Dentro de certa analogia, temos também as correntes de elétrons mentais, por toda a parte, formando cargas que aderem ao campo magnético dos indivíduos, ou que vagueiam, entre eles, à maneira de campos elétricos que acabam atraídos por aqueles que, excessivamente carregados, se lhes afeiçoem à natureza. Recorrendo à imagem da caneta-tinteiro, em atrito com o pano de lã, e da máquina eletrostática, em que os elétrons se condicionam para a produção de centelhas, lembraremos que toda compressão de agentes mentais, através da atenção, gera em nossa alma estados indutivos pelos quais atraímos cargas de pensamentos em sintonia com os nossos. A leitura de certa página, a consulta a esse ou àquele livro, determinada conversação, ou o interesse voltado para esse ou aquele assunto, nos colocam em correlação espontânea com as Inteligências encarnadas ou desencarnadas que com eles se harmonizem, por intermédio das cargas mentais que acumulamos e

emitimos, na forma de quadros ou centelhas em série, com que aliciamos para o nosso convívio mental os que se entregam a ideias análogas às nossas. Não nos propomos afirmar que o fenômeno da caneta-tinteiro ou do aparelho eletrostático seja igual à ocorrência da indução mental no cérebro. Assinalamos apenas a analogia de superfície, para salientar a importância dos nossos pensamentos concentrados em certo sentido, porque é pela projeção de nossas ideias que nos vinculamos às Inteligências inferiores ou superiores de nosso caminho. E para estampar, com mais segurança, a nossa necessidade de equilíbrio, perante a vida, recordemos que à maneira das correntes incessantes de força, que sustentam a Natureza terrestre, também o pensamento circula ininterrupto, no campo magnético de cada Espírito, extravasando-se para além dele, com as essências características a cada um. Queira ou não, cada alma possui no próprio pensamento a fonte inestancável das próprias energias. Correntes vivas fluem do íntimo de cada Inteligência, a se lhe projetarem no “halo energético”, estruturando-lhe a aura ou fotosfera psíquica, à base de cargas magnéticas constantes, conforme a natureza que lhes é peculiar, de certa forma semelhantes às correntes de força que partem da massa planetária, compondo a atmosfera que a envolve.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 15)

IV.11. Ligação entre os seres através do pensamento – Lei de afinidade

“**AFINIDADE.** O homem permanece envolto em largo oceano de pensamentos, nutrindo-se de substância mental, em grande proporção. Toda criatura absorve, sem perceber, a influência alheia nos recursos imponderáveis que lhe equilibram a existência. Em forma de impulsos e estímulos, a alma recolhe, nos pensamentos que atrai, as forças de sustentação que lhe garantem as tarefas no lugar em que se coloca. O homem poderá estender muito longe o raio de suas próprias realizações, na ordem material do mundo, mas, sem a energia mental na base de suas manifestações, efetivamente nada conseguirá. Sem os raios vivos e diferenciados dessa força, os valores evolutivos dormiriam latentes, em todas as direções. A mente, em qualquer plano, emite e recebe, dá e recolhe, renovando-se constantemente para o alto destino que lhe compete atingir. Estamos assimilando correntes mentais, de maneira permanente. De modo imperceptível, “ingerimos pensamentos”, a cada instante, projetando, em torno de nossa individualidade, as forças que acalentamos em nós mesmos. Por isso, quem não se habilite a conhecimentos mais altos, quem não exerça a vontade para sobrepor-se às circunstâncias de ordem inferior, padecerá, invariavelmente, a imposição do meio em que se localiza. Somos afetados pelas

vibrações de paisagens, pessoas e coisas que cercam. Se nos confiamos às impressões alheias de enfermidade e amargura, apressadamente se nos altera o “tônus mental”, inclinando-nos à franca receptividade de moléstias indefiníveis. Se nos devotamos ao convívio com pessoas operosas e dinâmicas, encontramos valioso sustentáculo aos nossos propósitos de trabalho e realização. Princípios idênticos regem as nossas relações uns com os outros, encarnados e desencarnados. Conversações alimentam conversações. Pensamentos ampliam pensamentos. Demoramo-nos com que se afina conosco. Falamos sempre ou sempre agimos pelo grupo de espíritos a que nos ligamos. Nossa inspiração está filiada ao conjunto dos que sentem como nós, tanto quanto a fonte está comandada pela nascente. Somos obsidiados por amigos desencarnados ou não e auxiliados por benfeitores, em qualquer plano da vida, de conformidade com a nossa condição mental. Daí o imperativo de nossa constante renovação para o bem infinito. Trabalhar incessantemente é dever. Servir é elevar-se. Aprender é conquistar novos horizontes. Amar é engrandecer-se. Trabalhando e servindo, aprendendo e amando, a nossa vida íntima se ilumina e se aperfeiçoa, entrando gradativamente em contato com os grandes gênios da imortalidade gloriosa.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 26)

“SINTONIA. As bases de todos os serviços de intercâmbio, entre os desencarnados e encarnados, repousam na mente, não obstante as possibilidades de fenômenos naturais, no campo da matéria densa, levados a efeito por entidades menos evoluídas ou extremamente consagradas à caridade sacrificial. De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito. Daí procede a necessidade de renovação idealística, de estudo, de bondade operante e de fé ativa, se pretendemos conservar o contato com os Espíritos da Grande Luz. Simbolizemos nossa mente como sendo uma pedra inicialmente burilada. Tanto quanto a do animal, pode demorar-se, por muitos séculos, na ociosidade ou na sombra, sob a crosta dificilmente permeável de hábitos nocivos ou de impulsos degradantes, mas se a expomos ao sol da experiência, aceitando os atritos, as lições, os dilaceramentos e as dificuldades do caminho por golpes abençoados do buril da vida, esforçando-nos por aperfeiçoar o conhecimento e melhorar o coração, tanto quanto a pedra burilada reflete a luz, certamente nos habilitamos a receber a influência dos grandes gênios da sabedoria e do amor, gloriosos expoentes da imortalidade vitoriosa, convertendo-nos em valiosos instrumentos da obra assistencial do Céu, em favor do reerguimento de nossos irmãos menos favorecidos e para a elevação de nós mesmos às regiões mais altas. A fim de atingirmos tão alto objetivo, é indispensável traçar um roteiro para a

nossa organização mental, no Infinito Bem, e segui-lo sem recuar. Precisamos compreender - repetimos - que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual. Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas ideias, aspirações, invocações e apelos. Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros. Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé com que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar. Semelhante lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida. Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos com os quais no colocamos em sintonia. Nos mais simples quadros da natureza, vemos manifestado o princípio da correspondência. Um fruto apodrecido ao abandono estabelece no chão um foco infeccioso que tende a crescer, incorporando elementos corruptores. Exponhamos a pequena lâmina de cristal, limpa e bem cuidada, à luz do dia, e refletirá infinitas cintilações do Sol. Andorinhas seguem a beleza da primavera. Corujas acompanham as trevas da noite. O mato inculto asila serpentes. A terra cultivada produz o bom grão. Na mediunidade, essas leis se expressam, ativas. Mentes enfermiças e perturbadas assimilam as correntes desordenadas do desequilíbrio, enquanto que a boa-vontade e a boa intenção acumulam os valores do bem. Ninguém está só. Cada criatura recebe de acordo com aquilo que dá. Cada alma vive no clima espiritual que elegeu, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade. Estejamos, assim, convictos de que os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, mesmo porque, segundo o antigo ensinamento evangélico, “tecemos nosso tesouro onde colocamos o coração.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 28)

“Em virtude de o instrutor haver interrompido a operação magnética e porque me encontrasse perplexo ante a facilidade com que a menina lhe recebia os pensamentos, quando observara tanta complexidade nos serviços de psicografia, expus ao orientador amigo as indagações que me assaltavam o espírito. Sem titubear, Alexandre explicou: – Aqui, André, observa você o trabalho simples da transmissão mental e não pode esquecer que o intercâmbio do pensamento é movimento livre no Universo. Desencarnados e encarnados, em todos os setores de atividade terrestre, vivem na mais ampla permuta de ideias. Cada mente é um verdadeiro mundo de emissão e recepção e cada qual atrai os que se lhe assemelham. Os tristes agradam aos tristes, os ignorantes se reúnem, os criminosos comungam na mesma esfera, os bons estabelecem

laços recíprocos de trabalho e realização. Aqui temos o fenômeno intuitivo, que, com maior ou menor intensidade, é comum a todas as criaturas, não só no plano construtivo, mas também no círculo de expressões menos elevadas. Temos, sob nossos olhos, uma velha irmã e seu filho maior completamente ambientados na exploração inferior de amigos desencarnados, presas de ignorância e enfermidade, estabelecendo perfeito comércio de vibrações inferiores. Falam sob a determinação direta dos vampiros infelizes, transformados em hóspedes efetivos do continente de suas possibilidades fisiopsíquicas. Permanece também sob nossa análise uma jovem que, presentemente, atingiu dezesseis anos de nova existência terrestre. Suas disposições, contudo, são bastante diversas. Ela consegue receber nossos pensamentos e traduzi-los em linguagem edificante. Não está propriamente em serviço técnico da mediunidade, mas no abençoado trabalho de espiritualização. E indicando a mocinha, cercada de maravilhoso halo de luz, acrescentou: – Conserva, ainda, o seu vaso orgânico na mesma pureza com que o recebeu dos benfeitores que lhe prepararam a presente reencarnação. Ainda não foi conduzida ao plano de emoções mais fortes, e as suas possibilidades de recepção, no domínio intuitivo, conservam-se claras e maleáveis. Suas células ainda se encontram absolutamente livres de influências tóxicas; seus órgãos vocais, por enquanto, não foram viciados pela maledicência, pela revolta, pela hipocrisia; seus centros de sensibilidade não sofreram desvios, até agora; seu sistema nervoso goza de harmonia invejável e o seu coração, envolvido em bons sentimentos, comunga com a beleza das verdades eternas, através da crença sincera e consoladora. E, além disso, não tendo débitos muito graves do pretérito, condição que a isenta do contato com as entidades perversas que se movimentam na sombra, pode refletir com exatidão os nossos pensamentos mais íntimos. Vivendo muito mais pelo espírito, nas atuais condições em que se encontra, basta a permuta magnética para que nos traduza as ideias essenciais.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 5)

“Em vasto recinto do Ministério das Comunicações, fomos apresentados ao Instrutor Albério, que se dispunha a iniciar a palestra. Tomamos lugar entre as dezenas de companheiros que o seguiam, atentos, em muda expectativa. Como tantos outros orientadores que eu conhecia, Albério assomou à tribuna, sem cerimônia, qual se nos fora simples irmão, conversando conosco em tom fraternal. – Meus amigos – falou, com segurança –, dando continuidade aos nossos estudos anteriores, precisamos considerar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos. Não ignoramos que o Universo, a estender-se no Infinito, por milhões e milhões de sóis, é a exteriorização do Pensamento Divino, de cuja essência partilhamos, em

nossa condição de raios conscientes da Eterna Sabedoria, dentro do limite de nossa evolução espiritual. Da superestrutura dos astros à infraestrutura subatômica, tudo está mergulhado na substância viva da Mente de Deus, como os peixes e as plantas da água estão contidos no oceano imenso. Filhos do Criador, d’Ele herdamos a faculdade de criar e desenvolver, nutrir e transformar. Naturalmente circunscritos nas dimensões conceptuais em que nos encontramos, embora na insignificância de nossa posição comparada à glória dos Espíritos que já atingiram a angelitude, podemos arrojá-los de nós a energia atuante do próprio pensamento, estabelecendo, em torno de nossa individualidade, o ambiente psíquico que nos é particular. Cada mundo possui o campo de tensão eletromagnética que lhe é próprio, no teor de força gravítica em que se equilibra, e cada alma se envolve no círculo de forças vivas que lhe transpiram do “hálito” mental, na esfera de criaturas a que se imana, em obediência às suas necessidades de ajuste ou crescimento para a imortalidade. Cada planeta revoluciona na órbita que lhe é assinalada pelas leis do equilíbrio, sem ultrapassar as linhas de gravitação que lhe dizem respeito, e cada consciência evolui no grupo espiritual a cuja movimentação se subordina. Somos, pois, vastíssimo conjunto de Intelligências, sintonizadas no mesmo padrão vibratório de percepção, integrando um Todo, constituído de alguns bilhões de seres, que formam por assim dizer a Humanidade Terrestre. Compondo, assim, apenas humilde família, no infinito concerto da vida cósmica, em que cada mundo guarda somente determinada família da Humanidade Universal, conhecemos, por enquanto, simplesmente as expressões da vida que nos fala mais de perto, limitados ao degrau de conhecimento que já escalamos. Dependendo dos nossos semelhantes, em nossa trajetória para a vanguarda evolutiva, à maneira dos mundos que se deslocam no Espaço, influenciados pelos astros que os cercam, agimos e reagimos uns sobre os outros, através da energia mental em que nos renovamos constantemente, criando, alimentando e destruindo formas e situações, paisagens e coisas, na estruturação dos nossos destinos. Nossa mente é, destarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios. A ideia é um “ser” organizado por nosso espírito, a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção. Do conjunto de nossas ideias resulta a nossa própria existência. O orador fez pequeno intervalo que ninguém ousou interromper e prosseguiu comentando: – Segundo é fácil de concluir, todos os seres vivos respiram na onda de psiquismo dinâmico que lhes é peculiar, dentro das dimensões que lhes são características ou na

frequência que lhes é própria. Esse psiquismo independe dos centros nervosos, de vez que, fluindo da mente, é ele que condiciona todos os fenômenos da vida orgânica em si mesma.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 1)

“MATÉRIA MENTAL. [...] Formas-pensamentos.

Pelos princípios mentais que influenciam em todas as direções, encontramos a telementação e a reflexão comandando todos os fenômenos de associação, desde o acasalamento dos insetos até a comunhão dos Espíritos Superiores, cujo sistema de aglutinação nos é, por agora, defeso ao conhecimento. Emitindo uma ideia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, ideia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposam o modo de sentir. É nessa projeção de forças, a determinarem o compulsório intercâmbio com todas as mentes encarnadas ou desencarnadas, que se nos movimenta o Espírito no mundo das formas-pensamentos, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo ou no-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha. Isso acontece porque, à maneira do homem que constrói estradas para a sua própria expansão ou que talha algemas para si mesmo, a mente de cada um, pelas correntes de matéria mental que exterioriza, eleva-se a gradativa libertação no rumo dos planos superiores ou estaciona nos planos inferiores, como quem traça vasto labirinto aos próprios pés.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 4)

“ONDA MENTAL. Onda hertziana. Examinando sumariamente as forças corpusculares de que se constituem todas as correntes atômicas do Plano Físico, podemos compreender, sem dificuldade, no pensamento ou radiação mental, a substância de todos os fenômenos do espírito, a expressar-se por ondas de múltiplas frequências. Valendo-nos de ideia imperfeita, podemos compará-lo, de início, à onda hertziana, tomando o cérebro como sendo um aparelho emissor e receptor ao mesmo tempo. **Pensamento e televisão.** Recordando, ainda, a recursos igualmente incompletos, recordemos a televisão, cujos serviços se verificam à base de poderosos feixes eletrônicos devidamente controlados. Nos transmissores dessa espécie, é imperioso conjugar a aparelhagem necessária à captação, transformação, irradiação e recepção dos sons e das imagens de modo simultâneo. De igual maneira, até certo ponto, o pensamento, a formular-se em ondas, age de cérebro a cérebro, quanto a corrente de elétrons, de transmissor a receptor, em televisão. Não desconhecemos que todo Espírito é fulcro gerador de vida onde se encontre. E toda espécie de vida começa no impulso mental. Sempre que pensamos, expressando o campo íntimo na ideação e na palavra, na atitude e no exemplo, criamos

pensamentos ou imagens-moldes que arrojamos para fora de nós, pela atmosfera psíquica que nos caracteriza a presença. Sobre todos os que nos aceitem o modo de sentir e de ser, consciente ou inconscientemente, atuamos à maneira do hipnotizador sobre o hipnotizado, verificando-se o inverso, toda vez que aderimos ao modo de ser e de sentir dos outros. O campo espiritual de quem sugestiona gera no âmbito da própria imaginação os esboços ou planos que se propõe exteriorizar, assemelhando-se, então, à câmara de imagens do transmissor vulgar, em que o iconoscópio, com o jogo de lentes adequadas, focaliza a cena sobre a face sensível do mosaico que existe numa das extremidades dele mesmo, iconoscópio, ao passo que um dispositivo explorador, situado na outra extremidade, fornece um feixe tênue de elétrons ou raio explorador que percorre toda a superfície do mosaico. Quando o raio explorador alcança a superfície do mosaico, desprende-se deste uma corrente elétrica de potência proporcional à luminosidade da região que está atravessando e, compreendendo-se que a maior ou menor luminosidade dos pontos diversos do mosaico equivale à imagem sobre ele mesmo refletida, perceberemos com facilidade que as variações de intensidade da corrente fornecida pelo mosaico equivalem à metamorfose das cenas em eletricidade, variações que respondem pelas modificações das cores e respectivos semitons. As imagens arremessadas através do dispositivo de focalização da câmara, atingindo o mosaico, se fazem invisíveis ao olhar comum. Nessa fase da transmissão, os vários pontos do mosaico acumulam maior ou menor corrente elétrica, segundo a porção de luz a incidir sobre eles. Somente depois dessa operação, que prossegue em variadas minudências técnicas, é que a cena passa ao transmissor da imagem, a reconstituir-se, através do cinescópio ou válvula da imagem, no aparelho receptor, válvula essa cujo funcionamento é quase análogo ao do iconoscópio, na transmissão, embora fisicamente não se pareçam.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 11)

“CARGAS ELÉTRICAS E CARGAS MENTAIS.

[...] **Correntes mentais construtivas.** Assim como a Natureza encontra, na distribuição harmoniosa das próprias energias, o caminho justo para o próprio equilíbrio, sustentando-se em movimento contínuo, o Espírito identifica, no trabalho ordenado com segurança, a trilha indispensável para o seu clima ideal de euforia. Quanto mais enobrecida a consciência, mais se lhe configurará a riqueza de imaginação e poder mental, surgindo, portanto, mais complexo o cabedal de suas cargas magnéticas ou correntes mentais, a vibrarem ao redor de si mesmo e a exigirem mais ampla quota de atividade construtiva no serviço em que se lhe plasmem vocação e aptidão. Seja no esforço intelectual em elevado labor, na criação artística, nas obras

de benemerência ou de educação, seja nas dedicações domésticas, nas tarefas sociais, nas profissões diversas, nas administrações públicas ou particulares, nos empreendimentos do comércio ou da indústria, no amanho da terra, no trato dos animais, nos desportos e em todos os departamentos de ação, o Espírito é chamado a servir bem, isto é, a servir no benefício de todos, sob pena de conturbar a circulação das próprias energias mentais, agravando os estados de tensão. **Correntes mentais destrutivas.** Os referidos estados de tensão, devidos a “núcleos de força na psicosfera pessoal”, procedem, quase sempre, à feição das nuvens pacíficas repentinamente transformadas pelas cargas anormais de elétrons livres em máquinas indutoras, atraindo os campos elétricos com que se fazem instrumentos da tempestade. Acumulando em si mesma as forças autogeradas em processos de profundo desequilíbrio, a alma exterioriza forças mentais desajustadas e destrutivas, pelas quais atrai as forças do mesmo teor, caindo, frequentemente, em cegueira obsessiva, da qual muitas vezes se afasta, desorientada, pela porta indesejável do remorso, após converter-se em intérprete de inqualificáveis delitos. Noutras circunstâncias, considerando-se que o processo da obliteração mental ou acumulação desordenada das nuvens de tensão no campo da aura se caracteriza por imensa gradação, se as criaturas conscientes não se dispõem à distribuição natural das próprias cargas magnéticas em trabalho digno estabelecem para si a degenerescência das energias. Nessa posição, emitem ondas mentais perturbadas, pelas quais se ajustam a Inteligências perturbadas do mesmo sentido, arrojando-se a lamentáveis estações de aviltamento, em ocorrências deploráveis de obsessão, nas quais as mentes desvairadas ou caídas em monoideísmo vicioso se refletem mutuamente. E chegadas a semelhantes conturbações, seja no arrastamento da paixão ou na sombra do vício, sofrem a aproximação de correntes mentais arrasadoras, oriundas dos seres empenhados à crueldade, por ignorância – encarnados ou desencarnados –, que, em lhes vampirizando a existência, lhes impõem disfunções e enfermidades de variados matizes, segundo os pontos vulneráveis que apresentem, criando no mundo vastas províncias de alienação e de sofrimento.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 15)

“Mariana, que tinha sede de luz, perguntou sem preâmbulos a Petitinga: — Ante essa prova do socorro dos nossos Guias Espirituais, eu não poderia, sempre que possível, estando ao lado do papai, ler-lhe «O Evangelho segundo o Espiritismo», de modo a nos ir instruindo lentamente nas lições da fé? É claro que procurarei não cansá-lo. Uma boa leitura, além de edificar, também distrai, não é mesmo? Petitinga fitou-a, admirado, e concordou prontamente: — De pleno acordo. É evidente que a messe de luz muito favorece

a riqueza da arca que a recebe. Muito bom esse alvitre, essa lembrança. A palavra evangelizante dirigida a ele atenderá, também, aos sofredores espirituais que porventura se lhe vinculem por esta ou aquela razão. Numa casa onde se acende a claridade do Evangelho, erguem-se defesas poderosas, impedindo a invasão das forças desagregadoras da erraticidade inferior. Quando um grupo ora, unido nos liames da comunhão pela prece, estabelecem-se resistências capazes de suportar as descargas da agressão da maldade originada num ou noutro plano da vida. A prece e a lição edificante transformam-se em potentes ondas de energia vivificadora que beneficia todos os que delas participam. E para deixar muito bem esclarecido o valor do nobre tentame, argumentou: — Ainda não conhecemos, devidamente, na Terra, o poder do pensamento. A mente atua dentro e fora do cérebro pelo qual se manifesta, atraindo ou repelindo forças compatíveis ou antagônicas. Todos sofremos os reflexos uns dos outros, na carne, como também daqueles que estagiam fora do invólucro material, com os nossos recursos possíveis de assimilação ou desassimilação. Nenhum homem consegue estacionar, livre das ondas de intercâmbio dessa ou de outra ordem, que nos envolvem incessantemente. Absorvemos como eliminamos as imagens que nos são peculiares, é caminhando com elas e atando-nos às suas amarras ou delas nos libertando, na direção da felicidade. Isto quer dizer que somos o que produzimos mentalmente, vivendo imanados aos nossos como aos pensamentos que recebemos dos outros... O Universo todo são permutas. A ideia que o homem plasma e cultiva, exterioriza e difunde, traduz o seu estado, a sua altura moral e espiritual. Ora, sintonizados com a ideia da Vida Excelsa, plasmaremos imagens superiores e viveremos emoções vitalizantes que nos esboçarão os pródromos da paz interior que, por fim, nos dominará. Marta, animada pela excelente explicação, indagou: — E no meu caso, meu amigo? Como o senhor não ignora, há mais de dez anos me encontro anestesiada pelo ópio das forças brutalizantes do Mundo Espiritual Inferior. No círculo de ação em que tenho labutado, agimos com as “forças da Natureza” e, ao recebermos o aliciamento de muitas Entidades, assumimos também compromissos para com elas. Poderei desfazer tudo isso, pura e simplesmente, sem sofrer danos e sem as desequilibrar? Após ligeira e necessária meditação, Petitinga elucidou: — Todo compromisso que assumimos espontaneamente merece consideração. No entanto, só um compromisso nos parece verdadeiro, irreversível: o que temos para nós próprio, para com a nossa evolução. Esse é intransferível, inderrogável. As Entidades que se nos vinculam ou com as quais nos imanamos tornam-se comensais das nossas emanções psíquicas, nutrindo-se das nossas forças, como ocorre nas obsessões. Aliás, em todo

processo em que há uma vinculação constringente de um desencarnado sobre um encarnado, ou vice-versa, deparamo-nos com uma obsessão em curso ou, quando menos, com uma fascinação a caminho do desastre obsessivo. A expressão «desfazer os vínculos» deve ser substituída por «modificar as vinculações», porque em verdade você não deseja abandoná-los, mas libertar-se do erro em que eles se demoram, para jornadaear na busca da harmonia que lhe faz falta. E após reflexão mais demorada, arrematou: — As «forças da Natureza» são os Espíritos, que podem ser definidos segundo Allan Kardec como: «Os seres inteligentes da Criação. Povoadam o universo, além do mundo material.» Ora, assim sendo, estagiam em diversos graus de evolução, desde os mais primitivos até aqueles mais elevados... Naturalmente que uma organização fisiopsíquica aclimatada às emanções fluídicas mais grosseiras se ressentirá, em se afastando do conúbio habitual de que se nutria. Jesus, porém, é o pão da vida e resolverá o problema. Não há porque recear. Ele a nutrirá com superior alimento. Acreditamos, também, que tomada a resolução de avançar noutra direção, não há como nem porque olhar para trás, demorando-se em receios, mantendo a sintonia com intuições deprimentes e superstições vulgares, que não merecem consideração, senão quando se deseja esclarecê-las. Sem dúvida, muitas vezes você experimentará dificuldades... Confie, porém, e avance! — Face ao exposto — afirmou Marta, convicta, sem titubeios —, pretendo, ainda hoje, libertar-me de talismãs e amuletos, objetos e indumentárias, cerrando, em definitivo, as portas do meu antigo «consultório» e abrindo a alma à luz do Senhor. E porque ainda estivesse compreensivelmente aclimatada aos hábitos dos cultos externos, extravagantes, ajoelhou-se, e, em tom patético, rogou a proteção dos Céus. Muito gentil, Petitinga ergueu-a e falou com bom-humor: — O servo fiel e vigilante está sempre de pé, esperando o serviço que lhe destina o Senhor... Todos sorrimos com a feliz interferência.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 14)

“Haviam sido liberados dezoito sofredores que ali, na região de angústias inomináveis, recompunham a vida íntima que desarticularam sob os golpes dos camartelos do ódio, da dissolução moral, das arbitrariedades. Permaneceram nos círculos vibratórios da Crosta terrestre, mergulhados nas densas faixas de desespero que eles mesmos liberaram e mantinham. A mente plasma, no fluido cósmico, sob o império da vontade, o que mais ambiciona, vitalizando com as ações, que são decorrência dos desejos acalentados, o que lhe servirá de suporte para a elevação espiritual ou armadilha para a queda. Em lugares onde o comportamento mental é pernicioso, idêntico em muitas pessoas pela gama de interesses vívidos, surgem redutos de incúria e sofrimento espiritual, que se

ampliam de acordo com a continuidade de exteriorizações psíquicas, como graças ao volume e teor delas. A recíproca é verdadeira: onde se concentram tons psíquicos superiores, abrem-se vias de comunicação com as Esferas elevadas, surgem construções de paz e Espíritos benignos convivem com as almas que se lhes afinam. A sintonia, no Universo, como a gravitação, é lei da vida. Vive-se no lugar e com quem se deseja psiquicamente, mesmo que se não o frua na esfera física. As respostas da vida são conforme o conteúdo dos pedidos e não de acordo com a embalagem exterior... Há um intercâmbio vibratório em todos e em tudo, respondendo pela harmonia universal.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 23)

“Sintonia espiritual. Na gloriosa majestade do Cosmo vigem as leis de afinidade por equivalência de onda vibratória, produzindo a sintonia entre as mentes, os sentimentos e os seres. Conforme as faixas em que se distendem as mensagens emitidas por alguma fonte, logo se dá o processo de afinidade em ressonância, robustecendo as forças no encontro com outra semelhante. Trata-se da sintonia, mediante a qual os semelhantes se mesclam, enquanto os diferentes teores vibratórios chocam-se e repelem-se. Toda vibração desencadeada repercute no Infinito até encontrar outra idêntica, na qual se incorpora. Eis porque, uma emanção de prece alcança o Incomparável Amor, da mesma forma que uma faísca de ira transforma-se em incêndio devorador, por encontrar equivalente que lhe aumenta a capacidade destrutiva. Quando se esmaga delicada flor, agride-se a harmonia cósmica, e quando se ensemanta um grão que germinará, abençoa-se o Universo. No que diz respeito aos habitantes da Terra, existe uma interdependência espiritual e moral entre todos os seres com os quais convivem, em decorrência do processo evolutivo, de acordo com as faixas vibratórias do pensamento e da emoção em que se detêm. Vegetais e animais desenvolvem-se com vigor e saúde quando situados em ambientes de harmonia, quais a Natureza, em si mesma, ou nos ninhos domésticos onde o amor vige, ocorrendo o contrário, quando as emanções da mente e da emoção possuem teor deletério e perverso. Nas contingências primárias do processo de crescimento espiritual do ser humano, enquanto predominam as paixões asselvajadas, filhas dos instintos primitivos, o intercâmbio psíquico entre os espíritos e as criaturas faz-se tão vigoroso que dificilmente se poderiam separar as ações e os seus reflexos como decorrência de uns ou de outros. O mesmo fenômeno dá-se entre as pessoas que se unem em comunidades idênticas em sentimentos e aspirações, quando se transferindo para a Erraticidade, ao manterem as mesmas características, proporcionam o surgimento de Esferas espirituais da mesma constituição estrutural. Nestas últimas, congregam-se aqueles que

são semelhantes, passando a influenciar, positiva ou negativamente, os grupos humanos que permanecem na indumentária fisiológica da densidade física. Em razão da prevalência de lucidez e parcial liberdade de que desfrutam os desencarnados, imantam-se com mais facilidade aos complexos receptores humanos, em cujos campos magnéticos detêm as expressões de energia exteriorizadas pela mente e pelas emoções, estabelecendo-se automático intercâmbio, mesmo que inconsciente para ambos, ou especialmente para o transeunte carnal... Emitindo mensagens próprias, em ondas específicas, relativas à densidade de energia externada pelo pensamento humano, os espíritos primários, padecentes de carências diversas, são atraídos aos fulcros de irradiação e neles se instalam, passando a vivenciar as sensações e as emoções dos seus hospedeiros, desse modo, gerando demorados processos de vampirização. Usurpando as forças daqueles aos quais se conectam pelo pensamento, pela emoção, pelos desejos, nutrem-se das suas cargas de energia animal, revigorando-se e acreditando-se em prosseguimento da existência física, logo passando a comandar-lhes o comportamento e as experiências. Materializando-se através do mecanismo da ideoplastia grosseira, participam do tempo e do espaço terrestre em que se encontram, volvendo ao estágio ilusório de viandante carnal, tornando-se comensal da existência do obsessivo. Fazem recordar moluscos que carregam a concha na qual se resguardam. Tornam-se a carapaça da vítima, por esta última sustentada e conduzida, sob a injunção dolorosa do peso de que se constitui, seguem-na por toda parte, integrando-se ao seu contexto existencial. É tão expressiva e frequente a ocorrência, porque o estágio moral inferior predomina entre as criaturas que enxameiam em todo lugar, que dão surgimento a infestações desagregadoras e de curso demorado. Por outro lado, à medida que as experiências dignificadoras alçam o ser a mais elevados níveis de moralidade e de aspirações, a sintonia faz-se com entidades felizes, que erguem o psiquismo a campos mais dignificados do pensamento, permitindo-lhe o trânsito refazente e ditoso pelas Regiões enobrecidas. Energias balsâmicas e vigorosas sustentam-lhe as estruturas do perispírito, tornando-o mais sutil, de forma que possa imprimir no corpo somático o bem-estar e o equilíbrio, como decorrência das energias captadas nesses Núcleos benfazejos. Por consequência, o espírito libera-se parcialmente da matéria, ampliando a facilidade do desdobramento da consciência e experiência admiráveis conquistas e aprendizagens nessas Esferas superiores sob o direcionamento dos seus Guias espirituais. Mesmo que as circunstâncias reencarnatórias apresentem-se graves ou dolorosas, o pensamento em clima de bênçãos sintoniza com as Fontes geradoras do Bem, canalizando recursos preciosos para a sua vilegiatura humana.

O otimismo, a satisfação de viver, o sentimento de gratidão a Deus, formam um quadro de harmonia interior que passa a externar irradiações geradoras de simpatia, ao mesmo tempo produzindo sintonias relevantes, que capacitam para suportar as provações com redobrada coragem e não menor emoção de paz. A sintonia mental e moral dá-se nos mais variados níveis de vibrações: ascendente e descendente. Por efeito das cargas orgânicas e dos instintos predominantes na conduta, os desejos infrenes e perturbadores emitem ondas poderosas que se expandem nos campos constituídos pelo mesmo teor de energia em que se debatem os infelizes desencarnados, logo alcançando-os e atraindo-os para o convívio emocional. As emissões de ondas excêntricas, caracterizadas pela sensualidade, pelo egoísmo, pela cólera, pelo ciúme, enfim, pelas fraquezas morais do ser humano, são portadoras de vibrações densas de baixa frequência, que irão fundir-se em campos constituídos da mesma qualidade vibratória. No que diz respeito aos comportamentos arbitrários e delituosos, ocorre, não poucas vezes, que o paciente desperte para a necessidade de elevação e busque deslindar-se dos atrativos grosseiros a que se imana no psiquismo dos espíritos que o exploram. Estes, sentindo-se despojados do seu clima alimentador, agora em outra vibração, promovem situações perturbadoras, elaboram planos audaciosos para comprometer a vítima, a fim de continuarem no predomínio sobre os ideais novos em fase de fixação, conservando-a em submissão. Ciladas bem urdidas são programadas, enquanto acicatam os desejos e intentam assenhorear-se-lhe novamente do pensamento, a fim de trazê-la de volta ao estágio anterior. E quando não o conseguem de imediato, cegam-se pelo ódio e planejam a sua eliminação, tornando-se-lhe adversário inclemente. Acostumados ao alimento mental que os sustentava, desarvoram-se e sofrem-lhe a ausência de nutrição. Não lhe podendo desfrutar mais dos fluidos grosseiros, pensam em interromper-lhe a existência corporal, como se estivessem acima do Bem e do Mal, permitindo-se realizar todas as alucinações que lhes aprazem. Olvidam-se de Deus, que subestimam, e redobram as investidas objetivando cansar, desanimar, desviar da senda, vencer... E nesse momento que o recurso da prece se constitui terapia valiosa, indispensável, de modo a desviar o pensamento das baixas vibrações e alçá-lo em direção oposta, alcançando os Núcleos de renovação e de progresso. Existem, sem dúvida, igualmente, os campos vibratórios de paz e de refazimento ao alcance de todos que os queiram atingir, bem como Missionários do amor e da caridade estão sempre a serviço do Supremo Bem, aguardando solicitação. Basta que o enfermo espiritual se permita uma brecha de reflexão e de real desejo de elevar-se, e dispara um sinal que o liga aos receptores de alguma

dessas Estações de vigilância, logo recebendo a resposta, em forma de socorro, ânimo e libertação. Encerando-se, porém, em cápsulas construídas pelas paixões inferiores, como ocorre com o bicho da seda que produz o casulo em que se encarcera e morre, torna-se-lhe difícil a sintonia com Deus, o encontro emocional com o Criador. Vitalizando o pensamento com a vontade de ser livre, porém, rompe-se-lhe o invólucro que o libertará, qual ocorre com a borboleta que foge, flutuando na direção do ar leve, liberada do cárcere em que esteve hibernada em demorada transformação. Nessa ascensão mental e moral decorrente do esforço espiritual aplicado, aqueles espíritos com os quais antes o indivíduo sintonizava, a pouco e pouco, vão-se beneficiando, em razão das emissões de ondas superiores enviadas em sua direção, que lhes chegam vitalizadas por energias saudáveis e benéficas que passam a aspirar... Tendo havido uma interdependência psíquica e emocional, permanecem os vínculos morais da ocorrência infeliz, agora transformando-se em oportunidade de recuperação da saúde espiritual, de ascensão e de necessidade do encontro com a Consciência Divina, aliás, ínsita em todos, que deve ser penetrada através da reflexão e da mudança de comportamento pessoal. A sintonia com os Mensageiros da Verdade propicia a libertação dos estigmas ancestrais, diluindo as sequelas do mal anterior vivenciado, trabalhando as emoções, que se enriquecem de aspirações nobres e expressões de harmonia, que se constituem estímulos novos ao avanço incessante no rumo da plenitude que poderá ser alcançada. É natural que todos hajam passado por essa vereda de sofrimentos, de lutas, de sombras, a noite escura a que se referia São João da Cruz, nas suas profundas reflexões ante a claridade diamantina do Inefável Amor. Cumpre a todos, espíritos e criaturas humanas, o dever de sublimar a sintonia psíquica, alçando-se às zonas nobres da Espiritualidade, a fim de desfrutarem de paz e real alegria de viver desde agora.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Sintonia espiritual)

IV.12. Pensamento como poder criador e aglutinante

“Coalhava-se a rua de tipos característicos da anormalidade deprimente. Aleijados de todos os matizes, idiotas de máscaras variadas, homens e mulheres de fisionomia torturada, iam e vinham. Ofereciam a perfeita impressão de alienados mentais. Exceção de alguns que nos fixavam de olhar suspeito e cruel, com manifesta expressão de maldade, a maior parte, a meu ver, situava-se entre a ignorância e o primitivismo, entre a amnésia e o desespero. Muitos demonstravam-se irritadiços ante a calma de que lhes dávamos testemunho. Perante os dismantelos e detritos a transparecerem de

toda parte, conclui que o esforço coletivo se mantinha ausente de qualquer serviço metódico, junto à matéria do plano. A conversação ociosa era, ali, o traço dominante. O instrutor informou-nos, então, com muito acerto, de que as mentes extraviadas, de modo geral, lutam com ideias fixas, implacáveis e obcecantes, gastando longo tempo a fim de se reajustarem. Rebaixadas pelas próprias ações, perdem a noção do bom-gosto, do conforto construtivo, da beleza santificante e se entregam a lastimável relaxamento. Com efeito, a paisagem, sob o ponto de vista de ordem, deixava muito a desejar. As edificações, excetuados os palácios da praça governativa, onde se notava a movimentação de grande massa de escravos, desapontavam pelo aspecto e condições em que se mantinham. As paredes, revestidas de substância semelhante ao lodo, mostravam-se repelentes não só à visão, mas também ao olfato, pelas exalações desagradáveis. A vegetação, em todos os ângulos, era escassa e mirrada. Gritos humanos, filhos da dor e da inconsciência, eram frequentes, provocando-nos sincera piedade. Fossem poucos os transeuntes infelizes e poder-se-ia pensar num serviço metódico de assistência individual; mas, que dizer de uma cidade constituída por milhares de loucos declarados? Dentro de colmeia dessa natureza, o homem sadio que tentasse impor socorro ao espírito geral não seria efetivamente o alienado mental, aos olhos alheios? Impraticável, por isso, qualquer organização beneficente visível, a não ser através de serviço arriscado qual aquele de que o nosso instrutor se incumbira, tocado pela renúncia, na obra de santificação com o Cristo. Além das perturbações reinantes, capazes de estabelecer a guerra de nervos nas criaturas mais equilibradas da Crosta do Mundo, pairava na atmosfera sufocante nevoeiro que mal nos deixava entrever o horizonte distanciado. O Sol, através de espessa cortina de fumo, cuja procedência me não foi possível determinar, era visto por nós, à semelhança de uma bola de sangue afogado. Elói, forçando o bom humor, perguntou, a propósito, se o inferno era um hospício de proporções assim tão vastas, ao que o nosso orientador respondeu aquiescendo e informando que o homem comum não possui senão vaga ideia da importância das criações mentais na própria vida. – A mente estuda, arquiteta, determina e materializa os desejos que lhe são peculiares na matéria que a circunda, – esclareceu Gúbio, atencioso, – e essa matéria que lhe plasma os impulsos é sempre formada por vidas inferiores inumeráveis, em processo evolutivo, nos quadros do Universo sem fim. Marcháramos, atravessando compridos labirintos e achamo-nos diante de extensa edificação que, com boa vontade, nomearemos por asilo de Espíritos desamparados. Enquanto encarnado, ser-me-ia extremamente difícil acreditar numa cena igual à que se nos desdobrou à visão inquieta. Nenhum sofrimento,

depois da morte do corpo, me tocara tão fundo o coração. A gritaria, em torno, era de espantar. Varamos lodosa muralha e, depois de avançarmos alguns passos, o pavoroso quadro se abriu dilatadamente. Largo e profundo vale se estendia, habitado por toda a espécie de padecimentos imagináveis. Sentíamo-nos, agora, na extremidade de um planalto que se quebrava em abrupto despenhadeiro. À frente, numa distância de dezenas de quilômetros, sucediam-se furnas e abismos, qual se nos situássemos perante imensa cratera de vulcão vivo, alimentado pela dor humana, porque, lá dentro, turbilhões de vozes explodiam, ininterruptos, parecendo estranha mistura de lamentos de homens e animais. Tremeram-me as fibras mais íntimas e, não só em mim, mas igualmente no espírito de Elói, o movimento era de recuo instintivo. O orientador, no entanto, estava firme. Longe de endossar-nos a fraqueza, ignorou-a, deliberadamente, e asseverou, calmo: – Amontoam-se aqui, como se fossem lenhos secos, milhares de criaturas que abusaram de sagrados dons da vida. São réus da própria consciência, personalidades que alcançaram a sobrevivência sobre as ruínas do próprio “eu”, confinados em escuro setor de alienação mental. Esgotam resíduos envenenados que acumularam na esfera íntima, através de longos anos vazios de trabalho edificante, no mundo físico, entregando-se, presentemente, a infundáveis dias de tortura redentora. E, talvez porque nosso espanto crescesse à vista da tela aflitiva e tenebrosa, acrescentou, sereno: – Não estamos contemplando senão a superfície de trevosos cárceres a se confundirem com os precipícios subcrostais.” (AL, *Libertação*, Capítulo 7)

“A pobrezinha sentou-se, mais calma; e reparando que um dos irmãos presentes buscava salientar-se, no intuito de relatar-nos a experiência de que era vítima, roguei atenção, em torno das palavras que pronunciaria. Fitei-o, vigilante, e notei-lhe o singular brilho dos olhos. Parecia alucinado, abatido. Com a expressão típica da loucura cronicada, falou, aflito: – Permite-me indagar? – Perfeitamente – respondi surpreso. – Que é o pensamento? Não aguardava a pergunta que me era desfechada, mas, centralizando minha capacidade receptiva, no propósito de responder com acerto, elucidei como pude: – O pensamento é, sem dúvida, força criadora de nossa própria alma e, por isto mesmo, é a continuação de nós mesmos. Através dele, atuamos no meio em que vivemos e agimos, estabelecendo o padrão de nossa influência, no bem ou no mal. – Ah! – fez o estranho cavalheiro, um tanto atormentado – a explicação significa que as nossas ideias exteriorizadas criam imagens, tão vivas quanto desejamos? – Indiscutivelmente. – Que fazer, então, para destruir nossas próprias obras, quando interferimos, erroneamente, na vida mental dos outros? – Auxilie-nos a apreciar seu caso, contando-nos alguma coisa de sua experiência

– pedi com interesse fraternal. O interlocutor, provavelmente tocado pelo tom de minha solicitação afeetuosa, expôs a perturbação que lhe vagava no íntimo, com frases incisivas, quentes de sinceridade e dor: – Fui homem de letras, mas nunca me interessei pelo lado sério da vida. Cultivava o chiste malicioso e com ele o gosto da volúpia, estendendo minhas criações à mocidade de meus dias. Não consegui posição de evidência, nos galhardins da fama; entretanto, mais que eu poderia imaginar, impressionei, destrutivamente, muitas mentalidades juvenis, arrastando-as a perigosos pensamentos. Depois do meu decesso, sou incessantemente procurado pelas vítimas de minhas insinuações sutis, que me não deixam em paz e, enquanto isto ocorre, outras entidades me buscam formulando ordens e propostas referentes a ações indignas que não posso aceitar. Compreendi que me achava em ligação, desde a existência terrestre, com enorme quadrilha de Espíritos perversos e galhofeiros que me tomavam por aparelho invigilante de suas manifestações indesejáveis. No fundo, eu mantinha por mim mesmo, no próprio espírito, suficiente material de leviandade e malícia, que eles exploraram largamente, adicionando aos meus erros os erros maiores que intentariam debalde praticar, sem meu concurso ativo. Acontece, porém, que abrindo meus olhos à verdade, na esfera em que hoje respiramos, em vão busco adaptar-me a processos mais nobres de vida. Quando não sou atribulado por mulheres e homens que se afirmam prejudicados pelas ideias que lhes infundi, na romagem carnal, certas formas estranhas me apoquentam o mundo interior, como se vivessem incrustadas à minha própria imaginação. Assemelham-se a personalidades autônomas, se bem que sejam visíveis tão somente aos meus olhos. Falam, gesticulam, acusam-me e riem-se de mim. Reconheço-as sem dificuldade. São imagens vivas de tudo o que meu pensamento e minha mão de escritor criaram para anestesiar a dignidade de meus semelhantes. Investem contra mim, apupam-me e vergastam-me o brio, como se fossem filhos rebelados contra um pai criminoso. Tenho vivido ao léu, qual alienado mental que ninguém compreende! Como entender, porém, os pesadelos que me possuem? Somos o domicílio vivo dos pensamentos que geramos ou as nossas ideias são pontos de apoio e manifestação dos Espíritos bons ou maus que sintonizam conosco? Havia nos ouvintes significativa expectativa, não obstante a calma reinante. O infeliz deixou de falar, titubeante. Demonstrava-se atormentado por energias estranhas ao próprio campo íntimo, apalermado e trêmulo à nossa vista. Fitou em mim os olhos esgazeados de esquisito terror e, correndo aos meus braços, bradou: – Ei-lo! Ei-lo que chega por dentro de mim... É uma das minhas personagens na literatura fescenina! Ai de mim! Acusa-me! Gargalha irônica e tem as mãos

crispadas! Vai enforcar-me!... Alçando a destra à garganta, denunciava, aflito: – Serei assassinado! Socorro! Socorro!...” (AL, *Libertação*, Capítulo 17)

“Terminada que foi a operação inesquecível, Raul solicitou ainda alguns instantes de tranquilidade e expectativa. Competia ao grupo aguardar a manifestação de algum dos orientadores da casa, à guisa de instrução geral no encerramento. Dona Celina rogou licença para notificar que vira surgir no recinto um ribeiro cristalino, em cuja corrente muitos enfermos se banhavam, e Dona Eugênia seguiu-a, explicando que chegara a contemplar um edifício repleto de crianças, entoando hinos de louvor a Deus. Registramos semelhantes comunicados com surpresa. Nada víamos ali que pudesse recordar sequer de longe um córrego de águas curativas ou algum pavilhão de serviço à infância. A sala era demasiado estreita para comportar tais cenários. Fitando-me, intrigado, Hilário parecia perguntar se as duas médiuns não estariam sob o influxo de alguma perturbação momentânea. Assinalando-nos a estranheza, o Assistente considerou, prestimoso: – Importa não esquecer que ambas se encontram reunidas na faixa magnética de Clementino, fixando as imagens que a mente dele lhes sugere. Viram-lhe os pensamentos, relacionados com a obra de amparo aos doentes e com a formação de uma escola, que a instituição pretende, em breve, mobilizar no socorro ao próximo. Ideias, elaboradas com atenção, geram formas, tocadas de movimento, som e cor, perfeitamente perceptíveis por todos aqueles que se encontram sintonizados na onda em que se expressam. Não podemos olvidar que há fenômenos de clarividência e clariaudiência que partem da observação ativa dos instrumentos mediúnicos, identificando a existência de pessoas, paisagens e coisas exteriores a eles próprios, qual acontece na percepção terrestre vulgar, e existem aqueles que decorrem da sugestão que lhes é trazida pelo pensamento criador dos amigos desencarnados ou encarnados, estímulos esses que a mente de cada médium traduz, segundo as possibilidades de que dispõe, favorecendo, por isso mesmo, as mais díspares interpretações. – Oh! – exclamou Hilário, entusiasmado – temos aí a técnica dos obsessores quando improvisam para as suas vítimas variadas impressões alucinatórias... – Sim, sim... – confirmou o Assistente. É isso mesmo No entanto, evitemos a conversação agora. O trabalho da reunião vai terminar.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 12)

“Nos domínios do espírito não existe a neutralidade. Evoluímos com a luz eterna, segundo os desígnios de Deus, ou estacionamos na treva, conforme a indébita determinação de nosso “eu”. Não vale encarnar-se ou desencarnar-se simplesmente. Todos os dias, as formas se fazem e se desfazem. Vale a renovação interior com acréscimo de visão, a fim de seguirmos à frente, com

a verdadeira noção da eternidade em que nos deslocamos no tempo. Consciência pesada de propósitos malignos, revestida de remorsos, referta de ambições desvairadas ou denegrida de aflições não pode senão atrair forças semelhantes que a encadeiam a torvelinhos infernais. A obsessão é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas. Pensamos, e imprimimos existência ao objeto idealizado. A resultante visível de nossas cogitações mais íntimas denuncia a condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos. Se persistimos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornadaem nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores. Imaginar é criar. E toda criação tem vida e movimento, ainda que ligeiros, impondo responsabilidade à consciência que a manifesta. E como a vida e o movimento se vinculam aos princípios de permuta, é indispensável analisar o que damos, a fim de ajuizar quanto àquilo que devamos receber. Quem apenas mentalize angústia e crime, miséria e perturbação, poderá refletir no espelho da própria alma outras imagens que não sejam as da desarmonia e do sofrimento? Um viciado entre os santos não lhes reconheceria a pureza, de vez que, em se alimentando das próprias emanções, nada conseguiria enxergar senão as próprias sombras. Quem vive a procurar pedras na estrada, certamente não encontrará apenas calhaus subservientes. Quem se detenha indefinidamente na medição de lama está ameaçado de afogamento no lodo. O viajante fascinado pelos sarçais, à beira do caminho, sofre o risco de enlouquecer entre os espinheiros do mato inculto. Vigiem o pensamento, purificando-o no trabalho incessante do bem, para que arrojemos de nós a grilheta capaz de acorrentar-nos a obscuros processos de vida inferior. É da forja viva da ideia que saem as asas dos anjos e as algemas dos condenados. Pelo pensamento, escravizamo-nos a troncos de suplício infernal, sentenciando-nos, por vezes, a séculos de peregrinação nos trilhos da dor e da morte.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 13)

“Refletia quanto ao problema dos moldes mentais na vida de cada um de nós, quando o Assistente, certo me surpreendendo a indagação, acentuou bem-humorado: – Aqui, é fácil reconhecer que cada coração edifica o inferno em que se aprisiona, de acordo com as próprias obras. Assim, temos conosco os diabos que desejamos, segundo o figurino escolhido ou modelado por nós mesmos. O serviço assistencial, porém, exigia cautelosa atenção e, por isso, removemos a enferma para o aposento limpo e bem-posto que a esperava.

Decorridos alguns minutos, voltamos ao átrio, então descongestionado e silencioso. Apenas algumas sentinelas da noite velavam, infatigáveis e atentas. Os tormentos entrevistados compeliavam-me a pensar. Muito já estudara acerca de pensamento e fixação mental, todavia, a angústia daquelas almas recém-desencarnadas me infundia compaixão e quase terror. Confiei ao amigo que nos acompanhava, bondoso, a indefinível tortura de que me via objeto e o Assistente esclareceu com sabedoria: – Em verdade, estamos ainda longe de conhecer todo o poder criador e aglutinante encerrado no pensamento puro e simples, e, em razão disso, tudo devemos fazer por libertar os entes humanos de todas as expressões perturbadoras da vida íntima. Tudo o que nos escraviza à ignorância e à miséria, à preguiça e ao egoísmo, à crueldade e ao crime é fortalecimento da treva contra a luz e do inferno contra o Céu. E talvez porque desejasse ardentemente mais alguma anotação, em torno do transcendente assunto, Silas juntou: – Recorda-se de haver lido alguma memória, alusiva às primeiras experiências de Marconi, nos albores do telégrafo sem fio? – Sim – respondi –, lembro-me de que o sábio, ainda muito jovem, se consagrou ao estudo das observações de Henrique Hertz, o grande engenheiro alemão que realizou importantes experiências sobre as ondulações elétricas, comprovando as teorias da identidade da transmissão entre a eletricidade, a luz e o calor irradiante, e sei que, certa feita, tomando-lhe o oscilador e conjugando-o com a antena de Popoff e com o receptor de Branly, no jardim da casa paterna, consegui transmitir sem fio os sinais do alfabeto Morse. Mas... Que tem isso a ver com o pensamento? Assistente sorriu e falou: – A referência é significativa para as nossas considerações. Além dela, volvamos à televisão, uma das maravilhas da atualidade terrestre... E acrescentou: – Reporto-me ao assunto para lembrar que na radiofonia e na televisão os elétrons que carregam as modulações da palavra e os elementos da imagem se deslocam no espaço com velocidade igual à da luz, ou seja, a trezentos mil quilômetros por segundo. Ora, num só local podem funcionar um posto de emissão e outro de recepção, compreendendo-se que, num segundo, as palavras e as imagens podem ser irradiadas e captadas, simultaneamente, depois de atravessarem imensos domínios do espaço, em fração infinitesimal de tempo. Imaginemos agora o pensamento, força viva e atuante, cuja velocidade supera a da luz. Emitido por nós, volta inevitavelmente a nós mesmos, compeliendo-nos a viver, de maneira espontânea, em sua onda de formas criadoras, que naturalmente se nos fixam no espírito quando alimentadas pelo combustível de nosso desejo ou de nossa atenção. Daí, a necessidade imperiosa de nos situarmos nos ideais mais nobres e nos propósitos mais puros da vida, porque energias atraem

energias da mesma natureza, e, quando estacionários na viciação ou na sombra, as forças mentais que exteriorizamos retornam ao nosso espírito, reanimadas e intensificadas pelos elementos que com elas se harmonizam, engrossando, dessa forma, as grades da prisão em que nos detemos irrefletidamente, convertendo-se-nos a alma num mundo fechado, em que as vozes e os quadros de nossos próprios pensamentos, acrescidos pelas sugestões daqueles que se ajustam ao nosso modo de ser, nos impõem reiteradas alucinações, anulando-nos, de modo temporário, os sentidos sutis. E, depois de ligeira pausa, concluiu: – Eis porque, efetuada a supressão do corpo somático, no fenômeno vulgar da morte, a criatura desencarnada, movimentando-se num veículo mais plástico e influenciável, pode permanecer longo tempo sob o cativeiro de suas criações menos construtivas, detendo-se em largas faixas de sofrimento e ilusão com aqueles que lhe vivem os mesmos enganos e pesadelos. A explicação não podia ser mais clara.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 4)

“ALMA E DESENCARNAÇÃO. [...] Forma carnal. Todavia, assim como o germe para desenvolver-se no ovo precisa aquecer-se ao calor da ave que o acolha maternalmente ou do ambiente térmico apropriado, no recinto da chocadeira, e assim como a semente, para liberar os princípios germinativos do vegetal gigantesco em que se converterá, não prescinde do berço tépido no solo, os Espíritos desencarnados, sequiosos de reintegração no mundo físico, necessitam do vaso genésico da mulher que com eles se harmoniza, nas linhas da afinidade e, conseqüentemente, da herança, vaso esse a que se aglutinam, mecanicamente, e onde, conforme as leis da reencarnação, operam em alguns dias todas as ocorrências de sua evolução nos reinos inferiores da Natureza. Assimilando recursos orgânicos com o auxílio da célula feminina, fecundada e fundamentalmente marcada pelo gene paterno, a mente elabora, por si mesma, novo veículo fisiopsicossomático, atraindo para os seus moldes ocultos as células físicas a se reproduzirem por cariocinese, de conformidade com a Orientação que lhes é imposta, isto é, refletindo as condições em que ela, a mente desencarnada, se encontra. Plasma-se-lhe, desse modo, com a nova forma carnal, novo veículo ao Espírito, que se refaz ou se reconstitui em formação recente, entretecido de células sutis, veículo este que evoluirá igualmente depois do berço e que persistirá depois do túmulo.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 12)

“ALMA E FLUÍDOS. [...] Plasma criador da mente. É pelo fluído mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz notavelmente acelerado. Pela troca dos pensamentos de cultura e beleza, em dinâmica expansão, os grandes princípios da Religião e da Ciência, da Virtude e da Educação, da Indústria e da Arte descem das Esferas Sublimes e

impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que, gradativamente, se acomoda a novos hábitos. Épocas imensas despendera o princípio inteligente para edificar os prodígios da sensação e do automatismo, do instinto e da inteligência rudimentar; entretanto, com a difusão do plasma criador oriundo da mente, em circuitos contínuos, consolida-se a reflexão avançada entre o Céu e a Terra, e os fluídos mentais ou pensamentos atuantes, no reino da alma, imprimem radicais transformações no veículo fisiopsicossomático, associando e desassociando civilizações numerosas para construí-las de novo, em que o homem, herdeiro da animalidade instintiva, continua, até hoje, no trabalho progressivo de sua própria elevação aos verdadeiros atributos da Humanidade. Uberaba, 12/3/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“As aspirações, os desejos fortes produzem o destino futuro do homem. Conforme desejar, sua vontade será posta em ação, do que resultará conquista ou perda no comércio moral e espiritual da vida. Os apegos de qualquer procedência, durante a vida física, impõem que após a morte prossigam interessando com o mesmo vigor com que foram estruturados antes. A instabilidade no dever, tanto quanto a fixação nos desejos primários criam aflições e conjunturas amargas, em razão do seu conteúdo pleno de insatisfação e revolta. Somente a visão correta dos valores terrenos proporciona a sua utilização equilibrada, para posteriores avaliações, aceitação ou recusa do seu prosseguimento. O discernimento, por sua vez, clarifica a mente e liberta o sentimento daquilo que é prejudicial, inspirando as atividades perenes do amor sem posse, responsável pela liberdade. Nos Provérbios, capítulo XXIII, versículo 7, encontra-se registrada essa opção, nos seguintes termos: “O homem é aquilo que pensa no seu coração.” Naturalmente que, os últimos pensamentos não irão definir as futuras engrenagens de que o Espírito se utilizará na porvindoura reencarnação. Todavia, contribuirão de forma acentuada, não por serem os finais, senão porque refletem todos os hábitos vividos durante a existência, plasmadores dos envoltórios necessários, para a reeducação e aquisição de novos títulos de enobrecimento para o viajor eterno. Os pensamentos são os modeladores do ser, porque são os promotores dos atos. Assim como o homem pensa, naturalmente se comporta. Exceção feita às aparências mascaradas pela compostura social, o indivíduo é, em realidade, aquilo que cultiva na mente. A ação do pensamento na vida do homem que o utiliza é tão vital quanto a do Sol nas células, na vida... O fatalismo biológico estabelecido mediante o nascer, viver e morrer ou transformar-se é inexorável. Aprender a utilizar-lhe o ciclo, a fim de formular e conseguir

metas iluminativas para o Espírito eterno, eis o que cumpre realizar, todos aqueles que se empenham na conquista da vida em si mesma, além das conjunturas celulares.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Morrendo para viver)

IV.13. Necessidade de cultivar bons pensamentos

“[...] – Quando alguém nutre o desejo de perpetrar uma falta está invocando forças inferiores e mobilizando recursos pelos quais se responsabilizará. Através dos impulsos infelizes de nossa alma, muitas vezes descemos às desvairadas vibrações da cólera ou do vício e, de semelhante posição, é fácil cairmos no enredado poço do crime, em cujas furnas nos ligamos, de imediato, a certas mentes estagnadas na ignorância, que se fazem instrumentos de nossas baixas idealizações ou das quais nos tornamos deploráveis brinquedos na sombra. Todas as nossas aspirações movimentam energias para o bem ou para o mal. Por isso mesmo, a direção delas permanece afeta à nossa responsabilidade. Analisemos com cuidado a nossa escolha, em qualquer problema ou situação do caminho que nos é dado percorrer, porquanto o nosso pensamento voará, diante de nós, atraindo e formando a realização que nos propomos atingir e, em qualquer setor da existência, a vida responde, segundo a nossa solicitação. Seremos devedores dela pelo que houvermos recebido. O Ministro sorriu benevolente e lembrou: – Estejamos convictos, porém, de que o mal é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto de curta ou longa duração, a dissolver-se, por fim, no bem infinito, à medida que se reeducam as Inteligências que a ele se aglutinam e afeiçoam. O Senhor tolera a desarmonia, a fim de que por intermédio dela mesma se efetue o reajustamento moral dos espíritos que a sustentam, de vez que o mal reage sobre aqueles que o praticam, auxiliando-os a compreender a excelência e a imortalidade do bem, que é o inamovível fundamento da Lei. Todos somos senhores de nossas criações e, ao mesmo tempo, delas escravos infortunados ou felizes tutelados. Pedimos e obtemos, mas pagaremos por todas as aquisições. A responsabilidade é princípio divino a que ninguém poderá fugir.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 1)

“REFLEXO CONDICIONADO. Importância da reflexão. Entendendo-se que toda mente vibra na onda de estímulos e pensamentos em que se identifica, facilmente perceberemos que cada Espírito gera em si mesmo inimaginável potencial de forças mento-eletromagnéticas, exteriorizando nessa corrente psíquica os recursos e valores que acumula em si próprio. Daí nasce a importância da reflexão em todos os setores

da vida. É que, gerando força criativa incessante em nós, assimilamos, por impulso espontâneo, as correntes mentais que se harmonizam com o nosso tipo de onda, impondo às mentes simpáticas o fruto de nossas elucubrações e delas recolhendo o que lhes seja característico, em ação que independe da distância espacial, sempre que a simpatia esteja estabelecida e, com mais objetividade e eficiência, quando o serviço de troca mental se evidencie assegurado conscientemente. [...]

Uso do discernimento. A liberdade de escolha, na pauta das Leis Divinas, é clara e incontestável nos processos da consciência. Ainda mesmo em regime de prisão absoluta, do ponto de vista físico, o homem, no pensamento, é livre para eleger o bem ou o mal para as rotas do Espírito. O discernimento deve ser, assim, usado por nós outros à feição de leme que a razão não pode esquecer à matroca, de vez que se a vida física está cercada de correntes eletrônicas por todos os lados, a vida espiritual, da mesma sorte, jaz imersa em largo oceano de correntes mentais e, dentro delas, é imprescindível saibamos procurar a companhia dos espíritos nobres, capazes de auxiliar a nossa sustentação no bem, para que o bem, como aplicação das Leis de Deus, nos eleve à vida superior.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 12)

“FENÔMENO MAGNÉTICO DA VIDA HUMANA. [...] Perseverança no bem. É imprescindível recordar o impositivo da perseverança no bem. O comprazimento nessa ou naquela espécie de atitude ou companhia, leitura ou conversação menos edificantes, estabelece em nós o reflexo condicionado pelo qual inconscientemente nos voltamos para as correntes invisíveis que representam. É desse modo que formamos hábitos indesejáveis pelos quais nos fazemos pasto de entidades vampirizantes, acabando na feição de arcabouços vivos para moléstias fantasmas. Pensando ou conversando constantemente sobre agentes enfermigos, quais sejam a acusação indébita e a crítica destrutiva, o deboche e a crueldade, incorporamos de imediato, a influência das criaturas encarnadas e desencarnadas que os alimentam, porque o ato de voltar a semelhantes temas, contrários aos princípios que ajudam a vida e a regeneram, se transforma em reflexo condicionado de caráter doentio, automatizando-nos a capacidade de transmitir tais agentes mórbidos, responsáveis por largo acervo de enfermidade e desequilíbrio. **Gradação das obsessões.** Muitas vezes, em nossos estados de tensão deliberada, inclinamo-nos para forças violentas que se nos insinuam no halo psíquico, aí criando fermentações infelizes que resultam em atitudes de cólera arrasadora, pelas quais, desprevenidamente, nos transformamos, na vida, em médiuns de ações delituosas, arrastados nos fenômenos de associação dos agentes mento-eletromagnéticos da mesma natureza, semelhantes aos que caracterizam as

explosões de recursos químicos, nas conhecidas reações em cadeia. É assim que somos, por vezes, loucos temporários, grandes obsidiados de alguns minutos, alienados mentais em marcadas circunstâncias de lugar ou de tempo, ou, ainda, doentes do raciocínio em crises periódicas, médiuns lastimáveis da desarmonia pela nossa permanência longa em reflexos condicionados viciosos, adquirindo compromissos de grave teor nos atos menos felizes que praticamos, semi-inconscientemente, sugestionados uns pelos outros, porquanto, perante a Lei, a nossa vontade é responsável em todos os nossos problemas de sintonia.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 16)

“A tragédia provocada por Ernestina e seus asseclas sob orientação de mentes mais hábeis e mais perversas era-me lição de grave advertência, conclamando-me a acuradas meditações em torno do ensino evangélico sobre a “vigilância e a oração”, de tanta relevância e tão pouco considerado. Na trama dos destinos estão presentes inúmeros fatores que trabalham os acontecimentos, propelindo o homem aos resultados da busca ou retardando-lhe o passo. De outro modo, encontram-se presentes interferências mentais e espirituais que estão a merecer estudos, exame cuidadoso por parte de todos nós para uma colheita mais feliz de bênçãos e estabelecimento de critérios que colaborem na sua mecânica. Os homens deixam-se arrastar pelos acontecimentos, reagindo contra uns e aceitando outros, sem aprofundarem as causas próximas para elaborar métodos preventivos ou de recuperação, quando na impossibilidade de atingir as mais remotas. A precipitação e a indiferença que governam muitos comportamentos, respondem pela tardança do processo da evolução, desde que, no primeiro caso, a imprevidência que se agita promove distúrbios e consequências nos atos que poderiam ser evitados ou contornados e, no segundo, o desinteresse complica situações que poderiam tomar curso mui diverso daquele que, normalmente, envolve o negligente com agravamento da situação na qual se encontra.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 15)

“[...] “Outrossim, sugiro-lhe cultivar pensamentos edificantes e não usar palavras vãs, pois que estas “corrompem o coração”, na mente se inicia o processo perturbador, que se manifesta pelas palavras e domina a realidade do ser. A queixa, a lamentação, a autopiedade são lixo mental que deve ser atirado fora, antes que intoxique aquele que o conserva como resíduo danoso. As conversações vulgares, salpicadas de erotismo, de permissividade produzem clima de promiscuidade emocional com os Espíritos perniciosos que se locupletam na vampirização e no comércio ignominioso com aqueles que lhes fazem parceria. O tratamento, portanto, das obsessões, torna-se muito difícil, porque muito depende do alienado. Não lhe basta o

afastamento do perseguidor, que o liberta, mas, sim, a reeducação pessoal, que lhe faculta a autolibertação, esta, sem dúvida, muito mais difícil. “De certo modo, acostumado à preguiça mental e à aparente infelicidade, o homem não reage o suficiente para superar a situação, teimando em cultivar as ideias deprimentes a que se afeiçoara. Toda renovação exige esforço, sacrifício e disciplina da vontade, porquanto, é mais agradável ceder, acomodar-se, para logo depois queixar-se. “A Doutrina de Jesus é toda baseada na revolução do amor, essa força motriz indispensável à vida, que dimana de Deus e pulsa na Criação. Porque os modernos cristãos não a vivem conforme seria de desejar, ei-los a braços com o sofrimento, experimentando desequilíbrios e aturdimentos que seriam evitáveis. É a ignorância acerca do amor e a sua má interpretação que dão origem aos males que se desenrolam nas vidas de conduta superficial ou vã. Quando se entenda que o crescimento pessoal e a felicidade somente serão possíveis através do amor e do esclarecimento das Leis de Deus, modificar-se-ão os quadros das existências humanas, alterando-se completamente as paisagens sociais do mundo. Portanto, meu filho, eu não conheço outros métodos, senão os que lhe acabo de apresentar, para a estruturação de uma conduta sadia, propiciadora de uma existência ditosa. Reconheço que entre os conceitos emitidos e a vivência deles medeia um pego, que você vencerá somente com persistência e decisão.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 23)

“O SERVIÇO DE ILUMINAÇÃO. [...] “A mente é sempre a geradora de bênçãos ou de desditas, porque dela procedem as aspirações de uma assim como de outra natureza. Quando as criaturas humanas considerarem a força do pensamento que procede do ser que são, haverá mudança radical de comportamento moral e social, dando lugar às conquistas relevantes da imortalidade triunfante. “Por enquanto, é natural que o processo ainda se encontre em fase preparatória, dando lugar às aberrações que tomam corpo no mundo físico, caracterizando a decadência dos valores éticos e morais, nas esperanças de felicidades que soçobram no mar encapelado das paixões. “Não são poucos, no campo das comunicações, na Terra, os decantados multiplicadores de opinião, queintonizam com as Entidades bestializadas, que os submetem ao talante das suas aberrações, durante largos períodos de desdobramento pelo sono fisiológico, imprimindo profundamente no cerne do ser de cada um, a devassidão, o desvario, a degradação moral. Retornando ao corpo somático, recordam-se das experiências viciosas em que se comprazem e estimulam os seus aficionados, cada vez mais, à luxúria, ao sexo açodado pelas drogas alucinógenas, pelo álcool, pelas substâncias farmacêuticas estimulantes... “Não seja de surpreender a debandada das gerações novas para as músicas de

sentido infeliz, nos bailes de procedência primária e sensualidade, onde a perversão dos sentimentos é a tônica, e o estímulo à violência, à rebeldia, à agressividade constitui o panorama da revolta, afinal contra o quê? Tornam-se adversários do denominado contexto, em vez de desenvolverem os valores dignificantes para melhorá-lo, mergulham fundamente nas paixões mais vis, tornando piores para eles mesmos e para os outros os dias que enfrentam... Fogem, então, para a consumpção por meio das drogas, da exaustão dos prazeres sensuais e perversos. “De pequena monta a contribuição da responsabilidade e do dever, ainda distantes de serem avaliados devidamente. Essa tarefa libertadora, sem dúvida, cabe à educação das novas gerações, a fim de que sejam criados novos hábitos de convivência e de comunicação saudável, dando lugar ao desenvolvimento das forças vivas do Bem inatas em todos os indivíduos. “Podemos ver aqui as paisagens defluentes dessas condutas arbitrárias e deslocadas no tempo e no espaço, transformadas em sofrimentos de longo prazo, que o amor irá modificar no momento próprio.” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 6)

“**Formas pensamento.** [...] FORMAS IDEOPLÁSTICAS. Na sutil tecelagem energética que se condensa e constitui o mundo visível, ondas, vibrações, campos mentais e estruturas psíquicas interpenetram-se, tomando formas, alterando contornos, surgindo e desaparecendo ininterruptamente. O ser humano é, essencialmente, aquilo que cultiva na área mental, movimentando-se na faixa do pensamento que lhe caracteriza o clima existencial. Exteriorizando ondas mentais contínuas, sincroniza com outras de teor vibratório equivalente, que passam a corporificar-se em organização delicada, sendo reabsorvidas e eliminadas conforme a intensidade da ideação. Saúde e doença, equilíbrio, desarmonia emocional e mental são resultados inevitáveis da exteriorização de cada ser. Nesse oceano de vibrações em que todos se encontram mergulhados, os indivíduos conduzem-se nas faixas de identificação própria, sintonizando com os semelhantes e deles haurindo idênticas exteriorizações. Quanto mais se fixam os pensamentos nas preferências habituais, passam a condensar com os elementos da Natureza formas que se *materializam* e os acompanham, fornecendo-lhes alimento saudável ou tóxico, de acordo com o teor das energias que as constituem. Além das sincronizações com outras mentes - encarnadas e desvestidas da matéria - que produzem obsessões, quando viciosas ou de baixo teor emocional, elaboram estranhas e perigosas formações que empestam a psicofera dos pacientes afervorados às distonias de comportamento íntimo. Plasma-se no universo tudo aquilo que vibra. As preces e os sentimentos enobrecidos fomentam delicadas construções espirituais que emanam conteúdos de harmonia, bem-estar e elevação

psíquica. As recriminações, os vícios, as aspirações perturbadoras produzem aglutinações de partículas que se transformam em *vibriões* agressivos e vorazes, que se nutrem do *continuum* mental, encarcerando o seu agente, que se lhe torna paciente aprisionado nas malhas das próprias elucubrações doentias. *Larvas*, formas pensamento agressivas, vírus desconhecidos fixam-se no campo áurico e passam a invadir o corpo perispiritual, perturbando-lhe a harmonia, que se manifestará como distúrbios mentais e orgânicos de difícil diagnose e mais desafiadora terapia. Tornam-se expressões de vida pelo automatismo que decorre do prazer de sustentar as ideias perniciosas que se fazem vitais no psiquismo do indivíduo. Lentamente, essas *vidas* ínfimas agredem os seus vitalizadores, que se desorganizam, experimentando males estranhos e degenerativos. Em razão da sua psicogênese moral, o paciente é um auto agressor, responsável pelo distúrbio em que estertora. Toda organização material é um somatório de partículas que, em última análise, procedem da energia primária da criação. De igual maneira nascem os campos mentais que se encontram mantidos pelas lembranças conscientes ou não das experiências físicas passadas, ressumando como necessidades de continuação, de revivescência, dificultando novos raciocínios e diferentes reflexões daquelas que lhes são habituais. Perseguidos por essas ideias plásticas, ao ocorrer a desencarnação desses pacientes morais, os mesmos continuarão sob a indução malévola das *vis construções* que mobilizaram e sustentaram... No sentido oposto, as ideoplastias felizes que compõem as formas pensamento superiores propiciam o êxtase, emulam ao avanço, fortalecem o ânimo para o ininterrupto crescimento íntimo e o autotransformar-se, esteja o espírito no corpo físico ou liberado da sua injunção... Não foi por outra razão que Jesus acentuou: “*O reino dos Céus está dentro de vós*” — e certamente o Hades também, desde que felicidade e desdita são opções elegidas por cada indivíduo. Aprofundando a análise na psicogênese de inúmeras obsessões especiais, defronta-se com aquelas que são produzidas pelo próprio enfermo, como efeito dos pensamentos cultivados, atraindo, a seguir, comparsas outros desencarnados que passam a manter o conúbio de nutrição vampirizadora e pertinaz. O investimento terapêutico deverá ter, prioritariamente, o esforço para despertar o enfermo, a fim de que mude de conduta mental, libertando-se das viciações em que se compraz, a fim de renovar o pensamento, sincronizando o idealismo elevado nas faixas superiores da

vida. Concomitantemente, a bioenergética desempenha papel fundamental nesse processo, por diluir as *construções* perniciosas em torno da psicofera de que se nutre, ao tempo em que, retemperando as ondas pensamento, faculta-se aspirar e nutrir-se de cargas vibratórias saudáveis. Lentamente, dar-se-á o reequilíbrio, para cujo mister a contribuição pessoal faz-se essencial. Nas auto-obsessões, a constituição vibratória do pensamento desempenha relevante significado. De equivalente modo, somente através da alteração da emissão de ondas mentais é que se lhe operará a recuperação. Formas pensamento campeiam, desse modo, em todas as direções, movimentando-se e sintonizando com aqueles que possuem o mesmo teor vibratório e são diluídas por outras de poder anulador da carga negativa que conduzem. Pensar é a arte de emitir ondas. Conforme o conteúdo mental, como efeito do comportamento moral, ou vice-versa, adquirem formas que se plasmam nas delicadas vibrações pulsantes do universo. Sejam, portanto, quais forem as circunstâncias da existência, cabe ao viajante carnal manter o pensamento em alto nível de reflexões, cultivando as ideias otimistas e iluminativas, de modo a criar campos saudáveis dos quais se exteriorizarão as construções equilibradas da emoção e do organismo físico. Toda vez quando as injunções tentarem imprimir na mente as ideias perversas, os transtornos de conduta, as fixações negativas em torno das ocorrências infelizes, os ressentimentos que se constituem presenças morbíficas no Espírito, é dever de todo indivíduo lúcido, especialmente daquele que se vinculou aos postulados espíritas, esclarecer-se a respeito dos deveres para com a vida, substituí-los pelas formulações agradáveis e harmoniosas da paz, cultivando a esperança e vivenciando o amor, sem deixar-se afetar pelo desespero ou pela mágoa. Mesmo quando venha a tombar nos fatos inquietantes, de imediato, cabe-lhe refazer o campo mental, diluindo as impressões de desânimo e de dor nas dúlcidas vibrações da prece e do sentimento de compaixão por aqueles que se lhe transformaram em perseguidores, gratuitos ou não, mantendo-se em harmonia íntima. Ninguém transita na Terra sem as experiências do sofrimento, que deflui das incompreensões de companheiros, de afetos ou de adversários, que todos os têm. Cabe, porém, a cada qual, a eleição do campo mental em que deseja situar-se, passando a nutrir-se do sol da alegria ou vestir-se das sombras dos sentimentos doentios que tentam encontrar apoio na acústica da alma.” (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 4)



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Terceira Parte

Obsessão e Desobsessão

I. Obsessão

II. Desobsessão

I Obsessão

1.1. Interação entre encarnados e desencarnados: importância e magnitude

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. FACULDADE, QUE TÊM OS ESPÍRITOS, DE PENETRAR OS NOSSOS PENSAMENTOS. 456. Veem os Espíritos tudo o que fazemos? “Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente.” **457.** Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos? “Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular.” **a)** — Assim, mais fácil nos seria ocultar de uma pessoa viva qualquer coisa, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta? “Certamente. Quando vos julgais muito ocultos, é comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos observam.” **458.** Que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam? “Depende. Os levianos riem das pequenas partidas que vos pregam e zombam das vossas impaciências. Os Espíritos sérios se condoem dos vossos reveses e procuram ajudar-vos.” **INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E ATOS. 459.** Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? “Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.” **460.** De par com os pensamentos que nos são próprios, outros haverá que nos sejam sugeridos? “Vossa alma é um Espírito que pensa. Não ignorais que, frequentemente, muitos pensamentos vos acodem a um tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre de mistura os vossos com os nossos. Daí a incerteza em que vos vedes. É que tendes em vós duas ideias a se combaterem.” **461.** Como havemos de distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos? “Quando um pensamento vos é sugerido, tendes a impressão de que alguém vos fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que acodem em primeiro lugar. Afinal, não vos é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibais fazê-la. Não a fazendo, obra o homem com mais liberdade. Se se decide pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.” **462.** É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e de gênio tiram suas ideias? “Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de outras muitas, lhes

são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de vulgarizá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Fazem assim, sem o suspeitarem, uma verdadeira evocação.” Se fora útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça. **463.** Diz-se, comumente, ser sempre bom o primeiro impulso. É exato? “Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações.” **464.** Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau? “Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir.” **465.** Com que fim os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal? “Para que sofraís como eles sofrem.” **a)** — E isso lhes diminui os sofrimentos? “Não; mas fazem-no por inveja, por não poderem suportar que haja seres felizes.” **b)** — De que natureza é o sofrimento que procuram infligir aos outros? “Os que resultam de ser de ordem inferior a criatura e de estar afastada de Deus.” **466.** Por que permite Deus que Espíritos nos excitem ao mal? “Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a pôr em prova a fé e a constância dos homens na prática do bem. Como Espírito que és, tens que progredir na ciência do infinito. Daí o passares pelas provas do mal, para chegares ao bem. A nossa missão consiste em te colocarmos no bom caminho. Desde que sobre ti atuam influências más, é que as atraís, desejando o mal; porquanto os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queiras o mal, podem eles ajudar-te para a prática do mal. Se fores propenso ao assassinio, terás em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.” É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós. **467.** Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal? “Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.” **468.** Renunciam às suas tentativas os Espíritos cuja influência a vontade do homem repele? “Que querias que fizessem? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato.” **469.** Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai, especialmente, dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.” 470. Os Espíritos, que ao mal procuram induzir-nos e que põem assim em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade? “A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que o faz fá-lo por conta própria, sujeitando-se, portanto, às consequências. Pode Deus permitir-lhe que assim proceda, para vos experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Compete-vos, pois, repeli-lo.” 471. Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física? “É quase sempre efeito das comunicações em que, inconscientemente, entraís com os Espíritos, ou da que com eles tivestes durante o sono.” 472. Os Espíritos que procuram atrair-nos para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos, ou podem também criá-las? “Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais. Assim, por exemplo, encontra um homem, no seu caminho, certa quantia. Não penses tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.” [...] (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] ANJOS-DE-GUARDA. ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS. 489. Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo? “Há o irmão espiritual, o que chamais o bom Espírito ou o bom gênio.” 490. Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião? “O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.” 491. Qual a missão do Espírito protetor? “A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.” 492. O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento? “Desde o nascimento até a morte e, muitas

vezes, o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que mais não são do que fases curtíssimas da vida do Espírito.” 493. É voluntária ou obrigatória a missão do Espírito protetor? “O Espírito fica obrigado a vos assistir, uma vez que aceitou esse encargo. Cabe-lhe, porém, o direito de escolher seres que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão ou dever.” a) — Dedicando-se a uma pessoa, renuncia o Espírito a proteger outros indivíduos? “Não; mas protege-os menos exclusivamente.” 494. O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda? “Frequentemente, sucede que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões. Mas, nesse caso, outros os substituem.” 495. Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos? “Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame. “É uma doutrina, esta, dos anjos guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, devera converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos. “Ah! Se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Mas, oh! Quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: ‘Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!’ Oh! Interrogai os vossos anjos guardiães; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem!

De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e ideias preconcebidas. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre. Caminhai! Tenddes guias, segui-os, que a meta não vos pode faltar, porquanto essa meta é o próprio Deus. “Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que nós vos influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é e, não obstante viverem noutro mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo de guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando ele lhe despreza os conselhos. “Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. Sereis assim mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem margens, levando de roldão a incredulidade e a ignorância. Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginai que obra fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para os repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?” SÃO LUÍS, SANTO AGOSTINHO. Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos guardiães, a velarem pelos seus protegidos, malgrado à distância que medeia entre os mundos. É, ao contrário, grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de muito longe, e auxiliá-lo com seus conselhos correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá, então, em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os que, habitantes da Terra, eles tomaram sob sua proteção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal, que entrelaça todos os mundos, tornando-os solidários; veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o da transmissão do som? **496.** O Espírito que abandona o seu protegido, que deixa de lhe fazer bem, pode fazer-lhe mal? “Os bons Espíritos nunca fazem mal. Deixam que o façam aqueles que lhes tomam o lugar. Costumais então lançar à conta da sorte as desgraças que vos acabrunham, quando só as sofreis por culpa vossa.” **497.** Pode um Espírito protetor

deixar o seu protegido à mercê de outro Espírito que lhe queira fazer mal? “Os maus Espíritos se unem para neutralizar a ação dos bons. Mas, se o quiser, o protegido dará toda a força ao seu protetor. Pode acontecer que o bom Espírito encontre alhures uma boa vontade a ser auxiliada. Aplica-se então em auxiliá-la, aguardando que seu protegido lhe volte.” **498.** Será por não poder lutar contra Espíritos malévolos que um Espírito protetor deixa que seu protegido se transvie na vida? “Não é porque não possa, mas porque não quer. E não quer, porque das provas sai o seu protegido mais instruído e perfeito. Assiste-o sempre com seus conselhos, dando-os por meio dos bons pensamentos que lhe inspira, porém que quase nunca são atendidos. A fraqueza, o descuido ou o orgulho do homem são exclusivamente o que empresta força aos maus Espíritos, cujo poder todo advém do fato de lhes não opordes resistência.” **499.** O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido? Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista? “Há circunstâncias em que não é necessário esteja o Espírito protetor junto do seu protegido.” **500.** Momentos haverá em que o Espírito deixe de precisar, de então por diante, do seu protetor? “Sim, quando ele atinge o ponto de poder guiar-se a si mesmo, como sucede ao estudante, para o qual um momento chega em que não mais precisa de mestre. Isso, porém, não se dá na Terra.” **501.** Por que é oculta a ação dos Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo ostensivo? “Se vos fosse dado contar sempre com a ação deles, não obraríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. Para que este possa adiantar-se, precisa de experiência, adquirindo-a, frequentemente, à sua custa. É necessário que exercite suas forças, sem o que seria como criança a quem não consentem que ande sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira que não vos tolha o livre-arbítrio, porquanto, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis na senda que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se confia às suas próprias forças. Sobre ele, entretanto, vela o seu guia e, de tempos a tempos, lhe brada, advertindo-o do perigo.” **502.** O Espírito protetor, que consegue trazer ao bom caminho o seu protegido, lucra algum bem para si? “Constitui isso um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade. Sente-se ditoso quando vê bem-sucedidos os seus esforços, o que representa, para ele, um triunfo, como triunfo é, para um preceptor, os bons êxitos do seu educando.” **a)** — É responsável pelo mau resultado de seus esforços? “Não, pois que fez o que de si dependia.” **503.** Sofre o Espírito protetor quando vê que seu protegido segue mau caminho, não obstante os avisos que dele recebe? Não há aí uma causa de

turbação da sua felicidade? “Compungem-no os erros do seu protegido, a quem lastima. Tal aflição, porém, não tem analogia com as angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e que o que não se faz hoje, amanhã se fará.” **504.** Poderemos sempre saber o nome do Espírito nosso protetor, ou anjo-de-guarda? “Como quereis saber nomes para vós inexistentes? Supondes que Espíritos só há os que conheceis?” **a)** — Como então o podemos invocar, se o não conhecemos? “Dai-lhe o nome que quizerdes, o de Espírito superior que vos inspire simpatia ou veneração. O vosso protetor acudirá ao apelo que com esse nome lhe dirigirdes, visto que todos os bons Espíritos são irmãos e se assistem mutuamente.” **505.** Os protetores que dão nomes conhecidos sempre são, realmente, os Espíritos das personalidades que tiveram esses nomes? “Não. Muitas vezes, os que os dão são Espíritos simpáticos aos que de tais nomes usaram na Terra e, a mando destes, respondem ao vosso chamamento. Fazeis questão de nomes; eles tomam um que vos inspire confiança. Quando não podeis desempenhar pessoalmente determinada missão, não costumais mandar que outro, por quem respondeis como por vós mesmos, obre em vosso nome?” **506.** Na vida espírita, reconheceremos o Espírito nosso protetor? “Decerto, pois não é raro que o tenhais conhecido antes de encarnardes.” **507.** Pertencem todos os Espíritos protetores à classe dos Espíritos elevados? Podem contar-se entre os de classe média? Um pai, por exemplo, pode tornar-se o Espírito protetor de seu filho? “Pode, mas a proteção pressupõe certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai, que protege seu filho, também pode ser assistido por um Espírito mais elevado.” **508.** Os Espíritos que se achavam em boas condições ao deixarem a Terra, sempre podem proteger os que lhes são caros e que lhes sobrevivem? “Mais ou menos restrito é o poder de que desfrutam. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.” **509.** Quando em estado de selvageria ou de inferioridade moral, têm os homens, igualmente, seus Espíritos protetores? E, assim sendo, esses Espíritos são de ordem tão elevada quanto a dos Espíritos protetores de homens muito adiantados? “Todo homem tem um Espírito que por ele vela, mas as missões são relativas ao fim que visam. Não dais a uma criança, que está aprendendo a ler, um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar guarda relação com o do Espírito protegido. Tendo um Espírito que vela por vós, podeis tornar-vos, a vosso turno, o protetor de outro que vos seja inferior e os progressos que este realize, com o auxílio que lhe dispensardes, contribuirão para o vosso adiantamento. Deus não exige do Espírito mais do que comportem a sua natureza e o grau de elevação a que já chegou.” **510.** Quando o pai, que vela pelo

filho, reencarna, continua a velar por ele? “Isso é mais difícil. Contudo, de certo modo o faz, pedindo, num instante de desprendimento, a um Espírito simpático que o assista nessa missão. Demais, os Espíritos só aceitam missões que possam desempenhar até ao fim. “Encarnado, mormente em mundo onde a existência é material, o Espírito se acha muito sujeito ao corpo para poder dedicar-se inteiramente a outro Espírito, isto é, para poder assisti-lo pessoalmente. Tanto assim que os que ainda se não elevaram bastante são também assistidos por outros, que lhes estão acima, de tal sorte que, se por qualquer circunstância um vem a faltar, outro lhe supre a falta.” **511.** A cada indivíduo achar-se-á ligado, além do Espírito protetor, um mau Espírito, com o fim de impeli-lo ao erro e de lhe proporcionar ocasiões de lutar entre o bem e o mal? “Ligado, não é o termo. É certo que os maus Espíritos procuram desviar do bom caminho o homem, quando se lhes depara ocasião. Sempre, porém, que um deles se liga a um indivíduo, fá-lo por si mesmo, porque conta ser atendido. Há então luta entre o bom e o mau, vencendo aquele por quem o homem se deixe influenciar.” **512.** Podemos ter muitos Espíritos protetores? “Todo homem conta sempre Espíritos, mais ou menos elevados, que com ele simpatizam, que lhe dedicam afeto e por ele se interessam, como também tem junto de si outros que o assistem no mal.” **513.** Os Espíritos que conosco simpatizam atuam em cumprimento de missão? “Não raro, desempenham missão temporária; porém, as mais das vezes, são apenas atraídos pela identidade de pensamentos e sentimentos, assim para o bem como para o mal.” **a)** — Parece lícito inferir-se daí que os Espíritos a quem somos simpáticos podem ser bons ou maus, não? “Sim, qualquer que seja o seu caráter, o homem sempre encontra Espíritos que com ele simpatizam.” **514.** Os Espíritos familiares são os mesmos a quem chamamos Espíritos simpáticos ou Espíritos protetores? “Há gradações na proteção e na simpatia. Dai-lhes os nomes que quizerdes. O Espírito familiar é antes o amigo da casa.” Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se afeiçoam ao homem, pode-se deduzir o seguinte: O Espírito protetor, anjo de guarda, ou bom gênio é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, com relação ao protegido. Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, com o fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder, quase sempre muito restrito, de que dispõem. São bons, porém muitas vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se de boa mente com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores. Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para o nosso lado por afeições particulares e

ainda por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem como para o mal. De ordinário, a duração de suas relações se acha subordinada às circunstâncias. O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso, que se liga ao homem para desviá-lo do bem. Obra, porém, por impulso próprio e não no desempenho de missão. A tenacidade da sua ação está em relação direta com a maior ou menor facilidade de acesso que encontre por parte do homem, que goza sempre da liberdade de escutar-lhe a voz ou de lhe cerrar os ouvidos. **515.** Que se há de pensar dessas pessoas que se ligam a certos indivíduos para levá-los à perdição, ou para guiá-los pelo bom caminho? “Efetivamente, certas pessoas exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso se dá no sentido do mal, são maus Espíritos, de que outros Espíritos também maus se servem para subjugar-las. Deus permite que tal coisa ocorra para vos experimentar.” **516.** Poderiam os nossos bom e mau gênios encarnar, a fim de mais de perto nos acompanharem na vida? “Isso às vezes se dá. Porém, o que mais frequentemente se verifica é encarregarem dessa missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.” **517.** Haverá Espíritos que se liguem a uma família inteira para protegê-la? “Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma determinada família, que vivem juntos e unidos pela afeição; mas, não acrediteis em Espíritos protetores do orgulho das raças.” **518.** Assim como são atraídos, pela simpatia, para certos indivíduos, são-no igualmente os Espíritos, por motivos particulares, para as reuniões de indivíduos “Os Espíritos preferem estar no meio dos que se lhes assemelham. Acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. É pelas suas tendências que o homem atrai os Espíritos e isso quer esteja só, quer faça parte de um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade, ou um povo. Portanto, as sociedades, as cidades e os povos são, de acordo com as paixões e o caráter neles predominantes, assistidos por Espíritos mais ou menos elevados. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os repelem. Segue-se que o aperfeiçoamento moral das coletividades, como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que estimulam e alimentam nelas o sentimento do bem, como outros lhes podem insuflar as paixões grosseiras.” **519.** As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm Espíritos protetores especiais? “Têm, pela razão de que esses agregados são individualidades coletivas que, caminhando para um objetivo comum, precisam de uma direção superior.” **520.** Os Espíritos protetores das coletividades são de natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos? “Tudo é relativo ao grau de adiantamento, quer se trate de coletividades, quer de indivíduos.” **521.** Podem certos Espíritos auxiliar o

progresso das artes, protegendo os que às artes se dedicam? “Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Que queres, porém, que façam com os que julgam ser o que não são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam.” Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais. As Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. Também modernamente, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores, sob várias designações. Tendo todo homem Espíritos que com ele simpatizam, claro é que, nos corpos coletivos, a generalidade dos Espíritos que lhes votam simpatia está em proporção com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos estranhos são atraídos para essas coletividades pela identidade dos gostos e das ideias; em suma, que esses agregados de pessoas, tanto quanto os indivíduos, são mais ou menos bem assistidos e influenciados, de acordo com a natureza dos sentimentos dominantes entre os elementos que os compõem. Nos povos, determinam a atração dos Espíritos os costumes, os hábitos, o caráter dominante e as leis; as leis, sobretudo, porque o caráter de uma nação se reflete nas suas leis. Fazendo reinar em seu seio a justiça, os homens combatem a influência dos maus Espíritos. Onde quer que as leis consagrem coisas injustas, contrárias à Humanidade, os bons Espíritos ficam em minoria e a multidão, que aflui, dos maus mantém a nação aferrada às suas ideias e paralisa as boas influências parciais, que ficam perdidas no conjunto, como insuladas espigas entre espinheiros. Estudando-se os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, facilmente se forma ideia da população oculta que se lhes imiscui no modo de pensar e nos atos.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA. 525.

Exercem os Espíritos alguma influência nos acontecimentos da vida? “Certamente, pois que vos aconselham.” **a)** — Exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, têm ação direta sobre o cumprimento das coisas? “Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.” Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim é que oculta nos parece a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o concurso deles. Assim

é que, provocando, por exemplo, o encontro de duas pessoas, que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles obram de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio. **526.** Tendo, como têm, ação sobre a matéria, podem os Espíritos provocar certos efeitos, com o objetivo de que se dê um acontecimento? Por exemplo: um homem tem que morrer; sobe uma escada, a escada se quebra e ele morre da queda. Foram os Espíritos que quebraram a escada, para que o destino daquele homem se cumprisse? “É exato que os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas para cumprimento das leis da Natureza, não para as derrogar, fazendo que, em dado momento, ocorra um sucesso inesperado e em contrário àquelas leis. No exemplo que figuraste, a escada se quebrou porque se achava podre, ou por não ser bastante forte para suportar o peso de um homem. Se era destino daquele homem perecer de tal maneira, os Espíritos lhe inspirariam a ideia de subir a escada em questão, que teria de quebrar-se com o seu peso, resultando-lhe daí a morte por um efeito natural e sem que para isso fosse mister a produção de um milagre.” **527.** Tomemos outro exemplo, em que não entre a matéria em seu estado natural. Um homem tem que morrer fulminado pelo raio. Refugia-se debaixo de uma árvore. Estala o raio e o mata. Poderá dar-se tenham sido os Espíritos que provocaram a produção do raio e que o dirigiram para o homem? “Dá-se o mesmo que anteriormente. O raio caiu sobre aquela árvore em tal momento, porque estava nas leis da Natureza que assim acontecesse. Não foi encaminhado para a árvore, por se achar debaixo dela o homem. A este, sim, foi inspirada a ideia de se abrigar debaixo de uma árvore sobre a qual cairia o raio, porquanto a árvore não deixaria de ser atingida, só por não lhe estar debaixo da fronde o homem.” **528.** No caso de uma pessoa mal-intencionada disparar sobre outra um projétil que apenas lhe passe perto sem atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso haja desviado o projétil? “Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a ideia de se desviar, ou então poderá ofuscar o que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal, porquanto, uma vez disparada a arma, o projétil segue a linha que tem de percorrer.” **529.** Que se deve pensar das balas encantadas, de que falam algumas lendas e que fatalmente atingem o alvo? “Pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.” **a)** — Podem os Espíritos que dirigem os acontecimentos terrenos ter obstada sua ação por Espíritos que queiram o contrário? “O que Deus quer se executa. Se houver demora na

execução, ou lhe surjam obstáculos, é porque ele assim o quis.” **530.** Não podem os Espíritos levianos e zombeteiros criar pequenos embaraços à realização dos nossos projetos e transtornar as nossas previsões? Serão eles, numa palavra, os causadores do que chamamos pequenas misérias da vida humana? “Eles se comprazem em vos causar aborrecimentos que representam para vós provas destinadas a exercitar a vossa paciência. Cansam-se, porém, quando veem que nada conseguem. Entretanto, não seria justo, nem acertado, imputar-lhes todas as decepções que experimentais e de que sois os principais culpados pela vossa irreflexão. Fica certo de que se a tua louça se quebra é mais por desazo teu do que por culpa dos Espíritos.” **a)** — Destes, os que provocam contrariedades obram impelidos por animosidade pessoal, ou assim procedem contra qualquer, sem motivo determinado, por pura malícia? “Por uma e outra coisa. Às vezes, os que assim vos molestam são inimigos que granjeastes nesta ou em precedente existência. Doutras vezes, nenhum motivo há.” **531.** Extingue-se-lhes com a vida corpórea a malevolência dos seres que nos fizeram mal na Terra? “Muitas vezes reconhecem a injustiça com que procederam e o mal que causaram. Mas, também, não é raro que continuem a perseguir-vos, cheios de animosidade, se Deus o permitir, por ainda vos experimentar.” **a)** — Pode-se pôr termo a isso? Por que meio? “Podeis. Orando por eles e lhes retribuindo o mal com o bem, acabarão compreendendo a injustiça do proceder deles. Demais, se souberdes colocar-vos acima de suas maquinacões, deixar-vos-ão, por verificarem que nada lucram.” A experiência demonstra que alguns Espíritos continuam em outra existência a exercer as vinganças que vinham tomando e que assim, cedo ou tarde, o homem paga o mal que tenha feito a outrem. **532.** Têm os Espíritos o poder de afastar de certas pessoas os males e de favorecê-las com a prosperidade? “De todo, não; porquanto, há males que estão nos decretos da Providência. Amenizam-vos, porém, as dores, dando-vos paciência e resignação. “Ficai igualmente sabendo que de vós depende muitas vezes poupar-vos aos males, ou, quando menos, atenuá-los. A inteligência, Deus vo-la outorgou para que dela vos sirvais e é principalmente por meio da vossa inteligência que os Espíritos vos auxiliam, sugerindo-vos ideias propícias ao vosso bem. Mas, não assistem senão os que sabem assistir-se a si mesmos. Esse o sentido destas palavras: Buscai e achareis, batei e se vos abrirá. “Sabei ainda que nem sempre é um mal o que vos parece sê-lo. Frequentemente, do que considerais um mal sairá um bem muito maior. Quase nunca compreendeis isso, porque só atentaís no momento presente ou na vossa própria pessoa.” **533.** Podem os Espíritos fazer que obtenham riquezas os que lhes pedem que assim aconteça? “Algumas vezes, como prova. Quase sempre,

porém, recusam, como se recusa à criança a satisfação de um pedido inconsiderado.” **a)** — São os bons ou os maus Espíritos que concedem esses favores? “Uns e outros. Depende da intenção. As mais das vezes, entretanto, os que os concedem são os Espíritos que vos querem arrastar para o mal e que encontram meio fácil de o conseguirem, facilitando-vos os gozos que a riqueza proporciona.” **534.** Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos? “Algumas vezes é isso efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que andais errados na elaboração e na execução dos vossos projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se vos obstinais em ir por um caminho que não deveis seguir, os Espíritos nenhuma culpa tem dos vossos insucessos. Vós mesmos vos constituís em vossos maus gênios.” **535.** Quando algo de venturoso nos sucede é ao Espírito nosso protetor que devemos agradecê-lo? “Agradecei primeiramente a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois, aos bons Espíritos que foram os agentes da sua vontade.” **a)** — Que sucederia se nos esquecêssemos de agradecer? “O que sucede aos ingratos.” **b)** — No entanto, pessoas há que não pedem nem agradecem e às quais tudo sai bem! “Assim é, de fato, mas importa ver o fim. Pagarão bem caro essa felicidade de que não são merecedoras, pois quanto mais houverem recebido, tanto maiores contas terão que prestar.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“Entre dezoito e dezenove horas, atingimos uma casa singela de bairro modesto. No longo percurso, através de ruas movimentadas, surpreendia-me, sobremaneira, por se me depararem quadros totalmente novos. Identificava, agora, a presença de muitos desencarnados de ordem inferior, seguindo os passos de transeuntes vários, ou colados a eles, em abraço singular. Muitos dependuravam-se a veículos, contemplavam-nos outros, das sacadas distantes. Alguns, em grupos, vagavam pelas ruas, formando verdadeiras nuvens escuras que houvessem baixado repentinamente ao solo. Assustei-me. Não havia anotado tais ocorrências nas excursões anteriores ao círculo carnal. Aniceto, porém, explicou que não fora vão o auxílio recebido para intensificação do poder visual. Estávamos em tarefa de observação ativa, com vistas ao aprendizado. Não dissimulava, entretanto, minha surpresa. As sombras sucediam-se umas às outras e posso assegurar que o número de entidades inferiores, invisíveis ao homem comum, não era menor, nas ruas, ao de pessoas encarnadas, em contínuo vaivém. [...]” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 34)

“Embora as luzes que nos rodeavam, notei que os céus prometiam aguaceiros próximos. As brisas leves transformavam-se, repentinamente, em ventania forte. Não obstante, as sensações de sossego eram

agradabilíssimas. — O vento, na Crosta, é sempre uma bênção celeste — exclamou Aniceto, sentencioso. — Podemos avaliar-lhe o caráter divino, em virtude da nossa condição atual. A pressão atmosférica sobre os Espíritos encarnados é, aproximadamente, de quinze mil quilos. — Todavia, é interessante notar — aduziu Vicente — que não sentimos tamanho peso sobre os ombros. — É a diferença dos veículos de manifestação — esclareceu Aniceto, atencioso. — Nossos corpos e os de nossos companheiros encarnados apresentam diversidade essencial. Imaginemos o círculo da Crosta como um oceano de oxigênio. As criaturas terrestres são elementos pesados que se movimentam no fundo, enquanto nós somos as gotas de óleo, que podem voltar à tona, sem maiores dificuldades, pela qualidade do material de que se constituem. A essa altura do esclarecimento, notei que formas sombrias, algumas monstruosas, se arrastavam na rua, à procura de abrigo conveniente. Reparei, com espanto, que muitas tomavam a nossa direção, para, depois de alguns passos, recuarem amedrontadas. Provocavam assombro. Muitas, pareciam verdadeiros animais perambulando na via pública. Confesso que insopitável receio me invadira o coração. Calmo, como sempre, Aniceto nos tranquilizou: — Não temam — disse. Sempre que ameaça tempestade, os seres vagabundos da sombra se movimentam procurando asilo. São os ignorantes que vagueiam nas ruas, escravizados às sensações mais fortes dos sentidos físicos. Encontram-se ainda colados às expressões mais baixas da experiência terrestre e os aguaceiros os incomodam tanto quanto ao homem comum, distante do lar. Buscam, de preferência, as casas de diversão noturna, onde a ociosidade encontra válvula nas dissipações. Quando isto não se lhes torna acessível, penetram as residências abertas, considerando que, para eles, a matéria do plano ainda apresenta a mesma densidade característica.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 37)

“RELAÇÕES ESPIRITUAIS. O inter-relacionamento entre os Espíritos e os homens é mais vasto e constante do que se pode imaginar. Não sendo a Esfera espiritual senão a realidade primeira, para ali retomam os que deambulam na roupagem carnal, restabelecendo os vínculos afetivos e familiares ou sustentando os ódios e animosidades decorrentes da inferioridade, na qual, por acaso, estagiam. Em consequência, o intercâmbio se dá automático e natural, circunscrito aos impositivos da afinidade que vigem em toda parte como decorrência das soberanas Leis da Vida. Formando grupos que se atraem ou se repelem, os Espíritos reencamam obedecendo à programação evolutiva dentro dos quadros de conquistas ou perdas em que se desenvolvem. Os problemas derivados da convivência humana são transferidos da Terra para a Erraticidade e de uma para outra reencarnação, dando curso às

simpatias e antipatias, aos afetos profundos como aos ódios alienantes. O trânsito no século terrestre sempre se dá sob o beneplácito de tais amores ou a interferência desses adversários. Graças aos registros mentais, ao cultivo de um como de outro tipo de aspiração emocional, são atraídos para a **convivência psíquica** desencarnados portadores de aptidões e anelos equivalentes, surgindo um relacionamento que se agrava ou se aprofunda conforme seja a faixa dos interesses existentes. Quando alguém se afirma responsável absoluto pelos seus pensamentos e atos, ingenuamente não passa de um presunçoso. Da mesma forma, quando se esconde na posição de vítima dos Espíritos que lhe comandam a existência, afligindo-a e levando-a a desacertos, tomba, de igual modo, na irresponsabilidade. Inegavelmente, a interferência espiritual na vida cotidiana dos homens é tão natural quanto a oxigenação sanguínea para a preservação do corpo... Pelo fato de se fazer oculta a intercomunicação, isto não significa inexistência, à semelhança da árvore vetusta, cujas flores perfumadas e frutos saborosos são a consequência das raízes ocultas no **milagre** do húmus da terra, mantenedoras de todo o vegetal que esplende acima do solo... Os homens, em razão das construções mentais, irradiam ondas nas quais intercambiam uns com os outros, estabelecendo fixações e mandando mensagens, emitindo e captando forças que são incorporadas à economia emocional, conscientemente ou não. Da mesma forma, sucede o fenômeno de dependência mental entre esses e os desencarnados, que, invariavelmente, se acercam daqueles que lhes são afins, fiéis aos postulados que abraçam. Os maus, em razão da predominância dos instintos e paixões primitivas, fomentam desequilíbrios, dando gênese a processos obsessivos que, não cuidados em tempo, se transformam em parasitose perniciosa quão destrutiva. Igualmente, a dependência se dá em caráter oposto, quando a mente encarnada se fixa naqueles que se desligaram pela morte e que a ela, mente encarnada, se veem atraídos, sofrendo-lhe a incidência perturbadora e rebelde do pensamento enfermeiro. Por outro lado, os Benfeitores empenham-se em auxiliar os seus pupilos, mediante a inspiração e o socorro nos momentos difíceis, tanto quanto através da proteção constante, de modo que esses pupilos consigam executar os compromissos a que se vinculam como necessidade evolutiva. Cumpre, ao homem esclarecido, selecionar as áreas de aspirações emocionais e os pensamentos que atraíam os nobres Instrutores que os erguerão às cumeadas da sabedoria e aos remansos de paz íntima, como prenúncio da felicidade que os aguarda. No Universo de vibrações, onde pululam ondas, mentes, ideias e aspirações, cada ser se imanta a outro de teor equivalente, propiciador de inevitável intercâmbio espiritual. Conforme, é lógico, os afetos

se esforçam para auxiliar-se reciprocamente, enquanto os inimigos se armam de sutilezas e agridem com violência ou não para desforços inconcebíveis. Na razão em que os primeiros criam condições favoráveis ao êxito e impulsionam pessoas generosas para que ajudem aos seus pupilos, promovendo circunstâncias promissoras, aqueles outros, os invejosos e perversos, armam ciladas, emulam às decisões arbitrárias, estimulam os instintos e paixões inferiores, em cujo processo se comprazem, mais se infelicitando, sem dúvida, em razão da ignorância na qual permanecem. Elevar-se moralmente, através dos pensamentos nobilitantes, do estudo libertador e da ação fomentadora do progresso, deve constituir um mini roteiro para quem anele por uma sintonia com os Mensageiros da Luz, já que, a sós, tal é a verdade, ninguém se movimenta no mundo..." (MPM, *Temas da vida e da morte*, Relações espirituais)

"Trilhas da Libertação. [...] Espíritos perversos que o sofrimento embruteceu, sicários da sociedade que se não modificaram ante a derrocada pela morte, dando-se conta do prosseguimento da vida, continuam nas suas nefastas decisões de afligir e infelicitizar, comprazendo-se em imiscuir-se nos grupos sociais, fomentando dissensões, ódios e guerras, que lhes facultam embriaguez pelas energias que absorvem vampirescamente em infindáveis fenômenos de obsessão dolorosa. Dessa forma, o número de obsidiados é muito maior do que se pode imaginar. Não mensurada ou detectada com facilidade, a obsessão campeia desarvorada, arrebanhando multidões de vítimas que se deixam consumir, num como noutro plano de Vida. Organizam-se, esses Espíritos mais cruéis, em grupos hediondos, nos quais aprimoram métodos e técnicas de que se utilizam para afligir, aprisionar e explorar aqueles que têm o desar de ser-lhes vítimas. Qual ocorre na Terra, e nesta em escala menor, as sociedades que controlam o crime e o vício no Além são as responsáveis pelas congêneres do planeta, sendo que alguns dos seus chefes e condutores são procedentes das originais, aquelas que permanecem na erraticidade inferior. Atribuindo-se direitos e poderes que não lhes é lícito usufruir, funcionam como braços de Justiça, que alcançam os calcetas, os defraudadores, os hipócritas e criminosos de todo porte que passam triunfantes no corpo que ultrajam e degradam impunemente, como se Deus os necessitasse para tal mister... Porque não podem anular a consciência de culpa n'elles mesmos inscrita, ao desencarnarem despertam na paisagem que lhes é própria, com a qual sintonizaram, presas daqueles a quem se vincularam. [...]" (MPM, *Trilhas da libertação*, Trilhas da libertação)

"Conceito equivocado. [...] MEDIANTE A SINTONIA. Em aditamento ao enunciado que assevera que os Espíritos interferem nas vidas humanas, afirmamos que esse intercâmbio é resultado da ressonância que

se exterioriza dos fulcros pensantes do ser na transitoriedade carnal. Interagem as vibrações que são exteriorizadas pelos homens e pelos Espíritos, retornando como *partículas de psicotrons* dirigindo-se ao epicentro gerador de energias. Esse retorno caracteriza-se pela intensidade do campo vibratório atravessado pela onda de que se faz veículo, facultando o processo de intercâmbio na faixa em que se situa, identificando-se com outras mentes desencarnadas que se movimentam na esfera extrafísica. Como decorrência, a obsessão sutil é um instrumento hábil de que se utilizam as mentes forjadoras de objetivos negativos e que planejam entorpecer os ideais de sublimação e impedir a marcha do progresso. Naturalmente, os indivíduos menos esclarecidos reagem dizendo que tal interferência anularia o livre-arbítrio dos homens, que se converteriam, sem o desejar, em marionetes sob controle dos desencarnados. O argumento não procede, por motivos muito claros. Somente há intercâmbio quando os envolvidos estabelecem a mesma identificação de conteúdo vibratório, no caso, de ordem moral. A ressonância é o retorno de uma onda que, ao ser enviada, volve ao ponto de procedência e encontra a mesma qualidade vibratória com a qual se identifica. Façamos uma digressão: na fase primária do ser, o mesmo emite ondas e impulsos primitivos. Pela dificuldade do discernimento entre o Bem e o Mal, a predominância dos fatores ancestrais conduz, etapa a etapa, o pensamento que se vai desenovelando, qual uma semente que se entumece no solo, para lentamente romper o claustro, distender raízes para baixo, a fim de fixar-se no solo, nutrir-se, enquanto a plântula se ergue com o objetivo de romper a terra que lhe parece impedir o desenvolvimento. Atendendo aos impulsos latentes, ao heliotropismo e aos recursos mesológicos, a semente germina, mas não pode fugir aos fatores que a constituem. O Espírito, na sua marcha de evolução, tem mais instintos do que razão. À medida que pretende ascender, não raro permanece fixado nesses instintos em predominância em a sua natureza ancestral. Nas fases mais adiantadas do pensamento, diminuem, sem qualquer dúvida, as fixações anteriores e ampliam-se-lhe as possibilidades de crescimento graças ao Deotropismo. Se, no entanto, os atavismos permanecem subjugando-o, mesmo que a mente lúcida se desenvolva na área do intelecto, a emoção que decorre do hedonismo e do primitivismo faculta-lhe a sintonia com os Espíritos perturbadores do seu mesmo nível moral, e as obsessões campeiam sem que haja violência ao livre-arbítrio, porque embora a mente aspire ao ideal, o sentimento permanece submetido às paixões inferiores. Nessa digressão, observamos que o livre-arbítrio nunca é violentado quando preponderam os vínculos da delicada ou da violenta perturbação espiritual. Graças à sintonia, nos processos das

decisões humanas e em face do exposto, cada pessoa sintoniza com a faixa de luz, de sombra ou de inquietação em que se compraz, experimentando a resposta imediata daquela zona onde o apelo mental chegou ou o emocional se detém, estabelecendo a vinculação do *plugue* com a *tomada* perispiritual. Enfermidades, desaires, paixões, boa ou má sorte no esquema cármico têm estruturas de intercâmbio espiritual de acordo com o padrão de excelência ou de negativa qualidade. Quantas decisões funestas, depressivas, negativas, estão sob o comando de natureza externa àquele que as assume, assim como tantas outras saudáveis, positivas, otimistas, igualmente sob a direção das mentes promotoras do progresso!... A terapia curadora, por sua vez, é o romper da onda mental perniciosa, para sair da tutela nefasta da mente exploradora que se locupleta em anatematizar ou afligir, conspirando contra a paz de quem lhe tomba nas malhas bem urdidas do intercâmbio espiritual negativo, mesmo que inconsciente. Não seja de surpreender que muitas decisões no campo do Bem estejam sob vigilância de inimigos soezes que, em se utilizando da debilidade humana, atraem para o seu grupo de dependentes aqueles que temem, que desconfiam, que se permitem melindres ou que buscam repouso imerecido antes do momento próprio. Sem qualquer excesso na área da observação dos fenômenos obsessivos, podemos afirmar que, na raiz de qualquer distúrbio social, emocional, psíquico, orgânico, intelectual há, invariavelmente, uma vinculação espiritual negativa... O mesmo ocorre nas conquistas do progresso, da paz, da bem-aventurança, do júbilo e da entrega a Deus, mediante inspiração superior que desce das esferas resplandecentes para erguer quem busca o ser profundo que é, auto iluminando-se e recarregando-se de energias superiores. Jesus foi peremptório: “*Eu sou o caminho*”. Somente nos vinculando ao Seu psiquismo alcançaremos a verdade e teremos vida.” (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 5)

I.2. Definição, conceitos e noções preliminares

“VAMPIRISMO ESPIRITUAL. Parasitismo nos reinos inferiores. Comentando as ocorrências da obsessão e do vampirismo no veículo fisiopsicossomático, é importante lembrar os fenômenos do parasitismo nos reinos inferiores da Natureza. Sem nos reportarmos às simbioses fisiológicas, em que microrganismos se albergam no trato intestinal dos seus hospedeiros, apropriando-se-lhes dos sucos nutritivos, mas gerando substâncias úteis à existência dos anfitriões, encontraremos a associação parasitária, no domínio dos animais, à maneira de uma sociedade, na qual uma das partes, quase sempre após insinuar-se com astúcia, criou para

si mesma vantagens especiais, com manifesto prejuízo para a outra, que passa, em seguida, à condição de vítima. Em semelhante desequilíbrio, as vítimas se acomodam, por tempo indeterminado, à pressão externa dos verdugos; contudo, em outras eventualidades, sofrem-lhes a intromissão direta na intimidade dos próprios tecidos, em ocupação impertinente que, às vezes, se degenera em conflito destruidor e, na maioria dos casos, se transforma num acordo de tolerância, por necessidade de adaptação, perdurando até à morte dos hospedeiros espoliados, chegando mesmo a originar os remanescentes das agregações imensamente demoradas no tempo, interferindo nos princípios da hereditariedade, como raízes do conquistador, a se entranharem nas células que lhes padecem a invasão nos componentes protoplasmáticos, para além da geração em que o consórcio parasitário começa. Em razão disso, apreciando a situação dos parasitas perante os hospedeiros, temo-los por ectoparasitas, quando limitam a própria ação às zonas de superfície, e endoparasitas, quando se alojam nas reentrâncias do corpo a que se impõem. Não será lícito esquecer, porém, que toda simbiose exploradora de longo curso, principalmente a que se verifica no campo interno, resulta de adaptação progressiva entre o hospedeiro e o parasita, os quais, não obstante reagindo um sobre o outro, lentamente concordam na sociedade em que persistem, sem que o hospedeiro considere os riscos e perdas a que se expõe, comprometendo não apenas a própria vida, mas a existência da própria espécie. [...] **Transformações dos hospedeiros.** Todavia, se os parasitas podem acusar expressivas transformações à face do novo regime de existência a que se afeiçoam, os resultados de tais associações sobre o hospedeiro são mais profundos, porque os assaltantes, depois de instalados, se multiplicam, ameaçadores, estabelecendo espoliações sobre as províncias orgânicas da vítima, sugando-lhe a vitalidade, traumatizando-lhe os tecidos, provocando lesões parciais ou totais ou estendendo ações tóxicas, como a exaltação febril nas infecções, com que, algumas vezes, lhe apressam a morte. Nessa movimentação perniciosa ou letal, conseguem irritar as células ou destruí-las, obstruir cavidades, seja nos intestinos ou nos vasos, embaraçar funções e obliterar glândulas importantes, quais as glândulas genitais, que podem levar até à castração, embora os recursos defensivos do hospedeiro sejam postos em evidência, criando exércitos celulares de combate às infestações, expulsando os invasores por via comum, ou neutralizando-lhes a penetração, pelas membranas fibrosas que os envolvem, encistando-os a princípio, para aniquilá-los, depois, em pequeninos invólucros calcificados, no interior dos tecidos. E lembrando os efeitos de certos parasitas heteroxênicos, que se desenvolvem no hospedeiro intermediário para alcançar

a posição adulta no hospedeiro definitivo, bastará menção especial aos tripanosomas que, em espécies várias, se multiplicam nos tecidos e líquidos orgânicos, traçando aflitivos problemas da parasitologia humana, em complicadas operações de transmissão, evolução e instalação no quadro fisiológico de suas vítimas. Vale citar, dentre eles, o “Trypanosoma cruzi” que se hospeda, habitualmente no intestino médio de um “triatoma” ou de outro reduvídeo, onde apresenta formas arredondadas em divisão para adquirir novamente a forma de tripanosoma no intestino posterior do hemíptero que, vivendo à custa de sangue, obtido por picada, vem a transmiti-lo pelas fezes, ao organismo humano, no qual, geralmente, passa a residir, em forma endocelular, nos músculos, no sistema nervoso, na medula dos ossos ou na intimidade de tecidos outros, aí se difundindo, na medida das resistências que lhe ofereça o mundo orgânico, desempenhando o papel de carrasco microscópico a perseguir e aniquilar populações indefesas. **Obsessão e vampirismo.** Em processos diferentes, mas atendendo aos mesmos princípios de simbiose prejudicial, encontramos os circuitos de obsessão e de vampirismo entre encarnados e desencarnados, desde as eras recuadas em que o espírito humano, iluminado pela razão, foi chamado pelos princípios da Lei Divina a renunciar ao egoísmo e à crueldade, à ignorância e ao crime. Rebelando-se, no entanto, em grande maioria, contra as sagradas convocações, e livres para escolher o próprio caminho, as criaturas humanas desencarnadas, em alto número, começaram a oprimir os companheiros da retaguarda, disputando afeições e riquezas que ficavam na carne, ou tentando empreitadas de vingança e delinquência, quando sofriam o processo liberatório da desencarnação em circunstâncias delituosas. As vítimas de homicídio e violência, brutalidade manifesta ou perseguição disfarçada, fora do vaso físico, entram na faixa mental dos ofensores, conhecendo-lhes a enormidade das faltas ocultas, e, ao invés do perdão, com que se exonerariam da cadeia de trevas, empenham-se em vinditas atrozes, retribuindo golpe a golpe e mal por mal. Outros desencarnados, exigindo que Deus lhes providencie solução aos caprichos pueris e proclamando-se inabilitados para o resgate do preço devido à evolução que lhes é necessária, tornam-se madraços e gozadores, e, alegando a suposta impossibilidade de a Sabedoria Divina dirimir os padecimentos dos homens, pelos próprios homens criados, fogem, acovardados e preguiçosos, aos deveres e serviços que lhes competem. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 15)

“**Exórdio.** “Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade

se vê a braços neste mundo. A obsessão, que é um dos eleitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.”* (* “A Gênese”, de Allan Kardec, 14ª edição da FEB, capítulo 14. “Obsessões e Possessões”. — Nota do Autor espiritual) A obsessão, mesmo nos dias de hoje, constitui tormentoso flagício social. Está presente em toda parte, convidando o homem a sérios estudos. As grandes conquistas contemporâneas não conseguiram ainda erradicá-la. Ignorada propositadamente pela chamada Ciência Oficial, prossegue colhendo nas suas malhas, diariamente, verdadeiras legiões de incautos que se deixam arrastar a resvaladouros sombrios e truanescos, nos quais padecem irremissivelmente, até à desencarnação lamentável, continuando, não raro, mesmo após o traspasse... Isto, porque a morte continua triunfando, ignorada, qual ponto de interrogação cruel para muitas mentes e incontáveis corações. As Disciplinas e Doutrinas decorrentes da Psicologia Experimental, nos seus diversos setores, preferem continuar teimosamente arregimentando teorias que não respondem aos resultados da observação demorada e das constatações de laboratório, como se a Imortalidade somente merecesse acirrado combate e não investigação imparcial, capaz de ensejar ao homem esperanças e consolações, quando tudo lhe parece conspirar contra a paz e a felicidade. Desde as honestíssimas pesquisas do Barão von de Guldenstubbé, em 1855, e as do professor Roberto Hare, insuspeito lente de Química, na universidade de Pensilvânia, em 1856, que concluíram, pela realidade do espírito preexistente ao berço e sobrevivente após o túmulo, que os cientistas conscientes das suas responsabilidades se têm entregue ao afã da verificação da Imortalidade. E todos aqueles que se dedicaram à observação e ao estudo, à experimentação e ao fenômeno, são concordes na comprovação da continuidade da vida depois da morte... Nos Estados Unidos, se tornaram famosas as experiências psiquiátricas realizadas pelo Dr. Carlos Wickland, que, utilizando-se da argumentação espírita, conseguiu desobsidiar inúmeros pacientes que lhe chegavam, atormentados, ao consultório. Simultaneamente, em seus trabalhos especializados, utilizava-se de uma médium clarividente, sua própria esposa, que o ajudava na técnica da desobsessão. Diante de Alcina incorporada pelo espírito de Galeno, em plena sessão da Salpetrière, respondeu Charcot, aos interessados no fenômeno e que o inquiriram, que lhes não convinha se adiantassem à própria época em que viviam... Sugeria que se não buscassem raciocínios que aclarassem os resultados das investigações, devendo contentar-se somente com aquela «observação experimental», a que todos haviam presenciado. Tal atitude anticientífica tem sido mantida por respeitáveis investigadores, por

temerem a realidade da vida imperecível. Com Allan Kardec, no entanto, tiveram início os eloquentes testemunhos da imortalidade, da comunicabilidade dos Espíritos, da reencarnação e das obsessões, cabendo ao insigne mestre lionês a honrosa tarefa de apresentar conveniente terapêutica para ser aplicada nos obsidiados como também nos obsessores. A partir da publicação de «O Livro dos Médiuns», em janeiro de 1861, em Paris, todo um conjunto de regras, com um notável esquema das faculdades mediúnicas, foi apresentado, a par de seguro estudo do Espírito, nas suas diversas facetas, culminando como exame das manifestações espíricas, organização de Sociedades e palestras dos Espíritos Elevados, que traçaram rotas de segurança para os que ingressarem na investigação racional dos fenômenos medianímicos. A bússola para o sadio exercício da mediunidade foi apresentada com rigoroso equilíbrio, através da Obra magistral. No entanto, diante dos lancinantes problemas da obsessão na atualidade, tem-se a impressão de que nada até o momento haja sido feito a fim de ser modificado esse estado de coisas. De Kardec aos nossos dias, todavia, quantas edificantes realizações e preciosos estudos em torno dos médiuns, da mediunidade, das obsessões e das desobsessões têm sido apresentados! Este capítulo dos problemas psíquicos — «a obsessão» — tem merecido dos cristãos novos o mais acendrado interesse. Apesar disso, avassaladoramente vem-se mantendo em caráter epidêmico, qual morbo virulento que se alastra por toda a Terra, hoje mais do que em qualquer época... «Sinal dos tempos», a que se relerem os Escritos Evangélicos, prenuncia essa dor generalizada, a Era do Espírito Imortal. Milhões de criaturas, no entanto, dormem o sono da indiferença, entregues aos anestésicos do prazer e ao ópio da ilusão. Por todos os lugares se manifestam os Espíritos advertindo, esclarecendo, despertando... No entanto, o carro desatrelado da juventude corre na direção de abismos insondáveis. Os homens alcançam a maturidade vencidos pelos desgastes da quadra juvenil, e a velhice em desassossego padece ao abandono. Os altos índices da criminalidade de todos os matizes e as calamidades sociais espalhadas na Terra são, todavia, alguns dos fatores predisponentes e preponderantes para as obsessões... Os crimes ocultos, os desastres da emoção, os abusos de toda ordem de uma vida ressurgem depois, noutra vida, em caráter coercitivo, obsessivo. É o que hoje ocorre como consequência do passado. A Doutrina Espírita, porém, possui os antídotos, as terapias especiais para tão calamitoso mal. Repetindo Jesus, distende lições e roteiros para os que se abeberam das suas fontes vitais.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Exórdio)

“Prolegômenos. “Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento

e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então Inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo. “As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos “sucumbir e assemelhar-nos a eles.”¹ (1 “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. *Introdução*, página 23, da 28ª Edição da FEB. — Nota do Autor espiritual.) Os modernos pesquisadores da mente encarnada, fascinados pelas experiências de Laboratório, surpreendem, paulatinamente, as realidades do Mundo extrafísico. Ligados, porém, aos velhos preconceitos científicos, denominam a faculdade através da qual veiculam tais fatos pelo nome genérico de “psi”. O “psi” é uma designação que dá elasticidade quase infinita aos recursos plásticos da mente, tais como conhecimento do passado (telepatia), ou acontecimentos que tiveram lugar anteriormente e se encontram gravados nas mentes de outras pessoas; conhecimento de ocorrências no mundo exterior (clarividência), sem o contato com impressões sensoriais; e percepção do futuro (presciência). Em princípio, os recursos valiosos da mente, nas experiências de transposição dos sentidos, fenômenos de profetismo e lucidez, demonstrações de insensibilidade tátil, nas alucinações, polarizações e despolarizações psíquicas, realizadas em epiléticos e histéricos hipnotizados, ensejavam conclusões apressadas que pareciam confirmar as características do “psi”. Comprovou-se mui facilmente, através da sugestão hipnológica, que se pode impressionar um percipiente, a fim de que o mesmo assumia personificações parasitárias momentaneamente, representando vultos da História ou simples pessoas da plebe... Considerando-se, todavia, em outras experiências, os fenômenos intelectuais, como nos casos de xenoglossia e glossolalia, especialmente entre crianças de tenra idade, ou naqueles de ordem física, tais como a pneumografia, o metafonismo, a telecinesia, a teleplasmia e os diversos fenômenos dentro da metergia, constata-se não haver elasticidade que se ofereça à mente encarnada que os possa elucidar, senão através da aceitação tácita de uma força externa inteligente, com vontade própria, que atua no sensitivo, a este conferindo tais possibilidades. Estudiosos do assunto, no passado, tais como William James, acreditaram que todos vivemos mergulhados numa «corrente de consciência cósmica», enquanto Henrique Bergson supunha que «a mente possui um conhecimento de tudo, em qualquer lugar, sem limitação de tempo ou de espaço», dando ao cérebro a função de velador de tal conhecimento. Enquanto tais fenômenos se demoram sem explicação definitiva, a sobrevivência do Espírito após a morte do

corpo não encontra aceitação pelas Academias; distúrbios mentais de vária ordem aprisionam multidões em cárceres estreitos e sombrios, povoados pelos fantasmas da loucura, reduzindo o homem à condição primitiva do passado... Muito embora os desvarios da razão estejam presentes nos fastos de todos os tempos, jamais, como na atualidade, o homem se sentiu tão perturbado. Tratadistas estudiosos dos problemas psicossociológicos do presente atribuem grande parte dos distúrbios mentais à “tensão” das horas em que se vive, elevando, cada dia, o número dos desarranjados psiquicamente e aturridos da emoção. Naturalmente que, além desses, afirmam os de procedência fisiológica, da hereditariedade, de vírus e germens, as sequelas da epilepsia, da tuberculose, das febres reumáticas, da sífilis, os traumatismos e choques que se encarregam de contribuir larga e amplamente para a loucura. Fatores outros predisponentes a que também se referem não podem ser relegados a plano secundário. Todavia, além desses que dão origem a psicoses e neuroses lamentáveis, outros há que somente podem ser explicados pela Doutrina Espírita, no Capítulo das Obsessões estudadas carinhosamente por Allan Kardec. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Prolegômenos)

“Examinando a obsessão. “Entre os que são tidos por loucos, muitos hão que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornam verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas”² (2 “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, 24ª Edição da FEB — Nota do Autor espiritual). Com muito acerto asseverou o Codificador que «o conhecimento do Espiritismo, longe de facilitar o predomínio dos maus Espíritos, há de ter como resultado, em tempo mais ou menos próximo e quando se achar propagado, destruir esse predomínio, o da obsessão, dando a cada um os meios de se pôr em guarda contra as sugestões deles». E o iluminado mestre, não poucas vezes, embora profundo conhecedor do Magnetismo, convocado a atender obsidiados de variado jaez, utilizou-se dos eficientes métodos da Doutrina Espírita para libertá-los com segurança, através da moralização do Espírito perturbador e do sensitivo perturbado. «Obsessão — segundo Allan Kardec — é o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhuns constrangimentos infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.» Ainda é o egrégio intérprete dos Espíritos da Luz que comenta:

«As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do Espírito. É, às vezes, uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas do tempo de outra existência. Muitas vezes, também, não há mais do que desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, entende de fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de gozo em os atormentar, em os vexar, e a impaciência que por isso a vítima demonstra mais o exacerba, porque esse é o objetivo que colima, ao passo que a paciência o leva a cansar-se...» [...] «Os meios de se combater a obsessão — esclarece o eminente Seareiro — variam de acordo com o caráter que ela reveste.» E elucida: «As imperfeições morais do obsidiado constituem, frequentemente, um obstáculo à sua libertação.» A obsessão, todavia, ainda hoje é um terrível escolho à paz e à serenidade das criaturas. Com origem nos refulgos do espírito encarnado, obsessões há em escala infinita e, conseqüentemente, obsidiados existem em infinita variedade, sendo a etiopatogenia de tais desequilíbrios, genericamente denominada distúrbios mentais, mais ampla do que a clássica apresentada, merecendo destaque aquela denominação causa cármica. Jornaleiro da Eternidade, o espírito conduz os germes cármicos que facultam o convívio com os desafetos do pretérito, ensejando a comunhão nefasta. Todavia, não apenas o ódio como se poderia pensar é o fator causal das obsessões e nem somente na Terra se manifestam os tormentos obsessivos... Além da sepultura, nas regiões pungentes e aflitivas de reajustamentos imperiosos e despertamentos inadiáveis das consciências, defrontam-se muitos verdugos e vítimas, começando ou dando prosseguimento aos nefandos banquetes de subjugação psíquica, em luta interminável de extermínio impossível... Obsessores há milenarmente vinculados ao crime, em estruturas de desespero invulgar, em que se demoram voluntariamente, envergando indumentárias de perseguidores de outros obsessores menos poderosos mentalmente que, perseguindo, são também escravos daqueles que se nutrem às suas expensas, imanados por forças vigorosas e cruéis... Na Terra, igualmente, é muito grande o número de encarnados que se convertem, por irresponsabilidade e invigilância, em obsessores de outros encarnados, estabelecendo um consórcio de difícil erradicação e prolongada duração, quase sempre em forma de vampirismo inconsciente e pertinaz. São criaturas atormentadas, feridas nos seus anseios, invariavelmente inferiores que, fixando aqueles que elegem gratuitamente como desafetos, os perseguem em corpo astral, através dos processos de desdobramento inconsciente, prendendo, muitas vezes, nas malhas bem urdidas da sua rede de idiosincrasia esses desassisados morais, que, então, se transformam em vítimas portadoras de enfermidades complicadas e de origem clínica ignorada... Outros, ainda, afervorados

a esta ou àquela iniquidade, fixam-se mentalmente a desencarnados que efetivamente se identificam e fazem-se obsessores destes, amargurando-os e retendo-os às lembranças da vida física, em lamentável comunhão espiritual degradante... Além dessas formas diversificadas de obsessão, outras há, inconscientes ou não, entre as quais, aquelas produzidas em nome do amor tiranizante aos que se demoram nos invólucros carnaís, atormentados por aqueles que partiram em estado doloroso de perturbação e egocentrismo... ou entre encarnados que mantêm conúbio mental infeliz e demorado...” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“**PROLUSÃO.** [...] **2) O obsessor.** O Espírito perseguidor, genericamente denominado obsessor, em verdade é alguém colhido pela própria aflição. Extraneante do veículo somático, experimentou injunções que o tornaram revel, fazendo que guardasse nos recessos da alma as aflições acumuladas, de que não se conseguiu liberar sequer após o decesso celular. Sem dúvida, vítima de si mesmo, da própria incúria e invigilância, transferiu a responsabilidade do seu insucesso a outra pessoa que, por circunstância qualquer, interferiu decerto negativamente na mecânica dos seus malogros, por ser mais fácil encontrar razões de desdita em mãos de algozes imaginários, a reconhecer a pesada canga da responsabilidade que deve repousar sobre os ombros pessoais, como consequência das atitudes infelizes a que cada um se faz solidário. Perdendo a indumentária fisiológica mas, não o uso da razão — embora normalmente deambulando na névoa da inconsciência, com os centros do discernimento superior anestesiados pelos vapores das dissipações e loucuras a que se entregou — imanta-se por processo de sintonia psíquica ao aparente verdugo, conservando no íntimo as matrizes da culpa, que constituem verdadeiros “plugs” para a sincronização perfeita entre a mente de quem se crê dilapidado e a consciência dilapidadora, gerando, então, os pródromos do que mais tarde se transformará em psicopatia obsessiva, a crescer na direção infamante de conjugação irreversível. Ocorrências há, de agressão violenta, pertinaz, dominadora, pela mesma mecânica psíquica, em que o enfermo tomba inerme sob a dominação mental e física do subjugador. Pacientemente atendidos, nos abençoados trabalhos de desobsessão, nos quais se lhes desperta a lucidez perturbada, concitando-os ao avanço no rumo da felicidade que supõem perdida, facultase-lhes entender os desígnios sublimes da Criação, convidando-os a entregarem os que se lhes fizeram razão de sofrimento à Consciência Universal, de que ninguém se evade, e tratando de reabilitar-se, eles mesmos, ante as oportunidades ditosas que fluem e refluem através do tempo, esse grandioso companheiro de todos. Em outros casos, — quando a fixação da

ideia venenosa produziu dilacerações nos tecidos muito sutis do perispírito, comprometendo o reequilíbrio que se faria necessário para a libertação voluntária do processo obsessivo, o que ocorre com frequência, — os Instrutores Espirituais, durante o transe psicofônico, operam nos centros correspondentes da Entidade, produzindo estados de demorada hibernação pela sonoterapia ou utilizando-se de outros processos não menos eficientes, para ensejarem a recomposição dos centros lesados, após o que despertam para as cogitações enobrecedoras. Na maioria dos labores de elucidação, podem-se aplicar as técnicas de regressão da memória no paciente espiritual, fazendo-se que reveja os fatos a que se vincula, mostrando-lhe a legítima responsabilidade dele mesmo, nos acontecimentos de que se diz molesto, após o que percebe o erro em que moureja, complicando a atualidade espiritual que deve ser aproveitada para reparo e ascensão, jamais para repetições de sandices, pretextos de desídia, ensejos de desgraças... Obsessores, sim, os há, transitoriamente, que se entregam à fascinação da maldade, de que se fazem cultores, enceguecidos e alucinados pelos tormentosos desesperos a que se permitiram, detendo-se nos eitos de demorada loucura, em que a consciência açulada pelos propósitos infelizes desvia o rumo das cogitações para reter-se, apenas, na angulação defeituosa do sicário — verdugo impiedoso de si mesmo — pois todo o mal sempre termina por infelicitá-lo aquele que lhe presta culto de subserviência. Tais Entidades — que oportunamente são colhidas pelas sutis injunções da Lei Divina — governam redutos de sombra e viciação, com sede nas Regiões Tenebrosas da Erraticidade Inferior, donde se espriam na direção de muitos antros de sofrimento e perturbação na Terra, atingindo, também, vezes muitas, as mentes ociosas, os espíritos calcetas, os renitentes, revoltados, cômodos e inúteis, por cujo comércio dão início a processos muito graves de obsessão de longo curso, que se estende em conúbio estreito, cada vez mais coercitivo, inclusive após a morte física dos tecidos orgânicos, quando o comensal terreno desencarna. Reunidos em magotes, momentaneamente ferozes, se disputam primazia como sói acontecer entre os homens de instintos primitivos da Terra, nos combates de extermínio, em que os próprios comparsas se encarregam de auto-destruir-se, estimulados por ambições que culminam na vanglória da ilusão que se acaba, estando sempre atormentados pelas lucubrações de domínio impossível, face à carência de forças para se dominarem a si mesmos. Exibindo multiface de horror, com que aparvalham aqueles com os quais se homiziam moral e espiritualmente, acreditam-se, por vezes, tal a aberração a que se entregam, pequenos deuses em competição de força para assumirem o lugar de Deus. Trazendo no substrato da consciência as velhas lendas

religiosas do Inferno eterno, das personificações demoníacas e diabólicas, creem-se tais deidades irremediavelmente caídas, estertorando, em teimosa crueldade, por assumir-lhes os lugares... Expressivo número deles, esses irmãos marginalizados por si mesmos do caminho redentor — que são, todavia, inconscientes instrumentos da Justiça Divina, que ignoram e pensam desrespeitar — obsidiam outros desencarnados que se convertem em obsessores, a seu turno, dos viajantes terrenos, em processo muito complexo de convivência e exploração fisiopsíquica. Todos, porém, todos eles, nossos irmãos da retaguarda espiritual, — onde possivelmente já estivemos também, — são necessitados de compaixão e misericórdia, de intercessão pela prece e oferta dos pensamentos salutareis de todos os que se encontram nas lídimas colmeias espiríticas de socorro desobsessivo, ofertando-lhes o pábulo da renovação e a rota luminescente para a nova marcha, como claro sol de discernimento íntimo para a libertação dos gravames sob os quais expungem os erros em que incidiram. **3) O obsidiado.** Somente há obsidiados e obsessões porque há endividados espirituais, facultando a urgência da reparação das dívidas. Todo problema, pois, de obsessão, redunda em problema de moralidade, em cuja realização o Espírito se permitiu enredar, por desrespeito ético, legal, espiritual. Como ninguém se libera da conjuntura da consciência culpada, já que onde esteja o devedor aí se encontram a dívida e, logo depois, o cobrador. É da lei! No fulcro de toda obsessão estão inerentes os impositivos do reajustamento entre devedor e cobrador. Indubitavelmente o Estatuto Divino dispõe de muitos meios para alcançar os que lhe estão incursos nos códigos soberanos. Não é, portanto, condição única de que o defraudador seja sempre defrontado pelo fraudado, que lhe aplicará o necessário corretivo. Se assim fora, inverter-se-ia a ordem natural, e o círculo repetitivo das injunções de dívida-cobrança-dívida culminaria pela desagregação do equilíbrio moral entre os Espíritos. Como todo atentado é sempre dirigido à ordem geral, embora através dos que estão mais próximos dos agressores, à ordem mesma são convocados os transgressores. Normalmente, porém, graças às condições que facultam ligações recíprocas entre os envolvidos na trama das dívidas, estes retornam ao mesmo sítio, reencontram-se, para que, através do perdão e do amor, refaçam a estrada interrompida, oferecendo-se reciprocamente recursos de reparação para a felicidade de ambos. Porque transitam nas emanações primitivas que lhes parecem mais agradáveis, facultam-se perturbar, enredando-se na ideia falsa de procurar aplicar a própria justiça, em face do que, infalivelmente, caem, necessitados, por sua vez, da Justiça Divina. Quando o Espírito é encaminhado à reencarnação traz, em forma de “matrizes” vigorosas no perispírito, o

de que necessita para a evolução. Imprimem-se, então, tais fulcros nos tecidos em formação da estrutura material de que se utilizará para as provações e expiações necessárias. Ao se voltar para o bem e adquirir títulos de valor moral, desarticula os condicionamentos que lhe são impostos para o sofrimento e restabelece a harmonia nos centros psicossomáticos, que passam, então, a gerar novas vibrações aglutinantes de equilíbrio, a se fixarem no corpo físico em forma de saúde, de paz, de júbilo. Se, todavia, por indiferença ou por prazer, jornadaia na frivolidade ou se encontra adormecido na indolência, no momento próprio desperta automaticamente o mecanismo de advertência, desorganizando-lhe a saúde e surgindo, por sintonia psíquica, em consequência do desajustamento molecular no corpo físico, as condições favoráveis a que os germens-vacina que se encontram no organismo proliferem, dando lugar às enfermidades desta ou daquela natureza. Outras vezes, como os recursos trazidos para a reencarnação, em forma de energia vitalizadora, não foram renovados, ou, pelo contrário, foram gastos em exageros, explodem as reservas e, pela queda vibratória que atira o invigilante noutra faixa de evolução, a sintonia com Entidades viciadas, perseguidoras e perversas se faz mais fácil, dando início aos demorados processos obsessivos. No caso de outras enfermidades mentais, a distonia que tem início desde os primórdios da reencarnação vai, a pouco e pouco, desgastando os depósitos de forças específicas e predispondo-o para a crise que dá início à neurose, à psicose ou às múltiplas formas de desequilíbrio que passa a sofrer, no corredor cruel e estreito da loucura. Através de experiências realizadas pelo dr. Ladislaus von Meduna, no Centro Interacadêmico de Pesquisas Psiquiátricas de Budapeste, foram constatadas diferenças fundamentais entre os cérebros dos epiléticos e dos esquizofrênicos, verificando-se que a presença de uma dessas enfermidades constitui impedimento à presença da outra. Assim, desde o berço, o espírito imprime no encéfalo as condições cármicas, para o resgate das dívidas perante a Consciência Cósmica, podendo, sem dúvida, a esforço de renovação interior — já que do interior procedem as condições boas e más da existência física e mental — recompor as paisagens celulares onde se manifestam os impositivos reabilitadores, exceção feita às problemáticas expiatórias.. Quando a loucura se alastra em alguém, é que o próprio espírito possui os requisitos que lhe facultam a manifestação. A predisposição a este ou àquele estado é-lhe inerente e os fatores externos que a fazem irromper, tais os traumatismos morais de vária nomenclatura, os complexos bem como os recalques já se encontram em germen, na constituição fisiológica ou psicológica do indivíduo, a fim de que o cumprimento do dever, em toda a sua plenitude, se faça impostergável. Há, sem dúvida,

outros e mais complexos fatores causais da loucura, todos, porém, englobados nas “leis de causa e efeito”. Daí a excelência dos ensinamentos cristãos consubstanciados na Doutrina dos Espíritos e vazados na mais eloquente psicoterapia preventiva, mediante os conceitos otimistas, valiosos, conclamando à harmonia e à cordialidade, do que decorrem, conseqüentemente, equilíbrio e renovação naquele que os vive, em cuja experiência realiza o objetivo essencial da reencarnação: produzir para a felicidade! No que diz respeito ao problema das obsessões espirituais, o paciente é, também, o agente da própria cura. É óbvio que, para lográ-la, necessita do concurso do cireneu da caridade que o ajude sob a cruz do sofrimento, através da diretriz de segurança e esclarecimento que o desperte para maior e melhor visão das coisas e da vida, em cujo curso se encontra progredindo. Não se transfere, portanto, para os passistas, doutrinadores e médiuns a total responsabilidade dos resultados nos tratamentos das obsessões. É certo que ocorrem amiúde curas temporárias, recuperações imediatas sem o concurso do enfermo. Sem dúvida são concessões de acréscimo da Divindade. O problema, porém, retomará mais tarde, quando o devedor menos o espere, já que, a esse tempo, deverá estar melhor preparado para fazer o seu reajustamento moral e espiritual com a Lei Divina. Esclareça-se, portanto, o portador das obsessões, mesmo aquele que se encontra no estágio mais grave da subjugação, através de mensagens esclarecedoras ao subconsciente, pela doutrinação eficaz, conclamando-o ao despertamento, do que dependerá sua renovação. Por outro lado, doutrine-se o invasor, o parasita espiritual; entrementes, elucide-se o hospedeiro, o suporte da invasão, de modo que ele ofereça valores compensadores, eleve-se moral e espiritualmente, a fim de alcançar maior círculo de vibração com que se erguerá acima e além das conjunturas, podendo, melhormente, ajudar-se e ajudar aqueles que deixou na estrada do sofrimento, marchando com eles na condição de irmão reconhecido e generoso, portador das bênçãos da saúde e da esperança.” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

“TORMENTOS DA OBSESSÃO. A obsessão campeia na Terra, em razão da inferioridade de alguns Espíritos que nela habitam. Mundo de provas e expiações, conforme esclareceu Allan Kardec, é também bendita escola de recuperação e reeducação, onde se matriculam os calcetas e renitentes no mal, que crescerão no rumo da felicidade mediante o contributo das aflições que se lhes fazem indispensáveis. Alertados para o cumprimento dos deveres morais e espirituais que são parte do programa de crescimento interior de cada qual, somente alguns optam pelo comportamento saudável, o que constitui psicoterapia preventiva contra quaisquer aflições a que pudessem ser conduzidos. No entanto, aqueles que se tornam descuidados dos

compromissos de autoiluminação e de paz enveredam pelas trilhas do abuso das faculdades orgânicas, emocionais e mentais, comprometendo-se lamentavelmente com as soberanas Leis da Vida através da agressão e do desrespeito aos irmãos de marcha evolutiva. Não é, portanto, de estranhar que a inferioridade daqueles que sofrem injustiças e traições, enganos e perversidades, os arme com os instrumentos covardes da vingança e da perseguição quando desvestidos da indumentária carnal, para desforçarem-se daqueles que, por sua vez, foram motivos do seu sofrimento. Compreendessem, porém, a necessidade do amor e superariam as ocorrências nefastas, desculpando os seus adversários e dando-lhes ensejo para repararem o atentado praticado contra a Consciência Divina. No entanto, porque também primários nos sentimentos, resolvem-se pelo desforço, atirando-se nas rudes pugnas obsessivas, nas quais, por sua vez, tornam-se, igualmente, presas das paixões infelizes que combatem nos seus desafetos. A inteligência e o sentimento demonstram que é muito mais fácil amar, ser fiel, construir a paz, implantar o dever, realizar a própria e contribuir em favor da felicidade alheia, do que semear dissabor, cultivar amargura, distender o ódio e o ressentimento. Não obstante, o egoísmo e a crueldade que ainda vigem nas criaturas humanas, quase em geral, respondem pela conduta doentia, impulsionando-as para os desatinos e descalabros que se tornam responsáveis pela sua futura desdita. Negando-se aos sentimentos elevados, o ser transita pelos sítios tumultuados do desespero a que se entrega, quando poderia ascender aos planaltos da harmonia que o aguardam com plenitude. Enquanto permanece esse estado no comportamento humano, as obsessões se transformam em verdadeiro flagelo para todos aqueles que se deixem aprisionar nas suas amarras. A obsessão apresenta-se sob muitos disfarces, tornando-se cada vez mais grave na sociedade hodierna que teima em não a reconhecer, nem a considerar. Religiosos apegados a fanatismo injustificável descartam-na, acreditando-se credenciados a saná-la onde se manifeste, mediante o poder da fé e a autoridade que se atribuem. Acadêmicos vinculados ao cepticismo em torno da imortalidade do Espírito nas diversas áreas em que se movimentam, especialmente nas denominadas ‘ciências da alma’, recusam-se a aceitá-la, convertendo o ser humano a uma situação reducionista, materialista, que a morte consome, aniquilando-o. Arreligiosos, embriagados pela ilusão dos sentidos ou portadores de empáfia, afirmam-se imunes à enfermidade traiçoeira por indiferença aos elevados fenômenos espirituais, que se multiplicam, volumosos, e são desconsiderados. Multidões desinformadas da realidade da vida banqueteam-se na irresponsabilidade, comprometendo-se lamentavelmente através de condutas esdrúxulas e imorais, gerando faturas

calamidades para cada um dos seus membros. E mesmo incontável número de adeptos do Espiritismo, com profundos esclarecimentos e orientação, não poucas vezes opta pela leviandade e arrogância, comprometendo-se com a retaguarda onde ficam em expectativa aqueles que foram iludidos, defraudados, maltratados pela sua insensatez. A vida sempre convoca à reparação todo aquele que se compromete, perturbando-lhe os estatutos superiores. Ninguém, que defraude a ordem, deixará de sofrer a consequência da atitude irrefletida. Cada ser humano conduz no imo a cruz para o sofrimento ou a transforma em instrumento de ascensão conforme se comporte durante o périplo terreno. Os sofrimentos, que surpreendem os Espíritos após desvestirem-se da roupagem física, são decorrência natural dos seus próprios atos, assim como as alegrias e bênçãos que desfrutam. Não se tratam, portanto, os primeiros, de punições severas impostas pela Divindade, mas de processo natural de reparação, nem as outras de concessão gratuita oferecidas aos privilegiados. O Amor vige em tudo, facultando aos equivocados os sublimes mecanismos para a reparação dos erros e a edificação no Bem que se encontra ao alcance de todos. Podemos dizer, portanto, que a obsessão pode ser considerada como o choque de retorno da ação infeliz perpetrada contra alguém que enlouqueceu de dor e de revolta, necessitando de tratamento adequado e urgente. [...] Salvador, 15 de janeiro de 2001. Manoel Philomeno de Miranda.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Tormentos da obsessão)

“OBSESSÃO. CONCEITO - Distúrbio espiritual de longo curso, a obsessão procede dos painéis íntimos do homem, exteriorizando-se de diversos modos, com graves consequências, em forma de distonias mentais, emocionais e desequilíbrios fisiológicos. Inerentes à individualidade que lhe padece o constrangimento, suas causas se originam no passado culposos, em cuja vivência o homem, desatrelado dos controles morais, arbitrariamente se permitiu consumir por deslizos e abusos de toda ordem, com o comprometimento das reservas de previdência e tirocínio racional. Amores exacerbados, ódios incoercíveis, dominação absolutista, fanatismo injustificável, avareza incontrolável, morbidez ciumenta, abusos do direito como da força, má distribuição de valores e recursos financeiros, aquisição indigna da posse transitória, paixões políticas e guerreiras, ganância em relação aos bens perecíveis, orgulho e presunção, egoísmo nas suas múltiplas facetas são as fontes geratrizes desse funesto condutor de homens, que não cessa de atirá-los nos resvaladouros da loucura, das enfermidades portadoras de síndromes desconhecidas e perturbantes do suicídio direto ou indireto que traz novos agravamentos àquele que se lhe submete, inerte, à ação destrutiva. Parasita pertinaz, a obsessão se constitui de toda ideia que se fixa de fora

para dentro - como na hipnose, por sugestão consciente ou não, como pela incoercível persuasão de qualquer natureza a que se concede arrastar o indivíduo. Ou, de dentro para fora, pela dominadora força psíquica que penetra e se espraia, no anfitrião que a agasalha e sustenta, vencendo-lhe as débeis resistências. Originária, às vezes, da consciência perturbada pelas faltas cometidas nas existências passadas, e ainda não expungidas - renascendo em forma de remorsos, recalques, complexos negativos, frustrações, ansiedades -, impõe o auto-suplicio, capaz, de certo modo, de dificultar novos deslizos, mas ensejando, infelizmente, quase sempre, desequilíbrios mais sérios... Possuindo o homem os fatores predisponentes para o seu surgimento e fixação (os débitos exarados na mente espiritual culpada), faculta uma simbiose entre as mentes, encarnadas ou desencarnadas, mas de maior incidência na esfera entre o Espírito desatrelado do carro somático e o viandante da névoa carnal, constituindo tormento de larga expansão que, não atendido convenientemente, termina por atingir estados desesperadores e fatais. Sendo, todavia, a morte, apenas um corolário da vida, em que aquela confirma esta, compreensível é que o intercâmbio incessante prossiga, não obstante a ausência da forma física. Viajando pelo perispírito, veículo condutor das sensações físicas na direção do Espírito e, vice-versa, mensageiro das respostas ou impulsos deste no rumo do soma, esse corpo semimaterial, depositário das forças impregnantes das células, constitui excelente campo plástico de que se utiliza a Lei para os imprescindíveis reajustes daqueles que, por distração ou falta de siso, desrespeito ou abuso, ambição ou impiedade se atrelaram às malhas da criminalidade. O comércio mental funciona em regime de amplas perspectivas, seja no plano físico, seja nas esferas espirituais; ou reciprocamente. Não sendo necessário o cérebro para que a mente continue o seu ministério intelectual, constituindo o encéfalo tão-somente o instrumento de exteriorização física, mentes e mentes ligam-se e se desligam em conúbios contínuos, incessantes, muito mais do que seria de supor-se. O que é normal entre os homens não muda após o decesso corporal. Há sempre alguém pensando noutrem. O estabelecimento dos contatos como a continuidade deles é que podem dar curso aos processos obsessivos ou lenificadores, consoante seja a fonte emissora. Através da Física Moderna, em ligeiro exame, podemos constatar que, à medida que a matéria foi perquirida, experimentou desagregação, até quase total extinção da ideia de estrutura. Dos conceitos medievais aos hodiernos, há abismos de conhecimento, viandando da constituição bruta à quintessência. Em consequência, a Terra e tudo que nela se encontra ora se converte em ondas, raios, mentes, energias... Da ideia simples, que insiste,

perseverante, à fascinação estonteante, contínua, até à subjugação vencedora, a obsessão é, em nossos dias, o mais terrível flagelo com que se vê a braços a Humanidade... Especando em condições próprias, quais cogumelos bravos e venenosos, multiplica-se assustadoramente, conclamando-nos todos à terapêutica imediata, cuidadosa, e a medidas preventivas, inadiáveis, antes que os palcos do mundo se convertam em cenários nefandos de horror e desastre. DESENVOLVIMENTO - A História é testemunha de obsessões cruéis. Atormentados de todo porte desfilaram através dos tempos, vestindo indumentárias masculinas e femininas, em macabros festivais, desde as guerras sanguissedentas a que se entregavam às dominações mefíticas, cuja evocação produz estupor nas mentes desacostumadas à barbárie. Não somente, todavia, nos recuados tempos do passado. Não há muito, a Humanidade foi testemunha da fúria obsessiva dos apaniguados do racismo hediondo, que nos campos de concentração de diversas nações modernas praticaram os mais selvagens e frios crimes contra o homem e a sociedade, conseqüentemente contra Deus. Isto porque a obsessão não se desenvolve somente nos chamados meios vis, em que imperam a ignorância, o primitivismo, o analfabetismo, os sofrimentos cruciais. Medra, também, e muito facilmente, entre os que são fátuos, os calculistas e imediatistas, neles desdobrando, em virtude das condições favoráveis da própria constituição espiritual, os sémens da perturbação que já conduzem interiormente. Estigma a pesar sobre cabeças coroadas, a medrar em berços de ouro e nácar, a fustigar conquistadores, a conduzir perversos, esteve nos fastos históricos aureolada de poder e ovacionada pela febre da loucura, condecorando homicidas e destruindo-os depois, homenageando bárbaros e destroçando-os, em voragens nas quais se consumiam, em espetáculos inesquecíveis pela aberração de que davam mostras. Ferrete cravado em todos aqueles que um dia se mancomunaram com o crime, aparece nas mentes e corpos estiolados, arrebatando-se em expressões teratológicas dolorosas, exibindo as feridas da incúria e da alucinação. Não apenas no campo psíquico a obsessão desarticulou, no passado, heróis e príncipes, dominadores e dominados, mas, também, nas execrações físicas de que não se podiam furtar os criminosos, jugulando-os às jaulas em que se fazia necessário padecerem para resgatar. Hoje, em pleno século da tecnologia, em que os valores éticos sofrem desprestígio, a benefício dos valores sem valor, irrompe a obsessão caudalosa, arrastadora, arrancando o homem das estrelas para onde procura fugir, a fim de fixá-lo ao solo que pensa deixar e que se encontra juncado de cadáveres, maculado de sangue, decorrência de suas múltiplas e incessantes desídias. OBSESSÃO E JESUS - Ensinando mansuetude e renúncia,

quando o mundo se empolgava nas luzes de Augusto; precedido pelos arregimentadores da paz e da concórdia, que mergulharam na carne para lhe prepararem o advento, Jesus viveu, todavia, os dias em que a força estabelecia as bases do direito e o homem era laçao das paixões infrenes, vitimado pelas loucas ambições da prepotência e das guerras... Embora as luzes do pensamento filosófico de então, a espocarem em vários rincões, o ser transitava, ainda, das expressões da selvageria à civilidade, acobertado por vernizes tênues de cultura, em que o orgulho vão mantinha supremacia, dividindo as criaturas em castas e subcastas, a expensas de preconceitos muito enganosos. A Sua mensagem de amor, no entanto, sobrepairou além e acima de todas as conceituações que chegaram antes, e a força do Seu verbo, na exemplificação tranquila quão eloquente de que se fez expoente, abalou a pouco e pouco os falsos alicerces da Terra, injetando estrutura salutar e poderosa sobre a qual ergue, há vinte séculos, o Reino da Plenitude... Nunca se escutara voz que se Lhe semelhasse. Jamais se ouviu canção que transfundisse tal esperança. Outra vez não voltaria o murmúrio sublime de tão comovedora musicalidade... Ninguém que fizesse o que Ele fez. Nenhuma dádiva que suplantasse a que Ele distribuiu. Pelo tanto que é, tornou-se também o Senhor dos Espíritos, penetrando os meandros das mentes obsidiadas e arrancando de lá as matrizes fixas, por meio das quais os Espíritos impuros se impunham àqueles que lhes estavam jugulados pelos débitos pesados do pretérito. Não libertou, no entanto, os obsidiados sem lhes impor a necessidade de renovação e paz, por meio das quais encontrariam o lenitivo da reparação da consciência maculada pelas infrações cometidas. Nem expulsou, desapiedadamente, os cobradores inconscientes. Antes entregou-os ao Pai, a Quem sempre exorava proteção, em inigualável atitude de humildade total. Apesar disso, os que O cercavam, fizeram-se por diversas vezes instrumento de obsessões temporárias, a fim de que pudessemos compreender, mais tarde, a nossa própria fragilidade, afastando assim pretensões e regimes de exceção. Enérgico ou meigo, austero ou gentil, côncio da Sua missão, ensinou que a terapêutica mais poderosa contra obsessões e desgraças é a do amor, pela vivência da caridade, da renúncia e da auto sublimação. Prevendo o futuro de dores que chegaria mais tarde, facultou-nos o Consolador para que todos que “nele cressem não perecessem, mas tivessem a vida eterna”. Enquanto as luzes da cultura parecem esmaecidas pelo sexo em desconcerto, de que se utilizam os Espíritos infelizes para maior comércio com os homens; pelos estupefacientes e alucinógenos em báratro assustador, que facultam mais amplas possibilidades ao conúbio entre os Espíritos dos dois lados da vida; pela aflição na conquista da posse, que estimula o

exercício exagerado de paixões de vários portes; pela fuga espetacular à responsabilidade, que engendra o desrespeito e acumplicia o homem às torpes vantagens da carne ligeira; pela desesperação do gozo de qualquer matiz, que abre as comportas do vampirismo destruidor, o Consolador chega lucilando ao mundo e acenando novos métodos de paz para os que sofrem, e esses sofrendores somos quase todos nós. Obsidiados, obsessões, obsessores! Ei-los em toda parte, para quem os pode identificar. Em arremedos de gozadores, padecem ultrizes exulcerações íntimas. Sorrindo, têm a face em esgares. Dominando, se revelam vencidos por incontáveis mazelas que brotam de dentro e se exteriorizam mais tarde em feridas purulentas, nauseantes... Mais do que nunca, a oração do silêncio e a voz da meditação, no rumo da edificação moral, se fazem tão necessárias! Abrir a mente à luz e o coração ao amor, albergando a família padecente dos homens, de que fazemos parte, é o impositivo do Cristo para todos os que creem e, especialmente, para os espiritistas, que possuímos os antídotos eficazes contra obsessões e obsessores, com o socorro aos obsidiados e seus perseguidores, sob a égide de Jesus.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 19)

I.3. Histórico

**“OS MILAGRES DO EVANGELHO. [...] POSSES-
SOS. 29.** *Vieram em seguida a Cafarnaum e Jesus, entrando primeiramente, em dia de sábado, na sinagoga, os instruíu. — Admiravam-se da sua doutrina, porque ele os instruíu como tendo autoridade e não como os escribas. Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um Espírito impuro, que exclamou: — Que há entre ti e nós, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. — Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: Cala-te e sai desse homem. — Então, o Espírito impuro, agitando o homem em violentas convulsões, saiu dele. Ficaram todos tão surpreendidos que uns aos outros perguntavam: Que é isto? Que nova doutrina é esta? Ele dá ordem com império, até aos Espíritos impuros, e estes lhe obedecem.* (S. Marcos, 1:21 a 27) **30.** *Tendo eles saído, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. — Expulso o demônio o mudo falou e o povo, tomado de admiração, dizia: Jamais se viu coisa semelhante em Israel. Mas os fariseus, ao contrário, diziam: É pelo príncipe dos demônios que ele expele os demônios.* (S. Mateus, 9:32 a 34) **31.** *Quando ele foi vindo ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu em torno destes uma grande multidão de pessoas e muitos escribas que com eles disputavam. — Logo que deu com Jesus, todo o povo se tomou de espanto e temor e correram todos a saudá-lo. Perguntou ele então: Sobre que disputáveis em assembleia? — Um homem, do meio do povo, tomando a palavra, disse: Mestre, trouxe-te meu filho,*

que está possesso de um Espírito mudo; — em todo lugar onde dele se apossa, atira-o por terra e o menino espuma, rilha os dentes e se torna todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. Disse-lhes Jesus: Oh! Gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-mo. — Trouxeram-lho e ainda não havia ele posto os olhos em Jesus, e o Espírito entrou a agitá-lo violentamente; ele caiu no chão e se pôs a rolar espumando. Jesus perguntou ao pai do menino: Desde quando isto lhe sucede? — Desde pequenino, diz o pai. — E o Espírito o tem lançado, muitas vezes, ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer; se alguma coisa puderes, tem compaixão de nós e socorre-nos. Respondeu-lhe Jesus: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê. — Logo exclamou o pai do menino, banhado em lágrimas: Senhor, creio, ajuda-me na minha incredulidade. Jesus, vendo que o povo acorria em multidão, falou em tom de ameaça ao Espírito impuro, dizendo-lhe: Espírito surdo e mudo sai desse menino e não entres mais nele. — Então, o Espírito, soltando grande grito e agitando o menino em violentas convulsões, saiu, ficando como morto o menino, de sorte que muitos diziam que ele morrera. — Mas Jesus, tomando-lhe as mãos e amparando-o, fê-lo levantar-se. Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram, em particular: Por que não pudemos nós expulsar esse demônio? — Ele respondeu: Os demônios desta espécie não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum. (S. Marcos, 9:13 a 28) **32.** Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo e ele o curou, de modo que o possesso começou a falar e a ver: — Todo o povo ficou presa de admiração e dizia: Não é esse o filho de David? Mas os fariseus, isso ouvindo, diziam: Este homem expulsa os demônios com o auxílio de Belzebu, príncipe dos demônios. Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Todo reino que se dividir contra si mesmo será arruinado e toda cidade ou casa que se divide contra si mesma não pode subsistir. — Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como, pois, o seu reino poderá subsistir? — E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsarão vossos filhos? Por isso, eles próprios serão os vossos juízes. — Se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, é que o reino de Deus veio até vós. (S. Mateus, 12:22 a 28) **33.** Com as curas, as libertações de possesores figuram entre os mais numerosos atos de Jesus. Alguns há, entre os fatos dessa natureza, como os acima narrados, no nº 30, em que a possessão não é evidente. Provavelmente, naquela época, como ainda hoje acontece, atribuía-se à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa se não conhecia, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Outros há, todavia, em que nada tem de duvidosa a ação dos maus Espíritos, casos esses que guardam com os de que somos testemunhas

tão frisante analogia, que neles se reconhecem todos os sintomas de tal gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em tal caso, ressalta de um fato material: são as múltiplas curas radicais obtidas, nalguns centros espíritas, pela só evocação e doutrinação dos Espíritos obsessores, sem magnetização, nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e a grande distância deste. A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, chamados então demônios, que lhe bastava ordenar se retirassem para que não pudessem resistir a essa injunção. (Cap. XIV, nº 46)

34. O fato de serem alguns maus Espíritos mandados meter-se em corpos de porcos é o que pode haver de menos provável. Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal era tido em horror e nenhuma utilidade oferecia para a alimentação. Um Espírito, porque mau, não deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer mal, depois de desencarnar, como o fazia antes, e é contra todas as leis da Natureza que lhe seja possível fazer morada no corpo de um animal. No fato, pois, a que nos referimos, temos que reconhecer a existência de uma dessas ampliações tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, então, será uma alegoria destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35. Parece que, ao tempo de Jesus, eram em grande número, na Judéia, os obsidiados e os possesores, donde a oportunidade que ele teve de curar a muitos. Sem dúvida, os Espíritos maus haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, nº 49) Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são muitíssimo frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que, entretanto, por um conhecimento amplo do Espiritismo, facilmente se descobrem. Podem, não raro, trazer consequências danosas à saúde, seja agravando afecções orgânicas já existentes, seja ocasionando-as. Um dia, virão a ser, incontestavelmente, arroladas entre as causas patológicas que requerem, pela sua natureza especial, especiais meios de tratamento. Revelando a causa do mal, o Espiritismo rasga nova senda à arte de curar e fornece à Ciência meio de alcançar êxito onde até hoje quase sempre vê malogrados seus esforços, pela razão de não atender à primordial causa do mal. (O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXIII) **36.** Os fariseus diziam que por influência dos demônios é que Jesus expulsava os demônios; segundo eles, o bem que Jesus fazia era obra de Satanás; não refletiam que, se Satanás expulsasse a si mesmo, praticaria rematada insensatez. É de notar-se que os fariseus daquele tempo já pretendessem que toda faculdade transcendente e, por esse motivo, reputada sobrenatural, era obra do demônio, pois que, na opinião deles, era do demônio

que Jesus recebia o poder de que dispunha. É esse mais um ponto de semelhança daquela com a época atual e tal doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer que prevaleça hoje contra as manifestações espíritas.” (AK, *A gênese*, Capítulo XV)

“Prolegômenos. [...] Fazendo-se ligeiro levantamento através da História — e os acontecimentos têm sido registrados em todas as épocas do pensamento, mesmo nas mais recuadas —, surpreendemos, ao lado dos alienados de qualquer procedência, magos e sacerdotes manipulando exorcismos e orações com que pretendiam afastar os Espíritos atormentadores, que se comprazem em vampirizar ou exaltar suas vítimas em infeliz comércio entre os dois planos da vida: o corporal e o espiritual. Os livros sagrados de todos os povos, desde a mais remota antiguidade oriental, em se referindo às leis morais, reportam-se à vida extra-terrena, às consolações e às penalidades impostas aos Espíritos — tal como se a informação tivesse sido haurida na mesma fonte, tendo como única procedência a inspiração dos desencarnados — estudando, igualmente, as aflições e perturbações de origem espiritual, que remontam às vidas pregressas... Considerados inicialmente como anjos maus ou demônios, ao tempo de Jesus, foram por Ele classificados de “espíritos Imundos”, com os quais se defrontou, reiteradas vezes, durante a jornada vivida na Terra. Todos os grandes pensadores, artistas, escritores, filósofos do passado, “psi” de religiões, “doutores da Igreja”, são unânimes em atestar as realidades da vida além da carne, pelos testemunhos inconfundíveis da imortalidade. Aos Espíritos dos ditos mortos se referem Anaxágoras, Plutarco, Sócrates, Heródoto, Aristóteles, Cícero, Horácio, Plínio, Ovídio, Lucano, Flávio José, Virgílio, Dionísio de Halicarnasso, Valério Máximo... que, em seus relatos, apresentam farta documentação comprobatória do intercâmbio espiritual, citando outras não menos célebres personagens do seu tempo. Ricos são os comentários sobre as aparições, as casas assombradas, os avisos e as consultas nos santuários de todas as grandes Civilizações. Mais tarde Lactâncio, Orígenes, Ambrósio, Basílio e Arnóbio dão farto e eloquente testemunho das comunicações com os desencarnados. A Escola Neoplatônica de Alexandria, através dos seus mais expressivos vultos, pregando a multiplicidade das existências (reencarnação), afirma, por intermédio de Plotino, Porfírio, Jámblico, Próclus, a continuidade da vida concedida ao princípio espiritual. A Idade Média foi farta em provas sobre os desencarnados. “Anjos” e “espíritos imundos” subitamente invadiram a Europa, e os “inspirados” e “endemoninhados”, os “adivinhos” e “feiticeiros” foram levados à pira crematória, sem que conseguissem extinguí-los. Das primeiras lutas entre o Empirismo e o Racionalismo intelectual à Era Atômica, filósofos e cientistas não ficaram indiferentes aos

Espíritos... No século 19, porém, fadado pelas suas conquistas a servir de base ao futuro, no que diz respeito ao conhecimento, a sobrevivência mereceu por parte de psicólogos e psiquistas o mais acirrado debate, inaugurando-se a época das investigações controladas cientificamente. Foi nesse período que Allan Kardec, convidado à liça da cultura e da informação, empunhando o bisturi da investigação, clareou, com uma Filosofia Científica — o Espiritismo, calcada em fatos devidamente comprovados, os escaninhos do obscurantismo, oferecendo uma terapêutica segura para as alienações torturantes, repetindo as experiências de Jesus Cristo junto aos endemoninhados e enfermos de toda ordem. Classificou como obsessão a grande maioria dos distúrbios psíquicos e elaborou processos de recuperação do obsidiado, estudando as causas anteriores das aflições à luz das reencarnações, através de linguagem condizente com a razão, e demonstrável experimentalmente. A Codificação Kardequiana, como um monumento granítico para os séculos porvindouros, certamente não resolveu o “problema do homem”, pois que este ao próprio homem é pertinente, oferecendo, todavia, as bases e direções seguras para que tenha uma vida feliz, ética e socialmente harmoniosa na família e na comunidade onde foi chamado a viver. Psiquistas de nomeada, advertidos pelos resultados observados na Europa e na América, em torno do fascinante assunto — comunicabilidade dos Espíritos —, empenharam-se, então, em laboriosas experiências, criando, alguns, por mais compatível com as suas investidas acadêmicas, sucedâneos para a alma, que introduziram na genética da Biologia, negando àquela o direito à legitimidade. O Professor Gustavo Geley, por exemplo, criou a designação de “dínamo-psiquismo”, Pauley, a de “consciência profunda”, Hans Driesch a de “enteléquias” e teorias metapsíquicas vieram a lume, em ferrenho antagonismo à imortalidade, esgrimindo as armas do sofisma e da negação, sem conseguirem, no entanto, resultado positivo. O célebre Professor Charles Richet, estimulado pelas experiências eminentemente científicas de Sir William Crookes, elaborou a Metapsíquica e, ao despedir-se da sua Cátedra de Fisiologia, na Universidade de Paris, deixou ao futuro a satisfação de confirmar, de negar ou desdobrar as suas conclusões. Com o advento da moderna Parapsicologia, novos sucedâneos têm sido criados para o espírito imortal e, enquanto os pesquisadores se demoram no problema da designação nominativa que inspira debates e celeumas, a Doutrina Espírita, lecionando amor e fraternidade, estudo e conhecimento da vida sob a inspiração dos Imortais, distende braços e liberta das malhas vigorosas da obsessão aqueles que, por imprevidência ou provação, se deixaram arrastar aos escuros precipícios da anarquia mental, perturbados ou subjugados por forças ultrizes da Erraticidade,

prescrevendo as mesmas diretrizes morais insertas no Evangelho de Jesus-Cristo, vivido em espírito e verdade.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Prolegômenos)

“**Examinando a obsessão.** [...] E prossegue: «Há Espíritos obsessores sem maldade, que alguma coisa mesma denotam de bom, mas dominados pelo orgulho do falso saber. Obsidiados, sempre os houve em todas as épocas da Humanidade.» Repontando, vigoroso, o fenômeno mediúnico em todos os povos e em todos os tempos, oferecendo roteiros iluminativos para muitas Civilizações, foi, também, veículo de pungentes dramas de vultos que se celebrizaram na História. Nabucodonosor 2º, o Grande, rei da Caldeia, perturbado por Espíritos vingadores, experimentou tormentos inomináveis, obsidiado, descendo à misérrima condição de anormal... Tibério, de mente dirigida por Espíritos impiedosos, atingiu alto índice de crueldade, pela desconfiança exacerbada, insuflada pelos adversários desencarnados... Domício Nero, tristemente celebrizado, após uma existência de loucuras, avassalado por cruéis inimigos do Além-Túmulo, não poucas vezes em desdobramentos espirituais reencontrou a mãe Agripina e a esposa Otávia, que foram assassinadas por sua ordem, pressagiando-lhe o termo doloroso... E, no entanto, na epopeia sublime do Evangelho, que desfilam ao lado de Jesus, em larga escala, os atormentados por Espíritos infelizes, que encontram n’Ele o Médico Divino que lhes lucila o íntimo e os liberta do sofrimento. Os discípulos do Rabi Galileu, vezes sem conta, aplicaram o passe curativo nos inúmeros obsidiados que os buscavam, prossequindo o ministério apostólico entre os atormentados da Terra e os perturbados do Mundo Espiritual, como fizera o Mestre. E depois deles os registros históricos apresentam loucos de nomenclatura variada, às voltas com Entidades atormentadoras, sofrendo na fogueira e no exílio, no poço das serpentes e nos Manicômios sombrios, o resultado da convivência psíquica com os que atravessaram o portal da Imortalidade e se demoram nas viciações e nos sentimentos em que se compraziam... Asseverou Allan Kardec: “Não foram os médiuns, nem os espíritas que criaram os Espíritos; ao contrário, foram os Espíritos que fizeram haja espíritas e médiuns. Não sendo os Espíritos mais do que as almas dos homens, é claro que há Espíritos desde quando há homens; por conseguinte, desde todos os tempos eles exerceram influência salutar ou perniciosa sobre a Humanidade. A faculdade mediúnica não lhes é mais que um meio de se manifestarem. Em falta dessa faculdade, fazem-no por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“**Estudando o hipnotismo.** Fôramos informados pelo irmão Saturnino de que, no processo de desobsessão, em que nos empenhávamos ao lado da família Soares, seria necessário colher melhores lições em

torno do problema da hipnose espiritual praticada por Entidades Vingadoras da Erraticidade, antes de tomarmos conhecimento detalhado das tarefas que se realizavam no Anfiteatro. Para tanto, receberíamos, ao primeiro ensejo, a visita de sábio Mensageiro Espiritual que viria aos nossos trabalhos e, utilizando-se da mediunidade do irmão Morais, dar-nos-ia elucidativa mensagem sobre a Hipnologia. Anunciada a noite dos trabalhos em que receberíamos o abençoado Instrutor, preparamo-nos convenientemente e, chegado o momento, após a abertura dos trabalhos, que foi procedida pelo irmão Petitinga, e as instruções normais, o médium, em transe sonambúlico, começou a falar. Feitas as saudações iniciais e costumeiras, a Entidade, que irradiava bondade e simpatia, começou a expressar-se com inesquecível inflexão de voz: — Irmãos na fé restaurada: «que Jesus, o Divino Benfeitor, nos abençoe e nos guarde, dando-nos a Sua paz e inspiração! «Desde tempos imemoriais que são conhecidas algumas das práticas do Hipnotismo moderno, que ocupava nas religiões dos povos da antiguidade oriental lugar de relevo, embora com nomenclatura diversa. “O Egito faraônico, através dos seus sacerdotes, que pesquisavam os mais variados fenômenos psíquicos com os recursos de que dispunham, dedicou diversos templos ao sono, nos quais se realizavam as experiências hipnológicas de expressivos resultados. Os taumaturgos caldeus praticavam-no com finalidades terapêuticas, lobrigando respeitável soma de benefícios. E as diversas literaturas referentes à hipnologia conservam ainda hoje fragmentos históricos da sua viagem multissecular através de civilizações incontáveis que ficaram no passado... «Deve-se, porém, a Frederico Antônio Mesmer o grande impulso que o trouxe aos tempos modernos. Todavia, merece considerado que Paracelso, autor do conceito e teoria do fluído, anteriormente, já se interessara por experiências magnéticas, que seriam posteriormente desdobradas por Mesmer. Considerava Mesmer o fluído como sendo o meio de uma influência mútua entre os corpos celestes, a terra e os astros», afirmando que esse fluído se encontra em toda a parte e enche todos os espaços vazios, possuindo a propriedade de «receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento». E elucidava: «O corpo animal experimenta os efeitos desse agente: e é insinuando-se na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente». «Formado pela Universidade de Viena, o ilustre médico defendeu a tese que intitulou: «Influência dos astros na cura das doenças», através da qual expunha a sua teoria do fluído, inspirada, sem dúvida, no tradicional conceito do fluidismo universal. «Fixado em tal opinião, concluía que as enfermidades decorrem da ausência desse fluído no organismo, fluído que passa, então, a ser a alma da vida. “Utilizando-se de 27 proposições ou aforismos, estabeleceu as bases do seu

pensamento e transferiu-se de Viena para Paris, nos fins do século 18, dando início, conquanto o forte preconceito acadêmico então reinante, às suas práticas, que tinham de certo modo um caráter burlesco, tendo em vista a forma bizarra com que se apresentava, sem a preocupação de atender à seriedade de um labor de ordem científica. “Compreensivelmente, o aparato algo teatral conseguia influenciar os pacientes que lhe buscavam o auxílio”. Fazendo uma pausa, como a coordenar historicamente os conceitos, prosseguiu, com expressiva ênfase: — “Avançando de surpresa a surpresa, nas experiências magnéticas ao lado de portadores de distúrbios nervosos, criou Mesmer a tina das convulsões*”, em redor da qual podiam ser atendidas simultaneamente até 130 pessoas [* A “Tina das convulsões” ou baquet (em francês) se constituía de ampla caixa de madeira com dimensões gigantes, de forma circular e entulhada de limalhas de ferro. Sobre as limalhas eram colocadas garrafas cheias de água adredemente magnetizadas. Essas garrafas semelham-se a vasos comunicantes, por estarem interligadas e o líquido passar através de todas. Da tina, por aberturas assimétricas, saíam inúmeras barras delgadas e longas de ferro, móveis, que os pacientes aplicavam sobre os órgãos enfermos. Os pacientes formavam diversas fileiras em torno do baquet, de modo a poderem a um só e mesmo tempo beneficiar-se dos resultados magnéticos. Além disso, deixavam-se atar à cintura por uma corda, uns aos outros, e se davam as mãos com a finalidade de formarem um anel de força, a fim de ampliarem a ação do fluido.]. “Ali se reuniam paralíticos, neuropatas de classificação complexa que, em contato com o fluido magnético, eram acometidos de convulsões violentas das quais saíam com nervos relaxados, libertados das enfermidades que os consumiam. “Acatado por uns, perseguido por outros, Mesmer terminou por abandonar Paris e transferiu-se para Nursburg, no lago de Constância, algo combalido e desprestigiado. «As suas experiências, porém, chamaram a atenção de homens ilustres e interessados na busca de métodos capazes de diminuir as aflições humanas. Entre esses, o Marquês De Puységur,* em 1787 [* O Marquês De Puységur, dominado por sentimentos humanitários, magnetizou uma árvore em sua propriedade de Bussancy com o objetivo de auxiliar os pobres que, tocando no vetusto vegetal, se diziam melhorar através dos seus recursos benéficos. Mesmer, por sua vez, interessado igualmente na mais ampla difusão do magnetismo, bem como na coleta de resultados espetaculosos, instruiu um seu empregado, tornando-o seu cooperador para atender à clientela em crescimento espantoso. Além do baquet que atendia a número coletivo, havia a aplicação do magnetismo individualmente, feito de maneira bastante grosseira,

mas, ainda assim, de resultados surpreendentes...]; enquanto magnetizava um camponês de nome Vítor Race, foi surpreendido por estranha ocorrência: o paciente adormeceu e nesse estado apresentou admirável lucidez, sendo capaz de produzir eficiente diagnóstico a respeito de males orgânicos que o afligiam e sugerir segura terapêutica. O sono era ameno, sem convulsão nem tormento, ensejando o início do período denominado então sonambulismo. «O fato, digno de estudos, tornou-se de súbito instrumento de charlatanismo e foi denominado como maravilhoso, dando margem a especulações naturalmente ridículas e indignas. Todavia, estava-se no caminho certo, apesar das veredas falsas. A Academia, convocada a opinar através de inquéritos conduzidos com má fé, chegou à conclusão de que tudo não passava de burla, e cerrou, desde então, «olhos e ouvidos» aos aventureiros, relegando-os ao mais amplo desprezo. “Pesquisadores conscientes, no entanto, não desanimaram e, dentre esses, o Barão Du Potet e Carlos Lafontaine se fizeram os mais notórios pelos livros que escreveram e os espetáculos públicos em que se apresentaram, exibindo os resultados das suas investigações, embora não fossem realmente cientistas. «No entanto, a descoberta de De Puységur veio influenciar poderosamente o sacerdote português José Custódio de Faria, nascido em Concolim de Bardez, na África Portuguesa e residente em Paris, que, graças ao seu notável trabalho, passou a ser chamado em França l’abbé de Faria, que conseguiu, com inauditos esforços, libertar-se de todas as práticas e formas até então vigentes, estabelecendo que o fenômeno procedia da sugestão, dependendo, evidentemente, do paciente. Desconsiderou as apresentações ridículas, sem conseguir, no entanto, despertar a atenção dos sábios e acadêmicos... “As experiências de De Puységur conduziram o fenômeno ao campo da transposição dos sentidos, visão a distância e através de corpos opacos, etc... “Todavia, ao cirurgião inglês James Braid se deve a introdução do termo hipnotismo em lugar de magnetismo e novas conclusões surpreendentes no setor das pesquisas, tendo-se em vista ser ele espiritualista. Assistia ele a uma sessão de Lafontaine, para averiguar o que havia de real no debatido problema da magnetização, quando se sentiu despertado para alguns dos fenômenos mais modestos, o que o levou a realizar, ele mesmo, incontáveis experiências, no decurso das quais, após conseguir o sono provocado em seus «sujets», deparou com os estados de catalepsia e letargia, encontrando novo campo para experimentações valiosas. Estávamos fascinados. Era uma síntese histórica do Hipnotismo, então aplicado em nossos trabalhos espirituais, e que hoje tem amplo curso entre médicos e odontólogos, reflexologistas e psiquiatras, constituindo preciosa disciplina credora de

estudos profundos e complexos. O Instrutor, após ligeira reflexão, deu curso à exposição fluente e clara: — “No ano de 1878, porém, o Professor João Martinho Charcot proferiu uma série de conferências no Hospital da Salpêtrière, modificando na Academia a reabilitação do desdenhado *Magnetismo*, agora apresentado com nomenclatura diferente: Hipnotismo, expressão compatível, sem dúvida, com as experiências em curso. Todavia, o eminente professor Charcot, lidando exclusivamente com histéricas internadas no Hospital da Salpêtrière, chegou à conclusão apressada de que o hipnotismo é uma neuropatia de caráter automatista, que se manifesta no enfermo através de três fases distintas: catalepsia, letargia e sonambulismo, relegando o fenômeno hipnótico a um plano de descrédito e mesmo de abjeção. “Enquanto o Professor Charcot pontificava na Universidade da Salpêtrière, acusado pelo Professor Pedro Janet de apenas ter hipnotizado sensitivas já condicionadas por estudantes que praticavam o sonambulismo na ausência do mestre, criando nas percipientes um estado de automatismo patológico lamentável, destaca-se na Escola de Nancy o Dr. Liébault, que desde 1860 aplicava os recursos hipnológicos diariamente em sua clínica, com resultados expressivos, discordando terminantemente da conceituação histeropata dos mestres da Salpêtrière... Esse mesmo Professor Pierre Janet publicara, em 1889, um livro intitulado “Automatismo psicológico”, através do qual, entre diversas conclusões, tenta desmoralizar os 50 médiuns, situando-os entre os histéricos, na condição de simples automatistas. A Escola de Nancy reuniu homens notáveis, dentre os quais o professor Bernheim, que fora atraído ao Hipnotismo, através de um seu cliente para o qual falharam todos os recursos, e se curara com uma única sessão de hipnose na clínica do Dr. Liébault.* (* Allan Kardec, o eminente Codificador, acentuou que: “São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou até exclusivamente por ato de vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluído, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais”. *A Gênese*, de Allan Kardec, 14ª edição — Capítulo XIV — Item 32 — FEB. — Nota do Autor espiritual) A partir desse momento, ficaram definitivamente estabelecidas as duas correntes preponderantes na Hipnologia: a de

que o fenômeno hipnótico encontra melhor campo e é específico nos histéricos, e aquela que afirma o oposto, estabelecendo que as pessoas portadoras de cérebro normal, capazes de melhor concentrarem nas ideias que se lhes sugiram, são as realmente hipnotizáveis. Correntes de pensamentos diversos, padronizadas segundo os múltiplos experimentadores, têm sido apresentadas, criando opiniões esdrúxulas e não poucas vezes ridículas. A verdade, porém, é que as duas Escolas francesas, a da Salpêtrière, na qual pontificavam os conceitos da histeropatia, e a de Nancy, afirmando a legitimidade da sugestão em todos os indivíduos, mereceram da posteridade estudos mais acentuados e melhor consideração, embora a grande maioria dos pesquisadores haja discordado de Charcot, Pedro Jauet, Babinski, seus mais ilustres representantes. «O Professor Carlos Richet, a cujo trabalho tanto devem as ciências fisiológicas e psicológicas, o eminente catedrático da Universidade de Paris, realizou estudos sistematizados, expôs com lealdade os resultados obtidos e conseguiu interessar os mais eminentes estudiosos do seu tempo, entre os quais o próprio Professor Charcot, que após as conclusões do mestre fisiologista resolveu estudar em profundidade o Hipnotismo»... E dando diversa inflexão à voz, o Benfeitor, no qual se alinhavam conhecimentos valiosos e experiências de alto realce, aduziu: — «O que nos importa, entretanto, considerar, é o mecanismo como se efetuam as intervenções hipnológicas entre os indivíduos encarnados, e mais particularmente entre desencarnados e encarnados, nos processos dolorosamente obsessivos, tanto quanto na reciprocidade do intercâmbio entre os despidos da indumentária carnal. «As ondas mentais exteriorizadas pelo cérebro mantêm firme intercâmbio em todos os quadrantes da Terra e fora dela. Pensamentos atuam sobre homens e mulheres desprevenidos e a sugestão campeia vitoriosa aliciando forças positivas ou negativas com as quais sintonizam, em lacerantes conúbios dos quais nascem prisões e surgem alvarás de liberdade, por onde transitam opiniões, aspirações, anseios... «Merece lembrado o conceito do Nazareno: Onde estiver o tesouro aí o homem terá o coração», o que equivale dizer que cada ser respira o clima da província em que situa os valores que lhe servem de retentiva na retaguarda ou que se constituem asas de libertação para o futuro. «Pensamento e vontade — eis as duas alavancas de propulsão ao infinito e, ao mesmo tempo, os dois elos de escravidão nos redutos infelizes e pestilenciais do «inferno» das paixões. «Pensar e agir, identificando-se com os fatores da atenção, constituem a fórmula mágica do comportamento individual a princípio, e coletivo logo depois, em que, ora por instinto gregário, ora por afinidade psíquica, se reúnem os comensais desta, ou daquela ideia. «Céu ou inferno, portanto, são

dependências que construímos em nosso íntimo, vitalizadas pelas aspirações e mantidas a longo esforço pelas atitudes que imprimimos ao dia-a-dia da existência. “Por tais processos, províncias de angústia e regiões de suplício, oásis de ventura e ilhas de esperança nascem no recôndito de cada mente e se multiplicam ao império de incontáveis vontades que se reúnem, em todos os departamentos do planeta. Inicialmente, o homem se converte no anjo ou no demônio, que ele próprio elabora por força da ideia superior ou viciada em que se compras, sintonizando, por um processo natural de afinidades, com outras mentes encarnadas ou não, que vibram nas mesmas faixas-pensamento, produzindo processos de hipnose profunda que se despersonalizam e se nutrem, sustentados, reciprocamente, por forças vitais de fácil manipulação inconsciente, que gravitam em toda a parte. Nesse sentido, convém considerar as lições superiores do Espiritismo, que oferece panorama de elevada estrutura mental e moral, facultando registros de ideias superiores capazes de manterem uma higiene psíquica libertadora de toda conexão com as Entidades infelizes do Mundo Espiritual Inferior ou com as vibrações que pairam na Terra mesma, e que procedem de vigorosas mentes ainda agrilhoadas, que se imantam umas às outras, realizando intercâmbio danoso, de longo curso e de imprevisíveis consequências. «Em todo processo hipnológico, pois, convém examinar a questão da sintonia e da sugestão, com razões poderosas, senão imprescindíveis para a consecução dos objetivos: a fixação da ideia invasora. «O Professor José Grasset, por exemplo, o excelente mestre de Montpellier, inspirado nas observações realizadas em torno do polígono cerebral que também servira de base a Wundt e Charcot, afirmava ter descoberto ali o centro da consciência, o núcleo da vontade, colocando, imediatamente abaixo, o centro de Broca, responsável, pelos encargos da linguagem e os responsáveis pela visão, audição, gustação, etc... Imaginava, então, um ponto de referência que passava a ser o centro do psiquismo superior, encarregado dos fenômenos conscientes e no polígono propriamente dito o campo do pensamento e da vontade, encarregado de todas as tarefas do automatismo psicológico. Elucidava, em consequência, que toda sugestibilidade que dimana do operador se transmite inconscientemente tomando posse do campo cerebral, no polígono do hipnotizado. A vontade dominante se encarrega de conduzir a vontade dominada, como se a alma de quem hipnotiza substituísse momentaneamente a alma do que foi hipnotizado». Dessa forma, o hipnotismo pode ser denominado, como querem alguns experimentadores, «O anestésico da razão». “Já o psicólogo inglês Guilherme Mac-Dougall, igualmente fascinado pelo assunto, asseverava, examinando o problema da sugestão na

hipnose, que esta é um meio de transmissão do pensamento, tendo como resultado a convicta aceitação de qualquer mensagem proposta independentemente de análise pelo paciente com exame lógico para a sua aquiescência. Isto é: o operador impõe-se ao sujeito, que o recebe sem reação proveniente de exame prévio. “Em bom vernáculo, sugestão é «o ato ou efeito de sugerir. Inspiração, estímulo, instigação. Ideia provocada em uma pessoa em estado de hipnose ou por simples telepatia”. «A sugestão é, portanto, a inspiração incidente, constante, que atua sobre a mente, provocando a aceitação e a automática obediência. «Por essa razão, Forel informa que os cérebros sadios são mais fáceis de aceitar a sugestão, e Emilio Coué, discípulo de Liébault, prefere considerar que os pacientes capazes de autossugestionar-se são melhores para que com eles se lobriguem resultados mais explícitos e imediatos. «Outros autores, como é o caso do insigne Pavlov, o «pai» dos reflexos nos animais e no homem, elucidam que o sono natural hipnótico e a inibição constituem a mesma coisa, deixando transparecer que, no momento em que essa inibição se generaliza, permanecendo a causa preponderante, tende a espalhar-se, facultando ao hipnotizando aceitar a sugestão que prepondera. «Ocorre, entretanto, que todos os seres têm uma tendência ancestral, natural, para a obediência, o que se transforma num condicionamento inconsciente para aceitar toda ordem exterior, quando não se tem uma lucidez equilibrada e firme capaz de neutralizar as ideias externas que são sugeridas. «No fenômeno hipnológico há outro fator de grande valia que é a perseverança, a constância da ideia que se sugere naquele que a recebe. Lentamente, a princípio, tem início a penetração da vontade que, se continuada, termina por dominar a que se lhe submete. «Os modernos psicanalistas e reflexologistas situam as suas observações, os primeiros nos reflexos condicionados, que pretendem ser um «estado de inibição difusa somática cortical» com a presença de um ponto de vigília, enquanto os segundos se referem a um «processo regressivo particular que pode ser iniciado por privação senso-motora ideativa ou por estimulação de uma relação arcaica com o hipnotista». Os conceitos emitidos com sabedoria e em síntese prodigiosa, considerando-se a imensa variedade de opiniões em torno do Hipnotismo, nos deslumbavam. Que mundo estranho e imenso, o da mente! Quantas paisagens desconhecidas para nós! Os próprios estudiosos dos fenômenos psíquicos, na Terra e além da vida física, encontravam-se empenhados milenarmente na elucidação das questões palpitantes da vida mental, encontrando, só agora, alguns pontos vígeis para elucidações dos processos de intercâmbio entre homens e homens, espíritos desencarnados e encarnados. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

1.4. Tipos e formas de obsessão

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] POSSESSOS. 473. Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo? “O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.” **474.** Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada? “Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos. Mas, é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer por sua fraqueza, quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos.” O vocábulo possesso, na sua acepção vulgar, supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possessos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada. O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a subjuguem.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“DA OBSESSÃO. 237. Entre os escolhos que apresenta a prática do Espiritismo, cumpre se coloque na primeira linha a obsessão, isto é, o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhuns constrangimentos infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança. A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de

fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*. 238. Dá-se a *obsessão simples*, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua. Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados. Podem incluir-se nesta categoria os casos de obsessão física, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos. Pelo que concerne a este fenômeno, consulte-se o capítulo *Das manifestações físicas espontâneas*. (Nº 82) **239.** A *fascinação* tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações. O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula. Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem. Já dissemos que muito mais graves são as consequências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se, facilmente, toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, preciso é que o Espírito seja destro, ardiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos — caridade, humildade, amor de Deus — lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que veem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre. **240.** A *subjugação* é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes. Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era, porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horivelmente. **241.** Dava-se outrora o nome de *possessão* ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A *possessão* seria, para nós, sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a

crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia do apoderamento de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra *subjugação* exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo, há somente *obsidiados, subjugados e fascinados*. **242.** A obsessão, como dissemos, é um dos maiores escolhos da mediunidade e também um dos mais frequentes. Por isso mesmo, não serão demais todos os esforços que se empreguem para combatê-la, porquanto, além dos inconvenientes pessoais que acarreta, é um obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. A obsessão, de qualquer grau, sendo sempre efeito de um constrangimento e este não podendo jamais ser exercido por um bom Espírito, segue-se que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e nenhuma confiança merece. Se nelas alguma coisa de bom se encontrar, guarde-se isso e rejeite-se tudo o que for simplesmente duvidoso.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIII)

“HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS. [...] OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE. 10. Os falsos profetas não se encontram unicamente entre os encarnados. Há-os também, e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través seus sistemas absurdos, depois de terem feito que seus médiuns os aceitem. E, para melhor fascinareм aqueles a quem desejam iludir, para dareм mais peso às suas teorias, se apropriam, sem escrúpulo, de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam. São eles que espalham o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a isolarem-se uns dos outros e a olharem-se com prevenção. Isso por si só bastaria para os desmascarar, pois, procedendo assim, são os primeiros a dar o mais formal desmentido às suas pretensões. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair em tão grosseiro embuste. Mas, há muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da categoria em que eles dizem achar-se têm de ser não só muito bons, como também eminentemente racionais. Pois bem: passai-lhes os sistemas pelo crivo da razão e do bom-senso e vede o que restará. Convinde, pois, comigo, em que, todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males da Humanidade ou como meio de conseguir-se a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da Ciência contradizem, não pode ser senão um Espírito

ignorante e mentiroso. Por outro lado, crede que, se nem sempre os indivíduos apreciam a verdade, esta é apreciada sempre pelo bom-senso das massas, constituindo isso mais um critério. Se dois princípios se contradizem, achareis a medida do valor intrínseco de ambos, verificando qual dos dois encontra mais ecos e simpatias. *Fora, com efeito, ilógico admitir-se que uma doutrina cujo número de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que outra que veja o dos seus em contínuo aumento.* Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina num círculo acanhado: fá-la surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda a parte a luz esteja ao lado das trevas. Repeli sem condescendência todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a separação e o insulamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes exagerados louvores, a fim de os fascinar e de tê-los dominados. São, geralmente, Espíritos sequiosos de poder e que, déspotas públicos ou nos lares, quando vivos, ainda querem vítimas para tyrannizar depois de terem morrido. *Em geral, desconfiai das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de singularidade, ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes.* Há sempre, nesses casos, motivo legítimo de suspeição. Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se está obsidiado; e há manifesta obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure colocar-se. Consequentemente, todo médium e todo grupo que considerem privilégio seu receber as comunicações que obtêm e que, por outro lado, se submetem a práticas que tendem para a superstição, indubitavelmente se acham presas de uma obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se pavoneia com um nome que todos, encarnados e desencarnados, devem honrar e respeitar e não permitir, seja declinado a todo propósito. É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil se torna rejeitar a absurdidade e o erro. Pode um médium ser fascinado, e iludido um grupo; mas, a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns recebam, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, justificarão rapidamente esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus. – *Erasto*, discípulo de São Paulo. (Paris, 1862)

(Veja-se, na “Introdução”, o parágrafo II: *Verificação universal do ensino dos Espíritos. – O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII, *Da obsessão*.)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXI)

“CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] § VII — DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO. 56.

A obsessão consiste no domínio que os maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de as escravizar e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal. Quando um Espírito, bom ou mau, quer atuar sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, no seu perispírito, como se fora um manto. Interpenetrando-se os fluidos, os pensamentos e as vontades dos dois se confundem e o Espírito, então, se serve do corpo do indivíduo, como se fosse seu, fazendo-o agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, quais os médiuns. Se o Espírito é bom, sua atuação é suave, benfazeja, não impele o indivíduo senão à prática de atos bons; se é mau, força-o a ações más. Se é perverso e malfazejo, aperta-o como numa teia, paralisa-lhe até a vontade e mesmo o juízo, que ele abafa com o seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada d’água. Fá-lo pensar, falar, agir em seu lugar, impele-o, a seu mau grado, a atos extravagantes ou ridículos; magnetiza-o, em suma, lança-o num estado de catalepsia moral e o indivíduo se torna um instrumento da sua vontade. Tal a origem da obsessão, da fascinação e da subjugação que se produzem em graus muito diversos de integridade. À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de **posseção**. É de notar-se que, nesse estado, o indivíduo tem muitas vezes consciência de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua. **57.** Pois que os Espíritos existiram em todos os tempos, também desde todos os tempos representaram o mesmo papel, porque esse papel é da natureza e a prova está no grande número que sempre houve de pessoas obsidiadas ou possesadas, se o preferirem, antes que se falasse de Espíritos, ou que, nos dias atuais, se ouvisse falar de Espiritismo, nem de médiuns. É, pois, espontânea a ação dos Espíritos, bons ou maus; a destes produz uma imensidade de perturbações na economia moral e mesmo física, perturbações que, por ignorância da verdadeira causa, atribuíam a causas errôneas. Os Espíritos maus são inimigos invisíveis, tanto mais perigosos, quanto da ação deles não se suspeitava. Desmascarando-os, o Espiritismo revela uma nova causa de certos males da Humanidade. Conhecida a causa, não mais se procurará combater o mal por meios que já se sabem inúteis; procurar-se-ão outros mais eficazes. Ora, que foi o que fez se descobrisse aquela causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos

traíram a sua presença; ela foi para eles o que o microscópio foi para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. O Espiritismo não atraiu os maus Espíritos: desvendou-os e forneceu os meios de se lhes paralisar a ação e, por conseguinte, de afastá-los. Não foi ele quem trouxe o mal, visto que o mal existe desde todos os tempos; ele, ao contrário, dá remédio ao mal, apontando-lhe a causa. Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a explicação de um sem-número de fenômenos incompreendidos e a Ciência, enriquecida com o conhecimento dessa nova lei, verá abrir-se diante de si novos horizontes. **Quando chegará ela a isso? Quando deixar de professar o materialismo,** porquanto o materialismo lhe detém o voo, opondo-lhe intransponível barreira.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“**Obsessão.** [...] Aproveitando a pausa mais longa que se fizera entre todos, observei detidamente a pobre obsidiada. Cercada de entidades agressivas, seu corpo tornara-se como que a habitação do perseguidor mais cruel. Ele ocupava-lhe o organismo desde o crânio até os pés, impondo-lhe tremendas reações em todos os centros de energia celular. Fios tenuíssimos, mas vigorosos, uniam-nos ambos e, ao passo que o obsessor nos apresentava um quadro psicológico de satânica lucidez, a desventurada mulher mostrava aos colaboradores encarnados a imagem oposta, revelando angústia e inconsciência. – “Salvem-me do demônio! Salvem-me do demônio! – gritava sem cessar, comovendo os companheiros em torno da mesa humilde – Oh! Meu Deus, quando terminará meu suplício?” Olhos desmesuradamente abertos, como a fixar os inimigos invisíveis à observação comum, bradava angustiosamente, após ligeiros instantes de silêncio: – “Chegaram todos do inferno! Estão aqui! Estão aqui! Ai! Ai!” Seus gemidos semelhavam-se a longos silvos estertorosos. Atendendo-me à expectativa, esclareceu o instrutor: – Esta jovem senhora apresenta doloroso caso de possessão. Desde a infância, era perseguida pelos adversários tenazes de outro tempo. Na vida de solteira, porém, no ambiente de proteção dos pais, ela conseguiu, de algum modo, subtrair-se à integral influência dos inimigos persistentes, embora lhes sentisse a atuação de maneira menos perceptível. Sobrevindo, no entanto, as responsabilidades do matrimônio, em que, na maioria das vezes, a mulher recebe maior quinhão de sacrifícios, não pôde mais resistir. Logo após o nascimento do primeiro filhinho, caiu em prostração mais intensa, oferecendo oportunidade aos desalmados perseguidores e, desde então, experimenta penosas provas. Ia expor novas questões que o assunto suscitava, mas o instrutor amigo fez-me ver que a reunião de auxílio, por parte dos encarnados, teria início naquele mesmo instante.” (AL, *Missionários da luz*, capítulo 18)

“**Possessão.** O cavalheiro doente, na pequena fila de quatro pessoas que haviam comparecido à cata de socorro, parecia incomodado, aflito... Articulava palavras que eu não conseguia registrar com clareza, quando o irmão Clementino, consultado por Áulus, disse, cortês, para o Assistente: – Sim, já que o esforço se destina a estudos, permitiremos a manifestação. Percebi que o nosso orientador solicitava alguma demonstração importante. Convidados pelo instrutor, abeiramo-nos do moço enfermo que se fazia assistir por uma senhora de cabelos grisalhos, sua própria mãezinha. Atendendo às recomendações do supervisor, os guardas admitiram a passagem de uma entidade evidentemente aloucada, que atravessou, de chofre, as linhas vibratórias de contenção, vociferando, frenética: – Pedro! Pedro!... Parecia ter a visão centralizada no doente, porque nada mais fixava além dele. Alcançando o nosso irmão encarnado, este, de súbito, desfecha um grito agudo e cai desamparado. A velha progenitora mal teve tempo de suavizar-lhe a queda espetacular. De imediato, sob o comando de Clementino, Silva determinou que o rapaz fosse transferido para um leito de câmara próxima, isolando-o da assembleia. Dona Celina foi incumbida do trabalho de assistência. Junto dela acompanhamos o enfermo com carinhoso interesse. As variadas tarefas do recinto prosseguiram sem quebra de ritmo, enquanto nos insulávamos no aposento para a cooperação que o caso exigia. Pedro e o obsessor que o jugulava pareciam agora fundidos um no outro. Eram dois contendores engalfinhados em luta feroz. Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que o ataque epiléptico, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível. O doente trazia agora a face transfigurada por indefinível palidez, os músculos jaziam tetanizados e a cabeça, exibindo os dentes cerrados, mostrava-se fletida para trás, enquanto que os braços se assemelhavam a dois galhos de arvoredo, quando retorcidos pela tempestade. Dona Celina e a matrona afetuosa acomodaram-no na cama e dispunham-se à prece, quando a rigidez do corpo se fez sucedida de estranhas convulsões a se estenderem aos olhos que se moviam em reviravoltas continuas. A lividez do rosto deu lugar à vermelhidão que invadiu as faces congestionadas. A respiração tornara-se angustiada, ao mesmo tempo que os esfíncteres se relaxavam, convertendo o enfermo em torturado vencido. O insensível perseguidor como que se entranhara no corpo da vítima. Pronunciava duras palavras, que somente nós outros conseguíamos assinalar, de vez que todas as funções sensoriais de Pedro se mostravam em deplorável inibição. Dona Celina, afagando o doente, presentia a gravidade do mal e registrava a presença do visitante infeliz, contudo, permanecia alerta de modo a manter-se, valorosa, em condições de auxiliá-lo.

Anotei-lhe a cautela para não se apassivar, a fim de seguir, por si própria, todos os trâmites do socorro. Bondosa, tentou estabelecer um entendimento com o verdugo, mas em vão. O desventurado continuava gritando para os nossos ouvidos, sem acolher-lhe os apelos comovedores. – Vingar-me-ei! Vingar-me-ei! Farei justiça por minhas próprias mãos!... – bradava, colérico. Repreensões injuriosas apagavam-se na sombra, porquanto não conseguiam exteriorizar-se através das cordas vocais da vítima, a contorcer-se. Permanecia o cavaleiro plenamente ligado ao algoz que o tomara de inopino. O córtex cerebral apresentava-se envolvido de escura massa fluídica. Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo. Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus informou, compadecido: – É a possessão completa ou a epilepsia essencial. – Nosso amigo está inconsciente? – aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito. – Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra, de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 9)

“Dominação telepática. [...] O chefe da família, depois de apurar o nó da gravata vivamente colorida, bateu a porta estrepitosamente sobre os próprios passos e retirou-se. A companheira humilhada caiu em pranto silencioso sobre velha poltrona e começou a pensar, articulando frases sem palavras: – “Negócios, negócios... Quanta mentira sobre mentira! Uma nova mulher, isso sim!... Mulher sem coração que não nos vê os problemas... Dívidas, trabalhos, canseiras! Nossa casa hipotecada, nossa velhinha a morrer!... Nossas filhas cedo arremessadas à luta pela própria subsistência!” Enquanto as reflexões dela se faziam audíveis para nós, irradiando-se na sala estreita, vimos de novo a mesma figura de mulher que surgira à frente de Jovino, aparecendo e reaparecendo ao redor da esposa triste, como que a fustigar-lhe o coração com invisíveis estiletos de angústia, porque Anésia acusava agora indefinível mal-estar. Não via com os olhos a estranha e indesejável visita, no entanto, assinalava-lhe a presença em forma de incoercível tribulação mental. De inesperado, passou da meditação pacífica a tempestuosos pensamentos. – Lembro-me dela, sim – refletia

agora em franco desespero – , conheço-a! é uma boneca de perversidade... Há muito tempo vem sendo um veículo de perturbação para a nossa casa. Jovino está modificado... Abandona-nos, pouco a pouco. Parece detestar até mesmo a oração... Ah! Que horrível criatura uma adversária qual essa, que se imiscui em nossa existência à maneira da víbora traíçoeira! Se eu pudesse haveria de esmagá-la com os meus pés, mas hoje guardo uma fé religiosa, que me forra o coração contra a violência... À medida, porém, que Anésia monologava intimamente em termos de revide, a imagem projetada de longe abeirava-se dela com maior intensidade, como que a corporificar-se no ambiente para infundir-lhe mais amplo mal-estar. A mulher que empolgava o espírito de Jovino ali surgia agora visivelmente materializada aos nossos olhos. E as duas, assumindo a posição de francas inimigas, passaram à contenda mental. Lembranças amargas, palavras duras, recíprocas acusações. A esposa atormentada passou a sentir desagradáveis sensações orgânicas. O sangue afluía-lhe com abundância à cabeça, impondo-lhe aflitiva tensão cerebral. Quanto mais se lhe dilatavam os pensamentos de revolta e amargura, mais se lhe avultava o desequilíbrio físico. Teonília afagou-a, carinhosa, e informou ao nosso orientador: – Há muitas semanas diariamente se repete o conflito. Temo pela saúde de nossa companheira. Áulus deu-se pressa em aplicar-lhe recursos magnéticos de alívio e, desde então, as manifestações estranhas diminuíram até completa cessação. Efetivado o reajustamento relativo de Anésia e percebendo-nos a curiosidade, o Assistente esclareceu: – Jovino permanece atualmente sob imperiosa dominação telepática, a que se rendeu facilmente e, considerando-se que marido e mulher respiram em regime de influência mútua, a atuação que o nosso amigo vem sofrendo envolve Anésia, atingindo-a de modo lastimável, porquanto a pobrezinha não tem sabido imunizar-se com os benefícios do perdão incondicional. Hilário, intrigado, perguntou: – Examinamos, porém, um fenômeno comum? – Intensamente generalizado. É a influenciação de almas encarnadas entre si que, às vezes, alcança o clima de perigosa obsessão. Milhões de lares podem ser comparados a trincheiras de luta, em que pensamentos guerreiam pensamentos, assumindo as mais diversas formas de angústia e repulsão. – E poderíamos enquadrar o assunto nos domínios da mediunidade? – Perfeitamente, cabendo-nos acrescentar ainda que o fenômeno pertence à sintonia. Muitos processos de alienação mental guardam nele as origens. Muitas vezes, dentro do mesmo lar, da mesma família ou da mesma instituição, adversários ferrenhos do passado se reencontram. Chamados pela Esfera Superior ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se veem possuídos, uns à frente dos outros, e alimentam com paixão,

no imo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em venenos magnéticos suscetíveis de provocar a enfermidade e a morte. Para isso, não será necessário que a perseguição recíproca se expresse em contendas visíveis. Bastam as vibrações silenciosas de crueldade e despeito, ódio e ciúme, violência e desespero, as quais, alimentadas, de parte a parte, constituem corrosivos destruidores. Finda ligeira pausa, o Assistente continuou: – O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benigno e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade; todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína. A química mental vive na base de todas as transformações, porque realmente evoluímos em profunda comunhão telepática com todos aqueles encarnados ou desencarnados que se afinam conosco. – E como solucionar o problema da antipatia contra nós? – indagou meu companheiro com interesse. Áulus sorriu e respondeu: – A melhor maneira de extinguir o fogo é recusar-lhe combustível. A fraternidade operante será sempre o remédio eficaz, ante as perturbações dessa natureza. Por isso mesmo, o Cristo aconselhava-nos o amor aos adversários, o auxílio aos que nos perseguem e a oração pelos que nos caluniam, como atitudes indispensáveis à garantia de nossa paz e de nossa vitória.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 19)

“Cláudio entrou, mas não vinha só. Um daqueles dois companheiros desencarnados que lhe alteraram a personalidade, justamente o que se abeirara dele, em primeiro lugar, para o trago de uísque, enrodilhava-se-lhe ao corpo. O verbo enrodilhar-se, na linguagem humana, figura-se o mais adequado à definição daquela ocorrência de posseção partilhada, que se nos apresentava ao exame, conquanto não exprima, com exatidão, todo o processo de enrolamento fluídico, em que se imantavam. E afirmamos “posseção partilhada”, porque, efetivamente, ali, um aspirava ardentemente aos objetivos desonestos do outro, completando-se, euforicamente, na divisão da responsabilidade em quotas iguais. Qual acontecera no instante em que bebiam juntos, forneciam a impressão de dois seres num corpo só. Em determinados momentos, o obsessor afastava-se do companheiro, a distância de centímetros; contudo, sempre a enlaçá-lo, copiando gestos de felino, interessado em não perder o contato da vítima. Achavam-se, entretanto, irremediavelmente conjugados em vinculação recíproca. Isso conferia ao semblante de Cláudio expressão diferente, O hipnotizador, cuja visão espiritual não nos atingia, senhoreava-lhe sentimentos e ideias, enquanto ele se deixava prazerosamente senhorear. O olhar obediente adquirira a turvação característica dos alucinados. O

recém-chegado transfigurara-se. Estranho sorriso franzia-lhe a boca. Diante das percepções limitadas de Marita, era ele um homem comum; no entanto, à nossa frente, valia por duas personalidades masculinas numa só representação. Dois Espíritos exteriorizando impulsos aviltados, complementando paixões idênticas na mesma tônica da afinidade total. Neves fitou-me, espantado. Mas, não era só ele, menos experiente, que jazia transido, amarrotado. Nós também, acostumados no plano espiritual aos embates do sentimento, alimentávamos aflitivas apreensões. Aquele quarto, dantes povoado pelos devaneios doridos de uma criança, metamorfoseara-se em jaula, onde Cláudio e o vampirizador, singularmente brutalizados pelo desejo infeliz, constituíam juntos uma fera astuciosa, calculando o caminho mais fácil de alcançar a presa. Um clarividente reencarnado que contemplasse o dono da casa, naquela hora, vê-lo-ia noutra máscara fisionômica. A incorporação medianímica, espontânea e consciente, positivava-se em plenitude selvagem. O fenômeno da comunhão entre duas inteligências – uma delas encarnada e a outra desencarnada –, levantava-se, franco; ainda assim, desdobrava-se tão agreste quanto o furacão ou a maré, que se expressam por forças ainda des governadas da Natureza terrestre, não obstante a ocorrência, do ponto de vista humano efetivar-se na suposta mudez do plano mental. Para nós, porém, não se instituíam apenas as formas-pensamentos, dando conta das intenções libertinas da dupla animalizada, com estruturas, cores, ruídos e movimentos correlatos; amedrontava-nos, igualmente, escutar as vozes de ambos, em diálogo, claramente perceptível. As palavras escapavam do crânio de Cláudio, aparentemente silencioso para a filha adotiva, qual se a cabeça dele estivesse transfigurada numa caixa acústica de aparelho radiofônico. Magnetizador e magnetizado denotavam sensualidade do mesmo nível. Refletindo na corrida à garrafa, momentos antes, avaliávamos o perigo aberto à menina indefesa. A diferença, ali, é que Cláudio ainda encontrava recursos a fim de parlamentar, dentro da hipnose – hipnose que ele, aliás, amimalhava.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 8)

“No interior da peça, o casal acomodara-se para o almoço, com as atenções de Dona Justa, em serviço. Moreira, que não mais me assinalava a presença, instalara-se na cadeira de Cláudio e com Cláudio, de tal modo que, certo, se alimentava tão claramente quanto ele, através de um dos numerosos processos em que se catalogam as ações da osmose fluídica. A conversa entre os cônjuges deslizava, banal, mas, consultando o cérebro de Nogueira, convencemo-nos para logo de que o tema do dia circulava, ativamente, no sistema de conjugação mental que prevalecia entre ele e o acompanhante. Registrava-se-lhes o anseio por notícias que lhes facultassem conexões para o objetivo

inconfessável que começavam a entremostrear em espírito. Agora, à mesa, a dupla exteriorizava os intentos escusos, nas formas-pensamentos em que as duas mentes enfermigas se revelavam. Tudo se aclarava, de súbito. Digeriam o plano em silêncio. Abordariam Marita à feição de dois caçadores colhendo uma lebre. Antegozavam o assalto, articulavam-se-lhes os pensamentos em lances dissolutos. Determinavam-se a surpreendê-la em casa de Crescina, como se apanha um fruto resguardado na árvore. Perplexo, decifrei a trama inteira.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 13)

“**ANIMISMO. Mediunidade e animismo.** Alinhando apontamentos sobre a mediunidade, não será lícito esquecer algumas considerações em torno do animismo ou conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação. Temos aqui muitas ocorrências que podem repontar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria Inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência, numa demonstração de que o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico. A verificação de semelhantes acontecimentos criou entre os opositores da Doutrina Espírita as teorias de negação, porquanto, admitida a possibilidade de o próprio Espírito encarnado poder atuar fora do traje fisiológico, apressaram-se os cépticos inveterados a afirmar que todos os sucessos medianímicos se reduzem à influência de uma força nervosa que efetua, fora do corpo carnal, determinadas ações mecânicas e plásticas, configurando, ainda, alucinações de variada espécie. Todavia, os estardalhaços e pavores levantados por esses argumentos indêbitos, arredando para longe o otimismo e a esperança de tantas criaturas que começam confiantemente a iniciação nos serviços da mediunidade, não apresentam qualquer significado substancial, porque é forçoso ponderar que os Espíritos desencarnados e encarnados não se filiam a raças antagônicas que se devam reencontrar em condições miraculosas. **Semelhanças das criaturas.** Somos necessariamente impelidos a reconhecer que, se os vivos da Terra e os vivos do Além respirassem climas evolutivos fundamentalmente diversos, a comunicação entre eles resultaria de todo impossível, pela impraticabilidade do ajuste mental. Seres em desenvolvimento para a vida eterna, uns e outros guardam consigo, seja no plano extrafísico, preparando o retorno ao campo terrestre, ou no plano físico, em direção à esfera espiritual, faculdades adquiridas no vasto caminho da experiência, as quais lhes servirão de recursos à percepção no ambiente próximo. Tem cada Espírito, em vias de reencarnação, todos os meios de que já se muniu para continuar no círculo

dos encarnados o trabalho de aperfeiçoamento que lhe é próprio, conservando-os potencialmente no feto, tanto quanto possui o Espírito encarnado todas as possibilidades que já entesourou em si mesmo para prosseguir em suas atividades no Plano Espiritual, depois da morte. Assinalada essa observação, é fácil anotar que a criatura na Terra partilha, assim, até certo ponto, dos sentidos que caracterizam a criatura desencarnada, nas esferas imediatas à experiência humana, conseguindo, às vezes, desenfaixar-se do corpo denso e proceder como a Inteligência desenleada do indumento carnal ou, ainda, obedecer aos ditames dos Espíritos desencarnados, como agente mais ou menos fiel de seus desejos. Encontramos, nessa base, a elucidação clara de muitos dos fenômenos do faquirismo vulgar, em que o Espírito encarnado, ao desdobrar-se, pode provocar, em relativo estado de consciência, certa classe de fenômenos físicos, enquanto o corpo carnal se demora na letargia comum. **Obsessão e animismo.** Muitas vezes, conforme as circunstâncias, qual ocorre no fenômeno hipnótico isolado, pode cair a mente nos estados anômalos de sentido inferior, dominada por forças retrógradas que a imobilizam, temporariamente, em atitudes estranhas ou indesejáveis. Nesse aspecto, surpreendemos multiformes processos de obsessão, nos quais Inteligências desencarnadas de grande poder senhoreiam vítimas inabilitadas à defensiva, detendo-as, por tempo indeterminado, em certos tipos de recordação, segundo as dívidas cármicas a que se acham presas. Frequentemente, pessoas encarnadas nessa modalidade de provação regeneradora são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjugam. **Animismo e hipnose.** Imaginemos um sensitivo a quem o magnetizador intencionalmente fizesse recuar até esse ou aquele marco do pretérito, pela deliberada regressão da memória, e o deixasse nessa posição durante semanas, meses ou anos a fio, e teremos exata compreensão dos casos mediúnicos em que a tese do animismo é chamada para a explicação necessária. O “sujet”, nessa experiência, declarar-se-ia como sendo a personalidade invocada pelo hipnotizador, entrando em conflito com a realidade objetiva, mas não deixaria, por isso, de ser ele mesmo sob controle da ideia que o domina. Nas ocorrências várias da alienação mental, encontramos fenômenos assim tipificados, reclamando larga dose de paciência e carinho, porquanto as vítimas desses processos de fixação não podem ser categorizadas à conta de mistificadores inconscientes, pois representam, de fato, os agentes desencarnados a elas ligados por teias fluidicas de

significativa expressão, tal qual acontece ao sensitivo comum, mentalmente modificado, na hipnose de longo curso, em que demonstra a influência do magnetizador. **Desobsessão e animismo.** Nenhuma justificativa existe para qualquer recusa no trato generoso de personalidades medianímicas provisoriamente estacionadas em semelhantes provações, de vez que são, em si próprias, Espíritos sofredores ou conturbados quanto quaisquer outros que se manifestem, exigindo esclarecimento e socorro. O amparo espontâneo e o auxílio genuinamente fraterno lhes reajustarão as ondas mentais, concurso esse que se estenderá, inevitável, aos companheiros do pretérito que lhes assediem o pensamento, operando a reconstituição de caminhos retos para os sensitivos corporificados na Terra, tão importantes e tão nobres em sua estrutura quanto aqueles que os doutrinadores encarnados se propõem traçar para os amigos desencarnados menos felizes. Aliás, é preciso destacar que o esforço da escola, seja ela o recinto consagrado à instrução primária ou a instituto corretivo, funciona como recurso renovador da mente, equilibrando-lhe as oscilações para níveis superiores. Não há novidade alguma no impositivo da acolhida magnânima aos obsessos dessa natureza, hipnotizados por forças que os comandam espiritualmente, a distância. [...]” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 23)

“Examinando a obsessão. [...] a) Obsessões especiais. Ninguém se equivoque! Obsessores há desencarnados, exercendo maléfica influência sobre os homens, e encarnados, de mente vigorosa, exercendo pressão deprimente sobre os deambulantes da Erraticidade. O comércio existente entre os Espíritos e as criaturas da Terra, em regime de perseguição, é paralelo ao vigente entre os homens e os que perderam a indumentária física. Obsessões especiais também identificamos, que são produzidas por encarnados sobre encarnados. O pensamento é sempre o dínamo vigoroso que emite ondas e que registra vibrações, em intercâmbio ininterrupto nas diversas faixas que circulam a Terra. Mentes viciadas e em tormento, não poucas vezes escravas da monoideia obsessiva, sincronizam com outras mentes desprevenidas e ociosas, gerando pressão devastadora. Aguilhões frequentes perturbam o comportamento de muitas criaturas que se sentem vinculadas ou dirigidas por fortes restrições nos painéis mentais, inquietantes e afligentes... Muitos processos graves de alienação mental têm início quando os seres constrangidos por essa força possuidora, ao invés de a repelirem, acalentam-lhe os miasmas pertinazes que terminam por assenhorear-se do campo em que se espalham. Em casos dessa natureza, o agente opressor influencia de tal forma o paciente perturbado que não é raro originar-se o grave problema do vampirismo espiritual por processo

de absorção do plasma mental. Quando em parcial desprendimento pelo sono, o espírito parasita busca a sua vítima, irresponsável ou coagida, prosseguindo no nefando consórcio nessas horas que são reservadas para edificação espiritual e renovação da paisagem orgânica. Produzida a sintonia deletéria, mui dificilmente aqueles que alojam os pensamentos infelizes conseguem libertar-se. Nos diversos problemas obsessivos, há que examiná-los para selecionar os que procedem do continente da alma encarnada e os que se vinculam aos quadros aflitivos do mundo espiritual. O ódio, tanto quanto o amor desvairado, constituem elementos matrizes dessas obsessões especiais. O ódio, pela fixação demorada acerca da vinda, cria um condicionamento psíquico que emite ondas em direção segura, envolvendo o ser almejado que, se não se encontra devidamente amparado nos princípios superiores da vida, capazes de destruírem as ondas invasoras, termina por se deixar algemar. E o amor tresloucado, que se converte em paixão acerba, devido ao tormento que se impõe quanto à posse física do objeto requestado, conduz o espírito que está atormentado à visitação, a princípio de alma nos períodos do sono reparador, até criar a intercomunicação que degenera em aflitivo quadro de desgaste orgânico e psíquico, não somente do vampirizado, como também mediante a alucinação do vampirizador. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“ANÁLISE DAS OBSESSÕES. Atendendo à classificação apresentada por Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, Capítulo 23, examinemos a patologia das obsessões nos seus três aspectos, a saber: simples, por fascinação e por subjugação. **OBSESSÃO SIMPLES.** O fundamento da vida é o Espírito em torno de cuja realidade tudo gira e se manifesta. O temperamento de toda criatura, ao lado das injunções que compõem o quadro da sua existência, é uma decorrência natural do somatório dos valores que transitam pelas várias reencarnações, a transferirem-se de uma para outra etapa carnal. Programado pelo fatalismo da evolução para o progresso que o conduzirá à perfeição relativa, o Espírito cresce sob a claridade do amor, normalmente estimulado pelo aguilhão do sofrimento, que ele se propicia, em razão da rebeldia como da insatisfação que lhe são as relevantes excrescências do egoísmo. Trazendo em germen a divina presença donde se origina, adquire, através das experiências que lhe apraz viver, os recursos para progredir, estacionar ou retardar o desenvolvimento das funções que lhe são inerentes e de que se não poderá eximir por mais que lhe agrade, caso derrape na alucinação comburenta da desdita em que se fixe... Quando não funcionem os estímulos para o progresso e deseje postergá-lo, imposições da própria Lei jungem-no ao processo de crescimento, mediante as expiações lenificadoras que o

depuram, cooperando para a eliminação das sedimentadas mazelas que o martirizam... A aquisição da paz, por isso mesmo, é uma resultante de lutas e esforços que o disciplinam, condicionando-lhe os hábitos salutarres, através dos quais se harmoniza com a vida. Nesse processo, como em outro qualquer, a mente é o espelho a refletir os estados íntimos, as conquistas logradas e as por conseguir. Dínamo gerador de recursos psicofísicos, ao comando do Espírito que lhe utiliza da cerebração, nas paisagens mentais facilmente se expressam os estados múltiplos da personalidade, encadeando sucessos ou fracassos, que se exteriorizam em formas depressivas, ansiosas, traumáticas, neurastênicas e outras, dando gênese a enfermidades psíquicas de variada e complexa nomenclatura. Em face desses estados mórbidos - originados nas existências passadas por desrespeito aos Soberanos Códigos da Vida, abrem-se largas brechas que facultam e estimulam as parasitoses espirituais, que degeneram em síndromes obsessivas, não raro prolongando-se até se converterem em subjugações de curso irreversível. **a)**

Recepção da ideia perturbadora. Vivendo num permanente intercâmbio, consciente ou inconsciente, os Espíritos - tanto encarnados quanto desencarnados - participamos das vivências no corpo e fora dele. Não apenas por processos de desforço pessoal, em que os desafetos se buscam para produzirem-se males e cobranças injustificáveis, como por fatores de variada motivação, assimilam-se ideias e pensamentos pela simples sintonia da onda própria em que se situam as mentes. Assaltada por vibrações negativas, a mente ociosa ou indisciplinada, viciada ou rebelde, logo registra a interferência e, porque se não ajusta a um programa educativo da vontade, recebe o impulso da ideia, permitindo-se aceitar a sugestão perturbadora, que agasalha e vitaliza sob a natural acomodação dos complexos e recalques, dos comportamentos pessimistas ou exaltados que são peculiares a cada qual. Aceita a indução, forma-se uma tomada para a ligação com a sombra, em regime de intercâmbio psíquico. **b)**

Intercâmbio mental. Fixada a ideia infeliz, os porões do inconsciente desbordam as impressões angustiosas que dormem armazenadas, confundindo-se na consciência com as informações atuais, ao tempo em que se encontra em desordem pela influência da parasitose externa que se vai assenhoreando do campo exposto, sem defesas. Por natural processo seletivo e tendo em conta as tendências, as preferências emocionais e intelectuais do paciente, a injunção produz melhor aceitação das recordações perniciosas, que servem de veículo e acesso ao pensamento do invasor. A polivalência mental, em casos desta natureza, tende ao monoidismo, que produz os quadros da fascinação torturante e, por fim, da subjugação de difícil reversibilidade. A obsessão simples é parasitose comum em

quase todas as criaturas, em se considerando o natural intercuro psíquico vigente em todas as partes do Universo. Tendo-se em vista a infinita variedade das posições vibratórias em que se demoram os homens, estes sofrem, quanto influem em tais faixas, sintonizando, por processo normal, com os outros comensais aí situados. Se são portadores de aspirações nobilitantes, onde se fixem, haurem maior impulso para o crescimento. Permanecendo na construção do bem, dificilmente assimilam as induções perversas ou criminosas procedentes dos estagiários das regiões inferiores. Não ficam, no entanto, indenes à agressão temporária ou permanente, de que se liberam em face dos objetivos morais que perseguem, graças aos quais vibram em mais elevada escala psíquica. Se interessados, porém, nas colocações da vulgaridade e do prazer, da impiedade ou da preguiça, do vício ou da desordem recebem maior influxo de ondas mentais equivalentes, resvalando para os despenhadeiros da emoção aturrida, do desequilíbrio... Tais pacientes conduzem ao leito, antes do repouso físico, as apreensões angustiantes, as ambições desenfreadas, as paixões perturbadoras, demorando-se em reflexões que as vitalizam, vivendo-as pela mente, quando não encontram meios de fruí-las fisicamente... Ao se desdobrarem sob a ação do sono, encontram-se com os afins - encarnados ou não - com os quais se identificam, recebendo mais ampla carga de necessidades falsas, ou dando campo aos estados andados que mais os turbam e afligem. Quando despertam, trazem a mente atribulada, tarda, sob incômodo cansaço físico e psíquico, encontrando dificuldade para fixar os compromissos e as lições edificantes da vida. Nessa posição - a ideia obsedante fixada e a viciação estabelecida - dá-se o intercâmbio mental. Já não se trata do pensamento que busca acolhida, senão da atividade que tenta intercâmbio, mantendo diálogo, discutindo, analisando as questões em pauta - sempre de natureza prejudicial e que, a uma pessoa sadia, causaria repulsa instintiva, mas que o paciente gosta de cultivar do que decorre a predominância do parasita espiritual, que mais se acerca psiquicamente da casa mental e da vontade do seu consorte. **c) Reflexos da interferência.** Surgem, como efeito natural, as síndromes da inquietação: as desconfianças, os estados de insegurança pessoal, as enfermidades de pequena monta, os insucessos em torno do obsidiado que soma as angústias, dando campo a incertezas, a mais ampla perturbação interior. Gera uma psicofera pernicioso à própria volta pela eliminação dos fluidos deletérios de que é vítima e absorve-a mais condensada, por escusar-se ouvir sadias questões, participar de convívios amenos, ler páginas edificantes, auxiliar o próximo, renovar-se pela oração. Conforme a constituição temperamental que é um fator de relevante importância, faz-se apático, se tende à depressão, adentrando-se

pela melancolia, em razão da mensagem telepática depressiva e dos clichês mentais pessimistas que ressumam do arquivo da inconsciência. No sentido oposto, se é dotado de constituição nervosa excitada, torna-se agressivo, violento, em desarmonia de atitudes - explode por nonadas, do que logo se arrepende — expondo a aparelhagem psíquica e os nervos a altas cargas de energias que danificam os sensores e condutores nervosos, com singulares prejuízos para a organização fisiopsíquica. O ódio é fruto do egoísmo, do personalismo magoado. Ninguém que esteja programado para o sofrimento, a desídia, o mal. Desarmando-se dos recursos defensivos, tomba o homem na agressão que o sitia ou enfrenta. Os esforços que empreende, a par das ações que executa, constituem-lhe couraça contra o mal, conquistas para alçá-lo às faixas vibratórias próprias que o defendem e liberam. A fascinação, por isso mesmo, decorre da indolência moral e mental do paciente e do exacerbar dos seus valores negativos, que são espicaçados habilmente pelo seu antagonista espiritual. Em consequência, os tentames para a libertação se apresentam mais complexos, exigindo abnegação, esforço, assistência contínua.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Análise das obsessões)

“ANÁLISE DAS OBSESSÕES. [...] OBSESSÃO POR FASCINAÇÃO. Estabelecidos os liames da comunicação, o processo continua, no sentido de se firmarem os “plugs” do canal obsessivo no recipiendário, que a partir daí comparte as suas ideias com as que lhe são insufladas. Na medida em que o campo mental da vítima cede área, esta assimila não só a indução telepática, mas também as atitudes e formas de estar do seu hóspede. A pessoa perde a noção do ridículo e das medidas habituais que caracterizam o discernimento, acatando sugestões que incorpora, aceitando inspirações como diretrizes que todos consideram disparatadas, mas que a ela são perfeitamente lógicas. Conhecendo as imperfeições morais, o caráter e a conduta daqueles a quem perturbam, os Espíritos inspiram e impõem ideias absurdas, com que objetivam isolar o paciente das pessoas que o podem auxiliar. Enquanto se barafustam na fascinação, de que se tornam fácil presa, desconectam-se as últimas defesas e arriam-se as comportas dos diques da lógica, dando oportunidade à incidência mais complexa da turbção mental. As dificuldades de tratamento alargam-se, por não se poder contar com o auxílio do obsidiado. Como em toda a obsessão, como em qualquer sofrimento, estão em pauta os recursos débito-crédito do indivíduo, a disposição deste contribui muito, e decisivamente, para os resultados do tentame. Os esforços que a pessoa empreende, a par das ações que executa, constituem-lhe couraça contra o mal, conquistas capazes de alçá-lo às faixas vibratórias próprias que a defendem e liberam. Como a fascinação decorre da indolência moral e

mental do paciente, os tentames para a sua libertação tornam-se mais complexos, exigindo abnegação, esforço, assistência contínua.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Análise das obsessões)

“ANÁLISE DAS OBSESSÕES. [...] OBSESSÃO POR SUBJUGAÇÃO. Em cada caso de alienação obsessiva encontram-se razões propelentes que caracterizam, especificamente, o processo. Em razão disso, apesar de a gênese ser as faltas morais do enfermo e o agente, a Entidade desencarnada, os móveis predisponentes e preponderantes variam de acordo com cada pessoa. A terapêutica, embora seja genericamente a mesma, seus resultados variam segundo os pacientes, suas fichas cármicas e os esforços que empreendem para destrinçarem a trama em que se envolvem. No painel das obsessões, à medida que se agrava o quadro da interferência, a vontade do hospedeiro perde os contatos de comando pessoal, na razão direta em que o invasor assume a governança. É mais grave quando se trata de Espírito mais lúcido técnica e intelectualmente, que se assenhoreia dos centros cerebrais com a imposição de uma deliberação bem concentrada nos móveis que persegue, manipulando com habilidade os dispositivos mentais e físicos do alienado. Assim, a subjugação pode ser física, psíquica e simultaneamente fisiopsíquica. A primeira, não implica na perda da lucidez intelectual, porquanto a ação dá-se diretamente sobre os centros motores, obrigando o indivíduo, não obstante se negue à obediência, a ceder à violência que o oprime. Nesse caso, podem irromper enfermidades orgânicas, por se criarem condições celulares próprias para a contaminação por vírus e bactérias, ou mesmo sob a vigorosa e contínua ação fluidica dilacerarem-se os tecidos fisiológicos ou perturbar-se o metabolismo geral, com singulares prejuízos físicos... No segundo caso, o paciente vai, dominado mentalmente, tombando em estado de passividade, não raro sob tortura emocional, chegando a perder por completo a lucidez, o que não afeta o Espírito encarnado propriamente dito, que experimenta a injunção penosa pela qual purga a irresponsabilidade e os delitos passados. Perde temporária ou definitivamente durante a sua atual reencarnação a área da consciência, não se podendo livremente expressar. Um contínuo aturdimento o toma. A visão, a audição como os demais sentidos confunde a realidade objetiva ao império das vibrações e faixas que registra desordenadamente na esfera física e na espiritual. O Espírito encarnado movimenta-se num labirinto que o atemoriza, algemado a um adversário que lhe é impenitente, maltratando-o, aterrando-o com ameaças cruéis, cm parasitose firme na desconcertada casa mental. Por fim, assenhoreia-se, simultaneamente, dos centros do comando motor e domina fisicamente a vítima, que lhe fica inerte, subjugada, cometendo atrocidades sem nome. Nos

processos obsessivos, não deixemos de repeti-lo, estão incursas na Lei as pessoas que constituem o grupo familiar e o social do paciente, aí situado por necessidade evolutiva e de resgate para todos. Não se podem evadir à responsabilidade os que foram cúmplices ou coautores dos delitos, quando os infratores mais comprometidos são alcançados pela irrefragável justiça. Reunidos ou religados pelo parentesco sanguíneo ou através de conjunturas da afetividade, da afinidade, formam os grupos onde são alcançados pelos recursos reeducativos, no tentame do progresso. A cruz da obsessão é peso que tomba sempre sobre os ombros das consciências comprometidas.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Análise das obsessões)

“O drama da obsessão na infância. [...] Continuamos naquele recinto e, como era a primeira vez que tinha oportunidade de encontrar-me em uma Escola para crianças, pude observar que todas eram acompanhadas por Espíritos, algumas felizes, e não poucas por Entidades cruéis que, desde cedo, tentavam perturbá-las, vinculando-se-lhes psiquicamente. Diversas podiam situar-se no diagnóstico de obsidias, tão estreito era já o conúbio mental entre os desencarnados e elas, que não pude sopitar o interesse de aprender mais, interrogando ao caro Mentor, que me observava com serenidade: – Sabemos que a criança é sempre um Espírito velho, que conduz muitas experiências evolutivas, embora a forma em que se apresenta. Não obstante, nesse período de infância sempre recebe maior apoio, a fim de que não haja prejuízos e impedimentos ao processo reencarnacionista que está empreendendo. Como se explicam, então, esses processos obsessivos que ora defrontamos? Com a sua cordial bondade, o Orientador não se fez rogado, logo esclarecendo: – Não ignorássemos que a misericórdia de Deus está presente em toda a Criação, e não seria o ser humano quem marcharia sem a necessária proteção para alcançar a meta que busca no seu desenvolvimento intelecto-moral. Todavia, sabemos, também, que muitos processos de obsessão têm o seu início fora do corpo físico, quando os calcetas e rebeldes, os criminosos e viciados reencontram suas vítimas no Além-Túmulo, que se lhes imantam, nos tentames infelizes e de resultados graves em diversas formas de obsessões. A obsessão na infância, muitas vezes, é continuidade da ocorrência procedente da Erraticidade. Sem impedir o processo da reencarnação, essa influência perniciosa acompanha o período infantil de desenvolvimento, gerando graves dificuldades no relacionamento entre filhos e pais, alunos e professores, e na vida social saudável entre coleguinhas. Irritação, agressividade, indiferença emocional, perversidade, obtusão de raciocínio, enfermidades físicas e distúrbios psicológicos fazem parte das síndromes perturbadoras da infância que têm suas nascentes na

interferência de Espíritos perversos uns, traiçoeiros outros, vingativos todos eles... Olhando, em derredor, enquanto não se iniciavam as aulas, apontou uma menina loura de olhos claros e cabelos encaracolados com mais ou menos sete anos, que gritava, agredindo outra com palavras e gestos vulgares, quase aplicando-lhe golpes físicos. Parcialmente fora de si, foi retirada da cena chocante pela mestra, que nesse momento chegava e, repreendendo-a, conduziu-a para dentro da sala. Dando curso à explicação, Anacleto continuou: – Aí está um exemplo. A pequenina, como podemos observar, é uma obsessa. No lar é tida como recalcitrante e teimosa, não obstante os castigos físicos que lhe aplicam os pais desinformados e confusos, por não entenderem o que ocorre com a filha que esperaram com imenso carinho e os decepciona. Consultado um psicólogo, o mesmo anotara distúrbios de comportamento, que vem tentando solucionar sem penetrar na causa dos mesmos, que lhe escapam por falta de conhecimento dessa parasitose espiritual. No curso em que o processo vem recebendo atendimento, dar-se-á que, no futuro, essa criança seja candidata a terapias muito violentas e inócuas em grande parte, em razão das mesmas alcançarem somente os efeitos, não erradicando a causa central. Os fármacos ou neurolépticos conseguem, muitas vezes, auxiliar os neurônios na execução das sinapses, bloqueando as interferências espirituais, porém por pouco tempo. – E não terá ela – voltei a interrogar – a proteção do seu anjo da guarda, que contribua para impossibilitar a obsessão? – É certo que sim – respondeu, gentil. – Sucede, porém, que os débitos contraídos são muito graves e a misericórdia divina já vem amparando-a, sendo a reencarnação o melhor instrumento para a sua reparação. O processo, que se desenvolve sob as bênçãos da lei de causa e efeito, culminará quando, certamente, a maternidade trazer o adversário aos braços da sua antiga inimiga, selando com amor os propósitos para futuros conúbios de felicidade. Ninguém caminha a sós e, por isso mesmo, na conjuntura aflitiva em que a menina se debate, o seu Espírito protetor muitas vezes impede que seja arrastada pelo seu algoz para as regiões mais infelizes em que se situa, nos períodos do parcial desdobramento pelo sono físico, dificultando-lhe o domínio quase total que teria sobre as suas faculdades mentais e os seus sentimentos de afetividade e de comportamento. Procurando esclarecer-me mais, em torno do drama da obsessão na infância, o Benfeitor elucidou: – Inúmeros casos de autismo, quando detectados na primeira infância, procedem de graves compromissos negativos com a retaguarda espiritual do ser, que renasce com as marcas correspondentes no perispírito, que se encarrega de imprimir as deficiências que lhe são necessárias para o refazimento. Outrossim, aqueles que padeceram nas suas mãos cruéis

acompanham-no, dificultando-lhe a recuperação, gerando situações críticas e mui dolorosas, ameaçando-o com impropérios e vibrações deletérias que não sabe decodificar, mas registra nas telas mentais, fugindo da realidade aparente para o seu mundo de sombras, isto quando não se torna agressivo, intempestivo, silencioso e rude... Calou-se, por um pouco, logo dando prosseguimento às informações: – Por uma natural lei de afinidade, os Espíritos renascem no mesmo grupo consanguíneo com o qual agrediram a ordem e desrespeitaram os deveres. Assim sendo, quando algum deles apresenta na infância a parasitose obsessiva, os seus genitores igualmente aturdidos não dispõem de recursos para os auxiliarem, utilizando-se da docilidade, da paciência, da compaixão, do fervor religioso, que sempre se contrapõem às aflições dessa natureza. Desesperam-se com facilidade, aplicam castigos físicos e morais injustificáveis no paciente infantil, agravando mais a questão pelos resíduos que ficam nos sentimentos prejudicados, especialmente o ressentimento, o ódio, a antipatia, a consciência da injustiça de que foram objeto. À medida que atingem a maturidade e a idade adulta, adicionam a esses transtornos íntimos a mágoa contra a sociedade que não lhes soube respeitar as aflições e mais as aguçaram com rejeição, críticas ásperas e desprezo... “A obsessão na infância é um capítulo muito expressivo para integrar a relação das psicopatogêneses dos distúrbios de comportamento e mentais, necessitando urgente atendimento especializado, desse modo facultando oportunidades para a recuperação do paciente, para a sua saúde, para o ressarcimento dos seus débitos através do bem que poderá fazer, ao invés do sofrimento que experimenta.” Logo após, reflexionando, adiu em feliz conclusão: – Quando luzir na Humanidade o conhecimento espírita e as sutilezas da obsessão puderem ser identificadas desde os primeiros sintomas, muitos transtornos infanto-juvenis serão evitados, graças às terapias preventivas, ou minimizados mediante os tratamentos cuidadosos que o Espiritismo coloca à disposição dos interessados. No caso em tela, a terapêutica bioenergética, a sua participação nas aulas de orientação evangélica sob a luz do pensamento espírita, a água magnetizada e a psicoterapia da bondade, do esclarecimento, da paciência dos genitores libertá-la-iam da influência perniciosa, auxiliando-a a ter um desenvolvimento normal. Concomitantemente, porque em ambiente propício, os Benfeitores da Vida Maior poderiam também conduzir o seu desafeto ao tratamento espiritual desobsessivo, alterando completamente o quadro em questão. “É claro que os débitos por ela contraídos em relação às Leis Cósmicas não ficariam sem a devida liquidação, mudando somente os processos liberativos, já que o Pai não deseja a morte do pecador, mas sim a do pecado, como bem esclareceu

Jesus, o Psicoterapeuta por excelência. Como o amor libera do pecado, todo o bem que viesse a realizar através da saúde comportamental e psíquica se lhe transformaria em recurso terapêutico, liquidando as dívidas e compromissos infelizes que lhe pesam na economia da evolução.” Quando o Instrutor silenciou, repassei mentalmente alguns casos de crianças neuróticas, autistas, com distúrbios neurológicos, superativas, que houvera conhecido na Terra e algumas que atendera particularmente, suspeitando da presença de Entidades perturbadoras que as afligiam ou pioravam o seu quadro orgânico, agora constatando que a epidemia da obsessão a ninguém poupa em período algum da existência física ou mesmo após a desencarnação. Desde que haja tomadas receptivas, que são os desacatos às Leis Divinas, sempre existirão plugs para se lhes fixarem produzindo a ligação doentia e desgastante da obsessão. Permanecemos algum tempo na Escola acompanhando as atividades educacionais que ali se realizavam, quando o vigilante Instrutor convidou-me a segui-lo em direção à sala de Mauro.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 4)

“Os métodos para a catequese de obsessores são variados, dependendo de circunstâncias especiais, que se subdividem entre a natureza do caráter de cada um, a especialidade do catequista e múltiplas modalidades do momento. A própria reencarnação é um dos recursos aplicados, pois existem obsessores tolhidos numa reencarnação para a experiência da catequese, quando, então, todas as facilidades para um aprendizado eficaz das leis do Amor e da Fraternidade lhes serão apresentadas. Muitos, só mais tarde, em encarnações posteriores, estarão em fase de reparações e resgates. Fora necessário, primeiramente, conceder a esses infelizes trânsfugas do dever possibilidades de sofrer, posteriormente, a consequência dos seus atos maus, amparados pela resignação, pela esperança e o desejo de emenda, a fim de que o seu calvário não se tornasse demasiadamente angustioso e, portanto, contraproducente... pois assim rezam as leis do Amor e da Caridade, a que tais trabalhos se subordinam. Trata-se, como vemos, de tarefas penosas, complexas, que requerem firmeza de vontade, coragem moral e muito amor à causa por parte da entidade instrutora operante, seja desencarnada ou encarnada. As leis da Fraternidade, pelas quais se conduzem os obreiros do mundo espiritual, estabelecem assistência incansável ao obsessivo, no intuito de convencê-lo à reforma de si mesmo. Jamais o violentam, porém, a essa meritória atitude, quando o compreendem ainda não preparado pela ação fecunda dos remorsos. “Existem obsessões baseadas no ódio e no desejo irrefreável de vinganças, insolúveis numa só etapa reencarnatória, as quais serão incomodativas, desesperadoras, podendo levar séculos exercendo o seu jugo sobre a vítima, estendendo-o

mesmo à vida no Invisível e invertendo o domínio da possessão em existências subsequentes, até que os sofrimentos excessivos, provenientes de tão ardentes lutas, bem assim a reflexão e o desejo de emenda, obriguem os litigantes à renúncia do passado pela abnegação do porvir, o que os fará reencarnar unidos pelos laços de parentesco muito próximo — constantemente como irmãos consanguíneos e até como pais e filhos e mesmo cônjuges — a fim de que, mutuamente, se perdoem e se habituem a um convívio pessoal, a uma junção familiar persistente que, conquanto se apresente como provação e não raro como expiação, acaba por estabelecer vínculos de afetividade, indestrutíveis em suas almas, desaparecidas, então, completamente, as antigas animosidades. Existem, outrossim, as paradoxais obsessões por amor. Exercem estas, algumas vezes, perseguições igualmente seculares, quando uma das duas partes interessadas perjurou, falindo nos deveres de fidelidade. Tão cruéis e execráveis se apresentam esses tipos de obsessão por amor ferido e despeitado, quanto o são os motivados pelo ódio, e então grandes dramas, dignos de estudo e comentários, se verificam nas sociedades terrena e espiritual, através de situações agitadas, infelizes, que somente o amor de Deus suavizará. E até obsessões sexuais, quando o atuante invisível, que tanto poderá ser um Espírito denominado “masculino” como um denominado “feminino”, dominar um homem como uma mulher, — valendo-se das tendências dos caracteres inclinados aos arrastamentos primitivos, às complexidades do sexo, — induzi-la-á a quedas deploráveis perante si mesma, o próximo e a sociedade, tais como o adultério, a prostituição, a desonra irreparável, pelo simples prazer de, através das vibrações materializadas da sua presa, que lhe concede clima vibratório propício, dar livre curso a apetites inferiores dos quais abusou no estado humano e os quais, degradantemente, conserva como desencarnado, em vista da inferioridade de princípios que gostosamente retém consigo, o que lhe estimula a mente, inibindo-a do desejo de progresso e iluminação espiritual. Geralmente exercida tão só através da telepatia ou da sugestão mental, é bem certo que o obsessor estabelece uma oculta infiltração vibratória perniciosa sobre o sistema nervoso do obsidiado, contaminando-lhe a mente, o perispírito, os pensamentos, até ao completo domínio das ações. Tais casos se apresentam dificilmente curáveis, não somente por aprazerem às vítimas conservá-los, como por ser ignorada de todos essa mesma infiltração estranha e, mais particularmente, porque o tratamento seria antes moral, com a reeducação mental do enfermo através de princípios elevados, que lhe faltaram, não raro, desde a infância. Refutará o leitor, lembrando que, assim sendo, ninguém terá responsabilidades nos erros que sob tais influências cometer. Acrescentaremos que a

responsabilidade permanecera também com o próprio obsidiado, visto que não só não houve a verdadeira alteração mental como também nenhum homem ou mulher será jamais influenciado ou obsidiado por entidades dessa categoria se a estas não oferecer campo mental propício à penetração do mal, pois a obsessão, de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades. Prosseguindo, lembraremos ainda certas obsessões de que tratam os Evangelhos, as quais tornam o obsidiado surdo e mudo, geralmente desde o nascimento ou a infância; e, muitas vezes, quando passais por um desses infelizes na via pública, longe estareis de compreender que vos encontrais diante de um doente psíquico e não propriamente físico, de um obsidiado, que vem sendo atormentado desde o estágio do Invisível, durante a desencarnação, e cujas consciências e vibrações, acometidas de mil prejuízos daí originados, somente conseguiram modelar para sua reencarnação expiatória um feto — ou corpo — apropriado ao seu demérito consciencial. Casos há curáveis, neste exemplo, com a retirada dos algozes, consoante a prática o tem demonstrado. A maioria, no entanto, não será curável, uma vez que aí se enquadrarão também os delatores, os caluniadores do passado, grandes intrigantes, maldizentes e blasfemos, aqueles que abusaram do dom da palavra para desabonarem o próximo, torturar os corações, escandalizar a sociedade em que viveram. Aqueles a quem destarte feriram, incapazes da magnificência do perdão, tornados inimigos poderosos, rodeiam-nos com represálias terríveis desde antes da reencarnação, perseguindo-os, muitas vezes, durante etapas longas, mesmo durante séculos. E a lei da Criação assim o permite para que as criaturas, à custa da própria experiência, aprendam a considerar as leis do Dever e da Justiça, únicas que lhes concederão situação digna no seio das sociedades em que viverem. — “A cada um segundo as próprias obras” — eis a sentença, ou lei, exposta por Jesus, que previne contra infrações tais. Não obstante, nem sempre os obsessores serão entidades absolutamente más. Muitas serão, ao invés, grandes sofredoras, almas tristes e doloridas, feridas, no pretérito de existências tumultuosas, pela ingratidão e a maldade desses que agora são as suas vítimas, capazes de grandes atitudes afetivas para outrem que não o seu inimigo a quem obsidiam, e não raro também foram homens intelectualmente esclarecidos na sociedade terrena, mas a quem escasseou a sublime moral da fraternidade evangélica. Não deixaremos de lembrar ainda aqueles que são “mandados” por outrem a obsidiar alguém, por antipatias, despeito ou mesmo ódio, ordem que também poderá ser expedida por um desafeto encarnado, durante o sono corporal. Tais perseguidores agem em torno das suas presas obedecendo, portanto, a ordens

de terceiros, sem que a menor animosidade os impelisse ao ato, senão a obediência a uma entidade terrena ou invisível, a quem renderão homenagens e por quem nutrirão consideração. Serão, então, como uma variante daqueles assalariados terrenos, que, por uma paga, cometeriam qualquer espécie de vileza contra um estranho, de quem nenhuma queixa teriam. A invigilância, o desajuste mental do obsidiado na sua vida cotidiana, darão ensejos a tal possibilidade, apresentando-se esse caso, então, como consequência lógica da sua incúria no cumprimento dos deveres e não como inevitáveis resgates ou expiações de vidas pretéritas. Não esqueçamos daquelas que têm origem no pensamento de atração da própria vítima, cuja atitude mental reteve junto de si o Espírito de um inimigo ou um rival, de um desafeto ou de um ser querido, os quais, jungidos às suas ondas de atração, de tal sorte se adaptam a elas que terminam por infelicitá-las com sua presença permanente, pois que tais entidades não estarão, absolutamente, em condições de beneficiar alguém com as próprias irradiações. Geralmente curáveis através da prece, da meditação sadia e de uma doutrinação elevada e amorosa, tais obsessões, que melhor qualificaremos de “atuação” ou “assédio”, uma vez combatidas trazem a particularidade de beneficiar melhor o obsessivo do que o próprio obsidiado. Este atrairá, fatalmente, novas atuações das sombras, dado que se não dedique decididamente à prática do bem para a renovação dos próprios valores morais, enquanto aquele, pertencendo à classe humílima do Invisível, grandemente sofrendor quase sempre e ignorante de princípios redentores, ferido por injustiças e menosprezo da sociedade terrena em que viveu, será encaminhado a um reajustamento conveniente (comumente esse reajustamento será efetivado através da reencarnação), desde que demonstre desejo sincero de emenda, sendo ele mais infeliz e ignorante, conforme acima asseveramos, do que mesmo mau. A todos esses desarmonizados das leis da Fraternidade deverão os servos do Senhor — encarnados e desencarnados — esclarecer ou proteger com dedicações incansáveis, paciência infatigável, desprendimento e desinteresse, visando não somente a méritos para si próprios, mas, acima de tudo, ao cumprimento de sagrados deveres diante do Todo Poderoso, que estabeleceu a justiça do auxílio do mais forte ao mais fraco, do esclarecido ao ignorante, segundo rezam os dispositivos da lei de amor ao próximo como a si mesmo.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 5)

“**Ciladas espirituais.** Poderosa e sempre presente nos relacionamentos humanos, a *Lei de Sintonia* responde pelos acontecimentos de toda ordem na economia moral e social do planeta terrestre. As afinidades propiciam o intercâmbio dos sentimentos, facilitando a harmonia que proporciona mesclarem-se as vibrações

do mesmo teor, fortalecendo-as e ampliando-as. Em razão disso, as ocorrências psíquicas e físicas, não raro, resultam das causas anteriores que as promoveram. Cada ação dá lugar a uma reação equivalente, e, quando não se encontra no presente aquele fator desencadeante, ei-lo que se encontra no passado. O ser humano atual procede de anteriores reencarnações, nas quais a conduta estabeleceu contatos positivos com perturbadores que ressurgem vinculados pela lei de sintonia em afinidades que ressumam, voltando a vincular aqueles que se encontram na mesma faixa vibratória. Normalmente, adversários que se não modificaram com a morte, pessoas inamistosas que não alteraram o comportamento ao desencarnarem, reencontram aquele que os prejudicaram, predispondo-se a infelicitá-los por meio de esforços injustificáveis e cruéis. Quando ignorantes ou brutalizados investem, violentos, em atitudes vigorosas quão precipitadas, agredindo os seus antigos comparsas que se lhes transformaram em algozes. Fruindo a alegria da vingança, alucinam-se e, furibundos, buscam desequilibrá-los, levando-os aos sofrimentos e à desesperação. A dívida irradia vibrações que são captadas pelo cobrador, porquanto, onde se encontre o fraudador, o criminoso, a sua *consciência de culpa*, mesmo indiretamente, emite ondas que sincronizam com aqueles a quem enganou... Nesse comenos, surgem algumas obsessões constrangedoras, porém quase sempre de breve duração. Em se tratando de espíritos lúcidos, que permanecem presos aos sentimentos inferiores, a técnica de cobrança é diversa, repousando na urdidura de hábeis esforços, largamente elaborados, portanto, com efeitos danosos de volumoso porte. Reencontrando os desafetos, acompanham-nos, estudam-lhes a conduta e os hábitos até identificarem os seus pontos vulneráveis, suas tendências negativas, suas paixões e interesses inferiores, passando a estimulá-los, porque são do agrado de quem os cultiva. Açodados nesses apetites, dão-lhes espaço e encorajamento para o gozo, até tombarem nas malhas dos excessos, dos desgastes, das complicações, para cujos resultados não atentaram. Deixaram-se seduzir pela ilusão de que tudo lhes era lícito e permitido, mesmo que a prejuízo de outras pessoas, por isso desconsertam-se e passam a sofrer. Outras vezes, essas mentes livres, ora desvestidas do escafandro carnal, formulam planos e preparam armadilhas para o futuro, aguardando os danosos resultados que lhes facultarão assenhorearem-se dos incautos, que com eles sintonizam vivenciando a mesma hediondez e prevaricação. Conduzem pessoas permissivas para a convivência com os seus desafetos, estimulando-os à comunhão perniciosa quanto promíscua, que termina em cenas escabrosas, assinaladas por escândalos calamitosos e irreversíveis. Ensejam oportunidades invejáveis, que promovem e ajudam

por inspiração, adormecendo os valores éticos ou intoxicando-os nos seus devaneios, que exorbitam das funções e as desmerecem, despertando comprometidos e envergonhados. Facilitam encontros ricos de encantamentos com indivíduos desprovidos de caráter, com os quais privam por algum tempo, sendo depois por eles chantageados, explorados, desmoralizados... Fascinam por hipnose para prazeres fugazes, sabendo dos estímulos altos que serão cobrados àqueles que lhes tombam nas trampas soezes. Inspiram satisfações de uma hora, para a colheita de lágrimas acerbas por longo tempo. Desviam a óptica dos descuidados, que passam a identificar o que lhes é agradável, embora os perigos nos quais repousa o gozo. Enlanguescem uns e põem a arder outros, através de bem aplicadas expressivas doses de fluidos, que manejam com habilidade, passando a comandar-lhes a usina mental e a organização física, por meio de estímulos, terminando por comprometer aqueles que lhes cedem os espaços e alegrando-se, quando os veem em desdita e desequilíbrio. Tais ocorrências e sucessos, porém, são consequência da sintonia que vige entre uns e outros, vítimas e perseguidores. Essas ciladas espirituais são muito frequentes e é necessário que as mulheres e os homens da Terra, apesar de endividados, despertem para a própria realidade e resguardem-se nos bons pensamentos, na oração, nas ações edificantes, que lhes constituirão recurso superior para sintonizarem com as correntes elevadas da vida, pondo-os a salvo dos conúbios infelizes e das obsessões danosas de longo porte. Ninguém reencarna para sofrer, para ser infeliz. A reencarnação tem por meta primacial desenvolver os valores íntimos que dormem no ser ou ampliá-los, exercitando-os nos caminhos da evolução. As Leis Soberanas estabelecem a reparação do erro, não a punição do equivocado, porque em tudo e em todo lugar o amor de Deus tem prevalência, e todo o bem, toda ação meritória que alguém pratica, diminui-lhe o débito, ajuda-o a recuperar-se perante a Consciência Cósmica e socorre aquele a quem haja prejudicado. A *Lei de Sintonia*, desse modo, une os que são afins, propondo elevação para melhor e maior identificação com Jesus e o Pai. OBSESSÕES GERAIS. A história da humanidade anota a incidência periódica de epidemias devastadoras que, no passado, dizimaram multidões indefesas, desequilibrando a economia social e política de muitas nações. Entre essas calamidades, periodicamente, surgiram e se desenvolveram distúrbios outros que, sob denominações variadas - infestações, possessões, convulsões, dominações demoníacas - tornaram-se tormentos espirituais que catalogamos como obsessões coletivas. À semelhança das hordas bárbaras que invadiram muitos países, no pretérito, disseminando o terror e o crime, ampliando os óbitos, a viuvez e a orfandade, igualmente dominaram mentes

em processos de intercâmbio mediúnico lamentáveis quanto destruidores... *Loucuras* que irromperam de inopino em grupos sociais, religiosos e políticos, tomaram conta de massas infrenes que se faziam conduzir por Espíritos inferiores em provações dolorosas de curso demorado. Enquanto as epidemias têm sido diminuídas e algumas extinguidas em muitos povos, graças às conquistas das ciências e da tecnologia médica, as obsessões coletivas prosseguem submetendo mentes e corações humanos que se deixam arrastar em contaminações incessantes. Muitas vezes considerados como ônus que a sociedade paga ao progresso — guerras, decadência ético-moral, perversão social e política, alienações — ainda não receberam conveniente análise e combate dos organismos da saúde mental ou das entidades encarregadas do equilíbrio social. A obsessão é mal que avassala as vidas na Terra, em razão da própria inferioridade do Planeta, considerando-se os espíritos ainda primitivos que o habitam. Porque, nesses seres, ainda predominam as paixões primárias decorrentes dos instintos inferiores, neles não luz o amor, que seria para o seu estado de evolução a terapia preventiva possuidora do recurso próprio para preservá-los dos sentimentos perversos em que se entorpecem. Decorrendo da falta desse elã divino, o perdão não lhes ilumina as paisagens íntimas, nas quais as suspeitas, os ressentimentos, os desejos de vingança se homiziam, quando se sentem contrariados, estabelecendo os vínculos de perturbação que atam uns aos outros, os devedores aos seus infelizes cobradores. Nesse pandemônio de paixões instalam-se as matrizes dos futuros distúrbios, que se desdobram em crises de alienação mental e desorganização física. Por uma questão de afinidade, reencarnam-se tais espíritos em grupos, formando núcleos variados e, dessa forma, sofrendo coletivamente os efeitos dos atos ignóbeis. No início, apresentam-se como miasmas do exotismo, da aberração, das fixações mentais extravagantes que geram repulsa. Pela sua insistência e rápida adesão às mentes que se lhes identificam, fazem-se comuns, normais, e criam escolas de comportamento, passando a dirigir as massas que, excitadas, se lhes entregam sem resistência. O surto perigoso espraia-se, deixando marcas profundas no comportamento psicológico e social da evolução humana. Somente o conhecimento do Espiritismo propicia os esclarecimentos para a identificação dessa estranha virulência, ao tempo em que favorece com as terapêuticas para a sua erradicação. Descuidado da sua realidade espiritual, o homem moderno, embora vinculado a determinadas confissões religiosas, da vida somente considera os prazeres transitórios que, apesar de cansá-lo, prosseguem como emulação para a continuidade da sua existência física, frustrando-o e amargurando-o, em cujo processo fica vulnerável à

afecção espiritual. Uma cuidadosa reflexão bastaria para distinguir-se entre um comportamento saudável e outro alienado, entre um psicopatológico e outro de natureza obsessiva. Assim mesmo, identificada a incidência do distúrbio espiritual predominante, faz-se necessária a atitude curativa, que se encontra nas estruturas do pensamento cristão, cujos fundamentos são de ordem moral, tais a conduta digna centrada no “amor-respeito” a Deus, ao próximo e a si mesmo. Esses são dias muito atribulados no contexto humano, nos quais as obsessões coletivas se impõem a grupos de vários matizes, cuja conduta agressiva ameaça os alicerces sociais das relações humanas. Caso a criatura prossiga negando-se à mudança de comportamento para melhor, passando a abraçar as lições de Jesus-Cristo e vivendo-as, as soberanas leis se encarregarão de alterar-lhe as paisagens espirituais, utilizando-se do recurso compulsório da reencarnação, direcionando para mundos primitivos aqueles que lhes são afins e interrompendo o ciclo histórico das obsessões, a fim de que o amor inunde as vidas e irmane as criaturas, enquanto, na Terra, se instalam os alicerces para a construção do mundo de regeneração. Quando, em qualquer grupo - social, religioso, político, cultural, artístico, científico, filosófico - predominarem o egoísmo, a prepotência, a intolerância, as exigências descabidas, o descaso pelo progresso, possivelmente os seus membros, além das suas dificuldades de evolução, encontram-se sob os camartelos psíquicos das obsessões coletivas, que objetivam obstaculizar a marcha do progresso e perturbar a ordem nas instituições nobres nas quais se movimentam, necessitando de urgente mudança de direcionamento mental para que sejam logradas as ações fraternais de união, de entendimento e de amor entre todos. OBSESSÕES SUTIS. A inobservância dos severos códigos ético-morais da vida responde pela delinquência nos seus mais variados aspectos. Não nos referimos somente aos delitos de grande porte, geradores de dramas profundos e de consequências imprevisíveis quão demoradas. Pequenos deslizos morais, desrespeito ao equilíbrio social e familiar, atentados ao dever, ao pudor e à ordem, dissimulações da indignidade pessoal, pecadinhos da sociedade, ebriedade, tabagismo, calúnia, inveja, todo o séquito pernicioso do ego famigerado, são atitudes delituosas que abrem brechas para as obsessões sutis. Atraídos às pessoas invigilantes pela irradiação psíquica, vibração essa carregada de energia específica, os espíritos malévolos, ignorantes e perversos sintonizam em regime de dependência recíproca com o novo parceiro, dando curso aos estados de alienação espiritual. Não raro, os portadores do distúrbio são vistos como indivíduos de boa índole, de atitudes e hábitos morigerados, o que parece contrariar a tese da gênese desequilibradora. Ninguém pode avaliar realmente o que

significa e representa a vida íntima do próximo. Somente uma visão espiritual capaz de captar a exteriorização das ondas mentais e morais possui recursos para avaliação do comportamento interior de cada ser. Não apenas a conduta externa caracteriza-o, mas também, e principalmente, o cultivo dos seus interesses e a vitalização das paisagens interiores são o que define o ser real. É nesse campo que se exterioriza através do perispírito, pois neste ocorrem as vinculações nas quais os *plugues* se fixam nas *tomadas*, estabelecendo-se a corrente alienadora. Hábitos incorretos, gestos viciosos, comportamentos insanos são estimulados pelos agentes desencarnados, desbordando em síndromes obsessivas que avançam para estados mais graves na conduta mental e pessoal. Generalizam-se, desse modo, as obsessões sutis, à semelhança de transtornos somatomorfos de natureza neurótica, com os quais o indivíduo se acostuma por acreditar que as perturbações sejam naturais e de pequena monta. Lentamente agrava-se a alienação, qual se fosse uma raiz delicada que, na frincha da rocha, fixando-se e vitalizando-se, enrijece-se, fendendo a pedra e tornando-se difícil de ser arrancada, sem que sucedam maiores danos ao núcleo onde se implantou... Indispensável vigiar-se a conduta mental, os hábitos morais, cerceando-se as possibilidades de sintonia com aqueles de descargas espirituais negativas, passo primeiro para a ocorrência obsessiva. Estudando esse terrível flagelo, o eminente codificador do Espiritismo classificou-o como *obsessão simples*, pelas características iniciais e afligentes de menor gravidade, passo, porém, decisivo, para os outros avançados distúrbios psíquicos. Confundindo-se com a personalidade do paciente, na qual parece predominar, é erva daninha que terminará por matar a seiva de que se nutre, sobrepondo-se ao hospedeiro e destruindo-o em lenta e contínua asfixia... As obsessões sutis devem ser combatidas desde as suas primeiras manifestações pelo paciente ainda lúcido, que se deve impor alteração da conduta para outra mais saudável, controle consciente do comportamento, recriando o clima mental e os hábitos corretos, propiciadores da saúde. Concomitantemente, as ações de beneficência, os labores em favor da autoiluminação completam a terapia valiosa, ensejando a harmonia e a libertação do obsidiado, por sua vez, também, o esclarecimento do Espírito parasita que recomençará a jornada tendo em vista a necessidade de paz e de progresso. As obsessões sutis são grave epidemia que domina o organismo social carente de equilíbrio e de Deus. OBSESSÕES SIMPLES. Na psicogênese das obsessões, encontra-se como fator preponderante ao seu desencadeamento a imperfeição moral do paciente. Essa característica de inferioridade é a responsável pelo ontem espiritual propiciador da injunção dolorosa que engendrou a animosidade do Espírito vingador, que se

acerca do seu algoz para o desforço, utilizando-se do processo perverso da obsessão. A insensatez em que se compraz a criatura que não trepida em sobrepor o seu ao interesse dos outros, buscando o triunfo e o poder a qualquer preço, consegue ferir e malsinar vidas que ficam estioladas na retaguarda, esperando oportunidade para recuperação. Em face desses espíritos se fazerem portadores de equivalentes mazelas morais, despertam para a realidade no além-túmulo e, ao invés de se apoiarem no perdão e na misericórdia para com aquele que os infelicitou, fazem ressumar o rancor que transformam em ódio, e atiram-se em desarrazoadas batalhas de cobranças, enlouquecidos, fazendo enlouquecer... Desalojados das áreas da razão e do discernimento, tomam a clava da justiça nas mãos e, alucinados, olvidam as Soberanas Leis, tornando-se cobradores impiedosos, quando poderiam transformar-se em irmãos necessitados de auxílio e de orientação. Por tal razão, pulula na sociedade humana a obsessão. Sutil, muitas vezes espalha-se como epidemia gripal que se expande, contaminando o maior número de vítimas, cujas baixas defesas facultam-lhes o contágio... De outras vezes, em forma de assalto psíquico que desorienta, assenhoreia-se das usinas mental e emocional no seu próximo, nas quais se instala, produzindo distonias profundas. No campo da mediunidade, porque o sensitivo possui especial predisposição para o fenômeno da comunicação, a obsessão se enraíza de maneira simples, a princípio, para tornar-se mais grave à medida que tomba nas malhas da urdidura mental do adversário, aquele que se encontra comprometido moralmente. Não apenas com caráter de cobrança arbitrária, a obsessão surge, mas também provocada por espíritos ociosos e trêfegos que se comprazem no intercâmbio inferior. Na fase inicial da educação mediúnica, o fenômeno da obsessão simples, como é natural, tem maior e mais ampla vigência, em face da ignorância do médium sem os recursos do equilíbrio e do conhecimento, ainda incapaz de discernir e selecionar as influências espirituais de que se vê objeto. Caracteriza-se, porém, essa psicopatologia, pela insistência do espírito em comunicar-se, pela predominância da sua sobre a vontade do medianeiro, em razão da interferência pertinaz nos seus pensamentos e conduta... De outra forma, quando não se trata de portador de faculdade ostensiva, a obsessão simples expressa-se com síndromes que podem confundir com os conhecidos transtornos neuróticos e alguns psicóticos, portanto, mais profundos. Sistemáticamente, surgem os desequilíbrios de humor, que se acentuam em manifestações fóbicas, distímicas, empurrando as vítimas para as depressões, em determinados casos, e noutros açalando-lhes a rebeldia, a violência, a agressividade, as paixões servis... Sem qualquer desconsideração pelos estudos dos distúrbios psicológicos e

psiquiátricos acadêmicos, mesmo nesses encontraremos sempre o espírito encarnado que é enfermo, e, graças aos seus compromissos negativos em sintonia com aqueles aos quais prejudicou. O intercâmbio nefasto entre os espíritos inferiores e as criaturas humanas é vivaz e volumoso, constituindo esse mecanismo um recurso de nutrição psíquica para uma verdadeira legião de desencarnados viciosos. Não obstante, avançam em volúpia os seres humanos em correria desesperada para os fossos sombrios das obsessões de longo curso, em razão de não cuidarem dos primeiros sintomas. Estimulações insistentes por todo lado induzem ao comércio do prazer sensorial, sem nenhuma compensação espiritual. Os deveres relevantes do ser perante a vida são deslocados para o olvido, acreditando-se, falsamente, na perpetuidade do corpo, na sua resistência e vitalidade sem fim para o banquete incessante do gozo frustrante. A vida é perene, seja no corpo ou fora dele, expressando-se mediante o código inalienável de valores que devem ser levados em consideração. A alegria, o gozo, a esperança, a felicidade faz parte da existência física, assim como o sofrimento, o desgaste, a carência, a transformação dos componentes orgânicos. Compreender a transitoriedade do carro celular é conquista da consciência que discerne sobre a finalidade do ser existencial, preparando-se para a realidade espiritual. Embora o intercâmbio obsessivo demonstre a imortalidade do espírito, muitos daqueles que experimentam a sua constrição simples fogem às reflexões em torno da palpitante questão, a fim de permanecerem buscando o prazer em que consomem as energias. Predominando na estatística das psicopatologias, a obsessão simples é pandêmica, a grassar sem impedimento. Embora o quadro desolador, o seu tratamento é igualmente simples e depende particularmente do enfermo, que se deve conscientizar da parasitose, trabalhando-se moralmente e agindo com inteireza, de forma que se reabilite do mal praticado e contribua em favor daquele que lhe padeceu a inferioridade, ou engrandeça-se pela solidariedade em relação ao seu próximo, tornando-se elemento útil no contexto social. A vinculação emocional com Deus dar-lhe-á serenidade e satisfação existencial, desvinculando-o das faixas inferiores por onde transita emocionalmente, assim libertando-se da conjuntura aflitiva que lhe é imposta ao corpo, à emoção ou à mente. Ao mesmo tempo, a educação mediúnica através do estudo sério da Doutrina Espírita e da própria faculdade, assumindo a grave responsabilidade de cooperar com progresso moral da Terra, por meio do auxílio aos desencarnados em sofrimento, abre as portas à recomposição da saúde. São terapias de urgência e de longo curso, porquanto, mesmo nas psicopatologias identificadas pelas ciências acadêmicas, têm lugar o esforço e a renovação moral do paciente, o serviço de dedicação

ao próximo, a recuperação da alegria de viver, a fim de que, igualmente beneficiando-se pelos valiosos recursos da fluidoterapia, a que se devem submeter todos os obsessos, recomponha os campos vibratórios afetados e a enfermidade tratada cuidadosamente libere o perseguidor das amarras pelas quais se imanta ao enfermo. A obsessão simples é fenômeno corriqueiro, que a prece, o esclarecimento espiritual - desobsessão sem a presença do paciente - a bioenergia, a atividade no bem com facilidade conseguem diluir. Jesus, o Psicoterapeuta por excelência, diante das multidões aturdidas e presas fáceis de obsessões simples e periódicas, apresentou a terapia preventiva de forma enérgica e conclusiva, propondo: “*Vigiai e orai, a fim de não tombardes na tentação*”, isto é, em defecção moral. OBSESSÃO INFANTIL. Dentre as graves perturbações de origem espiritual, a que afeta a infância apresenta-se mais constrangedora e terrivelmente dolorosa. A infância é período de recomeço que inspira ternura, ao tempo que desperta o desejo de proteção em natural defesa da sua fragilidade. A criança, na sua atual inexperiência, proporciona alegria, ressumando encantamento e bem-estar. Jesus tomou-a como modelo de pureza, de inocência, referindo-se, naturalmente, ao sono momentâneo que experimenta o espírito sob o anestésico da reencarnação. Sob esse ponto de vista, trata-se de um ser com múltiplas realizações em outras investidas carnavais, que retorna para recomeçar, reparar, aprender, conquistar a vida. Como consequência, os atos reprocháveis e indignos, os dramas gerados e os crimes praticados, os valores de enobrecimento, as aquisições relevantes prosseguem pesando na economia evolutiva do espírito em processo de crescimento, que reinicia o curso que a morte interrompeu anteriormente, mantendo, porém, a carga desses compromissos positivos e negativos. Adormecida a memória na névoa carnal, não se dissipou a responsabilidade dos erros que atraem magneticamente aqueles espíritos que lhe padeceram as diatribes e as injunções desrespeitosas. Igualmente equivocados, permanecendo na erraticidade inferior, mantêm os desditosos propósitos do desforço, da cobrança tormentosa, envergando a indumentária moral de verdugos que se comprazem em impor as suas tenazes de perversidade, dando prosseguimento às obsessões. Na infância, porque destituídos das autodefesas que a prece e a vigilância, as boas ações e o arrependimento propiciam, permanece, no entanto, o apoio dos Benfeitores e Guias espirituais que se submetem às Leis de Causa e Efeito, acompanhando os processos reparadores e interferindo somente quando as circunstâncias assim o permitirem. De início, esses adversários desencarnados acompanham a criança e se apresentam espiritualmente no momento do parcial desprendimento pelo sono, fazendo-a recordar os crimes, ante o que recua para o

corpo sob pesadelos terríveis, aos gritos e tremores, que irão instalando as fixações doentias através das quais as futuras agressões se tornam obsessões cruéis. Embora o cérebro infantil não registre os fatos evocados espírito a espírito, distúrbios nervosos se instalam, abalando os equipamentos delicados da usina mental, favorecendo o campo a fim de que se instalem processos de alucinação, de vampirismo, de subjugação... Nesse período, ocorrem as incorporações que, além de danosas ao psiquismo infantil, também abalam a estrutura orgânica, facultando campo à instalação de diversas enfermidades. A criança obsidiada apresenta comportamento doentio, incontrolável, variando desde os estados depressivos e de inapetência aos de agressividade e violência, mordendo, golpeando, arrebatando tudo e tentando autodestruir-se. A sanha do adversário, ao invés de ser aplacada ante o sofrimento do seu antigo inimigo, mais aumenta, sentindo-se dominador na situação vexatória. É evidente que os pais e demais familiares que padecem da injunção aflitiva estão incursos na problemática que ora defrontam nos seus efeitos, convidados à reparação pessoal e ao socorro daquele que se encontra em maior envolvimento, portanto, com a dívida mais pesada. Faz-se necessária a paciência evangélica, revestida de amor para com ambos os litigantes, orando-se pelo perseguidor, assim como pelo perseguido e envolvendo-os em ondas de ternura, que impedem as vibrações viciosas que danificam o equilíbrio do paciente. Por outro lado, os novos algozes tentam esgotar as energias daqueles que protegem as suas vítimas, irritando-os, provocando reações inesperadas e grosseiras em relação ao enfermo da alma, de modo a desanimá-los. Nesse quadro tormentoso de obsessão, a bioenergia desempenha uma função terapêutica relevante, por envolver o doente em vibrações de bem-estar, de harmonia, que impedem as descargas magnéticas perniciosas de os alcançar. A constância que o amor oferece e a confiança em Deus geram uma psicossfera protetora, diluindo as correntes vibratórias destrutivas e, por fim, alcançando os antagonistas espirituais que terminam rendendo-se à compaixão e à misericórdia. Concomitantemente, o diálogo com os perseguidores, nas reuniões especializadas, proporciona-lhes esclarecimentos libertadores e contribuição valiosa para que recobrem a paz que lhes faz falta. Diante da criança enferma, apresentando variadas patologias, deve-se pensar na *Lei de Retorno*, sem dúvida, que nela imprime os quesitos genéticos propiciadores da reparação dos erros cometidos, mas também a presença dos espíritos em dificuldades morais, insistindo nos propósitos de darem curso às obsessões de longo prazo e de consequências imprevisíveis. Vigilância e amor, disciplina e bondade devem constituir, entre outras diretrizes de convivência com a infância, as melhores terapêuticas

de socorro espiritual e moral. Como a função do renascimento carnal não é o de sofrimento, mas de educação e de renovação moral, todos aqueles que se encontram endividados perante os Divinos Códigos recebem equipamentos espirituais para a reparação e a autoiluminação. FASCINAÇÃO OBSESSIVA. O narcisismo é desvio de comportamento que perturba o ser humano colhido pelos conflitos que não consegue diluir. Também pode ser resultado de alguma frustração que induz o paciente ao retorno do período infantil. Auto apaixonando-se, o narcisista se atribui valores e direitos que a outrem não concede, tornando-se o epicentro dos próprios e dos interesses gerais. À medida que se lhe agrava o distúrbio, aliena-se do convívio social saudável, acreditando que não tem muito a lucrar com a atenção e os cuidados que poderia direcionar a outras pessoas. Esse comportamento, às vezes, é sutil, agravando-se à medida que se lhe fixam no ímo a presunção, a ausência de autocritica, embora a severidade com que analisa a conduta alheia, utilizando-se de palavras ásperas e julgamento severo, como transferência daquilo de que, inconscientemente, se faz merecedor. Ao tomar essa atitude, libera a *consciência de culpa* e mais se enclausura na torre de marfim da prosápia em que se estabelece. Essa insegurança psicológica, que se converte em autoafirmação exibicionista, conspira contra a sua saúde mental. Em razão dessa deficiência emocional, quando portador de mediunidade atrai espíritos zombeteiros que o inspiram ao ridículo da situação, comprazendo-se os mesmos em afligi-los, sem que se dê conta da gravidade da psicopatologia obsessiva em que tomba. Não se apercebendo da *parasitose* que se lhe instala, passa a acreditar quase que exclusivamente nas comunicações de que se faz instrumento, competindo com qualquer outro que, aparentemente, lhe ameaça a projeção. Mantém boa moral, é conservador e exigente na conduta, porém, a *tomada* na qual se encontra o *plugue* obsessivo encontra-se no egoísmo e no temperamento especial, que lhe constituem os grandes desafios a vencer durante a conjuntura reencarnacionista. Na ordem direta que se destaca, ensoberbece-se mais, deixando de considerar as advertências que lhe chegam, por supor-se inatacável, distanciado da humildade que impõe a autorreflexão, responsável doutrinariamente pela proposta de *tomar para si as comunicações dos espíritos, antes que para os outros*. Imbuído da ideia de que é irreprochável o seu comportamento, passa a supor-se merecedor do contato com os espíritos elevados e não analisa as comunicações que lhes são atribuídas, cujo conteúdo não vai além do trivial, do destituído de profundidade. São, invariavelmente, repetitivas, exaradas em chavões convencionais, às vezes pomposos, mas irrelevantes. A obsessão por fascinação é um capítulo muito perturbador do labor mediúnico. Toda a trilha

da vivência mediúnica é inçada de cardos e de perigos, impondo um trânsito cuidadoso, porque se trata de intercâmbio constante com seres inteligentes que também se domiciliaram na Terra, continuando a manter as virtudes e os vícios que lhes eram habituais. Vigilantes e contumazes, os espíritos ociosos e perversos rondam os médiuns com implacável insistência, aguardando oportunidade para os afligir, para interditar-lhes as mensagens, para entorpecer-lhes a faculdade... A obsessão, em si mesma, é terrível flagelo que se manifesta epidêmico periodicamente, mas que nunca esteve fora da convivência humana. Em torno da mediunidade, particularmente, movimentam-se os espíritos infelizes, quais mariposas em volta de uma chama... Aqueles que são elevados sintonizam a distância, quando as circunstâncias o propiciam, enquanto que os desocupados permanecem com afã, esperando fruir benefícios mórbidos, como a absorção das energias do médium, a intromissão nas atividades humanas, gerando a perturbação em que se comprazem... A terapia para a recuperação desse tormento se inicia na vigilância do médium, vivenciando a humildade real e tendo a coragem de bloquear e interromper a interferência nefasta, cuidando de livrar-se do seu narcisismo, descendo do pódio da falsa superioridade que se credita para a planície das criaturas comuns e frágeis onde se deve situar. Nenhum médium se encontra indene a esse transtorno obsessivo e ele é muito mais habitual e constante do que se pode imaginar. Multiplicam-se na sociedade humana as pessoas auto fascinadas, e entre os médiuns, muitos são aqueles que se apresentam com a ultrajante síndrome da obsessão por fascinação. O *Senhor dos Espíritos* sempre que libertava os obsessos repreendia os seus algozes, admoestando-os e, ao mesmo tempo, lecionando às suas vítimas que Lhe seguissem as diretrizes, amando e servindo. Ante obsessos de qualquer matiz, são necessários a paciência e a misericórdia, o esclarecimento e a perseverança, a fim de que tenham tempo para despertar e romper os elos que os aprisionam aos seres perturbadores. SUBJUGAÇÃO. Etapa grave no curso das obsessões, caracterizada pela perda do discernimento e da emoção, o estágio da subjugação representa o clímax do processo ultraz que o adversário desencarnado impõe à vítima, em torpe tentativa de aniquilar-lhe a existência física. A perfeita afinidade moral entre aqueles que experimentam a pugna infeliz traduz o primarismo evolutivo em que desenvolvem os sentimentos, razão pela qual acoplam-se, perispírito a perispírito, impondo a vontade dominadora sobre quem lhe padece a ferocidade, por cujo doloroso meio lapida as arestas remanescentes dos crimes perpetrados anteriormente. A subjugação é o predomínio da vontade do desencarnado sobre aquele que se lhe torna vítima, exaurindo-lhe as energias e destrambelhando-lhe os equipamentos

da aparelhagem mental. Noutras vezes, a irradiação mental perniciosamente lhe é descarregada com pertinácia alcança-lhe a sede dos movimentos ou o núcleo perispiritual das células, provocando desconsertos que se transformam em paralisias, paresias e distúrbios degenerativos outros de variada etiopatogenia. O perseguidor enceguecido pelo ódio ou vitimado pelas paixões inferiores longamente acalentadas irradia forças morbíficas que o psiquismo daquele que lhe infligiu a amargura assimila por identidade vibratória e se tornam decodificadas no organismo, produzindo os objetivos anelados pelo obsessivo. Em ordem inversa, a onda de amor e de prece, de envolvimento caridoso e fraternal, termina por encontrar receptividade tão logo o paciente se deixe sensibilizar, transformando-a em harmonia e saúde, bem-estar e paz. Todos os fenômenos ocorrem no campo das equivalentes sintonias, sem as quais são irrealizáveis. Desse modo, a violência registrada nas agressões para a subjugação somente encontra ressonância por causa da afinidade entre aqueles que se encontram incursos no embate. Normalmente, o processo é lento e persuasivo, provocando danos que se prolongam no tempo, enquanto são minadas as forças defensivas para o tombo irrefragável nas malhas da pertinaz enfermidade espiritual. O processo cruel da obsessão de qualquer matiz tem suas raízes sempre na conduta moral infeliz das criaturas, pelo cultivar da sua inferioridade, em contraposição aos apelos elevados da vida que rumará para a Suprema Vida. Enquanto permaneçam os espíritos afeiçoados às heranças do estágio primitivo, mantendo o egotismo exacerbado, graças ao qual humilha e persegue, trai e escraviza, explora e infunde pavor ao seu irmão, permanecerá aberto o campo psíquico para as vinculações obsessivas. Somente com uma radical transformação de conceito ético entre os homens terrestres é que eles disporão de recursos seguros para se prevenirem das obsessões. No entanto, porque vicejem os propósitos inferiores em predomínio em a natureza humana, sucedem-se as complexas parasitoses obsessivas. Agravada pela alucinação do perseguidor, a subjugação encarcera na mesma jaula aquele que a fomenta. Emaranhando-se nos fulcros perispirituais do encarnado, termina por fixar-se-lhe emocionalmente, permanecendo presa da armadilha que urdiu. A subjugação é perversa maquinação do ódio, da necessidade de desforço a que se escravizam os espíritos dementados pela falta de paz. Cultivando os sentimentos primários e encerrando a mente nos objetivos da vingança, cerram-se na sombra da ignorância, perdendo o contato com a razão e a Divindade, enquanto não se permitem a felicidade que acusam de havê-los abandonado. Ambos desditosos - o subjugado e o subjugador - engalfinham-se na peleja sem quartel, não se dando conta de que somente o amor consegue interrompê-la. De

tratamento muito delicado e complexo, o resultado ditoso depende da renovação espiritual do paciente, na razão em que desperta para a seriedade da conjuntura aflitiva em que se encontra. Simultaneamente, a solidariedade fraternal, envolvendo ambos os enfermos em orações e compaixão, esclarecimentos e estímulos para o futuro saudável, consegue romper o círculo vigoroso de energias destrutivas, abrindo espaço para a ação benéfica, o intercâmbio de esperança e de libertação. A subjugação desaparecerá da Terra quando o verdadeiro sentimento da palavra amor for vivido e espraiado em todas as direções, conforme Jesus apresentou e vivenciou até o momento da morte, e prosseguindo desde a ressurreição gloriosa até os nossos dias.” (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 16)

I.5. Causas da obsessão – Origem em vidas passadas

“DA OBSESSÃO. [...] 245. As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do Espírito. É, às vezes, uma vingança que este toma de um indivíduo de quem guarda queixas da sua vida presente ou do tempo de outra existência. Muitas vezes, também, não há mais do que o desejo de fazer mal: o Espírito, como sofre, entende de fazer que os outros sofram; encontra uma espécie de gozo em os atormentar, em os vexar, e a impaciência que por isso a vítima demonstra mais o exagera, porque esse é o objetivo que colima, ao passo que a paciência o leva a cansar-se. Com o irritar-se e mostrar-se despeitado, o perseguido faz exatamente o que quer o seu perseguidor. Esses Espíritos agem, não raro por ódio e inveja do bem; daí o lançarem suas vistas malfazejas sobre as pessoas mais honestas. Um deles se apegou como “tinha” a uma honrada família do nosso conhecimento, à qual, aliás, não teve a satisfação de enganar. Interrogado acerca do motivo por que se agarrara a pessoas distintas, em vez de o fazer a homens maus como ele, respondeu: estes não me causam inveja. Outros são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certos indivíduos, que eles sabem incapazes de lhes resistirem. Um destes últimos, que subjugava um rapaz de inteligência muito apoucada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu: *Tenho grandíssima necessidade de atormentar alguém; uma pessoa criteriosa me repeliria; ligo-me a um idiota, que nenhuma força me opõe. [...]*” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIII)

“BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS. [...] RECONCILIAÇÃO COM OS ADVERSÁRIOS. 5. *Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz,*

o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. – Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último centil. (S. MATEUS, 5:25 e 26) **6.** Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como sabemos, não nos livra dos nossos inimigos; os Espíritos vingativos perseguem, muitas vezes, com seu ódio, no além-túmulo, aqueles contra os quais guardam rancor; donde decorre a falsidade do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu proceder. Deus o permite, para os punir do mal que a seu turno praticaram, ou, se tal não ocorreu, por haverem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoadando. Importa, conseqüentemente, do ponto de vista da tranquilidade futura, que cada um repare, quanto antes, os agravos que haja causado ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte lhe chegue, esteja apagado qualquer motivo de dissensão, toda causa fundada de ulterior animosidade. Por essa forma, de um inimigo encarniado neste mundo se pode fazer um amigo no outro; pelo menos, o que assim procede põe de seu lado o bom direito e Deus não consente que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não saireis de lá, da prisão, enquanto não houverdes pago até o último centavo, isto é, enquanto não houverdes satisfeito completamente a justiça de Deus. **O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS.** **7.** Se, portanto, quando fordes depor vossa oferenda no altar, vos lembrardes de que o vosso irmão tem qualquer coisa contra vós, – deixai a vossa dívida junto ao altar e ide, antes, reconciliar-vos com o vosso irmão; depois, então, voltai a oferecê-la. – (S. MATEUS, 5:23 e 24) **8.** Quando diz: “Ide reconciliar-vos com o vosso irmão, antes de depordes a vossa oferenda no altar”, Jesus ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar para ser por ele perdoado, precisa o homem haver perdoado e reparado o agravo que tenha feito a algum de seus

irmãos. Só então a sua oferenda será bem-aceita, porque virá de um coração expungido de todo e qualquer pensamento mau. Ele materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; cumpria-lhe conformar suas palavras aos usos ainda em voga. O cristão não oferece dons materiais, pois que espiritualizou o sacrifício. Com isso, porém, o preceito ainda mais força ganha. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. Entrando no templo do Senhor, deve ele deixar fora todo sentimento de ódio e de animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão. Só então os anjos levarão sua prece aos pés do Eterno. Eis aí o que ensina Jesus por estas palavras: “Deixai a vossa oferenda junto do altar e ide primeiro reconciliar-vos com o vosso irmão, se quiserdes ser agradável ao Senhor.” [...]” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo X)

“OS FLUIDOS. [...] II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS. [...] OBSESSÕES E POSSESSÕES. 45. Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter. Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade audiente e psicográfica, traduz-se pela obstinação de um Espírito em querer manifestar-se, com exclusão de qualquer outro. **46.** Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para garanti-la contra a obsessão, tem-se que fortalecer a alma; donde, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar por se melhorar a si próprio, o que as mais das vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de terceiros. Necessário se torna este socorro, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio. Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem, frequentemente, se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor em precedente existência. Nos casos de

obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor*. Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso se pos-sua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela. Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com o objetivo de dar-lhe educação moral. Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece. Outro tanto não sucede quando, seduzido pelo Espírito que o domina, se ilude com relação às qualidades deste último e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de a secundar, o obsidiado repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde sempre, do que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII) Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor. **47.** Na obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade. Na possessão, em vez de agir exteriormente, o Espírito atuante se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. A possessão, con-seguentemente, é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18.) De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se seu próprio fora: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, opera com seus braços, conforme o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado; no caso da possessão é mesmo o último que fala e

obra; quem o haja conhecido em vida, reconhece-lhe a linguagem, a voz, os gestos e até a expressão da fisionomia. **48.** Na obsessão há sempre um Espírito malfeitor. Na possessão pode tratar-se de um Espírito bom que queira falar e que, para causar maior impressão nos ouvintes, toma do corpo de um encarnado, que voluntariamente lhe empresta, como emprestaria seu fato a outro encarnado. Isso se verifica sem qualquer perturbação ou incômodo, durante o tempo em que o Espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, conservando-se este último ao lado do seu substituto para ouvi-lo. Quando é mau o Espírito possessor, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, arrebatando-o, se este não possui bastante *força moral para lhe resistir*. Fá-lo por maldade para com este, a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, já por estrangulação, já atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injúria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todos os caracteres da loucura furiosa. São numerosos os fatos deste gênero, em diferentes graus de intensidade, e não derivam de outra causa muitos casos de loucura. Amiúde, há também desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. Dando a conhecer essa fonte donde provém uma parte das misérias humanas, o Espiritismo indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência.¹ (¹ Casos de cura de obsessões e de possessões: *Revue Spirite*, dezembro de 1863, pág. 373; — janeiro de 1864, pág. 11; — junho de 1864, pág. 168; — janeiro de 1865, pág. 5; — junho de 1865, pág. 172; — fevereiro de 1868, pág. 38; — junho de 1867, pág. 174.) **49.** São as mais das vezes individuais a obsessão e a possessão; mas, não raro são epidêmicas. Quando sobre uma localidade se lança uma revoada de maus Espíritos, é como se uma tropa de inimigos a invadissem. Pode então ser muito considerável o número dos indivíduos atacados.² (² Foi exatamente desse gênero a epidemia que, faz alguns anos, atacou a aldeia de Morzine na Sabóia. Veja-se o relato completo dessa epidemia na *Revue Spirite* de dezembro de 1862, pág. 353; — janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, págs. 1, 33, 101 e 133.)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“VAMPIRISMO ESPIRITUAL. [...] Parasitismo e reencarnação. Nas ocorrências dessa ordem, quando a decomposição da vestimenta carnal não basta para consumir o resgate preciso, vítima e verdugo se equiparam na mesma gama de sentimentos e pensamentos, caindo, além-túmulo, em dolorosos painéis

infernais, até que a Misericórdia Divina, por seus agentes vigilantes, após estudo minucioso dos crimes cometidos, pesando atenuantes e agravantes, promove a reencarnação daquele Espírito que, em primeiro lugar, mereça tal recurso. E, executado o projeto de retorno do beneficiário, a regressar do Plano Espiritual para o Plano Terrestre, sofre a mulher, indicada por seus débitos à gravidez respectiva, o assédio de forças obscuras que, em muitas ocasiões, se lhe implantam no vaso genésico por simbioses que influenciam o feto em gestação, estabelecendo-se, desde essa hora inicial da nova existência, ligações fluídicas através dos tecidos do corpo em formação, pelas quais a entidade reen carnante, a partir da infância, continua enlaçada ao companheiro ou aos companheiros menos felizes, que integram com ela toda uma equipe de almas culpadas em reajuste. Desenvolve-se-lhe, então, a meninice, cresce, reinstrui-se e retorna à juvenilidade das energias físicas, padecendo, porém, a influência constante dos assediadores, até que, frequentemente por intermédio de uniões conjugais, em que a provação emoldura o amor, ou em circunstâncias difíceis do destino, lhes ofereça novo corpo na Terra, para que, como filhos de seu sangue e de seu coração, lhes devolva em moeda de renúncia os bens que lhes deve, desde o passado próximo ou remoto. Em tais fatos, vamos anotar situações quase idênticas às que são provocadas pelos parasitas heteroxênicos, porquanto, se os adversários do Espírito reencarnado são em maior número, atuam, muitos deles, à feição dos tripanosomas, tomando os filhos de suas vítimas e afins deles próprios por hospedeiros intermediários das formas-pensamentos deploráveis que arremessam de si, alcançando em seguida, a mente dos pais ou hospedeiros definitivos, a inocular-lhes perigosos fluídos sutis, com que lhes infernizam as almas, muitas vezes até à ocasião da própria morte. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 15)

“Ante o claro lucilar das estrelas em cada noite, sob o pátio da prece luarizante, tais Mensageiros da bondade e da renúncia descem às furnas ou deambulam nos rumos dos hospitais-purgatórios coletivos, a recolherem os arrependidos e os sensibilizados que foram atingidos pela magnanimidade do Cordeiro Celeste e de sua Augusta Mãe, a Excelsa Mãe de toda a Humanidade, sublime intercessora de todos nós. Guardando, porém, com a retaguarda donde procedem os vínculos de dor e aspirando as forças psíquicas com que se sustentaram longamente, trazem para os círculos carnis os sinais dos erros, os estigmas de que necessitam liberar-se, bem como as fixações da demência em que se escondem dos sicários ou as matrizes para oportunas realizações, em consórcio obsessivo com que se erguerão da desgraça e poderão alçar à felicidade os antigos asseclas, que lhes foram vítimas, ora travestidos

em algozes impenitentes... Na tecelagem dos destinos humanos, os fios que atam as malhas das redes dos compromissos procedem sempre das vidas transatas. Nenhum acaso existe regendo ocorrências, nenhuma força fortuita aparece acolhendo a esmo. Os atos geram efeitos que rumam na direção de opções ao alcance das circunstâncias para a eclosão das Leis Divinas, dentro do equilíbrio cármico, através das “causas e efeitos”. Em toda obsessão, simples ou subjugadora, como quer que se apresente, a trama dos destinos se situa no passado espiritual dos litigantes em forma de fatores causais. Forrar-se de amor e conhecimento, a fim de ajudar com proficiência, tal deve ser a atitude de quem se candidata a esse ministério de terapia providencial.” (MPM, *Tramas do destino*, In limine)

[...] “Nessa tormentosa situação mental e moral todos atraíram os seus inimigos desencarnados, abrindo campo aos processos de cruel indução obsessiva que passaram a corporificar-se. “O amigo hostil, que acaba de ser resgatado da alucinação de que padecia, é antiga vítima de Noemi, que compactuara no rapto da filhinha, que vimos, quando na vilegiatura anterior... “Como sabemos, somente sucedem obsessões, porque existem endividados. Todo obsessivo, por mais insensível e cruel, é somente alguém doente, que se viu traído e não tem sabido ou querido superar a condição de dor a que foi arrojado. Enquanto não luz o perdão na antiga vítima e a transformação moral do infrator, a problemática aflitiva prossegue, mudando apenas de forma ou de atitude de quem persegue e de quem é perseguido. “Essa a conexão entre ele e Noemi, que passou a inspirá-la, na maneira de surpreender os licenciosos. Naturalmente, magoada, era-lhe mais fácil aceitar-lhe a ideia infeliz do que o meu pensamento, encorajando-a à luta. [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 14)

“Modesto e esclarecido, o irmão Arnaldo conquistou os anfitriões, logo depois de apresentado pela senhora Cibebe. Irradiando muita serenidade interior, que o envolvia num halo de simpatia, produziu agradável impressão, que facilitou uma conversação franca e produtiva. Roberto relatou-lhe a problemática da esposa, evitando minudenciar o drama do aborto, tentando situar a questão da enfermidade dentro do quadro da psicose maníaco-depressiva conforme o diagnóstico psiquiátrico, referindo-se às excelentes disposições que a paciente apresentava naqueles dias. No informe, solicitou a opinião do visitante, a respeito da colocação espírita sobre o assunto. - Para nós, espíritas - elucidou, com a voz pausada, o interlocutor -, todos os problemas que afligem a criatura, dela própria procedem. É o Espírito, o agente dos acontecimentos que o afetam. Adquirindo experiências que o promovem à evolução, repara, numa existência, os erros noutra cometida, encetando tarefas novas ou corrigindo as

anteriores, e armazenando sabedoria, com que cresce para a vida em conhecimento e amor. “Nesse largo processo de desenvolvimento espiritual, não poucas vezes compromete-se com o mal, atraindo animosidades ou gerando inimigos, que se lhe associam à economia espiritual, de que se liberta somente a pesados ônus de sofrimentos e testemunhos de arrependimento, de amor. “Em muitas situações dessa natureza, surgem obsessões de curto ou largo porte, mediante as quais, aqueles que se consideram dilapidados nos seus recursos e posições investem, furibundos, em cobranças absurdas, criadas pela sua inferioridade moral de que se não dão conta, convidando o infrator à reconsideração do comportamento e oportuno ajustamento emocional. “As obsessões, portanto, decorrem de faltas cometidas pela vítima atual em oportunidades outras, que não foram convenientemente reparadas. A presença da culpa instala uma tomada psíquica no devedor, que lhe permite receber o *plug* do seu desafeto, consciente ou inconscientemente, dando surgimento ao intercâmbio psíquico dos envolvidos na mesma trama infeliz, aí nascendo o desconforto da criatura que, lentamente, vai sendo dominada pela força do agente agressor, que se lhe assenhoreia da casa mental. “Em casos outros, quando a falta perpetrada é muito grave, a ação corrosiva de que se fez objeto o pensamento malévolos desgasta as estruturas moleculares do perispírito - *órgão* intermediário entre o corpo físico e o espiritual, encarregado de modelar as futuras formas e equipamentos orgânicos para o Espírito -, dando gênese a processos de loucura ou alienações, ou deformidades mentais, limitações psíquicas, distúrbios fisiológicos, enfim, enfermidades reparadoras que lhe são abençoado escoadouro das imperfeições agasalhadas ou vividas... “Dessa forma, cremos, os spiritistas, que o homem é o autor do seu destino e que, em qualquer processo de evolução, pelo trabalho e redenção na dor, há sempre interferência dos adversários desencarnados, que aumentam a prova do incurso no resgate, quanto a inspiração e a ajuda dos Bons Espíritos, que a todos nos amparam, auxiliando-nos na ascensão, quando nos permitimos sintonia com eles, atendendo-lhes as inspirações e diretrizes.” O irmão Arnaldo fez uma pausa oportuna e, ante o silêncio e a atenção dos ouvintes, prosseguiu: - Pelo que me narrou, sucintamente, o caro amigo, peço licença para não descartar a hipótese de obsessão, no quadro da enfermidade da sua jovem senhora. Com isto, não nos atrevemos a negar o acerto do diagnóstico médico, tanto quanto do tratamento que a mesma vem recebendo. [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 30)

“Ante a aquiescência do spiritista, ela indagou: - Por que Deus permite que os Espíritos maus perturbem as criaturas humanas, quais demônios vingadores? - A lei de Deus - considerou, tranquilo, o visitante - é de

amor, base da Criação. Todos os códigos do equilíbrio resultam da observância desse dispositivo estrutural da Vida. Quando alguém desrespeita a harmonia que vige em toda parte e prejudica o próximo tomba, incurso no processo de restauração da ordem, mediante ações dignificantes ou através do sofrimento que resulta do desconcerto provocado. “Como os Espíritos são as almas dos homens liberados do corpo físico, nem anjos, nem demônios, aqueles que foram ultrajados, que sofreram sem aparente justa causa, os prejudicados, por desconhecem os códigos da Soberana Justiça e porque vingativos e infelizes, qual ocorre na Terra, resolvem-se pelo desforço covarde, dando corpo às obsessões, às perseguições sistemáticas com que afligem os seus desafetos. “É claro que a sua ação nefasta seria dispensável, tendo-se em vista os recursos naturais de que a Vida dispõe para disciplinar e reeducar os seus infratores. A aquiescência do Pai, em sucessos de tal natureza, explica-se, por facultar à vítima de ontem o perdão e ao seu algoz o arrependimento, por cujo meio recomeçam experiência nova carnal, apaziguando-se e ambos trabalhando pelo progresso pessoal quanto de todos. “Normalmente, esses perseguidores sofreram nas mãos daqueles a quem ora ferem: traições, homicídios vis, infidelidade conjugal, roubos, calúnias soezes, abortos delituosos, hoje tão em moda... “Passam esses crimes ignorados da legislação humana, jamais da consciência pessoal e Cósmica. “Por *causa da dureza dos vossos corações*, referiu-se, certa feita, Jesus, às ocorrências negativas em que nos vemos envolvidos, é que têm vigência os sofrimentos desse e de outros portes. “A vitória, porém, do amor, é inevitável. Todos estavam agradavelmente surpreendidos e concordes com a lógica a ressumar das considerações apresentadas. D. Angélica e Roberto, ante o enunciado da palavra aborto, recordaram-se da confissão de Julinda e, de imediato, compreenderam haver sido aquele fato lamentável o desencadeador imediato do seu desequilíbrio. No prosseguimento da conversação, descontraída e elevada, o irmão Arnaldo sugeriu a leitura, inicialmente, de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, referindo-se à excelência da Obra e ao trabalho de titã desenvolvido pelo sábio de Lyon. Prontificou-se, inclusive, a participar de estudos em torno do livro, sugerindo que se instaurasse o hábito semanal de meditação do Evangelho no Lar, cuja realização ofereceria excelentes recursos terapêuticos à paciente durante a sua convalescença, naquele domicílio. Os anfitriões exteriorizaram real contentamento, aceitando a gentil oferta, que agradeciam, sendo servido ligeiro lanche e encerrando-se a oportuna quão salutar visita. Dona Angélica, renovada, expressou o seu reconhecimento à amiga e, após a saída dos convivas, demorou-se entretecendo considerações com o genro, vivamente impressionado com as colocações ouvidas,

reconsiderando as opiniões a respeito do Espiritismo, a partir daquele momento.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 30)

“Utilizando-me da generosidade e paciência da Instrutora Espiritual, não me furtei à aprendizagem e, anelando por esclarecimentos, recorri à indagação direta. — Examinando a enfermidade em Argos — apresentei-lhe a questão que me inquietava — vemos, igualmente, a presença de algumas Entidades que não lhe são simpáticas, distinguindo-se mesmo algumas que não negam a hostilidade que lhe dedicam, agredindo-o violentamente. Estaremos diante de uma obsessão que, de alguma forma, lhe afetou a organização física? — Como o Irmão Miranda não ignora — retrucou, serena — todos nós somos o resultado das experiências adquiridas pela vivência no campo da evolução. Há uma larga estrada que ficou para trás, percorrida a penates de dor e sombra, no entanto, desdobra-se, à frente, um imenso trecho virgem a percorrer. Ninguém logra avançar com êxito, se não rompe as cadeias com a retaguarda, na qual estão as marcas do nosso trânsito. Esquecidos de viver desde ontem as leis de amor estabelecidas pelos Códigos da Vida, fizemo-nos verdugos do próximo, na caça ao prazer exorbitante e ao poder alucinado, oferecendo culto ao personalismo e às viciações em que estagiamos largamente, sem intentarmos vencer os instintos mais primários. Para conseguir o que nos aprazia, conforme muitos ainda o fazem, não trepidávamos em ferir, chocar, destruir, infelicitar. Renovando a paisagem mental, porém, com as almas mutiladas pelos delitos praticados, mudamos a forma de pensar, mas não a de agir. A arrogância e a presunção, geradoras da prepotência, não se subordinam à lídima humildade nem ao serviço fraternal desinteressado. Os que se reencarnam, olvidam aqueles que lhes padeceram a impiedade e arrojam-se em novas aventuras constrangedoras, mais se comprometendo e atirando débitos para a frente, que os surpreenderão no futuro, mesmo quando pareçam esquecidos. Considerando que a Revelação Espírita vem hoje conscientizando os homens sobre a sua realidade espiritual, as leis cármicas que regem a vida, os deveres morais que devem ser levados em conta, a vivência evangélica como pauta de comportamento, ainda assim defrontamos criaturas distraídas que esperam receber sem dar, merecer sem qualquer esforço para conquistar valores íntimos. Contam com o perdão para as faltas, mas não as desculpam no próximo; esperam carinho, que não gostam de retribuir; admiram o trabalho, todavia somente em palavras, desde que não se dedicam a ele; teorizam sobre muita coisa, não indo além do verbalismo. Como é compreensível, iludem-se, mas não convencem a ninguém. A venerável Entidade fez uma breve interrupção e logo prosseguiu: — Nosso Argos deixou no passado graves compromissos, como você

sabe, que o trouxeram à reencarnação, graças à interferência superior que se fez necessária. Desejando, honestamente, crescer para o Bem, granjeou a oportunidade que vem desfrutando e agora se lhe alonga promissora. Foi advertido quanto ao natural impositivo de que, aonde vai o endividado o débito segue com ele, quanto a sombra acompanha o corpo que a projeta. Explicou-se-lhe a respeito da gravidade do empreendimento, considerando-se os vínculos que o atam aos adversários que ele próprio adquiriu e que estariam próximos em face dos impositivos da Divina Justiça. Cabia-lhe, como ainda lhe cabe, desenvolver um sério programa de iluminação interior apoiado na ação honesta, sem disfarces nem pieguismos, a fim de ressarcir erros e comprovar aos inimigos espirituais a autenticidade de propósitos na sua mudança de comportamento, no que conseguiria a modificação interior de uns e o perdão de outros. Na etapa encerrada, não foram expressivas as conquistas do companheiro. Se não tombou em graves abismos, não assumiu a posição vertical que lhe compete, demorando-se na inclinação do perigo. Esperamos que saiba valorizar a nova concessão que recebe por acréscimo de misericórdia e acalmados alguns naturais anseios, aprenda a dar-se, a servir, a pensar nos outros.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 6)

“Numa ocasião que me pareceu própria, recorri à Irmã Angélica, solicitando-lhe ajuda e esclarecimento para uma melhor compreensão da problemática que estamos estudando, com o fim de colher mais amplos informes, com os quais poderia advertir, no futuro, conforme agora sucede, aqueles que se interessam pelo exame e as técnicas da desobsessão. A veneranda Entidade ouviu-me com afeto e, sem qualquer mau grado, explicou-me: — A irrupção de um quadro obsessivo é o explodir de uma força, que não havendo sido oportunamente bem canalizada, constitui provação mui dolorosa e de largo porte. O ser se equivoca, desvaira, delinque e tem ensejo, através da reencarnação, de recuperar-se. Todavia... apesar da bênção que poderia multiplicar em valores abundantes, nesse ensejo, pelo atavismo ancestral, repete as loucuras de que se deveria libertar, reincidindo nos erros que lhe agravam os débitos. Por sua vez, aqueles que lhe tombam, como vítimas, recusando-se ao perdão, por acreditarem, falsamente, padecer de cruel injustiça, permanecem ruminando ódios, graças aos quais se encadeiam uns aos outros, renascendo e desencarnando, sem que se candidatem ao bem, nas várias faixas de provações abençoadas. Esse comportamento alucinado atira-os nas compulsórias obsessivas que têm início do *lado de cá* e se prolongam, não raro, por diversos renascimentos, até o momento em que as sábias leis impõem recomeços novos, sob condição de tal envergadura afligente que eles não se conseguem

subtrair à renovação, para prosseguirem na marcha do tresvario a que se aferraram.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 31)

“[...] “Na aparência, era um cavalheiro nobre e distinto, que o egoísmo e a desconfiança recambiavam para o celibato, vivendo de recursos herdados, num parasitismo vergonhoso, enquanto explorava os sentimentos de mulheres mais infelizes, nas quais buscava companhias pagas e prazeres de superfície. Para manter a jovialidade artificial e o aspecto sociável, autoconvencia-se da correção das suas atitudes e cuidava-se com esmero, a fim de que nada o denunciasse. No desvio mental que se iniciava, acreditava que as suas denúncias, embora destituídas de fundamento constatado, podiam ser legítimas, tal se lhe afiguravam na volúpia da inferioridade moral. “Mais idoso, quando o tempo escoava rápido, ao revés de corrigir-se, mais se permitiu o nefário jogo das missivas caluniosas, levando dor e desconforto a pessoas e lares que atingia, sem a consideração mínima pelo próximo, com quem sequer mantinha qualquer relacionamento... Um ataque de apoplexia, após discussão acalorada com um familiar, que lhe sofria o guante, recambiou-o à Vida. Despertou sob a vista daqueles que o aguardavam ferozes, exibindo as feridas do desespero que ele lhes provocara. O suicida, a senhora e a jovem desvairada passaram a suplicia-lo com a mesma impiedade que dele sofreram a perseguição. Surpreso, ante a vida após a morte física, negou os fatos escabrosos e, mesmo sob a implacável cobrança da loucura, bloqueou a mente, em tentativa inútil de fugir ao ressarcimento inditoso imposto pela ignorância dos seus inimigos...” Dr. Bezerra, sempre prudente, calou-se, por alguns momentos, e logo deu prosseguimento à elucidação: — “Transcorridos muitos anos de infortúnio, Aderson foi reconduzido à reencarnação com todas as marcas do horror que lhe foi infligido. Refugiando-se na negação do fato como crime, já que se cria no direito de tê-lo feito e não se arrependia honestamente, imprimiu, no corpo, os limites de movimento e produziu a prisão na qual se encastela. Assomando à consciência todas as lembranças do passado, vive, nesse mundo, agora sob a injunção da culpa que o vergasta, procurando esconder-se e apagar-se, de modo a não ser reconduzido aos lugares de horror de onde foi arrancado pelo Amor, que lhe favorece a reparação noutras circunstâncias. Expiar o mal que se fez para logo depois repará-lo, é o impositivo da Justiça Divina ao alcance de todos nós. Larga, como efeito, se faz a expiação. Caso Aderson venha a recuperar-se, surgir-lhe-á a oportunidade da reparação, edificando a felicidade pessoal nos alicerces do que possa propiciar às suas vítimas ainda mergulhadas no sofrimento. A consciência de culpa somente desaparece quando o delinquente liberta aqueles que lhe sofreram o mal. “Incursos, neste

capítulo, há muitos Espíritos que buscaram na alienação mental, através do autismo, fugir à suas vítimas e apagar as lembranças que os acicatham, produzindo um mundo interior agitado ante uma exteriorização apática, quase sem vida. O modelador biológico imprime, automaticamente, nas delicadas engrenagens do cérebro e do sistema nervoso, o de que necessita para progredir: asas para a liberdade ou presídio para a reeducação. “Como se vê, a obsessão não é, neste caso, fator responsável pela loucura. A autopunição gerou o quadro de resgate para o infrator da Lei. Aqueles inimigos desencarnados que se lhe acercam pioram-lhe a expiação, mas é o Espírito calceta quem se impõe os sofrimentos que sabe lhe serão benéficos para a redenção. Entre os auto-obsidiados encontramos também os narcisistas, que abrem as portas da mente a parasitoses espirituais muito sérias, como decorrência da conduta passada. Outros mais, indivíduos culpados, são promotores das psicogêneses que irão propelar a organização física a produzir a casa mental mais conforme às suas necessidades expiatórias. No intervalo, que se fez natural, indaguei: — E ele se curará? — Os desígnios de Deus — respondeu, reflexionando — são inescrutáveis. Caso não recupere todas as suas funções para a atual existência, melhorará as condições para os próximos cometimentos. Deveremos examinar a Vida sob o ponto de vista global e não angular, de uma única experiência física, como a atual. Da mesma forma que vamos buscar as origens dos males de hoje no passado do Espírito, é justo que pensemos na sua felicidade em termos de amanhã, considerando o presente como sendo uma ponte entre os dois períodos e não a situação única a vivenciar. Destas atitudes resulta o porvir com todas as suas implicações. Assim, lancemos para amanhã os resultados do esforço de agora.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 7)

“Induzindo o Espírito vingador à comunicação, este explodiu numa catilinária violenta, que resumimos: — Eu sou Fagundes Ribas, a vítima desses infames pervertidos. Sofri-lhes a peçonha em repetidas reencarnações, até que a sorte me permitiu estar aqui, enquanto eles se encontram na Terra, facultando-me o desforço. Tenho sofrido como ninguém pode imaginar. Fui hóspede das regiões infernais por largo tempo, graças ao horror que mantenho contra os pederastas imundos, que continuam os mesmos. Hei de aniquilar-me no grande silêncio que apaga a vida, todavia, os levarei comigo. Tenho-os sob controle neste momento e ninguém os tomará de mim, porque isto viola os códigos da Justiça que estabelece: quem deve, paga. — É estranho ouvir-te falar de Justiça — obtemperou o Mentor — quando fomentas o crime e conduzes à lascívia, induzindo almas doentes a aberrações e loucuras. Não ignoramos as tuas dores, o teu longo calvário, cada dia mais severo em razão da tua odienta atitude

de revolta, acreditando-te com o poder de estabelecer leis e princípios de cobrança, sem dar-te conta de que, a teu turno, estás incurso no mesmo código que exhibes contra os outros. Ouçamos, também, aqueles que participam do teu drama.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 15)

1.6. Obsessão e evolução espiritual (evolução ética-moral)

“Reconhecendo os característicos de gratidão e louvor da palestra, expressei sincera admiração, exaltando a fidelidade dos cooperadores da casa. Demonstravam-se fervorosos na fé, confiantes no futuro e interessados na extensão dos benefícios divinos, considerando as dores e necessidades dos semelhantes. Vendo-me as expressões encomiásticas, Alexandre observou, sorrindo: – Não se impressione. O problema não é de entusiasmo e sim de esforço persistente. Não podemos dispensar as soluções vagarosas. Raros amigos conseguem guardar uniformidade de emoção e idealismo nas edificações espirituais. Vai para nove anos, com algumas interrupções, que me encontro em concurso ativo nesta casa e, mensalmente, vejo desfilar aqui as promessas novas e os votos de serviço. Ao primeiro embate com as necessidades reais do trabalho, reduzido número de companheiros permanece fiel à própria consciência. Nas horas calmas, grandes louvores. Nos momentos difíceis, disfarçadas deserções, a pretexto de incompreensão alheia. Sou forçado a dizer que, na maioria dos casos, nossos irmãos são prestativos e caridosos com o próximo, em se tratando das necessidades materiais, mas quase sempre continuam sendo menos bons para si mesmos, por se esquecerem de aplicação da luz evangélica à vida prática. Prometem excessivamente com as palavras; todavia, operam pouco no campo dos sentimentos. Com exceções, irritam-se ao primeiro contato com a luta mais áspera, após reafirmarem os mais sadios propósitos de renovação e, comumente, voltando cada semana ao núcleo de preces, estão nas mesmas condições, requisitando conforto e auxílio exterior. Não é com facilidade que cumprem a promessa de cooperação com o Cristo, em si próprios, base fundamental da verdadeira iluminação. Porque Alexandre silenciara, observei atenciosamente os circunstantes. Ainda se achavam todos eles, os encarnados, irradiando alegria e paz, colhidas na rápida convivência com os benfeitores invisíveis. Da frente de cada um, emanavam raios de espiritualidade surpreendente. Num gesto significativo, o instrutor esclareceu: – Eles ainda se encontram sob as irradiações do banho de luz a que se submeteram, através do serviço espiritual com a oração. Se conseguissem manter semelhante estado mental, pondo em prática as regras de perfeição que aprendem, comentam e ensinam,

fácil lhes seria atingir positivamente o nível superior da vida; entretanto, André, como nós, que em outros tempos fomos inexperientes e frágeis, eles, agora, ainda o são também. Cada hábito menos digno, adquirido pela alma no curso incessante dos séculos, funciona qual entidade viva, no universo de sentimentos de cada um de nós, compelindo-nos às regiões perturbadas e oferecendo elementos de ligação com os infelizes que se encontram em nível inferior. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 5)

“O estimado Assistente fitou-me com seus olhos muito lúcidos e perguntou: – Compreendeste? Como desejasse ver-me suficientemente esclarecido, acrescentou: – Espiritualmente, este pobre doente não regressou. Mas o processo de evolução, que constitui o serviço do espírito divino, através dos milênios, efetuado para glorioso destino, foi por ele mesmo (o enfermo) espezinhado, escarnecido e retardado. Semeou o mal, e colhe-o agora. Traçou audacioso plano de extermínio, valendo-se da autoridade que o Pai lhe conferira, concretizou o deplorável projeto e sofre-lhe as consequências naturais de modo a corrigir-se. Já passou a pior fase. Presentemente, já se afastou do maior número de inimigos, aproximando-se de amoroso coração materno, que o auxilia a refazer-se, ao término de longo curso de regeneração. Reparando a estranha atitude dos infelizes desencarnados que o seguiam, pretendia indagar algo relativamente a eles, quando Calderaro veio ao encontro de meus desejos, continuando: – Também os míseros perseguidores são duendes do ódio e da vingança, como o nosso enfermo é um remanescente do crime. São naufragos na derradeira fase de salvação, após enorme hecatombe no mar da vida, onde se perderam por muitos anos, por incapazes de usar a bússola do perdão e do bem. Aproximam-se, porém, do porto socorrista. Voltarão ao Sol da existência terrestre, por intermédio de um coração de mulher que compreendeu com Jesus o valor do sacrifício. Em breve, André, consoante o programa redentor já delineado, ingressarão neste mesmo lar na qualidade de irmãos do antigo adversário. E quando entrelaçarem as mãos sobre ele, consumindo energias por ajudá-lo, assistidos pela ternura de abnegada mãe, amorosa e justa, beijarão o velho inimigo com imenso afeto. Transmudar-se-ão as negras algemas do ódio em alvinhantes liames de luz, nos quais refulgirá o amor eterno. Chegado esse tempo, a força do perdão restituirá nosso doente à liberdade; largará ele, qual pássaro feliz, este mirrado corpo físico, sufocante cárcere do crime e suas consequências, onde se debateu por quase dois séculos. Até lá, importa zelar com empenho pela valorosa mulher que é essa, vestalina senhora deste lar, em quem as Forças Divinas respeitam a vocação para o martírio, por iluminar a vida e enriquecer a obra de Deus.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“Longe de qualquer precipitação na defesa da verdade e do bem, o Assistente falou, calmo: – O esclarecimento nos faz crer que este homem, – e designou Luís, que prosseguia fascinado pelos maços de cédulas da gaveta abarrotada –, além do apego enfermigo à precária riqueza humana, ainda sofre a pressão de outras mentes, alucinadas quanto à dele, nos enganos da posse material. Neste caso, o doentio desejo de que se sente objeto é naturalmente elevado à tensão máxima... Leonel, percebendo que Silas penetrava o âmago do problema com surpreendente facilidade, explicou, entusiasmado: – Sim, aprendemos nas escolas de vingadores* [* Refere-se a entidade a organizações mantidas por Inteligências criminosas, hominizadas temporariamente nos planos inferiores. (Nota do Autor espiritual)] que todos possuímos, além dos desejos imediatistas comuns, em qualquer fase da vida, um “desejo-central” ou “tema básico” dos interesses mais íntimos. Por isso, além dos pensamentos vulgares que nos aprisionam a experiência rotineira, emitimos com mais frequência os pensamentos que nascem do “desejo-central” que nos caracteriza, pensamentos esses que passam a constituir o reflexo dominante de nossa personalidade. Desse modo, é fácil conhecer a natureza de qualquer pessoa, em qualquer plano, através das ocupações e posições em que prefira viver. Assim é que a crueldade é o reflexo do criminoso, a cobiça é o reflexo do usurário, a maledicência é o reflexo do caluniador, o escárnio é o reflexo do ironista e a irritação é o reflexo do desequilibrado, tanto quanto a elevação moral é o reflexo do santo... Conhecido o reflexo da criatura que nos propomos retificar ou punir é, assim, muito fácil superalimentá-la com excitações constantes, robustecendo-lhe os impulsos e os quadros já existentes na imaginação e criando outros que se lhes superponham, nutrindo-lhe, dessa forma, a fixação mental. Com esse objetivo, basta alguma diligência para situar, no convívio da criatura malfazeja que precisamos corrigir, entidades outras que se lhe adaptem ao modo de sentir e de ser, quando não possamos por nós mesmos, à falta de tempo, criar as telas que desejemos, com vistas aos fins visados, por intermédio da determinação hipnótica. Através de semelhantes processos, criamos e mantemos facilmente o “delírio psíquico” ou a “obsessão”, que não passa de um estado anormal da mente, subjugada pelo excesso de suas próprias criações a pressionarem o campo sensorial, infinitamente acrescidas de influência direta ou indireta de outras mentes desencarnadas ou não, atraídas por seu próprio reflexo. E, sorrindo, o inteligente perseguidor disse, sarcástico: – Cada um é tentado exteriormente pela tentação que alimenta em si próprio. De mim mesmo, achava-me perplexo. Nunca ouvira um verdugo, aparentemente vulgar, com tanto conhecimento e consciência de seu papel.

Figurava-se-me assistir a um curso rápido de sadismo mental, extravagante e frio. Silas, mais treinado que eu no trato com os amigos daquela condição, não exteriorizou qualquer sentimento de pesar ou de assombro, na fisionomia serena. Entremostrando, porém, grande interesse em torno da preleção, considerou: – Indiscutivelmente, a exposição é perfeita. Cada qual de nós vive e respira nos reflexos mentais de si mesmo, angariando as influências felizes ou infelizes que nos mantêm na situação que buscamos... Os Céus ou as Esferas Superiores são constituídos pelos reflexos dos Espíritos santificados e o inferno... – É o reflexo de nós mesmos – completou Leonel com uma gargalhada.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 8)

“FENÔMENO MAGNÉTICO DA VIDA HUMANA. [...] Perseverança no bem. É imprescindível recordar o impositivo da perseverança no bem. O comprazimento nessa ou naquela espécie de atitude ou companhia, leitura ou conversação menos edificantes, estabelece em nós o reflexo condicionado pelo qual inconscientemente nos voltamos para as correntes invisíveis que representam. É desse modo que formamos hábitos indesejáveis pelos quais nos fazemos pasto de entidades vampirizantes, acabando na feição de arcaibouços vivos para moléstias fantasmas. Pensando ou conversando constantemente sobre agentes enfermigos, quais sejam a acusação indébita e a crítica destrutiva, o deboche e a crueldade incorporamos, de imediato, a influência das criaturas encarnadas e desencarnadas que os alimentam, porque o ato de voltar a semelhantes temas, contrários aos princípios que ajudam a vida e a regeneram, se transforma em reflexo condicionado de caráter doentio, automatizando-nos a capacidade de transmitir tais agentes mórbidos, responsáveis por largo acervo de enfermidade e desequilíbrio. **Gradação das obsessões.** Muitas vezes, em nossos estados de tensão deliberada, inclinamo-nos para forças violentas que se nos insinuam no halo psíquico, aí criando fermentações infelizes que resultam em atitudes de cólera arrasadora, pelas quais, desprevenidamente, nos transformamos, na vida, em médiuns de ações delituosas, arrastados nos fenômenos de associação dos agentes mento-eletromagnéticos da mesma natureza, semelhantes aos que caracterizam as explosões de recursos químicos, nas conhecidas reações em cadeia. É assim que somos, por vezes, loucos temporários, grandes obsidiados de alguns minutos, alienados mentais em marcadas circunstâncias de lugar ou de tempo, ou, ainda, doentes do raciocínio em crises periódicas, médiuns lastimáveis da desarmonia pela nossa permanência longa em reflexos condicionados viciosos, adquirindo compromissos de grave teor nos atos menos felizes que praticamos, semi-inconscientemente, sugestionados uns pelos outros, porquanto, perante a Lei, a nossa vontade é responsável

em todos os nossos problemas de sintonia.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 16)

“Em toda obsessão, mesmo nos casos mais simples, o encarnado conduz em si mesmo os fatores predisponentes e preponderantes — os débitos morais a resgatar — que facultam a alienação. Descuidado quase sempre dos valores morais e espirituais — defesas respeitáveis que constroem na alma um baluarte de difícil transposição —, o candidato ao processo obsessivo é irritável, quando não nostálgico, ensejando pelo caráter impressionável o intercâmbio, que também pode começar nos instantes de parcial desprendimento pelo sono, quando, então, encontrando o desafeto ou a sua vítima dantanho, sente o espicaçar do remorso ou o remorder da cólera, abrindo as comportas do pensamento aos comunicados que logo advirão, sem que se possa prever quando terminará a obsessão, que pode alongar-se até mesmo depois da morte... Estabelecido o contato mental em que o encarnado registra a interferência do pensamento invasor, soa o sinal alarmante da obsessão em pleno desenvolvimento... Nesse particular, o Espiritismo, e somente ele, por tratar do estudo da natureza dos Espíritos, possui os anticorpos e sucedâneos eficazes para operar a libertação do enfermo, libertação que, no entanto, muito depende do próprio paciente, como em todos os processos patológicos atendidos pelas diversas terapêuticas médicas. Sendo o obsidiado um calceta, um devedor, é imprescindível que se disponha ao labor operoso pelo resgate perante a Consciência Universal, agindo de modo positivo, para atender às sagradas imposições da harmonia estabelecida pelo Excelso legislador. Muito embora os desejos de refazimento moral por parte do paciente espiritual, é imperioso que a renovação íntima com sincero devotamento ao bem lhe confira os títulos do amor e do trabalho, de forma a atestar a sua real modificação em relação à conduta passada, ensejando ao acompanhante desencarnado, igualmente, a própria iluminação.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Eu não podia negar que havia muita lógica na elucidação, cada vez mais compreendendo a justeza do conceito sobre a “consciência tranquila”, ilibada, sem vinculações negativas com a retaguarda, nem projetos mirabolantes, perturbadores para a frente. — À parte os fatores cármicos preponderantes ou propiciatórios — aduziu o Dr. Arnaldo — os processos obsessivos se instalam, porque os Espíritos imaturos não se esforçam por adquirir uma capacidade doadora, conforme chamam os psicólogos *oblativa*, saindo de si para oferecer, para dar-se, gerando relacionamentos efetivos, duradouros, simpáticos, que produzem bônus de valor moral e de paz. O homem nasceu para amar. O Espírito é criado para amar. Nos estágios iniciais, infantis, pelo egocentrismo de que se faz objeto, mesmo

quando se dispõe ao amor, quase sempre o avilta com as paixões subalternas. O amor, todavia, que jaz inato em todas as criaturas, pode ser educado, desenvolvido, ampliando a sua capacidade doadora, a fim de que se possa expressar em toda a pujança e grandeza. Para que tal ocorra, faz-se imprescindível que o indivíduo se desenvolva em plenitude, não somente através da área do sentimento, senão também da inteligência e da razão, amadurecendo a personalidade. Quando o amor alcança este estágio, ele desperta amor, gera reciprocidade, inspira reações semelhantes, o que igualmente sucede, quando a pessoa cultiva o ódio, a desconfiança, a insegurança, produzindo nos que a cercam sentimentos e efeitos análogos. Com uma tal capacidade interior de amar, não há como agasalhar as induções perniciosas dos perseguidores desencarnados, que são rechaçadas pelo otimismo, pela reflexão e segurança emocional.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“O vetusto e nobre Hospital, composto de vários blocos, tinha uma entrada senhorial, forrada a mármore, ampla, o que atestava, na sobriedade de linhas, o gosto arquitetônico dos seus construtores e o cuidado para oferecer aos seus pacientes, que eram considerados hóspedes, que verdadeiramente assim se consideravam, tais as altas somas desembolsadas para o seu tratamento, assistência cuidada e especial, bem como uma larga cota de conforto físico e moral. Não obstante, havia a ala dos indigentes com menos apuro e comodidade, onde, no entanto, se dispensava assistência competente aos internados. Dirigimo-nos a um apartamento bem decorado, no qual se debatia, nas garras da tuberculose pulmonar, um senhor de sessenta anos aproximadamente. O ambiente bem cuidado, com uma ampla janela aberta na direção do bosque na montanha, por onde entrava a claridade do dia, contrastava terrivelmente com a psicofera ali reinante, irrespirável, na qual se movimentavam Espíritos viciosos, ostentando máscaras de agressividade, com atitudes visivelmente hostis. Confabulavam, irônicos, e referiam-se ao moribundo com indisfarçável animosidade. Antes que a surpresa me convidasse a descabida ou precipitada análise, o médico amigo veio-me em auxílio, elucidando-me: — O enfermo, que se encontra em processo de desencarnação, é o senhor Marcondes Leal, proprietário de imenso latifúndio próximo a esta cidade, que mantém com mão de ferro. Havendo herdado uma sólida fortuna e largos tratos de terra, tem vivido inconformado, ingerindo vibrações de baixo teor, a que faz jus, em face do temperamento irascível e rude. Aqui está internado há quase cinco anos, sem que a doença pudesse ser debelada, embora os cuidados e a dedicação de todos que o assistem com o desvelo que o dinheiro pode comprar. Tirano doméstico, tornou um tormento contínuo

a vida da esposa e de dois filhos, hoje adultos, que o suportam, anelando pela sua desencarnação, esperada com alguma ansiedade pela família, há bom tempo. Desnecessário dizer que o nosso Marcondes identifica a indiferença dos seus, reagindo com cólera e mortificando-se por não poder descarregar, como revidar, a peçonha do inconformismo sobre aqueles que lhe padeceram a injunção familiar. Outrossim, rebela-se ante a aproximação da morte, pelo fato, entre outros, de ser constrangido a deixar o imenso patrimônio que preservara e aumentara com ganância e avarizia. O amigo olhou mais demoradamente o senhor Marcondes, que estorcejava sob os tenazes invisíveis da dificuldade respiratória, e prosseguiu, sem ocultar a compaixão de que se encontrava possuído: — As suas dores não se encerrarão, no entanto, quando lhe cessarem os movimentos físicos. Como vemos, as presenças espirituais que aqui se movimentam, são de péssima procedência e têm motivos para o fazer. Alguns são adversários pessoais do nosso Marcondes, que os tem desde vivências anteriores; outros foram adquiridos na atual reencarnação e outros, ainda, procedem de simpatizantes e amigos daqueles a quem ele prejudicou mais recentemente, que aderiram às mágoas dos seus amigos e se resolveram por cooperar no extermínio da personagem odiada. Dispondo de meios valiosos para gerar simpatia e bem-estar, desenvolver a prosperidade própria pelo enriquecimento de muitos, preferiu a caminhada solitária do egoísmo, calcando sob os pés as oportunidades que tem negado ao seu próximo. O pobre amigo tem sido um semeador de males, estando a colher os primeiros frutos amargos da sua plantação, a fim de penetrar nas urdiduras da maldade que cultivou, quando experimentará os espinhos mais ferintes que se lhe cravarão n'alma com mais intensas dores. “Note o irmão Miranda que, apesar das preces das religiosas que o cercam de carinho desinteressado, em lhe conhecendo as fraquezas e mazelas, aqui não luz a paz nem se encontra a esperança. A alucinação que dele se apossou, fê-lo afastar-se de Deus, de qualquer sentimento religioso, divorciando-se das bênçãos da fé, que é lenitivo seguro nestes momentos. Sempre estremunhado, cultivava formas-pensamento que nutre os seus adversários desencarnados, recebendo, com incidência poderosa, a resposta deles transformada em energia deletéria, que terminou por arruinar-lhe a vida física e a mental já seriamente abalada. Temos, no companheiro duplamente afetado, no corpo e na alma, um exemplo típico da ação do petardo mental disparado pelo ódio contra alguém que o recebe, em sintonia de faixa psíquica equivalente.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 17)

“Diante das disposições de que Argos se encontrava revestido, fácil foi a movimentação de recursos a seu favor na empresa nova que, se aproveitada como

de conveniência superior, assinalaria em definitivo os rumos da sua ascensão. Certamente, os testemunhos que deveria experimentar no futuro, faziam parte do seu processo de evolução, não podendo ser-lhe afastados, entretanto, o seu esforço deveria granjear títulos que lhe diminuíssem os gravames, em face das realizações edificantes. Conveniente ressaltar, porém, que os seus compromissos infelizes em relação a Felipe e outras vítimas anteriores, permaneceriam aguardando quitação de que o amor e o perdão se fazem os mais excelentes valores para tais cometimentos. A enfermidade de largo curso dera-lhe uma ideia das responsabilidades menosprezadas, todavia, não chegara a amoldar-lhe o caráter, de modo a modificar-lhe as estruturas da personalidade, a prepotência moral e o orgulho que lhe constituíam marcas e reminiscências do comportamento antigo, arbitrário e apaixonado. O instinto possessivo e o egoísmo que a si tudo permite, sobrepondo-se ao direito alheio, vendo-se sempre como credor de consideração e apoio sem mais respeito aos valores do próximo, permaneciam-lhe como chagas morais expressivas que a doença não conseguiu drenar. Em compensação, seriam essas imperfeições por corrigir que permitiriam aos seus adversários os meios para as futuras induções obsessivas e novos problemas, desde que os Espíritos perversos e infelizes sempre se utilizam das tendências negativas daqueles a quem odeiam, para estimulá-las, desse modo levando-os às situações penosas, perturbadoras. Se o homem se apoia aos recursos de elevação, difícil se torna para os seus animosos verdugos espirituais encontrar as brechas pelas quais infiltram os seus sentimentos torpes, na sanha da perseguição em que se comprazem. Toda e qualquer obsessão é sempre resultado da anuência consciente ou não de quem a sofre, por debilidade moral do Espírito encarnado, que não lhe antepõe defesas ou por deficiências do comportamento que propiciam o intercâmbio, em razão da preferência psíquica que apraz ao mesmo manter. A comunidade onde Argos e Áurea se alojaram era o campo abençoado para a sua redenção, ao mesmo tempo podendo auxiliar outros náufragos espirituais a encontrarem o porto de segurança. Quando alguém se candidata a uma ação meritória, nunca deve esperar dos outros os exemplos de virtudes nem as lições de elevação continuada, mas examinar as próprias disposições para verificar o que tem, o de que pode dispor em nome de Jesus para oferecer. Mediante este comportamento, não verá nos outros os deveres de serem sempre bons e otimistas, missionários da renúncia e da santificação, todavia irmãos talvez mais experientes e dedicados, com as mesmas possibilidades de erros e fraquezas, requerendo, em silêncio, apoio e tolerância. A simples candidatura ao bem não torna bom o indivíduo, tanto quanto a incursão no compromisso da fé a ninguém,

de imediato, faz renovado. O burilamento das anfractuosidades morais, através do esforço continuado, é trabalho de largo tempo, merecendo respeito não somente os triunfadores, quanto aqueles que persistem e agem sem descanso, mesmo quando não colimam prontamente os resultados felizes. Nas experiências de elevação, entre outros impedimentos que surgem, a rotina dos acontecimentos é teste grave a ser superado. Enquanto as realizações se apresentam novas, há motivações e entusiasmos para realizá-los. Depois, à medida que se fazem repetitivas, com as mesmas manifestações, tendem a cansar, diminuindo o ardor dos candidatos à operosidade, levando-os à saturação, à desistência. Ocorre que não se podem inovar métodos para os mesmos problemas, a cada dia, nem modificar a paisagem aflitiva dos necessitados, diversificando-lhes os quadros de dor e sombra. Variando na aparência, suas causas matrizes são as mesmas, que se enraízam no espírito endividado, aturdido ou atrasado, em viagem expurgadora. Nesses momentos de cansaço, surgem as *tentações* do repouso exagerado, da acomodação, do tempo excessivo sem a sua utilização correta, abrindo-se campo à censura indevida, que medra, à larga, em forma de maledicência que espalha azedume e reproche, destruindo, qual praga infeliz, as leiras onde a esperança semeia o amor e a ternura que deverão enflorcer-se como caridade e bênção. Muitas Obras do bem não resistem a esse período, quando as intenções superiores cedem lugar ao enfado e à comodidade, que propiciam a invasão das forças destrutivas e a penetração dos vigilantes adversários da luz... Argos, em razão de vários fatores que lhe personificavam a individualidade, não era afeito ao trabalho metódico, que exige disciplina e ação contínua. Após a recuperação orgânica, por deficiência compreensível, evitava qualquer esforço, justificando-se impossibilidade, o que era de certo modo fruto do largo repouso a que se submetera nos longos meses hospitalares. Tal comportamento favorecia-o com bastante tempo mental para aspirações levianas e observações negativas. A medida que os dias transcorriam, mais habitual e persistente se lhe tornava a conduta ociosa. Por sua vez, Áurea assumira um setor de socorro aos mais carentes, procurando crescer interiormente, ampliando os horizontes do entendimento pessoal em torno da vida e suas injunções que motivam o crescimento para Deus. Candidatou-se a cursos de adestramento social, para melhorar as aptidões na execução do trabalho, despertando a atenção dos companheiros de tarefa e granjeando simpatias. O esposo, ao invés de acompanhar-lhe a marcha, passou a agasalhar sentimentos inferiores de que se intoxicava, a pouco e pouco, tornando-se bom conselheiro e mau exemplo por falta de ação, palrador e acomodado, torpedeando o trabalho geral, sem dar-se conta, porquanto dissentia da

conduta dos ativos servidores, concitando-os a repouso mórbidos em detrimento da ação dignificante. Nesse comenos, passou a receber as incursões psíquicas de Felipe, que percebeu ser a melhor maneira de o alcançar, gerando nele, pelo estímulo e encorajamento das suas más inclinações, um clima de antipatia pessoal, que o inspiraria a querer desvincular-se da comunidade onde se encontrava protegido, para uma área de movimentação na qual permaneceria a descoberto, portanto, mais fácil presa para a sujeição à sua vingança largamente programada e esperada. O fato de alguém encontrar-se num lugar de psicofera superior não o torna indene aos propósitos malfazejos dos seus adversários espirituais. É certo que lhes dificulta a ação nefasta, todavia, não o coloca em situação privilegiada ou especial, o que representaria uma injustiça, ainda mais se tal pessoa não procura fazer por merecer o apoio que recebe, nem honra emocionalmente o clima psíquico de que desfruta. [...] Estimulando-lhe a inércia que lhe jazia inata e a indiferença à dor e ao sacrifício alheios, Felipe se lhe foi insinuando na casa mental, insuflando-lhe maior dose de soberba e de egoísmo, terminando por assenhorear-se-lhe de grande parte do setor de discernimento, a ponto de o tornar ridículo ante os outros sem que o percebesse conscientemente.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“Uma forma de obsessão perigosa é aquela que passa quase despercebida e se instala vagarosa e firmemente nos painéis mentais, estabelecendo comportamentos equivocados com aparência respeitável. Apresenta-se em pessoas que denotam grave postura e sabem conquistar outras pela facilidade de comunicação verbal, tornando-as afáveis e gentis, desde que não tenham os seus caprichos e interesses contrariados. Dão impressões sociais que não correspondem ao seu estado real, porquanto adotam comportamentos parasitas que os credenciam a supor-se méritos que não possuem. Interiormente, vivem sob conflitos que disfarçam com habilidade, daí nascendo, dessa dupla atitude para com a vida, situações neurotizantes que desarticulam o equilíbrio emocional, igualmente sob o bombardeio das farpas mentais destrutivas dos seus inimigos espirituais. São galantes, em grupo, e, a sós, taciturnos; idealistas, na comunidade, aplicando teorias verbais, que não demonstram em atos, porque não creem nelas; cordiais exteriormente, todavia, arrogantes e sem resistências para as lutas morais. Nesse clima psíquico, que ressuma das experiências de vidas passadas, hospeda-se o agressor desencarnado que insufla maior dose de indiferença pelos problemas alheios, desbordando o egocentrismo que termina por aliená-los enquanto agasalham e vitalizam as paixões dissolventes. Esse tipo de perturbação espiritual é mais difícil de ser erradicada, em razão de o paciente negar a sua situação de enfermo, antes comprazendo-se nela,

porque o narcisismo a que se entrega, converte-se em autofascinação por valores que se atribui e está longe de os possuir, anulando qualquer contribuição que lhe é oferecida. Somente a humildade, que dá a dimensão da pequenez e fraqueza humana ante a grandiosidade da vida, faculta uma visão legítima, através da qual se pode fazer uma justa avaliação de recursos, recorrendo-se à Divindade pela prece ungida de amor, antídoto eficaz para os distúrbios obsessivos. A prece liberta a mente viciada dos seus clichês perniciosos e abre a mente para a captação das energias inspiradoras, que fomentam o entusiasmo pelo bem e a conquista da paz através do amor. Entretanto, a fim de que se revista de força desalienante, ela necessita do combustível da fé, sem a qual não passa de palavras destituídas de compromisso emocional entre aquele que as enuncia e a Quem são dirigidas. Ainda, nesse capítulo, impõe uma atitude de recolhimento e concentração para que se exteriorize a potencialidade pela vontade que anela, dirigida pela certeza de que alcançará o destino. Uma das primeiras atitudes do obsidiado com as características a que nos reportamos, é o desdém à oração por acreditar que não a necessita, outrossim, duvidando da sua eficácia ou menosprezando-lhe a utilidade. Exacerbado nos seus sentimentos infelizes, o paciente auto realiza-se, adotando uma atitude de falsa superioridade com a qual anestesia os centros da razão e deleita-se no estado em que se encontra. A largo prazo, porém, perde o controle sobre a vontade, que deixa de dirigir, sob a injunção pertinaz, tornando-se ostensivamente agressivo e desfazendo a aparência, que cede lugar ao desequilíbrio que se lhe instalou com forte penetração nos mecanismos nervosos. Nesse quadro de obsessão constritora, encontram-se inumeráveis indivíduos hospedando adversários que os vampirizam demoradamente, até culminarem o desforço com os golpes largos das quedas na loucura, no crime ou no suicídio.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“A humildade é, realmente, virtude que escasseia entre as criaturas. O orgulho se disfarça de simplicidade e a prepotência assume-lhe canhestra aparência, de imediato se desvelando, tão logo surja o momento de sentirem-se contrariados... A sua vivência, sem embargo, equilibra e sustenta o homem na manutenção dos ideais superiores que abraça, auxiliando-o a vencer-se nas más inclinações e a superar quaisquer obstáculos que defronte pelo caminho. Colaborando na realização de autênticas autoavaliações, a humildade permite que a criatura se conscientize das limitações e necessidades que lhe impedem o avanço, emulando-a à superação. A crítica mordaz não a alcança, o elogio vulgar não a fere, a discriminação infeliz não a atinge, a perseguição não a desanima, a tentação não a perturba se se impuser a condição da humildade, porque, conselheira lúcida, ela lhe apontará o caminho seguro

a percorrer, demonstrando-lhe que essas ocorrências constituem acidentes que se encontram presentes em todas as áreas do processo evolutivo. Ao mesmo tempo, em razão de dar-lhe a medida do que é e o de que realmente se lhe faz necessário para a vitória, concita-a à oração, através de cujo recurso se despe dos atavios inúteis para apresentar-se ao Senhor como realmente é, colocando-se à disposição da Sua superior vontade. Nesse clima estabelece-se a paz íntima e a confiança, despojada da presunção, emula à insistência na ação edificante com que cresce, emocional e espiritualmente, tornando-se instrumento infatigável do Bem. Não são poucos os candidatos à evolução que tombam, no caminho, apesar de possuidores de boa vontade, que é uma excelente qualidade para o cometimento, entretanto, distraídos da vivência da humildade, abandonam o compromisso, na primeira oportunidade, vitimados pelo desalento, pela amargura, ou vencidos por intempestivo cansaço de que se fazem fáceis presas. [...] “Nos processos de obsessão de qualquer natureza, as conquistas morais do paciente são-lhe o salvo-conduto para o trânsito sem problemas durante a sua vilegiatura carnal. Isto porque, liberado da constrição afugente, começa-lhe o período da recuperação dos débitos passados mediante outras provações de que necessita e de testemunhos que lhe aferirão as novas disposições abrigadas n'alma. À dor-resgate segue-se a dor-conquista, mediante a qual o Espírito se supera, autodoando-se em favor dos semelhantes e contribuindo para a mudança da paisagem sofrida do planeta. Não é o que vemos, no sacrifício dos nossos Maiores, que renunciam aos gozos que já merecem para, sofrendo, impulsionar-nos para adiante?” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 25)

“FENÔMENOS OBSESSIVOS. [...] As obsessões enxameiam por toda parte e os homens terminam por conviver, infelizes, com essas psicopatologias para as quais, fugindo à sua realidade, procuram as causas nos traumas, nos complexos, nos conflitos, nas pressões sociais, familiares e econômicas, como mecanismo de fuga aos exames de profundidade da gênese real de tão devastadora enfermidade. Não negando a preponderância de todos esses fatores que desencadeiam problemas de comportamento psicológico, afirmamos que eles, antes de constituírem causa dos distúrbios são, em si mesmos, efeito de atitudes transatas, que o Espírito imprime na organização fisiopsíquica ao reencarnar-se, porquanto é sempre colocado no grupo familiar com o qual se encontra enredado, por impositivo de ressarcimento de dívidas, para o equilíbrio evolutivo. Enquanto o homem não for estudado na sua realidade profunda - ser espiritual que é, preexistente ao corpo e a ele sobrevivente —, muito difíceis serão os êxitos da ciência médica, na área da saúde mental. As doenças psíquicas, entre as quais se destacam,

pela alta incidência, as obsessões, continuarão ainda a perseguir o homem. Todo comportamento que se exacerba ou se deprime, exaltando paixões e comandando desregramentos, fomentando ódios e distonias, guardam, na sua raiz, graves incidências obsessivas que merecem cuidados especiais. É indispensável que a compreensão das finalidades da vida comande o pensamento do homem, oferecendo-lhe as seguras diretrizes para precaver-se contra essa epidemia voluptuosa, ao mesmo tempo armando os cultores das ciências da alma com os valiosos instrumentos para a terapia de profundidade, na qual ambos os enfermos - obsessores e obsidiados - sejam amparados, apaziguando-se e produzindo o bem, em favor de si mesmos e da comunidade em geral. Não desejamos transferir para os Espíritos turbados ou maus as ocorrências desditosas na Terra, isentando os homens da responsabilidade que lhes cabe. Afirmamos que partilham os desencarnados, mais do que se pensa, dos sucessos e acontecimentos humanos negativos, por assimilação e vinculação, nos quais se comprazem os encarnados, que lhes oferecem os meios e a sintonia para que tenham lugar esses fatos reprováveis. É certo que, no sentido inverso, o intercâmbio com as Entidades evoluídas também se faz amiúde, num programa de amor e socorro ao ser humano, como expressão do divino auxílio. Como, todavia, as manifestações mais primárias predominam nas atividades terrestres a incidência obsessiva toma-se mais volumosa, até que a criatura se descubra como é, filha de Deus e resolva-se a atender ao chamado paterno, avançando na Sua direção pelas vias do amor.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Fenômenos obsessivos)

“Na oportunidade própria, analisando, com o Dr. Bezerra de Menezes, a problemática sempre grave e complexa da obsessão, o Amigo esclareceu-me: — Enquanto as paisagens mental e moral do homem não mudem, o clima de aspirações responsáveis pelos problemas que geram o intercâmbio obsessivo permanecerá. Dependências afetivas, necessidades emocionais e campos de vibrações odientas são sustentados nos jogos dos interesses entre os desencarnados e os homens. Porque estes não se elevem espiritualmente, aqueles encontrarão ganchos, nos quais se prendem, passando de hóspedes a gerentes da casa mental que lhes cede lugar. O crescimento moral do ser é impositivo inadiável do seu processo evolutivo, que está a exigir decisão vigorosa, para ser levada adiante sem mais tardança. Os atavismos que lhe predominam, em arrastamentos comprometedores, devem ceder lugar às aspirações enobrecidas, que o atrairão para objetivos libertadores. Fez breve silêncio, a fim de dar um curso didático à conversação valiosa, e logo adiu: “Ouspensky, pensador russo, que se fez excelente discípulo de Gurdjieff, dividiu os homens em dois grupos:

fisiológicos e psicológicos, para bem os situar na área das suas necessidades e aspirações. Os primeiros, seriam aqueles cujo comportamento se submete ao repouso, ao estômago e ao sexo, enquanto os outros são os que vivem conforme o sentimento e a mente. Preferiríamos considerar que há os que ainda transitam sob o comando da sua natureza animal, primitiva, aqueles que vivem sob a predominância da natureza espiritual e os que se encontram na fase intermediária, em caminho do estágio mais grosseiro para o mais sutil. “Os primeiros são homens-instinto, mais dirigidos pelas sensações, enquanto os últimos são homens-razão, comandados pela emoção. Aqueles vivem para comer, gozar e dormir, sem tempo mental para sentir os ideais de beleza e de progresso. Os outros, não obstante se utilizem das sensações que decorrem das imposições fisiológicas, cultivam os sentimentos, e as emoções sobrepõem-se aos caprichos dos prazeres fugidios e imediatos. O homem no qual predomina a natureza animal reage sempre e com violência; detém o que tem e não reparte, em razão do egoísmo que o vitima. Aquele em quem a natureza espiritual se destaca age, porque pensa com calma nas circunstâncias mais graves, preservando o equilíbrio; possui sem reter, multiplicando a benefício do próximo, promovendo a comunidade onde se encontra e desenvolvendo os sentimentos do altruísmo, que o felicita. “O amor, no período das dependências fisiológicas, é possessivo, arrebatado, físico, enquanto que no dos anelos espirituais se compraz, libertando; torna-se, então, amplo, sem condicionamentos, anelando o melhor para o outro, mesmo que isto lhe seja sacrificial. Um parece tomar a vida e retê-la nas suas paixões, enquanto o outro dá a vida e libera para crescer e multiplicar-se em outras vidas. “Os que se encontram em trânsito entre as experiências primevas e as conquistas da razão, apesar dos vínculos fortes com a retaguarda evolutiva, acalentam ideais de enobrecimento, sofrem tédio em relação aos gozos, padecem certas insatisfações e frustrações, porque já não lhes bastam as sensações fortes, exauridoras, tendo necessidade de mais altos valores íntimos, que independam do imediato, do jogo cansativo dos desejos físicos. Ambições mais nobres se lhes desenham nas áreas mentais e os desejos sofrem alteração de estrutura. Pressentem a glória do amor e a dádiva da paz, engajando-se nos movimentos idealistas, apesar das incertezas e dubiedades que os assaltam vez por outra. “Como é natural, há uma prevalência de homens-instinto nos quadros sociais da Terra, em relação a um número menor de homens-razão, que se empenham por criar condições de progresso e realização em favor dos que estão atrás. “Movimentando-se entre os dois contingentes, estão aqueles que desperdam para as realidades espirituais, galgando os degraus de ascensão a duras penas.” O Benfeitor novamente

silenciou, por breve momento, para logo prosseguir: — “Estagiando uma larga faixa dos Espíritos na primeira fase, suas paixões são agressivas; seus desejos, dominadores; suas aspirações, primitivas, sem as resistências morais que dão valor ético ao ser, partindo para sucessivos revides e cobranças quando contrariados nos seus gostos ou feridos nos seus falsos bríos, ou desagradados nos seus apetites... Porque em idêntica posição vibratória, disputam entre si os espólios infelizes dos interesses de que se nutrem, vivendo em intercâmbio obsessivo, quando o amor é apenas força de desejo, ou no ódio, quando cegos pela revolta e envenenados pela vingança. “Um pouco acima, os intermediários são também fáceis presas das alienações espirituais, por falta da consolidação dos ideais libertários, o que os faz recuar, tombando nos círculos das disputas rudes e alucinadas. “À medida que o homem suplanta a dependência dos vícios e se eleva, emocionalmente, acima do estômago e do sexo, terá conseguido o valioso recurso terapêutico preventivo em relação a essa parasitose infeliz, que o mantém em círculos viciosos, nas faixas mais primárias das reencarnações reeducativas. “O Espírito não foi criado por Deus para sofrer. O sofrimento é sua opção pessoal, em face da vigência do amor que felicita, em todo lugar, aguardando por ele. Todavia, como decorrência da sensualidade a que se escraviza, retarda a felicidade que lhe está destinada. Damos aqui, à palavra sensualidade, uma abrangência maior: paixão pelo comer, vestir, gozar, viver nos limites dos interesses pessoais, mantendo os sentimentos adstritos aos impositivos orgânicos, dos quais não prescinde, sem espaço mental ou emocional para a renúncia, a abnegação, a fraternidade... Enquanto vigerem aqueles arcabouços primários na personalidade, o intercâmbio com outros semelhantes é inevitável. “O mesmo ocorre, sem dúvida, entre os indivíduos que vivem as emoções da sua natureza espiritual, cuja sintonia é natural com as Fontes da Vida, de onde procede a inspiração do bem, do bom e do belo, atraindo-os para as conquistas gloriosas do amor. “Assim, é sempre conveniente recordar que a obsessão é uma ponte de duas vias: o Espírito que a transita e segue na direção do homem, somente logra passagem porque este lhe vem em busca, em face das mesmas necessidades, compromissos e grau de evolução. A ocorrência, portanto, da enfermidade obsessiva somente se dá porque ambos os litigantes são afins, sendo a aparente vítima o endividado, e o cobrador, que deveria perdoar, o infeliz real, carente de socorro e misericórdia. De socorro, para que adquira a paz; de misericórdia, a fim de que se desembarace do sofrimento que se alonga desde a hora em que foi ludibriado, traído ou abandonado, e que, mantendo-se na injusta exigência de reparação, passa para a posição mais desditosa, que é a de algoz. “Diante, pois, de

perseguidos e perseguidores, nunca se deve esquecer que o mais desventurado é aquele que se desforça, porquanto agride as Leis da Vida e gera animosidade para si mesmo. Todavia, assim procede por loucura, que decorre da infelicidade que o domina. “A terapêutica desobsessiva é, desse modo, muito complexa, envolvendo, todos aqueles que se lhe dedicam, em grave e elevado cometimento credor de carinho e respeito.” Calou-se o Benfeitor e anuímos, convencidos pelo esclarecimento. A exigência da evolução pessoal é de urgência para todos nós, através da qual a renovação social se dará naturalmente.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 19)

“Trilhas da Libertação. O mundo corporal é plasmado pelo espiritual, onde a vida é pulsante, permanente, original. Necessário ao processo de reencarnação, reflete o estágio no qual se encontram aqueles que o habitam, razão esta que torna o planeta terrestre um educandário de provas e expiações. Verdadeiro laboratório onde se operam transformações de comportamento moral do ser, pelo fixar das experiências edificantes, sofre os inevitáveis choques decorrentes das lutas que se travam nos círculos que o compõem, da mesma forma que se beneficia com as contribuições elevadas daqueles que trabalham em favor do seu progresso. Na generalidade, tudo quanto sucede na esfera física tem origem na realidade espiritual, tornando-a um mundo de efeitos, no qual as ocorrências se desencadeiam sob as mais variadas injunções. Como é natural, sendo os seus habitantes atuais, na sua quase totalidade, homens e mulheres que antes transitavam pelas suas sendas, ora em busca de reabilitação dos compromissos infelizes e das ações ignóbeis, aqueles que não tiveram ensanchas de retornar continuam vinculados a quem os prejudicou, dando prosseguimento a pugnas odientas e insensatas, até quando lhes luza a misericórdia de Deus, despertando uns e outros para mudança de atitude. Nesse conflito que se estende, há milênios, em face do primitivismo ainda predominante na maioria dos seres humanos, destaca-se a providencial manifestação do divino Amor, que se expressa mediante a abnegação, o devotamento e o sacrifício dos Espíritos tutelares que investem as suas mais expressivas e melhores conquistas intelecto-morais para dirimir-lhes a infrene perseguição, acalmar-lhes o ânimo e estabelecer acordos de paz. Ainda por largo período permanecerão esses conflitos, por se negarem os litigantes, vitimados por descabido orgulho e primário egoísmo, a se entregarem ao perdão das ofensas e à fraternidade recomendados por Jesus e facultados pelo bom-senso, pelo despertar da consciência obscurecida. Enquanto não ocorre essa alteração de conduta, tramas sórdidas, armadilhas hábeis, traições infames são trabalhadas nas esferas inferiores contra as criaturas que, inadvertidas e descuidadas, tombam

nas inumeráveis justas a que são empurradas ou que defrontam pelo caminho de ação cotidiana. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Trilhas da libertação)

“[...] Sorri jovialmente e acerquei-me do leito, cumprimentando fraternalmente o convalescente e a nobre senhora, que se apressou em dizer: — É sempre com renovada alegria que recebemos companheiros dedicados ao estudo dessa grave epidemia, que tem sido motivo de martírio para as criaturas humanas, até hoje ainda não combatida com a eficiência que merece. E parece-me bastante estranho, por ser, talvez, a doença mais antiga da Humanidade, em relação a outras tantas prejudiciais. Basta que nos recordemos que, em todos os períodos do pensamento histórico, a obsessão e suas sequelas se têm apresentado ceifando a saúde física e mental dos indivíduos. Terrivelmente ignorada, ou simplesmente desconsiderada, vem prosseguindo no seu triste fanal de vencer todos aqueles que lhe tombam nas malhas coercitivas. Todos os esforços, portanto, direcionados para a desmistificação e o combate a esse terrível mal devem ser envidados, por todos aqueles que nos encontramos forrados pelos ideais superiores e que haurimos na palavra de Jesus o direcionamento correto para a felicidade. Parecendo que esperavam alguma palavra de minha parte, algo timidamente concordei, acrescentando: — Na raiz de todos os problemas que aturdem o ser humano sempre encontraremos o Espírito como seu responsável, face aos comprometimentos que se ocasionou Criado, simples e ignorante, com neutralidade interior, defrontando as opções de agir correta ou incorretamente, tudo quanto lhe ocorre provém da preferência que se permitiu de início, cabendo-lhe o reencontro com o equilíbrio que lhe direcionará os passos para o futuro. A obsessão encontra-se incursa nesse raciocínio, porquanto somente ocorre em razão do comportamento irregular de quem se desvia do roteiro do bem fazer, criando animosidades e gerando revides. Certamente, haverá muitas antipatias gratuitas entre as pessoas que resultam de preferências psicológicas, de identificações ou reações afetivas. Os dardos atirados pelas mentes agressivas e inamistosas são inevitáveis para aqueles contra quem são dirigidos. No entanto, a conexão somente se dará por identidade de sintonia, por afeição à afinidade em que se manifestam. Por esse motivo, a obsessão sempre resulta das defecções morais do Espírito em relação ao seu próximo e desse, infeliz e tresvariado, que não se permite desculpar e dar novas chances a quem lhe haja prejudicado. Não ignoramos aquelas que têm gênese nas invejas, nas perseguições aos idealistas e trabalhadores do Bem, mas que também somente se instalam se houver tomada psíquica naquele que se lhes torna objeto de perseguição. Porque percebesse o interesse real pela exposição não proposital, continuei: — O indivíduo

que ama a retidão de princípios e os executa firmado em propósitos de elevação moral, mesmo quando fustigado pela pertinácia dos irmãos desajustados e perversos de ambos os planos da vida, não se deixa afetar, permanecendo nas disposições abraçadas, fiel ao programa traçado. Pode experimentar alguma aflição, como é natural, mas robustece-se na oração, no prazer do serviço que realiza, nas leituras edificantes, na consciência pacificada. Simultaneamente, torna-se amparado pelos Espíritos nobres, seus afeiçoados desencarnados, aqueles que foram beneficiados por sua bondade fraternal, que acorrem a protegê-lo e sustentá-lo nas atividades que lhe dizem respeito. Jamais se curvam sob as forças tenebrosas do mal aqueles que se entregam a Deus, a Jesus e ao Bem, nas fileiras do dever a que se apegam. Sentia-me enrubescer, quando, silenciando, Alberto aduziu: — Tem toda razão o nosso estagiário. Nenhuma sombra, por mais densa, consegue diminuir a claridade, assim como força alguma da desagregação moral e espiritual logra romper o equilíbrio da Lei de amor.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 7)

“SOCORRO DE EMERGÊNCIA. [...] A reunião seria um pouco mais tarde. A necessidade do encontro antecipado tinha por objeto favorecer-nos o contato proveitoso com o dedicado Eurípedes, que iria conversar conosco, informalmente, conforme aconteceu. [...] Fazendo uma pausa oportuna, e mantendo a expressão da face muito serena, prosseguiu: — Tendo em vista a necessidade de ressarcimento das dívidas contraídas pelo abuso da confiança que nos foi oferecida, torna-se-nos necessário o mergulho na carne, a fim de refazer-mos os caminhos, as afeições, as oportunidades. Antes da viagem à reencarnação, ainda lúcido, o candidato promete fidelidade e devotamento, sintonia com os Amigos espirituais que ficaram na Erraticidade para os ajudar na desincumbência do dever. Logo, porém, que o corpo ensombra a lucidez espiritual, diminuindo-a, os impositivos da matéria passam a predominar no ser em recomeço, não poucas vezes afastando-o do caminho traçado. Eis porque o Espiritismo, representando o retorno de Jesus à Terra através de O Consolador, desempenha a missão sublime de despertar as consciências adormecidas, facultando o intercâmbio direto com o mundo de origem, onde se haurem as energias indispensáveis ao cumprimento da tarefa e se dispõem das lembranças para o prosseguimento dos compromissos. E também durante a vilegiatura carnal que têm curso os combates iluminativos, quando se devem reunir e confraternizar os antigos adversários, a princípio, sob o sufrágio da dor, porquanto defraudaram as Leis, sem que delas se possam evadir, para depois se renderem ao amor, à fraternidade. “Assim sendo, as matrizes que se encontram no perispírito — as marcas impressas pela consciência culpada — facultam as induções e fixações

entre credores e devedores, expressando-se em aflições obsessivas para ambos atormentados. Ninguém, pois, na Terra, que esteja isento da comunhão com os Espíritos, seja pela necessidade reparadora, manifeste-se através do impositivo da inspiração e do direcionamento feliz para o rumo que se pretende alcançar. Esse relacionamento faz parte do processo da evolução, porque o crescimento ou a queda de alguém sempre repercute na grande família espiritual que constituímos. Reconhecemos, portanto, que a reencarnação é sempre um grande desafio, especialmente para aquele que deseja realizar a meritória obra de espiritualização dos homens, a começar por si mesmo. São muitos os impedimentos naturais que se levantam nessas ocasiões, tentando embaraçar ou dificultar a execução do programa delineado.” O querido Instrutor olhou suavemente para o Alto, como tentando colocar em palavras o que conhecia por vivência pessoal, e estava acima da verbalização, continuando: — O carreiro carnal é sempre uma experiência de alto risco para quem deseja atingir as cumeadas da montanha das bem-aventuranças. Recordando-nos do Mestre, constataremos que Ele venceu os três montes que O desafiaram: o Tabor, onde se transfigurou esplendente de beleza diante de Moisés e Elias, que vieram reverenciá-Lo, bem como dos discípulos que ainda não tinham dimensão da Sua grandeza. Foi o monte da comunhão espiritual no seu sentido mais elevado. O outro, foi aquele no qual Ele cantou as bem-aventuranças, revolucionando os códigos de ética, de economia e de moral vigentes na sociedade, abrindo horizontes novos para o entendimento dos valores espirituais. E, por fim, o Gólgota, onde, aparentemente vencido, triunfou, imortal, colocando a ponte para a perpétua comunhão de todas as criaturas com o Pai. No primeiro, Ele desenvolveu-Se, no segundo estabeleceu as diretrizes do amor, e, no terceiro, viveu todos os ensinamentos que enunciou. “O Espírito reencarnado em tarefa libertadora sempre será chamado ao testemunho nos montes onde problemas equivalentes o aguardam: no primeiro, deve dar a conhecer o objetivo a que se dedicará; no segundo, cabe-lhe traçar as linhas de comportamento que adotará, e no terceiro, vivê-las até o momento final com equilíbrio e abnegação. Não é demasiado, porque nunca faltará o apoio indispensável ao êxito, que procede do mundo espiritual vigilante e ativo. Eis porque, iniciada a tarefa na seara, ninguém deve olhar para trás.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 18)

1.7. Obsessão, afinidade e sintonia mental

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] PACTOS. 549. Algo de verdade haverá nos pactos com os maus Espíritos? “Não, não há pactos. Há, porém, naturezas más que

simpatizam com os maus Espíritos. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como hás de fazer. Chamas então por Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal e que, para te ajudarem, exigem que também os sirvas em seus maus desígnios. Mas, não se segue que o teu vizinho não possa livrar-se deles por meio de uma conjuração oposta e pela ação da sua vontade. Aquele que intenta praticar uma ação má, pelo simples fato de alimentar essa intenção, chama em seu auxílio maus Espíritos, aos quais fica então obrigado a servir, porque dele também precisam esses Espíritos, para o mal que queiram fazer. Nisto apenas é que consiste o pacto.” O fato de o homem ficar, às vezes, na dependência dos Espíritos inferiores nasce de se entregar aos maus pensamentos que estes lhe sugerem e não de estipulações quaisquer que com eles faça. O pacto, no sentido vulgar do termo, é uma alegoria representativa da simpatia existente entre um indivíduo de natureza má e Espíritos malfazejos. **550.** Qual o sentido das lendas fantásticas em que figuram indivíduos que teriam vendido suas almas a Satanás para obterem certos favores? “Todas as fábulas encerram um ensinamento e um sentido moral. O vosso erro consiste em tomá-las ao pé da letra. Isso a que te referes é uma alegoria, que se pode explicar desta maneira: aquele que chama em seu auxílio os Espíritos, para deles obter riquezas, ou qualquer outro favor, rebela-se contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que lhe cumpre suportar neste mundo. Sofrerá na vida futura as consequências desse ato. Não quer isto dizer que sua alma fique para sempre condenada à desgraça. Mas, desde que, em lugar de se desprender da matéria, nela cada vez se enterra mais, não terá, no mundo dos Espíritos, a satisfação de que haja gozado na Terra, até que tenha resgatado a sua falta, por meio de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Coloca-se, por amor dos gozos materiais, na dependência dos Espíritos impuros. Estabelece-se assim, tacitamente, entre estes e o delinquente, um pacto que o leva à sua perda, mas que lhe será sempre fácil romper, se o quiser firmemente, granjeando a assistência dos bons Espíritos.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“Influenciação. [...] – Acompanhemos o grupo, onde se encontra o nosso irmão mais fortemente atacado pelas inquietações do sexo – Exclamou o orientador, proporcionando-me valiosa experiência. O rapaz, em companhia de uma senhora idosa e de uma jovem, que logo percebi serem sua mãe e irmã, punha-se de regresso ao lar. Movimentamo-nos, seguindo-os de perto. Alguns metros, além do recinto, onde se reuniam os companheiros de luta, o ambiente geral da via pública tornava-se ainda mais pesado. Três entidades de sombrio aspecto, absolutamente cegas para com a nossa presença, em vista do baixo padrão

vibratório de suas percepções, acercaram-se do trio sob nossa observação. Encostou-se uma delas à senhora idosa e, instantaneamente, reparei que a sua frente se tornava opaca, estranhamente obscura. Seu semblante modificou-se. Desapareceu-lhe o júbilo irradiante, dando lugar aos sinais de preocupação forte. Transfigurara-se de maneira completa. – Oh! Meus filhos – exclamou a genitora, que parecia paciente e bondosa –, por que motivo somos tão diferentes no decurso do trabalho espiritual? Quisera possuir, ao retirar-me de nossas orações coletivas, o mesmo bom ânimo, a mesma paz íntima. Isso, porém, não acontece. Ao retomar o caminho da luta prática, sinto que a essência das preleções evangélicas persevera dentro de mim, mas de modo vago, sem aquela nitidez dos primeiros minutos. Esforço-me, sinceramente, para manter a continuação do mesmo estado d'alma; entretanto, algo me falta, que não sei definir com precisão. Nesse momento, as duas outras entidades, que ainda se mantinham distanciadas, agarraram-se comodamente aos braços do rapaz, que ofereceu aos meus olhos o mesmo fenômeno. Embaciou-se-lhe a claridade mental e duas rugas de aflição e desalento vincaram-lhe as faces, que perderam aquele halo de alegria luminosa e confiante. Foi então que ele respondeu, em voz pausada e triste: – É verdade, mamãe. Enormes são as nossas imperfeições. Creia que a minha situação é pior. A senhora experimenta ansiedade, amargura, melancolia... É bem pouco para quem, como eu, se sente vítima dos maus pensamentos. Casei-me há menos de oito meses e, não obstante o devotamento de minha esposa, tenho o coração, por vezes, repleto de tentações descabidas. Pergunto a mim mesmo a razão de tais ideias estranhas e, francamente, não posso responder. A invencível atração para os ambientes malignos confunde-me o espírito, que sinto inclinado ao bem e à retidão de proceder. – Quem sabe, mano, está você sob a influência de entidades menos esclarecidas? – considerou a jovem, com boas maneiras. – Sim – suspirou o rapaz –, por isso mesmo, venho tentando o desenvolvimento da mediunidade, a fim de localizar a causa de semelhante situação. Nesse instante, o orientador murmurou, desveladamente: – Ajudemos a este amigo através da conversação. Sem perda de tempo, colocou a destra na frente da menina, mantendo-a sob vigoroso influxo magnético e transmitindo-lhe suas ideias generosas. Reparei que aquela mão protetora, ao tocar os cabelos encaracolados da jovem, expedia luminosas chispas, somente perceptíveis ao meu olhar. A menina, a seu turno, pareceu mais nobre e mais digna em sua expressão quase infantil e respondeu firmemente: – Neste caso, concordo em que o desenvolvimento mediúnico deve ser a última solução, porque antes de enfrentar os inimigos, filhos da ignorância, deveríamos armar o coração com a luz do amor

e da sabedoria. Se você descobrisse perseguidores invisíveis em torno de suas atividades, como beneficiá-los cristãmente, sem a necessária preparação espiritual? A reação educativa contra o mal é sempre um dever nosso, mas antes de cogitar dum desenvolvimento psíquico, que seria talvez prematuro, deveremos procurar a elevação de nossas ideias e sentimentos. Não poderíamos contar com uma boa mediunidade sem a consolidação dos nossos bons propósitos; e, para sermos úteis nos reinos do Espírito, cabe-nos aprender, em primeiro lugar, a viver espiritualmente, embora estejamos ainda na carne. A resposta, que constituía para mim valiosa surpresa, não provocou maior interesse em ambos os interlocutores, quase neutralizados pela atuação dos vampiros habituais. Mãe e filho deixavam perceber funda contrariedade, em face das definições ouvidas. A palavra da menina, cheia de verdadeira luz, desconcertava-os. – Não tem você bastante idade, minha filha – exclamou, contrafeita, a velha genitora –, não pode, pois, opinar neste assunto. E como boa cultivadora de sofrimentos antigos, acentuou: – Quando você atravessar os caminhos que meus pés já cruzaram, quando vierem as desilusões sem esperança, então observará como é difícil manter a paz e a luz no coração! – E se algum dia – falou o rapaz, melancólico – experimentar as lutas que já conheço, verá que tenho motivos de queixa contra a sorte e que não me sobram outros recursos senão permanecer no círculo das indecisões que me assaltam. Faço quanto posso por desvencilhar-me das ideias sombrias e vivo a combater inesperadas tentações; no entanto, sinto-me longe da libertação espiritual necessária. Não me falta vontade, mas... Alexandre, que havia retirado a destra de sobre a frente da jovem, informou, atendendo-me à perplexidade: – O amigo que se uniu à nossa irmã foi seu marido terrestre, homem que não desenvolveu as possibilidades espirituais e que viveu em tremendo egoísmo doméstico. Quanto aos dois infelizes, que se apegam tão fortemente ao rapaz, são dois companheiros, ignorantes e perturbados, que ele adquiriu em contato com o meretrício. Diante do meu espanto, o instrutor prosseguiu, explicando: – O ex-esposo não concebeu o matrimônio senão como união corporal para atender conveniências vulgares da experiência humana e, em vista de haver passado o tempo de aprendizado terreno sem ideais enobrecedores, interessados em fruir todas as gratificações dos sentidos, não se sente com bastante força para abandonar o círculo doméstico, onde a companheira, por sua vez, somente agora, depois da desencarnação dele, começa a preocupar-se com os problemas concernentes à vida espiritual. Quanto ao rapaz, de leviandade em leviandade, criou fortes laços com certas entidades ainda atoladas no pântano de sensações do meretrício, das quais se destacam, por mais perseverantes, as duas

criaturas que ora se lhe agarram, quase que integralmente sintonizadas com o seu campo de magnetismo pessoal. O pobrezinho não se apercebeu dos perigos que o defrontavam e tornou-se a presa inconsciente de afeiçoados que lhe são invisíveis, tão fracos e viciados quanto ele próprio. – E não haverá recurso para libertá-los? Indaguei, emocionado. O orientador sorriu paternalmente e considerou: – Mas quem deverá romper as algemas, senão eles mesmos? Nunca lhes faltou o auxílio exterior de nossa amizade permanente; no entanto, eles próprios alimentam-se uns aos outros, no terreno das sensações sutis, absolutamente imponderáveis para os que lhes não possam sondar o mecanismo íntimo. É inegável que procuram, agora, os elementos de libertação. Aproximam-se da fonte de esclarecimento elevado, sentem-se cansados da situação e experimentam, efetivamente, o desejo de vida nova; contudo, esse desejo é mais dos lábios que do coração, por constituir aspiração muito vaga, quase nula. Se, de fato, cultivassem a resolução positiva, transformariam suas forças pessoais, tornando-as determinantes, no domínio da ação regeneradora. Esperam, porém, por milagres inadmissíveis e renunciam às energias próprias, únicas alavancas da realização. – Mas não poderíamos provocar a retirada dos vampiros inconscientes? – perguntei. – Os interessados – explicou Alexandre, a sorrir – forçariam, por sua vez, a volta deles. Já se fez a tentativa que você lembrou, no propósito de beneficiá-los. De modo indireto, mas a nossa irmã se declarou demasiadamente saudosa do companheiro e o nosso amigo afirmou, intimamente, sentir-se menos homem, levando humildade à conta de covardia e tomando o desapego aos impulsos inferiores por tédio destruidor. Tanto expediram reclamações mentais que as suas atividades interiores constituíram verdadeiras invocações e, em vista do vigoroso magnetismo do desejo constantemente alimentado, agregaram-se-lhes, de novo, os companheiros infelizes. – Mas vivem assim imantados uns aos outros, em todos os lugares? – indaguei. – Quase sempre. Satisfazem-se, mutuamente, na permuta contínua das emoções e impressões mais íntimas. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 5)

“O instrutor fez ligeira pausa na narrativa e continuou: – Exonerada dos liames carnis, viu-se perseguida pelas vítimas de outro tempo, anulando-se-lhe a capacidade de iniciativa em virtude das emissões vibratórias do próprio medo perturbador. Padeceu muitíssimo, não obstante contemplada pela compaixão de benfeitores do Alto que sempre tentaram conduzi-la à humildade e à renovação pelo amor, mas o ódio permutado é uma fomalha ardente, mantenedora de cegueira e sublevação. Desencarnado o esposo, veio semilouco encontrá-la no mesmo invencível abatimento, incapaz de socorrê-la em vista das próprias dores

que o constrangiam a difíceis retificações. Os impiedosos adversários prosseguiram na obra deplorável e, ainda mesmo depois de perderem a organização perispírica, aderiram a ela, com os princípios de matéria mental em que se revestem. A revolta e o pavor do desconhecido, com absoluta ausência de perdão, ligam-nos uns aos outros, quais algemas de bronze. A infeliz perseguida, na posição em que se encontra, não os vê, não os apalpa, mas sente-lhes a presença e ouve-lhes as vozes, através da inconfundível acústica da consciência. Vive atormentada, sem direção. Tem o comportamento de um ser quase irresponsável. [...] Compreendendo meu assombro, Gúbio considerou: – Porque a estranheza? Os princípios de atração governam o Universo inteiro. Nos sistemas planetários e nos sistemas atômicos vemos o núcleo e os satélites. Na vida espiritual, os ascendentes essenciais não diferem. Se os bons representam centros de atenção dos Espíritos que se lhes afinam pelos ideais e tendências, os grandes delinquentes se transformam em núcleos magnéticos das mentes que se extraviaram da senda reta, em obediência a eles. Elevamo-nos com aqueles que amamos e redimimos ou rebaixamo-nos com aqueles que perseguimos e odiamos.” (AL, *Libertação*, Capítulo 7)

“Nossa alma vive onde se lhe situa o coração. Caminharemos, ao influxo de nossas próprias criações, seja onde for. A gravitação no campo mental é tão incisiva, quanto na esfera da experiência física. Servindo ao progresso geral, move-se a alma na glória do bem. Emparedando-se no egoísmo, arrasta-se, em desequilíbrio, sob as trevas do mal. A Lei Divina é o Bem de Todos. Colaborar na execução de seus propósitos sábios é iluminar a mente e clarear a vida. Opor-lhe entraves, a pretexto de acalantar caprichos perniciosos, é obscurecer o raciocínio e coagular a sombra ao redor de nós mesmos. É indispensável ajuizar quanto à direção dos próprios passos, de modo a evitarmos o nevoeiro da perturbação e a dor do arrependimento. Nos domínios do espírito não existe a neutralidade. Evoluímos com a luz eterna, segundo os desígnios de Deus, ou estacionamos na treva, conforme a indébita determinação de nosso “eu”. Não vale encarnar-se ou desencarnar-se simplesmente. Todos os dias, as formas se fazem e se desfazem. Vale a renovação interior com acréscimo de visão, a fim de seguirmos à frente, com a verdadeira noção da eternidade em que nos deslocamos no tempo. Consciência pesada de propósitos malignos, revestida de remorsos, referta de ambições desvaídas ou denegrada de aflições não pode senão atrair forças semelhantes que a encadeiam a torvelinhos infernais. A obsessão é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas. Pensamos, e imprimimos existência ao objeto idealizado. A resultante visível de nossas cogitações mais íntimas denuncia a

condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos. Se persistimos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornadaíam nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores. Imaginar é criar. E toda criação tem vida e movimento, ainda que ligeiros, impondo responsabilidade à consciência que a manifesta. E como a vida e o movimento se vinculam aos princípios de permuta, é indispensável analisar o que damos, a fim de ajuizar quanto àquilo que devemos receber. Quem apenas mentalize angústia e crime, miséria e perturbação, poderá refletir no espelho da própria alma outras imagens que não sejam as da desarmonia e do sofrimento? Um viciado entre os santos não lhes reconheceria a pureza, de vez que, em se alimentando das próprias emanções, nada conseguiria enxergar senão as próprias sombras. Quem vive a procurar pedras na estrada, certamente não encontrará apenas calhaus subservientes. Quem se detenha, indefinidamente, na medição de lama está ameaçado de afogamento no lodo. O viajante fascinado pelos sarçais, à beira do caminho, sofre o risco de enlouquecer entre os espinheiros do mato inculto. Vigiem o pensamento, purificando-o no trabalho incessante do bem, para que arrojemos de nós a grilheta capaz de acorrentar-nos a obscuros processos de vida inferior. É da forja viva da ideia que saem as asas dos anjos e as algemas dos condenados. Pelo pensamento, escravizamo-nos a troncos de suplício infernal, sentenciando-nos, por vezes, a séculos de peregrinação nos trilhos da dor e da morte. [...]” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 13)

“– Ora, Neves, você precisa compreender que nos achamos à frente de pessoas bastante livres para decidir e suficientemente lúcidas para raciocinar. No corpo físico ou agindo fora do corpo físico, o Espírito é senhor da constituição de seus atributos. Responsabilidade não é título variável. Tanto vale numa esfera, quanto em outras. Cláudio e os companheiros, na cena que acompanhamos, são três consciências na mesma faixa de escolha e manifestações consequentes. Todos somos livres para sugerir ou assimilar isso ou aquilo. Se você fosse instado a compartilhar um roubo, decerto recusaria. E, na hipótese de abraçar a calamidade, em são juízo, não conseguiria desculpar-se. Interrompeu-se o mentor, volvendo a refletir após momento rápido: – Hipnose é tema complexo, reclamando exames e reexames de todos os ingredientes morais que lhe digam respeito. Alienação da vontade tem limites. Chamamentos campeiam em todos os caminhos. Experiências são lições e todos somos

aprendizes. Aproveitar a convivência de um mestre ou seguir um malfeitor é deliberação nossa, cujos resultados colheremos. Verificando que o orientador se dava pressa em ultimar os esclarecimentos sem mostrar o mínimo propósito de afastar as entidades vadias que pesavam no ambiente, Neves voltou à carga, no intuito louvável do aluno que aspira a complementar a lição. Pediu vênica para repisar o assunto na hora. Recordou que, sob o teto do genro, o irmão Félix se esmerava na defesa contra aquela casta de gente. Amaro, o enfermeiro prestimoso, fora situado junto de Beatriz principalmente para correr com intrometidos desencarnados. O aposento da filha tornara-se, por isso, um refúgio. Ali, no entanto... E perguntava pelo motivo da direção diversa. Félix expressou no olhar a surpresa do professor que não espera apontamento assim argucioso por parte do discípulo e explicou que a situação era diferente. A esposa de Nemésio mantinha o hábito da oração. Imunizava-se espiritualmente por si. Repele, sem esforço, quaisquer formas-pensamentos de sentido aviltante que lhe fossem arremessadas. Além disso, estava enferma, em vésperas da desencarnação. Deixá-la à mercê de criaturas insanas seria crueldade. Garantias concedidas a ela erguiam-se justas. – Mas... e Cláudio? – insistiu Neves. – Não merecerá, porventura, fraterna demonstração de caridade, a fim de livrar-se de tão temíveis obsessores? Félix sorriu francamente bem-humorado e explicou: – “Temíveis obsessores” é a definição que você dá. – E avançou: – Cláudio desfruta excelente saúde física. Cérebro claro, raciocínio seguro. É inteligente, maduro, experimentado. Não carrega inibições corpóreas que o recomendem a cuidados especiais. Sabe o que quer. Possui materialmente o que deseja. Permanece no tipo de vida que procura. É natural que esteja respirando a influência das companhias que julgue aceitáveis. Retém liberdade ampla e valiosos recursos de instrução e discernimento para juntar-se aos missionários do bem que operam entre os homens, assegurando edificação e felicidade a si mesmo. Se elege para comensais da própria casa os companheiros que acabamos de ver, é assunto dele. Enquanto nos arrastávamos, tolhidos pela carne, não nos ocorreria a ideia de expulsar da residência alheia as pessoas que não se harmonizassem conosco. Agora, vendo o mundo e as coisas do mundo, de mais alto, não será cabível modificar semelhante modo de proceder. [...]” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 6)

“**FENÔMENOS OBSESSIVOS.** As obsessões de ordem espiritual, na qual se expressam, em pugna lamentável, homens e Espíritos, têm curso, normalmente, demorado. Obedecendo, a gêneses que procedem de reencarnações anteriores, traduzem-se por ódios furibundos; amores apaixonados, em situações frustrantes; cobiças exacerbadas; desforços bem programados numa esteira de incidentes que se sucedem

sob chuvas de fé e azorragues de loucura. Em todos os casos, o encarnado possui os condicionamentos que propiciam o nefando intercâmbio que, muitas vezes, não se interrompe com a morte física. Porque a divina justiça se encontra insculpida na consciência da criatura, o delinquente ou réprobo proporciona os recursos predisponentes ou preponderantes para o conúbio devastador. Preferências iguais assinalam o perseguidor e o perseguido, porque do mesmo nível de evolução moral. Temperamentos fortes, em face das aquisições negativas a que se dedicaram, identidade de interesses mesquinhos, decorrentes da viciação a que se entregaram, facultam ligações de igualdade fluídica, entrelaçando os litigantes no mesmo halo de comunhão, ampliando-se a interdependência na razão direta em que o hospedeiro se entrega ao albergado psíquico, interdependência que sempre, quando não cuidada, termina na osmose parasitária aniquiladora. Desde que conhecidos e afins psiquicamente, o enfermo encarnado recusa a ajuda que lhe é oferecida, assimilando, prazerosamente, as induções que lhe chegam por via telepática e que incorpora aos hábitos aos quais se submete. [...] Não desejamos transferir para os Espíritos turbados ou maus as ocorrências desditosas na Terra, isentando os homens da responsabilidade que lhes cabe. Afirmamos que partilham os desencarnados, mais do que se pensa, dos sucessos e acontecimentos humanos negativos, por assimilação e vinculação, nos quais se comprazem os encarnados, que lhes oferecem os meios e a sintonia para que tenham lugar esses fatos reprováveis. É certo que, no sentido inverso, o intercâmbio com as Entidades evoluídas também se faz amiúde, num programa de amor e socorro ao ser humano, como expressão do divino auxílio. Como, todavia, as manifestações mais primárias predominam nas atividades terrestres a incidência obsessiva toma-se mais volumosa, até que a criatura se descubra como é, filha de Deus e resolva-se a atender ao chamado paterno, avançando na Sua direção pelas vias do amor.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Fenômenos obsessivos)

“Perspectivas novas. [...] Despedindo-se com amabilidade, deixou-nos a agradável expectativa do próximo encontro para o mister enfocado. Não podendo sopitar o júbilo espontâneo, comentei com o amigo Petitinga: — A experiência e o trato com os enfermos espirituais têm-me demonstrado que a interferência psíquica de umas criaturas sobre as outras, desencarnadas ou não, é responsável pela quase totalidade dos males que as afligem, dentro, naturalmente, das injunções cármicas de cada qual. A ação mental de um agente sobre outro indivíduo, se este não possui defesas e resistências específicas, termina por perturbar-lhe o campo perispiritual, abrindo brechas para a instalação de várias doenças ou a absorção de vibrações

negativas, gerando lamentáveis dependências. Aí estão as ocorrências dos prazeres sexuais, dos amores descontrolados, em que um dos parceiros mantém a vampirização da vitalidade emocional do outro ou ambos se exploram reciprocamente, tombando, em exaustão, no entanto permanecendo insatisfeitos... A emissão da onda mental invejosa, cobiçosa, inamistosa prende o emitente ao receptor, transformando-se em uma forma não menos cruel de obsessão. O agente não consegue desvincular-se da vítima e esta, aturdiada ou enferma, desequilibrada ou desvitalizada, não logra recompor a paisagem íntima nem a orgânica de bem-estar, alegria e saúde. Quantos desencarnados pululam vinculados uns aos outros em deplorável parasitose psíquica, a alongar-se por largos períodos de infelicidade! Quantos outros que, sofrendo as exigências mentais dos amores e desafetos terrenos que continuam direcionando seus pensamentos com altas cargas de tensões negativas sobre eles, incapazes de libertar-se, tornam-se-lhes vítimas inermes, padecendo atrocemente, sem conforto íntimo nem esperança, atormentados pelos apelos que recebem e não podem atender, bem como pelos ódios que os envenenam! Escritores e artistas que optaram pela obscenidade, pela violência, pelo açodar das paixões vis, tornam-se escravizados aos que se lhes sintonizam e gostam das suas obras, revivendo os clichês mentais que eles compuseram, na Terra, e ora tornam-se-lhes fonte de tormentos inimagináveis. Ainda consideremos a técnica dos Espíritos obsessores mais impiedosos, que se utilizam de intermediários para as suas cruéis reivindicações, controlando-os mentalmente e induzindo-os à agressão aos viajores carnavais, e teremos um elenco expressivo de obsessões que excedem o quadro tradicional da perturbação mais conhecida e trabalhada, que é a de um desencarnado sobre outro reencarnado. Certamente, outros aspectos existem, sutis, aguardando penetração, análise e terapia correspondente. Calando-me, por instantes, Petitinga concordou com a exposição e acrescentou: — Comparemos o homem a uma árvore. As suas raízes de sustentação e nutrição fincadas no solo são o seu passado espiritual; o tronco é a existência atual; os galhos e folhagens são as suas atitudes presentes; as flores e os frutos serão o seu futuro. Se as raízes permanecem em solo árido ou pantanoso, infértil ou pedregoso, a falta de vitalidade para manter a seiva termina por exterminar-lhe a vida, que se estiola vagarosamente, mesmo que o ar generoso e a chuva contribuam para a sua preservação. Somente por meio da correção da terra, da sua adubação, é que as energias vitais lhe correrão por toda a estrutura, levando-a ao vigor, à florescência e à frutificação. Em caso contrário, mesmo que consiga o desenvolvimento, este será incompleto, frágil, e a produção mirrada. Assim também somos nós, Espíritos em processo de

crescimento. O nosso passado moral torna-se-nos o terreno de sustentação das raízes e tudo dependerá das ações praticadas, que respondem pelas ocorrências em desdobramento. No exemplo da árvore, com a presença da erva parasita sugando-lhe a seiva, ou de insetos daninhos que a exploram, a morte por exaustão é inevitável. Do mesmo modo ocorre conosco: ao carregarmos parasitas psíquicos que nos debilitam, interferindo em nosso comportamento, tal qual acontece no reino vegetal, eles passam a ter controle e força sobre a sua vítima, que se exaure e consome. As raízes do invasor alcançam as sedes vitais do sustentáculo e, se são extirpadas com violência, logo advém a morte do receptor. A terapia dirigida ao paciente assemelha-se à providência junto à árvore explorada: retirar o parasita, sustentar o tronco e cuidar da seiva. Ao ser humano deve-se oferecer recurso, a fim de que os plugues de fixação (as raízes) se desloquem das tomadas por falta de imantação e, lentamente, o agente estranho e explorador, devidamente esclarecido (qual parasita vegetal da árvore, podado) seja retirado sem maiores prejuízos para o hospedeiro. [...]” (MPM, *Tri-lhas da libertação*, Perspectivas novas)

“OS DESAFIOS PROSSEGUEM. Utilizando-se do momento feliz, no qual o amor vencera o ódio, abriu espaço para futuras transformações no sofrido perseguidor, o venerável Dr. Bezerra dirigiu-nos a palavra jovial e elucidou nos: - Iniciado o labor para o qual aqui nos encontramos, cabe-nos dar prosseguimento aos compromissos relevantes da fraternidade, com imediato atendimento a outros corações aflitos, a alguns dos companheiros que se encontram reencarnados com tarefas definidas e não estão sabendo conduzir-se. “Neste grave momento de transição planetária, as hostes do Senhor estão atentas às ocorrências de todo porte que sucedem na seara dos trabalhadores da última hora, advertindo-os quanto às responsabilidades assumidas antes da reencarnação. Compreensivelmente, este é um período de turbulência, como ocorre em todos aqueles em que se manifestam as crises para as mudanças que objetivam o progresso moral e a evolução do pensamento espiritual, exigindo muita prudência e reflexão antes das ações. Não se deve atuar de maneira intempestiva, buscando-se sempre a figura incomparável de Jesus como modelo único, interrogando-se, quando a situação for vexatória: - Que faria o Mestre neste momento? Como agiria? “Ungir-se de humildade e de compreensão pelo outro, o seu próximo, proceder-se de maneira edificante, sem permitir-se que as paixões do ego, a presunção e o despotismo assumam o comando. É inadiável o dever de voltar-se à simplicidade e à humildade real, despir-se dos títulos enganosos do poder temporal, mesquinho e irrelevante, para dialogar, compreender, ajudar e encontrar o melhor caminho para seguir-se solidário e jamais solitário. Ao

mesmo tempo, conscientizar-se da própria fragilidade ante as circunstâncias tentadoras de todo porte, tanto aquelas que se referem à libido em suas variadas expressões, como aquelas outras que impulsionam ao domínio dos outros, à falsa superioridade, à aparente invulnerabilidade diante dos fenômenos atraentes e perturbadores. O passado está sempre em manipulação do presente, desse modo, é indispensável agir-se com equilíbrio hoje para que o futuro seja de renovação e de harmonia íntima. “Não poucos líderes do nosso movimento, na Terra, vêm esquecendo-se do comportamento saudável, de como Allan Kardec atendia os desafios que enfrentava durante a construção e divulgação do Espiritismo, as acusações de que foi vítima, as tentativas de desequilibrar-lhe a emoção, a falta de siso e de conduta edificante de inúmeros amigos que o traíam e o acusavam, mas, apesar de tudo, manteve-se sempre fiel ao ideal e à mensagem libertadora. “Os irmãos adversários, os denominados obsessores, agem contra o Bem e contra as pessoas, mediante as suas contribuições vibratórias, que lhes permitem a sincronização de ondas mentais, pelas quais intercambiamos as ideias, os pensamentos, os sentimentos. “Nunca será demais manter-se cada um em postura de simplicidade e receptividade, denodado e fiel ao trabalho que lhe cabe realizar, embainhando a língua na boca e impedindo-lhe a exteriorização dos conflitos que dão início aos choques e dissensões que se multiplicam férteis nos terrenos das Instituições. Nesse sentido, a vigilância para manter-se cauto e casto, no desempenho dos deveres junto aos que sofrem, aos problematizados, aos enfermos que buscam amparo e, muitas vezes, transformam-se em sedução perigosas pela facilidade e despudor que lhes facultam expor-se. Essa debilidade de caráter tem sido responsável por muitas deserções e por tormentosos efeitos desmoralizadores do ideal de fidelidade ao dever.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 4)

I.8. O remorso (culpa) pelos delitos outrora praticados favorecem a obsessão

“**SUICIDAS.** [...] **ANTOINE BELL.** [...] **5.** Na vossa última encarnação tínheis a consciência do mal praticado na penúltima? — R. Nos últimos anos somente, e eis como: — eu era bom por natureza, e, depois de submetido, como todos os homicidas, ao tormento da visão perseverante da vítima, que me perseguia qual vivo remorso, dela me descartei depois de muitos anos, pelo meu arrependimento e pelas minhas preces. Recomecei outra existência — a última — que atravesssei calmo e tímido. Tinha em mim como que vaga intuição da minha inata fraqueza, bem como da culpa anterior, cuja lembrança em estado latente

conservara. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que não era outro senão o pai da minha vítima, facilmente se apoderou de mim e fez reviver no meu coração, como em mágico espelho, as lembranças do passado. Alternadamente influenciado por ele e por meu guia, que me protegia, eu era o envenenador e ao mesmo tempo o pai de família angariando pelo trabalho o sustento dos filhos. Fascinado por esse demônio obsessivo, deixei-me arrastar para o suicídio. Sou muito culpado realmente, porém menos do que se deliberasse por mim mesmo. Os suicidas da minha categoria, incapazes por sua fraqueza de resistir aos obsessores, são menos culpados e menos punidos do que os que abandonam a vida por efeito exclusivo da própria vontade. Orai comigo para que o Espírito que tão fatalmente me obsidiou renuncie à sua vingança, e orai por mim para que adquira a energia, a força necessária para não ceder à prova do suicídio voluntário, prova a que serei submetido, dizem-me, na próxima encarnação. [...] 6. Como, apesar da prece e do arrependimento terem libertado esse Espírito da visão tormentosa da sua vítima, pôde ele ser atingido pela vingança de um obsessivo na última encarnação? — R. O arrependimento, bem o sabeis, é apenas *a preliminar indispensável à reabilitação*, mas não é o bastante para libertar o culpado de todas as penas. Deus não se contenta com promessas, sendo preciso a prova, por atos, do retorno ao bom caminho. Eis por que o Espírito é submetido a novas provações que o fortalecem, resultando-lhe um merecimento ainda maior quando delas sai triunfante. O Espírito só arrosta com a perseguição dos maus, dos obsessores, *enquanto estes o não encontram assaz forte para resistir-lhes*. Encontrando resistência, eles o abandonam, certos da inutilidade dos seus esforços. Estes dois últimos exemplos mostram-nos a renovação da mesma prova em sucessivas encarnações, e por tanto tempo quanto o da sua ineficácia. Antoine Bell patenteia-nos, enfim, o fato muito instrutivo do homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em anterior existência, qual um remorso e um aviso. Vemos ainda por aí que todas as existências são solidárias entre si; que a justiça e bondade divinas se ostentam na faculdade ao homem conferida de progredir gradualmente, sem jamais privá-lo do resgate das faltas; que o culpado é punido pela própria falta, sendo essa punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo V)

“Acercamo-nos de acolhedora poltrona, em que um cavalheiro de idade madura, dando mostras de evidente moléstia nervosa, permanecia ladeado por dois rapazes. Suor frio lhe banhava a fronte e extrema palidez, com traços de terror, lhe exteriorizava a lipotímia. Revelava-se torturado por visões pavorosas no campo íntimo, somente acessíveis a ele mesmo. Registrei-lhe

as perturbações cerebrais e vi, sob forte assombro, as várias formas ovóides, escuras e diferenciadas entre si, aderindo-lhe à organização perispirítica. Achava-me interessado em que o nosso instrutor se pronunciasse. Gúbio observava-o meticulosamente, decerto nos preparando valiosos ensinamentos. Transcorridos alguns instantes, falou-nos em voz sumida: – Vejamos a que calamidades fisiológicas podem os distúrbios da mente conduzir um homem. Temos sob nosso olhar um investigador da polícia em graves perturbações. Não soube deter o bastão da responsabilidade. Dele abusou para humilhar e ferir. Durante alguns anos, conseguiu manter o remorso a distância; todavia, cada pensamento de indignação das vítimas passou a circular-lhe na atmosfera psíquica, esperando ensejo de fazer-se sentir. Com a maneira cruel de proceder atraíu, não só a ira de muita gente, mas também a convivência constante de entidades de péssimo comportamento que mais lhe arruinaram o teor de vida mental. Chegando o tempo de meditar sobre os caminhos percorridos, na intimidade dos primeiros sintomas de senectude corporal, o remorso abriu-lhe grande brecha na fortaleza em que se entrincheirava. As forças acumuladas dos pensamentos destrutivos que provocou para si mesmo, através da conduta irrefletida a que se entregou levemente, libertadas de súbito pela aflição e pelo medo, quebraram-lhe a fantasiosa resistência orgânica, quais tempestades que se sucedem furiosas, esbarrondando a represa frágil com que se acredita conter o impulso crescente das águas. Sobrevindo a crise, energias desequilibradas da mente em desvario vergastaram-lhe os delicados órgãos do corpo físico. Os mais vulneráveis sofreram consequências terríveis. Não apenas o sistema nervoso padece tortura incrível: o fígado, traumatizado, inclina-se para a cirrose fatal. Sentindo-nos as interrogações silenciosas do olhar, quanto à solução possível naquele enigma doloroso, o orientador acentuou: – Este amigo, no fundo, está perseguido por si mesmo, atormentado pelo que fez e pelo que tem sido. Só a extrema modificação mental para o bem poderá conservá-lo no vaso físico; uma fé renovadora, com esforço de reforma persistente e digna da vida moral mais nobre, conferir-lhe-á diretrizes superiores, dotando-o de forças imprescindíveis à autorestauração. Permanece dominado pelos quadros malignos que improvisou em gabinetes isolados e escuros, pelo simples gosto de espancar infelizes, a pretexto de salvaguardar a harmonia social. A memória é um disco vivo e milagroso. Fotografa as imagens de nossas ações e recolhe o som de quanto falamos e ouvimos... Por intermédio dela, somos condenados ou absolvidos, dentro de nós mesmos.” (AL, *Libertação*, Capítulo 11)

“**Obsessão.** [...] – Mas, por que não há reação por parte da perseguida? – inquiri, perplexo. – Porque

Zulmira, a nossa amiga encarnada, caiu no mesmo padrão vibratório – aclarou o instrutor –. Ela também se devotou ao marido com egoísmo aviltante. Amaro sempre foi pai afetuosíssimo. O matrimônio anterior deixou-lhe um casal de filhinhos, mas o pequeno Júlio, formosa criança de oito anos, perdeu a existência no mar. A segunda mulher nunca suportou, sem mágoa, o carinho do genitor para com os órfãos de mãe. Revoltava-se, choramingava e doía-se constantemente, diante das menores manifestações de ternura paternal, entrelaçando-se, por isso mesmo, com as desvairadas energias da irresignada companheira de Amaro, arrebatada pela morte. Em suas preocupações doentias, Zulmira chegou a desejar a morte de uma das crianças. Pretendia possuir o coração do homem amado, com absoluto exclusivismo. E porque as atenções de Amaro se concentravam particularmente sobre o menino, muitas vezes emitiu silenciosamente o anseio de vê-lo afogar-se na praia em que se banhavam. Certa manhã, custodiando os enteados, separou Evelina do irmão, permitindo ao petiz mais ampla incursão nas águas. O objetivo foi atingido. Uma onda rápida surpreendeu o miúdo banhista, arrojando-o ao fundo. Incapaz de reequilibrar-se, Júlio voltou cadaverizado à superfície. O sofrimento familiar foi enorme. O ferroviário sentiu-se psiquicamente distanciado da segunda esposa, classificando-a como relaxada e cruel com os filhinhos. Zulmira, a seu turno, acabrunhada com o acontecimento e guardando consigo a responsabilidade indireta pelo desastre havido, caiu obsidiada ante a influência perniciosa da rival que a subjugava do plano invisível. Clarêncio fez ligeiro intervalo e continuou: – O sentimento de culpa é sempre um colapso da consciência e, através dele, sombrias forças se insinuam... Zulmira, pelo remorso destrutivo, tombou no mesmo nível emocional de Odila e ambas se digladiam num conflito de morte, inacessível aos olhos humanos comuns. É um caso em que a medicina terrestre não consegue interferência. Calara-se o Ministro. Qual se nos registrasse a presença por intuição, Odila movimentou-se e, agarrando-se à pobre senhora com mais força, gritou: – Ninguém a libertará! Sou infeliz mãe espoliada... Farei justiça por minhas próprias mãos... E contemplando a enferma com expressão terrível, acrescentava: – Assassina! Assassina!... Mataste meu filhinho! Morrerás também!... A doente abriu desmesuradamente os olhos. Extrema palidez cobriu-lhe a face. Não ouvia as palavras da adversária que lhe era invisível, mas, envolta na onda magnética que a enlaçava, sentia-se morrer.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 3)

“Depois de breve pausa, prosseguiu: – “Amaro experimentava imensa devoção afetiva pelo filhinho. Quando Júlio adoecia, desvelava-se à cabeceira do petiz com ilimitada ternura. Sabendo-o sem o carinho materno e reconhecendo que a madrastra não primava

pelo amor, junto dos enteados, passava a dormir ao lado do caçula, rodeando-o de mimos. Quando tornava a casa, cada dia, confiava-se a longas conversações com o filho, lendo-lhe histórias ou escutando-lhe, atencioso, as narrativas infantis. “Assemelhavam-se a dois velhos amigos, a se bastarem um ao outro. Zulmira, em razão disso, ralada de despeito, passou a ver no menino um adversário de sua felicidade doméstica. [...] Despreocupava-se intencionalmente pela assistência que lhe devia e abandonava-o às extravagâncias, características de sua idade, alimentando o secreto anseio de presenciar-lhe o fim. Chegava mesmo a estimular-lhe indébitas incursões na via pública, admitindo que algum veículo podia fazer o que não tinha coragem de realizar com as próprias mãos... Foi nessa disposição de espírito que acompanhou a família ao banho matinal, em clara manhã domingueira. Entregues ao contentamento da excursão, Amaro e a filhinha distanciaram-se, de algum modo, numa lancha pequena, enquanto Zulmira assumia a guarda do garoto. Foi então que o cérebro da moça deixou nascer escuras divagações. Não seria aquele o momento azado para consumir o velho propósito? E se relegasse o menino a si mesmo? Decerto, Júlio, em sua curiosidade infantil, não resistiria à atração para o seio das águas... Ninguém poderia culpá-la. “Passou do projeto à ação e de pronto se afastou. Em se vendo a sós, o caçula de Amaro interessou-se mais vivamente pelas conchas multicores a se multiplicarem na areia, perseguindo-as, encantado, pelo mar adentro, até que uma onda veloz lhe chicoteou o corpo tenro, obrigando-o a mergulhar. A criança gritou, pedindo-lhe amparo... Realmente, poderia ter retrocedido alguns passos, salvando-a, mas vencida pelos sinistros pensamentos que lhe dominavam a cabeça, esperou que o mar concluísse o horrível trabalho que não tivera coragem de executar. Quando notou que o enteado havia desaparecido, começou a clamar por socorro, de alma repentinamente dobrada pelo remorso, mas era tarde... Amaro correu, precipite, e, com o auxílio de companheiros, retirou para fora o corpinho inerte. Torturado, chorou amargosamente a perda do filhinho, recriminando a mulher. Foi então que Zulmira, dominada pelo arrependimento e atormentada pela noção de culpa, desceu, em espírito, ao padrão vibratório de Odila que a seguia, em silêncio, revoltada. Enquanto se mantinha com a paz de consciência, defendia-se naturalmente contra a perseguição invisível, como se morasse num castelo fortificado, mas, condenando a si mesma, resvalou em deplorável perturbação, à maneira de alguém que desertasse de uma casa iluminada, embrenhando-se numa floresta de sombra.” O Ministro fez leve pausa de repouso e prosseguiu: – A pobre senhora, desde esse dia, perdeu a ventura doméstica e a tranquilidade própria. Ela e o marido respiram agora sob o mesmo teto, qual se

fossem estranhos entre si. – Mas, à frente da Lei, Zulmira é culpada? – perguntei com interesse. O sábio mentor sorriu significativamente e considerou: – Não, no sentido real da Lei, Zulmira não é culpada. Entretanto, deitando-nos um olhar mais expressivo que de costume, continuou: – Todavia, quem de nós não é responsável pelas ideias que arroja de si mesmo? Nossas intenções são atenuantes ou agravantes das faltas que cometemos. Nossos desejos são forças mentais coagulantes, materializando-nos as ações que, no fundo, constituem o verdadeiro campo em que a nossa vida se movimenta. Os frutos falam pelas árvores que os produzem. Nossas obras, na esfera viva de nossa consciência, são a expressão gritante de nós mesmos. A forma de nosso pensamento dá feição ao nosso destino. Hilário e eu ouvíamos, enlevados, sem pestanejar. Clarêncio, no entanto, guardando a intuição clara do serviço imediato a fazer, para não se delongar em digressões filosóficas, retomou o fio central do assunto, esclarecendo: – Júlio trazia consigo a morte prematura no quadro de provas. Era um suicida reencarnado... A segunda esposa de Amaro, porém, sofre o resultado das infelizes deliberações que albergou no espírito. Padece o retorno das vibrações envenenadas que arremessou na direção do menino. Pelo ciúme, criou ao redor de si mesma um ambiente pestilencial, em que os seus próprios pensamentos malignos conseguiram prosperar, assim como um fruto apodrecido desenvolve em si mesmo os vermes que o devoram. Supondo-se responsável pela morte da criança, de vez que asilou o delituoso plano a que nos referimos, Zulmira abandonou-se ao mal que trazia consigo, imantando-se, ainda, ao mal de que a adversária é portadora, e tornou-se, por isso, enferma e dementada.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 4)

“Examinando a obsessão. [...] c) Perante obsidiados. Sempre que há obsessão convém analisar em profundidade a questão da perfeita sintonia que mantém o obsidiado com a entidade obsedante. Todo problema obsessivo procede sempre da necessidade de ambos os espíritos em luta aflitiva, vítima e algoz, criarem condições de superação das próprias inferioridades para mudar de clima psíquico, transferindo-se emocionalmente para outras faixas do pensamento. O obsessor não é somente o instrumento da justiça superior que dele se utiliza, mas também espírito profundamente enfermo e infeliz, carecente da terapêutica do amor e do esclarecimento para sublimação de si mesmo. O obsidiado, por sua vez, vinculado vigorosamente à retaguarda — assaltado, quase sempre, pelos fantasmas do remorso inconsciente ou do medo cristalizado, a se manifestarem como complexos de inferioridade e culpa - conduz o fardo das dívidas para necessário reajustamento, através do abençoado roteiro carnal. Quando jungido à expiação inadiável, por

acentuada rebeldia em muitos avatares, renasce sob o estigma da emoção torturada, apresentando desde o berço os traços profundos das ligações com os comensais que se lhe imantam em intercâmbio fluídico de consequências imprevisíveis. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Auto-obsessão. O impositivo do tempo sucedendo-se, inevitavelmente, venceu as resistências no lar dos Ferguson que, após a sucessão de dores, se adaptou às anteriores condições da sobrevivência. Em verdade, a família submeteu-se às contingências novas com esforço hercúleo, sopitando aspirações e transferindo programas. A felicidade transformou-se em resignação, e a alegria tornou-se morna tranquilidade superior, que ocultava ebulição facilmente perceptível, em ritmo que exterminaria as suas vítimas a qualquer nova sobrecarga. Gilberto empregou-se numa casa comercial, adquirindo total consciência de responsabilidade, embora mais acentuada lhe fosse a introspecção. Podia ser considerado um fogoso corcel em brida curta que a vontade férrea manietava. Já Lisandra descambava, lenta, porém, continuamente, para um doloroso processo de alienação auto-obsessiva. A conselho médico, fora privada de continuar os estudos, deixando-se arrastar pelo alheamento e pelas crises, que persistiam, periódicas, com maior vigor nos dias do fluxo catamênio, que, então, a depauperava. Nessas oportunidades, não armada de conhecimentos que a auxiliassem com as forças capazes de poder reagir ao deperecimento psíquico e físico, acalentava a autocompaixão, mais fixando o desequilíbrio nas tecelagens sensíveis do perispírito. No íntimo, rebelde, sentindo a ausência do genitor que a mimava e em quem encontrava estímulos oriundos da afetividade subjacente desde a existência passada, que ora reajustava mediante o programa expiatório atual, fugia psiquicamente à realidade, permitindo que os clichês impressos na mente subconsciente ressurgissem nebulosos, produzindo-lhe inquietação em alguns momentos e, noutros, profunda melancolia. Parecia recordar-se de prazeres nos quais fora personagem de relevo e revia-se, mentalmente, requestrada, numa sociedade ociosa em que sobressaía pela beleza e futilidade, pela posição a que se guindava e pela permissividade bem disfarçada, que usufruía. Nessa situação, a memória referta de sensações orgíacas divagava, e a jovem recolhia-se com avidez à penetração, cada vez mais ansiosa, da paisagem íntima que a agradava. Não cientificava dessas divagações a genitora, preocupada, semi-sucumbida pela demorada provação, zeloso anjo da guarda junto à sua enfermidade. Cria, talvez, que tudo fosse imaginação, desejo silenciado, não obstante, nas poucas reflexões cuidadas que se permitia, dava-se conta de que tais “sonhos”, em plena lucidez, estavam presentes em sua vida, desde até aonde chegavam suas recordações

da vida infantil. Sem meios de comunicação normais que lhe produzissem esses anseios e lampejos, mortificava-se, sem entender a ocorrência que a deleitava. Era esse o seu “mundo feliz”, conforme o imaginava, exceto quando, em face de qualquer problema que a excitasse, fugia, atendendo a poderoso mecanismo para ela incompreensível, para as “ausências”, nos desmaios em que sucumbia. Também lhe sucedia o vágado, quando a regressão da memória em devaneio defrontava os episódios macabros de que cria haver participado, naquele mundo mental, e que a censura automática dos centros da consciência se negava revelar com toda a força da sua realidade. Necessário esclarecer que o problema da auto-obsessão decorre da necessidade que o Espírito se impõe, no processo reencarnatório, de expungir crimes perpetrados e que não foram denunciados, nem também justificados a seu tempo. A culpa insculpida nos mecanismos do ser consciente, nos recessos da alma, é brasa viva a requeimar, até que se dilua pelo soerguimento do defraudador da justiça, quando se sinta recuperado e quite, desaparecendo, então, os agentes causadores do desequilíbrio. Após identificar os erros, sem os poder negacear ou iludir-se, quando em estado de erraticidade, o Espírito reencarna com a consciência do desacato às Leis Divinas, sabendo-se carente de reeducação. Permanecem-lhe semiapagadas as reminiscências que procura esquecer no mergulho carnal. No entanto, o arrependimento como o remorso de que padeceram no além-túmulo ressuscitam-nos, dando-lhes mais vigor e infundindo receios profundos, graças à lucidez adquirida quanto à responsabilidade dos mesmos delitos que ora devem resgatar... Durante a reencarnação em que se apagam, normalmente, as lembranças transatas, aquelas de naturezas criminosas desatrelam-se de permeio com as construções mentais do cotidiano, gerando perturbações, receios aparentemente infundados para o observador comum, aumentando a pouco e pouco sua liberação quase total, reincorporando-se à personalidade, agora em forma de pensamentos atuais, tumultuados, desconexos. O paciente, incurso em tal processo, se concentra no obscuro poço das recordações que se acentuam e tomba em alucinações, delírios, porque são invadidos os centros da consciência pelas fortes impressões desagradáveis, trágicas, de que se desejava libertar. Desaparecem os contornos das aquisições do momento, enquanto resumam as experiências arquivadas, que passam a governar em desalinho as reações da emotividade do “eu” consciente, produzindo a alienação.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

“A pugna que se travava além dos olhos físicos fazia-se constrangedora. O Espírito, que fora expulso violentamente do corpo, não se desligara da matriz uterina, influenciando com a mente vigorosa e

revoltada o organismo que se negara a sustentá-lo. Utilizando-se do motivo, sentia-se injustamente repudiado, não obstante as reiteradas súplicas que fizera à futura mãe, na ânsia de progredir através das engrenagens do corpo físico. Assenhoreando-se, lentamente, da criminoso, pela incidência telepática, foi-se-lhe desenhando na tela mental, por cujo comportamento, ao longo dos meses, conseguiu desarticular-lhe o equilíbrio da razão. Nesse particular, a consciência culpada foi rompendo a couraça da falsa justificativa para o crime hediondo, gerando os pródromos do arrependimento, que se transformaria no fio mágico para o intercâmbio mental. Atada ao Espírito de quem se desejara libertar, nos parciais desprendimentos pelo sono, Julinda passou a defrontá-lo em metamorfoses dolorosas e apavorantes. Via-o deformado, agressivo, subitamente diluindo-se, como se acionado por estranho mecanismo oculto se desagregasse desaparecendo em pó, para logo ressurgir na aparência fetal, despedaçando-se e rebolando-se em sangue. As cenas vivas passaram a afligi-la cruelmente, impossibilitando-lhe o necessário repouso. Nesses momentos agônicos, despertava assustada, vencida por suores álgidos e angustiada. O esposo desdobrava-se em cuidados, sem conseguir identificar a causa dos pesadelos que se agravavam ameaçando o equilíbrio mental da companheira. Caracterizada a síndrome obsessiva, estabelecida a ligação entre os dois litigantes, a paciente foi mergulhando no ensimesmamento, em cuja intimidade psíquica a luta fazia-se mais obstinada. O desenfreado desejo de vingança do então adversário obrigava-o a permanecer ao lado de quem lhe deveria ser devotada mãe, enclausurando-a nas teias dos propósitos inconfessáveis de que ora se encontrava dominado, para levá-la ao suicídio por qualquer processo que lhe estivesse ao alcance.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 4)

“Na raiz de todas as enfermidades que sitiam o homem, encontramos no desequilíbrio dele próprio a sua causa preponderante. [...] Problemas de graves mutilações e deficiências, enfermidades irreversíveis surgem como efeitos da culpa guardada no campo da consciência, em forma de arrependimentos tardios pelas ações nefastas antes praticadas. Neste capítulo, o das culpas, origina-se o fator causal para a injunção obsessiva. Daí, porque, só existem obsidiados, porque há dívidas a resgatar. A obsessão resulta de um conúbio por afinidade de ambos os parceiros. O reflexo de uma ação gera outro reflexo equivalente. Toda vez que uma atitude agride, recebe uma resposta de violência, tanto quanto, se o endividado se apresenta forrado de sadias intenções para o ressarcimento do débito, encontra benevolência e compreensão para recuperar-se. A culpa, consciente ou inconscientemente instalada no domicílio mental, emite ondas que sintonizam com

Inteligências doentias, habilitando-se a intercâmbios mórbidos. No caso específico das obsessões entre encarnados e desencarnados, estes últimos, identificando a irradiação enfermeira do devedor, porque são também infelizes, iniciam o cerco ao adversário pretérito, através de imagens, mediante as quais fazem-se notados, não necessitando de palavras para serem percebidos, insinuando-se com insistência até estabelecerem o intercâmbio que passam a comandar...” (MPM, *Painéis da obsessão*, Painéis da obsessão)

1.9. Mecanismo da obsessão: atuação na mente e no cérebro – Ação hipnótica

“Mal terminava Calderaro as elucidações, quando um dos verdugos desencarnados se moveu e tocou com a destra o cérebro do doentinho, recomendando-me o Assistente examinasse os efeitos desse contato. Extrema palidez e enorme angústia transpareceram no semblante do paralítico. Notei que a infeliz entidade emitia, através das mãos, estrias negras de substância semelhante ao piche, as quais atingiam o encéfalo do pequenino, acentuando-lhe as impressões de pavor. Dirigi ao Assistente um olhar interrogativo, e Calderaro informou: – Se o amor emite raios de luz, o ódio arremessa estiletos de treva. Nos lobos frontais recebemos os estímulos do futuro, no córtex abrigamos as sugestões do presente, e no sistema nervoso, propriamente dito, arquivamos as lembranças do passado. Nosso pobre amigo está sendo bombardeado por energias destrutivas do ódio na região de serviços do presente, isto é, em suas capacidades de crescimento, de realização e de trabalho nos dias que correm. Tal situação, derivante da culpa, compele-o a descer mentalmente para a zona de reminiscências do passado, onde o seu comportamento é inferior, ralando pela semi-inconsciência dos estados evolucionários primitivos. Esmagadora maioria dos fenômenos de alienação psíquica procedem da mente desequilibrada. Repara o cosmo orgânico. O doentinho, da aflição em que se mergulhara, passou às contorções, evidenciando todos os característicos da idiotia clássica. Os órgãos revelavam agora estranhos deslocamentos. O sistema endócrino patenteava indefiníveis perturbações. Compadecido, inclinou-se o instrutor sobre o doente, e esclareceu: – Os raios destrutivos alcançam-lhe a zona motora, provocando a paralisação dos centros da fala, dos movimentos, da audição, da visão e do governo de todos os departamentos glandulares. Na verdade, essa dolorosa situação cronicificou-se, pela repetição desta ocorrência milhares de vezes, em quase duas centenas de anos. Fez intervalo significativo e tornou: – Examina a conduta do enfermo. Fixando a mente na extrema região dos impulsos automáticos, seu padrão

de comportamento é efetivamente sub-humano. Volta a viver estados primários, dos quais a individualidade já emergiu há muitos séculos. Em outros casos menos graves, a medicina atual vem utilizando a terapêutica do choque, à maneira do experimentador que investiga nas sombras, examinando efeitos e ignorando as causas. [...] Silenciou Calderaro por alguns instantes e, em seguida, indicou o pequeno, acentuando: – Neste caso, porém, o choque aplicado pela ciência dos homens não surtiria vantagem alguma. Estamos perante o eclipse total da mente, pela total ausência da Lei com que se conduziu o interessado no socorro. A retificação, aqui, reclama tempo. As águas pantanosas do mal, longamente represadas no coração, não se escoam facilmente. O plano mental de cada um de nós não é vaso de conteúdo imaginário: é repositório de forças vivas, qual o veículo físico de manifestação, que nos é próprio, enquanto peregrinamos na Crosta Planetária. – Não estamos, porém, cientificamente falando – indaguei –, diante de um caso típico de mongolismo? O Assistente respondeu sem se embarçar: – Acompanhamos um fenômeno de desequilíbrio espiritual absoluto. Em situações raríssimas, teremos perturbações dessa natureza com causas substancialmente fisiológicas. Impossível é desconhecer, na esfera carnal, o paralelismo psicofísico. Quem vive na Crosta Terrestre terá sempre a defrontar com a forma perecível, em primeiro lugar. Daí, não poderemos excluir da patologia da alma o envoltório denso, nem menosprezar a colaboração dos fisiologistas abnegados, que atentos se dedicam às investigações da fauna microscópica, do reajustamento das formas, do quadro dos efeitos. Não nos esqueçamos, contudo, que analisamos agora o domínio das causas...” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“A manhã resplandecia, lá fora, e o sol visitava o quarto, através da vidraça cristalina. Mulher ainda moça, mostrando extrema palidez nas linhas nobres do semblante digno, entregava-se a tormentosa meditação. Compreendi que atingíramos a intimidade de Margarida, a obsidiada que o nosso orientador se propunha socorrer. Dois desencarnados, de horrível aspecto fisionômico, inclinavam-se, confiantes e dominadores, sobre o busto da enferma, submetendo-a a complicada operação magnética. Essa particularidade do quadro ambiente dava para espantar. No entanto, meu assombro foi muito mais longe, quando concentrei todo o meu potencial de atenção na cabeça da jovem singularmente abatida. Interpenetrando a matéria espessa da cabeceira em que descansava, surgiam algumas dezenas de “corpos ovoides”, de vários tamanhos e de cor plúmbea, assemelhando-se a grandes sementes vivas, atadas ao cérebro da paciente através de fios sutilíssimos, cuidadosamente dispostos na medula alongada. A obra dos perseguidores desencarnados era meticulosa, cruel. Margarida, pelo

corpo perispirítico, jazia absolutamente presa, não só aos truculentos perturbadores que a assediavam, mas também à vasta falange de entidades inconscientes, que se caracterizavam pelo veículo mental, a se lhe apropriarem das forças, vampirizando-a em processo intensivo. Em verdade, já observara, por mim, grande quantidade de casos violentos de obsessão, mas sempre dirigidos por paixões fulminatórias. Entretanto, ali verificava o cerco tecnicamente organizado. Evidentemente, as “formas ovóides” haviam sido trazidas pelos hipnotizadores que senhoreavam o quadro. Com a devida permissão, analisei a zona física hostilizada. Reparei que todos os centros metabólicos da doente apareciam controlados. A própria pressão sanguínea demorava-se sob o comando dos perseguidores. A região torácica apresentava apreciáveis feridas na pele e, examinando-as, cuidadoso, vi que a enferma inalava substâncias escuras que não somente lhe pesavam nos pulmões, mas se refletiam, sobremodo, nas células e fibras conjuntivas, formando ulcerações na epiderme. A vampirização era incessante. As energias usuais do corpo pareciam transportadas às “formas ovóides”, que se alimentavam delas, automaticamente, num movimento indefinível de sucção. Lastimei a impossibilidade de consulta imediata ao instrutor, porquanto Gúbio, naturalmente, se estivesse livre, nos forneceria esclarecimentos amplos, mas concluí que a infeliz senhora devia ter sido colhida através do sistema nervoso central, de vez que os propósitos sinistros dos perseguidores se faziam patentes quanto à vagarosa destruição das fibras e células nervosas. Margarida demonstrava-se exausta e amargurada. Dominadas as vias do equilíbrio no cerebelo e envolvidos os nervos óticos pela influência dos hipnotizadores, seus olhos espantados davam ideia dos fenômenos alucinatórios que lhe acometiam a mente, deixando perceber o baixo teor das visões e audições interiores a que se via submetida.” (AL, *Libertação*, Capítulo 9)

“De retorno à casa, com indisfarçável estranheza reparei que o nosso instrutor não empreendia qualquer ataque em defesa da doente querida. A jovem senhora, novamente metida no leito, semi-aniquilada, punha os olhos no ar vazio, absorvida de indefinível pavor. Um dos insensíveis magnetizadores presentes, à insinuação de Saldanha, começou a aplicar energias perturbadoras, ao longo dos olhos, torturando as fibras de sustentação. Não somente o cristalino, em ambos os órgãos visuais, denunciava fenômenos alucinatórios, mas também as artérias oculares se revelavam sob fortes modificações. Percebi a facilidade com que os seres perversos das sombras hipnotizam as suas vítimas, impondo-lhes os tormentos psíquicos que desejam. Grossas lágrimas banhavam o rosto da enferma, traduzindo-lhe as agitações interiores. Dilacerada, a mente aflita e sofredora tiranizava o coração

que batia, precipite, imprimindo graves alterações em todo o cosmos orgânico. Das complicadas operações sobre os olhos, o magnetizador passou a interessar-se pelas vias do equilíbrio e pelas células auditivas, carregando-as de substância escura, qual se estivesse doando combustível a um motor. Margarida, ainda que o desejasse, agora não conseguiria erguer-se. Compacta emissão de fluidos tóxicos misturava-se à linfa dos canais semicirculares. Terminada a esquisita intervenção, Saldanha dispensou os terríveis colaboradores, à exceção da dupla que se incumbia do hipnotismo, alegando que havia serviço em outra parte da cidade. Outros casos aguardavam a legião de Gregório e Margarida, no parecer do chefe de tortura, já recebera suficiente material de prostração para trinta horas consecutivas. Pouco a pouco, esvaziou-se a casa, semelhante agora a desprezada colmeia de maribondos vorazes. Contudo, aí permaneciam Saldanha, os dois magnetizadores, nós três e a coleção de mentes, em “formas ovóides”, ligadas ao cérebro da senhora flagelada.” (AL, *Libertação*, Capítulo 10)

“Abeiramo-nos de um divã, em que respeitável senhora se sentava ao lado de jovem clorótica, parecendo-me avó e neta. Dois Espíritos de aspecto sinistro rodeavam a menina, qual se devesse estar custodiada por guardas tirânicos. A matrona, aflitivamente, aguardava o instante da consulta. A jovem, que proferia disparates, não falava por si. Fios tênues de energia magnética ligavam-lhe o cérebro à cabeça do irmão infeliz que se lhe mantinha à esquerda. Achava-se absolutamente controlada pelos pensamentos dele, à maneira de magnetizado e magnetizador. A doente ria sem propósito e conversava a esmo, reportando-se a projetos de vingança, com todas as características de idiotia e inconsciência.” (AL, *Libertação*, Capítulo 11)

“O orientador, agora liberto de cuidados, esclareceu, prestimoso: – André, há obsessores marcadamente endurecidos de coração que se petrificam quando sob a influência de perseguidores ainda mais fortes e mais perversos que eles mesmos. Inteligências temíveis das trevas absorvem certos centros perispiríticos de determinadas entidades que se revelam pervertidas e ingratas ao bem e utilizam-nas como instrumentalidade na extensão do mal que elegeram por sementeira na vida. Gaspar encontra-se nessa situação. Hipnotizado por senhores da desordem, anestesiado pelos raios entorpecentes, perdeu transitoriamente a capacidade de ver, ouvir e sentir com elevação. Demora-se em aflitivo pesadelo, à maneira do homem comum, dentro do qual a dilaceração de Margarida se lhe torna a ideia fixa, obcecante. – Mas não poderá reintegrar-se na posse dos sentidos naturais? – inquiri, sob forte impressão. – Perfeitamente. O magnetismo é uma força universal que assume a direção que lhe ditarmos. Passes contrários à ação paralisante restitui-lo-ão à normalidade. Tal

operação, contudo, exige momento adequado. Há necessidade, no feito, de recursos regeneradores intensivos, suscetíveis de serem encontrados junto a serviços de grupo, em que a colaboração de muitos se entrosa a favor de um só, quando necessário.” (AL, *Libertação*, Capítulo 15)

“– Indiscutivelmente, a exposição é perfeita. Cada qual de nós vive e respira nos reflexos mentais de si mesmo, angariando as influências felizes ou infelizes que nos mantêm na situação que buscamos... Os Céus ou as Esferas Superiores são constituídos pelos reflexos dos Espíritos santificados e o inferno... – É o reflexo de nós mesmos – completou Leonel com uma gargalhada. Creio que, em me assinalando o interesse no aprendizado em curso, o Assistente pediu ao irmão de Clarindo alguma demonstração prática do que afirmara teoricamente para nosso estudo, ao que ele assentiu com prazer, informando: – O avaro sob nossa vista guarda o propósito de comprar ou extorquir determinada gleba vizinha, a qualquer preço, mesmo em se tratando de transação criminosa, para valorizar as aguadas da propriedade que nos pertence. Tratando-se de assunto no tema essencial da existência dele, que é a cobiça, facilmente recolherá as imagens que eu lhe deseje transmitir, utilizando-me da própria onda mental em que as suas ideias habitualmente se exprimem... E, passando das palavras para a ação, colocou a destra sobre a fronte de Luís, mantendo-se na profunda atenção do hipnotizador governando a presa. Vimos o pobre amigo, desligado do corpo físico, arregalar os olhos com a volúpia do faminto que contempla um prato saboroso, a distância, e exibir uma carantonha de maldade satisfeita, falando a sós: – Agora! Agora! As terras serão minhas! Muito minhas! Ninguém concorrerá com meus preços! Ninguém!... Logo após, afastou-se, lépido, com a expressão indefinível de um louco. Acompanhamo-lo até à saída e, da extensa varanda, podíamos vê-lo, avançando, à pressa, desaparecendo, por fim, no grande maciço de arvoredo próximo, na direção de fazendola fronteira. – Viram? – exclamou Leonel, contente – transmiti-lhe ao campo mental um quadro fantástico, através do qual as terras do vizinho estariam em leilão, caindo-lhe, enfim, nas unhas. Bastou que eu mentalizasse uma tela nesse sentido, arquitetando o sítio à venda, para que ele a tomasse por realidade indiscutível, porquanto, em se tratando de nosso reflexo fundamental, somos induzidos a crer naquilo que desejamos aconteça... Tão logo termine o fluxo controlado de minha influência hipnótica, retomará o corpo carnal, lambendo os beijos, na certeza de haver sonhado com a falência da granja sobre a qual pretende um título de posse. Silas, com manifesta intenção, ajuntou, sereno: – Ah! Sim! ... Estamos diante de um processo de transmissão de imagens, até certo ponto análogo aos princípios dominantes na televisão,

no reino da eletrônica, atualmente em voga no plano terrestre. Sabemos que cada um de nós é um fulcro gerador de vida, com qualidades específicas de emissão e recepção. O campo mental do hipnotizador, que cria no mundo da própria imaginação as formas-pensamentos que deseja exteriorizar, é algo semelhante à câmara de imagem do transmissor comum, tanto quanto esse dispositivo é idêntico, em seus valores, à câmara escura da máquina fotográfica. Plasmando a imagem da qual se propõe extrair o melhor efeito, arroja-a sobre o campo mental do hipnotizado que, então, procede à guisa do mosaico em televisão ou à maneira da película sensível do serviço fotográfico. Não ignoramos que na transmissão de imagens, a distância, o mosaico, recolhendo os quadros que a câmara está explorando, age como um espelho sensibilizado, convertendo os traços luminosos em impulsos elétricos e arremessando-os sobre o aparelho de recepção que os recebe, através de antenas especiais, reconstituindo com eles as imagens pelos chamados sinais de vídeo, e recompondo, dessa forma, as cenas televisadas na face do receptor comum. No problema em estudo, você, Leonel, criou os quadros que se propôs transmitir ao pensamento de Luís, e, usando as forças positivas da vontade, coloriu-os com os seus recursos de concentração na sua própria mente, que funcionou como câmara de imagem. Aproveitando a energia mental, muito mais poderosa que a força eletrônica, projetou-os, como legítimo hipnotizador, sobre o campo mental de Luís, que funcionou qual mosaico, transformando as impressões recebidas em impulsos magnéticos, a reconstituírem as formas-pensamentos plasmadas por você nos centros cerebrais, por intermédio dos nervos que desempenham o papel de antenas específicas, a lhes fixarem as particularidades na esfera dos sentidos, num perfeito jogo alucinatório, em que o som e a imagem se entrosam harmoniosamente, como acontece na televisão, em que a imagem e o som se associam com o apoio eficiente de aparelhos conjugados, apresentando no receptor uma sequência de quadros que poderíamos considerar como sendo “miragens técnicas”. Os vingadores, tanto quanto eu mesmo, registraram o esclarecimento, sumamente surpreendidos. O Assistente, psicólogo, valera-se de argumentação à altura da que assinaláramos na boca de Leonel, certamente para cientificá-lo de que ele também, Silas, conhecia os processos da obsessão em suas minudências.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 8)

“Daí a minutos, acompanhando-o, penetrei vasto hospital, detendo-nos diante do leito de certo enfermo, que o Assistente deveria socorrer. Abatido e pálido, mantinha-se ele unido a deplorável entidade de nosso plano, em míseras condições de inferioridade e de sofrimento. O doente, embora quase imóvel, acusava forte tensão de nervos, sem perceber, com os olhos

físicos, a presença do companheiro de sinistro aspecto. Pareciam visceralmente jungidos um ao outro, tal a abundância de fios tenuíssimos que mutuamente os entrelaçavam, desde o tórax à cabeça, pelo que se me afiguravam dois prisioneiros de uma rede fluídica. Pensamentos de um deles com certeza viveriam no cérebro do outro. Comoções e sentimentos seriam permutados entre ambos com matemática precisão. Espiritualmente, estariam, de contínuo, perfeitamente identificados entre si. Observava-lhes, admirado, o fluxo de comuns vibrações mentais. Dispunha-me a comentar o fenómeno, quando Calderaro, percebendo-me a intenção, se adiantou, recomendando: – Examina o cérebro de nosso irmão encarnado. Concentrei-me na contemplação do delicado aparelho, centralizando toda a minha capacidade visual, de modo a analisá-lo interiormente. O envoltório craniano, ante meus poderes visuais intensificados, não apresentava resistência. Como reparara de outras vezes, ali estava o complicado departamento da produção mental, semelhando-se a laboratório dos mais complexos e menos acessíveis. As circunvoluções separadas entre si, reunidas em lobos, igualmente distanciados uns dos outros pelas cissuras, davam-me a ideia de um aparelho elétrico, quase indevassado pelos homens. Comparando os dois hemisférios, recordei as designações da terminologia clássica e demorei-me longos minutos reparando as especiais disposições dos nervos e as características da substância cinzenta. A voz do meu orientador quebrou o silêncio, exclamando inopinadamente: – Observa a sinalização. Assombrado, notei, pela primeira vez, que as irradiações emitidas pelo cérebro continham diferenças essenciais. Cada centro motor assinalava-se com peculiaridades diversas, através das forças radiantes. Descobri, surpreso, que toda a província cerebral, pelos sinais luminosos, se dividia em três regiões distintas. Nos lobos frontais, as zonas de associação eram quase brilhantes. Do córtex motor, até a extremidade da medula espinhal, a claridade diminuía, para tomar-se ainda mais fraca nos gânglios basais. Já despendia alguns minutos na contemplação das células nervosas, quando o Assistente me aconselhou: – Examinaste o cérebro do companheiro que ainda se prende ao veículo denso; observa, agora, o mesmo órgão no amigo desencarnado que o influencia de modo direto. A entidade, que não se dava conta de nossa presença, em virtude do círculo de vibrações grosseiras em que se mantinha, fixava toda a atenção no doente, lembrando a sagacidade de um felino vigiando a presa. Observei-lhe estranha ferida na região torácica e dispunha-me a investigar-lhe a causa, sondando os pulmões, quando Calderaro me corrigiu sem afetação: – Trataremos da chaga no trabalho de assistência. Concentra as possibilidades da visão no cérebro. Decorridos alguns momentos, concluí que, à parte a configuração das peças

e o ritmo vibratório, tinha sob os olhos dois cérebros quase idênticos. Diferia o campo mental do desencarnado, revelando alguma superioridade no terreno da substância, que, no corpo perispiritual, era mais leve e menos obscura. Tive a impressão de que, se lavássemos, por dentro, o cérebro do amigo estirado no leito, escoimando-o de certos corpúsculos mais pesados, seria ele quase igual, em essência, ao da entidade que eu mantinha sob exame. As divisões luminosas, porém, eram em tudo análogas. Mais luz nos lobos frontais, menos luz no córtex motor e quase nenhuma na medula espinhal, onde as irradiações se faziam difusas e opacas. [...] Percebendo a atenção com que lhe seguia os preciosos esclarecimentos, Calderaro sorriu significativamente e perguntou: – Compreendeste? Indicando os dois sofresores, ao nosso lado, prosseguiu: – Examinamos aqui dois enfermos: um, na carne; outro, fora dela. Ambos trazem o cérebro intoxicado, sintonizando-se absolutamente um com o outro. Espiritualmente, rolaram do terceiro andar, onde situamos as concepções superiores e, entregando-se ao relaxamento da vontade, deixaram de acolher-se no segundo andar, sede do esforço próprio, perdendo valiosa oportunidade de reerguer-se; caíram, destarte, na esfera dos impulsos instintivos, onde se arquivam todas as experiências da animalidade anterior. Ambos detestam a vida, odeiam-se reciprocamente, desesperam-se, asilam ideias de tormento, de aflição, de vingança. Em suma, estão loucos, embora o mundo lhes não vislumbre o supremo desequilíbrio, que se verifica no íntimo da organização perispiritual.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 3)

“VAMPIRISMO ESPIRITUAL. [...] “Infecções fluídicas”. Muitos acometem os adversários que ainda se entrosam no corpo terrestre, empolgando-lhes a imaginação com formas mentais monstruosas, operando perturbações que podemos classificar como “infecções fluídicas” e que determinam o colapso cerebral com arrasadora loucura. E ainda muitos outros, imobilizados nas paixões egoísticas desse ou daquele teor, descansam em pesado monoideísmo, ao pé dos encarnados, de cuja presença não se sentem capazes de afastar-se. Alguns, como os ectoparasitas temporários, procedem à semelhança dos mosquitos e dos ácaros, absorvendo as emanções vitais dos encarnados que com eles se harmonizam, aqui e ali; mas outros muitos, quais endoparasitas conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados ao quimismo do espírito, e que podemos nomear como simpatinas e aglutininas mentais, produtos esses que, sub-repticiamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos a verterem, contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo. Estabelecida essa operação de ajuste, que os desencarnados

e encarnados comprometidos em aviltamento mútuo realizam em franco automatismo, à maneira dos animais em absoluto primitivismo nas linhas da Natureza, os verdugos comumente senhoreiam os neurônios do hipotálamo, acentuando a própria dominação sobre o feixe amielínico que o liga ao córtex frontal, controlando as estações sensíveis do centro coronário que aí se fixam para o governo das excitações, e produzem nas suas vítimas, quando contrariados em seus desígnios, inibições de funções viscerais diversas, mediante influência mecânica sobre o simpático e o parassimpático. Tais manobras, em processos intrincados de vampirismo, prestigiam o regime de medo ou de guerra nervosa nas criaturas de que se vingam, alterando-lhes a tela psíquica ou impondo prejuízos constantes aos tecidos somáticos.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 15)

“FENÔMENO HIPNÓTICO INDISCRIMINADO. Hipnotismo vulgar. No exame dos sucessos devidos ao reflexo condicionado, é importante nos detenharmos, por alguns instantes, no hipnotismo vulgar. Há quem diga que o ato de hipnotizar se filia à ciência de atuar sobre o espírito alheio e, para que a impressão provocada nesse sentido se faça duradoura e profunda, é imperioso se não desenvolva maior intimidade entre o magnetizador e a pessoa que lhe serve de instrumento, porquanto a faculdade de hipnotizar, para persistir em alguém, reclama dos outros obediência e respeito. Reparemos o fenômeno hipnótico em sua feição mais simples, a evidenciar-se, muita vez, em espetáculos públicos menos edificantes. O operador pede silêncio e, para observar quais as pessoas mais suscetíveis de receber-lhe a influência, roga que todos os presentes fixem determinado objeto ou local, proibindo perturbação e gracejo. Anotamos aqui a operação inicial do “circuito fechado”. Exteriorizando-se em mais rigoroso regime de ação e reação sobre si mesma, a corrente mental dos assistentes capazes de entrar em sintonia com o toque de indução do hipnotizador passa a absorver-lhe os agentes mentais, predispondo-se a executar-lhe as ordens. Semelhantes pessoas não precisarão estar absolutamente coladas à região espacial em que se encontra a vontade que as magnetiza. Podem estar até mesmo muito distanciadas, sofrendo-lhe a influência através do rádio, de gravações e da televisão. Desde que se rendam, profundamente, à sugestão inicial recebida, começam a emitir certo tipo de onda mental com todas as potencialidades criadoras da ideação comum, e ficam habilitadas a plasmar as formas-pensamentos que lhes sejam sugeridas, formas essas que, estruturadas pelos movimentos de ação dos princípios mentais exteriorizados, reagem sobre elas próprias, determinando os efeitos ou alucinações que lhes imprima a vontade a que se submetem. Temos aí a perfeita conjugação de forças

ondulatórias. **Graus de passividade.** Induzidos pelo impacto de comando do hipnotizador, os hipnotizados produzem oscilações mentais com frequência peculiar a cada um, oscilações essas que, partindo deles, entram automaticamente em relação com a onda de forças positivas do magnetizador, voltando a eles próprios com a sugestão que lhes é desfechada, estabelecendo para si mesmos o campo alucinatório em que lhe responderão aos apelos. Cada instrumento, nesse passo, após demonstrar obediência característica, revelar-se-á em determinado grau de passividade. A maioria estará em posição de hipnose vulgar, alguns cairão em letargia e alguns raros em catalepsia ou sonambulismo. Nos dois primeiros casos (isto é, na hipnose e na letargia), as pessoas apassivadas, à frente do magnetizador, terão libertado, em condições anômalas, certa classe de aglutininas mentais que facultam o sono comum, obscurecendo os núcleos de controle do Espírito, nos diversos departamentos cerebrais. Além disso, correlacionam-se com a onda-motor da vontade a que se sujeitam, substancializando, na conduta que lhes é imposta, os quadros que se lhes apresentem. Nos dois segundos (na catalepsia e no sonambulismo provocado), as oscilações mentais dos hipnotizados, a reagirem sobre eles mesmos, determinam o desprendimento parcial ou total do perispírito ou psicossoma, que, não obstante mais ou menos liberto das células físicas, se mantém sob o domínio direto do magnetizador, atendendo-lhe as ordenações. **Ideia-tipo e reflexos individuais.** Na hipnose ou na letargia, os passivos controlados executam habitualmente cenas que provocam admiração pela jogralidade com que se manifestam. O hipnotizador dará, por exemplo, a dez passivos, em ação, a ideia de frio, asseverando que a atmosfera se tornou subitamente gélida. Expedirão todos eles, para logo, ondas mentais características, associando as imagens que sejam capazes de formular. Semelhantes vibrações encontram na onda mental do hipnotizador o agente excitante que lhes alimenta o fluxo crescente na direção do objetivo determinado. No decurso de instantes, essas vibrações terão reagido muitas vezes sobre os cérebros que as geram e entretecem, inclinando-os a agir como se realmente estivessem em pleno inverno. Cada um, entretanto, procederá no vaivém das oscilações de maneira diversa. Aqui, um deles abotoará fortemente o casaco; ali, outro se encolherá, vergando a cabeça para a frente; acolá, outro fará gestos de quem toma agasalhos, utilizando objetos em desacordo com os que imagina, e, além, ainda outros tremerão, impacientes, como que desamparados à ventania de um temporal. O toque excitante do hipnotizador lançou uma ideia-tipo; contudo, as mentes por ele impressionadas responderam em sintonia, mas segundo os reflexos peculiares a si mesmas. **Aula de violino.** Na mesma ordem de

fenômenos, o hipnotizador sugerirá aos mesmos passivos, em sono provocado, que se encontram numa aula de música e que lhes cabe o dever de ensaiarem ao violino. A mente de cada um despedirá ondas de acordo com a ordem recebida, criando a forma-pensamento respectiva. Em poucos segundos, sob o controle do magnetizador, tê-la-ão plasmado com tanto realismo quanto lhes seja possível. Os mais achegados ao culto do referido instrumento assumirão atitude consentânea com o estudo mentalizado, conjugando movimentos harmoniosos, com a dignidade de um concertista, enquanto os adventícios da música exibirão gestos grotescos, manobrando a forma-pensamento mencionada quais se fossem crianças injuriando a arte musical. Em todos os estados anômalos a que nos referimos, os sujetos governados demonstrarão certo grau de passividade. Da hipnose semiconsciente ao sonambulismo profundo, numerosas posições se evidenciam. **Hipnose e telementação.** Em determinados estágios da ocorrência hipnótica, verifica-se o desprendimento parcial da personalidade, com o deslocamento de centros sensoriais. Ainda aí, porém, o hipnotizado, no centro das irradiações mentais que lhe são próprias, permanece controlado pela onda positiva da vontade a que se submete. Nessa condição, esse ou aquele passivo pode ainda representar o papel de suposta personalidade, conforme a sugestão que o magnetizador lhe incuta. O hipnotizador escolherá, de preferência, uma figura popular, um cantor, um literato ou um regente de orquestra que esteja no âmbito de conhecimento do passivo em ação e incliná-lo-á a sentir-se como sendo a pessoa lembrada. Imediatamente o sujet estampará, no próprio fluxo de energia mental, a figura do artista, do escritor ou do maestro, de acordo com as possibilidades da própria imaginação, tomará da pena, erguerá a voz, ou empunhará a forma-pensamento de uma batuta, por ele mesmo criada, manobrando os mecanismos da mente para substancializar a sugestão recebida. Entretanto, se o magnetizador lembra algum maestro de aldeia, ou escritor sem projeção, ou algum cantor obscuro, conhecido apenas dele, não será tão fácil ao passivo atender-lhe as ordens, por falta de recursos imaginativos a serem apostos por ele mesmo nas próprias oscilações mentais, o que apenas será conseguido após longos exercícios de telementação especializada entre ambos. **Sugestão e afinidade.** Estabelecida a sugestão mais profunda, o hipnotizador pode traçar ao sujet, com pleno êxito, essa ou aquela incumbência de somenos importância, para ser executada após desperte do sono provocado, seja oferecer um lápis ou um copo d'água a certa pessoa, sugestão essa que por seu caráter elementar é absorvida pela onda mental do passivo, em seu movimento de refluxo, incorporando-se-lhe, automaticamente, ao centro da atenção, para

que a vontade lhe dê curso no instante preciso. Isso, porém, não aconteceria de modo tão simples se a sugestão envolvesse processos de mais alta responsabilidade na esfera da consciência, porquanto nos atos mais complexos do Espírito, para que haja sintonia nas ações que envolvam compromisso moral, é imprescindível que a onda do hipnotizador se case perfeitamente à onda do hipnotizado, com plena identidade de tendências ou opiniões, qual se estivessem ligados, moralmente, um ao outro nos recessos da afinidade profunda.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 13)

“CARGAS ELÉTRICAS E CARGAS MENTAIS. [...] **Correntes mentais destrutivas.** Os referidos estados de tensão, devidos a “núcleos de força na psicosfera pessoal”, procedem, quase sempre, à feição das nuvens pacíficas repentinamente transformadas pelas cargas anormais de elétrons livres em máquinas indutoras, atraindo os campos elétricos com que se fazem instrumentos da tempestade. Acumulando em si mesma as forças autogeradas em processos de profundo desequilíbrio, a alma exterioriza forças mentais desajustadas e destrutivas, pelas quais atrai as forças do mesmo teor, caindo, frequentemente, em cegueira obsessiva, da qual muitas vezes se afasta, desorientada, pela porta indesejável do remorso, após converter-se em intérprete de inqualificáveis delitos. Noutras circunstâncias, considerando-se que o processo da obliteração mental, ou acumulação desordenada das nuvens de tensão no campo da aura, se caracteriza por imensa gradação, se as criaturas conscientes não se dispõem à distribuição natural das próprias cargas magnéticas, em trabalho digno, estabelecem para si a degenerescência das energias. Nessa posição, emitem ondas mentais perturbadas, pelas quais se ajustam a Inteligências perturbadas do mesmo sentido, arrojando-se a lamentáveis estações de aviltamento em ocorrências deploráveis de obsessão, nas quais as mentes desvairadas ou caídas em monoideísmo vicioso se refletem mutuamente. E chegadas a semelhantes conturbações, seja no arrastamento da paixão ou na sombra do vício, sofrem a aproximação de correntes mentais arrasadoras, oriundas dos seres empenhados à crueldade, por ignorância – encarnados ou desencarnados –, que, em lhes vampirizando a existência, lhes impõem disfunções e enfermidades de variados matizes, segundo os pontos vulneráveis que apresentem, criando no mundo vastas províncias de alienação e de sofrimento.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 15)

“Estudando o hipnotismo. [...] Os conceitos emitidos com sabedoria e em síntese prodigiosa, considerando-se a imensa variedade de opiniões em torno do Hipnotismo, nos deslumbravam. Que mundo estranho e imenso o da mente! Quantas paisagens desconhecidas

para nós! Os próprios estudiosos dos fenômenos psíquicos, na Terra e além da vida física, encontravam-se empenhados milenarmente na elucidação das questões palpitantes da vida mental, encontrando, só agora, alguns pontos viges para elucidações dos processos de intercâmbio entre homens e homens, espíritos desencarnados e encarnados. Deixava-me arrastar em considerações, na pausa que se fizera espontânea, quando a Entidade Abnegada prosseguiu: — «Isto posto, meus irmãos, examinemos o problema das obsessões entre os desencarnados e encarnados, na esfera física. «Em todo processo de imantação mental, do qual decorrem os sucedâneos da obsessão simples, da fascinação e da subjugação — conforme a classificação perfeita de Allan Kardec —, há sempre fatores predisponentes e preponderantes que se perdem no intrincado das reencarnações. «Toda vítima de hoje é algoz de ontem, tomando o lugar que lhe cabe no concerto cósmico. «Assim considerando, em quase todos os processos de loucura — exceção feita não somente aos casos orgânicos de ataque microbiano à massa encefálica ou traumatismo por choques de objetos contundentes — defrontamos com rigorosas obsessões em que o amor desequilibrado e o ódio devastador são agentes de poderosa atuação. «Quando há um processo de obsessão desta ou daquela natureza, o paciente possui os *condicionamentos psíquicos* — lembranças inconscientes do débito através das quais se vincula ao perseguidor —, que facultam a sintonia e a aceitação das ideias sugeridas e constringentes que chegam do plano espiritual. Se o paciente é experimentado nas disciplinas morais, embora os compromissos negativos de que padece, consegue, pela conquista de outros méritos, senão contrabalançar as antigas dívidas pelo menos granjear recursos para resgatá-las por outros processos que não os da obsessão. «As Leis Divinas são de justiça, indubitavelmente; no entanto, são também de amor e de misericórdia. O Senhor não deseja a punição do infrator, antes quer o seu reajuste à ordem, ao dever, para a sua própria felicidade. «Desse modo, quando a entidade perseguidora, consciente ou não, se vincula ao ser perseguido, obedece a impulso automático de sintonia espiritual por meio da qual estabelece os primeiros contatos psíquicos, no centro da ideia, na região cortical inicialmente e depois nos recônditos do *polígono cerebral*, donde comanda as diretrizes da vida psíquica e orgânica, produzindo ali lesões desta ou daquela natureza, cujos reflexos aparecem na distrofia e desarticulação dos órgãos ligados à sede atacada pela força-pensamento invasora. «Desse centro de comando, em que o *hóspede* se sobrepõe ao *hospedeiro*, as alienações mentais e os distúrbios orgânicos se generalizam em longo curso, que a *morte* do obsidiado nem sempre interrompe. «A consciência culpada é sempre porta aberta à invasão da penalidade justa

ou arbitrária. E o remorso, que lhe constitui dura chave, faculta o surgimento de ideias-fantasmas apavorantes que ensejam os processos obsessivos de resgate das dívidas. «Invariavelmente, na obsessão, há sempre o aproveitamento da ideia traumatizante — a presença do crime praticado —, que é utilizada pela mente que se faz perseguidora revel, apressando o desdobramento das forças deprimentes em latência, no devedor, as quais, desgovernadas, gravitam em torno de quem as elabora, sendo consumido por elas mesmas, paulatinamente.» (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

«Na contingência adversa que o afligia, em demorado curso, o Sr. Rafael tombara nas ganas de ardilosa vingança que lhe impunham as vítimas do passado, especialmente uma delas, ora em hospedagem psíquica de caráter obsessivo. Utilizando-se da conjuntura do impositivo da evolução, que alcança os seus defraudadores, a Entidade pernicioso comprazia-se em inspirar-lhe ódio contra si mesmo, produzindo evocações mentais perturbantes e interferindo, psiquicamente, pela fixação monoideísta na sua mente de que era um desgraçado, um réprobo a caminho de uma desventura maior e sem-termo. A instilação perturbadora do pensamento odiento do perseguidor já interferia no comportamento mental do paciente que, não raro, se dava conta de manifestas agressões, em debates no campo interior, com que mais se agravava a irritabilidade e o ensimesmamento. Simultaneamente, o “complexo de culpa” dos erros pretéritos constituía atroz indução à manutenção do mau humor e da falta de estímulos, para a aquisição da paz íntima que, afinal de contas, sabia no inconsciente não a merecer. O adversário oculto do Sr. Ferguson era cúmplice do inimigo de Lisandra, com quem concertava planos de animosidade e acendrada vindita. Ambos foram vitimados antes por astucioso plano e pela pusilanimidade dos atuais ressarcidores, não os perdoando e engrossando as fileiras de outros prejudicados, que ora exigiam, pura e simplesmente, uma justiça rápida, fulminante. Melhor armados intelectualmente, os verdugos chefes da malta odienta estabeleceram um desforço lento, mediante o qual pretendiam saciar-se na sede de vingança premeditada. Nas crises, agora amiudadas, Lisandra estrugia de horror quando “ouvía” o chamado da sua vítima, irrompendo, pelo pensamento em desalinho, a clamar por justiça, em face da clemência que lhe fora negada. “Via-o” e “ouvía-o” em situação terrificadora, não suportando a irrupção da sua presença mental, fugindo, em desvario, pela crise epiléptica, conforme o quadro clássico produzido pelos focos do lóbulo temporal da delicada máquina encefálica. Com o genitor, porém, o quadro assumia outro aspecto. A mente invasora insinuara-se sutilmente no hospedeiro, provocando uma quase perfeita identificação, mediante a qual o cérebro do enfermo tanto registrava a voz de comando do

encarnado como a do desencarnado, já agora vencendo as últimas resistências daquele.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 11)

“No caso em tela, cessada a doutrinação e posterior deslocamento de Ermínio Lopez, mais diretamente envolvido na tecedura do destino de Lisandra, o irmão Natércio convidou-nos a uma cuidadosa observação das zonas cerebrais da paciente invadidas pelos fluidos perniciosos que lhe obstruíam o discernimento e a lucidez, fixando-a nas evocações descontroladas com que mais perdia o controle das faculdades pensantes. Assim, fomos diretamente ao lar da enferma, que permanecia adormecida. O desequilíbrio obsessivo não alcançara, ainda, o estágio da subjugação, porque o algoz, profundamente vingador, preferia acompanhar-lhe o deperecimento, mediante o conhecimento da própria desdita com que a anatematizava por meio dos conflitos internos. Os vários centros do cérebro, responsáveis pela comunicação com o mundo objetivo, permaneciam resistindo à insidiosa agressão fluidica. Todavia, já apresentavam alguns desequilíbrios como consequência natural da pertinácia do pensamento obsidente. O “centro de Broca” parecia invadido por uma aluvião larval que, em decorrência, impedia que a jovem se exteriorizasse com a facilidade natural, impelindo-a ao prolongado mutismo em que se refugiava.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“Induções hipnóticas obsessivas. Ante os processos psicopatológicos que aturdem o ser humano, de forma alguma se podem eliminar os preponderantes fatores cerebrais, especialmente aqueles que afetam os neurotransmissores, facultando a instalação de distúrbios psíquicos de variada catalogação. Concomitantemente, a terapia especializada que visa a regularizar a produção de moléculas neuronais, não obstante consiga alcançar os resultados programados, é insuficiente para o completo restabelecimento da saúde mental, noológica e comportamental do indivíduo. Isto porque, na psicogênese desses processos encontra-se o espírito, como ser imortal que é, em recuperação de delitos morais perpetrados em existências passadas, que ora lhe cumpre alcançar. Herdeiro das atitudes desenvolvidas no curso das experiências carnavais anteriores, o ser elabora a maquinaria orgânica de que necessita para o desenvolvimento dos compromissos da própria evolução. Assim sendo, ao iniciar-se o processo da reencarnação, imprime, nos códigos genéticos, as deficiências defluentes da irresponsabilidade, que se apresentarão no futuro, em momento próprio, como descompensação nervosa, carência ou excesso de moléculas neurônicas (neuropeptídios) responsáveis pelos correspondentes transtornos psicológicos ou de outra natureza. Além deles, as vítimas espoliadas que a morte não consumiu e nem lhes tirou a individualidade, ao identificar aqueles que as infelicitaram,

em razão da afinidade vibratória — campo de emoções dilaceradas — são atraídas, e a irradiação inferior do ódio ou do ressentimento, da ira ou da vingança permeia o perispírito do seu antigo algoz, produzindo-lhe inarmonia vibratória, que resulta em perturbação dos sistemas nervosos central e endócrino, abrindo espaço para a consumação dos funestos planos de vindita. Simultaneamente, são direcionadas à mente do hospedeiro físico induções hipnóticas carregadas de pessimismo e de desconfiança, de inquietação e de mal-estar, que estabelecerão as matrizes de futuras graves obsessões. Instalada a ideia perturbadora, e a hipnose contínua descarrega ondas mentais nefastas que se mesclam com as do paciente, confundindo-o, desestruturando-o, até o momento em que perde a própria identidade, terminando por ceder área mental ao invasor, que passa a dirigir-lhe o pensamento, a conduta, a existência. Sob essa nefanda vibração monoidéica, as delicadas células neuronais captam a energia magnética que as invade, alterando-lhes a produção das moléculas mantenedoras do equilíbrio. Submetidos aos tratamentos especializados, mas não afastados os agentes parafísicos promotores da desordem vibratória, tendem a permanecer insanos, mesmo que temporariamente experimentem melhoras no quadro enfermício, tornando-se crônico o distúrbio. Somente quando haja uma alteração do comportamento mental e moral do enfermo, direcionado para o amor, para o bem, conseguindo sensibilizar aqueles que estejam na condição de perseguidores, é que ocorrerá a recuperação que os medicamentos auxiliam na reorganização dos equipamentos cerebrais. Porque se trate de esforço de alta magnitude, a maioria dos doentes, além de estar aturdida pela consciência de culpa, embora sem identificar a causa, raramente se dispõe a esse magno empenho que, por outro lado, atrairia a atenção e o concurso edificante dos bons espíritos que iriam trabalhar para que fossem neutralizadas e mesmo eliminadas as energias deletérias absorvidas do hóspede indesejado. A reencarnação é oportunidade de incomparável significado para o espírito que delinquiou, que se evade da responsabilidade, que se anestesia no prazer ou se homizia na inutilidade. O conhecimento dos objetivos existenciais do ponto de vista espiritual, constitui recurso valioso e educativo para o reequilíbrio e a identificação com a Consciência Cósmica libertadora. Sucede, no entanto, que a indolência mental e a rebeldia moral, o pessimismo e o ressentimento, facilmente se instalam no pensamento e na conduta humanos, dificultando a aquisição real da saúde mental e física. Por isso, a hipnose espiritual obsessiva arrasta multidões de pacientes voluntários aos porões da depressão, do distúrbio do pânico, da cleptomania, do exibicionismo, dos transtornos compulsivos, da esquizofrenia, ou produz mutilados emocionais, hebetados

mentais, sonâmbulos espirituais em triste espetáculo no prosaetrio terrestre, que ascende com as conquistas da Ciência e da Tecnologia, mas se demora nos paus das paixões morais asselvajadas e das alucinações do insensato e perverso comportamento humano. É muito maior o número de hipnotizados espirituais do que se pode imaginar. Deambulam de um para outro lado, transitam quase sem rumo entre esculápios e psicoterapeutas, na busca de soluções químicas ou mágicas, sem o esforço moral em favor de uma introspecção profunda, para se poderem auto libertar ou serem libertados... Aos bandos, homens e mulheres, vitimados por induções hipnóticas impiedosas, atiram-se nas loucuras das drogas químicas e degenerativas, nas frustrações excêntricas, na violência quase insuportável, desejando fugir, sem identificarem a força mental que os vilipendia, consumindo-os e asselvajando-os. Jesus, para esses insensatos, prossegue sendo uma figura mítica, como inspirador de novas bacantes, que alguns desses telementalizados por diversas dessas modernas Fúrias, usam para atrair incautos, divertidos irresponsáveis e buscadores incessantes de novos prazeres... A humildade, o amor, o perdão, a caridade torna-se para tais aficionados da coletiva obsessão, expressões de impacto verbal e sem sentido para a ação real, não poucas vezes, levadas ao ridículo. Torna-se urgente uma releitura do Evangelho de Jesus e a sua imediata aplicação como terapêutica valiosa para reverter a paisagem sofrida e triste da humanidade contemporânea. Ao tentá-lo, uma outra forma de hipnose se apresentará: aquela fomentada pelos Mensageiros da Luz, induzindo as criaturas ao Bem, à paz, à felicidade. Há permanente intercâmbio psíquico entre os seres humanos e os espíritos, cada qual, porém, sintonizando na faixa correspondente às aspirações cultivadas e aos sentimentos mantidos.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Induções hipnóticas obsessivas)

“Considerações necessárias. O objetivo do labor naquela noite era apresentar aos administradores da clínica algumas das técnicas terapêuticas de que se utilizariam os nobres espíritos, nas futuras reuniões socorristas de desobsessão, a fim de contribuírem em favor do atendimento aos pacientes internados e aos seus perseguidores espirituais. [...] Dr. Ignácio, que o observava atento, assim que ele silenciou, esclareceu: “Essa parasitose da alma tem as suas raízes fincadas no recesso do ser, nos campos energéticos, comunicando-se com as delicadas tecelagens do córtex cerebral. Acreditam os modernos neurocientistas que aproximadamente 20 bilhões de neurônios respondem pela construção do córtex cerebral. Como diariamente morrem milhares deles, ei-los naturalmente substituídos por lípidos e proteínas que se encarregam de formar as membranas celulares. Esse córtex cerebral sofre alterações constantes e consegue permanecer

vinculado às ramificações neurais, em constante fluxo de modificações em número e em topografia, a fim de serem mantidas as neurocomunicações. Todos esses equipamentos são alterados por contínuos campos magnéticos que se encontram no exterior. O que desconhecem esses estudiosos diz respeito ao bombardeio mental realizado pelos adversários do encarnado, que por meio de ressonâncias vibratórias alteram o magnetismo dos campos extracranianos, culminando por acelerar a morte dos neurônios, perturbar a produção das monoaminas responsáveis pelas delicadas estruturas das células, produzindo distúrbios interiores de raciocínio, de memória, de sentimentos e de comportamento. A maioria dos neurofisiologistas mantém, teimosamente, a tese de que a consciência, a memória e o pensamento resultam das emissões eletroquímicas produzidas pelos neurônios e suas redes neurais, e que cessam por ocasião do fenômeno biológico da morte cerebral e a consequente falência do tronco encefálico. Apesar desse conceito, fica muito difícil aceitar-se que reações eletroquímicas possam transformar-se em ondas mentais, em sentimentos, em raciocínios, em atividades muito complexas da memória armazenando no hipocampo lembranças ou apagando as ao seu bel-prazer. Da mesma forma, ser-lhes-á muito difícil entender a interferência de as mentes sem cérebro conseguirem emitir ondas que alteram o equilíbrio do córtex cerebral e, por extensão, modificam a rede das comunicações através das microestruturas cerebrais e suas contínuas emissões de energia eletromagnética e química, alterando o comportamento das construções cerebrais. Conhecendo o mecanismo neurofisiológico do ser humano, alguns espíritos perversos orientam os seus tutelados em técnicas obsessivas, de forma que possam agir por intermédio dessas emissões de ondas vibratórias perturbadoras, que terminam por ser captadas pelo cérebro do encarnado, em face das matrizes morais que se encontram nos seus perispíritos, em decorrência dos atos infelizes praticados anteriormente, inscritos como culpa e necessidade de reparação. Começando o processo de sintonia, o tálamo se encarrega de transferir essas cargas energéticas aos gânglios da base e a todo o cérebro. Outras implicações ainda mais delicadas ocorrem, sem que alguns dos perseguidores deem-se conta de como estão acontecendo. É sempre a dívida moral que se encarrega de produzir sincronia entre o antigo algoz e sua vítima anterior. O mais, é resultado da perseverança dos indigitados cobradores e das debilidades morais daqueles que lhes passam a sofrer o assédio. Desse modo, o afastamento puro e simples do perseguidor não reabilita o perseguido, sendo necessários recursos de recomposição orgânica, de transformação moral, de interesse real pela conquista da saúde. Pois que, do contrário, afastado o adversário e permanecendo as

condições propiciatórias outros desencarnados licenciosos acercam-se atraídos pelos fluidos mórbidos e dão prosseguimento à parasitose, mesmo que não haja compromisso entre uns e outro.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 6)

1.10. Evolução do processo obsessivo

“**Examinando a obsessão.** [...] Quando, você escute nos recessos da mente uma ideia torturante que teima por se fixar, interrompendo o curso dos pensamentos; quando constate, imperiosa, atuante força psíquica interferindo nos processos mentais; quando verifique a vontade sendo dominada por outra vontade que parece dominar; quando experimente inquietação crescente, na intimidade mental, sem motivos reais; quando sinta o impacto do desalinho espiritual em franco desenvolvimento, acautele-se, porque você se encontra em processo imperioso e ultriz de obsessão pertinaz. Transmissão mental de cérebro a cérebro, a obsessão é síndrome alarmante que denuncia enfermidade grave de erradicação difícil. A princípio se manifesta como inspiração sutil, depois intempestivamente, para com o tempo fazer-se interferência da mente obsessora na mente encarnada, com vigor que alcança o clímax na possessão lamentável. Ideia negativa que se fixa, campo mental que se enfraquece, dando ensejo a ideias negativas que virão. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“**Examinando a obsessão.** [...] O problema da obsessão, sob qualquer aspecto considerado, é também problema do próprio obsidiado. Atormentada por evocações fixadas nas telas sensíveis do pretérito, a mente encarnada se encontra ligada à desencarnada, sofrendo, a princípio, sutis desequilíbrios que depois se assenhoreiam da organização cerebral, gerando deplorável estágio de vampirização, no qual vítima e verdugo se completam em conjugação dolorosa e prolongada. A etiologia das obsessões é complexa e profunda, pois que se origina nos processos morais lamentáveis, em que ambos os comparsas da aflição dementante se deixaram consumir pelas vibrações degenerescentes da criminalidade que passou, invariavelmente, ignorada da coletividade onde viveram como protagonistas do drama ou da tragicomédia em que se consumiram. Reencontrando-se, porém, sob o impositivo da Lei inexorável da Divina Justiça, que estabelece esteja o verdugo jugulado à vítima, pouco importando o tempo e a indumentária que os distancia ou caracteriza, tem início o comércio mental, às vezes aos primeiros dias da concepção fetal, para crescer em comunhão acérrima no dia-a-dia da caminhada carnal, quando não precede à própria concepção... Simples, de fascinação e de subjugação, consoante a classificação do Codificador do Espiritismo, é sempre de difícil extirpação, porquanto o obsidiado, em si mesmo, é

um enfermo do espírito. Vivendo a inquietação íntima que, lenta e seguramente, o desarvora, procede, de início, na vida em comum, como se encontrasse equilibrado, para, nos instantes de soledade, deixar-se arrastar a estados anômalos sob as fortes tenazes do perseguidor desencarnado. Ouvindo a mensagem em caráter telepático transmitida pela mente livre, começa por aceder ao apelo que lhe chega, transformando-se, por fim, em diálogos nos quais se deixa vencer pela pertinácia do tenaz vingador. Justapondo-se sutilmente cérebro a cérebro, mente a mente, vontade dominante sobre vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso, estabelecendo, depois, e muitas vezes em definitivo enquanto na luta carnal, a simbiose esdrúxula, em que o poder da fixação da vontade dominadora consegue extinguir a lucidez do dominado, que se deixa apagar...” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“**ANÁLISE DAS OBSESSÕES.** [...] Em face desses estados mórbidos - originados nas existências passadas por desrespeito aos Soberanos Códigos da Vida, abrem-se largas brechas que facultam e estimulam as parasitoses espirituais, que degeneram em síndromes obsessivas, não raro prolongando-se até se converterem em subjugações de curso irreversível.

a) Recepção da ideia perturbadora. Vivendo num permanente intercâmbio, consciente ou inconsciente, os Espíritos - tanto encarnados quanto desencarnados - participamos das vivências no corpo e fora dele. Não apenas por processos de desforço pessoal, em que os desafetos se buscam para produzirem-se males e cobranças injustificáveis, como por fatores de variada motivação, assimilam-se ideias e pensamentos pela simples sintonia da onda própria em que se situam as mentes. Assaltada por vibrações negativas, a mente ociosa ou indisciplinada, viciada ou rebelde, logo registra a interferência e, porque se não ajusta a um programa educativo da vontade, recebe o impulso da ideia, permitindo-se aceitar a sugestão perturbadora, que agasalha e vitaliza sob a natural acomodação dos complexos e recalques, dos comportamentos pessimistas ou exaltados que são peculiares a cada qual. Aceita a indução, forma-se uma tomada para a ligação com a sombra, em regime de intercâmbio psíquico. **b) Intercâmbio mental.** Fixada a ideia infeliz, os porões do inconsciente desbordam as impressões angustiosas que dormem armazenadas, confundindo-se na consciência com as informações atuais, ao tempo em que se encontra em desordem pela influência da parasitose externa que se vai assenhoreando do campo exposto, sem defesas. Por natural processo seletivo e tendo em conta as tendências, as preferências emocionais

e intelectuais do paciente, a injunção produz melhor aceitação das recordações perniciosas, que servem de veículo e acesso ao pensamento do invasor. A polivalência mental, em casos desta natureza, tende ao monoideísmo, que produz os quadros da fascinação torturante e, por fim, da subjugação de difícil reversibilidade. A obsessão simples é parasitose comum em quase todas as criaturas, em se considerando o natural intercurso psíquico vigente em todas as partes do Universo. Tendo-se em vista a infinita variedade das posições vibratórias em que se demoram os homens, estes sofrem, quanto influem em tais faixas, sintonizando, por processo normal, com os outros comensais aí situados. Se são portadores de aspirações nobilitantes, onde se fixem, haurem maior impulso para o crescimento. Permanecendo na construção do bem, dificilmente assimilam as induções perversas ou criminosas procedentes dos estagiários das regiões inferiores. Não ficam, no entanto, indenes à agressão temporária ou permanente, de que se liberam em face dos objetivos morais que perseguem, graças aos quais vibram em mais elevada escala psíquica. Se interessados, porém, nas colocações da vulgaridade e do prazer, da impiedade ou da preguiça, do vício ou da desordem recebem maior influxo de ondas mentais equivalentes, resvalando para os despenhadeiros da emoção aturdida, do desequilíbrio... Tais pacientes conduzem ao leito, antes do repouso físico, as apreensões angustiantes, as ambições desenfreadas, as paixões perturbadoras, demorando-se em reflexões que as vitalizam, vivendo-as pela mente, quando não encontram meios de fruí-las fisicamente... Ao se desdobrarem sob a ação do sono, encontram-se com os afins - encarnados ou não - com os quais se identificam, recebendo mais ampla carga de necessidades falsas, ou dando campo aos estados andados que mais os turbam e afligem. Quando despertam, trazem a mente atribulada, tarda, sob incômodo cansaço físico e psíquico, encontrando dificuldade para fixar os compromissos e as lições edificantes da vida. Nessa posição - a ideia obsedante fixada e a viciação estabelecida - dá-se o intercâmbio mental. Já não se trata do pensamento que busca acolhida, senão da atividade que tenta intercâmbio, mantendo diálogo, discutindo, analisando as questões em pauta - sempre de natureza prejudicial e que, a uma pessoa sadia, causaria repulsa instintiva, mas que o paciente gosta de cultivar do que decorre a predominância do parasita espiritual, que mais se acerca psiquicamente da casa mental e da vontade do seu consorte. **c) Reflexos da interferência.** Surgem, como efeito natural, as síndromes da inquietação: as desconfianças, os estados de insegurança pessoal, as enfermidades de pequena monta, os insucessos em torno do obsidiado que soma as angústias, dando campo a incertezas, a mais ampla perturbação interior. Gera uma psicossfera perniciosa

à própria volta pela eliminação dos fluídos deletérios de que é vítima e absorve-a mais condensada, por escusar-se ouvir sadias questões, participar de convívios amenos, ler páginas edificantes, auxiliar o próximo, renovar-se pela oração. Conforme a constituição temperamental que é um fator de relevante importância, faz-se apático, se tende à depressão, adentrando-se pela melancolia, em razão da mensagem telepática deprimente e dos clichês mentais pessimistas que ressumam do arquivo da inconsciência. No sentido oposto, se é dotado de constituição nervosa excitada, torna-se agressivo, violento, em desarmonia de atitudes - explode por nonadas, do que logo se arrepende — expondo a aparelhagem psíquica e os nervos a altas cargas de energias que danificam os sensores e condutores nervosos, com singulares prejuízos para a organização fisiopsíquica. O ódio é fruto do egoísmo, do personalismo magoado. Ninguém que esteja programado para o sofrimento, a desídia, o mal. Desarmando-se dos recursos defensivos, tomba o homem na agressão que o sitia ou enfrenta. Os esforços que empreende, a par das ações que executa, constituem-lhe couraça contra o mal, conquistas para alçá-lo às faixas vibratórias próprias que o defendem e liberam. A fascinação, por isso mesmo, decorre da indolência moral e mental do paciente e do exacerbar dos seus valores negativos, que são espicaçados habilmente pelo seu antagonista espiritual. Em consequência, os tentames para a libertação se apresentam mais complexos, exigindo abnegação, esforço, assistência contínua.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Análise das obsessões)

“No caso específico das obsessões entre encarnados e desencarnados, estes últimos, identificando a irradiação enfermiça do devedor, porque são também infelizes, iniciam o cerco ao adversário pretérito, através de imagens, mediante as quais fazem-se notados, não necessitando de palavras para serem percebidos, insinuando-se com insistência até estabelecerem o intercâmbio que passam a comandar... De início, é uma vaga ideia que assoma, depois, que se repete com insistência, até insculpir no receptor o clichê perturbante que dá início ao desajuste grave. Em razão disso, não existe obsessão apenas causada por um dos litigantes, se não houver sintonia perfeita do outro. Quanto maior for a permanência do intercâmbio com o hospedeiro domiciliado no corpo — e entre encarnados o fenômeno é equivalente — mais profunda se tornará a indução obsessiva, levando à alucinação total. É nessa fase, em que a vítima se rende às ideias infelizes que recebe, a elas se convertendo, que se originam os simultâneos desequilíbrios orgânicos e psíquicos de variada classificação. A mente, viciada e aturdida pelas ondas perturbadoras que capta do obsessor, perde o controle harmônico, automático sobre as células, facultando que as bactérias patológicas proliferem,

dominadoras. Tal inarmonia propicia a degenerescência celular em forma de cânceres, tuberculose, hanseíase e outras doenças de etiopatogenias complexas, que a Ciência vem estudando. Só a radical mudança de comportamento do obsidiado resolve, em definitivo, o problema da obsessão.” (MPM, *Painéis da obsessão*)

“A informação de que Valtércio padecia de perturbação espiritual colheu-me de surpresa, em razão de não haver percebido qualquer Entidade perniciosa no seu campo de irradiação perispiritual, o que me significava pequena capacidade de penetração nesse mundo complexo da mente e da vida. Percebendo-me a perplexidade, o médico observador, espontaneamente veio em meu auxílio. — Valtércio — expôs, com naturalidade — vem de um processo penoso na área espiritual, que agora assume proporções gigantescas pela desarticulação dos equipamentos orgânicos. A doença que se lhe alojou, há cerca de dois anos, alcança o seu clímax em razão da falta de recursos médicos e alimentares que a pudessem de ter no momento próprio. Acossado por problemas domésticos, fez um quadro de pessimismo mental e com a desarmonia que se lhe instalou, corrosiva, passou a desferir vibrações deletérias que completaram o desajuste e destruição das frágeis reservas físicas, permitindo-lhe a instalação e virulência devastadora da tuberculose pulmonar. Sem dúvida, que o quadro das suas aflições atuais faz parte da sua pauta de evolução como decorrência inevitável das suas atitudes malsãs em outras vidas. Nessa conjuntura, desempenha um papel de relevo a presença de ferrenhos adversários desencarnados, destacando-se um impiedoso cobrador que logrou imiscuir-se na sua vida, terminando por imantar-se a ele e subjugá-lo em violenta vampirização de forças, de tal modo pertinaz que se justapôs à massa física, numa quase simbiose parasitária que o condena à desencarnação imediata, caso não receba competente resistência. Desejando mais instruir-me a respeito das sutilezas de insuspeitáveis comportamentos dessa natureza, encorajei-me a indagar: — Qual o mecanismo dessa parasitose, que se agrava até chegar a um estágio tão avançado? — É semelhante ao que ocorre no reino vegetal —argumentou com imagem simples e clara — em que o parasita se aloja em qualquer parte do receptáculo que lhe recebe a invasão, aí começando a absorver a seiva que o nutre e o desenvolve, propiciando um crescimento que constringe o hospedeiro, com raízes vigorosas e, por fim, penetrando-lhe a intimidade, mata-o pela absorção da vitalidade, sobrepondo-se, dominador... No homem, inicialmente o hóspede espiritual, movido pela morbidez do ódio ou do amor insano, ou por outros sentimentos, envolve a casa mental do futuro parceiro — a quem se encontra vinculado por compromissos infelizes de outras

vidas, o que lhe confere receptividade por parte deste, mediante a consciência da culpa, o arrependimento desequilibrante, a afinidade nos gostos e aspirações, por ser endividado — enviando-lhe mensagens persistentes, em contínuas tentativas telepáticas, até que sejam captadas as primeiras induções, que abrirão o campo a incursões mais ousadas e vigorosas. Digamos que este é o período em que se aloja a semente parasita, na planta descuidada que lhe passa a alimentar a germinação com os seus recursos excedentes. “A ideia esporádica, mas persistente, vai-se fixando no receptor que, de início não se dá conta, especialmente se possui predisposição para a morbidez; se dotado de imaturidade psíquica; quando se compraz por cultivar pensamentos pessimistas, derrotistas e viciosos, passando à aceitação e ampliação do pensamento negativo que lhe chega. Nessa fase, já está instalado o clima da obsessão que, não encontrando resistência, se expande, porque o invasor vai-se impondo à vítima que o recebe com certa satisfação, convivendo com a onda mental dominadora. Ao largo do tempo, o obsidiado se aliena dos demais objetivos da vida, permanecendo em fixação interior do pensamento que o constringe, cedendo-lhe a área da razão, do discernimento e deixando-se desvitalizar. Quando se infiltram as forças do hóspede, na seiva psíquica do anfitrião, o desencarnado, igualmente cai na armadilha que preparou, porque passa a viver as sensações e as emoções, experimentando os conflitos do seu subjugado, estabelecendo-se uma interdependência entre as duas Entidades. Nesse estágio, raramente fica a ligação apenas no campo psíquico, porque o invasor assenhoreia-se das forças físicas do paciente, através do perispírito, humanizando-se outra vez, isto é, voltando a vivenciar as conjunturas da realidade carnal. O hospedeiro deperece, enquanto o hóspede se abastece, facultando a instalação de doenças no corpo somático ou a piora delas, caso já se encontre enfermo. A simbiose se transforma, também, numa obsessão física, porque o desencarnado adere à câmara orgânica, explorando-lhe a vitalidade e acoplando-se aos fulcros perispirituais da criatura encarnada em doloroso e destruidor conúbio. O afastamento, puro e simples, do agente obsessivo, normalmente produz a desencarnação do paciente que lhe sofre a falta e, porque desfalcado de energias mantenedoras da vida fisiológica, rompem-se-lhe os laços que atam o Espírito à matéria, advindo a morte desta. Por sua vez, o indigitado obsessor tomba, carregado do tônus vital que foi usurpado, em um processo parecido a nova desencarnação que o bloqueia temporariamente ou o leva a uma hibernação transitória. “Todo aquele que defrauda a Lei, sofre as consequências do ato arbitrário, que, por sua vez, se converte em automático agente punitivo, levando o infrator ao reajuste.” [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“FENÔMENOS OBSESSIVOS. [...] Quando a perturbação é causada por antagonista que ignora as técnicas de vampirismo — no caso das obsessões simples — fazem-se mais fáceis as psicoterapias libertadoras. Todavia, à medida que evolui o processo desagregador da personalidade, o algoz se adentra em mecanismos de controle da vontade da sua vítima, muitas vezes sob a orientação de impenitentes perseguidores outros, que se comprazem em produzir aflições nos homens. São, então, armadas ciladas contínuas, e inumeráveis tentações se apresentam, disfarçadas, arrojando os incautos em compromissos mais graves, de lesa consciência, graças aos quais perde os contatos com os possíveis recursos de auxílio que são propiciados pela Providência. Obnubila-se a razão, que se turba, fixando-se nas faixas da vinculação nefasta, não deixando claros mentais para as intuições lenificadoras, nem campo para as recapitulações positivas que dulcificam o sentimento, favorecendo a captação das ideias benéficas.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Fenômenos obsessivos)

“[...] Desejando que o auditório absorvesse as reflexões psicológicas e históricas da sua proposta, silenciou por breves segundos, dando prosseguimento: - Graças à valiosa contribuição científica do Espiritismo no laboratório da mediunidade, constatando a sobrevivência do ser e o seu intercâmbio com as criaturas terrestres, a obsessão saiu do panteão místico para fazer parte do dia-a-dia de todos aqueles que pensam. Enfermidade de origem moral, exige terapêutica específica radicada na transformação espiritual para melhor, de todos aqueles que lhe experimentam a incidência. Ocorre, no entanto, como é fácil de prever-se, que essa psicopatologia, qual sucede com outras tantas, sempre apresenta, no paciente que a sofre, graves oposições para o seu tratamento. Quando, ainda lúcido, o mesmo se recusa receber a conveniente orientação e, à medida que se lhe faz mais tenaz, as resistências interiores se expressam mais vigorosas. De um lado, em razão da vaidade pessoal, para não parecer portador de loucura, particularmente porque assim se sente e, por outro motivo, quando sob os camarteos das obsessões, porque o agente do distúrbio cria dificuldades no enfermo, transmitindo-lhe reações violentas, para ser evitado o tratamento especial. Em todos os casos, porém, o tempo exerce o papel elevado de convencer a vítima da parasitose espiritual, através do padecimento ultriz, quanto à necessidade de submeter-se aos cuidados libertadores. “Iniciando-se de forma sutil e perversa, a obsessão, salvados os casos de agressão violenta, instala-se nos painéis mentais através dos delicados tecidos energéticos do perispírito até alcançar as estruturas neurais, perturbando as sinapses e a harmonia do conjunto encefálico. Ato contínuo, o quimismo neuronal se desarmoniza, face à

produção desequilibrada de enzimas que irão sobrecarregar o sistema nervoso central, dando lugar aos distúrbios da razão e do sentimento. Noutras vezes, a incidência da energia mental do obsessor sobre o paciente invigilante irá alcançar, mediante o sistema nervoso central, alguns órgãos físicos que sofrerão desajustes e perturbações, registrando distonias correspondentes e comportamentos alterados. Quando se trata de Espíritos inexperientes, perseguidores desestruturados, a ação magnética se dá automaticamente, em razão da afinidade existente entre o encarnado e o desencarnado, gerando descompensações mentais e emocionais. Todavia, à medida que o Espírito se adentra no comando da mente da sua vítima, percebe que existem métodos muito mais eficazes para uma ação profunda, passando, então, a executá-la cuidadosamente. Ainda, nesse caso, aprende com outros comparsas mais perversos e treinados no mecanismo obsessivo, as melhores técnicas de aflição, agindo conscientemente nas áreas perispirituais do desfeto, nas quais implanta delicadas células acionadas por controle remoto, que passam a funcionar como focos destruidores da arquitetura psíquica, irradiando e ampliando o campo vibratório nefasto, que atingirá outras regiões do encéfalo, prolongando-se pela rede linfática a todo o organismo, que passa a sofrer danos nas áreas afetadas. “Estabelecidas as fixações mentais, o hóspede desencarnado lentamente assume o comando das funções psíquicas do seu hospedeiro, passando a manipulá-lo a bel-prazer. Isso, porém, ocorre, em razão da aceitação parasitária que experimenta o enfermo, que poderia mudar de comportamento para melhor, dessa forma conseguindo anular ou destruir as induções negativas de que se torna vítima. No entanto, afeiçoado à acomodação mental, aos hábitos irregulares, compraz-se no desequilíbrio, perdendo o comando e a direção de si mesmo. Enquanto se vai estabelecendo o contato entre o assaltante desencarnado e o assaltado, não faltam a este último inspirações para o bem, indução para mudança de conduta moral, inspiração para a felicidade. Vitimado, em si mesmo, pela autocompaixão ou pela rebeldia sistemática, desconsidera as orientações enobrecedoras que lhe são direcionadas, acolhendo as insinuações doentias e perversas que consegue captar. “Muita falta faz a palavra de Jesus no coração e na mente das criaturas humanas em ambos os lados da vida. Extraordinária fonte de sabedoria, as Suas lições constituem mananciais de saúde e de paz que plenificam, assim que sejam vivenciadas, imunizando o ser contra as terríveis perturbações de qualquer ordem. Mas o mundo ainda não compreende conscientemente o significado do Mestre na sua condição de Modelo e Guia da humanidade, o que é lamentável, sofrendo, as consequências dessa indiferença sistemática.” Novamente, o orador

fez oportuna pausa na sua alocução. Enquanto isso ocorria, o meu cérebro esfervilhava de interrogações em torno do tema palpitante. Não havia, porém, tempo para desvincular-me do raciocínio fixado nas suas palavras. Dando continuidade, Dr. Ignácio Ferreira aduziu: - Como a inspiração espiritual se faz em todos os fenômenos da Natureza, inclusive nas atividades humanas, é compreensível que, além das tormentosas obsessões muito bem catalogadas por Allan Kardec, simples, por fascinação e subjugação — os objetivos mantidos pelos perseguidores sejam muito variados. Eis porque as suas maldades abarcam alguns dos crimes hediondos, tais como: autocídios, homicídios, guerras e outras calamidades, face à intervenção que realizam no comportamento de todos aqueles que se afinizam com os seus planos nefastos. Agindo mediante hábeis programações adrede elaboradas, vão conquistando as resistências do seu dependente mental, de forma que, quase sempre, porque não haja uma reação clara e definitiva por parte da sua vítima, alcançam os objetivos morbosos a que se entregam enlouquecidos. “Quando das suas graves intervenções no psiquismo dos seus hospedeiros, suas energias deletérias provocam taxas mais elevadas de serotonina e noradrenalina produzidas pelos neurônios, que contribuem para o surgimento do transtorno psicótico-maníaco-depressivo, responsável pela diminuição do humor e desvitalização do paciente, que fica ainda mais à mercê do agressor. É nessa fase que se dá a indução ao suicídio, através de hipnose contínua, transformando-se em verdadeiro assassinio, sem que o enfermo se dê conta da situação perigosa em que se encontra. Sentindo-se vazio de objetivos existenciais, a morte se lhe apresenta como solução para o mal-estar que experimenta, não percebendo a captação cruel da ideia autocida que se lhe fixa na mente. Não poucas vezes, quando incorre no crime infame da destruição do próprio corpo, foi vitimado pela força da poderosa mentalização do adversário desencarnado. Certamente, há, para o desditoso, atenuantes, em razão do processo malsão em que se deixou encarcerar, não obstante as divinas inspirações que não cessam de ser direcionadas para as criaturas e as advertências que chegam de todo lado, para o respeito pela vida e sua consequente dignificação. “O mesmo fenômeno ocorre quando se trata de determinados homicídios, que são planejados no mundo espiritual, nos quais os algozes se utilizam de enfermos por obsessão, armando-lhes as mãos para a consumpção dos nefastos crimes. Realizam o trabalho a longo prazo, interferindo na conduta mental e moral do obsesso, a ponto de interromperem-lhe os fluxos do raciocínio e da lógica, aturando-os e dominando-os. Tão perversos se apresentam alguns desses perseguidores infelizes quão desnaturados, que se utilizam da incapacidade de reação dos

pacientes para os incorporar, podendo saciar sua sede de vingança contra aqueles que lhes estão ao alcance. Utilizando-se do recurso da invisibilidade material, covardemente descarregam a adaga do ódio nas vítimas inermes, tombando, mais tarde, na própria armadilha, porquanto não fugirão da justiça divina instalada na própria consciência e vibrando nas Leis cósmicas, que sempre alcançam a todos. “De maneira idêntica, desencadeiam guerras entre grupos, povos e nações, cujos dirigentes se encontram em sintonia com as suas terríveis programações, formando verdadeiras legiões que se engalfinham em lutas encarnicadas visando alcançar os objetivos infelizes a que se propõem. Passam desconhecidas essas causas, que os sociólogos, os políticos, os psicólogos, os religiosos não conseguem detectar, mas que estão vivas e atuantes nas paisagens terrestres, e a reencarnação se encarregará de corrigir sob a sublime direção de Jesus. Quedou-se o orador em rápida reflexão, enquanto nos dávamos conta da gravidade das obsessões geradoras de tumultos e desgraças coletivas, através daqueles que se lhes tornavam instrumentos dóceis ao comando, na condição de inimigos da Humanidade. O tema apresentava-se muito mais profundo e grave do que podíamos imaginar, embora não ignorássemos, por dedução, que assim ocorria. Não havia tempo para mais amplas ponderações, porque o preclaro orador continuou com a palavra: - Na raiz de inumeráveis males que afetam a coletividade humana, encontramos o intercâmbio espiritual manifestando-se com segurança. As obsessões campeiam desordenadamente. Isto não implica em dar margem ao pensamento de que as criaturas terrestres se encontram à mercê das forças desagregadoras da erraticidade inferior. Em toda parte, está presente a misericórdia de Deus convidando ao bem, ao amor, à alegria de viver. A opção inditosa, no entanto, de grande número de criaturas é diversa dessa oferta, o que facilita a assimilação das ideias tenebrosas que lhe são dirigidas. Assim mesmo, ante a preferência das terríveis alucinações, o amor paira soberano aguardando, e quando não é captado, a dor traz de volta o calceta, encaminhando-o para o reto proceder mediante o oportuno despertar. “Todos esses criminosos espirituais, terminadas as batalhas em que se empenham, passam a experimentar incomum frustração por terem perdido as metas que desapareceram e por darem-se conta dos tormentos íntimos em que naufragam, descobrindo-se sem objetivo nem razão de continuar a viver... E como não podem fugir da vida em que se encontram, são atraídos compulsoriamente às reencarnações dolorosas, experimentando os efeitos das hecatombes que ajudaram a ter lugar. Mergulham, então, na grande noite terrestre do abandono, da loucura, das anomalias, emparedados em enfermidades reparadoras, experimentando rudes expiações, que lhes serão a

abençoada oportunidade para reencontrar o caminho do futuro...” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 4)

“Complexidade das obsessões. Quanto mais se estudem os transtornos obsessivos, mais fáceis se tornam o entendimento e a elucidação das complexidades de que se revestem, em razão das ressonâncias fisiológicas, psicológicas e mentais que lhes são defluentes. Tendo-se em vista que o obsidiado é sempre um Espírito enfermo, que se encontra incurso em graves comprometimentos em relação às Soberanas Leis da Vida, as aflições que lhe são impostas por aqueles que o perseguem podem dar lugar a processos de lesões orgânicas, assim como de ocorrências psicossomáticas, sem a presença de danos físicos. Toda vez quando se estudam as patologias obsessivas, logo ocorrem à mente aquelas de natureza psíquica, mais fáceis de manifestar-se em razão da ocorrência mais simples do fenômeno telepático entre o agente e o paciente. Nada obstante, em razão da plasticidade do perispírito, que assimila as vibrações das diferentes correntes de energia, a insistência da onda mental sobre a vítima atual termina por produzir equivalência de sintomas em relação ao agente desencarnado. Por essa razão, aparecem os transtornos psicológicos de fácil assimilação, especialmente aqueles que tipificaram o agressor antes da sua desencarnação. Não necessariamente, serão decorrência de efeitos fisiológicos, que não se instalam rapidamente, mas efeito da perfeita identificação entre ambos os litigantes. À medida que se prolonga a ação danosa, em contínuas cargas de energia deletéria, os complexos e delicados *tecidos da envoltura perispiritual* se desestruturam no campo em que se encontram, passando a dar lugar a dilacerações orgânicas ou abrindo espaço para a instalação de agentes microbianos degenerativos... Surgem então as doenças reais, porém de gênese espiritual, que exigem cuidadosa terapia espírita e médica. A ação perturbadora dos adversários desencarnados é muito persistente, porque esses espíritos comprazem-se em praticar o mal, revoltados uns por se encontrarem fora da matéria, outros por inveja, diversos mais por ignorância, e expressivo número pelo prazer de perturbar, conforme se encontram nesse estágio de miséria moral... Quando as criaturas humanas se derem conta dos prejuízos que resultam do intercâmbio doentio com os infelizes espirituais, que estão sempre interferindo nos pensamentos, nas palavras e nos seus atos, vigiarão com mais cuidado antes de tomarem algumas decisões, precavendo-se de ocorrências ignóbeis. O campo psíquico, sempre exposto em razão das ondas emitidas, normalmente, de qualidade inferior, proporciona a sintonia dos desocupados espirituais que facilmente se sentem atraídos para o conúbio em que se acreditam beneficiar, seja pelas energias que haurem, na *condição de parasitas mentais*, que se fazem também

emocionais e, com o tempo, tornando-se comparsas físicos em perfeita identificação de gostos e comportamentos. Todas as ocorrências do dia a dia iniciam-se na mente, em forma de *desejo e necessidade* que se convertem em realização no mundo das formas... Para a execução desses anseios, quando doentios, os Espíritos infelizes contribuem de maneira expressiva, preservando as ideias que se tornam fixações até o momento em que ocorre o compromisso torpe nas ações escabrosas. Propusesse-se o ser humano às construções psíquicas de enobrecimento e, da mesma forma, atraíam equivalentes espirituais, que os impulsionariam à execução dos planos acalentados, conforme ocorre com todos os idealistas e trabalhadores do bem. A sintonia é válida para todos os tipos de Espíritos, razão por que a proposta em favor da saúde integral se radica na transformação moral do ser para melhor, que faculta o convívio com os seus e os mentores da humanidade, sempre interessados na instalação da ordem, do progresso e da felicidade na Terra. A trajetória das vítimas de obsessão é assinalada por sofrimentos complexos, que se expressam em forma de conflitos de vária ordem, destacando-se o de inferioridade que leva à solidão, à perda da afetividade, por considerar-se desamadas, revestindo-se de ressentimento contra as demais pessoas, que têm em conta de inimigos declarados ou não. Concomitantemente, os *diálogos mentais* mantidos com os parceiros da morbidez emocional aumentam-lhes a desconfiança e mais as afasta de todos quantos podem ajudá-las, criando barreiras de difícil transposição. À medida que o isolamento se lhes faz, a instalação do mal torna-se mais grave, dando lugar aos primeiros danos emocionais e orgânicos, que significam agravamento da situação. Nesses processos obsessivos lamentáveis, a compaixão dos familiares ao lado da amizade real pelo enfermo constitui um primeiro passo para modificar a situação da *parasitose* espiritual, considerando-se que, nessa situação, normalmente o paciente escusa-se a aceitar qualquer tipo de ajuda, desde que tem a vontade sob o controle do invasor da sua casa mental. Nas ocorrências dessa natureza, não apenas o paciente encontra-se enquadrado nos impositivos de recuperação moral, mas também todo o grupo familiar, desde que ninguém renasce neste ou naquele clã doméstico por circunstância casual. Modificando-se a psicofera do lar para melhor, no que diz respeito aos valores morais do grupo, tanto o enfermo como os seus algozes passam a experimentar vibrações edificantes que terminam por equilibrar o primeiro e afastar os outros, quando não os melhora igualmente, auxiliando-os no entendimento das Divinas Leis. É nesse momento que a cooperação do endividado espiritual se torna indispensável, considerando-se ser ele o responsável pela ocorrência dolorosa. O seu esforço, pois, é creditado

como tentativa de reparação e de renovação interior, estabelecendo-se um melhor intercâmbio entre ele e os seus inimigos que, a pouco e pouco, reconhecendo-lhe a mudança de conduta, sentem-se sensibilizados, e quando isso não ocorre, os guias espirituais de ambos os envolvidos na contenda oferecem a sua contribuição libertadora, porque o mal não pode viger onde o bem coloca os seus pilotis. A prece e os passes, bem como a doutrinação dos desencarnados, completam a terapia de libertação de todos, destrinchando as malhas delicadas e complexas desse terrível flagelo que é a obsessão, muito presente na sociedade de todos os tempos, e particularmente na atual, em razão dos disparates morais que se apresentam em toda parte.” (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 17)

“**Complexidade das obsessões.** [...] Quando ocorre uma vigorosa afinidade entre um agente e um paciente nas obsessões, seja resultante dos vínculos do ódio ou do amor doentio, os *plugues* do ser desencarnado encaixam-se enérgica e perfeitamente nas *tomadas* morais e psíquicas daquele que lhe sofre a injunção penosa, dando lugar aos lamentáveis fenômenos de subjugação. A princípio, pode instalar-se o quadro deprimente com força, de um para outro momento, alienando o infeliz calceta que não se apercebeu da situação calamitosa, do sítio de que foi vítima antes do golpe certo e terminal. Em casos de tal natureza, a obsessão é sempre confundida com um dos diversos surtos que caracterizam as várias psicopatologias, sendo rotulada de maneira acadêmica, quando se fazem recomendadas as terapias fortes por intermédio dos barbitúricos e de outros processos enérgicos. De outra maneira, pode ocorrer lentamente, iniciando-se nos simples fenômenos de hipnose por parte do vingador, que se vai apoderando da usina mental da sua vítima, fixando-lhe ideias deprimentes e perturbadoras. Lentamente, a onda mental do obsessor assenhoreia-se dos centros pensantes do invigilante, que passa a ser telementalizado pelo outro, o atuante persistente, de tal forma contínua que o seu raciocínio cede campo ao *invasor*, que passa a dominar-lhe os centros da vontade, do discernimento, da emoção... Instalada a *parasitose* espiritual, o *invasor* passa a nutrir-se das energias daquele em quem fincou raízes mentais, exaurindo-o, a pouco e pouco, culminando, quando o processo se prolonga, numa simbiose em que passa a depender das forças vitais que usurpa... A subjugação é insidiosa hospedagem mental de um explorador desencarnado nas engrenagens humanas de quem lhe oferece *nutrição*. É inevitável, nesse momento, que ocorra a mudança do comportamento e da

personalidade do *hospedeiro*, totalmente dependente do fator externo explorador. A ingestão tóxica dos fluidos deletérios que absorve termina por enfermá-lo, ao tempo em que, enfraquecido pela perda das energias que lhe são roubadas, afrouxam-se-lhe as fixações do perispírito nos *chakras*, agora infestados também pelas vibrações morbosas, facilitando ainda mais a predominância malsã sobre aquele que lhe padece a constrição terrível. Amplia-se, então, o campo da perturbação, alcançando não apenas a mente, como também a emoção e o organismo em geral, de tal forma que se transformam o caráter, os sentimentos e as expressões habituais, que ficam alteradas, neles plasmadas as características do subjugador. Os maneirismos do agente insculpem-se no paciente e dominam-no por completo. Nessa situação penosa, modelam-se as formas em que se encontram os *hospedeiros*, produzindo os graves fenômenos de zoantropia com todas as horrendas consequências que produz. A terrível *parasitose* de tal forma se faz profunda que, após longo período não encontra solução na atual existência, transferindo-se para além da morte da vítima atual, até o momento quando a Divindade reencaminha à Terra em rudes expiações os litigantes inconsequentes... Todos aqueles que se encontram sob essa situação deplorável atentaram anteriormente com lucidez contra os Estatutos da Vida, ferindo-os com perversidade, e agora sofrem-lhes os efeitos danosos que causaram, que a si mesmos se impuseram... [...]” (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 17)

I.11. Simbiose entre obsessor e obsidiado¹

“Desdobravam-se os serviços da casa, harmoniosamente. Três guardas espirituais entraram na sala, conduzindo infeliz irmão ao socorro do grupo. Era infeliz irmão solitário desencarnado que não guardava consciência da própria situação. Incapaz de enxergar os vigilantes que o traziam, caminhava à maneira de um surdo-cego, impelido por forças que não conseguia identificar. – É um desventurado obsessor, que acabam de remover do ambiente a que, desde muito tempo, se ajusta – informou Áulus, compadecido. – Desencarnou em plena vitalidade orgânica, depois de extenuar-se em festiva loucura. Letal intoxicação cadaverizou-lhe o corpo, quando não possuía o menor sinal de habilitação para conchegar-se às verdades do espírito. E como quem já conhecia as particularidades da prestação de socorro que, decerto, fora antecipadamente preparada, continuou explicando: – Reparem.

¹ Vide Subcapítulo II.4 (“Afastamento dos espíritos obsessores: benefícios e riscos”), Capítulo II (“Desobsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

É alguém a movimentar-se nas trevas de si mesmo, trazido ao recinto sem saber o rumo tomado pelos próprios pés, como qualquer alienado mental em estado grave. Desenfaixando-se da veste de carne, com o pensamento enovelado a paixão por irmã nossa, hoje torturada enferma que sintonizou com ele, a ponto de retê-lo junto de si com aflições e lágrimas, passou a vampirizar-lhe o corpo. A perda do veículo físico, na deficiência espiritual em que se achava, deixou-o integralmente desarvorado, como naufrago dentro da noite. Entretanto, adaptando-se ao organismo da mulher amada que passou a obsidiar, nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto. Por haver a doente solicitado nosso concurso assistencial, somos constringidos a duplo socorro. Para que se cure das fobias que presentemente a assaltam como reflexos da mente dele, que se vê apavorado diante das realidades do espírito, é necessário o afastamento dos fluidos que a envolvem, assim como a coluna, abalada pelo abraço constringente da hera, reclama limpeza em favor do reajuste. [...]” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 6)

“Um dos guardas veio até nós e comunicou a Abelardo que o doente trazido à internação denotava crescente angústia. Áulus auscultou-o, paternalmente, e, em seguida, informou: – O pensamento da irmã encarnada que o nosso amigo vampiriza está presente nele, atormentando-o. Acham-se ambos sintonizados na mesma onda. É um caso de perseguição recíproca. Os benefícios recolhidos no grupo estão agora eclipsados pelas sugestões arremessadas de longe. – Temos então aqui – aleguei – um símile perfeito do que verificamos comumente na Terra, nos setores da mediunidade torturada. Médiuns existem que, aliviados dos vexames que recebem por parte de entidades inferiores, depressa como que lhes reclamam a presença, religando-se a elas automaticamente, embora o nosso mais sadio propósito de libertá-los. – Sim – aprovou o orientador –, enquanto não lhes modificamos as disposições espirituais, favorecendo-lhes a criação de novos pensamentos, jazem no regime da escravidão mútua, em que obsessores e obsidiados se nutrem das emanções uns dos outros. Temem a separação, pelos hábitos cristalizados em que se associam, segundo os princípios da afinidade, e daí surgem os impedimentos para a dupla recuperação que lhes desejamos. O doente fizera-se mais angustiado, mais pálido. Parecia registrar uma tempestade interior, pavorosa e incoercível. – Tudo indica a vizinhança da irmã que se lhe apoderou da mente. Nosso companheiro se revela mais dominado,

mais aflito... Mal acabara o orientador de formular o seu prognóstico e a pobre mulher, desligada do corpo físico pela atuação do sono, apareceu à nossa frente, reclamando feroz: – Libório! Libório! por que te ausentaste? Não me abandones! Regressemos para nossa casa! Atende, atende!... – Que vemos? – exclamou Hilário, intrigado. – Não será esta a criatura que o serviço desta noite pretende isolar das más influências? E porque o orientador respondesse de modo afirmativo, meu colega continuou: – Deus de bondade! Mas não está ela interessada no reajustamento da própria saúde? Não roga socorro à instituição que frequenta? – Isso é o que ela julga querer – explicou Áulus, cuidadoso –, entretanto, no íntimo, alimenta-se com os fluidos enfermícios do companheiro desencarnado e apegase a ele, instintivamente. Milhares de pessoas são assim. Registram doenças de variados matizes e com elas se adaptam para mais segura acomodação com o menor esforço. Dizem-se prejudicadas e inquietas, todavia, quando se lhes subtrai a moléstia de que se fazem portadoras, sentem-se vazias e padecentes, provocando sintomas e impressões com que evocam as enfermidades a se exprimirem, de novo, em diferentes manifestações, auxiliando-as a cultivar a posição de vítimas, na qual se comprazem. Isso acontece na maioria dos fenômenos de obsessão. Encarnados e desencarnados se prendem uns aos outros sob vigorosa fascinação mútua, até que o centro de vida mental se lhes altere. É por esse motivo que, em muitas ocasiões, as dores maiores são chamadas a funcionar sobre as dores menores, com o objetivo de acordar as almas viciadas nesse gênero de trocas inferiores. A esse tempo, a recém-chegada conseguira abeirar-se mais intimamente de Libório, que passou a demonstrar visível satisfação. Sorria ele agora à maneira de uma criança contente. [...]” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 14)

“SIMBIOSE ESPIRITUAL. [...] Simbiose útil. Revisemos, assim, a simbiose entre os vegetais, como, por exemplo, a que existe entre o cogumelo e a alga, na esfera dos líquens, em que as hifas ou filamentos dos cogumelos se intrometem nas gonídias ou células das algas e projetam-lhes no interior certos apêndices, equivalendo a complicados haustórios, efetuando a sucção das matérias orgânicas que a alga elabora por intermédio da fotossíntese. O cogumelo empalma-lhe a existência, todavia, em compensação, a alga se revela protegida por ele contra a perda de água, e dele recolhe, por absorção permanente, água e sais minerais, gás carbônico e elementos azotados, motivo pelo qual os líquens conseguem superar as maiores dificuldades do meio. Entretanto, o processo de semelhante associação pode estender-se em ocorrências completamente novas. É que se dois líquens, estruturados por diferentes cogumelos, se encontram, podem viver, um

ao lado do outro, com talo comum, pelo fenômeno da parabiose ou união natural de indivíduos vivos. Dessa maneira, a mesma alga pode produzir líquens diversos com cogumelos variados, podendo também suceder que um líquen se transfigure de aspecto, quando uma espécie micológica se sucede à outra. Julgava-se antigamente, na botânica terrestre, que os líquens participassem do grupo das criptogâmicas, mas Schwendener incumbiu-se de salientar-lhes a existência complexa, e Bonnier e Bornet, mais tarde, chamaram a si a obrigação de positivar-lhes a simbiose, experimentando a cultura independente de ambos os elementos integrantes, cultura essa que, iniciada no século findo, somente nos tempos últimos logrou pleno êxito, evidenciando, porém, que a vida desses mesmos componentes, sem o ajuste da simbiose, é indiscutivelmente frágil e precária. Outro exemplo de agregação da mesma natureza vamos encontrar em certas plantas leguminosas, que guardam os seus tubérculos nas raízes, cujas nodosidades albergam determinadas bactérias do solo que realizam a assimilação do azoto atmosférico, processo esse pelo qual essas plantas se fazem preciosas à gleba, devolvendo-lhe o azoto despendido em serviço. **Simbiose exploradora.** Contudo, além desses fenômenos em que a simbiose é simples e útil, temos as ocorrências desagradáveis, como sejam as micorrizas das orquídeas, em que o cogumelo comparece como sendo invasor da raiz da planta, caso esse em que a planta assume atitude anormal para adaptar-se, de algum modo, às disposições do assaltante, encontrando, por vezes, a morte, quando persiste esse ou aquele excesso no conflito para a combinação necessária. Nesse acontecimento, como assinalou Caullery, com justeza de conceituação, tal simbiose deve ser capitulada na patologia comum, por enquadrar-se perfeitamente ao parasitismo. Identificaremos, ainda, a simbiose entre algas e animais, em que as algas se alojam no plasma das células que atacam, como acontece a protozoários e esponjas, turbelários e moluscos, nos quais se implantam, seguras. **Simbiose das mentes.** Semelhantes processos de associação aparecem largamente empregados pela mente desencarnada, ainda tateante, na existência além-túmulo. Amedrontada perante o desconhecido, que não consegue arrostar de pronto, vale-se da receptividade dos que lhe choram a perda e demora-se colada aos que mais ama. E qual cogumelo que projeta para dentro dos tecidos da alga dominadores apêndices, com os quais lhe suga grande parte dos elementos orgânicos por ela própria assimilados, o Espírito desenfaixado da veste física lança habitualmente, para a intimidade dos tecidos fisiopsicossomáticos daqueles que o asilam, as emanções do seu corpo espiritual, como radículas alongadas ou sutis alavancas de força, subtraindo-lhes a vitalidade, elaborada por eles nos processos

da biossíntese, sustentando-se, por vezes, largo tempo, nessa permuta viva de forças. Qual se verifica entre a alga e o cogumelo, a mente encarnada entrega-se, inconscientemente, ao desencarnado que lhe controla a existência, sofrendo-lhe temporariamente o domínio até certo ponto, mas, em troca, à face da sensibilidade excessiva de que se reveste, passa a viver, enquanto perdure semelhante influência, necessariamente protegida contra o assalto de forças ocultas ainda mais deprimentes. Por esse motivo, ainda agora, em plena atualidade, encontramos os problemas da mediunidade evidente, ou da irreconhecida, destacando, a cada passo, inteligências nobres intimamente aprisionadas a cultos estranhos, em matéria de fé, as quais padecem a intromissão de ideias de terror, ante a perspectiva de se afastarem das entidades familiares que lhes dominam a mente através de palavras ou símbolos mágicos, com vistas a falaciosas vantagens materiais. Essas inteligências fogem deliberadamente ao estudo que as libertaria do cativeiro interior, quando não se mostram apáticas, em perigosos processos de fanatismo, inofensivas e humildes, mas arredadas do progresso que lhes garantiria a renovação. [...] **Outros processos simbióticos.** De outras vezes, o desencarnado que teme as experiências do Mundo Espiritual ou que insiste em prender-se por egoísmo aos que jazem na retaguarda, se possui inteligência mais vasta que a do hospedeiro, inspira-lhe atividade progressiva que resulta em benefício do meio a que se vincula, tal como sucede com a bactéria nitrificadora na raiz da leguminosa. Noutras circunstâncias, porém, efetua-se a simbiose em condições infelizes, nas quais o desencarnado permanece eivado de ódio ou perversidade enfermiza ao pé das próprias vítimas, inoculando-lhes fluídos letais, seja copiando a ação do cogumelo que se faz verdugo da orquídea, impulsionando-a a situações anormais, quando não lhe impõe lentamente a morte, seja reproduzindo a atitude das algas invasoras no corpo dos anelídeos, conduzindo-os a longas perturbações, fenômenos esses, no entanto, que capitularemos, com apontamentos breves, em torno do vampirismo, como responsável por vários distúrbios do corpo espiritual a se estamparem no corpo físico. **Ancianidade da simbiose espiritual.** Justo, assim, registrar que a simbiose espiritual permanece entre os homens, desde as eras mais remotas, em multifários processos de mediunismo consciente ou inconsciente, através dos quais os chamados “mortos”, traumatizados ou ignorantes, fracos ou indecisos, se aglutinam, em grande parte, ao “habitat” dos chamados “vivos”, partilhando-lhes a existência, a absorver-lhes parcialmente a vitalidade, até que os próprios Espíritos encarnados, com a força do seu próprio trabalho, no estudo edificante e nas virtudes vividas, lhes ofereçam material para mais amplas meditações, pelas quais se habilitem à necessária

transformação com que se adaptem a novos caminhos e aceitem encargos novos, à frente da evolução deles mesmos, no rumo de esferas mais elevadas. Pedro Leopoldo, 16/03/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 14)

“Afastado do conúbio permanente com Mariana, graças à interferência dos Benfeitores Espirituais, Guilherme esteve todo o tempo em tratamento especializado, de modo a refazer o campo mental, secularmente abalado pelo ódio infeliz e destruidor. Mariana, por sua vez, que já vivia aclimatada psiquicamente às vibrações do seu perseguidor, sentiu-lhe a ausência desde o momento em que Saturnino recolhera ao aconchego da prece aquele que se lhe fizera verdugo inconsciente e pertinaz. No dia imediato à primeira incorporação de Guilherme, a jovem, após retornar ao lar, deixara-se abater por forte prostração. As emoções suportadas durante aquele dia, a expectativa dolorosa e frustrada quanto ao desejado colóquio com o namorado, a presença da Sra. Aurelina e o reencontro com a genitora gastaram-lhe as resistências psíquicas e físicas, desde há muito vilmente vampirizadas pelo comparsa desencarnado. A jovem amanheceu, portanto, indisposta e perturbada. Recordava-se de cruéis pesadelos de que fora vítima, nos quais parecia estar sempre perseguida por impiedoso assassino que lhe desejava tomar a vida, despertando transtornada e sendo acometida de constantes delíquios. Dona Rosa e Amália desdobrava-se em angustiante assistência à moça atormentada, sem lograrem os resultados que desejavam. O Sr. Mateus, indiferente ao drama que se desenrolava no próprio lar, mantinha-se apático, distante... Ao entardecer, como Mariana continuasse em doloroso desconcerto emocional, por alvitre de Amália foi chamado um médico relacionado com a família, que, após aplicar um sedativo, recomendou repouso e confidenciou à mãe aflita a sua opinião de que a jovem estava com singular crise histérica, da qual poderia sair mentalmente perturbada. A nobre senhora, banhada em lágrimas, redobrou cuidados junto ao leito da filha e de imediato solicitou a Amália fosse buscar a caridade nas mãos de José Petitinga, convidando-o a vir ao seu lar, em tarefa de socorro e compaixão. O servidor fiel do Evangelho, à hora aprazada, tendo-nos antes convidado, compareceu, conosco, solícito, ao lar dos Soares, e fomos conduzidos ao quarto em que a moça dormia, visivelmente agitada. Depois de demorada concentração e de sincero recolhimento através da oração, Petitinga, amparado carinhosamente pelo irmão Saturnino, fez demorada aplicação de passes na jovem, que lentamente se foi acalmando até que o sono se lhe fez reparador, tranquilizante. Interessado em acalmar a família aflita, esclareceu, bondoso: — Mariana, conforme verificamos nos trabalhos espirituais da noite passada, vinha sendo vítima de uma

obsessão em grave desenvolvimento. Vinculada pelo passado culposo a atormentado companheiro que se lhe transformou em adversário vingador, absorveu durante alguns anos as energias deletérias em que se via envolvida, criando um condicionamento psíquico que, embora desgastando o seu organismo, lhe servia, também e simultaneamente, de sustentação. Libertada da constrição perturbadora, conforme acompanhamos durante os trabalhos desobsessivos, ressentido e padece as consequências da falta dos fluídos pesados... E desejando elucidar com mais segurança, acrescentou: — É como alguém que, ambientado a uma região de ar viciado, repentinamente fosse trasladado para um planalto de ar rarefeito e puro, o que produziria natural sensação de mal-estar, asfixia e tortura.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 7)

“Enquanto isto ocorria, Marta, recém-libertada dos velhos conceitos vazados na mais chã superstição, buscava manter a resolução firme de perseverar nas ideias do Espiritismo. Graças, porém, ao longo convívio psíquico com Entidades muito grosseiras, o que originara uma certa interdependência entre a sensitiva incauta e os seus comensais, começou a experimentar desequilíbrios perfeitamente compreensíveis. Vidente com boas possibilidades de registro e percepção que, conquanto ultrajada pelo uso, captava as mensagens dos desencarnados, passou a sofrer-lhes o cerco nefando, a que fazia jus, pela própria leviandade. A simples mudança de clima impõe ao organismo adaptação necessária. Assim, a alteração da “psicosfera” se faz, também, acompanhar de esforço muito grande para elaboração de outras condições íntimas e conveniente sintonia. Embora o esforço para vincular-se aos ideais renovadores, via as entidades antigas, ameaçadoras, escarnecendo dos seus propósitos e provocando injustificáveis temores, o que gera, normalmente, a crença de que as pessoas que abandonam tais compromissos sofrem até à desencarnação o assédio dos antigos comparsas. Perfeitamente compreensível que tais vínculos, muito profundos, não podem ser desfeitos pura e simplesmente com uma atitude. Há que edificar, novos laços e organizar resistências convenientes. Possuidora, no entanto, de muita força de vontade, passou a estudar o Espiritismo com interesse, instruindo-se nas suas lições preciosas, através do que armazenava argumentação para uso próprio, Confiança ilimitada no auxílio divino. Submeteu-se a carinhoso tratamento de passes magnéticos, aplicados por médiuns adestrados e educados, fazendo-se membro atuante dos trabalhos doutrinários, nos quais as lições confortadoras da fé renovada lhe penetravam, sendo, por fim, convidada a atuar nas experiências mediúnicas, e se tornando, vagarosamente, um instrumento disciplinado, por cuja mediunidade diversos dos membros das suas anteriores crenças receberam a luz esclarecedora da razão, desertando

dos propósitos acalentados e iniciando nova trajetória, como que renascendo para a verdadeira vida.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 15)

“Logo após os socorros ministrados ao Espírito Ermínio Lopez, durante a psicoterapia a que já nos referimos, foram tomadas do nosso lado providências especiais junto a Lisandra, a fim de auxiliá-la no processo depurador. Em virtude da problemática íntima, decorrente do ultraje às leis em que incidira no passado, levemente, não apenas Ermínio lhe constituía comensal junto à vitalidade fisiopsíquica de que se nutria, inconscientemente. Com os centros da emotividade seriamente desconectados e com os registros da memória inconsciente em desgoverno, fácil lhe eram o desequilíbrio, a aquiescência às interferências espirituais negativas, ao comando direto dos adversários desencarnados que a exploravam. Com a imantação psíquica defluente do processo obsessivo de longo curso, a vampirização espiritual se desenvolvia, dominadora, minando-lhe as defesas mentais e orgânicas numa problemática destrutiva com que a vingança dos enfermos espirituais se desforçava dos padecimentos sofridos... Sem se darem conta do prejuízo próprio, em face da agressão injustificável — porquanto a ninguém, sob pretexto algum, é lícita a ação maléfica — obsidiando Lisandra, passavam, também, a depender dos seus fluidos, que lhes eram tonificadores, a fim de prosseguirem fruindo as sensações do tônus físico... Como lhe diminuíssem as resistências, o grupo infeliz responsável pela parasitose espiritual passara a lutar entre si, disputando, na simbiose obsessiva, as fracas e escassas reservas de energias da paciente desequilibrada. De procedência moral inferior, mancomunaram-se inicialmente para a agressão em que se empenhavam. Percebendo-se defraudados, em razão da predominância de Ermínio, passaram à disputa entre si, rancorosos e prepotentes, estabelecendo no campo mental da jovem verdadeiro sítio de malsinada batalha. Nos processos obsessivos graves, os perturbadores, que se comprazem na desdita, com o tempo se jugulam em vampirização odienta, na qual absorvem alimento em que sustentam as débeis forças em alucinado desalinho. Dessa forma, a vítima se lhes transforma em fonte de vitalidade, de que não se conseguem apartar com facilidade.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“Terminada a nossa tarefa, antes de nos retirarmos do recinto feérico, que exalava os mais variados odores de mistura com a forte impregnação de drogas e lança-perfumes com que se intoxicavam os foliões, ia ter início o desfile, no qual se misturava o fantástico, o sonho, o exagero das alucinações. Nos bastidores a luta era inocultável, em que as intrigas e diatribes confundiam-se com as promessas de agressões físicas e escândalos, entre palavras ásperas e vulgares. As paixões afluíam, extravasando em torrentes de desequilíbrio.

Misturavam-se Espíritos de aspecto bestial e lupino, verdugos e técnicos de vampirização do tônus sexual em promiscuidade alarmante com inúmeros encarnados, que se compraziam e, reciprocamente, na situação *parasitária*, em *osmose* psíquicas de avançado grau. Em alguns casos tornava-se difícil dissociar o *parasita* espiritual do seu *hospedeiro*, tão profundamente enlaçados se encontravam. Inobstante o brilho das sedas e pedrarias falsas, dos *paetês* e bordados fulgurantes, do oscilar das plumas coloridas, o ambiente dava mostras do baixíssimo teor de vibrações viciosas que ali tresandava. Em nós, nenhuma censura ou crítica dissolvente. As nossas observações têm por meta o estudo do comportamento de homens e Espíritos no mesmo clima psíquico, para melhor compreender e recordar as terapias preventivas dos males que entorpecem ou anulam as aspirações superiores da criatura humana.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 15)

“— Agradece, meu irmão, este momento — propôs-lhe o genitor da vítima. — Agradecemos todos, e, como sinal do teu reconhecimento, liberta a quem te fez infeliz. Houve um silêncio demorado na sala, inundada por vibrações superiores. Foi o comunicante quem o quebrou, dizendo: — Você pede-me que o liberte e não tem ideia do que solicita. A palavra liberte terá um significado muito profundo, quase terrível para você e para ele, para a família, caso eu concorde com o apelo. Estamos tão intimamente ligados, quanto a planta parasita na árvore que a hospeda. Com o tempo, as raízes da naturalmente enxertada penetraram na seiva da outra, gerando tremenda simbiose. Ambos nos necessitamos para viver. Embora eu aqui me encontre, estou vinculado a ele... Se eu me arrancar do seu convívio físico e mental, eu me desequilibrarei muito, e o corpo dele morrerá...” A palavra produziu um choque. A Mentora manteve o apoio sobre o doutrinador, que se abalou, mas, recompondo-se, prosseguiu: — Faze a tua parte, e o restante é com o Pai Celestial, realmente o dono da vida. — Seu filho morrerá, então, infelizmente. Sem mim, ele não sobreviverá. Escolha: tê-lo comigo, ou, sem mim, perdê-lo. A mãe do enfermo estava a ponto de desequilibrar-se. A irmã Anita retirou a jovem, após adormecê-la, e o Dr. Bezerra de Menezes, que até então auxiliava, sem atuar diretamente, aproximou-se da senhora muito sofrida e tocou-lhe a fronte. Ela estremeceu, e ele disse-lhe, mente-a-mente: — Confia em Deus. Nossos filhos são filhos da Vida, quanto o somos também. Não temas, e confia. Ocorrerá o melhor, o que seja de mais edificante para ti, o filho e o esposo. Acalma-te e aguarda! Ela registrou a palavra amorosa e foi dominada pela energia refazente do Benfeitor, que a penetrou, dulcificando-lhe o corpo e a alma cansados.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 19)

“Encontrávamo-nos surpresos ante o desfecho da comunicação mediúnica, cujo prognóstico futuro, em relação ao obsidiado, me produzira compreensível impacto. A referência do parasita espiritual fora clara e, realmente, na esfera das vidas em simbiose, a extirpação de uma agride e mata, às vezes, a outra. Todavia, embora o assunto não me fosse inteiramente desconhecido, a oportunidade de constatá-lo surgia-me pela primeira vez. Aguardamos esclarecimentos que nos iluminassem a razão e quando, mais tarde, o venerável Dr. Bezerra nos convidou a seguir o casal, em cujo cometimento a irmã Emerenciana se associava, não me furtei a algumas indagações. [...] Chegando ao lar, o casal foi recebido por gentil familiar que assistia o jovem, enquanto os pais se encontravam ausentes. A senhora estava aflita e narrou, apressadamente, que Alberto se encontrava muito mal. Quando chegamos ao quarto, deparamo-nos com uma cena comovedora. Um jovem, de corpo volumoso, agitava-se no leito. As marcas da limitação mental se estampavam na face do idiota e, embora os cuidados que o amparavam, o conjunto físico era desagradável à vista, numa primeira e apressada impressão. Respirava com dificuldade e gemia, exteriorizando um estado íntimo agônico e opressivo. A mãezinha correu ao telefone e chamou o médico com urgência. O pai se deteve no quarto e pudemos ouvir-lhe a mente raciocinando. Ele constata o significado da palavra liberte, conforme se referira o desencarnado, igualmente infeliz. Percebeu que o filho estava morrendo. — Desde quando ele está assim? — indagou, à parenta, a senhora Clotilde. — Há cerca de duas horas tudo começou. Eu estava tricotando, na sala, quando ouvi um ruído inusitado. Corri ao quarto e encontrei-o encostado à cabeceira da cama, com os olhos projetados para fora das órbitas, como se acompanhasse alguma cena pavorosa. Depois, contorceu-se e agitou-se, qual se alguma coisa estivesse sendo arrancada de dentro dele. Por fim, deu um grito, e arriou, respirando com dificuldade e vertendo um pranto silencioso, como jamais eu o vira fazer... A genitora ajoelhou-se ao lado da cama, segurou a mão do filho e começou a falar-lhe com ternura, enquanto chorava com resignação, apesar da imensa dor que a vencia. A irmã Emerenciana aproximou-se da senhora e vitalizou-a com energias de sustentação na área coronária, depois, na cardíaca, enquanto a estimulava à coragem e à confiança no futuro. Ela não ouvia as palavras, entretanto, senti-as como reconforto e serenidade. Nesse momento, o caroável Médico da caridade acercou-se do moribundo e começou a aplicar-lhe recursos de dispersão fluídica, desvinculando-o do envoltório carnal. A operação complexa demorou por vários minutos. O jovem adquiriu lampejos de lucidez, nos olhos marejados de lágrimas, fitou os pais, como se lhes desejasse externar gratidão e amor, tal a

sensação de ventura que experimentava, livre da terrível constrição que padecera pelos largos anos. A mãezinha sentiu-lhe o aperto de mão, equilibrado, afetuoso. — Ele se está despedindo de nós! — exclamou, angustiada. — Segure-o! O Sr. Anselmo sentou-se ao lado, ergueu-lhe o tórax e a cabeça, que encostou ao seu ombro e, amparado pela Mentora, falou:— É a libertação, meu filho querido. O Pai deseja e espera a salvação de todos e não a sua perda. Não tema! Este capítulo de dor está encerrado; abre-se um novo, na sua e em nossas vidas. Você seguirá; todavia, não nos separaremos, continuando a avançar pela mesma trilha. Arrebentam-se as algemas e você recobra os seus movimentos. Poderá, agora, voar, livre e feliz. A noite cede lugar ao dia. Bons Amigos o aguardam. Chame por Jesus e seja dócil... Nós iremos, logo mais. Ele estremeceu e tentou balbuciar algumas palavras: — Pa...pai!... Ma...mãe!... A respiração fez-se-lhe mais difícil. Cerrou os olhos e começou o quadro comatoso, prenunciador da morte. O Benfeitor, após a operação delicada, cessou a técnica de que se utilizava, enquanto suave oração se evolava das almas contritas dos pais, que se despediam. Neste comenos, chegou o médico, que percebeu, de imediato, a gravidade do caso. Mesmo assim, examinou-o, superficialmente e, homem acostumado aos momentos in extremis, não teve dúvidas, e acentuou: — Tarde demais! Ele está entregando a alma a Deus. É questão de pouco tempo. Demoramo-nos no recinto até ao amanhecer, quando Alberto desencarnou e Dr. Bezerra deslindou os últimos liames, entrando o corpo na imediata eliminação das energias vitais restantes. Adormecido, ele permaneceu no local, recebendo apropriada assistência por parte do Benfeitor, até que se fizesse oportuno removê-lo dali, o que se daria após a inumação cadavérica.: — E que ocorre, neste momento, com o seu antigo perseguidor? A bondosa Instrutora, sempre incansável e desejosa de instruir-me, elucidou: — “À medida que a obsessão Enquanto o tempo transcorria, num momento próprio, interroguei a irmã Emerenciana, quanto aos cuidados que ali foram ministrados, se a prática era normal em todos os casos. Pacientemente, ela esclareceu-me: — Cada desencarnação se dá conforme haja transcorrido a existência carnal. Muitos fatores concorrem, a fim de que os processos da morte biológica se deem. Neste, consideramos os títulos de merecimento dos pais, capitalizados em favor do filho enfermo, que expiava, sem outra alternativa. Concluindo a dívida, é justo que receba o contingente de esperança e de paz que merece. Além do mais, o prejudicado mais próximo concedeu-lhe o aval de liberdade, encerrando-se este capítulo doloroso na vida de ambos, com perspectivas de futuros recomeços felizes. — E se não houvesse esta assistência, que ocorreria? — O processo da agonia se faria mais

longo e mais penoso, aumentando-lhe o aturdimento espiritual. — E ele recobrará a lucidez de imediato? — Não rapidamente. Quase vinte anos de entorpecimento psíquico, em face dos danos de que foi vítima o perispírito, exigem um processo natural, paulatino, de recuperação, no qual as impressões se acentuam de maneira diversa, propiciando o ressumar dos conhecimentos adormecidos. Sob cuidados especiais ele se readaptará, recobrando as faculdades que desorganizou. Não desejando ser imprudente, mas sedento de informações, voltei a inquirir-se faz mais profunda, o fenômeno da simbiose — interdependência entre o explorador psíquico e o explorado — se torna mais terrível. Chega o momento em que o perseguidor se enleia nos fluídos do perseguido de tal maneira que as duas personalidades se confundem... A ingerência do agente perturbador no cosmo orgânico do paciente termina por jugulá-lo aos condimentos e emanções da sua presa, tornando-se, igualmente, vítima da situação, impossibilitando-se o afastamento. Por outro lado, a magnetização e intoxicação fluídica do agressor sobre o hospedeiro transforma-se em alimento próprio para a organização celular que se não a recebe, de repente, desajusta o seu equilíbrio. No princípio, gera distonia, desarticulação, para depois adaptar-se e aceitar a energia deletéria sem maiores choques nos elementos que constituem o universo celular... “É natural, portanto, que o explorador esteja, neste momento, experimentando uma forma específica de morte, que decorre da falta de alimento a que se entregou nos últimos largos anos. É o efeito da exploração que agora se lhe apresenta como carência. “Como, porém, ninguém fica ao desamparo do Amor, ajudando-se a Alberto é inevitável que a ele também se atenda. Neste momento, a nossa Anita, chefiando um grupo de cooperadores de nossa Casa, está colaborando em favor do seu reajustamento e readaptação ao novo habitat físico-mental — E ele sofre? — Naturalmente. Arrancando-se alguém de um vale pestilento e erguendo-o a uma paisagem ampla, no acume de um monte, com oxigênio puro, este experimentará a diferença de pressão atmosférica, decorrente da altitude, até acostumar-se à nova situação. Na área espiritual, onde os campos vibratórios são bem diferenciados, os Espíritos sentem com maior amplitude o efeito da movimentação neles. Ninguém transfere um organismo vivo de um para outro clima, sem que ele deixe de sofrer o efeito da mudança. O mesmo ocorre na vida espiritual, onde não há improvisação, nem regime de preferência. As asas da angelitude, que alçam às Regiões Felizes, como os grilhões retentivos, que chumbam ao solo e impõem o

rastejar doloroso, são construídos por cada criatura, através do material que elege para atuar.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 20)

I.12. Obsessão e metamorfose perispiritual: ovoides, licanthropia e zoantropia²

“Alguns minutos decorreram, desagradáveis e pesados, quando absorvente vozerio se fez ouvido: – Os magistrados! Os magistrados! Lugar! Lugar para os sacerdotes da justiça! Procurei a paisagem exterior, curiosamente, tanto quanto me era possível, e vi que funcionários rigorosamente trajados à moda dos lictores da Roma antiga, carregando a simbólica machadinha (fascas) ao ombro, avançavam, ladeados por servidores que sobraçavam grandes tochas a lhes clarearem o caminho. Penetraram o átrio em passos rítmicos e, depois deles, sete andores, sustentados por dignitários diversos daquela corte brutalizada, traziam os juizes, esquisitamente ataviados. Que solenidade religiosa era aquela? As poltronas suspensas eram, em tudo, idênticas à “sedia gestatória” das cerimônias papalinas. Varando, agora, o recinto, os lictores passaram o instrumento simbólico às mãos e alinharam-se, corretos, perante a tribuna espaçosa, sobre a qual resplandecia alarmante facho de luz. Os julgadores, por sua vez, desceram, pomposos, dos tronos içados e tomaram assento numa espécie de nicho a salientar-se de cima, inspirando silêncio e temor, porque a turba inconsciente, em redor, calou-se de súbito. Tambores variados rufaram, como se estivessemos numa parada militar em grande estilo, e uma composição musical semisselvagem acompanhou-lhes o ritmo, torturando-nos a sensibilidade. Terminado aquele ruído, um dos julgadores se levantou e dirigiu-se à massa, aproximadamente nestes termos: – “Nem lágrimas, nem lamentos. “Nem sentença condenatória, nem absolvição gratuita. “Esta casa não pune, nem recompensa. “A morte é caminho para a justiça. “Escusado qualquer recurso à compaixão, entre criminosos. “Não somos distribuidores de sofrimento, e, sim, mordomos do Governo do Mundo. “Nossa função é a de selecionar delinquentes, a fim de que as penas lavradas pela vontade de cada um sejam devidamente aplicadas em lugar e tempo justos. “Quem abriu a boca para vilipendiar e ferir, prepare-se a receber, de retorno, as forças tremendas que desencadeou através da palavra envenenada. “Quem abrigou a calúnia, suportará os gênios infelizes aos quais confiou os ouvidos. “Quem desviou a visão para o ódio e para a desordem, descubra novas

2 Vide Subcapítulo III.10 (“Obsessão, possessão, subjugação e metamorfose perispiritual”), Capítulo III (“Corpo perispiritual, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

energias para contemplar os resultados do desequilíbrio a que se consagrou, espontaneamente. “Quem utilizou as mãos em sementeiras de malícia, discórdia, inveja, ciúme e perturbação deliberada, organize resistência para a colheita de espinhos. “Quem centralizou os sentidos no abuso de faculdades sagradas espere, doravante, necessidades enlouquecedoras, porque as paixões envilecentes, mantidas pela alma no corpo físico, explodem aqui, dolorosas e arrasadoras. A repressão por longo tempo guarda micróbios e monstros, segregados a distância do curso tranquilo das águas; todavia, chega um momento em que a tempestade ou a decadência surpreendem a obra vigorosa de alvenaria e as formas repelentes, libertadas, se espalham e crescem em toda a extensão da corrente. “Seguidores do vício e do crime, tremei! “Condenados por vós mesmos, conservais a mente prisioneira das mais baixas forças da vida, à maneira do batráquio encarcerado no visco do pântano, ao qual se habituou no transcurso dos séculos!...” Nesse ponto, o orador fez pausa e reparei os circunstantes. Olhos esgazeados pelo pavor jaziam abertos em todas as máscaras fisionômicas. O juiz, por sua vez, não parecia respeitar o menor resquício de misericórdia. Mostrava-se interessado em criar ambiente negativo a qualquer espécie de soerguimento moral, estabelecendo nos ouvintes angustioso temor. Prolongando-se o intervalo, enderecei com o olhar silenciosa interrogação ao nosso orientador, que me falou quase em segredo: – O julgador conhece à saciedade as leis magnéticas, nas esferas inferiores, e procura hipnotizar as vítimas em sentido destrutivo, não obstante usar, como vemos, a verdade contundente. – Não vale acusar a edilidade desta colônia – prosseguiu a voz trovejante –, porque ninguém escapará aos resultados das próprias obras, quanto o fruto não foge às propriedades da árvore que o produziu. Amaldiçoados sejam pelo Governo do Mundo quem nos desrespeite as deliberações, baseadas, aliás, nos arquivos mentais de cada um. Assinalando, intuitivamente, a queixa mental dos ouvintes, bradou, terrificante: – Quem nos acusa de crueldade? Não será benfeitor do espírito coletivo o homem que se consagra à vigilância de uma penitenciária? E quem sois vós, senão rebotallo humano? Não viestes, até aqui, conduzidos pelos próprios ídolos que adorastes? Nesse momento, convulsivo choro invadiu a muitos. Gritos atormentados, rogativas de compaixão se fizeram ouvir. Muitos se prosternaram de joelhos. Imensa dor generalizara-se. Gúbio trazia a destra sobre o peito, como se contivesse o coração, mas, vendo por minha vez aquele grande grupo de espíritos rebelados e humilhados, orgulhosos e vencidos, lastimando amargamente as oportunidades perdidas, recordei meus velhos caminhos de ilusão e – porque não dizer? – Ajoelhei-me também, compungido, implorando piedade em silêncio. Exasperado, o

julgador bradou, colérico: – Perdão? Quando desculpastes sinceramente os companheiros da estrada? Onde está o juiz reto que possa exercer, impune, a misericórdia? E incidindo toda a força magnética que lhe era peculiar, através das mãos, sobre uma pobre mulher que o fixava, estarrecida, ordenou-lhe com voz soturna: – Venha! Venha! Com expressão de sonâmbula, a infeliz obedeceu à ordem, destacando-se da multidão e colocando-se, em baixo, sob os raios positivos da atenção dele. – Confesse! Confesse! – determinou o desapiedado julgador, conhecendo a organização frágil e passiva a que se dirigia. A desventurada senhora bateu no peito, dando-nos a impressão de que rezava o “confeiteiro” e gritou, lacrimosa: – Perdoai-me! Perdoai-me, ó Deus meu! E como se estivesse sob a ação de droga misteriosa que a obrigasse a desnudar o íntimo, diante de nós, falou, em voz alta e pausada: – Matei quatro filhinhos inocentes e tenros... e combinei o assassinio de meu intolerável esposo... O crime, porém, é um monstro vivo. Perseguiu-me, enquanto me demorei no corpo... Tentei fugir-lhe através de todos os recursos, em vão... e por mais buscassem afogar o infortúnio em “bebidas de prazer”, mais me chafurdei no charco de mim mesma... De repente, parecendo sofrer a interferência de lembranças menos dignas, clamou: – Quero vinho! Vinho! Prazer!... Em vigorosa demonstração de poder, afirmou, triunfante, o magistrado: – Como libertar semelhante fera humana ao preço de rogativas e lágrimas? Em seguida, fixando sobre ela as irradiações que lhe emanavam do temível olhar, asseverou, peremptório: – A sentença foi lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba... À medida que repetia a afirmação, qual se procurasse persuadi-la a sentir-se na condição do irracional mencionado, notei que a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica. Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto. Via-se, patente, naquela exibição de poder, o efeito do hipnotismo sobre o corpo perispirítico. Em voz baixa, procurei recolher o ensinamento de Gúbio, que me esclareceu num cicio: – O remorso é uma bênção, sem dúvida, por levar-nos à corrigenda, mas também é uma brecha, através da qual o credor se insinua, cobrando pagamento. A dureza coagula-nos a sensibilidade durante certo tempo; todavia, sempre chega um minuto em que o remorso nos descerra a vida mental aos choques de retorno das nossas próprias emissões. E acentuando, de modo singular, a voz quase imperceptível, acrescentou: – Temos aqui a gênese dos fenômenos de licantropia, inextricáveis, ainda, para a investigação dos médicos encarnados. Lembra-te de Nabucodonosor, o rei poderoso, a que se refere a Bíblia? Conta-nos o Livro Sagrado que ele viveu, sentindo-se animal,

durante sete anos. O hipnotismo é tão velho quanto o mundo e é recurso empregado pelos bons e pelos maus, tomando-se por base, acima de tudo, os elementos plásticos do perispírito. Notando, porém, que a mulher infeliz prosseguia guardando estranhos caracteres no semblante, perguntei: – Esta irmã infortunada permanecerá doravante em tal aviltamento da forma? Finda longa pausa, o instrutor informou, com tristeza: – Ela não passaria por esta humilhação se não a merecesse. Além disso, se se adaptou às energias positivas do juiz cruel, em cujas mãos veio a cair, pode também esforçar-se intimamente, renovar a vida mental para o bem supremo e afeiçoar-se à influência de benfeitores que nunca escasseiam na senda redentora. Tudo, André, em casos como este, se resume a problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida.” (AL, *Libertação*, Capítulo 5)

“Ante o intervalo espontâneo, reparei, não longe de nós, como que ligadas às personalidades sob nosso exame, certas formas indecisas, obscuras. Semelhavam-se a pequenas esferas ovóides, cada uma das quais pouco maior que um crânio humano. Variavam profusamente nas particularidades. Algumas denunciavam movimento próprio, ao jeito de grandes amebas, respirando naquele clima espiritual; outras, contudo, pareciam em repouso, aparentemente inertes, ligadas ao halo vital das personalidades em movimento. Fixei, demoradamente, o quadro, com a perquirição do laboratorista diante de formas desconhecidas. Grande número de entidades, em desfile nas vizinhanças da grade, transportava essas esferas vivas, como que imantadas às irradiações que lhes eram próprias. Nunca havia observado, antes, tal fenômeno. Em nossa colônia de residência, ainda mesmo em se tratando de criaturas perturbadas e sofredoras, o campo de emanções era sempre normal. E quando em serviço, ao lado de almas em desequilíbrio, na Esfera da Crosta, nunca vira aquela irregularidade, pelo menos quanto me fora, até ali, permitido observar. Inquieto, recorri ao instrutor, rogando-lhe ajuda. – André – respondeu ele, circunspecto, evidenciando a gravidade do assunto –, compreendo-te o espanto. Vê-se, de pronto, que és novo em serviços de auxílio. Já ouviste falar, de certo, numa “segunda morte”. – Sim – acentuei –, tenho acompanhado vários amigos à tarefa reencarnacionista, quando, atraídos por imperativos de evolução e redenção, tornam ao corpo de carne. De outras vezes, raras aliás, tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual, conquistando planos mais altos. A esses missionários, distinguidos por elevados títulos na vida superior, não me foi possível seguir de perto. Gúbio sorriu e considerou: – Sabes, assim, que o vaso perispiritual é também transformável e perecível, embora estruturado em tipo de matéria mais rarefeita. – Sim... – acrescentei, reticencioso, em minha sede de saber.

– “Viste companheiros – prosseguiu o orientador –, que se desfizeram dele, rumo a esferas sublimes, cuja grandeza por enquanto não nos é dado sondar, e observaste irmãos que se submeteram a operações redutivas e desintegradoras dos elementos perispiríticos para renascem na carne terrestre. Os primeiros são servidores enobrecidos e gloriosos, no dever bem cumprido, enquanto que os segundos são colegas nossos, que já merecem a reencarnação trabalhada por valores intercessores, mas, tanto quanto ocorre aos companheiros respeitáveis desses dois tipos, os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual. “Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que por muitos anos elegeram em centro de interesses fundamentais. Grande número, nessas circunstâncias, mormente os participantes de condenáveis delitos, imantam-se aos que se lhes associaram nos crimes. Se o discípulo de Jesus se mantém ligado a Ele, através de imponderáveis fios de amor, inspiração e reconhecimento, os pupilos do ódio e da perversidade se demoram unidos, sob a orientação das inteligências que os entrelaçam na rede do mal. Enriquecer a mente de conhecimentos novos, aperfeiçoar-lhe as faculdades de expressão, purificá-la nas correntes iluminativas do bem e engrandecê-la com a incorporação definitiva de princípios nobres é desenvolver nosso corpo glorioso, na expressão do apóstolo Paulo, estruturando-o em matéria sublimada e divina. Essa matéria, André, é o tipo de veículo a que aspiramos, ao nos referirmos à vida que nos é superior. Estamos ainda presos às aglutinações celulares dos elementos físico-perispiríticos, tanto quanto a tartaruga permanece algemada à carapaça. Imergimo-nos dentro dos fluidos carnis e deles nos libertamos, em vicioso vaivém, através de existências numerosas, até que acordemos a vida mental para expressões santificadoras. “Somos quais arbustos do solo planetário. Nossas raízes emocionais se mergulham mais ou menos profundamente nos círculos da animalidade primitiva. Vem a foice da morte e sega-nos os ramos dos desejos terrenos; todavia, nossos vínculos guardam extrema vitalidade nas camadas inferiores e renascemos entre aqueles mesmos que se converteram em nossos associados de longas eras, através de lutas vividas em comum, e aos quais nos agrilhoamos pela comunhão de interesses da linha evolutiva em que nos encontramos.” As elucidações eram belas e novas aos meus ouvidos e, em razão disso, calei as interrogações que me vagueavam no íntimo, para atenciosamente registrar as considerações do instrutor, que prosseguiu: – A vida física é puro estágio educativo, dentro da eternidade, e a ela ninguém é chamado a fim de candidatar-se a paraísos de favor e, sim, à moldagem viva do céu no santuário do Espírito, pelo máximo

aproveitamento das oportunidades recebidas no aprimoramento de nossos valores mentais, com o desabrochar e evoluir das sementes divinas que trazemos conosco. O trabalho incessante para o bem, a elevação de motivos na experiência transitória, a disciplina dos impulsos pessoais, com amplo curso às manifestações mais nobres do sentimento, o esforço perseverante no infinito bem, constituem as vias de crescimento mental, com aquisição de luz para a vida imperecível. Cada criatura nasce na Crosta da Terra para enriquecer-se através do serviço à coletividade. Sacrificar-se é superar-se, conquistando a vida maior. Por isto mesmo, o Cristo asseverou que o maior no Reino Celeste é aquele que se converter em servo de todos. Um homem poderá ser temido e respeitado no Planeta pelos títulos que adquiriu à convenção humana, mas se não progrediu no domínio das ideias, melhorando-se e aperfeiçoando-se, guarda consigo mente estreita e enfermicha. Em suma, ir à matéria física e dela regressar ao campo de trabalho em que nos achamos presentemente, é submeter-nos a profundos choques biológicos, destinados à expansão dos elementos divinos que nos integram, um dia, a forma gloriosa. E porque me visse na atitude do aprendiz que interroga em silêncio, Gúbio asseverou: – Para fazer-me mais claro, voltemos ao símbolo da árvore. O vaso físico é o vegetal, limitado no espaço e no tempo, o corpo perispírico é o fruto que consubstancia o resultado das variadas operações da árvore, depois de certo período de maturação, e a matéria mental é a semente que representa o substrato da árvore e do fruto, condensando-lhes as experiências. A criatura para adquirir sabedoria e amor renasce inúmeras vezes, no campo fisiológico, à maneira da semente que regressa ao chão. E quantos se complicam, deliberadamente, afastando-se do caminho reto na direção de zonas irregulares em que recolhem experimentos doentios, atrasam, como é natural, a própria marcha, perdendo longo tempo para se afastarem do terreno resvaladiço a que se relegaram, ligados a grupos infelizes de companheiros que, em companhia deles, se extraviaram através de graves compromissos com a leviandade ou com o desequilíbrio. Compreendeste, agora? Apesar da gentileza do orientador, que fazia o possível por clarear o seu pensamento, ousei indagar: – E se consultarmos esses esferoides vivos? Ouvir-nos-ão? Possuem capacidade de sintonia? Gúbio atendeu, solícito: – Perfeitamente, compreendendo-se, porém, que a maioria das criaturas, em semelhante posição nos sítios inferiores quanto este, dormitam em estranhos pesadelos. Registram-nos os apelos, mas respondem-nos, de modo vago, dentro da nova forma em que se segregam, incapazes que são, provisoriamente, de se exteriorizarem de maneira completa, sem os veículos mais densos que perderam, com agravo de responsabilidade, na inércia ou na prática do mal. Em

verdade, agora se categorizam em conta de fetos ou amebas mentais, mobilizáveis, contudo, por entidades perversas ou rebeladas. O caminho de semelhantes companheiros é a reencarnação na Crosta da Terra ou em setores outros de vida congênere, qual ocorre à semente destinada à cova escura para trabalhos de produção, seleção e aprimoramento. Claro que os Espíritos em evolução natural não assinalam fenômenos dolorosos em qualquer período de transição, como o que examinamos. A ovelha que prossegue firme na senda justa contará sempre com os benefícios decorrentes das diretrizes do pastor; no entanto, as que se desviam, fugindo à jornada razoável, pelo simples gosto de se entregarem à aventura, nem sempre encontrarão surpresas agradáveis ou construtivas. O orientador silenciou por momentos e perguntou, em seguida: – Entendeste a importância de uma existência terrestre? Sim, entendia, por experiência própria, o valor da vida corporal na Crosta Planetária; contudo, ali, diante dos esferoides vivos, tristes mentes humanas sem apetrechos de manifestação, meu respeito ao veículo de carne cresceu de modo espantoso. Alcancei, então, com mais propriedade, o sublime conteúdo das palavras do Cristo: “andai, enquanto tendes luz”. O assunto era fascinante e tentei Gúbio a examiná-lo, mais detidamente; todavia, o orientador, sem trair a cortesia que lhe é característica, recomendou-me esperasse o dia seguinte.” (AL, *Libertação*, Capítulo 6)

“Perguntei-lhe se naqueles sítios purgatoriais não havia companheiros amigos, detentores da missão de consolar, ao que o nosso instrutor respondeu afirmativamente. – Sim – disse –, esta imensa coletividade dentro da qual preponderam individualidades que pelo sofrimento contínuo se caracterizam pelo comportamento sub-humano, não está esquecida. A renúncia opera com Jesus, em toda parte. Agora, todavia, não dispomos de ensejos para a identificação de missionários e servidores do bem. Vamos ao estudo que nos interessa de mais perto. Descemos alguns metros e encontramos esquálida mulher estendida no solo. Gúbio nela fixou os olhos muito lúcidos e, depois de alguns momentos, recomendou-nos seguir-lhe a observação acurada. – Vês, realmente, André? – inquiriu, paternal. Percebi que a infeliz se cercava de três formas ovóides, diferenciadas entre si nas disposições e nas cores, que me seriam, porém, imperceptíveis aos olhos, caso não desenvolvesse, ali, todo o meu potencial de atenção. – Reparo, sim – expliquei, curioso –, a existência de três figuras vivas, que se lhe justapõem ao perispírito, apesar de se expressarem por intermédio de matéria que me parece leve gelatina, fluida e amorfa. Elucidou Gúbio, sem detença: – São entidades infortunadas, entregues aos propósitos de vingança e que perderam grandes patrimônios de tempo, em virtude da revolta que lhes atormenta o

ser. Gastaram o perispírito, sob inenarráveis tormentas de desesperação, e imantam-se, naturalmente, à mulher que odeiam, irmã esta que, por sua vez, ainda não descobriu que a ciência de amar é a ciência de libertar, iluminar e redimir. Auscultamos, de mais perto, a desventurada criatura. Assumiu Gúbio a atitude do médico ante a paciente e os aprendizes. A mulher sofredora, envolvida num halo de “força cinzento-escura”, registrou-nos a presença e gritou, entre a aflição e a idiotia: – Joaquim! onde está Joaquim? Digam-me, por piedade! Para onde o levaram? Ajudem-me! Ajudem-me! O nosso orientador tranquilizou-a com algumas palavras e, não lhe conferindo maior atenção, além daquela que o psiquiatra dispensa ao enfermo em crise grave, observou-nos: – Examinem os ovóides! Sondem-nos, magneticamente, com as mãos. Operei, expedito. Toquei o primeiro e notei que reagia, positivamente. Liguei, num ato de vontade, minha capacidade de ouvir ao campo íntimo da forma e, assombrado, ouvi gemidos e frases, como que longínquos, pelo fio do pensamento: – Vingança! Vingança! Não descansarei até ao fim... Esta mulher infame me pagará... Repeti a experiência com os dois outros e os resultados foram idênticos. As exclamações “assassina! assassina!” transbordavam de cada um. Após afagar a doente com fraternal carinho, analisando-a, atencioso, o instrutor dirigiu-nos a palavra, esclarecendo: – Joaquim será naturalmente o companheiro que a precedeu nas lides da reencarnação. Certo, já regressou à Terra mais densa, a fim de preparar-lhe lugar. A pobrezinha está esperando ensejo de retorno à luta benéfica. Vejo-lhe o drama cruel. Foi tirânica senhora de escravos no século que findou. Percebo-lhe as recordações da fazenda próspera e feliz, nos arquivos mentais. Foi jovem e bela, mas desposou, consoante o programa de provas salvadoras, um cavalheiro de idade madura, que, a seu turno, já assumira compromissos sentimentais com humilde filha do cativo. Embora a mudança natural de vida, à face do casamento, não abandonou ele o débito contraído. Em razão disso, a pobre mãe e escrava, ainda moça, penitente e desditosa, prosseguiu agregada à propriedade rural com os rebentos de seu amor menos feliz. Com a passagem do tempo, a esposa requestada e fascinante conheceu toda a extensão do assunto e revelou a irascibilidade que lhe povoava a alma. Dirigiu-se ao marido, colérica e violenta, dobrando-o aos caprichos que lhe exacerbavam a mente. A escrava sofredora foi separada de ambos os filhos que possuía e vendida para uma região palustre onde em breve encontrou a morte pela febre maligna. Os dois rapazes, metidos no tronco, padeceram vexames e flagelações em frente da senzala. Acusados de ladrões, pelo capataz, a instâncias da senhora dominada de egoísmo terrificante, passaram a exhibir pesada corrente no pescoço ferido. Viveram, no passado sob

humilhações incessantes. No curso de reduzidos meses, caíram sem remissão, minados pela tuberculose que ninguém socorreu. Desencarnados, reuniram-se à genitora revoltada, formando um trio perturbador na organização ruralista que os expulsara, sustentando sinistros propósitos de desforço. Não obstante convidados à tolerância e ao perdão por amigos espirituais que os visitavam frequentemente, nunca cederam um til nos planos sombrios em que penhoraram o coração. Atacaram, desapiedados, a mulher que os tratara com dureza, impondo-lhe destrutivo remorso ao espírito vacilante e fraco. Dominando-lhe a vida psíquica, transformaram-se para ela em perigosos carrascos invisíveis, utilizando todos os processos de luta suscetíveis de acentuar-lhe as perturbações. Adoeceu ela, por isso, gravemente, desafiando conselhos e medidas de cura. Embora socorrida por médicos e padres diversos, não mais recobrou o equilíbrio orgânico. Arrasou-se-lhe o corpo físico, a pouco e pouco. Incapaz de expandir-se mentalmente no idealismo superior, que corrige desvarios íntimos e faculta a cooperação vibratória das almas que respiram em esferas mais elevadas, a desditosa fazendeira sofreu, insulada no orgulho destrutivo que lhe assinalava o caminho, dez anos de mágoas constantes e indefiníveis. Claro que possuía, por sua vez, amigos prontos a lhe estenderem generosas mãos por ocasião da morte do corpo que se tornou inevitável; contudo, quando nos engegucemos no mal, inabilitamo-nos, por nós mesmos, à recepção de qualquer recurso do bem. O instrutor fez ligeira pausa na narrativa e continuou: – Exonerada dos liames carnis, viu-se perseguida pelas vítimas de outro tempo, anulando-se-lhe a capacidade de iniciativa, em virtude das emissões vibratórias do próprio medo perturbador. Padeceu muitíssimo, não obstante contemplada pela compaixão de benfeitores do Alto que sempre tentaram conduzi-la à humildade e à renovação pelo amor, mas o ódio permutado é uma fornalha ardente, mantenedora de cegueira e sublevação. Desencarnado o esposo, veio semilouco encontrá-la no mesmo invencível abatimento, incapaz de socorrê-la em vista das próprias dores que o constrangiam a difíceis retificações. Os impiedosos adversários prosseguiram na obra deplorável e, ainda mesmo depois de perderem a organização perispírica, aderiram a ela, com os princípios de matéria mental em que se revestem. A revolta e o pavor do desconhecido, com absoluta ausência de perdão, ligam-nos uns aos outros, quais algemas de bronze. A infeliz perseguida, na posição em que se encontra, não os vê, não os apalpa, mas sente-lhes a presença e ouve-lhes as vozes, através da inconfundível acústica da consciência. Vive atormentada, sem direção. Tem o comportamento de um ser quase irresponsável.” (AL, *Libertação*, Capítulo 7)

“A manhã resplandecia, lá fora, e o sol visitava o quarto, através da vidraça cristalina. Mulher ainda moça, mostrando extrema palidez nas linhas nobres do semblante digno, entregava-se a tormentosa meditação. Compreendi que atingíramos a intimidade de Margarida, a obsidiada que o nosso orientador se propunha socorrer. Dois desencarnados, de horrível aspecto fisionômico, inclinavam-se, confiantes e dominadores, sobre o busto da enferma, submetendo-a a complicada operação magnética. Essa particularidade do quadro ambiente dava para espantar. No entanto, meu assombro foi muito mais longe, quando concentrei todo o meu potencial de atenção na cabeça da jovem singularmente abatida. Interpenetrando a matéria espessa da cabeceira em que descansava, surgiam algumas dezenas de “corpos ovóides”, de vários tamanhos e de cor plúmbea, assemelhando-se a grandes sementes vivas, atadas ao cérebro da paciente através de fios sutilíssimos, cuidadosamente dispostos na medula alongada. A obra dos perseguidores desencarnados era meticulosa, cruel. Margarida, pelo corpo perispirítico, jazia absolutamente presa, não só aos truculentos perturbadores que a assediavam, mas também à vasta falange de entidades inconscientes, que se caracterizavam pelo veículo mental, a se lhe apropriarem das forças, vampirizando-a em processo intensivo. Em verdade, já observara, por mim, grande quantidade de casos violentos de obsessão, mas sempre dirigidos por paixões fulminatórias. Entretanto, ali verificava o cerco tecnicamente organizado. Evidentemente, as “formas ovóides” haviam sido trazidas pelos hipnotizadores que senhoreavam o quadro. Com a devida permissão, analisei a zona física hostilizada. Reparei que todos os centros metabólicos da doente apareciam controlados. A própria pressão sanguínea demorava-se sob o comando dos perseguidores. A região torácica apresentava apreciáveis feridas na pele e, examinando-as, cuidadoso, vi que a enferma inalava substâncias escuras que não somente lhe pesavam nos pulmões, mas se refletiam, sobremodo, nas células e fibras conjuntivas, formando ulcerações na epiderme. A vampirização era incessante. As energias usuais do corpo pareciam transportadas às “formas ovóides”, que se alimentavam delas, automaticamente, num movimento indefinível de sucção. Lastimei a impossibilidade de consulta imediata ao instrutor, porquanto Gúbio, naturalmente, se estivesse livre, nos forneceria esclarecimentos amplos, mas concluí que a infeliz senhora devia ter sido colhida através do sistema nervoso central, de vez que os propósitos sinistros dos perseguidores se faziam patentes quanto à vagarosa destruição das fibras e células nervosas. Margarida demonstrava-se exausta e amargurada. Dominadas as vias do equilíbrio no cerebelo e envolvidos os nervos óticos pela influência dos hipnotizadores, seus olhos

espantados davam ideia dos fenômenos alucinatórios que lhe acometiam a mente, deixando perceber o baixo teor das visões e audições interiores a que se via submetida.” (AL, *Libertação*, Capítulo 9)

“**Fascinação.** Levantara-se a dama, de esquisita maneira, e, rodopiando sobre os calcanhares, qual se um motor lhe acionasse os nervos, caiu em convulsões, inspirando piedade. Jazia sob o império de impassíveis entidades da sombra, sofrendo, contudo, mais fortemente, a atuação de uma delas que, ao enlaçá-la, parecia interessada em aniquilar-lhe a existência. A infeliz senhora, quase que uivando, à semelhança de loba ferida, gritava a debater-se no piso da sala, sob o olhar consternado de Raul que exorava a Bondade Divina em silêncio. Coleando pelo chão, adquiria animalesco aspecto, não obstante sob a guarda generosa de sentinelas da casa. Áulus e o irmão Clementino, usando avançados recursos magnéticos, interferiram no deplorável duelo, constringendo o obsessivo a desvencilhar-se, de certo modo, da enferma que continuou, ainda assim, dominada por ele, a estreita distância. Após reerguer a doente, auxiliando-a a sentar-se, rente ao marido, nosso instrutor deu-se pressa em explicar-nos: – É um problema complexo de fascinação. Nossa irmã permanece controlada por terrível hipnotizador desencarnado, assistido por vários companheiros que se deixaram vencer pelas teias da vingança. No ímpeto de ódio com que se lança sobre a infeliz, propõe-se humilhá-la, utilizando-se da sugestão. Não fosse o concurso fraternal que veio recolher neste santuário de prece, em transe como este seria vítima integral da licantrópia deformante. Muitos Espíritos, pervertidos no crime, abusam dos poderes da inteligência, fazendo pesar tigrina crueldade sobre quantos ainda sintonizam com eles pelos débitos do passado. A semelhantes vampiros devemos muitos quadros dolorosos da patologia mental nos manicômios, em que numerosos pacientes, sob intensiva ação hipnótica, imitam costumes, posições e atitudes de animais diversos. Ao passo que a doente gemia de estranho modo, amparada pelo esposo e por Raul, que se esmerava no auxílio, Hilário, espantado, indagou: – Tão doloroso fenômeno é comum? – Muito generalizado nos processos expiatórios em que os Espíritos acumpliciados na delinquência descambam para a esfera vibratória dos brutos – esclareceu nosso orientador, coadjuvando em benefício da enferma, cujo cérebro prosseguia governado pelo insensível perseguidor como brinquedo em mãos de criança. – E por que não separar de vez o algoz da vítima? – Calma, Hilário! – ponderou o Assistente. Ainda não examinamos o assunto em sua estrutura básica. Toda obsessão tem alicerces na reciprocidade. Recordemos o ensinamento de nosso Divino Mestre. Não basta arrancar o joio. É preciso saber até que ponto a raiz dele se entranha no

solo com a raiz do trigo, para que não venhamos a esmagar um e outro. Não há dor sem razão. Atendamos, assim, à lei da cooperação, sem o propósito de nos anteciparmos à Justiça Divina.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 23)

“Nesse instante, porém, um servidor da casa penetrou no recinto e disse: – Instrutor Druso, conforme as recomendações havidas, o doente recolhido na noite passada foi instalado no gabinete de socorro magnético, aguardando-lhe a intervenção. – Conseguiu dizer algo? – Não. Continua apenas com os gemidos periódicos. – Nenhum indício de identificação? – Nenhum. O mentor infatigável convidou-nos a segui-lo, explicando que a operação em perspectiva poderia oferecer importantes elementos de estudo ao trabalho que nos propúnhamos realizar. A breve trecho de tempo, vimo-nos os quatro numa sala de regulares proporções, que primava pela simplicidade e pelo azul repousante. Em mesa desmontável, um homem disforme estirava-se em decúbito dorsal, respirando apenas. Para referir-nos com franqueza à criatura sob nossos olhos, cabe-nos afirmar que o aspecto do infeliz chegava a ser repelente, apesar dos cuidados de que já fora objeto. Parecia sofrer inqualificável hipertrofia, mostrando braços e pernas enormes. Entretanto, onde o aumento volumétrico do instrumento perispíritico se fazia mais desagradável era justamente na máscara fisionômica, em que todos os traços se confundiam, qual se estivéssemos à frente de uma esfera estranha, à guisa de cabeça. Seria um homem desencarnado em algum atropelamento terrestre, aguardando, ali, o imediato alívio que se deve aos acidentados comuns? Druso sentiu-nos a pergunta silenciosa e explicou: – Trata-se de um companheiro, dificilmente identificável, trazido até aqui por uma de nossas expedições socorristas. – Mas terá sido recentemente liberto do mundo físico? – indagou meu colega, tanto quanto eu, dolorosamente impressionado. – Por enquanto, não sabemos – elucidou o orientador. – É uma dessas pobres almas que terá deixado o círculo carnal sob o império de terrível obsessão, tão terrível que não terá podido recolher o amparo espiritual das caridosas legiões que operam nos túmulos. Indubitavelmente, largou o corpo denso sob absoluta subjugação mental, caindo em problemas angustiantes. – Mas, por que semelhante calamidade? – inquiriu Hilário, empolgado de assombro. – Meu amigo – replicou Druso, benevolente –, não será mais justo sondar os motivos pelos quais nos decidimos a contrair débitos, assim tão escabrosos? E, modificando o tom de voz que se fez algo triste e comovedor, aconselhou: – As regiões infernais estão superlotadas do sofrimento que nós mesmos criamos. Precisamos equilibrar a coragem e a compaixão no mesmo nível, para atender com segurança aos nossos

compromissos nestes lugares. Fitei o irmão desventurado que se mantinha em funda prostração, qual enfermo em estado de coma, e, considerando os imperativos de nosso aprendizado, indaguei: – Poderemos conhecer a razão da surpreendente deformidade sob nosso exame? O orientador percebeu a essência construtiva de minha perquirição e respondeu: – O fenômeno, todo ele, é de natureza espiritual. Recordar-se você de que a dor no veículo físico é um acontecimento real no encéfalo, mas puramente imaginário no órgão que supõe experimentá-la. A mente, através das células cerebrais, registra a desarmonia corpórea, constrangendo a urdidura orgânica ao serviço, por vezes torturado e difícil, do reajuste. Aqui, também, o aspecto anormal, até monstruoso, resulta dos desequilíbrios dominantes na mente que, viciada por certas impressões ou vulcanizada pelo sofrimento, perde temporariamente o governo da forma, permitindo que os delicados tecidos do corpo perispíritico se perturbem, tumultuados, em condições anormais. Em tal situação, a alma pode cair sob o cativo de Inteligências perversas e daí procedem as ocorrências deploráveis pelas quais se despenha em transitória animalização por efeito hipnótico. Notei, contudo, que o Instrutor, compadecido, não desejava alongar entendimentos que se não reportassem ao socorro devido ao infortunado, e calei-me. Druso inclinou-se sobre ele com a ternura de alguém que auscultasse um irmão muito amado, e anunciou: – Procuremos ouvi-lo. Incapaz de conter o assombro que me empolgava, inquiri: – Ele dorme? O mentor fez um gesto afirmativo, notificando: – Nosso desventurado amigo encontra-se sob terrível hipnose. Inegavelmente, foi conduzido a essa posição por adversários temíveis, que, decerto, para torturá-lo, fixaram-lhe a mente em alguma penosa recordação. – Mas – insisti, emocionado – semelhante martírio poderia sobrevir, sem razão justa? – Meu amigo – falou o orientador, expressivamente –, com exceção do caminho glorioso das grandes almas, que elegem no sacrifício próprio o apostolado de amor com que ajudam os companheiros da Humanidade, não se ergue o espinheiro do sofrimento sem as raízes da culpa. Para atingir a miserabilidade em que se encontra, nosso irmão terá acumulado débitos sobremaneira escabrosos. Em seguida, contrariando-nos qualquer propósito de divagação, acentuou: – Desintegremos as forças magnéticas que lhe constroem os centros vitais e ajudemo-lhe a memória, para que se liberte e fale. E talvez porque o meu olhar lhe endereçasse mudo apelo a esclarecimento mais amplo, acrescentou: – Não seria lícito agir à base de hipóteses. É indispensável ouvir os delinquentes e as vítimas, a fim de que, através das informações deles mesmos, saibamos por onde começar a obra de auxílio. [...]” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 3)

“VAMPIRISMO ESPIRITUAL. [...] Transformações dos parasitas. Temos, assim, na larga escala dos acontecimentos dessa ordem, os parasitas temporários, quais as sanguessugas e quase todos os insetos hematófagos, que apenas transitoriamente visitam os hospedeiros; os ocasionais ou os pseudoparasitas que sistematicamente não são parasitas, mas que vampirizam outros animais, quando as situações do ambiente a isso os conduzam; os permanentes de desenvolvimento direto, que dispõem de um hospedeiro exclusivo e a cuja existência se encontram ajustados por laços indissolúveis, quase todos relacionáveis entre os endoparasitas; os parasitas chamados heteroxênicos, que se fazem adultos, em ciclo biológico determinado, contando com um ou mais hospedeiros intermediários, quando se encontram em período larval, para atingirem a forma completa no hospedeiro definitivo; os hiperparasitas, que são parasitas de outros parasitas. Concluindo-se que o parasitismo, entre os animais, não decorre de uma condição natural, mas sim de uma autêntica adaptação deles a modo particular de comportamento, é justo admitir se inclinem para novos característicos na espécie. Assim é que o parasita, no regime de adaptação a que se entrega, experimenta mutações de vulto a se lhe exprimirem na forma, por reduções ou acentuações orgânicas, compreendendo-se, desse modo, que o desaparecimento de certos órgãos de locomoção em parasitas fixados e a consequente formação de órgãos necessários à estabilidade em que se harmonizam devem ser analisados como fenômenos inerentes à simbiose injuriante, notando-se nesses seres a facilidade de fecundação e a resistência vital, com a extrema capacidade de encistamento, pela qual segregam recursos protetores e se isolam dos fatores adversos do meio, como o frio ou o calor, tolerando vastos períodos de abstenção de qualquer alimento, a exemplo do que ocorre com o percevejo do leite, que consegue viver, mais de seis meses consecutivos, em completo jejum. Continuando a examinar as alterações nos parasitas em atividade, assinalamos muitos platelmintos e anelídeos que, em virtude do parasitismo, perderam os apêndices locomotores, substituindo-os por ventosas ou ganchos. Identificamos a degeneração do aparelho digestivo em vários endoparasitas do campo intestinal e, por vezes, a total extinção desse aparelho, como acontece a muitos cestóides e acantocéfalos que, vivendo, de maneira invariável, na corrente abundante de sucos nutritivos já elaborados no intestino de seus hospedeiros, convertem os órgãos bucais em órgãos de fixação, prescindindo de sistema intestinal próprio, de vez que passam a realizar a nutrição respectiva por osmose, utilizando toda a superfície do corpo. De outras vezes, quando o parasita costuma ingerir grande massa de sangue, demonstra desenvolvimento anormal do intestino médio, que se

transforma em bolsa volumosa a funcionar por depósito de reserva, onde a assimilação se opera, vagarosa, para que esses animais, como sejam as sanguessugas e os mosquitos, se sobreponham a longos jejuns eventuais. [...] **“Parasitas ovoides”.** Inúmeros infelizes, obstinados na ideia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovoides, vinculados às próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influência, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes. Nessas condições, o obsessor ou parasita espiritual pode ser comparado, de certo modo, à *Sacculina carcini*, que, provida de órgãos perfeitamente diferenciados na fase de vida livre, enraíza-se, depois, nos tecidos do crustáceo hospedeiro, perdendo as características morfológicas primitivas para converter-se em massa celular parasitária. No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor. **Parasitismo e reencarnação.** Nas ocorrências dessa ordem, quando a decomposição da vestimenta carnal não basta para consumir o resgate preciso, vítima e verdugo se equiparam na mesma gama de sentimentos e pensamentos, caindo, além-túmulo, em dolorosos painéis infernais, até que a Misericórdia Divina, por seus agentes vigilantes, após estudo minucioso dos crimes cometidos, pesando atenuantes e agravantes, promove a reencarnação daquele Espírito que, em primeiro lugar, mereça tal recurso. E, executado o projeto de retorno do beneficiário, a regressar do Plano Espiritual para o Plano Terrestre, sofre a mulher, indicada por seus débitos à gravidez respectiva, o assédio de forças obscuras que, em muitas ocasiões, se lhe implantam no vaso genésico por simbioses que influenciam o feto em gestação, estabelecendo-se, desde essa hora inicial da nova existência, ligações fluídicas através dos tecidos do corpo em formação, pelas quais a entidade reencarnante, a partir da infância, continua enlaçada ao companheiro ou aos companheiros menos felizes, que integram com ela toda uma equipe de almas culpadas em reajuste. Desenvolve-se-lhe,

então, a meninice, cresce, reinstrui-se e retorna à juvenilidade das energias físicas, padecendo, porém, a influência constante dos assediadores, até que, frequentemente por intermédio de uniões conjugais, em que a provação emoldura o amor, ou em circunstâncias difíceis do destino, lhes ofereça novo corpo na Terra, para que, como filhos de seu sangue e de seu coração, lhes devolva em moeda de renúncia os bens que lhes deve, desde o passado próximo ou remoto. Em tais fatos, vamos anotar situações quase idênticas às que são provocadas pelos parasitas heteroxênicos, porquanto, se os adversários do Espírito reencarnado são em maior número, atuam, muitos deles, à feição dos tripanosomas, tomando os filhos de suas vítimas e afins deles próprios por hospedeiros intermediários das formas-pensamentos deploráveis que arremessam de si, alcançando em seguida, a mente dos pais ou hospedeiros definitivos, a inocular-lhes perigosos fluidos sutis, com que lhes infernizam as almas, muitas vezes até à ocasião da própria morte. [...] (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 15)

“Segundo o informante, o Dr. Teofrastus fora insigne mago grego, quando na Terra, residente em França, queimado pela Inquisição por volta do ano de 1470, em Ruão, após perseguição impiedosa e nefanda. Profundo conhecedor, mesmo quando encarnado, de algumas das leis do Mundo Espiritual, deixou-se consumir pelo ódio aos seus algozes; logo que desencarnou, estreitou laços com terríveis vingadores do Além, a ele já vinculados pelas suas práticas necromânticas e reuniões de sabat, todas elas feitas sob inspiração de Mentes vigorosas e infelizes da Esfera Espiritual. Logo se identificou, após a morte do corpo físico na fogueira, com aqueles através dos quais mantinha o comércio psíquico, fez-se notado pela impiedade, na sede tormentosa de vingança. Paulatinamente, conseguiu imantar-se a diversos dos que a ele e a muitos outros puniram indebitamente, em inqualificável intercâmbio espiritual obsessivo, do qual passou a locupletar-se. Portador de mente tenaz, lobrigou através dos tempos supremacia no grupo em que vivia, passando à condição de Chefe... Residindo, esclareceu, então, Guilherme, em estranho sítio, nas regiões inferiores do Planeta, comanda com outros sicários, há mais de três séculos, hordas de Entidades ferozes, responsáveis muitas delas por processos obsessivos e calamitosos de longo curso, entre as criaturas humanas que se deixaram vencer pelas urdiduras das suas mentes atormentadoras. Muitos dos que se rebelam periodicamente têm experimentado punições severas sob seus tenazes mentais, produzindo neles transformações perispirituais soezes, em apavorantes processos de zoantropia, por hipnose anestesiante nos centros profundos da alma, tais como hipnotropia, licanotropia, etc. Verdadeiro demônio, se acredita senhor de vasta

Região Trevosa, onde impera como autocrata acerbo.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 3)

“**Estudando o hipnotismo.** [...] «A consciência culpada é sempre porta aberta à invasão da penalidade justa ou arbitrária. E o remorso, que lhe constitui dura chave, faculta o surgimento de ideias-fantasmas apavorantes que ensejam os processos obsessivos de resgate das dívidas. «Invariavelmente, na obsessão, há sempre o aproveitamento da ideia traumatizante — a presença do crime praticado —, que é utilizada pela mente que se faz perseguidora revel, apressando o desdobramento das forças deprimentes em latência, no devedor, as quais, desgovernadas, gravitam em torno de quem as elabora, sendo consumido por elas mesmas, paulatinamente. Nas atividades da obsessão de espíritos a espíritos desencarnados, aqueles verdugos, conhecedores das limitações e dos erros dos recém-chegados da jornada carnal, após os terem acompanhado anos a fio como sicários implacáveis, utilizam-se de ardis com que apavoram os desassissados, e por processos de sugestão, aplicados com veemência nos centros perispirituais, conseguem produzir lamentáveis condicionamentos de alteração na forma das vítimas que se lhes demoram nas garras, dominando-as, por fim, em demorado curso de vingança ultriz e devastadora. «As ideias plasmadas e aceitas pelo cérebro, durante a jornada física, criam nos painéis delicados do perispírito as imagens mais vitalizadas, de que se utilizam os hipnotizadores espirituais para recompor o quadro apavorante, em cujas malhas o imprevidente se vê colhido, derrapando para o desequilíbrio psíquico total e deixando-se revestir por formas animalescas grotescas — que já se encontram no subconsciente da própria vítima — e que estrugem, infelizes, como o látigo da justiça no necessitado de corretivo. «No sentido oposto, as ideias superiores, alimentadas pelo espírito em excursão vitoriosa, condicionam-no à libertação, concedendo «peso específico» ao seu perispírito, que pode, então, librar além e acima das vicissitudes grosseiras do liame carnal.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

“O ambiente era irrespirável. Nuvens de fumo se elevavam, abundantes, misturadas a odores acre-fortes, como os derivados de plantas estupefacientes, e podia-se ver uma multidão espiritual, de paixões insaciáveis, açuladas, que habitualmente se atiravam atormentados sobre os seus comparsas enjaulados na carne, em processos indescritíveis de vampirizações tormentosas. Esperavam, desditosos, as lições infelizes em torno das técnicas da obsessão, para continuarem o programa inferior de imantação psíquica nos seus antigos senhores que passavam, automaticamente, à condição dolorosa de escravos... Não havia tempo para maiores elucubrações, pois nesse momento deu entrada no recinto singular cortejo formado por um

grupo grotesco, estranhamente vestido, sustentando um sólio sob colorido pálido, em cujo assento se encontrava hedionda personagem. Trajando roupa de cor berrante, que variava do arroxeado ao negro, ostentava grosseiro paludamento que lhe caia dos ombros e era sustido pelo braço esquerdo. O semblante aberto num sorriso que mais parecia um esgar, não ocultava a ferocidade brilhante nos dois olhos quase oblíquos, que se destacavam na face gorda e macilenta, sob uma testa larga, de raros fios de cabelos empastados... Bigodes abundantes se perdiam nas suíças extravagantes, completando a visão terrificante e macabra. O préstito bizarro voluteou por três vezes o picadeiro e se aquietou ao centro, transferindo-se o temível doutor Teofrastus para um palanque adrede-mente armado, com gestos vulgares e ridículos. Houve um súbito silêncio feito de expectativa e receio. Voltando-se para a multidão, começou a falar, através de um microfone que levava a sua voz às galerias, por meio de vários projetores de som, de alta potência. As palavras duras e impiedosas exprobravam os que se atemorizavam ante o cumprimento do «dever da vingança», explodindo ameaças e exibindo toda a prepotência de que se supunha possuir. O silêncio era aterrador. Nenhum som, nenhuma galhofa, exceto, de quando em quando, alguns gritos de terror que partiam das arquibancadas... —Temos hoje um caso de Justiça... — reticenciou. E para fazer-se mais temerário, apostrofou: —Julgaremos uma criminosa que chegou da Terra para os nossos presídios, há quase um ano... Apareceram os que se poderiam chamar jurados, que tomaram lugar em assentos reservados, um acusador, duas testemunhas — uma de lamentável aspecto lacerado, e a outra, apenas uma pasta informe, perispiritual, estiolada, que, mantida numa cesta nauseante, foi colocada sobre uma mesa, em destaque, no centro do proscênio. Algemada e atada a uma corrente, jovem mulher de uns quase anos foi trazida, acolitada por dois guardas e conduzida ao palco da triste encenação. O semblante desencarnado e a expressão de loucura deformavam-na em grande parte. Andrajosa e imunda, quase rastejava, minada pela ausência de forças. O simulacro de julgamento era decerto conflagrador. A infeliz relanceou os olhos baços várias vezes, traduzindo o quanto de sofrimento lhe invadia o ser. O acusador, empertigado e ferino, narrou: —Esta mulher vem da Terra, após uma vida de abominação. «Enganando-se, quanto pôde, entregou-se a toda espécie de prazeres, assistida de perto por diversos cooperadores da nossa Organização, após os seus primeiros crimes. «Tendo oportunidade de fazer-se mãe, seis vezes consecutivas, delinuiu em todas elas, evadindo-se, pelo infanticídio, a qualquer responsabilidade para com os próprios atos. «Na última vez, fez-se vítima da própria leviandade e desencarnou após terrível e demorada

hemorragia que lhe roubou toda possibilidade de sobrevivência. «Dentre os a quem ela impediu voltassem à carne, aqui estão duas vítimas suas, em diferentes estados: um conseguiu retomar a forma anterior, mas apresenta os sinais das lâminas que lhe romperam o corpo em formação; o outro ainda dorme, hibernado, na forma desfigurada, graças ao despedaçamento sofrido, no ato do aborto. «Logo despertou, porém, no túmulo, alguns dias após o desenlace, acreditando-se viva no corpo — ignorante das realidades espirituais —, um soldado nosso deu-lhe «voz de prisão» pelos crimes cometidos e, algemando-a, trouxe-a ao cárcere, em que tem estado até este momento. «A sua primeira vítima, que pertencia aos nossos quadros, apresentou queixa, há muito, o que nos levou a assisti-la por alguns anos e agora nos reunimos para fazer justiça. » O pobre espírito assistia a tudo, quase sem se aperceber. Parecia semi-desvairado, recolhendo a muito esforço mental algumas expressões esparsas que, no entanto, não conseguia coordenar... Os insultos e doestos choviam, atirados em abundância. A testemunha fez chocante narração, várias vezes interrompida pelo vazerio das galerias, após o que, uma voz se destacou na bulha, anunciando o veredicto: — Culpada! Gargalhadas estridentes espocaram de todos os lados. O Dr. Teofrastus ergueu-se e, depois de receber medidas dos comparsas, sentenciou: — Façamos com ela, o que no íntimo sempre foi: uma loba! Acercou-se da sofrida entidade e, fitando-a, escarnecedor, passou a ofendê-la, vilmente. A vítima não apresentou qualquer reação. Era como se a sua visão se encontrasse longe, a fixar as evocações dos abortos delituosos a que se entregara nos dias de insensatez, que ficaram para trás, mas que não se consumiram... Obrigando-a a ajoelhar-se, enquanto lhe estrugia no dorso longo chicote sibilante, ordenou, de voz estertorada: — Víbora infeliz! Devoradora dos próprios filhos! Toma a tua forma... a que já tens na mente atormentada. «A tua justiça é a tua consciência... Obedece, serpente famélica!» A voz, impregnada de pesadas vibrações deletérias e vigorosas, dobrava os centros de parca resistência perispiritual da atormentada e, diante dos nossos olhos, ao comando do sicário cruel, que se utilizava de processos hipnóticos deprimentes, atuava no subconsciente perispiritual abarrotado de remorso da infanticida, imprimindo-lhe a tragédia da mutação da forma, num horrendo fenômeno de licantrópia, dos mais lacerantes... Choros convulsivos e gritos irromperam simultâneos das arquibancadas. A reação foi geral. Repentinamente escutaram-se sirenes de alarme, e a perturbação se fez total... Saturnino, a meia voz, buscou acalmar-nos, aduzindo explicações: — A visão horrenda para todos nós produziu em algumas centenas de reencarnados aqui presentes, constringidos pelas forças obsessivas nas quais se encontram subjugados aos seus verdugos,

choques muito profundos e violentos, que os recambiaram inopinadamente ao corpo — abençoada cidade de defesa que a vida nos concede para aprender e recomeçar... — Despertarão, estremunhados, esses espíritos, mesmo os que conservam a demência nos registros da consciência retornando de estranhos e terríveis pesadelos, banhados por álgidos suores, amedrontados, chorosos, desesperados... E desejando esclarecer-nos com as sábias lições, continuou, enquanto os distúrbios prosseguiram: — Nesse sentido, é que o conhecimento do Espiritismo realiza a melhor terapêutica para o espírito, higienizando-lhe a mente, animando-o para o trabalho reto e atitudes corretas e sobretudo dulcificando-o pelo exercício do amor e da caridade, como medidas providenciais de reajustamento e equilíbrio. Não há força operante no mal que consiga penetrar numa mente assepsiada pelas energias vitalizadoras do otimismo, que se adquire pela irrestrita confiança em Deus e pela prática das ações da solidariedade e da fraternidade. E dando mais ênfase ao ensino, arrematou: — Aliando o esforço que cada um deve envidar a benefício próprio, a prece é a fonte inexaurível que irriga o ser, renovando-o e aprimorando-o, ensejando também, logo após depurar-se, a plinar além dos reveses e tropelias, arrastado pelas sutis modulações das Esferas Superiores da Vida, onde haure vitalidade e força para superar todos os empecos.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 6)

“Convidado a ocupar uma cadeira isolada, à frente do semicírculo onde todos nos sentávamos, o médium Jonas, de alguma forma habituado a esses labores, colocou-se em atitude de concentração profunda. Nesse momento, adentraram-se dois cooperadores, trazendo em maca um Espírito em estado desesperador. Com a forma perispiritual gravemente afetada, possuía caracteres simiescos de avançada similitude com os chimpanzés. Arfava, estorcegendo, adormecido. Colocado ao lado do médium, a exteriorização psíquica desse, em suave tom opalino, pareceu absorver as cargas escuras que envolviam a Entidade, produzindo, no instrumento humano, estranha sensação de mal-estar. Subitamente, como se magneticamente atraído pela irradiação poderosa do encarnado, o sofredor se lhe acoplou, ajustando-se com imensa dificuldade e sofrimento no molde perispirítico, produzindo um fenômeno de transfiguração atormentada. O médium retratava fielmente o que experimentava o Espírito, o qual, desse modo, fruía a oportunidade de ter algo amenizadas as rudes aflições. Não conseguia falar, embora agitada-mente se sacudisse, movimentando Jonas, que passou a apresentar os seus caracteres deformados. A cena era constrangedora, na sua exteriorização grotesca. A custo, poderíamos identificar que a zoantropia ocorria num ser que viera de uma reencarnação masculina. Os olhos avermelhados, miúdos, moviam-se nas órbitas

da organização mediúnica e os braços, alongados, balouçavam em movimentos desordenados. A boca larga, descomunal, numa face típica dos macacos, babava, denotando estado de avançada ferocidade. Julinda e os demais companheiros do seu grupo familiar não percebiam totalmente a ocorrência. Ricardo, porém, estampava, na face lívida, a máscara do horror. O Mentor, que se exercitara com acendrado amor no ministério de socorro aos infelizes mais infelizes, mantinha-se calmo, agindo com segurança, de modo que a comunicação de Espírito a Espírito ocorresse sem danos para o trabalhador encarnado, portador de excelentes qualidades de sacrifício pessoal. Concluída a tarefa de fixação mediúnica do visitante com o sensitivo, este agora apresentando os traços e forma do hóspede, não nos permitindo distinguir se Jonas nele se acoplara ou se fora o inverso o que acontecera, Dr. Bezerra, sinceramente apiedado, falou: - Sê bem-vindo, irmão querido. O teu martírio começa a diminuir, anunciando-se próximo o seu termo. O Espírito não pareceu entender a frase, porém registou o pensamento, que lhe produziu uma grande reação de angustia, a exteriorizar-se em agitação e grunhidos indecifráveis. - Os longos anos de sofrimento - continuou o abnegado médico das almas - cessam, e ressorges como o dia em triunfo após a noite densa... Fortemente vinculado às reações mentais da Entidade, que perdera a faculdade da palavra, o Benfeitor prosseguiu como num diálogo de que ouvíamos apenas a sua voz, enquanto acompanhávamos as reações do ser agoniado. - O amor de Deus não cessa nunca. Vê bem! Por mais dolorosa seja a nossa situação, a Misericórdia nos alcança, mesmo quando nos arrojam aos abismos do ódio irracional, como aconteceu contigo. “Hoje iremos recordar, pela última vez, toda a tua tragédia, a fim de que a esqueças, abençoando-a com o perdão.” O Espírito reagiu, estremunhado, readquirindo a ferocidade inicial. Contido pelo psiquismo do médium e pelo controle mental do Instrutor, mesmo assim, extravasava desconcerto e fúria. Era o ódio, o agente daquela situação dolorosa. O monoideísmo, por longos anos mantido, encarregara-se de degenerar a forma perispiritual da criatura, moldando-a conforme a aspiração íntima acalentada. O desejo irrefreável de vingança, a alucinação decorrente da sede de desforço não logrado respondia pelo auto-suplicio que ela a si mesma se impusera. Eis a razão da providência sábia, de que se utilizara Dr. Bezerra, produzindo-lhe a incorporação em Jonas. A medida, duplamente propiciava benefícios: remodelava-lhe o ser, preparando-o para os processos futuros de crescimento pela reencarnação e equilibrava as reações, mediante cujo recurso impediam-se-lhe as atitudes graves, quão danosas... [...] A Entidade, porém, desprendia lampejos de cólera pelos olhos avermelhados e redondos, enquanto espumava em abundância,

traindo o que lhe sucedia no mundo íntimo, balouçando-se e grunhindo, pungentemente. Todos os participantes da equipe nos encontrávamos em perfeita comunhão mental de propósitos. Podíamos imaginar as acerbadas dores que feriram o pobre irmão, a ponto de tresvariá-lo. Por isso, irradiávamos, em sua direção, amor e ternura, simpatia e piedade. A um sinal, quase imperceptível, do Dr. Bezerra, os auxiliares que trouxeram o sofredor aproximaram-se de Ricardo, que se aturdia, inquieto e postaram-se às suas costas, vigilantes. - Não me encontro aqui - baldoou este - para ouvir ladainhas e arengas de consolações. O problema dos outros é deles. O meu, é o que me interessa... Vou-me retirar... O comunicante foi atingido por aquela voz ou pela sua vibração. Ergueu o médium e passeou o olhar furibundo até encontrar aquele que falava. Mais se lhe modificou o aspecto, fazendo Jonas dobrar-se para a frente e mover-se, embora sem sair do lugar. Saltava, desconsertadamente, e levantava os braços, num tormento indescritível. Víamos, agora, um perfeito fenômeno de transfiguração tormentosa, porquanto o sensitivo desaparecera, para dar lugar a um símile perfeito de símio primitivo com o avantajado porte. Não estivéssemos convenientemente preparados e a cena rude quão chocante proporcionaria pavor, senão repulsa. ... E tratava-se de um irmão, que se arrojava no desespero, desfigurando-se e assumindo uma forma perispirítica dantesca. Ricardo sentiu a flechada do ódio do infeliz, que se não estivesse submetido a seguro controle pelo Mentor, ter-se-ia atirado sobre ele. Quis erguer-se para sair, numa reação de autodefesa, no qual foi contido pelos assistentes cuidadosos e começou a debater-se. - Que tem esse animal contra mim? - interrogou, assustado - Não tenho afinidade com essa classe de seres. A minha área de ação é outra. - Esse animal - respondeu-lhe o Mentor cordato - é um irmão nosso, que a tua incúria levou ao desespero. Crês-te injustiçado, no entanto, encontra-se ante os teus olhos uma das vítimas das tuas ações malévolas, em passado não muito distante... Supões-te com direito a desforço sobre Julinda, mas olvidas-te daqueles que deixaste tombados no caminho, enquanto prosseguias alucinado... - Não tenho relacionamento com bichos, especialmente com esses que se entregaram aos Falcões...⁽⁴⁾ [(4) Os Falcões são um grupo de Entidades perversas que trabalham mediante hipnose profunda, agindo nos centros perispiríticos, de modo a completar os fenômenos de zoantropia psíquica dos que lhes caem nas garras, vitimados pelo ódio. Constituem uma organização que se dedica à prática do mal, usurpando os códigos da Justiça, de que se dizem instrumentos, vampirizando as energias das suas vítimas, enquanto essas o fazem dos seus desafetos... Demoram-se em Regiões de infinito sofrimento onde, não obstante sem que o queiram, luz a misericórdia

do amor, qual ocorrera com o paciente ali em comunicação, resgatado por diligentes especialistas nesse tipo de socorro, vinculados ao trabalho do incansável Dr. Bezerra de Menezes. (Nota do Autor espiritual)]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 27)

“A um sinal sutil do Mentor, o irmão Genézio Duarte passou a aplicar recursos fluídicos de desmagnetização nos centros coronário e cerebral de Manuel Alfredo *incorporado* em Jonas. Aqueles largos minutos de intercâmbio psíquico e perispiritual, com o médium, beneficiaram expressivamente o irmão, de forma alterada. Ajustado ao molde humano do companheiro encarnado e assimilando as energias benéficas do ambiente, passadas as reações mais fortes das evocações dos acontecimentos pretéritos, modificaram-se-lhe um tanto o aspecto e a agitação incontrolada, diminuindo, ao mesmo tempo, a ferocidade acumulada e as densas vibrações da auto-hipnose, bem como das induções negativas de que o mesmo fora vítima durante anos. O contágio do bem é de eficiência imediata, por isso que a vida resulta de um ato de amor do nosso Pai... À medida que eram dispersadas as energias perniciosas que se encontravam fixadas no centro cerebral do sofredor, víamos deslindar-se um fio negro de substância pegajosa que emanava um odor desagradável. Simultaneamente, exteriorizavam-se do centro coronário ondas vibratórias sucessivas, que se diluíam, na medida em que abandonavam o fulcro emissor. O técnico em passes permanecia inatingido pelas irradiações negativas, porque, em profunda concentração, produzia, por sua vez, correntes de uma energia, que o envolvia em suave tonalidade prata-violácea. A Entidade atormentada gemia pungentemente, como se estivesse sob uma cirurgia psíquica um pouco dolorosa. - As forças deletérias absorvidas - explicou-me o Dr. Bezerra, a meia-voz - impregnaram-lhe os centros perispirituais tão profundamente, que se condensaram, impondo-lhe a compleição simiesca, na sucessão do tempo. As ideias pessimistas e deprimentes, gerando nele mesmo a forma-pensamento que lhe era imposta pela hipnose de outros companheiros empedernidos no mal e impenitentes, atuaram no corpo de plasma biológico encarregando-se de submetê-lo à situação em que se encontra. “Atuando-se em sentido oposto, através de movimentos contrários, rítmicos, circulares, da direita para esquerda, sob comando mental bem dirigido, pode-se extrair as fixações que se condensam, liberando o paciente da poderosa constrição que o submete. “Mesmo nesse caso, estamos diante de uma forma de obsessão por subjugação deformadora. Os fenômenos de licanotropia, de zoantropia e monoideísmos diversos produzem a degenerescência da harmonia molecular do perispírito, que aprisiona a vítima a mentes mais poderosas, conhecedoras do mecanismo da evolução, embora profundamente vinculadas ao mal. Sucede que

as inteligências cultivadas que se esquecem de Deus e do amor, simbolizadas na figuração do anjo caído, se ensoberbecem e pensam poder atuar na condição de pequenos deuses. “Tornam-se Entidades infinitamente infelizes que pululam nas regiões inferiores do planeta, atribuindo-se o controle de muitas vidas, que delas, infelizmente, necessitam, assenhoreando-se-lhes da condução mental e interferindo no seu comportamento. “São de transitório poder, certamente, mas, por enquanto, de resultados muito prejudiciais à economia moral-espiritual do homem e do planeta.” Calou-se o Amigo, enquanto prossegui observando. O corpo do médium tomou a posição normal na cadeira, enquanto a face da Entidade experimentava uma sutil remodelação. O queixo diminuiu, o sobrolho e as maçãs do rosto recompuseram-se, a testa fez-se mais larga, os olhos tornaram-se oblíquos e o nariz exteriorizou-se mais humanamente. Estávamos diante de uma recuperação. A cirurgia psíquica era feita, naquele caso, no perispírito alterado, servindo de molde refazente o psicossoma do médium encarnado, em transe, por desdobramento parcial do corpo. Quando o irmão Genézio terminou a tarefa, era visível a melhora do comunicante espiritual. [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 28)

“O enfermo ouviu-a tocado pela emoção, que não conseguia controlar. Assim mesmo, indagou: — Onde me encontro? Quem sois, alma bem-aventurada? — Estás entre amigos — redarguiu-lhe, prestativa — que nos reunimos para estudar e melhorar o quadro das tuas aflições. Sou apenas tua irmã e a bem-aventurança é a meta não lograda, que aspiramos ao largo do tempo. Cala, agora, as interrogações e ora em pensamento contrito. Percebi que a Entidade que se lhe acoplava ao corpo e que fora trazida, emaranhava os seus fluidos na exteriorização perispiritual de Valtércio, como se fora um apêndice desagradável que o corpo sutil arrastava. Recordei-me dos casos de xifopagia com as suas expressões teratológicas e não pude negar que me encontrava diante de um fenômeno equivalente no campo espiritual, apesar das características próprias de que se revestia. Imaginei a ocorrência da reencarnação e deduzi que esta se faria, em casos desses, através do inevitável acidente genético que está a desafiar os estudiosos interessados. Não havia, porém, tempo para análises, porquanto, nesse momento, Bernardo intentava deslindar as fixações do vingador de sobre os centros de força vital do paciente. Vi que o perturbador, à medida que se deslocava do campo em que se alojava, passou a debater-se e, lúcido, imprecava justiça e afirmava a necessidade do desforço. Os fluidos absorvidos deixaram-no com dificuldade de ação, embora a mente fixada nos objetivos infelizes que teimava por declarar. — Vingar-me-ei sem piedade! — desafiava com ricto de crueldade — Hei de debilitar o infeliz, tomando-lhe as energias, até

que tombe e, atado a mim, eu prossiga na minha corrança que espero não tenha fim. Outras ameaças se sucediam, entre impropérios e recriminações que não eram contestadas. Percebendo-se notado por Valtércio, que não pôde ocultar a surpresa ante o aspecto feroz do adversário, e porque ainda na mesma carregada psicofera, assumiu uma atitude agressiva, qual se desejasse estrangular a vítima atoleimada. A Mentora que acompanhava, compreensiva, o desenrolar dos acontecimentos, sem qualquer precipitação ou violência, interveio com a mesma doçura na voz repassada de energia: — Senta-te e acalma-te! Como se tocado pelo vigor da luminosidade dos seus olhos ou a vibração que se exteriorizava da sua palavra de comando, o indigitado cobrador arriou, literalmente, na cadeira ao lado do seu suposto antagonista, que se ressentia da ameaça ouvida.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 12)

“[...]” “Já proliferavam, em abundância, no Brasil, também por pessoas de epiderme branca, os cultos fetichistas e outros, mantendo-se intercâmbio vigoroso com os desencarnados. Embora as luzes do Consolador já houvessem alcançado as mentes brasileiras, libertando-as através da renovação moral, do estudo e da prática do bem, verdadeiras multidões, em razão do atavismo decorrente da prática de outro credo religioso, logravam mais identificação com as seitas e cultos do sincretismo afro-brasileiro, nos quais hauriam forças para as lutas e fé para a vida... Apesar de proliferarem as seitas afeiçoadas ao mal, cultivadoras da vingança e do desconcerto moral, outras, entretanto, se dedicaram ao bem e à ordem, ao amor e à caridade, utilizando-se de práticas equivalentes, embora de conteúdos diferentes... “Não é de causar estranheza o fenômeno em tela, no sincretismo religioso do Brasil, quando nações supercivilizadas, na Europa e na América do Norte, multiplicam igrejas e agremiações para cultuar os demônios, que não passam de Espíritos embrutecidos e vingadores que se auto hipnotizaram, tomando, ilusoriamente, nas mãos, a adaga do que chamam justiça, para intentar-lhe a aplicação arbitrária e apaixonada, esquecidos da Justiça que funciona com equidade e sabedoria, reeducando e corrigindo, ao invés de punir, sevizar e desgraçar... Naqueles países, esses seres assumem personificações demoníacas, diabólicas, conforme se denominam, enquanto nos cultos afro-brasileiros fazem-se conhecer por Exus e outras designações, que em nada alteram a sua louca realidade...” A Mentora silenciou, circunvagou o olhar pelo recinto onde notávamos Entidades diversas, algumas de aparência grotesca e extravagante, e outras, sofredoras de várias nuances morais, perturbadoras e ociosas, sob controle que ignoravam, e adiu: — “A hipnose, a auto-hipnose por fixação degenerativa, funcionam em larga escala, em ambas as faixas vibratórias

da vida: no corpo ou fora dele. Em nossa esfera de ação com muito maior intensidade, em razão dos processos mentais de sintonia e identificação moral entre os despojados do corpo somático. Aí estão, diante dos nossos olhos, muitos infelizes irmãos assumindo personificações mitológicas ridículas, por auto-hipnose; número largo, crendo-se seres de exceção na ordem universal, por efeito de auto-sugestão demorada, desde a Terra, quando se permitiam construções mentais nesse campo; outros, ainda, vitimados por zoantropias de diferentes procedências e, por fim, aqueles que se reconstruíram ideoplasticamente, incorporando os desvarios de poderes mentirosos, que se atribuem possuir, seja como Orixás, na eterna ação protetora da Natureza e dos homens, seja na de Exus, supostamente criados para o mal, dotados de força para tal execução, afundando-se cada vez mais no desgoverno, até o momento em que funcionem as Leis de correção e reequilíbrio que existem no Cosmo... A questão é muitíssima mais complexa; no entanto, detenhamo-nos aqui, a esse respeito. “O querido Valdemar, caindo sempre e intoxicando-se de vibrações deletérias, perdeu-se, por algum tempo, sendo recolhido pelos anteriores comparsas que o hipnotizaram e o adestraram em técnicas de obsessão, de vampirismo, de exploração de outros Espíritos, assim como, e principalmente, dos homens... Tomou, desse modo, a personificação parasitária de uma deidade maléfica, que se auto intitulou Exu, com especialidade de ação em determinado campo de sua preferência. Impôs-se a postura de dominador, conforme acontece com outros, da mesma vibração, e submeteu mentes ignorantes e primitivas à sua governança espiritual, recebendo homenagens e oferendas com que se comprazia e nutria... [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 8)

“TÉCNICAS DE LIBERTAÇÃO. [...] Desconhecíamos o método referido e preparávamo-nos para apresentar novas questões quando a Mentora nos pediu licença, explicando que já se ia iniciar o culto. Depois do ritual referido anteriormente, o médium passou ao transe e a Amiga prestimosa, assumindo as características de ex-escrava, saudou os membros do Grupo e abriu a reunião. Ao ritmo das palmas e atabaques, entre odores de velas acesas, incensos e flores diversas, formou-se o círculo em frente ao altar, iniciando-se o programa de atendimento mediúnico. Seguindo a cerimônia externa, os médiuns trajavam-se com roupas brancas e notavam-se os colares que representavam, pelo formato e cores, os Espíritos protetores com os quais operavam, conforme as tradições místicas do sincretismo religioso. Acompanhei as primeiras incorporações estimuladas pela Mentora, nas quais os Benfeitores de cada aparelho saudavam a Casa e os participantes, preparando os seus instrumentos para os socorros aos obsessores, especialmente àqueles que se vinculavam aos cultos

mais primitivos do Candomblé, da Quimbanda e seus derivados... Alguns desses seres espirituais deformados mantinham truculência e, presunçosos, arengavam ameaças, retidos pelos prestimosos auxiliares da tarefa, que se utilizavam de uma rede fluídica, impedindo-lhes a evasão. Usando expressões vis, afirmavam que ali se viam constrangidos, pois que o não desejavam, gritando por direitos que não facultavam àqueles a quem submetiam pela violência mais rude. Os mais perversos, que exibiam carantonhas apavorantes, atiravam dardos que se diluíam no ar ou arremetiam contra a barreira impeditiva, intentando rompê-la, sem que o lograssem. Era um campo de batalha, onde as forças mentais se enfrentavam. Podíamos perceber alguns Exus, conforme esclarecera Felinto, que iriam experimentar os choques anímicos, liberando-se das pesadas ideoplastias que os transformaram exteriormente, em razão do cultivo malsão das ideias extravagantes e hediondas. A Diretora Espiritual, que se encontrava no centro do círculo em movimento, chamou uma das médiuns e, segurando-lhe a cabeça, soprou-lhe aos ouvidos. Tratava-se de uma jovem de aparência frágil e pálida, porém dotada de grande sensibilidade. Ao receber o jato de ar, aturdiu-se e teve ligeira convulsão, sendo atendida carinhosamente. Percebi, então, que da rede saiu um Espírito — Exu, como se houvesse conseguido romper a defesa e, sem delonga, incorporou-a de forma brusca, contorcendo-se, com o olhar esgazeado, como se caísse numa armadilha. A união fluídica era de tal forma que parecia ter havido uma quase fusão, ser-a-ser, que se harmonizavam. O rosto pálido da médium adquiriu um tom vermelho-escuro, consequência da aceleração sanguínea, e uma transfiguração modelou-lhe um quase símile do comunicante. Quando pôde, com a voz rouquenha, semi-audível, passou a um vocabulário para mim incompreensível, na verbalização de que se utilizava, evocando a língua-mãe e nela se expressando. Captávamos a ideia, a forma-pensamento, carregada de horror, na qual expelia ódio selvagem, em tal dose, que me surpreendi. A irmã Emerenciana, que prosseguia contendo a médium em transe, dialogou no mesmo dialeto, com inusitado vigor, e girando-a repetidamente, como se a desenovelasse de ataduras fortes que a cobriam, parou-a de chofre e aplicou-lhe movimentos longitudinais, impondo sua vontade firme. Os ritmos aumentaram, e com a cantoria fizeram-se ensurdecedores. Nesse clima, ordenou, no mesmo palavreado que nós compreendíamos em razão da forma-mental plasmadora: — Volte ao normal! Você é Espírito criado por Deus. E vivente com um destino para o bem. Desnude-se e saia dessa situação. José Manuel foi o seu nome no eito do senhor branco. José Manuel é você. Ouça e acorde! Trouxeram-lhe um incensador que foi movimentado em torno do Espírito, que aspirava o

fumo aromatizado e mais se agitava. — Agora, volte! — ordenou-lhe com determinação. — Acorde José Manuel! Vimos que a face espiritual passou a sofrer uma metamorfose, e qual se fora anteriormente plasmada em cera, ora aquecida, começou a desfazer-se, ao mesmo tempo em que a alegoria que o vestia, gerada pelas imposições ideoplásticas, passou a experimentar a mesma transformação, permitindo que surgisse um homem de trinta anos, cansado prematuramente, com marcas de chicote no rosto e nas costas, recordando os suplícios a que fora repetidamente submetido. Despertando e desembaraçando-se da constrição que prosseguia padecendo pelo ódio que o minava, pôs-se a chorar, em ímpar desesperação agônica, a todos nos confrangendo. A Benfeitora abraçou-o, depois segurou-o pelas mãos e disse-lhe: — Lembre-se de Jesus, crucificado sem culpa. Ele voltou e jamais acusou; sequer perguntou qualquer coisa ao negador, ou referiu-se ao amigo traidor... Pense em Jesus e perdoe. Você será feliz e tudo ficará esquecido. Cante, agora cante a sua vitória. O Espírito não entendia a ocorrência em toda a sua extensão, mas sentia-se aliviado, qual se estivesse privado do oxigênio por algum tempo e, ao voltar a experimentá-lo, fruísse dor e êxtase. Subitamente desmaiou, provocando na médium um vágado simultâneo. Sem qualquer perturbação, a Mentora deslindou-o da sensitiva e despertou-a com ligeiras tapas no rosto. Prontamente, a moça acordou e foi devolvida ao círculo. Felinto, que nos percebia a perplexidade, sem que indagássemos, elucidou: — Um tanto primitivo, sim, porém eficiente. Talvez grotesco, no entanto, portador de excelentes resultados. O tratamento para a exuantropia foi demorado, por causa da imposição da monoideia deformante e instilação exterior do ódio, além do que lhe jazia em gérmen no ser atordoado, logo deixara o corpo, pela morte infamante, na punição que lhe aplicaram por coisa de pequena monta... A desmantação teria que receber uma técnica de choque, através de vibrações dissolventes que atuassem no paciente, de dentro para fora, pelo despertar da consciência, e de fora para dentro, desregulando a construção física da aparência que lhe foi colocada por modelagem do psiquismo do agente e pelo paciente aceito. Agora ele dormirá para o necessário reequilíbrio do perispírito, sendo recambiado pelos automatismos das Leis à reencarnação, que o reajustará plenamente. Não lhe parece um tanto violento? — indaguei, sem objetivo de censura. — Digamos — respondeu, tranquilo — que é enérgico e inusitado para o amigo Miranda, enquanto que para nós, pela familiaridade com estes fenômenos, já nos são comuns as ocorrências desta natureza, sempre sensibilizando-nos ante a sabedoria divina que, no universo de socorro, faculta meios próprios para atendimento a todas as necessidades, cada um de acordo

com a especificidade em que aquelas se nos apresentam. E mais enfatizando a excelência da terapêutica liberativa, arrematou: — Ouvi, oportunamente, nossa Emerenciana dizer que Deus permitia a existência dos redutos e antros do mal, construídos pelos Espíritos inferiores, porque estes mesmos ainda necessitavam desses agulhões para despertar. O amor gera o amor e a agressão produz resposta equivalente. Há aquelas nobres Entidades que se encarregam de métodos superiores e sutis, em nome do Amor. Há também aqueles mais rigorosos, igualmente inspirados pelo Amor para colimar os fins da felicidade. A joia esplende na montra luxuosa, em estojo de veludo, porque alguém a desentranhou do barro sujo e do revestimento grosseiro que lhe impedia o brilho. Foi a golpes fortes que lhe prepararam o campo para os detalhes finais, facultando-lhe a explosão de beleza... Façamos o melhor ao nosso alcance, onde fomos colocados pela Vida, e aí teremos realizado o dever, respondendo presente, quando formos chamados à luta. Tudo muito claro, é certo, e lógico. Os labores prosseguiram no mesmo ritmo, com segurança e prudência por parte da Mentora, vigilante quão operosa.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 11)

“A luta prossegue. [...] Fernando procedeu ao despertar do chefe siberiano e o aproximou de D. Armênia, perispírito a perispírito, até que houvesse uma quase justaposição. O da médium vibrava com suaves irradiações violáceas claras, enquanto o do Espírito exteriorizava uma energia densa, escura, quase pastosa, que diminuiu o tom das ondas que absorvia e que pareciam diluir-lhe a espessura, a vibração grosseira. Subitamente despertou atônito, e interrogou: — O que está acontecendo? Que artimanha mágica foi essa covardemente utilizada contra mim? — Não se trata de artimanha, nem de magia, meu amigo-irmão — respondeu o Dr. Carneiro com serenidade —, mas de recurso terapêutico desconhecido por você. Não há como negar a superioridade do Bem. Afinal a maldade é somente alucinação, desvario. A força positiva é a geradora da vida e das suas manifestações; a negativa expressa o uso incorreto dos valores da energia, sendo, portanto, impotente, ante a expressão maior. [...] Desperte! Ele anulou-lhe a faculdade de pensar, a fim de dominá-lo, o que vem conseguindo com facilidade. — A mim ninguém domina. Eu sou o diabo. Veja! Imprimindo a força do ódio a si mesmo, vimo-lo transformar-se; ideado, na personificação da figura satânica, conforme a conceberam no passado. A face da médium alterou-se, e ele, quase sobreposto à sensitiva, transfigurou-se, assumindo as características convencionais do ser infernal. A cauda, terminada em lança, agitava-se, enquanto os detalhes gerais produziam um aspecto aterrador. Pelas narinas eliminava vapores com forte odor a enxofre, e faíscas elétricas completavam

o quadro formando uma figura horrenda. Os Espíritos da sua hoste grosseira apavoraram-se e desencadearam uma gritaria infrene, tentando romper as redes protetoras em movimento desesperado de fuga. Era com arremetidas de tal natureza que ele e os seus semelhantes se impunham aos Espíritos ignorantes, perturbados, vítimas da consciência culpada, os quais se lhes submetiam, para serem punidos pelos crimes praticados, tornando-se-lhes subalternos. Enquanto Fernando e alguns magnetizadores acalmavam os aflitos e temerosos, o benfeitor, sem qualquer alteração na voz e na emoção, prosseguia: — Você não me assusta! Conheço essa triste fantasia na qual você se oculta. Ela é inócua para mim e a ninguém aqui intimida. O diabo é uma figuração concebida pelas mentes passadas, ignorantes e temerárias. Surgida no período mágico do pensamento, está totalmente ultrapassada, permanecendo somente na imaginação que a agasalha e a incorpora. Aproximando-se da médium em transe, o Dr. Carneiro começou a aplicar passes longitudinais, depois circulares, no sentido oposto ao movimento dos ponteiros do relógio, alcançando o chacra cerebral da Entidade, que teimava na fixação. Sem pressa e ritmadamente o benfeitor prosseguia com os movimentos corretos, enquanto dizia: — Tuqtamich, você é gente... Tuqtamich, você é gente... A voz tornou-se monocórdia, contínua, enquanto os movimentos prosseguiram. Suas mãos despediam anéis luminosos que passaram a envolver o Espírito. Pouco a pouco, romperam-se as construções que o ocultavam, caindo como destroços que se houvessem arrebatado de dentro para fora. O manto rubro pareceu incendiar-se e a cauda tombou inerte. Os demais adereços da composição, igualmente, despedaçaram-se e caíram no chão. Para surpresa nossa, a forma e as condições em que surgiu o Espírito eram constrangedoras — coberto de feridas purulentas, nauseantes, alquebrado, seminu, trôpego, o rosto deformado como se houvesse sido carcomido pela hanseníase —, inspirava compaixão, embora o aspecto repelente. Desejou falar, arquejante, e a voz desapareceu num sussurro nasalado: — Eis o que você me fez. Eu não sou isso... — Sim, meu irmão, você está assim por enquanto. Encontrava-se sob disfarces para esconder sua realidade. Agora Jesus irá medicá-lo, auxiliando-o a renovar-se. — Eu não o conheço. — Você o conhece sim. Basta recordá-lo. Iremos ajudá-lo no tentame. Desperte agora e mude de atitude mental. O restante será fácil e o tempo resolverá. O comunicante, quase sem voz, e visivelmente agônico, tentou gritar, conseguindo somente emitir um som disforme: — Jesus... — E tombou em pesado desfalecimento. Fernando e o Dr. Carneiro desenfaixaram-no da médium e o colocaram em repouso na mesa onde estivera até o momento da comunicação. [...]” (MPM, *Trilhas da liberdade*, A luta prossegue)

“Reflexões e aprendizado. [...] O grupo recolhido, que acabara de participar da psicoterapia iluminativa, apresentava diferentes quadros de reação. Alguns participantes, que não eram caracterizados pela perversidade e crueza, havendo sido arrebanhados entre ociosos e erráticos, despertaram, envergonhados, receptivos às novas diretrizes com que se lhes acenavam; outros, mais afeitos à maldade e assinalados por ações nefastas, arrependendo-se por medo ou discernimento, começaram a experimentar metamorfose na aparência, qual ocorrera com o siberiano, e, desnudando-se perispiritualmente, apresentavam-se ulcerados, com deformações constrangedoras, punitivas; diversos assumiam fâcies lupina, aspectos horrendos, diferenciados. Aqueles que permaneceram impenetráveis pelo bem, insensíveis ao fenômeno que observaram, recuperando a lucidez própria ao nível no qual estagiavam, esgueiraram-se a blasfemar, revoltados... Cuidadosamente foram separados uns dos outros para o conveniente encaminhamento terapêutico, assessorados por enfermeiros e especialistas dedicados, que deles cuidariam em nossa esfera de ação permanente. Era a primeira vez que detectava o fenômeno da alteração do corpo perispiritual em grupo de seres infelizes. Olhando o irmão Tuqtamich em deplorável aparência, adormecido entre esgares e convulsões periódicas, não me pude furtar à compaixão, reflexionando a respeito do mal que nos fazemos a nós próprios, quando abandonamos o rumo e avançamos enlouquecidos. [...] — Chamou-me a atenção — aludi — a transformação perispiritual por ele sofrida. Já a houvera visto antes, entretanto repetiu-se em vários dos seus acompanhantes. Como entendê-la? Ele se apresentava com aparência antes normal, quando odiento. Depois como se deu esse processo? Com expressão jovial e bondosa, o Amigo sábio esclareceu: — A plasticidade do perispírito responde por essas ocorrências. Maleável quase ao infinito, ele se comporta sempre conforme a orientação da mente, portanto do Espírito, que nele plasma todas as manifestações. Descarregando ondas de energia específica nas tessituras delicadas da sua organização sutil, elas expressam esses conteúdos mediante contínuos fenômenos de representação. “Durante o diálogo que mantivemos, ele assumiu a personificação demoníaca por ideoplastia, valendo-se de impressos modeladores conscientes. Da mesma forma, ao ser recolhido nas regiões inferiores, após conveniente adestramento mental, ele logrou recompor a aparência de quando se encontrava na Terra, qual se aplicasse uma máscara trabalhada de dentro para fora, que era mantida pela vontade consciente.” Fazendo uma reflexão, deu prosseguimento: — Recorde-se de *O retrato de Dorian Gray*, da autoria de Oscar Wilde. Todas as ações de Dorian eram plasmadas no seu retrato até que, ao desencarnar, o infeliz retrato

recompõe-se, e o corpo mostra as marcas degenerativas da conduta reprochável do seu autor. Trata-se de uma bela demonstração do perispírito e sua plasticidade que Wilde desconhecia, mas que tão bem apresentou. “Tuqtamich é o que vemos. Aí estão impressos, os seus atos e comportamentos, no Espírito rebelde em processo de recomposição, qual ocorrera para dar-se a degeneração... A aparência siberiana como a diabólica eram máscaras trabalhadas pela mente agindo no perispírito, e imprimindo-as conforme a ideação. Para tal tentame é necessário grande controle mental, bem orientado, isto é, conduzir o pensamento com vigor. “Depreendemos, portanto, com facilidade, o acerto do conceito querer é poder. Desde que se queira com firmeza, pode-se fazer o planejado... “Disse Jesus: — Se tiverdes fé... A fé é o alinhamento da razão naquilo que se crê. “Nessa tônica agem hoje, na Terra, todas as terapias da autoestima, ensinando os indivíduos a aprender a correta condução da mente, das aspirações. É claro que não se alterará a responsabilidade dos indivíduos, se eles não se recuperarem, reparando os males que antes praticaram. Na visão holística da futura Medicina, o conhecimento da mente (Espírito) e do perispírito, será fundamental para a compreensão do ser humano, dos fenômenos das enfermidades e dos processos da saúde.” Silenciando, por breves instantes, prosseguiu: — O mesmo aconteceu aos demais irmãos, vítimas dos mecanismos equivocados de fixação mental. Alguns deles, que se tornaram usurpadores das energias dos encarnados displicentes com os quais se afinam, mantêm o pensamento de que são lobos humanos. Tal ideia plasmou-lhes a forma degenerada, que ocultavam sob as máscaras de ideoplastias vivas, sustentadas no campo fluídico do perispírito maleável. “O amor de Deus, no entanto, que luz para todos, sempre alcança os calcetas, os desertores, os ingratos, trazendo-os de volta, porém pelos mesmos caminhos percorridos que se fazem palmilhados mediante o recolhimento da urze e dos destroços das construções arrebatadas que ficaram ao abandono. É a lei de justiça, igual para todos, pois que se fora diferente, com regimes de privilégios e exceções, como pretendem algumas doutrinas religiosas, qual a vantagem da ação enobrecida, do caráter diamantino, do trabalho do bem? Desse modo, todos somos os autores do nosso destino, de acordo com os próprios níveis de evolução e de responsabilidade que nos facultam as correspondentes realizações.” [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Reflexões e aprendizado)

“**IMPRESSÕES MARCANTES.** [...] Porque se fizesse um silêncio espontâneo, alonguei o olhar na direção do leito próximo, e pude ver outro paciente envolto em vibrações escuras, que o apresentavam como se fosse uma múmia enlaçada por ataduras especiais que o mantinham imóvel. Acompanhando-me

a expressão de surpresa, o Benfeitor auxiliou-me o entendimento, informando-me que se tratava de uma deformidade muito especial do perispírito, que fora mutilado pela mente encarnada com ambições desmedidas, produzidas também por terrível incidência obsessiva de hábil hipnotizador sem a indumentária carnal, que induzira aquele Espírito a atitudes de perversão sexual demorada, levando-o a retomar a postura larval... “Não obstante — prosseguiu com gentileza — fosse conhecedor da vida após a morte, porquanto se houvera dedicado a experiências mediúnicas, as perturbações do sexo insaciável conduziram-no ao desrespeito pelo santuário genésico, corrompendo diversas pacientes que lhe buscavam o apoio terapêutico, porquanto se apresentava como portador de valores dessa natureza. Médico que era, percebera que, na raiz de muitos transtornos psicológicos e distúrbios orgânicos, existem razões anteriores à concepção, face às consequências de condutas equivocadas em outras existências e subsequentes perturbações espirituais, concebendo estranho método de atendimento e conseguindo, às vezes, dialogar com os desencarnados em perturbação, sensibilizando-os, em algumas ocasiões. Com avidez incomum para ameaçar moedas e açodado no comportamento sexual pela mente transtornada, seduzia as pacientes que o buscavam aflitas, mantendo conúbios infelizes sob a justificativa de que, através desse relacionamento, se lhes tornava mais fácil a recuperação da saúde. Hábil na conversação e sedutor, iludiu algumas mulheres que lhe caíram nas teias ardilosas, e quando algumas se apresentaram grávidas, não trepidou em propiciar-lhes o aborto criminoso com que se evadia da responsabilidade paterna. “Como ninguém consegue desrespeitar as Leis da Vida sem sofrer-lhes as imediatas consequências, uma jovem se lhe afeioou apaixonadamente, transformando-se em fardo desagradável. Havendo concebido dele um filho e sendo obrigada a abortá-lo no quarto mês de gestação, ao ser desprezada com indiferença apelou para o suicídio, em que sucumbiu martirizada e desditosa... Despertando em profunda desolação e vigiada por verdugos impenitentes, foi arrebanhada por um dos perversos inspiradores do insensato que a conduziu ao campo vibratório do desarvorado, ampliando-lhe os tormentos mentais que já o sitiavam interiormente. Vencido pela consciência de culpa, passou a recordar-se da jovem obsessivamente, a ouvi-la na tela mental e a desejá-la como anteriormente, enquanto prosseguia nos desatinos a que se entregava cada vez mais ávido e alucinado...” Dr. Ignácio acercou-se do leito e, convidando-me a observar profundamente o que existia além da camada externa que envolvia o Espírito, pude detectar-lhe a deformidade que o assinalava, fazendo recordar-me o estado de larva que precede à forma definitiva. Somente que,

ali, ocorria o oposto: as desvairadas aspirações que o dominavam perturbaram-lhe em demasia a mente, e a hipnose bem urdida pelos inimigos produziu na plasticidade do perispírito a degenerescência chocante que agora se manifestava. Pude perceber também, que mentalmente continuava ligado à suicida que se lhe imantava ao pensamento embora estando distante, enquanto vozes desesperadas e acusadoras ressoavam na acústica mental, recordando-o dos crimes cometidos.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 14)

“EXPERIÊNCIA INCOMUM. A minha mente esfervilhada de novas interrogações, que no momento não podiam ser esclarecidas. O conhecimento do dr. Messier fascinava-me, e a sua naturalidade encantava-me. Enunciava os conceitos com a espontaneidade daquele que os conquistou pela experiência após longa reflexão em torno da psique humana. Embora já houvesse estado na área dos pacientes agitados, aquela enfermaria era-me totalmente desconhecida. A psicofera local apresentava-se densa e o ambiente fracamente iluminado, a fim de manter os pacientes na condição conforme se apresentavam. Todos aqueles que ali trabalhavam movimentavam-se em silêncio respeitoso, procurando irradiar tranquilidade e compaixão, que se exteriorizavam por leve claridade que os envolvia, destacando-os na penumbra ambiente. Ouvia-se o ressonar ruidoso dos internos, e espaçadamente alguns estranhos ruídos guturais, que poderiam ser gritos e apelos sufocados na angústia que os dominava. Quando nos acercamos de um dos leitos enfileirados em duas ordens, uns defronte dos outros, deparei-me com uma cena surpreendente. Sobre a cama havia algo semelhante a um casulo de expressiva proporção, como um envoltório mumificador ocultando o Espírito que se encontrava revestido por essa forma estranha. Já conhecia a ocorrência com Agenor que, no entanto, não se consumara totalmente, como a transformação que agora estava diante dos meus olhos. O Espírito assim revestido movia-se com dificuldade, aprisionado por resistentes fios sucessivos que o imobilizavam quase, apertando-o no horrível envoltório de coloração cinza e de estrutura viscosa. - A mente — sussurrou o esculápio, discretamente — produz material conforme a sua própria vontade, criando asas para a ascensão ou presídio para a escravidão. O irmão Evaldo é prisioneiro de si mesmo. Não anotamos mais graves anomalias no perispírito, no entanto, encapsulou-se em fortes teias mentais degenerativas que o vêm retendo desde quando se encontrava na Terra, interrompendo-lhe a bênção da reencarnação. Oculto nessa triste forma por vários anos após a viagem de retorno, soa-lhe o momento de iniciar-se o seu processo de libertação, para o despertar da consciência em torno das responsabilidades que lhe dizem respeito. A vida é incorruptível e jamais pode ter o seu curso

alterado indefinidamente. A inefável misericórdia do Pai está sempre vigilante, a fim de que todos os Seus filhos alcancemos a plenitude que nos está destinada. Silenciando, analisou o paciente demoradamente, detendo-se na área cerebral igualmente oculta. O seu olhar penetrante alcançava o ser infeliz que se escondia de si mesmo e gera mentalmente o casulo para refugiar-se. [...] Logo nos afastamos do recinto e alcançamos o amplo corredor, não pude ocultar o interesse de aprender, e indaguei ao médico: — Como explicar-se esse processo de encapsulamento que acabáramos de ver? Sem nenhum desagrado ele esclareceu-nos: - Convém ter sempre em consideração que somos aquilo que cultivamos interiormente. O céu e o inferno são regiões interiores que habitamos conforme a postura mental responsável pelos nossos atos. Exteriorizando essas preferências psíquicas, consubstanciamos-las em edificações que se tornam sustentadas pelas contínuas ondas do desejo e do interesse. Quando outros indivíduos trazem os mesmos valores, reúnem-se forças que concretizam aspirações, dando lugar a regiões próprias dos pensamentos em ação. Assim temos as províncias de provas e dores além do túmulo, tanto quanto aquelas de delícias e de paz. Não poucos místicos e médiuns, em processo de desdobramento ainda na Terra, têm sido trazidos a esses sítios, o que deu margem aos conceitos míticos de inferno, purgatório, limbo e céu de forma concreta com as suas implicações religiosas e dogmáticas. É óbvio que não os existem do ponto de vista material, consoante a propositura da física newtoniana ou linear. Não obstante, multiplicam-se, em realidade, os campos e regiões de sofrimento, de angústia e de recuperação na Erraticidade, da mesma forma que os abençoados reductos de alegria, de paz, de bem-aventurança, conforme prometidos por Jesus no conceito do reino dos Céus. “Por enquanto, face ao primarismo que ainda viceja entre as criaturas, os desvios mentais e comportamentais têm projetado e vitalizado mais áreas para recuperação penosa do que lugares paradisíacos e edênicos. “Toda vez que a mente se fixa em algo, emite vibrações que se transformam em força correspondente, logrando atender ao direcionamento que lhe é proposto. No caso do nosso irmão Evaldo, sua consciência de culpa elaborou um recinto escuro para ocultar a miséria a que se entregou, enquanto deambulava no prosaetrio terrestre na sua anterior e mais recente jornada.” Fez uma pausa tranquila, para ordenar o raciocínio e continuou: — Nosso amigo partiu do mundo espiritual com definidos compromissos na área político-religiosa a que era afeito anteriormente e que não soube corresponder com o valor que deveria ser aplicado. Fracassou, várias vezes, gerando situações penosas na fé religiosa abraçada, assim como no campo da política, que submeteu às paixões do

dogmatismo e dos interesses inconfessáveis que o caracterizaram. Muito comprometido espiritualmente, preparou-se para novo cometimento e recebeu o aval dos seus Guias espirituais. Por mais de um decênio equipou-se de conhecimento e de valores éticos para atuar com elevação nos dois delicados campos. Quando se acreditou em condições de reencetar a jornada, foi conduzido a um nobre lar espírita, sob a tutela de mãe generosa que lhe era anjo protetor, a fim de que o Consolador lhe facultasse compreender os compromissos assumidos e a Lei de Causa e Efeito o despertasse para o desempenho sagrado da tarefa. “Desde cedo, participou com a genitora dos estudos evangélicos no lar, em momentosos encontros de meditação e de intercâmbio, quando os Amigos espirituais inspiravam as conversações e direcionavam os interesses da família. Participou das aulas de evangelização da época, indevidamente denominadas de catecismo espírita, e mais tarde tomou parte num dos primeiros grupos de mocidades espíritas que se iniciavam no Brasil. Conseguiu destacar-se, exercendo liderança, porquanto, para tanto, fora preparado, enquanto simultaneamente estudava direito. Bacharelado-se, teve a felicidade de ser convidado por hábil advogado político que o iniciou na difícil conjuntura administrativa do país, na qual conseguiu amealhar expressivos recursos financeiros. Logo depois, consorciou-se com excelente companheira, e enquanto o triunfo lhe batia às portas, permitia-se o distanciamento da fé espírita. É claro que se justificava como sendo vítima da falta de tempo, escamoteando o constrangimento que sentia de declarar-se espiritista nas altas rodas, nas quais agora se movimentava entre luxos e preconceitos mesquinhos. “O tempo é inexorável, e todos passam por ele, que permanece inalterado. O dr. Evaldo, então proeminente político, esqueceu-se completamente dos compromissos espirituais. No auge do poder, tomado pela avidez desvairada para o enriquecimento ilícito, acumulou-se com amigos envolvidos em corrupção e, em breve, derrapou em terríveis enovelamentos morais, desviando verbas que deveriam atender necessidades urgentes e salvar vidas, transferindo-as para contas fora do país nos denominados paraísos fiscais. “Nesse interregno, face aos descabimentos íntimos que não ficaram apenas na área dos comprometimentos políticos, mas também sexuais, vinculou-se a antigos inimigos desencarnados que o espreitavam, começando a hospedar psiquicamente hábil manipulador das forças mentais que passou a comandá-lo vagarosamente até apropriar-se-lhe com relativa facilidade do seu mundo psíquico. “Quando menos esperava, a esposa sofrida ante a conduta irregular do marido com a qual não concordava e o admoestava sempre que possível, foi acometida de um carcinoma que a vitimou em rápidos meses. Surpreendido pelo infausto acontecimento, não

tendo procriado, o insensato começou a atormentar-se, dando campo à consciência de culpa e procurando fugir de si mesmo. Os valores amealhados de nada lhe valeram, porque não podiam minimizar os conflitos íntimos e a sensação de que a morte da mulher em condições muito dolorosas, de certo modo, era uma punição à sua conduta irregular, como se a Divindade se utilizasse de mecanismos mórbidos quais os dessa natureza. “Lentamente, afastou-se da agitada vida mundana sob a justificativa da viuvez e, apesar de insistentemente convidado pelos comparsas, refugiou-se em pertinaz depressão que passou a consumir-lhe as metas existenciais, a razão de viver, qualquer objetivo que o pudesse arrancar da penosa situação. “A mãezinha, ora desencarnada, envidou esforços exaustivos para arrancá-lo da situação pungente a que se entregou, mas tudo redundou inútil, porque o torturado começou a perceber quanto a sua avidez contribuía para a miséria de muitos seres humanos necessitados, os quais deveria defender e amparar através dos mecanismos políticos e da fé espírita que anteriormente esposara. “Tentando ocultar o drama, o seu inconsciente começou a criar a teia vibratória que terminou por envolvê-lo então sob o direcionamento do adversário espiritual. Três anos transcorridos após a desencarnação da senhora, sucumbiu em triste ruína humana, negando-se à alimentação e ao tratamento especializado, que embora sob imposição vigorosa de outros familiares não logrou arrancá-lo do abismo da consciência culpada ao qual se atirara com sofreguidão.” Novamente, o psiquiatra silenciou, demonstrando uma profunda compunção pelo enfermo. A seguir, concluiu: — Em deplorável estado mental e físico desencarnou, jugulado à estranha obsessão por ressonância dos pensamentos perversos do inimigo que o aguardou no pórtico da imortalidade, encarcerando-o nos fios vigorosos da própria urdidura mental e recambiando-o para o escuso recinto onde se homiziava. Ali, sob hipnose cruel, vergastou-o por mais de um decênio, após o que foi transferido para nosso Hospital por intercessão da mãezinha abnegada, aqui demorando-se até este momento, quando começa o seu processo de despertamento para o encontro lúcido com a realidade. — Deus, meu! — exclamei — emocionado. Quanto a aprender e a corrigir no mundo íntimo! Alberto, sempre silencioso, aduziu com jovialidade: — Não é por outra razão que o Mestre nos informou que mais será pedido àquele a quem mais foi dado. De fato, quem possui a luz embutida na mente e no coração não pode andar em trevas, semear escuridão, para tanto, apagando a própria claridade íntima, pois que, sem qualquer dúvida, voltará a percorrer o mesmo caminho e o defrontará conforme o haja deixado. Assim, emocionados e reconhecidos, despedimo-nos do culto e generoso médico, rumando ao gabinete do dr.

Ignácio Ferreira, onde éramos gentilmente aguardados.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 21)

“O primeiro tentame. [...] Imediatamente, dona Matilde começou a gemer dolorosamente e a emitir sons que pareciam uivos lupinos. Observei que o ser em tentativa de comunicação, trazido por dois auxiliares que o Dr. Ignácio destacara, apresentava-se vitimado pelo fenômeno da licantrópia. Recordei-me então das lendas em torno dos lobisomens, muito comuns ainda hoje no Planeta. A deformidade imposta pelo perispírito era de tal maneira típica, que dificilmente poderíamos dizer que se tratava de um espírito que transitara na faixa de humanidade. Certamente, os seus delitos foram de tal forma e as suas construções mentais hediondas de tal natureza que se lhe insculpiu, molécula a molécula, a imagem interior cultivada, agora apresentada nessa aparência. Assumindo o controle da faculdade psicofônica e conseguindo um grande ajustamento aos centros mediúnicos da abnegada médium, não podia exteriorizar mais que sons terríveis, enquanto os seus olhos brilhavam de maneira peculiar, ameaçadores, deixando a baba fétida cair-lhe das mandíbulas abertas sobre a boca do instrumento de que se utilizava. Contorcia-se, como se estivesse manietado, o que de fato acontecia, exalando energias deletérias abundantes que empestavam o círculo de socorro mediúnico. Impossibilitado de falar, passou a ouvir o orientador, explicando-lhe: - Você é um espírito humano, hipnotizado e mantido em forma lupina pela própria mente e por indução de outrem. É credor da misericórdia e da compaixão de Deus. Aqui veio para ter atenuadas as suas aflições e poder recuperar-se dos terríveis sucessos a que se entregou no corpo físico... Não tema! Sei que me ouve, embora a dificuldade de compreender-me. O amor de Deus chega sempre e este é o seu momento. Tranquilize-se, asserenando o pensamento atormentado... A um sinal, o irmão Petitinga acercou-se da médium e começou a aplicar passes no enfermo espiritual, ao mesmo tempo amparando a organização psíquica da intermediária, o que se prolongou por alguns breves minutos, enquanto o enfermo espiritual estorcegava, uivando. Logo após, Dr. Ignácio utilizou-se de um instrumento especial que se encontrava na sala e o aproximou da médium, aplicando a parte superior do mesmo sobre a cabeça do desencarnado que mais se agitou, em dolorosa agonia. O doutrinador, comovido, exorou o auxílio de Jesus em benefício do visitante, enquanto lhe falava com bondade e compaixão. O aparelho tinha como finalidade trabalhar a construção mental externa e diluí-la, auxiliando o perispírito a recuperar a forma, o que certamente seria concluído, mais tarde, quando da reencarnação do calceta. Todos orávamos em uníssono até que, lentamente, o comunicante se foi acalmando, diminuindo a emissão dos uivos e

aquietando-se em sono profundo, decorrente da voz do Dr. Ignácio que o hipnotizava, mediante o recurso da emissão verbal tranquila, revestida da indução do amor fraternal e terapêutico. Ao ser desligado da médium, foi acomodado em uma cama portátil e retirado da sala, para posterior traslado ao Hospital Esperança.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 5)

“O SERVIÇO DE ILUMINAÇÃO. As horas sucediam-se lentas e pesadas. O grupo que atendíamos era constituído por quase mil vítimas da tragédia sísmica. Aparentemente pequeno era o resultado do nosso esforço, embora nos encontrássemos empenhados com carinho na execução da atividade que nos foi reservada. A noite tornava-se cada vez mais pavorosa do ponto de vista humano, em razão dos horrores que se manifestavam sem cessar. Na esfera física, a procura de cadáveres para identificação era afligente, porque as pessoas choravam e imprecavam sem lucidez em torno do que exteriorizavam. Era uma catarse coletiva sob a inclemência das sombras tormentosas. Do nosso lado, não era menos angustiante a paisagem espiritual. Ana continuava a manter o archote aceso deramando claridade no local sombrio e truanesco. Em determinado momento, escutamos uivos arrepiantes e vimos em movimento uma densa formação agitando-se e aproximando-se como se empurrada por ventos suaves, imperceptíveis para nós outros... Ao acercar-se, podemos ver em hediondez diversos Espíritos com fâcias e formas lupinas como se estivessemos em um cenário de imaginação doentia, observando antigos seres humanos que se fizeram vítimas da zoantropia. Com aspectos repelentes e hórridos, eliminavam baba pegajosa pelas bocas escancaradas e os olhos brilhantes procuravam os cadáveres cujos Espíritos estávamos libertando. Subitamente tentaram atirar-se sobre um dos montes de membros e corpos misturados, como se estivessem esfaimados. Nesse comenos, Dr. White sinalizou ao padre Marcos que, rápido e seguro, desdobrou uma rede de fios luminosos e de ampla proporção, no que foi auxiliado por Ivon e Oscar, atirando-a com habilidade sobre o monturo fétido... De imediato, pudemos perceber que se tratava de uma defesa magnética, irradiando energia especial que apavorou os agressores, que certamente a conheciam, fazendo que se afastassem em tropel rápido, sem maiores perturbações para o nosso labor. Fora a primeira vez que me deparara com cena de tal porte. Percebendo-me as interrogações mentais, o hábil diretor veio-me em socorro, explicando-me: - Trata-se de Espíritos muito infelizes, cujas existências na Terra foram terrificantes e que construíram as aparências perversas atuais como decorrência do mal que praticaram indiferentes ao sofrimento que causavam. Haviam perdido a sensibilidade do amor e, por isso mesmo, deformaram

psiquicamente o perispírito que, após a desencarnação do corpo somático, encarregou-se de modelá-los conforme se encontram. Sucede que a única diferença em relação aos demais casos de zoantropia, é que, normalmente, a ocorrência é individual, no entanto, porque constituíam um grupo asselvajado que laborava em conjunto, o fenômeno alcançou-os a todos, neles plasmando a deformidade lupina que os faz temerários, imprimindo-lhes as necessidades alimentares típicas do gênero canis lúpus, mantendo a mente entorpecida... Por automatismo, prosseguem na sanha do desequilíbrio até o momento quando a misericórdia de Deus deles se compadeça e sejam recambiados às reencarnações expiatórias muito dolorosas... “A mente é sempre a geradora de bênçãos ou de desditas, porque dela procedem as aspirações de uma assim como de outra natureza. Quando as criaturas humanas considerarem a força do pensamento que procede do ser que são, haverá mudança radical de comportamento moral e social, dando lugar às conquistas relevantes da imortalidade triunfante. “Por enquanto, é natural que o processo ainda se encontre em fase preparatória, dando lugar às aberrações que tomam corpo no mundo físico, caracterizando a decadência dos valores éticos e morais, nas esperanças de felicidades que soçobram no mar encapelado das paixões.” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 6)

“O amor nunca põe limites. Nesse instante, duas entidades que cooperavam nas reuniões mediúnicas normais da Sociedade Espírita adentraram-se, trazendo em maca, adormecido, um dos seus diretores. [...] Segundo pude depreender mentalmente, em razão das emissões do pensamento do nosso mentor, de maneira invigilante ele passou a cultivar ideias de exaltação e comportamento agressivo, tornando-se um espinho fereinte no grupo de trabalho. Responsável por atividade de relevante importância, manteve-se cauto sexualmente durante o período matrimonial. Após a desencarnação da esposa, igualmente trabalhadora dedicada, passou a cultivar sentimentos perturbadores e tormentos adormecidos, dando largas à imaginação e gerando imagens mentais tóxicas, lentamente absorvidas e transformadas em hábitos psíquicos. A pouco e pouco, deixou-se embriagar pela sensualidade, no difícil período da andropausa, tornando-se indócil e prepotente. Por qualquer coisa agredia os companheiros com palavras chulas, desviando-se da boa conduta moral, frequentando motéis com jovens aventureiras, igualmente perturbadas. Narcisista, desligou-se emocionalmente dos deveres espirituais e comparecia ao grupo sem compromisso íntimo, demonstrando desinteresse pela função que exercia. Em consequência, as suas atividades tornaram-se desconsideradas e porque os demais membros da diretoria necessitassem do entrosamento entre todos, quando chamado à cooperação

reagia de maneira rude, para não dizer grosseira. Chegara ao cúmulo de estar desviando valores da contabilidade da Casa, a fim de atender a volúpia dos seus tormentos. [...] Trazido à sala de atendimentos, ressonava ruidosamente, demonstrando os conflitos que o afligiam, e agitava-se, como desejando libertar-se de alguma constrição que lhe fazia mal. Observando-o com mais atenção, pudemos notar que se encontrava fortemente submetido a uma injunção obsessiva de natureza grave, porque notávamos diversas formas ovoidais, fazendo recordar a medusa da mitologia grega. Essa cabeleira, constituída por seres espirituais inferiores, flutuava em volta da sua cabeça, e emitia ruídos estranhos, peculiares, como sons de animais ferozes. Tratava-se de espíritos vítimas da monoideia, que lhes fora inculcada em experiências hipnológicas perversas, trabalhada por hábil adversário do bem, que se acreditava responsável por verdadeira legião de desencarnados que lhe sofriam os acicates cruéis. Detendo-nos na observação, percebíamos que dois deles fixavam-se no sistema nervoso central, outros dois no aparelho genésico, mais um no chacra cerebral, em verdadeira parasitose exploradora grave. Tão ligados estavam esses espíritos deformados e insanos que não puderam ser desligados anteriormente do enfermo, agora trazido ao auxílio espiritual. A área genésica apresentava-se dominada por verdadeiros vibriões criados pela dissolução moral a que o paciente se entregara, ameaçando-lhe a organização fisiológica, obrigada ao atendimento da mente desvairada. Era natural que o seu fosse o pensamento do desajuste moral, em razão do cérebro sofrer a insidiosa presença do ser infeliz que lhe dominava a nobre região coronária, encharcando-a de energias deletérias. O sistema nervoso central, por sua vez, sofria a ingerência da mente espiritual desditosa que se nutria do seu tônus energético, exaurindo a vítima com lentidão e segurança. Sem dúvida, com pouco tempo de persistência desse quadro, seria impossível a continuação da existência estável. Com certeza, alguma enfermidade devoradora se aproveitaria da falta de resistências do sistema imunológico igualmente comprometido, dilacerando o corpo já alquebrado. Concomitantemente, o dislate levaria o pensamento à loucura e as consequências seriam imprevisíveis, não fossem as providenciais terapêuticas a que seria submetido a partir daquele momento. A repercussão de um escândalo, de uma agressão física ou de algo mais funesto seria terrível para o grupo de servidores de Jesus, apreensivos e inquietos. O irmão Anacleto, sem dúvida, era vítima de uma obsessão impiedosa cujo controle encontrava-se distante, mas bem-direcionado. A aparência física já denunciava o estado de desnutrição e falta de vigor, em razão do roubo de vitalidade que padecia. No silêncio natural em que a sala estava mergulhada, envolta em dúcidas

vibrações harmoniosas, Dr. Bezerra exorou o auxílio de Jesus para a atividade que ia iniciar-se, suplicando as Suas bênçãos em favor de todos aqueles que se encontravam envolvidos no quadro desolador da obsessão: a vítima e os seus algozes. Uma diáfana clareza tomou todo o recinto como a resposta dos Céus ao apelo da Terra. O médico espiritual aproximou-se do doente encarnado e fixando-lhe o centro genésico, no qual se hospedavam duas entidades deformadas, pôs-se a aplicar uma energia especial em movimentos anti-horário, como se estivesse desparafusando o tentáculo de cada uma delas que se fixava, respectivamente, nas gônadas. Pude perceber que se apresentavam como ventosas comuns aos polvos com alto poder de fixação e absorção dos conteúdos em cujo exterior se prendiam. Todos encontrávamo-nos profundamente concentrados, direcionando nosso pensamento como força atuante em favor da operação que estava sendo levada a efeito. Por mais de cinco minutos o dedicado benfeitor permaneceu no processo libertador, até quando foram desligados os tubos fluídicos que serviam de duto nutriente aos infelizes. Automaticamente e com carinho, as formas ovoidais que flutuavam foram seguras pelo nobre cirurgião e por José Petitinga que funcionava como seu auxiliar direto. Ouvíamos os estranhos ruídos que se exteriorizavam daqueles seres degenerados, que haviam tido modificado o perísprito e se apresentavam na condição degenerada, fruto espúrio do comportamento que se permitiram nas jornadas anteriores, culminando com a queda nas armadilhas do soez hipnotizador que os manipulava. Ato contínuo, foram conduzidos e localizados na aura da dedicada Sra. Celestina e de outro médium, ambos em profunda concentração. Ao ligarem-se energeticamente aos dois médiuns disciplinados, logo puseram-se a agitar-se, movendo-se continuamente, apresentando alguns estertores e emitindo sons animalescos que denotavam um sofrimento inenarrável, porque impossibilitados de exteriorizá-lo por meio da verbalização. Recebendo energia que se estendia das mãos de Hermano, Petitinga e Jesus, num contato transcendente e de natureza calmante, com voz suave o mentor falou-lhes: — A libertação de que necessitam começa agora, embora se prolongue por algum tempo. É necessário recuperar a forma perdida, utilizando-se do invólucro perispiritual desses que se lhes transformam em intermediário, de modo que, no futuro, em processo de reencarnação dolorosa, possam voltar ao estado anterior que usaram indevidamente. Têm sido longos os anos dessa radical transformação, mas soa o momento para a recuperação da vida normal. Todo o patrimônio armazenado através dos tempos e que hoje se encontra arquivado no cerne do ser, volverá lentamente e ser-lhes-á possível avançar pela estrada do progresso. Jesus sempre

vai em busca da ovelha tresmalhada, e os irmãos são bem o exemplo daquelas que tombaram, renitentes, no fundo do abismo onde ora se encontram. Como são capazes de pensar, embora não se possam expressar, voltem-se para Deus e supliquem-Lhe misericórdia. Os dias de horror e de desventura estão prestes a ceder lugar ao período de esperança e da alegria de viver. Enquanto falava e transmitia energias saudáveis aos espíritos disformes, podíamos captar-lhes o desespero que expressavam pelo pensamento, embora a monoideia que, em cada um, degenerara a forma perispiritual, mantendo-os naquela deplorável situação. Havia nessas mensagens mentais desespero e alucinação, ansiedade e angústia. Voltando à palavra articulada, a fim de que pudessem captá-la por intermédio da faculdade mediúnica dos abnegados instrumentos, informou-lhes o benfeitor: - Vocês serão conduzidos com carinho a um núcleo espiritual hospitalar, onde serão tratados de maneira conveniente, preparando-os para a reencarnação na Terra, onde a bênção da expiação lhes devolverá a harmonia perdida. Nunca se olvidem do amor, considerando que o erro é uma sombra que acompanha indelevelmente aquele que o comete. O amor de nosso Pai, no entanto, não tem dimensão nem fronteira, permanecendo como força motriz do Universo. Deixem-se inundar por essa energia sublime e facilmente conseguirão a paz. Mesmo que, aparentemente, demore o processo de total libertação, logo sucederá a vitória, pois que longos foram os tempos de fixação do mal, assim como da sua execução, especialmente nas aberrações praticadas na louca busca do prazer sensorial irresponsável e criminoso. Acalmem-se e deixem-se conduzir pela misericórdia do Senhor, não recalitrando contra o aguilhão que se impuseram... Lentamente, as oscilações e pequenas convulsões dos médiuns foram diminuindo, à medida que os comunicantes eram desvencilhados dos fluidos generosos em que se encontravam mergulhados. A seguir, foram acomodados em maca adrede preparada e transferidos para o local próprio na sala de onde seriam levados para a assistência hospitalar de longo curso. Imediatamente, o generoso guia retornou à proximidade da cama em que se encontrava Anacleto ainda adormecido e gemendo sempre, vítima da contínua constrição dos inimigos desencarnados e repetiu a experiência com as duas expressões ovoidais que se fixavam no sistema nervoso central, presos na base posterior do cérebro, no ponto em que nasce a medula, procedendo de maneira idêntica. As entidades pareciam perceber o que estava-se passando porque, flutuando no espaço pareceram agitadas, de maneira negativa, como que insistindo para permanecer na mesma situação vampiresca. Imperturbável e consciente, o cirurgião do amor e da caridade prosseguiu no seu ministério por tempo um pouco mais dilatado,

conseguindo retirá-las e procedeu de maneira semelhante, levando-as à comunicação atormentada por meio dos dois médiuns em concentração, condição essencial para a ocorrência feliz. Quando a agitação se apresentou maior e mais angustiante, o mentor falou-lhes: - Nada permanece conforme nossos caprichos, porque a vida tem uma finalidade sublime, e mesmo quando o ser humano se compromete com a desdita é-lhe concedida a oportunidade redentora. A compaixão do Pai pelos filhos enganados ultrapassa tudo quanto a mente humana é capaz de conceber. Desse modo, é chegado também o momento de ambos que, a partir de agora, enfrentarão as consequências da própria incúria, a fim de despertarem para realidades novas e inadiáveis. Inutilmente o mal permanecerá na Terra e o seu curso, por mais longo se apresente, será sempre de breve duração, porque somente o bem possui caráter de permanência, por proceder de Deus. Seduzidos pelo seu sicário, ainda se rebelam por haver perdido a exploração energética do nosso pobre equívoco, sem dar-se conta de que todos merecem misericórdia e compaixão no estado em que se encontram. Nossa preocupação, neste momento, é com vocês, irmãos queridos, desde que largos já se fazem os tempos dessa brutal deformação que os degrada. A melhor conduta, neste instante, é o abandono da ideia de vingança, assim como a do prazer criminoso que os transformou em degenerados diante das divinas leis. Na pausa inevitável, podíamos captar-lhes as ondas de revolta e de indignação, bem diferentes dos dois anteriormente atendidos. O benfeitor prosseguiu: — Impossível a treva resistir à luz e o ódio contrapor-se ao amor. A vitória, sem dúvida, será sempre do Eterno Bem. Agora adormeçam, repousando um pouco, em face do desvario que os consome. Logo mais será novo dia e a oportunidade que surge é bênção incomum em favor da felicidade futura de suas vidas. Mantenham-se em paz, porquanto, ninguém foge por tempo ilimitado em relação ao próprio destino, fruindo de plenitude que todos alcançaremos um dia. Deus os abençoe, irmãos queridos! Repetiu-se o procedimento realizado em relação aos anteriores socorridos.” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 7)

1.13. Obsessão causando transtornos ou doenças físicas e mentais³

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] CONVULSIONÁRIOS.

481. Desempenham os Espíritos algum papel nos fenômenos que se dão com os indivíduos chamados

convulsionários? “Sim e muito importante, bem como o magnetismo, que é a causa originária de tais fenômenos. O charlatanismo, porém, os tem amiúde explorado e exagerado, de sorte a lançá-los ao ridículo.”

a) — De que natureza são, em geral, os Espíritos que concorrem para a produção desta espécie de fenômenos? “Pouco elevada. Supondes que Espíritos superiores se deleitem com tais coisas?” **482.** Como é que sucede estender-se subitamente a toda uma população o estado anormal dos convulsionários e dos que sofrem de crises nervosas? “Efeito de simpatia. As disposições morais se comunicam mui facilmente, em certos casos. Não és tão alheio aos efeitos magnéticos que não compreendas isto e a parte que alguns Espíritos naturalmente tomam no fato, por simpatia com os que os provocam.” Entre as singulares faculdades que se notam nos convulsionários, algumas facilmente se reconhecem, de que numerosos exemplos oferecem o sonambulismo e o magnetismo, tais como, além de outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão das dores, por simpatia, etc. Não há, pois, duvidar de que aqueles em quem tais crises se manifestam estejam numa espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Eles são ao mesmo tempo magnetizadores e magnetizados, inconscientemente. **483.** Qual a causa da insensibilidade física que se observa em alguns convulsionários, assim como em outros indivíduos submetidos às mais atrozes torturas? “Em alguns é, exclusivamente, efeito do magnetismo, que atua sobre o sistema nervoso, do mesmo modo que certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento embota a sensibilidade. Dir-se-ia que nestes a vida se retirou do corpo, para se concentrar toda no Espírito. Não sabeis que, quando o Espírito está vivamente preocupado com uma coisa, o corpo nada sente, nada vê e nada ouve?” A exaltação fanática e o entusiasmo hão proporcionado, em casos de suplícios, múltiplos exemplos de uma calma e de um sangue frio que não seriam capazes de triunfar de uma dor aguda, senão admitindo-se que a sensibilidade se acha neutralizada, como por efeito de um anestésico. Sabe-se que, no ardor da batalha, combatentes há que não se apercebem de que estão gravemente feridos, ao passo que, em circunstâncias ordinárias, uma simples arranhadura os poria trêmulos. Visto que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, lícito se torna perguntar como há podido uma autoridade pública fazê-los cessar em alguns casos. Simples a razão. Meramente secundária é aqui a ação dos Espíritos, que nada mais fazem do que

3 Vide Subcapítulo IV.2 (“Obsessão causando transtornos mentais”), Capítulo IV (“Causas espirituais”), Quinta Parte (“Medicina Espiritual – Transtornos Mentais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

aproveitar-se de uma disposição natural. A autoridade não suprimiu essa disposição, mas a causa que a entretinha e exaltava. De ativa que era, passou esta a ser latente. E a autoridade teve razão para assim proceder, porque do fato resultava abuso e escândalo. Sabe-se, demais, que semelhante intervenção nenhum poder absolutamente tem, quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“**DA OBSESSÃO.** [...] 6ª A subjugação corporal, levada a certo grau, poderá ter como consequência a loucura? “Pode, a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura ordinária. Entre os que são tidos por loucos muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral, enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas.” (Nº 221)” (AK, *O livro dos médiums*, Segunda parte, Capítulo XXIII)

“**SUICIDAS.** [...] **ANTOINE BELL.** [...] *Ao guia do médium:* — Um Espírito obsessor pode, realmente, levar o obsidiado ao suicídio? — R. Certamente, pois a obsessão que, de si mesma, é já um gênero de provação, pode revestir todas as formas. Mas isso não quer dizer isenção de culpabilidade. O homem dispõe sempre do seu livre-arbítrio e, conseqüentemente, está em si o ceder ou resistir às sugestões a que o submetem. Assim é que, sucumbindo, o faz sempre por assentimento da sua vontade. Quanto ao mais, o Espírito tem razão dizendo que a ação instigada por outrem é menos culposa e repreensível, do que quando voluntariamente cometida. Contudo, nem por isso se inocenta de culpa, visto como, afastando-se do caminho reto, mostra que o bem ainda não está vinculado ao seu coração. [...]” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo V)

“Compreendi a nobreza da observação e mantive-me em silêncio. E porque o meu orientador voltasse a cooperar ativamente nos trabalhos em andamento, passei a examinar os doentes psíquicos, enquanto o doutrinador terreno prosseguia em sua luminosa tarefa de evangelização. A jovem que reagia contra a perigosa atuação dos habitantes das sombras, demonstrava regular normalidade em seu aparelho fisiológico. Semelhava-se a alguém que movimentava todas as possibilidades da defensiva para conservar intacto o equilíbrio da própria casa; entretanto, os demais exibiam lamentáveis condições orgânicas. A desventurada possuía apresentava sérias perturbações, desde o cérebro até os nervos lombares e sacros, demonstrando completa desorganização do centro da sensibilidade, além de lastimável relaxamento das fibras motoras. Tais desequilíbrios não se caracterizavam apenas no

sistema nervoso, mas igualmente nas glândulas em geral e nos mais diversos órgãos. Nos demais obsidiados, os fenômenos de degradação física não eram menores. Dois deles revelavam estranhas intoxicações no fígado e rins. Outro mostrava singular desequilíbrio do coração e pulmões, tendendo à insuficiência cardíaca em conúbio com a pré-tuberculose avançada. Enquanto examinava, atento, aqueles inquietantes quadros clínicos, o orientador encarnado da assembleia, fazendo-se intérprete de grandes benfeitores do nosso plano de ação, espalhava o amor cristão e a sabedoria evangélica, a longos jorros, efetuando, com extrema fidelidade ao Cristo, a sementeira da caridade, da luz, do perdão. Desejando a minha elevação nas atividades construtivas, Alexandre aproximou-se de mim e observou: — Repare no serviço de fraternidade legítima. Não temos o milagre das transformações repentinas, nem a promoção imediata aos planos mais elevados dos que se demoram no campo inferior. A tarefa é de sementeira, de cuidado, persistência e vigilância. Não se quebram grilhões de muitos séculos num instante, nem se edifica uma cidade num dia. É indispensável desgastar as algemas do mal, com perseverança, e praticar o bem, com ânimo evangélico. Os serviços iam a termo. Percebendo que o meu instrutor voltava à nossa conversação mais fácil, expus-lhe as minhas observações, perguntando, em seguida: — Ante os distúrbios fisiológicos que me foi dado verificar nos enfermos psíquicos, devo considerá-los como doentes do corpo também? — Perfeitamente — asseverou o instrutor —; o desequilíbrio da mente pode determinar a perturbação geral das células orgânicas. É por este motivo que as obsessões, quase sempre, se acompanham de característicos muito dolorosos. As intoxicações da alma determinam as moléstias do corpo.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“Atendendo-me os desejos, padre Hipólito, qual o chamávamos na intimidade, apresentou-me o Assistente Barcelos, da turma de servidores que se destinava à assistência aos loucos. Fora ele dedicado professor no círculo carnal e interessava-se carinhosamente pela Psiquiatria sob novo prisma. Acolheu-me com fidalgo tratamento e, após as primeiras saudações, perguntou, bondoso: É a primeira vez que integra uma expedição socorrista? — De fato — esclareci — é a primeira. Tenho acompanhado diversas missões de auxílio na Crosta, mas na condição do estudante, com reduzidas possibilidades de cooperação. Agora, porém, o Assistente Jerônimo aceitou-me o concurso e sigo alegremente. Endereçou-me cativante olhar, no qual transpareciam satisfação e surpresa, e observou: — O trabalho beneficia sempre. Interessado em seus informes e esclarecimentos, tornei, humilde: — Seguindo expedições de socorro, como aprendiz, tive ensejo de visitar, por mais de uma vez, dois antigos e grandes sanatórios de

alienados do nosso país e vi, de perto, a extensão dos serviços reservados aos servos de boa vontade, nessas casas de purificação e dor. As atividades de enfermagem, aí, são, a meu ver, das mais meritórias. – Inegavelmente – concordou ele, prezando-me a atenção – a loucura é um campo doloroso de redenção humana. Tenho motivos particulares para consagrar-me a esse setor da medicina espiritual e asseguro-lhe que dificilmente encontraríamos noutra parte tantos dramas angustiosos e problemas tão complexos. – E tem colhido muitos frutos novos decorrentes do seu esforço? – perguntei, curioso. – Sim, venho arquivando confortadoras lições nesse sentido, concluindo que, com exceção de raríssimos casos, todas as anomalias de ordem mental se derivam dos desequilíbrios da alma. Estamos longe de contar com o número suficiente de servidores treinados para socorrer eficazmente os encarcerados na cadeia das obsessões terríveis e amargosas. É tão grande a quantidade de doentes, nesse particular, que não sobra outro recurso além da resignação. Continuamos, desse modo, a atender superficialmente, esperando, acima de tudo, da Providência Divina. Nos casos de perseguição sistemática das entidades vingativas e cruéis do plano inacessível às percepções do homem vulgar, temos, invariavelmente, uma tragédia iniciada no presente com a imprevidência dos interessados ou que vem do pretérito próximo ou remoto, através de pesados compromissos. Se os psiquiatras modernos penetrassem o segredo de semelhantes fatos, iniciariam a aplicação de nova terapêutica à base dos sentimentos cristãos, antes de qualquer recurso à hormonioterapia e à eletricidade. Recordei os serviços de assistência a obsidiados, que acompanhara atentamente, e aduzi: – Examinei alguns casos torturantes de obsessão e possessão que me impressionaram, sobremaneira, pela quase completa ligação mental, entre os verdugos e as vítimas. Barcelos esboçou significativo gesto e acentuou: – É a terrível história viva dos crimes cometidos, em movimentação permanente. Os cúmplices e personagens desses dramas silenciosos e muita vez ignorados por outros homens, antecedendo os comparsas no caminho da morte, tornam, amedrontados, ao convívio dos seus, em face das sinistras consequências com que se defrontam além do túmulo... Agarram-se instintivamente à organização magnética dos companheiros encarnados ainda na Crosta, viciando-lhes os centros de força, relaxando-lhes os nervos e abreviando o processo de extinção do tônus vital, porque têm sede das mesmas companhias junto às quais se lançaram em pleno abismo. Exibem sempre quadros tristes e escuros, onde se destaca a piedade de muitas almas redimidas que tornam do Alto em compassivos gestos de intercessão e socorro urgente.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“A paisagem era triste e enternecedora. O doente, de ossos enfezados e carnes quase transparentes, pela idade deveria ser uma criança bela e feliz; ali, entretanto, se achava imóvel, a emitir gritos e sons guturais, próprios da esfera sub-humana. Com o respeito devido à dor e com a observação imposta pela Ciência, verifiquei que o pequeno paralítico mais se assemelhava a um descendente de símios aperfeiçoados. – Sim, o espírito não retrocede em hipótese alguma – explicou Calderaro –; todavia, as formas de manifestação podem sofrer degenerescência, de modo a facilitar os processos regenerativos. Todo mal e todo bem praticados na vida impõem modificações em nosso quadro representativo. Nosso desventurado amigo envenenou para muito tempo os centros ativos da organização perispiritual. Cercado de inimigos e desafetos, frutos da atividade criminosa a que se consagrou voluntariamente, permanece quase embotado pelas sombras resultantes dos seus tremendos erros. No campo consciencial, chora e debate-se, sob o aguilhão de reminiscências torturantes que lhe parecem intermináveis; mas os sentidos, mesmo os de natureza física, mantêm-se obnubilados, à maneira de potências desequilibradas, sem rumo... Os pensamentos de revolta e de vingança, emitidos por todos aqueles aos quais deliberadamente ofendeu, vergastaram-lhe o corpo perispiritual por mais de cem anos consecutivos, como choques de desintegração da personalidade, e o infeliz, distante do acesso à zona mais alta do ser, onde situamos o castelo das noções superiores, em vão se debateu no campo do esforço presente, isto é, à altura da região em que localizamos as energias motoras; é que os adversários implacáveis, apegando-se a ele, através da influência direta, compeliram-lhe a mente a fixar-se nos impulsos automáticos, no império dos instintos; permitiu a Lei que assim acontecesse, naturalmente porque a conduta de nosso infortunado irmão fora igual à do jaguar que se aproveita da força para dominar e ferir. Os abusos da razão e da autoridade constituem faltas graves ante o Eterno Governo dos nossos destinos.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“Abeiramo-nos de um divã, em que respeitável senhora se sentava ao lado de jovem clorótica, parecendo-me avó e neta. Dois Espíritos de aspecto sinistro rodeavam a menina, qual se devesse estar custodiada por guardas tirânicos. A matrona aflitivamente aguardava o instante da consulta. A jovem, que proferia disparates, não falava por si. Fios tênues de energia magnética ligavam-lhe o cérebro à cabeça do irmão infeliz que se lhe mantinha à esquerda. Achava-se absolutamente controlada pelos pensamentos dele, à maneira de magnetizado e magnetizador. A doente ria sem propósito e conversava a esmo, reportando-se a projetos de vingança, com todas as características de idiotia e inconsciência. Gúbio examinou-a com a

atenção habitual e informou: – Encontramos aqui doloroso drama do passado. A vida não pode ser considerada na conta estreita de uma existência carnal. Abrange a eternidade. É infinita nos séculos infinitos. Esta menina comprometeu-se gravemente no pretérito. Desposou um homem e desviou-lhe o irmão para vicioso caminho. O primeiro suicidou-se e o segundo asilou-se no fundo vale da loucura. Ei-los, presente-mente, ao lado dela para deplorável vindita. Na atualidade, a avozinha preparou-lhe um casamento nobre, receando deixá-la no mundo entregue a si própria; entretanto, em vésperas de concretização do plano benéfico, ambas as vítimas de outro tempo, mentalmente cristalizadas no propósito de desforra, buscam impedir-lhe a união sponsalícia. O ex-marido ultrajado, em fase primária de evolução, ainda não conseguiu esquecer-lhe a falta e ocupa-lhe os centros da fala e do equilíbrio. Enche-lhe a mente de ideias dele, subjuga-a e requisita-lhe a presença na esfera em que se encontra. Permanece a pobrezinha saturada de fluidos que lhe não pertencem. Certamente, já peregrinou por diversos consultórios de psiquiatria, sem resultado, e vem até aqui procurando socorro. – Encontrará remédio adequado? – interrogou Elói, sob forte impressão. – Não me parece muito bem encaminhada – elucidou o nosso dirigente, sem presunção. Exige renovação interior e, ao que acredito, não obterá nesta casa senão ligeiro paliativo. Em casos de obsessão como este, em que a paciente ainda pode reagir com segurança, faz-se indispensável o curso pessoal de resistência. Não adianta retirar a sucata que perturba um imã, quando o próprio imã continua atraindo a sucata.” (AL, *Libertação*, Capítulo 11)

“Buscamos o recanto mais escuro do salão, onde dois homens, em idade madura, se mantinham em silêncio. De imediato, reconhecemos que um deles guardava indiscutível desequilíbrio orgânico. Muito pálido e abatido, demonstrava sinais de profunda inquietação. Junto deles se encontrava uma entidade desencarnada, de humilde aspecto. Tomei-a por parte integrante da vasta coleção de Espíritos perturbados que ali funcionava; entretanto, com agradável surpresa para mim, dirigiu-se a Gúbio, exclamando de maneira discreta: – Já lhes identifiquei, pelo tom vibratório, a posição de amigos do bem. Indicando o enfermo, acentuou: – Venho aqui na defesa deste amigo. Segundo estarão informados, dispomos no recinto de vigoroso operador mediúnico, sem iluminação interior de maior vulto. Assalariou ele algumas dezenas de Espíritos desencarnados, de educação incipiente, que lhe absorvem as emanções e trabalham cegamente sob suas ordens, tanto para o bem quanto para o mal. Sorrindo, acrescentou: – Nesta casa, o enfermo não é amparado pelo socorrista de que se vem valer e, sim, pela assistência espiritual edificante de que possa

desfrutar. E porque eu indagasse, com respeito ao doente, explicou, gentil: – Este companheiro é austero administrador de serviços públicos. Na condição de mordomo e disciplinador, incapaz de usar o algodão da ternura em feridas alheias, adquiriu ódios gratuitos e silenciosas perseguições que lhe vergastam a mente, sem cessar, desde muitos anos, com perigosos reflexos no sistema circulatório, zona menos resistente do seu cosmos físico. Lutando, desassombrado, por reajustar a concepção de funcionários relapsos, mas sem armas de amor na própria defensiva, apresenta consideráveis prejuízos nas veias coronárias. Semelhantes ataques de forças imponderáveis visaram-lhe igualmente o fígado e o baço, que se revelam em lamentáveis condições. Acontece, porém, que a grande corrente de perseguidores, despertados por sua ação enérgica e educativa conseguiu insinuar nos médicos, que o assistem, a necessidade de uma intervenção na vesícula biliar, preparando-se-lhe, com isso, um choque operatório, que lhe imporá a morte inesperada do corpo. O plano foi admiravelmente bem delineado. Entretanto, pelo bem que existe no fundo da severidade com que o nosso companheiro tem agido, buscaremos socorrê-lo através do médium que deliberou visitar. Recebi instruções, no sentido de obstar a operação cirúrgica e confio na vitória de minha tarefa.” (AL, *Libertação*, Capítulo 11)

“**Obsessão.** Penetramos o mais espaçoso aposento da casa, onde uma senhora de aspecto juvenil repousava abatida e insone. Moça de vinte e cinco anos, aproximadamente, mostrava no semblante torturado harmoniosa beleza. O rosto delicado parecia haver saído de uma tela preciosa, todavia, com a suavidade das linhas fisionômicas contrastavam a inquietação e o pavor dos olhos escuros e o abandono dos cabelos em desalinho. Ao lado dela, descansava outra mulher, sem o veículo físico. Recostada num travesseiro de grandes dimensões, dava a ideia de proteger a moça indiscutivelmente enferma, contudo, a vaguidão do olhar e o halo obscuro de que se cercava não nos deixavam dúvida quanto à sua posição de desequilíbrio interior. Conservava a destra sobre a medula alongada da senhora vencida e doente, como se quisesse controlar-lhe as impressões nervosas, e fios cinzentos que lhe fluíam da cabeça, à maneira de tentáculos dum polvo, envolviam-lhe o centro coronário, obliterando-lhe os núcleos de força. Indiferentes ambas à nossa presença, foi possível observá-las atentamente, identificando-se-lhes a posição de verdugo e de vítima. Arrancando-nos da indagação silenciosa em que nos demorávamos, Clarêncio explicou: – A jovem senhora é Zulmira, a segunda orientadora deste lar, e a irmã desencarnada que presentemente lhe vampiriza o corpo é Odila, a primeira esposa de Amaro e mãezinha de Evelina, dolorosamente transfigurada pelo ciúme a

que se recolheu. Empenhada em combater aquela que considera inimiga, imanta-se a ela, através do veículo perispirítico, na região cerebral, dominando a complicada rede de estímulos nervosos e influenciando os centros metabólicos, com o que lhe altera profundamente a paisagem orgânica.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 3)

“**Possessão.** [...] Atendendo às recomendações do supervisor, os guardas admitiram a passagem de uma entidade evidentemente aloucada, que atravessou, de chofre, as linhas vibratórias de contenção, vociferando, frenética: – Pedro! Pedro!... Parecia ter a visão centralizada no doente, porque nada mais fixava além dele. Alcançando o nosso irmão encarnado, este, de súbito, desfecha um grito agudo e cai desamparado. [...] Pedro e o obsessor que o jugulava pareciam agora fundidos um no outro. Eram dois contendores engalfinhados em luta feroz. Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que o ataque epiléptico, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível. O doente trazia agora a face transfigurada por indefinível palidez, os músculos faziam tetanizados e a cabeça, exibindo os dentes cerrados, mostrava-se fletida para trás, enquanto que os braços se assemelhavam a dois galhos de arvoredo, quando retorcidos pela tempestade. Dona Celina e a matrona afetuosa acomodaram-no na cama e dispunham-se à prece, quando a rigidez do corpo se fez sucedida de estranhas convulsões a se estenderem aos olhos que se moviam em reviravoltas contínuas. A lividez do rosto deu lugar à vermelhidão que invadiu as faces congestas. A respiração tornara-se angustiada, ao mesmo tempo que os esfíncteres se relaxavam, convertendo o enfermo em torturado vencido. O insensível perseguidor como que se entranhara no corpo da vítima. [...] O desventurado continuava gritando para os nossos ouvidos, sem acolher-lhe os apelos comovedores. – Vingar-me-ei! Vingar-me-ei! Farei justiça por minhas próprias mãos!... – bradava, colérico. Repreensões injuriosas apagavam-se na sombra, porquanto não conseguiam exteriorizar-se através das cordas vocais da vítima, a contorcer-se. Permanecia o cavalheiro plenamente ligado ao algoz que o tomara de inopino. O córtex cerebral apresentava-se envolvido de escura massa fluídica. Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo. Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus informou, compadecido: – É a possessão completa ou a epilepsia essencial. – Nosso amigo está inconsciente? – aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito. – Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos

deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra, de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 9)

“**SIMBIOSE ESPIRITUAL.** [...] **Histeria e psico-neurose.** Entretanto, as simbioses dessa espécie, em que tantas existências respiram em reciprocidade de furto psíquico, não se limitam aos fenômenos desse teor, nos quais Espíritos desencarnados, estanques em determinadas concepções religiosas, anestesiavam ou infantilizam temporariamente consciências menos aptas ao autocontrole, porquanto se expressam igualmente nas moléstias nervosas complexas, como a histero-epilepsia, em que o paciente sofre o espasmo tônico em opistótono, acompanhado de convulsões clônicas de feição múltipla, às vezes sem qualquer perda de consciência equivalendo a transe mediúnico autêntico, no qual a personalidade invisível se aproveita dos estados emotivos mais intensos para acentuar a própria influência. E, na mesma trilha de ajustamento simbiótico, somos defrontados na Terra, aqui e ali, pela presença de psiconeuróticos da mais extensa classificação, com diagnose extremamente difícil, entregues aos mais obscuros quadros mentais, sem se arrojamem à loucura completa. Tais entidades imanizadas ao painel fisiológico e agregadas a ele sem o corpo de matéria mais densa, vivem assim, quase sempre por tempo longo, entrosadas psiquicamente aos seus hospedadores, porquanto o espírito humano desencarnado, erguido a novo estado de consciência, começa a elaborar recursos magnéticos diferenciados, condizentes com os impositivos da própria sustentação, tanto quanto, no corpo terrestre, aprendeu a criar, por automatismo, as enzimas e os hormônios que lhe asseguravam o equilíbrio biológico e, impressionando o paciente que explora, muita vez com a melhor intenção, subjuga-lhe o campo mental, impondo-lhe ao centro coronário a substância dos próprios pensamentos, que a vítima passa a acolher qual se fossem os seus próprios. Assim, em perfeita simbiose, refletem-se mutuamente, estacionários ambos no tempo, até que as leis da vida lhes reclamem, pela dificuldade ou pela dor, a alteração imprescindível. **Outros processos simbióticos.** De outras vezes, o desencarnado que teme as experiências do Mundo Espiritual ou que insiste em prender-se por egoísmo aos que jazem na retaguarda, se possui inteligência mais vasta que a do hospedeiro, inspira-lhe atividade progressiva que resulta em benefício do meio a que se vincula, tal como sucede com

a bactéria nitrificadora na raiz da leguminosa. Noutras circunstâncias, porém, efetua-se a simbiose em condições infelizes, nas quais o desencarnado permanece eivado de ódio ou perversidade enfermiza ao pé das próprias vítimas, inoculando-lhes fluídos letais, seja copiando a ação do cogumelo que se faz verdugo da orquídea, impulsionando-a a situações anormais, quando não lhe impõe lentamente a morte, seja reproduzindo a atitude das algas invasoras no corpo dos anelídeos, conduzindo-os a longas perturbações, fenômenos esses, no entanto, que capitularemos, com apontamentos breves, em torno do vampirismo, como responsável por vários distúrbios do corpo espiritual a se estamparem no corpo físico.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 14)

“**ANIMISMO. Mediunidade e animismo.** Alinhando apontamentos sobre a mediunidade, não será lícito esquecer algumas considerações em torno do animismo ou conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação. Temos aqui muitas ocorrências que podem repontar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria Inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência, numa demonstração de que o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico. [...] **Animismo e criminalidade.** Os manicômios e as penitenciárias estão repletos de irmãos nossos obsidiados que, alcançando o ponto específico de suas recapitulações do pretérito culposos, à falta de providências reeducativas, nada mais puderam fazer que recair na loucura ou no crime, porque, em verdade, a alienação e a delinquência, na maioria das vezes, expressam a queda mental do Espírito em reminiscências de lutas pregressas, à semelhança do aluno que, voltando à lição, com recursos deficitários, incorre lamentavelmente nos mesmos erros. O ressurgimento de certas situações e a volta de marcadas criaturas ao nosso campo de atividade, do ponto de vista da reencarnação, funcionam em nossa vida íntima como reflexos condicionados, comprovando-nos a capacidade de superação de nossa inferioridade, antigamente positivada. Se estivermos desarmados de elementos morais suscetíveis de alterar-nos a onda mental para a assimilação de recursos superiores, quase sempre tornamos à mesma perturbação e à mesma crueldade que nos assinalaram as experiências passadas. Nesse fenômeno reside a maior percentagem das causas de insânia e criminalidade em todos os setores da civilização terrestre, porquanto é aí, nas chamadas predisposições mórbidas, que se rearticulam velhos conflitos, arrasando os melhores propósitos da alma, sempre que descure de si mesma. Convenhamos,

pois, que a tarefa espírita é chamada, de maneira particular, a contribuir no aperfeiçoamento dos impulsos mentais, favorecendo a solução de todos os problemas suscitados pelo animismo. Através dela, são eles endereçados à esfera iluminativa da educação e do amor, para que os sensitivos, estagnados nessa classe de acontecimentos, sejam devidamente amparados nos desajustes de que se vejam portadores, impedindo-se lhes o mergulho nas sombras da perturbação e recuperando-se-lhes a atividade para a sementeira da luz.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 23)

“**OBSessão. Pensamento e obsessão.** O estudo da obsessão, conjugado à mediunidade, se realizado em maior amplitude, abrangeria o exame de quase toda a Humanidade terrestre. Expressamos tal conceito, à face do pensamento que age e reage, carreando para o emissor todas as fecundações felizes ou infelizes que arremessa de si próprio, a determinar para cada criatura os estados psíquicos que variam segundo os tipos de emoção e conduta a que se afeiçoe. Enquanto se não aprimore, é certo que o Espírito padecerá em seu instrumento de manifestação a resultante dos próprios erros. Esses desajustes, como é natural, não se limitam à comunidade das células físicas, quando em disfunções múltiplas por força dos agentes mentais viciados e enfermicos; estendem-se, muito especialmente, à constituição do corpo espiritual, a refletir-se no cérebro ou gabinete complexo da alma, aí ocasionando os diversos sintomas de perturbação do campo encefálico, acompanhados dos fenômenos psico-sensoriais que produzem alucinações e doenças da mente. **Perturbações morais.** Não nos propomos analisar aqui as personalidades psicopáticas, do ponto de vista da Psiquiatria, nem focalizar as chamadas psicoses de involução, ou as demências senis, claramente necessitadas de orientação médica; recordaremos, contudo, que na retaguarda dos desequilíbrios mentais, sejam da ideação ou da afetividade, da atenção e da memória, tanto quanto por trás de enfermidades psíquicas clássicas, como, por exemplo, as esquizofrenias e as parafrenias, as oligofrenias e a paranoia, as psicoses e neuroses de multifária expressão, permanecem as perturbações da individualidade transviada do caminho que as Leis Divinas lhe assinalam à evolução moral. Enquanto se lhe mantém a internação no instrumento físico transitório, até certo ponto ela consegue ocultar no esconderijo da carne os resultados das paixões e abusos, extravagâncias e viciações a que se dedica. Assim vive na paisagem social em que transita, até que, arredada de semelhante vaso pela influência decisiva da morte, não mais suporta o regime de fantasia, obrigando-se a sofrer, em si própria, as consequências dos excessos e ultrajes com que, imprevidente, se desrespeitou. Torturada por suas próprias ondas desorientadas, a reagirem, incessantes, sobre os centros e

mecanismos do corpo espiritual, cai a mente nas desarmonias e fixações consequentes e, porque o veículo de células extrafísicas que a serve, depois da morte, é extremamente influenciável, ambienta nas próprias forças os desequilíbrios que a senhoreiam, consolidando-se-lhe, desse modo, as inibições que, em futura existência, dominar-lhe-ão temporariamente a personalidade, sob a forma de fatores mórbidos, condicionando as disfunções de certos recursos do cérebro físico, por tempo indeterminado. **Zonas purgatorias.** Entendendo-se que todos os delinquentes deitam de si oscilações mentais de terrível caráter, condensando as recordações malignas que albergam no seio, compreenderemos a existência das zonas purgatorias ou infernais como regiões em que se complementam as temporárias criações do remorso, associando arrependimento e amargura, desespero e rebelião. Na intimidade dessas províncias de sombra, em que se agrupam multidões de criminosos, segundo a espécie de delito que cometeram, Espíritos culpados, através das ondas mentais com que essencialmente se afinam, se comunicam reciprocamente, gerando, ante os seus olhos, quadros vivos de extremo horror, junto dos quais desvairam, recebendo, de retorno, os estranhos padecimentos que criaram no ânimo alheio. Claro está que, embora comandados por Inteligências pervertidas ou bestializadas nas trevas da ignorância, esses antros jazem circunscritos no Espaço, fiscalizados por Espíritos sábios e benfazejos que dispõem de meios precisos para observar a transformação individual das consciências em processo de purificação ou regeneração, a fim de conduzi-las a providências compatíveis com a melhoria já alcançada. Semelhante supervisão, entretanto, não impede que essas vastas cavernas de tormento reeducativo sejam, em si, imensas penitenciárias do Espírito, a que se recolhem as feras conscientes que foram homens. Aí permanecem detidas por guardas especializados, que lhes são afins, o que nos faz definir cada “purgatório particular” como “prisão-manicômio”, em que as almas embrutecidas no crime sofrem, de volta, o impacto de suas fecundações mentais infelizes. Tiranos, suicidas, homicidas, carrascos do povo, libertinos, caluniadores, malfeitores, ingratos, traidores do bem e viciados de todas as procedências, reunidos conforme o tipo de falta ou defecção a que se renderam, se examinados pelos cientistas do mundo apresentariam à Medicina os mais extensos quadros para estudos etiológicos das mais obscuras enfermidades. Deduzimos, assim, que todos os redutos de sofrimento, além-túmulo, não passam de largos porões do trabalho evolutivo da alma, à feição de grandes hospitais carcerários para tratamento das consciências envilecidas. **Reencarnação de enfermos.** Dos abismos expiatórios, voltam à reencarnação quantos se mostram inclinados à recuperação dos valores morais em si

mesmos. Transportados a novo berço, comumente entre aqueles que os induziram à queda, quando não se veem objeto de amorosa ternura por parte de corações que por eles renunciam à imediata felicidade nas Esferas Superiores, são resguardados no recesso do lar. Contudo, renascem no corpo carnal espiritualmente jungidos às linhas inferiores de que são advindos, assimilando-lhes, facilmente, o influxo aviltante. Reaparecem, desse modo, na arena física. Mas, via de regra, quando não se mostram retardados mentais, desde a infância, são perfeitamente classificáveis entre os psicopatas amorais, segundo o conceito da “moral insanity”, vulgarizado pelos ingleses, demonstrando manifesta perversidade, na qual se revelam constantemente brutalizados e agressivos, petulantes e pérfidos, indiferentes a qualquer noção da dignidade e da honra, continuamente dispostos a mergulhar na criminalidade e no vício. Aqueles Espíritos relativamente corrigidos nas escolas de reabilitação da Espiritualidade desenvolvem-se, no ambiente humano, enquadráveis entre os psicopatas astênicos e abúlicos, fanáticos e hipertímicos, ou identificáveis como representantes de várias doenças e delírios psíquicos, inclusive aberrações sexuais diversas. **Obsessão e mediunidade.** Tais enfermos da alma, tantas vezes submetidos, sem resultado satisfatório, à insulina e à convulsoterapia, quando recomendados ao auxílio dos templos espíritas, poderão ser tidos como médiuns? Sem dúvida, são médiuns doentes, afinados com os fulcros de sentimento desequilibrado de onde ressurgiram para novo aprendizado entre os homens. Por certa quota de tempo, são intérpretes de forças degradadas, às quais é preciso opor a intervenção moral necessária, do mesmo modo que se prescreve medicação aos enfermos. Trazendo consigo as sequelas ocultas da internação na província purgatorial de que voltam pela porta do berço terrestre, exteriorizam ondas mentais viciadas que lhes alentam as disfunções dos implementos físicos, ondas essas pelas quais recolhem os pensamentos das entidades inferiores a lhes constituírem a cobertura da retaguarda. Apesar disso, devem ser acolhidos nos santuários do Espiritismo por medianeiros de planos que é preciso transformar e ajudar, porquanto um Espírito renovado para o Bem – Lei do Criador para todas as criaturas – é peça importante para o reajustamento geral dessa ou daquela engrenagem conturbada na máquina da vida. **Doutrina Espírita.** Forçoso é considerar que a atividade religiosa, digna e venerável, em qualquer setor da edificação humana, exprime socorro celeste aos desajustes morais de quantos se demoram na reencarnação, buscando a restauração precisa. E, compreendendo-se que elevada percentagem das personalidades humanas traz, no imo do próprio ser, raízes e brechas de comunhão com o pretérito de sombra, através das quais são suscetíveis

de sofrer os mais estranhos processos de obsessão oculta – a se reavivarem, constantes, nos diversos períodos etários que correspondem ao tempo de formação dos débitos cármicos que buscam equacionar no corpo terrestre –, é justo encarecer, assim, a oportunidade e a excelência do amparo moral da Doutrina Espírita, como sendo o recurso mais sólido na assistência às vítimas do desequilíbrio espiritual de qualquer matiz, por oferecer-lhes, no estudo nobre e no serviço santificante, o clima indispensável de transmutação e harmonização, com que se recuperem, no domínio dos pensamentos mais íntimos, para assimilarem a influência benéfica dos agentes espirituais da necessária renovação.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 24)

“— A lepra de que parece revestida — elucidou o Amigo Espiritual — é enfermidade simulacro, produzida pelas descargas constantes do seu perseguidor desencarnado. Não desconheceis, amigo Teofrastus, o que conseguem as forças fluídicas desencadeadas sob o impacto do ódio, e a absorção em longo processo obsessivo das energias deletérias. De mente consumida pela perturbação que a si mesma se vem impondo, através das constantes transgressões às Leis de Justiça, nossa irmã sincronizou com o verdugo que a vítima e, amolentada pelas vibrações hipnóticas do seu antagonista, começou a experimentar as falsas impressões do Mal de Hansen — conforme desejo do seu inimigo —, sendo atirada ao presídio-hospitalar em que vive, em quase total abandono, para que a vingança se coroe da resolução final, que o sicário aguardava: o suicídio. Estamos, aliás, informados de que tal plano fora trabalhado pelo próprio amigo Teofrastus, que atenderá à consulta que lhe formulara o algoz de Henriette, em espetáculo, no Anfiteatro, após ouvi-lo, em ocasião passada, anos atrás... — Quê? — Gritou o infeliz. — Então, serei eu, o sabujo que ofereceu ao caçador a pista da destruição da vítima? — Sim, meu amigo — afirmou, o prestimoso Mentor. — Por isso só à Justiça Divina compete os casos da justiça. Disse Jesus: «Vós julgais segundo a carne (ou a aparência), eu a ninguém julgo», por conhecer Ele o nosso ontem e as perspectivas do nosso amanhã. Todo agressor inconsciente cai hoje ou mais tarde nas armadilhas da agressão. E dando nova entonação à voz, que mantinha a serenidade habitual, mas que se nos afigurava com expressões de energia, o irmão Glaucus aduziu: — Sob carinhosa assistência de passistas especializados da nossa Esfera, e afastado para tratamento o seu perseguidor, Ana Maria recobrará forças psíquicas e orgânicas, logo mais, recuperando-se algo rapidamente. A enfermidade regridirá em caráter miraculoso e ela conhecerá um pouco de lenitivo e esperança através do braço amigo de alguém que, também, se lhe vincula, distendendo na sua direção a aliança nupcial.

Mergulhareis, logo após, o amigo Teofrastus e o vosso cômpar, para, no longo caminho a percorrer através da experiência carnal, tudo recomeçar, refazer, regularizar.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 10)

“No bátrio das perturbações que inquietam o homem moderno, a alienação obsessiva ocupa lugar de relevo. Estigmatizados por inenarráveis tormentos íntimos, que procedem dos refulhos da alma, os obsidiados por Espíritos têm padecido lamentável abandono por parte dos respeitáveis estudiosos das ciências da mente, que, aferrados a vigoroso materialismo, negam, drasticamente, a interferência dos desencarnados — na condição de personalidades intrusas — na etiopatogenia de algumas enfermidades mentais. Por outro lado, cristãos decididos, clarificados pela fé espírita, no afã de ajudar pelos múltiplos processos fluidoterápicos e da doutrinação, enquadram os alienados na sua quase generalidade como obsidiados, sem a indispensável atenção para com as enfermidades de caráter psiquiátrico. Não são verdadeiros os postulados extremistas negativos dos primeiros, nem tampouco os exageros dos segundos. Indubitavelmente, nas matrizes do processo evolutivo, cada um traz as causas que produzem as distonias e desarranjos, físicos como psíquicos e simultaneamente. Sendo a dor um processo de burilamento, o sofrimento decorre do mau uso perpetrado pelo ser em relação aos recursos múltiplos, concedidos pelos desígnios superiores que regem a vida em todas as suas manifestações, para a ascensão de cada um. O homem está, porém, destinado à perfeição. Todos os atrasos a que se impõe e desvarios a que se permite constituem-lhe impedimentos ao avanço, tornando-se elos retentivos na retaguarda. Os códigos divinos estabelecem que somente através do amor se pode haurir paz, colimar metas felizes. De essência salutar, o amor é a base da vida, ao mesmo tempo a força que impele o ser para as realizações de enobrecimento. Toda vez que as paixões vis o desgovernam, enlouquecem-no, e dele fazem cárcere de sombra, de aflição demorada. Por esta razão, ao lado das terapêuticas mais preciosas, o amor junto aos pacientes de qualquer enfermidade produz resultados insuspeitados. Da mesma forma, enquanto se teime em perseverar na sistemática da revolta ou nos escabrosos sítios da ilusão que favorece o ódio, o ciúme, a mentira, a soberba, a concupiscência, a avareza, a mesquinhez — todos asseclas insidiosos que se locupletam na sanha nefasta do egoísmo, — a dor jungirá o faltoso ao carro da aflição reparadora e do ressarcimento impostergável. Ninguém em regime de exceção na Terra. Desculpismo nenhum, face aos imperiosos compromissos para com a vida. Em cada padecente se encontra um espírito em prova redentora, convidando-nos à reflexão e à caridade.” (MPM, *Grilhões partidos*, Grilhões partidos – 1º)

“Na imensa mole humana dos que sofrem a loucura, conforme os cânones das classificações psiquiátricas, transita um sem número de obsidiados que expungem faltas e crimes cometidos antes e não alcançados pela humana justiça na oportunidade. São defraudadores dos dons da vida que retornam jungidos àqueles que infelicitaram, enganaram, abandonaram, mas dos quais não se conseguiram libertar... Morreram, sim, porém não se aniquilaram. Trocaram de vestes, todavia, permaneceram os mesmos. As conjunturas da lei os surpreenderam onde se alojaram e as imposições que criaram ligaram-nos, vítimas a algozes, credores a devedores em graves processos de reparação compulsória. Atados mentalmente aos gravames cometidos, construíram as algemas a que se aprisionam, em vinculação com os que supunham ter destruído... Debatem-se presos nos mesmos elos, lutando em contínuo desgaste de vitalidade com que enlouquecem, até que as claridades do amor, do perdão — forças sublimes da vida — consigam partir as cadeias e libertá-los, facultando que se ajudem reciprocamente. Enquanto o amor não se sobreponha ao ódio e o perdão à ofensa, marcharão em renhida luta, perseguindo e auto afligindo-se sem termo, pelos dédalos de horror em que se brutalizam até a selvageria mais torpe...” (MPM, *Grilhões partidos*, Grilhões partidos – 1º)

“Assim, a loucura, apesar das avançadas conquistas Psiquiátricas e Psicoanalíticas, continua desafiador enigma para as mais cultivadas inteligências. Classificada na sua patologia clínica e mapeada carinhosamente, os métodos exitosos nuns pacientes redundam perniciosos noutros ou absolutamente inócuos, inexpressivos. Isto, porque, a terapia aplicada, apesar de dirigida ao espírito (psiquê), não é conduzida, em verdade, às fontes geratrizes da loucura: o espírito reencarnado e aqueles Espíritos infelizes que o martirizam, no caso das obsessões. Fixados, no entanto, aos princípios materialistas que esposam, muitos cultores da Ciência fecham, propositadamente, os ouvidos e os olhos às experiências valiosas que ocorrem a cada instante fora dos seus limites, como a desdenhar de tudo que lhes não traga a chancela vaidosa da Academia, que não poucas vezes se utilizou do resultado dos fatos observados fora dos seus muros e fronteiras, para elaborar as bases de muitas das afirmações que ora são aceitas por legítimas. [...] Merece, porém, considerar, o a que denominamos de causas cármicas, aquelas que precedem à vida atual e que vêm impressas no psicossoma (ou perispírito) do enfermo, vinculado pelos débitos transatos àqueles a quem usurpou, abusou, prejudicou e que, ainda que mortos, não se aniquilaram na vida, havendo apenas perdido a forma tangível, sempre transitória e renovável. [...]” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 2)

“Muitos dos problemas graves, no contingente da saúde física e mental que a Medicina depara a cada momento, têm suas raízes no pretérito espiritual do paciente. Seus erros e suas aquisições fazem-se os agentes da sua paz ou da sua perturbação. Reencarnando cada qual com a soma das próprias experiências, diferentes são as situações pessoais, conforme se observa no mundo. Vinculados aos desafetos de que se desejaram livrar, mas de que não se liberaram, padecem-lhes as injunções e influências maléficas. Auto-obsessões, obsessões, subjugações são capítulos que merecem da Patologia Médica estudo simultâneo, à base dos postulados do Espiritismo. A reencarnação é a chave para a explicação dos seus enigmas.” (MPM, *Tramas do destino*, Tramas do destino)

“**Auto-obsessão.** [...] Durante a reencarnação, em que se apagam, normalmente, as lembranças transatas, aquelas de naturezas criminosas desatrelam-se de permeio com as construções mentais do cotidiano, gerando perturbações, receios aparentemente infundados para o observador comum, aumentando a pouco e pouco sua liberação quase total, reincorporando-se à personalidade, agora em forma de pensamentos atuais, tumultuados, desconexos. O paciente, incurso em tal processo, se concentra no obscuro poço das recordações que se acentuam e tomba em alucinações, delírios, porque são invadidos os centros da consciência pelas fortes impressões desagradáveis, trágicas, de que se desejava libertar. Desaparecem os contornos das aquisições do momento, enquanto ressumam as experiências arquivadas, que passam a governar em desalinho as reações da emotividade do “eu” consciente, produzindo a alienação. Sua reativação, mesmo por processos indiretos — determinados objetos e pessoas, acontecimentos e expressões ocasionalmente produzem associação de ideias por semelhança, conseguindo projetar na consciência atual as imagens correlatas que dormem sepultadas nos escaninhos da “memória extracerebral”, trazendo-as de volta —, faz que o enfermo se auto apiede do que lhe ocorre no seu mundo íntimo de sombras e receios, criando as auto-obsessões, geratrizes das psicoses várias, quais a maníaco-depressiva, que se expressa, dentre outra forma, pelas tentativas de suicídio com que o Espírito reencarnado supõe evadir-se novamente à justiça de que necessita; as perturbações mentais da epilepsia, quando as cenas horrendas conduzem-no às “ausências”, às convulsões, em face dos desequilíbrios e das consequências daqueles mesmos delitos, impressos como distúrbios na engrenagem encefálica, pela presença das infecções, das disritmias, etc., que são parte expressiva das psicoses endógenas estudadas pela Psiquiatria moderna, num capítulo próprio. Noutros processos, são responsáveis pelas neuroses complexas e perturbadoras. Por ponderáveis razões, o esquecimento das vidas anteriores é

misericórdia e sabedoria divina para com os homens. As síndromas das enfermidades mentais têm suas raízes no espírito endividado e são, tais doenças, recursos punitivos e reeducadores de que se utiliza a vida, em nome da Divindade, para lecionar justiça e administrar evolução aos que se negam à vivência dentro das linhas do amor, conforme o ensinaram todos os construtores éticos da Humanidade e, especificamente, Jesus, o amor por excelência de todas as criaturas. Em Lisandra, a crise epiléptica, oscilante entre “pequeno e grande mal”, resultava do pavor que lhe inspiravam as reminiscências culposas, fazendo-a fugir da organização somática. Não obstante reencarnada, desligava-se parcialmente do corpo, induzida pelo medo, quando, então, defrontava os cúmplices e as vítimas do passado que a haviam reencontrado, nela produzindo os justos horrores que a vingança infeliz propicia. Compreensivelmente, sacudido pelas altas cargas energéticas que procedem do espírito e atuam no encéfalo por ele profundamente interpenetrado, este produzia as convulsões, levando a paciente, no caso em pauta, a automatismos psicológicos, nos quais se exteriorizava verbalmente, com palavras que retratavam retalhos das ocorrências pretéritas que se negava aceitar. D. Artêmis insistia com a filha, tentando arrancá-la da lassidão, emulava-a às prendas domésticas, cujo labor lhe seria proveitoso, com resultados mínimos. O espírito viciado, indolente, instava por cultivar infelicidade, pessimismo, deixando-se sofrer parasitariamente e ensejando o intercâmbio com os inimigos desencarnados que lhe aumentavam as dores e receios, dando curso à obsessão que assumiria com o tempo, não fosse cuidado o caráter subjugador.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

“Enquanto jornadeáramos na Terra, sempre nos afeioáramos ao socorro desobsessivo, estudando do lado de lá os efeitos perniciosos da indução obsessiva nas organizações física e mental dos pacientes que, não atendidos em tempo, passavam a sofrer o efeito de destrambelhos de vária ordem, resultantes de lesões nos órgãos delicados, encarregados do mundo psíquico... Noutras vezes, acompanhava o acelerado progresso de enfermidades físicas que não encontravam as defesas orgânicas em campo de resistência, em razão do depauperamento e desgaste impostos por vampizações exauríveis que roubavam o tônus dos obsessos, a padecerem, simultaneamente, pela invasão de microrganismos perniciosos à saúde... Não nos fora difícil prosseguir os estudos e observações dessa virose de larga expressão, que é a parasitose espiritual de caráter obsessivo, nos múltiplos aspectos em que se apresenta. O caso Rafael-Lisandra chamara-nos a atenção pelo intricado da insidiosa hanseníase, simultânea à obsessão. Natércio, ulteriormente, nos explicara que os impositivos cármicos de ambos consórcios do

problema insculpiram nos seus perispíritos as matrizes para o desenvolvimento e a cultura do “mal de Hansen”, que eclodiu em momento próprio como compulsória expiatória, cuja liberação lograriam ou não, de acordo com o comportamento moral e espiritual que se impusessem. Outrossim, a pressão obsessiva pela vinculação direta com alguns dos antigos desafetos lhes subtraíram forças e resistências orgânicas, fazendo a maquinaria física sucumbir à virulência do bacilo, quando saído da incubação...” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 22)

“É muito diáfana a linha divisória entre a sanidade e o desequilíbrio mental. Transita-se de um para outro lado com relativa facilidade, sem que haja, inicialmente, uma mudança expressiva no comportamento da criatura. Ligeira excitação, alguma ocorrência depressiva, uma ansiedade, ou um momento de mágoa, a escassez de recursos financeiros, o impedimento social, a ausência de um trabalho digno entre muitos outros fatores, podem levar o homem a transferir-se para a outra faixa da saúde mental, alienando-se, temporariamente, e logo podendo retornar à posição regular, à de sanidade. Problemas de ordem emocional e psicológica, mais costumeiramente conduzem a estados de distonia psíquica, não produzindo maiores danos, quando não se deixa que se enraízem ou que constituam causa de demorado trauma. Vivendo-se numa sociedade em que as neuroses e as psicoses campeiam desenfreadas, vitimando um número cada vez maior de homens indefesos, as balizas demarcatórias dos distúrbios mentais fazem-se mais amplas. Há, no entanto, além dos fatores que predispõem à loucura e dentre os quais situamos o carma do Espírito, nos quais se demoram incontáveis criaturas em plena fronteira, a obsessão espiritual, que as impulsiona a darem o passo adiante, arrojando-as no desfiladeiro da alienação de largo porte e de difícil recuperação... São os sexolatrias, os violentos, os exagerados, os dependentes de viciações de qualquer natureza, os pessimistas, os invejosos, os amargurados, os suspeitosos incondicionais, os ciumentos, os obsidiados, que mais facilmente transpõem os limites da saúde mental... Não nos desejamos referir àqueles que são portadores de patogenicias mais imperiosas em razão de enfermidades graves, da hereditariedade, de distúrbios glandulares e orgânicos, de traumas cranianos e de sequelas de inúmeras doenças outras... Queremos deter-nos nas psicopatogêneses espirituais, seja as de natureza emocional, pelas aptidões e impulsos que procedem das reencarnações transatas, de que os enfermos não se liberam, seja pelo impositivo das obsessões infelizes, produzidas por encarnados ou por Espíritos que já se despiram da indumentária carnal, permanecendo, no entanto, nos propósitos inferiores a que se aferram... A obsessão é uma fronteira perigosa para a loucura

irreversível. Sutil e transparente, a princípio, agrava-se em razão da tendência negativa com que a agasalha o infrator dos Soberanos Códigos da Vida. Dando gênese a enfermidades várias, inicialmente imaginárias, que recebe por via telepática, pode transformar-se em males orgânicos de consequências insuspeitadas, ao talante do agente perseguidor que induz a vítima que o hospeda a situações lamentáveis. Comportamentos que se modificam, assumindo posições e atitudes estranhas, mórbidas, exprimem constrição de mentes obsessoras sobre aqueles que se lhes submetem, mergulhando em fosso de sombras e de penoso trânsito... Há muito mais obsessão, grassando na Terra, do que se imagina e se crê. Mundo este que é de intercâmbio mental, vivo e pulsante, cada ser sintoniza com outro equivalente, prevalecendo, por enquanto, os teores mais pesados de vibrações negativas, que perturbam gravemente a economia psíquica, social e moral dos homens que nele habitam. Não obstante, a vigilância do amor de Cristo Jesus atua positiva, laborando com eficiência, a fim de que se modifiquem os dolorosos quadros da atualidade, dando surgimento a uma fase nova de saúde e paz. Nesse contexto, o Espiritismo - que é o mais eficaz e fácil tratado de Higiene Mental - desempenha um relevante papel, qual seja o de prevenir o homem dos males que ele gera para si mesmo e lhe cumpre evitar, como facultando-lhe os recursos para superar a problemática obsessiva, ao mesmo tempo apoiando e enriquecendo os nobres profissionais e missionários da Psicologia, da Psiquiatria, da Psicanálise..." (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Nas fronteiras da loucura)

"Houve um novo, espontâneo silêncio, que logo cedeu lugar a outras considerações preciosas: — Os atos infelizes, deliberadamente praticados, em razão da força mental de que necessitam, destroem os tecidos sutis do perispírito que, se ressentindo do desconcerto, deixarão *matrizes* na futura forma física, na qual se manifestarão as deficiências purificadoras, e a queda do tom vibratório específico permitirá que os envolvidos no fato, no tempo e no espaço, próximos ou não, se vinculem pelo processo de uma sintonia automática de que não se furtarão. Aí estabelecem-se as enfermidades de qualquer porte. Os fatores imunológicos do organismo, padecendo a disritmia vibratória que os envolve, são vencidos por bactérias, vírus e toda a sorte de micróbios patológicos que logo se desenvolvem, dando gênese às doenças físicas. Por sua vez, na área mental, os conflitos e mágoas, os ódios acerbos, as ambições tresvariadas e os tormentosos delitos ocultos, quando da reencarnação, por estarem ínsitos no Espírito endividado, respondem pelas distonias psíquicas e alienações mais variadas. Acrescentemos a essas predisposições a presença dos cobradores desencarnados, cuja ação mental encontra perfeito

acoplamento na paisagem psicofísica dos a quem persegue, e teremos a presença da constrição obsessiva. Eis porque é rara a enfermidade que não conte com a presença de um componente espiritual, quando não seja diretamente esta o seu efeito. O corpo e a mente refletem a realidade espiritual de cada criatura. Argos reencarnou com a região pulmonar descompensada, em face do sério comprometimento no qual se enleou, ao mesmo tempo com a mente aturdida, lutando contra o ressumar das reminiscências que, de quando em quando, o assaltam e a consciência que tem daquilo que lhe cumpre realizar. "Podemos afirmar que o desencadear da sua enfermidade se deveu a fatores fisiológicos, mas foi precipitado pela ação pertinaz de companheiros desencarnados..." Quando a esclarecida Benfeitora encerrou as suas elucidações, recordei-me do problema das chamadas "enfermidades simulacros". Percebendo a minha evocação, ela veio em meu auxílio, robustecendo-me a convicção. — Há enfermidades — aclarou — e *enfermidades*. As primeiras, já se conhecem várias patogêneses ou psicopatogêneses, isto é, são sabidos e estudados os seus inumeráveis fatores propiciatórios. As segundas, são aquelas nas quais os enfermos, dotados de mais aguçada sensibilidade mediúnica, absorvem fluidos desarmonizados e destrutivos de Espíritos desencarnados com os quais se vinculam, dando campo a uma sintonia vigorosa que permite a transmissão das sensações e dores dos segundos para os que lhes sofrem a ação, afligindo e submetendo nestes as resistências que, se não atendidas em tempo, se convertem em enfermidades reais, face às razões já expostas. Tornam-se verdadeiros fenômenos de *incorporação*, qual ocorre na psicofonia atormentada e consciente. O mais lamentável, porém, é que esta ocorrência faz-se mais habitual do que se imagina. Somente quando o homem se der conta da finalidade da vida, na Terra, e procurar modificar as suas atitudes, é que se renovará a paisagem que, por enquanto, se lhe faz campo de conquistas ao peso da dor e da amargura, já que lhe não apraz ainda crescer pelo amor, nem pelo serviço do dever para com o Bem. O dia rumava alto. A movimentação no Hospital era grande. A Benfeitora convidou-me a uma nova visita a Argos, desde que outras tarefas a aguardavam." (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 6)

"— As sementes da insensatez — acrescentou o companheiro esclarecido — reproduzem-se sempre em modalidades diferentes, até que a ordem, a temperança e a ação profícua lhes erradiquem a cultura perniciosa nas criaturas. Eis porque, a todos aqueles a quem atendia, Jesus jamais deixou de admoestar quanto aos atos futuros, impondo-lhes como condição de paz, de permanência da saúde, que não voltassem a pecar, cometendo atentados contra o equilíbrio próprio, ou do próximo, ou da Vida. "Quando nos referimos às

subjugações físicas, recordamo-nos do Mestre, defrontando, diversas vezes, Entidades perversas, que produziam impedimentos motores e distúrbios fisiológicos nas suas vítimas, tanto quanto perturbações na área mental. O Evangelista Mateus se reporta, nos versículos trinta e dois e trinta e três do capítulo nono, ao fato de que “... foi-Lhe trazido um mudo endemoninhado. Expulso o Espírito imundo o mudo falou...” Mais adiante, o mesmo Evangelista, no capítulo doze, versículo vinte e dois, comenta que “Lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; Ele o curou, de modo que o enfermo falava e via.” Epilepsia, paralisia das pernas, hidropisia, deformação orgânica, surdez sob ação espiritual enfermiza, receberam do Mestre a cura, mediante o afastamento do fator causal — o Espírito obsessivo em trama de vingança cruel — Na área mental, a interferência de Jesus, defrontando os alienados por obsessão está, reiteradas vezes, narrada pelas testemunhas e pelos que ouviram as informações dos que a presenciaram ou da boca das suas próprias vítimas. “Quando os estudiosos dos fenômenos paranormais melhor penetrarem nos intrincados mecanismos das causas morais que regem a vida, mais facilmente elucidarão os graves problemas na área da saúde, quer física, quer mental, compreendendo que, no Espírito, se encontram as chaves para solucionar os aparentes enigmas do comportamento e da vida humana. Pelos hábitos mentais e morais, pela ação, o homem reúne os valores para a paz ou elabora os grilhões a que se prende por tempo indefinido. “Voltemos ao nosso paciente.” Eu não cabia em mim de emoção. O aprendizado enriquecia-me de compreensão nova em torno de velhas questões que trouxera da Terra, particularmente no que diz respeito a determinadas doenças físicas que defrontara, quando ainda reencarnado, em pacientes, cujos médicos afirmavam não encontrar, nos exames realizados, causas que justificassem os distúrbios de que os mesmos se diziam objeto. Mediante a terapia dos passes, inúmeros deles se recuperavam, e porque a minha visão não alcançasse os desencarnados, eu acreditava que a fluidoterapia restaurava-lhes as forças, o equilíbrio celular, no que estava certo, sem dar-me conta, porém, de que, ao mesmo tempo, essa ação benéfica e a transformação do doente em face da adoção de um comportamento digno interrompiam a ação maléfica dos Espíritos perversos que lhes impunham a condição enfermiza. Afastada a causa, cessavam os efeitos. Havia muito em que pensar e foi o que fiz, enquanto o amigo, deixando-me no jardim ensolarado do Sanatório, foi assistir Argos.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 7)

“Enquanto caminhávamos pelo comprido corredor entre as duas amplas Enfermarias, arrematei o nosso diálogo com uma indagação final: — Então, embora a presença iniludível da tuberculose pulmonar, Valtércio

poderia ser considerado um obsidiado? — Caro Miranda — respondeu com bom humor — não me atrevo a pontificar com opiniões pessoais, correndo o risco de ser considerado um inovador neste campo de estudos sérios, que ora interessa, embora com outras designações, aos nobres observadores das doutrinas da mente, como aos investigadores sinceros e meticolosos das fileiras espíritas, na Terra. Também não é nosso pensamento intentar colocar na patologia de inumeráveis enfermidades físicas e psíquicas a obsessão, direta ou indiretamente. O que observamos é que seja qual for o problema que descompense o equilíbrio da criatura, de ordem ética, psíquica ou física, em razão do passado espiritual dela mesma e em face da atual situação moral do planeta, normalmente encontramos, por leis de afinidades e sintonia mental-emocional, interferências de Entidades enfermas, perturbadoras e vingativas sediadas além das fronteiras físicas. Sem maior receio de confirmá-lo, como teremos ensejo de o comprovar, o nosso Valtércio, embora a doença que o vítima é, tecnicamente, um obsidiado.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“Informado da hora era que nos deveríamos reunir para um atendimento especial a Valtércio, procuramos comparecer minutos antes, estimulado pelo interesse fraternal de auxiliar o enfermo, como pela necessidade de aprofundar estudos e observações valiosos. A Irmã Angélica, o Dr. Lustoza, o amigo Bernardo e dois outros simpáticos cooperadores postaram-se em volta do leito do companheiro encarnado, que denotava acentuada quão incômoda dispneia. Observando-o mais atentamente não podíamos evitar a compaixão que nos inspirava ante a consumpção orgânica e o aturdimento mental que o excruciam. Detendo-me na sua aura com radiações de cores carregadas e irregulares, pude perceber uma sombra mais densa que o cobria quase por inteiro, fazendo recordar a concha sobre o caramujo com menor volume e maior comprimento... A forma que se lhe justapunha, dominando-lhe a parte posterior do cérebro e alongando-se por toda a coluna vertebral parecia constituída de ventosas que se lhe fixavam penosamente, ao mesmo tempo absorvendo-lhe as energias e intoxicando a região na qual se firmava. Ungido de verdadeira caridade pus-me a orar em silêncio, não apenas por Valtércio, senão também pelo seu adversário, que deveria, na alucinação em que se deixara enredar, estar sofrendo amargas e desconcertantes aflições. A Benfeitora, sem delongas, exorou a proteção de Deus para o empreendimento socorrista, depois do que o nosso abençoado técnico em passes aplicou recursos magnéticos especiais, desnovelando dos fluidos mais densos o Espírito perverso, que se não dava conta, conscientemente da ocorrência, embora experimentasse os choques da corrente de energia com que o especialista o desligava

da situação constritora que impunha a Valtércio. Não o liberou, porém, totalmente, deixando que permanecesse uma certa imantação perispiritual com o enfermo, que foi, a seu turno, semidesligado da forma física, a fim de serem conduzidos sob sono profundo à Colônia Espiritual onde o carinho do venerando Héber contribuiria para o cometimento da caridade.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 12)

“Ato contínuo, levou-me a acompanhar uma consulta clínica e explicou-me: — Este paciente é alcoólatra inveterado, com um processo de cirrose hepática em desenvolvimento. Pode-se-lhe perceber o intumescimento da glândula mista, com drenagem descontrolada de bÍlis, perturbando-lhe o metabolismo geral. Adicione-se ao distúrbio orgânico, a obsessão de que padece, em face da presença contínua e vingadora de antigo comparsa a quem enganou, e temos um quadro de difícil recuperação. Apesar disso, envidaremos esforços para atenuar os efeitos do problema grave, de que ele não se apercebe, tentando inculcar-lhe a ideia de maior esforço na luta contra a bebida, a que vai levado pelo adversário, tendo a vida física um pouco ampliada, a benefício próprio. Observemos o que sucede, nesta sua primeira consulta. Notamos que a Entidade inimiga que a ele se imantava, sendo consciente do desforço que levava a cabo, ao perceber que o médico ia examiná-lo, deslocou-se, agressiva, e tentou influenciar o facultativo, como a querer perturbá-lo na conclusão do diagnóstico. Porque este se encontrasse assessorado por operoso cooperador da equipe do Dr. Dirceu, o celerado não encontrou ressonância no seu intento, e porque um enfermeiro de plantão fosse convocado à assistência espiritual ao cliente, aquele Espírito rebelde e renitente no mal, retirou-se, indisposto e blasfemador. — Ficará à saída, aguardando o seu hospedeiro — esclareceu-me o Diretor. — E por que não foi impedido de entrar? — inquiri, com curiosidade sadia. — Porque não usamos de violência — prosseguiu, espontâneo — Ao passar pelas barreiras vibratórias foi-lhe concedida a oportunidade de beneficiar-se com os recursos aqui existentes. Não se sentindo bem com as vibrações ambientes, ele próprio se evadiu. Há sempre oportunidade para quem deseja a renovação, a paz. — E que acontecerá com o paciente — voltei a indagar — após ser atendido e retirar-se? Sem qualquer enfado, o médico considerou: — Depende da atitude mental que ele conduza. Como não ignoramos, o pensamento gera energias que carregam cargas vibratórias de acordo com o teor moral de que se revestem as ideias. Se o nosso enfermo mantiver os estímulos superiores que está a receber e as orientações que lhe serão ministradas pelo clínico, não sofrerá a interferência psíquica do antagonista, que atua em faixa de baixa frequência mental. Este permanecerá à espreita até que encontre uma oportunidade de revinculação,

o que somente pode ocorrer se houver aquiescência do encarnado. Mantendo-se este nas ideias positivas e agasalhando o otimismo, se movimentará cada vez mais em canais vibratórios que o colocarão imune à perturbação, passando a sintonizar com outro gênero de ondas, nas quais se encontram campos de vida propiciadores de bem-estar, fazendo jus a melhor assistência espiritual. É da lei que querer é lograr, desde que se saiba o que se quer e se mantenha firme o desejo por consegui-lo. Nunca falta apoio a quem almeja por ascensão. O inverso é, também, verdadeiro...” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 27)

“Assistência e responsabilidade. No dia seguinte, terminados os serviços dos passes públicos, recebemos, na sala da terapia fluídica, a agradável presença do Dr. Froebel, que, informado dos socorros administrados a Argos, na noite anterior, veio visitá-lo. Utilizava-se do ensejo para rever amigos e antigos cooperadores que então estagiavam na Comunidade administrada pela Irmã Angélica. Após os comentários iniciais, comuns em qualquer reencontro entre amigos, fomos à casa em que residia o nosso paciente, ouvindo as informações do Dr. Arnaldo, que fazia um relatório sintético dos acontecimentos que presenciáramos, inclusive opinando sobre o recurso da reencarnação programada para Felipe, o que atenuava, mas não resolvia o problema cármico de Argos. Fomos recebidos por Dona Anaide, a genitora de Argos, que demonstrava, no júbilo da face, as melhoras do filho. Em breves palavras, à guisa de justificação, explicou que a febre amainara e o querido doente passara uma noite de regular repouso, o que lhe propiciou um despertar menos atormentado, com os primeiros sinais orgânicos de renovação. A ausência obsessiva de Felipe, francamente, era-lhe benéfica, já que não sofria a ingestão dos fluidos venenosos, nem experimentava a nefasta ação mental do adversário que lhe perturbava expressivamente os centros de forças a funcionarem como matrizes do perispírito, no corpo somático. Dr. Froebel concentrou-se no doente muito pálido, com olheiras bem assinaladas, a respiração entrecortada e os clássicos estertores dos alvéolos pulmonares outra vez comprometidos. Após alguma reflexão, afirmou o especialista: — Não há dúvida, quanto à recidiva da tuberculose pulmonar, agravada pela presença dos vibriões mentais que ainda se encontram na faina destrutiva das células, facilitando o campo vibratório para a multiplicação dos vorazes bastonetes de Koch. Depois de uma breve pausa, concluiu, penalizado: — A recidiva não estava prevista, pelo menos, para este período. Houvesse o nosso amigo vigiado convenientemente e tê-la-ia adiado ou mesmo evitado. Enquanto o homem não aprender a comandar a mente sob o império de uma vontade bem direcionada, ser-lhe-á vítima contínua. A acomodação mental responde

por muitos males que esfacelam os planos ideais de muitos corações. Através dos fios invisíveis do pensamento movimentam-se forças de difícil catalogação pela linguagem convencional, que fomentam reações equivalentes às emissões iniciais. É, através delas, que se canalizam as vibrações obsessivas, que as utilizam ou as fomentam, dando gênese aos estados de desequilíbrio psíquico, de início, e físico, mais tarde. Acreditamos na necessidade de intervenção mais rigorosa, o que dependerá de aval superior. Consulta remos o nosso amigo Héber e serão tomadas as providências conforme seja de melhor para o nosso Argos.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 29)

“FENÔMENOS OBSESSIVOS. [...] As obsessões enxameiam por toda parte e os homens terminam por conviver, infelizes, com essas psicopatologias para as quais, fugindo à sua realidade, procuram as causas nos traumas, nos complexos, nos conflitos, nas pressões sociais, familiares e econômicas, como mecanismo de fuga aos exames de profundidade da gênese real de tão devastadora enfermidade. Sem negar a preponderância de todos esses fatores que desencadeiam problemas de comportamento psicológico, afirmamos que eles, antes de constituírem causa dos distúrbios são, em si mesmos, efeito de atitudes transatas, que o Espírito imprime na organização fisiopsíquica ao reencarnar-se, porquanto é sempre colocado no grupo familiar com o qual se encontra enredado, por impositivo de ressarcimento de dívidas, para o equilíbrio evolutivo. Enquanto o homem não for estudado na sua realidade profunda - ser espiritual que é, preexistente ao corpo e a ele sobrevivente —, muito difíceis serão os êxitos da ciência médica, na área da saúde mental. As doenças psíquicas, entre as quais se destacam, pela alta incidência, as obsessões, continuarão ainda a perseguir o homem. Todo comportamento que se exacerba ou se deprime, exaltando paixões e comandando desregramentos, fomentando ódios e distonias, guardam, na sua raiz, graves incidências obsessivas que merecem cuidados especiais. É indispensável que a compreensão das finalidades da vida comande o pensamento do homem, oferecendo-lhe as seguras diretrizes para precatar-se contra essa epidemia voluptuosa, ao mesmo tempo armando os cultores das ciências da alma com os valiosos instrumentos para a terapia de profundidade, na qual ambos os enfermos - obsessores e obsidiados - sejam amparados, apaziguando-se e produzindo no bem, em favor de si mesmos e da comunidade em geral. [...]” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Fenômenos obsessivos)

“No aprofundado estudo da etiopatogenia da loucura, não se pode mais descartar as incidências da obsessão, ou predomínio exercido pelos Espíritos desencarnados sobre os homens. Constituindo o mundo pulsante além da vida material, eles se movimentam e

agem conforme a natureza evolutiva que os caracteriza. Tendo-se em vista o estágio atual de crescimento moral da Terra e daqueles que a habitam, o intercâmbio entre as mentes que se encontram na mesma faixa de interesse é muito maior do que um observador menos cuidadoso e menos preparado pode imaginar. Atraindo-se pelos gostos e aspirações, vinculando-se mediante afetos doentios, sustentando laços de desequilíbrio decorrente do ódio, assinalados pelas paixões inferiores, exercem constrição mental e, às vezes, física naqueles que lhes concedem as respostas equivalentes, resultando variadíssimas alienações de natureza obsessiva. Longe de negar a loucura e as causas detectadas, nobres pesquisadores do passado e do presente, o Espiritismo as confirma, nelas reconhecendo mecanismos necessários para o estabelecimento de matrizes, através das quais a degenerescência da personalidade ocorre, nas múltiplas expressões em que se apresenta. Assinalamos, com base na experiência dos fatos, que nos episódios da loucura, ora epidêmica, a obsessão merece um capítulo especial, requerendo a consideração dos estudiosos, que poderão defrontar com extraordinário campo para a investigação profunda da alma, bem como do comportamento humano.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Loucura e obsessão)

“Ampliando os conhecimentos. [...] Multiplavam-se as perguntas, que o eminente benfeitor respondia com tranquilidade. Em determinado momento, porque me olhasse expressivamente, como a estimular-me à participação ativa nos diálogos, solicitei licença e argui: — No caso das obsessões, como se daria a assistência holística? Sorrindo, amavelmente, ele expôs: —Sabemos que em todo processo de obsessão estão presentes dois enfermos em pugna de desequilíbrio. De igual forma, não ignoramos que a obsessão se torna possível graças à ação do agente no campo perispiritual do paciente. A consciência de culpa do hospedeiro desarticula o campo vibratório que o defende do exterior e, nessa área deficiente, por sintonia fixa-se a indução perturbadora do hóspede. A essa consciência de culpa chamaremos matriz, que facultará o acoplamento do plugue mental do adversário. Não raro, a força de atração da matriz é tão intensa — por necessidade de reparação moral do endividado — que atrai o seu opositor espiritual, iniciando-se o processo alienador. Em outras ocasiões, quando a culpa é de menor intensidade, o cobrador situa a usina mental do futuro hospedeiro, que termina por aceitar a inspiração perniciosa, tendo início o intercâmbio telepático, que romperá o campo de defesa, facultando, assim, a instalação da parasitose. Esta, graças à sua intensidade, por meio do perispírito se alojará na mente, gerando alucinações, pavoros, insatisfação, manias, exacerbação do ânimo ou depressão, ou se refletirá no órgão que tenha deficiência funcional, pelo assimilar

das energias destrutivas que lhe são direcionadas e absorvidas. Silenciou, por alguns instantes, como a facultar-me tempo de assimilar o raciocínio, para logo prosseguir: —Modelo de terapia holística para a saúde encontra-se muito bem delineado na Codificação Espírita, especialmente pela abrangência que esta faculta ao homem, que é um ser integral, importante em todos os aspectos que o constituem, em particular quando o analisa reencarnado. “As recomendações espiritistas têm em mente os valores do Espírito: morais, intelectuais, comportamentais, trabalhando-os em conjunto com o objetivo de propiciar a saúde, como decorrência da reparação dos erros pretéritos, e a aquisição de recursos positivos atuais para o pleno equilíbrio perante as leis cósmicas. Na análise dos pacientes espirituais, a terapia espírita não dispensa a de natureza psiquiátrica, seja nas depressões profundas — transtornos psicóticos maníaco-depressivos — seja nas exaltações esquizofrênicas e paranoides... Impõe, entretanto, como primordial, a renovação moral do paciente e a sua ação edificante, assumindo o valioso concurso da praxiterapia, especialmente direcionada para o bem, que lhe facultará créditos a serem considerados no balanço moral da sua existência. Especificamente, para atender-se obsidiados, o modelo espírita, que é holístico na sua profundidade, preocupa-se com o enfermo encarnado, mas também com o desencarnado, não menos doente, procurando demovê-lo do mal que pratica, porque esta nova atitude lhe fará bem, tanto quanto preocupando-se com a família da aparente vítima, o seu meio social e ambiental. A transformação moral do grupo familiar para melhor é um efeito saudável da terapia desobsessiva, que se expressa de maneira psicológica amorosa, abrindo espaço social para o antagonizante, que então recebe o aceno para a reencarnação. Não se detém, portanto, em eliminar efeitos, ajudando o hospedeiro com desprezo pelo opositor, às vezes, mais infeliz, em razão da mente fixa no desar há muito sem ensejo de alívio, alucinado pelo ódio, pelo ciúme, pela sede de vingança, pelo amor atormentado... “A obsessão é parasitose profunda e grave, que deve ser atendida globalmente, arrancando-se-lhe as raízes perigosas, que repontam com mais vigor se não são extirpadas por meio da conquista plena do adversário em perturbação.” —No caso de crianças obsessas — insisti, ampliando o curso do estudo — como proceder, já que as mesmas não dispõem de discernimento ou outro qualquer recurso defensivo? O Amigo, gentilmente, considerou: — Não desconhecemos que a obsessão na infância tem um caráter expiatório como efeito de ações danosas de curso mais grave. Não obstante, os recursos terapêuticos ministrados ao adulto serão aplicados ao enfermo infantil com mais intensa contribuição dos passes e da água fluidificada — bioenergia — bem como proteção

amorosa e paciente, usando-se a oração e a doutrinação indireta ao agente agressor — psicoterapia —, por fim, por meio do atendimento desobsessivo mediante o concurso psicofônico, quando seja possível atrair o hóspede à comunicação mediúnica de conversação direta. “A visão do Espiritismo em relação à criança obsidiada é holística, pois que não a dissocia, na sua forma atual, do adulto de ontem quando contraiu o débito. Ensina que infantil é somente o corpo, já que o Espírito possui uma diferente idade cronológica, nada correspondente à da matéria. Além disso, propõe que se cuide não só da saúde imediata, mas sobretudo da disposição para toda uma existência saudável, que proporcionará uma reencarnação vitoriosa, o que equivale dizer, rica de experiências iluminativas e libertadoras. “Adimos a terapia do amor dos pais e demais familiares, igualmente envolvidos no drama que afeta a criança.” — Não desejando ser impertinente — expliquei — desejaria propor ao generoso benfeitor mais uma questão. Porque ele aquiescesse, voltei a este assunto que muito me fascina, inquirindo: —Na hipótese do ser prejudicado perdoar o seu malfeitor, desapareceria a possibilidade da obsessão. Como seria a análise da injunção cármica reparadora, numa visão de saúde espiritual holística? —Sabemos que o perdão de uma dívida não isenta o seu responsável da regularização por meio de uma outra forma. Quem perdoa fica bem, porém o desculpado permanece em débito perante a economia da vida. Cumpre-lhe passar adiante o que recebeu, auxiliando a outrem conforme foi ajudado. Assim, no caso em tela, a consciência de culpa do devedor faz um mecanismo de remorso que se transforma em desajuste da energia vitalizadora, que passa a sofrer-lhe os petardos e termina por produzir, como não desconhecemos, a auto-obsessão, ou engendra quadros de alienação mental conhecidos na Psicopatologia sob denominações variadas. A consciência culpada do Espírito que se arrepende do mal que praticou, mas não se reabilita, emite vibrações perniciosas que o perispírito encaminha ao cérebro, perturbando-lhe as funções. A terapia, no caso, será autorreparadora, concitando o paciente a refazer o caminho, a dedicar-se à ação do bem possível e trabalhar-se moralmente reajustando-se à tranquilidade da recuperação. Silenciei, comovido, considerando o quanto a Justiça de Deus está inculpada na consciência do ser. Outras interrogações foram apresentadas, sendo respondidas com simplicidade e sabedoria, assim encerrando-se a proveitosa oportunidade.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Ampliando os conhecimentos)

“**Perspectivas Novas.** [...] Fez uma pausa mais expressiva e continuou: — Quando as criaturas nos conscientizarmos dos resultados excelentes do equilíbrio mental, das ações nobres, da conversação edificante, em últimas palavras, da vivência das diretrizes

do Evangelho de Jesus, a obsessão desaparecerá do nosso mapa evolutivo por total falta de necessidade. Não obstante, enquanto houver predomínio na natureza humana dos baixos níveis de conduta, das aspirações brutalizadoras, o intercâmbio de energias desse gênero produzirá afecções psíquicas duradouras, com terríveis reflexos na saúde física. A mente que se fixa sobre outra, sendo portadora de carga predominante, sobrepor-se-á, passando ao comando. A energia deletéria de que se constitui bloqueará o campo de equilíbrio da vítima ou o destruirá, forçando a instalação de germes e vírus destruidores ou transmitindo, em outros casos, os sintomas das enfermidades que levaram o hospedeiro à desencarnação, atacando o órgão correspondente e contaminando-o com a mesma doença. Essas obsessões físicas, muitas vezes, tomam corpo mais amplo e vigoroso em processos de cegueira, mudez, surdez, paralisias diversas, por interferência de onda mental prevaemente sobre o corpo debilitado. Nos inúmeros atendimentos terapêuticos realizados por Jesus, encontramos este tipo de ação pernicioso, e os narradores evangélicos expressam que Ele destravou a língua, abriu os olhos fechados e os ouvidos, desenovelou as pernas impedidas, liberou da constrição dominadora das forças que subjugavam os doentes e os infelicitavam. — De fato — intervim — Allan Kardec, ao estudar a obsessão, no capítulo XXIII, de *O Livro dos Médiuns*, comenta a experiência de um homem a quem os adversários desencarnados, com o fito de o ridicularizarem, agarravam-no pelos jarretes obrigando-o a ajoelhar-se diante de jovens senhoritas e ele não se podia furtar à situação vexatória. “Quando na Terra, conheci diversos casos de pessoas com tuberculose pulmonar e laríngea provocada pela interferência de inimigos desencarnados. As úlceras gástricas e duodenais, além das gêneses acadêmicas conhecidas, alguns distúrbios cardíacos e hepáticos, do aparelho digestivo em geral, têm procedência nessa terrível, contínua emissão de fluidos enfermicos que se infiltram nos órgãos, que atacam e lhes descompensam o ritmo celular, funcional, provocando-lhes degenerescência...” — Concluímos — obtemperou o companheiro — quanto à excelência da terapia preventiva, mediante a preservação da saúde moral, do autoconhecimento, do cultivo e vivência das ideias estimuladoras do progresso, da harmonia e do bem geral, que mantêm a dinâmica do equilíbrio, irrigando a vida com paz e sustentando-a em níveis elevados. O indivíduo, pois, é responsável, próximo ou remoto, por tudo quanto lhe sucede. Conforme aspira, delineia, e de acordo com o que vitaliza, ocorre. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Perspectivas novas)

“**O drama da obsessão na infância.** [...] Procurando esclarecer-me mais, em torno do drama da obsessão na infância, o Benfeitor elucidou: – Inúmeros

casos de autismo, quando detectados na primeira infância, procedem de graves compromissos negativos com a retaguarda espiritual do ser, que renasce com as marcas correspondentes no perispírito, que se encarrega de imprimir as deficiências que lhe são necessárias para o refazimento. Outrossim, aqueles que padeceram nas suas mãos cruéis acompanham-no, dificultando-lhe a recuperação, gerando situações críticas e mui dolorosas, ameaçando-o com impropérios e vibrações deletérias que não sabe decodificar, mas registra nas telas mentais, fugindo da realidade aparente para o seu mundo de sombras, isto quando não se torna agressivo, intempestivo, silencioso e rude... [...] “A obsessão na infância é um capítulo muito expressivo para integrar a relação das psicopatogêneses dos distúrbios de comportamento e mentais, necessitando urgente atendimento especializado, desse modo facultando oportunidades para a recuperação do paciente, para a sua saúde, para o ressarcimento dos seus débitos através do bem que poderá fazer, ao invés do sofrimento que experimenta.” Logo após, reflexionando, adiu em feliz conclusão: – Quando luzir na Humanidade o conhecimento espírita e as sutilezas da obsessão puderem ser identificadas desde os primeiros sintomas, muitos transtornos infanto-juvenis serão evitados, graças às terapias preventivas, ou minimizados mediante os tratamentos cuidadosos que o Espiritismo coloca à disposição dos interessados. [...] Quando o Instrutor silenciou, repassei mentalmente alguns casos de crianças neuróticas, autistas, com distúrbios neurológicos, superativas, que houvera conhecido na Terra e algumas que atendera particularmente, suspeitando da presença de Entidades perturbadoras que as afligiam ou pioravam o seu quadro orgânico, agora constatando que a epidemia da obsessão a ninguém poupa em período algum da existência física ou mesmo após a desencarnação. Desde que haja tomadas receptivas, que são os desacatos às Leis Divinas, sempre existirão plugs para se lhes fixarem produzindo a ligação doentia e desgastante da obsessão. Permanecemos algum tempo na Escola acompanhando as atividades educacionais que ali se realizavam, quando o vigilante Instrutor convidou-me a segui-lo em direção à sala de Mauro.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 4)

“**Parasitoses físicas.** [...] Nesse ínterim, Germano acercou-se-me, e dialogamos em torno das ocorrências vivenciadas na clínica psiquiátrica, bem como a respeito dos processos de degenerescência mental, dos transtornos obsessivos perversos, agradecendo a Deus a ímpar felicidade que desfrutávamos por haver conhecido e adotado os ensinamentos espíritas que nos libertaram da ignorância. O amigo Germano, que fora médico, consoante já referido, era hábil trabalhador espiritual, dedicado ao socorro a portadores de obsessões fisiológicas, aqueles que sofrem a impertinência

do ódio dos adversários introjetado no organismo somático. Ele informou-me como a incidência da mente cruel sobre os delicados tecidos orgânicos termina por afetá-los, desorganizando a mitose celular, produzindo distúrbios funcionais, qual ocorre nos aparelhos digestivo, cardiovascular e abrindo campo no sistema imunológico para a instalação das doenças. - No início do processo — disse-me, bondoso - a enfermidade é mais psíquica do que física, isto é, as sensações são absorvidas diretamente do Espírito doente, perísprito a perísprito, impregnando o corpo hospedeiro da parasitose até este incorporar a energia deletéria que o desgasta no campo vibratório, atingindo, a breve prazo, a organização fisiológica. O número de portadores de doenças orgânicas simulacro, conforme as denominamos, cuja procedência é obsessiva, não tem sido anotado, sendo muito maior do que pode parecer. Invariavelmente os cultores do intercâmbio espiritual e espíritistas, quase em geral, reportam-se às influências obsessivas de natureza mental e comportamental... O organismo físico, no entanto, é caixa de ressonância do que ocorre nos corpos espiritual e perísprito. Da forma como sucede com a obsessão de natureza psíquica, quando prolongada, que termina por degenerar os neurônios, dando lugar à loucura convencional, o fenômeno orgânico obedece aos mesmos critérios. O que é válido numa área, também o é noutra. Indispensável que seja mantida muita atenção diante de afecções e infecções orgânicas, examinando-lhes a procedência no campo vibratório, no qual, não raro, encontramos mentes interessadas em desforços, muitas vezes, ignorando a operação destrutiva que vem realizando nos tecidos. Como sabemos, nem todo Espírito vingador conhece as técnicas de perseguição, mantendo-se imantado ao seu antigo desafeto, em face da lei de afinidade vibratória, isto é, graças à semelhança de sentimentos e de moralidade, o que faculta a plena interação de um com o outro e intercâmbio de emoções de um no outro... Como as cargas mentais e emocionais transmitidas, mesmo que as desconhecendo, são constituídas de campos de ressentimento e de vingança, essa contínua onda vibratória nociva é assimilada pelo ser energético, que passa a mesclá-la com as suas próprias, gerando desconforto e disfunção nos equipamentos que sustenta. Iniciando-se a desconexão do fluxo de energia emitida pelo Espírito encarnado, em face da intromissão daquelas morbosas, as defesas imunológicas diminuem, abrindo campo para a instalação de invasores microbianos degenerativos. As doenças aparecerão logo depois. Toda terapia antibactericida, portanto, que objetive apenas os efeitos

dessa ocorrência, irá combater somente os invasores microbianos, não reequilibrando o campo organizador biológico, cuja sede é o perísprito, que se encontra afetado pelo agente espiritual desencarnado. Nunca será demasiado repetir que, em qualquer processo de enfermidade e disfunção fisiológica ou psicológica do ser humano, o doente é o Espírito convidado à reparação dos erros cometidos, responsáveis que são pelas tormentas orgânicas de que o mesmo se torna vítima.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 15)

I.14. Obsessão e vícios⁴

“Rumamos para o local em que deveríamos acudir o amigo extraviado. Penetramos o recinto, servido de amplas janelas e abundantemente iluminado. O ambiente sufocava. Desagradáveis emanções se faziam cada vez mais espessas, à maneira que avançávamos. No salão principal do edifício, onde abundavam extravagantes adornos, algumas dezenas de pares dançavam, tendo as mentes absorvidas nas baixas vibrações que a atmosfera vigorosamente insuflava. Indefinível e dilacerante impressão dominou-me o ser. Não provinha da estranheza que a indiferença dos cavalheiros e a leviandade das mulheres me provocavam; o que me enchia de assombro era o quadro que eles não viam. A multidão de entidades conturbadas e viciosas que aí se movia era enorme. Os dançarinos não bailavam sós, mas, inconscientemente, correspondiam, no ritmo açodado da música inferior, a ridículos gestos dos companheiros irresponsáveis que lhes eram invisíveis. Atitudes simiescas surdavam aqui e ali e, de quando em quando, gritos histéricos feriam o ar. Calderaro não se deteve. Mostrava-se habituado à cena; mas, não conseguindo soffrear a estupefação que se assenhoreara de mim, solicitei-lhe uma intermitência, perguntando: – Meu amigo, que vemos? Criaturas alegres cercadas de seres tão inconscientes e perversos? Pois será crime dançar? Buscar alegria constituirá falta grave? O orientador escutou pacientemente as indagações ingênuas que me escapavam dos lábios, ditadas pelo espanto que me assomara repentinamente, e esclareceu: – Que perguntas, André! O ato de dançar pode ser tão santificado como o ato de orar, pois a alegria legítima é sublime herança de Deus. Aqui, porém, o quadro é diverso. O bailado e o prazer nesta casa significam declarado retorno aos estados primitivos do ser, com iniludíveis agravantes de viciação dos sentidos. Observamos, neste recinto, homens e mulheres dotados de alto raciocínio, mas assumindo atitudes de que muitos símios talvez se pejassem. Todavia, esteja longe de nós qualquer recriminação: lastimemo-los simplesmente.

⁴ Vide Subcapítulo V.3 (“Vício e obsessão”), Capítulo V (“Vícios: causas e consequências”), Quinta Parte (“Medicina Espiritual – Transtornos Mentais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

São transfugas sociais e, na maioria, rebeldes à disciplina instituída pelos Desígnios Superiores para os seus trilhos terrestres. Muitos deles são profundamente infelizes, precisando de nossa ajuda e compaixão. Procuram afogar no vinho ou nos prazeres certas noções de responsabilidade que não logram esquecer. Fracos perante a luta, mas dignos de piedade pelos remorsos e atribulações que os devoram, merecem ser amparados fraternalmente. E, passando os olhos de relance pela multidão de Espíritos perturbadores que ali se davam ao vampirismo e ao sarcasmo, obtemperou: – Quanto a estes infortunados, que fazer senão recomendá-los ao Divino Poder? Tentam igualmente a fuga impossível de si mesmos. Alucinados, apenas adiam o terrível minuto de auto reconhecimento, que chega sempre, quando menos esperam, através dos mil processos da dor, esgotados os recursos do amor divino, que o Supremo Pai nos oferece a todos. A mente deles também está apegada aos instintos primitivos e, frágeis e hesitantes, receiam a responsabilidade do trabalho da regeneração. Vendo-me boquiaberto e faminto de novas elucidações, o Assistente propôs-me: – Vamos! Deixemo-los divertir-se. A dança, nesta casa, não lhes deixa de ser, em última análise, um benefício. Chegaram nossos amigos encarnados e desencantados, aqui presentes, a nível tão desprezível que, sem dúvida, não fora o sapateado, estariam rodando, lá fora, em atos extremamente condenáveis, tal a predisposição em que se encontram para o crime. Que o Pai se comisere de todos nós. Demandamos o interior, apressadamente. Numa saleta abafada, um cavalheiro de quarenta e cinco anos presumíveis jazia a tremer. Não conseguia manter-se de pé. Calderaro examinou-o detidamente e indagou do novo amigo que nos acompanhava: – Voltou aos alcoólicos, há muitos dias? – Precisamente, há uma semana. – Vê-se que se esgotou rápido. Enquanto encetava a aplicação de fluidos magnéticos, o orientador aconselhou-me notar os característicos do quadro dantesco sob nossos olhos. Antídio, doente e desventurado, a despeito das condições precárias, reclamava um copinho, sempre mais um copinho, que um rapaz de serviço trazia, obediente. Tremiam-lhe os membros, denunciando-lhe o abatimento. Álgido suor lhe escorria da frente e, de vez em quando, desferia gritos de terror selvagem. Em derredor, quatro entidades embrutecidas submetiam-no aos seus desejos. Empolgavam-lhe a organização fisiológica, alternadamente, uma a uma, revezando-se para experimentar a absorção das emanções alcoólicas, no que sentiam singular prazer. Apossavam-se particularmente da “estrada gástrica”, inalando a bebida a volatilizar-se da cárdia ao piloro. A cena infundia angústia e assombro. Estaríamos diante de um homem embriagado ou de uma taça viva, cujo conteúdo sorviam gênios satânicos do vício? O infortunado Antídio trazia o estômago atestado de

líquido e a cabeça turva de vapores. Semidesligado do organismo denso pela atuação anestesiante do tóxico, passou a identificar-se mais intimamente com as entidades que o per seguiam. Os quatro infelizes desencarnados, a seu turno, tinham a mente invadida por visões terrificantes do sepulcro que haviam atravessado como dipsomaníacos. Sedentos, aflitos, traziam consigo imagens espectrais de víboras e morcegos dos lugares sombrios onde haviam estacionado. Entrando em sintonia magnética com o psiquismo desequilibrado dos vampiros, o ébrio começou a rogar, estentoricamente: – Salve-me! Salve-me, por amor de Deus! E indicando as paredes próximas, bradava sob a impressão de indefinível pavor: – Oh! Os morcegos!... Os morcegos! Afugentem-nos, detenham-nos...! Piedade! Quem me livrará! Socorro! Socorro!... Dois senhores, também obnubilados pelo vinho, aproximaram-se, espantados. Um deles, porém, tranquilizou o outro, dizendo: – Nada de mais. É o Antídio, de novo. Os acessos voltaram. Deixemo-lo em paz. Enquanto isso, o desditoso ébrio continuava bradando: – Ai! Ai! Uma cobra... aperta-me, sufoca-me... Que será de mim? Socorro! As entidades perturbadoras timbravam nas atitudes sarcásticas; gargalhavam de maneira sinistra. Ouvia-as o infeliz, a lhe ecoarem no fundo do ser, e gritava, tentando investir, embora cambaleante, os algozes invisíveis: – Quem zomba de mim? Quem? Cercando os punhos, acrescentava: – Malditos! Malditos sejam! A cena prosseguia, dolorosa, quando Calderaro se acercou de mim, esclarecendo: – É deplorável pai de família que, incapaz de reagir contra as atrações do vício, se entregou, inerme, à influência de malfetores desencarnados, afins com a sua posição desequilibrada. Em atenção às intercessões da esposa e de dois filhinhos amoráveis que o seguem, assistimo-lo com todos os recursos ao alcance de nossas possibilidades; entretanto, o imprevidente irmão não corresponde ao nosso esforço. Emerge de todas as tentativas, mais e mais disposto à perversão dos sentidos; busca, acima de tudo, a fuga de si mesmo; detesta a responsabilidade e não se anima a conhecer o valor do trabalho. Atenuando-lhe a ânsia irrefreável de sorver alcoólicos, esperamos se reedue. Para isso, porém, usaremos agora recurso drástico, já que o desventurado se revela infenso a todos os nossos processos de auxílio.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 14)

“**Forças viciadas.** Caía a noite... Após o dia quente, a multidão desfilava na via pública, evidentemente buscando o ar fresco. Dirigíamo-nos a outro templo espírita, em companhia de Áulus, segundo o nosso plano de trabalho, quando tivemos nossa atenção voltada para enorme gritaria. Dois guardas arrastavam, de restaurante barato, um homem maduro em deploráveis condições de embriaguez. O mísero esperneava e proferia palavras rudes, protestando... – Observem

o nosso infeliz irmão! – determinou o orientador. E porque não havia muito tempo entre a porta ruidosa e o carro policial, pusemo-nos em observação. Achar-se o pobre amigo abraçado por uma entidade da sombra, qual se um polvo estranho o absorvesse. Num átimo, reparamos que a bebedeira alcançava os dois, porquanto se justapunham completamente um ao outro, exibindo as mesmas perturbações. Em breves instantes, o veículo buzinou com pressa e não nos foi possível dilatar anotações. – O quadro daria ensejo a valiosos apontamentos... Ante a alegação de Hilário, o Assistente considerou que dispúnhamos de tempo bastante para a colheita de alguns registros interessantes e convidou-nos a entrar. A casa de pasto regurgitava... Muita alegria, muita gente. Lá dentro, certo recolheríamos material adequado a expressivas lições. Transpusemos a entrada. As emanções do ambiente produziam em nós indefinível mal-estar. Junto de fumantes e bebedores inveterados, criaturas desencarnadas de triste feição se demoravam expectantes. Algumas sorviam as baforadas de fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que as expulsavam, nisso encontrando alegria e alimento. Outras aspiravam o hálito de alcoólatras impenitentes. Indicando-as, informou o orientador: – Muitos de nossos irmãos, que já se desvencilharam do vaso carnal, se apegam com tamanho desvario às sensações da experiência física, que se cosem àqueles nossos amigos terrestres temporariamente desequilibrados nos desagradáveis costumes por que se deixam influenciar. – Mas por que mergulhar, dessa forma, em prazeres dessa espécie? – Hilário – disse o Assistente, bondoso –, o que a vida começou, a morte continua... Esses nossos companheiros situaram a mente nos apetites mais baixos do mundo, alimentando-se com um tipo de emoções que os localiza na vizinhança da animalidade. Não obstante haverem frequentado santuários religiosos, não se preocuparam em atender aos princípios da fé que abraçaram, acreditando que a existência devia ser para eles o culto de satisfações menos dignas, com a exaltação dos mais astuciosos e dos mais fortes. O chamamento da morte encontrou-os na esfera de impressões delituosas e escuras e, como é da Lei que cada alma receba da vida de conformidade com aquilo que dá, não encontram interesse senão nos lugares onde podem nutrir as ilusões que lhes são peculiares, porquanto, na posição em que se veem, temem a verdade e abominam-na, procedendo como a coruja que foge à luz. Meu colega fez um gesto de piedade e indagou: – Entretanto, como se transformarão? – Chegará o dia em que a própria Natureza lhes esvaziará o cálice – respondeu Áulus, convicto. – Há mil processos de reajuste, no Universo Infinito em que se cumprem os Desígnios do Senhor, chamem-se eles aflição, desencanto, cansaço, tédio, sofrimento,

cárcere... – Contudo – ponderei –, tudo indica que esses Espíritos infortunados não se enfastiarão tão cedo da loucura em que se comprazem... – Concordo plenamente – redarguiu o instrutor –, todavia, quando não se fatiguem, a Lei poderá conduzi-los a prisão regeneradora. – Como? A pergunta de Hilário ecoou, cristalina, e o Assistente deu-se pressa em explicar: – Há dolorosas reencarnações que significam tremenda luta expiatória para as almas necrosadas no vício. Temos, por exemplo, o mongolismo, a hidrocefalia, a paralisia, a cegueira, a epilepsia secundária, o idiotismo, o aleijão de nascença e muitos outros recursos, angustiosos embora, mas necessários, e que podem funcionar, em benefício da mente desequilibrada, desde o berço, em plena fase infantil. Na maioria das vezes, semelhantes processos de cura prodigalizam bons resultados pelas provações obrigatórias que oferecem... – No entanto – comentei –, e se os nossos irmãos encarnados, visivelmente confiados à devassidão, resolvessem reconsiderar o próprio caminho?... Se voltassem à regularidade, através da renovação mental com alicerces no bem?... – Ah! Isso seria ganhar tempo, recuperando a si mesmos e amparando com segurança os amigos desencarnados... Usando a alavanca da vontade, atingimos a realização de verdadeiros milagres... Entretanto, para isso, precisariam despendar esforço heroico.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 15)

“Diante de nós, ambos os desencarnados infelizes, que surpreendêramos à entrada, surgiram de repente, abordaram Cláudio e agiram sem-cerimônia. Um deles tateou-lhe um dos ombros e gritou, insolente: – Beber, meu caro, quero beber! A voz escarnecedora agredia-nos a sensibilidade auditiva. Cláudio, porém, não lhe pescava o mínimo som. Mantinha-se atento à leitura. Inalterável. Contudo, se não possuía tímpanos físicos para qualificar a petição, trazia na cabeça a caixa acústica da mente sintonizada com o apelante. O assessor inconveniente repetiu a solicitação, algumas vezes, na atitude do hipnotizador que insufla o próprio desejo, reasseverando uma ordem. O resultado não se fez demorar. Vimos o paciente desviar-se do artigo político em que se entranhava. Ele próprio não explicaria o súbito desinteresse de que se notava acometido pelo editorial que lhe apresara a atenção. Beber! Beber!... Cláudio abrigou a sugestão, convicto de que se inclinava para um trago de uísque exclusivamente por si. O pensamento se lhe transmutou, rápido, como a usina cuja corrente se desloca de uma direção para outra, por efeito da nova tomada de força. Beber, beber!... e a sede de aguardente se lhe articulou na ideia, ganhando forma. A mucosa pituitária se lhe aguçou, como que mais fortemente impregnada do cheiro acre que vagueava no ar. O assistente malicioso coçou-lhe brandamente os gorgomilos. O pai de Marina sentiu-se apouquentado. Indefinível

secura constringia-lhe o laringe. Ansiava tranquilizar-se. O amigo sagaz percebeu-lhe a adesão tácita e colou-se a ele. De começo, a carícia leve; depois da carícia agasalhada, o abraço envolvente; e depois do abraço de profundidade, a associação recíproca. Integraram-se ambos em exótico sucesso de enxertia fluídica. Em várias ocasiões, estudara a passagem do Espírito exonerado do envoltório carnal pela matéria espessa. Eu mesmo, quando me afazia, de novo, ao clima da Espiritualidade, após a desencarnação última, analisava impressões ao transpor, maquinamente, obstáculos e barreiras terrestres, recolhendo, nos exercícios feitos, a sensação de quem rompe nuvens de gases condensados. Ali, no entanto, produzia-se algo semelhante ao encaixe perfeito. Cláudio-homem absorvia o desencarnado, à guisa de sapato que se ajusta ao pé. Fundiram-se os dois, como se morassem eventualmente num só corpo. Altura idêntica. Volume igual. Movimentos sincrônicos. Identificação positiva. Levantaram-se a um tempo e giraram integralmente incorporados um ao outro, na área estreita, arrebatando o delgado frasco. Não conseguiria especificar, de minha parte, a quem atribuir o impulso inicial de semelhante gesto, se a Cláudio que admitia a instigação ou se ao obsessivo que a propunha. A talagada rolou através da garganta, que se exprimia por dualidade singular. Ambos os dipsômanos estalaram a língua de prazer, em ação simultânea. Desmanchou-se a parelha e Cláudio, desembaraçado, se dispunha a sentar, quando o outro colega, que se mantinha a distância, investiu sobre ele e protestou: “eu também, eu também quero!” Reavivou-se-lhe no ânimo a sugestão que esmorecia... Absolutamente passivo diante da incitação que o assaltava, reconstituiu, mecanicamente, a impressão de insaciedade. Bastou isso e o vampiro, sorridente, apossou-se dele, repetindo-se o fenômeno da conjugação completa. Encarnado e desencarnado a se justaporem. Duas peças conscientes, reunidas em sistema irrepreensível de compensação mútua. Abeirei-me de Cláudio para avaliar, com imparcialidade, até onde sofreria ele, mentalmente, aquele processo de fusão. Para logo convenci-me de que continuava livre, no íntimo. Não experimentava qualquer espécie de tortura, a fim de render-se. Hospedava o outro, simplesmente, aceitava-lhe a direção, entregava-se por deliberação própria. Nenhuma simbiose em que se destacasse por vítima. Associação implícita, mistura natural. Efetuava-se a ocorrência na base da percussão. Apelo e resposta. Cordas afinadas no mesmo tom. O desencarnado alvitrava, o encarnado aplaudia. Num deles, o pedido; no outro, a concessão. Condescendendo em ilaquear os próprios sentidos, Cláudio acreditou-se insatisfeito e retrocedeu, sorvendo mais um gole. Não me furtei à conta curiosa. Dois goles para três.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 6)

“Examinando a obsessão. [...] Da mesma forma que as enfermidades orgânicas se manifestam onde há carência, o campo obsessivo se desloca da mente para o departamento somático onde as imperfeições morais do pretérito deixaram marcas profundas no perispírito. Tabagismo — O fumo, pelos danos que ocasiona ao organismo é, por isso mesmo, perigo para o corpo e para a mente. Hábito vicioso, facilita a interferência de mentes desencarnadas também viciadas, que se ligam em intercâmbio obsessivo simples a caminho de dolorosas desarmonias... Alcoolofilia — Embora necessário para o organismo sujeito a climas frios, o álcool em dosagens mínimas acelera a digestão, facilitando a diurese. No entanto, pelas consequências sócio morais que acarreta, quando se perverte em viciação criminosa, simples em começo e depois aberrante, é veículo de obsessores cruéis, ensejando, a alcoólatras desencarnados, vampirismo impiedoso, com consequentes lesões do aparelho fisiopsíquico. Sexualidade — Sendo porta de santificação para a vida, altar de preservação da espécie, é, também, veículo de alucinantes manifestações de mentes atormentadas, em estado de angústia pertinaz. Através dele, sintonizam consciências desencarnadas em indescritível aflição, mergulhando, em hospedagem violenta nas mentes encarnadas, para se demorarem em absorções destruidoras do plasma nervoso, gerando obsessões degradantes... Estupeficientes — Á frente da ação deprimente de certas drogas que atuam nos centros nervosos desbordam-se os registros da subconsciência, e impressões do pretérito ressurgem misturadas às frustrações do presente, já em depósito, realizando conúbio desequilibrante, através do qual desencarnados em desespero emocional se locupletam, ligando-se aos atormentados da Terra, conjugando à sua a loucura deles, em possessão selvagem... Alienação mental — Sendo todo alienado, conforme o próprio verbete denuncia, um ausente, a alienação mental começa, muitas vezes, quando o espírito retoma o corpo pela reencarnação em forma de limitação punitiva ou de corrigenda, ligado a credores dantanho, em marcha inexorável para o aniquilamento da razão, quando não se afirma nas linhas do equilíbrio moral... Glotoneria, maledicência, ira, ciúme, inveja, soberba, avareza, medo, egoísmo, são estradas de acesso para mentes desatreladas do carro somático em tormentosa e vigilante busca na Erraticidade, sedentas de comensais, com os quais, em conexão segura, continuam o enganoso banquete do prazer fugido... Por essa razão, a Doutrina Espírita, em convocando o homem ao amor e ao estudo, prescreve como norma de conduta o Evangelho vivo e atuante — nobre Tratado de Higiene Mental — através de cujas lições haure o espírito vitalidade e renovação, firmeza e dignidade, ensinando a oração que ensaja comunhão com Deus, prescrevendo jejum ao crime e continência em relação

ao erro, num *vade mecum* salvador para uma existência sadia na Terra, com as vistas voltadas para uma vida espiritual perfeita.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“[...] Como acontecera nos anos anteriores, aquela segunda-feira de Carnaval convidava ao desaguar de todas as loucuras no delta das paixões da avenida em festa. Milhares de pessoas imprevidentes, estimuladas pela música frenética, pretendendo extravasar as ansiedades represadas, cediam ao império dos desejos, nas torrentes da lubricidade que as enlouquecia. A delinquência abraçava o vício, urdindo as agressões, em cujas malhas se enredavam as vítimas espontâneas, que se deixavam espoliar. As mentes, em torpe comércio de interesses subalternos, haviam produzido uma psicofera pestilenta, na qual se nutriam vibriões psíquicos, formas-pensamento de mistura com Entidades perversas, viciadas e dependentes, em espetáculo pandemônico, deprimente. As duas populações - a física e a espiritual, em perfeita sintonia - misturavam-se, sustentando-se, disputando mais largas concessões em simbiose psíquica... Não obstante, como sempre ocorre em situações dessa natureza, equipes operosas de trabalhadores espirituais em serviços de emergência, revezavam-se, infatigáveis, procurando diminuir o índice de desvarios, de suicídios a breve e a longo prazo pelas conexões que então se estabeleciam, para defender os incautos menos maliciosos, enfim, socorrer a grande mole em desequilíbrio ou pronta para sofrer-lhe o impacto. Desde as vésperas haviam sido instalados diversos postos de socorro, no nosso plano de ação, para serem recolhidos desencarnados que se acumulavam na patuscada irresponsável ou aqueles que vieram para auxiliar os seus afetos desatentos ao bem e à vigilância, ao mesmo tempo minimizando a soma de infortúnios que poderiam advir. O abnegado Bezerra de Menezes, à frente de expressiva equipe de médicos e enfermeiros, de técnicos em socorros especiais, tomava providências, distribuía informações e cuidava, pessoalmente, dos casos mais graves, nos quais aplicava os recursos da sua sabedoria. As horas avançavam num recrudescer de atividades, fazendo recordar um campo de guerra, em que os litigantes mais se compraziam em ferir, malsinar, destruir... Frente de batalha, sem dúvida, em que se convertia a cidade, naqueles dias, cujo ônus lhe pesava, cada ano, em forma de maior incidência na agressividade, na violência, nos desajustes socioeconômicos lamentáveis...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 1)

“Não obstante conhecêssemos as penosas vibrações de desconcerto psíquico em faixas de alto teor pestífero, as condensações que pairavam no ar, pela densidade pastosa, escura, causavam-nos mal-estar. A aspiração do *nevoeiro* pelos homens, sem dúvida produzia compreensíveis transtornos emocionais, a prazo

mais dilatado com efeitos orgânicos. A população invisível ao olhar humano era acentuadamente maior no tresvariar das fortes sensações, de que se não havia libertado com a morte. Disputava-se, como chacais, a vampirização das vítimas inermes telecomandadas, estimulava a sensibilidade e as libações alcoólicas de que participava, ingeriam drogas, de que os seus comparsas físicos, verdadeiros intermediários submissos, se auspiavam. Dificilmente se poderia distinguir se os homens eram cópia rude das faces aberrantes dos desencarnados ou se esses os imitavam, tal a sintonia e o perfeito intercâmbio sustentado. Enquanto eu reflexionava sobre a turbamulta, que se entredevorava, enceguedida, o nobre Amigo advertiu-me: - Miranda, onde a criatura coloque suas aspirações, aí encontra intercâmbio. O homem é o somatório dos seus anelos e realizações. Enquanto não elabore mais altas necessidades íntimas, demorar-se-á nas permutas grosseiras da faixa dos instintos primários. Em razão disso, a Humanidade padece de carências urgentes nas áreas rudimentares da vida... Deixando-se martirizar pelos desejos inconfessáveis, ainda não se resolveu por uma conduta, realmente emocional, que lhe permita o trabalho íntimo de desembaraçar-se das sensações que respondem pelos interesses grosseiros, geradores das lutas pela posse com a predominância do egoísmo. Como desejasse examinar a questão, sem enveredar pelo campo da crítica inoperante, acrescentou: - A fixação das paisagens sombrias desacostuma a percepção estética para as visões harmônicas da Natureza. Da mesma forma, experimentando o homem as impressões do prazer selvagem, desinteressa-se da aquisição dos valores estéticos e liberativos da alma. A transposição de planos e aspirações, enquanto se está na área da sofreguidão e do exagero carnal, somente ocorre a pesado tributo de dor e a fortes aguilhoadas da aflição. “Toda ascensão exige a colaboração do sacrifício, ao lado das renúncias. A visão dos amplos horizontes coloridos somente é lograda após a vitória sobre as baixadas sombrias e as veredas tortuosas. “O fatalismo da vida é para o bem e a destinação é para a felicidade. Consegui-los ao impulso do amor ou conquistá-los a penas de sofrimentos são as escolhas únicas que se terão para fazer. “Até agora a conquista do belo e a liberação dos vícios têm sido desafios para os Espíritos fortes, que marcham à frente, despertando os da retaguarda, anestesiados na ilusão e agrilhoados aos prazeres aliantes, venenosos. “Não nos cabe, todavia, duvidar da vitória do amor e do êxito que todos conseguirão hoje ou mais tarde. Auxiliá-los a desvencilhar-se das fortes amarras que os infelicitam e convidá-los à experiência da renovação constituem os nossos deveres de agora. Em consequência, o nosso céu tem seus limites nas aberturas dos sofrendores à vida, ensinando-nos ampliá-lo ao infinito, no qual eles também

desfrutem de esperança e paz.” [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 2)

“O trânsito de Entidades vinculadas aos serviços da Instituição era expressivo. Operários do socorro fraterno movimentavam-se, ágeis, atendendo os adversários de alguns dos presentes, e, enquanto se executavam rituais específicos, havia alterações de atitudes e promessas de renovação dos mesmos, sob protestos de honesto esforço pessoal. Muitos dos Espíritos para ali conduzidos eram membros de esdrúxulos cultos, que conservavam além do corpo, em regiões circunvizinhas à Terra, onde terríveis obsessores treinavam-nos para os lóbregos processos de vingança. O vampirismo desenfreado constituía recurso de sustentação dos filiados à grei hedionda, na qual, mediante fenômenos de ideoplastia, de telementalização e hipnose, se consumavam programas da mais vil qualidade, enredando desencarnados entre si e criaturas domiciliadas no corpo, que mantinham comércio mental com essas cruéis extravagâncias. Oportunamente, visitáramos alguns desses Núcleos onde a hediondez superava tudo que a imaginação em desequilíbrio pudesse conceber... Ali estagiavam, à noite, sob coação, diversos indivíduos encarnados, que as drogas alucinavam — a elas conduzidos por sutilezas de inspiração perniciosa produzida por comparsas do Além — e que, no contubérnio existente, encontravam estímulo para a divulgação, na Terra, dos estereótipos dos desconcertos morais e emocionais, que as suas expressões artísticas canalizavam. Posturas exóticas, música estridente e primitiva, gestos selvagens e caracterizações aberrantes, em acoadamento às manifestações do sexo ultrajado, naqueles redutos se originavam, recambiados para os palcos do mundo, em bem urdida propaganda para alcançar as mentes juvenis desarmadas dos recursos defensivos, a estimular-lhes os instintos, anulando-lhes os mecanismos da razão... Ases da informática moderna, que lideram larga faixa de desavisados, pelos veículos da comunicação de massa, solicitando mais ampla, sempre infinita liberdade para o vulgar, o agressivo, o servil, eram, por sua vez, vítimas desses severos títeres do Mundo Espiritual inferior, que se locupletavam na rapina de energia daqueles que se lhes vinculavam, espontaneamente. Campeões do cinismo, sempre vanguardeiros da corrupção e da insensibilidade para com os valores éticos da vida, técnicos na ironia e no menosprezo às conquistas da moral e da justiça, eram frequentadores habituais, por sintonia psíquica, daqueles grupos, onde renovavam experiências sórdidas, retomando, depois, ao corpo, sempre ansiosos e insatisfeitos pelo vivido, padecendo irrefreável avidez pelo novo gozar.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 5)

“[...] “À medida que o homem suplanta a dependência dos vícios e se eleva, emocionalmente, acima do estômago e do sexo, terá conseguido o valioso recurso

terapêutico preventivo em relação a essa parasitose infeliz, que o mantém em círculos viciosos, nas faixas mais primárias das reencarnações reeducativas. “O Espírito não foi criado por Deus para sofrer. O sofrimento é sua opção pessoal, em face da vigência do amor que felicita, em todo lugar, aguardando por ele. Todavia, como decorrência da sensualidade a que se escraviza, retarda a felicidade que lhe está destinada. Damos aqui, à palavra sensualidade, uma abrangência maior: paixão pelo comer, vestir, gozar, viver nos limites dos interesses pessoais, mantendo os sentimentos adstritos aos impositivos orgânicos, dos quais não prescinde, sem espaço mental ou emocional para a renúncia, a abnegação, a fraternidade... Enquanto vigerem aqueles arcabouços primários na personalidade, o intercâmbio com outros semelhantes é inevitável. “O mesmo ocorre, sem dúvida, entre os indivíduos que vivem as emoções da sua natureza espiritual, cuja sintonia é natural com as Fontes da Vida, de onde procede a inspiração do bem, do bom e do belo, atraindo-os para as conquistas gloriosas do amor. “Assim, é sempre conveniente recordar que a obsessão é uma ponte de duas vias: o Espírito que a transita e segue na direção do homem, somente logra passagem porque este lhe vem em busca, em face das mesmas necessidades, compromissos e grau de evolução. A ocorrência, portanto, da enfermidade obsessiva somente se dá porque ambos os litigantes são afins, sendo a aparente vítima o endividado, e o cobrador, que deveria perdoar, o infeliz real, carente de socorro e misericórdia. De socorro, para que adquira a paz; de misericórdia, a fim de que se desembarace do sofrimento que se alonga desde a hora em que foi ludibriado, traído ou abandonado, e que, mantendo-se na injusta exigência de reparação, passa para a posição mais desditosa, que é a de algoz.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 19)

“De retorno à clínica psiquiátrica. [...] Foi o Dr. Julianio quem considerou com lucidez: - “Como eu poderia imaginar, quando me encontrava na Terra, intoxicado pelos vapores das vaidades acadêmicas, a existência deste mundo grandioso de ações fora dos limites orgânicos! Todas as teses que me eram apresentadas, tudo quanto se havia investigado sobre os estudos dos transtornos psicológicos e das psicopatologias examinadas, embora resultassem de pesquisas contínuas e honestas, atinham-se apenas em relação ao corpo e somente a ele, que seria a fonte da vida... Ante, porém, os painéis preciosos que descobri desde o retorno à vida exultante e, particularmente, graças aos estudos empreendidos ao largo dos anos, culminando com as experiências vivas deste período, compreendo as ocorrências que me permaneciam em interrogações sem respostas ou preencho as lacunas que ficaram após a defesa dos argumentos frágeis, mas que se me afiguravam verdadeiros. No caso do alcoolismo, por

exemplo, os fatores predisponentes pareciam-me tão claros, como aqueles que desencadeiam a alcoolofilia e a alcoolomania, resultantes dos fenômenos socioculturais, socioeconômicos, sociológicos em geral, resultados também da educação doméstica doentia ou sem ela, das castrações, das proibições e dos transtornos causados pela miséria psicológica dos pacientes. A sífilis, a tuberculose, a hanseníase, as enfermidades venéreas, no meu conceito, eram responsáveis pelas fugas espetaculares para o álcool, como fatores endógenos preponderantes. Como prever, naqueles já remotos dias, a gênese obsessiva, a presença de Entidades enfermas, perversas e vingadoras, induzindo os pacientes à autodestruição?! Certamente, por isso, além de outros fatores psicológicos, mesológicos, da hereditariedade, as recidivas no alcoolismo são lamentáveis. Vemos, por exemplo, no Brasil, em termos estatísticos da atualidade, que existem aproximadamente 11 milhões de alcoólicos e dependentes de drogas químicas e 27,5 milhões de portadores de alienações mentais, esquizofrenia, depressão, ansiedade e fobias de várias denominações... Os gastos em atendimento às questões pertinentes à saúde mental são muito altos, com resultados, muitas vezes, decepcionantes, pela dificuldade de penetrar-se na gênese real dos distúrbios, que estão sempre no espírito infeliz, endividado. Analiso, com os dados atuais de que disponho, sobre quantos serão vítimas de induções obsessivas, em processos graves de resgates com as suas vítimas de anteriores existências e não posso ocultar a surpresa que me invade. Tenho certeza de que, no futuro, nos tratados de epidemiologia, as obsessões terão um destaque muito especial, sendo estudada com seriedade e interesse. O ser humano, nessa óptica, é a soma das suas experiências e realizações anteriores, sempre avançando sobre as conquistas realizadas.” Ouvindo-o com respeito, ao silenciar, Dr. Ignácio acrescentou: - “Temos vivenciado experiências obsessivas nas áreas psicológica e psiquiátrica, no entanto, em todos os movimentos da existência humana apresentam-se as interferências dos desencarnados sobre os encarnados, assim como destes sobre aqueles... Enfermidades orgânicas de complicada etiologia, têm nas suas raízes processos de incidência espiritual muito graves, em decorrência da ingestão de fluidos deletérios pelo paciente ou da sua ação sobre os delicados e complexos mecanismos das redes nervosa, sanguínea, digestiva, respiratória... O intercâmbio entre os semelhantes morais, de um como do outro plano da vida, proporciona efeitos equivalentes nas estruturas de que se revestem. Fixações afetivas, de amor e de ódio, de ciúme e de ressentimento produzem ondas mentais que se dirigem àqueles que se lhes fazem receptivos, gerando situações deploráveis, também no organismo físico em razão do seu perigoso conteúdo energético. Estabelecido o primeiro

contato, registrada a emissão de forças pela mente, e mais fortes se fazem as conexões, gerando distúrbios pertinentes à sua estrutura. Somos o que cultivamos e vivemos respirando o ar emocional e espiritual em que nos comprazemos. A conversação edificante prolongou-se, ensejando-me um aprendizado mais amplo a respeito dos relacionamentos espirituais vigentes no Universo, particularmente no amado planeta, nosso berço e nossa mãe generosa.” (MPM, *Transtornos psíquicos e obsessivos*, Capítulo 20)

II Desobsessão

II.1. Tratamento complexo e de longo curso

“**Obsessão.** A conselho de orientadores experimentados, o agrupamento a que Alexandre emprestava preciosa colaboração reunia-se, em noites previamente determinadas, para atender aos casos de obsessão. Era necessário reduzir, tanto quanto possível, a heterogeneidade vibratória do ambiente, o que compelia a direção da casa a limitar o número de encarnados nos serviços de benefício espiritual. Semelhante capítulo de nossas atividades impressionava-me fortemente, razão por que, depois de obter a permissão de Alexandre para acompanhá-lo ao trabalho, interroguei-o com a curiosidade de sempre: - Todo obsidiado é um médium, na acepção legítima do termo? O instrutor sorriu e considerou: - Médiuns, meu amigo, inclusive nós outros, os desencarnados, todos o somos, em vista de sermos intermediários do bem que procede de mais alto, quando nos elevamos, ou portadores do mal, colhido nas zonas inferiores, quando caímos em desequilíbrio. O obsidiado, porém, acima de médium de energias perturbadas, é quase sempre um enfermo, representando uma legião de doentes invisíveis ao olhar humano. Por isto mesmo, constitui, em todas as circunstâncias, um caso especial, exigindo muita atenção, prudência e carinho. Lembrando as conversações ouvidas entre os companheiros encarnados, cooperadores assíduos do esforço de Alexandre e outros instrutores, acrescentei: - Pelo que me diz, compreendo as dificuldades que envolvem os problemas alusivos à cura; entretanto, recordo-me do otimismo com que nossos amigos comentam a posição dos obsidiados que serão trazidos a tratamento... O generoso mentor fixou um sorriso paternal e observou: - Eles, por enquanto, não podem ver senão o ato presente do drama multissecular de cada um. Não ponderam que obsidiado e obsessor são duas almas a chegarem de muito longe, extremamente ligadas nas perturbações que lhes são peculiares. Nossos irmãos na carne procedem,

acertadamente, entregando-se ao trabalho com alegria, porque de todo esforço nobre resulta um bem que fica indestrutível na esfera espiritual; no entanto, deveriam ser comedidos nas promessas de melhoras imediatas, no campo físico e, de modo algum, deveriam formular julgamento prematuro em cada caso, porquanto é muito difícil identificar a verdadeira vítima com a visão circunscrita do corpo terrestre. Depois de pequena pausa, continuou: – Também observei o exagerado otimismo dos companheiros, vendo que alguns deles, mais levianos, chegavam a fazer promessas formais de cura às famílias dos enfermos. Claro que serão enormes os benefícios a serem colhidos pelos doentes; todavia, se devemos estimar o bom ânimo, cumpre-nos desaprovar o entusiasmo desequilibrado e sem rumo. – Já conhece todos os casos? – indaguei. – Todos – respondeu Alexandre, sem hesitar. – Dos cinco que constituirão o motivo da próxima reunião, apenas uma jovem revela possibilidades de melhoras mais ou menos rápidas. Os demais comparecerão simplesmente para socorro, evitando agravo nas provas necessárias.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“Examinando a obsessão. [...] Obsessores, obsidiados! A obsessão, sob qualquer modalidade que se apresente, é enfermidade de longo curso, exigindo terapia especializada de segura aplicação e de resultados que não se fazem sentir apressadamente. Os tratamentos da obsessão, por conseguinte, são complexos, impondo alta dose de renúncia e abnegação àqueles que se oferecem e se dedicam a tal mister. Uma força existe capaz de produzir resultados junto aos perseguidores encarnados ou desencarnados, conscientes ou inconscientes: a que se deriva da conduta moral. A princípio, o obsessor dela não se apercebe; no entanto, com o decorrer do tempo, os testemunhos de elevação moral que enseja, confirmando a nobreza da fé, que professa como servidor do Cristo, colimam por convencer o algoz da elevação de princípios de que se revestem os atos do seu doutrinador, terminando por deixar livre, muitas vezes, aquele a quem afligia. Além da exemplificação cristã, a oração consegue lenir as úlceras morais dos assistidos, conduzindo benesses de harmonia que apaziguam o desequilibrado, reacendendo nele a sede e a necessidade da paz. Nem sempre, porém, os resultados são imediatos. Para a maioria dos Espíritos, o tempo, conforme se conta na Terra, tem pouca significação. Demoram-se, obstinados, com tenacidade incomparável nos propósitos a que se entregam, anos a fio, sem que algo de positivo se consiga fazer, prosseguindo a tarefa insana, em muitos casos, até mesmo depois da morte... Isto porque do paciente depende a maioria dos resultados nos tratamentos da obsessão. Iniciado o programa de recuperação, deve este esforçar-se de imediato para a modificação radical do comportamento, exercitando-se na prática das

virtudes cristãs e, principalmente, moralizando-se. A moralização do enfermo deve ter caráter prioritário, considerando-se que, através de uma renovação íntima bem encetada, ele demonstra para o seu desafeto a eficiência das diretrizes que lhe oferecem como normativa de felicidade. Merece considerar, neste particular, que o desgaste orgânico e psíquico do médium enfermo, mesmo depois do afastamento do Espírito malévolos, ocasiona um refazimento mais demorado, sendo necessária, às vezes, compreensivelmente, assistência médica prolongada. Diante dos esforços que se conjugam entre o assistente e o assistido, os Espíritos Superiores interessados no progresso da Humanidade oferecem, também, valiosos recursos que constituem elementos salutareos e preciosos. Sem tal amparo, toda incursão que se intente no ministério da desobsessão será improfícua, senão perigosa, pelos resultados negativos que apresenta. Um espírito lidador, devidamente preparado para as experiências de socorro aos obsidiados, é dínamo potente que gera energia eletromagnética, que, aplicada mediante os passes, produz distonia e desajustes emocionais no hóspede indesejável, afastando-o de momento e facultando, assim, ao hospedeiro a libertação mental necessária para assepsiar-se moralmente, reeducando a vontade, meditando em oração, num verdadeiro programa evangélico bem disciplinado que, segura e lentamente, edifica uma cidadela moral de defesa em volta dele mesmo. Por isso o Mestre, diante de determinados perseguidores desencarnados, afirmou: “contra esta casta de Espíritos só a oração e o jejum”, e, após atender às aflições de cada atormentado que O buscava, prescrevia, invariável e incisivo: “Não voltes a pecar para que algo pior não te aconteça”. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Desobsessão e responsabilidade. [...] «Em todo processo de desobsessão não podemos desconsiderar o concurso do tempo, que nos exige alta dosagem de paciência e perseverança. Aqueles que se propõem a ajudar, compreendem a necessidade de criar condições para o desiderato. Assim, portanto, assumem consciente ou inconscientemente significativa responsabilidade espiritual com aqueles que se perturbam reciprocamente nos compromissos infelizes a que se jugulam. Logo surjam os primeiros resultados favoráveis da saúde, não podem nem devem os lidadores do socorro deixar à mercê da insegurança e da distonia psíquica em reequilíbrio os que antes estavam esmagados pelas forças dissolventes da perturbação. Despertando para a compreensão dos deveres novos e amplos, impõe-se-nos ajudá-los com carinho de pais ou mestres, ministrando-lhes demoradas lições de fé e instrução contínua, para a manutenção dos requisitos básicos da saúde interior, a fim de que lhes não ocorra uma reincidência mais danosa e mais grave, portanto,

do que a anterior. Algumas das entidades afastadas dos seus comensais nem sempre se esclarecem de imediato, ou se conformam com a situação nova. Continuam acompanhando suas antigas vítimas e aguardando oportunidade... Por outro lado, diversos desencarnados responsáveis por obsessões soezes prosseguem requerendo carinhosa assistência, até que se lhes firmem os propósitos superiores e sintonizem com o auxílio dos seus Mentores. Qualquer tarefa de desobsessão, portanto, representa nobre e elevada responsabilidade para todos os que nela se envolvem, requerendo conhecimento doutrinário seguro e vivência cristalina evangélica.» Compreendíamos, e confirmávamos que, sem dúvida, o Espiritismo é lição imortalista e que as nossas responsabilidades são, verdadeiramente, muito grandes. Longe, porém, nos encontrávamos de perceber as implicações transcendentais do ensino espírita no dia-a-dia da nossa jornada à frente dos irmãos desencarnados. Acompanhávamos, pois, as elucidações do Mentor, com vivo interesse e, porque não dizer, com algum assombro. Muito lógicos, os conceitos penetravam-nos fundo na alma. Depois de breve intervalo, o irmão Glaucus continuou: — Participando das reuniões caridosas de intercâmbio com os sofrendores desencarnados, o nosso amigo aprende a aquilatar o valor do amor, nas operações de toda ordem. Percebe a «*não-violência*» poderosa do amor, o resultado dos fluídos magnéticos manipulados pelos sentimentos dos que os orientam e, acima de tudo, a magia sublime da presença do Cristo Inconsumpto, pelos laços do intercâmbio através da oração. Tem constatado nos serviços entre as duas Esferas da Vida o resultado da excelência da fraternidade e a eficiência dos métodos da caridade cristã. De apurado senso de observação e profunda acuidade mental, compreende que nos utilizamos das mesmas técnicas, algumas das quais lhe são familiares, usando as mesmas expressões de energia, aplicadas, porém, com finalidades amplas e diferentes das suas, abastecendo-nos nas Fontes Inexauríveis do Amor Divino. Diante dessas descobertas novas realizadas pelo seu espírito, ávido agora de paz íntima, modifica-se-lhe o panorama mental e altera-se-lhe a visão da realidade. Já experimenta a sede da libertação, embora reconheça a necessidade do tributo pesado do ressarcimento que os seus atos ora lhe impõem, com a urgência de que carece para sair do labirinto das paixões em que tem estado, em cujos sítios aspirava os miasmas do ódio, da alucinação, do desespero inominável. «A consciência da verdade oferece ao ser consciência lúcida. O erro já lhe não empana o raciocínio e o Espírito não mais se conforma com engodos nem aceita ilusões. Impõe-se a si mesmo o imposto do resgate como impositivo do próprio êxito. Sente que não merece felicidade desonesta e estatuída à base da astúcia, o que representaria impedimento à

paz.» Refletindo mais demoradamente, exteriorizando pela face do médium a nobreza de linhas da sua face e a harmonia do seu espírito em sublimação, o Sábio Instrutor concluiu: — Quando abrimos pequeno orifício num obstáculo que nos impede a visão, desdobra-se exuberante, além do impedimento, o campo largo dos acontecimentos. Penetrando-o com observação cuidadosa, descortinamos um quase horizonte sem fim, mais além... Assim são os nossos atos: produzem orifícios nas paredes das dificuldades. Uma ação negativa, dirigida contra alguém, talvez não lhe produza danos imediatamente; aquele, no entanto, que foi nossa vítima, pode tomar o petardo e atirá-lo mais adiante, ferindo, desequilibrado, quantos se lhe encontrem ao alcance. Era já um enfermo, sim, esperando alguém que lhe desse o impulso para a prática de desmandos inesperados. Ai, de nós, porém! É semelhante à lição do escândalo: «Ai de quem o pratique»; conquanto necessário, não nos devemos tornar instrumento dele, conforme asseverou Jesus. Também assim atuam o gesto nobre, o pensamento elevado, a palavra edificante. Socorrendo este alguém que está à mercê da ignorância, ou sob a constrição do desespero, ou às portas da loucura, quanto produza ele de futuro em paz e alegria, cheio de esperança e ânimo, deve-o ao Senhor da Vida, certamente, e, também, àquele alguém que lhe ofertou o socorro recebido. Estará viajando o impulso da nossa doação através deste ou daquele. Uma agressão de qualquer natureza faz-se anteciper da vibração selvagem do ódio, da ira, da perversão que envolve o que lhe cai nas malhas, predispondo-o à reação compatível ao atentado que venha a experimentar. O plano do socorro e da caridade também exterioriza energia envolvente que permeia o ser a quem objetiva, e quando o ato o alcança eis que ele já está investido da reserva favorável ao registro e aceitação da oferta de amor. Mudando de acento, o Amigo Espiritual reportou-se à família Soares, elucidando que os processos de desobsessão aos diversos membros do clã nos exigiriam ainda por algum tempo larga faixa de labor, de forma a doarmos um auxílio mais eficiente. — Ante a aflição de alguém — fez-se explícito —, costumamos interrogar à cata de esclarecimentos. Parecem-nos injustos os sofrimentos de pessoas que se enobrecem pelo trabalho e que alçam voo às regiões do amor; apresentam-se-nos como indêbitos ou severamente fortes os tributos de dor a que muitos são convocados, quando estão em renovação, na esfera de trabalhos edificantes; Espíritos em santificação surgem-nos carregados de contínuas provas e elas nos parecem demasiadas... Todos esses Espíritos, porém, rogaram a oportunidade do resgate no passado, quando se acreditavam capazes. Nem sempre, todavia, quando o solicitaram possuíam as necessárias resistências para produzi-los. Vindo as aflições somente agora,

quando amam e servem, produzem e ajudam, dispõem do largo patrimônio do amor e da resignação, do conhecimento e da esperança para diminuir-lhes o peso do fardo... A prova chega quando o aluno realizou o curso, obviamente, como consequência natural para a verificação da aprendizagem na seleção dos mais aptos e valorosos. Noutros casos, porém, a enfermidade e a dor são medidas preventivas impeditivas de danos maiores na economia do progresso. O próprio amor, após examinar os recursos e possibilidades de determinados pacientes da alma, aprofundando neles a observação demorada e comprovando-lhes o pouco aproveitamento das lições da reencarnação com os agravantes dos planos maléficos que acalentam, impossibilita-os de caírem em danos mais graves, comprometimentos mais ásperos para eles mesmos, resolvendo que, por enquanto, para a melhora das suas aquisições, só a doença, o agravamento do seu estado, ensejando, desse modo, enquanto presos ao leito, tempo de meditar e transformar ideias, de buscar o pensamento divino e renovar-se... Diante, pois, dos sofrendores deste ou daquele jaez, não nos apressemos em revelações aventureiras quanto às suas causas, para não correremos o perigo de errar. Em toda e qualquer situação valorizemos a bênção do resgate, a lição viva para aprendizagem valiosa, e submetamo-nos, tranquilos, aos impositivos da Lei. Pacientes há, rebeldes de tal monta, que o melhor medicamento para a saúde deles é a continuação do sofrimento em que se encontram... «Cientificados e esclarecidos, seguros de que tudo obedece a Planificação Superior, sejamos o irmão da caridade, do amor, da compaixão, e envolvamos os sofrendores que nos buscam nos tecidos da nossa prece e dos nossos sentimentos bons, ajudando e passando. A Lei a todos nos alcançará... Predisponhamo-nos pelo bem para o momento do nosso exame, na abençoada escola do progresso.» Despedindo-se, o Amável Benfeitor deixou-nos em esfera de paz e raciocínios preciosos, que nos capacitariam a entender com segurança e em profundidade os acontecimentos futuros, bem como a logicar com valor em torno de ocorrências passadas, tranquilizando-nos com as revelações sobre a Divina Justiça e o Sublime Amor.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 12)

“Cada processo obsessivo, face aos fatores que o motivam, tem características especiais, embora genericamente sejam semelhantes. Há que se levar em conta as resistências morais do paciente, os hábitos salutaros ou desregrados a que se submeteu, os títulos de enobrecimento ou vulgaridade que coletou, facultando-lhe recursos atenuantes ou agravantes à condição aflitiva. Normalmente, além dos implicados na demanda, Entidades ociosas ou perversas agrupam-se em volta do encarnado em desajuste, complicando-lhe a alienação. Quando se trata de Espíritos sequiosos de vingança e

possuidores de largos recursos de concentração mental maléfica, fazem-se temidos até mesmo pelos que se lhes assemelham, batendo-os em retirada. Na generalidade, porém, o obsesso experimenta a constrição do seu perseguidor e a perturbação dos que lhe são afins ao problema por sintonia vibratória compreensível. Iniciada a terapêutica desobsessiva de Ester, com o afastamento do seu alçófor para a competente doutrinação, além dos efeitos diretos e colaterais da trama insidiosa, por ajustamentos cármicos, não podia a mesma apresentar-se de inopino restabelecida. Comensais da desordem e viciados desencarnados, que seriam atendidos em momento próprio, prosseguiram assediando-a... Além disso, a engrenagem mental demoradamente prejudicada pela interferência dos fluídos persistentes, deletérios, exigia tempo e tratamento especial para a reorganização. De qualquer forma, a poderosa carga de ódio que a molestava, constritora, diminuía de intensidade, graças à impossibilidade de mais direta influência do inimigo desalmado. Não se interromperam, porém, “in totum”, os vínculos que os estreitavam no programa regenerador.” (MPM, *Grihões partidos*, Capítulo 17)

“Terapia desobsessiva. [...] A tarefa, que se alongou por quase dez dias, contava com a cooperação de mais de uma vintena de esforçados e beneméritos seareiros do nosso lado, bem como da eficiente contribuição dos familiares, que, cientificados do que ocorria, redobram a vigilância, mantendo-se, quanto possível, em realizações elevadas pela oração, pelo pensamento e pelos atos cristãos. Em noites sucessivas, durante o parcial desdobramento pelo sono, os companheiros do corpo físico, lidadores da tarefa mediúnica em Jesus, foram conduzidos ao prosseguimento do socorro, no qual participava o Sr. Rafael, igualmente atendido por mecanismo equivalente, com objetivos de uma plena conscientização das suas responsabilidades e assistido diretamente por D. Adelaide, que desempenhava junto a ele tarefa importante. A aquisição de um problema é muito simples, sua solução sempre exige complexo mecanismo, mesmo quando resulta de fácil aparência. Não é por outra razão que as advertências evangélicas “livra-nos do mal”, “resistir à tentação” merecem-nos regime de urgente reflexão... Ninguém se pode considerar vitorioso, enquanto não conclua a tarefa encetada. Numa jornada com centenas de quilômetros superados, há sempre o perigo de não se conseguir vencer os últimos metros que separam do objetivo, seja por um óbice impeditivo, seja por um abismo sem ponte... Assim, nos processos obsessivos não se pode improvisar, esperar o milagre, iludir-se. Quando ocorre a melhora do enfermo, na esfera física, um imenso labor foi executado no plano espiritual. Lentamente, o perispírito de Lisandra, com os seus centros de ação reestimulados, passou a exigir do espírito maior soma

de atividades no domicílio carnal. A luta, porém, não estava concluída. Os impositivos cármicos exigiam-lhe novas renúncias e martírios com que se libertaria, caso aproveitasse as lições, dos gravames passados... A organização mental necessitava de assistência especializada, que poderia ser realizada por nós outros, no entanto, mediante o afastamento do lar, com o consequente internamento hospitalar, seriam acionados dispositivos para reajuste e reencontro espiritual estabelecidos na sua programação lenificadora. O irmão Natércio utilizaria, doravante, a persuasão de Epifânia, seus fluidos carregados de emanções físicas para a revitalização de Lisandra. Nenhum milagre mesmo na realização edificante dos Benfeitores Elevados, como era o caso do próprio Natércio. As leis do equilíbrio e da ordem presidem a todas as manifestações do Universo, em nome do Excelso Pai. Gilberto, igualmente envolvido na trama dos destinos que tinha curso no lar, passou a receber assistência espiritual mais direta, em razão das responsabilidades que lhe caberiam no futuro, bem como em consequência do esforço honesto que empreendera para acertar, desde que o Espiritismo lhe alcançara as províncias da alma. A suave e doce presença de Tamiris acalmava-o, e a espiritualidade de que ela era dotada emulava-o a insistir no bem e a encarar o pai e a irmã à luz clarificadora da reencarnação, sob a dúcida mensagem do Evangelho libertador, auxiliando-o na vitória sobre si mesmo.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“Processo desobsessivo. Antes de demandarmos às atividades habituais, e porque fosse visível o júbilo da Irmã Angélica em relação ao formoso cometimento da noite com a consequente conquista, para as hostes do bem, do jovem Maurício, acerquei-me e, sem mais delongas, com caráter congratulatório, referi-me: — Graças ao Senhor foi logrado um resultado feliz em relação às dificuldades e empecos obsessivos que envolviam a atual jornada do nosso recém-converso. Naturalmente que, agora, serão mais fáceis as futuras conquistas e tudo há de transcorrer em clima de melhores possibilidades... A sábia Entidade ouviu-me com simpatia, contudo, em face da sua larga experiência em relação aos complexos problemas do comportamento humano, ademais em torno dos grilhões das obsessões, elucidou: — De fato, o passo que foi dado é muito significativo no processo liberativo do nosso amigo. No entanto, não desconhecemos que surgirão graves desafios e embates vigorosos, contínuos, deverão ser travados ainda, a fim de que, a pouco e pouco, ele se desenovele do cipoal em que se enrascou através dos tempos. “A obsessão é resultado de um demorado convívio psíquico entre os dois Espíritos afins, seja pelo amor que desatreia as paixões interiores ou através do ódio que galvaniza os litigantes, imanando-os um ao outro com vigor. “Quando são tomadas

as primeiras providências para a terapia desalienante surgem os efeitos mais imediatos, como decorrência dessa atitude: 1.º) a revolta do inimigo, que muda a técnica da agressão, reformulando a sua programática perseguidora, mais atacando a presa com o objetivo de desanimá-la; 2.º) enseja uma falsa concessão de liberdade, isto é, afrouxa o cerco, antes pertinaz, permanecendo, porém, em vigília, aguardando oportunidade para desferir um assalto fatal, no qual triunfem os seus planos infelizes. Na primeira hipótese, a vítima, não adestrada no conhecimento da desobsessão, porque se sente piorar, raciocina, erradamente, que a medicação lhe está sendo mais prejudicial do que a enfermidade e, inspirada pelo comparsa, planeja abandonar o procedimento novo, o que, às vezes, realiza, permitindo à astuta Entidade liberá-lo, momentaneamente, das sensações constritoras para o surpreender, mais tarde, quando as suas reservas de forças sejam menores e os recursos de equilíbrio se laçam pouco viáveis. No segundo caso, sentindo-se menos oprimido, o obsidiado se crê desobrigado dos novos compromissos e volve às atitudes vulgares de antes, tombando, posteriormente, na urdidura hábil do seu vigilante carcereiro espiritual. Jesus afirmou com razão, que “o Espírito imundo ao sair do homem, anda por lugares áridos, procurando repouso, e não o achando, diz: “Voltarei para minha casa donde saí; ao chegar, acha-a varrida e adornada. Depois vai e leva consigo mais sete Espíritos piores do que ele, ali entram e habitam. O último estado daquele homem fica sendo pior do que o primeiro.”* [* Lucas II, vs. 24 a 26 (nota da editora)]. “Sempre é conveniente recordar que todo obsidiado de hoje é algoz de ontem que passou sem a conveniente correção moral, ora tombando na maldade que ele próprio cultivou.” [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 20)

“Outra vez, a Diretora espiritual calou, enquanto, tentando absorver-lhe toda a informação, percebi as dificuldades que deveriam enfrentar aqueles irmãos enleados nos acontecimentos relatados, sucintamente, mas de larga, imensa complexidade... Os impedimentos, portanto, diante da recuperação dos problematizados, dos complexados, dos frustrados, dos obsidiados, dos enfermos graves, são decorrência do lastro de sombra sobre o qual ergueram as provações atuais, estabeleceram as suas construções morais... Adivinhando-me o campo de reflexões, a Benfeitora concluiu, otimista: — A nossa paciência, portanto, nos quadros obsessivos, em especial, e noutros, em geral, deve ser muito grande, compreendendo que não basta somente afastar os seus adversários, para que os obsidiados se recuperem. A transformação íntima, que é mais importante, porque procede do âmago do indivíduo, deve ser trabalhada, insistentemente tentada, a fim de que se desfçam os fatores propiciatórios, os motivos que levam às dores, liberando, cada um, a consciência, de

modo a não tombar nas auto-obsessões, mais graves e de curso mais demorado... Revestidos de otimismo e bondade, envolvamos os irmãos doentes de um como do outro lado da vida, em nossas contínuas ondas de amor, auxiliando-os na eliminação do mal que neles predomina, estando sempre próximos para, aos seus primeiros sinais de renovação, sem reproche, nem exigências, auxiliá-los na edificação do bem em si mesmos. Com esse apoio que lhes dermos, a receptividade que nos propiciem, teremos o campo para que Jesus faça o restante.” Sorriu gentil, encerrando as elucidações, enquanto ficamos a meditar em torno dos demais companheiros referidos, clara ou veladamente, no mesmo eito de redenção, junto aos nossos Argos e Áurea, que buscavam nas experiências do sofrimento o seguro caminho da paz.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 31)

“Nos comportamentos obsessivos, as técnicas de atendimento ao paciente, além de exigirem o conhecimento da enfermidade espiritual, impõem ao atendente outros valores preciosos que noutras áreas da saúde mental não são vitais, embora a importância de que se revestem. São eles: a conduta moral superior do terapeuta — o doutrinador encarregado da desobsessão —, bem como do paciente, quando este não se encontre inconsciente do problema; a habilidade afetuosa de que se deve revestir, jamais esquecendo do agente desencadeador do distúrbio, que é, igualmente, enfermo, vítima desditosa, que procura tomar a justiça nas mãos; o contributo das suas forças mentais, dirigidas a ambos litigantes da pugna infeliz; a aplicação correta das energias e vibrações defluentes da oração ungida de fé e amor; o preparo emocional para entender e amar tanto o hóspede estranho e invisível, quanto o hospedeiro impertinente e desgastante no vaivém das recidivas e desmandos... A cura das obsessões, conforme ocorre no caso da loucura, é de difícil curso e nem sempre rápida, estando a depender de múltiplos fatores, especialmente, da renovação, para melhor, do paciente, que deve envidar esforços máximos para granjear a simpatia daquele que o persegue, adquirindo mérito através da ação pelo bem desinteressado em favor do próximo, o que, em última análise, torna-se em benefício pessoal. Vulgarizando-se a loucura como a obsessão, cada vez mais, e ora em caráter epidemiológico, faz-se necessário, mais generalizado e urgente, um maior conhecimento

da terapia desobsessiva, desde que a psiquiátrica se encontra nas hábeis mãos dos profissionais sinceramente interessados em estancá-la.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Loucura e obsessão)

II.2. Fundamentos da terapia desobsessiva: doutrinação, evangelização, estudo da doutrina, tratamento fluídico do obsidiado e do obsessor^{5,6}

“DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL. [...] 475. Pode alguém por si mesmo afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles? “Sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.” **476.** Mas, não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa? “Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.” **477.** As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos? “Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério.” **478.** Pessoas há, animadas de boas intenções e que, nada obstante, não deixam de ser obsidiadas. Qual, então, o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores? “Cansar-lhes a paciência, nenhum valor lhes dar às sugestões, mostrar-lhes que perdem o tempo. Em vendo que nada conseguem, afastam-se.” **479.** A prece é meio eficiente para a cura da obsessão? “A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, crede que não basta que alguém murmure algumas palavras, para

5 Vide Capítulos IV (“Doutrinação de entidades obsessoras”) e V (“Reuniões espíritas de desobsessão”), Sexta Parte (“Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

6 Vide a obra de André Luiz intitulada *Desobsessão* (passos a serem seguidos pelos colaboradores das sociedades espíritas), que “objetiva prestar valioso auxílio àqueles que se propõem a tratar, com a devida seriedade, em reuniões específicas da Casa Espírita, o grave problema da obsessão, que, como as mais diferentes e temíveis doenças do corpo físico, se constitui em flagelo da humanidade”.

que obtenha o que deseja. Deus assiste os que obram, não os que se limitam a pedir. É, pois, indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos.” **480.** Que se deve pensar da expulsão dos demônios, mencionada no Evangelho? “Depende da interpretação que se lhe dê. Se chamais demônio ao mau Espírito que subjogue um indivíduo, desde que se lhe destrua a influência, ele terá sido verdadeiramente expulso. Se ao demônio atribuídes a causa de uma enfermidade, quando a houverdes curado direis com acerto que expulsastes o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa, conforme o sentido que empresteis às palavras. As maiores verdades estão sujeitas a parecer absurdos, uma vez que se atenda apenas à forma, ou que se considere como realidade a alegoria. Compreendi bem isto e não o esqueçais nunca, pois que se presta a uma aplicação geral.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IX)

“**DA OBSESSÃO.** [...] **249.** Os meios de se combater a obsessão variam, de acordo com o caráter que ela reveste. Não existe realmente perigo para o médium que se ache bem convencido de que está a haver-se com um Espírito mentiroso, como sucede na obsessão simples; esta não passa então, para ele, de fato desagradável. Mas, precisamente porque lhe é desagradável constitui uma razão de mais para que o Espírito se encarnice em vexá-lo. Duas coisas essenciais se têm que fazer nesse caso: provar ao Espírito que não está iludido por ele e que lhe é *impossível* enganar; depois, cansar-lhe a paciência, mostrando-se mais paciente que ele. Desde que se convença de que está a perder o tempo, retirar-se-á, como fazem os importunos a quem não se dá ouvidos. Isto, porém, nem sempre basta e pode levar muito tempo, porquanto Espíritos há tenazes, para os quais meses e anos nada são. Além disso, portanto, deve o médium dirigir um apelo fervoroso ao seu anjo bom, assim como aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o assistam. Quanto ao Espírito obsessivo, por mau que seja, deve tratá-lo com severidade, mas com benevolência e vencê-lo pelos bons processos, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por emendar-se. É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, mesmo desagradável, mas cujo mérito está na dificuldade que ofereça e que, se bem desempenhada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de ter-se reconduzido ao bom caminho uma alma perdida. Convém, igualmente, se interrompa toda comunicação escrita, desde que se reconheça que procede de um Espírito mau, que a nenhuma razão quer atender, a fim de se lhe não dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos, pode até convir que o médium deixe de

escrever por algum tempo, regulando-se então pelas circunstâncias. Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas confabulações, outro tanto já não se dá com o médium audiente, que o Espírito obsessivo persegue, às vezes, a todo instante com as suas proposições grosseiras e obscenas e que nem sequer dispõe do recurso de tapar os ouvidos. Aliás, cumpre se reconheça que algumas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessa espécie de Espíritos, que os animam e provocam com o rirem de suas tolices, em vez de lhes imporem silêncio e de os moralizarem. Os nossos conselhos não podem servir a esses, que desejam afogar-se. **250.** Apenas aborrecimento há, pois, e não perigo, para todo médium que não se deixe ludibriar, porque não poderá ser enganado. Muito diverso é o que se dá com a fascinação, porque então não tem limites o domínio que o Espírito assume sobre o encarnado de quem se apoderou. A única coisa a fazer-se com a vítima é convencê-la de que está sendo ludibriada e reconduzir-lhe a obsessão ao caso da obsessão simples. Isto, porém, nem sempre é fácil, dado que algumas vezes seja mesmo impossível. Pode ser tal o ascendente do Espírito, que torne o fascinado surdo a toda sorte de raciocínio, podendo chegar até quando o Espírito comete alguma grossa heresia científica a pô-lo em dúvida sobre se não é a ciência que se acha em erro. Como já dissemos, o fascinado, geralmente, acolhe mal os conselhos; a crítica o aborrece, irrita e o faz tomar quizila dos que não partilham da sua admiração. Suspeitar do Espírito que o acompanha é quase, aos seus olhos, uma profanação e outra coisa não quer o dito Espírito, pois tudo a que aspira é que todos se curvem diante da sua palavra. Um deles exercia, sobre pessoa do nosso conhecimento, uma fascinação extraordinária. Evocamo-lo e, depois de umas tantas fanfarrices, vendo que não lograva mistificar-nos quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era quem se dizia. Sendo-lhe perguntado por que ludibriava de tal modo aquela pessoa, respondeu com estas palavras, que pintam claramente o caráter desse gênero de Espírito: *Eu procurava um homem que me fosse possível manejar; encontrei-o, não o largo.* — Mas se lhe mostrais as coisas como são, ele vos soltará isto: — É o que veremos! Como não há cego pior do que aquele que não quer ver, reconhecida a inutilidade de toda tentativa para abrir os olhos ao fascinado, o que se tem de melhor a fazer é deixá-lo com as suas ilusões. Ninguém pode curar um doente que se obstina em conservar o seu mal e nele se compraz. **251.** A subjugação corporal tira muitas vezes ao obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito. Daí o tornar-se precisa a intervenção de um terceiro, que atue, ou pelo magnetismo, ou pelo império da sua vontade. Em falta do concurso do obsidiado, essa terceira pessoa deve tomar ascendente sobre o Espírito;

porém, como este ascendente só pode ser moral, só a um ser moralmente superior ao Espírito é dado assumi-lo e seu poder será tanto maior, quanto maior for a sua superioridade moral, porque, então, se impõe àquele, que se vê forçado a inclinar-se diante dele. Por isso é que Jesus tinha tão grande poder para expulsar o a que naquela época se chamava demônio, isto é, os maus Espíritos obsessores. Aqui, não podemos oferecer mais do que conselhos gerais, porquanto nenhum processo material existe, como, sobretudo, nenhuma fórmula, nenhuma palavra sacramental, com o poder de expelir os Espíritos obsessores. Às vezes, o que falta ao obsidiado é força fluídica suficiente; nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador lhe pode ser de grande proveito. Contudo, é sempre conveniente procurar, por um médium de confiança, os conselhos de um Espírito superior, ou do anjo guardião.

252. As imperfeições morais do obsidiado constituem, frequentemente, um obstáculo à sua libertação. Aqui vai um exemplo notável, que pode servir para instrução de todos. Havia umas irmãs que se encontravam, desde alguns anos, vítimas de depredações muito desagradáveis. Suas roupas eram incessantemente espalhadas por todos os cantos da casa e até pelos telhados, cortadas, rasgadas e crivadas de buracos, por mais cuidado que tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras, vivendo numa pequena localidade de província, nunca tinham ouvido falar de Espiritismo. A primeira ideia que lhes veio foi, naturalmente, a de que estavam às voltas com brincalhões de mau gosto. Porém, a persistência e as precauções que tomavam lhes tiraram essa ideia. Só muito tempo depois, por algumas indicações, acharam que deviam procurar-nos, para saberem a causa de tais depredações e lhes darem remédio, se fosse possível. Sobre a causa não havia dúvida; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente malfazejo. Evocado, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. A prece, no entanto, pareceu exercer sobre ele uma influência salutar. Mas, após algum tempo de interrupção, recomeçaram as depredações. Eis o conselho que a propósito nos deu um Espírito superior: “O que essas senhoras têm de melhor a fazer é rogar aos Espíritos seus protetores que não as abandonem. Nenhum conselho melhor lhes posso dar do que o de dizer-lhes que desçam ao fundo de suas consciências, para se confessarem a si mesmas e verificarem se sempre praticaram o amor do próximo e a caridade. Não falo da caridade que consiste em dar e distribuir, mas da caridade da língua; pois, infelizmente, elas não sabem conter as suas e não demonstram, por atos de piedade, o desejo que têm de se livrarem daquele que as atormenta. Gostam muito de maldizer do próximo e o Espírito que as obsidia toma sua desforra, porquanto, em

vida, foi para elas um burro de carga. Pesquisem na memória e logo descobrirão quem ele é. “Entretanto, se, conseguirem melhorar-se, seus anjos guardiães se aproximarão e a simples presença deles bastará para afastar o mau Espírito, que não se agarrou a uma delas em particular, senão porque o seu anjo guardião teve que se afastar, por efeito de atos repreensíveis, ou maus pensamentos. O que precisam é fazer preces fervorosas pelos que sofrem e, principalmente, praticar as virtudes impostas por Deus a cada um, de acordo com a sua condição.” Como ponderássemos que essas palavras pareciam um tanto severas e que talvez fosse conveniente adoçá-las, para serem transmitidas, o Espírito acrescentou: “Devo dizer o que digo e como digo, porque as pessoas de quem se trata têm o hábito de supor que nenhum mal fazem com a língua, quando o fazem muitíssimo. Por isso, preciso é ferir-lhes o Espírito, de maneira que lhes sirva de advertência séria.” Ressalta do que fica dito um ensinamento de grande alcance: que as imperfeições morais dão azo à ação dos Espíritos obsessores e que o mais seguro meio de a pessoa se livrar deles é atrair os bons pela prática do bem. Sem dúvida, os bons Espíritos têm mais poder do que os maus, e a vontade deles basta para afastar estes últimos; eles, porém, só assistem os que os secundam pelos esforços que fazem por melhorar-se, sem o que se afastam e deixam o campo livre aos maus, que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, visto que os bons permitem que ajam para esse fim.

253. Cumpre, todavia, se não atribuam à ação direta dos Espíritos todas as contrariedades que se possam experimentar, as quais, não raro, decorrem da incúria, ou da imprevidência. Um agricultor nos escreveu certo dia que, havia doze anos, toda sorte de infelicidades lhe acontecia, relativamente ao seu gado; ora eram as vacas que morriam, ou deixavam de dar leite, ora eram os cavalos, os carneiros, ou os porcos que sucumbiam. Fez muitas novenas, que em nada remediaram o mal, do mesmo modo que nada obteve com as missas que mandou celebrar, nem com os exorcismos que mandou praticar. Persuadiu-se, então, de acordo com o preconceito dos campos, de que lhe haviam enfeitado os animais. Supondo-nos, sem dúvida, dotados de um poder esconjurador maior do que o do cura da sua aldeia, pediu o nosso parecer. Foi a seguinte a resposta que obtivemos: “A mortalidade ou as enfermidades do gado desse homem provêm de que seus currais estão infetados e ele não os repara, porque *custa dinheiro*.”

254. Terminaremos este capítulo inserindo as respostas que os Espíritos deram a algumas perguntas e que vêm em apoio do que dissemos. ^{1ª} Por que não podem certos médiuns desembaraçar-se de Espíritos maus que se lhes ligam e como é que os bons Espíritos que eles chamam não se mostram bastante poderosos para afastar os outros e se

comunicar diretamente? “Não é que falte poder ao Espírito bom; é, as mais das vezes, que o médium não é bastante forte para o secundar; é que sua natureza se presta melhor a outras relações; é que seu fluido se identifica mais com o de um Espírito do que com o de outro. Isso o que dá tão grande império aos que entendem de ludibriá-los.” 2ª Parece-nos, entretanto, que há pessoas de muito mérito, de irrepreensível moralidade e que, apesar de tudo, se veem impedidas de comunicar com os bons Espíritos. “É uma provação. E quem te diz, ao demais, que elas não trazem o coração manchado de um pouco de mal? Que o orgulho não domina um pouco a aparência de bondade? Essas provas, com o mostrarem ao obsidiado a sua fraqueza, devem fazê-lo inclinar-se para a humildade. “Haverá na Terra alguém que possa dizer-se perfeito? Ora, um que tem todas as aparências da virtude pode ter ainda muitos defeitos ocultos, um velho fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, dizeis, daquele que nenhum mal pratica, que é leal em suas relações sociais: é um bravo e digno homem. Mas, sabeis, porventura, se as suas boas qualidades não são tismadas pelo orgulho; se não há nele um fundo de egoísmo; se não é avaro, ciumento, rancoroso, maldizente e mil outras coisas que não percebeis, por que as vossas relações com ele não vos deram lugar a descobri-las? O mais poderoso meio de combater a influência dos maus Espíritos é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons.” [...] 5ª Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os? “Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente. Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o progresso.” — Como pode um homem ter, a esse respeito, mais influência do que a têm os próprios Espíritos? “Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra. “Demais, o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes,

mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.” (Veja-se o nº 279)” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XXIII)

“CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] § VII — DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO. [...] 58.

Pois que há Espíritos maus que obsidiam e Espíritos bons que protegem, perguntam muitos se os primeiros são mais poderosos do que os segundos. Não é que o bom Espírito seja mais fraco; o médium é que não tem força bastante para alijar de si o manto que lhe atiraram em cima, para se desprender dos braços que o enlaçam e nos quais, cumpre dizê-lo, às vezes se compraz. Neste caso, compreende-se que o bom Espírito não possa levar vantagem, pois que o outro é preferido. Admitamos, porém, que a vítima deseje desembaraçar-se do envoltório fluidico que penetra o seu, como a umidade penetra as roupas. Esse desejo nem sempre bastará. A própria vontade nem sempre é suficiente. Trata-se de lutar contra um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, aquele que dispõe de mais fortes músculos é que abate o outro. Com um Espírito tem-se de lutar, não corpo a corpo, mas Espírito a Espírito e é ainda o mais forte que triunfa. Aqui, a força reside na autoridade que se possa exercer sobre o obsessor e essa autoridade está subordinada à superioridade moral. Esta é como o Sol que dissipa o nevoeiro pela potencialidade dos seus raios. Esforçar-se por ser bom, por se tornar melhor se já é bom, por purificar-se de suas imperfeições, por, numa palavra, elevar-se moralmente o mais possível, tal o meio de o encarnado adquirir o poder de mandar sobre os Espíritos inferiores, para os afastar. De outro modo estes zombarão das suas injunções. (*O Livro dos Médiuns*, nos 252 e 279) Entretanto, objetar-se-á, por que os Espíritos protetores não lhes ordenam que se retirem? Sem dúvida, podem fazê-lo e algumas vezes o fazem. Mas, permitindo a luta, deixam ao atacado o mérito da vitória. Se consentem que se debatam criaturas que, sob certos aspectos, têm seus merecimentos, é para lhes experimentar a perseverança e para levá-las a adquirir **mais força** no campo do bem. A luta é uma espécie de **ginástica moral**. Muitas pessoas prefeririam certamente outra receita mais fácil para repelirem os maus Espíritos: por exemplo, algumas palavras que se proferissem, ou alguns sinais que se fizessem, o que seria mais simples do que corrigir-se alguém de seus defeitos. Sentimos muito; porém, nenhum meio eficaz conhecemos de **vencer-se um inimigo, senão o fazer-se mais forte que ele**. Quando estamos doentes, temos que resignar-nos a tomar um medicamento, por muito amargo que seja; mas, também, se tivermos tido a coragem de bebê-lo, como nos sentimos bem e fortes! Temos, pois, que nos persuadir de que não há, para alcançarmos aquele resultado, nem palavras

sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem sinais materiais quaisquer. De tudo isso riem-se os maus Espíritos e não raro se comprazem em indicar alguns, tendo sempre o cuidado de afirmá-los infalíveis, para melhormente captarem a confiança daqueles a quem querem iludir, porque, então, estes, confiantes nas virtudes do processo aconselhado, se entregam sem receio. Antes de pretender, quem quer que seja, domar um Espírito mau, precisa cuidar de domar-se a si mesmo. De todos os meios de adquirir-se força para chegar a isso, o mais eficiente é a vontade secundada pela prece, a prece do coração, entenda-se, e não a de palavras, das quais a boca participa mais do que o pensamento. Precisamos pedir ao nosso anjo guardião e aos bons Espíritos que nos assistam na luta; não basta, porém, lhes pedarmos que afastem o Espírito mau; devemos lembrar-nos desta máxima: **ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará** e rogar-lhes, sobretudo, a força que nos falta para vencermos os nossos maus pendores, que são, para nós, piores que os maus Espíritos, porquanto são esses pendores que os atraem, como a podridão atrai as aves de rapina. Orando também pelo Espírito obsessão, retribuir-lhe-emos com o bem o mal que nos queira e nos mostraremos melhores do que ele, o que já é uma superioridade. Com perseverança, acaba-se as mais das vezes por induzi-lo à posse de melhores sentimentos e a transformá-lo de perseguidor em amigo grato. Em resumo: a prece fervorosa e os esforços sérios que a criatura faça por melhorar-se constituem os únicos meios de ela afastar os maus Espíritos, que reconhecem como seus senhores aqueles que praticam o bem, enquanto que as fórmulas lhes provocam o riso, do mesmo modo que a cólera e a impaciência os excitam. Precisa o perseguido cansá-los, demonstrando-se mais paciente do que eles. Por vezes acontece que a subjugação avulta até ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, do qual nenhum com curso sério se pode esperar. Aí, principalmente, é que a intervenção de terceiros se torna necessária, quer por meio da prece, quer pela ação magnética. Mas, também a força dessa intervenção depende do ascendente moral que os interventores possam ter sobre os Espíritos; se não valerem mais do que estes, improfícua será a ação que desenvolvam. A ação magnética, no caso, tem por efeito introduzir no fluido do obsidiado um fluido melhor e eliminar o do mau Espírito. Ao operar, deve o magnetizador objetivar duplo fim: o de opor a uma força moral outra força moral e produzir sobre o paciente uma espécie de reação química, para nos servirmos de uma comparação material, expelindo um fluido com o auxílio de outro fluido. Dessa forma, não só opera um desprendimento salutar como, igualmente, fortalece os órgãos enfraquecidos por longa e vigorosa constrição. Compreende-se, em suma, que o poder da ação fluídica está na

razão direta não somente da energia da vontade, mas, sobretudo, da qualidade do fluido introduzido e, segundo o que deixamos dito, que essa qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se segue que um magnetizador ordinário, que atuasse maquinalmente, apenas por magnetizar, fraco ou nenhum efeito produziria. É de toda a necessidade um magnetizador **espírita**, que atue com conhecimento de causa, com a intenção de obter, não o sonambulismo ou uma cura orgânica, porém, os resultados que vimos de descrever. É, além disso, evidente que uma ação magnética dirigida neste sentido não pode deixar de ser muito proveitosa nos casos de obsessão ordinária, porque, então, se o magnetizador tem a auxiliá-lo a vontade do obsidiado, o Espírito se vê combatido por dois adversários em lugar de um. Cumpre também dizer que amiúde se atribuem aos Espíritos maldades de que eles são inocentes. Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com frequência, a atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessão de si mesmo. Acrescentemos, por fim, que algumas obsessões tenazes, sobretudo em pessoas de mérito, fazem às vezes parte das provações a que essas pessoas estão sujeitas. Acontece mesmo que a obsessão, quando simples, é uma tarefa imposta ao obsidiado, qual a de trabalhar pela regeneração do obsessão, como um pai pela de um filho vicioso. (Para maiores particularidades, veja-se *O Livro dos Médiuns*) Em geral, a prece é poderoso meio auxiliar da libertação dos obsidiados; nunca, porém, a prece só de palavras, dita com indiferença e como uma fórmula banal, será eficaz em semelhante caso. Faz-se mister uma prece ardente, que seja ao mesmo tempo uma como magnetização mental. Pelo pensamento, pode-se encaminhar para o paciente uma corrente fluídica salutar, cuja potência guarda relação com a intenção. A prece, pois, não tem apenas por efeito invocar um auxílio estranho, mas exercer uma ação fluídica. O que uma pessoa, só, não pode fazer, podem-no, quase sempre, muitas pessoas unidas pela intenção numa prece coletiva e reiterada, visto que o número aumenta a potencialidade da ação. **59.** A experiência comprova a ineficácia do exorcismo, nos casos de possessão, e provado está que quase sempre aumenta o mal, em vez de atenuá-lo. A razão se encontra em que a influência está toda no ascendente moral exercido sobre os maus Espíritos e não num ato exterior, na virtude das palavras e dos gestos. O exorcismo consiste em cerimônias e fórmulas de que zombam os maus Espíritos que, entretanto, cedem à autoridade moral que se lhes impõe. Eles veem que

os querem dominar por meios impotentes, que pensam intimidá-los por um vão aparato e, então, se empenham em mostrar-se os mais fortes e para isso redobram de esforços. São quais cavalos espantadiços que dão em terra com o cavaleiro inábil e que obedecem quando toparam com um que os governa. Ora, aqui, quem realmente manda é o homem de coração mais puro, porque é a ele que os bons Espíritos de preferência atendem. **60.** O que pode um Espírito fazer com um indivíduo, podem-no muitos Espíritos com muitos indivíduos simultaneamente e dar à obsessão caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos invade uma localidade e aí se manifestam de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que se abateu sobre a Judéia ao tempo do Cristo. Ora, o Cristo, pela sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios ou maus Espíritos tal autoridade, que bastava lhes ordenasse que se retirassem para que eles o fizessem e, para isso, não empregava fórmulas nem gestos ou sinais. **61.** O Espiritismo se funda na observação dos fatos que resultam das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Estando na ordem dos da natureza, esses fatos se produziram em todas as épocas e abundam principalmente nos livros sagrados de todas as religiões, pois que serviram de base à maioria das crenças. Por não os terem os homens compreendido, é que a Bíblia e os Evangelhos apresentam tantas passagens obscuras e que foram interpretadas em sentidos diferentes. O Espiritismo traz a chave que lhes facilitará a inteligência.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“DESOBSESSÃO. Terapêuticas diversas merecem estudos para a supressão dos males que flagelam a Humanidade. Antibióticos atacam processos de infecção, institutos especializados examinam a patologia do câncer, a cirurgia atinge o coração para sanar o defeito cardíaco e a vacina constitui defesa para milhões. Ao lado, porém, das enfermidades que supliciam o corpo, encontramos, aqui e além, as calamidades da obsessão que desequilibram a mente. Para lá das teias fisiológicas que entretecem o carro orgânico de que se vale o Espírito para o estágio educativo no mundo, é possível identificar os quadros obscuros de semelhantes desastres, nos quais as forças magnéticas desajustadas pelo pensamento em desgoverno assimilam forças magnéticas do mesmo teor, estabelecendo a alienação mental, que vai do tique à loucura, escalando por fobias e moléstias-fantasmas. Vemo-los instalados em todas as classes, desde aquelas em que se situam as pessoas providas de elevados recursos da inteligência àquelas outras onde respiram companheiros carecentes das primeiras noções do alfabeto, desbordando, muita vez, na tragédia passionai que ocupa a atenção da imprensa ou na insânia conduzida ao hospício. Isso tudo, sem relacionarmos os problemas da depressão, os desvarios

sexuais, as síndromes de angústias e as desarmonias domésticas. Espíritos desencarnados e encarnados de condição enferma sintonizam-se uns com os outros, criando prejuízos e perturbações naqueles que lhes sofrem a influência vampirizadora, lembrando vegetais nobres que parasitos arrasam, depois de solapar-lhes todas as resistências. Refletindo nisso e diligenciando cooperar na medicação a esses males de sintomatologia imprecisa, imaginamos a organiza deste livro¹ (¹ O Espírito André Luiz convidou os médiuns Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier a psicografarem com ele o presente volume, responsabilizando-se ambos pelos capítulos de números ímpares e pares, respectivamente.), dedicado a todos os companheiros que se interessam pelo socorro aos obsidiados – livro que se caracteriza por absoluta simplicidade na exposição dos assuntos indispensáveis à constituição e sustentação dos grupos espíritas devotados à obra libertadora e curativa da desobsessão. Livro que possa servir aos recintos consagrados a esse mister, estejam eles nos derradeiros recantos das zonas rurais ou nos edifícios das grandes cidades, cartilha de trabalho em que as imagens auxiliem o entendimento da explicação escrita, a fim de que os obreiros da Doutrina Espírita atendam à desobsessão, consoante os princípios concatenados por Allan Kardec. Nenhuma instituição de Espiritismo pode, a rigor, desinteressar-se desse trabalho imprescindível à higiene, harmonia, amparo ou restauração da mente humana, traçando esclarecimento justo, seja aos desencarnados sofredores, seja aos encarnados desprovidos de educação íntima que lhes sofram a atuação deprimente, conquanto, às vezes, involuntária. Cada templo espírita deve e precisa possuir a sua equipe de servidores da desobsessão, quando não seja destinada a socorrer as vítimas da desorientação espiritual que lhes rondam as portas, para defesa e conservação de si mesma. Oferecemos, desse modo, estas páginas despreziosas aos que sintam suficiente amor pelos que jazem transviados nas trevas das ilusões e paixões em que se consomem, circunscritos aos marcos estreitos da ignorância, na Terra e além da Terra, nos tormentos e desvarios do “eu”. E entregando-as aos amigos que nos possam acolher o desejo de acertar e avaliar conosco a extensão e a gravidade do problema, recordemos, reconhecidamente, junto de todos eles, que o Espiritismo é o Cristianismo Restaurado e que o pioneiro número um da desobsessão, esclarecendo Espíritos infelizes e curando obsidiados de todas as condições, foi exatamente Jesus. ANDRÉ LUIZ. Uberaba, 2 de janeiro de 1964 (Página recebida pelo médium Waldo Vieira).” (AL, *Desobsessão*, Desobsessão)

“Obsessão. [...] – Já conhece todos os casos? – indaguei. – Todos – respondeu Alexandre, sem hesitar. – Dos cinco que constituirão o motivo da próxima

reunião, apenas uma jovem revela possibilidades de melhoras mais ou menos rápidas. Os demais comparecerão simplesmente para socorro, evitando agravo nas provas necessárias. Considerando muito interessante a menção especial que se fazia, perguntei: – Gozará a jovem de proteção diferente? O instrutor sorriu e esclareceu: – Não se trata de proteção, mas de esforço próprio. O obsidiado, além de enfermo, representante de outros enfermos, quase sempre é também uma criatura repleta de torturantes problemas espirituais. Se lhe falta vontade firme para a autoeducação, para a disciplina de si mesma, é quase certo que prolongará sua condição dolorosa além da morte. Que acontece a um homem indiferente ao governo do próprio lar? Indubitavelmente, será assediado por mil e uma questões, no curso de cada dia, e acabará vencido, convertendo-se em joguete das circunstâncias. Imagine agora que esse homem indiferente esteja cercado de inimigos que ele mesmo criou, adversários que lhe espreitam os menores gestos, tomados de sinistros propósitos, na maioria das vezes... Se não desperta para as realidades da situação, empunhando as armas da resistência e valendo-se do auxílio exterior que lhe é prestado pelos amigos, é razoável que permaneça esmagado. Esta, a definição da maior percentagem dos casos espirituais de que estamos tratando. Não representa, porém, a característica exclusiva das obsessões de ordem geral. Existem igualmente os processos laboriosos de resgate, em que, depois de afastados os elementos da perturbação e da sombra, perseveram as situações expiatórias. Em todos os acontecimentos dessa espécie, porém, não se pode prescindir da adesão dos interessados diretos na cura. Se o obsidiado está satisfeito na posição de desequilíbrio, há que esperar o término de sua cegueira, a redução da rebeldia que lhe é própria ou o afastamento da ignorância que lhe oculta a compreensão da verdade. Ante obstáculos dessa natureza, embora sejamos chamados com fervor por aqueles que amam particularmente os enfermos, nada podemos fazer, senão semear o bem para a colheita do futuro, sem qualquer expectativa de proveito imediato. O instrutor imprimiu ligeiro intervalo à conversação e, porque visse minha necessidade de esclarecimento, prosseguiu: – A jovem a que me referi está procurando a restauração das forças psíquicas, por si mesma; tem lutado incessantemente contra as investidas de entidades malignas, mobilizando todos os recursos de que dispõe no campo da prece, do autodomínio, da meditação. Não está esperando o milagre da cura sem esforço e, não obstante terrivelmente perseguida por seres inferiores, vem aproveitando toda espécie de ajuda que os amigos de nosso plano projetam em seu círculo pessoal. A diferença, pois, entre ela e os outros, é a de que, empregando as próprias energias, entrará, embora vagorosamente,

em contato com a nossa corrente auxiliadora, ao passo que os demais continuarão, ao que tudo faz crer, na impassibilidade dos que abandonam voluntariamente a luta edificante. Compreendi a elucidação e esperei a noite de socorro aos obsidiados, como Alexandre designava esse gênero de serviço.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“**Obsessão.** [...] Ia expor novas questões que o assunto suscitava, mas o instrutor amigo fez-me ver que a reunião de auxílio, por parte dos encarnados, teria início naquele mesmo instante. Precisávamos manter o concurso vigilante da fraternidade. Observei, agradavelmente surpreendido, as emissões magnéticas dos que se reuniam ali, em tarefa de socorro, movidos pelo mais santo impulso de caridade redentora. Nossos técnicos, em cooperação avançada, valiam-se do fluxo abundante de forças benéficas, improvisando admiráveis recursos de assistência, não só aos obsidiados, mas também aos infelizes perseguidores. De todos os enfermos psíquicos, somente a jovem resoluta a que nos referimos conseguia aproveitar nosso auxílio cem por cento. Identificava-lhe o valoroso esforço para reagir contra o assédio dos perigosos elementos que a cercavam. Envolvida na corrente de nossas vibrações fraternas, recuperara normalidade orgânica absoluta, embora em caráter temporário. Sentia-se tranquila, quase feliz. Apesar de manter-se em trabalho ativo, Alexandre chamou-me a atenção, assinalando o fato. – Esta irmã – disse o orientador – permanece, de fato, no caminho da cura. Percebeu a tempo que a medicação, qualquer que seja, não é tudo no problema da necessária restauração do equilíbrio físico. Já sabe que o socorro de nossa parte representa material que deve ser aproveitado pelo enfermo desejoso de restabelecer-se. Por isso mesmo, desenvolve toda a sua capacidade de resistência, colaborando conosco no interesse próprio. Observe. Efetivamente, sentindo-se amparada pela nossa extensa rede de vibrações protetoras, a jovem emitia vigoroso fluxo de energias mentais, expelindo todas as ideias malsãs que os desventurados obsessores lhe haviam depositado na mente, absorvendo, em seguida, os pensamentos regeneradores e construtivos que a nossa influência lhe oferecia. Aprovando-me o minucioso exame com um gesto significativo, Alexandre tornou a dizer: – Apenas o doente convertido voluntariamente em médico de si mesmo atinge a cura positiva. No doloroso quadro das obsessões, o princípio é análogo. Se a vítima capitula sem condições, ante o adversário, entrega-se-lhe totalmente e torna-se possessa, após transformar-se em autômato à mercê do perseguidor. Se possuir vontade frágil e indecisa, habitua-se à persistente atuação dos verdugos e vicia-se no círculo de irregularidades de muito difícil correção, porquanto se converte, aos poucos, em polos de vigorosa atração mental aos próprios algozes. Em

tais casos, nossas atividades de assistência estão quase circunscritas a meros trabalhos de socorro, objetivando resultados longínquos. Quando encontramos, porém, o enfermo interessado na própria cura, valendo-se de nossos recursos para aplicá-los à edificação interna, então podemos prever triunfos imediatos. Calando-se o instrutor, prossegui observando os serviços que se desenrolavam no recinto. O doutrinador encarnado, companheiro de grande e bela sinceridade, era o centro dum quadro singular. Seu tórax convertera-se num foco irradiante e cada palavra que lhe saía dos lábios semelhava-se a um jato de luz alcançando diretamente o alvo, fosse ele os ouvidos perturbados dos enfermos ou o coração dos perseguidores cruéis. Suas palavras eram, com efeito, de uma simplicidade encantadora, mas a substância sentimental de cada uma assombrava pela sublimidade, elevação e beleza. Reparando-me a estupefação, Alexandre veio em meu socorro, esclarecendo: – Estamos aqui numa escola espiritual. O doutrinador humano encarrega-se de transmitir as lições. Você pode registrar, porém, que, para ensinar com êxito, não basta conhecer as matérias do aprendizado e ministrá-las. Antes de tudo, é preciso senti-las e viver-lhes a substancialidade no coração. O homem que apregoa o bem deve praticá-lo, se não deseja que as suas palavras sejam carregadas pelo vento, como simples eco dum tambor vazio. O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe as grandezas em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã. Vendo o quadro expressivo, analisado pelos esclarecimentos do instrutor, compreendi que o contágio pelo exemplo não constitui fenômeno puramente ideológico, mas, sim, que é um fato científico nas manifestações magnético-mentais.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“**Obsessão.** [...] Antes que eu pudesse voltar a perguntas, percebi que a reunião estava sendo definitivamente encerrada, por parte dos amigos da Crosta. Interrompera-se a cadeia magnética defensiva. Notei, surpreendido, que a jovem resoluta e firme na fé alcançara melhores consideráveis, enquanto a possessa ia retirar-se com a situação inalterada. Reparei os três outros enfermos. Tão logo se quebrou a corrente de vibrações benéficas, ali estabelecida, voltaram a atrair intensamente os verdugos invisíveis, a cuja influência se haviam habituado, demonstrando escasso aproveitamento. Valendo-me da hora, acerquei-me de Alexandre, para não perder as suas lições alusivas ao assunto, e indaguei: – Como atingir as conclusões finais, no tratamento aos obsidiados? Ele sorriu e respondeu: – Em todas as nossas atividades de socorro há sempre imenso proveito, ainda mesmo quando a sua extensão não seja perceptível ao olhar comum.

E qualquer doente dessa natureza que se disponha a cooperar conosco, em benefício próprio, colaborando decididamente na restauração de suas atividades mentais, regenerando-se à luz da vida renovada no Cristo, pode esperar o restabelecimento da saúde relativa do corpo terrestre. Quando a criatura, todavia, roga a assistência de Jesus com os lábios, sem abrir o coração à influência divina, não deve aguardar milagres de nossa colaboração. Podemos ajudar, socorrer, contribuir, esclarecer; não é, porém, possível improvisar recursos, cuja organização é trabalho exclusivo dos interessados. Penaliza-me, porém, o quadro clínico dos obsidiados infelizes – considere, sob forte impressão –. Quão dolorosa a condição física de cada um! – Sim, sim! – revidou o instrutor – o problema da responsabilidade não se circunscreve a palavras. É questão vital no caminho da vida. Preservando os seus filhos contra os perigos do rebaixamento, criou Deus o aparelhamento das luzes religiosas, acordando as almas para a glorificação imortal. Raros homens, entretanto, se dispõem a respeitar os desígnios da Religião, olvidando, voluntariamente, que as menores quedas e mínimas viciações ficam impressas na alma, exigindo retificação. Você está observando aqui alguns pobres obsidiados em processo positivo de tratamento, mas esquece que inúmeras criaturas, ainda na carne, não obstante informadas pela Religião quanto às necessidades do espírito, se deixam empolgar pelo apego vicioso ao campo de sensações de vária ordem, contraindo débitos, assumindo compromissos pesados e arrastando companheiros outros em suas aventuras menos dignas, forjando laços fortes para os dolorosos dramas de obsessão do futuro. E, depois de sorrir paternalmente, acrescentou: – Que deseja você? É certo que devemos trabalhar tanto quanto esteja ao nosso alcance, pelo bem do próximo; todavia, não podemos exonerar os nossos semelhantes das obrigações contraídas. O servo fiel não é aquele que chora ao contemplar as desventuras alheias, nem o que as observa, de modo impassível, a pretexto de não interferir no labor da justiça. O sentimentalismo doentio e a frieza correta não edificam o bem. O bom trabalhador é o que ajuda, sem fugir ao equilíbrio necessário, construindo todo o trabalho benéfico que esteja ao seu alcance, consciente de que o seu esforço traduz a Vontade Divina.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“Leve chamamento à porta provocou a saída de um dos companheiros da atitude de meditação, para atender. Dois enfermos, uma senhora jovem e um cavalheiro idoso, custodiados por dois familiares, transpuseram o umbral, localizando-se num dos ângulos da sala, fora do círculo magnético. – São doentes a serem beneficiados – informou-nos o orientador. Logo após, um colaborador de nosso plano franqueou acesso a numerosas entidades sofredoras e perturbadas, que

se postaram, diante da assembleia, formando legião. Nenhuma delas vinha até nós, constrangidamente. Dir-se-ia que se aglomeravam, em derredor dos amigos encarnados em prece, quais mariposas inconscientes, rodeando grande luz... Vinham bulhentas, proferindo frases desconexas ou exclamações menos edificantes, entretanto, logo que atingidas pelas emanções espirituais do grupo, emudeciam de pronto, qual se fossem contidas por forças que elas próprias não conseguiam perceber. Atencioso, Áulus notificou: – São almas em turvação mental, que acompanham parentes, amigos ou desafetos às reuniões públicas da Instituição, e que se desligam deles quando os encarnados se deixam renovar pelas ideias salvadoras, expressas na palavra dos que veiculam o ensinamento doutrinário. Modificado o centro mental daqueles que habitualmente vampirizam, essas entidades vêem-se como que despejadas de casa, porquanto, alterada a elaboração do pensamento naqueles a quem se afeiçoam, experimentam súbitas reviravoltas nas posições em que falsamente se equilibram. Algumas delas, rebeladas, fogem dos templos de oração como este, detestando-lhes temporariamente os serviços e armando novas perseguições às suas vítimas, que procuram até o reencontro; contudo, outras, de algum modo tocadas pelas lições ouvidas, demoram-se no local das predicções, em ansiosa expectativa, famintas de maior esclarecimento. Hilário, que recebia, surpreso, semelhantes informes, perguntou, curioso: – Que ocorre, porém, quando os encarnados não prestam atenção aos ensinamentos ouvidos? – Sem dúvida, passam pelos santuários da fé na condição de urnas cerradas. Impermeáveis ao bom aviso, continuam inacessíveis à mudança necessária. – Mas este mesmo fenômeno se repete nas igrejas de outras confissões religiosas? – Sim. A palavra desempenha significativo papel nas construções do espírito. Sermões e conferências de sacerdotes e doutrinadores, em variados setores da fé, sempre que inspirados no Infinito Bem, guardam o objetivo da elevação moral. O Assistente meditou um instante e acrescentou: – Entre os homens, porém, se não é fácil cultivar a vida digna, é muito difícil habilitar-se a criatura à morte libertadora. Comumente, desencarna-se a alma, sem que se lhe desagarrem os pensamentos, enovelados em situações, pessoas e coisas da Terra. A mente, por isso, continua encarcerada nos interesses quase sempre inferiores do mundo, cristalizada e enfermeira em paisagens inquietantes, criadas por ela mesma. Daí o valor do culto religioso respeitável, formando ambiente propício à ascensão espiritual, com indiscutíveis vantagens, não só para os Espíritos encarnados que a ele assistem, com sinceridade e fervor, mas também para os desencarnados, que aspiram à própria transformação. Todos os santuários, em seus atos públicos, estão repletos de almas necessitadas que a eles comparecem, sem

o veículo denso, sequiosas de reconforto. Os expositores da boa palavra podem ser comparados a técnicos eletricitistas, desligando “tomadas mentais”, através dos princípios libertadores que distribuem na esfera do pensamento. Sorriu bem-humorado e prosseguiu: – Em razão disso, as entidades vampirizantes operam contra eles, muitas vezes envolvendo-lhes os ouvintes em fluidos entorpecentes, conduzindo esses últimos ao sono provocado, para que se lhes adie a renovação.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 4)

“VAMPIRISMO ESPIRITUAL. [...] Terapêutica do parasitismo da alma. Importa, no entanto, observar que todos os sofrimentos e corrigendas a que nos referimos estão conjugados para as consciências encarnadas ou não, dentro da lei de ação e reação que a cada um confere hoje o equilíbrio ou o desequilíbrio, por suas obras de ontem, reconhecendo-se também que assim como existem medidas terapêuticas contra o parasitismo no mundo orgânico, qualquer criatura encontra, na aplicação viva do bem, eficiente remédio contra o parasitismo da alma. Não bastará, porém, a palavra que ajude e a oração que ilumina. O hospedeiro de influências inquietantes que, por suas aflições na existência carnal, pode avaliar da qualidade e extensão das próprias dívidas, precisará do próprio exemplo, no serviço do amor puro aos semelhantes, com educação e sublimação de si mesmo, porque só o exemplo é suficientemente forte para renovar e reajustar. A ação do bem genuíno, com a quebra voluntária de nossos sentimentos inferiores, produz vigorosos fatores de transformação sobre aqueles que nos observam, notadamente naqueles que se nos agregam à existência, influenciando-nos a atmosfera espiritual, de vez que as nossas demonstrações de fraternidade inspiram nos outros pensamentos edificantes e amigos que, em circuitos sucessivos ou contínuas ondulações de energia renovados, modificam nos desafetos mais acirrados qualquer disposição hostil a nosso respeito. Ninguém necessita, portanto, aguardar reencarnações futuras, entretecidas de dor e lágrimas, em ligações expiatórias, para diligenciar a paz com os inimigos trazidos do pretérito, porque, pelo devotamento ao próximo e pela humildade realmente praticada e sentida, é possível valorizar nossa frase e santificar nossa prece, atraindo simpatias valiosas, com intervenções providenciais, em nosso favor. É que, em nos reparando transfigurados para o melhor, os nossos adversários igualmente se desarmam para o mal, compreendendo, por fim, que só o bem será, perante Deus, o nosso caminho de liberdade e vida. Uberaba, 19/3/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 15)

“Examinando a obsessão. [...] Estabelecido o contato mental em que o encarnado registra a interferência do pensamento invasor, soa o sinal alarmante da obsessão em pleno desenvolvimento... Nesse particular,

o Espiritismo, e somente ele, por tratar do estudo da natureza dos Espíritos, possui os anticorpos e sucedâneos eficazes para operar a libertação do enfermo, libertação que, no entanto, muito depende do próprio paciente, como em todos os processos patológicos atendidos pelas diversas terapêuticas médicas. Sendo o obsidiado um calceta, um devedor, é imprescindível que se disponha ao labor operoso pelo resgate perante a Consciência Universal, agindo de modo positivo, para atender às sagradas imposições da harmonia estabelecida pelo Excelso legislador. Muito embora os desejos de refazimento moral por parte do paciente espiritual, é imperioso que a renovação íntima com sincero devotamento ao bem lhe confira os títulos do amor e do trabalho, de forma a atestar a sua real modificação em relação à conduta passada, ensejando ao acompanhante desencarnado, igualmente, a própria iluminação. Nesse sentido, a interferência do auxílio fraterno, por outros corações afervorados à prática da caridade, é muito valiosa, favorecendo ao desencarnado a oportunidade de adquirir conhecimentos através da psicofonia atormentada, na qual pode haurir força e alento novo para aprender, meditar, perdoar, esquecer... No entanto, tal empreendimento, nos moldes em que se fazem necessários, não é fácil. Somente poucos Núcleos, dentre os que se dedicam a tal mister — o da desobsessão —, se encontram aparelhados, tendo-se em vista a tarefa que lhes cabe nos seus quadros complexos... Na desobsessão, a cirurgia espiritual se faz necessária, senão imprescindível, muitas vezes, para que os resultados a colimar sejam conseguidos. Além desses, trabalhos especiais requisitam abnegação e sacrifício dos cooperadores encarnados, com natural doação em larga escala de esforço moral valioso, para a manipulação das condições mínimas psicoterápicas no recinto do socorro, em favor dos desvairados a atender... [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Examinando a obsessão. [...] Em qualquer hipótese, no entanto, as diretivas clarificantes da mensagem de Jesus são rotas e veículos de luz libertadora para ensinar a uns e outros, obsidiados e obsessores, os meios de superação. Nesse sentido, a exortação de Allan Kardec em torno do trabalho é de uma eficácia incomum, porque o trabalho edificante é mecanismo de oração transcendental e a mente que trabalha situa-se na defensiva. A solidariedade é como uma usina que produz a força positiva do amor e, como o amor é a causa motriz do Universo, aquele que se afervora à mecânica da solidariedade sintoniza com os Instrutores da ordem que dirigem o Orbe. E a tolerância, que é a manifestação desse mesmo amor em forma de piedade edificante, transforma-se em couraça de luz, vigorosa e maleável, capaz de destruir os petardos do ódio ultriz ou os projéteis do desejo desordenado,

porquanto, na tolerância fraternal, se anulam as vibrações negativas desta ou daquela procedência. Assim sendo, a tríade recomendada pelo Egrégio Codificador reflete a ação, a oração e a vigilância preconizadas por Jesus — processos edificantes de saúde espiritual e ponte que alça o viandante sofredor da Terra ao planalto redentor das Esferas Espirituais, livre de toda a constrição e angústia.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Examinando a obsessão. [...] c) **Perante obsidiados.** [...] Em qualquer hipótese, no entanto, acenda a luz do conhecimento espiritual na mente que esteja em turvação, nesse íntimo conturbado. Nem piedade inoperante. Nem palavrório sem a tônica do amor. A terapia espírita, em casos que tais, é a do convite ao enfermo para a responsabilidade, conclamando-o a uma autoanálise honesta, de modo a que ele possa romper em definitivo com as imperfeições, reformulando propósitos de saúde moral e mergulhando nos rios claros da meditação para prosseguir revigorado, senda a fora... Diante de um programa de melhoria íntima desatam-se os liames da vinculação entre os dois espíritos — o encarnado e o desencarnado, e o perturbador, percebendo tão sincero esforço, se toca, deixando-se permear pelas vibrações emanadas da sua vítima, agora pensando em nova esfera mental. Só excepcionalmente não se sensibilizam os sicários da mente melhorada. Nesse caso, a palavra esclarecedora do evangelizador nos serviços especializados da desobsessão, os círculos de prece, os agrupamentos da caridade fraternal, sob carinhosa e sábia administração de Instrutores Abnegados, se encarregam de consolidar ou libertar em definitivo os que antes se batiam nas liças do duelo psíquico, ou físico quando a constrição obsidente é dirigida à organização somática. Quando se observam os sinais externos dessa anomalia, já se encontra instalada a afecção dolorosa. Assim considerando, use sempre a Doutrina Espírita como medida profilática, mesmo porque, se até hoje não foi afetada a sua organização fisiopsíquica, isto não isenta de, no futuro — tendo em vista que, aprendendo e refazendo lições como é do programa da reencarnação para nós todos —, o seu «ontem» poder repontar rigoroso, «hoje» ou «amanhã», chamando-o ao ajuste de contas com a consciência cósmica que nos dirige. Perante obsidiados aplique a paciência e a compreensão, a caridade da boa palavra e do passe, o gesto de simpatia e cordialidade; todavia, a pretexto de bondade não concorde com o erro a que ele se afervora, nem com a preguiça mental em que se compraz ou mesmo com a rebeldia constante em que se encarcera. Ajude-o quanto possa; no entanto, insista para que ele se ajude, contribuindo para com a ascensão do seu próprio espírito auxiliar aquele outro ser que, ligado a ele por imposição da justiça divina, tem

imperiosa necessidade de evoluir também.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Processos obsessivos. [...] Saturnino, vigilante, elucidou: — Em qualquer problema de desobsessão, a parte mais importante e difícil pertence ao paciente, que afinal de contas é o endividado. A este compete o difícil recurso da insistência no bem, perseverando no dever e fugindo a qualquer custo aos velhos cultos do «eu» enfermo, aos hábitos infelizes, mediante os quais volta a sintonizar com os seus perseguidores que, embora momentaneamente afastados, não estão convencidos da necessidade de os libertar. Oração, portanto, mas vigilância, também, conforme a recomendação de Jesus. A prece oferece o tônico da resistência, e a vigilância o vigor da dignidade. Armas para quaisquer situações são o escudo e a armadura do cristão... [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 8)

“Desobsessão e responsabilidade. [...] E refletindo, com maior ênfase acrescentou: — Em todo problema de desobsessão há que considerar o espírito sofredor que provoca sofrimento e levar em conta os recursos éticos do doutrinador, ao lado da sua conduta espírita, isto é, sua responsabilidade moral. Conduta e responsabilidade, essas que são essenciais na tarefa de doutrinar, porquanto a instrução que não se faz acompanhar do exemplo não possui a tônica da verdade. Sem dúvida, o mérito do próprio obsidiado, as possibilidades que se lhe podem oferecer com o retorno da saúde, no sentido de libertar-se da obsessão, constituem também pontos favoráveis para desatar o enfermo das amarras com o delito passado, de cuja cobrança o desencarnado se faz infeliz intermediário. Todavia, nas atuais realizações dos Templos Espíritos que se transformam em Hospitais-Escolas na Terra para encarnados e desencarnados, a densa população dos ali residentes, do lado de cá, acompanha a lealdade do ensino quando incorporado ou não ao «*modus vivendi*» ou «*modus-operandi*» dos médiuns, dos doutrinadores, dos diretores das Casas. Palavras belas e sonantes, conceitos elevados são de fácil aquisição em muitos lugares. A excelência, porém, de uma ideia, de uma convicção, da Religião se constata pelo número daqueles que foram modificados, que se transformaram e que se deram à sua realidade.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 12)

“Na oportunidade da nossa visita, o amoroso amigo dos sofredores interrogou Marta, quanto à reaproximação com o genitor. Esta, muito constrangida, respondeu: — Sinto-me nervosa, agitada interiormente... — falou, encabulada. — Receio um novo atrito, no momento de fazer as pazes, caso papai não me receba como de direito... Encontro-me conflitada em relação à prática infeliz a que me vinculei por largos anos. Tudo me parece, agora, um despertar de cruel pesadelo, no qual eu jornadeasse atada a cordas grossas

que me conduziam, inexoravelmente cega, trôpega, de mente açulada por alucinações indescritíveis...(*) A ex-quimbandista começou a chorar, O corpo foi tomado por contrações constrangedoras, e, mesmo restando a aflição, sentia-se-lhe a dor selvagem que a despedaçava interiormente. [(*) O desconhecimento do Espiritismo por parte de alguns adeptos, na atualidade, que lhe não penetraram as lições preciosas, ou que se ligaram às lides espiritistas para atendimento de Interesses imediatos, materiais — confirmando desse modo a ausência do estudo e da meditação das bases da Doutrina — vem gerando inomináveis confusões. Expõem, por exemplo, alguns desses adeptos, que diante de Entidades muito infelizes, perseguidores violentos, obsessores vigorosos, são necessárias providências fora dos arraiais da Doutrina, em cujos sítios são submetidos tais Espíritos a processos de terror, de força, e a práticas estranhas, que os atemorizam, e por meio das quais os prendem longe das suas vítimas... Arrematada loucura! A severidade das Leis de Causa e Efeito são elucidação imediata a essa informação descabida. Em toda obsessão há cobrador, porque há devedor. Libertar este e prejudicar aquele seria puni-lo outra vez, a ele que foi vítima anteriormente; seria investir contra o Estatuto da Divina Justiça: punir o ignorante ao invés de instruí-lo, libertar um mediante o aprisionamento de outro, defender alguém prejudicando outrem. A soberana Lei de Amor é a força capaz de modificar a estrutura da vida e penetrar na fúria odienta do “eu” atormentado para felicitá-lo. Em qualquer obsessão, portanto, em que o amor e o esclarecimento não realizem os seus misteres, as medidas humanas da temeridade e da violência somente poderão agravar o mal, adiando-o para ocasião em que as reservas do paciente sejam menores e, pois, conseqüentemente, menos favoráveis à cura, à libertação. O preclaro Codificador Allan Kardec elucida que se “chama obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo.” E adverte: “Assim como as enfermidades resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral preciso é se contraponha uma força moral.” Considera, todavia, veemente: “Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluído pernicioso, que neutraliza a ação dos fluídos salutares e os repele. É daquele fluído que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluído mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, PRECISO SE FAZ EXPELIR UM FLUÍDO MAU COM O AUXÍLIO DE UM FLUÍDO MELHOR. “Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica. Cumpre, sobretudo, atuar sobre o

ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.” E, por fim, observa: “Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor. Tais são as anotações constantes de “A Gênese”, de Allan Kardec, Capítulo 14, “Obsessões e possessões”, 14ª edição da FEB, dos quais extraímos estes tópicos que merecem, como os demais do oportuno estudo, acuradas meditações. Outros, militantes apressados, também informam que, para um bom processo de desenvolvimento ou educação mediúnica, se faz concorde a aplicação de determinadas e esquisitas práticas, a fim de que a faculdade irrompa de uma vez, com resultados benéficos, como se a mediunidade fosse algo elástico que atendesse a travão da força, dilatando-se de imediato. Como qualquer outra faculdade psicológica ou função fisiológica, a mediunidade requer cuidados especiais, atendimento a requisitos próprios e condições específicas que lhe facultem a educação e o desdobramento de recursos, para atender às finalidades a que se destina. Nesse sentido “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, é, ainda, o melhor roteiro para médiuns e pessoas que desejem conhecer as faculdades medianímicas do homem, como conduzi-las e com elas operar, os perigos da má prática mediúnica, etc... O que ocorre, normalmente, nesses chamados desenvolvimentos instantâneos, em grupos, mecânicos, pertence aos capítulos da Sugestão, do Animismo, dos Condicionamentos psicológicos e até mesmo aos estados de nevrose. Resguardem-se, no cuidadoso estudo e na carinhosa observação vigilante, os que desejam reais e proveitosos resultados da mediunidade e da sua prática, sem precipitação, sem exigências, melhorando-se moral e espiritualmente, os médiuns e os experimentadores honestos, a fim de se credenciarem à assistência dos Bons Espíritos. — Nota do Autor espiritual]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 14)

“PROLUSÃO. [...] 4) O grupo familiar. Vinculados os Espíritos no agrupamento familiar pelas necessidades da evolução em reajustamentos recíprocos, no problema, da obsessão, os que acompanham o paciente estão fortemente ligados ao fator predisponente, caso não hajam sido os responsáveis pelo insucesso do passado, agora convocados à cooperação no ajustamento das contas. Afirma-se que aqueles Espíritos que acompanham os psicopatas sofrem muito mais do que eles mesmos. Não é verdade. Sofrem, sim, por necessidade evolutiva, já que têm responsabilidade no insucesso de que ora participam, devendo, por isso, envidar esforços para a liberação dos sofredores, libertando-se, igualmente. São comuns os abandonos a que se relegam os alienados, quando os deixam nas Casas

de Saúde, através de endereços falsos fornecidos pelos familiares, que se precatam contra a futura recuperação do familiar, impedindo, desse modo, o seu retorno ao lar. Não poucos os que atiram, imediatamente, os seres, mesmo os amados, nos Sanatórios de qualquer aparência, desejando, assim, libertar-se da carga, que supõem pesada, incidindo, a seu turno, em responsabilidades mui graves, de que não poderão fugir agora ou depois. Sem dúvida, quando alguns pacientes, especialmente nos casos de obsessão, se afastam do lar, melhoram, porque diminuem os fatores incidentes do grupo endividado com o dos cobradores desencarnados, o que não impede retomem os desequilíbrios, ao voltarem ao seio da família, que por sua vez não se renovou, nem se elevou, a fim de liberar-se das viciações que favorecem a presença da perturbação obsessiva. Por isso, torna-se imprescindível, nos processos de desobsessão, seja a “família do paciente alertada para as responsabilidades que lhe dizem respeito, de modo a não transferir ao enfermo toda a culpa ou dele não se desejar libertar, como se a Sabedoria Celeste, ao convocar o calceta ao refazimento, estivesse laborando em erro, produzindo sofrimento naqueles que nada teriam a ver com a problemática do que padece. Tudo é muito sábio nos Códigos Superiores da Vida. Ninguém os desrespeitará impunemente.” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

“Os dias passavam lentos para a ansiedade dos envolvidos na trama redentora. O tempo era preenchido por leitura salutar, aprofundando a meditação e o estudo nas incomparáveis páginas de Allan Kardec, em “O Livro dos Espíritos”, com que o amigo Sobreira brindara o colega de armas. O conteúdo incomum quão precioso da Obra facultava ao neófito das Verdades Eternas entranhando deslumbramento, ensinando-lhe valorizar a ensancha inditosa que acarretava sofrimento, graças à qual, porém, lhe caíam as vendas do entendimento, concedendo-lhe a visão dos horizontes infinitos da esperança sem limite, da alegria sem receios, da sabedoria sem inquietações. Atraído pelas informações espirituais dantes jamais suspeitadas, lendo e comentando com a esposa que o seguia afervorada, lamentava o tempo passado na ignorância da preciosa Doutrina e confessava a falência do orgulho, do materialismo e seus sequazes no defrontar com o Espiritismo. Os Sobreiras, quanto lhes permitiam os compromissos, visitavam-nos e dona Mercedes, por telefone, cada dia saudava a nova consoror, emulando-a ao prosseguimento confiante nas tarefas ora encetadas com afinco. Nos dias aprazados realizavam o Culto Evangélico no Lar com que hauriam ânimo robustecido e iluminação interior. Simultaneamente, passaram a participar das sessões de estudo doutrinário, duas vezes por semana, na Sociedade Espírita “Francisco de Assis”, de cujo valioso aprendizado mais

se lhes aguçava a sede de saber, adquirindo respostas para as mil indagações, dúvidas e interrogações que se lhes multiplicavam surpreendentemente como sói acontecer com todos os que travam relações com o Consolador. Os apontamentos felizes expostos pelos divulgadores da Mensagem Espírita, vazados em linguagem simples, no entanto, profunda, quão clara, fascinavam os novos simpatizantes do Espiritismo, que, em cada conceito, descobriam rumos novos e material para mais dilatadas considerações que os empolgavam. É certo que anelavam a cura da filha, sua libertação, sem embargo, porém, compreendiam os impositivos superiores da vida, passando a considerar os acontecimentos sob o ponto de vista espiritual, sem os limites terrificadores das nesgas materiais que entorpecem o discernimento e rebelam a razão. Naquela Casa encontraram um mundo novo, estranho: o da fraternidade, onde a esperança emoldura as almas de resignação e a caridade agiganta os seus felizes servidores. Tinham a impressão de que o grupo formava uma única família e os recém-chegados eram recebidos como membros queridos, ainda não conhecidos... Sem a curiosidade perniciosa nem a indiscrição perturbadora, todos demonstravam amizade cordial e espontânea, entretecendo conversação agradável sem as cargas danosas das queixas e das reclamações com que se comprazem a ociosidade e a rebeldia. Os que lhes conheciam o fardo de dores, narravam as próprias esperanças, os frutos das alegrias recolhidas, interessando-se em ajudar mediante a prece, as vibrações salutares e a intercessão cristã. Mundo novo, sim, o da afeição pura e do entendimento cordial, que deve ser a colmeia cristã em todo tempo e lugar. O médium Joel, também sinceramente interessado, sempre que solicitado, com gentileza expunha opiniões, narrava experiências de formosas e consoladoras incursões mediúnicas de que fora partícipe, retirando valiosas conclusões doutrinárias que os animavam. Dona Matilde Albuquerque, a benfeitora de Rosângela, fez-se amiga da sra. Santamaria, ampliando o círculo de relações da sofrida consoror por meio de cuja afeição recolhia preciosos estímulos e encorajamento para a porfia no esforço saneador. Nesse clima ameno de confiança, trabalhavam os Instrutores amáveis os sentimentos dos recém-conversos, de modo a predispor-los para os tentames de maior envergadura. Nenhum regime de exceção, nenhuma precipitação. Em qualquer processo obsessivo, é de efeito superior a renovação e a conscientização dos envolvidos, do que resultam os primeiros benefícios imediatos, que são: o despertar para as responsabilidades do espírito, o amor desinteressado, o perdão indistinto e o desejo honesto da inadiável reparação aos danos causados... Encetado o esforço da melhoria de dentro para fora, mais fácil a liberação dos compromissos infelizes que engendram amargura e dor. Por essa razão, nunca se

devem desconsiderar as contribuições do estudo doutrinário, na terapêutica desobsessiva, não apenas por parte dos litigantes diretos como também do grupo familiar, fortemente vinculado ao problema espiritual.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 16)

“Ao lado das terapêuticas valiosas, ora aplicadas nos obsessos de vários portes, impõem-se os recursos valiosos e salutares da fluidoterapia e das expressivas contribuições doutrinárias da Terceira Revelação, que traz de volta os insuperáveis métodos evangélicos de que se fez expoente máximo Jesus, o Divino Médico de todos nós. O amor e a prece, o perdão e a caridade, a tolerância e a confiança, a fé e a esperança não são apenas virtudes vinculadas às religiões passadas, porém, insubstituíveis valores de higiene mental, de psicoterapia, de laborterapia, que se fazem de urgência para neutralizar as ondas crescentes do ódio e da revolta, da vingança e da mágoa, da intolerância e da suspeita, da descrença e da desesperança, que irrompem e se instalam no homem, tudo avassalando intempestivamente. A Doutrina Espírita dispõe de valiosos tesouros para a aquisição da felicidade na Terra e depois da desencarnação. Conhece-la e praticar-lhe os ensinamentos representa uma ensancha ditosa para aqueles que aspiram a melhores dias, anelam por paz e laboram pelo bem.” (MPM, *Tramas do destino*, Tramas do destino)

“Auto-obsessão. [...] D. Artêmis insistia com a filha, tentando arrancá-la da lassidão, emulava-a às prendas domésticas, cujo labor lhe seria proveitoso, com resultados mínimos. O espírito viciado, indolente, instava por cultivar infelicidade, pessimismo, deixando-se sofrer parasitariamente e ensejando o intercâmbio com os inimigos desencarnados que lhe aumentavam as dores e receios, dando curso à obsessão que assumiria com o tempo, não fosse cuidado o caráter subjugador. Em problemas desta natureza, a terapêutica sempre deverá iniciar-se pela conscientização do paciente, reeducando-se-lhe a vontade, disciplinando-o e motivando-o à aquisição de ideias nobres, mediante o exercício de leituras salutares, diálogos otimistas e positivos, oração e reflexões nobres, passando-se à fluidoterapia ou realizando-a simultaneamente, pelo processo dos passes, da água fluidificada, utilizando-se, também, a laborterapia e, em casos mais graves, os específicos da técnica psiquiátrica. Não padecem dúvidas, porém, quanto aos promissores e relevantes resultados que se obtêm através da renovação íntima do enfermo, sua radical mudança dos velhos hábitos, para as realizações edificantes e os exercícios da caridade ao próximo, no que, em análise última, é sempre caridade para consigo próprio. Lentamente, o conhecimento da reencarnação, fora dos núcleos espiritistas, vai propondo mudanças auspiciosas na forma de encarar-se um sem-número de ocorrências, sugerindo

práticas não ortodoxas diante de enfermos e perante enfermidades tidas como verdadeiros flagelos sociais que, ainda, prosseguem como tais. Não está longe o dia em que as “ciências da mente” recorrerão ao Espiritismo, verdadeira “ciência da alma e da vida”, a fim de beberem na sua fonte os informes que lhes faltam, de cujos resultados se felicitará a Humanidade, colocando-se definitivamente a luminosa ponte que ligará a Ciência à Religião, originando-se uma nobre filosofia de vida para o ser humano, que, então, se sentirá mais feliz e mais irmão do seu próximo, conforme a previsão estatuída nos ensinamentos evangélicos. Lisandra, auto-obsidiada pelas evocações inconscientes, anulava os esforços conjugados do médico e dos familiares, por enjaular-se na obstinação cega de ser e permanecer inditosa. Todo problema deve constituir um repto ao valor moral do homem a fim de ser solucionado. Submeter-se passivamente a qualquer conjuntura de dor, ignorância e sombra, resulta de tácita covardia moral ante a luta, na qual todos devem investir e empenhar esforços para a superação das dificuldades e a instauração dos triunfos que produzem seres ditos. O maior inimigo do paciente auto-obsidiado é a sua consciência de culpa, de que não se esforça, realmente, por libertar-se, conseguindo merecimentos pelo uso bem dirigido da força que empreende para a regularização dos erros pungentes. No capítulo das auto-obsessões aparece vasta gama de alienados, egoístas, narcisistas, hipocondríacos, exibicionistas, etc., em cuja gênese da enfermidade se fixam complexas matrizes para a fascinação e a subjugação, que procedem dos Espíritos infelizes que são afins ou se lhes vinculam por processos cármicos redentores. Em toda e qualquer injunção, porém, a psicoterapia do Evangelho é o mais eficaz medicamento para a alma e, conseqüentemente, para a vida. Lisandra percorreria ainda vasta e longa via expurgatória para conscientizar-se verdadeiramente das finalidades da vida na Terra.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

“Terapia desobsessiva. [...] A obsessão, mesmo em se apresentando com as características primeiras, na sua feição mais simples, revela uma anterioridade causal, possuindo raízes que não podem ser erradicadas com facilidade, sem que se reportem os esforços às suas matrizes legítimas. A terapia desobsessiva sempre assume vulto e exige responsabilidades, impondo regras indispensáveis para o êxito. Em face de tal injunção, é de todo conveniente que se estabeleçam intercâmbios com os Mentores Espirituais, antes de se aprofundarem os interessados nos mecanismos da técnica saneadora. Naturalmente, mediante a evangelização do paciente — fator preponderante para qualquer empreendimento socorrista —, a oração conjunta e o ministério fluidoterápico pelo passe podem-se conseguir resultados opimos. Não geralmente, porém. Sem

o labor iluminativo do parasito espiritual, removem-se apenas os efeitos, porque a Entidade, ligada por sutis processos de sintonia psíquica, resultantes da afinidade de hábitos, das vibrações viciosas, dos costumes transatos, sempre retorna, atraída poderosamente pelo vórtice psíquico a que se imanta, no impositivo da regularização dos débitos. Nesse sentido, a mudança de fixação mental da vítima, transformada em algoz, resolvendo-se a esquecer e perdoar a ofensa, libera-se do propósito nefando, embora o devedor somente se exima ao sofrimento que se impôs, quando cresça em valores morais, nas conquistas íntimas pelo bem desenvolvido ou pela dor bem suportada em outras atividades... Consideremos, ainda, que, nos processos obsessivos, Entidades irresponsáveis, não vinculadas ao obsessivo, se permitem atrair pela turbulência da alienação que os desperta, passando a engrossar a fileira dos perturbadores. Logo se iniciam os labores socorristas, na técnica desobsessiva, os ociosos não comprometidos diretamente com o paciente são afastados, demandando outras zonas e buscando outros insensatos com os quais se afinam, naturalmente.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“Terapia desobsessiva. [...] Nesse cometimento da terapia desobsessiva, a contribuição dos amigos encarnados é sempre valiosa. Investidos das responsabilidades cristãs e sinceramente interessados no auxílio fraternal, emitem raios mentais de teor específico de que nos utilizamos para atingir os resultados superiores. Cada mente é um dínamo gerador de energias, cuja intensidade e procedência canalizam forças poderosas, conforme a direção que se lhes dá. Portadora de energias ainda desconhecidas para nós outros desencarnados, a onda mental agrega como desarticula as moléculas que compõem a matéria em suas múltiplas e complexas expressões. A criação, por isso mesmo, é decorrência da Mente Divina que tudo rege, em razão do que, em parte alguma, existe o vácuo, ocorrem mecanismos de inutilidade produzindo paradas ou caos. Este é apenas pobreza das percepções e primarismo da nossa ideia de conjunto. Na energia pura está a base de todas as coisas. A mente, por sua vez, constituída por energia especial, emitindo raios e ondas contínuos, quando dirigida com objetivos próprios e conhecidos, sincroniza com as vibrações que constituem o mecanismo geral, podendo alterar-lhe o conteúdo, o potencial dinâmico... O médium doutrinador, em face disso, é precioso colaborador nas tarefas desobsessivas, graças à sua perfeita identificação com o programa de libertação, por emitir e exteriorizar as vibrações especiais que são próprias à vida física, atuando em nosso plano de ação como recurso ideoplástico expressivo, bem assim funcionando na qualidade de força energética mais carregada de potencial humano resultante da filtragem pelo corpo físico. No conjunto

dos cooperadores encarnados, o médium passista, disciplinado e vigilante, pode ser comparado a um interruptor que aciona a passagem de forças, através das suas próprias potencialidades, funcionando entre os desencarnados e os portadores de quaisquer distúrbios. Nesse ministério, ao filtrar as energias procedentes de nós outros, transmite-as carregadas das forças pessoais, mais facilmente assimiláveis pelos necessitados, em função do estágio na conjuntura fisiológica. Verdadeiro transreceptor, é-lhe indispensável gerar energias puras, salutares, de que nos utilizamos para os complexos misteres de restauração de perispíritos enfermos e organizações somáticas lesadas... Todavia, por mais alto potencial curador disponha o homem, se este não se vincula aos labores de santificação e não se engrandece interiormente, mediante a vivência do Cristianismo em sua pureza, torna-se detentor de graves recursos destrutivos, que são utilizados por mentes infelizes e impiedosas com as quais sintoniza por processos especiais de identificação de propósitos, de inconsciência e irresponsabilidade, que passam a comandá-lo em dominação perniciosa. Aliás, a ocorrência sucede com todo aquele que se permite licenças e desequilíbrios morais. Os que portam expressivas forças de atuação enérgica mais facilmente se fazem presas daquelas mentes, por motivos óbvios. Cada criatura emite as vibrações que lhe são próprias, cabendo-lhe o dever inadiável de aprimorar tais energias, colocando-se a serviço do bem operante. E esse precioso meio de alterar providencialmente as próprias forças é o conhecimento e a vivência do Evangelho de Jesus em toda a sua eloquência. De essencial relevância, portanto, a ajuda dos companheiros na realização da caridade moral e espiritual, particularmente nos socorros aos obsidiados que pululam em agonia por toda parte, aguardando por nós... Os colaboradores do “Francisco Xavier”, adestrados no plano físico em misteres que tais, foram-nos instrumentos fáceis para execução dos serviços curadores junto ao Sr. Rafael e a Lisandra, que exteriorizariam posteriormente os resultados das valiosas terapias de que se faziam objeto. Ao Senhor cabiam, agora, os resultados do abençoado esforço despendido.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“ANÁLISE DAS OBSESSÕES. [...] TERAPIA DESOBSESSIVA. Conforme o quadro da alienação, variam os recursos terapêuticos. Sabendo-se que o agente é um ser que pensa e age movido por uma razão que lhe parece justa, qualquer política de ilaqueação da honestidade torna-se improficua, aumentando a hostilidade e a tenacidade do perseguidor. O principal mister deve ser o de concentrar no enfermo desencarnado as atenções, tratando-o com bondade e respeito, mesmo que se não esteja de acordo com o que faz. Conquistar para a íntima renovação o agente infeliz, porquanto

toda ação má procede sempre de quem não está bem, por mais escamoteie e disfarce os sentimentos e o próprio estado, é o primeiro definitivo passo. Evitar-se a discussão inoperante. Jorrado de humildade real, na qual transpareça o interesse amoroso pelo bem-estar do outro, que terminará por envolver-se em ondas de confiança e harmonia, de que se beneficiará, mudando de atitude em relação aos propósitos mantidos até então. Simultaneamente, educar-se à luz do Evangelho o paciente, insistindo junto a ele, com afabilidade, pela transformação moral e criando em torno de si condições psíquicas harmônicas, com que se refará emocionalmente, estimulando-se a contribuir com a parte que lhe diz respeito. Atraí-lo a ações dignificantes e de beneficência, com que granjeará simpatias e vibrações positivas, que o fortalecerão, mudando o seu campo psíquico. Estimular-lhe o hábito da oração e da leitura edificante, ao mesmo tempo trabalhando-lhe o caráter, que se deve tornar maleável ao bem e refratário ao vício. As mentes viciosas encharcam-se de vibriões e parasitas extravagantes, dementadas pelo desdobrar dos excessos perniciosos. Ao lado dessa psicoterapia, é necessária a aplicação dos recursos fluídicos, seja através do passe ou da água magnetizada, da oração intercessória com que se vitalizam os núcleos geradores de forças, estimulantes da saúde, com o poder de desconectarem os “plugs” das respectivas matrizes, de modo a que o endividado se reabilite perante a Consciência Cósmica pela aplicação dos valores e serviços dignificadores. Não ocorrem milagres em misteres que tais como noutros de qualquer natureza. O acontecimento miraculoso, quando parece suceder, é o resultado de uma ação muito bem programada, cujos efeitos são registrados e cujas causas não são necessariamente, no momento, conhecidas. Toda pessoa que deseje contribuir na esfera de socorro desobsessivo, que se não descure da conduta íntima, nem das suas ligações com o Plano Espiritual Superior, donde fluem os recursos lenificadores, salutares para os cometimentos do amor. Recordando Jesus, diante dos obsidiados e dos obsessores, busquemos a Sua ajuda e inspiração na condição elevada que Ele ocupa como Senhor dos Espíritos.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Análise das obsessões)

“Medidas profiláticas para obsessões. [...] — À parte os fatores cármicos preponderantes ou propiciatórios — aduziu o Dr. Arnaldo — os processos obsessivos se instalam, porque os Espíritos imaturos não se esforçam por adquirir uma capacidade doadora, conforme chamam os psicólogos *oblativa*, saindo de si para oferecer, para dar-se, gerando relacionamentos efetivos, duradouros, simpáticos, que produzem bônus de valor moral e de paz. O homem nasceu para amar. O Espírito é criado para amar. Nos estágios iniciais, infantis, pelo egocentrismo de que se faz objeto, mesmo

quando se dispõe ao amor, quase sempre o avilta com as paixões subalternas. O amor, todavia, que jaz inato em todas as criaturas, pode ser educado, desenvolvido, ampliando a sua capacidade doadora, a fim de que se possa expressar em toda a pujança e grandeza. Para que tal ocorra, faz-se imprescindível que o indivíduo se desenvolva em plenitude, não somente através da área do sentimento, senão também da inteligência e da razão, amadurecendo a personalidade. Quando o amor alcança este estágio, ele desperta amor, gera reciprocidade, inspira reações semelhantes, o que igualmente sucede, quando a pessoa cultiva o ódio, a desconfiança, a insegurança, produzindo nos que a cercam sentimentos e efeitos análogos. Com uma tal capacidade interior de amar, não há como agasalhar as induções perniciosas dos perseguidores desencarnados, que são rechaçadas pelo otimismo, pela reflexão e segurança emocional. “Os indivíduos tornam-se presas fáceis dos seus antigos comparsas, tombando nos processos variados de alienações obsessivas, porque, além de se descurarem da observância espiritual da existência, mediante atitudes salutares, comportamento equilibrado e vida mental enriquecida pela prece, pela reflexão, não se esforçam por libertar-se dos aborrecimentos e problemas desgastantes, mediante a aplicação dos recursos físicos e especialmente dos mentais, por acomodação preguiçosa ou por uma dependência emotiva infantil, que sempre transfere responsabilidades para os outros e prazeres para si. São poucos, ainda, os indivíduos que se utilizam corretamente da razão, isto é, que tomam conhecimento e participam dos acontecimentos do mundo objetivo como do subjetivo, conscientizando-se da sua realidade espiritual. Faz-se imperioso aprender a pensar e a utilizar com sabedoria o raciocínio, extraindo equilíbrio e discernimento. Naqueles nos quais o hábito de bem pensar é fugidio ou raro, porque a mente permanece em desconcerto, rica de imagens perturbadoras e recordações de teor prejudicial, mais facilmente os parasitas espirituais encontram campo para se instalar, desenvolvendo as suas metas infelizes. A vontade disciplinada e o hábito da concentração superior armam o homem para e contra mil vicissitudes que defronta na sua escalada evolutiva. Não há milagre! Quando tal parece ocorrer, isto é resultado de muitos fatores que se conjugam, produzindo um efeito natural, ético, que irrompe com desconhecimento das suas causas, não porém sem elas. “A concentração positiva libera a mente dos clichês viciosos, próprios ou recebidos de outras mentes como do meio onde vive, já que todos somos sensíveis ao ambiente no qual nos movimentamos. Por adaptação às ocorrências do dia-a-dia o homem se deixa arrastar meio dormido pela correnteza dos acontecimentos, sem despertar o pensamento para que o intelecto raciocine com objetividade

e discernimento, estabelecendo parâmetros do que deve e não deseja, ao que não deve, mas deseja fazer... Como efeito, a preguiça mental é um polo de captação das induções obsessivas pelo princípio de aceitação irracional de tudo quanto a atinge. Cabe ao homem que pensa dar plasticidade ao raciocínio, ampliando o campo das ideias e renovando-as com o aprimoramento da possibilidade de absorver os elementos salutares que o enriquecem de sabedoria e de paz íntima. Com o tempo, a capacidade de discernir dota-o com a aptidão da escolha dos valores que o impulsionam para mais altas aspirações, com plena libertação dos vícios de toda natureza, inocente como uma criança, quero dizer, sem os tormentos da insatisfação e equilibrado nas aspirações como um sábio que já se resolveu pela conquista, em harmonia, daquilo que lhe é melhor. “Podemos chamar a essa atitude de psicoterapia preventiva ou tratamento para as obsessões.” Confesso que me encontrava extasiado. Na humildade do amigo discreto, havia um *filão aurífero* de conhecimentos que variavam nos campos da Psicologia e da Psicanálise, da Fisiologia e da Terapêutica Médica com apurado senso de discernimento numa mente clara, sem ortodoxias e aberta à contribuição do conhecimento donde quer que procedesse.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“Argos, invigilante, deixava-se seduzir pela prosápia pessoal sob a hipnose de Felipe, por ele mesmo atraído, já que agasalhando os conflitos negativos e negando-se ao trabalho edificante que vitaliza os *centros de força* onde se desenvolvem os fulcros de energia, caía em faixas vibratórias de baixo teor, tornando-se fácil presa para a sintonia com o perseverante inimigo. Há quem indague, nos arraiais espíritas, porque determinados pacientes portadores de obsessão, que frequentam com assiduidade as Instituições onde se vivem os postulados da Doutrina revelada a Allan Kardec, que se especializam no mister do tratamento a tais alienações, não se recuperam. Muitos inquirem, também, sobre a razão porque os Mentores Espirituais não libertam os obsessos e subjugados, em nome da caridade. Nunca será demais repetir-se que, em todo processo obsessivo, a aparente vítima é o legítimo algoz apenas transferido no tempo, sendo-lhe a dívida a razão do mecanismo perturbador. Vencido pela insânia do ódio, aquele que foi dilapidado imanta-se ao infrator que o infelicitou e assume a igualmente indébita posição de cobrador ou justiceiro, incidindo, por sua vez, em erro não menor. Enquanto o amor não luz no defraudado, ante a mudança de comportamento do seu adversário, eis que o problema permanece. Outrossim, devidamente esclarecido sobre o equívoco em que se demora, o atual verdugo, mediante doutrinação por alguém que lhe tenha autoridade moral e o sensibilize, pode mudar de atitude, resolvendo-se por

abandonar a pugna, o que não isenta o incurso na dívida de a resgatar por outro processo de que se utilizam os códigos da Soberana Justiça. Na terapia desobsessiva, os cuidados para com o encarnado não podem ser menores em relação aos para com o enfermo psíquico que o vitimiza, em desalinho e infortúnio qual se encontra na outra dimensão da vida. Deve-se ter em mente que o fato de nem sempre ser visto o perseguidor desencarnado pelos homens, não significa que a tarefa destes, aliada à dos Guias Espirituais, deva ser a de afastá-los, pura e simplesmente. Seres vivos e inteligentes, apenas despidos da matéria, sofrem e amam, odeiam e lutam, esperando a ajuda que não souberam ou não quiseram oferecer-se. Portanto, o amor deve alcançar a vítima de ontem, que sofre há mais tempo, amparando-a, de modo a que desperte para não mais sofrer nem provocar sofrimento. E como a função da dor reveste-se de um poder terapêutico de libertação para quem a sabe aproveitar, justo se faz que o encarnado se modifique para melhor, mediante cujo comportamento também sensibiliza o seu opositor, a seu turno adquirindo recursos de paz e títulos de trabalho para o seu crescimento espiritual. Sem embargo, há pacientes, obsidiados ou não, para os quais, graças à sua rebeldia sistemática e teimosa acomodação nas disposições inferiores, a melhor terapia é a permanência da doença, poupando-os de males maiores. Há paráliticos que recuperam os movimentos e marcham para desastres que poderiam evitar, se o quisessem; portadores de micoses, chagas e pústulas, refazem a aparência física, curando-se das dermatoses e infectam a mente e a alma com os contágios dos atos deprimentes e viciosos; cegos que recobram a visão e a utilizam erradamente na observação dos fatos; viróticos e portadores de limitações que se restabelecem, logo atirando-se, lúbricos e desesperados, nos labirintos da insatisfação, da agressividade, mais se infelicitando. No campo das obsessões, não são poucos aqueles que, logo se melhoram, abandonam as disposições de trabalho e progresso, para correrem, precipites, de retorno aos hábitos vulgares em que antes se compraziam. Mesmo diante de Jesus este fenômeno era habitual. Em princípio, porque conhecesse a procedência dos males que afligiam os enfermos e infelizes que O buscavam, como é compreensível, o Senhor não curou a todos... E dentre os muitos curados, ficou memorável a interrogação que Ele dirigiu ao ex-hanseniano que lhe foi expressar a gratidão pelo benefício recebido. “— Não foram dez os curados, porque só este veio agradecer?!” [* Lucas 17, vs. 17 (nota da editora)]. É comum fazer-se compromisso íntimo de renovação e trabalho, enquanto perdura a doença, negociando-se com Deus a saúde que se deseja pelo que se promete realizar, como se a prática das virtudes do bem fosse útil ao Pai e não dever de todos nós, que

nos beneficia e felicita. Logo passa a agudez do sofrimento e o tempo distancia a mente ex-padecente do momento da enfermidade, a ilusão substitui a realidade; a volúpia do prazer estiola os desejos de servir e ele cai na indiferença, quando não sucede ocorrerem males piores. Quanto àqueles que frequentam as Instituições Espíritas portando obsessões e não se recuperam, merece que se tenha em mente o fato de que a visão do medicamento não propicia a saúde, senão a ingestão dele e a posterior dieta conforme convém, ao lado de outros fatores que permitem o retorno do bem-estar. Demais, nem todos os males devem ser solucionados conforme a óptica de quem os padece, mas de acordo com superiores programas que estabelecem o que é de melhor para a criatura. A função do Espiritismo é essencialmente a de iluminação da consciência com a consequente orientação do comportamento, armando o seu aprendiz com os recursos que o capacitem a vencer-se, superando as paixões selvagens e sublimando as tendências inferiores mediante cujo procedimento se eleva. Na terapia desobsessiva, o contributo do enfermo, tão logo raciocine e entenda a assistência que se lhe ministra, é de vital importância, porquanto, serão os seus pensamentos e atos que responderão pela sua transformação moral para melhor, com a real disposição e posterior ação para recuperar-se dos males praticados, ora beneficiando aqueles que lhe sofreram os prejuízos e por cuja regularização os mesmos se empenham, apesar dos métodos equivocados e escusos de que se utilizam. A evangelização do Espírito desencarnado é de suma importância, mas, igualmente, a da criatura humana que se emaranhou na delinquência e ainda não se recuperou do delito praticado. Não raro, é mais fácil de colimarem-se resultados na terapia desobsessiva com os pacientes de mente obnubilada, do que com aqueles que raciocinam e não se dispõem à tarefa de mudança interior, da ação dignificante, afogados em dúvidas que cultivam e indisposições que lhes agradam. Na atualidade, grande número de pacientes portadores de alienação por obsessão transita por gabinetes de respeitáveis psiquiatras que lhes prescrevem drogas aditivas de que se encharcam, viciando a vontade, que perde os comandos e demorando-se abúlicos, sofrendo dependências de demorada erradicação. Sem o controle da vontade, que sofre a ação barbitúrica da droga e a perniciosa interferência da mente perturbadora, o enfermo tem dificuldade de lutar utilizando-se dos recursos desobsessivos cujos efeitos dele dependem. É claro que não censuramos este procedimento psiquiátrico, tendo em vista que, em determinados quadros da loucura, a providência é salutar, especialmente nos muito agitados, nos catatônicos, nos psicótico-maniaco-depressivos — mesmo que estejam sob a indução de adversários desencarnados, evitando-se, dessa forma, a consumação

do suicídio provocado —, mas não o seu uso genérico. O futuro próximo contribuirá com critérios mais rigorosos e selecionados na aplicação de tais terapêuticas, especialmente quando o preconceito científico ceder lugar ao discernimento cultural, que verá no paciente, não apenas o soma, senão, e principalmente, o Espírito com os seus equipamentos de perispírito e matéria. Felipe, que se adestrara na técnica de vingança contra aqueles a quem odiava, nos tormentos em que se debatia, utilizou-se da fraqueza moral de Argos, para estabelecer contato telepático e prosseguir na indução obsessiva, utilizando-se desse método sutil e perigoso, pela estimulação das cargas negativas do comportamento do seu desafeto, para promover-lhe um quadro complexo de distúrbios da emoção, a fim de dominá-lo depois. Era a astúcia do vingador lutando contra as reservas de forças do sitiado, que cedia, graças à negligência egoística e presunçosa do mesmo.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“O maior antídoto à obsessão, além da comunhão mental com Deus, nunca será demasiado repeti-lo, é a ação enobrecedora. O trabalho edificante constitui força de manutenção do equilíbrio, porquanto, desenvolvendo as atividades mentais, pela concentração na responsabilidade e na preocupação para executar os deveres, desconecta os “plugs” que se encaixam nas matrizes psíquicas, receptoras das induções obsessivas. O homem de bem, que age com morigeração, sem a febricidade extenuadora, constrói uma couraça de resistência aos Espíritos perturbadores e às suas descargas mentais, que os desanimam, quando pretendem desenvolver um cerco de alienação obsessiva. Isto porque, não se sentindo aceitos, logo desistem, partindo em busca de respostas mentais em campos de ociosidade psíquica, nos quais é mais fácil a captação do pensamento deprimente, que passa a ser digerido através de um desdobramento de reflexões que levam à sua fixação, primeiro passo para o distúrbio do comportamento psicológico. A oração, portanto, desdobrada na ação superior, representa a psicoterapia anti-obsessiva mais relevante, que está ao alcance de toda e qualquer pessoa responsável, de boa vontade. Desses elementos decorrerão a conduta moral, a consciência de discernimento que leva ao estudo espírita, mediante cujo conhecimento o paciente se abastece de forças para levar adiante os cometimentos dignificantes. O estudo muito e definitivamente contribui para a compreensão dos códigos que regem a vida, do entendimento das causas atuais e passadas das aflições, da maneira de conhecer as leis dos fluidos e o estímulo contínuo para a perseverança no clima das realizações espirituais libertadoras. Conforme esclarecera Felipe, por ocasião do debate que lhe propiciara a mudança de intenções, outros cobradores não menos austeros nos desejos de desforço passaram a sítar a casa mental

de Argos. De um lado, estimulado pela irresponsabilidade de Maurício, incapaz de assumir compromissos superiores e deles desincumbir-se a contento, o jovem facilmente revinculava-se às Entidades perversas e impudicas que o espreitavam. Quase baldados eram os contributos gerais em seu favor, desde que, ao invés de constituir-lhe emulação para a liberdade definitiva, a ajuda recebida parecia-lhe um contributo que ele supunha merecer, não valorizando, como de desejado, o esforço conjugado que lhe dispensavam os amigos de ambos os lados da Vida. Nunca se deve esquecer que sendo o obsidiado o devedor é muito justo que a sua contribuição seja maior, como em qualquer problema de reorganização da saúde, seja o esforço pessoal, o mais relevante, assim como o sacrifício do paciente deve constituir a maior quota no processo da própria recuperação. Dificilmente compreendem esta realidade simples, os que se encontram enredados nos problemas que exigem renovação própria. E mesmo alguns que o entendem nem sempre se conscientizam do esforço, até a exaustão, se necessário, que lhes cumpre desenvolver. Esse comportamento dificulta-lhes a terapia lenificadora, fazendo adiar o momento da plenitude. Nesse sentido, Argos não se dava conta dos investimentos que haviam sido aplicados em seu favor, esquecendo-se da multiplicação dos valores positivos que lhe estavam ao alcance. Passou a viver períodos, estados de obsessão cíclica, marchando lentamente para um desequilíbrio emocional, que poderia apresentar-se irreversível no futuro. A saúde orgânica, graças à terapêutica acadêmica e à espiritual, foi-se-lhe recompondo até que se lhe instalou o equilíbrio físico esperado, em se considerando a gravidade do seu quadro. À medida que o bem-estar físico lhe oferecia os almejados recursos para serem aplicados em relação ao seu futuro, o nosso paciente mais descuidado emocionalmente se apresentava.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 31)

“Encontrava-me perplexo com o que acabara de ouvir. Já havia esquadrinhado a alma humana em vários aspectos, no entanto, esta angulação trágica mascarada pelo nome do amor, na qual o supremo egoísmo e a alucinação da luxúria predominavam, colheu-me de improviso. Aturdida, na alucinação que cultivava, aquela criatura odiava a mulher honesta, mãe e esposa abnegada, apenas porque lhe não podia perturbar o lar, arrastando o esposo e pai ao adultério, à desdita. E cega, no propósito doentio, cultivava a ideia do crime, em qualquer direção que seguisse! Antes que me alongasse em conjecturas descaridas, caindo na censura severa, o prudente Dr. Bezerra admoestou-me com benevolência, chamando-me a atenção para a companhia espiritual que a inspirava. Dei-me conta de que dois seres perversos lhe dominavam o comportamento quase por inteiro. Um deles, de aspecto repelente

pela vulgaridade em que se apresentava, excitava-lhe o desejo, comprimindo-lhe, habilmente, certa região do aparelho genésico, enquanto o outro lhe transmitia clichês mentais, muito bem elaborados, em que ela se via nos braços do eleito, sendo expulsa pela esposa que lhe surgia bruscamente, interrompendo o idílio licencioso... A pobre debatia-se em sofreguidão entre as duas sensações, de lubricidade e de frustração, entregando-se ao tresvario... — A nossa irmã está enferma da alma — acentuou o Mentor amigo. — Além disso, padece de estranha e grave obsessão vampirizadora, que lhe exaure as energias, despedaçando-lhe os nervos. Envolvamo-la em vibrações de afeto e de piedade, aguardando as providências iniciais que serão tomadas aqui. Nesse comenos, a comunicante ergueu o médium e pôs a destra sobre a cabeça da desconsolada mulher. Após descarregar-lhe energias refazedoras e interromper a compressão perturbadora que lhe impunha o vulgar perseguidor, conseguiu, também, através da aplicação correta de bioenergia nos centros coronário e cerebral, diluir as ideoplastias que o outro fomentava, transmitindo um pouco de renovação à enferma que, momentaneamente livre das influências terríveis, por pouco não foi acometida por um vágado.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 3)

“LIBERTAÇÃO PELO AMOR. [...] As Entidades foram-se deixando envolver pelas dúcidas vibrações daquela suave-energética mãe espiritual e adormeceram, inclusive Carlos. Deslindadas dos fluidos dos médiuns, logo após o encerramento dos trabalhos, que se deu mediante comovedora oração de graças que a Mentora proferiu, trabalhadores especializados conduziram-nas a outro campo de ação para hospitalizá-las em lugar próprio de refazimento e estudos em favor do futuro. O mesmo procedimento foi feito como de hábito com os médiuns e Carlos, este sempre aos cuidados do Sr. Empédocles, que retornou à última personalidade terrestre. Novamente detivemo-nos a confabular com a Diretora da Casa, a respeito do recurso da doutrinação indireta, usando a esposa em renovação, mais facilmente aceita pelo oponente do que alguém que se lhe não vinculasse afetuosamente. — “A doutrinação, amigo Miranda — elucidou-me —, é uma terapia de amor e somente com essa força, em nosso campo de ação espiritual, logramos o resultado a que ela se propõe. A informação lógica rompe as barreiras mentais e auxilia a razão, todavia, só o amor bem vivido arrebenta as algemas do ódio, da indiferença e proporciona o perdão. “Longos discursos e debates mediúnicos em muitos Núcleos espíritas às vezes servem apenas para a exibição de cultura e habilidade verbal; raramente para esclarecer e libertar os que se sentem lesados e estão sofridos, buscando entendimento, mesmo sem que se deem conta disso, e socorro. Não será, por acaso, essa a técnica de que a Vida se utiliza

para conosco? Mais lição silenciosa no tempo, do que verbalismo apressado na hora da ocorrência. Sorriu, benévola, no que todos a acompanhamos bem-humorados. E porque outros misteres ali tivessem curso, permanecemos observando e aprendendo, a fim de aproveitarmos o milagre bonançoso do tempo.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 16)

“**Exorcismo inútil.** O quase total desconhecimento da vida espiritual ou a ignorância a seu respeito, respondem pelas estranhas práticas do exorcismo desde recuadas épocas. A presunção e vacuidade das pessoas que se acreditam credenciadas para impor a sua falsa autoridade sobre outrem, fazem que transfiram o mesmo sentimento para os espíritos sofredores ou perversos que investem contra aqueles a quem afligem com insistente crueldade. A obsessão é resultado do intercâmbio psíquico, emocional ou físico entre dois seres que se amam ou que se detestam. Na raiz do fenômeno turbulento, encontram-se os componentes da identificação vibratória que faculta o processo perturbador. Aquele que se sentiu enganado ou traído, vitimado pelo seu opositor, busca retribuir o mal que lhe sofreu, impondo-lhe a crueldade da perseguição sem quartel procedente do mundo espiritual onde hoje se encontra. Dispondo de maior campo de compreensão mental e de técnicas sofisticadas para impor a sua vontade sobre aquele a quem detesta e deseja martirizar, estabelece o intercâmbio nefasto, que culmina com a instalação dos distúrbios que se convertem em sofrimento de breve ou longo curso, sempre, porém, afligentes. Outras vezes, são vinculações amorosas de qualidade inferior, nas quais ambos os comparsas intercambiam sentimentos vulgares, que os levam a uma convivência mental de torpes satisfações ou de desejos inconfessáveis, que a morte de um deles não mais permite realizar-se. A obsessão somente se instala porque há receptividade do paciente que lhe tomba nas malhas constritoras. Qualquer tentativa de tratamento deverá iniciar-se pelo conhecimento das razões que desencadearam o acontecimento infeliz. Como não há razão para alguém impor a sua vontade sobre a de outrem, particularmente, no que diz respeito às ingratas obsessões, também a ninguém é facultado o direito de afligir o seu próximo sem incorrer em penalidade que a si mesmo se impõe, em face das soberanas leis que estabelecem o respeito à vida de todos. A imprudência e as paixões que predominam em a natureza humana levam o ser a tresvariar no cumprimento dos seus deveres, transformando-se em insensato inimigo do seu companheiro de jornada, que então lhe sofre a cruz ou a perseguição sistemática, afligindo-o, gerando-lhe situações embaraçosas mediante as quais se sente feliz... Essa conduta nefasta, que muitas vezes passa desconhecida pela vítima, após o decesso tumular, mediante processos de sintonia e afinidade, vincula-

ao seu algoz, que passa a entender o que lhe ocorre e, não possuindo valores ético-morais satisfatórios para compreender e perdoar, toma a clava da justiça nas mãos e se acredita com o direito de desforçar-se naquele que o infelicitou. Tivesse outro conhecimento da vida, das suas leis e da Justiça Divina que jamais se engana ou desvia, e se apoiaria no olvido do mal para tornar-se feliz, liberando-se mentalmente de quem o haja atormentado e sido responsável pela sua desdita. A inferioridade moral da vítima, no entanto, qualidade essa peculiar à maioria dos temperamentos humanos, impõe a vingança como o melhor mecanismo para cobrar o mal que padeceu, tornando-se, por sua vez, o perseguidor, quando poderia continuar sendo credora de respeito pela sua situação de mérito. Assim sendo, a prática do exorcismo redonda inútil, particularmente no que tange aos chamados gestos sacramentais e às palavras cabalísticas, que produzem zombaria nos espíritos perseguidores, tanto quanto nos galhofeiros, que se comprazem acompanhando o ridículo daqueles que pretendem expulsá-los com comportamentos esdrúxulos, sem qualquer requisito moral que os credencie à terapêutica curativa. Quando ocorrem resultados positivos no tratamento de obsessos por meio desse recurso, defrontam-se as qualidades espirituais do terapeuta e não os comportamentos estranhos que se permite, porquanto, somente as energias elevadas, que decorrem das condutas moral e mental, podem afastar os espíritos infelizes daqueles que lhes padecem a injunção penosa. Apesar disso, para que o processo curativo se dê corretamente, são indispensáveis a transformação ética do paciente, as suas atividades de beneficência e de fraternidade, o compromisso com o amor e a oração, a fim de revestir-se de valores elevados que lhe facultem a sintonia com outras faixas vibratórias, evitando a urdidura de novas perturbações. Eis porque, no tratamento das obsessões, o diálogo com o enfermo espiritual se torna essencial, a fim de elucidá-lo quanto ao mal que executa, quando poderia ser feliz liberando o seu opositor e entregando-o à própria e à Consciência Divina. Prosseguindo na obstinação de fazer o mal a quem o prejudicou, permanece sofrendo, desse modo, afligindo-se sem cessar, quando tem o direito a desfrutar de paz e de renovação, já que todos rumamos para a felicidade que nos está destinada. O processo de iluminação interior é a meta fundamental de todas as ocorrências espirituais, por proporcionar direcionamento saudável e equilibrado a quem experimenta infortúnio, resvalando pelas rampas do ódio e das paixões mais primitivas. Quando Jesus exortava os espíritos imundos e Legião a que abandonassem aqueles a quem atormentavam, havia no Mestre a energia libertadora que interrompe o fluxo da obsessão. Ademais, sabia o Senhor quando se encerrava o débito do antigo algoz, liberando-o do

prosseguimento na dor. Por sua vez, as entidades infelizes, viam-No aureolado de luz e tocavam-se ante a Sua irradiação, alterando a conduta e descobrindo a necessidade de mudança de comportamento. Através dos tempos, alguns seguidores da doutrina cristã, enfrentando os espíritos doentes e vingativos, tentaram repetir as façanhas do Nazareno, muito distantes, porém, das qualidades vibratórias indispensáveis para o cometimento superior, fracassando de imediato nos objetivos. E quando isso acontecia, sem possuírem resistências psíquicas próprias, irritavam-se, passando a exigências descabidas, quando não se entregavam a gritarias e pugnas verbais injustificáveis com os obsessores, que mais se fortaleciam nos combates estabelecidos. Com o conhecimento do Espiritismo, graças às seguras informações fornecidas pelos próprios desencarnados, pôde-se descobrir as saudáveis terapias para atendimento das obsessões e das suas vítimas, atendendo-se não apenas ao encarnado, mas também ao irmão que sofre além da cortina carnal, que lhe padeceu a injunção perversa e ainda continua experimentando dissabores e amarguras. A criatura humana, sedenta sempre de novidades, sofrendo as consequências da conduta arbitrária, derrapa em profundos fossos de obsessões na atualidade, mas desejando receber ajuda sem maior esforço, adere aos processos de exorcismos, em cenas grotescas de debates entre os presunçosos terapeutas e os espíritos, provocando admiração e crescente fascínio. Sucede que, em muitos casos, aqueles que aturdem os imprevidentes, a fim de retornarem à carga posteriormente, fingem-se de modificados e arrependidos do mal que estão praticando, e abandonam o seu parceiro espiritual, apenas por algum tempo, volvendo depois com maior soma de aflição e de rebeldia. Em quaisquer situações de enfermidades espirituais, as condutas terapêuticas a adotar-se são a da compaixão e da caridade, do amor e do perdão em relação à vítima, assim como ao seu perseguidor, ambos incursos nos mesmos soberanos códigos da vida dos quais ninguém consegue fugir.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Exorcismo inútil)

“Terapia desobsessiva. A qualidade na terapia desobsessiva em diversas Instituições Espíritas deixa muito a desejar, em face da presunção e prepotência dos seus dirigentes, ainda aferrados a ideias que não correspondem aos princípios do Espiritismo. Doutrina de lógica e discernimento, as suas diretrizes assentam-se na Lei de amor que lhe constitui o princípio ético-moral e religioso, fundamento indispensável para a realização dos seus objetivos doutrinários. Graças a essa conceituação, todas as suas propostas são portadoras de uma filosofia comportamental otimista e nobre, através da qual a existência humana se torna edificante e suas finalidades possíveis de serem conquistadas. Não apenas abrangendo o mundo corporal,

a Revelação Espírita desvelou o mundo extrafísico e suas leis, a interferência dos espíritos na vida dos homens, e também o conúbio existente entre os encarnados e desencarnados que são atraídos pelos seus pensamentos, palavras e atos. Desse intercâmbio, quando perturbador, são estabelecidas as obsessões de curso lamentável por teimosia ou pertinácia, perversidade ou ignorância de uns e de outros, que somente se resolvem mediante a mudança de atitude e conduta íntima transformadora para melhor direcionamento moral. Em razão da sua constituição terapêutica, na condição de psicologia profunda que encontra os alicerces dos sofrimentos nas estruturas do próprio ser espiritual, os processos de que se utiliza para a reconstrução da saúde física, emocional e psíquica de ambos os indivíduos nos dois planos em que se movimentam, obedecem ao conhecimento das razões que motivam esses distúrbios e dos métodos de iluminação que devem ser aplicados para mudar a situação deplorável. Como decorrência, no que diz respeito aos labores desobsessivos, somente a autoridade moral do psicoterapeuta espiritual e a sua habilidade intelecto emocional conseguem o diálogo indispensável ao esclarecimento do perseguidor desencarnado e sua consequente alteração de comportamento em relação àquele que lhe padece a constrição psíquica. Nunca será demasiado recordar que o denominado obsessão se tornou o indigitado algoz, porque foi vítima de quem hoje lhe experimenta o trucidar dos sentimentos. Não havendo conseguido compreender a circunstância infeliz no passado que lhe dilacerou a alma, mantém o primitivismo do ódio transformado em sede de vingança que pretende aplicar com as próprias mãos em arroubos de justiça arbitrária, de consequências ainda mais infelizes. Por outro lado, não se havendo recuperado moralmente ante a vítima, aquele que hoje se sente perseguido, estabelece-se o confronto no campo das vibrações sutis, que necessita ser modificado através da renovação de um ou de outro, melhor ainda quando ambos se refazem e se dão as mãos em ajuda recíproca. O objetivo da terapia desobsessiva não é o de afastar apenas o perseguidor, como se fosse possível expulsá-lo da área vibratória em que se encontram fixados ambos os contendores. Qualquer tentativa nesse sentido sempre resulta inócua ou mais prejudicial por açular o ódio desse antagonista. Às vezes, tem-se a impressão de que a arrogância com que se permitem alguns doutrinadores, exuberantes na sua pseudo-autoridade moral, mais verbal que real, logra resultados positivos por afastar os obsessores. Em realidade, não ocorre a liberação do enfermo porque não houve alteração de propósitos, nem da vítima nem do seu insano adversário, mas um afastamento técnico, ilusório, por parte do desencarnado, para retornar com mais ira na primeira oportunidade que se lhe apresente favorável.

As pugnas espirituais exigem muito cuidado para serem resolvidas. Não temem os espíritos alterações verbais, diatribes, atitudes gestuais, gritaria e ofensas, ordens destituídas de conteúdo espiritual, para que abandonem os seus propósitos. Somente através da persuasão lógica e fraternal, rica de esclarecimento e de amor, é que se resolvem por buscar outros caminhos, especialmente se lhes são acenadas as ocasiões de conseguir a própria felicidade, deixando o seu inimigo com a própria consciência e a Justiça Divina que jamais falta. Devidamente esclarecido, dando-se conta do tempo malbaratado na perseguição doentia, compreendendo que, terminada a guerra desaparecem os objetivos programados, entendendo que Deus pode interferir de um para outro momento alterando a situação infeliz, resolve-se o adversário desencarnado por encontrar a paz e prosseguir no seu curso de evolução sem as amarras inditas da retaguarda. Na terapia desobsessiva, ambos os litigantes são necessitados de amor e de auxílio, de iluminação e de caridade, porque, encontrando-se na mesma faixa de comportamento vibratório, estão vinculados profundamente por ações indevidas que os comprometeram perante as próprias como diante da Consciência Cósmica. Despertar-lhes os sentimentos de dever e de respeito para com o outro, assim como para com todas as criaturas é um dos objetivos essenciais da doutrinação. A cura ou recuperação do paciente é um efeito natural dessa conduta, porquanto é de relevante importância considerar que o desencarnado igualmente se encontra enfermo e merece despertar intimamente a fim de lograr a saúde desorganizada. Se apenas tiver em mente o encarnado que sofre, o psicoterapeuta espiritual não se encontra equipado de valores para o mister, desde que a sua conduta parcial e individualista foge totalmente dos propósitos morais que estabelecem a construção do bem em todos os indivíduos onde quer que se encontrem. O mundo espiritual é o legítimo, e aqueles que se encontram desvestidos de matéria são portadores de sentimentos, de aspirações, de conteúdos morais e intelectuais, encontrando-se na realidade causal. Os métodos que têm por base a presunção dos encarnados que se acreditam em condições de impor os seus pensamentos e vontades aos espíritos são falhos. Eles mesmos, embora se esforçando, nem sempre logram exigir-se com êxito a transformação moral para melhor, não lhes sendo lícito, dessa forma, tentarem encontrar nos sofrendores do Além-túmulo obediência e submissão. Jesus, em razão da Sua autoridade moral, ordenava aos espíritos imundos que abandonassem as suas vítimas, e o fazia por constatar que a prova do obsidiado já se encontrava terminada, ao tempo em que os Seus anjos, aqueles que O acompanhavam, se encarregavam de dar prosseguimento ao esclarecimento dos indigitados perseguidores, que mudavam

de atitude desde o momento em que defrontavam o Mestre, deslumbrando-se com o Seu poder. Eis porque, em circunstância alguma, Ele deixou de ser obedecido. Tentar-se fazer o mesmo, supondo imitar o Rabi, é descabida autoconfiança e exacerbada vaidade que merecem revisão de comportamento. O amor irradia energias benéficas que alcançam os espíritos em perturbação e vingança, auxiliando-os a discernir o comportamento que se permitem e alterá-lo, de forma que se facultem o bem-estar e a liberação de quem lhe sofre a indução maléfica. Desse modo, jamais se deve esquecer que o espírito odiento de hoje assim se encontra porque foi vítima daquele que ora inspira compaixão e misericórdia. Qualquer atitude em favor de um e em detrimento do outro é equivocada. Tomadas as providências para a psicoterapia espiritual desobsessiva de ambos os enfermos, e tendo-se em mente a necessidade de vivenciar-se o trabalho no bem e a transformação moral sempre para melhor, estão sendo movimentados os valores para o estabelecimento da saúde real e construção social dos sofredores de ambos os planos da vida, construindo-se um mundo verdadeiramente rico de paz e de felicidade.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Terapia desobsessiva)

II.3. Poder da prece, da leitura edificante e da evangelização⁷

“COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS. [...] V – PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS. [...] PELOS OBSIDIADOS. 81. PREFÁCIO. A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas; traduz-se, na mediunidade escrevente, pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros. Os Espíritos maus pululam em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja que eles desenvolvem faz parte dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão, como as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve ser considerada prova ou expiação e como tal aceita. Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. A causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma

força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para isentá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para o livrar do obsessor, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio. Quase sempre, a obsessão exprime a vingança que um Espírito tenha e que com frequência se radica nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência. (Veja-se: cap. X, nº 6; cap. XII, nos 5 e 6.) Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareis e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, cumpre-se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo. Esta a ação mecânica, mas que não basta; necessário, sobretudo, é que se atue sobre o ser inteligente, ao qual importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade. E não é tudo: para garantir-se a libertação, cumpre induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele desponham o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particulares, objetivando a sua educação moral. Pode-se então lograr a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. A tarefa se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, presta o concurso da sua vontade e da sua prece. O mesmo não se dá, quando, seduzido pelo Espírito embusteiro, ele se ilude no tocante às qualidades daquele que o domina e se com-praz no erro em que este último o lança, visto que, então, longe de secundar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII) Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de quem haja de atuar sobre o Espírito obsessor. **82. Prece.** (Para ser dita pelo obsidiado) – Meu Deus, permite que os bons Espíritos me livrem do Espírito malfazejo que se ligou a mim. Se é uma vingança que toma dos agravos que eu lhe haja feito outrora, tu a consentes, meu Deus, para minha punição e eu sofro a consequência da

⁷ Vide Capítulos IV (“Doutrinação de entidades obsessoras”) e V (“Reuniões espíritas de desobsessão”), Sexta Parte (“Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas”), Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

minha falta. Que o meu arrependimento me granjeie o teu perdão e a minha liberdade! Mas, seja qual for o motivo, imploro para o meu perseguidor a tua misericórdia. Digna-te de lhe mostrar o caminho do progresso, que o desviará do pensamento de praticar o mal. Possa eu, de meu lado, retribuindo-lhe com o bem o mal, induzi-lo a melhores sentimentos. Mas, também sei, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam passível das influências dos Espíritos imperfeitos. Dá-me a luz de que necessito para as reconhecer; combate, sobretudo, em mim o orgulho que me cega com relação aos meus defeitos. Qual não será a minha indignidade, pois que um ser malfazejo me pode subjugar! Faze, ó meu Deus, que me sirva de lição para o futuro este golpe desferido na minha vaidade; que ele fortifique a resolução que tomo de me depurar pela prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor, daqui por diante, uma barreira às más influências. Senhor, dá-me forças para suportar com paciência e resignação esta prova. Compreendo que, como todas as outras, há de ela concorrer para o meu adiantamento, se eu não lhe estragar o fruto com os meus queixumes, pois me proporciona ensejo de mostrar a minha submissão e de exercitar minha caridade para com um irmão infeliz, perdando-lhe o mal que me fez. (Cap. XII, nos 5 e 6; cap. XXVIII, nos 15 e seguintes, 46 e 47.) **83. Prece.** (Pelo obsidiado.) – Deus Onipotente, digna-te de me dar o poder de libertar N... da influência do Espírito que o obsidia. Se está nos teus desígnios pôr termo a essa prova, concede-me a graça de falar com autoridade a esse Espírito. Bons Espíritos que me assistis e tu, seu anjo guardião, dai-me o vosso concurso; ajudai-me a livrá-lo do fluido impuro em que se acha envolvido. Em nome de Deus Onipotente, adjuro o Espírito malfazejo que o atormenta a que se retire. **84. Prece.** (Pelo Espírito obsessor.) – Deus infinitamente bom, a tua misericórdia imploro para o Espírito que obsidia N... Faze-lhe entrever as divinas claridades, a fim de que reconheça falso o caminho por onde enveredou. Bons Espíritos, ajudai-me a fazer-lhe compreender que ele tudo tem a perder, praticando o mal, e tudo a ganhar, fazendo o bem. Espírito que te comprazes em atormentar N..., escuta-me, pois que te falo em nome de Deus. Se quiseres refletir, compreenderás que o mal nunca sobrepujará o bem e que não podes ser mais forte do que Deus e os bons Espíritos. Possível lhes fora preservar N... dos teus ataques; se não o fizeram, foi porque ele (ou ela) tinha de passar por uma prova. Mas, quando essa prova chegar a seu termo, toda ação sobre tua vítima te será vedada. O mal que lhe houveres feito, em vez de prejudicá-la, terá contribuído para o seu adiantamento e para torná-la por isso mais feliz. Assim, a tua maldade tê-la-ás empregado em pura perda e se voltará contra ti. Deus, que é todo-poderoso, e os

Espíritos superiores, seus delegados, mais poderosos do que tu, serão capazes de pôr fim a essa obsessão e a tua tenacidade se quebrará de encontro a essa autoridade suprema. Mas, por isso mesmo que é bom, quer Deus deixar-te o mérito de fazeres que ela cesse pela tua própria vontade. É uma mora que te concede; se não a aproveitares, sofrer-lhe-ás as deploráveis consequências. Grandes castigos e cruéis sofrimentos te esperarão. Serás forçado a suplicar a piedade e as preces da tua vítima, que já te perdoa e ora por ti, o que constitui grande merecimento aos olhos de Deus e apressará a libertação dela. Reflete, pois, enquanto ainda é tempo, visto que a justiça de Deus cairá sobre ti, como sobre todos os Espíritos rebeldes. Pondera que o mal que neste momento praticas terá forçosamente um limite, ao passo que, se persistires na tua obstinação, aumentarão de contínuo os teus sofrimentos. Quando estavas na Terra, não terias considerado estúpido sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de momento? O mesmo acontece agora, quando és Espírito. Que ganhas com o que fazes? O triste prazer de atormentar alguém, o que não obsta a que sejas desgraçado, digas o que disseres, e que te tornes ainda mais desgraçado. A par disso, vê o que perdes; observa os bons Espíritos que te cercam e dize se não é preferível à tua a sorte deles. Da felicidade de que gozam, também tu partilharás, quando o quiseres. Que é preciso para isso? Implorar a Deus e fazer, em vez do mal, o bem. Sei que não te podes transformar repentinamente; mas, Deus não exige o impossível; quer apenas a boa vontade. Experimenta e nós te ajudaremos. Faze que em breve possamos dizer em teu favor a prece pelos Espíritos penitentes (nº 73) e não mais considerar-te entre os maus Espíritos, enquanto te não contes entre os bons. (Veja-se também, atrás, o nº 75: “Preces pelos Espíritos endurecidos”.) **Observação.** – A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto há os rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, nada se obtém, é isto um fato incontestável, pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é **a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais.** A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Veja-se: O

Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XXIII – “Da obsessão” – *Revue Spirite*, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“Examinando a obsessão. [...] Nesse particular, a prece, igualmente, conforme preconiza Allan Kardec, «é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor». Por isso, em qualquer operação socorrista a que você seja chamado, observe a disposição moral do seu próprio espírito e ore, alçando-se a Jesus, a Ele pedindo torná-lo alvo dos Espíritos Puros, por meio dos quais, e somente assim, você poderá oferecer algo em favor de uns e outros: obsessores e obsidiados. Examine, desse modo, e sonde o mundo íntimo constantemente para que se não surpreenda de um momento para outro com a mente em desalinho, atendendo aos apelos dos desencarnados que o seguem desde ontem, perturbados e infelizes, procurando, enlouquecidos, «com as próprias mãos fazer justiça», transformados em verdugos da sua serenidade. Opere no bem com esforço e perseverança para que o seu exemplo e a sua luta solvam sarando a dívida-enfermidade que o assinala, libertando-o da áspera prova antes de você caminhar, aflito, pela senda dolorosa... e purificadora. Em qualquer circunstância, ao exercício nobre da mediunidade com Jesus, tanto quanto ao sublime labor desenvolvido pelas sessões sérias de desobsessão, compete o indeclinável ministério de socorro aos padecentes da obsessão no sentido de modificarem as expressões de dor e angústia que vigem na Terra sofrida dos nossos dias.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Examinando a obsessão. [...] b) Perante obsessores. Para que você atinja a plenitude da harmonia íntima, cultive a oração com carinho e o devotamento com que a mãe atende ao sagrado dever de amamentar o filho. A prece é uma lâmpada acesa no coração, clareando os escaninhos da alma. Encarcerado na indumentária carnal, o espírito tem necessidade de comunhão com Deus através da prece, tanto quanto o corpo necessita de ar puro para prosseguir na jornada. Muitos cristãos modernos, todavia, descurando do serviço da prece, justificam a negligência com aparente cansaço, como se a oração não se constituísse igualmente em repouso e refazimento, oferecendo clima de paz e ensejo de renovação interior. Mente em vibração frequente com outras mentes em vibração produz, nos centros pensantes de quem não está afeito ao cultivo das experiências psíquicas de ordem superior, lamentáveis processos de obsessão que, lentamente, se transformam em soezes enfermidades que minam o organismo até ao aniquilamento. A princípio, como mensagem invasora, a influência sobre as telas mentais do incauto é a ideia negativa não percebida. Só mais tarde, quando as impressões vigorosas se fixam como panoramas

íntimos de difícil eliminação, é que o invigilante procura o benefício dos medicamentos de resultados inócuos. Atribulado com as necessidades imperiosas do «dia-a-dia», o homem desatento deixa-se empolgar pela instabilidade emocional, franqueando as resistências fisiopsíquicas às vergastadas da perturbação espiritual. Vivemos cercados, na Terra, daqueles que nos precederam na grande jornada da desencarnação. Em razão disso, somos o que pensamos, permutando vibrações que se harmonizam com outras vibrações afins. Como é natural, graças às injunções do renascimento, o homem é impelido à depressão ou ao exaltamento, vinculando-se aos pensamentos vulgares compatíveis às circunstâncias do meio, situação e progresso. Assim, faz-se imprescindível o exercício da prece mental e habitual para fortalecer as fulgurações psíquicas que visitam o cérebro, constituindo a vida normal propícia à propagação do pensamento excelso. Enquanto o homem se descuida da preservação do patrimônio divino em si mesmo, verdugos da paz acercam-se da residência carnal, ameaçando-lhe a felicidade. Endividado para com eles, faz-se mister ajudá-los com os recursos valiosos da virtude, palmilhando as sendas honradas, mesmo que urzes e cardos espalhados lhe sangrem os pés. Todos renascemos para libertar-nos do pretérito culposos em cujos empreendimentos fracassamos. E como a dívida se nutre do devedor, enquanto não nos liberamos do compromisso, ficamos detidos na retaguarda... É por esse motivo que o Apóstolo dos gentios nos adverte quanto à «nuvem» que nos acompanha, revelando-nos a continuada companhia dos desafetos desencarnados. Exercite-se, assim, no ministério da oração, meditando quanto às inadiáveis necessidades de libertação e progresso. Cultive a bondade, desdobrando os braços da indulgência de modo a alcançar os que seguem desatentos e infelizes, espalhando desconforto e disseminando a loucura. Renove as disposições íntimas e, quando aquinhoado com os ensejos de falar com esses seres de mente em desalinho, perturbados no Mundo Espiritual, una-se de amor e compreenda-os, ajudando quanto lhe seja possível com a humildade e a renúncia. E recorde que o Mestre, antes de visitado pelos verdugos espirituais das Zonas Trevosas, recolhia-se à oração, recebendo-os com caridade fraternal, como Rei de todos os Espíritos e Senhor do Mundo. Você não ficará indene à agressão deles... Resgarde-se, portanto, e, firmado no ideal sublime com que o Espiritismo honra os seus dias, alce-se ao amor, trabalhando infatigavelmente pelo bem de todos, com o coração no socorro e a mente em Jesus-Cristo, comungando com as Esferas Mais Altas, onde você sorverá forças para vencer todas as agressões de que for vítima, e sentirá que, orando e ajudando, a paz continuará com você.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“A terapia da verdade. [...] Em face do quadro múltiplo das auto-obsessões, das obsessões simples e complexas como das que se manifestam em áreas mistas de alienação por interferência espiritual, a contribuição do enfermo é imprescindível, quanto relevante. Sem que este produza, a esforço hercúleo que seja, uma mudança de atitude mental com a execução de um programa edificante, no qual granjeie simpatia e solidariedade, credenciando-se a ser auxiliado, qualquer ajuda de outrem redundará quase sempre nula. Não havendo uma forte predisposição interior do enfermo — e em casos dessa natureza o paciente sempre se escusa ao esforço, justificando-se estar contribuindo com o máximo, em razão da vontade viciada, da falta de persistência no bem e da ausência de crença robusta em Deus — os estímulos de fora produzem efeito positivo, porém, transitório, porque não logram romper as vibrações densas do desculpismo e da autopiedade, da revolta sem palavras e da ira que destila, em cujas armadilhas se refugia. Providencial como terapêutica inicial, é através da leitura evangélica que o espírito se irriga de esperança e se renova, abrindo verdadeiras clareiras e brechas na psicofera densa que elabora e de que se nutre, a fim de que penetrem outras energias benéficas que o predisporão para o bem, de intervalo a intervalo, até que logrem modificar a paisagem interior, animando-se a investimentos maiores. Neste capítulo, é comum encontrar-se largo número de obsidiados em diversos graus de alienação que asseveram não poder ler, por se verem vencidos por incoercível letargo que os toma ou por impossibilidade total de entenderem o conteúdo das leituras que lhes são recomendadas. Merece considerarmos que, em alguns casos, o amolentamento, a falta de discernimento e a não fixação do conteúdo da leitura procedem da falta do hábito salutar e da convivência com os bons livros. A mente viciosa, indisciplinada, acostumada ao trivial, ao burlesco e ao insensato, se recusa atenção e interesse no esforço novo. Conveniente, desse modo, insistência e perseverança. Leiam-se pequenos textos e façam-se acompanhar as leituras de subsequente reflexão da parte examinada; tente-se a memorização, a anotação como exercício gráfico, através do que se não conceda, porém, à mente, a ociosidade nem a escusa de nada conseguir nesse capítulo. Asseverou Jesus, com muita propriedade, ao pai do epilético que lhe rogava ajuda, conforme se lê em o Evangelho segundo Marcos, no capítulo nove, versículo vinte e três: “Se podes! Tudo é possível àquele que crê.” E, interferindo junto ao Espírito obsessor, retirou-O do jovem, restituindo-lhe a saúde. O crer não pode ser tomado como uma atitude estática ou estanque, em que se aguardam resultados, parasitariamente. Decorre a crença de uma posição dinâmica, atuante em torno da vida, graças a um esforço bem dirigido, com o qual se conseguem

resultados opimos. Em razão disso, asseverou o Apóstolo Tiago: “Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.” (Tiago, 2:17 — Nota do Autor espiritual) Casos outros ocorrem em que o mal-estar, que provém da leitura evangélica, conforme muitos asseveram, é produzido, ora pela exsudação das altas cargas pestilenciais, aspiradas pelo longo processo obsessivo, enquanto se modificam e depuram os centros da razão viciada, mudando-se os clichês mentais perniciosos, ora em face da hábil técnica da hipnose de que se utilizam os perturbadores desencarnados, que sabem irão encontrar na renovação psíquica da sua vítima os antídotos à sua pertinácia infeliz, alienadora. Pela forma como interferem na vontade doente do paciente, induzem-no ao desinteresse, distraem-no, interpondo-se no plano do raciocínio, inspirando receios injustificáveis ou adormecendo-os. E, quando logram vencê-los pelo sono desagradável, auxiliam no desbordar das lembranças em que se acumpliciaram nos erros, produzindo sonos e pesadelos apavorantes ou, ainda, assomam à recordação, defrontando-os no parcial desprendimento, com que mais os atemorizam. Quase sempre conseguem o triunfo, por ser mais fácil ao obsidiado recuar, ceder no esforço da própria edificação, do que perseverar no empreendimento libertador. Especialmente em ocorrências dessa natureza, a leitura edificante, evangélica e espírita, é o medicamento eficaz, imprescindível a uma pronta conquista de resultados salutar. Outrossim, pelo mesmo processo com que o pensamento obsidente atua sobre o médium em processos obsessivos — e todo paciente que experimenta tal alienação é um médium em desequilíbrio de forças psíquicas —, as construções mentais, as ideias deste são assimiladas pelo hóspede indesejável, resultando, muitas vezes, na evangelização do perseguidor, que também se modifica à instância dos preciosos ensinamentos que lhe chegam. Fato análogo ocorre na evangelização, por meio da psicofonia atormentada. Além da leitura, a oração revigorante é o tônico de que se devem utilizar os pacientes de todo jaez, daí partindo para as realizações superiores da vida. Mesmo nos casos da obsessão por subjugação, a terapêutica do esforço pessoal do enfermo é valiosa. Não obstante, com os comandos da vontade dominados, a doutrinação que recebe desperta-o para o trabalho que deve realizar a benefício de si mesmo, irrigando a mente com a esperança da libertação que iniciará de dentro para fora. Nesses casos, o auxílio de outrem, oferecendo palavras de reconforto, lições de estímulo otimista, lene o coração e suaviza o atendimento espiritual, conclamando-o ao controle e governo das peças e implementos do precioso corpo com que a Divindade o enriquece para a bênção da evolução. A psicoterapia espírita, evangélica é fator essencial para o reequilíbrio de qualquer alienação,

mesmo nos casos específicos estudados pela Patologia médica e que constituem os notáveis capítulos das modernas “ciências da alma.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 11)

“Outrossim, o nosso centro de comunicações registrava apelos e notícias de vária ordem, donde emanavam as diretrizes para o atendimento dos casos passíveis de ajuda imediata. Os outros ficavam selecionados para ulteriores providências, quando diminuíssem os fatores desagregantes do equilíbrio geral. Pessoas sinceramente afervoradas ao bem enviavam pedidos de ajuda, intercediam por familiares a um passo de tombarem nos aliciamentos extravagantes e fatais. Os seletores de preces facultavam as ligações com os Núcleos Superiores da Vida, ao mesmo tempo intercambiando forças de auxílio aos orantes contritos, enquanto aparelhagens específicas acolhiam pensamentos e forças psíquicas que se transformavam em agentes energéticos que irradiavam correntes diluentes das condensações deletérias. Nestes comenos, dedicado auxiliar do benfeitor incansável trouxe-lhe a informação de que fora captada uma solicitação veemente, de urgência, a ele dirigida nominalmente, e que os seletores, pelo tom vibratório com que se fazia emitida, expressavam a necessidade de suas imediatas providências. Anotado o endereço da requerente, fomos convidados a acompanhá-lo, a fim de aprender e auxiliar conforme a circunstância. A residência agradável, em área distante do bulício do centro da cidade, donde partia o apelo, apresentava, do nosso lado, irradiações mentais equilibradas e parecia erguida sobre os alicerces da honradez e do sacrifício. Embora o narrador do desfile apresentado nos aparelhos de televisão da vizinhança, ligados em alto volume, se adentrasse pela casa, àquela hora da madrugada, o ambiente ressumava harmonia. Dirigindo-nos à ampla alcova, deparamos com uma senhora de pouco mais de meio século, ajoelhada, orando. A ausência de Espíritos malévolos e viciosos deu-me notícia do tesouro das virtudes de que era portadora a suplicante. Acompanhando a atitude de respeito do amigo e protetor espiritual, ouvi-o dizer-me, a meia-voz: - Sintonize na faixa mental da nossa irmã e ouçamo-la. Percebi que ela irradiava luz opalina, que variava para o tom azul-violáceo, denotando a sua perfeita consciência espiritual na prece afervorada. [...] Após ligeira reflexão, adiu: - A nossa irmã é portadora de inumeráveis títulos de benemêrência, credenciando-se a ter o pedido carinhosamente examinado. “O bem possui uma linguagem universal, nos dicionários de Deus, produzindo valores que se podem utilizar em toda parte, mercê dos câmbios divinos. “A oração, a seu turno, é taxa de luz e força que permite o intercâmbio dos valores a benefício de quem a utiliza com probidade e elevação. [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 1)

“Nos processos de desobsessão, passam despercebidas as atividades que têm lugar em nosso plano de ação, no qual a luta é mais tenaz, onde se deslindam os laços apertados das causas complexas da problemática alienante. De bom alvitre, portanto, é que os membros das atividades desobsessivas resguardem-se ao máximo, na oração, na vigilância e no trabalho superior, na caridade, precatando-se de sofrer o desforço daqueles que se veem frustrados nos planos nefastos de perseguição. Sabendo-se em desbaratamento, não poucas vezes, investem, furibundos, contra os trabalhadores de boa vontade domiciliados na matéria, agredindo-os, arremessando-lhes pessoas violentas, maledicentes ou cruéis com o objetivo de descoroçoá-los no ministério socorrista com que lhes facilitaria o prosseguimento do programa infeliz. Vendo-se impossibilitados de impedir a ação benfazeja dos Numes Tutelares, recorrem a projetos escabrosos, desanimadores e prejudiciais, a fim de crucificarem os operários da caridade, no mundo. De uma coerente e contínua sintonia entre os cooperadores encarnados e os Bons Espíritos, mental e moralmente, decorrem os resultados favoráveis da terapia anti-obsessiva, abrindo canais de saúde e paz com vistas ao futuro de todos. Nesse sentido, a prece é dos mais eficientes recursos de que todos podemos dispor, em face da ação dissolvente sobre as correntes negativas que envolvem o paciente, auxiliando-o na liberação dos fluidos que lhe são impostos pela força telepática e pela atuação continua do adversário... Gerando vibrações de alto teor, a oração modifica a paisagem psicofísica, não somente de quem padece a alienação obsessiva, quanto do agente causador, a longo prazo, despertando-os para realidades novas, a que se recusam submeter, caso a transformação não lhes ocorra antes, em razão de outros fatores terapêuticos. E, mesmo nesse caso, ela constitui eficaz mecanismo de libertação, por diminuir as cargas tóxicas que são geradas pela mente em desequilíbrio e de imediato reabsorvidas, num movimento vicioso. Quando a prece é exercida num círculo ou grupo de criaturas afeiçãoadas ao bem, mais expressivos são os seus efeitos, na assistência mediúnica aos que sofrem, beneficiando, igualmente, aqueles que mergulham nas suas correntes alternadas de alta frequência, exteriorizando-se como emissões de luz que atingem o fulcro a que se dirigem, fortalecendo o dínamo gerador que as disparam. Afirmava Tiago, na sua Epístola Universal, conforme consta do Capítulo V, versículo 16: - “Orai uns pelos outros, a fim de que sareis, porque a prece da alma justa muito pode em seus efeitos.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 29)

“A prece liberta a mente viciada dos seus clichês perniciosos e abre a mente para a captação das energias inspiradoras, que fomentam o entusiasmo pelo bem e a conquista da paz através do amor. Entretanto,

a fim de que se revista de força desalienante, ela necessita do combustível da fé, sem a qual não passa de palavras destituídas de compromisso emocional entre aquele que as enuncia e a Quem são dirigidas. Ainda, nesse capítulo, impõe uma atitude de recolhimento e concentração para que se exteriorize a potencialidade pela vontade que anela, dirigida pela certeza de que alcançará o destino. Uma das primeiras atitudes do obsidiado com as características a que nos reportamos, é o desdém à oração por acreditar que não a necessita, outrossim, duvidando da sua eficácia ou menosprezando-lhe a utilidade.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“Desde já pensemos no caro Lício com simpatia, transmitindo-lhe irradiações de coragem e bom ânimo.” A partir de então, realmente interessados na renovação e paz do pupilo, ligamo-nos em pensamento ao seu dilema, infundindo-lhe resistência e valor moral. Se os homens, em geral, nos seus momentos de testemunho, se detivessem na oração, a dores maiores se furtariam. Não há apelo honesto dirigido a Deus, através da oração, que fique sem conveniente resposta. É certo que todos gostaríamos de obter ajuda, conforme pensamos ser o melhor, embora tal não ocorra. A resposta nos chega de maneira própria para a necessidade, ensejando-nos coragem e fé até o momento de libertação. A oração, de forma alguma, evita o sofrimento ou anula as dívidas. Se o fizesse, desorganizaria o equilíbrio das leis. Não obstante, propicia os meios para que se possa suportar a conjuntura, tornando-a menos penosa, em face do robustecimento do ânimo e das resistências morais. Ocorre, no entanto, quase sempre, o inverso. O desespero, a revolta, o pessimismo, a amargura se associa e agita ou bloqueia as áreas do raciocínio, e o ser tomba na urdidura do acontecimento. Vinculando-nos, psiquicamente, à sua ansiedade que rogava ajuda, pude percebê-lo, inquieto e necessitado.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 14)

“Limpeza psíquica. No delicado e grave capítulo das obsessões espirituais, merecem estudos cuidadosos os motivos relevantes que as desencadeiam, e em cujo campo vibratório ocorrem as suas instalações. Primeiramente, deve-se considerar a pessoa que sofre a injunção obsessiva, responsável, direta ou indiretamente, pela sua instalação. Isto porque, se lhe encontram em germe na economia evolutiva as razões dos dramas não solucionados a que deu lugar em existências passadas ou mesmo na atual. Muitos delitos morais praticados no transcurso do processo de desenvolvimento dos valores espirituais, permanecem aguardando a necessária reparação, encontrando-se inculpidos no espírito comprometido, e que não se resolveu por mudança radical de atitude, alterando o quadro de responsabilidade em que se encontra incurso. Por mais hábil seja a escamoteação de uma atitude

infeliz, ela permanece no conhecimento do seu autor, bem como na consciência daquele que lhe experimentou o guante. Estando vinculados psíquica e moralmente, responsável e vítima, ao primeiro ensejo que ocorra e os campos vibratórios facultem sintonia, voltam a encontrar-se, nascendo o intercâmbio nefasto que se transforma em transtorno obsessivo. Estão, desse modo, profundamente fixadas as matrizes das futuras perturbações naqueles que viveram experiências desastrosas e não se resolveram por comportamento superior, qual o proposto pelo perdão — de quem sofreu a desonra, a ignomínia, o crime — ou em face da renovação interior do responsável pelo desmando — aquele que afligiu, quer consciente da ação ou levado por circunstância inevitável em que se viu envolvido. Condutas extravagantes e impiedosas, vulgares e prejudiciais podem, não poucas vezes, passar sem o conhecimento de outras pessoas ou mesmo avaliação e imputação do estabelecido pelo código das leis. Não obstante, aquele que infringe o estatuto legal estabelecido, permanece interiormente incurso no crime, que aguarda conveniente reparação. Jesus propôs, com sabedoria, a necessidade que tem a pessoa de se reconciliar depressa com o seu adversário enquanto estiver no caminho com ele, evitando ser levada ao Juiz, e, naturalmente, após o julgamento, ver-se obrigada a resgatar o mal ou o prejuízo que lhe haja causado, sendo encarcerada na prisão. Sem qualquer dúvida, o corpo físico é uma prisão de onde ninguém escapa, exceto quando terminada a prova ou a expiação a que se encontra submetido, assim resgatando o compromisso infeliz que se negou a regularizar. As atitudes, portanto, corretas, em qualquer situação prejudicial, são a tomada de consciência e posterior comportamento reparador, eliminando esse futuro foco de desequilíbrio. Remanescem, portanto, nos refolhos do espírito, as suas conquistas e prejuízos que passam a constituir-lhe o clima psíquico, estabelecendo a faixa vibratória na qual se expressa, sintonizando com os bens imortais compatíveis, conforme a onda mental que seja exteriorizada. Esse campo energético permanecerá sempre emitindo sinais característicos que facultarão a sintonia com outros da mesma natureza, incorporando forças ou perdendo-as, conforme a qualidade de emissão e captação. Torna-se urgente, portanto, a necessidade de uma assepsia mental profunda praticada pelo ser humano, quando portador de conteúdos perturbadores — e quase todos os homens e mulheres terrestres encontram-se comprometidos com a retaguarda atual ou recuada — para que as suas exteriorizações sejam de qualidade salutar, não permitindo a hospedagem mental de adversários espirituais ou de trêfegos e ociosos que pululam na erraticidade inferior. Dinamizando as suas aspirações e tornando-as realidade, o indivíduo deve e pode alterar o seu mapa

de compromissos morais, passando a cultivar programas de edificação íntima através de leituras, de conversações nobres, de reflexões bem direcionadas, de ações benfazejas, passando a irradiar pensamentos bons que defenderão a usina mental de invasões de formas ideoplásticas exteriores, de incursões vingativas, de induções prejudiciais. Assim procedendo, adquire valor para os enfrentamentos que decorrem das Leis da Vida, que são inevitáveis, porque fazem parte da estrutura do ser, convidando todos a se alinharem no equilíbrio, na valorização do espírito em detrimento das loucuras e paixões asselvajadas que, por enquanto, ainda predominam em a natureza animal. A reencarnação é impositivo inevitável para a iluminação da criatura, facultando-lhe a oportunidade de desenvolver o psiquismo divino que nela jaz e aguarda os fatores que lhe sejam propiciatórios ao crescimento interior. Por isso mesmo, as conjunturas infelizes, como as ditosas, fazem parte da programática estabelecida para a depuração interna, embora, muitas vezes, por meio de conjunturas externas: sociais, econômicas, familiares, de raça, de credo, ou do binômio saúde-doença. Dá-se, invariavelmente, quase o inverso. Acostumado às viciações mentais e morais, o indivíduo, quanto lhe é possível, cultiva ideias extravagantes, perniciosas umas e vulgares outras, situando-se psiquicamente em paisagens extrafísicas tormentosas, alimentando-se de fluidos deletérios que o intoxicam mentalmente e passam a constituir-lhe dependência a que se entrega por prazer doentio. Somente através de novos comportamentos mentais conseguirá desalojar o psiquismo desses recintos de perversão espiritual, vivenciando outras experiências edificantes, porquanto o direcionamento da onda mental leva-o à correspondente faixa na qual se expressa uma como outra contribuição. A assepsia psíquica é indispensável à vida saudável, à alegria existencial, ao desempenho das tarefas que se fazem necessárias para o progresso, porque libera a mente da constrição das forças aprisionantes dos desejos inferiores e das condutas atormentadas. Por outro lado, a terapia bioenergética contribui favoravelmente por meio do recebimento dos passes magnéticos como fluídicos, pelo admirável contributo que oferece de deslocar matrizes espirituais de captação negativa, que funcionam como antenas registradoras de ondas-pensamentos pessimistas, depressivas, obsessivas, sempre com teor negativo e doentio. O intercâmbio inconsciente com outras mentes é muito maior do que se imagina na Terra, porquanto, todo campo vibratório sintoniza com outros equivalentes, emitindo e captando ondas do mesmo

gênero. Porque as criaturas se encontrem normalmente afadigadas pelos problemas e tarefas que lhes cumpre atender no corpo físico, assim como em consequência dos hábitos enfermicos ancestrais, mais facilmente se deixam conduzir pelas ideias perturbadoras do que ascender em vibração às faixas de enobrecimento da vida. Imperioso, desse modo, que se estabeleça um compromisso pessoal com o próprio espírito, liberando-o de constrições ultrajantes e atitudes prejudiciais, que são facilmente identificáveis por qualquer um, alterando os comportamentos mentais e as aspirações emocionais, para que se robusteçam os dínamos geradores de ondas superiores, favorecendo a execução dos pensamentos bons, transformados em ações relevantes e favoráveis ao progresso individual, assim como ao coletivo da sociedade. Essa assepsia ou limpeza mental deve ter início quando se desperta do sono pela manhã, através da oração e de uma breve leitura edificante, que poderá constituir motivo para reflexão durante todo o dia, encerrando-se com recordações agradáveis ou novas leituras iluminativas, a fim de que, no momento do desprendimento parcial durante o sono, o espírito, enriquecido de vibrações nobres, se encontre com os seus Guias espirituais, junto aos quais pode haurir esperança e vitalidade, conhecimentos e inspiração para aplicação útil, quando do retorno à forma física. Outrossim, vale a pena considerar que as conversações doentias entorpecem os sentimentos e coagulam os ideais mais belos, bem como a convivência com pessoas pervertidas e que se comprazem nessa opção, sempre deixa vínculos e intercâmbios, sequelas más, quando não contágios e influências perniciosas. Preservar-se, pois, dos maus pensamentos, palavras e atos, estimando-se e respeitando-se, é método eficaz para uma oportuna e necessária assepsia psíquica, facilitadora de admiráveis sintonias espirituais.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Limpeza psíquica)

II.4. Afastamento dos espíritos obsessores: benefícios e riscos⁸

“– E não haverá recurso para libertá-los? Indaguei, emocionado. O orientador sorriu paternalmente e considerou: – Mas quem deverá romper as algemas, senão eles mesmos? Nunca lhes faltou o auxílio exterior de nossa amizade permanente; no entanto, eles próprios alimentam-se uns aos outros, no terreno das sensações sutis, absolutamente imponderáveis para os que lhes não possam sondar o mecanismo íntimo. É inegável que procuram, agora, os elementos de libertação.

⁸ Vide Subcapítulo I.11 (“Simbiose entre obsessão e obsidiado”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”), Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

Aproximam-se da fonte de esclarecimento elevado, sentem-se cansados da situação e experimentam, efetivamente, o desejo de vida nova; contudo, esse desejo é mais dos lábios que do coração, por constituir aspiração muito vaga, quase nula. Se, de fato, cultivassem a resolução positiva, transformariam suas forças pessoais, tornando-as determinantes, no domínio da ação regeneradora. Esperam, porém, por milagres inadmissíveis e renunciam às energias próprias, únicas alavancas da realização. – Mas não poderíamos provocar a retirada dos vampiros inconscientes? – perguntei. – Os interessados – explicou Alexandre, a sorrir – forçariam, por sua vez, a volta deles. Já se fez a tentativa que você lembrou, no propósito de beneficiá-los. De modo indireto, mas a nossa irmã se declarou demasiadamente saudosa do companheiro e o nosso amigo afirmou, intimamente, sentir-se menos homem, levando humildade à conta de covardia e tomando o desapego aos impulsos inferiores por tédio destruidor. Tanto expediram reclamações mentais que as suas atividades interiores constituíram verdadeiras invocações e, em vista do vigoroso magnetismo do desejo constantemente alimentado, agregaram-se-lhes, de novo, os companheiros infelizes. – Mas vivem assim imantados uns aos outros, em todos os lugares? – indaguei. – Quase sempre. Satisfazem-se, mutuamente, na permuta contínua das emoções e impressões mais íntimas. Preocupado em fazer algum bem, ponderei: – Quem sabe poderíamos conduzir estas entidades ao devido fortalecimento? Não será razoável doutriná-las, incentivando-as ao equilíbrio e ao respeito próprio? – Semelhante recurso – falou Alexandre, complacente – não foi esquecido. Essa providência vem sendo efetuada com a perseverança e o método precisos. Todavia, tratando-se de um caso em que os encarnados se converteram em poderosos ímãs de atração, a medida exige tempo e tolerância fraternal. Temos grande número de trabalhadores consagrados a esse mister em nosso plano e aguardamos que a sementeira de ensinamentos dê seus frutos. De qualquer modo, esteja convicto de que toda a assistência tem sido prestada aos amigos sob nossa observação. Se ainda não avançaram, todos eles, no terreno da espiritualidade elevada, isto só se verifica em razão da fraqueza e da ignorância a que vivem voluntariamente escravizados. Colhem o que semeiam.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 5)

“Com exceção da pobre irmã, que se encontrava possesa, os demais obsidiados, naqueles momentos, ficavam livres da influência direta dos perseguidores; entretanto, menos a jovem que reagia valorosamente, os outros apresentavam singular inquietude, ansiosos de se reunirem de novo ao campo de atração dos algozes. Auxiliares nossos haviam arrebatado os verdugos, expulsando-os daqueles corpos enfermos e atormentados; todavia, os interessados nas melhoras

físico-psíquicas primavam pela ausência íntima, conservando-se a longa distância espiritual dos ensinamentos que o doutrinador encarnado, ao influxo dos mentores de Mais Alto, ministrava com admirável sentimento. A atitude deles era de insatisfação e ansiedade. Dir-se-ia que não suportavam a separação dos obsessores invisíveis. Habitado a enfermos que, pelo menos aparentemente, demonstravam desejo de cura, estranhei a posição mental daqueles que se reuniam em pequenino grupo, à nossa frente, tão lamentavelmente desinteressados do remédio que a Espiritualidade lhes oferecia, por amor. Alexandre percebeu-me a surpresa e observou-me: – Em geral, noventa por cento dos casos de obsessão que se verificam na Crosta constituem problemas dolorosos e intrincados. Quase sempre, o obsidiado padece de lastimável cegueira, com relação à própria enfermidade. E, porque não atende ao chamamento da verdade pela cristalização personalista, torna-se presa fácil e inconsciente, embora responsável, de perigosos inimigos das zonas de atividades grosseiras. Comumente, verificam-se casos dessa natureza em vista de ligações vigorosas e profundas pela afetividade mal dirigida ou pelos detestáveis laços do ódio que, em todas as circunstâncias, é a confiança desequilibrada convertida em monstro. O orientador amigo fez longa pausa, verificando os trabalhos em curso, mas como quem desejasse socorrer-me, com lições inesquecíveis na luta prática, prosseguiu, apesar das absorventes obrigações da hora: – Por este motivo, André, ainda mesmo para o psiquiatra esclarecido à luz do Espiritismo cristão, a maioria dos casos desta ordem é francamente desconcertante. Em virtude dos ascendentes sentimentais, cada problema destes exige solução diferente. Além disso, importa notar que os nossos companheiros encarnados observam somente uma face da questão, quando cada processo desse teor se caracteriza por aspectos infinitos, com vistas ao passado dos protagonistas encarnados e desencarnados. Diante do obsidiado, fixam apenas um imperativo imediato – o afastamento do obsessor. Mas, como rebentar, de um instante para outro, algemas seculares, forjadas nos compromissos recíprocos da vida em comum? Como separar seres que se agarram uns aos outros, ansiosamente, por compreenderem que na dor de semelhante união permanece o preço do resgate indispensável? Efetivamente, não faltam os casos, raros embora, de libertação quase instantânea. Aí, porém, vemos o fim de laborioso processo redentor, ou então encontramos o doente que, de fato, faz violência a si mesmo, a fim de abreviar a cura necessária. Examinando a extensão dos obstáculos ao restabelecimento completo dos enfermos psíquicos, considere: – Depreende-se então que... Alexandre, porém, não me deixou terminar. Cortando-me a frase inoportuna, respondeu: – Já sei o que vai dizer. Verificando

as dificuldades que relaciono para o seu aprendizado natural, você pergunta se não será infrutífero o nosso trabalho e se não será melhor entregar o obsidiado à própria sorte. Esta observação, contudo, é um contrassenso. Se você estivesse na Terra, ainda na carne, e visse um filho amado, em condições pré-agônicas, totalmente desenganado pela medicina humana, teria coragem de abandoná-lo ao sabor das circunstâncias? Não confiaria nalgum recurso inesperado da Providência Divina? Não aguardaria, ansioso, a manifestação favorável da Natureza? Quem está firmemente no âmago do coração de um homem, nosso irmão, para dizer, com certeza matemática, se ele vai reagir contra o mal ou deixar de fazê-lo, se pretende o repouso ou o trabalho ativo? Não podemos, desse modo, mobilizar qualquer argumento intelectual para fugir ao nosso dever de assistência fraterna ao ignorante e sofredor. Urge atender à nossa parte de obrigação imediata, compreendendo que a construção do amor é também uma obra de tempo. Nenhuma palavra, nenhum gesto ou pensamento, nos serviços do bem, permanece perdido.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“[...] Alexandre não podia ser mais claro. Compreendi-lhe o esclarecimento instrutivo, mas, notando a saída dos enfermos, sob o amparo vigilante dos familiares que os aguardavam à porta, voltei a indagar: – Meu amigo, e se conseguíssemos o afastamento definitivo dos perseguidores implacáveis? Na qualidade de antigo médico do mundo, reconheço que estes doentes psíquicos não trazem as enfermidades, de que são portadores, circunscritas à mente. Com exceção da jovem que reage valorosamente, os demais revelam estranhos desequilíbrios do sistema nervoso, com distúrbios no coração, fígado, rins e pulmões. Admitamos que fosse obtida a conversão dos verdugos que os atormentam. Voltariam depois disto à normalidade orgânica, alcançariam o retorno à saúde completa? Alexandre meditou alguns momentos, antes de responder, e asseverou, em seguida: – André, o corpo de carne é como se fora um violino entregue ao artista, que, nesse caso, é o Espírito reencarnado. Torna-se indispensável preservar o instrumento dos animálculos destruidores e defendê-los contra ladrões. Observou a jovem que tudo faz por guardar-se do mal? Tem estado a cair sob os golpes dos perseguidores que lhe assediam impiedosamente o coração. Entretanto, como alguém que atravessa longa e perigosa senda sobre o abismo, confiante em Deus, ela tem recorrido à prece, incessantemente, estudando a si mesma e mobilizando as possibilidades de que dispõe para não perturbar a ordem dentro dela própria. Na tentativa de que é vítima, tem essa irmã a provação que a redime. Ela, porém, com o heroísmo silencioso de seu trabalho, tem esclarecido os próprios perseguidores, compelindo-os à meditação e à disciplina. Segundo

vê, essa lutadora sabe preservar o instrumento que lhe foi confiado e, convertida em doutrinadora dos verdugos, pelo exemplo de resistência ao mal, transforma os inimigos, iluminando a si mesma. Ante a colaboração dessa natureza, temos o problema da cura altamente facilitado. Não se verificará, porém, o mesmo com aqueles que não se acautelam com a defesa do instrumento corporal. Entregue aos malfeitores, o violino simbólico a que nos referimos pode permanecer semidestruído. E, ainda que seja restituído ao legítimo possuidor, não pode atender ao trabalho da harmonia, com a mesma exatidão de outro tempo. Um Stradivarius pode ser autêntico, mas não se fará sentir com as cordas rebentadas. Como vemos, os casos de obsessão apresentam complexidades naturais e, na solução deles, não podemos prescindir do concurso direto dos interessados. – Compreendo! – exclamei. E, em virtude da pausa mais longa que o mentor imprimiu à conversação, obtemperei: – Convenhamos, porém, que os perseguidores se convertam, que se afastem definitivamente do mau caminho, depois de seaviarem o organismo das vítimas, durante longo tempo... Nesse caso, não terão elas o restabelecimento imediato? Não recuperarão o equilíbrio fisiológico integral? Com a bondade que lhe é peculiar, Alexandre respondeu: – Já observei acontecimentos dessa ordem e, quando se verificam, os antigos verdugos se transformam em amigos, ansiosos de reparar o mal praticado. Por vezes, conseguem, recebendo a ajuda dos planos superiores, a restauração da harmonia orgânica naqueles que lhes suportaram a desumana influência; no entanto, na maioria dos casos, as vítimas não mais restabelecem o equilíbrio do corpo. – E permanecem de saúde incompleta até ao sepulcro? – perguntei, fortemente impressionado. – Sim – elucidou Alexandre, tranquilamente. Observando-me, porém, o espanto enorme, o orientador acrescentou: – Seu assombro prende-se ainda à deficiente análise humana. O perseguidor, reconhecido como tal, entre os companheiros encarnados, pode revelar modificações, mas talvez a suposta vítima não esteja convertida. Na obsessão, as dificuldades não são unilaterais. O eventual afastamento do perseguidor nem sempre significa a extinção da dívida. E, em qualquer parte do Universo, André, receberemos sempre de acordo com as nossas próprias obras. O assunto sugeria grandes e belas interrogações, mas exigências outras requisitavam-nos mais além. Alexandre dispôs-se a partir, despedindo-se, afetuosamente, dos cooperadores, e acompanhei-o, em silêncio, meditando na grandeza das mínimas disposições da Justiça Divina.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“Qual se nos registrasse a presença por intuição, Odila movimentou-se e, agarrando-se à pobre senhora com mais força, gritou: – Ninguém a libertará! Sou infeliz mãe espoliada... Farei justiça por minhas

próprias mãos... E contemplando a enferma com expressão terrível, acrescentava: – Assassina! Assassina!... Mataste meu filhinho! Morrerás também!... A doente abriu desmesuradamente os olhos. Extrema palidez cobriu-lhe a face. Não ouvia as palavras da adversária que lhe era invisível, mas, envolta na onda magnética que a enlaçava, sentia-se morrer. Clarêncio afagou-lhe a fronte e disse, calmo: – Pobre moça!... Hilário e eu, instintivamente abeiramo-nos de Odila para afastá-la com a presteza possível, mas o instrutor generoso teve-nos com um gesto, advertindo: – A violência não ajuda. As duas se encontram ligadas uma a outra. Separá-las à força seria a dilaceração de consequências imprevisíveis. A exasperação da mulher desencarnada pesaria demasiado sobre os centros cerebrais de Zulmira e a lipotímia poderia acarretar a paralisia ou mesmo a morte do corpo. – Mas, então – clamou Hilário, contrafeito –, como extinguir essa união indébita? Não será justo afastar o algoz da vítima? Clarêncio sorriu e ponderou: – Aqui, o quadro é diverso. Na esfera carnal, a cápsula física é precioso isolante das energias desequilibradas de nossa mente, entretanto, em nosso plano de ação, no problema que observamos, essas forças desbordam ameaçadoras sobre a infeliz mulher, cujo corpo pode ser comparado a uma lâmpada de fraca receptividade, sobre a qual seria perigoso arremessar uma corrente superior à capacidade de resistência a que se enquadra. A inutilização seria completa. – Que poderíamos fazer? – indagou Hilário, desapontado. – Precisamos atuar na elaboração dos pensamentos da infeliz irmã que tomou a iniciativa da perseguição. É imprescindível dar outro rumo à vontade dela, deslocando-lhe o centro mental e conferindo-lhe outros interesses e diferentes aspirações. – E não podemos começar, exortando-a? O Ministro, sereno, obtemperou sem alterar-se: – Talvez, assim de momento, não pudéssemos ou não soubéssemos. A preparação é indispensável. – Nada custa uma conversação de censura... – alegou meu companheiro, admirado. – Sim, uma doutrinação pura e simples seria cabível, contudo, não podemos esquecer que a organização cerebral da vítima permanece excessivamente martelada. Nossa intervenção no campo espiritual de Odila deve ser envolvente e segura para evitar choques e contrachocos, que repercutiriam desastrosamente sobre a outra. Nem doçura prejudicial, nem energia contundente... O instrutor dirigiu piedoso olhar às duas mulheres e prosseguiu: – A questão nesta casa surge realmente melindrosa. É necessário buscar alguém que já tenha amalhado na alma bastante amor e bastante entendimento para conversar com o poder criador da renovação. Refletiu alguns instantes e aduziu: – Contamos em nossas relações com a irmã Clara. Rogaremos o concurso dela. Modificará Odila com o seu verbo coroado de luz, inclinando-a ao serviço da

conversação própria. Por agora, de nossa parte, somente nos é possível a dispensação de algum alívio e nada mais.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 3)

“E enquanto Anésia se fazia intérprete da assistência de Teonília, a esforçar-se por envolver a velhinha em fluidos calmantes, Áulus convidou-nos a reparar a comunhão entre o filho desencarnado e a pobre mãe a desencarnar. Olímpio, o rapaz assassinado noutro tempo, jungia-se a ela, à maneira de planta parasitária asfixiando um arbusto raquítico. – Nossa amiga – explicou o Assistente –, em sua doce afetividade, supõe no filho um gênio guardião, quando a realidade é que o infeliz se deixou dominar, mesmo depois de perder o veículo carnal, pelo vício da embriaguez. Alcoólatra impenitente, caiu ante o revólver de um companheiro, tão desvairado quanto ele mesmo, numa noite de insônia. Desligado da carne e já intensamente minado pelo “*delirium tremens*”, não teve forças para mentalizar a recuperação que lhe é imprescindível e prosseguiu em companhia daqueles que lhe pudessem facultar o prolongamento dos excessos em que se compraz... Evocado, contudo, pela insistência materna, veio parar neste quarto, onde se encontra enleado pelas requisições da irmã Elisa. Acontece, no entanto, que, em se libertando gradualmente do vaso físico, nossa irmã transfere o campo emotivo, do círculo da carne para a esfera do Espírito, passando compulsoriamente a sofrer o influxo pernicioso da entidade que ela própria trouxe para junto de si, usando a vontade e o pensamento. Na posição em que se colocam, são ambos, assim, por força das circunstâncias, duas mentes sintonizadas na mesma faixa de impressões, porque, enfraquecida qual se encontra, a enferma se submete facilmente ao domínio do rapaz, cujo pavor e cujo desequilíbrio se lhe transfundem na alma submissa e afetuosa. Analisando o fenômeno, perguntei se a associação sob nossa vista poderia ser comparada à incorporação mediúnica, qual a conhecemos. – Sem qualquer dúvida – confirmou o orientador. – Elisa, atraindo o filho, num estado de passividade profunda, que lhe sobrevém por motivo de natural desgaste nervoso e sem experiência que lhe outorgue discernimento e defesa, assimila-lhe, de modo espontâneo, as correntes mentais, retratando-lhe a desarmonia interior. Estando a desencarnar-se, devagarinho, reflete-lhe as reminiscências do pretérito e as terríveis visões íntimas que lhe são agora familiares, de vez que, à distância das libações costumeiras, o infeliz amigo padece as alucinações comuns às vítimas do alcoolismo crônico. – Céus! – exclamou Hilário, compadecido como relegar uma velhinha doente a provação dessa ordem? Não significará isso clamorosa injustiça? – Concordo em que é lamentável o quadro sob nosso exame – obtemperou o Assistente –, entretanto, ninguém trai as leis que nos regem a vida. Elisa, com a presença do filho, recebeu

aquilo que procurou ardentemente. Certo, apresenta-se na configuração passageira de uma anciã penetrando a antecâmara da morte, todavia, na realidade, é um Espírito imperecível e responsável, manejando os valores mentais que se expressam e se conjugam, segundo princípios claros e definidos. Finda ligeira pausa, acentuou: – Muita vez, pedimos o que não conhecemos, recolhendo o que não desejamos. No fim, porém, há sempre lucro, porque o Senhor nos permite retirar, de cada situação e de cada problema, os preciosos valores da experiência. Áulus, contudo, não perdeu tempo em divagações. Conferenciou reservadamente com Teonília quanto ao serviço programado, em favor da enferma e, aceitando-nos a colaboração, desligou o rapaz, usando para isso avançados potenciais magnéticos. Tão logo se afastou o desventurado Olímpio, identificamos curioso fenômeno. Dona Elisa, que falava singularmente animada, entrou em absoluta prostração, qual se houvera sido manietada. Assinalando-nos a curiosidade, o orientador esclareceu: – A atuação do filho desencarnado alimentava-lhe a excitação mental a incidir sobre o campo nervoso. Agora, está confinada às energias que lhe são próprias. A doente, emitindo sons guturais, calara-se, de súbito. Debalde tentou Anésia arrancar-lhe uma palavra. Dona Elisa, embora vendo e ouvindo, não mais logrou articular uma frase. Buscou inutilmente mover os braços, ante a dor aguda que passou a registrar no peito, todavia, não teve forças para tanto. Áulus deu-se pressa em administrar-lhe passes calmantes, contudo, não obteve grande resultado. – É a contração final das coronárias – exclamou, comovido. – Elisa não resistirá, O miocárdio não mais reage ao nosso influxo magnético. O processo anginoso alcançou o fim.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 21)

“Nos processos obsessivos graves, os perturbadores, que se comprazem na desdita, com o tempo se jugulam em vampirização odienta, na qual absorvem alimento em que sustentam as débeis forças em alucinado desalinho. Dessa forma, a vítima se lhes transforma em fonte de vitalidade, de que não se conseguem apartar com facilidade. Em qualquer alienação obsessiva, não se podem olvidar os que mourejam nos domínios terapêuticos, das necessidades em que se debatem os perseguidores. Espíritos enfermos são nossos irmãos da retaguarda ascensional, que aguardam o socorro da nossa benevolência e a elucidação evangélica, a fim de que se refaçam interiormente, mudando os centros de interesse pessoal para outras direções. Afastá-los, pura e simplesmente, sem os orientar e os socorrer cristãmente, redundaria em fracasso da empresa, em considerando que a luz da caridade e o pão do amor devem ser destinados a todos, encarnados ou não. Também não se pode esquecer que o verdugo, frio e calculista, assim se encontra porque foi

construído pela pusilanimidade, pela imprevidência da sua atual presa, quando em situação diversa, nos idos do pretérito. Amor e caridade, portanto, sempre como cimentos divinos para alicerçamento das bases, na edificação espiritual e moral que se tenha em vista.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“Sem a constrição obsidente de Jules, o Sr. Rafael experimentou significativas melhoras. A mente atribulada, ora submetida às reflexões espirituais, passou a reagir com mais ampla lucidez, facultando-lhe agasalhar a esperança de melhores dias e, ao mesmo tempo, aceitando a expiação como meio digno de ressarcir os compromissos infelizes. Passava horas lendo e anotando na alma a Revelação Espírita. Consecutivamente, o benefício da fé revelou-se de forma eficiente, graças à dignificação dos sentimentos. Embora as amputações não lhe permitissem a realização de serviços, que antes lhe concediam tempo ocioso para a revolta, compreendeu que a laborterapia não apenas lhe renovava as disposições íntimas como lhe facultava ser útil à comunidade onde vivia. Com esforço, cultivando as ideias positivas, impôs-se algum tempo diário a visitar os mais infelizes e oferecer-se ao Diretor para cooperar em qualquer mister junto aos companheiros. A sua nova conduta não permaneceu despercebida, especialmente quando começou a movimentar-se para criar o que denominou “Grupo do Otimismo”, que objetivava ser um tipo de Clube Social diferente, dedicado à recreação mental e aos estímulos morais, iniciando-se a criação, também, de uma Biblioteca. A ideia recebeu ótimo acolhimento dos administradores da Colônia, que se movimentaram em apoio da realização. A pouco e pouco a saúde física foi-lhe voltando. As reações orgânicas à medicação específica diminuíram e ele começou a dar mostras de real melhora, saudada auspiciosamente por Cândido que não se cabia de contentamento, em razão das conquistas do pupilo, o mesmo sucedendo entre os familiares e o médico devotado. No lar, no entanto, o estado de Lisandra apresentava contradições perturbadoras. Obstinou-se em não frequentar o “Francisco Xavier”, de início. No entanto, aquinhoada pelos passes que lhe ministrava Cândido e, vez que outra, Epifânia, que passou a visitar o lar dos Ferguson, quanto lhe permitia o escasso tempo, já não padecia das violentas crises epiléticas. O afastamento espiritual de Ermínio Lopez e dos outros obsessores redundava em significativa melhora, cujo prosseguimento da insidiosa perturbação culminaria por exauri-la antes do tempo natural previsto para a sua desencarnação. Com o tempo, a menina louçã perdera a beleza da infância, chegando à idade adulta — e mesmo desde a adolescência — marcada pelos desaires íntimos... Insculpiam-se-lhe na face, no corpo, os atos pretéritos, que ora a afeavam, dificultando-lhe uma exteriorização psíquica que

cativasse pela simpatia. Já não reagia contra Cândido, uma vez vencida a interferência psíquica dos antigos obsessores, agora secundada por tratamento em local apropriado. Epifânia conquistara-a desde a primeira vez, cuja presença lhe ensejava inefável bem-estar. A mente, porém, ainda desarmonizada em si mesma, denotava a presença de distúrbios ameaçadores. Não mais se repetiram os estados primitivos de agressividade ou descontrole acentuado, mas a psicose, que se agravava, impedindo-a de conviver com os outros, fazia-a refugiar-se em sombras, ou verter copioso, contínuo pranto. Nada a retirava desses estados depressivos e o médico, consultado usara de compreensível franqueza: receava-lhe a perda total da razão, aconselhando o internamento. Convidada pela médium a participar, ao menos uma vez por semana, dos trabalhos doutrinários, aquiesceu. As palestras melhoravam seu mundo íntimo, não obstante tivesse dificuldade em reter o conteúdo, meditá-lo. A vontade submetida por longo tempo, sem a autodisciplina que seria de desejar, não respondia como de esperar-se, fazendo-a retroceder à posição primitiva.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 24)

“Dando-me margem para acompanhar o seu raciocínio, fez uma ligeira pausa e logo prosseguiu: — Como é compreensível, o vício mental decorrente da convivência com o hóspede gera ideoplastias perniciosas de que se alimenta psiquicamente o hospedeiro. Mesmo quando afastado o fator obsessivo, permanecem, por largo tempo, os hábitos negativos, engendrando imagens prejudiciais que constituem a psicofera doentia, na qual se movimenta o paciente. Um dos mais severos esforços que os enfermos psíquicos por obsessão deve movimentar, é o da reeducação mental, adaptando-se às ideias otimistas, aos pensamentos sadios, às construções edificantes. Neste capítulo, tornam-se imperiosas as leituras iluminativas, a oração inspiradora, o trabalho renovador, até que se criem hábitos morigerados, propiciadores de paisagem mental abençoada pelo reconforto e pelo equilíbrio. Graças a tais fatores, nem sempre a cura da obsessão ocorre quando são afastados os pobres perseguidores, mas somente quando os seus companheiros de luta instalam no mundo íntimo as bases do legítimo amor e do trabalho fraternal em favor do próximo, tanto quanto de si mesmos, através do reto cumprimento dos deveres. “Porque os homens esperem sempre por milagres nos seus cometimentos, quando lhes são impostos o esforço e a dedicação através do tempo, quase sempre desertam do compromisso ou relaxam-no, dizendo-se desencantados com os outros de quem exigem uma conduta superior, que a si próprios não se permitem. Justificam-se sem justificarem os outros; escusam-se, mas tornam-se juízes rigorosos daqueles com os quais convivem, ou a quem recorrem,

buscando ajuda. Por isso, a saúde mental que decorre da liberação das alienações obsessivas se faz difícil, porque ela depende, sobretudo, do enfermo, no máximo do seu esforço e não exclusivamente do seu animoso perturbador. “Consideremos, ainda, que a libertação de urna conjuntura deste tipo não imuniza ninguém em relação ao futuro. Desde que não se erradiquem os fatores propiciadores do desequilíbrio psíquico, a pessoa sintonizará, por fenômeno natural, com outros Espíritos com os quais se afinará, por identidade de propósitos, de sentimentos, de ideais...” A Mentora olhou o grupo que se dispersava entre sorrisos, e comentou: — Somos otimistas diante desta gleba humana que deverá ser arroteada com o arado do amor e cultivada pelas mãos da caridade. Por este momento, tudo são planos felizes que se delineiam nas suas construções mentais e isto é-lhes favorável, porque persistindo nos pensamentos edificantes, irão produzindo energia positiva que destrói os “cascões mentais” em que se envolvem, rompendo a carapaça de sombra que os asfixia, ensejando-se aptidões para o trabalho abençoado, gerador de um clima emocional que, se for mantido, favorecê-los-á com a paz real. Liberados dos inimigos que ora os afligem, à medida que crescerem no bem, defrontarão outros problemas para resolver, que chegarão, sucessivamente, até o momento da liberdade plena. Ninguém espere repouso e prazer, nem anele, de imediato, por comodidade e por bem-estar que não merece. A Terra é mãe generosa e a existência carnal constitui ensejo reparador, salvas as raras exceções, quando o Espírito se encontra em ministério missionário e propulsor do progresso da Humanidade, mesmo assim, nesses casos, a dor e a soledade, os testemunhos de muitos tipos não lhes ficam à margem... “Jesus, que abençoou o trabalho e o dever com o próprio esforço, ensinou-nos que o crescimento para Deus somente se dá através da lapidação íntima, através do labor da fraternidade verdadeira entre as criaturas do caminho da nossa evolução.” Silenciando, despediu-se, de imediato, deixando-me imerso em reflexões mais demoradas. Pelo hábito vicioso de examinar os problemas, pensando no próximo como fator causal deles, descobri, naquele momento, que mantinha a mesma atitude em relação aos processos obsessivos, acreditando, ingenuamente, que o simples afastamento do Espírito perturbador favorecia a saúde física ou mental da pseudovítima, desconsiderando a sua urgente e significativa contribuição durante a larga convalescença, na qual recidivas lamentáveis e novos procedimentos desequilibrantes se instalam, a prejuízo da pessoa que se não propôs a uma recuperação plena. Começava, desta forma, para Maurício, uma frente de batalha nova, cujas lutas se arrastariam por muito tempo, a depender dele próprio.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 20)

“Encontrávamo-nos surpresos ante o desfecho da comunicação mediúnica, cujo prognóstico futuro, em relação ao obsidiado, me produzira compreensível impacto. A referência do parasita espiritual fora clara e, realmente, na esfera das vidas em simbiose, a extirpação de uma agride e mata, às vezes, a outra. Todavia, embora o assunto não me fosse inteiramente desconhecido, a oportunidade de constatá-lo surgia-me pela primeira vez. Aguardamos esclarecimentos que nos iluminassem a razão e quando, mais tarde, o venerável Dr. Bezerra nos convidou a seguir o casal, em cujo cometimento a irmã Emerenciana se associava, não me furtei a algumas indagações. [...] Chegando ao lar, o casal foi recebido por gentil familiar que assistia o jovem, enquanto os pais se encontravam ausentes. A senhora estava aflita e narrou, apressadamente, que Alberto se encontrava muito mal. Quando chegamos ao quarto, deparamo-nos com uma cena comovedora. Um jovem, de corpo volumoso, agitava-se no leito. As marcas da limitação mental se estampavam na face do idiota e, embora os cuidados que o amparavam, o conjunto físico era desagradável à vista, numa primeira e apressada impressão. Respirava com dificuldade e gemia, exteriorizando um estado íntimo agônico e opressivo. A mãezinha correu ao telefone e chamou o médico com urgência. O pai se deteve no quarto e pudemos ouvir-lhe a mente raciocinando. Ele constatava o significado da palavra liberte, conforme se referira o desencarnado, igualmente infeliz. Percebeu que o filho estava morrendo. — Desde quando ele está assim? — indagou, à parenta, a senhora Clotilde. — Há cerca de duas horas tudo começou. Eu estava tricoteando, na sala, quando ouvi um ruído inusitado. Corri ao quarto e encontrei-o encostado à cabeceira da cama, com os olhos projetados para fora das órbitas, como se acompanhasse alguma cena pavorosa. Depois, contorceu-se e agitou-se, qual se alguma coisa estivesse sendo arrancada de dentro dele. Por fim, deu um grito, e arriou, respirando com dificuldade e vertendo um pranto silencioso, como jamais eu o vira fazer... A genitora ajoelhou-se ao lado da cama, segurou a mão do filho e começou a falar-lhe com ternura, enquanto chorava com resignação, apesar da imensa dor que a vencia. A irmã Emerenciana aproximou-se da senhora e vitalizou-a com energias de sustentação na área coronária, depois, na cardíaca, enquanto a estimulava à coragem e à confiança no futuro. Ela não ouvia as palavras, entretanto, senti-as como reconforto e serenidade. Nesse momento, o caroável Médico da caridade acercou-se do moribundo e começou a aplicar-lhe recursos de dispersão fluídica, desvinculando-o do envoltório carnal. A operação complexa demorou por vários minutos. O jovem adquiriu lampejos de lucidez, nos olhos marejados de lágrimas, fitou os pais, como se lhes desejasse externar gratidão e amor,

tal a sensação de ventura que experimentava, livre da terrível constrição que padecera pelos largos anos. A mãezinha sentiu-lhe o aperto de mão, equilibrado, afetuosos. — Ele se está despedindo de nós! — exclamou, angustiada. — Segure-o! O Sr. Anselmo sentou-se ao lado, ergueu-lhe o tórax e a cabeça, que encostou ao seu ombro e, amparado pela Mentora, falou:— É a libertação, meu filho querido. O Pai deseja e espera a salvação de todos e não a sua perda. Não tema! Este capítulo de dor está encerrado; abre-se um novo, na sua e em nossas vidas. Você seguirá; todavia, não nos separaremos, continuando a avançar pela mesma trilha. Arrebetam-se as algemas e você recobra os seus movimentos. Poderá, agora, voar, livre e feliz. A noite cede lugar ao dia. Bons Amigos o aguardam. Chame por Jesus e seja dócil... Nós iremos, logo mais. Ele estremeceu e tentou balbuciar algumas palavras: — Pa...pai!... Ma...mãe!... A respiração fez-se-lhe mais difícil. Cerrou os olhos e começou o quadro comatoso, prenunciador da morte. O Benfeitor, após a operação delicada, cessou a técnica de que se utilizava, enquanto suave oração se evolava das almas contritas dos pais, que se despediam. Neste comenos chegou o médico que percebeu, de imediato, a gravidade do caso. Mesmo assim, examinou-o, superficialmente e, homem acostumado aos momentos in extremis, não teve dúvidas, e acentuou: — Tarde demais! Ele está entregando a alma a Deus. É questão de pouco tempo. Demoramo-nos no recinto até ao amanhecer, quando Alberto desencarnou e Dr. Bezerra deslindou os últimos liames, entrando o corpo na imediata eliminação das energias vitais restantes. Adormecido, ele permaneceu no local, recebendo apropriada assistência por parte do Benfeitor, até que se fizesse oportuno removê-lo dali, o que se daria após a inumação cadavérica. [...] Concluída esta nova etapa, perguntei ao Instrutor se esse procedimento — a desencarnação do enfermo em razão do afastamento do obsessor — era frequente, ao que ele me respondeu, com voz pausada e modulação profunda: — “Muito mais constante do que se pode imaginar. A minha primeira experiência, nessa área, ocorreu quando me encontrava na Terra. Compreendo a dor dos pais de Alberto, porquanto minha esposa e eu a sofremos nos recônditos da alma, quando um ser querido nosso, nós e seus familiares passamos por idêntico transe. “Sensibilizado pelas nossas lágrimas, num diálogo que mantivemos com alguém que fora prejudicado pelo nosso amigo querido e que se lhe convertera em inclemente cobrador, ao suplicar-lhe que se compadecesse de todos nós, ele anuiu, após demorada conversação, porém, nos alertou: “Sem mim, ele morrerá, tanto depende a sobrevivência do seu corpo do teor de energias que lhe forneço...” E, prometendo não mais retornar para o seu lado, aconteceu a ruptura dos liames físicos do rapaz,

que desencarnou...” — E como se dá a desencarnação, nesses casos? — “Sabemos que o perispírito é o corpo que transmite ao soma o indispensável para a sua manutenção. Sendo a parasitose obsessiva o resultado da ligação do perispírito do encarnado com o do Espírito, o intercâmbio de energias faz-se automaticamente. Ora, à medida que se toma mais acentuado o intercâmbio fluídico, a energia invasora passa a influenciar as células sanguíneas e as histiocitárias, que começam a produzir anticorpos e defesas imunológicas no nível que lhes corresponde, alterando o equilíbrio fisiopsicossomático do paciente. Às vezes, aquela energia deletéria facilita a invasão bacteriana, favorecendo a instalação de vários processos patológicos de efeitos irreversíveis, que encontram apoio na consciência culpada. “Interrompendo-se, repentinamente, o concurso desse fator energético, o perispírito do hospedeiro sofre abalo violento e os seus centros vitais se desajustam, refletindo-se no sistema reticuloendotelial e nos gânglios linfáticos, que respondem, no plasma sanguíneo, pelo surgimento das hemácias e dos leucócitos, dos trombócitos, macrófagos e linfócitos que são o resultado de incontáveis grupamentos que se originam nos laboratórios complexos e extraordinários do baço, da medula óssea, do fígado e de todo o conjunto ganglionar... O organismo físico se desarmoniza, e a mente em desconcerto nada pode fazer em favor do reajuste e funcionamento das peças celulares, ocorrendo a expulsão do Espírito encarnado...” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 20)

“**Diálogos esclarecedores.** [...] — Rogando escusas ao bondoso mentor, indagaria se o afastamento do Espírito perturbador propiciará a Raulinda a desejada recuperação da saúde? — Devemos ter em mente que a nossa irmã se encontra incursa em vários itens das leis que desrespeitou, estando gravados em seu íntimo os imperativos da necessidade de reparação. Ocorrendo a mudança de comportamento do seu atual perseguidor, a atitude será, para ele, salutar, por libertar-se da injunção do ódio, mas para ela será apenas amenizadora dos sofrimentos, não liberadora. Terá a carga de aflições diminuída, porém os sintomas perturbadores permanecerão, desaparecendo à medida que se submeta às terapias referidas. Os órgãos citados encontram-se lesados no perispírito e no corpo físico, requerendo assistência especializada, como é natural. “Pensa-se, com leveza, que o simples afastamento do obsessor faculta a recuperação plena do obsidiado. Em todo aquele que sofre perseguição espiritual, encontramos os resíduos maléficos dos seus atos desvairados, aguardando superação. Não se resgatam dívidas somente com boas intenções. Elas são o primeiro passo para as ações dignificadoras que liberam, não porém suficientes para a sua quitação. “O caminho de quem deslustra o dever é estreito e difícil.

Por isso, é melhor atender as obrigações do que as defraudar. Educar é fácil, mesmo com os empecilhos que se apresentam; reeducar é mais complicado, corrigindo os hábitos malsãos e instalando os dignificantes.” Parecia-me justo. Afinal, sem presunção de julgamento da minha parte, o delito da amiga era grave, o que nos inspirava compaixão para com o consorte, enganado e assassinado, quanto para com ela, que os perpetrara... Quando as criaturas assimilarem a ideia de que o mal é pior para quem o pratique, evitá-lo-ão com energia. Identificando que no universo não há privilégios para ninguém, nem regimes especiais que distingam umas das outras pessoas, exceto na sua hierarquia moral, ter-se-á chegado a um período em que o bem predominará, desaparecendo pouco a pouco as chagas morais que decompõem o ser e afligem o organismo social. O combate, portanto, ao egoísmo, deve ser constante e de emergência, sem margem a escapismos.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Diálogos esclarecedores)

“**Aprofundando os conhecimentos.** Na pausa que se fez natural, Dr. Bezerra elucidou: — Provavelmente, alguém estará perguntando-se por que não desembaraçamos o nosso irmão da presença perturbadora do ser ovoidal que se lhe vincula por intermédio do chakra coronário? Explicarei que se trata de medida saudável e preventiva em relação ao seu reequilíbrio. Quando alguém sofre a indução malévola de espíritos desse teor, a sua organização psicofísica permanece intoxicada pelos fluidos venenosos aspirados, adaptando-se às circunstâncias doentias. Se, de repente, é liberada desse tônico enfermigo, sofre um colapso de interação mente-corpo e o paciente pode tombar na perda de memória, em alucinação, em distonia emocional. Desse modo, o processo de recuperação deve ser realizado com certa morosidade, facultando ao corpo adaptar-se à nova ingestão de energias, ora saudáveis, que eliminarão as sequelas deixadas pelos tóxicos destruidores. Nosso irmão despertará com vagas lembranças do nosso encontro, nauseado, mais indisposto, no entanto, com real interesse pela mudança que se lhe deve operar no que diz respeito à conduta mental e moral. O caminho do vício é tortuoso e ingente, causando muitos danos a todo aquele que o percorre irresponsavelmente, sedento de prazeres mórbidos. A verdadeira saúde inicia-se no pensamento dignificante que constrói vigorosos combatentes psíquicos sempre em vigilância e na posição de luta contra os vírus produzidos pelos adversários do bem, que invadem a organização celular das criaturas levianas, sustentando-as nas aspirações doentias a que se adaptam e nas quais se comparam. Utilizando-se o ser humano da oração e dos pensamentos edificantes, são criados antivírus específicos que o defendem da contaminação prejudicial. É sempre de bom alvitre a manutenção

do equilíbrio mental de onde procedem as energias compatíveis com a onda vibratória elegida para a vivência existencial. [...]” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 8)

II.5. Reuniões espíritas de desobsessão – Características^{9,10}

“**Obsessão.** A conselho de orientadores experimentados, o agrupamento a que Alexandre emprestava preciosa colaboração reunia-se, em noites previamente determinadas, para atender aos casos de obsessão. Era necessário reduzir, tanto quanto possível, a heterogeneidade vibratória do ambiente, o que compelia a direção da casa a limitar o número de encarnados nos serviços de benefício espiritual. Semelhante capítulo de nossas atividades impressionava-me fortemente, razão por que, depois de obter a permissão de Alexandre para acompanhá-lo ao trabalho, interroguei-o com a curiosidade de sempre: – Todo obsidiado é um médium, na acepção legítima do termo? O instrutor sorriu e considerou: – Médiuns, meu amigo, inclusive nós outros, os desencarnados, todos o somos, em vista de sermos intermediários do bem que procede de mais alto, quando nos elevamos, ou portadores do mal, colhido nas zonas inferiores, quando caímos em desequilíbrio. O obsidiado, porém, acima de médium de energias perturbadas, é quase sempre um enfermo, representando uma legião de doentes invisíveis ao olhar humano. Por isto mesmo, constitui, em todas as circunstâncias, um caso especial, exigindo muita atenção, prudência e carinho. Lembrando as conversações ouvidas entre os companheiros encarnados, cooperadores assíduos do esforço de Alexandre e outros instrutores, acrescentei: – Pelo que me diz, compreendo as dificuldades que envolvem os problemas alusivos à cura; entretanto, recordo-me do otimismo com que nossos amigos comentam a posição dos obsidiados que serão trazidos a tratamento... O generoso mentor fixou um sorriso paternal e observou: – Eles, por enquanto, não podem ver senão o ato presente do drama multissecular de cada um. Não ponderam que obsidiado e obsessão são duas almas a chegarem de muito longe, extremamente ligadas nas perturbações que lhes são peculiares. Nossos irmãos na carne procedem acertadamente entregando-se ao trabalho com alegria, porque de todo esforço nobre

resulta um bem que fica indestrutível na esfera espiritual; no entanto, deveriam ser comedidos nas promessas de melhoras imediatas, no campo físico, e, de modo algum, deveriam formular julgamento prematuro em cada caso, porquanto é muito difícil identificar a verdadeira vítima com a visão circunscrita do corpo terrestre. Depois de pequena pausa, continuou: – Também observei o exagerado otimismo dos companheiros, vendo que alguns deles, mais levianos, chegavam a fazer promessas formais de cura às famílias dos enfermos. Claro que serão enormes os benefícios a serem colhidos pelos doentes; todavia, se devemos estimar o bom ânimo, cumpre-nos desaproveitar o entusiasmo desequilibrado e sem rumo. [...] Compreendi a elucidação e esperei a noite de socorro aos obsidiados, como Alexandre designava esse gênero de serviço. Não decorreram muitos dias e, em companhia do instrutor, penetrei, sumamente interessado, o conhecido recinto. O pessoal estava agora reduzido. Em redor da mesa, reuniam-se tão-somente dois médiuns, seis irmãos experimentados no conhecimento e prática de problemas espirituais e os obsidiados em tratamento. Os enfermos, em número de cinco, apresentavam características especiais. Dois deles, uma senhora relativamente jovem e um cavalheiro maduro, demonstravam enorme agitação; dois outros, ambos moços e irmãos pelo sangue, pareciam completamente imbecilizados e, por último, observamos a jovem a que Alexandre se referira, que se controlava com esforço, ante o assédio de que era vítima. As entidades inferiores que rodeavam os doentes compariavam em grande número. Nenhuma delas nos registrava a presença, em virtude do baixo padrão vibratório em que se mantinham, mas se sentiam à vontade, no contato com os companheiros encarnados. Permutavam impressões, entre si, com grande interesse e através das conversações deixavam perceber seus terríveis projetos de ataque e vingança. Seguiu-lhes atentamente a movimentação, quando fui surpreendido com a chegada de dois amigos de nosso plano, para os quais olharam os obsessores, com certo receio. – São nossos intérpretes junto das entidades perseguidoras – exclamou Alexandre, elucidando-me –. Em virtude da condição em que se encontram, podem ser percebidos por elas e manter estreita ligação conosco, ao mesmo tempo. Assinalando a serenidade com que sorriam para nós, sem partilharem de entendimento

9 Vide a obra de André Luiz intitulada *Desobsessão* (passos a serem seguidos pelos colaboradores das sociedades espíritas), que “objetiva prestar valioso auxílio àqueles que se propõem a tratar, com a devida seriedade, em reuniões específicas da Casa Espírita, o grave problema da obsessão, que, como as mais diferentes e temíveis doenças do corpo físico, se constitui em flagelo da humanidade”.

10 Vide Capítulos IV (“Doutrinação de entidades obsessoras”) e V (“Reuniões espíritas de desobsessão”), Sexta Parte (“Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas”), Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

direto com os instrutores de nossa esfera, ali presentes, ouvi o meu orientador explicar: – Já se encontram de posse das instruções precisas aos trabalhos da noite. As criaturas desencarnadas, que se congregavam ali em dolorosa perturbação, retificaram, de algum modo, a linguagem que lhes era própria, ao avistarem os dois missionários. Verifiquei, pela modificação havida, que ambos eram já conhecidos de todas. Um dos obsessores, evidentemente cruel, falou em tom discreto a um dos companheiros. – Estão chegando os pregadores. Oxalá não nos venham com maiores exigências. – Não sei o que desejam estes ministros – respondeu o interlocutor, algo irônico –, porque, afinal de contas, conselho e água dão-se a quem pede. – Parece-me que convidaram os da mesa a cansar-nos até ao esquecimento de nossos propósitos de fazer justiça pelas próprias mãos. – Palavras o vento leva – aduziu o outro. A essa altura, os novos amigos entravam em palestra com as entidades da sombra. [...] E Alexandre, que seguia, também comovido, as explicações do intérprete, observou-me: – O trabalho de esclarecimento espiritual, depois da morte, entre as criaturas, exige de nós outros muita atenção e carinho. É preciso saber semear na “terra abandonada” dos corações desiludidos, que se afastam da Crosta sob tempestades de ódio e angústia desconhecida. Diz o Livro Sagrado que no princípio era o Verbo... Também aqui, diante do caos desolado dos Espíritos infelizes, é necessário utilizar o verbo no princípio da verdadeira iluminação. Não podemos criar sem amor, e somente quando nos preparamos devidamente, edificaremos com êxito para a vida eterna. [...] Ia expor novas questões que o assunto suscitava, mas o instrutor amigo fez-me ver que a reunião de auxílio, por parte dos encarnados, teria início naquele mesmo instante. Precisávamos manter o concurso vigilante da fraternidade. Observei, agradavelmente surpreendido, as emissões magnéticas dos que se reuniam ali, em tarefa de socorro, movidos pelo mais santo impulso de caridade redentora. Nossos técnicos em cooperação avançada valiam-se do fluxo abundante de forças benéficas, improvisando admiráveis recursos de assistência, não só aos obsidiados, mas também aos infelizes perseguidores. [...] O doutrinador encarnado, companheiro de grande e bela sinceridade, era o centro dum quadro singular. Seu tórax convertera-se num foco irradiante e cada palavra que lhe saía dos lábios semelhava-se a um jato de luz alcançando diretamente o alvo, fosse ele os ouvidos perturbados dos enfermos ou o coração dos perseguidores cruéis. Suas palavras eram, com efeito, de uma simplicidade encantadora, mas a substância sentimental de cada uma assombrava pela sublimidade, elevação e beleza. Reparando-me a estupefação, Alexandre veio em meu socorro, esclarecendo: – Estamos aqui numa escola espiritual. O doutrinador humano encarrega-se

de transmitir as lições. Você pode registrar, porém, que, para ensinar com êxito, não basta conhecer as matérias do aprendizado e ministrá-las. Antes de tudo, é preciso senti-las e viver-lhes a substancialidade no coração. O homem que apregoa o bem deve praticá-lo, se não deseja que as suas palavras sejam carregadas pelo vento, como simples eco dum tambor vazio. O companheiro que ensina a virtude, vivendo-lhe as grandezas em si mesmo, tem o verbo carregado de magnetismo positivo, estabelecendo edificações espirituais nas almas que o ouvem. Sem essa característica, a doutrinação, quase sempre, é vã. Vendo o quadro expressivo, analisado pelos esclarecimentos do instrutor, compreendi que o contágio pelo exemplo não constitui fenômeno puramente ideológico, mas, sim, que é um fato científico nas manifestações magnético-mentais. [...] Enquanto examinava, atento, aqueles inquietantes quadros clínicos, o orientador encarnado da assembleia, fazendo-se intérprete de grandes benfeitores do nosso plano de ação, espalhava o amor cristão e a sabedoria evangélica, a longos jorros, efetuando, com extrema fidelidade ao Cristo, a sementeira da caridade, da luz, do perdão. Desejando a minha elevação nas atividades construtivas, Alexandre aproximou-se de mim e observou: – Repare no serviço de fraternidade legítima. Não temos o milagre das transformações repentinas, nem a promoção imediata aos planos mais elevados, dos que se demoram no campo inferior. A tarefa é de sementeira, de cuidado, persistência e vigilância. Não se quebram grilhões de muitos séculos num instante, nem se edifica uma cidade num dia. É indispensável desgastar as algemas do mal, com perseverança, e praticar o bem, com ânimo evangélico. Os serviços iam a termo. [...] Antes que eu pudesse voltar a perguntas, percebi que a reunião estava sendo definitivamente encerrada, por parte dos amigos da Crosta. Interrompera-se a cadeia magnética defensiva. Notei, surpreendido, que a jovem resoluta e firme na fé alcançara melhoras consideráveis, enquanto a possessa ia retirar-se com a situação inalterada. Reparei os três outros enfermos. Tão logo se quebrou a corrente de vibrações benéficas, ali estabelecida, voltaram a atrair intensamente os verdugos invisíveis, a cuja influência se haviam habituado, demonstrando escasso aproveitamento. Valendo-me da hora, acerquei-me de Alexandre, para não perder as suas lições alusivas ao assunto, e indaguei: – Como atingir as conclusões finais, no tratamento aos obsidiados? Ele sorriu e respondeu: – Em todas as nossas atividades de socorro há sempre imenso proveito, ainda mesmo quando a sua extensão não seja perceptível ao olhar comum. E qualquer doente dessa natureza que se disponha a cooperar conosco, em benefício próprio, colaborando decididamente na restauração de suas atividades mentais, regenerando-se à luz da vida

renovada no Cristo, pode esperar o restabelecimento da saúde relativa do corpo terrestre. Quando a criatura, todavia, roga a assistência de Jesus com os lábios, sem abrir o coração à influência divina, não deve aguardar milagres de nossa colaboração. Podemos ajudar, socorrer, contribuir, esclarecer; não é, porém, possível improvisar recursos, cuja organização é trabalho exclusivo dos interessados. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“À indagação de Gúbio, Sidônio esclareceu, muito seguro: – Nosso agrupamento produz satisfatoriamente; entretanto, poderia levar a efeito mais ampla colheita de bênçãos se a confiança no bem e o ideal de servir fossem mais dilatados em nossos colaboradores no plano físico. Sabemos que a instrumentalidade é essencial em qualquer serviço. O braço é intérprete do pensamento, o operário é complemento do administrador, o aprendiz é veículo do mestre. Sem companheiros encarnados que nos correspondam aos objetivos na ação santificante, como estabelecer a espiritualidade superior na Crosta da Terra? Efetivamente, encontramos irmãos dispostos ao concurso fraternal, embora, forçoso é dizer, a maioria espere a mediunidade espetacular, a fim de cooperar conosco. Não procuram saber que todos somos médiuns de alguma força boa ou má, em nossas faculdades receptivas. Não aceitam as necessidades do serviço que nos aconselham a buscar desenvolvimento substancial na autoiluminação, através do serviço aos nossos semelhantes, e tocam a exigir dons medianímicos, quais se fossem dádivas milagrosas a serem transmitidas graciosamente àqueles que se lhes candidatam aos benefícios, por intermédio da antiga “varinha de condão”. Esquecem-se de que a mediunidade é uma energia peculiar a todos, em maior ou menor grau de exteriorização, energia essa que se encontra subordinada aos princípios de direção e à lei do uso, tanto quanto a enxada que pode ser mobilizada para servir ou ferir, conforme o impulso que a orienta, melhorando sempre, quando em serviço metódico, ou revestindo-se de ferrugem asfixiante e destrutiva, quando em constante repouso. Nossos amigos não percebem o valor de uma atitude desassombrada e permanente de fé positiva, dentro do caminho louvável, haja o que houver, e, não obstante cuidarmos devotadamente da crença deles, com a mesma ternura consagrada pelo lavrador vigilante à plantinha tenra que encerra a esperança do porvir, basta que espíritos perturbadores ou maliciosos os visitem, sutis, à maneira de melros num arrozal, e lá se vão os germens superiores que lhes confiamos, incessantemente, ao solo do coração. De um instante para outro, duvidam de nosso esforço, desconfiam de si mesmos, cerram os olhos ante a grandeza das leis que os cercam nos ângulos da natureza terrestre, e as energias mentais que deveriam

centralizar em construção ativa e santificante, com vistas ao aprimoramento próprio, são desbaratadas quase que diariamente pela argumentação mentirosa de espíritos ingratos e menos permeáveis ao bem. Verificando-se espontânea parada, aventurei-me a considerar: – A referência abrange um grupo assim tão harmoniosamente constituído quanto este? Será crível que o conjunto organizado sobre propósitos tão sadios dê guarida fácil às forças deprimentes? O diretor da casa sorriu bem-humorado e respondeu com franqueza: – Sim, coletivamente considerando, reúnem-se agora, sob este teto amigo, e procuram-nos a companhia espiritualizante. Isto, porém, acontece por seis horas, nas cento e sessenta e oito horas de cada semana. Enquanto conosco, deixam-se envolver nas suaves irradiações da paz e da alegria, do bom ânimo e da esperança, registrando-nos as vibrações edificantes das quais desejávamos fossem eles nossos portadores permanentes e seguros na esfera vulgar da luta humana. Todavia, tão logo se encontram a pequena distância de nossas portas, aceitam ou provocam milhares de sugestões sutis, diferentes das nossas. Choques de pensamentos adversos ao nosso programa, nascidos da mente de encarnados e desencarnados, vergastam-nos sem piedade. Raros se capacitam de que a fé representa bênção suscetível de ser aumentada, indefinidamente, e fogem ao serviço que a conservação, a consolidação e o crescimento desse dom nos oferecem a todos. Além disso, quando esse ou aquele irmão revela disposições mais avançadas para servir a bem de todos, em favor do império da luz, costuma ser imediatamente visitado, nas horas de sono físico, por entidades renitentes na prática do mal, interessadas na extensão do domínio das sombras, que lhe desintegram convicções e propósitos nascentes com insinuações menos dignas, quando o espírito do trabalhador não está convenientemente apoiado no desejo robusto de progredir, redimir-se e marchar para a frente. A exposição era muito interessante e tudo faria a benefício de mais amplas elucidações ao assunto, mas o relógio marcava o momento de nossa cooperação ativa e pusemo-nos em forma.” (AL, *Libertação*, Capítulo 15)

“**PROLUSÃO.** Tendo em vista o grave problema da obsessão, que aflige multidões e as infelicitas, o grupo que se afeiçoe a esse ministério de socorro a obsidiados e obsessores deve observar, pelo menos, os seguintes requisitos mínimos: **1) A equipe de trabalho.** Toda e qualquer tarefa, especialmente a que se destina ao socorro, exige equipe hábil, adredeamente preparada para o ministério a que se dedica. O operário siderúrgico, a fim de poder executar o trabalho junto às fornalhas de alta temperatura, resguarda-se, objetivando a sobrevivência, e adestra-se, a benefício de resultados vantajosos. O tecelão preserva o aparelho respiratório com máscaras próprias e articula

habilidades que desdobra, de modo a atender aos caprichos de padronagem, cor e confecção com os fios que lhe são entregues. O agricultor apreende os cuidados especiais de que necessitam o solo, a semente, a planta, a floração e o fruto, com o fito de recolher lucros no labor que enceta. O mestre, o cirurgião, o artista, o engenheiro, o expositor, o escrevente, todos os que exercem atividades, modestas ou não, se dedicam com carinho e especializam-se, adquirindo competência e distinção com o que se capacitam às compensações disso decorrentes. No que tange às tarefas da desobsessão, não menos relevantes são os valores e qualidades especiais exigíveis, para que se logre êxito. Nos primeiros casos, necessita-se de fatores materiais, intelectivos e artísticos, inerentes a cada indivíduo que se dedica ao mister, seguindo a linha vocacional que lhe é própria ou estimulado pelas vantagens imediatas, através das quais espera rendas e estipêndios materiais. No último caso, deve-se examinar a transcendência do material em uso — sutil, impalpável, incorpóreo — a começar desde a organização mediúnica até as expressões de caráter moral das Entidades comunicantes. A equipe que se dedica à desobsessão — e tal ministério somente é credor de fé, possuidor de valor, quando realizado em equipe, — que a seu turno se submete à orientação das Equipes Espirituais Superiores — deve estribar-se numa série incontroversa de itens, de cuja observância decorrem os resultados da tarefa a desenvolver. O “milagre” tão amplamente desejado é interpretação caótica e absurda de fatos coerentes, cuja mecânica escapa ao observador apressado. Não ocorre, portanto, uma vez que tudo transcorre sob a determinação de leis de superior textura e de sábia execução. Assim, faz-se imprescindível, na desobsessão, quando se pretende laborar em equipe: a) harmonia de conjunto, que se consegue pelo exercício da cordialidade entre os diversos membros que se conhecem e se ajudam na esfera do quotidiano; b) elevação de propósitos, sob cujo programa cada um se entrega, em regime de abnegação, às finalidades superiores da prática medianímica, do que decorrem os resultados de natureza espiritual, moral e física dos encarnados e dos desencarnados em socorro; c) conhecimento doutrinário, que capacita os médiuns e os doutrinadores, assistentes e participantes do grupo a uma perfeita identificação, mediante a qual se podem resolver os problemas e dificuldades que surgem, a cada instante, no exercício das tarefas desobsessivas; d) concentração, por meio de cujo comportamento se dilatam os registros dos instrumentos mediúnicos, facultando sintonia com os comunicantes, adredemente trazidos aos recintos próprios para a assistência espiritual; e) conduta moral sadia, em cujas bases estejam insculpidas as instruções evangélicas, de forma que as emanções psíquicas, sem miasmas infelizes, possam

constituir plasma de sustentação daqueles que, em intercâmbio, necessitam dos valiosos recursos de vitalização para o êxito do tentame; f) equilíbrio interior dos médiuns e doutrinadores, uma vez que somente aqueles que se encontram com a saúde equilibrada estão capacitados para o trabalho em equipe. Pessoas nervosas, versáteis, susceptíveis, bem se depreende, são carecentes de auxílio, não se encontrando habilitadas para mais altas realizações, quais as que exigem recolhimento, paciência, afetividade, clima de prece, em esfera de lucidez mental. Não raro, em pleno serviço de socorro aos desencarnados, soam alarmes solicitando atendimento aos membros da esfera física, que se desequilibram facilmente, deixando-se anestesiarem pelos tóxicos do sono fisiológico ou pelas interferências da hipnose espiritual inferior, quando não derrapam pelos desvios mentais das conjecturas perniciosas a que se aclimataram e em que se comprazem. Alegam muitos colaboradores que experimentam dificuldades quando se dispõem à concentração. No entanto, fixam-se com facilidade surpreendente nos pensamentos depressivos, lascivos, vulgares, graças a uma natural acomodação a que se condicionam, como hábito irreversível e predisposição favorável. Parece-nos que, em tais casos, a dificuldade em concentrar-se se refere às ideias superiores, aos pensamentos nobres, cujo tempo mental para estes reservado é constituído de pequenos períodos em que não conseguem criar um clima de adaptação e continuidade, suficientes para a elaboração de um estado natural de elevação espiritual; g) confiança, disposição física e moral, que são decorrentes da certeza de que os Espíritos, não obstante invisíveis para alguns, se encontram presentes, atuantes, a eles se vinculando, mentalmente, em intercâmbio psíquico eficiente, de cujos diálogos conseguem haurir estímulos e encorajamento para o trabalho em execução. Outrossim, as disposições físicas, mediante uma máquina orgânica sem sobrepeso de repastos de digestão difícil, relativamente repousada, pois não é possível manter-se uma equipe de trabalho dessa natureza, utilizando-se companheiros desgastados, sobrecarregados, em agitação; h) circunspeção, que não expressa catadura, mas responsabilidade, conscientização de labor, embora a face desanuviada, descontraída, cordial; i) médiuns adestrados, atenciosos, que não se facultem perturbar nem perturbem os demais membros do conjunto, o que significa adicionar, serem disciplinados, a fim de que a erupção de esgares, pancadas, gritarias não transforme o intercâmbio santificante em algaravia desconcertante e embaraçosa. Ter em mente que a psicofonia é sempre de ordem psíquica, mediante a concessão consciente* do médium (*Referimo-nos à lucidez da autodoação do médium para o intercâmbio e não à memória, velada ou não, durante o transe. Nota do

Autor espiritual), através do seu perispírito, pelo qual o agente do além-túmulo consegue comunicar-se, o que oferece ao sensitivo possibilidade de frear todo e qualquer abuso do paciente que o utiliza, especialmente quando este é portador de alucinações, desequilíbrios e descontroles de vária ordem, que devem, de logo, ser corrigidos ou pelo menos diminuídos, aplicando-se a terapêutica de reeducação; j) lucidez do preposto para os diálogos, cujo campo mental harmonizado deve oferecer possibilidades de fácil comunicação com os Instrutores Desencarnados, a fim de cooperar eficazmente com o programa em pauta, evitando discussão infrutífera, controvérsia irrelevante, debate dispensável ou informação precipitada e maléfica ao atormentado que ignora o transe grave de que é vítima, em cujas teias dormita semi-hebetado, apesar da ferocidade que demonstre ou da agressividade de que se revista; k) pontualidade, a fim de que todos os membros possam ler e comentar em esfera de conversação edificante, com que se desencharcam dos tóxicos físicos e psíquicos que carregam, em consequência das atividades normais; e procurarem todos, como leciona Allan Kardec, ser cada dia melhor do que no anterior, e de cujo esforço se credenciam a maior campo de sintonia elevada, com méritos para si próprios e para o trabalho no qual se empenham... Claro está que não exaremos aqui todas as cláusulas exigíveis a uma tarefa superior de desobsessão, todavia, a sincera e honesta observância destas dará qualidade ao esforço envidado, numa tentativa de cooperação com o Plano Espiritual interessado na libertação do homem, que ainda se demora atado às rédeas da retaguarda, em lento processo de renovação.” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

“SOCORROS OPORTUNOS. “Vós, espíritas, podeis sê-lo (caridosos) na vossa maneira de proceder para com os que não pensam como vós, induzindo os menos esclarecidos a crer, mas sem os chocar, sem investir contra as suas convicções e, sim, atraindo-os amavelmente às nossas reuniões, onde poderão ouvir-nos e onde saberemos descobrir nos seus corações a brecha para neles penetrarmos”. “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO” — Capítulo 13º — Item 14. Desde o momento em que fora admoestada pelo diretor-administrativo do Frenocômio, Rosângela mais se certificou da interferência negativa e pertinaz dos irmãos infelizes, perseguidores da jovem Ester, embora não ignorasse tal expediente de que se utilizam as Trevas. Com essa medida impostora, objetivam descoroçoar e afastar os a quem consideram obstáculos à atração perseguição em que se comprazem. Aconselhando-se com o dr. Gilvan, seu benfeitor, ficou deliberado que, a benefício de todos, seria evitada uma maior aproximação com a paciente. Todavia, recursos hábeis

para ajudar não faltariam nunca, uma vez que podia contar com a mais eficiente interferência benéfica: a divina, na qual confiava integralmente. Passou, então, a envolver a obsessa em vibrações salutares de repouso, otimismo e renovação que a atingiam como ondas entorpecentes e balsâmicas. As orações do grupo, que ora lhe eram dirigidas, envolviam-na, de certo modo, conseguindo neutralizar parte da interferência mais perniciosa da mente dominadora, que, através do perispírito, do qual subtraía forças para o nefando mister, agora se revitalizava pelo processo da imantação decorrente das energias superiores que a alcançavam. Nós próprios, vinculados ao grupo de trabalhadores interessados no ministério da desobsessão, passamos a visitar a enferma, sob a carinhosa tutoria do abnegado médico espiritual Bezerra de Menezes, o querido mentor da Associação a que se vinculava a jovem e devotada Rosângela. O encontro verificado entre os Coronéis Santamaria e Sobreira fora concertado num “acaso” carinhosamente trabalhado, a fim de se estabelecerem as primeiras medidas de socorro mais eficiente e direto, do que deveriam resultar os efeitos do empreendimento espiritual. Por uma aparente coincidência, a Sociedade a que se referira o militar cristão era a mesma Casa de amor, onde a enfermeira-auxiliar e os seus benfeitores ofertavam a cooperação. Amigos e servidores ao lado do médium Joel, por caminhos diversos, fizeram-se instrumentos valiosos, manipulados pelos Mensageiros Espirituais, a fim de conduzirem o medicamento do conforto e da esperança a Ester e família, em nome de Jesus, sem se saberem empenhados, reciprocamente, no mesmo mister. A Sociedade Espírita “Francisco de Assis”, que frequentavam, situada em aprazível bairro carioca, plantava as suas bases na Codificação Kardequiana e, fiel aos postulados cristãos e espíritas, transformara-se em eficiente Hospital-Escola-Santuário Espiritual onde abnegados Mensageiros se congregavam para o sagrado labor da Caridade. As diversas equipes que ali ativavam e mantinham a flama do ideal espírita-cristão esforçavam-se por colimar a mais elevada qualidade de ação beneficente, entregando-se aos misteres variados que se desdobravam por toda semana, sem qualquer ociosidade ou fastio. O trabalho constituía-lhes rota para todos e as discussões infrutíferas como os comentários infelizes não encontravam solo propício para então medrar. Embora os ditames do amor que regia todas as atividades, a energia dinâmica e a consciência do dever caracterizavam as responsabilidades a todos pertinentes, que não se permitiam a insensatez da impontualidade, das justificações inoportunas, das apelações vulgares à tolerância falsa, ao desculpismo. Em razão disso, os resultados se evidenciavam positivos e prestos, ensejando bênçãos de todo porte aos que, aflitos, de ambos os lados da vida, ali aportavam

sequiosos de luz, de pão e de paz. Os serviços, portanto, variados, se desdobravam felizes, em criteriosos horários nos quais a imputação e a segurança espiritual identificavam os operosos seareiros. Considerando, todavia, o ministério desobsessivo, os cuidados eram redobrados, desde o selecionamento dos membros que constituíam o grupo, até aos cuidados e deveres para com o corpo, a mente, a alma, em caráter normal e, em especial, nos dias aprazados para as elevadas incursões ao Mundo Espiritual, através da contribuição mediúnica. Dois dias após a entrevista no lar da família Sobreira, os membros do trabalho reuniram-se às 19:30 horas, como de hábito, para o serviço superior do intercâmbio socorrista. A primeira meia hora se fazia dedicada a leituras edificantes, comentários evangélicos, conotações e apontamentos doutrinários, enquanto os participantes encarnados na psicofera da Casa refaziam-se do aturdimiento e cansaço das horas passadas, nas atividades para a sobrevivência física. O Coronel Sobreira pensava em apresentar o problema psíquico de Ester ao antigo “médico dos pobres”, quando o Instrutor amorável utilizasse a psicofonia de Joel, solicitando orientação e o seu concurso benéfico. Aquele dia reservara-se à meditação e à prece, procurando uma sintonia harmoniosa com o Plano Espiritual, como, aliás, lhe constituía, um hábito nos últimos tempos, desde que retornara do Exterior. Face à desencarnação do anterior dirigente dos trabalhos daquela natureza, fora convidado pelo sábio Mentor, entregando-se, desde esse instante, com devotamento à tarefa espontaneamente aceita. Desempenhava-a com total espírito de confiança e fervor, experimentando entranhada felicidade na sua execução. Os trabalhos transcorreram em clima abençoado, tendo atendido a larga faixa de sofrendores do além-túmulo, não apenas pela psicofonia quanto pela assistência simultânea do nosso lado àqueles que participavam do tratamento, sem possibilidade de um contato mais direto com os do plano físico. Em todo serviço de desobsessão, enquanto uma Entidade se faz esclarecer, outras se lhe vinculam coparticipando das informações e instruções que são ministradas, colhendo-se significativos, valiosos resultados. Em concomitância, os encarnados sob assistência especial, dos quais dois se faziam presentes sob os acúleos da obsessão simples, em fase inicial, recolheram particulares benefícios que os armavam para a libertação da parasitose espiritual e, logo após, despertamento de ambos para os compromissos íntimos e recíprocos de reajustamento de que necessitavam. Ao término da sessão, no período reservado às instruções especiais, o “caso” Ester foi apresentado ao Diretor Espiritual, que informou conhecer, já, a trama perturbadora, elucidando tratar-se de subjugação infeliz, que poderia, mercê da colaboração de todos e particularmente dos genitores, ser removida. O resultado

final pertencia sempre ao Senhor. Considerou as implicações pretéritas da família e da própria enferma, ressaltando, porém, as dores maternas, pungentes e suas inúmeras, contínuas súplicas ao Pai, que ora respondia, através da solidariedade de todos, conforme a recomendação evangélica sobre a necessidade da união para a prece e para o socorro, na qual o Divino Mestre sempre se faz presente. Propôs que os genitores de Ester passassem a frequentar as reuniões, enfermos também que estavam necessitando de imediato socorro, e solicitou ao irmão Sobreira concedesse mais amplos esclarecimentos aos consortes, preparando-os de algum modo para as operações intercessórias do futuro. Concluindo, asseverou que ele próprio iria dispensar assistência à jovem, ao lado de outros trabalhadores, atendendo, assim, à solicitação de outros assistentes empenhados no concurso da caridade. A reunião foi encerrada sob auspiciosa ventura, tanto para a família Sobreira quanto para Rosângela e os Albuquerque. A bondade divina que nunca falta alcançava mais uma vez “os filhos do Calvário” na Terra.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 9)

“TERAPIA DESOBSESSIVA. Desde quando se iniciaram as terapias espirituais em favor de Carlos e Lício, a irmã Emerenciana estabeleceu um programa paralelo de assistência fluídica através de passes diários, a fim de manter-lhes o equilíbrio emocional possível, ao mesmo tempo impedindo que Espíritos zombeteiros, ociosos ou exploradores das energias fisiopsíquicas viessem piorar a situação dos pacientes, mesmo que a eles não estivessem diretamente vinculados. Sucede o mesmo, na área espiritual, ao que ocorre na área física. Putrefação à mostra atrai as moscas que lhe espalham a degenerescência. A emanção psíquica enferma serve de nutrição a parasitas espirituais que lhe são atraídos e nela se comprazem, originando-se ou ampliando-se as obsessões por acaso já existentes. A providência acautelatória, portanto, se revestiu de muita sabedoria, defluente da larga experiência no trato com os portadores da parasitose espiritual. O tratamento das alienações mentais, incluindo-se a obsessão, é muito desgastante, por motivos óbvios, exigindo moralidade, paciência, fé e títulos de enobrecimento por parte daqueles que se lhe dedicam ao mister. O terapeuta comum, quando portador desses requisitos, exterioriza a força curadora que passa a envolver o paciente, dando-lhe ou aumentando-lhe as resistências. Ao mesmo tempo, uma conduta exemplar confere méritos àquele que a possui, atraindo a consideração e complacência dos Bons Espíritos que passam a auxiliá-lo, dele se utilizando na ação do Bem. No que tange ao labor terapêutico para as obsessões, tais requisitos são fundamentais, porquanto, não os identificando naqueles que os aconselham, e lhes apontam o bom caminho, os Espíritos doentes rechaçam-lhes as

palavras, ante a evidência de que elas são expressas sem conteúdo de verdade, pois que não são vividas. O doutrinador espírita, naturalmente, deve verbalizar e viver o ensino, constituindo o exemplo que demonstra a qualidade do que apresenta, pelas realizações íntimas e externas que produz. Como efeito, o paciente sintoniza com os bons conselhos do seu doutrinador, nele encontrando apoio emocional, como outros enfermos no seu médico, para vencer ou contornar as dificuldades que lhe surgem durante o tratamento. No que tange à família, é importante que se considere a contribuição como valiosa, porquanto todo problema psíquico e mesmo físico em alguém traz uma correlação com os membros do clã. Especificamente, no capítulo das obsessões, é evidente que o enfermo se torna, de alguma forma, instrumento de cobrança, mesmo que indireta, para aqueles com quem vive e a quem se vincula por impositivos do passado. O grupo familiar é constituído por seres que se necessitam para os cometimentos evolutivos inevitáveis. O grupo de trabalhos desobsessivos também possui graves responsabilidades, que não devem ser desconsideradas. Membro atuante da equipe, cada companheiro exerce um tipo de tarefa que se reflete no êxito do conjunto, conforme a conduta que mantenha. Não terminando o tratamento dos obsessores e dos obsessos quando são encerrados os processos da sessão mediúnica, na Casa Espírita, ei-lo que prossegue além das vibrações materiais com maior intensidade... Há quem estranhe essa providência, esquecendo que, antes da divulgação do Espiritismo e da educação bem conduzida da mediunidade, os socorros desobsessivos eram processados dentro desses padrões, o que, aliás, é feito nos lugares onde a Doutrina ainda não chegou nem a mediunidade esclarecida pode ser utilizada como seria de desejar. A providencial misericórdia de Deus dispõe de recursos inumeráveis para alcançar os fins a que se destina. Não obstante, conjugando-se os esforços, em ambos os lados da vida, mais eficientes e rápidos são os resultados, ensejando, ao mesmo tempo, às criaturas encarnadas, o conhecimento da realidade, de ultra tumba e a aquisição de valores pela ação da caridade desenvolvida. No que respeita ao compromisso que os Bons Espíritos assumem nesses valiosos empreendimentos, são investidos, ao máximo, a sua dedicação, a sua assistência e conquistas morais imprescindíveis para a regularização da contenda entre os adversários em luta.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 17)

“**Serviços de desobsessão.** [...] Começavam a chegar os participantes da sessão mediúnica de desobsessão da Casa, que se realizava hebdomadariamente. Era a primeira atividade deste gênero após os sucessos narrados e havia expectativa, certa intranquilidade em alguns cooperadores dos trabalhos. A sala reservada para o mister recebera cuidados especiais: técnicos

do nosso plano dispuseram aparelhos próprios para o socorro desobsessivo em várias partes do recinto. O irmão Vicente comandava a programação conforme o fazia sempre. Agora, menos preocupado que antes, em face da alteração realizada, sentia-se feliz pelas possibilidades que se delineavam para o futuro, sem os riscos desnecessários dos dias idos. Conscientes dos deveres, os membros do grupo mediúnico eram recebidos à entrada da sala pelo presidente da Sociedade, o Sr. Almiro, um cavalheiro tranquilo, de aproximadamente setenta anos, que irradiava bondade espontânea e gentileza sem afetação. Sorrindo com afabilidade, podíamos perceber-lhe o alívio de que era possuído com a alteração dos programas espirituais que havia sido efetivada. Às 19h30 já se encontravam presentes todos os participantes, em recolhimento silencioso. A pontualidade era ali requisito indispensável, já que constitui um dos fatores para o êxito do cometimento. Tomando lugar à cabeceira da mesa, em torno da qual sentavam-se mais onze companheiros e, nas cadeiras em frente, mais catorze pessoas, o diretor começou a ler uma página de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. A leitura não se fazia enfadonha, porque ele enunciava as perguntas, e uma senhora, ao lado, as respostas. Logo após, quando foram examinadas três ou quatro questões, os membros da mesa apresentaram comentários complementares, fizeram perguntas adicionais em tom de voz agradável, sem entonação de discurso ou debate, procurando-se recolher ensinamentos proveitosos e saudáveis. Posteriormente se procedeu ao exame de *O livro dos médiuns* e de *O evangelho segundo o espiritismo*, ambos também de Allan Kardec, gerando uma psicofera de paz e receptividade. Percebi que as Entidades convidadas para o intercâmbio da noite, ainda em sofrimento ou perturbadoras, permaneciam entre as pessoas, isoladas por barreiras vibratórias que, no entanto, lhes permitiam escutar as leituras e os comentários. As que eram lúcidas e trabalhadoras movimentavam-se com liberdade, e os obsessores, alguns já vinculados aos médiuns pelos quais se deveriam comunicar, a contragosto escutavam os ensinamentos, recalitrando e reagindo com blasfêmias e grosserias. Espíritos familiares dos presentes também permaneciam no recinto, em atitude digna, reflexionando a respeito da tarefa e das comunicações, e os demais cooperadores, os que transportam os enfermos desencarnados, igualmente estavam a postos. Tudo se encontrava em ordem, qual sucede em um tratamento cirúrgico, quando a equipe aguarda o sinal do chefe para o início da operação. Às 20h, o Sr. Almiro formulou sentida oração a Deus, na qual agradecia as bênçãos recebidas e suplicou-lhe a proteção para as atividades que se iriam desenvolver. Ao terminar a prece, uma suave auréola de tom solferino emoldurou-lhe a cabeça, exteriorizando os

sentimentos nobres que o possuíam. De imediato, o irmão Vicente, por meio da psicofonia sonambúlica de dona Armênia, deu as instruções iniciais e nos preparamos para acompanhar o desdobramento da reunião. [...] Outras comunicações tiveram lugar, não ultrapassando um total de doze, quando soou a hora de encerrar os trabalhos, oitenta minutos depois de iniciados. Passistas do grupo aplicaram energias nos médiuns e demais participantes, após as palavras e considerações finais do irmão Vicente por intermédio de D. Armênia. Com sentida oração de graças, havendo antes pedido por todos e realizado vibrações intercessórias, o Sr. Almiro concluiu a sessão, encerrando-a. Distribuída água magnetizada pelo mentor aos membros da atividade, passaram a outra sala, onde se detiveram por alguns minutos em agradável convivência e comentários edificantes sobre as ocorrências da reunião, seguindo, logo depois, aos seus respectivos lares. Nós outros permanecemos no recinto, participando das atividades complementares e pertinentes aos desencarnados.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Serviços de desobsessão)

“A luta prossegue. Atividades de grande porte exigem Espíritos competentes, a fim de conduzi-las com segurança. As incursões socorristas ao mundo espiritual, lidando com seres equivocados e perversos, é um capítulo do Espiritismo experimental muito delicado. Por isso mesmo, a mediunidade responsável não se permite aventuras insensatas, nem se faculta entusiasmos descabidos. O labor de desobsessão é terapia avançada que exige equipes hábeis de pessoas e Espíritos adestrados nas suas realizações, de modo a se conseguir os resultados positivos esperados. Não raro, candidatos apressados e desaparelhados aventuram-se em tentames públicos e privados de intercâmbio espiritual, desconhecendo as armadilhas e a astúcia dos desencarnados, procurando estabelecer contatos e procedimentos para os quais não se encontram preparados, comprometendo-se desastrosamente com aqueles aos quais pretendem doutrinar ou impor suas ideias. Arrogantes uns, ingênuos outros, permitem-se a leviandade de abrir portas mediúnicas a intercâmbio desordenado, na pressuposição de que se podem fazer respeitados, obedecidos, incorrendo em grande risco de natureza psíquica. A vida espiritual é pujante, rica de movimento e de ação, base para a formação da física. Quanto se expressa na esfera corporal é pálida condensação da realidade que vibra fora dos fluidos materiais. Todo o cuidado, pois, nesse campo como noutros, é sempre proveitoso para o principiante ou mesmo para quem não possui os instrumentos morais indispensáveis. Frustração, revide, amargura, ciúme, inveja, ódio e todo um elenco de paixões infrenes caracterizam incontáveis seres em perturbação além do corpo somático que a morte não consumiu. A sós ou em grupos, submetidos a organizações cruéis ou

desarvorados, prosseguem vivos e pensantes, perseguindo os propósitos infelizes que abraçam, ameaçadoramente. Com certeza, contrapondo-se a essas hordas asselvajadas, pululam os recursos do amor, alcançando-as e defendendo-as umas das outras, assim como às criaturas em ignorância dessa realidade teimosamente desconsiderada ou posta em plano secundário na viagem ilusória do mundo sensorial. Como consequência, recorrendo à sua situação de seres invisíveis, muitos Espíritos se aproveitam para realizar conúbios perturbadores com os indivíduos invigilantes, executar planos nefastos, recorrer a expedientes malsãos, de forma que se refestelam nas sensações que neles predominam. Dessa forma, utilizam-se dos presunçosos e inadvertidos que pretendem manter contato com eles, sem estrutura moral, sem conhecimentos próprios, iniciando-se processos de obsessão de longo curso em que se comprazem. Todos aqueles, portanto, que desejam manter intercâmbio com os Espíritos, equipem-se com valores morais e intelectuais, de modo a se precatarem contra as surpresas e ciladas que lhes podem ser apresentadas. Outrossim, busquem manter sintonia com os seus guias, capacitados para os orientar e conduzir em cometimentos de tal natureza.” (MPM, *Trilhas da libertação*, A luta prossegue)

“Socorros espirituais. [...] Naquela noite, o Benfeitor providenciara atrair o obsessor do sacerdote à atividade mediúnica de socorro, na Instituição em que nos alojávamos, utilizando-se do concurso de alguns médiuns bem orientados e capacitados para o labor específico. À hora regulamentar da Instituição, os membros da equipe socorrista reuniram-se como de hábito para a atividade da noite. Tratava-se de um grupo bastante harmonizado, qual uma orquestra bem treinada sob a batuta de devotado trabalhador da Causa Espírita, o amigo Felipe, que militava nos seus diversos labores há algumas décadas, e que se afeiçoara, especialmente, ao ministério da psicoterapia com desencarnados infelizes. Após as leituras preparatórias e os comentários breves que antecederam à oração de abertura dos serviços espirituais, a Mentora da Instituição trouxe palavras sucintas de orientação em torno dos trabalhos terapêuticos que teriam lugar naquela noite, e alguns dos médiuns, recolhidos em prece, a pouco e pouco entraram em transe, facultando que as comunicações dos Espíritos sofredores uns, atormentados outros, tivessem lugar. [...] A movimentação espiritual era muito grande na sala, relativamente exígua no seu espaço físico. As paredes, no entanto, haviam desaparecido e o ambiente alargava-se além dos limites estabelecidos pela construção material. Genitores aflitos já desencarnados traziam solicitações de socorro aos filhos rebeldes e ingratos que ficaram na Terra, rogando amparo e libertação das Entidades inferiores com as quais se comprazião; esposos saudosos

imploravam ajuda e oportunidade para enviarem notícias aos parceiros que ficaram no mundo; amigos ansiosos requeriam o concurso dos Benfeitores em favor dos companheiros da experiência carnal; obsessores de má catadura apareciam intempestivamente, arrebanhados para área própria de contenção, tudo porém supervisionado pela Mentora da Casa, assessorada por um grupo de especialistas em socorro espiritual, que se movimentavam com discrição e ordem, preservando o ambiente psíquico. Sobre a mesa mediúnica uma faixa de luz diamantina descia de ignorada região, envolvendo todos aqueles que ali se encontravam no ministério socorrista. Vibrações vigorosas vinculavam uns aos outros trabalhadores, formando um círculo luminoso que os mantinha em equilíbrio. Na assistência, fora da mesa onde se dava a maioria das comunicações, círculos de luz variavam de tonalidade conforme a emissão de onda de cada pessoa, concentrada ou não, vibrando em uníssono com os Espíritos trabalhadores, ou que, por uma circunstância qualquer se distanciava do local através do pensamento indisciplinado, ali permanecendo fixado às impressões que lhe eram familiares e nas quais se comprazia, porém sem nenhuma luminosidade. Aparentemente, encontrava-se deslocada das correntes de energia que a todos une num todo vibrante e harmonioso, sem que, todavia, se encontrasse à míngua de proteção em relação aos seus inimigos pessoais... Uma reunião mediúnica de qualquer natureza é sempre uma realização nobre em oficina de ação conjugada, na qual os seus membros se harmonizam e se interligam a benefício dos resultados que se persegue, quais sejam, a facilidade para as comunicações espirituais, o socorro aos aflitos de ambos os planos da vida, a educação dos desorientados, as terapias especiais que são aplicadas, e, naquelas de desobsessão, face à maior gravidade do cometimento, transforma-se em Clínica de saúde mental especializada, na qual cirurgias delicadas são desenvolvidas nos perispíritos dos encarnados, assim como dos liberados do corpo, mediante processos mui cuidadosos, que exigem equipe eficiente no que diz respeito ao conjunto de cooperadores do mundo físico. Acercando-se o momento do encerramento das atividades da noite, após a aplicação de passes coletivos nos médiuns e demais membros do grupo, dispersão das energias condensadas que haviam ficado como sequelas das comunicações e mesmo da psicofera produzida pelos mais infelizes, o irmão Anacleto foi convidado a transmitir a mensagem final de encorajamento e de iluminação a todos os presentes por solicitação da Diretora espiritual. [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 6)

“Sessões espíritas mediúnicas. As reuniões experimentais ou fenomênicas do Espiritismo têm por meta essencial o estudo da imortalidade do espírito e da sua comunicabilidade, do qual surgem as bases

seguras para a crença racional em torno da preexistência e da sobrevivência do ser às manifestações biológicas da existência física. Programadas por investigadores conscientes e responsáveis, ensejam o intercâmbio espiritual que permite os diálogos, os estudos e pesquisas compatíveis com a estrutura de que se revestem. Dignas de consideração e de apoio, são responsáveis pelo mister de contribuir com os fatos probantes da supervivência à morte e da realidade da vida antes do berço, no mundo causal onde se origina. No que concerne, porém, às reuniões espíritas mediúnicas, defrontamos compromisso bastante diferenciado no que diz respeito à investigação pura e simples. Programadas pela Espiritualidade, são constituídas por um grupo de pessoas sérias, assíduas e conscientes do seu significado, comprometidas com a ação da caridade em forma de terapêutica eficiente para os desencarnados em aflição. Os espíritos encarregados de executar o labor são os que estabelecem as diretrizes de segurança e roteiros para a ação durante o empreendimento especializado. Inicialmente, cuidam de organizar as defesas vibratórias para o grupo e para o local onde se desenvolvem, realizando atividades que se caracterizam por construções fluídicas, resistentes às invasões das entidades perversas que se comprazem em criar dificuldades para os membros encarnados. Destacados especialistas para o programa de comunicações, dias antes da sua execução, organizam o mister e selecionam aqueles espíritos que se devem comunicar por meio dos médiuns do grupo, elegendos conforme as leis das afinidades fluídicas portadoras de campos vibratórios que facultem o correto fenômeno mediúnico. Quando se trata de ocorrências especiais — comunicações de suicidas, de homicidas, de obsessores, de criminosos cruéis — são esses espíritos conduzidos horas antes, às vezes, com mais de um dia, a fim de serem criados condicionamentos psíquicos que propiciem a diminuição das suas cargas de energia deletéria, de forma que, durante a psicofonia, o médium seja poupado de desgaste excessivo e o visitante seja automaticamente beneficiado, tendo diluídas as construções mentais perturbadoras, assimilando as informações que lhe serão oferecidas. Ao mesmo tempo, o conjunto vibratório opera no necessitado de orientação benefícios imediatos, que o libertam das fixações dos lugares de onde procede, despertando-lhe a consciência para o êxito da incorporação saudável. Concomitantemente, as operações que aplicam a bioenergia e saturam-lhe o perispírito com outras moléculas de força, constituem uma terapia significativa e imediata, que o ajudará a recompor-se interiormente, ao tempo em que passa a considerar como de urgência o impositivo da autoiluminação. Por sua vez, cada médium responsável e consciente do trabalho que lhe diz respeito, faz-se maleável às comunicações, porque

sintonizado com os diretores espirituais, eles intuem-lhe a maneira como comportar-se, superando conflitos íntimos, ideias perturbadoras e hábitos mórbidos, que lhes constituem verdadeiros tormentos... Tornando-se dúcteis à inspiração inicial do desencarnado e deixando-se conectar psiquicamente, o intermediário assimila a personalidade, o pensamento e os sentimentos daquele que dele necessita, desse modo, auxiliando-o para a desincumbência da tarefa. Não raro, a programação espiritual estabelece como transcorrerão as comunicações, quais as providências tomadas para serem evitados transtornos e perturbações, no entanto, especialistas em contribuição magnética encontram-se a postos para interferir caso haja distúrbios ou agressividade desnecessária daqueles que se comprazem no mal e se elegem como vingadores e contumazes inimigos do progresso, da paz. Instrumentos delicados, de alta tecnologia, são utilizados durante as manifestações mais vigorosas, de modo que sejam realizadas cirurgias nos enfermos espirituais, vitimados por auto-obsessões ou alo-obsessões, ou que se tornaram portadores de implantes de células supersensíveis que os enlouquecem sob comando exterior. Assistentes espirituais, preparados para o serviço de enfermagem posterior e condução a atendimentos específicos em outros momentos, cooperam com os Instrutores com os quais trabalham em uma equipe harmônica sob o comando do Mentor responsável pela reunião espírita mediúnica. Depreende-se, desse modo, que os membros que constituem a reunião encontram-se comprometidos com o conjunto, não se devendo permitir situações embaraçosas cujos efeitos se refletirão no todo. Organizada a tarefa e estabelecidos os parâmetros de ação, espera-se que a equipe de colaboradores encarnados se encontre igualmente sintonizada com a atividade, a fim de ser conseguido o êxito anelado. Quando o médium ou o doutrinador, por motivo frívolo, falta ao compromisso, exige que seja modificado o roteiro estabelecido, quando isso é possível, sendo tomadas providências de urgência, certamente previstas pelos Mentores, já que eles não agem por ações de improviso. Esse conjunto de trabalho harmônico obedece a um ritmo seguro, que somente os membros encarnados podem perturbar. A reunião espírita mediúnica, portanto, com objetivos socorristas, obedece a um processo de delineamento equilibrado para que, concluído o tempo que lhe é reservado, distendam-se os socorros além da esfera física, com a presença ou não dos participantes parcialmente desdobrados pelo sono fisiológico. A sessão mediúnica séria e responsável é laboratório espírita para atividades psicoterapêuticas aos transeuntes de ambos os planos da vida, contribuindo eficazmente para o equilíbrio e a saúde total dos espíritos. Na aludida organização, prevê-se a mensagem do nobre amigo espiritual dirigente

que culmina o empreendimento, deixando a luz do consolo e da esperança nas mentes e nos corações afervorados. Desse modo, o elevado mister socorrista constitui expressiva experiência de caridade, em razão do anonimato daquele que vem rogar ajuda e da generosidade de quem a oferece, conforme recomendava Jesus: dando com a mão direita, sem que a esquerda tome conhecimento.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Sessões espíritas mediúnicas)

[...] Ante discreta expectativa, o caroável José Petitinga solicitou permissão para entretecer algumas considerações: “As atividades mediúnicas, especialmente aquelas que se dedicam às terapias desobsessivas, constituem belo capítulo da Psiquiatria Espírita, por penetrar nas causas profundas dos distúrbios psicológicos e mentais. Sendo o espírito o enfermo, nele devem ser trabalhados os fatores que respondem pelos desequilíbrios, que são a rebeldia, a insensatez, o desalinho dos sentimentos, as heranças predominantes da sua natureza animal, que o esclarecimento amoroso e persuasivo modificará. Todas as terapêuticas que apenas alcancem os efeitos são transitórias, porque a matriz do padecimento continua enviando vibrações desconcertantes, que se refletirão no conjunto orgânico, aparecendo como distúrbio de tal ou qual natureza. O importante não é o que se apresenta, mas o mecanismo através do qual se manifesta sempre enraizado nos débitos morais do paciente. Não poucas vezes, conforme constatamos amiúde, são necessárias cirurgias espirituais para retirar do perispírito as matrizes de algumas afecções, de diversos transtornos, para que os efeitos saudáveis apareçam, posteriormente, no corpo somático. Tendo-se em vista a magnitude das intervenções desta natureza, a responsabilidade daqueles que se dedicam às práticas desobsessivas é muito grande, exigindo-se a presença de pessoas responsáveis, sérias, dedicadas e ricas de sentimentos de amor. É claro que não poderemos esperar que as equipes sempre se encontrem possuidoras desses requisitos. No entanto, como vivemos em contínua aprendizagem, cabe-nos trabalhar incessantemente para melhorar-nos, ao invés de nos deixarmos arrastar pela monotonia, pelo deslocamento mental durante as reuniões. Cada membro do grupo mediúnico, desse modo, deve assumir responsabilidades que auxiliem o conjunto. A mediunidade é somente a faculdade que o organismo expressa. A sua função é neutra, cabendo àquele que lhe é portador, a consciente aplicação dos seus inestimáveis recursos a serviço do bem, assim como ao orientador espiritual valores morais para manter o clima de equilíbrio e ordem, indispensável em quaisquer serviços dignificantes.” A agitação, as movimentações de pessoas em socorro aos médiuns em transe, têm mais o objetivo de manter superstições desnecessárias e gerar ideias de força e de poder, que não existem, do que, realmente

produzir resultados benéficos. Jesus, jamais necessitou de utilizar-se desses recursos grosseiros, ensinando-nos que mediante o amor, o diálogo honesto e grave, podemos influenciar os irmãos ignorantes com muito maior proveito, do que por meio da gritaria e da justa.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 6)

“**Novos empreendimentos.** [...] O Dr. Norberto, guardando parte das reminiscências dos acontecimentos da noite passada, convocou os cooperadores mais próximos, para um encontro às 20h de hoje, reiniciando os trabalhos desobsessivos, seguro dos resultados felizes que advirão dessa providência. Neste momento, por nós instruído, o Dr. Juliano Moreira assessora-o, inspirando-lhe paz interior e alegria, acompanhando-o nas atividades e no retorno ao lar, de forma que sejam evitadas situações conflitivas capazes de criar dificuldade para o cometimento em pauta. Nosso nobre psiquiatra baiano, convidado à ação fraternal estua de contentamento, descobrindo a outra face da realidade no mundo espiritual. Três médiuns dedicados foram pelo nosso diretor da clínica selecionados, sendo duas senhoras e um cavalheiro que se entregarão ao ministério da psicofonia atormentada, de modo a iniciar-se com segurança o compromisso novo que, certamente, se prolongará pelos dias do futuro... Ao silenciar, observei as novas disposições do mobiliário e material especializado distribuídos na sala. Auxiliares espirituais anteriormente convidados dispuseram a aparelhagem emissora de ondas especiais em lugares estratégicos, particularmente próxima aos assentos em que ficariam os médiuns, de maneira a poderem ser utilizados com facilidade. Outros cooperadores que foram destacados para ali permanecer por largo período, diligentes e operosos, receberam as instruções próprias para o cometimento, ficando alertas para quando fossem convocados para alguma necessidade específica. Buscassem os companheiros do plano físico entender a gravidade dos trabalhos mediúnicos e descobririam quanto labor é realizado antes do momento da reunião, e quanto é importante a contribuição de cada um dos seus membros. Não existe o imprevisto entre os espíritos nobres, assim como não permitem a leviandade de realização de qualquer fenômeno que não tenha sido programado adrede. A cada um de nós outros foi apresentada uma tarefa, incluindo as nossas queridas médiuns desencarnadas, o amigo Antonelli, o Jacques, a mim... Todos vibrávamos de emoção feliz, pela satisfação de ampliar o campo de realizações espirituais sob a égide de Jesus, o Senhor dos espíritos, prelibando as alegrias decorrentes do êxito do empreendimento iluminativo. Motivados para o labor especial, não nos demos conta do relógio e, pouco antes da hora estabelecida começaram a chegar os membros do formoso serviço em instalação. Havia, no rosto de cada convidado, os

sinais da real alegria e da expectativa em torno do que iria acontecer. Todos se encontravam assessorados por amigos espirituais do seu círculo de afeição e o Dr. Juliano demonstrava inusitado júbilo por haver-se desincumbido da responsabilidade com o êxito desejável. Cada qual procurava manter o silêncio respeitável que a atividade de alto coturno exige. Sob a orientação do Dr. Norberto sentaram-se em volta da mesa com capacidade para oito pessoas, os médiuns de psicofonia e de passes, enquanto as demais ocuparam as poltronas fronteiriças à mesma, em duas alas, a partir da porta de entrada. Pontualmente, à hora estabelecida, o diretor explicou brevemente a razão da atividade e, tomando de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, leu do Capítulo XXIX, que trata “Das reuniões e das sociedades espíritas”, os itens 330 e 331, a fim de que todos se integrassem na responsabilidade do momento, conscientizando-se do significado de que se reveste uma reunião séria, tranquilizando o conjunto, a fim de impedir-lhe discrepâncias de opinião e perturbação emocional, mantendo confiança interior e paz de espírito. Logo depois, em perfeita sintonia com o Espírito Dr. Hermógenes, gentilmente convocado para a reunião, tomou de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e leu o item 12 do Capítulo V – “Motivos de resignação”, preparando-nos a todos para o início da nobre tarefa. A prece foi proferida com verdadeira unção em plena sintonia com os benfeitores espirituais presentes, facultando a perfeita identificação com os delicados campos vibratórios onde nos encontramos os desencarnados. Sem relutância, Dr. Ignácio Ferreira utilizou-se do aparelho psicofônico de dedicada trabalhadora da clínica, portadora de excelente faculdade mediúnica semissonambúlica, explicando que, a partir daquele momento encontrava-se ali instalado o laboratório de amor e de esclarecimentos em benefício dos alienados mentais de todo tipo, facilitando o intercâmbio lúcido com as entidades sofredoras que fossem responsáveis pelos distúrbios obsessivos e as interferências mórbidas nos quadros psicopatológicos apresentados pelos enfermos, assim como por todos que participavam dos labores naquele instituto dedicado à saúde mental, emocional e espiritual. Solicitou aos membros do labor mediúnico a contribuição consciente em favor do êxito do empreendimento pioneiro, naquelas circunstâncias, de modo a poder-se realizar um ministério grave quão produtivo em benefício dos aflitos de ambos os planos da vida. Esclareceu, bondosamente, que os médiuns, em particular aqueles que se dedicavam ao intercâmbio iluminativo com os facínoras e perversos do além, se precatassem contra as ciladas que lhes seriam apresentadas, com o objetivo de desarticular o trabalho, muito do agrado daqueles que ainda se comprazem no mal resultante da ignorância. Instou, gentil, mas conciso, para que não

permitissem medrar no grupo o escalracho das incompreensões, repontando como ciúmes, maledicências, suspeitas infundadas, todas as banalidades infantis que o ego preserva, a fim de gerar situações perturbadoras. Uma reunião mediúnica específica para atendimento aos obsessos e alienados mentais de ambos os lados da vida é de alta responsabilidade para todos os seus membros, que devem compreender-lhe o significado, esforçando-se para corresponder à confiança dos mentores espirituais programadores do trabalho, interessados na boa execução do compromisso. Advertiu com delicadeza para as situações geradoras do sono, resultado de intoxicações de vária ordem, para a pontualidade que não deve ser desconsiderada, para as disciplinas morais e, sobretudo, para a discrição em torno das ocorrências que ali tivessem lugar, evitando comentários desnecessários após o seu encerramento. Sugeriu, igualmente, uma breve avaliação, quando se fizesse oportuno, das comunicações, a fim de criar-se uma segura interação entre o psicoterapeuta dos desencarnados com os mesmos e com os médiuns, cada qual explicando a sintomatologia emocional e física experimentada durante o transe, que poderia contribuir para melhor entendimento da comunicação e união entre todos. Por fim, emocionado, agradeceu a cooperação da equipe e a sua disposição de servir a Jesus no silêncio da oração e no recato em relação ao serviço mediúnico em favor da iluminação das consciências.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 11)

“No Além, existem regras de trabalho admiravelmente estabelecidas, equivalentes a leis, mediante as quais os trabalhadores do Bem poderão tomar as providências que a sua responsabilidade, ou competência, entenderem devidas e necessárias. Geralmente aplicam-nas, as providências, Espíritos investidos de autoridade, espécie de chefes de Departamento ou de secção, tal como os entendem os homens, sem que para tanto sejam necessários entendimentos prévios com outras autoridades superiores, ou seja, o regime da burocracia, de que os homens tanto abusam nas suas indecisões, e o qual é desconhecido no Espaço. De outro modo, encontrando-se os referidos serviços do Invisível sob a jurisprudência da fraternidade universal, quaisquer servidores estarão em condições de resolver os problemas que se apresentam no seu roteiro, desde que para tanto investidos se encontrem daquela autoridade que, no Além, absolutamente, não é o cargo que confere, mas o equilíbrio consciencial e moral de que disponham. Tendo a meu cargo um desses setores de serviço que, pela magnanimidade do Senhor e Mestre, me fora confiado como estímulo e bendito ensejo para os labores de que me adviria o progresso pessoal, do qual tanto carece o meu Espírito, não vacilei nas medidas a tomar, visando a evitar novo

caso de suicídio naquela família, desgraça que, através do impressionante relatório do meu jovem assistente, pressenti iminente no referido domicílio.... porquanto, além dos inimigos obsessores, sombrios e odiosos desde quatro séculos, existia ainda a permanência dos dois suicidas citados, cuja pressão magnética inferior, corrosiva, por si só seria passível de contágio mental nos demais afins, levando-os, sem mesmo disso se aperceberem, a imitar-lhes o gesto. [...] Voltei as atenções para o médium que solicitara assistência para o momentoso fato, e aconselhei, psicograficamente: — “Reuni vossos companheiros mais afins para uma sessão íntima, amanhã, *extraordinária, especial*, para tratarmos desse caso, O menor número de adeptos possível e, absolutamente, nenhuma assistência, senão apenas o presidente e os seus médiuns. Não prescindiremos da vossa colaboração fraterna. Meditai e orai, a fim de vos equilibrardes em harmonizações com as forças benfazejas do Alto, pois estareis exercendo a Fraternidade no que de mais sublime e real ela encerra, visto que conjugareis esforços na prática de operações transcendentais, cujo instrutor maior é o próprio Mestre da Humanidade, o Senhor Jesus-Cristo!” Eu sabia que aqueles singelos, mas dedicados aprendizes, acatariam fielmente as minhas recomendações, portandose à altura da confiança que neles depositávamos, e despreocupeimei-me dessa particularidade, certo de que — ambiente doutrinário, faculdades mediúnicas a contento, amor ao trabalho, boa vontade em servir ao Bem servindo ao sofredor, circunspecção nos atos — todos os dispositivos necessários aos grandes feitos espíritas, encontraríamos nas personalidades daquele punhado de discípulos cujos labores se verificavam continuamente sob rigorosa vigilância espiritual. Encerrei, portanto, minhas atividades no referido Centro, por aquela noite, e observei a Roberto: — “Perseverai, tu e Peri, por afastardes do cenário familiar de Leonel o chefe dos obsessores em primeiro lugar — pois certo estava eu de que a obsessão coletiva, exercendo ação múltipla, dispõe sempre de um orientador, que será o mais inteligente ou cruel dentre os obsessores, com ascendência irresistível sobre os demais. — Defende-o, aprisionando-o até novas instruções, no recinto deste mesmo Centro, cuja ambiência respeitável, legitimamente apropriada para o caso, se acha em condições de hospedá-lo. Em seguida, indiquei providências para a remoção de Leonel e sua filha do ambiente doméstico para regiões condizentes com suas afinidades, a bem da tranquilidade dos demais membros da família e, outrossim, visando à recuperação de ambos para o estado consciente do Espírito desencarnado. Pronunciou-se o meu assistente ao mandato espinhoso e partiu acompanhado do amigo Peri. Tais operosidades, no entanto, são melindrosas e de difícil realização, para os Espíritos delas incumbidos, tal a catequese aos

malfatores terrenos por missionários cujas armas serão apenas a fé na vitória do Bem e a certeza do auxílio celeste, e cujas insígnias serão a lembrança do sacrifício, na Cruz, do Cordeiro de Deus.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 3)

“De posse de tão preciosas informações, estabeleci o único programa lícito perante as leis da Fraternidade: — tentar a reeducação dos litigantes à base da cristianização das suas individualidades espirituais, muito embora estivesse certo de que o aprendizado que se seguiria apresentar-se-ia longo e espinhoso, através de uma ou mais reencarnações. Seria tarefa árdua para nós outros, que os deveríamos aconselhar e instruir, auxiliando-os no reajustamento indispensável, mas seria necessário, imprescindível que assim fosse, e tanto eu como meus dedicados companheiros de trabalho estávamos dispostos a tentar o certame, uma vez que outro não seria o nosso dever de cooperadores do Grande Mestre Nazareno. Aliás, cumpre ao obreiro tão somente a realização dos serviços confiados à sua competência, sem discutir se serão os mesmos penosos, difíceis ou de fácil execução. Na noite seguinte à nossa entrevista com a entidade espiritual orientadora das duas falanges em apreço, realizou-se a reunião dos médiuns de minha confiança, por mim solicitada, e eu e mais alguns obreiros ligados à agremiação terrena, patrocinadora do feito, levamos ao fenômeno da incorporação o antigo Rabino e seus filhos. Em verdade ser-nos-ia dispensável aquela reunião. Resolveríamos, sim, o lamentável drama espiritual, dispensando o concurso humano. Mas três fatores existiam, poderosos, que nos animavam ao feito: — ensinamento e aprendizado para os próprios homens, que urgentemente necessitam conhecer os grandes dramas da Humanidade distendidos para o Além-Túmulo; ensejo de progresso para os médiuns e cooperadores terrestres nos setores da Fraternidade, que assim se habilitariam à prática de inestimável feição da Beneficência, e mais facilidade para a conversão dos endurecidos Espíritos diante do fenômeno mediúnico-espírita, cujo aspecto impressionante é de grande importância para um desencarnado. Os debates com o Presidente da mesa eram vivos, eloquentes e acres por parte de Timóteo e de Joel, e menos resolutos por parte dos jovens Saulo e Rubem, que se diriam apenas o eco das ações do pai e do irmão, como que obsidiados os seus Espíritos pela ação constante de duas vontades mais poderosas; ponderados, profundos e não menos vivos e eloquentes por parte do Presidente, que trazia a seu favor, a par de outros fatores, quatro séculos de progressos gerais e ainda a lógica irrefragável e vigorosa fornecida pela Doutrina Espírita. E seria belo vê-los e ouvi-los!... Confesso que sorri de sincero júbilo contemplando os meus disciplinados pupilos empenhados em tão formosa peleja transcendental, a benefício do próximo! E,

o coração se me dilatando em fervoroso desejo da vitória do Amor, acionei intuições ao Presidente dos trabalhos, auxiliando-o quanto possível no generoso empreendimento. Ele e Timóteo dir-se-iam, então, o quadro vivo de duas épocas que se empenhavam em lutas: — para resistir ao tempo, uma, que era sombria e cheia de amarguras, recordando um pretérito de opressões, para implantar as luzes do conhecimento e da esperança, convidando a criatura à liberdade através da Verdade; a outra, que trazia o futuro por fanal sob as alegrias do Consolador! Ambos cultos, conhecedores do terreno filosófico que representavam, os seus discursos lembrariam a oratória das Academias gregas, onde os mais belos temas filosóficos eram levantados para debates que honrariam oradores e ouvintes. E duas horas de argumentações se escoaram, durante as quais a inusitada tragédia de Lisboa foi citada e revivida através do verbo queixoso e magoado dos antigos judeus, com toda a patética amargura da sua realização, esgotando os médiuns, que se viram obrigados a elevar do olvido uma época já desaparecida nas dobras do tempo e os seus problemas, sob injunções irresistíveis de um formoso, mas penoso fenômeno, tornado torturante pelo choque dos fluidos contundentes que seu ódio e suas dores emitiam! Mas, subitamente, surgiu Ester em plena reunião, tornando-se visível aos comunicantes e videntes. Ester, a virgem sacrificada que, depois de quatro séculos de ausência, retorna aos seus, mais formosa sob a estruturação espiritual do que jamais o fora na terrena, coroada de rosas agora, recordando as flores preferidas na mansão judaica, um jacto de luz azul a irradiar ondulações sublimes ao redor de toda a sua configuração espiritual, evocando a imagem das virgens que sucumbiram, não mais nos circos de Roma, para o suplício à frente dos leões, mas em novas arenas onde as feras seriam antes hienas humanas envoltas em sotainas e capuzes negros clericais, os homens do chamado “Santo Ofício”, de abominável memória! Tomadas de um deslumbramento que tocava as raias do pavor, as quatro individualidades endurecidas se detiveram nos enunciados de revolta. Quedaram-se respeitadas, concentradas na felicidade inapreciável de revê-la e de ouvi-la, pois, dizia-lhes, murmurando docemente, como numa cavatina angelical: — “Sim, meus amados de outrora, meus amados de hoje e de sempre! Eis-me novamente convosco, para nunca mais nos separarmos! Mas, para que tão grandiosa ventura se concretize, necessário será que eu vos recorde um sagrado dispositivo da lei da nossa raça... A lei suprema, fornecida por Javé, o Deus de Israel (27) [(27) Javé (Jeová) — Espírito Superior protetor da raça hebraica, que concedeu ao médium psicógrafo Moisés, em nome de Deus, o Decálogo, ou Os Dez Mandamentos da Lei de Deus, fenômeno Idêntico aos que se processam

hoje entre os médiuns espíritas. Outro Espírito, da mesma categoria espiritual de Javé, revelava-se também protetor dos hebreus — Eloim, citado com o primeiro, várias vezes, no Velho Testamento. Os antigos povos de Israel atribuíam tais manifestações ao próprio Deus.], ao maior profeta dos hebreus, nas sagradas escarpas do Sinai, estatui, como principal dever dos filhos de Abraão, este mandamento, que encerra todos os demais que os homens e os Espíritos deverão observar para serem agradáveis ao Criador: — *“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu entendimento, e o próximo como a ti mesmo”*... — e não o ódio secular que vindes alimentando em vossas almas para desgraça vossa e impossibilidade de nossa própria felicidade... Se os vossos inimigos do passado faliram no cumprimento desse dever, deixando de observar o dispositivo supremo do Código Divino e, assim, ofendendo-vos profundamente, também infringistes o mesmo sagrado dispositivo, odiando e revidando ofensas... Quatro séculos são passados, meus amados, desde a noite terrível de nossa prisão em Lisboa... Dom João 3º, outrora cruel e desumano, encontra-se agora em franco ressurgir para a redenção do seu Espírito, através de operosidades generosas e heroicas em torno de povos e falanges sociais, pois, à frente da lei suprema, aquele que muito errou muito deve construir de aproveitável e excelente, para expungir, com o inverso do que praticou outrora, as sombras que lhe aviltam a consciência... E ele o tem feito através das reencarnações, pelas vias da abnegação e do sacrifício, inspirado num arrependimento construtivo! Depois de horas desesperadoras dos mais negros remorsos, em que também conheceu o amargor das lágrimas derramadas por aqueles a quem perseguiu através das leis que criou, sofreu ele próprio, com agravantes terríveis, o rigor das mesmas leis, em encarnação obscura e humilde, que posteriormente tomou em Portugal mesmo, nascendo em círculo familiar da própria raça que ele tanto perseguiu, para provar o desacerto das leis e instituições por ele próprio criadas! E durante todo esse tempo, enquanto o tirano arrependido do mal praticado tratava de se erguer para novos ciclos de progresso, vós, que éreis honestos e bons, mas não possuíeis boa vontade para perdoar e esquecer as ofensas recebidas, permanecestes estacionários no ódio, cristalizados na prática das vinganças, e tanto odiastes e tanto feristes, revidando ofensas... Que auxiliastes o progresso e a emenda dos vossos próprios inimigos de outrora, os quais, hoje, já se encontram em melhores condições morais perante a lei suprema do que vós outros... Pois o certo é que eles não mais odeiam a quem quer que seja e que um grande e sincero arrependimento, do passado mau, os predispõe a futuro honroso e reparador... É tempo,

pois, de perdoar para serenar o coração e tratar de progredir... É tempo de amar a Deus nas pessoas dos vossos irmãos de Humanidade e não apenas aos compatriotas e correligionários da mesma fé religiosa... Vinde comigo... E eu vos exporei, em serões tão doces como aqueles de outrora, sob a amenidade das oliveiras do nosso solar querido, não mais as leis rigorosas de Israel, que nos eram lembradas pelos velhos códigos hebreus, mas as suaves leis do amor e da fraternidade estatuídas por aquele grande “Rabboni” que me agasalhou e enalteceu em vossa ausência.. Impressionados e temerosos, nada responderam, mas seguiram com ela. Exaustos, os meus médiuns não mais resistiriam. Despertei-os. Refeitas foram as suas energias por nós. Mas a reunião no mesmo Centro prolongou-se ainda, conquanto subordinada, agora, aos planos exclusivamente invisíveis.” (BM, *Dramas da obsessão*, Terceira parte, Capítulo 2)

“As vibrações disseminadas pelos ambientes de um Centro Espírita, pelos cuidados dos seus tutelares invisíveis; os fluidos úteis, necessários aos variados quão delicados trabalhos que ali se devem processar, desde a cura de enfermos até a conversão de entidades desencarnadas sofredoras e até mesmo a oratória inspirada pelos instrutores espirituais, são elementos essenciais, mesmo indispensáveis a certa série de exposições movidas pelos obreiros da Imortalidade a serviço da Terceira Revelação. Essas vibrações, esses fluidos especializados, muito sutis e sensíveis, hão de conservar-se imaculados, portando, intactas, as virtudes que lhe são naturais e indispensáveis ao desenrolar dos trabalhos, porque, assim não sendo, se mesclarão de impurezas prejudiciais aos mesmos trabalhos, por anularem as suas profundas possibilidades. Daí porque a Espiritualidade esclarecida recomenda, aos adeptos da Grande Doutrina, o máximo respeito nas assembleias espíritas, onde jamais deverão penetrar a frivolidade e a inconsequência, a maledicência e a intriga, o mercantilismo e o mundanismo, o ruído e as atitudes menos graves, visto que estas são manifestações inferiores do caráter e da inconsequência humana, cujo magnetismo, para tais assembleias e, portanto, para a agremiação que tais coisas permite, atrairá bandos de entidades hostis e malfeitoras do invisível, que virão a influir nos trabalhos posteriores, a tal ponto que poderão adulterá-los ou impossibilitá-los, uma vez que tais ambientes se tornarão incompatíveis com a Espiritualidade iluminada e benfazeja. Um Centro Espírita onde as vibrações dos seus frequentadores, encarnados ou desencarnados, irradiem de mentes respeitadas, de corações fervorosos, de aspirações elevadas; onde a palavra emitida jamais se desloque para futilidades e deprecições; onde, em vez do gargalhar divertido, se pratique a prece; em vez do estrépito de aclamações e louvores

indébitos se emitam forças telepáticas à procura de inspirações felizes; e ainda onde, em vez de cerimônias ou passatempos mundanos, cogite o adepto da comunhão mental com os seus mortos amados ou os seus guias espirituais, um Centro assim, fiel observador dos dispositivos recomendados de início pelos organizadores da filosofia espírita, será detentor da confiança da Espiritualidade esclarecida, a qual o elevará à dependência de organizações modelares do Espaço, realizando-se então, em seus recintos, sublimes empreendimentos, que honrarão os seus dirigentes dos dois planos da Vida. Somente esses, portanto, serão registrados no Além-Túmulo como casas benéficas, ou templos do Amor e da Fraternidade, abalizados para as melindrosas experiências espíritas, porque os demais, ou seja, aqueles que se desviam para normas ou práticas extravagantes ou inapropriadas serão, no Espaço, considerados meros clubes onde se aglomeram aprendizes do Espiritismo em horas de lazer. Ora, convinha à programação por mim estabelecida em torno do caso *Leonel e os Judeus* que estes últimos iniciassem no próprio ambiente do Centro já mencionado o seu aprendizado mais urgente, visto que muito prejudicados se encontravam eles, pelo acervo de quatro séculos de hostilidades, para que os removêssemos tão subitamente para o Espaço, a despeito das possibilidades que tínhamos de o fazer. Aliás, o seu embrutecimento vibratório, a exiguidade da sua visão espiritual, que não perceberia senão formas pesadas, se adaptariam melhor ao sistema físico-humano, enquanto que, no Além, nos seriam necessárias materializações mui penosas a fim de que nos fizéssemos devidamente compreendidos. O ambiente no núcleo espírita em que se desenrolava o feito em apreço prestava-se ao magno serviço. Não se ouvia repercutir ali, nas vibrações distendidas, o eco da maledicência e tampouco o do comentário. Não retinha o som do gargarhar nem as trepidações insulsas de cenas e acontecimentos próprios do mundo. Não se retratavam em sua atmosfera nenhuma outra cena ou nenhuma sequência de palavreado que não fossem a proteção ao sofredor, o consolo a um desencarnado em confusões, a assistência paternal aos desvalidos da fé e da esperança. Resolvi, por isso mesmo, que meus pupilos do momento habitassem temporariamente aquele Centro, nos exemplos e ações de cujos trabalhadores, encarnados e desencarnados, se instruísem quanto à verdadeira significação da Doutrina do Cristo, pois, até então, para eles, o Cristianismo seria perseguições e rapinagem, ódio e assassinio, sangue e corrupção! — “Fala-nos do *grande Rabboni*, teu amigo, que concedeu asilo e proteção a nossa Ester, e que acolhe perseguidos e desgraçados como nós...” — solicitava o velho Timóteo ao meu assistente Roberto, passados que foram os transportes de satisfação pela visita de

Ester. — “Sim, falarei dele, meus caros amigos, ou alguém mais abalizado do que eu, porém, mais tarde... De início, apreciareis e deduzireis, vós mesmos, dos seus ensinamentos, através das ações de discípulos seus que, como homens que ainda são, dirigem e movimentam esta associação terrena em cuja sede vos encontrareis hospedados... Ester e eu, embora não residindo aqui, permaneceremos às vossas ordens, vigilantes para vos atendermos em quaisquer esclarecimentos necessários... Mas creio será inútil, pois melhor analisareis o valor da Doutrina desse grande Mestre, observando o labor dos seus discípulos, que nela se orientam e disciplinam.” E assim foi que, com efeito, durante seis meses habitando aquele Centro de fraternidade, o doutor Timóteo do século 16 e seus três filhos assistiram a curas de paráliticos e de obsidiados, realizadas em nome e pelo amor de Jesus-Cristo, o Nazareno, através daquele grupo de médiuns a quem nós, os do invisível, tínhamos o dever de acionar. Contemplaram e admiraram a dedicação abnegada, diária, de um serviço de assistência a enfermos do corpo e da alma, sem esmorecimentos, sem queixas nem reclamações, antes sob a irradiação da sã ternura do coração e da sublime alegria daquele que já vislumbra em si mesmo as alvoradas do reino de Deus! Assistiram às doces tarefas da fraternidade se distenderem até ao invisível, no socorro a obsessores, a suicidas, a corações endurecidos no mal, como a desesperados e tristes que vagueiam pelos planos invisíveis sem forças para a emenda. Viram o órfão socorrido, o mendigo acalentado na sua miséria, o presidiário assistido no seu tugúrio, esclarecido na sua ignorância e esperançado no futuro redentor dentro das próprias lágrimas do opróbrio, o faminto saciado, o abandonado encaminhado ao trabalho honroso, a decaída retornando ao dever, o ignorante orientado ao caminho do aprendizado compensador. E tudo isso realizado sob o critério da Doutrina do grande Mestre do Cristianismo! Visitando, porém, a intimidade do lar de cada um daqueles médiuns, que contribuíam para a melhoria da sua própria situação, constataram que suas vidas eram consagradas ao honesto cumprimento dos deveres sociais e profissionais, dedicadas ao bem e ao respeito do próximo, em qualquer setor! E ainda que, se sofriam, oravam e se resignavam, certos de melhor futuro; e, se eram ofendidos por inimigos gratuitos, poderiam sofrer e chorar em silêncio, mas sem blasfêmias nem revides vingadores, porque o perdão era tão fácil e espontâneo naqueles corações como o sorriso nas faces da criança... Nem uma palavra insultuosa ao próximo jamais ouviram, nem uma delação ou intriga, nem uma apropriação indébita, nem um perjúrio, nem a maledicência, nem o abuso e o vitupério! E tudo isso eles também analisaram e compreenderam que era a verdadeira educação fornecida por aquela Doutrina

Cristã, que eles haviam conhecido falseada no século XVI, mas que agora se surpreendiam de vê-la praticada em Espírito e Verdade, em nome do grande “Rabboni”, seu fundador, cujo nome — descobriram através dos ensinamentos desses seus discípulos — era Jesus Nazareno! Sim! “Jesus-ben-Joseph” de Nazaré, mas nascido na Judeia, na cidade de David, exatamente o Messias anunciado pelos profetas de Israel... E como ele, Timóteo, e seus filhos, perseguido pelas hienas clericais até ao desespero do suplício e da morte forjada pelos interesses pecaminosos dos homens! Durante o espaço de tempo que ali passaram, assistiram, graves e quedos, acomodados entre a assembleia de ouvintes, como quaisquer encarnados, ao estudo e à oratória espírita e evangélica. E nós, então, acionando a técnica do “Laboratório do Mundo Invisível”, criávamos para os seus entendimentos — valendo-nos do poder da nossa vontade — os panoramas expostos pelos oradores e explicadores, panoramas que eles passavam a ver como em cenas teatrais ou cinematográficas, pois que as vibrações dessa casa de comunhão com o Alto, por se conservarem imaculadas, facilitavam a delicadeza e a eficiência do melindroso, sublime trabalho. Um curso eficiente, pois, de legítimo Cristianismo e de Filosofia Espírita levaram a efeito os antigos hebreus através de tais processos, visitando ainda outras agremiações merecedoras da nossa confiança e observando outros tantos adeptos fiéis às recomendações do Consolador. Pela mesma época, outrossim, foram-lhes demonstrados em aprendizado, através de dolorosa, mas grandiosa exposição da retrospectiva da memória (exame consciencial dos arquivos mentais), os antecedentes do drama terrível de Lisboa: — Aboab e filhos haviam existido em Jerusalém ao tempo dos primeiros cristãos como autoridades judaicas e romanas, exercendo então, sobre os inofensivos adeptos do Cristianismo nascente, atrocidades análogas às que tantos anos mais tarde vieram a experimentar, por sua vez, sob as garras da Inquisição de Portugal! Então, compreendendo claramente a lógica dos fatos, ou a lei de causa e efeito, humilharam-se, reconhecendo o erro em que incorriam havia séculos e, desfeitos em lágrimas de sincero arrependimento, renderam-se à evidência da irresistível doutrina do Amor, do Perdão e da Fraternidade, que desde os dias longínquos do Calvário irradia redenção para a sucessão dos séculos. E constataram, assim, que aquela fé clerical que, sob os auspícios do “Santo Ofício” de sacrílega memória, se pretendeu impor pela crueldade da violência, longe estava de se assemelhar às blandiciosas lições daquele doce “Rabboni” que recomendava aos seus discípulos: — “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Quanto a Leonel, que desde quatro séculos vem expiando as tenebrosas consequências dos seus crimes de inquisidor-mor, presentemente, arrependido e lamentando o

passado, encontra-se em vias de ressurgimentos gerais para a definitiva regeneração, disposto aos mais severos testemunhos exigidos pela consciência para a própria reabilitação. Seus trajetos pelas estradas do futuro, tais como os de sua filha Alcina (o antigo João-José, espião de Azambuja), serão ainda ásperos, visto que, ao demais, o suicídio por obsessão não os isentou de responsabilidades, pois se houve, efetivamente, sugestões externas impelindo-os ao feito macabro, estas, no entanto, lhes não tolheram a possibilidade de raciocinar para se defenderem, arredando-as, o que não fizeram porque, realmente, preferiam as paixões arrasadoras do mundo ao suave contato mental com o amor de Deus através da Prece, que lhes teria fornecido forças de resistência contra a tentação. Prontos se encontram ambos, mas agora sinceramente, a estreitarem nos braços, definitivamente, aqueles pobres judeus que outrora lhes franquearam, confiantes, a Intimidade do lar doméstico, esperando da sua honradez pessoal o mesmo respeito e consideração idêntica. E o farão — afirmaram ambos, em momento solene de certa reunião do mundo invisível, em presença de instrutores dedicados — por amor daquele Eterno Deus cujas leis protetoras lhes forneceram ensejos novos de resgate e reabilitação dos crimes passados. Acrescentarei, finalmente, que o antigo Rabino Timóteo Aboab, já reencarnado nos dias atuais, receberá em seu futuro lar conjugal — como filhos de um consórcio legítimo — além dos seus mesmos três filhos de outrora, em novas experiências de reabilitação e progresso, também aquele pobre Leonel e sua filha Alcina, aos quais impeliu ao suicídio através de um constante, sistemático trabalho de obsessão simples ignorada. E assim sendo terá de arcar com as provações e as responsabilidades de pai carnal daqueles que renascerão envolvidos no angustioso complexo oriundo do suicídio. E Joel, Saulo e Rubem serão, por isso mesmo, irmãos consanguíneos daquele que foi o terrível Azambuja de sinistra memória, como daquele ignóbil João-José, os quais, porém, se vêm redimindo lentamente, através dos penosos, mas eficientes serviços expiatórios concedidos pela lei divina da Reencarnação! Assim é, meus caros amigos, que o conhecimento legítimo da Doutrina Espírita, como a boa e lúcida prática da mediunidade, resolvem problemas seculares, pois não esqueceréis de que foi através da mediunidade bem orientada, à luz do Evangelho do Cristo e sob o rigor da Ciência Transcendental, que os Aboab se encaminharam para a regeneração individual... E que a família de Leonel, igualmente convertida sob orientações espiritistas, obteve forças e ensejos para o único alvo que lhe caberia atingir a fim de lograr serenidade para progredir moral e espiritualmente, isto é — o amor e o respeito às soberanas leis de Deus...” (BM, *Dramas da obsessão*, Terceira parte, Capítulo 3)

II.6. Benefícios do intercâmbio mediúnico: choque anímico-fluídico

“Assinalando-lhe a palavra tão fortemente esclarecida, cuja desenvoltura e acerto me assombravam, ponderei: – Teu próprio caso é um exemplo vivo. Espanta-me o cabedal de teus comentários inteligentes. De nenhum modo poderias ser um ignorante. – Ah! sim! – replicou o ex-verdugo, sorrindo – inteligência não me falta. Leitura, idem. Estou positivamente informado com relação aos deveres de ordem geral que me competem. Faltava-me, contudo, a companhia de alguém que conseguisse mostrar-me a eficiência e a segurança do bem, no meio de tantos males. Imagina um esfomeado a ouvir discursos. Acreditas que as palavras lhe satisfaçam as exigências do estômago? Isso foi precisamente o que me ocorreu. Preocupado com a esposa e a nora, desencarnadas em terrível desequilíbrio, atormentado pelo filho louco e pela neta em perigo, não havia “espaço mental” em minha cabeça para simplesmente louvar teorias salvadoras. O benfeitor Gúbio, no entanto, demonstrou-me que o bem é mais poderoso que o mal. Isto para mim bastou, à saciedade. Nas dúvidas, o esclarecimento benéfico traduz verdadeira caridade. Reparou em derredor, com extrema desconfiança no olhar, e acentuou: – Sei, porém, de experiência própria, quem são os revoltados em cuja equipe trabalhei até ontem. Francamente, ainda não sei com certeza que será de mim mesmo. Perseguir-me-ão sem tréguas. Se puderem, conduzir-me-ão ao vale de miséria e penúria. Noto, contudo, que transformação salutar me possui agora o espírito. Convenci-me de que o bem pode vencer o mal e espero que o nosso instrutor não me abandone. Ainda que eu sofra, a ele acompanharei. Não pretendo regressar ao repugnante caminho percorrido. Leôncio, que nos fitava atencioso, registrando-nos a conversação, asseverou por sua vez: – Eu também não mais posso servir nas fileiras da vingança. Estou farto... Hipotequei aos dois nossa simpatia e prometi-lhes, em nome de nosso orientador, que lhes não faltaria acolhimento em plano superior. Sorriam satisfeitos, quando Gúbio retornou ao compartimento da enferma, notificando que o problema fora resolvido. Margarida e o esposo compareceriam na noite próxima a uma reunião familiar, importante setor de socorro mediúnico. A doente encarnada e Gaspar, o hipnotizador traumatizado, receberiam recursos eficientes. Com ansiedade, aguardamos o anoitecer. De quando em quando, Gúbio colocava a destra sobre a fronte da enferma, como a acentuar-lhe a resistência geral. Por volta de vinte horas, um automóvel recebia o casal, que se fez acompanhado por nós e pelo grande número de “ovoides”, ainda ligados à cabeça da enferma sob processo de imantação. Saldanha tivera o cuidado de

despistar todos os companheiros perturbadores que intentavam seguir-nos. Tranquilizou-os com palavras amigas, afirmando, aliás com muita razão, que o assunto vinha sendo bem tratado. Alcançando confortadora vivenda, fomos admiravelmente recebidos. O senhor Silva, dono da casa, acolheu Gabriel e a esposa com inequívocas demonstrações de carinho, e Sidônio, o diretor espiritual dos trabalhos que se realizariam, estendeu-nos braços fraternais. Lá dentro, quatro cavalheiros e três senhoras, os componentes habituais do círculo doméstico, ao que fomos informados, passaram a trocar ideias com os visitantes, reanimando-os e instruindo-os, até que o relógio indicasse o momento exato para os serviços da noite. [...] Para os trabalhos da reunião que congregava nove pessoas terrestres, vinte e um colaboradores espirituais se movimentaram em nosso círculo de ação. Gúbio e Sidônio, em esforço conjugado, efetuaram operações magnéticas ao redor de Margarida, desligando finalmente os “corpos ovoides” que foram entregues a uma comissão de seis companheiros que os conduziram, cuidadosamente, a postos socorristas. Logo após, enquanto a prece e os estudos evangélicos se faziam ouvir, dentro das contribuições de nosso círculo, grande cópia de força nêurica, com a devida compensação em fluidos revigoradores de nossa esfera, foi extraída, através da boca, narinas e mãos dos assistentes encarnados, força essa que Gúbio e Sidônio aplicaram sobre Margarida e Gaspar, no evidente intuito de restaurar-lhes as energias perispiríticas. A jovem senhora passou a demonstrar abençoados sinais de alívio e Gaspar, de impassível que se achava, pôs-se a gemer, qual se houvera acordado de intenso e longo pesadelo. A essa altura, nosso orientador preparou Dona Isaura, senhora daquele santuário doméstico e médium do culto familiar, adestrando-lhe a faculdade de incorporação, por intermédio de passes magnéticos sobre a laringe e, em particular, sobre o sistema nervoso. Quando a hora de amor cristão aos desencarnados começou a funcionar, os orientadores trouxeram Gaspar à organização medianímica, a fim de que pudesse ele recolher algum benefício, ao contato dos companheiros materializados na experiência física, que lhe haviam fornecido energias vitalizantes, tal como acontece às flores que sustentam, sem perceber, o trabalho salutar das abelhas operosas. Reparei que os sentidos do insensível perseguidor ganharam inesperada percepção. Visão, audição, tato e olfato foram nele subitamente acordados e intensificados. Parecia um sonâmbulo, despertando. À medida que se lhe casavam as forças às energias da médium, mais se acentuava o fenômeno de reavivamento sensorial. Aposando-se provisoriamente dos recursos orgânicos de Dona Isaura, em visível processo de “enxertia psíquica”, o hipnotizador gritou e chorou lamentosamente. Misturou blasfêmias

e lágrimas, palavras comovedoras e palavras menos dignas, entre a penitência e a rebeldia. Escutando agora, com aguçada sensibilidade, conversou detidamente com o doutrinador. O senhor Silva, marido da médium, fez sentir a necessidade de renovação espiritual em edificante lição que nos tocava as fibras mais íntimas e, depois de sessenta minutos de exaustivo embate emocional, Gaspar foi conduzido por dois servidores de nossa equipe ao lugar que lhe correspondia, isto é, à posição de demente com retorno gradativo à razão. Findos os serviços ativos, a reunião foi encerrada, notando-se que imensa alegria transbordava de todos os corações. Margarida estava, enfim, aliviada e, em pranto, pedia ao esposo agradecesse, de viva voz, as dádivas recebidas. Gúbio, porém, vendo Saldanha espantadiço, obtemperou: – O triunfo essencial ainda não veio. Margarida recebeu amparo imediato, mas precisamos agora socorrer-lhe a casa, até que ela mesma incorpore à própria individualidade, em caráter definitivo, os benefícios aqui recolhidos. Sorriu bondosamente e acrescentou: – Para que uma planta seja efetivamente preciosa, não basta que esteja bela e perfumada na estufa protetora. É necessário receber o auxílio externo, consolidando a resistência própria, de modo a produzir utilidades no bem comum. E passando a entender-se com Sidônio, aceitou a colaboração, por dez dias sucessivos, de doze companheiros espirituais incorporados ao agrupamento destinado a reforçar as atividades defensivas na moradia de Gabriel, de vez que, segundo Saldanha e Leôncio, do dia seguinte em diante, teríamos guerra aberta com os assalariados de Gregório, que viriam naturalmente sobre nós, temíveis e insistentes.” (AL, *Libertação*, Capítulo 15)

“A sessão mediúnica, propriamente dita, ia ter início. O médium Jonas, por psicofonia inconsciente, transmitiu as instruções do Diretor, enquanto os demais companheiros entregaram-se, no plano físico, em sintonia conosco, ao ministério do esclarecimento espiritual. O doutrinador da Casa, que se encarregava de dirigir a reunião, por sua vez Presidente da Sociedade Espírita, era um estudioso honesto, autodidata, que aprendera a Doutrina e a vivia, unindo a lucidez do conhecimento à limpidez do caráter diamantino. Respeitado pelos cooperadores em razão da conduta moral e doutrinária, inspirava confiança. Em palavras francas: o irmão Arnaldo era espírita, no sentido correto da expressão, lutando para superar as imperfeições e cada dia mais se esforçando por viver conforme as recomendações de Jesus e de Allan Kardec. Portador de uma alta sensibilidade, muito embora permanecesse lúcido nas reuniões, sabia distinguir a verdade da impostura, recusando a mentira de que se utilizam os mistificadores de ambos os lados da vida. Da mesma forma, não se permitia afetar pelos elogios destituídos de finalidade ou pelas críticas improcedentes. Respeitava os outros

e, mantendo-se em atitude humilde, sem deixar-se surpreender em falsas composturas de simplicidade desnecessária, fazia-se respeitar, inspirando confiança. Era ele quem normalmente atendia as Entidades que se comunicavam através da mediunidade sonambúlica de Jonas. Seria nesse campo vibratório de equilíbrio e amor que se encontraria, logo mais, o irmão Ricardo. Havia grande cuidado por parte do Benfeitor, no ajustamento do perseguidor de Julinda aos equipamentos mediúnicos de Jonas. Ao contato mais direto da Entidade, o sensitivo recebeu mais forte descarga fluídica e estremeceu. Psiquicamente, o Instrutor despertou, por efeito de indução mental, Ricardo, que estranhou o que se passava. Após olhar em derredor, assustado, o Espírito pareceu sentir-se em desconforto. Obsidiando Julinda, a sua era uma ação que ele provocava ao próprio talante, enquanto que, *imantado* a um médium educado psiquicamente, se sentia parcialmente tolhido, com os movimentos limitados e porque utilizando os recursos da mediunidade, recebia, por sua vez, as vibrações do encarnado que, de alguma forma, exercia influência sobre ele. Ao pensar em desvencilhar-se da incômoda situação, percebeu que acionava o corpo físico de que se utilizava, sem saber como. Pensou em reagir e ouviu a própria voz pelos lábios do médium. – Que faço aqui? – indagara. – Visita-nos, por mercê da vontade de Deus. – Respondeu o doutrinador. – E onde me encontro? Que se pretende de mim? – O caro amigo está em casa, em nossa Casa de oração, onde todos nos preocupamos uns com os outros, pensando na felicidade geral. – Mas eu não desejo ser feliz... Melhor dizendo, a minha é uma felicidade diferente, que logo mais alcançarei, desde que nada mais me interessa além do que estou realizando... Por que me sinto preso? – A felicidade, certamente varia de pessoa a pessoa e na mesma criatura difere de tipo e forma, de acordo com os diferentes períodos da vida. O que, numa ocasião, parece dita, noutra se apresenta como desgraça... Além disso, só é legítima quando faculta a todos um quinhão de júbilo, o que não me parece ser o seu caso. Demais, o amigo não se encontra prisioneiro aqui, exceto se deixou aprisionar-se em si mesmo, no exercício das paixões infelizes, o que não deixa de ser lamentável. – Tudo está muito bem; porém, o meu lugar não é aqui. Não pretendo ser examinado, porquanto não tenho satisfações a dar a quem quer que seja e vou-me de retorno para o Hospital... – Não ignora o irmão que tudo é relativo, especialmente o exercício da nossa vontade. Já que veio sem saber como, o que implica em haver sido trazido, é possível que se não possa ir, no momento em que o deseje... – Não tenho irmãos, senão o ódio, o desejo de vingança, o desespero que convivem comigo... – Mesmo que o não queiramos, somos todos irmãos, porque procedentes da Paternidade Divina, que é única...

Tais sentimentos que apresenta, não lhe são irmãos, antes algozes impenitentes que o desarvoram. Ricardo encolerizou-se. Tomado pela crueldade que se lhe aninhara na alma, quis agredir o interlocutor, acionando o médium, mas não o logrou. Na mediunidade educada, mesmo em estado sonambúlico, o Espírito encarnado exerce vigilância sobre o comunicante, não lhe permitindo exorbitar, desde que o perispírito daquele é o veículo pelo qual o desencarnado se utiliza dos recursos necessários à exteriorização dos sentimentos. Num médium espírita como Jonas, vigilante e em sintonia com os Diretores Espirituais da reunião, os atos de violência e vulgaridade não têm curso. Quando fatos infelizes de porte, qual esse planejado pelo comunicante, sucederem, o médium é corresponsável, o grupo necessita de reestruturação, a atividade não tem suporte doutrinário, nem moral evangélica. Impossibilitado de levar a cabo o intento, estertorou, blasfemando... Compreendendo que mais nada poderia ser feito naquela conjuntura e inspirado por Dr. Bezerra, que acompanhava a tarefa sob controle, passou a aplicar passes no médium, enquanto o Mentor desprendia Ricardo, que se liberou, partindo na direção de Julinda, sob a força da imantação demorada a que se fixara, não se dando conta de como sequer retornava. - A etapa inicial do nosso trabalho, no problema Julinda-Ricardo, coroa-se de bênçãos. “Desejávamos produzir um *choque anímico* em nosso irmão, para colhermos resultados futuros. Que o Senhor abençoe nossos propósitos!” [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 25)

“A partir daquele momento, Ricardo passou a experimentar sensações agradáveis, a que se desacostumara. O *mergulho* nos fluidos salutares do médium Jonas propiciou-lhe uma rápida desintoxicação, modificando-lhe, por um momento embora, a densa psicossfera em que se situava. O largo período de animosidade contra Julinda, a expectativa de um retorno, a fim de estar ao seu lado, no corpo físico, e a brutal decepção em face do aborto provocado, produziram-lhe choques violentos, perturbando-o profundamente. O ódio sustentado pelo desejo de vingança amainara um pouco, ante a possibilidade de ser amado na condição de filho. Todavia, em razão do fracasso da empresa do renascimento, vovera em lava vulcânica destruidora, numa erupção candente. Habitua-se à *alimentação*, igualmente venenosa, que absorvia da sua *hospedeira* na ultriz obsessão. Acompanhara-a, desde cedo, e maltratara-a, perturbando-lhe o equilíbrio por largos anos. O amor e a relevante posição espiritual de D. Angélica, genitora de sua vítima, tanto quanto a ternura e a afeição de Roberto, o esposo, formaram uma proteção que, de alguma forma, a defendiam dos dardos mentais do adversário invisível. Impelido por desejos inconscientes, como veremos, ambicionava o retorno que ela lhe negou. Assim, desabituara-se a um clima

psíquico de paz, monoideado pela fúria que o assaltava. Retornando ao apartamento da enferma, comburia-se na revolta, por temer perder a presa. Dera-se conta de que os acontecimentos não tinham curso ao talante das paixões de cada qual. Num átimo, percebera o que se negava considerar: “Ninguém é bom juiz em causa própria”, como afirma o refrão popular, tampouco é senhor absoluto do próprio destino... A revolta decorria do fato de identificar a divina ajuda atuando em favor de Julinda como dele próprio, somente que de forma diversa ao que ele desejava. Outrossim, também resultava do receio que lhe adveio, subitamente, sem saber-se explicar. Teria que ouvir Elvídio e concertar um plano. Sentia-se aturdido, cansado. O *choque anímico*, decorrente da psicofonia controlada, debilitou-o, fazendo-o adormecer por largo período. Não era, todavia, um sono repousante, senão o desencadear das reminiscências desagradáveis impressas no inconsciente profundo, que ele vitalizava com o descontrolo das paixões inferiores exacerbadas. Sonhava, naquele momento, com os acontecimentos passados, ressuscitando os clichês mentais arquivados. O ódio era-lhe um comportamento agora habitual, sem que procurasse logicar diante das causas. Enfurecido pela frustração, deixava-se consumir. Aquele estado, no entanto, fora previsto pelo Mentor ao conduzi-lo à psicofonia, de modo a produzir-lhe uma catarse inconsciente com vistas à futura liberação psicoterápica, que estava programada. Concluídos, porém, os trabalhos, na Casa Espírita, no que tange aos compromissos dos companheiros encarnados, ali permanecemos, dando curso aos labores atinentes à nossa área de ação. Equipes diligentes encaminhavam os que foram socorridos ao Subposto de emergência, a fim de trasladá-los para lugar de assistência definitiva, em Colônias de socorro próximas da crosta terrestre.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 26)

“ENFERMAGEM ESPIRITUAL LIBERTADORA. [...] Por ocasião do advento do Espiritismo, graças à Codificação Kardequiana, a mediunidade recebeu orientação condigna, tornando-se instrumento de significativa e nobre utilidade para o intercâmbio entre os homens e os Espíritos, comprovando a imortalidade da alma e abrindo espaços para o entendimento de inumeráveis acontecimentos que permaneciam envoltos pelo sobrenatural e pelo miraculoso. Todos os fenômenos, de qualquer natureza, estão no contexto das **leis naturais**, mesmo quando ignoradas as suas gêneses. O Espiritismo vem demonstrar pela mediunidade a existência do mundo para-físico, tão real ou mais do que o transitório mundo material, sendo este, em última análise, efeito daquele que é o causal, o verdadeiro, portanto. Constatada que a sociedade além do túmulo é constituída por seres inteligentes que vivem as experiências evolutivas, reencarnando

e desencarnando, até a perfeição relativa que a todos nos está destinada, o Espiritismo propicia, pelo intercâmbio mediúnico, a psicoterapia desalienante em favor dos enfermos espirituais que se demoram nos círculos mais grosseiros da Erraticidade, recebendo os Espíritos ajuda e orientação dos homens. Certamente que, antes dessa enfermagem espiritual direta, terapêuticas várias já eram utilizadas nas áreas de socorro da Espiritualidade conforme ainda agora acontece. No entanto, vários benefícios defluem desse intercâmbio, no consolo e auxílio mediúnico aos desencarnados: a) Proporcionam aos membros do grupo socorrista lições proveitosas para eles mesmos, que anteveem, mediante a experiência de cada comunicante, o que de acordo com a conduta mantida na Terra lhes está reservado, quando lhes cessem as pulsações cardíacas; advindo a morte; b) Melhor compreensão da “lei de causa e efeito”, no fluxo-refluxo dos acontecimentos; c) Exercício da fraternidade, aprendendo os encarnados a conviver com as dores de quem nem sempre é visto, a fim de mais facilmente auxiliar-se na diminuição dos sofrimentos de todos aqueles que os cercam e são vistos; d) Porque o perispírito possui os mesmos **órgãos** que o corpo físico, quando ocorre o fenômeno da psicofonia, duas ocorrências se dão: 1) durante o acoplamento perispiritual os desencarnados ajustam a sua organização à do médium e voltam ao contato com aqueles que lhes não registravam a presença, não os ouviam, não os viam. Nessa fase podem dar expansão aos sentimentos que os atormentavam, aliviando-se e, com o atendimento esclarecedor que recebem, modifica-se-lhes o estado íntimo; 2) no intercâmbio natural, ocorre um **choque** fluídico, pelo qual as forças anímicas do percipiente rompem-lhes a **crosta** ideoplástica que os envolve e lhes absorvem os vibriões mentais, qual esponja que se encharca, diminuindo-lhes, expressivamente, a psicofora negativa que respiram, permitindo-lhes o diálogo no qual se dão conta da morte, **remorrendo**, para despertamento posterior em condições lúcidas que propiciam aos Mentores conduzi-los apostos, hospitais de socorro ou escolas de aprendizagem, nos quais se capacitam para futuros cometimentos; [...]” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Enfermagem espiritual libertadora)

“Aqui, no Grupo dedicado ao bem, desfilavam seres macerados pela dor e outros que se compraziam em infligi-la, em condições, todavia, mui diversas. Não se aplicavam as técnicas da persuasão pelo esclarecimento intelectual e pelo amor puro, por falta de recursos momentâneos; antes eram utilizados os métodos do choque emocional e da força mental a que se submetiam aqueles que, da vida, somente reconhecem e respeitam essa escala de valores. Não nos cabia o direito de ajuizar quanto aos recursos utilizados, tendo em vista que há terapêutica balsamizante, de cautério

e cirúrgica, de acordo com a manifestação da doença e com as resistências do paciente... Inegavelmente, tratava-se de uma colmeia de ação positiva, na qual o amor, dentro da capacidade de assimilação local, era a tônica geral, pois que se trabalhava pelo bem e pela felicidade de todos. Espíritos, que se submetiam a outros mais brutais, em servilismo hipnótico e apavorado; seres que se sentiam dominados por criaturas, às quais se compraziam atender; Entidades, que se criam geradas apenas para o mal, perpetuamente a ele destinadas, recebiam conveniente assistência e amparo, recuperando uns e predispondo outros à renovação, todos num processo de crescimento vagaroso, porém, estável e eficiente. Os recursos do bem — como era bom sempre constatá-lo! — são inesgotáveis, e apresentam-se em qualidade superior ao que, por falta de mais completa designação, chamamos mal. A aparente vitória deste último é resultado da transitória sintonia daqueles que tateiam nas sombras da ignorância, ainda não alcançados pelas luzes do discernimento, ou primários nas experiências da evolução, mais instinto que inteligência, mais sensação que emoção, a quem nos cumpre atingir, abrindo-lhes espaços para o crescimento das aptidões superiores que lhes dormem ou já lhes lucilam no imo. Felizmente, cresce o número dos que se sentem atraídos para a verdade, saturados dos prazeres que exaurem, desmotivados dos jogos da violência, e tristes, insatisfeitos com as conquistas de que dispõem, cujo saldo são o desencanto, a amargura, a frustração. Havendo descoberto a outra face da vida, vislumbrada a claridade esplendorosa do amor que deflui da conquista de si mesmos, já não se compadecem com os hábitos anteriores, neles somente encontrando o vazio e o desconforto, em substituição às antigas alucinações do prazer e do gogo... Sem dúvida, o homem sai do estreito túnel dos interesses limitados, guiado pela luz que já entrevê, à frente, chamando-o para o Dia exuberante que o aguarda.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 5)

“TÉCNICAS DE LIBERTAÇÃO. [...] À hora aprazada comparecemos ao Núcleo religioso, Dr. Bezerra e nós. A azáfama era grande em ambos os lados da vida. Espíritos especializados nos misteres que ali se desenvolviam postavam-se pelos arredores externos da Casa, precatando-a de algum assalto de Entidades perturbadoras. À porta de entrada, alguns ex-aborígenes brasileiros, em trajes cerimoniais, e ex-escravos vestidos a caráter, recepcionavam os membros da Organização, a maioria dos quais não se dava conta do socorro recebido. Felinto, o companheiro destacado pela Mentora para assessorar-nos, recebeu-nos com expressões de afeto e conduziu-nos à Benfeitora que supervisionava os serviços. Depois dos cumprimentos iniciais, percebendo-me as interrogações mudas, ela explicou-nos com solicitude: — Dedicamos a noite de hoje a serviços

especiais em favor dos consulentes da véspera, cujos compromissos no campo das obsessões são muito expressivos. Outrossim, atendemos os hóspedes psíquicos de alguns dos nossos frequentadores habituais e necessitados de vária procedência que nos são trazidos por cooperadores dedicados à assistência direta e aos que conseguem sensibilizar, retirando-os da ociosidade ou da exploração viciosa aos semelhantes ainda domiciliados no corpo físico. Aplicamos-lhes o choque anímico, antes de serem tomadas outras providências. — Choque anímico?! — interoguei, admirado. — “Não se surpreenda o amigo Miranda. Da mesma forma que na terapia do eletrochoque, aplicada a pacientes mentais, os Espíritos que se lhes imantam recebem a carga de eletricidade, deslocando-se com certa violência dos seus hospedeiros, aqui o aplicamos, através da psicofonia atormentada, que preferimos utilizar com o nome de incorporação, por parecer-nos mais compatível com o tipo de tratamento empregado, e colhemos resultados equivalentes. “Não ignora o amigo que, do mesmo modo que o médium, pelo perispírito, absorve as energias dos comunicantes espirituais que, no caso de estarem em sofrimento, perturbação ou desespero, de imediato experimentam melhora no estado geral, por diminuir-lhes a carga vibratória prejudicial, a recíproca é verdadeira... Trazido o Espírito rebelde ou malfazejo ao fenômeno da incorporação, o perispírito do médium transmite-lhe alta carga fluídica animal, chamemo-la assim, que bem comandada aturde-o, fá-lo quebrar algemas e mudar a maneira de pensar... “E não se trata de violência, como a pessoas precipitadas pode parecer. É um expediente de emergência para os auxiliar, pois que os nossos propósitos não são os de socorrer apenas as criaturas humanas, sem preocupação com os seus acompanhantes espirituais. A caridade é uma estrada de duas mãos: ida e volta.” Após ligeira reflexão, voltou a explicar: — “Consideremos o médium como sendo um ímã e os Espíritos, em determinada faixa vibratória, na condição de limalhas de ferro, que lhe sofrem a atração, e após se fixarem, permanecem, por algum tempo, com a imantação de que foram objeto. Do mesmo modo, os sofrendores, atraídos pela irradiação do médium, absorvem-lhe a energia fluídica, com possibilidade de demorar-se por ela impregnados. Sob essa ação, a teimosia rebelde, a ostensiva maldade e o contínuo ódio diminuem, permitindo que o receio se lhes instale no sentimento, tornando-os maleáveis às orientações e mais acessíveis à condução para o bem. Qual ocorre na Terra, com determinada súcia de poltrões ou de delinquentes, a ação da polícia inspira-lhes mais respeito do que a honorabilidade de uma personagem de consideração. “Por fim, elucidamos que, em nosso campo de trabalho, lidamos com as formas mais condensadas da energia, próximas da matéria, ao que

chamaríamos de expressões mais grosseiras do fluido, capazes de produzir, num primeiro tentame, resultados favoráveis a futuros cometimentos. Sem descer à beligerância ou à usança de forças iguais, não devemos desconsiderar que a aplicação de recursos equivalentes, porém direcionados com objetivos superiores, logra o resultado almejado, que é despertar o infrator, a fim de que se disponha à recuperação para o seu próprio benefício. É também caridade cercar a um louco a liberdade, como se faz a um criminoso, com finalidade de protegê-lo de si mesmo, assim resguardando a sociedade que lhe experimenta a sanha. Em nosso setor de trabalho com os desencarnados, às vezes recorremos a tal providência, mediante a aplicação de energias próprias, de formações ideoplásticas e de outros métodos, como o amigo observará. Para tanto, não descartamos as crendices e superstições que jazem adormecidas em inumeráveis seres, empedernidos temporariamente em relação ao amor e aos demais sentimentos de humanidade.” Desconhecíamos o método referido e preparávamo-nos para apresentar novas questões quando a Mentora nos pediu licença, explicando que já se ia iniciar o culto. Depois do ritual referido anteriormente, o médium passou ao transe e a Amiga prestimosa, assumindo as características de ex-escrava, saudou os membros do Grupo e abriu a reunião. Ao ritmo das palmas e atabaques, entre odores de velas acesas, incensos e flores diversas, formou-se o círculo em frente ao altar, iniciando-se o programa de atendimento mediúnico. Seguindo a cerimônia externa, os médiuns trajavam-se com roupas brancas e notavam-se os colares que representavam, pelo formato e cores, os Espíritos protetores como os quais operavam, conforme as tradições místicas do sincretismo religioso. Acompanhei as primeiras incorporações estimuladas pela Mentora, nas quais os Benfeitores de cada aparelho saudavam a Casa e os participantes, preparando os seus instrumentos para os socorros aos obsessores, especialmente àqueles que se vinculavam aos cultos mais primitivos do Candomblé, da Quimbanda e seus derivados... Alguns desses seres espirituais deformados mantinham truculência e, presunçosos, arengavam ameaças, retidos pelos prestimosos auxiliares da tarefa, que se utilizavam de uma rede fluídica, impedindo-lhes a evasão. Usando expressões vis, afirmavam que ali se viam constrangidos, pois que o não desejavam, gritando por direitos que não facultavam àqueles a quem submetiam pela violência mais rude. Os mais perversos, que exibiam carantonhas apavorantes, atiravam dardos que se diluíam no ar ou arremetiam contra a barreira impeditiva, intentando rompê-la, sem que o lograssem. Era um campo de batalha, onde as forças mentais se enfrentavam. Podíamos perceber alguns Exus, conforme esclarecera Felinto, que iriam experimentar os choques anímicos,

liberando-se das pesadas ideoplastias que os transformaram exteriormente, em razão do cultivo malsão das ideias extravagantes e hediondas. A Diretora Espiritual, que se encontrava no centro do círculo em movimento, chamou uma das médiuns e, segurando-lhe a cabeça, soprou-lhe aos ouvidos. Tratava-se de uma jovem de aparência frágil e pálida, porém dotada de grande sensibilidade. Ao receber o jato de ar, aturdiu-se e teve ligeira convulsão, sendo atendida carinhosamente. Percebi, então, que da rede saiu um Espírito — Exu, como se houvesse conseguido romper a defesa, e, sem delonga, incorporou-a de forma brusca, contorcendo-se, com o olhar esgazeadado, como se caísse numa armadilha. A união fluídica era de tal forma que parecia ter havido uma quase fusão, ser-a-ser, que se harmonizavam. O rosto pálido da médium adquiriu um tom vermelho-escuro, consequência da aceleração sanguínea, e uma transfiguração modelou-lhe um quase similar do comunicante. Quando pôde, com a voz rouquenha, semi-audível, passou a um vocabulário para mim incompreensível, na verbalização de que se utilizava, evocando a língua-mãe e nela se expressando. Captávamos a ideia, a forma-pensamento, carregada de horror, na qual expelia ódio selvagem, em tal dose, que me surpreendi. A irmã Emerenciana, que prosseguia contendo a médium em transe, dialogou no mesmo dialeto, com inusitado vigor, e girando-a repetidamente, como se a desenovelasse de ataduras fortes que a cobriam, parou-a de chofre e aplicou-lhe movimentos longitudinais, impondo sua vontade firme. Os ritmos aumentaram, e com a cantoria fizeram-se ensurdecedores. Nesse clima, ordenou, no mesmo palavreado que nós compreendíamos em razão da forma-mental plasmadora: — Volte ao normal! Você é Espírito criado por Deus. E vivente com um destino para o bem. Desnude-se e saia dessa situação. José Manuel foi o seu nome no eito do senhor branco. José Manuel é você. Ouça e acorde! Trouxeram-lhe um incensador que foi movimentado em torno do Espírito, que aspirava o fumo aromatizado e mais se agitava. — Agora, volte! — ordenou-lhe com determinação. — Acorde José Manuel! Vimos que a face espiritual passou a sofrer uma metamorfose, e qual se fora anteriormente plasmada em cera, ora aquecida, começou a desfazer-se, ao mesmo tempo em que a alegoria que o vestia, gerada pelas imposições ideoplásticas, passou a experimentar a mesma transformação, permitindo que surgisse um homem de trinta anos, cansado prematuramente, com marcas de chicote no rosto e nas costas, recordando os suplícios a que fora repetidamente submetido. Despertando e desembaraçando-se da constrição que prosseguia padecendo pelo ódio que o minava, pôs-se a chorar, em ímpar desesperação agônica, a todos nos confrangendo. [...] O tratamento para a exuantropia foi demorado, por causa da

imposição da monoideia deformante e instilação exterior do ódio, além do que lhe jazia em germen no ser atordoado, logo deixara o corpo, pela morte infamante, na punição que lhe aplicaram por coisa de pequena monta... A desimantação teria que receber uma técnica de choque, através de vibrações dissolventes que atuassem no paciente, de dentro para fora, pelo despertar da consciência, e de fora para dentro, desregulando a construção física da aparência que lhe foi colocada por modelagem do psiquismo do agente e pelo paciente aceito. Agora ele dormirá para o necessário reequilíbrio do perispírito, sendo recambiado pelos automatismos das Leis à reencarnação, que o reajustará plenamente. [...] Os labores prosseguiram no mesmo ritmo, com segurança e prudência por parte da Mentora, vigilante quão operosa. Agora estava no centro da roda um homem robusto que passava por tratamento algo semelhante ao anterior. No momento da incorporação, vimos ser trazido da área, onde se encontravam os Espíritos perversos, uma Entidade relutante e blasfema, que foi aproximada do sensitivo, produzindo-se o fenômeno com rapidez. Estorcegando, o obsessor afirmava não abandonar os propósitos a que se aferrava. Espumefante e de olhos que saltavam das órbitas, as narinas dilatadas, deformou a postura do homem que o hospedava mediunicamente, erguendo os braços e desferindo golpes no ar. Quando a Diretora espiritual informou que ele iria sofrer já o efeito da prisão na qual se achava e cujo corpo não podia manipular, o Espírito, que descarregava suas energias de violência no médium, que as eliminava mediante sudorese viscosa abundante e fluídos escuros, em quantidade, começou a sentir-se debilitado. Neste momento, a ação do perispírito do encarnado sobre ele fez-se mais forte e começou a encharcá-lo do fluido animal, que lhe constitui o envoltório e é retirado do “fluido universal de cada globo”, encarregado de manter o equilíbrio dos órgãos, das células e das moléculas do organismo material. Essa energia, de constituição mais densa, produzia no comunicante sensações que o angustiavam, como se lhe gerassem asfixia contínua. As forças que lhe eram aplicadas pela Benfeitora e a psicofera geral incidiam sobre ele de forma desagradável, demonstrando-lhe o limite da própria vontade e a debilidade de meios para prosseguir no alucinado projeto do mal a que se afervorava. Passando a experimentar grande mal-estar, o comunicante pediu socorro e ajuda, de modo que lhe diminuíssem a aflição e o constrangimento a que se encontrava submetido. A irmã Emerenciana falou-lhe, então, com gravidade: — Por que reclamas, se é o que fazes ao teu próximo? Sabes que o mal atrai o mal, e, no entanto, prossegues exercendo-o. Não ignoras que és frágil, todavia, impões a tua mentirosa força. Se não tens exercido misericórdia, por que a pedes? Até

quando ficares na ação do mal, este será a tua sombra e, periodicamente, serás alcançado pelo seu efeito danoso. Agora é o teu momento de decisão: liberdade ou cárcere. Que preferes? Notamos a repentina mudança de tom emocional no Espírito sofredor, que passou a suplicar: — Anjo da Justiça, dá-me outra oportunidade. Não sei exatamente o que faço. Ajuda-me para a liberdade e eu ajudarei também. — Não represento a Justiça, que está presente na tua consciência. Sou apenas tua irmã que te busca para a felicidade. Confia. Faze à tua vítima, conforme agora o Senhor te faz. Segue em paz e medita! Chorando de sadia emoção, derivada do despertar da consciência, o Espírito foi retirado e conduzido a uma sala contígua. Prestamente Felinto me acudiu, esclarecendo: — Ele irá ouvir uma ligeira palestra de orientação, que lhe consolidará os propósitos nascentes, permitindo-lhe fixá-los no imo do ser, a fim de levá-los a bom termo. Ao terminar os serviços será conduzido ao tratamento das chagas morais, refletidas no corpo perispiritual, em lugar apropriado, em nossa Esfera. A sua resolução positiva é débil e deve ser ajudada, a fim de que não retroceda. Tínhamos os olhos umedecidos pela emoção. Eram experiências novas e abençoadas, demonstrando a presença do Pai em todo lugar, impulsionando o homem para a sua destinação gloriosa e amparando a vida nas suas variadas expressões. Havia muito que aprender, observando e meditando. Dr. Bezerra acompanhava, em silêncio e recolhimento, as técnicas de socorro que ali se realizavam.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 11)

“A luta prossegue. [...] A partir de uma hora menos quinze minutos da madrugada, os companheiros encarnados que cooperaram na reunião mediúnica começaram a chegar, para o prosseguimento da mesma, alguns acompanhados por membros da equipe e outros pelos seus mentores pessoais. Notamos que D. Augusta, completamente hebetada, também fora trazida, a fim de receber ajuda, embora não se desse conta da providência socorrista. Utilizando-me de um momento, enquanto era organizado o mister espiritual, indaguei ao Dr. Carneiro por que se fizera necessária a comunicação do Chefe siberiano por meio da organização física da médium. Mantendo a inalterável gentileza, elucidou-me paciente: — Estamos diante de um largo processo de auto-obsessão. O nosso irmão enfermo padece de cruel hipnose aplicada pelo seu controlador. Antes de destacá-lo para o ministério que diz administrar, foi submetido a terríveis processos de indução magnética para perder a vontade, tornando-se um autômato, teledirigido pelo seu comandante. Depois, por haver sido libertado da região abissal onde expungia os crimes, foi condicionado à gratidão para com aquele que atribui ser-lhe o benfeitor. Ideias terríficas, fantasias mitológicas foram-lhe fixadas na mente, a fim de que se considerasse a personificação

desses absurdos, que lhe facultava assumir-lhes as personalidades, apavorando suas vítimas e dominando pelo terror, por encontrar no inconsciente de tais seveciados as crenças e superstições que trouxeram da Terra, facilitando a aceitação das induções punitivas. Tão graves se fizeram essas construções ideoplásticas no infeliz rufião, que ele se acredita como manifestação de seres infernais. “Na comunicação física, o perispírito do médium encarnado absorve parte dessa energia cristalizada, diminuindo-a no Espírito, e ele, por sua vez, recebe o que chamaremos um choque do fluido animal do instrumento, que tem a finalidade de abalar as camadas sucessivas das ideias absorvidas e nele condensadas. “Quando um Espírito de baixo teor mental se comunica, mesmo que não seja convenientemente atendido, o referido choque do fluido animal produz-lhe alteração vibratória, melhorando-lhe a condição psíquica e predispondo-o a próximo despertamento. No caso daqueles que tiveram desencarnação violenta — suicidas, assassinados, acidentados, em guerras — por serem portadores de altas doses de energia vital, descarregam parte delas no médium, que as absorve com pesadas cargas de mal-estar, de indisposição e até mesmo de pequenos distúrbios para logo eliminá-las, beneficiando o comunicante, que se sente melhor com menos penoso volume de aflições... Eis porque a mediunidade dignificada é sempre veículo de amor e caridade, porta de renovação e escada de ascensão para o seu possuidor.” — E por que não se realiza o diálogo, Espírito a Espírito, necessitando-se do médium? — Porque a incorporação, em face da imantação magnética de ambos perispíritos, impede o paciente de fugir ao esclarecimento, nele produzindo uma forma de controle que não pode evitar com facilidade. “No transcurso do trabalho poderemos comprovar essa assertiva. Aguardemos!” [...] Fernando procedeu ao despertamento do chefe siberiano e o aproximou de D. Armênia, perispírito a perispírito, até que houvesse uma quase justaposição. O da médium vibrava com suaves irradiações violáceas claras, enquanto o do Espírito exteriorizava uma energia densa, escura, quase pastosa, que diminuiu o tom das ondas que absorvia e que pareciam diluir-lhe a espessura, a vibração grosseira. Subitamente despertou atônito, e interrogou: — O que está acontecendo? Que artimanha mágica foi essa covardemente utilizada contra mim? — Não se trata de artimanha, nem de magia, meu amigo-irmão — respondeu o Dr. Carneiro com serenidade —, mas de recurso terapêutico desconhecido por você. Não há como negar a superioridade do Bem. Afinal a maldade é somente alucinação, desvario. A força positiva é a geradora da vida e das suas manifestações; a negativa expressa o uso incorreto dos valores da energia, sendo, portanto, impotente, ante a expressão maior.” (MPM, *Trilhas da libertação*, A luta prossegue)

II.7. Auxílio espiritual nas desobsessões – Atuação durante o sono físico

“Informado quanto aos objetivos que nos conduziram à Crosta, com escalas por uma colônia purgatorial de vasta expressão, vali-me da hora amena para aproveitar a convivência com o instrutor, tentando arrancar-lhe observações que vinham sempre revestidas de preciosos ensinamentos. – É admirável pensar – aventurei respeitosamente – que se formam verdadeiras expedições em nossa esfera para atender a simples caso de obsessão... – Os homens encarnados – redarguiu o orientador com certa vacuidade no olhar, qual se trouxesse a alma presa a imagens fugidias do pretérito – não suspeitam a extensão dos cuidados que despertam em nossos círculos de ação. Somos todos, eles e nós, corações imantados uns aos outros, na forja de benditas experiências. No romance evolutivo e redentor da Humanidade, cada espírito possui capítulo especial. Ternos e ríspidos laços de amor e ódio, simpatia e repulsão, acorrentam-nos reciprocamente. As almas corporificadas na Crosta guardam-se em passageiro sono, com esquecimento temporário quanto às atividades pregressas. Banham-se no Estige dos antigos, cujas águas lhes facultam, durante certo tempo, valiosa segurança para retorno a oportunidades de elevação. Todavia, enquanto se mergulham em olvido benéfico, demoramo-nos por nossa vez, em abençoada vigília. Os perigos que nos ameaçam os entes amados de agora ou de épocas que o tempo consumiu, desde muito, não nos deixam impassíveis. Os homens não se acham sozinhos na estreita senda de provas salutareis em que se confinam. A responsabilidade pelo aperfeiçoamento do mundo compete-nos a todos. Esclarecido, com respeito à jovem senhora que nos cabia socorrer, aduzi, reverente: – A enferma, a cuja assistência fomos admitidos, está por exemplo em vosso passado espiritual... – Sim – confirmou Gúbio, humilde –, aliás não fui designado para servir no caso de Margarida, a doente que nos compele à breve expedição do momento, apenas porque houvesse sido minha filha em eras recuadas. Em cada problema de Socorro, é imprescindível considerar as várias partes em jogo. Em virtude do enigma de obsessão que nos propomos resolver, somos levados a buscar todas as personalidades que compõem o quadro de serviço. Perseguidores e perseguidos entrelaçam-se, em cada processo de auxílio, em grande expressão numérica. Cada espírito é um elo importante em extensa região da corrente humana. Quanto mais crescemos em conhecimentos e aptidões, amor e autoridade, maior é o âmbito de nossas ligações na esfera geral. Almas existem que se veem sob o interesse de milhões de outras almas. Enquanto os movimentos da vida se estendem,

harmoniosos, sob os ascendentes do bem, as dificuldades não chegam a surgir; contudo, quando a perturbação se estabelece, não é fácil desfazer obstáculos, porque em tais circunstâncias é indispensável procedamos com absoluta imparcialidade, dando a cada um quanto lhe caiba. O homem terrestre, mormente nos dias tormentosos, costuma ver somente o “seu lado”, mas, acima da justiça comum, propriamente considerada, outros tribunais mais altos funcionam... Em razão disso, todos os casos de desarmonia espiritual na Terra movem aqui extensa rede de servidores que passam a tratá-los, sem inclinações pessoais, em bases do amor que Jesus exemplificou e, nessas ocasiões, preparamo-nos a satisfazer todos os imperativos de trabalho salvacionista que a tarefa nos imponha ou proporcione, dentro das atividades que lhe são conexas.” (AL, *Libertação*, Capítulo 3)

“Diante dos esforços que se conjugam entre o assistente e o assistido, os Espíritos Superiores interessados no progresso da Humanidade oferecem, também, valiosos recursos que constituem elementos salutareis e preciosos. Sem tal amparo, toda incursão que se intente no ministério da desobsessão será improficua, senão perigosa, pelos resultados negativos que apresenta. Um espírito lidador, devidamente preparado para as experiências de socorro aos obsidiados, é dínamo potente que gera energia eletromagnética, que, aplicada mediante os passes, produz distonia e desajustes emocionais no hóspede indesejável, afastando-o de momento e facultando, assim, ao hospedeiro a libertação mental necessária para assepsiar-se moralmente, reeducando a vontade, meditando em oração, num verdadeiro programa evangélico bem disciplinado que, segura e lentamente, edifica uma cidadela moral de defesa em volta dele mesmo. Por isso o Mestre, diante de determinados perseguidores desencarnados, afirmou: “contra esta casta de Espíritos só a oração e o jejum” e, após atender às aflições de cada atormentado que O buscava, prescrevia, invariável e incisivo: “Não voltes a pecar para que algo pior não te aconteça.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Socorro espiritual. [...] Concluída a tarefa, Ambrósio retornou ao trabalho espiritual a fim de apresentar a Saturnino os resultados da investidura. Os trabalhos se aproximavam do encerramento. Compreensivelmente jubiloso, o Mentor Espiritual expressou sua gratidão ao Assistente e informou que logo mais, quando todos se recolhessem ao leito, teria continuação a tarefa da desobsessão, quando ele pretendia retomar as diretrizes do trabalho, convocando diversos dos envolvidos no processo perturbador e os membros da Casa para um encontro fora do corpo, quando as bênçãos do sono conseguissem libertar parcialmente alguns dos implicados... Ambrósio compreendeu a

magnitude do serviço e postou-se aguardando instruções. A noite ia avançada quando Saturnino trouxe ao recinto das sessões, em parcial desdobramento, os irmãos Petitinga, Dona Rosa, as filhas Amália e Mariana e nós. O venerando trabalhador da Seara Espírita, habituado às incursões no Mundo Espiritual, embora ainda vinculado à roupagem carnal, apresentava-se calmo e lúcido, perfeitamente familiarizado com experiências de tal natureza. Dona Rosa e as filhas, no entanto, pareciam atemorizadas na sua semilucidez, embora o amparo vigoroso do Instrutor que delas cuidava com carinho paternal. (*) **[(*) “401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo? “Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.” “402. Como podemos Julgar da liberdade do Espírito durante o sono? “Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. Dizes frequentemente: Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. Enganas-te. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro.” (“O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. 29ª Edição da FEB. Parte 2ª — Capítulo 8. Recomendamos ao leitor o exame de todo o capítulo referido para melhor compreensão da série de estudos aqui apresentados. — Nota do Autor espiritual]** O assistente Ambrósio e os demais cooperadores desencarnados se encarregavam de localizar os recém-chegados na sala de trabalhos, enquanto o Benfeitor Saturnino cuidava das providências finais. Concluídas as tarefas preliminares, deu entrada no recinto, em sono hipnótico, carinhosamente trazida por dois enfermeiros espirituais, a Entidade que se comunicara horas antes. Embora o ressonar agitado, o visitante refletia a angústia em que se debatia, deixando ver as marcas profundas em ulcerações na região da glote, que se apresentava purulenta, assinalando os danos cruéis do autocídio injustificável. Localizado em leito próximo, continuou assistido pelos que o trouxeram. Logo, porém, que Mariana o viu, conquanto não o pudesse identificar de pronto, começou a experimentar significativa inquietude que se foi

transformando em desespero e pavor. O Instrutor, no entanto, solícito, acercou-se dela e aplicou-lhe energias anestésicas, de modo a deixá-la em tranquilidade suficiente para os bons resultados da operação em pauta. Nesse momento, a Irmã Angélica, mentora do médium Morais, trouxe-o ao cenário abençoado, que lhe parecia familiar aos olhos espirituais. Tudo nele traduzia a segurança e o equilíbrio de uma existência voltada para o bem e para o dever. Percebi, então, a excelência do ministério mediúnico sob a carinhosa proteção de Jesus, objetivando atender aos sofrendores de ambos os planos da vida e reconheci, mais uma vez, que somente uma existência realmente desatrelada das paixões se constitui seguro roteiro para uma libertação felicitadora. O espírito é o que pensa e faz; a veste carnal que o envolve tanto se pode converter em asas de angelitude como em azorrague com grilhões que o martirizam. E a mediunidade, indubitavelmente, faz-se a senda luminosa por onde transitam aqueles que a respeitam e enobrecem. Não havia, porém, tempo para meditações mais amplas. O Benfeitor Saturnino, em breve alocução, explicou a finalidade da reunião, elucidando que se pretendia trazer à lucidez o perseguidor de Mariana para um reencontro na esfera do espírito, de modo a tentar-se uma conciliação, esperando-se que a Misericórdia Divina amparasse os propósitos do grupo ora reunido. Os circunstantes se recolheram a profunda meditação, conduzidos pela voz pausada e grave do Mentor que se encarregou de orar ao Mestre, rogando-lhe socorro para o labor em vias de desenvolvimento. Em seguida, aproximou-se do servo vingador e, aplicando-lhe passes de dispersão fluídica, despertou-o, presto.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 2)

“Programação redentora. No desdobramento das tarefas habituais, através das quais eram mantidos os contatos com os Benfeitores Desencarnados, nas sessões especiais, hebdomadárias, recebíamos esclarecimentos e informações, através das quais os irmãos Saturnino e Ambrósio nos davam elucidicações minudentes dos acontecimentos transcorridos na Esfera Espiritual, quando dos labores abençoados de que participávamos, conquanto a nossa condição de encarnados no domicílio orgânico. Dessa forma, inteiramo-nos dos detalhes da operação fraterna junto ao Dr. Teofrastus e a Henriette-Marie, assim como dos fatos precedentes. Obviamente, ao retornarmos ao corpo somático, as lembranças das realizações espirituais desapareciam quase completamente, deixando-nos as evocações em impressões de sonhos que se manifestavam, ora como pesadelos dolorosos, ora como estados de comunhão elevada com as Esferas Superiores da Vida. Nesse particular, os Instrutores se encarregavam de ativar ou frenar os centros encarregados das lembranças, de modo a que a nossa jornada humana

transcorresse com a normalidade possível, sem problemas que nos perturbassem as atividades de servidores da Comunidade dos homens. A recordação detalhada situar-nos-ia entre os dois mundos, ensejando-nos um despercebimento das *realidades* do lado físico, propiciando-nos um desvio da atenção, que se voltaria para as experiências e realidades da esfera espiritual. Desde que fora iniciado o processo desobsessivo de Mariana, recebêramos advertência no sentido de manter as ligações psíquicas com a Espiritualidade Superior, de modo a nos acautelarmos das ciladas dos Espíritos menos felizes que, surpreendidos pelas incursões que se fariam nos seus domínios, seriam concitados à agressão por todos os meios possíveis, numa tentativa de obstar o labor abençoado ora em execução. Considerando as altas responsabilidades que nos diziam respeito, buscávamos corresponder à expectativa dos Mentores, esforçando-nos por oferecer, pelo menos, a quota da oração, do pensamento otimista e o espírito de abnegação, dedicando-nos ao mister espiritual com alta dose de entusiasmo e fé. Ao primeiro ensejo, após a entrevista com o *ex-Mago* de Ruão, o Benfeitor Saturnino elucidou, pela psicofonia do médium Moraes, que voltaríamos a encontrar-nos, depois de concluídos os trabalhos da noite, quando o Irmão Glaucus conduziria o terrível obsessor, ora em fase de meditação, a uma entrevista naquela Casa, num encontro que estava destinado a definir os rumos futuros da sua vida. Concitava-nos ao exercício e mentalização da piedade fraternal, manifestação essencial para a caridade legítima, de que nos deveríamos revestir para cooperar ativamente. Em retornando ao lar, a expectativa do reencontro me inquietava, dificultando-me o necessário repouso. Orando, no entanto, e sentindo a presença dos Irmãos Maiores do Mundo Espiritual, recompusemos a paisagem mental e brando torpor nos invadiu, facilitando às Entidades vigilantes o nosso desdobramento e consequente condução à Sede da nossa Casa de Oração e Amor. Quando ali chegamos, já se encontravam os demais membros participantes das tarefas socorristas. Saturnino, sempre calmo e gentil, traduziu em sentida oração os anseios de todos os presentes e rogou a Jesus fosse Ele o Sublime Visitante e o Conductor dos trabalhos em desdobramento, com vistas à caridade da iluminação de consciências obnubiladas pelo orgulho e pelo egoísmo — esses dois implacáveis inimigos do espírito humano! O ambiente, à medida que o Benfeitor orava, se foi saturando de perfume discreto, qual lavanda muito leve carregada por suave aragem - Pétalas de luz diáfana começaram a cair, abundantes, e desfaziavam-se ao tocar nos circunstâncias ou nos diversos móveis e objetos. Vibrações muito penetrantes nos impregnavam a todos - E sem que o percebêssemos, as emoções rompiam os diques da visão e fluíam em copiosas lágrimas, no recolhimento

em que nos encontrávamos. Voltando-se para o irmão Petitinga, Saturnino solicitou: — Leia, meu irmão, o «Livro da Vida». O venerando amigo acercou-se da mesa mediúnica e tomou de pequeno livro, irisado de filetes de luz, no qual vimos em tons azul-prateados as letras, em destaque: *Novo Testamento*. Abrindo-o ao sabor do momento, embargado pela emotividade superior da hora, José Petitinga leu as anotações do apóstolo Marcos, no Capítulo nº 9, versículos 17 a 29: «*Mestre, eu te trouxe meu filho, que está possesso dum Espírito mudo, e este, onde quer que o apanha, o lança por terra: ele espuma, range os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que o expelissem, e eles não puderam.*» Disse-lhes Jesus: «*Oh, geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo.*» Então, lho trouxeram. Ao ver a Jesus, logo o espírito o convulsionou; ele caiu por terra e se estorceu, espumando. Perguntou Jesus ao pai dele: — «*Há quanto tempo acontece isto?*» Respondeu-lhe: — «*Desde a infância; e muitas vezes o tem lançado tanto no fogo como na água, para o destruir; mas se podes alguma coisa, compadece-te de nós e ajuda-nos.*» Disse-lhe Jesus: «*Se podes! tudo é possível ao que crê.*» Imediatamente o pai do menino exclamou: «*Creio! ajuda a minha incredulidade.*» Jesus, vendo que uma multidão afluía, repreendeu o Espírito imundo, dizendo-lhe: «*Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, saí dele, e nunca mais nele entres.*» Gritando e agitando-o muito, saiu; o menino ficou como morto, de maneira que a maior parte do povo dizia: «*Morreu.*» Jesus, porém, tomando-o pela mão, ergueu-o, e ele ficou em pé. Depois que entrou em casa, perguntaram-lhe seus discípulos particularmente: — «*Como é que nós não pudemos expulsá-lo?*» Respondeu-lhes: — «*Esta espécie só pode sair à força de oração.*» Fechando o delicado repositório dos «ditos do Senhor», e, inspirado e comovido, José Petitinga, após ligeira pausa, teceu comentários vazados na mais excelente conceituação espírita, revivendo os feitos do Mestre, naquele momento em que deveríamos, aquinhoados pela mercê do Rabi, concitar à paz e ao arrependimento, um Espírito que, somente «à força da oração», poderia modificar-se. Silenciava o apóstolo da mensagem espírita em terras baianas no passado, quando deu entrada na sala o irmão Glaucus, que se fazia acompanhar do Dr. Teofrastus e dos dois guardiães que, com permissão dos Instrutores, ficaram postados à porta do recinto, pelo lado exterior.» (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 10)

“TÉCNICA DE LIBERTAÇÃO. [...] A princípio, Ricardo apresentava-se receoso, agitado, movimentando-se de um para outro lado e olhando a presa com rude expressão de cólera. Na tela mental ouvi o Benfeitor convidar-me à necessidade de união psíquica, em prece a Jesus, objetivando o atendimento aos envolvidos na trama do sofrimento que para si mesmos haviam

engendrado. A operação que ali se realizou, escapou-me. Deduzi que o Amigo Espiritual, mediante a ação do pensamento identificado com o Mestre, canalizara reforços de energia superior para o recinto, modificando a psicosfera ambiente que afetou o inimigo de Julinda. Vi-o lentamente aquietar-se e percebi que entrou em reflexão, ao império das ondas mentais que o atingiam. - Agora poderemos ir levando-o conosco, no estado de sono de que será acometido, dentro em pouco. “Começando a pensar, afrouxar-se-ão os vínculos de tensão e ele cederá ao repouso, que nos propiciará trasladá-lo sob indução hipnótica. “A nossa não é uma atitude de violência ao seu livre-arbítrio. No entanto, se desejamos auxiliar Julinda, somos convidados a socorrê-lo primeiramente, porque a sua insânia de hoje resulta de dores vigorosas de que padece desde antes, ocasionadas pela invigilância dela... “Magnetizado o ambiente e porque não mais acostumado a uma psicosfera menos densa, diminui-lhe a fixação do ódio, permitindo-lhe retroceder no tempo, inconscientemente, e sentir saudades da paz... “Teleguiado pelo nosso pensamento, ele sairá sem despertar suspeita nos vigilantes deixados por Elvídio e assim o conduziremos à Casa Espírita.” Assim sucedeu. Totalmente adormecido, sem levantar suspeição, Ricardo foi conduzido, psiquicamente, pelo Mentor à Casa Espírita, na qual o irmão Genézio Duarte nos aguardava, adrede-me cientificado que fora, para as operações que ali deveriam suceder a partir daquele momento. A sessão mediúnica, propriamente dita, ia ter início.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 25)

“O irmão Arnaldo fez uma pausa oportuna e, ante o silêncio e a atenção dos ouvintes, prosseguiu: - Pelo que me narrou, sucintamente, o caro amigo, peço licença para não descartar a hipótese de obsessão, no quadro da enfermidade da sua jovem senhora. Com isto, não nos atrevemos a negar o acerto do diagnóstico médico, tanto quanto do tratamento que a mesma vem recebendo. Muito interessado no esclarecimento, Roberto, por sua vez, interrogou: - Em se tratando de uma interferência espiritual, conforme a sua propositura, como veio ela melhorar, se outra não foi a terapia acadêmica, que lhe tem sido aplicada? Numa conversação edificante qual aquela, que objetivava resultados superiores, o tema fluía sob inspiração, conduzido e canalizado para os fins que o Mentor planejava. Assim então, sintonizado na *faixa mental* do Dr. Bezerra, o irmão Arnaldo respondeu: - A ação dos Bons Espíritos não se dá apenas, como é óbvio, quando nas reuniões espíritas específicas. O amor de Deus não tem limite e a Sua misericórdia manifesta-se das formas mais variadas, de que esses Mensageiros da Luz não poucas vezes fazem-se intermediários. Uma prece ungida de amor; um pensamento de piedade ou de real interesse por alguém; uma atitude socorrista; um gesto

de bondade atrai, entre outras manifestações de ajuda fraternal, os Espíritos Superiores, que nos guiam e amparam, facilitando-nos a tarefa de crescimento para Deus. “No caso em tela, as orações sinceras de alguém, suplicando auxílio, certamente atraíram a atenção do Senhor, facultando o desencadeamento de todo um trabalho que foi realizado além dos limites do mundo objetivo, corporal. “A vida é de natureza espiritual e o homem é um Espírito encarnado, cujo mundo verdadeiro, donde procede e para onde retorna - mundo causal é o *parafísico*, utilizando-nos de uma expressão ora em voga. “Assim, a vida verdadeira é a espiritual, sendo a física uma cópia ainda grosseira ou, pelo menos, imperfeita, daquela que é a real. “Grande parte das atividades que cercam a criatura humana, lá tem curso e se desenvolve, por ser um mundo pulsante, com leis e organizações, com vida plena, enfim... “Acredito que a ajuda ministrada à senhora se desenvolveu além da esfera física, sob salutar comando, desembaraçando-a das energias viciosas ou libertando-a de alguma interferência constritora, obsessiva, de qualquer adversário espiritual...” - Parece-me lógico - interferiu a senhora Angélica -, considerando-se o fato de que, além de rogar a Jesus pela minha filha, passei a suplicar ao Dr. Bezerra de Menezes, de quem muito tenho ouvido falar, inclusive pela nossa Cibebe, que a socorresse, que nos auxiliasse. A partir de então e especificamente numa das noites do Carnaval, pedi, em lágrimas, a sua intermediação junto ao Mestre, deixando-me dominar por estranho e agradável bem-estar. “Após a prece, adormeci e sonhei com a minha filha, numa confusa situação constrangedora, despertando, porém, com serenidade e muita confiança interior. (6) [(6) Vide *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Parte II. Capítulo VIII. Questões 400 a 418. (Nota do Autor espiritual)] “Posteriormente, numa mesma noite, tivemos sonhos idênticos, Roberto, Cibebe e eu... “Seriam estes sonhos, algo de real?” - Enquanto dorme o corpo - elucidou, seguro - o Espírito desprende-se parcialmente da matéria, qual encarcerado que anela pela liberdade, ampliando as suas faculdades, percepções, indo encontrar-se com pessoas ou em lugares onde gostaria sempre de estar. Nessa situação toma conhecimento de ocorrências e fatos, registrando impressões de acontecimentos pouco habituais e participando de atividades próprias aos sítios nos quais se encontra. Tem oportunidade de trabalhar ao lado dos Benfeitores da Humanidade, pelo progresso pessoal e o da Terra, conforme o próprio grau de adiantamento, nem sempre se recordando quando desperta no corpo, das ocorrências e sucessos de que participou. “Muitos cientistas, artistas e pensadores, que ofereceram ao mundo os contributos valiosos para o progresso, aprenderam, antes do berço, quando em Espírito desprendido da matéria, o que mais tarde se recordam e lutam a fim

de realizar. Outras vezes e mesmo nos casos referidos, quando parcialmente liberados do corpo pelo sono, estudam e laboram em *inventos e produções* que depois recompõem na esfera física, auxiliando e promovendo a evolução da Humanidade. “O inverso também ocorre, no que diz respeito aos que cultivam as paixões primitivas, deslocando-se na direção de regiões e mundos inferiores, moral e intelectualmente, onde dão campo às tendências grosseiras, aí participando de espetáculos deprimentes e infelizes, nos quais se comprazem com aqueles que lhes são semelhantes, afins. “O sono, considerado uma forma de morte breve, propicia aos homens continuarem em contato com o mundo espiritual donde procedem, de certo modo, recordando-os das suas origens. “Nem sempre, porém, guardamos a consciência do que sonhamos. Seja porque não nos convenha lembrar, havendo um automático bloqueio da memória, seja em razão da própria condição material um tanto grosseira, que nas pessoas menos adestradas impede a lucidez das ocorrências, entorpecendo-a.” Silenciando por breve momento, aduziu. - No caso em pauta, acredito que a Senhora Angélica, após orar, foi levada, em Espírito, a visitar a filha, ali mantendo um encontro com ela e tomando conhecimento dos sucessos que lhe estavam programados por algum Espírito Bom. “Acredito mesmo, que a sua oração sincera atraiu o Espírito Bezerra de Menezes, que a deve ter auxiliado, passando a assistir a enferma, quanto a sua família, propiciando nova reunião, como é comum, para estudo e solução da problemática afligente. “Como se depreende, não se torna imprescindível a ação física unicamente, para que se colimem os efeitos morais, espirituais positivos. O intercâmbio entre Espíritos encarnados é muito grande, na esfera dos sonhos e muito maior, destes com os desencarnados.” Apesar de o irmão Arnaldo ser conhecedor da Doutrina Espírita e homem esclarecido intelectualmente, naquele momento encontrava-se muito inspirado pelo abnegado Mentor, que o induzia a encaminhar as questões de modo a aclarar o “caso Julinda e família” de forma otimista e confortadora. - O senhor tem razão - retrucou Dona Angélica -. No segundo sonho, eu tive a impressão de reencontrar Juvenício, que se me afigurava muito atuante, na solução da enfermidade de nossa filha. Demais, a coincidência de Roberto e Dona Cibele experimentarem as mesmas impressões, naquela noite, leva-nos a concordar com os esclarecimentos que o amigo nos traz.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 30)

“Dr. Bezerra deu curso a uma anamnese profunda no organismo físico do paciente, anotando as anomalias que o Espírito plasmara no corpo, por ensejo da reencarnação e, após o demorado exame, cujos detalhes não pude acompanhar, elucidou: — Na pauta do tratamento que nos cabe aplicar ao Carlos, verificamos

algumas ocorrências que nos parecem irreversíveis, como expiação necessária em face dos anteriores delitos perpetrados... No entanto, conforme seja da Divina Vontade, é provável que ele venha a recuperar expressiva parcela da lucidez, retornando à realidade objetiva, de forma que possa viver sem mais grave dependência da mãezinha, adquirindo recursos para programar um futuro melhor, feliz, em relação ao quadro no qual se encontra incurso. Não será um labor fácil; todavia, a tentativa é muito valiosa e oportuna. Confiemos em Deus e esforcemo-nos. — Não aspirava a tanto — concordou, comovido, o pai do enfermo. — Venho anelando que lhe sejam diminuídas as sevícias de que padece, os temores que o subjugam na catatonía, as alternâncias de humor, que maceram a mãe. Alguma alteração para melhor, seja qual for, significa uma conquista a que ainda não fazemos jus, sendo acréscimo de misericórdia do Pai, que buscaremos honrar. — Iniciada a terapêutica desobsessiva — acrescentou o Médico abnegado — através da transmissão de fluidos restauradores do equilíbrio, desde ontem, teremos hoje o primeiro confronto no Grupo onde se dará o tratamento que ele requer, após concluídos os serviços habituais, na sua primeira fase. Desse modo, o irmão Empédocles levá-lo-á em desdobramento parcial, graças ao sono físico, a fim de participar do trabalho de urgência que a nossa Emerenciana tem estabelecido. Enquanto isto, deve ele receber assistência fluidoterápica quatro vezes ao dia, objetivando-se desencharcá-lo das energias que o intoxicam. A presença dos guardiães impedirá a movimentação dos Espíritos vulgares que se comprazem em piorar as situações emocionais dos obsessos.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 11)

“À hora convencional rumamos, o Mentor e nós, aos labores com a nobre Emerenciana, que daria curso à assistência aos adversários espirituais de Carlos. Conforme sucedera nos serviços já referidos, foram trazidos, em desdobramento pelo sono, os médiuns adestrados, e o amigo Empédocles se encarregou de conduzir o filho ao recinto. Felinto, sempre solícito, permaneceu conosco, aguardando poder ser útil em qualquer oportunidade. Iniciada a reunião, após as providências de defesa, e proferida a prece pelo Dr. Bezerra, a Diretora mandou que trouxessem o irmão infeliz que se caracterizava de Exu, ali havendo recuperado a forma e mantido em internamento para a etapa que ora se realizava. Adormecido, apresentando ainda algumas compreensíveis deformações, foi conduzido ao médium de psicofonia e logo despertado pela hábil coordenadora da tarefa. Denotava cansaço e alguma turbção psíquica, defluentes dos fluidos tóxicos largamente ingeridos e cuja eliminação abrupta produzira-lhe o esvaziamento interior, embora só a longo prazo viria libertar-se totalmente. Com voz

pausada, a Benfeitora trouxe-o à atualidade e explicou-lhe: — Sabemos das razões do teu suplício e aqui estamos para ajudar-te. Filho de Deus que és, quanto também o somos, chega o momento da tua renovação e compreenderás a sabedoria da Justiça Divina. Antes, porém, recua no tempo e volve à senzala, ao poste de sacrifício. Recorda... O sofredor cerrou as pálpebras do médium e caiu em pranto de dor e de revolta, impossibilitado de falar. Concomitantemente, Dr. Bezerra aplicou o mesmo recurso em Carlos, que voltou à forma arrogante, que o infelicitara e de cujos efeitos agora padecia. Percebendo a ocorrência, o Sr. Empédocles, registrando a chegada da mãe adotiva do passado, autossugestionou-se e volveu à infância, quando os pais haviam sido sacrificados pelo infeliz senhor. Composta a cena por força ideoplástica modeladora que recompunha o passado, dois auxiliares trouxeram a antes atormentada genitora da criança, libertada da configuração a que se entregara na sede implacável de justiça arbitrária. Esta foi levada ao outro médium de cujas faculdades deveria utilizar. Igualmente convidada ao antigo cenário, ali reconstituído, assumiu a personalidade na qual se desencadeara a pugna selvagem. Dando-se conta do que ocorria, pois que se recordou dos últimos trabalhos nos quais reencontrara o filhinho, marejou os olhos de pranto, num misto de alegria e de saudade do ser querido. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 16)

“A providencial misericórdia de Deus dispõe de recursos inumeráveis para alcançar os fins a que se destina. Não obstante, conjugando-se os esforços, em ambos os lados da vida, mais eficientes e rápidos são os resultados, ensejando, ao mesmo tempo, às criaturas encarnadas, o conhecimento da realidade, de ultra tumba e a aquisição de valores pela ação da caridade desenvolvida. No que respeita ao compromisso que os Bons Espíritos assumem nesses valiosos empreendimentos, são investidos, ao máximo, a sua dedicação, a sua assistência e conquistas morais imprescindíveis para a regularização da contenda entre os adversários em luta. Foi, desse modo, providencial a decisão da Benfeitora, destacando especialistas em fluidoterapia, auxiliares para permanecer nos lares dos doentes, que lhe forneciam constantes resultados em tomo do andamento do processo ou quaisquer outras ocorrências que lhes diziam respeito. Assim, acompanhávamos, através de Felinto, o que sucedia com os amigos em tratamento. Carlos, no dia imediato ao deslindamento de José Manuel, já liberado da constrição da mulher-mãe, que o desculpou no primeiro encontro, e graças às energias que recebia dos passistas espirituais, despertou muito bem, com humor relativamente renovado e otimista até certo ponto. A mãezinha não pôde sopitar a agradável surpresa, logo atribuindo aquele resultado à dedicação da irmã Emerenciana. Embora

não compreendesse como sucedia o tratamento do rapaz, teve a certeza do seu benefício, redobrando de entusiasmo íntimo e formulando plano para sensibilizar o filho em favor dos valores da vida espiritual. O Sr. Empédocles, que anotara na melhora do rapaz, passou a induzir a esposa ao diálogo oportuno. A senhora utilizou-se, pois, do ensejo e, após o café matinal, numa conversa em que aparentava despreocupação, referiu-se: — Há alguns dias visitei uma casa de Caridade espiritual, que me foi recomendada, em busca de conforto moral e de paz. Desde que Empédocles partiu, que adicionamos à saudade a solidão e o sofrimento. A nossa religião afirma que a vida continua e eu creio nessa verdade. Assim, refleti, muitas vezes: “Se ele prossegue vivendo, acompanha os nossos sofrimentos. Como foi um homem justo e bom, onde quer que esteja, e sei que estará em um lugar de bênçãos, ele não ficará indiferente às nossas aflições. Como, porém, saber o que ele nos pode oferecer, ou o que deveremos fazer?” Assim, recorri a um senhor que é médium e tive uma entrevista com o seu Guia Espiritual, que, segundo penso, corresponde ao nosso Anjo da Guarda. — Mamãe! — exclamou o filho, surpreso. — A senhora não está metendo-se com essas coisas, pois não?! Elas são muito perigosas! — Inicialmente, eu também pensava assim — redarguiu, serena e inspirada pelo marido. — Fui receosa, mas necessitava de fazê-lo. Era como se uma força superior me impelisse a tanto. Desacostumada àquele gênero de culto, senti-me um tanto confusa, no começo. Logo após, observando as reações fisionômicas dos que consultavam o médium, fui-me tranquilizando. Quando chegou a minha vez, orei com fervor, suplicando o divino auxílio que não me foi negado. O médium falava de uma forma tão real que eu podia sentir que ali defrontava, pela vez primeira, o mistério da sobrevivência. Era ele e não o era. A sabedoria e acuidade dos conceitos, o conhecimento do meu problema, tudo me indicava estar tratando com um Espírito de Luz portador de esperança e de paz. — E que foi a senhora fazer? — Pedir ajuda para nós... A sua doença assim tão complicada... O rapaz mergulhou em cismar demorado, após o que disse: — E curioso tudo isso. Antes eu sofria pesadelos que não me davam trégua, toda vez que adormecia, raramente repousando. Durante estes dias, porém, houve uma diferença. Os sonhos continuaram, mas não me desequilibraram. Sentia-me num tribunal sendo julgado por crimes horrendos de que na hora eu me recordava. A acusadora era uma mulher-demônio; depois foi um homem-satanás. Diziam que eu os matei e o mesmo fizera a seu filho. Dentro de mim eu sabia que era verdade, apesar de agora não me recordar. Houve uma discussão forte, mas não agressiva, e ela me perdoou. Noutra noite, foi a vez do homem, que terminou por fazer o mesmo... As pessoas

do tribunal, juízes e advogados, eram benignas, sérias e muito justas. Nas vezes em que tal ocorreu, papai estava presente e intercedia por mim... Recordo-me bem de uma senhora negra e idosa, jovial e bondosa, que me sorria, me defendia e me amparava com um outro ser de barbas venerandas e incomparável doçura no olhar, na face, na voz... — São eles, meu filho. Louvado seja Deus! — Eles, quem? — Os Espíritos Bons! A senhora idosa e negra é a irmã Emerenciana. Guia do médium com quem eu falei e me prometeu auxiliar. Os outros eu não sei quem são, mas tenho certeza que são anjos do bem. A senhora levantou-se, abraçou o filho e ambos choraram. — Vamos lá hoje, meu filho - pediu-lhe, emocionada, a senhora Catarina. — Tenho medo, mamãe. Eu sou um louco e posso ter uma crise...— Você não é louco. Está enfermo, é certo. Se vier a crise, lá é o lugar ideal. Ademais, com a proteção de Deus nada nos sucederá. Não percamos a oportunidade que nos chega em festa. O pai envolveu o enfermo numa onda de coragem que o renovou. Carlos, estimulado pela vibração positiva, anuiu, afirmando: — Iremos, sim, e se for como a senhora diz, passaremos a frequentar a Casa. — Graças a Deus! Este é o filho querido que estava dormindo e os clarins divinos o despertaram outra vez para a vida. Após uma ligeira pausa, ela acrescentou: — Procure fazer algo que lhe preencha os espaços mentais, a fim de que nada venha a perturbar os nossos planos. Leia algo bom, a Bíblia, o Novo Testamento, meu filho, isto mesmo, enquanto eu cuido da casa. A alegria irrompeu naquele lar onde o sofrimento se agasalhava por trás de uma cortina de sombras. À noite, no horário das consultas, vimos adentrar-se o Sr. Empédocles e os cooperadores trazendo dona Catarina e Carlos para a entrevista com a Benfeitora.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 17)

“Terapia desobsessiva. O Dr. Arquimedes examinou detidamente o enfermo sob a cruel obsessão corporal e compreendeu que a sua remoção era mais viável sob o parcial desdobramento pelo sono, o que se propôs produzir mediante indução hipnótica, a cargo do amigo Germano que, convidado a operar, prontificou-se de boa mente, aplicando-lhe energias no chakra cerebral, entorpecendo-lhe a consciência a pouco e pouco. Percebi que a sua agitação mental cedeu lugar à calma, enquanto era delicadamente desdobrado da organização somática. O adversário implacável detectou a operação por experimentar as ondas psíquicas do magnetizador, mas não teve tempo de opor-lhe resistência. A imantação com o seu hospedeiro fazia-se tão completa que um assimilava as emoções do outro em intercâmbio contínuo. A outra entidade, porque frívola e aproveitadora, foi afastada por meio de choques aplicados pelo nosso mentor, desligando-se do aparelho genésico do paciente, que lhe sofria a injunção covarde. A seguir, fomos convidados a fixar

o pensamento no obsidiado e no seu obsessão, formando um grupo interligado, e sob o comando do Dr. Arquimedes deslocamo-nos da residência em direção do núcleo de atividades, utilizando-nos do recurso valioso da volição. Em ali chegando, o paciente foi colocado sobre uma cama de campanha, muito simples, enquanto o seu verdugo permaneceu amparado e em sono profundo. - Precisamos de recolhimento e oração - esclareceu o psiquiatra operoso. Ele próprio, sob forte emoção, suplicou o divino auxílio em exortação fervorosa, cuja resposta fez-se imediata, mediante um jorro de suave luz de cor alaranjada, procedente do Alto, que a todos nos envolveu completamente. Petitinga foi convidado à doutrinação do inimigo desencarnado. Fazia-se necessária a autoridade moral para dialogar com o rebelde, e o nobre companheiro de lide espírita possuía-a em elevado nível. Enquanto Germano libertava o indigitado perseguidor do transe hipnótico, ele recuperou a consciência e, identificando o círculo composto por Espíritos lúcidos que lhe limitariam os movimentos, explodiu, colérico: - Não posso concordar com a covarde situação em que me encontro exposto. [...] Você nutre-se das suas energias e tornou-se-lhe um parasita psicofísico, nisso comprazendo-se e dependendo desse alimento. A hospedagem, porém, está perto de extinguir-se ante a próxima consumpção orgânica pela morte que dele se acerca, separando-os mesmo que contra a sua vontade. [...] A minha mente, fixada na sua, criou raízes vibratórias muito fortes, facultando circular as ondas de energia que emito pelos seus neurônios e sistema nervoso, permitindo-me pensar nele e receber o ricochete do seu pensamento em mim. Somos interdependentes agora, não havendo possibilidade de liberar um sem causar danos irreversíveis no outro. Se tentar arrancar os meus tentáculos psíquicos da sua miserável usina mental, ele enlouquecerá imediatamente, além do que já se encontra. Não há, portanto, alternativa. O socorro, que ele não merece, chega tarde demais. [...] Não discutiremos, argumentando com lições que você conhece de sobejo. Soou o momento, no qual, com o seu consentimento ou sem ele, a Divindade irá interferir, liberando-os, um do outro, responsáveis que são pelos padecimentos que se têm infligido. É conveniente que você se resolva pela conquista da paz, do progresso, avançando para o futuro, desamarrando-se do passado inditoso. [...] O rosto enrubescera de cólera e todo ele tremia. Podia-se notar-lhe os tentáculos constituídos pelas vibrações de rancor que se exteriorizavam do seu cérebro perispiritual fixados no do paciente... Eram fios tênues, elaborados pelas energias carregadas de sucessivas irradiações de vingança, uns exteriorizando cores quentes, que denotavam o vigor pernicioso, e outros escuros, densos, como se fossem de tecidos materiais... Embora separados, o obsidiado

experimentava os choques produzidos pelo volume do ressentimento emitidos pelo seu adversário, abalando-o e desorientando-o. O vigilante instrutor aproximou-se mais de Laércio e começou a entorpecê-lo com passes específicos, enquanto Petitinga dialogava com o seu verdugo. Poucos momentos transcorridos e o paciente voltou a dormir, estorcegando em convulsões semelhantes às produzidas pela epilepsia, que eram resultado das descargas vibratórias produzidas pelo antagonista consciente do que proporcionava. - Teremos que proceder a uma cirurgia perispiritual em nosso enfermo - transmitiu-nos mentalmente o orientador - logo após encerrada a doutrinação de Jean-Jacques. [...] Carinhosamente conduzido por Ângelo e Germano a outra cama adrede colocada no recinto, permaneceu adormecido, enquanto Laércio, o antigo verdugo, igualmente foi conduzido ao sono reparador. Observei que os laços fluidicos que ligavam aqueles Espíritos através dos seus corpos perispirituais, haviam diminuído de intensidade. Dr. Arquimedes convidou Germano ao delicado processo cirúrgico de extirpar do cérebro perispiritual as matrizes e, por consequência, também do físico do enfermo reencarnado, utilizando-se de instrumentos que eu desconhecia que me faziam lembrar algumas pinças cirúrgicas, em que se fixavam os fios de energia perniciosos. O tratamento libertador prolongou-se por alguns minutos e, à medida que eram liberados os condutos psíquicos do ódio, eles se desfaziam, ao tempo em que eram absorvidos para o interior da mente do desencarnado. Ambos os pacientes espirituais, de quando em quando, experimentavam frêmitos decorrentes da separação psíquica pelas energias que antes os fixavam um ao outro. Laércio parecia mais enfraquecido, porque, de alguma forma, o fluxo vibratório que absorvia, embora de qualidade perturbadora, sustentava-lhe a própria energia. Enquanto isso, o emissor dos fluidos tóxicos apresentava-se envolto em sucessivas ondas deletérias que procediam do viciado campo mental. Terminada a operação, coube ao amigo Germano aplicar no vingador passes dissolventes das densas cargas enfermigas, de maneira que a fonte geradora deixasse de produzi-las, conforme o automatismo que lhe fora imposto pela pertinácia do ódio... Três horas após o início do ministério de socorro, Laércio foi levado de volta ao lar físico, onde se encontrava entorpecido pelo sono induzido, enquanto o seu adversário seria, logo depois, encaminhado à nossa colônia para o tratamento prolongado de que necessitava. [...]” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 12)

“Geralmente, a caça a obsessores mui trevosos é levada a efeito por entidades espirituais pouco evoluídas, conquanto já regeneradas pela dor dos remorsos e pela experiência dos resgates, ansiosas pela obtenção de ações meritórias com que adornem a própria

consciência, ainda tarjada pela repercussão dos deméritos passados (1). **[(1) Os médiuns bastante dedicados à Causa, e cujas experimentadas forças morais e psíquicas lograrem possibilidades, igualmente prestam tais serviços, durante o sono noturno, que os instrutores espirituais tratam de aprofundar quanto possível.]** Efetuam-na, porém, invariavelmente, sob direção de entidades instrutoras mais elevadas, subordinadas todas a leis rígidas, invariáveis, as quais serão irrestritamente observadas. Essas leis são, como bem se perceberá, as normas divinas do Amor, da Fraternidade e da Caridade, que obrigarão os obreiros em ação às mais patéticas e desvanecedoras atitudes de renúncia e abnegação, a fim de que não deixem jamais de aplicá-las, sejam quais forem as circunstâncias. Muitos desses operadores possuem método próprio de agir e os instrutores responsáveis pelo trabalho deixam-nos à vontade dentro do critério das leis vigentes, tal como a equipe de professores que ensinasse letras, ciências, etc., mantendo cada um o seu próprio método, embora observando todas as leis da pedagogia ou do critério particular de cada matéria. O meu jovem assistente era entidade amável e humanitária, que fora médico abnegado em sua última peregrinação terrena, e portadora de fina educação social, visto que pertencera a uma estirpe de nobres europeus. Como Espírito não se especializara propriamente em casos de obsessão. Especializara-se, todavia, em casos pertinentes ao suicídio, como resgate, ou reparação, de um passado em que igualmente se arrojara a tão nefasto abismo, razão pela qual o víamos agora envolvido no caso de Leonel. De outro modo, tão amorável e atraente se mostrava essa entidade, tão cativante a sua simpatia pessoal que frequentemente eram requisitados os seus serviços, pelos tutelares do Invisível, para missões de catequese entre Espíritos em geral e também entre obsessores, os quais mais ou menos o acatavam, dispondo-se às suas advertências conselheiras. Todavia, nem sempre a irradiante bondade desse jovem seria suficiente para deter os arremessos do ódio obsessivo. Necessárias se tornariam, por vezes, medidas outras, incompatíveis com a doçura do seu caráter. Então dispúnhamos de individualidades da categoria de Peri, a qual, bondosa e incapaz de arbitrariedades, exercia a energia militar sempre que necessário como antigo chefe de hordas guerreiras da Arábia, que fora em existência remota e, mais tarde, como cacique da tribo dos Tamoios (2). **[(2) O nome Peri encobre individualidade espiritual Indígena, que não desejamos identificar, já reencarnada. Sua existência nas matas brasileiras traduz estágio de repouso e esconderijo, necessários para se furtar às continuadas perseguições obsessoras que, como antigo chefe de tribos árabes guerreiras, adquirira com as atrocidades**

praticadas. Não seria, portanto Espírito primitivo, como também acontecia com muitos outros índios brasileiros e escravos africanos no Brasil.]

Acresce a circunstância de que as entidades obsessoras tão materializadas permanecem dentro da própria inferioridade de princípios, tão vinculadas ao mal se deixam ficar que, a fim de servi-las, auxiliando-as a se deterem no declive em que resvalam, nos obrigaremos a desempenhos assistenciais igualmente materializados, assaz grosseiros para um Espírito. Tratar com tais vultos será como tratar com homens rudes, inferiores de caráter, embaraçados no apoucamento das paixões e dos preconceitos. Peri era especializado em tarefas tais e possuía métodos particulares, os quais aplicava com eficiência, sempre que necessário. Trazia às suas ordens pequeno pelotão de auxiliares, que, obedecendo-lhe fielmente, tais os milicianos ao seu general, junto dele desempenhavam concurso valioso de proteção ao próximo, enquanto, assim agindo em defesa dos mais fracos, reparavam deslizos graves de um passado reencarnatório remoto, como explicamos para trás. Dadas que foram ao meu assistente recomendações convenientes, retirei-me para a Espiritualidade, a fim de melhor me orientar sobre as atitudes a tentar em benefício das personagens desse drama que se me afigurava profundo.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 4)

“A ação de Roberto para retirar os dois suicidas — pai e filha — do teatro dos acontecimentos, ou seja, do seu próprio lar, destacou-se pela suavidade da prática e espírito de piedade. Não ignorava ele que, em torno de uma individualidade impenitente, desencarnada ou não, voluteiam entidades viciosas e perturbadoras, mas que também se encontram influências amorosas de amigos da Espiritualidade, afeições ternas, de preferência uma mãe, um pai, um amigo dedicado, almas outras, prestativas e sinceras, prontas a intervirem beneficiando aquele que lhe foi caro, desde que o momento se lhes torne propício. Apelou, portanto, para o auxílio do Espírito já esclarecido da genitora do suicida, dela solicitando concurso valioso para a missão de fraternidade que se impusera, a par de outras entidades votadas, permanentemente, ao gênero de serviço. Por sua vez, Peri reunia seus milicianos árabes — pois os desencarnados também podem organizar “milícias” para os serviços do Bem, se lhes aprouver —, com eles cercando a residência em questão, como o fariam autoridades terrestres, a fim de evitarem quaisquer

sortidas desagradáveis por parte dos obsessores, que poderiam querer evitar a partida das suas vítimas, dada a hipótese de poderem perceber a movimentação que se seguiria.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 7)

II.8. Revolta e ataque dos obsessores contra os trabalhos de desobsessão – Afastamento dos obsidiados^{11,12}

“Programação redentora. No desdobramento das tarefas habituais, através das quais eram mantidos os contatos com os Benfeitores Desencarnados, nas sessões especiais, hebdomadárias, recebíamos esclarecimentos e informações, através das quais os irmãos Saturnino e Ambrósio nos davam elucidações minudentes dos acontecimentos transcorridos na Esfera Espiritual, quando dos labores abençoados de que participávamos, conquanto a nossa condição de encarnados no domicílio orgânico. Dessa forma, inteiramo-nos dos detalhes da operação fraterna junto ao Dr. Teofrastus e a Henriette-Marie, assim como dos fatos precedentes. [...] Desde que fora iniciado o processo desobsessivo de Mariana, recebêramos advertência no sentido de manter as ligações psíquicas com a Espiritualidade Superior, de modo a nos acautelarmos das ciladas dos Espíritos menos felizes que, surpreendidos pelas incursões que se fariam nos seus domínios, seriam concitados à agressão por todos os meios possíveis, numa tentativa de obstar o labor abençoado ora em execução. Considerando as altas responsabilidades que nos diziam respeito, buscávamos corresponder à expectativa dos Mentores, esforçando-nos por oferecer, pelo menos, a quota da oração, do pensamento otimista e o espírito de abnegação, dedicando-nos ao mister espiritual com alta dose de entusiasmo e fé. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 10)

“As agressões. Para o espírito decidido, a tranquilidade de consciência, ante o dever retamente cumprido é o melhor prêmio que ele pode oferecer a si mesmo. Esse era o estado que nos dominava, enquanto estavam em curso as tarefas a que os problemas da família Soares nos convocaram e que, por mercê de Deus, fôramos honrados pela oportunidade de servir. [...] Sem dúvida, sentíamos a fragilidade das nossas fracas forças e buscávamos na prece o refúgio, e na

11 Vide Subcapítulo II.6 (“Ataque de entidades perturbadoras às reuniões espíritas”), Capítulo II (“Reuniões espíritas gerais”), Sexta Parte (“Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

12 Vide Subcapítulo VI.9 (“Características e atividades das colônias e organizações do mal”), Capítulo VI (“Planos ou esferas espirituais inferiores”), Quinta Parte (“Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

meditação o refazimento, haurindo energias e vitalidade para atravessar bem os dias do trabalho superior no qual nos encontrávamos e, cujo êxito, em grande parte dependia da contribuição que pudéssemos oferecer. Com muita propriedade se assevera que a insegurança de uma muralha está na pedra que se encontra mal colocada; arrancada esta, mais fácil se faz conseguir-se deslocar outra, e assim sucessivamente. Pairando sempre sobre todos nós o Espírito do Senhor, convinha-nos e nos convém não desfalecer na luta. Com tais pensamentos irrigando-nos a mente, no encontro imediato à excelente entrevista mantida com o irmão Teofrastus, pela psicofonia cristalina do médium Morais, o Benfeitor Saturnino elucidou-nos de que as operações espirituais em andamento, com o consequente deslocamento do diretor do Anfiteatro, em breve se refletiriam entre os demais componentes dos diversos Grupos de Espíritos Infelizes ligados ao mal, de maneira negativa, e que, logo se refizessem do choque, arremeteriam violentos, tentando uma revanche injustificável, perniciosa e de resultados para eles sempre mais danosos. Convinha que nos mantivéssemos nos padrões do Cristo para, resguardados, por nossa vez resguardarmos os resultados superiores da empresa da luz. Devidamente esclarecidos e também fortificados, continuamos nas tarefas habituais da propaganda espírita, quando, uma semana depois, começamos a experimentar, quase todos nós, os encarnados participantes do labor abençoado, singular melancolia e alguns traços de irritabilidade no comportamento... Não ignorávamos que algumas das técnicas de que se utilizam os perseguidores de encarnados atormentados que buscam o concurso do Espiritismo são, em diversos casos: o aumento da agressão às suas vítimas a fim de lhes darem ideias falsas de que a frequência às sessões lhes acarretaram maior dose de sofrimento, inspirando-as a debandarem, após o que, então, cessam de inopino a constrição obsessiva, fazendo crer que a melhora decorreu do abandono àqueles compromissos repentinos, para voltarem mais ferozes, mais cruéis, mais implacáveis quando tais pacientes, invigilantes quase sempre, lhes favorecem o campo fisiológico e psíquico com recursos adequados à continuação dolorosa da perseguição insana. De outras vezes, agem de maneira bem característica: logo que seus clientes começam a honesta participação no estudo e na tarefa espiritista da própria libertação, seja porque a modificação no campo mental lhes impede o intercâmbio com a mesma facilidade, seja por tática de estratégia belicosa, afastam-se temporariamente os perseguidores, permanecendo, porém, em contínua vigília; os incautos, logo experimentam a falsa libertação, reconhecem a desnecessidade do conhecimento clarificador e se dizem comprometidos com programas sociais e de outra ordem, transferindo para o futuro os

deveres espirituais e partem, lépidos, a gozar... Afir-mam-se reconhecidos ou consideram a coincidência da cura, exatamente quando passaram a examinar o problema sob a luz do Espiritismo, mas lamentam as circunstâncias que os obrigam a um temporário afastamento... Quando a questão já lhes parece vencida, sem que as dívidas tenham sido necessariamente resgatadas, desde que nada fizeram por corresponder à confiança da Vida, eis que os verdugos perseverantes que os seguem retornam vigorosos e mais constrin-gentes se fazem com altas doses de fereza, sem que os obsidiados contem com quaisquer recursos a seu favor, considerando que nada providenciaram para a hora da aflição e do desconforto... Não desconhe-cíamos que em todo processo de desobsessão, se a vigilância, a oração e o jejum moral são condições essenciais, o otimismo e o bom-humor não podem ser relegados para trás. Tristeza é nuvem nos olhos da saúde e irritabilidade é tóxico nos tecidos da paz... Contudo, experimentávamos certas sombras psíquicas investindo insistentes, constantes. Convocados a uma reunião extraordinária, a palavra de Saturnino, sempre pronta e luminosa, veio em nosso socorro. Como tudo são lições e a aprendizagem tem maior valor quando o aluno é coparticipante do ensinamento, nele atuando, o venerável Benfeitor nos admoestou bondosamente, conclamando-nos à «resistência contra o mal», do en-sinamento evangélico, e corroborando a advertência anterior, de que as investidas da Organização logo se fariam sentir, conforme era de esperar. Levantássemos o espírito e marchássemos irmanados de ma-neira a nos sustentarmos uns nos outros, repetindo, ainda, cristianíssimo: «Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu Nome, eu com elas estarei», da inesquecível lição de São Mateus, no Capítulo 18, versículo 20. A oração em conjunto, a reunião de pensamentos, consegue a bênção da fra-ternidade e esta a do socorro recíproco. É muito fácil arrebentar-se uma vara isolada, mas não se pode fazer o mesmo a um feixe...” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 11)

“[...] Nesse comenos, Cândido passara a oferecer mais ampla assistência espiritual ao seu pupilo na Co-lônia. O enfermeiro, portador de sensibilidade, sabia-se interexistente, percebendo os comandos do Mundo Espiritual em direção às esferas físicas. Registrava pela intuição aguçada o drama precedente que envolvia os Ferguson e, simultaneamente, experimentava a prope-lência de Entidades Espirituais Superiores interessadas no auxílio ao hanseniano. Aprendera a transitar pelo fio da navalha entre os homens e os Espíritos, conse-guindo, pelas disciplinas morais e evangélicas a que se impunha, o êxito esperado em tarefas de tal rele-vância. Assim, deixava-se, docilmente, conduzir ao en-fermo e não se cansava dirimindo dúvidas, elucidando

interrogações, ampliando informes, oferecendo luzes novas ao entendimento limitado do amigo não afeito às reflexões espirituais. Lentamente, graças à lógica e robustez dos postulados espíritas, a par da quota despendida pelo expositor, em paciência e fraternidade, o Sr. Rafael assimilava a Doutrina Libertadora com a mente e os sentimentos, procurando incorporá-la ao dia-a-dia da existência. Naturalmente, ante os propósitos de modificação espiritual, os inimigos desencarnados aumentaram o cerco nos painéis mentais do antigo sicário, que, advertido antecipadamente pelo amigo e benfeitor, mesmo sofrendo, passou a armar-se com a vigilância e a prece. — Técnica soez nos problemas obsessivos — esclarecera Cândido em ocasião própria —, é a usança de artifícios falsos, de que se servem os perseguidores invisíveis, resguardados pela desencarnação. Quando o seu hospedeiro se volta para os propósitos superiores e se impõe aos princípios evangélicos de renovação, passam a agredir violenta, desapiedadamente as suas vítimas, a fim de fazê-las duvidar do resultado da terapêutica nova, induzindo-as à desistência, sob a alegação de piora no estado em que se encontravam. “Ao conseguirem desencorajar o candidato, dão-lhe trégua aparente, mascarando a sintomatologia infeliz e fazendo crer na melhora como decorrência do afastamento do compromisso recém-assumido. Quando o invigilante se supõe livre, eis que retornam os agressores mais solertes, vigorosos e pertinazes, dominando, inexoravelmente, os que lhes padecem a conjuntura perniciosa.” Perfeitamente compreensível que tal ocorra, tendo em vista que a melhor forma de escravizar alguém ainda é manietá-lo à ignorância, mantê-lo no obscurantismo no qual se transita sempre com dificuldades crescentes. Não obstante a forma como os irmãos infelizes do além-túmulo agem em relação às suas vítimas, também investem, simultaneamente, contra os que lhes distendem mãos amigas, provocando a irrupção de problemas no lar, no trabalho, na rua, com que objetivam descoroçoar o ânimo desses abnegados agentes da caridade e do amor. Atiram-lhes petardos mentais com que pretendem penetrar a fortaleza interior; inspiram desânimo; empestam a psicossfera de que se nutrem os lidadores da solidariedade; utilizam-se de pessoas frívolas, que lhes servem de instrumentos dóceis; despertam sentimentos contraditórios; açulam paixões... Tudo fazem por instalar a dúvida, criar áreas de atritos, impondo, quando possível, sucessão de acontecimentos desagradáveis. Programam conversações doentias e telecomandam comentários deprimentes, tais como: “todo aquele que se envolve com a prática do bem, somente recebe ingratidão”; “enquanto se trabalha no programa da caridade, as coisas dão para trás”; “embora ajudando-se com dedicação, não se recebe ajuda”; “os maus progridem e os bons, interessados na melhora e

progresso dos seus irmãos, sofrem, incompreensivelmente”... Alguns trabalhadores, pouco adestrados ao culto dos deveres de enobrecimento, agasalham essas ideias perturbadoras, deixando-se desanimar ou intoxicando-se pela revolta que delas decorre. Não lhes passa pela mente que todos mantemos vínculos de sombra com a retaguarda e que nos acontece somente o que merecemos ou a nossa insensatez engendra. As provações, em qualquer circunstância, constituem aprendizado valioso e desconto de títulos em débito, postos em cobrança no transcurso da oportunidade melhor com que mais facilmente se libera o homem das responsabilidades negativas, inditasas. Sempre bênçãos não podem ser tomadas à conta de punição ou experimentação divina para testar a frágil resistência humana... Outrossim, desde que ninguém jorna-deia à mercê do acaso, sujeito a ocorrências de dor e sombra sem que as mereça, fácil compreender-se que os credenciados pelo esforço pessoal ao serviço edificante recolhem maior quota de ajuda, conforme o ensino evangélico de que “mais recebe aquele que mais dá”. Naturalmente, os Benfeitores Espirituais, interessados na ascensão dos seus tutelados, veem, identificam as graves teceduras das redes de que se utilizam os maus, não ficando inermes nem os deixando à própria sorte. Enquanto sabem que toda aflição bem recebida produz conquista de relevo para quem a aceita de bom grado, reconhecem que a dor defluente da obra do amor propicia maior soma de aquisições, impulsionando com facilidade a sublimação dos propósitos e a liberação do passado. A pedra lapidada fulge e o pântano drenado se adorna de flores. Sem embargo, esses abnegados Mensageiros alentam os que com eles sintonizam; resguardam-nos do mal, induzem-nos à perseverança no trabalho da autoiluminação; sustentam-lhes a fé; promovem encontros circunstanciais edificantes; conduzem-nos a Esferas de luz e a Escolas de sabedoria, quando ocorre o desprendimento parcial pelo sono; dão informações preciosas; irrigam a mente que se torna fértil de ideias elevadas; produzem euforia interior... Não afastam, porém, os problemas nem as lutas, por saberem que, através de tais, melhormente se purificam e elevam... Como a Terra é também preciosa Escola, tudo se transmuda em ensinamento, em cuja conquista se devem investir todos os valores possíveis. Destarte, o combate agora se travava mais rigoroso, em face ao interesse dos inimigos do Sr. Rafael por mantê-lo encarcerado na animosidade, na ignorância de que se evadia à instância do Espiritismo. Da mesma forma, Cândido se revestia de maior vigilância, já que, no trabalho de socorro desobsessivo, direta ou indiretamente, aqueles que se envolvem são convidados a se preservarem em recato espiritual e prece, com cuidados especiais. Os mesmos ardis tenebrosos eram concertados pelos adversários

de Lisandra, que, todavia, ante a assistência direta da genitora, hauria forças morais, em considerando-se a sua hierarquia e ascendência espiritual.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 12)

“Terapia desobsessiva. [...] Conosco seguiram ao lar dos Ferguson outros trabalhadores desencarnados em estágio de serviço no “Francisco Xavier”, a fim de cooperarem na doutrinação das diversas Entidades não diretamente ligadas ao processo Ermínio-Lisandra e de outros verdugos que se locupletavam com a situação parasitária. O irmão Natércio tivera o cuidado de transferir da Sociedade Espírita imenso véu, de tecedura especial, com substância elaborada do lado de cá, que foi distendido sobre a residência como verdadeira cobertura sutil, cuja finalidade era impedir que retornassem os ociosos desencarnados ou errantes, em necessidades dolorosas, e assim pudessem agravar o estado da enferma. Dois enfermeiros especiais foram colocados a serviço da defesa do lar, a fim de afastarem as mentes perniciosas que vivem à cata de identificação com os encarnados que lhes são afins. Embora naquele lar o culto da oração, dos pensamentos e atos salutares engendrassem uma cobertura vibratória natural, impedindo a invasão por hordas de salteadores espirituais, o processo obsessivo, não raro, violentava as defesas, em face da anarquia mental que Lisandra, rebelde e insensata, se permitia. A rede protetora tinha a finalidade de produzir emissões de teor elétrico desagradável, semelhantes a choques, nos que tentassem rompê-la, atraídos pela desordem psíquica da paciente. Outrossim, facilmente identificável em razão das características de que se revestia, já era conhecida por muitos desses Espíritos que, receosos, não se atreviam a qualquer interferência. Com a nossa presença e em face de nos fazermos visíveis a um regular número de comensais da perturbação, estes reagiram com doestos chulos e mordacidade, debandando em algaravia, por se saberem descobertos e não desejarem mudança de atitudes. Alguns mais temerários enfrentaram-nos, sendo necessário afastá-los por meio da utilização de aparelhos especiais, que foram trazidos e ficaram instalados na recâmara da jovem obsessa... Outros, ingênuos na perturbação em que se encontravam, receberam carinhoso atendimento evangélico, doutrinação e orientação próprias com que se permitiram conduzir ou debandaram, apavorados... Somente dois outros inimigos de Lisandra passaram a merecer tratamento especial, que se demoraria por mais de uma semana, de modo a esclarecê-los, convenientemente, quanto ao erro em que perseveravam, tentando destorço impossível quão pernicioso para eles próprios. A tarefa, que se alongou por quase dez dias, contava com a cooperação de mais de uma vintena de esforçados e beneméritos seareiros do nosso lado, bem como da eficiente contribuição dos familiares que, cientificados

do que ocorria, redobram a vigilância, mantendo-se, quanto possível, em realizações elevadas pela oração, pelo pensamento e pelos atos cristãos.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“Nos processos de desobsessão passam despercebidas as atividades que têm lugar em nosso plano de ação, no qual a luta é mais tenaz, onde se deslindam os laços apertados das causas complexas da problemática alienante. De bom alvitre, portanto, é que os membros das atividades desobsessivas resguardem-se ao máximo na oração, na vigilância e no trabalho superior, na caridade, precatando-se de sofrer o desforço daqueles que se veem frustrados nos planos nefastos de perseguição. Sabendo-se em desbaratamento, não poucas vezes, investem, furibundos, contra os trabalhadores de boa vontade domiciliados na matéria, agredindo-os, arremessando-lhes pessoas violentas, maledicentes ou cruéis com o objetivo de descoroçoá-los no ministério socorrista com que lhes facilitaria o prosseguimento do programa infeliz. Vendo-se impossibilitados de impedir a ação benfazeja dos Numes Tutelares, recorrem a projetos escabrosos, desanimadores e prejudiciais, a fim de crucificarem os operários da caridade, no mundo. De uma coerente e contínua sintonia entre os cooperadores encarnados e os Bons Espíritos, mental e moralmente, decorrem os resultados favoráveis da terapia anti-obsessiva, abrindo canais de saúde e paz com vistas ao futuro de todos.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 29)

“Na sala reservada ao culto geral, agora encerrado para os companheiros encarnados, foram arrumadas cadeiras em frente a uma mesa para quatro pessoas. A Diretora Espiritual aproximou-se do móvel e convidou-nos, ao Dr. Bezerra, a mim e a um senhor de pouco mais de setenta anos, de aspecto venerando, que foi nominalmente designado como Felinto. Sentamo-nos, e ela pediu ao respeitado Dr. Bezerra que proferisse uma oração introdutória, mediante a qual se iniciariam as novas atividades. Sem fazer-se esperar, o Mentor, com voz calma e cristalina, exorou proteção de Deus, rogando aos Prepostos Espirituais que nos viessem em auxílio, amparando-nos com a clareza mental e a sabedoria para os fins necessários, durante aquela reunião. Terminada a prece, singela e profunda, sem as preocupações da forma, a irmã Emerenciana expôs, em breves palavras: — Como de hábito, quando encerrado o atendimento aos que vêm à consulta, fazem-se necessárias algumas providências como prosseguimento ao primeiro serviço prestado. Não desconhecemos que, nos casos de obsessão e vampirização espiritual, estamos lidando com personalidades desencarnadas psicopatas e portadoras de alta dose de insensibilidade emocional, que as tornam perversas, inclementes. Hoje teremos, como de outras vezes, que destacar alguns voluntários do nosso Grupo

de trabalho socorrista, para dar assistência àqueles que nos parecem mais vulneráveis às agressões dos seus exploradores psíquicos. Desse modo, requisitamos ajuda para Carlos, Lício e Aderson, que prosseguirão recebendo-a, no esforço que empreenderão em favor da própria saúde. Todos sabemos que, reconhecendo-se descobertos, os agressores investem com súbita irrupção de violência, num tentame final de desforço ou como medida de apavoramento, impedindo que os pacientes retomem ao socorro de que necessitam. Meu Deus! — pensei, emocionado — a argúcia de D. Emerenciana era superior ao que eu imaginara, porquanto, além da terapia curadora, não descuidara das providências preventivas, numa atitude de grande sabedoria. Mas não me pude alongar em reflexões, porque ela prosseguiu: — “Agradecerei que me informem a respeito de qualquer ocorrência que pareça anormal ou inusitada, em relação aos nossos irmãos que, a partir de agora, passam a ser pupilos da nossa afetividade, sem desrespeito aos códigos legais que os surpreenderam, exigindo-lhes a regularização das suas infrações. A função dos assistentes, que os devem acompanhar, é de vigilantes, sem que tomem quaisquer providências precipitadas em seu favor. Devem inspirar-lhes alento e coragem, bom-humor e pensamentos superiores, de modo que possam romper as ligações com os adversários aos quais se acostumaram. Nomeando seis assistentes que se postavam na primeira fila, destacou-os, respectivamente dois a dois para cada necessitado. Pude observar que se tratava de Bons Espíritos, de mediana capacidade, igualmente vinculados às práticas da Casa, exteriorizando grande bondade e interesse vivo pelo trabalho para o qual haviam sido designados. A ação do bem, naquele Núcleo, era contínua, sem margem para a ociosidade perigosa. Muitos cooperadores espirituais se exercitavam no trabalho da solidariedade, adquirindo os valores positivos que os elevariam, liberando-os da canga dos instintos primários. Essa luta é de todo momento, que deve ser empreendida através do esforço contínuo de autossuperação e de dedicação ao próximo. A estrada da redenção começa na primeira chispa que ilumina a ignorância de cada ser e prossegue na oportunidade de estendê-la ao próximo menos esclarecido que se encontra ao lado.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 9)

“NEFASTA PLANIFICAÇÃO DESARTICULADA. Estávamos em nossas tarefas habituais, quando veio ter conosco o ativo Felinto, em nome da irmã Emerenciana. Tratava-se de Lício, que se encontrava em grande desespero e lhe endereçara angustiada rogativa de socorro. Pedia-nos, a Benfeitora, a cooperação possível, assinalando o momento em que pretendia visitá-lo. Havendo aquiescido, o Benfeitor anotou o endereço e prometeu que estaríamos presentes, à hora conveniada. — “Não tenho dúvida — informou-nos Dr.

Bezerra — que se trata de hábil cilada dos adversários do jovem, interessados em mantê-lo enredado na problemática atormentadora que o constringe. Em casos de gravidade como este, os Espíritos envolvidos na vindita, quando se percebem em perigo, pressentindo a interrupção ou mesmo a impossibilidade de levarem adiante o programa infeliz, tomam decisão desesperada, criando situação difícil, ante a qual a vítima, pressionada, entregasse-lhes em totalidade, permitindo-lhes prosseguir na exploração vampirizadora e até mesmo induzi-lo à fuga alucinada pelo suicídio. “Desde já pensemos no caro Lício com simpatia, transmitindo-lhe irradiações de coragem e bom ânimo.” A partir de então, realmente interessados na renovação e paz do pupilo, ligamo-nos em pensamento ao seu dilema, infundindo-lhe resistência e valor moral. Se os homens, em geral, nos seus momentos de testemunho, se detivessem na oração, as dores maiores se furtariam. Não há apelo honesto dirigido a Deus, através da oração, que fique sem conveniente resposta. É certo que todos gostaríamos de obter ajuda, conforme pensamos ser o melhor, embora tal não ocorra. A resposta nos chega de maneira própria para a necessidade, ensejando-nos coragem e fé até o momento de libertação. A oração, de forma alguma, evita o sofrimento ou anula as dívidas. Se o fizesse, desorganizaria o equilíbrio das leis. Não obstante, propicia os meios para que se possa suportar a conjuntura, tornando-a menos penosa, em face do robustecimento do ânimo e das resistências morais. Ocorre, no entanto, quase sempre, o inverso. O desespero, a revolta, o pessimismo, a amargura se associa e agita ou bloqueia as áreas do raciocínio, e o ser tomba na urdidura do acontecimento. Vinculando-nos, psiquicamente, à sua ansiedade que rogava ajuda, pude percebê-lo, inquieto e necessitado. Com essa disposição favorável, chegado o momento, rumamos na direção do lar. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 14)

“**Trilhas da Libertação.** [...] O Espiritismo prático, por meio das sessões experimentais, de educação mediúnica ou de desobsessão, rompeu o véu que ocultava essa triste realidade, e de que se tinha notícia somente de forma fragmentária, pela revelação dos santos e místicos que visitaram essas comunidades expungitivas e recuperadoras que a mitologia denominou como inferno, purgatório, Hades, Averno etc. Compreensível que a fúria dos seus mantenedores se volte contra todos aqueles que se dedicam ao bem, que lutam contra o crime e a hediondez, particularmente os espíritas sinceros que têm a tarefa de promover a sociedade, preparando melhores dias para a Humanidade do porvir. Da mesma forma, agem contra os médiuns, que são os instrumentos da revelação desses antros de vergonha e horror, tentando explorá-los psiquicamente, desmoralizá-los para, dessarte,

anularem o efeito das suas informações libertadoras. A campanha sórdida contra a mediunidade dignificada e os médiuns responsáveis, promovida pelas Entidades obsessoras, é ostensiva e vem de longa data, incessante e sem quartel, agressiva e sutil. Não poucas vezes, esses irmãos profundamente infelizes se atreveram a arremeter contra Jesus, que os submeteu com a sua superioridade, advertindo-nos, desde então, a respeito deles e das suas insinuações malévolas. Quando um médium, ou outra pessoa qualquer, particularmente o sensitivo, cai-lhes nas urdiduras, estuam de júbilo e se creem fortalecidos para continuarem o louco afã, que termina por enredá-los, a eles próprios, obrigando-os ao despertamento, à reencarnação... Para lidar com esses cultivadores do mal, Espíritos nobres renunciam a Estâncias superiores a que têm direito, a fim de mergulharem nas sombras terrestres e mais ainda nos paus e crateras onde se homiziam, para esclarecê-los, libertá-los, amá-los e socorrer aqueles que lhes padecem a perseguição. Enfrentam-nos com misericórdia, mas com austeridade, conhecendo-lhes a hipocrisia e a sandice, utilizando-se, a seu turno, de recursos especiais que desenvolvem, e que os indigentes não conseguiram produzir, o que muito os surpreende e aturde. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Trilhas da libertação)

“Os gênios das trevas. O Dr. Carneiro, Fernando e nós continuamos ao lado do amigo Vicente, mesmo quando as atividades da Casa estavam encerradas no plano físico. Sentindo-se tranquilo quanto aos resultados da etapa de renovação que ora se iniciava, falou-nos o responsável: — Conforme os nossos queridos visitantes perceberam, nossa Sociedade, graças à imprevidência de alguns companheiros encarnados, aos quais não culpamos, derrapava para a sintonia com Entidades perversas, que a si mesmas se intitulam Gênios das Trevas. “Nesta reunião, que ora se encerrou, alguns Espíritos, subordinados à comunidade de infelizes que eles dirigem, aqui estiveram. Dando-se conta das novas diretrizes aplicadas, irão levar-lhes notícias e, certamente, ao primeiro ensejo, seremos visitados por alguns desses obsessores. O bom senso induz-nos a tomar certas providências, especialmente por meio de atendimento cuidadoso aos encarnados que se lhes vinculam mais diretamente. Recordo-me aqui do caro Davi que, por enquanto, elegeu a viagem mais difícil, dos irmãos Raulinda e Francisco, que atuaram mediunicamente, entre outros. Assim, convidaria os amigos a visitarmos Raulinda dentro de mais três horas, aproximadamente, deixando-lhes este período de tempo para atividades que lhes aprouver.” O Dr. Carneiro concordou plenamente, com o apoio do nosso júbilo, e convidou-nos a um passeio pela orla marítima em cidade próxima. A noite respirava serenidade sob o lucilar das estrelas. O murmúrio das ondas em crescimento, no encontro com as praias onde se

quebravam, era a própria natureza em movimento incessante. Poucos notívagos, alguns pares em demonstrações afetuosas, encontravam-se ao longo da balaustrada da área. Sentamo-nos em silêncio diante do oceano, absorvendo o plâncton das águas, as energias vivas. Fernando, com discrição, narrou-nos que lograra atrair a Entidade que se comunicara por Francisco, em razão de vínculos pessoais mantidos entre ambos em existências passadas. Sabia onde encontrar o companheiro e o acompanhou por alguns dias, conforme solicitara o nosso benfeitor, até conseguir trazê-lo à psicofonia. Dizia-se exultante com os resultados. O planejamento se desenvolvia com excelentes frutos. Na minha inexperiência, não me dera conta de que o súbito desaparecimento do amigo que viera conosco prendia-se a algum plano adrede estabelecido. Sem desejar tornar-me curioso ou inoportuno, porém desejoso de aprender sempre, indaguei-lhe: — Além do interesse de esclarecê-lo espiritualmente, há algum outro motivo que me possa informar, sem ruptura do sigilo em que se devem manter labores especiais como este? Foi o Dr. Carneiro de Campos quem me respondeu: — Ao convidar o caro Miranda para esta excursão de trabalho, não lhe quisemos detalhar o compromisso em tela porque muitas dificuldades estavam em pauta, aguardando solução. A fim de não o deixar ansioso, resolvemos esperar a ajuda divina para inteirá-lo depois, qual ocorre neste momento. Fazendo uma pausa breve, deu continuidade à narração: — Oportunamente, ao ser liberado das Regiões infernais antigo comandante das forças do mal — que reencontrou em Jesus a porta estreita da salvação graças aos esforços sacrificiais e renúncias imensas de sua genitora —, aqueles que permaneceram no esquema da impiedade reuniram-se para tomar providências em conjunto contra o que denominam como os exércitos do Cordeiro, que detestam. “Estes seres, que se extraviaram em diversas reencarnações, assumindo altíssimas responsabilidades negativas para eles mesmos, procedem, na sua maioria, de doutrinas religiosas cujos nomes denegriam com as suas condutas relapsas, atividades escusas e cortes extravagantes, nas quais o luxo e os prazeres tinham primazia em detrimento dos rebanhos que diziam guardar, mas que somente exploravam, na razão do quanto os desprezavam. Ateus e cínicos, galgavam os altos postos que desfrutavam mediante o suborno, o homicídio, as perversões sexuais, a politicagem sórdida, morrendo nos tronos das honras e glórias mentirosas, para logo enfrentarem a consciência humilhada e, sob tormentos inenarráveis, sintonizando com os sequazes que os aguardavam no Além, serem reconvidados aos postos de loucura, dispostos a enfrentar Jesus e Deus, que negam e dizem desprezar...” Após ligeira interrupção e medindo bem as palavras, prosseguiu: — As figuras mitológicas dos demônios e seus

reinos, os abismos infernais e os seus torturadores de almas são relatos inicialmente feitos por pessoas que foram até ali conduzidas em desdobramento espiritual — por afinidade moral ou pelos mentores, a fim de advertirem as criaturas da Terra —, antros sórdidos que aqueles governam e onde instalaram o terror, dando a equivocada ideia de que naquelas paragens não há tempo a transcorrer, num conceito absurdo de eternidade a que se aferram diversas religiões, as quais mais atemorizam do que educam. “Mártires e santos, profetas e escritores, artistas e poetas de quase todos os povos e épocas, os que eram médiuns, visitaram esses Núcleos terrificadores e conheceram os seus habitantes, trazendo, na memória, nítidas, as suas configurações, que as fantasias e lendas enriqueceram com variações de acordo com a cultura, a região e o tempo, presentes, portanto, na historiografia da humanidade. Variando de denominação, cada grupamento, como ocorre na Terra, tem o seu chefe e se destina a uma finalidade coercitiva, reparadora. Periodicamente esses chefes se reúnem e elegem um comandante a quem prestam obediência e submissão, concedendo-lhe regalias reais... As ficções mais audaciosas não logram conceber a realidade do que ocorre em tais domínios. “Sandeus e absolutos, anularam a consciência no mal e na força, tornando-se adversários voluntários da Luz e do Bem, que pretendem combater e destruir. “Não se dão conta de que tal ocorre porque vivem em um planeta ainda inferior em processo de desenvolvimento, onde aqueles que o habitam, também são atrasados, padecendo limites, em trânsito do instinto para a razão. Inobstante, porém, luz, nesta época, o Consolador, e em toda parte doutrinas de amor e paz inauguram a Nova Idade na Terra, convidando o homem ao mergulho interior, ao rompimento dos grilhões da ignorância, à solidariedade, ao bem... A ciência dá as mãos à moral, e a filosofia redescobre a ética, para que a religião reate a criatura ao seu Criador em um holismo profundo de fé, conhecimento e caridade, numa síntese de sabedoria transcendental. “Tudo marcha na direção de Deus, é inelutável. A Grande Causa, a Inteligência Suprema, é o fulcro para o qual convergem todos, mediante a vigorosa atração da sua própria existência. “As lutas de oposição desaparecem com relativa rapidez, rompendo-se as barricadas e trincheiras que se tornam inúteis. A trajetória do progresso é irreversível. Só o Amor tem existência real e perene, lei que é da vida, por ser a própria Vida.” Calou-se, novamente, e relanceou o olhar pelo veludo da noite salpicado de gemas estelares, dando prosseguimento: — Na reunião que eles convocaram naquela oportunidade, ficou estabelecido que o novo substituto deveria ser impiedoso ao extremo, sem qualquer sensibilidade, cuja existência execranda no planeta houvesse espalhado o terror e cuja memória inspirasse revolta e

ódio... Após um mês, voltariam a reunir-se. “Naturalmente, foram buscados os sicários mais abjetos da humanidade, que fossilizavam nos antros mais hediondos das regiões subterrâneas de sofrimentos, de onde foram retirados temporariamente para apresentação de planos, sua avaliação de possibilidades de execução e logo votação. “Difícil imaginar tais conciliábulos e consequente escrutínio para a eleição de um chefe. “Recordando as reuniões de antigos religiosos, ontem como hoje, cada representante se vestiu com as roupas e características do seu poder e, acolitados pelos subalternos compareceram em massa, diversos deles conduzindo os seus candidatos para o pleito macabro e ridículo. “A extravagância e o cinismo ilimitados fizeram-se presentes nas figuras grotescas, asselvajadas umas, animais outras, em um cenário de horror, para o que seria o grande momento de decisão, a conquista do mundo humano por tais assaltantes espirituais. “Mais de uma vintena de algozes da sociedade foram apresentados ao terrível parlamento. Alguns encontravam-se hebetados em padecimentos que se auto impuseram; outros pareciam desvairados, e um número menor, com fâcies patibular e olhos miúdos, fuzilantes, chamaram mais a atenção dos governantes e da turbamulta alucinada que repletava as galerias daquele simulacro infeliz de tribunal de julgamento e seleção. “Nomes que faziam tremer a Terra, no passado remoto como no mais recente, eram pronunciados, enquanto, pessoalmente, eles se apresentavam ou eram trazidos. Vários em estado de loucura foram apupados, embora os seus defensores prometessem despertá-los e colocá-los lúcidos para o ministério que lhes seria delegado. A balbúrdia ensurdecadora interrompeu várias vezes as decisões. Os árbitros, porém, ameaçaram expulsar a malta, que foi atacada por mastins ferozes, até o momento em que assomou ao pódio um ser implacável, com postura temerária, passos lentos, coxeando, corpo balouçante com ginga primitiva que, erguendo os braços para dominar o cenário, com facilidade o logrou, graças ao terror que expressava nos olhos fulminantes. “Quem o conduzia deu ligeira notícia do candidato, sem ocultar a felicidade que o dominava: — “Tenho a honra de apresentar o inexcusável conquistador que submeteu o mundo conhecido do seu tempo, na Ásia, e esteve na Terra, novamente, apenas uma vez mais. As suas façanhas ultrapassaram em muito outros dominadores, graças à sua absoluta indiferença pela vida e aos métodos que utilizava para a destruição da raça humana. Fundou o segundo império mongol, realizando guerras cruentas. “A sua existência corporal transcorreu durante o século XIV, havendo renascido na Ásia Central, próximo a Samarcanda. Informando descender de Gengis Khan, aos cinquenta anos alargou seus domínios do Eufrates à Índia, impondo-se ao Turquestão, Coraça, Azerbajá,

Curdistão, Afeganistão, Fars. Logo depois, invadiu a Rússia, a Índia, deixando um rastro de dezenas de milhares de cadáveres, somente em Delhi, às portas da cidade e nos seus arredores... Cruel até o excesso, realizou alguns trabalhos de valor na sua pátria, porém as suas memórias são feitas de atrocidade e horror, por cujas razões, ao desencarnar, mergulhou nas regiões abismais onde foi localizado, nas Trevas...” O narrador fez breve silêncio para logo prosseguir: — À medida que a arenga apaixonada conquistava os eleitores triunfantes, o horror mais humilhava os presentes, que silenciaram, diante do certamente vencedor hediondo. “Encerrada a apresentação do candidato, foi ele aceito por quase todos os chefes e aclamado como o soberano gênio das trevas que se encarregaria de administrar os corretivos na humanidade, a qual ele propunha submeter e explorar. “Não ignoramos que o intercâmbio de energias psicofísicas entre os seres inferiores desencarnados e os homens é muito maior do que se imagina. Legiões de dezenas de milhões de criaturas de ambos os planos se encharcam de vitalidade, explorando-se, umas às outras, mediante complexos processos de vampirização, simbiose, dependência, gerando uma psicofera morbífica, aterradora. Somente o despertar da consciência logra interromper o comércio desastroso, no qual se exaurem os homens, e mais se decompõem moralmente os Espíritos. Para sustentarem tão tirânica interdependência, são criados mecanismos e técnicas contínuas de degradação das pessoas que, espontaneamente, se deixam consumir por afinidade com os seres exploradores, viciados inclementes, amolentados secularmente na extravagante parasitose. Pululam, incontáveis, os casos dessa natureza. Enfermidades degenerativas do organismo físico, desequilíbrios mentais desesperadores, disfunções nervosas de alto porte, contendas, lutas, ódios, paixões asselvajadas, guerras e tiranias têm a sua geratriz nesses antros de hediondez, onde as Forças do Mal, em forma de novos Lúciferes da mitologia, pretendem opor-se a Deus e tomar-lhe o comando. Vão e inqualificável desvario este do ser humano inferior! “O homem marcha, na Terra como nos círculos espirituais mais próximos, ignorando ou teimando desconhecer a sua realidade como ser imortal, Espírito eterno que é, em processo de ascensão. Dando preferência à sensação, na qual se demora espontaneamente, em detrimento das emoções enobrecidas, jugula-se à dependência do prazer, cristalizando as suas aspirações no gozo imediato e retendo-se nas faixas punitivas do processo evolutivo. Ante tal comportamento, reencarna e desencarna por automatismo, sob lamentáveis condições de perturbação, perplexidade e interdependência psíquica. As obsessões que atravessam decênios sucedem-se. O algoz de hoje, ao reencarnar-se, torna-se a vítima que por sua vez, mais tarde, dá curso

ao processo infeliz até quando as soberanas leis interferem com decisão. “As religiões, por meio dos seus sacerdotes, ministros, guias e chefes, na maioria aferradas aos dogmas ultramontanos, preferem não descerrar a cortina da ignorância, mantendo os seus rebanhos submissos, pelo menos convencionalmente, em mecanismos de rude hipocrisia, desinteressadas do homem real, integral, espiritual. Sucede que grande número desses condutores religiosos está vinculado aos sicários espirituais, que os mantêm em dependência psíquica, explorados, para que preservem o estado de coisas conforme se encontra. Por tal razão, quando as doutrinas libertadoras se apresentam empunhando as tochas do discernimento, seus apologistas, membros divulgadores e realizadores são perseguidos, cumulados de aflições e tormentos, para que desistam, desanimem ou se submetam aos mentirosos padrões dos triunfos terrenos.” O benfeitor calou-se por ligeiro espaço de tempo e, lúcido, adiu: — Pode parecer que o Pai misericordioso permanece indiferente ao destino dos filhos sob o domínio das sombras de si mesmos. No entanto, não é assim. Incessantemente, sua voz convida ao despertar, à reflexão, à ação correta, usando os mais diversos instrumentos, desde as forças atuantes do universo aos missionários e apóstolos da Verdade, que não são escutados nem seguidos. “Os líderes da alucinação tornam-se campeões das massas devoradoras, enquanto as vozes do bem clamam no deserto. Milhares de obreiros desencarnados operam em silêncio, nas noites terrestres, acendendo luzes espirituais, em momentosos intercâmbios que são considerados, no estado de consciência lúcida, no corpo, como sonhos impossíveis, fantasias, construções arquetípicas, em conspiração sistemática a favor das teses materialistas. Essas explicações, algumas esdrúxulas, travestidas de científicas, são aceitas, inclusive, pelos religiosos, que aí têm seus mecanismos escapistas para fugirem aos deveres e responsabilidades maiores. “Desnecessário confirmar que as nobres conquistas das ciências da alma, inclusive as abençoadas experiências de Freud, de Jung e outros eminentes estudiosos, fundamentam-se em fatos incontestáveis. Algumas das suas conclusões merecem, porém, reestudo, reexame e conotações mais modernas, nunca descartando a possibilidade espiritualista, hoje considerada pelas novas correntes dessas mesmas doutrinas. “Quando as criaturas despertarem para a compreensão dos fenômenos profundos da vida, sem castração ou fugas, sem ganchos psicológicos ou transferências, romper-se-ão as algemas da obsessão na sua variedade imensa, ensejando o encontro do ser com a sua consciência, o descobrimento de si mesmo e das finalidades da existência corporal no mapa geral da sua trajetória eterna.” Mais uma vez, o venerável instrutor fez uma pausa, facultando-nos assimilar o conteúdo

das suas palavras, para logo dar continuidade: — Posteriormente, informado das razões que o elevaram ao supremo posto, representativo daqueles grupos hostis, o Chefe pediu um prazo para elaboração de planos, solicitando a presença de hábeis conselheiros de períodos diferentes da História, a ele semelhantes na estrutura psíquica, de modo a inteirar-se das ocorrências no planeta. “As reuniões sucederam-se tumultuadas, violentas, sempre acalmadas pela agressividade do Soberano, que, ciente das novas revelações da Verdade na Terra, do advento do Consolador e seu programa de reestudo e vivência do Cristianismo, das incursões modernas do Espiritualismo ancestral na sociedade contemporânea, todos formando diques contra as águas volumosas da destruição, resolveu escutar fracassados conhecedores do comportamento das criaturas, tanto na área sexual como na econômica e na social — pois que nesses recintos transitam aqueles que se comprometeram negativamente perante a Vida — após o que estabeleceu o seu programa, que ironicamente denominou como as quatro legítimas verdades, em zombeteira paráfrase ao código de Buda em relação ao sofrimento: as quatro Nobres Verdades. “Em reunião privada com os chefes de grupos, explicitou o programa que elaborara para ser aplicado em todas as suas diretrizes e com pormenorizado zelo. “Primeiro: o homem — redefiniu o novo Soberano das Trevas — é um animal sexual que se compraz no prazer. Deve ser estimulado ao máximo, até a exaustão, aproveitando-se-lhe as tendências, e, quando ocorrer o cansaço, levá-lo aos abusos, às aberrações. Direcionar esse projeto aos que lutam pelo equilíbrio das forças genésicas é o empenho dos perturbadores, propondo encontros, reencontros e facilidades com pessoas dependentes dos seus comandos que se acercarão das futuras vítimas, enleando-as nos seus jogos e envoltimentos enganosos. Atraído o animal que existe na criatura, a sua dominação será questão de pouco tempo. Se advier o despertamento tardio, as consequências do compromisso já serão inevitáveis, gerando decepções e problemas, sobretudo causando profundas lesões na alma. O plasma do sexo impregna os seus usuários de tal forma que ocasiona rude vinculação, somente interrompida com dolorosos lances passionais de complexa e difícil correção. “Segundo: o narcisismo é filho predileto do egoísmo e pai do orgulho, da vaidade, inerentes ao ser humano. Fomentar o campeonato da presunção nas modernas escolas do Espiritualismo, ensejando a fascinação, é item de alta relevância para a queda desastrosa de quem deseja a preservação do ideal de crescimento e de libertação. O orgulho entorpece os sentimentos e intoxica o indivíduo, cegando-o e enlouquecendo-o. Exige uma corte, e suas correntes de ambição impõem tributários de sustentação. Pavoneando-se, exibindo-se, o indivíduo desestrutura-se e

morre nos objetivos maiores, para cuidar apenas do exterior, do faustoso — a mentira de que se insufla. “Terceiro: o poder tem prevalência na natureza humana. Remanescente dos instintos agressivos, dominadores e arbitrários, ele se expressa de várias formas, sem disfarce ou escamoteado, explorando aqueles que se lhe submetem e desprezando-os ao mesmo tempo, pela subserviência de que se fazem objeto, e aos competidores e indomáveis detestando, por projetar-lhe sombra. O poder é alcapão que não poupa quem quer que lhe caia na trampa. Ademais, a morte advém, e a fragilidade diante de outras forças aniquila o iludido. “Quarto: o dinheiro, que compra vidas e escraviza almas, será outro excelente recurso decisivo. A ambição da riqueza, mesmo que mascarada, supera a falsa humildade, e o conforto amolenta o caráter, desestimulando os sacrifícios. Sabe-se que o Cristianismo começou a morrer, quando o martirólogo foi substituído pelo destaque social, e o dinheiro comprou coisas, pessoas e até o Reino dos Céus, aliciando mercenários para manter a hegemonia da fé... “Quem poderá resistir a essas quatro legítimas verdades? — interrogou. Certamente, aquele que vencer uma ou mais de uma, tombará noutra ou em várias ao mesmo tempo. “Gargalhadas estrepitosas sacudiram as furnas. E a partir de então, os técnicos em obsessão, além dos métodos habituais, tornaram-se especialistas no novo e complexo programa que em todos os tempos sempre constituiu veículo de desgraça, agora mais bem aplicado, redundando em penosas derrotas. Não será necessário que detalhem casos a fim de analisarmos resultados.” Aprofundando reflexões, o Amigo concluiu: — Precautelam-se, os servidores do Bem, das ciladas ultrizes do mal que tem raízes no coração, e estejam advertidos. Suportem o cerco das tentações com estoicismo e paciência, certos de que o Pai não lhes negará socorro nem proteção, propiciando-lhes o que seja mais importante e oportuno. Ademais, não receiem as calúnias dos injuriadores que os não consigam derrubar. Quando influenciados pelos assessores dos Gênios, mantenham-se intemoratos nos ideais abraçados. A vitória tem a grandeza da dimensão da luta travada. “Este desafio, que nos tem merecido a mais ampla e minudente consideração, qual ocorre com inúmeros benfeitores do Mundo Maior, é uma das razões de nos encontrarmos em atividade com o irmão Vicente e os membros da Casa que ele dirige. “Agora, sigamos ao trabalho que nos espera.” Havia no ar da noite silenciosa a presença de bênçãos que aspirávamos em longos haustos, enquanto nos dirigíamos para a sede dos nossos labores.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Os gênios das trevas)

“**Reflexões necessárias.** Não tive tempo de arregimentar perguntas, tal o esfervilhar de pensamentos que me agitavam a casa mental. A narração breve do instrutor fornecia-me explicações para melhor

entender vários acontecimentos infelizes que pairavam agitando a economia moral da sociedade, especial e particularmente dos cristãos novos, dos espiritualistas modernos e dos estudiosos da mente que, interessados nos padrões éticos e superiores do comportamento, subitamente naufragavam nos ideais ou os abandonavam, padecendo graves ulcerações espirituais. Compreendia melhor a irrupção do sexo desvaído a partir dos anos sessenta deste século, o alucinar pelas drogas, a mudança dos padrões morais e o crescimento da violência, o abandono a que as gerações jovens foram atiradas, as falsas aberturas para a liberdade sem responsabilidade pelos atos praticados, a música ensurdecidora, a de metais, a de horror, a satânica, e tantas outras ocorrências... Está claro que o processo antropossociológico da evolução, às vezes, deve arrebear determinados compromissos para abrir novos espaços experimentais, que irão compor o quadro das necessidades evolutivas do homem e da mulher. A moral social, geográfica, aparente, deve ceder lugar à universal, à que está ínsita na natureza, àquela que dignifica e promove, superando e abandonando as aparências irrelevantes e desacreditadas. Verificava que a transição histórica de um para outro período é semelhante a um demorado parto, doloroso e complexo, do qual nascem novos valores e a vida enfloresce. Não seriam os períodos de convulsão danosa gerados por mentes destruidoras sediadas no Além? Teriam gênese, em programações semelhantes, as súbitas alterações sociais que sacudiam até o desmoronamento, nações e povos, abalando a humanidade? Partindo do princípio de que a vida real e causal é a que tem origem e vigência na erraticidade, no mundo espiritual, conforme os acontecimentos, suas matrizes desencadeadoras estão aqui e daqui partem por indução, inspiração e interferência direta, por meio da reencarnação de membros encarregados de perturbar a ordem geral. Embora suponham estar agindo por vontade própria, ei-los sob o Comando divino que os utiliza indiretamente para despertar as consciências adormecidas para as altíssimas finalidades da vida. Recordava-me de amigos que haviam reencarnado com tarefas específicas e nobres, para agirem com elevação e desdobrarem o programa de iluminação espiritual, e que derraparam lamentavelmente, alguns sendo retirados antes de mais infelizes comprometimentos, e outros abraçando esdrúxulas condutas, fazendo-se crer autossuficientes, superiores, revoltados... Tinha em mente as tarefas estabelecidas e aceitas com entusiasmo antes da reencarnação ou ditadas mediunicamente, que produziam impactos felizes, mas que logo pareciam perder o significado para os seus responsáveis, que as abandonavam ou as alteravam a bel-prazer para seguirem noutros rumos... Observava sempre a facilidade com que certos líderes carismáticos eram

seguidos por multidões hipnotizadas, e astros do desequilíbrio galvanizavam as massas, aturdindo-as, fazendo-as adorá-los, naturalmente sob controles espirituais poderosos das Trevas. O caso Davi, mais especificamente, tornava-se um exemplo concreto da consumação das quatro legítimas verdades perturbadoras. Todo o empenho de seus mentores e de alguns amigos encarnados não resultou positivo, intoxicado que estava pela presunção narcisista, atraído pelo sexo irresponsável, fascinado pelo dinheiro e, no íntimo, ambicionando o destaque, o poder... O labor de Jesus, o Cordeiro sacrificado, é todo de abnegação e renúncia, de amor e humildade, de persuasão afetuosa, jamais de imposição arbitrária. Como efeito, creem os apressados que vitórias são a da ganância, da força e do brilho rápido das luzes da fama... Compreendia melhor, a partir daquele momento, que as imperfeições da criatura humana são as responsáveis pelo fracasso de bem organizados planos, pelas perturbações que se generalizam, pelas opções extravagantes, pelo desdobrar das paixões asselvajadas, em razão do nível inferior de consciência no patamar em que transita a maioria das pessoas. Não obstante, estimuladas essas expressões primárias em domínio ou ainda remanescentes no ser, é fácil entender a loucura avolumada na Terra, a falência dos padrões éticos e o anseio pelo retorno às manifestações primevas do ser. Raciocinando sobre os planos do soberano gênio das trevas, tornaram-se-me lógicas as ocorrências que antes me pareciam absurdas, quase impossíveis de acontecer. No momento em que a cultura atinge as suas mais altas expressões; quando a Ciência mais se aproxima de Deus auxiliada pela Tecnologia, e o homem sonha com a possibilidade de detectar vida fora da Terra, igualmente campeiam a hediondez do comportamento agressivo; a excessiva miséria de centenas de milhões de pessoas, social e economicamente abandonadas à fome, às doenças, à morte prematura; o erotismo extravagante em generalização; a correria às drogas e aos excessos de toda natureza, tornando-se para mim um verdadeiro paradoxo da sociedade. O homem e a mulher terrestres, ricos de aspirações enobrecidas, ainda não conseguem desligar-se dos grilhões dos instintos perturbadores, muitas vezes amando e matando, salvando vidas e estiolando-as em momentos de alegria ou de revolta. Essa visão aflige-me como sendo um espetáculo inesperado no processo da evolução. Aprofundando, agora, a reflexão nas paisagens da obsessão dos grupos humanos e da procedência de um programa de paulatina subjugação mental das massas, melhor passei a entender a luta ancestral, quase mitológica, do Bem e do Mal, das forças existentes na natureza humana propelindo para um outro comportamento. Observava, há algum tempo, a conduta de pessoas dedicadas ao Espiritualismo, que se apresentavam portadores de ideias

materialistas-utilitaristas, sempre usando a verruma, a acidez e a zombaria contra os seus confrades, por pensarem de forma diferente e não se lhes submeterem à presunção, aos caprichos, ao comando mental. Pugnando sempre contra, e atacando, descobrem erros em tudo e todos, apresentando-se com desfaçatez como defensores do que chamam a Verdade, somente eles possuindo visão e interpretação correta do pensamento que vitalizam e divulgam. É claro que sempre os houve em todas as épocas da humanidade, porém agora são mais audaciosos. Indaguei-me, naquele momento, se não estariam a soldo psíquico de tais manipuladores de obsessões ou se não seriam alguns membros desses grupos ora reencarnados? Sem qualquer censura a esses indivíduos, alguns certamente sinceros na forma de se conduzirem, inquiri-me: por que não concederiam o direito aos demais de serem conforme lhes aprouvesse, enquanto eles seguiriam na sua maneira especial de entendimento? Há, sem dúvida, muitas complexidades no processo da evolução, que se vão delineando e explicando lentamente à medida que os Espíritos galgam degraus mais elevados. Por isso mesmo, as revelações se fazem gradativamente, dando, cada uma, tempo para que a anterior seja digerida pelas mentes e aplicadas nos grupos sociais. A Sabedoria divina jamais deixou a criatura sem os promotores do progresso que vêm arrancando o ser da ignorância para o conhecimento. Essas reflexões levaram-me a uma melhor compreensão do próximo, ensinando-me simpatia e amor pelos companheiros da retaguarda, encarnados ou não, e maior respeito pelos nobres guias da humanidade, sempre pacientes e otimistas, incansáveis na tarefa que abraçam como educadores amoráveis que são. Tem sido sempre crescente o meu afeto a Allan Kardec, por ele haver facultado à mediunidade esclarecida elucidar o comportamento humano e permitir a penetração do entendimento no mundo espiritual. Graças ao Espiritismo, novos descortinos e constantes informações ajudam o ser humano a compreender a finalidade da sua existência na Terra, as metas que lhe cumpre alcançar por meio de contínuos testes e desafios.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Reflexões necessárias)

“Cilada perversa. [...] Enquanto sucediam esses pormenores, o indigitado obsessor dialogava com amigos da mesma espécie: — Na próxima oportunidade — blasonava, rilhando os dentes com ferocidade — lograrei êxito, que somente adiei de modo a deliciar-me com as demoradas aflições da família. Sentindo-se projetado na malta onde se exhibia, prosseguiu: — Temos instruções especiais para a programação dos nossos ataques aos estúrdios cordeiros do Evangelho. E estrugiu ruidosa gargalhada com sarcasmo, ao enunciar a palavra cordeiro, logo dando curso à arenga ridícula: — Utilizar-nos-emos do relho e da

brida, isto é, da violência que irrompe inesperadamente e alcança o alvo, desarvorando a todos e fazendo lavrar o incêndio do ódio, levando tudo a arder. Ou então, sutilmente trabalharemos os seus sentimentos, despertando-os, e estimulando-lhes as áreas da emoção com as quais somos afins, de modo a envolvê-los em bem urdidos planos que fomentam o prazer e logo a desgraça... Conduziremos até eles pessoas licenciosas e sem escrúpulos, que se fascinarão com as suas ideias objetivando outros interesses, que trabalharão sob nossa indução até a eclosão de problemas perturbadores, de escândalos ruidosos, de deserções contínuas, minando as bases da sua decantada fraternidade. E não ficaremos aí, porquanto dispomos de tempo e oportunidade para levar adiante esta luta sem quartel, dela saindo vitoriosos. “O Soberano das Trevas superintende pessoalmente este programa para o qual muitos de nós fomos convocados e convenientemente adestrados. “Não faltará quem acredite, diante da execução do nosso plano, que defronta uma alucinação, fantasias mediúnicas, perturbações e transtornos mentais, o que mais ainda nos ajudará no cumprimento do nosso dever. Quanto mais discussão acalorada, mais dúvidas e suspeitas, mais acusações recíprocas entre eles, os cordatos, melhor para nós, pois que contamos com esses resultados. “A união fortalece, a separação desagrega, como é sabido...” Ele prosseguiu com doestos e ameaças, enquanto permanecemos em paz, aguardando os futuros acontecimentos. Afinal, o grande desafio da evolução é a forma de enfrentar as dificuldades e superá-las.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Cilada perversa)

“Vidas em perigo. [...] Reconhecendo as próprias deficiências, Francisco recolhia-se, evitava o tumulto, as rodas excitantes da frivolidade, acautelava-se. Pouco a pouco, sua pessoa passou a merecer destaque no Grupo, o que provocou, por outro lado, a reação dos adversários desencarnados, em especial, dos inimigos do Bem. Convidado a atender enfermos e obsidiados, o médium entregou-se ao labor com espírito de serviço, com a pureza de sentimento exigível. Não obstante, gentil senhora que lhe recebia a assistência espiritual e a bioenergia, frustrada nas ambições conjugais e insatisfeita consigo mesma, acostumada a uma conduta permissiva em moda, começou a afeiçoar-se ao jovem trabalhador e, sem policiar a distonia moral, terminou por apaixonar-se, tornando-lhe a vida um verdadeiro pandemônio. Telefonava-lhe insistentemente, adoecia com o objetivo de ter-lhe a presença, cultivava ideias perturbadoras, envolvia-o com vibrações e pensamentos de lascívia. A princípio, Francisco se escusou, procurou esclarecê-la, apelou para os deveres familiares a que ela se prendia, sem resultados satisfatórios. Dando campo a vinculações psíquicas levianas, tornou-se tormento incessante para

o seareiro espírita. De tal forma a dama se entregou ao cultivo dos caprichos lúbricos que atraiu terrível obsessão, vinculado ao Soberano das Trevas, o qual passou a telecomandá-la, tendo em mente levar adiante a programação daquela Entidade terrível que, por meio da invigilante, pretendia gerar tumulto e desconcerto no Grupo dirigido espiritualmente pelo irmão Vicente. Dessa forma, sentindo-se gentilmente repelida e aspirando os fluidos tóxicos do comparsa espiritual vingador, transformou a paixão vulgar em meta essencial da existência, chantageando o homem correto, que a recusava... Altas horas da noite telefonava-lhe, ameaçando narrar o que dizia ser seu sofrimento ao marido, suicidando-se depois e inculcando-o. Aturdido, Francisco resolveu expor o problema ao dirigente da Casa, o amigo Almiro, a fim de receber a orientação da sua experiência humana, o conselho hábil para solucionar o problema em agravamento. Aguardou ocasião própria e, solicitando ao venerável amigo uma entrevista, apresentou-lhe a situação na qual se via envolvido sem o desejar, ampliando a conversação com a apresentação das próprias dificuldades e sofrimentos. O bondoso companheiro escutou, emocionado e atento, toda a narração, envolvendo em simpatia e ternura o consulente e companheiro de atividade espírita. [...] Bom ouvinte, o Sr. Almiro deixou-o exteriorizar as aflições em catarse feliz, após o que passou à orientação compatível. — Na raiz de todo problema — elucidou, inspirado pelo mentor — encontramos a presença do passado. No ontem situam-se as causas, como sabemos, positivas ou perturbadoras da nossa caminhada no rumo do progresso. Equivocados e renitentes, os devedores nos apresentamos jungidos à canga dos débitos que a imprevidência e a presunção nos levaram a contrair. Particularmente, na área dos conflitos sexuais, assim como da insegurança pessoal com todo o seu séquito de tormentos, enfrentamos o ressumar da intemperança e dos abusos de vária ordem que volvem do pretérito espiritual. [...] Novamente silenciando, voltou, de imediato, ao esclarecimento: — A mediunidade é-lhe campo formoso de experiências iluminativas, em cujo aprimoramento suas energias criadoras são utilizadas de maneira eficiente, tranquilizando-o. “As

comunicações mediúnicas exigem o combustível das forças físicas e psíquicas do instrumento, a fim de se tornarem factíveis. Prossiga, portanto, superando-se e, na ação do amor ao próximo, transforme lubricidade em afeto, sofreguidão em paz, e vício em virtude. Não raro, o problema tem vinculações com os hábitos mentais incorretos, que desarticulam a emoção. Corrigindo-se o centro de posicionamento das ideias, estas fluirão em harmonia, em paz.” Outra vez, ordenando o pensamento, fez breve intervalo, prosseguindo, inspirado: — Quanto a irmã enferma e obsessa, fazem-se necessárias redobrada vigilância, oração e decisão imediata de interromper esse nefasto processo. “Sem dúvida, nossa infeliz cliente se encontra sob indução espiritual perversa. Utilizando-se dos seus hábitos mentais e morais licenciosos, adversários dela como de nós outros açulam-lhe os apetites sexuais, alucinando-a. Porque se permite cultivar as ideias e as aspirações subalternas, encontra-se em faixa psíquica inferior, sendo estimulada à perversão que pouco a pouco a desarvora. [...] Como se procurasse escutar nos refolhos da alma a palavra do irmão Vicente, que lhe dominava a mente, o Sr. Almiro concluiu: — Encerre imediatamente esse capítulo triste da sua existência que você não está a desenhar. Colhido pela irmã em desalinho, a quem busca ajudar, use de franqueza sem agressividade e não volte a vê-la. Como se despertasse para a reflexão decisiva, Francisco interrogou: — E se, induzida pelo mal que nela reside e pela Entidade má com a qual se homizia psiquicamente, ela vier a suicidar-se? O Sr. Almiro meditou, manteve-se calmo e redarguiu: — Seria profundamente lamentável essa ocorrência inditosa para ela, como também para nós todos. No entanto, a opção é dela. A pretexto de auxiliá-la, sem que ela deseje ajudar-se, não é lícito que você se perca e se desequilibre, sabendo, conforme cremos, que você é somente um capricho a mais, um brinquedo nas mãos levianas de uma pessoa inconsequente, bem como de Entidades vingativas. Prosseguiram ainda em comentários cuidadosos quão salutares, despedindo-se com um amplexo fraterno, emocionados, pensando no futuro.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Vidas em perigo)



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Quarta Parte

Medicina Espiritual – Aspectos Gerais

I. Papel da medicina e do médico espiritualizado

II. Saúde segundo a medicina espiritual

III. Doença segundo a medicina espiritual

IV. Processo saúde-doença e centros de força

V. Sono e sonhos

VI. Genética, hereditariedade e reencarnação

VII. Sexualidade

I Papel da medicina e do médico espiritualizado

I.1. Medicina do futuro – Medicina espiritual

“Esse segundo invólucro da alma, ou perispírito, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“RESUMO DA DOCTRINA DE SÓCRATES E DE PLATÃO. [...] XIX. Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem. O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, nova senda para a Ciência. Com o lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, faculta-lhe os meios de combatê-las. Quando a Ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos frequentes serão os seus maus êxitos.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Introdução)

“A medicina homeopática. Minha filha, venho dar um ensinamento médico aos espíritas. Aqui a Astronomia e a Filosofia têm eloquentes intérpretes, e a moral conta tantos escritores quantos médiuns. Por que a medicina, em seu lado prático e fisiológico, seria negligenciada? Eu fui o criador da renovação médica, que hoje penetra nas fileiras dos sectários da medicina antiga. Ligados contra a homeopatia, em vão lhe criaram diques sem número, em vão lhe gritaram: “Não

irás mais longe!” A jovem medicina, triunfante, transpôs todos os obstáculos, e o Espiritismo lhe será poderoso auxiliar. Graças a ele, ela abandonará a tradição materialista que por tanto tempo lhe retardou o desenvolvimento. O estudo médico está inteiramente ligado à pesquisa das causas e efeitos espiritualistas; ela dissecará os corpos e deve, também, analisar a alma. Deixai, pois, um velho médico justificar os fins e os meios da doutrina que propagou e que ele vê estranhamente desfigurada aqui em baixo pelos praticantes, e no alto por Espíritos ignorantes que usurpam o seu nome. Gostaria que minha palavra escutada tivesse o poder de corrigir os abusos que alteram a homeopatia e, assim, a impedem de ser útil como deveria. Se eu falasse num centro prático, onde os conselhos pudessem ser ouvidos com proveito, eu me elevaria contra a negligência de meus colegas terrenos que desconhecem as leis primordiais do *Organon*, exagerando as doses e, sobretudo, não dando à trituração tão importante dos medicamentos, os cuidados que indiquei. Muitos esquecem que cem, e às vezes duzentos golpes são absolutamente necessários ao desprendimento do princípio médico apropriado a cada uma das plantas ou venenos que formam nosso arsenal curador. Nenhum remédio é indiferente e nenhum medicamento é inofensivo. Quando o diagnóstico mal feito produz um resultado irrelevante, ele desenvolve os germes da moléstia que deveria combater. Mas eu me deixo arrastar por meu assunto, e eis-me na iminência de dar um curso de homeopatia a um auditório que não pode interessar-se pela questão. Entretanto não julgo inútil iniciar os espíritas nos princípios fundamentais da ciência, a fim de premuni-los contra as decepções que possam sofrer, quer da parte dos homens, quer mesmo da dos Espíritos. SAMUEL HAHNEMANN. (Nota. Esta dissertação foi motivada pela presença à sessão de um médico homeopata estrangeiro que desejava a opinião de Hahnemann sobre o estado atual da ciência. Faremos observar que ela foi dada através de uma jovem senhora que não fez estudos médicos, e à qual necessariamente são estranhos muitos termos especiais.)” (Sociedade Espírita de Paris, 13 de março de 1863 – Médium, Sra. Costel)¹

“As três causas principais das doenças. O que é o homem?... Um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. A ausência de um qualquer destes três princípios, necessariamente, levaria ao aniquilamento do ser no estado humano. Se o corpo não existe mais, há o Espírito e não mais o homem; se o perispírito falta ou não pode funcionar, o imaterial não podendo agir diretamente sobre a

1 Revista Espírita. Samuel Hahnemann (Organizador). Sexto ano, Número 8, Agosto 1863. Dissertações espíritas: A medicina homeopática. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, 2000. Disponível em: <https://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/revista-espirita-1863.pdf>

matéria e se encontrando assim na impossibilidade de se manifestar, poderá aí ter alguma coisa no gênero do cretino ou do idiota, mas não haverá jamais um ser inteligente. Enfim, se falta o Espírito, ter-se-á um feto vivendo da vida animal e não um Espírito encarnado. Se, pois, temos três princípios presentes, estes três princípios devem reagir um sobre o outro, e se seguirá a saúde ou a doença, segundo houver entre eles harmonia perfeita ou desacordo parcial. Se a doença ou a desordem orgânica, como se queira chamá-la, procede do corpo, os medicamentos materiais, sabiamente empregados bastarão para restabelecer a harmonia geral. Se a perturbação vem do perispírito, se é uma modificação do princípio fluídico que o compõe, que se acha alterado, será preciso uma medicação em relação com a natureza do órgão para que as funções possam retomar seu estado normal. Se a doença procede do Espírito, não se poderia empregar, para combatê-la, outra coisa do que uma medicação espiritual. Se, enfim, como é o caso mais geral, e se pode dizer mesmo aquele que se apresenta exclusivamente, se a doença procede do corpo, do perispírito e do Espírito, será preciso que a medicação combata, ao mesmo tempo, todas as causas da desordem, por meios diversos, para obter a cura. Ora, que fazem geralmente os médicos? Eles cuidam do corpo, curam-no; mas curam a doença? Não. Por quê? Porque o perispírito, sendo um princípio superior à matéria propriamente dita, poderá se tornar causa com relação a este; e se está entravado, os órgãos materiais que se encontram em relação com ele estarão igualmente atingidos em sua vitalidade. Cuidando do corpo, destruí o efeito; mas a causa residindo no perispírito, a doença virá de novo quando os cuidados cessarem, até que se tenha percebido que é preciso levar em outra parte a sua atenção, cuidando fluidicamente o princípio fluídico mórbido. Se, enfim, a doença procede da *mens*, o Espírito, o perispírito e o corpo, colocados sob sua dependência, serão entravados em suas funções, e não é nem cuidando de um, nem cuidando do outro que se fará desaparecer a causa. Não é, pois, colocando a camisa de força num louco, ou em lhe dando pílulas ou duchas, que se chegará a levá-lo ao seu estado normal; somente se acalmarão seus sentidos revoltados; acalmarão seus acessos, mas não se destruirá o germe senão em combatendo-o por seus semelhantes, fazendo da homeopatia espiritual e fluidicamente, como se o faz materialmente, dando ao doente, pela prece, uma dose infinitesimal de paciência, de calma, de resignação, segundo os casos, como se lhe dá uma dose infinitesimal de brucina, de digitalina ou de acônito. Para destruir uma causa mórbida,

é preciso combatê-la em seu terreno. Doutor MOREL LAVALLÉE.” (Paris, 25 de outubro de 1866 - Médium, Sr. Desliens)²

“**AS INVESTIGAÇÕES DA CIÊNCIA.** Não é condenável, sob o ponto de vista do bom senso, sem quaisquer dogmatismos intransigentes, a dúvida que levou a Ciência da vossa época a se recolher nas realidades positivas; é claro que, segundo a opinião religiosa, o materialismo é pernicioso, debaixo de todas as modalidades em que se nos apresente, mas é necessário vos convencerdes de que em qualquer circunstância predomina sempre a lei do progresso. O ateísmo reinante deriva dos abusos dogmáticos que a intransigência de alguns sistemas tem pretendido impor à consciência humana, livre em suas íntimas expansões. Todavia, na certeza absoluta da evolução que se realiza, através de todos os óbices interpostos no seu caminho pela ignorância e pela má-fé, eis que, na atualidade, a própria dúvida serve de base ao monumento da fé raciocinada do futuro. **O RESULTADO DAS INVESTIGAÇÕES.** Vê-se a Ciência no dever de investigar, de estudar, e, no seu afã incessante de saber, rolam por terra ideias errôneas, mantidas até hoje como alicerces de todas as suas perquirições, como, por exemplo, a da teoria da indivisibilidade atômica. Descobrimos centros imponderáveis de atração, como os electrônios componentes do átomo infinitesimal e os iônios, atinge a verdade, quanto às teorias da vibração, que preside, na base da matéria cósmica, a todos os movimentos da vida no Universo. A ciência infatigável procura, agora, a matéria-padrão, a força-origem, simplificada, da qual crê emanarem todos os compostos, e é nesse estudo proveitoso que ela própria, afirmando-se atea, descrente, caminha para o conhecimento de Deus. **O FRACASSO DE MUITAS INICIATIVAS.** Não são poucos os estudiosos que procuram investigar os domínios da ciência psíquica, na sede de encontrar o lado verdadeiro da vida; porém, se muitas vezes acham apenas o malogro das suas esperanças, o soçobro dos seus ideais, é que se entregam os estudos arriscados sem preparação prévia para resolver tão altas questões, errando voluntariamente com espírito de ceticismo, muitas vezes injustificável, já que não é filho de raciocínio acurado, profundo. O êxito no estudo de problemas tão transcendentais demanda a utilização de fatores morais, raramente encontrados; daí a improdutividade de entusiasmos e desejos que podem ser ardentes e sinceros. **O UTILITARISMO.** A ausência de demonstrações histológicas não implica a inexistência do Espírito. E essa certeza que compete à Ciência atingir. Muitos obstáculos, contudo, se opõem

2 Revista Espírita. Samuel Hahnemann (Organizador). Décimo ano, Número 2, Fevereiro 1867. Dissertações espíritas: As três causas principais das doenças. Araras (SP): Instituto de Difusão Espírita, 1999. Disponível em:  <https://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/revista-espirita-1867.pdf>.

à obtenção desse desiderato, aliando-se ao preconceito acadêmico o utilitarismo desenfreado que infesta a política e a religião; é ele o maior inimigo da expansão das verdades espiritualistas no mundo, porque oriundo de interesses inferiores e mesquinhos. A própria tendência ao ateísmo, imperante em quase todas as classes sociais, é um derivativo lógico do espírito de interesse, que tem destruído a beleza dos princípios religiosos, desvirtuados pelo utilitarismo de falsos missionários. Mas, confiemos na influência do espiritualismo; em futuro próximo, a sua atuação eminentemente benéfica há de se fazer sentir, destruindo tudo quanto de nocivo e inútil encontrar em sua passagem. **OS TEMPOS DO PORVIR.** Marchamos, pois, para uma época de crença firme e consoladora, que derramará o bálsamo da fé pura e iluminada sobre as almas que adorarão o Criador, sem qualquer véu de formalidades inadequadas e obsoletas. Semelhantes transformações serão efetuadas após muitas lutas, que encherão de receios e de espantos os espíritos encarnados. Lembremo-nos, porém, de que “Deus está no leme”. É esse o porvir do orbe em que viveis. Contudo, quanto tempo decorrerá, até que essa nova era brilhe nos horizontes do entendimento humano? Ignoramos. Conjuguemos, todavia, os nossos esforços a fim de alcançarmos esse desiderato. Demonstrei, com o vosso exemplo, que a luz permanece em vossos corações e cooperareis conosco, em favor dessas mutações precisas. Toda reforma terá de nascer no interior. Da iluminação do coração vem a verdadeira cristianização do lar, e do aperfeiçoamento das coletividades surgirá o novo e glorioso dia da Humanidade.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XIII)

“A SAÚDE HUMANA. Justifica-se o esforço dos experimentadores da medicina tentando descobrir um caminho novo para atenuar a miséria humana; todavia, sem abstrairmos das diretrizes espirituais, que orientam os fenômenos patogênicos nas questões das provas individuais, temos necessidade de reconhecer a imprescindibilidade da saúde moral, antes de atacarmos o enigma doloroso e transcendente das enfermidades físicas do homem. **A RENOVAÇÃO DOS MÉTODOS DE CURA.** Em todos os séculos, tem-se estudado o problema da saúde humana. Até à metade do século XVIII, admitia-se plenamente a medicina da Idade Média que, por sua vez, representava quase integralmente o mesmo processo de cura dos egípcios, na antiguidade. Todas as moléstias eram atribuídas à vacilação dos humores, baseando-se a maior parte dos métodos terapêuticos na sangria e nas substâncias purgativas. No século XIX, as grandes descobertas científicas eliminaram esses antigos conhecimentos. Os aparelhos de laboratório perquirindo o mundo obscuro e vastíssimo da microbiologia, as novas teses anatomopatológicas apresentadas pelos estudiosos do

assunto estabelecem, com a severidade das análises, que as moléstias residem na modificação das partes sólidas do organismo, abandonando-se a teoria da alteração dos humores. Os médicos esqueceram, então, o estudo dos líquidos viciados do corpo, concentrando atenções e pesquisas na lesão orgânica, criando novos métodos de cura. **OS PROBLEMAS CLÍNICOS INQUIETANTES.** Não obstante a nobreza e a sublimidade da missão de quantos se entregam ao sagrado labor de aliviar as amarguras alheias aí no mundo, reconhecemos que muitos estudiosos perdem um tempo precioso, mergulhados na discussão de mesquinharias rivalidades profissionais, quando não se acham atolados no pântano dos interesses exclusivistas e particulares, desconhecendo a grandiosidade espiritual do seu sacerdócio. O que se torna altamente necessário nos tempos modernos é reconhecer-se, acima de todos os processos artificiais de cura da atualidade, o método indispensável da medicina natural, com suas potencialidades infinitas. Analisando-se todos os descobrimentos notáveis dos sistemas terapêuticos dos vossos dias, orientados pelas doutrinas mais avançadas, em virtude dos novos conhecimentos humanos com respeito à bacteriologia, à biologia, à química, etc., reconhecemos que, com exceção da cirurgia, que teve com Ambroise Paré, e outros inteligentes cirurgiões de guerra, o mais amplo dos desenvolvimentos, pouco têm adiantado os homens na solução dos problemas da cura, dentro dos dispositivos da medicina artificial por eles inventada. Apesar do concurso precioso do microscópio, existem hoje questões clínicas tão inquietantes, como há duzentos anos. Os progressos regulares que se verificam na questão angustiosíssima do câncer e da lepra, da tuberculose e de outras enfermidades contagiosas, não foram além das medidas preconizadas pela medicina natural, baseadas na profilaxia e na higiene. Os investigadores puderam vislumbrar o mundo microbiano sem saber eliminá-la. Se foi possível devassar o mistério da Natureza, a mentalidade humana ainda não conseguiu apreender o mecanismo das suas leis. O que os estudiosos, com poucas exceções, se satisfazem com o mundo aparente das formas, demorando-se nas expressões exteriores, incapazes de uma excursão espiritual no domínio das origens profundas. Sondam os fenômenos sem lhes auscultarem as causas divinas. **MEDICINA ESPIRITUAL.** A saúde humana nunca será o produto de comprimidos, de anestésicos, de soros, de alimentação artificialíssima. O homem terá de voltar os olhos para a terapêutica natural, que reside em si mesmo, na sua personalidade e no seu meio ambiente. Há necessidade, nos tempos atuais, de se extinguirem os absurdos da “fisiologia dirigida”. A medicina precisa criar os processos naturais de equilíbrio psíquico, em cujo organismo, se bem que remoto para as suas atividades anatômicas, se localizam todas as

causas dos fenômenos orgânicos tangíveis. A medicina do futuro terá de ser eminentemente espiritual, posição difícil de ser atualmente alcançada, em razão da febre maldita do ouro; mas os apóstolos dessas realidades grandiosas não tardarão a surgir nos horizontes acadêmicos do mundo, testemunhando o novo ciclo evolutivo da Humanidade. O estado precário da saúde dos homens, nos dias que passam, tem o seu ascendente na longa série de abusos individuais e coletivos das criaturas, desviadas da lei sábia e justa da Natureza. A Civilização, na sua sede de bem-estar, parece haver homologado todos os vícios da alimentação, dos costumes, do sexo e do trabalho. Todavia, os homens caminham para as mais profundas sínteses espirituais. A máquina, que estabeleceu tanta miséria no mundo, suprimindo o operário e intensificando a facilidade da produção, há de trazer, igualmente, uma nova concepção da civilização que multiplicou os requintes do gosto humano, complicando os problemas de saúde; há de ensinar às criaturas a maneira de viverem em harmonia com a Natureza. **O MUNDO MARCHA PARA A SÍNTESE.** Marcha-se para a síntese e não deve causar surpresa a ninguém a minha assertiva de que não vos achais na época em que a ciência prática da vida vos ensinará o método do equilíbrio perfeito, em matéria de saúde. Os corpos humanos serão alimentados, segundo as suas necessidades especiais, sem dispêndio excessivo de energias orgânicas. As proteínas, os hidratos de carbono e as gorduras, que constituem as matérias-primas para a produção de calorías necessárias à conservação do vosso corpo, e que representam o celeiro das economias físicas do vosso organismo, não serão tomados de maneira a prejudicar-se o metabolismo, estabelecendo-se, dessa forma, uma harmonia perfeita no complexo celular da vossa personalidade tangível, harmonia essa que perdurará até o fenômeno da desencarnação. Mas, todas essas exposições objetivam a necessidade de aplicarmos largamente as nossas possibilidades na solução dos problemas humanos para a melhoria do futuro. É verdade que, por muito tempo ainda, teremos, em oposição ao nosso idealismo, a questão do interesse e do dinheiro, porém, trabalhemos confiantes na misericórdia divina. Emprestemos o nosso concurso a todas as iniciativas que nobilitem o penoso esforço das coletividades humanas, e não olvidemos que todo bem praticado reverterá em benefício da nossa própria individualidade. Trabalhemos sempre com o pensamento voltado para Jesus, reconhecendo que a preguiça, a suscetibilidade e a impaciência nunca foram atributos das almas desassombradas e valorosas.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXIII)

“Notei que movimentava agora minhas faculdades volitantes com facilidade crescente. A excursão educativa, com escala pelo Posto de Socorro de Campo

da Paz, fizera-me grande bem. Melhorara em adestramento, sentia-me fortalecido ante as vibrações de ordem inferior, mobilizava os recursos próprios sem dificuldade. Reparei, igualmente, que minhas possibilidades visuais cresciam sensivelmente. Volitando, não observara, até então, o que agora verificava, extremamente surpreendido. Dantes, via somente os homens, os animais, veículos e edifícios chumbados ao solo. Agora, a visão dilatava-se. Reconhecia, de longe, o peso considerável do ar que se agarrava à superfície. Tive a impressão de que nadávamos em alta zona do mar de oxigênio, vendo em baixo, em águas turvas, enorme quantidade de irmãos nossos a se arrastarem pesadamente, metidos em escafandros muito densos, no fundo lodoso do oceano. – Estão vendo aquelas manchas escuras na via pública? – indagava nosso orientador, percebendo-nos a estranheza e o desejo de aprender cada vez mais. Como não soubéssemos definir com exatidão, prosseguia explicando: – São nuvens de bactérias variadas. Flutuam quase sempre também, em grupos compactos, obedecendo ao princípio das afinidades. Reparem aqueles arabescos de sombra... E indicava-nos certos edifícios e certas regiões citadinas. – Observem os grandes núcleos pardacentos ou completamente obscuros!... São zonas de matéria mental inferior, matéria que é expelida incessantemente por certa classe de pessoas. Se demorarmos em nossas investigações, veremos igualmente os monstros que se arrastam nos passos das criaturas, atraídos por elas mesmas... Imprimindo grave inflexão às palavras, considerou: – Tanto assalta o homem a nuvem de bactérias destruidoras da vida física, quanto as formas caprichosas das sombras que ameaçam o equilíbrio mental. Como veem, o “orai e vigiai” do Evangelho tem profunda importância em qualquer situação e a qualquer tempo. Somente os homens de mentalidade positiva, na esfera da espiritualidade superior, conseguem sobrepor-se às influências múltiplas de natureza menos digna. Interessado, contudo, em maior esclarecimento, perguntei: – Mas a matéria mental emitida pelo homem inferior tem vida própria como o núcleo de corpúsculos microscópicos de que se originam as enfermidades corporais? O mentor generoso sorriu singularmente e acentuou: – Como não? Vocês, presentemente, não desconhecem que o homem terreno vive num aparelho psicofísico. Não podemos considerar somente, no capítulo das moléstias, a situação fisiológica propriamente dita, mas também o quadro psíquico da personalidade encarnada. Ora, se temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos a nuvem de larvas mentais produzidas pela mente enferma, em identidade de circunstâncias. Desse modo, na esfera das criaturas desprevénidas de recursos espirituais, tanto adoecem corpos, como almas. No futuro, por esse mesmo

motivo, a medicina da alma absorverá a medicina do corpo. Poderemos, na atualidade da Terra, fornecer tratamento ao organismo de carne. Semelhante tarefa dignifica a missão do consolo, da instrução e do alívio. Mas, no que concerne à cura real, somos forçados a reconhecer que esta pertence exclusivamente ao homem-espírito. – Deus meu! – exclamou Vicente, espantado – a que perigos está submetido o homem comum! – Por isso – tornou Aniceto, cuidadoso –, a existência terrestre é uma gloriosa oportunidade para os que se interessam pelo conhecimento e elevação de si mesmos. E, por esta mesma razão, ensinamos a necessidade da fé religiosa entre as criaturas humanas. Desenvolvendo essa campanha, não pretendemos intensificar as paixões nefastas do sectarismo, mas criar um estado positivo de confiança, otimismo e ânimo sadio na mente de cada companheiro encarnado. Até agora, apenas a fé pode proporcionar essa realização. As ciências e as filosofias preparam o campo; entretanto, a fé que vence a morte, é a semente vital. Possuindo-lhe o valor eterno, encontra o homem bastante dinamismo espiritual para combater até à vitória plena em si mesmo. Compreendendo que precisaria completar o esclarecimento, exclamou, depois de pausa mais longa: – Todos precisamos saber emitir e saber receber. Para alcançarem a posição de equilíbrio, nesse mister, empenham-se os homens encarnados e nós outros, em luta incessante. E já que conhecemos alguma coisa da eternidade, é preciso não esquecer que toda queda prejudica a realização, e todo esforço nobre ajuda sempre. As explicações recebidas não poderiam ser mais claras. Aquela visão, porém, de ruas repletas de pontos sombrios a se deslocarem vagarosos, atingindo homens e máquinas, nas vias públicas, assombrava-me. Sequioso de ensinamentos, tornei ao assunto: – A lição para mim tem valores incalculáveis. E quando penso no alto poder reprodutivo da flora microbiana... Aniceto, contudo, não me deixou terminar. Conhecendo, de antemão, minha pergunta natural, cortou-me a frase, exclamando: – Sim, André, se não fosse o poder muito maior da luz solar, casada ao magnetismo terrestre, poder esse que destrói intensivamente para selecionar as manifestações da vida, na esfera da Crosta, a flora microbiana de ordem inferior não teria permitido a existência dum só homem na superfície do globo. Por esta razão, o solo e as plantas estão cheios de princípios curativos e transformadores. E, abanando significativamente a cabeça, concluiu: – Nada obstante esse poder imenso, recurso divino, enquanto os homens, herdeiros de Deus, cultivarem o campo inferior da vida, haverá também criações inferiores, em número bastante para a batalha sem tréguas em que devem ganhar os valores legítimos da evolução.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 40)

“Alexandre sorriu, pensativo, e falou, depois de pausa mais longa: – Conforme verificamos, André, o tratamento remoto nos templos, a ascendência da fé nos processos de Medicina nos séculos passados, e a concepção de que as entidades diabólicas provocam as mais estranhas enfermidades no homem, não são integralmente destituídas de razão. Indubitavelmente, entre os Espíritos encarnados, as expressões mentais dependem do equilíbrio do corpo, assim como a boa e perfeita música depende do instrumento fiel. Mas a ciência médica atingirá culminâncias sublimes quando verificar no corpo transitório a sombra da alma eterna. Cada célula física é instrumento de determinada vibração mental. Todos somos herdeiros do Pai que cria, conserva, aperfeiçoa, transforma ou destrói e, diariamente, como nosso potencial gerador de energias latentes, estamos criando, renovando, aprimorando ou destruindo alguma coisa. Justifico a surpresa de seus raciocínios ante a paisagem nova que se desdobra à sua vista. A luta do aperfeiçoamento é vastíssima. Quanto ao combate sistemático ao vampirismo, nas múltiplas moléstias da alma, aqui também, no plano de nossas atividades, não faltam processos saneadores e curativos de natureza exterior; no entanto, examinando o assunto na essência, somos compelidos a reconhecer que cada filho de Deus deve ser o médico de si mesmo e, até à plena aceitação desta verdade com as aplicações de seus princípios, a criatura estará sujeita a incessantes desequilíbrios.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 6)

“Admirava, tomado de profunda impressão, aqueles gráficos numerosos que se alinhavam, com absoluta ordem, demonstrando o cuidado espiritual que precede o serviço de reencarnações, quando o meu amigo ponderou: – A medicina humana será muito diferente no futuro, quando a Ciência puder compreender a extensão e complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral. As preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; as grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo. Se isso pode acontecer na esfera de atividades vulgares das lutas físicas, imagine o campo enorme de observações que nos oferece o plano espiritual, para onde se transferem, todos os dias, milhares de almas desencarnadas, em lamentáveis condições de desequilíbrio da mente. O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se, muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“– Tenho minhas atribuições junto aos desequilibrados mentais; todavia, meu esforço maior, ultimamente, desdobra-se na região inspiracional dos médicos humanitários, para que os candidatos involuntários à perturbação sejam auxiliados a tempo. Depois de verificada a loucura propriamente dita, na maioria dos casos terminou o processo da desarmonia psíquica. Muito difícil conduzir a restauração perfeita aos alienados com ficha reconhecida, embora seja incessante a nossa batalha pelo restabelecimento integral da percentagem possível de enfermos. Antes do equilíbrio completo, houve enorme período em que o socorro do psiquiatra poderia ter sido providencial e eficiente. Não será, portanto, um grande trabalho orientarmos indiretamente o médico bem-intencionado, para que ele auxilie o provável alienado, a tempo, empregando a palavra confortadora e o carinho restaurador? Incalculável número de pessoas permanece no plano carnal, tentando a solução dos profundos problemas relativos ao próprio ser. Relacionando as conclusões dos tratadistas humanos, cujos pontos de vista divergem nos pormenores, temos, na esfera de aperfeiçoamento terrestre, cinco classes de psicoses: as de natureza paranoica, perversa, mitomaníaca, ciclotímica e hiperemotiva, englobando, respectivamente, a mania das perseguições e o delírio de grandezas, os desequilíbrios e fraquezas de ordem moral, a histeria e a mitomania, os ataques melancólicos e as fobias e crises de angústia. O interlocutor sorriu, fez uma pausa e continuou: Esta, a definição científica dos nossos amigos que, como nós outros antigamente, só possuem o recurso de diagnosticar e analisar nas minudências anatômicas. Arabescos de ouro sobre a areia do Saara não tornariam o deserto menos árido. Assim, a terminologia brilhante sobre o quadro escuro do sofrimento. Precisamos divulgar no mundo o conceito moralizador da personalidade congênita, em processo de melhoria gradativa, espalhando enunciados novos que atravessem a zona de raciocínios falíveis do homem e lhe penetrem o coração, restaurando-lhe a esperança no eterno futuro e revigorando-lhe o ser em suas bases essenciais. As noções reencarnacionistas renovarão a paisagem da vida na Crosta da Terra, conferindo à criatura não somente as armas com que deve guerrear os estados inferiores de si própria, mas também lhe fornecendo o remédio eficiente e salutar. Faz muitos séculos, afirmou Plotino que toda a antiguidade aceitava como certa a doutrina de que, se a alma comete faltas, é compelida a expiá-las, padecendo em regiões tenebrosas, regressando, em seguida, a outros corpos, a fim de reiniciar suas provas. Falta, desse modo, lamentavelmente, aos nossos companheiros de Humanidade o conhecimento da transitoriedade do corpo físico e o da eternidade da vida, do débito contraído e do resgate necessário, em experiências e

recapitulações diversas. Barcelos calara-se, por instantes, enquanto eu lhe ponderava a extensão da competência. Com justificada razão possuía ele o título de Assistente, porque não era um simples irmão auxiliar, mas profundo especialista no assunto a que se dedicara, fervoroso. A conversação dele valia por um curso rápido de Psiquiatria sob novo aspecto, que me cabia aproveitar, em benefício próprio, para as tarefas marginais do serviço comum. Desejando traduzir minha admiração e contentamento, observei, reconhecido: – Ouvindo-lhe as considerações, reconheço que o missionário do bem, onde se encontre, é sempre um semeador de luz. Ele, porém, pareceu não ouvir minha referência elogiosa e prosseguiu noutro tom, após longa pausa: – O meu amigo examinou alguns casos de obsessão entre agentes invisíveis e pacientes encarnados, impressionando-se com a imantação mental entre eles. Pisamos no momento outro solo. Referimo-nos às necessidades de esclarecimento dos homens, perante os seus próprios companheiros de plano evolutivo. No círculo das recordações imprecisas, a se traduzirem por simpatia e antipatia, vemos a paisagem das obsessões transferida ao campo carnal, onde, em obediência às lembranças vagas e inatas, os homens e as mulheres, jungidos uns aos outros pelos laços de consanguinidade ou dos compromissos morais, se transformam em perseguidores e verdugos inconscientes entre si. Os antagonismos domésticos, os temperamentos aparentemente irreconciliáveis entre pais e filhos, esposos e esposas, parentes e irmãos, resultam dos choques sucessivos da subconsciência, conduzida a recapitulações retificadoras do pretérito distante. Congregados, de novo, na luta expiatória ou reparadora, as personagens dos dramas que se foram passam a sentir e ver, na tela mental, dentro de si mesmas, situações complicadas e escabrosas de outra época, malgrado os contornos obscuros da reminiscência, carregando consigo fardos pesados de incompreensão, atualmente definidos por “complexos de inferioridade”. Identificando em si questões e situações íntimas, inapreensíveis aos demais, o Espírito reencarnado que adquire recordações, não obstante menos precisas, do próprio passado, candidata-se, inelutavelmente, à loucura. E nessa categoria, meu amigo, temos na Crosta Planetária uma percentagem cada vez maior de possíveis alienados, requerendo o concurso de psiquiatras e neurologistas, que, a seu turno, se conservam em posição oposta à verdade, presos à conceituação acadêmica e às rígidas convenções dos preceitos oficiais. Esses, em particular, são os pacientes que interessam, de mais perto, meus estudos pessoais. São as vítimas anônimas da ignorância do mundo, os infortunados absolutamente desentendidos que, de loucos incipientes, prosseguem, pouco a pouco, a caminho do hospício ou do leito de enfermidades ignoradas, tão só

porque lhes faltam a água viva da compreensão e a luz mental que lhes revelem a estrada da paciência e da tolerância, em favor da redenção própria.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“Liberto, Cavalcante oferecia-me amplo ensejo a infatigáveis pesquisas. A injeção sedativa, veiculando anestésicos em dose alta, afetara-lhe o corpo perispirítico, como se fora choque elétrico. Devido a isso, ele permanecia quase inerte, ignorando-se a si mesmo. Inquirido por mim, vezes diversas, não sabia concatenar raciocínios para responder às questões mais rudimentares, alusivas à própria identidade pessoal. Notando o meu interesse a respeito do assunto, Jerônimo, após ministrar-lhe os primeiros socorros magnéticos, na Casa Transitória, prestou-me os seguintes esclarecimentos: – Qualquer droga, no campo infinitesimal dos núcleos celulares, se faz sentir pelas propriedades elétricas específicas. Combinar aplicações químicas com as verdadeiras necessidades fisiológicas, constituirá, efetivamente, o escopo da Medicina no porvir. O médico do futuro aprenderá que todo remédio está saturado de energias eletromagnéticas em seu raio de ação. É por isso que o veneno destrói as vísceras e o entorpecente modifica a natureza das células em si, impondo-lhes incapacidade temporária. A gota medicamentosa tem princípios elétricos, como também acontece às associações atômicas que vão recebê-la. Segundo sabemos, em plano algum a Natureza age aos saltos. O perispírito, formado à base de matéria rarefeita, mobiliza igualmente trilhões de unidades unicelulares da nossa esfera de ação, que abandonam o campo físico saturadas da vitalidade que lhe é peculiar. Daí os sofrimentos e angústias de determinadas criaturas, além do decesso. Os suicidas costumam sentir, durante longo tempo, a aflição das células violentamente aniquiladas, enquanto os viciados experimentam tremenda inquietação pelo desejo insatisfeito. A elucidação era lógica e humana. Fui compreendendo, por minha vez, pouco a pouco, a importância do desapego às emoções inferiores para os homens e mulheres encarnados na Crosta. Matéria e espírito, vaso e conteúdo, forma e essência, confundiam-se aos meus olhos como a chama da vela e o material incandescente. Integrados um no outro, produziam a luz necessária aos objetivos da vida.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 19)

“Predisposições mórbidas. [...] – *Quais os principais métodos usados na Espiritualidade para o tratamento das lesões do corpo espiritual?* – Na Espiritualidade, os servidores da medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença que lhe são particulares. Aí, os exames nos tecidos psicossomáticos com aparelhos de precisão, correspondendo às inspeções instrumentais e laboratoriais em voga

na Terra, podem ser enriquecidos com a ficha cármica do paciente, a qual determina quanto à reversibilidade ou irreversibilidade da moléstia, antes de nova reencarnação, motivo por que numerosos doentes são tratáveis, mas somente curáveis mediante longas ou curtas internações no campo físico, a fim de que as causas profundas do mal sejam extirpadas da mente pelo contato direto com as lutas em que se configuraram. Curial, portanto, é que o médico espiritual se utilize ainda, de certa maneira, da medicação que vos é conhecida, no socorro aos desencarnados em sofrimento, porque, mesmo no mundo, todo remédio da farmacopeia humana, até certo ponto, é projeção de elementos quimioelétricos sobre agregações celulares, estimulando-lhes as funções ou corrigindo-as, segundo as disposições do desequilíbrio em que a enfermidade se expresse. Contudo, é imperioso reconhecer que na Esfera Superior o médico não se ergue apenas com o pedestal da cultura acadêmica, qual ocorre, frequentemente, entre os homens, mas sim também com as qualidades morais que lhe confirmam valor e ponderação, humildade e devotamento, visto que a psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano extrafísico, exigem dele grandeza de caráter e pureza de coração. Uberaba, 25/6/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 19)

“Aproximei-me reverentemente da jovem, no propósito de sondá-la em silêncio e colher-lhe as vibrações mais íntimas; contudo, recuei assustado. Estranhas formas-pensamentos, retratando-lhe os hábitos e anseios, em contradição com os nossos propósitos de socorrer a doente, fizeram-me para logo sentir que Marina se achava ali, a contragosto. A sua mente vagueava longe... Quadros vivos de esfuziante agitação ressumavam-lhe na cabeça... De olhar parado, escutava, adentro de si própria, a música brejeira da noite festiva, que atravessara na véspera, e experimentava ainda na garganta a impressão do gim que sorvera, abundante. Apesar de surgir-nos, superficialmente, à guisa de menina crescida, sob o turbilhão de névoa fumarenta, exibia telas mentais complexas, a lhe relampaguearem na aura imprecisa. Trazido pelas circunstâncias a colaborar na solução de um processo assistencial, sem qualquer intuito menos digno, passei a estudar-lhe o comportamento isolado. A Medicina terrestre, no futuro, para atender com eficácia, ao doente, examinar-lhe-á, com minúcias, a feição espiritual de todas as peças humanas que lhe articulam a equipe. Respeitoso, iniciei os apontamentos de ampla anamnese psicológica. Marina apresentou, a princípio, a figura de um homem amadurecido, cunhada por sua própria imaginação, a repetir-se-lhe, muitas vezes, acima da frente. Ela e ele, juntos... Percebia-se-lhes, de pronto, a intimidade, adivinhava-se-lhes o romance... Fisicamente, pareciam pai e filha; entretanto, pelas

atitudes sentimentais, não conseguiam disfarçar a estuante paixão um pelo outro. Nos painéis sutis que surgiam e se desfaziam, alternadamente, mostravam-se ambos extasiados, ébrios de prazer, fosse aboletados no automóvel de luxo ou enlaçados na areia morna das praias, conchegados sob a proteção de arvoredos tranquilos ou sorridentes em tumultuados abrigos de encantamento noturno... Deslumbrantes paisagens de Copacabana ao Leblon desfilavam por admirável fundo pictórico. A moça entrefechava as pálpebras para senhorear, com mais segurança, as reminiscências que lhe empolgavam os sentidos, para, logo após, mentalizar, surpreendentemente, outro homem, tão jovem quanto ela mesma, evidenciando-se-nos entregue às cenas de um filme interior, diferente... Formava novo tipo de palco para exibir a lembrança das próprias aventuras, no qual se destacava igualmente ao pé do rapaz, como se estivesse afeiçoada aos mesmos sítios, desfrutando companhias diversas... Ela e ele também juntos, no mesmo carro entrevisto ou na condição de pedestres felizes, saboreando refrescos ou repousando em animados entendimentos nos jardins públicos, sugerindo o encontro de crianças enamoradas, a entretecerem aspirações e sonhos... Naqueles rápidos minutos de fixação espiritual, em que se exteriorizava tal qual era, Marina revelava a personalidade dúplice da mulher dividida entre o carinho de dois homens, jugulada por pensamentos de medo e inquietude, ansiedade e arrependimento.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 2)

“Imperfeitamente refeitos do assombro que semelhante atitude nos causava, passamos a colaborar com o irmão Félix, na aplicação de recursos, a benefício do amigo que, embora nos desconhecesse a presença, se mantinha agora em aturada reflexão. Ao contato das mãos do benfeitor que mobilizava, proficiente, a energia magnética, Nemésio expunha as deficiências do campo circulatório. O coração, consideravelmente aumentado, denotava falhas ameaçadoras com endurecimento das artérias. O examinando, rebufado por fora, era enfermo grave por dentro. Entretanto, a característica mais constrangedora que apresentava surgia na arteriosclerose cerebral, cujo desenvolvimento conseguimos claramente positar, manejando diminutos aparelhos de auscultação. Comprovando longa experiência médica, o irmão Félix apontou-nos determinada região, em que notei a circulação do sangue reduzida, e informou: – Nosso amigo permanece sob o perigo de coágulos bloqueadores e, além disso, é de temer-se a ruptura de algum vaso em qualquer acidente mais importante da hipertensão. Como se nos percebesse a movimentação e nos registrasse os apontamentos, o genro de Neves, na cadeira estofada a que se recolhera, instintivamente respondia ao inquérito afetuoso a que lhe submetíamos a memória, elucidando-nos todas as dúvidas, através de reações mentais específicas.

Acreditava-se afundado na imaginação, ignorando que se nos revelava, por inteiro, na feição de um doente voltado para os esclarecimentos da anamnese. Reme-morou as tonturas ligeiras que vinha experimentando amiúde. Vasculhava a lembrança, atendendo-nos às perguntas. Alinhava acontecimentos passados, fixava pormenores. Reconstituiu, quanto possível, as fases do desconforto a que se vira atirado, subitamente, com a perda dos sentidos que sofrera, no escritório, dias antes. Sentira-se desamparado, de chofre. Ausente. O pensamento esvaía-se-lhe da cabeça, como se expulso por martelada interior. Pavoroso delíquio que se lhe representara infundável, quando perdurara simplesmente por segundos. Retomara a noção de si mesmo, atarantado, abatido. Curtira apreensões, ensimesmado, por muitos dias. Para desafrontar-se, expusera a ocorrência perante velho amigo, na antevéspera, já que não sabia como destrinçar o fenômeno. A tela rearticulada por ele, na imaginação, salientava-se tão nítida que lográvamos contemplá-los juntos, Nemésio e o companheiro que lhe tomara confidências, como se estivessem filmados. O marido de Beatriz, inconscientemente, configurava informes precisos, acerca do desmaio experimentado, das inquietações consequentes, da entrevista que provocara com o colega de negócios e do entendimento cordial havido entre ambos. Consignamos os avisos que o interlocutor lhe transmitira. Não lhe cabia adiar providências. Devia procurar um médico, analisar as próprias condições, definir os sintomas. Traçou advertências. Verificava-se-lhe facilmente a fadiga. No Rio, obteria melhoras em alguma clínica de repouso. Umas férias não lhe fariam mal. Qualquer síncope, a seu ver, equivalia a puxão de campainha, no apartamento da vida. Sério vaticínio, enfermidade à porta.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 5)

“Entramos em aposento contíguo, onde encontramos jovem franzina, em dorida atitude. Sentada num dos leitos que se estiravam no quarto gracioso e limpo, refletia, torturada, permitindo-nos entrever-lhe o drama oculto. O irmão Félix apresentou-a. Tratava-se de Marita, que os donos da casa haviam perfilhado ao nascer, vinte anos antes. Bastou uma vista de olhos para que me condoesse ao contemplá-la. Rosa humana, embora exalasse a fragrância da juventude, aquela moça, quase menina, de mãos enclavinhas sob o queixo, matutando, parecia carregar o peso estafante de tribulações cronicificadas e dolorosas. Figurava-se-lhe a cabeleira ondeada lindo toucado de veludo castanho sobre a cabeça. O rosto esculpido em linhas raras, os olhos escuros contrastando com a brancura da tez, as mãos pequenas e as unhas róseas complementavam belo manequim de carne, apresentando por dentro uma criança assustada e ferida. Tristeza maquilada. Aflição no disfarce de flor. Obedecendo a instruções de Félix, abordei-a, enternecido,

rogando-lhe, mentalmente, algo esclarecesse, em torno de si própria. Desde o contato com Nemésio, o benfeitor ensaiava-me, provavelmente sem querer, em novo gênero de anamnese: consultar o enfermo espiritual em pensamento, evidenciando a terna compreensão que um pai deve aos filhos, a fim de pesquisar conclusões para o trabalho assistencial. Compelido a operar individualmente, recompus emoções. Recobrei os sentimentos paternais que me haviam animado entre os homens e cravei o olhar indagador naquela criaturinha cismarenta, imaginando-a por filha de minha alma. Solicitei-lhe, sem palavras, confiasse em nós, desoprimindo-se. Relacionasse, por gentileza, as suas impressões mais recuadas no tempo. Desenovelassem o passado. Reconstituíssem na lembrança tudo o que soubesse de si, nada escondesse. Propúnhamo-nos auxiliá-la. Não conseguiríamos, porém, agir ao acaso. Era imprescindível que ela se nos revelasse, arrancando à câmara da memória as cenas arquivadas desde a infância, expondo-as na tela mental para que as analisássemos, imparcialmente, de maneira a conduzir as atividades socorristas que intentaríamos desenvolver. Marita assimilou-nos o apelo, de imediato. Incapaz de explicar a si mesma a razão pela qual se via instintivamente constrangida a rememorar o pretérito, situou o impulso mental no ponto em que obtinha o fio inicial das suas recordações. Os quadros da meninice se lhe estamparam na aura, movimentados como num filme. Vimo-la pequenina, hesitante, nos passos primeiros. E, enquanto desfilavam os painéis ingênuos do que lhe havia acontecido, logo após o soerguimento do berço, ela alinhavava elucidações inarticuladas, respondendo-nos às perguntas.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 7)

“Dr. Bezerra deu curso a uma anamnese profunda no organismo físico do paciente, anotando as anomalias que o Espírito plasmara no corpo, por ensejo da reencarnação, e, após o demorado exame, cujos detalhes não pude acompanhar, elucidou: — Na pauta do tratamento que nos cabe aplicar ao Carlos, verificamos algumas ocorrências que nos parecem irreversíveis, como expiação necessária em face dos anteriores delitos perpetrados... No entanto, conforme seja da Divina Vontade, é provável que ele venha a recuperar expressiva parcela da lucidez, retornando à realidade objetiva, de forma que possa viver sem mais grave dependência da mãezinha, adquirindo recursos para programar um futuro melhor, feliz, em relação ao quadro no qual se encontra incurso. Não será um labor fácil; todavia, a tentativa é muito valiosa e oportuna. Confiemos em Deus e esforcemo-nos.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 11)

“**Trilhas da Libertação.** [...] A presente obra estuda algumas dessas técnicas e lutas pela libertação dos seres, de si mesmos, de suas mazelas e imperfeições, em experiências valiosas, e também como forma de

contribuição para o estabelecimento de uma Medicina holística para o futuro, que considere o ser humano como espírito, perispírito e matéria. Procuramos traduzir inúmeras ocorrências que tiveram lugar em nossa esfera de ação, a fim de advertir aqueles que estejam interessados em apressar o próprio processo de iluminação e de crescimento interior. Pelas trilhas da libertação avançamos no rumo da Grande Luz, até o momento da plenificação que nos aguarda. O presente trabalho não apresenta fantasias, nem novidades que o estudioso do Espiritualismo em geral e do Espiritismo em particular não conheça. Confirmando outras experiências já narradas, convida à meditação, à conduta saudável, à vivência dos postulados ético-filosófico-morais da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus. Feliz, por nos haveremos desincumbido da tarefa a que nos propusemos, exoramos a proteção de Jesus para todos nós, trabalhador incipiente que ainda me reconheço ser. Manoel P. de Miranda. Salvador (BA), 20 de setembro de 1995.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Trilhas da libertação)

“**Medicina holística.** O cenário especial era um convite à reflexão, uma superior mensagem de estesia. Em pleno coração da natureza, recordava um anfiteatro grego, sem as paredes circunjacentes, banhado pela tênue claridade de um longo entardecer. Reuníamos ali, alguns milhares de ouvintes interessados nas conferências hebdomadárias que estudavam e discutiam temas pertinentes ao futuro da humanidade terrestre. Os oradores eram convidados conforme suas especialidades e abordagens dos assuntos, por isso mesmo eram cativantes, arrebatadores. Naquela oportunidade, o conferencista era o Dr. José Carneiro de Campos, médico baiano que contribuía grandemente para o desenvolvimento e a prática do sacerdócio a que se dedicara na condição de verdadeiro apóstolo. Enquanto perfumada aragem perpassou no ar, Petitinga e nós acomodamo-nos entre os muitos interessados e aguardamos a alocação. Apresentado por venerando benfeitor, em poucas palavras, sem as referências vazias e desnecessárias, o amigo assomou à tribuna e, depois das saudações cordiais, começou a sua oração: — A perfeita interação mente-corpo, espírito-matéria, constitui desde já a base do atual modelo holístico para a saúde. A anterior separação cartesiana desses elementos, que constituem um todo, contribuiu para que a terapia médica diante das enfermidades tivesse aplicações isoladas, dissociando a influência de um sobre o outro, com a preponderância dos efeitos de cada um deles na paisagem do equilíbrio orgânico assim como da doença. “Cada vez mais se evidencia que na raiz de muitos males está agindo a vontade do paciente, que se compraz na preservação do estado que experimenta, negando-se, consciente ou inconscientemente, à recuperação. Multiplicam-se, por consequência, as

técnicas da auto cura, e mediante estas são colocados à disposição do enfermo os recursos que ele deve movimentar a benefício próprio, liberando-se dos mecanismos de apoio por meio dos quais mascara os conflitos, estresses e desconfortos íntimos que lhe subjazem no cotidiano.” Fazendo uma pausa, para que pudéssemos apreender a tese, logo prosseguiu com voz agradável: — As tensões mal direcionadas e suportadas por largo período, quando cessam, são substituídas por moléstias de largo porte, na área dos desequilíbrios físicos, dando gênese a cânceres, crises asmáticas, insuficiência respiratória etc. Outras vezes, propiciando estados esquizofrênicos, catatônicos, neuróticos, psicóticos, profundamente perturbadores. Quando afetam a área do comportamento moral, conduzem à ingestão e uso de drogas adictícias, alcoólicos, tabagismo, que representam formas de enfermidades sociais, degenerando o grupo humano que lhe padece a presença perniciosa. “A influência da mente sobre o corpo é de grande significação para a saúde, pelo estimular ou reter da energia que a sustenta, e, quando bloqueada pelo psiquismo perturbado, cede campo à proliferação dos germes que se lhe instalam, fomentando os distúrbios que se catalogam como doenças. Da mesma forma, a ação da vontade, aplicada com equilíbrio em favor da harmonia pessoal, desbloqueia as áreas interrompidas, e a energia de sustentação das células passa a vitalizá-las, restabelecendo o campo de desenvolvimento propiciador da saúde.” Novamente fez oportuno silêncio, e logo adiu: — A causalidade do comportamento psicofísico do indivíduo encontra-se no ser espiritual, artífice da existência corpórea, que conduz os fatores básicos da felicidade como da desdita, que decorrem das suas experiências ditosas ou desventuradas, responsáveis pela energia saudável ou não, que lhe constitui o organismo, bem como pela vontade ajustada ou descontrolada, que lhe assinala o psiquismo. O ser interior reflete-se no soma, que somente se recompõe e renova sob a ação da conduta mental e moral dirigida para o equilíbrio das emoções e da existência. A ação da vontade, no restabelecimento da saúde ou na manutenção da doença, é de ponderável resultado, refletindo os estados de harmonia ou os conflitos que decorrem da presença ou ausência da consciência de culpa impondo reparação. Os estresses e traumas prolongados desgastam os controles retentivos do bem-estar e desatrelam as emoções que geram a desorganização celular. “Diante de quaisquer problemas na área da saúde, a conscientização do paciente quanto ao poder de que dispõe para a auto cura, desde que o deseje sinceramente, é de primacial importância, facultando-lhe a visão de um quadro otimista, que lhe propicia a restauração pessoal. “Há, em todos os indivíduos, quase uma tendência para a autocompaixão, a autodestruição, a vingança contra

os outros em desforço inconsciente por ocorrências que lhe são desagradáveis. Ante a impossibilidade de assumir essa realidade exteriormente, transformam tal aptidão em doenças, estimulando a degenerescência das células que aceleram a sua multiplicação, formando tumores cancerígenos, matando as defesas imunológicas e abrindo-se às infecções, às contaminações que perturbam a maquinaria orgânica e fomentam a instalação das enfermidades.” A assembleia silenciosa acompanhava-lhe o raciocínio claro com encantamento. Dando maior ênfase às palavras, prosseguiu: — Não raro, pessoas portadoras de neoplasia maligna e outras doenças, quando recuperam a saúde sentem-se surpreendidas e algo decepcionadas, tão acostumadas se encontravam com a injunção mortificadora de que eram objeto. Por outro lado, dão-se conta de que a família já lhes não dispensa a mesma atenção e o grupo social logo se desinteressa por suas vidas, despreocupando-se em relação às mesmas. Sentindo-se isoladas, desmotivam-se de viver, criam recidivas ou facultam a presença de outras mazelas com que refazem o quadro de protecionismo que passam a receber, satisfazendo-se com a ocorrência aflitiva. “Uma terapêutica bem orientada deverá sempre fundamentar-se na realidade do Espírito e nos reflexos do seu psiquismo no corpo. Da mesma forma, diante dos fenômenos perturbadores da mente, o conhecimento do estado somático é de importância para aquilatar-se sobre a sua influência no comportamento mental. “Espírito e corpo, mente e matéria, não são partes independentes do ser, mas complementos um do outro, que se inter-relacionam poderosamente por meio do psicossoma ou corpo intermediário — perispírito — encarregado de plasmar as necessidades evolutivas do ser eterno na forma física e conduzir as emoções e ações às telas sutis da energia pensante, imortal, então reencarnada. Sem essa visão da realidade do homem, a sua análise é sempre deficiente e o conhecimento sobre ele de pequena monta. “Os traumas, os estresses, os desconcertos psíquicos e as manifestações genéticas estão impressos nesse corpo intermediário, que é o modelo organizador biológico sob a ação do Espírito em processo de evolução e irão expressar-se no campo objetivo como necessidade moral de reparação de crimes e erros antes praticados. Se aquelas causas não procedem desta existência, hão de ter sido em outra anterior. Igualmente, as conquistas do equilíbrio, da saúde, da inteligência, do idealismo, resultam das mesmas realizações atuais ou transatas que assinalam o ser. “A evolução é inexorável, e todos a realizarão a esforço pessoal, embora sob estímulos e diretrizes superiores que a Paternidade divina dispensa igualmente a todos. “A transitoriedade de uma existência corporal, como a sua brevidade no tempo, é insuficiente para o processo de aprimoramento, de beleza, de felicidade a

que estamos destinados. As diferenças entre o bruto e o harmônico, o sábio e o ignorante, o feliz e o desventurado, confirmam a boa e a má utilização das experiências anteriores, como também assinalam as maiores ou menores vivências mais ou menos numerosas de uns e de outros. A reencarnação é, portanto, processo intermínimo de crescimento ético-espiritual, facultando a aquisição de valores cada vez mais expressivos na conquista da Vida. Seria irrisão limitar a adição de títulos iluminativos ao Espírito projetado na sublime aventura da evolução, tendo pela frente a não dimensionalidade do tempo que lhe está destinado. Nesse contexto, a doença é acidente de trânsito evolutivo de fácil correção, experiência de sensação desagradável que emula à aquisição do bem-estar e das emoções saudáveis, ocorrendo por opção exclusiva de cada qual, e somente o próprio indivíduo poderá resolver, corrigir e dela libertar-se.” O interesse geral era manifesto. Os rostos denotavam em todos a satisfação. Passado breve tempo, deu curso à exposição: — Os processos degenerativos que se manifestam como enfermidades dilaceradoras e de longo trânsito procedem sempre do caráter moral do homem, com as exceções daqueles que os solicitam para ensinar aos demais abnegação, dignidade e sublimação. Originam-se nos profundos recessos do temperamento rebelde, violento, egoísta, e explodem como flores em decomposição nos órgãos que se esfacelam, sem possibilidades de recuperação. Pode-se dizer que esses mecanismos ulcerativos sempre se apresentam nos déspotas, nos sanguinários, nos ditadores, quando apeados do poder ou ainda durante a sua dominação, refletindo os terríveis contingentes de energias deletérias que veiculam intimamente. Os seus estágios finais são caracterizados por dores excruciantes e decomposição do corpo, em vida, que ultrajaram com a mente perversa e insana. Quando tal não ocorre, fogem do mundo por meio dos suicídios covardes, que lhes demonstram a fragilidade moral, ou partem da Terra vitimados por acidentes e homicídios dolorosos. O mesmo ocorre com aqueles que se utilizaram da roupagem física para o mercado do sexo, das sensações grosseiras e vivem aspirando sempre os tóxicos de potencial elevado de destruição vibratória. No seu tormento, são destruídos pelo psiquismo que lhes consumiu as forças e a capacidade de viver acima dos baixos padrões morais aos quais se entregaram. E mesmo quando, no cansaço dos anos e no desgaste da vitalidade, resolvem-se por mudanças éticas, por assumir nova compostura, não logram tempo para evadir-se aos efeitos dos atos passados, tombando nas engrenagens emperadas e esfaceladas do organismo escravo das construções mentais viciosas. “A mente, exteriorizando as aspirações do Espírito, impõe à organização somática as suas próprias aspirações e preferências, que se

corporificam, quando mórbidas, nas mais diferentes dependências e patologias, responsáveis pela desarticulação dos seus mecanismos. Assim sendo, qualquer abordagem terapêutica não deve ser parcial, e sim holística, atendendo a todas as partes construtivas do ser. Em boa hora, a consciência médica confere atenção às terapias alternativas que, na sua maioria, consideram o homem um ser total e buscam-no essencial, imortal, trabalhando sobre a sua realidade profunda, que é o Espírito, a fonte de energia a manifestar-se no corpo. Assim, mediante o novo modelo biológico, todo tentame em favor do equilíbrio deve fundamentar-se na transformação moral do paciente, na sua recomposição emocional, originada na mudança dos painéis mentais para a adoção de pensamentos sadios e na vivência concorde com os ideais de engrandecimento, que são catalisadores das forças vivas presentes na natureza — sintonia ecológica — que interagem na sua constituição global. Eis por que as preocupações com o verde, a harmonia do meio ambiente e a sua preservação fazem parte do esquema de saúde social, mudando completamente os conceitos modernos da agricultura industrial para superprodução com os consequentes danos que decorrem das aplicações químicas, bem como as atuais alucinações imobiliárias que destroem a flora, tanto quanto a poluição dos rios, lagos, ar e mares com os detritos químicos das fábricas, com o mercúrio, nas áreas de mineração, e todos os fatores que se transformam em chuvas ácidas destruidoras, no aumento das áreas desérticas e no efeito estufa avassalador... “O homem, desnorteado e ambicioso, destruindo a vida do planeta, mata-se também, como quase elimina as suas possibilidades futuras, na menor das hipóteses, retardando-as. “Qualquer modelo de saúde holística terá que abranger o conjunto das necessidades humanas e nunca deter-se, apenas, às suas partes isoladamente. “O homem é membro da Vida, tem vida integrada à natureza e deve ser considerado globalmente, alterando o tradicional modelo biomédico para uma visão mais completa, na qual o amor, conforme a proposta de Jesus Cristo, tenha prevalência, assinalando definitivamente as atitudes e condutas de cada um. Enquanto a Medicina não se unir à Psicologia, à Ecologia, à Agricultura e a outras doutrinas afins para um mais amplo conhecimento do ser, dando-lhe uma conduta holística, as terapias prosseguirão deficientes, incapazes de integrá-lo no contexto da realidade a que pertence, minimizando somente as doenças sem as erradicar, atendendo às partes sem maior ação no conjunto, assim permanecendo incompleta, insuficiente portanto para a finalidade da saúde global. “Jesus Cristo, por conhecer profundamente o homem, curava-o, admoestando-o para evitar-lhe o comprometimento negativo, de modo a associá-lo ao bem geral, graças ao qual se poupava

a males outros maiores.” Fazendo uma pausa mais demorada, concluiu: — O homem do futuro, após superar as suas deficiências presentes, receberá mais amplo auxílio da Medicina, adquirindo uma saúde integral, que será também resultado da sua perfeita consciência de amor e respeito à vida. O crepúsculo fora substituído suavemente pela colcha escura da noite salpicada de estrelas fulgurantes, e uma claridade de luar tomara todo o recinto que respirava as emoções gerais. A reunião foi encerrada em clima de paz.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Medicina holística)

“Ampliando os conhecimentos. [...] Multiplavam-se as perguntas, que o eminente benfeitor respondia com tranquilidade. Em determinado momento, porque me olhasse expressivamente, como a estimular-me à participação ativa nos diálogos, solicitei licença e argui: — No caso das obsessões, como se daria a assistência holística? Sorrindo, amavelmente, ele expôs: —Sabemos que em todo processo de obsessão estão presentes dois enfermos em pugna de desequilíbrio. De igual forma, não ignoramos que a obsessão se torna possível graças à ação do agente no campo perispiritual do paciente. A consciência de culpa do hospedeiro desarticula o campo vibratório que o defende do exterior e, nessa área deficiente, por sintonia fixa-se a indução perturbadora do hóspede. A essa consciência de culpa chamaremos matriz, que facultará o acoplamento do plugue mental do adversário. Não raro, a força de atração da matriz é tão intensa — por necessidade de reparação moral do endividado — que atrai o seu opositor espiritual, iniciando-se o processo alienador. Em outras ocasiões, quando a culpa é de menor intensidade, o cobrador sitia a usina mental do futuro hospedeiro, que termina por aceitar a inspiração perniciosa, tendo início o intercâmbio telepático, que romperá o campo de defesa, facultando, assim, a instalação da parasitose. Esta, graças à sua intensidade, por meio do perispírito se alojará na mente, gerando alucinações, pavoros, insatisfação, manias, exacerbação do ânimo ou depressão, ou se refletirá no órgão que tenha deficiência funcional, pelo assimilar das energias destrutivas que lhe são direcionadas e absorvidas. Silenciou, por alguns instantes, como a facultar-me tempo de assimilar o raciocínio, para logo prosseguir: —Modelo de terapia holística para a saúde encontra-se muito bem delineado na Codificação Espírita, especialmente pela abrangência que esta facultava ao homem, que é um ser integral, importante em todos os aspectos que o constituem, em particular quando o analisa reencarnado. “As recomendações espíritas têm em mente os valores do Espírito: morais, intelectuais, comportamentais, trabalhando-os em conjunto com o objetivo de propiciar a saúde, como decorrência da reparação dos erros pretéritos, e a aquisição de recursos positivos atuais para o pleno

equilíbrio perante as leis cósmicas. Na análise dos pacientes espirituais, a terapia espírita não dispensa a de natureza psiquiátrica, seja nas depressões profundas — transtornos psicóticos maníaco-depressivos — seja nas exaltações esquizofrênicas e paranoides... Impõe, entretanto, como primordial, a renovação moral do paciente e a sua ação edificante, assumindo o valioso concurso da praxiterapia, especialmente direcionada para o bem, que lhe facultará créditos a serem considerados no balanço moral da sua existência. Especificamente, para atender-se obsidiados, o modelo espírita, que é holístico na sua profundidade, preocupa-se com o enfermo encarnado, mas também com o desencarnado, não menos doente, procurando demovê-lo do mal que pratica, porque esta nova atitude lhe fará bem, tanto quanto preocupando-se com a família da aparente vítima, o seu meio social e ambiental. A transformação moral do grupo familiar para melhor é um efeito saudável da terapia desobsessiva, que se expressa de maneira psicológica amorosa, abrindo espaço social para o antagonizante, que então recebe o aceno para a reencarnação. Não se detém, portanto, em eliminar efeitos, ajudando o hospedeiro com desprezo pelo opositor, às vezes, mais infeliz, em razão da mente fixa no desar há muito sem ensejo de alívio, alucinado pelo ódio, pelo ciúme, pela sede de vingança, pelo amor atormentado... “A obsessão é parasitose profunda e grave, que deve ser atendida globalmente, arrancando-se-lhe as raízes perigosas, que repontam com mais vigor se não são extirpadas por meio da conquista plena do adversário em perturbação.” —No caso de crianças obsessas — insisti, ampliando o curso do estudo — como proceder, já que as mesmas não dispõem de discernimento ou outro qualquer recurso defensivo? O Amigo, gentilmente, considerou: — Não desconhecemos que a obsessão na infância tem um caráter expiatório como efeito de ações danosas de curso mais grave. Não obstante, os recursos terapêuticos ministrados ao adulto serão aplicados ao enfermo infantil com mais intensa contribuição dos passes e da água fluidificada — bioenergia — bem como proteção amorosa e paciente, usando-se a oração e a doutrinação indireta ao agente agressor — psicoterapia —, por fim, por meio do atendimento desobsessivo mediante o concurso psicofônico, quando seja possível atrair o hóspede à comunicação mediúnica de conversação direta. “A visão do Espiritismo em relação à criança obsidiada é holística, pois que não a dissocia, na sua forma atual, do adulto de ontem quando contraiu o débito. Ensina que infantil é somente o corpo, já que o Espírito possui uma diferente idade cronológica, nada correspondente à da matéria. Além disso, propõe que se cuide não só da saúde imediata, mas sobretudo da disposição para toda uma existência saudável, que proporcionará uma reencarnação vitoriosa, o que

equivale dizer, rica de experiências iluminativas e libertadoras. “Adimos a terapia do amor dos pais e demais familiares, igualmente envolvidos no drama que afeta a criança.” — Não desejando ser impertinente — expliquei — desejaria propor ao generoso benfeitor mais uma questão. Porque ele aquiescesse, voltei a este assunto que muito me fascina, inquirindo: — Na hipótese do ser prejudicado perdoar o seu malfeitor, desapareceria a possibilidade da obsessão. Como seria a análise da injunção cármica reparadora, numa visão de saúde espiritual holística? — Sabemos que o perdão de uma dívida não isenta o seu responsável da regularização por meio de uma outra forma. Quem perdoa fica bem, porém o desculpado permanece em débito perante a economia da vida. Cumpre-lhe passar adiante o que recebeu, auxiliando a outrem conforme foi ajudado. Assim, no caso em tela, a consciência de culpa do devedor faz um mecanismo de remorso que se transforma em desajuste da energia vitalizadora, que passa a sofrer-lhe os petardos e termina por produzir, como não desconhecemos, a auto-obsessão, ou engendra quadros de alienação mental conhecidos na Psicopatologia sob denominações variadas. A consciência culpada do Espírito que se arrepende do mal que praticou, mas não se reabilita, emite vibrações perniciosas que o perispírito encaminha ao cérebro, perturbando-lhe as funções. A terapia, no caso, será autorreparadora, concitando o paciente a refazer o caminho, a dedicar-se à ação do bem possível e trabalhar-se moralmente reajustando-se à tranquilidade da recuperação. Silencie, comovido, considerando o quanto a Justiça de Deus está insculpida na consciência do ser. Outras interrogações foram apresentadas, sendo respondidas com simplicidade e sabedoria, assim encerrando-se a proveitosa oportunidade.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Ampliando os conhecimentos)

“Perspectivas novas. [...] Concluímos — obtemperou o companheiro — quanto à excelência da terapia preventiva, mediante a preservação da saúde moral, do autoconhecimento, do cultivo e vivência das ideias estimuladoras do progresso, da harmonia e do bem geral, que mantêm a dinâmica do equilíbrio, irrigando a vida com paz e sustentando-a em níveis elevados. O indivíduo, pois, é responsável, próximo ou remoto, por tudo quanto lhe sucede. Conforme aspira, delineia, e de acordo com o que vitaliza, ocorre. Quando nos despedimos e fiquei a sós, pus-me a reflexionar a respeito das perspectivas novas ora em delineamento. A visão holística da saúde — considere mentalmente — possui grande abrangência de temas. Nessa interdependência de questões que predis põem à doença ou fomentam o bem-estar, constata-se a necessidade de uma equilibrada observância de itens de natureza ética em vários ramos do conhecimento, contribuindo para a harmonia. O efeito mais imediato

não deve ser o único a receber consideração e interrupção, pelo fato de ser, de alguma forma, possível consequência de outros fatores que permanecem ocultos. O terapeuta alarga, então, os seus horizontes de ação e transita por diferentes métodos que se ampliam desde as experiências psicológicas às psicobiofísicas, aos acontecimentos ambientais, ecológicos, sociais, morais e econômicos, assim tornando-se um verdadeiro sacerdote do bem, e não apenas um saneador de consequências. Sem o conhecimento do Espiritismo, difícil lhe será distinguir se uma enfermidade física resulta de uma indução obsessiva, ou se uma alienação mental não é portadora de típica psicogênese. O preconceito ancestral que separava a Física da Metafísica esfacelou-se, a Medicina das Terapias Alternativas e das doutrinas psíquicas em geral, e da espírita em particular, cede lugar a um perfeito entrelaçamento para identificação correta do homem e suas necessidades, assim como dos melhores processos para a sua promoção, o seu equilíbrio humano, espiritual e social. Não havia dúvida a respeito das perspectivas em tela que me eram muito agradáveis e convidativas, prenunciando-me expressivo enriquecimento interior. Nesse comenos, olhei a Terra próxima, envolta nas sombras da noite, diluídas pela luminosidade das estrelas, e deixei-me dominar por uma onda de gratidão à abençoada escola das almas, acolhedora e incompreendida, que espera por nós.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Perspectivas novas)

“Diálogos esclarecedores. [...] Aproveitando-me do silêncio, que se fez natural, indaguei: — Poderia depreender, em razão das informações recém-colhidas, que a nossa irmã Raulinda é uma obsidiada, não obstante as disfunções ovarianas e os distúrbios assinalados pelos neurotransmissores que a levam ao estado depressivo? Como educador gentil que é, o Amigo respondeu: — As consequências das leviandades cometidas estão impressas pelo Espírito nos seus equipamentos físicos, caracterizando-a hoje como uma enferma do aparelho genésico e vítima de transtornos psicológicos. Em face do exposto, ela necessita de assistência ginecológica e psiquiátrica. Todavia, porque se encontra assinalada pela consciência de culpa, que gera a auto-obsessão, e pela perseguição da sua vítima, em processo de perturbação obsessiva, diagnosticamos uma parasitose espiritual. Os dois distúrbios se mesclam, tornando-se difícil estabelecer as fronteiras onde um começa e o outro termina. Eis por que, em casos dessa natureza, em que se misturam os fenômenos perturbadores, como na maioria deles, os pacientes necessitam de uma terapia holística, que engloba a participação das diferentes áreas da ciência médica, a que nos referimos, e espíritas: leitura educativa, passes, água fluidificada, desobsessão e renovação íntima aplicada ao bem. Recorreríamos, também, à contribuição

da Sociologia, amparando o grupo familiar, indiretamente envolvido na problemática. Alongando a análise, buscaríamos a ajuda da Ecologia, em considerando o envenenamento do ar que se respira; da Agricultura, respeitando as técnicas naturais da adubação e consequente diminuição dos agrotóxicos... Vemos a aplicação desordenada de hormônios em aves e animais, a fim de que se desenvolvam, alterando-lhes o ciclo biológico de postura, de reprodução e de crescimento, sem refletir nos danos que esses métodos e produtos causarão ao organismo humano. Em uma sociedade justa, realmente cristã, antes se pensará no ser propriamente dito, do que nos lucros que se pretenda obter dissociados do dever ético para com a vida. “Parecem ainda estar distantes os dias em que esses comportamentos vicejarão. Oxalá logo cheguem. Conquanto demorados, devemos empenhar-nos para despertar as consciências e aclarar mais o discernimento humano, que se devem voltar para essas cogitações protetoras da vida. “Não podemos negar os valiosos contributos modernos da ciência e da tecnologia em favor da saúde, do bem-estar. Entretanto, não ignoramos a outra face da moeda, voltada para os interesses subalternos, criminosamente egoístas... “O homem marcha para Deus. É inevitável essa fatalidade. O Espiritismo, ensejando uma visão holística da realidade e dos procedimentos saudáveis, é o bandeirante ímpar dos novos tempos.” [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Diálogos esclarecedores)

“Considerações últimas. O salão, adornado com guirlandas de mirto e rosas, que caíam em festões bem elaborados, estava repleto de trabalhadores da Casa e seus amigos, assim como alguns amigos reencarnados em desdobramento parcial pelo sono. Sobre o estrado, na parte posterior à entrada, uma mesa e três cadeiras compunham o cenário do lugar reservado aos comentários, palestras e conferências espíritas. Respirava-se simplicidade no ambiente arejado e agradável no qual a harmonia se exteriorizava benfazeja. O irmão Vicente convidou o Dr. Carneiro de Campos e Ernesto a assomarem à mesa. Após breves considerações acerca do evento, passou a palavra ao benfeitor baiano que se levantou fazendo a saudação cristã, tomou de *O evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec, e com voz pausada leu: A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos muita vez à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes, até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam. Procure, pois,

aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam. Fez uma pausa, enquanto esprou os olhos pela sala iluminada, e ante os semblantes joviais, interessados, prosseguiu: — A Medicina holística, perseguindo a saúde integral, não poderá dissociar do ser humano a importante realidade espiritual. Os binômios mente-cérebro, espírito-matéria, que alguns estudiosos examinaram individualmente e que outros transformaram em uma unidade organicista, devem receber novo enfoque, no qual o espírito, perispírito e matéria estejam reunidos num trinômio, a fim de facultarem o perfeito entendimento do complexo humano. — Como o Espírito foi criado por Deus essencialmente simples e ignorante, a sua fatalidade é a perfeição relativa que lhe cumpre alcançar etapa a etapa. À medida que se conscientiza, estabelecendo os paradigmas de comportamento saudável, desenvolve os valores adormecidos no imo e avança com equilíbrio no rumo do alvo que o aguarda. “Identificando o indivíduo atual como remanescente do seu próprio passado, todos os atos pretéritos encontram-se-lhe inculpidos no perispírito, de onde procedem as emanções geradoras de harmonia ou desequilíbrio catalogado como tragédia, insucesso ou enfermidade. A ação desenvolvida no soma, mesmo quando lhe proporciona refazimento, este é de breve duração, porque a causa geradora prossegue emitindo ondas desorganizadas que afetam o conjunto celular, produzindo recidiva ou desarticulando outros implementos em áreas diferentes, porém, vinculadas entre si. “O conhecimento do perispírito e a terapia de profundidade — a mudança mental e comportamental do Espírito reencarnado — tornam-se o ponto-chave do quesito binominal doença-saúde.” Silenciou por breve momento, a fim de facultar ao auditório correta assimilação do seu pensamento, prossequindo: — Em boa hora os terapeutas da autoestima encaminham os seus pacientes para um trabalho de interiorização psíquica, na tentativa do autodescobrimento, onde se localizam os fatores básicos da sua existência. Após esse auto encontro, torna-se possível a identificação das causas reais dos distúrbios que os afetam. Conhecidas as geratrizes do fenômeno perturbador, mais factíveis se tornam as providências para a sua erradicação e por via de consequência os seus efeitos danosos. “Adicione-se ao perispírito a problemática das alienações mentais e patologias orgânicas que decorrem da influência dos Espíritos enfermos, dos obsessores, gerando distúrbios no campo da energia com as lamentáveis decorrências em forma de doenças. Impossível dissociarmos, dos problemas que afetam a saúde, a

presença da obsessão. O intercâmbio mental entre os desencarnados e as criaturas humanas é belo capítulo da Ciência Espírita, graças ao qual se demonstram a imortalidade da alma, a reencarnação, a Justiça divina e a gênese de muitas ocorrências terrestres. “O Espírito é o ser preexistente ao corpo e a ele sobrevivente. O perispírito é o seu envoltório plástico maleável, constituído de energia específica. E o corpo físico é a condensação da energia primitiva elaborada pelo Espírito. “Aprofundando-se a sonda no âmago da energia pensante, encontra-se a vida inteligente, estuante, causadora do ser físico.” Novamente fez uma pausa oportuna, facultando-nos a compreensão do assunto lógico. Ali estávamos, Espíritos de vária procedência, e de níveis diferentes de compreensão, como é óbvio. Logo deu curso à bela análise: — O reducionismo, que pretende tornar o ser humano um grupamento de células que o acaso reuniu, vai cedendo lugar à visão espiritualista, e esta à compreensão espiritista. “Assim sendo, quanto mais avança a Física Quântica no campo das partículas e subpartículas, mais detém os campos de energia, detectando-a na sua forma primordial. O conhecimento, portanto, do corpo, das suas necessidades e exigências, leva à identificação do ser profundo que o aciona e o comanda. Inevitavelmente, esse holismo conduzirá à aceitação do ser complexo e à solução dos seus múltiplos desafios na sua viagem. “Nestes dias de convivência espiritual estudamos juntos, alguns dos presentes, várias patologias físicas e psíquicas holisticamente, tendo dado preferência ao fator imortalista, mergulhados como nos encontramos no sublime oceano da sobrevivência. Com essa compreensão, recorrendo à Psicanálise reencarnacionista, encontramos as matrizes determinantes das afecções, aflições e comportamentos dos nossos assistidos, trabalhando nas suas respectivas áreas, e os resultados foram plenamente satisfatórios. “Antevemos com júbilo o momento em que o homem e a mulher holísticos serão considerados plenamente, quando a paranormalidade se lhes torne um natural sexto sentido, como o Prof. Richet ao seu tempo definiu a mediunidade. Quando as faculdades PSI se tornarem normais e o desdobramento dessas potencialidades parapsíquicas e mediúnicas alargarem os horizontes terrenos, as enfermidades experimentarão terapias menos violentas, menos amputadoras, todas trabalhadas no campo da energia. Nesse sentido, a constatação da psiconeuroimunologia já enseja a confirmação antecipada dessa perspectiva abençoada.” Outra vez permaneceu em rápida reflexão silenciosa, continuando: “Nesses próximos dias, a mediunidade exercida com consciência de responsabilidade oferecerá valioso contributo para a compreensão do ser holístico. Esse exercício mediúnico, porém, será com Jesus, não remunerado, não exaltado, destituído de estrelismo, de exibicionismo.

Tomando cuidado com o dar de graça o que de graça se recebe, o ínclito codificador do Espiritismo advertiu, elucidando que a mediunidade nobre jamais subirá aos palcos e a sua gratuidade, conforme lemos, é sempre condição sine qua non para merecer respeito, confiança e apoio espiritual relevante. “Trabalhem todos por esses programados dias do amanhã, oferecendo a nossa cota, na certeza de que logo chegarão, felicitando-nos, bem como ao planeta que nos tem sido formoso lar-escola de evolução.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Considerações últimas)

“**Análises e novas observações.** [...] O nosso Dr. Emir especializou-se, em nosso plano, em fluidoterapia e em psicoterapia (doutrinação) aos desencarnados, bem como na aplicação dos recursos valiosos da oração, da meditação, das vibrações intercessórias, que lentamente estão sendo confirmadas por estudiosos em diversas universidades do mundo físico. Excelente profissional cristão espírita, ele tem sido modelo para os colegas, que muito o respeitam. Apesar de a nossa clínica ser departamento de uma associação espírita, nem todos os médicos e enfermeiros contratados são militantes da Doutrina. Há um imenso interesse dos seus mantenedores e diretores em aplicar os melhores recursos da ciência convencional, mas também das admiráveis contribuições do Espiritismo, com a introdução de palestras doutrinárias e terapêuticas para os pacientes, o que vem sendo providenciado, de encontros semanais com os médicos, posteriormente, com paramédicos e auxiliares. Tudo, porém, tem sido apresentado com seriedade, discrição e técnica, a fim de não ferir escrúpulos, que sempre geram susceptibilidades, nem provocar divisões em grupos de opinião. Assim, com habilidade psicológica e demonstrações de resultados felizes, trabalha-se para uma adesão geral quanto possível, sem imposição nem constrangimento, desde que não serão abandonados os procedimentos acadêmicos em momento algum. [...] Por fim, o Dr. Arquimedes obtemperou: — Dr. Emir é um dos nossos abnegados construtores do futuro, conforme o desenho elaborado pelo nobre Policarpo, que retornou ao mundo na condição de cristão semelhante àqueles das primeiras horas. Isto porque, não será entendido, deverá testemunhar as convicções amiúde, irá sofrer injunções difíceis, experimentará zombarias e indiferenças, mas seguirá fiel até o fim.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 14)

“**A Desencarnação de Anselmo.** [...] Dr. Juliano Moreira, que acompanhava os comentários com certo entusiasmo que lhe transparecia no semblante, considerou: - “Eu próprio, quando me encontrava na Terra, enfrentei não poucos desafios pessoais, institucionais, sociais, ignorando as soberanas leis da vida que agora procuro penetrar com sofreguidão e respeito. No começo do século XX, o doente mental era uma chaga

na sociedade, alguém que sempre significava perigo, sem mérito nem direito a um atendimento digno. Quando algum indivíduo se erguia em seu benefício era, invariavelmente, contestado, quando não ridicularizado. Embora houvesse sido aluno do eminente mestre Nina Rodrigues, fui constringido a discrepar do mesmo na sua tese apresentada contra a raça negra, demonstrando, por exemplo, que a loucura atinge todos os indivíduos de todas as raças, não sendo, portanto, privilégio de somente uma delas... Mais tarde, ao criar, com outros alienistas cariocas, os Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências afins, não foram poucas as lutas travadas com outros psiquiatras que pensavam de maneira diversa, embora todos, honestamente, estivessem interessados na promoção da saúde e dos pacientes mentais. Dois anos depois, com muito sacrifício criamos a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, cujos serviços à sociedade brasileira são incontáveis. De lá, até este momento, à medida que se identificam as causas da loucura, se toma conhecimento dos arcanos sublimes do cérebro, quando as neurociências alcançam níveis comovedores de conhecimento, a loucura é muito melhor compreendida e cuidada, merecendo o paciente mental algum respeito e direito a uma vida saudável e socialmente permitida no ambiente familiar. Os velhos e terríveis manicômios transformaram-se em clínicas abençoadas, facultando ao enfermo uma existência quase normal, mantendo a convivência doméstica e recebendo o tratamento ambulatorial, com exceção apenas dos compreensíveis casos mais graves... As discórdias, quanto à aplicação de terapias que prometiam melhoras e recuperação nos pacientes, naquela época, geravam atritos lamentáveis, desperdício de tempo com as vaidades mesquinhas e lutas opinativas sem fim, que, a pouco e pouco, vêm cedendo lugar à compreensão de que o doente merece atenção imediata e oferecer-lhe o melhor ao alcance é o que importa. Surgiram, então, o imenso elenco das terapias alternativas, o apoio eficiente e especial da psicologia e mais recentemente da quarta força ou Psicologia Transpessoal... Permanecem ainda, é certo, alguns bolsões de intolerância, como efeito da inferioridade moral dos interessados em criar obstáculos ao progresso, sem a elevação de reconhecerem a própria ignorância em torno do que não sabem, mas a evolução dá-se com ou sem apoio de quem quer que seja. É da natureza humana contradizer, contrapor, impor-se... Somente quando se transpõe a aduana da morte e descobre-se a grandeza da vida, como ocorreu comigo e muitíssimos outros, é que se pode avaliar com segurança o comportamento mantido e as excelentes possibilidades malbaratadas ou perdidas por efeito da presunção e da bazófia pessoal. A cada dia, mais me deslumbro com a realidade do ser e sua transcendência, anelando

pelo momento de retornar ao corpo físico, guardando a lucidez possível em torno das nobres experiências de que tenho participado, anelando por contribuir em favor do despertar das mentes adormecidas e das atividades de promoção e dignificação do ser humano.” O clima de bom humor e de gratidão a Deus prosseguiu, quando fomos informados pelo Dr. Ignácio de que, naquele dia, a partir das 23h, seria instalado o departamento mediúnico e de desobsessão vinculado ao Sanatório Esperança. De imediato, reunimo-nos em pequenos grupos de interesses recíprocos e permanecemos na clínica aprendendo e participando das atividades junto aos companheiros encarnados no atendimento aos pacientes. Admirava-me da contínua onda de pessoas que desejavam internamento e/ou tratamento para si mesmas ou familiares, sem que a nobre clínica dispusesse de vagas suficientes para atender a grande procura. Entretanto, considerando-se a orientação espiritual que vigia primordialmente, sempre era encontrada uma forma para atender ao maior número possível de candidatos, sem que isso trouxesse prejuízo à qualidade dos serviços. A maioria dos funcionários, médicos, psicólogos e demais profissionais, de formação espírita, sempre se empenhava em manter os procedimentos recomendados pela Doutrina Espírita e pelo Evangelho de Jesus, unindo às terapêuticas ministradas a bondade pessoal, a conversação edificante, a esperança e a caridade em todos os seus aspectos. Como consequências, o número de benfeitores desencarnados que acorriam até ali, com o objetivo de auxiliar os afetos e as pessoas que lhes rogavam proteção, era muito grande. O venerável Mentor acompanhava todos os movimentos sempre com bondade e alegria, estando acessível às propostas que objetivassem o bem-estar dos pacientes e de todos os membros da Casa, mantendo, porém, grande disciplina, que é responsável pela ordem e pelo progresso em todo lugar, assim como em qualquer realização. Sempre informado de tudo quanto vínhamos realizando, mediante relatórios que lhe eram fornecidos pelo Dr. Ignácio Ferreira, o nobre Espírito exultava por ver atendida a sua rogativa permanente a Jesus, a fim de que aquele núcleo de saúde mental fosse transformado em uma escola de bênçãos para os desencarnados e em um verdadeiro modelo para outras instituições que tivessem interesse em cuidar da psique humana e da saúde sob qualquer aspecto considerada.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 9)

“Inauguração da Clínica Esperança. Passamos o dia em atividades educativas para nós próprios, ora ouvindo explicações dos dedicados psiquiatras a respeito dos transtornos nos clientes internados, momentos outros, em diálogos elucidativos com Jacques e Bruno sobre os providenciais benefícios que ali eram auferidos, em face da compreensão do Espiritismo e

da sua aplicação no trato com os pacientes. A larga experiência adquirida no socorro aos enfermos de ambos os planos da vida, naquela oportunidade, iria alcançar um patamar, desde há muito desejado, ampliando a vinculação espiritual com o Sanatório Esperança, tornando-se lhe uma continuação na Terra, e mantendo as mesmas características que o celebrizaram como um superior núcleo de educação moral e saúde mental. Assim, às 23h, quando a clínica silenciou, em face da diminuição das atividades naturais pelo repouso que desceu sobre a maioria dos pacientes, exceção feita a alguns agitados e a outros obsessos que lutavam contra os adversários que os afligiam, a psicosfera fez-se mais suave, ensejando o início das atividades de inauguração. Observei que o recinto adquirira dimensões superiores aos limites impostos pela edificação material. Ampliando-se, à nossa vista, poderia receber grande número de desencarnados e de dedicados trabalhadores em desdobramento parcial pelo sono, a fim de que participassem do evento especial. Chegaram de imediato, os Antonelli e Jacques Verner. O irmão Bruno trouxe o diretor encarnado da Clínica, em desdobramento espiritual, o Dr. Norberto, e diversos diretores desencarnados que ali moure-jaram e a dirigiram anteriormente, a nossa caravana, logo seguida por Dr. Bezerra de Menezes e Eurípedes Barsanulfo, todos demonstrando inusitada alegria pela conquista de mais uma área de amor para a edificação da verdadeira fraternidade e do bem entre as criaturas humanas. Diversos médiuns que cooperaram no início da obra de amor e de saúde, foram convidados, e se apresentavam dispostos a participar do banquete iluminativo quão dignificante. A seguir, deram entrada os espíritos residentes na clínica, acompanhantes dos internados, convidados especiais de ambas as esferas da vida. Dr. Ignácio Ferreira, fazendo as vezes de mestre de cerimônia, explicou com simplicidade que aquele era o momento aguardado por todos, quando se instalaria, por definitivo, na Terra, uma secção espiritual do Sanatório Esperança, com o objetivo de atender mais amplamente os espíritos sofredores de todo matiz e pertencentes a quaisquer crenças ou sem elas, em homenagem a Jesus, o Divino Médico das almas. [...] O Benfeitor fez uma brevíssima pausa e relanceou o olhar sobre os ouvintes interessados, logo prosseguindo: “Embora o quadro, um tanto desolador, a Divina Providência tem feito mergulhar nos tecidos carnaís, mais especialmente nos últimos decênios, espíritos nobres e lúcidos, encarregados de recordar às criaturas, as suas responsabilidades em torno da imortalidade e dos comportamentos éticos que devem vigor no contexto social, preparando a sociedade para as grandes mudanças que já se vêm operando no globo terrestre. Missionários do amor e da caridade, ao lado de cientistas e estudiosos sinceros da verdade, vêm alargando

o pensamento humano e despertando-o para o auto-conhecimento, a auto iluminação, como preventivos aos males da época e, ao mesmo tempo, como programa facilitador do progresso que é lei de inexorável cumprimento. As grandiosas descobertas das neurociências a respeito do cérebro, a aceitação natural dos fenômenos mediúnicos por grande parte da sociedade, o interesse pela mudança de comportamentos políticos, sociais e econômicos, tendo em vista os miseráveis que se multiplicam geometricamente, enquanto os recursos que lhes estão ao alcance crescem aritmeticamente, demonstram que é chegado o momento da sublime revolução interior que dignificará o espírito para todo o sempre. Novos educadores, firmados nos propósitos da dignificação infantil, apresentam grades e programas escolares capazes de modificar a deplorável situação humana, oferecendo os exemplos de Jesus-Cristo, na Sua condição de Mestre por excelência, como o mais seguro recurso para a real alteração das paisagens morais da humanidade. Tendo em vista todos esses fatores, o desdobramento das atividades do Sanatório Esperança, num departamento terrestre, ora em inauguração nesta clínica psiquiátrica, muito bem se justifica pelos serviços relevantes que pode oferecer, não somente aos pacientes internados, mas também à comunidade local e adjacências, porquanto, terá amplitude complementar aos serviços especializados. Desejamos referir-nos ao setor educacional, onde serão estudadas novas técnicas de atendimento ao enfermo mental e ao obsidiado, como também cursos de extensão espiritual e de desobsessão, favorecendo o equilíbrio de quantos venham a participar espiritualmente dos novos cometimentos. [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 10)

I.2. Missão do médico

“ESPÍRITOS FELIZES. [...] O DOUTOR DEMEURE. Falecido em Albi (Tarn) a 25 de janeiro de 1865. Era um médico homeopata e distintíssimo. Seu caráter, tanto quanto o saber, haviam-lhe granjeado a estima e veneração dos seus concidadãos. Eram-lhe inextinguíveis a bondade e a caridade e, a despeito da idade avançada, não se lhe conheciam fadigas, em se tratando de socorrer doentes pobres. O preço das visitas era o que menos o preocupava, e de preferência sacrificava as suas comodidades ao pobre, dizendo que os ricos, em sua falta, bem podiam recorrer a outro médico. E, quantas e quantas vezes, ao doente sem recursos provia do necessário às exigências materiais, no caso de serem mais úteis que o próprio medicamento. Dele pode dizer-se que era o Cura d’Ars da Medicina. Encontrando, na Doutrina Espírita, a chave de problemas cuja solução debalde pedira à Ciência como a todas as filosofias, o Dr. Demeure abraçara com ardor essa doutrina. Pela profundidade do seu espírito investigador

compreendeu-lhe subitamente todo o alcance, de maneira a tornar-se um dos seus mais solícitos propagadores. Relações de mútua e viva simpatia se haviam estabelecido entre nós, correspondendo-nos. Soubemos do seu decesso a 30 de janeiro, sendo que o nosso imediato desejo foi evocá-lo. Em seguida reproduzimos a comunicação obtida no mesmo dia: “Aqui estou. Ainda vivo, assumi o compromisso de manifestar-me desde que me fosse possível, apertando a mão do meu caro mestre e amigo Allan Kardec. “A morte emprestara à minha alma esse pesado sono a que se chama letargia, porém, o meu pensamento velava. Sacudi o torpor funesto da perturbação consequente à morte, levantei-me e de um salto fiz a viagem. Como sou feliz! Não mais velho nem enfermo. O corpo, esse, era apenas um disfarce. Jovem e belo, dessa beleza eternamente juvenil dos Espíritos, cujos cabelos não encanecem sob a ação do tempo. “Ágil como o pássaro que cruza célere os horizontes do vosso céu nebuloso, admiro, contemplo, bendigo, amo e curvo-me, átomo que sou, ante a grandeza e sabedoria do Criador, sintetizadas nas maravilhas que me cercam. Feliz! feliz na glória! Oh! Quem poderá jamais traduzir a esplêndida beleza da mansão dos eleitos; os céus, os mundos, os sóis e seu concurso na harmonia do Universo? Pois bem: eu ensaiarei fazê-lo, ó meu mestre; vou estudar, e virei trazer-vos o resultado dos meus trabalhos de Espírito e que de antemão, como homenagem, eu vos dedico. Até breve. *Demeure.*” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo II)

“94 – Como é considerada nos planos espirituais a medicina terrena?” – A medicina humana, compreendida e aplicada dentro de suas finalidades superiores, constitui uma nobre missão espiritual. O médico honesto e sincero, amigo da verdade e dedicado ao bem, é um apóstolo da Providência Divina, da qual recebe a precisa assistência e inspiração, sejam quais forem os princípios religiosos por ele esposados na vida.” (EMM, *O consolador*, Primeira parte - Ciência, Capítulo 5 – Ciências aplicadas)

“Elucidações de Clarêncio. Pulsava-me precipite o coração, fazendo-me lembrar o aprendiz bisonho, diante de examinadores rigorosos. Vendo aquela mulher em lágrimas e ponderando a energia serena do Ministro do Auxílio, tremia dentro de mim mesmo, arrependido de haver provocado aquela audiência. Não seria melhor calar, aprendendo a esperar deliberações superiores? Não seria presunção descabida pedir atribuições de médico naquela casa, onde permanecia como enfermo? A sinceridade de Clarêncio, para com a irmã que me antecederia, despertara-me raciocínios novos. Quis desistir, renunciar ao desejo da véspera e voltar ao aposento, mas, era impossível. O Ministro do Auxílio, como se adivinhasse meus propósitos mais íntimos, exclamou em tom firme: – Pronto a ouvi-lo. Ia

solicitar instintivamente qualquer serviço médico em “Nosso Lar”, embora a indecisão que me dominava; entretanto, a consciência me advertia: Por que referir-se a serviço especializado? Não seria repetir os erros humanos, dentro dos quais a vaidade não tolera outro gênero de atividade senão o correspondente aos preconceitos dos títulos nobiliárquicos, ou acadêmicos? Esta ideia equilibrava-me a tempo. Bastante confundido, falei: – Tomei a liberdade de vir até aqui, rogar seus bons ofícios para que me reintegre no trabalho. Ando saudososo dos meus misteres, agora que a generosidade do “Nosso Lar” me reconduziu à bênção da harmonia orgânica. Qualquer trabalho útil me interessa, desde que me afaste da inação. Clarêncio fitou-me longamente, como a identificar-me as intenções mais íntimas. – Já sei. Verbalmente pede qualquer gênero de tarefa; mas, no fundo, sente falta dos seus clientes, do seu gabinete, da paisagem de serviço com que o Senhor honrou sua personalidade na Terra. Até aí, as palavras dele eram jatos de conforto e esperança, que eu recebia no coração, com gestos confirmativos. Depois de uma pausa mais longa, porém, o Ministro prosseguiu: – Convém notar, todavia, que às vezes o Pai nos honra com a Sua confiança e nós desvirtuamos os verdadeiros títulos de serviço. Você foi médico na Terra, cercado de todas as facilidades, no capítulo dos estudos. Nunca soube o preço de um livro, porque seus pais, generosos, lhe custeavam todas as despesas. Logo depois de graduado, começou a receber proventos compensadores, não teve sequer as dificuldades do médico pobre, compelido a mobilizar relações afetivas para fazer clínica. Prosperou tão rapidamente que transformou facilidades conquistadas em carreira para a morte prematura do corpo. Enquanto moço e sadio, cometeu numerosos abusos, dentro do quadro de trabalho a que Jesus o conduziu. Ante aquele olhar firme e bondoso ao mesmo tempo, estranha perturbação apossara-se de mim. Respeitosamente, ponderei: – Reconheço a procedência das observações, mas, se possível, estimaria obter meios de resgatar meus débitos, consagrando-me sinceramente aos enfermos deste parque hospitalar. – Impulso muito nobre - disse Clarêncio sem austeridade -, contudo, é preciso convir que toda tarefa na Terra, no campo das profissões, é convite do Pai para que o homem penetre os templos divinos do trabalho. O título, para nós, é simplesmente uma ficha; mas, no mundo, costuma representar uma porta aberta a todos os disparates. Com essa ficha, o homem fica habilitado a aprender nobremente e a servir ao Senhor, no quadro de Seus divinos serviços no planeta. Tal princípio é aplicável a todas as atividades terrestres, excluída a convenção dos setores nos quais se desdobrem. Meu irmão recebeu uma ficha de médico. Penetrou o templo da Medicina, mas sua ação, lá dentro, não se verificou em normas que me autorizem

a endossar seus atuais desejos. Como transformá-lo, de um momento para outro, em médico de espíritos enfermos, quando fez questão de circunscrever observações exclusivamente à esfera do corpo físico? Não nego sua capacidade de excelente fisiologista, mas o campo da vida é muito extenso. Que me diz de um botânico que alinhasse definições apenas com o exame das cascas secas de algumas árvores? Grande número de médicos, na Terra, prefere apenas a conclusão matemática diante dos serviços de anatomia. Concordemos que a Matemática é respeitável, mas não é a única ciência do Universo. Como reconhece agora, o médico não pode estacionar em diagnósticos e terminologias. Há que penetrar a alma, sondar-lhe as profundezas. Muitos profissionais da Medicina, no planeta, são prisioneiros das salas acadêmicas, porque a vaidade lhes roubou a chave do cárcere. Raros conseguem atravessar o pântano dos interesses inferiores, sobrepor-se a preconceitos comuns e, para essas exceções, reservam-se as zombarias do mundo e o escárnio dos companheiros. Fiquei atônito. Não conhecia tais noções de responsabilidade profissional. Assombrava-me a interpretação do título acadêmico, reduzido à ficha de ingresso em zonas de trabalho para cooperação ativa com o Senhor Supremo. Incapaz de intervir, aguardei que o Ministro do Auxílio retomasse o fio das elucidações. – Conforme deduz - continuou ele -, não se preparou convenientemente para os nossos serviços aqui. – Generoso benfeitor - atrevi-me a dizer -, compreendo a lição e curvo-me à evidência. E, fazendo esforço por conter as lágrimas, pedi, humilde: – Submeto-me a qualquer trabalho, nesta colônia de realização e paz. Com um profundo olhar de simpatia, respondeu: – Meu amigo, não possuo apenas verdades amargas. Tenho igualmente a palavra de estímulo. Não pode ainda ser médico em “Nosso Lar”, mas poderá assumir o cargo de aprendiz, oportunamente. Sua posição atual não é das melhores; entretanto, é confortadora, pelas intercessões chegadas ao Ministério do Auxílio, a seu favor.” (AL, *Nosso Lar*; Capítulo 14)

“Ponderações de Vicente. Não estava farto de lições, mas, para o momento, havia aprendido bastante. Impressionado com o que me fora dado observar, não insisti com Vicente para prolongar nossa demora no Centro de Mensageiros. Deixando grandes grupos em conversação ativa, reconstituindo projetos e refazendo esperanças, segui o companheiro que me convidava a visitar os imensos jardins. Roseirais enormes balsamizavam a atmosfera leve e límpida. – Sinto-me fortemente impressionado – murmurei -. Quem diria pudessem caber tantas responsabilidades a essas criaturas? Não conheci pessoalmente nenhum médium ou doutrinador do Espiritismo, justificando agora minha surpresa. Vicente sorriu e ponderou: – Você, meu caro, procede das Câmaras de Retificação, onde os trabalhos são

muito reservados e circunscritos. Talvez sua impressão provenha dessa circunstância. Verá, porém, com o tempo, que existem aqui locais de conversações dessa natureza, referentes a todas as oportunidades perdidas. Já visitou alguma dependência do Ministério do Esclarecimento? – Não. – Localizam-se, ali, os enormes pavilhões das escolas maternais. São milhares de irmãs que comentam, por lá, as desventuras da maternidade fracassada, buscando reconstituir energias e caminhos. Ainda ali, temos os Centros de Preparação à Paternidade. Grandes massas de irmãos examinam o quadro de tarefas perdidas e recordam, com lágrimas, o passado de indiferença ao dever. Nesse mesmo Ministério, temos a Especialização Médica. Nobres profissionais da Medicina, que perderam santas oportunidades de elevação, lá discutem seus problemas. Nesse instante o interrompi, observando: – Entretanto, somos médicos e não nos achamos lá. – Sim – explicou Vicente, bondoso –, infelizmente para nós ambos, caímos em toda a linha. Não só na qualidade de médicos, mas muito mais como homens, pois que, se disse a você o que sofri, ainda não contei o que fiz. – É verdade – concordei, desapontado, recordando minha condição de suicida inconsciente. – Ainda no Esclarecimento – prosseguiu o companheiro –, temos o Instituto de Administradores, onde os Espíritos cultos procuram restaurar as forças próprias e corrigir os erros cometidos na mordomia terrestre. Nos Campos de Trabalho, do Ministério da Regeneração, existem milhares de trabalhadores que se renovam para a recapitulação das grandes tarefas da obediência. – Somos numerosos – continuou, sorridente – os falidos nas missões terrestres e note-se que todos os que hajam chegado a zonas como “Nosso Lar” devem ser levados à conta dos extremamente felizes. Temos aqui dois Ministérios Celestiais, como o da Elevação e o da União Divina, cuja influência santificante eleva o padrão dos nossos pensamentos sem que o percebamos de maneira direta. O estágio aqui, André, representa uma bênção do Senhor e, por muito que trabalhássemos, nunca retribuiríamos a esta colônia na medida de nosso débito para com ela. Nossa situação é a de abrigados em verdadeiro paraíso, pelo ensejo de serviço edificante que se nos oferece. Quanto a outros companheiros nossos... Fez longo hiato e continuou: – Quanto a muitos, estão fazendo angustiosas estações de aprendizado nas regiões mais baixas. São infelizes prisioneiros uns dos outros, pela cadeia de remorsos e malignas recordações. No que concerne à Medicina, os colegas em bancarrota espiritual são inúmeros. A saúde humana é patrimônio divino e o médico é sacerdote dela. Os que recebem o título profissional, em nosso quadro de realizações, sem dele se utilizarem a bem dos semelhantes, pagam caro a indiferença. Os que dele abusam são, por sua vez, situados no campo do crime. Jesus

não foi somente o Mestre, foi Médico também. Deixou no mundo o padrão da cura para o Reino de Deus. Ele proporcionava socorro ao corpo e ministrava fé à alma. Nós, porém, meu caro André, em muitos casos terrestres, nem sempre aliviamos o corpo e quase sempre matamos a fé. As palavras sensatas do amigo caíam-me n'alma como raios de luz. Tudo era a verdade, simples e bela. Ainda não pensara, de fato, em toda a grandeza do serviço divino de Jesus Médico. Ele expulsara febres malignas, curara leprosos e cegos de nascença, levantara paralíticos, mas nunca ficava apenas nisto. Reanimava os doentes, dava-lhes esperanças novas, convidava-os à compreensão da Vida Eterna. Engolfara-me em pensamentos grandiosos, quando o companheiro voltou a falar: – Tenho um amigo, nosso colega de profissão, que se encontra nas zonas inferiores, há alguns anos, atormentado por dois inimigos cruéis. Acontece que ele muito faliu como homem e médico. Era cirurgião exímio, mas, tão logo alcançou renome e respeito geral, impressionou-se com as aquisições monetárias e caiu desastrosamente. Nos dias de grandes negócios financeiros, deslocava a mente das obrigações veneráveis, colocando-a distante, na esfera dos banqueiros comuns. Não fosse a proteção espiritual, essa atitude teria comprometido oportunidades vitais de muita gente. A colaboração do pobre amigo tornara-se quase nula, e alguns desencarnados nas intervenções cirúrgicas que ele praticava, notando-lhe a irresponsabilidade, atribuíram-lhe a causa da morte física, quando não a esperavam, votando-lhe ódio terrível. Amigos do operador prestaram esclarecimentos justos a muitos; entretanto, dois deles, mais ignorantes e maldosos, perseveraram na estranha atitude e o esperaram no limiar do sepulcro. – Horrível! – exclamei. Se ele, porém, não é culpado da desencarnação desses adversários gratuitos, como pode ser atormentado desse modo? Explicou Vicente, em tom mais grave: – Realmente, não tem a culpa da morte deles. Nada fez para interromper-lhes a existência física. Mas é responsável pela inimizade e incompreensão criadas na mente dessas pobres criaturas, porque, não estando seguro do seu dever, nem tranquilo com a consciência, o nosso amigo julga-se culpado, em razão das outras falhas a que se entregou imprevidentemente. Todo erro traz fraqueza e, assim sendo, o nosso colega, por enquanto, não adquiriu forças para se desvencilhar dos algos. Perante a Justiça Divina, portanto, ele não resgata crimes inexistentes, mas repara certas faltas graves e aprende a conhecer-se a si mesmo, a entender as obrigações nobres e praticá-las, compreendendo, por fim, a felicidade dos que sabem ser úteis com segurança de fé em Deus e em si mesmos. A noção do dever bem cumprido, André, ainda que todos os homens permaneçam contra nós, é uma luz firme para o dia e abençoado travesseiro para a noite. O nosso colega, tendo

abusado da profissão, entrou em dolorosa prova. – Ah! Sim – exclamei –, agora compreendo. Onde exista uma falta, pode haver muitas perturbações; onde apagamos a luz, podemos cair em qualquer precipício. – Justamente.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 13)

“**Assistência.** A paisagem de sofrimento, desdobrada aos nossos olhos, lembrava-me o ambiente das Câmaras de Retificação. Entendeu-se Aniceto com Isidoro e falou, resolutivo: – Mãos à obra! Distribuamos alguns passes de reconforto! – Mas – objetei – estarei preparado para trabalho dessa natureza? – Por que não? – indagou o instrutor em voz firme – toda competência e especialização no mundo, nos setores de serviço, constituem o desenvolvimento da boa vontade. Bastam o sincero propósito de cooperação e a noção de responsabilidade para que sejamos iniciados, com êxito, em qualquer trabalho novo. Semelhantes afirmativas estimularam-me o coração. Recordei Narcisa, a dedicada irmã dos infortunados, que permanecia, em “Nosso Lar”, quase sempre sem repouso, como prisioneira do sacrifício. Pareceu-me, ainda, ouvir-lhe a voz fraterna e carinhosa – “André, meu amigo, nunca te negues, quanto possível, a auxiliar os que sofrem. Ao pé dos enfermos, não olvides que o melhor remédio é a renovação da esperança; se encontrares os falidos e os derrotados da sorte, fala-lhes do divino ensejo do futuro; se fores procurado, algum dia, pelos espíritos desviados e criminosos, não profiras palavras de maldição. Anima, eleva, educa, desperta, sem ferir os que ainda dormem. Deus opera maravilhas por intermédio do trabalho de boa vontade!” Sem mais hesitação, dispus-me ao serviço. Aniceto designou-me um grupo de seis enfermos espirituais, acentuando: – Aplique seus recursos, André. Com a nossa colaboração, os amigos em tarefa nesta casa poderão atender a responsabilidades diferentes e também imperiosas. Os mais apagados trabalhadores do bem rejubilem-se pela exemplificação nas lutas comuns e edifiquem-se no Senhor Jesus, porque nenhuma de suas manifestações fica perdida no espaço e no tempo. Naquele instante em que fora chamado a prestar auxílios reais, eu não recorria aos meus cabedais científicos, não me reportava tão somente à técnica da medicina oficial, a que me filiara no mundo, mas recordava aquela Narcisa humilde e simples, das Câmaras de Retificação, enfermeira devotada e carinhosa, que conseguia muito mais com amor do que com medicações. Aproximei-me duma senhora profundamente abatida, lembrando o exemplo da generosa amiga de “Nosso Lar”, entendendo que não deveria socorrer utilizando apenas a firmeza e a energia, mas também a ternura e a compreensão. – Minha irmã – disse, procurando captar-lhe a confiança –, vamos ao passe reconfortador. – Ai! Ai! – respondeu a interpelada – nada vejo, nada vejo! Ah! O trauma! Infeliz que sou! E me falam em morte, em vida

diferente... Como recuperar a vista?! Quero ver, quero ver!... – Calma – respondi, encorajado –, não confia no Poder de Jesus? Ele continua curando cegos, iluminando-nos o caminho, guiando-nos os passos! Somente mais tarde lembrei que, naquele instante, olvidara a curiosidade doentia, não pensei na impressão deixada pelo tracoma naquele organismo espiritual, nem me preocupei com a expressão propriamente científica do fenômeno, vendo, apenas, à minha frente, uma irmã sofredora e necessitada. E, à medida que me dispunha a observar a prática do amor fraternal, uma claridade diferente começou a iluminar e a aquecer-me a fronte. Lembrando a influência divina de Jesus, iniciei o passe de alívio sobre os olhos da pobre mulher, reparando que enorme placa de sombra lhe pesava na fronte. Pronunciando palavras de animação, às quais ligava a melhor essência de minhas intenções, concentrei minhas possibilidades magnéticas de auxílio nessa zona perturbada. Dentro de alguns instantes, a desencarnada desferiu um grito de espanto. – Vejo! Vejo! – exclamou, entre o assombro e a alegria – grande Deus! Grande Deus! E ajoelhando-se, num movimento instintivo para render graças, dirigia-me a palavra, comovidamente: – Quem sois vós, emissário do bem? Dominava-me profunda emoção, que não conseguia soffrear. Confundia-me a bondade do Eterno. Quem era eu para curar alguém? Mas a alegria daquela entidade, libertada das trevas, afirmava a ocorrência, na qual não queria acreditar. A luz daquela dádiva como que mostrava mais fortemente o fundo escuro de minhas imperfeições individuais e o pranto inundou-me as faces, sem que pudesse retê-lo nos recônditos mananciais do coração. Enquanto a enferma espiritual se desfazia em lágrimas de louvor, também eu me absorvia numa onda de pensamentos novos. O acontecimento surpreendia-me. Desejava socorrer o doente próximo e, contudo, estava enlaçado em singular deslumbramento íntimo. Aniceto, porém, aproximou-se delicadamente e falou em voz baixa: – André, a excessiva contemplação dos resultados pode prejudicar o trabalhador. Em ocasiões como esta, a vaidade costuma acordar dentro de nós, fazendo-nos esquecer o Senhor. Não olvides que todo o bem procede d’Ele, que é a luz de nossos corações. Somos seus instrumentos nas tarefas de amor. O servo fiel não é aquele que se inquieta pelos resultados, nem o que permanece enlevado na contemplação deles, mas justamente o que cumpre a vontade divina do Senhor e passa adiante. Aquelas palavras não poderiam ser mais significativas, O generoso mentor voltou ao serviço a que se entregara, junto de outros irmãos, e, valendo-me do amoroso aviso, dirigi-me à reconhecida senhora, acentuando: – Minha amiga, agradeça a Jesus e não a mim, que sou apenas obscuro servidor. Quanto ao mais, não se impressione em demasia com a visão dos aspectos exteriores; volte o poder visual

para dentro de si mesma, para que possa consagrar ao Senhor da Vida os sublimes dons da visão.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 44)

“Nesse instante, certa enfermeira assomou à porta de entrada, pedindo licença para interromper-nos e notificou que a turma de sentinelas, em tratamento mental, esperava no salão contíguo. Esclareceu Gotuzo que seguiria imediatamente. Novamente a sós, explicou-me, sorrindo: – Na esfera carnal, na qualidade de médicos, nossas obrigações resumiam-se ao exame detido das enfermidades, com indicação clínica ou intervenção cirúrgica, e ao fornecimento de diagnósticos técnicos que outros colegas confirmavam, quase sempre por espírito de solidariedade, dentro da classe; mas, aqui, a paisagem modifica-se. Cabe-me usar a língua como estilete criador de vida nova. A casa está repleta de cooperadores que trabalham, servindo-lhe ao programa de socorro, e se submetem aos nossos cuidados de orientação médica, simultaneamente. Não basta, porém, que eu lhes diga o que sofrem, como fazia antigamente. Devo funcionar, acima de tudo, como professor de higiene mental, auxiliando-os na germinação e desenvolvimento de ideias reformadoras e construtivas, que lhes elevem o padrão de vida íntima. Distribuímos recursos magnéticos de restauração, com todos os necessitados, reanimando-lhes a organização geral, com os elementos de cura ao nosso alcance; não sem ensinar, entretanto, a cada enfermo, algo de novo que lhe reajuste a alma. Noutro tempo, tínhamos o campo de ação na célula física. Presentemente, todavia, essa zona de atuação é a célula mental. [...]” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 5)

“O Sr. Rafael, sopitando toda a frustração que o macerava interiormente, fez-se mais arredio, completamente antissocial, mesmo entre os que lhe compartiam a enfermidade, pelo impositivo coletivo dos resgates imperiosos. A instâncias da gentileza e, quanto possível, da assistência fraternal autêntica de Cândido, que se lhe afeiçoara, como tentava repartir sua bondade com todos, entregou-se à crua melancolia e à funda revolta. Tudo quanto se encontrava em potencial nos recessos do ser, que trazia em germe as pesadas cargas da animosidade e da acrimônia, contribuiu para que se consumisse na combustão da prova, que recebeu com rebeldia superlativa. O tempo não lhe conseguia produzir o milagre da resignação, nem lhe ofertava o tesouro da humildade. Ânimo exacerbado, quase violento, fez-se elemento pernicioso no Hospital, inclusive dificultando o trabalho dos médicos, enfermeiros e funcionários da Casa, com os quais implicava, sempre queixoso. Não conseguia ocultar a mágoa da vida, que o traía sistematicamente, gerando, vez que outra, por parte dos outros, um clima de hostilidade contra ele próprio. Cândido, que o atendia com devotamento de irmão leal, não logrou, mesmo a longo prazo,

modificar-lhe as disposições negativas. Paciente e conselheiral, o respeitável auxiliar da saúde era o exemplo da força do amor, capaz de demover, pelos exemplos, as mentes mais duramente fixadas às ideias negativas. Os pacientes amavam-no com gratidão. Ele sabia dispensar essas importantes migalhas do bem, que são valiosas em quaisquer situações, particularmente nos transe morais que surpreendem e desgastam as criaturas. Alegre, sem cultivar a balbúrdia, era bondoso sem alarde, trabalhando por espontâneo interesse, sem receber quaisquer estipêndios, além dos parcos vencimentos de que provia, com nobreza, a subsistência própria e a da família. Se as atitudes no Hospital se padronizavam pelo culto ao dever retamente cumprido, sua vida familiar, recatada, atestava-lhe as excelentes qualidades morais, se acaso a vida pública já não o fizesse. Pai extremoso, era conhecida a sua compostura moral, tornando-se homem de conduta padrão no lar e na rua, exemplo de discreto e humilde cultor dos caracteres do verdadeiro homem de bem.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 8)

“O Dr. Vasconcelos era um homem de caráter que enrijara as fibras morais no culto dos deveres retos. Sem uma religião definida, portava-se em todas as situações como um verdadeiro cristão, embora desrotulado e sem qualquer compromisso direto com a fé. Houvera acumulado várias dúvidas diante da ortodoxia religiosa e, em face dos seus compromissos médicos, tivera ensejo de conhecer os conflitos de muitos que se vinculam às crenças religiosas, enquanto tudo lhes sorri promessas de prazer, mudando de atitude ante o sofrimento, a doença... O médico é, também, um confessor que ouve e penetra na vida dos pacientes. O seu tirocínio intelectual rebelava-se contra os dogmas que lhe feriam a razão, e a aceitação bíblica, pura e simples, agredia-lhe a lucidez cultural. Resolvera, por isso mesmo, desligar-se dos grilhões tradicionais e crer segundo as suas próprias concepções. Admitia o Criador do Universo e a indestrutibilidade da vida, bastando-lhe esses fundamentos para estruturar uma conduta digna, fiel ao juramento de Hipócrates, cujo conteúdo vivia. Essa forma de ser granjeava-lhe excelentes amigos e fizera-se respeitar pelos colegas, ao que somava a capacidade de fisiologista respeitável e responsável. Com esses títulos de enobrecimento moral, tornara-se dúctil à inspiração antes de definir-se pela pneumectomia, quando do agravamento do estado geral de Argos. Embora não costumasse orar, conforme os moldes comuns, sempre reflexionava sobre a vida e os seus intrincados e complexos mecanismos, o que não deixava de ser uma forma especial de ligar-se com as Fontes Divinas. Considerando o paciente como um ser necessitado de amor, não se permitia profissionalizar, a ponto de ficar indiferente ante os problemas daqueles que lhe recebiam os serviços valiosos. Com

tal disposição interior e sensibilizado pelo drama do seu jovem cliente, fez-se instrumento maleável à ajuda de dedicados médicos desencarnados que atuam ao lado dos facultativos dignos, contribuindo para os resultados exitosos dos seus tentames.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 4)

I.3. Atividades do plano espiritual junto a médicos e hospitais

“Varávamos, em breve, larga porta de movimentado hospital, defendido por grandes turmas de trabalhadores espirituais. Havia aí tanta atividade por parte dos encarnados como por parte dos desencarnados. Seguindo, porém, as pegadas de nosso dirigente, não dispensávamos maior atenção aos desconhecidos. Após atravessarmos corredores e salas, alcançamos grande enfermaria de amparo gratuito. A maioria dos leitos ocupados mostrava o doente e as entidades espirituais que o rodeavam, umas em caráter de assistência defensiva, outras em acirrada perseguição. Desdobravam-se-nos as mais diversas cenas. Prevenindo, talvez, mais a mim que aos demais companheiros, o dirigente de nosso grupo recomendou: – Não dispersem a atenção. Decorridos alguns segundos, estávamos à frente dum cavalheiro maduro, rosto profusamente enrugado e cabelos brancos, a cuja cabeceira vigiava excelente companheiro espiritual. Apresentou-nos Jerônimo a esse último. Tratava-se do irmão Bonifácio, que ajudava o doente. Em seguida, indicou-nos o doente mergulhado em lençóis alvos e esclareceu: – Aqui temos nosso velho Cavalcante. É virtuoso católico-romano, espírito abnegado e valoroso nos serviços do bem ao próximo. Veio de nossa colônia, há mais de sessenta anos, e possui grande círculo de amigos pelos seus dotes morais. Sua existência, cheia de belos sacrifícios, fala ao coração. Aqui se encontra, junto dos filhos da indigência, abandonado da parentela, em virtude de suas ideias de renúncia às riquezas materiais. Mas não se acha desamparado pela Divina Misericórdia. Findo ligeiro intervalo, adiantou-se Bonifácio, informando: – A intervenção no duodeno foi marcada para amanhã. Nosso dirigente, deixando perceber que já conhecia o caso, comunicou: – Assisti-lo-emos no instante oportuno. Obedecendo-lhe as recomendações, fiz aplicações magnéticas, detendo-me, em particular, sobre o aparelho digestivo, da glândula parótida ao reto, observando, além da ulceração duodenal, a inflamação adiantada do apêndice, quase a romper-se. Notei, todavia, que Cavalcante era absolutamente alheio à nossa influência. Nada percebia de nossa presença ali, verificando que ele, apesar das elevadas qualidades morais que lhe exornavam o caráter, não possuía bastante educação religiosa para o intercâmbio desejável.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 11)

“A enfermaria estava repleta de cenas deploráveis. Entidades inferiores, retidas pelos próprios enfermos, em grande viciação da mente, postavam-se em leitos diversos, infligindo-lhes padecimentos atrozes, sugando-lhes vampirescamente preciosas forças, bem como atormentando-os e perseguindo-os. Desde o serviço inicial do tratamento de Cavalcante, desagradaram-me tais demonstrações naquele departamento de assistência caridosa e cheguei mesmo a consultar o Assistente quanto à possibilidade de melhorar a situação, mas Jerônimo informou, sem estranheza, que era inútil qualquer esforço extraordinário, pois os próprios enfermos, em face da ausência de educação mental, se incumbiriam de chamar novamente os verdugos, atraindo-os para as suas mazelas orgânicas, só nos competindo irradiar boa-vontade e praticar o bem, tanto quanto fosse possível, sem, contudo, violar as posições de cada um. Confesso que experimentava enorme dificuldade para desempenhar os deveres que ali me retinham, porquanto as interpelações de infelizes desencarnados atingiam-me insistentemente. Pediam toda a sorte de benefícios, reclamavam melhoras, explodiam em lamúrias sem fim. Sereno e forte, o meu orientador conseguia trabalhar de mente centralizada na tarefa, inacessível às perturbações exteriores. Quanto a mim, entretanto, não alcançara ainda semelhante poder. Os pedidos, os lamentos, os impropérios, feriam-me a observação, impedindo-me de conservar a paz íntima. Por isso mesmo, ao me retirar, pensei na surpresa amargurosa do moribundo, ao se lhe abrir a cortina que lhe velava a visão espiritual. Aguardei, curioso, o cair da noite, quando, em companhia do orientador, atravessei, de volta, o pórtico do hospital.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 18)

“Passeando colérico olhar pelos ângulos da câmara de repouso, acentuou: – Todos aqui pagarão. Todos... Admirado, fitei Gúbio que se mantinha imperturbável, silencioso. Fora eu e talvez me desbordasse em comentários extensos e tirânicos, com referência à lei do amor que nos governa os destinos; reclamaria, com ênfase, a atenção do perseguidor para os ensinamentos de Jesus e, se possível, dobrar-lhe-ia a língua indisciplinada e insolente. O instrutor, contudo, assim não procedeu. Sorriu, mudo, buscando disfarçar a própria tristeza. Dois ou três minutos rolaram, longos, entre nós. Mostrava o relógio um quarto para meio-dia, quando alguns passos se fizeram ouvidos. – É o médico – elucidou Saldanha, com manifesta expressão de sarcasmo –; debalde, porém, procurará lesões e micróbios... Quase no mesmo instante, um cavalheiro de idade madura penetrou o recinto, em companhia de Gabriel, o esposo da vítima. Abeirou-se da enferma, afagou-a gentil e pronunciou algumas palavras de encorajamento. Margarida, em vão, buscou sorrir. Falta-vam-lhe forças para tanto. A conversa ia a meio,

quando uma entidade, evidentemente bem-intencionada, compareceu. Viu-nos e demonstrou compreender-nos a posição, porque fixou em nós cauteloso olhar sem dizer palavra, acercando-se do médico, solitamente, qual se lhe fora dedicado enfermeiro. O especialista não parecia profundamente interessado no caso, mas, ao auscultar Margarida, entregue a torpor inquietante, conversou com o marido da vítima de maneira superficial. Declarou que a jovem senhora, em sua opinião, certamente se mantinha sob o império da epilepsia secundária e que, em última análise, se socorreria da colaboração de colegas eminentes para submetê-la a exame particularizado da lesão cérebro-meníngea, seguido, possivelmente, de intervenção cirúrgica aconselhável. Em seguida, porém, observei que a entidade espiritual recém-chegada e que o assistia, com desvelo, pousou a destra em sua fronte, como se desejasse transmitir-lhe algum alvitre providencial. O médico relutou bastante, mas ao cabo de alguns minutos, constrangido por sugestão exterior que não saberia compreender exatamente, convidou Gabriel a um dos ângulos do quarto e lembrou: – Por que não tenta o Espiritismo? Conheço ultimamente alguns casos intrincados que vão sendo resolvidos, com êxito, pela psicoterapia... E para não dar ideia de uma capitulação científica, ante o idealismo religioso, acrescentava: – Segundo sabemos hoje, à saciedade, a sugestão é uma força misteriosa, quase desconhecida. O esposo da enferma recebeu o conselho, com simpatia, e perguntou: – Poderá orientar-me suficientemente? O psiquiatra recuou, de algum modo, e obtemperou: – Bem, não disponho de maior trato com os expoentes do assunto, todavia, segundo acredito, não terá dificuldades para experimentar. Logo após, deixou ali algumas indicações escritas, relacionando drogas e injeções, e dispôs-se a sair, sob o riso escarninho de Saldanha, que dominava amplamente a situação. Gúbio conversou qualquer coisa com o inquisidor desencarnado e, em seguida, dirigiu-se a mim, esclarecendo: – André, combinamos que, para observações, deves seguir o médico. Dentro de algumas horas, porém, volta ao nosso posto. Compreendi que o nosso orientador me proporcionava a recolha de novos ensinamentos e acompanhei o especialista em moléstias nervosas, cauteloso e contente. Distanciado agora do lugar em que nosso instrutor travava batalha singular, acerquei-me da personalidade que assistia o médico de perto e entabulamos amistoso diálogo. O novo amigo atendia pelo nome de Maurício, fora enfermeiro do esculápio que protegia e recebera, com satisfação, a tarefa de ampará-lo nos empreendimentos profissionais. – Todos os médicos – asseverou-me, convicto –, ainda mesmo quando materialistas de mente impermeável à fé religiosa, contam com amigos espirituais que os auxiliam. A saúde humana é dos mais preciosos dons divinos.

Quando a criatura, por relaxamento ou indisciplina, delibera menosprezá-la, faz-se difícil o socorro aos seus centros de equilíbrio, porque, em todos os lugares, o pior surdo é aquele que não quer ouvir. Todavia, por parte de quantos ajudam a marcha humana, da esfera espiritual, há sempre medidas de proteção à harmonia orgânica, para que a saúde das criaturas não seja prejudicada. Claro que há erros tremendos em medicina e que não podemos evitar. Nossa colaboração não pode ultrapassar o campo receptivo daquele que se interessa pela cura alheia ou pelo próprio reajustamento. Entretanto, realizamos sempre em favor da saúde geral quanto nos é possível. E, numa expressão profundamente significativa, acentuou: – Ah! Se os médicos orassem! Nesse instante, alcançamos o ponto de destino, antecipando-nos, de algum modo, ao amigo encarnado sob minha observação. A residência, confortável, não obstante o formoso jardim que a circundava, permanecia transbordante de fluidos desagradáveis. O clima doméstico era perturbador. Maurício elucidou, sem preâmbulos: – Estamos sumamente interessados em que o nosso amigo se enfronhe no trato com as magnas questões da alma, a fim de aperfeiçoar-se na tarefa junto à mente enferma, por isso encaminhamos até aqui, por vias indiretas, livros e publicações acerca do assunto; entretanto, contra o nosso desejo, não somente preponderam os preconceitos da classe médica, mas também a influência perniciosa que a segunda esposa exerce sobre ele. Homem inteligente, mas muitíssimo arraigado à remuneração dos sentidos, o nosso amigo não suportou a viuvez e desposou, há cinco anos, uma jovem que lhe exige pesado tributo à maturidade respeitável. Acontece, também, que a esse problema acresce questão muito grave: a primeira esposa desencarnada deixou dois rapazes e permanece ligada à organização doméstica, que considera sua propriedade exclusiva. Por mais que o nosso trabalho se acentue, ainda não conseguimos retirá-la, com proveito, da casa, porque o pensamento dos filhos, em conflito com o pai e com a madrastra, lhe invoca a atuação, de minuto a minuto. O duelo mental nesta casa é enorme. Ninguém cede, ninguém desculpa e o combate espiritual permanente transforma o recinto numa arena de trevas. [...] – Tenho trabalhado tanto quanto me é possível – explicou o novo companheiro –, a fim de ambientar aqui o espiritismo de ordem superior. Achemo-nos, entretanto, num campo imensamente refratário. Nesse instante, o médico transpôs o limiar e Maurício colocou sobre a frente dele a destra generosa, buscando fornecer-lhe intuições exatas, referentes ao caso de Margarida. O especialista, num átimo, começou a articular o aparelhamento mental para exame do assunto que lhe era sugerido, lembrando certa publicação técnica, única maneira através da qual conseguia registrar os

pensamentos do companheiro espiritual. Mesmo assim, o esforço não logrou êxito. O filho atacou o genitor com recriminações acerbas, em vista de se haver demorado excessivamente para o almoço. O esculápio depressa desligou a mente de nossos fios invisíveis, precipitando-a no torvelinho das vibrações antagônicas. [...] Maurício indicou-o com insofreadável tristeza e acentuou: – É sempre assim. Muito difícil aproximarmos-nos, na esfera física, daqueles a quem nos propomos auxiliar. Surgem ensejos valiosos de realização espiritual, como presentemente nos ocorre, diante do problema de Margarida. No entanto, nossas tentativas redundam em rematada frustração. Um homem, intelectualizado pela responsabilidade acadêmica, por si mesmo deveria sentir santa curiosidade perante a vida, abstando-se de certo comércio mais intenso com a satisfação egoística da experiência no corpo. Porém, a criatura costuma persegui-la até o desgaste completo da forma carnal de que se serve. Por mais que a convoquemos à preciosa viagem da periferia para o centro, a fim de que ela se amolde aos imperativos da vida que a espera, além do sepulcro, nosso esforço é quase sempre considerado adiável e inútil. Sorriu enigmático e ajuntou: – E observemos que nos achamos à frente de um homem chamado pelo campo social ao ministério da cura.” (AL, *Libertação*, Capítulo 10)

“Buscando aliviar a atmosfera de indagações que Hilário sempre condensava em torno de si mesmo, ponderei: – O quadro sob nossa análise induz à meditação nos fenômenos gerais de intercâmbio em que a Humanidade total se envolve sem perceber... – Ah! Sim! – concordou o orientador – faculdades medianímicas e cooperação do mundo espiritual surgem por toda parte. Onde há pensamento, há correntes mentais e onde há correntes mentais existe associação. E toda associação é interdependência e influência recíproca. Daí concluímos quanto à necessidade de vida nobre, a fim de atrairmos pensamentos que nos enobreçam. Trabalho digno, bondade, compreensão fraterna, serviço aos semelhantes, respeito à Natureza e oração constituem os meios mais puros de assimilar os princípios superiores da vida, porque damos e recebemos, em espírito, no plano das ideias, segundo leis universais que não conseguiremos iludir. Em silencioso gesto com que nos recordava o dever a cumprir, o Assistente convidou-nos à retirada. Retomamos a via pública. Mal recomeçávamos a avançar, quando passou por nós uma ambulância, em marcha vagarosa, sirenando forte para abrir caminho. A frente, ao lado do condutor, sentava-se um homem de grisalhos cabelos a lhe emoldurarem a fisionomia simpática e preocupada. Junto dele, porém, abraçando-o com naturalidade e doçura, uma entidade em roupagem líril lhe envolvia a cabeça em suaves e calmantes irradiações de prateada luz. – Oh! – inquiriu Hilário, curioso

– quem será aquele homem tão bem acompanhado? Áulus sorriu e esclareceu: – Nem tudo é energia viciada no caminho comum. Deve ser um médico em alguma tarefa salvacionista. – Mas, é espírita? – Com todo o respeito que devemos ao Espiritismo, é imperioso lembrar que a Bênção do Senhor pode descer sobre qualquer expressão religiosa – afirmou o orientador com expressivo olhar de tolerância. – Deve ser, antes de tudo, um profissional humanitário e generoso que por seus hábitos de ajudar ao próximo se fez credor do auxílio que recebe. Não lhe bastariam os títulos de espírita e de médico para reter a influência benéfica de que se faz acompanhar. Para acomodar-se tão harmoniosamente com a entidade que o assiste, precisa possuir uma boa consciência e um coração que irradie paz e fraternidade. – Contudo, podemos qualificá-lo como médium? – perguntou meu companheiro algo desapontado. – Como não? – respondeu Áulus, convicto. – É médium de abençoados valores humanos, mormente no socorro aos enfermos, no qual incorpora as correntes mentais dos gênios do bem, consagrados ao amor pelos sofrendores da Terra. E, com significativa inflexão de voz, acrescentou: – Como vemos, influências do bem ou do mal, na esfera evolutiva em que nos achamos, se estendem por todos os lados e por todos os lados registramos a presença de faculdades medianímicas, que as assimilam, segundo a direção feliz ou infeliz, correta ou indigna em que cada mente se localiza. Estudando, assim, a mediunidade, nos santuários do Espiritismo com Jesus, observamos uma força realmente peculiar a todos os seres, de utilidade geral, se sob uma orientação capaz de discipliná-la e conduzi-la para o máximo aproveitamento no bem. Recordemos a eletricidade que, pouco a pouco, vai transformando a face do mundo. Não basta ser dono de poderosa cachoeira, com o potencial de milhões de cavalos-vapor. É preciso instalar, junto dela, a inteligência da usina para controlar-lhe os recursos, dinamizá-los e distribuí-los, conforme as necessidades de cada um... Sem isso, a queda d'água será sempre um quadro vivo de beleza fenomênica, com irremediável desperdício.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 15)

“— No entanto, é metida em Espiritismo, filiada a esse círculo de loucos desnaturados? — O dr. está equivocado. Sou espiritista, sim, aliás, com imensa honra, o que é perfeitamente permitido pelas leis do país, constituindo uma admirável filosofia de vida e religião consoladora. Quanto à alegação de que o Espiritismo é um círculo de loucos”, desejava indagar ao senhor diretor qual a religião que professam os internados nesta Casa? Não me consta que a jovem Ester jamais houvesse frequentado uma Casa Espírita, o que, talvez, se ocorresse, lhe teria evitado a tragédia em que sucumbe, a pouco e pouco. — Além de desequilibrada

é atrevida! — Desculpe, doutor. Sou convicta da fé que esposo e minha conduta é irrepreensível. Se os meus serviços não servem a este Nosocômio, não há porque transformá-los em problema; porém, não me cabe silenciar diante da acusação im procedente. Confio em Deus e sei que o senhor é portador de excelentes dotes do sentimento, do caráter, da razão. Havia nobreza e coragem nas afirmações da jovem. Colhido de surpresa pela argumentação da auxiliar, o diretor administrativo sentou-se, desenovelando-se dos fluídos mefíticos que lhe obliteravam o discernimento e asse- renou-se. O doutor Nilton Silva era homem judicioso. Dedicado à direção da Casa, não se transformara num mercador da saúde. Possuía sempre um recurso para dispensar aos enfermos e descobria uma “vaga” para os casos de emergência. Aplicava a psicoterapia do sorriso e do bom-humor, fazendo-se amar por todos: funcionários, serviçais, colegas, enfermeiros... Naque- la manhã, no entanto, atritara no lar, experimentando singular aborrecimento, que aumentara com a visita do Coronel Santamaria: sua primeira entrevista do dia. Não era religioso, e isso exibia com orgulho. No entan- to, era cortês, homem gentil. Fora vítima do cerco das Entidades infelizes que se compraziam na cobrança à família do Coronel e se desforçavam em Ester. Não era a primeira vez, como de fácil entendimento, estando ele em função relevante. O mesmo ocorria a outros colegas que nem sempre suportavam as constrições, sucumbindo, desastrosamente.” (MPM, *Grilhões parti- dos*, Capítulo 7)

“NA CASA DE SAÚDE. [...] Após a reunião de as- sistência aos obsidiados, quando as operações de so- corro aos perseguidores atendidos chegavam a termo, graças à remoção de alguns a Hospitais especializados, em Colônias do nosso plano, enfermeiros e assistentes prestimosos prosseguiram dispensando necessária coo- peração no templo Espírita onde ficariam em regime de hospedagem diversos outros sofrendores carecentes de diretriz e medicação próprias. O venerável Bezerra de Menezes convocou-nos, então, destacando os ir- mãos Ângelo e Melquiades, abnegados trabalhadores desencarnados, a fim de visitarmos Ester, como passo inicial para o labor que se desenvolveria de imediato, objetivando seu oportuno restabelecimento. Chegan- do ao pavilhão em que a jovem se encontrava, não pude sopitar o choque e a curiosidade, face à multidão que se agitava naquele Frenocômio. Desencarnados às centenas, com os fâcies mui variados, aglutinavam- se em magotes de doentes, totalmente desequilibra- dos, em manifesta ignorância do estado espiritual em que se demoravam; obsessores de carantonha cruel demonstravam no rosto conturbado os ódios que os desequilibravam; perturbadores zombeteiros, assinala- dos pelos vícios em que se locupletavam, com máasca- ra de cinismo indescritível; grupos de vampirizadores

misturavam-se a dementes encarnados, parcialmente liberados pelo sono, em lastimável estado; verdugos impiedosos, conhecedores das técnicas obsessivas, arrastavam suas vítimas em incríveis padecimentos, que desfaleciam de pavor, logo despertando para defrontar os adversários frios; entidades hebetadas, simiescas umas, deformadas outras, em promiscuidade deplorável... Desencarnados ociosos, indiferentes, enchiam os pátios, os corredores como frequentadores de espetáculos circenses, totalmente desconhecedores do estado em que se movimentavam, produzindo ambiente miasmático, que aspiravam, intoxicando-se cada vez mais e envenenando a psicosfera terrível já reinante. Um pandemônio ensurdecedor e aparvalhante sucedia-se em cenas que variavam da bestialidade mais vil à impiedade mais selvagemmente elaborada, em cujos cenários muitos encarnados sofriam indefiníveis vilipêndios e atentados. Dava-nos a impressão de que nenhuma compaixão ou sentimento de humanidade ali encontrava guarida. Os espetáculos da hediondez espiritual superavam tudo que a imaginação humana pode conceber. Aliás, ali se encontravam alguns dos campeões da insensatez e da perversidade, dos ases da mentira e da traição, dos hábeis dissimuladores que, não obstante a ausência das roupagens orgânicas, experimentavam as paixões mais açuladas que os governavam em desmandos inimagináveis. Recebêramos antes recomendações adequadas quanto aos impositivos da oração e do equilíbrio, a fim de transitarmos em faixa de diferente vibração, passando despercebidos da imensa mole de atormentados e atormentadores. Percebi, então, que outros grupos de socorro frequentavam aquele dédalo da sordidez, movimentando-se, distintos, com semblantes circunspectos e atenciosos. Saudavam-se, fraternalmente, discretamente, considerando-se as circunstâncias e finalidades dos misteres a que se entregavam. Constituíam a Providência Divina respondendo aos apelos de muitas orações, socorrendo necessidades justas, amparando os que ansiavam pela terapêutica do amor, já que não faltam nunca as disponibilidades do Senhor, sempre colocadas ao alcance dos que O buscam. O quarto em que Ester se alojava, verdadeira cela presidiária, produziu-me incontinente mal-estar. Empestada por vibrações perniciosas, densas, escuras, pareciam fluído condensado, oleoso, que causava insuportável indisposição psíquica, generalizando-se em sensação de náuseas contínuas. O dirigente da equipe, profundo conhecedor daqueles sítios, sugeriu-nos mais intenso controle da emotividade e imperiosa disposição para a caridade, com que superaríamos as incômodas impressões, sintonizando em faixa mais sutil, de que nos alimentaríamos seguramente. A jovem subjugada em espírito jazia ao lado do corpo, em quase total inconsciência, sob os efeitos de sedativo pernicioso e forte. Junto a ela, em processo

de imantação perispiritual, vigiava o algoz desencarnado. Nos três outros catres infectos que infestavam o exíguo parlamento, a tresandar odores insuportáveis, se encontravam duas jovens e uma senhora de meia-idade, estigmatizadas por diversas alienações que as diferenciavam entre si. Quase todas se encontravam parcialmente fora do corpo, inconscientes, exceção feita à dama perturbada, que altercava com um perseguidor imaginário, fruto de longo processo ideoplástico. Outras Entidades desequilibradas se imiscuíam nas sombras e na imundície do quarto abafado, algumas das quais, entorpecidas, pareciam hibernadas em longo processo sonoterápico, mantendo-se alimentadas pelas emanções mefíticas abundantes dos pacientes, suas presas inermes. Com a autoridade e sabedoria que lhe são peculiares, o “Apóstolo da caridade” exorou a proteção divina em comovedora oração, quando do seu tórax, a pouco e pouco iluminado, que se transformou num sol engastado no peito, surgiram fulgurações carregadas de superior energia incidindo sobre os Espíritos levianos, produzindo-lhes choques, que os despertavam, expulsando-os quase todos e fazendo, por fim, que se modificasse a paisagem fluídica reinante. Ao terminar, recomendou que os Irmãos Ângelo e Melquíades socorressem as duas jovens e apontou-nos a senhora atribulada para assistência de minha parte, recomendando condensasse as forças fluídicas até lograr ser por ela percebido. Vendo-me, repentinamente, a dama exclamou, emocionada: — Mensageiro Divino, salvai-me deste cruel perseguidor! Sou criminosa, reconheço, todavia, venho pagando a longo prazo o compromisso infeliz da leviandade. Socorrei-me, por Deus! As lágrimas abundantes, a face dorida e a voz amargurada infundiam compaixão. Teleguiado pela poderosa mente do Diretor Espiritual, acerquei-me e roguei-lhe descansasse em sono reparador de que tinha imediata necessidade. Aplicando-lhe conveniente recurso fluídico, sem maior resistência descontraíram-se as forças psíquicas concentradas pelo pavor e ela adormeceu. [...] Estávamos edificadas e surpresos. Constatávamos ali a procedência da Divina Justiça e poderíamos distinguir que, na etiologia das enfermidades mentais, muitos fatores estudados pela moderna Psiquiatria são legítimos, faltando a essa nobre Ciência um maior contato com as “questões do Espírito”, do que hauriria suficiente luz para incluir a obsessão como uma das causas das alienações mentais, penetrando nas realidades da Alma encarnada e melhor desintrincando os variados processos que sempre se originam no ser espiritual, ao longo da sua jornada evolutiva.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 10)

“D. Artêmis e Hermelinda receberam a jovem na condição de filha das suas almas, presente dos céus, como compensação às suas lutas e acerbas dores. No transcurso desses acontecimentos, deu-se a

transferência de Lisandra para outra cidade, para outra vida, na Casa de Saúde. Amolentada pela medicação, embora carinhosamente informada antes quanto ao tratamento a que deveria ser submetida, sem uma reação mais significativa da emotividade, Lisandra foi osculada pela genitora e pela tia em controlado pranto, viajando com a assistência do irmão e sob os cuidados dos comissários de bordo. No local de destino, estava sendo aguardada pelo Diretor do Hospital e sua filha Lisabete, enfermeira diplomada que se entregara a cuidar dos atormentados da razão. Espírita dedicada, Lisabete sentiu imensa afinidade por Lisandra, que passou a receber desde aquele momento sua devotada e terna assistência. A recém-chegada foi conduzida ao novo lar, a fim de ser iniciado o tratamento quanto antes. O carinho espontâneo, o interesse cristão demonstrado pelos administradores da Casa, particularmente por Lisa, como era chamada em família a enfermeira, cativaram Gilberto, que, após percorrer a Instituição, assistir a irmã nos primeiros dias, retornou, encantado, traduzindo à família, com as cores da realidade e do entusiasmo sadio, tudo quanto observara e sentira. — Lisandra está no lar — referiu-se jubiloso —, prosseguimento do nosso, mais eficazmente atendida. Receberá passes, usará água fluidificada e participará das reuniões que ali se efetuam, destinadas aos pacientes que podem usufruir os resultados advindos da palavra iluminada e das lições do Evangelho. É terapia de importância ao lado do tratamento técnico, nos moldes modernos da Psiquiatria. Os familiares exultaram com as notícias calorosas, confortadoras. Epifânia alegrou-se, com justas razões. Não ignorava o poder da mensagem espírita, quando penetra os homens e os aciona no bem. Psiquicamente estava informada da excelência dos métodos aplicados naquele verdadeiro Templo da Saúde e do refazimento, considerando-se os investimentos morais e espirituais que representavam seus administradores e trabalhadores abnegados, conduzidos pela necessidade da vivência da Doutrina, antes que levados pelos escusos interesses de auferirem qualquer lucro pessoal ou de transformarem a Entidade numa Sociedade a mais, disputando recursos e açodada pelas ambições argentárias. Ali se pensava primeiro no paciente, suas necessidades imperiosas, no socorro que se poderia dispensar à família, para depois se examinarem as possibilidades econômicas. E o argumento de que se necessitava de dinheiro para a sua manutenção, como é lógico, e disso se fazem justificativas para negar-se assistência gratuita ou, pelo menos, acessível a bolsas de poucos recursos, não tinha nenhuma expressão, porque o Senhor a tudo previa, provendo com os meios abundantes para a manutenção do programa, ampliação de obras e conservação dos compromissos, das construções... Amenizava-se a expiação da família Ferguson. O Sr. Rafael, passados os

choques iniciais e detalhadamente informado da ocorrência e da forma como a filha se encontrava, estrugiu em inesperada satisfação, reconhecido à interferência de Natércio-Epifânia, do Dr. Armando, que pensara na providência, principalmente à misericórdia divina que de ninguém esquece e soluciona com sabedoria os mais complexos problemas, quando se sabe confiar, aguardar e obedecer... Três semanas após a sua transferência de casa, chegaram as primeiras notícias de Lisandra: um delicado cartão colorido, de próprio punho, dirigido à mãe e aos familiares, envolto em saudades e gratidões, pedindo que se tranquilizasse o pai... Uma carta de Lisa, carinhosa, dava conta de toda a ocorrência e do interesse do seu genitor quanto dela mesma, no sentido de se responsabilizarem pela paciente, no que lhes constituía real satisfação. Que os Ferguson não se preocupassem com qualquer coisa, escudando-se confiantes nos augustos mananciais do socorro divino! — Lisandra é-nos alma querida que volta — anotou com emoção. A carta abençoada selava com alegrias as saudades da jovem em recuperação. De fato, Lisandra era de Lisabete alma conhecida e afetivamente bem recebida. Com isso, Annette voltava ao carinho de Rose, após a travessia por caminhos dolorosos, dela recebendo assistência, amizade e a ela retribuindo o respeito e a confiança que lhe haviam sido ofertados. Ninguém se afeioa ou detesta outrem sem que volte a reencontrá-lo adiante, na esteira do tempo, na estrada da vida.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 24)

“A VISITA À ENFERMA. Não obstante conhecêssemos as penosas vibrações de desconcerto psíquico em faixas de alto teor pestífero, as condensações que pairavam no ar, pela densidade pastosa, escura, causavam-nos mal-estar. A aspiração do nevoeiro pelos homens, sem dúvida, produzia compreensíveis transtornos emocionais, a prazo mais dilatado com efeitos orgânicos. A população invisível ao olhar humano era acentuadamente maior no tresvariar das fortes sensações, de que se não havia libertado com a morte. Disputava-se, como chacais, a vampirização das vítimas inermes telecomandadas, estimulava a sensibilidade e as libações alcoólicas de que participava, ingeriam drogas, de que os seus comparsas físicos, verdadeiros intermediários submissos, se auspiavam. Dificilmente se poderia distinguir se os homens eram cópia rude das faces aberrantes dos desencarnados ou se esses os imitavam, tal a sintonia e o perfeito intercâmbio sustentado. Enquanto eu reflexionava sobre a turbamulta, que se entredevorava, enceguedida, o nobre Amigo advertiu-me: - Miranda, onde a criatura coloque suas aspirações, aí encontra intercâmbio. O homem é o somatório dos seus anelos e realizações. Enquanto não elabore mais altas necessidades íntimas, demorar-se-á nas permutas grosseiras da faixa

dos instintos primários. Em razão disso, a Humanidade padece de carências urgentes nas áreas rudimentares da vida... Deixando-se martirizar pelos desejos inconfessáveis, ainda não se resolveu por uma conduta realmente emocional que lhe permita o trabalho íntimo de desembaraçar-se das sensações que respondem pelos interesses grosseiros, geradores das lutas pela posse com a predominância do egoísmo. [...] Silenciou o comentário, quando nos acercamos de área ajardinada, onde árvores vetustas derramavam beleza em contraste com os blocos frios de concreto armado. Não tive dificuldade em identificar o Nosocômio Psiquiátrico. A movimentação dos Espíritos era acentuada. *Vítimas e algozes* de hoje, renovando os dramas do passado, em que as personagens mudaram de posição, mas não de sentimento nem de objetivos, estarciam à primeira vista. As descrições mais fortes, as pinturas com as cores mais vivas da ficção literária não conseguiriam retratar a tormentosa realidade. Como em parte alguma a criatura humana se encontra sem o paternal auxílio de Deus, notava-se, igualmente, a presença de Entidades Benfeitoras, que se especializaram no socorro aos alienados de ambos os planos da vida, participando dos mistérios da caridade fraternal, ungidos de amor e profundo respeito às vítimas dos próprios infelizes engodos. Chegando à entrada do pavilhão central, de linhas austeras e construção mais velha, fomos recebidos por gentil enfermeiro que já conhecia o Benfeitor, habituado àquelas incursões de auxílio especializado, levando-nos, imediatamente, à presença de nobre Entidade, que externou um sorriso jovial, em saudação de alegria. Fui apresentado, na condição de participante da experiência caridosa, vindo a saber que aquele Espírito fora, na Terra, nobre discípulo das teorias freudianas, a que se aferriava, tentando explicar a patogênese da grande maioria das alienações mentais conforme o esquema do ilustre médico austríaco. Ignorando, ou esforçando-se por desconsiderar a problemática da imortalidade da alma foi, no entanto, excelente trabalhador da saúde mental, naquela mesma cidade. Ao desencarnar e constatar de *visu* a realidade que o fascinou, ofereceu-se a prosseguir laborando na Casa onde antes trabalhara com afincos e abnegação. No momento, era o responsável direto pelos serviços espirituais que ali se movimentavam, dirigindo uma expressiva equipe de antigos médicos, enfermeiros e futuros estudantes das ciências da alma, que se reencarnariam com tarefas específicas neste campo, objetivando estes atuais e futuros dias que se assinalariam pela complexidade afligente dos distúrbios mentais, emocionais, de comportamento. O Nosocômio não se destinava apenas, como de supor-se, ao tratamento dos pacientes encarnados. Na mole que se agitava, numa comunidade viva, pulsante e especial, as soberanas leis haviam estabelecido um

programa de lapidação íntima para a quase generalidade dos seus membros; organizara uma escola de bênçãos, onde se aprendia mediante as lições vivas da dor; erguera-se um templo à caridade e à oração, em forma de trabalho contínuo em socorro aos colhidos pelas vicissitudes purificadoras. Para uns - encarnados ou não - fazia-se um *purgatório*, no qual as aflições selecionavam os mais aptos ao progresso, em razão da humildade, da resignação ante os imperiosos resgates de que se faziam devedores pela intemperança e desequilíbrio em que delinquiram. Outros tantos, defrontavam a oportunidade de aprender-servindo e de amar o próximo, na contingência das amargas e rudes reparações. Expressivo número deles, no intercâmbio das desditas, tornava-se, inconscientemente, instrumento da Vida, fomentando o próprio e o crescimento dos a quem afligia... Podia-se dizer que era uma estranha cidade, com seus Estatutos legais, suas características, sua população e governança dentro de outra Cidade... Espírito mui perverso, atribuíra-se o dever e o direito de administrar os corretivos que se aplicavam na “comunidade”, inteirando-se das ocorrências que ali sucediam e tentando combater a interferência do Bem. Ganhara o posto, como conquista natural, em se considerando a sua folha de serviços, assinalada pela impiedade e crueza dos métodos que se permitia aplicar nos a quem tomava como adversários ou vítimas da sua imensa alucinação. Era natural, portanto, que os enfermos encarnados sofressem sevícias cruéis de seres impenitentes de ambas as esferas de ação: do corpo - funcionários inescrupulosos em sintonia com os Espíritos ultrizes - e fora dele... Os emaranhados nas teias da alienação mental e da obsessão expunham os delitos, sob a dureza dos aficionados doutrora ou instrumentos irresponsáveis do curso da Vida, que a ninguém deixa órfão da oportunidade de crescer e evoluir. Desencarnados, igualmente alienados, sofriam, por sua vez, subjugações cruéis sob tormentos inenarráveis, nas mãos dos seus sicários dos quais a morte não os libertava. Não obstante, como nos referimos, fulgurava, divina, ali, a luz da caridade, auxiliando uns e outros, ao mesmo tempo clarificando as mentes e apontando rumos para os lutadores futuros das desobsessões e terapias psiquiátricas. Laboratório vivo e pulsante, oferecia o resultado das experiências humanas na ambivalência do bem e do mal que a si mesmas se fazem as criaturas, mediante o livre-arbítrio de que dispõem no processo evolutivo. Transitava-se, desse modo, em faixas de vibrações especiais correspondentes às finalidades dos mistérios, e consoante o estado espiritual de cada grupo em ação. O doutor Artur Figueiredo recebeu-nos afetuosamente, prontificando-se a auxiliar-nos no ministério da caridade, logo se inteirou do móvel da nossa visita. Mantendo uma atitude de respeito à dor que ali se apresentava em

multiface atordoante, vencemos a distância que nos separava da enferma. Encontramo-la em um apartamento especial, adormecida sob a alta dose de um antidepressivo. O ambiente, em razão da psicossfera geral, era irrespirável. Podia-se notar, à primeira vista, a presença de Espíritos perturbados e irresponsáveis, que enxameavam naqueles sítios, não necessariamente vinculados à paciente. [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 2)

“O POSTO CENTRAL DE ATENDIMENTO. Pervagando pela área reservada ao Posto Central, pude observar que o acampamento de emergência socorrista ocupava quase toda a área da Praça, ampla e agradável. Antes de serem instaladas as dependências que abrigariam os pacientes espirituais durante aqueles dias, engenheiros de nossa Esfera de ação haviam tomado providências defensivas, para que o ministério da caridade não sofresse danos decorrentes das invasões que se atrevem fazer os Espíritos perniciosos, opositores sistemáticos de quaisquer tentames de consolação e caridade para com as criaturas humanas. Como não há improviso nas tarefas superiores, que a abnegação dos Mensageiros Espirituais programa, estabeleceram-se planos e traçaram-se diretrizes para a construção do Núcleo transitório, utilizando-se de recursos compatíveis para o mister. Substância ectoplásmica, retirada das pessoas residentes nas cercanias, como da Natureza, foi movimentada para a edificação do conjunto e das muralhas defensivas que renteavam, internamente, com as grades que resguardam o parque aprazível. Duas largas entradas, situadas em posição oposta, facultavam a movimentação dos que ali se sediavam. Voluntários adestrados, premunidos de recursos magnéticos, postavam-se em vigília nos portões de acesso, enquanto outros rondavam pelas fronteiras da construção, significando proteção e resistência pacífica contra o mal... Amplos barracões, à semelhança de tendas revestidas de lona, espalhavam-se interligados num conjunto harmonioso, com equipamentos especiais para os diversos tipos de atendimento que ali seria processado. Camas colocadas em filas duplas recebiam os desencarnados enfermos, que foram arrebanhados nos três últimos dias antes de serem transferidos para o nosso plano de ação definitiva. Desde o sábado, as ocorrências inditas tomaram corpo mais volumoso. Homicídios tresvariados, suicídios alucinados, paradas cardíacas por excesso de movimentação e exaustão de forças, desencarnação por abuso de drogas ofereciam um índice elevado de vítimas de si mesmas, pela imprevidência, nos dias tormentosos da patuscada irrefreável... Além desses, diversos encarnados, em transe demorado, recebiam socorro de urgência antes de retomarem os corpos em Hospitais ou nos lares, sob a carinhosa e vigilante assistência do Bem desconhecido. A noite apresentava-se com ar morno, abafada,

embora o céu límpido e estrelado, lavado pelas pancadas de chuva, que caíam com certa frequência. O Centro de Comunicações do Posto registrava apelos e tomava decisões, encaminhando assistentes hábeis para cada tipo de necessidade. Eu reflexionava sobre o amor e a sabedoria do Pai, no que concernia, entre outras misericórdias, àquelas ações destinadas ao amparo das criaturas, sem que estas pudessem, ao menos, ter ideia dos recursos que eram movimentados a favor da sua paz e do seu equilíbrio. O véu da carne, não obstante o milagre da oportunidade de progresso que ao Espírito propicia, não deixa de ser uma barreira, um impedimento à mais ampla percepção, mais claro entendimento da realidade. Os encarnados transitavam por aqueles sítios, sem dar-se conta do que ocorria, entre aquelas árvores vetustas, acontecendo noutra dimensão vibratória. Um sistema de alarme funcionava, prevenindo as invasões ou intromissões indébitas de hordas violentas, que desejassem dar curso aos seus planos destrutivos, enquanto veículos especiais, trazendo os recém-colhidos para atendimento mais imediato, trafegavam com frequência, adentrando-se na área protetora. [...] Nesse ínterim, ouvimos uma sirene de veículo que se acercava do acesso principal. O grupo ruidoso, colhido de surpresa, disparou em volumosa nuvem sombria, dando entrada uma ambulância de socorro. Minutos depois fomos chamados nominalmente, para comparecer no alojamento em que deixáramos o abnegado Bezerra de Menezes.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 7)

“Já nos dispúnhamos a retornar, quando o Benfeitor foi reconhecido por simpática senhora desencarnada, que lhe rogou auxílio para a filha que acabava de chegar, após desmaiar em plena rua. Não era a primeira vez que tombava, vitimada por síncope de tal porte. Atendida por consciente profissional de plantão, recebeu uma injeção de específico neuroléptico, ficando sob a observação do esculápio. Dr. Bezerra examinou-a atentamente e esclareceu: Trata-se do pequeno mal, a forma mais suave da epilepsia. Ela é portadora de disritmia cerebral e necessita de tratamento especializado, sob cuidados neurológicos, quanto de atendimento espiritual. A mãezinha não ocultou a aflição, que se lhe estampava na face. - Tranquelize-se, minha irmã - confortou-a, benevolente -. O Pai jamais nos desampara. Tocou nas têmporas do médico atento, que lhe registou a vibração agradável. Aquele homem, de formação ética relevante, prontificara-se para o atendimento, naqueles dias, quando a maioria, por muitas razões, prefere não o fazer. Desinteressado das grandes atrações, era um missionário anônimo da “arte de curar” e, portanto, portador de excelentes credenciais em nosso campo de ação. Enquanto registrava o pensamento do Dr. Bezerra de Menezes, aclarou o diagnóstico, sem maiores preâmbulos. Ergueu-se, procurou

saber quem acompanhava a paciente e identificou-lhe o noivo, que se apresentou apreensivo. Recomendou que a levasse para casa, evitando novas emoções, a fim de que ela repousasse e sugeriu que fosse submetida a exames eletroencefalográficos, para posterior tratamento especializado que a recuperaria, depois de algum tempo, sugerindo, também: - Não sou adepto de religião nenhuma... No entanto, tenho clientes com o mesmo problema, que obtiveram excelentes resultados participando de sessões espíritas. Não sei o que o senhor e ela acharão disso, todavia, seria de bom alvitre levá-la a um Centro Espirita bem organizado, que os há em boa quantidade por aí. E concluiu: - Daqui a trinta ou quarenta minutos ela poderá retornar à casa. A mãezinha agradeceu a interferência providencial do Mentor e foi para o lado da filha adormecida. Dr. Bezerra exteriorizou um semblante jubiloso, referindo-se: - É melhor, às vezes, lidar com quem diz não ter religião e ama o próximo, servindo-o, do que com aqueles que se dizem religiosos, não amando o próximo e explorando-o.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 21)

“Outros enfermos que se encontravam na ampla sala de terapia padeciam, igualmente, as circunstâncias dolorosas das provações que lhes pesavam na economia da evolução. Reduto de reparações espirituais e de aprimoramento moral, nem sempre vitoriosos, a Casa de Saúde reunia antigos estroinas e delinquentes portadores de vários delitos, sob a inexorável presença da dor, moldando-os e trabalhando-os para futuros cometimentos. Todavia, as blasfêmias, os ódios, as revoltas, as perseguições e animosidades, criavam ali uma psicossfera de sombra e desdita que, não fosse a presença de abnegados Benfeitores Espirituais vigilantes em ação de socorro e caridade, transformaria em caos e cenário de justas lamentáveis, o abençoado reduto hospitalar. Misturada à população física em aturdimiento, chusmas de sofredores desencarnados em desalinho emocional, de recém-desligados do corpo que ignoravam o próprio estado, de perseguidores inclementes misturavam-se em espetáculo deplorável de sofrimento e despautério. Sem dúvida que luzia, o amor do Crismo, graças à contínua azáfama de religiosas abnegadas, esculápios e enfermeiros dedicados que se faziam instrumento de perseverantes Mentores e Espíritos Bons a contribuírem em favor dos internados, a fim de que se refizessem da problemática orgânica, adquirindo valores morais ou, ocorrendo a desencarnação, se liberassem das torpes situações a que se deixavam arrojar em decorrência da conduta íntima.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 1)

“A Irmã Angélica providenciou a cooperação de antigo médico paulista, que estudara a tuberculose oferecendo um expressivo contributo no combate à

sua insidiosa destruição de vidas orgânicas. O Dr. Arnaldo Lustoza, em espírito, conseguiu manter com o colega encarnado uma perfeita identificação, o que redundou em sucesso a técnica de extirpação pulmonar. A mediunidade, inconscientemente exercida na Terra, funciona em escala ampla e contínua, muito mais do que se pensa ou do que notam as criaturas. O mundo mental, constituído de ondas que se movimentam em faixas vibratórias específicas, faculta a sintonia daquelas outras da mesma frequência, facilitando a identificação entre as criaturas, no mundo físico, destas com os desencarnados e entre estes últimos. Durante o ato cirúrgico, momentos havia que dificilmente se poderia distinguir quem operava Argos: se o Espírito Dr. Arnaldo ou se o abnegado Dr. Vasconcelos, ambos em perfeita união mental e em atos bem coordenados. Quando foi concluído o labor exaustivo, à semelhança das palavras do médico gentil à Áurea, o nosso companheiro informou à Mentora que tudo fora realizado conforme o programa adremente estabelecido e que as matrizes perispirituais que propiciaram a irrupção e virulência da enfermidade foram, por sua vez, igualmente reequilibradas, no transcurso da cirurgia, faltando apenas as providências que seriam tomadas conforme se aguardava para logo mais. A Irmã Angélica agradeceu ao Médico Divino, sinceramente comovida, e estabeleceu que, às 2:00hs da manhã seguinte se daria prosseguimento às demais realizações salvadoras. De minha parte, quedei-me a meditar em torno da sabedoria das Leis que regem a vida. Verificava, mais uma vez, a excelência do amor e a sabedoria dos desígnios Superiores. Médicos e enfermeiros, assistentes sociais e voluntários, religiosos dedicados que se entregam às tarefas mais sacrificiais em Sanatórios dos males de Hansen, de Koch e de outras baciloses violentas sem que o contato demorado com os pacientes lhes cause qualquer contágio, adquirem resistências imunológicas, enquanto outros, que não convivem com portadores de inumeráveis moléstias, de um para outro momento fazem-se vítimas das vigorosas doenças que lhes exterminam o corpo, em razão de se encontrarem no mapa cármico de cada um as condições propiciatórias para que se lhes manifestem os males que merecem e de que necessitam em razão dos delitos praticados e que são atenuados pela misericórdia do Senhor, já que o amor é mais poderoso do que a justiça, que por aquele se faz comandada.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 4)

“Ato contínuo, levou-me a acompanhar uma consulta clínica e explicou-me: — Este paciente é alcoólatra inveterado, com um processo de cirrose hepática em desenvolvimento. Pode-se-lhe perceber o intumescimento da glândula mista, com drenagem descontrolada de bÍlis, perturbando-lhe o metabolismo geral.

Adicione-se ao distúrbio orgânico, a obsessão de que padece, em face da presença contínua e vingadora de antigo comparsa a quem enganou, e temos um quadro de difícil recuperação. Apesar disso, envidaremos esforços para atenuar os efeitos do problema grave, de que ele não se apercebe, tentando inculcar-lhe a ideia de maior esforço na luta contra a bebida, a que vai levado pelo adversário, tendo a vida física um pouco ampliada, a benefício próprio. Observemos o que sucede, nesta sua primeira consulta. Notamos que a Entidade inimiga que a ele se imantava, sendo consciente do desforço que levava a cabo, ao perceber que o médico ia examiná-lo, deslocou-se, agressiva, e tentou influenciar o facultativo, como a querer perturbá-lo na conclusão do diagnóstico. Porque este se encontrasse assessorado por operoso cooperador da equipe do Dr. Dirceu, o celerado não encontrou ressonância no seu intento, e porque um enfermeiro de plantão fosse convocado à assistência espiritual ao cliente, aquele Espírito rebelde e renitente no mal, retirou-se, indisposto e blasfemador. — Ficarà à saída, aguardando o seu hospedeiro — esclareceu-me o Diretor. — E por que não foi impedido de entrar? — inquiri, com curiosidade sadia. — Porque não usamos de violência — prosseguiu, espontâneo — Ao passar pelas barreiras vibratórias foi-lhe concedida a oportunidade de beneficiar-se com os recursos aqui existentes. Não se sentindo bem com as vibrações ambientes, ele próprio se evadiu. Há sempre oportunidade para quem deseja a renovação, a paz. — E que acontecerá com o paciente — voltei a indagar — após ser atendido e retirar-se? Sem qualquer enfado, o médico considerou: — Depende da atitude mental que ele conduza. Como não ignoramos, o pensamento gera energias que carregam cargas vibratórias de acordo com o teor moral de que se revestem as ideias. Se o nosso enfermo mantiver os estímulos superiores que está a receber e as orientações que lhe serão ministradas pelo clínico, não sofrerá a interferência psíquica do antagonista, que atua em faixa de baixa frequência mental. Este permanecerá à espreita até que encontre uma oportunidade de revinculação, o que somente pode ocorrer se houver aquiescência do encarnado. Mantendo-se este nas ideias positivas e agasalhando o otimismo, se movimentará cada vez mais em canais vibratórios que o colocarão imune à perturbação, passando a sintonizar com outro gênero de ondas, nas quais se encontram campos de vida propiciadores de bem-estar, fazendo jus a melhor assistência espiritual. É da lei, que querer é lograr, desde que se saiba o que se quer e se mantenha firme o desejo por consegui-lo. Nunca falta apoio a quem almeja por ascensão. O inverso é, também, verdadeiro. — Não desejando ser importuno, mas porque a questão é fascinante — tornei a questionar

— gostaria que o amigo experiente me explicasse a ocorrência da agressão intentada contra o médico. — Sendo ele — respondeu-me, afável — o zelador da saúde, encontra-se investido de elevado ministério, conforme ocorre noutras áreas da vida, cuja orientação lhe cabe dar, para as superiores ou infelizes finalidades que lhe aprouver. Desejando ser fiel ao “juramento de Hipócrates”, no qual se encontram as diretrizes éticas do seu sacerdócio, adquire defesas naturais para o seu campo de ação e a sua conduta moral sadia atrai os Benfeitores da Humanidade, que dele, como de outros profissionais ou não, se utilizam para promoverem o progresso dos homens e da sociedade. Suas boas ações granjeiam-lhes simpatias que são transformadas em títulos de benemerência, de que se enriquecem, a fim de melhor alcançarem as metas a que se propõem. Nestes, os obsessores não encontram campo para perturbação. “É muito comum notar-se que os Espíritos conscientes do mal que proporcionam àqueles a quem perseguem, sabendo que os seus obsidiados estão recorrendo a ajuda médica para ter minorados os seus males, investem contra os seus possíveis benfeitores, a fim de os influenciar, gerando antipatia pelo paciente e, quando há afinidade moral entre o médico e o algoz desencarnado, este leva-o a equivocar-se no diagnóstico ou pelo menos a não dar a devida atenção ao problema, ficando na superficialidade, que não lhe permite a correta avaliação para um eficiente tratamento. O mesmo sucede em relação aos médiuns, quando convidados ao auxílio aos portadores de alienação obsessiva, não é verdade? Muda-se de situação, mas não se altera a ocorrência...” — Eu estava profundamente impressionado com este fato, em razão da lógica de que o mesmo se revestia, já que o conhecia em outras áreas nas quais sucedia. As inteligências espirituais negativas são muito hábeis na elaboração e prática dos métodos de cobrança que se impõem, na sanha louca de conseguir os pífidos resultados a que se agarram. Agora eu acompanhava o médico atencioso, detectando ao tato a enfermidade soez. Com delicadeza, mas com autoridade, advertiu o paciente sobre os perigos crescentes que o álcool representava para a sua saúde, ao mesmo tempo explicando-lhe, sem detalhes, que estes poderiam redundar em efeito pior, em razão da gravidade do mal que o mesmo sofria. O médico sabia que, instalada a cirrose hepática, as possibilidades de recuperação não se fazem auspiciosas, especialmente naqueles que dispõem de poucos recursos para o tratamento cuidadoso a que se devem submeter. Não obstante, conversou demoradamente, convidando o enfermo à realidade da vida, aconselhando-o e recordando-lhe a responsabilidade espiritual que lhe dizia respeito, em face do alto compromisso para com a existência física. Embora

o empenho do bondoso médico, sentíamos o quase desinteresse do paciente que, encharcado pelo fluido venenoso e tendo desarticulados os equipamentos emocionais pelos alcoólicos, não assimilava toda a orientação, mais de uma vez repetida. Seria o caso de mais um suicídio indireto com causas muito complexas no seu processo evolutivo. Mas o facultativo se desincumbia galhardamente do dever que lhe dizia respeito.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 27)

“Passamos a outra sala e seguimos um caso oposto. O paciente era um ancião portador de um problema uretral. Havia-lhe sido recomendada uma uretrocistografia para positivar a enfermidade, facilitando a cirurgia, que ele receava. Muito bem assistido pela esposa desencarnada, esta houvera pedido aos trabalhadores espirituais da Casa que inspirassem o médico, a fim de melhor socorrer o cônjuge assustado. Vi então, que após o estudo dos exames preliminares que foram apresentados e alguns outros, ao tato, que o próprio médico realizou, após deter-se a pensar, este falou com segurança, telementalizado por um urologista do grupo espiritual, confirmando a necessidade cirúrgica, que seria coroada de êxito, em face do bom estado geral do cliente e das amplas perspectivas de viver mais, sem um problema que se poderia agravar, tomando rumos imprevisíveis, no momento, perfeitamente evitáveis. Orientou-o com gentileza e infundiu-lhe confiança. A simpatia da segurança médica e a irradiação de tranquilidade que dele se exteriorizava, atingiram o paciente que, sob a carinhosa assistência da esposa, anuiu de boamente em submeter-se ao exame final e em deixar-se submeter à cirurgia num hospital de beneficência. Os casos sucediam-se e os obreiros desdobravam-se no afã do bem, quando o amigo Bernardo nos veio chamar, ao Dr. Arnaldo e a mim.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 27)

“Dr. Emir Tibúrcio Reis, o Missionário. [...] Transcorridas algumas horas, nas quais fruímos de justo repouso e renovação, fomos convidados a visitar um hospital psiquiátrico onde trabalhava abnegado seareiro que viera à Terra para contribuir com o seu progresso, dedicando-se com afã na área em que desenvolvia o seu ministério no socorro aos alienados mentais. Logo deparamo-nos com imensa construção, formada por diversos edifícios, envolta em vibrações de variado teor de energias. Enquanto ressumava ondas sucessivas de coloração escura exalando odores desagradáveis, era beneficiada por lampejos semelhantes aos raios que dissolviam parte da densidade, abrindo campo para que jorros de clareza multicolor penetrassem nas instalações materiais. A movimentação de encarnados e de desencarnados era muito grande. Surpreendi-me, agradavelmente, por observar que, além dos numerosos adversários

desencarnados que se misturavam com os pacientes, uns seus inimigos, outros Espíritos vadios e promíscuos que se utilizavam das circunstâncias para locupletar-se nas viciações mentais condensadas em formas agressivas e pastosas, frutos da ideoplastia enfermiza dos internados, também se encontravam infatigáveis trabalhadores de nosso plano em atividade beneficente. Eram enfermeiros cuidadosos, familiares abnegados, médicos devotados, mensageiros da saúde e do amor, sustentando as estruturas morais, psíquicas e espirituais do sanatório. Dirigimo-nos, diretamente, à sala do diretor, onde encontramos um moço de aproximados trinta anos de idade, simpático e jovial, concentrado em um prontuário que examinava atentamente. - Este é o nosso irmão Dr. Emir Tibúrcio Reis -, esclareceu o nosso orientador — que reencarnou com objetivos muito bem definidos, quais os de contribuir com as terapias espíritas em favor dos pacientes mentais. Havendo cursado, por longos anos, academias em nossa esfera, dedicadas ao estudo da mente humana e das relações existentes entre o Espírito, o perísprito e as suas impressões no corpo físico, voltou ao plano terrestre com valiosas possibilidades de renovar a terapêutica existente, oferecendo possibilidades outras valiosas que vai somando às denominadas alternativas. Observei que o jovem se encontrava muito bem assessorado por eminente entidade, que se nos acercou, saudando-nos com euforia e exteriorizando grande contentamento com a nossa visita sob a direção do Dr. Arquimedes, que a conhecia e estimava. — Aqui está o caro Dr. Ximenes Vergara - apresentou-nos o mentor — encarregado de administrar espiritualmente este complexo hospitalar e muito amigo do nosso Dr. Emir, a quem trouxe de nossa comunidade para o atual ministério a que se entrega. Nosso amigo e benfeitor é pioneiro, na Terra, dos estudos acerca das psicopatologias, especialmente dedicado à esquizofrenia, que esquadrinhou com cuidado quanto lhe permitiram os dias difíceis da sua última existência, no fim do século XIX e metade do XX... Naquela ocasião, dispondo apenas da observação acurada, dos estudos empíricos do passado e dos critérios definidos por Freud, assim mesmo pôde oferecer uma grande contribuição à ciência psiquiátrica, auxiliando no diagnóstico, no tratamento e nos cuidados que se devem ter em relação ao paciente mental. As suas admiráveis investigações e colaboração ainda permanecem válidas na psiquiatria e na psicologia, especialmente no que diz respeito aos fatores da hereditariedade, da constelação familiar, do ambiente social, do estresse, entre outras significativas para o surgimento do distúrbio esquizofrênico. O Dr. Ximenes sorriu simpático e esclareceu: — A ciência médica ainda se depara com grandes dificuldades para a constatação e terapia apropriada para

esse terrível conflito do Espírito, por avaliar somente o ser fisiológico, enquanto desconsidera aquele que é o real. O nosso esforço atual consiste em chamar a atenção dos estudiosos da Psiquiatria, para que aprofundem o bisturi da investigação na psicogênese dos distúrbios mentais e comportamentais até alcançarem a alma encarcerada no corpo físico. É o que vimos fazendo nesta clínica, rompendo as comportas do classicismo acadêmico, de forma que sejam gerados espaços para os valiosos contributos espirituais.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 13)

“Programação de atividades. [...] Enquanto se afastava com o grupo que liderava, prosseguimos visitando as dependências da clínica. Chamava-me a atenção o número de espíritos lúcidos e bons que ali se movimentavam. Muitas pessoas acreditam, no entanto, que nesses lugares onde se encontram alienados ou nos cárceres, somente permanecem espíritos perversos e obsessores, considerando-se os compromissos dolorosos a que estão vinculados os seus residentes... Apesar da presença destes, mãos dedicadas, parceiros amorosos, pais gentis, filhos e amigos queridos já desencarnados, igualmente trabalham em favor daqueles aos quais amam, a fim de atenuar-lhes os sofrimentos, de ajudá-los no refazimento, de inspirá-los no rumo da saúde. E não poderia ser diferente, tendo-se em vista que se encontram em processo de reparação, portanto, resgatando os débitos com os divinos códigos. [...] Em última etapa, fomos conduzidos à sala de estudos e de fluidoterapia, onde eram realizadas as atividades espirituais, e que, a partir de então, sediaria os labores desobsessivos. O recinto era agradável e se encontrava saturado de vibrações de harmonia, que se estendiam pelas diversas alas do edifício. Após alguns minutos, Dr. Ignácio Ferreira elucidou que o ambiente era favorável ao cometimento programado, necessitando, naturalmente, de algumas providências para que pudesse abranger também essa terapia especializada. Depois de dialogar com o Jacques, solicitou-lhe a ajuda de alguns cooperadores, a fim de serem tomadas providências para a instalação de aparelhos complexos, que seriam utilizados durante os socorros aos espíritos mais renitentes no mal. Prontamente atendido, solicitou-nos permissão para equipar o local com os instrumentos que considerava de real importância, liberando-nos, enquanto ficaria administrando o labor.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 4)

“A Desencarnação de Anselmo. [...] Amanhecia, suavemente, quando recebemos a visita de Jacques Verner e do casal Antonelli, visivelmente jubilosos ante os resultados da empresa espiritual que nos reunia naquela entidade hospitalar. Jacques comentou, com emoção, que foram necessárias mais de quatro

décadas de atividades enobrecedoras para que fosse instalada ali uma extensão do Sanatório Esperança, facultando o intercâmbio lúcido e eficiente entre as duas esferas: a física e a espiritual. - É verdade - adiu com simplicidade - que, desde os primeiros momentos após a inauguração do hospital foram realizadas reuniões mediúnicas objetivando a recuperação dos enfermos internados. Apesar disso, em razão da insipiência doutrinária dos cooperadores e do desconhecimento das técnicas espirituais então observadas, não fora possível efetivar por muito tempo a tentativa, inclusive, em decorrência de vários fatores que tiveram lugar antes da minha desencarnação. Agora, com a visão dilatada, superadas as dificuldades de relacionamentos que sempre ocorrem durante a vilegiatura carnal, a união de todos os trabalhadores vinculados à veneranda Obra, facultou a anuência dos benfeitores do Mundo Maior para a concretização do anelo. E concluiu: - Certamente, todos os recursos que têm sido aplicados no atendimento aos enfermos mentais e aos obsessos, encontram-se sob elevada supervisão, ensejando resultados saudáveis e compensadores em relação ao esforço dos seus dedicados trabalhadores. Agora, no entanto, como resultado de todos os esforços conjugados entre os dois planos, estava sendo possível a instalação desse departamento da obra espiritual que o venerável Espírito Eurípedes Barsanulfo edificara no Mundo Maior. O amigo Antonelli, encorajado pelos comentários do companheiro dedicado, igualmente referiu-se: - “Quando os estudiosos da Terra se identificarem com os métodos educativos e curadores do mundo espiritual, poderão ampliar expressivamente a sua capacidade de entendimento das ocorrências humanas, dispondo de melhores e mais hábeis recursos e instrumentos para a solução dos conflitos e das dificuldades que enfrentam. O conhecimento da vida verdadeira é essencial para uma existência feliz. Isso não quer dizer que, aqueles que o não possuem sejam, necessariamente, desditosos. Se, ignorando a realidade, conseguem adquirir harmonia, com a identificação do mundo das causas, muito mais amplas lhes seriam as possibilidades de construir a existência ditosa, vivendo com mais valiosas experiências iluminativas. O escafandro físico, apesar de ser abençoado recurso para intelectualizar a matéria, como afirmaram os benfeitores da Humanidade ao nobre Codificador do Espiritismo, é, também, de certo modo, um impedimento para ter-se a visão correta da existência e das suas finalidades. Felizmente, durante os estados oníricos de desprendimento parcial da personalidade, as experiências fora do corpo contribuem significativamente para a recordação das memórias de antes da reencarnação, ao tempo em que facultam os contatos com os amigos da retaguarda, que a todos inspiram, estimulam e

trabalham pela sua identificação com a verdade. Essa tarefa inabordável, felizmente, vem sendo realizada pelo Espiritismo, especialmente nestes dias de turbulências e de sofrimentos individuais como coletivos, esclarecendo as mulheres e os homens a respeito da finalidade existencial e de como devem considerar os acontecimentos, cujas causas encontram-se nos atos anteriores. Lamentavelmente, ainda predominam os sentimentos egoísticos, os melindres, os movimentos da vaidade e da insensatez entre os frágeis servidores de Jesus, que se esquecem do essencial - o respeito pelo próximo, a caridade para com ele, a compaixão em relação aos seus desaires e inconseqüências, a solidariedade nos momentos difíceis - conforme preconiza a Doutrina, detendo-se no lado negativo e nas lamentáveis disputas entre pessoas e grupos. Isso, no entanto, é provisório, demonstrando que o período de mundo de provas e de expiações é assim caracterizado. Logo mais, porém, quando passar a grande e necessária transição para mundo de regeneração, o amor real e o entendimento fraternal a todos conduzirão da melhor maneira possível. Anelamos por essa ocasião, que ensinará a libertação de imensa faixa de seres humanos ainda deambulando sob os camarteos do sofrimento, que ascenderão produzindo ações dignificantes por onde transitem. Quando silenciou, tinha lágrimas nos olhos que não chegavam a cair pela face iluminada, como resultado da alegria do serviço com Jesus. Dr. Ignácio, sempre vigilante e diligente, concordou com o amigo, e considerou: - “Porque os seres humanos movimentam-se em diferentes níveis de consciência, defluentes do estágio moral e espiritual no qual se encontram, mesmo aqueles que são possuidores de sentimentos nobres e contribuem em favor do progresso e do bem-estar da Humanidade, ainda não conseguem entregar-se ao labor do bem sem os impositivos que lhes caracterizam a evolução. Promovem o bem, divulgam-no, trabalham com afã, mas necessitam de retribuição, que são as homenagens, os destaques na comunidade, a adulação e os elogios dispensáveis, mas que lhes constituem estímulo para o prosseguimento. Um grande número desses amigos servidores não consegue convergir para o mesmo objetivo, porque isso anularia a sua personalidade em favor do grupo, então prefere divergir, competir, embora na mesma lavoura, o que não deixa de ser paradoxal. A grande conquista da criatura humana é sobre si mesma, suas paixões, os seus atavismos primários, as suas más inclinações, o seu egotismo... Iniciado, porém, o processo de iluminação interior, lentamente vão sendo conquistados outros patamares na direção da consciência plena. Desse modo, confiemos nos companheiros ainda enganados em si mesmos, auxiliando-os no crescimento pessoal, tendo paciência com os seus conflitos

infanto-juvenis, que procuram disfarçar nas agressões contra os outros, convictos de que já se encontram no caminho seguro da felicidade, contando com a bênção do tempo para a superação de si mesmos.” [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 9)

II Saúde segundo a medicina espiritual

II.1. Compromisso relevante

“**COMPORTAMENTO E VIDA.** O fatalismo biológico, estabelecido mediante as conquistas pessoais de cada indivíduo, não é definitivo em relação à data da sua morte. A longevidade como a brevidade da existência corporal, embora façam parte do programa adrede estabelecido para cada homem, alteram-se para menos ou para mais, de acordo com o seu comportamento e do contributo que oferece à aparelhagem orgânica para a sua preservação ou desgaste. Necessitando de um período de tempo em cada existência física para realizar a aprendizagem evolutiva em cujo **curso** está **inscrito**, o Espírito tem meios para abreviar-lhe ou ampliar-lhe o ciclo, mediante os recursos de que dispõe e são facultados a todos. É óbvio que o estroina desperdiça maior quota de energias, impondo sobrecargas desnecessárias aos equipamentos fisiológicos do que o indivíduo prudente. As ocorrências que lhes sucedam têm as suas causas no comportamento que se permitem. Igualmente, a forma de desencarnar, sem fugir ao impositivo do destino que é de construção pessoal, resulta das experiências que são vividas. O homem imprevidente e precipitado, desrespeitador dos códigos de lei estabelecidos, toma-se fácil presa de infaustos acontecimentos, que ele mesmo se propicia como efeito da conduta arbitrária a que se entrega. Acidentes, homicídios, intoxicações, desastres de vários tipos que arrebatam vidas, resultam da imprevidência, da irresponsabilidade, do orgulho dos que lhes são vítimas, na maioria das vezes e no maior número de acontecimentos. Devendo aplicar a inteligência e a bondade como norma de conduta habitual, grande parte das criaturas prefere a arrogância, a discussão acesa, o desrespeito ao dever, a negligência, tornando-se, afinal, vítimas de si mesmas, suicidas indiretas. Nos autocídios de ação prolongada ou imediata, a responsabilidade é total daqueles que tomam a decisão infeliz e a levam a cabo, inspirados ou não por Entidades perversas com as quais sintonizam. Derrapando em comportamentos pessimistas a que se afeiram, a atitudes agressivas nas quais se comprazem, na fixação

de ideias tormentosas em que se demoram, em ambições desenfreadas e rebeldia sistemática, a etapa final, infelizmente, não pode ser outra. Com o gesto que supõem de libertação, tombam, por largos anos de dor, em mais cruel processo de recuperação e desespero, para que aprendam disciplina e submissão contra as quais antes se rebelaram. Depreende-se, portanto, que o comportamento do homem a todo instante contribui de maneira rigorosa para a programação da sua vida. São de duas classes as causas que influem na sua existência, dentro do determinismo da evolução humana: as próximas, desta reencarnação, na qual se movimenta, e as remotas, que procedem das ações pretéritas. Estas últimas estabeleceram já os impositivos de reparação a que o indivíduo não pode fugir, amenizando-os ou vencendo-os através de atuais ações do amor, que promovem quem as vitaliza e aquele a quem são dedicadas. As primeiras, no entanto, as da presente existência, vão gerando novos compromissos que, se negativos, podem ser atenuados de imediato por meio de atitudes opostas, e, se positivos, ampliados na sua aplicação. O tabagismo, o alcoolismo, a toxicomania, a sexolatria, a glotoneria, entre outros fatores dissolventes e destrutivos, são de livre opção atual, não incursos no processo educativo de ninguém. Quem, a qualquer deles se vincula, padecer-lhe-á, inexoravelmente, o efeito prejudicial, não se podendo queixar ou aguardar solução de emergência. O tabagismo responde por cânceres de várias procedências, na língua, na boca, na laringe, por inúmeras afecções e enfermidades respiratórias, destacando-se o terrível enfisema pulmonar. Todo aquele que se lhe submete à dependência viciosa, está incurso, espontaneamente, nessa **fatalidade** destruidora, que não estava no seu programa e foi colocada por imprevidência ou presunção. O alcoolismo é gerador de distúrbios orgânicos e psíquicos de inomináveis consequências, gerando **desgraças** que, de forma nenhuma deveriam suceder. E ele o desencadeador da loucura, da depressão ou da agressividade na área psíquica, sendo o responsável por distúrbios gástricos, renais e, principalmente, pela irreversível cirrose hepática. Seja através da aguardente popular ou do **whisky** elegante, a alcoolofilia dizima multidões que se lhe entregam espontaneamente. A toxicomania desarticula as sutis engrenagens da mente e desagrega as moléculas do metabolismo orgânico, lesando vários órgãos e alucinando todos quantos se comprazem nas ilusões mórbidas que dizem viver, não obstante de breve duração. Iniciada a dependência que se fez espontânea, desdobram-se à frente longos anos, numa e noutra reencarnação, para que sejam reparados todos os danos que poderiam ter sido evitados quase sem esforço. A sexolatria gera distonias emocionais,

por conduzir o indivíduo ao reduto das sensações primitivas, retendo-os nas áreas do gozo insaciável, que o leva à exaustão, a terríveis frustrações na terceira idade, se a alcança, e a depressões sem conta pelo descalabro que desorganiza o corpo e perturba a mente. Além desses, são criados campos de dificuldade afetiva, de responsabilidade emocional com os parceiros utilizados, estabelecendo-se compromissos desditosos para o futuro. A glotoneria, além de deformar a organização física, é agente de males que sobrecarregam o corpo produzindo contínuas disfunções gastrointestinais, dispepsias, acidez, ulcerações, alienando o homem que vive para comer, quando deveria, com equilíbrio, comer para viver. São muitos os agentes dos infortúnios para o homem, que ele aceita no seu comportamento, afetando-lhe a vida. Entretanto, através de outras atitudes e condutas poderia preservá-la, prolongá-la, dar-lhe beleza, propiciando-lhe harmonia e felicidade. Além de atingir aquele que elege esta ou aquela maneira de agir, os resultados alcançam os descendentes que, através das heranças transmissíveis, conforme as suas necessidades evolutivas, as experimentarão. O comportamento do Espírito, no corpo ou fora dele, é responsável pela vida, contribuindo de maneira eficaz na sua programação, igualmente interferindo na conduta do grupo em que se movimenta e onde atua, como dos descendentes que de alguma forma se lhe vinculam. As ações corretas prolongam a existência do corpo e promovem o equilíbrio da mente, enquanto as atribuladas e agressivas produzem o inverso. Nunca será demasiado repetir-se que, assim como o homem pensa e age, edificara a sua existência, vivendo-a de conformidade com o comportamento elegido.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Comportamento e vida)

“EXPERIÊNCIAS FINAIS. Fazia um mês que chegáramos, eu pela primeira vez, à Casa da Caridade, sob a tutela de Dr. Bezerra de Menezes. Naquela noite concluíamos o pequeno curso de observações e aprendizagem espirituais para o qual fora convidado. Carlos, que havia sido o motivo primeiro da presença do Benfeitor, interessado em acompanhá-lo no processo de recuperação, tornara-se frequentador assíduo, após registrada a sua gradual melhora de saúde mental e física. No momento, iniciava-se numa terapia de trabalho, por sugestão da irmã Emerenciana, que a propusera num dos encontros anteriores. Tudo marchava sob controle seguro. Os seus adversários espirituais haviam recebido o necessário amparo e dispunham-se a perdoá-lo, auxiliando-o na reabilitação conforme do nosso conhecimento. Alguns outros seriam atendidos na sucessão dos dias porvindouros. O genitor, exultante, trabalhava afanosamente em favor da felicidade no lar, mediante a relativa recuperação que o filho ia logrando, agora disposto a

uma mudança íntima, do que resultariam os outros efeitos morais. Era aguardado pela amorosa trabalhadora desencarnada, que se lhe tornara afetuosa mãe-zinha espiritual. Aderson, desde a excelente catarse no plano espiritual, tomando consciência dos crimes perpetrados, veio de encontro à realidade objetiva da reencarnação. Ficaram-lhe impressas as lembranças do acontecimento com tal vitalidade que, ao despertar, gritando, foi acudido pelos genitores vigilantes, que o defrontaram com os olhos de pavor, todavia, logo depois, com brilho de lucidez. As palavras lhe brotaram, desconexas, dos lábios, tartamudeadas, a princípio, e logo depois, mais compreensíveis. Não retornou mais ao letargo, à ausência em que fugia da consciência culpada. O longo processo autista cedia lugar à adaptação lenta, porém, sem recuo ao abismo da hibernação mental. Nas reuniões de que participava, as reações, em normalização, demonstravam a reconquista da saúde, também, regular, que se esperava iria gozar. Sucede que, no computo das dívidas, algumas há, de tal gravidade, que não permitem a liberação total do fraudador, constituindo-lhe esta providência uma verdadeira bênção. A saúde é compromisso de alta relevância e responsabilidade ainda malconduzida por aqueles que a desfrutam e, menoscabando-a, perdem-na, a fim de se afadigarem pela sua recuperação mais demorada e mais difícil. Eis porque, sabiamente, os muito endividados são propelidos à expiação das penas, não experimentando liberação plena, porquanto as suas recordações mais vivas são de irresponsabilidade e malversação de valores, correndo o perigo de retornar-lhes às origens perniciosas, já que lhes faltam os hábitos salutarres, as disciplinas educativas, os contingentes de renúncia e dignidade. Em todo e qualquer processo de alienação, seja qual for a sua etiopatogenia, é de bom alvitre que se não acenem esperanças exageradas, o que se deve ter em mente ao defrontar-se qualquer tipo de doença ou aflição, de problema ou necessidade. A prudência e o equilíbrio são medidas de boa conduta, jamais dispensáveis no relacionamento humano, aliás, muito escassas. Salta-se de um vão entusiasmo para outro, sob estímulos momentâneos, assumindo-se compromissos e responsabilidades para sempre, que perecem amanhã, ou acenando-se com promessas impossíveis de realizar-se, que também ficam esquecidas, logo depois, dando lugar a mágoas e rancores, decepções e desgostos graves, que poderiam ser evitados.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 26)

“**O conceito de saúde.** Lexicamente, “saúde é o estado do que é são, do que tem as funções orgânicas regulares.” A Organização Mundial de Saúde elucida que a falta de doença não significa necessariamente um estado de saúde, antes, porém, esta resulta da harmonia de três fatores essenciais, a saber:

bem-estar psicológico, equilíbrio orgânico e satisfação econômica, assim contribuindo para uma situação saudável do indivíduo. Num período de transição e mudança brusca da escala dos valores convencionais, com a inevitável irrupção dos excessos geradores da anarquia, a saúde tende a ceder espaço a conflitos emocionais, desordens orgânicas e dificuldades econômicas, propiciando o surgimento de patologias complexas no homem. A sociedade enferma perturba-o, e este, desajustado, piora o estado geral do grupo. O sentido de dignidade pessoal, nesta situação, é substituído pela astúcia e pelo prazer, proporcionando distonias emocionais que facultam a instalação de enfermidades orgânicas de variada procedência. Abstraindo-se destas últimas, aquelas que são originadas por germes, bacilos, vírus e traumatismos, multiplicam-se as de ordem psicológica, que se avolumam nos dias atuais. O homem teima por ignorar-se. Assume atitudes contraditórias, vivendo comportamentos estranhos. Prefere deixar que os acontecimentos tenham curso, às vezes, desastroso, a conduzi-los de forma consciente. Os dias se sucedem, sem que ele dê-se conta das suas responsabilidades ou frua dos seus benefícios em uma atitude lúcida, perfeitamente compatível com as conquistas contemporâneas. Surpreendido, no entanto, pela doença e pela morte, desperta assustado, sem haver vivido, estranhando-se a si mesmo e descobrindo tardiamente que não se conhecia. Foi um estranho, durante toda a existência, inclusive, a ele próprio. A saúde, entretanto, fá-lo participativo, membro atuante do grupo social, desperto e responsável na luta com que se enriquece de beleza e alegria, assumindo posições de vigor e segurança íntima, que lhe constituem prêmio ao esforço desenvolvido. A falta de saúde, que se generaliza, conduz a mente lúcida a um diagnóstico pessimista, o que não significa ser desesperador. Em tal situação, por falta de outra alternativa, o homem enfrenta a dificuldade, por ser pensante, e altera o quadro, impulsionado ao avanço, a aceitar os desafios. Deixa de fugir da sua realidade, descobre-se e trabalha para alcançar etapas mais lúcidas no seu desenvolvimento emocional, pessoal. Quem se resolve, porém, pela submissão autodestrutiva, não merece o envolvimento respeitoso de que todos são credores diante dos combatentes, porquanto, deixando de investir esforços, abandona a sua dignidade de ser humano e prefere o esfacelamento das suas possibilidades como sendo o seu agradável estado de saúde, certamente patológico. A saúde produz para o bem e para o progresso da sociedade, sem compaixão pelos mecanismos de evasão e pieguismos comportamentais vigentes. Realizadora, propela a vida para as suas cumeadas e vitórias, sem parada nas baixadas desanimadoras.” (JA, *O homem integral*, Quinta parte, Capítulo 17)

II.2. Saúde e força vital – Vitalismo^{3,4,5,6}

“A VIDA E A MORTE. 68. Qual a causa da morte dos seres orgânicos? “Esgotamento dos órgãos.” **a)** — Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada? “Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.” **69.** Por que é que uma lesão do coração mais depressa causa a morte do que as de outros órgãos? “O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.” **70.** Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? “A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.” Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. Num aparelho elétrico temos

imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“A CRIAÇÃO UNIVERSAL. 17. Após haver remontado, tanto quanto o permitia a nossa fraqueza, em direção à fonte oculta donde dimanam os mundos, como de um rio as gotas d’água, consideremos a marcha das criações sucessivas e dos seus desenvolvimentos seriais. A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estadeiam suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Absolutamente não desapareceu essa substância donde provêm as esferas siderais; não morreu essa potência, pois que ainda, incessantemente, dá à luz novas criações e

- 3 Vide o livro “A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=4.
- 4 Vide o artigo “Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina (São Paulo) 2017; 96(3): 145-158” de Marcus Zulian Teixeira. Disponível em:  https://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarpublicacaoautor.asp?id=108.
- 5 Vide Subcapítulo II.2 (“Fluido ou princípio vital: substrato para a formação do corpo vital e para a manifestação e manutenção da vida orgânica (seres vivos)”); Capítulo II (“Tipos de fluidos e suas propriedades”), Primeira Parte (“Tipos de Fluidos, Reinos da Natureza e Corpos Constituintes”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 6 Vide Subcapítulo II.3 (“Saúde orgânica e princípio (fluido) vital – Vitalismo”), Capítulo II (“Corpo vital, princípio vital ou duplo etérico”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno. A substância etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, opulentas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da extensão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, donde a Natureza há tirado todas as coisas. **18.** Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais — sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração. As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos. Muito importa nos compenetrarmos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador. Efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar.” (AK, *A gênese*, Capítulo VI)

“**PRINCÍPIO VITAL. 16.** Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, falamos em sentido exclusivamente material, pois que aqui apenas do corpo se trata. Sem falar do princípio inteligente, que é questão à parte, há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o *princípio vital*. Ativo no ser vivo, esse princípio se acha *extinto* no ser morto; mas, nem por isso deixa de dar à substância propriedades que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, porém jamais chegou a reconstituir, sequer, uma folha morta, prova evidente de que há nestes últimos o que quer que seja, inexistente nos outros. **17.** Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento

gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que as comunicações acima reproduzidas resolvem a questão. (Cap. VI, *Uranografia geral*.) Seja, porém, qual for a opinião que se tenha sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, pois que se lhe apreciam os efeitos. Pode-se, portanto, logicamente, admitir que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital, por ser necessário à destinação deles; ou, se o preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo, por efeito mesmo da combinação dos elementos, tal como se desenvolvem, dadas certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade. **18.** Combinando-se sem o princípio vital, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono unicamente teriam formado um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica. A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito produzido* por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira subsiste à extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono; mas, não pode reconstituir aqueles corpos, porque, já não existindo a causa, não lhe é possível reproduzir o efeito, ao passo que possível lhe é reconstituir uma pedra. **19.** Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de compreender-se. Mais exato, no entanto, houveramos sido, dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada *eletricidade animal*, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação.” (AK, *A gênese*, Capítulo X)

“Deve-se, porém, a Frederico Antônio Mesmer o grande impulso que o trouxe aos tempos modernos. Todavia, merece considerado que Paracelso, autor

do conceito e teoria do fluído, anteriormente já se interessara por experiências magnéticas, que seriam posteriormente desdobradas por Mesmer. Considerava Mesmer o fluído como sendo o meio de uma influência mútua entre os corpos celestes, a terra e os astros», afirmando que esse fluído se encontra em toda a parte e enche todos os espaços vazios, possuindo a propriedade de «receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento». E elucidava: «O corpo animal experimenta os efeitos desse agente: e é insinuando-se na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente». «Formado pela Universidade de Viena, o ilustre médico defendeu a tese que intitulou: «Influência dos astros na cura das doenças», através da qual expunha a sua teoria do fluído, inspirada, sem dúvida, no tradicional conceito do *fluidismo universal*. «Fixado em tal opinião, concluía que as enfermidades decorrem da ausência desse fluído no organismo, fluído que passa, então, a ser a *alma* da vida. “Utilizando-se de 27 proposições ou aforismos, estabeleceu as bases do seu pensamento e transferiu-se de Viena para Paris, nos fins do século 18, dando início, conquanto o forte preconceito acadêmico então reinante, às suas práticas, que tinham de certo modo um caráter burlesco, tendo em vista a forma bizarra com que se apresentava, sem a preocupação de atender à seriedade de um labor de ordem científica. “Compreensivelmente, o aparato algo teatral conseguia influenciar os pacientes que lhe buscavam o auxílio». Fazendo uma pausa, como a coordenar historicamente os conceitos, prosseguiu, com expressiva ênfase: — “Avançando de surpresa a surpresa, nas experiências magnéticas ao lado de portadores de distúrbios nervosos, criou Mesmer a tina das convulsões» (*), em redor da qual podiam ser atendidas simultaneamente até 130 pessoas. **[(*) A “Tina das convulsões” ou baquet (em francês) se constituía de ampla caixa de madeira com dimensões gigantes, de forma circular e entulhada de limalhas de ferro. Sobre as limalhas eram colocadas garrafas cheias de água adredemente magnetizadas. Essas garrafas assemelhavam-se a vasos comunicantes, por estarem interligadas e o líquido passar através de todas. Da tina, por aberturas assimétricas, saíam inúmeras barras delgadas e longas de ferro, móveis, que os pacientes aplicavam sobre os órgãos enfermos. Os pacientes formavam diversas fileiras em torno do baquet, de modo a poderem a um só e mesmo tempo beneficiar-se dos resultados magnéticos. Além disso, deixavam-se atar à cintura por uma corda, uns aos outros, e se davam as mãos com a finalidade de formarem um anel de força, a fim de ampliarem a ação do fluído.]** “Ali se reuniam paralíticos,

neuropatas de classificação complexa que, em contato com o fluído magnético, eram acometidos de convulsões violentas das quais saíam com nervos relaxados, libertados das enfermidades que os consumiam “Acatado por uns, perseguido por outros, Mesmer terminou por abandonar Paris e transferiu-se para Nuremberg, no lago de Constança, algo combalido e desprestigiado. «As suas experiências, porém, chamaram a atenção de homens ilustres e interessados na busca de métodos capazes de diminuir as aflições humanas. Entre esses, o Marquês De Puységur, (1) em 1787; enquanto magnetizava um camponês de nome Vítor Race, foi surpreendido por estranha ocorrência: o paciente adormeceu e nesse estado apresentou admirável lucidez, sendo capaz de produzir eficiente diagnóstico a respeito de males orgânicos que o afligiam e sugerir segura terapêutica. O sono era ameno, sem convulsão nem tormento, ensejando o início do período denominado então *sonambulismo*. **[(1) O Marquês De Puységur, dominado por sentimentos humanitários, magnetizou uma árvore em sua propriedade de Busancy com o objetivo de auxiliar os pobres que, tocando no vetusto vegetal, se diziam melhorar através dos seus recursos benéficos. Mesmer, por sua vez, interessado igualmente na mais ampla difusão do magnetismo, bem como na coleta de resultados espetaculosos, instruiu um seu empregado, tornando-o seu cooperador para atender à clientela em crescimento espantoso. Além do baquet que atendia a número coletivo, havia a aplicação do magnetismo individualmente, feito de maneira bastante grosseira, mas, ainda assim, de resultados surpreendentes...]**” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

“O nobre Bezerra, depois de auscultar o psiquismo de Julinda e reflexionar por um pouco, concertou o Dr. Figueiredo a respeito de um labor para daí a duas noites, quando seriam tomadas providências para mais cuidadoso atendimento aos incursos no drama ali apresentado. Ele próprio aplicou recursos magnéticos na obsidiada, fazendo a dispersão dos fluídos tóxicos que a asfixiavam, mediante movimentos longitudinais, rítmicos, logo após insuflando energias restauradoras de forças. Todo o Amigo Espiritual, ante a prece espontânea que lhe brotou do coração nos lábios e durante a aplicação do passe aureolou-se de opalina claridade, que se irradiava da região do epigástrico, qual tivesse uma estrela fulgurante entre os hipocôndrios. A energia que lhe escorria dos dedos venceu as resistências da carapaça de sombras que envolvia a doente, que estorcegou, atingida pelas ondas vibratórias que a alcançavam, para logo depois acalmar-se. O corpo relaxou os músculos antes retesados e vimos,

repentinamente, Julinda-Espírito ser atraída e tombar, adormecida, no casulo carnal. - Ela terá um sono reparador - esclareceu, gentil - pela primeira vez desde o delito, momentaneamente liberada da agressão de Ricardo. “Os fluidos salutareos decorrentes da oração e do amor fraterno de todos nós, anestesiá-lo-ão os centros psíquicos, de alguma forma atenuando a aflição que a golpeia, contínua. O Senhor não deseja a punição do infrator, mas sua reeducação com vitória sobre a infração. Como os impositivos da vida são amor e justiça, a misericórdia e a caridade jamais se afastam dos que necessitam de renovação e paz, sem que as suas vítimas fiquem em esquecimento. Surge o auxílio ao delinquente com concomitante socorro ao defraudado. Logo, Ricardo será também auxiliado, quando se iniciem os labores em favor de ambos.” Voltando-se para a genitora comovida, asserenou-a, esclarecendo: - O amor, em qualquer expressão, é bênção de Deus, vitalizando o mundo. O de mãe, todavia, em razão das energias superiores de que se reveste, é portador de mais forças, encontrando ressonância no Amor de Deus, Nosso Pai, que rege a vida em todas as suas dimensões. “Agora, tranquilize-se, irmã Angélica, aguardando o futuro e prosseguindo, confiante, nas suas orações e atividades de amor ao próximo. O bem nunca falha.” Depois de breve pausa, esclareceu: - Temos de ir-nos. Há serviço de urgência aguardando por nós. Despedimo-nos do Dr. Figueiredo e da senhora Angélica sob o compromisso de retornarmos em próximos dias.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 5)

“Chegando ao pavilhão em que se encontrava o dinâmico Mentor, fui convidado a acompanhá-lo no atendimento de urgência a uma jovem mulher em estado de coma. Ao lado da enferma encontrava-se veneranda anciã, que me parecia ser sua avó, apresentando grande ansiedade na face, embora resignada, confiante. Os padioleiros que a retiraram da Ambulância, porque estivessem informados da delicadeza do quadro, depuseram-na em mesa especial, reservada a certo tipo cirúrgico. Dois outros Espíritos compareceram, na condição de enfermeiros prestimosos para a intervenção, quando fui informado da terapia cirúrgica a que iriam submetê-la. Desencarnara, há pouco mais de quatro horas, auxiliada, na liberação dos vínculos e liames carnis, pela avozinha e especialistas no processo. Somente agora, quando havia cessado o intercâmbio do fluido vital com o corpo, é que fora retirada do local onde o mesmo permanecia, extinguindo-se nele os últimos vestígios de manutenção da vida orgânica, lentamente vencido pela decomposição celular que se instalava. - A pequena cirurgia - esclareceu Dr. Bezerra - objetiva drenar as cargas de energia venenosa geradas pelo medo e que poderiam trazer demora à perturbação ao Espírito recém-liberto.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 8)

“Técnica de sobrevida. Argos tivera um pós-operatório dolorido, como se há de compreender, em se considerando a extensão da cirurgia. Advieram-lhe os efeitos colaterais martirizando-o, o que propiciou ao médico gentil mantê-lo sedado por um prazo mais longo. Retirado do Centro Cirúrgico foi conduzido à Unidade de Terapia Intensiva onde ficou sob cuidados especiais. Tranquilizada pelo facultativo, Áurea, por sua vez, pôde retornar ao lar onde se hospedava para algum necessário repouso. Por telefone acompanhou a convalescença do esposo, através das enfermeiras e religiosas cuja afeição conquistara. Conforme ficara estabelecido, à hora aprazada reunimo-nos ao grupo que se encarregaria de proporcionar os recursos para a moratória outorgada ao enfermo. Após as primeiras palavras de esclarecimento sobre o que se iria realizar, a Irmã Angélica convidou-nos a seguir à UTI donde conduziríamos à nossa Esfera de ação o companheiro desdobrado em espírito. Encontramo-lo imanado ao corpo, igualmente entorpecido pelos fortes anestésicos. A Benfeitora aplicou-lhe passes longitudinais, detendo-se mais na área do epigástrico e, em poucos segundos, ele se exteriorizava, denotando as sensações traumatizantes que o ato produzira no corpo, alcançando os tecidos sutis do Espírito pelo processo automático da ação-reação. Sob o comando da nobre Entidade saímos e, chegando à área ajardinada, utilizando-nos da volição demandamos nosso campo de atividades. Amparado pelo Dr. Arnaldo e pelo nosso técnico de passes, Argos foi conduzido sem dar-se conta da ocorrência. Quando chegamos ao nosso local de destino, fomos recebidos pela equipe especializada no socorro programado, indo todos para uma ampla e agradável sala onde não havia a monotonia das linhas arquitetônicas, nem os instrumentais hospitalares da Terra. Era a primeira vez em que eu, pessoalmente, deveria tomar parte numa providência grave de tal natureza, comovedora pela grandiosidade do amor de nosso Pai em relação às criaturas. Em razão disso, ao lado do interesse pela saúde do jovem, eu mantinha uma curiosidade positiva, objetivando aprender para mais servir, adquirindo assim experiências numa área ainda pouco estudada e, embora soubesse da sua realização mais ou menos frequente, desconhecia completamente o seu “modus operandi”. A sala agradável era dividida em duas partes: à entrada havia um “hall” e, logo após, três degraus conduziam à segunda etapa, de maior proporção, onde podíamos ver alguns aparelhos por mim desconhecidos e uma mesa cirúrgica. Janelas laterais permitiam a entrada do ar balsâmico da Natureza, em suaves lufadas contínuas. Argos foi colocado sobre a mesa e a Irmã Angélica fez as apresentações. O diretor da Clínica era um lutador abnegado que ali se radicava fazia mais de trinta anos e que, na Terra, fora dedicado estudioso das cirurgias cardíacas

em campo aberto, o que, à época, constituía uma verdadeira temeridade. O Dr. Froebel explicou a técnica da sobrevida, numa síntese muito bem urdida, com a intenção de esclarecer-nos, principalmente a nós outro que sou leigo em assuntos médicos. — Iremos retirar o tônus vital — começou por elucidar — que degenera em Argos, predispondo-o à desencarnação e o faremos ser absorvido pelo pulmотор onde já depositamos regular quantidade de *maaprana** ou energia superior e de vitalidade extraída dos vegetais terrestres. Na parte superior interna e transparente da máquina serão misturadas, sob a ação de uma pequena bomba encarregada de fazer a *oxigenação* da substância fluídica. *[(*) Resolvemos utilizar a expressão maaprana, de origem sânscrita, que significa energia proveniente de Brama. Acredita-se, na tradição bramânica, que da sua atuação com a acaxa, ou substância, se dá a origem da pracrite ou matéria. Como se tratava de um processo para a restauração orgânica, material do paciente, recorreremos a esse verbete por parecer-nos mais apropriado para a elucidação do leitor. (Notas do Autor espiritual)]* Fez um intervalo, enquanto apontou o aparelho e o setor onde se daria o processo referido. Logo depois, deu prosseguimento: — Providenciaremos um doador encarnado que, consultado em encontro conosco, em reunião especializada, prontificou-se a cooperar. Isto porque, no caso em tela, faz-se necessário, também, o fluido humano e, como sói acontecer nos trabalhos de transfusão de sangue, em que a identidade de tipos é condição indispensável para os resultados que se almejam, aqui encontramos algo semelhante. “Um antigo amigo de Argos, que o acompanha desde o apelo do Sol de Assis** aos corações terrenos, tentando conduzir os homens a Jesus, será o tipo ideal para o tentame, ainda mais considerando, que este, exercendo a mediunidade, está de certo modo mais adestrado, em labores do *nosso lado*.” *[**Refere-se ao santo da humildade: Francisco de Assis. (Nota do Autor espiritual)]* Chamando um jovem que se encontrava presente, concluiu: — Este é o nosso irmão Venceslau, que residiu nesta Colônia e se reenarnou com tarefas definidas no campo da recristianização dos homens, através da abençoada Doutrina Espírita. Acostumado à vida religiosa, em face de experiências passadas, nosso amigo adaptou-se sem maior sacrifício ao clima de ação que lhe diz respeito sob a salutar proteção da Irmã Angélica, sua desvelada benfeitora maternal. Venceslau sorriu gentilmente e saudou-nos com espontaneidade. Enquanto isto ocorria, uma outra mesa foi localizada ao lado do paciente adormecido sob os cuidados do Irmão Bernardo. De imediato, o Dr. Froebel solicitou à Irmã Angélica que se encarregasse de orar, suplicando o divino beneplácito para o trabalho a iniciar-se. A generosa Mentora, ungida de amor, fê-lo com breves palavras,

repassando-as de ternura e submissão à vontade superior. Todos nos dirigimos ao local e acompanhamos o médico, que passou a ser ajudado pelo Dr. Arnaldo e duas enfermeiras prestativas que já se encontravam no posto. Foram introduzidos dois cateteres no braço direito de Argos, que se ligavam ao pulmотор. Vimos, de imediato, que saía uma substância pardo-acinzentada para o interior da máquina. O médico fechou pequena válvula, interrompendo o fluxo. Um outro cateter foi ligado do aparelho ao braço esquerdo do enfermo por onde deveria retornar a energia purificada. Imediatamente vimos uma das enfermeiras fazer uma terceira ligação, desta vez era um cateter que se fixava à artéria do braço esquerdo de Venceslau, que deveria doar determinada dose de tônus vital. Era um momento comovedor e de elevação espiritual significativa. A Irmã Angélica acompanhava o delicado serviço de sobrevida, numa postura de veneranda diretora da tarefa, inspirando confiança e tranquilidade. A um sinal do chefe cirúrgico, foram abertas as pequenas válvulas. Vimos a energia de Argos, que já se encontrava em grande parte do cateter, penetrar no depósito de *maaprana* e clorofila, ao mesmo tempo em que do médium Venceslau o tono vital chegava à parte inferior do pulmотор, que uma pequena bomba impelia para cima de modo a confundir-se com a substância em renovação e fosse transferida para o paciente pelo cateter do braço esquerdo. A operação transcorreu num prazo de trinta minutos aproximadamente. Desde o primeiro momento da transfusão de força vital, o Espírito Argos começou a dar sinais de menos desconforto. Normalizou-se-lhe a respiração e, ao terminar, já apresentava a face com o róseo da saúde em retorno. — Acreditamos — explicou o cirurgião — que ele disporá de energia para um quinquênio, aproximadamente, quando, segundo as suas conquistas, poderá receber nova dose ou interromper-se-lhe a estada no domicílio carnal. Retirados os cateteres, Venceslau recebeu passes de revigoramento aplicados por Bernardo, que lhe recomendou repousasse para o refazimento necessário, fazendo-o adormecer. Argos ficou na Clínica até as 6:00hs da manhã mais ou menos, sendo então recambiado ao corpo. Quando o médico veio examiná-lo mais tarde, ficou surpreso com o resultado da operação e não ocultou o contentamento, que transmitiu a Áurea sempre expectante. — Dentro de mais dois dias — afirmou-lhe com euforia — se o quadro não sofrer alteração, ele retornará à Enfermaria e, em breve, estará caminhando para a restauração orgânica. A jovem não pôde sopitar as lágrimas e recorreu à oração de graças. Porque a Irmã Angélica prosseguisse acompanhando a etapa final da técnica de sobrevida, indaguei-lhe, com o propósito de aprendizagem: — Como terá despertado Venceslau hoje? Manterá na consciência as lembranças da ocorrência? E Argos? A

verdade é que a minha mente esfervilhava de interrogações. Tudo era um mundo novo a ser conhecido e não posso negar o interesse que me despertava. — Venceslau — respondeu, bondosa e paciente — terá a recordação de um sonho bom em nossa Esfera, durante o qual se sentira impelido à solidariedade espiritual em socorro a um amigo... Quanto a Argos, nenhuma lembrança lhe ficará em razão do estado de inconsciência em que permaneceu. A convalescença do nosso paciente foi longa, com as naturais limitações que a máquina orgânica, em fase de ajustamento, lhe impunha neste estágio do seu quinquênio de sobrevida.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 5)

“Retornamos ao Sanatório e seguimos diretamente para a Enfermaria onde Argos já se encontrava, após o trânsito no Centro de Recuperação. Houvera observado que, após a cirurgia espiritual em favor da sua *moratória*, o corpo físico absorvia lentamente uma bioluminescência que irradiava do perispírito, órgão assimilador das energias e substâncias que lhe foram ministradas. Era como se estivesse dentro de um molde da sua própria forma, aumentado e fosforescente. Na sucessão dos dias verifiquei que a massa energética era assimilada pelas células, que se robusteciam, e grande parte era absorvida pela medula óssea, encarregada de gerar novos glóbulos vermelhos que lhe revitalizavam o organismo. Simultaneamente, percebera que ele fora carinhosamente envolvido em uma cápsula vibratória, que não me animei a indagar qual a finalidade, a fim de não pecar pela indiscrição. Agora, que o médico espiritual fazia uma averiguação do estado do convalescente que se apresentava com ótimas disposições de pronta recuperação, não adiei a inquirição, ao que o dedicado Instrutor, sempre disposto a ensinar, me informou: — Conforme vimos, o nosso paciente recebeu expressiva quota de *maaprana* e *clorofila* ao lado da *energia animal* e das forças fluídicas do diligente Bernardo. Todo esse contingente foi assimilado perispiritualmente; ao longo dos dias passou a sustentar o metabolismo geral, fomentando o nascimento de células sadias, que ora lhe restauram a organização fisiológica. Ademais, como medida acautelatória foi-lhe dispensada uma vitalização especial, no corpo perispiritico e na área psíquica, com que ficou imune, temporariamente, à agressão dos comparsas interessados na extinção da sua vida física. Esse envolvimento vibratório que os passes do Irmão Bernardo vitalizam e sustentam, é uma camada protetora, dificilmente vencida pela pertinácia dos inimigos vigilantes e rebeldes. “Outrossim, há de ter notado que os antigos verdugos da paz e do equilíbrio do nosso Argos não se tenham feito presentes até este momento. Justo referirmo-nos que eles não ignoram a interferência superior, e porque conhecem os métodos e a técnica de infelicitar, reservam-se por aguardar pelo

momento próprio para voltarem à carga, já que estão cientes de que a violência não faz parte do currículo das ações nobilitantes. “Examine agora como, à medida que o tono vital se refaz no organismo, as defesas vibratórias também diminuem, de modo a eliminar-se a hipótese de que o companheiro de lutas usufrua de regime especial ou de exceção. “Na razão direta em que ele se recupera, adquirindo lucidez e força, a responsabilidade e o discernimento devem-lhe comandar as ações, dele dependendo, doravante, sintonizar com as esferas de paz ou recuar aos núcleos de tormento. O homem se torna o que acalenta no sentimento, como decorrência do que constrói na mente. Constatei que Argos, apresentando as características e aparência de outros enfermos, mantinha pequena diferença. A bioluminescência que se exteriorizava na sua aura, no momento estava sob a vigilância do desafeto que se fazia acompanhado de outros Espíritos que ostentavam horrível carantonha, não ocultando as intenções que os trouxeram até ali.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 14)

“Quando chegamos à Enfermaria onde fora alojado o novo paciente, o Dr. Vasconcelos, mui atentamente, procurava reanimá-lo de uma síncope sofrida momentos antes, em razão de uma brutal hemoptise, decorrente do agravamento da enfermidade com o transporte incômodo de que fora objeto. Tratava-se de um homem desgastado, com a tipologia do tísico tradicional, vítima da soez doença e de fatores outros socioeconômicos que contribuíram para o seu mais célere deperecimento orgânico. Deveria estar com trinta e cinco anos, aproximadamente, apesar da aparência envelhecida, debilitada. O médico aplicou-lhe uma substância estimulante, endovenosa, e outra para refazer-lhe as forças, providenciando colocação de soro fisiológico e sangue. Lentamente, o recém-chegado, transpirando em quantidade, recobrou a consciência, ainda pálido, sob visível emoção. Nesse comenos, vimos chegar a Irmã Angélica, que se acercou, saudou-nos e encarou o doente, como a penetrar-lhe o mundo interior, indepassável a uma observação menos acurada. — Graças a Deus! — respirou, aliviada — Ainda é possível auxiliar o nosso Valtércio, Ato contínuo, conclamou-nos à oração silenciosa, recorrendo ao auxílio psicoterápico do dedicado Bernardo, que o acudiu com passes de dispersão fluídica, a princípio, para, logo depois, em movimentos rítmicos, circulares, objetivando a área cardiopulmonar, revigorá-lo com energias especiais. A esse momento, o soro lhe estava sendo colocado e, quando terminou o concurso espiritual, podia-se notar-lhe os sinais de refazimento, sob o palio de um sono restaurador, tranquilizante. O médico demonstrou satisfação ante o efeito do remédio de urgência, sem perceber a interferência oportuna e segura que procedia do nosso

campo de ação. A transmissão de força fluídica e a absorção pelo doente das energias canalizadas pela oração constituíam-lhe, no momento, alta carga de recursos terapêuticos a estimularem os campos vitais encarregados de aglutinar e fomentar o surgimento das células para o *milagre* da saúde.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

II.3. Saúde física e mental (espiritual)^{7,8,9,10}

“**QUALIDADES DOS FLUIDOS.** [...] **20.** O pensamento, portanto, produz uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral, fato este que só o Espiritismo podia tornar compreensível. O homem o sente instintivamente, visto que procura as reuniões homogêneas e simpáticas, onde sabe que pode haurir novas forças morais, podendo-se dizer que, em tais reuniões, ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como recupera, por meio dos alimentos, as perdas do corpo material. É que, com efeito, o pensamento é uma emissão que ocasiona perda real de fluidos espirituais e, conseqüentemente, de fluidos materiais, de maneira tal que o homem precisa retemperar-se com os eflúvios que recebe do exterior. Quando se diz que um médico opera a cura de um doente por meio de boas palavras, enuncia-se uma verdade absoluta, pois que um pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico, tanto quanto sobre o moral.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“**95 – Em face dos esforços da Medicina, como devemos considerar a saúde?** – Para o homem da Terra, a saúde pode significar o equilíbrio perfeito dos órgãos materiais; para o plano espiritual, todavia, a saúde é a perfeita harmonia da alma, para obtenção da qual, muitas vezes, há necessidade da contribuição preciosa das moléstias e deficiências

transitórias da Terra.” (EMM, *O consolador*, Primeira parte - Ciência, Capítulo 5 – Ciências aplicadas)

“**ANTE A VIDA MENTAL.** Quando a criatura passa a interrogar o porquê do destino e da dor e encontra a luz dos princípios espiritistas a clarear-lhe os vastos corredores do santuário interno, deve consagrar-se à apreciação do pensamento, quanto lhe seja possível, a fim de iniciar-se na decifração dos segredos que, para nós todos, ainda velam o fulcro mental. Se as incógnitas do corpo fazem no mundo a paixão da ciência, que designa exércitos numerosos de hábeis servidores para a solução dos problemas de saúde e genética, reconforto e eugenia, além-túmulo a grandeza na mente desafia-nos todos os potenciais de inteligência, no trato metódico dos assuntos que lhe dizem respeito. A psicologia e a psiquiatria, entre os homens da atualidade, conhecem tanto do espírito, quanto um botânico, restrito ao movimento em acanhado círculo de observação do solo, que tentasse julgar um continente vasto e inexplorado, por alguns talos de erva, crescidos ao alcance de suas mãos. Libertos do veículo de carne, quando temos a felicidade de sobrepairar além das atrações de natureza inferior, que, por vezes, nos imantam à crosta da Terra, indefinidamente, compreendemos que o poder mental reside na base de todos os fenômenos e circunstâncias de nossas experiências isoladas ou coletivas. A mente é manancial vivo de energias criadoras. O pensamento é substância, coisa mensurável. Encarnados e desencarnados povoam o Planeta, na condição de habitantes dum imenso palácio de vários andares, em posições diversas, produzindo pensamentos múltiplos que se combinam, que se repelem ou que se neutralizam. Correspondem-se as ideias, segundo o tipo em que se expressam, projetando raios de força que alimentam ou deprimem, sublimam ou arruinam, integram ou desintegram, arrojados sutilmente do campo das causas para a região dos efeitos. A imaginação não é um país

- 7 Vide Subcapítulo I.6 (“O corpo físico é controlado pela mente (psicossomatismo)”), Capítulo I (“Corpo material ou físico”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 8 Vide Subcapítulo IV.6 (“O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 9 Vide Subcapítulo III.2 (“Relação entre mente, perispírito e doença – Psicossomatismo”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 10 Vide Subcapítulo VI.3 (“Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

de névoa, de criações vagas e incertas. É fonte de vitalidade, energia, movimento... O idealismo operante, a fé construtiva, o sonho que age são os pilares de todas as realizações. Quem mais pensa, dando corpo ao que idealiza, mais apto se faz à recepção das correntes mentais invisíveis, nas obras do bem ou do mal. E, em razão dessa lei que preside à vida cósmica, quantos se adaptarem ao reto pensamento e à ação enobrecedora, se fazem preciosos canais da energia divina, que, em efusão constante, banha a Humanidade em todos os ângulos do Globo, buscando as almas evoluídas e dedicadas ao serviço de santificação, convertendo-as em médiuns ou instrumentos vivos de sua exteriorização, para benefício das criaturas e erguimento da Terra ao concerto dos mundos de alegria celestial.” (EMM, *Roteiro*, Capítulo 25)

“Admirava, tomado de profunda impressão, aqueles gráficos numerosos que se alinhavam, com absoluta ordem, demonstrando o cuidado espiritual que precede o serviço de reencarnações, quando o meu amigo ponderou: – A medicina humana será muito diferente no futuro, quando a Ciência puder compreender a extensão e complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral. As preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; as grandes emoções podem curar o corpo ou aniquilá-lo. Se isso pode acontecer na esfera de atividades vulgares das lutas físicas, imagine o campo enorme de observações que nos oferece o plano espiritual, para onde se transferem, todos os dias, milhares de almas desencarnadas, em lamentáveis condições de desequilíbrio da mente. O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se, muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“CÉLULAS E CORPO ESPIRITUAL. [...] O todo indivisível do organismo. Lógico entender, dessa forma, que, diante do governo mental, a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo sistema nervoso e controlado pelos hormônios ou substâncias produzidas em determinado órgão e transportadas a outros arraiais da atividade somática, que lhes excitam as propriedades funcionais para certos fins, hormônios esses nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, enfeixando cargas de elementos químicos em nível ideal, quando o equilíbrio íntimo lhe preside

as manifestações, e consubstanciando recursos de manutenção e preservação da vida normal, perfeitamente isoláveis pela ciência comum, como já acontece com a adrenalina das suprarrenais, com a insulina do pâncreas, a testosterona dos testículos e outras secreções glandulares do cosmo orgânico. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 5)

“MEDIUNIDADE CURATIVA. Mente e psicossoma. Compreendendo-se o envoltório psicossomático por templo da alma, estruturado em bilhões de células a se caracterizarem por atividade incessante, é natural imaginemos cada centro de força e cada órgão por departamentos de trabalho, interdependentes entre si, não obstante o caráter autônomo atribuível a cada um. Semelhantes peças, no entanto, obedecem ao comando mental, sediado no cérebro, que lhes mantém a coesão e o equilíbrio, por intermédio das oscilações inestancáveis do pensamento. Temos, assim, as variadas províncias celulares sofrendo o impacto constante das radiações mentais, a lhes absorverem os princípios de ação e reação desse ou daquele teor, pelos quais os processos da saúde e da enfermidade, da harmonia e da desarmonia são associados e desassociados, conforme a direção que lhes imprima a vontade. Naturalmente não podemos esquecer que o alimento comum garante a subsistência do corpo físico, através da permuta contínua de substâncias com a incessante transformação de energia, e isso acontece porque a força mental conjuga substância e energia na produção dos recursos de apoio à existência e dos elementos reguladores do metabolismo. Além desses fatores, cabe-nos contar com os fatores mentais para a sustentação de todos os agentes da vida, que se fará dessa ou daquela forma, segundo a qualidade desses mesmos ingredientes. Conforme a integridade desses princípios, resultará a integridade do poder mecânico da mente para a formação dos anticorpos na intimidade das forças componentes do sistema sanguíneo.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 22)

“PENSAMENTO E EMOÇÕES. As emoções constituem capítulo da vida humana, que prossegue merecendo acuradas reflexões, de modo a canalizá-las com a segurança e eficiência indispensáveis aos resultados salutareos para os quais se encontram na organização fisiopsíquica de cada criatura. Refletindo o estado espiritual em que transitam os homens, invariavelmente manifestam-se em desgoverno, levando a paroxismos e desajustes de demorada regularização. Dirigindo o comportamento, fazem que se transite de uma para outra com sofreguidão, em ânsia contínua, que termina por exaurir aquele que se lhes submete sem o controle necessário. Estimulando o egoísmo, impõem a satisfação pessoal sob os altos custos da inquietação e da insegurança última, em face dos novos desejos de gozos insaciáveis, que terminam por

constituir característica predominante da conduta individual. Essa busca irrefreável do prazer, que se toma dependência viciosa, fomenta gozos que depois, invariavelmente, se convertem em dores. Entre as mais desgastantes, assume preponderância a ansiedade, que parece imprescindível à vida, qual ocorre com o sal para o paladar de inúmeros alimentos. Pessoas há que não passam sem os condicionamentos das emoções, vivificando a ansiedade que as consome em fiam as de angústia. Mal terminam de lograr a meta perseguida e já se encontram, sôfregas, em batalhas por novas conquistas, transferindo-se de uma realização para novo desejo, com verdadeira volúpia incontrolada. As emoções alimentam-se naqueles que as agasalham e se lhes adaptam aos impositivos caprichosos. Comparemo-las a uma vela cuja finalidade é iluminar. Para o mister, ela gasta combustível, como é fenômeno natural. Preservada para os fins, oferece luz por período largo; no entanto, deixada na direção do ar canalizado, apressa o próprio consumo, e, acesa nas duas extremidades mais rapidamente se acaba. Assim também as emoções, que têm finalidade superior, no campo da vida; quando não se submetem à disciplina, exigem carga dupla da energia na qual se sustentam, culminando por destruir a sua fonte geradora. O pensamento, porém, é o agente que as pode conduzir com a proficiência desejada, orientando-as com equilíbrio, a fim de que o rendimento seja positivo, capitalizando valores que merecem armazenados no processo iluminativo para a execução das tarefas nobres. Esse esforço propicia autoconfiança, harmonia íntima, gerando bem-estar pessoal, que extrapola a área da individualidade e se irradia beneficiando em derredor. Ninguém pode bloquear as emoções ou viver sem elas. Intentar ignorá-las ou pretender esmagá-las é empreendimento inócuo, senão negativo. Toda emoção ou desejo recalçado reaparece com maior vigor, em momentos imprevistos. Substituir os interesses negativos e viciosos, por outros de caráter mais gratificante quão duradouro, é o primeiro passo, nessa luta de renovação moral e educação emocional. Porque o pensamento atua no fluido que a tudo envolve, pelo seu teor vibratório produz natural sintonia com as diversas faixas nas quais se movimentam os Espíritos, na esfera física ou na Erraticidade, estabelecendo vínculos que se estreitam em razão da intensidade mantida. Essa energia fluídica, recebendo a vibração mental, assimila o seu conteúdo emocional e transforma-se, de acordo com as *moléculas* absorvidas, criando uma psicosfera sadia ou enfermiga em volta daquele que a emite e passa a aspirá-la, experimentando o seu efeito conforme a qualidade de que se constitui. Quando o episódio é de largo trato e o seu teor é pernicioso, culmina por afetar a organização física ou psíquica do agente desencadeador,

dando acesso a processos viróticos, psicopatológicos, degenerativos em geral, obsessivos... A tudo envolvendo, essa força é neutra em si mesma; todavia, maleável e receptiva, altera a sua constituição de acordo com os elementos mentais que a interpenetram. Ao pensamento disciplinado, portanto, cabe a árdua tarefa de educar as emoções, gerando fatores de saúde, que contribuem para a harmonia interior, dando margem ao surgimento de fenômenos de paz e confiança. A ansiedade, responsável pela instabilidade comportamental e pelo humor, cede lugar, quando a fé comanda a onda mental que se dirige a Deus e se afina com as vibrações-resposta do Pensamento Divino. Outro valioso auxiliar para a empresa, é a meditação, que aprofunda os interesses e as aspirações nas realidades metafísicas, eliminando, a pouco e pouco, as impressões mais fortes das sensações primitivas, que normalmente se sobrepõem às emoções, desarticulando-as. Pensando, o Espírito estabelece o clima no qual se desenvolve e de cuja energia se nutre. Conforme fixe o pensamento, edifica ou destrói, passando de autor a vítima das próprias maquinacões. Pelas afinidades de ondas mentais e interesses emocionais, reúnem-se os seres, que elaboram o *habitat* no qual se demoram. A direção correta e constante do pensamento esclarecido, que conhece as causas e finalidades da vida, realiza o controle das emoções, tornando os indivíduos nobres e equilibrados, que não se transtornam diante de provocações, nem se apaixonam ante as sensações, ou se descompensam enfrentando o sofrimento. A amargura e a ansiedade não os sitiam, mesmo que, de passagem, deixem ligeiros sinais que a potente luz do amor real e da certeza da fatalidade feliz do bem faz que desapareçam.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Pensamentos e emoções)

“Doenças físicas e mentais. A expressiva soma de atividades físicas e mentais atesta que o homem é um ser inacabado. A sua estrutura orgânica aprimorada nos milênios da evolução antropológica, ainda padece a fragilidade dos elementos que a constituem. Vulnerável a transformações degenerativas, é tecido que reveste o psiquismo e que através dos seus neurônios cerebrais se exterioriza, afirmando-lhe a preexistência consciencial, independente das moléculas que constituem a aparelhagem material. A consciência, na sua realidade, é fator extrafísico, não produzido pelo cérebro, pois que possui os elementos que se consubstanciam na forma que lhe torna necessária à exteriorização. Essa energia pensante, preexistente e sobrevivente ao corpo, evolve através das experiências reencarnacionistas, que lhe constituem processo de aquisição de conhecimentos e sentimentos, até lograr a sabedoria. Como consequência, faz-se herdeira de si mesma, utilizando-se

dos recursos que amalha e deve investir para mais avançados logros, etapa a etapa. Em razão disso, podemos repetir que somente “há doenças, porque há doentes”, isto é, a doença é um efeito de distúrbios profundos no campo da energia pensante ou Espírito. As suas resistências ou carências orgânicas resultam dos processos da organização molecular dos equipamentos de que se serve, produzidos pela ação da necessidade pensante. O psicossoma organiza o soma necessário à viagem, breve no tempo, para a individualidade espiritual. As doenças orgânicas se instalam em decorrência das necessidades cármicas que lhe são inerentes, convocando o ser a reflexões e reformulações morais proporcionadoras do reequilíbrio. Nas patologias congênitas, o psicossoma impõe os fatores cármicos modeladores necessários à evolução, sob impositivos que impedem, pelos limites de injunções difíceis, a reincidência no fracasso moral. Assim considerando, à medida que a Ciência se equipa e soluciona patologias graves, criando terapias preventivas e proporcionando recursos curativos de valor, surgem novas doenças, que passam a constituir-se tremendos desafios. Isto se dá, porque à evolução tecnológica e científica da sociedade não se apresenta, em igual correspondência, o mecanismo de conquistas morais. O homem conquista o exterior e perde-se interiormente. Avança na horizontal do progresso técnico sem o logro da vertical ética. No inevitável conflito que se estabelece — comodidade e prazer, sem harmonia interna nem plenitude — desconecta os centros de equilíbrio e abre-se favoravelmente a agentes agressores novos, aos quais dá vida e que lhe desorganizam os arquipélagos celulares. Outrossim, as tensões, frustrações, vícios, ansiedades, fobias facultam as distonias psíquicas que são somatizadas aos problemas orgânicos ou estes e suas sequelas dão surgimento aos tormentos mentais e emocionais. Todo equipamento, para funcionar em harmonia com ajustamento, para as finalidades a que se destina, exige perfeita eficiência de todas as peças que o compõem. Da mesma forma, a maquinaria orgânica depende dos fluxos e refluxos da energia psíquica e esta, por sua vez, das respostas das diversas peças que aciona. Nessa interdependência, a vibração mental do homem é-lhe propiciadora de equilíbrio ou distonia, conscientemente ou não. Sabendo canalizar-lhe a corrente vibratória, organiza e submete os implementos físicos ao seu comando, produzindo efeitos de saúde, por largo período, não indefinidamente, face à precariedade dos elementos construídos para o uso transitório. As doenças

contemporâneas, substituindo algumas antigas e somando-se a outras não debeladas ainda, enquadram-se no esquema do comportamento evolutivo do ser, no seu processo de harmonização interior, de deificação. Na sua essência, a energia pensante possui os recursos divinos que deve exteriorizar. Para tanto, à semelhança de uma semente, somente quando submetida à germinação faculta a eclosão dos seus extraordinários elementos, até então adormecidos ou mortos. A morte da forma desata-lhe a vida latente. A mente equilibrada comandará o corpo em harmonia e, nesse intercâmbio, surgirá a saúde ideal.” (JA, *O homem integral*, Quinta parte, Capítulo 19)

III Doença segundo a medicina espiritual

III.1. Gênese das doenças no perispírito ou psicossoma¹¹

“Esse segundo invólucro da alma, ou perispírito, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo I)

“§ I — O PERISPÍRITO COMO PRINCÍPIO DAS MANIFESTAÇÕES. [...] 12. Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas

¹¹ Vide Subcapítulo III.7 (“Perispírito, doença e cura”), Capítulo III (“Corpo perispírico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“Predisposições mórbidas. – *Como apreendermos a existência das predisposições mórbidas do corpo espiritual?* – Não podemos olvidar que a imprudência e o ócio se responsabilizam por múltiplas enfermidades, como sejam os desastres circulatórios provenientes da gula, as infecções tornadas de higiene, os desequilíbrios nervosos nascidos da toxicomania e a exaustão decorrente de excessos vários. De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas. A recordação dessa ou daquela falta grave, mormente daquelas que jazem recalçadas no espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar de “zona de remorso”, em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria. Estabelecida a ideia fixa sobre esse “nódulo de forças desequilibradas”, é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermigo de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo ou exatamente redimidos perante a Lei. Essas enquistações de energias profundas, no imo de nossa alma, expressando as chamadas dívidas cármicas, por se filiarem a causas infelizes que nós mesmos plasamos na senda do destino, são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra. Isso porque, se nos comprometemos diante da Lei Divina em resgatar as nossas obrigações em qualquer tempo, dentro das mesmas circunstâncias nas quais patrocinamos a ofensa em prejuízo dos outros. É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade, entendendo-se, ainda, que essas desarmonias são, algumas vezes, singularmente agravadas pelo assédio vindicativo dos seres a quem ferimos, quando imanizados a nós em processos de obsessão. Todavia, ainda mesmo quando sejamos perdoados pelas vítimas de nossa insânia, detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão à tona de nossa existência, para a necessária expurgação, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene moral.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 19)

“Invasão microbiana. – *A invasão microbiana está vinculada a causas espirituais?* – Excetuados os quadros infecciosos pelos quais se responsabiliza a ausência da higiene comum, as depressões criadas em nós por nós mesmos, nos domínios do abuso de nossas forças, seja adulterando as trocas vitais do cosmo orgânico pela rendição ao desequilíbrio, seja estabelecendo perturbações em prejuízo dos outros, plasmam, nos tecidos fisiopsicossomáticos que nos constituem o veículo de expressão, determinados campos de ruptura na harmonia celular. Verificada a disfunção, toda a zona atingida pelo desajustamento se torna passível de invasão microbiana, qual praça desguarnecida, porque as sentinelas naturais não dispõem de bases necessárias à ação regeneradora que lhes compete, permanecendo, muitas vezes, em redor do ponto lesado, buscando delimitar-lhe a presença ou jugular-lhe a expansão. Desarticulado, pois, o trabalho sinérgico das células nesse ou naquele tecido, aí se interpõem as unidades mórbidas, quais as do câncer, que, nesta doença, imprimem acelerado ritmo de crescimento a certos agrupamentos celulares, entre as células sãs do órgão em que se instalem, causando tumorações invasoras e metastáticas, compreendendo-se, porém, que a mutação, no início, obedeceu a determinada distonia, originária da mente, cujas vibrações sobre as células desorganizadas tiveram o efeito das projeções de raios X ou de irradiações ultravioleta, em aplicações impróprias. Emerge, então, a moléstia por estado secundário em largos processos de desgaste ou devastação, pela desarmonia a que compele a usina orgânica, a esgotar-se, debalde, na tarefa ingente da própria reabilitação no plano carnal, quando o enfermo, sem atitude de renovação moral, sem humildade e paciência, espírito de serviço e devotamento ao bem, não consegue assimilar as correntes benéficas do Amor Divino que circulam, incessantes em torno de todas as criaturas, por intermédio de agentes distintos e inumeráveis, a todas estimulando, para o máximo aproveitamento da existência na Terra. Quando o doente, porém, adota comportamento favorável a si mesmo, pela simpatia que instila no próximo, as forças físicas encontram sólido apoio nas radiações de solidariedade e reconhecimento que absorve de quantos lhe recolhem o auxílio direto ou indireto, conseguindo circunscrever a disfunção aos neoplasmas benignos, que ainda respondem à influência organizadora dos tecidos adjacentes. Sob o mesmo princípio de relatividade, a funcionar, inequívoco, entre doença e doente, temos a incursão da tuberculose e da lepra, da brucelose e da amebíase, da endocardite bacteriana e da cardiopatia chagásica, e de muitas outras enfermidades, sem nos determos na discriminação de todos os processos morbosos, cuja

relação nos levaria a longo estudo técnico. É que, geralmente, quase todos eles surgem como fenômenos secundários sobre as zonas de predisposição enfermiza que formamos em nosso próprio corpo, pelo desequilíbrio de nossas forças mentais a gerarem rupturas ou soluções de continuidade nos pontos de interação entre o corpo espiritual e o veículo físico, pelas quais se insinua o assalto microbiano a que sejamos mais particularmente inclinados pela natureza de nossas contas cármicas. Consolidado o ataque, pela brecha de nossa vulnerabilidade, aparecem as moléstias sintomáticas ou assintomáticas, estabilizando-se ou irradiando-se, conforme as disposições da própria mente, que trabalha ou não para refazer a defensiva orgânica em supremo esforço de reajuste, ou que, por automatismo, admite ou recusa, segundo a posição em que se encontra no princípio de causa e efeito, a intromissão desse ou daquele fator patogênico, destinado a expungir dela, em forma de sofrimento, os resíduos do mal, correspondentes ao sofrimento por ela implantado na vida ou no corpo dos semelhantes. Não será lícito, porém, esquecer que o bem constante gera o bem constante e que, mantida a nossa movimentação infatigável no bem, todo o mal por nós amontoado se atenua, gradativamente, desaparecendo ao impacto das vibrações de auxílio, nascidas, a nosso favor, em todos aqueles aos quais dirijamos a mensagem de entendimento e amor puro, sem necessidade expressa de recorrermos ao concurso da enfermidade para eliminar os resquícios de treva que, eventualmente, se nos incorporem, ainda, ao fundo mental. Amparo aos outros cria amparo a nós próprios, motivo por que os princípios de Jesus, desterrando de nós animalidade e orgulho, vaidade e cobiça, crueldade e avareza, e exortando-nos à simplicidade e à humildade, à fraternidade sem limites e ao perdão incondicional, estabelecem, quando observados, a imunologia perfeita em nossa vida interior, fortalecendo-nos o poder da mente na auto defensiva contra todos os elementos destruidores e degradantes que nos cercam e articulando-nos as possibilidades imprescindíveis à evolução para Deus. Pedro Leopoldo, 29/6/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 20)

“Quando o Espírito é encaminhado à reencarnação traz, em forma de “matrizes” vigorosas no perispírito, o de que necessita para a evolução. Imprimem-se, então, tais fulcros nos tecidos em formação da estrutura material de que se utilizará para as provações e expiações necessárias. Se se volta para o bem e adquire títulos de valor moral, desarticula os condicionamentos que lhe são impostos para o sofrimento e restabelece a harmonia nos centros psicossomáticos, que passam, então, a gerar novas vibrações aglutinantes de equilíbrio, a se fixarem no

corpo físico em forma de saúde, de paz, de júbilo. Se, todavia, por indiferença ou por prazer, jornadaei na frivolidade ou se encontra adormecido na indolência, no momento próprio desperta automaticamente o mecanismo de advertência, desorganizando-lhe a saúde e surgindo, por sintonia psíquica, em consequência do desajustamento molecular no corpo físico, as condições favoráveis a que os germens-vacina que se encontram no organismo proliferem, dando lugar às enfermidades desta ou daquela natureza. [...]” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

“Prosseguiam as valiosas explicações ante os quadros vivos, nos quais hauríamos indispensáveis conhecimentos para a própria iluminação. Confirmávamos que o homem é o juiz de si mesmo, recolhendo da atividade em que se envolveu os frutos merecidos da plantação realizada. Os conceitos de justiça ampliavam-se e as soberanas leis de amor se nos reafirmavam, então, como as mais elevadas manifestações da Sabedoria Divina. A reencarnação, desse modo, afigurava-se-nos como uma escola de recuperação, na qual os Espíritos se aprimoram, mediante cujo labor recuperam o patrimônio da paz malbaratado nas aventuras da insensatez e da perversidade. Cada homem é a soma das suas realizações. Na problemática das enfermidades mentais melhor se desvelam as paisagens íntimas de cada ser, uma vez que o impositivo do resgate exige da organização fisiopsicológica a exteriorização dos abusos e crimes perpetrados anteriormente. Ninguém se exime às consequências da culpa. Esta insculpe na tecelagem sutil e poderosa do perispírito o de que tem necessidade para anular o gravame.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 12)

“Na raiz de todas as enfermidades que sitiam o homem encontramos no desequilíbrio dele próprio a sua causa preponderante. Sendo o Espírito o modelador dos equipamentos de que se utilizará na reencarnação, desdobra as células da vesícula seminal sobre as matrizes vibratórias do perispírito, dando surgimento aos folhetos blastodérmicos que se encarregam de compor os tubos intestinal e nervoso, os tecidos cutâneos e todos os elementos constitutivos das organizações física e psíquica. São bilhões de seres microscópicos, individualizados, trabalhando sob o comando da mente, que retrata as aquisições anteriores, na condição de conquistas ou dívidas, que cumpre aprimorar ou corrigir. Cada um desses seres que se ajustam perfeitamente aos implementos vibratórios da alma emite e capta irradiações específicas, em forma de oscilações eletromagnéticas, que compõem o quadro da individualidade humana. Em razão da conduta mental, as células são estimuladas ou bombardeadas pelos fluxos dos interesses que lhe apraz, promovendo a saúde ou dando gênese

aos desequilíbrios que decorrem da desarmonia, quando essas unidades em estado de mitose degeneram oferecendo campo às bactérias patológicas que se instalam vencendo os fatores imunológicos, desativados ou enfraquecidos pelas ondas contínuas de mau humor, pessimismo, revolta, ódio, ciúme, lubricidade e viciações de qualquer natureza que se transformam em poderosos agentes da perturbação e do sofrimento. No caso dos fenômenos teratológicos das patogenias congênitas, encontramos o Espírito infrator encarcerado na organização que desrespeitou impunemente, quando a colocou a serviço da irresponsabilidade ou da alucinação, agora recuperando, de imediato, os delitos perpetrados, mesmo que em curto prazo expiatório. Problemas de graves mutilações e deficiências, enfermidades irreversíveis surgem como efeitos da culpa guardada no campo da consciência, em forma de arrependimentos tardios pelas ações nefastas antes praticadas.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Introdução)

— Os atos infelizes, deliberadamente praticados, em razão da força mental de que necessitam, destroem os tecidos sutis do perispírito que, se ressentindo do desconcerto, deixarão matrizes na futura forma física, na qual se manifestarão as deficiências purificadoras, e a queda do tom vibratório específico permitirá que os envolvidos no fato, no tempo e no espaço, próximos ou não, se vinculem pelo processo de uma sintonia automática de que não se furta-rão. Aí estabelecem-se as enfermidades de qualquer porte. Os fatores imunológicos do organismo, padecendo a disritmia vibratória que os envolve, são vencidos por bactérias, vírus e toda a sorte de micróbios patológicos que logo se desenvolvem, dando gênese às doenças físicas. Por sua vez, na área mental, os conflitos e mágoas, os ódios acerbos, as ambições tresvariadas e os tormentosos delitos ocultos, quando da reencarnação, por estarem ínsitos no Espírito endividado, respondem pelas distonias psíquicas e alienações mais variadas. Acrescentemos a essas predisposições a presença dos cobradores desencarnados, cuja ação mental encontra perfeito acoplamento na paisagem psicofísica dos a quem persegue, e teremos a presença da constrição obsessiva. Eis porque é rara a enfermidade que não conte com a presença de um componente espiritual, quando não seja diretamente este o seu efeito. O corpo e a mente refletem a realidade espiritual de cada criatura. Argos reencarnou com a região pulmonar descompensada, em face do sério comprometimento no qual se enleou, ao mesmo tempo com a mente aturdida, lutando contra o ressumar das reminiscências que, de quando em quando, o assaltam e a consciência que tem daquilo que lhe cumpre realizar.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 6)

“PERISPÍRITO. [...] FUNÇÕES - Organizado por energias próprias e eletromagnéticas e dirigido pela mente, que o aciona conforme o estágio evolutivo do Espírito, no corpo espiritual ou perispírito estão as matrizes reais das funções que se manifestam na organização somática. Catalisador das energias divinas, que assimila, é encarregado de transmitir e plasmar no corpo as ordens emanadas da mente e que procedem do Espírito. Arquivo das experiências multifárias das reencarnações, impõe, na aparelhagem física, desde a concepção, mediante metabolismo psíquico muito complexo e sutil, as limitações, coerções, punições, ou faculta amplitude de recursos físicos e mentais, conforme as ações do estágio anterior, na carne, em que o Espírito se acumpliciou com o erro ou se levantou pela dignificação. Interferindo decisivamente no comportamento hereditário, não apenas modela a forma de que se revestirá o Espírito, desde o embrião que se lhe amolda completamente, como reproduzindo as expressões fisiológicas e anatómicas, quando da desencarnação. Graças às moléculas de que se forma, responde pelas alterações da aparelhagem fisiopsíquica, no campo das necessidades reparadoras que a Lei impõe aos Espíritos calcetas. É o responsável pela irradiação da energia dos trilhões de corpúsculos celulares - essas pequenas usinas que se aglutinam ao império das radiações que lhes impõem a gravitação harmônica, na aparelhagem que constitui os diversos órgãos cuja forma e anatomia lhe pertencem, cabendo às células apenas o seu revestimento -, exteriorizando a aura e podendo, em condições especiais, modelar à distância o duplo etéreo, tornando-o tangível. Graças à sua complexidade, conserva intacta a individualidade, através da esteira das reencarnações, e se faz responsável pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, como ao corpo informa das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os centros vitais ou de força, que controlam a aparelhagem fisiológica e psicológica e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio. Nele estão sediadas as gêneses patológicas de distúrbios dolorosos quais a esquizofrenia, a epilepsia, o câncer de variada etiologia, o pênfigo... que em momento próprio favorece a sintonia com microrganismos que se multiplicam desordenadamente e tomam de assalto o campo físico ou através de sintonias próprias, ensejando a aceleração das perturbações psíquicas de largo porte. Em todo processo teratológico os fatores causais lhe pertencem. E, num vasto campo de problemas emocionais como fisiológicos, as síndromes procedem das tecelagens muito delicadas da sua ação dinâmica, poderosa.” (JA, *Estudos espíritas*, Perispírito)

III.2. Relação entre mente, perispírito e doença – Psicossomatismo^{12,13,14,15,16,17}

“Logo após alguns minutos além das dezoito horas, começaram a chegar os necessitados da esfera invisível ao homem comum. Se fosse concedida à criatura vulgar uma vista de olhos, ainda que ligeira, sobre uma assembleia de espíritos desencarnados, em perturbação e sofrimento, muito se lhes modificariam as atitudes na vida normal. Nessa afirmativa, devemos incluir, igualmente, a maioria dos próprios espiritistas, que frequentam as reuniões doutrinárias, alheios ao esforço autoeducativo, guardando da espiritualidade uma vaga ideia, na preocupação de atender ao egoísmo habitual. O quadro de retificações individuais, após a morte do corpo, é tão extenso e variado que não encontramos palavras para definir a imensa surpresa. Aqueles rostos esqueléticos causavam compaixão. Chegavam ao recinto aquelas entidades perturbadas, em pequenos magotes, seguidas de orientadores fraternais. Pareciam cadáveres erguidos do leito de morte. Alguns se locomoviam com grande dificuldade. Tínhamos diante dos olhos uma autêntica reunião de “coxos e estropiados”, segundo o símbolo evangélico. – Em maioria – esclareceu Aniceto – são irmãos abatidos e amargurados, que desejam a renovação sem saber como iniciar a tarefa. Aqui, poderemos observar apenas sofrendores dessa natureza, porque o santuário familiar de Isidoro e Isabel não está preparado para receber entidades

deliberadamente perversas. Cada agrupamento tem seus fins. Com efeito, os recém-chegados estampavam profunda angústia na expressão fisionômica. As senhoras em pranto eram numerosas. O quadro consternava. Algumas entidades mantinham as mãos no ventre, calcando regiões feridas. Não eram poucas as que traziam ataduras e faixas. – Muitos – disse-nos o mentor – não concordam ainda com as realidades da morte corporal. E toda essa gente, de modo geral, está prisioneira da ideia de enfermidade. Existem pessoas, e vocês, como médicos, as terão conhecido largamente, que cultivam as moléstias com verdadeira volúpia. Apaixonam-se pelos diagnósticos exatos, acompanham no corpo, com indefinível ardor, a manifestação dos indícios mórbidos, estudam a teoria da doença de que são portadoras, como jamais analisam um dever justo no quadro das obrigações diárias, e quando não dispõem das informações nos livros, estimam a longa atenção dos médicos, os minuciosos cuidados da enfermagem e as compridas dissertações sobre a enfermidade de que se constituem voluntárias prisioneiras. Sobrevindo a desencarnação, é muito difícil o acordo entre elas e a verdade, porquanto prosseguem mantendo a ideia dominante. Às vezes, no fundo, são boas almas, dedicadas aos parentes do sangue e aproveitáveis na esfera restrita de entendimento a que se recolhem, mas, no entanto, carregadas de viciação mental por muitos séculos consecutivos. E num gesto diferente, nosso instrutor considerou: – Demoramo-nos todos a escapar da velha concha do individualismo. A visão da universalidade custa preço

- 12** Vide Subcapítulo I.6 (“O corpo físico é controlado pela mente (psicossomatismo)”), Capítulo I (“Corpo material ou físico”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 13** Vide Subcapítulo III.3 (“Relação entre perispírito, mente, pensamentos e sentimentos”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 14** Vide Subcapítulo IV.5 (“O binômio espírito-mente modela e comanda o perispírito”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 15** Vide Subcapítulo IV.6 (“O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 16** Vide Subcapítulo II.3 (“Saúde física e mental (espiritual)”), Capítulo II (“Saúde segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 17** Vide Subcapítulo VI.3 (“Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

alto e nem sempre estamos dispostos a pagá-lo. Não queremos renunciar ao gosto antigo, fugimos aos sacrifícios louváveis. Nessas circunstâncias, o mundo que prevalece para a alma desencarnada, por longo tempo, é o reino pessoal de nossas criações inferiores. Ora, desse modo, quem cultivou a enfermidade com adoração, submeteu-se-lhe ao império. É lógico que devemos, quando encarnados, prestar toda a assistência ao corpo físico, que funciona, para nós, como vaso sagrado, mas remediar a saúde e viciar a mente são duas atitudes essencialmente antagônicas entre si.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 43)

“Notando minha estranheza, Aniceto colocou-me a destra na frente, transmitindo-me vigoroso influxo magnético, e acentuou: – Repare a máquina divina do homem, o tabernáculo sagrado que o Senhor permitiu se formasse na Terra para sublime habitação temporária do espírito. Agora, André, não está você diante duma demonstração anatômica da ciência terrestre, examinando carne morta e músculos enrijecidos. Observe agora! O olho mortal não poderá contemplar o que se encontra à sua vista neste instante. O microscópio é ainda pobre, não obstante representar uma nobre conquista para a limitada visão humana. A cooperação magnética do querido mentor modificara a cena e fui compelido a concentrar todas as minhas energias, a fim de não inutilizar a observação pelo golpe do espanto. A luz mental, embora fosca, tornara-se mais nítida e o corpo do moribundo agigantou-se, oferecendo-me espetáculo surpreendente aos olhos ansiosos. Parecia-me o corpo, agora, maravilhosa usina nos mais íntimos detalhes. O quadro científico era simplesmente estupefativo. Identificava, em grandes proporções, os nove sistemas de órgãos da máquina humana; o arcabouço ósseo, a musculatura, a circulação sanguínea, o aparelho de purificação do sangue consubstanciado nos pulmões e nos rins, o sistema linfático, o maquinismo digestivo, o sistema nervoso, as glândulas hormonais e os órgãos dos sentidos. Tal revelação histológica era diferente de tudo que eu poderia sonhar nos meus trabalhos de medicina. A circulação do sangue semejava-se a movimento de canais vitalizadores daquele pequeno mundo de ossos, carne, água e resíduos. Milhões de organismos microscópicos iam e vinham na corrente empobrecida de glóbulos vermelhos. Presenciava a passagem de formas esquisitas, à maneira de minúsculas embarcações carregadas de bactérias mortíferas. Elementos maiores da flora microbiana transformavam-se em pequeninos barcos hospedando feras minúsculas, às centenas. Invadiam todos os núcleos organizados. Os órgãos, como os pulmões, o fígado e os rins, estavam sendo assaltados, irremediavelmente, por incalculável quantidade de sabotadores infinitesimais. E à medida que se consolidavam os micróbios invasores, em determinadas regiões celulares, alguma

coisa se destacava, lentamente, da zona atacada, como se um molde sempre novo fosse expulso da forma gasta e envelhecida, reconhecendo eu, desse modo, que a desencarnação se operava através de processo parcial, facultando-me ilações preciosas. Reparei que algumas glândulas faziam desesperado esforço para enviar aos centros invadidos determinadas porções de hormônios, que eram, incontinenti, absorvidos pelos elementos letais. O plasma sanguíneo figurava-se líquido estranho e gangrenoso. Pela excessiva movimentação da onda mental, observei que o moribundo tentava readquirir a direção dos fenômenos orgânicos, mas em vão. Todos os complexos celulares atritavam entre si e as bactérias pareciam gozar o direito de multiplicação crescente e festiva. – Está vendo a máquina divina, formada pelo molde espiritual preexistente? – perguntou Aniceto, compreendendo-me a profunda admiração. O corpo do homem encarnado é um tabernáculo e uma bênção. Nesta hecatombe angustiosa de uma existência, pode você reparar que todos os movimentos do corpo estão subordinados à administração da mente. O organismo vivo, André, representa uma conquista laboriosa da Humanidade terrestre, no quadro de concessões do Eterno Pai. Pode você, agora, identificar os movimentos da matéria viva. Cada órgão é um departamento autônomo na esfera celular, subordinado ao pensamento do homem. Cada glândula é um centro de serviços ativos. Há muita afinidade entre o corpo físico e a máquina moderna. São ambos impulsionados pela carga de combustível, com a diferença de que no homem a combustão química obedece ao senso espiritual que dirige a vida organizada. É na mente que temos o governo dessa usina maravilhosa. Não possuímos, aí, tão somente o caráter, a razão, a memória, a direção, o equilíbrio, o entendimento; mas, também, o controle de todos os fenômenos da expressão corpórea. Na sede mental e, conseqüentemente, no cérebro, temos todos os registros de distribuição dos princípios vitais aos núcleos celulares, inclusive a água e o açúcar. Os centros metabólicos são grandes oficinas de trabalho incessante. A mente humana, ainda que indefinível pela conceituação científica limitada, na Terra, é o centro de toda manifestação vital no planeta. Cada órgão, cada glândula, meu amigo, integra o quadro de serviço da máquina sublime construída no molde sutil do corpo espiritual preexistente e, por isso mesmo, chegará o tempo em que a ciência reconhecerá qualquer abuso do homem como ofensa causada a si mesmo. A usina humana é repositório de forças elétricas de alto teor construtivo ou destrutivo. Cada célula é minúsculo motor, trabalhando ao impulso mental. Aniceto calou-se por momentos e, enquanto eu via, aterrado, os mais estranhos fenômenos microbianos no corpo do moribundo, volveu ele à palavra educativa: – Vemos aqui um irmão no momento da retirada.

Repare a incapacidade dele para governar as células em conflito. A corrente sanguínea transformou-se em veículo de invasores mortíferos, que não encontraram qualquer fortificação na defensiva. Observe e identificará milhões de unidades da tuberculose, da lepra, da difteria, do câncer, que até agora estavam contidos nos porões da atividade fisiológica, pela defesa organizada, e que se multiplicam assustadoramente, de par com outros micróbios tão prolíferos quão terríveis. A nutrição foi interrompida. Não há possibilidade de novos suprimentos hormonais. O agonizante retrai-se aos poucos e ainda não abandonou totalmente a carne, por falta de educação mental. Vê-se pelo excesso de intemperança das células, sobre as quais não exerce nem mesmo um controle parcial, que este homem viveu bem distante da disciplina de si mesmo. Seus elementos fisiológicos são demasiadamente impulsivos, atendendo muito mais ao instinto que ao movimento da razão concentrada. A falar verdade, este nosso amigo não se está desencarnando, está sendo expulso da divina máquina, onde, pelo que vemos, não parece ter prezado bastante os sublimes dons de Deus.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 49)

“Alexandre fez ligeiro intervalo na conversação, dando a entender que expusera a preliminar de mais sérios esclarecimentos, e continuou: – Você não ignora que, no círculo das enfermidades terrestres, cada espécie de micróbio tem o seu ambiente preferido. O pneumococo aloja-se habitualmente nos pulmões; o bacilo de Eberth localiza-se nos intestinos onde produz a febre tifoide; o bacilo de Klebs-Löffler situa-se nas mucosas onde provoca a difteria. Em condições especiais do organismo, proliferam os bacilos de Hansen ou de Koch. Acredita você que semelhantes formações microscópicas se circunscrevem à carne transitória? Não sabe que o macrocosmo está repleto de surpresas em suas formas variadas? No campo infinitesimal, as revelações obedecem à mesma ordem surpreendente. André, meu amigo, as doenças psíquicas são muito mais deploráveis. A patogênese da alma está dividida em quadros dolorosos. A cólera, a intemperança, os desvios do sexo, as viciações de vários matizes, formam criações inferiores que afetam profundamente a vida íntima. Quase sempre o corpo doente assinala a mente enferma. A organização fisiológica, segundo conhecemos no campo de cogitações terrestres, não vai além do vaso de barro, dentro do molde preexistente do corpo espiritual. Atingido o molde em sua estrutura pelos golpes das vibrações inferiores, o vaso refletirá imediatamente. Compreendi onde o instrutor desejava chegar. Entretanto, as suas considerações relativas às novas expressões microbianas davam ensejo a certas indagações. Como encarar o problema das formações iniciais? Enquadrava-se a afecção psíquica no mesmo quadro sintomatológico que conhecera, até então,

para as enfermidades orgânicas em geral? Haveria contágio de moléstias da alma? E seria razoável que assim fosse na esfera onde os fenômenos patológicos da carne não mais deveriam existir? Afirmara Virchow que o corpo humano “é um país celular, onde cada célula é um cidadão, constituindo a doença um atrito dos cidadãos, provocado pela invasão de elementos externos”. De fato, a criatura humana desde o berço deve lutar contra diversas flagelações climáticas, entre venenos e bactérias de variadas origens. Como explicar, agora, o quadro novo que me defrontava os escassos conhecimentos? Não sopitei a curiosidade. Recorrendo à admirável experiência de Alexandre, perguntei: – Ouça, meu amigo. Como se verificam os processos mórbidos de ascendência psíquica? Não resulta a afecção do assédio de forças exteriores? Em nosso domínio, como explicar a questão? É a viciação da personalidade espiritual que produz as criações vampirísticas ou estas que avassalam a alma, impondo-lhe certas enfermidades? Nesta última hipótese, poderíamos considerar a possibilidade do contágio? O orientador ouviu-me, atencioso e esclareceu: – Primeiramente a semeadura, depois a colheita; e tanto as sementes de trigo como de escalracho, encontrando terra propícia, produzirão a seu modo e na mesma pauta de multiplicação. Nessa resposta da Natureza ao esforço do lavrador, temos simplesmente a lei. Você está observando o setor das larvas com justificável admiração. Não tenha dúvida. Nas moléstias da alma, como nas enfermidades do corpo físico, antes da afecção existe o ambiente. As ações produzem efeitos, os sentimentos geram criações, os pensamentos dão origem a formas e consequências de infinitas expressões. E, em virtude de cada Espírito representar um universo por si, cada um de nós é responsável pela emissão das forças que lançamos em circulação nas correntes da vida. A cólera, a desesperação, o ódio e o vício oferecem campo a perigosos germens psíquicos na esfera da alma. E, qual acontece no terreno das enfermidades do corpo, o contágio aqui é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleça ambiente propício, entre companheiros do mesmo nível. Naturalmente, no campo da matéria mais grosseira, essa lei funciona com violência, enquanto, entre nós, se desenvolve com as modificações naturais. Aliás, não pode ser de outro modo, mesmo porque você não ignora que muita gente cultiva a vocação para o abismo. Cada viciação particular da personalidade produz as formas sombrias que lhe são consequentes e estas, como as plantas inferiores que se alastram no solo, por relaxamento do responsável, são extensivas às regiões próximas, onde não prevalece o espírito de vigilância e defesa.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 4)

“Nesse momento, aproximou-se um dos companheiros em serviço, pedindo a cooperação de

Alexandre em determinado setor. Ele atendeu, gentil. No entanto, antes de separar-se de mim, conduziu-me ao reduzido grupo de entidades que se encarregavam dos passes e, apresentando-me ao amigo que chefiava o trabalho, explicou, generoso: – Anacleto: nosso irmão André Luiz, que exerceu funções de médico na última experiência terrestre, estimaria receber alguns esclarecimentos, quanto aos serviços de sua especialidade. Desde já, agradeço tudo o que você fizer por ele. O diretor daquele departamento de auxílio acolheu-me fraternalmente e, fosse porque estava em trabalho ativo ou porque se dava a poucas palavras, convidou-me, sem perda de tempo, às observações diretas das atividades sob sua chefia. Delicadamente, colocou-me ao lado de uma senhora respeitável, que se localizara à mesa, não longe do orientador da casa. – Vejamos esta irmã – exclamou Anacleto, prontificando-se ao auxílio afetuoso –, observe-lhe o coração e, principalmente, a válvula mitral. Detive-me em acurado exame da região mencionada e, efetivamente, descobri a existência de tenuíssima nuvem negra, que cobria grande extensão da zona indicada, interessando ainda a válvula aórtica e lançando filamentos quase imperceptíveis sobre o nódulo sino-auricular. Expus ao novo amigo minhas observações, ao que me respondeu: – Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que lhe intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais. Se a mente da criatura encarnada ainda não atingiu a disciplina das emoções, se alimenta paixões que a desarmonizam com a realidade, pode, a qualquer momento, intoxicar-se com as emissões mentais daqueles com quem convive e que se encontrem no mesmo estado de desequilíbrio. Às vezes, semelhantes absorções constituem simples fenômenos sem maior importância; todavia, em muitos casos, são suscetíveis de ocasionar perigosos desastres orgânicos. Isto acontece, mormente quando os interessados não têm vida de oração, cuja influência benéfica pode anular inúmeros males. Indicou o coração de carne da irmã presente e continuou: – Esta amiga, na manhã de hoje, teve sérios atritos com o esposo, entrando em grave posição de desarmonia íntima. A pequena nuvem que lhe cerca o órgão vital representa matéria mental fulminatória. A permanência de semelhantes resíduos no coração pode ocasionar-lhe perigosa enfermidade. Atendamos ao caso.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“O novo companheiro dirigiu-se a diferente setor. Postávamo-nos, agora, ao lado de um cavalheiro idoso, para cujo organismo Anacleto me reclamou atenção. Analisei-o acuradamente. Com assombro, notei-lhe o fígado profundamente alterado. Outra nuvem, igualmente muito escura, cobria grande parte do órgão,

compelindo-o a estranhos desequilíbrios. Toda a vesícula biliar permanecia atingida. E via-se, com nitidez, que os reflexos negros daquela pequena porção de matéria tóxica alcançavam o duodeno e o pâncreas, modificando o processo digestivo. Alguns minutos de observação silenciosa davam-me a conhecer a extrema perturbação de que o órgão da bile se sentia objeto. As células hepáticas pareciam presas de perigosas vibrações. Enderecei ao amigo espiritual meu olhar de admiração. – Observou? – Disse ele, bondosamente – Toda perturbação mental é ascendente de graves processos patológicos. Afligir a mente é alterar as funções do corpo. Por isso, qualquer inquietação íntima chama-se desarmonia e as perturbações orgânicas chamam-se enfermidades. Colocou a destra amiga sobre a fronte do cavalheiro e acrescentou: – Este irmão, portador dum temperamento muito vivo, está cheio dos valores positivos da personalidade humana. Tem atravessado inúmeras experiências em lutas passadas e aprendeu a dominar as coisas e as situações com invejável energia. Agora, porém, está aprendendo a dominar a si mesmo, a conquistar-se para a iluminação interior. Em semelhante tarefa, contudo, experimenta choques de vulto, porquanto, dentro de sua individualidade dominadora, é compelido a destruir várias concepções que se lhe figuravam preciosas e sagradas. Nesse empenho, os próprios ensinamentos do Cristo, que lhe serve de modelo à renovação, doem-lhe no íntimo como marteladas, em certas circunstâncias. Este homem, no entanto, é sincero e deseja, de fato, reformar-se. Mas sofre intensamente, porque é obrigado a ausentar-se de seu campo exclusivo, a caminho do vasto território da compreensão geral. No círculo dos conflitos dessa natureza, vem lutando, desde ontem, dentro de si mesmo, para acomodar-se a certas imposições de origem humana que lhe são necessárias ao aprendizado espiritual e, no esforço mental gigantesco, ele mesmo produziu pensamentos terríveis e destruidores, que segregaram matéria venenosa, imediatamente atraída para o seu ponto orgânico mais frágil, que é o fígado. Ele, porém, está em prece regeneradora e facilitará nosso serviço de socorro, pela emissão de energias benéficas. Não fosse a oração, que lhe renova as forças reparadoras, e não fosse o socorro imediato de nossa esfera, poderia ser vítima de doenças mortais do corpo. A permanência de matéria tóxica, indefinidamente, na intimidade deste órgão de importância vital, determinaria movimentos destruidores para os glóbulos vermelhos do sangue, complicaria as ações combinadas da digestão e perturbaria, de modo fatal, o metabolismo das proteínas. Anacleto fez uma pausa mais longa, sorriu cordialmente e acentuou: – Isto, porém, não acontecerá. Na luta titânica em que se empenha consigo mesmo, a vontade firme de acertar é a sua âncora de salvação. Permanecia tão surpreso com o

ensinamento que não ousei dirigir-lhe qualquer inter-rogação. Anacleto continuou de pé e aplicou-lhe um passe longitudinal sobre a cabeça, partindo do contato simples e descendo a mão, vagarosamente, até à região do fígado, que o auxiliador tocava com a extremidade dos dedos irradiantes, repetindo-se a operação por alguns minutos. Surpreendido, observei que a nuvem, de escura, se fizera opaca, desfazendo-se, pouco a pouco, sob o influxo vigoroso do magnetizador em missão de auxílio. O fígado voltou à normalidade plena.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“**Desprendimento difícil.** Agora, tínhamos sob os olhos o caso Cavalcante em processo final. O pobre amigo permanecia agarrado ao corpo pela vigorosa vontade de prosseguir jungido à carne. A intervenção no apêndice inflamado, ao mesmo tempo que se buscava remediar a situação do duodeno, fizera-se tardia. Estendera-se a supuração ao peritônio e debalde se combatia a rápida e espantosa infecção. O enfermo perdia forças e, porque não conseguia alimentar-se como devia, não encontrava recursos para compensar as perdas vultosas. O intestino inspirava repugnância e compaixão. Qual estranho vaso destinado a fermentação, continha o ceco trilhões de bacilos de variadas espécies. Profundo desequilíbrio afetava as funções dos vasos sanguíneos e linfáticos no intestino delgado. O cólon transversal e o descendente semelhavam-se a pequenos túneis, repletos das mais diversas coletividades microbianas. As vilosidades permaneciam cheias de sangue purulento e, de quando em quando, abriam-se veias mais frágeis, provocando abundante hemorragia. Em todo o aparelho intestinal, verificava-se o gradual desaparecimento do tônus das fibras. O pâncreas não mais tolerava qualquer trabalho, na desintegração dos alimentos, e o estômago deixava perceber avançada incapacidade. As glândulas gástricas jaziam quase inertes. Distúrbios destrutivos campeavam no fígado, onde animálculos vorazes se valiam da progressiva ausência de controle psíquico, manifestando-se ao léu, como microscópicos salteadores em sanha festiva. O doente, por fim, já não suportava nenhuma alimentação. O estômago expulsava até a própria água simples, deixando-o exausto, em vista do tremendo esforço despendido nos reiterados acessos de vômito. O sistema nervoso central e o abdominal, bem como os sistemas autônomos, acusavam desarmonia crescente. Reconhecia, entretanto, ali, naquele agonizante que teimava em viver de qualquer modo no corpo físico, o gigantesco poder da mente, que, em admirável decreto da vontade, estabelecia todo o domínio possível nos órgãos e centros vitais em decadência franca. Decorridos mais de quatro dias, em que atentávamos para o moribundo, cuidadosamente, Jerônimo deliberou fossem desatados os laços que o retinham à esfera grosseira.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 18)

“Depois de inteirar-me daquele drama comum a várias mulheres jovens dos nossos dias, segui o orientador até o aposento em que Julieta lhe receberia o socorro à organização psíquica em desvario. Rememorando as palavras ouvidas dos lábios maternos, acolheu-se a jovem num divã, em pranto convulsivo. Torturantes pensamentos se lhe entrecrocavam no cérebro enfermo. Vibrações pesadas caracterizando-se pela cor muito escura, desciam-lhe da fronte e fixavam-se no aparelho respiratório. Represavam-se na pleura, invadiam os alvéolos e daí passavam ao coração, influenciando as trocas sanguíneas, momento em que a substância fluidica das emissões mentais se esvanecia, absorvida pelas artérias. Notei, porém, que esse material oriundo da mente perturbada, imprimindo-se no mecanismo fisiológico, era assimilado pelo sangue, que, a seu turno, o restituía ao cérebro físico, acumulando-se em todas as zonas deste, mais próximas da substância cinzenta. Reparava, por isso, na jovem, não somente os olhos rubros e túrgidos de chorar, mas também os pródromos dos mais sérios distúrbios orgânicos. Identificando as manifestas perturbações no cérebro e no bulbo raquiano, encarei o meu orientador e perguntei: – Não estaremos aqui ante a misteriosa origem da encefalite letárgica? – Muito mais do que isto – respondeu Calderaro, sorrindo –; a mente desvairada emite forças destrutivas, que, se podem atingir os outros, alcançam, em primeiro lugar, o cosmo orgânico do emissor. Decidindo-se Julieta por um gênero de vida que lhe provoca violentos e contínuos conflitos na mente, passou a despedir energias fatais para ela mesma. Dotada de distinta educação, haurida ao contato materno que lhe aprimorou as concepções e lhe enobreceu os sentimentos, incompatibilizou-se com uma existência de nível mais baixo na Crosta Planetária: a preparação do espírito ilumina invariavelmente. Possuindo, destarte, sublime claridade interior para a jornada humana, colheria, naturalmente, paz, alegria e edificação no exercício de suas faculdades femininas, desde que se lhe oferecesse um campo de luta em que sentisse a sadia manifestação dos poderes de sua alma. O casamento digno é o campo indicável ao seu caso de mulher nobilitada pelo conhecimento e pela virtude. Cedendo, no entanto, às tentações de que foi alvo, sente-se intimamente precipitada escada abaixo. Todos os dias é constrangida, no silêncio, a recordar a exemplificação da genitora, a reconsiderar a própria atitude diante da vida e a reconhecer que se encontra desajustada. Nesse atrito incessante, agravado pelas péssimas emissões fluidicas do ambiente de que se tornou frequentadora habitual, sua mente desce à região dos impulsos instintivos, experimentando extrema dificuldade em subir ao castelo das noções superiores, de onde a luz da consciência lhe dirige vigorosos apelos para que retorne à simplicidade e

à harmonia. Tal situação impede-lhe a prece fervorosa, santificante e regeneradora, e daí o caos em que a pobrezinha tateia. É suficientemente educada para colher qualquer benefício do meio onde levianamente se projetou e, dominada pela permanente angústia, faz demasiada pressão sobre a matéria cinzenta, dando causa a lamentáveis desequilíbrios orgânicos. Calderaro interrompeu-se por alguns instantes, à maneira do professor que abre caminho à reflexão do aprendiz, e acrescentou, sereno: – Não está ela, pois, simplesmente ameaçada pela encefalite letárgica: avizinha-se da loucura com estádios por distúrbios vários, provocados pela disfunção celular. Não somente isto. Julieta, nas circunstâncias em que a observamos, pode ser atingida noutros centros vitais. É capaz de apanhar uma pleurisia como antecâmara para a tuberculose. Com facilidade será vítima de deploráveis intoxicações do sangue, que se caracterizarão por moléstias indefiníveis dos vasos ou da epiderme, sem excluir as desarmonias fatais do fígado, prováveis portadoras da ruína e morte para o veículo denso.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 6)

“Acercamo-nos de acolhedora poltrona, em que um cavalheiro de idade madura, dando mostras de evidente moléstia nervosa, permanecia ladeado por dois rapazes. Suor frio lhe banhava a fronte e extrema palidez, com traços de terror, lhe exteriorizava a lipotimia. Revelava-se torturado por visões pavorosas no campo íntimo, somente acessíveis a ele mesmo. Registrei-lhe as perturbações cerebrais e vi, sob forte assombro, as várias formas ovoides, escuras e diferenciadas entre si, aderindo-lhe à organização perispíritica. Achava-me interessado em que o nosso instrutor se pronunciasse. Gúbio observava-o meticulosamente, decerto nos preparando valiosos ensinamentos. Transcorridos alguns instantes, falou-nos em voz sumida: – Vejamos a que calamidades fisiológicas podem os distúrbios da mente conduzir um homem. Temos sob nosso olhar um investigador da polícia em graves perturbações. Não soube deter o bastão da responsabilidade. Dele abusou para humilhar e ferir. Durante alguns anos, conseguiu manter o remorso a distância; todavia, cada pensamento de indignação das vítimas passou a circular-lhe na atmosfera psíquica, esperando ensejo de fazer-se sentir. Com a maneira cruel de proceder atraíu não só a ira de muita gente, mas também a convivência constante de entidades de péssimo comportamento que mais lhe arruinaram o teor de vida mental. Chegado o tempo de meditar sobre os caminhos percorridos, na intimidade dos primeiros sintomas de senectude corporal, o remorso abriu-lhe grande brecha na fortaleza em que se entrincheirava. As forças acumuladas dos pensamentos destrutivos que provocou para si mesmo, através da conduta irrefletida a que se entregou levianamente, libertadas de súbito pela aflição

e pelo medo, quebraram-lhe a fantasiosa resistência orgânica, quais tempestades que se sucedem furiosas, esbarrondando a represa frágil com que se acredita conter o impulso crescente das águas. Sobrevindo a crise, energias desequilibradas da mente em desvario vergastaram-lhe os delicados órgãos do corpo físico. Os mais vulneráveis sofreram consequências terríveis. Não apenas o sistema nervoso padece tortura incrível: o fígado traumatizado inclina-se para a cirrose fatal. Sentindo-nos as interrogações silenciosas do olhar, quanto à solução possível naquele enigma doloroso, o orientador acentuou: – Este amigo, no fundo, está perseguido por si mesmo, atormentado pelo que fez e pelo que tem sido. Só a extrema modificação mental para o bem poderá conservá-lo no vaso físico; uma fé renovadora, com esforço de reforma persistente e digna da vida moral mais nobre, conferir-lhe-á diretrizes superiores, dotando-o de forças imprescindíveis à auto restauração. Permanece dominado pelos quadros malignos que improvisou em gabinetes isolados e escuros, pelo simples gosto de espancar infelizes, a pretexto de salvaguardar a harmonia social. A memória é um disco vivo e milagroso. Fotografia as imagens de nossas ações e recolhe o som de quanto falamos e ouvimos... Por intermédio dela, somos condenados ou absolvidos, dentro de nós mesmos.” (AL, *Libertação*, Capítulo 11)

“Depois do entendimento com os internados, o Instrutor Druso aquiesceu em dispensar-nos alguns minutos de conversação educativa. Explanara brilhantemente sobre o problema das provas na experiência terrestre. Alertara-nos quanto à necessária renovação mental nos padrões do bem, destacando a necessidade do estudo, para a assimilação do conhecimento superior, e do serviço ao próximo, para a colheita de simpatia, sem os quais todos os caminhos da evolução surgem complicados e difíceis de ser transitados. Junto dele, enquanto prelecionava, fora colocada singular escultura – uma estátua notável reproduzindo o corpo humano, transparente aos nossos olhos, à qual apenas faltava o sopro espiritual para revelar-se viva. Patenteavam-se, ali, à nossa visão, todos os órgãos e apetrechos do carro físico, sob a proteção do sistema nervoso e do sistema sanguíneo. O coração, à maneira de um grande pássaro no ninho das artérias enroscadas na árvore dos pulmões; o fígado, à feição de um condensador vibrante; o estômago e os intestinos como digestores técnicos e os rins, quais aparelhos complexos de filtragem, convidavam-nos a profunda admiração; contudo, nosso maior interesse concentrava-se no sistema endócrino, no qual as glândulas se salientavam por figurações de luz. A epífise, a hipófise, a tireoide, as paratireoides, o timo, as suprarrenais, o pâncreas e as bolsas genésicas caracterizavam-se, perfeitamente, sobre o fundo vivo dos centros perispírituais,

que se combinavam uns com os outros, em sutilíssimas ramificações nervosas, singularmente ajustadas, através dos plexos, emitindo cada centro irradiações próprias, constituindo-se o conjunto num todo harmônico, que nos impelia à contemplação extática. Percebendo-nos a surpresa, o chefe da casa disse, bondoso; – Habitualmente convidamos a atenção de nossos internados para os veículos de nossas manifestações, mostrando-lhes, quanto possível, a correspondência entre nossos estados espirituais e as formas de que nos servimos. É indispensável compreendamos que todo mal por nós praticado conscientemente expressa, de algum modo, lesão em nossa consciência e toda lesão dessa espécie determina distúrbio ou mutilação no organismo que nos exterioriza o modo de ser. Em todos os planos do Universo, somos espírito e manifestação, pensamento e forma. Eis o motivo porque, no mundo, a Medicina há de considerar o doente como um todo psicossomático, se quiser realmente investir-se da arte de curar. E, tocando a bela escultura à nossa vista, continuou: – Da mente clareada pela razão, sede dos princípios superiores que governam a individualidade, partem as forças que asseguram o equilíbrio orgânico, por intermédio de raios ainda inabordáveis à perquirição humana, raios esses que vitalizam os centros perispiríticos, em cujos meandros se localizam as chamadas glândulas endócrinas, que, a seu turno, despedem recursos que nos garantem a estabilidade do campo celular. Como é óbvio, nas criaturas encarnadas esses elementos se consubstanciam nos hormônios diversos que atuam sobre todos os órgãos do corpo físico, através do sangue. O homem comum, que já conhece a tiroxina e a adrenalina, energias fabricadas pela tireoide e pelas suprarrenais, com influência decisiva no trabalho circulatório, nos nervos e nos músculos, não ignora que todas as demais glândulas de secreções internas produzem recursos que decidem sobre saúde e enfermidade, equilíbrio e desequilíbrio nos indivíduos encarnados. Ora, em substância, como é fácil de ver, todos os estados acidentais das formas de que nos utilizamos, no espaço e no tempo, dependem, assim, do comando mental que nos é próprio. É por isso que a justiça, sendo instituto fundamental de ordem, na Criação, começa invariavelmente em nós mesmos, em toda e qualquer ocasião que lhe defraudemos os princípios. A evolução para Deus pode ser comparada a uma viagem divina. O bem constitui sinal de passagem livre para os cimos da Vida Superior, enquanto que o mal significa sentença de interdição, constringendo-nos a paradas mais ou menos difíceis de reajuste. [...] Meu companheiro guardou, reverente, a anotação e considerou: – Caro instrutor, depreendemos da elucidação que, ao nos reencarnarmos, conduzimos conosco os remanescentes de nossas faltas, que nos partilham o renascimento, na máquina fisiológica,

como raízes congeniais dos males que nós mesmos plantamos... – Perfeitamente – acentuou o mentor amigo –, nossas disposições, para com essa ou aquela enfermidade no corpo terrestre, representam zonas de atração magnética que dizem de nossas dívidas, diante das Leis Eternas, exteriorizando-nos as deficiências do espírito. Druso meditou alguns instantes, como se estivesse ponderando no íntimo a gravidade do assunto, e apreciou: – Nossas assertivas não excluem, decerto, a necessidade da assepsia e da higiene, da medicação e do cuidado preciso, no tratamento dos enfermos de qualquer procedência. Desejamos simplesmente acentuar que a alma ressurgente no equipamento físico transportando consigo as próprias falhas a se lhe refletirem na veste carnal, como zonas favoráveis à eclosão de determinadas moléstias, oferecendo campo propício ao desenvolvimento de vírus, bacilos e bactérias inúmeros, capazes de conduzi-la aos mais graves padecimentos, de acordo com os débitos que haja contraído, mas também carrega consigo as faculdades de criar no próprio cosmo orgânico todas as espécies de anticorpos, imunizando-se contra as exigências da carne, faculdades essas que pode ampliar consideravelmente pela oração, pelas disciplinas retificadoras a que se afeiçoe, pela resistência mental ou pelo serviço ao próximo com que atrai preciosos recursos em seu favor. Não podemos esquecer que o bem é o verdadeiro antídoto do mal. – Ainda assim – ajuntou Hilário –, será lícito recordar que os animais igualmente sofrem moléstias diagnosticáveis, como sejam a aftosa, a raiva e a pneumonia. – Como também as plantas experimentam enfermidades peculiares, reclamando adubos e fungicidas completou o mentor, sorrindo. E acrescentou: – A dor é ingrediente dos mais importantes na economia da vida em expansão. O ferro sob o malho, a semente na cova, o animal em sacrifício, tanto quanto a criança chorando, irresponsável ou semiconsciente, para desenvolver os próprios órgãos, sofrem a dor-evolução, que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso. Em nosso estudo, porém, analisamos a dor-expição, que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, detendo-a em complicados labirintos de aflição, para regenerá-la, perante a Justiça... É muito diferente... – Curioso! – exclamou Hilário – não havia pensado ainda em semelhantes conceitos... Dor-evolução, dor-expição... – Como temos ainda dor-auxílio – atalhou Druso, benevolente. – Como assim? E percebendo a surpresa que se nos estampava no rosto, o orientador aduziu: – Em muitas ocasiões, no decurso da luta humana, nossa alma adquire compromissos vultosos nesse ou naquele sentido. Habitualmente, logramos vantagens em determinados setores da experiência, perdendo em outros. Às vezes, interessamo-nos vivamente pela sublimação do próximo,

olvidando a melhoria de nós mesmos. É assim que, pela intercessão de amigos devotados à nossa felicidade e à nossa vitória, recebemos a bênção de prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais frequentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição da morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“Concluída a operação complexa e tecnicamente realizada, o irmão Bezerra de Menezes elucidou-nos: - Toda enfermidade, resguardada em qualquer nomenclatura, sempre resulta das conquistas negativas do passado espiritual de cada um. Estando o “campo estruturador”, conforme nominam os modernos pesquisadores parapsicológicos ao perispírito, sob o bombardeio de energias deletérias, é óbvio que as ideias, plasmando as futuras formas para o Espírito, criam as condições para que se manifestem as doenças...” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 10)

“O abalo moral que a notícia da alienação de Lisandra produziu no Sr. Ferguson levou-o ao leito. O sistema nervoso, desgovernado por muito tempo, não suportou a carga do desespero, causando-lhe transtornos psíquicos e físicos. A hanseníase, cujos fatores predisponentes se concentram nos recônditos do espírito culpado, ao desconcerto da emotividade que depauperou o organismo, fez-se mais danosa, aumentando o processo degenerativo das células, com resultados dolorosos. Sem encontrar forças para a recomposição interior, deixou-se sucumbir pelo desalento. Não se podia isentar de culpa. A irascibilidade, por muitos anos não disciplinada, cedia lugar ao pessimismo, fruto da revolta incontida. Embora estagiando numa escola de sofrimentos severos, onde outros aprendizes os expungiam sob mais rigorosa imposição, nunca se concedera oportunidade, na Colônia, de sair de si mesmo para distender a solidariedade da afeição, tentando minimizar os efeitos contundentes do que considerava desdita, ouvindo ou sentindo os problemas dos demais. Fechara-se na concha de aço do egoísmo, qual se fosse um inocente inditoso, colhido pela artimanha das leis da impiedade. O egoísmo, sem dúvida, é a sórdida masmorra dos orgulhosos, que a preferem até quando a alucinação os vence e, somente em frangalhos, se deixam retirar dos sítios em que a cavilidade pessoal os aprisiona. Num reduto de sofrimentos coletivos sempre há alguém mais vencido que necessita de

auxílio fraternal, em cujo cometimento o benfeitor se transforma numa fímbria de luz, esparzindo esperança. E enquanto conforta, consola-se; ao iluminar, clarifica-se. Vitalizando sombras, mergulhou-se o genitor de Lisandra em lóbrego calabouço.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 11)

“Em Espírito, no entanto, a paciente prosseguia sob agitação. Ruminava, mentalmente, planos de vingança, o que lhe era pernicioso ao estado emocional. - Era de presumir-se esta reação - acentuou o nosso Diretor -. Espírito comprometido, a nossa irmã não possui ainda a maturidade, nem o adestramento para reagir de forma conveniente numa conjuntura deste porte. A precipitação, que é irmã da revolta, responde por muitos males que poderiam ser evitados, caso as pessoas preferissem o clima da concórdia e da calma. A mágoa é outro fator dissolvente, no comportamento humano, pelos desastres íntimos que ocasiona. Sob sua ação desarticulam-se os equipamentos do sistema nervoso central, que sofrem a ação dos diluentes de ordem mental, interrompendo o ritmo das suas respostas na manutenção do equipamento emocional e, ao largo do tempo, de ordem fisiológica. Aí estão enfermos psicossomáticos cuja gênese dos males que sofrem encontra-se no comportamento psíquico, defluente da fraqueza da vontade, como da acomodação moral. Por isso, cada qual elege e constrói o paraíso ou o inferno que prefere, no íntimo, passando a vivê-lo na esfera das realidades em que transita.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 20)

“O Dr. Lustoza silenciou, numa ligeira interrupção da narrativa. Pudemos observar, debatendo-se na tenda de oxigênio, o olhar esgazeado, a dispneia violenta, o senhor Marcondes, em agonia. Um filete de sangue vivo escorria-lhe por um dos cantos dos lábios. A tosse impertinente, cansativa, obrigava-o a expelir golfadas sanguíneas que o faziam rebolear-se em aflição pungente. Uma religiosa orava, enquanto uma enfermeira experiente assistia-o, aguardando o momento final, próximo. — Temos estudado a obsessão como fator desencadeante de enfermidades orgânicas — prosseguiu, com a mesma serenidade, o amigo vigilante. — Agora temos um fenômeno com maior complexidade ante os nossos olhos. Em face das suas atitudes, o nosso enfermo passou a sofrer o cerco das Entidades perversas que interferiam no seu comportamento mental com as naturais reações psicológicas e humanas. Simultaneamente, o desencadear da animosidade que as suas atitudes provocavam, fez que as pessoas passassem a desfechar-lhe flechadas mentais, desejando-lhe a ruína, a infelicidade, a morte. A princípio, em razão de encontrar-se mergulhado em verdadeira carapaça das próprias construções psíquicas, aqueles petardos não o atingiam com facilidade. Naturalmente se diluíam no choque vibratório

das suas resistências portadoras de teor diferente, em ondas de dispersão, pelo que sua mente exteriorizava contra as demais pessoas. Produziam-se, nesse campo magnético, inevitáveis choques vibratórios que, ao longo do tempo, tiveram as primeiras brechas, em razão da intensidade com que eram emitidos os pensamentos destrutivos, alimentados pela fúria das suas vítimas, no lar e fora dele, somando força devastadora. Lentamente, as sucessivas ondas prejudiciais alcançaram-lhe os equipamentos orgânicos, desarticulando as defesas imunológicas que foram vencidas, degenerando células e dando início, a princípio, à irrupção do bacilo de Koch, agora em fase final do processo. Casos há, em que a incidência do pensamento maléfico aceito pela mente culpada destrambelha a intimidade da célula, interferindo no seu núcleo e acelerando a sua reprodução, dando gênese a neoplasias, a cânceres de variadas expressões. “A mente é dínamo gerador de energia cujo potencial e finalidade estão governados pelo comportamento moral, pelo desejo de quem os emite. Há enfermidades de diferentes procedências que se instalam sob a contribuição da conduta mental dos próprios pacientes, dando margem a fenômenos de autodestruição a curto ou longo prazo, de desarticulação das defesas psíquicas e orgânicas, quando irrompem problemas graves na área da saúde, com muitas dificuldades para uma diagnose correta, quanto para uma terapêutica segura. O homem é, intrinsecamente, o que pensa, sendo esse seu mecanismo mental o resultado das suas experiências progressas, noutras reencarnações, o que motiva as fixações, as preferências, os ideais sustentados. De mais alto valor, portanto, o cultivo sistemático dos pensamentos positivos, das ideias enobrecedoras, da conversação edificante, das aspirações otimistas, que facultam a renovação das paisagens íntimas e a substituição dos *clichês* infelizes, propiciadores de doenças, de turbações do raciocínio, de desajustes de todo tipo. “No caso em tela, do nosso senhor Marcondes, foram os petardos mentais dos encarnados que, por sintonia dele próprio, desencadearam os distúrbios que o afligiram, dentro, naturalmente, das balizas do seu programa cármico. Infelizmente, nada podemos movimentar em seu favor, neste momento, porque ele se encontra muito vinculado a outra área de interesses, sintonizado com aqueles que lhe compartilham, do *nosso lado*, a economia emocional, moral e espiritual. Aqui nos encontramos na condição de observadores e aprendizes, esperando, no futuro, poder ministrar-lhe alguma assistência, apesar de sabermos que ele não se encontra fora do divino amparo, experimentando as ações-reações do que tem preferido, cultivado e distribuído. Como ninguém foge de si mesmo, por mais estranha e dispersa seja a sementeira, a colheita se fará compulsoriamente no mesmo campo e

mediante os mesmos elementos espalhados. Agora, oremos e aguardemos.” [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 17)

“**A recidiva de Argos.** [...] Para aquele núcleo rogara a cooperação valiosa do Dr. Dirceu de Campos, que fora, na Terra, respeitável professor de Medicina e cientista, que reservava o tempo excedente das suas aulas à investigação de parasitas, havendo deixado uma vasta contribuição à pesquisa especializada. Aquiescendo, o trabalhador reuniu alguns dos antigos colegas e ex-alunos ora libertados do corpo, assumindo a direção espiritual da singela Clínica. Fui-lhe apresentado e a sua inteligência, aliada à bondade espontânea, cativaram-me de imediato. Sorridente, falou-me com naturalidade: — Como sabemos que todos os males que atingem o corpo procedem do Espírito, aqui inspiramos os colegas encarnados a receitarem menos drogas, evitando-se intoxicações orgânicas, para melhor reequilibrarmos o psiquismo dos nossos clientes, que se devem ajustar à saúde e preservá-la. Considerando-se a região em que se localizam os nossos serviços, a maior incidência de enfermidades é decorrente dos problemas sócio morais, da fome, das distonias nervosas, da falta de higiene, com alta incidência parasitológica em crianças e adultos. Assim, cuidamos de esclarecê-los e reeducá-los quanto possível, encaminhando-os a outros Setores onde se podem beneficiar, recuperando-se com maior segurança. Somos partidários das modernas técnicas da Psicossomática ora em aplicações tímidas entre os colegas encarnados, com possibilidades futuras muito amplas. Pelos conhecimentos de que dispomos em nosso campo de realização, melhor aquilatamos sobre os resultados providenciais da psicoterapia em quaisquer patologias que defrontemos. Os nossos clientes, deste modo, além da assistência espiritual que passam a receber desde a primeira consulta — companheiros nossos inscrevem-nos em suas agendas de ação externa e visitamo-los nos lares, dispensando-lhes o concurso espiritual, possível — são induzidos pelos nossos facultativos encarnados, ao tratamento acadêmico, como é natural, mas, também, à mudança mental de atitude perante a vida. Nem todos se recuperam, bem se depreende, porque saúde e doença constituem um binômio normal da realidade biológica. E como a morte é a etapa final do corpo, ninguém se lhe eximirá à presença. Todavia, podemos e conseguimos diminuir a carga das aflições e doenças, com especialidade nos que se fazem dóceis às instruções recebidas e à prescrição médica que lhes é recomendada. [...] Os casos sucediam-se e os obreiros desdobravam-se no afã do bem, quando o amigo Bernardo nos veio chamar, ao Dr. Arnaldo e a mim. Informou-nos que se tratava de Argos, cujo estado de saúde se agravara. Conforme já o esperávamos, fomos encontrá-lo em abatimento

profundo, sob o estigma da febre alta, que decorria da violenta recidiva. À chegada, fomos recebidos por uma senhora simpática, que se nos apresentou como sendo a genitora do amigo. Quando da cirurgia a que ele fora submetido, não a havéramos notado presente, senão mais tarde, no desdobramento da assistência que lhe fora ministrada. A sua expressão de ansiedade e de dor silenciosa comoveu-nos. Recebeu-nos, preocupada, e quando nos acercamos do leito, o Dr. Arnaldo examinou-o, cuidadosamente, confirmando o retorno da doença e a complexidade de que o caso novamente se revestia. Receando a irrupção de uma brutal hemoptise, o médico solicitou a ajuda de Bernardo que, presto, aplicou recursos calmantes, para diminuir a febre e recompor o aparelho respiratório congestionado pela infecção. Tratava-se, porém, de uma terapia de emergência, em razão do agravamento do caso. Logo depois, o Dr. Arnaldo considerou: — A mente pessimista e assustada do nosso amigo, que cultivou uma psicose depressiva, receando o retorno da doença, ao lado da sua insistente rebeldia ao trabalho edificante que lhe concederia créditos para a saúde, responde, pela recidiva a que foi levado, tendo-se em vista a vinculação com Felipe... De algum modo, se advier um resultado funesto para o corpo, temos mais um infeliz exemplo de suicídio indireto. “Não nos cabe, no entanto, apressar conclusões, nem opinar com desconhecimento do amor e da caridade. A intemperança é fator desconcertante, que agasalhamos e de cujos efeitos perniciosos não nos conseguimos furtar. Quem possui o conhecimento da vida espiritual, não deveria caminhar entre sombras, em face da luz que lhe deve estar implantada na razão, conduzindo os sentimentos e aprimorando-se. A predominância sistemática dos instintos mais agressivos, que fomentam o egoísmo em detrimento de outros valores mais elevados, faz que desvalem na rampa da insatisfação com os consequentes efeitos da rebeldia constante, sem o apoio da humildade que acalma, nem da legítima fraternidade que harmoniza. “Em relação ao nosso cliente, aguardemos a reação orgânica à fluidoterapia, bem assim as porvindouras determinações superiores.” [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 27)

“Passei a meditar em tomo das tramas que urde o destino, programado por cada ser. A impaciência, a irritação, as imperfeições morais respondem pelos danos de demorado curso, que se instalam nas criaturas. São eles agentes fecundos da morte, arrebatando mais vidas do que o câncer, a tuberculose e as enfermidades cardíacas somados, pois que são responsáveis pelo desencadeamento da maioria delas. Fatores intoxicantes perturbam o equilíbrio emocional e orgânico, psíquico e físico, facultando a instalação de doenças graves conhecidas, quanto de outras de etiopatologia ignorada por ora... Rebelde, por instinto, indomado, o homem

prefere a reação imediata à ação cautelosa, toda vez que tem os seus interesses prejudicados e até mesmo nos momentos que considera felizes. Sem o hábito salutar de meditar antes de agir, complica situações fáceis, gerando futuras dificuldades para si mesmo e para aqueles que lhe privam das horas. As disciplinas morais e espirituais são tão necessárias para o Espírito, quanto o alimento e o ar o são para o corpo.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 24)

“**Medicina holística.** O cenário especial era um convite à reflexão, uma superior mensagem de estesia. Em pleno coração da natureza, recordava um anfiteatro grego, sem as paredes circunjacentes, banhado pela tênue claridade de um longo entardecer. Reuníamos ali, alguns milhares de ouvintes interessados nas conferências hebdomadárias que estudavam e discutiam temas pertinentes ao futuro da humanidade terrestre. Os oradores eram convidados conforme suas especialidades e abordagens dos assuntos, por isso mesmo eram cativantes, arrebatadores. Naquela oportunidade, o conferencista era o Dr. José Carneiro de Campos, médico baiano que contribuíra grandemente para o desenvolvimento e a prática do sacerdócio a que se dedicara na condição de verdadeiro apóstolo. Enquanto perfumada aragem perpassou no ar, Petitinga e nós acomodamo-nos entre os muitos interessados e aguardamos a alocação. Apresentado por venerando benfeitor, em poucas palavras, sem as referências vazias e desnecessárias, o amigo assomou à tribuna e, depois das saudações cordiais, começou a sua oração: — A perfeita interação mente-corpo, espírito-matéria, constitui desde já a base do atual modelo holístico para a saúde. A anterior separação cartesiana desses elementos, que constituem um todo, contribuiu para que a terapia médica diante das enfermidades tivesse aplicações isoladas, dissociando a influência de um sobre o outro, com a preponderância dos efeitos de cada um deles na paisagem do equilíbrio orgânico assim como da doença. “Cada vez mais se evidencia que na raiz de muitos males está agindo a vontade do paciente, que se compraz na preservação do estado que experimenta, negando-se, consciente ou inconscientemente, à recuperação. Multiplicam-se, por consequência, as técnicas da auto cura, e mediante estas são colocados à disposição do enfermo os recursos que ele deve movimentar a benefício próprio, liberando-se dos mecanismos de apoio por meio dos quais mascara os conflitos, estresses e desconfortos íntimos que lhe subjazem no cotidiano.” Fazendo uma pausa, para que pudéssemos apreender a tese, logo prosseguiu com voz agradável: — As tensões mal direcionadas e suportadas por largo período, quando cessam, são substituídas por moléstias de largo porte, na área dos desequilíbrios físicos, dando gênese a cânceres, crises asmáticas, insuficiência respiratória etc. Outras vezes, propiciando estados

esquizofrênicos, catatônicos, neuróticos, psicóticos, profundamente perturbadores. Quando afetam a área do comportamento moral, conduzem à ingestão e uso de drogas adictícias, alcoólicos, tabagismo, que representam formas de enfermidades sociais, degenerando o grupo humano que lhe padece a presença perniciosa. “A influência da mente sobre o corpo é de grande significação para a saúde, pelo estimular ou reter da energia que a sustenta, e, quando bloqueada pelo psiquismo perturbado, cede campo à proliferação dos germes que se lhe instalam, fomentando os distúrbios que se catalogam como doenças. Da mesma forma, a ação da vontade, aplicada com equilíbrio em favor da harmonia pessoal, desbloqueia as áreas interrompidas, e a energia de sustentação das células passa a vitalizá-las, restabelecendo o campo de desenvolvimento propiciador da saúde.” Novamente fez oportuno silêncio, e logo adiu: — A causalidade do comportamento psicofísico do indivíduo encontra-se no ser espiritual, artífice da existência corpórea, que conduz os fatores básicos da felicidade como da desdita, que decorrem das suas experiências ditosas ou desventuradas, responsáveis pela energia saudável ou não, que lhe constitui o organismo, bem como pela vontade ajustada ou descontrolada, que lhe assinala o psiquismo. O ser interior reflete-se no soma, que somente se recompõe e renova sob a ação da conduta mental e moral dirigida para o equilíbrio das emoções e da existência. A ação da vontade, no restabelecimento da saúde ou na manutenção da doença, é de ponderável resultado, refletindo os estados de harmonia ou os conflitos que decorrem da presença ou ausência da consciência de culpa impondo reparação. Os estresses e traumas prolongados desgastam os controles retentivos do bem-estar e desatrelam as emoções que geram a desorganização celular. “Diante de quaisquer problemas na área da saúde, a conscientização do paciente quanto ao poder de que dispõe para a auto cura, desde que o deseje sinceramente, é de primacial importância, facultando-lhe a visão de um quadro otimista, que lhe propicia a restauração pessoal. “Há, em todos os indivíduos, quase uma tendência para a autocompaixão, a autodestruição, a vingança contra os outros em desforço inconsciente por ocorrências que lhe são desagradáveis. Ante a impossibilidade de assumir essa realidade exteriormente, transformam tal aptidão em doenças, estimulando a degenerescência das células que aceleram a sua multiplicação, formando tumores cancerígenos, matando as defesas imunológicas e abrindo-se às infecções, às contaminações que perturbam a maquinaria orgânica e fomentam a instalação das enfermidades.” A assembleia silenciosa acompanhava-lhe o raciocínio claro com encantamento. Dando maior ênfase às palavras, prosseguiu: — Não raro, pessoas portadoras de neoplasia maligna e outras

doenças, quando recuperam a saúde sentem-se surpreendidas e algo decepcionadas, tão acostumadas se encontravam com a injunção mortificadora de que eram objeto. Por outro lado, dão-se conta de que a família já lhes não dispensa a mesma atenção e o grupo social logo se desinteressa por suas vidas, despreocupando-se em relação às mesmas. Sentindo-se isoladas, desmotivam-se de viver, criam recidivas ou facultam a presença de outras mazelas com que refazem o quadro de protecionismo que passam a receber, satisfazendo-se com a ocorrência aflitiva. “Uma terapêutica bem orientada deverá sempre fundamentar-se na realidade do Espírito e nos reflexos do seu psiquismo no corpo. Da mesma forma, diante dos fenômenos perturbadores da mente, o conhecimento do estado somático é de importância para aquilatar-se sobre a sua influência no comportamento mental. “Espírito e corpo, mente e matéria, não são partes independentes do ser, mas complementos um do outro, que se inter-relacionam poderosamente por meio do psicossoma ou corpo intermediário — perispírito — encarregado de plasmar as necessidades evolutivas do ser eterno na forma física e conduzir as emoções e ações às telas sutis da energia pensante, imortal, então reencarnada. Sem essa visão da realidade do homem, a sua análise é sempre deficiente e o conhecimento sobre ele de pequena monta. “Os traumas, os estresses, os desconcertos psíquicos e as manifestações genéticas estão impressos nesse corpo intermediário, que é o modelo organizador biológico sob a ação do Espírito em processo de evolução e irão expressar-se no campo objetivo como necessidade moral de reparação de crimes e erros antes praticados. Se aquelas causas não procedem desta existência, hão de ter sido em outra anterior. Igualmente, as conquistas do equilíbrio, da saúde, da inteligência, do idealismo, resultam das mesmas realizações atuais ou transatas que assinalam o ser. “A evolução é inexorável, e todos a realizarão a esforço pessoal, embora sob estímulos e diretrizes superiores que a Paternidade divina dispensa igualitariamente a todos. “A transitoriedade de uma existência corporal, como a sua brevidade no tempo, é insuficiente para o processo de aprimoramento, de beleza, de felicidade a que estamos destinados. As diferenças entre o bruto e o harmônico, o sábio e o ignorante, o feliz e o desventurado, confirmam a boa e a má utilização das experiências anteriores, como também assinalam as maiores ou menores vivências mais ou menos numerosas de uns e de outros. A reencarnação é, portanto, processo intérmino de crescimento ético-espiritual, facultando a aquisição de valores cada vez mais expressivos na conquista da Vida. Seria irrisão limitar a adição de títulos iluminativos ao Espírito projetado na sublime aventura da evolução, tendo pela frente a não dimensionalidade do tempo que lhe está destinado. Nesse contexto, a

doença é acidente de trânsito evolutivo de fácil correção, experiência de sensação desagradável que emula à aquisição do bem-estar e das emoções saudáveis, ocorrendo por opção exclusiva de cada qual, e somente o próprio indivíduo poderá resolver, corrigir e dela libertar-se.” O interesse geral era manifesto. Os rostos denotavam em todos a satisfação. Passado breve tempo, deu curso à exposição: — Os processos degenerativos que se manifestam como enfermidades dilaceradoras e de longo trânsito procedem sempre do caráter moral do homem, com as exceções daqueles que os solicitam para ensinar aos demais abnegação, dignidade e sublimação. Originam-se nos profundos recessos do temperamento rebelde, violento, egoísta, e explodem como flores em decomposição nos órgãos que se esfacelam, sem possibilidades de recuperação. Pode-se dizer que esses mecanismos ulcerativos sempre se apresentam nos déspotas, nos sanguinários, nos ditadores, quando apeados do poder ou ainda durante a sua dominação, refletindo os terríveis contingentes de energias deletérias que veiculam intimamente. Os seus estágios finais são caracterizados por dores excruciantes e decomposição do corpo, em vida, que ultrajaram com a mente perversa e insana. Quando tal não ocorre, fogem do mundo por meio dos suicídios covardes, que lhes demonstram a fragilidade moral, ou partem da Terra vitimados por acidentes e homicídios dolorosos. O mesmo ocorre com aqueles que se utilizaram da roupagem física para o mercado do sexo, das sensações grosseiras e vivem aspirando sempre os tóxicos de potencial elevado de destruição vibratória. No seu tormento, são destruídos pelo psiquismo que lhes consumiu as forças e a capacidade de viver acima dos baixos padrões morais aos quais se entregaram. E mesmo quando, no cansaço dos anos e no desgaste da vitalidade, resolvem-se por mudanças éticas, por assumir nova compostura, não logram tempo para evadir-se aos efeitos dos atos passados, tombando nas engrenagens emperradas e esfaceladas do organismo escravo das construções mentais viciosas. “A mente, exteriorizando as aspirações do Espírito, impõe à organização somática as suas próprias aspirações e preferências, que se corporificam, quando mórbidas, nas mais diferentes dependências e patologias, responsáveis pela desarticulação dos seus mecanismos. Assim sendo, qualquer abordagem terapêutica não deve ser parcial, e sim holística, atendendo a todas as partes construtivas do ser. Em boa hora, a consciência médica confere atenção às terapias alternativas que, na sua maioria, consideram o homem um ser total e buscam-no essencial, imortal, trabalhando sobre a sua realidade profunda, que é o Espírito, a fonte de energia a manifestar-se no corpo. Assim, mediante o novo modelo biológico, todo tentame em favor do equilíbrio deve fundamentar-se na transformação moral do

paciente, na sua recomposição emocional, originada na mudança dos painéis mentais para a adoção de pensamentos sadios e na vivência concorde com os ideais de engrandecimento, que são catalisadores das forças vivas presentes na natureza — sintonia ecológica — que interagem na sua constituição global. Eis por que as preocupações com o verde, a harmonia do meio ambiente e a sua preservação fazem parte do esquema de saúde social, mudando completamente os conceitos modernos da agricultura industrial para superprodução com os consequentes danos que decorrem das aplicações químicas, bem como as atuais alucinações imobiliárias que destroem a flora, tanto quanto a poluição dos rios, lagos, ar e mares com os detritos químicos das fábricas, com o mercúrio, nas áreas de mineração, e todos os fatores que se transformam em chuvas ácidas destruidoras, no aumento das áreas desérticas e no efeito estufa avassalador... “O homem, desnortado e ambicioso, destruindo a vida do planeta, mata-se também, como quase elimina as suas possibilidades futuras, na menor das hipóteses, retardando-as. “Qualquer modelo de saúde holística terá que abranger o conjunto das necessidades humanas e nunca se deter, apenas, às suas partes isoladamente. “O homem é membro da Vida, tem vida integrada à natureza e deve ser considerado globalmente, alterando o tradicional modelo biomédico para uma visão mais completa, na qual o amor, conforme a proposta de Jesus Cristo, tenha prevalência, assinalando definitivamente as atitudes e condutas de cada um. Enquanto a Medicina não se unir à Psicologia, à Ecologia, à Agricultura e a outras doutrinas afins para um mais amplo conhecimento do ser, dando-lhe uma conduta holística, as terapias prosseguirão deficientes, incapazes de integrá-lo no contexto da realidade a que pertence, minimizando somente as doenças sem as erradicar, atendendo às partes sem maior ação no conjunto, assim permanecendo incompleta, insuficiente portanto para a finalidade da saúde global. “Jesus Cristo, por conhecer profundamente o homem, curava-o, admoestando-o para evitar-lhe o comprometimento negativo, de modo a associá-lo ao bem geral, graças ao qual se poupava a males outros maiores.” Fazendo uma pausa mais demorada, concluiu: —O homem do futuro, após superar as suas deficiências presentes, receberá mais amplo auxílio da Medicina, adquirindo uma saúde integral, que será também resultado da sua perfeita consciência de amor e respeito à vida. O crepúsculo fora substituído suavemente pela colcha escura da noite salpicada de estrelas fulgurantes, e uma claridade de luar tomara todo o recinto que respirava as emoções gerais. A reunião foi encerrada em clima de paz.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Medicina holística)

“Ampliando os conhecimentos. À medida que a multidão se dispersava, Petitinga propôs-me

acercar-nos do orador para cumprimentá-lo, ao que anuí com imenso agrado. A sua volta formara-se um grupo de estudiosos da Medicina em nosso plano de ação, que o interrogava educadamente, buscando ampliar as informações nas suas áreas específicas. — Em face do que foi abordado, compreendi — interrogou um jovem médico presente — que as doenças físicas, em geral, são resultado de um comportamento desequilibrado da mente. Assim sendo, como ficam as injunções cármicas negativas em alguém que mantivesse o equilíbrio psíquico? O orador, gentilmente, esclareceu: — Uma mente estúrdia, desarmonizada, em desequilíbrio, é resultado do Espírito doente, devedor. Seria incoerência encontrarmos em um calceta ou em uma vítima da consciência de culpa um estado mental harmônico. Essa distonia reflete os efeitos da conduta deteriorada, fazendo-a instrumento dos fatores degenerativos que se impõem no quadro da saúde pessoal, na condição de enfermidades reparadoras. — Qual seria, então, o papel da Medicina holística, nesse caso? — insistiu o interessado. — Trabalhar o paciente globalmente — elucidou. — De início, demonstrar-lhe que a doença é efeito, e somente atendendo-lhe às causas torna-se possível saná-la. Logo depois, conscientizá-lo da necessidade de modificação no comportamento moral, mudando-lhe o condicionamento cármico, por cuja conduta adquirirá mérito para uma alteração no seu mapa existencial. Desse modo, as imposições reencarnacionistas, que dependem das novas ações do ser, alteram-se para melhor, a mente reajusta-se a uma nova realidade, e, irradiando-se de maneira positiva, providencial, contribui para o estado de bem-estar fisiopsíquico. O médico, nesse programa, torna-se também conselheiro, sacerdote que inspira confiança fraternal e dispensa ajuda moral, ampliando a sua antes restrita área de ação. Concordávamos plenamente com as colocações apresentadas. A oficialização da Medicina, sem qualquer crítica de nossa parte, tornou os seus profissionais instrumentos quase automáticos de determinados comportamentos aceitos, que veem no paciente apenas um caso a mais, no variado número daqueles aos quais conferem assistência, preocupando-se, só razoavelmente, em propiciar-lhe suspensão dos efeitos — as dores, a ansiedade, o medo, a insegurança — em vez de penetrar-lhe mais profundamente as gêneses, trabalhando-as com maior soma de atenção. O órgão doente reflete o desconforto do Espírito, em si mesmo insano, que manifesta naquela área a deficiência, a mazela que o afeta. Não me pude deter em mais amplas reflexões, porque uma senhora, ao nosso lado, indagou com respeito: — E o perispírito? Qual o seu papel no modelo da Medicina holística? Sem demonstrar enfado ou desatenção, o Dr. Carneiro esclareceu: — Sabemos que o perispírito, com a sua alta sensibilidade, é o veículo modelador da

forma, portador de inumeráveis potencialidades, tais como: memória, penetrabilidade, tangibilidade, elasticidade, visibilidade, que manipuladas, conscientemente ou não, pelo Espírito, por meio da energia psíquica, exteriorizam-se no corpo físico, nele plasmando os implementos para ajudá-lo na evolução. Assim, a irradiação mental agindo no campo perispiritual alcança a organização fisiológica. Daí por que a mudança do pensamento para uma faixa superior, a da saúde, por exemplo, propicia que a energia desprendida sintonize com as vibrações desse campo, alterando o teor de irradiação que irá estimular o equilíbrio das células e a restauração da saúde física. Da mesma maneira, a reconquista do comportamento moral, trabalhando o corpo, produzirá modificações na área do psicossoma, que influenciará a conduta mental. A energia que provém do psiquismo, pelo modelo organizador biológico, alcança a matéria, assim como a conduta orgânica disciplinada, pelo mesmo processo atinge o psiquismo, imprimindo-se no Espírito. Os hábitos, portanto, os condicionamentos vêm do exterior para o interior e os anseios, as aspirações cultivadas partem de dentro para fora, transformando-se em necessidades que se impõem. [...] (MPM, *Trilhas da libertação*, Ampliando os conhecimentos)

“Parasitoses físicas. [...] - O irmão Miranda sabe que os elementos constitutivos do perispírito são de energia muito específica, ainda não havendo sido classificada pelos estudiosos da física quântica. Pensam muitos especialistas de nosso plano que ele seria constituído por átomos muito sutis ionizados ou por partículas semelhantes aos neutrinos ainda mais tênues e velozes do que aqueles que foram detectados nos formidáveis laboratórios terrestres; nada obstante, prefiro, pessoalmente, a definição do preclaro codificador, quando se refere a um envoltório semimaterial, portanto, em termos muito simples, resultado de uma energia semimaterial, de um campo específico. A sua irradiação contínua impregna a organização física dos seus conteúdos, que são resultados dos atos que procedem do ser pensante — o Espírito imortal. Essa maravilhosa estrutura energética pode ser penetrada por outras, dependendo dos valores morais do ser espiritual que a acolhe, de acordo com a afinidade de constituição. Quando é superior, torna-se mais vibrante e resistente, gerando valores positivos no organismo; sendo de procedência inferior, termina por tornar-se cediça e frágil, apresentando lesões que se refletem como distúrbio equivalente no mundo das formas. Forma energética do corpo somático, tudo aquilo que lhe ocorre na organização será refletido na forma. Eis porque, toda e qualquer terapêutica direcionada a doenças deve sempre considerar o ser humano total, não apenas como o corpo ou como o corpo e a mente (Espírito), mas como

Espírito, perispírito e corpo. Quando isso ocorrer, e não estão longe os dias da sua aceitação, o binômio saúde-doença estará recebendo muito melhor contribuição do que aquela que lhe tem sido direcionada até estes dias. - Compreendo sim - aduzi-lhe aos comentários - a realidade do enfoque apresentado pelo caro amigo, porque muitos cancerologistas, cardiologistas e outros profissionais da saúde de ambos os planos da vida, são unânimes em afirmar que transtornos psicológicos, raiva e ressentimento, ciúme e inveja, isto é, todos esses fatores de perturbação emocional, refletem-se na área da saúde, dando surgimento a patologias graves, como algumas das que dizem respeito às suas especialidades. Por outro lado, verificamos amiúde, os casos de problemas orgânicos derivados dos conflitos, particularmente dos aparelhos digestivo e cardíaco, por somatização. Se a mente pessoal gera esses fenômenos perturbadores, sob ação de outras mentes mais vigorosas, ainda sob a cruz dos conflitos originados na conduta extravagante do passado, é claro que os efeitos danosos são muito mais fortes, favorecendo o surgimento de doenças mais graves, produzidas pelos agentes microbianos de destruição dos tecidos. Em assim sendo, qual a melhor terapia para ser aplicada? - Indiscutivelmente - redarguiu -, a do Evangelho, isto é, a da transformação moral do paciente, que é a sua parte fundamental, e a nossa contribuição em relação a ele, a fluidoterápica, a fim de afastar o agente desencadeador do problema, a sua conveniente doutrinação, a compaixão e misericórdia para com ele, sem nenhuma diferença daquela que seria aplicada nos transtornos obsessivos mentais e comportamentais. Pelo pensamento, cada um de nós elege a companhia espiritual que melhor nos apraz. Na larga experiência de lidar com obsessos físicos, tenho aprendido que é a mente o grande agente fomentador de vida, como de destruição dos seus elementos constitutivos. Afinal, o que criou e rege o universo é a mente divina na qual tudo se encontra imerso. A mente humana, nos seus limites, produz a constelação de ocorrências próximas à sua fonte emissora de energia, sempre em sintonia com a qualidade de vibrações exteriorizadas. Pensar bem, portanto, já não tem sentido apenas ético ou religioso, mas uma abrangência muito maior que é o psicoterapêutico preventivo e curador.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 15)

III.3. Doença e evolução ética-moral^{18,19}

“**A CARNE É FRACA.** Há tendências viciosas que são evidentemente próprias do Espírito, porque se apegam mais ao moral do que ao físico; outras, parecem antes dependentes do organismo, e, por esse motivo, menos responsáveis são julgados os que as possuem: consideram-se como tais as disposições à cólera, à preguiça, à sensualidade, etc. Hoje, está plenamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes a diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Assim, esse desenvolvimento é um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a bossa da música, mas possui essa tendência porque o seu Espírito é musical. Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve também reagir sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, deste modo, o artista do próprio corpo, por ele talhado, por assim dizer, à feição das suas necessidades e à manifestação das suas tendências. Desta forma a perfeição corporal das raças adiantadas deixa de ser produto de criações distintas para ser o resultado do trabalho espiritual, que aperfeiçoa o invólucro material à medida que as faculdades aumentam. Por uma consequência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bÍlis ou de quaisquer outros fluidos. É assim, por exemplo, que ao glutão enche-se-lhe a boca de saliva diante dum prato apetitoso. Certo é que a iguaria não pode excitar o órgão do paladar, uma vez que com ele não tem contato; é, pois, o Espírito, cuja sensibilidade é despertada, que atua sobre aquele órgão pelo pensamento, enquanto que outra pessoa permanecerá indiferente à vista do mesmo acepipe. É ainda por este motivo que a pessoa sensível facilmente verte lágrimas. Não é, porém, a abundância destas que dá sensibilidade ao Espírito, mas, precisamente a sensibilidade deste que provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo condiciona-se à disposição normal do Espírito, do mesmo modo porque se condiciona à disposição do Espírito glutão. Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve encaminhar-se para estimular um temperamento bilioso,

18 Vide Subcapítulo III.5 (“Purificação do perispírito pela depuração dos pensamentos e sentimentos (evolução espiritual ou ética-moral”), Capítulo III (“Corpo perispíritico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpus Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

19 Vide Subcapítulo IV.2 (“Evolução do espírito ou princípio inteligente”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpus Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

do que resulta não ser um homem colérico por bilioso, mas bilioso por colérico. O mesmo se dá em relação a todas as outras disposições instintivas: um Espírito indolente e fraco deixará o organismo em estado de atonia relativo ao seu caráter, ao passo que, ativo e enérgico, dará ao sangue como aos nervos qualidades perfeitamente opostas. A ação do Espírito sobre o físico é tão evidente que não raro vemos graves desordens orgânicas sobrevirem a violentas comoções morais. A expressão vulgar: — *A emoção transtornou-lhe o sangue* — não é tão destituída de sentido quanto se poderia supor. Ora, que poderia transtornar o sangue senão as disposições morais do Espírito? Pode admitir-se, por conseguinte, ao menos em parte, que o temperamento é determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. E nós dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral, tais como quando um estado mórbido ou anormal é determinado por causa externa, acidental, independente do Espírito, como sejam a temperatura, o clima, os defeitos físicos congênitos, uma doença passageira, etc. O moral do Espírito pode, nesses casos, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza intrínseca seja modificada. Escusar-se de seus erros por fraqueza da carne não passa de sofisma para escapar a responsabilidades. *A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que inverte a questão deixando àquele a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, destituída de pensamento e vontade, não pode prevalecer jamais sobre o Espírito, que é o ser pensante e de vontade própria. O Espírito é quem dá à carne as qualidades correspondentes ao seu instinto, tal como o artista que imprime à obra material o cunho do seu gênio. Libertado dos instintos da bestialidade, elabora um corpo que não é mais um tirano de sua aspiração, para espiritualidade do seu ser, e é quando o homem passa a comer para viver e não mais vive para comer. A responsabilidade moral dos atos da vida fica, portanto, intacta; mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito. Assim, quanto mais esclarecido for este, menos desculpável se torna, uma vez que com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. Esta lei explica o insucesso da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, todo o esforço para modificá-lo se nulifica ante as disposições morais do Espírito, opondo-lhe uma resistência inconsciente que neutraliza a ação terapêutica. Por conseguinte, sobre a causa primordial é que se deve atuar. Daí, se puderdes, coragem ao poltrão, e vereis para logo cessados os efeitos fisiológicos do medo. Isto prova ainda uma vez a necessidade, para a arte

de curar, de levar em conta a influência espiritual sobre os organismos. (Revue Spirite, março de 1869, pág. 65)” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VII)

“96 – Toda moléstia do corpo tem ascendentes espirituais?” – As chagas da alma se manifestam através do envoltório humano. O corpo doente reflete o panorama interior do Espírito enfermo. A patogenia é um conjunto de inferioridades do aparelho psíquico. E é ainda na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos. A assistência farmacêutica do mundo não pode remover as causas transcendentais do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio Espírito enfermo. Podeis objetar que as injeções e os comprimidos suprimem a dor; todavia, o mal ressurgirá mais tarde nas células do corpo. Indagareis, aflitos, quanto às moléstias incuráveis pela ciência da Terra e eu vos direi que a reencarnação, em si mesma, nas circunstâncias do mundo envelhecido nos abusos, já representa uma estação de tratamento e de cura e que há enfermidades d'alma, tão persistentes, que podem reclamar várias estações sucessivas, com a mesma intensidade nos processos regeneradores. **97 – Se as enfermidades são de origem espiritual, é justo a aplicação dos medicamentos humanos, a cirurgia, etc., etc.?** – O homem deve mobilizar todos os recursos ao seu alcance, em favor do seu equilíbrio orgânico. Por muito tempo ainda, a Humanidade não poderá prescindir da contribuição do clínico, do cirurgião e do farmacêutico, missionários do bem coletivo. O homem tratará da saúde do corpo, até que aprenda a preservá-lo e defendê-lo, conservando a preciosa saúde de sua alma.” (EMM, *O consolador*, Primeira parte - Ciência, Capítulo 5 – Ciências aplicadas)

“À nossa frente, caminhava um enfermo diverso. Sua diagnose era diferente. Escapava ao meu conhecimento dos sintomas e aos meus antigos métodos de curar. No entanto, era paciente em condições muito graves. Viam-se-lhe os parasitos escuros. Observava-se-lhe a desesperação íntima, em face do assédio incessante. Não haveria remédio para ele? Estaria abandonado e era mais infeliz que os doentes do mundo? Que fazer para aliviar-lhe as dores terríveis, a se manifestarem à maneira de angustiosas e permanentes inquietações? Já havia atendido a entidades perturbadas e sofredoras, balsamizando-lhes padecimentos atrozes. Não ignorava os esforços constantes de nossa colônia espiritual, a fim de atenuar sofrimentos dos desencarnados de ordem inferior, mas ali, em virtude da contribuição magnética de Alexandre, o grande e generoso instrutor que me seguia, observava um companheiro encarnado, presa de singulares viciações. Por que fatores ministrar o socorro indispensável? E, naturalmente, novas reflexões ocorriam-me céleres. Semelhantes

expressões microbianas acompanhariam os desencarnados? Atacariam a alma, fora da carne? Quando me debatia em amarguras inexprimíveis, nas zonas inferiores, certo havia sido vítima das mesmas influências cruéis. Todavia, onde o remédio salutar? Onde o alívio para tamanhas angústias? Revelando paternal interesse, Alexandre veio em meu socorro, esclarecendo: – Estas interrogações íntimas, André, são portadoras de grande bem para o seu coração. Começa a observar as manifestações do vampirismo, as quais não se circunscrevem ao ambiente dos encarnados. Quase que a totalidade de sofrimentos nas zonas inferiores deve a ela sua dolorosa origem. Criaturas desviadas da verdade e do bem, nos longos caminhos evolutivos, reúnem-se umas às outras, para a continuidade das permutas magnéticas de baixa classe. Os criminosos de vários matizes, os fracos da vontade, os aleijados do caráter, os doentes voluntários, os teimosos e recalcitrantes de todas as situações e de todos os tempos integram comunidades de sofrendores e penitentes do mesmo padrão, arrastando-se, pesadamente, nas regiões invisíveis ao olhar humano. Todos eles segregam forças detestáveis e criam formas horripilantes, porque toda matéria mental está revestida de força plasmadora e exteriorizante. – Mas – objetei – sinto que o campo médico é muito maior, depois da morte do corpo. – Sem dúvida – redarguiu meu interlocutor, sereno –, quando compreendermos a extensão dos ascendentes morais em todos os acontecimentos da vida.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 6)

“Alienados mentais [...] – “Não asseguramos que todos os casos do hospício se relacionem exclusivamente com esse fator. Muita gente atravessa este pavoroso túnel, premida por exigências da prova retilificadora; é, no entanto, forçoso reconhecer que a maioria encetou o pungitivo drama em si mesma. São irmãos nossos, revoltados ante os desígnios superiores que os conduziram a recapitular ensinamentos difíceis, qual o de se reaproximarem de velhos inimigos por intermédio de laços consanguíneos ou o de enfrentarem obstáculos aparentemente insuperáveis. “Para que se efetue a jornada iluminativa do espírito é indispensável deslocar a mente, revolver as ideias, renovar as concepções e modificar, invariavelmente, para o bem maior o modo íntimo de ser, tal qual procedemos com o solo na revivificação da lavoura produtiva ou com qualquer instituto humano em reestruturação para o progresso geral. Negando-se, porém, a alma a receber o auxílio divino, através dos processos de transformação incessante que lhe são oferecidos em seu benefício próprios pelas diferentes situações de que os dias se compõem no aprendizado carnal, recolhe-se à margem da estrada, criando paisagens perturbadoras com desejos injustificáveis. “Quase podemos afirmar que noventa em cem dos casos de loucura, excetuados

aqueles que se originam da incursão microbiana sobre a matéria cinzenta, começam nas consequências das faltas graves que praticamos, com a impaciência ou com a tristeza, isto é, por intermédio de atitudes mentais que imprimem deploráveis reflexos ao caminho daqueles que as acolhem e alimentam. Instaladas essas forças desequilibrantes no campo íntimo, inicia-se a desintegração da harmonia mental: esta por vezes perdura, não só numa existência, mas em várias delas, até que o interessado se disponha, com fidelidade, a valer-se das bênçãos divinas que o aljofram, para restabelecer a tranquilidade e a capacidade de renovação que lhe são inerentes à individualidade, em abençoando serviço evolutivo. Pela rebeldia, a alma responsável pode encaminhar-se para muitos crimes, a cujos resultados nefastos se cativa indefinidamente; e, pelo desânimo, é propensa a cair nos despenhadeiros da inércia, com fatal atraso nas edificações que lhe cabe providenciar.” [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 16)

“Hilário, conduzindo mais longe as próprias divagações, perguntou: – Imaginemos, contudo, um homem puramente selvagem, a situar-se em plena ignorância dos Desígnios Superiores, que se confia a delitos indiscriminados... Terá nos tecidos sutis da alma as lesões cabíveis a um europeu supercivilizado, que se entrega à indústria do crime? Clarêncio sorriu compreensivo e acentuou: – Sigamos devagar. Comentávamos, ainda há pouco, o problema da evolução. Assim como o aperfeiçoado veículo do homem nasceu das formas primárias da Natureza, o corpo espiritual foi iniciado também nos princípios rudimentares da inteligência. É necessário não confundir a semente com a árvore ou a criança com o adulto, embora surjam na mesma paisagem de vida. O instrumento perispiritico do selvagem deve ser classificado como protoforma humana, extremamente condensado pela sua integração com a matéria mais densa. Está para o organismo aprimorado dos Espíritos algo enobrecidos, como um macaco antropomorfo está para o homem bem-posto das cidades modernas. Em criaturas dessa espécie, a vida moral está começando a aparecer e o perispírito nelas ainda se encontra enormemente pastoso. Por esse motivo, permanecerão muito tempo na escola da experiência, como o bloco de pedra rude sob marteladas, antes de oferecer de si mesmo a obra-prima... Desperderão séculos e séculos para se rarefazerem, usando múltiplas formas, de modo a conquistarem as qualidades superiores que, em lhes sutilizando a organização, lhes conferirão novas possibilidades de crescimento consciencial. O instinto e a inteligência pouco a pouco se transformam em conhecimento e responsabilidade e semelhante renovação outorga ao ser mais avançados equipamentos de manifestação... O prodigioso corpo do homem na Crosta Terrestre foi erigido paciente-mente, no curso dos séculos, e o delicado veículo

do Espírito, nos planos mais elevados, vem sendo construído, célula a célula, na esteira dos milênios incessantes... E, com um olhar significativo, Clarêncio concluiu: – ... até que nos transfiramos de residência, aptos a deixar, em definitivo, o caminho das formas, colocando-nos na direção das esferas do Espírito Puro, onde nos aguardam os inconcebíveis, os inimagináveis recursos da suprema sublimação. Calara-se o instrutor, mas o assunto era por demais importante para que eu me desinteressasse dele apressadamente. Recordei os inúmeros casos de moléstias obscuras de meu trato pessoal e aduzi: – Decerto a Medicina escreveria gloriosos capítulos na Terra, sondando com mais segurança os problemas e as angústias da alma... – Gravá-los-á mais tarde – confirmou Clarêncio, seguro de si. – Um dia, o homem ensinará ao homem, consoante as instruções do Divino Médico, que a cura de todos os males reside nele próprio. A percentagem quase total das enfermidades humanas guarda origem no psiquismo. Sorridente, acrescentou: – Orgulho, vaidade, tirania, egoísmo, preguiça e crueldade são vícios da mente, gerando perturbações e doenças em seus instrumentos de expressão.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 21)

“O caso Rafael-Lisandra chamara-nos a atenção pelo intrincado da insidiosa hanseníase, simultânea à obsessão. Natércio, ulteriormente, nos explicara que os impositivos cármicos de ambos consórcios do problema insculpiram nos seus perispíritos as matrizes para o desenvolvimento e a cultura do “mal de Hansen”, que eclodiu em momento próprio como compulsória expiatória, cuja liberação lograriam ou não, de acordo com o comportamento moral e espiritual que se impusessem. Outrossim, a pressão obsessiva pela vinculação direta com alguns dos antigos desafetos lhes subtraíram forças e resistências orgânicas, fazendo a maquinaria física sucumbir à virulência do bacilo, quando saído da incubação... Lisandra, sob a técnica fluidoterápica de Cândido, conseguira apressar a “cura clínica”, em face, também, da assistência médica especializada e, simultaneamente, como concessão às interferências de D. Adelaide, que sabia não poder aquele débil espírito atravessar com êxito a jornada, quando o processo mental adicionasse maior soma de desequilíbrios à sua torturada existência. Em razão de tais esforços conjugados, fora-lhe atenuado o carma, em procedimento de misericórdia, que a invigilância da jovem auto-obsidiada por pouco não interrompera com inimaginável agravamento para si mesma. Já o Sr. Rafael, cuja soma de deslizes morais e compromettimentos espirituais se fazia maior, não conseguira receber liberação da enfermidade que o lapidava, não obstante o programa de renovação íntima que ora se impunha. Não conseguira que o amor lhe cobrisse a “multidão dos pecados”, por serem débeis os lucilares do sentimento nobre de sua alma que saía das furnas

do egoísmo, recém-atraída para o Sol da solidariedade...” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 22)

“[...] “O Espírito é sempre responsável pelo corpo de que se utiliza, suas funções físicas e psíquicas que decorrem das realizações pretéritas e do uso nobre ou vulgar, elevado ou pervertido que lhe atribuiu. “Nessa condição de devedor, mais facilmente sintoniza com outros Espíritos, na mesma faixa de evolução ou em condição inferior, perante os quais se encontra em débito, facilitando o quadro genérico das obsessões.” Após uma oportuna pausa, prosseguiu: - No caso em tela, a nossa paciente somou às antigas uma nova e grave ação infeliz, que a jugula por natural processo de reparação, àquele a quem novamente prejudicou, quando poderia auxiliá-lo. “Quando os homens compreenderem que o amor é sempre mais benéfico para quem ama, muitos males desaparecerão da Terra e a etiopatogenia de inúmeras enfermidades diluir-se-á, sustando-se a erupção das mesmas. “Enquanto, porém, o egoísmo governar o comportamento, a dor se atrelará às criaturas, realizando o mister de conduzi-las para o equilíbrio, a ordem, o bem que são as fatalidades da evolução.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 4)

“Num dos intervalos entre as sínopes que se sucediam, sob uma contração mais violenta, Francis foi expelido, voltando a respirar na atmosfera terrestre num corpo concedido por aquela a quem muito amou e tanto odiou... Durante o atendimento à criança e à mãezinha sofrida, ocorreu-lhe a parada cardíaca e, conquanto se aplicassem oxigênio, massagens e medicação de emergência, Ruth Maria começou a desligar-se do corpo mergulhada em um sono inquieto, inconsciente da ocorrência... — As sementes da insensatez — acrescentou o companheiro esclarecido — reproduzem-se sempre em modalidades diferentes, até que a ordem, a temperança e a ação profícua lhes erradiquem a cultura perniciosa nas criaturas. Eis porque, a todos aqueles a quem atendia, Jesus jamais deixou de admoestar quanto aos atos futuros, impondo-lhes como condição de paz, de permanência da saúde, que não voltassem a pecar, cometendo atentados contra o equilíbrio próprio, ou do próximo, ou da Vida. [...] “Quando os estudiosos dos fenômenos paranormais melhor penetrarem nos intrincados mecanismos das causas morais que regem a vida, mais facilmente elucidarão os graves problemas na área da saúde, quer física, quer mental, compreendendo que, no Espírito, se encontram as chaves para solucionar-se os aparentes enigmas do comportamento e da vida humana. Pelos hábitos mentais e morais, pela ação, o homem reúne os valores para a paz ou elabora os grillhões a que se prende por tempo indefinido. “Voltemos ao nosso paciente.” Eu não cabia em mim de emoção. O aprendizado enriquecia-me de compreensão nova em

torno de velhas questões que trouxera da Terra, particularmente no que diz respeito a determinadas doenças físicas que defrontara, quando ainda reencarnado, em pacientes, cujos médicos afirmavam não encontrar, nos exames realizados, causas que justificassem os distúrbios de que os mesmos se diziam objeto. Mediante a terapia dos passes, inúmeros deles se recuperavam, e porque a minha visão não alcançasse os desencarnados, eu acreditava que a fluidoterapia restaurava-lhes as forças, o equilíbrio celular, no que estava certo, sem dar-me conta, porém, de que, ao mesmo tempo, essa ação benéfica e a transformação do doente em face da adoção de um comportamento digno interrompiam a ação maléfica dos Espíritos perversos que lhes impunham a condição enfermiga. Afastada a causa, cessavam os efeitos...” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 7)

“A informação de que Valtércio padecia de perturbação espiritual colheu-me de surpresa, em razão de não haver percebido qualquer Entidade perniciosa no seu campo de irradiação perispiritual, o que me significava pequena capacidade de penetração nesse mundo complexo da mente e da vida. Percebendo-me a perplexidade, o médico observador, espontaneamente veio em meu auxílio. — Valtércio — expôs, com naturalidade — vem de um processo penoso na área espiritual, que agora assume proporções gigantescas pela desarticulação dos equipamentos orgânicos. A doença que se lhe alojou, há cerca de dois anos, alcança o seu clímax em razão da falta de recursos médicos e alimentares que a pudessem de ter no momento próprio. Acossado por problemas domésticos, fez um quadro de pessimismo mental e com a desarmonia que se lhe instalou, corrosiva, passou a desferir vibrações deletérias que completaram o desajuste e destruição das frágeis reservas físicas, permitindo-lhe a instalação e virulência devastadora da tuberculose pulmonar. Sem dúvida, que o quadro das suas aflições atuais faz parte da sua pauta de evolução como decorrência inevitável das suas atitudes malsãs em outras vidas. Nessa conjuntura, desempenha um papel de relevo a presença de ferrenhos adversários desencarna dos, destacando-se um impiedoso cobrador que logrou imiscuir-se na sua vida, terminando por imantar-se a ele e subjugar-lo em violenta vampirização de forças, de tal modo pertinaz que se justapôs à massa física, numa quase *simbiose parasitária* que o condena à desencarnação imediata, caso não receba competente resistência.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“O conceito de Jesus sobre o amor é o roteiro de maior segurança para o equilíbrio do homem. À medida que se adquire maturidade, o amor faz-se mais abrangente, exteriorizando-se e atingindo as demais pessoas, interferindo no meio social e melhorando as condições de vida do lugar onde medra. A necessidade

de viver em sociedade é manifestação do amor, na sua expressão mais profunda, impelindo os indivíduos para uma comunhão de sentimentos mais plena, através da qual se realizam. As desditas morais e angústias geradoras de sofrimentos de vários portes resultam da visão distorcida sobre o amor, que leva a criatura às imposições egoístas, que disfarçam com a aparência do sentimento nobre. Em face da aplicação arbitrária ou do abuso da faculdade de amar, submetendo o próximo e o explorando, impondo-se e corrompendo-o, é que surgem os antagonismos, os ódios fulminantes, as mágoas de largo curso, os estímulos à vingança, e porque agasalhados com sofreguidão, estiolam as tecelagens sutis da organização espiritual, facultando o desencadear de inúmeras doenças. Amar é uma arte que exige maturação e sacrifício, na qual se devem investir os valores do sentimento e da inteligência para atingir plenitude. Esse amor sem algemas fomenta o senso da fraternidade, que produz uma generosa tolerância para com as faltas e limitações alheias e perdoa em razão de poder penetrar as razões que se ocultam por trás das aparências, nem sempre agradáveis. Despe-se da pequenez possessiva e egoísta, pessoal e emotiva, levando a um profundo comportamento altruísta, genérico e rico de respeito aos direitos dos outros com inalterável renúncia pessoal. Conhecedor da alma humana, o Mestre pôde estabelecer no “amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo” a base, a razão e o fim da vida, única forma de crescer-se e alcançar-se a realidade íntima, fazendo-a desabrochar em todas as suas potencialidades, por enquanto em estado latente.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 12)

“O agravamento da enfermidade de Argos ocorreu na semana em que Áurea tivera de viajar, a fim de aprimorar os seus conhecimentos de serviço social, para melhor desempenho das atividades a que se dedicava. Os esposos, normalmente estavam juntos, o que permitia um certo equilíbrio emocional, no intercâmbio da afetividade. O fluido com que ela o envolvia, em ternura e apoio, sustentava-o, diminuindo-lhe, de alguma forma, a intensidade dos problemas que o afetavam. Sentindo-se sem essa assistência e agasalhando a perturbação que o dominava, a pouco e pouco deixou que uma saudade injustificável, fruto da desordem emocional, o levasse a profundo abatimento que completou a destruição das débeis defesas orgânicas, reinstalando-se-lhe o quadro tuberculoso. Compreendendo que não se encontrava isento de grande parte da responsabilidade atual pelo desequilíbrio de saúde em que se encontrava, procurou, com pressa, reorganizar a mente, numa tentativa desesperada de recompor-se. Passou a orar, mais em agitação decorrente do medo do que em clima de paz e confiança em Deus, o que não resolvia a situação, em face das lacunas na

concentração, sob a interferência de Felipe, ora dominador. Ninguém desconsidere a responsabilidade, os deveres morais, porquanto são eles os agentes que propiciam o crescimento do ser, no rumo da libertação das mazelas que o prendem ao potro do sofrimento. Embora as dificuldades que lhe assinalavam a marcha, Argos era dotado de valores morais expressivos. O seu equilíbrio conjugal e o respeito aos outros granjearam-lhe títulos de enobrecimento, que pesavam na contabilidade das suas realizações. Amava a Doutrina Espírita e vinculava-se aos seus postulados, apesar de ater-se mais à teoria, à beleza dos ensinamentos filosóficos. Estudava-a, com diletantismo e curiosidade, com o que se aquinhoava na pauta dos conhecimentos. Não fosse a falta de disposição para com o trabalho fraternal da caridade e da solidariedade com os companheiros que se afanavam em exaustivo esforço, e ele poderia haver logrado, quiçá, evitar a nova carga de dores que ora o confrangiam.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 28)

“DESTINO E RESPONSABILIDADE. [...] Pais e filhos crucificados nas traves invisíveis das enfermidades físicas, psíquicas ou morais são comparsas dos mesmos delitos, novamente reunidos para a renovação de propósitos, através do ressarcimento dos débitos que ficaram após a morte anterior e que não foram saldados. As leis fomentadoras do progresso reúnem os incursos nos mesmos códigos da Justiça e os trazem aos sítios onde delinquiram, de modo que, juntos outra vez, recomponham a paisagem moral danificada, soerguendo os que ficaram vitimados pela sua tirania ou insensibilidade. Seria um absurdo, se fosse diferente o comportamento da Divina Sabedoria, brincando a esses seres infelizes da Terra com os desajustes nos quais se estorcegam, não houvesse para eles uma causa anterior ou se lhes concedesse após a morte o paraíso para cuja conquista nada fizeram, tendo-se em vista a impossibilidade em que se encontram para realizá-lo. Deixá-los à própria sorte em qualquer lugar de dor eterna, após tanto sofrimento, constituiria, da mesma forma, aberração maior... Não se depurasse o criminoso através da reencarnação, e permaneceriam nele as marcas ultrizes dos seus desvios, resultado da sua imperfeição espiritual, que as experiências sucessivas no corpo logram aprimorar, libertando-o da inferioridade. Assim, as inteligências que se compraziam na luxúria e na tirania retomam nas patologias da idiotia, assim como os suicidas que esfacelaram o crânio, esmigalhando o cérebro, volvem nas expressões da excepcionalidade, do mongolismo, da hidrocefalia, vinculados àqueles que, de alguma forma, se fizeram comparsas da delinquência a que se entregaram. Os quadros complexos das enfermidades que dilaceram os homens restauram-lhes a dignidade perdida e despertam-nos para a valorização dos recursos da vida,

que são malbaratados quase sempre com leviandade e prepotência, revolta e presunção, que o egoísmo comanda, soberano. Às vezes, ficam surpresas muitas pessoas que são aquinhoadas com mensagens afetuosas dos filhos de tenra idade, já desencarnados, de doentes e limitados mentais, como de analfabetos, que ora se expressam com fluidez e correção, preocupados em identificar-se e auxiliar os familiares e amigos que permaneceram na Terra. Guarde-se na mente que tais dificuldades e prejuízos pertencem ao corpo, impostos pelo Espírito necessitado de expiar e de reparar faltas, jamais do ser eterno que, após a recuperação moral, assume o controle dos seus triunfos e pode expressar-se sem os impositivos constritores do processo de reeducação a que esteve submetido. Ciente dessa realidade lógica e normal, a responsabilidade assume o comando dos atos atuais do homem, que se engaja, consciente e espontaneamente, num programa de elevação, a que se entrega com otimismo por antecipar os resultados do seu empreendimento, em face das realizações que se permite. Não se trata de uma utopia, senão do prosseguimento das atividades que a morte não interrompe, da mesma forma que os planos acalentados antes do berço, após este se desdobram em operações de grave significado para a vida e que vão tomando corpo, à medida que as oportunidades e os meios se apresentam. Essa visão responsável da vida confere ao sofrimento o valor que tem: concitar o Espírito endividado ao resgate ou estimulá-lo à conquista de novos títulos de enobrecimento de que necessita para ser feliz. Não entendendo a linguagem silenciosa, embora operante, do amor e da beleza, em toda parte presentes, o homem não se pode furtar à reflexão, ao exame, quando colhido pela dor ou recambiado ao leito pela provação, ou impedido de seguir conforme lhe apraz através da expiação que surge no momento e que menos espera, como a cegueira repentina, a paralisia progressiva sem aparente causa lógica, a hemiplegia ou a paraplegia, a incapacidade para o matrimônio, a reviravolta econômica, que o leva à escassez de recursos, ou os dramas morais, os tormentos emocionais e psíquicos que estrugem de um para outro momento, alterando completamente a programação estabelecida ou o curso dos acontecimentos agradáveis no qual se encontrava. Em tudo, porém, se apresenta a providencial sabedoria de Deus demonstrando a fugacidade da organização física ante a perenidade da vida em si mesma. A fé, racionalmente adquirida, responsabilizando o homem, é farol que lhe ilumina o passo em qualquer circunstância, apontando-lhe o rumo seguro por onde segue.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Destino e responsabilidade)

“Guillaume e Gérard. [...] Nesse comenos, deu entrada no recinto o Dr. Hermann Grass, trazendo adormecido o médium Davi que foi colocado entre os

assistentes. O seu era um estado espiritual deplorável. O cérebro encontrava-se envolto por densa escuridão, que decorria dos pensamentos vitalizados nos últimos tempos, emanando vibrações de baixo teor. Da região genésica, como do estômago, do fígado e do baço, irradiavam-se, em ondas excêntricas, energias viscosas e enfermigas. O hábito dos alcoólicos, nas reuniões sociais e noutros momentos, já o vitimava pela dependência dos mesmos em instalação, apresentando os primeiros sintomas para uma futura cirrose hepática com atuais perturbações digestivas, altas taxas de colesterol, hipertensão arterial, apesar da juventude orgânica... Da área sexual também se exteriorizavam fluidos densos, carregados do magnetismo pernicioso deixado pelos parceiros encarnados, viciosos, e pelos Espíritos de igual psiquismo, que se mesclavam nas orgias elegantes a que o sensitivo se entregava. Apurando a observação, podia-se constatar que as vesículas seminais se encontravam comprometidas, como resultado das vibrações que as estimulavam, e que das gônadas jorravam energias sutis de qualidade inferior, alimentadas pela mente de Davi e dos desencarnados que a ele se associavam durante o desdobrar das paixões sexuais. A próstata, em processo de aumento, denotava desarmonia celular, avançando para futura neoplasia maligna... Adormecido, produzia ruídos e espasmos, característicos dos distúrbios de comportamento psicológico que eram liberados, naquele período, demonstrando uma situação aflitiva. Vendo-o assim e considerando-lhe as admiráveis possibilidades de realização, não me pude furtar a um sentimento natural de compaixão acompanhado do desejo de auxiliá-lo, de despertá-lo para a realidade profunda da vida, assim como do valioso significado da atual reencarnação. O médium Davi, porém, era responsável pelo que lhe sucedia. Conhecendo a Doutrina Espírita e recusando-se a viver-lhe a moral, sabia da gravidade do compromisso mediúnico; no entanto, preferira seguir pelos atalhos perigosos da fascinação, da cegueira... Não lhe faltaram advertências, insistentes convites ao retorno ao dever, que recusava sistematicamente, caminhando agora, quase a sós, por eleição pessoal, no rumo das companhias inferiores, que desejavam arrastá-lo para a alucinação total, o malogro da reencarnação.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Guillaume e Gérard)

“**Diálogos esclarecedores.** [...] Depois de alguma breve reflexão, o instrutor prosseguiu: — Estamos muito interessados, todos que nos movimentamos nas atividades das terapias holísticas sob as luzes do Espiritismo, e outros trabalhadores do Bem, no estudo das Quatro legítimas verdades com que o Soberano das Trevas denominou ironicamente suas estratégias de perseguição às criaturas, por considerarmos de alta gravidade a programação em pauta. É claro que não o

responsabilizamos pelo desbordar das paixões asselvajadas que varrem a Terra em nossos dias, o que seria atribuir-lhe demasiado valor e poder, que não correspondem à verdade. Todavia, chama-nos a atenção o volume dos despautérios que ora dominam as pessoas vinculadas ao Espiritualismo. É como se essas criaturas distraídas o houvessem transformado em esporte para as horas de saturação. Os conteúdos filosóficos e morais são deixados de lado, sem qualquer pudor, entregando-se à vida profana que justificam, às arbitrariedades, aos engodos, às vulgaridades, aos desperdícios, com tranquilidade, explicando que a vida física é oportunidade de gozo e este está muito vinculado ao corpo, ao ego, aos condicionamentos da época. Jamais se considerariam obsidiadas por seres perversos e viciosos que com elas convivem em regime de promiscuidade moral e mental. Pelo contrário, ao serem informadas, zombarão, escreverão diatribes contra, falarão de autoritarismos e saudades de castrações, de pieguismos religiosos, erguerão bandeira de liberdade e modernismo... “De nossa parte, nenhum interesse em impor-lhes normas de conduta e ação. As nossas são experiências pessoais, que narramos para os que estejam insatisfeitos com os acontecimentos que os envolvem, e desejem outras alternativas; não, porém, para aqueles que se refestelam nas orgias e divulgam-nas; nem para outros que se consideram inatingíveis pelos Espíritos perturbadores. Conscientes como somos, de que todos desencarnarão, o que não constatarem na Terra, logo mais encontrarão. “Reconhecemos, como já foi ventilado anteriormente, que a inferioridade moral e o primitivismo, que levam as criaturas aos extremos das paixões, são fase natural do seu processo evolutivo. A nossa preocupação é com aqueles outros que já deveriam ter ultrapassado essa faixa e que nela se fixam, ou a ela retomam com ardor indisfarçado. “Por isso mesmo, não cessaremos de abordar o tema, de divulgar as informações que, por uns subestimadas e ridicularizadas, noutros indivíduos encontrarão ressonância e abrigo, ajudando-os na luta contra as sutis interferências obsessivas, assim como na epidêmica situação a que quase todos se encontram expostos. [...] Anuí completamente a tudo quanto o benfeitor expôs, porquanto a evidência do acerto das suas palavras está na alucinada descoberta do sexo pela atual sociedade. Os descabros morais são crescentes, associados à volumosa onda de violência que estremece, ameaçando todas as construções éticas e civilizadas das gerações passadas. Os transtornos mentais decorrentes do estresse e dos vários fatores psicossociais, socioeconômicos, demonstram que se vive, na Terra, um período intermediário, prenunciador de grande renovação pela dor. O esquecimento propositado das estruturas éticas tem facilitado a morte de nobres conquistas humanas através dos séculos: a monogamia, a família, o amor

aos filhos e a recíproca dos filhos para com os pais, o respeito ao próximo, o equilíbrio sexual. Os ventos do desespero e da anarquia sopram em todas as direções, ameaçando de destruição tudo quanto encontram. Concomitantemente, por efeito do desastre, aumenta o egoísmo, e a solidão assinala as vidas; a tristeza e a frustração se unem em clima de amargura; a fuga pelos tóxicos se torna lugar comum; o suicídio multiplica-se nas estatísticas; o desespero estiola preciosas florações da vida humana; o aborto aumenta os seus índices... Não esquecemos do heroísmo de milhões de seres que se erguem para impedir o desastre, deter a onda da alucinação, diminuir a miséria, encontrar terapias para as enfermidades dilaceradoras, fomentar a paz entre os indivíduos e as nações. Suas vozes, às vezes, parecem soar nos desertos dos sentimentos. Eles, porém, prosseguem. Juntamo-nos a esses construtores do progresso, interessados em contribuir com as nossas experiências do além-túmulo, chamando-lhes a atenção para o fenômeno psicopatológico das parasitoses por obsessão, tão graves e cruéis quanto as outras que eles já identificaram e combatem.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Diálogos esclarecedores)

“**PERISPÍRITO.** [...] MORAL E PERISPÍRITO - Refletindo o pretérito do homem, na forma de tendências no presente, liberta-se das fixações negativas ou as avoluma, consoante a direção, que ao Espírito aprouver aplicar, dos recursos natos. Toda experiência venal brutaliza-o, desequilibrando-lhe os centros vitais que, posteriormente, responderão com distonias e desordens variadas, em forma de enfermidades insolúveis. As ações de enobrecimento e os pensamentos superiores, quando cultivados, oferecem-lhe potencialidades elevadas, que libertam das paixões, com consequente sublimação dos sentimentos que exornam o Espírito. Não foi por outra razão que o Mestre recomendou cuidado em relação aos escândalos, às agressões mentais, morais e físicas, considerando melhor o homem entrar na Vida sem o membro escandaloso do que com ele, como a afirmar que melhor é ser vítima do que fator de qualquer desgraça. Possui todo Espírito os inestimáveis recursos para a felicidade como para a desdita, competindo-lhe moralizar-se, disciplinar-se, elevar-se, a fim de ascender à pureza, após a libertação das mazelas de que se impregnou. [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 4)

III.4. Doença e obsessão

Vide Subcapítulo I.13 (“Obsessão causando distúrbios ou doenças físicas e mentais”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”)

do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

Vide Subcapítulo IV.2 (“Obsessão causando transtornos mentais”), Capítulo IV (“Causas espirituais”), Quinta Parte (“Medicina Espiritual – Transtornos Mentais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

III.5. Benefícios da doença²⁰

“– São muitos os irmãos afins – continuou o meu interlocutor, interrompendo-me as reflexões íntimas – que se reúnem, depois da morte do corpo, em tarefas de amparo fraternal, quando já alcançaram os primeiros degraus da escada de purificação. Do que me é possível ajuizar, semelhantes trabalhos são dos mais eficientes e dignos em favor dos homens. Raramente os companheiros encarnados, quando em excelentes condições de saúde física, podem compreender as aflições dos enfermos em posição desesperadora ou dos moribundos prestes a partir. Nós outros, porém, no quadro de realidades mais fortes, sabemos que, muitas vezes, é possível efetuar realizações deveras sublimes, de natureza espiritual, em poucos dias, nessas circunstâncias, depois de largos anos de atividades inúteis. No leito da morte, as criaturas são mais humanas e mais dóceis. Dir-se-ia que a moléstia intransigente enfraquece os instintos mais baixos, atenua as labaredas mais vivas das paixões inferiores, desanimaliza a alma, abrindo-lhe, em torno, interstícios abençoados por onde penetra infinita luz. E a dor vai derrubando as pesadas muralhas da indiferença, do egoísmo cristalizado e do amor-próprio excessivo. Então, é possível o grande entendimento. Lições admiráveis felicitam a criatura que, palidamente embora, percebe a grandeza da herança divina. Acentua-se-lhe o heroísmo e gravam-se-lhe no coração, para sempre, mensagens vivas de amor e sabedoria. Na noite espessa da agonia começa a brilhar a aurora da vida eterna. E aos seus clarões indistintos, nossos princípios são facilmente aceitos, a sensibilidade demonstra características sublimes e a luz imortal lança fontes de infinito poder nos recessos do espírito. O interlocutor fez longa pausa e rematou: – Desse modo, conseguimos efetuar um serviço de assistência eficaz, carregando novos valores no campo da fraternidade e do bem legítimo. Nunca observou a paciência inesperada de doentes graves, a calma de certos enfermos incuráveis e a suprema conformação da maioria dos moribundos? Muitas vezes, semelhantes edificações, incompreensíveis para

²⁰ Vide Subcapítulo I.9 (“O corpo físico funciona como depurador das moléstias da alma”), Capítulo I (“Corpo material ou físico”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

os encarnados que os cercam, constituem o fruto do esforço de nossos grupos itinerantes de socorro. Francisco enunciara sublimes verdades. De fato, a serenidade dos enfermos em condição desesperadora e a resignação inexplicável dos agonizantes, absolutamente distanciados da fé religiosa, não poderiam guardar outra origem. A bondade divina é infinita e, em todos os lugares, há sempre generosas manifestações da Providência Paternal de Deus, confortando os tristes, acalmando os desesperados, socorrendo os ignorantes e abençoando os infelizes.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 7)

“Despediu-se Alexandre, deixando-me na grande instituição de planejamento, onde o Assistente Josino, ocupado nos encargos de seu ministério, me confiou aos cuidados de Manassés, um irmão dos serviços informativos da casa, que me acolheu prazerosamente, cercando-me de gentileza e carinho. Senti imediatamente que o meu aprendizado ali se iniciava com imenso proveito. Manassés era um livro volante. Seus pareceres e informes traduziam valiosos ensinamentos. Aproximando-nos dos pavilhões de desenho, onde numerosos cooperadores traçavam planos para reencarnações incomuns, foi o meu novo companheiro procurado por uma entidade simpática que lhe pedia informações. Manassés apresentou-a, otimista. Tratava-se dum colega que, depois de quinze anos de trabalho nas atividades de auxílio, regressaria à esfera carnal para a liquidação de determinadas contas. O recém-chegado parecia hesitante. Via-se-lhe o receio, a indecisão. – Não se deixe dominar pelas impressões negativas – dirigia-se Manassés a ele, infundindo-lhe bom ânimo. – O problema do renascimento não é assim tão intrincado. Naturalmente, exige coragem, boas disposições. – Entretanto – exclamava o interlocutor, algo triste –, temo contrair novos débitos ao invés de pagar os velhos compromissos. É tão penoso vencer na experiência carnal, em vista do esquecimento que sobrevém à encarnação... – Mas seria muito mais difícil triunfar guardando a lembrança – redarguiu Manassés, incontinente. Prosseguindo, sorridente, acrescentou: – Se tivéssemos grandes virtudes e belas realizações, não precisaríamos recapitular as lições já vividas na carne. E se apenas possuímos chagas e desvios para rememorar, abençoemos o olvido que o Senhor nos concede em caráter temporário. Esforçou-se o outro para esboçar um sorriso e objetou: – Conheço-lhe o otimismo; quisera ser igualmente assim. Voltarei confiante no concurso fraterno de vocês. E modificando o tom de voz, indagou: – Pode informar se o meu modelo está pronto? – Creio que poderá procurá-lo amanhã – tornou Manassés, bem-disposto –; já fui observar o gráfico inicial e dou-lhe parabéns por haver aceitado a sugestão amorosa dos amigos bem orientados, sobre o defeito da perna. Certamente, lutaré

você com grandes dificuldades nos princípios da nova luta, mas a resolução lhe fará grande bem. – Sim – disse o outro, algo confortado –, preciso defender-me contra certas tentações de minha natureza inferior e a perna doente me auxiliará, ministrando-me boas preocupações. Ser-me-á um antídoto à vaidade, uma sentinela contra a devastação do amor-próprio excessivo. – Muito bem! – respondeu Manassés, francamente otimista. – E pode informar-me ainda a média de tempo conferida à minha forma física futura? – Setenta anos, no mínimo – redarguiu meu novo companheiro, contente. O outro fixou uma expressão de reconhecimento, enquanto Manassés continuava: – Pondere a graça recebida, Silvério, e, depois de tomar-lhe a posse no plano físico, não volte aqui antes dos setenta. Trate de aproveitar a oportunidade. Todos os seus amigos esperam que você volte, mais tarde, à nossa colônia, na gloriosa condição de um “completista”. O interpelado mostrou um raio de esperança nos olhos, agradeceu e despediu-se. As últimas observações de Manassés acenderam-me curiosidade mais forte. Não contive a indagação que me vagueava no pensamento e perguntei sem reboços: – Meu amigo, que significa a palavra “completista”? Ele sorriu, complacente, e retrucou, bem-humorado: – É o título que designa os raros irmãos que aproveitaram todas as possibilidades construtivas que o corpo terrestre lhes oferecia. Em geral, quase todos nós, em regressando à esfera carnal, perdemos oportunidades muito importantes no desperdício das forças fisiológicas. Perambulamos por lá, fazendo alguma coisa de útil para nós e para outrem, mas, por vezes, desprezamos cinquenta, sessenta, setenta por cento e, frequentemente, até mais, de nossas possibilidades. Em muitas ocasiões, prevalece ainda, contra nós, a agravante de termos movimentado as energias sagradas da vida em atividades inferiores que degradam a inteligência e embrutecem o coração. Aqueles, porém, que mobilizam a máquina física, à maneira do operário fidelíssimo, conquistam direitos muito expressivos em nossos planos. O “completista”, na qualidade de trabalhador leal e produtivo, pode escolher, à vontade, o corpo futuro, quando lhe apraz o regresso à Crosta em missões de amor e iluminação, ou recebe veículo enobrecido para o prosseguimento de suas tarefas, a caminho de círculos mais elevados de trabalho. Semelhante notícia representava para mim valiosa revelação. Nada mais legítimo que dotar o servidor fiel de recursos completos. E lembrei-me dos desregramentos de toda a sorte a que se entregam as criaturas humanas, em todos os países, doutrinas e situações, complicando os caminhos evolutivos, criando laços escravizantes, enraizando-se no apego aos quadros transitórios da existência material, alimentando enganos e fantasias, destruindo o corpo e envenenando a alma. Num transporte de justificada admiração,

redargui: – Recordando o cativeiro dos Espíritos encarnados no plano da sensação, consola-nos saber que há um prêmio aos raríssimos homens que vivem na sublime arte do equilíbrio espiritual, mesmo na carne. – Sim – disse Manassés, aprovando-me com o olhar –, por mais estranho que possa parecer, semelhantes exceções existem no mundo. Passam, frequentemente, para cá, entre os anônimos da Crosta, sem fichas de propaganda terrestre, mas com imenso lastro de espiritualidade superior. E dando-me a impressão de que desejava esclarecer-me, relativamente a ele mesmo, acrescentou: – Há muitos anos me esforço para conseguir a condição dos “completistas”; no entanto, até agora continuo em fase de preparação... Compreendi que Manassés, tanto quanto eu, trazia regular bagagem de recordações menos felizes, com respeito ao uso que fizera do corpo terreno nas experiências passadas e procurei modificar a orientação da palestra: – Sabe de algum “completista” que tenha regressado à Crosta? – interoguei. – Sim. – Naturalmente – continuei, curioso – terá escolhido um organismo irrepreensível. Meu novo companheiro mostrou significativa expressão fisionômica e acentuou: – Nenhum dos que tenho visto partir, embora os méritos de que se encontravam revestidos, escolheram formas irrepreensíveis, quanto às linhas exteriores. Solicitaram providências em favor da existência sadia, preocupando-se com a resistência, equilíbrio, durabilidade e fortaleza do instrumento que os deveria servir, mas pediram medidas tendentes a lhes atenuarem o magnetismo pessoal, em caráter provisório, evitando-se-lhes apresentação física muito primorosa, ocultando, assim, a beleza de suas almas para a eficiente garantia de suas tarefas. Assim procedem, porquanto, vivendo a maioria das criaturas no jogo das aparências, quando na Crosta Planetária, incumbir-se-iam elas próprias de esmagar os missionários do Bem, se lhes conhecessem a verdadeira condição, através das vibrações destruidoras da inveja, do despeito, da antipatia gratuita e das disputas injustificáveis. Em vista disso, os trabalhadores conscientes, na maioria das vezes, organizam seus trabalhos em moldes exteriores menos graciosos, fugindo, por antecipação, ao influxo das paixões devastadoras das almas em desequilíbrio. Entendi a extensão do esclarecimento e meditava na grandeza dos princípios espirituais que regem a experiência humana, quando Manassés acrescentou, após longa pausa: – As mentes juvenis, quais crianças do mundo, brincam com o fogo das emoções; todavia, os espíritos amadurecidos, mormente quando chegam à situação de “completistas”, abandonam toda experiência que os possa distrair no caminho de realização da Vontade Divina.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“Ia dizer de minha profunda surpresa, diante do mecanismo de introdução ao serviço reencarnacionista, quando outra irmã se acercou de nós, procurando

por Manassés. Depois das saudações afetivas, explicou-se ela, gentil, dirigindo-se ao meu novo amigo: – Desejo sua obsequiosa interferência na retificação do meu plano. E abrindo pequeno mapa, onde se via desenhado com extrema perfeição um organismo de mulher, acentuou: – Veja bem o meu projeto para o sistema endocrínico. Sei que os amigos me favoreceram, planejando-o com muita harmonia nas menores disposições; entretanto, desejaria modificações... – Em que sentido? – indagou o interpelado, surpreso. A recém-chegada indicou os pontos do projeto onde se localizava o colo e falou: – Fui advertida por benfeitores daqui, no sentido de não me apresentar na Crosta dentro de linhas impecáveis para a forma física e, em razão disso, para que eu tenha mais probabilidades de êxito em meu favor, na tarefa que me proponho desempenhar, estimaria que a tireoide e as paratireoides não estivessem tão perfeitamente delineadas. Como sabe, Manassés, minha tarefa não será fácil. Devo reaver um patrimônio espiritual de grandes proporções. Preciso fugir de qualquer possibilidade de queda e a perfeita harmonia física me perturbaria as atividades. O novo companheiro endereçou-me expressivo olhar e disse-lhe: – Tem razão. A sedução carnal é imenso perigo, não só para aqueles que emitem a sua influência, como também para quantos a recebem. – Prefiro a fealdade corpórea – tornou ela. – Não estou interessada num corpo de Vênus e, sim, na redenção de meu espírito para a Eternidade. Manassés prometeu interpor os seus bons ofícios e, tão logo se despediu da nova interlocutora, passou a mostrar-me as mais interessantes figurações de órgãos do corpo humano.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“[...] Desejando, porém, prosseguir nos esclarecimentos, quanto ao serviço reencarnacionista, Manassés tomou pequeno gráfico e, apresentando-me as linhas gerais, acentuou: – Aqui temos o projeto de futura reencarnação dum amigo meu. Não observa certos pontos escuros, desde o cólon descendente à alça sigmoide? Isso indica que ele sofrerá uma úlcera de importância, nessa região, logo que chegue à maioria física. Trata-se, porém, de escolha dele. E porque extrema curiosidade me vagueasse nos olhos, Manassés explicou: – Esse amigo, faz mais de cem anos, cometeu revoltante crime, assassinando um pobre homem, a facadas; logo que se entregou ao homicídio, como acontece muitas vezes, a vítima desencarnada ligou-se fortemente a ele, e da semente do crime, que o infeliz assassino plantou num momento, colheu resultados terríveis por muitos anos. Como não ignora, o ódio recíproco opera igualmente vigorosa imantação e a entidade, fora da carne, passou a vingar-se dele, todos os dias, matando-o devagarzinho, através de ataques sistemáticos pelo pensamento mortífero. Em suma, quando o homicida desencarnou, por sua

vez, trazia o organismo perispiritual em dolorosas condições, além do remorso natural que a situação lhe impusera. Arrependeu-se do crime, sofreu muito nas regiões purgatorias e, depois de largos padecimentos purificadores, aproximou-se da vítima, beneficiando-a em louváveis serviços de resgate e penitência. Cresceu moralmente, tornou-se amigo de muitos benfeitores, conquistou a simpatia de vários agrupamentos de nosso plano e obteve preciosas intercessões. Entretanto... A dívida permanece. O amor, contudo, transformou o caráter do trabalho de pagamento. O nosso amigo, ao voltar à Crosta, não precisará desencarnar em espetáculo sangrento, mas onde estiver, durante os tempos de cura completa, na carne que ele outrora menosprezou, carregará a própria ferida, conquistando, dia a dia, a necessária renovação. Experimentará desgostos, em virtude do sofrimento físico pertinaz, lutará incessantemente, desde a eclosão da úlcera até o dia do resgate final no aparelho fisiológico; entretanto, se souber manter-se fiel aos compromissos novos, terá atingido, mais tarde, a plena libertação. Enquanto fixava no projeto minha melhor atenção, Manassés continuava: – Segundo observamos, a justiça se cumpre sempre, mas, logo que se disponha o Espírito à precisa transformação no Senhor, atenua-se o rigorismo do processo redentor. O próprio Pedro nos lembrou, há muitos séculos, que “o amor cobre a multidão dos pecados”. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“Interrompendo-se o orientador, dei guarida a interrogações naturais no campo íntimo. Se o doente não oferecia perspectivas de melhoras substanciais, qual o objetivo de nossa assistência? Porque nos demoramos à frente de um caso insolúvel, qual aquele, pela impossibilidade de próximo reencontro entre o criminoso e suas vítimas? Calderaro não me deixou sem resposta. – Estamos aqui – elucidou, atencioso –, a fim de proporcionar-lhe morte digna. Não chegará a enlouquecer em definitivo. Com o nosso concurso fraterno, desencarnará antes do eclipse total da razão. E porque me mostrasse espantado, o prestimoso amigo acrescentou: – Fabrício desposou uma criatura, por todos os títulos credora do amparo celestial, e essa mulher quase sublime deu-lhe três filhos, aos quais ele se consagrou nobremente, preparando-os para elevado ministério social. São eles, presentemente, dois professores e um médico, dedicados ao ideal superior de servir ao bem coletivo. Fabrício não tem o direito de perturbar a família organizada à sombra de seu amparo material, mas educada sem o seu personalismo despótico. Pelo serviço que prestou à esposa e aos filhos, recebe do Alto o socorro de agora, de maneira a transferir residência, por imposição da morte, preparado para o futuro de reajustamento. As preces da companheira e dos filhos garantem-lhe uma “boa morte” próxima, para a qual vamos organizando as suas

energias e habituando pari passu a família a permanecer em missão ativa no bem sem a presença material dele. Silenciou o Assistente, dispondo-se a fazer-lhe aplicações magnéticas no aparelho circulatório. Demorou-se minutos longos administrando-lhe forças ao redor dos vasos mais importantes e, em seguida, desenvolveu passes longitudinais, destinados à quietação dos nervos. Ante minha admiração natural, Calderaro explicou-se: – Preparamos acesso à trombose pela calcificação de certas veias. A desencarnação chegará suavemente, dentro de alguns dias, como providência compassiva, indispensável à felicidade do euferino e de quantos lhe seguem de perto o martírio. O doente, mais calmo, parecia haver sorvido milagroso analgésico. Aquietou-se, descansando a cabeça nos travesseiros alvos. Dentro do silêncio que se fizera entre nós, indaguei, curioso: – Considerando, no entanto, o decesso, em breves dias, como prosseguirá o processo de resgate do nosso amigo? – A liquidação já começou – redarguiu o instrutor, sereno. – Como? Calderaro fez expressivo gesto e recomendou: – Espera. Nesse mesmo instante, o enfermo acionou a campainha à cabeceira. A esposa atendeu, à pressa. Encontrou-o melhor e sorriu, feliz. O velho, mais tranquilo, rogou: – Inês, posso ver o Fabricinho? – Como não? – respondeu a companheira delicadamente – vou buscá-lo. Em poucos minutos, regressava trazendo um menino de seus oito anos. O pequeno atirou-se-lhe aos braços esqueléticos, com extremado carinho, e perguntou: – Está melhor, vovô? O doente contemplou-o, enternecido, informando: – Estou melhor, meu filhinho... Por que não veio de manhã? – Vovó não deixou. – Sim, é verdade; eu não me achava bem... A senhora retirou-se, para acompanhar a cena do outro lado da cortina. Avô e neto sentiram-se mais à vontade. Totalmente transfigurado com a presença do menino, nosso quase demente amigo suplicou: – Fabricinho, eu desejo que você reze por mim... O petiz não se fez rogado. Ajoelhou-se ali mesmo e disse, respeitosamente, a oração dominical. Terminada a prece, o doente pediu, de olhos úmidos: – Não se esqueça, meu filho, de orar por mim quando eu morrer. O menino, agora de pé, enlaçou-lhe o busto e exclamou, chorando discretamente: – O senhor não morrerá!... Mostrando-se aliviado, o velhinho correspondeu ao gesto afetivo, fitou o neto e inquiriu, com estranho fulgor no olhar: – Fabricinho, você acredita que Deus perdoa aos pecadores como eu? O pequeno respondeu, lacrimoso e confundido: – Eu acho, vovô, que Deus perdoa todos nós. Revelando as ansiedades que lhe povoavam a alma, voltou à indagação: – Mesmo a um homem que trai a confiança paterna e rouba aos irmãos? O netinho hesitou, incapaz de apreender toda a extensão daquela pergunta intencional; entretanto, no desejo de agradar ao doente, de qualquer modo, balbuciou com toda

a simplicidade infantil: – Eu penso que Deus perdoa sempre... – É o que eu pretendia saber – acentuou o velhinho, mais confortado. A conversação entre ambos prosseguiu afetuosa e amena. Após detido exame, Calderaro apontou para a criança e esclareceu: – Este menino é o ex-pai de Fabrício, que volta ao convívio do filho delinquente pelas portas benditas da reencarnação. É o único neto do enfermo e, mais tarde, assumirá a direção dos patrimônios materiais da família, bens que inicialmente lhe pertenciam. A Lei jamais dorme.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 12)

“Nossa ação, contudo, está subordinada à lei que nos rege. No problema de nossa irmã, o concurso de nosso plano conseguirá tão somente angariar-lhe reconforto. A moléstia, em razão das provas que lhe assinalam o roteiro pessoal, atingiu insopitável extensão. – Quer dizer que ela, agora, apenas se habilita à morte calma? – indagou Hilário, atencioso. – Justamente – confirmou o orientador –. Com a cooperação em curso, despertará no corpo desfalecente mais serena e mais confortada. Repetindo as excursões até aqui, noite a noite, habituar-se-á, com entendimento superior, à ideia da partida, transmitindo aos familiares resignação e coragem para o transe da separação; aprenderá a contribuir com o seu esforço, no sentido de aliviar-lhes as aflições pela humildade que edificará, dentro de si mesma... pouco a pouco; desligar-se-á da carne enferma, acentuando a luz interior da própria consciência, a fim de separar-se do ambiente que lhe é caro, como quem encontra na morte física valiosa liberação para serviço mais enobrecido. E, assim, em algumas semanas, mostrar-se-á admiravelmente preparada ante o novo caminho... Clarêncio silenciara. O assunto requisitava-me a novas observações. – Nesse caso – comecei a falar, hesitante. O Ministro, porém, sorriu compreensivo e atalhou, esclarecendo: – Já sei a tua conclusão. É isso mesmo. A enfermidade longa é uma bênção desconhecida entre os homens, constitui precioso curso preparatório da alma para a grande libertação. Sem a moléstia dilatada, é muito difícil o êxito rápido no trabalho da morte.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 5)

“Comovido, diante das anotações que lhe definiam a valiosa posição cultural, Ponderei: – Usando semelhantes apontamentos, podemos entender com mais segurança, os processos dolorosos das enfermidades congênitas e das moléstias insidiosas que assaltam a meninice no mundo. Sempre fui possuído de aflitivo assombro, à frente do mongolismo e da epilepsia, da encefalite letárgica e da meningite, da lepra e do câncer, na tenra organização infantil. – E que dizer dos desastres irremediáveis – considerou Hilário, com emoção –, dos desastres que arrebatam adoráveis flores do lar, deixando inconsoláveis pais e mães? Por vezes numerosas, procurei resposta às terríveis inquirições que

nos atormentam, perante corpinhos dilacerados, nos hospitais de sangue, sem conseguir ausentar-me do escuro labirinto. – Sim – esclareceu a enfermeira, bondosa –, as reparações nos martirizam na carne, mas, sem elas, não atingiríamos o próprio reajustamento. – Cada qual de nós renasce na Terra – apreciou o Ministro – a exprimir na matéria densa o patrimônio de bens ou males que incorporamos aos tecidos sutis da alma. A patogenia, na essência, envolve estudos que remontam ao corpo espiritual, para que não seja um quadro de conclusões falhas ou de todo irreais. Voltando à Terra, atraímos os acontecimentos agradáveis ou desagradáveis, segundo os títulos de trabalho que já conquistamos ou conforme as nossas necessidades de redenção. Bem-humorado, acentuou: – A carne, de certo modo, em muitas circunstâncias não é apenas um vaso divino para o crescimento de nossas potencialidades, mas também uma espécie de carvão milagroso, absorvendo-nos os tóxicos e resíduos de sombra que trazemos no corpo substancial.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 10)

“[...] Inegavelmente, será difícil alcançar o grande equilíbrio que nos outorgará o trânsito definitivo para as eminências do Espírito Puro. – Ah! sim – concordou o Ministro, com grave entono –, para que tivéssemos na Crosta Planetária um vaso tão aprimorado e tão belo, quanto o corpo humano, a Sabedoria Divina despendeu milênios de séculos, usando os multiformes recursos da Natureza, no campo imensurável das formas... Para que venhamos a possuir o sublime instrumento da mente em planos mais elevados, não podemos esquecer que o Supremo Pai se vale do tempo infinito para aperfeiçoar e sublimar a beleza e a precisão do corpo espiritual que nos conferirá os valores imprescindíveis à nossa adaptação à Vida Superior. – Compete-nos, então – observou Hilário, atencioso –, atribuir importante papel às enfermidades na esfera humana. Quase todas estarão no mundo, desempenhando expressivo papel na regeneração das almas. – Exatamente. – Cada “centro de força” – ponderei – exigirá absoluta harmonia, perante as Leis Divinas que nos regem, a fim de que possamos ascender no rumo do Perfeito Equilíbrio... – Sim – confirmou Clarêncio –, nossos deslizes de ordem moral estabelecem a condensação de fluidos inferiores de natureza gravitante, no campo eletromagnético de nossa organização, compelindo-nos a natural cativo em derredor das vidas começantes às quais nos imantamos.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 21)

“Amaro e a família, coadjuvados por alguns vizinhos, amortalhavam a forma hirta do menino, quando rumamos de volta ao Lar da Bênção. Notei que Júlio, asilado nos braços de Odila, se mostrava aliviado e tranquilo, como nunca o vira até então. Enquanto as nossas irmãs permutavam ideias, com respeito ao

futuro, indaguei do orientador, acerca da serenidade que felicitava agora o pequenino. Clarêncio informou, prestimoso: – Júlio reajustou-se para a continuação regular da luta evolutiva que lhe compete. O renascimento malogrado não teve para ele tão somente a significação expiatória, necessária ao Espírito que deserta do aprendizado, mas também o efeito de um remédio curativo. A permanência no campo físico funcionou como recurso de eliminação da ferida que trazia nos delicados tecidos da alma. A carne, em muitos casos, é assim como um filtro que retém as impurezas do corpo perispiritual, liberando-o de certos males nela adquiridos. – Isso quer dizer... O Ministro, porém, cortou-me a palavra, acentuando: – Isso quer dizer que Júlio doravante poderá exteriorizar-se num corpo sadio, conquistando merecimento para obter uma reencarnação devidamente planejada, com elevados objetivos de serviço. Terá, por alguns meses conosco, desenvolvimento natural, regressando à Terra, em elogiáveis condições de harmonia consigo mesmo. – Mas voltará, assim, em tão pouco tempo? – perguntei, admirado. – Esperamos que assim seja. Deve atender ao crescimento de qualidades nobres para a vida eterna que somente o retorno à escola da carne poderá facilitar. Além disso, precisa conviver com Amaro, Zulmira e Silva, de maneira a confraternizar-se realmente com eles, segundo o amor puro que o Cristo nos ensinou. – Essas anotações – ponderei – lançam nova claridade em nosso estudo da vida. Compreendemos, assim, que as moléstias complicadas e longas guardam função específica. Os aleijões de nascença, o mongolismo, a paralisia... – Sim – confirmou o orientador –, por vezes é tão grande a incursão da alma nas regiões de desequilíbrio, que mais extensa se faz para ela a viagem de volta à normalidade. Sorrindo, acrescentou: – O tempo de inferno restaurador corresponde ao tempo de culpa deliberada. Em muitas fases de nossa evolução somos imantados às teias da carne, que sempre nos reflete a individualidade intrínseca, assim como a argila é conduzida ao calor da cerâmica ou como o metal impuro é arrojado ao cadinho fervente. A depuração exige esforço, sacrifício, paciência. Ante nosso olhar deslumbrado, tingira-se o horizonte de cores variegadas, anunciando o Sol que parecia nascer num mar de luz e ouro. Muito longe, esmaeciam as estrelas e, perto de nós, nuvens leves caminhavam apressadas, tangidas pelo vento. Contemplando a imensidão, Clarêncio considerou: – Quando nosso espírito apreende alguma nesga da glória universal, desperta para as mais sublimes esperanças. Sonha com o acesso às esferas divinas, suspira pelo reencontro com amores santificados que o esperam em vanguardas distantes, aceitando, então, duros trabalhos de reajuste. Que representam, em verdade, para nós, alguns decênios de renúncia na Terra, em confronto com a excelsitude dos séculos

de felicidade em mundos de sabedoria e trabalho enaltecedor!... – Ah! Se os homens percebessem!... – obtemperei, lembrando a rebelião que tantas vezes nos prejudica no mundo. – Entenderão algum dia – objetou Clarêncio, otimista –; todos os seres progridem e avançam para Deus. O homem terrestre crescerá para o grande entendimento e louvará, feliz, o concurso da dor. O embrião do jequitibá, com os anos, se converte em tronco vetusto, rico de beleza e utilidade, e o espírito, com os milênios, transforma-se em gênio soberano, coroado de amor e sabedoria. Depois de um minuto de silenciosa adoração à Natureza, o instrutor continuou: – Volvendo ao caso de Júlio, não podemos olvidar que milhares de Inteligências, entre o berço e o túmulo, estão procurando a própria recuperação. À medida que se nos aclara a consciência e se nos engrandece a noção de responsabilidade, reconhecemos que a nossa dignificação espiritual é serviço intransferível. Devemos a nós mesmos quanto nos sucede em matéria de bem ou de mal.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 33)

“**Medida salvadora.** Havíamos terminado ativa colaboração, num elevado ambiente consagrado à prece, quando certo companheiro se abeirou de nós, reclamando o concurso do Assistente num caso particular. Calderaro decerto conheceria os pormenores da situação, porque entre ambos logo se estabeleceu curioso diálogo. – Infelizmente – dizia o informante –, nosso Antídoto não sobreleva a situação; permanece em derrocada quase total. Vinculou-se de novo a perigosos elementos da sombra e voltou aos desacertos noturnos, com grave prejuízo para o nosso trabalho socorrista. – Não lhe valeram as melhoras da quinzena passada? – indagou fraternalmente o orientador. – Aproveitou-as para mais presto volver à irreflexão – esclareceu o interlocutor com inflexão magoada. – É de notar, porém, que se achava quase de todo louco. – Sim, mas conseguiu fruir, outra vez, estado orgânico invejável, mercê de sua intervenção última; logo, porém, que se viu fortalecido, tornou desbragadamente aos alcoólicos. A sede escaldante, provocada pela própria displicência e pela instigação dos vampiros que, vorazes, se lhe enxameiam à roda, everteu-lhe o sistema nervoso. A organização perispiritica, semiliberta do corpo denso pelos perniciosos processos da embriaguez, povoa-lhe a mente de pesadelos atrozes, agravados pela atuação das entidades perversas que o seguem passo a passo. – Estará em casa a esta hora? – inquiriu Calderaro com interesse. – Não – disse o outro, abatido –, deixei-o, ainda agora, num centro menos digno, onde a situação do nosso doente tornou a características lamentáveis. O instrutor estudou o caso em silêncio, durante alguns instantes, e considerou: – Poderemos providenciar; contudo, se da outra vez consistiu o socorro em restituir-lo ao equilíbrio orgânico possível, no momento há

que agir em contrário. Convém ministrar-lhe provisória e mais acentuada desarmonia ao corpo. Neste, como em outros processos difíceis, a enfermidade retifica sempre. E, contemplando o benfeitor do necessitado distante, interrogou: – De acordo? – Perfeitamente – redarguiu ele, sem hesitação –; o meu amigo é especialista em assistência e eu lhe acato as determinações. O que nos interessa é a saúde efetiva do infeliz irmão, que se entregou sem defesa aos reclamos do vício. [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 14)

“[...] E acrescentou: – A dor é ingrediente dos mais importantes na economia da vida em expansão. O ferro sob o malho, a semente na cova, o animal em sacrifício, tanto quanto a criança chorando, irresponsável ou semiconsciente, para desenvolver os próprios órgãos, sofrem a dor-evolução, que atua de fora para dentro, aprimorando o ser, sem a qual não existiria progresso. Em nosso estudo, porém, analisamos a dor-expição, que vem de dentro para fora, marcando a criatura no caminho dos séculos, detendo-a em complicados labirintos de aflição, para regenerá-la, perante a Justiça... É muito diferente... – Curioso! – exclamou Hilário – não havia pensado ainda em semelhantes conceitos... Dor-evolução, dor-expição... – Como temos ainda dor-auxílio – atalhou Druso, benevolente. – Como assim? E percebendo a surpresa que se nos estampava no rosto, o orientador aduziu: – Em muitas ocasiões, no decurso da luta humana, nossa alma adquire compromissos vultosos nesse ou naquele sentido. Habitualmente, logramos vantagens em determinados setores da experiência, perdendo em outros. Às vezes, interessamo-nos vivamente pela sublimação do próximo, olvidando a melhoria de nós mesmos. É assim que, pela intercessão de amigos devotados à nossa felicidade e à nossa vitória, recebemos a bênção de prolongadas e dolorosas enfermidades no envoltório físico, seja para evitar-nos a queda no abismo da criminalidade, seja, mais frequentemente, para o serviço preparatório da desencarnação, a fim de que não sejamos colhidos por surpresas arrasadoras, na transição da morte. O enfarte, a trombose, a hemiplegia, o câncer penosamente suportado, a senilidade prematura e outras calamidades da vida orgânica constituem, por vezes, dores-auxílio, para que a alma se recupere de certos enganos em que haja incorrido na existência do corpo denso, habilitando-se, através de longas reflexões e benéficas disciplinas, para o ingresso respeitável na Vida Espiritual.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“Felizes da Terra! Quando passardes ao pé dos leitos de quantos atravessam prolongada agonia, afastai do pensamento a ideia de lhes acelerardes a morte!... Ladeando esses corpos amarrotados e por trás dessas bocas mudas, benfeitores do plano espiritual articulam providências, executam encargos nobilitantes, pronunciam orações ou estendem braços amigos! Ignorais,

por agora, o valor de alguns minutos de reconsideração para o viador que aspira a examinar os caminhos percorridos, antes do regresso ao aconchego do lar. Se não vos sentis capacitados a oferecer-lhes uma frase de consolação ou o socorro de uma prece, afastai-vos e deixai-os em paz!... As lágrimas que derramam são pérolas de esperança com que as luzes de outras auro-ras lhes rociam a face!... Esses gemidos que se arrastam do peito aos lábios, semelhando soluços encarcerados no coração, quase sempre traduzem cânticos de alegria, à frente da imortalidade que lhes fulgura do Além!... Companheiros do mundo, que ainda trazeis a visão limitada aos arcabouços da carne, por amor aos vossos sentimentos mais caros, dai consolo e silêncio, simpatia e veneração aos que se abeiram do túmulo! Eles não são as múmias torturadas que os vossos olhos contemplam, destinadas à lousa que a poeira carcome... São filhos do Céu, preparando o retorno à Pátria, prestes a transpor o rio da Verdade, a cujas margens, um dia, também vós chegareis!...” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 7)

“— Ante a aflição de alguém — fez-se explícito —, costumamos interrogar à cata de esclarecimentos. Parecem-nos injustos os sofrimentos de pessoas que se enobrecem pelo trabalho e que alçam voo às regiões do amor; apresentam-se-nos como indêbitos ou severamente fortes os tributos de dor a que muitos são convocados, quando estão em renovação, na esfera de trabalhos edificantes; Espíritos em santificação surgem-nos carregados de contínuas provas e elas nos parecem demasiadas... Todos esses Espíritos, porém, rogaram a oportunidade do resgate no passado, quando se acreditavam capazes. Nem sempre, todavia, quando o solicitaram possuíam as necessárias resistências para produzi-los. Vindo as aflições somente agora, quando amam e servem, produzem e ajudam, dispõem do largo patrimônio do amor e da resignação, do conhecimento e da esperança para diminuir-lhes o peso do fardo... A prova chega quando o aluno realizou o curso, obviamente, como consequência natural para a verificação da aprendizagem na seleção dos mais aptos e valorosos. Noutros casos, porém, a enfermidade e a dor são medidas preventivas impeditivas de danos maiores na economia do progresso. O próprio amor, após examinar os recursos e possibilidades de determinados pacientes da alma, aprofundando neles a observação demorada e comprovando-lhes o pouco aproveitamento das lições da reencarnação com os agravantes dos planos maléficos que acalentam, impossibilita-os de cair em danos mais graves, comprometimentos mais ásperos para eles mesmos, resolvendo que, por enquanto, para a melhora das suas aquisições, só a doença, o agravamento do seu estado, ensejando, desse modo, enquanto presos ao leito, tempo de meditar e transformar ideias, de buscar

o pensamento divino e renovar-se... Diante, pois, dos sofrendores deste ou daquele jaez, não nos apressemos em *revelações* aventureiras quanto às suas causas, para não correremos o perigo de errar. Em toda e qualquer situação valorizemos a bênção do resgate, a lição viva para aprendizagem valiosa, e submetamo-nos, tranquilos, aos impositivos da Lei. Pacientes há, rebeldes de tal monta, que o melhor medicamento para a saúde deles é a continuação do sofrimento em que se encontram... «Cientificados e esclarecidos, seguros de que tudo obedece a Planificação Superior, sejamos o irmão da caridade, do amor, da compaixão, e envolvamos os sofrendores que nos buscam nos tecidos da nossa prece e dos nossos sentimentos bons, ajudando e passando. A Lei a todos nos alcançará... Predisponhamo-nos pelo bem para o momento do nosso exame, na abençoada escola do progresso.» (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 12)

“As operações socorristas estavam no término, quando Saturnino, incorporando o médium Moraes, teceu algumas considerações em torno dos labores desobsessivos junto aos Soares. — As nossas palavras de hoje — falou com inflexão de muita ternura e bondade, como lhe era habitual — são dirigidas à irmã Rosa, cujo exemplo de resignação nos comove e nos felicita. Convidada ao resgate em caudaloso rio de sofrimentos, a irmã querida tem sabido honrar a confiança do Senhor. Desde cedo requisitou a bênção da renúncia pessoal, reunindo no lar velhos compromissos que se complicavam e aceitou a incumbência de labutar infatigável até o fim da tarefa, sem desânimo nem rebeldia. É justo que lhe seja conferido o salário pela fidelidade no posto do dever retamente atendido. E o salário do servo devotado é a esperança de melhores horas, com a paz de todos os instantes, para a continuação do empreendimento de luz interior, ao qual se encontra nobremente vinculada. E desejando, talvez, demonstrar a elevação dos méritos da mãe de Amália, acrescentou: — Tínhamos em mãos o dilema de como conduzir o Sr. Mateus, em face das dores que pesavam sobre o seu lar e a sua irreverente deslealdade para com os deveres espontaneamente assumidos junto ao altar da família. Logo após o lamentável incidente de que se fez merecedor, reunimo-nos, aqueles que assumimos a responsabilidade do socorro a Mariana e, posteriormente, à família, para examinar o transcurso das tarefas futuras no seu lar, chegando à conclusão de que o remédio mais eficaz e mais bem aplicado para o nosso irmão seria o de demorada permanência no leito, a fim de que a limitação das forças e o constrangimento da enfermidade lhe pudessem despertar o espírito atormentado para as questões vitais da reencarnação, da imortalidade... Sabemos, por experiência e observação, que os mais calcetas e inveterados adversários da razão, do siso, dos sentimentos espirituais, modificam

os conceitos logo que se deparam com as perspectivas próximas da desencarnação e, embora não acreditando na continuação da vida, como fazem crer, rogam, desesperados, tempo para refazer o caminho e preparar-se... Assim, concluímos pela hipótese de retê-lo no leito, dependendo das mãos da família, à queda espetacular e irreversível no despenhadeiro da delinquência para onde marchava sob poderoso comando de insensíveis inimigos com os quais se imantava desde há muito. Dessa forma, após o delíquio no atrito com Marta, igualmente perturbada, recorremos a providencial socorro, aplicando-lhe recursos magnéticos que libertaram a bolha de ar que se alojou em circuito especial do cérebro, gerando a embolia de que foi acometido... Como o Divino Benfeitor dispõe de recursos e terapêutica especializada para todos os problemas e enfermidades, a dor, que agora lhe é mestra e mãe gentil, abre-lhe, também, as portas da compreensão da família e da paz no lar, ajudando-o a descobrir o mundo novo do espírito para a própria felicidade.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 15)

“Compungido, o Orientador facultou-nos, em pausa significativa e oportuna, reflexionar ante o quadro austero do sofrimento, a refletir a justeza das Leis da Vida, que não esquecem, não condenam, não liberam senão pela reabilitação do culpado. — Condicionada por longos anos — elucidou com benignidade - à dissimulação, à mentira, ao suborno, acalentando pavores que a arrastaram à loucura, lesou os centros perispirituais, que em se fixando no novo corpo, alteraram o metabolismo endócrino, produzindo a enfermidade que ora lhe cobra os delitos cometidos. “Face ao estado avançado da enfermidade, porquanto as fixações mentais antigas ressurgem como alucinações que lhe complicam o quadro patológico, defronta, quando se desprende parcialmente do corpo nas rudes refregas convulsivas, o amante assassinado, ainda no Plano Espiritual, que a atemoriza com bem urdida maldade. O horror que a assoma se transmite à aparelhagem orgânica, motivando nova e penosa crise, a suceder-se, não raro, por horas contínuas. “Tem, então, noção do resgate, embora o tumulto que a vence, reconhecendo a culpa que arrasta consigo, aspirando pela libertação, que pressente próxima. “Realmente arrependida dos erros praticados, não jaz aqui à mercê do abandono, uma vez que antigo afeto em melhor posição espiritual, que intercedeu pelo seu renascimento, vem visitá-la com assiduidade, lenindo-lhe as aflições e encorajando-a a avançar. Nunca faltam os sublimes recursos do amor, mesmo nos abismos mais infelizes onde vigem os déspotas e os maus de todos os tempos, ali transitando para as experiências libertadoras. Nesse comenos, adentrou-se pelo apartamento respeitável Entidade que nos saudou cordialmente, acercando-se da enferma que demorava em estado comatoso

no solo. Envolveu-a com imensa ternura, aplicou-lhe recursos refazentes e balsâmicos, desembarçando-a dos fluídos tóxicos que a entorpeciam e despertando-a, a pouco e pouco, fê-la reconhecê-lo. O semblante se lhe tornou agradável, descontraído e, tomada por inusitada emotividade, deixou-se conduzir, afastando-se daqueles sítios, na busca de renovação e paz. — Acreditamos — arrematou o Mensageiro da caridade — que logo mais desencarnará, vitimada por um colapso cardíaco, após haver pago os compromissos negativos antes assumidos. “Muitos companheiros lutariam para que permanecesse no corpo, esquecidos de que a vida verdadeira é a Espiritual, representando a experiência carnal bênção e oportunidade transitória para a nossa evolução.” Estávamos fascinados. Realmente, também nós, quando no corpo físico, supúnhamos que, na epilepsia, defrontávamos invariavelmente o fenômeno obsessivo, sem logicar que no organismo vêm impressas as necessidades de cada um, a se traduzirem como deficiências, limitações, coartações, problemas de saúde. Idiotia, oligofrenia, mongolismo, epilepsia, psicoses várias, esquizofrenia, demência são terapêuticas de que se utiliza a Justiça Divina para alcançar os Espíritos doentes, que tentam fugir à Verdade, mancomunados com o crime e a ilusão.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 11)

“Por ponderáveis razões, o esquecimento das vidas anteriores é misericórdia e sabedoria divina para com os homens. As síndromes das enfermidades mentais têm suas raízes no espírito endividado e são, tais doenças, recursos punitivos e reeducadores de que se utiliza a vida, em nome da Divindade, para lecionar justiça e administrar evolução aos que se negam à vivência dentro das linhas do amor, conforme o ensinaram todos os construtores éticos da Humanidade e, especificamente, Jesus, o amor por excelência de todas as criaturas.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

“Calou-se a Mensageira. Maurício mantinha a expressão de sincero desejo de acertar, os olhos luminosos e expectantes, o corpo com ligeiros tremores e a emoção, que o dominou, confortadora. — Ele necessitará de desintoxicação — confidenciou-me o Dr. Lustoza — Bernardo irá assisti-lo com passes diários por algum tempo e será providenciada uma enfermidade-auxiliar como terapia libertadora. — *Enfermidade-auxiliar?* — interroguei, a meu turno. — Não há motivo para estranheza — replicou, jovial —. Existem as doenças expurgadoras, as que convidam à renovação e as que ajudam na liberação dos vícios. Enfermo, por algum tempo, ele se recusará às drogas, por medo da morte e cuidará melhor do corpo, nutrindo-o e amparando-o quanto convém. Porque suas resistências imunológicas estão em quase crise, não será difícil *auxiliá-lo* na aquisição de uma infecção respiratória... Recebendo o concurso fluídico que lhe concedeu

repouso, Maurício foi recambiado ao corpo, enquanto orando, em silêncio, a Orientadora nos convocou ao retorno.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 13)

“Diante das disposições de que Argos se encontrava revestido, fácil foi a movimentação de recursos a seu favor na empresa nova que, se aproveitada como de conveniência superior, assinalaria em definitivo os rumos da sua ascensão. Certamente os testemunhos que deveria experimentar no futuro, faziam parte do seu processo de evolução, não podendo ser-lhe afastados, entretanto, o seu esforço deveria granjear títulos que lhe diminuíssem os gravames, em face das realizações edificantes. Conveniente ressaltar, porém, que os seus compromissos infelizes em relação a Felipe e outras vítimas anteriores, permaneceriam aguardando quitação de que o amor e o perdão se fazem os mais excelentes valores para tais cometimentos. A enfermidade de largo curso dera-lhe uma ideia das responsabilidades menosprezadas, todavia, não chegara a amoldar-lhe o caráter, de modo a modificar-lhe as estruturas da personalidade, a prepotência moral e o orgulho que lhe constituíam marcas e reminiscências do comportamento antigo, arbitrário e apaixonado. O instinto possessivo e o egoísmo que a si tudo permite, sobrepondo-se ao direito alheio, vendo-se sempre como credor de consideração e apoio sem mais respeito aos valores do próximo, permaneciam-lhe como chagas morais expressivas que a doença não conseguiu drenar. Em compensação, seriam essas imperfeições por corrigir que permitiriam aos seus adversários os meios para as futuras induções obsessivas e novos problemas, desde que os Espíritos perversos e infelizes sempre se utilizam das tendências negativas daqueles a quem odeiam, para estimulá-las, desse modo levando-os às situações penosas, perturbadoras. Se o homem se apoia aos recursos de elevação, difícil se torna para os seus animosos verdugos espirituais encontrar as *brechas* pelas quais infiltram os seus sentimentos torpes, na sanha da perseguição em que se comprazem. Toda e qualquer obsessão é sempre resultado da anuência consciente ou não de quem a sofre, por debilidade moral do Espírito encarnado, que não lhe antepõe defesas ou por deficiências do comportamento que propiciam o intercâmbio, em razão da preferência psíquica que apraz ao mesmo manter.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“E como a função da dor reveste-se de um poder terapêutico de libertação para quem a sabe aproveitar, justo se faz que o encarnado se modifique para melhor, mediante cujo comportamento também sensibiliza o seu opositor, a seu turno adquirindo recursos de paz e títulos de trabalho para o seu crescimento espiritual. Sem embargo, há pacientes, obsidiados ou não, para os quais, graças à sua rebeldia sistemática e teimosa acomodação nas disposições inferiores, a

melhor terapia é a permanência da doença, poupando-os de males maiores. Há paralíticos que recuperam os movimentos e marcham para desastres que poderiam evitar, se o quisessem; portadores de micoses, chagas e pústulas, refazem a aparência física, curando-se das dermatoses e infectam a mente e a alma com os contágios dos atos deprimentes e viciosos; cegos que recobram a visão e a utilizam erradamente na observação dos fatos; viróticos e portadores de limitações que se restabelecem, logo atirando-se, lúbricos e desesperados, nos labirintos da insatisfação, da agressividade, mais se infelicitando... No campo das obsessões, não são poucos aqueles que, logo se melhoram, abandonam as disposições de trabalho e progresso, para correrem precipites, de retorno aos hábitos vulgares em que antes se compraziam... Mesmo diante de Jesus este fenômeno era habitual. Em princípio, porque conhecesse a procedência dos males que afligiam os enfermos e infelizes que O buscavam, como é compreensível, o Senhor não curou a todos... E dentre os muitos curados, ficou memorável a interrogação que Ele dirigiu ao ex-hanseniano que lhe foi expressar a gratidão pelo benefício recebido. — Não foram dez os curados, porque só este veio agradecer?!” [* *Lucas 17 vs. 17 (nota da editora)*]. É comum fazer-se compromisso íntimo de renovação e trabalho, enquanto perdura a doença, *negociando-se* com Deus a saúde que se deseja pelo que se promete realizar, como se a prática das virtudes do bem fosse útil ao Pai e não dever de todos nós, que nos beneficia e felicita. Logo passa a agudez do sofrimento e o tempo distancia a mente ex-padecente do momento da enfermidade, a ilusão substitui a realidade; a volúpia do prazer estiola os desejos de servir e ele cai na indiferença, quando não sucede ocorrerem males piores.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“As obsessões sutis e insidiosas. [...] Como o momento é propício, intentemos, então, a terapêutica oportuna e salvadora. Convidando-nos a todos à oração, vimo-lo concentrar-se de forma inabitual, envolvendo-se em diáfana claridade, quando se adentrou na enfermaria nobre Espírito que examinou o paciente, e explicou ao Dr. Ignácio: — Será fácil deslocar um pequeno coágulo sanguíneo e encaminhá-lo ao cérebro, ensejando-lhe um acidente vascular cerebral de expressivo curso, localizando-o no hemisfério esquerdo, cujos efeitos lhe serão benéficos... Demo-nos conta de que o visitante era um hábil neurocirurgião, ora sediado no Sanatório Esperança, que lhe atendera a solicitação mental e viera em seu socorro. Observamos o esculápio examinando o aparelho circulatório do paciente, logo explicando: — Notamos que o nosso enfermo é portador de grave problema nas carótidas, especialmente na lateral esquerda. Será muito fácil deslocar-lhe um pequeno trombo que irá proporcionar-lhe

uma isquemia cerebral de larga proporção, obstruindo-lhe delicada área de comunicação motora, verbal, sem anular-lhe o raciocínio, o fluxo do pensamento, ajudando-o a despertar para a autoconsciência. Ao contínuo, Dr. Ignácio convidou-nos a uma atividade desobsessiva, na qual dona Matilde e dona Modesto deveriam contribuir mediunicamente, atraindo as duas entidades mais vinculadas ao paciente, deslocando-as dos chacras aos quais se fixavam, ao tempo em que seriam realizados os procedimentos para a produção do acidente vascular cerebral. Eu me encontrava encantado com os recursos para mim desconhecidos, de que se utilizam os benfeitores espirituais a fim de contribuir para a recuperação moral dos calcetas e impertinentes defraudadores das divinas leis, trabalhando sempre com amor. Assim pensando, dei-me conta que, invariavelmente, o que se apresenta como um mal constitui terapia salutar para excelentes resultados no bem e na saúde. Não fora, porém, essa, a primeira vez que acompanhava algo dessa natureza, porém, não do mesmo porte. Isto posto, ficou estabelecido que, naquela mesma noite, após as 23h, seria realizado um labor desobsessivo no plano espiritual, tendo em vista a desestruturação de Anselmo, o paciente irresponsável e recalcitrante que, nada obstante, era amado e credor de carinhosa ajuda, embora dolorosa, tendo-se em conta os promissores resultados futuros. O médico especialista convidado e a nobre genitora devotada solicitaram permissão para retirar-se, ficando estabelecido o horário referido para os procedimentos espirituais em benefício do paciente adormecido. Logo depois, Dr. Juliano Moreira interrogou o colega uberabense: - Confesso que ignorava totalmente este programado recurso terapêutico. Equivale dizer que os espíritos nobres podem desencadear distúrbios orgânicos com vistas à recuperação moral dos enfermos? - Sim - concordou o interlocutor. - Convém não esquecermos que nos encontramos no mundo das causas, da energia, e que os fenômenos orgânicos podem ser produzidos desde aqui, mediante a movimentação de forças específicas. Vejamos o caso do nosso Anselmo. Ele se encontra com diversas artérias muito comprometidas com excesso de gordura, com alguns depósitos lipídicos nas suas paredes - ateromas - e que, estimulados por vigorosa descarga mental bem orientada, podem ser deslocados e seguir a corrente sanguínea até obstruírem vasos de pequena calibragem, porém essenciais na irrigação, especialmente no cérebro. Advirão, por consequências, correspondentes às áreas afetadas... as paralisias - “É bastante lógico” - concordou, meneando a cabeça, afirmativamente. Quanto vã é a nossa filosofia, na Terra! Não posso deixar de parafrasear Shakespeare... Como ficam sem qualquer respaldo as teses afrontosas de que o pensamento é resultado do quimismo cerebral, quando esse é, em realidade, o fator que

mantém a produção dos agentes eletroquímicos para as neurocomunicações!” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 7)

IV Processo saúde-doença e centros de força

IV.1. Fisiologia do perispírito (centros de força perispirituais)

Vide Subcapítulo III.2 (“Fisiologia do perispírito e centros de força ou vitais (chacras)”, Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

IV.2. A mente controla o corpo físico através dos centros de força^{21,22,23,24,25,26}

“Ouvíamos as preciosas explicações, enlevados, mas Clarêncio, reparando que não nos cabia fugir do quadro ambiente, voltou-se para a garganta enferma de Júlio e continuou: – Não nos afastemos das observações práticas, para estudar com clareza os conflitos da alma. Tal seja a viciação do pensamento, tal

será a desarmonia no centro de força, que reage em nosso corpo a essa ou àquela classe de influxos mentais. Apliquemos à nossa aula rápida, tanto quanto nos seja possível, a terminologia trazida do mundo, para que vocês consigam fixar com mais segurança os nossos apontamentos. Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o “centro coronário” que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando, todavia, com eles em justo regime de interdependência. Considerando em nossa exposição os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma. Logo após, anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário”, que ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que,

- 21** Vide Subcapítulo III.3 (“Relação entre perispírito, mente, pensamentos e sentimentos”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 22** Vide Subcapítulo III.6 (“O perispírito modela e comanda o corpo físico”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 23** Vide Subcapítulo III.7 (“Perispírito, doença e cura”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 24** Vide Subcapítulo IV.5 (“O binômio espírito-mente modela e comanda o perispírito”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 25** Vide Subcapítulo IV.6 (“O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 26** Vide Subcapítulo VI.3 (“Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à palavra, à cultura, à arte, ao saber. É no “centro cerebral” que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos. Em seguida, temos o “centro laríngeo”, que preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireoide e das paratireoides. Logo após, identificamos o “centro cardíaco”, que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral. Prosseguindo em nossas observações, assinalamos o “centro esplênico” que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos. Continuando, identificamos o “centro gástrico”, que se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização e, por fim, temos o “centro genésico”, em que se localiza o santuário do sexo, como templo modelador de formas e estímulos. O instrutor fez pequena pausa de repouso e prosseguiu: – Não podemos olvidar, porém, que o nosso veículo sutil, tanto quanto o corpo de carne, é criação mental no caminho evolutivo, tecido com recursos tomados transitoriamente por nós mesmos aos celeiros do Universo, vaso de que nos utilizamos para ambientar em nossa individualidade eterna a divina luz da sublimação, com que nos cabe demandar as esferas do Espírito Puro. Tudo é trabalho da mente no espaço e no tempo, a valer-se de milhares de formas, a fim de purificar-se e santificar-se para a Glória Divina. Clarêncio afagou a garganta doente do menino, dando-nos a ideia de que nela fixava o objeto de nossas lições, e aduziu: – Quando a nossa mente, por atos contrários à Lei Divina, prejudica a harmonia de qualquer um desses fulcros de força de nossa alma, naturalmente se escraviza aos efeitos da ação desequilibrante, obrigando-se ao trabalho de reajuste. No caso de Júlio, observamo-lo como autor da perturbação no “centro laríngeo”, alteração que se expressa por enfermidade ou desequilíbrio a acompanhá-lo fatalmente à reencarnação. – E como sanará ele semelhante deficiência? – perguntei, edificado com os esclarecimentos ouvidos. Com a serenidade invejável de sempre, o Ministro ponderou: – Nosso Júlio, de atenção encadeada à dor da garganta, constrangido a pensar nela e padecendo-a, recuperar-se-á mentalmente para retificar o tônus vibratório do “centro laríngeo”, restabelecendo-lhe a normalidade em seu próprio favor. E decerto para gravar, com mais segurança, a elucidação, concluiu: – Júlio renascerá num equipamento fisiológico deficitário que, de algum modo, lhe retratará a região lesada a que nos reportamos. Sofrerá intensamente do órgão vocal que, sem dúvida, se caracterizará por fraca resistência aos assaltos microbianos e, em virtude de o nosso amigo

haver menosprezado a bênção do corpo físico, será defrontado por lutas terríveis, nas quais aprenderá a valorizá-lo. Em seguida, porém, o instrutor desdobrou várias operações magnéticas, a benefício do pequeno enfermo, que se mantinha calmo, e, com os agradecimentos das duas solícitas irmãs que nos ouviam, atentamente, despedimo-nos de retorno ao nosso domicílio espiritual.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 20)

“Depois do entendimento com os internados, o Instrutor Druso aquiesceu em dispensar-nos alguns minutos de conversação educativa. Explanara brilhantemente sobre o problema das provas na experiência terrestre. Alertara-nos quanto à necessária renovação mental nos padrões do bem, destacando a necessidade do estudo, para a assimilação do conhecimento superior, e do serviço ao próximo, para a colheita de simpatia, sem os quais todos os caminhos da evolução surgem complicados e difíceis de ser transitados. Junto dele, enquanto prelecionava, fora colocada singular escultura – uma estátua notável reproduzindo o corpo humano, transparente aos nossos olhos, à qual apenas faltava o sopro espiritual para revelar-se viva. Patenteavam-se, ali, à nossa visão, todos os órgãos e apetrechos do carro físico, sob a proteção do sistema nervoso e do sistema sanguíneo. O coração, à maneira de um grande pássaro no ninho das artérias enrodilhadas na árvore dos pulmões; o fígado, à feição de um condensador vibrante; o estômago e os intestinos como digestores técnicos e os rins, quais aparelhos complexos de filtragem, convidavam-nos a profunda admiração; contudo, nosso maior interesse concentrava-se no sistema endocrínico, no qual as glândulas se salientavam por figurações de luz. A epífise, a hipófise, a tireoide, as paratireoides, o timo, as suprarrenais, o pâncreas e as bolsas genésicas caracterizavam-se, perfeitas, sobre o fundo vivo dos centros perispirituais, que se combinavam uns com os outros, em sutilíssimas ramificações nervosas, singularmente ajustadas, através dos plexos, emitindo cada centro irradiações próprias, constituindo-se o conjunto num todo harmônico, que nos impelia à contemplação extática. Percebendo-nos a surpresa, o chefe da casa disse, bondoso; – Habitualmente convidamos a atenção de nossos internados para os veículos de nossas manifestações, mostrando-lhes, quanto possível, a correspondência entre nossos estados espirituais e as formas de que nos servimos. É indispensável compreendamos que todo mal por nós praticado conscientemente expressa, de algum modo, lesão em nossa consciência e toda lesão dessa espécie determina distúrbio ou mutilação no organismo que nos exterioriza o modo de ser. Em todos os planos do Universo, somos espírito e manifestação, pensamento e forma. Eis o motivo porque, no

mundo, a Medicina há de considerar o doente como um todo psicossomático, se quiser realmente investir-se da arte de curar. E, tocando a bela escultura à nossa vista, continuou: – Da mente clareada pela razão, sede dos princípios superiores que governam a individualidade, partem as forças que asseguram o equilíbrio orgânico, por intermédio de raios ainda inabordáveis à perquirição humana, raios esses que vitalizam os centros perispiríticos, em cujos meandros se localizam as chamadas glândulas endócrinas, que, a seu turno, despedem recursos que nos garantem a estabilidade do campo celular. Como é óbvio, nas criaturas encarnadas esses elementos se consubstanciam nos hormônios diversos que atuam sobre todos os órgãos do corpo físico, através do sangue. O homem comum, que já conhece a tiroxina e a adrenalina, energias fabricadas pela tireoide e pelas suprarrenais, com influência decisiva no trabalho circulatório, nos nervos e nos músculos, não ignora que todas as demais glândulas de secreções internas produzem recursos que decidem sobre saúde e enfermidade, equilíbrio e desequilíbrio nos indivíduos encarnados. Ora, em substância, como é fácil de ver, todos os estados acidentais das formas de que nos utilizamos, no espaço e no tempo, dependem, assim, do comando mental que nos é próprio. É por isso que a justiça, sendo instituto fundamental de ordem, na Criação, começa invariavelmente em nós mesmos, em toda e qualquer ocasião que lhe defraudemos os princípios. A evolução para Deus pode ser comparada a uma viagem divina. O bem constitui sinal de passagem livre para os cimos da Vida Superior, enquanto que o mal significa sentença de interdição, constringendo-nos a paradas mais ou menos difíceis de reajuste.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“CORPO ESPIRITUAL. Retrato do corpo mental. Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental* que lhe preside a formação [*O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre. (Nota do Autor espiritual)]. Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. Todas

as alterações que apresenta, depois do estágio berço túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência. Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas coloides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta. **Centros vitais.** Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer. Nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica. É assim que, regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena, nele identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, assim como as peças secundinas de uma usina respondem ao comando da peça-motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las. Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes ple-xiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efectoras; o centro laríngeo, controlando notadamente a respiração e a fonação; o centro cardíaco, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base; o centro esplênico, determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro

das variações de meio e volume sanguíneo; o centro gástrico, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização, e o centro genésico, guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas. **Centro coronário.** Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas. Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, ideias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as consequências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino. **Estrutura mental das células.** É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmos-nos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluídos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretecidos na essência da matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito. **Centros vitais e células.** São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação. Essas células que obedecem às ordens do Espírito, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, procedem do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em

laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações proto-plásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras. Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas, na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exoneração excretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça, encontrando, porém, esse clima, que lhes é indispensável, na estrutura aquosa de nossa constituição fisiopsicossomática, a expressar-se nos líquidos extracelulares, formados pelo líquido intersticial e pelo plasma sanguíneo.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“EVOLUÇÃO E CÉREBRO. [...] Microcosmo prodigioso. Com o tempo, a Direção Espiritual da Vida consegue, enfim, organizar, com mais eficiência, o sistema nervoso autônomo, regulando e coordenando as funções das vísceras. Estruturam-se desse modo, primorosamente, a inervação visceral aferente e eferente e os centros coordenadores, os sistemas simpático e parassimpático e as fibras pré e pós-ganglionares de Langley, com os neurônios a edificarem vias eletromagnéticas de comunicação entre o governo espiritual e as províncias orgânicas. Em todos os ângulos do cérebro, esse microcosmo prodigioso, células especiais permanecem sob o controle do Espírito, assimilando-lhe os desejos e executando-lhe as ordens no automatismo que a evolução lhe confere. Desde o grupo tectobulbar das fibras pré-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidas com neurônios no mesencéfalo, protuberância e bulbo e incluindo os núcleos supra-ópticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, com neurônios localizados na medula sacra, nervos especiais funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou recolhida pela mente, em ação constante, nos domínios da sensação e da ideia, em conexões e trajetos que a ciência do homem mal começa a perceber, atuando nos demais centros do corpo espiritual e nas zonas fisiológicas que os configuram no veículo somático, através de circuitos reflexos. No dien-céfalo, campo essencialmente sensitivo e vegetativo, parte das mais primitivas do sistema nervoso central, o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, e, dessa junção de forças, o Espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem, como

aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com os quais, no regime de responsabilidade e de auto escolha, plasmará, no espaço e no tempo, o seu próprio caminho de ascensão para Deus. Uberaba, 12/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 9)

“**ALMA E FLUÍDOS.** [...] **Centros encefálicos.** É, pois, em novo plano, a dividir-se em variados setores de ação e de luta, que a consciência desencarnada, agora relativamente responsável, vai conhecer o resultado de suas próprias criações na passagem pelo campo carnal, através dos reflexos respectivos em seu pensamento, – o fluído em que se lhe imprimem os mais íntimos sentimentos e que lhe define os mais íntimos desejos. Com a supervisão dos Orientadores Divinos, associaram-se-lhe no cérebro o centro coronário e o centro cerebral em movimento sincrônico de trabalho e sintonia. Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se, a rigor, do segundo que lhe recolhe os estímulos, transmitindo impulsos e avisos, ordens e sugestões mentais aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa. E assim como o centro cerebral se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensorio, o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à corteza cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele, vasto sistema de governança do Espírito. Aí, nessa delicada rede de forças, através dos núcleos intercalados nas vias aferentes, através do sistema talâmico de projeção difusa e dos núcleos parcialmente abordados pela ciência da Terra (quais os da linha média, que não se degeneram após a extirpação do córtex, segundo experiências conhecidas), verte o pensamento ou fluído mental, por secreção sutil não do cérebro, mas da mente, fluído que influencia primeiro, por intermédio de impulsos repetidos, toda a região cortical e as zonas psicossomatossensitivas, vitalizando e dirigindo todo o cosmo biológico, para, em seguida, atendendo ao próprio continuísmo de seu fluxo incessante, espalhar-se em torno do corpo físico da individualidade consciente e responsável pelo tipo, qualidade e aplicação do fluído, organizando-lhe a psicofera ou halo psíquico, qual ocorre com a chama de uma vela que, em se valendo do combustível que a nutre, estabelece o campo em que se lhe prevalece a influência. Esse fluído ou matéria mental tem a sua ponderabilidade e as suas propriedades quimioeletromagnéticas específicas, definindo-se em unidades perfeitamente mensuráveis, qual acontece no sistema periódico dos elementos químicos, no

plano terrestre, compreendendo-se que, em círculos da inteligência mais evoluída, surpreendentes combinações dos fatores conhecidos podem ser efetuadas com vistas a certos fins, como sucede atualmente na Terra, onde elementos como o netuno, o plutônio, o amerício e o cúrio podem ser artificialmente produzidos.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 13)

“**MECANISMOS DA MENTE.** [...] **Sincronia de estímulos.** Entenderemos, assim, facilmente, que o córtex encefálico, com as suas delicadas divisões e subdivisões, governando os núcleos reguladores dos sentidos, dos movimentos, dos reflexos e de todas as manifestações nervosas da individualidade encarnada, corresponde à sede do centro cerebral do psicossoma (ou corpo espiritual) no corpo físico, unida à sede do centro coronário, localizada no diencéfalo, entrosando-se ambos em perfeita sincronia de estímulos, pelos quais se manifesta o Espírito em sua constituição mental, harmônica, difícil ou desequilibrada, segundo a posição em que ele mesmo valoriza, conserva, prejudica ou desordena os recursos que a Lei Divina lhe faculta à própria exteriorização no Plano Físico e no Plano Espiritual. E assim como dispomos, no córtex, de ligações energéticas da consciência para os serviços do tato, da audição, da visão, do olfato, do gosto, da memória, da fala, da escrita e de automatismos diversos, possuímos no diencéfalo (tálamo e hipotálamo), a se irradiarem para o mesencéfalo, ligações energéticas semelhantes da consciência para os serviços da mesma natureza, com acréscimos de atributos para enriquecimento e sublimação do campo sensorial, como sejam a reflexão, a atenção, a análise, o estudo, a meditação, o discernimento, a memória crítica, a compreensão, as virtudes morais e todas as fixações emotivas que nos sejam particulares. Emitindo a onda de indagação e trabalho que nos diga respeito, através do centro coronário, conjugado ao centro cerebral, recebemo-la de volta, em circuito de raios substanciais da nossa própria força mental, com impactos aferentes e eferentes, para que a nossa consciência, por si, ajuíze, pela essência dos resultados ou reflexos de nossas próprias ações, quanto ao acerto ou desacerto de nossa escolha, nessa ou naquela circunstância da vida. Não podemos esquecer que cada núcleo das ligações a que nos reportamos se subdivide em peculiaridades diversas, entendendo-se, pois, que os fenômenos de obliteração suscetíveis de ocorrer em alguns dos setores corticais do corpo físico podem surgir igualmente no corpo espiritual, quando a turvação da mente é capaz de obstruir temporariamente esse ou aquele fulcro energético da região diencefálica, no centro coronário da entidade desencarnada.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 16)

IV.3. Obsessão, doenças e centros de força^{27,28,29}

“Ouvindo-lhes os pareceres, atentei para a situação de Gaspar, sem dissimular minha justificada estranheza. O hipnotizador, de presença desagradabilíssima pelos fluidos menos simpáticos que emitia, continuava ausente de nossas conversações. O próprio olhar, quase vítreo, incapaz de fixar-nos, dava ideia de paralisia da alma, de petrificação do pensamento. Não podendo sofrer a curiosidade por mais tempo, indaguei de Gúbio quanto ao que lhe ocorria. Que significava aquela máscara psicológica do magnetizador das sombras? Jazia surdo, quase cego, plenamente insensível. Respondia às mais longas e importantes perguntas, através de monossílabos, de modo vago, e demonstrava insistência irreduzível, no setor de flagelação à vítima. O orientador, agora liberto de cuidados, esclareceu, prestimoso: – André, há obsessores marcadamente endurecidos de coração que se petrificam quando sob a influência de perseguidores ainda mais fortes e mais perversos que eles mesmos. Inteligências temíveis das trevas absorvem certos centros perispiríticos de determinadas entidades que se revelam pervertidas e ingratas ao bem e utilizam-nas como instrumentalidade na extensão do mal que elegeram por sementeira na vida. Gaspar encontra-se nessa situação. Hipnotizado por senhores da desordem, anestesiado pelos raios entorpecentes, perdeu transitoriamente a capacidade de ver, ouvir e sentir com elevação. Demora-se em aflitivo pesadelo, à maneira do homem comum, dentro do qual a dilaceração de Margarida se lhe torna a ideia fixa, obcecante. – Mas não poderá reintegrar-se na posse dos sentidos naturais? – inquiri, sob forte impressão. – Perfeitamente. O magnetismo é uma força universal que assume a direção que lhe ditarmos. Passes contrários à ação paralisante restitui-lo-ão à normalidade. Tal operação, contudo, exige momento adequado. Há necessidade, no feito, de recursos regeneradores intensivos, suscetíveis de serem encontrados junto a serviços de grupo, em que a colaboração de muitos se entrosa a favor de um só, quando necessário.” (AL, *Libertação*, Capítulo 15)

“Providenciados recursos defensivos para o quarto, impedindo a invasão da pequena área pelos comensais do desespero, e colocados os visitantes próximos à filha que dormia, inquieta, o Diretor Espiritual orou comovida súplica que a todos nos permeou de vibrações renovadoras. O ambiente sombrio a pouco e pouco se foi clarificando com diáfana luz, que parecia possuir desconhecidas potencialidades de desagregação das moléculas pestilenciais que impregnavam a atmosfera interna. Acercando-se da obsidiada e aplicando-lhe vigorosos passes de dispersão fluídica, o Benfeitor desprende a Entidade perturbadora, que, por sua vez, era teledirigida por outras mentes situadas distantes do Hospital. O Espírito perseguidor, ignorante e iracundo, viu-se contido e impossibilitado de maior reação pelos envoltórios magnéticos que o detinham, como consequência dos recursos de que se utilizava o Instrutor. No entanto, colhido pela surpresa, blasfemava, hórrido e atormentado, proferindo ameaças, com que pretendia exterminar a doente, desforçando-se do genitor da mesma. Sem permitir-se piedade injustificada ou impaciência negativa, o diligente Bezerra deu prosseguimento, inalterável, ao ministério, objetivando desdobrar Ester para o encontro com os pais, na esfera espiritual, em cujo ensejo lhe seria aplicada terapêutica especial de esclarecimento, que constituiria o passo significativo para os empreendimentos porvindouros. Atuando nos centros cerebral e coronário, donde emanavam fluidos dissolventes ali condensados e vitalizados desde o início da agressão obsessiva, Ester-espírito deslocou-se do corpo somático, perfeito símile deste, no qual se notavam as mesmas debilidades do outro: aparência maltratada, vestes andrajosas, descuidadas, desgaste... Não dispondo a jovem do mecanismo mental que aciona a conformação do corpo perispiritual em face ao desequilíbrio, que a vitimava, este retratava os condicionamentos da organização física a que se imantava, absorvendo-lhe as imposições determinantes. Fenômeno consentâneo ocorre quando o Espírito, acostumado às construções superiores da Vida, não obstante reencarnado em uma forma grotesca ou desgastada pelo sofrimento, ao desprender-se, assume aparência harmoniosa e luminífera, por ser o soma dirigido pela mente que extrai do

27 Vide Subcapítulo I.9 (“Mecanismo da obsessão: atuação na mente e no cérebro – Ação hipnótica”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

28 Vide Subcapítulo I.11 (“Simbiose entre obsessor e obsidiado”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

29 Vide Subcapítulo I.13 (“Obsessão causando distúrbios ou doenças físicas e mentais”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

psicossoma os progressos, as conquistas morais que nele imprimem as linhas de equilíbrio, beleza e fluidez.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 15)

“Não tenho relacionamento com bichos, especialmente com esses que se entregaram aos Falcões... (4) Trabalho noutro campo de justicamento... E não me recordo, senão, do mal que me fizeram. [(4) Os Falcões são um grupo de Entidades perversas, que trabalham mediante hipnose profunda, agindo nos centros perispíricos, de modo a completar os fenômenos de zoantropia psíquica dos que lhes caem nas garras, vitimados pelo ódio. Constituem uma organização que se dedica à prática do mal, usurpando os códigos da Justiça, de que se dizem instrumentos, vampirizando as energias das suas vítimas, enquanto essas o fazem dos seus desafetos... Demoram-se em Regiões de infinito sofrimento onde, não obstante sem que o queiram, luz a misericórdia do amor, qual ocorrera com o paciente ali em comunicação, resgatado por diligentes especialistas nesse tipo de socorro, vinculados ao trabalho do incansável Dr. Bezerra de Menezes. (Nota do Autor espiritual)]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 27)

“Ricardo despertava, então, para outra realidade, e novas reflexões passariam a povoar-lhe a mente aturda. É certo que não sucederiam os acontecimentos com larga fatia de facilidades. Os envolvidos no drama, como quase todos nós, encontravam-se marcados por feridas profundas no sentimento doentio. A cura e cicatrização seriam demoradas, como é natural de prever-se. A programação terapêutica seguiria o seu curso, dependendo dos resultados de cada um dos envolvidos. A um sinal sutil do Mentor, o irmão Genézio Duarte passou a aplicar recursos fluídicos de desmagnetização nos centros coronário e cerebral de Manuel Alfredo incorporado em Jonas. Aqueles largos minutos de intercâmbio psíquico e perispírico, com o médium, beneficiaram expressivamente o irmão, de forma alterada. Ajustado ao molde humano do companheiro encarnado e assimilando as energias benéficas do ambiente, passadas as reações mais fortes das evocações dos acontecimentos pretéritos, modificaram-se-lhe um tanto o aspecto e a agitação incontrolada, diminuindo, ao mesmo tempo, a ferocidade acumulada e as densas vibrações da auto-hipnose, bem como das induções negativas de que o mesmo fora vítima durante anos. O contágio do bem é de eficiência imediata, por isso que a vida resulta de um ato de amor do nosso Pai... À medida que eram dispersadas as energias perniciosas que se encontravam fixadas no centro cerebral do sofredor, víamos deslindar-se um fio negro de substância pegajosa que emanava um odor desagradável. Simultaneamente, exteriorizavam-se do centro coronário ondas vibratórias sucessivas, que se diluíam, na medida em que abandonavam o fulcro emissor. O técnico em

passos permanecia inatingido pelas irradiações negativas, porque, em profunda concentração produzia, por sua vez, correntes de uma energia, que o envolvia em suave tonalidade prata-violácea. A Entidade atormentada gemia pungentemente, como se estivesse sob uma cirurgia psíquica um pouco dolorosa. - As forças deletérias absorvidas - explicou-me o Dr. Bezerra, a meia-voz - impregnaram-lhe os centros perispíricos tão profundamente que se condensaram, impondo-lhe a compleição simiesca, na sucessão do tempo. As ideias pessimistas e deprimentes, gerando nele mesmo a forma-pensamento que lhe era imposta pela hipnose de outros companheiros empedernidos no mal e impenitentes, atuaram no corpo de plasma biológico encarregando-se de submetê-lo à situação em que se encontra. “Atuando-se em sentido oposto, através de movimentos contrários, rítmicos, circulares, da direita para esquerda, sob comando mental bem dirigido, pode-se extrair as fixações que se condensam, liberando o paciente da poderosa constrição que o submete. “Mesmo nesse caso, estamos diante de uma forma de obsessão por subjugação deformadora. Os fenômenos de licantropia, de zoantropia e monoideísmos diversos produzem a degenerescência da harmonia molecular do perispírito, que aprisiona a vítima a mentes mais poderosas, conhecedoras do mecanismo da evolução, embora profundamente vinculadas ao mal. Sucede que as inteligências cultivadas, que se esquecem de Deus e do amor, simbolizadas na figuração do anjo caído, se ensoberbecem e pensam poder atuar na condição de pequenos deuses. “Tornam-se Entidades infinitamente infelizes, que pululam nas regiões inferiores do planeta, atribuindo-se o controle de muitas vidas, que delas, infelizmente, necessitam, assenhoreando-se-lhes da condução mental e interferindo no seu comportamento. “São de transitório poder, certamente, mas, por enquanto, de resultados muito prejudiciais à economia moral-espiritual do homem e do planeta.” (5) Calou-se o Amigo, enquanto prossegui observando. O corpo do médium tomou a posição normal, na cadeira, enquanto a face da Entidade experimentava uma sutil remodelação. O queixo diminuiu, o sobrolho e as maçãs do rosto recompuseram-se, a testa fez-se mais larga, os olhos tornaram-se oblíquos e o nariz exteriorizou-se mais humanamente. Estávamos diante de uma recuperação. A cirurgia psíquica era feita, naquele caso, no perispírito alterado, servindo de molde refazente o psicossoma do médium encarnado, em transe, por desdobramento parcial do corpo. Quando o irmão Genézio terminou a tarefa, era visível a melhora do comunicante espiritual. [(5) Vide *Nos Bastidores da Obsessão* de nossa autoria, Capítulo 6 (No Anfiteatro) - Edição da FEB]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 28)

“Desejando mais instruir-me a respeito das sutilezas de insuspeitáveis comportamentos dessa natureza,

encorajei-me a indagar: — Qual o mecanismo dessa parasitose, que se agrava até chegar a um estágio tão avançado? — É semelhante ao que ocorre no reino vegetal —argumentou com imagem simples e clara — em que o parasita se aloja em qualquer parte do receptáculo que lhe recebe a invasão, aí começando a absorver a seiva que o nutre e o desenvolve, propiciando um crescimento que constringe o hospedeiro, com raízes vigorosas e, por fim, penetrando-lhe a intimidade, mata-o pela absorção da vitalidade, sobrepondo-se, dominador... No homem, inicialmente o hóspede espiritual, movido pela morbidez do ódio ou do amor insano, ou por outros sentimentos, envolve a casa mental do futuro parceiro — a quem se encontra vinculado por compromissos infelizes de outras vidas, o que lhe confere receptividade por parte deste, mediante a consciência da culpa, o arrependimento desequilibrante, a afinidade nos gostos e aspirações, por ser endividado — enviando-lhe mensagens persistentes, em contínuas tentativas telepáticas, até que sejam captadas as primeiras induções, que abrirão o campo a incursões mais ousadas e vigorosas. Digamos que este é o período em que se aloja a semente parasita, na planta descuidada que lhe passa a alimentar a germinação com os seus recursos excedentes. “A ideia esporádica, mas persistente, vai-se fixando no receptor que, de início não se dá conta, especialmente se possui predisposição para a morbidez; se dotado de imaturidade psíquica; quando se compraz por cultivar pensamentos pessimistas, derrotistas e viciosos, passando à aceitação e ampliação do pensamento negativo que lhe chega. Nessa fase já está instalado o clima da obsessão que, não encontrando resistência, se expande, porque o invasor vai-se impondo à vítima que o recebe com certa satisfação, convivendo com a onda mental dominadora. Ao largo do tempo, o obsidiado se aliena dos demais objetivos da vida, permanecendo em fixação interior do pensamento que o constringe, cedendo-lhe a área da razão, do discernimento e deixando-se desvitalizar. Quando se infiltram as forças do hóspede na seiva psíquica do anfitrião, o desencarnado, igualmente cai na armadilha que preparou, porque passa a viver as sensações e as emoções, experimentando os conflitos do seu subjugado, estabelecendo-se uma interdependência entre as duas Entidades. Nesse estágio, raramente fica a ligação apenas no campo psíquico, porque o invasor assenhoreia-se das forças físicas do paciente, através do perispírito, humanizando-se outra vez, isto é, voltando a vivenciar as conjunturas da realidade carnal. O hospedeiro deperece, enquanto o hóspede se abastece, facultando a instalação de doenças no corpo somático ou a piora delas, caso já se encontre enfermo. A simbiose se transforma, também, numa obsessão física, porque o desencarnado adere à câmara orgânica, explorando-lhe a

vitalidade e acoplando-se aos fulcros perispirituais da criatura encarnada em doloroso e destruidor conúbio. O afastamento, puro e simples, do agente obsessivo, normalmente produz a desencarnação do paciente que lhe sofre a falta e, porque desfalcado de energias mantenedoras da vida fisiológica, rompem-se-lhe os laços que atam o Espírito à matéria, advindo a morte desta. Por sua vez, o indigitado obsessor tomba, carregado do tônus vital que foi usurpado, em um processo parecido a nova desencarnação que o bloqueia temporariamente ou o leva a uma hibernação transitória.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“Uma das primeiras atitudes do obsidiado com as características a que nos reportamos, é o desdém à oração por acreditar que não a necessita, outrossim, duvidando da sua eficácia ou menosprezando-lhe a utilidade. Exacerbado nos seus sentimentos infelizes, o paciente auto realiza-se, adotando uma atitude de falsa superioridade com a qual anestesia os centros da razão e deleita-se no estado em que se encontra. A largo prazo, porém, perde o controle sobre a vontade, que deixa de dirigir, sob a injunção pertinaz, tornando-se ostensivamente agressivo e desfazendo a aparência, que cede lugar ao desequilíbrio que se lhe instalou com forte penetração nos mecanismos nervosos. Nesse quadro de obsessão constritora, encontram-se inumeráveis indivíduos hospedando adversários que os vampirizam demoradamente, até culminarem o desforço com os golpes largos das quedas na loucura, no crime ou no suicídio. Argos, invigilante, deixava-se seduzir pela prosápia pessoal sob a hipnose de Felipe, por ele mesmo atraído, já que agasalhando os conflitos negativos e negando-se ao trabalho edificante que vitaliza os *centros de força* onde se desenvolvem os fulcros de energia, caía em faixas vibratórias de baixo teor, tornando-se fácil presa para a sintonia com o perseverante inimigo.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

V Sono e sonhos

V.1. Desprendimento do espírito ou emancipação da alma durante o sono

“DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA. O SONO E OS SONHOS. 400. O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal? “É como se perguntasses se ao encarcerado agrada o cárcere. O Espírito encarnado aspira constantemente à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro, quanto mais grosseiro é este.” **401.** Durante o sono, a alma repousa como o corpo? “Não, o Espírito jamais

está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.” **402.** Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono? “Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. Dizes, frequentemente: Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. Enganas-te. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro. Pobres homens, que mal conheceis os mais vulgares fenômenos da vida! Julgais-vos muito sábios e as coisas mais mezinhas vos confundem. Nada sabeis responder a estas perguntas que todas as crianças formulam: Que fazemos quando dormimos? Que são os sonhos? O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonhos inteligentes os Espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Esses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando voltam, morrendo na Terra, ao mundo espiritual. Ainda esta circunstância é de molde a vos ensinar que não deveis temer a morte, pois que todos os dias morreis, como disse um santo. Isto, pelo que concerne aos Espíritos elevados. Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quicá mais baixos do que os em que aqui tanto se delectam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós. E o que gera a simpatia na Terra é o fato de sentir-se o homem, ao despertar, ligado pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Também as antipatias invencíveis se explicam pelo fato de sentirmos em nosso íntimo que os entes com quem antipatizamos têm uma consciência diversa da nossa. Conhecemo-los sem nunca os termos vistos com os olhos. É ainda o que explica a indiferença de muitos homens. Não cuidam de conquistar novos amigos, por saberem que muitos têm que os amam e lhes querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida. Graças ao

sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio. [...] **407.** É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito? “Não; basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo.” Assim se explica que imagens idênticas às que vemos, em sonho, vejamos estando apenas meio dormindo, ou em simples modorra. **408.** E qual a razão de ouvirmos, algumas vezes em nós mesmos, palavras pronunciadas distintamente e que nenhum nexa tem com o que nos preocupa? “É fato: ouvís até mesmo frases inteiras, principalmente quando os sentidos começam a entorpecer-se. É, quase sempre, fraco eco do que diz um Espírito que convosco se quer comunicar.” **409.** Doutras vezes, num estado que ainda não é bem o do adormecimento, estando com os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras cujas mínimas particularidades percebemos. Que há aí, efeito de visão ou de imaginação? “Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de desprender-se. Transporta-se e vê. Se já fosse completo o sono, haveria sonho.” **410.** Dá-se também que, durante o sono, ou quando nos achamos apenas ligeiramente adormecidos, acodem-nos ideias que nos parecem excelentes e que se nos apagam da memória, apesar dos esforços que façamos para retê-las. Donde vêm essas ideias? “Provêm da liberdade do Espírito que se emancipa e que, emancipado, goza de suas faculdades com maior amplitude. Também são, frequentemente, conselhos que outros Espíritos dão.”

a) — De que servem essas ideias e esses conselhos, desde que, pelos esquecer, não os podemos aproveitar? “Essas ideias, em regra, mais dizem respeito ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corpóreo. Pouco importa que comumente o Espírito as esqueça, quando unido ao corpo. Na ocasião oportuna, voltar-lhe-ão como inspiração de momento.” **411.** Estando desprendido da matéria e atuando como Espírito, sabe o Espírito encarnado qual será a época de sua morte? “Acontece pressenti-la. Também sucede ter plena consciência dessa época, o que dá lugar a que, em estado de vigília, tenha a intuição do fato. Por isso é que algumas pessoas preveem com grande exatidão a

data em que virão a morrer.” **412.** Pode a atividade do Espírito, durante o repouso, ou o sono corporal, fadigar o corpo? “Pode, pois que o Espírito se acha preso ao corpo qual balão cativo ao poste. Assim como as sacudidas do balão abalam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode fatigá-lo.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] § IV — EMANCIPAÇÃO DA ALMA. 24. Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, esse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que a sua presença não é necessária para atuar isoladamente e ir onde quiser, no gozo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades. Durante a encarnação, o Espírito jamais se acha completamente separado do corpo; qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se preso sempre àquele por um laço fluidico que serve para fazê-lo voltar à prisão corpórea, desde que a sua presença ali se torne necessária. Esse laço só a morte o rompe. “Durante o sono, a alma se liberta parcialmente do corpo. Quando dormimos, ficamos, temporariamente, no estado em que nos acharemos de maneira definitiva após a morte. Os Espíritos que depois da morte de seus corpos se desligaram da matéria, tiveram sonhos inteligentes; aqueles, quando dormem, juntam-se à sociedade de outros seres que lhes são superiores; viajam, conversam e se instruem com eles, trabalham mesmo em obras que, quando morrem, acham inteiramente acabadas. Isto deve ensinar-vos a não temer a morte, pois que morreis todos os dias, como o disse um santo. “Assim é com relação aos Espíritos elevados. Quanto à massa geral dos homens que, por ocasião da morte, têm de passar por aquela perturbação, por aquela incerteza de que eles próprios vos hão falado, esses vão ou a mundos inferiores à Terra, aonde os chamam antigas afeições, ou em busca de prazeres ainda mais degradantes, talvez, do que os de sua predileção neste mundo. Vão à cata de doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais nocivas do que as que entre vós professam. O que gera na Terra a simpatia é apenas o fato de que o Espírito, ao despertar, se sente vinculado, pelo coração, àqueles em cuja companhia acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Por outro lado, o que também explica essas invencíveis antipatias que uma criatura às vezes experimenta é que ela sente, dentro do seu coração, que os que lhe são antipáticos possuem uma consciência diversa da sua, pois que ela os conhece sem jamais os ter visto. É também o que explica a indiferença, que nasce da circunstância de não nos interessar o granjeio de novos amigos, quando sabemos que outros contamos que nos amam e nos querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida. “Por meio do sono, os Espíritos encarnados estão sempre

em relação com o mundo dos Espíritos e é isso o que faz que os Espíritos superiores consentam, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Deus quer que, enquanto se achem em contato com o vício, eles possam ir retemperar-se na fonte do bem, para não suceder que também venham a falir, quando o que lhes cabe é instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu para irem ter com seus amigos do céu; é o recreio após o trabalho, enquanto aguardam a grande libertação, a libertação final que os restituirá ao meio que lhes é próprio.” (*O Livro dos Espíritos*, Parte 2ª, cap. VIII)” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“Instantes depois, divisei ao longe dois vultos enormes que me impressionaram vivamente. Pareciam dois homens de substância indefinível, semiluminosa. Dos pés e dos braços pendiam filamentos estranhos, e da cabeça como que se escapava um longo fio de singulares proporções. Tive a impressão de identificar dois autênticos fantasmas. Não suportei. Cabelos eriçados, voltei apressadamente ao interior. Inquieto e amedrontado, expus a Narcisa a ocorrência, notando que ela mal continha o riso. – Ora essa, meu amigo - disse, por fim, mostrando bom humor -, não reconheceu aquelas personagens? Fundamente desapontado, nada consegui responder, mas Narcisa continuou: – Também eu, por minha vez, experimentei a mesma surpresa, em outros tempos. Aqueles são os nossos próprios irmãos da Terra. Trata-se de poderosos espíritos que vivem na carne em missão redentora e podem, como nobres iniciados da Eterna Sabedoria, abandonar o veículo corpóreo, transitando livremente em nossos planos. Os filamentos e fios que observou são singularidades que os diferenciam de nós outros. Não se arreceie, portanto. Os encarnados, que conseguem atingir estas paragens, são criaturas extraordinariamente espiritualizadas, apesar de obscuras ou humildes na Terra. E, encorajando-me bondosamente, acentuou: – Vamos até lá. Temos quarenta minutos depois de meia-noite. Os Samaritanos não podem tardar. Satisfeito, voltei com ela ao grande portão. Lobrigava-se, ainda, a enorme distância, os dois vultos que se afastavam de “Nosso Lar”, tranquilamente. A enfermeira contemplou-os, fez um gesto expressivo de reverência e exclamou: – Estão envolvidos em claridade azul. Devem ser dois mensageiros muito elevados na esfera carnal, em tarefa que não podemos conhecer.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 33)

“Na noite do vigésimo primeiro dia, abriu-se a porta magnética da câmara de Raquel à visita afetiva. Não foram poucos os amigos espirituais que aguardavam o momento feliz. A futura mãezinha, desligada do corpo pela doce influência do sono, sentia-se aliviada e quase ditosa. Apuleio e os companheiros, bem como Herculano, foram cumprimentados com alegria e emoção. Alguns amigos de Adelino haviam chegado,

igualmente, no propósito de felicitá-lo e de prestar-lhe o concurso possível. Notei que Segismundo fora igualmente aliviado. Os fios tenuíssimos que ligam os encarnados ao aparelho físico, quando em estado de temporária libertação, prendiam-no também à organização fetal. À medida que Raquel se afastava, também ele podia afastar-se, não lhe sendo, porém, possível abandonar a companhia maternal. Raquel asilava-o nos braços carinhosos, enquanto sorria, ali conosco, fora do campo material mais denso.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 14)

“**MEDIUNIDADE E CORPO ESPIRITUAL.** [...]”

Sono e desprendimento. Releva, contudo, assinalar que, em se iniciando a criatura na produção do pensamento contínuo, o sono adquiriu para ela uma importância que a consciência em processo evolutivo, até aí, não conhecera. Usado instintivamente pelo elemento espiritual, como recurso reparador, no refazimento das células em serviço, semelhante estado fisiológico carreou novas possibilidades de realização para quantos se consagrassem ao trabalho mais amplo de desejar e mentalizar. Ansiando livrar-se da fadiga física, após determinada quota de tempo no esforço da vigília diária e, por isso mesmo, entregue ao relaxamento muscular, o homem operante e indagador adormecia com a ideia fixada a serviços de sua predileção. Amadurecido para pensar e lançando de si a substância de seus propósitos mais íntimos, ensaiou, pouco a pouco, tal como aprendera, vagarosamente, o desprendimento definitivo nas operações da morte, o desprendimento parcial do corpo sutil, durante o sono, desfazendo-o do veículo de matéria mais densa, embora sustentando-o, ligado a ele, por laços fluídico-magnéticos, a se dilatarem levemente dos plexos e, com mais segurança, da fossa romboide. Encetado o processo de sonolência, com as reações motoras empobrecidas e impondo mecanicamente a si mesma o descanso temporário, no auxílio às células fatigadas de tensão, isto desde as eras remotas em que o pensamento se lhe articulou com fluência e continuidade, permanece a mente, através do corpo espiritual, na maioria das vezes, justaposta ao veículo físico, à guisa de um cavaleiro que repousa ao pé do animal de que necessita para a travessia de grande região, em complicada viagem, dando-lhe ensejo à recuperação e pastagem, enquanto ele se recolhe ao próprio íntimo, ensimesmando-se para refletir ou imaginar, de conformidade com seus problemas e inquietações, necessidades e desejos. **Aspectos do desprendimento.** Dessa forma, aliviando o controle sobre as células que a servem no corpo carnal, a mente se volta, no sono, para o refúgio de si mesma, plasmando na onda constante de suas próprias ideias as imagens com que se compraz nos sonhos agradáveis em que saca da memória a essência de seus próprios desejos, retemperando-se na

antecipada contemplação dos painéis ou situações que almeja concretizar. Para isso, mobiliza os recursos do núcleo da visão superior, no diencéfalo, de vez que, aí, as qualidades essencialmente ópticas do centro coronário lhe acalentam no silêncio do desnervamento transitório todos os pensamentos que lhe emergem do seio. Noutras ocasiões, no mesmo estado de insulamento, recolhe, no curso do sono, os resultados de seus próprios excessos, padecendo a inquietação das vísceras ou dos nervos injuriados pela sua rendição à licenciosidade, quando não seja o asfixiante pesar do remorso por faltas cometidas, cujos reflexos absorvem do arquivo em que se lhe amontoam as próprias lembranças. Numa e noutra condição, todavia, é a mente suscetível à influência dos desencarnados que, evoluídos ou não, lhe visitam o ser, atraídos pelos quadros que se lhe filtram da aura, ofertando-lhe auxílio eficiente quando se mostre inclinada à ascensão de ordem moral, ou sugando-lhe as energias e assooprando-lhe sugestões infelizes quando, pela própria ociosidade ou intenção maligna, adere ao consórcio psíquico de espécie aviltante, que lhe favorece a estagnação na preguiça ou a envolve nas obsessões viciosas pelas quais se entrega a temíveis contratos com as forças sombrias. Mas dessa posição de espectador à função de agente existe apenas um passo. O pensamento contínuo, em fluxo insopitável, desloca-lhe a organização celular perispiritual, à maneira do córrego que em sua passagem desarticula da gleba em que desliza todo um rosário de seixos. E assim como os seixos soltos seguem a direção da corrente, lapidando-se no curso dos dias, o corpo espiritual acompanha, de início, o impulso da corrente mental que por ele extravasa, conscienciando-se muito vagarosamente no sono, que lhe propicia meia-libertação **Mediunidade espontânea.** Nessa fase primária de novo desenvolvimento, encontra-se, como é natural, ao pé dos objetos que lhe tomam o interesse. É assim que o lavrador, no repouso físico, retoma, em corpo espiritual, ao campo em que semeia, entrando em contato com as entidades que amparam a Natureza; o caçador volta para a floresta; o escultor regressa, frequentemente, no sono, ao bloco de mármore de que aspira a desentranhar a obra-prima, o seareiro do bem volve à leira de serviço em que se lhe desdobra a virtude e o culpado torna ao local do crime, cada qual recebendo de Espíritos afins os estímulos elevados ou degradantes de que se fazem merecedores. Consolidadas semelhantes relações com o Plano Espiritual, por intermédio da hipnose comum, começaram na Terra os movimentos da mediunidade espontânea, porquanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual, em certas regiões do campo somático, passaram das observações durante o sono às

observações da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo, conforme os graus de cultura a que fossem expostos. Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e para modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas, inclusive as peculiaridades da materialização, pelas quais os recursos periféricos do citoplasma, a se condensarem no ectoplasma da definição científica vulgar, se exteriorizam do corpo carnal do médium, na conjugação com as forças circulantes do ambiente, para a efêmera constituição de formas diversas... [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 17)

“**DESDOBRAMENTO.** [...] **No sono natural.** Na maioria das situações, a criatura, ainda extremamente aparentada com a animalidade primitivista, tem a mente como que voltada para si mesma, em qualquer expressão de descanso, tomando o sono para claustro remansoso das impressões que lhe são agradáveis, qual criança que, à solta, procura simplesmente o objeto de seus caprichos. Nesse ensejo, configura na onda mental que lhe é característica as imagens com que se acalenta, sacando da memória a visualização dos próprios desejos, imitando alguém que improvisasse miragens, na antecipação de acontecimentos que aspira a concretizar. Atreita ao narcisismo, tão logo demande o sono, quase sempre se detém justaposta ao veículo físico, como acontece ao condutor que repousa ao pé do carro que dirige, entregando-se à volúpia mental com que alimenta os próprios impulsos afetivos, enquanto a máquina se refaz. Ensimesmada, a alma, usando os recursos da visão profunda, localizada nos fulcros do diencéfalo, e plenamente desacolchetada do corpo carnal, por temporário desnervamento, não apenas se retempera nas telas mentais com que preliba satisfações distantes, mas experimenta de igual modo o resultado dos próprios abusos, suportando o desconforto das vísceras injuriadas por ele mesmo ou a inquietude dos órgãos que desrespeita, quando não padece a presença de remorsos constrangedores, à face dos atos reprováveis que pratica, porquanto ninguém se livra, no próprio pensamento, dos reflexos de si mesmo. **Sono e sonho.** Qual ocorre no animal de evolução superior, no homem de evolução positivamente inferior o desdobramento da individualidade, por intermédio do sono, é quase que absoluto estágio de mero refazimento físico. No primeiro, em que a onda mental é simplesmente fraca emissão de forças fragmentárias, o sonho é puro reflexo das atividades fisiológicas. No segundo, em que a onda mental está em fase iniciante de expansão, o sonho, por muito tempo, será invariável ação reflexa de seu próprio mundo consciencial ou afetivo. Evolui, no entanto, o

pensamento na criatura que amadurece, espiritualmente, através da repercussão. Como no caso do sensitivo que, fora do envoltório físico, vai até ao local sugerido pelo magnetizador, tomando-se a ordem determinante da hipnose artificial pelo reflexo condicionado que lhe comanda as ideias, a criatura na hipnose natural, fora do veículo somático, possui no próprio desejo o reflexo condicionado que lhe circunscreverá o âmbito da ação além da roupagem fisiológica, alongando-se até ao local em que se lhe vincula o pensamento. O homem do campo, no repouso físico, supera os fenômenos hipnagógicos e volta à gleba que semeou, contemplando aí, em Espírito, a plantação que lhe recolhe o carinho; o artista regressa à obra a que se consagra, mentalizando-lhe o aprimoramento; o espírito maternal se aconchega ao pé dos filhinhos que a vida lhe confia, e o delinquente retorna ao lugar onde se encarcera a dor do seu arrependimento. Atravessada a faixa das chamadas imagens eutópticas, exteriorizam de si mesmos os quadros mentais pertinentes à atividade em que se concentram, com os quais angariam a atenção das Inteligências desencarnadas que com eles se afinam, recolhendo sugestões para o trabalho em que se empenham, muito embora, à distância da veste somática, frequentemente procedam ao modo de crianças conduzidas ao ambiente de pessoas adultas, mantendo-se entre as ideias superiores que recebem e as ideias infantis que lhes são próprias, do que resulta, na maioria das vezes, o aspecto caótico das reminiscências que conseguem guardar, ao retornarem à vigília. Nesse estágio evolutivo, permanecem milhões de pessoas – representando a faixa de evolução mediana da Humanidade – rendendo-se, cada dia, ao impositivo do sono ou hipnose natural de refazimento, em que se desdobram, mecanicamente, entrando, fora do indumento carnal, em sintonia com as entidades que se lhes revelam afins, tanto na ação construtiva do bem, quanto na ação deletéria do mal, entretecendo-se-lhes o caminho da experiência que lhes é necessária à sublimação no porvir. **Concentração e desdobramento.** Quantos se entregam ao labor da arte, atraem, durante o sono, as inspirações para a obra que realizam, compreendendo-se que os Espíritos enobrecidos assimilam do contato com as Inteligências superiores os motivos corretos e brilhantes que lhes palpitam nas criações, ao passo que as mentes sarcásticas ou criminosas, pelo mesmo processo, apropriam-se dos temas infelizes com que se acomodam, acordando a ironia e a irresponsabilidade naqueles que se lhes ajustam aos pensamentos, pelo trabalho a que se dedicam. Desdobrando-se no sono vulgar, a criatura segue o rumo da própria concentração, procurando, automaticamente, fora do corpo de carne, os objetivos que se casam com os seus interesses evidentes ou escusos. Desse modo, mencionando apenas um exemplo dos contatos a que

aludimos, determinado escritor exporá ideias edificantes e originais no que tange ao serviço do bem, induzindo os leitores à elevação de nível moral, ao passo que outro exhibirá elementos aviltantes, alinhando escárnio ou lodo sutil com que corrompe as emoções de quantos se lhe entrosam à maneira de ser.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 21)

“Inefável bem-estar apossou-se da senhora, que se recuperava com o concurso do silêncio exterior e recebia o salutar vigor que lhe provinha da meditação. Inebriada, pela primeira vez orou sem palavras, agradecendo ao Pai Criador a fortuna do momento e as dores de todos os dias. As lágrimas que transpunham a comporta dos seus olhos antes procediam dos júbilos infinitos do momento, que de qualquer sofrer contido. Automaticamente, desejando alongar a dádiva e fixada para sempre na alma, recolheu-se ao leito com cuidado, como receando quebrar a delicada ponte que a mantinha naquele abismo de felicidade. Tão logo o fez, adormeceu, magnetizada pela mãezinha, ali presente, responsável pelas graças hauridas, que criara a psicossfera ambiente e a impregnara de fluidos superiores, a fim de ajudá-la a transpor as barreiras e as densas vibrações que se interpõem entre o mundo físico e o espiritual, dificultando o acesso dos que aqui transitam, na direção daquele. Muito cômodo, portanto, foi para D. Artêmis, provida de forças psíquicas, desvincular-se do corpo através do sono, custodiada pela vigilante e nobre genitora. O desprendimento superior não lhe era um tentame novo. Vivendo mais para o dever, para o espírito, com débeis fixações materiais, fácil lhe era, durante o repouso, afrouxar os liames que retêm o espírito ao corpo e correr, célere, na busca dos interesses da Esfera imaterial. Desta vez, porém, deveriam ficar impressos nos painéis da memória quanto ocorresse, a fim de se transformar em lembranças ditosas, a confortá-la pelos dias sucessivos. Logo se desembaraçou das forças densas da carne, defrontou a veneranda Sra. Adelaide, num recinto em luz, florido e belo, não sopitando as exclamações de surpresa e felicidade.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 12)

V.2. Atividades do espírito durante o desprendimento no sono

“DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA. O SONO E OS SONHOS. [...] 402. Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono? [...] Esses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes depa-ram concluídas, quando voltam, morrendo na Terra, ao mundo espiritual. Ainda esta circunstância é de molde a vos ensinar que não deveis temer a morte, pois que todos os dias morreis, como disse um santo. Isto, pelo

que concerne aos Espíritos elevados. Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós. E o que gera a simpatia na Terra é o fato de sentir-se o homem, ao despertar, ligado pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Também as antipatias invencíveis se explicam pelo fato de sentirmos em nosso íntimo que os entes com quem antipatizamos têm uma consciência diversa da nossa. Conhecemo-los sem nunca os termos vistos com os olhos. É ainda o que explica a indiferença de muitos homens. Não cuidam de conquistar novos amigos, por saberem que muitos têm que os amam e lhes querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida. Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA. O SONO E OS SONHOS. [...] VISITAS ESPÍRITAS ENTRE PESSOAS VIVAS. 413. Do princípio da emancipação da alma parece decorrer que temos duas existências simultâneas: a do corpo, que nos permite a vida de relação ostensiva; e a da alma, que nos proporciona a vida de relação oculta. É assim? “No estado de emancipação, prima a vida da alma. Contudo, não há, verdadeiramente, duas existências. São antes duas fases de uma só existência, porquanto o homem não vive duplamente.” **414.** Podem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono? “Certo e muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se. Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país. É tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas.” **415.** Que utilidade podem elas ter, se as olvidamos? “De ordinário, ao despertardes, guardais a intuição desse fato, do qual se originam certas ideias que vos vêm espontaneamente, sem que possais explicar como vos acudiram. São ideias que

adquiristes nessas confabulações.” **416.** Pode o homem, pela sua vontade, provocar as visitas espíritas? Pode, por exemplo, dizer, quando está para dormir: Quero esta noite encontrar-me em Espírito com Fulano, quero falar-lhe para dizer isto? “O que se dá é o seguinte: Adormecendo o homem, seu Espírito desperta e, muitas vezes, nada disposto se mostra a fazer o que o homem resolvera, porque a vida deste pouco interessa ao seu Espírito, uma vez desprendido da matéria. Isto com relação a homens já bastante elevados espiritualmente. Os outros passam de modo muito diverso a fase espiritual de sua existência terrena. Entregam-se às paixões que os escravizaram, ou se mantêm inativos. Pode, pois, suceder, tais sejam os motivos que a isso o induzem, que o Espírito vá visitar aqueles com quem deseja encontrar-se. Mas, não constitui razão, para que semelhante coisa se verifique, o simples fato de ele o querer quando desperto.” **417.** Podem Espíritos encarnados reunir-se em certo número e formar assembleias? “Sem dúvida alguma. Os laços, antigos ou recentes, da amizade costumam reunir desse modo diversos Espíritos, que se sentem felizes de estar juntos.” Pelo termo ‘antigos’ se devem entender os laços de amizade contraída em existências anteriores. Ao despertar, guardamos intuição das ideias que haurimos nesses colóquios, mas ficamos na ignorância da fonte donde promanaram. **418.** Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, sem que tal fosse a realidade, poderia encontrar-se com ele, em Espírito, e verificar que continuava vivo? E, dado o fato, poderia, ao despertar, ter dele a intuição? “Como Espírito, a pessoa que figuras pode ver o seu amigo e conhecer-lhe a sorte. Se lhe não houver sido imposto, por prova, crer na morte desse amigo, poderá ter um pressentimento da sua existência, como poderá tê-lo de sua morte.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“Aproximamo-nos, porém, das janelas que nos comunicavam com o exterior e reparei que o espetáculo era digno de estudo. Grande movimento na via pública, congregando vários grupos de criaturas, em conversação não longe de nós. Os diálogos e entendimentos surpreendiam. Quase todos se referiam à esfera carnal. Questões minuciosas e pequeninas da vida particular eram analisadas com inequívoco interesse; contudo, as notas dominantes caíam no desequilíbrio sentimental e nas emoções primárias da experiência física. Percebi diferentes expressões nos “halos vibratórios” que revestiam a personalidade dos conversadores, através das cores de variação típica. Dirigi-me a Gúbio, buscando-lhe oportuno esclarecimento. – Não mediste, ainda – respondeu, prestimoso –, a extensão do intercâmbio entre encarnados e desencarnados. A determinadas horas da noite, três quartas partes da população de cada um dos hemisférios da Crosta Terrestre se acham nas zonas de contato conosco e a

maior percentagem desses semilibertos do corpo, pela influência natural do sono, permanecem detidos nos círculos de baixa vibração qual este em que nos movimentamos provisoriamente. Por aqui, muitas vezes se forjam dolorosos dramas que se desenrolam nos campos da carne. Grandes crimes têm nestes sítios as respectivas nascentes e, não fosse o trabalho ativo e constante dos Espíritos protetores que se desvelam pelos homens no labor sacrificial da caridade oculta e da educação perseverante, sob a égide do Cristo, acontecimentos mais trágicos estarreceriam as criaturas. De alma voltada para as noções da vida imensa que o ambiente sugeria, rememorei o curso incessante das civilizações. Pensamentos mais altos clarearam-me os raciocínios. A Bondade do Senhor não violenta o coração. O Reino Divino nascerá dentro dele e, à maneira da semente de mostarda que se liberta dos envoltórios inferiores, medrará e crescerá gradativamente, sob os impulsos construtivos do próprio homem.” (AL, *Liber-tação*, Capítulo 6)

“Depois de afetuosas recomendações à menina, viu-se Anésia a sós com a genitora semi-inconsciente. Acariciou-lhe o rosto pergaminhado e pálido, acomodou-lhe a cabeça suarenta nos travesseiros e estirou-se ao lado dela, como que procurando pensar, pensar... Áulus fez significativo gesto a Teonília e exclamou: – Este é o momento exato. Cuidadosamente, começaram ambos a aplicar-lhe passes sobre a cabeça, concentrando energia magnética ao longo das células corticais. Anésia viu-se presa de branda hipnose, que ela própria atribuía ao cansaço e não relutou. Em breves instantes, deixava o corpo denso na prostração do sono, vindo ao nosso encontro em desdobramento quase natural. Não parecia, contudo, tão consciente em nosso plano quanto seria de desejar. Centralizada no afeto ao marido, Jovino constituía-lhe obcecante preocupação. Reconheceu Teonília e Áulus por benfeitores e lançou-nos significativo olhar de simpatia, no entanto, mostrava-se atordoada, ... Queria ver o esposo, ouvir o esposo... O Assistente deliberou satisfazê-la. Amparada pelos braços da admirável amiga, tomou a direção que lhe pareceu acertada, como quem possuía, de antemão, todos os dados necessários à localização do marido. Áulus conosco explicou que as almas, quando associadas entre si, vivem ligadas umas às outras pela emanção magnética, superando obstáculos e distâncias. Em vasto salão de um clube noturno, surpreendemos Jovino e a mulher que se fizera nossa conhecida nos fenômenos telepáticos, integrando um grupo alegre, em atitudes de profunda intimidade afetiva. Rodeando o conjunto, diversas entidades, estranhas para nós, formavam vicioso círculo de vampiros que não nos registraram a presença. O anedotário menos edificante prendia as atenções. Ao defrontar o companheiro na posição em que se

achava, Anésia desferiu doloroso grito e caiu em pranto. Seguida por nós, recuou ferida de aflição e assombro e tão logo nos vimos na via pública. bafejados pelo ar leve da noite, o Assistente abraçou-a, paternal. [...]” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 20)

“Tivemos, contudo, nossa atenção atraída para novo fenômeno. Uma jovem, de fisionomia nobre e calma, penetrou o quarto em Espírito, passou rente a nós sem notar-nos e, reanimando Américo, retirou-o para fora. Percebendo-nos a silenciosa indagação, o Assistente informou: – É Laura, a filha generosa, que ainda mesmo durante o sono físico não se descuida de amparar o genitor doente. – Então está domiciliada aqui mesmo? – perguntou meu colega, admirado. – Sim, dormindo em aposento próximo. E, depois de ministrar recursos vitalizantes ao enfermo em lágrimas, o Assistente acrescentou: – Quando o corpo terrestre descansa, nem sempre as almas repousam. Na maioria das ocasiões, seguem o impulso que lhes é próprio. Quem se dedica ao bem, de um modo geral continua trabalhando na sementeira e na seara do amor, e quem se emaranha no mal costuma prolongar no sono físico os pesadelos em que se enreda... – Pelo que analisamos – disse Hilário –, os fatos mediúnicos no lar são constantes... – Justo! – confirmou o orientador. – Os pensamentos daqueles que partilham o mesmo teto agem e reagem uns sobre os outros, de modo particular, através de incessantes correntes de assimilação. A influência dos encarnados entre si é habitualmente muito maior que se imagina. Muita vez, na existência carnal, os obsessores que nos espezinham estão conosco, respirando, reencarnados, o mesmo ambiente. Do mesmo modo há protetores que nos ajudam e elevam e que igualmente participam de nossas experiências de cada dia. É imprescindível compreender que, em toda a parte, acima de tudo, vivemos em espírito. O intercâmbio de alma para alma, entre pais e filhos, cônjuges e irmãos, afeiçoados e companheiros, simpatias e desafeições, no templo familiar ou nas instituições de serviço em que nos agrupamos, é, em razão disso, a bem dizer, obrigatório e constante. Sem perceber, consumimos ideias e forças uns dos outros.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 24)

“Concluídos, porém, os trabalhos, na Casa Espírita, no que tange aos compromissos dos companheiros encarnados, ali permanecemos, dando curso aos labores atinentes à nossa área de ação. Equipes diligentes encaminhavam as que foram socorridas ao Subposto de emergência, a fim de trasladá-los para lugar de assistência definitiva, em Colônias de socorro próximas da crosta terrestre. Observei que, à medida que as horas avançavam, a Instituição fazia-se visitada por pessoas de ambos os lados da vida, que vinham receber atendimento, apresentar solicitações e servir. Realmente, o sono fisiológico, facultando o parcial desprendimento

do Espírito, não deixa de ser um exercício para a desencarnação. Bem poucos, senão raros, dentre os encarnados que ali se movimentavam, recordariam das atividades desenvolvidas durante aquele período de morte da consciência cerebral. Alguns experimentariam sonhos com caracteres estranhos, algo confusos no conteúdo, sem embargo, perceberiam as agradáveis sensações que os seguiriam durante o dia, defluentes dos trabalhos realizados e dos contatos mantidos com os Benfeitores Desencarnados. O inverso também sucede, quando a área de ação transcorre em outros lugares da psicosfera tóxica e de interesses inconfessáveis.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 26)

“VIDA, SONO E SONHO. Já se disse, e com muita propriedade, que o sono é uma forma de morte. Assim, diariamente, o homem, ao deitar-se, realiza, mesmo que inconscientemente, um treino para esse fenômeno biológico terminal. À semelhança da morte, em que o Espírito só se liberta com facilidade do corpo mediante conquistas anteriores de desapego e renúncia, reflexões e desinteresse pelas paixões mais vigorosas, no sono há uma ocorrência equivalente, pois que o ser espiritual possui maior ou menor movimentação conforme as suas fixações e conquistas. O Espírito sempre está em ação até onde podemos concebê-la. A inatividade não se encontra presente nas Leis da Vida. Mesmo nos momentos de repouso, o Espírito se movimenta atraído por aquilo que mais lhe diz respeito. O sono é, portanto, uma necessidade para o refazimento orgânico, o restabelecimento de energias do corpo, o reequilíbrio das funções que o acionam. Assim que o corpo adormece, e, às vezes, mesmo antes do sono total, afrouxam-se os liames que atam o Espírito à matéria, e ele se desprende, parcialmente, rumando para os lugares e pessoas aos quais se vincula. Graças a essa movimentação, quando retoma ao domicílio carnal traz as impressões e lembranças que imprime no cérebro, constituindo-lhe o complexo capítulo dos sonhos. Detendo-nos apenas nos fenômenos oníricos de ordem espiritual, estes preservam uma correlação entre o estado de evolução do ser e os acontecimentos de que participa. Num valhacouto de vadios, os que ali se encontram comprazem-se nos mesmos gostos que os reúnem. O mesmo ocorre num recinto reservado à cultura ou às artes, à fé ou ao trabalho. Há leis de afinidades que respondem pelas aglutinações sócio-morais-intelectuais, reunindo os seres conforme os padrões e valores nos quais se demoram. Parcialmente liberto pelo sono, o Espírito segue na direção dos ambientes que lhe são agradáveis durante a lucidez física ou onde gostaria de estar, caso lhe permitissem as possibilidades normais. Em tal circunstância, pode viajar com os seres amados, que reencontra além da cortina carnal, participando dos seus estudos e realizações, aprendendo lições que lhe ficarão em gérmen,

penetrando, inclusive, nos registros do passado como do futuro. Disso decorre a aquisição de informes que desconhecia, como pode prever fatos porvindouros, dando margem às retrocognições e precondições, do agrado dos modernos pesquisadores das ciências paranormais. Ao mesmo tempo, defronta conhecidos nos mesmos redutos para onde vai ou se deixa conduzir, estabelecendo admiráveis fenômenos de comunicação entre vivos na esfera física. Nem sempre, porém, as viagens em corpo espiritual, durante o sono, levam aos ambientes de felicidade e progresso, onde se cultiva o bem, o bom e o belo. Mais facilmente, em razão do hábito dos pensamentos ultrajantes, fesceninos e brutais, os Espíritos que se comprazem com semelhante paisagem moral arrebatam o encarnado e levam-no aos redutos do crime e da perversão, onde se lhes ampliam as percepções negativas. Inspiram-se, ali, naquelas regiões de vandalismo e promiscuidade psíquica, e depois trazem para o comportamento diário as aberrações que buscam. Crimes vergonhosos e programas vis são concertados nesses ambientes espirituais que pululam nas cercanias da Terra. Urdem-se ali obsessões e vinditas em clima de perversidade sob o comando de mentes implacáveis, que ditam as normas de ação, para que se cumpram os planos nefastos. Quando o Espírito ainda mantém resistências, que o resguardam da vulgaridade e da aberração, retoma desses antros de réprobos e padecem pesadelos horripilantes. Todavia, se já chafurda nos mesmos ignóbeis comércios de insensatez e loucura, volve ao corpo aturdido, embora fixado no que lhe cumpre executar, como autômato que foi — vítima de hipnose profunda. Esta, porém, não lhe é imposta, pois que foi buscada espontaneamente. O inverso também se dá amiúde, quando o homem aspira aos ideais de enobrecimento da Humanidade, tornando-se instrumento dos promotores da evolução no mundo. As suas horas de sono são aproveitadas para engrandecimento dos ideais, amadurecimento das aspirações, enriquecimento dos planos do bem. E pelo fato de ter mais aguçadas as faculdades da alma, encontra ímpares satisfações nesses colóquios e visitas, graças aos quais se encoraja e felicita, podendo levar os labores adiante com alta dose de valor, que aos demais surpreende. Conforme ocorre no fenômeno da morte, no qual a consciência passa por um torpor, perturbação que é variável, de acordo com as conquistas de cada um, a lucidez durante o sono, nas experiências oníricas, está a depender da densidade vibratória das emoções com que se pauta a vida, no cotidiano. Desse modo, um programa bem organizado para antes de dormir constituirá emulação para o Espírito, no ato do desprendimento, transferir-se a regiões felizes e contatar Entidades nobres, conquistando os tesouros da paz, da aprendizagem, da ação relevante, enquanto o corpo repousa. De bom

alvitre, também, que o homem se disponha a cooperar com os Benfeitores da Humanidade nas suas obras fomentadoras do progresso, participando dos seus empenhos com tal ardor que, em retomando ao corpo, permaneça telementalizado por eles, dando curso ao empreendimento na esfera carnal. Diante de realizações enobrecedoras, na Terra, pode o Espírito prosseguir, ao desprender-se pelo sono, sob a tutela dos seus Guias Espirituais, corrigindo enganos e adquirindo mais amplos recursos e entendimento para promover esse trabalho que não deve ser interrompido. Santa Teresa de Ávila, em desdobramento pelo sono, peregrinou por uma cidade espiritual de sofrimentos, trazendo dali as impressões fortes que foram tomadas como sendo de uma parte do Inferno da teologia católica. Jacob sonhou com o pai, Dante Alighieri, que lhe mostrou o lugar onde guardara os treze cantos do “Céu”, que se encontravam desaparecidos. Voltaire concebeu, enquanto dormia e sonhava, todo um canto de *La Henriade*. Tartini compôs, dormindo e sonhando, a sua *Sinfonia ao Diabo*. Os sonhos narrados na Bíblia se enquadram perfeitamente nessas viagens ao plano espiritual, quando o ser se desprende e registra os fatos que narra posteriormente. O capítulo do sono natural na vida do homem é de muita importância, e está a exigir mais acurado estudo e meditação, a fim de ser aproveitado integralmente em favor do êxito na vilegiatura carnal. Como um terço da vida física é dedicado ao sono, imenso patrimônio logrará quem converta esse tempo ou parte dele no investimento do progresso, em favor da libertação que lhe credenciará, para uma existência plena, um futuro ditoso. Se alguém diz como e o que sonha, é fácil explicar-lhe como vive nas suas horas diárias. Dorme-se, portanto, como se vive, sendo-lhe os sonhos o retrato emocional da sua vida moral e espiritual.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Vida, sono e sonho)

“O país dos sonhos. Durante o sono fisiológico ou natural, o espírito desprende-se parcialmente do corpo, volvendo ao seu habitat normal, que é o mundo de origem, onde se movimenta conforme os seus níveis de evolução. Quanto mais enobrecido, melhores possibilidades fruem, conseguindo movimentar-se com facilidade e presteza. Quando saturado de energias densas e primárias, permanece em perturbação como consequência das intoxicações mórbidas que se exteriorizam da organização física. O sonho representa uma abençoada concessão da vida ao ser humano, de modo a não lhe permitir o deslocamento completo da realidade, seguido de amnésia em torno da Espiritualidade. Conforme as aspirações cultivadas e os programas emocionais estabelecidos, mediante compreensível identificação vibratória, o espírito é atraído para os recintos e companhias compatíveis com os anelos do sentimento. Nesse período de lucidez, que é

relativa ao estado de evolução de cada ser, reafirmam-se propósitos dignificantes, participa-se de atividades relevantes, revisam-se projetos reencarnatórios, recebem-se orientações e esclarecimentos seguros para serem incorporados ao roteiro humano após o despertar. Noutras vezes, são realizadas viagens de aprendizagem a Regiões ditosas e a Mundos superiores, onde a cultura e a civilização alcançaram patamares elevados e radiosos que deslumbram, imprimindo nos delicados tecidos da memória espiritual os seus painéis e lições de superior conteúdo. Reencontros ditosos e convivências felizes fazem-se promissores, ensejando o robustecimento dos valores morais e das energias para os enfrentamentos incontáveis da jornada carnal. Ocorrem ali também recordações de outras existências já experienciadas, com o objetivo de esclarecer ocorrências menos felizes e convivências desafiadoras. Paisagens iridescentes quanto fascinantes, totalmente desconhecidas e constituídas por substâncias jamais vistas, imprimem-se no espírito, motivando-o a um incessante desenvolvimento dos tesouros morais que dormem nos refolhos do ser, aguardando os fatores propiciatórios para o seu desabrochar. Experiências luminosas alargam as percepções espirituais, ensejando prolongamentos em contínuos retornos na sucessão do tempo, desde que constituem os fundamentos da vida em cujo programa todos nos encontramos incursos. As lembranças que remanescem desses momentos, resultam do estágio emocional e de desprendimento das paixões primevas que constituem obstáculo ao claro conhecimento da ocorrência onírica. Sob o mesmo ângulo de libertação parcial, considerando-se o atraso moral do espírito, nesse comenos de liberdade, defronta adversários cruéis quanto pertinazes, que ameaçam e criam situações penosas, que se transformam em severos pesadelos, atormentando e gerando episódios fóbicos em relação ao sono, assim desequilibrando a organização somática, que instalará transtornos depressivos com ligações obsessivas de breve ou longo curso. Igualmente, a atração pelos sítios doentios nos quais se homiziam o crime, a hediondez e a depravação, arrastam o ser, mais aturdindo-o e intoxicando-o como consequência da sua ligação morbífica com essas regiões de sordidez. Enfrentando as recordações insanas e de outras existências inditasas que ressumam à memória atual, atoleima-se ante as torpes ações a que se entregou, volvendo ao corpo sob os crepes da amargura, do medo ou açulado nos desejos inferiores a que se permitiu numa inconsciência lamentável... O país dos sonhos é o mundo espiritual com as suas glórias e conquistas, mas, também, com as suas lóbregas áreas de sofrimento e de perversão que os espíritos atrasados cultivam e nelas se comparam até o momento quando lhes luzir a claridade sublime da elevação moral. O espírito, não obstante

encarcerado no corpo, capta também por percepção automática os acontecimentos à sua volta, de forma consciente ou não, que permanecerão arquivados no inconsciente individual profundo, de onde emergem nos estados oníricos, confundindo-se com as ocorrências espirituais, transformando-se em bênção ou dando lugar a conflitos. Em face dos impulsos sexuais mal direcionados e dos tormentos estabelecidos, estes se convertem em clichês vivos que reaparecem durante o estado onírico, confundindo-se com as imagens da realidade extrafísica, produzindo perturbações e desestruturando, às vezes, a personalidade. Nesse capítulo valioso, a contribuição da psicanálise é relevante e oportuna para libertar o inconsciente dessas impressões conflitivas. Mesmo assim, sob as cargas dos registros inconscientes dos acontecimentos externos e dos distúrbios internos de pensamento e de conduta, o defrontar do mundo espiritual em cada desprendimento parcial pelo sono abre as portas da percepção da realidade do ser, que oportunamente retornará ao plano vibratório de sua origem, onde reprogramará o futuro em outras tentativas regeneradoras, sem que se rompam os vínculos com os poderosos núcleos de onde procede. Existências assinaladas pelo equilíbrio, pelos valores éticos e conquistas do amor, vivenciando a oração, a dignidade e o Bem, conseguem retornos felizes à Espiritualidade, navegando na barca do sono no rumo do ditoso país dos sonhos, de onde se procede e para onde se retorna quando se rompem os laços da matéria, terminada a jornada reencarnacionista. Os sonhos estão profundamente vinculados ao estado emocional e espiritual de cada criatura, que se desprende parcialmente durante o repouso físico, para dar prosseguimento aos interesses e anelos, aspirações e lutas, na esfera dos arquivos pessoais ou no mundo parafísico ao qual volve nessa ocasião.” (MPM, *Reencontro com a vida*, O país dos sonhos)

V.3. Sonhos como lembranças das atividades do espírito durante o sono

“DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA. O SONO E OS SONHOS. [...] 402. Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono? “Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais facilidades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. Dizes, frequentemente: Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. Enganas-te. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o

Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro. Pobres homens, que mal conheceis os mais vulgares fenômenos da vida! Julgais-vos muito sábios e as coisas mais mezinhas vos confundem. Nada sabeis responder a estas perguntas que todas as crianças formulam: Que fazemos quando dormimos? Que são os sonhos? O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonos inteligentes os Espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Esses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando voltam, morrendo na Terra, ao mundo espiritual. Ainda esta circunstância é de molde a vos ensinar que não deveis temer a morte, pois que todos os dias morreis, como disse um santo. Isto, pelo que concerne aos Espíritos elevados. Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quicá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós. E o que gera a simpatia na Terra é o fato de sentir-se o homem, ao despertar, ligado pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Também as antipatias invencíveis se explicam pelo fato de sentirmos em nosso íntimo que os entes com quem antipatizamos têm uma consciência diversa da nossa. Conhecemo-los sem nunca os termos vistos com os olhos. É ainda o que explica a indiferença de muitos homens. Não cuidam de conquistar novos amigos, por saberem que muitos têm que os amam e lhes querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida. Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio. O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais. Que quer isso dizer? Que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que haveis visto, enquanto dormíeis. É que não tendes

então a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades. Muitas vezes, apenas vos fica a lembrança da perturbação que o vosso Espírito experimenta à sua partida ou no seu regresso, acrescida da que resulta do que fizestes ou do que vos preocupa quando despertados. A não ser assim, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os sábios, quanto as mais humildes e simples criaturas têm? Acontece também que os maus Espíritos se aproveitam dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes. Em suma, dentro em pouco vereis vulgarizar-se outra espécie de sonhos. Conquanto tão antiga como a de que vimos falando, vós a desconheceis. Refiro-me aos sonhos de Joana, ao de Jacob, aos dos profetas judeus e aos de alguns adivinhos indianos. São recordações guardadas por almas que se desprendem quase inteiramente do corpo, recordações dessa segunda vida a que ainda há pouco aludíamos. Tratai de distinguir essas duas espécies de sonhos nos de que vos lembrais, do contrário cairíeis em contradições e em erros funestos à vossa fé.” Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que mais independente se torna pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores. As singulares imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, é que formam esses conjuntos estranhos e confusos, que nenhum sentido ou ligação parecem ter. A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. É como se a uma narração se truncassem frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes nenhuma significação racional teriam. [...] **403.** Por que não nos lembramos sempre dos sonhos? “Em o que chamais sono, só há o repouso do corpo, visto que o Espírito está constantemente em atividade. Recobra, durante o sono, um pouco da sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer neste mundo, quer em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que o compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.” **404.** Que se deve pensar das significações atribuídas aos sonhos? “Os sonhos não são verdadeiros como o entendem os leitores de buena-dicha, pois fora absurdo crer-se que sonhar com tal coisa anuncia tal outra. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens que para o Espírito têm realidade, porém que, frequentemente, nenhuma relação guardam com o que se passa na vida corporal. São também, como atrás dissemos, um pressentimento do futuro,

permitido por Deus, ou a visão do que no momento ocorre em outro lugar a que a alma se transporta. Não se contam por muitos os casos de pessoas que em sonho aparecem a seus parentes e amigos, a fim de avisá-los do que a elas está acontecendo? Que são essas aparições senão as almas ou Espíritos de tais pessoas a se comunicarem com entes caros? Quando tendes certeza de que o que vistes realmente se deu, não fica provado que a imaginação nenhuma parte tomou na ocorrência, sobretudo se o que observastes não vos passava pela mente quando em vigília?” **405.** Acontece, com frequência, verem-se em sonho coisas que parecem um pressentimento, que, afinal, não se confirma. A que se deve atribuir isto? “Pode suceder que tais pressentimentos venham a confirmar-se apenas para o Espírito. Quer dizer que este viu aquilo que desejava, foi ao seu encontro. É preciso não esquecer que, durante o sono, a alma está mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente de suas ideias terrenas, donde resulta que as preocupações do estado de vigília podem dar ao que se vê a aparência do que se deseja, ou do que se teme. A isto é que, em verdade, cabe chamar-se efeito da imaginação. Sempre que uma ideia nos preocupa fortemente, tudo o que vemos se nos mostra ligado a essa ideia.” **406.** Quando em sonho vemos pessoas vivas, muito nossas conhecidas, a praticarem atos de que absolutamente não cogitam, não é isso puro efeito de imaginação? “De que absolutamente não cogitam, dizes. Que sabes a tal respeito? Os Espíritos dessas pessoas vêm visitar o teu, como o teu os vai visitar, sem que saibas sempre o em que eles pensam. Demais, não é raro atribuídes, de acordo com o que desejais, a pessoas que conheceis, o que se deu ou se está dando em outras existências.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA. [...] SONAMBULISMO. 425. O sonambulismo natural tem alguma relação com os sonhos? Como explicá-lo? “É um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquire suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito. “No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões exteriores. Esse estado se apresenta, principalmente, durante o sono, ocasião em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se então deste, como se serve de uma mesa ou de outro

objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar. Recebem imperfeitamente as impressões produzidas por objetos ou causas externas e as comunicam ao Espírito, que, então, também em repouso, só experimenta, do que lhe é transmitido, sensações confusas e, amiúde, desordenadas, sem nenhuma aparente razão de ser, mescladas que se apresentam de vagas recordações, quer da existência atual, quer de anteriores. Facilmente, portanto, se compreende por que os sonâmbulos nenhuma lembrança guardam do que se passou enquanto estiveram no estado sonambúlico e porque os sonhos, de que se conserva memória, as mais das vezes não têm sentido. Digo — as mais das vezes, porque também sucede serem a consequência de lembrança exata de acontecimentos de uma vida anterior e até, não raro, uma espécie de intuição do futuro.” **426.** O chamado sonambulismo magnético tem alguma relação com o sonambulismo natural? “É a mesma coisa, com a única diferença de ser provocado.” **427.** De que natureza é o agente que se chama fluido magnético? “Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.” **428.** Qual a causa da clarividência sonambúlica? “Já o dissemos: É a alma que vê.” **429.** Como pode o sonâmbulo ver através dos corpos opacos? “Não há corpos opacos senão para os vossos grosseiros órgãos. Já precedentemente não dissemos que a matéria nenhum obstáculo oferece ao Espírito, que livremente a atravessa? Frequentemente, ouvis o sonâmbulo dizer que vê pela frente, pelo punho, etc., porque, achando-vos inteiramente presos à matéria, não compreendeis lhe seja possível ver sem o auxílio dos órgãos. Ele próprio, pelo desejo que manifestais, julga precisar dos órgãos. Se, porém, o deixásseis livre, compreenderia que vê por todas as partes do seu corpo, ou, melhor falando, que vê de fora do seu corpo.” **430.** Pois que a sua clarividência é a de sua alma ou de seu Espírito, por que é que o sonâmbulo não vê tudo e tantas vezes se engana? “Primeiramente, aos Espíritos imperfeitos não é dado verem tudo e tudo saberem. Não ignoras que ainda partilham dos vossos erros e prejuízos. Depois, quando unidos à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus outorgou ao homem a faculdade sonambúlica para fim útil e sério, não para que se informe do que não deva saber. Eis porque os sonâmbulos nem tudo podem dizer.” **431.** Qual a origem das ideias inatas do sonâmbulo e como pode falar com exatidão de coisas que ignora quando desperto, de coisas que estão mesmo acima de sua capacidade intelectual? “É que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que os que lhe supões. Apenas, tais conhecimentos dormitam,

porque, por demasiado imperfeito, seu invólucro corporal não lhe consente rememorá-lo. Que é, afinal, um sonâmbulo? Espírito, como nós, e que se encontra encarnado na matéria para cumprir a sua missão, despertando dessa letargia quando cai em estado sonambúlico. Já te temos dito, repetidamente, que vivemos muitas vezes. Esta mudança é que, ao sonâmbulo, como a qualquer Espírito ocasiona a perda material do que haja aprendido em precedente existência. Entrando no estado, a que chamas crise, lembra-se do que sabe, mas sempre de modo incompleto. Sabe, mas não poderia dizer donde lhe vem o que sabe, nem como possui os conhecimentos que revela. Passada a crise, toda recordação se apaga e ele volta à obscuridade.” Mostra a experiência que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devam dizer e suprem à incapacidade que denotam. Isto se verifica principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é às vezes patente e se revela, além disso, por estas expressões muito frequentes: dizem-me que diga, ou proibem-me que diga tal coisa. Neste último caso, há sempre perigo em insistir-se por uma revelação negada, porque se dá azo a que intervenham Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulo e sem se importarem com a verdade. **432.** Como se explica a visão à distância em certos sonâmbulos? “Durante o sono, a alma não se transporta? O mesmo se dá no sonambulismo.” **433.** O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física, ou só da natureza do Espírito encarnado? “De uma e outra. Há disposições físicas que permitem ao Espírito desprender-se mais ou menos facilmente da matéria.” **434.** As faculdades de que goza o sonâmbulo são as que tem o Espírito depois da morte? “Somente até certo ponto, pois cumpre se atenda à influência da matéria a que ainda se acha ligado.” **435.** Pode o sonâmbulo ver os outros Espíritos? “A maioria deles os vê muito bem, dependendo do grau e da natureza da lucidez de cada um. É muito comum, porém, não perceberem, no primeiro momento, que estão vendo Espíritos e os tomarem por seres corpóreos. Isso acontece, principalmente, aos que, nada conhecendo do Espiritismo, ainda não compreendem a essência dos Espíritos. O fato os espanta e fá-los supor que têm diante da vista seres terrenos.” O mesmo se dá com os que, tendo morrido, ainda se julgam vivos. Nenhuma alteração notando ao seu redor e parecendo-lhes que os Espíritos têm corpos iguais aos nossos, tomam por corpos reais os corpos aparentes com que os mesmos Espíritos se lhes apresentam. **436.** O sonâmbulo que vê, a distância, vê do ponto em que se acha o seu corpo, ou do em que está sua alma? “Por que esta pergunta, desde que sabes ser a alma quem

vê e não o corpo?” **437.** Posto que o que se dá, nos fenômenos sonambúlicos, é que a alma se transporta, como pode o sonâmbulo experimentar no corpo as sensações do frio e do calor existentes no lugar onde se acha sua alma, muitas vezes bem distante do seu invólucro? “A alma, em tais casos, não tem deixado inteiramente o corpo; conserva-se-lhe presa pelo laço que os liga e que então desempenha o papel de condutor das sensações. Quando duas pessoas se comunicam de uma cidade para outra, por meio da eletricidade, esta constitui o laço que lhes liga os pensamentos. Daí vem que confabulam como se estivessem ao lado uma da outra.” **438.** O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi no estado do seu Espírito depois da morte? “Muito, como o bom ou mau uso que o homem faz de todas as faculdades com que Deus o dotou.” **ÊXTASE. 439.** Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo? “O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente.” **440.** O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores? “Vê esses mundos e compreende a felicidade dos que os habitam, donde lhe nasce o desejo de lá permanecer. Há, porém, mundos inacessíveis aos Espíritos que ainda não estão bastante purificados.” **441.** Quando o extático manifesta o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente, não o retém o instinto de conservação? “Isso depende do grau de purificação do Espírito. Se verifica que a sua futura situação será melhor do que a sua vida presente, esforça-se por desatar os laços que o prendem à Terra.” **442.** Se se deixasse o extático entregue a si mesmo, poderia sua alma abandonar definitivamente o corpo? “Perfeitamente, poderia morrer. Por isso é que preciso se torna chamá-lo a voltar, apelando para tudo o que o prende a este mundo, fazendo-lhe sobretudo compreender que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o tem preso ao planeta terreno.” **443.** Pretendendo que lhe é dado ver coisas que evidentemente são produto de uma imaginação que as crenças e prejuízos terrestres impressionaram, não será justo concluir-se que nem tudo o que o extático vê é real? “O que o extático vê é real para ele. Mas, como seu Espírito se conserva sempre debaixo da influência das ideias terrenas, pode acontecer que veja a seu modo, ou melhor, que exprima o que vê numa linguagem moldada pelos preconceitos e ideias de que se acha imbuído, ou, então, pelos vossos preconceitos e ideias, a fim de ser mais bem compreendido. Neste sentido, principalmente, é que lhe sucede errar.” **444.** Que confiança se pode depositar nas revelações dos extáticos? “O extático está sujeito a enganar-se muito frequentemente, sobretudo quando pretende penetrar no que deva continuar a ser mistério para o homem, porque, então, se deixa levar pela corrente das suas

próprias ideias, ou se torna brinquedo de Espíritos misticadores, que se aproveitam da sua exaltação para fasciná-lo.” **445.** Que deduções se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não constituirão uma espécie de iniciação na vida futura? “A bem dizer, mediante esses fenômenos, o homem entrevê a vida passada e a vida futura. Estude-os e achará o esclarecimento de mais de um mistério, que a sua razão inutilmente procura devassar.” **446.** Poderiam tais fenômenos adequar-se às ideias materialistas? “Aquele que os estudar de boa-fé e sem prevenções não poderá ser materialista, nem ateu.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] § IV — EMANCIPAÇÃO DA ALMA. [...] “O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais, pois que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que vistes. É que a vossa alma não se acha em todo o desenvolvimento de suas faculdades; não é, muitas vezes, mais do que a lembrança da perturbação que experimenta à partida ou à volta, à qual se junta a do que fizestes ou do que vos preocupa no estado de vigília. Se assim não fosse, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os mais sábios, como os mais simples têm? Também os maus Espíritos se servem dos sonhos para atormentar as almas fracas ou pusilânimes. “A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas resultantes da recordação incompleta do que durante eles foi visto. Dá-se então o que se daria com uma narrativa da qual se truncassem frases ao acaso: reunidos, os fragmentos que restassem nenhuma significação racional apresentariam. “Em suma, dentro em pouco vereis desenvolver-se outra espécie de sonhos, tão antigos como os que conheceis, mas que ainda ignorais. O sonho de Joana d’Arc, o sonho de Jacob, os sonhos dos profetas judeus e de alguns adivinhos indianos são lembranças que a alma, inteiramente desprendida do corpo, conserva dessa outra vida de que eu ainda há pouco vos falava.” (*O Livro dos Espíritos*, Parte 2ª, cap. VIII)” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] § IV — EMANCIPAÇÃO DA ALMA. [...] 25. A independência e a emancipação da alma se manifestam, de maneira evidente, sobretudo no fenômeno do **sonambulismo** natural e magnético, na catalepsia e na letargia. A lucidez sonambúlica não é senão a faculdade, que a alma tem, de ver e sentir sem o concurso dos órgãos materiais. É um de seus atributos essa faculdade e reside em todo o seu ser, não passando os órgãos do corpo de estreitos canais por onde lhe chegam certas percepções. A visão à distância que alguns sonâmbulos possuem provém de um deslocamento da alma, que então vê o que se passa nos lugares a

que se transporta. Em suas peregrinações, ela se acha sempre revestida do seu perispírito, agente de suas sensações, mas que nunca se desliga completamente do corpo, como já ficou dito. O afastamento da alma produz a inércia do corpo, que às vezes parece sem vida. **26.** Esse afastamento ou desprendimento pode também operar-se, em graus diversos, no estado de vigília. Mas, então, jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres. O corpo não dorme, caminha, age, mas os olhos olham sem ver, dando a compreender que a alma está algures. Como no sonambulismo, ela vê as coisas distantes; tem percepções e sensações que desconhecemos; às vezes, tem a presciência de alguns acontecimentos futuros pela ligação que percebe existir entre eles e os fatos presentes. Penetrando no mundo invisível, vê os Espíritos com quem lhe é possível entabular conversações e cujos pensamentos lhe é dado transmitir. À sua volta ao estado normal, de ordinário sobrevém o esquecimento do que se passou. Algumas vezes, porém, ela conserva uma lembrança mais ou menos vaga do ocorrido, como se tivesse tido um sonho. **27.** Não raro, a emancipação da alma amortece tanto as sensações físicas, que chega a produzir verdadeira insensibilidade que, nos momentos de exaltação, lhe possibilita suportar com indiferença as mais vivas dores. Provém essa insensibilidade do desprendimento do perispírito, agente transmissor das sensações corporais. Ausente, o Espírito não sente as feridas feitas no corpo. **28.** Em sua manifestação mais simples, a faculdade que a alma tem de emancipar-se produz o que se denomina o devaneio em vigília. A algumas pessoas, essa emancipação também dá a presciência, que se traduz pelos pressentimentos; em grau mais avançado de desprendimento, produz o fenômeno conhecido pelo nome de “segunda vista”, “vista dupla”, ou “sonambulismo vígil”. **29.** O **êxtase** é a emancipação da alma no grau máximo. “No sonho e no sonambulismo, a alma erra pelos mundos terrestres; no êxtase, penetra num mundo desconhecido, no mundo dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites, que ela não poderia transpor sem quebrar totalmente os laços que a prendem ao corpo. Cercam-na um brilho resplandecente e desusado fulgor, elevam-na harmonias que na Terra se desconhecem, invade-a indefinível bem-estar; dado lhe é gozar antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que põe um pé no limiar da eternidade. No êxtase, é quase completo o aniquilamento do corpo; já não resta, por assim dizer, senão a vida orgânica e percebe-se que a alma lhe está presa apenas por um fio, que mais um pequeno esforço faria partir-se.” (*O Livro dos Espíritos*, nº 455) **30.** Como em nenhum dos outros graus de

emancipação da alma, o êxtase não é isento de erros, pelo que as revelações dos extáticos longe estão de exprimir sempre a verdade absoluta. A razão disso reside na imperfeição do espírito humano; somente quando ele há, chegando ao cume da escala pode julgar das coisas lucidamente; antes não lhe é dado ver tudo, nem tudo compreender. Se, após o fenômeno da morte, quando o desprendimento é completo, ele nem sempre vê com justeza; se muitos há que se conservam imbuídos dos prejuízos da vida, que não compreendem as coisas do mundo visível, onde se encontram, com mais forte razão o mesmo há de suceder com o Espírito ainda retido na carne. Há por vezes, nos extáticos, mais exaltação que verdadeira lucidez, ou, melhor, a exaltação lhes prejudica a lucidez, razão por que suas revelações são com frequência mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e outras ridículas. Também Espíritos inferiores se aproveitam dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não há quem saiba governá-la, para dominar o extático, e, para conseguirem seus fins, assumem aos olhos deste aparências que o aferram às suas ideias e preconceitos, de modo que suas visões e revelações não vêm a ser mais do que reflexos de suas crenças. É um escolho a que só escapam os Espíritos de ordem elevada, escolho diante do qual o observador deve manter-se em guarda. **31.** Pessoas há cujo perispírito se identifica de tal maneira com o corpo, que só com extrema dificuldade se opera o desprendimento da alma, mesmo por ocasião da morte; são, em geral, as que viveram mais para a matéria; são também aquelas para as quais a morte é mais penosa, mais cheia de angústias, mais longa e dolorosa a agonia. Outras há, porém, cujas almas, ao contrário, se acham presas ao corpo por liames tão frágeis, que a separação se efetua sem abalos, com a maior facilidade e, frequentemente, antes que se dê a morte do corpo. Ao aproximar-se-lhes o termo da vida, essas almas entreveem o mundo onde vão penetrar e pelo qual aspiram no momento da libertação completa.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“49 – Como devemos conceituar o sonho?”

– Na maioria das vezes, o sonho constitui atividade reflexa das situações psicológicas do homem no mecanismo das lutas de cada dia, quando as forças orgânicas dormitam em repouso indispensável. Em determinadas circunstâncias, contudo, como nos fenômenos premonitórios, ou nos de sonambulismo, em que a alma encarnada alcança elevada porcentagem de desprendimento parcial, o sonho representa a liberdade relativa do Espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificar a comunicação intervivos e, quanto possível, as visões proféticas, fatos esses sempre organizados pelos mentores espirituais de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores,

e quando o encarnado em temporária liberdade pode receber a palavra e a influência diretas de seus amigos e orientadores do plano invisível.” (EMM, *O consolador*; Primeira parte - Ciência, Capítulo 1 – Ciências fundamentais, Psicologia)

“O Sonho. [...] Nada obstante o convite amável da genitora de Lísias para que voltasse a casa por descansar, Tobias pôs à minha disposição um apartamento de repouso, ao lado das Câmaras de Retificação, e aconselhou-me algum descanso. De fato, sentia grande necessidade do sono. Narcisa preparou-me o leito com desvelos de irmã. Recolhido ao quarto confortável e espaçoso, orei ao Senhor da Vida agradecendo-lhe a bênção de ter sido útil. A “proveitosa fadiga” dos que cumprem o dever não me deu ensejo a qualquer vigília desagradável. Daí a instantes, sensações de leveza invadiram-me a alma toda e tive a impressão de ser arrebatado em pequenino barco, rumando a regiões desconhecidas. Para onde me dirigia? Impossível responder. A meu lado, um homem silencioso sustinha o leme. E qual criança que não pode enumerar nem definir as belezas do caminho, deixava-me conduzir sem exclamações de qualquer natureza, extasiado embora com as magnificências da paisagem. Parecia-me que a embarcação seguia célere, não obstante os movimentos de ascensão. Decorridos minutos, vi-me à frente de um porto maravilhoso, onde alguém me chamou com especial carinho: – André!... André!... Desembarquei com precipitação verdadeiramente infantil. Reconheceria aquela voz entre milhares. Num momento, abraçava minha mãe em transbordamentos de júbilo. Fui conduzido, então, por ela, a prodigioso bosque, onde as flores eram dotadas de singular propriedade - a de reter a luz, revelando a festa permanente do perfume e da cor. Tapetes dourados e luminosos estendiam-se, dessa maneira, sob as grandes árvores sussurrantes ao vento. Minhas impressões de felicidade e paz eram inextinguíveis. O sonho não era propriamente qual se verifica na Terra. Eu sabia, perfeitamente, que deixara o veículo inferior no apartamento das Câmaras de Retificação, em “Nosso Lar”, e tinha absoluta consciência daquela movimentação em plano diverso. Após dirigir-me sagrados incentivos espirituais, minha mãe esclareceu bondosamente: – Muito roguei a Jesus me permitisse a sublime satisfação de ter-te a meu lado, no teu primeiro dia de serviço útil. Como vês, meu filho, o trabalho é tônico divino para o coração. Números companheiros nossos, após deixarem a Terra, demoram em atitudes contraproducentes, aguardando milagres que jamais se verificarão. Reduzem-se, desse modo, formosas capacidades a simples expressões parasitárias. Alguns se dizem desencorajados pela solidão, outros, como sucedia na Terra, declaram-se em desacordo com o meio a que foram chamados para servir ao Senhor. É indispensável, André, converter

toda a oportunidade da vida em motivo de atenção a Deus. Nos círculos inferiores, meu filho, o prato de sopa ao faminto, o bálsamo ao leproso, o gesto de amor ao desiludido, são serviços divinos que nunca ficarão deslembados na Casa de Nosso Pai; aqui, igualmente, o olhar de compreensão ao culpado, a promessa evangélica aos que vivem no desespero, a esperança ao aflito, constituem bênçãos de trabalho espiritual, que o Senhor observa e registra a nosso favor... [...] Minha mãe calou-se enquanto eu enxugava os olhos. Foi então que ela me tomou nos braços, acariciando-me desveladamente. Qual o menino que adormece após a lição, perdi a consciência de mim mesmo, para despertar mais tarde nas Câmaras de Retificação, experimentando vigorosas sensações de alegria.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 36)

“No salão acolhedor de Dona Isabel, permanecemos em plena atividade. Lá fora, começara o aguaceiro forte, mas tínhamos a nítida impressão de grande distância da chuva torrencial. Logo às primeiras horas da madrugada, o movimento intensificou-se. Muita gente ia e vinha. – Numerosos irmãos – explicou o orientador – encontram-se neste pouso de trabalho espiritual, na esfera a que os encarnados chamariam sonho. Não é fácil transmitir mensagens de teor instrutivo, nessa tarefa, utilizando lugares comuns, contaminados de matéria mental menos digna. Nas oficinas edificantes, porém, onde conseguimos acumular maiores quantidades de forças positivas da espiritualidade superior, é possível prestar grandes benefícios aos que se encontram encarnados no planeta. Acentuei minhas observações, verificando que muitas das pessoas recém-chegadas pareciam convalescentes, titubeantes... Algumas se mantinham de pé, sob o amparo de braços carinhosos. Eram os amigos encarnados a se valerem do desprendimento parcial, pelo sono físico, que se reuniam a nós, aproveitando o auxílio de entidades generosas e dedicadas. Reconhecia, entretanto, que a maior parte não entendia, com precisão, o que se lhes desejava dizer. Muitos pareciam doentes, incompreensivos. Sorriam infantilmente, revelando boa vontade na recepção dos conselhos, mas grande incapacidade de retenção. Eu estudava os quadros ambientes, com justa estranheza. Sempre cuidadoso, Aniceto veio ao encontro de nossa perplexidade. – Os Espíritos encarnados – disse –, tão logo se realize a consolidação dos laços físicos, ficam submetidos a imperiosas leis dominantes na Crosta. Entre eles e nós existe um espesso véu. É a muralha das vibrações. Sem a obliteração temporária da memória, não se renovaria a oportunidade. Se o nosso campo lhes fora francamente aberto, olvidariam as obrigações imediatas, estimariam o parasitismo, prejudicando a própria evolução. Eis porque raramente estão lúcidos ao nosso lado. Na maioria dos casos, junto de nós, permanecem vacilantes, enfraquecidos...

Vejam aquela jovem senhora encarnada, em conversa com a vovozinha que trabalha conosco, em “Nosso Lar”. Assim dizendo, Aniceto indicou um grupo mais próximo. A anciã, de olhos brilhantes e gestos decididos, abraçava-se à neta, lânguida e palidíssima. – Nieta – exclamava a velhinha, em tom firme –, não dê tamanha importância aos obstáculos. Esquece os que te perseguem, a ninguém odeies. Conserva tua paz espiritual, acima de tudo. Tua mãe não te pode valer agora, mas crê na continuidade de nossa vida. A vovó não te esquecerá. A calúnia, Nieta, é uma serpente que ameaça o coração; entretanto, se a encararmos de frente, fortes e tranquilas, veremos, a breve tempo, que a serpente não tem vida própria. É víbora de brinquedo a se quebrar como vidro, pelo impulso de nossas mãos. E, vencido o espantinho, em lugar da serpente, teremos conosco a flor da virtude. Não temas, querida! Não percas a sagrada oportunidade de testemunhar a compreensão de Jesus!... A jovem senhora não respondia, mas seus olhos semilúcidos estavam cheios de pranto. Demonstrava no gesto vago uma consolação divina, recostada ao seio carinhoso da devotada velhinha. – Esta irmã se lembrará de tudo, ao despertar no corpo físico? – perguntei, intrigado, ao nosso orientador. Aniceto sorriu e esclareceu: – Sendo a avó superior e ela inferior, e examinando ainda a condição dos planos de vida em que ambas se encontram, a jovem encarnada está sob o domínio espiritual da benfeitora. Entre ambas, portanto, há uma corrente magnética recíproca, salientando-se, porém, que a vovó amiga detém uma ascendência positiva. A neta não vê o ambiente com precisão, nem ouve as palavras integralmente. Não esqueçamos que o desprendimento no sono físico vulgar é fragmentário e que a visão e a audição, peculiares ao encarnado, se encontram nele também restritas. O fenômeno, pois, é mais de união espiritual que de percepções sensoriais, propriamente ditas. A jovem está recebendo consolações positivas, de Espírito a Espírito. Não se recordará, despertando nos véus materiais mais grosseiros, de todas as minúcias deste venturoso encontro que acabamos de presenciar. Acordará, porém, encorajada e bem-disposta, sem poder identificar a causa da restauração do bom ânimo. Dirá que sonhou com a avó num lugar onde havia muita gente, sem recordar as minudências do fato, acrescentando que viu, no sonho, uma cobra ameaçadora, que logo se transformou em serpente de vidro, quebrando-se ao impulso de suas mãos, para transformar-se em perfumosa flor, da qual ainda conserva a lembrança agradável do aroma. Afirmará que soberano conforto lhe invadiu a alma e, no fundo, compreenderá a mensagem consoladora que lhe foi concedida. – Não se lembrará, contudo, das palavras ouvidas? – indagou Vicente, curioso. – Precisaria ter adquirido profunda lucidez no campo da

existência física – prosseguiu Aniceto, explicando – e devo esclarecer que recordará as imagens simbólicas da víbora e da flor, porque está em relação magnética com a veneranda avozinha, recebendo-lhe a emissão de pensamentos positivos. A benfeitora não fala apenas. Está pensando fortemente também. A neta, todavia, não está ouvindo ou vendo pelo processo comum, mas está percebendo claramente a criação mental da anciã amiga e dará notícia exata dos símbolos entrevistados e arquivados na memória real e profunda. Desse modo, não terá dificuldade para informar-se quanto à essência do que a bondosa avó deseja transmitir-lhe ao coração sofredor, compreendendo que a calúnia, quando fere uma consciência tranquila não passa de serpente mentirosa, a transformar-se em flor de virtude nova, quando enfrentada com o valor duma coragem serena e cristã. A lição fora profundamente significativa para mim. Começava a adquirir amplas noções do intercâmbio entre as duas esferas. Pensei no longo esforço dos que indagam o mundo dos sonhos. Quanta riqueza psíquica, suscetível de conquista, se os pesquisadores conseguissem deslocar o centro de estudo, das ocorrências fisiológicas para o campo das verdades espirituais! Lembrei a psicanálise, a tese freudiana, as manifestações instintivas, inferiores. Percebendo-me as elucubrações, o devotado mentor dirigiu-me a palavra de maneira especial: – Freud – asseverou Aniceto – foi um grande missionário da Ciência; no entanto, manteve-se, como qualquer Espírito encarnado, sob certas limitações. Fez muito, mas não tudo, na esfera da indagação psíquica. Pela pausa do nosso instrutor, percebi que ele não desejava entrar em minucioso exame da teoria famosa. Lembrando, porém, a extraordinária importância atribuída pelo grande cientista às tendências inferiores, indaguei, um tanto tímido: – Haverá, porém, centros de reunião para os espíritos desequilibrados no mal, como acontece, aqui, aos amigos interessados no bem? O generoso mentor sorriu, benévolo e falou: – Não haja dúvidas quanto a isto. Através das correntes magnéticas suscetíveis de movimentação, quando se efetua o sono dos encarnados, são mantidas obsessões inferiores, perseguições permanentes, explorações psíquicas de baixa classe, vampirismo destruidor, tentações diversas. Ainda são poucos, relativamente, os irmãos encarnados que sabem dormir para o bem... E, fazendo um gesto por demais expressivo, concluiu: – Livre-nos o Senhor de cair novamente...” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 38)

“**No plano dos sonhos.** Após alguns minutos de conversação encantadora, o Irmão Francisco acercou-se do orientador, indagando sobre os objetivos da reunião da noite. – Sim – esclareceu Alexandre, afável –, teremos algum trabalho de esclarecimento geral a amigos nossos, relativamente a problemas de mediunidade e psiquismo, sem minúcias particulares. – Se

nos permite – tornou o interlocutor –, estimaria trazer alguns companheiros que colaboram frequentemente conosco. Seria para nós grande satisfação vê-los aproveitando os minutos de sono físico. – Sem dúvida. Destina-se o serviço de hoje à preparação de cooperadores nossos, ainda encarnados na Crosta. Estaremos à sua disposição e receberemos seus auxiliares com alegria. Francisco agradeceu sensibilizado e perguntou: – Poderemos providenciar? – Imediatamente – explicou o instrutor, sem hesitação – conduza os amigos ao sítio de seu conhecimento. Afastou-se o grupo de socorristas, deixando-me verdadeiro mundo de pensamentos novos. Segundo informações anteriores, Alexandre dirigiria, naquela noite, pequena assembleia de estudiosos e, assim que nos vimos a sós, explicou-me, solícito: – Nosso núcleo de estudantes terrestres já possui certa expressão numérica; no entanto, faltam-lhe determinadas qualidades essenciais para funcionar com pleno proveito. Em vista disso, imprescindível dotar os companheiros de conhecimentos mais construtivos. E, como julgasse útil fornecer-me informações pessoais destinadas a minha própria elucidação, acrescentou, gentilmente: – E os irmãos que comparecem – indaguei, curioso – conservam a recordação integral dos serviços partilhados, de estudos levados a efeito e observações ouvidas? Alexandre pensou um momento e considerou: – Mais tarde, a experiência mostrará a você como é reduzida a capacidade sensorial. O homem eterno guarda a lembrança completa e conserva consigo todos os ensinamentos, intensificando-os e valorizando-os, de acordo com o estado evolutivo que lhe é próprio. O homem físico, entretanto, escravo de limitações necessárias, não pode ir tão longe. O cérebro de carne, pelas injunções da luta a que o Espírito foi chamado a viver, é aparelho de potencial reduzido, dependendo muito da iluminação de seu detentor, no que se refere à fixação de determinadas bênçãos divinas. Desse modo, André, o arquivo de semelhantes reminiscências, no livro temporário das células cerebrais, é muito diferente nos discípulos entre si, variando de alma para alma. Entretanto, cabe-me acrescentar que, na memória de todos os irmãos de boa vontade, permanecerá, de qualquer modo, o benefício, ainda mesmo que eles, no período de vigília, não consigam positivar a origem. As aulas, no teor daquela a que você assistirá nesta noite, são mensageiras de inexprimíveis utilidades práticas. Em despertando, na Crosta, depois delas, os aprendizes experimentam alívio, repouso e esperança, a par da aquisição de novos valores educativos. É certo que não podem reviver os pormenores, mas guardarão a essência, sentindo-se revigorados, de inexplicável maneira para eles, não só a retomar a luta diária no corpo físico, mas também a beneficiar o próximo e combater, com êxito, as próprias imperfeições. Seus pensamentos tornam-se mais

claros, os sentimentos mais elevados e as preces mais respeitadas e produtivas, enriquecendo-se-lhes as observações e trabalhos de cada dia. – É lastimável – disse eu, valendo-me de pausa mais longa – que todos os membros do grupo não possam frequentar, em massa, as instruções dessa natureza. Seria de extraordinária significação o ato de se congregarem mais de trezentas pessoas para os mesmos fins santificantes, recebendo, em conjunto, sublimes bênçãos de iluminação. – Sem dúvida – redarguiu o orientador, no otimismo de sempre. – No entanto, não podemos violentar ninguém. Toda elevação representa uma subida e toda subida pede esforço de ascensão. Se os nossos amigos não se aproveitam da força que lhes é peculiar, se menosprezam os seus próprios direitos divinos, por olvidarem e por vezes detestarem os sagrados deveres que o Pai lhes confiou, como operar por eles, se constitui lei primordial da vida a realização divina e eterna para cada um de nós? A observação era profunda e indiscutível. Há esse tempo, defrontáramos vasto edifício que impressionava pelas linhas modestas, embora transbordantes de luz. – Vamos agora ao trabalho! – convocou Alexandre, resoluto. – Mas – objetei por minha vez – não se efetuarão as aulas, na sede do agrupamento onde se processam os serviços a seu cargo? – Se o trabalho – respondeu ele, atencioso – fosse puramente consagrado às entidades libertas do corpo material, poderíamos desenvolver os nossos esforços, ali mesmo, com o maior êxito, mas, no presente caso, devemos atender a irmãos ainda encarnados, que vêm até nós em condições especialíssimas, e precisamos aproveitar os recursos magnéticos dos amigos que ainda se encontram igualmente em luta na Terra. E chegados diante da porta de entrada, onde se movimentava grande número de companheiros de nosso plano, o instrutor explicou: – Temos aqui uma nobre instituição espiritista, a serviço dos necessitados, dos tristes, dos sofrendores. O sagrado espírito de família evangélica permanece vivo nesta casa de amor cristão que o Espiritismo ergueu, por intermédio de uma venerável missionária do Cristo. Nossos trabalhos se desdobrarão aqui com mais eficiência, relativamente aos fins a que se destinam.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 8)

“[...] – Amanhã – informou o instrutor, calmo e persuasivo – te erguerás do leito sem a lembrança integral do nosso entendimento de agora, porque o cérebro de carne é um instrumento delicado, incapaz de suportar a carga de duas vidas, mas ideias novas surgir-te-ão formosas e claras, com respeito ao bem que necessitas praticar. A intuição, contudo, que é o disco milagroso da consciência, funcionará livremente, retransmitindo-te as sugestões desta hora de luz e paz, qual canteiro de bênçãos ofertando-te flores perfumosas e espon-tâneas. Chegado esse momento, não permitas que o cálculo te abafe o impulso das boas obras. No coração

hesitante, o raciocínio vulgar luta contra o sentimento renovador, turvando-lhe a corrente límpida, com o receio de ingratidão ou com ruinosa obediência aos preconceitos estabelecidos. [...]” (AL, *Libertação*, Capítulo 13)

“Às despedidas, retomamos as excursionistas sob a nossa guarda e, em pouco tempo, achávamo-nos, de novo, no caminho terrestre. Da faixa de luz solar, tornamos à imersão na sombra noturna, mas o espetáculo do céu não diminuía em beleza, porque as primeiras cores da alvorada tingiam o distanciado horizonte. Clarêncio restituiu a companheira de Antonina ao lar, depois de afetuosos adeus. E, sem maiores delongas, demandamos o ninho doméstico de nossa amiga. Antonina mostrava-se calada, tristonha... Dir-se-ia teimava em permanecer, para sempre, junto do pequenino que a precedera na longa viagem da morte. Todavia, em penetrando o estreito santuário familiar, dirigiu-se apressadamente ao quarto, de coração novamente atraído para os outros filhinhos. O Ministro, paternal, fê-la deitar-se e aplicou-lhe recursos magnéticos sobre os centros corticais. A mãezinha de Marcos demonstrou experimentar leve e doce vertigem... Atendendo ao orientador, demoramo-nos em observação, notando que a Antonina de nossa maravilhosa viagem aderira ao corpo denso, qual se fora por ele sugada, à maneira de formosa mulher, de forma sutil e semilúcida, repentinamente engolida por bainha de sombra. Em se justapondo ao cérebro físico, perdera a acuidade mental com que se caracterizava junto de nós. Com a fisionomia calma e feliz, despertou no veículo pesado... Contudo, Antonina não mais nos viu. Era agora simplesmente a mulher humana, nas cobertas agasalhantes do leito, acomodada à escuridão do recinto. Lembrava-se, sim, do passeio ao Lar da Bênção, mas através de impressões a se esfumarem, rápidas. Só a imagem do filhinho, tema central do seu amor, lhe persistia clara e movimentada na memória... Nossa presença e todas as demais particularidades do voo sublime lhe acudiam à lembrança por acessórios fantásticos a se lhe perderem nos obscuros escaninhos da imaginação. Como quem seleciona preciosidades, a consolada mãezinha procurava, ansiosa, nos arquivos da própria mente, todas as palavras que ouvira do filho abençoado, buscando retê-las no escrínio do coração. Por isso, das valiosas observações de Clarêncio, em poucos minutos não lhe restava na alma qualquer reminiscência. Antonina movimentou-se, fez luz e ouvimo-la pensar, vibrante: – Oh! Meu Deus, que alegria! Pude vê-lo perfeitamente! Quero guardar a recordação deste sonho divino!... Marcos, Marcos, que saudades, meu filho!... O Ministro abeirou-se dela, acariciou-lhe a cabeça, como se a envolvesse em fluidos calmantes e a simpática senhora restabeleceu a sombra no recinto. Abraçando a caçula que repousava ao seu lado,

novamente dormiu. – Nossa amiga não poderá guardar positivas recordações – informou Clarêncio com atenção. – Mas, por quê? – indagou Hilário, admirado. – Raros Espíritos estão habilitados a viver na Terra, com as visões da vida eterna. A penumbra interior é o clima que lhes é necessário. A exata lembrança para ela redundaria em saudade morta. – Como isso é lamentável! – alegou o meu companheiro, penalizado. O Ministro, todavia, explicou paciente: – Cada estágio na vida se caracteriza por finalidades especiais. O mel é saboroso néctar para a criança, mas não deve ser ministrado indiscriminadamente. Reclama dosagem para não vir a ser importuno laxativo. O contato com o reino espiritual, enquanto nos demoramos no envoltório terrestre, não pode ser dilatado em toda a extensão, para que nossa alma não afrouxe o interesse de lutar dignamente até o fim do corpo. Antonina lembrar-se-á de nossa excursão, mas de modo vago, como quem traz no campo vivo da alma um belo quadro de esbatidos contornos. Recordar-se-á, porém, do filhinho mais vivamente, o bastante para sentir-se reconfortada e convicta de que Marcos a espera na Vida Maior. Semelhante certeza ser-lhe-á doce alimento ao coração.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 12)

“DESDOBRAMENTO. [...] **Inspiração e desdobra-mento.** Dormindo o corpo denso, continua vigilante a onda mental de cada um – presidindo ao sono ativo, quando registra no cérebro dormente as impressões do Espírito desligado das células físicas, e ao sono passivo, quando a mente, nessa condição, se desinteressa, de todo, da esfera carnal. Nessa posição, sintoniza-se com as oscilações de companheiros desencarnados ou não, com as quais se harmonize, trazendo para a vigília no carro de matéria densa, em forma de inspiração, os resultados do intercâmbio que levou a efeito, porquanto raramente consegue conscientizar as atividades que empreendeu no tempo de sono. Muitos apelos do plano terrestre são atendidos, integralmente ou em parte, nessa fase de tempo. Formulado esse ou aquele pedido ao companheiro desencarnado, habitualmente surge a resposta quando o solicitante se acha desligado do vaso físico. Entretanto, como nem sempre o cérebro físico está em posição de fixar o encontro realizado ou a informação recebida, os remanescentes da ação espiritual, entre encarnados e desencarnados, permanecem, naqueles Espíritos que ainda se demorem chumbados à Terra, à feição de quadros simbólicos ou de fragmentárias reminiscências, quando não sejam na forma de súbita intuição, a expressarem, de certa forma, o socorro parcial ou total que se mostrem capazes de receber. **Desdobramento e mediunidade.** As ocorrências referidas vigem na conjugação de ondas mentais, porque apenas excepcionalmente consegue a criatura encarnada desvencilhar-se de todas as amarras naturais a que se prende,

adstrita às conveniências e necessidades de redenção ou evolução que lhe dizem respeito. É imperioso notar, porém, que considerável número de pessoas, principalmente as que se adestraram para esse fim, efetuam incursões nos planos do Espírito, transformando-se, muitas vezes, em preciosos instrumentos dos Benfeitores da Espiritualidade, como oficiais de ligação entre a esfera física e a esfera extrafísica. Entre os médiuns dessa categoria, surpreenderemos todos os grandes místicos da fé, portadores de valiosas observações e revelações para quantos se decidam marchar ao encontro da Verdade e do Bem. Cumpre destacar, entretanto, a importância do estudo para quantos se vejam chamados a semelhante gênero de serviço, porque, segundo a Lei do Campo Mental, cada Espírito somente logrará chegar, do ponto de vista da compreensão necessária, até onde se lhe paire o discernimento.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 21)

“No desdobramento das tarefas habituais, através das quais eram mantidos os contatos com os Benfeitores Desencarnados, nas sessões especiais, hebdomadárias, recebíamos esclarecimentos e informações, através das quais os irmãos Saturnino e Ambrósio nos davam elucidações minudentes dos acontecimentos transcorridos na Esfera Espiritual, quando dos labores abençoados de que participávamos, conquanto a nossa condição de encarnados no domicílio orgânico. Dessa forma, inteiramo-nos dos detalhes da operação fraterna junto ao Dr. Teofrastus e a Henriette-Marie, assim como dos fatos precedentes. Obviamente, ao retornarmos ao corpo somático, as lembranças das realizações espirituais desapareciam quase completamente, deixando-nos as evocações em impressões de sonhos que se manifestavam, ora como pesadelos dolorosos, ora como estados de comunhão elevada com as Esferas Superiores da Vida. Nesse particular, os Instrutores se encarregavam de ativar ou frenar os centros encarregados das lembranças, de modo a que a nossa jornada humana transcorresse com a normalidade possível, sem problemas que nos perturbassem as atividades de servidores da Comunidade dos homens. A recordação detalhada situar-nos-ia entre os dois mundos, ensejando-nos um desaperccebimento das realidades do lado físico, propiciando-nos um desvio da atenção, que se voltaria para as experiências e realidades da esfera espiritual.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 10)

“Retomando a palavra, o Diretor prosseguiu: — Alguns dos irmãos aqui presentes, amanhã, despertarão recordando uma viagem a estranho país, lutando com fantasmas odientos e cruéis... Outros terão as reminiscências de salutar encontro espiritual, onde se cuidaram de pessoas enfermas, em adiantado estado de alucinação... Uns lembrarão de socorros ministrados a Ester e Matias, com um pano de fundo confuso, em

paisagem de imagens fugidias, imprecisas... Alguém crerá em pesadelo... Outrem suporá uma visão do paraíso... “Todavia, estamos num mundo que interpene-tra o sensorial, baliza de uma esfera com a outra, suave linha divisória entre os dois estados: físico e espiritual, na Terra mesma, nossa mãe, nossa escola de pro-gresso.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 21)

“[...] “A vida é de natureza espiritual e o homem é um Espírito encarnado, cujo mundo verdadeiro, don-de procede e para onde retorna - mundo causal é o *parafísico*, utilizando-nos de uma expressão ora em voga. “Assim, a vida verdadeira é a espiritual, sendo a física uma cópia ainda grosseira ou, pelo menos, imperfeita, daquela que é a real. “Grande parte das atividades que cercam a criatura humana, lá tem curso e se desenvolve, por ser um mundo pulsante, com leis e organizações, com vida plena, enfim... “Acredito que a ajuda ministrada à senhora se desenvolveu além da esfera física, sob salutar comando, desembaraçando-a das energias viciosas ou libertando-a de alguma inter-fêrência constritora, obsessiva, de qualquer adversário espiritual...” - Parece-me lógico - interferiu a senhora Angélica -, considerando-se o fato de que, além de rogar a Jesus pela minha filha, passei a suplicar ao Dr. Bezerra de Menezes, de quem muito tenho ouvi-do falar, inclusive pela nossa Cibebe, que a socorresse, que nos auxiliasse. A partir de então e especificamen-te numa das noites do Carnaval, pedi, em lágrimas, a sua intermediação junto ao Mestre, deixando-me dominar por estranho e agradável bem-estar. “Após a prece, adormeci e sonhei com a minha filha, numa confusa situação constrangedora, despertando, porém, com serenidade e muita confiança interior. “Posterior-mente, numa mesma noite, tivemos sonhos idênticos, Roberto, Cibebe e eu... “Seriam estes sonhos, algo de real?” - Enquanto dorme o corpo - elucidou, seguro - o Espírito desprende-se parcialmente da matéria, qual encarcerado que anela pela liberdade, ampliando as suas faculdades, percepções, indo encontrar-se com pessoas ou em lugares onde gostaria sempre de es-tar. Nessa situação toma conhecimento de ocorrências e fatos, registrando impressões de acontecimentos pouco habituais e participando de atividades próprias aos sítios nos quais se encontra. Tem oportunidade de trabalhar ao lado dos Benfeitores da Humanida-de, pelo progresso pessoal e o da Terra, conforme o próprio grau de adiantamento, nem sempre se recor-dando, quando desperta no corpo, das ocorrências e sucessos de que participou. “Muitos cientistas, artistas e pensadores, que ofereceram ao mundo os contribu-tos valiosos para o progresso, aprenderam, antes do berço, quando em Espírito desprendido da matéria, o que mais tarde se recordam e lutam a fim de realizar. Outras vezes e mesmo nos casos referidos, quando parcialmente liberados do corpo pelo sono, estudam

e laboram em inventos e produções que depois re-compõem na esfera física, auxiliando e promovendo a evolução da Humanidade. “O inverso também ocorre, no que diz respeito aos que cultivam as paixões primi-tivas, deslocando-se na direção de regiões e mundos inferiores, moral e intelectualmente, onde dão campo às tendências grosseiras, aí participando de espetácu-los deprimentes e infelizes, nos quais se comprazem com aqueles que lhes são semelhantes, afins. “O sono, considerado uma forma de morte breve, propicia aos homens continuarem em contato com o mundo espí-ritual donde procedem, de certo modo, recordando-os das suas origens. “Nem sempre, porém, guardamos a consciência do que sonhamos. Seja porque não nos convenha lembrar, havendo um automático bloqueio da memória, seja em razão da própria condição ma-terial um tanto grosseira, que nas pessoas menos adestradas impede a lucidez das ocorrências, entor-pecendo-a. “Silenciando por breve momento, aduziu. - No caso em pauta, acredito que a Senhora Angélica, após orar, foi levada, em Espírito, a visitar a filha, ali mantendo um encontro com ela e tomando conhe-cimento dos sucessos que lhe estavam programados por algum Espírito Bom. “Acredito mesmo, que a sua oração sincera atraiu o Espírito Bezerra de Menezes, que a deve ter auxiliado, passando a assistir a enferma, quanto a sua família, propiciando nova reunião, como é comum, para estudo e solução da problemática afli-gente. “Como se depreende, não se torna imprescindível a ação física unicamente, para que se colimem os efeitos morais, espirituais positivos. O intercâmbio entre Espíritos encarnados é muito grande, na esfera dos sonhos e muito maior, destes com os desencarna-dos. “Apesar de o irmão Arnaldo ser conhecedor da Doutrina Espírita e homem esclarecido intelectualmen-te, naquele momento encontrava-se muito inspirado pelo abnegado Mentor, que o induzia a encaminhar as questões de modo a aclarar o “caso Julinda e família” de forma otimista e confortadora. - O senhor tem ra-zão - retrucou Dona Angélica -. No segundo sonho, eu tive a impressão de reencontrar Juvêncio, que se me afigurava muito atuante, na solução da enfermidade de nossa filha. Demais, a coincidência de Roberto e Dona Cibebe experimentarem as mesmas impressões, naque-la noite, leva-nos a concordar com os esclarecimentos que o amigo nos traz. [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 30)

“[...] Enquanto isso, percebemos a chegada de mais criaturas que eram encaminhadas a uma saleta próxi-ma à entrada. — “São companheiros encarnados — explicou-nos Felinto — que vêm pedir ajuda, logo se desprendem do corpo pelo sono físico. Vinculados à nossa Casa, para aqui acorrem, automaticamente, ou são trazidos pelos seus Protetores Espirituais, a fim de receberem auxílio. Como o amigo sabe, o sono retém

ao corpo os intoxicados por interesses mesquinhos ou os impele aos redutos de atração pessoal conforme a faixa mental a que cada um se fixa. Ao chegarem, são conduzidos a um atendimento que seleciona as questões a que se prendem, encaminhando-os depois à nossa Instrutora ou a outros Amigos, de acordo com a preocupação que os aflige. Todos recebem, conforme a nossa capacidade e o merecimento deles, orientação e reconforto, para poderem desincumbir-se das provas e compromissos a que se encontram submetidos. O Amor sempre dispõe de recursos, e mais cresce quanto mais se doa. Este intercâmbio é-lhes muito salutar, porque ficam registrados no inconsciente, os conselhos recebidos, que lhes afloram como sonhos mais ou menos claros, de acordo com a lucidez pessoal. Não fosse tal socorro e tombariam em outros círculos, inferiores, nos quais seriam submetidos a aflições e amarguras, refletindo-se-lhes em forma de pesadelos perturbadores, ficando-lhes matrizes mentais para o pessimismo, a revolta e outras mazelas, como é muito comum. O intercâmbio espiritual, conscientemente ou não, é resultado das afinidades morais e afetivas entre os Espíritos em ambos os planos da vida.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 12)

“Prejuízos e conquistas espirituais. Ao amanhecer, fomos com Fernando acompanhar o despertar de alguns dos amigos que participaram das atividades espirituais em parcial desprendimento, com objetivos de observação e estudos. O Sr. Almiro apresentava-se bem-disposto e otimista, recordando-se fragmentariamente dos acontecimentos, o que lhe proporcionava imensa alegria. Mais tarde, foi chamado ao telefone por Leonardo, que narrou parte das lembranças que lhe perduravam na memória, entretecendo considerações oportunas e dizendo-se muito gratificado. Raulinda, não obstante a ajuda que lhe foi dispensada, pelo hábito de fixar os fatos desagradáveis em detrimento dos bons, acreditava ter sido vítima de um cruel pesadelo, no qual era perseguida por odiento adversário ameaçador, que a exaurira durante a noite. Ressumava mal-estar e pessimismo, embora luzisse na mente a ideia de que poderia ter sido uma experiência socorrista na área da mediunidade. Vacilante quanto aos próprios recursos, não considerava os de origem superior colocados em seu auxílio, e, algo queixosa dos sintomas habituais, iniciou o seu dia sem esforço pela renovação íntima. Francisco guardou algumas reminiscências das atividades, que passaram a estimulá-lo para mais cuidadoso treinamento e educação da mediunidade. O médium Davi despertou com vivas impressões dos sucessos. Tentou concatenar as ideias, dando ordem racional ao desdobramento, porém não se interessou em aprofundar o conteúdo da mensagem recebida. Acreditando ser um missionário salvador de vidas, perdeu-se na presunção e supôs que fora

alguma trama para impressioná-lo. Sentindo-se algo debilitado, em vez de admitir como sendo consequência das suas levandades, considerou o caso como de origem espiritual, decorrente do sonho desagradável. Recorreu a breves exercícios físicos, olvidando-se da oração, e, prelibando o dia repleto de compromissos promissores, procurou banir da memória as lembranças positivas. Os demais membros não haviam registrado nada de especial, nem mesmo D. Armênia, que oferecia a instrumentalidade mediúnica ao irmão Vicente nos labores normais da Casa. Como não trabalhara diretamente, as impressões diluíram-se na memória física. O hábito salutar da oração, da reflexão ao despertar matinal, propicia o conscientizar das ocorrências espirituais durante a noite, de modo a se incorporarem ao patrimônio mental, favorecendo o enriquecimento da emoção. Inquirido, por mim, a respeito dos registros mentais, Dr. Carneiro de Campos, elucidou: — A questão que diz respeito à memória, à fixação dos acontecimentos, é bastante complexa. Normalmente, a memória é formada por experiências vivenciadas sob diferentes aspectos: a) por meio dos sentidos, embora não se memorize tudo, havendo uma seleção de aspectos ou conteúdos que mais chamaram a atenção e que permanecem; b) não se gravam as memórias de maneira global, terminante, tornando-se acessíveis ou não, após captadas as informações, sendo mais facilmente evocadas aquelas mais recentes do que as anteriores, dando-se um fenômeno de fixação logo após o seu evento, pela transferência de uma faixa superficial para outra de caráter permanente; c) as memórias podem ampliar-se, acumulando novas informações após os momentos iniciais em que adquiriram as impressões, às vezes, por circunstâncias endógenas que têm lugar no organismo, sob a ação da experiência, quais sejam a B-endorfina, a adrenalina e outras; d) as memórias, em si mesmas, são globais e não parciais; os fatores que as trazem à evocação variam e respondem pela sua fragmentação ou inteireza. “Desse modo, o hábito de registrar convenientemente as informações, por meio da atenção, muito contribui para os resultados positivos. Os demais elementos são de natureza orgânica, encontrando-se no hipocampo e na amígdala. “A memória tem sido muito estudada, todavia os conhecimentos a respeito dos seus mecanismos permanecem reduzidos, como nos casos do armazenamento das informações, da classificação de tipos, não sendo factíveis de momento as investigações diretas. No entanto, as suas consequências têm sido bem detectadas e catalogadas. O cérebro, onde se arquivam, é o equipamento orgânico de maior complexidade que se conhece, cujas funções múltiplas deslumbram ainda os maiores conhecedores dos seus mecanismos. Não apenas responde pela exteriorização da vida mental, mas é responsável também por quase todas, senão

todas as manifestações e ocorrências físicas. Resistente e delicado ao mesmo tempo, é o conjunto eletrônico mais sensível e completo que o homem jamais conheceu.” Após uma pequena pausa para reflexão, continuou: — Não seja de estranhar que a superstição popular, a princípio, e, mais tarde, larga fatia da sociedade humana passaram a ver nos sonhos em geral prenúncios de acontecimentos futuros, abrindo espaços para os aventureiros que lhes exploram ainda a credulidade. Amplamente estudados por Freud, Jung e pelos psicanalistas em especial, refletem estados íntimos profundos, distúrbios orgânicos, sexuais e outros, sendo também um amplo capítulo para pesquisas pelas Ciências Psicobiofísicas, como o Espiritismo, por englobarem os estados parciais de desdobramento do ser durante o sono natural. Muitos estudiosos, assim como alguns charlatães, organizaram todo um esquema de símbolos para interpretá-los, apresentando significados hipotéticos, sem qualquer sentido de realidade, porém muito do agrado da ingenuidade. “Não se nega, à luz da Psicanálise, o conteúdo de muitos desses símbolos e sinais, que respondem pela realidade do ser. A conscientização das memórias espirituais, dos acontecimentos na dimensão extrafísica, decorre de disciplinas mentais, morais e do desprendimento paulatino das paixões mais grosseiras, aquelas que entorpecem as percepções do Espírito nos equipamentos orgânicos.” Quando o benfeitor silenciou, pus-me a reflexionar, concluindo, mais uma vez, que o cultivo da vida psíquica exige disciplina e educação mental, de modo a possibilitar a vida em faixas vibratórias compatíveis. Assim sendo, o ser fisiológico cede lugar ao psicológico, cujas atividades têm preponderância espiritual. A mediunidade, por isso mesmo, em sua expressão orgânica, é faculdade do Espírito, que se veste de células para permitir a exteriorização dos fenômenos de origem espiritual. A sua educação exige, entre outros fatores, a interiorização do indivíduo, silenciando tormentos, para melhor perceber, na interação mente-corpo, o que acontece a sua volta. Sem o equilíbrio psicofísico muito dificilmente se captam corretamente as paisagens e a vida fora da matéria. A sensibilidade mediúnica encontra-se presente em todas as criaturas que, vez por outra, apresentam pródromos da faculdade, sem maiores consequências. No entanto, a manifestação ostensiva é propriedade somente de alguns organismos, que expressam necessidades do ser reencarnado no processo de evolução. Em razão disso, descortinamos variadíssima gama, assim como graus, da percepção mediúnica. Acreditamos que, à medida que o homem e a mulher deem atenção às suas faculdades psíquicas, desenvolvendo-as com cuidado e penetrando-as com atenção, desdobrá-las-ão, favorecendo-se para o futuro, quando a mediunidade se tornará normal, deixando a

classificação de paranormalidade para se fixar como um sexto sentido, qual a denominou o professor Charles Richet. A criatura humana do futuro será portadora consciente de mais essa percepção, que hoje se lhe apresenta ainda envolta em mistérios e superstições, mas que o Espiritismo aclara e conduz com segurança. Assim pensando, já encontramos generalizadas na sociedade a telepatia inconsciente, a premonição, a intuição, a clarividência, entre os fenômenos anímicos, e a obsessão, direta quanto indireta, ensaiando a psicofonia, embora ainda tumultuada. O processo de evolução é irreversível e a conquista de valores enobrecedores é inevitável. À medida que o ser evolui torna-se menos grotesco, menos material, sutalizando as suas manifestações, que decorrem das aspirações cultivadas.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Prejuízos e conquistas espirituais)

V.4. Pesadelos e suas causas: fenômenos espirituais ou inconscientes

“No plano dos sonhos. [...] – É a residência de Vieira. Vejamos o que se passa. Acompanhei-o em silêncio. Em poucos instantes, encontrávamo-nos dentro de quarto confortável, onde dormia um homem idoso, fazendo ruído singular. Via-se-lhe, perfeitamente, o corpo perispirítico unido à forma física, embora parcialmente desligados entre si. Ao seu lado, permanecia uma entidade singular, trajando vestes absolutamente negras. Notei que o companheiro adormecido permanecia sob impressões de doloroso pavor. Gritos agudos escapavam-lhe da garganta. Sufocava-se, angustiadamente, enquanto a entidade escura fazia gestos que eu não conseguia compreender. Sertório acerrou-se de mim e observou: – Vieira está sofrendo um pesadelo cruel. E indicando a entidade estranha: – Creio que ele terá atraído até aqui o visitante que o espanta. Com efeito, muito delicadamente, o meu interlocutor começou a dialogar com a entidade de luto: – O amigo é parente do companheiro que dorme? – Não, não. Somos conhecidos velhos. E. muito impaciente, acentuou: – Hoje, à noite, Vieira me chamou com as suas reiteradas lembranças e acusou-me de faltas que não cometi, conversando levianamente com a família. Isso, como é natural, desgostou-me. Não bastará o que tenho sofrido, depois da morte? Ainda precisarei ouvir falsos testemunhos de amigos maledicentes? Não poderia esperar dele semelhante procedimento, em virtude das relações afetivas que nos uniam as famílias, desde alguns anos. Vieira foi sempre pessoa de minha confiança. Em razão da surpresa, deliberei esperá-lo nos momentos de sono, a fim de prestar-lhe os necessários esclarecimentos. O estranho visitante. Todavia, fez uma pausa, sorriu irônico, e continuou: – Entretanto,

desde o momento em que me pus a explicar-lhe a situação do passado, informando-o quanto aos verdadeiros móveis de minhas iniciativas e resoluções na vida carnal, para que não prossiga caluniando-me o nome, embora sem intenção, Vieira fez este rosto de pavor que estão vendo e parece não desejar ouvir as minhas verdades. Interessado nas lições novas, aproximei-me do amigo, cujo corpo descansava em posição horizontal, e senti-lhe o suor frio ensopando os lençóis. Não revelava compreender convenientemente o auxílio que lhe era trazido, fixando-nos com estranheza e ansiedade, intensificando, ainda mais, os gemidos gritantes que lhe escapavam da boca. Sentindo a silenciosa reprovação de Sertório, o habitante das zonas inferiores dirigiu-lhe a palavra de modo especial: – O senhor admite que devamos ouvir impassíveis os remques da levandade? Não será passível de censura e punição o amigo infiel que se vale das imposições da morte para caluniar e deprimir? Se Vieira sentiu-se no direito de acusar-me, desconhecidamente, não é justo que me tolere os esclarecimentos até ao fim? Não sabe ele, acaso que os mortos continuam vivos? Ignorará, porventura, que a memória de cada companheiro deve ser sagrada? Ora esta! Eu mesmo já lhe ouvi, em minha nova condição de desencarnado, longas dissertações referentes ao respeito que devemos uns aos outros... Não considera, pois, que tenho motivos justos para exigir um legítimo entendimento? O interpelado esboçou um gesto de complacência e observou: – Talvez esteja com a razão, meu caro. Entretanto, creio deva desculpar seu amigo! Como exigir dos outros conduta rigorosamente correta, se ainda não somos criaturas irrepreensíveis? Tenha calma, sejamos caridosos uns para com os outros!... E, enquanto a entidade se punha a meditar nas palavras ouvidas, Sertório falou-me em tom discreto: – Vieira não poderá comparecer esta noite aos trabalhos. Não pude reprimir a má impressão que a cena me causava e, talvez porque eu fizesse um olhar suplicante, advogando a causa do pobre irmão, quase a desencarnar-se de medo, o auxiliar de Alexandre prosseguiu: – Retirar violentamente a visita, cuja presença ele próprio propiciou, não é tarefa compatível com as minhas possibilidades do momento. Mas podemos socorrê-lo, acordando-o. E, sem pestanejar, sacudiu o adormecido, energicamente, gritando-lhe o nome com força. Vieira despertou confuso, estremunhando, sob enorme fadiga, e ouvi-o exclamar, palidíssimo: – Graças a Deus, acordei! Que pesadelo terrível!... Será crível que eu tenha lutado com o fantasma do velho Barbosa? Não! Não posso acreditar!... Não nos viu, nem identificou a presença da entidade enlutada, que ali permaneceu até não sei quando. E, ao retirarmo-nos, ainda lhe notei as interrogações íntimas, indagando de si mesmo sobre o que teria ingerido ao jantar, tentando justificar o susto cruel com

pretextos de origem fisiológica. Longe de auscultar a própria consciência, com respeito à maledicência e à levandade, procurava materializar a lição no próprio estômago, buscando furtar-se à realidade.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 8)

“De alma desanuviada agora, Adelino contemplou a companheira, orgulhoso de possuir-lhe o devotamento, e acentuou: – A palestra do João fez-me enorme bem. Trazia o coração desalentado, oprimido. Eu mesmo não saberia definir meu estado d’alma... Há muitos dias, minhas noites são agitadas, cheias de aflições e pesadelos! Tenho sonhado sistematicamente que alguém se aproxima de mim, na qualidade de vigoroso inimigo. Por vezes, rendo graças a Deus, ao despertar pela manhã, porque me sinto mais à vontade, enfrentando as máscaras humanas, que lutando, noite inteira, em sonhos cruéis... A esposa, admirada, observou, carinhosa: – Creio que deverias descansar um pouco... Comovido, ante a delicadeza da mulher, Adelino continuou: – Tenho tido receio de mim mesmo! Tão logo me acomodo no leito, sinto instintivamente que uma sombra se aproxima de mim. Adormeço sob incrível ansiedade e o pesadelo começa, sem que eu saiba explicar conscientemente coisa alguma. – E os sonhos são sempre os mesmos? – indagou a esposa, solicita. – Sempre – respondeu ele, com emoção vejo que um homem se aproxima de mim, estendendo as mãos, à maneira dum mendigo vulgar a implorar socorro, mas, ao lhe fixar a fisionomia, inexplicável terror invade-me o espírito... Tenho a impressão de que ele deseja assassinar-me pelas costas... Em certas ocasiões, tento estender-lhe as mãos, vencendo a impressão de pavor; entretanto, fujo sempre, num misto de ódio e repugnância. Ó, que pesadelos terríveis e longos!” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“[...] O instrutor confiou-se a pausa mais longa e concentrei minha atenção numa dupla feminina que conversava, rente à grade. Certa mulher já desencarnada dizia para a companheira, ainda presa à experiência física, parcialmente liberta nas asas do sono: – Notamos que você, ultimamente, anda mais fraca, mais serviçal... Estará desencantada, quanto aos compromissos assumidos? A interpelada explicou um tanto confundida: – Acontece que João se filiou a um círculo de preces, o que, de alguma sorte, nos vem alterando a vida. A outra deu um salto à retaguarda, ao modo de um animal surpreendido e gritou: – Orações? Você está cega quanto ao perigo que isso significa? Quem reza cai na mansidão. É necessário espezinhá-lo, torturá-lo, feri-lo, a fim de que a revolta o mantenha em nosso círculo. Se ganhar piedade, estragar-nos-á o plano, deixando de ser nosso instrumento na fábrica. A interlocutora, no entanto, observou, ingênua: – Ele se diz mais calmo, mais confiante... – Marina – obtemperou a outra, intempestiva –, você sabe que não podemos

fazer milagres e não é justo aceitar regras e intrujices de espíritos acovardados que, a pretexto de fé religiosa, se arvoram em ditadores de salvação. Precisamos de seu marido e de muitas outras pessoas que a ele se agregam em serviço e em nosso nível. O projeto é enorme e interessante para nós. Já esqueceu quanto sofremos? Eu, de mim mesma, tenho duras lições por retribuir. E batendo-lhe esquisitamente nos ombros, acentuava: - Não admita encantamentos espirituais. A realidade é nossa e cabe-nos aproveitar o ensejo, integralmente. Volte para o corpo e não ceda um milímetro. Corra com os apóstolos improvisados. Fazem-nos mal. Prenda João, controlando-lhe o tempo. Desenvolva serviço eficiente e não o liberte. Fira-o devagarinho. O desespero dele chegará, por fim, e, com as forças da insubmissão que forem exteriorizadas em nosso favor, alcançaremos os fins a que nos propomos. Nada de transigência. Não se atemorize com promessas de inferno ou céu depois da morte. Em toda parte, a vida é aquilo que fazemos dela. Boquiaberto com o que me era dado perceber, reparei que a entidade astuta e vingativa envolvia a interlocutora em fluidos sombrios, à maneira dos hipnotizadores comuns. Enderecei olhar interrogativo ao nosso orientador que, após haver atenciosamente acompanhado a cena, informou, prestimoso: - A obsessão desse teor apresenta milhões de casos. De manhãzinha, na Esfera da Crosta, essa pobre mulher, vacilante na fé, incapaz de apreciar a felicidade que o Senhor lhe concedeu num casamento digno e tranquilo, despertará no corpo, de alma desconfiada e abatida. Oscilando entre o “crer” e o “não crer” não saberá polarizar a mente na confiança com que deve enfrentar as dificuldades do caminho e aguardar as manifestações santificantes do Alto e, em face da incerteza íntima em que se lhe caracterizam as atitudes, demorar-se-á imantada a essa irmã ignorante e infeliz, que a persegue e subjuga para conseguir deplorável vingança. Converter-se-á, por isso, em objeto de acentuada aflição para o esposo e suas conquistas incipientes periclitarão.” (AL, *Libertação*, Capítulo 6)

“Além do sonho. Tornando a Esteves, Clarêncio ofereceu-lhe o braço amigo, mas o moço prorrompeu em súplica: - Não me prendam! Não me prendam! Sou a vítima!... O Ministro absteve-se de continuar em sua afetiva manifestação. No passo vagaroso de quem carrega um fardo de aflição, o inimigo de Leonardo retirou-se para a via pública, regressando ao aconchego doméstico. Seguimo-lo a pequena distância. Renovava-se o dia. Pedestres marchavam diligentes, na direção do trabalho. Bondes rangiam, sonolentos, e os autos, aqui e ali, começavam a transitar pelas ruas. Em breve tempo, o rapaz, seguido de nosso grupo, estacionou à frente de vasto conjunto residencial. Grande relógio próximo exibia o mostrador. Cinco horas e trinta minutos. Embatucado, o moço voltou-se para nós, e,

em seguida, desapareceu no interior. Entramos. Em momentos rápidos, achávamo-nos diante dele, que se esforçava por reaver o corpo físico. O Ministro, sem molestá-lo, amparou-o afetuosamente e Esteves, pouco a pouco, recuperou a calma natural. Mantinha-se em suave modorra, quando o despertador tilintou, faltando quinze minutos para seis. O rapaz esfregou os olhos, de carantonha amarrada, guardando a impressão de mau sonho. Vestindo-se, apressado, notamos que minúsculo cartão de visita lhe caiu do bolso, ensejando-nos a leitura de um nome: - “Mário Silva, Enfermeiro”. E o nosso instrutor reafirmou: - Nosso amigo, ontem Esteves, hoje é Mário Silva, prosseguindo em sua vocação para a enfermagem. Ouçamo-lo por alguns momentos. O moço atendeu às obrigações da higiene e, logo após, foi recebido em pequena sala do apartamento por simpática velhinha, em cujo olhar adivinhamos a ternura de mãe. Depois de saudação carinhosa, a senhora indagou bem-humorada: - Onde esteve esta noite, meu filho? Seu semblante carregado não me engana. - Um sonho horrível, mamãe. E fixando gestos expressivos, entre os goles do café notificou: - Sonhei que alguém me chamava, a distância, em voz alta, e, acreditando tratar-se de algum doente em estado grave, não vacilei. Corri ao apelo, mas, ao invés de topar um quarto de enfermo, vi-me, de imediato, numa cela mal iluminada e úmida... E, com os recursos de imaginação de que dispunha para corresponder às requisições da mente, o rapaz continuou: - Era um perfeito cubículo de prisão, onde me surpreendi encarcerado, de repente, junto de um criminoso de mau aspecto e de infeliz mulher em pranto... Senti tanta simpatia pela moça desventurada, quanta aversão pelo réu de medonha catadura. Tive, porém, a impressão nítida de que nos conhecíamos. Um misto de ódio e sofrimento me tomou de assalto, junto deles, principalmente ao lado do infeliz, cujo olhar se me afigurava cruel... Perguntava, a mim mesmo, porque me não retirava de tão detestável presença, mas, enquanto o homem me repelia a mulher me provocava o maior enternecimento... Por mais estranho que pareça, experimentava o desejo de agredi-lo e de acariciá-la, ao mesmo tempo. Achava-me em expectativa, quando o criminoso avançou para mim, com o propósito evidente de liquidar-me, ao passo que a pobrezinha procurava defender-me. Estava atônito, ignorando se o condenado pretendia assassinar-me ali mesmo quando tentei uma reação à altura! Cego de incompreensível rancor, ia precipitar-me sobre ele, quando, rápido, apareceu um delegado policial, seguido de dois guardas que entraram na contenda, impedindo-nos o mau impulso. O chefe, segundo percebi, de um só golpe conteve o meu agressor, obrigando-o a sentar-se, vencido, conquistando-me um respeito tão grande que, realmente, apesar do desejo de ouvir a mulher

ajoelhada, em soluções não arredei pé do lugar em que me apoiava. Depois de palavras enérgicas e rápidas, o delegado trouxe, então, à cela outros ajudantes que arrastaram meu adversário para fora... Logo após, acomodando-me numa velha cadeira, reconduziu a jovem para o interior do cárcere... Estampou na fisionomia a expressão de quem se propunha inutilmente lembrar-se e, decorridos longos instantes de reticência, rematou: – Depois... depois, não consigo precisar as recordações... Sei apenas que me pus a correr, em fuga para nossa casa, de vez que os policiais se mostravam igualmente dispostos a recolher-me. Temendo o xadrez, acordei estremunhado e abatido... A velhinha que escutava atenciosa, comentou calma: – Há sonhos que valem por terríveis pesadelos... – É o que senti – concordou Mário, preocupado. A mãezinha contemplou-o, bondosa e acrescentou: – Meu filho, o sonho terá alguma relação com a nossa Zulmira? A mulher com quem simpatizou não seria, acaso, nossa velha amiga, e o homem que lhe inspirou tanta repugnância não poderia ser interpretado como sendo o esposo dela? O rapaz cobriu-se de leve palidez, mostrou-se mais taciturno e falou, triste: – Quem sabe? – Você nunca mais teve notícia de nossa antiga companheira? – Não. Tenho apenas a informação de que mora aqui mesmo, onde o marido é ferroviário de importância. – Nunca pude entender-lhe a atitude. Tantos anos de convivência, tantos projetos de felicidade!... Trocar tudo, assim, por um viúvo, acompanhado de dois filhos!... O moço fixou um gesto de amargura e observou: – Ora, mamãe, evitemos recordações sem proveito. Zulmira não deve reaparecer em minha memória e esse Amaro que ela desposou é um ponto negro em meu coração. Creio que o melhor sentimento para eles dois em minha vida íntima é o ódio com que os reúno em minha lembrança. Não desejo revê-los e, francamente, se eu soubesse que residiam aqui, em nossa vizinhança, decidiria nossa transferência para outro rumo... E, transcorridos alguns instantes, ajuntou: – Meu sonho foi um simples pesadelo. Alguma preocupação imprecisa ou alguma intoxicação alimentar... A senhora sorriu, desapontada e aduziu: – Cá por mim, estou certa de que, à noite, reencontramos as pessoas que amamos ou detestamos. Nosso espírito, no sono, procura os afetos ou os desafetos do caminho para acertar as próprias contas. Disso, não tenho qualquer dúvida. O filho, indiscutivelmente enfadado, reergueu-se, abraçou a genitora, osculou-lhe a cabeça branca e concluiu: – O relógio é inflexível. O sonho passou e, agora, é a realidade que me espera. Devo cooperar no serviço operatório de duas crianças, às oito em ponto. Não me posso demorar. O hospital não cogita de pesadelos. Mostrou um sorriso forçado e despediu-se. A mãezinha acompanhou-o carinhosamente até à porta, retomando os serviços

caseiros, pensativa... Preparando-nos para a retirada, trazia o meu cérebro castigado por obsidianes interrogações. Encontráramos um novo capítulo na história da oração de Evelina? Amaro e Zulmira, mencionados pelo enfermeiro, seriam as mesmas personagens que havíamos visitado anteriormente? Dispunha-me à inquirição, quando o olhar de Clarêncio cruzou com o meu. Registrando-me a estranheza, informou: – Já sei o teor de tuas interrogações. Realmente, o nosso novo amigo foi noivo de Zulmira, a senhora obsidiada que conhecemos. Pretendia desposá-la, mas foi preterido no coração dela por Amaro, que lhe deve assistência e carinho. O passado fala no presente. Acham-se enredados numa teia de compromissos que lhes reclamam resgate. – E reencontrar-se-ão para o desdobramento das lutas redentoras em que se envolvem? – perguntou Hilário, admirado. – Inevitavelmente – acentuou o instrutor com voz segura.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 15)

“[...] **a) Obsessões especiais.** Ninguém se equivoque! Obsessores há desencarnados, exercendo maléfica influência sobre os homens, e encarnados, de mente vigorosa, exercendo pressão deprimente sobre os deambulantes da Erraticidade. O comércio existente entre os Espíritos e as criaturas da Terra, em regime de perseguição, é paralelo ao vigente entre os homens e os que perderam a indumentária física. Obsessões especiais também identificamos, que são produzidas por encarnados sobre encarnados. O pensamento é sempre o dínamo vigoroso que emite ondas e que registra vibrações, em intercâmbio ininterrupto nas diversas faixas que circulam a Terra. Mentes viciadas e em tormento, não poucas vezes escravas da monoideia obsessiva, sincronizam com outras mentes desprevenidas e ociosas, gerando pressão devastadora. Aguilhões frequentes perturbam o comportamento de muitas criaturas que se sentem vinculadas ou dirigidas por fortes constrictões nos painéis mentais, inquietantes e afligentes... Muitos processos graves de alienação mental têm início quando os seres constrangidos por essa força possuidora, ao invés de a repelirem, acalentam-lhe os miasmas pertinazes que terminam por assenhorear-se do campo em que se espalham. Em casos dessa natureza, o agente opressor influencia de tal forma o paciente perturbado que não é raro originar-se o grave problema do vampirismo espiritual por processo de absorção do plasma mental. Quando em parcial desprendimento pelo sono, o espírito parasita busca a sua vítima, irresponsável ou coagida, prosseguindo no nefando consórcio nessas horas que são reservadas para edificação espiritual e renovação da paisagem orgânica. Produzida a sintonia deletéria, mui dificilmente aqueles que alojam os pensamentos infelizes conseguem libertar-se. Nos diversos problemas

obsessivos, há que examiná-los para selecionar os que procedem do continente da alma encarnada e os que se vinculam aos quadros aflitivos do mundo espiritual. O ódio tanto quanto o amor desvairado constitui elementos matrizes dessas obsessões especiais. O ódio, pela fixação demorada acerca da vingança, cria um condicionamento psíquico que emite ondas em direção segura, envolvendo o ser almejado que, se não se encontra devidamente amparado nos princípios superiores da vida, capazes de destruírem as ondas invasoras, termina por se deixar algemar. E o amor tresloucado que se converte em paixão acerbada, devido ao tormento que se impõe quanto à posse física do objeto requestado, conduz o espírito que está atormentado à visitação, a princípio de alma nos períodos do sono reparador, até criar a intercomunicação que degenera em aflitivo quadro de desgaste orgânico e psíquico, não somente do vampirizado, como também mediante a alucinação do vampirizador. Em qualquer hipótese, no entanto, as diretivas clarificantes da mensagem de Jesus são rotas e veículos de luz libertadora para ensinar a uns e outros, obediência e obessores, os meios de superação.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Enquanto reflexionávamos, o sábio Orientador indicou-nos uma enferma de aproximadamente vinte e cinco anos que dormia, anestesiada pelo sedativo utilizado fazia poucas horas. Ressonava, ofegante, traduzindo indisfarçável mal-estar. — Não se trataria de algum pesadelo? — inquiri, atencioso. — Certamente — anuiu, afável. — Essa ocorrência — volvi à inquirição — decorre de algum encontro espiritual infeliz, no qual se vê perseguida? — Poderia ser — respondeu, aprofundando observação. — No caso em tela, porém, encontra-se a dormir espiritualmente. A continuidade dos fortes sedativos, por processo de assimilação perispiritual, prostram-lhe, também, a alma aturdida. No entanto, fenômenos inconscientes produzem-lhe sonhos desagradáveis, por automatismo psicológico, que são fruto das recordações impressas nos dédalos da memória perispiritual.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 12)

“No dia apazado, o Coronel despertou mais indisperto do que habitualmente, nos meses derradeiros. Fora acometido reiteradas vezes durante a noite, por singular pesadelo, do qual despertava estafado, sôfrego, para novamente recair no mesmo dédalo onírico, em que se fazia personagem de articulações nefandas e crimes inumanos. Experimentava a sensação de mergulhar em cenário sombrio e macabro por alguns momentos, recobrando a custo a lucidez, para se repetir a infame sortida aos mesmos sítios e sofrer asfixia, náuseas, horror. Eram lugares lóbregos... Via-se, agitado, caminhando sobre lajedos irregulares, enquanto maquinava sórdida vingança...

Respirava ódio... A estranha personagem, que via e sabia-se ser ele próprio, envergava sotaina negra que lhe atrapalhava o passo, obrigando-o erguê-la, a fim de saltar os esgotos abertos, exalando putrefação nas ruelas mergulhadas em sombras... A agitação do sacerdote agitava-o... Repentinamente sentia-se em presídio, subterrâneo, úmido, com vaza fétida a escorrer, onde alguns homens e mulheres sofriam ritual nefando de torturas covardes, irracionais. Seus corpos alquebrados, alguns partidos com fraturas expostas, em feridas pútridas, tudo resultado da roda infame, blasfemavam... Algumas mulheres desvairadas altercavam, misturadas aos despojos orgânicos... À sua chegada recuavam em rictos e esgares superlativos, enunciando seu nome entre exclamações injuriosas, detestáveis, enquanto se referiam, também, a outra pessoa, sua comparsa, de que se diziam vítimas... A visão tormentosa, mortificava-o... De inopino, não suportando o sonho macabro, logrou desalgemar-se do torpor que o vencia, levantando-se banhado por álgidos suores. Não retornou ao leito. Todo o dia foi-lhe desagradável. Não esquecia as cenas truanescas, os rostos, congestionados uns pelo ódio, patibulares outros, sem expressão, e mesmo após o almoço, tentando a sesta, não conseguiu o repouso que lhe fazia falta.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 8)

[...] “Estou muito inclinada a crer que, em todo esse processo, há uma terrível vingança de alguém invisível... Para culminar, creio que estamos “dormindo no ponto”, como afirmam as pessoas, em linguagem de gíria...” — Dou-lhe toda razão. — Não desanimemos. Pelo contrário, renovemo-nos pela coragem e pela fé, porque sinto que não pelejamos a sós. Muitas vezes, tenho-me dado conta de uma presença dúcida, qual o bafejo de um anjo, e pressinto tratar-se de sua mãezinha. É tão forte a impressão, que experimento a sensação de vê-la, não com os olhos, é claro, mas com a alma. Percebo-lhe o balbuciar, que não consigo entender, todavia, experimento a inefável paz que somente os bem-aventurados, consoante penso, podem transmitir. Deus está conosco, cunhada. Confiemos, aguardando os acontecimentos, mais atentas, a fim de os entender e os decifrar melhormente. Ambas se encontravam certas. Naturalmente os limites orgânicos e as disposições acautelatórias, providenciadas pelos Mensageiros desencarnados, se responsabilizavam pelas dificuldades naturais, a fim de que entendessem todo o ocorrido na noite anterior. As impressões fixadas eram o suficiente para auxiliá-las a sair do labirinto das incertezas e das dificuldades, guardando nos depósitos do inconsciente mais amplos informes, que se converteriam em subsídios na oportunidade própria. Como as atividades convidassem-nas ao movimento, porquanto Gilberto se apressava em demandar ao trabalho e Lisandra já

despertava, as duas mulheres deixaram-se conduzir à azáfama do dia. Quando a Sra. Artêmis foi levar a primeira refeição à filha, encontrou-a imersa em reflexão. Havia no seu semblante, normalmente vago, uma expressão de lucidez inusitada. — Que se passa, querida? — Não a vi entrar, mamãe. — Tudo bem? — Sim, muito bem. Tive um estranho pesadelo à noite passada, muito estranho, mesmo. — Conte-me, então. — Eu me encontrava, não sei bem em que lugar... Certo que era um local muito agradável. Havia várias pessoas de que não me recordo, conversando a meu respeito, como se fossem médicos discutindo o meu problema de saúde. Eu me achava algo anestesiada, com o raciocínio tardo, embora o prazer que experimentava, interiormente, por encontrar-me ali, quando ouvi alguém chamar-me de forma acusadora e temerosa. Receando, não sei o quê, desmaiei... Aliás, eu sempre sonho com um homem horrível, que me ameaça destruir vagarosamente, como eu fizera com ele... Sim, é assim que ele diz. Tenho-lhe tal pavor que, à simples lembrança, me arrepio. — Não se preocupe, meu bem. São pesadelos que... — Não, mamãe. Eu creio que há nisso alguma verdade. Não que eu o haja destruído, pois você sabe que nunca fiz mal a ninguém. Nem sequer odeio quem quer que seja, exceto... — Fale, minha filha, faz-lhe bem. — Nunca lhe disse antes. Você sabe quanto eu quero a papai. Todavia... — Não receie, bobinha. Eu posso compreender tudo que lhe vai na alma. — Mas é pecado! — O pecado é tudo aquilo que fazemos de mal, em sã consciência, o de que temos culpa ao praticar. — Sucede que havia momentos, antigamente, em que a presença de papai me inspirava tanto ódio... Eu experimentava a sensação de que ele me havia destruído algo muito caro, dentro de mim... Procurava, então, reagir e superava. Meditando, concluo que esse homem horroroso tem alguma coisa a ver com isto, ou nós temos algum problema muito sério com ele, não sei. — É realmente muito esclarecedora sua informação, minha filha. Também nós, Hermelinda e eu, tivemos um sonho mais ou menos parecido. Seja, porém, o que for, não nos aflijamos. A Divina Misericórdia sempre dispõe de meios para solucionar todas as incógnitas. Acalme-se e faça a sua refeição. “O Dr. Armando acredita que você está muito bem, que vem reagindo positivamente ao tratamento, com boas possibilidades próximas. Não é uma notícia auspiciosa?” — Oh! Sim, graças a Deus! O ambiente continuava impregnado dos bons fluidos, e respirava-se paz entre os familiares, com otimismo e irrestrita fé em Deus. Quando Cândido chegou à Colônia e visitou o Sr. Rafael, encontrou-o abatido. Estimulando-o à conversação, o paciente culminou por narrar a sua versão do acontecimento onírico de que ficaram as alegrias do reencontro com a família e a mágoa da

cena final, de que não se recordava exatamente. — Tratava-se de um sedutor que espoliava minha filha — disse com azedume —, a quem tive de matar ali mesmo. Entretanto, senti uma tão grande decepção por sabê-la vencida por um estúpido... — Ora, meu amigo, sonhos que tais, quando nos alcançam o “eu” consciente, são adaptados pelas nossas aptidões e traumas, sofrendo expressivas alterações na sua estrutura e realidade. “Pois eu sonhei com você. Tenho a certeza de que os Bons Espíritos nos conduziram a uma região de bênçãos, onde você confraternizou com a família, recebendo auspiciosa carga de otimismo, que o seu temperamento retraído prefere trocar pelo amargor das reminiscências doentias. Que é isso, meu amigo? “É claro, como já analisamos algumas vezes, que eu, você, todos nós possuímos delitos no passado que devem ser ressarcidos no presente. Certamente, a cena que lhe fez ressuscitar lembranças se fundamenta em ocorrência real, não, porém, como você a recorda.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 12)

“O jovem estava comovido. A força da lógica, na explanação apresentada, e a evocação através dos quadros relatados, elucidavam Lício, a respeito dos sonhos que o assaltavam desde criança, quando cenas, que agora se explicavam, aturdiavam-no, levando-o a estados de paroxismo, nos quais despertava, banhado por álgido suor e sempre aos gritos, sendo recolhido pelos pais que o assistiam, solícitos, até que passasse a crise alucinatória. Tão amiúde se repetiram esses fatos, que ele temia adormecer, já na adolescência, especialmente quando o tio o iniciou no desvio da ação sexual. Via-se perseguido por seres hediondos e animalescos, ou em bacanais em que, eleito como hetera dominante, era exposto ao servilismo abjeto dos promíscuos e dissolutos convivas presentes. O horror dominava-o, ameaçando enlouquecê-lo, tal a continuidade do acontecimento. O que se pensa sempre responde pelo clima emocional onde se vive. A ação do passado, automaticamente, leva o indivíduo aos lugares que lhe agradavam viver. Além do mais, os comensais costumeiros igualmente se encarregam de reconduzir aos mesmos lugares aqueles que se lhes vinculam. Mede-se, pois, a psicossfera de alguém pela incidência frequente do seu pensamento, no que elege. Ignorava que era conduzido, em Espírito, aos sítios de devassidão, em regiões próprias do Planeta, onde homens e desencarnados dão curso às suas aptidões e aos seus interesses, em conúbios danosos e frequentes. Os homens, em parcial desdobramento pelo sono, e os desencarnados, em fenômeno de vampirismo como de imantação demorada com aqueles que exploram fluídica e psiquicamente, são levados a patologias de difícil diagnose médica e mais complicada terapêutica libertadora.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 6)

“A senhora utilizou-se, pois, do ensejo e, após o café matinal, numa conversa em que aparentava despreocupação, referiu-se: — Há alguns dias visitei uma casa de Caridade espiritual, que me foi recomendada, em busca de conforto moral e de paz. Desde que Empédocles partiu, que adicionamos à saudade, a solidão e o sofrimento. A nossa religião afirma que a vida continua e eu creio nessa verdade. Assim, refleti, muitas vezes: “Se ele prossegue vivendo, acompanha os nossos sofrimentos. Como foi um homem justo e bom, onde quer que esteja, e sei que estará em um lugar de bênçãos, ele não ficará indiferente às nossas aflições. Como, porém, saber o que ele nos pode oferecer, ou o que deveremos fazer?” Assim, recorri a um senhor que é médium e tive uma entrevista com o seu Guia Espiritual, que, segundo penso, corresponde ao nosso Anjo da Guarda. — Mamãe! — exclamou o filho, surpreso. — A senhora não está metendo-se com essas coisas, pois não?! Elas são muito perigosas! — Inicialmente, eu também pensava assim — redarguiu, serena e inspirada pelo marido. — Fui receosa, mas necessitava de fazê-lo. Era como se uma força superior me impelisse a tanto. Desacostumada àquele gênero de culto, senti-me um tanto confusa, no começo. Logo após, observando as reações fisionômicas dos que consultavam o médium, fui-me tranquilizando. Quando chegou a minha vez, orei com fervor, suplicando o divino auxílio que não me foi negado. O médium falava de uma forma tão real que eu podia sentir que ali defrontava, pela vez primeira, o mistério da sobrevivência. Era ele e não o era. A sabedoria e acuidade dos conceitos, o conhecimento do meu problema, tudo me indicava estar tratando com um Espírito de Luz portador de esperança e de paz. — E que foi a senhora fazer? — Pedir ajuda para nós... A sua doença assim tão complicada... O rapaz mergulhou em cismar demorado, após o que disse: — E curioso tudo isso. Antes eu sofria pesadelos que não me davam trégua, toda vez que adormecia, raramente repousando. Durante estes dias, porém, houve uma diferença. Os sonhos continuaram, mas não me desequilibraram. Sentia-me num tribunal sendo julgado por crimes horrendos de que na hora eu me recordava. A acusadora era uma mulher-demônio; depois foi um homem-satanás. Diziam que eu os matei e o mesmo fizera a seu filho. Dentro de mim eu sabia que era verdade, apesar de agora não me recordar. Houve uma discussão forte, mas não agressiva, e ela me perdoou. Noutra noite foi a vez do homem, que terminou por fazer o mesmo... As pessoas do tribunal, juízes e advogados, eram benignas, sérias e muito justas. Nas vezes em que tal ocorreu, papai estava presente e intercedia por mim... Recordo-me bem de uma senhora negra e idosa, jovial e bondosa, que me sorria, me defendia e me amparava com um outro

ser de barbas venerandas e incomparável doçura no olhar, na face, na voz... — São eles, meu filho. Louvado seja Deus! — Eles, quem? — Os Espíritos Bons! A senhora idosa e negra é a irmã Emerenciana. Guia do médium com quem eu falei e me prometeu auxiliar. Os outros eu não sei quem são, mas tenho certeza que são anjos do bem.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 17)

“Justamente no desfecho da presente narrativa, que, absolutamente, não é uma ficção, encerra-se toda a aspereza da terrível lei de Causa e Efeito, que nas páginas precedentes já foi cuidadosamente contornada sob o realismo de fatos por mim vistos e examinados. Esse desfecho abrange duas personalidades que o leitor ainda não esqueceu — Alípio e Caetano, o Senhor de outrora e seu antigo escravo de confiança, ligados, moral e espiritualmente, pelos liames do passado e de modo irremediável, portanto, através do futuro. A lei de Causa e Efeito deveria ser estudada, espiritualmente, pelos homens, com o máximo esmero, meditando todos sobre ela o bastante para se forrarem ao seu gládio severo e inevitável, que desfere represálias impressionantes, porém, justas, criteriosas e sábias, as quais representam a reação da Natureza, ou da Criação, contra a desarmonia estabelecida em suas diretrizes pela própria criatura. Os homens, no entanto, jamais se aplicam a essa nobre investigação que lhes evitaria desgraças, apoucamentos e ignomínias que, absolutamente, não estariam no seu roteiro, se eles, mais comedidos nas ações diárias, não os criassem para si mesmos, com atitudes verificadas a cada passo na sociedade como dentro do lar. Ora, como vimos para trás, a revolta de Caetano crescia contra Alípio, a quem atribuía as desventuras que vinha experimentando. Perdera de vista a terna amiga Angelita e, choroso, incapaz de perceber o meio eficaz de caminhar ao seu encontro, voltava-se contra Alípio, responsabilizando-o pelo desaparecimento da única amável criatura por quem se sentira amado, aquela Rosa compassiva de outrora, que jamais o humilhara; a Angelita de agora, que o embalara em vibrações dulcíssimas de amor materno, durante a espera do nascimento daquele corpo que deveria ocupar e que fora destruído, como se tal destroçamento traduzisse o eco do trágico feito de Vila Rica no indefeso recém-nascido. Fizera-se, assim, como que a própria sombra do infeliz Alípio. Rouba-lhe a paz do sono, apresentando-se-lhe em sonhos para exprobrar-lhe os antigos crimes que o obrigara a praticar, como os maus tratos morais infligidos a Angelita, o que resultava em pesadelos impressionantes para o perseguido, em choques psíquicos que lhe perturbavam o funcionamento do sistema nervoso e até o sistema de digestão alimentar. [...]” (BM, *Dramas da obsessão*, Segunda parte, Capítulo 13)

V.5. Utilização do sono para esclarecimento e auxílio aos encarnados

“Aniceto, sorrindo bondoso, explicou discretamente: – Esta é a nossa Irmã Emilia, servidora em “Nosso Lar”, que vem ao encontro do esposo ainda encarnado. – E ele virá até aqui? – interrogou Vicente, curioso. – Virá pelas portas do sono físico – acrescentou nosso orientador, sorridente. – Estas ocorrências, no círculo da Crosta, dão-se aos milhares, todas as noites. Com a maioria de irmãos encarnados, o sono apenas reflete as perturbações fisiológicas ou sentimentais a que se entregam; entretanto, existe grande número de pessoas que, com mais ou menos precisão, estão aptas a desenvolver este intercâmbio espiritual. Estava surpreendido. Aquele trabalho interessante, a que nos trazia Aniceto, com tão vasto campo de serviços gerais, fazia-me intensamente feliz. Em cada canto pressentia atividades novas.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 37)

“No salão acolhedor de Dona Isabel, permanecíamos em plena atividade. Lá fora, começara o aguaceiro forte, mas tínhamos a nítida impressão de grande distância da chuva torrencial. Logo às primeiras horas da madrugada, o movimento intensificou-se. Muita gente ia e vinha. – Numerosos irmãos – explicou o orientador – encontram-se neste pouso de trabalho espiritual, na esfera a que os encarnados chamariam sonho. Não é fácil transmitir mensagens de teor instrutivo, nessa tarefa, utilizando lugares comuns, contaminados de matéria mental menos digna. Nas oficinas edificantes, porém, onde conseguimos acumular maiores quantidades de forças positivas da espiritualidade superior, é possível prestar grandes benefícios aos que se encontram encarnados no planeta. Acentuei minhas observações, verificando que muitas das pessoas recém-chegadas pareciam convalescentes, titubeantes... Algumas se mantinham de pé, sob o amparo de braços carinhosos. Eram os amigos encarnados a se valerem do desprendimento parcial, pelo sono físico, que se reuniam a nós, aproveitando o auxílio de entidades generosas e dedicadas.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 38)

“**No plano dos sonhos.** Após alguns minutos de conversação encantadora, o Irmão Francisco acercou-se do orientador, indagando sobre os objetivos da reunião da noite. – Sim – esclareceu Alexandre, afável –, teremos algum trabalho de esclarecimento geral a amigos nossos, relativamente a problemas de mediunidade e psiquismo, sem minúcias particulares. – Se nos permite – tornou o interlocutor –, estimaria trazer alguns companheiros que colaboram frequentemente conosco. Seria para nós grande satisfação vê-los aproveitando os minutos de sono físico. – Sem dúvida. Destina-se o serviço de hoje à preparação de cooperadores

nossos, ainda encarnados na Crosta. Estaremos à sua disposição e receberemos seus auxiliares com alegria. Francisco agradeceu sensibilizado e perguntou: – Poderemos providenciar? – Imediatamente – explicou o instrutor, sem hesitação – conduza os amigos ao sítio de seu conhecimento. Afastou-se o grupo de socorristas, deixando-me verdadeiro mundo de pensamentos novos. Segundo informações anteriores, Alexandre dirigiria, naquela noite, pequena assembleia de estudiosos e, assim que nos vimos a sós, explicou-me, solícito: – Nosso núcleo de estudantes terrestres já possui certa expressão numérica; no entanto, faltam-lhe determinadas qualidades essenciais para funcionar com pleno proveito. Em vista disso, imprescindível dotar os companheiros de conhecimentos mais construtivos.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 8)

“**Mediunidade e fenômeno.** Era considerável o número de amigos encarnados, provisoriamente libertos do corpo físico através do sono, que se congregavam no vasto salão. Em primeiro lugar, junto da mesa diretora, onde Alexandre assumiu a chefia, instalaram-se os alunos diretos e permanentes do generoso e sábio instrutor. Distribuíam-se os demais em turmas sucessivas de segundo plano. Calculei a assistência de companheiros nessas condições em pouco mais de cem pessoas, aproximadamente, exceção dos desencarnados que acorriam até ali em mais vasta expressão. Além do grupo do Irmão Francisco, que trouxera os tutelados, outras associações da mesma natureza compareciam com os seus pupilos, interessados em novas instruções. Observei, porém, uma particularidade: somente os aprendizes comprometidos com Alexandre podiam relacionar suas dúvidas, pedidos e indagações, não em sentido verbal, mas através de consultas que eram previamente transmitidas a ele, antes de iniciar a dissertação. Atendendo-me a curiosidade, Sertório, que se mantinha a meu lado, explicou, atencioso: – Há muitas escolas deste gênero para os encarnados que se dispõem a aproveitar os momentos de sono físico. É natural que aos discípulos permanentes, desse ou daquele setor, caiba o direito de interrogar. Como vemos, não há particularismo. Trata-se de uma questão de ordem dos serviços, mesmo porque os aprendizes de comparecimento eventual terão direitos outros, por sua vez, nos núcleos a que pertencem. Satisfeito, pelo esclarecimento, indaguei: – Qual o tema da noite? Há programa pré-estabelecido? – Há sempre plano organizado para o trabalho – respondeu. – Contudo, os temas são improvisados por Alexandre, depois de receber as indagações e consultas dos frequentadores habituais. O orientador examina, atentamente, as questões suscitadas pela maioria e fornece instruções de modo a satisfazer igualmente aos assuntos com minoria de interessados. – E poderá informar quanto ao tema provocado pela maioria dos aprendizes, nesta

noite? – Creio que se refere à mediunidade e ao fenômeno, em geral. Em seguida, o companheiro, por especial gentileza, convidou-me a integrar, na assembleia, a equipe dos auxiliares do devotado instrutor que tomara a tribuna, iniciando os serviços educativos.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 9)

“[...] O esclarecimento era lógico e reconfortador. Desejaríamos a continuidade da argumentação; no entanto, acercávamo-nos da Casa Transitória, então à nossa vista. Alcançáramos as vizinhanças do átrio e admirei-me da movimentação em torno. Entidades numerosas iam e vinham. Quase todas penetravam a organização socorrista ou dela saíam, em grupos reduzidos. Velhos amparavam jovens que me pareciam indecisos, titubeantes. Crianças nimbadadas de luz guiavam adultos de rosto sombrio, figurando-se carinhosos e pequeninos condutores de cegos. O quadro era formoso e enternecedor. Possivelmente, examinando a estranheza que se apossara de mim, adiantou-se a orientadora da instituição, explicando, atenciosa: – Nossos amigos da Crosta, parcialmente libertos da carne pela atuação do sono, afluem até aqui, todas as noites, trazidos por companheiros espirituais, com o fim de receberem socorros ou avisos necessários. A Casa oferece recursos aos encontros oportunos. Não consegui disfarçar a surpresa, ante a cena maravilhosa, contemplando, embevecido, o cuidado terno dos benfeitores desencarnados com todos aqueles que vinham dos círculos terrestres mais densos. Atravessada a zona magnética de defesa, confundimo-nos com os passantes. Não longe de mim, interessante menino, que aparentava nove a dez anos de idade, revestido de gracioso halo de luz, guiava uma senhora de passos incertos. Parecia enferma, incapaz de autocontrole. O pequeno, porém, segurava-lhe firmemente a destra e, após saudar a irmã Zenóbia, respeitoso, exclamou para a matrona hesitante: – Por aqui, mamãe, por aqui, venha sem medo! Ouvindo-o, a interpelada parecia acordar num sonho bom e gritava, semi-inconsciente: – Meu filhinho, meu filhinho, não me deixes voltar! Quero-te sempre, sempre!... As expressões de meiguice misturavam-se a copioso pranto. Fixei-lhe os traços fisionômicos. A pobre mãe não nos enxergava. Seguia, acanhada e insegura de si. Seus olhos, que vertiam grossas lágrimas, permaneciam presos na contemplação da criança, revelando a suprema ternura de mãe, exausta de saudade, a reencontrar o objeto de seu amor, que parecera perdido para sempre. – Mamãe, caminha! Não desfaleça! – clamava o rapazinho, exultando de júbilo. – Já vou, meu filho! Eu te seguirei, leva-me contigo! – tornava a palavra maternal, afogada em sublime emoção. Meus companheiros, habituados talvez, desde muito, ao espetáculo, conversavam, descuidados, entre si; todavia, segui, de olhos umedecidos, a criança carinhosa que amparava a sua mamãe, até

que desapareceram através de uma das portas laterais. Não contive a surpresa que me dominava. Tocando o braço do padre Hipólito, indaguei: – Meu amigo, com que fim seguiriam a senhora e o menino? Esboçou ele significativo gesto de espanto e observou: – Não os vi. Falei-lhe, então, do quadro que tanto me enternecera, bordando meus informes de considerações afetivas. O ex-sacerdote sorriu compassivo e acrescentou: – Ora, André, são tantas mães e tantas crianças a transitarem por aqui!... Certamente, o filhinho, como tantos outros, conduz a genitora a gabinetes de auxílio. Não tive tempo para emitir novas impressões.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 9)

“Entre dois planos. [...] Em torno, árvores robustas, de copas farfalhantes, alinhavam-se, à maneira de sentinelas adrede postadas para velar-nos pelos serviços. O vento passava cantando, em surdina; no recinto iluminado de claridades inacessíveis à faculdade receptiva do olhar humano, aglomeravam-se algumas centenas de companheiros, temporariamente afastados do corpo físico pela força liberativa do sono. Amigos de nossa esfera atendiam-nos com desvelo, mostrando interesse afetivo, prazer de servir e santa paciência. Reparei que muitos se mantinham de pé; outros, contudo, se acomodavam nas protuberâncias do solo alcatifado de relva macia, em palestra grave e respeitosa. Ambientando-me para aquela hora de extrema beleza espiritual, Calderaro avisou-me: – Na reunião de hoje o Instrutor Eusébio receberá estudantes do espiritualismo, em suas correntes diversas, que se candidatam aos serviços de vanguarda. – Oh! – exclamei, curioso – Não se trata, pois, de assembleia, que agrupe indivíduos filiados indiscriminadamente às escolas da fé? O Assistente esclareceu, de pronto: – A medida não seria aconselhável no círculo de nossa especialidade. O Instrutor afeiçoou-se ao apostolado de assistência a criaturas encarnadas e a recém-libertas da zona física, em particular, precisando aproveitar o tempo com as horas de preleção, para o máximo de aproveitamento. A heterogeneidade de princípios em centenas de indivíduos, cada qual com sua opinião, obrigaria a digressões difusas, acarretando condenáveis desperdícios de oportunidades. Fixou a multidão demoradamente, e acrescentou: – Temos aqui, em cálculo aproximado, mil e duzentas pessoas. Deste número oitenta por cento se constituem de aprendizes dos templos espiritualistas, em seus ramos diversos, ainda inaptos aos grandes voos do conhecimento, conquanto nutram fervorosas aspirações de colaboração no Plano Divino. São companheiros de elevado potencial de virtudes. Exemplificam a boa vontade, exercitam-se na iluminação interior através de esforço louvável; contudo, ainda não criaram o cerne da confiança para uso próprio. Tremem ante as tempestades naturais do caminho e hesitam no círculo das provas necessárias

ao enriquecimento da alma, exigindo de nós particular cuidado, pois que, pelos seus testemunhos de diligência na obra espiritualizante, são os futuros instrumentos para os serviços da frente. Apesar da claridade que lhes assinala as diretrizes, ainda padecem desarmonias e angústias, que lhes ameaçam o equilíbrio incipiente. Não lhes falece, porém, a assistência precisa. Instituições de restauração de forças abrem-lhes as portas acolhedoras em nossas esferas de ação. A libertação pelo sono é o recurso imediato de nossas manifestações de amparo fraterno. A princípio, recebem-nos a influência inconscientemente; em seguida, porém, fortalecem a mente devagarinho, gravando-nos o concurso na memória, apresentando ideias, alvitre, sugestões, pareceres e inspirações benéficas e salvadoras, através de recordações imprecisas. Fez breve pausa e concluiu: – Os demais são colaboradores de nosso plano em tarefa de auxílio. A organização dos trabalhos era digna de sincera admiração. Estávamos num campo substancialmente terrestre. A atmosfera, impregnada de aromas que o vento espargia em torno, recordava-me o lar na Terra, contornado de seu jardim, em noite cálida. Que teria eu realizado no mundo físico se recebesse, em outro tempo, aquela bendita oportunidade de iluminação? Aquele punhado de mortais, sob os raios da Lua, afigurou-se-me assembleia de privilegiados, favorecidos por celestes nubes. Milhões de homens e mulheres a dormir em cidades próximas, algemados aos interesses imediatos e ansiando a permuta das mais vis sensações, nem de longe suspeitariam a existência daquela original aglomeração de candidatos à luz íntima, convocados à preparação intensiva para incursões mais longas e eficientes na espiritualidade superior. Teriam a noção do sublime ensejo que lhes aprazia? Aproveitariam a dádiva com suficiente compreensão dos valores eternos? Marchariam desassombrados para a frente, ou estacionariam ao contato dos primeiros óbices, no esforço iluminativo? Calderaro percebeu-me as silenciosas perquirições e acrescentou: – Nossa comunidade de trabalho se dedica, essencialmente, à manifestação do equilíbrio. Não ignoras que a codificação do plano mental das criaturas ninguém jamais impõe: é fruto de tempo, de esforço, de evolução; e o edifício da sociedade humana, em o atual momento do mundo, vem sendo abalado nos próprios alicerces, compelindo imenso número de pessoas a imprevistas renovações. Certo, não te surpreenderás se eu disser que, em face do surto da inteligência moderna, que embate na paralisia do sentimento, periclita a razão. O progresso material atordoa a alma do homem desatento. Grandes massas, há séculos, permanecem distanciadas da luz espiritual. A civilização puramente científica é um Saturno devorador e a humanidade de agora se defronta com implacáveis exigências de acelerado crescimento mental. Daí o agravamento de nossas

obrigações no setor da assistência. As necessidades de preparação do espírito intensificam-se em ritmo assustador. Nesse instante, alcançamos a multidão pacífica. Meu interlocutor sorriu, frisando: – O acaso não opera prodígios. Qualquer realização há que planejar, atacar, por a termo. Para que o homem físico se converta em homem espiritual, o milagre exige muita colaboração de nossa parte. Lançou-me olhar significativo e concluiu: – As asas sublimes da alma eterna não se expandem nos acanhados escaninhos de uma choca-deira. Há que trabalhar, brunir, sofrer.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 1)

“**Socorro espiritual.** [...] Os trabalhos se aproximavam do encerramento. Compreensivelmente jubiloso, o Mentor Espiritual expressou sua gratidão ao Assistente e informou que logo mais, quando todos se recolhessem ao leito, teria continuação a tarefa da desobsessão, quando ele pretendia retomar as diretrizes do trabalho, convocando diversos dos envolvidos no processo perturbador e os membros da Casa para um encontro fora do corpo, quando as bênçãos do sono conseguissem libertar parcialmente alguns dos implicados... Ambrósio compreendeu a magnitude do serviço e postou-se aguardando instruções. A noite ia avançada quando Saturnino trouxe ao recinto das sessões, em parcial desdobramento, os irmãos Petitinga, Dona Rosa, as filhas Amália e Mariana e nós. O venerando trabalhador da Seara Espírita, habituado às incursões no Mundo Espiritual, embora ainda vinculado à roupagem carnal, apresentava-se calmo e lúcido, perfeitamente familiarizado com experiências de tal natureza. Dona Rosa e as filhas, no entanto, pareciam atemorizadas na sua semilucidez, embora o amparo vigoroso do Instrutor que delas cuidava com carinho paternal. [...] O assistente Ambrósio e os demais cooperadores desencarnados se encarregavam de localizar os recém-chegados na sala de trabalhos, enquanto o Benfeitor Saturnino cuidava das providências finais. Concluídas as tarefas preliminares, deu entrada no recinto, em sono hipnótico, carinhosamente trazida por dois enfermeiros espirituais, a Entidade que se comunicara horas antes.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 2)

“**EXPIAÇÃO E PROVAS.** Sofrendo a compulsão expiatória a que se submetiam, os familiares do Sr. Rafael e ele mesmo reconquistavam pela dor os recursos que a insânia os fizera malbaratar, com as decorrentes complexidades que se expressaram na perversidade e exploração que impuseram aos que lhes deveriam compartilhar os bens, em face das augustas determinações divinas... Embora o olvido dos compromissos que resultaram nos atos nefastos, não se encontravam isentos da carga de culpas a alcançá-los como medida salvadora com que se enriqueceriam de bens materiais para as provas futuras, as quais lhes avaliariam as

conquistas. Muito natural que transitassem agora entre desassossegos, em expectativa de novas desesperadoras surpresas. Merece que se considere aqui a intuição que o Espírito conserva das expiações a que deve submeter-se, vivendo à espera da ocorrência saneadora, o que já constitui um sofrimento. Quando em estado de sono fisiológico, parcialmente lúcido, inteira-se do que lhe cabe ressarcir e anela mesmo pelos meios com que se pode liberar da constrição do remorso, ante a percepção dos gozos e venturas que o aguardam, cessada a pena de que vem depender. Em outros casos, roga que lhe antecipem a regularização das dívidas e a chegada dos sofrimentos, prometendo-se coragem e valor ante os sucessos dolorosos. Graças a esse estoicismo da consciência que se dispõe a superar as circunstâncias aziagas da vida, haure a renovação dos recursos preciosos com que sustenta as encarniçadas batalhas com altivez e sem desânimo, tornando-se exemplo de abnegação e dignidade, estímulo para os que, facilmente, desfalecem nas lutas, mirando-se nos espelhos do seu heroísmo e erguendo-se sem o desculpismo nem a autocomiseração em que outros se apoiam para a queixa e a fuga. Nesses momentos de sintonia maior com a responsabilidade, recebe do seu anjo guardião altas dosagens de emulação e vitalidade para não deperecer, sustentando pelos poderosos fios do pensamento um vigoroso intercâmbio com as nascentes superiores da vida, que regem os destinos humanos e os vitalizam no cumprimento das tarefas que lhes cabem realizar, mediante as lutas acirradas, os sacrifícios sobre-humanos, as renúncias hercúleas ou a realização dos empreendimentos da edificação humana, nas conquistas e nas sustentações dos ideais, nas ciências e nas artes, no pensamento e na fé...” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 9)

“O PASSADO REVELA O PRESENTE. Com ordem e em harmonia foram instalados, após a paulatina chegada, os membros do grupo Ferguson, que a equipe de trabalhadores da Casa trazia, anestesiados pelas bênçãos do sono reparador. Cândido cooperava, lúcido e ágil, com os recepcionistas, postando-se, prestativo, ao lado do Sr. Rafael, também acolitado pelo Dr. Armando Passos; Hermelinda e D. Artêmis encontravam-se amparadas pelo Espírito Adelaide; Lisandra e Gilberto recebiam assistência de enfermeiros especializados do nosso plano; Jules, adormecido, permanecia sob os influxos amorosos de Louise-Caroline, aguardando transferência, enquanto Ermínio Lopez, custodiado, debatia-se na contenção fluídica a que estava submetido pelos técnicos em desobsessão, encarregados de controlá-lo. Epifânia movimentava-se com facilidade, adestrada a cometimentos daquela ordem e conversava, tranquila, com outros médiuns que foram convidados ao prosseguimento do ministério, naquelas circunstâncias. Dentre os encarnados, era a única

a exteriorizar suave claridade que a emoldurava com expressiva beleza espiritual. Percebia-se que o seu ministério de abnegação e anonimato, de constante dedicação ao bem de todos, fizera-a granjear, além do respeito natural e da afeição de que desfrutava, os títulos de enobrecimento pessoal com que se depurava, aclimatando-se desde logo, enquanto no corpo físico, aos empreendimentos transcendentais na outra esfera da vida. Informado a respeito da história do clã em resgate e interessado em colher apontamentos para o meu próprio esclarecimento, acompanhava de perto os últimos sucessos, a partir de quando D. Adelaide recorrera aos servidores do “Francisco Xavier”, passando, a meu turno, a integrar a equipe do venerando Natércio, no destrinçar das malhas e injunções obsessivas, em toda a multiplicidade que constriam aqueles espíritos em graves delitos morais. Acompanhava, interessado, os preparativos da incursão profunda ao passado das personagens, com a sua consequente mobilização de recursos para a harmonização dos desafetos.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 22)

“Antes de envergar o corpo de Georges, estivera, como governante mais arbitrário, decidindo destinos na velha fortaleza que se destaca, ainda, sobranceira e dominadora, sobre a cidade... Volvera aos mesmos sítios a fim de recuperar-se, o que não conseguiu, agravando ainda mais as responsabilidades em face dos novos delitos que o tornaram inditoso précito. Não se impõe uma sobrecarga difícil de conduzida ou insuportável, porque o Amor jamais pune em todo e qualquer cometimento educativo. Em desdobramentos naturais pelo sono, o espírito relativamente lúcido recordava os deveres a que se devia impor e fixava na consciência atual o impositivo do trabalho, a fim de que as realizações beneficentes conseguissem diminuir as aziagas consequências dos disparates morais e desaires criminosos em que se envolvera reiteradas vezes. Em diversas circunstâncias, D. Adelaide e o venerando Natércio conduziam-no aos sítios de desdita nas baixas esferas espirituais, onde padeciam comparsas de antigas loucuras que não despertaram para as realidades da vida e careciam de socorro... Vítimas das circunstâncias, apresentavam-se enlouquecidos pelo ódio que os comburia, dementados pela monoideia da vingança em deformidades perispirituais estarecedoras, como decorrência das próprias construções mentais a que se permitiam e sustentavam a preço de desgraça incessante... O antigo senhor da fortaleza sombria atemorizava-se, formulando projetos, sob a inspiração do Cristo, com olhos postos no futuro.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 27)

“REMINISCÊNCIAS E CONFLITOS PSICOLÓGICOS. [...] Estabelecidos os programas cármicos referentes às necessidades de cada ser, outros fatores contribuem, durante a gestação e o parto, para

ulteriores fenômenos psicológicos no reencarnante. Graças a simpatia ou animosidade que o vinculam aos futuros genitores, estes reagem de forma positiva ou não, envolvendo o filho em ondas de ternura ou revolta que o mesmo assimila, transformando-se essas impressões em fobias ou desejos que exteriorizará na infância e poderá fixar, indelevelmente, na idade adulta. Porque lúcido, acompanhando o mergulho na organização física, percebe-se desejado ou reprochado, registrando os estados familiares, bem como os conflitos domésticos do meio onde irá viver. Vezes ocorrem, em que o pavor se toma tão grande, que o Espírito desiste da reencarnação ou, em desespero, interrompe inconscientemente o programa traçado, resultando em aborto natural a gestação em andamento. Os meses de ligação física com a mãe são, também, de vinculação psíquica, em que o recomeçante em sofrimento pede apoio e amparo, ou, se ditoso, roga ternura para o fiel cumprimento do plano feliz que se encontra em execução. [...] O Espírito é o herdeiro das próprias conquistas passadas, graças às quais se expressa no campo da atividade nova. No entanto, os comportamentos familiares influem sobre a conduta do reencarnante, que se impregna — especialmente quando se trata de Espírito imperfeito - dos conflitos e das vibrações perniciosas que lhe irão influenciar profundamente o procedimento. Reações de vária ordem se manifestam na criança, como resultantes da insegurança que experimenta no berço novo, desdobrando-se em rebeldia e insatisfação, nervosismo e incapacidade intelectual, durante a infância e a adolescência, com agravantes para o futuro, caso o amor dos pais não interrompa a caudal das reminiscências infelizes. O auxílio do psicólogo, a terapia cuidadosa ajuda no mecanismo de reajustamento da criança, todavia, aos pais cumpre a tarefa maior, assistindo e amparando o filhinho temeroso e desconfiado, necessitado de segurança e tranquilidade. Não nos referimos aqui ao capítulo adicional das obsessões, que exercem forte interferência no quadro complexo da reencarnação, respondendo por graves injunções, no comportamento infantil. Detemo-nos, apenas, nas reminiscências, ora do domínio do inconsciente atual, que irrigam a consciência com temores e conflitos, produzindo estados de desequilíbrio, que poderiam ser evitados. Enurese noturna, irritabilidade, pavores de toda espécie, timidez, ansiedade encontram nas ocorrências da vida fetal, em relação à mãe e aos demais familiares, muitas das suas causas. Não obstante, é possível minimizar-lhes as consequências, através de uma atitude firme e afetuosa dos pais, particularmente da mãe, utilizando-se do sono do filhinho para infundir-lhe coragem e anular-lhe as impressões negativas, envolvendo-o em amor e conversando com ele, com sincero carinho, transmitindo-lhe a confiança de que romperá a barreira invisível das dificuldades,

enfim, alcançando-lhe o íntimo. Desde que ainda não esteja concluída a reencarnação, o Espírito ouvirá e entenderá as sugestões positivas que lhe são apresentadas, o amor que lhe é oferecido, toda a gama de afeição que lhe é destinada. Quantas vezes um conflito sexual não se originará, na criança, em face da decepção da mãezinha que esperava um varão e recebeu uma menina, ou vice-versa, e, vítima de imaturidade, declara o desagrado, explodindo em pranto injustificado, assim chocando o recém-chegado, que lhe recebe o rechaço, vindo a exteriorizá-lo, mais tarde, em forma de conflito!? Sempre é tempo de reconsiderar-se a atitude, reconciliando-se com o ser menosprezado, graças ao grau de amor e à força do bem que se coloque no relacionamento afetivo lúcido, quando o mesmo estiver dormindo, portanto, em situação receptiva. O inconsciente receberá as novas informações, que serão arquivadas, e ressumarão, posteriormente, de forma agradável e cordial, estruturando a personalidade infante-juvenil e proporcionando-lhe mais amplas aquisições que logrará com o tempo, conduzido por aqueles a cujo lado recomeça a caminhada redentora. Mesmo na adolescência, quando não se soube agir antes, deve-se tentar **recuperar** o filho, reconquistá-lo, conversando com ele, em estado de sono, perseverando-se em um relacionamento tranquilo e gentil, também durante a fase em que esteja desperto, agindo com amor ao invés de reagindo com ira ou zombaria, quando o mesmo apresente seus conflitos, suas dificuldades... Não será o ato de falar, pura e simplesmente, mas a empatia, o contributo da emoção afetuosa com os quais a palavra se carregue, para alcançar a finalidade a que se destina. Por fim, é necessário que a carga de certeza do êxito se faça presente, conforme enunciou Jesus: “Tudo é possível àquele que crê”, para que os resultados felizes coroem a empresa do amor.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Reminiscências e conflitos psicológicos)

“Durante o dia, visitando os amigos que receberam assistência pela madrugada, constatamos os salutares efeitos da providência terapêutica. O Dr. Nicomedes referia-se a um estranho e preocupante pesadelo, do qual despertara com dores musculares generalizadas, que supunha, intimamente, ser o resultado da excitação e do cansaço da viagem. A indisposição orgânica e psicológica refletia-se-lhe no rosto pálido e com olheiras. Lício reportou-se a um sonho curioso, no qual sofrera grandes aflições, ao mesmo tempo experimentando um expressivo alívio da angústia que o havia tomado nos últimos dias. Conseguira recompor uma boa parte da ocorrência, apesar de não a entender quanto gostaria. Os conselhos que o Mentor lhe dera arquivaram-se-lhe com relativa nitidez, ensejando-lhe bem-estar. Cada um explicou os sonhos a seu modo. No entanto, nos painéis íntimos do Espírito estavam

impressos os novos códigos a serem vivenciados. Não se suponha, com esta ação, que os problemas ficaram solucionados. Ainda permaneciam vinculados às personagens em processo reparador outros Espíritos que eles teriam que reconquistar. Outrossim, as tendências viciosas a que se acostumaram ambos certamente não desapareceram. Diminuiu a volúpia e a ansiedade mórbida que vergastava o Dr. Nicomedes, enquanto Lício, que se lhe prendia emocionalmente, passou a sentir uma ternura mais natural, desprovida dos condimentos carnis. Nos dias que se sucederam por toda uma semana, os visitantes terminaram por sentir-se felizes, e os implicados no problema conflitante puderam dialogar largamente, numa tentativa de se auxiliarem mutuamente, transformando os desejos abjetos em sentimentos fraternos elevados.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 16)

VI Genética, hereditariedade e reencarnação³⁰

VI.1. Evolução espiritual, hereditariedade e reencarnação

“**Preparação de experiências.** [...] Alexandre sorriu compassivo e falou: – Não tenho objeções. Entretanto, não creio deva seguir os trabalhos sem algum conhecimento prévio do assunto. Em toda edificação verdadeiramente útil, não podemos prescindir da base. Temos bons amigos no Planejamento de Reencarnações, serviço muito importante em nossa colônia espiritual, diretamente relacionado com as atividades do Esclarecimento. Nessa instituição durante alguns dias, você terá uma ideia aproximada de nossa tarefa, portas adentro de semelhantes trabalhos. Grande percentagem de reencarnações na Crosta se processa em moldes padronizados para todos, no campo de manifestações puramente evolutivas. Mas outra percentagem não obedece ao mesmo programa. Elevando-se a alma em cultura, conhecimentos e, conseqüentemente, em responsabilidade, o processo reencarnacionista individual é mais complexo, fugindo à expressão geral, como é lógico. Em vista disso, as colônias espirituais mais elevadas mantêm serviços especiais para a reencarnação de trabalhadores e missionários. As explicações eram sedutoras e relevantes e, compreendendo a importância dos esclarecimentos para meu pobre espírito, Alexandre continuou: – Quando me refiro a trabalhadores, falo dos companheiros não

completamente bons e redimidos, mas daqueles que apresentam maior soma de qualidades superiores, a caminho da vitória plena sobre as condições e manifestações grosseiras da vida. Em geral, como acontece a nós outros, são entidades em débito, mas com valores de boa Vontade, perseverança e sinceridade, que lhes outorgam o direito de influir sobre os fatores de sua reencarnação, escapando, de certo modo, ao padrão geral. Claro que nem sempre tais alterações se verificam em condições agradáveis para a experiência futura. Os serviços de retificação representam tarefas enormes. E desejando imprimir fortemente em meu espírito a noção da responsabilidade, o instrutor prosseguiu, tornando mais grave a inflexão da voz: – O problema da queda é também uma questão de aprendizado e o mal indica posição de desequilíbrio, exigindo restauração e corrigenda. A evolução confere-nos poder, mas gastamos muito tempo aprendendo a utilizar esse poder harmonicamente. A racionalidade oferece campo seguro aos nossos conhecimentos; entretanto, André, quase todos nós, trabalhadores da Terra, nos demoramos séculos no serviço de iluminação íntima, porque não basta adquirir ideias e possibilidades, é preciso ser responsável, e nem é justo tenhamos tão-somente a informação do raciocínio, mas também a luz do amor. – Daí as lutas sucessivas em continuadas reencarnações da alma! – exclamei, vivamente impressionado. – Sim – continuou meu amável interlocutor –, temos necessidade da luta que corrige, renova, restaura e aperfeiçoa. A reencarnação é o meio, a educação divina é o fim. Por isso mesmo, a par de milhões de semelhantes nossos que evoluem, existem milhões que se reeducam em determinados setores do sentimento, porquanto, se já possuem certos valores da vida, faltam-lhes outros não menos importantes. Identificando-me a dificuldade para compreender-lhe o ensinamento de maneira integral, meu orientador voltou a dizer: – Embora na condição de médico do mundo, acredito que você não tenha sido completamente estranho aos estudos evangélicos. – Sim, sim – retruquei –, tenho as minhas recordações nesse sentido. – Pois bem, o próprio Jesus nos deixou material de pensamento para o assunto em exame, quando nos asseverou que se a nossa mão ou os nossos olhos fossem motivos de escândalo deveriam ser cortados ao penetrarmos no templo da vida. Compete-nos transferir a imagem literal para a interpretação simples do espírito. Se já falimos muitas vezes em experiências da autoridade, da riqueza, da beleza física, da inteligência, não seria lógico receber idêntica oportunidade nos trabalhos retificadores. Compreendera

³⁰ Vide Capítulo IV (“Reencarnação, hereditariedade e genética”), Quarta Parte (“Reencarnação”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

claramente onde Alexandre pretendia chegar com os seus esclarecimentos amigos. – É para a regulamentação de semelhantes serviços que funciona em nossa colônia espiritual, por exemplo, o Planejamento de Reencarnações; onde você terá ocasião de recolher ensinamentos preciosos. E, atendendo-me às necessidades como pai afetuoso, apresentou-me o instrutor, no dia imediato, à imponente instituição. Constituía-se o movimentado centro de serviço de vários prédios e numerosas instalações. Árvores acolhedoras enfileiravam-se através de extensos jardins, imprimindo encantador aspecto à paisagem. Reconheci logo que o instituto se caracterizava por grande movimento. Entidades insuladas ou em pequenos grupos iam e vinham estampando atencioso interesse na expressão fisionômica. Pareciam sumamente despreocupadas de nossa presença ali, porque, quando não passavam sozinhas, ao nosso lado, engolfadas em profundos pensamentos, iam em grupos afetuosos, alimentando discretas conversações, muito graves e absorventes, ao que me parecia. Muitos desses irmãos, que passavam junto de nós, empunhavam reduzidos rolos de substância semelhante ao pergaminho terrestre, relativamente aos quais não possuía eu, até então, a mais leve notícia. Alexandre, porém, como sempre, veio em socorro de minha estranheza, explicando, bondosamente: – As entidades sob nossos olhos são trabalhadores de nossa esfera, interessados em reencarnações próximas. Nem todos estão diretamente ligados ao semelhante propósito, porque grande parte está em trabalho de intercessão, obtendo favores dessa natureza para amigos íntimos. Os rolos brancos que conduzem são pequenos mapas de formas orgânicas, elaborados por orientadores de nosso plano, especializados em conhecimentos biológicos da existência terrena. Conforme o grau de adiantamento do futuro reencarnante e de acordo com o serviço que lhe é designado no corpo carnal, é necessário estabelecer planos adequados aos fins essenciais. – E a lei da hereditariedade fisiológica? perguntei. – Funciona com inalienável domínio sobre todos os seres em evolução, mas sofre, naturalmente, a influência de todos aqueles que alcançam qualidades superiores ao ambiente geral. Além do mais, quando o interessado em experiências novas no plano da Crosta é merecedor de serviços “intercessórios”, as forças mais elevadas podem imprimir certas modificações à matéria, desde as atividades embriológicas, determinando alterações favoráveis ao trabalho de redenção. A essa altura da palestra esclarecedora, Alexandre convidou-me a transpor o limiar. Acharo-nos, em breve, num dos gabinetes extensos do edifício principal, aonde um dos numerosos amigos do orientador veio atender-nos atenciosamente. Apresentou-me Alexandre ao Assistente Josino, que me recebeu com extrema

gentileza e fidalguia de trato. Esclareceu o instrutor o objetivo de nossa visita. Desejava me fosse conferida a possibilidade de visitar a instituição de planejamento, quantas vezes me fosse possível durante a semana em curso, em vista da minha necessidade de adquirir noções seguras, referentemente ao trabalho de auxílio nas atividades reencarnacionistas. O Assistente prometeu a melhor boa vontade. Conduzir-me-ia a colegas dele, para que me não faltassem minúcias de conhecimento, exporia suas próprias experiências à minha observação, para que eu retirasse delas o máximo proveito e, por fim, quanto estivesse ao seu alcance, guiaria meus impulsos no aprendizado. Felicitavam-me o íntimo as melhores e mais confortadoras impressões, não só pela recepção carinhosa, senão também pelo ambiente educativo. Não longe de nós, em luminosos pedestais, descansavam duas maravilhas da estatuária, a figuração delicada de um corpo masculino e outro modelo feminino, singularmente belo pela perfeição anatômica, não somente da forma em si, mas também de todos os órgãos e as mais diversas glândulas. Através de disposições elétricas, ambas as figurações palpitavam de vida e calor, exibindo eflúvios luminosos, quais os homens e mulheres mais envolvidos na esfera carnal. Identificando-me a admiração, Alexandre sorriu e disse ao Assistente Josino, com o propósito de fazer-se ouvido por mim: – Talvez André não conheça bastante o nosso respeito e gratidão ao aparelho físico terrestre. – Em verdade – ajuntei – ignorava, até agora, que o corpo carnal fosse, entre nós, objeto de tamanhos cuidados. Não sabia que a nossa colônia contasse com instituição desse teor. – Como não, meu amigo? – interferiu o Assistente, com inflexão de carinho – o corpo físico na Crosta Planetária representa uma bênção de Nosso Eterno Pai. Constitui primorosa obra da Sabedoria Divina, em cujo aperfeiçoamento incessante temos nós a felicidade de colaborar. Quanto devemos à máquina humana pelos seus milênios de serviço a favor de nossa elevação na vida eterna? Nunca relacionaremos a extensão de semelhante débito. E, fixando os modelos que me provocavam assombro, acentuou: – Todo o nosso zelo, no serviço de reencarnação, permanece muito aquém do quanto deveríamos realizar em benefício do aprimoramento da máquina orgânica. Embora hesitante, ousei perguntar: – Todos os núcleos de espiritualidade superior mantêm círculos de trabalho dessa natureza? Foi Alexandre quem respondeu, com a delicadeza habitual: – Em todas as colônias de expressão elevada, essas tarefas são desempenhadas com infinito carinho. O auxílio à reencarnação de companheiros nossos traduz o nosso reconhecimento ao aparelho físico que nos tem proporcionado tantos benefícios; através do tempo.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“Preparação de experiências. [...] Despediu-se Alexandre, deixando-me na grande instituição de planejamento, onde o Assistente Josino, ocupado nos encargos de seu ministério, me confiou aos cuidados de Manassés, um irmão dos serviços informativos da casa, que me acolheu prazerosamente, cercado-me de gentileza e carinho. Senti imediatamente que o meu aprendizado ali se iniciava com imenso proveito. [...] Em seguida, convidado pelo meu novo amigo, penetrei numa das dependências consagradas aos serviços de desenho. Pequenas telas, demonstrando peças do organismo humano, estavam ordenadamente em todos os recantos. Tinha a impressão fiel de que me encontrava num grande centro de anatomistas, cercados de auxiliares competentes e operosos. Espalhavam-se desenhos de membros, tecidos, glândulas, fibras, órgãos de todos os feitios e para todos os gostos. – Como sabe – observou Manassés, cuidadoso –, no serviço de recapitulação ou de tarefas especializadas na superfície do Globo, a reencarnação nunca pode ser vulgar. Para isso, trabalham aqui centenas de técnicos em questões de Embriologia e Biologia em geral, no sentido de orientar as experiências individuais do futuro de quantos irmãos se ligam a nós no esforço coletivo. Sentindo espontânea veneração, contemplei os servidores que se inclinavam atenciosos, arquitetando o porvir de muitos companheiros. Como era complexa a oportunidade de renascer! Que atividades intensas exigiam dos benfeitores espirituais! Ao meu gesto de estranheza, respondeu Manassés numa síntese expressiva: – Você não ignora que os homens ainda selvagens ou semisselvagens, embora utilizando os recursos sempre sagrados da Natureza, edificam suas habitações em moldes mais simples e rudimentares; todavia, o homem que já atingiu certo padrão de ideal, desenvolvendo faculdades superiores, constrói o lar, organizando plantas prévias. Indicando o quadro interior, extremamente movimentado, acrescentou, sorridente: – Não estamos aqui senão cogitando, igualmente, de projetos para futuras habitações carnaís. O corpo humano não deixa de ser a mais importante moradia para nós outros, quando compelidos à permanência na Crosta. Não podemos esquecer que o próprio Divino Mestre o classificava como templo do Senhor. [...] Examinei, impressionado, a planta educativa e, porque não encontrasse palavras bastante claras para pintar minha admiração, silencieei comovidamente. Compreendendo-me o estado d’alma, o companheiro continuou: – São inúmeros os projetos de corpos futuros em nossos setores de serviço. Depreende-se, da maioria deles, que todos os enfermos na carne são almas em trabalho da ingente conquista de si próprias. Ninguém trai a Vontade de Deus, nos processos evolutivos, sem graves tarefas de reparação, e todos os que tentam enganar a Natureza, quadro legítimo das

leis divinas, acabam por enganar a si mesmos. A vida é uma sinfonia perfeita. Quando procuramos desafiná-la, no círculo das notas que devemos emitir para a sua máxima glorificação, somos compelidos a estacionar em pesado serviço de recomposição da harmonia quebrada. E, durante alguns dias, ali permaneci na instituição benemerita, compreendendo que a existência humana não é um ato accidental e que, no plano da ordem divina, a justiça exerce o seu ministério, todos os dias, obedecendo ao alto desígnio que manda ministrar os dons da vida “a cada um por suas obras”. (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“EVOLUÇÃO E SEXO. Aparecimento do sexo. Dobadas longas faixas de tempo, em que bactérias e células são experimentadas em reprodução agâmica, eis que determinado grupo apresenta no imo da própria constituição qualidades magnéticas positivas e negativas que lhe são desfechadas pelos Orientadores Espirituais encarregados do progresso devido ao Planeta. Pressente-se a evolução animal em vésperas de nascer... **Bactéria diferenciada.** De todas as espécies de bactérias já formadas, uma se destaca nos imensos depósitos de água doce sobre o leito pétreo do algonquiano. É diferenciada de quantas se estiram sobre a Crosta Terrestre. Não tem a característica absolutamente ameboide. Mostra configuração elipsoidal, como se fora microscópico bastonete ou girino, a que não falta leve radícula à feição de cauda. É o leptótrix, que, em miríades de individuações, permanece por milhares de séculos nas rochas antigas, nutrindo-se simplesmente de ferro. Quando se desvencilha da minúscula carapaça ferrosa em que se esconde, é instintivamente obrigado a nadar, até que outra carapaça semelhante o envolva. Os Instrutores Espirituais valem-se da medida para impulsioná-lo à transformação. Perdendo os diminutos envoltórios metálicos e constrangidas a edificar abrigos idênticos que lhes atendam à necessidade de proteção, essas bactérias, que exprimem figura importante de junção no trabalho evolutivo da Natureza, são compelidas ao movimento, em que não apenas se atraem umas às outras, nos prelúdios iniciais da reprodução sexuada, mas em que conhecem, por acidente, a morte em massa, da qual ressurgem nos mesmos tratos de vida em que se encontram, sob a criteriosa atenção dos Condutores da Terra, para renascerem, após longo tempo de novas experimentações, na forma das algas verdes, inaugurando a comunhão sexual sobre o mundo. **As algas verdes.** Os biólogos dos últimos tempos costumam perguntar sem resposta se as algas verdes, proprietárias de estrutura particular, descendem das primitivas cianofíceas, de tessitura mais simples, nas quais a ficocianina, associada à clorofila, é o pigmento azulado de sua composição fundamental. O hiato existente, de que dá conta Hugo De Vries, ao desenvolver o mutacionismo, foi preenchido

pelas atividades dos Servidores da Organogênese Terrestre, que submeteram a família do leptótrix a profundas alterações nos campos do espírito, transmutando-lhe os indivíduos mais completos, que reapareceram metamorfoseados nas algas referidas, a invadirem luxuriantemente as águas, instalando novo ciclo de progresso e renovação... **Concentrações fluídico-magnéticas.** Ao toque dos Operários Divinos, a matéria elementar fora no princípio transubstanciada em massa astronômica de eletrões e protões, que teceram o largo berço da vida humana em plena Vida Cósmica. E ainda sob a inteligência deles, com a supervisão do Cristo de Deus, semelhantes recursos baseiam a formação dos átomos em elementos, combinam-se os elementos em conjuntos químicos, abrem os conjuntos químicos lugar aos coloides, mesclam-se os coloides em misturas substanciais, oferecendo ao princípio inteligente, oriundo da amplidão celeste, o ninho propício ao desenvolvimento. Eras imensas transcorreram; e esse princípio inteligente, destinado a crescer para a glória da vida, em dois planos distintos de experiência, quando se mostra ativado em constituição mais complexa, recebe desses mesmos Arquitetos da Sabedoria Divina os dons da reprodução mais complexa nos cromossomos, ou concentrações fluídico-magnéticas especiais, a se retratarem, através do tempo, pela reflexão constante, no campo celular, concentrações essas que, por falta de terminologia adequada no dicionário humano, baratearemos, quanto possível, comparando-as aos moldes fabricados para o serviço de fundição na oficina tipográfica. Os cromossomos, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam. E como acontece aos moldes tipográficos, que são formados de linhas para que se lhes expresse o sentido, também eles são constituídos pelos elementos chamados genes, o que lhes dá, tanto quanto ocorre ao alfabeto humano, a característica de imortalidade nas células que se renovam transmitindo às sucessoras as suas particulares disposições, nas mesmas circunstâncias em que, num texto tipográfico, as letras e os moldes podem viver, indefinidamente, no material destrutível e renovável, por intermédio do qual se conservam e se exprimem na memória das gerações. Com o tempo, diferenciam-se os cromossomos nas províncias da evolução, segundo as espécies, como variam as criações do pensamento impresso, de acordo com os moldes tipográficos nas esferas da cultura. Os elementos germinativos são minuciosamente analisados e testados nas plantas, até que sofram transformações essenciais na química das algas verdes, de cuja compleição caminha no rumo de mais amplos desdobramentos. **Filtros de transformismo.** O princípio inteligente é experimentado de modos múltiplos

no laboratório da Natureza, constituindo-se-lhe, pouco a pouco, a organização físico-espiritual e traçando-se-lhe entre a Terra e o Céu a destinação finalista. Com o amparo dos Trabalhadores Divinos, fixa em si mesmo os selos vivos da reprodutividade, que se definem e aperfeiçoam no regaço dos milênios, deixando na retaguarda, como filtros de transformismo, não somente os reinos mineral e vegetal, institutos de recepção e expansão da onda criadora da vida, em seu fluxo incessante, como também certas classes de organismos outros que passariam a coexistir com os elementos em ascensão, qual acontece ainda hoje, quando observamos ao lado da inteligência humana, relativamente aprimorada, plantas e vermes que já existiam no pré-câmbrico inferior. Os tecidos germinais sofrem, por milhares de anos, provas continuadas para que se lhes possa aferir o valor e se lhes apure o adestramento. Formas monstruosas aparecem e desaparecem, desde os anelídeos aos animais de grande porte, por séculos e séculos, até que as espécies conseguissem acomodação nos próprios tipos. Entre as que chegam à luz e as que se fundem nas sombras, traçam-se parentescos profundos. Os cromossomos permanecem imorredouros, através dos centros genésicos de todos os seres, encarnados e desencarnados, plasmando alicerces preciosos aos estudos filogenéticos do futuro. **Descendência e seleção.** É justo lembrar, no entanto, que os trabalhos gradativos da descendência e da seleção, que encontrariam em Lamarck e Darwin expositores dos mais valiosos, operavam-se em dois planos. As crisálidas de consciência dos reinos inferiores, mergulhadas em campo vibratório diferente pelo fenômeno da morte, justapunham-se às células renascentes que continuavam a servi-las, colhendo elementos de transmutação para a volta à esfera física, pela reencarnação compulsória, sob a orientação das Inteligências Sublimas que nos sustentam a rotagem, circunstância que nos compele a considerar que o transformismo das espécies, como também a constituição de espécies novas, em se ajustando a funções fisiológicas, expansão e herança, baseiam-se no mecanismo e na química do núcleo e do citoplasma, em que as energias fisiopsicossomáticas se reúnem. **Genealogia do Espírito.** Os naturalistas situados no chão do mundo, desde os sacerdotes egípcios, que estudavam a origem da vida planetária em conchas fósseis, até os mais eminentes biólogos modernos, atreitos à unilateralidade de observação, compreensivelmente não conseguirão suprir as lacunas existentes no quadro da evolução, não obstante Cuvier, com a Anatomia Comparada, tenha traçado forma básica à sistemática da Paleontologia. Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à saciedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução

animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução filogenética de todo o reino animal, demonstrando que, além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do Espírito. Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos. Pedro Leopoldo, 2/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 6)

“EVOLUÇÃO E HEREDITARIEDADE. Princípio inteligente e hereditariedade. Reportando-nos à lei da hereditariedade, é imperioso, de certo modo, recordar a Geometria para simplificar-lhe os conceitos. Considerando a Geometria por ciência que estuda as propriedades do espaço limitado, vamos encontrar a hereditariedade como lei que define a vida, circunscrita à forma em que se externa. Só a inteligência consegue traçar linhas inteligentes. Em razão disso e atendendo-se aos objetivos finalistas do Universo, não será possível esquecer o Plano Divino, quando se trate de qualquer imersão mais profunda na Genética, ainda mesmo que isso repugne aos cultores da ciência materialista. Como se estruturaram os cromátídeos nos cromossomos é problema que, de todo, por enquanto, nos escapa ao sentido, mas sabemos que os Arquitetos Espirituais, entrosados à Supervisão Celeste, gastaram longos séculos preparando as células que serviriam de base ao reino vegetal, combinando nucleoproteínas a glicídios e a outros elementos primordiais, a fim de que se estabelecesse um nível seguro de forças constantes, entre a bagagem do núcleo e do citoplasma. Com semelhante realização, o princípio inteligente começa a desenvolver-se do ponto de vista fisiopsicossomático. Não apenas a forma física do futuro promete então revelar-se, mas também a forma espiritual. **Fatores da hereditariedade.** Na intimidade dos corpúsculos simples que evoluíram para a feição de máquinas microscópicas, formadas de protoplasma e paraplasma, fixam-se, vagarosamente, sob influência magnética, os fragmentos de cromatina, organizando-se os cromossomos em que seriam condensadas as fórmulas vitais da reprodução. Processos múltiplos de divisão passam a ser experimentados. A divisão direta ou amitose é largamente usada para, em seguida, surgir a mitose ou divisão indireta, em que as alterações naturais da mônada celeste se refletem no núcleo, prenunciando sempre maiores transformações.

Lentamente, os cromossomos adquirem a sua apresentação peculiar, em forma de ponto-alça-bastonete-bengala, e a evolução que lhes diz respeito na cariocinese, desde a prófase à telófase, merece a melhor atenção dos Construtores Divinos, que através do centro celular mantêm a junção das forças físicas e espirituais, ponto esse em que se verifica o impulso mental, de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomos, na direção do equador para os polos da célula, cunhando as leis da hereditariedade e da afinidade que se vão exercer, dispondo nos cromátídeos, em forma de granulações perfeitamente identificáveis entre o leptotênio e o paquitênio, os genes ou fatores da hereditariedade, que, no transcurso dos séculos, são fixados em número e valores diferentes para cada espécie. **Arquivo dos reflexos condicionados.** Através dos estágios nascimento / experiência / morte / experiência / renascimento, nos planos físico e extrafísico, as crisálidas de consciência, dentro do princípio de repetição, respiram sob o sol como seres autótrofos no reino vegetal, onde as células, nas espécies variadas em que se aglutinam, se reproduzem de modo absolutamente semelhante. Nesse domínio, o princípio inteligente, servindo-se da herança e por intermédio das experiências infinitamente recapituladas, habilita-se à diferenciação nos flagelados, ascendendo progressivamente à diferenciação maior na escala animal, onde o corpo espiritual, à feição de protoforma humana, já oferece moldes mais complexos, diante das reações do sistema nervoso, eleito para sede dos instintos superiores, com a faculdade de arquivar reflexos condicionados. **Construção do destino.** Sofrem as células transformações profundas, porque o elemento espiritual deve agora viver como ser autótrofo, somente conseguindo manter-se com o produto de matérias orgânicas já elaboradas. Com a passagem do tempo e sob a inspiração dos Arquitetos Espirituais que lhe orientam a evolução da forma, avança na rota do progresso, plasmando implementos novos no veículo de expressão. Entre a esfera terrena e a esfera espiritual, adquire os orgânulos particulares com que passa a atender variadas funções entre os protozoários, como sejam, os vacúolos pulsáteis para a sustentação do equilíbrio osmótico e os vacúolos digestivos para o equilíbrio da nutrição. Nos metazoários, conquista um carro fisiológico, estruturado em aparelhos e sistemas constituídos de órgãos, que, a seu turno, são formados de tecidos, compostos por células em complicado regime de diferenciação e, passando por longas e porfiadas metamorfoses, atinge o reino hominal, em que os gametas se erigem, especializados e seguros, no aparelho de reprodução, com elementos e recursos característicos para o homem e para a mulher, no imo do centro genésico, entre os aparelhos de metabolismo e os sistemas de relação.

No ato da fecundação, reúnem-se os pro-núcleos masculino e feminino, mesclando as unidades cromossômicas paternas e maternas, a fim de que o organismo, obedecendo à repetição na lei da hereditariedade, se desenvolva, dentro dos caracteres genéticos de que descende; mas agora, no reino humano, o Espírito, entregue ao comando da própria vontade, determina com a simples presença ou influência, no campo materno, os mais complexos fenômenos endomitóticos no interior do ovo, edificando as bases de seu próprio destino, no estágio da existência cujo início o berço assinala. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 7)

“ALMA E REENCARNAÇÃO. Depois da morte. Efetivamente, logo após a morte física, sofre a alma culpada minucioso processo de purgação, tanto mais produtivo quanto mais se lhe exteriorize a dor do arrependimento, e, apenas depois disso, consegue elevar-se a esferas de reconforto e reeducação. Se a moléstia experimentada na veste somática foi longa e difícil, abençoadas depurações terão sido feitas, pelo ensejo de autoexame, no qual as aflições suportadas com paciência lhe alteraram sensações e refundiram ideias. Todavia, se essa operação natural não foi possível no círculo carnal, mais se lhe agravam os remorsos, depois do túmulo, por recalcados na consciência, a aflorarem, todos eles, através de reflexão, renovando as imagens com que foram fixados na própria alma. Criminosos que mal ressarciram os débitos contraídos, instados pelo próprio arrependimento, plasmam, em torno de si mesmos, as cenas degradantes em que arruinaram a vida íntima, alimentando-as à custa dos próprios pensamentos desgovernados. Caluniadores que aniquilaram a felicidade alheia vivem pesadelos espantosos, regravando nas telas da memória os padecimentos das vítimas, como no dia em que as fizeram descer para o abismo da angústia, algemados ao pelourinho de obsidentes recordações. Tiranetes diversos voltam a sentir nos tecidos da própria alma os golpes que desferiram nos outros, e os viciados de toda sorte, quais os dipsômanos e morfinômanos, experimentam agoniada insatisfação, qual ocorre também aos desequilibrados do sexo, que acumulam na organização psicossomática as cargas magnéticas do instinto em desvario, pelas quais se localizam em plena alienação. As vítimas do remorso padecem, assim, por tempo correspondente às necessidades de reajuste, larga internação em zonas compatíveis com o estado espiritual que demonstram. **Conceito de inferno.** O inferno das várias religiões, nesse aspecto, existe perfeitamente como órgão controlador do equilíbrio moral nos reinos do Espírito, assim como a penitenciária e o hospital se levantam na Terra, como retortas de recuperação e de auxílio. Além-túmulo, no entanto, o estabelecimento depurativo como que reúne em si os órgãos de

repressão e de cura, porquanto as consciências empedernidas aí se congregam às consciências enfermas, na comunhão dolorosa, mas necessária, em que o mal é defrontado pelo próprio mal, a fim de que, em se examinando nos semelhantes, esmoreça por si na faina destruidora em que se desmanda. É assim que as Inteligências ainda perversas se transformam em instrumentos reeducativos daquelas que começam a despertar, pela dor do arrependimento, para a imprescindível restauração. O inferno, dessa maneira, no clima espiritual das várias nações do Globo, pode ser tido na conta de imenso cárcere-hospital, em que a diagnose terrestre encontrará realmente todas as doenças catalogadas na patologia comum, inclusive outras muitas, desconhecidas do homem, não propriamente oriundas ou sustentadas pela fauna microbiana do ambiente carnal, mas nascidas de profundas disfunções do corpo espiritual e, muitas vezes, nutridas pelas formas-pensamentos em torturado desequilíbrio, classificáveis por larvas mentais, de extremo poder corrosivo e alucinatório, não obstante a fugaz duração com que se articulam, quando não obedecem às ideias infelizes, longamente recapituladas no tempo. **“Sementes de destino”.** Nesses lugares de retificadoras inquietações, alija o Espírito endividado a carga de superfície, exonerando-se dos elementos de mais envolvente degradação que o aviltam; contudo, tão logo revele os primeiros sinais de positiva renovação para o bem, registra o auxílio das Esferas Superiores, que, por agentes inúmeros, apoiam os serviços da Luz Divina onde a ignorância e a crueldade se transviam na sombra. Qual doente, agora acolhido em outros setores pela encorajadora convalescença de que dá testemunho, o devedor desfruta suficiente serenidade para rever os compromissos assumidos na encarnação recentemente deixada, sopesando os males e sofrimentos de que se fez responsável, acusando ainda a si próprio, com a incapacidade evidente de perdoar-se, tanto maior quão maiores lhe foram no mundo as oportunidades de elevação e a luz do conhecimento. Muita vez, ascendem a escolas beneméritas, nas quais recolhem mais altas noções da vida, aprimoram-se na instrução, aperfeiçoam impulsos e exercem preciosas atividades, melhorando os próprios créditos; todavia, as lembranças dos erros voluntários, ainda mesmo quando as suas vítimas tenham já superado todas as sequelas dos golpes sofridos, entranham-se-lhes no espírito por “sementes de destino”, de vez que eles mesmos, em se reconhecendo necessitados de promoção a níveis mais nobres, pedem novas reencarnações com as provas de que carecem para se quitarem consciencialmente consigo próprios. Nesses casos, a escolha da experiência é mais que legítima, porquanto, através da limpeza de limiar, efetuada nas regiões retificadoras e pelos títulos adquiridos nos trabalhos que abraça no

plano extrafísico, merece a criatura os cuidados preparatórios da nova tarefa em vista, a fim de que haja a conjugação de todos os fatores para que reencontre os credores ou as circunstâncias imprescindíveis, junto aos quais se redima perante a Lei. **Reencarnações especiais.** Entretanto, reencarnações se processam, muita vez, sem qualquer consulta aos que necessitam segregação em certas lutas no plano físico, providências essas comparáveis às que assumimos no mundo com enfermos e criminosos que, pela própria condição ou conduta, perderam temporariamente a faculdade de resolver quanto à sorte que lhes convém no espaço de tempo em que se lhes perdura a enfermidade ou em que se mantenham sob as determinações da justiça. São os problemas especiais, em que a individualidade renasce de cérebro parcialmente inibido ou padecendo mutilações congênicas, ao lado daqueles que lhe devem abnegação e carinho. Incapazes de eleger o caminho de reajuste, pelo estado de loucura ou de sofrimento que evidenciam, semelhantes enfermos são decididamente internados na cela física como doentes isolados sob assistência precisa. Vemo-los, assim, repontando de lares faustosos ou paupérrimos, contrariando, por vezes, até certo ponto, os estatutos que regem a hereditariedade, por representarem dolorosas exceções no caminho normal. **Reencarnação e evolução.** Urge reparar, entretanto, em que a reencarnação não é mero princípio regenerativo. A evolução natural nela encontra firme apoio. Criaturas que avultam na bondade, em muitas ocasiões requerem conhecimento nobilitante e muitas que se agigantaram na inteligência permanecem à míngua de virtude. Outras inumeráveis, embora detendo preciosos valores, nos domínios do coração e do cérebro, após longo estágio no plano extrafísico, sentem fome de progresso renovador por inabilitadas, ainda, a ascensões maiores e renunciam à tranquilidade a que se integram nos grupos afins, porque, no cadinho efervescente da carne, analisam, de novo, as próprias imperfeições, testando-lhes a amplitude nas rudes experiências da vida humana, obtendo mais avançado ensejo de corrigenda e transformação. Isso não significa que a consciência desencarnada deixe de encontrar possibilidades de expansão nas cidades espirituais que gravitam em torno da Terra. Outras modalidades de estudo e trabalho aí lhe asseguram novos fatores de evolução; contudo, escassa percentagem de criaturas humanas, além da morte, adquire acesso definitivo aos planos superiores. A esmagadora maioria jaz ainda ligada às ideologias e raças, pátrias e realizações, famílias e lares do mundo. É por isso que artistas eméritos, ao notarem o curso diferente das escolas que deixaram no Planeta, sentem-se irresistivelmente atraídos para a reencarnação, a fim de preservar-lhes ou enriquecer-lhes os patrimônios. Cientistas eminentes, interessados na

continuidade dos empreendimentos redentores que largaram em mãos alheias, voltam ao trabalho e à experimentação entre os homens, e, no mesmo espírito missionário, religiosos e filósofos, professores e condutores, homens e mulheres que se distinguem por nobres aspirações retornam, voluntariamente à esfera física, em sagradas ações de auxílio que lhes valem honrosos degraus de sublimação na escalada para a Divina Luz. Entendamos, assim, que tanto a regeneração quanto a evolução não se verificam sem preço. O progresso pode ser comparado a montanha que nos cabe transpor, sofrendo-se naturalmente os problemas e as fadigas da marcha, enquanto que a recuperação ou a expiação podem ser consideradas como essa mesma subida, devidamente recapitulada, através de embaraços e armadilhas, miragens e espinheiros que nós mesmos criamos. Se soubermos, porém, suar no trabalho honesto, não precisaremos suar e chorar no resgate justo. E não se diga que todos os infortúnios da marcha de hoje estejam debitados a compromissos de ontem, porque, com a prudência e a imprudência, com a preguiça e o trabalho, com o bem e o mal, melhoramos ou agravamos a nossa situação, reconhecendo-se que todo dia, no exercício de nossa vontade, formamos novas causas, refazendo o destino. **Particularidades da reencarnação.** Perguntar-se-á razoavelmente, se existe uma técnica invariável no serviço reencarnatório seria o mesmo que indagar se a morte na Terra é única em seus processos para todas as criaturas. Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na reincorporificação a que se entrega na esfera física, quanto cada pessoa expõe característicos diferentes quando se rende ao processo liberatório, não obstante o nascimento e a morte parecerem iguais. Os Espíritos categoricamente superiores, quase sempre, em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida, podem plasmar por si mesmos e, não raro, com a colaboração de instrutores da Vida Maior, o corpo em que continuarão as futuras experiências, interferindo nas essências cromossômicas, com vistas às tarefas que lhes cabem desempenhar. Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões, padecendo monoideísmo tiranizante, entram em simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam, experimentando o definhamento do corpo espiritual ou o fenômeno de “ovoidização”, sendo inelutavelmente atraídos ao vaso uterino, em circunstâncias adequadas, para a reencarnação que lhes toca, em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade, como acontece à semente, que, após desligar-se do fruto seco, germina no solo, segundo os princípios organogênicos a que obedece, tão logo encontra o favor ambiental. Entre ambas as classes, porém, contamos com milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas

numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão. **Restringimento do corpo espiritual.** Institutos de escultura anatômica funcionam, por isso, no Plano Espiritual, brunindo formas diversas, de modo a orientar os mapas ou prefigurações do serviço que aos reencarnantes competirá, mais tarde atender. Corpos, membros, órgãos, fibras e células são aí esboçados e estudados, antes que se definam os primórdios da rematerialização terrestre, porque, nesses casos, em que a alma oscila entre méritos e deméritos, a reencarnação permanece sob os auspícios de autoridades e servidores da Justiça Espiritual que administra recursos a cada aprendiz da sublimação, de acordo com as obras edificantes que lhes constem do currículo da existência. Para isso, os candidatos à reencarnação, sem superioridade suficiente de modo a supervisioná-la com o seu próprio critério e distantes da inferioridade primitivista que deles faria escravos absolutos da herança física, são admitidos a instituições-hospitais em que magnetizadores desencarnados, bastante competentes pela nobreza íntima, se incumbem de aplicar-lhes fluídos balsamizantes que os adormeçam, por períodos variáveis, de conformidade com a evolução moral que enunciem, a fim de que os princípios psicossomáticos se adaptem a justo restringimento, em bases de sonoterapia. Desse modo, regressam ao berço humano nas condições precisas, recolhidos a novo corpo, qual operário detentor de virtudes e defeitos a quem se concede novo uniforme de trabalho e nova oportunidade de realização. **Corpo físico.** Paternidade e maternidade, raça e pátria, lar e sistema consanguíneo são conjugados com providente sabedoria para que não falem ao reencarnante todas as possibilidades necessárias ao êxito no empreendimento que se inicia. E senhor das experiências adquiridas que lhe despontam do ser, em forma de tendências e impulsos, recebe o Espírito um corpo físico inteiramente novo, em olvido temporário, mas não absoluto, das experiências pregressas, corpo com o qual será defrontado pelas circunstâncias favoráveis ou não do caminho que deve percorrer, para prosseguir na obra digna em que se haja empenhado ou para retificar as lições em que haja falido. Nessas diretrizes, nem sempre estará integrado normalmente na posição em que a vida mental e o campo somático se mostram em sinergia ideal. Às vezes, deve sofrer mutilações e enfermidades benéficas, inibições e dificuldades orgânicas de caráter inevitável, porque, de aprendizado a aprendizado e de tarefa a tarefa, quanto o aluno de estágio a estágio para as grandes metas educativas, é que se levantará, vitorioso, para a ascensão à Imortalidade Celeste. Uberaba, 9/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 19)

“REMINISCÊNCIAS E CONFLITOS PSICOLÓGICOS. O processo da reencarnação está a exigir

estudos acurados por embriogenistas, biólogos e psicólogos, de modo a poderem penetrar nos seus meandros, que lhes permanecem ignorados, o que dá margem, nessas áreas de estudo, quando diante de determinados acontecimentos, a opiniões sem fundamentação, porque destituídas do **conhecimento** das causas, cujos efeitos contemplam. Iniciando-se no momento da fecundação, alonga-se o processo reencarnatório até a adolescência do ser, quando, a pouco e pouco, atinge a plenitude.⁽¹⁾ [(1) Nota da Editora: Consultado o Espírito Manoel P. de Miranda, este esclareceu, por intermédio de Divaldo Franco, que mesmo *terminado* aos 7 anos o processo reencarnatório, este se vai fixando, lentamente, até o momento da transformação da glândula pineal, na sua condição de veladora do sexo.] As impressões mais fortes das experiências passadas fixam-se no corpo em formação, através de deficiências físicas ou psíquicas, saúde e inteligência, de acordo com o tipo de comportamento que caracteriza o estado evolutivo do Espírito. Estabelecidos os programas cármicos referentes às necessidades de cada ser, outros fatores contribuem, durante a gestação e o parto, para ulteriores fenômenos psicológicos no reencarnante. Graças a simpatia ou animosidade que o vinculam aos futuros genitores, estes reagem de forma positiva ou não, envolvendo o filho em ondas de ternura ou revolta que o mesmo assimila, transformando-se essas impressões em fobias ou desejos que exteriorizará na infância e poderá fixar, indelevelmente, na idade adulta. Porque lúcido, acompanhando o mergulho na organização física, percebe-se desejado ou reprochado, registrando os estados familiares, bem como os conflitos domésticos do meio onde irá viver. Vezes ocorrem, em que o pavor se toma tão grande, que o Espírito desiste da reencarnação ou, em desespero, interrompe inconscientemente o programa traçado, resultando em aborto natural a gestação em andamento. Os meses de ligação física com a mãe são, também, de vinculação psíquica, em que o recomeçante em sofrimento pede apoio e amparo, ou, se ditoso, roga ternura para o fiel cumprimento do plano feliz que se encontra em execução. Adicionando-se às **leis do mérito** os fenômenos emocionais dos futuros pais, esses resultarão em **heranças**, que fazem pressupor semelhanças com o clã, estudadas pelas modernas leis da genética. — **Tal pai, qual filho** — afirma o refrão popular, demonstrando a força dos genes e cromossomos nos códigos da hereditariedade. A verdade, porém, é diversa. Se ocorrem semelhanças físicas e até psicológicas, estas adquiridas mediante convivência familiar, o mesmo não se dá nos campos moral e intelectual. O Espírito é o herdeiro das próprias conquistas passadas, graças às quais se expressa no campo da atividade nova. No entanto, os comportamentos familiares influem sobre a conduta do reencarnante,

que se impregna — especialmente quando se trata de Espírito imperfeito - dos conflitos e das vibrações perniciosas que lhe irão influenciar profundamente o procedimento. Reações de vária ordem se manifestam na criança, como resultantes da insegurança que experimenta no berço novo, desdobrando-se em rebeldia e insatisfação, nervosismo e incapacidade intelectual, durante a infância e a adolescência, com agravantes para o futuro, caso o amor dos pais não interrompa a caudal das reminiscências infelizes. O auxílio do psicólogo, a terapia cuidadosa ajudam no mecanismo de reajustamento da criança, todavia, aos pais cumpre a tarefa maior, assistindo e amparando o filhinho temeroso e desconfiado, necessitado de segurança e tranquilidade. Não nos referimos aqui ao capítulo adicional das obsessões, que exercem forte interferência no quadro complexo da reencarnação, respondendo por graves injunções, no comportamento infantil. Detemo-nos, apenas, nas reminiscências, ora do domínio do inconsciente atual, que irrigam a consciência com temores e conflitos, produzindo estados de desequilíbrio, que poderiam ser evitados. Enurese noturna, irritabilidade, pavores de toda espécie, timidez, ansiedade encontram nas ocorrências da vida fetal, em relação à mãe e aos demais familiares, muitas das suas causas. [...] Quantas vezes um conflito sexual não se originará, na criança, em face da decepção da mãezinha que esperava um varão e recebeu uma menina, ou vice-versa, e, vítima de imaturidade, declara o desagrado, explodindo em pranto injustificado, assim chocando o recém-chegado, que lhe recebe o rechaço, vindo a exteriorizá-lo, mais tarde, em forma de conflito!? Sempre é tempo de reconsiderar-se a atitude, reconciliando-se com o ser menosprezado, graças ao grau de amor e à força do bem que se coloque no relacionamento afetivo lúcido, quando o mesmo estiver dormindo, portanto, em situação receptiva. O inconsciente receberá as novas informações, que serão arquivadas, e ressumarão, posteriormente, de forma agradável e cordial, estruturando a personalidade infanto-juvenil e proporcionando-lhe mais amplas aquisições que logrará com o tempo, conduzido por aqueles a cujo lado recomeça a caminhada redentora. [...]” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Reminiscências e conflitos psicológicos)

“TENDÊNCIAS, APTIDÕES E REMINISCÊNCIAS. As leis de Mendel, estudadas largamente, vieram contribuir de modo eficaz para o equacionamento de muitos enigmas nos diversos capítulos da hereditariedade. No entanto, se complementam os conceitos do Transformismo e do Evolucionismo, não interpretam inúmeros quesitos da realidade da vida biológica. É inegável que os caracteres adquiridos são transmissíveis e que os filhos, os descendentes em geral, herdaram de pais e ancestrais as parecidas físicas, a morfologia, as posturas e outros sinais de identificação, o

mesmo não ocorrendo nas áreas psíquica, psicológica e emocional. Pais geniais e antepassados doutos não geram, necessariamente, filhos sábios, tanto quanto artistas e guerreiros não procriam símiles. Certamente, a convivência e a educação, os hábitos e a disciplina modelam as personalidades dos descendentes, neles plasmando, às vezes pela violência emocional, características que parecem herdadas, sem que o ser traga nas paisagens íntimas essas habilidades ou determinações. De igual forma, homens incultos e viciosos não reproduzem vidas caóticas semelhantes, exceto quando degenerescências físicas impõem limitações e distúrbios de variada ordem. Mesmo nos casos que se podem arrolar como decorrência da hereditariedade psicológica e moral, devemos levar em conta os fatores anteriores ao renascimento físico do ser. O Espírito é o engenheiro da maquinaria fisiopsíquica de que se vai utilizar na jornada humana. É evidente que os processos da reencarnação se fazem mediante as leis de afinidade espiritual, por impositivos anteriores, o que resulta em identificações e choques nos clãs, onde se reencontram seres simpáticos, ou adversários que o berço volta a reunir. Em face dessa conjuntura, muitas das heranças se fazem naturais, porque o clima vibratório impõe os condicionamentos e os programas indispensáveis na formação do corpo. As aptidões e tendências só raramente correspondem às leis da hereditariedade, especialmente hoje, quando as opções para a conduta e a ação se fazem um leque imenso de possibilidades, ensejando a identificação do homem com as suas próprias realidades. No passado, a falta de comunicação de massa, a ausência de contatos sociais imprimia como tendências o que eram hábitos dos grupamentos familiares, que impunham nos nascituros e crianças um roteiro de realizações que se lhes incorporava impositivo, difícil de evitado. Não obstante, as exceções demonstram, nos gênios como nos idiotas, a independência do reencarnante em relação às matrizes genéticas. Eis por que as tendências, as aptidões humanas, sem descartar-se a contribuição dos genes e cromossomas, procedem das experiências do passado, em que o espírito armazenou valores que lhe pesam na economia evolutiva como poderosos plasmadores da personalidade, da inclinação para uma como para a outra área do conhecimento, para a vivência da virtude ou do vício. Dramas e tragédias, crimes e ações nefandos que passaram ignorados ou não justificados pelos códigos humanos, convertem-se em processos psicopatológicos que se manifestam em forma de desequilíbrio no endividado, sem que haja fatores ancestrais que justifiquem o desconcerto. Dentro do mesmo esquema, ao ser processado o mecanismo do renascimento, o candidato modela, imprime nas células em formação o de que necessita para recuperar-se, para ascender e resgatar... Fenômeno equivalente ocorre no

campo da cultura, da beleza, da arte, em que o Espírito, ao ser submetido aos implementos celulares, neles trabalha esses equipamentos sutis para responderem com fidelidade ao ministério para o qual retoma ao corpo, em realizações nobilitantes. As tendências e aptidões atuais são reminiscências do pretérito de cada qual. Tudo a que se aspira e se realiza sem a aprendizagem atual procede de experiências transatas, que se encontram ínsitas no ser e desabrocham como inclinação, impulso, compulsão, mais poderosos do que o meio onde a criatura se encontra localizada. Merecendo cultivadas as aptidões superiores, não podem ser deixadas sem conveniente tratamento as más tendências, que devem ser disciplinadas, corrigidas a qualquer esforço, a fim de que sejam superadas, oferecendo campo para os primeiros cometimentos no setor do bem, na condição de exercício dignificante em formulação para realizações elevadas e libertadoras no futuro. Todo empreendimento exige esforço, diretriz e perseverança. As tendências doentias, heranças pessoais dos gravames anteriores, devem ser canalizadas para as realizações positivas, como experiência inicial que se automatizará, dando margem às paixões elevadas, aquelas que promovem o indivíduo à sua condição de conquistador da razão a caminho da intuição, ao tempo em que se liberta do atavismo primário das imantações do reino animal... Fadado à Grande Conquista, recorda para elevar-se, superando o mal que nele remanesce, sob o apelo do amor que o alimenta e é de procedência divina.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Tendências, aptidões e reminiscências)

“Operações socorristas. Em conversação edificante, Dr. Ignácio Ferreira esclareceu-nos que a decodificação do genoma humano, que houvera sido decifrado e apresentado num primeiro rascunho, algo recentemente, oferecia aos estudiosos terrenos de mais ampla visão em torno dos quadros da saúde e da doença, por se encontrarem assinalados na sua estrutura. Desejando que entendêssemos o que gostaria de elucidar, informou-nos: “Esse código da hereditariedade da vida, segundo os especialistas, encontra-se escrito em 3 bilhões de letras, de forma complexa e muito delicada, expressando-se em quatro letras (ou caracteres). Desse modo, cada célula do corpo humano possui toda a história do ser, mediante informações especiais que são fixadas pelo perísprito durante a vilegiatura carnal de cada espírito. As mutações que nele ocorrem, muito intrigantes para os pesquisadores, são responsáveis pelos registros de futuros fenômenos orgânicos, emocionais e mentais, como resultado das vibrações emitidas pelo ser real - o espírito - que imprime, por meio do seu órgão intermediário, todas as necessidades evolutivas que se expressam como saúde ou enfermidade. Processos degenerativos, como parkinsonismo, mal de Alzheimer, distrofia

muscular, diabetes, câncer e outros, por exemplo, estão codificados no genoma do DNA, aparecendo oportunamente, na ocasião em que se devem cumprir as determinações das leis da vida. A morte dos neurônios produtores da dopamina, por exemplo, responde pela síndrome de Parkinson, reduzindo o volume do cérebro e petrificando-o, o que o torna irrecuperável. Nada obstante, embora a ocorrência traduza uma deficiência ou mutação genética, defrontamos aí o impositivo da necessidade de reabilitação do espírito calceta, sob a injunção provacional ou expiatória, conforme se apresente a doença. Com os avanços derivados da decodificação do Projeto Genoma Humano, acreditam os neurocientistas que a futura Medicina, qual sucede hoje, terá um caráter preventivo, quando se poderá obter um documento digital de cada indivíduo, com os dados informativos a respeito de futuras enfermidades graves que se lhe encontram programadas, realizando tratamentos especiais antes do seu desencadeamento. Embora a nobreza de propósitos dessa possibilidade, muitos desafios surgem, especialmente no campo das informações pessoais e confidenciais que podem ser vazadas, gerando diversos problemas para aqueles que apresentem sinais de futuros cânceres, diabetes ou outros males, que ficariam impedidos de conseguir emprego, adquirir apólices de seguros de vida, etc. Entretanto, um avanço de tal porte já enseja melhores possibilidades para a existência humana saudável, aguardando-se o estabelecimento de uma Bioética valiosa, para esse como para outros campos de pesquisas, quais os das células-tronco embrionárias, da clonagem e de diversos procedimentos ora em estudos e debates acirrados.” Reflexionando, mediante uma pausa oportuna, o nobre psiquiatra continuou: “Prosseguindo-se nessa marcha evolutiva de conquistas quase inabordáveis na Genética, na Biologia molecular, na interação mente-corpo, logo chegarão os investigadores mais dedicados à realidade espírito-matéria e aos significados disso decorrentes. Quando tal acontecer, a Medicina preventiva terá um alto grau de representação moral, cujo código impresso no Evangelho de Jesus, será o mais seguro processo terapêutico preventivo e curador para todas as mazelas humanas, contribuindo essa conduta espiritual para impedir algumas das mutações que ocorrem no genoma, como imposição de doenças necessárias ao crescimento moral do espírito. Mais próximo do projeto divino, o ser humano compreenderá melhor a finalidade da vida física e se aplicará os melhores métodos para bem vivenciá-la.” Quando silenciou, observou que as suas palavras finais foram também ouvidas pelo nosso gentil amigo Dr. Hermínio, o neurocirurgião do Sanatório Esperança, que chegara para a tarefa programada. Como a solicitar-lhe opinião, Dr. Ignácio sorriu para ele e desculpou-se: — Reconheço que essa não foi a

área a que me dediquei na Terra, nada obstante, venho participando de um grupo de estudos no Sanatório Esperança, em torno do genoma humano, por ser especialmente fascinante esse portador de tão grandiosos caracteres encarregados de atender aos impositivos do processo da evolução, ensejando-nos entendimento mais completo em torno das leis da vida. Sentindo-se diretamente convidado a opinar, o amigo, que aparentava pouco mais de cinquenta anos, considerou: - “A minha desencarnação sucedeu como efeito de uma desgastante leucemia. Aparentemente sempre gozara de saúde invejável. Mantinha o carro da existência dentro dos padrões de equilíbrio: alimentação saudável, exercícios regulares, trabalho sem excesso, leitura, a bênção do lar e de uma família harmoniosa, quando, aos 54 anos, surgiu-me o processo degenerativo dos órgãos hematopoiéticos, que me levaram a severo tratamento hospitalar. Todos os recursos possíveis, em respeitável hospital da cidade de São Paulo, no qual eu trabalhava, foram colocados à minha disposição, incluindo a cirurgia de transplante de medula... Tudo redundou inútil, trazendo-me de volta ao Grande Lar. Passado o largo período de adaptação e ajustamento às circunstâncias, intrigado com a leucemia que me vencera, logo me foi possível passei a estudá-la com venerando mestre de nossa Comunidade, vindo a descobrir que a mesma procedia não de qualquer possível hereditariedade, mas da mutação de alguns genes, uns deles denominados saltadores que me proporcionaram o desenvolvimento desordenado dos leucócitos, assim como das células que os precedem no sangue e na medula óssea... Era como se eu estivesse marcado desde o nascimento para experienciar esse doloroso processo. Sem dúvida, surgiram-me indagações profundas, levando-me a pensar na possibilidade de haver podido evitar essa fatalidade, caso houvesse tido conhecimento anterior. Apesar disso, essa ocorrência procedia de comportamentos extravagantes que me permitira em anterior existência e que me assinalaram de maneira irreversível... Por essa razão, acredito que, mesmo quando seja possível identificar-se as futuras enfermidades fatais nos indivíduos, a maioria delas resistirá à terapia preventiva, por se tratar de reabilitação moral do espírito que a padecerá. Atualmente, mais bem informado a esse respeito, considero de notável significado as conquistas científicas nessa área na Terra, mas não acredito que se deva atribuir à hereditariedade todos esses fenômenos. No meu caso, eu fui a primeira vítima da ocorrência na família e não mais um na lista das heranças... Isso me leva também a considerar que o livre-arbítrio exerce um papel de importância no comportamento, proporcionando antecipar esses acontecimentos ou postergá-los. A ditadura genética, portanto, tem limites, no que diz respeito aos fenômenos psicológicos, desde que a educação e o

meio ambiente operem valiosa contribuição, imprimindo no perísprito novas condutas que se transformarão em energias desencadeadoras ou retardatárias dessa fatalidade...” Os comentários valiosos constituíram-nos material para meditação oportunamente e aprofundamento quando as circunstâncias o permitissem.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 8)

VI.2. Afinidade, hereditariedade e reencarnação

“**O CORPO ESPIRITUAL.** De todos os fenômenos da vida, os que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e desassimilação; todavia, os que afetam mais particularmente a percepção do homem não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações e apenas fazeis geralmente uma ideia da vida por intermédio desses movimentos destruidores. **A VIDA CORPORAL – EXPRESSÃO DA MORTE.** Quando, no homem ou nos irracionais, um gesto se opera, a Natureza determina o desaparecimento de certa percentagem de substância da economia vital; quando a sensibilidade se exterioriza e os pensamentos se manifestam, eis que os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais. A vida corporal é bem a expressão da morte, através da qual efetuais as vossas observações e os vossos estudos. Não dispões, dentro da exiguidade dos vossos sentidos, senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital, dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat. A vida, em suas causalidades profundas, escapa aos vossos escalpelos e apenas o embriologista observa, no silêncio da penumbra, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas. **INACESSÍVEL AOS PROCESSOS DA INDAGAÇÃO CIENTÍFICA.** Segundo os dados da vossa fisiologia, a célula primitiva é comum a todos os seres vertebrados e espanta ao embriólogo a lei organogênica que estabelece a ideia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoário ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma; nos domínios da vida, essa ideia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos vossos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização, e sob cuja influência se efetuam todos os fenômenos endosmóticos. O organismo fluídico, caracterizado por seus elementos imutáveis,

é o assimilador das forças protoplasmáticas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo por átomo, à matéria do germe e dirigindo-a segundo a sua natureza particular. **RESPONDENDO ÀS OBJEÇÕES.** Algumas objeções científicas têm sido apresentadas à teoria irrefutável do corpo espiritual preexistente, destacando-se entre elas, por mais digna de exame, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos de reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdaram, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente. De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana das gêmulas, corpúsculos infinitesimais que se transmitem pela vida seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária disposição de todas as moléculas do corpo, as quais se reproduzem dentro de cada espécie. A maioria das moléstias, inclusive a dipsomania, é transmissível; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe discutir neste estudo. Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descaído o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica. Reconhecendo-se, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação, representando cada ser o organismo que provém por filiação, afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto, espiritualmente, temos a considerar, apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental. **ATRAVÉS DOS ESCANINHOS DO UNIVERSO ORGÂNICO.** De todas as funções gerais que caracterizam os seres vivos, somente os fenômenos de nutrição podem ser estudados pela perquirição científica e, mesmo assim, imperfeitamente, há uma força inerente aos corpos organizados, que mantém coesas as personalidades celulares, sustentando-se dentro das particularidades de cada órgão, presidindo aos fenômenos partenogenéticos de sua evolução, substituindo, através da segmentação, quantas delas

se consomem nas secreções glandulares, no trabalho mantenedor da atividade orgânica. Essa força é o que denominamos princípio vital, essência fundamental que regula a existência das células vivas, e no qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição, força que se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas. O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte de energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas. Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXIV)

“Reencarnação. [...] Alexandre comentara o assunto com imponente beleza. Começava eu a compreender a procedência de certos fenômenos teratológicos e de determinadas moléstias congênicas que, no mundo, confrangem o coração. As asserções do momento levavam-me a novo e fascinante estudo – a questão das provas retificadoras e necessárias. Em seguida Alexandre convidou os Construtores a examinarem os mapas cromossômicos, em companhia dele, junto de Herculano. Acompanhei o trabalho com interesse, embora absolutamente desprovido de competência para ajuizar com precisão, relativamente aos caprichosos desenhos sob nosso olhar. Não me é dado transmitir determinadas definições daquela pequena assembleia de autoridades espirituais, por falta de elementos para a comparação analógica, mas posso dizer que, finda a parte propriamente técnica das conversações, o meu orientador acrescentava, satisfeito: – Com exceção do tubo arterial, na parte a dilatar-se para o mecanismo do coração, tudo irá muito bem. Todos os genes poderão ser localizados com normalidade absoluta. Depois de pequena pausa, acentuou: – Os membros e os órgãos serão excelentes. E se o nosso amigo souber valorizar as oportunidades do futuro, possivelmente conquistará o equilíbrio do aparelho circulatório, mantendo-se em serviço de iluminação por abençoado tempo de trabalho terrestre. Depende dele o êxito preciso. Voltando-se para os Construtores, falou-lhes, afável: – Meus amigos, o nosso Herculano permanecerá em definitivo junto de Segismundo, na nova experiência, até que ele atinja os sete anos, após o renascimento, ocasião em que o processo reencarnacionista estará consolidado. Depois desse período, a sua tarefa de amigo e orientador será amenizada, visto que seguirá o nosso irmão em sentido mais distante. Sei que o devotado companheiro tomará

todas as providências indispensáveis à harmoniosa organização fetal, seja auxiliando o reencarnante, seja defendendo o templo maternal contra o assédio de forças menos dignas; entretanto, peço-lhes muita atenção nos primórdios de formação do timo, glândula, como sabem, de importância essencial para a vida infantil, desde o útero materno. Precisamos do equilíbrio perfeito desse departamento glandular, até que se forme a medula óssea e se habilite à produção dos corpúsculos vermelhos para o sangue. Os diversos gráficos das disposições cromossômicas facilitarão os serviços dessa natureza. Alguns dos amigos presentes passaram a observar os mapas com maior atenção. Enquanto se estendiam, sob meus olhos, aqueles microscópicos sinais, facultando amplo exame da célula-ovo, acerquei-me do instrutor e, sentindo-o mais acessível às minhas interrogações, perguntei: – Temos, nestes mapas, a geografia dos genes da hereditariedade distribuídos nos cromossomos. A lei da herança, porém, será ilimitada? A criatura receberá, ao renascer, a total imposição dos característicos dos pais? As enfermidades ou as disposições criminosas serão transmissíveis de maneira integral? – Não, André – observou o orientador, com grave inflexão –, estamos diante dum fenómeno físico natural. O organismo dos nascituros, em sua expressão mais densa, provém do corpo dos pais, que lhes entretêm a vida e lhes criam os caracteres com o próprio sangue; todavia, em semelhante imperativo das leis divinas para o serviço de reprodução das formas, não devemos ver a subversão dos princípios de liberdade espiritual, imanente na ordem da Criação Infinita. Por isso mesmo, a criatura terrena herda tendências e não qualidades. As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência. Se o Espírito reencarnado estima as tendências inferiores, desenvolvê-las-á, ao reencontrá-las dentro do novo quadro de experiência humana, perdendo um tempo precioso e menosprezando o sublime ensejo de elevação. Todavia, se a alma que regressa ao mundo permanece disposta ao serviço de auto elevação, sobrepairá a quaisquer exigências menos nobres do corpo ou do ambiente, triunfando sobre as condições adversas e obtendo títulos de vitória da mais alta significação para a vida eterna. Em sã consciência, portanto, ninguém se pode queixar de forças destruidoras ou de circunstâncias asfixiantes, em se referindo ao círculo onde nasceu. Haverá sempre, dentro de nós, a luz da liberdade íntima indicando-nos a ascensão. Praticando a subida espiritual, melhoraremos sempre. Esta é a lei.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“As definições do chefe dos Construtores aclaravam-me o raciocínio, referentemente a graves problemas da luta humana. Interessado em aprender, cooperando, busquei tomar a posição do trabalhador, procurando o serviço que me competia, no campo de auxílio magnético às organizações celulares. Mais tarde, porém, antes de me retirar, aproximei-me do diretor, a fim de recolher algumas informações. Impressionavam-me certas minudências do trabalho que se levava a efeito na noite anterior. Por que processo conseguira localizar-se a ligação inicial de Segismundo ao futuro corpo, nos órgãos geradores de Raquel? E o problema do elemento masculino mais apto? Em todos os casos de fecundação, amigos da condição de um Alexandre deveriam funcionar no serviço de escolha? Apuleio ouviu-me, com a benevolência que caracteriza as entidades elevadas, e informou: – Passividade não significa ausência de cooperação. Quando Raquel aceitou a tarefa maternal, fê-lo com decisão e obediência construtiva: Ela recebeu Segismundo em seu organismo perispiritual e, mobilizando os poderes naturais de sua mente, situou-lhe o molde vivo na esfera uterina, com a mesma espontaneidade de outros processos orgânicos, superintendidos pela atividade mecânica subconsciente, cujo automatismo traduz a conquista de experiências multimilenárias da alma reencarnada. Para os círculos da mulher é tão fácil a ambientação das forças criativas, como é natural para o homem a manutenção da atitude patriarcal e protetora, enquanto perdura a existência dos laços paternos. Percebendo-me a intenção de aproveitar-lhe os informes para pequenino esforço meu, no sentido de escrever para leitores encarnados, Apuleio acentuou: – Teríamos grandes dificuldades em explicar aos homens terrestres o fenómeno da adaptação das energias criativas no útero materno, nos processos da reencarnação. Por enquanto, a tendência da maioria dos nossos irmãos encarnados encaminha-se para a materialização de todos os nossos esclarecimentos. É preciso esperar mais tempo para ministrar-lhes certas informações que, por agora, seriam para eles incompreensíveis. E, sorrindo, prosseguiu: – Eles se alimentam, diariamente, de formas mentais, sem utilizarem a boca física, valendo-se da capacidade de absorção do organismo perispirítico, mas ainda não sentem a extensão desses fenómenos em suas experiências diárias. No lar, na via pública, no trabalho, nas diversões, cada criatura recebe o alimento mental que lhe é trazido por aqueles com quem convive, temperado com o magnetismo pessoal de cada um. Dessa alimentação dependem, na maioria das vezes, mormente para a imensa percentagem de encarnados que ainda não alcançaram o domínio das próprias emoções, os estados íntimos de felicidade ou desgosto, de prazer ou sofrimento. Segundo você pode observar, também o homem absorve

matéria mental, em todas as horas do dia, ambientando, adentro de si mesmo, nos círculos mais íntimos da própria estrutura fisiológica. O chefe dos Construtores fixou-me, bem-humorado, a expressão de surpresa, ao lhe receber elucidações tão simples, em assunto tão complexo, e acrescentou: – Em sua experiência última na Crosta, quando envergava os fluidos carnaís, nunca sentiu perturbação do fígado, depois de um atrito verbal? Jamais experimentou o desequilíbrio momentâneo do coração, recebendo uma notícia angustiosa? Porque a desarmonia orgânica, se a hora em curso era, muitas vezes, de satisfação e felicidade? É que, em tais momentos, o homem recebe “certa quantidade de força mental” em seu campo de pensamento, como o fio recebe a “carga de eletricidade positiva”. O ponto de recepção está efetivamente no cérebro, mas se a criatura não está identificada com a lei de domínio emotivo, que manda selecionar as emissões que chegam até nós, ambientará a força perturbadora dentro de si mesma, na intimidade das células orgânicas, com grande prejuízo para as zonas vulneráveis. Apuleio, com muita serenidade, fez ligeiro intervalo e considerou: – Se é muito difícil explicar aos homens encarnados fatos rotineiros como esses a que nos referimos, repetidos com eles dezenas de vezes durante cada dia de luta carnal, como informá-los, com exatidão e minúcias, quanto à ambientação do molde vivo para a edificação fetal na intimidade uterina? Precisamos esperar pelo concurso do tempo para conjugar as nossas experiências. Animado com as elucidações recebidas, observei: – Tem razão. Ainda hoje, embora a minha condição de desencarnado, não me sinto à altura de receber determinadas notícias, sem alterações do meu campo emocional. – Muito bem! – falou o diretor, satisfeito – é que você está fazendo o longo curso de autodomínio. Somente depois dele, saberá selecionar as forças que o procuram, ambientando nas zonas íntimas de sua alma apenas aquelas de teor reconfortante ou construtivo. Em seguida, fornecendo-me a impressão de desejar manter-se dentro do assunto em exame, Apuleio prosseguiu: – Quanto às suas observações alusivas à colaboração de Alexandre na escolha do elemento masculino de fecundação, cumpre-me acentuar que não podemos contar em todos os casos com esse concurso, que depende do setor de merecimento. Entretanto, quando o fator magnético não procede de cooperação elevada dessa ordem, devemos considerar que ele prevalece do mesmo modo, compreendendo-se que a esfera passiva está igualmente impregnada de energias da atração. Se o elemento masculino da fecundação está repleto de força positiva, o óvulo feminino está cheio de força receptiva. E se esse óvulo está imantado de energias desequilibrantes, naturalmente exercerá especial atração sobre o elemento que se aproxime da sua natureza intrínseca. Em vista disso,

meu amigo, a célula masculina que atinge o óvulo em primeiro lugar, para fecundá-lo, não é a mais apta em sentido de “superioridade”, mas em sentido de “sintonia magnética”, em todos os casos de fecundação para o mundo das formas. Esta é a lei, pela qual os geneticistas do Globo são muitas vezes surpreendidos em suas observações, em face das mudanças inesperadas na estrutura de vários tipos, dentro das mesmas espécies. As células possuem também o seu “individualismo magnético” algo independente, no campo das manifestações vitais. Nesse ponto, o diretor sorriu, prosseguindo: – Se a mulher pode exercer a sua influência decisiva na escolha do companheiro, também a célula feminina, na maioria das vezes, pode exercer a sua atuação na escolha do elemento que a fecundará. Claro que nos referimos aqui a problema de ciência física, sem alusão aos problemas espirituais das tarefas, missões ou provas necessárias. Identificando-me o silencioso gesto de interrogação, o diretor observou: – Sim, porque nas obrigações determinadas de certos Espíritos na reencarnação, as autoridades de nossa esfera de luta dispõem de suficiente poder para intervir na lei biogenética, dentro de certos limites, ajustando-lhe as disposições, a caminho de objetivos especiais.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 14)

“Em seguida, sustentando-a nos braços, Clarêncio reergueu-a, conduzindo-a ao leito com a criança. Zulmira, desde então, afigurou-se-nos integralmente concentrada no filhinho, que se enlaçou a ela, instintivamente, à maneira de um molusco a acomodar-se na própria concha. Júlio dormira placidamente, enfim. Abraçado ao colo materno, parecia fundir-se nele. De outras vezes, acompanhara trabalhos preparatórios de reencarnação, que exigiam concurso ativo de técnicos do assunto e de benfeitores da vida superior, mas ali o fenômeno era demasiado simples. O corpo sutil do menino como que se justapunha aos delicados tecidos do perispírito maternal, adelgaçando-se gradativamente aos nossos olhos. Irmã Clara e as companheiras oscilaram a futura mãezinha, que tentava recuperar o corpo denso, conduzindo consigo o pequeno confortado e desfalecente e retiramo-nos, tomados da alegria que nasce, pura, da obrigação bem cumprida. Odila encarregou-se da assistência a Zulmira, e Clarêncio prometeu seguir, de perto, os serviços naturais daquela gravidez incipiente. Quando nos vimos, de novo, a sós, as indagações surgiram, imperiosas. O Ministro, com a paciência admirável de todos os dias, tomou a palavra e esclareceu: – A reencarnação no caso de Júlio não reclama de nossa esfera cuidados especiais. É uma descida experimental ao campo da matéria densa, com interesse tão somente para ele mesmo e para os familiares que o cercam. Todavia, se a existência do filho de Amaro estivesse destinada, no momento, a influenciar a comunidade, se ele fosse detentor de méritos indiscutíveis,

com responsabilidades justas nos caminhos alheios, o problema seria efetivamente outro. Forças de ordem superior seriam fatalmente mobilizadas para a interferência nos cromossomos, garantindo-se o embrião do veículo físico de maneira adequada à missão que lhe coubesse... – E se o reencarnante fosse um homem de larga intelectualidade? – inquiriu Hilário, estudioso. – Merecer-nos-ia cautelosa atenção na estrutura cerebral, para que lhe não faltasse um instrumento à altura de seus deveres na materialização do pensamento. – E se fosse um médico? Um grande cirurgião por exemplo? – perguntei por minha vez. – Receberia assistência aprimorada na formação do sistema nervoso, assegurando-se-lhe pleno domínio das emoções. Porque não mais indagássemos especificamente, o instrutor continuou: – Contudo, em milhares de renascimentos, na Terra, os princípios embriogênicos funcionam, automáticos, cada dia. A lei de causa e efeito executa-se sem necessidade de fiscalização da nossa parte. Na reencarnação, basta o magnetismo dos pais, aliado ao forte desejo daquele que regressa ao campo das formas físicas. De retorno ao corpo físico, estamos invariavelmente animados de um propósito firme... seja o anseio de alijar a dor que nos atormenta, a aspiração de conquistas espirituais que nos facilitem o acesso à Vida Superior, o voto de recapitular serviços mal feitos ou o ideal de realizar grandes tarefas de amor entre aqueles a quem nos afeiçãoamos no mundo. De modo geral, a maioria das almas que reencarnam satisfazem à fome inquietante de recomeço. Quem não atendeu com exatidão ao trabalho que a vida lhe delegou, depressa se rende ao impositivo de repetição da experiência e o ressurgimento na luta física aparece por bênção salvadora. Milhões de destinos se reestruturam dessa forma, qual se refaz uma grande floresta. A sementeira cresce, estimulada pelo magnetismo do solo; a existência corpórea germina de novo, incentivada pelo magnetismo da carne... Ante a pausa ligeira do Ministro, Hilário perguntou, respeitoso: – O seio maternal, desse modo... Nosso mentor completou-lhe a definição, respondendo: – É um vaso anímico de elevado poder magnético ou um molde vivo destinado à fundição e refundição das formas, ao sopro criador da Bondade Divina, que, em toda a parte, nos oferece recursos ao desenvolvimento para a Sabedoria e para o Amor. Esse vaso atrai a alma sequiosa de renascimento e que lhe é afim, reproduzindo-lhe o corpo denso, no tempo e no espaço, como a terra engole a semente para doar-lhe nova germinação, consoante os princípios que encerra. Maternidade é sagrado serviço espiritual em que a alma se demora séculos, na maioria das vezes aperfeiçoando qualidades do sentimento. A palestra prosseguia valiosa, mas o tempo nos convocava a outros mistérios e, em razão disso, fomos constrangidos a interromper o nosso entendimento, em torno do que havíamos visto.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 28)

“EVOLUÇÃO E HEREDITARIEDADE. [...] Hereditariedade e afinidade. Nas épocas remotas, os Semeadores Divinos guiavam a elaboração das formas, traçando diretrizes ao mundo celular, em favor do princípio inteligente, então conduzido ante a sociedade espiritual como a criança irresponsável ante a sociedade humana; todavia, à medida que se lhe alteia o conhecimento, passa a responsabilizar-se por si mesmo, pavimentando o caminho que o investirá na posse da Herança Celestial no regaço da Consciência Cósmica. Com alicerces na hereditariedade, toma a forma física e se desvencilha dela, para retomá-la em nova reencarnação capaz de elevar-lhe o nível cultural ou moral, quando não seja para refazer tarefas que deixou viciadas ou esquecidas na retaguarda. Contudo, ligado inevitavelmente aos princípios de sequência, é compelido a renascer na Terra, ou a viver além da morte, com raras exceções, entre os seus próprios semelhantes, porquanto hereditariedade e afinidade no plano físico e no plano extrafísico, respectivamente, são leis inelutáveis, sob as quais a alma se diferencia para a Esfera Superior, por sua própria escolha, aprendendo com larga soma de esforço a reger-se pelo bem invariável, que, em lhe assegurando equilíbrio, também lhe confere poder sobre os fatores circunstanciais do próprio ambiente, a fim de criar valores mais nobres para os seus impulsos de perfeição. **Geometria transcendente.** Chegada a essa eminência, a criatura submete-se à lei da hereditariedade, com o direito de alterar-lhe as disposições fundamentais até ponto não distante do limite justo, segundo o merecimento de que disponha. Para ajudar aos semelhantes na escalada a mais amplas aquisições na senda evolutiva, recolhe, assim, concurso precioso dos Organizadores do Progresso, na mitose do ovo que lhe facultará novo corpo no mundo, de vez que toda permuta de cromossomos, no vaso uterino, está invariavelmente presidida por agentes magnéticos ordinários ou extraordinários, conforme o tipo da existência que se faz ou refaz, com as chaves da hereditariedade atendendo aos seus fins. Eis por que, interpretando os cromossomos à guisa de caracteres em que a mente inscreve, nos corpúsculos celulares que a servem, as disposições e os significados dos seus próprios destinos, caracteres que são constituídos pelos genes, como as linhas são formadas de pontos, genes aos quais se mesclam os elementos chamados bióforos, e tomando os bióforos, nesses pontos, como sendo os grânulos de tinta que os cobrem, será lícito comparar os princípios germinativos, nos domínios inferiores, aos traços da Geometria elementar, que apenas cogita de linhas e figuras simples da evolução, para encontrar, nesses mesmos princípios, nos domínios superiores da alma, a Geometria transcendente, aplicada aos cálculos diferenciais e integrais das questões de causa e efeito. **Hereditariedade e conduta.**

Portanto, como é fácil de sentir e apreender, o corpo herda naturalmente do corpo, segundo as disposições da mente que se ajusta a outras mentes, nos circuitos da afinidade, cabendo, pois, ao homem responsável reconhecer que a hereditariedade relativa mas compulsória lhe talhará o corpo físico de que necessita em determinada encarnação, não lhe sendo possível alterar o plano de serviço que mereceu ou de que foi incumbido, segundo as suas aquisições e necessidades, mas pode, pela própria conduta feliz ou infeliz, acentuar ou esbater a coloração dos programas que lhe indicam a rota, através dos bióforos ou unidades de força psicossomática que atuam no citoplasma, projetando sobre as células e, conseqüentemente, sobre o corpo os estados da mente, que estará enobrecendo ou agravando a própria situação, de acordo com a sua escolha do bem ou do mal. Uberaba, 5/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 7)

“Estávamos fascinados. Realmente, também nós, quando no corpo físico, supúnhamos que, na epilepsia, defrontávamos invariavelmente o fenômeno obsessivo, sem logicar que no organismo vêm impressas as necessidades de cada um, a se traduzirem como deficiências, limitações, coarctações, problemas de saúde. Idiotia, oligofrenia, mongolismo, epilepsia, psicoses várias, esquizofrenia, demência são terapêuticas de que se utiliza a Justiça Divina para alcançar os Espíritos doentes, que tentam fugir à Verdade, mancomunados com o crime e a ilusão. Para que tais cometimentos se realizem, entram em jogo os programas cromossômicos e genéticos tão bem estudados por Gregório Mendel, no século passado, encarregados de expressarem durante a reencarnação os impositivos redentores.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 11)

VI.3. Atuação do conjunto espírito-mente/ perispírito-psicossoma/ corpo-soma na hereditariedade e na reencarnação^{31,32}

35 – A genética está submetida a leis puramente materiais? – As leis da genética encontram-se presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular, dentro dos seus postulados materialistas. Esses agentes psíquicos, muitas vezes, são movimentados pelos mensageiros

do plano espiritual; encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida. Eis por que, aos geneticistas, comumente se deparam incógnitas inesperadas, que deslocam o centro de suas anteriores ilações. **36 – Pode a genética estatuir medidas que melhorem o homem?** – Fisicamente falando, a própria natureza do orbe vem melhorando o homem, continuamente, nos seus processos de seleção natural. Nesse sentido, a genética só poderá agir copiando a própria natureza material. Se essa ciência, contudo, investigar os fatores espirituais, aderindo aos elevados princípios que objetivaram a iluminação das almas humanas, então poderá criar um vasto serviço de melhoramento e regeneração do homem espiritual no mundo, mesmo porque, de outro modo, poderá ser uma notável mentora da eugenia, uma grande escultora das formas celulares, mas estará sempre fria para o espírito humano, podendo transformar-se em títere abominável nas mãos impiedosas dos políticos racistas. **37 – As combinações de “genes”, aconselhadas pela genética, podem imprimir no homem certas faculdades ou certas vocações?** – Alguns cientistas da atualidade proclamam essas possibilidades, esquecendo, porém, que a vocação ou faculdade é atributo da individualização espiritual, inacessível aos seus processos de observação. Os geneticistas podem realizar numerosas demonstrações nas células materiais; todavia, essas experiências não passarão dessa zona superficial, em se tratando das conquistas, das provações ou da posição evolutiva dos Espíritos encarnados. **38 – Se a genética está orientada por elementos psíquicos, como esclarecer as conclusões tão exatas do mendelismo?** – O mendelismo realizou experiências notáveis, porém, ainda encontra fenômenos inexplicáveis no processo de suas observações positivas. Faz-se mister considerar, igualmente, que, em escala decrescente, nos reinos da Natureza, a genética apresenta resultados felizes nas suas demonstrações, pelo material simples e primitivo tomado para as suas observações práticas; tais como os complexos celulares de plantas e de animais, constituídos por expressões rudimentares. Em escala ascendente, contudo, onde a evolução psíquica apresenta as suas características de intensidade e realização, a genética encontrará sempre os fatores. [...] **41 – A ideia de evolução que tem influído na esfera de todas as ciências do**

31 Vide Subcapítulo IV.6 (“O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital”), Capítulo IV (“Espírito, alma ou princípio inteligente”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

32 Vide Subcapítulo III.2 (“Relação entre mente, perispírito e doença – Psicossomatismo”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

mundo, desde as teorias darwinianas, representa agora uma nova etapa de aproximação entre os conhecimentos científicos do homem e as verdades do Espiritismo?

– Todas as teorias evolucionistas no orbe terrestre caminham para a aproximação com as verdades do Espiritismo, no abraço final com a verdade suprema.” (EMM, *O consolador*; Primeira parte - Ciência, Capítulo 1 – Ciências fundamentais, Biologia)

“Reencarnação. [...] Herculano, junto de mim, falou-me em tom discreto: – O perdão de Adelino foi sincero. As sombras espessas do ódio foram efetivamente dissipadas. Louvado seja Deus! Alexandre abraçou as duas almas reconciliadas e renovou-lhes fraternal observação, repassada de sabedoria e ternura. Em seguida, recomendou ao esposo de Raquel que descansasse da luta, dispondo-se a sair em nossa companhia. Notei que marido e mulher, impulsionados pelos amigos espirituais ali presentes, voltavam ao corpo físico, a fim de permutarem impressões, referentemente aos fatos que classificariam de sonhos, dentro da coloração mental de cada um. Ao se retirar, Alexandre, satisfeito, comentou paternalmente: – Com o auxílio de Jesus, a tarefa foi executada com êxito. E, fixando Segismundo, acrescentou: – Creio que na próxima semana poderá iniciar o seu serviço definitivo de reencarnação. Acompanhá-lo-emos com carinho. Não receie coisa alguma. Enquanto Segismundo sorria, resignado e confiante, o orientador dirigiu-se a Herculano, explicando-se: – Já observei o gráfico referente ao organismo físico que o nosso amigo receberá de futuro, verificando, de perto, as imagens da moléstia do coração que ele sofrerá na idade madura, como consequência da falta cometida no passado. Segismundo experimentará grandes perturbações dos nervos cardíacos, mormente os nervos do tônus. Entretanto – e nesse momento concentrou toda a sua atenção no interessado –, é necessário que você lhe faça ver que as provas de resgate legítimo inclinam a alma encarnada a situações periclitantes e difíceis na recapitulação das experiências; todavia, não obrigam a novas quedas espirituais, quando dispomos de verdadeira boa vontade no trabalho de elevação. O aprendiz aplicado pode ganhar muito tempo e conquistar imensos valores se, de fato, procura conhecer as lições e pô-las em prática. A justiça divina nunca foi exercida sem amor. E quando a fidelidade sincera ao Senhor permanece viva no coração dos homens, há sempre lugar para o “acréscimo de misericórdia” a que se referia Jesus em seu apostolado. Em seguida, convidando-me a acompanhá-lo, Alexandre despediu-se dos demais, frisando: – Voltaremos a vê-los no dia da ligação inicial de Segismundo com a matéria física. Preciso cooperar, na ocasião, com os nossos amigos Construtores, aos quais pedi me apresentassem os mapas cromossômicos, referentemente aos serviços a

serem encetados. Separamo-nos. E eu, torturado de curiosidade estranha, em vista daqueles cuidados extremos para que Adelino e Segismundo se reconciliassem, antes da reaproximação pelos laços da carne, não sopitei as interrogações que me atormentavam o espírito. Não seria lícito providenciar a reencarnação do necessitado, sem quaisquer delongas? Porque tamanha demonstração de carinho para com o esposo de Raquel se ele deveria sentir-se satisfeito em poder cooperar na obra sublime de redenção? Não dispúnhamos de suficiente poder para quebrar todas as resistências? Alexandre ouviu-me, pacientemente, mostrou um sorriso de pai e respondeu: – Sua estranheza é natural. Não se habituou ainda aos trabalhos de socorro ou de organização neste lado da vida. E, depois de pequena pausa, considerou: – Cada homem, como cada Espírito, é um mundo por si mesmo e cada mente é como um céu... Do firmamento descem raios de sol e chuvas benéficas para a organização planetária, mas também, no instante do atrito de elementos atmosféricos, desse mesmo céu procedem as faíscas destruidoras. Assim, a mente humana. Dela se originam as forças equilibrantes e restauradoras para os trilhões de células do organismo físico; mas, quando perturbada, emite raios magnéticos de alto poder destrutivo para as comunidades celulares que a servem. O pensamento envenenado de Adelino destruíra a substância da hereditariedade, intoxicando a cromatina dentro da própria bolsa seminal. Ele poderia atender aos apelos da Natureza, entregando-se à união sexual, mas não atingiria os objetivos sagrados da Criação, porque, pelas disposições lamentáveis de sua vida íntima, estava aniquilando as células criadoras, ao nascerem, e, quando não as aniquilasse por completo, intoxicava os genes do caráter, dificultando-nos a ação... Ora, no caso de Segismundo, unido a ele, em processo ativo de redenção, não podemos dispensar-lhe o concurso amoroso e fraterno. Daí a necessidade desse trabalho intenso para despertar-lhe os valores afetivos. Somente o amor proporciona vida, alegria e equilíbrio. Modificado em sua posição íntima, Adelino emitirá doravante forças magnéticas protetoras dos elementos destinados ao serviço elevado da procriação. A palavra do orientador não podia ser mais lógica. Começava agora a compreender o sentido sublime do trabalho que se realizara para que o esposo de Raquel se fizesse mais humano e mais doce. Como não encontrasse expressões para definir meu assombro, Alexandre sorriu e acentuou, depois de longo intervalo: – Segundo pode observar, não existem por aqui milagres para o culto do menor esforço. E quando ensinamos, em toda parte, a necessidade da prática do amor, não procedemos obedientes a meros princípios de essência religiosa, mas atendendo a imperativos reais da própria vida.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“Ante a reencarnação. Na noite imediata, atendendo-nos a solicitação, Clarêncio conduziu-nos ao domicílio do ferroviário para observações. Penetramos respeitosamente o quarto em que Odila nos recebeu, contente e gentil. Tudo lhe parecia desdobrar-se com segurança. Júlio dormia. Não mais acordara, informou a guardiã, feliz. Tinha a impressão de que o reencarnante desaparecia pouco a pouco, na constituição orgânica de Zulmira, como se a futura mãezinha fosse um filtro miraculoso a absorvê-lo. A genitora desencarnada mostrava-se satisfeita e esperançosa. Preferia ver o filhinho confiado ao sono profundo. As aflições e os gemidos dele lhe haviam dilacerado o coração. O renascimento, por esse motivo, representava uma bênção para as inquietantes responsabilidades maternas de que se via detentora. Observamos que Júlio se caracterizava por enorme diferença. O corpo sutil do menino denotava espantosa transformação. Adelgaçara-se de maneira surpreendente. Tive a ideia de que ele e Zulmira, alma com alma, se fundiam um no outro. A moça ganhara em plenitude física e vivacidade espiritual quanto perdia o menino na apresentação exterior. Júlio adormecera aliviado, ao passo que a jovem senhora demonstrava admirável despertamento para a vida. A segunda esposa de Amaro modificara-se de modo sensível. Como as pessoas felicitadas por novos títulos de confiança no trabalho, revelava-se mais alegre e mais cônica das obrigações que lhe competiam. A transfusão fluidica era ali evidente. O organismo materno assemelhava-se a um alambique destinado a sutilar as energias do reencarnante para restituí-las, decerto, a ele mesmo, na formação do novo envoltório. Registrando-nos o assombro, o instrutor explicou com a sua habitual gentileza: – A reencarnação, tanto quanto a desencarnação, é um choque biológico dos mais apreciáveis. Unido à matriz geradora do santuário materno, em busca de nova forma, o perispírito sofre a influência de fortes correntes eletromagnéticas, que lhe impõem a redução automática. Constituído à base de princípios químicos semelhantes, em suas propriedades, ao hidrogênio, a se expressarem através de moléculas significativamente distanciadas umas das outras, quando ligado ao centro genésico feminino experimenta expressiva contração, à maneira do indumento de carne sob carga elétrica de elevado poder. Observa-se, então, a redução volumétrica do veículo sutil pela diminuição dos espaços intermoleculares. Toda matéria que não serve ao trabalho fundamental de refundição da forma é devolvida ao plano etéreo, oferecendo-nos o perispírito esse aspecto de desgaste ou de maior fluidez. – Quer dizer então... – aventurou Hilário, em sua curiosidade construtiva. – Quero dizer que os princípios organogênicos essenciais do perispírito de Júlio já se encontram reduzidos na intimidade do altar materno e, à maneira de um ímã, vão

aglutinando sobre si os recursos de formação do novo vestuário de carne que lhe será o vaso próximo de manifestação. – E a forma a rarefazer-se sob nossos olhos? – inquiriu meu colega, espantado. – Está em ativo processo de dissolução. E, com a bela serenidade que lhe assinala o espírito, continuou elucidando: – Também o corpo físico parece dormir na desencarnação, quando, na realidade, começa a restituir as unidades químicas que o compõem à Natureza que os emprestou a título precário, apenas com a diferença de que a alma desencarnada, ainda mesmo quando em deploráveis condições de sofrimento e inferioridade, avança para a libertação relativa, ao passo que, em nos reencarnando, sofremos o processo de volta às teias da matéria densa, não obstante orientados por nobres objetivos de evolução. É por isso que, conduzidos à reconstituição orgânica, revivemos, nos primeiros tempos da organização fetal, embora apressadamente, todo o nosso pretérito biológico. Cada ser que retoma o envoltório físico revive, automaticamente, na reconstrução da forma em que se exprimirá na Terra, todo o passado que lhe diz respeito, estacionando na mais alta configuração típica que já conquistou, para o trabalho que lhe compete, de acordo com o degrau evolutivo em que se encontra. A maneira simples pela qual Clarêncio esflorava problemas tão complexos, induzia-nos a sublimados pensamentos, quanto à magnitude das Leis Universais. Ali, diante de um caso comum de reencarnação, auxiliado apenas pelas nossas preces no culto à fraternidade, obtínhamos vastas elucidações sobre o plano geral da existência. Inspirado talvez na mesma faixa de reflexões que me preocupavam o espírito, Hilário inquiriu: – Os princípios que analisamos funcionam em igualdade de circunstâncias para os animais? – Como não? – replicou o nosso orientador, paciente – todos nos achamos na grande marcha de crescimento para a imortalidade. Nas linhas infinitas do instinto, da inteligência, da razão e da sublimação, permanecemos todos vinculados à lei do renascimento como inalienável condição de progresso. Atacamos experiências múltiplas e recapitulamo-las, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, na grande jornada para Deus. Crisálidas de inteligência nos setores mais obscuros da Natureza evoluem para o plano das inteligências fragmentárias, onde se localizam os animais de ordem superior que, por sua vez, se dirigem para o reino da consciência humana, tanto quanto os homens, pouco a pouco, se encaminham para as gloriosas esferas dos anjos. O instrutor, entretanto, voltou-se para o leito em que mãe e filho jaziam, intimamente associados, e sentenciou: – Preocupemo-nos, porém, com o serviço da hora presente. Estudemos o caso sob nossa observação para que o nosso dever de solidariedade seja bem cumprido. O apontamento reajustou-nos. Hilário que, tanto quanto eu, se mostrava

interessado em aproveitar a lição, fixando o quadro sob nossos olhos, pediu uma explicação tão simples quanto possível acerca da comunhão fisiopsíquica de Zulmira e Júlio naquele instante, ao que Clarêncio respondeu, após refletir alguns momentos: – Imaginemos um pêssego amadurecido, lançado à cova escura, a fim de renascer. Decomposto em sua estrutura, restituirá aos reservatórios da Natureza todos os elementos da polpa e dos demais envoltórios que lhe revestem os princípios vitais, reduzindo-se no imo do solo ao embrião minúsculo que se transformará, no espaço e no tempo, em novo pessegueiro. O ensinamento não podia ser mais lógico, mais preciso. – Então, por isso – acrescentou Hilário, estudioso – é que as crianças desencarnadas reclamam período de tempo mais ou menos longo para demonstrarem crescimento mental, como ocorre na existência comum... – Isso acontece com a maioria – informou o Ministro –, de vez que há exceções na regra. Em muitas circunstâncias, semelhante imposição não existe. Quando a mente já desenvolveu certas qualidades, aprimorando-se em mais altos degraus de sublimação espiritual, pode arrojá-las de si mesma os elementos indispensáveis à composição dos veículos de exteriorização de que necessita em planos que lhe sejam inferiores. Nesses casos, o Espírito já domina plenamente as leis de aglutinação da matéria, no campo de luta que nos é conhecido e, por esse motivo, governa o fenômeno da própria reencarnação sem subordinar-se a ele. Fitávamos o semblante calmo de Zulmira, que respirava serena, feliz. – O problema de Júlio, no entanto – considere –, afigura-se-nos bastante doloroso... – Doloroso, mas educativo, quanto o de milhares de criaturas, cada dia, na Terra – ponderou Clarêncio, imperturbável. – Nosso companheiro vencido e enfermo, em razão de compromissos adquiridos na carne, na carne encontrará caminho ao próprio reajuste. – E a questão da hereditariedade? – indagou meu companheiro, reverente. – Júlio, perdendo o corpo sutil em que chorava atormentado, ressurgirá na existência física sem a moléstia que o apoquentava, por herdar fatalmente os característicos biológicos dos pais? O orientador sorriu, de maneira expressiva, e asseverou: – A hereditariedade, qual é aceita nos conhecimentos científicos do mundo, tem os seus limites. Filhos e pais, indubitavelmente, ainda mesmo quando se cataloguem distantes uns dos outros, sob o ponto de vista moral, guardam sempre afinidade magnética entre si; desse modo, os progenitores fornecem determinados recursos ao Espírito reencarnante, mas esses recursos estão condicionados às necessidades da alma que lhes aproveita a cooperação, porque, no fundo, somos herdeiros de nós mesmos. Assimilamos as energias de nossos pais terrestres, na medida de nossas qualidades boas ou más, para o destino enobrecido ou torturado a que fazemos jus, pelas

nossas conquistas ou débitos que voltam à Terra conosco, emergindo de nossas anteriores experiências. – Somos então levados a crer que Júlio transportará consigo a enfermidade que sofria em nosso plano, à maneira de alguém que, em se mudando de domicílio, não modifica o quadro orgânico... – observou Hilário, com sensatez. – Isso mesmo – elucidou o Ministro, satisfeito –, o problema é de natureza espiritual. Durante a gravidez de Zulmira, a mente de Júlio permanecerá associada à mente materna, influenciando, como é justo, à formação do embrião. Todo o cosmo celular do novo organismo estará impregnado pelas forças do pensamento enfermo de nosso irmão que regressa ao mundo. Assim sendo, Júlio renascerá com as deficiências de que ainda é portador, embora favorecido pelo material genético que recolherá dos pais, nos limites da lei de herança, para a constituição do novo envoltório. Depois de breve pausa, concluiu: – Como vemos, na mente reside o comando. A consciência traça o destino, o corpo reflete a alma. Toda agregação de matéria obedece a impulsos do espírito. Nossos pensamentos fabricam as formas de que nos utilizamos na vida. Calou-se o instrutor.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 29)

“Em vista da pausa que se fizera espontânea, ousei ainda interrogar, faminto de luz: – Generoso amigo, poderíamos ouvi-lo, de alguma sorte, quanto aos sinais cármicos que trazemos em nós mesmos? Sânzio refletiu alguns momentos e ponderou: – É muito difícil penetrar o sentido das Leis Divinas, com os recursos limitados da palavra humana. Ainda assim, iniciemos o tentame, recorrendo a imagens tão simples quanto seja possível. Apesar da impropriedade, comparemos a esfera humana ao reino vegetal. Cada planta produz na época própria, segundo a espécie a que se ajusta, e cada alma estabelece para si mesma as circunstâncias felizes ou infelizes em que se encontra, conforme as ações que pratica, através de seus sentimentos, ideias e decisões na peregrinação evolutiva. A planta, de começo, jaz encerrada no embrião, e o destino, ao princípio de cada nova existência, está guardado na mente. Com o tempo, a planta germina, desenvolve-se, floresce e frutifica e, também com o tempo, a alma desabrocha ao sol da eternidade, cresce em conhecimento e virtude, floresce em beleza e entendimento e frutifica em amor e sabedoria. A planta, porém, é uma crisálida de consciência que dorme largos milênios, rigidamente presa aos princípios da genética vulgar que lhe impõe os caracteres dos antepassados, e a alma humana é uma consciência formada, retratando em si as leis que governam a vida e, por isso, já dispõe, até certo ponto, de faculdades com que influir na genética, modificando-lhe a estrutura, porque a consciência responsável herda sempre de si mesma, ajustada às consciências que lhe são afins. Nossa mente, guarda

consigo, em germe, os acontecimentos agradáveis ou desagradáveis que a surpreenderão amanhã, assim como a pevide minúscula encerra potencialmente a planta produtiva em que se transformará no futuro. Nessa altura, Hilário perguntou, inquieto: – Não teremos, nesse postulado, a consagração do determinismo de ordem absoluta? Se trazemos hoje, no campo mental, tudo aquilo que nos sucederá amanhã... Sânzio, contudo, esclareceu, complacente: – Sim, nas esferas primárias da evolução, o determinismo pode ser considerado irresistível. E o mineral obedecendo a leis invariáveis de coesão e o vegetal respondendo, fiel, aos princípios organogênicos, mas, na consciência humana, a razão e a vontade, o conhecimento e o discernimento entram em função nas forças do destino, conferindo ao Espírito as responsabilidades naturais que deve possuir sobre si mesmo. Por isso, embora nos reconheçamos subordinados aos efeitos de nossas próprias ações, não podemos ignorar que o comportamento de cada um de nós, dentro desse determinismo relativo, decorrente de nossa própria conduta, pode significar liberação abreviada ou cativo maior, agravo ou melhoria em nossa condição de almas endividadas perante a Lei.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 7)

“PENSAMENTO E PERISPÍRITO. Portador de expressiva capacidade plasmadora, o perispírito regista todas as ações do Espírito através dos mecanismos sutis da mente que sobre ele age, estabelecendo os futuros parâmetros de comportamento, que serão fixados por automatismos vibratórios nas reencarnações porvindouras. Corpo intermediário entre o ser pensante, eterno, e os equipamentos físicos, transitórios, por ele se processam as imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retomo à causa geratriz. Captando o impulso do pensamento e computando a resposta da ação, a ele se incorporam os fenômenos da conduta atual do homem, assim programando os sucessos porvindouros, mediante os quais serão aprimoradas as conquistas, corrigidos os erros e reparados os danos destes últimos derivados. Constituído por campos de forças mui especiais, ele irradia vibrações específicas portadoras de carga própria, que facultam a perfeita sintonia com energias semelhantes, estabelecendo áreas de afinidade e repulsão de acordo com as ondas emitidas. Assim, quando por ocasião da reencarnação o Espírito é encaminhado por necessidade evolutiva aos futuros genitores, no momento da fecundação, o gameta masculino vitorioso esteve impulsionado pela energia do perispírito do reencarnante, que naquele espermatozoide encontrou os fatores genéticos de que necessitava para a programática a que se deve submeter. A partir desse momento, os códigos genéticos da hereditariedade, em consonância com o conteúdo vibratório dos registos perispirituais, vão organizando o corpo que o Espírito habitará. Como é certo que, em

casos especiais, há toda uma elaboração de programa para o reencarnante, na generalidade, os automatismos vibratórios das Leis de Causalidade respondem pela ocorrência, que jamais tem lugar ao acaso. Todo elemento irradia vibrações que lhe tipificam a espécie e respondem pela sua constituição. Espermatozoides e óvulos, em consequência, possuem campo de força específico, que propela os primeiros para o encontro com os últimos, facultando o surgimento da célula ovo. Por sua vez, cada gameta exterioriza ondas que correspondem à sua fatalidade biológica, na programação genética de que se faz portador. Desse modo, o perispírito do reencarnante sincroniza com a vibração do espermatozoide que possui a mesma carga vibratória, sobre ele incidindo e passando a plasmar no óvulo fecundado o corpo compatível com as necessidades evolutivas, como decorrência das catalogadas ações pretéritas. Equilíbrio da forma ou anomalia, habilidades e destreza, ou incapacidade, inteligência, memória e lucidez, ou imbecilidade, atraso mental, oligofrenia serão estabelecidos desde já pela incidência das conquistas espirituais sobre o embrião em desenvolvimento. Sem descartarmos a hereditariedade nos processos da reencarnação, o seu totalitarismo, conforme pretendem diversos estudiosos da Embriogenia e outras áreas da ciência, não tem razão de ser. Cada Espírito é legatário de si mesmo. Seus atos e sua vida anterior são os plasmadores da sua nova existência corporal, impondo os processos de reabilitação, quando em dívida, ou de felicidade, se em crédito, sob os critérios da Divina Justiça. Certamente, caracteres físicos, fisiológicos e até alguns comportamentais resultam das heranças genéticas e da convivência em família, jamais os de natureza psicológica que afetam o destino, ou de ordem fisiológica no mapa da evolução. Saúde e enfermidade, beleza e feiura, altura e pequenez, agilidade e retardamento, como outras expressões da vida física, procedem do Espírito que vem recompor e aumentar os valores bem ou mal utilizados nas existências pretéritas. Além desses, os comportamentos e as manifestações mentais, sexuais, emocionais decorrem dos atos perpetrados antes e que a reencarnação traz de volta para a indispensável canalização em favor do progresso de cada ser. As alienações, os conflitos e traumas, as doenças congênitas, as deformidades físicas e degenerativas, assim como as condições morais, sociais e econômicas, são capítulos dos mecanismos espirituais, nunca heranças familiares, qual se a vida estivesse sob injunções do absurdo e da inconsequência. A aparente hereditariedade compulsória, assim como a injunção moral atuante em determinado indivíduo, fazendo recordar algum ancestral, explica-se em razão de ser aquele mesmo Espírito, ora renascido no clã, para dar prosseguimento a realizações que ficaram incompletas ou refazer as que foram perniciosas.

Motivo este que libera “o filho de pagar pelos pais” ou avós, o que constituiria, se verdadeiro, uma terrível e arbitrária imposição da Justiça que, mesmo na Terra, tem código penalógico mais equilibrado. Os pensamentos largamente cultivados levam o indivíduo a ações inesperadas, como decorrência da adaptação mental que se permitiu. Desencadeada a ação, os efeitos serão incorporados ao *modus vivendi* posterior da criatura. E mesmo quando não se convertem em atitudes e realizações por falta de oportunidade, aquelas aspirações mentais, vividas em clima interior, apresentam-se como formas e fantasmas que terão de ser diluídos por meio de reagentes de diferente ordem, para que se restabeleça o equilíbrio do conjunto espiritual. Conforme a constância mental da ideia, aparece uma correspondente necessidade da emoção. Todos esses condicionamentos estabelecem o organograma físico, mental e moral da futura empresa reencarnacionista a que o Espírito se deve submeter, ante o fatalismo da evolução. O conjunto — Espírito ou mente, perispírito ou psicossoma e corpo ou soma — é tão entranhadamente conjugado no processo da reencarnação que, em qualquer período da existência, são articulados ou desfeitos sucessivos equipamentos que procedem da ação de um sobre o outro. O Espírito aspira e o perispírito age sobre os implementos materiais, dando surgimento a respostas orgânicas ou a fatos que retomam à fonte original, como efeito da ação física que o mesmo corpo transfere para o ser eterno, concedendo-lhe crédito ou débito que se incorpora à economia da vida planetária. O mundo mental, das aspirações e ideais, é o grande agente modelador do mundo físico, orgânico. Conforme as propostas daquele, têm lugar as manifestações neste. Assim se compreende porque a Terra é mundo de “provas e expiações”, considerando-se que os Espíritos que nela habitam estagiam na sua grande generalidade em faixas iniciais, inferiores, portanto, da evolução. À medida que o ser evolui, melhores condições estatui para o próprio crescimento, dentro do mesmo critério da lei do progresso, que realiza com mais segurança os mecanismos de desenvolvimento, de acordo com as conquistas logradas. Quanto mais adiantado um povo, mais fáceis e variados são-lhe os recursos para o seu avanço. O pensamento, desse modo, é um agente de grave significado no processo natural da vida, representando o grau de elevação ou inferioridade do Espírito, que, mediante o seu psicossoma ou órgão intermediário, plasma o que lhe é melhor e mais necessário para marchar no rumo da libertação.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Pensamento e perispírito)

“**A reencarnação.** Destituída de finalidade seria a vida que se diluísse na tumba, como efeito do fenômeno da morte. Diante de todas as transformações que se operam nos campos da realidade objetiva, como

das alterações que se processam na área da energia, seria utópico pensar-se que a fatalidade do existir é o aniquilamento. Embora as disjunções moleculares e as modificações na forma, tudo se apresenta em contínuo vir-a-ser, num intérimo desintegrar-se — reintegrando-se —, que oferece, à Vida, um sentido de eternidade, além e antes do tempo, conforme as limitadas dimensões que lhe conferimos. Nesse sentido, especificamente, o complexo humano apresenta-se através de faixas de movimentação instável, qual ocorre com o corpo; em mecanismos de sutilização, o perispírito; e de aprimoramento, quando se trata do Espírito, este último, aliás, inquestionavelmente imortal. A aquisição da consciência é o resultado de um processo incessante, através do qual o psiquismo se agiganta desde o sono, na força aglutinadora das moléculas, no mineral; à sensibilidade, no vegetal; ao instinto, no animal; e à inteligência, à razão, no homem. Nesta jornada automática, funcionam as inapeláveis Leis da Evolução, em a Natureza, defluentes da Criação. Chegando ao patamar humano, esse psiquismo, de início rudimentarmente pensante, atravessa inúmeras experiências pessoais, que o tornam herdeiro de si mesmo, em um encadeamento de aprendizagens pelo mergulho no corpo e abandono dele, toda vez que se rompem os liames que retêm a individualidade. Este processo de renascimentos, que os gregos denominavam de palin-gênésico, constitui um avançado sistema de crescimento intelecto-moral, fomentador da felicidade. Graças a ele, a existência humana se reveste de dignidade e de relevantes objetivos que não podem ser interrompidos. Toda vez que surge um impedimento, que se opera um transtorno ou sucede uma aparente cessação, a oportunidade ressurgue e o recomeço se estabelece, facultando ao aprendiz o crescimento que parecia terminado. Face a este mecanismo, os fenômenos psicológicos apresentam-se em encadeamentos naturais, e elucidam-se inumeráveis patologias psíquicas e físicas, distúrbios de comportamento, diferenças emocionais, intelectuais e variados acontecimentos, nas áreas sociológica, econômica, antropológica, ética, etc. O processamento da aquisição intelectual faz-se ao largo das experiências de aprendizagem, mediante as quais o Eu consciente adiciona conteúdos culturais, ao mesmo tempo que desenvolve as aptidões jacentes, para as diversas categorias da técnica, da arte, da ética, num incessante aprimoramento de valores. A anterioridade do Espírito ao corpo, brinda-lhe maior soma de conhecimentos do que os apresentados pelos principiantes no desiderato físico. A genialidade de que uns indivíduos são portadores, em detrimento dos limites que se fazem presentes em outros seres do mesmo gene, demonstra que os psiquismos aí expressos diferem em capacidade e lucidez. Embora herdeiro dos caracteres da raça — aparência, morfologia, cabelos, olhos,

etc. —, os valores psicológicos, intelecto-morais não são transmissíveis pelos genes e cromossomos, antes, são atributos da individualidade eterna, que transfere de uma para outra existência corporal o somatório das suas conquistas salutares ou perturbadoras. Não há como negar-se a influência genética na evolução do ser, os impositivos do meio, dos costumes e dos hábitos; entretanto, independe observar que o corpo reproduz o corpo, não a mente, a consciência, que só o Espírito exterioriza. A introdução do conceito reencarnacionista na Psicologia dá-lhe dimensão invulgar, esclarecimento das dificuldades na argumentação em torno do Inconsciente, dos arquétipos, individual e coletivo, estudando o homem em toda a sua complexidade profunda e, mediante a identificação do seu passado, facultando-lhe o descobrimento e utilização das suas possibilidades, do seu vir-a-ser. Nos alicerces do Inconsciente profundo encontram-se os extratos das memórias pretéritas, ditando comportamentos atuais, que somente uma análise regressiva consegue detectar, eliminando os conteúdos perturbadores, que respondem por várias alienações mentais. [...]” (JA, *O homem integral*, Nona parte, Capítulo 39)

VII Sexualidade

VII.1. Sexo e evolução ética-moral

“DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS. [...] SEXOS NOS ESPÍRITOS. 200. *Têm sexos os Espíritos?* “Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos.” **201.** *Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?* “Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.” **202.** *Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?* “Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar.” Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo IV)

“DA LEI DE IGUALDADE. [...] IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER. 817. *São iguais perante Deus o homem e a mulher e têm os mesmos direitos?* “Não outorgou Deus a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir?” **818.** *Donde provém a inferioridade moral da mulher*

em certos países? “Do predomínio injusto e cruel que sobre ela assumiu o homem. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito.” **819.** *Com que fim mais fraca fisicamente do que o homem é a mulher?* “Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.” **820.** *A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?* “Deus a uns deu a força, para protegerem o fraco e não para o escravizarem.” Deus apropriou a organização de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Tendo dado à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados. **821.** *As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas ao homem?* “Sim, maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.” **822.** *Sendo iguais perante a lei de Deus, devem os homens ser iguais também perante as leis humanas?* “O primeiro princípio de justiça é este: Não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem.” **a)** — *Assim sendo, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher?* “Dos direitos, sim; das funções, não. Preciso é que cada um esteja no lugar que lhe compete. Ocupe-se do exterior o homem e do interior a mulher, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. Os sexos, além disso, só existem na organização física. Visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Devem, por conseguinte, gozar dos mesmos direitos.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Terceira parte, Capítulo IX)

“ESPÍRITOS FELIZES. SANSON. [...] II. (Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862) [...] **11.** Os Espíritos não têm sexo; mas como há poucos dias éreis um homem, desejamos saber se no vosso novo estado tendes mais da natureza masculina ou da feminina? E o mesmo que se dá convosco poder-se-á aplicar ao Espírito de longo tempo desencarnado? — R. Não temos motivo para ser de natureza masculina ou feminina: — os Espíritos não se reproduzem. Deus criou-os como quis, e tendo segundo seus maravilhosos desígnios de dar-lhes a encarnação, sobre a Terra, subordinou-os aí às leis de reprodução das espécies, caracterizada pela junção dos sexos. Mas vós deveis senti-lo, sem

mais explicação, que os Espíritos não podem ter sexo. Sempre disseram que os Espíritos não têm sexo, sendo este apenas necessário à reprodução dos corpos. De fato, não se reproduzindo, o sexo ser-lhes-ia inútil. A nossa pergunta não visava confirmar o fato, mas saber, visto que o Sr. Sanson desencarnara recentemente, as impressões que guardava do seu estado terreno. Os Espíritos puros compreendem perfeitamente a sua natureza, porém, entre os inferiores, não desmaterializados, muitos há que se acreditam encarnados sobre a Terra, com as mesmas paixões e desejos. Assim, pensam eles que são ainda os mesmos que foram, isto é, homem ou mulher, havendo quem por esta razão suponha ter realmente um sexo. As contradições a tal respeito são oriundas da graduação de adiantamento dos Espíritos que se manifestam, sendo o erro menos deles que de quem os interroga sem se dar ao trabalho de aprofundar as questões.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Exemplos, Capítulo II)

“322 – Há uma gradação do amor, no seio das manifestações da natureza visível e invisível?” – Sem dúvida, essa gradação existiu em todos os tempos, como gradativa é a posição de todos os seres na escala infinita do progresso. O amor é a lei própria da vida e, sob o seu domínio sagrado, todas as criaturas e todas as coisas se reúnem ao Criador, dentro do plano grandioso da unidade universal. Desde as manifestações mais humildes dos reinos inferiores da Natureza, observamos a exteriorização do amor em sua feição divina. Na poeira cósmica, sínteses da vida têm as atrações magnéticas profundas; nos corpos simples vemos as chamadas “precipitações” da química; nos reinos mineral e vegetal verificamos o problema das combinações indispensáveis. Nas expressões da vida animal observamos o amor em tudo, em gradações infinitas, da violência à ternura, nas manifestações do irracional. No caminho dos homens é ainda o amor que preside a todas as atividades da existência em família e em sociedade. Reconhecida a sua luz divina em todos os ambientes, observaremos a união dos seres como um ponto sagrado de referência dessa lei única que dirige o Universo. Das expressões de sexualidade, o amor caminha para o supersexualismo, marchando sempre para as sublimadas emoções da espiritualidade pura, pela renúncia e pelo trabalho santificantes, até alcançar o amor divino, atributo dos seres angelicais, que se edificaram para a união com Deus, na execução de seus sagrados desígnios no Universo.” (EMM, *O consolador*, Terceira parte - Religião, Capítulo – 3, Amor, União)

“Sexo. [...] “Na Esfera da Crosta, distinguem-se homens e mulheres segundo sinais orgânicos, específicos. Entre nós, prepondera ainda o jogo das recordações da existência terrena, em trânsito, como nos achamos, para as regiões mais altas; nestas, sabemos,

porém, que feminilidade e masculinidade constituem característicos das almas acentuadamente passivas ou francamente ativas. “Compreendemos, destarte, que na variação de nossas experiências adquirimos, gradativamente, qualidades divinas, como sejam a energia e a ternura, a fortaleza e a humildade, o poder e a delicadeza, a inteligência e o sentimento, a iniciativa e a intuição, a sabedoria e o amor, até lograrmos o supremo equilíbrio em Deus. “Convictos desta realidade universal, não devemos esquecer que nenhuma exteriorização do instinto sexual na Terra, qualquer que seja a sua forma de expressão, será destruída, senão transmutada no estado de sublimação. As manifestações dos próprios irracionais participam do mesmo impulso ascensional. Nos povos primitivos, a eclosão sexual primava pela posse absoluta. “A personalidade integralmente ativa do homem dominava a personalidade totalmente passiva da mulher. “O trabalho paciente dos milênios transformou, todavia, essas relações. A mulher-mãe e o homem-pai deram acesso a novos sopros de renovação do espírito. Com bases nas experiências sexuais, a tribo converteu-se na família, a taba metamorfoseou-se no lar, a defesa armada cedeu ao direito, a floresta selvagem transformou-se na lavoura pacífica, a heterogeneidade dos impulsos nas imensas extensões de território abriu campo à comunhão dos ideais na pátria progressista, a barbárie ergueu-se em civilização, os processos rudes da atração transubstanciaram-se nos anseios artísticos que dignificam o ser, o grito elevou-se ao cântico e, estimulada pela força criadora do sexo, a coletividade humana avança, vagarosamente embora, para o supremo alvo do divino amor. Da espontânea manifestação brutal dos sentidos menos elevados a alma transita para gloriosa iniciação. “Desejo, posse, simpatia, carinho, devotamento, renúncia, sacrifício, constituem aspectos dessa jornada sublimadora. Por vezes, a criatura demora-se anos, séculos, existências diversas de uma estação a outra. Raras individualidades conseguem manter-se no posto da simpatia, com o equilíbrio indispensável. Muito poucas atravessam a província da posse sem duelos cruéis com os monstros do egoísmo e do ciúme, aos quais se entregam desvairadamente. Reduzido número percorre os departamentos do carinho sem se algemarem, por largo trecho, aos gnomos do exclusivismo. E, às vezes, só após milênios de provas cruciantes e purificadoras, consegue a alma alcançar o zênite luminoso do sacrifício para a suprema libertação, no rumo de novos ciclos de unificação com a Divindade. “O êxtase do santo foi, um dia, mero impulso, como o diamante lapidado – gota celeste eleita para refletir a claridade divina – viveu na aluvião, ignorado entre seixos brutos. Claro está que, assim como se submete o diamante ao disco do lapidário, para atingir o pedestal da beleza, assim também o instinto sexual, para coroar-se com as

glórias do êxtase, há que dobrar-se aos imperativos da responsabilidade, às exigências da disciplina, aos ditames da renúncia. “Estas conclusões, contudo, não nos devem induzir a programas de santificação compulsória no mundo carnal. Nenhum homem conseguiria negar a fase da evolução em que se encontra. Não podemos exigir que o hotentote inculto envergue a beca de um catedrático e se ponha, de um dia para outro, a ensinar o Direito Romano. Irrisório seria, pois, reclamar do homem de evolução mediana a conduta do santo. A Natureza, representação da Inesgotável Bondade, é mãe benigna que oferece trabalho e socorro a todos os filhos da Criação. Sua determinação de amparar-nos é sempre tanto mais forte, quanto mais decidido é o nosso propósito de progredir na direção do Bem Supremo. “Não desejamos, portanto, preconizar no mundo normas rigoristas de virtude artificial, nem favorecer qualquer regime de relações inconscientes. Nossa bandeira é, sobretudo, a do entendimento fraternal. Trabalhem para que a luz da compreensão se faça entre os nossos amigos encarnados, a fim de que as angústias afetivas não arrojem tantas vítimas à voragem da morte, intoxicadas de criminosas paixões. [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 11)

“EVOLUÇÃO E SEXO. Aparecimento do sexo.

Dobadas longas faixas de tempo, em que bactérias e células são experimentadas em reprodução agâmica, eis que determinado grupo apresenta no imo da própria constituição qualidades magnéticas positivas e negativas que lhe são desfechadas pelos Orientadores Espirituais encarregados do progresso devido ao Planeta. Pressente-se a evolução animal em vésperas de nascer... **Bactéria diferenciada.** De todas as espécies de bactérias já formadas, uma se destaca nos imensos depósitos de água doce sobre o leito pétreo do algonquiano. É diferenciada de quantas se estiram sobre a Crosta Terrestre. Não tem a característica absolutamente ameboide. Mostra configuração elipsoidal, como se fora microscópico bastonete ou girino, a que não falta leve radícula à feição de cauda. É o leptótrix, que, em miríades de individuações, permanece por milhares de séculos nas rochas antigas, nutrindo-se simplesmente de ferro. Quando se desvencilha da minúscula carapaça ferrosa em que se esconde, é instintivamente obrigado a nadar, até que outra carapaça semelhante o envolva. Os Instrutores Espirituais valem-se da medida para impulsioná-lo à transformação. Perdendo os diminutos envoltórios metálicos e constrangidas a edificar abrigos idênticos que lhes atendam à necessidade de proteção, essas bactérias, que exprimem figura importante de junção no trabalho evolutivo da Natureza, são compelidas ao movimento, em que não apenas se atraem umas às outras, nos prelúdios iniciais da reprodução sexuada, mas em que conhecem, por acidente, a morte em massa, da qual ressurgem nos mesmos

tratos de vida em que se encontram, sob a criteriosa atenção dos Condutores da Terra, para renascermos, após longo tempo de novas experimentações, na forma das algas verdes, inaugurando a comunhão sexual sobre o mundo. **As algas verdes.** Os biólogos dos últimos tempos costumam perguntar sem resposta se as algas verdes, proprietárias de estrutura particular, descendem das primitivas cianofíceas, de tessitura mais simples, nas quais a ficocianina, associada à clorofila, é o pigmento azulado de sua composição fundamental. O hiato existente, de que dá conta Hugo De Vries, ao desenvolver o mutacionismo, foi preenchido pelas atividades dos Servidores da Organogênese Terrestre, que submeteram a família do leptótrix a profundas alterações nos campos do espírito, transmutando-lhe os indivíduos mais completos, que reapareceram metamorfoseados nas algas referidas, a invadirem luxuriantemente as águas, instalando novo ciclo de progresso e renovação... **Concentrações fluídico-magnéticas.** Ao toque dos Operários Divinos, a matéria elementar fora no princípio transubstanciada em massa astronômica de eletrões e prótons, que teceram o largo berço da vida humana em plena Vida Cósmica. E ainda sob a inteligência deles, com a supervisão do Cristo de Deus, semelhantes recursos baseiam a formação dos átomos em elementos, combinam-se os elementos em conjuntos químicos, abrem os conjuntos químicos lugar aos colóides, mesclam-se os colóides em misturas substanciais, oferecendo ao princípio inteligente, oriundo da amplidão celeste, o ninho propício ao desenvolvimento. Eras imensas transcorreram; e esse princípio inteligente, destinado a crescer para a glória da vida, em dois planos distintos de experiência, quando se mostra ativado em constituição mais complexa, recebe desses mesmos Arquitetos da Sabedoria Divina os dons da reprodução mais complexa nos cromossomos, ou concentrações fluídico-magnéticas especiais, a se retratarem, através do tempo, pela reflexão constante, no campo celular, concentrações essas que, por falta de terminologia adequada no dicionário humano, baratearemos, quanto possível, comparando-as aos moldes fabricados para o serviço de fundição na oficina tipográfica. Os cromossomos, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam. E como acontece aos moldes tipográficos, que são formados de linhas para que se lhes expresse o sentido, também eles são constituídos pelos elementos chamados genes, o que lhes dá, tanto quanto ocorre ao alfabeto humano, a característica de imortalidade nas células que se renovam transmitindo às sucessoras as suas particulares disposições, nas mesmas circunstâncias em que, num texto tipográfico, as letras e os moldes podem viver, indefinidamente, no

material destrutível e renovável, por intermédio do qual se conservam e se exprimem na memória das gerações. Com o tempo, diferenciam-se os cromossomos nas províncias da evolução, segundo as espécies, como variam as criações do pensamento impresso, de acordo com os moldes tipográficos nas esferas da cultura. Os elementos germinativos são minuciosamente analisados e testados nas plantas, até que sofram transformações essenciais na química das algas verdes, de cuja compleição caminha no rumo de mais amplos desdobramentos. **Filtros de transformismo.** O princípio inteligente é experimentado de modos múltiplos no laboratório da Natureza, constituindo-se-lhe, pouco a pouco, a organização físico-espiritual e traçando-se-lhe entre a Terra e o Céu a destinação finalista. Com o amparo dos Trabalhadores Divinos, fixa em si mesmo os selos vivos da reprodutividade, que se definem e aperfeiçoam no regaço dos milênios, deixando na retaguarda, como filtros de transformismo, não somente os reinos mineral e vegetal, institutos de recepção e expansão da onda criadora da vida, em seu fluxo incessante, como também certas classes de organismos outros que passariam a coexistir com os elementos em ascensão, qual acontece ainda hoje, quando observamos ao lado da inteligência humana, relativamente aprimorada, plantas e vermes que já existiam no pré-câmbrico inferior. Os tecidos germinais sofrem, por milhares de anos, provas continuadas para que se lhes possa aferir o valor e se lhes apure o adestramento. Formas monstruosas aparecem e desaparecem, desde os anélideos aos animais de grande porte, por séculos e séculos, até que as espécies conseguissem acomodação nos próprios tipos. Entre as que chegam à luz e as que se fundem nas sombras, traçam-se parentescos profundos. Os cromossomos permanecem imorredouros, através dos centros genésicos de todos os seres, encarnados e desencarnados, plasmando alicerces preciosos aos estudos filogenéticos do futuro. **Descendência e seleção.** É justo lembrar, no entanto, que os trabalhos gradativos da descendência e da seleção, que encontrariam em Lamarck e Darwin expositores dos mais valiosos, operavam-se em dois planos. As crisálidas de consciência dos reinos inferiores, mergulhadas em campo vibratório diferente pelo fenômeno da morte, justapunham-se às células renascentes que continuavam a servi-las, colhendo elementos de transmutação para a volta à esfera física, pela reencarnação compulsória, sob a orientação das Inteligências Sublimas que nos sustentam a rotação, circunstância que nos compele a considerar que o transformismo das espécies, como também a constituição de espécies novas, em se ajustando a funções fisiológicas, expansão e herança, baseiam-se no mecanismo e na química do núcleo e do citoplasma, em que as energias fisiopsicossomáticas se reúnem. **Genealogia do Espírito.** Os

naturalistas situados no chão do mundo, desde os sacerdotes egípcios, que estudavam a origem da vida planetária em conchas fósseis, até os mais eminentes biólogos modernos, atreitos à unilateralidade de observação, compreensivelmente não conseguirão suprir as lacunas existentes no quadro da evolução, não obstante Cuvier, com a Anatomia Comparada, tenha traçado forma básica à sistemática da Paleontologia. Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à saciedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução filogenética de todo o reino animal, demonstrando que, além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do Espírito. Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos. Pedro Leopoldo, 2/2/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 6)

“Diferenciação dos sexos. – Como se iniciou a diferenciação dos sexos?” – Os princípios espirituais, nos primórdios da organização planetária, traziam, na constituição que lhes era própria, a condição que poderemos nomear por “teor de força”, expressando qualidades predominantes ativas ou passivas. E entendendo-se que a evolução é sempre sustentada pelas Inteligências Superiores, em movimentação ascendente, desde as primeiras horas da reprodução sexuada começou, sob a direção delas, a formação dos órgãos masculinos e femininos que culminaram morfológicamente nas províncias genésicas do homem e da mulher da atualidade. Não podemos esquecer, porém, que o trabalho evolutivo no aperfeiçoamento fisiológico das criaturas terrestres ainda não foi terminado, prosseguindo, como é natural, no espaço e no tempo. Quanto à perda dos característicos sexuais, estamos informados de que ocorrerá, espontaneamente, quando as almas humanas tiverem assimilado todas as experiências necessárias à própria sublimação, rumando, após milênios de burilamento, para a situação angélica, em que o indivíduo deterá todas as qualidades nobres inerentes à masculinidade e à feminilidade, refletindo em si, nos degraus avançados da perfeição, a glória divina do Criador. É imperioso reconhecer, contudo, que não podemos, ainda, em nossa posição evolutiva,

formular qualquer pensamento concreto acerca da natureza e dos atributos dos Anjos, nem ajuizar quanto ao sistema de relações que cultivam entre si. Pedro Leopoldo, 1/6/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 12)

“SEXO E OBSESSÃO. [...] O sexo é departamento orgânico programado pela vida para a reprodução da espécie. Assexuado, o Espírito renasce numa como noutra polaridade, afim de adquirir experiências e compreensão de deveres, que são pertinentes a ambos os sexos. A intrepidez masculina e a docilidade feminina são capítulos que dão ao Espírito equilíbrio e harmonia. Dessa forma, em uma reencarnação pode o Espírito tomar um corpo masculino e noutra um feminino, ou realizar um vasto programa de renascimento em um sexo para depois começar os processos experimentais em outro, sem qualquer prejuízo emocional para a sua estrutura íntima. Fadado ao progresso, que é ilimitado, o Espírito deve vivenciar cada reencarnação enobrecendo as funções de que se constitui o seu corpo, de modo a desenvolver os valores que lhe dormem em latência. Graças à conduta moral em cada polaridade, mais fácil se lhe torna, quando edificante, escolher o próximo cometimento. No entanto, quando se permite corromper ou desviar-se do rumo das suas funções, gera perturbações emocionais e psíquicas que lhe impõem duros processos de recuperação, de que não se pode furtar com facilidade. A correta aplicação das forças genésicas propicia ao Espírito alegria de viver e entusiasmo no desempenho das tarefas que lhe dizem respeito, constituindo-se emulação para o progresso e a felicidade. Nada obstante, o sexo é um dos capítulos mais complexos de algumas ciências psíquicas, tais a Psicologia, a Psicanálise, a Psiquiatria, em razão das disfunções e dos desconsertos que ocorrem em muitas vidas como resultado das experiências atormentadas próximas ou remotas, que lhes geraram desequilíbrios e desarmonias, hoje refletidos em seu comportamento. Valiosos capítulos da Medicina são dedicados às psicopatologias sexuais, que se apresentam como aberrações morfológicas e psicológicas, levando o indivíduo a estados graves de conduta e de vida. Eminentemente estudiosos da sexologia vêm procurando desmistificar as funções sexuais, que a ignorância medieval vestiu de fantasias e de pecados, gerando perturbações emocionais muito graves nas criaturas humanas. Como decorrência da nobre proposta, a liberação sexual, exagerando as suas licenças morais, vem trazendo transtornos graves e desarmonias profundas em muitos indivíduos que vivem conflituosamente em razão das dificuldades para se adaptarem às exigências comportamentais do momento. É natural que, num momento de transição de valores, campeiem o absurdo e o fantasioso, tentando adquirir

cidadania moral, ao tempo em que empurram os cidadãos na direção do fosso da promiscuidade e do desespero, da fuga pelo tabaco, pelo álcool, pelas drogas aditivas, pela alucinação, pelo suicídio... Torna-se indispensável quão imediata uma nova ética moral, a fim de que os valores nobres granjeados pela sociedade no curso dos milênios, não se percam no chafurdar das paixões e no desprestígio das instituições, como o matrimônio, a família, a castidade, a saúde comportamental, o grupo social... O matrimônio e a monogamia são conquistas valiosas logradas pelo ser humano após torpes experiências de convivência doentia através dos tempos. Tentar reduzi-los a lembranças do passado, é uma aventura macabra cujas consequências são imprevisíveis para a própria sociedade. Viver-se, na Terra, a hora do sexo. O sexo vive na cabeça das pessoas, parecendo haver saído da organização genésica onde se sedia. Naturalmente, o pensamento é força atuante e desencadeadora da função sexual. Reduzir o indivíduo apenas às imposições reais ou estimuladas do sexo em desalinho, conforme vem acontecendo, é transformá-lo em escravo de uma função pervertida pela mente e atormentada pelas fantasias mórbidas. O ser humano são os seus valores éticos, suas aspirações, seus sonhos, suas lutas, suas grandezas e também aprendizagens dolorosas. Graças a todos esses fenômenos do cotidiano, ele cresce e se aprimora, saindo dos limites em que se encarcera para os incomparáveis voos da amplidão. Sitiá-lo no gozo sexual e asfixiá-lo nos vapores da libido perturbada, constitui agressão injustificável às suas conquistas emocionais, psíquicas e intelectuais, que lhe dão sabedoria para discernir e para realizar. Progredindo sempre, o Espírito jamais retrograda no seu processo reencarnatório. Nada obstante, em razão de conduta irregular pode estacionar, aguardando reparação dos erros graves cometidos, quando já não mais se deveria permiti-los. Nesse desenvolvimento intelecto-moral, vincula-se àqueles a quem ama ou de quem se distanciou pelo crime e pela iniquidade, experimentando o apoio dos afetos e a perseguição dos inimigos, que não o perdoam pelas ofensas de que foram vítimas. É nesse campo de lutas que surgem as lamentáveis e dolorosas obsessões de graves consequências. O sexo, malconduzido, em razão do envolvimento emocional e das dilacerações espirituais que produz em outrem, como naquele que o utiliza mal, abre campo para terríveis conúbios obsessivos, ao mesmo tempo em que, praticado de forma vil atrai Espíritos igualmente atormentados e doentes que se vinculam ao indivíduo, levando-o a processos de parasitose terrível e de difícil libertação. Desvios sexuais, aberrações nas práticas do sexo, condutas extravagantes e desarticuladoras das funções estabelecidas pelas Leis da Vida, geram perturbações de longo curso, que não se recompõem

com facilidade, senão ao largo de dolorosas reencarnações expungitivas e purificadoras. Tormentos da libido e da função sexual têm suas matrizes nos comportamentos anteriores que o Espírito se permitiu, quando, em outras reencarnações, abusou da faculdade procriativa, aplicando-a para o prazer exorbitante, ou explorou pessoas que se lhe tornaram vítimas, estimulou abortamentos e se permitiu experiências perversas e anormais, ou derrapou nos excessos com exploração de outras vidas... Todas essas condutas arbitrárias fixaram-se nos tecidos sutis do perispírito, impondo necessidades falsas, que agora os pacientes procuram atender, ampliando o complexo campo de problemas íntimos. O respeito e a consideração pelas funções sexuais constituem a melhor terapia preventiva para a manutenção da saúde moral, assim como o esforço para a recomposição do caráter, quando alguém já se permitiu corromper, ao lado da terapêutica especializada, fazem-se imprescindíveis para a conquista da harmonia. Ninguém se engane quanto aos compromissos do sexo perante a vida e cuide de não enganar a outrem. Cada um responde sempre pelo que inspira e pelo que faz. O sexo não foi elaborado para o prazer vulgar, senão para as emoções superiores na construção das vidas, ou para as sensações compensativas quando amparado pelas dulcidas vibrações do amor, mantendo a afetividade e a alegria de viver. [...] A denominada mudança de comportamento dos anos sessenta, com a liberação sexual, tem muito a ver com a inspiração e chegada desses Espíritos que estão retornando à Terra, afim de desfrutarem da oportunidade de renovação antes da grande depuração que experimentará o planeta, transferindo-se de mundo de provas e de expiações para mundo de regeneração. A chance de que desfrutem é-lhes valiosa, porquanto não sendo aproveitada conforme deverá, cassar-lhes-á outros ensejos, que somente serão recuperados em outras penosas situações em Orbes inferiores... Este é, pois, o grande momento para todos nós, que aspiramos por uma vida melhor e mais ditosa. Reflexionar e agir de maneira correta em relação às funções sexuais é dever de todo ser que pensa e que compreende a finalidade da existência humana. Nesta hora de conturbação moral e de violência, de agressividade, de aberrações sexuais, de descontrole geral e de sofrimentos de todo porte, cumpre-nos, a todos, somar esforços em favor dos princípios da dignidade humana e da honradez, do equilíbrio no comportamento e da educação das gerações novas, único meio de oferecer ao futuro uma sociedade menos conturbada e deslindada dos terribes cipoais da obsessão. À educação moral cabe a tarefa de construir um novo homem e uma nova mulher, que formarão uma nova e saudável sociedade para o porvir. Como doutrina de educação, o

Espiritismo oferece os melhores recursos e métodos para esse cometimento, colocando à disposição de todo e qualquer investigador o seu patrimônio de informações e o seu excelente laboratório mediúnico, para que ali encontrem o conforto e a coragem necessários para o enfrentamento que se apresenta em todos os instantes, no qual, por enquanto, têm predominado o vulgar e o perverso, embora os nobilíssimos exemplos de dignificação e nobreza de incontáveis cidadãos dedicados ao bem e ao dever. [...] Manoel Philomeno de Miranda Salvador, 24 de junho de 2002.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Sexo e obsessão)

“Futuros desafios. [...] O irmão Petitinga, sempre consciente das responsabilidades que lhe diziam respeito e portador de conhecimentos amplos sobre a vida e a morte, o ser e a existência, os problemas e desafios humanos, as leis que regem a vida, numa das enfermarias em que alguns pacientes debatiam-se em confronto visível com os seus inimigos desencarnados, explicitou-nos, sem afetação: - “Somos o nível moral que atingimos. Enquanto preservamos as heranças do primitivismo animal, naquele seu momento valiosas, hoje, porém, prejudiciais, somos escravos de paixões e de sentimentos que mais trabalham pelo corpo do que pelo ser que deles se reveste. O deotropismo que nos arrasta irrefragavelmente na direção da plenitude, lentamente vai nos auxiliando a desbastar as camadas pesadas da animalidade por onde transitamos no rumo da espiritualização que nos aguarda. Trata-se de um processo lento, que exige vigorosa decisão moral e vigilância constante, a fim de não tombarmos nos velhos hábitos que nos retêm na retaguarda... Vejamos este espetáculo trágico de vinganças e ressentimentos, no qual vítimas e algozes que mudam apenas de posição periodicamente rebolcam-se nas voragens da loucura, em face da ignorância em que perseveram, vitimados pelo orgulho ferido, esse doentio filho do egoísmo enfermo. Seria muito mais fácil a adoção do perdão, a todos beneficiando, graças ao qual pode-se compreender que o erro é fenômeno das experiências malsucedidas, merecendo os equivocados oportunidades de refazimento, ao invés do tormento de se lhes devolver na mesma moeda o mal transitório de que alguns se dizem vítimas. Observemos aquele irmão enfermo – e apontou um jovem desfigurado, com o olhar fixo além do mundo das formas – sob a ação nefasta de uma jovem desencarnada, a quem infelicitou mediante a leviandade que lhe é conduta normal, abusando-a sexualmente e depois abandonando-a ao próprio destino. Sem que o esquecesse, deixou-se finar pela amargura e ressentimento, falecendo em deplorável estado emocional. Nem sequer deu-se conta do processo irreversível que a trouxe ao mundo espiritual e, porque a sua mente estivesse ligada àquele que a desrespeitou, foi atraída

automaticamente a ele. Digamos que, possuidor da culpa, uma tomada psíquica se lhe insculpiu e ela de um plugue, decorrente do sofrimento que lhe foi imposto, logo o identificou, passou a transmitir-lhe sentimentos e pensamentos desordenados de revolta e mágoa, que ele foi absorvendo, fazendo um quadro depressivo ao largo do tempo, agora avançando para mais grave transtorno... O remorso, a culpa, a revolta, o desejo de vingança entre ambos se mistura e fixa-se numa ideia única, a ambos mais afligindo e infelicitando... Advindo-lhe a desencarnação, que poderá estar próxima, caso a Misericórdia Divina e os trabalhos nesta Casa não a posterguem, continuarão chafurdando-se nessa infeliz peleja até que a reencarnação os reconduza ao plano físico em lastimável condição, como gêmeos univitelinos que se detestam ou em situação ainda mais penosa... A ignorância de ambos a respeito da vida espiritual é tão vasta, que nem sequer sabem distinguir o que ocorre à sua volta.” [...] Quando saímos da enfermaria e o amigo voltou ao grupo, não pude sopitar a curiosidade, e perguntei-lhe: - Por que especialmente aquele jovem e sua vítima insana? Petitinga fitou-me com os seus olhos transparentes e luminosos, após haver recuperado o seu estado normal, respondendo-me, bondoso: - “Não foi por acaso. Desde que aqui chegamos que essa dupla de corações me chamou a atenção, induzindo-me a conhecer-lhe a história, que não tive dificuldade em ler nos seus arquivos perispirituais. O mais curioso é que poderemos denominar em linguagem terrestre que se trata de um drama de amor. Será, porém, isso, o amor ou o fruto amargo dos impulsos sexuais malconduzidos? A liberação do sexo com os seus prejuízos arrasta multidões constituídas de pessoas de diferentes idades insensatamente a situações lamentáveis e variadas, sendo esta uma das suas mais comuns expressões no além-túmulo. A vítima continua sofrendo como se estivesse no corpo físico, sem entender o mecanismo que a mantém presa ao seu defraudador, nem lhe ocorre pensar na questão, porque a monoideia da vingança toma-lhe todo o campo mental. Foi a sua primeira experiência feminina e última na Terra... Enquanto as criaturas utilizarem-se do sexo como instrumento exclusivo de prazer e de negócio para enriquecimento ilícito, para a fama, para alcançar metas de poder e de luxo, ei-lo transformado em recurso portador de consequências imprevisíveis. Não são poucos aqueles deuses do sexo, símbolos sexuais que aportam além da morte com ulcerações morais de grave porte, em face dos desalinhos cometidos, das traições, dos desastres domésticos propiciados, dos transtornos emocionais produzidos em algumas das suas vítimas, tombando em armadilhas preparadas pelos irmãos desvairados do nosso lado, que os aguardam exultantes. As obsessões no além

tumulo, que têm por causa o sexo desorientado, são terríficas. Os responsáveis, que o utilizam com objetivo de degradação e de autopromoção, tornam-se vítimas de si mesmos, ainda na Terra, sofrendo as inibições defluentes do abuso, os conflitos emocionais que são gerados pela falta de sentimento no seu uso, o asco de si próprios, embora camuflem quanto possível essas estranhas peculiaridades. Infelizes, não se completam, buscando sempre novos parceiros, entregando-se a aberrações na busca de prazer para saciar os desejos desgovernados, a angústia interior... Sublime instrumento de vida, a criatura humana o transforma por desar em veículo de degradação e de morte. Ao silenciar, estava sensibilizado, tomado por grande compaixão pelas vítimas desse anjo algoz dos insensatos. Todos, em uníssono, concordamos com a sua análise oportuna quão convincente. Desse modo, continuamos estudando alguns dos muitos enfermos e, particularmente, aqueles portadores da loucura fisiológica, nos quais a interferência dos espíritos era secundária.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 13)

“**SEXO.** [...] DESDOBRAMENTO - A princípio, considerado instrumento de gozo puro e simples, através do qual ocorria a fecundação sem maiores cuidados, passou, nas Civilizações do pretérito, a campo de paixões exorbitantes, que, de certo modo, foram responsáveis pela queda de grandes Impérios, cujos governantes e povos, alçados à condição máxima de dominadores, permitiram-se resvalar pelas rampas do exagero encarregado de corromper os costumes e hábitos, amolentando caracteres e sentimentos, que culminaram na desagregação das sociedades, que chafurdaram, então, em fundos fossos de sofrimento e anarquia. Perseguido e odiado após a expansão da Igreja Romana, transformou-se em causa de desgraças irreparáveis, que por séculos sucessivos enlutaram e denegriram gerações. Pelas suas implicações na emotividade humana, a ignorância religiosa nele viu adversário soez que deveria ser destruído a qualquer preço, facultando sucessivas ondas de crimes contra a Humanidade, crimes esses que ainda hoje constituem clamorosos abusos de que o homem mesmo se fez vítima inerme. Cultivado, depois, passou pelo período do puritanismo, em que a moral experimentou conceituação aberrante e falsa, dando lugar a nefandos conúbios de resultados funestos. A Sigmund Freud, sem dúvida, o insigne médico vienense, deve-se a liberação do sexo, que vivia envolto em tabus e preconceitos, quando se propôs examiná-lo com vigorosa seriedade, tentando penetrar-lhe as nascentes, através do comportamento histérico e normal dos seus pacientes, tendo em vista a necessidade de elucidar as incógnitas de larga faixa dos neuróticos e psicóticos que lhe enxameavam a clínica, e desfilavam, desfigurados, padecendo

sufrimentos ultrizes nos manicômios públicos. Lutando tenazmente contra a ignorância dos doutos e a estultice dos ignorantes, arrostando as consequências da impiedade e da má-fé da maioria aferrada ao dogmatismo chão e às superstições a que se vinculavam, teve o trabalho grandemente dificultado, vendo-se obrigado ao refúgio no materialismo, transferindo para a libido a responsabilidade por quase todos os problemas em torno da neurose humana. Graças a isso, passou a ver o sexo em tudo, pecando, por ocasião da elaboração das leis da Psicanálise, pelo excesso de tolerância a respeito do comportamento sexual, no que classificou inibições, frustrações, castrações e complexos do homem como sendo seus próprios problemas sexuais... Os cooperadores de Freud alargaram um pouco mais os horizontes da análise, sem, contudo, detectarem no espírito as nascentes das distonias emocionais das variadas psicopatias... Com a Era Tecnológica, ante as novas realidades sociais, graças à “civilização de consumo”, o sexo abandonou o recato, a pudicícia, para ser trazido à praça da banalização com os agravantes do grosseiro desgaste do seu valor real, num decorrente barateamento, incidindo na vida da comunidade ao impacto dos veículos de comunicação com o poder da sua ciclópica penetração, de maneira destruidora, aniquilante... Elevado à condição de fator essencial em tudo, é agora razão de todos os valores, produzindo mais larga faixa de desajustados, enquanto se faz mais vulgar, mais mesquinho, mais brutalizado... Problemas de exigência psiquiátrica, distonias de realidade esquizoide, gritando urgência de terapêutica especializada, defecções morais solicitando disciplina, educação e reeducação constituem manchetes da leviandade, como se fossem esses os reais processos da vida e a reflexão como o equilíbrio passassem a expressões de anomalia carecente de execração... Transsexualismo e homossexualidade expulsos dos porões sórdidos da personalidade humana doentia, deixaram as salas hospitalares e os pátios dos frenocômios para os desfiles das ruas, acolitados por desenfreada sensualidade, através de cujos processos mais aumentam as vagas do desequilíbrio. Incontestavelmente impressos nos painéis do psicossoma os comprometimentos morais em que o ser se emaranhou, estes impõem a necessidade da limitação, como presídio de urgência, no homossexualismo, no hermafroditismo, na frigidez e noutros capítulos da Patologia Médica, nos casos dos atentados ao pudor, traduzindo todos eles o impositivo da Lei Divina que convoca os infratores ao imperioso resgate, de modo a que se reorganizem nesta ou naquela forma, masculina ou feminina, a fim de moralizar-se, corrigir-se e não se corromper, mergulhando em processos obsessivos e alucinatórios muito mais graves, que logo mais padecerão... [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 20)

VII.2. Importância e responsabilidade do sexo segundo a visão espiritual

“184 – Como devemos efetuar nossa autoeducação, esclarecida pela luz do Evangelho, nos problemas das atrações sexuais, cujas tendências egoístas tantas vezes nos levam a atitudes antifraternais?” – Não devemos esquecer que o amor sexual deve ser entendido como o impulso da vida que conduz o homem às grandes realizações do amor divino, através da progressividade de sua espiritualização no devotamento e no sacrifício. Toda vez que experimentardes disposições antifraternais em seu círculo, isso significa que preponderam em vossa organização psíquica as recordações prejudiciais, tendentes ao estacionamento na marcha evolutiva. É aí que urge o esforço da autoeducação, porquanto toda criatura necessita resolver o problema da renovação de seus próprios valores. Haveis de observar que Deus não extermina as paixões dos homens, mas fá-las evoluir, convertendo-as pela dor em sagrados patrimônios da alma, competindo às criaturas dominar o coração, guiar os impulsos, orientar as tendências, na evolução sublime dos seus sentimentos. Examinando-se, ainda, o elevado coeficiente de viciação do amor sexual, que os homens criaram para os seus destinos, somos obrigados a ponderar que, se muitos contraem débitos penosos, entre os excessos da fortuna, da inteligência e do poder, outros o fazem pelo sexo, abusando de um dos mais sagrados pontos de referência de sua vida. É por esse motivo que observamos, muitas vezes, almas numerosas aprendendo, entre as angústias sexuais do mundo, a renúncia e o sacrifício, em marcha para as mais puras aquisições do amor divino. Depreende-se, pois, que ao invés da educação sexual pela satisfação dos instintos, é imprescindível que os homens eduquem sua alma para a compreensão sagrada do sexo.” (EMM, *O consolador*; Segunda parte - Filosofia, Capítulo 2 - Sentimento, Dever)

“Amor, Alimento das Almas. [...] – Não esqueçamos, todavia, a questão dos veículos - acrescentou a senhora Laura -, porque, no fundo, o verme, o animal, o homem e nós dependemos absolutamente do amor. Todos nos movemos nele e sem ele não teríamos existência. – É extraordinário! - aduzi, comovido. – Não se lembra do ensino evangélico do “amai-vos uns aos outros”? - prosseguiu a mãe de Lísias atenciosa - Jesus não preceituou esses princípios objetivando tão somente os casos de caridade, nos quais todos aprenderemos, mais dia menos dia, que a prática do bem constitui simples dever. Aconselhava-nos, igualmente, a nos alimentarmos uns aos outros, no campo da fraternidade e da simpatia. O homem encarnado saberá, mais tarde, que a conversação amiga, o gesto afetuosos, a bondade recíproca, a confiança mútua, a luz da

compreensão, o interesse fraternal - patrimônios que se derivam naturalmente do amor profundo - constituem sólidos alimentos para a vida em si. Reencarnados na Terra, experimentamos grandes limitações; voltando para cá, entretanto, reconhecemos que toda a estabilidade da alegria é problema de alimentação puramente espiritual. Formam-se lares, vilas, cidades e nações em obediência a imperativos tais. Recordei instintivamente as teorias do sexo, largamente divulgadas no mundo; mas, adivinhando-me talvez os pensamentos, a senhora Laura sentenciou: – E ninguém diga que o fenômeno é simplesmente sexual. O sexo é manifestação sagrada desse amor universal e divino, mas é apenas uma expressão isolada do potencial infinito. Entre os casais mais espiritualizados, o carinho e a confiança, a dedicação e o entendimento mútuos permanecem muito acima da união física, reduzida, entre eles, a realização transitória. A permuta magnética é o fator que estabelece ritmo necessário à manifestação da harmonia. Para que se alimente a ventura, basta a presença e, às vezes, apenas a compreensão. Valendo-se da pausa, Judite acrescentou: – Aprendemos em “Nosso Lar” que a vida terrestre se equilibra no amor, sem que a maior parte dos homens se aperceba. Almas gêmeas, almas irmãs, almas afins, constituem pares e grupos numerosos. Unindo-se umas às outras, amparando-se mutuamente, conseguem equilíbrio no plano de redenção. Quando, porém, faltam companheiros, a criatura menos forte costuma sucumbir em meio da jornada. – Como vê, meu amigo - objetou Lísias contente -, ainda aqui é possível relembrar o Evangelho do Cristo. “Nem só de pão vive o homem.” [...]” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 18)

“O caso Tobias impressionara-me profundamente. Aquela casa, alicerçada em princípios novos de união fraterna, preocupava-me como assunto obsedante. Afinal de contas, também ainda me sentia senhor do lar terrestre e avaliava quão difícil para mim próprio seria semelhante situação. Teria coragem de proceder como Tobias, imitando-lhe a conduta? Admitia que não. A meu ver, não seria capaz de aborrecer tanto a minha querida Zélia e jamais aceitaria tal imposição por parte de minha esposa. Aquelas observações da casa de Tobias torturavam-me o cérebro. Não conseguia encontrar esclarecimentos justos que pudessem satisfazer-me. Tão preocupado me senti que, no dia imediato, deliberei visitar Lísias, num momento de folga, ansioso de explicações da senhora Laura, a quem votava confiança filial. Recebido com enormes demonstrações de alegria, esperei o momento propício, em que pudessem ouvir a mãezinha de Lísias com calma e serenidade. Depois de se ausentarem os jovens, a caminho de entretenimentos habituais, expus à generosa amiga o problema que me apoquentava, não sem natural acaunhamento. Ela sorriu, com a grande experiência da

vida, e começou a dizer: – Você fez bem em trazer a questão ao nosso estudo recíproco. Todo problema que torture a alma pede cooperação amiga para ser resolvido. E depois de ligeira pausa, prosseguiu, atenciosa: – O caso Tobias é apenas um dos inumeráveis que conhecemos aqui e noutros núcleos espirituais, que se caracterizam pelo pensamento elevado. – Mas, choca-nos o sentimento, não é verdade? - atalhei com interesse. – Quando nos atemos aos pontos de vista propriamente humanos, essas coisas dão até para escandalizar; entretanto, meu amigo, é necessário, agora, sobrepormos a tudo os princípios de natureza espiritual. Nesse sentido, André, precisamos compreender o espírito de sequência que rege os quadros evolutivos da vida. Se atravessamos longa escala de animalidade, é justo que essa animalidade não desapareça de um dia para outro. Empregamos muitos séculos para emergir das camadas inferiores. O sexo participa do patrimônio de faculdades divinas, que demoramos a compreender. Não será fácil para você, presentemente, a penetração, no sentido elevado, da organização doméstica que visitou ontem; entretanto, a felicidade, ali, é muito grande, pela atmosfera de compreensão que se criou entre as personagens do drama terrestre. Nem todos conseguem substituir cadeias de sombra por laços de luz em tão pouco tempo. – Mas temos nisso uma regra geral? - indaguei. Todo homem e toda mulher, que se tenham casado mais de uma vez, restabelecem aqui o núcleo doméstico, fazendo-se acompanhar de todas as afeições que hajam conhecido? Esboçando um gesto de grande paciência, a interlocutora explicou: – Não seja tão radicalista. É indispensável seguir devagar. Muita gente pode ter afeição e não ter compreensão. Não esqueça que nossas construções vibratórias são muito mais importantes que as da Terra. O caso Tobias é o caso de vitória da fraternidade real, por parte das três almas interessadas na aquisição de justo entendimento. Quem não se adaptar à lei de fraternidade e compreensão, logicamente não atravessará essas fronteiras. As regiões obscuras do Umbral estão cheias de entidades que não resistiram a semelhantes provas. Enquanto odiarem, assemelham-se a agulhas magnéticas sob os mais antagônicos influxos; enquanto não entenderem a verdade, sofrerão o império da mentira e, conseqüentemente, não poderão penetrar as zonas de atividade superior. São incontáveis as criaturas que padecem longos anos, sem qualquer alívio espiritual, simplesmente porque se esquivam à fraternidade legítima. – E que acontece, então? - interoguei, valendo-me da pausa da interlocutora - se não são admitidas aos núcleos espirituais de aprendizado nobre, onde se localizarão as pobres almas em experiências dessa ordem? – Depois de padecimentos verdadeiramente infernais, pelas criações inferiores que inventam para si mesmas - redarguiu a mãe de Lísias

-, vão fazer na experiência carnal o que não conseguiram realizar em ambiente estranho ao corpo terrestre. Concede-lhes a Bondade Divina o esquecimento do passado, na organização física do planeta, e vão receber, nos laços da consanguinidade, aqueles de quem se afastaram deliberadamente pelo veneno do ódio ou da incompreensão. Daí se infere a oportunidade, cada vez mais viva, da recomendação de Jesus, quando nos aconselha imediata reconciliação com os adversários. O alvitre, antes de tudo, interessa a nós mesmos. Devemos observá-lo em proveito próprio. Quem sabe valer-se do tempo, finda a experiência terrena, ainda que precise voltar aos círculos da carne, pode efetuar sublimes construções espirituais, com relação à paz da consciência, regressando à matéria grosseira, suportando menor bagagem de preocupações. Há muitos espíritos que gastam séculos tentando desfazer animosidades e antipatias na existência terrestre e refazendo-as após a desencarnação. O problema do perdão, com Jesus, meu caro André, é problema sério. Não se resolve em conversas. Perdoar verbalmente é questão de palavras; mas aquele que perdoa realmente, precisa mover e remover pesados fardos de outras eras, dentro de si mesmo. A essa altura, a senhora Laura silenciou, como quem precisava meditar na amplitude dos conceitos expendidos. Aproveitando o ensejo, aduziu: – A experiência do casamento é muito sagrada aos meus olhos. A interlocutora não se surpreendeu com a afirmativa e obtemperou: – Aos espíritos ainda em simples experiência animal, nossa conversação não interessa; mas, para nós, que compreendemos a necessidade da iluminação com o Cristo, é imprescindível destacar, não só a experiência do casamento, mas toda experiência de sexo, por afetar profundamente a vida da alma. Ouvindo a observação, não deixei de corar, lembrando o meu passado de homem comum. Minha mulher fora para mim um objeto sagrado, que eu sobrepunha a todas as afeições; no entanto, ao ouvir a mãe de Lísias, ocorria-me à mente as palavras antigas do Velho Testamento: - “não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu jumento, nem o seu boi, nem coisa alguma que lhe pertença”. Num instante, senti-me incapaz de prosseguir, estranhando o caso Tobias. A interlocutora, porém, percebeu minha perturbação íntima e continuou: – Onde o esforço de consertar é tarefa de quase todos, deve haver lugar para muita compreensão e muito respeito à misericórdia divina, que nos oferece tantos caminhos a retificações justas. Toda experiência sexual da criatura que já recebeu alguma luz do espírito é acontecimento de enorme importância para si mesma. É por isso que o entendimento fraterno precede a qualquer trabalho verdadeiramente salvacionista. Ainda há pouco tempo ouvi um grande instrutor no Ministério da Elevação

assegurar que, se pudesse, iria materializar-se nos planos carnis, a fim de dizer aos religiosos, em geral, que toda caridade, para ser divina, precisa apoiar-se na fraternidade. Nessa altura, a dona da casa convidou-me a visitar Eloísa, ainda recolhida ao interior doméstico, dando a entender que não desejava explanar outras minudências sobre o assunto; e, depois de verificar as melhoras crescentes da jovem recém-chegada do planeta, voltei às Câmaras de Retificação, mergulhado em profundas cogitações. Agora não mais me preocupava a situação de Tobias, nem as atitudes de Hilda e Luciana. Impressionava-me, sim, a imponente questão da fraternidade humana.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 39)

“Minha estupefação não tinha limites. É forçoso confessar, porém, que minha surpresa se distendia muito mais, ao fixar os eflúvios brilhantes que emanavam dos centros genitais, semelhando-se, em conjunto, a minúsculo santuário cheio de luz. Como eu dirigisse ao meu instrutor um olhar de indagação, seus esclarecimentos não se fizeram esperar. – Na Crosta – disse-me Alexandre, sorrindo, após reaproximar-se de mim –, em sentido geral ainda existe muita ignorância acerca da missão divina do sexo. Para nós, porém, que desejamos valorizar as experiências, a paternidade e a maternidade terrestres são sagradas. A faculdade criadora é também divindade do homem. O útero maternal significa, para nós outros, a porta bendita para a redenção; para grande número de pessoas na Esfera do Globo, a visão celestial é símbolo de repouso e alegria sem fim, enquanto, para muitos de nós, a visão terrestre significa trabalho edificante e salutar. Não alcançaremos, porém, a terra prometida do serviço redentor, sem o concurso das forças criadoras associadas, do homem e da mulher. Compreendi, com novo espírito, o caráter sublime das energias sexuais e recordei-me, compadecidamente, de todos os encarnados que ainda não conseguiram edificar o respeito e o entendimento, relativos aos sagrados órgãos procriadores. Meu orientador, entretanto, como antena receptora de todas as minhas emissões mentais, advertiu-me, bondoso: – Relegue ao esquecimento qualquer expressão das reminiscências menos construtivas. Os que ultrajam o sexo, escrevendo, agindo ou falando, já são grandes infelizes por si mesmos. Guardei a lição e abençoei a nova experiência que começava.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 12)

“No curso de seus esclarecimentos, alusivos ao interessante caso de Segismundo, o bondoso instrutor ferira assuntos de grande relevância para mim. Mencionara a união sexual e designara o trabalho criador como seu objetivo sagrado. Não seria esse o momento oportuno de ouvi-lo, mais extensamente, respeito ao delicado assunto? Crivei-o de interrogações ansiosas. Alexandre não se mostrou surpreendido e ouviu-me as perguntas, com imperturbável serenidade. Quando me

coloquei na atitude de expectativa, respondeu, amavelmente: – O sexo tem sido tão aviltado pela maioria dos homens reencarnados na Crosta que é muito difícil para nós outros, por enquanto, elucidar o raciocínio humano, com referência ao assunto. Basta dizer que a união sexual entre a maioria dos homens e mulheres terrestres se aproximam demasiadamente das manifestações dessa natureza entre os irracionais. No capítulo de relações dessa espécie, há muita inconsciência criminosa e indiferença sistemática às leis divinas. Desse plano não seria razoável qualquer comentário de nossa parte. Trata-se dum domínio de semibrutos, onde muitas inteligências admiráveis preferem demorar em baixas correntes evolutivas. É inegável que também aí funcionam as tarefas de abnegados construtores espirituais, que colaboram na formação básica dos corpos, destinados a servirem às entidades que reencarnam nesses círculos mais grosseiros. Entretanto, é preciso considerar que o serviço, em semelhante esfera, é levado a efeito em massa, com características de mecanismo primitivo. O amor, nesses planos mais baixos, é tal qual o ouro perdido em vasta quantidade de ganga, exigindo largo esforço e laboriosas experiências para revelar-se aos entendidos. Entre as criaturas, porém, que se encaminham, de fato, aos montes de elevação, a união sexual é muito diferente. Traduz a permuta sublime das energias perispirituais, simbolizando alimento divino para a inteligência e para o coração e força criadora não somente de filhos carnaís, mas também de obras e realizações generosas da alma para a vida eterna. Alexandre fez ligeira pausa, sorriu paternalmente e continuou: – Lembre-se, André, de que me referi a objetivos sagrados da Criação e não exclusivamente ao trabalho procriador. A procriação é um dos serviços que podem ser realizados por aquele que ama, sem ser o objeto exclusivo das uniões. O Espírito que odeia ou que se coloca em posição negativa, diante da Lei de Deus, não pode criar vida superior em parte alguma. Compreendi que o problema era muito difícil de ser explanado, mas, como se quisesse desfazer todas as minhas dúvidas, o dedicado instrutor prosseguiu, após breve interrupção: – É necessário deslocar a concepção do sexo, abstendo-nos de situá-la tão somente em determinados órgãos do corpo transitório das criaturas. Vejamos o sexo como qualidade positiva ou passiva, emissora ou receptora da alma. Chegados a esse entendimento, verificamos que toda manifestação sexual evolui com o ser. Enquanto nos mergulhamos no charco das vibrações pesadas e venenosas, experimentamos, nesse domínio, simplesmente sensações. À medida que nos dirigimos a caminho do equilíbrio, colhemos material de experiências proveitosas, oportunidades de retificação, força, conhecimento, alegria e poder. Em nos harmonizando com as leis supremas, encontramos a iluminação e a revelação,

enquanto os Espíritos Superiores colhem os valores da Divindade. Substituamos as palavras “união sexual” por “união de qualidades” e observaremos que toda a vida universal se baseia nesse divino fenômeno, cuja causa reside no próprio Deus, Pai Criador de todas as coisas e de todos os seres. As palavras de Alexandre abriam-me novos horizontes ao pensamento. As questões obscuras do tema tornavam-se claras ao meu campo mental. Fazendo-me sentir que os intervalos da conversação se destinavam a fornecer-me tempo de meditar, o benevolente orientador continuou, depois de longa pausa: – Essa “união de qualidades”, entre os astros, chama-se magnetismo planetário da atração, entre as almas denomina-se amor, entre os elementos químicos é conhecida por afinidade. Não seria possível, portanto, reduzir semelhante fundamento da vida universal, circunscrevendo-o a meras atividades de certos órgãos do aparelho físico. A paternidade ou a maternidade é tarefa sublime; não representam, porém, os únicos serviços divinos, no setor da Criação infinita. O apóstolo que produz no domínio da Virtude, da Ciência ou da Arte, vale-se dos mesmos princípios de troca, apenas com a diferença de planos, porque, para ele, a permuta de qualidades se verifica em esferas superiores. Há fecundações físicas e fecundações psíquicas. As primeiras exigem as disposições da forma, a fim de atenderem a exigências da vida, em caráter provisório, no campo das experiências necessárias. As segundas, porém, prescindem do cárcere de limitações e efetua-se nos resplandecentes domínios da alma, em processo maravilhoso de eternidade. Quando nos referimos ao amor do Onipotente, quando sentimos sede da Divindade, nossos espíritos não procuram outra coisa senão a troca de qualidades com as esferas sublimes do Universo, sequiosos do Eterno Princípio Fecundante... Alexandre fez longa pausa, como se ele mesmo permanecesse embevecido com semelhantes evocações. Por minha vez, achava-me deslumbrado. Nunca ouvira definições tão profundas, referentemente à posição do sexo na vida universal. – É lamentável – continuou o orientador, gravemente – que a maioria dos nossos irmãos encarnados na Crosta tenha menosprezado as faculdades criativas do sexo, desviando-as para o vórtice de prazeres inferiores. Todos pagarão, porém, ceitil por ceitil, o que devem ao altar santificado, através de cuja porta receberam a graça de trabalhar e aprender na superfície da Terra. Todo ato criador está cheio de sagradas comoções da Divindade e são essas comoções sublimes da participação da alma, nos poderes criadores da Natureza, que os homens conduzem, imprevidentemente, para a zona do abuso e da viciação. Tentam arrastar a luz para as trevas e convertem os atos sexuais, profundamente venerváveis em todas as suas características, numa paixão viciosa tão deplorável como a embriaguez ou a mania

do ópio. Entretanto, André, sem que os olhos mortais lhes observem as angústias retificadoras, todos os infelizes, em semelhantes despenhadeiros, são punidos severamente pela Natureza divina. A essa altura das luminosas elucidações, sentindo que o respeitável amigo entraria em nova pausa, ousei interrogar: – Mas não é o uso do sexo uma lei natural na esfera da Crosta? Alexandre sorriu com benevolência e respondeu: – Ninguém contesta esse caráter das manifestações sexuais nos círculos da carne, mas todas as leis naturais na experiência humana devem ser exercidas, como em toda parte, sobre as bases da lei universal do bem e da ordem. Quem foge ao bem, é defrontado pelo crime; quem foge à ordem, cai no desequilíbrio. As uniões sexuais, portanto, que se efetuam à distância desses sublimes imperativos, transformam-se em causas geradoras de sofrimento e perturbação. Ao demais, não devemos esquecer que o sexo, na existência humana, pode ser um dos instrumentos do amor, sem que o amor seja o sexo. Por isso mesmo, os homens e as mulheres, cuja alma se vai libertando dos cativéis da forma física, escapam, gradativamente, do império absoluto das sensações carnis. Para eles, a união sexual orgânica vai deixando de ser uma imposição, porque aprendem a trocar os valores divinos da alma, entre si, alimentando-se reciprocamente, através de permutas magnéticas, não menos valiosas para os setores da Criação Infinita, gerando realizações espirituais para a eternidade gloriosa, sem qualquer exigência dos atritos celulares. Para esse gênero de criaturas, a união reconfortadora e sublime não se acha circunscrita à emotividade de alguns minutos, mas constitui a integração de alma com alma, através da vida inteira, no campo da Espiritualidade Superior. Diante dos fenômenos da presença física, bastam-lhes, na maioria das vezes, o olhar, a palavra, o simples gesto de carinho e compreensão, para que recebam o magnetismo criador do coração amado, impregnando-se de força e estímulo para as mais difíceis edificações. Imprimiu Alexandre pequeno intervalo à palestra e, em seguida, abanando a cabeça, significativamente, observou: – Não há criação sem fecundação. As formas físicas descendem das uniões físicas. As construções espirituais procedem das uniões espirituais. A obra do Universo é filha de Deus. O sexo, portanto, como qualidade positiva ou passiva dos princípios e dos seres, é manifestação cósmica em todos os círculos evolutivos, até que venhamos a atingir o campo da Harmonia Perfeita, onde essas qualidades se equilibram no seio da Divindade.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“Compreendi a elevação do esclarecimento e pacifiquei a mente, esperando o dia seguinte. Escoadas, porém, as horas do dia, a curiosidade voltou a espicaçar-me. Em que momento deveríamos buscar a moradia de Adelino? Sem qualquer intenção menos

digna, preocupava-me o instante da primeira ligação de Segismundo à matéria. Agiria Alexandre no momento da união sexual ou o fenômeno obedeceria a diferentes determinações? Meu orientador sorria em silêncio, compreendendo-me a tortura mental. As horas sucediam-se umas às outras e, observando-me a impaciência, Alexandre esclareceu-me, bondoso: – Não é necessária a nossa presença ao ato de união celular. Semelhantes momentos do tálamo conjugal são sublimes e invioláveis nos lares em bases retas. Você sabe que a fecundação do óvulo materno somente se verifica algumas horas depois da união genesíaca. O elemento masculino deve fazer extensa viagem, antes de atingir o seu objetivo. E, sorrindo, acrescentou: – Temos tempo. Compreendi a delicadeza dos esclarecimentos e, sequioso de informações referentes ao assunto, interroguei: – Com relação às uniões sexuais, de acordo com o seu parecer, todas elas são invioláveis? – Isto não – aduziu o instrutor, atencioso –, você não deve esquecer que aludi aos “lares em bases retas”. Todos os encarnados que edificam o ninho conjugal, sobre a retidão, conquistam a presença de testemunhas respeitadas, que lhes garantem a privacidade dos atos mais íntimos, consolidando-lhes as fronteiras vibratórias e defendendo-as contra as forças menos dignas, tomando, por base de seus trabalhos, os pensamentos elevados que encontram no ambiente doméstico dos amigos; não ocorre o mesmo, entretanto, nas moradias, cujos proprietários escolhem baixas testemunhas espirituais, buscando-as em zonas inferiores. A esposa infiel aos princípios nobres da vida em comum e o esposo que põe sua casa em ligação com o meretrício não devem esperar que seus atos afetivos permaneçam coroados de veneração e santidade. Suas relações mais íntimas são objeto de participação das desvairadas testemunhas que escolheram. Tornam-se vítimas inconscientes de grupos perversos, que lhes partilham as emoções de natureza fisiológica, induzindo-as a mais dolorosa viciação. Ainda que esses cônjuges infelizes estejam temporariamente catalogados no pináculo das posições sociais humanas, não poderão trair a miserável condição interior, sequiosos que vivem de prazeres criminosos, dominados de estranha e incoercível volúpia. A resposta impressionante de Alexandre surpreendeu-me. Compreendi com mais intensidade que cada um de nós permanece com a própria escolha de situação, em todos os lugares. Todavia, nova questão surgia-me no cérebro e procurei movimentá-la, para melhor aclarar o raciocínio. – Entendo a magnitude de suas elucidações – afirmei, respeitoso. – Entretanto, considerando o perigo de certas atitudes inferiores dos que assumem o compromisso da fundação de um lar, que condição, por exemplo, é a da esposa fiel e devotada, ante um marido desleal e aventureiro, no campo sexual? Permanecerá a mulher

nobre e santa à mercê das criminosas testemunhas que o homem escolheu? – Não! – disse ele, veemente – o mau não pode perturbar o que é genuinamente bom. Em casos dessa espécie, a esposa garantirá o ambiente doméstico, embora isto lhe custe as mais difíceis abnegações e pesados sacrifícios. Os atos que lhe exijam a presença enobrecedora são sagrados, ainda que o companheiro, na vida comum, se tenha colocado em nível inferior aos brutos. Em situações como essa, no entanto, o marido imprevidente torna-se paulatinamente cego à virtude e converte-se, por vezes, no escravo integral das entidades perversas que tomou por testemunhas habituais, presentes em todos os seus caminhos e atividades fora do santuário da família. Chegado a esse ponto, é muito difícil impedir-lhe a queda nos desfiladeiros fatais do crime e das trevas. – Oh! Meu Deus! – exclamei – quanto trabalho esperando o concurso das almas corajosas, quanta ignorância a ser vencida!... – Você diz bem – acrescentou o orientador, gravemente –, porque, de fato, a maioria das tragédias conjugais se transfere para além-túmulo, criando pavorosos infernos para aqueles que as viveram na Crosta do Mundo. É muito doloroso observar a extensão dos crimes perpetrados na existência carnal e aí dos desprevenidos que não se esforçam, a tempo, no sentido de combater as paixões baixas! Angustioso lhes é aqui o despertar!...” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 13)

“Rumei, junto de Neves, para o instituto de renovação que Félix dirigia na esfera espiritual. A caminho, reconfortava-me ouvindo o companheiro asserenado, contente. Acompanhava o restabelecimento de Dona Beatriz, nutrindo júbilos novos. Luzia-lhe o olhar povoado de sonhos. E contava-me as surpresas da filha recém-chegada ao plano superior. Afeições de outros tempos, familiares queridos chegavam de longe para felicitá-la. Beatriz concluía nobre tarefa – dentre as muitas empresas admiráveis cuja extensão é avaliável apenas na pátria dos Espíritos –, a tarefa da renovação íntima, obtida à custa de sacrifícios ignorados. As lágrimas vertidas no silêncio e as dores anônimas lhe haviam granjeado paz e luz. Mulher desconhecida no mundo, aparentemente escrava de um marido e de um filho que não a valorizavam, atingira realizações sublimes em si própria, entesourando no íntimo riquezas inalienáveis para a imortalidade. Decerto não retornara alçada à glória angélica, mas, tanto quanto era possível, na condição em que renascera, voltara triunfante. Regozijava-me igualmente com as impressões que ouvia e, de propósito, fiz quanto pude para não ser inquirido acerca dos Torres que, a meu ver, ainda estavam por aproveitar os merecimentos da missionária de abnegação que os servira. Receava embaciar o espelho de otimismo em que as esperanças do amigo se retratavam. Neves, talvez pelas mesmas razões, nada me perguntou, em torno do genro e do neto que, sem

a guardiã maternal, se viam agora entregues a si mesmos. Fomos defrontados pelo instituto que demandávamos, O “Almas Irmãs”, assim chamado pelos fundadores que o levantaram em socorro dos irmãos necessitados de reeducação sexual, após a desencarnação, exibia plano extenso de construções. Conjunto de linhas harmoniosas e simples, ocupando quatro quilômetros quadrados de edifícios e arruamentos, parques e jardins. Autêntica cidade por si. Inalava-se tranquilidade, alegria. Das aleias em verde repousante, flores tangidas pelo vento figuravam-se acenos de boas-vindas. Rostos sorridentes nos saudavam, de permissão com os semblantes circunspetos que nos lançavam olhares de simpatia. Todas as idades aí se expressavam nos companheiros de ambos os sexos, com os quais renteávamos, satisfeitos. Bloco de casario sugeriu universidades reunidas. Mas, longe de encontrar representantes da psicopatia ligada às perturbações sexuais, eram criaturas de aparência hígida as que nos acolhiam, afetuosas. Neves, que ali aportara dias antes, interpelado por minha curiosidade, esclareceu que a agremiação possuía vasta dependência reservada a enfermos; entretanto, que eu modificasse qualquer conceituação prévia, com respeito à obra ali desenvolvida, porquanto os verdadeiros alienados em consequência de alucinações emotivas, trazidas da Terra, permaneciam reclusos em manicômios, sob tratamento indicado, sempre que apartados das falanges dementadas nas regiões tenebrosas. Acrescentou que muitos daqueles que nos cumprimentavam, tranquilos, remanesciam de tragédias passionais, intensamente vividas no mundo; todavia, revelavam-se agora pacificados e lúcidos, quais as próprias personalidades humanas, depois de reprimir as crises de insânia, quando se rendem ao desequilíbrio mental. As elucidações, no entanto, se interromperam de brusco, porque atingíramos o ponto em que nos cabia tomar contato com Félix, antecipadamente avisado quanto à nossa presença. O instrutor, contudo, prevenia-nos da impossibilidade de abraçar-nos, de pronto. Aguardar-nos-ia, mais tarde, na própria residência. Enternecia-nos, entretanto, com grata surpresa. Belino Andrade, amigo que eu não via há precisamente dez anos, e com quem convivera, intimamente, em atividades outras, ali se achava a fim de iniciar-nos no conhecimento da casa. Abraçou-nos, fraternal, e, como que retomando os esclarecimentos que Neves empreendera, começou dizendo que pisávamos num hospital-escola de suma importância para os candidatos à reencarnação. Os internados ou estudantes vinham, em maioria, de estâncias purgatorias, após alijarem as consequências mais imediatas dos vícios e paixões aviltantes, por eles acalentados no plano físico. Rigosamente examinados, atendiam a critério de seleção, nas paragens de angústia expiatória em que se

demoravam, e somente depois de julgados dignos entravam naquele pouso de refazimento para estações mais ou menos longas de estudo e meditação, pesquisando as causas e observando os efeitos das quedas de natureza afetiva em que se haviam precipitado... Enquanto nos detínhamos em caminhada agradável, Belino prosseguia informando que todos eles, depois de suficientemente instruídos, são recambiados ao domicílio terrestre, onde reencarnam nos ambientes em que faliram e, tanto quanto possível, nas equipes consanguíneas que lhes impuseram prejuízos ou que lhes sofreram os danos. No “Almas Irmãs” obtinham a láurea do conhecimento, na Terra volviam a aplicá-lo, através das dificuldades e tentações da faina material, que nos comprovam a assimilação das virtudes adquiridas. Apresentando-nos praças graciosas ou apreciando aspectos da paisagem, Belino comparou as finalidades do educandário aos centros de cultura superior, existentes no mundo, que conferem títulos acadêmicos para o exercício de funções determinadas, dentro da especialização profissional, e confrontou a arena terrestre com a esfera da prática, em que os alunos diplomados são impelidos às experiências e aos encargos que lhes fixam o mérito ou o demérito. Ali, a mente se rearticulava, aprendia, refazia, restaurava, mas, de modo geral, sempre no objetivo de retornar ao mundo, a fim de incorporar em si mesma o valor das lições recebidas. Acrescentou que a não serem as reencarnações compulsórias, por motivos prementes, o problema do regresso requeria considerações específicas e preparações adequadas, razão pela qual muitos companheiros do “Almas Irmãs” se corporificavam na Terra com programas domésticos preestabelecidos, de maneira a hospedarem com os seus próprios recursos genésicos os colegas afins. Dali, do estabelecimento, esses colegas, que se lhes indicavam na posição de filhos para o futuro, os resguardavam e defendiam, até a ocasião em que lhes fosse possível mergulhar no berço terreno, constituindo-se, dessa forma, famílias inteiras, em edificações e provas redentoras, que, no fundo, representavam, espiritualmente, o trabalho do instituto, entre os homens, qual ocorre a múltiplas organizações congêneres e a numerosas associações outras, consagradas à regeneração e ao progresso da alma, nas esferas de ação espiritual que circundam a Terra. Aquele hospital-escola qualificava-se, dessa maneira, na condição de posto avançado da espiritualidade construtiva, sustentando permanente contato com a vida humana. Cada individualidade reencarnada com vínculos no “Almas Irmãs”, ali se encontra convenientemente fichada, com todo o histórico do que está realizando na reencarnação obtida, no qual se lhes vê o balanço dos créditos conquistados e dos débitos contraídos, balanço esse que é examinável a qualquer momento, para efeito de auxílio maior ou menor aos

interessados, segundo a lealdade que demonstrem na desincumbência das obrigações que se empenharam e conforme o esforço espontâneo que revelem na construção do bem geral. Indaguei de Belino se conhecia a média geral de aproveitamento na comunidade e ele informou que sim, acentuando que, em oitenta e dois anos de existência, o “Almas Irmãs”, que detinha habitualmente uma população oscilante de cinco a seis mil pessoas, apontava, no coeficiente de cada cem estudantes, dezoito vitoriosos nos compromissos da reencarnação, vinte e dois melhorados, vinte e seis muito imperfeitamente melhorados e trinta e quatro onerados por dívidas lamentáveis e dolorosas. À minha nova inquirição sobre se os fracassados eram readmitidos, informou que ninguém na Terra consegue avaliar a expectativa, a ternura, o esforço e o sacrifício com que os amigos desencarnados torcem pelo triunfo ou pelo aprimoramento parcial dos afeiçoados, em serviço no mundo, e nem imaginar a desolação que lhes sacode o ânimo, quando não logram abraçá-los de volta, mesmo ligeiramente renovados para o suspirado convívio. Noticiou que os companheiros em malogro positivo, após a desencarnação, passam, automaticamente, às zonas inferiores, onde, por vezes, ainda se demoram, por muito tempo, em desequilíbrio ou devassidão, conquanto nunca percam o devotamento dos amigos ali domiciliados, que intercedem por eles, junto a colônias dedicadas a outros tipos de assistência. Sabia, porém, de casos pertinentes a vários rematriculados depois dessas refregas. Em compensação, exaltou os prêmios atribuídos aos vencedores. Os aprendizes que se laureiam, através do aproveitamento substancial dos recursos fornecidos pela organização, aí se honram com admiráveis oportunidades de trabalho, em estâncias superiores, conforme os desejos que expressem. Atingíramos, entretanto, comprido agregado de edifícios, nos quais Andrade informou estarem localizadas diversas atividades de instrução. Iniciamos vistoria afetiva. Os salões de aula comoviam pelas revelações, e os professores pela simpatia. O sexo, por tema central, merecendo o maior apreço. Os alunos contemplavam gravuras e croquis que configuravam implementos do sexo, com o interesse carinhoso de quem se entenece ante o colo maternal e com a atenção de quem agradece concessões divinas. Todos nos acolhiam denotando cordialidade, sem que a nossa passagem lhes alterasse a aplicação; contudo, é de salientar a emoção que me empolgava ao observar o crescendo de veneração com que o sexo era homenageado nas diversas faculdades de ensino, pesquisado e enobrecido em cadeiras diferentes. Matérias professadas em regime de especialização. Cada qual atendida em construção apropositada. Sexo e amor. Sexo e matrimônio. Sexo e maternidade. Sexo e estímulo. Sexo e equilíbrio. Sexo e medicina. Sexo e evolução. Sexo e penologia.

E outras discriminações. Disse Andrade que todas as disciplinas são frequentadas por grande cópia de alunos e, tentando saber em quais delas se inscrevia o número mais extenso, viera a saber que os assuntos de “sexo e maternidade”, e “sexo e penologia” retinham proeminência franca. O primeiro reúne centenas de criaturas que se endereçam aos ajustes de lar, na Terra, e o segundo enfeixa enorme quantidade de Espíritos conscientes que examinam a melhor maneira de infligirem a si próprios determinadas inibições, para se corrigirem de hábitos deprimentes no curso da reencarnação a que se dirigem. Muitos chegam a deixar escritas nos arquivos da casa as sentenças que lavram contra si mesmos, antes de se envolverem nas provações que consideram necessárias ao aperfeiçoamento e felicidade que demandam. Tornavam-se as elucidações de Belino cada vez mais interessantes e refletia, de minha parte, na extensão das obras da cidade espiritual em que me achava, há quinze anos, longe de conhecer-lhe todos os monumentos de benemerência e cultura, quando alcançamos a residência do diretor. Félix, em companhia do Irmão Régis, que nos apresentou por substituto eventual dele, acolheu-nos amavelmente. Admirei-me. Não parecia o amigo que se apequenava no Rio para compartilhar-nos o trabalho. Reverenciado e querido, era ali distinguido dignitário do conhecimento superior, a quem a administração de “Nosso Lar” delegara responsabilidades vultosas. Dirigente e comandante, pai e irmão. O ambiente no gabinete em que nos alojara, afetuoso, ressumava simplicidade sem negligência, conforto sem luxo. Por trás da poltrona singela de que se servia, salientava-se tela de proporções avantajadas, na qual a mão de pintor exímio gravara o retrato de nobre matrona em prece nas regiões inferiores. A venerável mulher elevava os braços para o céu plúmbeo, que filtrava revêrberos de luz qual se lhe respondesse às rogativas e, em torno dela, magotes de Espíritos conturbados a se rojarem no solo, taciturnos, entre consolados e estarecidos. Registrando-nos o assombro, Félix explicou que conservava naquela obra de arte a lembrança de magnânima servidora do Cristo, desconhecida entre os homens, consagrada no mundo espiritual ao socorro de corações mergulhados nas trevas. Visitava as furnas de expiações pungentes, às vezes sozinha, e, de outras, acompanhada por equipes de colaboradores, amparando, reconfortando... Adotava criminosos desencarnados por filhos da alma, infundia-lhes o ideal da regeneração, levantando-os e instruindo-os. De quando em quando, ele, Félix, ia vê-la no asilo maternal que, ainda hoje, a abnegada educadora sustenta nas regiões sombrias por almenara de amor. Prosseguiu relatando que nesse abrigo permanecem, frequentemente, mais de mil hóspedes, sempre substituídos, de vez que a benfeitora efetua o encaminhamento constante dos recolhidos a escolas

beneméritas, com vistas à reencarnação na Terra ou a estágios de retificação em outras paragens. E informou dever a ela, que nomeava por Irmã Damiana, o primeiro contato com a verdade, oitenta anos antes. Guardava aquele quadro, confeccionado a pedido dele próprio, para não se esquecer, nas horas de supremas decisões, nas responsabilidades e encargos de que fora investido, da lama em que um dia se afundara e de que se vira arrebatado por aquela missionária engrandecida no Espaço, a serviço dos infelizes. Neves, porém, imprimiu novo rumo à palestra, colocando em relevo a satisfação de que nos sentíamos possuídos com a revista proveitosa nos órgãos de ensino, que acabávamos de realizar, e os apontamentos se voltaram para as questões do sexo, que, no “Almas Irmãs”, assumiam aspectos inusitados. O Irmão Régis explicou que também se surpreendera, a princípio, com o respeito profundo ali dedicado aos estudos do sexo, em vista da desconsideração com que autoridades políticas, religiosas e sociais terrestres habitualmente o menoscabam, ressalvadas as exceções. E sublinhou, com humor, que nós, os homens, somos contraditórios quando reencarnados, porquanto estamos sempre ávidos de consertar uma tomada em desajuste e queremos sonegar a Deus o direito de socorrer e reabilitar os seus filhos em desequilíbrio emotivo. [...]” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 9)

[...] O anfitrião, explanando as ideias que nós, os presentes, aventávamos, historiou, em síntese, que na Espiritualidade Superior o sexo não é considerado unicamente por baliza morfológica do corpo de carne, distinguindo macho e fêmea, definição unilateral que, na Terra, ainda se faz seguir de atitudes e exigências tirânicas, herdadas do comportamento animal. Entre os Espíritos desencarnados, a partir daqueles de evolução mediana, o sexo é categorizado por atributo divino na individualidade humana, qual ocorre com a inteligência, com o sentimento, com o raciocínio e com faculdades outras, até agora menos aplicadas nas técnicas da experiência humana. Quanto mais se eleva a criatura, mais se capacita de que o uso do sexo demanda discernimento pelas responsabilidades que acarreta. Qualquer ligação sexual, instalada no campo emotivo, engendra sistemas de compensação vibratória, e o parceiro que lesa o outro, até o ponto em que suscitou os desastres morais consequentes, passa a responder por dívida justa. Todo desmando sexual danificando consciências reclama corrigenda, tanto quanto qualquer abuso do raciocínio. Homem que abandone a companhia sem razão ou mulher que assim proceda, gerando desregramentos passionais na vítima, cria certo ônus cármico no próprio caminho, pois ninguém causa prejuízo a outrem sem embarçar a si mesmo. Vaticinou que a Terra, a pouco e pouco, renovará princípios e conceitos, diretriz e legislação,

em matéria de sexo, sob a inspiração da Ciência, que situará o problema das relações sexuais no lugar que lhe é próprio. Empenhou-se a repetir que na Crosta Planetária os temas sexuais são levados em conta, na base dos sinais físicos que diferenciam o homem da mulher e vice-versa; no entanto, ponderou que isso não define a realidade integral, porquanto, regendo esses marcos, permanece um Espírito imortal, com idade às vezes multimilenária, encerrando consigo a soma de experiências complexas, o que obriga a própria Ciência terrena a proclamar, presentemente, que masculinidade e feminilidade totais são inexistentes na personalidade humana, do ponto de vista psicológico. Homens e mulheres, em espírito, apresentam certa percentagem mais ou menos elevada de características viris e feminis em cada indivíduo, o que não assegura possibilidades de comportamento íntimo normal para todos, segundo a conceituação de normalidade que a maioria dos homens estabeleceu para o meio social.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 9)

“[...] – Não se aflija. Somos Espíritos endividados, perante as Leis Divinas, e estamos situados na faixa de expressiva transição, a transição do amor narcisista para o amor desinteressado. Temos teorias de santificação para o sentimento, mas, na essência, somos, na prática, simples iniciantes. Na esfera dos pensamentos nobres, assimilamos o influxo dos Planos Gloriosos; todavia, no campo dos impulsos inferiores, carregamos ainda o imenso fardo de desejos deprimentes, que se constituem de vigorosos apelos à retaguarda. Impressionado, Fantini apartou: – Quer dizer que o homem terrestre... – É um ser de inteligência refinada pelos poderes que adquiriu na caminhada evolutiva em que se empenha, desde muitos séculos, mas ainda oscilante, de modo geral, entre animalidade e humanização, conquanto os casos particulares de criaturas que já se encaminham da humanidade para a angelitude. A maioria de nós outros, os Espíritos capitulados na escola da Terra, nos achamos em trânsito da poligamia para a monogamia, com referência à devoção sexual. Decorre daí o impositivo de vigilância sobre nós mesmos, sabendo-se que o sexo é faculdade criativa, nos domínios do corpo e da alma. Denotando, porém, o propósito de não se afastar do problema específico de Evelina: – Compreensível, minha irmã, que você houvesse registrado o fenômeno da atração de que dá notícia e muitíssimo justa a continência a que se determinou, exortando o raciocínio claro e responsável a frenar o coração imaturo. Ninguém atingirá o porto da dignidade espontânea, sem viajar, por longo tempo, nas correntes da vida, aprendendo a manejar o leme da disciplina. Embora isso, porém, saibamos debitar a nós próprios os erros que perpetramos, no tocante aos valores afetivos, a fim de saná-los ou resgatá-los em momento oportuno.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 15)

“DESTINO E SEXO. Enquanto a Orientadora se aureolava de tênue claridade, que nos parecia resultado de uma forte concentração, buscando as causas anteriores do problema que lhe fora exposto, pusemo-nos a conjecturar a respeito da questão que se estampava conflitante, na atualidade, em milhões de criaturas, conforme a segura informação do Dr. Bezerra. Este psicólogo do amor, que se acostumara a atender os necessitados dessa área, que lhe buscavam constante ajuda, percebendo-me o interesse de penetrar reflexões no assunto em pauta, acerçou-se mais e elucidou: — “O sexo, em si mesmo, é instrumento excretor, a serviço da vida. Programado pela Divindade para servir de veículo à “perpetuação da espécie” nos seres pelos quais se expressa, tem sido gerador de incontáveis males, através dos tempos, em face do uso que o homem, em especial, lhe tem dado. “Quando respeitado nos seus objetivos pelas criaturas e atendido pelo instinto entre os animais, atinge as finalidades a que se destina, sem outras consequências, qual ocorre também com as plantas...” “No atual estágio evolutivo do planeta terrestre, o ato sexual faz-se acompanhar de sensações e emoções, de modo que propiciem prazer, facultando o interesse entre os seres, e assim preenchendo a destinação a que se encontra vinculado. Não obstante, o vício e o abuso sempre lhe seguem em pós, como decorrência da mente que se perverte e o explora, dando origem a capítulos lamentáveis de dor e sombra, que passam a assinalar a conduta daqueles que o perturbam.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 6)

“**Sexo e responsabilidade.** [...] Depois das palavras convencionais, o médium, fortemente inspirado, iniciou o tema, esclarecendo: — O sexo é departamento divino para a preservação da vida na Terra. Ínsito em todas as criaturas, o mecanismo da reprodução é comandado pela Mente suprema, que gera automatismos iniciais até o momento da conquista da razão, na humanidade, quando o discernimento estabelece a ética do comportamento saudável para a dignificação dos seres, arrancando-os dos impulsos meramente instintivos para as eleições do amor, em ascese transcendente. “Em face das finalidades elevadas a que se destina, quais a encarnação e as reencarnações, a permuta de hormônios físicos e psíquicos, a união dos sentimentos e a fixação dos afetos, quaisquer desrespeitos às suas finalidades superiores tornam-se fatores de desequilíbrios, de desajustes, de perturbações, gerando ódios inomináveis, rudes embates, sofrimentos dolorosos, sequelas espirituais demoradas...” “No sexo encontram-se as matrizes de muitos fenômenos que se transferem de uma para outra existência, atando ou libertando os Espíritos conforme a pauta da utilização que se lhe faculta. “Dessa forma, quanto mais lúcido o ser, mais responsável se torna pela função, conduta

e exercício sexual. “Infelizmente, em razão do prazer que proporciona, em todas as épocas e hoje, particularmente, o sexo tem sido instrumento de viciações ignóbeis, de explorações sórdidas, de crimes inimagináveis, tornando-se veículo de promoção social, comercial, artística e cultural, com graves e imprevisíveis consequências. “Combatido tenazmente pelos preconceitos religiosos durante mais de mil anos, liberou-se enfim sob o estandarte das conquistas humanas, porém envelhecendo-se, corrompendo-se, exaurindo vidas e se transformando em fator essencial a que quase todos aspiram. “Conduzido corretamente e dignificado pelo amor, torna-se fonte de alegria, gerando felicidade, harmonizando e produzindo beleza ao lado das criações que proporciona.” Fez uma pausa na bela e oportuna análise, ante o auditório absorvido pelas suas colocações. D. Augusta, porém, não sopitava o mal-estar que experimentava. Desejou abandonar o recinto, porém o amigo Fernando, vigilante, aplicou-lhe energias calmantes, confortando-a com vibrações de reequilíbrio. Vimos sair, praguejando, um dos emissários do Soberano das Trevas, que tinha por tarefa produzir o escândalo, envolvendo-a com o médium dedicado. Logo depois, Francisco, mediunizado pelo Dr. Carneiro, embora semilúcido, prosseguiu: — A verdadeira castidade e nobre conduta sexual não se restringem ao não uso do aparelho genésico, mas sim à atitude mental e ao comportamento emocional. A simples abstenção física, acompanhada de tormento interior, é somente uma fuga da realidade, uma transferência no tempo. “Faz-se indispensável considerar e compreender que o sexo é departamento do corpo — como o estômago ou outro órgão qualquer — uma sua função. A conscientização deve caracterizar-se pela disciplina mental, verbal, superando-se as fantasias eróticas muito do agrado das mentes viciosas. Habitando-se o indivíduo aos pensamentos equilibrados, os apelos orgânicos são facilmente bem dirigidos e tranquilizados. “O importante não é o exercício da sua função, o ato em si mesmo, porquanto os ases do prazer normalmente se encontram cansados do seu uso, nunca, porém, satisfeitos. “Toda função se expressa por meio do respectivo órgão, como é evidente. Desse modo, não apenas mediante o exercício funcional nos relacionamentos orgânicos, indispensáveis à procriação, mas também na canalização das forças genésicas para os ideais do bem, do belo e do nobre a função sexual se expressa e enriquece o ser, harmonizando-o e facultando-lhe amplas possibilidades nas áreas psíquicas, emocionais e físicas. “O seu barateamento por meio da vulgaridade constitui grave empecilho ao equilíbrio do ser humano, que arde em falsas necessidades e variações, distante do respeito por si mesmo e pelo seu parceiro. “Foi por essa razão que os Espíritos nobres, respondendo à pergunta de Allan Kardec, em

torno do efeito que teria sobre a sociedade humana a abolição do casamento, foram concisos, esclarecendo que isto seria uma regressão à vida dos animais, com o agravamento do uso da razão perturbada e insaciável.” (*O livro dos espíritos*, nº 696) Novamente Francisco silenciou, propiciando aos ouvintes melhor e mais ampla assimilação dos conceitos emitidos, para depois continuar: — Nessa, como em outras áreas, e particularmente nela, em razão dos seus hormônios poderosos e suas vibrações no campo da emoção, merece ser considerado o intercâmbio com os Espíritos, respectivamente aqueles que se encontram aprisionados nas faixas grotescas da animalidade, das paixões vis. “Atraídos pelas mentes encarnadas, fixam-se-lhes, produzindo fenômenos obsessivos de longo curso e vampirizando suas presas atormentadas. Vezes outras, necessitados de prosseguir nas manifestações tormentosas, inspiram os inadvertidos e passam a utilizar-se deles, voltando a fruir o prazer voluptuoso, enquanto o ser orgânico se sente frustrado, insatisfeito, qual ocorre também no alcoolismo, no tabagismo, na toxicomania etc. A morte não liberta aqueles que se fizeram escravos, por livre opção, das paixões degenerativas. “Em qualquer circunstância, e especialmente na análise desse fenômeno, como na ação sexual, consulte-se o amor, e ele dirá que se não deve fazer ao próximo o que não se gostaria que aquele lhe fizesse. “E quando for necessário dirimir qualquer dificuldade, deve-se recorrer à oração, que é tônico de vida e fio invisível de luz que liga o indivíduo aos dínamos geradores de força vital e de paz.” Entreteceu outras considerações finais e silenciou diante do auditório comovido. Muitos dos presentes permaneciam reflexionando a respeito do profundo e delicado tema, enquanto a reunião avançava para o término. O diretor dos trabalhos preparava-lhes o encerramento, quando observei os especialistas em passes e socorros, que já vinham auxiliando os encarnados e os Espíritos, unirem-se no centro da sala, formando pequeno círculo, uns de costas para os outros, e distenderem as mãos que derramavam energias luminosas sobre os presentes, enquanto era proferida a prece final. A psicose era elevada caracterizava-se pela paz e alegria, rica de bênçãos de saúde e de esperança.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Sexo e responsabilidade)

“**Sexo e obsessão.** O lúcido amigo concentrou-se, e lentamente começou a irradiar claridade argêntea que o envolvia em tonalidades variadas, produzindo-nos incomum emoção. Após a breve interiorização, começou a falar com inesquecível tonalidade de voz, em que resumavam os seus sentimentos de amor e de paternidade espiritual, convocando-nos a reflexões muito profundas e significativas. Sem delongas, considerou: – O sexo é departamento importante do aparelho genésico criado com a finalidade

específica para a procriação. Responsável pela reprodução dos seres vivos, constitui extraordinário investimento da vida, que o vem aperfeiçoando através dos milênios, a fim de o transformar em feixe de elevadas emoções que exaltam a Criação. Quando compreendido nos objetivos para os quais foi elaborado transforma-se em fonte geradora de felicidade, emulando ao amor e à ternura que expressa em forma de vitalidade e de bem-estar. Quando aviltado por qualquer forma de manifestação incorreta, faz-se cadeia retentora do ser na paisagem sórdida à qual foi atirado. Acionado pelo instinto, manifesta-se automaticamente por meio de impulsos que induzem à coabitação para o milagre da criação de novas formas de vida. Responsável pelo invólucro material, responde pela bênção de proporcionar o instrumento corporal, mediante o qual o Espírito evolve no rumo do Infinito. Com características próprias em cada fase do processo evolutivo, no ser humano alcança o seu estágio mais elevado, por vincular-se às emoções, lentamente superando as sensações mais primárias por onde passou no período das experiências iniciais da forma animal. Responsável pelos grandes envolvimento na arte, na beleza, na fé, no conhecimento científico e filosófico, é sede de valores ainda não desvelados. “Em razão das explosões iniciais dos impulsos mais animalizados, vem governando a sociedade humana através dos tempos, constituindo-se instrumento de crimes hediondos e de guerras lancinantes, destrutivas, gerando consequências imprevisíveis para a sociedade de todas as épocas. Homens e mulheres de destaque na História utilizaram-no para fins ignóbeis, entregando-se a aberrações que celebrizaram determinados povos e períodos, assinalados pelas suas orgias e inomináveis aberrações chocantes que, no entanto, obedeciam às paixões dominantes. Da mesma forma, produziu manifestações de sentimentos afetivos celebrados em Obras de incomparável beleza, em que a renúncia e a abnegação, o sacrifício e o holocausto se transformaram em opções únicas para dignificá-lo. “Profundamente arraigado na instrumentalidade material, encontram-se as suas gêneses no ser profundo, no Espírito que, habituado às suas imposições, transfere de uma para outra existência aspirações e desejos que, não atendidos, se transformam em conflitos e sofrimentos dilaceradores, mas quando vivenciados se expressam através de estímulos para o crescimento interior e para a conquista da plenitude. Inegavelmente, na raiz de inumeráveis aspirações e anseios do coração, encontra-se a libido como desencadeadora de motivações, mesmo que de forma sub-reptícia, o que induziu Freud a conceder-lhe valor excessivo. É incontestável a ação do sexo no comportamento da criatura humana, merecendo estudos cuidadosos e enobrecedores, a fim de ser avaliado no grau e no significado que possui. “Os seus

impulsos e predominância no comportamento são tão vigorosos que vão além do corpo físico e imprimem-se nos tecidos sutis do ser espiritual, continuando com as suas manifestações de variada ordem, exigindo respostas que, não sendo de superação e sublimação, geram caos emocional e revinculam o ser ao carro orgânico que já se consumiu. Mediante a ideoplastia, à fixação nas suas sensações, revigora a necessidade que se transforma em tormento no Além-Túmulo, conduzindo de volta aos estágios perturbadores da organização somática. É, nessa fase, nesse terrível transtorno, que surgem as auto-obsessões, as obsessões que são impostas às criaturas terrenas que estagiam na mesma faixa de desejos ou entre os desencarnados do mesmo nível vibratório. Reunidos em grupos afins, as suas exteriorizações morbíficas eliminam energias de baixa qualidade, que se convertem em elemento construtor de regiões infelizes onde enxameiam em convulsões penosas e retêm aqueles que se lhes fazem vítimas, demorando-se por tempo indeterminado até que a exaustão dos sentidos e o tédio os induzam a mudanças de atitude, permitindo-se a ajuda do Amor que os libertará da injunção exaustiva e penosa.” Fez uma pausa oportuna, a fim de dar-nos ensejo à reflexão, à absorção do conteúdo da sua mensagem. No mesmo tom, pausado e profundo, logo deu prosseguimento às explicações de alto significado: – Quando emulado pelo amor, seu dínamo possuidor de inesgotáveis reservas de energias, altera a manifestação e conduz-se rico de estímulos que fomentam a coragem, propiciam o bom ânimo, o desejo de luta e de crescimento, alterando a estrutura interna do ser humano e a condição da Humanidade que se transforma para melhor. “Diante dos grandes eventos da cultura, da arte, do pensamento, da fé, pergunte-se ao amor, o que constituiu razão para essa realidade, e ele responderá que foram os sentimentos de ternura e de envolvimento afetivo, sem os quais não se teria força nem valor para resistir às investidas da rebeldia, nem às incessantes provas desafiadoras, ante as quais, somente os fortes, aqueles que estão estruturados na coragem e seguros dos objetivos que perseguem, conseguem ultrapassar. O amor é o mais vigoroso instrumento de incitação para os logros que parecem impossíveis de conquistados. Ele se manifesta através de mil faces, expressando-se em todas as aspirações do enternecimento, da comunhão afetiva, da fusão dos sentimentos, que seriam o êxtase da plenitude do sexo no seu sentido mais elevado e puro. “Por enquanto, todavia, o sexo tem sido objeto de servidão e de abjeção, manifestando-se na loucura que grassa na Terra carente de ideais de enobrecimento e repleta de desaires afligentes. Como mecanismo de fuga dos compromissos de luta e de renovação, milhões de criaturas estúrdias e ansiosas atiram-se aos resvaladouros das paixões sexuais,

procurando, no prazer imediato e relaxante, o que não conseguem através dos esforços renovadores do amor sem jaca e do bem sem retribuição. Eis porque a obsessão do sexo, decorrente do seu uso e sempre exigente de mais prazer, apresenta-se dominadora na sociedade terrestre dos nossos dias. Cada vez mais chocantes, as suas manifestações alargam-se arrastando jovens e crianças inadvertidos ao paul da depravação, face à naturalidade com que os veículos de comunicação de massa exibem-no em atitudes deploráveis e aterradoras a princípio, para se tornarem naturais depois, através da saturação e da exorbitância, tornando-se mais grave a situação das suas vítimas, e mais controvertidos os métodos de reeducação e preservação da saúde emocional, psíquica e moral da criatura humana que lhe tomba nas malhas bem delicadas mas vigorosas. “Simultaneamente, as legiões de Espíritos viciosos e dependentes dos fluidos degenerativos das sensações perversas, sincronizam suas mentes nesses comportamentos doentios, passando a sofrer-lhes as injunções morbosas e devastadoras. A cada dia, mais difícil se torna a saúde sexual das pessoas, em razão desses e de outros fatores que procedem de reencarnações transatas, nas quais se comprometeram com os usos indevidos da função sexual, ou utilizaram-se do sexo para fins ignóbeis. Essa atitude gera processos danosos que as afligem e obrigam-nas a retornar ao prosaetrio terrestre em situações deploráveis, atormentadas ante a multiplicidade de conflitos de comportamento, para logo tombarem nas viciações que ora predominam nos grupamentos sociais, fazendo-as vítimas de si mesmas e de outros do mesmo tipo que se lhes acoplam em processos complexos de obsessões perversas e devastadoras.” O Benfeitor silenciou novamente, exteriorizando na face a dor e a compaixão que lhe inspiravam os atormentados do sexo, aqueles que se lhe fizeram vítimas, todos os seus escravos e escravizadores. Preservando o objetivo das elucidações, continuou no mesmo tom de mestre e de psicoterapeuta: – Destituído de equipamentos sexuais, o Espírito é neutro na forma da expressão genésica, possuindo ambas as polaridades em que o sexo se expressa, necessitando, através da reencarnação, de experienciar uma como outra manifestação, a fim de desenvolver sentimentos que são compatíveis com os hormônios que produzem. Face a essa condição, assume uma ou outra postura sexual, devendo desenvolvê-la e vivenciá-la com dignificação, evitando comprometimentos que exigem retornos dolorosos ou alterações orgânicas sem a perda dos conteúdos emocionais ou psicológicos. Isto equivale dizer que, toda vez quando abusa de uma função, volta a vivenciá-la, a fim de recuperá-la, mediante processos limitadores, inibitórios ou castradores. Todavia, se insiste em perverter-se, atendendo mais aos impulsos do

que à razão, dominado pelo instinto antes que pelo sentimento, retorna em outra polaridade que não o capacita para a sua manifestação conforme desejara, correndo o risco de canalização das energias de forma equivocada. Em assim acontecendo, o fenômeno se torna mais grave, produzindo danos perispirituais que irão exteriorizar-se em transtornos profundos da personalidade e da aparelhagem genésica. “Face aos processos evolutivos, muitos Espíritos transitam na condição homossexual, o que não lhes permite comportamentos viciosos, estando previsto para o futuro, um número tão expressivo que chamará a atenção dos psicólogos, sociólogos, pedagogos, que deverão investir melhores e mais amplos estudos em torno dos hábitos humanos e da sua conduta sexual. “Jamais, porém, se deve esquecer que o sexo, como qualquer outro órgão que constitui o corpo, foi elaborado para a vida e não está para aquele. Respeitar-lhe a função, utilizar-se dela com dignidade e elevação, reflexionar em torno dos objetivos da vida, fazem parte do compromisso para com a existência, sem o que são programados dores e conflitos muitos graves durante o trânsito das reencarnações. “Assim considerando, o abuso na conduta sexual e o seu abastardamento, na busca atormentada de prazeres mórbidos, constituem grave desrespeito às Leis Soberanas, cujo resgate se torna difícil e de longo curso em províncias de sombra e de dores acerbadas.” [...] Gerando obsessões incomuns, em face das vinculações que as suas esdrúxulas práticas propõem aos seus escravos, a região de infelizes-infelicitadores é expressiva e aterradora ainda hoje na Terra. Somente através da compaixão elevada a uma grande potência é que podemos joeirar esse solo sáfaro e pedregoso sob um aspecto e pantanoso e pútrido sob outro, que é o da área genésica do ser humano, quando desrespeitada, a fim de semear equilíbrio e harmonia indispensáveis à comunhão feliz das almas. [...] Esse abuso resultante da utilização descabida responde pela loucura generalizada que a Vida se encarregará de eliminar. “A dor, a grande missionária silenciosa e dignificadora, lentamente trabalhará o ser humano, admoestando-o, esclarecendo-o e conduzindo-o à estrada reta, na qual se utilizará dos tesouros que se encontram em toda parte para a autoiluminação e o crescimento na direção de Deus. Nesses começos, as suas funções genésicas serão transformadas em fontes de energia construtiva e trabalharão as imagens superiores que serão criadas pela mente e pelos desejos elevados, a fim de que se tornem também cocriadoras do belo, do útil, do nobre e do feliz. Até esse momento, passarão muitos séculos de dor e de prova, nos quais o ser humano, por livre opção, ainda preferirá as obsessões calamitosas e as paixões dissolventes à sintonia com a Divindade e à intuição libertadora do primarismo que, por enquanto, caracteriza-o. “Desse

modo, exortemos a proteção do Sublime Criador, a fim de que os nossos tormentos, que procedem da noite remota das manifestações primevas e dos desalinhos morais que nos permitimos, então sejam superados com amor e sublimados, abrindo espaços nobres para as vivências do sentimento aureolado de bênçãos. Agradeçamos, também, à mãe Terra, as suas dádivas fecundas que nos facultaram desenvolver o psiquismo divino em nós adormecido, enflorescendo o seu solo generoso para nele depositar perfume e pólen fecundador de diferentes expressões de beleza e vida.” [...] (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 15)

“[...] “O sexo tem sido um espinho cravado nas carnes da alma humana, dilacerador e contundente espiculo que gera muito sofrimento. Gerações sucessivas de seres predispostos ao progresso têm experimentado derrocada, face às exigências mal compreendidas do desejo e da utilização sexual. Perturbado, vezes sem conta, nas suas funções, responde por inúmeros destrambelhes da emoção, da mente e do organismo, gerando consequências afligentes ao largo das sucessivas reencarnações. Todavia, é o veículo da perpetuidade da espécie, gerador e estimulante de ideais de beleza, na Arte, no pensamento, na Ciência, na Tecnologia, como fonte de estímulos que impulsionam para a conquista do progresso. Deve, portanto, ser transformado em flor e fruto de bênçãos, sempre que direcionado para as magnas finalidades a que se destina, ficando, à margem, a brutalidade e o primitivismo que lhe deram origem nos recuados tempos das primeiras manifestações... Na Terra dos nossos dias, tem-se tornado trator vigoroso, utilizado de forma indevida quase sempre, por isso mesmo arrastando multidões que se bestializam intoxicadas pelos seus vapores e pelas promessas enganosas de gozo infindo.” A longânime Benfeitora reflexionou por um pouco, e concluiu: – Hipnotizadas pela alucinação do prazer, centenas de milhões de criaturas humanas, ainda vivenciando as faixas da sensação sexual, deixam-se escravizar pelos impulsos mal direcionados e tornam-se vítimas de carrascos da sua paz, que as seviciam com os seus instrumentos de perversão, exercendo domínio sobre suas mentes e sentimentos. Reencarnam e desencarnam num vaivém que parece interminável, até quando expiações pungentes e martirizantes interrompem o ciclo do ir-e-vir quase sem proveito. É o que ocorrerá nos próximos anos com os irmãos ora recolhidos pelo amor de Jesus Cristo e dos Seus mensageiros que os recambiam ao corpo anatematizado pelas aflições, de modo a reajustarem o perispírito e volverem aos ideais de vida e de harmonia. Entretanto, legiões voluptuosas renascerão no mundo das criaturas terrestres, procurando retratar e repetir os excessos que se têm permitido e as estruturas sórdidas quão nefastas da cidade impiedosa, com que seduzirão os indecisos, dominarão os semelhantes

e ameaçarão a estabilidade de muitos combatentes do Bem e do progresso. “Cuidemos para não lhes cair nas ciladas nem nos deixarmos arrastar por seus encantos mentirosos e seduções venenosas, seguindo pela porta estreita, enquanto os nossos espinhos se arrebenharão em flores de caridade e de amor, de ação benemérita e de dever, como filhos biológicos, ideais de dignificação humana, realizações edificantes e de sabor eterno. Jesus é Vida, e com Ele a luta é honra que não podemos descurar.” Concluídas as sábias informações, ficamos a considerar os volumosos desafios que estavam destinados aos bons trabalhadores do Evangelho, de forma que pudessem permanecer fiéis aos postulados do dever, vivenciando-os, de maneira a confirmar-lhes a excelência, recurso único eficaz para desbaratar as construções do Mal e dos seus pugnadores.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 20)

“SEXO. CONCEITO - Os lexicógrafos conceituam o sexo como sendo a “conformação particular do ser vivo que lhe permite uma função ou papel especial no ato da geração”. Biologicamente, são os “caracteres estruturais e funcionais pelos quais um ser vivo é classificado como macho ou fêmea...” A reprodução sexuada é condição inerente aos animais, e entre esses aos metazoários, sendo necessário particularizar como exceção alguns que são constituídos por organismos inferiores, cujos processos procriativos obedecem a leis especiais. Esse processo de reprodução entre os animais sexuados se dá, obedecendo à faculdade de elaboração de células próprias, tendo a Escola de Morgan, nas suas pesquisas, classificado e diferenciado as sexuais das somáticas, que são muito diferentes na constituição do organismo. Fundamental na espécie humana para o “milagre” procriativo é dos mais importantes fatores constitutivos da personalidade, graças aos ingredientes estimulantes ou desarmonizantes do equilíbrio, de que se faz responsável. Considerando as consequências eugênicas, que o desbordar do abuso vem produzindo nas sucessivas gerações, pensam alguns estudiosos quanto à necessidade de ser aplicada a Eutanásia nos “degenerados”, a fim de evitar-se um “crepúsculo genético”, incorrendo, conseqüentemente, na realização de um hediondo “crepúsculo ético” de resultados imprevisíveis. Isto porque o sexo tem sido examinado, apenas, de fora para dentro, sem que os mais honestos pesquisadores estejam preocupados em estudá-lo de dentro para fora, o que equivale dizer: do espírito para o corpo. Aferrados a crasso materialismo em que se fixam, não se interessam esses estudiosos pela observância das realidades espirituais, constitutivas da vida, no que incidem e reincidem, por viciação mental ou simples processo atávico, em relação aos cientistas do passado. O sexo, porém, queira-se ou não, nas suas importantes funções em relação à vida, procede do espírito, cujo comportamento numa

existência insculpe na vindoura as condições emocionais e estruturais necessárias à evolução moral. [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 20)

“Problemas sexuais. Herança animal predominante em a natureza humana, o instinto de reprodução da espécie exerce um papel de fundamental importância no comportamento dos seres. Funcionando por impulsos orgânicos nos irracionais, expressa-se como manifestação propiciatória à fecundação nos ciclos orgânicos, periódicos, em ritmos equilibrados de vida. No homem, face ao uso, que nem sempre obedece à finalidade precípua da perpetuação das formas, experimenta agressões e desvios que o desnaturam, tornando-se, o sexo, fator de desditas e problemas da mais variada expressão. Face à sensação de prazer que lhe é inata, a fim de atrair os parceiros para a comunhão reprodutora, torna-se fonte de tormentos que delineiam o futuro da criatura. Considerando-se a força do impulso sexual, no comportamento psicológico do homem, as disjunções orgânicas, a configuração anatômica e o temperamento emocional tornam-se de valor preponderante na vida, no inter-relacionamento pessoal, na atitude existencial de cada qual. A sua carga compressiva, no entanto, transfere-se de uma para outra existência corporal, facultando um uso disciplinado, corretor, em injunções específicas, que por falta de esclarecimento leva o indivíduo a uma ampla gama de psicopatologias destrutivas na área da personalidade. Com muita razão, Alice Bailey afirmava, diante dos fenômenos de alienação mental, que eles podem ser “... de natureza psicológica, hereditários por contatos coletivos e cármicos”. Introduzia, então, o conceito cármico, na condição de fator desencadeante das enfermidades a expressar-se nas manifestações da libido, de relevante importância nos estudos freudianos. O conceito, em torno do qual o homem é um animal sexual, peca, porém, pelo exagero. Naturalmente, as heranças atávicas impõem-lhe a força do instinto sobre a razão, levando-o a estados ansiosos como depressivos. Todavia, a necessidade do amor é-lhe superior. Por falta de uma equilibrada compreensão da afetividade, deriva para as falazes sensações do desejo, em detrimento das compensações da emoção. Mais difícil se apresenta um saudável relacionamento afetivo do que o intercurso apressado da explosão sexual, no qual o instinto se expressa, deixando, não poucas vezes, frustração emocional. Passados os rápidos momentos da comunhão física, e já se manifestam a insatisfação, o arrependimento, os conflitos perturbadores... A falta de esclarecimento, no passado, em torno das funções do sexo, os mistérios e a ignorância com que o vestiram, desnaturaram-no. A denominada revolução sexual dos últimos tempos, igualmente, ao demitizá-lo, abriu espaços de promiscuidade para os excessivos mitos do prazer, com a consequente desvalorização

da pessoa, que se tornou objeto, instrumento de troca, indivíduo descartável, fora de qualquer consideração, respeito ou dignidade. A sociedade contemporânea sofre, agora, os efeitos da liberação sem disciplina, através da qual a criatura vive a serviço do sexo, e não este para o ser inteligente, que o deve conduzir com finalidades definidas e tranquilizadoras. As aberrações se apresentam, neste momento, com cidadania funcional, levando os seus pacientes a patologias graves que alucinam, matam e os levam a matar-se. A consciência deve dirigir a conduta sexual de cada indivíduo, que lhe assumirá as consequências naturais. Da mesma forma que uma educação castradora é responsável por inúmeros conflitos, a liberativa em excesso abre comportas para abusos injustificáveis e de lamentáveis efeitos no psiquismo profundo. A vida se mantém sob padrões de ordem, onde quer que se manifeste. Não há, aí, exceção para o comportamento do homem. Por esta razão, o uso indevido de qualquer função produz distúrbios, desajustes, carências, que somente a educação do hábito consegue harmonizar. Afinal, o homem não é apenas um feixe de sensações, mas, também, de emoções, que pode e deve canalizar para objetivos que o promovam, nos quais centralize os seus interesses, motivando-o a esforços que serão compensados pelos resultados benéficos. Exclusão feita aos portadores de enfermidades mentais a se refletirem na conduta sexual, o pensamento é portador de insuspeitável influência, no que tange a uma salutar ou desequilibrada ação genésica. o mesmo fenômeno ocorre nas mais diferentes manifestações da vida humana. Mediante o seu cultivo, eles se exteriorizam no comportamento de forma equivalente. A vida, portanto, saudável, na área do sexo, decorre da educação mental, da canalização correta das energias, da ação física pelo trabalho, pelos desportos, pelas conversações edificantes que proporcionam resistência contra os derivativos, auxiliando o indivíduo na eleição de atitudes que proporcionam bem-estar onde quer que se encontre. As ambições malconduzidas, toda frustração decorrente do querer e não poder realizar, dão nascimento ao conflito. O conflito, por sua vez, quando não equacionado pela tranquila aceitação do fato, sobrepondo a identidade real ao ego dominador e insaciável, termina por gerar neuroses. Estas, sustentadas pela insatisfação, transmudam-se em paranoia de catastróficos resultados na personalidade. Considerado na sua função real e normal, o sexo é santuário da vida, e não paul de intoxicação e morte. Estimulado pelo amor, que lhe tem ascendência emocional, propicia as mais altas expressões da beleza, da harmonia, da realização pessoal; acalma, encoraja para a vida, tornando-se um dínamo gerador de alegrias. Os problemas sexuais se enraízam no espírito, que se aturde com o desregramento que impõe ao corpo, exaurindo as glândulas genésicas e

exteriorizando-se em funções incorretas, que se fazem psicopatologias graves, a empurrar a sua vítima para os abismos da sombra, da perversidade e do crime. A liberação das distonias sexuais, mais perturbam o ser, que se transfere de uma para outra sensação com sede crescente, mergulhando na promiscuidade, por desrespeito e desprezo a si mesmo e, por extensão, aos outros. A sua é uma óptica desfocada, pela qual passa a ver o mundo e as demais pessoas na condição de portadoras dos seus mesmos problemas, só que mascaradas ou susceptíveis de viverem aquela conduta, quando não deseja impor a sua postura especial como regra geral para a sociedade. Sob conflito psicológico, o portador de problema sexual, ou de outra natureza, não se aceita, fugindo para outros comportamentos dissimuladores; ou quando se conscientiza e resolve-se por vivê-lo, assume feição chocante, agressiva, como uma forma de enfrentar os demais, de maneira antinatural, demonstrando que não o digeriu nem o assimilou. Toda exibição oculta um conflito de timidez ou inconformação, de carência ou incapacidade. Uma terapia psicológica bem cuidada atenua o problema sexual, cabendo ao paciente fazer uma tranquila autoanálise, que lhe faculte viver em harmonia com a sua realidade interna, nem sempre compatível com a sua manifestação externa. Não basta satisfazer o sexo — toda fome e sede, de momento, saciadas, retornam, em ocasião própria — mas, harmonizar-se, emocionalmente, vivendo em paz de consciência, embora com alguma fome perfeitamente suportável, ao invés do constante conflito da insatisfação decorrente da imaginação fértil, que programa prazeres contínuos e elege companhias impossíveis de conseguidas em qualquer faixa sexual que se estagie. Ninguém se sente pleno, no mundo, acreditando-se haver logrado tudo quanto desejava. A aspiração natural e calma para atingir um próximo patamar, faz-se estímulo para o progresso do indivíduo e da sociedade. Os problemas sexuais, por isto mesmo, devem ser enfrentados sem hipocrisia, nem cinismo, fora de padrões estereotipados por falsa moralidade, tampouco levados à conta de pequeno significado. São dificuldades e, como tais, merecem consideração, tempo e ação especializada.” (JA, *O homem integral*, Sétima parte, Capítulo 28)

VII.3. Necessidade do controle da energia sexual

“Ouvia-lhe as instruções, entre a emotividade e o assombro. – Entende, agora, como é importante renunciar? Percebe a grandeza da lei de elevação pelo sacrifício? A sangria estimula a produção de células vitais, na medula óssea; a poda oferece beleza, novidade e abundância nas árvores. O homem que pratica verdadeiramente o bem vive no seio de vibrações

construtivas e santificantes da gratidão, da felicidade, da alegria. Não é fazer teoria de esperança. É princípio científico, sem cuja aplicação, na esfera comum, não se liberta a alma, descentralizada pela viciação nas zonas mais baixas da Natureza, E porque observasse que as instruções lhe tomavam demasiado tempo, Alexandre concluiu: – De acordo com as nossas observações, a função da epífise na vida mental é muito importante. – Sim – considerei –, compreendo agora a substancialidade de sua influência no sexo e entendo igualmente a dolorosa e longa tragédia sexual da Humanidade. Percebo, nitidamente, o porquê dos dramas que se sucedem, ininterruptos, as aflições que parecem nunca chegar ao fim, as ansiedades que esbarram no crime, o cipoal do sofrimento, envolvendo lares e corações. – E o homem sempre disposto a viciar os centros sagrados de sua personalidade – concluiu Alexandre, solenemente –, sempre inclinado a contrair novos débitos, mas dificilmente decidido a retificar ou pagar. – Compreendo, compreendo... E, asilando certas dúvidas, exclamei: – Não seria então mais razoável... O orientador cortou-me a palavra e esclareceu: – Já sei o que deseja indagar. E, sorrindo: – Você pergunta se não seria mais interessante encerrar todas as experiências do sexo, sepultar as possibilidades do renascimento carnal. Semelhante indagação, no entanto, é improcedente. Ninguém deve agir contra a lei. O uso respeitável dos patrimônios da vida, a união enobrecedora, a aproximação digna, constituem o programa de elevação. É, portanto, indispensável distinguir entre harmonia e desequilíbrio, evitando o estacionamento em desfiladeiros fatais. Ditas estas palavras, Alexandre calou-se, como orientador criterioso que deixa ao discípulo o tempo necessário para digerir a lição.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 2)

“**Sexo.** [...] “Devidos à incompreensão sexual, incontáveis crimes campeiam na Terra, determinando estranhos e perigosos processos de loucura, em toda parte. “De quando em quando, uma que outra vítima procura os hospitais de alienados, submete-se ao tratamento médico, como o operário que traz à oficina de consertos seu instrumento danificado; nos hospícios encontramos, porém, tão somente aqueles que desgalgaram até ao fundo do abismo, amargurados e vencidos. Milhões de irmãos nossos se conservam semiloucos nos lares ou nas instituições; são os companheiros incapazes do devotamento e da renúncia, a submergirem, pouco a pouco, no caliginoso tijuco das alucinações... De mente desvairada, fixa no socavão da subconsciência, perdem-se no campo dos automatismos inferiores, obstinando-se no conservarem deprimentes estados psíquicos. O ciúme, a insatisfação, o desentendimento, a incontinência e a levandade alastram terríveis fenômenos de desequilíbrio. “Inquietantes quadros mentais se pintam na Terra, compelindo-nos

a estafante serviço socorrista, de modo a limitar o círculo de infortúnio e de pavor dos que se lançam, incautos, a temerárias aventuras do sentimento animalizado. “Não solucionaremos tão complexo problema do mundo simplesmente à força de intervenção médica, embora seja admirável a contribuição da Ciência no terreno dos efeitos, sem atingir, contudo, a intimidade das causas. A personalidade não é obra da usina interna das glândulas, mau produto da química mental. “A endocrinologia poderá fazer muito com uma injeção de hormônios, à guisa de pronto-socorro às coletividades celulares, mas não sanará lesões do pensamento. A genética, mais hoje, mais amanhã, poderá interferir nas câmaras secretas da vida humana, perturbando a harmonia dos cromossomos, no sentido de impor o sexo ao embrião; todavia, não atingirá a zona mais alta da mente feminina ou masculina, que manterá característicos próprios, independentemente da forma exterior ou das convenções estatuídas. A medicina inventará mil modos de auxiliar o corpo atingido em seu equilíbrio interno; por essa tarefa edificante, ela nos merecerá sempre sincera admiração e fervente amor; entretanto, compete a nós outros praticar a medicina da alma, que ampare o espírito enleado nas sombras... “É mister acender, em derredor de nossos irmãos encarnados na Terra, a luz da compaixão fraterna, traçando caminhos definidos à responsabilidade individual. Haja mais amor ante os vales da demência do instinto e as derrocadas cederão lugar a experiências santificantes. “Como fazer valer o abençoado serviço do médico à vítima da angústia sexual, se tem a defrontá-lo, vibrante, a hostilidade da família? Como salvar doentes da alma, numa instituição de benemerência, se o organismo social esmaga os enfermos com todo o peso de sua opinião e de sua autoridade? Naturalmente, constituiria pieguice rogar à sociologia a transformação imediata de seus códigos, ou impor à sociedade humana certas normas de tolerância, incompatíveis com as suas necessidades de defesa. Mas podemos manter louvável serviço de compreensão mais ampla, melhorar as disposições dos nossos amigos encarnados na Crosta do Mundo e despertá-los lentamente para a solução que nos interessa a todos. “O amor espiritualizado, filho da renúncia cristã, é a chave capaz de abrir as portas do abismo para onde rolaram e rolam milhares de criaturas, todos os dias. “Distribuíamos a bênção do entendimento entre os homens; estendamos mão forte a todos os espíritos que se encontram prisioneiros do distúrbio das sensações, fazendo-lhes sentir que as oficinas do trabalho renovador permanecem abertas a todos os filhos de Deus, aperfeiçoando-lhes os sentimentos, sublimando-lhes os impulsos, dilatando-lhes a capacidade espiritual. “Lembremos aos corações desalentados que tal é o sexo em face do amor, quais são os olhos para a visão,

e o cérebro para o pensamento: não mais do que aparelhamento de exteriorização. Erro lamentável é supor que só a perfeita normalidade sexual, consoante as respeitáveis convenções humanas, possa servir de templo às manifestações afetivas. O campo do amor é infinito em sua essência e manifestação. Insta fugir às aberrações e aos excessos; contudo, é imperioso reconhecer que todos os seres nasceram no Universo para amar e serem amados. Por vezes, vigoram para muitos deles, temporariamente, os imperativos da prova benéfica, os deveres do estatuto expiatório. as exigências do serviço especializado, em que estudantes, devedores e missionários se obrigam a longas fases de fome e sede do coração. Isso, porém, não representa obstáculo ao amor. Jesus não partilhou o matrimônio normal na Terra e, no entanto, a família de seu coração cresce com os dias; suas forças não geraram formas passageiras nos círculos carnavais e, contudo, suas energias fecundantes renovaram a civilização, transformando-lhe o curso, prosseguindo, até hoje, no aprimoramento do mundo. Simbologia sublime transparece da conduta do Mestre que, desse modo, se inclinou para os vencidos da convenção humana, solitários e humilhados, fazendo-lhes ver que é possível cooperar na extensão do Infinito Bem, amando e abnegando-se, com exclusão do egoísmo e do propósito inferior de serem amados, segundo os caprichos próprios. “A construção da felicidade real não depende do instinto satisfeito. A permuta de células sexuais entre os seres encarnados, garantindo a continuidade das formas físicas em processo evolucionário, é apenas um aspecto das multiformes permutas de amor. Importa reconhecer que o intercâmbio de forças simpáticas, de fluidos combinados, de vibrações sintonizadas entre almas que se amam, paira acima de qualquer exteriorização tangível de afeto, sustentando obras imperecíveis de vida e de luz, nas ilimitadas esferas do Universo. “Desenvolvamos, pois, carinhosa assistência aos que desesperam no mundo, sentindo-se na transitória condição de deserdados. Ensinemo-los a libertar a mente das malhas do instinto, abrindo-lhes caminho aos ideais do amor santificante, recordando-lhes que fixar o pensamento no sexo torturado, com desprezo dos demais departamentos da realização espiritual, através do cosmo orgânico, é estacionar, inutilmente, no trilho evolutivo; é entregar-se, inerme, à influência de perigosos monstros da imaginação, quais o despeito e a inveja, o desespero e a amargura, que abrem ruinosas chagas na alma e que cominam ao exclusivismo, pena que pode avultar até à loucura e à inconsciência. Convidemo-los a rasgar horizontes mais longos no coração. O amor encontrará sempre mundos novos. E para que tais descobertas se coroem de luz divina, bastará à criatura o abandono da ociosidade, que por si mesma combaterá a nefanda ignorância. Dentro de cada um de nós

esplende, sem desmaio, a claridade libertadora, no pensamento de renovação para o bem comum que devemos cultivar e intensificar em cada dia da vida. “O cativo nos tormentos do sexo não é problema que possa ser solucionado por literatos ou médicos a agir no campo exterior: é questão da alma, que demanda processo individual de cura, e sobre esta só o espírito resolverá no tribunal da própria consciência. É inegável que todo auxílio externo é valioso e respeitável, mas cumpre-nos reconhecer que os escravos das perturbações do campo sensorial só por si mesmos serão liberados, isto é, pela dilatação do entendimento, pela compreensão dos sofrimentos alheios e das dificuldades próprias, pela aplicação, enfim, do “ama-vos uns aos outros” assim na doutrinação, como no imo da alma, com as melhores energias do cérebro e com os melhores sentimentos do coração.” Notei que a preleção terminara em meio ao respeito geral. A palavra do mensageiro fascinara-me. Aquelas noções de sexologia eram novas para mim. Não eram repetições de compêndios descritivos, não eram fruto de frias observações de cientistas e escritores, preocupados em armar ao efeito com palavras balofas. Nasciam do verbo inflamado de amor fraternal de um orientador dedicado às necessidades de seus irmãos ainda frágeis e menos felizes.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 11)

“Nesse ponto das elucidações que lhe fluíam do verbo afetuoso, permitiu-se o Assistente mais longo intervalo. Percebendo, porém, que estimaríamos ouvi-lo mais amplamente sobre o sexo, qual é concebido entre os homens, de forma a enfileirar conclusões adequadas aos nossos estudos de causa e efeito, voltou a dizer: – Tais considerações que expendemos, acerca de um tema assim tão vasto, externando-nos do ângulo mais elevado que a nossa mente é suscetível de abarcar, não nos dispensam do dever de exaltar a necessidade de sublimação da experiência emotiva entre as criaturas. Sabemos que o sexo, analisado na essência, é a soma das qualidades femininas ou masculinas que caracterizam a mente, razão por que é imprescindível observá-lo, do ponto de vista espiritual, enquadrando-o na esfera das concessões divinas que nos cabe movimentar com respeito e rendimento na produção do bem. Entendo que vocês desejariam efetuar mais longa digressão educativa nesse domínio, entretanto, cremos desnecessário minudenciar particularidades ao redor do assunto, porque conhecem de sobejo que, quanto mais amplo o discernimento do Espírito, mais imperiosas se lhe fazem as obrigações, perante a vida. O sexo no corpo humano é assim como um altar de amor puro que não podemos relegar à imundície, sob pena de praticar as mais espantosas crueldades mentais, cujos efeitos nos seguem, invariáveis, depois do túmulo... Meu colega, que ardia no anseio de intensificar indagações, inquiriu, respeitoso:

– Silas amigo, assistimos no mundo a todo um acervo de conflitos sentimentais que, por vezes, culminam em pavorosa delinquência... Homens que renegam os sagrados compromissos do lar, mulheres que desertam dos deveres nobilitantes para com a família... Pais que abandonam os filhos... Mães que rejeitam rebentos mal nascidos, quando os não assassinam covardemente... Tudo isso em razão da sede dos prazeres sexuais que, não raro, lhes situam os passos nas sendas tenebrosas do crime... Todas essas falhas acompanham o Espírito, além da armadura de carne que a morte consome? – Como não? – respondeu o Assistente, tristonho. – Cada consciência é uma criação de Deus e cada existência é um elo sagrado na corrente da vida em que Deus palpita e se manifesta. Responderemos por todos os golpes destrutivos que vibramos nos corações alheios e não nos permitiremos repouso enquanto não consertarmos, valorosos, o serviço de reajuste. Impressionado, meu companheiro persistiu: – Imaginemos que um homem tenha conduzido uma jovem à comunhão sexual com ele, à caça de mero prazer dos sentidos, prometendo-lhe matrimônio digno, para abandoná-la vilmente ao próprio desencanto, depois de saciado em seus desejos... A pobre criatura, desenganada, sem recursos para refugiar-se no trabalho respeitável, entrega-se ao meretrício. O homem é responsável pelos desatinos que a infelicitada companheira venha a praticar, compreendendo-se que ele não terá marchado sozinho para semelhante aventura? – É preciso reconhecer que todos responderemos pelos atos que efetuamos – explicou o interlocutor; contudo, no caso em foco, se o homem não é responsável pelos delitos em que venha a falir a mulher desventurada, é ele, inegavelmente, o autor da desdita em que ela se encontra. E, em desencarnando com o remorso da traição praticada, quanto mais luz se lhe faça no entendimento mais agudo lhe será o pesar de haver cometido a falta. Trabalhará, naturalmente, para levantá-la do abismo a que ela se arrojou por segui-lo, confiante, e reconduzi-la-á à reencarnação, em cujos liames se demorará, aceitando-a por esposa ou filha, de modo a entregar-lhe o puro amor prometido, sofrendo para regenerar-lhe a mente em desequilíbrio e resgatando a sua consciência entenebrecida pela culpa. – Da mesma forma – aduziu Hilário –, notamos na sociedade terrestre homens arruinados por mulheres desleais que os precipitaram na criminalidade e no vício... – O processo da reparação é absolutamente o mesmo. A mulher que lançou o companheiro nas sombras do mal, em despertando à luz do bem, não descansará, enquanto não o reerguer para a dignidade moral, diante das Leis de Deus. Quantas mães vemos no mundo, engrandecidas pela dificuldade e pela renúncia, morrendo cada dia, entre a aflição e o sacrifício, para cuidar de filhos monstruosos que lhes torturam a alma e a carne? Em

muitos desses quadros terríveis e emocionantes, oculta-se, divino, o labor da regeneração que só o tempo e a dor conseguem realizar. – Tudo isso, meu amigo – tornou Hilário com manifesta amargura –, nos obriga a reconhecer que, nas falhas do campo genésico, temos a considerar, acima de tudo, a crueldade mental que praticamos em nome do amor... – Isso mesmo – aprovou o Assistente. – Na perseguição ao prazer dos sentidos, costumamos armar as piores ciladas aos corações incautos que nos ouvem... Contudo, fugindo à palavra empenhada ou faltando aos compromissos e votos que assumimos, não nos precatamos quanto à lei de correspondência, que nos devolve, inteiro, o mal que praticamos e em cuja intimidade as bênçãos do conhecimento superior nos agravam as agonias, de vez que, no esplendor da luz espiritual, não nos perdoamos pelas nódoas e chagas que trazemos na alma. Isso, para não falar dos crimes passionais, perpetrados na sociedade humana, todos os dias, pelos abusos das faculdades sexuais, destinadas a criar a família, a educação, a beneficência, a arte e a beleza entre os homens. Esses abusos são responsáveis não apenas por largos tormentos nas regiões infernais, mas também por muitas moléstias e monstruosidades que ensombram a vida terrestre, porquanto os delinquentes do sexo, que operaram o homicídio, o infanticídio, a loucura, o suicídio, a falência e o esmagamento dos outros, voltam à carne, sob o impacto das vibrações desequilibrantes que puseram em ação contra si próprios, e são, muitas vezes, as vítimas da mutilação congênita, da alienação mental, da paralisia, da senilidade precoce, da obsessão enquistada, do câncer infantil, das enfermidades nervosas de variada espécie, dos processos patogênicos inabordáveis e de todo um cortejo de males, decorrentes do trauma perispiritico que, provocando desajustes nos tecidos sutis da alma, exige longos e complicados serviços de reparação a se exteriorizarem com o nome de inquietação, angústia, doença, provação, desventura, idiotia, sofrimento e miséria. Aliás, muito antes da pompa terminológica das escolas psicanalíticas modernas, que se permitem arrojadas conjeturas em torno das flagelações mentais, há quase vinte séculos ensinou-nos Jesus que “todo aquele que comete o mal é escravo do mal” [Evangelho de João, 8:34 (Nota do Autor espiritual)] e podemos acrescentar que, para sanar o mal, a que houvermos escravizado o coração, é imprescindível sofrer a purgação que o extirpa.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 15)

“SEXO E CORPO ESPIRITUAL. [...] Evolução do amor. Entretanto, importa reconhecer que à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência. Nos primeiros,

cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus. Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação imoderada do “eu”. De conformidade com a Psicanálise, que vê na atividade sexual a procura incessante de prazer, concordamos em que uns, na própria sublimação, demandam o prazer da Criação, identificando-se com a origem Divina do Universo, enquanto que outros se fixam no encaço do prazer desenfreado e egoístico da auto adoração. Os primeiros aprendem a amar com Deus. Os segundos aspiram a ser amados a qualquer preço. A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnéticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivessemos diante de usina reclamando controle adequado. Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contatos, quase sempre desregrados e infelizes, que lhes carregam, em consequência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos. **Poligamia e monogamia.** O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos. Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores. O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contato com outro ser que demonstre plena afinidade, porquanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo, solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas. Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina. **Alimento espiritual.** Há, por isso,

consórcios de infinita gradação no Plano Terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico, antes que às engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia. Contudo, até que o Espírito consiga purificar as próprias impressões, além da ganga sensorial, em que habitualmente se desregra no narcisismo obcecante, valendo-se de outros seres para satisfazer a volúpia de hipertrofiar-se psiquicamente no prazer de si mesmo, numerosas reencarnações instrutivas e reparadoras se lhe debitam no livro da vida, porque não cogita exclusivamente do próprio prazer sem lesar os outros, e toda vez que lesa alguém abre nova conta resgatável em tempo certo. Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso. Os Espíritos santificados, em cuja natureza superevolvida o instinto sexual se diviniza, estão relativamente unidos aos Espíritos Glorificados, em que descobrem as representações de Deus que procuram, recolhendo de semelhantes entidades as cargas magnéticas sublimadas, por eles próprios liberadas no êxtase espiritual. De outro lado, as almas primitivas comumente lhe gastam a força em excessos que lhes impõem duras lições. Entre os Espíritos santificados e as almas primitivas, milhões de criaturas conscientes, viajando da rude animalidade para a Humanidade enobrecida, em muitas ocasiões se arrojam a experiências menos dignas, privando a companhia ou o companheiro do alimento psíquico a que nos reportamos, interrompendo a comunhão sexual que lhes alentava a euforia e, se as forças sexuais não se encontram suficientemente controladas por valores morais nas vítimas, surgem, frequentemente, longos processos de desespero ou de delinquência. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 18)

“Disciplina afetiva. – *Em que bases se verifica a disciplina afetiva nas sociedades espirituais das Esferas Superiores?* – Enganam-se, lamentavelmente, quantos possam admitir a incontinência sexual como regra de conduta nos planos superiores da Espiritualidade. Médiuns que tenham observado as regiões de licenciosidade, ou desencarnados que a respeito delas venham a traçar essa ou aquela notícia, reportam-se apenas a lugares naturalmente inferiores, extremamente afins com a poligamia embrutecente, por mais brilhantes se lhes externem as conceituações filosóficas. Nos planos enobrecidos, realiza-se também o casamento das almas, conjugadas no amor puro, verdadeira união espousalícia de caráter santificante, gerando obras admiráveis de progresso e beleza, na edificação coletiva,

e quando semelhante enlace deva ser adiado, por circunstâncias inamovíveis, os Espíritos de comportamento superior aceitam, na Terra, a luta pela sublimação das forças genésicas, aplicando-as em trabalho digno, com abstenção do comércio poligâmico, tanto mais intensamente quanto mais ativo se lhes revele o esforço no acrisolamento próprio. Aliás, cabe considerar que na renúncia construtiva a que se entregam, na expectativa, às vezes longa, do amor que os integrará na complementação desejada, encontram, no serviço aos semelhantes, preciosas oportunidades de burilamento e progresso, acentuando em si mesmos os altos valores da cultura e da emoção, que lhes propiciam gozos íntimos dos mais alevantados e mais puros. Pedro Leopoldo, 25/5/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 10)

“Conduta afetiva. – *Qual é a conduta afetiva entre as almas enobrecidas?* – Quanto mais elevado o grau de aprimoramento da alma, mais reclamará espontaneamente de si própria a necessária disciplina das energias do mundo afetivo, somente despendendo-as no circuito de forças em que se completa com a alma a que se encontra consorciada, ou, então, em serviço nobre, através do qual opere a evasão das cargas magnéticas de seus impulsos genésicos, transferindo-as para o trabalho em que se lhe projetam a sensibilidade e a inteligência. Isso acontece no plano físico, entre aqueles cujo sistema psíquico já se distanciou suficientemente das emoções vulgares, ajustando-se em complementação fluidica ideal as almas irmãs que se matrimoniam. Interrompida a aliança física na esfera carnal, por interferência da morte, o homem ou a mulher, consagrados à sublimação íntima, se associam, quase sempre, à companhia ou ao companheiro levados à viuvez, em construtivas simbioses de ação, seja no amparo aos filhos, ainda necessitados de assistência, ou na extensão de obras edificantes, porquanto os Espíritos que verdadeiramente se amam desconhecem o que seja abandono ou esquecimento. Atentos ao mesmo princípio de aprimoramento, aqueles que se ajustam em matrimônio superior, no Plano Espiritual, permutam as próprias forças em constante circuito energético, pelo qual atendem a vastíssimas obras de benemerência, na criação mental de valores necessários ao progresso comum, dentro da euforia permanente que o amor sublime lhes confere. E, em lhes faltando a companhia, por intermédio da qual se integram nos mais altos ideais de burilamento e beleza, mobilizam as próprias cargas magnéticas criadoras em serviço à coletividade, com o que se elevam mais intensamente na escala da sublimação moral, ou, então – o que é mais frequente –, buscam olvidar as próprias possibilidades de maior ascensão, solicitando posições apagadas e humildes ao pé daqueles a quem se devotam, a fim de ajudá-los na execução das tarefas

que lhes foram assinaladas ou no pagamento das dívidas com que ainda se oneram perante a Lei. Uberaba, 28/5/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 11)

“ESCOLHOS À MEDIUNIDADE. [...] O exercício incorreto das funções genésicas, sua prática indevida, quaisquer deslizes da sexualidade se transformam em martírio futuro, de que ninguém se eximirá no compute das consequências. O médium, por excelência, deve transfundir suas forças genésicas e, a critério de sua vontade disciplinada, transformá-las em energias vigorosas para o equilíbrio do espírito e maior potencialidade medianímica. Obviamente todo abuso moral e físico produz desgaste correspondente. Qualquer desgaste conduz ao exaurimento, não apenas das energias específicas, senão de toda a engrenagem física e psíquica do homem. Nesse capítulo, o mau uso e a exorbitação impõem viciações danosas, gerando vinculações infelizes entre os consórcios encarnados, a expensas, também, de comensais desencarnados, que se instalam em processos de sórdida vampirização, exaurindo suas vítimas docilmente manipuladas. O matrimônio nobre, revestido dos ascendentes sagrados do respeito e da dignidade, é santuário de transfusão de hormônios, de forças restauradoras em que se harmonizam os que se amam, restabelecendo e mantendo compromissos superiores, mediante os quais se aliam em júbilo às províncias da felicidade. O deslumbramento que a mediunidade enseja aos incautos e desconhecadores da Doutrina levam-nos a desequilíbrios da emotividade, em relação aos seus portadores. Surgem, então, nesse período, as justificativas injustificáveis quanto a reencontros espirituais, a esperas afetivas que se tornam realidade, a afinidades poderosas, produzindo acumpliciamentos de difícil e demorada reparação dos danos morais. Imprescindível vigiar “as nascentes do coração”, conforme a linguagem evangélica, a fim de não se iludir. Se alguém chegar, posteriormente, aos compromissos já firmados, é porque o sábio impositivo das leis assim determinou como corrigenda e reeducação dos faltosos... Em se tratando de afeições, afinidades espirituais, não há por que as transladar para uniões perturbadoras, usanças sexuais perniciosas, embora, a princípio, encantadoras, que sempre resultam em inevitável frustração imediata e tardia amargura... O verdadeiro amor, o que não se frui, permanece intocado, superior, ascendendo em grandeza e crescendo em profundidade. O médium não pode esquecer que amar, sim, porém, comprometer-se moralmente pelo ditame do sexo, não, nunca! Há muitas almas sob severas disciplinas na Terra, que vivem em revolta, procurando a água pura da afeição e, ao encontrá-la, tismam-na, incontinenti, tornando-a lodo. Diante desses corações, o médium deve proceder com atitude de amizade, preservando-se

interiormente, com afeição fraternal e reserva moral, a fim de não se permitir leviandades, que são sempre prejudiciais. A abstinência sexual dentro dos padrões éticos do Evangelho constrói harmonia no espírito e no corpo.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 17)

“O irmão Genézio não se negou a esclarecer-me que o operário da mediunidade se reencarnara com graves compromissos no campo da afetividade, decorrentes de existências passadas. - Sabemos que o sexo - aduziu-me o amigo - é departamento divino, de que nos devemos utilizar com vistas à elevação, como aliás, de toda a organização fisiológica com que a vida nos brinda, para o milagre da evolução. Bem poucos, porém, temos sabido valorizar a sexualidade com o respeito e a compreensão que nos merece. Não poucas vezes, temos derrapado, lamentavelmente, no exercício das funções genésicas, transformando-lhes o uso enobrecido em abuso degradante... “O nosso Jonas não é exceção. Vem de experiências religiosas, mui recentemente, no sacerdócio católico. Não obstante o amor acendrado por Jesus, trazia profundas marcas de dissipações, que não conseguira superar. Duas vezes seguidas reencarnou com o compromisso de servir, para elevar-se moralmente. Poderia havê-lo realizado, num lar dignamente constituído, porquanto o matrimônio é bênção relevante e a família é campo superior de engrandecimento, onde se fomenta o amor, superando limitações e desenvolvendo experiências santificantes. Todavia, ele preferiu eleger o celibato religioso, disciplinando-se na castidade. O dogma clerical, severo, injustificável e imposto servia-lhe de cadeia, a que se prendeu espontaneamente. “Sucedee, que os seus vínculos pretéritos eram muito fortes e um tanto negativos... A medida que os anos se passaram, reencontrou afetos e compromissos que esperava superar, mas, com os quais sucumbiu, lamentavelmente. Não possuindo uma força moral suficiente para assumir a responsabilidade que lhe competia consorciando-se, como seria normal, deixou-se arrastar, de erro em erro, entre remorsos e novos delíquios, até piorar a própria situação. “Despertando, em definitivo, no último retorno, e inteirando-se das bênçãos que “O Consolador” esparzia, na Terra, rogou treinamento e oportunidade para volver, em serviço de redenção, na mediunidade espírita. Portador de outros títulos de enobrecimento, foi encaminhado à reencarnação sob recomendações especiais para a manutenção do equilíbrio, a disciplina da vontade e a correção da conduta... “O amigo relanceou o olhar na direção do médium, que recebia instruções do Dr. Bezerra de Menezes. Ato contínuo, prosseguiu: -Jonas solicitou a provação da soledade, a fim de superar-se. Desejou fazer-se *eunuco*, conforme o conceito evangélico... É certo que um matrimônio digno, em que a comunhão pela sexualidade não se tresvaria, não deixa de ser uma união casta, pela

superior conduta que os cônjuges se facultam. Ele, porém, desejava a superação dos antigos condicionamentos, renascendo para uma oportunidade nova e definitiva de crescimento íntimo. “Treinado no exercício mediúnico desde antes de seguir ao corpo, experimentou, de cedo, os agulhões que o levariam ao dever reto. “A verdade é que lhe não faltaram, nem deixarão de escassear testemunhos dignificantes, numa como noutras áreas do comportamento. Convenhamos que a Terra é o campo de lutas e de aprendizagem, no qual a dor exerce função significativa. “O nosso irmão está prosseguindo com acerto.” Intervim, então, de certo modo curioso, perguntando: - E tem reencontrado afetos antigos, companheiros de equívocos, tentações? - Quem está isento disso? - interrogou-me, por sua vez. - O terreno do progresso - continuou - está assinalado pelas dificuldades e os problemas se multiplicam a cada passo. Assim não fosse e já não seria necessária a experiência, a prova. “Jonas tem sido visitado por agressões de toda ordem... Adversários dele e do Bem, que aqui permanecem, perseguem-no, atirando pessoas invigilantes sobre ele, até o momento em tentativas infrutíferas de perturbação e queda... Almas queridas se acercam, restabelecem-se os vínculos da afeição, que ele vai transformando, ao largo do tempo, em amor fraternal, trabalhando os próprios sentimentos com silêncio e renúncia, assistência aos que sofrem e orações, exercitando a vigilância e a alegria de viver...” - E sofre com esse comportamento? - indaguei. - É lógico - contestou-me, afável -. Transforma, porém, a escassez em esperança de abundância e a carência, em hábito educativo.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 26)

[...] “Hoje, várias Escolas de comportamento estimulam o uso e o abuso da função sexual, na busca do prazer exorbitante, informando que tal ação evita frustrações e desequilíbrios, aliás, sempre desmentidos pelos ases do gozo, símbolos sexuais estabelecidos, que transitam, insatisfeitos e apáticos, enveredando pelas drogas, tombando, depois, na loucura ou no suicídio... “Genericamente, os estudiosos do sexo, em face das múltiplas manifestações e expressões de comportamento humano, nessa área, buscaram estabelecer alguns critérios para melhor definir as posições sexuais, conforme as estruturas periféricas, observando a seguinte classificação: *gonádico*, pela identificação das células que constituem as glândulas genitais; *genético*, mediante o conhecimento da cromatina sexual; *fenótipo*, por meio do aspecto morfológico do ser; e *psicosexual*, numa ampliação da análise, estudo e aprofundamento da estrutura psicológica do indivíduo, e as influências recebidas, na educação, na sociedade, na cultura... Não param aí, as classificações e estudos, variando sempre, de acordo com cada Escola. “Seja, porém, qual for a forma sob a qual se expresse o

sexo na vida, ele é departamento orgânico importante, credor de respeito e consideração, não apenas máquina de satisfação dos instintos egoístas, imediatistas... “O seu uso deve ser regulamentado pela consciência dignificada, facultando ao indivíduo o equilíbrio e a harmonia decorrentes da permuta de hormônios e de afeto, sem que a vulgaridade e o barateamento lhe constituam razão predominante. “Além da responsabilidade pessoal, diversas implicações se fazem assinalar pelos efeitos do relacionamento que envolve outros parceiros, cuja conduta, muitas vezes, passa a ser o resultado da consideração ou do desprezo a que são relegados por aqueles que os seduzem, enganam ou exploram. “A medida que o Espírito se eleva e se enobrece, o uso do sexo passa por significativa alteração.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 6)

“Nos dias que se sucederam por toda uma semana, os visitantes terminaram por sentirem-se felizes, e os implicados no problema conflitante puderam dialogar largamente, numa tentativa de se auxiliarem mutuamente, transformando os desejos abjetos em sentimentos fraternos elevados. As despedidas foram o oposto da chegada, para o jovem. Uma saudade amena dominou-o e a figura do tio se lhe tornou a representação de um benfeitor querido com quem podia falar com clareza a respeito dos seus sofrimentos e junto a quem encontraria apoio e entendimento. Aquele prometera-lhe vir em socorro ou recebê-lo na família, quando a situação se lhe apresentasse insustentável. O verdadeiro amor, que une as almas e as eleva, triunfara por sobre a herança do instinto indômito, possuidor e selvagem. Quando as pessoas que se amam compreenderem a excelência desse sentimento e o canalizarem no sentido superior, os dramas e as tragédias passionais, os infortúnios e as alienações que dele decorrem, na sua feição egoísta, desaparecerão da Terra, e uma peregrina felicidade a todos unirá. O tempo e o prosseguimento da terapêutica se encarregariam do nosso jovem, que renascia dos escombros do passado para uma vida nova, devendo experimentar e vencer as naturais dificuldades que um tentame de tal porte lhe impunha. A primeira etapa, a da decisão, fora realizada bem, graças à mercê de Deus e ao devotamento dos nobres Benfeitores. Um universo de reflexões tornou-me a mente, como decorrência da luta redentora que os nossos amigos agora passavam a travar de maneira consciente, erguendo-se para a paz, adiando, por sublimação, a felicidade. Vemos o oposto, na sôfrega e irrefreada busca do prazer que enlouquece, quando as criaturas, se exaurindo, fogem de um para outro gozo, frustradas e amargas, derrapando para abismos mais profundos. A facilidade com que se expressam muitos estudiosos do comportamento, propondo liberação em vez de educação, vivência no desequilíbrio que pretendem dar cor de fenômeno natural, ao revés

de reajustamento, confirma o materialismo da nossa cultura hodierna. Mais lamentável é o fato observado no conhecedor da realidade do Espírito, e que, pressupostamente, tomando postura moderna, propõe que seja assumida a realidade interior e jogada no palco das paixões em desgoverno. É certo que não recomendamos uma posição castradora, inibitiva, pois que cada qual responde pela própria ação. Todavia, conhecendo a Lei da Causalidade, cumpre-nos sugerir maior reflexão em torno dos envoltórios emocionais e psicológicos, buscando as suas raízes na conduta anterior e tentando corrigir o que constitua conflito e dor, mediante atitude adequada no presente, que se toma uma terapêutica de eficiência para futuros resultados. Aprofundar feridas é método de abrir maior campo para infecção. Assim, fazer concessão ao fator que desencadeia o problema, é forma de torná-lo mais agudo, terminando por tombar na conjuntura expiatória. A reencarnação tem caráter educativo, gerador de hábitos novos, e é instrumento disciplinante, em face dos limites que propõe pelos impositivos da evolução. O homem não deve ser considerado como a máquina para o prazer, mas o ser eterno em contínuo processo de crescimento. O corpo é-lhe instrumento por ele mesmo — o Espírito que o habita — modelado conforme as necessidades que o promovem e libertam. A visão global do ser — Espírito, perispírito e matéria — é a que pode dar sentido à vida humana, facultando o entendimento das leis que a regem.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 16)

“A irmã Emerenciana, no gesto que lhe era habitual, dando uma ênfase coloquial e afetiva ao diálogo, ergueu o médium e aproximou-o do jovem, respondendo com o carinho e a seriedade que lhe caracterizavam o Espírito: — O seu processo de ajustamento à vida realiza-se com a segurança que é de desejar. Não será um esforço de breve duração, antes, um empreendimento expiatório e reparador de largo porte, que lhe concederá a libertação, passo inicial para a sua felicidade. A expiação dos delitos vem-se dando mediante as suas quotas de suor e de dor íntima. Solidão é reajustamento das engrenagens do sentimento; lubrificante fino sobre as peças da emoção que o abuso enferrujou... O tempo e a constância do esforço resolvem a questão, que perde o valor deprimente de que se reveste no começo, para facultar júbilo e paz interior pelos logros conseguidos. Agora é indispensável pensar em reparação. Socorrer os que foram prejudicados, soerguê-los do abismo onde se demoram, por culpa de quem agiu erradamente em relação a eles, é parte importante do programa de renovação pessoal do candidato à recuperação moral. O nosso irmão Fagundes Ribas, enfermo pelo ódio, deve ser ajudado pelo amor, de modo a reencetar a marcha com melhores disposições espirituais... — Que fazer,

então, abençoada Mensageira? — indagou, interessado. — Nas ocorrências do porte que afligem o filho querido, quase sempre encontramos a presença de embrionária faculdade mediúnica que serve de instrumento para o desforço das vítimas, como sucede, aliás, em quase todos os episódios obsessivos, e que podemos educar, canalizando as possibilidades para a reparação, para o bem. — Quer a irmã dizer, então, que eu sou médium? — Sim, afirmo-lhe a presença da mediunidade numa fase própria para ser educada para o serviço do bem e do seu próprio crescimento espiritual. O bem que se faz, sempre diminui o mal que se fez, conforme a Contabilidade do Amor. Serão, porém, indispensáveis os valores que devem ser adquiridos com empenho, de modo a facultar-lhe a sintonia correta com os Bons Espíritos, que o deverão conduzir. Assim, o nosso irmão Fagundes, quanto outros mais sofrendores e doentes da alma, virão, por seu intermédio, receber esclarecimentos e conforto, que lhes alterarão a forma de conduzir-se, preparando-os para as tarefas do futuro. É da Lei que, onde esteja o devedor, aí se apresentem a dívida e o cobrador... Ora, o nosso irmão defraudado deverá retomar na família onde se encontram aqueles que, conscientemente ou não, o martirizaram mais de uma vez... É justo que se reencarne no lar do Dr. Nicomedes e venha até você conduzido pelos impositivos da redenção. Não será melhor que ele viaje para a carne, enriquecido pela esperança e pela gratidão, modificado na forma de os aceitar e com perspectivas de ventura? Assim, apliquemos-lhe, desde hoje, a terapia preventiva, antes que mais se lhe fixem as matrizes da animosidade, agora em forma de frustração. Fez um interregno para facilitar ao jovem maior entendimento logo prosseguindo: A faculdade mediúnica é, de certo modo, um claustro materno que permite a fecundação de vidas em novos estados psíquicos. Melhor dizendo: o médium é sempre mãe, a receber filhos do sentimento, que renascem para o entendimento, quando o têm entorpecido, ou se facultam fecundar pelos Espíritos Nobres que, através deles corporificam ideias, expressam realizações superiores, materializam, curam, ajudam. Não serão os livros psicografados, por exemplo, filhos do médium, submisso e nobre, com o Amigo que os escreve por seu intermédio? Desta forma, você se colocará a serviço dessa fecunda maternidade pelo amor, dando sentido e direção correta à sua vida espiritual, sem qualquer prejuízo para a sua vida social, cultural, terrena. Suas energias genésicas encontrarão canalização edificante, plasmando existências que se erguerão para a paz e a felicidade, enquanto você próprio, compensado e tranquilo, seguirá adiante, amando, malgrado a aparente solidão, podendo optar pela edificação de uma família, caso isso lhe aprouver ou não. Enquanto isto, preencha as suas horas com

trabalhos proveitosos, queimando os excessos gerados pelo organismo. Receitam-se muito a ginástica, os desportos, na Terra, e com razão. Sem desprestígio para essa terapêutica desalienante, compensadora, que desenvolve os músculos, que os relaxa, que acalma a mente, entre nós, em face da dor que grassa, alucinada, quanta ginástica se poderá fazer. Visitando enfermos, socorrendo necessitados, aplicando passes, ou bioenergia, como se modernizou o labor, enfim, a caridade é um esporte da alma, pouco utilizado pelos candidatos à musculação moral e inteireza espiritual. As horas ociosas são anestésico para a dignidade e brechas morais contra o equilíbrio. Preenchê-las bem é procedimento de sabedoria, gerador de saúde mental. “Outrossim, sugiro-lhe cultivar pensamentos edificantes e não usar palavras vãs, pois que estas “corrompem o coração”, na mente se inicia o processo perturbador, que se manifesta pelas palavras e domina a realidade do ser. A queixa, a lamentação, a autopiedade são lixo mental que deve ser atirado fora, antes que intoxique aquele que o conserva como resíduo danoso. As conversações vulgares, salpicadas de erotismo, de permissividade produzem clima de promiscuidade emocional com os Espíritos perniciosos que se locupletam na vampirização e no comércio ignominioso com aqueles que lhes fazem parceria. O tratamento, portanto, das obsessões, torna-se muito difícil, porque muito depende do alienado. Não lhe basta o afastamento do perseguidor, que o liberta, mas, sim, a reeducação pessoal, que lhe faculta a autolibertação, esta, sem dúvida, muito mais difícil. “De certo modo, acostumado à preguiça mental e à aparente infelicidade, o homem não reage o suficiente para superar a situação, teimando em cultivar as ideias deprimentes a que se afeiçoara. Toda renovação exige esforço, sacrifício e disciplina da vontade, porquanto, é mais agradável ceder, acomodar-se, para logo depois queixar-se. “A Doutrina de Jesus é toda baseada na revolução do amor, essa força motriz indispensável à vida, que dimana de Deus e pulsa na Criação. Porque os modernos cristãos não a vivem conforme seria de desejar, ei-los a braços com o sofrimento, experimentando desequilíbrios e aturdimentos que seriam evitáveis. É a ignorância acerca do amor e a sua má interpretação que dão origem aos males que se desenrolam nas vidas de conduta superficial ou vã. Quando se entenda que o crescimento pessoal e a felicidade somente serão possíveis através do amor e do esclarecimento das Leis de Deus, modificar-se-ão os quadros das existências humanas, alterando-se completamente as paisagens sociais do mundo. Portanto, meu filho, eu não conheço outros métodos, senão os que lhe acabo de apresentar, para a estruturação de uma conduta sadia, propiciadora de uma existência ditosa. Reconheço que entre os conceitos emitidos

e a vivência deles medeia um pego, que você vencerá somente com persistência e decisão.” — E se eu não tiver forças, vindo a tombar em novos equívocos? — interrogou, Lício, comovido. — Recomece, mil vezes, que se façam necessárias. Inicialmente, não pense em termos de insucesso ou queda. Quando agasalharmos receios, partimos para o combate com parte dos equipamentos de luta apresentando falhas. Todavia, se o erro surgir, o delito vencer, retome o caminho, restaure a decisão e prossiga. A estrada percorrida pelo herói tem os sinais do cansaço e das pausas de quem lhe conquistou a distância, assim como a glória do santo guarda as marcas dos momentos difíceis que este atravessou. O importante, porém, não é a forma como foi atingida a vitória: se em frangalhos ou sem danos, pois que ela, em si mesma, é que vale, por propiciar a conquista almejada. O bem começa no primeiro pensamento de amor, tanto quanto a marcha mais larga se inicia no primeiro passo. Comece agora, avance a cada momento. O futuro é de Deus, que nos espera com paciência e amor.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 23)

“Advertências salvadoras. O sexo em desalinho, sob o comando do egoísmo, responde por grande número de aflições que atormentam a criatura humana. Remanescente dos impulsos primitivos da reprodução animal, escravizado às paixões do orgulho pessoal, constitui uma herança pesada no processo da evolução do ser humano. Enquanto prevaleça, dará curso aos espetáculos hediondos, que denigrem a História, graças às suas fixações nos caprichos sórdidos que geram a infelicidade, o desar. A força sexual, à semelhança de uma torrente impetuosa de água, deixada à solta, espalha pânico e morte; canalizada, preserva a vida... Desse modo, conduzi-la de forma segura para ser útil deve ser o pensamento e desejo do ser inteligente, que assim vai superando seus limites, mediante as sábias conquistas do sentimento e da razão. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Advertências salvadoras)

“Vidas em perigo. [...] No seu mundo íntimo, no entanto, inúmeros conflitos afligiam-no, enquanto ele buscava superá-los no estudo e vivência da Doutrina Espírita. Embora aparentasse calma e segurança, não poucas vezes surpreendia-se agônico, agitado, sob imperativos afligentes que o dilaceravam por dentro. Nessas ocasiões, nublavase-lhe o entendimento, e, como se ardesse entre labaredas, não lograva orar, de modo a restabelecer o equilíbrio, a harmonia. De certo modo, era-lhe um calvário a viver, qual ocorre com expressivo número de criaturas humanas que jornadaem no mundo, crucificadas em madeiros invisíveis. Sucede que o servidor do Evangelho procedia de reencarnações malogradas, especialmente no campo da fé religiosa, onde mais de uma vez se

comprometera gravemente. Em ocasião própria, no pretérito, passando como pastor, vinculado ao clero romano, entregara-se a lamentáveis práticas da luxúria e da sensualidade, vivendo largo período de permissividade e hipocrisia. Utilizando-se da religião, disfarçava as paixões inferiores na sotaina, enquanto explorava moçoilas ingênuas e viúvas angustiadas, que abandonava com indiferença, após saciados os caprichos servis. [...] Graças à conduta irregular na área sexual, que o corrompera antes, renasceu com dificuldades e limites genésicos, que respondiam pelos tormentos atuais. Frequentemente, ao adormecer, assomavam do seu inconsciente profundo as cenas do passado, as quais lhe produziam pesadelos cruéis que o atormentavam, levando-o a reviver o clima de morbidez que o intoxicara antes. Nesses dias, as aflições tornavam-se-lhe ásperas, levando-o à depressão, à insegurança, ao sofrimento. Naturalmente, cultivando esses sentimentos, sintonizava com os adversários, experimentando angústias de alto porte. A sua problemática sexual expressava-se em forma de timidez, de insegurança, de complexo de inferioridade... Ninguém lhe conhecia a identidade interior, que resguardava com dignidade, com pudor. [...] Teleconduzido pelo abnegado instrutor, buscou ser fiel à verdade dos fatos, relatando-os com franqueza e apresentando os conflitos íntimos, em honesta busca de reconforto e diretriz. Bom ouvinte, o Sr. Almiro deixou-o exteriorizar as aflições em catarse feliz, após o que passou à orientação compatível. — Na raiz de todo problema — elucidou, inspirado pelo mentor — encontramos a presença do passado. No ontem situam-se as causas, como sabemos, positivas ou perturbadoras da nossa caminhada no rumo do progresso. Equivocados e renitentes, os devedores nos apresentamos jungidos à canga dos débitos que a imprevidência e a presunção nos levaram a contrair. Particularmente, na área dos conflitos sexuais, assim como da insegurança pessoal com todo o seu séquito de tormentos, enfrentamos o ressumar da intemperança e dos abusos de vária ordem que volvem do pretérito espiritual. [...] Fazendo ligeira pausa, a fim de tornar claro o raciocínio, aduziu: — Alguns psicoterapeutas, vinculados ao pensamento freudiano, recomendariam de imediato a sua entrega ao prazer, à liberação da libido, ao comércio alucinante do sexo nos intercâmbios heterodoxos ora em voga... Não nos cumpre, porém, censurar-lhes a ótica de observação e avaliação do comportamento do homem que reduzem à simples expressão de animal sexual. “Considerando, no entanto, o ser, na sua totalidade, imortal na sua essência, a visão dos problemas que lhe dizem respeito sofre profunda alteração. “É certo que a imposição de uma conduta castradora, coibitiva das funções genésicas, atenta contra a própria fisiopsicologia do indivíduo. “De acordo com o

tipo de cada problemática, é indispensável uma solução específica, equivalente, que lhe corresponda. Assim, no campo das funções reprodutoras, a eleição do parceiro pelo amor representa valiosa decisão, que lhe faculta o núcleo familiar no qual se caldearão as expressões da conduta, surgindo o equilíbrio mediante a entrega ao dever, ao amor... “Noutras expressões da manifestação sexual derivadas do ontem, certamente essas solicitarão a canalização condizente, dirigindo as energias genésicas para os objetivos da beleza, da cultura, da fé religiosa, da ciência, da tecnologia, que também proporcionam a plenitude. A liberação ampla, que facilmente se transforma em comportamento promíscuo, mais aflige e complica o quadro do portador dos conflitos. “Examinem-se os campeões do prazer, e ver-se-á como se apresentam instáveis, atribulados, insatisfeitos, derrapando nos abismos das drogas, das alucinações variadas... “É claro que não pretendemos recorrer a imposições puritanistas que ficaram nos dias idos. Somos de parecer que a abstinência, a conduta saudável, mental e física, será sempre o melhor processo psicoterapêutico para a recomposição das paisagens emocionais e morais... “Eis por que, nas dificuldades em que você se vê envolvido, as atividades bem orientadas têm-lhe constituído meio seguro de autorrealização. Como ninguém consegue transitar, no mundo, em clima de harmonia plena, isto é, sem a presença dos desafios e das aflições, ditos são aqueles que podem olhar para trás sem anotar deslizes que tornariam a própria situação mais conflitiva, mais tormentosa. “Dessa forma, por meio da reflexão, você identificará os fatores de perturbação que o aturdem e prosseguirá conduzindo o barco somático de forma equilibrada, embora alguma carência que venha a registrar.” Novamente silenciando, voltou, de imediato, ao esclarecimento: — A mediunidade é-lhe campo formoso de experiências iluminativas, em cujo aprimoramento suas energias criadoras são utilizadas de maneira eficiente, tranquilizando-o. “As comunicações mediúnicas exigem o combustível das forças físicas e psíquicas do instrumento, a fim de se tornarem factíveis. Prossiga, portanto, superando-se e, na ação do amor ao próximo, transforme lubricidade em afeto, sofreguidão em paz, e vício em virtude. Não raro, o problema tem vinculações com os hábitos mentais incorretos, que desarticulam a emoção. Corrigindo-se o centro de posicionamento das ideias, estas fluirão em harmonia, em paz.” Outra vez, ordenando o pensamento, fez breve intervalo, prosseguindo, inspirado: — Quanto a irmã enferma e obsessa, fazem-se necessárias redobrada vigilância, oração e decisão imediata de interromper esse nefasto processo. “Sem dúvida, nossa infeliz cliente se encontra sob indução espiritual perversa. Utilizando-se dos seus hábitos mentais e morais

licenciosos, adversários dela como de nós outros açulam-lhe os apetites sexuais, alucinando-a. Porque se permite cultivar as ideias e as aspirações subalternas, encontra-se em faixa psíquica inferior, sendo estimulada à perversão que pouco a pouco a desarvora. “Enquanto as criaturas não se conscientizarem de que a mente é dínamo gerador de forças, e que, de acordo com a qualidade da onda emitida, nessa frequência se sentirão, o problema em pauta se transformará em tragédia do cotidiano, cada dia mais cruel. “Esse desbordar de paixões, durante as horas de lucidez, arquiva no subconsciente os clichês dos desejos não fruídos, que ressurgem à hora do repouso físico como sonhos perturbadores, nos quais intercambiam com os Espíritos obsessores. “Dentre as paixões primitivas que remanescem na criatura humana, os apetites sexuais se tornam os mais terríveis verdugos, cedendo espaço para as fugas espetaculares em variada expressão de vícios. O plasma psíquico do sexo da pessoa cobiçada atormenta o inquieto e inconsequente, levando-o à desarmonia e à loucura. “Somente a decisão forte e consciente para a libertação rompe esse círculo apertado de desejo e insatisfação, de gozo e sede...” Como se procurasse escutar nos refolhos da alma a palavra do irmão Vicente, que lhe dominava a mente, o Sr. Almiro concluiu: — Encerre imediatamente esse capítulo triste da sua existência que você não está a desenhar. Colhido pela irmã em desalinho, a quem busca ajudar, use de franqueza sem agressividade e não volte a vê-la.” (MPM, *Trilbas da libertação*, Vidas em perigo)

“SEXO. [...] SEXO E ESPIRITISMO - Ante quaisquer problemas de ordem sexual, merece considerar-se a importância da vida, das leis de reprodução, contribuindo para o fortalecimento das estruturas espirituais na construção da paz interior de cada um. Frustração, ansiedade, exacerbação, tormento, tendências inversas e aflições devem ser solucionados, do espírito em processo de reajuste ao corpo em reparação. Mediante a terapêutica da prece e do estudo, da aplicação dos passes e do tratamento desobsessivo, a par de assistência psicológica ou psiquiátrica correta, os que se encontram comprometidos com anomalias do corpo ou da emoção, recuperam a serenidade, reparam os tecidos ultrassensíveis do perispírito, reestruturando as peças orgânicas para a manutenção do equilíbrio na conjuntura reencarnatória. A preservação da organização genésica na faculdade sublime das suas finalidades impõe-se como dever imediato para a lucidez do homem convocado ao erguimento do Novo Mundo de amor e felicidade a que se refere o Evangelho e o Espiritismo confirma, através do bem a espalhar-se hoje por toda parte, repetindo a moral do Cristo, insubstituível e sempre atual.” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 20)

VII.4. Desequilíbrio sexual e disfunções orgânicas

“Desenvolvimento mediúnico. [...] O diretor proferiu tocante prece, no que foi acompanhado por todos os presentes. Dezoito pessoas mantinham-se em expectativa. – Alguns – explicou Alexandre – pretendem a psicografia, outros tentam a mediunidade de incorporação. Infelizmente, porém, quase todos confundem poderes psíquicos com funções fisiológicas. Acreditam no mecanismo absoluto da realização e esperam o progresso eventual e problemático, esquecidos de que toda edificação da alma requer disciplina, educação, esforço e perseverança. Mediunidade construtiva é a língua de fogo do Espírito Santo, luz divina para a qual é preciso conservar o pavio do amor cristão, o azeite da boa vontade pura. Sem a preparação necessária, a excursão dos que provocam o ingresso no reino invisível é, quase sempre, uma viagem nos círculos de sombra. Alcançam grandes sensações e esbarram nas perplexidades dolorosas. Fazem descobertas surpreendentes e acabam nas ansiedades e dúvidas sem fim. Ninguém pode trair a lei impunemente e, para subir, Espírito algum dispensará o esforço de si mesmo, no aprimoramento íntimo... Dirigindo-se, de maneira especial, para os circunstantes, o instrutor recomendou: – Observemos. Postara-se ao lado de um rapaz que esperava, de lápis em punho, mergulhado em fundo silêncio. Ofereceu-me Alexandre o seu vigoroso auxílio magnético e contemplei-o, com atenção. Os núcleos glandulares emitiam pálidas irradiações. A epífise, principalmente, semelhava-se à reduzida semente algo luminosa. – Repare no aparelho genital – aconselhou-me o instrutor, gravemente. Fiquei estupefato. As glândulas geradoras emitiam fraquíssima luminosidade, que parecia abafada por aluviões de corpúsculos negros, a se caracterizarem por espantosa mobilidade. Começavam as movimentações sob a bexiga urinária e vibravam ao longo de todo o cordão espermático, formando colônias compactas, nas vesículas seminais, na próstata, nas massas mucosas uretrais, invadiam os canais seminíferos e lutavam com as células sexuais, aniquilando-as. As mais vigorosas daquelas feras microscópicas situavam-se no epidídimo, onde absorviam, famélicas, os embriões delicados da vida orgânica. Estava assombrado. Que significava aquele acervo de pequeninos seres escuros? Pareciam imantados uns aos outros, na mesma faina de destruição. Seriam expressões mal conhecidas da sífilis? Enunciando semelhante indagação íntima, explicou-me Alexandre, sem que eu lhe dirigisse a palavra falada: – Não, André. Não temos sob os olhos a espiroqueta de Schaudinn, nem qualquer nova forma suscetível de análise material por bacteriologistas humanos. São bacilos psíquicos das torturas sexuais,

produzidos pela sede febril de prazeres inferiores. O dicionário médico do mundo não os conhece e, na ausência de terminologia adequada aos seus conhecimentos, chamemos-lhes larvas, simplesmente. Têm sido cultivados por este companheiro, não só pela incontinência no domínio das emoções próprias, através de experiências sexuais variadas, senão também pelo contato com entidades grosseiras, que se afinam com as predileções dele, entidades que o visitam com frequência, à maneira de imperceptíveis vampiros. O pobrezinho ainda não pôde compreender que o corpo físico é apenas leve sombra do corpo perispiritual, não se capacitou de que a prudência, em matéria de sexo, é equilíbrio da vida e, recebendo as nossas advertências sobre a temperança, acredita ouvir remotas lições de aspecto dogmático, exclusivo, no exame da fé religiosa. A pretexto de aceitar o império da razão pura, na esfera da lógica, admite que o sexo nada tenha que ver com a espiritualidade, como se esta não fosse a existência em si. Esquece-se de que tudo é espírito, manifestação divina e energia eterna. O erro de nosso amigo é o de todos os religiosos que supõem a alma absolutamente separada do corpo físico, quando todas as manifestações psicofísicas se derivam da influênciação espiritual.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 3)

“**Sexo.** [...] O Assistente observou que os trabalhos já estariam iniciados; seguimos, por isso, sem maiores delongas. Com efeito, encontramos a assembleia em plena função. Pouco mais de duas centenas de companheiros do nosso plano ouviam, atenciosos, iluminado condutor de almas. Sentamo-nos, por nossa vez, respeitosamente à escuta. O portador da sabedoria, cercado de viva luminosidade, prelecionava sem afetação. Palavra bem timbrada, penetrando-nos o íntimo pela inflexão da sinceridade, falava, simples: – “No exame das causas da loucura, entre individualidades, sejam encarnadas, sejam ausentes da carne, a ignorância quanto à conduta sexual é dos fatores mais decisivos. “A incompreensão humana dessa matéria equivale a silenciosa guerra de extermínio e de perturbação, que ultrapassa, de muito, as devastações da peste referidas na história da Humanidade. Vocês sabem que só a epidemia de bubões, no século 6º de nossa era, chamada peste de Justiniano’, eliminou quase cinquenta milhões de pessoas na Europa e na Ásia... Pois esse número expressivo constitui bagatela, comparado com os milhões de almas que as angústias do sexo dilaceram todos os dias. Problema premente este, que já ensandeceu muitos cérebros de escol, não podemos atacá-lo a tiros de verbalismo, de fora para dentro, à moda dos médicos superficiais, que prescrevem longos conselhos aos pacientes, tendo, na maioria das vezes, absoluto desconhecimento da enfermidade. “Agora, que nos distanciamos das imposições mais rijas da forma, sem nos libertarmos, contudo, dos

ascendentes fundamentais de suas leis, que ainda nos subordinam as manifestações, compreendemos que os enigmas do sexo não se reduzem a meros fatores fisiológicos. Não resultam de automatismos nos campos de estrutura celular, quais aqueles que caracterizam os órgãos genitais masculinos e femininos, em verdade substancialmente idênticos, diferenciando-se unicamente na expressão de sinalética. A este respeito formulamos conceitos mais avançados. Se aí residem forças procriadoras dominantes, atendendo aos estatutos da natureza terrestre, reguladores da vida física, temos, na inquietação sexual, fenômeno peculiar ao nosso psiquismo, em marcha para superiores zonas da evolução. “Doloroso é, porém, verificar a desarmonia em que se afundam os homens, com sombrios reflexos nas esferas imediatas à luta carnal. Inúmeros movimentos libertadores estalaram através dos séculos, no anseio da vida melhor. Guerras sangrentas de povo contra povo, revoluções civis espalhando padecimentos inomináveis, têm sido alimentadas na Terra, no curso do tempo, em nome de princípios regeneradores, segundo os quais se abrem novas conquistas do direito do mundo; no entanto, o cativo da ignorância, no campo sexual, continua escravizando milhões de criaturas. “Inútil é supor que a morte física ofereça solução pacífica aos espíritos em extremo desequilíbrio, que entregam o corpo aos desregramentos passionais. A loucura em que se debatem não procede de simples modificações do cérebro: dimana da desassociação dos centros perispiríticos, o que exige longos períodos de reparação. “Indiscutivelmente, para a maioria dos encarnados, a fase juvenil das forças fisiológicas representa delicado estágio de sensações, em virtude das leis criadoras e conservadoras que regem a família humana; isto, porém, é acidente e não define a realidade substancial. A sede do sexo não se acha no corpo grosseiro, mas na alma, em sua sublime organização.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 11)

“**SEXO E CORPO ESPIRITUAL.** [...] **Enfermidades do instinto sexual.** As cargas magnéticas do instinto, acumuladas e desbordantes na personalidade, à falta de sólido socorro íntimo para que se canalizem na direção do bem, obliteram as faculdades, ainda vacilantes, do discernimento e, à maneira do esfaimado, alheio ao bom senso, a criatura lesada em seu equilíbrio sexual costuma entregar-se à rebelião e à loucura em síndromes espirituais de ciúme ou despeito. À face das torturas genésicas a que se vê relegada, gera aflitivas contas cármicas a lhe vergastarem a alma no espaço e a lhe retardarem o progresso no tempo. Daí nascem as psiconeuroses, os colapsos nervosos decorrentes do trauma nas sinergias do corpo espiritual, as fobias numerosas, a “histeria de conversão”, a “histeria de angústia”, os “desvios da libido”, a neurose obsessiva, as psicoses e as fixações mentais diversas que

originam na ciência de hoje as indagações e os conceitos da psicologia de profundidade, na esfera da Psicanálise, que identifica as enfermidades ou desajustes do instinto sexual sem oferecer-lhes medicação adequada, porque apenas o conhecimento superior, gravado na própria alma, pode opor barreiras à extensão do conflito existente, traçando caminhos novos à energia criadora do sexo, quando em perigoso desequilíbrio. Desse modo, por semelhantes rupturas dos sistemas psicossomáticos, harmonizados em permutas de cargas magnéticas afins no terreno da sexualidade física ou exclusivamente psíquica, é que múltiplos sofrimentos são contraídos por nós todos, no decurso dos séculos, porquanto, se forjamos inquietações e problemas nos outros com o instinto sexual, é justo venhamos a solucioná-los em ocasião adequada, recebendo por filhos e associados de destino, entre as fronteiras domésticas, todos aqueles que constituímos credores do nosso amor e da nossa renúncia, atravessando, muitas vezes, padecimentos inomináveis para assegurar-lhes o refazimento preciso. Compreendamos, pois, que o sexo reside na mente, a expressar-se no corpo espiritual, e conseqüentemente no corpo físico, por santuário criativo de nosso amor perante a vida e, em razão disso, ninguém escarnecerá dele, desarmonizando-lhe as forças, sem escarnecer e desarmonizar a si mesmo. Pedro Leopoldo, 30/3/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 18)

“Do nosso lado, em comovida oração, D. Adelaide suplicou bênçãos e amparo divino para os consortes, tendo em vista a gravidade com que consideramos os espousalícios, especialmente quando realizados entre aqueles que se identificam com os postulados cristianíssimos da Doutrina Espírita. À união dos corpos sabemos precederem compromissos de sublimação, dor, reajustamento e sombra, cuja violação sempre acarreta consequências penosas para ambos os consórcios. A fim de se evitarem os desaires e choques que, naturalmente, ocorrem numa convivência a dois, especialmente se o amor não se faz estruturar nas bases da tolerância e da compreensão, o companheirismo durante o noivado é de fundamental importância, facilitando maior e melhor identificação pessoal, bem como ensejando a reeducação dos futuros nubentes, que se compreenderão desde logo, sem as surpresas que decorrem das uniões precipitadas. Além disso, nunca se postergando o exame da responsabilidade na construção da família, os nubentes sabem que a progenitura é decorrência natural da comunhão física, através de cuja investidura retornam aqueles com os quais todos nos encontramos comprometidos, a fim de facultar-lhes o cadinho das abençoadas experiências terrenas... Os filhos, a possibilidade de recebê-los, convém merecer cuidadoso exame dos candidatos ao matrimônio, que se não devem deixar envolver

pelas modernas teorias anticoncepcionais, engendradas pelo egoísmo e pelo utilitarismo, com respaldo na irresponsabilidade do *dolce far niente*, sob a desculpa injustificável da explosão demográfica avassalante e insustentável em termos de futuro... Também cabe a consideração de que a ausência dos descendentes pelo corpo, como imposição redentora decorrente dos abusos pretéritos que propiciaram fundas lesões perispirituais a expressar-se na impossibilidade da fecundação, na esterilidade, não isenta ninguém da paternidade e maternidade espirituais, levando os casais, assim caracterizados, à condição de providenciais e abnegados pais de filhos de pais vivos, distendendo-se-lhes os braços socorristas e compassivos, para aconchegá-los de encontro ao coração, preservando-os da orfandade social, com o que se credenciam à reconquista dos valores malbaratados e das bênçãos da procriação outrora vilipendiadas... Gilberto e Tamiris encontravam-se conscientizados quanto aos deveres e funções decorrentes do matrimônio. Contavam com a ajuda da fé espírita que os clareava por dentro e com o milagre do amor que os unia e sustentava.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 28)

“Entretencia estas e outras considerações íntimas, quando o estrênuo Bezerra nos chamou a atenção, em torno de um processo psiquiátrico decorrente de problemas posteriores ao parto, denominado de psicose puerperal. - Tecnicamente - elucidou o mentor amigo -, a produção dos hormônios, que se faz normalmente, torna-se fator do desequilíbrio, em razão de os mesmos se transformarem em toxinas que, atuando no complexo cerebral, terminam por desarranjar a estabilidade psíquica. Mesmo em fenômeno de tal ordem, meramente fisiológico, defrontamos o Espírito devedor, que volve à forma feminina sob a injunção do distúrbio para recuperar-se do mau uso passado das funções genésicas. “Observa-se, igualmente, que o desarranjo hormonal sucede em jovens e senhoras durante o período catamênico, alterando o comportamento, que tende à excitação psíquica para posterior queda depressiva. “O Espírito é sempre responsável pelo corpo de que se utiliza, suas funções físicas e psíquicas que decorrem das realizações pretéritas e do uso nobre ou vulgar, elevado ou pervertido que lhe atribuiu. “Nessa condição de devedor, mais facilmente sintoniza com outros Espíritos, na mesma faixa de evolução ou em condição inferior, perante os quais se encontra em débito, facilitando o quadro genérico das obsessões.” Após uma oportuna pausa, prosseguiu: - No caso em tela, a nossa paciente somou às antigas uma nova e grave ação infeliz, que a jugula por natural processo de reparação, àquele a quem novamente prejudicou, quando poderia auxiliá-lo. “Quando os homens compreenderem que o amor é sempre mais benéfico para quem ama, muitos males desaparecerão

da Terra e a etiopatogenia de inúmeras enfermidades diluir-se-á, sustando-se a erupção das mesmas. “Enquanto, porém, o egoísmo governar o comportamento, a dor se atrelará às criaturas, realizando o mister de conduzi-las para o equilíbrio, a ordem, o bem que são as fatalidades da evolução.” [...] (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 4)

“A sexolatria gera distonias emocionais, por conduzir o indivíduo ao reduto das sensações primitivas, retendo-os nas áreas do gozo insaciável, que o leva à exaustão, a terríveis frustrações na terceira idade, se a alcança, e a depressões sem conta pelo descalabro que desorganiza o corpo e perturba a mente. Além desses, são criados campos de dificuldade afetiva, de responsabilidade emocional com os parceiros utilizados, estabelecendo-se compromissos desditosos para o futuro.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Comportamento e vida)

[...] “No caso de Carlos, houve alteração neurológica, por ação do perispírito no sistema extrapiramidal, resultando na alteração de alguns reflexos tendinosos, conforme se observa na rigidez da pupila. Da mesma forma, ocorreram distúrbios neurovegetativos, na série vagotônica... A conhecida “mão *catatônica*”, úmida e fria, com cianose, sem pressão coordenada, igualmente faz parte do quadro do nosso paciente. Além desses, naturalmente, ocorrem nele os distúrbios metabólicos como defluência do estado geral que padece.” Houve nova pausa, a fim de elucidar-me mais especificamente quanto ao drama em estudo. Assim, reunindo argumentos simples para o meu alcance, deu curso às explicações, informando: — “Como veremos mais tarde, a ação perturbadora do nosso pupilo foi muito grave, em razão do uso desordenado do sexo, tombando em degenerescência glandular, que lhe afetou os testículos, facultando o surgimento de uma fibrose perniciososa, bem como de uma atrofia dos tubos seminíferos daqueles órgãos, em face de uma deficiente produção do hormônio gonadotrópico do lobo anterior da hipófise. “Vemos aí a mente espiritual — consciência de culpa — interferindo na constituição orgânica e dando curso às etiopatogenias detectadas pelos cientistas nas suas nobres investigações. “A ação obsessiva, por parte dos cobradores desencarnados, contribui para o baixo consumo de oxigênio, a anemia secundária e outros distúrbios que são registrados nos pacientes esquizoides e que, em Carlos, são habituais, porque a ingestão dos fluidos perniciosos intoxica-o, levando os órgãos a funcionamento alterado, inclusive à lentidão do fluxo sanguíneo com *ingerência fluidica* no sistema enzimático do organismo...” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 4)

“O Mentor se aproximou do médium e, tomando as mãos de Filipe, exprobrou-o ao Bem com tamanha doçura que as resistências antagônicas foram quebradas.

Inspirada pela irmã Emerenciana, Annette acercou-se hesitante e suplicou: Perdoa-me a loucura! Não sabes como sofro, encarcerada num corpo que não é o meu. Traí e cometi desdouros que me pungem quais punhais afiados. Eu não me recordava de tanta desgraça. Oh! Deus, tende piedade de nós. Filipe, colhido pelo inesperado gesto da antiga esposa, respondeu: — Não posso perdoar, no entanto, dê-me tempo e este me ajudará a desculpar. Pelo menos, não a perseguirei, caso eu encontre algum apoio em qualquer lugar onde me possa acalmar. — Esta é a tua Casa — consolou-o o Médico Espiritual — porque é a Casa de Jesus. Não retomarás aos sítios de hediondez. Começarás o tratamento aqui mesmo, e, posteriormente, a reencarnação te aguardará para o recomeço feliz. Pelo que posso depreender, Lício te ajudará muito, porquanto renascerás por intermédio do Dr. Nicomedes e sua esposa. Dr. Bezerra entregou-o à irmã Emerenciana e informou ao antigo Henri: — “Ele volverá aos teus braços com imensa carência de amor e o receberás com ternura, liberando-te do mal que, na tua área genésica, na próstata, está preparando campo para uma neoplasia maligna... A tua conduta moral apressará, ou não, o surgimento do câncer, ou o impedirá. Serás o autor dos teus futuros dias. “Por consequência, respeita e ajuda Annette, na forma de sobrinho inquieto. Auxilia-a a ajustar-se e não tornes à viciação.” [...] (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 15)

“O Fracasso de Laércio. [...] O Dr. Arquimedes convidou Germano, que também houvera sido médico em sua última jornada terrestre, a que examinasse o paciente. Após alguns minutos de cuidadosa observação, o nosso companheiro concluiu pelo diagnóstico da enfermidade desgastante que o consumia, ao lado da exploração das energias de que era vítima pelos desencarnados exploradores. - Trata-se de uma neoplasia maligna da próstata — disse, lentamente — com metástases quase generalizadas. O processo vem se agravando há mais de dez meses, considerando-se a área orgânica invadida pelas células degeneradas. Uma cirurgia, em momento próprio, tendo-se em vista o progresso da medicina nesse campo, o teria liberado do mal que ora o consome. — Concordo plenamente com o amigo — anuiu o mentor. - O irmão Laércio deixou-se arrastar pelo sexo indisciplinado, desrespeitando o lar que lhe era sagrado, quando se encontrava no auge da programação espiritual. Seus inimigos, que lhe conheciam a debilidade moral, impossibilitados de arrastá-lo à queda, aproximaram do seu lar uma parenta portadora de muita beleza física e sensualidade, que experimentava dificuldades matrimoniais, recentemente abandonada pelo consorte. Insinuante e dependente das sensações do sexo malconduzido, procurou apoio dos familiares, recebendo orientação e palavras de conforto. Inspirada, porém, pelos adversários do

trabalhador espírita, passou a acalantar desejos lascivos em relação a ele e, pouco tempo depois, terminou por arrastá-lo ao leito do adultério, embora a confiança que em ambos depositava a esposa fiel. Enredado nos fluidos do desejo, hipnotizado pelo prazer e fascinado pelo gozo, ele entregou-se à luxúria e ao conforto que ela podia proporcionar-lhe, fugindo ao convívio da família, onde não mais parecia encontrar bem-estar ou alegria. Prosseguiu na farsa de abordar temas morais, sem condições íntimas para fazê-lo. Passados, porém, os primeiros tempos de desequilíbrio, distante da família e sentindo-se perdido, resolveu-se pela separação legal da esposa, e depois, da infeliz companheira que o arrastou ao tombo, passando a cultivar pensamentos perturbadores, telementalizado pelo adversário soez que o espreitava. Lentamente, foi-se deixando vencer, sentindo-se indigno de prosseguir na tribuna e na imprensa com a sua contribuição, mantendo somente os compromissos como educador desestimulado, a fim de atender aos impositivos da lei junto aos familiares, desaparecendo de circulação... Atualmente, em face da consciência de culpa que ajudou o processo de desencadeamento do câncer prostático, totalmente subjugado, pensa fugir do corpo por intermédio do famigerado suicídio.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 11)

“**Sexo.** [...] Elevado à condição de fator essencial em tudo, é agora razão de todos os valores, produzindo mais larga faixa de desajustados, enquanto se faz mais vulgar, mais mesquinho, mais brutalizado... Problemas de exigência psiquiátrica, distonias de realidade esquizoide, gritando urgência de terapêutica especializada, defecções morais solicitando disciplina, educação e reeducação constituem manchetes da leviandade, como se fossem esses os reais processos da vida e a reflexão como o equilíbrio passassem a expressões de anomalia carecente de execração... Transsexualismo e heterossexualidade expulsos dos porões sórdidos da personalidade humana doentia, deixaram as salas hospitalares e os pátios dos frenocômios para os desfiles das ruas, acolitados por desenfreada sensualidade, através de cujos processos mais aumentam as vagas do desequilíbrio. Incontestavelmente impressos nos painéis do psicossoma os comprometimentos morais em que o ser se emaranhou, estes impõem a necessidade da limitação, como presídio de urgência, no homossexualismo, no hermafroditismo, na frigidez e noutros capítulos da Patologia Médica, nos casos dos atentados ao pudor, traduzindo todos eles o impositivo da Lei Divina que convoca os infratores ao imperioso resgate, de modo a que se reorganizem nesta ou naquela forma, masculina ou feminina, a fim de moralizar-se, corrigir-se e não se corromper, mergulhando em processos obsessivos e alucinatórios muito mais graves, que logo mais padecerão... [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 20)

VII.5. Individualidade sexual e inversão do sexo (homossexualidade)

“A conversação como que esmorecia, no entanto, Hilário, interessado em dirimir as dúvidas que lhe escaudavam a cabeça, tomou novamente a palavra e indagou, sem preâmbulos: – E os problemas inquietantes da inversão? Silas deu-se pressa em aclarar: – Não será preciso alongar elucidacões. Considerando-se que o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser, é natural que o Espírito acentuadamente feminino se demore séculos e séculos nas linhas evolutivas da mulher, e que o Espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo nas experiências do homem. Contudo, em muitas ocasiões, quando o homem tiraniza a mulher, furtando-lhe os direitos e cometendo abusos, em nome de sua pretensa superioridade, desorganiza-se ele próprio a tal ponto que, inconsciente e desequilibrado, é conduzido pelos agentes da Lei Divina a renascimento doloroso, em corpo feminino, para que, no extremo desconforto íntimo, aprenda a venerar na mulher sua irmã e companheira, filha e mãe, diante de Deus, ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa que, depois de arrastar o homem à devassidão e à delinquência, cria para si mesma terrível alienação mental para além do sepulcro, requisitando, quase sempre, a internação em corpo masculino, a fim de que, nas teias do infortúnio de sua emotividade, saiba edificar no seu ser o respeito que deve ao homem, perante o Senhor. Nessa definição, porém, não incluímos os grandes corações e os belos caracteres que, em muitas circunstâncias, reencarnam em corpos que lhes não correspondem aos mais recônditos sentimentos, posição solicitada por eles próprios, no intuito de operarem com mais segurança e valor, não só o acrisolamento moral de si mesmos, como também a execução de tarefas especializadas, através de estágios perigosos de solidão, em favor do campo social terrestre que se lhes vale da renúncia construtiva para acelerar o passo no entendimento da vida e no progresso espiritual.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 15)

“**SEXO E CORPO ESPIRITUAL. Hermafroditismo e unissexualidade.** Examinando o instinto sexual em sua complexidade nas linhas multiformes da vida, convém lembrar que, por milênios e milênios, o princípio inteligente se demorou no hermafroditismo das plantas, como, por exemplo, nos fanerógamos, em cujas flores os estames e pistilos articulam, respectivamente, elementos masculinos e femininos. Nas plantas criptogâmicas celulares e vasculares ensaiara longamente a reprodução sexuada, na formação de gametas (anterozoides e oosfera) que muito se aproximam aos dos animais e cuja fecundação se efetua por meios análogos aos que observamos nestes últimos seres.

Depois de muitas metamorfoses que não cabem num estudo sintético quanto o nosso, caminhou o elemento espiritual, na reprodução monogônica, entre as vastas províncias dos protozoários e metazoários, com a divisão e gemação entre os primeiros, correspondendo à cisão ou estrobilação entre os segundos. Longo tempo foi gasto na evolução do instinto sexual em vários tipos de animais inferiores, alternando-se-lhe os estágios de hermafroditismo com os de unissexualidade para que se lhe aperfeiçoassem as características na direção dos vertebrados. **Hermafroditismo potencial.** Gradativamente, aparecem novos fatores de diferenciação, guardando-se, no entanto, os distintivos essenciais, como podemos identificar, ainda agora, no sapo macho adulto um hermafrodita potencial, apesar dos sinais masculinos com que se apresenta, sabendo-se que carrega na região do seu testículo, positivamente acrescido, um ovário elementar aderente, o conhecido corpo de Bidder. Se extirparmos o testículo, o ovário atrofiado começa a funcionar, por atuação da hipófise, conforme experimentos comprovados, convertendo-se num ovário adulto. Ocorrência inversa é verificável em cinco a dez por cento de galinhas adultas, isto é, nos indivíduos psiquicamente dispostos, das quais, se retirarmos o ovário esquerdo, também consideravelmente desenvolvido, o ovário direito, rudimentar, transubstanciase num testículo que se vitaliza e cresce, na sua parte medular, até então inibida pelos estrogênios do ovário esquerdo. Nesse fenômeno, aumenta-se-lhes a crista, cantam tipicamente à maneira do galo e adotam-lhe a conduta sexual masculina. Registramos esses fatos para demonstrar que entre todos os vertebrados e muito particularmente no homem, herdeiro das mais complicadas experiências psíquicas, nos domínios da reencarnação, apenas os caracteres morfológicos dos implementos sexuais estão submetidos aos princípios da genética. Isso porque não é só a figuração das glândulas sexuais que se mostra bipotencial até certo ponto, pois todo o cosmo orgânico é suscetível de reagir aos hormônios do mesmo sexo ou do sexo contrário, segundo as disposições psíquicas da personalidade. **Ação dos hormônios.** Atingindo inequívoco progresso em seus estímulos, o corpo espiritual, desde a protoforma psicossômica nos animais superiores até o homem, conforme a posição da mente a que serve, determina mais ampla riqueza hormonal. As glândulas sexuais que então mobiliza são mais complexas. Exercem a própria ação pelos hormônios que segregam, arrojando-os no sangue, hormônios esses, femininos ou masculinos, que possuem por arcabouço da constituição química em que se expressam o núcleo ciclo-pentano-peridrofenantreno, filiando-se ao grupo dos esteróis. Os hormônios estrogênicos, oriundos do ovário, mantêm os caracteres femininos secundários, e os androgênicos, segregados pelo testículo, sustentam

os caracteres masculinos da mesma ordem. Produzem ações estimulantes e inibitórias, todavia, como atendem necessariamente a impulsos e determinações da mente, por intermédio do corpo espiritual, incentivam o desenvolvimento ou a maneira de proceder da espécie, mas não os origina. Por isso, nenhum deles possui ação monopolizadora no mundo orgânico, não obstante patentear essa ou aquela influência de modo mais amplo. Ainda em razão do mesmo princípio que lhes vige na formação, pelo qual obedecem às vibrações incessantes do campo mental, os hormônios não se armazenam: transformam-se rapidamente ou sofrem apressada expulsão nos movimentos excretórios. Entendendo-se os recursos da reprodução como engrenagens e mecanismos de que o Espírito em evolução se vale para a plasmagem das formas físicas, sem que os homens lhe comprovem, de modo absoluto, as qualidades mais íntimas, é fácil reconhecer que as glândulas sexuais e seus hormônios exibem efeitos relativamente específicos. Inegavelmente, o ovário e os hormônios femininos se responsabilizam pelos distintivos sexuais femininos, mas podem desenvolver alguns deles no macho, prevalecendo as mesmas diretrizes para o testículo e os hormônios que lhe correspondem. Isso é claramente demonstrável nos experimentos de castração, enxertos e injeções hormonais, porquanto, apesar de a ação sexual específica do testículo e do ovário apresentar-se como fato indiscutível, a gônada, refletindo os estados da mente, herdeira direta de experiências inumeráveis, eventualmente produz certa quantidade de hormônios heterossexuais e, da mesma sorte, ainda que os hormônios sexuais se afirmem com atividade específica intensa, em determinados acontecimentos realizam essa ou aquela ação em órgãos do sexo oposto. Esses são os efeitos heterossexuais ou bissexuais das glândulas ou dos hormônios. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 18)

“O anfitrião, explanando as ideias que nós, os presentes, aventávamos, historiou, em síntese, que na Espiritualidade Superior o sexo não é considerado unicamente por baliza morfológica do corpo de carne, distinguindo macho e fêmea, definição unilateral que, na Terra, ainda se faz seguir de atitudes e exigências tirânicas, herdadas do comportamento animal. Entre os Espíritos desencarnados, a partir daqueles de evolução mediana, o sexo é categorizado por atributo divino na individualidade humana, qual ocorre com a inteligência, com o sentimento, com o raciocínio e com faculdades outras, até agora menos aplicadas nas técnicas da experiência humana. Quanto mais se eleva a criatura, mais se capacita de que o uso do sexo demanda discernimento pelas responsabilidades que acarreta. Qualquer ligação sexual, instalada no campo emotivo, engendra sistemas de compensação vibratória, e o parceiro que lesa o outro, até o ponto em

que suscitou os desastres morais consequentes, passa a responder por dívida justa. Todo desmando sexual danificando consciências reclama corrigenda, tanto quanto qualquer abuso do raciocínio. Homem que abandone a companhia sem razão ou mulher que assim proceda, gerando desregramentos passionais na vítima, cria certo ônus cármico no próprio caminho, pois ninguém causa prejuízo a outrem sem embarçar a si mesmo. Vaticinou que a Terra, a pouco e pouco, renovará princípios e conceitos, diretriz e legislação, em matéria de sexo, sob a inspiração da Ciência, que situará o problema das relações sexuais no lugar que lhe é próprio. Empenhou-se a repetir que na Crosta Planetária os temas sexuais são levados em conta, na base dos sinais físicos que diferenciam o homem da mulher e vice-versa; no entanto, ponderou que isso não define a realidade integral, porquanto, regendo esses marcos, permanece um Espírito imortal, com idade às vezes multimilenária, encerrando consigo a soma de experiências complexas, o que obriga a própria Ciência terrena a proclamar, presentemente, que masculinidade e feminilidade totais são inexistentes na personalidade humana, do ponto de vista psicológico. Homens e mulheres, em espírito, apresentam certa percentagem mais ou menos elevada de características viris e feminis em cada indivíduo, o que não assegura possibilidades de comportamento íntimo normal para todos, segundo a conceituação de normalidade que a maioria dos homens estabeleceu para o meio social. Tendo Neves formulado consulta sobre os homossexuais, Félix demonstrou que inúmeros Espíritos reencarnam em condições inversivas, seja no domínio de lides expiatórias ou em obediência a tarefas específicas, que exigem duras disciplinas por parte daqueles que as solicitam ou que as aceitam. Referiu ainda que homens e mulheres podem nascer homossexuais ou intersexos, como são suscetíveis de retomar o veículo físico na condição de mutilados ou inibidos em certos campos de manifestação, aditando que a alma reencarna, nessa ou naquela circunstância, para melhorar e aperfeiçoar-se e nunca sob a destinação do mal, o que nos constrange a reconhecer que os delitos, sejam quais sejam, em quaisquer posições, correm por nossa conta. À vista disso, destacou que nos foros da Justiça Divina, em todos os distritos da Espiritualidade Superior, as personalidades humanas tachadas por anormais são consideradas tão carecentes de proteção quanto as outras que desfrutam a existência garantida pelas regalias da normalidade, segundo a opinião dos homens, observando-se que as faltas cometidas pelas pessoas de psiquismo julgado anormal são examinadas no mesmo critério aplicado às culpas de pessoas tidas por normais, notando-se, ainda, que, em muitos casos, os desatinos das pessoas supostas normais são consideravelmente agravados, por menos justificáveis

perante acomodações e primazias que usufruem, no clima estável da maioria. E à ligeira pergunta que arrisquei sobre preceitos e preconceitos vigentes na Terra, no que tange ao assunto, Félix ponderou, respeitoso, que os homens não podem efetivamente alterar, de chofre, as leis morais em que se regem, sob pena de precipitar a Humanidade na dissolução, entendendo-se que os Espíritos ainda ignorantes ou animalizados, por enquanto em maioria no seio de todas as nações terrestres, estão invariavelmente decididos a usurpar liberalidades prematuras para converter os valores sublimes do amor em criminalidade e devassidão. Acrescentou, no entanto, que no mundo porvindouro os irmãos reencarnados, tanto em condições normais quanto em condições julgadas anormais, serão tratados em pé de igualdade, no mesmo nível de dignidade humana, reparando-se as injustiças assacadas, há séculos, contra aqueles que renascem sofrendo particularidades anômalas, porquanto a perseguição e a crueldade com que são batidos pela sociedade humana lhes impedem ou dificultam a execução dos encargos que trazem à existência física, quando não fazem deles criaturas hipócritas, com necessidade de mentir incessantemente para viver, sob o Sol que a Bondade Divina acendeu em benefício de todos.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 9)

“Tomando do microfone para se fazer ouvido e pigarreando asquerosamente, o mísero sofredor narrou: — Estive na Terra há aproximadamente 60 anos, donde fui expulso por homicídio vergonhoso... Era radicado no Rio de Janeiro, nos últimos dias do Segundo Império, fazendo parte da média burguesia. Acreditava-me feliz na vida conjugal, quando, por insistência da esposa, buscara recreação, em férias de dezembro, em Petrópolis, fugindo à canícula do Rio, hábito, aliás, que se repetia cada ano. Não imaginava que a companhia, de quase 15 anos de vida em comum, ligara-se a aventuras extraconjugais com um dos meus empregados, que servia numa das lojas de tecidos de minha propriedade. Não tendo filhos, por minha morte todos os meus bens recairiam nas mãos da viúva. Embargado, senão pela emoção, porém pela ira repentina que o dominava, fez uma pausa, que foi interrompida por estímulos coléricos das galerias: — Prossegue! Narra! Nada de medo! Desejamos saber tudo... — Instalado na serra petropolitana entre amigos folgazões, que se beneficiavam do excelente clima, fui assassinado cruelmente, sem piedade, pela esposa e o amante, que ela emboscara na intimidade da alcova, cinco dias após ali nos termos alojado. Logo depois, oferecendo ensejo para que o criminoso se evadisse, ela encenou um roubo de joias e outros valores, do que resultara o hediondo crime... Hábil na arte da dissimulação, fez-se acreditar; e o homicídio passou impune. Embora aberto inquérito que se arrastou tristemente entre as

autoridades competentes, sem testemunhas nem novos fatos que viessem justificar suspeitas, o caso foi encerrado e a sepultura silenciou sobre a tragédia passionai. Novo choque da turba desesperada: — Que aconteceu? — gritavam, em coro, as vozes desenfreadas. — Ao despertar do lado de cá, experimentando as cruzas da imortalidade, dominado por incoercível ódio, ardendo de desejos de vingança, retornei ao lar — não posso atinar com o tempo que houvera transcorrido — e, então, o meu horror não teve limite. A traidora, passado um regular período de luto, consorciara-se com o meu assassino, entrando ambos na posse dos meus bens, fruindo o resultado do crime feroz... Transfigurado de dor e revolta, esbravejando com expressões das mais chocantes, o narrador, de olhar desvairado, prosseguiu: — O desespero foi-me fulminante. Tive a impressão de morrer outra vez. Uma angústia bestial feriu-me, e a dor que sentia no peito varado pelo estilete com que me destruíram o corpo foi acrescentada à de um catártico que me queimava e requeimava, até que, louco, perdi a noção de tempo, de lugar, de tudo... Refocilei em regiões indescritíveis, por quantos anos não poderia dizê-lo com segurança, sem refrigério, sem socorro... Há poucos anos senti uma força que me arrancou do *inferno* em que me demorava e, subitamente, recobrei alguma lucidez, descobrindo-me diante de um jovem de 10 anos aproximadamente, por quem de imediato nutri incomparável horror. Elos poderosos me atavam ao estranho corpo juvenil, e, vinculado ao lar em que ele vivia, comecei a compreender que aquele corpo, por sortilégio demoníaco que me escapava, ocultava a adúltera, agora revestida de forma nova, como que mascarada para continuar a fugir à sanção que merecia... «Eu ignorava totalmente a lei de «vinda-ida-e-volta» (*A entidade se refere à lei da reencarnação*. — *Nota do Autor espiritual*) em que os criminosos são obrigados a percorrer outra vez os sítios malsinados pela sua conduta vergonhosa, mas sentia que, perseverando ali, mais cedo ou mais tarde surpreenderia a verdade. Foi o que fiz. Comecei a acompanhar aquele ser, que me inspirava a mais chocante revolta. Paulatinamente me fui afinando com ele e tão constante me fiz na eficiente fiscalização que um dia, em que o sono o dominou, percebi que *ela*, a horrenda assassina, abandonava o corpo dele. Vendo-me, reconheceu-me, e voltou a refugiar-se nas carnes novas, que foram sacudidas por vigoroso choque, produzindo nele o despertar apavorado. Não mais arredei pé.» A recordação entrecortada de soluços e descontroles produziu violenta crise na entidade, que continuou estimulada pelo auditório ávido do desfecho. Recompondo-se, após olhar a figura impassível do Chefe, prosseguiu: — No lar em que *ele* se ocultava travei conhecimento com um membro desta Colônia, que ali também residia, e vim aqui trazido

para uma entrevista com o Dr. Teofrastus. Ante a citação do nome do *mag*, os ouvintes em desatrelada balbúrdia aplaudiram com palmas, assobios e gritos ensurdecedores. A sirene soou impondo silêncio e a narração continuou: — Ouvido atentamente pelo Chefe, ele recomendou-me uma vingança de longo curso. Foi visitar pessoalmente a minha inimiga e após demorado exame chegou à conclusão de que poderíamos produzir muito em nome da justiça a meu benefício, O corpo era moço, mas o espírito que o animava era o da assassina, que merecia severa punição. Identificando nela (em corpo de homem, embora) as tendências guardadas da vida anterior, em que as dissipações atingiram o auge — o esposo depois de expropriar-lhe os bens, evadiu-se para a África, deixando-a na mais chocante miséria, o que a levou a uma vida boêmia, aniquilando o corpo em imundos catres de perversão moral, vitimada pela tuberculose que contraíra ao peso de excessos de toda a natureza, fácil seria perturbar-lhe os centros genésicos, através da perversão da mente inquieta, em processo de hipnose profunda, praticada por técnicos do nosso lado. Gargalhadas estentóricas estouraram de todos os lados. — Viva a *justiça*! — Gritaram. — Muito bem! Adiante! — Em pleno amadurecimento das faculdades sexuais, sob a rigorosa assistência de um hipnotizador destacado pelo Dr. Teofrastus, foi fácil modificar-lhe o interesse e inclinar-lhe a *libido* em sentido oposto ao da lei natural, já que o seu corpo era masculino, produzindo irreparável distonia nos centros da emoção. Daí por diante associei-me à sua organização física e psíquica, experimentando as sensações que lhe eram agradáveis e criamos um condicionamento em que os nossos interesses agora passaram a ser comuns. Tão fortemente me liguei à sua vida, que o ódio se converteu em estímulo de gozo, imanando-nos em processo de vampirização em que me locuplete e através do qual a destruo, atirando-a cada vez em charco mais vil, até que o suicídio seja sua única solução... O auditório vibrava. Os espetáculos romanos do passado não poderiam ser mais chocantes. Era difícil saber-se se aqueles eram espíritos que habitaram corpos humanos ou primitivos seres que apenas experimentaram o trânsito do instinto para os albos da inteligência, através de formas humanas... Na pausa que se fez natural, Saturnino, visivelmente comovido, comentou: — Justiça em nós mesmos! O erro acompanha sempre o desrespeitador da lei, enquanto ele não se modifica para a verdade e não se submete espontaneamente à reparação. Acreditam esses infelizes irmãos que o poder lhes está nas mãos, teimando por ignorar que a lei que lhes concede ensejo para tais proezas não lhes permite o uso desregrado da impiedade nem da suprema humilhação, olvidando conscientemente a aproximação do momento deles próprios, em situação possivelmente

muito mais dolorosa... Silenciou, pois que a narrativa entre ovações e achincalhes tinha curso. — Depois de alguns anos de convivência entre ela e mim — continuou a entidade —, percebi que curiosa tristeza a mal-sinava. Sentia-se *dominada* por mim e começou a registrar-me a presença. Agora, após concluir o curso médio e iniciar-se na Universidade com maior compreensão dos problemas humanos, sabendo do drama íntimo, resolveu procurar um psicanalista de renome. *Submetida* a diversos testes e sessões especializadas, o facultativo, que é dócil à minha sugestão — merece esclarecer que a este tempo já me enfronhara devidamente nas técnicas da sugestão, nos diversos processos hipnológicos de que me utilizo com frequência para colimar os meus desejos — e que ignora, totalmente, na sua soberbia intelectual as realidades deste lado, utilizando-se de expressões muito em moda, por mim inspiradas, sugeriu que o essencial na vida é a pessoa realizar-se como achar conveniente, e que tudo o mais são *tabus* que devem ser quebrados, em prol da felicidade de cada um... Pressionando o especialista com hábil sugestão, consegui que ele a estimulasse ao prosseguimento habitual dos seus atos, o que não me foi difícil. Novas gargalhadas espocaram, acompanhadas dos mais chocantes verbetes da infelicidade humana. Muito estimulado pelo consenso geral, o Espírito infeliz culminou: — Quando já me supunha dono absoluto da situação, alguém aconselhou-a a procurar sessões espíritas, pois que isto bem poderia ser uma obsessão. Esse alguém é um certo pregador do Espiritismo, nesta cidade, que se propôs ajudá-la com passes e outros recursos que ignoro. — O quê? — bradou o auditório. — Onde já se viu? E a *justiça*? O Espiritismo é o maior inimigo da nossa Organização. Fora com o Espiritismo; reajamos à intrujice... Novamente o silvo das cigarras impôs silêncio. O narrador prosseguiu: — *Atônita* começou a frequentar algumas sessões e eu me senti repentinamente sem possibilidades de dominá-la como fazia até então. Sabendo-a sem resistência para o que já lhe constituía um hábito, comecei a suggestioná-la de longe. A infeliz, no entanto, ao invés de receber as minhas impressões, fez-se *beata*, começou a orar. Recorri então ao Dr. Teofrastus que, muito sábio, lhe deu assistência especializada e conseguiu induzi-la a novos compromissos, obrigando-a a reincidir, o que me ofereceu ensejo de trazê-la aqui hoje.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 8)

“O paciente, que defrontava a Benfeitora Espiritual pela primeira vez, podia ser catalogado entre aqueles que se encontravam em luta por um lugar ao sol, disputando a oportunidade de ser feliz fora dos padrões em voga. Não obstante a juventude, sentia fastio pelos prazeres que se lhe tomaram um estigma íntimo, a afligi-lo de dentro para fora. — Sou uma alma em françalhos! — desabafou, por fim, abrindo-se com total

confiança. — Se continuo nesta marcha, nesta dubiedade de comportamento, vivendo duas formas de ser, enlouquecerei, se é que já não me encontro transpondo o portal do desvario. Há momentos em que não tenho discernimento para saber o que é certo ou o que se encontra errado, o que devo ou não fazer. A escala de valores está confusa na minha mente, em grave transtorno de avaliação. Venho pedir ajuda. Eu notara que no intervalo de silêncio, quando os clichês mentais se lhe sobrepunham à aparência, ele fora submetido a assistência fluídica de modo a poder liberar-se dos agentes contristadores que o encarceravam no conflito. Porque a bondosa Mentora permanecesse com um sorriso gentil bailando-lhe nos lábios, que infundia confiança, o moço expôs, indagando: — “Será que eu sou um Espírito feminino domiciliado num corpo masculino? “Toda a minha vida até aqui é um permanente delírio. A minha psicologia difere da minha fisiologia, minhas aspirações entram em choque com a minha forma. “Desde criança, eu preferia que me chamassem Lícia, a Lício, que é o meu nome. A última forma me chocava, enquanto a primeira me produzia deleite. Ao espelho, despido, sempre me estranhei, passando a detestar o que eu apresentava sem sentir, anelando pelo que experimentava emocionalmente, sem possuir. As formas do corpo produziam-me estranheza... Foi, porém, na puberdade que os meus sofrimentos se agravaram, na escola, no lar, em toda parte. Eu era uma pessoa dupla: a real, era interior, enquanto que a aparente, era a visível. “Todas as minhas recordações estão assinaladas por preferências femininas e os meus interesses sempre giraram nessa órbita. A inocência não me deixava entender a variedade de sentimentos, essa dicotomia comportamental. Ainda não me assaltavam preferências físicas, já que tudo acontecia num plano ideal, platônico, se posso dizer, sem outros comuns ingredientes humanos...” A mente do jovem repassava as suas lembranças, que se corporificavam diante dos nossos olhos. Ele titubeou um pouco, ante uma recordação forte, que assinalava novo e penoso período da sua existência. Percebendo-lhe a indecisão, a Amiga espiritual estimulou-o à narrativa com palavras de entendimento, pois que isto lhe faria bem. — “Quando eu contava dez anos — recordo-me bem, como se estivesse a acontecer, novamente —, um irmão de mamãe, que morava no interior, portanto, meu tio, veio fazer Faculdade em nossa cidade, e nosso lar foi-lhe aberto, confiante, hospitaleiro. Eu o conhecera rapidamente, desde quando, muito antes, fora visitar meus avós, levado por meus pais e em companhia dos meus dois irmãos maiores: um menino e uma menina. Naquela ocasião, senti-me encantado com ele, bondoso e delicado, que brincava conosco. Ao retornar à minha casa, aquela primeira impressão foi-se diluindo com o tempo. Agora, porém, fora um choque

reencontrá-lo, embora a minha pouca idade. Ele, todavia, pareceu-me o mesmo, porquanto, dava-me preferência e acariciava-me com insistente dedicação. Suas mãos fortes e seus dedos vigorosos passeavam com ternura sobre minha cabeça, deslizando entre meus cabelos encaracolados... Osculava-me a face e foi-me dominando emocionalmente. Apesar de eu não saber distinguir um de outro sentimento, experimentava grande bem-estar ao seu lado e corria sempre em busca da sua companhia.” Novamente Lício aquietou-se, medindo as palavras que deveria utilizar. Logo depois continuou: — “Dói-me recordá-lo, em razão dos sentimentos controvertidos que me abatem... “Um dia, com palavras dóceis, que eu não alcançava, levou-me à sedução, à ação nefasta devastadora que me prossegue afetando. Sem saber discernir, era uma *brincadeira*, um *segredo de amor*; que manteríamos, conforme deu-me instrução para uso pessoal e junto à família. Com o tempo adaptei-me e, envergonho-me de confessá-lo, passei a amá-lo, se é que um adolescente, naquele período, sabe o que é o amor. “Em casa, em face da confiança da família e ao descuido educacional, jamais transpirou o drama que ali se desenrolava conosco. “Por mais de três anos vivemos essa terrível aventura, que se interrompeu, quando ele concluiu o curso e foi exercer a profissão noutra cidade. Desnecessário dizer que a sua partida foi um desespero para nós ambos, que parecíamos não suportar o que ia acontecer. Impossibilitados, porém, de encontrar outra solução, o tempo selou o nosso destino com a separação. Mantivemos correspondência frequente, como ocorre nos idílios interrompidos pela distância física, e, como tais, o desfecho ocorreu, como era natural, seguindo as leis da vida... Ele encontrou uma jovem, a quem passou a amar realmente, deu-me ciência do fato e casou-se com ela. “Eu estava com quinze anos. Adicionei à dor moral, outra, decorrente do vício a que me acostumara... Sem orientação, sem coragem de buscar apoio e diretriz com quem me pudesse ajudar, e temendo não os encontrar, após noites indormidas e lutas tenazes contra a ideia do suicídio que se me fixava como única solução, tombei em novas, frustrantes e arrasadoras experiências que me magoaram profundamente, dilacerando-me o coração e a dignidade interior. Concluo que, mesmo as criaturas mais vis do chamado contexto social, possuem a sua dignidade, suas áreas emocionais de honra, fronteiras resistentes, últimas a se perderem, na guerra das paixões dissolventes, antes da derrocada total... Quando estas são ultrapassadas, nada mais resta porque lutar: é o fim, a entrega ao aniquilamento, a morte interior da vida, e a criatura se toma um cadáver adornado quando logra manter a aparência, porém, apenas cadáver que respira... “Por fim, vive-se hoje um momento em que quase todos afirmam a necessidade de cada um ser por fora aquilo

que é por dentro. Assumir a sua realidade íntima, viver e gozar conforme as suas necessidades, e só! Isto, porém, não me convence. Há algo dentro de mim que repele a degradação, a promiscuidade, a morte dos objetivos que a vida possui. Creio em Deus e na alma, razões que me afligem a consciência, ante os tormentos que me assaltam. Valeram, indago-me, os poucos minutos de *relax* e prazer em relação aos dias e noites de ansiedade e incerteza? E depois, quando a morte advier, sempre penso, o que acontecerá, como será? “Some-se, a isso, que a lembrança do meu tio não se aparta de mim. Amo-o e odeio-o. Não voltei a vê-lo, embora, não há muito, ele tentasse, por carta que eu não respondi, uma reaproximação. Ele, agora, é pai. Como conciliar tal comportamento? No entanto, ele não me sai dos sonhos, nem das recordações que me enternecem e infelicitam. “Eis porque aqui estou pedindo socorro, a vós que tendes a visão da imortalidade, a sabedoria dos problemas humanos. Soube que, talvez, um *trabalho* de vossa parte me pudesse aliviar o sofrimento, já que não creio seja possível arrancá-lo de mim, por entender que sou um ser feminino numa forma masculina, graças a um sortilégio da Divindade, que não consigo entender. O que sei, é que necessito de uma tábua qualquer de salvação, mesmo que imaginária, qual naufrago que, em se debatendo na procela, se agarra a uma navalha que lhe dilacera as carnes, mas que é a única possibilidade de salvação ao seu alcance. Um grande silêncio caiu no compartimento, no qual se ouviam as ânsias da alma sofrida, pedindo socorro. A cantoria monótona, as palmas e os sons dos surdos rítmicos pareciam muito longe, não interferindo na psicosfera ambiente. Várias Entidades que envergaram a epiderme negra, assinaladas pela bondade e nobreza de propósitos, ali presentes, comoveram-se, tanto quanto nós, com a narração de Lício. Uma onda de simpatia geral nos envolveu a todos.” O nobre Dr. Bezerra, que acompanhava a experiência a desdobrar-se diante de nós, interveio em meu favor, explicando: — “Caro Miranda, a situação em que estagia o nosso querido irmão alcança número muito maior de criaturas, na Terra, como no Além, do que se possa imaginar... Contam-se aos milhões, no mundo, padecendo conflitos desta natureza, que ainda não encontraram compreensão adequada, nem estudo conveniente das Doutrinas que lhe investigam as causas, procurando soluções. Por enquanto, travam-se lutas entre a coarctação e a liberação do comportamento daqueles que estagiam nas áreas conflitantes do sexo. Os apologistas da proibição aferram-se a códigos morais caducos e impiedosos, nos quais a pureza é sinônimo de puritanismo, e os outros, que lideram o esforço em favor dos direitos da funcionalidade aberta, primam pela agressão moral, pela alteração de valores, pela imposição da sua conduta, nivelando todos os indivíduos em

suas carências afetivas e estruturais, proclamando a hora da promiscuidade e da chalaça. Apresentam-se muitos indivíduos que se deixam conhecer, como motivo de escárnio, ao invés de lutarem pela conquista igualitária de espaço; ou de risota, ostentando deformidades que resultam dos comportamentos alienados, pedindo generalização dos costumes nos quais a conduta enfermiça deveria tomar-se padrão para todos. “O respeito e a linha de equilíbrio devem vigor no homem, em qualquer compromisso de relacionamento estabelecido. Enquanto, porém, o sexo se mantiver na condição de *produto* para venda e a criatura permanecer como *objeto* de prazer, a situação prosseguirá nos seus efeitos crescentes, mais amplos e dolorosos do que aqueles que se digladiam em nossa sociedade consumidora e inquieta. É natural que ressalvemos as exceções valiosas e nobres que há em todos os campos e áreas de ação da Humanidade.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 5)

“DESTINO E SEXO. Enquanto a Orientadora se aureolava de tênue claridade, que nos parecia resultado de uma forte concentração, buscando as causas anteriores do problema que lhe fora exposto, pusemo-nos a conjecturar a respeito da questão que se estampava conflitante, na atualidade, em milhões de criaturas, conforme a segura informação do Dr. Bezerra. Este psicólogo do amor, que se acostumara a atender os necessitados dessa área, que lhe buscavam constante ajuda, percebendo-me o interesse de penetrar reflexões no assunto em pauta, acercou-se mais e elucidou: — “O sexo, em si mesmo, é instrumento excretor, a serviço da vida. Programado pela Divindade para servir de veículo à “perpetuação da espécie” nos seres pelos quais se expressa, tem sido gerador de incontáveis males, através dos tempos, em face do uso que o homem, em especial, lhe tem dado. “Quando respeitado nos seus objetivos pelas criaturas e atendido pelo instinto entre os animais, atinge as finalidades a que se destina, sem outras consequências, qual ocorre também com as plantas...” “No atual estágio evolutivo do planeta terrestre, o ato sexual faz-se acompanhar de sensações e emoções, de modo que propiciem prazer, facultando o interesse entre os seres, e assim preenchendo a destinação a que se encontra vinculado. Não obstante, o vício e o abuso sempre lhe seguem em pós, como decorrência da mente que se perverte e o explora, dando origem a capítulos lamentáveis de dor e sombra, que passam a assinalar a conduta daqueles que o perturbam. “Simultaneamente, devemos considerar que, em sua realidade intrínseca, o Espírito é assexuado e sem preferência ou psicologia específica para uma ou outra experiência na organização física. Por esta razão, a própria vida elaborou formas que se completam em favor da função procriativa. Ao lado dessas, em se considerando o incessante progresso

dos homens, na busca da felicidade, os ideais lentamente vão suprindo, na área das emoções superiores, os prazeres que decorrem das sensações mais fortes. E, não raro, atendendo a aspirações pessoais, muitos desses indivíduos requerem, quando no plano espiritual, e têm deferido os pedidos, a reencarnação na masculinidade ou na feminidade, sem amarras com a forma, vivendo uma sexualidade global, sem conflitos nem posses, destituída de paixões e de ímpetos descontrolados. São aqueles que poderíamos denominar heterossexuais, porém, calmos e seguros, capazes de transitar, se for o caso, por toda a vilegiatura física com *autossuficiência*, sem maior esforço, porque, também, sem compromissos negativos com a retaguarda nesse campo. Outros Espíritos, receosos de repetir as façanhas prejudiciais, solicitam e conseguem *formas neutras*, o que equivale possuir uma anatomia tipificadora de um ou outro gênero, com uma psicologia e uma emoção destituídas de interesse por tal ou qual manifestação, digamos, erótica. Constituem a larga faixa onde estão as pessoas brandas, cuja aparência inspira *sentimentos* nos outros, sem que se deixem enredar pelos apetites correspondentes, por serem psiquicamente assexuadas, embora possuam todo o mecanismo genésico perfeito e sejam portadoras dos hormônios correspondentes à sua fisiologia. Assim, mais facilmente, executam os misteres que abraçam nos diferentes setores da existência, normalmente afeiçoadas em profundidade aos seus programas de enobrecimento, mediante os quais se elevam e promovem a Humanidade.” Logo após breve pausa, para melhor coordenar e sintetizar tão profundo assunto, deu curso à explicação: — “A própria forma humana vigente hoje, na Terra, é transitória. Entre o *Pithecanthropus erectus* e o *Homo sapiens* houve expressivas modificações anátomo-fisiológicas no ser em progresso, tendo em vista que, sendo superior o psiquismo na atualidade, portanto, o Espírito, este imprime no corpo o que lhe é mais necessário para a evolução a que se destina, assim elaborando órgão e compleição mais compatíveis com as suas finalidades. É compreensível que deste ao *Homo technologicus* hajam ocorrido sutis alterações que preparam a forma do futuro *Homo espiritual* em condições melhores. De permeio, surge, no laboratório das transformações, a interferência das mentes, produzindo constituições assinaladas pelos transtornos do comportamento anterior do ser lúcido, que geram os tipos do hermafroditismo e da bissexualidade, que passam a constituir organismo de reeducação para os seus exploradores antigos, agora submetidos a provas de correção entre fortes conflitos e áspera insegurança interior... Alguns autores dedicados ao estudo do sexo afirmam, ainda, a existência da posição intersexual, a que denominam pseudo-hermafroditismo. Quando o corpo se encontra definido

numa ou noutra forma e o arcabouço psicológico não corresponde à realidade física, temos o transexualismo, que, empurrado pelos impulsos incontrolados do *eu* espiritual perturbado em si mesmo ou pelos fatores externos, pode marchar para o homossexualismo, caindo em desvios patológicos, expressivos e dolorosos... É, no entanto, na forma transexual, quando o Espírito supera a aparência e aspira pelos supremos ideais, que surgem as grandes realizações da Humanidade, como também sucede na heterossexualidade destituída de tormentos e anseios lúbricos, que lhe causam graves distonias. Em qualquer forma, portanto, pode o Espírito dignificar-se, elevando-se, desde que se não deixe acometer pela loucura do prazer desregrado, que sempre lhe proporcionará a necessidade de reparação em estado mais afligente... “Correspondendo a tais circunstâncias, sempre do Espírito para o corpo e não deste para aquele, as respostas orgânicas se fazem mediante os genes e cromossomos que estabelecem as formas, sujeitas à ação do ser reencarnado, de acordo com as suas necessidades evolutivas. Quando ocorre, em qualquer forma na qual estagia o Espírito, o açulamento ou descontrole da função, este defronta a prova que deve superar a esforço de educação, de disciplina mental e física, evitando agravar o próprio estado. Diferindo dos animais pelo uso da razão, o homem deve utilizá-la em todos os seus empenhos, especialmente nos compromissos para com o sexo, a fim de mais facilmente sentir-se pleno.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 6)

“DESTINO E SEXO. [...] Silenciando, outra vez, volveu, arrematando: — O nosso Lício encontra-se catalogado como transexual, que foi conduzido pelo tio ao homossexualismo, com todas as agravantes disso decorrentes e outros componentes, conforme constataremos nas explicações da Mentora a quem ele recorreu. Observemos! Neste momento, concluindo as suas pesquisas, realizadas em profundo recolhimento espiritual, a Entidade falou: — “Você tem razão ao afirmar que se trata de uma alma feminina encarcerada num corpo masculino. Tal ocorrência, no entanto, não é fruto de um sortilégio divino, senão dos códigos soberanos da vida, que estabelecem diretrizes, que, desrespeitadas, produzem resultados concordes com a gravidade da rebeldia. Em todas as determinações superiores, porém, o amor está presente aguardando que o homem lhe aceite a inspiração e o comando, para que facilmente supere a pena a que se submete em face da insubordinação perpetrada. Cada criatura é, portanto, responsável pelo rosário das ocorrências do seu caminho evolutivo, como o agricultor que, possuindo uma gleba de terra, dela recolhe o que lhe faculta semear e conforme o trato que lhe dá. “Todos vimos de recuados tempos. Espíritos imortais que somos, reencarnamos e desencarnamos, mediante a

utilização e desligamento do corpo, qual se este fosse um uniforme de uso para o educandário terrestre, cujos efeitos são transferidos de uma para outra experiência, conforme as aquisições logradas. Homem ou mulher, na forma transitória, as responsabilidades são as mesmas, apesar da infeliz discriminação que esta última vem sofrendo nas várias culturas através dos tempos ou das licenças que ora se permite em nossa sociedade enferma. “A forma, numa como noutra área, é oportunidade para aquisição de particulares conquistas de acordo com os padrões éticos que facultam a uma ou à outra. Quando são conseguidos resultados positivos numa expressão do sexo, pode-se avançar, repetindo-se a forma até que, para diferente faixa de aprendizagem, o Espírito tenta o outro gênero. No momento da mudança, em razão dos fortes atavismos e das continuadas realizações, pode ocorrer que a estrutura psicológica difira da organização fisiológica, sem qualquer risco para o aprendiz, porquanto há segurança de comportamento e nenhum desvio da libido por ausência de *matrizes psíquicas* decorrentes da degeneração imposta aos hábitos anteriores. Quando, porém, o indivíduo se utiliza da função genésica para o prazer continuado sem responsabilidade, derivando para os estímulos que as aberrações da luxúria o convidam, incide em gravame que é convidado a corrigir, na próxima oportunidade da reencarnação, sob lesões da alma enferma, que se exteriorizam em disfunções genésicas, em anomalias e doenças do aparelho genital, ou na área moral, mediante os dolorosos conflitos que maceram, nos quais o ser íntimo difere, *in totum*, do ser físico... Seja, no entanto, qual for a ocorrência regularizadora, ela deve ser enfrentada com elevação moral e consciência tranquila, recompondo, através dos atos corretos, a paisagem mental e emocional afetada. Não há, para essas *marcas da alma*, outro tratamento que eu conheça, senão a superação do problema mediante a abstinência, canalizando-se as forças sexuais para outros labores e aspirações, igualmente propiciadores de gozo profundo e estímulo constante para mais altos voos e conquistas.” Houve uma pausa oportuna, proporcionando absorção do conteúdo pelo neófito, que acompanhava, sem dificuldade, a linha do claro raciocínio apresentado. Eu não cabia em mim de admiração, constatando o que me parecia um paradoxo: conceitos tão profundos que emergiam de uma forma tosca, sem a exigente correção da linguística. O Amigo Espiritual destacado para acompanhar-nos, percebendo-me a perplexidade, acercou-se mais e, sorrindo, disse-me: — Recorde o irmão que a delicada plântula rompe a casca grosseira que guarda a semente, ganhando força e vetustez ao sabor do tempo e da sua fatalidade vegetal, como uma débil raiz que com o tempo fende uma rocha... De imediato, a sábia Orientadora continuou: — “Pelo menos, nas três últimas

reencarnações, você, Lício, viveu experiências femininas, utilizando-se de corpos desse gênero. Na antepe-núltima, enredou-se numa trama que a paixão insensata fez enlouquecer. Logo depois, recomeçou para liberar-se das consequências danosas que lhe permaneciam como insegurança e necessidade, vindo a fracassar de forma rude. Não há muito, utilizou de toda a força que a atração física lhe emprestava, para usufruir e malsinar vidas que hoje se lhe enroscam, perturbando-lhe a marcha... Os efeitos emocionais lhe dilaceraram as fibras sensíveis da aparelhagem espiritual que modelaram um corpo-presídio, no qual a forma sofre o tormento da essência e vice-versa... Nas três oportunidades, a mercê divina lhe concedeu a escolha livre do corpo — oportunidade redentora —, que foi usado para lesar e fruir, desforçar-se e triunfar, com grandes envolvimento negativos. Agora, o mesmo Amor lhe propõe a redenção pelo reequilíbrio — provação —, a fim de que não tombe na expiação mutiladora ou alienante, caso teime perseverar na usança mórbida, delinquente, da organização que lhe é veículo para o progresso e não para futuro encarceramento, consoante o seu livre-arbítrio eleja o caminho a percorrer. “Como é normal, infelizmente, aqueles que lhe padeceram a arrogância e a insensibilidade retornaram ao seu convívio físico ou psíquico, tanto quanto os que foram corrompidos e lhe propuseram degradação ora renteiam ao seu lado. O tio pervertido é-lhe companhia antiga, do mesmo grupo de perversão, que não teve resistências morais para vencer os impulsos físicos, que provinham dos refolhos do ser viciado, e soube identificar, embora sem compreender, a antiga companheira de alucinação. Todavia, no seu desvario, ele esteve inspirado por adversário de ambos, domiciliado em nossa esfera de ação, que aguarda ensejo para vingar-se, na condição de esposo traído e vilipendiado pelos dois... Assim, consideremos que, além da consciência autopunindo-se através dos conflitos e da inquietação permanente, soma-se a presença odiosa do vingador e de outros que se creem prejudicados e planejam reparação a alto preço. Esta situação, todavia, existe porque os vínculos com o bem ou o mal permanecem conforme a força dos atos praticados, até que novas ações rompam a geratriz deles, por eliminação do seu efeito, fortalecendo as correntes do dever, que permanecerão para sempre.” O jovem estava comovido. A força da lógica, na explanação apresentada, e a evocação através dos quadros relatados, elucidavam Lício, a respeito dos sonhos que o assaltavam desde criança, quando cenas, que agora se explicavam, aturdiavam-no, levando-o a estados de paroxismo, nos quais despertava, banhado por álgido suor e sempre aos gritos, sendo recolhido pelos pais que o assistiam, solícitos, até que passasse a crise alucinatória. Tão amiúde se repetiram esses fatos, que ele temia

adormecer, já na adolescência, especialmente quando o tio o iniciou no desvio da ação sexual. Via-se perseguido por seres hediondos e animalescos, ou em bacanais em que, eleito como hetera dominante, era exposto ao servilismo abjeto dos promíscuos e dissolutos convivas presentes. O horror dominava-o, ameaçando enlouquecê-lo, tal a continuidade do acontecimento. O que se pensa sempre responde pelo clima emocional onde se vive. A ação do passado, automaticamente, leva o indivíduo aos lugares que lhe agradavam viver. Além do mais, os comensais costumesiros igualmente se encarregam de reconduzir aos mesmos lugares aqueles que se lhes vinculam. Medese, pois, a psicofera de alguém pela incidência frequente do seu pensamento, no que elege. Ignorava que era conduzido, em Espírito, aos sítios de devassidão, em regiões próprias do Planeta, onde homens e desencarnados dão curso às suas aptidões e aos seus interesses, em conúbios danosos e frequentes. Os homens, em parcial desdobramento pelo sono, e os desencarnados, em fenômeno de vampirismo como de imantação demorada com aqueles que exploram fluídica e psiquicamente, são levados a patologias de difícil diagnose médica e mais complicada terapêutica libertadora. É a reencarnação a única chave segura para equacionar quase todos os problemas que afligem o ser humano, simbólica “escada de Jacó” para conceder-lhe os altiplanos felizes da vida. Revelando, mais uma vez, sabedoria e prudência, a Mentora evitaria minudenciar acontecimentos pretéritos, que poderiam ser considerados, pelo consulente sem estrutura de compreensão espírita, como exageros de imaginação, ou que lhe produziriam impacto prejudicial, gerador de depressão como de desânimo. Dito o necessário, abriu espaço para futuros esclarecimentos, tendo deixado transparecer, nos comentários finais, a conveniente, porém rigorosa, terapia a que se deveria submeter.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 6)

“DESTINO E SEXO. [...] Lício sentia-se um pouco reconfortado, como se vislumbrasse débil claridade à distância, apontando-lhe a saída do abismo. Ignorando, todavia, os procedimentos a que se devia submeter, indagou: — Que trabalho me será feito, a fim de que me reajuste e me liberte desta situação confrangedora? A Entidade sorriu, embora com muito carinho, ante a indagação ingênua e respondeu: — Será um imenso e demorado trabalho, meu filho, a que ambos nos submeteremos. Não esqueça que a solução de um problema exige sempre o tempo que a sua gravidade nos impõe. As coisas simples são atendidas com rapidez, o mesmo não ocorrendo com as mais complicadas. Além do mais, a diagnose de uma doença não indica que a medicação ainda não aplicada já esteja a fazer efeito. E mesmo quando o processo enfermigo se faz debelado, a convalescença do paciente propõe

o tempo necessário à restauração da saúde. Destarte, preparemo-nos para uma ação contínua e demorada. Como é certo que identificar um inimigo e o lugar onde ele se encontra é grande auxílio para a vitória do combate, somente a boa luta, perseverante e sem trégua, é que leva ao êxito. Tudo, ou melhor dizendo, a parte mais grave desta refrega vai depender de você. Prometemos auxiliá-lo, sem tomar-lhe o fardo que você próprio arrumou ao largo do tempo e que deverá desfazer com amor e alegria. Haverá momentos muito difíceis, que você ultrapassará, caso perseverar nas indicações que lhe daremos, nunca, porém, se sentirá ao desamparo. — E por onde começar? — indagou, honestamente interessado. — Pela reeducação mental, corrigindo o conceito de prazer e felicidade, e essa ideiação regularizará os hábitos viciosos e avançará sob disciplina severa, exercitando a abstinência. Assim, logrará, a largo prazo, interromper os vínculos com os maus Espíritos que lhe exploram a emoção e lhe roubam energias sexuais valiosas. Para esse compromisso, exercite-se na oração-monólogo com Deus, até conseguir um diálogo íntimo restaurador de forças; busque preencher a mente com figuras otimizadas e ideias elevadas, calmantes; recorde-se dos homens, igualmente sofrendores, em outras áreas, e ajude-os conforme puder. O bem que se faz é conquista que se logra em paz interior. Por fim, volte aqui, se lhe aprouver, ou onde creia que pode ser socorrido, sem que lhe seja facultado permanecer cultivando os hábitos atuais, tormentosos... Quando se atrasam as medidas profiláticas, mais se espalham e agravam as doenças. Ação positiva, retardada, é tempo perdido para a recuperação. Agora, medite, passe à outra sala, de modo a participar do encerramento dos nossos trabalhos, dentro em pouco, e, se achar conveniente, prossigamos com o seu tratamento ora já iniciado. Lício identificou-se amado pelo nobre Espírito. Estranhos sentimentos de amor, a que não estava acostumado, dominaram-no, e, tocado pela irradiação de carinho que vinha da Benfeitora, gaguejou, embaraçado, e arrematou: — Desculpe minha ignorância. Muito obrigado! — Deus o abençoe, meu filho! O jovem saiu envolto num halo de suave luminosidade que a simpatia de todos nós lhe endereçávamos, e as consultas foram encerradas.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 6)

“A Lício, o Benfeitor propôs: “Recordarás de grande parte destas ocorrências, embora com algumas lacunas. As lembranças te ajudarão a frear os impulsos da perversão. “Canaliza as forças sexuais da tua juventude noutra direção, em labores dignos que te promoverão a paz, contribuindo para a liberação dos teus problemas. Não será fácil, pois que te exigirá

decisão, disciplina e vigilância. Um mal que se enraíza, quando extirpado, fere as áreas sadias, qual escalracho no trigal, que ao ser arrancado, carrega trigo bom. “Evita os sonhos da imaginação desequilibrada e os lugares onde as facilidades proliferam. É mais fácil prever o desastre e tomar providências, do que remediá-lo. “Preenche os espaços mentais com leituras salutares e conseguirás os meios para a vitória. “Se te resolveres por ouvir-nos, estaremos ao teu lado, certamente sem retirar-te os problemas, auxiliando-te, todavia, na necessária solução. Enquanto a tua conduta nos permitir auxiliar-te, fá-lo-emos.” Annette-Lício chorava e a face refletia-lhe a imensa angústia, predispondo-se à renovação, a outra conduta. Conduzidos aos seus lares, após a oração de louvor e agradecimento que fomos convidados a proferir, encerraram-se as atividades. A madrugada punha os primeiros sinais de claridade no nascente, para que o astro-rei vencesse as sombras dominantes.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 15)

VII.6. Aborto: causas e consequências

“DA VOLTA DO ESPÍRITO À VIDA CORPORAL. [...] UNIÃO DA ALMA E DO CORPO.”³³ 344.

Em que momento a alma se une ao corpo? “A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

345. *É definitiva a união do Espírito com o corpo desde o momento da concepção? Durante esta primeira fase, poderia o Espírito renunciar a habitar o corpo que lhe está destinado?* “É definitiva a união, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas, como os laços que ao corpo o prendem são ainda muito fracos, facilmente se rompem e podem romper-se por vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Em tal caso, porém, a criança não vinga.” **346.** *Que faz o Espírito, se o corpo que ele escolheu morre antes de se verificar o nascimento?* “Escolhe outro.” **a)** — *Qual a utilidade dessas mortes prematuras?* “Dão-lhes causa, as mais das vezes, as imperfeições da matéria.” **347.** *Que utilidade encontrará um Espírito na sua encarnação em um corpo que morre poucos dias depois de nascido?* “O ser não tem então consciência plena da sua existência. Assim, a importância da morte é quase nenhuma. Conforme já dissemos, o que há nesses casos de morte prematura é uma prova para os pais.”

³³ Vide Capítulo VII (“Fases da reencarnação”), Quarta Parte (“Reencarnação”) do Volume II (“Espiritualidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

348. *Sabe o Espírito, previamente, que o corpo de sua escolha não tem probabilidade de viver?* “Sabe-o algumas vezes; mas, se nessa circunstância reside o motivo da escolha, isso significa que está fugindo à prova.” **349.** *Quando falha por qualquer causa a encarnação de um Espírito, é ela suprida imediatamente por outra existência?* “Nem sempre o é imediatamente. Faz-se mister dar ao Espírito tempo para proceder a nova escolha, a menos que a reencarnação imediata corresponda a anterior determinação.” **350.** *Uma vez unido ao corpo da criança e quando já lhe não é possível voltar atrás, sucede alguma vez deplorar o Espírito a escolha que fez?* “Perguntas se, como homem, se queixa da vida que tem? Se desejara que outra fosse ela? Sim. Se se arrepende da escolha que fez? Não, pois não sabe ter sido sua a escolha. Depois de encarnado, não pode o Espírito lastimar uma escolha de que não tem consciência. Pode, entretanto, achar pesada demais a carga e considerá-la superior às suas forças. É quando isso acontece que recorre ao suicídio.” **351.** *No intervalo que medeia da concepção ao nascimento, goza o Espírito de todas as suas faculdades?* “Mais ou menos, conforme o ponto, em que se ache, dessa fase, porquanto ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até ao nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida. Essa lembrança, porém, lhe volta pouco a pouco ao retornar ao estado de Espírito.” **352.** *Imediatamente ao nascer recobra o Espírito a plenitude das suas faculdades?* “Não, elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos. O Espírito se acha numa existência nova; preciso é que aprenda a servir-se dos instrumentos de que dispõe. As ideias lhe voltam pouco a pouco, como a uma pessoa que desperta e se vê em situação diversa da que ocupava na véspera.” **353.** *Não sendo completa a união do Espírito ao corpo, não estando definitivamente consumada, senão depois do nascimento, poder-se-á considerar o feto como dotado de alma?* “O Espírito que o vai animar existe, de certo modo, fora dele. O feto não tem, pois, propriamente falando, uma alma, visto que a encarnação está apenas em via de operar-se. Achasse, entretanto, ligado à alma que virá a possuir.” **354.** *Como se explica a vida intrauterina?* “É a da planta que vegeta. A criança vive vida animal. O homem tem a vida vegetal e a vida animal que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual.” **355.** *Há, de fato, como o indica a Ciência, crianças que já no seio materno não são*

vitais? Com que fim ocorre isso? “Frequentemente isso se dá e Deus o permite como prova, quer para os pais do nascituro, quer para o Espírito designado a tomar lugar entre os vivos.” **356.** *Entre os natimortos alguns haverá que não tenham sido destinados à encarnação de Espíritos?* “Alguns há, efetivamente, a cujos corpos nunca nenhum Espírito esteve destinado. Nada tinha que se efetuar para eles. Tais crianças, então, só vêm por seus pais.” **a)** — *Pode chegar a termo de nascimento um ser dessa natureza?* “Algumas vezes; mas não vive.” **b)** — *Segue-se daí que toda criança que vive após o nascimento tem forçosamente encarnado em si um Espírito?* “Que seria ela, se assim não acontecesse? Não seria um ser humano.” **357.** *Que consequências tem para o Espírito o aborto?* “É uma existência nulificada e que ele terá de recomendar.” **358.** *Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?* “Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.” **359.** *Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?* “Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.” **360.** *Será racional ter-se para com um feto as mesmas atenções que se dispensam ao corpo de uma criança que viveu algum tempo?* “Vede em tudo isso a vontade e a obra de Deus. Não trateis, pois, desatenciosamente, coisas que deveis respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, algumas vezes incompletas por vontade do Criador? Tudo ocorre segundo os seus desígnios e ninguém é chamado para ser seu juiz.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VII)

“Observei, interessado, a extraordinária movimentação celular, no desenvolvimento da estrutura do novo corpo em formação e anotei o cuidado empregado pelos Espíritos presentes para que o disco embrionário fosse esculpado com a exatidão devida. – A engenharia orgânica – exclamou o chefe do trabalho, bem-humorado – reclama bases perfeitas. O corpo carnal é também um edifício delicado e complexo. Urge cuidar dos alicerces com serenidade e conhecimento. Reconheci que o serviço de segmentação celular e ajustamento dos corpúsculos divididos ao molde do corpo perispirítico, em redução, era francamente mecânico, obedecendo a disposições naturais do campo orgânico, mas toda a entidade microscópica do desenvolvimento da estrutura celular recebia o toque magnético das generosas entidades em serviço, dando-me a ideia de que toda a célula-filha era convenientemente preparada para sustentar a tarefa da iniciação do aparelho futuro. No intuito, talvez, de justificar o

desvelo empregado, Apuleio explicou-me, atencioso: – Temos grandes responsabilidades na missão construtiva do mecanismo fetal. Há que remover empecilhos e auxiliar os organismos unicelulares do embrião, na intimidade do útero materno, para que a reencarnação, por vezes tão dificilmente projetada e elaborada, não venha a falhar, de início, por falta de colaboração do nosso plano, onde são tomados os compromissos. Escutava-lhe a palavra experiente e sábia, com muita atenção, a fim de aproveitar-lhe todo o conteúdo educativo. – Em razão disto – prosseguiu ele –, o aborto, muito raramente, se verifica obedecendo a causas de nossa esfera de ação. Em regra geral, origina-se do recuo inesperado dos pais terrestres, diante das sagradas obrigações assumidas ou aos excessos de leviandade e inconsciência criminosos das mães, menos preparadas na responsabilidade e na compreensão para este ministério divino. Entretanto, mesmo aí, encontrando vasos maternos menos dignos, tudo fazemos, por nossa vez, para opor-lhes resistência aos projetos de fuga ao dever, quando essa fuga representa mero capricho da irresponsabilidade, sem qualquer base em programas edificantes. Claro, porém, que a nossa interferência no assunto, em se tratando de luta aberta contra nossos amigos reencarnados, transitoriamente esquecidos da obrigação a cumprir, tem igualmente os seus limites. Se os interessados, retrocedendo nas decisões espirituais, perseveraram sistematicamente contra nós, somos compelidos a deixá-los entregues à própria sorte. Daí, a razão de existirem muitos casais humanos, absolutamente sem a coroa dos filhos, visto que anularam as próprias faculdades geradoras. Quando não procederam de semelhante modo no presente, sequiosos de satisfação egoística, agiram assim no passado, determinando sérias anomalias na organização psíquica que lhes é peculiar. Neste último caso, experimentam dolorosos períodos de solidão e sede afetiva, até que refaçam, dignamente, o patrimônio de veneração que todos nós devemos às leis de Deus. As definições do chefe dos Construtores aclaravam-me o raciocínio, referentemente a graves problemas da luta humana.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 14)

“**Fracasso.** Verificando o meu aproveitamento no caso de Segismundo, Alexandre, sempre gentil, ao despedir-se dos Construtores, dirigiu-se ao diretor deles, asseverando: – Agradeço a você, Apuleio, quanto fez por André nestes últimos dias. Nosso companheiro não esquecerá o seu concurso amável. O diretor sorriu, disse-me palavra de encorajamento e, quando se dispunha a sair, em definitivo, meu orientador lhe observou: – Nosso amigo, porém, necessita consolidar os ensinamentos recebidos. André acompanhou um caso normal de reencarnação, no qual um esposo honesto cedeu, inicialmente, aos nossos rogos para que Segismundo renascesse com a serenidade imprescindível.

Viu, de perto, um coração maternal sensível e devoto e permaneceu, em estudo, numa câmara conjugal defendida pelo poder sagrado da prece e reconfortada pela proteção do plano superior. Entretanto, seria justo observasse algum processo diferente, dos que existem por aí às centenas, em que somos defrontados por obstáculos de toda espécie. Ficaria, desse modo, habilitado a conhecer a extensão e complexidade de nosso esforço em defender companheiros imprevidentes, que menosprezam a responsabilidade moral, fugindo aos compromissos. E, fixando um gesto de carinho fraterno, interrogou: – Não terá você, presentemente, um caso dessa ordem, onde André possa recolher as lições precisas? – Temos, sim – esclareceu Apuleio, atenciosamente –, temos o caso Volpini. E, porque Alexandre ignorasse o processo a que se referia, continuou: – Logo depois de organizar as bases de Segismundo, ocupei-me de outros serviços da mesma natureza e, entre esses, foi confiada à nossa vigilância a tarefa relativa ao irmão que mencionei. Creiam que tudo movimentamos no setor de assistência para evitar o fracasso do trabalho, entretanto, tenho a experiência por absolutamente impraticável. – Quer dizer, então – redarguiu o meu instrutor com sabedoria –, que a futura mãe não correspondeu à expectativa do nosso plano de ação... – Isto mesmo – prosseguiu o interlocutor. Enquanto os desequilíbrios se localizam na esfera paternal ou procedem da influência de entidades malignas, simplesmente, há recursos a interpor; no entanto, se a desarmonia parte do campo materno, é muito difícil estabelecer proteção eficiente. A pobre criatura, por duas vezes sucessivas, provocou o aborto inconsciente pelo excesso de leviandades e, atualmente, será vítima das próprias irreflexões pela terceira vez, segundo parece. Debalde temos oferecido o socorro de que podemos dispor. A infeliz deixou-se empolgar pela ideia de gozar a vida e immanou-se a entidades desencarnadas da pior espécie, que, para acentuar os seus planos sombrios, separaram-na do próprio companheiro, ansiosas por lhe precipitarem o coração na esfera das emoções baixas. Enquanto Alexandre o ouvia, em silêncio, Apuleio continuou, depois de longo intervalo: – Volpini atingiu agora o sétimo mês de gestação da nova forma física, mas a noite próxima será decisiva para ele. Já recebi um apelo dos colaboradores que ficaram nas imediações do caso, em serviço ativo, no sentido de evitar certas extravagâncias da futura mãe, projetadas para hoje; entretanto, não creio sejamos por ela obedecidos. A organização fetal não se encontra em condições de suportar novos desequilíbrios e, se a pobrezinha não despertar para o dever, abrirá, ainda hoje, uma terceira falência. Se André puder vir conosco, dar-nos-á muito prazer. Alexandre que me parecia muito circunspeto, naquele momento, dando a ideia de quem não desejava cultivar qualquer comentário

menos edificante, considerou: – Nosso companheiro irá com vocês. Por vezes, para preservar convenientemente a saúde, é preciso conhecer as enfermidades; para cultivar o bem, é necessário não ignorar a existência do mal. Com efeito, à noite, chegávamos, Apuleio, dois companheiros dele e eu, a uma residência confortável e de aparência distinta. O grande relógio de parede mostrava vinte horas menos cinco minutos. Seguindo o diretor, penetramos um aposento bem mobiliado, onde se encontravam três entidades desencarnadas, de horrenda figura, que, em virtude do baixo padrão vibratório, não perceberam a nossa presença. Conversavam entre si, combinando medidas detestáveis que não cabe relacionar aqui. A certa altura da palestra, porém, referiam-se ao caso da reencarnação, de maneira franca: – Não sei – comentou um daqueles perversos inimigos do bem – por que arte infernal vem resistindo o intruso. Despejá-lo-emos na primeira oportunidade. – Quando isto ocorre – disse outro – é que há “mãos de anjos” trabalhando por trás. – Pois que vão para o inferno! – exclamou o que parecia mais cruel. – Veremos quem pode mais. Cesarina já nos pertence noventa por cento. Atende perfeitamente aos nossos propósitos. Porque um filho intrusão em nossos planos? É preciso combater até ao fim. – No entanto – considerou o terceiro, que, até então, se mantinha em silêncio –, há mais de seis meses estamos trabalhando em vão por alijá-lo! – Mas temos conseguido muito – tornou o mais revoltado –, não creio que ele se possa aguentar por muito tempo. Talvez hoje façamos o resto. Um filho viria roubar-nos, talvez, a boa companheira com que contamos agora. Todas as atenções dela convergiriam para ele e o nosso prejuízo seria enorme. Mas, se existem “mãos de anjos” trabalhando, temos “mãos de demônios” para agir também. Já vencemos duas vezes; porque não vencer agora, igualmente? – E se o filho vier – considerou um dos interlocutores –, certamente virá o esposo de regresso. Não poderemos conservá-lo à distância, por mais tempo, caso isso se verifique. – Isto, nunca! – respondeu o adversário mais feroz, com inflexão sinistra. Como era diferente aquela paisagem interior, comparativamente à câmara de Raquel, onde levava a efeito tão formosas observações, referentes à tarefa reencarnacionista! O aposento mantinha-se absolutamente desguarnecido de defesas magnéticas e não se via o movimento de visita espiritual da esfera superior que caracterizava a formação do novo corpo de Segismundo. – Está observando? – falou Apuleio, gentil – nem sempre a nossa tarefa se desdobra ao longo dos jardins afetivos. Muitas vezes, devemos operar sob verdadeiras tormentas de ódio, que desintegram nossos melhores elementos magnéticos de cooperação. Este caso é típico. Recordei que a residência de Adelino se enchia diariamente de afeições do plano espiritual, e perguntei:

– Mas, a futura mãe não dispõe de relações em nossa esfera? – De qualquer modo – respondeu ele –, sempre temos bons amigos na zona superior àquela em que nos encontramos; todavia, em certas circunstâncias, afastamo-nos voluntariamente deles. Cesarina poderia contar com diversas amizades; no entanto, ela mesma se incumba de obrigá-las à ausência. Impressionado, considerei: – Não terá ela, contudo, um pai ou mãe, em nossos círculos espirituais, que tome a si o sacrifício de defendê-la? – Tem um pai que a estima com extremos de afeto – esclareceu o diretor –, no entanto, sofria imerecidamente pela filha leviana e grosseira; e tanto padeceu por ela que os seus superiores, em nossa colônia espiritual, submeteram-no a tratamento para olvido temporário da filha querida, até que ele possa se recordar e se aproximar dela sem angústias emotivas. O assunto era novo para mim. Havia, então, recursos para aplicação do esquecimento no mundo das almas? Apuleio sorriu bondoso e falou: – Não tenha dúvida. Em nossa esfera, a dureza e a ingratidão não podem perseguir o amor puro. Quando as almas reencarnadas se revelam impermeáveis ao reconhecimento e à compreensão, distanciamos-nos delas, naturalmente, ainda mesmo quando encerrem para nós valiosas joias do coração, até que se integrem no conhecimento das leis de Deus e se disponham a segui-las, em nossa companhia. Quando somos fracos, porém, embora muito amáveis, e não nos sentimos com a precisa coragem para o afastamento necessário, se merecemos o auxílio de nossos Maiores, somos favorecidos com o tratamento magnético que opera em nós o esquecimento passageiro. Nesse instante, Cesarina penetrou no quarto, seguida dos Espíritos Construtores que velavam por Volpini, o reencarnante. Enquanto a senhora se sentava à frente de grande espelho, dando início a complicados arranjos de apresentação festiva, os cooperadores de Apuleio se aproximaram, saudando-nos, atenciosos. – Infelizmente – disse um deles ao chefe – a situação é muito grave. É impossível prosseguir em nosso esforço de assistência, com o êxito desejável. Nossa irmã afundase, cada vez mais, nos desequilíbrios destruidores. Unindo-se voluntariamente – e indicou as entidades viciosas que a cercavam – a estes adversários infelizes, entrega-se, agora, a prazeres e abusos de toda sorte. Seus desvios sexuais, nos últimos dias, têm sido lastimáveis, e enorme é a quantidade de alcoólicos, aparentemente inofensivos, de que tem feito consumo sistemático. Aliados semelhantes distúrbios às vibrações desordenadas do plano mental, vemos que a posição de Volpini é insustentável, não obstante nossos melhores esforços de socorro. Apuleio ouviu as graves notificações em silêncio e observou em seguida: – Já sei o que se projeta para esta noite. – Sim – considerou o interlocutor –, apelamos para a sua autoridade,

porque a organização fetal não poderá resistir a uma nova investida. O diretor convidou-me a examinar a gestante. Ao lado dela, permaneciam as entidades inferiores a que me referi, que demonstravam absoluta ignorância de nossa presença. Cesarina, com o excessivo cuidado das mulheres demasiadamente vaidosas e inscientes da responsabilidade moral, utilizava certos recursos para disfarçar o aspecto da gravidez adiantada, deixando adivinhar que se preparava com esmero para uma noitada de fortes emoções. Fixei minha atenção no feto, auxiliado pelo chefe dos Construtores, mas não pude esconder minha surpresa e compaixão. O caso Volpini era muito diferente do processo de reencarnação verificado em casa de Raquel. A forma física embrionária demonstrava mancha violácea, revelando dilacerações. Pequenininhos monstros, somente perceptíveis ao nosso olhar, nadavam no líquido amniótico, invadindo o cordão umbilical e apropriando-se da maior parte do delicado alimento reservado ao corpo em formação. Toda a placenta era assediada por eles, provocando-me terrível impressão. Percebi, pela intensa anormalidade dos órgãos geradores, que o aborto não poderia demorar-se. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 15)

“Mais alguns minutos e nos encontramos diante de uma senhora grávida, em sérias condições de enfraquecimento. Anacleto deteve-se mais respeitoso. – Aqui – disse ele, sensibilizado – temos uma irmã altamente necessitada de nossos recursos fluídicos. Profunda anemia invade-lhe o organismo. Em regime de subalimentação, em virtude das dificuldades naturais que a rodeiam de longo tempo, a gravidez constitui para ela um processo francamente doloroso. O marido é parcamente remunerado e a esposa é obrigada a vigílias, noite adentro, a fim de auxiliá-lo na manutenção do lar. A prece, porém, não representa para este coração materno tão somente um refúgio. A par de consolações espontâneas, ela recolhe forças magnéticas de substancial expressão que a sustentam no presente drama biológico. Em seguida, indicou a região do útero e ponderou: – Observe as manchas escuras que cercam a organização fetal. Efetivamente, aderindo ao saco de líquido amniótico, viam-se microscópicas nuvens pardacentas vagueando em várias direções, dentro do sublime laboratório de forças geradoras. Dando-me a perceber seu fundo conhecimento da situação, Anacleto continuou: – Se as manchas atravessarem o líquido, provocarão dolorosos processos patológicos em toda a zona do epiblasto. E o fim da luta será o aborto inevitável. Comovidíssimo, contemplei o quadro divino daquela mãe sacrificada, unida à organização espiritual daquele que lhe seria o filho no porvir. Foi o chefe da assistência magnética que me arrebatou daquela silenciosa admiração, explicando: – Não obstante a fé que lhe exorta o caráter, apesar

dos seus mais elevados sentimentos, nossa amiga não consegue furtar-se, de todo, à tristeza angustiosa, em certas circunstâncias. Há seis dias permanece desalentada, aflita. Dentro de algum tempo, o esposo deve resgatar um débito significativo, faltando-lhe, porém, os recursos precisos. A pobre senhora, contudo, além de suportar a carga de pensamentos destruidores que vem produzindo, é compelida a absorver as emissões de matéria mental doentia do companheiro, que se apoia na coragem e na resignação da mulher. As vibrações dissolventes acumuladas são atraídas para a região das como pequeninas nuvens em torno do órgão gerador, ameaçando, não só a saúde maternal, mas também o desenvolvimento do feto. Estupefato, ante os novos ensinamentos, reparei que Anacleto chamou um dos auxiliares, recomendando-lhe alguma coisa. Logo após, muito cuidadosamente, atuou por imposição das mãos sobre a cabeça da enferma, como se quisesse aliviar-lhe a mente. Em seguida, aplicou passes rotatórios na região uterina. Vi que as manchas microscópicas se reuniam, congregando-se numa só, formando pequeno corpo escuro. Sob o influxo magnético do auxiliador, a reduzida bola fluídico-pardacenta transferiu-se para o interior da bexiga urinária. Intensificando-me a admiração, o novo companheiro, dando os passes por terminados, esclareceu: – Não convém dilatar a colaboração magnética para retirar a matéria tóxica de uma vez. Lançada no excretor de urina, será alijada facilmente, dispensando a carga de outras operações. Foi então que se aproximou de Anacleto o servidor a quem me referi, trazendo-lhe uma pequenina ânfora que me pareceu conter essências preciosas. O orientador do serviço tomou-a zeloso e falou: – Agora, é preciso socorrer a organização fetal. A alimentação da genitora, por força de circunstâncias que independem de sua vontade, tem sido insuficiente. Anacleto retirou do vaso certa porção de substância luminosa, projetando-a nas vilosidades uterinas, enriquecendo o sangue materno destinado a fornecer oxigênio ao embrião. Expressando minha profunda admiração pelo concurso eficiente de que fora testemunha, considerou o generoso auxiliador: – Não podemos abandonar nossos irmãos na carne ao sabor das circunstâncias, mormente quando procuram a cooperação precisa através da prece. A oração, elevando o nível mental da criatura confiante e crente no Divino Poder, favorece o intercâmbio entre as duas esferas e facilita nossa tarefa de auxílio fraternal. Imensos exércitos de trabalhadores desencarnados se movimentam em toda parte, em nome de Nosso Pai. Em vista disto, meu irmão, o homem de bem encontrará, depois da morte do corpo, novos mundos de trabalho que o esperam e onde desenvolverá, infinitamente, o amor e a sabedoria, de que possui os germens no coração.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“Dolorosa perda. Dentro da noite, defrontamos com aflito coração materno. A entidade, que nos dirigia a palavra, infundia compaixão pela *facies* de horrível sofrimento. – Calderaro! Calderaro! – rogou, ansiosa – ampara minha filha, minha desventurada filha! – Oh! Teria piorado? – inquiriu o instrutor, evidenciando conhecimento da situação. – Muito! Muito!... – gereram os trementes lábios da mãe aflita –; observo que enlouqueceu de todo... – Já perdeu a grande oportunidade? – Ainda não – informou a interlocutora –, mas encontra-se à beira de extremo desastre. Prometeu o orientador correr à doente em breves minutos, e voltamos à intimidade. Interessando-me no assunto, o atencioso Assistente sumariou o fato. – Trata-se de lamentável ocorrência – explicou-me, bondoso –, na qual figuram a leviandade e o ódio como elementos perversores. A irmã que se despediu, há momentos, deixou uma filha na Crosta Planetária, há oito anos. Criada com mimos excessivos, a jovem desenvolveu-se na ignorância do trabalho e da responsabilidade, não obstante pertencer a nobilíssimo quadro social. Filha única, entregue desde muito cedo ao capricho pernicioso, tão logo se achou sem a materna assistência no plano carnal, dominou governantes, subornou criadas, burlou a vigilância paterna e, cercada de facilidades materiais, precipitou-se, aos vinte anos, nos desvarios da vida mundana. Desprotegida, assim, pelas circunstâncias, não se preparou convenientemente para enfrentar os problemas do resgate próprio. Sem a proteção espiritual peculiar à pobreza, sem os abençoados estímulos dos obstáculos materiais e tendo, contra as suas necessidades íntimas, a profunda beleza transitória do rosto, a pobrezinha renasceu, seguida de perto, não por um inimigo propriamente dito, mas por cúmplice de faltas graves, desde muito desencarnado, ao qual se vinculava por tremendos laços de ódio, em passado próximo. Foi assim que, abusando da liberdade, em ociosidade reprovável, adquiriu deveres da maternidade sem a custódia do casamento. Reconhecendo-se agora nesta situação, aos vinte e cinco anos, solteira, rica e prestigiada pelo nome da família, deplora tardiamente os compromissos assumidos e luta, com desespero, por desfazer-se do filhinho imaturo, o mesmo comparsa do pretérito a que me referi; esse infeliz, por “acréscimo de misericórdia divina”, busca destarte aproveitar o erro da ex-companheira para a realização de algum serviço redentor, com a supervisão dos nossos Maiores. Ante o espanto que inopinadamente me assaltara, sabendo eu que a reencarnação constitui sempre uma bênção que se concretiza com a ajuda superior, o Assistente afiançou, tranquilizando-me: – Deus é o Pai amoroso e sábio que sempre nos converte as próprias faltas em remédios amargos, que nos curem e fortaleçam. Foi assim que Cecília, a demente que dentro em pouco visitaremos, recolheu da sua leviandade mesma

o extremo recurso, capaz de retificar-lhe a vida... Entretanto, a infortunada criatura reage ferozmente ao socorro divino, com uma conduta lastimável e perversa. Coopero nos trabalhos de assistência a ela, de algumas semanas para cá, em virtude das reiteradas e comoventes intercessões maternas junto a nossos superiores; todavia, acalento vaga esperança numa reabilitação próxima. Os laços entre mãe e filho presuntivo são de amargura e de ódio, consubstanciando energias desequilibrantes; tais vínculos traduzem ocorrência em que o espírito feminino há que recolher-se ao santuário da renúncia e da esperança, se pretende a vitória. Para isso, para nivelar caminhos salvadores e aperfeiçoar sentimentos, o Supremo Senhor criou o tépido e veludoso ninho do amor materno; contudo, quando a mulher se rebela, insensível às sublimes vibrações da inspiração divina, é difícil, senão impossível, executar o programa delineado. A infortunada criatura, dando asas ao condenável anseio, buscou socorrer-se de médicos que, amparados de nosso plano, se negaram a satisfazer-lhe o criminoso intento; valeu-se, então, de drogas venenosas, das quais vem abusando intensivamente. A situação mental dela é de lastimável desvario. Findo o breve preâmbulo, Calderaro continuou: – Mas, não temos minuto a perder. Visitemo-la. Decorridos alguns instantes, penetrávamos aposento confortável e perfumado. Estirada no leito, jovem mulher debatia-se em convulsões atrozes. Ao seu lado, achavam-se a entidade materna, na esfera invisível aos olhos carnis, e uma enfermeira terrestre, dessas que, à força de presenciar catástrofes biológicas e dramas morais, se tornam menos sensíveis à dor alheia. A genitora da enferma adiantou-se e informou-nos: – A situação é muito grave! Ajudem-na, por piedade! Minha presença aqui se limita a impedir o acesso de elementos perturbadores que prosseguem, implacáveis, em ronda sinistra. O Assistente inclinou-se para a doente, calmo e atencioso, e recomendou-me cooperar no exame particular do quadro fisiológico. A paisagem orgânica era das mais comoventes. A compaixão fraterna dispensar-nos-á da triste narrativa referente ao embrião prestes a ser expulso. Circunscrito à tese de medicação a mentes alucinadas, cabe-nos apenas dizer que a situação da jovem era impressionante e deplorável. Todos os centros endócrinos estavam em desordem e os órgãos autônomos trabalhavam aceleradamente. O coração acusava estranha arritmia e debalde as glândulas sudoríparas se esforçavam por expulsar as toxinas em verdadeira torrente invasora. Nos lobos frontais, a sombra era completa; no córtex encefálico, a perturbação era manifesta; somente nos gânglios basais havia suprema concentração de energias mentais, fazendo-me perceber que a infeliz criatura se recolhera no campo mais baixo do ser dominada pelos impulsos desintegradores dos próprios sentimentos, transviados

e incultos. Dos gânglios basais, onde se aglomeravam as mais fortes irradiações da mente alucinada, desciam estiletos escuros, que assaltavam as trompas e os ovários, penetrando a câmara vital quais tenuíssimos venâbulos de treva e incidindo sobre a organização embrionária de quatro meses. O quadro era horrível de ver-se. Buscando sintonizar-me com a enferma, ouvia-lhe as afirmativas cruéis, no campo do pensamento: – Odeio!... Odeio este filho intruso que não pedi à vida!... Expulsá-lo-ei!... Expulsá-lo-ei!... A mente do filhinho, em processo de reencarnação, como se fora violentada num sono brando, suplicava, chorosa: – Poupa-me! Poupa-me! Quero acordar no trabalho! Quero viver e reajustar o destino... Ajuda-me! Resgatarei minha dívida!... Pagar-te-ei com amor.... Não me expulses! Tem caridade!... – Nunca! Nunca! Amaldiçoado sejas! – dizia a desventurada, mentalmente –; prefiro morrer a receber-te nos braços! Envenenas-me a vida, perturbas-me a estrada! Detesto-te! Morrerás E os raios trevosos continuavam descendo, a jacto contínuo. [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 10)

“**Dolorosa perda.** [...] Calderaro ergueu a cabeça respeitável, encarou-me de frente e perguntou: – Compreendes a extensão da tragédia? Respondi afirmativamente, sob indizível impressão. Nesse instante de nossa angustiosa expectativa, Cecília dirigiu-se com decisão à enfermeira: – Estou cansada, Liana, muitíssimo cansada, mas exijo a intervenção esta noite! – Oh! mas assim, nesse estado?! – ponderou a outra. – Sim, sim – tornou a doente, inquieta –; não quero adiar essa intervenção. Os médicos negaram-se a fazê-la, mas eu conto com a tua dedicação. Meu pai não pode saber disso e eu odeio esta situação que terminantemente não conservarei. Calderaro pousou a destra na fronte da responsável pelos serviços de enfermagem, no intuito evidente de transmitir alguma providência conciliatória, e a enfermeira ponderou: – Tentemos algum repouso, Cecília. Modificarás possivelmente esse plano. – Não, não – objetou a imprevidente futura mãe, com mau humor indisfarçável –; minha resolução é inabalável. Exijo a intervenção esta noite. Mau grado à negativa peremptória, sorveu o cálice de sedativo que a companheira lhe oferecia, atendendo-nos a influência indireta. Consumara-se a medida que o meu instrutor desejava. Parcialmente desligada do corpo físico, em compulsória modorra, pela atuação calmante do remédio, Calderaro aplicou-lhe fluidos magnéticos sobre o disco fotossensível do aparelho visual, e Cecília passou a ver-nos, embora imperfeitamente, detendo-se, admirada, na contemplação da genitora. Reparei, contudo, que, se a mãezinha exuberava copioso pranto de comoção, a filha se mantinha impassível, não obstante o assombro que se lhe estampara no olhar. A matrona desencarnada avançou, abraçou-se a ela e pediu, ansiosa: – Filha querida, venho a ti, para que te

não abalances à sinistra aventura que planejas. Reconsidera a atitude mental e harmoniza-te com a vida. Recebe minhas lágrimas, como apelo do coração. Por piedade, ouve-me! Não te precipites nas trevas, quando a mão divina te abre as portas da luz. Nunca é tarde para recomeçar, Cecília, e Deus, em seu infinito devotamento, transforma as nossas faltas em redes de salvação. A mente desvairada da ouvinte recordou as convenções sociais, de modo vago, como se vivera um minuto de pesadelo indefinível. A palavra materna, porém, continuou: – Socorre-te da consciência, antes de tudo! O preconceito é respeitável, a sociedade tem os seus princípios justos; entretanto, por vezes, filhinha, surge um momento na esfera do destino e da dor, em que devemos permanecer com Deus, exclusivamente. Não abandones a coragem, a fé, o desassombro... A maternidade, iluminada pelo amor e pelo sacrifício, é feliz em qualquer parte, ainda mesmo quando o mundo, ignorando a causa de nossas quedas, nos nega recursos à reabilitação, relegando-nos à reincidência e ao desamparo. Por agora, defrontarás com a tormenta de lágrimas; o temporal da incompreensão e da intolerância vergastará teu rosto... Contudo, a bonança voltará. O caminho é empedrado e árido, os espinhos dilaceram, mas terás, de encontro ao coração, um filhinho amoroso, indicando-te o futuro! Em verdade, Cecília, deverias erguer teu ninho de felicidade na árvore do equilíbrio, glorificando, em paz, a realização de cada dia e a bênção de cada noite: entretanto, não pudeste esperar... Cedeste aos golpes infrenes da paixão, abandonaste o ideal aos primeiros impulsos do desejo. Ao invés de construir na tranquilidade e na confiança, em bases seguras, elegeste o caminho perigoso da precipitação. Agora, é imprescindível evitar o despenhadeiro fatal, contornar a voragem traiçoeira, agarrando-te ao salva-vidas do supremo dever. Volta, pois, minha filha, à serenidade do princípio e resigna-te ante o novo aspecto que imprimiste ao próprio roteiro, aceitando o ministério da maternidade dolorosa com o sacrifício de encantadoras aspirações. No silêncio e na obscuridade da proscrição social, muitas vezes logramos a felicidade de conhecer-nos. O desprezo público, se precipita os mais fracos no esquecimento de si mesmos, ergue os fortes para Deus, sustentando-os no trilho anônimo das obrigações humildes, até à montanha da redenção. É provável que teu pai te amaldiçoe, que os nossos entes mais caros na Terra te menoscabem e tentem aviltar; no entanto, que martírio não enobrecerá o espírito disposto ao resgate dos seus débitos, com dedicação ao bem e serenidade na dor? Não será melhor a coroa de espinhos na fronte do que o monte de brasas na consciência? O mal pode perder-nos e transviar-nos; o bem retifica sempre. Além disto, se é certo que o padecimento da vergonha açoiará tua sensibilidade,

a glória da maternidade resplenderá em teu caminho... Tuas lágrimas orvalharão uma flor querida e sublime, que será o teu filho, carne de tua carne, ser de teu ser. Que não fará no mundo a mulher que sabe renunciar? A tormenta rugirá, mas sempre fora de teu coração, porque, lá dentro, no santuário divino do amor, encontrarás em ti mesma o poder da paz até à vitória... A enferma escutava, quase indiferente, disposta a não capitular. Recebia os apelos maternos, sem alteração de atitude. A mãezinha, porém, mobilizando todos os recursos ao seu alcance, prosseguia após intervalo mais longo: – Ouve, Cecília! Não te fiques nessa atitude impassível. Não isole do cérebro o coração, a fim de que teu raciocínio se beneficie com o sentimento, de modo a venceres na prova áspera. Não te detenhas em primazias da forma física, nem suponhas que a beleza espiritual e eterna erga seu templo no corpo de carne, em trânsito para o pó. A morte virá de qualquer modo, trazendo a realidade que confunde a ilusão. Não persistas no véu da mentira. Humilha-te na renúncia construtiva, toma a tua cruz e segue para a compreensão mais alta... No teu madeiro de sofrimento íntimo, ouvirás enternecedoras vozes de um filho abençoado... Se te alancear o abandono do mundo, será ele, junto de ti, o suave representante da Divindade... Que falta te fará o manto das fantasias, se dois pequeninos braços de veludo te cinjam, carinhosos e fiéis, conduzindo-te à renovação para a vida superior? Foi então que Cecília, infundindo-me assombro pela agressividade, objetou em pensamento: – Como não me disseste isso antes? Na Terra, sempre satisfazias meus desejos. Nunca me permitiste o trabalho, favoreceste-me o ócio, fizeste-me crer em posição mais elevada que a das outras criaturas; incutiste-me a suposição de que todos os privilégios especiais me eram devidos; não me preparaste, enfim! Estou sozinha, com um problema atribulativo... Não tenho, agora, coragem de humilhar-me... Esmolar serviço remunerado não é o ideal que me deste e enfrentar a vergonha e a miséria será para mim pior que morrer. Não, não!... Não desisto, nem mesmo à tua voz que, a despeito de tudo, ainda amo! É-me impossível retroceder. A comovedora cena estarecia. Observava eu, ali, o milenário conflito da ternura materna com a vida real. A venerável matrona chorou com mais amargura, agarrou-se à filha com mais veemência e suplicou: – Perdoa-me pelo mal que te fiz, querendo-te em demasia... Ó filha querida, nem sempre o amor humano avança vigilante! Por vezes a cegueira nos compele a erros clamorosos, que só o golpe da morte em geral expunge. Não consideras, porém, a minha dor? Reconheço minha participação indireta em teu presente infortúnio, mas entendendo, agora, a extensão e a delicadeza dos deveres maternos, não desejo que venhas colher espinhos no mesmo lugar onde sofro os resultados amargos de minha imprevidência.

Porque eu haja errado por excesso de ternura, não te desvie por acúmulo de ódio e de inconformação. Depois do sepulcro, o dia do bem é mais luminoso e a noite do mal é, sobremaneira, mais densa e tormentosa. Aceita a humilhação como bênção, a dor como preciosa oportunidade. Todas as lutas terrenas chegam e passam; ainda que perdurem, não se eternizam. Não compliques, pois, o destino. Submeto-me às tuas exprobrações. Merece-as quem, como eu, olvidou a floresta das realizações para a eternidade, retendo-se voluntariamente no jardim dos caprichos amenos, onde as flores não se ostentam mais do que por fugaz minuto. Esqueci-me, Cecília, da enxada benfazeja do esforço próprio, com a qual devera arrotear o solo de nossa vida, semeando dádivas de trabalho edificante, e ainda não chorei suficientemente, para redimir-me de tão lastimável erro. Todavia, confio em ti, esperando que te não suceda o mesmo na áspera trilha da regeneração. Antes mendigar o pão de cada dia, amargar os remoques da maldade humana, aí na Terra, que menosprezar o pão das oportunidades de Deus, permitindo que a crueldade nos avassale o coração. O sofrimento dos vencidos no combate humano é celeiro de luz da experiência. A Bondade Divina converte as nossas chagas em lâmpadas acesas para a alma. Bem-aventurados os que chegam à morte crivados de cicatrizes que denunciam a dura batalha. Para esses, uma perene era de paz fulgurará no horizonte, porquanto há o coração. A verdade se lhes faz amiga generosa; a esperança e a compreensão lhes serão companheiras fiéis! Retorna, minha filha, a ti mesma; restaura a coragem e o otimismo, mau grado às nuvens ameaçadoras que te pairam na mente em delírio... Ainda é tempo! Ainda é tempo! A enferma, contudo, fez supremo esforço por tornar ao invólucro de carne, pronunciando ríspidas palavras de negação, inopinadas e ingratas. Desfazendo-se da influência pacificadora de Calderaro, regressou gradativamente ao campo sensorial, em gritos roucos. O instrutor aproximou-se da genitora chorosa e informou: – Infelizmente, minha amiga, o processo de loucura por insurgência parece consumado. Confiemo-la, agora, ao poder da Suprema Proteção Divina. Enquanto a entidade materna se debulhava em lágrimas, a doente, conturbada pelas emissões mentais em que se comprazia, dirigiu-se à enfermeira, reclamando: – Não posso! Não posso mais! Não suporto... A intervenção, agora! Não quero perder um minuto! Fixando a companheira, por alguns instantes, com terrífica expressão, ajuntou: – Tive um pesadelo horrível... Sonhei que minha mãe voltava da morte e me pedia paciência e caridade! Não, não!... Irei até ao fim! Preferirei o suicídio, afinal! Inspirada pelo meu orientador, a enfermeira fez ainda várias ponderações respeitáveis. Não seria conveniente aguardar mais tempo? Não seria o sonho um providencial aviso?

O abatimento de Cecília era enorme. Não se sentiria amparada por uma intervenção espiritual? Julgava, desse modo, oportuno adiar a decisão. A paciente, no entanto, ficou irredutível. E, com assombro nosso, ante a genitora desencarnada, em pranto, a operação começou, com sinistros prognósticos para nós, que observamos a cena, sensibilizadíssimos. Nunca supus que a mente desequilibrada pudesse infligir tamanho mal ao próprio patrimônio. A desordem do cosmo fisiológico acentuou-se, instante a instante. Penosamente surpreendido, prossegui no exame da situação, verificando com espanto que o embrião reagia ao ser violentado, como que aderindo, desesperadamente, às paredes placentárias. A mente do filhinho imaturo começou a despertar à medida que aumentava o esforço de extração. Os raios escuros não partiam agora só do encéfalo materno; eram igualmente emitidos pela organização embrionária, estabelecendo maior desarmonia. Depois de longo e laborioso trabalho, o entezinho foi retirado afinal... Assombrado, reparei, todavia, que a ginecologista improvisada subtraía ao vaso feminino somente pequena porção de carne inânime, porque a entidade reencarnante, como se a mantivessem atraída ao corpo materno forças vigorosas e indefiníveis, oferecia condições especialíssimas, aderida ao campo celular que a expulsava. Semidesperta, num atroz pesadelo de sofrimento, refletia extremo desespero; lamentava-se com gritos aflitivos; expedia vibrações mortíferas; balbuciava frases desconexas. Não estaríamos, ali, perante duas feras terrivelmente algemadas uma à outra? O filhinho que não chegara a nascer transformara-se em perigoso verdugo do psiquismo materno. Premindo com impulsos involuntários o ninho de vasos do útero, precisamente na região onde se efetua a permuta dos sangues materno e fetal, provocou ele o processo hemorrágico, violento e abundante. Observei mais. Deslocado indebitamente e mantido ali por forças incoercíveis, o organismo perispiritico da entidade, que não chegara a renascer, alcançou em movimentos espontâneos a zona do coração. Envolvendo os nódulos da aurícula direita, perturbou as vias do estímulo, determinando choques tremendos no sistema nervoso central. Tal situação agravou o fluxo hemorrágico, que assumiu intensidade imprevista, compelindo a enfermeira a pedir socorros imediatos, depois de delir, como pôde, os vestígios de sua falta. – Odeio-o! Odeio-o! – clamava a mente materna em delírio, sentindo ainda a presença do filho na intimidade orgânica – Nunca embalsei um intruso que me lançaria à vergonha! Ambos, mãe e filho, pareciam agora, por dizer mais exatamente, sintonizados na onda de ódio, porque a mente dele, exibindo estranha forma de apresentação aos meus olhos, respondia, no auge da ira: – Vingar-me-ei! Pagarás ceitil por ceitil! Não te perdoarei!... Não me deixaste retomar a luta

terrena, onde a dor, que nos seria comum, me ensinaria a desculpar-te pelo passado delituoso e a esquecer minhas cruciantes mágoas... Renegaste a prova que nos conduziria ao altar da reconciliação. Cerraste-me as portas da oportunidade redentora; entretanto, o malféfico poder, que impera em ti, habita igualmente minh'alma... Trouxeste à tona de minha razão o lodo da perversidade que dormia dentro em mim. Negas-me o recurso da purificação, mas estamos agora novamente unidos e arrastar-te-ei para o abismo... Condenaste-me à morte e, por isso, minha sentença é igual. Não me deste o descanso, impediste meu retorno à paz da consciência, mas não ficarás por mais tempo na Terra... Não me quiseste para o serviço do amor... Portanto, serás novamente minha para a satisfação do ódio. Vingar-me-ei! Seguirás comigo! Os raios mentais destruidores cruzavam-se, em horrendo quadro, de espírito a espírito. Enquanto observava a intensificação das toxinas, ao longo de toda a trama celular, Calderaro orava, em silêncio, invocando o auxílio exterior, ao que me pareceu. Efetivamente, daí a instantes, pequena turma de trabalhadores espirituais penetrou o recinto. O orientador ministrou instruções. Deveriam ajudar a desventurada mãe, que permaneceria junto da filha infeliz, até à consumação da experiência. Em seguida, o Assistente convidou-me a sair, acrescentando: – Verificar-se-á a desencarnação dentro de algumas horas. O ódio, André, diariamente extermina criaturas no mundo, com intensidade e eficiência mais arrasadoras que as de todos os canhões da Terra troando a uma vez. É mais poderoso, entre os homens, para complicar os problemas e destruir a paz, que todas as guerras conhecidas pela Humanidade no transcurso dos séculos. Não me ouve mera teoria. Viveste conosco, nestes momentos, um fato pavoroso, que todos os dias se repetem na esfera carnal. Estabelecido o império de forças tão detestáveis sobre essas duas almas desequilibradas, que a Providência procurou reunir no instituto da reencarnação, é necessário confiá-las doravante ao tempo, a fim de que a dor opere os corretivos indispensáveis. – Oh! – exclamei aflito, contemplando o duelo de ambas as mentes torturadas –, como ficarão? Permanecerão entrelaçadas, assim? E por quanto tempo? Calderaro fitou-me com o acabrunhamento de um soldado valoroso que perdeu temporariamente a batalha, e informou: – Agora, nada vale a intervenção direta. Só poderemos cooperar com a oração do amor fraterno, aliada à função renovadora da luta cotidiana. Consumou-se para ambos doloroso processo de obsessão recíproca, de amargas consequências no espaço e no tempo, e cuja extensão nenhum de nós pode prever.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 10)

“Ante as nossas primeiras perguntas, Áulus acentuou: – É um caso doloroso como o de milhares de criaturas. – Vê-se bem – aduziu Hilário, sob forte

impressão –, que é a nossa própria irmã quem fala e gesticula... – Sim – aprovou o Assistente –, entretanto, encontra-se imantada ao companheiro espiritual, cérebro a cérebro. – Poderá, todavia, recordar-se com precisão do que lhe sucede agora? – inquiri, por minha vez. – De modo algum. Tem as células do córtex cerebral totalmente destrambelhadas pelo desventurado amigo em sofrimento. Nos transe, em que se efetua a junção mais direta entre ela e o perseguidor dementado, cai em profunda hipnose, qual acontece à pessoa magnetizada, nas demonstrações comuns de hipnotismo, e passa, de imediato, a retratar-lhe os desequilíbrios. E, designando a garganta da médium, repentinamente avermelhada e intumescida, continuou: – Nesta hora, tem a glote dominada por perturbação momentânea. Não consegue exprimir-se senão em voz rouquenha, quebrando as palavras. Isso porque o nosso irmão torturado, ao qual se liga pelos laços mais íntimos, lhe transmite as próprias sensações, compelindo-a a copiar-lhe o modo de ser. – Tão entranhada se revela a associação de ambos – alegou Hilário –, que sou levado a indagar de mim mesmo se na vida comum não serão eles, a bem dizer, duas almas num só corpo, assim como duas plantas distintas uma da outra a se desenvolverem num vaso único... Na experiência diária, vulgar, não será nossa irmã constantemente influenciada, de maneira positiva, embora indireta, pelo companheiro que a obsidia? – Você examina o assunto com acertado critério. Nossa amiga, na equipe doméstica, é um enigma para os familiares. Moça de notável procedência, possui belas aquisições culturais, entretanto, sempre se comporta de modo chocante, evidenciando desequilíbrios ocultos. A princípio, compareciam a insatisfação e a melancolia ocasionando crises de nervos e distúrbios circulatórios. Doente, desde a puberdade, em vão opinaram clínicos de renome sobre o caso, até que um cirurgião, crendo-a prejudicada por desarmonias da tireoide, submeteu-a a delicada intervenção, da qual saiu com seus padecimentos inalterados. Logo após, conheceu o cavalheiro sob nossa observação, que a desposou convencido de que o matrimônio lhe constituiria renovação salutar. Ao invés disso, porém, a situação se lhe agravou. A gravidez cedo se verificou, consoante a planificação de serviço, traçada na Vida Superior. Nossa irmã doente deveria receber o perseguidor nos braços maternos, aflagando-lhe a transformação e auxiliando-lhe a aquisição de novo destino, mas, sentindo-lhe a aproximação, recolheu-se a insopitável temor, adiando o trabalho que lhe compete. Impermeável às sugestões da própria alma, provocou o aborto com rebeldia e violência. Essa frustração foi a brecha que favoreceu mais ampla influência do adversário invisível no círculo conjugal. A pobre criatura passou a sofrer multiplicadas crises histéricas, com súbita aversão pelo marido.

Principalmente à noite, é colhida, de assalto, por fenômenos de sufocação e de angústia, amargurando o consorte desolado. Médicos foram trazidos, no entanto os hipnóticos foram empregados em vão... Em franca demência, a enferma foi conduzida à casa de saúde, todavia, a insulina e o eletrochoque não lhe solucionaram o problema. Presentemente, atravessa um período de repouso em família, deliberando o esposo experimentar o concurso do Espiritismo. Enquanto Silva e Clementino procuravam sossegar a médium e o comunicante, reunidos numa simbiose de extremo desespero, Hilário e eu continuávamos famintos de esclarecimento maior. – E se ela conseguisse nova maternidade? – inquiriu meu colega, estudioso. – Sim – concordou Áulus, convicto –, semelhante reconquista ser-lhe-á uma bênção, contudo, pela trama de sentimentos contraditórios em que se emaranhou, na fuga das obrigações que lhe cabem, não pode receber, de pronto, esse privilégio. Lembrei-me de mulheres que se fazem mães nos hospícios, mas, analisando-me os pensamentos, o orientador explicou: – A posição de alienada mental não lhe retira os favores da Natureza, mas a crueldade meditada com que se afastou dos compromissos assumidos imprimiu certo desequilíbrio ao centro genésico. Nossas defecções mais íntimas, embora desconhecidas dos outros, prejudicam-nos o veículo sutil e não podemos trair o tempo nas reparações necessárias, ainda mesmo quando o remorso nos ajude a restaurar as boas intenções. A perfeita entrosagem dos elementos psicofísicos filia-se à mente. A vida corpórea é a síntese das irradiações da alma. Não há órgãos em harmonia sem pensamentos equilibrados, como não há ordem sem inteligência. O serviço de socorro espiritual, porém, continuava inquietante. A entidade vingadora, jungida à médium, demorava-se contida pelos assessores de Clementino, ao passo que a moça, refletindo-lhe as emoções e os impulsos, tinha o peito arfante e gemia em soluços: – Para mim não há recurso!... Sou um renegado!... – Perdoa, meu irmão, e o caminho ser-te-á renovado – dizia Raul, com inflexão de amor. – Desculpando, somos desculpados. Todos temos dívidas... Não se inclinará, porventura, ao auxílio para que seja igualmente ajudado? – Não posso, não posso... – chorava o infeliz. E, à frente daquele par de Espíritos sofredores num só corpo, Áulus prosseguiu esclarecendo: – A fim de examinar com serenidade as agruras da obsessão na mediunidade torturada, não podemos esquecer as causas do suplício de hoje a se enraizarem nas sombras de ontem. Os templos espíritas vivem repletos de dramas comoventes, que se prendem ao passado remoto e próximo. Apontando o casal com a destra, continuou: – O esposo de agora foi no pretérito um companheiro nocivo para a nossa irmã obsidiada, induzindo-a a envenenar o pai adotivo, hoje metamorfoseado no verdugo que a persegue.

Herdeira de considerável fortuna, com testamento garantido, em sua condição de filha adotiva e única, viu que o velho tutor pretendia alterar decisões. Isso aconteceu em aristocrática mansão do século que passou. O viúvo abastado, que a criara com desvelado carinho, não concordou com a escolha feita. O moço não lhe agradava. Parecia mais interessado em pilhar-lhe as finanças que em fazer a felicidade da jovem desprevenida e insensata. Procurou, então, subtraí-la à influência do noivo, verificando que debalde lhes buscava a separação. Indignado, mobilizava medidas legais para deserdá-la, quando o rapaz, explorando a paixão de que a moça se via possuída, induziu-a a eliminá-lo, através de entorpecentes contínuos. Anulado o velhinho, por duas semanas de falsa medicação, o serviço da morte foi completado por diminuta dose de corrosivo. Findo ligeiro período de luto, a jovem herdeira enriqueceu o marido ao casar-se, contudo, em pouco tempo, viu-se presa de aflitivas desilusões, porque o esposo depressa se revelou jogador inveterado e libertino confesso, relegando-a a profunda miséria moral e física. Não lhe bastou esse gênero de aniquilamento gradativo. O tutor desencarnado imantou-se a ela, com desvairada fome de vingança, submetendo-a a horríveis tormentos íntimos. Em verdade, o parricídio permaneceu ignorado na Terra, mas foi registrado nos tribunais divinos e longo trabalho expiatório vem sendo levado a efeito, porquanto, ainda aqui, estamos observando esse trio de consciências entrelaçadas nos fios dilacerantes da provação redentora. O infortunado perseguidor recolhia afetuosas admoestações de Raul Silva e, depois de breve intervalo, o Assistente continuou: – Como vemos, a tragédia de nossa irmã enferma vem de longe. Nos planos inferiores da vida espiritual, vagueou por muito tempo na faixa de ódio da vítima que se lhe fez vingativo credor e, na atualidade, em nova etapa de luta, tem o pensamento enovelado ao dele. Atravessou a infância e a puberdade, experimentando-lhe o assédio a distância, todavia, quando o inimigo de outrora reapareceu na condição de marido atual, com a tarefa de ajudar a companheira e reeducá-la, e fraquejando nossa amiga nos primeiros tentames da responsabilidade maternal, o obsessor aproveitou-se do ascendente magnético sobre a pobrezinha, golpeando-lhe o equilíbrio. Sensibilizados com o quadro de justiça a desdobrar-se sob nossos olhos, não conseguíamos fugir à indagação para melhor fixar ensinamentos. Fixando a atenção no esposo da vítima, que a amparava carinhosamente, Hilário considerou: – Com que, então, nosso amigo tem o seu débito a saldar para com a mulher doente... – Sem dúvida – confirmou Áulus com grave entono –, o Poder Divino não nos aproxima uns dos outros sem fins justos. No matrimônio, no lar ou no círculo de serviço, somos procurados por nossas

afinidades, de modo a satisfazer aos imperativos da Lei de Amor, seja na ampliação do bem, ou no resgate de nossas dívidas, resultantes do nosso deliberado contato com o mal. Nossa irmã sofre os efeitos do parricídio a que se entregou pelo anseio de desfrutar prazeres que lhe desajustaram o plano consciencial, e o amigo que lhe inspirou a ação deplorável é agora chamado a ajudá-la na restauração imprescindível. Olhei penalizado o cavalheiro tristonho e pensei na frustração a que devia sentir-se preso. Bastou a reflexão para que o orientador me explicasse, solícito: – Decerto, nosso companheiro na atualidade não se sente feliz. Recapitulando a antiga fome de sensações, abeirou-se da mulher que desposou, procurando instintivamente a sócia de aventura passional do pretérito, mas encontrou a irmã doente que o obriga a meditar e a sofrer.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 10)

“De inesperado, outro colaborador veio até nós e pediu: – Instrutor, rogo-lhe providências na solução do caso Jonas. Recolhemos agora um recado de nossos irmãos, cientificando-nos de que a reencarnação dele talvez seja frustrada em definitivo. Pela primeira vez, notei que o dirigente da Mansão mostrou intensa preocupação no olhar. Patenteando enorme surpresa, indagou do emissário: – Em que consiste o obstáculo? – Cecina, a futura mãezinha, sentindo-lhe os fluidos grosseiros, nega-se a recebê-lo. Estamos presenciando a quarta tentativa de aborto, no terceiro mês de gestação, e vimos fazendo o que é possível por mantê-la na dignidade maternal. Druso esboçou no semblante um sinal de serena firmeza e acentuou: – É inútil. A jovem mãe aceitá-lo-á, segundo os compromissos dela própria. Além disso, precisamos da internação de Jonas, no corpo físico, pelo menos durante sete anos terrestres. Tragam Cecina até aqui, ainda hoje, logo se entregue ao sono natural, para que possamos auxiliá-la com a necessária intervenção magnética.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 3)

“Compreendemos que Silas se desincumbira brilhantemente da tarefa de esclarecer-nos, condensando, em palavras singelas, luminosa síntese de vasto assunto que, decerto, em nossa conceituação exigiria vários compêndios para ser devidamente analisado. Meu colega, contudo, como quem desejava estudar todas as questões tangentes, voltou a interrogar: – Já que nos detemos, em matéria de sexologia, na lei de causa e efeito, como interpretar a atitude dos casais que evitam os filhos, dos casais dignos e respeitáveis, sob todos os pontos de vista, que sistematizam o uso dos anticoncepcionais? Silas sorriu de modo estranho e falou: – Se não descambam para a delinquência do aborto, na maioria das vezes são trabalhadores desprevenidos que preferem poupar o suor, na fome de reconforto imediatista. Infelizmente para eles, porém,

apenas adiam realizações sublimes, às quais deverão fatalmente voltar, porque há tarefas e lutas em família que representam o preço inevitável de nossa regeneração. Desfrutem a existência, procurando inutilmente enganar a si mesmos, no entanto, o tempo espera-os, inexorável, dando-lhes a conhecer que a redenção nos pede esforço máximo. Recusando acolhimento a novos filhinhos, quase sempre programados para eles antes da reencarnação, emaranham-se nas futilidades e preconceitos das experiências de subnível, para acordarem, depois do tûmulo, sentindo frio no coração... – E o aborto provocado, Assistente? – inquiriu Hilário, sumamente interessado. – Diante da circunspecção com que a sua palavra reveste o assunto, é de se presumir seja ele falta grave... – Falta grave?! Será melhor dizer doloroso crime. Arrancar uma criança ao materno seio é infanticídio confesso. A mulher que o promove ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades, quais sejam a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino, a tumoração cancerosa, flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna, demandando o Além para responder, perante a Justiça Divina, pelo crime praticado. É, então, que se reconhece rediviva, mas doente e infeliz, porque, pela incessante recapitulação mental do ato abominável, através do remorso, reterá por tempo longo a degenerescência das forças genitais. – E como se recuperará dos lamentáveis acidentes dessa ordem? O Assistente pensou por momentos rápidos e acrescentou: – Imaginem vocês a matriz mutilada ou deformada, na mesa da cerâmica. Decerto que o oleiro não se utilizará dela para a modelagem de vaso nobre, mas aproveitar-lhe-á o concurso em experimentos de segunda e terceira classe... A mulher que corrompeu voluntariamente o seu centro genésico receberá de futuro almas que viciaram a forma que lhes é peculiar, e será mãe de criminosos e suicidas, no campo da reencarnação, regenerando as energias sutis do perispírito, através do sacrifício nobilitante com que se devotará aos filhos torturados e infelizes de sua carne, aprendendo a orar, a servir com nobreza e a mentalizar a maternidade pura e sadia, que acabará reconquistando ao preço de sofrimento e trabalho justos... Inexplicavelmente, Hilário emudeceu e, à face da lógica em que se baseavam as anotações de Silas, não teve coragem de prosseguir perguntando, absorvido então pelo temor de aprofundar em excesso num terreno em que terminaria por esbarrar nos detritos de meus próprios erros, preferindo, assim, o silêncio para reaprender e pensar.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 15)

“Aborto criminoso. – *Reconhecendo-se que os crimes do aborto provocado criminosamente surgem, em esmagadora maioria, nas classes mais*

responsáveis da comunidade terrestre, como identificar o trabalho expiatório que lhes diz respeito, se passam quase totalmente despercebidas da justiça humana? – Temos no Plano Terrestre cada povo com o seu código penal apropriado à evolução em que se encontra; mas, considerando o Universo em sua totalidade como Reino Divino, vamos encontrar o Bem do Criador para todas as criaturas, como Lei básica, cujas transgressões deliberadas são corrigidas no próprio infrator, com o objetivo natural de conseguir-se, em cada círculo de trabalho no Campo Cósmico, o máximo de equilíbrio com respeito máximo aos direitos alheios, dentro da mínima pena. Atendendo-se, no entanto, a que a Justiça Perfeita se eleva, indefectível, sobre o Perfeito Amor, no hausto de Deus “em que nos movemos e existimos”, toda reparação, perante a Lei básica a que nos reportamos, se realiza em termos de vida eterna e não segundo a vida fragmentária que conhecemos na encarnação humana, porquanto, uma existência pode estar repleta de acertos e desacertos, méritos e deméritos, e a Misericórdia do Senhor preceitua, não que o delinquente seja flagelado, com extensão indiscriminada de dor expiatória, o que seria volúpia de castigar nos tribunais do destino, invariavelmente regidos pela Equidade Soberana, mas sim que o mal seja suprimido de suas vítimas, com a possível redução do sofrimento. Desse modo, segundo o princípio universal do Direito Cósmico a expressar-se, claro, no ensinamento de Jesus que manda conferir “a cada um de acordo com as próprias obras”, arquivamos em nós as raízes do mal que acalentamos para extirpá-las à custa do esforço próprio, em companhia daqueles que se nos afinem à faixa de culpa, com os quais, perante a Justiça Eterna, os nossos débitos jazem associados. Em face de semelhantes fundamentos, certa romagem na carne, entremeada de créditos e dívidas, pode terminar com aparências de regularidade irrepreensível para a alma que desencarna, sob o apreço dos que lhe comungam a experiência, seguindo-se de outra em que essa mesma criatura assuma a empreitada do resgate próprio, suportando nos ombros as consequências das culpas contraídas diante de Deus e de si mesma, a fim de reabilitar-se ante a Harmonia Divina, caminhando, assim, transitoriamente, ao lado de Espíritos incursos em regeneração da mesma espécie. É dessa forma que a mulher e o homem, acumpliciados nas ocorrências do aborto delituoso, mas principalmente a mulher, cujo grau de responsabilidade nas faltas dessa natureza é muito maior, à frente da vida que ela prometeu honrar com nobreza, na maternidade sublime, desajustam as energias psicossomáticas, com mais penetrante desequilíbrio do centro genésico, implantando nos tecidos da própria alma a sementeira de males que frutescerão, mais tarde, em regime de produção a tempo certo.

Isso ocorre não somente porque o remorso se lhes entranhe no ser, à feição de víbora magnética, mas também porque assimilam, inevitavelmente, as vibrações de angústia e desespero e, por vezes, de revolta e vingança dos Espíritos que a Lei lhes reservara para filhos do próprio sangue, na obra de restauração do destino. No homem, o resultado dessas ações aparece, quase sempre, em existência imediata àquela na qual se envolveu em compromissos desse jaez, na forma de moléstias testiculares, disendocrinias diversas, distúrbios mentais, com evidente obsessão por parte de forças invisíveis emanadas de entidades retardatárias que ainda encontram dificuldade para exculpar-lhes a deserção. Nas mulheres, as derivações surgem extremamente mais graves. O aborto provocado, sem necessidade terapêutica, revela-se matematicamente seguido por choques traumáticos no corpo espiritual, tantas vezes quantas se repetir o delito de lesa maternidade, mergulhando as mulheres que o perpetraram em angústias indefiníveis, além da morte, de vez que, por mais extensas se lhes façam as gratificações e os obséquios dos Espíritos Amigos e Benfeitores que lhes recordam as qualidades elogiáveis, mais se sentem diminuídas moralmente em si mesmas, com o centro genésico desordenado e infeliz, assim como alguém indebitamente admitido num festim brilhante, carregando uma chaga que a todo instante se denuncia. Dessarte, ressurgem na vida física, externando gradativamente, na tessitura celular de que se revestem, a disfunção que podemos nomear como sendo a miopraxia do centro genésico atonizado, padecendo, logo que reconduzidas ao curso da maternidade terrestre, as toxemias da gestação. Dilapidado o equilíbrio do centro referido, as células ciliadas, mucíparas e intercalares não dispõem da força precisa na mucosa tubária para a condução do óvulo na trajetória endossalpingeana, nem para alimentá-lo no impulso da migração por deficiência hormonal do ovário, determinando não apenas os fenômenos da prenhez ectópica ou localização heterotópica do ovo, mas também certas síndromes hemorrágicas de suma importância, decorrentes da nidação do ovo fora do endométrio ortotópico, ainda mesmo quando já esteja acomodado na concha uterina, trazendo habitualmente os embaraços da placenta baixa ou a placenta prévia hemorrágica para que constituem, na parturição, verdadeiro suplício para as mulheres portadoras do órgão germinal em desajuste. Enquadradas na arritmia do centro genésico, outras alterações orgânicas aparecem, flagelando a vida feminina como sejam o descolamento da placenta eutópica, por hiperatividade histolítica da vilosidade corial; a hipocinesia uterina, favorecendo a germicultura do estreptococo ou do gonococo, depois das crises endométricas puerperais; a salpingite tuberculosa; a degeneração cística do cório; a

salpingooforite, em que o edema e o exsudato fibrinoso provocam a aderência das pregas da mucosa tubária, preparando campo propício às grandes inflamações anexas, em que o ovário e a trompa experimentam a formação de tumores purulentos que os identificam no mesmo processo de desagregação; as síndromes circulatórias da gravidez aparentemente normal, quando a mulher, no pretérito, viciou também o centro cardíaco, em consequência do aborto calculado e seguido por disritmia das forças psicossomáticas que regulam o eixo elétrico do coração, ressentindo-se, como resultado, na nova encarnação e em pleno surto de gravidez, da miopraxia do aparelho cardiovascular, com aumento da carga plasmática na corrente sanguínea, por deficiência no orçamento hormonal, daí resultando graves problemas da cardiopatia consequente. Temos ainda a considerar que a mulher sintonizada com os deveres da maternidade na primeira ou, às vezes, até na segunda gestação, quando descamba para o aborto criminoso na geração dos filhos posteriores, inocula automaticamente no centro genésico e no centro esplênico do corpo espiritual as causas sutis de desequilíbrio recôndito, a se lhe evidenciarem na existência próxima pela vasta acumulação do antígeno que lhe imporá as divergências sanguíneas com que asfixia, gradativamente, através da hemólise, o rebento de amor que alberga carinhosamente no próprio seio, a partir da segunda ou terceira gestação, porque as enfermidades do corpo humano, como reflexos das depressões profundas da alma, ocorrem dentro de justos períodos etários. Além dos sintomas que abordamos em sintética digressão na etiopatogenia das moléstias do órgão genital da mulher, surpreenderemos largo capítulo a ponderar no campo nervoso, à face da hiperexcitação do centro cerebral, com inquietantes modificações da personalidade, a ralarem, muitas vezes, no martirologio da obsessão, devendo-se ainda salientar o caráter doloroso dos efeitos espirituais do aborto criminoso, para os ginecologistas e obstetras delinquentes. – *Para melhorar a própria situação, que deve fazer a mulher que se reconhece, na atualidade, com dívidas no aborto provocado, antecipando-se, desde agora, no trabalho da sua própria melhoria moral, antes que a próxima existência lhe imponha as aflições regenerativas?* – Sabemos que é possível renovar o destino todos os dias. Quem ontem abandonou os próprios filhos pode hoje afeiçoar-se aos filhos alheios, necessitados de carinho e abnegação. O próprio Evangelho do Senhor, na palavra do Apóstolo Pedro, adverte-nos quanto à necessidade de cultivarmos ardente caridade uns para com os outros, porque a caridade cobre a multidão de nossos males. Pedro Leopoldo, 8/6/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 14)

“Os dias de Fantini e da companheira rodavam em plenitude de serviço. Pouco a pouco, percebiam quantos deveres precisavam aceitar para assegurarem um renascimento relativamente tranquilo a um Espírito enfermo, qual Mancini, que requisitava cuidado incessante, para que o aborto não repontasse em prejuízo geral. Observavam que em milhares de outros casos não cabiam preocupações assim tantas. Entidades acomodadas ao mundo carnal ajustavam-se ao processo reencarnatório, com a simplicidade da mão, quando se adapta a uma luva. Noutras situações, as criaturas de regresso à esfera física, dispunham de tanta elevação que a presença delas, só por si, não apenas estabelecia distância aos Espíritos infelizes, como também bastava para propiciar sossego à mente materna... Túlio, porém, não estava entre aquelas criaturas que tão somente tocam, de leve, as forças do espírito para se refestelarem, de modo quase que absoluto, nos prazeres e mecanismos do mundo físico, e nem alcançara, ainda, a condição daquelas outras que simplesmente tocam na matéria grosseira tão só buscando energia para se sustentarem, acima de tudo, nas tarefas e operações do Mundo Espiritual. Nem pisava o início do monte de elevação, nem lhe atingira os degraus mais altos. Era um homem de cultura e virtude medianas, com aguçada sensibilidade à mostra, em função de sua própria necessidade de burilamento, à vista de débitos contraídos em outras existências. Quaisquer choques no ambiente materno induziam-no à irritabilidade e quaisquer dificuldades pequeninas impediam-no a indisposições lamentáveis. Certamente que se demorava em sono terapêutico no laborioso tratamento para a volta criteriosamente vigiada ao campo terrestre, a que na arena dos homens se dá sumariamente o nome de gravidez, como se gravidez, em definição tão rápida e simplista, fosse acontecimento insignificante e igual para todos os reencarnados, com repercussões análogas para as mães que os hospedam; importa reconhecer, porém, que o sono terapêutico do Espírito, conjugado ao desenvolvimento fetal, se caracteriza por graus diversos e, por isso, nem sempre raia pela inconsciência total. Empreendimentos e obrigações se avolumaram, a benefício de Mancini, até o dia em que lhe ouviram os primeiros vagidos no berço, entre o êxtase de Vera e a emoção de Caio, maravilhados com o filhinho... Túlio varara a grande barreira entre os dois mundos e, daí em diante, reclamaria cuidados de outro tipo. Reconfortados e felizes com a execução gradual do programa estabelecido, Fantini e a companheira se acharam de espírito voltado para questão que se lhes impunha, de imediato: o retorno de Desidério à experiência carnal.” (AL, *E a vida continua*, Capítulo 26)

“O préstito bizarro vulteu por três vezes o *pica-deiro* e se aquietou ao centro, transferindo-se o temível doutor Teofrastus para um palanque adredemente

armado, com gestos vulgares e ridículos. Houve um súbito silêncio feito de expectativa e receio. Voltando-se para a multidão, começou a falar, através de um microfone que levava a sua voz às galerias, por meio de vários projetores de som, de alta potência. As palavras duras e impiedosas exprobravam os que se atemorizavam ante o cumprimento do «*dever da vingança*», explodindo ameaças e exibindo toda a prepotência de que se supunha possuir. O silêncio era aterrador. Nenhum som, nenhuma galhofa, exceto, de quando em quando, alguns gritos de terror que partiam das arquibancadas... — Temos hoje um caso de Justiça... — reticenciou. E para fazer-se mais temerário, apostrofou: — Julgaremos uma criminoso que chegou da Terra para os nossos presídios, há quase um ano... Apareceram os que se poderiam chamar *jurados*, que tomaram lugar em assentos reservados, um *acusador*, duas *testemunhas* — uma de lamentável aspecto lacerado, e a outra, apenas uma pasta informe, perispiritual, estiolada, que, mantida numa cesta nauseante, foi colocada sobre uma mesa, em destaque, no centro do proscênio. Algemada e atada a uma corrente, jovem mulher de uns quase 35 anos foi trazida, acolitada por dois guardas e conduzida ao palco da triste encenação. O semblante desencarnado e a expressão de loucura deformavam-na em grande parte. Andrajosa e imunda, quase rastejava minada pela ausência de forças. O simulacro de julgamento era decerto confrangedor. A infeliz relanceou os olhos baços várias vezes, traduzindo o quanto de sofrimento lhe invadia o ser. O acusador, empertigado e ferino, narrou: — Esta mulher vem da Terra, após uma vida de abominação. «Enganando-se, quanto pôde, entregou-se a toda espécie de prazeres, assistida de perto por diversos cooperadores da nossa Organização, após os seus primeiros crimes. «Tendo oportunidade de fazer-se mãe, seis vezes consecutivas, delinuiu em todas elas, evadindo-se, pelo infanticídio, a qualquer responsabilidade para com os próprios atos. «Na última vez, fez-se vítima da própria leviandade e desencarnou após terrível e demorada hemorragia que lhe roubou toda possibilidade de sobrevivência. «Dentre os a quem ela impediu voltassem à carne, aqui estão duas vítimas suas, em diferentes estados: um conseguiu retomar a forma anterior, mas apresenta os sinais das lâminas que lhe romperam o corpo em formação; o outro ainda dorme, hibernado, na forma desfigurada, graças ao despedaçamento sofrido, no ato do aborto. «Logo despertou, porém, no túmulo, alguns dias após o desenlace, acreditando-se viva no corpo — ignorante das realidades espirituais —, um soldado nosso deu-lhe «voz de prisão» pelos crimes cometidos e, algemando-a, trouxe-a ao cárcere, em que tem estado até este momento. «A sua primeira *vítima*, que pertencia aos nossos quadros, apresentou queixa, há muito, o que nos levou a assisti-la por

alguns anos e agora nos reunimos para fazer *justiça*. » O pobre espírito assistia a tudo, quase sem se aperceber. Parecia semidesvairado, recolhendo a muito esforço mental algumas expressões esparsas, que, no entanto, não conseguia coordenar... Os insultos e doestos choviam, atirados em abundância. A *testemunha* fez chocante narração, várias vezes interrompida pelo vozerio das galerias, após o que, uma voz se destacou na bulha, anunciando o veredicto: — Culpada! Gargalhadas estridentes espocaram de todos os lados. O Dr. Teofrastus ergueu-se e, depois de receber mesuras dos comparsas, sentenciou: — Façamos com ela, o que no íntimo sempre foi: uma loba! Acercou-se da sofrida entidade e, fitando-a, escarnecedor, passou a ofendê-la, vilmente. A vítima não apresentou qualquer reação. Era como se a sua visão se encontrasse longe, a fixar as evocações dos abortos delituosos a que se entregara nos dias de insensatez, que ficaram para trás, mas que não se consumiram... Obrigando-a a ajoelhar-se, enquanto lhe estrugiu no dorso longo chicote sibilante, ordenou, de voz estertorada: — Víbora infeliz! Devoradora dos próprios filhos! Toma a tua forma... A que já tens na mente atormentada. “A tua justiça é a tua consciência... Obedece, serpente famélica!» A voz, impregnada de pesadas vibrações deletérias e vigorosas, dobrava os centros de parca resistência perispiritual da atormentada, e, diante dos nossos olhos, ao comando do sicário cruel, que se utilizava de processos hipnóticos deprimentes, atuava no *subconsciente* perispiritual abarrotado de remorso da infanticida, imprimindo-lhe a tragédia da mutação da forma, num horrendo fenômeno de licantrópia, dos mais lacerantes... Choros convulsivos e gritos irromperam simultâneos das arquibancadas. A alteração foi geral. Repentinamente, escutaram-se sirenes de alarme e a perturbação se fez total... [...] A cena estranha continuou por mais alguns momentos e o atormentado espírito da mulher-lobo foi, por determinação do *chefe*, remetido ao interior para ser colocado em defesa do anfiteatro.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 6)

“Foram separados, retornando aos seus lugares. O Irmão Glaucus tomou o antigo *Mago* de Ruão, que se apresentava desfeito, contraído, com indizível sofrimento estampado na face, e o aproximou de Ana Maria. Tocando a jovem, falou-lhe: — Devolvo-te o amor não fruído. Tê-lo-ás no seio materno e nos braços da ternura. Amamentá-lo-ás e lhe forneceras a forma orgânica. Ele, porém, terá incontáveis limitações de muita natureza, exigindo-te sacrifícios e vigílias. Talvez não consiga firmar-se na primeira tentativa de renascimento. Os seus fluídos possivelmente intoxicarão venenosamente a forma débil do feto... Mas voltará, sim, aos teus anelos, às tuas ansiedades. Antes dormirá demorado sono em nossa Esfera de ação, para esquecer e recomeçar sem o peso das lembranças causticantes...

Teu amor ajudá-lo-á a carregar o fardo das próprias dores. Não seguirás a sós: teus Amigos Espirituais te ajudarão, todos oraremos por ti e por ele.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 16)

— Angélica vem de um passado moral pouco recomendável. Jovem e atraente, aos primeiros dias do século atual, consorciou-se por imposição paterna com um homem a quem não amava, mais idoso, do que ela, o que lhe constituiu, a princípio, inominável martírio. “Seu consorte, impossibilitado para o matrimônio, confidenciou-lhe o problema que o afligia, prometendo-lhe regular liberdade, desde que se mantivessem as conveniências sociais para ele relevantes. Tal conjuntura afetiva constituía já uma medida coercitiva de que se utilizava a Vida a fim de discipliná-los corretamente... Deveria, portanto, ter aproveitado a oportunidade, mediante a austeridade moral que a guindaria a relevante posição espiritual. Isto, porém, não se deu. Acobertada pelo esposo insensato e leviano, tombou em quedas sucessivas, ocultando os frutos das dissipações por meio de infanticídios impiedosos que se repetiram por quatro vezes consecutivas, no último dos quais logrou ser expulsa do corpo, através de hemorragia violenta... “Ao despertar no Além reencontrou aqueles que impedira de renascer, passando a sofrer-lhes acrimônias, injúrias e rudes perseguições. “Infelizmente, conduta que tal ainda hoje é corrente: apagar o erro por meio de maior crime, isto é, ocultar o ultraje moral, incidindo no aborto delituoso, destruindo quem não tem culpa da leviandade. “A Lei, porém, sempre chama a necessárias contas todos os seus arbitrários desrespeitadores, como estamos verificando. “Ao reencarnar-se o Espírito culpado através de processo muito complexo, fixou no centro coronário, onde se situa a epífise, a veladora da sexualidade, os abusos anteriormente cometidos, que foram sendo revelados, à medida que a puberdade ativava o centro genésico, produzindo-lhe o estado atual, e, simultaneamente, fazendo que a memória dos sucessos infelizes comesçasse a trasladar-se do inconsciente profundo para o consciente atual, em forma de tormentosas crises evocativas das sensações experimentadas nas pavorosas regiões de dor donde proveio... “O Inconsciente possui, portanto, fatores preponderantes, não, porém, exclusivamente desta encarnação conforme desejam os estudiosos materialistas, que apenas percebem os efeitos sem aprofundarem as causas... — E será ela uma obsidiada — avengei — no sentido lato da palavra? — Sim — concordou. — Aqui, porém, a obsessão é efeito, contingência natural da sintonia da mente endividada com as mentes das suas vítimas. Nela mesma, na paciente, nas zonas fisiológicas estão as distonias psicofísicas já instaladas pela consciência culpada, em forma de sintomas vários e desconexos que, no caso, lhe constituem a histeria. O Benfeitor

aplicou-lhe recursos próprios, através de passes especiais, enquanto nos quedamos a meditar, procurando melhor entender as sutis vinculações causa-efeito, na histeria e na obsessão, na loucura e na possessão.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 12)

“DELITO OCULTO. [...] Desejando completar o raciocínio lógico, concluiu: - O Espírito é o responsável por si mesmo, embora mergulhado no contexto da Excelsa Misericórdia de Deus, fomentando o próprio crescimento através da utilização dos recursos pedagógicos com os quais sintoniza espontaneamente.” Nesse comenos, o caridoso Bezerra acercou-se da paciente e penetrou-a com um profundo olhar, percuciente e lúcido, após o qual nos convidou a examinar a causa da alienação de Julinda, esclarecendo: - Com o respeito que nos merecem as observações dos honrados estudiosos da *psique* humana, que estabeleceram características definidas nos quadros da anamnese de uma PMD, a gênese real da alienação da nossa enferma se encontra num desforço espiritual, formando uma problemática obsessiva, conforme poderemos constatar. “Busquemos-lhe a sede da consciência e procuremos detectar a região dos folículos cerebrais, no córtex do encéfalo, escutando os conflitos que lhe assomam dos arquivos mentais em desconcerto.” Fixei a atenção na região indicada, sintonizando o pensamento na sua faixa psíquica. Imediatamente, passei a ver e a ouvir confusos *quadros* e ruídos que se misturavam em verdadeira miscelânea de perturbação. A pouco e pouco foram-se definindo as cenas e acompanhamos uma alteração entre a enfermeira e o esposo, que melhor definia a conjuntura do momento provacional. Um jovem de menos de trinta anos, com ótima aparência, tentava convencê-la da necessidade que ele sentia de completar a felicidade doméstica, tornando-se pai. “Anelava por um rebento com o qual se sentiria realizado” - instava, emocionado. A jovem esposa, porém, exigente e caprichosa, retrucava: - Não aquiescerei a esta exigência descabida. Não é justo que nos amaremos em plena juventude, a compromissos com filhos, malbaratando as nossas oportunidades de prazer e gozo. Não me permitirei *deformar*, mediante uma gestação ingrata e não desejada, para atulhar o meu ambiente doméstico com a algazarra infantil que, convenhamos, eu detesto. Denotando o amuo, num temperamento irascível, que se procurava impor, desejou encerrar o diálogo. O marido, que se mantinha ponderado, volveu à argumentação: - O melhor período para a construção da família é a juventude dos cônjuges, que se encontram no apogeu das forças e das faculdades, propiciando uma educação em bases de paciência e disciplina à prole em formação. Nessa fase da idade, os perigos da *délivrance* são menores e a recuperação mais rápida, reservando-se para a velhice o justo repouso, em razão de a família estar formada, e

vivendo os filhos, já adultos, as suas próprias experiências. “Além disso, hoje, mesmo as estrelas do cinema e da televisão exibem a gestação, que mais lhes dá *status*, não havendo qualquer perigo de deformação da silhueta, ainda mais em se considerando tratar-se você de uma mulher já casada...” - Não abduco, no entanto - redarguiu, encolerizada -, ao direito sobre o meu corpo... Não aceito a maternidade, em hipótese alguma. O clima da conversação acalorada degenerou em discussão dissolvente, gerando a primeira fissura emocional na aliança conjugai. Após alguns minutos, podíamos identificar, no exame dos clichês mentais de Julinda, um sonho, no qual, acompanhada pelo esposo e veneranda Entidade do nosso plano de ação, era-lhe apresentado um Espírito, que lhe requeria oportunidade para renascer, prometendo-lhe carinho e ajuda. - Eu te perdorei - suplicava o candidato, em lágrimas - todo o mal que me fizeste, recebendo-me nos teus braços como parte de ti, a fim de que eu recomece ao teu lado. Ajuda-me, hoje, a fim de que eu te socorra mais tarde... Parecendo identificá-lo pelos delicados fios das recordações, ela recuou com expressão alucinada, afirmando estar sendo vítima de um pesadelo que a arrojara aos Infernos. A Entidade Benfeitora, conciliando a situação calamitosa, aclarou: - Acalma-te, filha. Estás na *esfera dos sonhos* e te reencontras com uma alma à tua vinculada, que te implora ensejo de retorno ao corpo, para fruírem juntos a felicidade de refazimento do caminho, intempestivamente interrompido... “És devedora, em relação a ela. Todavia, te desculpará o deslize pretérito, desde que lhe concedas a ensanchar futura. A vida física é breve, demorando o curto prazo de uma experiência... Aproveita-a, a benefício da tua imortalidade. Não recalcitres ao agulhão beneficente... Juventude e aparência são de muito curta duração. Ouve-a e aquiesce.” A moça, no entanto, estampando na face uma máscara de horror, tentava recuar e, vinculada às figurações perniciosas da sua crença religiosa, bradava: - Estou no Inferno; os satanases me perseguem. Sou inocente! Deixem-me em paz. Odeio filhos! Não os quero, não os aceitarei! O esposo, que se apresentava portador de melhores recursos espirituais e de mais ampla lucidez, abraçou-a, intentando tranquilizá-la: - Acalma-te, Julinda. Sou eu, Roberto, teu marido. Raciocina, por Deus, e ouve. Asserena-te e recebe a dádiva que o Pai nos propiciará... - Socorre-me - interrompeu-o em pranto e desespero -, não desejo a maternidade e tu o sabes... Tira-me daqui, ajuda-me. Fugamos, antes que eu enlouqueça... As cenas se apagaram, para ressurgirem outras, não menos graves. Nelas, a paciente experimentava os sinais da gravidez, por ocasião do fluxo catamênico e, desesperada, no segundo mês, solicitara um exame de urina, constatando-se a presença do feto. Sem notificar o esposo concertou o aborto delituoso, numa clínica

que se dedicava ao monstruoso cometimento. Na noite da véspera, sem dizer nada a ninguém, psiquicamente preparada para o crime, sonhou que alguém a segurava, fortemente, suplicando-lhe amparo. - Não me mates o corpo, minha mãe - imprecava o reencarnante -. Necessito volver, precisamos estar juntos. Ajuda-me... Se não me atenderes... - Prefiro a morte - sentenciou a infeliz mulher - a ser mãe. Odeio-te. Nunca te receberei, nunca! - Verás, então... A *facies* do Espírito fez-se tão terrificante que ela despertou, aos gritos, banhada por álgido suor. O esposo atendeu-a, solícito, e voltou a dormir, ante a explicação de que se tratava de mais um injustificável pesadelo. Alegando-se enferma, preparou a cena para o repouso que deveria manter, após a liberação do feto, pelo abominável método que escolhera. Durante as horas que antecederam ao crime, *ouvira* o apelo, recordava-se do sonho. Resolvida à ação cruel, justificava-se, tentando repouso mental impossível, como sendo tensão nervosa, descontrole emocional. “Afinal - pensava -, o aborto é uma coisa tão corriqueira... O médico a tranquilizara, informando da rapidez e do êxito da interrupção da gravidez...” Apesar disso, não se conseguia se acalmar. A cena, fortemente gravada, levava-a à recordação e aquela voz impossível de identificar, se fora ou dentro dela, suplicante, atormentava-a. No momento aprazado, compareceu à Clínica e, duas horas depois, indisposta e *livre*, retornou ao lar. Nos minutos precedentes ao aborto, por pouco não recuou, em razão de sentir-se louca, tal o desespero que dela se apossou, em face do que *escutava*: - Se me matares, eu te desgraçarei. Salva-me infame! É tempo, ou, do contrário, rolarão os séculos na fúria da minha vingança, sem que tenhas paz... Julinda fora até o extremo paroxístico da demência: matou o corpo do filhinho, que já se agasalhava, esperançoso, na vida intrauterina. O esposo nunca tomou conhecimento da ação nefanda, destruidora. Exceto os cúmplices *profissionais* da morte, o infanticídio ficou ignorado por todos. Menos, é certo, pela vítima e pelo algoz, que ora se entrelaçavam mais rigorosamente os destinos, no rumo da dor, sombra e loucura grave...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 3)

“O abortamento provocado sem justa causa é crime grave de que o Espírito, somente a contributo de muita aflição, se predispõe a reparar, facultando que a vítima lhe renteie ao lado, em renascimento que ocorrerá futuramente, sob densas cargas de ressentimento e amargura. Enfermidades de largo porte se encarregam de corrigir a atitude mental do delinquente que aborta, a fim de que os tecidos sutis do perispírito se recomponham para porvindouros cometimentos na área da maternidade. Infecundidade e frigidez, qual ocorre com outros problemas femininos decorrem, naturalmente, da usança irregular da sexualidade em encarnação passada bem como de abortos perpetrados

pela irresponsabilidade e requintes de egoísmo, que se fazem gênese de neoplasias malignas, logo depois, ou em processos próximos de renascimentos, que exigem ablação dos órgãos genésicos, quando não arrebatam a vida física de maneira fulminante, maceradora. Não sendo o autor da vida, o homem dela não pode dispor ao talante das paixões primitivas, sem rude comprometimento para si próprio. Emprestando elementos que corporificam o ser, torna-se instrumento das Leis da Criação que o honram com a oportunidade de cooperar no processo da evolução, não lhe facultando interrompê-la sem que incida em delito de alta importância. Por isso que, a sexualidade somente deve ser exercida quando responsável, sob as bênçãos do amor e o amparo da legislação em vigor, representativa, no momento, do grau evolutivo de cada povo. Em todo renascimento há razões propelentes que conduzem um a outro Espírito, seja pelos automatismos vigentes no Cosmo, seja pelas programações de elaboração cuidadosa, objetivando-se sempre o aperfeiçoamento de cada um, dentro dos impositivos das necessidades que os entrelaçam e seguram. Desse modo, cada qual renasce, nem sempre onde merece, mas onde os fatores, as condições são-lhe mais propícias para o avanço. As ingerências precipitadas, nas programáticas das vidas, por este ou aquele motivo redundam, quase sempre, em decepções, desastres ou perturbações que poderiam ser evitados. Julinda, imatura e desequilibrada, com viciações que a retinham em malhas de obsessões sutis, porque temesse, embora inconscientemente, a presença do antigo companheiro, agora na condição de filho, não tergiversou em interromper-lhe o processo fetal, tombando em fundo fosso de desequilíbrio psíquico. O Espírito, sentindo-se frustrado e porque anelasse pela ocasião que sabia de incalculável proveito, por ser ainda rebelde, deixou-se comburir pelo ódio, persistindo na vingança injustificável, convertida em luta feroz, com o objetivo de eliminar o corpo da inditosa, para aguardá-la depois do túmulo, onde prosseguem desforços de largo porte...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 5)

“[...] O processo da reencarnação está a exigir estudos acurados por embriogenistas, biólogos e psicólogos, de modo a poderem penetrar nos seus meandros, que lhes permanecem ignorados, o que dá margem, nessas áreas de estudo, quando diante de determinados acontecimentos, a opiniões sem fundamentação, porque destituídas do **conhecimento** das causas, cujos efeitos contemplam. Iniciando-se, no momento da fecundação, alonga-se o processo reencarnatório até a adolescência do ser, quando, a pouco e pouco, atinge a plenitude.”⁽¹⁾ ⁽¹⁾ Nota da Editora: Consultado o Espírito Manoel P. de Miranda, este esclareceu, por intermédio de Divaldo Franco, que mesmo *terminado* aos 7 anos o processo reencarnatório, este se vai

fixando, lentamente, até o momento da transformação da glândula pineal, na sua condição de veladora do sexo.] As impressões mais fortes das experiências passadas fixam-se no corpo em formação, através de deficiências físicas ou psíquicas, saúde e inteligência, de acordo com o tipo de comportamento que caracteriza o estado evolutivo do Espírito. Estabelecidos os programas cármicos referentes às necessidades de cada ser, outros fatores contribuem, durante a gestação e o parto, para ulteriores fenômenos psicológicos no reencarnante. Graças a simpatia ou animosidade que o vinculam aos futuros genitores, estes reagem de forma positiva ou não, envolvendo o filho em ondas de ternura ou revolta que o mesmo assimila, transformando-se essas impressões em fobias ou desejos que exteriorizará na infância e poderá fixar, indelevelmente, na idade adulta. Porque lúcido, acompanhando o mergulho na organização física, percebe-se desejado ou reprochado, registrando os estados familiares, bem como os conflitos domésticos do meio onde irá viver. Vezes ocorrem, em que o pavor se toma tão grande, que o Espírito desiste da reencarnação ou, em desespero, interrompe inconscientemente o programa traçado, resultando em aborto natural a gestação em andamento. Os meses de ligação física com a mãe são, também, de vinculação psíquica, em que o recomeçante em sofrimento pede apoio e amparo, ou, se dito-so, roga ternura para o fiel cumprimento do plano feliz que se encontra em execução.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Reminiscências e conflitos psicológicos)

“A seguir, veio trazida uma jovem senhora que se queixava de distúrbio sexual, defluente da frigidez que a atormentava e estava a destruir-lhe o lar. Era mãe de um casal de crianças, que afirmava adoráveis. Amava o esposo, que estava a *perder*; em razão do desconforto que experimentava por ocasião do conúbio sexual. Suplicava ajuda... A caridosa servidora do bem confortou-a, a princípio, auxiliando-a a fazer um *relax*, e infundiu-lhe confiança na misericórdia de Deus, que de ninguém se olvida. Discorreu sobre as suas longas vigílias noturnas, demonstrando conhecer-lhe o drama, os seus temores e lágrimas, por fim, as discussões que deveriam terminar, e que se vinham agravando nos últimos tempos, através das quais ambos os cônjuges se magoavam, por falta da sinceridade de um diálogo amigo, honesto... Elucidou que **o seu distúrbio se originava do comportamento infeliz que mantivera em existência pregressa, quando se deixara seduzir pelo noivo e fora levada a um aborto criminoso**. Após outros deslizes morais, recolhera-se à vida religiosa, na qual, por mágoa do mundo, passara a ter uma conduta de castidade, **detestando o sexo** e submetendo-se a rudes silícios entre pensamentos de ódio e revolta que lhe foram perturbando a função genésica. Moça atraente, terminou por perturbar o leve

equilíbrio do confessor, que lhe expôs a torpe paixão de que se viu objeto, culminando por enredarem-se ambos num escândalo que as circunstâncias de então abafaram. Ele foi transferido de cidade, enquanto ela se deixou consumir pelo horror, numa atitude contemplativa, na qual a mente, fixada à desdita, gerou a disfunção ora apresentada. Reencarnando-se, reencontrou o religioso para, no matrimônio, se reajustarem, ao lado dos filhinhos, um dos quais ela expulsara antes... Cabia-lhe reeducar a mente, receber assistência fluidoterápica, orar e renovar-se, a fim de, com o auxílio do tempo, recompor a situação. Devidamente informada e com perspectivas de paz, retirou-se, comovida.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 3)

“**Criminosa trama oculta.** [...] Já passava da meia-noite, quando o irmão Felipe nos informou do labor mediúnico então programado. Dirigindo-nos à sala dedicada especificamente a esse mister, encontramos diversos membros dos serviços normais presentes, incluindo a atendente fraterna que se encarregara de esclarecer a cliente aflita. Logo depois, trazida em espírito por dois cooperadores que se encarregaram de desdobrá-la durante o sono fisiológico, a irmãzinha, que se apresentava calma, foi acomodada, semidesperta em um lugar especial na primeira fila onde estavam os assistentes. Minutos depois, adentrou-se, telementalizado pelo diretor espiritual, o verdugo, que se debatia, desejando libertar-se das energias que o coarctavam, mantendo-o presente. Iniciado o labor santificante, o diretor espiritual da Casa explicou a finalidade da reunião, informando que se tratava de um auxílio direcionado especificamente à jovem e ao seu filhinho, bem como ao adversário que tramava a tragédia prestes a consumir-se. Petitinga e nós, convidados a participar do ministério, sentamo-nos junto à mesa onde se encontravam o orientador, dois médiuns, dois passistas e mais um servidor atento. Imediatamente, acompanhamos a comunicação do espírito em processo de reencarnação, atormentado, apresentando-se em estado de ansiedade e demonstrando inusitada emoção, suplicou à mãezinha que o não matasse. - A reencarnação em curso — disse, com especial tonalidade de emoção — é decisiva para o meu progresso... Eu sei que as circunstâncias dolorosas do processo representam o resultado da experiência malograda, há menos de sessenta anos, quando optei por suicídio nefando, por meio de arma de fogo disparada na cabeça. Perturbando-se com a evocação do suicídio, e amparado pelo irmão Felipe, continuou, tartamudeando: - Além desse gesto de tresvario, outro há que se soma como responsável pelo atual retorno, assinalado pela ausência do cérebro... E certo que o sofrimento será por breve tempo enquanto dure a estada no corpo... E estertorando, continuou: Sofro muito, sentindo-me

em um pântano de sangue e cadáveres... Preciso sair dele...Rogo socorro e compaixão, que reconheço não merecer, mas de que preciso com urgência, a fim de poder recomeçar, mais tarde, em condições normais... Sei que sou responsável pelo crime que pratiquei, por isso que me submeto às leis de Deus que me impõem o sofrimento desde agora, ampliado pelo temor de não chegar ao fim a expiação que me está depurando. A jovem, algo assustada, por não compreender o que se estava passando, foi tomada por um sentimento de piedade que a emocionou, levando-a a expressar-se de maneira objetiva e direta: - Tenho medo desta gravidez. Todos me dizem que o melhor é libertar-me dela, antes que se complique. O ser que está para nascer é um monstro amaldiçoado por Deus... O irmão Felipe solicitou ao amigo Petitinga atendessem a irmã receosa. Concentrando-se, tomado de compaixão, o nobre doutrinador começou a exteriorizar uma delicada luminosidade que lhe saía do chacra cardíaco, enquanto, acercando-se da mãezinha aflita, lhe disse: — “A maior monstruosidade é o ódio que leva o indivíduo à prática dos crimes geradores de sofrimentos inesperados. Filho dileto do egoísmo, esse outro monstro que remanesce da nossa animalidade primitiva, tem que ser enfrentado com as bênçãos do amor, a fim de ceder lugar à misericórdia e à compaixão em favor daqueles que recomeçam a existência física limitados ou dependentes. O filhinho que se encontra no seu ventre e roga oportunidade, não é por Deus amaldiçoado, porquanto está sendo honrado pela sua mercê para renascer na carne, aprender a respeitá-la e preparar-se para futuros cometimentos. A deformidade física pode não ser bela aos olhos daqueles que não entendem a grandeza do espírito, mas, em alguns casos, reveste espíritos nobres que assim se apresentam para melhor servir à Humanidade. Outros a tomam por defesa, a fim de esconder-se dos inimigos pertinazes que os não perdoaram. No caso do nosso querido irmão, é um divino favor em benefício dele, e certamente da irmãzinha também. Além da casca dura de muitos frutos, na sua intimidade estão a polpa, as sementes, a vida alimentícia e a estuante, que lhes perpetua a espécie, não sendo impedimento para a beleza interior nem para a fertilidade, antes constituindo-se apanágio de preservação e defesa. Enquanto o necessitado lhe suplica amor, a irmãzinha revida com animosidade, a seu turno solicitando o amor divino... Não lhe parece paradoxal, querer para si o de que dispondo, não deseja doar? Somente temos o que oferecemos, assim, tudo quanto desejamos em nosso benefício, deveremos fazer em favor do nosso próximo. Olvide a aparência dele, que não será sequer percebida na forma, e receba o filho de Deus com ternura e gratidão. Será esse gesto que irá contribuir para diminuir-lhe a

carga de aflições que vem padecendo. O amor é o antídoto para todos os males. Em qualquer situação é sempre o amor o definidor de rumos.” Ao fazer oportuno silêncio, a irmãzinha rendeu-se, rogando: - Anjo de luz, mensageiro de Deus, tenha piedade de mim e ajude-me nos meus receios. As lágrimas coroadas-lhe as palavras nascidas nas fontes augustas do coração. O amoroso amigo, igualmente comovido, retrucou-lhe: - Sou somente seu irmão mais amadurecido nas experiências do sofrimento, mensageiro de Deus, como também você o é, neste momento incumbido de falar-lhe ao coração dorido, mas rico de belezas não exploradas e de amor não vivenciado. Entregue-se a Deus e Ele fará o que será de melhor para todos nós. Abraçou-a, ternamente, enquanto o comunicante agradecia, quase sem poder expressar os sentimentos. Logo depois, outro médium em transe, deu lugar à comunicação do verdugo iracundo, que gritou: - E como eu fico nessa história pieguista de amor, de perdão, de misericórdia, que ninguém nunca teve para comigo? Ante a anuência do diretor da reunião, Petitinga prosseguiu atendendo o desventurado: - Todos sempre estamos onde elegemos mediante os nossos interesses. Enquanto o amigo se mantiver na atitude infeliz de perseguição àqueles que considera como inimigos, não se encontrará em lugar algum, senão o da violência e da insegurança. - Não posso acreditar no que ouço - bradou o calceta. - Vítima de miseráveis e ordinários, ainda sou considerado como vingador. Afinal, que julgador é esse, que nem sequer escuta a narrativa daquele que foi espoliado em todos os seus bens e, inclusive, no da vida física?! [...] O Espírito, que praticamente nada assimilou das respostas, em face do monoideísmo da vingança, redarguiu: - “Eu era bom esposo e pai... Infelizmente, após alguns anos de matrimônio fiquei impossibilitado de prosseguir com o meu compromisso de esposo... E a desleal, ao invés de amparar-me com afeto, doando-me fidelidade, eu que lhe concedia tudo, uniu-se ao depravado que agora se apresenta na condição de filho desventurado, levando-me à loucura... Dizia-se meu amigo, frequentava o meu lar e usou o meu leito, enquanto eu me encontrava em viagem, para o adultério infame. Informado da sua traição, enfrentei-o, humilhado, tentando limpar a honra maculada, quando, por inspiração da concubina, ele desfechou-me um tiro mortal... Preso, logo após o ato, foi encarcerado, ficando à espera de julgamento... A tresloucada, no entanto, poucos meses depois, deixou-se arrastar por outro sedutor de igual quilate moral... Abandonou o nosso filho com os avós e fugiu com o novo amante... Desditoso e igualmente humilhado, o assassino, quando foi levado à Corte, para julgamento, num momento de distração da guarda que o conduzia, tomou o revólver de um miliciano e

suicidou-se, com certa bala no cérebro... Não tenho razões múltiplas para odiar a traidora e criminosa vulgar, que somente encontrei muitos anos depois, vestida em novo corpo... Que lhe sucede? Reencontra o filho e aceita-o como amante, mantendo o vício de antes, dá acesso ao homicida suicida para que renasça, e a mim, que me cabe, senão aproveitar as circunstâncias e vingar-me de todos? Abandonada por aquele a quem antes desprezara, desejo também que experimente a morte, durante o processo abortivo do

monstro"... A medida que narrava a tragédia, compreendíamos melhor a trama infeliz que tinha raízes em comportamentos levianos, senão cruéis, no passado. Tudo se ajustava ao programa de reparação, no qual o amor teria um papel fundamental. Os tecidos dos sentimentos estavam esgarçados, senão rasgados pela insensatez de conduta dos seus responsáveis. No entanto, a Divindade estabelecera o método restabelecendor de fácil aplicação. [...]" (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 19)



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Quinta Parte

Medicina Espiritual – Transtornos Mentais

- I. Inconsciente, subconsciente, consciente e superconsciente**
 - II. Maturidade psicológica e evolução ética-moral**
 - III. Causas físicas e orgânicas**
 - V. Causas espirituais**
 - V. Vícios: causas e consequências**
 - VI. Suicídio: causas e consequências**
 - VII. Análise espiritual de alguns transtornos mentais**
 - VIII. Efeitos dos tratamentos convencionais**
-

I Inconsciente, subconsciente, consciente e superconsciente¹

“42 – Como poderemos compreender, pelo Espiritismo, o preceito da Psicologia que afirma a experiência dos nossos cinco sentidos como todo o fundamento de nossa vida mental?” – O Espiritismo esclarece que o homem é senhor de um patrimônio mais vasto, consolidado nas suas experiências de outras vidas, provando que o legítimo fundamento da vida mental não reside, de maneira absoluta, na contribuição dos sentidos corporais, mas também nas recordações latentes do pretérito, das quais os fenômenos da inteligência prematura, na Terra, são os testemunhos mais eloquentes. **43 – Estabelecendo a psicologia do mundo como sede da memória, do julgamento e da imaginação, as partes do cérebro humano, cujas funções não são ainda devidamente conhecidas pela Ciência, retardam a solução de um problema que só pode ser satisfeito pelos conhecimentos espíritistas?** – Distante das cogitações de ordem divina, a psicologia terrestre efetua essa procrastinação, até que consiga atingir o profundo estuário da verdade integral. **44 – Poderá a Psicologia chegar a uma solução cabal do problema das desordens mentais, denominadas anormalidades psicológicas?** – Movimentando tão somente os materiais da ciência humana, a Psicologia não atingirá esse desiderato, conservando-se no terreno das definições e dos estudos, distantes da causa. Os conhecimentos do mundo, porém, caminham para a evolução dessa ciência à luz do Espiritismo, quando, então, seus investigadores poderão alcançar as soluções precisas. **45 – A psicanálise freudiana, valorizando os poderes desconhecidos do nosso aparelhamento mental, representa um traço de aproximação entre a Psicologia e o Espiritismo?** – Essas escolas do mundo constituem sempre grandes tentativas para aquisição das profundas verdades espirituais, mas os seus mestres, com raras exceções, se perdem na vaidade dos títulos acadêmicos ou nas falsas apreciações dos valores convencionais. Os preconceitos científicos, por enquanto, impossibilitam a aproximação legítima da Psicologia oficial e do Espiritismo. Os processos da primeira falam da parte desconhecida do mundo mental, a que chamam de subconsciente, sem definir essa cripta misteriosa da

personalidade humana, examinando-a apenas na classificação pomposa das palavras. Entretanto, somente à luz do Espiritismo poderão os métodos psicológicos aprender que essa zona oculta, da esfera psíquica de cada um, é o reservatório profundo das experiências do passado, em existências múltiplas da criatura, arquivo maravilhoso em que todas as conquistas do pretérito são depositadas em energias potenciais, de modo a ressurgirem no momento oportuno. **46 – Como poderemos compreender os chamados complexos ou associações de ideias no fenômeno mental?** – Sabemos que as associações de ideias não têm causa nas células nervosas, constituindo antes ações espontâneas do Espírito dentro do vasto mecanismo circunstancial; essas ações são oriundas do seu esforço incessante, projetadas através do cérebro mental, que não é mais que um instrumento passivo. **47 – Por que, relativamente ao estudo dos processos mentais, se encontram divididos no campo da opinião os psicologistas do mundo?** – Os psicologistas humanos, que se encontram ainda distantes das verdades espirituais, dividem-se tão só pelas manifestações do personalismo, dentro de suas escolas; mesmo porque, analisando apenas os efeitos, não investigam as causas, perdendo-se na complicação das nomenclaturas científicas, sem uma definição séria e simples do processo mental, onde se sobrelevam as profundas realidades do Espírito. **48 – O Espiritismo esclarecerá a Psicologia quanto ao problema da sede da inteligência?** – Somente com a cooperação do Espiritismo poderá a ciência psicológica definir a sede da inteligência humana, não nos complexos nervosos ou glandulares do corpo perecível, mas no Espírito imortal.” (EMM, O consolador, Primeira parte - Ciência, Capítulo 1 - Ciências fundamentais, Psicologia)

“Imprimiu às considerações ligeira pausa e prosseguiu: – Entretanto, observo, na atualidade, especialmente outro campo alusivo ao assunto. Antes de minha volta ao plano espiritual, faminto de novas informações referentes ao psiquismo da personalidade humana, examinei, atento, a doutrina de Freud. Impressionado com as variações psicológicas dos caracteres juvenis, sob minha observação direta, e apaixonado pela solução dos profundos enigmas que envolvem a criatura terrestre, encontrei na psico-análise um mundo novo. Todavia, por mais que eu estudasse a prodigiosa coleção dos efeitos, jamais alcancei a tranquilidade completa na investigação das causas, no círculo dos fenômenos em exame. Discípulo espontâneo e distante do eminente professor de

¹ Vide Subcapítulo III.4 (“Memória perispiritual – Inconsciente ou subconsciente”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sútis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

Freiberg, somente aqui pude reconhecer os elos que lhe faltam ao sistema de positivação das origens de psicoses e desequilíbrios diversos. Os “complexos de inferioridade”, o “recalque”, a “libido”, as “emersões do subconsciente” não constituem fatores adquiridos no curto espaço de uma existência terrestre e, sim, característicos da personalidade egressa das experiências passadas. A subconsciência é, de fato, o porão dilatado de nossas lembranças, o repositório das emoções e desejos, impulsos e tendências que não se projetaram na tela das realizações imediatas; no entanto, estende-se muito além da zona limitada de tempo em que se move um aparelho físico. Representa a estratificação de todas as lutas com as aquisições mentais e emotivas que lhes foram consequentes, depois da utilização de vários corpos. Faltam, pois, às teorias de Segismundo Freud e seus continuadores a noção dos princípios reencarnacionistas e o conhecimento da verdadeira localização dos distúrbios nervosos, cujo início muito raramente se verifica no campo biológico vulgar, mas quase que invariavelmente no corpo perispiritual preexistente, portador de sérias perturbações congênitas, em virtude das deficiências de natureza moral, cultivadas com desvairado apego, pelo reencarnante, nas existências transcorridas. As psicoses do sexo, as tendências inatas à delinquência, tão bem estudadas por Lombroso, os desejos extravagantes, a excentricidade, muita vez lamentável e perigosa, representam modalidades do patrimônio espiritual dos enfermos, patrimônio que ressurgue, de muito longe, em virtude da ignorância ou do relaxamento voluntário da personalidade em círculos desarmônicos. Estabelecera-se, entre nós, uma pausa feliz, que aproveitei, atentamente, arregimentando raciocínios quanto ao assunto, considerando os argumentos construtivos que o assistente enunciara, em benefício de minha própria iluminação. Recordei meus escassos conhecimentos da doutrina freudiana e voltei mentalmente ao consultório, onde, muitas vezes, fora procurado por amigos atacados de estranhas e desconhecidas enfermidades mentais, a se socorrerem de minhas pobres noções de Medicina, não obstante minha carência de especialização em tal sentido. Eram maníacos, histéricos e esquizofrênicos de variados matizes, em cujos cérebros ainda existia luz bastante para a peregrinação através dos livros científicos. Haviam devorado ensinamentos de Freud; entretanto, se as teorias eram valiosas pelos elementos de análise, não ofereciam socorro algum substancial e efetivo ao doente. Descobriam a ferida sem trazer um bálsamo curativo. Indicavam o quisto doloroso, mas subtraíam o bisturi da intervenção benéfica. As explicações de Barcelos, por isso mesmo, se aproveitadas por médicos cristãos na Crosta Planetária, poderiam completar o trabalho de benemerência que a tese freudiana

trouxera aos círculos acadêmicos. [...]” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“**A Casa Mental.** [...] Logo após, indicou-me a medula espinhal e continuou: – Creio ociosa qualquer alusão aos trabalhos primordiais do nosso longo drama de vida evolutiva. Desde a ameba, na tépida água do mar, até o homem, vimos lutando, aprendendo e selecionando invariavelmente. Para adquirir movimento e músculos, faculdades e raciocínios, experimentamos a vida e por ela fomos experimentados, milhares de anos. As páginas da sabedoria hinduísta são escritos de ontem e a Boa-Nova de Jesus-Cristo é matéria de hoje, comparadas aos milênios vividos por nós, na jornada progressiva. Depois de fazer com a destra significativo gesto, prosseguiu: – No sistema nervoso, temos o cérebro inicial, repositório dos movimentos instintivos e sede das atividades subconscientes; figuremo-lo como sendo o porão da individualidade, onde arquivamos todas as experiências e registramos os menores fatos da vida. Na região do córtex motor, zona intermediária entre os lobos frontais e os nervos, temos o cérebro desenvolvido, consubstanciando as energias motoras de que se serve a nossa mente para as manifestações imprescindíveis no atual momento evolutivo do nosso modo de ser. Nos planos dos lobos frontais, silenciosos ainda para a investigação científica do mundo, jazem materiais de ordem sublime, que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução. Os esclarecimentos singelos e admiráveis empolgavam-me. Calderaro era educador da mais elevada estirpe. Ensinava sem cansar, sabia conduzir o aprendiz a conhecimentos profundos sem nenhum sacrifício da parte do aluno. Apreciava-lhe eu a nobreza, quando prosseguiu, findo breve intervalo: – Não podemos dizer que possuímos três cérebros simultaneamente. Temos apenas um que, porém, se divide em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fora um castelo de três andares: no primeiro, situamos a residência de nossos impulsos automáticos, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados; no segundo, localizamos o domicílio das conquistas atuais, onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos a casa das noções superiores, indicando as eminências que nos cumpre atingir. Num deles moram o hábito e o automatismo; no outro residem o esforço e a vontade; e no último demoram o ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, deste modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 3)

“**Sexo.** [...] Fizera-se, em torno, certa movimentação. Compreendi que os presentes poderiam formular

perguntas relativas ao tema da noite, e, com efeito, fizeram-se várias indagações, com respostas preciosas, por elucidativas e edificantes. O inquérito educativo continuava proveitoso, quando um companheiro ventitou certa questão que me aguçou a curiosidade. – Venerável instrutor – disse, reverente –, nos últimos tempos, na Terra, os psicologistas encarnados, em número considerável, esposaram os princípios freudianos como bases de investigação dos distúrbios da alma. Para o grande médico austríaco, quase todas as perturbações psíquicas se radicam no sexo desviado. Alguns discípulos dele, porém, modificaram-lhe algo as teorias. Corrigindo a tese das alucinações eróticas que a psicanálise aplicou largamente às próprias crianças, no estudo dos sonhos e das emoções, pensadores eminentes apuseram a afirmativa de que todo homem e toda mulher são portadores do desejo inato de se darem importância, o qual os compele a manter impulsos primitivistas de dominação; outros expoentes da cultura intelectual asseveraram, a seu turno, que o ser humano é repositório de todas as experiências da raça, trazendo consigo vasto arsenal de tendências para determinadas linhas do pensamento. O consulente fez uma pausa, ante o silêncio geral que reinava em redor de sua valiosa indagação, e prosseguiu: – Sabemos hoje, distanciados do corpo denso de carne, que a vida do espírito é desconcertante em surpresas para a ciência terrestre; entretanto, já que nos consagramos à tarefa de auxiliar os companheiros torturados da Crosta Planetária, não poderíamos receber elucidações adequadas a respeito, com o fim de passá-las adiante? O sábio instrutor não se fez rogado e esclareceu: – “Já sei o que deseja. Refere-se você aos movimentos da psicologia analítica, chefiados por Freud e por duas correntes distintas de seus colaboradores. O notável cientista centralizou o ensino no impulso sexual, conferindo-lhe caráter absoluto, enquanto as duas correntes de psicologistas, inicialmente filiadas a ele, se diferenciaram na interpretação. A primeira estuda o anseio congênito da criatura, no que se refere ao relevo pessoal, enquanto a segunda proclama que, além da satisfação do sexo e da importância individualista, existe o impulso da vida superior que tortura o homem terrestre mais aparentemente feliz. Para o círculo de estudiosos essencialmente freudianos, todos os problemas psíquicos da personalidade se resumem à angústia sexual; para grande parte de seus colaboradores, as causas se estendem à aquisição de poder e à ideia de superioridade. Diremos, por nossa vez, que as três escolas se identificam, portadoras todas elas de certa dose de razão, faltando-lhes, todavia, o conhecimento básico do reencarnacionismo. Representam belas e preciosas casas dos princípios científicos, sem, contudo, o telhado da lógica. Não podemos afirmar que tudo, nos círculos carnis, constitua sexo, desejo

de importância e aspiração superior; no entanto, chegados à compreensão de agora, podemos assegurar que tudo, na vida, é impulso criador. Todos os seres que conhecemos, do verme ao anjo, são herdeiros da Divindade que nos confere a existência e todos somos depositários de faculdades criadoras. O vegetal, instigado pelo heliotropismo, surge na paisagem, distribuindo a vida e renovando-a. O pirilampo cintila na sombra, buscando perpetuar-se. O batráquio sente vibrações de amor e de paternidade nos recessos do charco. Aves minúsculas viajam longas distâncias, colhendo material para tecer um ninho. A fera olvida a índole selvagínea, ao lambar, com ternura, um filho recém-nato. E mais da metade dos milhões de espíritos encarnados na Crosta da Terra, de mente fixa na região dos movimentos instintivos, concentram suas faculdades no sexo, do qual se derivam naturalmente os mais vastos e frequentes distúrbios nervosos; constituem eles compactas legiões, nas adjacências da paisagem primitiva da evolução planetária, irmãos nossos na infância do conhecimento, que ainda não sabem criar sensações e vida senão mobilizando os recursos da força sexual. Grande parte de criaturas, contudo, havendo conquistado a razão, acima do instinto, permanecem nos desatinos da prepotência, seduzidas pelo capricho autoritário, famintas de evidência e realce, ainda que atidas a trabalho proveitoso e a paixões nobres, muitas vezes... Pequeno grupo de homens e de mulheres, por fim, após atingir o equilíbrio sexual na zona instintiva do ser e depois de obter os títulos que lhes confere seu trabalho e com os quais dominam na vida, regendo as energias próprias, em pleno regime de responsabilidade individual, passam a fixar-se na região sublime, na superconsciência, não mais encontrando a alegria integral no contentamento do corpo físico ou na evidência pessoal; procuram alcançar os círculos mais altos da vida, absorvidos em idealismo superior; sentem-se no limiar de esferas divinas, já desde a estrada nevoenta da carne, à maneira do viajor que, após vencer caminhos ásperos na treva noturna, estaca, desajustado, entre as derradeiras sombras da noite e as promessas indefiníveis da aurora... Para esses, o sexo, a importância individual e as vantagens do imediatismo terrestre são sagrados pelas oportunidades que oferecem aos propósitos de bem fazer; entretanto, no santuário de suas almas resplandece nova luz... A razão particularista converteu-se em entendimento universal. Cresceram-lhes os sentimentos sublimados na direção do campo superior. Pressentem a Divindade e anseiam pela identificação com ela. São os homens e as mulheres que, havendo realizado os mais altos padrões humanos, se candidatam à angéltude... “De um modo ou de outro, porém, tudo isto são sempre as faculdades criadoras, herdadas de Deus, em jogo permanente nos quadros da vida. Todo ser é

impulsionado a criar, na organização, conservação e extensão do Universo!...” O Instrutor estampou significativa expressão fisionômica, imprimiu longa pausa à preleção em curso e, em seguida, acrescentou, bem humorado: – Muita vez, as criaturas instituem o mal, desviam a corrente natural das circunstâncias benéficas, envenenam as oportunidades, estacionando longuíssimo tempo em tarefas reparadoras ou expiatórias; entretanto, ainda aí é forçoso observar a manifestação incessante do poder criador que nos é próprio, mesmo naqueles que se transviam... Em verdade, caem nos despenhadeiros do crime, lançam-se aos vales da sombra, mas, organizando e reorganizando as próprias ações, adquirem o patrimônio bendito da experiência; e, com a experiência, alcançam a luz, a paz, a sabedoria e o amor com que se aproximam de Deus. Concluímos, deste modo que, se a psicologia analítica de Freud e de seus colaboradores avançou muito no campo da investigação e do conhecimento, resolvendo, em parte, certos enigmas do psiquismo humano, falta-lhe, no entanto, a chave da reencarnação, para solucionar integralmente as questões da alma. Impossível é resolver o assunto em caráter definitivo, sem as noções de evolução, aperfeiçoamento, responsabilidade, reparação e eternidade. Não vale descobrir complexos e frustrações, identificar lesões psíquicas e deficiências mentais, sem as remediar... Em suma, não satisfaz o simples exame da casca: é essencial atingir o cerne e determinar modificações nas causas. Para isto, é imprescindível confessar a realidade do reencarnacionismo e da imortalidade. Até lá, portanto, auxiliemos nossos amigos do mundo na conquista da confiança em si mesmos, na penetração da esperança divina e no contínuo auto aprimoramento pelo trabalho redentor. Calou-se o emissário, sorridente. Outras perguntas surgiram, interessantes e oportunas, obtendo respostas claras e edificantes, com real proveito para todos os ouvintes. Encerrada a reunião, retirei-me em silêncio, ao lado de Calderaro, que também se recolhia, como a reter a luz reveladora dos conceitos ouvidos. Não sei o que pensaria o prestimoso Assistente, submerso em funda meditação. Reconhecia tão só que, por minha vez, descobrira novo campo de conhecimento na província da sexologia. Daquele momento em diante, outras noções de amor desabrochavam-me na consciência, iluminando-me o ser.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 11)

“**Análise mental.** [...] A frase de Hilário, porém, se lhe apagou nos lábios, porque o Ministro atalhou, completando-lhe a conceituação: – A mente, tanto quanto o corpo físico, pode e deve sofrer intervenções para reequilibrar-se. Mais tarde, a ciência humana evolverá em cirurgia psíquica, tanto quanto hoje vai avançando em técnica operatória, com vistas às necessidades do veículo de matéria carnal. No grande

futuro, o médico terrestre desentranhará um labirinto mental, com a mesma facilidade com que atualmente extrai um apêndice condenado. Hilário arregalou os olhos, espantado, feliz. E exclamou, em voz quase gritante: – Ah! Freud, como viste a verdade!..., como detinhas a razão!... O orientador fixou-o, paternalmente e aduziu: – Freud vislumbrou a verdade, mas toda verdade sem amor é como luz estéril e fria. Não bastará conhecer e interpretar. É indispensável sublimar e servir. O grande cientista observou aspectos de nossa luta espiritual na senda evolutiva e catalogou os problemas da alma, ainda encarcerada nas teias da vida inferior. Assinalou a presença das chagas dolorosas do ser humano, mas não lhes estendeu eficiente bálsamo curativo. Fez muito, mas não o bastante. O médico do porvir, para sanar as desarmonias do espírito, precisará mobilizar o remédio salutar da compreensão e do amor, retirando-o do próprio coração. Sem mão que ajude, a palavra erudita morre no ar. O Ministro, contudo, calou-se, dando-nos a entender que o momento não comportava digressões filosóficas.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 13)

“Os problemas do lar de Ildeu ofereciam-nos ensanchas a preciosos estudos no terreno puro da alma. Em razão disso, de volta à Mansão em companhia do Assistente, valíamo-nos do tempo para buscar-lhe a opinião clara e sensata, acerca de momentosas questões que nos esfervilhavam a mente. Hilário foi o primeiro a quebrar a longa pausa, indagando: – Meu caro Silas, não temos ali, no caso de Roberto e Marcela, um quadro autêntico do chamado complexo de Édipo, que a psicanálise freudiana pretende encontrar na psicologia infantil? Nosso amigo sorriu e obtemperou: – O grande médico austríaco poderia ter atingido respeitáveis culminâncias do espírito, se houvesse descerrado uma porta aos estudos da lei de reencarnação. Infelizmente, porém, atento à pragmática científica, não teve bastante coragem para ultrapassar a observação do campo fisiológico, rigidamente considerado, imobilizando-se, por isso, nas zonas obscuras da inconsciência, em que o “eu” enclausura as experiências que realiza, automatizando os próprios impulsos. Marcela e Roberto não poderiam trair, na condição de mãe e filho, as simpatias carregadas do pretérito ao presente, tanto quanto Ildeu, Sônia e Márcia não conseguiriam fugir à predileção que os ligava desde o passado. O problema é de afinidade em sua estrutura essencial. Afinidade com dívidas, exigindo resgate. Lembrei-me, então, dos exageros que podemos atribuir à teoria da libido, a energia através da qual, segundo a escola de Freud, o instinto sexual se revela na mente, e teci alguns comentários alusivos ao assunto, detendo-me, de maneira especial, na amnésia infantil, a que o famoso cientista empresta a maior importância para explicar as operações do inconsciente. Silas, atencioso, completou

sem hesitar: – Bastaria compreender na encarnação terrestre um Espírito usando um corpo para entender que as amnésias decorrem naturalmente da inadaptação temporária entre a alma e o instrumento de que se utiliza. Na infância, o “ego”, em processo de materialização, externará reminiscências e opiniões, simpatias e desafetos, através de manifestações instintivas, a lhe entremostrarem o passado, do qual mal se lembrará no futuro próximo, de vez que estará movimentando a máquina cerebral em desenvolvimento, máquina essa que deverá servi-lo, tão só por algum tempo e para determinados fins, ocorrendo idêntica situação na idade provecta, quando as palavras como que se desprendem dos quadros da memória, traduzindo alterações do órgão do pensamento, modificado por desgaste. – E a tese da libido como fome sexual característica em todos os viventes? – insisti, curioso. – Freud – considerou Silas – deve ser louvado pelo desassombro com que empreendeu a viagem aos mais recônditos labirintos da alma humana, para descobrir as chagas do sentimento e diagnosticá-las com o discernimento possível. Entretanto, não pode ser rigorosamente aprovado, quando pretendeu, de certo modo, explicar o campo emotivo das criaturas pela medida absoluta das sensações eróticas. Confiou-se o Assistente a ligeira pausa e prosseguiu: – Criação, vida e sexo são temas que se identificam essencialmente entre si, perdendo-se em suas origens no seio da Sabedoria Divina. Por isso, estamos longe de padronizá-los em definições técnicas, inamovíveis. Não podemos, dessa forma, limitar às loucuras humanas a função do sexo, pois seríamos tão insensatos quanto alguém que pretendesse estudar o Sol apenas por uma réstia de luz filtrada pela fenda de um telhado. Examinado como força atuante da vida, à face da criação incessante, o sexo, a rigor, palpitará em tudo, desde a comunhão dos princípios subatômicos à atração dos astros, porque, então, expressará força de amor, gerada pelo amor infinito de Deus. O ajuste entre o oxigênio e o hidrogênio decorrerá desse princípio, no plano químico, formando a água de que se alimenta a Natureza. O movimento harmonioso do Sol, equilibrando a família dos mundos, na imensidade sideral, além de nutrir-lhes a existência, resultará dessa mesma energia no plano cósmico. E a própria influência do Cristo, que se deixou crucificar em devotamento a nós outros, seus tutelados na Terra, para fecundar de luz a nossa mente, com vistas à divina ressurreição, não será, na essência, esse mesmo princípio, estampado no mais alto teor de sublimação? O sexo, pois, não poderia ausentar-se do reino espiritual que nos é conhecido, por ser de substância mental, determinando mentalmente as formas em que se expressa. Representa, desse modo, não uma energia fixa da Natureza, trabalhando a alma, e sim uma energia variável da alma, com que ela trabalha a Natureza em

que evolve, aprimorando a si mesma. Apreciamo-la, assim, como sendo uma força do Criador na criação, destinada a expandir-se em obras de amor e luz que enriqueçam a vida, igualmente condicionada à lei de responsabilidade, que nos rege os destinos. Hilário, que ouvia atenciosamente as elucidações expostas, considerou: – Semelhante argumentação dá-nos a entender que a força sexual não se destina simplesmente a gerar filhos... Não me calou agradavelmente a ponderação que julguei de todo inoportuna, ante a elevação e a transcendentalidade a que Silas projetara o tema em estudo, mas o Assistente sorriu bem-humorado e respondeu: – Hilário, meu amigo, na Terra, é vulgar a fixação do magno assunto no equipamento genital do homem e da mulher. Contudo, é preciso não esquecer que mencionamos o sexo como força de amor nas bases da vida, totalizando a glória da Criação. Foi ainda Segismundo Freud quem definiu o objetivo do impulso sexual como procura de prazer... Sim, a assertiva é respeitável, em nos reportando às experiências primárias do Espírito, no mundo físico; entretanto, é indispensável dilatar a definição para arredá-la do campo erótico em que foi circunscrita. Pela energia criadora do amor, que assegura a estabilidade de todo o Universo, a alma, em se aperfeiçoando, busca sempre os prazeres mais nobres. Temos, assim, o prazer de ajudar, de descobrir, de purificar, de redimir, de iluminar, de estudar, de aprender, de elevar, de construir e toda uma infinidade de prazeres, condizentes com os mais santificantes estágios do Espírito. Encontramos, desse modo, almas que se amam profundamente, produzindo inestimáveis valores para o engrandecimento do mundo, sem jamais se tocarem umas nas outras, do ponto de vista fisiológico, embora permutem constantemente os raios quintessenciados do amor para a edificação das obras a que se afeiçoam. Sem dúvida, o lar digno, santuário em que a vida se manifesta na formação de corpos abençoados para a experiência da alma, é uma instituição venerável, sobre a qual se concentram as atenções da Providência Divina; entretanto, junto dele, dispomos igualmente das associações de seres que se aglutinam uns aos outros, nos sentimentos mais puros, em favor das obras da caridade e da educação. As faculdades do amor geram formas sublimes para a encarnação das almas na Terra, mas também criam os tesouros da arte, as riquezas da indústria, as maravilhas da Ciência, as fulgurações do progresso... E ninguém amealha os patrimônios da evolução a sós. Em todas as empresas do acrisolamento moral, surpreendemos Espíritos afins que se buscam, reunindo as possibilidades que lhes são próprias, na realização de empreendimentos que levantam a Humanidade, da Terra para o Céu... Após breve pausa, acentuou: – O próprio Cristo, Nosso Senhor, para cimentar os alicerces do seu apostolado de

redenção, chamou a si os companheiros da Boa Nova que, embora a princípio não lhe compreendessem a excelssitude, dele se fizeram apóstolos intimoratos, selando com o Mestre Inesquecível um contrato de coração para coração, por intermédio do qual lançaram os fundamentos do Reino de Deus na Terra, numa obra de abnegação e sacrifício que constitui, até hoje, o mais arrojado cometimento do amor no mundo.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 15)

“— Como você sabe, Miranda, a Lei é de Amor, sem dúvida; no entanto, também é de Justiça e de Misericórdia. Muito dependerá da menina Mariana. Falou-nos Dona Rosa que o esculápio diagnosticara tratar-se o seu problema de uma «crise histérica», deixando maliciosamente a suspeição de ser o problema de ordem sexual, que não tenho autoridade técnica do assunto para contestar. Acreditam os discípulos de Freud, que no sexo se encontram as explicações para quase todos os problemas que afligem o homem, na Terra. A comunhão afetiva, inegavelmente, vazada na excelência do amor, consegue sublime intercâmbio de forças e energias de variada espécie que restauram, às vezes, as organizações físicas e psíquicas em desalinho, especialmente quando de tal intercâmbio resulta a bênção de filhos, pois que os inimigos espirituais quase sempre tomam a roupagem filial e renascem nos braços dos seus antigos adversários, libertando-os temporariamente das perturbações que antes experimentavam — o que dá aos materialistas a falsa impressão de que o problema foi resolvido pela comunhão sexual calmante, por ignorarem, os que assim pensam, as leis das reencarnações, que são santificadoras portas de paz! — para surgirem outras implicações, mais tarde, que somente o amor, a abnegação, o perdão puro e a humildade, amparados na oração, podem equacionar. Confiemos que Mariana se liberte quanto antes da atual conjuntura e se possa preparar para o amanhã vitorioso. Há também um argumento que contraria a tese materialista que atribui ao sexo proezas quase ilimitadas. Não poucas vezes, casais perfeitamente harmonizados e sexualmente tranquilos, descambam para lamentáveis desequilíbrios, os quais não se enquadram na apressada solução do uso do sexo, como moderador para o campo emocional.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 7)

“[...] “A histeria” — tornou à consideração — “já era conhecida desde remota antiguidade. Fenômenos psíquicos, por ignorados, muitas vezes foram com ela confundidos, como reciprocamente ocorria. Na Idade Média, graças às superstições engendradas pela ignorância e mantidas pela intolerância, a histeria alcançou o seu período áureo, particularmente quando das ocorrências das “possessões espirituais coletivas” que tomavam de assalto cidades, regiões, monastérios, do que decorreram as hoje clássicas demonopatias rudemente

punidas pela Igreja, mediante aplicação de métodos nefandos.” “Tais crises psíquicas repetiram-se, posteriormente, durante o chamado período romântico no século XIX... “A João Martinho Charcot, o célebre anatomopatologista do sistema nervoso, que se dedicou às questões das psiconeuroses dentre outras, a histeria tornou à celebridade nas aulas por ele ministradas na Salpêtrière, entre 1873 e 1884, onde era médico desde onze anos antes. “Desdobrando-lhe as pesquisas, o prof. Pedro Janet facultou-se transferir para a histeria um sem número de síndromes nervosas, descobrindo o subconsciente através do qual procura negar toda a fenomenologia mediúnica. “A atitude extremista do respeitável estudioso em torno de tão grave problema fez que a sua teoria pecasse pelos absurdos, hoje reaparecendo em muitos aspectos comprovadamente ultrapassada. “Por muito tempo acreditou-se que a histeria estava vinculada exclusivamente às questões uterinas, o que a tomava imoral e pecaminosa, no que Freud, ao conceber as bases da Psicanálise, discordou frontalmente, através de bem fundamentadas razões, constatando estados histéricos, também, nos homens. “Identificando a região do polígono cerebral de Wundt e Charcot como a sede do subconsciente, Janet, e mais tarde Grasset, desenvolveu a estranha tese com que esgrimiu cegamente contra a mediunidade, desde 1889 quando apresentou o resultado dos seus estudos na Obra intitulada “L’Automatisme Psychologique” (*) [(*) Vide o Capítulo 4 de “Nos Bastidores da Obsessão”, Edição FEB, 1970. Nota do Autor espiritual] “O debate em torno do subconsciente desde então vem sendo grande, hoje ressurgindo sob a designação de hiperestesia indireta do inconsciente entre os modernos adeptos da Parapsicologia, partidária da psicologia sem alma. “Não nos cabe dúvida quanto à fragilidade de tal enunciado, desde que nos constituímos evidência da sobrevivência ao tûmulo e do intercâmbio entre as duas esferas de atividade: a espiritual e a material. “Não negamos as possibilidades do subconsciente, aliás estudadas pelo Codificador do Espiritismo, que merece, todavia, mais detida análise.” Como desejando ser mais explícito, prosseguiu: — Angélica vem de um passado moral pouco recomendável. [...] Acobertada pelo esposo insensato e leviano, tombou em quedas sucessivas, ocultando os frutos das dissipações por meio de infanticídios impiedosos que se repetiram por quatro vezes consecutivas, no último dos quais logrou ser expulsa do corpo, através de hemorragia violenta... “Ao despertar no Além reencontrou aqueles que impedira de renascer, passando a sofrer-lhes acrimônias, injúrias e rudes perseguições. [...] “Ao reencarnar-se o Espírito culpado através de processo muito complexo, fixou no centro coronário, onde se situa a epífise, a veladora da sexualidade, os abusos anteriormente cometidos, que foram sendo revelados, à medida que a

puberdade ativava o centro genésico, produzindo-lhe o estado atual, e, simultaneamente, fazendo que a memória dos sucessos infelizes começasse a trasladar-se do inconsciente profundo para o consciente atual, em forma de tormentosas crises evocativas das sensações experimentadas nas pavorosas regiões de dor donde proveio... “O Inconsciente possui, portanto, fatores preponderantes, não, porém, exclusivamente desta encarnação conforme desejam os estudiosos materialistas, que apenas percebem os efeitos sem aprofundarem as causas... — E será ela uma obsidiada — aventei — no sentido lato da palavra? — Sim — concordou. — Aqui, porém, a obsessão é efeito, contingência natural da sintonia da mente endividada com as mentes das suas vítimas. Nela mesma, na paciente, nas zonas fisiológicas estão as distonias psicofísicas já instaladas pela consciência culpada, em forma de sintomas vários e desconexos que, no caso, lhe constituem a histeria. O Benfeitor aplicou-lhe recursos próprios, através de passes especiais, enquanto nos quedamos a meditar, procurando melhor entender as sutis vinculações causa-efeito, na histeria e na obsessão, na loucura e na possessão.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 12)

“O genitor, nas longas viagens de negócios a que se via forçado pelos impositivos da sobrevivência, curtia difíceis angústias que lhe afetavam o temperamento, susceptível à irritação constante, a par da agressividade contínua. Temia pela notícia de uma desgraça no lar, particularmente em relação à jovem. Mesmo não sendo um homem culto, possuía regulares conhecimentos sobre a vida, mediante o autodidatismo da luta cotidiana. Não conhecia sequer os rudimentos da Psicanálise, entretanto, estava informado, mal informado, aliás, das questões pertinentes à libido, em que se sustentam os pilotes das célebres investigações do mestre vienense. Nas rodas boêmias dos viajantes, apesar de impor-se fidelidade conjugal, sempre ouvia referências sobre o assunto e esclarecera-se em torno dos comentários complexos de Édipo e de Electra, atormentando-se, por algum tempo, ante a ideia infeliz, derivada dos diálogos incompletos, de que sua preferência pela filha seria de natureza incestuosa. Sabia, porém, que não o era e reagia, porquanto, mesmo portador de algumas debilidades, se fixava em estritas linhas de conduta moral e honradez sexual. Faltava-lhe a interação do conhecimento das existências múltiplas do Espírito, a fim de analisar com segurança a questão palpitante, conforme também ocorrera com os eminentes Freud, Adler e Jung, que, no labirinto das complexidades do homem, da sua personalidade, das suas alienações, somente identificando o corpo e nada mais além dele, concederam ao sexo a ditadura absoluta sobre o comportamento humano, ou à agressividade decorrente das heranças ancestrais, ou aos “arquetipos” que, no campo das ideias e moldes anteriores,

levariam às induções do psicossoma, plasmando, pelos atos do Espírito, em cada existência, os corpos com os caracteres físicos e psicológicos necessários à própria evolução. Não era, portanto, a atração de ordem física que imanava Rafael a Lisandra, antes a incoercível força procedente do passado espiritual de ambos, ao impositivo das Leis Divinas que organizam os destinos humanos, através dos mapeamentos ressarcidores que promovem o equilíbrio da economia espiritual, na programática da evolução.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 3)

“Perdeu a noção do tempo e do espaço. Uma desconhecida sensação entorpeceu-o, levando-o a sono profundo, não obstante as horas do dia claro. No transe experimentado, sentiu-se recuar às contingências da vida atual, como se estivesse diante de uma tela de cinemascópio e se revisse em caráter retrospectivo, desde o internamento hospitalar ao berço e daí, após uma larga faixa de sombras em que se debatiam vultos informes e se sucediam acontecimentos sem nitidez, recomeçassem as paisagens, nas quais se sentia viver. Destacavam-se, na visão colorida, cenas que retratavam poder e distinção social em tomo de um homem abastado e nobre, bajulado, no qual, acurando observações, se descobriu a si mesmo, embora alguns diferentes traços fisionômicos... Ao deparar-se com a personagem, com ela se identificando, percebeu-se com tal afinidade que experimentou trasladar-se da posição de observador para a vivência emocional do indivíduo examinado. Sentiu a arrogância e a prepotência que lhe intumesciam o peito, o orgulho exacerbado e a alta carga de paixões, que a custo dissimulava; a mente varrida por dramas sucessivos parecia deleitar-se em poder executá-los sinistramente. Sabia-se temido e odiado, no que se comprazia. Como continuasse a viagem em retrospecto, encontrou-se numa ampla alcova, diante de bela mulher imóvel, que fitava aterrada a construção de uma parede... O silêncio, quebrado somente pelas ferramentas manipuladas, a respiração abafada e uma soma de ódio que não extravasava, em explosão, porque parecia vingar-se fria, calculadamente, assinalavam o ambiente. De súbito enevoaram-se os cenários, perderam-se os contornos, e ele, voltando à posição anterior, passou a fugir em delírio, desequilibrado, açodado por implacável vingador que cavalgava empós, alcançando-o e liberando-o, para novamente vencê-lo... Na luta desigual, ao verificar-se dominado pelo outro, em estarecimento pôs-se a gritar. A debater-se no leito humilde, despertou, banhado de suor, com expressão bestial. A balbúrdia produziu reclamação dos acamados em volta e atraíu o enfermeiro, que, gentil, procurou acalmá-lo. — Um pesadelo, pois não? — inquiriu prestimoso. — É a primeira fase. Todos são vítimas desses sonhos tenebrosos, quando dão ingresso aqui. “Acostumam-se

depois. Os primeiros são os piores dias. O inconsciente se liberta, as imagens inspiradas pela doença desbordam-se e agridem suas vítimas. Não desespere. O tempo lhe enxugará as lágrimas, e você aprenderá a lutar pela sobrevivência, eu bem o sei..." Tinha razões o cooperador da enfermagem, não, porém, totais. É natural que o choque produza, inevitavelmente, a liberação das lembranças arquivadas no inconsciente, mas não apenas as que dizem respeito à vida atual. Os depósitos da "memória não cerebral" guardam os arquivos dos sucessos atuais e pregressos, das vidas anteriores, de que dão conta ao impositivo das emoções mais fortes, dos gravames morais, das contingências espirituais imperiosas. Naqueles momentos, o Sr. Rafael retornara ao seu passado espiritual, no qual fixara as matrizes do sofrimento atual, que carpia, gerado pela soberba e impiedade que lhe caracterizavam a existência perniciososa, que deveria santificar no amor, na solidariedade, considerando-se os bens que usufruía egoísta e voluptuosamente. Alguém que malbarate os valores da vida não permanece de consciência pacificada. O abuso da força, do poder econômico ou social, da autoridade, da inteligência, seja do que for, produz a desdita a que o mau mordomo se arroja, em demorada e aflitiva recuperação. Todos os valores positivos que enflorescem a vida humana exigem prestação de contas, na qual são examinados a aplicação, o uso, os resultados do investimento, concedendo-se ao usufrutuário o respectivo salário, adicionado aos juros de que se faça credor. Na ordem divina, espírito algum explora, aproveita-se, perverte, abusa do patrimônio do Pai, sem ser chamado a graves contas... Os que estagiavam, portanto, no Lazareto, constituíam a massa dos exploradores de ontem, em si mesmos vencidos agora, ao impacto do ressarcimento, no campo de lutas que preferiram por livre escolha. Daí os pesadelos semelhantes, conforme anotara o enfermeiro, que os acometiam, porque a consciência individual, expressando a Consciência Soberana, os reconduzia de volta aos climas que empestaram com a presença e àqueles a quem defraudaram, de modo a que se identificassem com a magnânima justiça, que é também misericórdia e amor, inclusive para os que a desrespeitam e a malquerem." (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 5)

"Reflexos do passado na personalidade. [...]"

Ante o natural silêncio que se fez espontâneo, e porque parecesse aguardando novas indagações, desculpando-me pela insistência, inquiri o ínclito esculápio: — Por que, de cólera e surda revolta, as reações de Argos, ante as evocações trazidas pela Irmã Angélica? Ser-lhe-ia, talvez, melhor, que permanecessem adormecidas as ações infelizes de que padece os efeitos? — Se devessem continuar esquecidas — explicou com lógica — a Mentora não as traria à baila, evitando tomar em consideração a atitude rancorosa e amarga

do paciente em recuperação. Sabemos que todo fator, oculto ou esquecido, de trauma, enquanto não liberado prossegue como bloqueio, impedindo a renovação do campo em que se instala. A conscientização de qualquer ocorrência é indispensável para uma legítima avaliação de resultados com o competente interesse por aprimorar a realização, quando sadia, ou correção do ato, pela reeducação e novas tentativas de reparação. Além disso, os nossos conceitos em torno da maturação psicológica da personalidade de Maurício são perfeitamente aplicáveis a Argos, que se revela emotivo em excesso, quando se permite a autopiedade, elaborando esquemas de evasão sob alegações em que o utilitarismo prevalece. E porque as pessoas tombadas em erros, quando são flagradas, costumam justificar desconhecimento dos fatores que as levaram aos enganos, produzindo-se a recordação dos malogros, do *nosso lado*, e contando-se mesmo com o parcial esquecimento quando da volta ao corpo, sempre ficam reminiscências que afloram, nos momentos próprios, *sinais vermelhos* na mente como advertências inconscientes ante novas decisões precipitadas que levam ao caos, receios de prejudicar os outros, dando surgimento a responsabilidades e consciência de justiça. As reações de enfado e ressentimento, de amargura e de cólera decorrem do temperamento apaixonado e caprichoso de quem se acostumou à usurpação sem admitir reproche, ao abuso de posição sem dar lugar a advertência e da arrogância que não permite admoestação. A dor, porém, se encarregará de lapidar-lhe as arestas e submeter-lhe a cerviz mediante os limites orgânicos e as resistências enfraquecidas, a par dos contínuos conflitos na afetividade e no relacionamento social que buscará como fonte de emulação, ressuscitando as velhas paixões, porém sofrendo rejeição aqui e indiferença acolá, após ser constatada a pouca utilidade que possui no jogo das trocas de valores, num contexto apaixonado e doente como o em que vivem largas faixas da comunidade terrestre, para as quais a amizade, a afeição fazem-se estabelecidas e sustentadas pelos sórdidos implementos das coisas vãs. O nosso Argos tem um largo caminho a percorrer neste quinquênio, no qual a dor e o receio se lhe farão companheiros constantes, trabalhando-lhe o Espírito rebelde e comprometido. — E Áurea — tornei à interrogação — reencontrará os a quem perturbou? Notei-lhe a reação de desagrado em relação ao esposo e de suspeita em referência ao amigo. Não lhe teria sido negativa a evocação dos acontecimentos? — De forma alguma — retrucou, peremptório —. Todos conduzimos, inevitavelmente, as próprias experiências. Ignorá-las, não significa tê-las superado. A dívida esquecida, por melhor que seja a intenção do comprometido, permanece aguardando liquidação. As nossas, como os nossos afetos, ressurgem pela estrada com as disposições que

lhes estabelecemos ou motivamos. Ninguém caminha desacompanhado de parceiros, amores ou inimigos. Renascimento no corpo é dieta para a evolução com os ingredientes necessários à saúde moral e espiritual de cada qual. Sentindo-se ludibriada pelo esposo que lhe ocultou a enfermidade, Áurea desencadeou outras lembranças que ora irá *digerindo* mediante o uso do medicamento evangélico de que se servirá, compreendendo que esta oportunidade é de reparação ao invés de constituir-lhe um crédito para as alegrias que, por enquanto, não pode fruir. Recordando-se dos sentimentos dúplices que Maurício lhe inspirava no corpo, entendeu e recebeu a presença do antigo promotor da sua desdita no matrimônio forçado a que foi levada, após o assassinato daquele a quem, realmente, amava. Um fato quase sempre desencadeia uma sucessão de novos acontecimentos, o mesmo se dando quando se elucida algo nebuloso, que serve de fator predominante na equação de inúmeros quesitos outros que permaneciam como incógnitas. Assim, o simbólico fio de Ariadne, da mitologia grega, pode ser a revelação dos fatos que a reencarnação oferece para os enigmas da evolução, no labirinto das realizações humanas.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 10)

“A vivência do conhecimento é de suma importância para a real aquisição dos valores iluminativos que enobrecem o Espírito. Em razão disso, por mais respeitável seja o teórico, os seus conceitos, não experimentados na prática, tomam-se adorno intelectual para a própria vaidade, sem que se revelem úteis para quem padeça urgente necessidade de recurso que solucione os desafios à frente. O universo de cada ser humano prossegue vasto, para ser adentrado mesmo que pelos profissionais das “Ciências da alma”. Conduzindo, cada qual, a soma das experiências transatas, que respondem pelos fenômenos e episódios atuais, a identificação das causas exige, além da habilidade do terapeuta, um seguro conhecimento da reencarnação, a fim de penetrar-se com equilíbrio nesse cosmo, e, sem violência, auxiliar o paciente a deslindar-se das constrições a que se encontra atado. Certamente porque identificando o homem na sua realidade integral, Jesus afirmava que nós julgamos “segundo a carne”, a aparência, enquanto Ele, que conhecia o ser no seu conjunto total, a “ninguém julgava”. Ocorrências de hoje procedem dos fatores ocultos no ontem, que desencadearam as reações só agora aparecidas. Ansiedades e frustrações, afetos e animosidades, calma e pavor, confiança e suspeita, inquietação e segurança, que se manifestam no comportamento do indivíduo, têm a sua gênese, às vezes, na atual existência; sem dúvida, todavia, na sua quase totalidade, são efeitos das ocorrências pretéritas, que o tempo arquivou na memória perispiritual, mas não consumiu. São semelhantes às ramas verdejantes que surgem à flor do

solo, presas a tubérculos volumosos, que crescem e se desenvolvem ocultos, nas camadas inferiores da terra, e cuja vida aumenta, enquanto cessa a que permanece na superfície. No inconsciente, é certo, jazem muitos fatores que desencadeiam os episódios desconcertantes, decorrentes das vivências anteriores que o Espírito conheceu e registrou na memória extracerebral. Na área moral, são idênticos os acontecimentos: conforme a conduta numa fase, cada qual avança para os resultados que se manifestarão noutra.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 22)

“CORPO SOMÁTICO. [...] O cérebro - ainda por desbravar - só paulatinamente vai sendo utilizado, dispondo de áreas ainda não acionadas, que são reservas formidandas para o futuro do homem... Preciosas redes de capilares, microscópicos, colocados nas junções das artérias e das veias são deslumbrantes implementos de integração perfeita, realizando a sustentação das células, ajudando a eliminação dos tóxicos e sustentando os diversos departamentos vitais com o oxigênio salutar. Não obstante a sua insignificância aparente, são peças porosas que facultam ao oxigênio penetrá-los num sentido, enquanto por outro eliminam os produtos colaterais nitrogenados do metabolismo proteico, culminando pelo preciosismo com que deixa passar uma substância aquosa que renova o banho líquido de que se nutrem as células, graças ao qual sobrevivem e se multiplicam... Os departamentos dos sentidos, em câmaras excepcionais, recebem, traduzem e respondem todas as mensagens que lhes chegam, com a velocidade do pensamento, catalogando e descrevendo informações novas com que enriquece o patrimônio das suas aquisições. Mesmo quando, conscientemente, a memória não procede aos registros ou os sentidos parecem não os captar, a maquinaria sublime os anota e transfere para o subconsciente, que os armazena em depósitos especiais, dotados da capacidade de trazê-los de volta, oportunamente, ao celeiro da consciência atual sob estímulos próprios.... Preservá-lo é mais do que dever - significa elevado compromisso de que ninguém se liberará levemente ante a própria e a Consciência Cósmica, que tudo rege e conduz com suprema sabedoria e perfeição.” (JA, *Estudos espíritos*, Capítulo 5)

“**Os comportamentos neuróticos.** Produtos do inconsciente profundo, a se manifestarem como comportamentos neuróticos, os fatores psicogênicos têm suas raízes na conduta do próprio paciente em reencarnações passadas, nas quais se desarmonizou interiormente. Fosse mediante conflitos de consciência ou resultados de ações ignóbeis, os mecanismos propiciadores de reabilitação íntima imprimem no inconsciente atual as matrizes que se exteriorizam como dissociações e fragmentações da personalidade, alucinações, neuroses e psicoses. Ínsitas no indivíduo, essas causas

endógenas se associam às outras, de natureza exógena, tornando-se desagregadoras da individualidade vitimada pelas pressões que experimenta. As pressões de qualquer natureza são decisivas para estabelecer o clima comportamental da criatura.” (JA, *O homem integral*, Quinta parte, Capítulo 18)

“Manutenção de propósitos. O homem é um ser muito complexo. Somatório das suas experiências passadas tem, no inconsciente, um completo arquivo da raça, da cultura, das tradições que lhe influem no comportamento. Por outro lado, a educação, os hábitos, os fenômenos psicológicos e fisiológicos estão a alterá-lo a cada momento. Do acúmulo destes valores resultam-lhe as aspirações, as tendências e anseios, seus conflitos, ansiedades e realizações. O inconsciente, como efeito, está sempre a ditar-lhe o que fazer e o que a realizar, inclinando-o numa ou noutra direção. Todavia, o mecanismo essencial da Vida impulsiona-o para o progresso, para a evolução, mediante os programas de autoburilamento, de orientação, de trabalho... O resultado natural deste processo é uma mente confusa, buscando claridade; são problemas psicológicos, aguardando solução. Torna-se-lhe imperiosa a adoção de propósitos para saber o motivo da confusão mental e entender os problemas, antes que tentar solucioná-los superficialmente, deixando em aberto novas dificuldades deles decorrentes. A solução de agora pode satisfazê-lo por momentos, porém se não são entendidos, eles retornam por outro processo, permanecendo na condição de conflitos a resolver. Para que se mantenha o propósito de entendimento de si mesmo e da Vida, faz-se necessário um percebimento integral de cada fato, sem julgamento, sem compaixão, sem acusação. Examiná-lo com imparcialidade, na sua condição de fato que é, com uma mente inocente, sem passado, sem futuro, apenas presente, mediante uma honesta compreensão, é a forma segura de o entender, portanto, de o perceber e digeri-lo convenientemente, sem dar margem a novos comprometimentos. Sem tal experiência se está tentando burlar a mente, qual se deseje saber por palavras o que se passa em algum lugar, sem interesse de ir-se lá, de conhecer-se pessoalmente. Esta é uma conduta de quem somente busca informação sem interesse pelo conhecimento real, desde que se nega ao esforço do deslocamento até o lugar em pauta. O entendimento de si mesmo, a fim de encontrar as raízes dos problemas, para extirpá-los, exige uma energia permanente, um propósito perseverante, mantidos com inteireza moral e psicológica. Em caso contrário, desejam-se, apenas, informações verbais, sem mais profundas consequências. Todos os problemas existentes no homem, dele mesmo procedem, das suas complexidades, da dominação do seu ego.” (JA, *O homem integral*, Sétima parte, Capítulo 30)

“Nascimento da consciência. Antropológica e historicamente, a sobrevivência equilibrada do homem e da sociedade tem estado sempre vinculada à ideia de um mito central, no qual se haurem os valores éticos de sustentação das suas atividades e do seu equilíbrio. Toda vez em que fatores adversos interferem nos mitos humanos, desacreditando aquele que sintetiza as suas aspirações, os homens se encaminham para o caos e se agridem e se perturbam, parecendo haver perdido o rumo. Passada a tempestade, os seus remanescentes, não destruídos in totum, emergem, dando surgimento a uma nova ideiação, e um mito criativo aparece preenchendo a lacuna deixada pelo anterior. No estado atual da sociedade existe a carência de um mito predominante, que aglutine todas as mentes, sobre elas derramando as suas benesses e confortando-as. A perda do mito expõe os conteúdos psíquicos, que alteram os objetivos das suas necessidades, fazendo-os mergulhar no vazio ou no desinteresse, no prazer ou na alucinação do poder. Em se considerando que nenhum desses objetivos plenifica o indivíduo, ele passa a disputar a necessidade abrangente do despertar da consciência, interpretando os mitos menores nele jacentes. Jung, em uma análise profunda, estabeleceu que “a existência só é real quando é consciente para alguém”, afirmando a necessidade que o Criador possui em relação ao homem consciente. Oportunamente, voltou a esclarecer que “a tarefa do homem é (...) conscientizar-se dos conteúdos que pressionam para cima, vindos do inconsciente”. Esse despertar e crescimento da consciência, ainda segundo o eminente psicanalista, termina por afetar-lhe também o inconsciente. É obvio que, se os conteúdos psíquicos emergentes formam a consciência, as contribuições atuais desta se irão incorporar ao inconsciente que surgirá mais tarde. Deste modo, o nascimento da consciência se opera mediante a conjunção dos contrários, como decorrência de uma variada gama de conteúdos psíquicos, que formam as impressões arquetípicas ao fazerem contato com o ego, dando surgimento à sua substância psíquica e tornando todo esse trabalho um processo de individuação. Daí surgem os discernimentos entre as coisas opostas, o eu e o não-eu, o ego e o inconsciente, o sujeito e o objeto, a própria pessoa e a outra. Dando campo aos conflitos, este sentimento que enfrenta e contesta torna-se uma forma altamente criativa de luta, cuja vitória proporciona satisfação, ampliação e aprimoramento da vida. Sem essa dualidade dos opostos, que leva à reflexão, no processo de individuação, não há aumento real de consciência, que somente se opera entrando em contato com os opostos e os absorvendo. A consciência, do ponto de vista filosófico, é “um atributo altamente desenvolvido na espécie humana e que se caracteriza por uma oposição básica, essencial”. E o atributo pelo qual o homem toma em relação

ao mundo — bem como aos denominados estados interiores e subjetivos — a distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração... Por sua vez, declara, ainda, Jung, a consciência é “a relação dos conteúdos psíquicos com o ego, na medida em que essa relação é percebida como tal, pelo ego”. E conclui que “as relações com o ego que não são percebidas como tal são inconscientes”. Estabelece, ademais, a diferença entre consciência e psique, que esta última “representa a totalidade dos conteúdos psíquicos” e como esses conteúdos, na sua totalidade, não estão vinculados no ego, tais não são consciência. Nos mitos centrais de todos os povos, os opostos formaram a essência das suas crenças, dos seus conteúdos psíquicos geradores da consciência. Encontramo-los nas religiões da antiguidade oriental e, particularmente, no mito da Criação, no qual, os conflitos da treva e da luz, do bem e do mal são relevantes. O Zoroastrismo também o ressuscitou e, mais tarde, a alquimia facultou o surgimento da Pedra Filosofal como mediadora dos opostos, do Santo Gral, como depósito que compõe as bases da consciência humana, a se avolumar através dos tempos, dando, desde o início, a ideia das suas várias expressões, tais: a consciência moral, a consciência de fé, a consciência do dever, de justiça, de paz, de amor... Os equipamentos constitutivos da consciência sutilizam-se, e adquirem mais amplas percepções que facultam o desenvolvimento emocional e ético do homem, auxiliando-o na liberação de conflitos. As heranças atávicas, que se convertem em arquétipos, no inconsciente individual e coletivo dizem respeito às realidades do Espírito, em si mesmo responsável pelos resíduos psíquicos, que se transformam nos conteúdos preponderantes para a formação da consciência. O homem deve adquirir o conhecimento para elevar-se do ser bruto, tornando-se o sujeito detentor da consciência. Não lhe bastará conhecer, mas também, viver a experiência de ser o objeto conhecido. Não somente conhecer de fora para dentro, porém, vivenciar o que é conhecido, incorporando-o à sua realidade. Enquanto o ego conhece, o outro passa a ser um objeto detido, conhecido, o que não plenifica. Esta satisfação advém quando o ego, passando pela vivência do que conhece, torna-se, por sua vez, conhecido pelo outro, que também tem a função de sujeito conhecedor. O ego adquire, desse modo, a consciência autêntica, no momento em que é sujeito que conhece o objeto conhecido. Indispensável, nesse jogo do conhecer sendo conhecido, que não se crie uma dependência em relação à pessoa que conhece. A vida saudável é a que decorre da liberdade consciente, capaz de enfrentar os obstáculos e dificuldades que se apresentam no relacionamento humano e na própria individualidade. Esta é a meta que a consciência almeja.” (JA, *O homem integral*, Oitava parte, Capítulo 32)

“A reencarnação. Destituída de finalidade seria a vida que se diluísse na tumba, como efeito do fenômeno da morte. Diante de todas as transformações que se operam nos campos da realidade objetiva, como das alterações que se processam na área da energia, seria utópico pensar-se que a fatalidade do existir é o aniquilamento. Embora as disjunções moleculares e as modificações na forma, tudo se apresenta em contínuo vir-a-ser, num intêrmino desintegrar-se — reintegrando-se —, que oferece, à Vida, um sentido de eternidade, além e antes do tempo, conforme as limitadas dimensões que lhe conferimos. Nesse sentido, especificamente, o complexo humano apresenta-se através de faixas de movimentação instável, qual ocorre com o corpo; em mecanismos de sutilização, o perispírito; e de aprimoramento, quando se trata do Espírito, este último, aliás, inquestionavelmente imortal. A aquisição da consciência é o resultado de um processo incessante, através do qual o psiquismo se agiganta desde o sono, na força aglutinadora das moléculas, no mineral; à sensibilidade, no vegetal; ao instinto, no animal; e à inteligência, à razão, no homem. Nesta jornada automática, funcionam as inapeláveis Leis da Evolução, em a Natureza, defluentes da Criação. Chegando ao patamar humano, esse psiquismo, de início rudimentarmente pensante, atravessa inúmeras experiências pessoais, que o tornam herdeiro de si mesmo, em um encadeamento de aprendizagens pelo mergulho no corpo e abandono dele, toda vez que se rompem os liames que retêm a individualidade. Este processo de renascimentos, que os gregos denominavam de palingenésico, constitui um avançado sistema de crescimento intelecto-moral, fomentador da felicidade. Graças a ele, a existência humana se reveste de dignidade e de relevantes objetivos que não podem ser interrompidos. Toda vez que surge um impedimento, que se opera um transtorno ou sucede uma aparente cessação, a oportunidade ressurgue e o recomeço se estabelece, facultando ao aprendiz o crescimento que parecia terminado. Face a este mecanismo, os fenômenos psicológicos apresentam-se em encadeamentos naturais, e elucidam-se inumeráveis patologias psíquicas e físicas, distúrbios de comportamento, diferenças emocionais, intelectuais e variados acontecimentos, nas áreas sociológica, econômica, antropológica, ética, etc. O processamento da aquisição intelectual faz-se ao largo das experiências de aprendizagem, mediante as quais o Eu consciente adiciona conteúdos culturais, ao mesmo tempo que desenvolve as aptidões jacentes, para as diversas categorias da técnica, da arte, da ética, num incessante aprimoramento de valores. A anterioridade do Espírito ao corpo, brinda-lhe maior soma de conhecimentos do que os apresentados pelos principiantes no desiderato físico. A genialidade de que uns indivíduos são portadores, em detrimento dos limites

que se fazem presentes em outros seres do mesmo gene, demonstra que os psiquismos aí expressos diferem em capacidade e lucidez. Embora herdeiro dos caracteres da raça — aparência, morfologia, cabelos, olhos, etc. —, os valores psicológicos, intelecto-morais não são transmissíveis pelos genes e cromossomos, antes, são atributos da individualidade eterna, que transfere de uma para outra existência corporal o somatório das suas conquistas salutaras ou perturbadoras. Não há como negar-se a influência genética na evolução do ser, os impositivos do meio, dos costumes e dos hábitos, entretanto, impende observar que o corpo reproduz o corpo, não a mente, a consciência, que só o Espírito exterioriza. A introdução do conceito reencarnacionista na Psicologia dá-lhe dimensão invulgar, esclarecimento das dificuldades na argumentação em torno do Inconsciente, dos arquétipos, individual e coletivo, estudando o homem em toda a sua complexidade profunda e, mediante a identificação do seu passado, facultando-lhe o descobrimento e utilização das suas possibilidades, do seu vir-a-ser. Nos alicerces do Inconsciente profundo encontram-se os extratos das memórias pretéritas, ditando comportamentos atuais, que somente uma análise regressiva consegue detectar, eliminando os conteúdos perturbadores, que respondem por várias alienações mentais. No capítulo dos impulsos e compulsões psicológicas, o passado espiritual exerce uma predominância irrepreável, que leva aos grandes rasgos do devotamento e da abnegação, quanto à delinquência, à agressividade, à multiplicidade de personificações parasitárias, mesmo excluindo-se a hipótese das obsessões. Na imensa panorâmica dos distúrbios mentais, especialmente nas esquizofrenias, destacam-se as interferências constritoras dos desencarnados que se estribam nas leis da cobrança pessoal, certamente injustificáveis, para desforçar-se dos sofrimentos que lhes foram anteriormente infligidos, em outras existências, pelas vítimas atuais. Diante das ocorrências do déjà-vu, os remanescentes reencarnacionistas estabelecem parâmetros sutis de lembranças que retornam à consciência atual como lampejos e clichês de evocações, ressumando dos conteúdos da inconsciência — ou da memória extracerebral, do perispírito — oferecendo possibilidades de identificação de pessoas, acontecimentos, lugares e narrativas já vividos, já conhecidos, antes experimentados... Desfilam, então, os fenômenos psicológicos das simpatias e das antipatias, dos amores alucinantes e dos ódios devoradores, que ressurgem dos arquivos da memória anterior ante o estímulo externo de qualquer natureza, que os desencadeiam, tais: um encontro ou reencontro; uma associação de ideias — a atual revelando a passada — uma dissensão ou um diálogo; qualquer elemento que constitua ponte de ligação entre o hoje e o ontem. Excetuando-se

os conflitos que têm sua psicogênese na vida atual, a expressiva maioria deles procede das jornadas infelizes do ser eterno, herdeiro de si mesmo, que transfere as fobias, insatisfações, consciência de culpa, complexos, dramas pessoais, de uma para outra reencarnação através de automatismos psicológicos, responsáveis pelo equilíbrio das Leis que governam a Vida. Diante de tais acontecimentos, considerando-se os fenômenos místicos, as ocorrências paranormais, os êxtases naturais e os provocados, aos quais a Psicologia organicista dava gêneses patológicas, nasceu, mais ou menos recentemente, a denominada quarta força em Psicologia — sucedendo (ou completando) o Behaviorismo, a Psicanálise e a Psicologia Humanista —, que é a Escola Transpessoal. Entretanto, já no começo do século, Burcke, desejando enquadrar em uma só denominação estes e outros eventos psicológicos, cunhou o conceito de consciência cósmica, a fim de os situar em um só capítulo, tornando-se, de alguma forma, pioneiro, na área da Psicologia Transpessoal, que abrange, entre outras, as percepções extra-sensoriais, além da área da consciência. Nesta conceituação, a morte é fenômeno biológico a transferir o ser de uma para outra realidade, sem consumpção da vida. O ser humano, diante da visão nova e transpessoal, deixa de ser a massa, apenas celular, para tornar-se um complexo com predominância do princípio eterno. A decisiva contribuição dos seus pioneiros, entre os quais, Maslow, Assagioli — com a sua Psicossíntese —, Sutich, Wilber, Grof e outros, oferece excelentes recursos para a psicoterapia, liberando a maioria dos pacientes dos seus conflitos e problemas que destruíram a personalidade. Neste admirável amálgama da integração dos mais importantes Insights das Doutrinas psicológicas do Ocidente com as Tradições Esotéricas do Oriente, agiganta-se o Espiritismo, pioneiro de uma Psicologia Espiritualista dedicada ao conhecimento do homem integral, na sua valiosa complexidade — Espírito, perispírito e matéria — ampliando os horizontes da vida orgânica, a se desdobrarem além do túmulo e antes do corpo, com infinitas possibilidades de progresso, no rumo da perfeição.” (JA, *O homem integral*, Nona parte, Capítulo 39)

II Maturidade psicológica e evolução ética-moral

“Notei que a viúva de Isidoro entrara em profunda concentração por alguns momentos, como se estivesse absorvendo a luz que a rodeava. Em seguida, revelando extraordinária firmeza no olhar, iniciou o comentário: – “Lemos hoje, meus filhos, uma página sobre a irreflexão e a notícia de um suicídio em tristíssimas

circunstâncias. Afirmar o jornal que a jovem suicida se matou por excessivo amor; entretanto, pelo que vimos aprendendo, estamos certos de que ninguém comete erros por amar verdadeiramente. Os que amam, de fato, são cultivadores da vida e nunca espalham a morte. A pobrezinha estava doente, perturbada, irrefletida. Entregou-se à paixão que confunde o raciocínio e rebaixa o sentimento. E nós sabemos que, da paixão ao sofrimento, ou à morte, não é longa a distância. Lembremos, todavia, essa amiga desconhecida, com um pensamento de simpatia fraternal. Que Jesus a proteja nos caminhos novos. Não estamos examinando um ato, que ao Senhor compete julgar, mas um fato, de cuja expressão devemos extrair o ensinamento justo. “A mensagem evangélica desta noite assevera, pela palavra do nosso Divino Mestre aos discípulos, que o reino dos céus é também “semelhante ao grão de mostarda que o homem tomou e semeou no seu coração”. Devemos ver, neste passo, meus filhos, a lição das coisas mínimas. A esfera carnal onde vivemos está repleta de irreflexões de toda sorte. Raras criaturas começam a refletir seriamente na vida e nos deveres, antes do leito da morte física. Não devemos fixar o pensamento tão só nessa jovem que se suicidou em condições tão dramáticas, ao nos referirmos aos ensinamentos de agora. Há homens e mulheres, com maiores responsabilidades, em todos os bairros, que evidenciam paixões nefastas e destruidoras no campo dos sentimentos, dos negócios, das relações sociais. As mentes desequilibradas pela irreflexão permanecem, neste mundo, quase por toda a parte. É que nos temos descuidado das coisas pequeninas. Grande é o oceano, minúscula é a gota, mas o oceano não é senão a massa das gotas reunidas. Fala-nos o Mestre, em divino simbolismo, da semente de mostarda. Recordemos que o campo do nosso coração está cheio de ervas espinhosas, demorando, talvez, há muitos séculos, em terrível esterilidade. Naturalmente, não deveremos esperar colheitas milagrosas. É indispensável amanhar a terra e cuidar do plantio. A semente de mostarda, a que se refere Jesus, constitui o gesto, a palavra, o pensamento da criatura. “Há muitas pessoas que falam bastante em humildade, mas nunca revelam um gesto de obediência. Jamais realizaremos a bondade, sem começarmos a ser bons. Alguma coisa pequenina há de ser feita, antes de edificarmos as grandes coisas. O Senhor ensinou, muitas vezes, que o reino dos céus está dentro de nós. Ora, é, portanto, em nós mesmos que devemos desenvolver o trabalho máximo de realização divina, sem o que não passaremos de grandes irrefletidos. A floresta também começou de sementes minúsculas. E nós, espiritualmente falando, temos vivido em densa floresta de males, criados por nós mesmos, em razão da invigilância na escolha de sementes espirituais. A palestra de uma hora, o pensamento de um dia, o gesto de um

momento, podem representar muito em nossas vidas. Tenhamos cuidado com as coisas pequeninas e selecionemos os grãos de mostarda do reino dos céus. Lembremos que Jesus nada ensinou em vão. Toda vez que ‘pegarmos’ desses grãos, consoante a Palavra Divina, semeando-os no campo íntimo, receberemos do Senhor todo o auxílio necessário. Conceder-nos-á a chuva das bênçãos, o sol do amor eterno, a vitalidade sublime da esfera superior. Nossa sementeira crescerá e, em breve tempo, atingiremos elevadas edificações. Aprendamos, meus filhos, a ciência de começar lembrando a bondade de Jesus a cada instante. O Mestre não nos desampara, segue-nos amorosamente, inspira-nos o coração. Tenhamos, sobretudo, confiança e alegria!” Reparei que Fábio retirou a mão da fronte da viúva e observei que ela entrava a meditar, como quem sentira o afastamento da ideia em curso.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 35)

“Leonel, percebendo que Silas penetrava o âmago do problema com surpreendente facilidade, explicou, entusiasmado: – Sim, aprendemos nas escolas de vingadores* que todos possuímos, além dos desejos imediatistas comuns, em qualquer fase da vida, um “desejo-central” ou “tema básico” dos interesses mais íntimos. [* Refere-se a entidade a organizações mantidas por Inteligências criminosas, homiziadas temporariamente nos planos inferiores. (Nota do Autor espiritual)] Por isso, além dos pensamentos vulgares que nos aprisionam a experiência rotineira, emitimos com mais frequência os pensamentos que nascem do “desejo-central” que nos caracteriza, pensamentos esses que passam a constituir o reflexo dominante de nossa personalidade. Desse modo, é fácil conhecer a natureza de qualquer pessoa, em qualquer plano, através das ocupações e posições em que prefira viver. Assim é que a crueldade é o reflexo do criminoso, a cobiça é o reflexo do usurário, a maledicência é o reflexo do caluniador, o escárnio é o reflexo do ironista e a irritação é o reflexo do desequilibrado, tanto quanto a elevação moral é o reflexo do santo... Conhecido o reflexo da criatura que nos propomos retificar ou punir é, assim, muito fácil superalimentá-la com excitações constantes, robustecendo-lhe os impulsos e os quadros já existentes na imaginação e criando outros que se lhes superponham, nutrindo-lhe, dessa forma, a fixação mental. Com esse objetivo, basta alguma diligência para situar, no convívio da criatura malfeita que precisamos corrigir, entidades outras que se lhe adaptem ao modo de sentir e de ser, quando não possamos por nós mesmos, à falta de tempo, criar as telas que desejemos, com vistas aos fins visados, por intermédio da determinação hipnótica. Através de semelhantes processos, criamos e mantemos facilmente o “delírio psíquico” ou a “obsessão”, que não passa de um estado anormal da mente, subjugada pelo

excesso de suas próprias criações a pressionarem o campo sensorial, infinitamente acrescidas de influência direta ou indireta de outras mentes desencarnadas ou não, atraídas por seu próprio reflexo. E, sorrindo, o inteligente perseguidor disse, sarcástico: – Cada um é tentado exteriormente pela tentação que alimenta em si próprio. De mim mesmo, achava-me perplexo. Nunca ouvira um verdugo, aparentemente vulgar, com tanto conhecimento e consciência de seu papel. Figurava-se-me assistir a um curso rápido de sadismo mental, extravagante e frio. Silas, mais treinado que eu, no trato com os amigos daquela condição, não exteriorizou qualquer sentimento de pesar ou de assombro, na fisionomia serena. Entremostrando, porém, grande interesse em torno da preleção, considerou: – Indiscutivelmente, a exposição é perfeita. Cada qual de nós vive e respira nos reflexos mentais de si mesmo, angariando as influências felizes ou infelizes que nos mantêm na situação que buscamos... Os Céus ou as Esferas Superiores são constituídos pelos reflexos dos Espíritos santificados e o inferno... – É o reflexo de nós mesmos – completou Leonel com uma gargalhada.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 8)

“Com a sabedoria que lhe era peculiar, o venerando Instrutor, procurando fixar indelevelmente nos espíritos e nos corações aqueles momentos, expôs: — Somos viandantes da infinita jornada dos séculos... “Não nos encontramos juntos pela primeira vez. Nossos passos cruzaram-se anteriormente, redescobrimo uns as pegadas de outros na mesma senda... “Até agora, bem pouco aproveitamos das concessões superiores do Senhor de nossas vidas. Postergamos a redenção, fascinados pela ilusão; cedemos à glória transitória a coroa da felicidade permanente; preferimos a asfixia dos vales estreitos à atmosfera pura dos elevados montes; por tais razões, embora a ânsia de liberdade, debatemo-nos no presídio das limitações que mantivemos; sonhando com os céus transparentes e luminosos, vivemos em charneca sombria e pesada... “Novamente chega até os nossos ouvidos a voz de Jesus chamando-nos, em doce entonação, ressumbrando oportuna advertência. “A chancela da aflição nos assinala o cerne da alma, e o Seu bálsamo nos diminui a inclemente ardência, acalmando-nos. “Pelo que mais aguardamos? Até quando Ele esperará pelo nosso teimoso adiamento de adesão definitiva à verdade?” Na pausa que se apresentou, natural, as interrogações nos alcançaram em expressiva magnitude. Desde quando protelávamos o nobre cometimento, perturbando-nos nos ciclos estreitos das repetições fastidiosas, inaproveitadas? Eram convites à meditação que mereciam prioridade. Ante a extensão dos preciosos ensinamentos, o lúcido Benfeitor prosseguiu: — Somos unânimes em identificar os gravames e os insucessos, reclamar contra os erros e as dores, no entanto, quão pouco temos

proscrito a insensatez e as justificativas indébitas do campo das nossas realizações! “Este é para nós um momento muito valioso, de profunda significação. “A terra ingrata e ardente, perfurada sem desânimo, retribui a insistência com o débil filete de água, que se converte em fonte generosa. “As sombras densas, em conjugação teimosa, não apagam flébil lamparina. “Letra a letra se compõe o livro nobre. “Passo a passo o viandante vence a distância. “Nenhum milagre, nem feito prodigioso. “Todo ministério ditoso impõe perseverança, continuidade, labor bem dirigido, a fim de lograr êxito. “Num momento, arrojam-se fora aquisições de séculos, infelicitam-se afeições queridas, perdem-se oportunidades santas ao açoite das paixões tormentosas. Ou nos resolvemos a vencê-las com firme resolução, ou nos reterão por milênios nas baixas vibrações da animalidade que nos onera o avanço por meio de impedimentos múltiplos... “Decidamo-nos a avançar, sem o acumplicimento da autocomiseração, da condescendência para com as próprias fraquezas. “Quem se entrega a Jesus e segue-Lhe os ensinamentos encontra meios e forças para o soerguimento redentor. “Diz-se que a morte é o que de pior nos pode acontecer. Para nós, todavia, desencarnar significa reviver. Em verdade, pior do que a morte é a persistência no erro, é a resistência ao bem, é o cultivo do negro egoísmo, conservando em estado de morte aquele que deveria viver.” Natércio ainda expressou outros grandiosos conceitos, com que os alertou e nos alertou, despedindo-se numa aura de indefinível magnitude espiritual.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 26)

“Reflexos do passado na personalidade. [...]

Como se desejasse apresentar uma síntese mais completa da personalidade do jovem, fazendo uma digressão em torno do fenômeno da maturidade psicológica, elucidou: — A psicologia tradicional elucida que a infância se caracteriza pelo egocentrismo, em que, ainda amor e, às vezes, *cruel*, a criança exige ser amada, protegida, tornando-se um ser *captativo*, que toma, exige atenção, passando, posteriormente, a uma posição *oblative*, quando lhe surgem os desejos e aptidões para amar, para oferecer, para servir, iniciando-se o período de amadurecimento da área da afetividade. Em decorrência, a criança, por falta de tirocínio e de reflexão, vive o presente, não tendo uma visão, senão muito incompleta e mesmo fragmentada, das realidades tempo e espaço. O adulto, em razão das necessidades que identifica, da escala de valores da vida que passa a nortear-lhe a existência e do instinto de preservação de si mesmo, põe-se a viver no futuro. Organiza tarefas, programa atividades tendo em vista o amanhã, quando espera prosseguir fruindo os bens e as realizações logrados. A pessoa de idade avançada, porque crê que o futuro perdeu qualquer sentido, em razão da falta de tempo que a vida talvez não lhe

faculte, apegar-se ao passado, vivendo de recordações e remontando às mesmas sob qualquer pretexto. A transferência do indivíduo de uma para outra fase — do presente para o futuro ou para o passado — caracteriza-lhe o amadurecimento afetivo. Muitas vezes, a criança, não podendo superar uma ocorrência que a assusta e não encontrando apoio emocional para diluir o incidente, gera um bloqueio como trauma que lhe impedirá o desenvolvimento e a transposição de uma para outra fase, chegando ao período de adulta, retida num estágio de infantilismo. Isto explica as reações de imaturidade de muitas pessoas ante as ocorrências e as circunstâncias mais variadas da vida. Em razão de tal estado, revelam-se inseguras e egocêntricas, possuem frágil estrutura moral e não demonstram senso de equilíbrio, dificilmente assumindo e desincumbindo-se de responsabilidades, apresentando grande instabilidade nas decisões e uma terrível incapacidade de doar sem receber, de auxiliar sem gratificação de qualquer natureza, estribando seus raciocínios em sonhos vagos, absurdos que as conduzem a atitudes ilógicas, destituídas de discernimento crítico. Como consequência, têm a forma e a força de adultos, exercem funções e desenvolvem programas pertinentes à idade da razão, sem que hajam saído da infância. Porque são dicotômicas — uma aparência física adulta e uma psique infantil — tornam-se perigosas em decorrência das suas reações imprevisíveis diante das ocorrências que as surpreendem ou promovem. Ora, sob o ponto de vista espiritual, trata-se de criaturas jovens na responsabilidade, inabitadas aos compromissos superiores, cujas experiências se desenvolveram em campos de superficialidades e interesses pessoais sem maiores aquisições morais. Soma-se a essa conduta imatura a interferência psíquica dos Espíritos afins, dos adversários da retaguarda que as levam a estados de grave apatia, desinteresse pelos valores nobilitantes e, porque, maleáveis às induções perniciosas, transformam-se em instrumentos de perturbação e delinquência. Aparentemente são simpáticas por conveniência, gentis enquanto os seus interesses têm primazia, saturando-se com facilidade de tudo e de todos, transferindo-se de ideais e objetivos, que até há pouco eram a própria vida, para outros ou nenhuns com a maior aparente desfaçatez e irresponsabilidade. Para o bem da comunidade e deles próprios, cabe aos adultos fazer um exame de si mesmos uma autoanálise das suas atitudes, uma avaliação periódica do comportamento, envidando esforços para educar-se ou reeducar-se no campo emocional ou no setor comportamental, no qual se lhes faça necessário. Assim, mediante disciplina da vontade, exercício mental correto em torno dos ideais relevantes e dos pensamentos enobrecidos tornar-se-lhes-ão mais duradouros os impulsos para o equilíbrio que se estruturará ao largo do tempo em

atividades salutaras, evitando-se prejuízos sociais expressivos, distúrbios psicológicos e de comportamento numerosos e serão interrompidos graves conúbios obsessivos de largo curso... A maturidade psicológica do homem leva-o a uma atitude dinâmica, em que ele busca desenvolver-se cada vez mais, oferecendo-lhe possibilidades de realizar uma situação harmônica entre ele, a sociedade e o ambiente no qual se encontra colocado. Certamente, que esta conquista é obtida através das reencarnações, como decorrência das vivências e aprendizagens que despertam no ser a consciência, que abre as possibilidades para além do pensamento — a faixa da intuição. Calou-se por um momento. Depois desta lúcida formulação em torno do amadurecimento da personalidade e da dicotomia mente-corpo, referiu-se mais especialmente a Maurício, cujo comportamento lhe era familiar, informando: — Herdeiro dos hábitos equivocados e ligado emocionalmente a outros comparsas de insânia, o seu desenvolvimento psíquico, em algumas funções, pelo impositivo da reencarnação, faz-se unilateralmente, em razão do corpo perispiritual, ao modelar as organizações fisiológica e psicológica, plasmar os efeitos dos inditosos procedimentos pretéritos como mecanismos de recuperação espiritual. No momento, o nosso amigo, revelando insatisfação e desconforto íntimo, com a área da afetividade muito perturbada, evadiu-se do lar, vinculando-se a um grupo de jovens músicos, igualmente sonhadores, experimentando estupefacientes e drogas alucinógenas que lhes desatam recordações torpes, mais os afligindo e perturbando... Oportunamente o visitaremos, a fim de o despertarmos para os objetivos mais nobres do espírito, de modo que ele possa canalizar as energias dispersas, de forma útil, ganhando a bênção da reencarnação que o felicita e pode transformar em cipoal de desdita mais enleadora. Oxalá ele mantenha as recordações do encontro da noite e deixe-se arrastar pela melancolia e pela frustração, em face da não colheita de paz e alegrias duradouras no seu atual comportamento, favorecendo-se, assim, com as *brechas mentais* para a inspiração e a condução dos seus passos em tentames espirituais mais condizentes com os objetivos da sua vida atual.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 10)

“Eu não podia negar que havia muita lógica na elucidação, cada vez mais compreendendo a justeza do conceito sobre a “consciência tranquila”, ilibada, sem vinculações negativas com a retaguarda, nem projetos mirabolantes, perturbadores para a frente. — À parte os fatores cármicos preponderantes ou propiciatórios — aduziu o Dr. Arnaldo — os processos obsessivos se instalam, porque os Espíritos imaturos não se esforçam por adquirir uma capacidade doadora, conforme chamam os psicólogos *oblative*, saindo de si para oferecer, para dar-se, gerando relacionamentos efetivos,

duradouros, simpáticos, que produzem bônus de valor moral e de paz. O homem nasceu para amar. O Espírito é criado para amar. Nos estágios iniciais, infantis, pelo egocentrismo de que se faz objeto, mesmo quando se dispõe ao amor, quase sempre o avilta com as paixões subalternas. O amor, todavia, que jaz inato em todas as criaturas, pode ser educado, desenvolvido, ampliando a sua capacidade doadora, a fim de que se possa, expressar em toda a pujança e grandeza. Para que tal ocorra, faz-se imprescindível que o indivíduo se desenvolva em plenitude, não somente através da área do sentimento, senão também da inteligência e da razão, amadurecendo a personalidade. Quando o amor alcança este estágio, ele desperta amor, gera reciprocidade, inspira reações semelhantes, o que igualmente sucede, quando a pessoa cultiva o ódio, a desconfiança, a insegurança, produzindo nos que a cercam sentimentos e efeitos análogos. Com uma tal capacidade interior de amar, não há como agasalhar as induções perniciosas dos perseguidores desencarnados, que são rechaçadas pelo otimismo, pela reflexão e segurança emocional. “Os indivíduos tornam-se presas fáceis dos seus antigos comparsas, tombando nos processos variados de alienações obsessivas, porque, além de se descurarem da observância espiritual da existência, mediante atitudes salutares, comportamento equilibrado e vida mental enriquecida pela prece, pela reflexão, não se esforçam por libertar-se dos aborrecimentos e problemas desgastantes, mediante a aplicação dos recursos físicos e especialmente dos mentais, por acomodação preguiçosa ou por uma dependência emotiva, infantil, que sempre transfere responsabilidades para os outros e prazeres para si. São poucos, ainda, os indivíduos que se utilizam corretamente da razão, isto é, que tomam conhecimento e participam dos acontecimentos do mundo objetivo como do subjetivo, conscientizando-se da sua realidade espiritual. Faz-se imperioso aprender a pensar e a utilizar com sabedoria o raciocínio, extraindo equilíbrio e discernimento. Naqueles nos quais o hábito de bem pensar é fugidio ou raro, porque a mente permanece em desconcerto, rica de imagens perturbadoras e recordações de teor prejudicial, mais facilmente os parasitas espirituais encontram campo para se instalar, desenvolvendo as suas metas infelizes. A vontade disciplinada e o hábito da concentração superior armam o homem para, e contra mil vicissitudes que defronta na sua escalada evolutiva. Não há milagre! Quando tal parece ocorrer, isto é resultado de muitos fatores que se conjugam, produzindo um efeito natural, ético, que irrompe com desconhecimento das suas causas, não, porém, sem elas. “A concentração positiva libera a mente dos clichês viciosos, próprios ou recebidos de outras mentes como do meio onde vive, já que todos somos sensíveis ao ambiente no qual nos

movimentamos. Por adaptação às ocorrências do dia-a-dia, o homem se deixa arrastar meio dormido pela correnteza dos acontecimentos, sem despertar o pensamento para que o intelecto raciocine com objetividade e discernimento, estabelecendo parâmetros do que deve e não deseja, ao que não deve, mas deseja fazer... Como efeito, a preguiça mental é um polo de captação das induções obsessivas pelo princípio de aceitação irracional de tudo quanto a atinge. Cabe ao homem que pensa dar plasticidade ao raciocínio, ampliando o campo das ideias e renovando-as com o aprimoramento da possibilidade de absorver os elementos salutares que o enriquecem de sabedoria e de paz íntima. Com o tempo, a capacidade de discernir dota-o com a aptidão da escolha dos valores que o impulsionam para mais altas aspirações, com plena libertação dos vícios de toda natureza, *inocente* como uma criança, quero dizer, sem os tormentos da insatisfação e equilibrado nas aspirações como um sábio que já se resolveu pela conquista, em harmonia, daquilo que lhe é melhor. “Podemos chamar a essa atitude de psicoterapia preventiva ou tratamento para as obsessões.” Confesso que me encontrava extasiado. Na humildade do amigo discreto, havia um *filão aurífero* de conhecimentos que variavam nos campos da Psicologia e da Psicanálise, da Fisiologia e da Terapêutica Médica com apurado senso de discernimento numa mente clara, sem ortodoxias e aberta à contribuição do conhecimento donde quer que procedesse.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“**FLAGELOS E MALES.** Em face do impositivo da evolução, o homem enfrenta os flagelos que fazem parte da vida. Os naturais, surpreendem-no, sem que os possa evitar, não obstante a inteligência lhe haja facultado meios de os prevenir e até mesmo de remediar-lhes algumas das consequências. Irrompem, de quando em quando, desafiando-lhe a capacidade intelectual, ao mesmo tempo estimulando-lhe os valores que deve aplicar para os conjurar e impedir. Enquanto isto não ocorre, constituem-lhe corretivos morais, mecanismos de reparação dos males perpetrados, recursos da Vida para impulsioná-lo ao progresso sem retentivas com a retaguarda. Inúmeros desses flagelos destruidores já podem ser previstos e alguns têm diminuídos os seus efeitos perniciosos, em razão das conquistas que a Humanidade vem alcançando. Outros, que constituíam impedimentos aos avanços e à saúde, têm sido minorados e até vencidos, quais a fertilização de regiões desérticas, o saneamento de áreas contaminadas, a correção de acidentes geográficos, a prevenção contra as epidemias que dizimavam multidões, assolando países e continentes inteiros, e, graças ao Espiritismo, a terapia preventiva em relação aos processos obsessivos que dominavam grupos e coletividades... Apesar disso, há os flagelos que o homem

busca através dos vícios que se permite, sobrepondo as paixões torpes aos sentimentos de elevação, vindo a padecer males que poderiam ser evitados com um mínimo de esforço. O egoísmo, que não cede lugar às aspirações altruístas, comanda a sua ambição desmedida, levando-o a excessos que o comprometem. Agressivo por instinto, não abdica da violência que gera atritos domésticos e de classes, levando as nações às guerras, cada vez mais danosas e de efeitos imprevisíveis, aumentando a sanha de desforços, que se tomam causas de novos enfrentamentos, como se da vida somente lhe interessasse o poder para a destruição... A inteligência, nesses momentos, fica obnubilada e os vapores do ódio intoxicam a razão, bloqueando os sentimentos. O homem, desgovernado, tomba, então, no flagelo por ele mesmo criado, quando, no entanto, está fadado à glória do bem e ao remanso da paz. Tal ocorrência se dá por efeito da sua imantação animal, desse predomínio da matéria sobre o Espírito, do enleamento das paixões perturbadoras que cultiva, atrasando-lhe a marcha que deveria prosseguir sem interrupção ou retardamento. Entretanto, está no desejo dele mesmo evitar os males nos quais se enreda, caso se dispusesse a seguir o Estatuto divino, cujas leis são de fácil acesso e de perfeita assimilação no seu dia-a-dia. Rebelando-se contra a ordem, afasta o bem, e, quando este se encontra ausente, enxameia o mal. Assim age, por pretender privilégios e prerrogativas que lhe exaltam o orgulho, fazendo-o posicionar-se acima do seu próximo, a quem passa a explorar e ferir, distante de qualquer respeito e dignidade pela vida e pelas demais criaturas. Na raiz desse comportamento extravagante e insensato encontra-se o atavismo ancestral, cujas imposições materiais têm primazia, dominando completamente a paisagem emocional. O abuso das paixões, e não o uso correto que leva aos ideais do amor e ao arrebatamento pelas causas nobres, é o agente dos flagelos e males que se voltam contra o próprio homem e o infelicitam. É, porém, através da dor-agulhão que o propele para a frente — que ele aprende a valorizar as oportunidades da sua existência corporal e desperta para o bem, a que se entrega, após a exaustão que o sofrimento lhe impõe. Não sendo o mal uma realidade, senão um efeito transitório, que pode ser alterado a partir do momento que se lhe modifique a causa, ele se transforma num futuro bem, porque **vacina** a vítima, que a partir daí melhor compreende a finalidade da vida na Terra, empenhando-se por alcançá-la no mais breve prazo. Não importa em que classe social ou posição cultural esteja, porquanto a característica nele prevalecente é a de ordem moral, responsável pelo tipo de aspiração a que se entrega e da conduta que mantém. Lord Byron, por exemplo, cuja poesia romântica influenciou toda uma época e criou um mito, poderia ter-se utilizado

dos recursos de que dispunha para enobrecer-se e felicitar as vidas. Considerado belo e de corpo perfeito, culto e inteligente, assumiu comportamento excêntrico e individualista, sensual e vulgar, com uma genialidade asselvajada que ora pertencia às suas personagens e noutros momentos parecia refletir-lhe o próprio ser. Carlos Steinmetz, por sua vez, com algumas deformidades físicas, mas belo nos ideais de solidariedade humana, refugiando-se na América para salvar-se das perseguições de ideologia político-social, contribuiu de maneira extraordinária para o progresso das ciências elétricas, chegando a patentear duzentas invenções e escrever diversos trabalhos científicos e alguns livros que promoveram o progresso tecnológico da Humanidade. Na direção que o homem encaminha os passos, surgem os comportamentos que lhe assinalam a marcha. Isto, porém, é decorrência do seu mundo mental, característica do seu estágio evolutivo. Gerando hábitos, a eles se submete, porquanto ninguém há que viva sem esses condicionamentos. Quem não os tem bons, não fica deles isento, passando a tê-los maus. Ideal será, então, iniciar-se nas experiências da vida por uma forma de neutralidade, isto é, não praticar o mal, o que não é suficiente, porquanto, em certas ocasiões, não propiciar o bem torna-se uma forma de desenvolver o mal. Primeiro passo, facultar outros mais audaciosos, até que a atração do bem passa a envolver o indivíduo, levando-o ao comprometimento com as ações superiores. Desse modo, evitar o mal, que nele mesmo reside e, mediante o livre-arbítrio firmado no conhecimento e obediência às divinas leis, conquistar espaço para as ações meritórias, empenhando-se por vivenciá-las a partir de então — eis o caminho a trilhar. Sentindo-se impelido ao mal, em razão dos remanescentes do primitivismo que nele jaz, deve e pode evitar praticá-lo, educando a vontade e canalizando as forças morais para o bem, que nele igualmente se encontra em germen, graças à sua origem divina. Procedente do mundo espiritual para ali retomar, fadado ao bem vitorioso que conseguirá ao fim da pelejas travadas.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Flagelos e males)

“[...] O crescimento moral do ser é impositivo inadiável do seu processo evolutivo, que está a exigir decisão vigorosa, para ser levada adiante sem mais tardança. Os atavismos que lhe predominam, em arrastamentos comprometedores, devem ceder lugar às aspirações enobrecidas, que o atrairão para objetivos libertadores. Fez breve silêncio, a fim de dar um curso didático à conversação valiosa, e logo adiu: “Ouspensky, pensador russo, que se fez excelente discípulo de Gurdjieff, dividiu os homens em dois grupos: fisiológicos e psicológicos, para bem os situar na área das suas necessidades e aspirações. Os primeiros, seriam aqueles cujo comportamento se submete ao repouso, ao estômago e ao sexo, enquanto os outros são os

que vivem conforme o sentimento e a mente. Preferiríamos considerar que há os que ainda transitam sob o comando da sua natureza animal, primitiva, aqueles que vivem sob a predominância da natureza espiritual e os que se encontram na fase intermediária, em caminho do estágio mais grosseiro para o mais sutil. “Os primeiros são homens-instinto, mais dirigidos pelas sensações, enquanto os últimos são homens-razão, comandados pela emoção. Aqueles vivem para comer, gozar e dormir, sem tempo mental para sentir os ideais de beleza e de progresso. Os outros, não obstante se utilizem das sensações que decorrem das imposições fisiológicas, cultivam os sentimentos, e as emoções sobrepõem-se aos caprichos dos prazeres fugidios e imediatos. O homem, no qual predomina a natureza animal, reage sempre e com violência; detém o que tem e não reparte, em razão do egoísmo que o vítima. Aquele em quem a natureza espiritual se destaca, age, porque pensa com calma, nas circunstâncias mais graves, preservando o equilíbrio; possui sem reter, multiplicando a benefício do próximo, promovendo a comunidade onde se encontra e desenvolvendo os sentimentos do altruísmo, que o felicita. “O amor, no período das dependências fisiológicas, é possessivo, arrebatado, físico, enquanto que, no dos anelos espirituais, se compraz, libertando; torna-se, então, amplo, sem condicionamentos, anelando o melhor para o outro, mesmo que isto lhe seja sacrificial. Um parece tomar a vida e retê-la nas suas paixões, enquanto o outro dá a vida e libera para crescer e multiplicar-se em outras vidas. “Os que se encontram em trânsito entre as experiências primevas e as conquistas da razão, apesar dos vínculos fortes com a retaguarda evolutiva, acalentam ideais de enobrecimento, sofrem tédio em relação aos gozos, padecem certas insatisfações e frustrações, porque já não lhes bastam as sensações fortes, exauridoras, tendo necessidade de mais altos valores íntimos que independam do imediato, do jogo cansativo dos desejos físicos. Ambições mais nobres se lhes desenham nas áreas mentais e os desejos sofrem alteração de estrutura. Pressentem a glória do amor e a dívida da paz, engajando-se nos movimentos idealistas, apesar das incertezas e dubiedades que os assaltam vez por outra. “Como é natural, há uma prevalência de homens-instinto nos quadros sociais da Terra, em relação a um número menor de homens-razão, que se empenham por criar condições de progresso e realização em favor dos que estão atrás. “Movimentando-se entre os dois contingentes, estão aqueles que despertam para as realidades espirituais, galgando os degraus de ascensão a duras penas.” O Benfeitor novamente silenciou, por breve momento, para logo prosseguir: — “Estagiando uma larga faixa dos Espíritos na primeira fase, suas paixões são agressivas; seus desejos, dominadores; suas aspirações, primitivas, sem as

resistências morais que dão valor ético ao ser, partindo para sucessivos revides e cobranças, quando contrariados nos seus gostos ou feridos nos seus falsos bríos, ou desagradados nos seus apetites... Porque em idêntica posição vibratória, disputam entre si os espólios infelizes dos interesses de que se nutrem, vivendo em intercâmbio obsessivo, quando o amor é apenas força de desejo, ou no ódio, quando cegos pela revolta e envenenados pela vingança. “Um pouco acima, os intermediários são também fáceis presas das alienações espirituais, por falta da consolidação dos ideais libertários, o que os faz recuar, tombando nos círculos das disputas rudes e alucinadas. “À medida que o homem suplanta a dependência dos vícios e se eleva, emocionalmente, acima do estômago e do sexo, terá conseguido o valioso recurso terapêutico preventivo em relação a essa parasitose infeliz, que o mantém em círculos viciosos, nas faixas mais primárias das reencarnações reeducativas. “O Espírito não foi criado por Deus para sofrer. O sofrimento é sua opção pessoal, em face da vigência do amor que felicita, em todo lugar, aguardando por ele. Todavia, como decorrência da sensualidade a que se escraviza, retarda a felicidade que lhe está destinada. Damos aqui, à palavra sensualidade, uma abrangência maior: paixão pelo comer, vestir, gozar, viver nos limites dos interesses pessoais, mantendo os sentimentos adstritos aos impositivos orgânicos dos quais não prescinde, sem espaço mental ou emocional para a renúncia, a abnegação, a fraternidade... Enquanto vigerem aqueles arcabouços primários na personalidade, o intercâmbio com outros semelhantes é inevitável. “O mesmo ocorre, sem dúvida, entre os indivíduos que vivem as emoções da sua natureza espiritual, cuja sintonia é natural com as Fontes da Vida, de onde procede a inspiração do bem, do bom e do belo, atraindo-os para as conquistas gloriosas do amor.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 19)

“Perturbações psicológicas. A sociedade contemporânea, rica de cultura e assinalada por tecnologia de ponta, apresenta-se pobre de sentimentos morais elevados e de conhecimentos espirituais libertadores. Toda a conjuntura vigente e discurso comportamental apresentado, são estabelecidos pelos ditames do hedonismo feroz que derrapa, não poucas vezes, na crueldade alucinada. Fosse diferente a situação e os crimes hediondos como a violência, a guerra, o aborto, o suicídio, a pena capital, os vazios existenciais e outros teriam cedido lugar à paz, à fraternidade, ao auxílio recíproco, à vida em todas as suas expressões, propiciando clima espiritual de entendimento e compreensão dos problemas humanos. Sucede que o espiritualismo dogmático ancestral, sem possibilidades de iluminar as mentes e de dulcificar os corações com informações claras e lógicas sobre a realidade do ser e da vida fora da matéria, perdeu a vitalidade, mantendo-se como

formalismos sociais e mecanismos de evasão, promovendo o personalismo de alguns indivíduos a prejuízo do esclarecimento indispensável das massas. Não mais inspirando respeito pelo temor, em razão das aberturas e facilidades para o prazer, lentamente anui com as doutrinas políticas e econômicas dominantes, conforme ocorreu no passado, distanciando-se dos objetivos que parecia perseguir. A sede insaciável de gozo e os apelos desenfreados sugeridos pela mídia, exclusivamente para os apetites sensuais e as concessões permitidas pelo poder, desvairam, levando multidões ao desenfreio, para logo tombarem em perturbação, em letargia, em depressão... Compunge acompanhar-se a marcha crescente da pobreza moral, expressando-se na miséria econômica, social e espiritual, dizimando ideais de enobrecimento e pessoas desequipadas de harmonia interior, que lhe tombam nas malhas sem cessar. A falência da fé religiosa é evidente ante a predominância dos interesses e arrastamentos mundanos, em uma torpe ilusão de perenidade do corpo e dos seus equipamentos. Tornando a enfermidade, a morte, os insucessos e prejuízos, figuras remotas de aparecer no palco da existência física, excluiu-se a realidade do comportamento existencial com promessas de prazeres inexauríveis, que o tempo, no entanto, consome, cedendo lugar às provações rudes e às dores acerbadas. Esse tipo de cultura voltada para o corpo e para o gozo material, constitui cruel engodo que o pensamento utilitarista dissemina, para distrair as mentes e dominá-las, deixando-as vazias e perturbadas. É natural que a ânsia advinda pelo terrível desejo de cada qual afirmar-se pela posse, pelo exterior, frustre e faça estertorar aqueles que se afadigam pelo conseguir, e ante a impossibilidade de o alcançarem, revoltam-se ou entregam-se ao desencanto, que igualmente assinala estes dias com solidão, desconfiança, ressentimento e amargura. Instalam-se, então, distúrbios psicológicos que lentamente vencem a sociedade, que mergulha no uso de drogas químicas variadas, ora com finalidade terapêutica, momentos outros como fuga infeliz, gerando-se sonâmbulos telementalizados e conduzidos por outras mentes desvinculadas do corpo que pululam fora do mundo físico, na dimensão espiritual. Distúrbios psicológicos avolumam-se nos grupos sociais, decorrentes dos fenômenos endógenos e exógenos, favorecendo a instalação de obsessões, a princípio sutis, depois graves no seu conteúdo psíquico pernicioso. É muito fácil, no entanto, reverter o quadro, mediante a mudança cultural e moral dos indivíduos, voltando-se para os valores do espírito e da sua imortalidade, sem qualquer prejuízo para a vida física, antes concedendo-lhe qualidade, meta e meios adequados para torná-la feliz. Em todos os tempos, missionários do Bem e apóstolos do amor mergulharam na névoa carnal, convidando a sociedade à reflexão, ao equilíbrio, à

morigeração dos costumes primitivos e à ação meritória por cuja dieta se tornaria factível a sintonia com a realidade, com a vida. Esquecidos ou desconsiderados, ignorados ou perseguidos, conseguiram, não obstante, desincumbir-se da missão a que se afeiçoaram, mas os frutos que ofereceram não se fizeram expressivos, a ponto de sensibilizar aqueles aos quais foram doados. Os apetites desenfreados vêm impulsionando os seres em detrimento das lúcidas conquistas da razão. Entrementes, as comunicações mediúnicas fazem-se ostensivas neste momento e multiplicam-se em toda parte como estratagema do Mundo Espiritual, a fim de despertar aqueles que se encontram anestesiados, enfermos ou perturbados, para que se libertem desses transtornos psicológicos e dos desaires morais, conseguindo renovação interior e saúde para recomponem a existência ameaçada. A hora é grave, estando a exigir decisões coerentes e seguras para a instalação do Reino de Deus nos corações, iluminando as consciências com as notícias da vida espiritual e sua causalidade. Neste pandemônio de perturbações de toda ordem, que decorrem da psicológica, faz-se inadiável a mais ampla divulgação do Espiritismo e de suas libertadoras propostas de lógica para contrabalançar a força ciclópica do materialismo que domina a sociedade. Ampliar as informações sobre a Espiritualidade e a Eraticidade, sobre a Lei de Causa e Efeito, é dever de todos aqueles que já despertaram para Jesus e a própria consciência, assim contribuindo em favor da humanidade e do seu próximo vencido pelas perturbações psicológicas ampliadas pelas obsessões. Ninguém, que se possa escusar desse dever de solidariedade humana e de conscientização dos próprios deveres ante a vida e Deus. Em assim procedendo, estará desincumbindo-se do dever de consciência, auxiliando hoje, conforme foi auxiliado oportunamente, quando, de alguma forma se encontrava em situação semelhante.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Perturbações psicológicas)

“Os comportamentos neuróticos. Produtos do inconsciente profundo, a se manifestarem como comportamentos neuróticos, os fatores psicogênicos têm suas raízes na conduta do próprio paciente em reencarnações passadas, nas quais se desarmonizou interiormente. Fosse mediante conflitos de consciência ou resultados de ações ignóbeis, os mecanismos propiciadores de reabilitação íntima imprimem no inconsciente atual as matrizes que se exteriorizam como dissociações e fragmentações da personalidade, alucinações, neuroses e psicoses. Ínsitas no indivíduo, essas causas endógenas se associam às outras, de natureza exógena, tornando-se desagregadoras da individualidade vitimada pelas pressões que experimenta. As pressões de qualquer natureza são decisivas para estabelecer o clima comportamental da criatura. Por formação antropológica, em luta renhida contra

os fatores compressivos e adversários, o homem aspira pela liberdade. Todos os seus esforços convergem para uma atitude, uma atuação, um movimento, livres de empecos, de detenções, de aprisionamento. As pressões que lhe limitam os espaços emocionais e físicos aturdem-no, dando margem a evasões, agressividade, disfarces e violências, através dos quais tenta escamotear o seu estado real. Isto, quando não tomba na depressão, no pessimismo. Vivendo sob estímulos, faculta-os à sociedade, que progride e age conforme as energias que os constituem. Quando estes estímulos são emuladores à felicidade, eis o homem atuante e encorajado, trabalhando pelo progresso próprio e geral, mediante um comportamento otimista. No sentido oposto, quase nunca se motiva à reação, para ascender aos sentimentos ideais que promovem a vida, libertando-se das constrições naturalmente transitórias. Equivocado quanto aos referenciais da existência, deixa-se imbuir pelas sensações da posse, do prazer fugidio, caindo em depressões, seja pela constituição psicológica fragmentária ou porque estabelece como condição de triunfo a aquisição das coisas que se podem amealhar e perdem o valor, quando se não possui o essencial, que é a capacidade de administrá-las, não se lhes submetendo ao jugo enganoso. Assim, apresentam-se os que se creem infelizes porque não têm e os que se fazem desditosos porque tendo, não se contentam face à ausência da plenitude interior. O mito da ambição do rei Midas, que tudo quanto tocava se convertia em ouro, causa da sua felicidade e desgraça, tem atualidade no comportamento neurótico dos possuidores-possuídos. A experiência, no entanto, fazendo a pessoa aprofundar-se na consciência dos valores, altera-lhe o campo de compreensão, favorecendo o entesouramento do equilíbrio. Todavia, tal ocorrência é resultado da luta que deve ser travada sem cessar. Assim, a saúde psicológica decorre da autoconsciência, da libertação íntima e da visão correta que se deve manter a respeito da vida, das suas necessidades éticas, emocionais e humanas. O comportamento neurótico, assustador e predominante na sociedade consumista, procura esconder o desajuste e as fobias do homem contemporâneo, que se afunda em mecanismos patológicos. Receando ser ele mesmo, torna-se pessoa-espelho a refletir as conveniências dos outros, ou homem-parede a reagir contra todas as vibrações que lhe são dirigidas, antes de as examinar. “Agredir antes, evitando ser agredido” é a filosofia dos fracos, fechando-se no círculo apertado dos receios e da não aceitação dos outros, forma neurótica de ocultar a não aceitação de si mesmo. São raros aqueles que preferem ser homens-pontes, colocados entre extremos para ajudarem, facilitarem o trânsito, socorrerem nos abismos existenciais... O espírito de competição neurotizante vigente e estabelecido como fomentador

das riquezas, deve ceder lugar ao de cooperação, responsável pela solidariedade e pela paz, humanizando a sociedade e tornando a pessoa bem identificada. Competir não é negativo, desde que tenha por meta progredir, e não vencer os outros; porém, superar-se cada vez mais, desenvolvendo capacidades latentes e novas na individualidade. Competir, todavia, para derubar quem está à frente, em cima, é atitude neurótica, inconformista, invejosa, que abre brecha àquele que vem atrás e repetirá a façanha em relação ao aparente vencedor atual. Tal atitude responde pela insegurança que domina em todas as áreas do relacionamento social. Da mesma forma, deixar-se viver sem aventurar-se, no bom sentido do termo, como se transitasse em um sonho cujos acontecimentos inevitáveis se dão sem qualquer ingerência da pessoa, é uma atitude patológica, irracional, em se considerando a capacidade de discernimento e a de realização que caracteriza a criatura humana. O homem-ação de equilíbrio gera os fatores do próprio desenvolvimento, abandonando o conformismo neurótico, a fim de comandar o destino sempre maleável a injunções novas e motivadoras. Os seres humanos têm as suas matrizes em a natureza, com a qual devem manter um relacionamento saudável, ao invés de evitá-la. Sendo partes integrantes da mesma, não se devem alienar, antes buscar-lhe a cooperação e auxiliá-la num intercâmbio de energias vigorosas, com o que sairão da gaiola particular onde se ocultam e se acautelam. Há personalidades neuróticas que a temem, receosas de serem absorvidas pela sua grandiosidade e dando às suas expressões — céus, montanhas, mares, florestas, etc. — determinados tipos de projeções humanas, poderosas e devoradoras. Assim, anulam-na, matando-a no seu consciente através da negação da sua necessidade. Os comportamentos neuróticos são desgastantes, extrapolando os limites das resistências orgânicas, que passam a somatizá-los, abrindo campo para várias enfermidades que poderiam ser evitadas.” (JA, *O homem integral*, Quinta parte, Capítulo 18)

“Mecanismos de evasão. A larga infância psicológica das criaturas é dos mais graves problemas, na área do comportamento humano. Habituada, a criança, a ter as suas necessidades e anseios resolvidos, imaturamente, pelos adultos — pais, educadores, familiares, amigos — ou atendidos pela violência do clã e da sociedade, nega-se a crescer, evitando as responsabilidades que enfrentará. No primeiro caso, porque tudo lhe chega às mãos de forma fácil, dilata o período infantil, acreditando que a vida não passa de um joguete e o seu estágio egocêntrico deve permanecer, embora a mudança de identidade biológica, de que mal se dá conta. Mimada, acomoda-se a exigir e ter, recusando-se o esforço bem dirigido para a construção de uma personalidade equilibrado, capaz de enfrentar os desafios da vida, que lhe chegam, a pouco e

pouco. Acreditando-se credora de todos os direitos, cria mecanismos inconscientes de evasão dos deveres, reagindo a eles pelas mais variadas como ridículas formas de atitude, nas quais demonstra a prevalência do período infantil. No segundo caso, sentindo-se defraudada pelo que lhe foi oferecido com má vontade e azedume ou sistematicamente negado, a criança se transfere de uma para outra faixa etária, sem abandonar as sequelas da sua castração, buscando realizar os desejos sufocados, mas, vivos, quando lhe surja a oportunidade. Em ambos acontecimentos, o desenvolvimento emocional não corresponde ao físico e ao intelectual, que não são afetados pelos fenômenos psicológicos da imaturidade. Excepcionalmente, pode suceder que o alargamento do período infantil, por privação dos sentimentos e pelas angústias, produza distúrbios na saúde física como na mental, gerando dilacerações profundas, difíceis de sanadas. Na generalidade, porém, o que sucede são as apresentações de adulto susceptível, medroso, instável, ciumento, que não superou a crise da infância, nela permanecendo sob conflitos lastimáveis. As figuras domésticas representadas pelo pai e pela mãe permanecem em atividade emocional, no inconsciente, resolvendo os problemas ou atemorizando o indivíduo, que se refugia em mecanismos desculpistas para não lutar, mantendo-se distante de tudo quanto possa gerar decisão, envolvimento responsável, enfrentamento. Fugindo das situações que exigem definição, parte para as formulações e comportamentos parasitas, buscando nas pessoas que considera fortes e são elegidas como seus heróis ou seus superiores, porquanto, tudo que elas empreendem se apresenta coroado de êxito. Não se dá conta da luta que travam, das renúncias e sacrifícios que se impõem. Esta parte, não lhe interessa, ficando propositadamente ignorada. Como efeito, cresce-lhe a área dos conflitos da personalidade, com predominância da autocompaixão, num esforço egoísta de receber carinho e assistência, sem a consciência da necessidade de retribuição. Não lhe amadurecendo os sentimentos da solidariedade e do dever, crê-se merecedor de tudo, em detrimento do esforço de ser útil ao próximo e à comunidade, esquecendo-se das falsas necessidades para tornar-se elemento de produção em favor do bem geral. Instável emocionalmente, ama como fuga, buscando apoio, e transfere para a pessoa querida as responsabilidades e preocupações que lhe são pertinentes, tornando o vínculo afetivo insuportável para o eleito. Outras vezes, a imaturidade psicológica reage pela forma de violência, de agressividade, decorrentes dos caprichos infantis que a vida, no relacionamento social, não pode atender. Uma peculiar insensibilidade emocional domina o indivíduo, que se desloca, por evasão psicológica, do ambiente e das pessoas com quem convive, poupando-se a aflições e somente

considerando os próprios problemas, que o comovem, ante a frieza que exterioriza quando em relação aos sofrimentos do próximo. O homem nasceu para a autorrealização, e faz parte do grupo social no qual se encontra, a fim de promovê-lo crescendo com ele. Os problemas devem constituir-lhe meio de desenvolvimento, em razão de serem-lhe estímulos-desafios, sem os quais o tédio se lhe instalaria nos painéis da atividade, desmotivando-o para a luta. Desse modo, são parte integrante da estruturação mental e emocional, responsáveis pelos esforços do próximo e do grupo em conjunto, para a sobrevivência de todos. O solitário é prejuízo e dano na economia social, perturbando a coletividade. Fatores que precedem ao berço, presentes na historiografia do homem, decorrentes das suas existências anteriores, situam-no, no curso dos renascimentos, em lares e junto aos pais de quem necessita, a fim de superar as dívidas, desenvolver os recursos que lhe são inerentes e lhe estão adormecidos, dando campo à fraternidade que deve vigor em todos os seus atos. Assim, cumpre-lhe libertar-se da infância psicológica, mediante as terapias competentes, que o desalgemam dos condicionamentos perniciosos, ao mesmo tempo trabalhando-lhe a vontade, para assumir as responsabilidades que fazem parte de cada período do desenvolvimento físico e intelectual da vida. Partindo de decisões mais simples, o exercício de ações responsáveis, nas quais o insucesso faz parte dos empreendimentos, o homem deve evitar os mecanismos de evasão, assim como as justificativas sem sentido, tais: não tenho culpa, não estou acostumado, nada comigo dá certo, aí ocultando a sua realidade de aprendiz, para evitar as outras tentativas que certamente se farão coroar de êxitos. A experiência do triunfo é lograda através de sucessivos feitos. O acerto, nos primeiros tentames, não significa a segurança de continuados resultados positivos. Em todas as áreas do comportamento estão presentes a glória e o fracasso, como expressões do mesmo empreendimento. A fixação de qualquer aprendizagem se dá mediante as tentativas frustradas ou não. Assim, vencer o desafio é esforço que resulta da perseverança, da repetição, sem enfado nem cansaço. Toda fuga psicológica contribui para a manutenção do medo da realidade, não levando a lugar algum. Mediante sua usança, aumentam os receios de luta, complicam-se os mecanismos de subestima pessoal e desconsideração pelos próprios valores. O homem, no entanto, possui recursos inesgotáveis que estão ao alcance do esforço pessoal. Aquele que se demora somente na contemplação do que deve fazer, porém, não se anima a realizá-lo, perde excelente oportunidade de desvendar-se, desenvolvendo as capacidades adormecidas que o podem brindar com segurança e realização interior. Todo o esforço a ser envidado, em favor da libertação dos mecanismos de

fuga, contribui para apressar o equilíbrio emocional, o amadurecimento psicológico, de modo a assumir a sua humanidade, que é a característica definidora do indivíduo: sua memória, seus valores, seus atos, seu pensamento. A fuga, portanto, consciente ou não, no comportamento psicológico, deve ser abolida, por ser incondizente com a lei do progresso, sob a qual todas as pessoas se encontram submetidas pela fatalidade da evolução.” (JA, *O homem integral*, Sexta parte, Capítulo 22)

“A reconquista da identidade. A imaturidade psicológica do homem leva-o a anular a própria identidade, face aos receios em relação às lutas e ao mundo nas suas características agressivas. A timidez confunde-o, fazendo que os complexos de inferioridade lhe aflorem, afastando-o do grupo social ou propelindo-o à tomada de posições que lhe permitam impor-se aos demais. A violência latente se lhe desvela, disfarçando os medos que lhe são habituais. Ocultando a identidade, mascara-se com personalidades temporárias que considera ideais — cada uma a seu turno — e que são copiadas dos comportamentos de pessoas que lhe parecem bem, que triunfaram, que são tidas como modelares, na ação positiva ou negativa, aquelas que quebraram a rotina e que, de alguma forma, fizeram-se amadas ou temidas. Gestos e maneirismos, trajes e ideologias são copiados, assumindo-lhes o comportamento, no qual se exhibe e consome, até passar a outros modelos em voga que lhe despertem o interesse. Na superficialidade da encenação, asfixia-se, mais se conflitando em razão da postura insustentável que se vê obrigado a manter. Como efeito do desequilíbrio, passa a fingir em outras áreas, evitando a atitude leal e aberta, mas, sempre sinuosa, que lhe constitui o artificialismo com que se reveste. Vulnerável aos acontecimentos do cotidiano, sem identidade, é pessoa de difícil relacionamento, vez que tem a preocupação de agradar, não sendo coerente com a sua realidade interior e, mutilando-se psicologicamente, abandona, sem escrúpulos, os compromissos, as situações e as amizades que, de momento, lhe pareçam desinteressantes ou perturbadoras... A falta de identidade cria o indivíduo sem face, dissimulador, com loquacidade que obscurece as suas reais impressões, sustentando condicionamentos cínicos para a sobrevivência da representação. Cada criatura é a soma das próprias experiências culturais, sociais, intelectuais, morais e religiosas. O seu arquétipo é caracterizado pelas suas vivências, não sendo igual ao de outrem. A sua identidade é, portanto, a individualidade real, modeladora da sua vida, usufrutuária dos seus atos e realizações. No variado caleidoscópio das individualidades, surge o grupo social das afinidades e interesses, das aspirações e trocas, da convivência compartilhada. Os destaques são aquelas de temperamento mais vigoroso de

que o grupo necessita, na condição de líderes naturais, de expressões mais elevadas, que servem de meta para os que se encontram na retaguarda. Nenhum contrassenso ou prejuízo em tal exceção. A generalidade é o resultado dos biótipos de nível equivalente, sem que sejam pessoas iguais, que não as existem, porém, com uma boa média de realizações semelhantes. Em razão do processo reencarnatório, alguns indivíduos recomeçam a existência física sob injunções conflitantes, que devem enfrentar, sem fugir aos objetivos que a Vida a todos destina. Como cada um é a sua realidade, ninguém melhor ou pior, face à sua tipologia. Existem os mais e os menos dotados, com maior ou menor soma de títulos, de valores, porém, nenhum sem os equipamentos hábeis para o crescimento, para alcançar o ideal desafiador que luz à frente. É um dever emocional assumir a sua identidade, conhecer-se e deixar-se conhecer. Certamente, não nos referimos à necessidade de o indivíduo viver as suas deficiências, impondo-as ao grupo social no que se encontra... Porém, não escamotear os próprios limites e anseios ainda não logrados, mantendo falsas posturas de sustentação impossível, é o compromisso existencial que leva a um equilibrado amadurecimento emocional. Afinal, todos os indivíduos se encontram, na Terra, em processo de evolução. Conseguida uma etapa, outra se lhe apresenta como o próximo passo. A satisfação, a parada no patamar conquistado leva ao tédio, ao cansaço da vida. Aventurar-se, no bom e profundo sentido da palavra, é a estimulação de valores, revelação dos conteúdos íntimos, proposta de experiência nova. A ansiedade e a incerteza decorrentes do tentame fazem parte dos projetos da futura estabilidade psicológica, do armazenamento dos dados que cooperam para uma vida estável, realizadora e feliz. Os insucessos e preocupações durante a empresa tornam-se inevitáveis e são eles que dão a verdadeira dimensão do que significa lutar, competir, estar vivo, ter uma identidade a sustentar. Deste modo, o indivíduo tem o dever de enfrentar-se, de descobrir qual é a sua identidade e, acima de tudo, aceitar-se. A aceitação faz parte do amadurecimento íntimo, no qual os inestimáveis bens da vida assomam à consciência, que passa a utilizá-los com sabedoria, engrandecendo-se na razão direta que os multiplica. A sociedade é constituída por pessoas de gostos e ideais diferentes, de estruturas psicológicas diversas, que se harmonizam em favor do todo. Das aparentes divergências surge o equilíbrio possível para uma vida saudável em grupo, no qual uns aos outros se ajudam, favorecendo o progresso comunitário. O descobrir-se que a própria identidade é única, especial, em decorrência de muitos fatores, favorece a manutenção do bem-estar íntimo, impedindo fugas atormentantes e inúteis. Quem foge da sua realidade, neurotiza-se, padecendo estados oníricos de pesadelos, que passam

à área da consciência, em forma de ameaças de desditas por acontecer, com o mundo mental povoado de fantasmas que não consegue diluir. Aceitando-se como se é, possui-se estímulos para auto aprimorar-se, superando os limites e desajustes por educação, disciplina e lutas empreendidas em favor de conquistas mais expressivas. Somente através da aceitação da sua identidade, sem disfarces, o homem, por fim, adquire o amadurecimento psicológico que o capacita para uma existência ideal, libertadora. A própria identidade é a vida manifestada em cada ser.” (JA, *O homem integral*, Sexta parte, Capítulo 24)

“O devir psicológico. Por largo tempo houve uma preocupação, na área psicológica, para encontrar-se as raízes dos problemas do homem, o seu passado próximo — vida pré-natal, infância e juventude a fim de os equacionar. A grande e contínua busca produzia, não raro, um desesperado anseio para a compreensão dos fenômenos castradores e restritivos da existência, no dealbar dela mesma. Interpretações apressadas, comumente, tentavam liberar os pacientes dos seus conflitos, atirando as responsabilidades da sua gênese aos pais desequipados, uns superprotetores, outros agressivos, que, na sua ignorância afetiva, desencadeavam os complexos variados e tormentosos. Tratava-se de uma forma simplista de desviar o problema de uma para outra área, sem a real superação ou equação do mesmo. Os pacientes, esclarecidos indevidamente, adquiriam ressentimentos contra os responsáveis aparentes pelas suas aflições, transferindo-se de postura patológica. Em reação, na busca do que passavam a considerar como liberdade, independência daqueles agentes castradores, inibidores, faziam-se bulhentos, assumindo atitudes desafiadoras, na suposição de que esta seria uma forma de afirmação da personalidade, de autorrealização. E o ressentimento inicial contra os pais, os familiares e educadores crescia, transferindo-se, automaticamente, para a sociedade como um todo. A conscientização dos fenômenos neuróticos não deve engendrar vítimas novas, contra as quais sejam atiradas todas as responsabilidades. Isto impede o amadurecimento psicológico do paciente, que assume uma posição injusta de deserdado da sociedade, aí se refugiando para justificar todos os seus insucessos. Sem dúvida, desde o momento da vida extrauterina, há um grande choque na formação psicológica do bebê, ao qual se adicionam outros inumeráveis, decorrentes da educação deficiente no lar e no grupamento social. O mundo, com as suas complexidades estabelecidas e para ele impenetráveis, apresenta-se agressivo e odioso, exigindo-lhe alto suprimento de habilidades para escapar-lhe ao que considera suas ciladas. Nessas circunstâncias adversas para a formação psicológica do homem, devemos convir que as suas causas precedam a existências anteriores, que formaram as estruturas da

individualidade ora reencarnada, responsáveis pelas resistências ou fragilidades dos componentes emocionais. No mesmo clã e sob as mesmas condições, as pessoas as enfrentam de forma diversa, desvelando, nas suas reações, a constituição de cada uma, que antecede ao fenômeno da concepção fetal. A moderna visão psicológica, embora respeitando as injunções do passado atual, busca desenvolver as possibilidades latentes do homem, o seu vir-a-ser, centralizando a sua interpretação nos seus recursos inexplorados. Há, nele, todo um universo a conquistar e ampliar, liberando as inibições e conflitos, diante dos novos desafios que acenam com a autorrealização e o amadurecimento íntimo. De etapa a etapa, ele avança conquistando as terras novas da vida e da experiência, que se sobrepõem aos alicerces fragmentários da infância, substituindo-os vagarosamente. O devir psicológico é mais importante do que o seu passado nebuloso, que o sol da razão consciente se encarregara de clarear, sem ilhas de sombra doentia na personalidade. Extraordinariamente, em alguns casos de psicoses e neuroses, de dificuldades no inter-relacionamento pessoal, de inibições sexuais e frustrações, pode-se recorrer a uma viagem consciente ao passado, a fim de encontrar-se a matriz cármica e aplicar-lhe a terapia especializada, capaz de conscientizar o paciente e ajudá-lo na superação do fator perturbante. Mesmo assim, a experiência terapêutica exige os recursos técnicos e as pessoas especializadas para o tentame, evitando-se apressadas conclusões falsas e o mergulho em climas obsessivos que impõem mais cuidadosa análise e tratamento adequado. A questão, pela sua gravidade, exige siso e cuidados especiais. A nova psicologia profunda pretende desvendar as incógnitas das várias patologias que afetam o comportamento psicológico do homem, utilizando-se de uma nova linguagem e desenvolvendo os recursos da sua evolução ainda não excogitados. Por enquanto, o indivíduo não se conhece, apresentando-se como se fora uma máquina com as suas complicadas funções, que busca automatizar. É indispensável, assim, que tome consciência de si, o que lhe independe da inteligência, da atividade de natureza mental. A consciência expressa-se em uma atitude perante a vida, um desvendar de si mesmo, de quem se é, de onde se encontra, analisando, depois, o que se sabe e quanto se ignora, equipando-se de lucidez que não permite mecanismos de evasão da realidade. Não finge que sabe, quando ignora; tampouco aparenta desconhecer, se sabe. Trata-se, portanto, de uma tomada de conhecimento lógico. Esses momentos de consciência impõem exercício, até que sejam aceitos como natural manifestação de comportamento. Para tanto, devem ser considerados os diversos critérios de duração, de frequência e de largueza, como de discernimento. Por quanto tempo se permanece consciente,

em estado de identificação? Quantas vezes o fenômeno se repete e de que o indivíduo está consciente? Faltava estabelecer-se uma programação saudável. No painel existencial, no qual nada é fixo e tudo muda, torna-se inadiável a busca da consciência atual sem as fixações do passado, de modo a multiplicar os estímulos para o futuro que chegará. Destaca-se aí, a necessidade do equilíbrio, que segundo Pedro Ouspenski, é “como aprender a nadar”. A dificuldade inicial cede então lugar à realização plena. O homem amargurado, que se faz vítima dos conflitos, deve aprender a resolver os desafios do momento, despreocupando-se das ocorrências traumáticas e gerando novas oportunidades. As suas propostas para amanhã começam agora, não aguardando que o tempo chegue, porque é ele quem passará pelas horas e chegará àquela dimensão a que denomina futuro. A estrutura psicológica social — soma de todas as experiências culturais, históricas, políticas, religiosas — exerce uma função compressiva no comportamento do homem, que se deve libertar mediante o amadurecimento pessoal, que elimina o medo, a ira, a ambição, característicos das heranças atávicas, e se programa dentro das próprias possibilidades inexploradas. A consciência do vir-a-ser proporciona uma mente aberta, com capacidade para considerar com clareza e saúde todos os fatos da existência, comportando-se de maneira tranquila, com possibilidades de conquistar o infinito.” (JA, *O homem integral*, Sexta parte, Capítulo 27)

III Causas físicas e orgânicas

“**A Casa Mental.** [...] Verificando-se pausa mais longa, dei curso às ponderações íntimas, segundo antigo vício de inquirir. As preciosas explicações que ouvira não poderiam ser mais simples, nem mais lógicas. Entretanto, perquiria a mim mesmo: o cérebro de um desencarnado seria também suscetível de adoecer? Sabia eu que a substância cinzenta, no mundo carnal, podia ser acometida pelos tumores, pelo amolecimento, pela hemorragia; mas na esfera nova, a que a morte me conduzira, que fenômenos mórbidos assediariam a mente? Calderaro registrou-me as indagações e esclareceu: – Não discutiremos aqui as moléstias físicas propriamente ditas. Quem acompanha, como nós, desde muito tempo, o ministério dos psiquiatras verdadeiramente consagrados ao bem do próximo, conhece, à saciedade, que todos os títulos de gratidão humana permanecem inexpressivos ante o apostolado de um Paul Broca, que identificou a enfermidade do centro da palavra, ou de um Wagner Jauregg, que se dedicou à cura da paralisia, em perseguição ao espiroqueta da

sífilis, até encontrá-lo no recesso da matéria cinzenta, perturbando as zonas motoras. Diante de fenômenos como estes, é compreensível a quebra da harmonia cerebral em consequência de compulsoriamente se arredarem das aglutinações celulares do campo fisiológico os princípios do corpo perispiritual; essas aglutinações ficam, então, desordenadas em sua estrutura e atividades normais, qual acontece ao violino incapacitado para a execução perfeita dum trecho melódico, por trazer uma ou duas cordas desafinadas. Não devemos, nem podemos ignorar as leis que regem os domínios da forma... Daí a impossibilidade de querermos psicologia equilibrada sem fisiologia harmoniosa, na esfera da ciência humana: isto é caso pacífico. Referir-nos-emos tão só às manifestações espirituais em sua essência. Indagas se a mente desencarnada pode adoecer... Que pergunta! Cuidas que a maldade deliberada não seja moléstia da alma? que o ódio não constitua morbo terrível? Supões, porventura, não haja vermes mentais da tristeza e da inconformação? Embora tenhamos a felicidade de agir num corpo mais sutil e mais leve, graças à natureza de nossos pensamentos e aspirações, já distantes das zonas grosseiras da vida que deixamos, não possuímos ainda o cérebro dos anjos. Constitui-nos incessante trabalho a conservação de nossa forma atual, a caminho de conquistas mais alcandoradas; não podemos descansar nos processos iluminativos; cumpre-nos purificar sempre, selecionar pendores e joeirar concepções, de molde a não interromper a marcha. Milhões vivem aqui, na posição em que nos achamos, mas outros milhões permanecem na carne ou em nossas linhas mais baixas de evolução, sob o guante de atroz demência. É para esses que devemos cogitar da patologia do espírito, socorrendo os mais infelizes e interferindo fraternal e indiretamente na solução de problemas escabrosos em cujos fios negros se enredam. São duendes em desespero, vítimas de si mesmos, em terrível colheita de espinhos e desilusões. O corpo perispiritual humano, vaso de nossas manifestações, é, por ora, a nossa mais alta conquista na Terra, no capítulo das formas. Para as almas esclarecidas, já iluminadas de redentora luz, representa ele uma ponte para o campo superior da vida eterna, ainda não atingido por nós mesmos; para os espíritos vulgares é a restrição indispensável e justa; para as consciências culpadas, é cadeia intraduzível, pois, além do mais, registra os erros cometidos, guardando-os com todas as particularidades vivas dos negros momentos da queda. O gênero de vida de cada um, no invólucro carnal, determina a densidade do organismo perispiritual após a perda do corpo denso. Ora, o cérebro é o instrumento que traduz a mente, manancial de nossos pensamentos. Através dele, pois, unimo-nos à luz ou à treva, ao bem ou ao mal. Percebendo a atenção com que lhe seguia os preciosos

esclarecimentos, Calderaro sorriu significativamente e perguntou: – Compreendeste? Indicando os dois sofresores, ao nosso lado, prosseguiu: – Examinamos aqui dois enfermos: um, na carne; outro, fora dela. Ambos trazem o cérebro intoxicado, sintonizando-se absolutamente um com o outro. Espiritualmente, rolaram do terceiro andar, onde situamos as concepções superiores, e, entregando-se ao relaxamento da vontade, deixaram de acolher-se no segundo andar, sede do esforço próprio, perdendo valiosa oportunidade de reerguer-se; caíram, destarte, na esfera dos impulsos instintivos, onde se arquivam todas as experiências da animalidade anterior. Ambos detestam a vida, odeiam-se reciprocamente, desesperam-se, asilam ideias de tormento, de aflição, de vingança. Em suma, estão loucos, embora o mundo lhes não vislumbre o supremo desequilíbrio, que se verifica no íntimo da organização perispiritual.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 3)

“Silenciou Calderaro por alguns instantes e, em seguida, indicou o pequeno, acentuando: – Neste caso, porém, o choque aplicado pela ciência dos homens não surtiria vantagem alguma. Estamos perante o eclipse total da mente, pela total ausência da Lei com que se conduziu o interessado no socorro. A retificação, aqui, reclama tempo. As águas pantanosas do mal, longamente represadas no coração, não se escoam facilmente. O plano mental de cada um de nós não é vaso de conteúdo imaginário: é repositório de forças vivas, qual o veículo físico de manifestação, que nos é próprio, enquanto peregrinamos na Crosta Planetária. – Não estamos, porém, cientificamente falando – indaguei –, diante de um caso típico de mongolismo? O Assistente respondeu sem se embarçar: – Acompanhamos um fenômeno de desequilíbrio espiritual absoluto. Em situações raríssimas, teremos perturbações dessa natureza com causas substancialmente fisiológicas. Impossível é desconhecer, na esfera carnal, o paralelismo psicofísico. Quem vive na Crosta Terrestre terá sempre a defrontar com a forma perecível, em primeiro lugar. Daí, não podermos excluir da patologia da alma o envoltório denso, nem menosprezar a colaboração dos fisiologistas abnegados, que atentos se dedicam às investigações da fauna microscópica, do reajustamento das formas, do quadro dos efeitos. Não nos esqueçamos, contudo, que analisamos agora o domínio das causas... O desvelado amigo parecia disposto a prosseguir, dilatando-me os conhecimentos a respeito do assunto, quando ouvimos passos de alguém que se aproximava. Certo, a dona da casa vinha ao aposento da criança, à procura do socorro da oração. Concluiu Calderaro, apressadamente: – Nossos companheiros da medicina humana batizam as moléstias mentais como lhes apraz, detendo-se nas questões da periferia, por distraídos dos problemas fundamentais do espírito. Relativamente aos assuntos científicos,

conversaremos amanhã, quando prestaremos assistência a jovem amigo.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“EVOLUÇÃO E METABOLISMO. [...] Impulsos determinantes da mente. Sobre os mesmos alicerces referidos, surpreendemos, ainda, as enzimas numerosas, como a pepsina, isolada por Northrop, e a catalase definida por von Euler, tanto quanto outras muitas, que a ciência terrestre, gradualmente, saberá descobrir, estudar, fixar e manobrar, com vistas à manutenção e defesa da saúde física e da integridade mental do homem, no quadro de merecimentos da Humanidade, de vez que todos os estados especiais do mundo orgânico, inclusive o da renovação permanente das células, a prostração do sono, a paixão artística, o êxtase religioso e os transe mediúnicos são acalentados nos circuitos celulares por fermentações sutis, aí nascidas através de impulsos determinantes da mente, por ela convertidos, nos órgãos, em substâncias magneto eletroquímicas, arremessadas de um tecido a outro, guardando a faculdade de interferir bruscamente nas propriedades moleculares ou de catalisar as reações desse ou daquele tipo, destinadas a garantir a ordem e a segurança da vida, na urdidura das ações biológicas. Em identidade de circunstâncias nos traumas cerebrais da cólera e do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como em tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 8)

“A LOUCURA. [...] Não obstante as excelentes experiências realizadas pelo eminente psiquiatra americano, dr. Sakel, em Viena, nos idos de 1933, cujos resultados apresentou a três de novembro daquele ano, através da convulsoterapia em que aplicara o metrazol, depois a insulina, abrindo as portas ao eletrochoque, a partir de 1937, após um Congresso Psiquiátrico em Roma, ocasião em que os preeminentes drs. Bini, Kalinowski e Cerletti chegaram à conclusão da excelência do método do choque controlável, capaz de produzir anoxemia sem qualquer perturbação para o aparelho circulatório, particularmente a bomba cardíaca, do que resultaram admiráveis contribuições à saúde de diversos psicopatas esquizoides. A distonia esquizofrênica, porém, prossegue, sendo dos mais complexos quadros da patologia mental, revelando-se nas quatro fases cíclicas e graves do Autismo, Hebefrenia, Catatonia e Paranoia... Assim, a loucura, apesar das avançadas conquistas Psiquiátricas e Psicoanalíticas, continua desafiador enigma para as mais cultivadas inteligências. Classificada na sua patologia clínica e mapeada carinhosamente, os métodos exitosos nuns pacientes redundam perniciosos noutros ou absolutamente inócuos, inexpressivos. Isto, porque, a terapia

aplicada, apesar de dirigida ao espírito (psique), não é conduzida, em verdade, às fontes geratrizes da loucura: o espírito reencarnado e aqueles Espíritos infelizes que o martirizam, no caso das obsessões. Fixados, no entanto, aos princípios materialistas que esposam, muitos cultores da Ciência fecham, propositadamente, os ouvidos e os olhos às experiências valiosas que ocorrem a cada instante fora dos seus limites, como a desdenhar de tudo que lhes não traga a chancela vaidosa da Academia, que não poucas vezes se utilizou do resultado dos fatos observados fora dos seus muros e fronteiras, para elaborar as bases de muitas das afirmações que ora são aceitas por legítimas. A psicoterapia e os métodos admiráveis psicoanalíticos, como as orientações psicológicas hão logrado, como seria de esperar, resultados favoráveis algumas vezes, especialmente quando as causas da loucura, do desequilíbrio psíquico ou emocional são individuais ou gerais (conforme a classificação de alguns expoentes da doutrina psiquiátrica), psíquicas e físicas. Nestas últimas, se examinadas sob o ponto de vista da importância endógena ou exógena (no caso do abuso do fumo, barbitúricos, alucinógenos, álcool e outros), como das infecções e traumatismos, possivelmente se conseguem expressivos êxitos na aplicação clássica do tratamento. Merece, porém, considerar, o a que denominamos de causas cármicas, aquelas que precedem à vida atual e que vêm impressas no psicossoma (ou perispírito) do enfermo, vinculado pelos débitos transatos àqueles a quem usurpou, abusou, prejudicou e que, ainda que mortos, não se aniquilaram na vida, havendo apenas perdido a forma tangível, sempre transitória e renovável. Na atualidade, graças ao empenho do Espiritismo, a alma humana, o Espírito, já não pertence à velha conceituação de “sombra trágica”, de Homero ou “o enigmático e transcendente hóspede da glândula pineal”, de Descartes, antes é um ser perfeitamente identificável, com características e constituição própria, que se movimenta à vontade, edificador do seu destino, graças às realizações em que se empenha. Consequentemente, a vida espiritual deixou de ser imaginária, concepção ingênua dos antigos pensadores éticos que recorriam ao fantasioso para traduzir o que não conseguiam compreender. Estruturada em realidades que escapam às denominações convencionais, a vida prossegue em mundos que se interpenetram ao mundo físico, ou se desdobram além da esfera meramente humana, ou se fixam a outros centros de força de atração, no Sistema Solar e fora dele, a multiplicar-se pelas incontáveis galáxias do Universo. E o ser, na sua viagem incessante, evolui de experiência a experiência, de mundo a mundo, de esfera a esfera, até libertar-se das baixas faixas da sensação, donde proveio, na busca da angelitude a que aspira. Ante a terapêutica da Psiquiatria Moderna, que desdenha

a contribuição dos conceitos filosóficos e religiosos, merece evoquemos o pensamento do dr. Felipe Pinel, o eminente mestre e diretor de L'Hospice de la Bicêtre, a cuja audácia muito deve a ciência psiquiátrica: “L'hygiène remonte jusqu'au temps des plus anciens philosophes”.^(*) [“A higiene remonta exatamente aos tempos dos mais antigos filósofos.” Nota do Autor espiritual.] Isto, porque, da observação empírica à racional, nasceram as experiências de laboratório que, a princípio estribada em conceitos ético-filosóficos, resultantes do acúmulo dos fatos, passou ao campo científico como estruturação da realidade. Entretanto, aferrados ao ceticismo, esses estudiosos da Ciência, mesmo diante dos fatos relevantes, permanecem fixados aos conceitos em que se comprazem, sem avançar, realizando conotações, comparações com outros resultados procedentes de outros campos. Não há muito, por exemplo, o dr. Wilde Penfield, no Instituto Neurológico de Montreal, realizando uma cirurgia cerebral com anestesia local, percebeu que, estimulando eletricamente determinados centros do encéfalo, fazia que a paciente recordasse lembranças mortas, como se as estivesse vivendo outra vez. Ao invés de logicar face à possibilidade de estar diante dos depósitos da memória que o Espírito guarda, consubstanciou a velha teoria de que aquela retém as lembranças por um mecanismo de impulsos elétricos encarregados de registrar todas as ocorrências... Como mais tarde outros pesquisadores encontrassem compostos químicos nas células dos nervos encarregadas de tal mister, conceberam a teoria de que tais arquivamentos são fruto da presença desses compostos, já que os modestos impulsos elétricos, que se descarregam com facilidade, não poderiam possuir durabilidade para conservar evocações de longa distância desde o tempo em que as mesmas ocorreram. E ninguém verificou a possibilidade das lembranças de outras vidas, igualmente impressas no cérebro, hoje largamente evocadas através da hipnose provocada como da recordação espontânea, testadas em diversos laboratórios de Parapsicologia. Dia surgirá, porém, em que a Doutrina Espírita, conforme no-la apresentou Allan Kardec, se adentrará pelos Sanatórios, Frenocômios, Casas de Saúde e Universidades, libertando da ignorância os que jazem nos elos estreitos da escravidão de uma ou de outra natureza. À semelhança do dr. Pinel, que libertou das algemas os pacientes de Bicêtre, em 1793, e logo depois Esquirol que fez o mesmo, ensejando uma nova era à terapia psiquiátrica, o Espiritismo, também, a seu turno, penetrará nos velhos arcabouços e nas catedrais da cultura e de lá arrancará os padecentes algemados à loucura, à obsessão, projetando luz meridiana e pujante, sugerindo e aplicando a terapêutica espiritual de que todos precisamos para elucidar o próprio

ser atribulado nos diversos departamentos da vida por onde jornadaia.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 2)

“EPILEPSIA. [...] — Este é importante capítulo da Neuropatologia que merece acurada atenção, particularmente dos estudiosos do Espiritismo, tendo em vista a parença das síndromes epiléticas com as disposições medianímicas, no transe provocado pelas Entidades sofredoras ou perniciosas. Mui frequentemente, diante de alguém acometido pela epilepsia, assevera-se que se trata de “mediunidade a desenvolver”, qual se a faculdade mediúnica fora uma expressão patológica da personalidade alienada. Graças à disposição simplista de alguns companheiros pouco esclarecidos, faz-se que os pacientes enxameiem pelas salas mediúnicas, sem qualquer preparação moral e mental para os elevados tentames do intercâmbio espiritual. [...] “Não obstante suas causas reais e remotas estejam no Espírito que ressarce débitos, há fatores orgânicos que expressam as causas atuais e próximas, nas quais se fundamentam os estudiosos para conhecer e tratar a epilepsia com maior segurança, através dos anticonvulsivos.” Fez nova pausa, olhou a enferma que se encontrava em coma, dando curso à explicação: — Pela lei das afinidades, o Espírito calceta é atraído antes da reencarnação à progênie, na qual se encontram os fatores genéticos de que tem necessidade para a redenção. Quase sempre seus genitores estão vinculados, em grupos familiares, a esses Espíritos em trânsito doloroso, o que constitui, normalmente, manifestação hereditária, com procedência nos graves males do alcoolismo paterno, no uso dos tóxicos, a se expressarem por meio de fatores múltiplos, tais a fragilidade orgânica, as excitações psíquicas, as infecções agudas que geram sequelas lamentáveis... Os mais credenciados mestres discutem se as suas causas matrizes são resultado da intoxicação endógena ou consequentes aos distúrbios das glândulas de secreção interna, responsáveis pela cognominada epilepsia genuína. Além dessas há aquelas outras resultantes dos traumatismos cranianos, das afecções como a sífilis, a encefalite, os tumores localizados no sistema nervoso central, as emocionais, e alguns Autores admitem que a essencial ou idiopática está mais ligada às leis da hereditariedade, não obedecendo a um mecanismo patogênico definido. “Mesmo nesses casos, temos que levar em conta os fatores cármicos incidentes para imporem ao devedor o precioso reajuste com as leis divinas, utilizando-se do recurso da enfermidade-resgate, expiação purgadora de elevado benefício para todos nós. [...] — Indubitavelmente há processos perniciosos de obsessão, que fazem lembrar crises epiléticas, tal a similitude da manifestação. No caso, porém, em pauta, o hóspede perturbador exterioriza a personalidade de forma característica, através da psicofonia atormentada, diferindo da epilepsia genuína. Nesta, após a convulsão

vem a coma; naquela, à crise sucede o transe, no qual o obsessor, nosso infeliz irmão perseguidor, se manifesta. “Ocorrência mais comum dá-se quando o epilético sofre a carga obsessiva simultaneamente, graças aos gravames do passado, em que sua antiga vítima se investe da posição de cobrador, complicando-lhe a enfermidade, então, com caráter misto. “Conveniente, nesse como noutros casos, cuidar-se de examinar as síndromes das enfermidades psiquiátricas, a fim de as não confundir com os sintomas da mediunidade, no período inicial da manifestação, quando o médium se encontra atormentado. “Nesse sentido é mister evitar-se a generalidade, isto é, a simplificação do problema com arremetidas simplistas, como é de hábito muitos fazerem. [...] Estávamos fascinados. Realmente, também nós, quando no corpo físico, supúnhamos que, na epilepsia, defrontávamos invariavelmente o fenômeno obsessivo, sem logicar que no organismo vêm impressas as necessidades de cada um, a se traduzirem como deficiências, limitações, coarctações, problemas de saúde. Idiotia, oligofrenia, mongolismo, epilepsia, psicoses várias, esquizofrenia, demência são terapêuticas de que se utiliza a Justiça Divina para alcançar os Espíritos doentes, que tentam fugir à Verdade, mancomunados com o crime e a ilusão. Para que tais cometimentos se realizem, entram em jogo os programas cromossômicos e genéticos tão bem estudados por Gregório Mendel, no século passado, encarregados de expressarem durante a reencarnação os impositivos redentores.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 11)

“[...] - No caso da loucura decorrente das altas cargas de sífilis, observamos também algum fenômeno de natureza obsessiva? Com a mesma bonomia e sem qualquer enfado, Dr. Ignácio esclareceu: “A sífilis desencadeia a perturbação dos fenômenos cerebrais, dando lugar à instalação da loucura, sendo, portanto, responsável pela sua ocorrência, assim como sucede com outras enfermidades infectocontagiosas. Encontrando-se o paciente nesse deplorável estado de conturbação, sem possibilidades de raciocínio adequado por decorrência da destruição contínua dos neurônios que afetam as neurocomunicações, torna-se fácil pasto para a nutrição de espíritos inferiores que dele se acercam para roubar-lhe as escassas energias, piorando-lhe o estado orgânico. Esse fenômeno que, através do tempo, pode transformar-se em vampirização, é mais comum do que parece entre os enfermos terrestres e os indigitados espirituais. Ainda aí vigora a Lei de Causa e Efeito, que se utiliza desse processo para auxiliar o paciente a resgatar os seus dislates e comprometimentos injuriosos com maior rapidez. Todos e quaisquer acontecimentos são computados nas fichas morais do espírito, nunca ficando ocorrência alguma à mercê do acaso. Podemos afirmar que, segundo a onda em que se movimenta o indivíduo, sempre

haverá uma ressonância e uma sintonia com outrem na mesma faixa vibratória. Não apenas os inimigos ou os amigos estão em intercâmbio espiritual, mas todos quantos vivenciem experiências equivalentes, em decorrência da identidade vibratória. Recordemo-nos da recomendação do apóstolo Paulo, na sua carta I aos Tessalonicenses, capítulo cinco, versículo dezesseite, quando afirma: “Orai sem cessar”. Com certeza, o apóstolo não propõe a mecanização da prece, mas sugere uma atitude terapêutica de estado oracional, isto é, a mente voltada para as ações corretas, para o comportamento equilibrado e para a insistência na prática das ações sadias e benéficas, tornando-se verdadeiras orações.” “Que fique, pois, definido - concluiu Dr. Julian - que não existem distúrbios orgânicos sem que haja correspondentes causas desencadeadoras, sempre sediadas no ser real. As enfermidades de todo porte, as interferências espirituais, os transtornos psicológicos, todos esses fenômenos são, portanto, efeitos dos atos praticados em existências transatas, não é verdade?” - Exatamente - confirmou. — Somente existem consequências, quando ocorreram ações anteriores.” [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 6)

IV Causas espirituais

“Apresentação. Os avanços das doutrinas que estudam a mente e as emoções têm contribuído de maneira expressiva para decifrar os problemas psiquiátricos e os de comportamento, oferecendo terapias valiosas que os diminuem ou que libertam os pacientes das aflições de angústia e de desespero que os alienam. Nada obstante, em face dos muitos conflitos gerados pela tecnologia e pelas comunicações virtuais, assim como pelos fatores defluentes do processo da evolução, expressando-se na hereditariedade e nas enfermidades infectocontagiosas, o número de portadores de transtornos mentais e psicológicos prossegue com estatística ampliada. Tormentos de vária ordem violentam o bem-estar dos cidadãos contemporâneos, atormentando-os de maneira avassaladora, que os levam à drogadição, à sexolatria, ao tabagismo, ao alcoolismo, em mecanismos sensacionais de fugas da realidade, sem que encontrem porto emocional de paz e de alegria de viver. Por outro lado, o vazio existencial defluente do materialismo e do consumismo, das ilusões do poder e do prazer sempre fugidios, das ambições desordenadas e das insatisfações íntimas, embora as aparências festivas, responde por muitos desvios de conduta, que sempre infelicitam. Sob outro aspecto, a culpa que decorre do orgulho doentio, corroendo intimamente, principalmente sem que seja aliviada pelo auto perdão, empurra para o abismo das depressões

profundas, auspiciando a perda do auto amor e o desejo veemente do suicídio covarde. No processo da evolução espiritual, as heranças do passado, caracterizadas pelo despautério, pelo abuso e extravagância, não raro pela crueldade e desrespeito à própria como à vida do próximo, respondem por inúmeros fatores genéticos que dão lugar aos transtornos psicóticos, assim como a neurológicos degenerativos que desviam os espíritos. Concomitantemente, as obsessões de caráter espiritual enxameiam na sociedade, dando lugar a aberrações de diversos portes e fenômenos de loucura que se confundem com as psicopatologias academicamente classificadas. Desse modo, são múltiplas as manifestações do desequilíbrio mental e emocional, cujas causas estão sempre fixadas no cerne do espírito, por ser o responsável pelos pensamentos, palavras e atos que constituem a existência. Herdeiro de si mesmo, transfere de uma para outra etapa as conquistas e os prejuízos de que se faz possuidor, sendo-lhe impostos os deveres da reabilitação e do refazimento quando erra, tanto quanto do progresso quando se porta com equilíbrio. Mesmo quando sob a ocorrência das provas e expiações, encontra-se em processo de crescimento interior e na busca da meta iluminativa, que é a fatalidade da qual ninguém consegue evadir-se. A jornada carnal é um laboratório de experiências valiosas para a felicidade real e, por isso mesmo, a reencarnação é imposta a todos os espíritos, a fim de que possam desenvolver a essência divina que neles jaz, aguardando os valiosos recursos que lhe facultem a expansão. A dor, por consequência, é fenômeno natural na trajetória ascensional em que todos se encontram colocados. Com a função específica de despertar a consciência humana adormecida, é o estímulo para a busca da harmonia e da alegria de viver que deixaram de existir no comportamento humano. Preocupados com o imediatismo, os homens e as mulheres deixam-se embair pelos fogos de artifício do prazer momentâneo, investindo todos os bens de que dispõem para fruí-lo, inevitavelmente comprometendo-se com os prejuízos morais que passarão a atormentá-los depois. Beneficiados com as conquistas modernas das ciências e da tecnologia, arrojam-se à tresloucada corrida do possuir mais, a fim de mais desfrutar, utilizando em demasia a organização física prematuramente, ou quando envelhecidos, mergulhando no ressentimento que decorre da insatisfação de não terem fruído o máximo que agora está ao alcance das gerações novas, ou porque esse benefício chegou-lhes tarde demais. O equívoco em torno da existência planetária, que é de educação de valores, de aquisição de bens espirituais, é o responsável pelo terrível engodo de querer-se alucinadamente extrair do corpo todas as sensações que ele pode proporcionar, sem a lucidez necessária para compreender-se que,

dessa forma, se o exaure mais rapidamente, portanto, diminuindo o tempo disponível para a sua fruição. As mentirosas promessas do gozar até a exaustão seduzem e passam rapidamente, sendo substituídas pela realidade do cansaço, do desencanto, das novas necessidades de continuar experimentando o prazer fugaz que se transforma em revolta e ressentimento. O cardápio da mesa farta do gozo, embora a beleza exterior, oculta acepipes venenosos e líquidos alucinantes que envilecem o caráter e intoxicam a vida. Uma existência saudável é o único meio para futuras reencarnações plenificadoras. Sofrendo-se o efeito daquelas comprometedoras que ficaram na retaguarda, os impositivos do sofrimento constituem as abençoadas terapias renovadoras para a real conquista do bem-estar e da paz. Por isso ocorrem os transtornos psiquiátricos, psicológicos e obsessivos, cada dia mais numerosos, em alerta claro quanto insofismável para todas as criaturas. Expressam-se em alienações mentais, em transtornos emocionais, em obsessões puras e simples, agravando-se quando se mesclam as problemáticas fisiológicas, psíquicas com as espirituais, complicando o quadro da psicopatologia difícil de ser erradicada. Em todas elas, o paciente desempenha um papel relevante, sendo a sua cura o resultado de imprescindível contribuição pessoal, ao lado da assistência que deve receber, tanto a especializada quanto a afetiva dos familiares e amigos aos quais se encontra vinculado. Ninguém que se encontre a sós em qualquer processo alienatório. Isto porque, os compromettimentos negativos igualmente têm lugar com parcerias identificadas com o fenômeno. Por essa razão, quando alguém tomba nas malhas dos desequilíbrios mentais e espirituais, no seio de qualquer família, gerando sofrimento para outrem, não se trata de ocorrência casual, mas causai. Naquele grupo, encontram-se outros espíritos que participaram das mesmas infames refregas ora em recomposição. As divinas leis são inexoráveis, porquanto funcionam com estável critério de justiça e sem qualquer privilégio para quem quer que seja. A cada ação corresponde uma reação de idêntico efeito. O grupo familiar é santuário de renovação coletiva, onde todos os membros se encontram para crescer juntos, reconciliar-se, aprender a servir e a ampliar a capacidade de amar. O calceta de hoje é o líder do crime de ontem que arrastou outros inconsequentes para as suas fileiras perversas. Reunidos novamente, devem-se ajudar no processo de libertação em que se encontram comprometidos. Na atualidade, a solidão abraça o desespero, o vício confraterniza com o crime, a perversidade envolve-se com a violência em demonstração de loucura coletiva que toma conta do planeta no seu momento de mudança moral e espiritual para melhor. Felizmente, os missionários do bem nas ciências mentais ampliam o elenco de terapias

oportunas, incluído o amor, o respeito pelo paciente, pela sua dignidade, envolvendo-o em compreensão e bondade, sacerdotes que são da saúde, irmãos gentis do sofrimento... Ao mesmo tempo, a extraordinária contribuição da Doutrina Espírita em favor dos seres humanos faculta a compreensão dos fatores causais dos sofrimentos, particularmente das problemáticas mentais, emocionais e comportamentais, esclarecendo quem é o enfermo, as razões por que se encontra em padecimento, assim como as interferências dos parceiros de ontem, ora revoltados e transformados em inimigos em acerbos lutas de vingança e odiosidade... Unindo-se as duas doutrinas - a da mente e a espiritual — muito mais fácil torna-se entender o doente e a doença, compreendendo-se que essa última somente existe por causa do primeiro ser delinquente. Aprofundando-se a sonda da investigação dos problemas humanos no cerne do ser, encontra-se a vida exuberante em longa jornada de renascimentos nem sempre felizes, que deram lugar às ocorrências da atualidade. Como se multiplicam as clínicas psiquiátricas em moldes humanos e dignificadores, muitas delas com programação espiritual, com departamentos de assistência espírita, apresentamos este livro que trata do formoso labor de instalação de um setor especializado em atendimento espiritual aos pacientes obsidiados ou não, em venerável instituição brasileira dedicada à saúde mental. Procuramos relatar as providências tomadas pelo plano espiritual em conformidade com as aspirações dos membros reencarnados que se dedicam ao ministério de socorro aos alienados mentais. Certamente, como se pode compreender, não conseguimos expressar de maneira mais clara os cuidados e empenhos de ambos os grupos de trabalho - materiais e espirituais -, sintetizando quanto pudemos observar, acompanhar e mesmo participar. O nosso interesse é demonstrar que as atividades de todo e qualquer porte, quando se fixam em objetivos nobres, são minuciosamente programadas, executadas sem pressa nem atraso, obedecendo aos impositivos da sua necessidade. Como sempre todos nos encontramos em sintonia com as forças que se movimentam nas faixas em que fixamos o pensamento e nos comportamentos mantidos, nunca nos faltam o apoio e o socorro providencial dos céus, por meio dos nobres mensageiros da luz, infatigáveis trabalhadores de Jesus na construção do mundo melhor. Fazemos votos que o nosso tentame possa contribuir para esclarecer algumas mentes e animar os sentimentos que se entregam à faina do bem sem limite, em todo lugar e a todo instante, facultando aos espíritos bons a possibilidade de a todos utilizar na programação da felicidade geral. Londres, 15 de junho de 2008. (Manoel Philomeno de Miranda)” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Apresentação)

IV.1. Causas cármicas – Matrizes perispirituais consequentes aos deslizes éticos-morais do passado^{2,3,4,5}

“E num rasgo de humildade cristã, Eusébio continuou: – “Falamos de todos nós, viajores que extravagamos no deserto da própria negação; de nós, pássaros de asas partidas, que tentamos voar ao ninho da liberdade e da paz, e que, no entanto, ainda nos debatemos no chavascal dos prazeres de ínfima estofa. Porque não represar o curso das paixões corrosivas que nos flagelam o espírito? Porque não soffrear o ímpeto da animalidade, em que nos comprazemos, desde os primeiros laivos de raciocínio? Sempre o terrível dualismo da luz e das trevas, da compaixão e da perversidade, da inteligência e do impulso bestial. Estudamos a ciência da espiritualidade consoladora desde os primórdios da razão e, todavia, desde as épocas mais remotas, consagramo-nos ao aviltamento e ao morticínio. “Cantávamos hinos de louvor com Krishna, aprendendo o conceito da imortalidade da alma, à sombra das árvores augustas que aspiram aos cimos do Himalaia, e descíamos, logo depois, ao vale do Ganges, matando e destruindo para gozar e possuir. Soletrávamos o amor universal com Sidarta Gautama e perseguíamos os semelhantes, em aliança com os guerreiros cingaleses e hindus. Fomos herdeiros da Sabedoria, nos tempos distantes da Esfinge, e, no entanto, da reverência aos mistérios da iniciação, passávamos à hostilidade sanguissedenta nas margens do Nilo. Acompanhando a arca simbólica dos hebreus, reiteradas vezes líamos os mandamentos de Jeová, contidos nos rolos sagrados, e, desatentos, os esquecíamos, ao primeiro clamor de guerra aos filisteus. Chorávamos de comoção religiosa em Atenas e assassinávamos nossos irmãos em Esparta. Admirávamos Pitágoras, o filósofo, e seguíamos Alexandre, o conquistador. Em Roma, conduzíamos oferendas valiosas aos deuses, nos maravilhosos

santuários, exaltando a virtude, para desembainhar as armas, minutos depois, no átrio dos templos, disseminando a morte e entronizando o crime; escrevíamos formosas sentenças de respeito à vida, com Marco Aurélio, e ordenávamos a matança de pessoas limpas de culpa e úteis à sociedade. Com Jesus, o Divino Crucificado, nossa atitude não tem sido diferente. Sobre os despojos dos mártires, imolados nos circos, vertemos rios de sangue em vindita cruel, armando fogueiras do sectarismo religioso. Suportamos administradores arbitrários e ignominiosos, de Nero a Diocleciano, porque tínhamos fome de poder, e quando Constantino nos abriu as portas da dominação política, convertemo-nos de servos aparentemente fiéis ao Evangelho em criminosos árbitros do mundo. Pouco a pouco esquecemos os cegos de Jericó, os paráliticos de Jerusalém, as crianças do Tiberíades, os pescadores de Cafarnaum, para afagar as testas coroadas dos triunfadores, embora soubéssemos que os vencedores da Terra não podem fugir à peregrinação ao sepulcro. Tornou-se a ideia do Reino de Deus fantasia de ingênuos, pois não largávamos o lado direito dos príncipes, sequiosos de fastígio mundano. Ainda hoje, decorridos quase vinte séculos sobre a cruz do Salvador, benzemos baionetas e canhões, metralhadoras e tanques de assalto, em nome do Pai Magnânimo, que faz refulgir o sol da misericórdia sobre os justos e sobre os injustos. “É por esta razão que nossos celeiros de luz permanecem vazios. O vendaval das paixões fulminantes de homens e de povos passa ululante, de um a outro polo, a semear maus presságios. “Até quando seremos gênios demolidores e perversos? Ao invés de servos leais do Senhor da Vida, temos sido soldados dos exércitos da ilusão, deixando à retaguarda milhões de túmulos, abertos sob aluviões de cinza e fumo. Debalde exortou-nos o Cristo a buscar as manifestações do Pai em nosso próprio íntimo. Cevamos e expandimos unicamente o egoísmo e a ambição, a vaidade e a fantasia na Crosta Planetária. Contraímos pesados débitos e escravizamo-nos aos tristes resultados de nossas obras, deixando-nos ficar,

- 2 Vide Subcapítulo III.7 (“Perispírito, doença e cura”), Capítulo III (“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”), Segunda Parte (“Constituição Humana – Corpos Sutis”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 3 Vide Subcapítulo III.1 (“Gênese das doenças no perispírito ou psicossoma”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 4 Vide Subcapítulo III.2 (“Relação entre mente, perispírito e doença – Psicossomatismo”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).
- 5 Vide Subcapítulo III.3 (“Doença e evolução ética-moral”), Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

indefinidamente, na messe dos espinhos. “Foi assim que atingimos a época moderna, em que a loucura se generaliza e a harmonia mental do homem está a pique de soçobro. De cérebro evolvido e coração imaturo, requintamo-nos, presentemente, na arte de esfacelar o progresso espiritual.” O excelso orientador deu à oração mais longo intervalo, durante o qual observei companheiros em torno. Homens e mulheres, segurando alguns fortemente as mãos uns dos outros, exibiam extrema palidez no semblante estarecido. Alguns deles, por certo, compareciam ali pela primeira vez, como eu, dado o extático assombro que se lhes estampava no rosto. Fixando na assembleia o olhar percuciente, o Instrutor prosseguiu: – “Nos séculos pretéritos, as cidades florescentes do mundo desapareciam pelo massacre, ao gládio dos conquistadores sem entranhas, ou estacionavam sob a onda mortífera da peste desconhecida e não atacada. Hoje, as coletividades humanas ainda sofrem o assédio da espada homicida e chuvas de bombas arremetem contra populações indefesas; no entanto, a febre amarela, a cólera e a varíola foram dominadas; a lepra, a tuberculose e o câncer experimentam combate sem tréguas. Existe, porém, nova ameaça ao domicílio terrestre: o profundo desequilíbrio, a desarmonia generalizada, as moléstias da alma que se ingerem, sutis, solapando-vos a estabilidade. “Vossos caminhos não parecem percorridos por seres conscientes, mas assemelham-se a estranhas veredas, ao longo das quais tripudiam duendes alucinados. Como fruto de eras sombrias, caracterizadas pela opressão e maldade recíprocas em que temos vivido, odiando-nos uns aos outros, vemos a Terra convertida em campo de quase interminas hostilidades. Homens e nações perseguem o mito do ouro fácil; criaturas sensíveis abandonam-se aos distúrbios das paixões; cérebros vigorosos perdem a visão interior, enceguedidos pelos enganos da personalidade e do autoritarismo. Empenhados em disputas intermináveis, em duelos formidandos de opinião, conduzidos por desvairadas ambições inferiores, os filhos da Terra abeiram-se de novo abismo, que o olhar conturbado não lhes deixa perceber. Esse hiante vórtice, meus irmãos, é o da alienação mental, que não nos desintegra só os patrimônios celulares da vida física, senão também nos atinge o tecido sutil da alma, invadindo-nos o cerne do corpo perispiritual. Quase todos os quadros da civilização moderna se acham comprometidos na estrutura fundamental. Precisamos, pois, mobilizar todas as forças ao nosso alcance, a serviço da causa humana, que é a nossa própria causa. “O trabalho salvacionista não é exclusividade da religião: constitui ministério comum a todos, porque dia virá em que o homem há de reconhecer a Divina Presença em toda a parte. A realização que nos compete não se filia ao particularismo: é obra genérica para a coletividade,

esforço do servidor honesto e sincero, interessado no bem de todos.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 2)

“OBSESSÃO. Pensamento e obsessão O estudo da obsessão, conjugado à mediunidade, se realizado em maior amplitude, abrangeria o exame de quase toda a Humanidade terrestre. Expressamos tal conceito, à face do pensamento que age e reage, carregando para o emissor todas as fecundações felizes ou infelizes que arremessa de si próprio, a determinar para cada criatura os estados psíquicos que variam segundo os tipos de emoção e conduta a que se afeiçoe. Enquanto se não aprimore, é certo que o Espírito padecerá, em seu instrumento de manifestação, a resultante dos próprios erros. Esses desajustes, como é natural, não se limitam à comunidade das células físicas, quando em disfunções múltiplas por força dos agentes mentais viciados e enfermicos; estendem-se, muito especialmente, à constituição do corpo espiritual, a refletir-se no cérebro ou gabinete complexo da alma, aí ocasionando os diversos sintomas de perturbação do campo encefálico, acompanhados dos fenômenos psico-sensoriais que produzem alucinações e doenças da mente. **Perturbações morais.** Não nos propomos analisar aqui as personalidades psicopáticas, do ponto de vista da Psiquiatria, nem focalizar as chamadas psicoses de involução, ou as demências senis, claramente necessitadas de orientação médica; recordaremos, contudo, que na retaguarda dos desequilíbrios mentais, sejam da ideação ou da afetividade, da atenção e da memória, tanto quanto por trás de enfermidades psíquicas clássicas, como, por exemplo, as esquizofrenias e as parafrenias, as oligofrenias e a paranoia, as psicoses e neuroses de multifária expressão, permanecem as perturbações da individualidade transviada do caminho que as Leis Divinas lhe assinalam à evolução moral. Enquanto se lhe mantém a internação no instrumento físico transitório, até certo ponto ela consegue ocultar no esconderijo da carne os resultados das paixões e abusos, extravagâncias e viciações a que se dedica. Assim vive na paisagem social em que transita, até que, arredada de semelhante vaso pela influência decisiva da morte, não mais suporta o regime de fantasia, obrigando-se a sofrer, em si própria, as consequências dos excessos e ultrajes com que, imprevidente, se desrespeitou. Torturada por suas próprias ondas desorientadas, a reagirem, incessantes, sobre os centros e mecanismos do corpo espiritual, cai a mente nas desarmonias e fixações consequentes e, porque o veículo de células extrafísicas que a serve, depois da morte, é extremamente influenciável, ambienta nas próprias forças os desequilíbrios que a senhoreiam, consolidando-se-lhe, desse modo, as inibições que, em futura existência, dominar-lhe-ão temporariamente a personalidade, sob a forma de fatores mórbidos, condicionando as disfunções de certos recursos do

cérebro físico, por tempo indeterminado.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 24)

“Quando o Espírito é encaminhado à reencarnação traz, em forma de “matrizes” vigorosas no perispírito, o de que necessita para a evolução. Imprimem-se, então, tais fulcros nos tecidos em formação da estrutura material de que se utilizará para as provas e expiações necessárias. Se se volta para o bem e adquire títulos de valor moral, desarticula os condicionamentos que lhe são impostos para o sofrimento e restabelece a harmonia nos centros psicossomáticos, que passam, então, a gerar novas vibrações aglutinantes de equilíbrio, a se fixarem no corpo físico em forma de saúde, de paz, de júbilo. Se, todavia, por indiferença ou por prazer, jornadaia na frivolidade ou se encontra adormecido na indolência, no momento próprio desperta automaticamente o mecanismo de advertência, desorganizando-lhe a saúde e surgindo, por sintonia psíquica, em consequência do desajustamento molecular no corpo físico, as condições favoráveis a que os germens-vacina que se encontram no organismo proliferam, dando lugar às enfermidades desta ou daquela natureza. Outras vezes, como os recursos trazidos para a reencarnação, em forma de energia vitalizadora, não foram renovados, ou, pelo contrário, foram gastos em exageros, explodem as reservas e, pela queda vibratória, que atira o invigilante noutra faixa de evolução, a sintonia com Entidades viciadas, perseguidoras e perversas se faz mais fácil, dando início aos demorados processos obsessivos. No caso de outras enfermidades mentais, a distonia que tem início desde os primórdios da reencarnação vai, a pouco e pouco, desgastando os depósitos de forças específicas e predispondo-o para a crise que dá início à neurose, à psicose ou às múltiplas formas de desequilíbrio que passa a sofrer, no corredor cruel e estreito da loucura. Através de experiências realizadas pelo dr. Ladislaus von Meduna, no Centro Interacadêmico de Pesquisas Psiquiátricas de Budapeste, foram constatadas diferenças fundamentais entre os cérebros dos epiléticos e dos esquizofrênicos, verificando-se que a presença de uma dessas enfermidades constitui impedimento à presença da outra. Assim, desde o berço, o espírito imprime no encéfalo as condições cármicas, para o resgate das dívidas perante a Consciência Cósmica, podendo, sem dúvida, a esforço de renovação interior — já que do interior procedem as condições boas e más da existência física e mental — recompor as paisagens celulares onde se manifestam os impositivos reabilitadores, exceção feita às problemáticas expiatórias.. Quando a loucura se alastra em alguém, é que o próprio espírito possui os requisitos que lhe facultam a manifestação. A predisposição a este ou àquele estado é-lhe inerente, e os fatores externos, que a fazem irromper, tais os traumatismos morais de vária nomenclatura, os complexos,

bem como os recalques já se encontram em gérmen, na constituição fisiológica ou psicológica do indivíduo, a fim de que o cumprimento do dever, em toda a sua plenitude, se faça impostergável. Há, sem dúvida, outros e mais complexos fatores causais da loucura, todos, porém, englobados nas “leis de causa e efeito”. Daí a excelência dos ensinamentos cristãos consubstanciados na Doutrina dos Espíritos e vazados na mais eloquente psicoterapia preventiva, mediante os conceitos otimistas, valiosos, conclamando à harmonia e à cordialidade, do que decorrem consequentemente, equilíbrio e renovação naquele que os vive, em cuja experiência realiza o objetivo essencial da reencarnação: produzir para a felicidade!” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

“A interlocutora, desejando imprimir de forma indelével os esclarecimentos na alma dos ouvintes, absortos pela pujança da narração, continuou: — Vossas dores não alcançaram o clímax... Necessário lograr o cume do monte para conseguir-se maior horizonte visual. Assim, também, é imprescindível alcançar o ápice do sofrimento para poder superar a complexidade dos gravames infelizes. “As enfermidades físicas e psíquicas que vos avassalam têm as suas patogêneses nos recessos da alma endividada, que faculta, por desarmonia vibratória, se desenvolvam os agentes mórbidos, favorecendo-os com a fácil proliferação, mediante a ausência ou diminuição das defesas orgânicas que foram destruídas pelo comportamento moral-espiritual... “O mesmo ocorre na esfera psíquica, em que ressumam as lembranças inditasas não frenadas pelo total esquecimento da reencarnação ou cujas ações nefastas desarticularam os centros da maquinaria mental, que se organiza dentro da esquemática tormentosa ou deficiente, resultante do abuso como das sobrecargas mefíticas que a venceram... “Além disso, à instância do intercâmbio psíquico com os adversários retidos fora das roupagens físicas, mais se agravam os problemas, surgindo os processos muito variados e difíceis de solucionar-se, a curto ou médio prazo. “Enquanto não se reabilitem os infratores, atestando a excelência dos seus propósitos, não diminui a sanha dos seus perseguidores. Outrossim, em alguns casos, que não são poucos, mesmo diante da renovação do ex-algoz, as antigas vítimas não cedem na louca obstinação a que se entregam e em que se exaurem, enquanto não se lhes lucilam nos espíritos enlouquecidos as benditas claridades do amor e do perdão. “Portanto, a contribuição da honestidade e a paciência na dor são de incalculável valor, pelas energias que produzem a benefício do próprio paciente como pelo efeito moral junto aos seus sicários infelizes.” [...]” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 12)

“Na patogênese da alienação mental, sob qualquer aspecto em que se apresente, sempre defrontaremos um Espírito falido em si mesmo, excruciando-se sob

a injunção reparadora, de que se não pode deslindar, senão mediante o cumprimento da justa pena a que se submete pelo processo da evolução. As Soberanas Leis, que mantêm o equilíbrio da vida, não podem, em hipótese alguma, sofrer defraudações, sem que se estabeleçam critérios automáticos de recomposição, em cujo mister se envolvem os que agem com desregramento ou imprevidência. Sintetizadas na *lei de amor*, que é a lei natural fomentadora da própria vida, toda criatura traz o gérmen, a noção do bem e do mal, em cuja vivência programa o *céu* ou o *inferno* e aos quais se vincula, nascendo as matrizes das alegrias ou das dores, que passam a constituir-lhe o *modus vivendi* do futuro, atividade essa pela qual ascende ou recupera os prejuízos que se impôs. Não há, nesse Estatuto, nenhum regime de exceção, em que alguém goze de bênção especial, tampouco de qualquer premeditada punição. Programado para a ventura, o Espírito não prescinde das experiências que o promovem, nele modelando o querubim, embora, quando tomba nos gravames da marcha, possa parecer um malfadado satanás, que a luta desvestirá da armadura perniciososa que o estrangula, fazendo que liberte a essência divina que nele vige, inalterada. Quem elege a paisagem pestilencial, nela encontra motivos de êxtase, tanto quanto aquele que ama a estesia penetra-se de beleza, na contemplação de um raio de Sol ou de uma flor, inundando-se de silêncio íntimo para escutar a musicalidade sublime da Vida. Não existe, portanto, uma dor única, na alma humana, que não proceda do próprio comportamento, sendo mais grave o deslize que se apoia na razão, no discernimento capaz de distinguir, na escala de valores, as balizas demarcatórias da responsabilidade que elege a ação edificante ou a comprometedora... Só Jesus viveu a problemática da aflição imerecida, a fim de lecionar coragem, resignação, humildade e valor ante o sofrimento, Ele que era Justo, de modo que ninguém se exacerbe ou desvarie ao expungir as penas a que faz jus. Apesar disso, a paisagem torpe e angustiante da alienação mental, por distúrbios psíquicos como por obsessões espirituais, não deixa de ser profundamente constrangedora, acompanhando-se o entorpecer do raciocínio com o decorrente mergulho nas águas turvas do primitivismo animal, de que se deve liberar o Espírito.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 3)

“[...] - Para nós, espiritistas - elucidou, com a voz pausada, o interlocutor -, todos os problemas que afligem a criatura, dela própria procedem. É o Espírito, o agente dos acontecimentos que o afetam. Adquirindo experiências que o promovem à evolução, repara, numa existência, os erros noutra cometida, enetando tarefas novas ou corrigindo as anteriores, e armazenando sabedoria, com que cresce para a vida em conhecimento e amor. “Nesse largo processo de

desenvolvimento espiritual, não poucas vezes compromete-se com o mal, atraindo animosidades ou gerando inimigos, que se lhe associam à economia espiritual, de que se liberta somente a pesados ônus de sofrimentos e testemunhos de arrependimento, de amor. “Em muitas situações dessa natureza, surgem obsessões de curto ou largo porte, mediante as quais, aqueles que se consideram dilapidados nos seus recursos e posições investem, furibundos, em cobranças absurdas, criadas pela sua inferioridade moral, de que se não dão conta, convidando o infrator à reconsideração do comportamento e oportuno ajustamento emocional. “As obsessões, portanto, decorrem de faltas cometidas pela vítima atual, em oportunidades outras, que não foram convenientemente reparadas. A presença da culpa instala uma tomada psíquica no devedor, que lhe permite receber o *plug* do seu desafeto, consciente ou inconscientemente, dando surgimento ao intercâmbio psíquico dos envolvidos na mesma trama infeliz, aí nascendo o desconforto da criatura que, lentamente, vai sendo dominada pela força do agente agressor, que se lhe assenhoreia da casa mental. “Em casos outros, quando a falta perpetrada é muito grave, a ação corrosiva, de que se fez objeto o pensamento malévolos, desgasta as estruturas moleculares do perispírito - *órgão* intermediário entre o corpo físico e o espiritual, encarregado de modelar as futuras formas e equipamentos orgânicos para o Espírito -, dando gênese a processos de loucura ou alienações, ou deformidades mentais, limitações psíquicas, distúrbios fisiológicos, enfim, enfermidades reparadoras que lhe são abençoado escoadouro das imperfeições agasalhadas ou vividas... “Dessa forma, cremos, os espiritistas, que o homem é o autor do seu destino e que, em qualquer processo de evolução, pelo trabalho e redenção na dor, há sempre interferência dos adversários desencarnados, que aumentam a prova do incurso no resgate, quanto a inspiração e a ajuda dos Bons Espíritos, que a todos nos amparam, auxiliando-nos na ascensão, quando nos permitimos sintonia com eles, atendendo-lhes as inspirações e diretrizes.” [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 30)

“Na psicogênese profunda das enfermidades mentais, sempre depararemos com um Espírito assinalado por problemas e dívidas que o afligem, encarcerado na dor de que se não pode evadir. Não somente, porém, na problemática dos distúrbios psíquicos, mas, igualmente, em toda e qualquer situação de sofrimento, particularmente quando no envoltório carnal, sob as graves injunções das limitações orgânicas. Responsável por si mesmo, na escalada ascensional, apesar das soberanas leis de amor que o amparam e inspiram, é o Espírito quem modela a aparelhagem de que se utilizará, em cada reencarnação, como decorrência imediata e inevitável do comportamento que se permitiu

na experiência anterior... Somatizando conflitos e dramas, reflete na conduta as patologias mais condizentes com a sua realidade, da mesma forma que, vinculado a **reminiscências** mais vigorosas de ações infelizes do passado, libera, no psiquismo atual, angústias e rebeldias, transtornos variados e fixações que o alienam, estabelecendo a larga e variada gama dos distúrbios de comportamento e os desequilíbrios de que, hoje mais do que ontem, padece a sociedade. Neuroses, psico-neuroses, esquizofrenias catalogadas, multiplicam-se extensamente entre as criaturas, como sinal de alarme, caracterizando os dias que vivemos, de angústia e descontentamento, de aflições superlativas e de loucuras que levam o homem à violência contra si mesmo, contra o patrimônio, contra o próximo, a sociedade, resultando em guerras particulares e domésticas, de grupos e classes, de partidos e religiões, de Estados e Continentes... Abstraindo-nos do exame dos fatores psicossociais do momento, bem assim das constrições gerais e de outras causas endógenas, detemo-nos na análise do homem espiritual, comprometido em si mesmo pelo despautério e pela leviandade com que se vem conduzindo em relação à vida, às leis que regem o Universo, sintetizadas na “lei de amor”, que é a manifestação de Deus na sua expressão mais pura. Delinquindo, o Espírito encarcera-se no erro, que procura dissimular, mas de que se não evade, senão quando recuperado pelo refazimento da ação condigna, anulando o mal antes perpetrado. A consciência, que se sedia no ser eterno — o Espírito — e que se exterioriza pela celebração, enquanto se está reencarnado, pode adormecer sob o anestésico da indiferença ou da brutalidade, ou subtrair-se à reparação, submergindo no oceano dos traumas e dos estados primitivos. No entanto, sempre desperta, ergastulada ao delito que assoma, avolumando-se com cargas deletérias na condição de culpa-remorso, amargura arrependimento que se farão presentes no futuro corpo carnal, cujo agrupamento cerebral se desequilibra, dando origem aos distúrbios aludidos, às fobias, às psicoses, à **deteriorização** da personalidade... Quando aqueles deslizos e crimes envolveram outras criaturas que não tiveram o valor de perdoar e esquecer, sem atinarem que sofrimento é prova redentora, e se resolvem pela cobrança inditosa, reencontram, no tempo, sob outra forma que seja, o infrator que se lhe fez inimigo, passando a investir, furibundos e inditosos, em desforços que se alongam, gerando quadros de obsessões dilaceradoras que são adicionados à problemática pessoal do delinquente em desequilíbrio. Não descartamos, portanto, nos portadores de alienações mentais a obsessão, apesar de reconhecermos os fatores atuais catalogados e estudados pelas “ciências da mente”, neles mesmos encontrando o braço oculto da Justiça que alcança os infratores, embora estes busquem justificar-se, por não

se recordarem das ações nefastas antes perpetradas. No íntimo, cada portador de distonia psíquica, quando ainda não perdeu a lucidez do raciocínio, sente a presença da culpa atormentadora, que os psicanalistas intentam encontrar, no exame que fazem a partir do momento da fecundação, em suas respeitáveis pesquisas, culpa, entretanto, que precede à própria fecundação, por se encontrar ínsita no Espírito, esse viajor do tempo incomensurável. Com as luzes que a Doutrina Espírita projeta nas atormentadas cultura e ética modernas, abrem-se perspectivas para terapias mais consentâneas com essa problemática, prenunciando a paz que advirá após as sombrias e graves horas de tormenta que desaba sobre o homem e o organismo combalido da Sociedade.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Horas de angústia)

“**SAÚDE MENTAL.** No estudo da complexidade do homem, a saúde mental possui caráter de alta magnitude, constituindo um capítulo relevante. Concomitantemente, o esforço dos lidadores das ciências psíquicas tem sido de grande significação para eliminar ou minimizar os males que decorrem das variadas formas de alienações mentais, que aumentam assustadoramente nos espaços emocionais da sociedade hodierna. Desde os antigos conceitos dos **humores**, de Galeno, até as incursões mais profundas no inconsciente da personalidade, superando-se as credências de que “o cérebro não pode enfermar”, as conquistas são expressivas, sem que hajam apresentado resultados mais tranquilizadores para as criaturas. As estatísticas demonstram que aumenta o número de enfermos mentais **consumidos** pelos impositivos desagregadores da sociedade. Estabelecidas as causas preponderantes, coercitivas, e as predisponentes, que levam às psicopatologias, os fatores endógenos e exógenos, ao lado dos traumatismos cranianos e das sequelas provenientes de enfermidades viróticas, as pressões psicológicas, com as suas altas cargas de tensões, respondem pelos elevados índices das neuroses, das psicoses, das mudanças de comportamento... Constrições psicossociais, em desabalado crescimento, estão ceifando o equilíbrio do homem e conduzindo-o a distúrbios que se agravam. A falta de orientação psicoterápica preventiva entre os indivíduos desagua nas aflições injustificáveis, que desencadeiam processos de desagregação da personalidade, conduzindo à loucura nas suas variadas formas... Desestruturado, o indivíduo que não se enriqueceu de valores emocionais para enfrentar os sucessos ou os dissabores da vida tomba nas urdiduras da ansiedade, gerando perturbações psicológicas que se agravam a cada dia, muitas vezes por influência do próprio meio ambiente, familiar, igualmente desconcertante, que acelera o distúrbio inicial até a instalação da enfermidade de curso demorado, quando ou se apresenta com recidivas constantes ou se transforma

em quadro irreversível. A linha demarcadora entre saúde e doença, no seu curso sinuoso, encontra, na área das enfermidades mentais, menos campo de limitação, pelo fato de o indivíduo transitar de um para o outro estado com frequência e facilidade. Sendo muito complexa a definição de normalidade mental, os dados que lhe estabelecem as expressões não podem ser aplicados com êxito, em se considerando a quase infinita gama de comportamentos humanos. Estabelecidos os parâmetros da normalidade, quaisquer incursões, em outras faixas de conduta, chamam a atenção para uma análise que objetiva evitar a queda pela rampa do **inabitual** até o tombo na alienação. Examinado o homem na sua legítima realidade, tem-se que considerá-lo como o resultado de um Espírito imortal que é, a exteriorizar-se mediante o perispírito, órgão intermediário responsável pela programação e formação do corpo no qual se movimenta na Terra. Preexistente à vida física e a ela sobrevivente, deve ser estudado como sendo o resultado das suas multifárias experiências, nas etapas reencarnatórias do passado de onde procede, graças às quais logrou a saúde temporária ou a transitória enfermidade. Aceitando, porque legítimas, as explicações da Psicologia, da Psiquiatria e da Psicanálise, a respeito da saúde mental, não podemos, os espíritistas, nessas causas únicas, fixar todos os comportamentos alienados, dissociando o Espírito, qual se ele não existisse... Individualidade eterna, desde quando foi criado, “é o princípio inteligente do Universo”, responsável pelo próprio crescimento na direção da fatalidade para a qual está destinado, que é a perfeição relativa a atingir. Arquiteto do destino, mediante as leis da justiça que nele se encontram em germe, representando a Consciência Cósmica, tudo quanto faz se lhe transforma em bênção ou desdita, conforme a qualidade da ação desenvolvida. Graças a isso, torna-se herdeiro de si mesmo no largo processo de evolução no qual se encontra situado. Essa reação se torna mais evidente, excetuados os fenômenos teratológicos mais chocantes, na área das doenças mentais. Imprimindo nos implementos constitutivos da cerebração, bem como dos sistemas nervosos e das glândulas de secreção endócrina, os conflitos e desconfortos, as cargas de crimes não justificados do ontem, hoje a criatura humana ressurgue incursa nos quadros graves da esquizofrenia, da catatonia, do autismo, das psicoses profundas. Sem dúvida, por efeito de sintonia vibratória, vincula-se, no momento da reencarnação, a gametas portadores de genes propiciatórios de futuros distúrbios ou de porvindoura harmonia psicofísica. A mente culpada, ao reencarnar-se, fugindo à responsabilidade de antigos crimes, bloqueia o campo da razão, gerando estados autistas lamentáveis como forma de **esquecer** ou **destruir** os focos de recordações dolorosas e cruéis. Nas manifestações fóbicas, encontramos o

Espírito impregnado das emoções rudes que o venceram, vitimando-lhe o corpo anterior, seja através da catalepsia que o levou à tumba, seja por outra ocorrência, na qual o pavor se lhe fez tão chocante que agora ressurgue como medo incontrollável que desconcerta e aparvalha. Em toda e qualquer manifestação anormal do comportamento, o Espírito encarnado é o agente que responde pela própria aflição. Idiotia, imbecilidade, atraso mental são remanescentes de suicídios espetaculares, quando a rebeldia e o orgulho exacerbado estilhaçaram a **casa mental** em utópica tentativa de fuga à responsabilidade, assim perdendo o corpo, mas não se liberando dos fenômenos desencadeados, que ora exigem reparação, recuperação. [...]” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Saúde mental)

“**O modelo organizador biológico.** O homem é, deste modo, um conjunto de elementos que se ajustam e interpenetram, a fim de condensar-se em uma estrutura biológica, assim formado pelo Espírito — ser eterno, preexistente e sobrevivente ao corpo somático —, o perispírito — também chamado modelo organizador biológico, que é o “princípio intermediário, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tais, num fruto, o germe, o perisperma e a casca” (*) — e o corpo — que é o envoltório material. [(*) *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, 29ª edição da FEB - Nota da Autora espiritual] Estes elementos mantêm um inter-relacionamento profundo com os respectivos planos do Universo. O perispírito, também denominado corpo astral, é constituído de vários tipos de fluidos (energia) ou de matéria hiperfísica, sendo o laço que une o Espírito ao corpo somático. [...] De importância máxima no complexo humano, é o moderno modelo organizador biológico, que se encarrega de plasmar no corpo físico as necessidades morais evolutivas, através dos genes e cromossomos, pois que, indestrutível, etereiza-se e se purifica durante os processos reencarnatórios elevados. Pode-se dizer, que ele é o esboço, o modelo, a forma em que se desenvolve o corpo físico. E na sua intimidade energética que se agregam as células, que se modelam os órgãos, proporcionando-lhes o funcionamento. Nele se expressam as manifestações da vida, durante o corpo físico e depois, por facultar o intercâmbio de natureza espiritual. É o condutor da energia que estabelece a duração da vida física, bem como é responsável pela memória das existências passadas que arquiva nas telas sutis do inconsciente atual, facultando lampejos ou recordações esporádicas das existências já vividas. [...] Na sua estrutura de energia se localizam os distúrbios nervosos, que se transferem para o campo biológico e que procedem dos compromissos negativos das reencarnações passadas. Igualmente, ele responde pelas doenças congênitas, em razão das distonias morais que conduz de uma

para outra vida. Por isso mesmo, trata-se de um organismo vivo e pulsante, sendo constituído por trilhões de corpos unicelulares rarefeitos, muito sensíveis, que imprimem nas suas intrincadas peças as atividades morais do Espírito, assinalando-as nos órgãos correspondentes quando das futuras reencarnações. Veículo sutil e organizador, é o encarregado de fixar no organismo os traumas emocionais como as aspirações da beleza, da arte, da cultura, plasmando nos sentimentos as tendências e as possibilidades de realizá-las. Graças à sua interpenetração nas moléculas que constituem o corpo, exterioriza, através deste, os fenômenos emocionais — carmas —, positivos ou não, que procedem do passado do indivíduo e se impõem como mecanismos necessários à evolução. Comandado pelo Espírito mediante automatismos nas faixas menos evoluídas da Vida, pode ser dirigido conscientemente, desde que se encontre liberado dos impositivos dos resgates dolorosos, no processo da aprendizagem compulsória. Quanto mais o homem se espiritualiza, domando as más inclinações e canalizando as forças para as aspirações de enobrecimento e sublimação, mais sutis são as suas possibilidades plasmadoras, dando gênese a corpos sadios, emocional e moralmente, em razão do agente causal estar liberado das aflições e limites purificadores. O amadurecimento psicológico proporciona ao indivíduo utilizar-se das aquisições morais, mentais e culturais para estimular-lhe os núcleos fomentadores de vida, alterando sempre para melhor a própria estrutura física e psíquica pelo irradiar de energias saudáveis, reconstruindo o organismo e utilizando-o com sabedoria para fruir da paz e da alegria de viver.” (JA, *O homem integral*, Nona parte, Capítulo 38)

IV.2. Obsessão causando transtornos mentais⁶

“Interessado em seus informes e esclarecimentos, tornei, humilde: – Seguindo expedições de socorro, como aprendiz, tive ensejo de visitar, por mais de uma vez, dois antigos e grandes sanatórios de alienados do nosso País e vi, de perto, a extensão dos serviços reservados aos servos de boa vontade, nessas casas de purificação e dor. As atividades de enfermagem, aí, são, a meu ver, das mais meritórias. – Inegavelmente – concordou ele, prezando-me a atenção – a loucura é um campo doloroso de redenção humana. Tenho motivos particulares para consagrar-me a esse setor da medicina espiritual e asseguro-lhe que dificilmente encontraríamos noutra parte tantos dramas angustiosos e problemas tão complexos. – E tem colhido muitos

frutos novos decorrentes do seu esforço? – perguntei, curioso. – Sim, venho arquivando confortadoras lições nesse sentido, concluindo que, com exceção de raríssimos casos, todas as anomalias de ordem mental se derivam dos desequilíbrios da alma. Estamos longe de contar com o número suficiente de servidores treinados para socorrer eficazmente os encarcerados na cadeia das obsessões terríveis e amargurosas. É tão grande a quantidade de doentes, nesse particular, que não sobra outro recurso além da resignação. Continuamos, desse modo, a atender superficialmente, esperando, acima de tudo, da Providência Divina. Nos casos de perseguição sistemática das entidades vingativas e cruéis do plano inacessível às percepções do homem vulgar, temos, invariavelmente, uma tragédia iniciada no presente com a imprevidência dos interessados ou que vem do pretérito próximo ou remoto, através de pesados compromissos. Se os psiquiatras modernos penetrassem o segredo de semelhantes fatos, iniciariam a aplicação de nova terapêutica à base dos sentimentos cristãos, antes de qualquer recurso à hormonioterapia e à eletricidade. Recordei os serviços de assistência a obsidiados, que acompanhara atentamente, e aduzi: – Examinei alguns casos torturantes de obsessão e possessão que me impressionaram sobremaneira, pela quase completa ligação mental entre os verdugos e as vítimas. Barcelos esboçou significativo gesto e acentuou: – É a terrível história viva dos crimes cometidos, em movimentação permanente. Os cúmplices e personagens desses dramas silenciosos e muita vez ignorados por outros homens, antecedendo os comparsas no caminho da morte, tornam, amedrontados, ao convívio dos seus, em face das sinistras consequências com que se defrontam além do túmulo... Agarram-se instintivamente à organização magnética dos companheiros encarnados ainda na Crosta, viciando-lhes os centros de força, relaxando-lhes os nervos e abreviando o processo de extinção do tônus vital, porque têm sede das mesmas companhias junto às quais se lançaram em pleno abismo. Exibem sempre quadros tristes e escuros, onde se destaca a piedade de muitas almas redimidas que tornam do Alto em compassivos gestos de intercessão e socorro urgente.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“Ele, porém, pareceu não ouvir minha referência elogiosa e prosseguiu noutro tom, após longa pausa: – O meu amigo examinou alguns casos de obsessão entre agentes invisíveis e pacientes encarnados, impressionando-se com a imantação mental entre eles. Pisamos no momento outro solo. Referimo-nos às necessidades de esclarecimento dos homens, perante os

⁶ Vide Subcapítulo I.13 (“Obsessão causando transtornos ou doenças físicas e mentais”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

seus próprios companheiros de plano evolutivo. No círculo das recordações imprecisas, a se traduzirem por simpatia e antipatia, vemos a paisagem das obsessões transferida ao campo carnal, onde, em obediência às lembranças vagas e inatas, os homens e as mulheres, jungidos uns aos outros pelos laços de consanguinidade ou dos compromissos morais, se transformam em perseguidores e verdugos inconscientes entre si. Os antagonismos domésticos, os temperamentos aparentemente irreconciliáveis entre pais e filhos, esposos e esposas, parentes e irmãos, resultam dos choques sucessivos da subconsciência, conduzida a recapitulações retificadoras do pretérito distante. Congregados, de novo, na luta expiatória ou reparadora, as personagens dos dramas que se foram passam a sentir e ver, na tela mental, dentro de si mesmas, situações complicadas e escabrosas de outra época, malgrado os contornos obscuros da reminiscência, carregando consigo fardos pesados de incompreensão, atualmente definidos por “complexos de inferioridade”. Identificando em si questões e situações íntimas, inapreensíveis aos demais, o Espírito reencarnado que adquire recordações, não obstante menos precisas, do próprio passado, candidata-se, inelutavelmente, à loucura. E nessa categoria, meu amigo, temos na Crosta Planetária uma percentagem cada vez maior de possíveis alienados, requerendo o concurso de psiquiatras e neurologistas, que, a seu turno, se conservam em posição oposta à verdade, presos à conceituação acadêmica e às rígidas convenções dos preceitos oficiais. Esses, em particular, são os pacientes que interessam, de mais perto, meus estudos pessoais. São as vítimas anônimas da ignorância do mundo, os infortunados absolutamente desentendidos que, de loucos incipientes, prosseguem, pouco a pouco, a caminho do hospício ou do leito de enfermidades ignoradas, tão só porque lhes faltam a água viva da compreensão e a luz mental que lhes revelem a estrada da paciência e da tolerância, em favor da redenção própria.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“Mulher ainda moça, mostrando extrema palidez nas linhas nobres do semblante digno, entregava-se a tormentosa meditação. Compreendi que atingíramos a intimidade de Margarida, a obsidiada que o nosso orientador se propunha socorrer. Dois desencarnados, de horrível aspecto fisionômico, inclinavam-se, confiantes e dominadores, sobre o busto da enferma, submetendo-a a complicada operação magnética. Essa particularidade do quadro ambiente dava para espantar. No entanto, meu assombro foi muito mais longe, quando concentrei todo o meu potencial de atenção na cabeça da jovem singularmente abatida. Interpenetrando a matéria espessa da cabeceira em que descansava, surgiam algumas dezenas de “corpos ovóides”, de vários tamanhos e de cor plúmbea, assemelhando-se

a grandes sementes vivas, atadas ao cérebro da paciente através de fios sutilíssimos, cuidadosamente dispostos na medula alongada. A obra dos perseguidores desencarnados era meticulosa, cruel. Margarida, pelo corpo perispirítico, jazia absolutamente presa, não só aos truculentos perturbadores que a assediavam, mas também à vasta falange de entidades inconscientes, que se caracterizavam pelo veículo mental, a se lhe apropriarem das forças, vampirizando-a em processo intensivo. Em verdade, já observara, por mim, grande quantidade de casos violentos de obsessão, mas sempre dirigidos por paixões fulminatórias. Entretanto, ali verificava o cerco tecnicamente organizado. Evidentemente, as “formas ovóides” haviam sido trazidas pelos hipnotizadores que senhoreavam o quadro. Com a devida permissão, analisei a zona física hostilizada. Reparei que todos os centros metabólicos da doente apareciam controlados. A própria pressão sanguínea demorava-se sob o comando dos perseguidores. A região torácica apresentava apreciáveis feridas na pele e, examinando-as, cuidadoso, vi que a enferma inalava substâncias escuras que não somente lhe pesavam nos pulmões, mas se refletiam, sobremodo, nas células e fibras conjuntivas, formando ulcerações na epiderme. A vampirização era incessante. As energias usuais do corpo pareciam transportadas às “formas ovóides”, que se alimentavam delas, automaticamente, num movimento indefinível de sucção. Lastimei a impossibilidade de consulta imediata ao instrutor, porquanto Gúbio, naturalmente, se estivesse livre, nos forneceria esclarecimentos amplos, mas concluí que a infortunada senhora devia ter sido colhida através do sistema nervoso central, de vez que os propósitos sinistros dos perseguidores se faziam patentes quanto à vagarosa destruição das fibras e células nervosas. Margarida demonstrava-se exausta e amargurada. Dominadas as vias do equilíbrio no cerebelo e envolvidos os nervos óticos pela influência dos hipnotizadores, seus olhos espantados davam ideia dos fenômenos alucinatórios que lhe acometiam a mente, deixando perceber o baixo teor das visões e audições interiores a que se via submetida. [...]” (AL, *Libertação*, Capítulo 9)

“Abeiramo-nos de um divã, em que respeitável senhora se sentava ao lado de jovem clorótica, parecendo-me avó e neta. Dois Espíritos de aspecto sinistro rodeavam a menina, qual se devesse estar custodiada por guardas tirânicos. A matrona aflitivamente aguardava o instante da consulta. A jovem, que proferia disparates, não falava por si. Fios tênues de energia magnética ligavam-lhe o cérebro à cabeça do irmão infeliz que se lhe mantinha à esquerda. Achava-se absolutamente controlada pelos pensamentos dele, à maneira de magnetizado e magnetizador. A doente ria sem propósito e conversava a esmo, reportando-se a projetos de vingança, com todas as características de

idiotia e inconsciência. Gúbio examinou-a com a atenção habitual e informou: – Encontramos aqui doloroso drama do passado. A vida não pode ser considerada na conta estreita de uma existência carnal. Abrange a eternidade. É infinita nos séculos infinitos. Esta menina comprometeu-se gravemente no pretérito. Desposou um homem e desviou-lhe o irmão para vicioso caminho. O primeiro suicidou-se e o segundo asilou-se no fundo vale da loucura. Ei-los, presentemente, ao lado dela para deplorável vindita. Na atualidade, a avozinha preparou-lhe um casamento nobre, receando deixá-la no mundo entregue a si própria; entretanto, em vésperas de concretização do plano benéfico, ambas as vítimas de outro tempo, mentalmente cristalizadas no propósito de desforra, buscam impedir-lhe a união sponsalícia. O ex-marido ultrajado, em fase primária de evolução, ainda não conseguiu esquecer-lhe a falta e ocupa-lhe os centros da fala e do equilíbrio. Enche-lhe a mente de ideias dele, subjuga-a e requisita-lhe a presença na esfera em que se encontra. Permanece a pobrezinha saturada de fluidos que lhe não pertencem. Certamente já peregrinou por diversos consultórios de psiquiatria, sem resultado, e vem até aqui procurando socorro. – Encontrará remédio adequado? – interrogou Elói, sob forte impressão. – Não me parece muito bem encaminhada – elucidou o nosso dirigente, sem presunção. Exige renovação interior e, ao que acredito, não obterá nesta casa senão ligeiro paliativo. Em casos de obsessão como este, em que a paciente ainda pode reagir com segurança, faz-se indispensável o curso pessoal de resistência. Não adianta retirar a sucata que perturba um ímã, quando o próprio ímã continua atraindo a sucata.” (AL, *Libertação*, Capítulo 11)

“SIMBIOSE ESPIRITUAL. [...] Histeria e psiconeurose. Entretanto, as simbioses dessa espécie, em que tantas existências respiram em reciprocidade de furto psíquico, não se limitam aos fenômenos desse teor, nos quais Espíritos desencarnados, estanques em determinadas concepções religiosas, anestesiaram ou infantilizam temporariamente consciências menos aptas ao autocontrole, porquanto se expressam, igualmente, nas moléstias nervosas complexas, como a histero-epilepsia, em que o paciente sofre o espasmo tônico em opistótono, acompanhado de convulsões clônicas de feição múltipla, às vezes sem qualquer perda de consciência, equivalendo a transe mediúnico autêntico, no qual a personalidade invisível se aproveita dos estados emotivos mais intensos para acentuar a própria influência. E, na mesma trilha de ajustamento simbiótico, somos defrontados na Terra, aqui e ali, pela presença de psiconeuróticos da mais extensa classificação, com diagnose extremamente difícil, entregues aos mais obscuros quadros mentais, sem se arrojamem à loucura completa. Tais entidades, imantadas ao painel fisiológico e agregadas a ele sem

o corpo de matéria mais densa, vivem assim, quase sempre por tempo longo, entrosadas psiquicamente aos seus hospedadores, porquanto o espírito humano desencarnado, erguido a novo estado de consciência, começa a elaborar recursos magnéticos diferenciados, condizentes com os impositivos da própria sustentação, tanto quanto, no corpo terrestre, aprendeu a criar, por automatismo, as enzimas e os hormônios que lhe asseguravam o equilíbrio biológico, e, impressionando o paciente que explora, muita vez com a melhor intenção, subjuga-lhe o campo mental, impondo-lhe ao centro coronário a substância dos próprios pensamentos, que a vítima passa a acolher qual se fossem os seus próprios. Assim, em perfeita simbiose, refletem-se mutuamente, estacionários ambos no tempo, até que as leis da vida lhes reclamem, pela dificuldade ou pela dor, a alteração imprescindível. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 14)

“FENÔMENO MAGNÉTICO DA VIDA HUMANA. [...] Gradação das obsessões. Muitas vezes, em nossos estados de tensão deliberada, inclinamo-nos para forças violentas que se nos insinuam no halo psíquico, aí criando fermentações infelizes que resultam em atitudes de cólera arrasadora, pelas quais, desprevenidamente, nos transformamos, na vida, em médiuns de ações delituosas, arrastados nos fenômenos de associação dos agentes mento-eletromagnéticos da mesma natureza, semelhantes aos que caracterizam as explosões de recursos químicos, nas conhecidas reações em cadeia. É assim que somos, por vezes, loucos temporários, grandes obsidiados de alguns minutos, alienados mentais em marcadas circunstâncias de lugar ou de tempo, ou, ainda, doentes do raciocínio em crises periódicas, médiuns lastimáveis da desarmonia, pela nossa permanência longa em reflexos condicionados viciosos, adquirindo compromissos de grave teor nos atos menos felizes que praticamos, semi-inconscientemente, sugestionados uns pelos outros, porquanto, perante a Lei, a nossa vontade é responsável em todos os nossos problemas de sintonia.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 16)

“Agredida sem que me fosse permitido protegê-la, porquanto a minha interferência isolada se fazia desaconselhável, a benefício dela mesma, a jovem experimentou-se invadida de estranho mal-estar. Aquelas incriminações percutiam-lhe fundo, qual se alguém lhe varasse o pensamento. Ofegou em desassossego. Começou a refletir, acerca de Marita, sob novos aspectos, estabelecendo confrontos. Debalde esgrimia ideias, tentando impugnar o remorso que se lhe infiltrava na consciência. Julgava contraditar-se. Gemia em desconforto. Ignorava-se em luta com uma Inteligência que se lhe mantinha invisível, a pedir-lhe contas do proceder. À medida, porém, que o adversário martelava as censuras, às quais aderira por saber-se culpada,

passou a perder posição. Enevoava-se-lhe o raciocínio, mobilizou todas as energias para não desmaiar, temia a loucura... O contendor desafiara a fortaleza, proclamando-lhe as brechas. A fortaleza resistiria, incólume, se fosse inteiriça; entretanto, as brechas existiam e, por elas, o inimigo lançava petardos de maldição e sarcasmo, gerando a demência e invocando a morte. Em vão, diligencieei no silêncio, articulando agentes mentais de auxílio para que a vítima se libertasse; contudo, a menina, bastante hábil para movimentar-se entre os homens, sem comprometer-se na superfície das circunstâncias, jazia desarmada de conhecimento enobrecedor com que se advertisse, recuando na trilha percorrida para adotar direção diferente. Marina, à mercê da força que lhe espatifava os recursos psíquicos, sentia-se derrotada... Da impassibilidade ante o desastre ocorrido com a irmã, transferiu-se à opressão, ao temor... Ao toque do inquisidor que lhe vasculhava a cabeça, começou a imaginar que Marita, em verdade, não intentaria o suicídio, se nela houvesse achado uma companheira honesta e piedosa. [...]” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 4)

“**Estudando o hipnotismo.** [...] «Em todo processo de imantação mental, do qual decorrem os sucedâneos da obsessão simples, da fascinação e da subjugação — conforme a classificação perfeita de Allan Kardec —, há sempre fatores predisponentes e preponderantes que se perdem no intrincado das reencarnações. «Toda vítima de hoje é algoz de ontem, tomando o lugar que lhe cabe no concerto cósmico. «Assim considerando, em quase todos os processos de loucura — exceção feita não somente aos casos orgânicos de ataque microbiano à massa encefálica ou traumatismo por choques de objetos contundentes — defrontamos com rigorosas obsessões em que o amor desequilibrado e o ódio devastador são agentes de poderosa atuação. «Quando há um processo de obsessão desta ou daquela natureza, o paciente possui os *condicionamentos psíquicos* — lembranças inconscientes do débito, através das quais se vincula ao perseguidor —, que facultam a sintonia e a aceitação das ideias sugeridas e constringentes que chegam do plano espiritual. Se o paciente é experimentado nas disciplinas morais, embora os compromissos negativos de que padece, consegue, pela conquista de outros méritos, senão contrabalançar as antigas dívidas pelo menos granjear recursos para resgatá-las por outros processos que não os da obsessão. “As Leis Divinas são de justiça, indubitavelmente; no entanto, são também de amor e de misericórdia. O Senhor não deseja a punição do infrator, antes quer o seu reajuste à ordem, ao dever, para a sua própria felicidade. «Desse modo, quando a entidade perseguidora, consciente ou não, se vincula ao ser perseguido, obedece a impulso automático de sintonia espiritual por meio da qual estabelece os

primeiros contatos psíquicos, no centro da ideia, na região cortical inicialmente e depois nos recônditos do *polígono cerebral*, donde comanda as diretrizes da vida psíquica e orgânica, produzindo ali lesões desta ou daquela natureza, cujos reflexos aparecem na distrofia e desarticulação dos órgãos ligados à sede atacada pela força-pensamento invasora. «Desse centro de comando, em que o *hóspede* se sobrepõe ao *hospedeiro*, as alienações mentais e os distúrbios orgânicos se generalizam em longo curso, que a *morte* do obsidiado nem sempre interrompe. «A consciência culpada é sempre porta aberta à invasão da penalidade justa ou arbitrária. E o remorso, que lhe constitui dura chave, faculta o surgimento de ideias-fantasmas apavorantes que ensejam os processos obsessivos de resgate das dívidas. «Invariavelmente, na obsessão, há sempre o aproveitamento da ideia traumatizante — a presença do crime praticado —, que é utilizada pela mente que se faz perseguidora revel, apressando o desdobramento das forças deprimentes em latência, no devedor, as quais, desgovernadas, gravitam em torno de quem as elabora, sendo consumido por elas mesmas, paulatinamente. Nas atividades da obsessão de espíritos a espíritos desencarnados, aqueles verdugos, conhecedores das limitações e dos erros dos recém-chegados da jornada carnal, após os terem acompanhado anos a fio, com sicários implacáveis, utilizam-se de ardis com que apavoram os desassissados, e por processos de sugestão, aplicados com veemência nos centros perispirituais, conseguem produzir lamentáveis condicionamentos de alteração na *forma* das vítimas que se lhes demoram nas garras, dominando-as, por fim, em demorado curso de vingança ultriz e devastadora. «As ideias plasmadas e aceitas pelo cérebro, durante a jornada física, criam nos painéis delicados do perispírito as imagens mais vitalizadas, de que se utilizam os *hipnotizadores espirituais* para recompor o quadro apavorante, em cujas malhas o imprevidente se vê colhido, derrapando para o desequilíbrio psíquico total e deixando-se revestir por formas animalescas grotescas — que já se encontram no subconsciente da própria vítima — e que estrugem, infelizes, como o látigo da justiça no necessitado de corretivo. «No sentido oposto, as ideias superiores, alimentadas pelo espírito em excursão vitoriosa, condicionam-no à libertação, concedendo *«peso específico»* ao seu perispírito, que pode, então, librar além e acima das vicissitudes grosseiras do liame carnal.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

“No bátrato das perturbações que inquietam o homem moderno, a alienação obsessiva ocupa lugar de relevo. Estigmatizados por inenarráveis tormentos íntimos, que procedem dos refolhos da alma, os obsidiados por Espíritos têm padecido lamentável abandono por parte dos respeitáveis estudiosos das ciências da

mente, que, aferrados a vigoroso materialismo, negam, drasticamente, a interferência dos desencarnados — na condição de personalidades intrusas — na etiopatogenia de algumas enfermidades mentais. Por outro lado, cristãos decididos, clarificados pela fé espírita, no afã de ajudar pelos múltiplos processos fluidoterápicos e da doutrinação, enquadram os alienados na sua quase generalidade como obsidiados, sem a indispensável atenção para com as enfermidades de caráter psiquiátrico. Não são verdadeiros os postulados extremistas negativos dos primeiros, nem tampouco os exageros dos segundos. Indubitavelmente, nas matrizes do processo evolutivo, cada um traz as causas que produzem as distonias e desarranjos, físicos como psíquicos e simultaneamente. Sendo a dor um processo de burilamento, o sofrimento decorre do mau uso perpetrado pelo ser em relação aos recursos múltiplos, concedidos pelos desígnios superiores que regem a vida em todas as suas manifestações, para a ascensão de cada um. O homem está, porém, destinado à perfeição. Todos os atrasos a que se impõe e desvarios a que se permite constituem-lhe impedimentos ao avanço, tornando-se elos retentivos na retaguarda. Os códigos divinos estabelecem que somente através do amor se pode haurir paz, colimar metas felizes. De essência salutar, o amor é a base da vida, ao mesmo tempo, a força que impele o ser para as realizações de enobrecimento. Toda vez que as paixões vis o desgovernam, enlouquecem-no, e dele fazem cárcere de sombra, de aflição demorada. Por esta razão, ao lado das terapêuticas mais preciosas, o amor junto aos pacientes de qualquer enfermidade produz resultados insuspeitados. Da mesma forma, enquanto se teime em perseverar na sistemática da revolta ou nos escabrosos sítios da ilusão que favorece o ódio, o ciúme, a mentira, a soberba, a concupiscência, a avareza, a mesquinhez — todos asseclas insidiosos que se locupletam na sanha nefasta do egoísmo, — a dor jungirá o faltoso ao carro da aflição reparadora e do ressarcimento impostergável. Ninguém em regime de exceção na Terra. Desculpismo nenhum, face aos imperiosos compromissos para com a vida. Em cada padecente se encontra um espírito em prova redentora, convidando-nos à reflexão e à caridade. Na imensa mole humana dos que sofrem a loucura, conforme os cânones das classificações psiquiátricas, transita um sem número de obsidiados que expungem faltas e crimes cometidos antes e não alcançados pela humana justiça na oportunidade. São defraudadores dos dons da vida que retornam jungidos àqueles que infelicitaram, enganaram, abandonaram, mas dos quais não se conseguiram libertar... Morreram, sim, porém não se aniquilaram. Trocaram de vestes, todavia, permaneceram os mesmos. As conjunturas da lei os surpreenderam onde se alojaram e as imposições que criaram ligaram-nos, vítimas a algozes, credores a devedores

em graves processos de reparação compulsória. Atados mentalmente aos gravames cometidos, construíram as algemas a que se aprisionam, em vinculação com os que supunham ter destruído... Debatem-se presos nos mesmos elos, lutando em contínuo desgaste de vitalidade com que enlouquecem, até que as claridades do amor, do perdão — forças sublimes da vida — consigam partir as cadeias e libertá-los, facultando que se ajudem reciprocamente. Enquanto o amor não se sobreponha ao ódio e o perdão à ofensa, marcharão em renhida luta, perseguindo e auto afligindo-se sem termo, pelos dédalos de horror em que se brutalizam até a selvageria mais torpe...” (MPM, *Grilhões partidos*, Grilhões partidos – 1º)

“SUBJUGAÇÃO. [...] As profundas e valiosas lições calavam-nos com extraordinário poder de esclarecimentos espirituais. Em toda parte, a presença da justiça sem importar os limites tempo e espaço, considerando que somente ilibada a consciência se alça à paz, ponto de partida para os tentames superiores. Construtor da felicidade, o Espírito é o agente das possibilidades que lhe surgem em múltiplos aspectos, dele exigindo o indispensável discernimento para atuar com acerto. Naquele apartamento de Hospital, quatro pacientes constituíam excelente campo à observação e à aprendizagem. Viandantes de estradas evolutivas diversas reuniam-se sob o guante de aflições equivalentes para a reabilitação indispensável à liberdade que todos anelamos, sinônimo de ventura e plenitude, quando conscientes dos códigos da Suprema Justiça. Nesse ínterim, o prestimoso Mensageiro acercou-se da jovem Ester e, compungido, referiu-se: - Verdadeiramente, o objetivo da nossa visita hoje a este Manicômio é a moçoila que agora examinaremos. “Diversamente dos casos estudados, defrontamos aqui, como causa da sua loucura, a subjugação espiritual que a vem conduzindo a uma situação esquizofrênica com possibilidades irreversíveis, se o socorro divino não a alcançar imediatamente. “Nos demais problemas há pouco examinados, a obsessão se fazia como consequência, junto à alienação dos pacientes. Aqui defrontamos o distúrbio psíquico na condição de efeito obsessivo... [...] Novamente o sábio Bezerra de Menezes silenciou, significativamente. Concentrando-se, a fim de aprofundar informações sobre a enferma, adiu: “A Entidade que a vergasta, agora, não tem diretamente com ela nenhuma vinculação atual. Antes assim o faz, para desforçar-se do genitor a quem supõe odiar. Porque ela se encontra comprometida, sofre, fazendo o pai sofrer, enquanto, por esse processo, se libera dos erros praticados em companhia daquele. A Entidade malfazeja a subjugou por encontrar nela predisposições cármicas que facilitam o conúbio. Portadora de mediunidade, por cujo meio poderá ascender posteriormente, faculta ao irmão infeliz a obsessão, através de compreensível afinidade fluidica

com que se imantam reciprocamente. “Consultemos os seus clichês mentais arquivados na memória anterior, no centro coronário, de modo a aquilatar-se melhor a sua problemática, ajudando-a com maior proficiência.” Concentramo-nos quanto possível na sede mental da jovem que se encontrava a dormir, enquanto o irmão Melquíades a assistia em espírito, ao lado do corpo, duramente seviciada na organização fisiopsíquica pela pertinácia do subjugador desencarnado. Em estado lamentável de descontrole emocional, o perseguidor procurava ofendê-la, proferindo expressões chocantes e golpeando-a continuamente com os punhos cerrados. Impossibilitado de ver-nos, face aos fluídos densos em que se agitava nas baixas faixas vibratórias em que respirava, subitamente o Espírito deixou de ver sua vítima, ficando mais acirrado pela ira no deplorável comportamento. [...]” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 13)

“NAS FRONTEIRAS DA LOUCURA. “É muito diáfana a linha divisória entre a sanidade e o desequilíbrio mental. Transita-se de um para outro lado com relativa facilidade, sem que haja, inicialmente, uma mudança expressiva no comportamento da criatura. Ligeira excitação, alguma ocorrência depressiva, uma ansiedade, ou um momento de mágoa, a escassez de recursos financeiros, o impedimento social, a ausência de um trabalho digno entre muitos outros fatores, podem levar o homem a transferir-se para a outra faixa da saúde mental, alienando-se, temporariamente, e logo podendo retornar à posição regular, à de sanidade. Problemas de ordem emocional e psicológica, mais costumeiramente, conduzem a estados de distonia psíquica, não produzindo maiores danos, quando não se deixa que se enraízem ou que constituam causa de demorado trauma. Vivendo-se numa sociedade em que as neuroses e as psicoses campeiam desenfreadas, vitimando um número cada vez maior de homens indefesos, as balizas demarcatórias dos distúrbios mentais fazem-se mais amplas. Há, no entanto, além dos fatores que predispõem à loucura e dentre os quais situamos o *carma* do Espírito, nos quais se demoram incontáveis criaturas em plena fronteira, a obsessão espiritual, que as impulsiona a darem o passo adiante, arrojando-as no desfiladeiro da alienação de largo porte e de difícil recuperação... São os sexoltras, os violentos, os exagerados, os dependentes de viciações de qualquer natureza, os pessimistas, os invejosos, os amargurados, os suspeitosos incondicionais, os ciumentos, os obsidiados, que mais facilmente transpõem os limites da saúde mental... Não nos desejamos referir àqueles que são portadores de patogenias mais imperiosas em razão de enfermidades graves, da hereditariedade, de distúrbios glandulares e orgânicos, de traumas cranianos e de sequelas de inúmeras doenças outras... Queremos deter-nos nas psicopatogêneses espirituais, seja

as de natureza emocional, pelas aptidões e impulsos que procedem das reencarnações transatas, de que os enfermos não se liberam, seja pelo impositivo das obsessões infelizes, produzidas por encarnados ou por Espíritos que já se despiram da indumentária carnal, permanecendo, no entanto, nos propósitos inferiores a que se aferram... A obsessão é uma fronteira perigosa para a loucura irreversível. Sutil e transparente, a princípio, agrava-se em razão da tendência negativa com que a agasalha o infrator dos Soberanos Códigos da Vida. Dando gênese a enfermidades várias, inicialmente imaginárias, que recebe por via telepática, pode transformar-se em males orgânicos de consequências insuspeitadas, ao talante do agente perseguidor que induz a vítima que o *hospeda*, a situações lamentáveis. Comportamentos que se modificam, assumindo posições e atitudes estranhas, mórbidas, exprimem constrição de mentes obsessoras sobre aqueles que se lhes submetem, mergulhando em fosso de sombras e de penoso trânsito... Há muito mais obsessão, grassando na Terra, do que se imagina e se crê. Mundo este que é de intercâmbio mental, vivo e pulsante, cada ser sintoniza com outro equivalente, prevalecendo, por enquanto, os teores mais pesados de vibrações negativas, que perturbam gravemente a economia psíquica, social e moral dos homens que nele habitam. Não obstante, a vigilância do amor de Cristo Jesus atua positiva, laborando com eficiência, a fim de que se modifiquem os dolorosos quadros da atualidade, dando surgimento a uma fase nova de saúde e paz. Nesse contexto, o Espiritismo - que é o mais eficaz e fácil tratado de Higiene Mental - desempenha um relevante papel, qual seja o de prevenir o homem dos males que ele gera para si mesmo e lhe cumpre evitar, como facultando-lhe os recursos para superar a problemática obsessiva, ao mesmo tempo apoiando e enriquecendo os nobres profissionais e missionários da Psicologia, da Psiquiatria, da Psicanálise...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Nas fronteiras da loucura)

“ANÁLISE DAS OBSESSÕES. [...] OBSESSÃO SIMPLES. [...] Programado pelo fatalismo da evolução para o progresso que o conduzirá à perfeição relativa, o Espírito cresce sob a claridade do amor, normalmente estimulado pelo aguilhão do sofrimento, que ele se propicia, em razão da rebeldia como da insatisfação que lhe são as relevantes excrescências do egoísmo. Trazendo em gérmen a divina presença donde se origina, adquire, através das experiências que lhe apraz viver, os recursos para progredir, estacionar ou retardar o desenvolvimento das funções que lhe são inerentes e de que se não poderá eximir por mais que lhe agrade, caso derrape na alucinação comburenta da desdita em que se fixe... Quando não funcionem os estímulos para o progresso e deseje postergá-lo, imposições da própria Lei jungem-no ao processo de crescimento, mediante

as expiações lenificadoras que o depuram, cooperando para a eliminação das sedimentadas mazelas que o martirizam... A aquisição da paz, por isso mesmo, é uma resultante de lutas e esforços que o disciplinam, condicionando-lhe os hábitos salutarres, através dos quais se harmoniza com a vida. Nesse processo, como em outro qualquer, a mente é o espelho a refletir os estados íntimos, as conquistas logradas e as por conseguir. Dínamo gerador de recursos psicofísicos, ao comando do Espírito que lhe utiliza da cerebração, nas paisagens mentais facilmente se expressam os estados múltiplos da personalidade, encadeando sucessos ou fracassos, que se exteriorizam em formas depressivas, ansiosas, traumáticas, neurastênicas e outras, dando gênese a enfermidades psíquicas de variada e complexa nomenclatura. Em face desses estados mórbidos - originados nas existências passadas por desrespeito aos Soberanos Códigos da Vida, abrem-se largas brechas que facultam e estimulam as parasitoses espirituais, que degeneram em síndromes obsessivas, não raro prolongando-se até se converterem em subjugações de curso irreversível. [...]” (MPM, Nas fronteiras da loucura, Análise das obsessões)

“Entre os apontamentos com que nos enriqueceu o raciocínio, afirmou: - Em toda gênese da loucura há uma incidência obsessiva. Desde os traumatismos cranianos às manifestações mais variadas, o paciente, por encontrar-se incurso na violação das Leis do equilíbrio, padece, simultaneamente, a presença negativa dos seus adversários espirituais, que lhe pioram o quadro. Estando em desarranjo, por esta ou aquela razão, endógena ou exógena, os implementos cerebrais, mais fácil se torna a *cobrança* infeliz pelos desafetos violentos, que aturdem o Espírito que se não pode comunicar com o exterior, mais desequilibrando os complexos e delicados mecanismos da mente. “Nas obsessões, todavia, o descontrole da aparelhagem mental advém como consequência da demorada ação do agente perturbador, cuja interferência psíquica no *hospedeiro* termina por produzir danos, reparáveis, a princípio, e difíceis de recomposição, ao largo do tempo. “Processos obsessivos existem, como na posseção, em que o enfermo passa a sofrer a intercorrência da loucura conforme os estudos clássicos da Psiquiatria. “Seja, porém, em qual incidência estagie o doente, não nos esqueçamos de que este é um Espírito enfermo, porque enquadrado nos códigos da reparação dos débitos, com as *matrizes psíquicas* que facilitam o acoplamento da mente perseguidora, esteja em sanidade mental, sendo levado à obsessão, ou em patologia de alienação outra, piorando-lhe o estado.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 29)

“**SAÚDE MENTAL.** [...] Noutros capítulos, defrontaremos justas psíquicas entre as vítimas de antanho e os seres seviciadores, os algozes impenitentes que

os infelicitaram, dando origem a obsessões, ou a intercâmbios mente-a-mente, corpo-a-corpo, em desforços desditosos... Carregando a consciência culpada, em matrizes que se fixam no inconsciente profundo — as telas delicadas da organização perispiritual —, estabelecem-se os vínculos da desídia perturbadora, a envolver ambos os litigantes em lutas inglórias, que só o amor consegue pacificar. Na trama e urdidura das obsessões, os agentes vingadores insistem na pugna, até que a vítima tombe irremissivelmente, iniciando-se com o desconcerto da emoção o quadro da loucura. Igualmente se há de considerar que, sendo o Espírito em si mesmo o responsável pela saúde ou doença de que se toma instrumento, mesmo quando se estabelece a loucura, quase sempre piorando-lhe o quadro, manifestam-se perturbações de ordem obsessiva...” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Saúde mental)

“**FENÔMENOS OBSESSIVOS.** As obsessões de ordem espiritual, na qual se expressam, em pugna lamentável, homens e Espíritos, têm curso, normalmente, demorado. Obedecendo, a gêneses que procedem de reencarnações anteriores, traduzem-se por ódios furibundos; amores apaixonados, em situações frustrantes; cobiças exacerbadas; desforços bem programados numa esteira de incidentes que se sucedem sob chuvas de fé e azorragues de loucura. Em todos os casos, o encarnado possui os condicionamentos que propiciam o nefando intercâmbio que, muitas vezes, não se interrompe com a morte física. Porque a divina justiça se encontra insculpida na consciência da criatura, o delinquente ou réprobo proporciona os recursos predisponentes ou preponderantes para o conúbio devastador. Preferências iguais assinalam o perseguidor e o perseguido, porque do mesmo nível de evolução moral. Temperamentos fortes, em face das aquisições negativas a que se dedicaram, identidade de interesses mesquinhos, decorrentes da viciação a que se entregaram, facultam ligações de igualdade fluídica, entrelaçando os litigantes no mesmo halo de comunhão, ampliando-se a interdependência na razão direta em que o **hospedeiro** se entrega ao **albergado** psíquico, interdependência que sempre, quando não cuidada, termina na **osmose parasitária** aniquiladora. Desde que conhecidos e afins psiquicamente, o enfermo encarnado recusa a ajuda que lhe é oferecida, assimilando, prazerosamente, as induções que lhe chegam por via telepática e que incorpora aos hábitos aos quais se submete. Quando a perturbação é causada por antagonista que ignora as técnicas de vampirismo — no caso das obsessões simples — fazem-se mais fáceis as psicoterapias libertadoras. Todavia, à medida que evolui o processo desagregador da personalidade, o algoz se adentra em mecanismos de controle da vontade da sua vítima, muitas vezes sob a orientação de impenitentes perseguidores outros que se comprazem em produzir

aflições nos homens. São, então, armadas ciladas contínuas, e inumeráveis tentações se apresentam, disfarçadas, arrojando os incautos em compromissos mais graves, de lesa consciência, graças aos quais perde os contatos com os possíveis recursos de auxílio que são propiciados pela Providência. Obnubila-se a razão, que se turba, fixando-se nas faixas da vinculação nefasta, não deixando claros mentais para as intuições lenificadoras, nem campo para as recapitulações positivas que dulcificam o sentimento, favorecendo a captação das ideias benéficas. As obsessões enxameiam por toda parte e os homens terminam por conviver, infelizes, com essas psicopatologias para as quais, fugindo à sua realidade, procuram as causas nos traumas, nos complexos, nos conflitos, nas pressões sociais, familiares e econômicas, como mecanismo de fuga aos exames de profundidade da gênese real de tão devastadora enfermidade. Não negando a preponderância de todos esses fatores que desencadeiam problemas de comportamento psicológico, afirmamos que eles, antes de constituírem causa dos distúrbios, são, em si mesmos, efeito de atitudes transatas, que o Espírito imprime na organização fisiopsíquica ao reencarnar-se, porquanto é sempre colocado no grupo familiar com o qual se encontra enredado, por impositivo de ressarcimento de dívidas, para o equilíbrio evolutivo. Enquanto o homem não for estudado na sua realidade profunda - ser espiritual que é, preexistente ao corpo e a ele sobrevivente —, muito difíceis serão os êxitos da ciência médica, na área da saúde mental. As doenças psíquicas, entre as quais se destacam, pela alta incidência, as obsessões, continuarão ainda a perseguir o homem. Todo comportamento que se exacerba ou se deprime, exaltando paixões e comandando desregramentos, fomentando ódios e distonias, guardam, na sua raiz, graves incidências obsessivas que merecem cuidados especiais. É indispensável que a compreensão das finalidades da vida comande o pensamento do homem, oferecendo-lhe as seguras diretrizes para precaver-se contra essa epidemia voluptuosa, ao mesmo tempo armando os cultores das **ciências da alma** com os valiosos instrumentos para a terapia de profundidade, na qual ambos os enfermos - obsessores e obsidiados - sejam amparados, apaziguando-se e produzindo no bem, em favor de si mesmos e da comunidade em geral. Não desejamos transferir para os Espíritos turbados ou maus as ocorrências desditosas na Terra, isentando os homens da responsabilidade que lhes cabe. Afirmamos que partilham os desencarnados, mais do que se pensa, dos sucessos e acontecimentos humanos negativos, por assimilação e vinculação, nos quais se comprazem os encarnados, que lhes oferecem os meios e a sintonia para que tenham lugar esses fatos reprováveis. É certo que, no sentido inverso, o intercâmbio com as Entidades evoluídas também se faz amiúde,

num programa de amor e socorro ao ser humano, como expressão do divino auxílio. Como, todavia, as manifestações mais primárias predominam nas atividades terrestres a incidência obsessiva torna-se mais volumosa, até que a criatura se descubra como é, filha de Deus e resolva-se a atender ao chamado paterno, avançando na Sua direção pelas vias do amor.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Fenômenos obsessivos)

“LOUCURA E OBSESSÃO. No aprofundado estudo da etiopatogenia da loucura, não se pode mais descartar as incidências da obsessão, ou predomínio exercido pelos Espíritos desencarnados sobre os homens. Constituindo o mundo pulsante além da vida material, eles se movimentam e agem conforme a natureza evolutiva que os caracteriza. Tendo-se em vista o estágio atual de crescimento moral da Terra e daqueles que a habitam, o intercâmbio entre as mentes que se encontram na mesma faixa de interesse é muito maior do que um observador menos cuidadoso e menos preparado pode imaginar. Atraindo-se pelos gostos e aspirações, vinculando-se mediante afetos doentios, sustentando laços de desequilíbrio decorrente do ódio, assinalados pelas paixões inferiores, exercem constrição mental e, às vezes, física naqueles que lhes concedem as respostas equivalentes, resultando variadíssimas alienações de natureza obsessiva. Longe de negar a loucura e as causas detectadas, nobres pesquisadores do passado e do presente, o Espiritismo as confirma, nelas reconhecendo mecanismos necessários para o estabelecimento de matrizes, através das quais a degenerescência da personalidade ocorre, nas múltiplas expressões em que se apresenta. Assinalamos, com base na experiência dos fatos, que nos episódios da loucura, ora epidêmica, a obsessão merece um capítulo especial, requerendo a consideração dos estudiosos, que poderão defrontar com extraordinário campo para a investigação profunda da alma, bem como do comportamento humano. De Guilherme Griesinger a Kraepelin, a Breuler, desde Pinel a Freud, de Ladislaus Von Meduna a Sakel, a Kalinovsky, a Adolf Meyer, passando por toda uma elite de cientistas da psique, sem nos esquecermos de Charcot e Wundt, largos passos foram dados com segurança para a compreensão da loucura, suas causas, sua terapêutica, abrindo-se espaços para os modernos psiquiatras, psicólogos e psicanalistas. Não obstante, a doença mental permanece como um grande desafio para todos aqueles que se empenham na compreensão da sua gênese, sintomatologia e conduta... Allan Kardec, porém, foi o extraordinário psicoterapeuta que melhor aprofundou a sonda da investigação no desprezado capítulo das obsessões, demonstrando que nem toda expressão de loucura significa morbidez e descontrole dos órgãos encarregados do equilíbrio psicofísico dos homens, com vinculações de natureza hereditária, psicossocial, etc... Demonstrou que o Espírito

é o berdeiro de si mesmo, dos seus atos anteriores, que lhe plasmam o destino futuro, do qual não se logra evadir. Provando que a morte biológica não aniquila a vida, facultou ao entendimento a penetração e a solução de verdadeiros enigmas desafiadores, que passavam, genericamente, como sendo formas de loucura, certamente, que são, porém, de natureza diversa do conceito acadêmico conhecido. Em razão disso, o homem não pode ser examinado parcialmente, como um conjunto de ossos, nervos e sangue, tampouco na acepção tradicional dualista, de alma e corpo, mas, sob o aspecto pleno e total de Espírito, perispírito e matéria... Através do Espírito participa da realidade eterna; pelo perispírito vincula-se ao corpo e, graças ao corpo, vive no mundo material. É o perispírito o órgão intermediário pelo qual experimenta a influência dos demais Espíritos, que pululam em sua volta aguardando o momento próprio para o intercâmbio em que se comparam. Quando estes Espíritos são maus e encontram guarida que as dívidas morais agasalham na futura vítima, aí nascem as obsessões, a princípio sutis, quase despercebidas, para, logo depois, se agigantarem, assumindo a gravidade das subjugações lamentáveis, e, às vezes, irreversíveis... Quando são bons, exercem a salutar interferência inspirativa junto àqueles que lhes proporcionam sintonia, elevando-os às cumeadas da esperança, do amor, e facultando-lhes o progresso bem como a conquista da felicidade. O conhecimento do Espiritismo propicia os recursos para a educação moral do indivíduo, ensejando-lhe a terapia preventiva contra as obsessões, assim também, a cura salutar, quando o processo já se encontra instaurado. Mesmo nos casos em que reconhecemos a presença da loucura nos seus moldes clássicos, deparamo-nos sempre com um Espírito, em si mesmo doente, que plasmou um organismo próprio para redimir-se, corrigindo antigas viciações e crimes que, ocultos ou conhecidos, lhe pesam na economia moral, exigindo liberação. Kierkegaard, o filósofo dinamarquês, em uma conceitualização audaciosa, afirmou que “louco é todo aquele que perdeu tudo, menos a razão”, enfocando o direito que desfruta o alienado mental, de qualquer tipo, a um tratamento digno, tendo sua razão para encontrar-se enfermo. [...]” (MPM, Loucura e obsessão, Loucura e obsessão)

“Ampliando os conhecimentos. [...] Multiplavam-se as perguntas, que o eminente benfeitor respondia com tranquilidade. Em determinado momento, porque me olhasse expressivamente, como a estimular-me à participação ativa nos diálogos, solicitei licença e argui: — No caso das obsessões, como se daria a assistência holística? Sorrindo, amavelmente, ele expôs: —Sabemos que em todo processo de obsessão estão presentes dois enfermos em pugna de desequilíbrio. De igual forma, não ignoramos que a

obsessão se torna possível graças à ação do agente no campo perispiritual do paciente. A consciência de culpa do hospedeiro desarticula o campo vibratório que o defende do exterior e, nessa área deficiente, por sintonia fixa-se a indução perturbadora do hóspede. A essa consciência de culpa chamaremos matriz, que facultará o acoplamento do plugue mental do adversário. Não raro, a força de atração da matriz é tão intensa — por necessidade de reparação moral do endividado — que atrai o seu opositor espiritual, iniciando-se o processo alienador. Em outras ocasiões, quando a culpa é de menor intensidade, o cobrador sitia a usina mental do futuro hospedeiro, que termina por aceitar a inspiração perniciosa, tendo início o intercâmbio telepático, que romperá o campo de defesa, facultando, assim, a instalação da parasitose. Esta, graças à sua intensidade, por meio do perispírito se alojará na mente, gerando alucinações, pavores, insatisfação, manias, exacerbação do ânimo ou depressão, ou se refletirá no órgão que tenha deficiência funcional, pelo assimilar das energias destrutivas que lhe são direcionadas e absorvidas. Silenciou, por alguns instantes, como a facultar-me tempo de assimilar o raciocínio, para logo prosseguir: —Modelo de terapia holística para a saúde encontra-se muito bem delineado na Codificação Espírita, especialmente pela abrangência que esta facultava ao homem, que é um ser integral, importante em todos os aspectos que o constituem, em particular quando o analisa reencarnado. “As recomendações espíritistas têm em mente os valores do Espírito: morais, intelectuais, comportamentais, trabalhando-os em conjunto com o objetivo de propiciar a saúde, como decorrência da reparação dos erros pretéritos, e a aquisição de recursos positivos atuais para o pleno equilíbrio perante as leis cósmicas. Na análise dos pacientes espirituais, a terapia espírita não dispensa a de natureza psiquiátrica, seja nas depressões profundas — transtornos psicóticos maníaco-depressivos — seja nas exaltações esquizofrênicas e paranoides... Impõe, entretanto, como primordial, a renovação moral do paciente e a sua ação edificante, assumindo o valioso concurso da praxiterapia, especialmente direcionada para o bem, que lhe facultará créditos a serem considerados no balanço moral da sua existência. Especificamente, para atender-se obsidiados, o modelo espírita, que é holístico na sua profundidade, preocupa-se com o enfermo encarnado, mas também com o desencarnado, não menos doente, procurando removê-lo do mal que pratica, porque esta nova atitude lhe fará bem, tanto quanto preocupando-se com a família da aparente vítima, o seu meio social e ambiental. A transformação moral do grupo familiar para melhor é um efeito saudável da terapia desobsessiva, que se expressa de maneira psicológica amorosa, abrindo espaço social para o antagonizante, que então recebe o

aceno para a reencarnação. Não se detém, portanto, em eliminar efeitos, ajudando o hospedeiro com desprezo pelo opositor, às vezes, mais infeliz, em razão da mente fixa no desair há muito sem ensejo de alívio, alucinado pelo ódio, pelo ciúme, pela sede de vingança, pelo amor atormentado... “A obsessão é parasitose profunda e grave, que deve ser atendida globalmente, arrancando-se-lhe as raízes perigosas, que repontam com mais vigor se não são extirpadas por meio da conquista plena do adversário em perturbação.” —No caso de crianças obsessas — insisti, ampliando o curso do estudo — como proceder, já que as mesmas não dispõem de discernimento ou outro qualquer recurso defensivo? O Amigo, gentilmente, considerou: — Não desconhecemos que a obsessão na infância tem um caráter expiatório como efeito de ações danosas de curso mais grave. Não obstante, os recursos terapêuticos ministrados ao adulto serão aplicados ao enfermo infantil com mais intensa contribuição dos passes e da água fluidificada — bioenergia — bem como proteção amorosa e paciente, usando-se a oração e a doutrinação indireta ao agente agressor — psicoterapia —, por fim, por meio do atendimento desobsessivo mediante o concurso psicofônico, quando seja possível atrair o hóspede à comunicação mediúnica de conversação direta. “A visão do Espiritismo em relação à criança obsidiada é holística, pois que não a dissocia, na sua forma atual, do adulto de ontem quando contraiu o débito. Ensina que infantil é somente o corpo, já que o Espírito possui uma diferente idade cronológica, nada correspondente à da matéria. Além disso, propõe que se cuide não só da saúde imediata, mas sobretudo da disposição para toda uma existência saudável, que proporcionará uma reencarnação vitoriosa, o que equivale dizer, rica de experiências iluminativas e libertadoras. “Adimos a terapia do amor dos pais e demais familiares, igualmente envolvidos no drama que afeta a criança.” — Não desejando ser impertinente — expliquei — desejaria propor ao generoso benfeitor mais uma questão. Porque ele aquiescesse, voltei a este assunto que muito me fascina, inquirindo: —Na hipótese do ser prejudicado perdoar o seu malfeitor, desapareceria a possibilidade da obsessão. Como seria a análise da injunção cármica reparadora, numa visão de saúde espiritual holística? —Sabemos que o perdão de uma dívida não isenta o seu responsável da regularização por meio de uma outra forma. Quem perdoa fica bem, porém o desculpado permanece em débito perante a economia da vida. Cumpre-lhe passar adiante o que recebeu, auxiliando a outrem conforme foi ajudado. Assim, no caso em tela, a consciência de culpa do devedor faz um mecanismo de remorso que se transforma em desajuste da energia vitalizada, que passa a sofrer-lhe os petardos e termina por produzir, como não desconhecemos, a auto-obsessão,

ou engendra quadros de alienação mental conhecidos na Psicopatologia sob denominações variadas. A consciência culpada do Espírito que se arrepende do mal que praticou, mas não se reabilita, emite vibrações perniciosas que o perispírito encaminha ao cérebro, perturbando-lhe as funções. A terapia, no caso, será autorreparadora, concitando o paciente a refazer o caminho, a dedicar-se à ação do bem possível e trabalhar-se moralmente reajustando-se à tranquilidade da recuperação. Silencie, comovido, considerando o quanto a Justiça de Deus está inculpada na consciência do ser. Outras interrogações foram apresentadas, sendo respondidas com simplicidade e sabedoria, assim encerrando-se a proveitosa oportunidade.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Ampliando os conhecimentos)

“De retorno à clínica psiquiátrica. [...] Foi o Dr. Juliano quem considerou com lucidez: - “Como eu poderia imaginar, quando me encontrava na Terra, intoxicado pelos vapores das vaidades acadêmicas, a existência deste mundo grandioso de ações fora dos limites orgânicos! Todas as teses que me eram apresentadas, tudo quanto se havia investigado sobre os estudos dos transtornos psicológicos e das psicopatologias examinadas, embora resultassem de pesquisas contínuas e honestas, atinham-se apenas em relação ao corpo e somente a ele, que seria a fonte da vida... Ante, porém, os painéis preciosos que descobri desde o retorno à vida exultante e, particularmente, graças aos estudos empreendidos ao largo dos anos, culminando com as experiências vivas deste período, compreendo as ocorrências que me permaneciam em interrogações sem respostas ou preencho as lacunas que ficaram após a defesa dos argumentos frágeis, mas que se me afiguravam verdadeiros. No caso do alcoolismo, por exemplo, os fatores predisponentes pareciam-me tão claros, como aqueles que desencadeiam a alcoolofilia e a alcoolomania, resultantes dos fenômenos socioculturais, socioeconômicos, sociológicos em geral, resultados também da educação doméstica doentia ou sem ela, das castrações, das proibições e dos transtornos causados pela miséria psicológica dos pacientes. A sífilis, a tuberculose, a hanseníase, as enfermidades venéreas, no meu conceito, eram responsáveis pelas fugas espetaculares para o álcool, como fatores endógenos preponderantes. Como prever, naqueles já remotos dias, a gênese obsessiva, a presença de Entidades enfermas, perversas e vingadoras, induzindo os pacientes à autodestruição?! Certamente, por isso, além de outros fatores psicológicos, mesológicos, da hereditariedade, as recidivas no alcoolismo são lamentáveis. Vemos, por exemplo, no Brasil, em termos estatísticos da atualidade, que existem aproximadamente 11 milhões de alcoólicos e dependentes de drogas químicas e 27,5 milhões de portadores de alienações mentais, esquizofrenia, depressão, ansiedade e fobias de várias

denominações... Os gastos em atendimento às questões pertinentes à saúde mental são muito altos, com resultados, muitas vezes, decepcionantes, pela dificuldade de penetrar-se na gênese real dos distúrbios, que estão sempre no espírito infeliz, endividado. Analiso, com os dados atuais de que disponho, sobre quantos serão vítimas de induções obsessivas, em processos graves de resgates com as suas vítimas de anteriores existências e não posso ocultar a surpresa que me invade. Tenho certeza de que, no futuro, nos tratados de epidemiologia, as obsessões terão um destaque muito especial, sendo estudada com seriedade e interesse. O ser humano, nessa óptica, é a soma das suas experiências e realizações anteriores, sempre avançando sobre as conquistas realizadas.” Ouvindo-o com respeito, ao silenciar, Dr. Ignácio acrescentou: - “Temos vivenciado experiências obsessivas nas áreas psicológica e psiquiátrica, no entanto, em todos os movimentos da existência humana apresentam-se as interferências dos desencarnados sobre os encarnados, assim como destes sobre aqueles... Enfermidades orgânicas de complicada etiologia, têm nas suas raízes processos de incidência espiritual muito graves, em decorrência da ingestão de fluidos deletérios pelo paciente ou da sua ação sobre os delicados e complexos mecanismos das redes nervosa, sanguínea, digestiva, respiratória... O intercâmbio entre os semelhantes morais, de um como do outro plano da vida, proporciona efeitos equivalentes nas estruturas de que se revestem. Fixações afetivas, de amor e de ódio, de ciúme e de ressentimento produzem ondas mentais que se dirigem àqueles que se lhes fazem receptivos, gerando situações deploráveis, também no organismo físico em razão do seu pestilento conteúdo energético. Estabelecido o primeiro contato, registrada a emissão de forças pela mente, e mais fortes se fazem as conexões, gerando distúrbios pertinentes à sua estrutura. Somos o que cultivamos e vivemos respirando o ar emocional e espiritual em que nos comprazemos. A conversação edificante prolongou-se, ensejando-me um aprendizado mais amplo a respeito dos relacionamentos espirituais vigentes no Universo, particularmente no amado planeta, nosso berço e nossa mãe generosa.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 20)

IV.3. Causa na fixação mental do passado (auto-obsessão)

“**Pesadelos.** Enquanto Alfredo continuava dirigindo os serviços, nosso instrutor, com a permissão dele, conduziu-nos aos leitos distantes, onde se asilavam os enfermos desatendidos quanto ao auxílio magnético. – Precisamos acentuar experiências e aproveitar oportunidades – afirmou Aniceto, sorridente. Acompanhamo-lo, curiosos, identificando as expressões isoladas,

dolorosas ou terríveis, daquelas máscaras mortuárias. Quando nos encontrávamos a regular distância da zona central, o instrutor esclareceu, em tom grave: – Desejaria conhecer a extensão dos benefícios colhidos por vocês no Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções. Para ajudar eficientemente aos nossos amigos encarnados, é necessário saibamos ver com clareza e precisão. Indicando os doentes imóveis, acrescentou: – Todos os que dormem nestes pavilhões permanecem dentro do mau sono. – Mas teremos, porventura, nas zonas espirituais, os que estejam em bom sono? – interrogou Vicente, de modo brusco. – Sem dúvida – respondeu Aniceto, solícito –, temos na esfera de nossas atividades os que repousam períodos curtos, quais trabalhadores retos que esperam o repouso noturno, com a tranquilidade dos que sabem trabalhar e descansar, de consciência aliviada. Fez uma pausa, como quem estudava o melhor meio de sintetizar, por não perder tempo, e acentuou: – Mas esses não precisam estacionar, como filhos da sombra, nas construções de emergência de um Posto de Socorro. Em seguida, retomou o fio da lição e continuou: – Quem dorme em desequilíbrio, entrega-se a pesadelos. Todos estes irmãos desventurados que nos cercam, aparentemente mortos, são presas de horríveis visões íntimas. Vejamos o aproveitamento de vocês. Procedamos a observações rápidas. Antigamente, o inquérito anatômico, o exame das vísceras, a perquirição científica nas células, também aparentemente mortas; agora, a auscultação profunda da alma, a sondagem dos sentimentos, a visão do plano mental. E, com expressão decidida, concluiu, resolutivo: – Mãos à obra! Designando-me um corpo envelhecido de mulher, recomendou: – Você, André, examine detidamente essa irmã. Abstenha-se de todas as considerações do plano exterior. Observe-a com todas as possibilidades e percepções ao seu alcance. Sinceramente interessado em atender, não reparei nas ordens que o nosso instrutor transmitia a Vicente. Procurei esquecer os quadros externos, focalizando aquela máscara feminina com todos os meus recursos mentais. A medida que me despreocupava dos interesses diferentes, observava a sombra cinzento-escura que se lhe ia condensando em torno da fronte. A visão parecia auxiliar-me o poder de concentração. Reconhecendo que o fenômeno se acentuava, não mais lembrei qualquer objeto ou situação exterior. Estupefato, comecei a divisar formas movimentadas no âmbito da pequena tela sombria. Surgiu uma casa modesta de cidade humilde. Tive a impressão de transpor-lhe a porta. Lá dentro, um quadro horrível e angustioso. Uma senhora de idade madura, demonstrando crueldade impassível no rosto, lutava com um homem embriagado. – “Ana! Ana! Pelo amor de Deus! não me mates!” – dizia ele, súplice, incapaz de defender-se. – “Nunca! Nunca te perdorei!” – exclamava a mulher,

acrescentando em tom lúgubre – “Morrerás esta noite”. – vi o infeliz cair, exausto. – “Envenenaste-me com bebida mortal” – exclamava ele, lacrimoso – “perdoa-me se te causei algum mal! Sou pai! Ana! Preciso viver para meus filhos! Não me mates, por piedade!” Ela ouviu com frieza e respondeu duramente: – “Morrerás mesmo assim. Tenho a infelicidade de amar-te, a ti que pertences a outra mulher! Não quiseste seguir-me e preciso vingar-me!” Rebolcando-se no assoalho, tornava o infeliz: – “Deus sabe que estou arrependido do meu criminoso passado! Quero viver para o bem, Ana! Perdoa-me por amor do Eterno Pai! Quem sabe poderei auxiliar-te como irmão? Ajuda-me para que te possa ajudar! Não me mates! Não me mates!” A mulher, porém, como se tivesse a maldade agravada, ao ouvir a expressão da virtude, tomou de um pesado martelo e exclamou: – “Deus não existe! Deus não existe! Morrerás, infame!” E, de súbito, crivou-lhe o crânio de marteladas surdas. O homem expirou sem um grito. Logo após, vi a criminoso conduzindo o cadáver em carrinho de mão, através de um trilho ermo. Acompanhava-lhe os movimentos com interesse. A noite estava muito escura, mas observei a parada junto à via férrea. Sondou os arredores, certificou-se do insulamento em que se encontrava e depôs a estranha carga sobre os trilhos. Vi-a dispondo o cadáver para que a cabeça fosse decepada à passagem do comboio, retirando-se apressadamente, reconduzindo o pequeno carro vazio. Não esperei a máquina de ferro. Segui a mulher que me pareceu inquieta e pensativa. Antes, porém, que depusesse o carrinho no extenso quintal, vi que arregalava os olhos como louca, cercada de seres que me pareceram bandidos de negras vestes. Era ela, agora, quem acusava estranha embriaguez de pavor. Vencera um pobre homem invigilante, mas, a meu ver, seria vencida por seres mais perversos, talvez, que ela própria: – “Acudam-me! Acudam-me!” – gritava, espavorida. E continuava a cena, em que a desventurada golfava súplicas em vão. [...] Conforme observaram de perto, sabem agora que cada um dos que aqui dormem sono atormentado, vivem estranhos pesadelos, de que não podem isentar-se de um instante para outro. Não precisamos comentar qualquer episódio dessas existências vividas em oposição à Vontade Divina. Bastará lembrar sempre que a dívida, em toda parte, anda com os devedores. E com expressivo olhar, acrescentou: – Voltemos ao centro. Devemos cooperar na oração.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 23)

“**Alienados mentais.** Antes de visitarmos as cavernas de sofrimento, Calderaro instou-me a fazer com ele rápida visita a grande instituto Consagrado ao recolhimento de alienados mentais, na Esfera da Crosta. – Compreenderás, então, mais exatamente – explicou, generoso, dirigindo-se a mim com a delicadeza que lhe é peculiar – a tragédia dos homens desencarnados,

em pleno desequilíbrio das sensações. Excetuados os casos puramente orgânicos, o louco é alguém que procurou forçar a libertação do aprendizado terrestre, por indisciplina ou ignorância. Temos neste domínio um gênero de suicídio habilmente dissimulado, a auto eliminação da harmonia mental, pela inconformação da alma nos quadros de luta que a existência humana apresenta. Diante da dor, do obstáculo ou da morte, milhares de pessoas capitulam, entregando-se, sem resistência, à perturbação destruidora, que lhes abre, por fim, as portas do túmulo. A princípio, são meros descontentes e desesperados, que passam despercebidos mesmo àqueles que os acompanham de mais perto. Pouco a pouco, no entanto, transformam-se em doentes mentais de variadas gradações, de cura quase impossível, portadores que são de problemas inextricáveis e ingratos. Imperceptíveis frutos da desobediência começam por arruinar o patrimônio fisiológico que lhes foi confiado na Crosta da Terra e acabam empobrecidos e infortunados. Aflitos e semimortos, são eles homens e mulheres que desde os círculos terrenos padecem, encovados em precipícios infernais, por se haverem rebelado aos desígnios divinos, preterindo-os, na escola benéfica da luta aperfeiçoadora, pelos caprichos insensatos. Guardando carinhosamente a observação, acompanhei-o na excursão matinal ao grande estabelecimento, onde os mentecaptos eram em grande número. No primeiro pátio que topamos, compacta era a quantidade de mulheres desequilibradas que palestravam. Uma velha de cabelos nevados, mostrando acerba ferocidade no olhar, envergava o uniforme da casa, como quem arrastasse um vestido real, e dizia a duas companheiras apáticas: – Na minha qualidade de marquesa, não tolero a intromissão de médicos inconscientes. Creio estar presa por motivos secretos de família, que averiguarei na primeira oportunidade. Tenho poderosos inimigos na Corte; contudo, as minhas amizades são mais prestigiosas e fiéis. Baixou a voz, como receando espias ocultos, e falou ao ouvido de uma das irmãs de sofrimento: – O Imperador está interessado em meu caso e punirá os culpados. Segregaram-me por miseráveis questões de dinheiro. Elevando o diapasão, inesperadamente, bradou: – Todos pagarão! Todos pagarão! E continuava explicando-se com gestos de grande senhora. Compungia-me observar a promiscuidade entre as enfermas encarnadas e as entidades infelizes, que ali se acotovelavam. Preso ainda ao meu antigo vezo de curiosidade, tentei estacar, a fim de ouvir a demente até ao fim, mas o Assistente deu-se pressa em considerar: – Não nos detenhamos. Infelizmente, atravessamos vasta galeria de padecimento expiatório, onde nossos recursos socorristas não ofereceriam vantagens imediatas. Aqui, quase todos os alienados são criaturas que abdicaram a realidade, atendo-se a circunstâncias

do passado sem mais razão de ser. Essa desventurada irmã já possuiu títulos de nobreza em existência anterior; perpetrou clamorosas faltas, dando expansão às energias cegas do orgulho e da vaidade. Renascendo em aprendizado humilde para o reajustamento imprescindível, alarmou-se ante as primeiras provações mais rudes da correção benfeitora, reagiu contra os resultados da própria sementeira, entregou o invólucro físico ao curso de ocorrências nefastas; e, por fim, situou-se mentalmente em zonas mais baixas da personalidade, passando a residir, em pensamento, no pretérito de mentiras brilhantes. Agarrou-se, desesperada, às recordações da marquesa vaidosa de salões que já desapareceram e perambula nos vales da demência em lastimáveis condições. Não dêramos muitos passos, encontramos novo ajuntamento, em que sobressaía curiosa dama, extremamente nervosa. – Deus me livre de todos, Deus me livre de todos! – gritava, inquieta. – Não voltarei! Nunca, nunca!... Aproxima-se, cordata, a enfermeira, e pede: – Senhora, mais calma! É seu marido que vem à visita. Vamos ao guarda-roupa. E sorrindo: – Não se sente feliz? – Jamais! – bradava a demente com espantoso semblante de angústia. – Não quero vê-lo! Odeio-o, odeio-o, com tudo o que lhe pertence! Repetindo expressões de desprezo, inteirou-se, caindo em lamentável crise de nervos, pelo que a auxiliar de enfermagem houve que requisitar socorro urgente. Desejei reter-me, a fim de estudar a situação, mas o Assistente impediu-me, esclarecendo: – Não percas tempo. Não remediarias o mal. Nossa passagem aqui é rápida. Recomendo apenas anotes o refúgio de todos os que se esquecem dos deveres presentes, pretendendo escapar aos imperativos da realidade educadora. Modificou a inflexão da voz e prosseguiu: – “Não asseguramos que todos os casos do hospício se relacionem exclusivamente com esse fator. Muita gente atravessa este pavoroso túnel, premiada por exigências da prova retificadora; é, no entanto, forçoso reconhecer que a maioria encetou o pungitivo drama em si mesma. São irmãos nossos, revoltados ante os desígnios superiores que os conduziram a recapitular ensinamentos difíceis, qual o de se reaproximarem de velhos inimigos por intermédio de laços consanguíneos ou o de enfrentarem obstáculos aparentemente insuperáveis. “Para que se efetue a jornada iluminativa do espírito é indispensável deslocar a mente, revolver as ideias, renovar as concepções e modificar, invariavelmente, para o bem maior o modo íntimo de ser, tal qual procedemos com o solo na revivificação da lavoura produtiva ou com qualquer instituto humano em reestruturação para o progresso geral. Negando-se, porém, a alma a receber o auxílio divino, através dos processos de transformação incessante que lhe são oferecidos em seu benefício próprios pelas diferentes situações de que os dias se compõem no

aprendizado carnal, recolhe-se à margem da estrada, criando paisagens perturbadoras com desejos injustificáveis. “Quase podemos afirmar que noventa em cem dos casos de loucura, excetuados aqueles que se originam da incursão microbiana sobre a matéria cinzenta, começam nas consequências das faltas graves que praticamos, com a impaciência ou com a tristeza, isto é, por intermédio de atitudes mentais que imprimem deploráveis reflexos ao caminho daqueles que as acolhem e alimentam. Instaladas essas forças desequilibrantes no campo íntimo, inicia-se a desintegração da harmonia mental: esta por vezes perdura, não só numa existência, mas em várias delas, até que o interessado se disponha, com fidelidade, a valer-se das bênçãos divinas que o aljofram, para restabelecer a tranquilidade e a capacidade de renovação que lhe são inerentes à individualidade, em abençoado serviço evolutivo. Pela rebeldia, a alma responsável pode encaminhar-se para muitos crimes, a cujos resultados nefastos se cativa indefinidamente; e, pelo desânimo, é propensa a cair nos despenhadeiros da inércia, com fatal atraso nas edificações que lhe cabe providenciar.” Nesse ponto dos esclarecimentos, penetrávamos extensa varanda no departamento masculino e logo se nos deparou um homem que decerto se enquadrava entre os esquizofrênicos absolutos. Rodeavam-no algumas entidades de sombrio aspecto. Semelhava-se o doente a perfeito autômato, sob o guante de tais companheiros. Exibia gestos maquinais e, ao guarda que se aproximava, cauteloso, explicou em tom muito sério: – Venha, seu João. Não tenha receio. Ontem eu era o “leão”, mas hoje, sabe o senhor o que eu sou? Ante o enfermeiro hesitante, concluiu: – Hoje sou a “banana”. Encontraria, eu, sem dúvida, no caso, excelente ensejo de enriquecer experiências, porquanto de pronto reconheceria a entrosagem completa entre a vítima e os obsessores que lhe eram invisíveis. O desditoso era rematado fantoche nas mãos dos algozes tipicamente perversos. Calderaro, porém, não me permitiu interromper a marcha. – O processo de desequilíbrio está consumado – informou – e não encontrarias possibilidade de recompor-lhe, em serviço rápido, as energias mentais centralizadas na região inferior. O infeliz vem sendo objeto de práticas hipnóticas de implacáveis perseguidores; acha-se exposto a emissões contínuas de forças que o deprimem e enlouquecem. – Céus! – exclamei, apavorado – como socorrê-lo? – Trata-se de um homem – acrescentou o orientador – que em encarnações anteriores abusou do magnetismo pessoal. Não pude sopitar a objeção que me nasceu espontânea: – Como? As ciências magnéticas são de ontem... Calderaro estampou no olhar a condescendência que lhe é característica e retorquiu: – Acreditas que teriam sido iniciadas com Mesmer? E, sorridente, ajuntou: – Se consideráramos o sentido literal do texto,

o abuso de magnetismo pessoal teria começado com Eva, no paraíso... Indicou o enfermo e prosseguiu: – Em pretérito não muito remoto, nosso imprevidente amigo se excedeu em seu potencial de fascínio, desviando-o para aventuras menos dignas. Várias mulheres que lhe sofreram a ação corrosiva assestaram contra ele incessantes explosões de ódio doentio e corruptor, extravasamentos que o pobre companheiro merecia em consequência da atividade condenável a que se dedicou por muitos anos. Minado pela reação persistente, minguiu-lhe o cabedal de resistência; converteu-se, destarte, em joguete das forças destrutivas, às quais, a bem dizer, voluntariamente se unira, ao abraçar, entusiasta, a declarada prática do mal. Até quando se demorará em tal atitude, não será possível prever. Geralmente, ao delinqüirmos, podemos precisar o instante exato de nossa penetração na desarmonia; jamais sabemos, porém, quando soará o momento de abandoná-la. No retorno à estrada reta, através de atoleiros em que chafurdamos, por indiferença e má fé, não podemos prefixar calendários para a volta: implicamo-nos em jogos circunstanciais, de que só nos despeamos após doloroso reajustamento... Observando-me a admiração, ante a experiência hipnótica que os frios verdugos levavam a efeito, o Assistente considerou: – Não te impressiones. A morte física não modifica de súbito as inteligências votadas ao mal, nem o duelo da luz com a sombra se adstringe aos estreitos círculos carnaís. Logo após, éramos surpreendidos por dois velhinhos atoleimados, a pronunciar frases desconexas. – O tempo – elucidou o orientador, indicando-os – acaba sempre por denunciar a nossa posição verdadeira. Quando a criatura não haja feito da existência o sacerdócio de trabalho construtivo que nos cumpre na Terra, os fenômenos senis do corpo são mais tristes para a alma, pois, neste caso, o indivíduo já não domina as conveniências forjadas pelo imediatismo humano, patenteando-se-lhe a fixação da mente nos impulsos inferiores. Milhões de irmãos nossos permanecem, séculos afora, na fase infantil do entendimento, por não se animarem ao esforço de melhoria própria. Enquanto recebem a transitória cooperação de saúde física relativa, das convenções terrenas, das possibilidades financeiras e das variadas impressões passageiras que a existência na Crosta Planetária oferece aos que passam pela carne, esteiam-se nos títulos de cidadãos que a sociedade lhes confere; logo, porém, que visitados pelo morbo, pela escassez de recursos ou pela decrepitude, revelam a infância espiritual em que jazem: voltam a ser crianças, não obstante a idade proecta manifestada pelo veículo de ossos, por se haverem excessivamente demorado nos sítios superficiais da vida. A exposição não podia ser mais lógica; todavia, examinando aquele vasto ambiente, onde tantos loucos de ambos os sexos modorravam

distantes do realismo do mundo, sem a mais leve perspectiva de desencarnação próxima, pensei nas criaturas que já renascem imperfeitas e perturbadas; nas crianças atrasadas e nos moços em luta com a demência juvenil; nas fobias sem número que amofinam pessoas respeitáveis e prestativas, e solicitei, então, do instrutor, esclarecimentos sobre os quadros de sofrimento desse jaez, que de improviso assaltam os ambientes domésticos mais distintos. O Assistente não se surpreendeu, e observou: – Estudamos aqui, André, a messe das sementeiras, assim do presente, como do passado. Ponderamos não só a aprendizagem de uma existência efêmera, mas também a romagem da alma nos caminhos infinitos da vida, da vida imperecível que segue sempre, vencendo as imposições e as injunções da forma, purificando-se e santificando-se cada dia. Verificarás, conosco, afligente quadro de padecimentos espirituais e é provável que apreendas, num hospício humano, algo dos desequilíbrios que afetam a mente desviada das Leis Universais. Em verdade, na alienação mental começa a descida da alma às zonas inferiores da morte. Através do manicômio é possível entender, de certo modo, a loucura dos homens e das mulheres que, aparentemente equilibrados no campo social da Crosta Terrestre, onde permutam os eternos valores divinos por satisfações ilusórias imediatas, são relegados depois, além do sepulcro, a inominável desespero do sentimento. Quanto às perturbações que acompanham a alma no renascimento ou na infância do corpo, na juventude ou na senilidade, é mister reconhecer que o desequilíbrio começa na inobservância da Lei, como a expiação se inicia no crime. Adotada a conduta em desacordo com a realidade, encontra o espírito, invariavelmente, em todos os círculos onde se veja, os efeitos da própria ação. Seja nos mecanismos da hereditariedade fisiológica, seja fora de sua influência, a mente, encarnada ou não, revela-se na colheita do que haja semeado, no campo de evolução do esforço comum, no monte da elevação pela prática do sumo bem, ou no vale expiatório pelo exercício do mal. O Assistente, que se dispunha a retirar-se, fitou-me demoradamente, e rematou: – O louco, em geral, considerando-se não só o presente, senão até o passado longínquo, é alguém que aborreceu as bênçãos da experiência humana, preferindo segregar-se nos caprichos mentais; e a entidade espiritual atormentada após a morte é sempre alguém que deliberadamente fugiu às realidades da Vida e do Universo, criando regiões purgatórias para si mesmo. Compreendeste? Fixei o instrutor, reconhecidamente. Sim, havia entendido. E, ponderando a lição da manhã, segui o orientador, que silente abandonava o campo de observação, a fim de mais tarde nos avistarmos com os benfeitores que visitariam as cavernas, em missão de amor e de paz.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 16)

“Voltando à casa, algumas horas transcorreram tocadas para nós de singular expectativa; entretanto, à noite, Saldanha manifestou o propósito de visitar o filho hospitalizado. Com espanto, reparei que o nosso instrutor lhe pedia permissão para que o acompanhássemos. O perseguidor de Margarida, algo surpreso, acedeu, indagando, porém, quanto ao móvel de semelhante solicitação: – Quem sabe se poderemos ser úteis? – respondeu Gúbio, otimista. Não houve relutância. Guardadas rigorosas precauções por parte de Saldanha, que se fez substituir, junto à doente, por Leôncio, um dos dois implacáveis hipnotizadores, rumamos para o hospício. Entre variadas vítimas da demência, relegadas a reajuste cruel, a posição de Jorge era de lamentar. Encontramo-lo de bruços, no cimento gelado de cela primitiva. Mostrava as mãos feridas, coladas ao rosto imóvel. O genitor, que até ali se nos afigurara impermeável e endurecido, contemplou o filho com visível angústia nos olhos velados de pranto e elucidou com infinita amargura na voz: – Está, certamente, repousando depois de crise forte. Não era, contudo, o rapaz tresloucado e abatido quem mais inspirava compaixão. Agarradas a ele, ligadas ao círculo vital que lhe era próprio, a mãezinha e a esposa desencarnadas absorviam-lhe os recursos orgânicos. Jaziam igualmente estiradas no chão, letárgicas quase, como se houvessem atravessado violento acesso de dor. Irene, a suicida, trazia a destra jungida à garganta, apresentando o quadro perfeito de quem vivia sob dolorosa aflição de envenenamento, ao passo que a genitora enlaçava o enfermo, de olhos parados nele, exibindo ambas sinais iniludíveis de atormentada introversão. Fluidos semelhantes a massa viscosa cobriam-lhes todo o cérebro, desde a extremidade da medula espinhal até os lobos frontais, acentuando-se nas zonas motoras e sensitivas. Concentradas nas forças do infeliz, como se a personalidade de Jorge representasse a única ponte de que dispunham para a comunicação com a forma de existência que vinham de abandonar, revelavam-se integralmente subjugadas pelos interesses primários da vida física. – Estão loucas – informou Saldanha, na intenção evidente de ser agradável –, não me compreendem, nem me reconhecem, embora me fixem. Guardam o comportamento de crianças, quando fustigadas pela dor. Corações de porcelana, quebrados facilmente. E franzindo o sobrelenho, transtornado agora por insofreado rancor, acrescentou: – Raras mulheres sabem conservar a fortaleza nas guerras de revide. Em geral, sucumbem rapidamente, vencidas pela ternura inoperante. Nosso orientador, desejando anular as vibrações de cólera no companheiro, cortou-lhe o rumo das impressões destrutivas, confirmando, pesaroso: – Demoram-se, efetivamente, em profunda hipnose. Nossas irmãs não conseguiram, por enquanto, ultrapassar o pesadelo do

sofrimento, no transe da morte, qual acontece ao viajante que inicia a travessia de vasta corrente de águas turvas, sem recursos para alcançar a outra margem. Ligadas ao filho e esposo, objeto que lhes centralizou, nas horas finais do corpo denso, todas as preocupações afetivas, combinaram as próprias energias com as forças torturadas dele e aquietam-se, aflitivamente, no centro dos fluidos que lhes constituem criação individual, como acontece ao *Bombyx mori* imobilizado e dormente sob os fios, tecidos por ele mesmo. O obsessivo de Margarida registrou as observações, demonstrando indisfarçável surpresa no olhar e acentuou, mais calmo: – Por mais que eu me procure insinuar, gritando-lhes meu nome aos ouvidos, não conseguem entender-me. Em verdade, movem-se e se lastimam, através de longas frases desconexas, mas a memória e a atenção parecem mortas. Se insisto, carregando-as, a custo, ansioso por infundir-lhes vida nova com que me possam auxiliar na vingança, vejo baldado todo esforço, porquanto regressam imediatamente para Jorge, logo que as suponho livres, num impulso análogo ao das agulhas que um imã recolhe a distância. – Sim – corroborou o nosso diretor –, mostram-se temporariamente esmagadas de pavor, desânimo e sofrimento. Pela ausência de trabalho mental contínuo e bem coordenado, não expeliram as “forças coagulantes” do desalento, que elas mesmas produziram, inconformadas, ante os imperativos da luta normal na Terra e entregaram-se, com indiferença, a deplorável torpor, dentro do qual se alimentam das energias do enfermo. Drenado incessantemente nas reservas psíquicas, o doente, hipnotizado por ambas, vive entre alucinações e desesperos, naturalmente incompreensíveis para quantos o rodeiam.” (AL, *Libertação*, Capítulo 12)

“Emersão do passado. [...] Perplexos, Hilário e eu lançamos um olhar indagador ao Assistente, que nos percebeu a estranheza, porquanto a enferma, sem a presença da mulher invisível que parecia personificar, prosseguia em aflitiva posição de sofrimento. – Não vejo a entidade de quem a nossa irmã se faz intérprete – alegou Hilário, curioso. – Sim – disse por minha vez –, observo em nossa vizinhança um triste companheiro desencarnado, mas se ele estivesse telepaticamente ligado à nossa amiga, decerto a mensagem definiria a palavra de um homem, sem as características femininas da lamentação que registramos... Em verdade, não notamos aqui qualquer laço magnético que nos induza a assinalar fluidos teledinâmicos sobre a mente da médium... Áulus afagou a fronte da doente em lágrimas, como se lhe auscultasse o pensamento, e explicou: – Estamos diante do passado de nossa companheira. A mágoa e o azedume, tanto quanto a personalidade supostamente exótica de que dá testemunho, tudo procede dela mesma... Ante a aproximação de antigo desafeto, que ainda a persegue de nosso plano, revive

a experiência dolorosa que lhe ocorreu, em cidade do Velho Mundo, no século passado, e entra em seguida a padecer insopitável melancolia. Recomeçou a luta na carne, na presente reencarnação, possuída de novas esperanças, contudo, tão logo experimenta a visitação espiritual do antigo verdugo, que a ela se enleia, através de vigorosos laços de amor e ódio, perturba-se-lhe a vida mental, necessitada de mais ampla reeducação. É um caso no qual se faz possível a colheita de valiosos ensinamentos. – Isso quer dizer, então... A frase de Hilário ficou, porém, no ar, porque o instrutor lhe definiu o pensamento, acrescentando: – Isso quer dizer que nossa irmã imobilizou grande coeficiente de forças do seu mundo emotivo em torno da experiência a que nos referimos, a ponto de semelhante cristalização mental haver superado o choque biológico do renascimento no corpo físico, prosseguindo quase que intacta. Fixando-se nessa lembrança, quando instada de mais perto pelo companheiro que lhe foi irrefletido algoz, passa a comportar-se qual se estivesse ainda no passado que teima em ressuscitar. É então que se dá a conhecer como personalidade diferente, a referir-se à vida anterior. Sorrindo, paternal, considerou: – Sem dúvida, em tais momentos, é alguém que volta do pretérito a comunicar-se com o presente, porque ao influxo das recordações penosas de que se vê assaltada, centraliza todos os seus recursos mnemônicos tão somente no ponto nevrálgico em que viciou o pensamento. Para o psiquiatra comum é apenas uma candidata à insulino-terapia ou ao eletrochoque, entretanto, para nós, é uma enferma espiritual, uma consciência torturada, exigindo amparo moral e cultural para a renovação íntima, única base sólida que lhe assegurará o reajustamento definitivo. Analisei-a, com atenção, e concluí: – Mediunicamente falando, vemos aqui um processo de autêntico animismo. Nossa amiga supõe encarnar uma personalidade diferente, quando apenas exterioriza o mundo de si mesma... – Poderíamos, então, classificar o fato no quadro da mistificação inconsciente? – interferiu Hilário, indagador. Áulus meditou um minuto e ponderou: – Muitos companheiros matriculados no serviço de implantação da Nova Era, sob a égide do Espiritismo, vêm convertendo a teoria animista num travão injustificável a lhes congelarem preciosas oportunidades de realização do bem; portanto, não nos cabe adotar como justas as palavras “mistificação” inconsciente ou subconsciente, para batizar o fenômeno. Na realidade, a manifestação decorre dos próprios sentimentos de nossa amiga, arrojados ao pretérito, de onde recolhe as impressões deprimentes de que se vê possuída, externando-as no meio em que se encontra. E a pobrezinha efetua isso quase na posição de perfeita sonâmbula, porquanto se concentra totalmente nas recordações que já assinalamos, como se reunisse todas as energias da memória

numa simples ferida, com inteira despreocupação das responsabilidades que a reencarnação atual lhe confere. Achamo-nos, por esse motivo, perante uma doente mental, requisitando-nos o maior carinho para que se recupere. Para sanar-lhe a inquietação, todavia, não nos bastam diagnósticos complicados ou meras definições técnicas no campo verbalista, se não houver o calor da assistência amiga. Nosso orientador fez ligeira pausa, acariciando a enferma, e, enquanto Raul Silva continuava a doutriná-la e a consolá-la, notificou-nos, bondoso: – Deve ser tratada com a mesma atenção que ministramos aos sofrendores que se comunicam. É também um Espírito imortal, solicitando-nos concurso e entendimento para que se lhe restabeleça a harmonia. A ideia de mistificação talvez nos impelisse a desrespeitosa atitude, diante do seu padecimento moral. Por isso, nessas circunstâncias, é preciso armar o coração de amor, a fim de que possamos auxiliar e compreender. Um doutrinador sem tato fraterno apenas lhe agravaria o problema, porque, a pretexto de servir à verdade, talvez lhe impusesse corretivo inoportuno ao invés de socorro providencial. Primeiro, é preciso remover o mal, para depois fortificar a vítima na sua própria defesa. Felizmente, o nosso Raul assimila as correntes espirituais que prevalecem aqui, tornando-se o enfermeiro ideal para as situações dessa ordem. Hilário, tanto quanto eu, edificado com os ensinamentos ouvidos, perguntou respeitoso: – E podemos considerá-la médium, mesmo assim? – Como não? Um vaso defeituoso pode ser consertado e restituído ao serviço. Naturalmente, agora a paciência e a caridade necessitam agir para salvá-la. Nossa irmã deve ser ouvida na posição em que se revela, como sendo em tudo a desventurada mulher de outro tempo, e recebida por nós nessa base, para que use o remédio moral que lhe estendemos, desligando-se enfim do passado... O assunto não comporta desmentido, porque indiscutivelmente essa mulher existe ainda nela mesma. A personalidade antiga não foi tão eclipsada pela matéria densa como seria de desejar. Ela renasceu pela carne, sem renovar-se em espírito... O Assistente fixou o gesto de quem mergulhava na própria consciência a sonda de suas reflexões e falou, qual se o fizesse de si para consigo: – Ela representa milhares de criaturas aos nossos olhos... Quantos mendigos arrastam na Terra o esburacado manto da fidalguia efêmera que envergaram outrora! Quantos escravos da necessidade e da dor trazem consigo a vaidade e o orgulho dos poderosos senhores que já foram em outras épocas!... Quantas almas conduzidas à ligação consanguínea caminham, do berço ao túmulo, transportando quistos invisíveis de aversão e ódio aos próprios parentes, que lhes foram duros adversários em existências pregresas!... Todos podemos cair em semelhantes estados se não aprendemos a cultivar o esquecimento do mal, em

marcha incessante com o bem...” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 22)

“Em torno da fixação mental. [...] Simbolizemos o estágio da alma, na Terra, através da reencarnação, como sendo valiosa linha de frente, na batalha pelo aperfeiçoamento individual e coletivo, batalha em que o coração deve armar-se de ideias santificantes para conquistar a sublimação de si mesmo, a mais alta vitória. A mente é o soldado em luta. Ganhando denodadamente o combate em que se empenhou, tão logo seja conduzida às aferições da morte sobe verticalmente para a vanguarda, na direção da Esfera Superior, expressando-se-lhe o triunfo por elevação de nível. Entretanto, se fracassa, e semelhante perda é quase sempre a resultante da incúria ou da rebeldia, volta horizontalmente, nos acertos da morte, para a retaguarda, onde se confunde com os desajustados de toda espécie, para indeterminado período de tratamento. Em qualquer frente de luta terrestre, a retaguarda é a faixa atormentada dos neuróticos, dos loucos, dos mutilados, dos feridos e dos enfermos de toda casta. Ante o interesse com que lhe ouvíamos a exposição, Áulus prosseguiu, depois de ligeira pausa: – Decerto, as legiões vitoriosas não se esquecem dos que permaneceram no desequilíbrio e daí vemos as missões de amor e renúncia, funcionando diligentes onde estacionam a desarmonia e a dor. – E o problema da imobilização da alma? – tornou meu colega, ávido de saber. O interpelado sorriu e considerou: – Em nossa imagem, podemos defini-la com a propriedade possível. É que o tempo, para nós, é sempre aquilo que dele fizemos. Para melhor compreensão do assunto, lembremo-nos de que as horas são invariáveis no relógio, mas não são sempre as mesmas em nossa mente. Quando felizes, não tomamos conhecimento dos minutos. Satisfazendo aos nossos ideais ou interesses mais íntimos, os dias voam céleres, ao passo que, em companhia do sofrimento e da apreensão, temos a ideia de que o tempo está inexoravelmente parado. E quando não nos esforçamos por superar a câmara lenta da angústia, a ideia aflitiva ou obcecante nos corrói a vida mental, levando-nos à fixação. Chegados a essa fase, o tempo como que se cristaliza dentro de nós, porque passamos a gravitar, em Espírito, em torno do ponto nevrálgico de nosso desajuste. Qualquer grande perturbação interior, chame-se paixão ou desânimo, crueldade ou vingança, ciúme ou desespero, pode imobilizar-nos por tempo indefinível em suas malhas de sombra, quando nos rebelamos contra o imperativo de marcha incessante com o Sumo Bem. Analisemos ainda o nosso símbolo do combate. O relógio inflexível assinala o mesmo horário para todos, entretanto, o tempo é leve para os que triunfaram e pesado para os que perderam. Com os vencedores, os dias são felicidade e louvor e com os vencidos são amargura e

lágrimas. Quando nós não nos desvencilhamos dos pensamentos de flagelação e derrota, através do trabalho constante pela nossa renovação e progresso, transformamo-nos em fantasmas de aflição e desalento, mutilados em nossas melhores esperanças ou encafurnados em nossas chagas íntimas. E quando a morte nos surpreende nessas condições, acentuando-se-nos então a experiência subjetiva, se a alma não se dispõe ao esforço heroico da suprema renúncia, com facilidade emaranha-se nos problemas da fixação, atravessando anos e anos, e por vezes séculos na repetição de reminiscências desagradáveis, das quais se nutre e vive. Não se interessando por outro assunto a não ser o da própria dor, da própria ociosidade ou do próprio ódio, a criatura desencarnada, ensimesmando-se, é semelhante ao animal no sono letárgico da hibernação. Isola-se do mundo externo, vibrando tão somente ao redor do desequilíbrio oculto em que se compraz. Nada mais ouve, nada mais vê e nada mais sente, além da esfera desvairada de si mesma. Revestia-se o assunto de imenso interesse para minhas observações pessoais. Em muitas ocasiões, sondara de perto as consciências que dormitam, após a morte, quais múmias espirituais. E lembrei-as ao Assistente, que nos disse, atencioso: – Sim, a mente estacionária na desertão da Lei, durante o repouso habitual em que se imobiliza, além do túmulo, sofre angustiosos pesadelos, despertando quase sempre em plena alienação, que pode persistir por muito tempo, cultivando apaixonadamente as impressões em que julga encontrar a própria felicidade. – E qual o remédio mais adequado à situação? – inquiri, respeitoso. – Muitas dessas almas desorientadas – comentou o instrutor – por fim se entediam do mal e procuram a regeneração por si mesmas, ao passo que outras, em nossas tarefas de assistência, acordam para as novas responsabilidades que lhes competem no próprio reajuste. São os soldados feridos buscando corresponder às missões de amor que lhes visitam o pouso de restauração. Entendem o impositivo da luta dignificante a que foram chamados e, ajudando aos que os ajudam, regressam ao bom combate, em cujas linhas se acomodam com o serviço que lhes é possível desempenhar. Outras, porém, recalcitrantes e inconformadas, são docemente constrangidas ao retorno à batalha para que se desvencilhem da prostração a que se recolheram. A experiência no corpo de carne, em posição difícil, é semelhante a um choque de longa duração, em que a alma é convidada a restabelecer-se. Para isso, tomamos o concurso de afeições do interessado que o assila no templo familiar. – Mas, nesses casos, a reencarnação será compulsória, assim como um ato de violência? – perguntou Hilário com atenção. – Que fazemos na Terra – disse o Assistente – quando surge um louco em nossa casa? Não passamos a assumir a

responsabilidade do tratamento? Aguardaremos qual quer resolução do alienado mental, no que tange às medidas indispensáveis à restauração do seu equilíbrio? É certo que nos cabe o dever de honrar a consciência livre, capaz de decidir por si mesma nos variados problemas da luta evolutiva, entretanto, à frente do irmão irresponsável e enfermo, a nossa colaboração significa amizade fiel, ainda que essa colaboração expresse doloroso processo de reequilíbrio em seu favor. Após ligeira pausa, continuou: – A reencarnação, em tais circunstâncias, é o mesmo que conduzir o doente inerte a certa máquina de fricção para o necessário despertamento. Intimamente justaposta ao campo celular, a alma é a feliz prisioneira do equipamento físico, no qual influencia o mundo atômico e é por ele influenciada, sofrendo os atritos que lhe objetivam a recuperação. Os significativos apontamentos convidavam-nos a meditar e aprender. Impressionado, considerei: – Em virtude de semelhantes fixações, é que vemos entidades padecendo deplorável amnésia. Quando se comunicam com os irmãos encarnados, não conservam exata lembrança senão dos assuntos em que se lhes encravam as preocupações e, quando permutam impressões conosco, assemelham-se a psicóticos renitentes. – Isso mesmo. Por esse motivo, requerem habitualmente grande carinho em nosso trato pessoal. – E quando encaminhadas à reencarnação, no desajuste em que se veem, essas criaturas tornam à realidade, de súbito? – perguntei com interesse. – Nem sempre. E imprimindo novo entono à voz, o Assistente continuou: – Na maioria das vezes, o soerguimento é vagaroso. Podemos comprovar isso no estudo das crianças retardadas, que exprimem dolorosos enigmas para o mundo... Somente o extremado amor dos pais e dos familiares consegue infundir calor e vitalidade a esses entezinhos que, não raro, se demoram por muitos anos na matéria densa, como apêndices torturados da sociedade terrestre, curtindo sofrimentos que parecem injustificáveis e estranhos e que constituem para eles a medicação viável. É possível auscultar ainda a verdade de nossa assertiva, nos chamados esquizofrênicos e nos paranoicos que perderam o senso das proporções, situando-se em falso conceito de si mesmos. Quase todas as perturbações congeniais da mente, na criatura reencarnada, dizem respeito a fixações que lhe antecederam a volta ao mundo. E, em muitos casos, os Espíritos enleados nesses óbices seguem do berço ao túmulo em recuperação gradativa, experimentando choques benéficos, através das terapêuticas humanas e das exigências domésticas, das imposições dos costumes e dos conflitos sociais, deles retirando as vantagens do que podemos considerar por extroversão indispensável à cura das psicoses de que são portadores. A conversação era instrutiva e sugeria-nos importantes estudos, entretanto, serviços

outros aguardavam o Assistente, motivo por que a interrompemos.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 25)

“**ANIMISMO.** [...] **Obsessão e animismo.** Muitas vezes, conforme as circunstâncias, qual ocorre no fenômeno hipnótico isolado, pode cair a mente nos estados anômalos de sentido inferior, dominada por forças retrógradas que a imobilizam, temporariamente, em atitudes estranhas ou indesejáveis. Nesse aspecto, surpreendemos multiformes processos de obsessão, nos quais Inteligências desencarnadas de grande poder senhoreiam vítimas inabilitadas à defensiva, detendo-as, por tempo indeterminado, em certos tipos de recordação, segundo as dívidas cármicas a que se acham presas. Frequentemente, pessoas encarnadas, nessa modalidade de provação regeneradora, são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjugam. **Animismo e hipnose.** Imaginemos um sensitivo a quem o magnetizador, intencionalmente, fizesse recuar até esse ou aquele marco do pretérito, pela deliberada regressão da memória, e o deixasse nessa posição durante semanas, meses ou anos a fio, e teremos exata compreensão dos casos mediúnicos em que a tese do animismo é chamada para a explicação necessária. O “sujet”, nessa experiência, declarar-se-ia como sendo a personalidade invocada pelo hipnotizador, entrando em conflito com a realidade objetiva, mas não deixaria, por isso, de ser ele mesmo sob controle da ideia que o domina. Nas ocorrências várias da alienação mental, encontramos fenômenos assim tipificados, reclamando larga dose de paciência e carinho, porquanto as vítimas desses processos de fixação não podem ser categorizadas à conta de mistificadores inconscientes, pois representam, de fato, os agentes desencarnados a elas jungidos por teias fluídicas de significativa expressão, tal qual acontece ao sensitivo comum, mentalmente modificado, na hipnose de longo curso, em que demonstra a influência do magnetizador. **Desobsessão e animismo.** Nenhuma justificativa existe para qualquer recusa no trato generoso de personalidades medianímicas provisoriamente estacionadas em semelhantes provações, de vez que são, em si próprias, Espíritos sofrendores ou conturbados quanto quaisquer outros que se manifestem, exigindo esclarecimento e socorro. O amparo espontâneo e o auxílio genuinamente fraterno lhes reajustarão as ondas mentais, concurso esse que se estenderá, inevitável, aos companheiros do pretérito que lhes assediem o pensamento, operando a reconstituição de caminhos retos para os sensitivos corporificados na Terra, tão

importantes e tão nobres em sua estrutura quanto aqueles que os doutrinadores encarnados se propõem traçar para os amigos desencarnados menos felizes. Aliás, é preciso destacar que o esforço da escola, seja ela o recinto consagrado à instrução primária ou a instituto corretivo, funciona como recurso renovador da mente, equilibrando-lhe as oscilações para níveis superiores. Não há novidade alguma no impositivo da acolhida magnânima aos obsessos dessa natureza, hipnotizados por forças que os comandam espiritualmente, à distância. **Animismo e criminalidade.** Os manicômios e as penitenciárias estão repletos de irmãos nossos obsidiados que, alcançando o ponto específico de suas recapitulações do pretérito culposos, à falta de providências reeducativas, nada mais puderam fazer que recair na loucura ou no crime, porque, em verdade, a alienação e a delinquência, na maioria das vezes, expressam a queda mental do Espírito em reminiscências de lutas pregressas, à semelhança do aluno que, voltando à lição, com recursos deficitários, incorre lamentavelmente nos mesmos erros. O ressurgimento de certas situações e a volta de marcadas criaturas ao nosso campo de atividade, do ponto de vista da reencarnação, funcionam em nossa vida íntima como reflexos condicionados, comprovando-nos a capacidade de superação de nossa inferioridade, antigamente positivada. Se estivermos desarmados de elementos morais suscetíveis de alterar-nos a onda mental para a assimilação de recursos superiores, quase sempre tornamos à mesma perturbação e à mesma crueldade que nos assinalaram as experiências passadas. Nesse fenômeno reside a maior percentagem das causas de insânia e criminalidade em todos os setores da civilização terrestre, porquanto é aí, nas chamadas predisposições mórbidas, que se rearticulam velhos conflitos, arrasando os melhores propósitos da alma, sempre que descure de si mesma. Convenhamos, pois, que a tarefa espírita é chamada, de maneira particular, a contribuir no aperfeiçoamento dos impulsos mentais, favorecendo a solução de todos os problemas suscitados pelo animismo. Através dela, são eles endereçados à esfera iluminativa da educação e do amor, para que os sensitivos, estagnados nessa classe de acontecimentos, sejam devidamente amparados nos desajustes de que se vejam portadores, impedindo-se-lhes o mergulho nas sombras da perturbação e recuperando-se-lhes a atividade para a sementeira da luz.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 23)

“[...] Despedindo-se gentilmente dos familiares visitados, sob visível gratidão de todos, ao chegar à rua Petitinga prosseguiu explicando-me, assumindo essa atitude que lhe era habitual: — Ocorre que despertados os centros da memória subconsciente, Mariana se vê agredida pelas próprias imagens desequilibrantes que acalentou, e que se podem transformar em

infeliz processo de loucura. Loucos não são somente os que são vítimas de infecções específicas, os que têm lesões cerebrais, os que sofreram traumatismo craniano, os que padecem de tumores no cérebro, os esquizofrênicos e outras tantas que se apresentam sob causas outras. Não apenas os obsidiados por Entidades desencarnadas. O enfermo mental, classificado em qualquer nomenclatura, é espírito perseguido em si mesmo, fugitivo das Leis Divinas, refugiando-se numa organização psíquica que lhe não resiste aos caprichos e se desborda em alucinações, até à alienação total. Muitas recordações infelizes de existências passadas podem, repentinamente, assomar à consciência atual, libertadas dos depósitos da subconsciência, criando estados patológicos muito complexos. Essas evocações podem tomar dois aspectos distintos: remorso inconsciente a se manifestar em forma de autopunição, como buscando reparar o mal praticado, e recordação tormentosa, persistente, gerando a distonia da razão, o desequilíbrio do discernimento. No caso de Mariana, a segunda é a hipótese que melhor se lhe ajusta. Fez silêncio. A noite convidava à meditação. As ruas calmas da cidade ensejavam marcha lenta e agradável. Interessado em clarificar o problema, aduziu: — Como observamos durante os trabalhos já referidos, que tiveram curso demorado quando buscamos o leito, na noite passada — dos quais me lembro cada vez com melhor nitidez —, Mariana se defrontou, parcialmente desdobrada pelo sono, com o seu antagonista e recordou naturalmente da fuga ao dever, da responsabilidade pelo sofrimento que acarreta ao atual desafeto, ficando desse modo vivas, na mente, as cenas revisadas pela necessidade imperiosa que se fazia do reencontro espiritual da vítima e do algoz, para o impositivo da pacificação. Nada ocorre em nome de um protecionismo que seria injusto e indigno do Nosso Pai. Verdugo e vítima são filhos do mesmo Amor, momentaneamente separados por desconsideração ao dever ou por maneira inditosa de acatar os fatos e acontecimentos da vida. Daí a inevitabilidade de uma existência pautada nos conceitos sempre atuais do Evangelho de Jesus.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 7)

“Concluída a operação complexa e tecnicamente realizada, o irmão Bezerra de Menezes elucidou-nos: - Toda enfermidade, resguardada em qualquer nomenclatura, sempre resulta das conquistas negativas do passado espiritual de cada um. Estando o “campo estruturador”, conforme nominam os modernos pesquisadores parapsicológicos ao perispírito, sob o bombardeio de energias deletérias, é óbvio que as ideias, plasmando as futuras formas para o Espírito, criam as condições para que se manifestem as doenças... “Tomemos, por exemplo, nossa irmã Eudóxia, no momento, sob nossa observação.” “Amanhã apresentará sinais de significativa melhora na saúde, embora as causas

preponderantes da sua alienação nela mesma se encontram. Numa forma de autocídio indireto, através do qual pretende eximir-se à responsabilidade, auto suplicia-se, mergulhando no desconcerto da loucura.” Observando-a mais detidamente, continuou: — Na metade do século passado, encontramos-la senhora de terras, em próspera cidade do Império, no solo fluminense... Consorciada com homem probo, de sentimentos elevados, caracterizava-se pelo temperamento irascível, insuportável. Cansado da esposa rebelde e malsinante, o companheiro propôs-lhe separação honrosa... Acreditando-se, porém, substituída — e de imediato transferiu para humilde serva a suposta preferência do marido — silenciou, planejando, então, hediondo homicídio que culminou calma, calculadamente, com segurança. Envenenou o esposo indefeso nas suas mãos, que de nada suspeitava e, passado algum tempo, repetiu a façanha com a servidora que tudo ignorava... “Dama altiva e destacada, seus dois crimes não foram sequer suspeitados, ninguém tomou deles conhecimento. Ela, porém, os sabia... A punição maior para o culpado é a presença da culpa, insculpida na consciência. A princípio, quando as forças orgânicas estão em plenitude, ela dorme. À medida que se afrouxam os liames das potências da vida vegetativa, ressumam as evocações e se transformam em complexo culposos, monoideísmo infeliz que mais grava o delito e agrava a responsabilidade... “Surpreendida pela desencarnação, transferiu para o Além os dramas ocultos. Embora perdoada pelo esposo-vítima, que se encontrava em melhor condição espiritual do que ela, tornou-se perseguida pela serva, que a seveiciou demoradamente em região de compacta sombra espiritual. “Trazida à reencarnação, os fortes açoites do remorso, as impressões vigorosas da expiação junto à vítima, a intranquilidade lesaram os centros da consciência, do que resultou a enfermidade que ora padece... Depois de breve silêncio, concluiu: — Os núcleos desarticulados no perispírito produziram as condições físicas do encéfalo, que se desconectaram quando completou trinta anos, idade em que se deixara assediado pela fúria do desequilíbrio, embora as distonias graves que a perturbavam desde a adolescência. “Apesar de a maior incidência de hebefrenia ocorrer na puberdade, conforme foi analisada e descrita em 1871, sendo posteriormente incluída por Kraepelin como uma das “demências precoces”, esta surge como se agrava em qualquer idade...”^(*) [“(*) Quem primeiro definiu a Hebefrenia foi Kahlbaum (Karl Ludwig), em 1863, como sendo uma alienação mental que surge precocemente na puberdade e se caracteriza por uma cessação das aquisições intelectuais, conduzindo o paciente para a demência total, incurável. - Nota do Autor espiritual] “A enfermidade que afeta a área da personalidade, produzindo deteriorização, gera estados antípodos

de comportamento em calma e fúria, modificação do humor, jocosidade, com tendências, às vezes, para o crime, é o resultado natural do abuso e desrespeito ao amor, à vida, ao próximo. “Purgará, ainda um pouco, até que a desencarnação lhe tome de volta as vestes, a fim de recomeçar noutra condição o que espontânea e levemente adiou... Estávamos edificadas e surpresos. Constatávamos ali a procedência da Divina Justiça e poderíamos distinguir que, na etiologia das enfermidades mentais, muitos fatores estudados pela moderna Psiquiatria são legítimos, faltando a essa nobre Ciência um maior contato com as “questões do Espírito”, do que hauriria suficiente luz para incluir a obsessão como uma das causas das alienações mentais, penetrando nas realidades da Alma encarnada e melhor desintrincando os variados processos que sempre se originam no ser espiritual, ao longo da sua jornada evolutiva.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 10)

“Sem embargo, sentiam-se estranhamente identificados, como se fossem conhecidos que se reencontravam, estabelecendo liames que, embora interrompidos, não cessavam de sustentar-se, apesar da distância no espaço e no tempo... E conheciam-se, sem dúvida, porquanto esta não seria a sua primeira experiência afetiva, na programática redentora a que se propunham espiritualmente. Transcorridos os primeiros meses do consórcio matrimonial, Rafael passou a exteriorizar os tormentos íntimos que o dominavam, transformando-se, a pouco e pouco, em vigoroso verdugo da esposa submissa que lhe experimentava as injunções, entre frustrações afetivas e profundos martírios morais. Renascente de rudes responsabilidades em que fracassara no pretérito próximo, desbordaram-se-lhe as lembranças impressas nos painéis da inconsciência, tornando-o rancoroso sem qualquer motivo e desconfiado, a ponto de sucumbir em crises de violência e mudez selvagem a que se entregava, ante a reação passiva da esposa aturdida e inditosa. Cessados os conflitos, que se amiudavam, parecia recobrar a lucidez, retornando à gentileza e à ternura com que buscava reabilitação, para logo recair nos mesmos dédalos de crueldade e insânia. Obsidiado em si mesmo, avassalado pelas reminiscências odientas do passado e agulado pelo ódio dos antigos comparsas de orgias como de agressividade, padecia a funesta subjugação transitória, cíclica em que se arruinava emocionalmente, avançando com celeridade para um colapso nervoso. Permitindo-se reflexões periódicas, não encontrava os móveis do desequilíbrio, em considerando os triunfos na carreira comercial, sempre que se distanciava da esposa sensível e do lar por ela enobrecido.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 1)

“AUTO-OBSESSÃO. O impositivo do tempo sucedendo-se, inevitavelmente, venceu as resistências no lar dos Ferguson, que, após a sucessão de dores, se

adaptou às anteriores condições da sobrevivência. Em verdade, a família submeteu-se às contingências novas com esforço hercúleo, sopitando aspirações e transferindo programas. A felicidade transformou-se em resignação, e a alegria tornou-se morna tranquilidade superior, que ocultava ebulição facilmente perceptível, em ritmo que exterminaria as suas vítimas a qualquer nova sobrecarga. Gilberto empregou-se numa casa comercial, adquirindo total consciência de responsabilidade, embora mais acentuada lhe fosse a introspecção. Podia ser considerado um fogoso corcel em brida curta que a vontade férrea manietava. Já Lisandra descambava, lenta, porém, continuamente, para um doloroso processo de alienação auto-obsessiva. A conselho médico, fora privada de continuar os estudos, deixando-se arrastar pelo alheamento e pelas crises, que persistiam, periódicas, com maior vigor nos dias do fluxo catamênio, que, então, a depauperava. Nessas oportunidades, não armada de conhecimentos que a auxiliassem com as forças capazes de poder reagir ao deperecimento psíquico e físico, acalentava a autocompaixão, mais fixando o desequilíbrio nas tecelagens sensíveis do perispírito. No íntimo, rebelde, sentindo a ausência do genitor que a mimava e em quem encontrava estímulos oriundos da afetividade subjacente desde a existência passada, que ora reajustava mediante o programa expiatório atual, fugia psiquicamente à realidade, permitindo que os clichês impressos na mente subconsciente ressurgissem nebulosos, produzindo-lhe inquietação em alguns momentos e, noutros, profunda melancolia. Parecia recordar-se de prazeres nos quais fora personagem de relevo e revia-se, mentalmente, requestada, numa sociedade ociosa em que sobressaía pela beleza e futilidade, pela posição a que se guindava e pela permissividade bem disfarçada, que usufruía. Nessa situação, a memória referta de sensações orgíacas divagava, e a jovem recolhia-se com avidez à penetração, cada vez mais ansiosa, da paisagem íntima que a agradava. Não cientificava dessas divagações a genitora, preocupada, semi-sucumbida pela demorada provação, zeloso anjo da guarda junto à sua enfermidade. Cria, talvez, que tudo fosse imaginação, desejo silenciado, não obstante, nas poucas reflexões cuidadas que se permitia, dava-se conta de que tais “sonhos”, em plena lucidez, estavam presentes em sua vida, desde até aonde chegavam suas recordações da vida infantil. Sem meios de comunicação normais que lhe produzissem esses anseios e lampejos, mortificava-se, sem entender a ocorrência que a deleitava. Era esse o seu “mundo feliz”, conforme o imaginava, exceto quando, em face de qualquer problema que a excitasse, fugia, atendendo a poderoso mecanismo para ela incompreensível, para as “ausências”, nos desmaios em que sucumbia. Também lhe sucedia o vágado, quando a regressão da memória em devaneio

defrontava os episódios macabros de que cria haver participado, naquele mundo mental, e que a censura automática dos centros da consciência se negava revelar com toda a força da sua realidade. Necessário esclarecer que o problema da auto-obsessão decorre da necessidade que o Espírito se impõe, no processo reencarnatório, de expungir crimes perpetrados e que não foram denunciados, nem também justificados a seu tempo. A culpa inculpada nos mecanismos do ser consciente, nos recessos da alma, é brasa viva a requeimar, até que se dilua pelo soerguimento do defraudador da justiça, quando se sinta recuperado e quite, desaparecendo, então, os agentes causadores do desequilíbrio. Após identificar os erros, sem os poder negacear ou iludir-se, quando em estado de erraticidade, o Espírito reencarna com a consciência do desacato às Leis Divinas, sabendo-se carente de reeducação. Permanecem-lhe semiapagadas as reminiscências que procura esquecer no mergulho carnal. No entanto, o arrependimento como o remorso de que padeceram no além-túmulo ressuscitam-nos, dando-lhes mais vigor e infundindo receios profundos, graças à lucidez adquirida quanto à responsabilidade dos mesmos delitos que ora devem resgatar... Durante a reencarnação, em que se apagam, normalmente, as lembranças transatas, aquelas de naturezas criminosas desatrelam-se de permeio com as construções mentais do cotidiano, gerando perturbações, receios aparentemente infundados para o observador comum, aumentando a pouco e pouco sua liberação quase total, reincorporando-se à personalidade, agora em forma de pensamentos atuais, tumultuados, desconexos. O paciente, incurso em tal processo, se concentra no obscuro poço das recordações que se acentuam e tomba em alucinações, delírios, porque são invadidos os centros da consciência pelas fortes impressões desagradáveis, trágicas, de que se desejava libertar. Desaparecem os contornos das aquisições do momento, enquanto ressumam as experiências arquivadas, que passam a governar em desalinho as reações da emotividade do “eu” consciente, produzindo a alienação. Sua reativação, mesmo por processos indiretos — determinados objetos e pessoas, acontecimentos e expressões ocasionalmente produzem associação de ideias por semelhança, conseguindo projetar na consciência atual as imagens correlatas que dormem sepultadas nos escaninhos da “memória extracerebral”, trazendo-as de volta —, faz que o enfermo se auto apiede do que lhe ocorre no seu mundo íntimo de sombras e receios, criando as auto-obsessões, geratrizes das psicoses várias, quais a maníaco-depressiva, que se expressa, dentre outra forma, pelas tentativas de suicídio com que o Espírito reencarnado supõe evadir-se novamente à justiça de que necessita; as perturbações mentais da epilepsia, quando as cenas horrendas conduzem-no às “ausências”, às convulsões,

em face dos desequilíbrios e das consequências daqueles mesmos delitos, impressos como distúrbios na engrenagem encefálica, pela presença das infecções, das disritmias, etc., que são parte expressiva das psicoses endógenas estudadas pela Psiquiatria moderna, num capítulo próprio. Noutros processos, são responsáveis pelas neuroses complexas e perturbadoras. Por ponderáveis razões, o esquecimento das vidas anteriores é misericórdia e sabedoria divina para com os homens. As síndromes das enfermidades mentais têm suas raízes no espírito endividado e são, tais doenças, recursos punitivos e reeducadores de que se utiliza a vida, em nome da Divindade, para lecionar justiça e administrar evolução aos que se negam à vivência dentro das linhas do amor, conforme o ensinaram todos os construtores éticos da Humanidade e, especificamente, Jesus, o amor por excelência de todas as criaturas. [...]” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

“**ALUCINAÇÕES ESPIRITUAIS.** Encerrada a visita a Gustavo Ribeiro, dr. Ignácio conduziu-nos a uma Enfermaria onde se encontravam diversos pacientes: uns hebetados, outros agitados, todos em lamentável estado de desequilíbrio psíquico. Havia uma gritaria infrene, gargalhadas ensurdecedoras, blasfêmias e vitupérios que se misturavam ao choro convulsivo e aos apelos comovedores. A enfermaria espiritual diferia pouco daquelas terrestres, caracterizada, porém, pela limpeza e pelos cuidados especiais que eram dispensados aos pacientes. Havia, não obstante o tumulto, uma psicofera de tranquilidade e de dedicação ao próximo, que surpreendia. Observando os doentes, notei que cada um permanecia no seu mundo, totalmente alienado da realidade ambiental, das necessidades do seu companheiro de infortúnio, dos acontecimentos à sua volta. Sob o direcionamento do médico, acercamo-nos de um leito, separado dos demais por um biombo coberto de tecido alvinhento, e nos deparamos com um paciente desfigurado, estereótipo do alucinado. Gritava e debatia-se com desesperação, como se desejasse libertar-se de agressores invisíveis que o agonizavam. Agucei a observação mental e detectei que ele lutava contra formas hediondas que o ameaçavam e logravam atacá-lo. Ante a surpresa, que se me fez natural, o amigo gentil explicou-me: — Trata-se de formas-pensamento, que foram elaboradas por ele mesmo durante quase toda a existência de adulto, e de que não se conseguiu desembaraçar na Terra, continuando no seu campo mental após a morte física. Tão vívida era a sua constituição que adquiriram existência, e são nutridas agora pelo medo e pelo mecanismo da consciência culpada. O irmão Honório é vítima também de si mesmo, porém, com alguma diferença em relação a Gustavo, como teremos ocasião de o constatar. Indagando quanto aos procedimentos que deveriam ter antecipado aquele momento, dr. Ignácio

foi informado de que a sala estava preparada, faltando, somente, anestesiá-lo para conduzi-lo. De surpresa em surpresa, saímos da Enfermaria com o pequeno grupo que conduzia o sofrido Honório agora adormecido mediante o recurso especial que lhe foi aplicado e aproximamo-nos, no lado oposto, de um recinto suavemente iluminado onde já se encontravam Eurípedes, dona Maria Modesto e as duas médiuns já nossas conhecidas. Pairava no ar dúcida vibração de paz, em razão de o recinto estar invadido por ondas sucessivas de bem-estar com quase imperceptível melodia ambiental, que convidava à reflexão e à prece. [...] Nesse momento, dr. Ignácio, que prosseguia aplicando energias restauradoras do equilíbrio, deslindou o comunicante dos laços que o vinculavam ao perispírito da médium e o colocou em uma cama de campanha que se encontrava atrás do semicírculo para posterior transferência para a Enfermaria adequada, onde prosseguiria o seu tratamento. Ainda sob o clima psíquico de júbilo ante o êxito do cometimento espiritual com o irmão Augusto, Honório despertou, chamado por Eurípedes, logo assumindo a postura alucinada. As formas-pensamento, que o exauriam em terrível processo de vampirização das suas energias espirituais, assomaram ao consciente e ele começou a delirar, assumindo posturas grotescas, escabrosas, que eram os resíduos dos seus conflitos morais e sexuais em desalinho, vivenciados pela mente atormentada. Utilizando-se das bênçãos do clima psíquico, uma das damas presentes, a Sra. Ernestina, visivelmente mediunizada, levantou-se e aproximou-se do enfermo. Irradiava mirífica luz que a banhava toda em tom prata-violáceo, espalhando-se pelo pequeno recinto e dando-lhe uma tonalidade especial. Nesse comemos, Eurípedes assinalou: — Honório, você já não se encontra no corpo no qual se refugiava. Espírito liberto da matéria, mas preso às suas sensações, você já não necessita das imagens delirantes para encontrar o prazer. Enquanto não mudar de atitude perante a vida, descobrindo outros valores, permanecerá nesse estado de loucura. Acorde para a realidade na qual está instalado e passe a vivenciá-la. Segurando-lhe firmemente as mãos, impôs: — Acorde! Abandone, por momentos breves que sejam, as fantasias sexuais e os devaneios mentais. Desperte, nós lhe ordenamos em nome de Jesus, o Cristo! Do terapeuta, à medida que a voz assumia expressão enérgica, ondas sucessivas de energia envolviam o enfermo, diluindo as imagens mentais que permaneciam como verdadeiro envoltório em torno da sua cabeça e ele, nominalmente convocado, pareceu despertar, alterou a expressão da face, os olhos recuperaram a normalidade, banhado por débil luminosidade, e enquanto balbuciava palavras desconexas, num retorno lento, como quem desperta de um largo letargo recheado de pesadelos intermináveis, percebeu o

Benfeitor e escutou-o, propondo-lhe: — Observe onde se encontra. Você não está a sós como lhe era habitual. Aqui estamos alguns amigos interessados em liberá-lo do largo sofrimento, da loucura do prazer impossível. Volva à consciência e olhe bem à sua volta... O paciente atendeu à solicitação, quase automaticamente, e gritou, quando viu o Espírito comunicando-se através de dona Ernestina: — Deus meu, um anjo! Será a Mãe de Jesus?! — Não, meu filho. Sou a tua pobre mãezinha, que vem em teu auxílio em nome da nossa Mãe espiritual, a Genitora de Jesus. O paciente foi acometido de emoção sincera e levantou-se do leito, ajoelhando-se, num impulso intempestivo, dobrando-se quase até o solo, que tentou beijar em uma atitude profundamente comovedora. A seguir, explicitou: — Volte para o Céu, mamãe, porque eu não mereço a sua presença. Eu sou um pântano e a senhora é um lírio de Deus. Não me atormente com a sua visita, porquanto eu sou detestável e devo estar sonhando... — Não, meu filho, você está desperto, não é um sonho. — Elucidou com bondade e ternura que se misturavam em vibrações de paz. — Você já não se encontra entre as pessoas da Terra. A morte, essa benfeitora de todos nós, trouxe-o para o reino da verdade, onde nada permanece oculto, e as oportunidades de elevação se apresentam enriquecedoras. As aflições deveriam ter ficado com o corpo que já se desfez, mas você as trouxe no seu mundo íntimo, fechado à luz do discernimento e da confiança irrestrita em Deus. Agora, devem cessar suas aflições. Honório chorava e sorria, num misto de tristeza profunda e de alegria que o tomava. Enquanto isso, após uma breve pausa, que deveria auxiliá-lo a absorver-lhe as considerações, a mãezinha prosseguiu: — Visitei-o durante os longos anos da nossa separação física, mas você não me pôde identificar. A solidão em que esteve atirado por vários fatores, ao invés de direcionar-lhe a mente para Deus e para a paz, empurrou-o para as fugas espetaculares no rumo do delírio e das abjeções morais. Não desejamos julgar-lhe a conduta. Apenas queremos informá-lo que tudo isso agora é passado, mas o futuro sorri-lhe mil possibilidades de refazimento, de renovação, de trabalho edificante. Você nunca esteve realmente a sós... Quanto nos foi possível, procuramos infundir-lhe ânimo ante as vicissitudes e inspiração para suportar o fardo da solidão, que necessitava por imposição evolutiva. Optando pelos devaneios, associou-se a Espíritos vulgares que o exploraram psíquica e fisicamente, enquanto o auxiliavam no banquete da perversão moral. Mas agora tudo começa a mudar. Permaneça atento, e levante-se, meu filho, para refundirmos nossas energias em um abraço de inefável amor. A veneranda Entidade dobrou a médium, distendeu os braços e auxiliou o filho atônito a levantar-se. Tremendo como varas verdes, foi cingido pela genitora, enquanto apoiava a cabeça suarenta e

dorida nos ombros maternos, soluçando e balbucian-do: — Eu não sabia! Eu não sabia... [...] Honório foi conduzido a uma outra enfermaria individual, onde passaria a receber diferente assistência à daquela que lhe era oferecida até então, enquanto dr. Ignácio, eu e Alberto, rumamos em direção aos nossos aposentos. Caminhando silenciosamente, porque a ocasião me ensejasse oportunidade, interroguei ao médico: — Honório continuará lúcido a partir deste momento? — Não totalmente — respondeu com afabilidade. — Os processos de auto-obsessão prolongada deixam muitas sequelas que somente o tempo e o esforço do paciente poderão drenar, superando-as. Nesse processo, conforme vimos, o enfermo experimentava o assédio do seu comparsa obsessivo, que se mantinha à distância, mas se lhe vinculava pelo pensamento, induzindo-o constantemente à vivência dos prazeres vulgares. Fazia-se vítima do desequilíbrio pessoal e da ligação perversa. Amparado aquele que o perturbava, e que irá enfrentar as consequências dos seus atos infelizes, o paciente terá pela frente todo um significativo trabalho de reconstrução mental, de reestruturação do pensamento, de mudança da conduta moral. No entanto, sob o adequado tratamento que se prolongará pelo período necessário, conseguirá readaptar-se ao correto, ao moral e ao saudável.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 17)

“Formas pensamento. No complexo capítulo das obsessões avulta uma ocorrência grave, que passa, não raro, despercebida de alguns estudiosos dessa grave psicopatologia espiritual. Desejamos referir-nos às perturbações denominadas como formas pensamento. Em sua realidade estrutural, o pensamento é neutro, canalizando a força de que se constitui conforme o direcionamento que lhe seja dado. Conseguindo plasmar as ideias que assumem expressões transitórias, aureola-se de energias saudáveis, quando cultiva o amor, as aspirações de enobrecimento, o Bem. Da mesma forma, reveste-se de miasmas que configuram expressões angustiantes, tormentosas. O pensamento é energia dinâmica em contínua movimentação. Irradiação dos equipamentos mentais, executa ações que se tornam somatizadas pelo organismo, tanto para o equilíbrio quanto para a desordem emocional e celular, abrindo espaço, nesse último caso, para a instalação de muitas enfermidades. Orientado de forma saudável, atua no seu campo vibratório de maneira compensadora, qual ocorre nos casos das autoterapias pela oração, meditação, visualização ou através dos medicamentos placebo que, absorvidos em clima de confiança, produzem efeitos maravilhosos. Igualmente, em face da evocação de acontecimentos passados ou da captação visual, auditiva e olfativa de alguma coisa, conduz a memória aos momentos já vividos em torno daquelas ocorrências ou produz reações orgânicas

nos aparelhos digestivo, sexual, nervoso... Em razão da tendência comum a muitas criaturas para o cultivo de ideias deprimentes, vulgares, agressivas, o pensamento constrói paisagens terríficas pela sordidez, pela qualidade inferior, nas quais o indivíduo fica submerso, respirando o bafio pestilencial que organiza a paisagem infeliz. Semelhantemente, a construção mental de formas sensuais, hediondas, vingadoras, adquire plasticidade e vida, tornando-se parte integrante da psicosfera do seu autor. À medida que se concretizam, na razão direta em que são vitalizadas, essas construções passam a agir sobre o paciente, causando-lhe conflitos muito desgastantes. Essas *imagens vivas* adquirem identidade e espontaneidade, agredindo e ultrajando aquele que as estimula e mantém. Quando em parcial desprendimento pelo sono, torna-se vitimado pela *multidão* que o envolve, encarcerando-o em estreito círculo de viciações nas quais se compraz. Alimentando-se dos *vibriões mentais* - aspirações perniciosas que o pensamento elege - parecem seres reais ameaçadores que exaurem a fonte na qual se originam. Estimulados e direcionados por afinidades morais inferiores de Espíritos perversos, zombeteiros ou vulgares, transformam-se em processos obsessivos que assumem caráter de crescente gravidade. Aqueles que se permitem fixações mentais viciosas, malfazejas, invejosas, sem que se deem conta, transformam-se nas primeiras vítimas da ocorrência nefasta, restando-se nas faixas primitivas onde se homiziam as forças da perversidade e do primarismo. São comuns esses fenômenos de auto-obsessão entre as criaturas humanas por cultivarem pensamentos negativos e insensatos que os aprisionam nas malhas fortes das próprias ondas mentais enfermias. Diante das injunções de tal natureza, como de outras, o valioso recurso da oração é terapia poderosa que desagrega essas energias mórbidas e propicia aragem mental salutar para novas e superiores formulações, que passarão a envolver o paciente, restaurando-lhe o equilíbrio. Especialmente antes do repouso pelo sono diário, a vigilância mental se torna de alta importância, a fim de que as propostas enobrecidas do pensamento induzam o espírito a viajar às regiões ditosas de onde retornará renovado, edificado e predisposto à conduta correta. Na raiz de qualquer transtorno obsessivo sempre se encontra presente a inferioridade moral do paciente, cuja irradiação vibratória propicia o campo hábil para as conexões e fixações perturbadoras. Desse modo, ao lado da oração é indispensável a renovação interior para melhor, conduzindo à ação caridosa, dignificadora, responsável pelo crescimento espiritual do ser. Sem olvidar-se o estudo do Espiritismo, que é o mais completo tratado de psicoterapia que se encontra à disposição, aquele que deseja uma existência saudável deve iniciar o esforço pelo conseguir, pensando na

forma correta, otimista, confiante, para viver em paz construindo a sociedade harmônica, parte integrante do anseio de todos os homens e mulheres de Bem.” (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 4)

V Vícios: causas e consequências

V.1. Causas dos vícios

“FACULDADES MORAIS E INTELECTUAIS DO HOMEM. 361. *Qual a origem das qualidades morais, boas ou más, do homem?* “São as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem é o homem.” **a)** — *Seguir-se-á daí que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem vicioso a de um Espírito mau?* “Sim, mas, diz antes que o homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito, pois, do contrário, poderias fazer crer na existência de Espíritos sempre maus, a que chamais demônios.” [...] **365.** *Por que é que alguns homens muito inteligentes, o que indica acharem-se encarnados neles Espíritos superiores, são ao mesmo tempo profundamente viciosos?* “É que não são ainda bastante puros os Espíritos encarnados nesses homens, que, então, e por isso, cedem à influência de outros Espíritos mais imperfeitos. O Espírito progride em insensível marcha ascendente, mas o progresso não se efetua simultaneamente em todos os sentidos. Durante um período da sua existência, ele se adianta em ciência; durante outro, em moralidade.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VII)

“AS VIRTUDES E OS VÍCIOS. 893. *Qual a mais meritória de todas as virtudes?* “Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.” **894.** *Há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem que precisem vencer quaisquer sentimentos que lhes sejam opostos. Terão tanto mérito, quanto as que se veem na contingência de lutar contra a natureza que lhes é própria e a vencem?* “Só não têm que lutar aqueles em quem já há progresso realizado. Esses lutaram outrora e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos nenhum esforço lhes custa e suas ações lhes parecem simplíssimas. O bem se lhes tornou um hábito. Devidas lhes são as honras que se costuma tributar a velhos guerreiros que conquistaram seus altos postos. “Como ainda estais longe da perfeição, tais exemplos vos espantam pelo contraste com o

que tendes à vista e tanto mais os admirais, quanto mais raros são. Ficai sabendo, porém, que, nos mundos mais adiantados do que o vosso, constitui a regra o que entre vós representa a exceção. Em todos os pontos desses mundos, o sentimento do bem é espontâneo, porque somente bons Espíritos os habitam. Lá, uma só intenção maligna seria monstruosa exceção. Eis por que neles os homens são ditosos. O mesmo se dará na Terra, quando a Humanidade se houver transformado, quando compreender e praticar a caridade na sua verdadeira aceção.” **895.** *Postos de lado os defeitos e os vícios acerca dos quais ninguém se pode equivocar, qual o sinal mais característico da imperfeição?* “O interesse pessoal. Frequentemente, as qualidades morais são como, num objeto de cobre, a douradura que não resiste à pedra de toque. Pode um homem possuir qualidades reais, que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas, essas qualidades, conquanto assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas e, às vezes, basta que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa ainda tão rara na Terra que, quando se patenteia, todos o admiram como se fora um fenômeno. “O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro.” **896.** *Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que prodigalizam seus haveres sem utilidade real, por lhes não saberem dar emprego criterioso. Têm algum merecimento essas pessoas?* “Têm o do desinteresse, porém não o do bem que poderiam fazer. O desinteresse é uma virtude, mas a prodigalidade irrefletida constitui sempre, pelo menos, falta de juízo. A riqueza, assim como não é dada a uns para ser aferrolhada num cofre forte, também não o é a outros para ser dispersada ao vento. Representa um depósito de que uns e outros terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter estancado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam.” **897.** *Merecerá reprovação aquele que faz o bem, sem visar a qualquer recompensa na Terra, mas esperando que lhe seja levado em conta na outra vida e que lá venha a ser melhor a sua situação? E essa preocupação lhe prejudicará o progresso?* “O bem deve ser feito caritativamente, isto é, com desinteresse.” **a)** — *Contudo, todos alimentam o desejo muito natural de progredir, para forrar-se à penosa condição desta vida. Os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo. Será, então, um mal pensarmos que, praticando o bem, podemos esperar coisa melhor do que temos na Terra?* “Não, certamente; mas aquele que faz o bem, sem ideia

preconcebida, pelo só prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso, que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não impellido pelo ardor natural do seu coração.” (894) **b)** — *Não haverá aqui uma distinção a estabelecer-se entre o bem que podemos fazer ao nosso próximo e o cuidado que pomos em nos corrigir dos nossos defeitos? Concebemos que seja pouco meritório fazermos o bem com a ideia de que nos seja levado em conta na outra vida; mas será igualmente indício de inferioridade emendarmo-nos, vencermos as nossas paixões, corrigirmos o nosso caráter, com o propósito de nos aproximarmos dos bons Espíritos e de nos elevarmos?* “Não, não. Quando dizemos — fazer o bem, queremos significar — ser caridoso. Procede como egoísta todo aquele que calcula o que lhe possa cada uma de suas boas ações render na vida futura, tanto quanto na vida terrena. Nenhum egoísmo, porém, há em querer o homem melhorar-se, para se aproximar de Deus, pois que é o fim para o qual devem todos tender.” **898.** *Sendo a vida corpórea apenas uma estada temporária neste mundo e devendo o futuro constituir objeto da nossa principal preocupação, será útil nos esforcemos por adquirir conhecimentos científicos que só digam respeito às coisas e às necessidades materiais?* “Sem dúvida. Primeiramente, isso vos põe em condições de auxiliar os vossos irmãos; depois, o vosso Espírito subirá mais depressa, se já houver progredido em inteligência. Nos intervalos das encarnações, aprendereis numa hora o que na Terra vos exigiria anos de aprendizado. Nenhum conhecimento é inútil; todos mais ou menos contribuem para o progresso, porque o Espírito, para ser perfeito, tem que saber tudo, e porque, cumprindo que o progresso se efetue em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito.” **899.** *Qual o mais culpado de dois homens ricos que empregam exclusivamente em gozos pessoais suas riquezas, tendo um nascido na opulência e desconhecido sempre a necessidade, devendo o outro ao seu trabalho os bens que possui?* “Aquele que conheceu os sofrimentos, porque sabe o que é sofrer. A dor, a que nenhum alívio procura dar, ele a conhece; porém, como frequentemente sucede, já dela se não lembra.” **900.** *Aquele que incessantemente acumula haveres, sem fazer o bem a quem quer que seja, achará desculpa, que valha, na circunstância de acumular com o fito de maior soma legar aos seus herdeiros?* “É um compromisso com a consciência má.” **901.** *Figuremos dois avaros, um dos quais nega a si mesmo o necessário e morre de miséria sobre o seu tesouro, ao passo que o segundo só o é para os outros, mostrando-se pródigo para consigo mesmo; enquanto recua ante o mais ligeiro sacrifício para prestar um serviço ou fazer qualquer coisa útil,*

nunca julga demasiado o que despenda para satisfazer aos seus gostos ou às suas paixões. Peça-se-lhe um obséquio e estará sempre em dificuldade para fazê-lo; imagine, porém, realizar uma fantasia e terá sempre o bastante para isso. Qual o mais culpado e qual o que se achará em pior situação no mundo dos Espíritos? “O que goza, porque é mais egoísta do que avaro. O outro já recebeu parte do seu castigo.” **902.** *Será reprovável que cobicemos a riqueza, quando nos anime o desejo de fazer o bem?* “Tal sentimento é, não há dúvida, louvável, quando puro. Mas, será sempre bastante desinteressado esse desejo? Não ocultará nenhum intuito de ordem pessoal? Não será de fazer o bem a si mesmo, em primeiro lugar, que cogita aquele, em quem tal desejo se manifesta?” **903.** *Incorre em culpa o homem, por estudar os defeitos alheios?* “Incorrerá em grande culpa, se o fizer para os criticar e divulgar, porque será faltar com a caridade. Se o fizer, para tirar daí proveito, para evitá-los, tal estudo poderá ser-lhe de alguma utilidade. Importa, porém, não esquecer que a indulgência para com os defeitos de outrem é uma das virtudes contidas na caridade. Antes de censurardes as imperfeições dos outros, vede se de vós não poderão dizer o mesmo. Tratai, pois, de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticais no vosso semelhante. Esse o meio de vos tornardes superiores a ele. Se lhe censurais o ser avaro, sede generosos; se o ser orgulhoso, sede humildes e modestos; se o ser áspero, sede brandos; se o proceder com pequenez, sede grandes em todas as vossas ações. Numa palavra, fazei por maneira que se não vos possam aplicar estas palavras de Jesus: Vê o argueiro no olho do seu vizinho e não vê a trave no seu próprio.” **904.** *Incorrerá em culpa aquele que sonda as chagas da sociedade e as expõe em público?* “Depende do sentimento que o mova. Se o escritor apenas visa produzir escândalo, não faz mais do que proporcionar a si mesmo um gozo pessoal, apresentando quadros que constituem antes mau do que bom exemplo. O Espírito aprecia isso, mas pode vir a ser punido por essa espécie de prazer que encontra em revelar o mal.” **a)** — *Como, em tal caso, julgar da pureza das intenções e da sinceridade do escritor?* “Nem sempre há nisso utilidade. Se ele escrever boas coisas, aproveitai-as. Se proceder mal, é uma questão de consciência que lhe diz respeito, exclusivamente. Demais, se o escritor tem empenho em provar a sua sinceridade, apoie o que disser nos exemplos que dê.” **905.** *Alguns autores têm publicado belíssimas obras de grande moral, que auxiliam o progresso da Humanidade, das quais, porém, nenhum proveito tiraram eles. Ser-lhes-á levado em conta, como Espíritos, o bem a que suas obras bajam dado lugar?* “A moral sem as ações é o mesmo que a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente, se não a fazeis dar frutos que vos alimentem? Grave é a culpa desses homens,

porque dispunham de inteligência para compreender. Não praticando as máximas que ofereciam aos outros, renunciaram a colher-lhes os frutos.” **906.** *Será passível de censura o homem, por ter consciência do bem que faz e por confessá-lo a si mesmo?* “Pois que pode ter consciência do mal que pratica, do bem igualmente deve tê-la, a fim de saber se andou bem ou mal. Pesando todos os seus atos na balança da lei de Deus e, sobretudo, na da lei de justiça, amor e caridade, é que poderá dizer a si mesmo se suas obras são boas ou más, que as poderá aprovar ou desaprovar. Não se lhe pode, portanto, censurar que reconheça haver triunfado dos maus pendores e que se sinta satisfeito, desde que de tal não se envaideça, porque então cairia noutra falta.” (919) **PAIXÕES.** **907.** *Será substancialmente mau o princípio originário das paixões, embora esteja na natureza?* “Não; a paixão está no excesso de que se acresceu a vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal.” **908.** *Como se poderá determinar o limite onde as paixões deixam de ser boas para se tornarem más?* “As paixões são como um corcel, que só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso desde que passe a governar. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que deixais de poder governá-la e que dá em resultado um prejuízo qualquer para vós mesmos, ou para outrem.” As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência. Mas, se, em vez de as dirigir, deixa que elas o dirijam, cai o homem nos excessos e a própria força que, manejada pelas suas mãos, poderia produzir o bem, contra ele se volta e o esmaga. Todas as paixões têm seu princípio num sentimento, ou numa necessidade natural. O princípio das paixões não é, assim, um mal, pois que assenta numa das condições providenciais da nossa existência. A paixão propriamente dita é a exageração de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa e este excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer. Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual. Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal denota predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição. **909.** *Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações?* “Sim, e, frequentemente, fazendo esforços muito insignificantes. O que lhe falta é a vontade. Ah! Quão poucos dentre vós fazem esforços!” **910.** *Pode o homem achar nos Espíritos eficaz assistência para triunfar de suas paixões?* “Se o pedir a Deus e ao seu bom gênio, com sinceridade, os bons Espíritos lhe virão certamente em auxílio, porquanto é essa a missão deles.” (459) **911.** *Não haverá*

paixões tão vivas e irresistíveis, que a vontade seja impotente para dominá-las? “Há muitas pessoas que dizem: *Quero*, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como ‘querem’. Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em consequência da sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria.” **912.** *Qual o meio mais eficiente de combater-se o predomínio da natureza corpórea?* “Praticar a abnegação.” **O EGOÍSMO. 913.** *Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?* “Temo-lo dito muitas vezes: o *egoísmo*. Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há *egoísmo*. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa. Tendão, pois, todos os esforços para esse efeito, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de *egoísmo*, visto ser o *egoísmo* incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades.” **914.** *Fundando-se o egoísmo no sentimento do interesse pessoal, bem difícil parece extirpá-lo inteiramente do coração humano. Chegar-se-á a consegui-lo?* “À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.” **915.** *Por ser inerente à espécie humana, o egoísmo não constituirá sempre um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?* “É exato que no *egoísmo* tendes o vosso maior mal, porém ele se prende à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade mesma. Ora, depurando-se por encarnações sucessivas, os Espíritos se despojam do *egoísmo*, como de suas outras impurezas. Não existirá na Terra nenhum homem isento de *egoísmo* e praticante da caridade? Há muito mais homens assim do que supondes. Apenas, não os conheceis, porque a virtude foge à viva claridade do dia. Desde que haja um, por que não haverá dez? Havendo dez, por que não haverá mil e assim por diante?” **916.** *Longe de diminuir, o egoísmo cresce com a civilização, que, até, parece, o excita e mantém. Como poderá a causa destruir o efeito?* “Quanto maior é o mal, mais hediondo se torna. Era preciso que o *egoísmo* produzisse muito mal, para que compreensível se fizesse a necessidade de extirpá-lo. Os homens, quando se houverem despojado do *egoísmo* que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, impelidos pelo sentimento mútuo da *solidariedade*.

Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco e não mais serão vistos homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça. Esse o reinado do bem, que os Espíritos estão incumbidos de preparar.” (784) **917.** *Qual o meio de destruir-se o egoísmo?* “De todas as imperfeições humanas, o *egoísmo* é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, *ainda muito próximo de sua origem*, não pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O *egoísmo* se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo vos faculta, do vosso estado futuro, *real* e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O *egoísmo* assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o *egoísmo*. “O choque, que o homem experimenta, do *egoísmo* dos outros é o que muitas vezes o faz *egoísta*, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Notando que os outros pensam em si próprios e não nele, ei-lo levado a ocupar-se consigo, mais do que com os outros. Sirva de base às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensaram. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contato. Em face do atual extravasamento de *egoísmo*, grande virtude é verdadeiramente necessária, para que alguém renuncie à sua personalidade em proveito dos outros, que, de ordinário, absolutamente lhe não agradecem. Principalmente para os que possuem essa virtude, é que o reino dos céus se acha aberto. A esses, sobretudo, é que está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que, no dia da justiça, será posto de lado e sofrerá pelo abandono, em que se há de ver, todo aquele que em si somente houver pensado.” (785) FÉNELON. Louváveis esforços indubitavelmente se empregam para fazer que a Humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época. Entretanto, o *egoísmo*, verme roedor, continua a ser a chaga social. É um mal real, que se alastra por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Cumpra, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do

mal. Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência. Quem acompanhar, assim o filho do rico, como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, observando igualmente com quanta frequência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar pelo mundo tantas esquisitices. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos. (872) O homem deseja ser feliz e natural é o sentimento que dá origem a esse desejo. Por isso é que trabalha incessantemente para melhorar a sua posição na Terra, que pesquisa as causas de seus males, para remediá-los. Quando compreender bem que no egoísmo reside uma dessas causas, a que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, que a cada momento o magoam, a que perturba todas as relações sociais, provoca as dissensões, aniquila a confiança, a que o obriga a se manter constantemente na defensiva contra o seu vizinho, enfim a que do amigo faz inimigo, ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua felicidade e, podemos mesmo acrescentar, com a sua própria segurança. E quanto mais haja sofrido por efeito desse vício, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, como se combatem a peste, os animais nocivos e todos os outros flagelos. O seu próprio interesse a isso o induzirá. (784) O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar a sua felicidade neste mundo,

tanto quanto no futuro.” (AK, *O livro dos espíritos*, Terceira parte, Capítulo XII)

“MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS. 13. Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibais, pois basta observeis o em que habitais? A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso. **14.** Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais hão podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos. Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos, na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons. Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o germen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado. **15.** A Terra, consequentemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito. – *Santo Agostinho*. (Paris, 1862) **MUNDOS**

REGENERADORES. 16. Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas, também os há mais miseráveis e melhores, como os há de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! Há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite ir para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada. **17.** Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as fronteiras, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis. Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes. Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanções do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam. **18.** Mas, ah! Nesses mundos, ainda falível é o homem e o Espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair

nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam. Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra. – *Santo Agostinho*. (Paris, 1862)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo III)

“A CARNE É FRACA. Há tendências viciosas que são evidentemente próprias do Espírito, porque se apegam mais ao moral do que ao físico; outras, parecem antes dependentes do organismo, e, por esse motivo, menos responsáveis são julgados os que as possuem: consideram-se como tais as disposições à cólera, à preguiça, à sensualidade, etc. Hoje, está plenamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes a diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Assim, esse desenvolvimento é um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a *bossa* da música, mas possui essa tendência porque o seu Espírito é musical. Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve também reagir sobre as outras partes do organismo. O Espírito é, deste modo, o artista do próprio corpo, por ele talhado, por assim dizer, à feição das suas necessidades e à manifestação das suas tendências. Desta forma a perfeição corporal das raças adiantadas deixa de ser produto de criações distintas para ser o resultado do trabalho espiritual, que aperfeiçoa o invólucro material à medida que as faculdades aumentam. Por uma consequência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bÍlis ou de quaisquer outros fluidos. É assim, por exemplo, que ao glutão enche-se-lhe a boca de saliva diante dum prato apetitoso. Certo é que a iguaria não pode excitar o órgão do paladar, uma vez que com ele não tem contato; é, pois, o Espírito, cuja sensibilidade é despertada, que atua sobre aquele órgão pelo pensamento, enquanto que outra pessoa permanecerá indiferente à vista do mesmo acepipe. É ainda por este motivo que a pessoa sensível facilmente verte lágrimas. Não é, porém, a abundância destas que dá sensibilidade ao Espírito, mas, precisamente, a sensibilidade deste que provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo condiciona-se à disposição normal do Espírito, do mesmo modo por que se condiciona à disposição do Espírito glutão. Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve encaminhar-se para estimular um temperamento bilioso, do que resulta não ser um homem colérico por bilioso, mas bilioso por colérico.

O mesmo se dá em relação a todas as outras disposições instintivas: um Espírito indolente e fraco deixará o organismo em estado de atonia relativo ao seu caráter, ao passo que, ativo e enérgico, dará ao sangue como aos nervos qualidades perfeitamente opostas. A ação do Espírito sobre o físico é tão evidente que não raro vemos graves desordens orgânicas sobrevirem a violentas comoções morais. A expressão vulgar: — *A emoção transtornou-lhe o sangue* — não é tão destituída de sentido quanto se poderia supor. Ora, que poderia transtornar o sangue senão as disposições morais do Espírito? Pode admitir-se, por conseguinte, ao menos em parte, que o temperamento é determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. E nós dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral, tais como quando um estado mórbido ou anormal é determinado por causa externa, accidental, independente do Espírito, como sejam a temperatura, o clima, os defeitos físicos congênitos, uma doença passageira, etc. O moral do Espírito pode, nesses casos, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza intrínseca seja modificada. Escusar-se de seus erros por fraqueza da carne não passa de sofisma para escapar a responsabilidades. *A carne só é fraca porque o Espírito é fraco*, o que inverte a questão deixando àquele a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, destituída de pensamento e vontade, não pode prevalecer jamais sobre o Espírito, que é o ser pensante e de vontade própria. O Espírito é quem dá à carne as qualidades correspondentes ao seu instinto, tal como o artista que imprime à obra material o cunho do seu gênio. Libertado dos instintos da bestialidade, elabora um corpo que não é mais um tirano de sua aspiração, para espiritualidade do seu ser, e é quando o homem passa a comer para viver e não mais vive para comer. A responsabilidade moral dos atos da vida fica, portanto, intacta; mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito. Assim, quanto mais esclarecido for este, menos desculpável se torna, uma vez que com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. Esta lei explica o insucesso da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, todo o esforço para modificá-lo se nulifica ante as disposições morais do Espírito, opondo-lhe uma resistência inconsciente que neutraliza a ação terapêutica. Por conseguinte, sobre a causa primordial é que se deve atuar. Daí, se puderdes, coragem ao poltrão, e vereis para logo cessados os efeitos fisiológicos do medo. Isto prova ainda uma vez

a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a influência espiritual sobre os organismos. (*Revue Spirite*, março de 1869, pág. 65)” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo VII)⁷

“**PRÍNCIPE OURAN.** (Bordéus, 1862). Um Espírito sofredor apresentou-se dando o nome de Ouran, príncipe russo de outros tempos. — P. Quereis dar-nos algumas minudências sobre a vossa situação? — R. Oh! Felizes os humildes de coração, porque deles é o reino do céu! Orai por mim. Felizes os humildes de coração que escolhem uma posição modesta a fim de cumprirem a provação. Vós todos, a quem devora a inveja, não sabeis o estado a que ficou reduzido um desses que na Terra são considerados felizes; não avaliais o fogo que o abrasa nem os sacrifícios impostos pela riqueza quando por ela se quer obter a salvação! Permita-me o Senhor a mim, déspota orgulhoso, expiar os crimes derivados do meu orgulho entre aqueles mesmos a quem oprimi com a tirania! Orgulho! Repita-se constantemente a palavra para que se não esqueça nunca que ele é a fonte de todos os sofrimentos que nos acabrunham. Sim, eu abusei do poderio e favores de que dispunha; fui duro e cruel para com os inferiores, os quais tiveram de curvar-se a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Quis a nobreza, a fortuna, as honras, e sucumbi sob peso superior às próprias forças. Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a alegar um compromisso superior às próprias forças — o que é ainda um resto de orgulho e um meio de se desculparem para consigo mesmos, não se conformando com a própria fraqueza. Deus não dá a ninguém mais do que possa suportar, não exige da árvore nascente os frutos dados pelo tronco desenvolvido. Demais, os Espíritos têm liberdade; o que lhes falta é a vontade, e esta depende deles exclusivamente. Com força de vontade não há tendências viciosas insuperáveis; mas, quando um vício nos apraz, é natural que não façamos esforços por domá-lo. Assim, somente a nós devemos atribuir as respectivas consequências. — P. Tendes consciência das vossas faltas, e isso é já um passo para a regeneração. — R. Esta consciência é ainda um sofrimento. Para muitos Espíritos, o sofrimento é um efeito quase material, visto como, atidos à Humanidade de sua última encarnação, não experimentam nem apreendem as sensações morais. Liberto da matéria, o sentimento moral aumentou-se, para mim, de tudo quanto as cruéis sensações físicas tinham de horrível. — P. Lobrigais um termo aos vossos padecimentos? — R. Sei que não serão eternos, mas não lhes entrevejo o fim, sendo-me antes preciso recomençar a provação. — P. E esperais fazê-lo em breve? — R. Não

7 Vide Capítulo III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

sei ainda. — P. Lembrai-vos dos vossos antecedentes? Faço-vos esta pergunta no intuito de me instruir. — R. Vossos guias aí estão, e sabem do que precisais. Vivi no tempo de Marco Aurélio. Poderoso então, sucumbi ao orgulho, causa de todas as quedas. Depois de uma erraticidade de séculos, quis experimentar uma existência obscura. “Pobre estudante, mendiguei o pão, mas o orgulho possuía-me sempre: o Espírito ganhara em ciência, mas não em virtude. Sábio ambicioso, vendi a consciência a quem mais dava, servindo a todas as vinganças, a todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a sede de glórias e riquezas estrangulava a voz da consciência. A expiação ainda foi longa e cruel. Eu quis enfim, na minha última encarnação, reencetar uma vida de luxo e poderio, no intuito de dominar os tropeços, sem atender a conselhos. Era ainda o orgulho levando-me a confiar mais em mim mesmo do que no conselho dos protetores amigos que sempre velam por nós. “Sabeis o resultado desta última tentativa. Hoje, enfim, compreendo e aguardo a misericórdia do Senhor. Deponho a seus pés o meu arrasado orgulho e peço-lhe que me sobrecarregue com o mais pesado tributo de humildade, pois com o auxílio da sua graça o peso me parecerá leve. “Orai comigo e por mim: orai também para que esse fogo diabólico não devore os instintos que vos encaminham para Deus. Irmãos de sofrimentos, oxalá possa o meu exemplo aproveitar-vos e não esqueçais nunca que o orgulho é o inimigo da felicidade. É dele que promanam todos os males que acometem a Humanidade e a perseguem até nas regiões celestes.” [...]” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte - Exemplos, Capítulo IV – Espíritos sofredores)

“**Medida salvadora.** Havíamos terminado ativa colaboração, num elevado ambiente consagrado à prece, quando certo companheiro se abeirou de nós, reclamando o concurso do Assistente num caso particular. Calderaro decerto conheceria os pormenores da situação, porque entre ambos logo se estabeleceu curioso diálogo. – Infelizmente – dizia o informante –, nosso Antídoto não sobreleva a situação; permanece em derrocada quase total. Vinculou-se de novo a perigosos elementos da sombra e voltou aos desacertos noturnos, com grave prejuízo para o nosso trabalho socorrista. – Não lhe valeram as melhoras da quinzena passada? – indagou fraternalmente o orientador. – Aproveitou-as para mais presto volver à irreflexão – esclareceu o interlocutor com inflexão magoadas. – É de notar, porém, que se achava quase de todo louco. – Sim, mas consegui fudir, outra vez, estado orgânico invejável, mercê de sua intervenção última; logo, porém, que se viu fortalecido, tornou desbragadamente aos alcoólicos. A sede escaldante, provocada pela própria displicência e pela instigação dos vampiros que, vorazes, se lhe enxameiam à roda, evertiu-lhe o sistema nervoso. A organização perispírica, semiliberta do

corpo denso pelos perniciosos processos da embriaguez, povoa-lhe a mente de atrozes pesadelos, agravados pela atuação das entidades perversas que o seguem passo a passo. – Estará em casa a esta hora? – inquiriu Calderaro com interesse. – Não – disse o outro, abatido –, deixei-o, ainda agora, num centro menos digno, onde a situação do nosso doente tornou a características lamentáveis. O instrutor estudou o caso em silêncio, durante alguns instantes, e considerou: – Poderemos providenciar; contudo, se da outra vez consistiu o socorro em restituí-lo ao equilíbrio orgânico possível, no momento há que agir em contrário. Convém ministrar-lhe provisória e mais acentuada desarmonia ao corpo. Neste, como em outros processos difíceis, a enfermidade retifica sempre. E, contemplando o benfeitor do necessitado distante, interrogou: – De acordo? – Perfeitamente – redarguiu ele, sem hesitação –; o meu amigo é especialista em assistência e eu lhe acato as determinações. O que nos interessa é a saúde efetiva do infeliz irmão, que se entregou sem defesa aos reclamos do vício. Rumamos para o local em que deveríamos acudir o amigo extraviado. Penetramos o recinto, servido de amplas janelas e abundantemente iluminado. O ambiente sufocava. Desagradáveis emanações se faziam cada vez mais espessas, à maneira que avançávamos. No salão principal do edifício, onde abundavam extravagantes adornos, algumas dezenas de pares dançavam, tendo as mentes absorvidas nas baixas vibrações que a atmosfera vigorosamente insuflava. Indefinível e dilacerante impressão dominou-me o ser. Não provinha da estranheza que a indiferença dos cavalheiros e a levandade das mulheres me provocavam; o que me enchia de assombro era o quadro que eles não viam. A multidão de entidades conturbadas e viciosas que aí se movia era enorme. Os dançarinos não bailavam sós, mas, inconscientemente, correspondiam, no ritmo acoadado da música inferior, a ridículos gestos dos companheiros irresponsáveis que lhes eram invisíveis. Atitudes simiescas surdavam aqui e ali e, de quando em quando, gritos histéricos feriam o ar. Calderaro não se deteve. Mostrava-se habituado à cena; mas, não conseguindo soffrear a estupefação que se assenhoreara de mim, solicitei-lhe uma intermitência, perguntando: – Meu amigo, que vemos? Criaturas alegres cercadas de seres tão inconscientes e perversos? Pois será crime dançar? Buscar alegria constituirá falta grave? O orientador escutou pacientemente as indagações ingênuas que me escapavam dos lábios, ditadas pelo espanto que me assomara repentinamente, e esclareceu: – Que perguntas, André! O ato de dançar pode ser tão santificado como o ato de orar, pois a alegria legítima é sublime herança de Deus. Aqui, porém, o quadro é diverso. O bailado e o prazer nesta casa significam declarado retorno aos estados primitivos do ser, com

iniludíveis agravantes de viciação dos sentidos. Observamos, neste recinto, homens e mulheres dotados de alto raciocínio, mas assumindo atitudes de que muitos símios talvez se pejassem. Todavia, esteja longe de nós qualquer recriminação: lastimemo-los, simplesmente. São trânsfugas sociais e, na maioria, rebeldes à disciplina instituída pelos Desígnios Superiores para os seus trilhos terrestres. Muitos deles são profundamente infelizes, precisando de nossa ajuda e compaixão. Procuram afogar no vinho ou nos prazeres certas noções de responsabilidade que não logram esquecer. Fracos perante a luta, mas dignos de piedade pelos remorsos e atribulações que os devoram, merecem ser amparados fraternalmente. E, passando os olhos de relance pela multidão de Espíritos perturbadores que ali se davam ao vampirismo e ao sarcasmo, obtemperou: – Quanto a estes infortunados, que fazer senão recomendá-los ao Divino Poder? Tentam igualmente a fuga impossível de si mesmos. Alucinados, apenas adiam o terrível minuto de autorreconhecimento, que chega sempre, quando menos esperam, através dos mil processos da dor, esgotados os recursos do amor divino, que o Supremo Pai nos oferece a todos. A mente deles também está apegada aos instintos primitivos e, frágeis e hesitantes, receiam a responsabilidade do trabalho da regeneração. Vendo-me boquiaberto e faminto de novas elucidações, o Assistente propôs-me: – Vamos! Deixemo-los divertir-se. A dança, nesta casa, não lhes deixa de ser, em última análise, um benefício. Chegaram nossos amigos encarnados e desencantados, aqui presentes, a nível tão desprezível que, sem dúvida, não fora o sapateado, estariam rodando, lá fora, em atos extremamente condenáveis, tal a predisposição em que se encontram para o crime. Que o Pai se comisere de todos nós. Demandamos o interior, apressadamente. Numa saleta abafada, um cavalheiro de quarenta e cinco anos presumíveis jazia a tremer. Não conseguia manter-se de pé. Calderaro examinou-o detidamente e indagou do novo amigo que nos acompanhava: – Voltou aos alcoólicos, há muitos dias? – Precisamente, há uma semana. – Vê-se que se esgotou rápido. Enquanto encetava a aplicação de fluidos magnéticos, o orientador aconselhou-me notar os características do quadro dantesco sob nossos olhos. Antídio, doente e desventurado, a despeito das condições precárias, reclamava um copinho, sempre mais um copinho, que um rapaz de serviço trazia, obediente. Tremiam-lhe os membros, denunciando-lhe o abatimento. Álgido suor lhe escorria da frente e, de vez em quando, desferia gritos de terror selvagem. Em derredor, quatro entidades embrutecidas submetiam-no aos seus desejos. Empolgavam-lhe a organização fisiológica, alternadamente, uma a uma, revezando-se para experimentar a absorção das emanções alcoólicas, no que sentiam singular prazer. Apossavam-se particularmente

da “estrada gástrica”, inalando a bebida a volatilizar-se da cárdia ao piloro. A cena infundia angústia e assombro. Estaríamos diante de um homem embriagado ou de uma taça viva, cujo conteúdo sorviam gênios satânicos do vício? O infortunado Antídio trazia o estômago atestado de líquido e a cabeça turva de vapores. Semidesligado do organismo denso pela atuação anestesiante do tóxico, passou a identificar-se mais intimamente com as entidades que o perseguiam. Os quatro infelizes desencarnados, a seu turno, tinham a mente invadida por visões terrificantes do sepulcro que haviam atravessado como dipsomaníacos. Sedentos, aflitos, traziam consigo imagens espectrais de víboras e morcegos dos lugares sombrios onde haviam estacionado. Entrando em sintonia magnética com o psiquismo desequilibrado dos vampiros, o ébrio começou a rogar, estentoricamente: – Salve-me! Salve-me, por amor de Deus! E indicando as paredes próximas, bradava sob a impressão de indefinível pavor: – Oh! Os morcegos!... Os morcegos! Afugentem-nos, detenham-nos...! Piedade! Quem me livrará! Socorro! Socorro!... Dois senhores, também obnubilados pelo vinho, aproximaram-se, espantados. Um deles, porém, tranquilizou o outro, dizendo: – Nada demais. É o Antídio, de novo. Os acessos voltaram. Deixemo-lo em paz. Enquanto isso, o desditoso ébrio continuava bradando: – Ai! Ai! Uma cobra... aperta-me, sufoca-me... Que será de mim? Socorro! As entidades perturbadoras timbravam nas atitudes sarcásticas; gargalhavam de maneira sinistra. Ouvia-as o infeliz, a lhe ecoarem no fundo do ser, e gritava, tentando investir, embora cambaleante, os algozes invisíveis: – Quem zomba de mim? Quem? Cerrando os punhos, acrescentava: – Malditos! Malditos sejam! A cena prosseguia, dolorosa, quando Calderaro se acercou de mim, esclarecendo: – É deplorável pai de família que, incapaz de reagir contra as atrações do vício, se entregou, inerte, à influência de malfetores desencarnados, afins com a sua posição desequilibrada. Em atenção às intercessões da esposa e de dois filhinhos amáveis que o seguem, assistimo-lo com todos os recursos ao alcance de nossas possibilidades; entretanto, o imprevidente irmão não corresponde ao nosso esforço. Emerge de todas as tentativas, mais e mais disposto à perversão dos sentidos; busca, acima de tudo, a fuga de si mesmo; detesta a responsabilidade e não se anima a conhecer o valor do trabalho. Atenuando-lhe a ânsia irrefreável de sorver alcoólicos, esperamos se reedue. Para isso, porém, usaremos agora recurso drástico, já que o desventurado se revela infenso a todos os nossos processos de auxílio. [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 14)

“Acompanhando Félix, cujo semblante passou a denotar funda preocupação, alcançamos espaçoso apartamento do Flamengo, onde conheceríamos, de perto, os familiares de Marina. A noite avançava.

Transpassando estreito corredor, pisamos o recinto doméstico, surpreendendo, no limiar, dois homens desencarnados, a debaterem, com descuidada chocarrice, escabrosos temas de vampirismo. Vale assinalar que, não obstante pudéssemos fiscalizar-lhes os movimentos e ouvir-lhes a loquacidade fescenina, nenhum dos dois lograva registrar-nos a presença. Prometiam aruaças. Argumentavam, desabridos. Malandros acalentados, mas perigosos, conquanto invisíveis para aqueles junto dos quais se erguiam por ameaça insuspeitada. Por semelhantes companhias, fácil apreciar os riscos a que se expunham os moradores daquele ninho de cimento armado, a embutir-se na construção enorme, sem qualquer defesa de espírito. Entramos. Na sala principal, um cavalheiro de traços finos, em cuja maneira de escarrapachar-se se adivinhava, para logo, o dono da casa, lia um jornal vespertino com atenção. Os atavios do ambiente, apesar de modestos, denunciavam apurado gosto feminino. O mobiliário antigo de linhas quase rudes suavizava-se ao efeito de ligeiros adornos. Tufos de cravos vermelhos, a se deramarem de vasos cristalinos, harmonizavam-se com as rosas da mesma cor, habilmente desenhadas nas duas telas que pendiam das paredes, revestidas de amarelo dourado. Mas, destoante e agressiva, uma esguia garrafa, contendo uísque, empinava o gargalo sobre o crivo liral que completava a elegância da mesa nobre, deitando emanções alcoólicas que se casavam ao hálito do amigo derramado no divã. Félix encarou-o, manifestando a expressão de quem se atormentava, piedosamente, ao vê-lo, e no-lo indicou: – Temos aqui o irmão Cláudio Nogueira, pai de Marina e tronco do lar. Fisguei-o, de relance. Figurou-se-me o hospedeiro involuntário um desses homens maduros que se demoram na quadra dos quarenta e cinco janeiros, esgrimindo bravura contra os desbarates do tempo. Rosto primorosamente tratado, em que as linhas firmes repelem a notícia vaga das rugas, cabelos penteados com distinção, unhas polidas, pijama impecável. Os grandes olhos escuros e móveis pareciam imanizados às letras, pesquisando motivos para trazer um sorriso irônico aos lábios finos. Entre os dedos da mão que descansava à beira do sofá, o cigarro fumegante, quase rente ao tripé anão, sobre o qual um cinzeiro repleto era silenciosa advertência contra o abuso da nicotina. Detínhamo-nos, curiosos, na inspeção, quando sobreveio o inopinado. Diante de nós, ambos os desencarnados infelizes, que surpreendêramos à entrada, surgiram de repente, abordaram Cláudio e agiram sem-cerimônia. Um deles bateu-lhe um dos ombros e gritou, insolente: – Beber, meu caro, quero beber! A voz escarnecedora agredia-nos a sensibilidade auditiva. Cláudio, porém, não lhe pescava o mínimo som. Mantinha-se atento à leitura. Inalterável. Contudo, se não possuía tímpanos físicos para qualificar a petição,

trazia na cabeça a caixa acústica da mente sintonizada com o apelante. O assessor inconveniente repetiu a solicitação, algumas vezes, na atitude do hipnotizador que insufla o próprio desejo, reasseverando uma ordem. O resultado não se fez demorar. Vimos o paciente desviar-se do artigo político em que se entranhava. Ele próprio não explicaria o súbito desinteresse de que se notava acometido pelo editorial que lhe apressara a atenção. Beber! Beber!... Cláudio abrigou a sugestão, convicto de que se inclinava para um trago de uísque exclusivamente por si. O pensamento se lhe transmutou, rápido, como a usina cuja corrente se desloca de uma direção para outra, por efeito da nova tomada de força. Beber, beber!... e a sede de aguardente se lhe articulou na ideia, ganhando forma. A mucosa pituitária se lhe aguçou, como que mais fortemente impregnada do cheiro acre que vagueava no ar. O assistente malicioso coçou-lhe brandamente os gorgomilos. O pai de Marina sentiu-se apoquentado. Indefinível secreta constringia-lhe a laringe. Ansiava tranquilizar-se. O amigo sagaz percebeu-lhe a adesão tácita e colou-se a ele. De começo, a carícia leve; depois da carícia agasalhada, o abraço envolvente; e depois do abraço de profundidade, a associação recíproca. Integraram-se ambos em exótico sucesso de enxertia fluídica. Em várias ocasiões, estudara a passagem do Espírito exonerado do envoltório carnal pela matéria espessa. Eu mesmo, quando me afazia, de novo, ao clima da Espiritualidade, após a desencarnação última, analisava impressões ao transpor, maquinalmente, obstáculos e barreiras terrestres, recolhendo, nos exercícios feitos, a sensação de quem rompe nuvens de gases condensados. Ali, no entanto, produzia-se algo semelhante ao encaixe perfeito. Cláudio-homem absorvia o desencarnado, à guisa de sapato que se ajusta ao pé. Fundiram-se os dois, como se morassem eventualmente num só corpo. Altura idêntica. Volume igual. Movimentos sincrônicos. Identificação positiva. Levantaram-se a um tempo e giraram integralmente incorporados um ao outro, na área estreita, arrebatando o delgado frasco. Não conseguiria especificar, de minha parte, a quem atribuir o impulso inicial de semelhante gesto, se a Cláudio que admitia a instigação ou se ao obsessor que a propunha. A talagada rolou através da garganta, que se exprimia por dualidade singular. Ambos os dipsômanos estalarão a língua de prazer, em ação simultânea. Desmanchou-se a parelha e Cláudio, desembaraçado, se dispunha a sentar, quando o outro colega, que se mantinha a distância, investiu sobre ele e protestou: “Eu também, eu também quero!” Reavivou-se-lhe no ânimo a sugestão que esmorecia... Absolutamente passivo diante da incitação que o assaltava, reconstituiu, mecanicamente, a impressão de insaciedade. Bastou isso e o vampiro, sorridente, apossou-se dele, repetindo-se o fenômeno da conjugação completa. Encarnado

e desencarnado a se justaporem. Duas peças conscientes, reunidas em sistema irrepreensível de compensação mútua. Abeirei-me de Cláudio para avaliar, com imparcialidade, até onde sofreria ele, mentalmente, aquele processo de fusão. Para logo, convenci-me de que continuava livre, no íntimo. Não experimentava qualquer espécie de tortura, a fim de render-se. Hospedava o outro, simplesmente, aceitava-lhe a direção, entregava-se por deliberação própria. Nenhuma simbiose em que se destacasse por vítima. Associação implícita, mistura natural. Efetuava-se a ocorrência na base da percussão. Apelo e resposta. Cordas afinadas no mesmo tom. O desencarnado alvitrava, o encarnado aplaudia. Num deles, o pedido; no outro, a concessão. Condescendendo em ilaquear os próprios sentidos, Cláudio acreditou-se insatisfeito e retrocedeu, sorvendo mais um gole. Não me furtei à conta curiosa. Dois goles para três. Novamente desimpedido, o dono da casa estirou-se no divã e retomou o jornal. Os amigos desencarnados tornaram ao corredor de acesso, chasqueando, sarcásticos, e Neves, respeitoso, consultou sobre responsabilidade. Como situar o problema? Se víamos Cláudio aparentemente reduzido à condição de um fantoche, como proceder na aplicação da justiça? Se ao invés de bebedice, estivéssemos diante de um caso criminal? Se a garrafa de uísque fosse arma determinada, para insultar a vida de alguém, como decidir? A culpa seria de Cláudio que se submetia ou dos obsessores que o comandavam? O irmão Félix aclarou, tranquilo: – Ora, Neves, você precisa compreender que nos achamos à frente de pessoas bastante livres para decidir e suficientemente lúcidas para raciocinar. No corpo físico ou agindo fora do corpo físico, o Espírito é senhor da constituição de seus atributos. Responsabilidade não é título variável. Tanto vale numa esfera, quanto em outras. Cláudio e os companheiros, na cena que acompanhamos, são três consciências na mesma faixa de escolha e manifestações consequentes. Todos somos livres para sugerir ou assimilar isso ou aquilo. Se você fosse instado a compartilhar um roubo, decerto recusaria. E, na hipótese de abraçar a calamidade, em são juízo, não conseguiria desculpar-se. Interrompeu-se o mentor, voltando a refletir após momento rápido: – Hipnose é tema complexo, reclamando exames e reexames de todos os ingredientes morais que lhe digam respeito. Alienação da vontade tem limites. Chamamentos campeiam em todos os caminhos. Experiências são lições e todos somos aprendizes. Aproveitar a convivência de um mestre ou seguir um malfeitor é deliberação nossa, cujos resultados colheremos.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 6)

“Não obstante conhecêssemos as penosas vibrações de desconcerto psíquico em faixas de alto teor pestífero, as condensações que pairavam no ar, pela

densidade pastosa, escura, causavam-nos mal-estar. A aspiração do *nevoeiro* pelos homens, sem dúvida produzia compreensíveis transtornos emocionais, a prazo mais dilatado com efeitos orgânicos. A população invisível ao olhar humano era acentuadamente maior no tresvariar das fortes sensações, de que se não havia libertado com a morte. Disputava-se, como chacais, a vampirização das vítimas inermes telecomandadas, estimulava a sensibilidade e as libações alcoólicas de que participava, *ingeriam* drogas, de que os seus comparsas físicos, verdadeiros intermediários submissos, se auspiavam. Dificilmente se poderia distinguir se os homens eram cópia rude das faces aberrantes dos desencarnados ou se esses os imitavam, tal a sintonia e o perfeito intercâmbio sustentado. Enquanto eu reflexionava sobre a turbamulta, que se entredevorava, enceguedida, o nobre Amigo advertiu-me: – Miranda, onde a criatura coloque suas aspirações, aí encontra intercâmbio. O homem é o somatório dos seus anelos e realizações. Enquanto não elabore mais altas necessidades íntimas, demorar-se-á nas permutas grosseiras da faixa dos instintos primários. Em razão disso, a Humanidade padece de carências urgentes nas áreas rudimentares da vida... Deixando-se martirizar pelos desejos inconfessáveis, ainda não se resolveu por uma conduta, realmente emocional, que lhe permita o trabalho íntimo de desembaraçar-se das sensações que respondem pelos interesses grosseiros, geradores das lutas pela posse com a predominância do egoísmo. Como desejasse examinai a questão, sem enveredar pelo campo da crítica inoperante, acrescentou: – A fixação das paisagens sombrias desacostuma a percepção estética para as visões harmônicas da Natureza. Da mesma forma, experimentando o homem as impressões do prazer selvagem, desinteressa-se da aquisição dos valores estéticos e liberativos da alma. A transposição de planos e aspirações, enquanto se está na área da sofreguidão e do exagero carnal, somente ocorre a pesado tributo de dor e a fortes aguilhoadas da aflição. “Toda ascensão exige a colaboração do sacrifício, ao lado das renúncias. A visão dos amplos horizontes coloridos somente é lograda após a vitória sobre as baixadas sombrias e as veredas tortuosas. “O fatalismo da vida é para o bem e a destinação é para a felicidade. Consegui-los ao impulso do amor ou conquistá-los a penas de sofrimentos são as escolhas únicas que se terão para fazer. “Até agora, a conquista do belo e a liberação dos vícios têm sido desafios para os Espíritos fortes, que marcham à frente, despertando os da retaguarda, anestesiados na ilusão e agrilhoados aos prazeres aliciantes, venenosos. “Não nos cabe, todavia, duvidar da vitória do amor e do êxito que todos conseguirão hoje ou mais tarde. Auxiliá-los a desvencilhar-se das fortes amarras que os infelicitam e convidá-los à experiência da renovação constituem os

nossos deveres de agora. Em consequência, o nosso céu tem seus limites nas aberturas dos sofresdores à vida, ensejando-nos ampliá-lo ao infinito, no qual eles também desfrutam de esperança e paz.” [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 2)

“O PROBLEMA DAS DROGAS. Estava programada, para aquela madrugada, uma reunião, na qual o Dr. Bezerra de Menezes deveria proferir uma palestra, abordando o problema das drogas, que afetava a economia social e moral da comunidade brasileira, numa expansão surpreendente entre os jovens. O relógio, no edifício da Central, marcava dez minutos para as três. Um dos módulos do Posto fora reservado para o cometimento, que se destinava a trabalhadores do nosso grupo, em fase de adestramento para socorro às vítimas da toxicomania, como a estudiosos do comportamento, que se interessavam pelo magno assunto, tentando auxiliar, na condição de encarnados, com base nas informações e técnicas espíritas. Fomos convidados a seguir ao local próximo, acompanhando o expositor e alguns outros amigos. Em lá chegando, observamos a ordeira movimentação. O espaço comportava cinquenta pessoas bem acomodadas onde, além dos assentos, se encontrava pequena mesa com três lugares reservados e destinados ao palestrante e dois assessores. Os pequenos grupos de amigos conversavam à entrada e no recinto, recebendo os que foram trazidos do plano físico, portadores de uma boa lucidez para a participação no evento, em desdobramento parcial pelo sono. Tratava-se de Espíritos habituados a incursões de tal porte, que se deixavam conduzir por seus Benfeitores Espirituais, que os preparavam para melhor atividade socorrista em labor desta natureza. Pude identificar alguns espiritistas que se dedicavam à prática psiquiátrica e à terapia psicológica, pregadores e médiuns, assim como terapeutas não vinculados ao Espiritismo, sociólogos e religiosos em número não superior a vinte. Os demais, desencarnados, eram os responsáveis pela sua movimentação e presença naquele lugar, bem como alguns cooperadores de nossa área de ação, naquele cometimento, durante o período de carnaval. O missionário do bem foi saudado com carinho, e muitos encarnados que o viram entrar, não sopitaram as exclamações de júbilo ante o acontecimento. Adentrando-se todos e tomando os lugares, foi iniciada a reunião, exatamente às 3 horas. Proferida a prece, por um dos assessores que rogava a inspiração superior para o orador, sem qualquer delonga ou inútil apresentação laudatória, o Amigo levantou-se e deu início à sua mensagem. Com a voz modulada em tom harmônico, agradável, que alcançava o reduzido auditório sem maior esforço, passou a examinar a problemática dos tóxicos, após haver-nos saudado com a delicada colocação evangélica dos termos tradicionais, quando a utilizavam os cristãos

primitivos: *Paz seja convosco!* Com segurança e tranquilidade considerou: - As causas básicas das evasões humanas à responsabilidade jazem nos conflitos espirituais do ser, que ainda transita pelas expressões do primarismo da razão. “Espiritualmente atrasado, sem as fixações dos valores morais que dão resistência para a luta, o homem moderno, que conquistou a lua e avança no estudo das origens do Sistema Solar que lhe serve de berço, incursionando pelos outros planetas, não conseguiu conquistar a si mesmo. Logrou expressivas vitórias, sem alcançar a paz íntima, padecendo os efeitos dos tentames tecnológicos sem os correspondentes valores de suporte moral. Cresceu na horizontal da inteligência sem desenvolver a vertical do sentimento elevado. Como efeito, não resiste às pressões, desequilibra-se com facilidade e foge, na busca de alcoólicos, de tabacos, de drogas alucinógenas de natureza tóxica...” “Atado à retaguarda donde procede, mantém-se psiquicamente em sintonia com os sítios, nem sempre felizes, onde estagiou no além-túmulo, antes de ser recambiado à reencarnação compulsória. “Face à necessidade de promover o progresso moral do planeta, milhões de Espíritos foram transferidos das regiões pungitivas onde se demoravam, para a inadiável investidura carnal, por cujo recurso podem recompor-se e mudar a paisagem mental, aprendendo, na convivência social, os processos que os promovam a situações menos torpes. Dependências viciosas, no entanto, decorrentes da situação em que viviam, dão-lhes a estereotipia que assumem, tombando nas urdiduras da toxicomania.” O palestrante fez uma pausa oportuna, a fim de facultar aos ouvintes o necessário entendimento das colocações expostas, em análises rápidas, logo prosseguindo: - O uso de drogas é muito antigo, variando as justificações de acordo com o estágio da evolução de cada povo, sempre, porém, de resultados negativos. Religiosos e ascetas, guerreiros e filósofos, pobres e ricos em variados períodos da História utilizaram-se de substância vegetais e emanações químicas, de resinas e raízes para alcançar os desejos emocionais que não conseguiam pelos métodos normais, ou para abrir as comportas do entendimento para as viagens místicas, o aumento da coragem, o esquecimento...” “No mundo ocidental da atualidade é indiscriminado o uso de substâncias e vegetais tóxicos, em caráter quase generalizado. Ora para fins terapêuticos sob controle competente, ora para misteres injustificáveis sob direção dos infelizes manipuladores mafiosos da conduta das massas. “Em razão da franquia de informações que a todos alcançam, encontram-se preparados ou não, os meios de comunicação têm estereotipado as linhas da conduta moral e social de que todos tomam conhecimento e seguem com precipitação. Após, especialmente, a Segunda Guerra Mundial e, mais recentemente, as lamentáveis lutas no

sudeste asiático, o consumo de drogas tomou conta do ocidente, em particular, da imatura juventude. “O desprezo pela vida, a busca do aniquilamento resultantes de filosofias apressadas, sem estruturação lógica nem ética respondem pelo progressivo consumo de tóxicos de toda natureza. “Os valores ético-morais que devem sustentar a sociedade vêm sofrendo aguerrido combate e desestruturando-se sob os camartelos do cinismo que gera a violência e conduz à corrupção, minimizando o significado dos ideais da beleza, das artes, das ciências. Vive-se apressadamente, e rapidamente desaja-se a consunção. “A incompreensão grassa dominadora, sem que os homens encontrem um denominador comum para o entendimento que deve vigir entre todos. O egoísmo responde pelo inconformismo e pela prepotência, pela volúpia dos sentidos e pela indiferença em relação ao próximo. O homem sofre perplexidades que o atemorizam, desconfiando de tudo e de todos, entregando-se a excessos, fugindo à responsabilidade através das drogas. “Faltando lideranças nobres, com expressivas exceções, tomba nas redes bem entretecidas por falsos líderes carismáticos de natureza meramente passional. Escasseiam inteligências voltadas para o bem geral e dedicadas aos valores mais nobres da vida, que polarizem as atenções, fazendo-se exemplos dignos de imitados, em face das justas alegrias e venturas que propiciem e fruam. Esses indivíduos trabalhariam com afinco para a cura dos cânceres sociais, enobrecendo as entidades educacionais e domésticas responsáveis pela preparação e cultivo das mentes em formação.” O ambiente estava magnetizado pelo verbo fluente do expositor, que se deteve numa pausa mais demorada. Todos os olhares nele se fixavam, denotando a atenção e o respeito. De imediato, deu curso ao tema: - São dias de luta, em que as contestações, mais perturbadoras que saneadoras, tomam o lugar do trabalho são, edificante. Contestam-se os valores da anterior para a atual geração, o trabalho, a ética, a vida exigindo elevadas doses de tolerância e compreensão, a fim de se evitarem radicalismos de parte a parte. “O progresso tecnológico torna-se, de certo modo, uma ameaça, um monstro devorador, se não for moderado nos seus limites e no tempo próprio. A automação substitui o homem em muitos mistérios e a ociosidade, o desemprego neurotizam os que param e atormentam os que se esforçam no trabalho. “Os homens separam-se, distanciados pela luta que empreendem; nem-se pelas necessidades dos jogos dos prazeres, e nesse dualismo comportamental, a carência afetiva, a solidão instalam seus arsenais de medo, de revolta e dor, propelindo para a fuga, para as drogas. Em realidade, foge-se de um estado ou situação, inconscientemente buscando algo, alguma coisa, segurança, apoio, amizade que os tóxicos não podem dar. “Indispensável valorizar-se o homem,

arrancando dele os valores que lhe jazem latentes, manifestação de Deus que ele não tem sabido compreender, nem buscar, por estarem guardados no mundo íntimo, como desafio final para a sua salvação do caos. “Muita falta faz a presença da vida sadia, conforme a moral do Cristo. Fala-se demasiadamente sobre o Evangelho, situando a vivência dos seus postulados em faixas quase inalcançáveis, ou mediante abordagens místicas, que dificultam a racionalização do comportamento dentro das suas diretrizes.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 9)

“Sementes da insensatez. [...] No silêncio que se fez natural, a parturiente, com dolorosas contrações, gemia e chorava, demonstrando profundo abatimento. Acerquei-me mais e o Dr. Arnaldo, solicitando-me orar, aplicou-lhe recursos magnéticos, através de passes circulares e logo depois longitudinais. A jovem Ruth Maria, com o esforço despendido, fazia-se visitada pela pertinaz hemoptise que mais a debilitava. A equipe médica, apreensiva, aguardava os recursos do próprio organismo, não obstante as providências terapêuticas de emergência que haviam sido tomadas. Enquanto esperávamos, o amável médico retornou aos esclarecimentos: — Ao sair do Lar amigo para trabalhar como costureira em uma casa especializada, a jovem não deixou afetos que a pudessem acompanhar no futuro. As pessoas pareceram felizes por haverem concluído o compromisso para com ela sem mais graves consequências. Por sua vez, enfrentando agora o mundo em toda a sua abertura e agressividade, desde que estivera protegida de inúmeros perigos, as suas antigas inclinações, estimuladas por Francis, que continuava a persegui-la, foram tomando-a e fazendo-a derrapar em abusos, que se encarregariam de trazê-la a este Hospital. A princípio, advinha-lhe o desejo de um cigarro inocente ou de um aperitivo sem consequência, para depois instalar-se-lhe uma volúpia obsessiva pelo tabagismo e pelo alcoolismo em altas doses, que lhe sacrificaram o organismo, em si mesmo bastante enfraquecido. Simultaneamente, caiu nas armadilhas brutais do sexo sem amor, completando-se o quadro do seu autocídio a largo prazo, com o que se compraziam os inditosos verdugos da sua paz. Os seus algozes, conhecendo algumas técnicas de subjugação e, de certo modo, identificando-lhe as preferências no comportamento moral, na existência anterior, em face das tendências atuais, passaram a obsidiá-la fisicamente, despertando-lhe o insofreado prazer pelo fumo e pelo álcool, conforme referido, ao tempo em que lhe comprimindo a genitália e em especial os ovários, desequilibraram-lhe a função sexual, mediante cujo recurso lhe anularam as poucas resistências morais e abrindo campo para a instalação da enfermidade que a consome. Na alucinada vingança, Francis, perturbado pelo misto do ódio e assimilando as descargas das

sensações que a vítima experimentava na usança do sexo em desconcerto, em face da sua ligação continuada, a pouco e pouco foi-se-lhe alojando na madre, sofrendo, inconsciente, um processo de transformação perispiritual como sói acontecer nos mecanismos da reencarnação. De certo modo, o ser obsidente termina, pela insânia que cultiva, sendo vítima das ciladas e sofrendo-lhe os efeitos. Nesse comenos, a nossa Ruth Maria engravidou e, como é óbvio, aí temos o perseguidor-mor atado à perseguida... “As inescrutáveis leis de justiça são inderrogáveis e ninguém consegue burlá-las conforme muitas pessoas supõem fazê-lo.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 7)

“— Logo mais — informou-me o médico — deveremos visitar Maurício, conforme estabeleceu a Irmã Angélica, a fim de o auxiliarmos nas decisões a respeito do seu futuro. Cumpre-nos o dever de inspirar e auxiliar, mas, a decisão e a ação pertencem a cada um. Desviando a atenção do “caso Valtércio”, passei a recordar-me do jovem que me despertara interesse e simpatia. Não me parecera mau, antes deixara-me a impressão de um Espírito jovem nas experiências morais. Sem embargo, evocando as graves ações que lhe pesavam no campo da responsabilidade, fiquei a conjecturar em que estágio ele poderia situar-se. Longe de mim o propósito de incorrer na leviandade de um julgamento malsão. Animava-me o sadio interesse de melhor entender as criaturas e os seus envoltórios diante da oportunidade de evolução. Às 22:30h fomos em visita ao jovem Maurício. Encontrava-se residindo no Rio de Janeiro, tomando parte num grupo de rapazes e moças músicos — cantores que cobiçavam a fama e a prosperidade. Inexperientes, tendo de enfrentar um campo crivado de espinhos e assinalado pela corrupção, em pouco tempo começaram a resvalar pela rampa da decomposição moral. Desestruturados emocionalmente e sem maturidade da personalidade, fizeram-se vítimas de exploradores profissionais, traficantes de drogas e sexo que proliferaram nos diversos grupos humanos, especialmente nas áreas das artes, por encontrarem maior número de sonhadores, criaturas ingênuas e sensíveis que confiam nas promessas da mentira e se deixam conduzir docilmente por essa fauna de dilapidadores da consciência e do sentimento alheio. Enfrentando problemas a que não estavam acostumados, procuraram as soluções erradas das fugas rápidas pelas drogas e dos prazeres exaurientes pelo sexo desvinculado do amor. Maurício que, semelhante a outros, abandonara o lar para viver os próprios sonhos, desejava cantar, sorrir e amar a vida, conforme a utópica filosofia *hipieísta* daqueles dias, não se dando conta que a vida são os sacrifícios e labores pela conquista da realização interior e não o anestesiar da consciência, reduzindo o homem a um feixe de instintos, num impossível retorno às origens

do primarismo que ficou no passado. Não obstante, já comprometido, era assaltado, periodicamente, por crises de melancolia, nas quais o lar e a família se lhe apresentavam nas recordações como algo distante e perdido, que a sua incúria havia malbaratado. Desejando o bulício da cidade de sonhos e festas, para fugir da solidão, enfrentava o vazio íntimo, a solidade mais dorida. As reminiscências que o inconsciente liberava, a pouco e pouco, produziam-lhe imenso mal-estar, uma tremenda insatisfação que o levava ao estupeficiente, ao erro mais grave, o de usar drogas alucinógenas com comprometimento da saúde e do equilíbrio emocional. Uma estranha sensação de culpa e de falta de objetivo real martelavam-no, exigindo que ante os amigos fosse o companheiro bulhento e sorridente e, a sós, se desvelasse taciturno, deprimido. Para manter a aparência de uma realidade que não sentia, a maconha, a princípio, e as anfetaminas depois, eram o caminho para a loucura ou o suicídio, qual aconteceu a vários, e prossegue sucedendo com uma crescente massa de viciados, em geral, de toxicômanos. Maurício despertara do encontro conosco sentindo-se mais angustiado. Experimentava a sensação de ter sonhado com um paraíso que perdera, mas no qual havia a presença da mágoa ignota que o macerava. Não pôde ocultar de todo o seu estado aos companheiros que viviam momentos difíceis, porque o grupo não conseguia audição e os sonhos iam-se transformando em pesadelo. Assim, nas noites seguintes, passou a deitar-se na parte superior do Edifício, donde melhor observava as estrelas e fugia da presença dos demais. Ensimesmado, procurava um apoio, qualquer socorro que, aliás, desconhecia de que forma e por quem lhe adviria. Fomos encontrá-lo nesse estado de amolentamento emocional, ensimesmado, com lágrimas nos olhos que não chegavam a extravasar. [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 13)

“SOMBRA E DORES DO MUNDO. O trânsito de Entidades vinculadas aos serviços da Instituição era expressivo. Operários do socorro fraterno movimentavam-se, ágeis, atendendo os adversários de alguns dos presentes, e, enquanto se executavam rituais específicos, havia alterações de atitudes e promessas de renovação dos mesmos, sob protestos de honesto esforço pessoal. Muitos dos Espíritos para ali conduzidos eram membros de esdrúxulos cultos, que conservavam além do corpo, em regiões circunvizinhas à Terra, onde terríveis obsessores treinavam-nos para os lóbregos processos de vingança. O vampirismo desenfreado constituía recurso de sustentação dos filia-dos à grei hedionda, na qual, mediante fenômenos de ideoplastia, de telementalização e hipnose, se consumavam programas da mais vil qualidade, enredando desencarnados entre si e criaturas domiciliadas no corpo, que mantinham comércio mental com essas cruéis

extravagâncias. Oportunamente, visitáramos alguns desses Núcleos onde a hediondez superava tudo que a imaginação em desequilíbrio pudesse conceber... Ali estagiavam, à noite, sob coação, diversos indivíduos encarnados, que as drogas alucinavam — a elas conduzidos por sutilezas de inspiração perniciosamente produzida por comparsas do Além — e que, no contubérnio existente, encontravam **estímulo para a divulgação, na Terra**, dos estereótipos dos desconcertos morais e emocionais, que as suas *expressões artísticas* canalizavam. Posturas exóticas, música estridente e primitiva, gestos selvagens e caracterizações aberrantes, em acodamento às manifestações do sexo ultrajado, naqueles redutos se originavam, recambiados para os palcos do mundo, em bem urdida propaganda para alcançar as **mentes juvenis** desarmadas dos recursos defensivos, a estimular-lhes os instintos, anulando-lhes os mecanismos da razão... Ases da informática moderna, que lideram larga faixa de desavisados, pelos veículos da comunicação de massa, solicitando mais ampla, sempre infinita liberdade para o vulgar, o agressivo, o servil, eram, por sua vez, vítimas desses severos títeres do Mundo Espiritual inferior, que se locupletavam na rapina de energia daqueles que se lhes vinculavam, espontaneamente. Campeões do cinismo, sempre vanguardeiros da corrupção e da insensibilidade para com os valores éticos da vida, técnicos na ironia e no menosprezo às conquistas da moral e da justiça, eram frequentadores habituais, por sintonia psíquica, daqueles grupos, onde renovavam experiências sórdidas, retomando, depois, ao corpo, sempre ansiosos e insatisfeitos pelo vivido, padecendo irrefreável avidez pelo novo gozar. Mulheres, que se guindavam à popularidade, aclamadas pela coragem dos seus depoimentos e pela conquista de posições igualitárias às do homem, maquiladas e exibindo falsa felicidade decorrente de triunfos que as amargavam interiormente, eram serviçais dos mesmos Núcleos, onde se submetiam a terríveis processos de abastardamento moral, dominadas por mentes soezes que as exauriam, obrigando-as ao prosseguimento dos espetáculos torpes, nos quais atraíam maior número de símiles para o alargamento da faixa das aberrações. A maioria delas, certamente, trocaria toda a ilusória notoriedade que desfrutava, caso fruísem a segurança de um lar, de um afeto, de uma família, que combatiam como instituições falidas, por mágoa insufocada de os não possuir... Recordamos-nos de uma dessas criaturas que vimos, num dos seus programas hebdomadários, na televisão, invectivando contra a moral, que chamava decadente, e exibindo indivíduos paranoides, atormentados de vários tipos, para espetáculos grotescos, com que divertiam os *jurados* e o grande público, igualmente ansioso pelo fescenino e brutal, esplendendo beleza no corpo, mas cujo ser interior, alterado por deformidades que lhe imprimiam

a mente e o conúbio obsessivo, chegou a chocar-me. Veio-me à mente a trágica história do *Retrato de Dorian Gray*, e o seu macabro pacto com Mefistófeles. Não estaria, ali, o panorama real da composição dramática imaginada por Oscar Wilde? [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 5)

“Alcoolismo e obsessão. [...] Respirava-se um ambiente de paz, quando se adentrou o irmão Vicente. Discreto e humilde pediu licença para falar ao mentor que, informado, convidou-nos, a Fernando e a nós, para que os acompanhássemos. Logo saímos, e ele elucidou-nos que se tratava do esposo de D. Armênia, a abnegada médium por quem se comunicava o dedicado Vicente. Aquele cavalheiro, em razão de vários desajustes emocionais, e mais tarde, acuado por mentes perversas da Erraticidade inferior, sucumbira aderindo aos alcoólicos, tornando-se contínua aflição para a esposa e os filhos. Com facilidade exorbitava dos direitos que se atribuíam no lar, transformando-se em severo verdugo da família. Com frequência, quando aturdido pela bebida, era tomado pelos inimigos desencarnados, que se utilizavam do seu desequilíbrio psíquico e emocional para atormentarem a trabalhadora do Bem e, por extensão, os demais membros do clã. Tudo começara poucas horas atrás, quando ele chegara embriagado, o que já se fizera habitual. Descontrolado, passou a agredir a esposa verbalmente, em razão de encontrá-la desperta, aguardando-o. As acusações multiplicaram-se, descendo a níveis quase insuportáveis, e, porque ela permanecesse silenciosa, ameaçou-a de morte, intentando agredi-la fisicamente. Convidado diretamente pela médium sofrida, Vicente acorreu em seu socorro, também tentando amparar o tresloucado, que se armara de uma faca e insistia em eliminar-lhe a existência física. Nesse comenos, chegou o filho Alberto, jovem de 22 anos, que se deu conta da gravidade do momento ocorrendo em defesa da genitora, que sabia vítima sistemática do marido insano. Os demais irmãos, menores, que despertaram, choravam ao lado da mãe! Mais exaltado, o ébrio avançou contra o filho, blasfemando e ameaçando-o, travando-se então uma luta corporal, na qual o rapaz foi ferido repetidas vezes, tombando exânime no solo. A pobre senhora não teve outra alternativa senão gritar, pedindo socorro e despertando alguns vizinhos, que vieram em seu auxílio. As crianças, em desespero, agarravam-se à mãe aturdida... Passada a fúria, o quase homicida tombou em uma poltrona, adormecendo profundamente, quando os comparsas desencarnados o deixaram, exausto... A caminho, o Dr. Carneiro de Campos informou-nos: — O alcoolismo é um dos maiores inimigos da criatura humana. É de lamentar-se que o seu uso seja tão generalizado e, infelizmente, haja adquirido status na sociedade. As reuniões, as celebrações e festividades outras sempre se fazem acompanhar de

bebidas alcoólicas, responsáveis por incontáveis danos ao organismo humano, à sociedade. Acidentes terríveis, agressões absurdas, atitudes ignóbeis decorrem do seu uso, além dos vários prejuízos orgânicos, emocionais e mentais que acarretam. “Verdadeiras legiões de vítimas se movimentam pelas avenidas do mundo, como enxameiam nos campos, permanecem nos tugúrios da miséria ou nas celas sombrias dos cárceres e dos hospitais, apresentando o triste espetáculo da decadência humana. Milhões de lares sofrem os infelizes lances da sua crueldade. “No inquietante momento em que o uso das drogas é responsabilizado pela vigência de inumeráveis crimes hediondos, e se levantam muitas vozes em protesto, buscando encontrar as causas sociológicas, psicológicas e outras, para explicar a avalanche sempre crescente e assustadora de viciados, urge que se estudem também os problemas do alcoolismo e suas consequências, não menos alarmantes.” Fez um oportuno silêncio, como a sintetizar ideias, e logo expôs: — O alcoolismo, ou dependência do uso exagerado de bebidas alcoólicas, constitui-se um grave problema médico, em face dos danos que causa ao organismo do indivíduo e ao grupo social no qual este se movimenta. A sua gravidade pode ser considerada pelo número dos internados em hospitais psiquiátricos com desequilíbrios expressivos. As recidivas, após o cuidadoso tratamento, são numerosas, não se considerando que as suas vítimas ultrapassam em grande número as outras toxicomanias. “Na antiguidade, o uso de bebidas alcoólicas tornou-se comum e quase elegante, caracterizando uma forma de projeção social ou de fuga ante os desafios. Acreditava-se, no passado, que o álcool e seus derivados diminuía as angústias e tensões, posteriormente, se afirmando ou se justificando possuírem propriedades fisiológicas, produzindo estímulo e vigor orgânicos. “O alcoolismo decorre de muitos fatores, entre os quais a personalidade e a tolerância do organismo do paciente, variando com a idade, o sexo, hereditariedade, hábitos e costumes, constituição e disposição orgânica. “Pode ser resultado de causas ocasionais, secundárias, psicopáticas e conflituosidade neurótica. “Experiências ocasionais, uso após problemas de natureza orgânica e mental — como na epilepsia, na arteriosclerose cerebral —, compulsão pela hereditariedade e o condicionamento após o hábito, resultando na conflituosidade neurótica. “No começo, o indivíduo pode experimentar euforia, dinamismo motor, porém vai perdendo o controle, o senso crítico, tornando-se inconveniente. Com o tempo, surgem outros distúrbios orgânicos, tais as náuseas, os vômitos, a incontinência urinária e, por fim, o sono comatoso, no estado mais avançado. “À medida que a dependência aumenta e o uso se faz mais frequente, a bebida alcoólica afeta o sistema nervoso, o trato digestivo, o aparelho cardiovascular. As complicações

que degeneram em gastrite e cirrose hepática são inevitáveis, levando à morte, qual sucede no câncer do esôfago e do estômago. Do ponto de vista psíquico, o alcoólatra muda completamente o comportamento e suas reações mentais são alteradas, a começar pelos prejuízos da memória, até culminar no delirium tremens, sem retorno ao equilíbrio...” Novamente, silenciando, concluiu: — O alcoolismo (alcoófilia) é, portanto, uma enfermidade que exige cuidadoso tratamento psiquiátrico. No entanto, porque ao desencarnar o alcoólatra não morre, permanecendo vitimado pelos vícios, quase sempre busca sintonia com personalidades frágeis ou temperamentos rudes, violentos, na Terra, deles se utilizando em processo obsessivo para dar prosseguimento ao infame consumo do álcool, agora aspirando-lhe os vapores e beneficiando-se da ingestão realizada pelo seu parceiro-vítima, que mais rapidamente se exaure. Torna-se uma obsessão muito difícil de ser atendida convenientemente, considerando-se a perfeita identificação de interesses e prazeres entre o hóspede e o seu anfitrião. “Desse modo, o infeliz esposo de dona Armênia é um alcoólatra, por enfermidade e obsessão.” [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Alcoolismo e obsessão)

“**Toxicodependência.** Remanescendo dos hábitos primários com predominância em indivíduos de constituição emocional frágil, o uso de substâncias psicoativas vem conduzindo larga faixa da humanidade à toxicodependência. Desfilam como fantasmas truanescos e atormentados os usuários do álcool, do tabaco e das drogas químicas que ameaçam o equilíbrio psicossocial dos grupos terrestres, devorados pela insensatez de traficantes perversos e criminosos que amealham fortunas ignóbeis através do arrebanhamento de multidões de enfermos da alma que lhes tombam nas armadilhas cruéis. A desvalorização da vida, em face do hedonismo que viceja em quase todos os setores dos grupamentos sociais com a exaltação do sexo aviltado, constitui estímulo para as fugas espetaculares da realidade na direção do aniquilamento orgânico em vã expectativa de extinção do corpo. As grandiosas contribuições do pensamento exteriorizado nas nobres realizações da Ciência e da Tecnologia, fomentaram também a corrida desenfreada pelo conforto excessivo e pelo poder irresponsável, na louca tentativa de possuir-se em abundância, para bem desfrutar-se com ganância. Essa aspiração, que poderia ser valiosa se pautada em linhas de equilíbrio moral, normalmente empurra o ser para a competição alucinada, destruindo o sentido ético da existência humana pela volúpia do gozo da glória terrena. Por consequência, o egoísmo solapa os ideais de fraternidade e de ventura coletiva, trabalhando em favor da individualização, ora muito bem vivenciada nas viagens, visitas e convivências virtuais, que vêm

afastando as criaturas umas das outras mediante o relacionamento computadorizado, longe do calor das comunicações interpessoais, ricas de contato sensorial vitalizador. De outra forma, as famílias, mergulhadas no torvelinho dos interesses externos, desestruturam-se, e os filhos são entregues a babás humanas ou eletrônicas, quando deveriam conviver com os pais e com eles haurir emoções de segurança propiciadas pelo amor, gerando responsabilidade e dever, que são essenciais para o respeito pela própria existência e a vida em todas as suas variadas expressões. A ausência da ternura no lar e a permanência dos conflitos nos relacionamentos dos adultos oferecem à criança e ao jovem uma visão deformada da realidade, que passa a representar, no seu interior, um processo que deveria ser de segura formação psicológica, tornando-se um desafio que apavora e gera instabilidade, assim contribuindo para o favorecimento das fugas espetaculares para os vícios de toda natureza, quais a toxicod dependência, o alcoolismo, o jogo de azar, conduzindo, não poucas vezes, ao suicídio e a outros comportamentos antissociais aberrantes e criminosos. Não é, pois, de estranhar, quando crianças e jovens utilizam-se dos instrumentos de destruição para assassinar colegas e mestres, ou quando adultos e adolescentes se armam para extermínios seriais, mais aumentando as estatísticas de pavor e de degradação humana. A insegurança, portanto, que se deriva do abandono a que se veem relegadas as gerações novas, o desinteresse com que são toleradas, a irritação que provocam nos adultos imaturos e egotistas, que experienciam momentos de emotividade piegas tentando diminuir o impacto negativo dos seus comportamentos através de doações de coisas e caprichos, tornam difícil o amadurecimento psicológico dos mesmos que se sentem atirados ao sorvedouro da insensatez generalizada. Concomitantemente, a má orientação escolar, pela falta de uma educação baseada em valores humanos e espirituais, apresentada por professores igualmente conflitivos e atormentados, torna-se porta de acesso ao desespero e à consequente queda no abismo da viciação. É certo que existem incontáveis exceções, nas quais se apresentam pais e educadores, homens e mulheres nobres, mas sem uma conscientização geral que envolva autoridades, famílias e cidadãos na questão momentosa da prevenção das drogas, o problema visto pelo ângulo da repressão inconsequente, que somente pune os pequenos traficantes, ameaçando os usuários em desequilíbrio, sem alcançar os poderosos cartéis espalhados pelo mundo, de maneira alguma poderá modificar a gravidade do desafio, nem sequer diminuindo-lhe os excessos ou evitando-lhe a dominação. Todos os indivíduos inseguros e conflituosos são vítimas em potencial do uso e do tráfico de drogas que se encontram ao alcance de quantos desejem usá-las.

Por outro lado, a facilidade com que se vendem produtos farmacêuticos geradores de dependência química e propiciadores de transe alucinógenos ou de sensações de aparente paz, de relaxamento, torna-se também estímulo poderoso para iniciações perigosas que terminam em abuso de substâncias destrutivas dos neurônios cerebrais e responsáveis por outros danos orgânicos irreparáveis e de alta essencialidade para a existência do ser. Torna-se urgente uma política séria sobre as drogas químicas, a fim de ser corrigida e mesmo evitada a drogadicção e criados centros reeducativos para seus dependentes, através dos quais haja seriedade no estudo, análise e aplicação dos esquemas de educação para a infância e a adolescência, ao lado de confiável compromisso familiar no que diz respeito à estruturação psicológica do educando. A criança e o jovem, não obstante a aparência de fragilidade e a inocência ante as experiências atuais, são espíritos vividos e portadores de largo patrimônio de conquistas positivas e negativas que lhes exornam a personalidade, facilmente despertáveis de acordo com os estímulos externos que lhes sejam apresentados. Eis porque os valores morais e éticos, quando cultivados, oferecem seguras diretrizes para o equilíbrio e a existência saudável, tornando-se antídoto valioso para o enfrentamento do perigo das drogas. Somando-se a esses fatores externos os compromissos espirituais de cada criatura, não se pode negar a preponderância da interferência dos espíritos desencarnados na conduta dos homens terrestres. Conforme as leis de afinidade e de sintonia, ocorrem as vinculações naturais, quando não de caráter recuperador em razão de antigos débitos para com aqueles que se sentem prejudicados ou que foram vitimados pela incúria e perversidade de quem os afligiu e infelicitou. Nesses comenos, no período da iniciação ou mesmo antes dela, instalam-se as obsessões simples, que se convertem em problemas graves, derrapando para subjugações cruéis, nas quais, hóspede e hospedeiro interdependem-se na usança das drogas devastadoras. Quase sempre, após instalada a obsessão desse porte, o espírito perturbador passa a experimentar o prazer gerador do vício, especialmente se antes da desencarnação esteve sob o jugo da infeliz conduta. Havendo desencarnado, mas não sucumbindo ante o tacaie da morte, busca desesperado dar prosseguimento ao hábito doentio, sintonizando com personalidades fragilizadas e inseguras, levando-as à degradante toxicod dependência. A oração, as leituras edificantes, as conversações saudáveis, ao lado da terapêutica especializada, devem ser movimentadas para a recuperação do paciente e a sua entrega a Deus mediante os bons pensamentos e as ações relevantes que constituem recurso precioso para a terapia preventiva, assim como para a curadora.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Toxicod dependência)

V.2. Efeitos dos vícios nos corpos físico e espiritual

“Postara-se ao lado de um rapaz que esperava, de lápis em punho, mergulhado em fundo silêncio. Ofereceu-me Alexandre o seu vigoroso auxílio magnético e contemplei-o, com atenção. Os núcleos glandulares emitiam pálidas irradiações. A epífise, principalmente, semelhava-se à reduzida semente algo luminosa. – Repare no aparelho genital – aconselhou-me o instrutor, gravemente. Fiquei estupefato. As glândulas geradoras emitiam fraquíssima luminosidade, que parecia abafada por aluviões de corpúsculos negros, a se caracterizarem por espantosa mobilidade. Começavam as movimentações sob a bexiga urinária e vibravam ao longo de todo o cordão espermático, formando colônias compactas, nas vesículas seminais, na próstata, nas massas mucosas uretrais, invadiam os canais seminíferos e lutavam com as células sexuais, aniquilando-as. As mais vigorosas daquelas feras microscópicas situavam-se no epidídimo, onde absorviam, famélicas, os embriões delicados da vida orgânica. Estava assombrado. Que significava aquele acervo de pequeninos seres escuros? Pareciam imantados uns aos outros, na mesma faina de destruição. Seriam expressões mal conhecidas da sífilis? Enunciando semelhante indagação íntima, explicou-me Alexandre, sem que eu lhe dirigisse a palavra falada: Enunciando semelhante indagação íntima, explicou-me Alexandre, sem que eu lhe dirigisse a palavra falada: – Não, André. Não temos sob os olhos o espiroqueta de Schaudinn, nem qualquer nova forma suscetível de análise material por bacteriologistas humanos. São bacilos psíquicos das torturas sexuais, produzidos pela sede febril de prazeres inferiores. O dicionário médico do mundo não os conhece e, na ausência de terminologia adequada aos seus conhecimentos, chamemos-lhes larvas, simplesmente. Têm sido cultivados por este companheiro, não só pela incontinência no domínio das emoções próprias, através de experiências sexuais variadas, senão também pelo contato com entidades grosseiras, que se afinam com as predileções dele, entidades que o visitam com frequência, à maneira de imperceptíveis vampiros. O pobrezinho ainda não pôde compreender que o corpo físico é apenas leve sombra do corpo perispiritual, não se capacitou de que a prudência, em matéria de sexo, é equilíbrio da vida e, recebendo as nossas advertências sobre a temperança, acredita ouvir remotas lições de aspecto dogmático, exclusivo, no exame da fé religiosa. A pretexto de aceitar o império da razão pura, na esfera da lógica, admite que o sexo nada tem que ver com a espiritualidade, como se esta não fosse a existência em si. Esquece-se de que tudo é espírito, manifestação divina e energia eterna. O erro de nosso amigo é o de todos os religiosos que supõem

a alma absolutamente separada do corpo físico, quando todas as manifestações psicofísicas se derivam da influência espiritual. Novos mundos de pensamento raiavam-me no ser. Começava a sentir definições mais francas do que havia sido terríveis incógnitas para mim, no capítulo da patogenia em geral. Não saíra do meu intraduzível espanto, quando o instrutor me chamou a atenção para um cavalheiro maduro que tentava a psicografia. – Observe este amigo – disse-me, com autoridade –, não sente um odor característico? Efetivamente, em derredor daquele rosto pálido, assinalava-se a existência de atmosfera menos agradável. Semelhava-se-lhe o corpo a um tonel de configuração caprichosa, de cujo interior escapavam certos vapores muito leves, mas incessantes. Via-se-lhe a dificuldade para sustentar o pensamento com relativa calma. Não tive qualquer dúvida. Deveria ele usar alcoólicos em quantidade regular. Vali-me do ensejo para notar-lhe às singularidades orgânicas. O aparelho gastrointestinal parecia totalmente enopado em aguardente, porquanto essa substância invadia todos os escaninhos do estômago e, começando a fazer-se sentir nas paredes do esôfago, manifestava a sua influência até no bolo fecal. Espantava-me o fígado enorme. Pequenas figuras horripilantes postavam-se, vorazes, ao longo da veia porta, lutando desesperadamente com os elementos sanguíneos mais novos. Toda a estrutura do órgão se mantinha alterada. Terrível ingurgitamento. Os lóbulos cilíndricos, modificados, abrigavam células doentes e empobrecidas. O baço apresentava anomalias estranhas. – Os alcoólicos – esclareceu Alexandre, com grave entonação – aniquilavam-no vagarosamente. Você está examinando as anormalidades menores. Este companheiro permanece completamente desviado em seus centros de equilíbrio vital. Todo o sistema endócrino foi atingido pela atuação tóxica. Inutilmente trabalha a medula para melhorar os valores da circulação. Em vão, esforçam-se os centros genitais para ordenar as funções que lhes são peculiares, porque o álcool excessivo determina modificações deprimentes sobre a própria cromatina. Debalde trabalham os rins na excreção dos elementos corrosivos, porque a ação perniciosa da substância em estudo anula diariamente grande número de néfrons. O pâncreas, viciado, não atende com exatidão ao serviço de desintegração dos alimentos. Larvas destruidoras exterminam as células hepáticas. Profundas alterações modificam-lhe as disposições do sistema nervoso vegetativo e, não fossem as glândulas sudoríparas, tornar-se-lhe-ia talvez impossível a continuação da vida física. Não conseguia dissimular minha admiração. Alexandre indicava os pontos enfermigos e esclarecia os assuntos com sabedoria e simplicidade tão grandes que não pude ocultar o assombro que se apoderara de mim. O instrutor colocou-me, em seguida, ao lado de uma dama simpática

e idosa. Após examiná-la, atencioso, acrescentou: – Repare nesta nossa irmã. É candidata ao desenvolvimento da mediunidade de incorporação. Fraquíssima luz emanava de sua organização mental e, desde o primeiro instante, notara-lhe as deformações físicas. O estômago dilatara-se-lhe horivelmente e os intestinos pareciam sofrer estranhas alterações. O fígado, consideravelmente aumentado, demonstrava indefinível agitação. Desde o duodeno ao sigmoide, notavam-se anomalias de vulto. Guardava a ideia de presenciar, não o trabalho de um aparelho digestivo usual, e sim de vasto alambique, cheio de pastas de carne e caldos gordurosos, cheirando a vinagre de condimentação ativa. Em grande zona do ventre superlotado de alimentação, viam-se muitos parasitos conhecidos, mas, além deles, divisava outros corpúsculos semelhantes a lesmas voracíssimas, que se agrupavam em grandes colônias, desde os músculos e as fibras do estômago até a válvula ileocecal. Semelhantes parasitos atacavam os sucos nutritivos, com assombroso potencial de destruição. Observando-me a estranheza, o orientador falou em meu socorro: – Temos aqui uma pobre amiga desviada nos excessos de alimentação. Todas as suas glândulas e centros nervosos trabalham para atender as exigências do sistema digestivo. Descuidada de si mesma, caiu na glotonaria crassa, tornando-se presa de seres de baixa condição.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 3)

“Terminada a tarefa, Alexandre acercou-se de mim, observando, ante a minha indisfarçável curiosidade: – O aparelho mediúnico foi submetido a operações magnéticas destinadas a socorrer-lhe o organismo nos processos de nutrição, circulação, metabolismo e ações protoplásmicas, a fim de que o seu equilíbrio fisiológico seja mantido acima de qualquer surpresa desagradável. Prosseguindo o exame dos trabalhos em curso, reparei que Verônica alçava, agora, a destra sobre a cabeça da jovem, demorando-a no centro da sensibilidade. – Nossa irmã Verônica – explicou o meu amável orientador – está aplicando passes magnéticos como serviço de introdução ao desdobramento necessário. Nesse momento, porém, algo aconteceu de estranho no círculo de nossas atividades espirituais. Percebeu-se grande choque de vibrações no recinto. Dois servidores aproximaram-se de Alencar e um deles explicou, espantadizo: – O senhor P... Aproxima-se, porém, em condições indesejáveis... – Que aconteceu? – Indagou o controlador, seguro de si. – Bebeu alcoólicos em abundância e precisamos providenciar-lhe o insulamento. O controlador esboçou um gesto de contrariedade e murmurou, encaminhando-se para a porta de entrada: – É muito grave! Neutralizemos a sua influência, sem perda de tempo. Alexandre convidou-me a observar o caso de mais perto. Em vista da estupefação que me tomava de assalto, esclareceu:

– Nestes fenômenos, André, os fatores morais constituem elemento decisivo de organização. Não estamos diante de mecanismos de menor esforço e, sim, ante as manifestações sagradas da vida, em que não se pode prescindir dos elementos superiores e da sintonia vibratória. Nesse instante, o senhor P... transpunha a porta. Bem-posto, evidenciando excelentes disposições, não parecia ameaçar o equilíbrio geral, mesmo porque não revelava, exteriormente, qualquer traço de embriaguez. Satisfazendo, porém, as determinações de Alencar, diversos operários dos serviços cercaram-no à pressa, como enfermeiros a se encarregarem de doente grave. Incapaz de guardar minha própria impressão, indaguei: – Que ocorre, afinal? Esse homem parece calmo e normal. – Sim – elucidou Alexandre, benevolente –, parecer não é tudo. A respiração dele, em semelhante estado, emite venenos. Noutro núcleo poderia ser tratado caridosamente, mas aqui, atendendo-se à função especializada do recinto, os princípios etéricos que exterioriza pelas narinas, boca e poros são eminentemente prejudiciais ao nosso trabalho. Como vemos, há necessidade de preparação moral para qualquer trato. A viciação, em qualquer sentido, antes de tudo, deprime o viciado, mas perturba igualmente os outros. Recordei a função do álcool no organismo humano, mas bastou que a lembrança me aflorasse, de leve, para que o instrutor me esclarecesse, imediatamente: – Você compreende que as doses mínimas de álcool intensificam o processo digestivo e favorecem a diurese, mas o excesso é tóxico destruidor. As emanções de álcool de cana, ingerido pelo nosso irmão, em doses altas, são altamente nocivas aos delicados elementos de formação plástica que serão agora conferidos ao nosso esforço, além de constituírem sério perigo às forças exteriorizadas do aparelho mediúnico. De fato, pouco a pouco se sentia, embora vagamente, o cheiro característico de fermentação alcoólica. Reparei que o Sr. P... foi cercado pelas entidades operantes e neutralizado pela influência delas, à maneira do detrito anulado por abelhas laboriosas, em plena atividade na colmeia. Prosseguiram os serviços normalmente.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 10)

“EFEITOS DAS DROGAS. [...] Calou-se, no momento em que Dr. Bezerra chegava para visitar os jovens em repouso. O abnegado médico examinou o motorista e não teve dúvidas em afirmar: - O nosso amigo buscava o acidente, em razão da ingestão de drogas que se permitira. Detendo-se no exame do Espírito, apontou a área dos reflexos e ações motoras, referindo-se: - Eil-la praticamente bloqueada, após a excitação provocada pelas anfetaminas que foram usadas, sob forte dose venenosa, que terminaria, ao longo do tempo, por afetar os movimentos, provocando paralisia irreversível. “As drogas liberam componentes tóxicos que impregnam as delicadas engrenagens do perispírito,

atingindo-o por largo tempo. Muitas vezes, esse modelador de formas imprime nas futuras organizações fisiológicas lesões e mutilações que são o resultado dos tóxicos de que se encharcou em existência pregressa. “De ação prolongada, a dependência que gera, desarticula o discernimento e interrompe os comandos do centro da vontade, tornando os seus usuários verdadeiros farrapos humanos, que abdicam de tudo por uma dose, até a consumpção total, que prossegue, entretanto, depois da morte...” “Além de facilitar obsessões cruéis, atingem os mecanismos da memória, bloqueando os seus arquivos e se imiscuem nas sinapses cerebrais, respondendo por danos irreparáveis. “A seu turno, o Espírito registra as suas emanções, através da organização perispiritual, dementando-se sob a sua ação corrosiva. Quando isto ocorre, somente através de futuras reencarnações consegue restabelecer, a contributo de dores acerbadas e alucinações demoradas, o equilíbrio que malbaratou.” Após ligeira pausa, afirmou: - Nosso jovem amigo já se habituara ao uso de substâncias fortes, que lhe danificaram a organização espiritual. Prosseguindo, examinou os demais, fazendo referências semelhantes para comentar: - O nosso Fábio estava sendo iniciado. Já passara pelas experiências do uso da maconha, experimentando agora as anfetaminas perigosas. Pode-se perceber-lhe o efeito vasoconstritor, particularmente na área cerebral, que lhe produziu, a princípio, estímulo e, logo depois, entorpecimento. “Eis porque não sintonizou com a interferência psíquica da irmã Ruth. “Felizmente, não teve tempo de afetar-se mais profundamente, facultando, de algum modo, retornar com menos responsabilidade negativa, em condições de ser ajudado. “Confiemos em Deus e mantenhamo-los em psicossfera repousante, repetindo, de hora em hora, o recurso do passe anestesante, com que se vitalizarão para os embates próximos, que os aguardam.” Silenciando, convidou-nos depois para a oração coletiva no Posto Central com irradiação pelos subpostos. Eram 6 horas da manhã de terça-feira de Carnaval.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 11)

“Recebendo o concurso fluídico que lhe concedeu repouso, Maurício foi recambiado ao corpo, enquanto orando, em silêncio, a Orientadora nos convocou ao retorno. Interessado na sucessão dos acontecimentos com o jovem, inquiri o caro Dr. Arnaldo. — Ele se recordará deste encontro, ao despertar, pela manhã? — Não o creio — respondeu —. Viremos visitá-lo, a fim de tomarmos conhecimento de como ficou ou não impregnado das vibrações e lembranças deste evento. Às 9:00h do dia seguinte, com sol alto, adentramo-nos, o médico e nós, no apartamento em que residiam Maurício e os amigos. O ambiente era desagradável, com psicossfera pesada, quase insuportável. A desarrumação e o desleixo disputavam-se primazia. A presença

de Entidades vulgares e ociosas denotava a baixa qualidade vibratória dos residentes. Fomos encontrar o amigo, semidesperto, ainda invadido pelas sensações de desconforto decorrente do uso dos estupefacientes. Embora não os houvesse usado à véspera, os resíduos permaneciam produzindo efeitos mui desagradáveis. [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 13)

“**COMPORTAMENTO E VIDA.** [...] Depreende-se, portanto, que o comportamento do homem a todo instante contribui de maneira rigorosa para a programação da sua vida. São de duas classes as causas que influem na sua existência, dentro do determinismo da evolução humana: as próximas, desta reencarnação, na qual se movimenta, e as remotas, que procedem das ações pretéritas. Estas últimas estabeleceram já os impositivos de reparação a que o indivíduo não pode fugir, amenizando-os ou vencendo-os através de atuais ações do amor, que promovem quem as vitaliza e aquele a quem são dedicadas. As primeiras, no entanto, as da presente existência, vão gerando novos compromissos que, se negativos, podem ser atenuados de imediato por meio de atitudes opostas, e, se positivos, ampliados na sua aplicação. O tabagismo, o alcoolismo, a toxicomania, a sexolatria, a glutonaria, entre outros fatores dissolventes e destrutivos, são de livre opção atual, não incursos no processo educativo de ninguém. Quem, a qualquer deles se vincula, padecer-lhe-á, inexoravelmente, o efeito prejudicial, não se podendo queixar ou aguardar solução de emergência. O tabagismo responde por cânceres de várias procedências, na língua, na boca, na laringe, por inúmeras afecções e enfermidades respiratórias, destacando-se o terrível enfisema pulmonar. Todo aquele que se lhe submete à dependência viciosa, está incurso, espontaneamente, nessa **fatalidade** destruidora, que não estava no seu programa e foi colocada por imprevidência ou presunção. O alcoolismo é gerador de distúrbios orgânicos e psíquicos de inomináveis consequências, gerando **desgraças** que de forma nenhuma deveriam suceder. É ele o desencadeador da loucura, da depressão ou da agressividade, na área psíquica, sendo o responsável por distúrbios gástricos, renais e, principalmente, pela irreversível cirrose hepática. Seja através da aguardente popular ou do **whisky** elegante, a alcoolofilia dizima multidões que se lhe entregam espontaneamente. A toxicomania desarticula as sutis engrenagens da mente e desagrega as moléculas do metabolismo orgânico, lesando vários órgãos e alucinando todos quantos se comprazem nas ilusões mórbidas que dizem viver, não obstante de breve duração. Iniciada a dependência que se fez espontânea, desdobram-se à frente longos anos, numa e noutra reencarnação, para que sejam reparados todos os danos que poderiam ter sido evitados quase sem esforço. A sexolatria gera distonias emocionais, por conduzir

o indivíduo ao reduto das sensações primitivas, re-
tendo-os nas áreas do gozo insaciável, que o leva à
exaustão, a terríveis frustrações na terceira idade se
a alcança, e a depressões sem conta pelo descalabro
que desorganiza o corpo e perturba a mente. Além
desses, são criados campos de dificuldade afetiva, de
responsabilidade emocional com os parceiros utiliza-
dos, estabelecendo-se compromissos desditosos para
o futuro. A glutoneria, além de deformar a organização
física, é agente de males que sobrecarregam o corpo
produzindo contínuas disfunções gastrointestinais, dis-
pepsias, acidez, ulcerações, alienando o homem que
vive para comer, quando deveria, com equilíbrio, co-
mer para viver. São muitos os agentes dos infortúnios
para o homem, que ele aceita no seu comportamento,
afetando-lhe a vida. Entretanto, através de outras atitu-
des e conduta poderia preservá-la, prolongá-la, dar-lhe
beleza, propiciando-lhe harmonia e felicidade. Além
de atingir aquele que elege esta ou aquela maneira
de agir, os resultados alcançam os descendentes que,
através das heranças transmissíveis, conforme as suas
necessidades evolutivas, as experimentarão. O com-
portamento do Espírito, no corpo ou fora dele, é res-
ponsável pela vida, contribuindo de maneira eficaz na
sua programática, igualmente interferindo na conduta
do grupo em que se movimenta e onde atua, como
dos descendentes que de alguma forma se lhe vin-
culam. As ações corretas prolongam a existência do
corpo e promovem o equilíbrio da mente, enquanto
as atribuladas e agressivas produzem o inverso. Nunca
será demasiado repetir-se que, assim como o homem
pensa e age, edificara a sua existência, vivendo-a de
conformidade com o comportamento elegido.” (MPM,
Temas da vida e da morte, Comportamento e vida)

V.3. Vício e obsessão⁸

“**Forças viciadas.** Caía a noite... Após o dia quen-
te, a multidão desfilava na via pública, evidentemente
buscando o ar fresco. Dirigíamo-nos a outro templo
espírita, em companhia de Áulus, segundo o nosso
plano de trabalho, quando tivemos nossa atenção vol-
tada para enorme gritaria. Dois guardas arrastavam, de
restaurante barato, um homem maduro em deplorá-
veis condições de embriaguez. O mísero esperneava
e proferia palavras rudes, protestando... – Observem
o nosso infeliz irmão! – determinou o orientador. E
porque não havia muito tempo entre a porta ruidosa
e o carro policial, pusemo-nos em observação. Acha-
va-se o pobre amigo abraçado por uma entidade da
sombra, qual se um polvo estranho o absorvesse. Num
átimo, reparamos que a bebedeira alcançava os dois,
porquanto se justapunham completamente um ao

outro, exibindo as mesmas perturbações. Em breves
instantes, o veículo buzinou com pressa e não nos foi
possível dilatar anotações. – O quadro daria ensejo a
valiosos apontamentos... Ante a alegação de Hilário,
o Assistente considerou que dispúnhamos de tempo
bastante para a colheita de alguns registros interes-
santes e convidou-nos a entrar. A casa de pasto regur-
gitava... Muita alegria, muita gente. Lá dentro, certo
recolheríamos material adequado a expressivas lições.
Transpusemos a entrada. As emanações do ambien-
te produziam em nós indefinível mal-estar. Junto de
fumantes e bebedores inveterados, criaturas desen-
carnadas de triste feição se demoravam expectantes.
Algumas sorviam as baforadas de fumo arremessadas
ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que
as expulsavam, nisso encontrando alegria e alimento.
Outras aspiravam o hálito de alcoólatras impenitentes.
Indicando-as, informou o orientador: – Muitos de nos-
sos irmãos, que já se desvencilharam do vaso carnal,
se apegam com tamanho desvario às sensações da ex-
periência física, que se cosem àqueles nossos amigos
terrestres temporariamente desequilibrados nos desa-
gradáveis costumes por que se deixam influenciar.”
(AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 15)

“Quando, você escute nos recessos da mente uma
ideia torturante que teima por se fixar, interrompendo
o curso dos pensamentos; quando constate, imperio-
sa, atuante força psíquica interferindo nos processos
mentais; quando verifique a vontade sendo dominada
por outra vontade que parece dominar; quando expe-
rimente inquietação crescente, na intimidade mental,
sem motivos reais; quando sinta o impacto do desa-
linho espiritual em franco desenvolvimento, acautele-
-se, porque você se encontra em processo imperioso
e ultriz de obsessão pertinaz. Transmissão mental de
cérebro a cérebro, a obsessão é síndrome alarmante
que denuncia enfermidade grave de erradicação di-
fícil. A princípio se manifesta como inspiração sutil,
depois intempestivamente, para com o tempo fazer-se
interferência da mente obsessora na mente encarnada,
com vigor que alcança o clímax na possessão lamen-
tável. Ideia negativa que se fixa, campo mental que se
enfraquece, dando ensejo a ideias negativas que virão.
Da mesma forma que as enfermidades orgânicas se
manifestam onde há carência, o campo obsessivo se
desloca da mente para o departamento somático onde
as imperfeições morais do pretérito deixaram marcas
profundas no perispírito. Tabagismo — O fumo, pelos
danos que ocasiona ao organismo é, por isso mesmo,
perigo para o corpo e para a mente. Hábito vicioso,
facilita a interferência de mentes desencarnadas tam-
bém viciadas, que se ligam em intercâmbio obsessivo

⁸ Vide Subcapítulo I.14 (“Obsessão e vícios”), Capítulo I (“Obsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

simples a caminho de dolorosas desarmonias... Alcoófilia — Embora necessário para o organismo sujeito a climas frios, o álcool em dosagens mínimas acelera a digestão, facilitando a diurese. No entanto, pelas consequências sócio morais que acarreta, quando se perverte em viciação criminoso, simples em começo e depois aberrante, é veículo de obsessores cruéis, ensejando, a alcoólatras desencarnados, vampirismo impiedoso, com consequentes lesões do aparelho fisiopsíquico. Sexualidade — Sendo porta de santificação para a vida, altar de preservação da espécie, é, também, veículo de alucinantes manifestações de mentes atormentadas, em estado de angústia pertinaz. Através dele, sintonizam consciências desencarnadas em indescritível aflição, mergulhando, em hospedagem violenta nas mentes encarnadas, para se demorarem em absorções destruidoras do plasma nervoso, gerando obsessões degradantes... Estupefacientes — À frente da ação deprimente de certas drogas que atuam nos centros nervosos, desbordam-se os registros da subconsciência, e impressões do pretérito ressurgem, misturadas às frustrações do presente, já em depósito, realizando conúbio desequilibrante, através do qual desencarnados em desespero emocional se locupletam, ligando-se aos atormentados da Terra, conjugando à sua a loucura deles, em possessão selvagem... [...] Glotoneria, maledicência, ira, ciúme, inveja, soberba, avareza, medo, egoísmo, são estradas de acesso para mentes desatreladas do carro somático em tormentosa e vigilante busca na Erraticidade, sedentas de comensais, com os quais, em conexão segura, continuam o enganoso banquete do prazer fugido...” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Examinando a obsessão)

“Processos obsessivos. [...] O ambiente interno, insuportável, estava carregado de fumo e vapores nauseantes, asfixiantes. Luzes pesadas caíam em tons fortes projetadas na direção do centro em que se dariam os espetáculos. A multidão de galhofeiros era considerável. Doestos e expressões vulgares explodiam em atroada forte de todas as direções. Alguns encarnados, amedrontados uns, voluptuosos outros, participavam das galerias atulhadas. O irmão Saturnino, sempre gentil, explicou-nos ser necessário considerar que ali se encontravam muitos espíritos encarnados, espontaneamente presentes, participantes habituais que se fizeram de espetáculos daquele vulto. Espíritos aclimatados às regiões inferiores donde procediam, antes da reencarnação, no corpo carnal encontraram elementos grosseiros para se refestelarem, mantendo a sintonia com os que ficaram na retaguarda. Outros, menos avisados, se mancomunaram com as mentes infelizes que pululam em toda parte, e nas horas de vigília se nutrem dos pensamentos deprimentes e opressivos derivados dos prazeres animalizantes em que se demoram, ali se reunindo nas breves horas de parcial desprendimento

pelo sono, para darem curso aos apetites mais brutais. Sexolatrás inveterados, perturbados das funções genésicas, alcoólatras, morfinômanos, cocainômanos, opiômanos e outros que possuem os centros da razão anestesiados pela monoideia do gozo, em perfeita comunhão: assimilando e eliminando as vibrações viciadas das construções mentais constantes de que se fazem objeto permanente.” (*) *Hoje, com a facilidade do uso desenfreado de estupefacientes, barbitúricos vários e outros alucinógenos, em que expressiva quantidade de mentes se perturbam, nos estados característicos do “transe”, esses espíritos adensam recintos como o a que nos referimos, tornando-se escravos de outras mentes viciadas que se locupletam nas suas emanações morbíficas.* —Nota do Autor espiritual” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 8)

“Ato contínuo, levou-me a acompanhar uma consulta clínica e explicou-me: — Este paciente é alcoólatra inveterado, com um processo de cirrose hepática em desenvolvimento. Pode-se-lhe perceber o intumescimento da glândula mista, com drenagem descontrolada de biliar, perturbando-lhe o metabolismo geral. Adicione-se ao distúrbio orgânico, a obsessão de que padece, em face da presença contínua e vingadora de antigo comparsa a quem enganou, e temos um quadro de difícil recuperação. Apesar disso, envidaremos esforços para atenuar os efeitos do problema grave, de que ele não se apercebe, tentando inculcar-lhe a ideia de maior esforço na luta contra a bebida, a que vai levado pelo adversário, tendo a vida física um pouco ampliada, a benefício próprio... Observemos o que sucede, nesta sua primeira consulta. Notamos que a Entidade inimiga que a ele se imantava, sendo consciente do desforço que levava a cabo, ao perceber que o médico ia examiná-lo, deslocou-se, agressiva, e tentou influenciar o facultativo, como a querer perturbá-lo na conclusão do diagnóstico. Porque este se encontrasse assessorado por operoso cooperador da equipe do Dr. Dirceu, o celerado não encontrou ressonância no seu intento, e porque um enfermeiro de plantão fosse convocado à assistência espiritual ao cliente, aquele Espírito rebelde e renitente no mal, retirou-se, indisposto e blasfemador. — Ficará à saída, aguardando o seu *hospedeiro* — esclareceu-me o Diretor. — E por que não foi impedido de entrar? — inquiri, com curiosidade sadia. — Porque não usamos de violência — prosseguiu, espontâneo — Ao passar pelas barreiras vibratórias foi-lhe concedida a oportunidade de beneficiar-se com os recursos aqui existentes. Não se sentindo bem com as vibrações ambientes, ele próprio se evadiu. Há sempre oportunidade para quem deseja a renovação, a paz...” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 27)

“A comunidade da perversão moral. [...] Podia-se perceber que Espíritos vitimados por graves alterações e mutilações no perispírito misturavam-se à

malta desenfreada na exaltação do sexo e das suas mais sórdidas expressões. Figuras estranhas, com aspecto semelhante aos antigos seres mitológicos do panteão greco-romano, confundiam-se com muitos outros indivíduos extravagantes em complexas simbioses de vampirismo, carregando-se uns aos outros, acompanhando freneticamente um desfile de carros alegóricos, que faziam recordar os carnavais da Terra, porém apresentando formatos de órgãos sexuais disformes e chocantes, exibindo cenas de terrível horror, espetáculos de grosseira manifestação da libido, nos quais se mesclavam apresentações de conúbios sexuais entre animais e seres humanos deformados sob o aplauso descontrolado da massa desnordeada. Decorando os peculiares veículos, homens e mulheres se apresentavam com aspecto de cortesãos que ficaram célebres pela baixeza de caráter, exibindo-se de maneira servil e provocando galhofas de uns e desejos de outros em uma terrível mescla de animalidade soez. Aquele circo de hediondez apresentava em cada momento novos e agressivos quadros, enquanto se exibiam sessões de sexo grupal ao som de música estridente e desconcertante, que mais açulava os apetites insaciáveis dos comensais da loucura. O antro asqueroso dava-me a ideia de ser o mundo inspirador de alguns espetáculos da Terra, que ainda não atingiram aquele nível de vileza, mas que dele se vêm aproximando, especialmente durante a apresentação de alguns dos turbulentos e torpes desfiles de Carnaval. Sim, era naquela Região que se inspiravam muitos multiplicadores de opinião, que ainda insistem na liberação total dos costumes vis, como se já não bastassem o sexo explícito e vulgar, a violência absurda, a agressividade sem limites, a luxúria desmedida, o cinismo odioso, o furto desbragado, o desrespeito a tudo quanto constitui a dignidade humana, descendo a níveis já insuportáveis... De quando em quando, aparentando a postura de guardadores da Comunidade horripilante, verdadeiros espectros humanos semi-hebetados, conduzindo mastins de grande porte, vigiavam a população, contra a qual aticavam os ferozes animais. Telepaticamente o nobre Mentor advertiu-nos para que mantivéssemos cuidados especiais com o pensamento elevado ao Supremo Amor, sem crítica ou observações descaridasas em relação ao que víamos, a fim de não sermos surpreendidos por esses vigias terríficos. Num dos quadros dantescos, pudemos defrontar diversos Espíritos reencarnados, que seguiam jugulados aos seus algozes, presos a coleiras como se fossem felinos esfaimados, babando ante o espetáculo que lhes aguçava os instintos grosseiros. Entre outros, encontrava-se Mauro com o seu sicário, que dele escarnecia e o amedrontava, enquanto, debatendo-se, para liberar-se da retenção e atirar-se no vulcão de asquerosa sensualidade, urrava em deplorável aspecto.

Observamos que crianças despidas em atitudes obscenas decoravam o carro exótico, gritando e movimentando-se sensualmente, inspirando mais compaixão do que outro qualquer sentimento. Acurando, porém, a visão, surpreendemo-nos, ao constatar que se tratava de anões cínicos, apresentando-se como criaturas infantis, assim despertando os viciados em pedofilia a terem mais acicatados os seus impulsos grosseiros. A bacante, com as suas aberrações, alongou-se, na sucessão das horas, até quando os primeiros raios do amanhecer penetraram a névoa densa, fazendo diminuir o desfile horrendo e a movimentação foi desaparecendo até ficar o ambiente, com a sua pesada psicofera pestífera, quase vazio, exceção feita aos vigilantes e seus animais em contínua atividade. A esdrúxula sociedade ali residente seguiu no rumo das suas furnas e mansardas, a fim de continuar na exorbitância dos sentidos torpes, terminado o desfile que se repetia todas as noites... [...] Após uma breve reflexão, deu prosseguimento: – Não são poucos os indivíduos que sentem a atração para o mal, para o vício, para as tendências ancestrais e permanecem receosos, vivendo o claro-escuro da decisão a tomar. Subitamente, porém, enveredam pelos escusos caminhos da morbidez e do escândalo, assumindo comportamentos que envilecem em atitude de desrespeito aos valores morais e sociais vigentes, logo transformando-se em líderes e modelos singulares. “Invariavelmente, são arrebanhados por esses representantes perversos que lhes influenciam a conduta, demonstrando-lhes a necessidade de serem assumidos exteriormente os conflitos e torpezas interiores, a fim de experienciarem a liberdade e o direito de viver conforme lhes apraz. Demonstram uma alegria que estão longe de possuir, um cinismo que, em verdade, é a máscara que esconde as aflições quase insuportáveis que os transtornam, porém, insensatamente, vinculando-se a esses campeões do desequilíbrio, tombam-lhes nas redes bem urdidas do prazer, não conseguindo desvincular-se deles com facilidade. Somente através das dores excruciantes, das enfermidades dilaceradoras, das angústias morais que os assaltam é que, encontrando orientação e compaixão, liberam-se das amarras fortes do mal em predomínio. A grande maioria, porém, desencarna durante esse comportamento doentio e quase todos são arrastados para o sórdido campo de luxúria, sofrendo por decênios e mesmo séculos até o momento em que buscam a renovação e são socorridos por especialistas em libertação, que periodicamente visitam esses sítios de horror e de sofrimento irracional.” Novamente silenciou, e, tomado de imensa ternura acompanhada de compaixão, deu prosseguimento: – A mente é sempre a construtora da vida, oferecendo a energia com a qual são condensados os anseios e as necessidades de todas as criaturas. “O sexo, por sua vez, porque

carregado de sensações e de emoções, quando vilipendiado e exercido com ignorância das suas sagradas funções, transforma-se em geratriz de tormentos que dão curso a outros vícios e alucinações, empurrando as suas vítimas para as drogas, o álcool, o tabaco, a mentira, a traição, a infâmia e todo um séquito de misérias morais que entorpecem os sentimentos e obnubilam a razão. Enquanto não houver um programa educativo baseado nas nobres finalidades da existência humana, cujo objetivo essencial é o progresso intelecto-moral e não a utilização do corpo para o prazer e a leviandade, permanecerão equivocados os valores éticos, sendo utilizados pelo egoísmo para o gozo e a insensatez. “Vive-se, na Terra da atualidade, a exorbitância da lubricidade, da pornografia, da exibição das formas físicas direcionadas para o comércio da lascívia e da exploração. “A morte, porém, que a ninguém poupa, ao desvestir da carne os equivocados, abre-lhes a cortina da realidade, e todos se dão conta do alto significado da vida física e do respeito que merece dos aprendizes da evolução. Por enquanto, somente nos cabem as atitudes de compaixão e de solidariedade, de compreensão e de amor, porque os irmãos anestesiados pelo prazer, inconscientes do que lhes ocorre, aguardam ajuda e orientação fraternal para despertarem para a verdadeira alegria de viver. Nesse empreendimento, incluímos também os companheiros desencarnados que, com eles, se encharcam de sensações doentias. “Chegará o momento adequado, e todos nós deveremos empenhar por apressá-lo, quando luzir o pensamento de Jesus nas consciências humanas, em que o homem e a mulher compreenderão que o sexo existe para fomentar a vida e procriar, amparado por emoções enobrecedoras do intercâmbio de energias revigorantes, e não para o banquete asselvajado dos instintos e das sensações, desbordando em crimes e destruição da vida. Que possamos contribuir em favor desse momento, edificando-nos no bem e preservando-nos interiormente das ciladas do mal e das tentações perturbadoras.” Calou-se o nobre amigo, deixando-nos a refletir. O dia luculiano estava em festival de bênçãos demonstrando a vitória da luz sobre a treva, infundindo-nos confiança e coragem para a luta.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 3)

“**Sexo e obsessão.** O lúcido amigo concentrou-se, e lentamente começou a irradiar claridade argêntea que o envolvia em tonalidades variadas, produzindo-nos incomum emoção. Após a breve interiorização, começou a falar com inesquecível tonalidade de voz, em que resumavam os seus sentimentos de amor e de paternidade espiritual, convocando-nos a reflexões muito profundas e significativas. Sem delongas, considerou: – O sexo é departamento importante do aparelho genésico criado com a finalidade específica para a procriação. Responsável pela reprodução dos seres

vivos, constitui extraordinário investimento da vida, que o vem aperfeiçoando através dos milênios, a fim de o transformar em feixe de elevadas emoções que exaltam a Criação. Quando compreendido nos objetivos para os quais foi elaborado transforma-se em fonte geradora de felicidade, emulando ao amor e à ternura que expressa em forma de vitalidade e de bem-estar. Quando aviltado por qualquer forma de manifestação incorreta, faz-se cadeia retentora do ser na paisagem sórdida à qual foi atirado. Acionado pelo instinto, manifesta-se automaticamente por meio de impulsos que induzem à coabitação para o milagre da criação de novas formas de vida. Responsável pelo invólucro material, responde pela bênção de proporcionar o instrumento corporal, mediante o qual o Espírito evolve no rumo do Infinito. Com características próprias em cada fase do processo evolutivo, no ser humano alcança o seu estágio mais elevado, por vincular-se às emoções, lentamente superando as sensações mais primárias por onde passou no período das experiências iniciais da forma animal. Responsável pelos grandes envolvimento na arte, na beleza, na fé, no conhecimento científico e filosófico, é sede de valores ainda não desvelados. “Em razão das explosões iniciais dos impulsos mais animalizados, vem governando a sociedade humana através dos tempos, constituindo-se instrumento de crimes hediondos e de guerras lancinantes, destrutivas, gerando consequências imprevisíveis para a sociedade de todas as épocas. Homens e mulheres de destaque na História utilizaram-no para fins ignóbeis, entregando-se a aberrações que celebrizaram determinados povos e períodos, assinalados pelas suas orgias e inomináveis aberrações chocantes que, no entanto, obedeciam às paixões dominantes. Da mesma forma, produziu manifestações de sentimentos afetivos celebrados em Obras de incomparável beleza, em que a renúncia e a abnegação, o sacrifício e o holocausto se transformaram em opções únicas para dignificá-lo. “Profundamente arraigado na instrumentalidade material, encontram-se as suas gêneses no ser profundo, no Espírito que, habituado às suas imposições, transfere de uma para outra existência aspirações e desejos que, não atendidos, se transformam em conflitos e sofrimentos dilaceradores, mas quando vivenciados se expressam através de estímulos para o crescimento interior e para a conquista da plenitude. Inegavelmente, na raiz de inumeráveis aspirações e anseios do coração, encontra-se a libido como desencadeadora de motivações, mesmo que de forma sub-reptícia, o que induziu Freud a conceder-lhe valor excessivo. É incontestável a ação do sexo no comportamento da criatura humana, merecendo estudos cuidadosos e enobrecedores, a fim de ser avaliado no grau e no significado que possui. “Os seus impulsos e predominância no comportamento são tão vigorosos que vão além do

corpo físico e imprimem-se nos tecidos sutis do ser espiritual, continuando com as suas manifestações de variada ordem, exigindo respostas que, não sendo de superação e sublimação, geram caos emocional e re- vinculam o ser ao carro orgânico que já se consumiu. Mediante a ideoplastia, à fixação nas suas sensações, revigora a necessidade que se transforma em tormento no Além-Túmulo, conduzindo de volta aos estágios perturbadores da organização somática. É, nessa fase, nesse terrível transtorno, que surgem as auto-obsessões, as obsessões que são impostas às criaturas terrenas que estagiam na mesma faixa de desejos ou entre os desencarnados do mesmo nível vibratório. Reunidos em grupos afins, as suas exteriorizações morbíficas eliminam energias de baixa qualidade, que se convertem em elemento construtor de regiões infelizes onde enxameiam em convulsões penosas e retêm aqueles que se lhes fazem vítimas, demorando-se por tempo indeterminado até que a exaustão dos sentidos e o tédio os induzam a mudanças de atitude, permitindo-se a ajuda do Amor que os libertará da injunção exaustiva e penosa.” Fez uma pausa oportuna, a fim de dar-nos ensejo à reflexão, à absorção do conteúdo da sua mensagem. No mesmo tom, pausado e profundo, logo deu prosseguimento às explicações de alto significado: – Quando emulado pelo amor, seu dínamo possuidor de inesgotáveis reservas de energias, altera a manifestação e conduz-se rico de estímulos que fomentam a coragem, propiciam o bom ânimo, o desejo de luta e de crescimento, alterando a estrutura interna do ser humano e a condição da Humanidade que se transforma para melhor. “Diante dos grandes eventos da cultura, da arte, do pensamento, da fé, pergunte-se ao amor, o que constituiu razão para essa realidade, e ele responderá que foram os sentimentos de ternura e de envolvimento afetivo, sem os quais não se teria força nem valor para resistir às investidas da rebeldia, nem às incessantes provas desafiadoras, ante as quais, somente os fortes, aqueles que estão estruturados na coragem e seguros dos objetivos que perseguem, conseguem ultrapassar. O amor é o mais vigoroso instrumento de incitação para os logros que parecem impossíveis de conquistados. Ele se manifesta através de mil faces, expressando-se em todas as aspirações do enternecimento, da comunhão afetiva, da fusão dos sentimentos, que seriam o êxtase da plenitude do sexo no seu sentido mais elevado e puro. “Por enquanto, todavia, o sexo tem sido objeto de servidão e de abjeção, manifestando-se na loucura que grassa na Terra carente de ideais de enobrecimento e repleta de desaires afligentes. Como mecanismo de fuga dos compromissos de luta e de renovação, milhões de criaturas estúrdias e ansiosas atiram-se aos resvaladouros das paixões sexuais, procurando, no prazer imediato e relaxante, o que não conseguem através dos esforços

renovadores do amor sem jaca e do bem sem retribuição. Eis porque a obsessão do sexo, decorrente do seu uso e sempre exigente de mais prazer, apresenta-se dominadora na sociedade terrestre dos nossos dias. Cada vez mais chocantes, as suas manifestações alargam-se arrastando jovens e crianças inadvertidos ao paul da depravação, face à naturalidade com que os veículos de comunicação de massa exibem-no em atitudes deploráveis e aterradoras a princípio, para se tornarem naturais depois, através da saturação e da exorbitância, tornando-se mais grave a situação das suas vítimas, e mais controvertidos os métodos de reeducação e preservação da saúde emocional, psíquica e moral da criatura humana que lhe tomba nas malhas bem delicadas mas vigorosas. “Simultaneamente, as legiões de Espíritos viciosos e dependentes dos fluidos degenerativos das sensações perversas, sincronizam suas mentes nesses comportamentos doentios, passando a sofrer-lhes as injunções morbosas e devastadoras. A cada dia, mais difícil se torna a saúde sexual das pessoas, em razão desses e de outros fatores que procedem de reencarnações transatas, nas quais se comprometeram com os usos indevidos da função sexual, ou utilizaram-se do sexo para fins ignóbeis. Essa atitude gera processos danosos que as afligem e obrigam-nas a retornar ao prosclênio terrestre em situações deploráveis, atormentadas ante a multiplicidade de conflitos de comportamento, para logo tombarem nas viciações que ora predominam nos grupamentos sociais, fazendo-as vítimas de si mesmas e de outros do mesmo tipo que se lhes acoplam em processos complexos de obsessões perversas e devastadoras.” O Benfeitor silenciou novamente, exteriorizando na face a dor e a compaixão que lhe inspiravam os atormentados do sexo, aqueles que se lhe fizeram vítimas, todos os seus escravos e escravizadores. Preservando o objetivo das elucidações, continuou no mesmo tom de mestre e de psicoterapeuta: – Destituído de equipamentos sexuais, o Espírito é neutro na forma da expressão genésica, possuindo ambas as polaridades em que o sexo se expressa, necessitando, através da reencarnação, de experimentar uma como outra manifestação, a fim de desenvolver sentimentos que são compatíveis com os hormônios que produzem. Face a essa condição, assume uma ou outra postura sexual, devendo desenvolvê-la e vivenciá-la com dignificação, evitando comprometimentos que exigem retornos dolorosos ou alterações orgânicas sem a perda dos conteúdos emocionais ou psicológicos. Isto equivale dizer que, toda vez quando abusa de uma função, volta a vivenciá-la, a fim de recuperá-la, mediante processos limitadores, inibitórios ou castradores. Todavia, se insiste em perverter-se, atendendo mais aos impulsos do que à razão, dominado pelo instinto antes que pelo sentimento, retorna em outra polaridade que não o

capacita para a sua manifestação conforme desejara, correndo o risco de canalização das energias de forma equivocada. Em assim acontecendo, o fenômeno se torna mais grave, produzindo danos perispirituais que irão exteriorizar-se em transtornos profundos da personalidade e da aparelhagem genésica. “Face aos processos evolutivos, muitos Espíritos transitam na condição homossexual, o que não lhes permite comportamentos viciosos, estando previsto para o futuro, um número tão expressivo que chamará a atenção dos psicólogos, sociólogos, pedagogos, que deverão investir melhores e mais amplos estudos em torno dos hábitos humanos e da sua conduta sexual. “Jamais, porém, se deve esquecer que o sexo, como qualquer outro órgão que constitui o corpo, foi elaborado para a vida e não está para aquele. Respeitar-lhe a função, utilizar-se dela com dignidade e elevação, reflexionar em torno dos objetivos da vida, fazem parte do compromisso para com a existência, sem o que são programados dores e conflitos muitos graves durante o trânsito das reencarnações. “Assim considerando, o abuso na conduta sexual e o seu abastardamento, na busca atormentada de prazeres mórbidos, constituem grave desrespeito às Leis Soberanas, cujo resgate se torna difícil e de longo curso em províncias de sombra e de dores acerbadas.” Novamente silenciou, medindo as palavras que deveriam revestir-lhe o pensamento, a fim de dar continuidade à explicação: – Nesta noite está programado o encontro com um dos Espíritos infelizes que responde pela inspiração da onda de loucura e insensatez na vivência do sexo e das suas manifestações. As lamentáveis e alucinadas propostas que apresentou à sociedade do seu tempo e as aberrações monstruosas geradas pela sua mente insana, que se distenderam pela Terra a partir das suas narrações soturnas e cruas, de alguma forma já eram conhecidas da Humanidade. Ei-las presentes nos hediondos espetáculos de Sodoma e Gomorra, da Babilônia, de Pompéia, da Grécia e de Roma com os seus atormentados imperadores, de algumas cortes devassas da Idade Média, havendo, porém, encontrado maior ressonância e aceitação pelos infelizes após as vivências do inditoso marquês de Sade. Ele trouxe-as de experiências anteriores e resumaram dos porões do seu inconsciente ultrajado, para oferecê-las como realizações de prazer aos desafortunados enfermos que, somente através das abjeções, da selvageria e da animalidade, lograriam proporcionar prazer nas suas buscas sexuais. Gerando obsessões incomuns, em face das vinculações que as suas esdrúxulas práticas propõem aos seus escravos, a região de infelizes-infelicitadores é expressiva e aterradora ainda hoje na Terra. Somente através da compaixão elevada a uma grande potência é que podemos joear esse solo sáfaro e pedregoso sob um aspecto e pantanoso e pútrido sob outro, que é o da área

genésica do ser humano, quando desrespeitada, a fim de semear equilíbrio e harmonia indispensáveis à comunhão feliz das almas. “Ante a situação deplorável em que muitos estorcegam nas apertadas malhas dos vícios sexuais e daqueles outros que os acompanham, tais o alcoolismo, o tabagismo, a toxicod dependência, a banalização dos valores éticos e da vida, a Lei de destruição, conforme assevera Allan Kardec, em “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”²⁵ (25 Cap. VI, questões 728 a 733 – Nota do Autor espiritual) exercerá a sua função, destruindo para renovar, isto é, chamando ao sofrimento e aos desastres coletivos, às aflições chocantes, às lutas ensandecidas, aos trágicos acontecimentos, para que, por fim, os Espíritos rebeldes despertem para a realidade, para o significado da existência terrena, para os objetivos que têm pela frente, utilizando-se do corpo, do sexo, mas não vivendo apenas e exclusivamente deles ou para eles. Esse abuso resultante da utilização descabida responde pela loucura generalizada que a Vida se encarregará de eliminar. “A dor, a grande missionária silenciosa e dignificadora, lentamente trabalhará o ser humano, admoestando-o, esclarecendo-o e conduzindo-o à estrada reta, na qual se utilizará dos tesouros que se encontram em toda parte para a auto-iluminação e o crescimento na direção de Deus. Nesses comenos, as suas funções genésicas serão transformadas em fontes de energia construtiva e trabalharão as imagens superiores que serão criadas pela mente e pelos desejos elevados, a fim de que se tornem também cocriadoras do belo, do útil, do nobre e do feliz. Até esse momento, passarão muitos séculos de dor e de prova, nos quais o ser humano, por livre opção, ainda preferirá as obsessões calamitosas e as paixões dissolventes à sintonia com a Divindade e à intuição libertadora do primarismo que, por enquanto, caracteriza-o. “Desse modo, exortemos a proteção do Sublime Criador, a fim de que os nossos tormentos, que procedem da noite remota das manifestações primeiras e dos desalinhos morais que nos permitimos, então sejam superados com amor e sublimados, abrindo espaços nobres para as vivências do sentimento aureolado de bênçãos. Agradecemos, também, à mãe Terra, as suas dádivas fecundas que nos facultaram desenvolver o psiquismo divino em nós adormecido, enflorecendo o seu solo generoso para nele depositar perfume e pólen fecundador de diferentes expressões de beleza e vida.” [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 15)

“As obsessões sutis e insidiosas. [...] Após o silêncio natural, dando-nos conta de que as horas avançavam, resolvemos pelo retorno à clínica, onde nos aguardavam as atividades sob a direção do Dr. Ignácio Ferreira. O dia estuava de luz, e em lá chegando, encontramos o caro amigo na sala de repouso que nos fora reservada, acompanhado pelos demais membros

do compromisso espiritual. Com bonomia e bem-humorado, recebeu-nos, explicando que iríamos acompanhar um paciente que logo deveria ser internado, procedente de uma cidade próxima. Ele fora informado da problemática por devotado cooperador da Casa. Ato contínuo, acercamo-nos da recepção da clínica, e vimos chegar uma ambulância que trazia um senhor praticamente hebetado, com aproximados quarenta anos de idade, em deplorável estado de desgaste orgânico. Visivelmente vencido pelo medicamento que lhe fora aplicado, observei-lhe as companhias perversas que se nutriam das parcas energias de que era portador. Deduzia-se que se encontrava dominado por pertinaz obsessão de efeitos devastadores e de demorado curso... Após os procedimentos formais, foi levado a uma enfermaria onde se alojavam mais outros três pacientes quase dementados, onde ficou instalado. Algum tempo depois, com o prontuário em mãos, um jovem psiquiatra acercou-se-lhe, para uma avaliação, não ocultando a preocupação que se lhe estampou no semblante. O enfermo era um cocainômano inveterado, que ali estivera anteriormente em processo de desencharcamento, de modo que pudesse ter uma sobrevivência maior, caso se resolvesse pela libertação do vício, o que se constatava não haver conseguido. O especialista fez as anotações competentes ao seu atendimento, deixando-o sob a vigilância e os cuidados da enfermagem. Enquanto isso, Dr. Ignácio auscultou-o com cuidado e, solicitando a ajuda de Petitinga, para que lhe aplicasse passes dispersivos, a fim de desligar parcialmente o espírito atoleimado, facultando-lhe melhor exame da ocorrência em profundidade. Silenciosos, em atitude de prece, acompanhamos o trabalho de socorro em processamento, vendo o paciente deslocar-se do corpo que entrou em pesado torpor. Simultaneamente, acompanhamos a algazarra dos vingadores que se compraziam em atormentá-lo por meio de doestos que não eram escutados e das gargalhadas de mofa em relação a qualquer possibilidade de refazimento orgânico para ele. [...] Pudemos observar que o Dr. Ignácio, sem preocupar-se com a presença do indigitado obsessor, deteve-se na análise do espírito em atendimento, apontando os fulcros energéticos nos quais se instalavam algumas matrizes psíquicas deletérias, que serviam de vinculação entre ele e os seus exploradores. Convidando a querida senhora Modesto, pediu-lhe que aplicasse a mão direita sobre o chacra cerebral do paciente e que procurasse identificar as causas do problema inscritas nos recessos do inconsciente profundo através da ação plástica do perispírito. Não se fazendo de rogada, a dedicada médium acercou-se, e profundamente concentrada, tocou a região indicada, proporcionando que a mesma se abrisse em pouco tempo, desvelando sucessivos cenários de ocorrências arquivadas que nos surpreenderam. Com

voz pausada, Dr. Ignácio esclareceu que o enfermo trazia escrita a história dos seus crimes na memória do passado, de cujos acontecimentos resultará o desequilíbrio que agora enfrentava. - “Nosso irmão - enunciou sereno - aqui esteve reencarnado, nesta região, em dias não muito distantes do desenvolvimento agrário destas terras. Europeu de nascimento, fez parte de uma grande migração que se instalou neste Estado, trabalhando com afinco e amealhando sólida fortuna. Inescrupuloso e venal, passou a explorar outros compatriotas, que também anelavam por independência econômica, escravizando-os praticamente em trabalhos exaustivos e degradantes. Tornados seus colonos, muitas das famílias que trabalhavam para ele sofreram o guante terrível das suas perversões e desvarios sexuais, infelicitando jovens indefensas que eram posteriormente entregues ao comércio carnal na cidade, nas cercanias ou na capital, graças a sequazes mantidos a seu soldo. Os anos transcorreram enganosos para ele e terríveis para as suas vítimas até que a morte a todos arrebatou. O seu despertar no além foi terrífico, pois que, de imediato, defrontou o grande número de vítimas que providenciaram severas punições em redutos infames de ódio e torpeza moral, onde esteve por mais de vinte anos. Graças à interferência da mãezinha, foi recambiado à reencarnação, voltando aos mesmos sítios, como herdeiro de si mesmo, a fim de recuperar-se dos muitos males praticados... A consciência de culpa afligiu-o desde a infância e as vinculações com as vítimas que não puderam ser impedidas, em face da Lei de Afinidade vibratória, facultaram o ensejo de atormentá-lo, desde cedo, fazendo-o reviver as cenas hediondas do presídio na erraticidade inferior onde esteve em punição, enquanto o sítio do ódio aturdiu-lhe o pensamento. Na adolescência atormentada, descobriu-se com incapacidade para o uso do sexo, que o atirou em depressão profunda, quando começou o uso de alcoólicos, de cocaína... Os estudos não puderam oferecer-lhe um título universitário apesar dos esforços dos genitores atuais, que terminaram por sucumbir de angústia à morte, pelos disparates e escândalos perpetrados pelo quase alienado... Recolhido anteriormente a este nosocômio, depois de conveniente atendimento especializado e abstinência das drogas, apresentou melhoras não muito significativas que o levaram de volta ao lar, onde, passados pouco tempo, voltou à lamentável dependência da droga... O seu conflito mais grave é na área sexual, assinalada pelos abusos e crimes praticados anteriormente. A impotência fisiológica é resultado do desgaste perverso da sagrada função procriativa, de que se beneficiou na extravagância e na hediondez da sua prática. Sentindo-se poderoso, porque jovem, formoso e rico, não podendo dar vazão aos impulsos mal contidos do organismo, debate-se no desespero, açodado pelos inimigos que o estimulam

e lhe pioram o quadro por meio de pensamentos libidinosos e destruturadores... Ei-lo, então, com os problemas derivados do comportamento mórbido, açulado pelo ódio das suas vítimas...” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 7)

“Últimas atividades. [...] Nesse comenos, nosso benfeitor elucidou-nos que desejava, naquela penúltima noite em que nos encontrávamos na atividade especial, visitar um dos lugares mais sombrios da cidade. — Vivemos — explicou-nos ele — no mundo, o período da drogadição, evocando a figura simbólica de um dos quatro cavaleiros do apocalipse de João, sendo que, as crianças e os jovens são as vítimas inermes mais prejudicadas, embora a epidemia alcance todos os níveis de idade e segmentos sociais. Punge-nos os sentimentos a situação deplorável dos viciados, que se permitem a enfermidade moral que os destrói de maneira perversa e contínua. Temos visitado esses lugares infelizes onde as fronteiras do mundo espiritual mesclam-se com as do mundo material em nefasto intercâmbio de exaustão e loucura. Gostaríamos, desse modo, de nossa visita à Cracolândia local, desde que as grandes cidades as têm encravadas no seu coração, conhecidas pelas autoridades e pelas pessoas impotentes para anulá-las. Verdadeiras regiões punitivas na Terra, são redutos de infelicidade e de perversão, demonstrando a inferioridade do nosso querido planeta e as dores superlativas dos espíritos que as buscam. Revistamo-nos de compaixão e do sentimento solidário de caridade, a fim de nos adentrarmos nessa comunidade de desditosos, forrados pelos elevados propósitos do auxílio e da ternura espiritual, perguntando-nos, no imo da alma: — Que faria Jesus em nosso lugar, caso aqui estivesse? E como nos enviou em Seu lugar, deveremos realizar quanto nos seja possível, bem próximo da Sua sublime ação. Oremos, preparando-nos para o labor, logo mais, quando esteja presente o maior número de vítimas. Ante o convite do mentor, reservamo-nos o silêncio e a oração, procurando a sintonia mais adequada com o afável Mestre de Nazaré. Às 23h, rumamos para o centro da cidade, percorrendo as ruas e avenidas dominadas ainda por grande excitação de pessoas e pelo trânsito agitado. Numa região sombria de pequena rua localizada entre duas largas avenidas, onde predominavam a imundície e o desespero, deparamo-nos com um espetáculo constrangedor. Misturavam-se, em terrível luta de território, traficantes encarnados de aspecto feroz e entidades animalescas, irreconhecíveis como seres humanos que eram, embora desencarnados, enquanto, nas redondezas, moças e rapazes ofereciam-se ao mercado da prostituição mais vil, a fim de adquirirem recursos para o vício destruidor. Algumas crianças, ditas de rua, engalfinhavam-se em disputas de restos do crack que ficavam nos cachimbos improvisados ou sobre as

caixas de madeira que serviam de mesas, tombando, quase fulminados, pelo tóxico avassalador. Esquálidas umas, outras já hebetadas como sombras infantis transitavam, revolvendo as latas de lixo, derreadas algumas no solo sobre esteiras imundas ou invólucros de papelão rasgados, transformadas em leito infecto, em meio a ratazanas vorazes... Mais terríficas eram a paisagem espiritual e as emanções morbíficas que apresentavam os desencarnados acoplados aos perispíritos daqueles que se lhes transformaram em vítimas e eram usurpados nas energias e nos vapores da droga ultrajante. Em razão do tempo em que a região estava sob a injunção destrutiva de vidas, tornara-se uma área infernal, com as características morbosas de outros lugares espirituais fora da Terra, verdadeiros infernos, onde os seres infelizes padeciam as agruras do comportamento inditoso que se haviam permitido. O céu plúmbeo era, de quando em quando, clareado por verdadeiros relâmpagos ameaçadores de tempestades voluptuosas... Descargas magnéticas destrutivas multiplicavam-se, enquanto o horror predominava em todo o lugar... Continuamente ouviam-se discussões acaloradas entre mulas — os jovens que conduziam a mercadoria — e usuários, por novas quotas ou por pagamento não feito em relação a dívidas anteriores, que resultavam em lutas corporais com imensos prejuízos para ambos os litigantes, enquanto espíritos cruéis locupletavam-se e estimulavam as contendidas, que lhes pareciam agradáveis espetáculos de loucura... Não seria aquela situação o mais baixo degrau da degradação humana ou o fundo do poço, caso existissem?!... Não nos cabia, porém, julgar ou analisar o que observávamos, senão compadecermos-nos de todos os sofrendores que ali estorcegavam no desespero, facultando-me lágrimas espontâneas que me escorriam pela face... Uma que outra vez irrompiam gritos histéricos, súplicas terríveis, no transtorno irreversível que se apresentava em alguns alucinados, ironizados pelos desencarnados zombeteiros que também os exploravam. Dr. Bezerra de Menezes reuniu-nos no centro da rua estreita e trevosa dominada pela multidão de pacientes morais e espirituais, quando, erguendo a voz, iniciou uma oração: — Senhor de misericórdia! Tende compaixão de todos nós, os exilados filhos rebeldes que abandonamos o caminho traçado por nosso Pai, optando pelas veredas tortuosas do sofrimento, caindo nos abismos profundos da loucura. [...] Ao fazer silêncio, com a voz embargada e os olhos úmidos, percebemos que uma suave claridade foi dominando o antro terrível, e diversos espíritos generosos surgiram da névoa espessa em diminuição, procurando amparar os que se encontravam entorpecidos no solo, liberando momentaneamente alguns dependentes dos seus sicários espirituais, afastando do recinto alguns dos traficantes e aplicando energias vigorosas em todos

aqueles que se encontravam presentes. Convidados à ação, acercamo-nos dos irmãos doentes e pusemo-nos igualmente a dirigir-lhes nossas energias enquanto orávamos pela sua renovação interior. [...] Os socorros prolongaram-se por mais de uma hora, até quando o silêncio tombou na região e a população atormentada parou de chegar... A suave claridade permaneceu, assim como inúmeros dos visitantes em ministério socorrista que nos escapava à observação e não podendo contribuir de maneira mais segura, deixamo-nos dominar pela oração intercessória, a fim de serem mantidas as condições ambientais melhoradas para todos aqueles irmãos equivocados, que haviam adotado a solução insolvável, que mais complicava as suas dívidas morais... Todos, porém, dispomos do livre-arbítrio, e nossas escolhas são respeitadas até o momento em que nos é imposto o abandono da inferioridade mediante as expiações redentoras. Alguns espíritos vingativos foram convidados a seguir conosco em direção da nossa Casa transitória, auxiliados que nos encontrávamos pelos amigos que atenderam à nossa rogativa ao Senhor e que ali milhavam, pois que lugar algum existe onde não lucile a misericórdia do bem mesmo que não percebida. Nessa madrugada, sob o auxílio de Hermano, foram abrigados os irmãos infelizes que foram conduzidos e que seriam atendidos conforme as circunstâncias e possibilidades existentes no seu momento próprio. Agradecendo aos cooperadores do Mais Além, nosso mentor demonstrava grande júbilo decorrente da recente tarefa de amor. [...]” (MPM, *Amanbecer de uma nova era*, Capítulo 17)

V.4. Padecimentos dos viciados após a desencarnação e na reencarnação

“– Muitos de nossos irmãos, que já se desvencilharam do vaso carnal, se apegam com tamanho desvario às sensações da experiência física, que se cosem àqueles nossos amigos terrestres temporariamente desequilibrados nos desagradáveis costumes por que se deixam influenciar. – Mas por que mergulhar, dessa forma, em prazeres dessa espécie? – Hilário – disse o Assistente, bondoso –, o que a vida começou, a morte continua... Esses nossos companheiros situaram a mente nos apetites mais baixos do mundo, alimentando-se com um tipo de emoções que os localiza na vizinhança da animalidade. Não obstante haverem frequentado santuários religiosos, não se preocuparam em atender aos princípios da fé que abraçaram, acreditando que a existência devia ser para eles o culto de satisfações menos dignas, com a exaltação dos mais astuciosos e dos mais fortes. O chamamento da morte encontrou-os na esfera de impressões delituosas e escuras e, como é da Lei que cada alma receba da vida de conformidade com aquilo que dá, não encontram interesse senão

nos lugares onde podem nutrir as ilusões que lhes são peculiares, porquanto, na posição em que se veem, temem a verdade e abominam-na, procedendo como a coruja que foge à luz. Meu colega fez um gesto de piedade e indagou: – Entretanto, como se transformarão? – Chegará o dia em que a própria Natureza lhes esvaziará o cálice – respondeu Áulus, convicto. – Há mil processos de reajuste, no Universo Infinito em que se cumprem os Desígnios do Senhor, chamem-se eles aflição, desencanto, cansaço, tédio, sofrimento, cárcere... – Contudo – ponderei –, tudo indica que esses Espíritos infortunados não se enfastiarão tão cedo da loucura em que se comprazem... – Concordo plenamente – redarguiu o instrutor –, todavia, quando não se fatiguem, a Lei poderá conduzi-los a prisão regeneradora. – Como? A pergunta de Hilário ecoou, cristalina, e o Assistente deu-se pressa em explicar: – Há dolorosas reencarnações que significam tremenda luta expiatória para as almas necrosadas no vício. Temos, por exemplo, o mongolismo, a hidrocefalia, a paralisia, a cegueira, a epilepsia secundária, o idiotismo, o aleijão de nascença e muitos outros recursos, angustiosos embora, mas necessários, e que podem funcionar, em benefício da mente desequilibrada, desde o berço, em plena fase infantil. Na maioria das vezes, semelhantes processos de cura prodigalizam bons resultados pelas provações obrigatórias que oferecem... – No entanto – comentei –, e se os nossos irmãos encarnados, visivelmente confiados à devassidão, resolvessem reconsiderar o próprio caminho?... Se voltassem à regularidade, através da renovação mental com alicerces no bem?... – Ah! Isso seria ganhar tempo, recuperando a si mesmos e amparando com segurança os amigos desencarnados... Usando a alavanca da vontade, atingimos a realização de verdadeiros milagres... Entretanto, para isso, precisariam despendar esforço heroico.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 15)

“**Sanções e auxílios.** [...] O orientador, mostrando o olhar coruscante de entendimento e carinho, à feição do professor emérito e bondoso que deseja o progresso dos aprendizes, fez longa pausa e perguntou-nos: – Compreenderam? – Sim, sim... – respondemos a um só tempo, interessados em maior amplitude da lição. – É assim que todos nós – continuou ele –, para o recomeço das lides carnavais, solicitamos o regime de sanções, ou alguém, quando não disponhamos do direito de fazê-lo, no-lo obtém, suplicando-o, em nosso benefício, às autoridades superiores. – Regime de sanções? – indagou Hilário, surpreendido. – Perfeitamente. Não nos reportamos aqui às medidas de natureza moral, pelas quais enfrentamos, compreensivelmente, na família consanguínea ou na intimidade da luta, a reaproximação com os Espíritos de que sejamos devedores de paciência e ternura, tolerância e sacrifício, na solução de certas dívidas que nos obscurecem a

senda, mas sim a providências retificantes, depois de muitas quedas reiteradas nos mesmos deslizos e de-seições, que imploramos em favor de nós e em nós mesmos, quais sejam as deficiências congênias com que ressurgimos no berço físico. Aqueles que por vezes diversas perderam vastas oportunidades de trabalho na Terra, pela ingestão sistemática de elementos corrosivos, como sejam o álcool e outros venenos das forças orgânicas, tanto quanto os inveterados cultores da gula, quase sempre atravessam as águas da morte como suicidas indiretos e, despertando para a obra de reajuste que lhes é indispensável, imploram o regresso à carne em corpos desde a infância inclinados à estenose do piloro, à ulceração gástrica, ao desequilíbrio do pâncreas, à colite e às múltiplas enfermidades do intestino que lhes impõem torturas sistemáticas, embora suportáveis, no decurso da existência inteira. Inteligências notáveis, com sucessivas quedas morais, através da leviandade com que se utilizaram do esporte e da dança, espalhando desespero e infortúnio nos corações afetuosos e sensíveis, pedem formas orgânicas ameaçadas de paralisia e reumatismo, visitadas de achaques e neoplasmas diversos, que lhes obstem os movimentos demasiado livres. Companheiros que, em muitas circunstâncias, se deixaram envenenar pelos olhos e pelos ouvidos, comprometendo-se em vasta rede de criminalidade, através da calúnia e da maledicência, imploram veículos fisiológicos castigados por deficiências auditivas e visuais que lhes impeçam recidivas desastrosas. Intelectuais e artistas que despedem sagrados recursos do espírito na perversão dos sentimentos humanos, por intermédio da criação de imagens menos dignas, rogam aparelhos cerebrais com inibições graves e dolorosas para que, nas reflexões de temporário ostracismo, possam desenvolver as esquecidas qualidades do coração. Homens e mulheres que abusaram de dotes físicos, manobrando a beleza e a perfeição das formas para disseminar a loucura e o sofrimento naqueles que lhes admitiam as falsas promessas, solicitam corpos vulneráveis às dermatoses aflitivas, quais o eczema e a tumoração cutânea, ou portadores de alterações da tireoide que os constrojam a reiteradas lutas educativas. Grandes faladores que escarneceram da divina missão do verbo, conturbando multidões ou enlouquecendo almas desprevenidas, suplicam doenças das cordas vocais, para que, atravessando afonias periódicas, desistam de tumultuar os espíritos por intermédio da palavra brilhante. E milhares de pessoas que transformaram o santuário do sexo numa forja de perturbações para a vida alheia, arruinando lares e infelicitando consciências, imploram equipamentos físicos atormentados por lesões importantes no campo genésico, experimentando, desde a puberdade, inquietantes desequilíbrios ovarianos e testiculares. A cegueira, a mudez, a idiotia, a surdez,

a paralisia, o câncer, a lepra, a epilepsia, o diabete, o pênfigo, a loucura e todo o conjunto das moléstias dificilmente curáveis significam sanções instituídas pela Misericórdia Divina, portas adentro da Justiça Universal, atendendo-nos aos próprios rogos, para que não venhamos a perder as bênçãos eternas do espírito a troco de lamentáveis ilusões humanas.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“**PROCESSO DESENCARNATÓRIO.** Para desvencilhar-se das amarras do organismo físico, o Espírito necessita de adestramento e habilidade que se desenvolvem desde quando deambula encarcerado no mecanismo da reencarnação. Impressões longamente fixadas e sensações vividas com sofreguidão assinalam profundamente os tecidos sutis do perispírito, impondo **necessidades** e **dependências** que a morte não logra, de imediato, interromper. Da mesma forma que o processo reencarnacionista se alonga desde a concepção até os primeiros momentos da adolescência, num complexo assenhoreamento das células que se submetem aos moldes do **corpo de plasma biológico**, a liberação da clausura exige um período de adaptação à realidade de retomo, dependendo, de certo modo, dos condicionamentos impostos pelo uso das funções fisiopsicológicas que geram amarras fortes ou diluem-nas na sucessão do tempo, em face do teor vibratório de que se revestem as aspirações vividas ou acalentadas. A ruptura dos vínculos de manutenção do Espírito ao corpo é somente um passo inicial na demorada proposta da desencarnação. Normalmente encharcado de impressões de forte teor material, o Espírito se demora mimetizado pelas vibrações a que se ambientou, prossequindo sob estados de variadas emoções que o aturdem. Quando aclimatado às experiências psíquicas e mediúnicas, mais fácil se lhe faz o desenovelar-se dos grilhões que o prendem à retaguarda, readquirindo a lucidez, cuja claridade racional apressa o mecanismo de libertação. Mesmo assim, necessita de conveniente adaptação, a fim de readquirir as funções que jaziam bloqueadas pelo corpo ou sem uso conveniente, em razão do comportamento carnal. A mente responde, portanto, por vasta quota de responsabilidade no fenômeno da morte física. Conforme a experiência corporal, assim se fará o desligamento espiritual. Nesse transe, para o qual todos os homens se devem preparar, através de exercícios de renúncia e desapego, torna-se imprescindível o conhecimento da vida espiritual, que estua, atraente, dando curso a quaisquer empreendimentos que, por acaso, fiquem interrompidos... Desimpregnar-se das sensações mortificantes que anteriormente escravizaram é o capítulo mais penoso da convalescença **post mortem**. Acostumado a viciações e hábitos perniciosos, que se comprazia em vitalizar com as atitudes físicas e mentais, vê-se o desencarnado subitamente interditado de dar-lhes

prosseguimento, o que então lhe constitui tormento inenarrável, levando-o a arregar-se sobre os despojos em decomposição, ávido de gozo impossível, nele próprio produzindo estados umbralinos de perturbação psíquica em que passa a jazer por longo período, ou se atira, por afinidade de gostos, em intercurso obsessivos, em que as suas **vítimas** lhe emprestam o veículo para a nefária dependência... A morte já não é um ponto de interrogação, como antes, graças às informações dos que lhe transpuseram a aduana e retornam para desvelar os aparentes enigmas que a vestiam com o misterioso e o sobrenatural. O Espírito veste-se e despe-se do corpo obedecendo ao automatismo das leis do progresso, que propõem a evolução dos seres, sendo facultado aos que o desejem, pelo esforço e estudo, a aprendizagem e o uso das técnicas de renascer e desencarnar sem choques nem padecimentos perfeitamente evitáveis. Compreendendo que o fenômeno da morte faz parte do compromisso da vida, o homem se arma de valores para o momento da própria como da libertação dos afetos, que voltará a encontrar na grande pátria de onde todos procedemos. Com esse cuidado completa-se o quadro de auxílio aos desencarnados, por parte dos familiares e amigos que permanecerão por mais um pouco no corpo, evitando-se as emissões de ondas mentais de rebeldia e desespero, de mágoa e angústia, que são verdadeiros **ácidos** que ardem e requeimam naqueles desencarnados em cuja direção se arremessam tais vibrações de desconforto e insatisfação. Morrer é desnudar-se diante da vida, é verdadeira bênção que traz o Espírito de volta ao convívio da família de onde partiu..." (MPM, *Temas da vida e da morte*, Processo desencarnatório)

"PERTURBAÇÃO NO ALÉM-TÚMULO. Como efeito da conduta moral e das aspirações a que se vincula o Espírito, o seu estado de perturbação após a morte do corpo perdura por breve ou largo tempo, fenômeno natural quanto lógico. Quase todos os desencarnados experimentam a turbção que sucede ao desprendimento da matéria. A intensidade e o prazo variam conforme as condições de cada um. As pessoas que viveram para o prazer, usufruindo sensações e gozos desenfreados, recusam-se a compreender a ocorrência liberadora, já que prosseguem fixados aos sentidos e apetites a que se vincularam, sofrendo inenarráveis angústias por não serem atendidos nos hábitos antigos, mesmo que se esforcem até quase à exaustão. Outros indivíduos, que eliminaram da mente qualquer possibilidade de sobrevivência ao cadáver, hibernam-se, experimentando inconcebíveis **pesadelos** que decorrem dos fenômenos biológicos em contínua transformação e que neles se impõem por tempo indeterminado. Os onzenários e egoístas, os delinquentes de qualquer tipo, veem a tragédia do mau uso que os seus herdeiros ora fazem dos bens avaramente

acumulados, assim como as consciências criminosas enfrentam suas vítimas, algumas das quais as perdoam, tornando-se insuportável a presença delas. Pior ainda é-lhes a sujeição que passam a sentir sob aquelas outras que os descobriram e, também inferiores, buscam desforçar-se com agressividade, não lhes dando tempo a que recuperem, sequer, a lucidez a respeito da própria situação. Os que foram arrebatados por morte violenta, por imprevidência, precipitação ou desleixo, em atos suicidas, continuam imantados aos despojos putrescíveis por muito tempo. São os suicidas aqueles que mais penosa perturbação experimentam, como consequência da rebeldia que os alucinou, alongando-se-lhes o drama do momento final, quase que infinitamente, pela impossibilidade mental e emocional de dimensionarem o tempo. Os que esperavam encerrar num gesto brusco ou mediante um programa bem elaborado, se lhes amplia insuportavelmente. A tranquilidade espiritual na ultra tumba deve ser trabalhada adredemente, qual ocorre em qualquer realização, cujo clímax é o resultado de uma programação cuidadosa. Encerrando a vida biológica apenas, a morte, na condição de hábil cirurgiã, interrompe somente os laços que prendem o Espírito ao corpo físico, dependendo daquele a liberação emocional deste último. Quem jamais se preocupou com essa lei da fatalidade orgânica, sofre, com a surpresa que o assalta, as consequências do medo, das imagens fantasistas a que se acomodou e da realidade pujante da qual não se pode furtar. O inverso igualmente se dá, facultando ao homem justo e diligente, honesto e caridoso, um suave e rápido despertar, recepcionado pelos amores que o anteciparam e o aguardam felizes... De alguns minutos apenas ou de poucas horas é-lhe a duração do estado aflitivo, perturbador, ou passado em sono agradável, do qual desperta em festa de alegria pelos reencontros formosos. As enfermidades de longo curso, os sofrimentos e provações bem suportados propiciam ao Espírito o lento desprender-se dos condicionamentos mundanos, favorecendo o pensamento com projeções da vida triunfante, que constata com facilidade e rapidez. Todo e qualquer hábito longamente cultivado impregna o indivíduo, que se lhe submete, mesmo quando dele deseja libertar-se. Desse modo, determinadas viciações, longamente mantidas, exigem tempo idêntico ao da fixação para que, além do corpo, se desimpregnem do Espírito. Não há porque estranhar o fato, recordando-se que, na área da reeducação, diante de hábitos extravagantes e perniciosos, o processo é o mesmo, sempre penoso quão demorado. No que tange ao ser eterno, este fica tão condicionado e intoxicado que o processo de liberação se impõe lento, forma, aliás, salutar de se evitarem danos mais graves. Muitos religiosos, informados equivocadamente sobre a vida espiritual, experimentam, após a morte, grande choque,

por não encontrarem comitê de recepção constituído pela Divindade e por anjos, tombando, quando presunçosos, em terrível mágoa, decepção ou revolta que os transtorna por longo período, deixando-os em lamentável perturbação. Aqueles, no entanto, que tomaram conhecimento do que sucede após a matéria e não viveram em conformidade com essa crença, caem em depressão prolongada, assim que constatarem a sobrevivência espiritual. Para ninguém ocorre exceção, em qualquer lugar onde se encontre. Cada Espírito, seguindo o heliotropismo divino, apressa, estaciona ou retarda a marcha, não se retendo indefinidamente, pois que o Amor é o mesmo e invariável para todos no processo evolutivo. Em consequência, em toda e qualquer conjuntura luz a misericórdia de Deus através da presença de Nobres Mentores e afeiçoados pessoais, que cooperam com o recém-desencarnado, não interferindo, porém, pela violência, na colheita que a cada qual diz respeito, em face da sua sementeira terrena. O conhecimento da vida espiritual e as ações edificantes, trabalhando o metal do caráter humano, são o passaporte e a passagem que facultam a viagem feliz, com uma chegada ditosa, sem embaraço ou impedimento na travessia da aduana da morte. O homem deve sempre reservar alguns momentos diários para meditar a respeito da viagem de volta e, conscientemente, reunir a valiosa bagagem que irá conduzir, única de que se poderá utilizar ao transpor a fronteira do mundo físico. A perturbação espiritual após a morte é, portanto, o resultado do comportamento de cada criatura enquanto se encontra sob as imposições orgânicas.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Perturbação no além-túmulo)

“[...] A enferma espiritual entrou em sono tranquilo, sendo removida do recinto, ante o olhar esgazeado e surpreso do marquês de Sade. Compreendendo os conflitos que o assaltavam, o bondoso Dr. Bezerra de Menezes, explicou-lhe: – Como você não ignora, toda treva densa é apenas resultado da luz ausente que, em chegando, altera por completo a paisagem de horror concedendo-lhe beleza e claridade. O ontem são as sombras pesadas da embriaguez dos sentidos e da loucura que trazias desde priscas eras, que estouraram em violência vulcânica naqueles dias, gerando maior soma de sofrimentos para o futuro. Em decorrência dos vícios e das fixações tóxicas, a morte não libera aqueles que se devotam às baixas vibrações, antes os encaminham para regiões equivalentes onde dão curso aos seus apetites insaciáveis e mórbidos. No entanto, o banquete da ilusão, qual aconteceu a Baltasar, o rei da Babilônia, tem os seus dias contados e logo se consome em labaredas de aflição e de desgraça que, por outro lado, são o começo de novas experiências para a felicidade. Não foi por outra razão que o Apóstolo Paulo referiu-se que o aguilhão da morte é o pecado, isto é, ninguém foge desse pontiagudo instrumento

que fere a alma e leva ao olvido, ao sono demorado pela morte... Vige, porém, em toda parte, a sabedoria do Amor, que sempre alcança os Espíritos, mesmo aqueles que se comprazem no desrespeito total à Vida, que desejam consumir. Iludidos e anestesiados pela própria prosápia, tombam, por fim, nas armadilhas que deixam pelo caminho, sendo conduzidos para a porta estreita do sofrimento, despertando no corpo imobilizado no qual, por muitos anos, experimentam silenciosas aflições e meditam longamente sobre o próprio destino e a realidade que se evitaram. – Como então renascerei? – interrogou, aflito, o enfermo espiritual. – Com as vestes carnavais assinaladas pelos distúrbios longamente vivenciados. A idiotia, a paralisia, a deformidade da face serão os recursos prodigalizados pela Misericórdia Divina para o ocultarem dos inimigos que o não deixariam viver no corpo Disfarçado, será mais fácil para o êxito do grave empreendimento, dificultando que os cobradores o alcancem com os seus tenazes de vingança. Isso, porém, não impedirá que tormentos obsessivos naturais, produzidos por algumas das suas atuais vítimas alcancem-no mediante processo automático de sintonia vibratória. Outrossim, algumas lembranças dos longos anos na cidade perversa, na área sob sua governança, ressumarão do inconsciente profundo gerando aflições de alta gravidade, que serão atenuadas, porém, pela presença da mãe abnegada, que estará velando por você e amparando-o em todo o transe. Simultaneamente, vinculada pelo ódio, que se converterá em amor, Rosa Keller renascerá sua gêmea, a fim de apresentar características genéticas equivalentes, assim recompondo-se e iniciando nova etapa em luz para a própria felicidade. [...] O marquês apresentava-se aturdido e expressava na face ainda deformada a diversidade de sentimentos que o afligiam, sem definição emocional que o ajudasse a assumir uma atitude de equilíbrio. Os longos anos de perversa distância dos valores éticos, da dignidade humana, do respeito pela vida e por todos os seus elementos constitutivos, dele fizeram um odiento e singular espécime, que somente vivia em função das baixas sensações a que se entregara desde há muito. Não era, portanto, fácil, a mudança de conduta mental e de aceitação emocional. Esse Jesus, que lhe era apresentado, diferente do anterior, que detestara e de Quem zombara, em razão dos absurdos religiosos que vigiam no seu tempo, chamava-lhe a atenção de maneira diferente que, no entanto, não saberia como definir. Seria necessário muito tempo para que a conjuntura mental se alterasse e uma visão nova do Excelente Filho de Deus se lhe assenhoreasse da mente e da emoção.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 18)

“Liberdade e vida. [...] Na parte do fundo do salão havia um balcão, que funcionava como mesa diretora, em torno da qual sentamo-nos e, ante a

aquiescência de madre Clara de Jesus, o irmão Anacleto dirigiu-se à turbamulta, explicando que o marquês de Sade encontrava-se impossibilitado de comparecer àquele ato, mas que tivessem um pouco de paciência, a fim de que fossem finalizadas as atividades espirituais em desenvolvimento. A seguir, o médium Ricardo, visivelmente inspirado, assomou à tribuna, e com voz bem modulada começou a falar: – Irmãos do sofrimento! Que Jesus permaneça conosco neste e em todos os momentos das nossas vidas! Falo-vos sob inspiração da Verdade, aqui representada pelos Mensageiros do Mundo Maior, embora ainda encarcerado no corpo físico, a fim de que possais aquilatar o valor desta oportunidade, no direcionamento adequado das vossas vidas em relação ao futuro. Somos Espíritos eternos, que a morte não consome nem os disparates aniquilam. Iniciada a nossa jornada de evolução, não há mais como recuar ou parar indefinidamente no processo de libertação das paixões escravocratas e das sensações animalizantes a que nos agramos. Somos herdeiros da insânia que nos permitimos, mas também dos sacrifícios e esforços de iluminação que conseguimos. Passo a passo, seguimos o caminho do autocohecimento, nem sempre como deveríamos, através de uma decisão irreversível. Muitas vezes estacionamos nas províncias da loucura pelo prazer insaciável, quando nos cumpriria avançar no rumo das emoções sublimantes. Ocorre que a predominância dos instintos primários em nós ainda é muito forte e a eles nos submetemos sem forças para romper as amarras que nos retêm na retaguarda do caminho por onde deveremos avançar. Não somos anjos ainda, tampouco demônios sem a presença do amor de Deus. Damos prosseguimento, no Além-Túmulo, às experiências que elegemos durante o transcurso carnal. Cada qual desperta além da morte com a bagagem armazenada antes da desencarnação. Por isso mesmo, morrer ou desencarnar, é transferir-se de estágio vibratório, permanecendo nas paisagens infinitas da Vida. Não é, pois, de estranhar, que tenhamos aspirações e fruamos de emoções bem diferentes, que são resultados das nossas seleções desde a experiência carnal, cujo ciclo, que se estende do berço ao túmulo, encerramos, de forma a nos permitirmos novo tentame, avançando sempre no rumo da Grande Libertação. Até agora, ainda não vos destes conta exatamente da ocorrência da vossa imortalidade, dando curso às paixões a que vos atívestes antes, sem permitir-vos meditar em torno do futuro, do que vos aguarda e da necessidade de alterar o comportamento, que não mais pode continuar conforme vem sucedendo. Herdeiros de Deus, porque Seus filhos amados, trazemo-Lo na intimidade dos sentimentos e na inteireza da consciência que, embora anestesiada no momento, apresenta os primeiros sinais de despertamento, gerando tédio e cansaço,

mal-estar e saturação em todos os cometimentos a que vos aferrais. O gozo exorbitante, a loucura do sexo em total desalinho, o prosseguimento das aberrações e fanfarronices não mais atendem às exigências do ser profundo que sois, apresentando-se como uma sensação grosseira que resulta do encharcamento dos tecidos sutis dos vossos perispíritos impregnados de fluidos tóxicos gerados pelas vossas mentes e predominantes na região em que estagiais. O médium silenciou por brevíssimos segundos, relanceando o olhar pelo salão repleto, a fim de medir a receptividade dos conceitos emitidos. Um leve rumor agitou a massa, na qual alguns membros mais alucinados reagiam a meio tom de voz, enquanto outros, de olhar esgazeado e de aspecto dementado, despertavam lentamente, beneficiados pelas vibrações ambiente e pela musicalidade da palavra esclarecedora. Sem dar margem a prolongada pausa, que poderia quebrar o ritmo da proposta de libertação, prosseguiu: – Desfrutais, neste momento, de imerecida concessão divina, nesta Casa, que vos faculta reflexionar fora do ambiente asfixiante em que vos detendes, em torno da excelência da liberdade e da autossuperação, a fim de poderdes eleger nova conduta e segui-la com os olhos postos nos horizontes iluminados que vos aguardam. Chega de angústias afogadas no licor de suor e sangue das vossas aflições. As saudades dos seres queridos, ora distantes, que vos dilaceram, falam-vos da possibilidade dos reencontros ditos de que podereis fruir, assim desejeis alterar o comportamento e mudar de situação emocional. Sois escravos, não de Espíritos perversos que vos exploram, mas das vossas próprias paixões, do primarismo que vos jugula às reminiscências do corpo físico, ora inexistente. As sensações que experimentais e disputais sem cessar, não existem mais, nem podem repetir-se, sendo apenas impregnação conservada pelo corpo perispiritual, e que vossas mentes insistem em preservar. O vosso líder, o marquês de Sade, que vos trouxe a este recinto de felicidade, cansado dos excessos que se tem permitido, optou pela renovação e já não retornará convosco, com aqueles que desejarem volver aos sítios pestíferos de onde procedeis. Ninguém poderá obrigar-vos ao retorno às cavernas de padecimento e de escravidão onde vivíeis. Aqui é a Casa de bênçãos, que se vos distendem acolhedoras e ricas de renovação. Podeis respirar novo clima, acalantar novas esperanças, anelar por paz e trabalhar pela conquista dos valores morais e espirituais que abandonastes, quando tomados pela insensatez e pelo desvario, ao vos entregardes à exorbitância do prazer. Aqueles que se atribuíam comando sobre vós, e que aqui também se encontram, desfrutam do mesmo direito de escolha, que vos é concedido. E porque, igualmente, se apresentam saturados do despautério, certamente elegerão a paz ao conflito, a alegria à alucinação, o repouso à

guerra contínua contra si mesmos, em que se demoram. Ninguém consegue deter o amanhecer. Da mesma forma, ninguém possui poder para evitar o despertar da consciência e a autoconquista. Estamos todos fadados à plenitude, que nos é oferecida pelo Genitor Divino, dependendo somente da escolha que cada qual faça em seu próprio favor. Não vos será imposta qualquer decisão, porque, embora nem todos tenhais capacidade de discernimento, e grande número se encontre sob doentia indução hipnótica, a minha voz penetra-vos e convoca-vos para novo comportamento. Não temais decidir pela autolibertação, pela fraternidade, pelo amor, pela iluminação interior. Quase todos nós perλούstramos esses caminhos por onde vos movimentais no momento. Tivemos nosso período de treva e de ignorância, nossa fase de alucinação e primitivismo, havendo sido libertados pelo amor infalível de Jesus através dos Seus abnegados mensageiros, qual ocorre agora em relação a vós outros. Analisai o que sentis neste momento e relacionai-o com o que vindes experimentando na cidade perversa, onde habitais. Observai as emoções que vos tomam, os sentimentos que volvem a acionar a vossa capacidade de compreender e de discernir o certo do errado, o bom do mau, e logo vereis que estais em um santuário que se vos abre inteiramente, facultando-nos acolhimento e oportunidade de renovação. Não tergiverseis, nem postergueis este momento. O ponteiro do relógio sempre volve ao mesmo lugar, porém em outra dimensão de tempo, noutra circunstância, jamais nas mesmas. As águas do rio, que passam sob pontes, retornarão um dia em forma de chuva generosa, nunca mais, no entanto, em condições equivalentes. *Este é o vosso momento. Soa a vossa hora. Jesus vos chama. Recordai-O, braços distendidos em direção à atormentada multidão, convocando-a: Vinde a mim, todos vós, que estais cansados e aflitos, e eu vos consolarei. Tomai sobre vós o meu fardo, recebei o meu jugo e aprendei comigo, que sou manso e humilde de coração. Leve é o meu fardo, suave é o meu jugo. Vinde a mim...* O Seu convite vem reboando através de dois mil anos, alcança a acústica de nossa alma e fica em silêncio, porque temos preferido ouvir a balbúrdia, atender aos apelos do vozerio tresvariado da inferioridade. Com Jesus, altera-se a visão em torno da vida e do ser existencial. Aceitá-Lo, significa tomar a cruz do dever, que é o seu fardo leve; entregar-se-Lhe em regime de totalidade e submeter-se-Lhe ao comando, representam estar sob o Seu jugo suave e transformar a vida, tornando-a doce, amena e nobre. Decidi, sem relutância. Ouvi a música das Esferas Elevadas, que é bem diferente daquela a que vos acostumastes. Pensai em Deus, pelo menos por um pouco. Recordai dos vossos amores que ficaram na Terra ou vos precederam no rumo da Imortalidade. Este é o momento. Deixai-vos arrastar pelas

vibrações de amor que vos passam a envolver. Ficai em paz e elegeri a luz ou a treva, a felicidade ou o prolongado cativeiro. Jesus aguarda. Louvemo-Lo e sigam-Lo! Novamente silenciando, o orador, irradiando suave claridade que se lhe exteriorizava do Espírito, profundamente concentrado, deu margem a que se ouvisse uma melodia de incomparável beleza, que em maviosa voz, convidava-nos a todos, a seguir Jesus e libertar-nos das paixões selvagens. Flocos luminosos muito delicados desciam de ignotas regiões e suave perfume invadiu o recinto, produzindo empatia desconhecida e emoção sublime em todos aqueles que ali nos encontrávamos. A pouco e pouco, da emoção silenciosa surgiram o pranto e a exteriorização do imenso sofrimento em que estorcegavam aqueles irmãos, suplicando amparo e oportunidade de refazimento. Entidades generosas, que aguardavam a ocorrência, acercaram-se daqueles que estavam a ponto de tombar na agitação e no desespero, acalmando-os, aplicando-lhes energias restauradoras e emulando-os à fé, à coragem. Alguns, mais rebeldes, levantaram-se de inopino, e saíram atropeladamente, tentando produzir balbúrdia, no que foram impedidos discretamente pelos vigilantes e operosos trabalhadores da Instituição. A música prosseguia, enquanto a misericórdia de Deus atendia aqueles que se rendiam à luz, dulcificando-os e interrompendo o longo império de desespero a que se houveram entregado, despertando-os para novos cometimentos e experiências de recuperação do tempo gasto na flagelação e na desdita por livre opção.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 19)

“As obsessões sutis e insidiosas. [...] Nesse momento, nobre Espírito em vestes femininas adentrou se na enfermaria e logo percebemos tratar-se daquela que lhe fora mãe nos dias anteriores à atual existência, e que intercedia por ele, o filho alucinado e infeliz. Saudou-nos com delicado sorriso e agradeceu ao Dr. Ignácio a síntese biográfica apresentada, que confirmou, entristecendo-se. Dona Modesto retirou a destra da frente do paciente e desapareceram os quadros que ali podíamos observar, como se fossem impressos num pequenino écran de televisão. Com a ternura habitual às mães, explicou: - “Anselmo é Espírito muito querido, que o tempo vem trabalhando sem que se operem os resultados positivos almejados. Enrijecido pelos hábitos doentios, não tem conseguido realizar a necessária mudança de comportamento mental, a fim de ajustar-se aos programas iluminativos que estão ao seu alcance. Aqueles que o amamos, temos investido um expressivo cabedal de afeto e paciência, que ele não tem conseguido absorver, transformando em conquistas libertadoras das paixões que o encarceram na ignorância e na crueldade. Em face do processo longo de alucinações cometidas, aqui chega hoje em deplorável estado de aflição, para mergulhar em recurso

expiatório irreversível, nesta existência, como delineamento para as experiências do futuro... Muito agradecemos a cooperação dos queridos amigos que se dispõem ao misericordioso concurso terapêutico. Nas minhas rogativas ao Divino Médico, havia suplicado para o querido infrator mais uma oportunidade, e eis que a resposta celeste chega em forma de compaixão e apoio.” Dr. Ignácio, que estava informado da problemática, acercou-se lhe, e gentilmente anuiu, complementando: — “Quando recebemos o seu prontuário espiritual e observamos a gravidade do seu problema, procuramos penetrar-lhe as causas profundas da alienação, detectando o transtorno de conduta que se tem permitido. Pelo que nos foi possível observar, é muito grave a sua atual situação. Isto porque, entre as várias entidades espirituais que o odeiam, uma delas localiza-lhe a concentração mental no aparelho genésico, agravando a perturbação funcional de que é objeto. Concomitantemente, outro inimigo insidioso domina-lhe o centro da vontade mediante contínua indução ao consumo da droga perversa. Como consequência, a arritmia cardíaca denuncia grave conjuntura no órgão, visivelmente afetado pela ação química da substância longamente absorvida.” - “Acredito que o filho querido - assinalou a dama espiritual - deverá retornar dentro de algumas horas. A minha preocupação é com o prosseguimento do seu martírio obsessivo, desde que as vinculações com os adversários são muito poderosas. Assim pensando, venho interceder junto ao dedicado psiquiatra, no sentido de impedir o seu arrastamento pelos inimigos a alguma região inferior ou, por sua vez, permanecer em deperecimento de energias absorvidas pelos seus atuais verdugos.” Ela silenciou, por brevíssimo instante, logo aduzindo: - As suas têm sido dores morais muito profundas, que o levaram à fuga espetacular pela drogadição e pela obsessão... Não dispôs, na sua angústia, de tempo mental para a reflexão, martirizando-se com a culpa inconsciente instalada nos refolhos da alma, sem valor espiritual para o enfrentamento. É uma existência talada em pleno desenvolvimento. O seu retorno ao Grande Lar faz-se inadiável, a fim de que não mergulhe no abismo do suicídio conforme planejam os seus adversários. Dr. Ignácio refletiu um pouco, e expôs: - Poderemos induzi-lo a um longo sono, qual se fora um coma de longo porte, preparando-o para o desprendimento espiritual definitivo, de acordo com a anuência do Plano superior, que certamente a nobre genitora já conseguiu. — É claro, que sim - afirmou, comovida. - Interferimos junto aos elevados programadores da reencarnação, explicando a necessidade de ser-lhe concedida uma nova chance com caráter expiatório, após esta existência, na qual teria tempo para meditar a respeito das leis divinas, havendo recebido o necessário consentimento.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 7)

V.5. Tratamento complexo e de longo curso

“O EGOÍSMO E O ORGULHO. SUAS CAUSAS, SEUS EFEITOS E OS MEIOS DE DESTRUÍ-LOS. É bem sabido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um pensa em si antes de pensar nos outros e cogita antes de tudo de satisfazer aos seus desejos, cada um naturalmente cuida de proporcionar a si mesmo essa satisfação, a todo custo, e sacrifica sem escrúpulo os interesses alheios, assim nas mais insignificantes coisas, como nas maiores, tanto de ordem moral, quanto de ordem material. Daí todos os antagonismos sociais, todas as lutas, todos os conflitos e todas as misérias, visto que cada um só trata de despojar o seu próximo. O egoísmo, por sua vez, se origina do orgulho. A exaltação da personalidade leva o homem a considerar-se acima dos outros. Julgando-se com direitos superiores, melindra-se com o que quer que, a seu ver, constitua ofensa a seus direitos. A importância que, por orgulho, atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta. O egoísmo e o orgulho nascem de um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm sua razão de ser e sua utilidade, porquanto Deus nada pode ter feito inútil. Ele não criou o mal; o homem é quem o produz, abusando dos dons de Deus, em virtude do seu livre-arbítrio. Contido em justos limites, aquele sentimento é bom em si mesmo. A exageração é o que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece com todas as paixões que o homem, frequentemente, desvia do seu objetivo providencial. Ele não foi criado egoísta, nem orgulhoso por Deus, que o criou simples e ignorante; o homem é que se fez egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe outorgou para sua conservação. Não podem os homens ser felizes, se não viverem em paz, isto é, se não os animar um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; numa palavra: enquanto procurarem esmagar-se uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; uma e outra, porém, pressupõem a abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com esses vícios, não é possível a verdadeira fraternidade, nem, por conseguinte, igualdade, nem liberdade, dado que o egoísta e o orgulhoso querem tudo para si. Eles serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto dominarem, rirão aos seus golpes os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados. É belo, sem dúvida, proclamar-se o reinado da fraternidade, mas, para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É edificar em terreno movediço; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois

que estes morrerão como os outros; insta destruir as causas da insalubridade. Para que os homens vivam na Terra como irmãos, não basta se lhes deem lições de moral; importa destruir as causas de antagonismo, atacar a raiz do mal: o orgulho e o egoísmo. Essa a chaga sobre a qual deve concentrar-se toda a atenção dos que desejem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto subsistir semelhante obstáculo, eles verão paralisados todos os seus esforços, não só por uma resistência de inércia, como também por uma força ativa que trabalhará incessantemente no sentido de destruir a obra que empreendam, por isso que toda ideia grande, generosa e emancipadora arruína as pretensões pessoais. Impossível, dir-se-á, destruir o orgulho e o egoísmo, porque são vícios inerentes à espécie humana. Se fosse assim, havéramos de desesperar de todo progresso moral; entretanto, desde que se considere o homem nas diferentes épocas transcorridas, não há negar que evidente progresso se efetuou. Ora, se ele progrediu, ainda naturalmente progredirá. Por outro lado, não se encontrará homem nenhum sem orgulho, nem egoísmo? Não se veem, ao contrário, criaturas de índole generosa, em quem parecem inatos os sentimentos do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação? O número delas, positivamente, é menor do que o dos egoístas; se assim não fosse, não seriam estes últimos os fautores da lei. Há muito mais criaturas dessas do que se pensa e, se parecem tão pouco numerosas, é porque o orgulho se põe em evidência, ao passo que a virtude modesta se conserva na obscuridade. Se, portanto, o orgulho e o egoísmo se contassem entre as condições necessárias da Humanidade, como a da alimentação para sustento da vida, não haveria exceções. O ponto essencial, pois, é conseguir que a exceção passe a constituir regra; para isso, trata-se, antes de tudo, de destruir as causas que produzem e entretêm o mal. Dessas causas, a principal reside evidentemente na ideia falsa que o homem faz da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Por não saber donde vem, ele se crê mais do que é; e não sabendo para onde vai, concentra na vida terrena todo o seu pensar; acha-a tão agradável, quanto possível; anseia por todas as satisfações, por todos os gozos; essa a razão por que atropela sem escrúpulo o seu semelhante, se este lhe opõe alguma dificuldade. Mas, para isso, é preciso que ele predomine; a igualdade daria, a outros, direitos que ele só quer para si; a fraternidade lhe importaria sacrifícios em detrimento do seu bem-estar; a liberdade também ele só a quer para si e somente a concede aos outros quando não lhe fira de modo algum as prerrogativas. Alimentando todos as mesmas pretensões, têm resultado os perpétuos conflitos que os levam a pagar bem caro os raros gozos que logram obter. Identifique-se o homem com a vida futura e completamente mudará a sua maneira de ver, como a

do indivíduo que apenas por poucas horas haja de permanecer numa habitação má e que sabe que, ao sair, terá outra, magnífica, para o resto de seus dias. A importância da vida presente, tão triste, tão curta, tão efêmera, se apaga, para ele, ante o esplendor do futuro infinito que se lhe desdobra às vistas. A consequência natural e lógica dessa certeza é sacrificar o homem um presente fugidio a um porvir duradouro, ao passo que antes ele tudo sacrificava ao presente. Tomando por objetivo a vida futura, pouco lhe importa estar um pouco mais ou um pouco menos nesta outra; os interesses mundanos passam a ser o acessório, em vez de ser o principal; ele trabalha no presente com o fito de assegurar a sua posição no futuro, tanto mais quando sabe em que condições poderá ser feliz. Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhe obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se lançar os olhos para o alto, para uma felicidade a que ninguém pode obstar, interesse nenhum se lhe deparará em oprimir a quem quer que seja e o egoísmo se lhe torna carente de objeto. Todavia, restará o estimulante do orgulho. A causa do orgulho está na crença, em que o homem se firma, da sua superioridade individual. Ainda aí se faz sentir a influência da concentração dos pensamentos sobre a vida corpórea. Naquele que nada vê adiante de si, atrás de si, nem acima de si, o sentimento da personalidade sobrepuja e o orgulho fica sem contrapeso. A incredulidade não só carece de meios para combater o orgulho, como o estimula e lhe dá razão, negando a existência de um poder superior à Humanidade. O incrédulo apenas crê em si mesmo; é, pois, natural que tenha orgulho. Enquanto que, nos golpes que o atingem, unicamente vê uma obra do acaso e se ergue para combatê-la, aquele que tem fé percebe a mão de Deus e se submete. Crer em Deus e na vida futura é, consequentemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer ideia exata do presente. Para que o orgulhoso deixe de crer na sua superioridade, cumpre se lhe prove que ele não é mais do que os outros e que estes são tanto quanto ele; que a igualdade é um fato e não apenas uma bela teoria filosófica; que estas verdades ressaltam da preexistência da alma e da reencarnação. Sem a preexistência da alma, o homem é induzido a acreditar que Deus, dado creia em Deus, lhe conferiu vantagens excepcionais; quando não crê em Deus, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita; ele fica sabendo que as almas saem todas iguais das mãos do Criador; que todas têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todas hão de alcançar, em mais ou menos tempo, conforme os

esforços que empreguem; que ele próprio não chegou a ser o que é, senão depois de haver, por longo tempo e penosamente, vegetado, como os outros, nos degraus inferiores da evolução; que, entre os mais atrasados e os mais adiantados, não há senão uma questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corpóreas e independem do Espírito; que o simples proletário pode, noutra existência, nascer num trono e o maior potentado renascer proletário. Se levar em conta unicamente a vida planetária, ele vê apenas as desigualdades sociais do momento, que são as que o impressionam; se, porém, deitar os olhos sobre o conjunto da vida do Espírito, sobre o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o de chegada, aquelas desigualdades se somem e ele reconhece que Deus nenhuma vantagem concedeu a qualquer de seus filhos em prejuízo dos outros; que deu parte igual a todos e não achou o caminho mais para uns do que para outros; que o que se apresenta menos adiantado do que ele na Terra pode tomar-lhe a dianteira, se trabalhar mais do que ele por aperfeiçoar-se; reconhecerá, finalmente, que, nenhum chegando ao termo senão por seus esforços, o princípio da **igualdade** é um princípio de justiça e uma lei da Natureza, perante a qual cai o orgulho do privilégio. Provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer por expiação, quer por provação, a reencarnação ensina que, naquele a quem tratamos com desdém, pode estar um que foi nosso superior ou nosso igual noutra existência, um amigo ou um parente. Se o soubesse, o que com ele se defronta o trataria com atenções, mas, nesse caso, nenhum mérito teria; por outro lado, se soubesse que o seu amigo atual foi seu inimigo, seu servo ou seu **escravo**, sem dúvida o repeliria. Ora, não quis Deus que fosse assim, pelo que lançou um véu sobre o passado. Deste modo, o homem é levado a ver, em todos, irmãos seus e seus iguais, donde uma base natural para a **fraternidade**; sabendo que pode ser tratado como haja tratado os outros, a **caridade** se lhe torna um dever e uma necessidade fundados na própria Natureza. Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma lei da Natureza que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreenda a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que,

por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho. Mas, para isso, é-lhe necessária a fé, sem a qual permanecerá na rotina do presente, não a fé cega, que foge à luz, restringe as ideias e, em consequência, alimenta o egoísmo. É-lhe necessária a fé inteligente, racional, que procura a claridade e não as trevas, que ousadamente rasga o véu dos mistérios e alarga o horizonte. Essa fé, elemento básico de todo progresso, é que o Espiritismo lhe proporciona, fé robusta, porque assente na experiência e nos fatos, porque lhe fornece provas palpáveis da imortalidade da sua alma, lhe mostra donde ele vem, para onde vai e por que está na Terra e, finalmente, lhe firma as ideias, ainda incertas, sobre o seu passado e sobre o seu futuro. Uma vez que haja entrado decisivamente por esse caminho, já não tendo o que os incite, o egoísmo e o orgulho se extinguirão pouco a pouco, por falta de objetivo e de alimento, e todas as relações sociais se modificarão sob o influxo da caridade e da fraternidade bem compreendidas. Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, fora impossível: nada se opera bruscamente em a Natureza; jamais a saúde volta de súbito a um enfermo; entre a enfermidade e a saúde, há sempre a convalescença. Não pode o homem mudar instantaneamente o seu ponto de vista e volver da Terra para o céu o olhar; o infinito o confunde e deslumbra; ele precisa de tempo para assimilar as novas ideias. O Espiritismo é, sem contradita, o mais poderoso elemento de moralização, porque mina pela base o egoísmo e o orgulho, facultando um ponto de apoio à moral. Há feito milagres de conversão; é certo que ainda são apenas curas individuais e não raro parciais. O que, porém, ele há produzido com relação a indivíduos constitui penhor do que produzirá um dia sobre as massas. Não lhe é possível arrancar de um só golpe as ervas daninhas. Ele dá a fé e a fé é a boa semente, mas mister se faz que ela tenha tempo de germinar e de frutificar, razão por que nem todos os espíritas já são perfeitos. Ele tomou o homem em meio da vida, no fogo das paixões, em plena força dos preconceitos e se, em tais circunstâncias, operou prodígios, que não será quando o tomar ao nascer, ainda virgem de todas as impressões malsãs; quando a criatura sugar com o leite a caridade e tiver a fraternidade a embalar-lo; quando, enfim, toda uma geração for educada e alimentada com ideias que a razão, desenvolvendo-se, fortalecerá, em vez de falsear? Sob o domínio destas ideias, a cimentarem a fé comum a todos, não mais esbarrando o progresso no egoísmo e no orgulho, as instituições se reformarão por si mesmas e a Humanidade avançará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, aguardando os do céu.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, O egoísmo e o orgulho)

“Medida salvadora. [...] Fixando em mim expressivo olhar, concluiu: – Antídio, por algum tempo, a partir de hoje, será amparado pela enfermidade. Conhecerá a prisão no leito, durante alguns meses, a fim de que se lhe não apodreça o corpo num hospício, o que se iniciaria dentro de alguns dias, lançando nobre mulher e duas crianças em pungente incerteza do porvir. Dito isto, Calderaro encetou complicado serviço de passes, ao longo da espinha dorsal. O enfermo aquietou-se, pouco a pouco, na velha poltrona em que se mantinha. O Assistente passou a aplicar-lhe eflúvios luminosos sobre o coração, durante vários minutos. Notei que essas emissões se concentravam gradativamente no órgão central, que em certo instante acusou parada súbita. Antídio parecia prestes a desencarnar, quando o orientador lhe restituiu as energias, em movimentação rápida. Premido pelo fenômeno circulatório, que lhe valeu tremendo choque, o desditoso amigo pôs-se a pedir auxílio em altos brados. Havia tamanha inflexão de dor, na voz lamentosa, que grande número de pessoas se aproximaram, penalizadas. Um piedoso cavalheiro tomou-lhe o pulso, verificou a desordem do coração e, presto, requisitou um carro da assistência pública. Em breves momentos Antídio era transportado em maca de hospital, para receber socorro urgente, seguido, de perto, pelo solícito benfeitor espiritual. Retirando-se em minha companhia, Calderaro acrescentou, tristonho: – O infortunado amigo será portador de uma nevrose cardíaca por dois a três meses, aproximadamente. Debalde usará a valeriana e outras substâncias medicamentosas, em vão apelará para anestésicos e desintoxicantes. No curso de algumas semanas conhecerá intraduzível mal-estar, de modo a restabelecer a harmonia do cosmo psíquico. Experimentará indizível angústia, submeter-se-á a medicações e regimes, que lhe diminuirão a tendência de esquecer as obrigações sagradas da hora e lhe acordarão os sentimentos, devagarzinho, para a nobreza do ato de viver. Notando-me a estranheza, o Assistente concluiu: – Que fazer, meu amigo? As mesmas Forças Divinas que concedem ao homem a brisa cariciosa, infligem-lhe a tempestade devastadora... Uma e outra, porém, são elementos indispensáveis à glória da vida.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 14)

“[...] “Como terapia para o grave problema das drogas, inicialmente, apresentamos a educação em liberdade com responsabilidade; a valorização do trabalho como método digno de afirmação da criatura; orientação moral segura, no lar e na escola, mediante exemplos dos educadores e pais; a necessidade de viver-se com comedimento, ensinando-se que ninguém se encontra em plenitude e demonstrando essa verdade através dos fatos de todos os dias, com que se evitarão *sonhos e curiosidades*, luxo e anseio de dissipações por parte de crianças e jovens; orientação adequada

às personalidades psicopatas desde cedo; ambientes sadios e leituras de conteúdo edificante, considerando-se que nem toda a Humanidade pode ser enquadrada na literatura sórdida da “contra cultura”, dos livros de apelação e escritos com fins mercenários, em razão das altas doses de extravagância e vulgaridade de que se fazem portadores. A estas terapias basilares adir o exercício da disciplina dos hábitos, melhor entrosamento entre pais e mestres, maior convivência destes com filhos e alunos, despertamento e cultivo de ideais entre os jovens... “E conhecimento espiritual da vida, demonstrando a anterioridade da alma ao corpo e a sua sobrevivência após a destruição deste. Quanto mais for materialista a comunidade, mais se apresenta consumida, desequilibrada e seus membros consumidores de droga e sexo em desalinho, sofrendo mais altas cargas de violência, de agressividade, que conduzem aos elevados índices de homicídio, de suicídio e de corrupção. Nesse ponto, interrompeu a narração por breves instantes, para logo concluir: - O Espiritismo possui recursos psicoterápicos valiosos como profilaxia e tratamento no uso de drogas e de outras viciações. Estruturada a sua filosofia na realidade do Espírito, a educação tem primazia em todos os tentames e as técnicas do conhecimento das causas da vida oferecem resistência e dão força para uma conduta sadia. Além disso, as informações sobre os valiosos bens mediúnicos aplicáveis ao comportamento constituem terapêutica de fácil destinação e resultado positivo. Aqui nos referimos à oração, ao passe, à magnetização da água, à doutrinação do indivíduo, à desobsessão... “Invariavelmente, defrontamos nas panorâmicas da toxicomania, da sexolatria, dos vícios em geral a sutil presença de obsessões, como causa remota ou como efeito do comportamento que o homem se permite, sintonizando com mentes irresponsáveis e enfermas desembaraçadas do corpo. “Em todo e qualquer cometimento de socorro, a dependentes de vícios, recordemo-nos do respeito que nós devemos a esses enfermos, atendendo-os com carinho e dignificando-os, instando com eles pela recuperação, ao tempo em que lhes apliquemos os recursos espíritas e evangélicos, na certeza de resultados finais salutares. “Que o Senhor nos abençoe!” [...]” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 9)

“Ante a pausa, que se fez natural, Maurício indagou, timidamente: — Como fazer, Senhora? Temo cair mais e, odiava, chafurdo no erro. Sonho com o bem e me acumplicio com o mal. Desejo ajudar os outros e não sei auxiliar-me. Por onde iniciar? Havia uma grande sinceridade que se lhe exteriorizava da alma. A sábia Conselheira recorreu a Bernardo que lhe entregou um livro brilhante, de grande formato. Tomando-o, ela explicou: — Aqui tens a Bíblia, o livro que narra a história do povo hebreu, na tecedura do

Velho Testamento. Nessas páginas encontrarás revelações espirituais e advertências nem sempre consideradas, premonições e profetismo, anunciando a chegada de Jesus à Terra. No Novo Testamento identificarás o Mestre em contínuo labor, convidando a segui-Lo, sofrendo por amor e entregando-se em doação total. Sua voz cantará aos teus ouvidos os poemas das águas, do ar, dos vegetais e de toda a Natureza, no apogeu das Bem-aventuranças que te fascinarão, abrindo-te os olhos, os ouvidos e o entendimento. Medita nos seus nobres ensinamentos e retém o ânimo. Terás forças para abandonar a utopia e retornar ao lar, qual o “filho pródigo” da parábola, onde te esperam carinho e afeição. Conhecendo o mundo poderás eleger, depois, a diretriz a tomar: Deus ou Mamom! Ali te chegarão amigos para apresentar-te novos rumos e ampliar-te o entendimento, consolidando-te a fé. “Não receies romper com o mal que ainda reside no mundo íntimo. Não será um ato simples que deverá seguir à decisão, antes terás que investir muito para que alcances a meta. Quem se nega ao avanço repousa, porém se candidata à paralisia. “Encontrarás o livro entre os guardados dos teus amigos. Examina-o, por agora, a fim de renovar a mente. Ajudar-te-emos, inspirando-te na determinação de crescer e vencer-te. Os resultados dependerão do investimento que faças, do esforço por logr-lo. Não postergues, por acomodação ou negligência, o momento da tua felicidade. Começa-o hoje e prossegue sem tergiversação. Entrega-te ao Bem e estarás amparado por onde sigas. Não te serão regateados auxílios, no entanto, terás que seguir com os próprios pés, sob o comando de uma vontade firme e de uma decisão robusta. Jesus te abençoe!” Calou-se a Mensageira. Maurício mantinha a expressão de sincero desejo de acertar, os olhos luminosos e expectantes, o corpo com ligeiros tremores e a emoção, que o dominou, confortadora. — Ele necessitará de desintoxicação — confidenciou-me o Dr. Lustoza — Bernardo irá assisti-lo com passes diários por algum tempo e será providenciada uma enfermidade-auxiliar como terapia libertadora. — *Enfermidade-auxiliar?* — interroguei, a meu turno. — Não há motivo para estranheza — replicou, jovial —. Existem as doenças expurgadoras, as que convidam à renovação e as que ajudam na liberação dos vícios. Enfermo, por algum tempo, ele se recusará às drogas, por medo da morte e cuidará melhor do corpo, nutrindo-o e amparando-o quanto convém. Porque suas resistências imunológicas estão em quase crise, não será difícil *auxiliá-lo* na aquisição de uma infecção respiratória... Recebendo o concurso fluídico que lhe concedeu repouso, Maurício foi recambiado ao corpo, enquanto orando, em silêncio, a Orientadora nos convocou ao retorno. Interessado na sucessão dos acontecimentos com o jovem, inquiri o caro Dr. Arnaldo. — Ele se recordará deste encontro, ao

despertar, pela manhã? — Não o creio — respondeu —. Viremos visitá-lo, a fim de tomarmos conhecimento de como ficou ou não impregnado das vibrações e lembranças deste evento. [...] Vimo-lo erguer-se com dificuldade. O semblante estava carregado, denotando cansaço, tristeza e uma desconhecida saudade. Apesar de a mente encontrar-se algo entorpecida, ele tentava identificar o acontecimento da noite. Desacostumado às fixações positivas, o inconsciente não recebia as indagações da consciência, de modo a liberar qualquer impressão arquivada. A instância, porém, da ideia de que algo lhe acontecera, experimentou uma ligeira euforia, que o estimulou à higiene e ao jejum. Ato contínuo, começou a revolver gavetas, abrir sacolas, armários, procurando não sabia o que, até encontrar uma velha Bíblia entre roupas usadas e outros objetos que atulhavam um dos móveis, em desordem total. Tomou o livro, acarinhou-o, como se o identificasse de algum lugar e sentou-se com ele à mão. — Agora é conosco — aprestou-se o médico a informar-nos. Aproximou-se do jovem indeciso e impôs-lhe com energia: — Abre-o. Abre o livro e lê. Abre-o! Segurando-lhe as mãos, voltou a instar para que o abrisse. Vimos que o jovem resmungou com desconforto, moveu-se na velha poltrona melhorando a postura e, conduzido pela destra do Instrutor, abriu-o e deparou com o Salmo vinte e três, de Davi: “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará...” — A partir deste momento — completou o médico — a tarefa é dele. Cooperaremos, no entanto, já desperto, cabe-lhe avançar com o próprio esforço. Sigamos para outras tarefas.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 13)

— E que acontecerá com o paciente — voltei a indagar — após ser atendido e retirar-se? Sem qualquer enfado, o médico considerou: — Depende da atitude mental que ele conduza. Como não ignoramos, o pensamento gera energias que carregam cargas vibratórias de acordo com o teor moral de que se revestem as ideias. Se o nosso enfermo mantiver os estímulos superiores que está a receber e as orientações que lhe serão ministradas pelo clínico, não sofrerá a interferência psíquica do antagonista, que atua em faixa de baixa frequência mental. Este permanecerá à espreita até que encontre uma oportunidade de revinculação, o que somente pode ocorrer se houver aquiescência do encarnado. Mantendo-se este nas ideias positivas e agasalhando o otimismo, se movimentará cada vez mais em *canais* vibratórios que o colocarão imune à perturbação, passando a sintonizar com outro gênero de ondas, nas quais se encontram *campos de vida* propiciadores de bem-estar, fazendo jus a melhor assistência espiritual. É da lei que querer é lograr, desde que se saiba o que se quer e se mantenha firme o desejo por consegui-lo. Nunca falta apoio a quem almeja por ascensão. O inverso é, também, verdadeiro... Agora eu

acompanhava o médico atencioso, detectando ao tato a enfermidade soez. Com delicadeza, mas com autoridade, advertiu o paciente sobre os perigos crescentes que o álcool representava para a sua saúde, ao mesmo tempo explicando-lhe, sem detalhes, que estes poderiam redundar em efeito pior, em razão da gravidade do mal que o mesmo sofria. O médico sabia que, instalada a cirrose hepática, as possibilidades de recuperação não se fazem auspiciosas, especialmente naqueles que dispõem de poucos recursos para o tratamento cuidadoso a que se devem submeter. Não obstante, conversou demoradamente, convidando o enfermo à realidade da vida, aconselhando-o e recordando-lhe a responsabilidade espiritual que lhe dizia respeito, em face do alto compromisso para com a existência física. Embora o empenho do bondoso médico, sentíamos o quase desinteresse do paciente que, encharcado pelo fluido venenoso e tendo desarticulados os equipamentos emocionais pelos alcoólicos, não assimilava toda a orientação, mais de uma vez repetida. Seria o caso de mais um suicídio indireto com causas muito complexas no seu processo evolutivo. Mas o facultativo se desincumbia galhardamente do dever que lhe dizia respeito.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 27)

“**Cilada perversa.** [...] Certamente, a cura de um vício, como das graves enfermidades, demanda tempo, cuidados e muito esforço pessoal. Somando-se a esse problema a interferência obsessiva, a questão se faz mais grave e, portanto, mais demorada, naturalmente, exigindo contínuos contributos especializados, bem como sacrifícios daquele que a padece. No curso das obsessões, o seu período de fixação é penoso, enraizando-se, as energias deletérias do vingador, nos centros de força, perispírito a perispírito, qual planta parasita que se assenhoreia da seiva do seu hospedeiro e lhe rouba a vitalidade, dominando-o. Habitado ao clima, ora psíquico, ora físico, ou a ambos simultaneamente, o obsidiado raramente resolve-se por uma mudança de comportamento, qual ocorria com o paciente em tela. Após cada carraspana arrependia-se, desculpava-se, fazia promessas, o que constituía uma programação verbal fácil, logo retornando às libações alcoólicas, nas quais sentia prazer. Dessa última vez, porém, a sua embriaguez extrapolou os limites do tolerável, por pouco não roubando a existência corporal da esposa ou do filho, vitimado por si mesmo e pela Entidade perversa a quem facultava intercâmbio. Assim sendo, as expectativas de D. Armênia, quanto à saúde do marido, provavelmente não se tornariam realidade imediata após a terapia convencional do hospital psiquiátrico. Ademais, como a polícia fora acionada e houvesse acontecido a cena de sangue, ele necessitaria explicar-se junto às autoridades, logo recuperasse a lucidez e estivesse em condições para depor. Para a senhora sensível esses fatos constituíam áspera

provação. [...] Enquanto sucediam esses pormenores, o indigitado obsessor dialogava com amigos da mesma espécie: — Na próxima oportunidade — blasonava, rilhando os dentes com ferocidade — lograrei êxito, que somente adiei de modo a deliciar-me com as demoradas aflições da família. Sentindo-se projetado na malta onde se exibia, prosseguiu: — Temos instruções especiais para a programação dos nossos ataques aos estúrdios cordeiros do Evangelho. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Cilada perversa)

“**Liberdade e vida.** [...] Foi, então, que o caroável Dr. Bezerra de Menezes, erguendo-se, falou, tomado de grande compaixão pelos atormentados, que retornavam ao redil do Sublime Pastor: – Sede bem-vindos, irmãos queridos, à senda de renovação. O vosso cansaço será atenuado, a vossa sede de paz receberá a linfa do reconforto, a vossa fome de amor encontrará o pão da vida, que vos nutrirá para sempre. Não aguardéis, porém, colheita de flores nos terrenos onde semeastes espinhos e urze pontiagudos; não creiais em recompensas à ociosidade assim como ao vitupério, ao abuso das funções psíquicas, que se reconstruirão lentamente a vosso contributo pessoal. Não encontrareis escadaria de acesso rápido ao paraíso, nem catapulta de improviso para o reino dos Céus. O trabalho é guia de segurança e força de elevação para todos nós. O labor iluminativo é obra de cada um, que o realizará a esforço e a sacrifício pessoal. Toda ascensão exige denodo, e ninguém alcança o cume da montanha sem atravessar as baixadas de onde procede. Iniciareis novas experiências de autoiluminação, percorrendo as mesmas estradas, porém com outras disposições interiores e a decisão de ser feliz. Envolvidos pelas vibrações que procedem do Amor, inundai-vos de luz e embriagai-vos de novas alegrias. Começa novo Dia para quantos desejem a claridade do Bem no coração e se resolvam pela purificação mediante o mergulho no corpo físico, sem as constrições das falsas necessidades a que vos acostumastes. A carne ser-vos-á refúgio ameno, escola de aprendizagem e reeducação, hospital de recuperação de forças, oficina de trabalho... Transitareis alguns, solitários e não amados, outros sob injunções penosas que os atos arbitrários impuseram ao longo do tempo, outros mais experimentando desejos inconfessáveis que o organismo não poderá atender, mediante processo psicoterapêutico, por fim a cada um será proposto um programa de recuperação conforme suas obras... Todos, porém, filhos do Amor, encontrareis oportunidade para o autocrescimento e a felicidade. Que o Divino Mestre nos abençoe a todos, no esforço de elevação! Quando silenciou, permaneciam as vibrações de paz e de alegria que saturavam o ambiente, enriquecido de suave luz procedente de Esfera Mais Alta, ao tempo em que diligentes servidores adrede convidados, puseram-se a atender aqueles que optaram pela renovação,

conduzindo-os com ternura fraternal a diferentes setores da Instituição, de onde rumariam para os Núcleos preparatórios de reencarnações purificadoras.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 19)

VI Suicídio: causas e consequências

VI.1. Causas do suicídio

“DESGOSTO DA VIDA. SUICÍDIO. 943. *Donde nasce o desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?* “Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. “Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.” **944.** Tem o homem o direito de dispor da sua vida? “Não; só a Deus assiste esse direito. O suicídio voluntário importa numa transgressão desta lei.” **a)** — *Não é sempre voluntário o suicídio?* “O louco que se mata não sabe o que faz.” **945.** *Que se deve pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?* “Insensatos! Por que não trabalhavam? A existência não lhes teria sido tão pesada.” **946.** *E do suicídio cujo fim é fugir, aquele que o comete, às misérias e às decepções deste mundo?* “Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que carecem de energia e de coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Ai, porém, daqueles que esperam a salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso, ou fortuna! O acaso, ou a fortuna, para me servir da linguagem deles, podem, com efeito, favorecê-los por um momento, mas para lhes fazer sentir mais tarde, cruelmente, a vacuidade dessas palavras.” **a)** — *Os que hajam conduzido o desgraçado a esse ato de desespero sofrerão as consequências de tal proceder?* “Oh! Esses, ai deles! Responderão como por um assassinio.” **947.** *Pode ser considerado suicida aquele que, a braços com a maior penúria, se deixa morrer de fome?* “É um suicídio, mas os que lhe foram causa, ou que teriam podido impedi-lo, são mais culpados do que ele, a quem a indulgência espera. Todavia, não penseis que seja totalmente absolvido, se lhe faltaram firmeza e perseverança e se não usou de toda a sua inteligência para sair do atoleiro. Ai dele, sobretudo, se o seu desespero nasce do orgulho. Quero dizer: se for quais homens em quem o orgulho anula os recursos da inteligência, que

corariam de dever a existência ao trabalho de suas mãos e que preferem morrer de fome a renunciar ao que chamam sua posição social! Não haverá mil vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade, em afrontar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que só tem boa vontade para com aqueles a quem nada falta e que vos volta as costas assim que precisais dele? Sacrificar a vida à consideração desse mundo é estultícia, porquanto ele a isso nenhum apreço dá.”

948. *É tão reprovável, como o que tem por causa o desespero, o suicídio daquele que procura escapar à vergonha de uma ação má?* “O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter-se a de lhe sofrer as consequências. Deus, que julga, pode, conforme a causa, abrandar os rigores de sua justiça.” **949.** *Será desculpável o suicídio, quando tenha por fim obstar a que a vergonha caia sobre os filhos, ou sobre a família?* “O que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe atenua a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta. Demais, eliminai da vossa sociedade os abusos e os preconceitos e deixará de haver desses suicídios.” Aquele que tira a si mesmo a vida, para fugir à vergonha de uma ação má, prova que dá mais apreço à estima dos homens do que à de Deus, visto que volta para a vida espiritual carregado de suas iniquidades, tendo-se privado dos meios de repará-las durante a vida corpórea. Deus, geralmente, é menos inexorável do que os homens. Perdoa aos que sinceramente se arrependem e atende à reparação. O suicida nada repara. **950.** *Que pensar daquele que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?* “Outra loucura! Que faça o bem e mais certo estará de lá chegar, pois, matando-se, retarda a sua entrada num mundo melhor e terá que pedir lhe seja permitido voltar, para concluir a vida a que pôs termo sob o influxo de uma ideia falsa. Uma falta, seja qual for, jamais abre a ninguém o santuário dos eleitos.” **951.** *Não é, às vezes, meritório o sacrifício da vida, quando aquele que o faz visa salvar a de outrem, ou ser útil aos seus semelhantes?* “Isso é sublime, conforme a intenção, e, em tal caso, o sacrifício da vida não constitui suicídio. Mas, Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não o pode ver de bom grado, se tem o orgulho a manchá-lo. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício e, não raro, quem o faz guarda oculto um pensamento, que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.” Todo sacrifício que o homem faça à custa da sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório aos olhos de Deus, porque resulta da prática da lei de caridade. Ora, sendo a vida o bem terreno a que maior apreço dá o homem, não comete atentado o que a ela renuncia pelo bem de seus semelhantes: cumpre

um sacrifício. Mas, antes de o cumprir, deve refletir sobre se sua vida não será mais útil do que sua morte.

952. *Comete suicídio o homem que perece vítima de paixões que ele sabia lhe haviam de apressar o fim, porém a que já não podia resistir, por havê-las o hábito mudado em verdadeiras necessidades físicas?* “É um suicídio moral. Não percebeis que, nesse caso, o homem é duplamente culpado? Há nele então falta de coragem e bestialidade, acrescidas do esquecimento de Deus.” **a)** — *Será mais, ou menos, culpado do que o que tira a si mesmo a vida por desespero?* “É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre o seu suicídio. Naquele que o faz instantaneamente, há, muitas vezes, uma espécie de desvairamento, que alguma coisa tem da loucura. O outro será muito mais punido, por isso que as penas são proporcionadas sempre à consciência que o culpado tem das faltas que comete.”

953. *Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?* “É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, malgrado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?” **a)** — *Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes.* “É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.” **b)** — *Quais, nesse caso, as consequências de tal ato?* “Uma expiação proporcionada, como sempre, à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.”

954. *Será condenável uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?* “Não há culpabilidade, em não havendo intenção, ou consciência perfeita da prática do mal.”

955. *Podem ser consideradas suicidas e sofrerem as consequências de um suicídio as mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos?* “Obedecem a um preconceito e, muitas vezes, mais à força do que por vontade. Julgam cumprir um dever e esse não é o caráter do suicídio. Encontram desculpa na nulidade moral que as caracteriza, em a sua maioria, e na ignorância em que se acham. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com o advento da civilização.”

956. *Alcançam o fim objetivado aqueles que, não podendo conformar-se com a perda de pessoas que lhes eram caras, se matam na esperança de ir juntar-se-lhes?* “Muito diverso do que esperam é o resultado que colhem. Em vez de se reunirem ao que era objeto de suas afeições, dele se afastam por longo tempo, pois não é possível que Deus recompense um ato de covardia e o insulto que lhe fazem com o duvidarem da sua providência. Pagarão esse instante de

loucura com aflições maiores do que as que pensaram abreviar e não terão, para compensá-las, a satisfação que esperavam.” (934 e seguintes)” (AK, *O livro dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo I)

“INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] PROVAS VOLUNTÁRIAS. O VERDADEIRO CILÍCIO. 26.

Perguntais se é lícito ao homem abrandar suas próprias provas. Essa questão equivale a esta outra: É lícito, àquele que se afoga, cuidar de salvar-se? Àquele em quem um espinho entrou, retirá-lo? Ao que está doente, chamar o médico? As provas têm por fim exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação. Pode dar-se que um homem nasça em posição penosa e difícil, precisamente para se ver obrigado a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que lhe não seja possível evitar, em perseverar na luta, em se não desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência, que seria mais preguiça do que virtude. Essa questão dá lugar naturalmente a outra. Pois, se Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos”, haverá mérito em procurar, alguém, aflições que lhe agravem as provas, por meio de sofrimentos voluntários? A isso responderei muito positivamente: sim, há grande mérito quando os sofrimentos e as privações objetivam o bem do próximo, porquanto é a caridade pelo sacrifício; não, quando os sofrimentos e as privações somente objetivam o bem daquele que a si mesmo as inflige, porque aí só há egoísmo por fanatismo. Grande distinção cumpre aqui se faça: pelo que vos respeita pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos manda e não lhes aumenteis o volume, já de si por vezes tão pesado; aceitá-las sem queixumes e com fé, eis tudo o que de vós exige ele. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, pois que necessitais de todas as vossas forças para cumprirdes a vossa missão de trabalhar na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é contravir a lei de Deus, que vos dá meios de o sustentar e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis, tal a lei. O abuso das melhores coisas tem a sua punição nas inevitáveis consequências que acarreta. Muito diverso é o que ocorre, quando o homem impõe a si próprio sofrimentos para o alívio do seu próximo. Se suportardes o frio e a fome para aquecer e alimentar alguém que precise ser aquecido e alimentado e se o vosso corpo disso se ressentir, fazeis um sacrifício que Deus abençoa. Vós que deixais os vossos aposentos perfumados para irdes à mansarda infecta levar a consolação; vós que sujais as mãos delicadas pensando chagas; vós que vos privais do sono para velar à cabeceira de um doente que apenas é vosso irmão em Deus; vós, enfim, que despendeis a vossa saúde na prática das boas obras, tendes em tudo isso

o vosso cilício, verdadeiro e abençoado cilício, visto que os gozos do mundo não vos secaram o coração, que não adormecestes no seio das volúpias enervantes da riqueza, antes vos constituístes anjos consoladores dos pobres deserdados. Vós, porém, que vos retirais do mundo, para lhe evitar as seduções e viver no insulamento, que utilidade tendes na Terra? Onde a vossa coragem nas provações, uma vez que fugis à luta e desertais do combate? Se quereis um cilício, aplicai-o às vossas almas e não aos vossos corpos; mortificai o vosso Espírito e não a vossa carne; fustigai o vosso orgulho, recebei sem murmurar as humilhações; flagiciai o vosso amor-próprio; enrijai-vos contra a dor da injúria e da calúnia, mais pungente do que a dor física. Aí tendes o verdadeiro cilício cujas feridas vos serão contadas, porque atestarão a vossa coragem e a vossa submissão à vontade de Deus. – *Um anjo guardião*. (Paris, 1863) **DEVER-SE-Á PÔR TERMO ÀS PROVAS DO PRÓXIMO? 27.** *Deve alguém pôr termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso?* Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar. Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheceis esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: “Não irás mais longe?” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abriu? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: “É a justiça de Deus, importa que siga o seu curso.” Dizei antes: “Vejam os meios o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.” Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas

vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Contra essa ideia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente. Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! Considerai-vos sempre como instrumento para fazê-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade. – *Bernardino*, Espírito protetor. (Bordéus, 1863) **SERÁ LÍCITO ABREVIAR A VIDA DE UM DOENTE QUE SOFRA SEM ESPERANÇA DE CURA? 28.** *Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?* Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até à borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões? Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento. O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro. – *S. Luís*. (Paris, 1860) **SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA. 29.** *Aquele*

que se acha desgostoso da vida, mas que não quer extinguí-la por suas próprias mãos, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com o propósito de tornar útil sua morte? Que o homem se mate ele próprio, ou faça que outrem o mate, seu propósito é sempre cortar o fio da existência: há, por conseguinte, suicídio intencional, se não de fato. É ilusória a ideia de que sua morte servirá para alguma coisa; isso não passa de pretexto para colorir o ato e escusá-lo aos seus próprios olhos. Se ele desejasse, seriamente, servir ao seu país, cuidaria de viver para defendê-lo; não procuraria morrer, pois que, morto, de nada mais lhe serviria. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte, quando se trate de ser útil, em afrontar o perigo, em fazer, de antemão e sem pesar, o sacrifício da vida, se for necessário. Mas, buscar a morte com *premeditada intenção*, expondo-se a um perigo, ainda que para prestar serviço, anula o mérito da ação. – S. Luís. (Paris, 1860) **30.** *Se um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida a um de seus semelhantes, sabendo de antemão que sucumbirá, pode o seu ato ser considerado suicídio?* Desde que no ato não entre a intenção de buscar a morte, não há suicídio e, sim, apenas, devotamento e abnegação, embora também haja a certeza de que morrerá. Mas, quem pode ter essa certeza? Quem poderá dizer que a Providência não reserva um inesperado meio de salvação para o momento mais crítico? Não poderia ela salvar mesmo aquele que se achasse diante da boca de um canhão? Pode muitas vezes dar-se que ela queira levar ao extremo limite a prova da resignação e, nesse caso, uma circunstância inopinada desvia o golpe fatal. – S. Luís. (Paris, 1860)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo V)

“PROFISSÃO DE FÉ ESPÍRITA RACIOCINADA.

[...] **§ II — A ALMA. 4. Há no homem um princípio inteligente a que se chama ALMA ou ESPÍRITO, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar.** Se o pensamento fosse propriedade da matéria teríamos a matéria bruta a pensar. Ora, como ninguém nunca viu a matéria inerte dotada de faculdades intelectuais; como, quando o corpo morre, não mais pensa, forçoso é se concluir que a alma independe da matéria e que os órgãos não passam de instrumentos com que o homem manifesta seu pensamento. **5. As doutrinas materialistas são incompatíveis com a moral e subversivas da ordem social.** Se, conforme pretendem os materialistas, o pensamento fosse segregado pelo cérebro, como a bília o é pelo fígado, seguir-se-ia que, morto o corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais recairiam no nada; que os nossos parentes, os amigos e todos quantos houvessem tido a nossa afeição estariam irremissivelmente perdidos; que o homem de gênio careceria de mérito, pois que

somente ao acaso da sua organização seria devedor das faculdades transcendentais que revela; que entre o imbecil e o sábio apenas haveria a diferença de mais ou menos substância cerebral. As consequências dessa doutrina seriam que, nada podendo esperar para depois desta vida, nenhum interesse teria o homem em fazer o bem; que muito natural seria procurasse ele a maior soma possível de gozos, mesmo à custa dos outros; que o sentimento mais racional seria o egoísmo; que aquele que fosse persistentemente desgraçado na Terra, nada de melhor teria a fazer, do que se matar, porquanto, destinado a mergulhar no nada, isso não lhe seria nem pior, nem melhor, ao passo que de tal forma abreviaria seus sofrimentos. A doutrina materialista é, pois, a sanção do egoísmo, origem de todos os vícios; a negação da caridade — origem de todas as virtudes e base da ordem social — e seria ainda, a justificação do suicídio.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Profissão de fé espírita raciocinada)

“**Clarêncio.** “Suicida! Suicida! Criminoso! Infame!” - gritos assim, cercavam-me de todos os lados. Onde os sicários de coração empedernido? Por vezes, enxergava-os de relance, escorregadios na treva espessa e, quando meu desespero atingia o auge, atacava-os, mobilizando extremas energias. Em vão, porém, esmurrava o ar nos paroxismos da cólera. Gargalhadas sarcásticas feriam-me os ouvidos, enquanto os vultos negros desapareciam na sombra. Para quem apelar? Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Comezinhos fenômenos da experiência material patenteavam-se-me aos olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida. A circunstância mais dolorosa, no entanto, não é o terrível abandono a que me sentia votado, mas o assédio incessante de forças perversas que me assomavam nos caminhos ermos e obscuros. Irritavam-me, aniquilavam-me a possibilidade de concatenar ideias. Desejava ponderar maduramente a situação, esquadriñar razões e estabelecer novas diretrizes ao pensamento, mas aquelas vozes, aqueles lamentos misturados de acusações nominais, desnorream-me irremediavelmente. – Que buscas, infeliz! Aonde vais, suicida? Tais objurgatórias, incessantemente repetidas, perturbavam-me o coração. Infeliz, sim; mas, suicida? - nunca! Essas increpações, a meu ver, não eram procedentes. Eu havia deixado o corpo físico a contragosto. Recordava meu porfiado duelo com a morte. Ainda julgava ouvir os últimos pareceres médicos, enunciados na Casa de Saúde; lembrava a assistência desvelada que tivera, os curativos dolorosos que experimentara nos dias longos que se seguiram à delicada operação dos intestinos. Sentia, no curso dessas reminiscências, o contato do termômetro, o pique desagradável da agulha de injeções e, por fim, a última cena que precedera o grande sono:

minha esposa ainda jovem e os três filhos contemplando-me, no terror da eterna separação. Depois... o despertar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia sem-fim. Por que a pecha de suicídio, quando fora compelido a abandonar a casa, a família e o doce convívio dos meus? O homem mais forte conhecerá limites à resistência emocional. Firme e resoluto a princípio, comecei por entregar-me a longos períodos de desânimo e, longe de prosseguir na fortaleza moral, por ignorar o próprio fim, senti que as lágrimas longamente represadas me visitavam com mais frequência, extravasando do coração. [...]” (AL, *Nosso lar*; Capítulo 2)

“**O Médico Espiritual.** No dia imediato, após repouso e profundo repouso, experimentei a bênção radiosa do Sol amigo, qual suave mensagem ao coração. Claridade reconfortante atravessava ampla janela, inundando o recinto de cariciosa luz. Sentia-me outro. Energias novas tocavam-me o íntimo. Tinha a impressão de sorver a alegria da vida, a longos haustos. Na alma, apenas um ponto sombrio - a saudade do lar, o apego à família que ficara distante. Numerosas interrogações pairavam-me na mente, mas tão grande era a sensação de alívio que eu sossegava o espírito, longe de qualquer interpelação. Quis levantar-me, gozar o espetáculo da Natureza cheia de brisas e de luz, mas não o consegui e concluí que, sem a cooperação magnética do enfermeiro, tornava-se-me impossível deixar o leito. Não voltara a mim das surpresas consecutivas, quando se abriu a porta e vi entrar Clarêncio acompanhado por simpático desconhecido. Cumprimentaram-me, atenciosos, desejando-me paz. Meu benfeitor da véspera indagou do meu estado geral. Acorreu o enfermeiro, prestando informações. Sorridente, o velhinho amigo apresentou-me o companheiro. Tratava-se, disse, do irmão Henrique de Luna, do Serviço de Assistência Médica da colônia espiritual. Trajado de branco, traços fisionômicos irradiando enorme simpatia, Henrique auscultou-me demoradamente, sorriu e explicou: – É de lamentar que tenha vindo pelo suicídio. Enquanto Clarêncio permanecia sereno, senti que singular assomo de revolta me borbulhava no íntimo. Suicídio? Recordei as acusações dos seres perversos das sombras. Não obstante o cabedal de gratidão que começava a acumular, não calei a incriminação. – Creio haja engano - asseverei, melindrado -, meu regresso do mundo não teve essa causa. Lutei mais de quarenta dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Sofri duas operações graves, devido a oclusão intestinal... – Sim - esclareceu o médico, demonstrando a mesma serenidade superior -, mas a oclusão radicava-se em causas profundas. Talvez o amigo não tenha ponderado bastante. O organismo espiritual apresenta em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo. E inclinando-se, atencioso, indicava

determinados pontos do meu corpo: – Vejamos a zona intestinal - exclamou. - A oclusão derivava de elementos cancerosos e estes, por sua vez, de algumas levandades do meu estimado irmão, no campo da sífilis. A moléstia talvez não assumisse características tão graves, se o seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Entretanto, seu modo especial de conviver, muita vez exasperado e sombrio, captava destruidoras vibrações naqueles que o ouviam. Nunca imaginou que a cólera fosse manancial de forças negativas para nós mesmos? A ausência de autodomínio, a inadvertência no trato com os semelhantes aos quais muitas vezes ofendeu sem refletir conduziam-no, frequentemente, à esfera dos seres doentes e inferiores. Tal circunstância agravou, de muito, o seu estado físico. Depois de longa pausa, em que me examinava atentamente, continuou: – Já observou, meu amigo, que seu fígado foi maltratado pela sua própria ação; que os rins foram esquecidos, com terrível menosprezo às dádivas sagradas? Singular desapontamento invadira-me o coração. Parecendo desconhecer a angústia que me oprimia, continuava o médico, esclarecendo: – Os órgãos do corpo somático possuem incalculáveis reservas, segundo os desígnios do Senhor. O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da experiência física. A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou. Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável. Meditei nos problemas dos caminhos humanos, refletindo nas oportunidades perdidas. Na vida humana, conseguia ajustar numerosas máscaras ao rosto, talhando-as conforme as situações. Aliás, não poderia supor, noutro tempo, que me seriam pedidas contas de episódios simples, que costumava considerar como fatos sem maior significação. Conceituara, até ali, os erros humanos, segundo os preceitos da criminologia. Todo acontecimento insignificante, estranho aos códigos, entraria na relação de fenômenos naturais. Deparava-se-me, porém, agora, outro sistema de verificação das faltas cometidas. Não me defrontavam tribunais de tortura, nem me surpreendiam abismos infernais; contudo, benfeitores sorridentes comentavam-me as fraquezas como quem cuida de uma criança desorientada, longe das vistas paternas. Aquele interesse espontâneo, no entanto, feria-me a vaidade de homem. Talvez que, visitado por figuras diabólicas a me torturarem, de tridente nas mãos, encontrasse forças para tornar a derrota menos amarga. Todavia, a bondade exuberante de Clarêncio, a inflexão de ternura do médico, a calma fraternal do

enfermeiro, penetravam-me fundo o espírito. Não me dilacerava o desejo de reação; doía-me a vergonha. E chorei. Rosto entre as mãos, qual menino contrariado e infeliz, pus-me a soluçar com a dor que me parecia irremediável. Não havia como discordar. Henrique de Luna falava com sobejas razões. Por fim, abafando os impulsos vaidosos, reconheci a extensão de minhas levandades de outros tempos. A falsa noção da dignidade pessoal cedia terreno à justiça. Perante minha visão espiritual só existia, agora, uma realidade torturante: era verdadeiramente um suicida, perdera o ensejo precioso da experiência humana, não passava de naufrago a quem se recolhia por caridade. Foi então que o generoso Clarêncio, sentando-se no leito, a meu lado, afagou-me paternalmente os cabelos e falou comovido: – Oh! Meu filho, não te lastimes tanto. Busquei-te atendendo à intercessão dos que te amam, dos planos mais altos. Tuas lágrimas atingem seus corações. Não desejas ser grato, mantendo-te tranquilo no exame das próprias faltas? Na verdade, tua posição é a do suicida inconsciente; mas é necessário reconhecer que centenas de criaturas se ausentam diariamente da Terra, nas mesmas condições. Acalma-te, pois. Aproveita os tesouros do arrependimento, guarda a bênção do remorso, embora tardio, sem esquecer que a aflição não resolve problemas. Confia no Senhor e em nossa dedicação fraternal. Sossega a alma perturbada, porque muitos de nós outros já perambulamos igualmente nos teus caminhos. Ante a generosidade que transbordava dessas palavras, mergulhei a cabeça em seu colo paternal e chorei longamente.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 4)

“E Roberto, que chefiava a expedição, tomou a palavra (transmitiu as irradiações mentais), desincumbindo-se do noticiário sobre o reconhecimento efetuado: — Trata-se de um caso de obsessão coletiva simples, meu caro irmão... carente de intervenção imediata de socorro espiritual, a fim de que se evitem outros suicídios na família... São, quase todos os membros dessa numerosa família, constituída do velho casal e dez filhos menores, portadores de faculdades mediúnicas ignoradas... Não cultivam o estudo edificante para o saneamento mental, nem a meditação sobre assuntos elevados do espírito, e tão pouco a prece.... tornando-se, por isso mesmo, campo raso para os assédios das trevas.... pois que também não alimentam sentimentos religiosos de qualquer espécie, apenas afetando um interesse convencional pela crença católica romana... — Dizes, pois, meu caro Roberto — intervim, procurando inteirar-me dos detalhes a fim de melhor estabelecer o programa de operações beneficentes — ter havido, com efeito, mais de um suicídio no seio dessa pobre família?... — Sim! Inteirei-me de que o chefe da mesma família, de nome Leonel, pôs termo à existência terrena, desfechando um tiro de revólver no ouvido direito, e que sua filha primogênita, jovem de vinte

primaveras, lhe imitou o gesto alguns meses depois, servindo-se, porém, de um tóxico violento... Inteirei-me ainda de que outro filho seu, de quinze anos de idade, tentou igualmente o sinistro ato, salvando-se, no entanto, graças à ação prestimosa de amigos agilíssimos, que evitaram fosse ele colhido por um trem de ferro, pois o tresloucado lançou-se aos trilhos, enfrentando o comboio, que se aproximava... — E como te inteiraste de que se trata de ação obsessora simples, sobre médiuns que ignoram estar sob influências malficentes da sugestão extraterrena, visto que vivem alheios aos fenômenos e às observações espíritas?... — Vimos ambos os suicidas ainda retidos no próprio teatro dos acontecimentos: — Leonel, vagando, desolado e sofrendor, a bradar por socorros médicos, traindo nas próprias repercussões vibratórias o gênero da morte escolhida sob pressões invisíveis... e Alcina, a filha, com o perispírito ainda em colapso, desmaiada sob o choque violento do ato praticado... Distinguimos também os obsessores... — E como se apresentam estes?... Odientos, vingativos?... Sofredores, que destilam o vírus mental e vibratório contundente, sem saberem o que fazem?... Afeiçoados às vítimas por simples afinidades de caráter, ou índole?... pois sabemos que até mesmo um sentimento de amor — ou paixão — mal orientado ocasionará desastres como esses... — Não, Senhor! — explicou vivamente o dedicado assistente. — Trata-se de algo ainda mais doloroso! São ódios, vinganças pessoais de um passado que se me afigura intensamente dramático! Os obsessores pertencem às falanges do antigo judaísmo! Ainda conservam nas irradiações mentais, refletindo sobre a sensibilidade do perispírito, as sombras, as imagens, mui concretizadas, da indumentária usada pelos judeus de Portugal, pelo século XVI... Eu também vivi nessa época, meu caro irmão, na Espanha como em Portugal.... pertenci igualmente ao judaísmo... e fácil me foi compreender o amargor da situação que acabo de presenciar... Compreendi, efetivamente, ser gravíssima a situação de encarnados e desencarnados enleados em tão incomodativas teias, situação que bradaria por intervenção enérgica e imediata.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 2)

“No Além, existem regras de trabalho admiravelmente estabelecidas, equivalentes a leis, mediante as quais os trabalhadores do Bem poderão tomar as providências que a sua responsabilidade, ou competência, entenderem devidas e necessárias. Geralmente aplicam-nas, as providências, Espíritos investidos de autoridade, espécie de chefes de Departamento ou de secção, tal como os entendem os homens, sem que para tanto sejam necessários entendimentos prévios com outras autoridades superiores, ou seja, o regime da burocracia, de que os homens tanto abusam nas suas indecisões, e o qual é desconhecido no Espaço.

De outro modo, encontrando-se os referidos serviços do Invisível sob a jurisprudência da fraternidade universal, quaisquer servidores estarão em condições de resolver os problemas que se apresentam no seu roteiro, desde que para tanto investidos se encontrem daquela autoridade que, no Além, absolutamente não é o cargo que confere, mas o equilíbrio consciencial e moral de que disponham. Tendo a meu cargo um desses setores de serviço que, pela magnanimidade do Senhor e Mestre, me fora confiado como estímulo e bendito ensejo para os labores de que me adviria o progresso pessoal, do qual tanto carece o meu Espírito, não vacilei nas medidas a tomar, visando a evitar novo caso de suicídio naquela família, desgraça que, através do impressionante relatório do meu jovem assistente, pressenti iminente no referido domicílio.... porquanto, além dos inimigos obsessores, sombrios e odiosos desde quatro séculos, existia ainda a permanência dos dois suicidas citados, cuja pressão magnética inferior, corrosiva, por si só seria passível de contágio mental nos demais afins, levando-os, sem mesmo disso se aperceberem, a imitar-lhes o gesto. O suicídio não é uma lei, não sendo, por isso mesmo imposto a quem quer que seja pela harmoniosa legislação divina, como o seriam, por exemplo, o resgate e a reparação da prática de um ato mau ou a morte natural do corpo físico terreno. Contrariamente, ele é ato reprovável pela mesma legislação, da inteira responsabilidade de quem o pratica. E crede, meus amigos, conquanto o coeficiente dos suicídios no vosso planeta se apresente calamitoso, os obreiros do Mundo Invisível tudo tentam para dele desviarem os homens, fazendo-o com muito enternecida boa vontade! Cumpre, no entanto, a estes cooperarem com aqueles, a fim de que tão complexo malefício, atestado deplorável da inferioridade humana, seja definitivamente banido da sociedade terrena.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 3)

“Urgia retirar do seio da infeliz família de Leonel os inimigos invisíveis que a atormentavam. Repugna sempre, porém, às individualidades já esclarecidas, admitir nos serviços de beneficência ao próximo quaisquer atos de violência contra o mesmo. Certamente que Roberto e Peri, coadjuvados pela assistência do Alto, que segue todo aquele que se devota às causas justas, teriam possibilidades de remover dali os infelizes perturbadores, sem preocupações de ordem mais suave. Todavia, não o fizeram. A fim de encontrarem facilidade para o intento, previamente trataram de afastar Leonel e sua filha para local seguro, no qual se abrigassem de novas investidas das trevas, conquanto esse local houvesse de ser concorde com seus estados de inferioridade vibratória, verdadeiros dementes, enfermos graves que eram ambos, carecedores de delicados cuidados do mundo espiritual. O suicídio, como ninguém

mais ignora, constitui para o Espírito, que a ele se aventurou em tão adversa hora, um estado complexo de semiloucura, situação crítica e lamentável de descontrole mental, forçando estudos e exames especiais dentro da própria Revelação Espírita. Entretanto, existem nele certos traços gerais, que convêm examinados ainda uma vez: — Os suicídios que tiveram por causa a obsessão de um Espírito perverso, sobre o encarnado, apresentam certa parcela de atenuantes para a vítima e agravantes para o algoz. Existem suicidas que se viram sugestionados a cometerem o ato terrível, através do sono de cada noite, por uma pressão obsessora do seu desafeto espiritual, desafeto que poderá ser também um espírito encarnado, e à qual não se puderam furtar, tal o paciente que, recebendo do seu magnetizador uma ordem durante o transe sonambúlico, cumpre-a exatamente dentro do prazo determinado por este, mesmo quando se passaram já muitos meses depois da experiência. Outros existem que não querem absolutamente morrer, não desejam o suicídio; que relutam mesmo contra a ideia por que se veem atormentados e se horrorizam ao compreender que *algo desconhecido* os arrasta para o abismo, abismo esse que temem e ante o qual se apavoram. Apesar disso, sucumbem, precipitam-se nele, uma vez que, deseducados da luz das verdades eternas, desconhecedores do verdadeiro móvel da vida humana, como da natureza espiritual do homem, não lograram forças nem elementos com que se libertarem do jugo mental terrível e malfazejo, cujo acesso permitiram. Eles veem junto a si antes de efetivado o ato, com impressionante segurança, tais se materializados fossem diante dos seus olhos corporais, os quadros mentais que o obsessor fornece através da telepatia ou da sugestão: — um receptáculo de veneno ou substância corrosiva; um revólver engatilhado, que misteriosa mão sustém, oferecendo-lhe; uma queda de grande altura, onde eles próprios se veem despenhando; um veículo em movimento, sob o qual se deverá arrojear, etc. Sofrem assim, por vezes, durante meses consecutivos, sem ânimo para confidenciarem com amigos uma agonia moral extenuante e arrasadora, uma angústia deprimente e inconsolável, que lhes agravam os males que já os infelicitavam, angústia que nenhum vocábulo humano será eficiente para bem traduzir. Notemos, todavia, que tratamos tão somente da *obsessão simples*, ou seja, daquela que é ignorada por todos, até mesmo pelo obsidiado, da que se não revela ostensivamente, objetivando alteração das faculdades mentais, mas que, sutilmente, ocultamente, através de sugestões lentas, sistemáticas, solapa as forças morais da vítima, tornando-a, por assim dizer, incapaz de reações salvadoras. Pouco a pouco, sob tão doentia pressão magnética, uma tristeza suprema e avassaladora desânimo comprometem as energias do assediado. Aterrador alarme desorienta-o, todos os fatos da vida,

mesmo os mais vulgares, se lhe apresentam ao raciocínio contaminados pela infiltração obsessora, dramáticos, maus, irremediáveis! Esquece-se ele de tudo, até mesmo do seu Criador, ao qual, em verdade, jamais considerou, mas em cujo amor encontraria proteção e forças para resistir à tentação. E somente se preocupa com o meio pelo qual se furtará aos males que o afligem. Então sucumbe sem apelação, curva-se à vontade que conseguiu dominar a sua vontade, servindo-se da sua fraqueza de homem despreocupado das razões da Vida e ignorante de si mesmo, que da existência só conheceu, muitas vezes, a feição meramente animal. Daí se concluirá, então, da necessidade de os homens procurarem conhecer a si mesmos, isto é, que possuem nos recessos da personalidade um sexto-sentido, *um dom natural* capaz de permitir tais desastres, se se conservar ignorado, e se eles próprios, os seus portadores, preferirem viver alheios às causas sérias e elevadas, que lhes permitiriam a harmonização com estados psíquicos superiores, que de tudo isso os eximiriam, uma vez que o obsidiado possuirá, forçosamente, para que se torne obsidiado, os ditos dons mediúnicos, tal como toda a Humanidade os possui.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 6)

“Os dias, pois, assim se sucediam, sem alterações para Leonel e sua filha. Este tornou-se neurastênico, irritado. Não falava a amigos, não mais cumprimentava os próprios companheiros de trabalho. E a todos os instantes, com a mente assoberbada de preocupações, segredava-lhe a intuição das trevas, na sugestão de perseguidores implacáveis: — Retira, retira outras importâncias... Hás de recuperar tudo... A sorte hoje será tua... Recuperarás tudo e reporás na “caixa” o que foi “tomado de empréstimo”... Cada um tem o seu dia... Hoje é o teu grande dia, para obteres fortuna e recompensas felizes ao muito que tens sofrido.. No entanto, perdia, ainda e sempre, porque o perseguidor o acompanhava à mesa das cartas para não deixá-lo ganhar, o que o obrigava a excepcionais habilidades profissionais, para encobrir a própria falta aos diretores da firma, através da escrita que, como principal “guarda-livros”, fazia. E longas horas de meditações e mutabilidade expressiva sobrevivham, para inquietação de toda a família. Até que, finalmente, chegou o dia em que tudo se esclareceu, tal como desejara o obsessor, não vendo Leonel outro alvitre para a desgraçada situação a não ser a prisão ou o suicídio. As importâncias de que lentamente se apossara montavam em cerca de duzentos contos de réis (valor da época), soma que, então, representava apreciável fortuna, impossível a um funcionário das suas condições obter para saldar uma dívida. O infeliz livre-pensador, então, desamparado de quaisquer forças de reação, porquanto nem mesmo uma fé religiosa jamais concordara em cultivar, preferiu o suicídio, assim se

curvando, ato por ato, atitude por atitude, às sugestões do inimigo invisível que, realmente, só desejava desgraçá-lo. Silenciaremos, porém, sobre os detalhes dolorosos desse imenso drama, rico em testemunhos da atuação obsessora sobre um médium passivo que se ignorava, a fim de a este não identificar, faltando com a devida caridade ante suas imensas desgraças. No entanto, uma vez tombado para sempre o próprio corpo carnal, o que Leonel encontrara como Espírito fora o prosseguimento da própria vida que tentara destruir para evitar a desonra, assim os mesmos dissabores, angústias e preocupações, agravados por uma hipersensibilidade torturante, como pelas penosas impressões físicos-materiais oriundas da violência do choque traumático derivado da morte prematura. [...]” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 7)

“Processos obsessivos. [...] — O meu desejo é continuar a dominá-la — continuou arengando — e, nesse sentido, nosso Chefe se propôs submetê-la a uma intervenção cirúrgica, processo eficiente contra o qual os espíritos nada poderão fazer, no sentido de libertá-la. A um sinal do Dr. Teofrastus, o Espírito silenciou. O antigo *mag*o de Ruão levantou-se, acolitado por dois assessores, e examinou a entidade, cujo desequilíbrio e invigilância, quanto ao culto das responsabilidades, a levava àquela dolorosa situação. [...] Iremos fazer uma implantação — disse em tom de inesquecível indiferença o Dr. Teofrastus — de pequena *célula fotoelétrica gravada*, de material especial, nos centros da memória do paciente. Operando sutilmente o perispírito, faremos que a nossa voz lhe repita insistentemente a mesma ordem: «Você vai enlouquecer! Suicide-se! Somos obrigados a utilizar os mais avançados recursos, desde que estes nos ajudem a colimar os nossos fins. Este é um dos muitos processos de que nos podemos utilizar em nossas tarefas... Estarrecidos, vimos o cruel verdugo movimentar-se na região cerebral do perispírito do jovem adormecido, com diversos instrumentos cirúrgicos e, embora não pudéssemos lograr todos os detalhes, o silêncio no recinto denotava a gravidade do momento. Transcorridos uns dez minutos, a cirurgia foi dada por concluída e o paciente foi removido. Quantas indagações me fervilhavam na mente! A hora, porém, não comportava quaisquer esclarecimentos. Era momento significativo na história de nossa vida espiritual e o ambiente abafado, negativo, asfixiava-nos a todos. O Dr. Teofrastus retornou ao palanque e desfilaram mais alguns casos. Logo depois, o espetáculo foi encerrado.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 8)

“Com o conseqüente desmaio, em razão do atentado cometido, a jovem, ao ser expulsa parcialmente do corpo que desrespeitara à inspiração do antigo adversário desencarnado, deparou-o a aguardá-la, feroz e vitorioso, supondo-se em condições de prosseguir na

nefasta perseguição, certo de que a arrastaria às regiões ingratas, como resultado do suicídio que supunha irreversível. Era o golpe precipitado, desferido às pressas, para interditar-lhe a recuperação, quando cessada a primeira experiência expiatória que a Lei impunha à infratora, através da lepra abençoada. Receando que o Espiritismo lhe abrisse as portas da libertação, resolveu vitimá-la e conduzi-la após o trânsito do túmulo, como se o equilíbrio das vidas pudesse permanecer nas mãos da odiosidade e nas rédeas da alucinação... A cegueira dos homens e sua absurda presunção de poder seguem-nos além do túmulo, fazendo que, em espírito, se atribuam direitos e poderes divinatórios, a que se apegam tresvariados e soberbos. Os lances exitosos colimados por esses Espíritos infelizes decorrem da sintonia que conseguem manter com as suas teimosas vítimas que os preferem pela acomodação às suas sugestões, ao acatamento da inspiração superior, expressa nos mil convites da vida, exteriorizados em paisagens, gentes, animais, jardins, tarefas, ideias felizes, que recusam, obstinados, na preservação dos sórdidos ambientes de sombra onde se refugiam, excitados ou deperecidos pelo mórbido prazer da infelicidade que se permitem e gostam de desfrutar. Logo, portanto, se afrouxaram os laços do corpo somático, em exaurimento pela hemorragia, Lisandra, espírito semiliber-to, defrontou a vítima-algoz. A Entidade transfigurada pelo ácido do ódio que lhe comburia as entranhas, agrediu-a moral, vigorosamente, ameaçando-a de inomináveis desditas. — Por que, infeliz, me abandonaste? — inquiriu com voz metálica. — Já te esqueceste de mim? Sou Ermínio, o teu mancebo espanhol, miseravelmente assassinado pela tua desonra e pela selvageria do teu infame companheiro... Olha-me bem, vê em que me transformei. — Lisandra, aturdida, entre as sensações do corpo em luta violenta, sendo reestimulado pela assistência médica competente e oportuna, pelos fluidos com que o refazia o Espírito Adelaide e o pavor que lhe assomava, acompanhou, naquela esfera de pesadelo, a transformação que se operava no ser que a acusava acremente. Viu-o decair a pouco e pouco, num sombrio espaço muito exíguo, asfíxiado, inquieto, agitando-se roufenho e, logo depois, decompor-se num fardo de matéria pútrida, vencida pela vérmina... Simultaneamente recordou-se. Estava sentada... Não pôde mais concatenar lembranças. O horror estava por vencê-la quando sentiu irresistível atração, uma força incoercível que a arrastava, e perdeu a lembrança, a consciência espiritual. Acordou no corpo, máscara de oxigênio às fossas nasais, massageada na região cardíaca, a fim de se recobrar do demorado desmaio... Sem poder conscientizar-se, descerrou as pálpebras, proferiu uma que outra palavra desconexa e adormeceu, sedada, para o necessário refazimento... A providencial interferência da avó desencarnada afastou o

terrível perseguidor, cuja sanha nefasta não fora aplacada com o insucesso da operação-suicídio.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 19)

“SUICÍDIO E OBSESSÃO. Sem que desejemos encontrar responsáveis diretos pelas desditas que desabam sobre a criatura humana, justo é considerarmos a alta carga de compromissos infelizes com que arca o materialismo, na atual conjuntura moral e social do planeta. Negando os valores éticos, relevantes, da vida, incita ao imediatismo do prazer a qualquer preço e, conformando o utilitarismo como solução para os problemas gerais, tira do espírito os estímulos da coragem nobre, facultando o desbordar das paixões violentas, que irrompem alucinadas, em caudais de revolta e desajuste. Da vida somente preconizando a utilização da matéria, estabelece a guerra pela conquista do gozo, de que o egoísmo se faz elemento essencial. Quando faltam os recursos para os cometimentos que persegue, arroja o homem ao crime, em razão de assentar os seus valores no jogo das coisas a serem conquistadas, aumentando as frestas das competições insanas, nas quais a astúcia e a deslealdade assumem preponderância em forma de comportamento do ser. Obviamente, existem pessoas que militam nas hostes do materialismo e mantêm uma filosofia existencial digna, tanto quanto uma estrutura ética respeitável. Referimo-nos à doutrina, em si mesma que, anulando as esperanças da sobrevivência abrevia as metas da vida, retirando as resistências morais diante do sofrimento e das incertezas, dos acontecimentos desastrosos e das insatisfações de vária gênese. Desarmado de recursos otimistas e sem esperança, o homem não vê outra alternativa senão a do mergulho da consciência nas águas torvas do suicídio nefasto, quando chamado a testemunhos morais para os quais está despreparado. Não apenas isto ocorre, quando o homem estabelece, para o seu comportamento, uma estrutura materialista trabalhada pelo estudo numa reação psicológica contra os postulados religiosos que não abordam ou não enfrentam os problemas graves da vida com os argumentos da razão e da lógica, ainda apelando para a fé destituída de discernimento e de conteúdo científico... Incluimos também os que, desestruturados por fatores sociais, culturais, econômicos e emocionais, embora catalogados como membros de qualquer Igreja, se deixam conduzir por atitudes negadoras, em franco processo de entrega materialista. Frágeis emocionalmente, em presença de qualquer desafio tombam e diante de qualquer infortúnio desfalecem. Não se dão ao trabalho de reflexionar sobre as finalidades da existência física, vivendo, não raro, em expressões do primarismo automatista das necessidades primeiras, sem mais altos voos do pensamento ou da emoção... Uma outra larga faixa dos homens se encontra em vinculação com o *processo revolucionário* do momento, em que

filosofias apressadas e doutrinas ligeiras empolgam os novos aturdidos fiéis, para logo os abandonarem sem as bases sólidas de sustentação emocional, com que enfrentariam as inevitáveis vicissitudes que fazem parte do mecanismo da evolução de todos os aprendizes da escola terrena. Sem os exercícios da reflexão mais profunda, nem os hábitos salutares da edificação do bem em si mesmos, sem a constante da prece como intercâmbio de forças parafísicas, derrapam nas atitudes-surpresas, avançando para o alçapão mentiroso do suicídio. E o fazem de um salto, quando excitados ou em profunda depressão, ou logram alcançá-lo mediante o largo roteiro da alienação em quadros neuróticos, psicóticos, esquizofrênicos... A princípio, o processo, porque instalado nas matrizes da personalidade em decorrência de vidas passadas que foram malogradas, apresenta predisposições que se concretizam em patologias dominadoras, abrindo brechas para as invasões psíquicas obsidentes que se vulgarizam e alastram, dando lugar a uma sociedade ansiosa, angustiada, assinalada por distonias graves... Não desconsiderando os fenômenos de compulsão suicida, de psicoses profundas que afetam as estruturas da personalidade, pululam os intercurtos obsessivos em verdadeiras epidemias que ora grassam, alarmantes... A princípio, manifestam-se como uma ideia que se insinua; doutras vezes, são um relâmpago fulgurante na noite escura dos sofrimentos, como solução libertadora. Posteriormente, fazem-se fixação do pensamento infeliz que se adentra, dominando os painéis da mente e comandando o comportamento, assomando em configuração de ser o autocídio a melhor atitude, mais correta solução ante problemas e desafios. Com o tempo, desaparece a polivalência das conjecturas, surgindo o monoidéismo, em torno do qual giram as demais aspirações que cedem lugar ao dominador psíquico, agora senhor da área do raciocínio que se apaga, para dar campo ao gesto tresvariado, enganoso, sem retorno... A obsessão é clamorosa enfermidade social que domina o moderno pensamento, que desborda do império de fatores dissolventes elaborados pela mecânica do materialismo disfarçado de idealismos voluptuosos, que incendeiam mentes e anestesiam sentimentos.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Painéis da obsessão)

“**SUICÍDIO - SOLUÇÃO INSOLVÁVEL.** O suicídio é remanescente do primitivismo humano, que permanece arrebanhando as vítimas indefensas, que lhe tombam nas urdiduras intrincadas. Decorrencia da revolta espiritual do ser ante as circunstâncias, os acontecimentos e estados da alma que lhe parecem adversos, é a solução enganosa a que se deixa conduzir todos aqueles que preservam os seus conflitos e os fixam na área mental da insatisfação e do desespero sistemático. A ignorância propositada ou a reação consciente aos Estatutos divinos, que pessoa alguma,

na chamada civilização hodierna, pode ignorar, produzem a indiferença pelos valores sublimes da vida, liberando o homem da responsabilidade e do dever de lutar, obstando-lhe a perseverança nos objetivos relevantes a que se deve entregar. Os “instintos agressivos”, não disciplinados, explodem-lhe, em rebelião indômita, em face do menor desgosto real ou imaginário, diante de qualquer insucesso natural em todos os empreendimentos, fazendo que seja estabelecida uma neurose depressiva de culpa ou de transferência, acusando-se e autopunindo-se ou responsabilizando os outros, a sociedade, assim se arrojando no poço sem fundo da autodestruição, que apenas atinge o corpo. Os comportamentos materialistas, em modernas escolas de psicologia, pretendem relacionar o suicídio com baixas cargas da serotonina no cérebro, **facilitando** a compreensão do episódio autocida graças a um neurotransmissor de natureza química. Sem dúvida, nessas dezenas de substâncias químicas que atuam como neurotransmissores no controle da atividade cerebral, respondendo pela área da emoção, defrontamos as **causas** de muitas ocorrências psíquicas, emocionais e físicas. Contudo, são, por sua vez, efeito de outros fatores mais profundos, aqueles que procedem do Espírito que comanda a câmara cerebral, exteriorizando-se na mente e na fisiologia desses microinstrumentos que constituem a sede física do pensamento e de outras igualmente importantes funções da vida humana. É possível que os distúrbios serotônicos respondam pelo ato alucinado, muito embora não deixam de ser o resultado de agentes psicológicos mais sutis e graves, como a angústia, a insegurança, os conturbadores fenômenos psicossociais e econômicos, as enfermidades crucificadoras, o sentimento de desamparo e de perda, todos com sede na alma imatura e ingrata, fraca de recursos morais para sobrepô-los às contingências transitórias desses propelentes ao ato extremo. O espetáculo trágico, todavia, assume gravidade e constrangimento maiores, quando crianças, que ainda não dispõem do discernimento, optam pela aberrante decisão. Amadurecidas precipitadamente, em razão dos lares desajustados e das famílias desorganizadas; atiradas à agressividade e aos jogos fortes que a atual sociedade lhes brinda, extirpando-lhes a infância não vivida, sobrecarregam-se de angústias e frustrações que as desgastam, retirando-lhes da paisagem mental a esperança e o amor. Vazias, desprotegidas do afeto que alimenta os centros vitais de energia e beleza, veem-se sem rumo, fugindo, desditosas, pela porta mentirosa do suicídio. Ademais, grande número delas, suicidas do passado, renascem com as impressões do gesto anterior, e porque desarmadas, na sua quase totalidade, de equilíbrio, vendo, ouvindo e participando dos dramas em que se enleiam os adultos que as não respeitam, antes considerando-as pesados ônus que

devem pagar, repetem o ato infeliz, tombando nas refregas de dor, que posteriormente as trarão de volta em expiações muito laceradoras. Uma análise mais íntima do fenômeno autodestruidor leva também a sutis ou violentas obsessões que o amor enlouquecido e o ódio devastador fomentam, além da cortina carnal.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Suicídio - Solução insolvável)

“**SUICÍDIO SEM DOR.** A cegueira propiciada pelo materialismo, no momento da defecção da matéria, ora identificada como “energia condensada”, tem levado alguns teóricos das filosofias pessimistas a proporem o suicídio como solução para os dissabores, insucessos e sofrimentos defrontados. Fórmula de efeitos contrários, apresenta-se simplista, como se fora constituída de elementos mágicos propiciadores para a equação final e definitiva de todos os acontecimentos da vida. Sonho que se converte em pesadelo inominável, reaparece, na atualidade, sob emulações alucinadas, fascinando os desencorajados na luta e os fracos de resistências morais para os enfrentamentos inevitáveis. Seleccionam e propõem, esses investigadores da ilusão, quais as mais eficazes técnicas para o autocídio sem dor, induzindo as criaturas desnorreadas para o mergulho da consciência no **grande sono**, com o consequente aniquilamento do ser. Tal comportamento, pelo insólito de que se reveste, demonstra a utopia em que foi transformada a vida e a ausência de finalidade a que foi reduzida. Tomando o efeito pela causa, pensa-se em suprimir aquele sem alcançar esta, mais complicando a linha das consequências, por falta da cessação dos fatores que as desencadeiam. Malabaristas do imediatismo, esses pensadores acreditam que a morte do corpo significa o fim da existência, desprezando, na sua rebeldia contumaz e ociosidade emocional contínua, todos os fatos probantes de que o ser real e primitivo é o Espírito, sendo o corpo a indumentária que o reveste temporariamente e de que se serve para um fim útil. Se se detivessem a auscultar a Natureza, diminuindo o tresvario que se permitem, constatariam que o caos e o nada jamais fizeram parte do Cosmo, e que a ordem é a geratriz de todos os fenômenos, causa de todas as ocorrências. Como efeito, nada ou pessoa alguma foge desse equilíbrio, sendo a fraude e a burla desconhecidas nos soberanos códigos da Criação. Nada deve justificar o autocídio, porquanto a sucessão das ocorrências muda a cada instante o quadro em que se vive. O que ora é desgraça, logo cede lugar à esperança; o que se apresenta como disabor, de imediato se converte em bonança; o que se manifesta como desdita, a seguir se modifica para alegria; o que hoje é dor insuportável, amanhã é dor aceitável... Passam as horas e alteram-se as circunstâncias, gerando novos acontecimentos que mudam a paisagem emocional, física, social, econômica e moral do

homem. Lutar por vencer as vicissitudes é inevitável, desde que a própria injunção biológica é uma constante faina, em que nascimento, morte, transformação e ressurgimento se dão por automatismos na maquinaria fisiológica, ensinando à consciência a técnica do esforço para a preservação da vida. [...]” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Suicídio sem dor)

“[...] Novamente, o orador fez oportuna pausa na sua alocução. Enquanto isso ocorria, o meu cérebro esfervilhava de interrogações em torno do tema palpitante. Não havia, porém, tempo para desvincular-me do raciocínio fixado nas suas palavras. Dando continuidade, Dr. Ignácio Ferreira aduziu: - Como a inspiração espiritual se faz em todos os fenômenos da Natureza, inclusive nas atividades humanas, é compreensível que, além das tormentosas obsessões muito bem catalogadas por Allan Kardec, simples, por fascinação e subjugação — os objetivos mantidos pelos perseguidores sejam muito variados. Eis porque as suas maldades abarcam alguns dos crimes hediondos, tais como: autocídios, homicídios, guerras e outras calamidades, face à intervenção que realizam no comportamento de todos aqueles que se afinizam com os seus planos nefastos. Agindo mediante hábeis programações adrede elaboradas, vão conquistando as resistências do seu dependente mental, de forma que, quase sempre, porque não haja uma reação clara e definitiva por parte da sua vítima, alcançam os objetivos morbosos a que se entregam enlouquecidos. “Quando das suas graves intervenções no psiquismo dos seus hospedeiros, suas energias deletérias provocam taxas mais elevadas de serotonina e noradrenalina produzidas pelos neurônios, que contribuem para o surgimento do transtorno psicótico-maníaco-depressivo, responsável pela diminuição do humor e desvitalização do paciente, que fica ainda mais à mercê do agressor. É nessa fase que se dá a indução ao suicídio, através de hipnose contínua, transformando-se em verdadeiro assassinio, sem que o enfermo se dê conta da situação perigosa em que se encontra. Sentindo-se vazio de objetivos existenciais, a morte se lhe apresenta como solução para o mal-estar que experimenta, não percebendo a captação cruel da ideia autocida que se lhe fixa na mente. Não poucas vezes, quando incorre no crime infame da destruição do próprio corpo, foi vitimado pela força da poderosa mentalização do adversário desencarnado. Certamente, há, para o desditoso, atenuantes, em razão do processo malsão em que se deixou encarcerar, não obstante as divinas inspirações que não cessam de ser direcionadas para as criaturas e as advertências que chegam de todo lado, para o respeito pela vida e sua consequente dignificação.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 4)

“**Recomeço difícil e purificador.** [...] Mauro encontrava-se alquebrado. Parecia haver envelhecido

em poucas horas, após a confissão e o sincero arrependimento que o dominava. Embora estivesse em atitude de angústia, buscando Deus com o pensamento, sentia-se confrangido e envergonhado sob o trucidar da culpa. Repassava pela memória os acontecimentos da infância e a figura do genitor se destacava no caleidoscópio das recordações. Apresentava-se hediondo e infernal, debochado e insensível ante a aflição do filho, que submetia à selvageria sem qualquer respeito pelo ser humano ou compaixão pelo rebento da própria carne. À medida que aprofundava a mente nas evocações perturbadoras mais se afligia, não podendo dominar o caudal de lágrimas que lhe escorriam pelas faces ardentes, quase em febre de horror por si mesmo. Vimos, então, acercar-se-lhe um indigitado perseguidor que, se utilizando da angústia que dominava o sacerdote, começou a transmitir-lhe telepaticamente ideias de fuga do corpo físico. O irmão Anacleto, sempre vigilante, solicitou-nos que nos concentrássemos no chakra cerebral do paciente e, ao fazê-lo, pude captar a indução pertinaz e contínua: – A solução para tal crime é o suicídio, porta aberta para a liberdade – pensava o sofredor telementalizado pelo ignorado inimigo oculto. Como enfrentar a vergonha, a humilhação, o opróbrio geral? E se a massa humana, sempre sedenta de sangue, em tomando conhecimento da hediondez resolvesse fazer justiça com as próprias mãos? Nunca faltaria quem desse o primeiro grito em favor do linchamento, e logo as feras se atirariam furiosas contra a vítima que seria destroçada sem qualquer piedade. Só o suicídio poderia resolver-lhe o drama perverso. Fui tomado de espanto ante a habilidade do indigitado inimigo. Ele não se permitia trair, parecendo ser alguém que estivesse interessado na destruição do adversário, inspirando-lhe de tal forma a ideia da morte como se lhe nascesse no íntimo atribulado. Fixando-o, transmitia-lhe a ideia da fuga como solução, fazendo crer tratar-se de uma autorreflexão e nunca de uma autossugestão. Mediante esse comportamento, fazia o enfermo supor que a atitude desejada era lógica e, portanto, credível de aceitação. Mauro recordou-se de uma jovem que lhe trouxera, através da confissão, a narrativa do desespero em que se asfixiava ante a gravidez inesperada de que se encontrava objeto. Repudiada pelo amante que lhe abusara da confiança, e sabendo que a família jamais lhe entenderia a situação, tanto quanto receando os preconceitos sociais então vigentes, recorrera-lhe ao auxílio, por não encontrar outro caminho exceto o do autocídio. Ante o próprio conflito, que já o atormentava na ocasião, tentou dissuadi-la do gesto tresloucado sem muita convicção, sentindo-se fracassado, porque, logo depois, na noite imediata, a infeliz recorrera à morte mediante o gás que abrira e deixara-se anestesiá-lo no quarto de banho, onde antes tivera o cuidado de vedar todas as saídas e

entradas de oxigênio. Reflexionando e, ao mesmo tempo, com a mente invadida pelo algoz, concluía, sem poder perceber que estava sendo vítima de uma consciência entenebrecida: – O suicídio através do gás é repousante, sem dor e sem tormento, facultando ao desditoso adormecer para adentrar-se no país do nada ou no inferno sem retorno. Essa reflexão sacudiu-o, e ele recordou-se da fé religiosa que abraçava, dando-se conta de que não a tinha em alta consideração, como o demonstravam sua conduta e seu pensamento inseguro. Estimulando-o à ação devastadora, o inimigo dá-lhe assenhorando-se do pensamento, com o propósito de tomar-lhe o centro dos movimentos e acioná-lo para que executasse o plano covarde de fuga, quando o Mentor, percebendo a aflição da genitora de Mauro, em pranto e em prece, acercou-se-lhe e esclareceu: – Nesta emergência, vemos apenas uma solução de imediato, que é a querida amiga acercar-se do filho, apresentar-se-lhe, e despertá-lo para a realidade. De imediato, concitou-nos, a mim, a Dilermando e a dona Martina, que nos concentrássemos firmemente, oferecendo-lhe energias próprias para o cometimento, enquanto sugeria-lhe que focasse o campo mental do filho e chamasse-o nominalmente, várias vezes, com o que ela anuiu, confiante. – Mauro, meu filho – chamou com energia a mãezinha desencarnada – desperte! Mauro, ninguém morre. Recorde-se, neste momento, de Jesus. A nova onda mental penetrou o cérebro do aturdido sacerdote, que experimentou um choque vibratório por todo o corpo, percorrendo-o pelo dorso espinal e fazendo-o despertar do letargo doentio. Ante a força poderosa do pensamento de amor aureolado pelas vibrações defluentes da prece, o adversário desencarnado experimentou a forte reação nervosa do paciente que lhe desconectou o plug fixado à mente que lhe ia cedendo campo ao convite desnaturado. Só então percebeu-nos a todos que o contemplávamos com expressão de misericórdia e de compaixão. Experimentando um estado superior alterado de consciência, Mauro pareceu escutar o apelo materno e, inesperadamente, pôde detectá-la à sua frente com os braços distendidos em atitude de quem desejava afaçá-lo, tombando de joelhos e exclamando: – Mamãe, é você ou algum anjo do Senhor que veio em meu socorro? – Sou a tua mãezinha de sempre, que retorna como anteriormente, a fim de ajudar-te neste instante grave da tua existência. O Senhor deseja a morte do pecado, nunca a do pecador. Não há mal para o qual não exista remédio, nem ação nefanda que possa ser considerada irreversível. Para e pensa! O teu é um erro hediondo, mas o amor do Pai é infinito, e pode albergar todos os crimes para diluí-los, ajudando os criminosos a se recuperarem a fim de auxiliarem as vítimas que infelicitaram. O rapaz estava confuso, num misto de alegria e de sofrimento, convulsionado pelo

pranto e ardendo em febre de desespero. Dando prosseguimento, ela se fez mais enfática: – Este é o teu momento de redenção, meu filho. Foi longa a marcha degradante que te permitiste e que agora te exige uma recuperação demorada e de sublimação. Não te recuses ao dever de sorver a taça na qual apenas depositaste fel, vinagre e mirra. É o teu momento de expiar, nunca de fugir para lugar nenhum, porquanto o suicídio somente piorará o quadro das tuas aflições. Aproveita este breve instante e recompõe-te mentalmente, preparando-te para experimentares as mais cruas dores e rudes humilhações, afinal decorrentes dos teus próprios atos, mas que te oferecerão os meios para ajudares a todos quantos feriste os sentimentos de pureza e de dignidade, conferindo-te meios para a ascensão que te aguarda. Entrega-te a Jesus e n'Ele confia. Nunca desfaleças e crê no divino auxílio. Até breve, meu filho! Mauro desejou prolongar aquele colóquio quase sublime, mas não teve tempo, porque a figura veneranda começou a desvanecer-se, deixando a suave sensação de paz no coração dilacerado do jovem, enquanto dúlcidas vibrações de paz invadiam o recinto como resposta dos Céus às aflições e preces da Terra. Não suportando a cena de ternura, o réprobo e perseguidor sandeu retirou-se blasfemando, furibundo. Mauro deitou-se para melhor introjetar tudo quanto lhe acabara de ocorrer e fixá-lo para sempre na memória e no coração. Um lânguido torpor foi-lhe tomando todo o corpo e, poucos minutos após, dormia tranquilamente. A mãezinha feliz, continuou a velá-lo, enquanto, convidados pelo distinto Anacleto, retornamos ao Núcleo onde nos hospedávamos. Nesses comenos, quando seguíamos na direção da Casa de amor e luz, utilizando-me da proverbial bondade do amigo, interroguei-o: – De quem se tratava a Entidade que induzia Mauro ao suicídio? Isto porque, em nossa convivência naqueles poucos dias não tivera oportunidade de conhecê-la? Não se fazendo esperar, o amigo generoso esclareceu: “Conforme nos recordamos, Madame X celebrou-se no período napoleônico pela insensatez e cobiça, utilizando-se da sua mansão-bordel para as extravagâncias, nas quais infelicitou muitas pessoas. O infeliz, que ora a induz ao suicídio, embora se encontre na roupagem carnal de Mauro, é mais um daqueles que foram dilapidados nos sentimentos e trucidados na razão, face ao desbordar de paixões que a infeliz proxeneta de luxo se permitia na sua corte de depravados, na qual misturava favores sexuais com interesses políticos, tornando-se agente de conciliábulos perversos, que mutilaram muitas pessoas... Vitimado, naquele período, pela astúcia de um inimigo junto à política vigente, Madame intermediou a sua queda, conduzindo-o a uma armadilha muito bem urdida, na qual perdeu a existência corporal, além de ter enlameada a memória.” Silenciando rapidamente, concluiu:

– Quando as criaturas derem-se conta da gravidade do crime e das suas consequências, pensarão sempre com muito cuidado antes de assumir ou criar situações perversas e infelicitadoras para as outras, que sempre redundarão em desdita para si mesmas.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 10)

VI.2. Efeitos do suicídio no corpo espiritual e na reencarnação (corpo físico)

“DESGOSTO DA VIDA. SUICÍDIO. [...] 957. *Quais, em geral, com relação ao estado do Espírito, as consequências do suicídio?* “Muito diversas são as consequências do suicídio. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência a que o suicida não pode escapar; é o *desapontamento*. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.” A observação, realmente, mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a consequência da interrupção brusca da vida. Há, primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos. (155 e 165) A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que devia durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das consequências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu. Assim é que certos Espíritos, que foram muito desgraçados na Terra, disseram ter-se suicidado na existência precedente e submetido voluntariamente a novas provas, para tentarem suportá-las com mais resignação. Em alguns, verifica-se uma espécie de ligação à matéria, de que inutilmente procuram desembaraçar-se, a fim de voarem para mundos melhores, cujo acesso, porém, se lhes conserva interdito. A maior parte deles sofre o pesar de haver feito uma coisa inútil,

pois que só decepções encontram. A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.” (AK, *O livro dos espíritos*, Quarta parte, Capítulo I)

“Desejávamos avistar o pequeno Júlio, que havia desencarnado por afogamento. Blandina, que em plena juventude trazia nos olhos os característicos de sublime madureza de espírito, respondeu gentilmente: – Ah! Com muito prazer! E, encaminhando-nos a iluminada peça, ornamentada de róseos enfeites, onde um menino repousava num leito muito branco, explicou, sem afetação: – Nosso Júlio, até hoje, ainda não se refez completamente. Ainda grita sob pesadelos inquietantes, como se estivesse a sofrer sob as águas. Chama pelo pai constantemente, apesar de parecer mais receptivo ao nosso carinho. Insiste pela volta a casa, todos os dias. Acercamo-nos do berço largo em que descansava. O menino lançou-nos um olhar de atormentada desconfiança, mas, contido pela ternura da irmã que o assistia, permaneceu mudo e impassível. – Ainda não se mostrou em condições de partilhar os estudos com os outros? – perguntou o Ministro, interessado. – Não – informou a interpelada, solícita –, aliás, os nossos benfeitores Augusto e Cornélio, que nos amparam frequentemente, são de parecer que ele não conseguirá adquirir aqui qualquer melhora real, antes da reencarnação que o aguarda. Traz a mente desorganizada por longa indisciplina. Bem-humorada, acrescentou: – É um paciente difícil. Felizmente, dispomos da cooperação de nossa devotada Mariana, que o adotou por filho espiritual, até que retorne ao lar terrestre. Foi preciso segregá-lo neste quarto, tamanha é a gritaria a que se entrega por vezes. – Mas não tem recebido o tratamento magnético aconselhável? – indagou Clarêncio, atencioso. – Diariamente recebe o auxílio necessário – esclareceu Blandina, com humildade –, eu mesma sou a enfermeira. Passes e remédios não faltam. – E a irmã conhece o caso em suas particularidades? – Sim, conheço. Eulália tem vindo até nós. Lastimo que a mãezinha de nosso doente não esteja em condições de ampará-lo. Creio que o curso dela poderia insuflar-lhe novas forças. Entretanto, com exceção da irmãzinha que se lembra dele nas orações, ninguém mais da família o ajuda. – Mãezinha!

Mãezinha... – clamou o pequeno, em voz rouca, erguendo-se e enlaçando Blandina, pálido e inquieto. – Que te incomoda, meu filho? Dói-me a garganta... – lamentou-se o rapazinho. A jovem benfeitora abraçou-o, osculando-lhe os cabelos, e recomendou: – Não te aflijas. Como é que um moço de teu valor pode chorar, assim por nada? Imagina! Temos três médicos em casa. É impossível que a dor não fuja apressada. Logo após, sentou-o numa poltrona e solicitou a colaboração de Clarêncio. O Ministro, cuidadoso, pediu-lhe abrisse a boca e, surpreendidos, notamos que a fenda glótica, principalmente na região das cartilagens aritenóides, apresentava extensa chaga. O orientador aplicou-lhe recursos magnéticos especiais e, em poucos instantes, Júlio voltou à tranquilidade. – Então? – falou Blandina, amparando-o, afetuosa – onde está agora a garganta dolorida? E, visivelmente satisfeita, acrescentou: – Já agradeceste ao nosso benfeitor, meu filho? O menino, hesitante, caminhou para o Ministro, beijou-lhe a destra com respeitoso carinho e balbuciou: – Muito agradecido. Blandina ia dizer algo, mas Júlio correu para o seu regaço, choramingando: – Mãezinha, tenho sono... A abnegada jovem acolheu-o, com ternura, reconduzindo-o ao repouso. Quando tornou à sala, Clarêncio informou que doara ao enfermo energias anestésicas. Notara-o fatigado, resolvendo, por isso, induzi-lo ao descanso. E, talvez porque nos percebesse o cérebro esfogueado de indagações, quanto àquela minúscula garganta ferida, depois da morte do corpo, o Ministro explicou: – É pena. Júlio envolveu-se em compromissos graves. Desentendendo-se com alguns laços afetivos do caminho, no século passado, confiou-se a extrema revolta, aniquilando o veículo físico que lhe fora emprestado por valiosa bênção. Rendendo-se à paixão, sorveu grande quantidade de corrosivo. Salvo, a tempo, sobreviveu à intoxicação, mas perdeu a voz, em razão das úlceras que se lhe abriram na fenda glótica. Ainda aí, não se conformando com o auxílio dos colegas que o puseram fora de perigo, alimentou a ideia de suicídio, sem recuar. Foi assim que, não obstante enfermo, burlou a vigilância dos companheiros que o guardavam e arrojou-se a funda corrente de um rio, nela encontrando o afogamento que o separou do envoltório carnal. Na vida espiritual, sofreu muito, carregando consigo as moléstias que ele mesmo infligira à própria garganta e os pesadelos da asfixia, até que reencarnou, junto das almas com as quais se mantém associado para a regeneração do pretérito. Infelizmente, porém, encontra dificuldades naturais para recuperar-se. Lutará muito, antes de incorporar-se a novo patrimônio físico. Registrávamos aqueles apontamentos com dolorosa admiração. Uma criança doente é sempre um espetáculo comovedor. Não nos atrevíamos a manifestar nossos pensamentos de estranheza, todavia, o prestimoso amigo, assinalando-nos

decerto as dúvidas, acentuou: – Há poucos instantes, comentávamos a sublimidade da Lei. Ninguém pode trair-lhe os princípios. A Bondade Divina nos assiste, de múltiplas maneiras, amparando-nos o reajustamento, mas em todos os lugares viveremos jungidos às consequências dos próprios atos, de vez que somos herdeiros de nossas próprias obras.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 9)

“Atingíramos a graciosa residência de Blandina. Entramos. O choro de Júlio infundia compaixão. Após saudarmos a devotada Mariana, que o assistia com desvelo maternal, o Ministro examinou-o e notificou à irmã Blandina, algo inquieta: – Estejamos tranquilos. Espero conduzi-lo à reencarnação em breves dias. – Sim, essa providência não deve tardar – considerou nossa amiga, atenciosa. Assinalando-nos decerto a curiosidade, de vez que também percebia Hilário interessado em adquirir informações e conhecimentos em torno dos problemas que anotávamos de perto, o instrutor convidou-nos a observar a infortunada criança, comunicando: – Como não desconhecem, o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado. Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o “habitat” que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório. Cada qual de nós respira em determinado tipo de onda. Quanto mais primitiva se revela a condição da mente, mais fraco é o influxo vibratório do pensamento, induzindo a compulsória aglutinação do ser às regiões da consciência embrionária ou torturada, onde se reúnem as vidas inferiores que lhe são afins. O crescimento do influxo mental, no veículo eletromagnético em que nos movemos, após abandonar o corpo terrestre, está na medida da experiência adquirida e arquivada em nosso próprio espírito. Atentos a semelhante realidade, é fácil compreender que sublimamos ou desequilibramos o delicado agente de nossas manifestações, conforme o tipo de pensamento que nos flui da vida íntima. Quanto mais nos avizinhamos da esfera animal, maior é a condensação obscurecente de nossa organização, e quanto mais nos elevamos, ao preço de esforço próprio, no rumo das gloriosas construções do espírito, maior é a sutileza de nosso envoltório, que passa a combinar-se facilmente com a beleza, com a harmonia e com a luz reinantes na Criação Divina. [...] O instrutor fez pequena pausa de repouso e prosseguiu: – Não podemos olvidar, porém, que o nosso veículo sutil, tanto quanto o corpo de carne, é criação mental no caminho evolutivo,

tecido com recursos tomados transitoriamente por nós mesmos aos celeiros do Universo, vaso de que nos utilizamos para ambientar em nossa individualidade eterna a divina luz da sublimação, com que nos cabe demandar as esferas do Espírito Puro. Tudo é trabalho da mente no espaço e no tempo, a valer-se de milhares de formas, a fim de purificar-se e santificar-se para a Glória Divina. Clarêncio afagou a garganta doente do menino, dando-nos a ideia de que nela fixava o objeto de nossas lições, e aduziu: – Quando a nossa mente, por atos contrários à Lei Divina, prejudica a harmonia de qualquer um desses fulcros de força de nossa alma, naturalmente se escraviza aos efeitos da ação desequilibrante, obrigando-se ao trabalho de reajuste. No caso de Júlio, observamo-lo como autor da perturbação no “centro laríngeo”, alteração que se expressa por enfermidade ou desequilíbrio a acompanhá-lo fatalmente à reencarnação. – E como sanará ele semelhante deficiência? – perguntei, edificado com os esclarecimentos ouvidos. Com a serenidade invejável de sempre, o Ministro ponderou: – Nosso Júlio, de atenção encadeada à dor da garganta, constrangido a pensar nela e padecendo-a, recuperar-se-á mentalmente para retificar o tônus vibratório do “centro laríngeo”, restabelecendo-lhe a normalidade em seu próprio favor. E decerto para gravar, com mais segurança, a elucidação, concluiu: – Júlio renascerá num equipamento fisiológico deficitário que, de algum modo, lhe retratará a região lesada a que nos reportamos. Sofrerá intensamente do órgão vocal que, sem dúvida, se caracterizará por fraca resistência aos assaltos microbianos e, em virtude de o nosso amigo haver menosprezado a bênção do corpo físico, será defrontado por lutas terríveis, nas quais aprenderá a valorizá-lo.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 20)

“– Marina veio de nossa Mansão para auxiliar a Jorge e Zilda, dos quais se fizera devedora. No século passado, interpôs-se entre os dois, quando recém-casados, impelindo-os a deploráveis leviandades que lhes valeram angustiosa demência no Plano Espiritual. Depois de longos padecimentos e desajustes, permitiu o Senhor que muitos amigos intercedessem, junto aos Poderes Superiores, para que se lhes recompusesse o destino, e os três renasceram no mesmo quadro social, para o trabalho regenerativo. Marina, a primogênita do lar de nossa irmã Luisa, recebeu a incumbência de tutelar a irmãzinha menor, que assim se desenvolveu ao calor de seu fraternal carinho, mas, quando moças feitas, há alguns anos, eis que, segundo o programa de serviço traçado antes da reencarnação, a jovem Zilda reencontra Jorge e reatam, instintivamente, os elos afetivos do pretérito. Amam-se com fervor e confiam-se ao noivado. Marina, porém, longe de corresponder às promessas esposadas no Mundo Maior, pelas quais lhe cabia amar o mesmo homem, no silêncio da renúncia

construtiva, amparando a irmãzinha, outrora repudiada esposa, nas lutas purificadoras que a atualidade lhe ofertaria, passou a maquinar projetos inconfessáveis, tomada de intensa paixão. Completamente cega e surda aos avisos da sua consciência, começou a envolver o noivo da irmã em larga teia de sedução e, atraindo para o seu escuso objetivo o apoio de entidades caprichosas e enfermiças, por intermédio de doentios desejos, passou a hipnotizar o moço, espontaneamente, com o auxílio dos vampiros desencarnados, cuja companhia aliciara sem perceber... E Jorge, inconscientemente dominado, transferiu-se do amor por Zilda à simpatia por Marina, observando que a nova afetividade lhe crescia assustadoramente no íntimo, sem que ele mesmo pudesse controlar-lhe a expansão... Decorridos breves meses, dedicavam-se ambos a encontros ocultos, nos quais se comprometeram um com o outro na maior intimidade... Zilda notou a modificação do rapaz, mas procurava desculpar-lhe a indiferença à conta de cansaço no trabalho e dificuldades na vida familiar. Todavia, em faltando apenas duas semanas para a realização do consórcio, surpreende-se a pobrezinha com a inesperada e aflitiva confissão... Jorge expõe-lhe a chaga que lhe excrucia o mundo interior... Não lhe nega admiração e carinho, mas desde muito reconhece que somente Marina deve ser-lhe a companhia no lar. A noiva preterida sufoca o pavoroso desapontamento que a subjuga e, aparentemente, não se revolta. Mas, introvertida e desesperada, consegue na mesma noite do entendimento a dose de formicida com que põe termo à existência física. Alucinada de dor, Zilda desencarnada foi recolhida por nossa irmã Luísa, que já se achava antes dela em nosso mundo, admitida na Mansão pelos méritos maternos. A genitora desditosa rogou o amparo de nossos Maiores. Na posição de mãe, apiedava-se de ambas as jovens, de vez que a filha traidora, aos seus olhos, era mais infeliz que a filha escarnecida, embora esta última houvesse adquirido o grave débito dos suicidas, em seu caso atenuado pela alienação mental em que a moça se vira, sentenciada sem razão a inqualificável abandono... Examinado o assunto, carinhosamente, pelo Ministro Sânzio, que conhecemos pessoalmente, determinou ele que Marina fosse considerada devedora em conta agravada por ela mesma. E, logo após a decisão, providenciou a fim de que Zilda fosse recambiada ao lar para receber aí os cuidados merecidos. Marina falhará na prova de renúncia em favor da irmã que lhe era credora generosa, mas condenara-se ao sacrifício pela mesma irmãzinha, agora imposta pelo aresto da Lei ao seu convívio, na situação de filha terrivelmente sofredora e imensamente amada. Foi assim que Jorge e Marina, livres, casaram-se, recolhendo da Terra a comunhão afetiva pela qual suspiravam; entretanto, dois anos após o enlace, receberam Zilda em rendado

berço, como filhinha estremecida. Mas... desde os primeiros meses do rebento adorado, identificaram-lhe a dolorosa prova. Zilda, hoje chamada Nilda, nasceu surda-muda e mentalmente retardada, em consequência do trauma perispirítico experimentado na morte por envenenamento voluntário. Inconsciente e atormentada nos refolhos do ser pelas recordações asfixiantes do passado recente, chora quase que dia e noite... Quanto mais sofre, porém, mais ampla ternura recolhe dos pais que a amam com extremados desvelos de compaixão e carinho... A vida corria-lhes regularmente, não obstante atribulada pelas provas naturais do roteiro, quando, há meses, Jorge foi apartado para o leprosário, onde se encontra em tratamento. Desde então, entre o esposo doente e a filhinha infeliz, Marina, em seu débito agravado, padece o abatimento em que a encontramos, martelada igualmente pela tentação do suicídio. Silenciou o Assistente.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 12)

“Desencarnação. – *Podemos considerar a desencarnação da alma, em plena infância, como sendo uma punição das Leis Divinas, na maioria das vezes?* – Muitas existências são frustradas no berço, não por simples punição externa da Lei Divina, mas porque a própria Lei Divina funciona em todos nós, desde que todos existimos no hausto do Criador. Frequentemente, através do suicídio, integralmente deliberado ou do próprio desregramento, operamos em nossa alma desequilíbrios, quais tempestades ocultas, que desencadeamos, por teimosia, no campo da natureza íntima. Cargas venenosas, instrumentos perfurantes, projéteis fulminatórios, afogamentos, enforcamentos, quedas calculadas de grande altura e multiformes, viciações com que as criaturas responsáveis arruinam o próprio corpo ou o aniquilam, impondo-lhe a morte prematura, com plena desaprovação da consciência, determinam processos degenerativos e desajustes nos centros essenciais do psicossoma, notadamente naqueles que governam o córtex encefálico, as glândulas de secreção interna, a organização emotiva e o sistema hematopoiético. Ante o impacto da desencarnação provocada, semelhantes recursos da alma entram em pavoroso colapso, sob traumatismo para o qual não há termo correlato na diagnose terrestre. Indescritíveis flagelações, que vão da inconsciência descontínua à loucura completa, senhoreiam essas mentes torturadas, por tempo variável, conforme as atenuantes e agravantes da culpa, induzindo as autoridades superiores a reinterná-las no plano carnal, quais enfermos graves, em celas físicas de breve duração, para que se reabilitem, gradativamente, com a justa cooperação dos Espíritos reencarnados, cujos débitos com eles se afinem. Eis porque um golpe suicida no coração, acompanhado pelo remorso, causará comumente diátese hemorrágica, com perda considerável da protrombina

do sangue, naqueles que renascem para tratamento de recuperação do corpo espiritual em distonia; o auto envenenamento ocasionará, nas mesmas condições, deploráveis desarmonias nas regiões psicossomáticas correspondentes à medula vermelha, conturbando o nascimento das hemácias, tanto em sua evolução intravascular, dentro dos sinusoides, como também na sua constituição extra vascular, no retículo, gerando as distrofias congênitas do eritrônio com hemopatias diversas; os afogamentos e enforcamentos, em identidade de circunstâncias, impõem naqueles que os provocam os fenômenos da incompatibilidade materno-fetal, em que os chamados fatores Rh, de modo geral, após a primeira gestação, permitem que a hemolisina alcance a fronteira placentária, sintonizando-se com a posição mórbida da entidade reencarnante, a se externarem na eritroblastose fetal, em suas variadas expressões; e o voluntário esfacelamento do crânio, a queda procurada de grande altura e as viciações do sentimento e do raciocínio estabelecem no veículo espiritual múltiplas ocorrências de arritmia cerebral, a se revelarem nos doentes renascituros, através da eclampsia e da tetania dos latentes, da hidrocefalia, da encefalite letárgica, das encefalopatias crônicas, da psicose epilética, da idiotia, do mongolismo e de várias morbozes oriundas da insuficiência glandular. Claro está que não relacionamos nessa sucinta apreciação os problemas do suicídio associado ao homicídio, os quais, muita vez, se fazem seguidos, em reencarnação posterior do infeliz, por lamentáveis reações, com a morte acidental ou violenta na infância, traduzindo estação inevitável no ciclo do resgate. No que tange, porém, às moléstias mencionadas, surgem todas elas nos mais diferentes períodos, crestando a existência do veículo físico, via de regra, desde a vida “in útero” até os dezoito e vinte anos de experiência recomeçante e, como vemos, são doenças secundárias, porquanto a etiologia que lhes é própria reside na estrutura complexa da própria alma. Urge ainda considerar que todos os enfermos dessa espécie são conduzidos a outros enfermos espirituais – os homens e as mulheres que corromperam os próprios centros genésicos pela delinquência emotiva ou pelos crimes reiterados do aborto provocado, em existências do pretérito próximo, para que, servindo na condição de atendentes e guardiães de companheiros que também se conspurcaram perante a Eterna Justiça, se recuperem, a seu turno, regenerando a si mesmos pelo amoroso devotamento com que lutam e choram, no amparo aos filhinhos condenados à morte, ou atormentados desde o berço. Segundo observamos, portanto, as existências interrompidas, no alvorecer do corpo denso, raramente constituem balizas terminais de prova indispensável na senda humana, porque, na maioria dos sucessos em que se evidenciam, representam cursos rápidos de socorro ou tratamento do corpo

espiritual desequilibrado por nossos próprios excessos e inconseqüências, compelindo-nos a reconhecer, com o Apóstolo Paulo [1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 6º, versículos 19 e 20. (Nota do Autor espiritual)], que o nosso instrumento de manifestação, seja onde for, é templo da Força Divina, por intermédio do qual, associando corpo e alma, nos cabe a obrigação de aperfeiçoar-nos, aprimorando a vida, na exaltação constante a Deus.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 17)

“O assistente Ambrósio e os demais cooperadores desencarnados se encarregavam de localizar os recém-chegados na sala de trabalhos, enquanto o Benfeitor Saturnino cuidava das providências finais. Concluídas as tarefas preliminares, deu entrada no recinto, em sono hipnótico, carinhosamente trazida por dois enfermeiros espirituais, a Entidade que se comunicara horas antes. Embora o ressonar agitado, o visitante refletia a angústia em que se debatia, deixando ver as marcas profundas em ulcerações na região da glote, que se apresentava purulenta, assinalando os danos cruéis do autocídio injustificável. Localizado em leito próximo, continuou assistido pelos que o trouxeram. [...]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 2)

[...] “A nossa Ermance era portadora de deficiência cardíaca, resultante de fatores cármicos, quando, em vida pregressa, acionara uma arma de fogo contra o peito, suicidando-se, método de fuga impensado, numa conjuntura afetiva afligente. Os tecidos sutis do perispírito, lesados pela violência, impuseram ao corpo, nesta última roagem da qual se libertava, a modelagem de uma bomba cardíaca deficiente. “De organização física frágil, aos 18 anos, era portadora de uma beleza líria e enternecedora. [...] O médico fez uma pausa, fitando a desencarnada, de semblante marmóreo, imóvel e prosseguiu: - Em razão do débito para com a Vida, quando subtraiu vários anos, graças à fuga espetacular pelo autocídio, não seria longa a sua atual reencarnação. Poderia lograr alguma moratória, caso estivesse engajada em qualquer atividade de elevado teor, que a necessitasse por mais tempo...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 8)

“Na reunião para aquela noite estava programada uma tarefa, que a irmã Emerenciana denominara “socorro de libertação”. Seguindo a praxe ritualística da Casa, após a abertura dos trabalhos, ela psicofonicamente elucidou que a gravidade do cometimento exigia muito esforço e dedicação dos companheiros encarnados, razão por que teria lugar na esfera mediúnica, mediante a cooperação dos membros mais dedicados do Grupo. Antenor, em razão das suas amplas possibilidades na psicofonia, fora programado para intermediário da comunicação. Percebendo-me as interrogações íntimas, o irmão Felinto acudiu-me, esclarecendo: — Trata-se de um paciente de nossa Casa,

filho do Diretor-Presidente da Instituição. Vítima de pertinaz obsessão, a que faz jus, não granjeou títulos de enobrecimento para que o problema tivesse a solução conforme o desejo de todos, particularmente dos pais, que são abnegados trabalhadores do bem e portadores de méritos valiosos. Todavia, há circunstâncias e ocorrências que não puderam ser solucionadas da forma como é considerada a saúde na Terra. Hoje, cremos, se dará o desfecho da trama que se arrasta por muito tempo. O genitor do paciente será o encarregado da doutrinação do inimigo do seu filho. Vem esperando por este momento com grande ansiedade, sem dar-se conta do que realmente irá acontecer. A psicossfera que se respirava era salutar e de alta saturação benéfica. A irmã Emerenciana, que se afastara do médium, agora conduzia indigitado sofrimento, que foi atraído ao perispírito de Antenor, de imediato entrando em estertores e transfigurando, a pouco e pouco, a face do médium e o seu conjunto: expressão, gestos, voz. — Nunca o perderei! — exclamou, em agonia dolorosa. Um senhor, com pouco menos de cinquenta anos, aproximou-se, visivelmente emocionado. Estava aureolado por tênue claridade. A Mentora influenciava-o psiquicamente com vigor. Dele se irradiava envolvente bondade natural, que nos despertou imediata simpatia. — Não te pedimos que o perdoes — disse, com a voz ligeiramente trêmula. — Rogamos que lhe dê oportunidade de reparar os males que praticou em relação a ti e àqueles a quem amas. Sem querer justificá-lo, digo-te, que ele estava louco. O traidor, que roubava a confiança e estrangula a amizade, nas forças do seu crime, encontra-se fora de si. Basta que tenhas piedade e lhe concedas o que a ti ele não ofereceu, levando-te a este estado... — Só palavras, que em nada modificam a situação. Você tem o direito de interceder por ele: é seu filho, o infame que a mim desgraçou. — Eu o sei e me apiedei de vós ambos. Choro o meu filho infeliz e lamento por ti, meu pobre irmão. Ele acaba de completar vinte anos e já se vão dezesseis de dores inomináveis para nós e para ele. Quando se iniciou a doença, ele foi, a pouco e pouco, perdendo os recursos da fala, da compreensão, enquanto se lhe aumentava a agressividade, a irritação, a pardo retardamento mental... Tu falas de dor, todavia, sem desejar relacionar sofrimentos, sua mãe e eu, desde então, nunca mais pudemos repousar à noite, pois é quando mais ele se excita e se desespera... Acostumamo-nos a quase não dormir. Ali está ela, chorando conosco. Olha-a, desfigurada e triste, sofrida e extenuada, sem ódio por ti, que trouxeste, através do nosso filho, desventura ao nosso lar. Quantas vezes ele nos bateu na face! Quantas outras, tu lhe tomaste as mãos e nos agrediste também! A princípio, não sabíamos o de que se tratava. Criamos apenas no diagnóstico médico, que afirmava ser um incurável distúrbio neurológico, que

lhe lesara grandes áreas orgânicas. Da aflição inicial e da amargura que nos tomou, passamos à piedade... Quando a fé em Deus e na Sua justiça nos clareou a noite das dores, ante a certeza da reencarnação e da sobrevivência do Espírito à morte física, passamos a amá-lo e a ter mais coragem... Não me tente sensibilizar - interrompeu-o, congestionado —, pois que isto mais me revolta. Ele é seu filho querido, porém traiu-me, roubando-me Iara, filha amada, a quem corrompeu e desgraçou, levando-a ao suicídio... E se passava como meu amigo, a quem abri a minha casa e lhe concedi a honra que não merecia, de conviver com a minha família. Cada um de nós, agora, zela e luta por seu próprio filho. Nunca mais soube dela, a filha, a quem ele destruiu... Ao referir-se à causa da desventura, o choro convulsivo dominou-o de forma irrefreável. A uma orientação mental da Diretora que conduzia o pensamento do genitor sofrido, a irmã Anita aplicou, no comunicante, energias tranquilizadoras, diminuindo-lhe o desespero e mantendo a harmonia nos aparelhos nervoso e respiratório do médium, afetados pela ingestão dos fluidos tóxicos, que os sobrecarregavam. — O nosso — continuou o doutrinador, comovido — não é o desejo de inocentar o criminoso, não obstante, queremos impedir que o irmão venha a tomar em erro equivalente, porquanto somente a Deus compete a equação destes problemas, em razão da Sua Sabedoria infinita, que dispõe de meios para regularizar os males, sem engendrar outros semelhantes ou piores. Falas do suicídio da filhinha, que teve os sonhos de menina trucidados pela ignorância do sedutor; no entanto, conforme não desconheces, ele também sucumbiu sob a sanha da mesma alucinação, interrompendo, anos mais tarde, a existência corporal, varando o cérebro com uma bala destruidora. Com aquela atitude originou-se a paralisia em que se amarra, porém, com a tua vingança, ele sofre mais amplos limites mentais... — Não é assim — cortou-lhe a palavra. — A sua limitação é resultado do tiro que lhe afetou a razão, destruindo o órgão dela encarregado. — Comprazo-me em descobrir que conheces a Lei de Causa e Efeito, mas surpreendo-me por constatar que, não obstante a identifiques, permaneces desafiando-a hoje, a fim de sofrê-la amanhã... A elucidação oportuna colheu o interlocutor desavisado com grande impacto. — E certo — deu prosseguimento — que o cérebro atingido, em face do gesto de revolta contra a vida, deixou impressões no perispírito, que lhe modelou a nova usina mental com as deficiências correspondentes à ação nefasta... Apesar disso, porque o afliges, Espírito-a-Espírito, o enlouqueces e, em razão da tua presença ameaçadora, ele se debilita, o que te permite tomá-lo e agredir-nos, arrojando-o contra as paredes, os objetos e o solo... Se tiveres misericórdia e o deixares por um pouco, ele prosseguirá encarcerado

nas grades do suicídio, porém, menos desditoso, podendo pensar, além do uso do cérebro danificado, e compreenderá a sabedoria e a necessidade do sofrimento, Vê-lo-ás padecendo, se isto te faz bem... — E certo que me agradará, todavia não terei o prazer de saber-me ser quem lhe inflige a cobrança, quem o submete, a fim de que nunca mais traia ou desgrace a quem quer que seja. É isto, o gosto da vingança! — Um gosto ácido, que igualmente queima e requeimará quem o liba. Aproveita-te deste momento, nós te pedimos por Jesus-Cristo, o assassinado sem culpa, que perdoou e volveu a amparar os que o negaram, traíram e lhe esqueceram todos os benefícios. — Não o farei! Jesus foi crucificado porque desafiou as leis então vigentes. Pagou, através da morte, os ideais da sua vida. — Então, eu te rogo, em nome da Mãe dele, sem culpa alguma, cujo crime único foi ser genitora extremada e nada poder fazer em favor do Filho, cuja missão e grandeza, em sua humildade, talvez não tivesse o conhecimento, na sua total dimensão, porém, daria a sua pela vida dele. Pedimos-te, portanto, em Seu nome, e em homenagem a esta mãe, também crucificada na agonia... O perseguidor recebeu o apelo com um grande choque e titubeou. Tratava-se de um Espírito lúcido, que agia conscientemente e conhecia a realidade na qual se encontrava. Nesse ínterim, a irmã Anita se afastara, agora retornando com uma Entidade adormecida, que se encontrava na faixa etária dos dezesseis anos, reencarnada e portadora de suave beleza assinalada por funda melancolia. Quase incorporando o doutrinador, a irmã Emerenciana, que tomara a providência de mandar buscar a jovem, em Espírito, falou: — Indagas pela filhinha, a quem não tens visto desde aquela época, a da desventura, a ela que tanto te deixou magoado, a ponto de odiá-la por algum tempo. Pois bem, ei-la que aqui está. Voltou à carne e é surda-muda, resgatando no silêncio o engano da alucinação suicida. A irmã Anita aproximou-se de Antenor mediunizado e apresentou a jovem, carregada, que foi despertada carinhosamente. Estava na mesma idade em que se evadira do lar e conservava, de alguma forma, os traços da anterior louçania, vários rasgos faciais... Ela descerrou os olhos e os espraizou em volta, sem compreender o que se passava, amparada pela senhora desencarnada, que a conduzia. O genitor reconheceu-a e foi, abruptamente, vencido por diferentes emoções. Ajoelhou-se, fazendo o médium, automaticamente, tomar a mesma postura, numa atitude familiar a determinados cultos religiosos e posições emocionais. Abraçando as pernas da filha e chorando, explicitou: — Perdoa-me, filha querida, perdoa-me! Quanta dor e saudade!... Oh! Deus, quanta dor, ainda!... As lágrimas embargaram-lhe a voz. O doutrinador tomou as mãos do médium e o ergueu, esclarecendo: — Deus é amor e te traz a filhinha de volta. Embora reencarnada,

poderás agora acompanhá-la, ajudá-la, e reparar, também, os teus erros. Terás sido, por acaso, um pai sem falha? Não terá ela saído do lar, a fim deliberar-se um pouco da tua opressão? Medita! O Espírito, ali trazido, lentamente, foi recobrando a lucidez e, envolvido pelas vibrações do antigo genitor e pelas forças psíquicas da irmã Anita, balbuciou, a medo: — Pa...pai!... Onde... estou? Os dois abraçaram-se, sustentados pelos Benfeitores presentes, enquanto alguns membros encarnados da reunião participavam, comovidos, ante o feliz evento, contribuindo, desse modo, com altas cargas de energia útil para o tentame. — Agradece, meu irmão, este momento — propôs-lhe o genitor da vítima. — Agradeçamos todos, e, como sinal do teu reconhecimento, liberta a quem te fez infeliz. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 19)

“Os Drs. Carneiro e Hermann acercaram-se da paciente e a examinaram com cuidado, carinho e unção. Comentaram que se tratava de um processo leucêmico mieloide, resultante da proliferação dos elementos sanguíneos que se originam na medula óssea, tais como os granulócitos, os basófilos, assim como dos seus precursores, os mielócitos e mieloblastos, tanto quanto por esplenomegalia, resistente às terapêuticas convencionais. Inclusive, no momento, já não faziam efeito as transfusões de sangue nem de plasma... Tratava-se de um fenômeno cármico de grave procedência, já em fase terminal. Febril e dorida, a criança choramingava, movimentando-se na mesa em tentativa inútil de encontrar uma posição menos desconfortável. O quadro comovia. A mãezinha, sofrida, chorava discretamente. O especialista desenganara os genitores, já que, do ponto de vista médico, não havia esperanças. As terapêuticas mais avançadas que foram aplicadas redundaram inócuas... Assim, eles recorriam a um milagre impossível de acontecer, e onde não era factível solução alguma que pudesse minorar o problema. O Dr. Carneiro concentrou-se na pequena paciente e penetrou-lhe os arcanos existenciais do passado, identificando a causa degeneradora do lamentável processo orgânico. Após alguns segundos, elucidou-nos preocupado: — O tempo de que dispõe a nossa pequena paciente é limitado. No máximo sobreviverá por três dias, já que as suas forças se encontram minadas pelo processo avassalador. Fazendo uma pausa oportuna, prosseguiu: — Nossa pequena Rosaly retornou ao lar do qual se evadira no século passado por lamentável suicídio. Os seus genitores atuais eram-no igualmente naquela ocasião, quando, insubmissa, apaixonou-se por um jovem inescrupuloso, contra o qual se voltaram os pais, proibindo-a de levar adiante o romance impossível de alcançar um desfecho feliz. Inexperiente e impulsiva, atritou com os genitores, os quais, após demorados diálogos, resolveram interná-la em um convento, na pressuposição de salvá-la do explorador,

que aguardava expressivo dote com a intenção de abandoná-la, assim que se cansasse da novidade. “A solução, porém, foi malsucedida, porque a jovem, apesar de vigiada, burlou os cuidados de que era objeto e, subindo à torre da capela, de lá se atirou, fraturando o crânio, danificando o pescoço e a medula, já que se arrojou de cabeça para baixo...” “O golpe afetou os pais terrivelmente, que lentamente sucumbiram ao peso da amargura resultante da perda da filhinha única. “Ao retornarem à Espiritualidade e buscá-la, tomaram conhecimento do calvário que ela padecia. Empenharam-se em resgatá-la, conseguindo-o graças à intercessão de veneráveis benfeitores. “Comprometeram-se a recebê-la novamente, embora soubessem que seria por breve período, já que se fanaria na flor da infância...” “Cercaram-na de carinho, temendo sempre perdê-la outra vez.” Silenciou, compungido, e pudemos notar-lhe os olhos marejados de pranto.” (MPM, *Trilhas da liberdade*, Últimas advertências)

VI.3. Sofrimentos do suicida após a morte

“**O PASSAMENTO. 1.** A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte, em si, mas o momento da transição. Sofremos ou não nessa passagem? Por isso se inquietam, e com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la, e, por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la. **2.** Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas. Quem poderá, no entanto, esclarecer-nos a tal respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação entre a alma e o corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo quando a Ciência e a Religião se calam? E calam-se porque lhes falta o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito e da matéria, parando uma nos umbrais da vida espiritual e a outra nos dá vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas e só ele pode dizer-nos como se opera a transição, quer pelas noções mais positivas da natureza da alma, quer pela descrição dos que deixaram este mundo. O conhecimento do laço fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse e de muitos outros fenômenos. **3.** A insensibilidade da matéria inerte é um fato e só a alma experimenta sensações de dor e de prazer. Durante a vida, toda a desagregação material repercute na alma, que por este motivo recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma e não o corpo quem sofre, pois este não é mais que

instrumento da dor: — aquela é o paciente. Após a morte, separada a alma, o corpo pode ser impunemente mutilado que nada sentirá; aquela, por insulada, nada experimenta da destruição orgânica. A alma tem sensações próprias cuja fonte não reside na matéria tangível. O perispírito é o envoltório da alma e não se separa dela nem antes nem depois da morte. Ele não forma com ela mais que uma só entidade, e nem mesmo se pode conceber uma sem outro. Durante a vida o fluido perispirítico penetra o corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma, do mesmo modo como esta, por seu intermédio, atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos. **4.** A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca. O fluido perispirítico só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo. “A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento.” Não é preciso, portanto, dizer que, conforme as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. Estas circunstâncias é que nos cumpre examinar. **5.** Estabelecamos em primeiro lugar, e como princípio, os quatro seguintes casos, que podemos reputar situações extremas dentro de cujos limites há uma infinidade de variantes: 1º Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria absolutamente. 2º Se, nesse momento, a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma. 3º Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo. 4º Se após a cessação completa da vida orgânica existir ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfça. Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável. **6.** Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se ainda um outro fenômeno de importância capital — a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que a

alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos *quase nunca*, porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento, como em breve veremos. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as ideias são confusas, vagas, incertas; a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas, pouco a pouco, se aclara, desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma. Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acordalhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo. **7.** O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia e, depois, as angústias da perturbação. Demo-nos pressa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar. **8.** A causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento é o estado moral da alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento. Posto isto, quer como teoria, quer como resultado de observações, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma nos últimos transes. **9.** Em se tratando de morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou doença, o desprendimento opera-se gradualmente; para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração. Nesta contingência o Espírito pode ter já recuperado a sua lucidez, de

molde a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, considerando-se feliz por tê-lo deixado. Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e ventura. No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes e, noutras, se agarra ao corpo do qual uma força irresistível o arrebata com violência, molécula por molécula. **10.** Quanto menos vê o Espírito além da vida corporal, tanto mais se lhe apegue e, assim, sente que ela lhe foge e quer retê-la; em vez de se abandonar ao movimento que o empolga, resiste com todas as forças e pode mesmo prolongar a luta por dias, semanas e meses inteiros. Certo, nesse momento o Espírito não possui toda a lucidez, visto como a perturbação de muito se antecipou à morte; mas nem por isso sofre menos, e o vácuo em que se acha, e a incerteza do que lhe sucederá, agravam-lhe as angústias. Dá-se por fim a morte e nem por isso está tudo terminado; a perturbação continua, ele sente que vive, mas não se define material, se espiritualmente, luta, e luta ainda, até que as últimas ligações do perispírito se tenham de todo rompido. A morte pôs termo à moléstia efetiva, porém, não lhe sustou as consequências e, enquanto existirem pontos de contato do perispírito com o corpo, o Espírito resente-se e sofre com as suas impressões. **11.** Quão diversa é a situação do Espírito desmaterializado, mesmo nas enfermidades mais cruéis! Sendo frágeis os laços fluídicos que o prendem ao corpo, rompem-se suavemente; depois, a confiança do futuro entrevisto em pensamento ou na realidade, como sucede algumas vezes, fá-lo encarar a morte qual redenção e as suas consequências como prova, advindo-lhe daí uma calma resignada, que lhe ameniza o sofrimento. Após a morte, rotos os laços, nem uma só reação dolorosa que o afete; o despertar é lépido, desembaraçado; por sensações únicas: o alívio, a alegria! **12.** Na morte violenta as sensações não são precisamente as mesmas. Nenhuma desagregação inicial há começado previamente a separação do perispírito; a vida orgânica em plena exuberância de força é subitamente aniquilada. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda o seu estado. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é dos mais interessantes para ser

estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. Há, além disso, dentro desse caso, uma série infinita de modalidades que variam segundo os conhecimentos e progressos morais do Espírito. Para aqueles cuja alma está purificada, a situação pouco dura, porque já possuem em si como que um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não faz senão apressar. Outros há para os quais a situação se prolonga por anos inteiros. É uma situação essa muito frequente até nos casos de morte comum, que nada tendo de penosa para Espíritos adiantados, se torna horrível para os atrasados. No suicida, principalmente, excede a toda expectativa. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com sofrimentos cruciantes. **13.** O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo. [...]” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“EXEMPLOS. [...] SUICIDAS. O SUICIDA DA SAMARITANA. A 7 de abril de 1858, pelas 7 horas da noite, um homem de cerca de 50 anos e decentemente trajado apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, de Paris, e mandou que lhe preparassem um banho. Decorridas cerca de 2 horas, o criado de serviço, admirado pelo silêncio do freguês, resolveu entrar no seu gabinete, a fim de verificar o que ocorria. Deparou-se-lhe então um quadro horroroso: o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira. E como a identidade do suicida não pôde ser averiguada, foi o cadáver removido para o necrotério. **1.** *Evocação.* (Resposta do guia do médium.) — Esperai, ele aí está. **2.** Onde vos achais hoje? — R. Não sei... disse-me. **3.** Estais numa reunião de pessoas que estudam o Espiritismo e que são benévolas para convosco. — R. Dizei-me se vivo, pois este ambiente me sufoca. Sua alma, posto que separada do corpo, está ainda completamente imersa no que poderia chamar-se o turbilhão da matéria corporal; vivazes lhe são as ideias terrenas, a ponto de se acreditar encarnado. **4.** Quem vos impeliu a vir aqui? — R. Sinto-me aliviado. **5.** Qual o motivo que vos arrastou ao suicídio? — R. Morto? Eu? Não... que habito o meu corpo... Não sabeis como sofro!... Sufo-me... Oxalá que mão compassiva me aniquilasse de vez! **6.** Por que não deixastes indícios que pudessem tornar-vos reconhecível? — R. Estou abandonado; *fugí ao sofrimento para entregar-me à tortura.* **7.** Tendes

ainda os mesmos motivos para ficar incógnito? — R. Sim; não revolvais com ferro candente a ferida que sangra. **8.** Podereis dar-nos o vosso nome, idade, profissão e domicílio? — R. Absolutamente não. **9.** Tínheis família, mulher, filhos? — R. Era um desprezado, ninguém me amava. **10.** E que fizestes para ser assim repudiado? — R. Quantos o são como eu!... Um homem pode viver abandonado no seio da família, quando ninguém o preza. **11.** No momento de vos suicidardes não experimentastes qualquer hesitação? — R. Ansiava pela morte... Esperava repousar. **12.** Como é que a ideia do futuro não vos fez renunciar a um tal projeto? — R. Não acreditava nele, absolutamente. Era um desiludido. O futuro é a esperança. **13.** Que reflexões vos ocorreram ao sentirdes a extinção da vida? — R. Não refleti, senti... Mas a vida não se me extinguiu... Minha alma está ligada ao corpo... *Sinto os vermes a corroerem-me.* **14.** Que sensação experimentastes no momento decisivo da morte? — R. Pois ela se completou? **15.** Foi doloroso o momento em que a vida se vos extinguiu? — R. Menos doloroso que depois. Só o corpo sofreu. **16.** (Ao Espírito S. Luís.) — Que quer dizer o Espírito afirmando que o momento da morte foi menos doloroso que depois? — R. O Espírito descarregou o fardo que o oprimia; ele ressentia a volúpia da dor. **17.** Tal estado sobrevém sempre ao suicídio? — R. Sim. O Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo dessa vida. A morte natural é a libertação da vida: o suicídio a rompe por completo. **18.** Dar-se-á o mesmo nas mortes acidentais, embora involuntárias, mas que abreviam a existência? — R. Não. Que entendeis por suicídio? O Espírito só responde pelos seus atos. Esta dúvida da morte é muito comum nas pessoas recentemente desencarnadas e, principalmente, naquelas que durante a vida não elevam a alma acima da matéria. É um fenômeno que parece singular à primeira vista, mas que se explica naturalmente. Se a um indivíduo, pela primeira vez sonambulizado, perguntarmos se dorme, ele responderá quase sempre que *não*, e essa resposta é lógica: o interlocutor é que faz mal a pergunta, servindo-se de um termo impróprio. Na linguagem comum, a ideia do sono prende-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa que vê e sente, que tem consciência da sua liberdade, não se crê adormecido, e de fato não dorme, na acepção vulgar do vocábulo. Eis a razão por que responde *não*, até que se familiariza com essa maneira de apreender o fato. O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar; para ele a morte era o aniquilamento do ser e, tal como o sonâmbulo, ele vê, sente e fala, e assim não se considera morto, e isto afirmando até que adquira a intuição do seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos dolorosa, uma vez que nunca é completa e dá ao Espírito uma tal ou qual ansiedade. No exemplo supra ela constitui

verdadeiro suplício pela sensação dos vermes que corroem o corpo, sem falarmos da sua duração, que deverá equivaler ao tempo de vida abreviada. Este estado é comum nos suicidas, posto que nem sempre se apresenta em idênticas condições, variando de duração e intensidade conforme as circunstâncias atenuantes ou agravantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é privativa dos suicidas: sobrevém igualmente aos que viveram mais da matéria que do espírito. Em tese, não há falta isenta de penalidades, mas também não há regra absoluta e uniforme nos meios de punição. [...] **FRANÇOIS-SIMON LOUVET.** (Do Havre) A seguinte comunicação foi dada espontaneamente, em uma reunião espírita no Havre, a 12 de fevereiro de 1863: “Tereis piedade de um pobre miserável que passa de há muito por cruéis torturas?! Oh! o vácuo... o Espaço... despenho-me... caio... morro... Acudam-me! Deus, eu tive uma existência tão miserável... Pobre diabo, sofri fome muitas vezes na velhice; e foi por isso que me habituei a beber, a ter vergonha e desgosto de tudo. “Quis morrer, e atirei-me... Oh! Meu Deus! Que momento! E para que tal desejo, quando o termo estava tão próximo? Oraí, para que eu não veja incessantemente este *vácuo debaixo de mim*... Vou despedaçar-me de encontro a essas pedras! Eu vo-lo suplico, a vós que conheceis as misérias dos que não mais pertencem a esse mundo. Não me conheceis, mas eu sofro tanto... Para que mais provas? Sofro! Não será isso o bastante? Se eu tivera fome, em vez deste sofrimento mais terrível e, aliás, imperceptível para vós, não vacilaríeis em aliviar-me com uma migalha de pão. Pois eu vos peço que oreis por mim... Não posso permanecer por mais tempo neste estado... Perguntai a qualquer desses felizes que aqui estão e sabereis quem fui. Oraí por mim. *François-Simon Louvet.*” *O guia do médium.* — “Esse que acaba de se dirigir a vós foi um pobre infeliz que teve na Terra a prova da miséria; vencido pelo desgosto, faltou-lhe a coragem, e, em vez de olhar para o céu como devia, entregou-se à embriaguez; desceu aos extremos últimos do desespero, pondo termo à sua triste provação: atirou-se da Torre Francisco I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade de sua pobre alma, que não é adiantada, mas que lobia da vida futura o bastante para sofrer e desejar uma reparação. Rogai a Deus lhe conceda essa graça, e com isso tereis feito obra meritória.” Buscando-se informes a respeito, encontrou-se no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, a seguinte notícia local: “Ontem, às 4 horas da tarde, os transeuntes do cais foram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: — um homem atirou-se da torre, vindo despedaçar-se sobre as pedras. Era um velho puxador de sirga, cujo pendor à embriaguez o arrastara ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. O corpo foi transportado para a casa de uma

das suas filhas, à rua de la Corderie. Tinha 67 anos de idade.” Seis anos fazia que esse homem morrera e ele se via ainda a cair da torre, despedaçando-se nas pedras... Aterra-o o vácuo, horroriza-o a perspectiva da queda... e isso há 6 anos! Quanto tempo durará tal estado? Ele não o sabe, e essa incerteza lhe aumenta as angústias. Isso não equivale ao inferno com suas chamas? Quem revelou e inventou tais castigos? Pois são os próprios padecentes que os vêm descrever, como outros o fazem das suas alegrias. E fazem-no, muita vez, espontaneamente, sem que neles se pense — o que exclui toda hipótese de sermos nós o juguete da própria imaginação.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo V)

“EXEMPLOS. [...] SUICIDAS. [...] O PAI E O CONSCRITO. No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando de estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de eximi-lo de tal serviço, ocorreu-lhe a ideia de suicidar-se, a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva. Um ano mais tarde, foi evocado na Sociedade Espírita de Paris a pedido de pessoa que o conhecera, desejosa de certificar-se da sua sorte no mundo espiritual. (A S. Luís.) — Podereis dizer-nos se é possível evocar o Espírito a que vimos de nos referir? — R. Sim, e ele ganhará com isso, porque ficará mais aliviado. **1. Evocação.** — R. Oh! Obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Contudo, ele me perdoará. O Espírito escreve com grande dificuldade; os caracteres são irregulares e malformados; depois da palavra *mas*, ele para, e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que foi a palavra Deus que ele não conseguiu escrever. **2.** Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixastes de escrever. — R. Sou indigno de escrevê-la. **3.** Dissestes que sofreis; compreendeis que fizestes muito mal em vos suicidar; mas o motivo que vos acarretou esse ato não provocou qualquer indulgência? — R. A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má. **4.** Podereis descrever-nos essa punição? — R. Sofro duplamente, na alma e no corpo; e sofro neste último, conquanto o não possua, como sofre o operado a falta de um membro amputado. **5.** A realização do vosso suicídio teve por causa unicamente a isenção do vosso filho, ou concorreram para ele outras razões? — R. Fui completamente inspirado pelo amor paterno, porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada. **6.** Podeis precisar a duração dos vossos padecimentos? — R. Não lhes entrevejo o termo, mas tenho certeza de que ele existe, o que é um alívio para mim. **7.** Há pouco não vos foi possível escrever a palavra Deus e, no entanto, temos visto Espíritos muito sofrendores fazê-lo: será isso uma consequência da

vossa punição? — R. Poderei fazê-lo com grandes esforços de arrependimento. **8.** Pois então faizei esses esforços para escrevê-lo, porque estamos certos de que sereis aliviado. (O Espírito acabou por traçar esta frase com caracteres grossos, irregulares e trêmulos: — *Deus é muito bom.*) **9.** Estamos satisfeitos pela boa vontade com que correspondestes à nossa evocação, e vamos pedir a Deus para que estenda sobre vós a sua misericórdia. — R. Sim, obrigado. **10.** (A S. Luís.) — Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio? — R. Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras. *Observações* — À primeira vista, como ato de abnegação, este suicídio poder-se-ia considerar desculpável. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto. A esse homem faltou a confiança em Deus, como disse o Espírito S. Luís. A sua ação talvez impediu a realização dos destinos do filho; ao demais, ele não tinha a certeza de que aquele sucumbiria na guerra e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se. A intenção era boa, e isso lhe atenua o mal provocado e merece indulgência; mas o mal é sempre o mal, e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços. A mãe que mata o filho, crente de enviá-lo ao céu, seria menos culpada por tê-lo feito com boa intenção? Aí está um sistema que chegaria a justificar todos os crimes cometidos pelo cego fanatismo das guerras religiosas. Em regra, o homem não tem o direito de dispor da vida, por isso que esta lhe foi dada *visando deveres a cumprir na Terra*, razão bastante para que não a abrevie voluntariamente, sob pretexto algum. Mas, ao homem — visto que tem o seu livre-arbítrio — ninguém impede a infração dessa lei. Sujeita-se, porém, às suas consequências. O suicídio mais severamente punido é o resultante do desespero que visa a redenção das misérias terrenas, misérias que são ao mesmo tempo expiações e provações. Furtar-se a elas é recuar ante a tarefa aceita e, às vezes, ante a missão que se deverá cumprir. O suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas em tudo quanto se faça conscientemente para apressar a extinção das forças vitais. Não se pode tachar de suicida aquele que dedicadamente se expõe à morte para salvar o seu semelhante: primeiro, porque no caso não há intenção de se privar da vida e, segundo, porque não há perigo do qual a Providência nos não possa subtrair, quando a hora não seja chegada. A morte em tais contingências é sacrifício meritório, como ato de abnegação em proveito de outrem. (O *Evangelho*

segundo o Espiritismo, cap. V, itens nºs 5, 6, 18 e 19) **MÃE E FILHO.** Em março de 1865, o Sr. M. C..., negociante em pequena cidade dos arredores de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, o mais velho dos seus filhos, que contava 21 anos de idade. Este moço, prevendo o desenlace, chamou sua mãe e teve forças ainda para abraçá-la. Esta, vertendo copiosas lágrimas, disse-lhe: “Vai, meu filho, precede-me, que não tardarei a seguir-te.” Dito isto, retirou-se, escondendo o rosto entre as mãos. As pessoas presentes a essa cena desoladora consideravam simples explosão de dor as palavras da Sra. C..., dor que o tempo acalmaria. Morto o doente, procuraram-na por toda a casa e foram encontrá-la enforcada num celeiro. O enterro da suicida foi juntamente feito com o do filho. *Evocação deste, muitos dias depois do fato.* — P. Sabeis do suicídio de vossa mãe, em consequência do desespero que lhe causou a vossa perda? — R. Sim, e, sem o pesar causado por essa fatal resolução da parte dela, julgar-me-ia completamente feliz. Pobre, excelente mãe! Não pôde suportar a prova dessa separação momentânea, e tomou, para se unir ao filho, o caminho que dele mais deveria afastá-la. E por quanto tempo! Assim, retardou indefinidamente uma reunião que *tão pronta teria sido* se sua alma se conformasse submissa às vontades do Senhor; se fosse resignada, humilde, arrependida diante da provação que se lhe impunha, da expiação que deveria purificá-la! Oraí, oh! Oraí por ela!... e sobretudo não a imiteis, vós outras, mães que vos comoveis com a narrativa da sua morte. — Não acrediteis que ela amasse mais que as outras mães, a esse filho que era o seu orgulho, não; é que lhe faltaram a coragem e a resignação. Mães, que me ouvis, quando a agonia empanar o olhar dos vossos filhos, lembrai-vos de que, como o Cristo, eles sobem ao cimo do Calvário, donde deverão alçar-se à glória eterna. *Benjamin C... Evocação da mãe.* — R. Quero ver meu filho. Tendes o poder de dar-me? Cruéis!... Tomaram-mo para levá-lo à luz, e a mim me deixaram em trevas. Quero-o... quero-o porque me pertence!... Nada vale então o amor materno? Pois quê! Tê-lo carregado no ventre por nove meses; tê-lo amamentado; nutrido a carne da sua carne, sangue do seu sangue; guiado os seus primeiros passos; ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; ter feito dele um homem cheio de atividade, de inteligência, de probidade, de amor filial, para perdê-lo quando realizava as esperanças concebidas a seu respeito, quando brilhante futuro se lhe antolhava! Não, Deus não é justo; não é o Deus das mães, não lhes compreende as dores e desesperos... E quando me dava a morte para me não separar de meu filho, eis que novamente me roubam!... Meu filho! Meu filho, onde estás? *Evocador.* — Pobre mãe, compartilhamos da vossa dor. Buscastes, no entanto, um triste recurso para vos reunirdes ao

vosso filho: — O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e deveis saber que Deus pune toda infração das suas leis. A ausência do vosso filho é a vossa punição. *Ela.* — Não; eu julgava Deus melhor que os homens; não acreditava no seu inferno, porém cria na reunião das almas que se amaram como nós nos amávamos... Enganei-me... Deus não é justo nem bom, por isso que não compreende a grandeza da minha dor como do meu amor!... Oh! Quem me dará meu filho? Tê-lo-ei perdido para sempre? Piedade! Piedade, meu Deus! *Evocador.* — Vamos, acalmai o vosso desespero; considerai que, se há um meio de rever vosso filho, não é blasfemando de Deus como ora o fazeis. Com isso, em vez de atrairdes a sua misericórdia, fazeis jus a maior severidade. *Ela.* — Disseram-me que não mais o tornaria a ver e compreendi que o haviam levado ao paraíso. E eu estarei, acaso, no inferno? No inferno das mães? Ele existe, demais o vejo... *Evocador.* — Vosso filho não está perdido para sempre; certo tornareis a vê-lo, mas é preciso merecê-lo pela submissão à vontade de Deus, ao passo que a revolta poderá retardar indefinidamente esse momento. Ouvi-me: Deus é infinitamente bom, mas é também infinitamente justo. Assim, ninguém é punido sem causa, e se sobre a Terra Ele vos infligiu grandes dores, é porque as merecestes. A morte de vosso filho era uma prova à vossa resignação; infelizmente, a ela sucumbistes quando em vida, e eis que após a morte de novo sucumbis; como pretendeis que Deus recompense os filhos rebeldes? A sentença não é, porém, inexorável, e o arrependimento do culpado é sempre acolhido. Se tivésseis aceitado a provação com humildade; se houvésseis esperado com paciência o momento da vossa desencarnação, ao entrardes no mundo espiritual, em que vos achais, teríeis imediatamente avistado vosso filho, o qual vos receberia de braços abertos. Depois da ausência, vê-lo-íeis radiante. Mas, o que fizestes e ainda agora fazeis, coloca entre vós e ele uma barreira. Não o julgais perdido nas profundezas do Espaço, antes mais perto do que supondes — é que véu impenetrável o subtrai à vossa vista. Ele vos vê e ama sempre, deplorando a triste condição em que caístes pela falta de confiança em Deus e aguardando ansioso o momento feliz de se vos apresentar. De vós, somente, depende abreviar ou retardar esse momento. Orai a Deus e dizei comigo: “Meu Deus, perdoai-me o ter duvidado da vossa justiça e bondade; se me punistes, reconheço tê-lo merecido. Dignai-vos aceitar meu arrependimento e submissão à vossa santa vontade.” *Ela.* — Que luz de esperança acabais de fazer despontar em minha alma! É um como relâmpago em a noite que me cerca. Obrigada, vou orar... Adeus. A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu neste Espírito a ilusão de se julgar ainda vivo. Ele apresenta-se consciente do seu estado: — é que para outros o castigo consiste naquela ilusão,

pelos laços que os prendem ao corpo. Esta mulher quis deixar a Terra para seguir o filho na outra vida: era, pois, necessário que soubesse aí estar realmente, na certeza da desencarnação, no conhecimento exato da sua situação. Assim é que cada falta é punida de acordo com as circunstâncias que a determinam, e que não há punições uniformes para as faltas do mesmo gênero.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo V)

“EXEMPLOS. [...] SUICIDAS. [...] DUPLO SUICÍDIO, POR AMOR E POR DEVER. É de um jornal de 13 de junho de 1862 a seguinte narrativa: “A jovem Palmyre, modista, residindo com seus pais, era dotada de aparência encantadora e de caráter afável. Por isso, era, também, muito requestada a sua mão. Entre todos os pretendentes ela escolheu o Sr. B..., que lhe retribuía essa preferência com a mais viva das paixões. Não obstante essa afeição, por deferência aos pais, Palmyre consentiu em desposar o Sr. D..., cuja posição social se afigurava mais vantajosa àqueles, do que a do seu rival. Os Srs. B... e D... eram amigos íntimos, e posto não houvesse entre eles quaisquer relações de interesse, jamais deixaram de se avistar. O amor recíproco de B... e Palmyre, que passou a ser a Sra. D..., de modo algum se atenuara, e como se esforçassem ambos por contê-lo, aumentava-se ele de intensidade na razão direta daquele esforço. Visando extingui-lo, B... tomou o partido de se casar, e desposou, de fato, uma jovem possuidora de eminentes predicados, fazendo o possível por amá-la. “Cedo, contudo, percebeu que esse meio heroico lhe fora inútil à cura. Decorreram quatro anos sem que B... ou a Senhora D... faltassem aos seus deveres. “O que padeceram, só eles o sabem, pois D..., que estimava deveras o seu amigo, atraía-o sempre ao seu lar, insistindo para que nele ficasse quando tentava retirar-se. “Aproximados um dia por circunstâncias fortuitas e independentes da própria vontade, os dois amantes deram-se ciência do mal que os torturava e acharam que a morte era, no caso, o único remédio que se lhes deparava. Assentaram que se suicidariam juntamente, no dia seguinte, em que o Sr. D... estaria ausente de casa mais prolongadamente. Feitos os últimos aprestos, escreveram longa e tocante missiva, explicando a causa da sua resolução: para não prevaricarem. Essa carta terminava pedindo que lhes perdoassem e, mais, para serem enterrados na mesma sepultura. “De regresso a casa, o Sr. D... encontrou-os asfixiados. Respeitou-lhes os últimos desejos e, assim, não consentiu fossem os corpos separados no cemitério.” Sendo esta ocorrência submetida à Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo, um Espírito respondeu: “Os dois amantes suicidas não vos podem responder ainda. Vejo-os imersos na perturbação e aterrorizados pela perspectiva da eternidade. As consequências morais da falta cometida lhes

pesarão por *migrações sucessivas*, durante as quais suas almas separadas se buscarão incessantemente, sujeitas ao duplo suplício de se pressentirem e desejarem em vão. “Completa a expiação, ficarão reunidos para sempre, no seio do amor eterno. Dentro de oito dias, na próxima sessão, podereis evocá-los. Eles aqui virão sem se avistarem, porque profundas trevas os separarão por muito tempo.” **1. Evocação da suicida.** — Vedes o vosso amante, com o qual vos suicidastes? — R. Nada vejo, nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. Que noite! Que noite! E que véu espesso me circunda a fronte! **2.** Que sensação experimentastes ao despertar no outro mundo? — R. Singular! Tinha frio e escaldava. Tinha gelo nas veias e fogo na fronte! Coisa estranha, conjunto inaudito! Fogo e gelo pareciam consumir-me! E eu julgava que ia sucumbir uma segunda vez!... **3.** Experimentais qualquer dor física? — R. Todo o meu sofrimento reside *aqui, aqui...* — Que quereis dizer por *aqui, aqui?* — R. *Aqui*, no meu cérebro; *aqui*, no meu coração... É provável que, visível, o Espírito levasse a mão à cabeça e ao coração. **4.** Acreditais na perenidade dessa situação? — R. Oh! Sempre! Sempre! Ouço às vezes risos infernais, vozes horrendas que bradam: *sempre assim!* **5.** Pois bem: podemos com segurança dizer-vos que nem sempre assim será. Pelo arrependimento obtereis o perdão. — R. Que dizeis? Não ouço. **6.** Repetimos que os vossos sofrimentos terão um termo, que os podereis abreviar pelo arrependimento, sendo-nos possível auxiliar-vos com a prece. — R. Não ouvi além de sons confusos, mais que uma palavra. Essa palavra é: — *graça!* Seria efetivamente graça o que pronunciastes? Falastes em *graça*, mas sem dúvida o fizestes à alma que por aqui passou junto de mim, pobre criança que chora e espera. Uma senhora, presente à reunião, declarou que fizera fervorosa prece pela infeliz, o que sem dúvida a comoveu, e que de fato, mentalmente, havia implorado em seu favor a graça de Deus. **7.** Dissestes estar em trevas e nada ouvir? — R. É-me permitido ouvir algumas das vossas palavras, mas o que vejo é apenas um crepe negro, no qual de vez em quando se desenha um semblante que chora. **8.** Mas uma vez que ele aqui está sem o avistardes, nem sequer vos apercebeis da presença do vosso amante? — R. Ah! Não me faleis dele. Devo esquecê-lo presentemente para que do crepe se extinga a imagem retratada. **9.** Que imagem é essa? — R. A de um homem que sofre, e cuja existência moral sobre a Terra aniquilei por muito tempo. Da leitura dessa narrativa logo se depreende haver neste suicídio circunstâncias atenuantes, encarado como ato heroico provocado pelo cumprimento do dever. Mas reconhece-se, também, que, contrariamente ao julgado, longa e terrível deve ser a pena dos culpados por se terem voluntariamente refugiado na morte para evitar a luta. A intenção de não faltar aos deveres era,

efetivamente, honrosa, e lhes será contada mais tarde, mas o verdadeiro mérito consistiria na resistência, tendo eles procedido como o desertor que se esquia no momento do perigo. A pena consistirá, como se vê, em se procurarem debalde e por muito tempo, *quer no mundo espiritual, quer noutras encarnações terrestres*; pena que ora é agravada pela perspectiva da sua eterna duração. Essa perspectiva, aliada ao castigo, faz que lhes seja defeso ouvirem palavras de esperança que porventura lhes dirijam. Aos que acharem esta pena longa e terrível, tanto mais quanto não deverá cessar senão depois de várias encarnações, diremos que tal duração não é absoluta, mas dependente da maneira pela qual suportarem as futuras provações. Além do que, eles podem ser auxiliados pela prece. E serão assim, como todos, os árbitros do seu destino. Não será isso, ainda assim, preferível à eterna condenação, sem esperança, a que ficam irrevogavelmente submetidos segundo a doutrina da Igreja, que os considera votados ao inferno e para sempre, a ponto de lhes recusar, com certeza por inúteis, as últimas preces? **LUÍS E A PESPONTEIRA DE BOTINAS.** Havia sete para oito meses que Luís G..., oficial sapateiro, namorava uma jovem, Victorine R..., com a qual em breve deveria casar-se, já tendo mesmo corrido os proclamas do casamento. Neste pé as coisas, consideravam-se quase definitivamente ligados e, como medida econômica, diariamente vinha o sapateiro almoçar e jantar em casa da noiva. Um dia, ao jantar, sobreveio uma controvérsia a propósito de qualquer futilidade e, obstinando-se os dois nas opiniões, foram as coisas ao ponto de Luís abandonar a mesa, protestando não mais voltar. Apesar disso, no dia seguinte veio pedir perdão. A noite é boa conselheira, como se sabe, mas a moça, prejudgando talvez pela cena da véspera o que poderia acontecer quando não mais a tempo de remediar o mal, recusou-se à reconciliação. Nem protestos, nem lágrimas, nem desesperos puderam demovê-la. Muitos dias ainda se passaram, esperando Luís que a sua amada fosse mais razoável, até que resolveu fazer uma última tentativa: — Chegando a casa da moça, bateu de modo a ser reconhecido, mas a porta permaneceu fechada, recusaram abri-la. Novas súplicas do repellido, novos protestos, não ecoaram no coração da sua pretendida. “Adeus, pois, cruel! — exclamou o pobre moço — adeus para sempre. Trata de procurar um marido que te estime tanto como eu.” Ao mesmo tempo a moça ouvia um gemido abafado e logo após o baque como que de um corpo escorregando pela porta. Pelo silêncio que se seguiu, a moça julgou que Luís se assentara à soleira da porta, e protestou a si mesma não sair enquanto ele ali se conservasse. Decorrido um quarto de hora é que um locatário, passando pela calçada e levando luz, soltou um grito de espanto e pediu socorro. Depressa ocorre a vizinhança, e Victorine,

abrindo então a porta, deu um grito de horror, reconhecendo estendido sobre o lajedo, pálido, inanimado, o seu noivo. Cada qual se apressou em socorrê-lo, mas para logo se percebeu que tudo seria inútil, visto como ele deixara de existir. O desgraçado moço enterrou uma faca na região do coração, e o ferro ficara-lhe cravado na ferida. (Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1858) **1.** *Ao Espírito S. Luís.* — A moça, causadora involuntária do suicídio, tem responsabilidade? — R. Sim, porque o não amava. **2.** Então para prevenir a desgraça deveria desposá-lo a despeito da repugnância que lhe causava? — R. Ela procurava uma ocasião de descartar-se, e assim fez em começo da ligação o que viria a fazer mais tarde. **3.** Neste caso, a sua responsabilidade decorre de haver alimentado sentimentos dos quais não participava e que deram em resultado o suicídio do moço? — R. Sim, exatamente. **4.** Mas, então, essa responsabilidade deve ser proporcional à falta, e não tão grande como se consciente e voluntariamente houvesse provocado o suicídio... — R. É evidente. **5.** E o suicídio de Luís tem desculpa pelo desvario que lhe acarretou a obstinação de Victorine? — R. Sim, pois o suicídio oriundo do amor é menos criminoso aos olhos de Deus, do que o suicídio de quem procura libertar-se da vida por motivos de covardia. Ao Espírito Luís G..., evocado mais tarde, foram feitas as seguintes perguntas: **1.** Que julgais da ação que praticastes? — R. Victorine era uma ingrata, e eu fiz mal em suicidar-me por sua causa, pois ela não o merecia. **2.** Então não vos amava? — R. Não. A princípio iludia-se, mas a desavença que tivemos abriu-lhe os olhos, e ela até se deu por feliz achando um pretexto para se desembaraçar de mim. **3.** E o vosso amor por ela era sincero? — R. Paixão somente, creia; pois se o amor fosse puro eu me teria poupado de lhe causar um desgosto. **4.** E se acaso ela adivinhasse a vossa intenção persistiria na sua recusa? — R. Não sei, penso mesmo que não, porque ela não é má. Mas, ainda assim, não seria feliz, e melhor foi para ela que as coisas se passassem de tal forma. **5.** Batendo-lhe à porta, tínheis já a ideia de vos matar, caso se desse a recusa? — R. Não, em tal não pensava, porque também não contava com a sua obstinação. Foi somente à vista desta que perdi a razão. **6.** Parece que não deplorais o suicídio senão pelo fato de Victorine o não merecer... É realmente o vosso único pesar? — R. Neste momento, sim; estou ainda perturbado, afigura-se-me estar ainda à porta, conquanto também experimente outra sensação que não posso definir. **7.** Chegareis a compreendê-la mais tarde? — R. Sim, quando estiver livre desta perturbação. Fiz mal, deveria resignar-me... Fui fraco e sofro as consequências da minha fraqueza. A paixão cega o homem a ponto de praticar loucuras e, infelizmente, ele só o compreende bastante tarde. **8.** Dizeis que tendes um desgosto... qual é? — R. Fiz mal

em abreviar a vida. Não deveria fazê-lo. Era preferível tudo suportar a morrer antes do tempo. Sou, portanto, infeliz; sofro, e é sempre ela que me faz sofrer, a ingrata. Parece-me estar sempre à sua porta, mas... não falemos nem pensemos mais nisso, que me incomoda muito. Adeus. Por isso se vê ainda uma nova confirmação da justiça que preside à distribuição das penas, conforme o grau de responsabilidade dos culpados. É à moça, neste caso, que cabe a maior responsabilidade, por haver entretido em Luís, por brincadeira, um amor que não sentia. Quanto ao moço, este já é de sobejo punido pelo sofrimento que lhe perdura, mas a sua pena é leve, porquanto apenas cedeu a um movimento irrefletido em momento de exaltação, que não à fria premeditação dos suicidas que buscam subtrair-se às provações da vida.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo V)

“EXEMPLOS. [...] SUICIDAS. [...] UM ATEU. M. J.-B. D... era um homem instruído, mas em extremo saturado de ideias materialistas, não acreditando em Deus nem na existência da alma. A pedido de um parente, foi evocado dois anos depois de desencarnado, na Sociedade Espírita de Paris. **1. Evocação.** — R. Sofro. Sou um réprobo. **2.** Fomos levados a evocar-vos em nome de parentes que, como tais, desejam conhecer da vossa sorte. Podereis dizer-nos se esta nossa evocação vos é penosa ou agradável? — R. Penosa. **3.** A vossa morte foi voluntária? — R. Sim. O Espírito escreve com extrema dificuldade. A letra é grossa, irregular, convulsa e quase ininteligível. Ao terminar a escrita encoleriza-se, quebra o lápis e rasga o papel. **4.** Tende calma, que nós todos pediremos a Deus por vós. — R. Sou forçado a crer nesse Deus. **5.** Que motivo poderia ter-vos levado ao suicídio? — R. O tédio de uma vida *sem esperança*. Concebe-se o suicídio quando a vida é *sem esperança*; procura-se então fugir-lhe a qualquer preço. Com o Espiritismo, ao contrário, a esperança fortalece-se porque o futuro se nos desdobra. O suicídio deixa de ser objetivo, uma vez reconhecido que apenas se isenta a gente do mal para arrostar com um mal cem vezes pior. Eis por que o Espiritismo tem sequestrado muita gente a uma morte voluntária. Grandemente culpados são os que se esforçam por acreditar, com *sofismas científicos e a pretexto de uma falsa razão*, nessa ideia desesperadora, fonte de tantos crimes e males, de que tudo acaba com a vida. Esses serão responsáveis não só pelos próprios erros, como igualmente por todos os males a que os mesmos derem causa. **6.** Quisestes escapar às vicissitudes da vida... Adiantastes alguma coisa? Sois agora mais feliz? — R. Por que não existe o nada? **7.** Tende a bondade de nos descrever do melhor modo possível a vossa atual situação. — R. *Sofro pelo constrangimento em que estou de crer em tudo quanto negava.* Meu Espírito está como num braseiro, horripelmente atormentado.

8. Donde provinham as vossas ideias materialistas de outrora? — R. Em anterior encarnação eu fora mau e por isso condenei-me na seguinte aos tormentos da incerteza, e assim foi que me suicidei. Aqui há todo um corolário de ideias. Muitas vezes nos perguntamos como pode haver materialistas quando, tendo eles passado pelo mundo espiritual, deveriam ter do mesmo a intuição; ora, é precisamente essa intuição que é recusada a alguns Espíritos que, conservando o orgulho, não se arrependem das suas faltas. Para esses tais, a prova consiste na aquisição, durante a vida corporal e *à custa do próprio raciocínio*, da prova da existência de Deus e da vida futura que têm, por assim dizer, incessantemente sob os olhos. Muitas vezes, porém, a presunção de nada admitir, acima de si, os empolga e absorve. Assim, sofrem eles a pena até que, domado o orgulho, se rendem à evidência. 9. Quando vos afogastes, que ideias tínheis das consequências? Que reflexões fizestes nesse momento? — R. Nenhuma, pois tudo era o nada para mim. Depois é que vi que, tendo cumprido toda a sentença, teria de sofrer mais ainda. 10. Estais bem convencido agora da existência de Deus, da alma e da vida futura? — R. Ah! Tudo isso muito me atormenta! 11. Tornastes a ver vosso irmão? — R. Oh! Não. 12. E por que não? — R. Para que confundir os nossos desesperos? Exila-se a gente na desgraça e na ventura se reúne, eis o que é. 13. Incomodar-vos-ia a presença de vosso irmão, que poderíamos atrair aí para junto de vós? — R. Não o façais, que o não mereço. 14. Por que vos opondes? — R. Porque ele também não é feliz. 15. Receais a sua presença e, no entanto, ela só poderia ser benéfica para vós. — R. Não; mais tarde... 16. Tendes algum recado para os vossos parentes? — R. Que orem por mim. 17. Parece que na roda das vossas relações há quem partilhe das vossas opiniões. Quereis que lhes digamos algo a respeito? — R. Oh! Os desgraçados! Assim possam eles crer em outra existência, eis quanto lhes posso desejar. Se eles pudessem avaliar a minha triste posição, muito refletiriam. (Evocação de um irmão do precedente, que professava as mesmas teorias, mas que não se suicidou. Posto que também infeliz, este se apresenta mais calmo; a sua escrita é clara e legível.) 18. *Evocação*. — R. Possa o quadro dos nossos sofrimentos ser útil lição, persuadindo-vos da realidade de uma outra existência, na qual se expiam as faltas oriundas da incredulidade. 19. Vós, e vosso irmão que acabamos de evocar, vos vedes reciprocamente? — R. Não; ele me foge. Poder-se-ia perguntar como é que os Espíritos se podem evitar no mundo espiritual, uma vez que aí não existem obstáculos materiais nem refúgios impenetráveis à vista. Tudo é, porém, relativo nesse mundo e conforme a natureza fluídica dos seres que o habitam. Só os Espíritos superiores têm percepções indefinidas, que nos inferiores

são limitadas. Para estes, os obstáculos fluídicos equivalem a obstáculos materiais. Os Espíritos furtam-se às vistas dos semelhantes por efeito volitivo, que atua sobre o envoltório perispiritual e fluidos ambientes. A Providência, porém, qual mãe, por todos os seus filhos vela, e por intermédio dos mesmos, individualmente, lhes concede ou nega essa faculdade, conforme as suas disposições morais, o que constitui, conforme as circunstâncias, um castigo ou uma recompensa. 20. Estais mais calmo do que vosso irmão. Podereis dar-nos uma descrição mais precisa dos vossos sofrimentos? — R. Não sofreis aí na Terra no vosso orgulho, no vosso amor-próprio, quando obrigados a reconhecer os vossos erros? “O vosso Espírito não se revolta com a ideia de vos humilhades a quem vos demonstre o vosso erro? Pois bem! Julgai quanto deve sofrer o Espírito que durante toda a sua vida se persuadiu de que nada existia além dele e que sobre todos prevalecia sempre a sua razão. Encontrando-se de súbito em face da verdade imponente, esse Espírito sente-se aniquilado, humilhado. A isso vem ainda juntar-se o remorso de haver por tanto tempo esquecido a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. A situação é insuportável; não há calma nem repouso; não se encontra um pouco de tranquilidade senão no momento em que a graça divina, isto é, o amor de Deus, nos toca, pois o orgulho de tal modo se apossa de nós, que de todo nos embota, a ponto de ser preciso ainda muito tempo para que nos despojemos completamente dessa roupagem fatal. Só a prece dos nossos irmãos pode ajudar-nos nesses transes. 21. Quereis falar dos irmãos encarnados, ou dos Espíritos? — R. De uns como de outros. 22. Enquanto nos entretínhamos com o vosso irmão, uma das pessoas aqui presentes orou por ele: — essa prece lhe foi proveitosa? — R. Ela não se perderá. Se ele agora recusa a graça, outro tanto não fará quando estiver em condições de recorrer a essa divina *panaceia*. Aqui lobrigamos outro gênero de castigo, mas que não é o mesmo em todos os cépticos. Para este Espírito, é independente do sofrimento a necessidade de reconhecer verdades que repudiara quando encarnado. As suas ideias atuais revelam certo grau de adiantamento, comparativamente às de outros Espíritos persistentes na negação de Deus. Confessar o próprio erro é já alguma coisa, porque é premissa de humildade. Na subsequente encarnação é mais que provável que a incredulidade ceda lugar ao sentimento *inato* da fé. Transmitindo a resultante destas duas evocações à pessoa que no-las havia solicitado, tivemos dela a seguinte resposta: “Não podeis imaginar, meu caro senhor, o grande benefício advindo da evocação de meu sogro e de meu tio. Reconhecemo-los perfeitamente. A letra do primeiro, sobretudo, é de uma analogia notável com a que ele tinha em vida, tanto mais quanto, durante os últimos meses que conosco

passou, essa letra era sofreada e indecifrável. Aí se verificam a mesma forma de pernas, da rubrica e de certas letras. Quanto ao vocabulário e ao estilo, a semelhança é ainda mais frisante; para nós, a analogia é completa, apenas com maior conhecimento de Deus, da alma e da eternidade que ele tão formalmente negava outrora. Não nos restam dúvidas, portanto, sobre a sua identidade. Deus será glorificado pela maior firmeza das nossas crenças no Espiritismo, e os nossos irmãos encarnados e desencarnados se tornarão melhores. A identidade de seu irmão também não é menos evidente; na mudança de ateu em crente, reconhecemos-lhe o caráter, o estilo, o contorno da frase. Uma palavra, sobre todas, nos despertou atenção — *panaceia* — sua frase predileta, a todo instante repetida. “Mostrei essas duas comunicações a várias pessoas, que não menos se admiraram da sua veracidade, mas os incrédulos, com as mesmas opiniões dos meus parentes, esses desejariam respostas ainda mais categóricas. “Queriam, por exemplo, que M. D... se referisse ao lugar em que foi enterrado, onde se afogou, como foi encontrado, etc. A fim de os convencer, não vos seria possível fazer nova evocação perguntando onde e como se suicidou, quanto tempo esteve submerso, em que lugar acharam o cadáver, onde foi inumado, de que modo, se civil ou religiosamente, foi sepultado? Dignai-vos, caro senhor, insistir pela resposta categórica a essas perguntas, pois são essenciais para os que ainda duvidam. Estou convencido de que darão, nesse caso, imensos resultados. “Dou-me pressa a fim de esta vos ser entregue na sexta-feira de manhã, de modo a poder fazer-se a evocação na sessão da Sociedade desse mesmo dia... etc.” Reproduzimos esta carta pelo fato da confirmação da identidade e aqui lhe anexamos a nossa resposta para ensino das pessoas não familiarizadas com as comunicações de além-túmulo. “As perguntas que nos pediram para novamente endereçar ao Espírito de vosso sogro são, incontestavelmente, ditadas por intenção louvável, qual a de convencer incrédulos, visto como em vós não mais existe qualquer sentimento de dúvida ou curiosidade. Contudo, um conhecimento mais aprofundado da ciência espírita vos faria julgar supérfluas essas perguntas. Em primeiro lugar, solicitando-me conseguir resposta categórica, mostrais ignorar a circunstância de não podermos governar os Espíritos, a nosso talento. Ficai sabendo que eles nos respondem quando e como querem, e também como podem. A liberdade da sua ação é maior ainda do que quando encarnados, possuindo meios mais eficazes de se furtarem ao constrangimento moral que por acaso sobre eles queiramos exercer. As melhores provas de identidade são as que fornecem espontaneamente, por si mesmos, ou então as oriundas das próprias circunstâncias. Estas são quase sempre inúteis provocá-las.

Segundo afirmais, o vosso parente provou a sua identidade de modo inconcusso; por conseguinte, é mais que provável a sua recusa em responder a perguntas que podem por ele ser com razão consideradas supérfluas, visando satisfazer à curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. A resposta bem poderia ser a que outros têm dado em casos semelhantes, isto é: — “para que perguntar coisas que já sabeis?” “A isto acrescentarei que a perturbação e sofrimentos que o assoberbam devem agravar-se com as investigações desse gênero, que correspondem perfeitamente a querer constranger um doente, que mal pode pensar e falar, a historiar as minúcias da sua vida, faltando-se assim às considerações inspiradas pelo seu próprio estado. “Quanto ao objetivo por vós alegado, ficai certo de que tudo seria negativo. As provas de identidade fornecidas são bem mais valiosas, por isso que foram espontâneas, e não de antemão premeditadas. Ora, se estas não puderam contentar os incrédulos, muito menos o fariam interrogativas já preestabelecidas, de cuja convivência poderiam suspeitar. “Há pessoas a quem coisa alguma pode convencer. Esses poderiam ver o vosso parente, com os próprios olhos, e continuariam a supor-se vítimas de uma alucinação. “Duas palavras ainda, quanto ao pedido que me fizestes de promover essa evocação no mesmo dia do recebimento de vossa carta. As evocações não se fazem assim de momento; os Espíritos nem sempre correspondem ao nosso apelo; é preciso que queiram, e não só isso, mas que também possam fazê-lo. É preciso, ainda, que encontrem um médium que lhes convenha, com as aptidões especiais necessárias e que esse médium esteja disponível em dado momento. É preciso, enfim, que o meio lhes seja simpático, etc. Pela concorrência dessas circunstâncias nem sempre se pode responder, e importa muito conhecê-las quando se quer praticar com seriedade e segurança.” [...] (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo V)

“EXEMPLOS. [...] SUICIDAS. [...] FÉLICIEN. Era um homem rico, instruído, poeta de espírito, possuidor de caráter são, obsequioso e ameno, de perfeita honradez. Falsas especulações comprometeram-lhe a fortuna e, não lhe sendo possível repará-la em razão da idade avançada, cedeu ao desânimo, enforcando-se em dezembro de 1864 no seu quarto de dormir. Não era materialista nem ateu, mas um homem de gênio um tanto superficial, ligando pouca importância ao problema da vida de além-túmulo. Conhecendo-o intimamente, evocamo-lo, quatro meses após o suicídio, inspirados pela simpatia que lhe dedicávamos. *Evocação.* — Choro a Terra na qual tive decepções, porém menores do que as experimentadas aqui. Eu, que sonhava maravilhas, estou abaixo da realidade do meu ideal. O mundo dos Espíritos é bastante promíscuo e para torná-lo suportável fora mister uma boa triagem.

Custa-me a crer. Que esboço de costumes espíritas se poderia fazer aqui! O próprio Balzac, estando no seu elemento, não faria tal esboço senão de modo rústico. Não o lobriguei, porém... Onde estarão esses grandes Espíritos que tão energicamente profligaram os vícios da Humanidade! Deviam eles, como eu, habitar por aqui antes de se alçarem a regiões mais elevadas. Apraz-me observar este curioso pandemônio, e assim fico por aqui. Apesar de o Espírito nos declarar que se acha numa sociedade assaz promíscua e, por conseguinte, de Espíritos inferiores, surpreendeu-nos a sua linguagem, dado o gênero de morte, ao qual, aliás, não faz qualquer referência. A não ser isso, tudo mais refletiu seu caráter. Tal circunstância deixava-nos em dúvida sobre a identidade. — P. Tende a bondade de nos dizer como morrestes... — R. Como morri? Pela morte por mim escolhida, a que mais me agradou, sendo para notar que meditei muito tempo nessa escolha com o intuito de me desembaraçar da vida. Apesar disso, confesso que não ganhei grande coisa: — libertei-me dos cuidados materiais, porém, para encontrá-los mais graves e penosos na condição de Espírito, da qual nem sequer prevejo o termo. — P. (ao guia do médium). O Espírito em comunicação será efetivamente o de Félicien? Esta linguagem, quase despreocupada, torna-se suspeita em se tratando de um suicida... — R. Sim. Entretanto, por um sentimento justificável na sua posição, ele não queria revelar ao médium o seu gênero de morte. Foi por isso que dissimulou a frase, acabando, no entanto, por confessá-lo diante da pergunta direta que lhe fizestes, e não sem angústias. O suicídio fá-lo sofrer muito, e por isso desvia, o mais possível, tudo o que lhe recorde o seu fim funesto. — P. (ao Espírito). A vossa desencarnação tanto mais nos comoveu, quanto lhe prevíamos as tristes consequências, além da estima e intimidade das nossas relações. Pessoalmente, não me esqueci do quanto éreis obsequioso e bom para comigo. Seria feliz se pudesse testemunhar-vos a minha gratidão, fazendo algo de útil para vós. — R. Entretanto, eu não podia furtar-me de outro modo aos embaraços da minha posição material. Agora, só tenho necessidade de preces; orai, principalmente, para que me veja livre desses horríveis companheiros que aqui estão junto de mim, obsidiando-me com gritos, sorrisos e infernais motejos. Eles chamam-me covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. *É a quarta vez que sucumbo a essa provação*, não obstante a formal promessa de não falir... Fatalidade!... Ah! Orai... Que suplício o meu! Quanto sou desgraçado! Orando, fazeis por mim mais que por vós pude fazer quando na Terra; mas a prova, ante a qual fracassei tantas vezes, aí está retracada, indelével, diante de mim! *É preciso tentá-la novamente, em dado tempo*... Tereis forças? Ah! Recomeçar a vida tantas vezes; lutar por tanto tempo para sucumbir aos

acontecimentos, é desesperador, mesmo aqui! Eis porque tenho carência de força. Dizem que podemos obtê-la pela prece... Orai por mim, que eu quero orar também. Este caso particular de suicídio, posto que realizado em circunstâncias vulgares, apresenta uma feição especial. Ele mostra-nos um Espírito que sucumbiu muitas vezes à provação, que se renova a cada existência *e que renovará até que ele tenha forças para resistir*. Assim se confirma o fato de não haver proveito no sofrimento, sempre que deixamos de atingir o fim da encarnação, sendo preciso recomeçá-la até que saíamos vitoriosos da campanha. *Ao Espírito do Sr. Félicien*. — Ouvi, eu vo-lo peço, ouvi e meditai sobre as minhas palavras. O que denominais fatalidade é apenas a vossa fraqueza, pois se a fatalidade existisse o homem deixaria de ser responsável pelos seus atos. O homem é sempre livre, e nessa liberdade está o seu maior e mais belo privilégio. Deus não quis fazer dele um autômato obediente e cego, e, se essa liberdade o torna falível, também o torna perfectível, sem o que somente pela perfeição poderá atingir a suprema felicidade. O orgulho somente pode levar o homem a atribuir ao destino as suas infelicidades terrenas, quando a verdade é que tais infelicidades promanam da sua própria incúria. Tendes disso um exemplo bem patente na vossa última encarnação, pois tínheis tudo que se fazia preciso à felicidade humana, na Terra: espírito, talento, fortuna, merecida consideração; nada de vícios ruinosos, mas, ao contrário, apreciáveis qualidades... Como, no entanto, ficou tão comprometida a vossa posição? Unicamente pela vossa imprevidência. Haveis de convir que, agindo com mais prudência, contentando-vos com o muito que já vos coubera, antes que procurando aumentá-lo sem necessidade, a ruína não sobreviria. Não havia nisso nenhuma fatalidade, uma vez que podíeis ter evitado tal acontecimento. A vossa provação consistia num encadeamento de circunstâncias que vos deveriam dar *não a necessidade, mas a tentação do suicídio*; desgraçadamente, apesar do vosso talento e instrução, não soubestes dominar essas circunstâncias e sofrestes agora as consequências da vossa fraqueza. Essa prova, tal como pressentis com razão, deve renovar-se ainda; na vossa próxima encarnação tereis de enfrentar acontecimentos que vos sugerirão a ideia do suicídio, e sempre assim acontecerá até que de todo tenhais triunfado. Longe de acusar a sorte, que é a vossa própria obra, admirai a bondade de Deus, que, em vez de condenar irremissivelmente pela primeira falta, oferece sempre os meios de repará-la. Assim, sofrereis, não eternamente, mas por tanto tempo quanto reincidirdes no erro. De vós depende, no estado espiritual, tomar a resolução bastante enérgica de manifestar a Deus um sincero arrependimento, solicitando instantemente o apoio dos bons Espíritos. Voltareis então à Terra

blindado na resistência a todas as tentações. Uma vez alcançada essa vitória, caminhareis na via da felicidade com mais rapidez, visto que sob outros aspectos o vosso progresso é já considerável. Como vedes, há ainda um passo a franquear, para o qual vos auxiliaremos com as nossas preces. Estas só serão improfícuas se nos não secundardes com os vossos esforços. — R. Oh! Obrigado! Oh! Obrigado por tão boas exortações. Delas tenho tanto maior necessidade, quanto sou mais desgraçado *do que demonstrava*. Vou aproveitá-las, garanto, no preparo da próxima encarnação, durante a qual farei todo o possível por não sucumbir. Já me custa suportar o meio ignóbil do meu exílio. *Félicien*. **ANTOINE BELL.** Era o caixa de uma casa bancária do Canadá e suicidou-se a 28 de fevereiro de 1865. Um dos nossos correspondentes, médico e farmacêutico residente na mesma cidade, deu-nos dele as informações que se seguem: “Conhecia-o, havia perto de 20 anos, como homem pacato e chefe de numerosa família. De tempos a certa parte imaginou ter comprado um tóxico na minha farmácia, servindo-se dele para envenenar alguém. Muitas vezes vinha suplicar-me para lhe dizer a época de tal compra, tomado então de alucinações terríveis. Perdia o sono, lamentava-se, batia nos peitos. A família vivia em constante ansiedade das 4 da tarde às 9 da manhã, hora esta em que se dirigia para a casa bancária, onde, aliás, escriturava os seus livros com muita regularidade, sem que jamais cometesse um só erro. Habitualmente dizia sentir dentro de si um ente que o fazia desempenhar com acerto e ordem a sua contabilidade. Quando se afigurava convencido da extravagância das suas ideias, exclamava: — “Não; não; quereis iludir-me... *lembro-me...* é a verdade...” A pedido desse amigo, foi ele evocado em Paris, a 17 de abril de 1865. **1. Evocação.** — R. Que pretendeis de mim? Sujeitar-me a um interrogatório? É inútil, tudo confessarei. **2.** Bem longe de nós o pensamento de vos afligir com perguntas indiscretas; desejamos saber apenas qual a vossa posição nesse mundo, bem como se poderemos ser-vos úteis... — R. Ah! Se for possível, ser-vos-ei extremamente grato. Tenho horror ao meu crime e sou muito infeliz! **3.** Temos a esperança de que as nossas preces atenuarão as vossas penas. Afigura-se-nos que vos achais em boas condições, visto como o arrependimento já vos assedia o coração — o que constitui um começo de reabilitação. Deus, infinitamente misericordioso, sempre tem piedade do pecador arrependido. Orai conosco. (Faz-se a prece pelos suicidas, a qual se encontra em *O Evangelho segundo o Espiritismo*.) Agora, tende a bondade de nos dizer de quais crimes vos reconheceis culpado. Tal confissão, humildemente feita, ser-vos-á favorável. — R. Deixai primeiro que vos agradeça por esta esperança que fizestes raiar no meu coração. Oh! Há já bastante tempo que vivia numa cidade banhada pelo

Mediterrâneo. Amava, então, uma bela moça que me correspondia; mas, pelo fato de ser pobre, fui repellido pela família. A minha eleita participou-me que desposaria o filho de um negociante cujas transações se estendiam para além de dois mares, e assim fui eu desprezado. Louco de dor, resolvi acabar com a vida, não sem deixar de assassinar o detesta do rival, saciando o meu desejo de vingança. Repugnando-me os meios violentos, horrorizava-me a perpetração do crime, porém o meu ciúme a tudo sobrepujou. Na véspera do casamento, morria o meu rival envenenado, pelo meio que me pareceu mais fácil. Eis como se explicam as reminiscências do passado... Sim, eu já reencarnei, e preciso é que reencarne ainda... Oh! Meu Deus, tende piedade das minhas lágrimas e da minha fraqueza! **4.** Deploramos essa infelicidade que retardou vosso progresso e, sinceramente, vos lamentamos; dado, porém, que vos arrependais, Deus se compadecerá de vós. Dizei-nos se chegastes a executar o vosso projeto de suicídio... — R. Não; e confesso, para vergonha minha, que a esperança se me desabrochou novamente no coração, com o desejo de me aproveitar do crime já cometido. Traíram-me, porém, os remorsos e acabei por expiar, no último suplício, aquele meu desvario: — enforquei-me. **5.** Na vossa última encarnação tínheis a consciência do mal praticado na penúltima? — R. Nos últimos anos somente, e eis como: — eu era bom por natureza e, depois de submetido, como todos os homicidas, ao tormento da visão perseverante da vítima, que me perseguia qual vivo remorso, dela me descartei depois de muitos anos, pelo meu arrependimento e pelas minhas preces. Recomecei outra existência — a última — que atravessei calmo e tímido. Tinha em mim como que vaga intuição da minha inata fraqueza, bem como da culpa anterior, cuja lembrança em estado latente conservara. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que não era outro senão o pai da minha vítima, facilmente se apoderou de mim e fez reviver no meu coração, como em mágico espelho, as lembranças do passado. Alternadamente influenciado por ele e por meu guia, que me protegia, eu era o envenenador e ao mesmo tempo o pai de família angariando pelo trabalho o sustento dos filhos. Fascinado por esse demônio obsessivo, deixei-me arrastar para o suicídio. Sou muito culpado realmente, porém menos do que se deliberasse por mim mesmo. Os suicidas da minha categoria, incapazes por sua fraqueza de resistir aos obsessores, são menos culpados e menos punidos do que os que abandonam a vida por efeito exclusivo da própria vontade. Orai comigo para que o Espírito que tão fatalmente me obsidiou renuncie à sua vingança, e orai por mim para que adquira a energia, a força necessária para não ceder à prova do suicídio voluntário, *prova a que serei submetido, dizem-me, na próxima encarnação. Ao guia do*

médium: — Um Espírito obsessor pode, realmente, levar o obsidiado ao suicídio? — R. Certamente, pois a obsessão que, de si mesma, é já um gênero de provação, pode revestir todas as formas. Mas isso não quer dizer isenção de culpabilidade. O homem dispõe sempre do seu livre-arbítrio e, conseqüentemente, está em si o ceder ou resistir às sugestões a que o submetem. Assim é que, sucumbindo, o faz sempre por assentimento da sua vontade. Quanto ao mais, o Espírito tem razão dizendo que a ação instigada por outrem é menos culposa e repreensível, do que quando voluntariamente cometida. Contudo, nem por isso se inocenta de culpa, visto como, afastando-se do caminho reto, mostra que o bem ainda não está vinculado ao seu coração. **6.** Como, apesar da prece e do arrependimento terem libertado esse Espírito da visão tormentosa da sua vítima, pôde ele ser atingido pela vingança de um obsessor na última encarnação? — R. O arrependimento, bem o sabeis, é apenas *a preliminar indispensável à reabilitação*, mas não é o bastante para libertar o culpado de todas as penas. Deus não se contenta com promessas, sendo preciso a prova, por atos, do retorno ao bom caminho. Eis porque o Espírito é submetido a novas provações que o fortalecem, resultando-lhe um merecimento ainda maior quando delas sai triunfante. O Espírito só arrosta com a perseguição dos maus, dos obsessores, *enquanto estes o não encontram assaz forte para resistir-lhes*. Encontrando resistência, eles o abandonam, certos da inutilidade dos seus esforços. Estes dois últimos exemplos mostram-nos a renovação da mesma prova em sucessivas encarnações, e por tanto tempo quanto o da sua ineficácia. Antoine Bell patenteia-nos, enfim, o fato muito instrutivo do homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em anterior existência, qual um remorso e um aviso. Vemos ainda por aí que todas as existências são solidárias entre si; que a justiça e a bondade divinas se ostentam na faculdade ao homem conferida de progredir gradualmente, sem jamais privá-lo do resgate das faltas; que o culpado é punido pela própria falta, sendo essa punição, em vez de uma vingança de Deus, o meio empregado para fazê-lo progredir.” (AK, *O céu e o inferno*, Segunda parte, Capítulo V)

“Adivinhando-me o pensamento, Alexandre explicou: — No círculo de vibrações antagônicas dos habitantes da Crosta, não se pode localizar uma instituição completa de auxílio. O trabalho de socorro, desse modo, há de sofrer incontestável deficiência. Esta casa, porém, é um hospital volante que conta com a abnegação de muitos companheiros. Deposto Raul num leito alvo, o devotado instrutor começou a aplicar-lhe passes magnéticos sobre a região cerebral. Não se passou muito tempo e o infeliz lançou um grito estertoroso e vibrante, dilacerando-me o coração:

— Eu morro! Eu morro!... — Gritava Raul, em suprema aflição, tentando, agora, escalar as paredes. — Acudam-me por caridade. E comprimindo o peito com as mãos, exclamava, em tom lancinante: — Meu coração está partido! Ajudem-me!... Não quero morrer... Enfermeiros solícitos amparavam-no com atenção, mas o paciente parecia tomado de horror. Olhos esgazeados em máscara de sofrimento indefinível, continuava gritando estentoricamente, como se houvesse acordado de pesadelo angustioso. — Éster! Éster!... — chamou o infeliz, recordando a esposa devotada — venha em meu auxílio pelo amor de Deus! Socorra-me! Meus filhos!... Meus filhos!... Alexandre acercou-se dele paternalmente e obtemperou: — Raul, tenha paciência e fé no Divino Poder! Procure enfrentar corajosamente a situação difícil que você mesmo criou e não invoque o nome da companheira dedicada, nem chame pelos filhos amados que deixou na sua antiga paisagem do mundo, porque a porta material de sua casa se fechou com os seus olhos. Se você tivesse cultivado o amor cristão, prezando as oportunidades que o Senhor lhe confiou, fácil seria, num momento destes, regressar ao ninho afetuoso para rever os entes amados, ainda que eles não conseguissem identificar a sua presença. Mas... Agora, meu amigo, é muito tarde... É necessário aguardar outro ensejo de trabalho e purificação, porque a sua oportunidade, com o nome terrestre de Raul, está finda... Imenso pavor a estampar-se-lhe no semblante, o interpelado revidou: — Estarei morto, porventura? Não sinto o coração varado de dor? Não tenho as vestes ensanguentadas? Será isto morrer? Absurdo!... Muito sereno, o bondoso instrutor voltou a falar: — Não empunhou sua arma contra o próprio peito? Não localizou o coração para exterminar a própria vida? Ó meu amigo, podem os homens enganar uns aos outros, mas nenhum de nós poderá iludir a Justiça Divina. Revelando extrema vergonha, ao sentir-se a descoberto, o suicida prorrompeu em soluços, murmurando: — Ah! Desventurado que sou! Mil vezes infeliz!... Alexandre, contudo, não tornou a falar-lhe naquela circunstância. Depois de recomendá-lo carinhosamente aos cuidados dos irmãos responsáveis pelos serviços de assistência, dirigiu-se a mim, explicando: — Vamos, André! Nosso novo amigo está em crise cuja culminância não cederá antes de setenta horas, aproximadamente. Voltaremos mais tarde a vê-lo. De regresso aos meus trabalhos, esperei, ansioso, o instante de reatar as observações educativas. [...] Decorridos quatro dias, o instrutor convidou-me a tornar ao assunto, o que me fez exultar de contentamento pela possibilidade de prosseguir, aprendendo para a minha própria evolução. Encontramos Raul cheio de dores; todavia, mais calmo para sustentar a conversação esclarecedora. Queixava-se da ferida aberta, do coração descontrolado, dos sofrimentos agudos, do grande abatimento. Sabia, porém, que

não se encontrava mais no círculo da carne, embora semelhante verdade lhe custasse angustioso pranto. – Tranquelize-se – disse-lhe o meu orientador, com inexprimível bondade –, sua situação é difícil, mas poderia ser muito pior. Há suicidas que permanecem agarrados aos despojos cadavéricos por tempo indeterminado, assistindo à decomposição orgânica e sentindo o ataque dos vermes vorazes. – Ai de mim! – suspirou o mísero – porque, além de suicida, sou igualmente criminoso. E demonstrando infinita confiança em nós, Raul contou a sua história triste, procurando justificar o ato extremo. [...] Impressionado, contudo, em vista do dilaceramento havido em seu organismo espiritual, indaguei: – E a região ferida? Raul experimentará semelhantes padecimentos até quando? – Talvez por muitos anos – respondeu o instrutor, em tom grave. – Isso, porém, não o impedirá de trabalhar intensamente no campo da consciência, esforçando-se pela reaproximação da bendita oportunidade regeneradora.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“A essa altura, a sofredora mãe, então desperta, passou a interessar-se pela companheira de infortúnio, que fazia a mão direita movimentar-se sobre a garganta. Crendo a custo tratar-se da nora, que se lhe fizera irreconhecível, apelou aflita: – Irene! Irene! Interveio Gúbio, com o poder de despertamento que lhe era peculiar, distribuindo vigorosas energias aos centros cerebrais da criatura que continuava abatida. Transcorridos alguns instantes, a nora de Saldanha ergueu-se, num grito terrível. Sentia dificuldade em articular a voz. Sufocava-se, ruidosamente, presa de angústia infinita. Nosso orientador, vigilante, segurou-lhe ambas as mãos com a destra e com a mão esquerda ministrou-lhe recursos magnético-balsâmicos sobre a glote e, sobretudo, ao longo das papilas gustativas, acalmando-a, de alguma sorte. Embora despertada, a suicida não mostrava a relativa consciência de si mesma. Não guardava a menor ideia de que seu corpo físico se desfizera no túmulo. Era o tipo da sonâmbula perfeita, acordando de súbito. Adiantou-se na direção do esposo, reintegrado nas próprias faculdades e exclamou, estentóricamente: – Jorge, Jorge! ainda bem que o veneno não me matou! Perdoa-me o gesto impensado... Curar-me-ei para vingar-te! Assassinarei o juiz que te condenou a tão cruéis padecimentos! Observando, ao contrário do que esperava, que o esposo não reagia, implorou: – Ouve! Atende-me! Onde dormi tanto tempo? Nossa filha! onde está? O interpelado, todavia, que se lhe desligara da influência direta nos centros perispirituais, prosseguiu na mesma atitude fleumática e impassível de quem ajuizava com dificuldade a própria situação. Foi ainda Gúbio quem se abeirou de Irene, elucidando: – Aquieta-te, minha filha! – Sossegar-me? eu? – protestou a infortunada – não posso! Quero tornar à casa... Esta grade me asfixia... Cavalheiro, por

quem é! Recondúza-me ao lar. Meu esposo permanece encarcerado injustamente... Estará por certo dementado... Não me escuta, não me atende. Por minha vez, sinto a garganta carcomida de veneno mortal... Quero minha filha e um médico! Nosso orientador, contudo, respondeu-lhe com voz triste, não obstante acariciar-lhe a fronte assustadiça: – Filha, as portas de tua casa no mundo cerraram-se para tua alma com os olhos do corpo que perdeste. Teu esposo jaz liberado dos compromissos do matrimônio carnal e tua filha, desde muito, foi acolhida em outro lar. É indispensável, pois, que te refaças, de modo a prestar-lhes todo o serviço que desejas. A desditosa criatura rojou-se de joelhos, soluçando. – Então, morri? A morte é uma tragédia pior que a vida? – clamou, desesperada. – A morte é simples mudança de veste – elucidou Gúbio, sereno –; somos o que somos. Depois do sepulcro, não encontramos senão o paraíso ou o inferno criados por nós mesmos. E adoçando a voz para conversar na condição de um pai, prosseguiu, comovido: – Porque atiraste fora o remédio salvador, esfacelando o vaso sagrado que o continha? Nunca ouviste o choro dos que padeciam mais que tu mesma? Jamais te inclinaste para registrar as aflições que vinham de mais fundo? Porque não auscultaste o silencioso martírio daqueles que não possuem mãos para reagir, pernas para andar, voz para suplicar? – A revolta consumiu-me.... – explicou a desventurada. – Sim – confirmou o instrutor, solícito –, um momento de rebeldia põe um destino em perigo, como diminuto erro de cálculo ameaça a estabilidade dum edifício inteiro. – Infeliz de mim! – suspirou Irene, aceitando a amargosa realidade – onde estava Deus que me não socorreu a tempo? – A pergunta é inoportuna – esclareceu nosso dirigente bondosamente. – Procuraste saber, antes, onde te encontravas a ponto de te esqueceres tão profundamente de Deus? A bondade do Senhor nunca se ausenta de nós. Se transparecia da bendita oportunidade terrena que te conduzia à vitória espiritual, reside também agora nas lágrimas de contrição que te encaminham à regeneração salutar. Admito que possas, em breve, alcançar semelhante bênção; entretanto, cavaste enorme precipício entre a tua consciência e a harmonia divina, que precisarás transpor efetuando a própria recomposição. Por algum tempo, experimentarás a consequência do ato impensado. Colher fruto imaturo é praticar violência. Intoxicaste a matéria delicada sobre a qual se estruturam os tecidos da alma e poucas circunstâncias te atenuam a gravidade da falta. Não percas, porém, a esperança e dirige os passos na direção do bem. Se o horizonte, por vezes, se faz mais longínquo, nunca se torna inatingível. [...]” (AL, *Libertação*, Capítulo 12)

“Muitas entidades em desequilíbrio, lá fora, reclamavam acesso, pronunciando rogativas comovedoras; todavia, o nosso orientador aconselhara fosse a entrada

privativa dos Espíritos que se mostrassem conscientes das próprias necessidades. De há muito aprendera que uma dor maior sempre consola uma dor menor e limitava-me a pronunciar frases curtas, para que os infelizes, ali congregados, encontrassem reconforto, uns com os outros, sem necessidade de doutrinação de minha parte. Conduzindo-me desse modo, pedi a uma das irmãs presentes, em deploráveis condições perispíricas, expor-nos, por gentileza, a experiência de que fora objeto. A infortunada concentrou a atenção de todos, em virtude das feridas extensas que mostrava no semblante agora erguido. – Ai de mim! – começou, penosamente – ai de mim, a quem a paixão cegou e venceu, transportando-me ao suicídio! Mãe de dois filhos, não suportei a solidão que o mundo me impusera com a morte de meu marido tuberculoso. Cerrei os olhos ao campo de obrigações que me convidavam ao entendimento e sufoquei as reflexões ante o futuro que se avizinhava. Olvidei o lar, os filhos, os compromissos assumidos e precipitei-me no vale fundo de sofrimentos inenarráveis. Há quinze anos, precisamente, vagueio sem pouso, à feição da ave imprevidente que aniquilasse o ninho... Leviana que fui! Quando me vi só e aparentemente desamparada, entreguei meus pobres filhos a parentes caridosos e sorvi, louca, o veneno que me desintegraria o corpo menosprezado. Supunha reencontrar o esposo querido ou chafurdar-me no abismo da inexistência; todavia, nem uma realização nem outra me surpreenderam o coração. Despertei sob denso nevoeiro de lama e cinza e debalde clamei socorro, à face dos padecimentos que me asfixiavam. Coberta de chagas, qual se o tóxico letal me atingisse os mais finos tecidos da alma, gritei sem destino certo! A essa altura, porque a emotividade lhe interceptasse a voz, interferi, perguntando, de modo a fixar o ensinamento: – E não consegui retornar ao santuário doméstico? – Ah! Sim! Fui até lá – informou a interpelada tentando dominar-se –, mas, para acentuar-me a angústia, o toque de meu carinho nos filhos amados, que confiara aos parentes próximos, provocava-lhes aflição e enfermidade. As irradiações de minha dor lhes alcançavam os corpos tenros, envenenando-lhes a carne delicada, através da respiração. Quando compreendi que a minha presença lhes inoculava pavoroso “vírus fluídico”, deles fugi aterrada. É preferível suportar o castigo de minha própria consciência isolada e sem rumo que infligir-lhes sofrimento sem causa! Experimentei medo e horror de mim mesma. Desde então, perambulo sem consolo e sem norte. É por isto que venho até aqui implorando alívio e segurança. Estou cansada e vencida... – Convença-se de que receberá os recursos que pleiteia, por intermédio da prece – esclareci, prometendo-lhe a colaboração eficiente de Gúbio.” (AL, *Libertação*, Capítulo 17)

“MECANISMOS DA MENTE. [...] Zonas purgatoriais. Obliterados os núcleos energéticos da alma, capazes de conduzi-la às sensações de euforia e elevação, entendimento e beleza, precipita-se a mente, pelo excesso da taxa de remorso nos fulcros da memória, na dor do arrependimento a que se encarcerava por automatismo, conforme os princípios de responsabilidade a se lhe delinearem no ser, plasmando com os seus próprios pensamentos as telas temporárias, mas por vezes de longuíssima duração, em que contempla, incessantemente, por reflexão mecânica, o fruto amargo de suas próprias obras, até que esgote os resíduos das culpas esposadas ou receba caridosa intervenção dos agentes do amor divino, que, habitualmente, lhe oferecem o preparo adequado para a reencarnação necessária, pela qual retomará ao aprendizado prático das lições em que faliu. É dessa forma que os suicidas, com agravantes à frente do Plano Espiritual, como também os delinquentes de variada categoria, padecem por largo tempo a influência constante das aflitivas criações mentais deles mesmos, a elas aprisionados, pela fixação monoideica de certos núcleos do corpo espiritual, em detrimento de outros que se mantêm malbaratados e oclusos. E porque o pensamento é força criativa e aglutinante na criatura consciente em plena Criação, as imagens plasmadas pelo mal, à custa da energia inestancável que lhe constitui atributo inalienável e imanente, servem para a formação das paisagens regenerativas em que a alma alucinada pelos próprios remorsos é detida em sua marcha, ilhando-se nas consequências dos próprios delitos, em lugares que, retendo a associação de centenas e milhares de transviados, se transformam em verdadeiros continentes de angústia, filtros de aflição e de dor, em que a loucura ou a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram para si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado, para a readmissão indispensável ao trabalho remissor. Pedro Leopoldo, 23/3/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 16)

“[...] — O amor — refutou, congestionado — é poesia para os que se comprazem nas ilusões do corpo... — O ódio, porém — considerou o evangelizador —, é nuvem que tolda a visão da paisagem, entenebrecendo-a. Fantasma truanesco entorpece as mais altas aspirações do espírito humano, conduzindo-o aos sombrios e interminos corredores da loucura, sem paz nem lume... Só o amor derrama sol nas almas, penetrando de esperanças os seres. Experimente amar e, de pronto, perceberá diminuir a própria dor. — Amar? — exclamou, alucinado — Amor? Como amar se não poderei perdoar nunca, pois que jamais conseguirei esquecer todo o mal que me fizeram os traidores desalmados, cuja memória abjuro! A dor que me crucia fez-me perder a noção do tempo e a realidade da vida. Meu viver transformou-se apenas no intermínio

buscar daqueles que me fulminaram, impiedosos, sem me terem destruído, o que teria sido bênção em relação ao que padeço. Certamente que eles esqueceram, sim... Eu, porém, nunca esqueci, jamais esquecerei!... Desde que se acumpliciaram os dois para aniquilar-me — o que não conseguiram, sem dúvida —, que a minha vida foi destruída para sempre. A morte, que eu esperava ser um lenitivo, quando fugi com o espírito pisoteado de vergonha e dor, em nefando suicídio, ao invés de fazer-me desintegrar a consciência, mais ativou-a... Tenho chorado, e o pranto se transforma em aço derretido, escaldante, rasgando-me a face. Quando gritava, minha voz era recebida com doestes e zombarias inomináveis por mil seres que me perseguiram... E a dor que me despedaçava foi adicionada à dor acerba do suplício que me impusera para fugir... Morri sem morrer... E, enquanto a vermina me penetrava o recesso do espírito fustigado por mil dores, eles, os meus algozes, gozavam, fruía a juventude... Como se eu estivesse dirigido por duendes sem entranhas, era arrastado, em alucinada desesperação, para junto deles, de modo a vê-los, acompanhá-los, ouvi-los, e se me lançava sobre ambos e lhes gritava a minha infinita desdita, os seus ouvidos não me escutavam... Oh! Nunca poderei esquecer; perdoar, amar, nunca, nunca!...” [...] (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 1)

“MORRER E LIBERTAR-SE. [...] Sob o comando seguro, os lidadores destrinçaram os laços mais vigorosos, enquanto colocavam os Espíritos na rede protetora, que foi erguida à superfície do mangue, donde foram transferidos para as padiolas que já os aguardavam. A equipe de *salvamento* prosseguiu liberando os condutos que mantiveram os corpos vivos sob a energia vital do Espírito. Interrompida a comunicação física, permaneciam poderosos liames que se desfaziam somente na medida em que se iniciasse o processo de decomposição cadavérica, em tempo nunca inferior a cinquenta horas e, considerando-se as circunstâncias em que se dera a desencarnação, no caso muito violenta, em período bem mais largo. Não há mortes iguais. Tendo-se em conta as conquistas morais de cada pessoa, os requisitos espirituais que a cada qual tipificam os apegos ou não à matéria, as fixações e jogos de interesse, as dependências físicas e mentais, a desencarnação varia de um a outro homem, que experimenta perturbação correspondente, em tempo, ao estado íntimo em que se situa. Morrer nem sempre significa libertar-se. A morte é orgânica, mas a libertação é de natureza espiritual. Por isso, essa turbacão espiritual pode demorar breves minutos, nos Espíritos nobres, como decorrência da *grande cirurgia* e até séculos, nos mais embrutecidos, que se não dão conta do que lhes sucede... Nas desencarnações violentas, o período e a intensidade de desajuste espiritual correspondem à responsabilidade que envolveu o processo

fatal. Acidentes de que se não têm uma culpa atual, passado o brusco choque, sempre tornam de menor duração o período perturbador do que ocorrendo em condições de intemperança moral, quando o descomedido passa a ser incurso na condição de suicida indireto. O mesmo sucede nos casos de homicídio, em que a culpa ou não de quem tomba responde pelos efeitos, em aflições, que prossegue experimentando. Já os suicidas, pela gravidade do gesto de rebeldia contra os Divinos Códigos, carpem, sofrem por anos a fio a desdita, enfrentando, em estado lastimável e complicado o problema de que pretendem fugir, não raro experimentando a perseguição de impiedosos adversários que reencontram no além-túmulo, que os submetem a processos cruciais de lapidação em dores morais e *físicas*, em face da destruição do organismo que fora equipado para mais largo período, na Terra... A operação de desintegração dos laços fluídicos com os despojos físicos, que ali se realizava, demorou por meia hora, aproximadamente.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 10)

“**MORTE E DESENCARNAÇÃO** Etimologicamente, morte significa “cessação completa da vida do homem, do animal, do vegetal”. Genericamente, porém, morte é transformação. Morrer, do ponto de vista espiritual, nem sempre é desencarnar, isto é, liberar-se da matéria e das suas implicações. A desencarnação é o fenômeno de libertação do corpo somático por parte do Espírito, que, por sua vez, se desimanta dos condicionamentos e atavismos materiais, facultando a si mesmo liberdade de ação e de consciência. A morte é o fenômeno biológico, término natural da etapa física, que dá início a novo estado de transformação molecular. A desencarnação real ocorre depois do processo da morte orgânica, diferindo em tempo e circunstância, de indivíduo para indivíduo. A morte é ocorrência inevitável, em relação ao corpo, que, em face dos acontecimentos de vária ordem, tem interrompidos os veículos de preservação e de sustentação do equilíbrio celular, normalmente em consequência da ruptura do fluxo vital que se origina no ser espiritual, anterior, portanto, à forma física. A desencarnação pode ser rápida, logo após a morte, ou se alonga em estado de perturbação, conforme as disposições psíquicas e emocionais do ser espiritual. Consoante a **lei da entropia**, que estabelece a necessidade da energia para a manutenção da vida, a morte é o efeito imediato da carência desse agente, seja a pouco e pouco, pelo envelhecimento dos órgãos, que já não se renovam, ou mediante a violência, de qualquer modalidade, que lhe impede a sustentação das moléculas que se aglutinam sob a sua força de coesão. Tendo-se em vista que o homem procede do mundo espiritual, a morte é o veículo que o reconduz à origem, onde cada qual ressurge com as características definidoras das suas conquistas. Morrer

é, portanto, muito fácil, isto é, interromper o ciclo orgânico, o que, entretanto, não significa deixar de viver, desde que, indestrutível, a vida ressurgirá sob outro aspecto, sem que haja cessação do seu curso ou outra qualquer forma de aniquilamento. Porque a vida se encontra submetida a leis invioláveis na sua estrutura íntima, o próprio ato de morrer, não poucas vezes, é precedido de exames e estudos por parte dos Espíritos encarregados de manutenção da vida, que são os Mentores dos homens, dedicados a auxiliar no desenvolvimento intelecto-moral a que todos somos submetidos como encarnados ou desencarnados. Na faixa em que se encontram os mais simples espiritualmente, cujas vidas se desenvolvem nas áreas das experiências mais instintivas, qual a alimentação, a reprodução, o repouso e o prazer, a ocorrência da morte se dá através de automatismos previstos pelo processo natural da evolução, num ir-e-vir que facultará condições para que sejam atingidas etapas de maior relevância. Nas fases em que ao instinto mais dominador sucedem as aspirações do discernimento, dos ideais e compromissos nobres, o livre-arbítrio, comandando muitos dos mecanismos morais, propicia os cuidados dos Instrutores desencarnados que se encarregam de estabelecer os períodos de aprendizagem no corpo, de acordo com os compromissos pretéritos no campo das conquistas e dos prejuízos adquiridos pelo ser em crescimento. Nas expressões mais relevantes da responsabilidade moral e espiritual dos indivíduos vinculados a tarefas deveras significativas, da mesma forma que a reencarnação exige cuidados e planejamento especiais, a morte e a liberação imediata são conduzidas através de programas mais bem estudados. De acordo com os valores individuais e o efeito que causam suas vidas em outras vidas, a morte pode ser antecipada ou postergada, considerando-se os benefícios que decorrem da interrupção da vilegiatura carnal. Certamente, nas outras faixas do processo evolutivo, a morte pode ser precipitada tanto quanto retardada, graças ao desgaste ou prolongamento das forças vitais mantenedoras do corpo, como resultado do uso que se permitam as criaturas. No suicídio direto, violento, a morte não liberta, produz, ao contrário, o prolongamento das aflições, aumentadas pelas dores morais e pelos fenômenos decorrentes da imantação do Espírito ao corpo, pelas fixações mentais geradoras de sensações novas e rudes, que enlouquecem, quase sempre, todo aquele que planejou fugir, sendo pela vida surpreendido mais adiante. Em proporções menores, não, porém, menos dolorosas, dá-se a mesma agonia nos suicídios indiretos, no desgaste exagerado que decorre do abuso das funções do corpo, cuja finalidade específica é a de ensinar o progresso do Espírito que se deve aprimorar, qual aluno aplicado no educandário que frequenta. A desencarnação dá-se, também, noutras circunstâncias,

mesmo antes da ocorrência da morte física, quando o ser, voltado para a realidade maior, a causal, começa a transferir as aspirações e anelos para esta, vivendo e agindo no mundo sem que se deixe aprisionar aos seus grilhões. Nesse sentido, o sofrimento resignado tem papel relevante, porque faculta a superação dos condicionamentos, transformando sensações grosseiras em emoções menos densas que as cargas das paixões primitivas. Em outros casos, a desencarnação se inicia mesmo durante a vida física, através das atitudes idealistas, missionárias, em que a abnegação, a renúncia, o sacrifício e o amor em dimensões mais amplas sutilizam o **peso específico** da organização material, transformando as correntes de energia que transitam do ser espiritual para o corpo e vice-versa, agindo nos implementos orgânicos de forma menos densa. Biologicamente, começa-se a morrer desde quando se começa a viver, pois que as transformações celulares se dão incessantemente. A morte deve merecer estudos e reflexões por parte de todos os homens, mergulhados que estão nas **correntes** da vida, temporariamente amortecidas a lucidez e as recordações pela **indumentária** carnal. Assim considerando, em muitos casos, para morrer e logo desencarnar e libertar-se é necessário ter merecimento. Permanecer num corpo mutilado e dorido, sob os camartelos das aflições morais e físicas, constitui necessidade inadiável, e essa conduta na dor facultará ou não a libertação, conforme seja vivida. Como cada homem tem a vida de que precisa, na Terra, para crescer e ser feliz, cada qual tem a morte a que faz jus em razão dos atos praticados. Nesta proposta — morrer e desencarnar, termos da mesma equação da vida —, o homem de bem opta pela conduta de libertação, graças à qual, tão logo ocorra a interrupção da vida orgânica, ele se desprende dos despojos físicos e de suas implicações escravocratas, ensejando-se-lhe a libertação real, no retomo feliz ao lar que o aguarda após a experiência evolutiva ora concluída.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Morte e desencarnação)

“**PERTURBAÇÃO NO ALÉM-TÚMULO.** Como efeito da conduta moral e das aspirações a que se vincula o Espírito, o seu estado de perturbação após a morte do corpo perdura por breve ou longo tempo, fenômeno natural quanto lógico. Quase todos os desencarnados experimentam a turbacão que sucede ao desprendimento da matéria. A intensidade e o prazo variam conforme as condições de cada um. As pessoas que viveram para o prazer, usufruindo sensações e gozos desenfreados, recusam-se a compreender a ocorrência liberadora, já que prosseguem fixados aos sentidos e apetites a que se vincularam, sofrendo inenarráveis angústias por não serem atendidos nos hábitos antigos, mesmo que se esforcem até quase à exaustão. Outros indivíduos, que eliminaram da mente qualquer possibilidade de sobrevivência ao cadáver,

hibernam-se, experimentando inconcebíveis **pesadelos** que decorrem dos fenômenos biológicos em contínua transformação e que neles se impõem por tempo indeterminado. Os onzenários e egoístas, os delinquentes de qualquer tipo, veem a tragédia do mau uso que os seus herdeiros ora fazem dos bens avaramente acumulados, assim como as consciências criminosas enfrentam suas vítimas, algumas das quais as perdoam, tornando-se insuportável a presença delas. Pior ainda é-lhes a sujeição que passam a sentir sob aquelas outras que os descobriram e, também inferiores, buscam desforçar-se com agressividade, não lhes dando tempo a que recuperem, sequer, a lucidez a respeito da própria situação. Os que foram arrebatados por morte violenta, por imprevidência, precipitação ou desleixo, em atos suicidas, continuam imantados aos despojos putrescíveis por muito tempo. São os suicidas aqueles que mais penosa perturbação experimentam em consequência da rebeldia que os alucinou, alongando-se-lhes o drama do momento final, quase que infinitamente, pela impossibilidade mental e emocional de dimensionarem o tempo. Os que esperavam encerrar num gesto brusco ou mediante um programa bem elaborado, se lhes amplia, insuportavelmente. A tranquilidade espiritual na ultra tumba deve ser trabalhada adredemente, qual ocorre em qualquer realização, cujo clímax é o resultado de uma programação cuidadosa. Encerrando a vida biológica apenas, a morte, na condição de hábil cirurgiã, interrompe somente os laços que prendem o Espírito ao corpo físico, dependendo daquele a liberação emocional deste último. Quem jamais se preocupou com essa lei da fatalidade orgânica, sofre, com a surpresa que o assalta, as consequências do medo, das imagens fantasistas a que se acomodou e da realidade pujante da qual não se pode furtar. O inverso igualmente se dá, facultando ao homem justo e diligente, honesto e caridoso, um suave e rápido despertar, recepcionado pelos amores que o anteciparam e o aguardam felizes... De alguns minutos apenas ou de poucas horas é-lhe a duração do estado aflitivo, perturbador, ou passado em sono agradável, do qual desperta em festa de alegria pelos reencontros formosos. As enfermidades de longo curso, os sofrimentos e provações bem suportados propiciam ao Espírito o lento desprender-se dos condicionamentos mundanos, favorecendo o pensamento com projeções da vida triunfante, que constata com facilidade e rapidez. Todo e qualquer hábito longamente cultivado impregna o indivíduo, que se lhe submete, mesmo quando dele deseja libertar-se. Desse modo, determinadas viciações, longamente mantidas, exigem tempo idêntico ao da fixação para que, além do corpo, se desimpregnem do Espírito. Não há porque estranhar o fato, recordando-se que na área da reeducação, diante de hábitos extravagantes e perniciosos, o processo é

o mesmo, sempre penoso quão demorado. No que tange ao ser eterno, este fica tão condicionado e intoxicado que o processo de liberação se impõe lento, forma, aliás, salutar de se evitarem danos mais graves. tombando, quando presunçosos, em terrível mágoa, decepção ou revolta que os transtorna por longo período, deixando-os em lamentável perturbação. Aqueles, no entanto, que tomaram conhecimento do que sucede após a matéria e não viveram em conformidade com essa crença, caem em depressão prolongada, assim que constatarem a sobrevivência espiritual. Para ninguém ocorre exceção, em qualquer lugar onde se encontre. Cada Espírito, seguindo o heliotropismo divino, apressa, estaciona ou retarda a marcha, não se retendo indefinidamente, pois que o Amor é o mesmo e invariável para todos no processo evolutivo. Em consequência, em toda e qualquer conjuntura luz a misericórdia de Deus através da presença de Nobres Mentores e afeiçoados pessoais, que cooperam com o recém-desencarnado, não interferindo, porém, pela violência, na colheita que a cada qual diz respeito, em face da sua sementeira terrena. O conhecimento da vida espiritual e as ações edificantes, trabalhando o metal do caráter humano, são o passaporte e a passagem que facultam a viagem feliz, com uma chegada ditosa, sem embaraço ou impedimento na travessia da aduana da morte. O homem deve sempre reservar alguns momentos diários para meditar a respeito da viagem de volta e, conscientemente, reunir a valiosa bagagem que irá conduzir, única de que se poderá utilizar ao transpor a fronteira do mundo físico. A perturbação espiritual após a morte é, portanto, o resultado do comportamento de cada criatura enquanto se encontra sob as imposições orgânicas.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Perturbação no além-túmulo)

“IMPRESSÕES MARCANTES. [...] Já me encontrava no Hospital psiquiátrico por duas semanas de enriquecimento espiritual, quando o dr. Ignácio me informou que desejava levar-me às enfermarias onde se encontravam os irmãos sonâmbulos. Certamente, não me era estranha a situação em que muitos Espíritos chegam à Erraticidade e cá permanecem por largo tempo anestesiados nos centros da consciência, até quando o Amor os recambia à reencarnação em processos dolorosos de recuperação. Trata-se, muitas vezes, de suicidas, assassinados, psicopatas, pessoas que haviam sido vítimas de desencarnação violenta e cujo processo de despertar era difícil em razão das circunstâncias que os arrebataram do corpo somático. No entanto, a forma como o Diretor se referiu àqueles pacientes chamou-me particularmente a atenção, despertando-me saudável curiosidade. Terminados os seus labores diurnos, às 20h. o incansável médico me aguardava no seu gabinete, para onde rumamos, Alberto e eu. Apresentando excelente disposição defluente do bem fazer

e da alegria de servir, recebeu-nos com demonstração de afeto, logo dispondo-se a conduzir-nos à área especializada. — Trata-se de um lugar específico em nosso pavilhão — acentuou com delicadeza — onde se encontram amparados inúmeros Espíritos em estado de hibernação temporária. A mente exerce em todos nós, conforme é do nosso conhecimento, um papel preponderante. A denominada mente abstrata concebe e o nominalismo verbal envolve a ideia que passa a ter existência real, tomando forma e facultando-nos identificar pensamentos, coisas, pessoas, assim como intercambiar mensagens. Quando essas formulações possuem conteúdo edificante, saudável e aspirações nobres, transformam-se em paisagens de beleza e de alegria, favorecendo o bem-estar e a tranquilidade naquele que as cultiva. Da mesma forma, quando tendem ao primarismo, ao exclusivamente sensorial, particularmente nas áreas do prazer e do mesquinho, igualmente se convertem em províncias de gozo rápido e sombrio, envoltas em névoa densa, na qual se movimentam e se vitalizam arquétipos grosseiros e princípios espirituais em transição evolutiva. Noutras ocasiões, homiziam-se, nesses redutos mentais, Espíritos profundamente asselvajados que se alimentam dessas emanções deletérias em um círculo vicioso entre o paciente, seus hospedeiros e vice-versa. Como efeito do baixo teor dessas vibrações, a mente degenera na seleção de mensagens e retrai-se, fixando-se apenas naquelas em que se comprazem os indivíduos. Com o passar do tempo, quase monoidealizando-se, o Espírito deixa de emitir novos influxos psíquicos e o perispírito sofre alterações correspondentes, retraindo-se, voltando às expressões iniciais... “Difere esse processo dos lamentáveis casos de zoantropia, licanthropia e diversos equivalentes, porque não são produzidos por hipnose exterior, mas por exclusiva responsabilidade do enfermo. “Nunca será demasiado insistir-se na necessidade da educação do pensamento, na disciplina das aspirações mentais, nas buscas psíquicas relevantes, a fim de evitar-se o enredamento nas malhas das próprias construções idealizadas.” Descemos ao piso inferior, já nosso conhecido, no qual se encontrava Ambrósio, aproximando-nos de uma dentre várias enfermarias de maior porte, e adentrando-nos cuidadosamente. Embora se tratasse de uma sala de dimensão expressiva, com janelas que davam para o exterior — mesmo a construção se encontrando em uma espécie de subsolo — as mesmas eram resguardadas por cortinas espessas para impedir a claridade que pudesse vir de fora. Apesar da suave luz que se derramava do alto, pairava no ambiente uma tênue névoa pardacenta que cobria praticamente todo o ambiente acima dos leitos bem cuidados e paralelamente arrumados em ambos os lados, mantendo uma ampla passagem central que os separava. Na parte do fundo, pude observar que

havia alguns biombos, que recordavam os existentes nas enfermarias terrestres, para preservar a intimidade dos doentes. Sentia-se também um odor nauseante especial, conforme percebera nas visitas a Ambrósio, enquanto diversas Entidades amigas, vigilantes e dedicadas, permaneciam silenciosas assistindo-os a todos. Podíamos escutar também o ressonar pesado dos adormecidos, com variações de ritmo, que certamente representava o estado de torpor ou de pesadelo vigente em cada qual. Acercando-se de um leito assistido por uma Senhora que denotava elevação espiritual, o Diretor saudou-a afavelmente e apresentou-nos sem maiores explicações. - A querida amiga — disse-nos com naturalidade — e a genitora do irmão Agenor, que se encontra em estado sonambúlico, há mais de dois anos entre nós. Com frequência, vem visitar o filho e envolvê-lo em energias diluentes do casulo no qual se encarcerou. A sua constância e amor têm contribuído eficazmente para o refazimento do jovem equivocado, lentamente arrancando-o da auto-hipnose que se permitiu embora inconscientemente. A Dama, que irradiava cativante simpatia, sorriu e acrescentou: — Percebo-o mais calmo e já consigo emitir pensamentos que lhe ressoam na casa mental, convidando-o a sair do esconderijo onde se oculta. Dr. Ignácio solicitou-me que me concentrasse na área correspondente ao encéfalo do adormecido. Todo ele fazia recordar uma crisálida, no seu processo de transformação. Havia adquirido estranha aparência, envolvendo-se em anéis constritores que se movimentavam ao ritmo respiratório. As formas convencionais e humanas haviam sido substituídas pela esdrúxula carapaça que o envolvia externamente, apesar de a respiração eliminar a mefítica substância que se adensava no ar em contato com a predominante no recinto. Tomado de sincera compaixão e mentalizando o Mestre Jesus, procurei direcionar o meu pensamento para a área correspondente ao cérebro e, à medida que ali me fixava, pude observar que penetrava o envoltório grosseiro, podendo acompanhar a luta que era travada pelo Espírito mergulhado em angústia inominável. Tratava-se de um encarcerado esforçando-se para libertar-se da constrição entre blasfêmias e imprecizações, ameaçando-se de extermínio com interregnos de alucinação e gritaria infrene. Pela sua memória repassavam, como numa tela cinematográfica, os atos que havia cometido e que respondiam pela situação penosa em que se encontrava, sofrendo inenarrável aflição que, no entanto, não o conseguia consumir. Fixações mais severas repetiam-se em terrível continuidade, impedindo-lhe qualquer disposição para pensar ou elaborar algum mecanismo de libertação. Nessa rude peleja surgiam com rapidez momentos de calma, que pareciam animá-lo, para logo recrudescer o tormento. Naquela visão profunda, apareciam as imagens do passado, especialmente as

decorrentes do uso infeliz que fizera da existência dedicada ao prazer e, por fim, ao mergulho em distúrbio depressivo sob a ação mental de vingador inclemente que o induziu ao suicídio..." (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 14)

VI.4. Responsabilidades pelo ato praticado

“– Procuremos algum de nossos irmãos visitantes. Temos necessidade de informes iniciais para dar uma feição imediata ao nosso trabalho intercessório. Porque Alexandre demandasse outros aposentos, deixei igualmente a modesta sala de refeições, embora desejasse continuar observando. O instrutor, porém, não tinha muito tempo para gastar. Depois de rápidos minutos, fomos defrontados por uma entidade de aspecto humilde, mas muito digno, a quem Alexandre se dirigiu afavelmente: – Meu amigo é visitador em função ativa? – Sim, para servi-lo – respondeu, atencioso, o interpelado. O orientador expôs-lhe, com franqueza e em poucas palavras, o que desejávamos. Então, o irmão visitador explicou-se razoavelmente: conhecera Raul, de perto, auxiliara-o muitas vezes, prestando-lhe continuada assistência espiritual; todavia, não pudera, nem ele e nem outros amigos, evitar-lhe o suicídio friamente deliberado. – Suicídio? – interrogou Alexandre, procurando informar-se de maneira completa. – A viúva acredita em assassinio. – Entretanto – ponderou o novo amigo –, ele soubera dissimular com cuidado. Meditara por muito tempo o ato infeliz e, no último dia, fizera a aquisição de um revólver para o fim desejado. Alvejando a região do coração, atirou a arma à pequena distância, depois de utilizá-la, cautelosamente, para evitar as impressões digitais e, desse modo, conseguira burlar a confiança dos familiares, fazendo-os supor tivesse havido doloroso crime. – E chegou a vê-lo nos derradeiros minutos da tragédia? – indagou Alexandre, paternal. – Sim – esclareceu o interlocutor –, alguns amigos e eu tentamos socorrê-lo, mas, em vista das condições da morte voluntária, friamente deliberada, não nos foi possível retirá-lo da poça de sangue em que se mergulhou retido por vibrações pesadíssimas e angustiosas. Permanecíamos em serviço com o fim de ampará-lo, quando se aproximou um “bando” de algumas dezenas, que abusou do infeliz e deslocou-o, facilmente, em virtude da harmonia de forças perversas. Como pode compreender, não nos foi possível arrebata-lo das mãos dos salteadores da sombra, que o carregaram por aí... O instrutor parecia satisfeito com as elucidações e, quando vi que se dispunha a terminar a palestra, ousei perguntar: – Mas... E a causa do suicídio? Não será interessante ouvir o visitador? – Não – explicou Alexandre, tranquilamente –. Indagaremos do próprio interessado. Despedimo-nos.

Determinada indagação, todavia, atormentava-me o cérebro. Não a contive por muitos instantes, dirigindo-me ao generoso orientador: Um “bando”? Mas o que significa? – interoguei. Alexandre, que me parecia agora mais preocupado, esclareceu: – O “bando” a que se refere o informante é a multidão de entidades delinquentes, dedicadas à prática do mal. Embora tenham influência limitada, em virtude das defesas numerosas que rodeiam os núcleos de nossos irmãos encarnados e as nossas próprias esferas de ação, levam a efeito muitas perturbações, concentrando os impulsos de suas forças coletivas. Porque fosse muito grande a minha estranheza, o instrutor aduziu: – Não se surpreenda, meu amigo. A morte física não é banho milagroso, que converta maus em bons e ignorantes em sábios, dum instante para outro. Há desencarnados que se apegam aos ambientes domésticos, à maneira da hera às paredes. Outros, contudo, e em vultoso número, revoltam-se nos círculos da ignorância que lhes é própria e constituem as chamadas legiões das trevas, que afrontaram o próprio Jesus por intermédio de obsidiados diversos. Organizam-se diabolicamente, formam cooperativas criminosas e aí daqueles que se transformam em seus companheiros! Os que caem na senda evolutiva, pelo descaso das oportunidades divinas, são escravos sofrendores desses transitórios, mas terríveis poderes das sombras, em cativeiro que pode caracterizar-se por longa duração. – Mas o visitador regional, como guarda destes sítios – inquiri, espantado –, não poderia defender o suicida infeliz? – Se ele fosse vítima de assassinio, sim – respondeu o instrutor –, porque, na condição real de vítima, o homem segrega determinadas correntes de força magnética suscetíveis de pô-lo em contato com os missionários do auxílio; mas no suicídio previamente deliberado, sem a intromissão de inimigos ocultos, como este sob nossa observação, o desequilíbrio da alma é inexprimível e acarreta absoluta incapacidade de sintonia mental com os elementos superiores. – Mas – indaguei, assombrado – as sentinelas espirituais não poderiam socorrer, independentemente? Esboçou Alexandre um gesto de tolerância fraterna e acentuou: – Sendo a liberdade interior apanágio de todos os filhos da Criação, não seria possível organizar precipitados serviços de socorro para todos os que caem nos precipícios dos sofrimentos, por ação propositada, com plena consciência de suas atitudes. Em tais casos, a dor funciona como medida de auxílio nas corrigendas indispensáveis. Mas... E os maus que parecem felizes na própria maldade? Perguntará você, naturalmente. Esses são aqueles sofrendores perversos e endurecidos de todos os tempos, que, apesar de reconhecerem a decadência espiritual de si mesmos, criam perigosa crosta de insensibilidade em torno do coração. Desesperados e desiludidos, abrigando venenosa revolta, atiram-se à onda torva

do crime, até que um novo raio de luz lhes desabroche no céu da consciência.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“Na mocidade, viera do interior para a cidade grande, atendendo ao convite de Noé, seu camarada de infância. Companheiro devotado e sincero, esse amigo apresentara-o, certa vez, à noiva querida, com quem esperava tecer, no futuro, o ninho de ventura doméstica. Ai! Desde o dia, porém, que vira Ester pela primeira vez, nunca mais pôde esquecê-la. Personificava a jovem o que ele, Raul, reputava como seu mais alto ideal para o matrimônio feliz. Em sua presença, sentia-se o mais ditoso dos homens. Seu olhar alimentava-lhe o coração, suas ideias constituíam a continuidade dos seus próprios pensamentos. Como, porém, fazer-lhe sentir o afeto imenso? Noé, o bom companheiro do passado, tornara-se-lhe o empecilho que precisava remover. Ester seria incapaz de traição ao compromisso assumido. Noé mostrava-se infinitamente bondoso e estimável para provocar um rompimento. Foi então que lhe nasceu no cérebro a tenebrosa ideia de um crime. Eliminar o rival. Não cederia sua felicidade a ninguém. O colega deveria morrer. Mas como efetuar o plano sem complicações com a Justiça? Enceguecido pela paixão violenta, passou a estudar minuciosamente a realização de seus criminosos propósitos. E encontrou uma fórmula sutil para a eliminação do companheiro dedicado e fiel. Ele, Raul, passou a usar conhecido e terrível veneno em pequeninas doses, aumentando-as vagarosamente até habituar o organismo com quantidades que para outrem seriam fulminantes. Atingido o padrão de resistência, convidou o companheiro para um jantar e propinou-lhe o veneno odioso em vinho agradável que ele próprio bebeu, sem perigo algum. Noé, porém, desaparecera em poucas horas, passando por suicida à apreciação geral. Guardou ele, para sempre, o segredo terrível e, depois de cortejar gentilmente a noiva chorosa, conseguiu impor-lhe simpatia, que culminou em casamento. Atingira a realização do que mais desejava: Ester pertencia-lhe na qualidade de mulher; vieram os filhinhos enfeitar-lhe o viver, mas... A sua consciência fora ferida sem remissão. Nas mais íntimas cenas do lar, via Noé, através da tela mental, exprobrando-lhe o procedimento. Os beijos da esposa e as carícias dos filhos não conseguiam afastar a visão implacável. Ao invés de decrescerem, seus remorsos aumentavam sempre. No trabalho, na leitura, na mesa de refeições, na alcova conjugal, permanecia a vítima a contemplá-lo em silêncio. A certa altura do destino, quis entregar-se à justiça do mundo, confessando o crime hediondo; entretanto, não se sentia com o direito de perturbar o coração da companheira, nem deveria encher de lodo o futuro dos filhinhos. A sociedade respeitava-o, acatando-lhe o ambiente doméstico. Companheiros distintos de trabalho prezavam-lhe

a companhia. Como esclarecer a verdade em semelhantes contingências? Não obstante amar ternamente a esposa e os filhos, achava-se esgotado, ao fim de prolongada resistência espiritual. Receava a perturbação, o hospício, o aniquilamento, fugindo à confissão do crime que, cada dia, se tornava mais iminente. A essa altura, a ideia do suicídio tomou vulto em seu cérebro atormentado. Não resistiu por mais tempo. Esconderia o último ato do seu drama silencioso, como ocultara a tragédia primeira. Comprou um revólver e esperou. Certo dia, após o trabalho diário, absteve-se do caminho de volta ao lar e empunhou a arma contra o próprio coração, agindo cautelosamente para evitar as marcas digitais. Atingido o alvo, num supremo esforço desfizera-se do revólver homicida e não teve a atenção voltada senão para o intraduzível padecimento do tórax estrangulado... Dificilmente, como se os seus olhos permanecessem anuviados, sentiu que algumas pessoas tentavam socorrê-lo e, em seguida, verdadeira multidão de criaturas, que ele não pôde ver, arrebatava-o do local de dor... Desde então, um enfraquecimento geral tomara-o por completo. Sentia-se presa de um sono pesado e angustioso, cheio de pesadelos cruéis. E, por fim, somente recuperara a consciência de si mesmo, ali naquele quarto modesto, depois de Alexandre restaurar-lhe as energias em prostração... Terminando a confissão longa e amarguosa, Raul tinha o peito oprimido e lágrimas pesadas a lhe lavarem o rosto. Comovidíssimo, não sabia, por minha vez, o que externar. Aquele drama oculto daria para impressionar corações de pedra. Alexandre, contudo, demonstrando a grandeza de suas elevadas experiências, mantinha respeitável serenidade e falou: – Nos maiores abismos, Raul, há sempre lugar para a esperança. Não se deixe dominar pela ideia de impossibilidade. Pense na renovação de sua oportunidade, medite na grandeza de Deus. Transforme o remorso em propósito de regeneração. E após ligeira pausa, enquanto o infeliz se debulhava em pranto, o mentor prosseguiu: – Em verdade, seus males de agora não podem desaparecer milagrosamente. Todos faremos a colheita compatível com a sementeira, mas também nós, que hoje aprendemos alguma coisa, já passamos, vezes inúmeras, pela lição de recomeçar. Tenha calma e coragem.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“A irmã Blandina solicitava-nos concurso imediato, em favor do pequeno Júlio, que confiara aos cuidados de Mariana, enquanto nos buscava a companhia. Valendo-me da excursão para o Lar da Bênção, indaguei do Ministro quanto a certo enigma que me feria a imaginação. Esteves, ao tempo da guerra do Paraguai, sofrera tanto quanto Júlio o suplício do veneno. Porque surgiam em ambos efeitos tão díspares? O menino ainda trazia a garganta doente, ao passo que o enfermeiro, vitimado por Leonardo, não parecia

haver conhecido qualquer consequência mais grave... Clarêncio, sorrindo, explicou afetuosamente: – Não tomei em consideração o exame das causas. Esteves foi envenenado, enquanto Júlio se envenenou. Há muita diferença. O suicídio acarreta vasto complexo de culpa. A fixação mental do remorso opera inapreciáveis desequilíbrios no corpo espiritual. O mal como que se instala nos recessos da consciência que o arquiteta e concretiza. Vimos Leonardo Pires com a imagem de Esteves atormentando-lhe a imaginação e observamos Júlio, enfermo até agora, em consequência de erros deliberados aos quais se entregou há quase oitenta anos. O pensamento que desencadeia o mal encarcera-se nos resultados dele, porque sofre fatalmente os choques de retorno, no veículo em que se manifesta. E, à frente das silenciosas reflexões que me absorviam, acrescentou: – É natural que assim seja. Atingíramos a graciosa residência de Blandina. Entramos. O choro de Júlio infundia compaixão. [...]” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 20)

“[...] — Os suicídios que tiveram por causa a obsessão de um Espírito perverso, sobre o encarnado, apresentam certa parcela de atenuantes para a vítima e agravantes para o algoz. [...] Ora, o suicídio, assim efetuado, transformou-se antes num assassinio gravíssimo, contornado de agravantes, cometido pelo obsessor, que responderá pela crueldade exercida, perante a justiça do Criador Supremo. Quanto ao obsidiado, sua responsabilidade certamente foi profunda, em razão de haver permitido acesso às arremetidas inferiores, por se conservar igualmente inferior, não desejando o próprio progresso com a renovação dos próprios valores morais à procura do ser espiritual e divino existente em si, não tentando reações de ordem moral e mental para dignamente se equilibrar nos deveres impostos pela existência. Responderá, portanto, pela fraqueza e a descrença que testemunhou, enfrentando, após o suicídio, momentos críticos, decepcionantes, da vida do Além, e retornando à Terra para, em existência nova, terminar a que fora interrompida pela fragilidade demonstrada ao entregar-se às mãos do algoz, sem tentar defender-se com as devidas diligências, ou reações.” (BM, *Dramas da obsessão*, Primeira parte, Capítulo 6)

“Quanto a Leonel, que desde quatro séculos vem espiando as tenebrosas consequências dos seus crimes de inquisidor-mor, presentemente, arrependido e lamentando o passado, encontra-se em vias de ressurgimentos gerais para a definitiva regeneração, disposto aos mais severos testemunhos exigidos pela consciência para a própria reabilitação. Seus trajetos pelas estradas do futuro, tais como os de sua filha Alcina (o antigo João-José, espião de Azambuja), serão ainda áspersos, visto que, ao demais, o suicídio por obsessão não os isentou de responsabilidades, pois, se

houve, efetivamente, sugestões externas impelindo-os ao feito macabro, estas, no entanto, lhes não tolheram a possibilidade de raciocinar para se defenderem, arredando-as, o que não fizeram porque, realmente, preferiam as paixões arrasadoras do mundo ao suave contato mental com o amor de Deus através da Prece, que lhes teria fornecido forças de resistência contra a tentação. Prontos se encontram ambos, mas agora sinceramente, a estreitarem nos braços, definitivamente, aqueles pobres judeus que outrora lhes franquearam, confiantes, a Intimidade do lar doméstico, esperando da sua honradez pessoal o mesmo respeito e consideração idêntica. E o farão — afirmaram ambos, em momento solene de certa reunião do mundo invisível, em presença de instrutores dedicados — por amor daquele Eterno Deus cujas leis protetoras lhes forneceram ensejos novos de resgate e reabilitação dos crimes passados. Acrescentarei, finalmente, que o antigo Rábino Timóteo Aboab, já reencarnado nos dias atuais, receberá em seu futuro lar conjugal — como filhos de um consórcio legítimo — além dos seus mesmos três filhos de outrora, em novas experiências de reabilitação e progresso, também aquele pobre Leonel e sua filha Alcina, aos quais impeliu ao suicídio através de um constante, sistemático trabalho de obsessão simples ignorada. E assim sendo terá de arcar com as provações e as responsabilidades de pai carnal daqueles que renascerão envoltos no angustioso complexo oriundo do suicídio. E Joel, Saulo e Rubem serão, por isso mesmo, irmãos consanguíneos daquele que foi o terrível Azambuja de sinistra memória, como daquele ignóbil João-José, os quais, porém, se vêm redimindo lentamente, através dos penosos, mas eficientes serviços expiatórios concedidos pela lei divina da Reencarnação! Assim é, meus caros amigos, que o conhecimento legítimo da Doutrina Espírita, como a boa e lúcida prática da mediunidade, resolvem problemas seculares, pois não esqueceréis de que foi através da mediunidade bem orientada, à luz do Evangelho do Cristo e sob o rigor da Ciência Transcendental, que os Aboabs se encaminharam para a regeneração individual... e que a família de Leonel, igualmente convertida sob orientações espíritistas, obteve forças e ensejos para o único alvo que lhe caberia atingir a fim de lograr serenidade para progredir moral e espiritualmente, isto é — o amor e o respeito às soberanas leis de Deus...” (BM, *Dramas da obsessão*, Terceira parte, Capítulo 3)

“SUICÍDIO SEM DOR. [...] O pretensu suicida, que consumou a trágica fuga da responsabilidade, jamais se libera, como é natural, dos resultados nefários do seu gesto, sempre tresloucado, por ferir, na agressão furiosa, o mecanismo do instinto de conservação da vida, que governa a existência animal e o possui como fator para sua preservação. Orgulhoso ou pusilânime, irresponsável ou vão, o suicida não se evade

de si mesmo, da sua consciência; torna-se, aliás, o seu próprio algoz cujas penas o gesto lhe impõe e que resgatará em injunções mil vezes mais afligentes do que na forma em que ora se apresentam. A burla que se permite, através de supostos meios indolores para sofrer a desencarnação, hiberna-o por algum tempo, em espírito, até o momento em que despeita mais vilipendiado e agônico, vivo, estuante de vitalidade, padecendo as camarteladas que a superlativa imprudência provocou. É óbvio que ninguém ludibria a Consciência Cósmica, que se expressa na harmonia do Universo e vige, pulsante, na consciência humana individual. Necessário que o homem assuma as responsabilidades da vida e instrua-se nas leis que lhe regem a existência, aprimorando-se e reunindo valores de que possa dispor nos momentos-desafio, a fim de superá-los e reorganizar-se para os futuros cometimentos até o instante em que se lhe encerre o ciclo biológico. Estará, então, liberado da matéria, mas mantido na vida... Nas aparentes mortes sem dor, provocadas pelos que desejam fugir ou esquecer, o sofrimento moral tem início quando se elabora o programa da evasão e jamais se pode prever quando terminará. A consciência humana é indestrutível, portanto, o suicídio de qualquer espécie é arrematada loucura, um salto no desconhecido abismo da imprevisível desesperação.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Suicídio sem dor)

“O alquebrado pai soergueu-se com dificuldade e, enquanto o rio das lágrimas lhe fluía dos olhos, ele falou à companheira, sem desfalecida: — Aceitemos com humildade o irrecusável e trágico acontecimento, confiando em Deus e intercedendo pela filha infeliz... — Não me revolto! — respondeu, com a voz embargada, a mãe combalida. — Dói-me a forma da evasão. Logo pelo suicídio é que a perdemos? Onde ela pôs a razão, Deus meu?! Não sei se suportarei carregar esta desdita. Ajuda-nos, Senhor da Vida! O esculápio que atendera o casal no necrotério, acostumado aos dramas do cotidiano, deixou-se envolver, emocionalmente e, telementalizado pelo Mentor, disse a ambos os genitores de alma esfacelada: — “O suicídio é a culminância de um estado de alienação que se instala sutilmente. O candidato não pensa com equilíbrio, não se dá conta dos males que o seu gesto produz naqueles que o amam. Como perde a capacidade de discernimento, apegase-lhe como única solução, esquecido de que o tempo equaciona sempre todos os problemas, não raro, melhor do que a precipitação. A pressa nervosa por fugir, o desespero que se instala no íntimo, empurram o enfermo para a saída sem retomo... “Recordem-se dela, nos seus momentos juvenis, na felicidade, sobrepondo, a estas ocorrências, todos os dias de encantamento, que devem pesar mais do que os momentos atuais, na balança do amor... Religiosos que são, considerem-lhe a alma e refugiem-se na fé.”

À medida que a calma foi sendo restaurada, o Amigo Espiritual convidou-nos a visitar a sala de necropsia, onde se encontrava o cadáver. Exposto e examinado, o patologista constataria a presença do veneno que, rapidamente, ceifara a vida orgânica da jovem. Atada aos despojos que se exauriam com vagar, apesar da brusca interrupção vital pelo suicídio, encontrava-se a pobre equivocada, somando às dores do tóxico corrosivo as dilacerações produzidas pela autópsia. Vigilante e triunfal, aguardando-a e alegrando-se com o sofrimento da atormentada, encontrava-se cruel obsessivo, que não escondia os sentimentos de impiedade, nem os propósitos que acalentava a respeito do prosseguimento da vil planificação. — “Aí está — referiu-se Dr. Bezerra, defrontando o algoz — o pobre corresponsável pelo trágico desfecho deste drama de larga duração. Assim, a pobre irmã conduz algum atenuante. Ela retorna à nossa esfera como suicida-assassinada. Induzida à solução insolvável, é responsável por aceitar-lhe a inspiração infeliz e vitalizá-la, quando deveria reagir, valorizando os dons da vida e preservando-a a qualquer custo. Todavia, é igualmente vítima, por haver sido empurrada ao abismo por uma inteligência lúcida que lhe planejou a desdita e pôs-se vigilante, aguardando o momento para agir com impunidade. Agora, aguarda-a, antegozando a vitória e esperando prosseguir na intermina vingança. A alucinação a que o ódio reduz o ser não tem limite... “Oremos por ambos, a fim de os ajudarmos.” Concentrando-nos, profundamente, suplicamos a misericórdia paternal de Deus para todos nós e, especialmente, para aqueles irmãos que o infortúnio ligava com vigorosos laços. A sala inundou-se de tênue claridade, que decorria da vibração do amor e da prece, produzindo inesperado mal-estar no perseguidor e noutros ociosos e vampiros de vigília, que saíram blasfemando, iracundos. Acercando-se mais do cadáver, junto ao qual, semiligada, a moça se debatia em irrefreável desespero, o Benfeitor aplicou-lhe energias desmantadoras para o Espírito, enquanto o induzia ao sono, que foi logrado, depois de extenuante esforço do agente hábil. — Temos que deixá-la vinculada ao corpo por algum tempo... Ela preferiu este áspero caminho para aprender a ser feliz. Como não há exceção para ninguém, podemos atenuar-lhe as dores excruciantes, porém, a libertação é sempre conquista pessoal. Voltemos aos pais.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 24)

“Percebi que o irmão Fernandes, apesar da exaustão que o dominava, insistia numa tônica mental perigosa, que era o conflito de culpa. Interrogava-se quanto à responsabilidade que lhe dizia respeito, no desfecho do processo de libertação da filha. Afirmara-se responsável pelo que a ela viesse a acontecer, e agora pensava como poderia tê-lo evitado. “Jamais supusera que isto sucedesse. Não havia agido, no passado, por

capricho de pai imaturo, por egoísmo irresponsável?” — perguntava-se. À medida que mais se conscientizava das recordações, repassando aquela outra noite de agonia, mais se atormentava, considerando o atrevimento de então, que procurou interferir nas determinações da Justiça reta. Num crescendo de angústia, estava a ponto de desequilibrar-se, quando o Mentor, que lhe acompanhava a onda mental de pessimismo, envolveu-o em vibrações de simpatia, acalmando-o com palavras esclarecedoras: — A concessão da moratória - afirmou-lhe, persuasivo — fez-se independente de quaisquer protestos de vigilância e responsabilidade da tua parte. Como poderias penetrar o insondável das Leis e responder pelas ocorrências imprevisíveis da vida? Com certeza, a tua intercessão de pai constituiu quesito importante para a revisão do processo estabelecido, pois que o amor é força viva de Deus em toda parte, possuindo os recursos especiais para mover e fomentar os sucessos propiciadores do progresso, que gera a felicidade. Todavia, devemos considerar que as programações reencarnacionistas obedecem aos códigos da justiça, não se descartando os contributos da misericórdia divina. Foi a misericórdia do amor que facultou o prolongamento da existência planetária da nossa querida Sara. Se o epílogo ocorreu trágico, o transcurso da jornada foi-lhe de aquisições abençoadas e enriquecido de realizações benéficas para muitas vidas que dela se aproximaram. Na contabilidade do bem, todos os valores são considerados e computados. — Não desconheço a misericórdia de Deus — ripostou o agoniado genitor. — O suicídio, porém, é crime supremo contra a vida. Ela o sabia, por haver-lhe falado mil vezes sobre a sua adaga fatal, ceifadora de todas as alegrias, destruidora de todas as bênçãos. — Indubitavelmente, o autocídio é agressão terrível que se perpetra contra si mesmo, dirigida à Divindade, geradora de tudo... No entanto, ante a impossibilidade de remontar-se-lhe às causas profundas, cumpre-nos aceitar o irremediado e lutar por minimizar-lhe os efeitos danosos, ao invés de bombardear com cargas mentais de inconformação a desatinada, que já lhe sofre os efeitos de demorado curso. Saber é diferente de aceitar. Sara sabia dos perigos e gravames do suicídio, porém, alucinada, foi empurrada a vivenciar o conhecimento, que a armará de resistências morais para os futuros embates. Não adicione ressentimentos inconscientes e culpas ao fardo que lhe pesará na consciência, na sucessão dos dias porvindouros, quando ela adquirirá dimensão a respeito da fuga para o pior... Deus o permitiu, portanto, como poderias impedi-lo, tu. A lei de liberdade funciona para os homens, dentro de limites que se lhes fazem necessários, a fim de que, exercendo-a, aprendam a ser livres e não libertinos; independentes, sem prepotência; liberais, mas não permissivos... A liberdade por excelência é adquirida

pela consciência do bem no reto culto do dever. Agora, retifica a postura mental e ajuda a filhinha, sem lamentar o passado nem antecipar o futuro. Observei que o amigo Fernandes enxugou as lágrimas, saiu, por um pouco, do ambiente saturado de energias de vários teor vibratório e aspirou o ar puro do amanhecer, do lado de fora da sala mortuária. Quando percebi que o Mentor estava receptivo, abordei-o com honestidade: — Também pensei que a moratória concedida a Sara fora decorrência da intervenção do pai e que as consequências disso iriam pesar-lhe na economia da responsabilidade. Além disso, excogitei se não era do conhecimento da Divindade o que sucederia, anuindo ao pedido, e, em caso positivo, por que a concessão? O amável Guia sorriu simpático e elucidou-me: — “O caro Miranda ainda raciocina em termos apressados e humanos, isto é, conforme os hábitos terrestres. Deus tudo sabe, não nos iludamos. No entanto, Suas leis não nos coarctam às experiências fomentadoras da evolução pessoal. Como progredir sem agir, sem acertar e errar, nunca o experimentando? Como adquirir consciência do correto e do equivocado, do útil e do prejudicial sem o contributo da eleição pela sua vivência que ajuda a discernir? Examinando-se as aquisições de Sara, os Espíritos Superiores poderiam prever o que lhe sucederia, não, porém, em caráter absoluto, pois que não há destinação, como sabemos, para o insucesso, a desgraça, num fatalismo irreversível. Cada momento oferta oportunidade que leva a mudanças de comportamento. Se uma fagulha atea um incêndio, uma palavra feliz e oportuna igualmente muda os rumos e toda uma existência. “Sara vem de um suicídio moral anterior, com a natural compulsão para repetir o ato desolador. Fracassando, no amor que não soube respeitar, desertou, naquela época... Aquele que a induziu à delinquência moral, ela o reencontrou agora, não repetindo a desfortuna de destruir-lhe o lar, conforme ele lhe fizera, mas, não teve forças para superar a impossibilidade da convivência anelada. A vítima de ambos, que conhecemos horas atrás e trabalhou pelo êxito do macabro desforço, não os perdoou e prossegue insaciado. Assim estava armado o esquema que, se fora o amor dela mais santificado, poderia haver superado...” — E o nosso irmão Fernandes — indaguei, interrompendo-o —, como comparece no quadro afetivo? — Na condição de filho do passado — esclareceu, paciente — que ela levou quando se evadiu do lar a quem amava com extremada doação. Antes da reencarnação, ele pediu para ajudá-la, razão por que veio na investidura de pai zeloso e abnegado, socorrendo-a quanto pôde, não além disso. Nunca esqueçamos que aquele que faz quanto lhe está ao alcance, realiza tudo, porque só fazemos o que nos é possível, embora nem sempre este nos seja lícito executar. E Sara — interroguei, pensando no seu sofrimento

— será hospitalizada, após o sepultamento do cadáver? — Não o creio possível nem justo — explicitou, tranquilo. — Ela infringiu a “lei de conservação” da vida. Lúcida e culta, não obstante induzida a fazê-lo, optou pela decisão corrosiva, predispondo-se a sofrer os inevitáveis efeitos da opção. Receberá apoio e socorro compatíveis com as suas necessidades, porém, não fruirá de privilégios, que ninguém os merece em nosso campo de ação. Os fenômenos do desgaste e transformações biológicas serão vivenciados, a fim de que, em definitivo, se envolva na couraça da resistência para vencer futuras tentações de fuga ao dever que nunca fica sem atendimento. Visitá-la-emos, serão tomadas providências para evitar-se a vampirização e outras ocorrências mais afligentes. As orações daqueles que a amam luarizarão a noite da sua demorada agonia e a bondade de Maria Santíssima derramará sobre ela a misericórdia do amor, resgatando-a, oportunamente, de si mesma... Silenciando, aquietei-me igualmente. Só após o féretro e o retomo da família ao lar, depois de algumas providências diligenciadas pelo Amigo paternal, nos retiramos para outros misteres.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 25)

“Reflexão e aprendizado. [...] Chamou-me a atenção uma cena confrangedora. Em uma sepultura coberta de vasos floridos, um Espírito profundamente triste, em pranto copioso, tocava violino, enquanto ao lado, amargurada, padecendo convulsões contínuas, jovem mulher gritava alanceada: — Por que não vieste comigo? Deixaste-me morrer e fugiste? Para onde foste, desgraçado?! Ai de mim, nesta noite fria e solitária! Parava um pouco e repetia as doridas interrogações, inspirando compaixão. Por sua vez, o violinista interrompia a música e, desesperado, interrogava: — Martina, responde. Onde te ocultas? Matei-me para estar contigo para sempre. Quem te arrebatou de mim? Ouve, é para ti que toco... Porque me ocorresse o sentimento de solidariedade, indaguei ao mentor o que poderíamos fazer por eles. Solícito, o benfeitor deteve-se a observá-los, após o que redarguiu: — Nossos irmãos aqui chegaram por meio do suicídio. Pelo que consigo detectar, ele era professor de violino da jovem, mais velho do que ela 25 anos. A música uniu-os e fez-se-lhes veículo de uma paixão violenta. Os pais da moça, informados do desenvolvimento do drama, repreenderam-na, buscando dissuadi-la de uma união que, segundo eles, tinha tudo para ser um fracasso. Interromperam as aulas e mandaram-na em viagem, o que, conforme esperavam, lhe faria bem. “O professor descobriu e resolveu acompanhá-la sem que os genitores da diva o soubessem. Descobertos, foram novamente separados sob ameaças. “Depois de demorada conversação marcada pela paixão compulsiva, em desespero, optaram pelo suicídio duplo por meio de soníferos, simultaneamente... “Aqui chegaram em

lamentável estado. A família sepultou-os em tumbas separadas, distantes. Após sofrerem o torpor e a alucinação a que se vêm arrastando há mais de dez anos, imantados pelo duplo crime, encontram-se próximos e não se veem, não se ouvem, não se descobrem. É-lhes negado aquilo que desejaram pela violência do suicídio. De quando em quando o desespero os alucina e partem para a blasfêmia, as acusações recíprocas. O arrependimento, porém, é insuficiente para mudarem a faixa psíquica, a sintonia em que se demoram e receberem conveniente auxílio.” Depois de breve reflexão, concluiu: — Não se encontram, porém, abandonados, à mercê da própria sorte. Estão amparados, e os vampiros não conseguiram arrancá-los daqui, onde acompanharam e sofreram a transformação celular. Queriam matar-se para estarem juntos, e se separaram porque se mataram. O suicídio é crime covarde, portador de consequências duras, imprevisíveis. Cada um que nele tomba, sofre de acordo com a lucidez e os fatores a que se apegou para a fuga impossível... “Retornemos ao Núcleo. Nada mais temos a fazer aqui, por enquanto.” [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Reflexão e aprendizado)

VI.5. Tratamento preventivo para o suicida em potencial

“AO ESTUDO DA DOUTRINA ESPÍRITA. [...] **XV.** Há também pessoas que veem perigo por toda parte e em tudo o que não conhecem. Daí a pressa com que, do fato de haverem perdido a razão alguns dos que se entregaram a estes estudos, tiram conclusões desfavoráveis ao Espiritismo. Como é que homens sensatos enxergam nisto uma objeção valiosa? Não se dá o mesmo com todas as preocupações de ordem intelectual que empolguem um cérebro fraco? Quem será capaz de precisar quantos loucos e maníacos os estudos da matemática, da medicina, da música, da filosofia e outros têm produzido? Dever-se-ia, em consequência, banir esses estudos? Que prova isso? Nos trabalhos corporais, estropiam-se os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; nos trabalhos da inteligência, estropeia-se o cérebro, que é o do pensamento. Mas, por se haver quebrado o instrumento, não se segue que o mesmo tenha acontecido ao Espírito. Este permanece intacto e, desde que se liberte da matéria, gozará, tanto quanto qualquer outro, da plenitude das suas faculdades. No seu gênero, ele é, como homem, um mártir do trabalho. Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião lhe fornecem contingentes. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Dada a predisposição para a loucura, esta tomará o caráter de

preocupação principal, que então se muda em ideia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. Provavelmente, o louco religioso se houvera tornado um louco espírita, se o Espiritismo fora a sua preocupação dominante, do mesmo modo que o louco espírita o seria sob outra forma, de acordo com as circunstâncias. Digo, pois, que o Espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito. Vou mais longe: digo que, bem compreendido, ele é um preservativo contra a loucura. Entre as causas mais comuns de sobre-excitação cerebral, devem contar-se as decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que, ao mesmo tempo, são as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, a par do futuro que o aguarda; a vida se lhe mostra tão curta, tão fugaz, que, aos seus olhos, as tribulações não passam de incidentes desagradáveis, no curso de uma viagem. O que, em outro, produziria violenta emoção, mediocrementemente o afeta. Demais, ele sabe que as amarguras da vida são provas úteis ao seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado na medida da coragem com que as houver suportado. Suas convicções lhe dão, assim, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa permanente de loucura e suicídio. Conhece também, pelo espetáculo que as comunicações com os Espíritos lhe proporcionam, qual a sorte dos que voluntariamente abreviam seus dias e esse quadro é bem de molde a fazê-lo refletir, tanto que a cifra muito considerável já ascende o número dos que foram detidos em meio desse declive funesto. Este é um dos resultados do Espiritismo. Riam quanto queiram os incrédulos. Desejo-lhes as consolações que ele prodigaliza a todos os que se hão dado ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundezas. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Introdução)

“**O SUICÍDIO E A LOUCURA. 14.** A calma e a resignação hauridas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a *loucura e o suicídio*. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam. **15.** O mesmo ocorre

com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é incontestável que tem ele sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apon-tam. Ora, aquele que está certo de que só é desven-turado por um dia e que melhores serão os dias que hão de vir, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando nenhum termo divisa para os seus sofrimentos. E que é a vida humana, com relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas, para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o acabru-nham, unicamente na morte vê uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias. **16.** A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a *covardia moral*. Quando homens de ciência, apoiados na auto-ridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo. A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assu-mem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefini-damente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afas-tam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a *coragem moral*. **17.** O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo. Apresenta-nos os pró-prios suicidas a informar-nos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem en-curtar a sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos so-frimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. O espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a *certeza* de uma vida futura, em que, *sabe-o* ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra; a *certeza* de que, abreviando seus dias, chega,

precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, considerável já é o número dos que têm sido, pelo Espiritismo, obstados de suicidar-se, podendo daí concluir-se que, quando todos os homens forem espíritas, deixará de haver suicídios conscientes. Comparando-se, então, os resultados que as doutrinas materialistas produzem com os que decorrem da Doutrina Espírita, somente do ponto de vista do suicídio, forçoso será reconhecer que, enquanto a lógica das primeiras a ele conduz, a da outra o evita, fato que a experiência confirma.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo V)

“IV – PRECES PELOS QUE JÁ NÃO SÃO DA TERRA. [...] POR UM SUICIDA. 71. PREFÁCIO. Jamais tem o homem o direito de dispor da sua vida, porquanto só a Deus cabe retirá-lo do cativeiro da Terra, quando o julgue oportuno. Todavia, a justiça divina pode abrandar-lhe os rigores, de acordo com as circunstâncias, reservando, porém, toda a severidade para com aquele que se quis subtrair às provas da vida. O suicida é qual prisioneiro que se evade da prisão, antes de cumprida a pena; quando preso de novo, é mais severamente tratado. O mesmo se dá com o suicida que julga escapar às misérias do presente e mergulha em desgraças maiores. (Cap. V, nos 14 e seguintes) **72. Prece.** – Sabemos, ó meu Deus, qual a sorte que espera os que violam a tua lei, abreviando voluntariamente seus dias; mas, também sabemos que infinita é a tua misericórdia. Digna-te, pois, de estendê-la sobre a alma de N... Possam as nossas preces e a tua comiseração abrandar a acerbidade dos sofrimentos que ele está experimentando, por não haver tido a coragem de aguardar o fim de suas provas. Bons Espíritos, que tendes por missão assistir os desgraçados, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe o pesar da falta que cometeu. Que a vossa assistência lhe dê forças para suportar com mais resignação as novas provas por que haja de passar, a fim de repará-la. Afastai dele os maus Espíritos, capazes de o impelirem novamente para o mal e prolongar-lhe os sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provas. A ti, cuja desgraça motiva as nossas preces, nos dirigimos também, para te exprimir o desejo de que a nossa comiseração te diminua o amargor e te faça nascer no íntimo a esperança de melhor porvir! Nas tuas mãos está ele; confia na bondade de Deus, cujo seio se abre a todos os arrependimentos e só se conserva fechado aos corações

endurecidos.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“O PASSAMENTO. [...] 13. O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo. **14.** Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que *abdique das vantagens imediatas em prol do futuro*, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom-senso e ao conceito em que temos a grandeza, a bondade e a justiça de Deus. Considerado deste ponto de vista, o Espiritismo, pela fé inabalável que proporciona, é, de quantas doutrinas filosóficas que conhecemos, a que exerce mais poderosa influência. O espírita *sério* não se limita a crer, *porque compreende*, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessantemente a seus olhos; uma realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não pode empolgá-lo, ou ter guarida em sua alma. A vida corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual, da verdadeira vida. Que lhe importam os incidentes da jornada se ele compreende a causa e utilidade das vicissitudes humanas, quando suportadas com resignação? A alma eleva-se-lhe nas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo, a sua nova situação. **15.** Com certeza não é só o Espiritismo que nos assegura tão auspicioso resultado, nem ele tem a pretensão de ser o meio exclusivo, a garantia única de salvação para as almas. Força é confessar, porém, que pelos conhecimentos que fornece, pelos sentimentos que inspira, como pelas disposições em que coloca o Espírito, fazendo-lhe compreender a necessidade de melhorar-se, facilita enormemente a salvação. Ele dá a mais, e a cada um, os meios de auxiliar o desprendimento *doutros Espíritos* ao deixarem o invólucro material, abreviando-lhes a perturbação pela evocação e pela prece. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se a desagregação mais rápida do fluido perispiritual; pela evocação conduzida com sabedoria e

prudência, com palavras de benevolência e conforto, combate-se o entorpecimento do Espírito, ajudando-o a reconhecer-se mais cedo, e, se é sofredor, incute-se-lhe o arrependimento — único meio de abreviar seus sofrimentos.” (AK, *O céu e o inferno*, Primeira parte, Capítulo I)

“A um discreto sinal do médico, a Sra. Artêmis acorreu-se mais e segurou a mão da filha, que prorrompeu, então, em pranto de dor e vergonha. —Perdoe-me, mamãe querida, perdoe-me — explodiu, debilitada —, não sei o que me aconteceu... Eu enlouqueci por dentro... Sabia o que estava fazendo... e não sabia... Desejava livrar-me de todos e de tudo... do homem, que eu continuava a matar com papai sem o destruir, de quem já lhe falei... Não consegui deter-me... Oh! Senhor Deus, perdoai-me. Condoíam a sincera aflição da jovem e a grandeza da amargura da genitora, impedida de falar pelo estupor da carga emocional. —Ora, filha — acudiu o esculápio, que percebia o impedimento materno e lhe receava a queda de forças —, sua mãe perdoa e compreende, todos compreendemos essas ocorrências. Não se atormente, porquanto o arrependimento não resolve o que já foi feito. Restabeleça-se por dentro e, revigorada, jamais volte a repetir o grave engano. —É verdade, Lisandra — pôde a genitora refazer-se e aduzir —, não sou eu, pecadora, quem a perdoa, porquanto jamais me magoaria com você, mas, sim, Nosso Pai Celeste que nos perdoará a fraqueza e a desconsideração ao Seu amor. Como diz o doutor, o passado já não importa, porém, sim, o que iremos fazer a partir de hoje em relação ao futuro de nossas vidas. Você tem pensado em Deus, filhinha? —Sim, mamãe... Você está bem, titia? —Como não haveria de estar, vendo-a em recuperação? — contestou Hermelinda, dignamente, silenciosa até então. —E Gilberto, como vai? Magoado comigo? —Está no trabalho, porém mandou abraços e recomendações ... Claro que ninguém está magoado com você. O amor que se magoa é puro interesse e não verdadeira afeição. Tranquelize-se, portanto — concluiu a tia, com acento conciliador. —Soube que foi o Sr. Cândido quem me trouxe. Peço-lhe, mamãe, expressar-lhe o meu agradecimento e rogar-lhe minhas desculpas pelo cansaço que lhe proporcionei. —Você lhe dirá, oportunamente — justificou-se D. Artêmis, que conhecia a antipatia da filha pelo enfermeiro —, quando ele aqui vier ou em casa, após sua volta. Lisandra, é certo, encontrava-se num feliz momento de equilíbrio e lucidez mental. [...] Sem dúvida, um tentame facilitaria outros, caso não houvesse uma radical mudança no comportamento mental da enferma. Os títulos meritórios das familiares engendraram recurso moratório para a endividada, cujo tributo a pagar se tornara mais oneroso em decorrência da agressão à vida. Não obstante a ação inditosa inspirada e conduzida, pela mente pervertida de

Ermínio, Lisandra acalentava, pelo pessimismo e pela rebeldia, o falso propósito de fugir à vida, que mais se agravava ante a sua obstinação e refratariedade em recuperar-se dos desmandos outrora perpetrados. A mensagem do Cristo fora-lhe ofertada sob sistemática recusa, resultante da preguiça mental e do hábito insano de fomentar e cultivar ideias, pensamentos prejudiciais. Muitas pessoas pensam evadir-se da responsabilidade, escudando-se na desculpa de que se armam: “Não sabia o que estava fazendo”, como se alguém, em sã consciência, no estado atual do conhecimento ético e religioso da Terra, possa ignorar o gravame do suicídio, particularmente no Ocidente, onde o Cristianismo, através de todas as igrejas de fé, o procreve e condena. Outrossim, todos possuímos na consciência, exceção feita aos imbecis e outros dementes, a noção do que é certo e errado, moral e imoral. A preferência pessoal, em razão do estado de evolução espiritual de cada um, dá-nos, porém, maior ou menor dimensão, agrava ou atenua nossas responsabilidades. Lisandra, agora, discernia e compreendia bem ser responsável pela própria desdita, atenta ao semblante da mãe, vincado por acicates implacáveis, rasgado pelas garras férreas do sofrimento que colocara ácido nas feridas, sem uma queixa, sem uma blasfêmia, sem um estrugir de revolta... Pela primeira vez na vida, no quarto em que o sol penetrava a flux, se deu conta dos desatinos da sua insensatez e do quanto a genitora devia amargar, asfixiada no silêncio do martírio. Repassou, mentalmente, as cenas que presenciara com o pai agressivo e a resignação materna, o posterior internamento na Colônia de Hansenianos e a indescritível angústia que lhe sombreara os olhos claros, que perderam o fulgor primitivo... Na reflexão edificante, fixou a tia solteira, que renunciara comodidades e afetos, envelhecendo no serviço de “boa samaritana” junto à cunhada e aos sobrinhos, a quem doara a vida por amor, também, sem qualquer azedume ou reclamação... ... E ainda agradeciam a Deus! Por que ela se sentia tão infeliz? —Por que sou tão infeliz?! — perguntou com débil voz, saindo da reflexão para a realidade objetiva. No acolhedor silêncio do quarto, cada um por sua vez meditava. A interrogação trouxe-os todos ao recinto arejado e D. Artêmis, que retinha na sua a mão da filha, sentada ao lado do leito, respondeu inspiradamente: — Porque a felicidade se encontra onde cada qual coloca o coração, conforme ensinou Jesus. Se você situa as aspirações no prazer fugidio, no ouro mentiroso e nas paixões que ardem e se apagam breve, a sua ausência produz a desdita. No entanto, se pensa em paz de consciência, retidão moral e dever corretamente cumprido, como metas de dignidade e honradez, a ventura se estabelecerá no coração tranquilo... “A Terra, aliás, não é fim, destino, consoante estamos aprendendo. É meio, escola, recurso de que

nos utilizamos para ascender a planos realmente ditos. “Quem deseja usufruir sem merecer, receber sem dar, colher sem haver semeado é obrigado a furtar e converte-se em indigno beneficiário da vida, que lhe impõe recomeços difíceis. “Todos podemos conseguir a felicidade, se soubermos e quisermos bem conduzir nossas aspirações. “Muitos desejariam um pomar referido, um jardim de messes... Por não os conseguir, desalentam-se, esquecidos de que também poderiam tornar-se um arbusto verde no caminho pedregoso, adornando a estrada adusta; uma árvore sobranceira, mesmo solitária, quebrando a inclemência e aridez da terra... “A montanha altaneira e íngreme, não raro, de quando em quando, nas frinchas e patamares, abre-se em vegetação teimosa, que reverdece o negrume sombrio da rocha e parece abençoar o minério, abrindo flores exóticas e raras que recebem o ósculo do Sol, da vida, em nome do Construtor Divino. “Felicidade, minha filha, é o bem que fazemos, não o gozo que fruímos. Não vemos os mesmos desaires entre opulentos e miseráveis, as mesmas tragédias nos palcos da glória e do fracasso, os mesmos desassossegos nos palácios e nas taperas? “A felicidade não resulta do que se tem e do que se frui, mas do que se é e do que se faz. “Jesus, podendo permanecer no sólio do Altíssimo, conviveu com as sombras horríveis dos vales humanos, a fim de clarear com insuperável luz as baixadas em que chafurdam as criaturas, fazendo-as anelar pelas clarezas estelares do infinito. Não nos queixemos! A reclamação reflete insatisfação pelo que temos, a traduzir a revolta de que nos consideramos defraudados e, em consequência, injustiçados por Deus... “Cada um recebe, não como julga merecer, porque a verdade é que coisa alguma merecemos, mas de acordo com o que nos seja melhor para o bem-estar real, entende? “Não se lamente mais e saia do egoísmo vexatório, insatisfeito, fator da sua inquietação, aprendendo a descortinar belezas e esperanças. “A fim de consegui-los, arrebatando as lentes enfumaçadas através das quais tem olhado a vida e abra-se à luz. “Eis aí um exemplo: se fecharmos a janela, campeiam as sombras neste recinto, agora em ouro; se a abrirmos, reinará a claridade... “O sol do amor divino brilha incessantemente. A forma como se encontrarem as janelas das nossas intenções espirituais, morais e mentais, dirá do que preferimos: luz ou sombra, alegria ou dissabor...” — Muito bem! — não se conseguiu calar o Dr. Armando, que a ouvia fascinado. — Não sabia que a senhora possuía tão sólida cultura... — Desculpe-me o venerando benfeitor — interrompeu-o, gentilmente —, não se trata de cultura, mas de reflexões, de alguns estudos recentes, de inspiração... De fato, utilizando-se das leituras edificantes que armazenava na mente e insculpia nos sentimentos nobres, D. Artêmis fora dirigida com segurança, em abençoado processo de inspiração,

pela genitora venerável. — Mamãe é espírita — adiantou Lisandra, com um sorriso jovial. — Como? Eu deveria ter percebido pela resignação e coragem com que vem lutando estoicamente. Com a graça de Deus, eu também milito hoje nas fileiras do Consolador. Só ali encontrei unguento para as feridas da alma, após o desastre com o meu filho Wander, em quem venho injetando o óleo canforado da alegria de viver, embora paralítico. “Só a reencarnação me explicou suficientemente o transe por que passamos. “Minha mulher, após alguma relutância, tornou-se espírita, igualmente. “Desejei muitas vezes falar-lhe sobre a Doutrina, ao conhecer-lhe os problemas e dificuldades... Não me atrevi a fazê-lo... Quem a iniciou?” — Cândido, o bondoso enfermeiro... — Deveria tê-lo suspeitado. Também a mim. Discreto, nunca me adiantou nada sobre a senhora. — Nem nos referiu sobre o doutor. É, de fato, um verdadeiro espírita: sincero, humilde e nobre. — Recordando-me, já vi Gilberto, se não me engano, entre os rapazes em nossa Casa. Ele a frequenta? — Sim, doutor, duas vezes por semana. — E eu, que ainda não a vi por lá. — São tantas pessoas! Algumas vezes vamos com Hermelinda, de outras, com o filho. Encontramos ali a verdadeira razão para viver. — E o Rafael, sabe? — Sim. Também se fez espírita, à instância carinhosa... —... De Cândido! Que pregador devotado ele tem sido! Tornou a vida uma verdadeira pregação e discretamente vai semeando, despertando vidas para Jesus. E eu que, ingênuo, percebia as radicais transformações no comportamento do nosso Rafael, sem atinar com a razão... Não se conteve o médico e pôs-se a rir. D. Adelaide e outros Amigos Espirituais, inclusive os Benfeitores que dirigiam a Sociedade espírita-cristã que todos frequentavam, foram os fomentadores da identificação, exultando com o feliz desfecho, do que se iniciara com perspectivas de desgraça, à véspera... A conversação alongou-se, auspiciosa, por mais alguns minutos. — Daremos alta a Lisandra com mais dois dias, se tudo prosseguir bem. Então, eu próprio a levarei à sua casa — explicou o médico, bondoso. — Não há por que se preocuparem mais. Entreguemos os resultados a Jesus e deixemo-la, agora, repousar. As despedidas foram afetuosas e amenas, retornando as duas almas irmãs, reanimadas, para o labor do futuro. O bem, a fé vencia a astúcia do mal, a agressão da incredulidade.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 19)

“SUICÍDIO E OBSESSÃO. [...] A reflexão e o exame da sobrevivência do Espírito, o posicionamento numa ética cristã, o estudo da ciência e filosofia espírita, constituem seguras diretrizes para conduzir a mente com equilíbrio, preservando as emoções com as quais o homem se equipa em segurança para o prosseguimento na escalada da evolução. Conflitos, que todos trazemos de ontem como das experiências de hoje, fazem parte da área de crescimento pessoal de

cada Espírito, devendo ser liberados através da ação positiva, diluídos no bem, sublimados pelas atividades do idealismo superior antes que constituam impedimentos ao avanço, freio no processo de crescimento, amarra constritora ou campo para a fixação de ideias obsessivas, de que personalidades perversas do Mundo Espiritual se utilizam para o comércio ultraz da loucura e do suicídio lamentável... Cada suicida em potencial necessita, é certo, de apoio fraternal, terapia espiritual, compreensão moral de quantos o cercam e assistência médica especializada. No entanto, em se considerando a gravidade do problema que avulta, ao paciente compete a parte mais importante e decisiva, que é, de início, a mudança de atitude mental perante a vida e, logo, o esforço por melhorar-se moralmente, metodologia esta com que se elevará acima das vibrações deletérias, liberando-se da ação dos Espíritos enfermos, perturbados e perturbadores que enxameiam na psicofera da Terra de provas e expiações, no seu processo de regeneração.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Painéis da obsessão)

“SUICÍDIO - SOLUÇÃO INSOLVÁVEL. [...] O suicídio é terrível mal que aumenta na Humanidade e que deve ser combatido por todos os homens. Essa rigidez mental que resolve pela solução trágica é doença complexa. Conscientizar as criaturas a respeito das consequências do ato, no além-túmulo, das dores que maceram os familiares e do ultraje às Leis Divinas, é método salutar para diminuir a incidência dessa solução insolvável. Dialogar com bondade e paciência com as pessoas que têm propensão para o suicídio; sugerir-lhes dar-se um pouco mais de tempo, enquanto o problema altera a sua configuração; evitar oferecer bases ilusórias para esperanças fugazes que o tempo desmancha; estimular a valorização pessoal; acender uma luz no túnel do seu desespero, entre outros recursos, constitui terapia preventiva, que se fortalecerá no exercício da oração, das leituras otimistas, espirituais, nos passos e no uso da água fluidificada. Aquele que tenta o suicídio e não o vê consumado é candidato natural à recidiva, que culmina tão logo se lhe apresenta o móvel desencadeador do desejo... O suicídio é o mais grosseiro vestígio da fragilidade humana, que ata o homem ao primarismo de que se deve libertar. O homem é, na verdade, a mais alta realização do pensamento divino, na Terra, caminhando para a glória total, mediante as lutas e os sacrifícios do dia-a-dia.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Suicídio - Solução insolvável)

“Planejamento de atividades espirituais. [...] Uma jovem, em lamentável processo depressivo, que se mantivera imersa na própria angústia, enquanto era vampirizada por um adversário perverso e inclemente, ao aspirar a psicofera ambiente que se fazia muito sutil, pareceu despertar do torpor que a

martirizava, e deixou-se dominar pelas lágrimas, sem qualquer desespero, qual se fora uma catarse das emoções infelizes que experimentava. Pela memória passaram-lhe as cenas da infância, alguns sofrimentos com a orfandade materna e os maus tratos da segunda esposa do genitor, que lhe desencadearia o tormento psicológico mais tarde, conforme ocorreu, também decorrente da injunção obsessiva do perseguidor desencarnado e, nesse evocar das lembranças, recordou-se da mãezinha com quem convivera somente até os quatro anos... Naquele instante, a genitora, radiosa, acercou-se-lhe e beijou-a ternamente, balbuciando palavras de ânimo e de encorajamento que ela captava como estímulos abençoados. Um dos espíritos encarregados dos passes na sala de largas proporções e que se encontrava a postos, passou a aplicar-lhe a terapia própria, conseguindo deslindá-la dos fluidos do inimigo irado que se sentiu vencido nos propósitos de levá-la ao suicídio. Com essa ideia, havia sido ela conduzida ao Centro espírita por uma familiar devotada, dando-se, então, conta do que lhe iria suceder, e ao contato das energias saturadas de vigor e de paz, foi lentamente diminuindo o pranto e escutando a voz intracraniana da abnegada mãezinha, que agora encontraria ressonância para ajudá-la no processo de libertação do transtorno que se apresentava sob os dois aspectos: o psicológico e o obsessivo... Quando as luzes aumentaram o nível de claridade, já que o salão ficara suavemente iluminado para a etapa final da reunião, a amiga surpreendeu-se com o aspecto da paciente, que lhe murmurou timidamente: - Não sei o que se passou há pouco. Somente posso constatar que estou invadida por um bem-estar que havia desaparecido de mim nos meses últimos. Tive a sensação de rever minha mãe e de ouvi-la emocionada, encorajando-me. Uma estranha ocorrência me tomou, como se eu houvesse sido desatrelada de algo constringente que me esmagava o tórax e detinha meu pensamento na ideia fixa do suicídio... Pude orar, o que não fazia há muito tempo. Ato contínuo, segurou a mão da prima, num gesto de gratidão, quase sorrindo, enquanto a acompanhante emocionada lhe retrucou: - Jesus ouviu-nos as rogativas e você está sendo abençoada pela oportunidade do refazimento. Após uma pequena pausa, concluiu: — Isto, porém, não representa a cura, e sim, a primeira vitória no processo de recuperação. Os medicamentos irão auxiliando-a no reequilíbrio das neurocomunicações, graças às substâncias responsáveis pela alegria e pelo bem-estar, enquanto a terapêutica espírita afastará algum adversário desencarnado que se compraz com o seu estado depressivo e, certamente, planeja arrebata-la do corpo, para prosseguir no infeliz processo vingador... Essa batalha você a vencerá com o esforço próprio e as

bênçãos dos Céus. Não abandone o recurso benéfico agora ao seu alcance, mas permaneça vigilante, porque o espírito que foi afastado tentará voltar, e o fará com mais força e revolta. A jovem abraçou a familiar, e pediu-lhe: — Ajude-me na minha fraqueza e não me deixe sucumbir. Agora eu sinto o poder de Jesus em minha vida... Preciso vencer esse mal que me toma e viver, a fim de poder ser útil a mim mesma e à Humanidade. Retribuindo-lhe o afeto espontâneo, a esclarecida companheira anuiu de boa mente, arrematando: - Tudo que estiver ao meu alcance dedico-o a você, mas a parte mais difícil e persistente é a que lhe diz respeito, em razão dos seus compromissos para com a vida... Mãos dadas, afastaram-se da sala, espiritualmente amparadas pela genitora da paciente. Percebi que todos que acompanhávamos a ocorrência estávamos com os olhos marejados de lágrimas.” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 3)

VII Análise espiritual de alguns transtornos mentais (neuropsiquiátricos)

“NAS FRONTEIRAS DA LOUCURA. “É muito diáfana a linha divisória entre a sanidade e o desequilíbrio mental. Transita-se de um para outro lado com relativa facilidade, sem que haja, inicialmente, uma mudança expressiva no comportamento da criatura. Ligeira excitação, alguma ocorrência depressiva, uma ansiedade, ou um momento de mágoa, a escassez de recursos financeiros, o impedimento social, a ausência de um trabalho digno entre muitos outros fatores, podem levar o homem a transferir-se para a outra faixa da saúde mental, alienando-se, temporariamente, e logo podendo retornar à posição regular, à de sanidade. Problemas de ordem emocional e psicológica, mais costumeiramente, conduzem a estados de distonia psíquica, não produzindo maiores danos, quando não se deixa que se enraízem ou que constituam causa de demorado trauma. Vivendo-se numa sociedade em que as neuroses e as psicoses campeiam desenfreadas, vitimando um número cada vez maior de homens indefesos, as balizas demarcatórias dos distúrbios mentais fazem-se mais amplas. Há, no entanto, além dos fatores que predis põem à loucura e dentre os quais situamos o *carma* do Espírito, nos quais se demoram incontáveis criaturas em plena fronteira, a obsessão espiritual, que as impulsiona a darem o passo adiante, arrojando-as no desfileiro da alienação de largo porte e de difícil recuperação... São os seixaltras, os violentos, os exagerados, os dependentes

de viciações de qualquer natureza, os pessimistas, os invejosos, os amargurados, os suspeitosos incondicionais, os ciumentos, os obsidiados, que mais facilmente transpõem os limites da saúde mental... Não nos desejamos referir àqueles que são portadores de patogeneias mais imperiosas em razão de enfermidades graves, da hereditariedade, de distúrbios glandulares e orgânicos, de traumas cranianos e de sequelas de inúmeras doenças outras... Queremos deter-nos nas psicopatogêneses espirituais, seja as de natureza emocional, pelas aptidões e impulsos que procedem das reencarnações transatas, de que os enfermos não se liberam, seja pelo impositivo das obsessões infelizes, produzidas por encarnados ou por Espíritos que já se despiram da indumentária carnal, permanecendo, no entanto, nos propósitos inferiores a que se afeiram... A obsessão é uma fronteira perigosa para a loucura irreversível. Sutil e transparente, a princípio, agrava-se em razão da tendência negativa com que a agasalha o infrator dos Soberanos Códigos da Vida. Dando gênese a enfermidades várias, inicialmente imaginárias, que recebe por via telepática, pode transformar-se em males orgânicos de consequências insuspeitadas, ao talante do agente perseguidor que induz a vítima que o *hospeda*, a situações lamentáveis. Comportamentos que se modificam, assumindo posições e atitudes estranhas, mórbidas, exprimem constrição de mentes obsessoras sobre aqueles que se lhes submetem, mergulhando em fosso de sombras e de penoso trânsito... Há muito mais obsessão, grassando na Terra, do que se imagina e se crê. Mundo este que é de intercâmbio mental, vivo e pulsante, cada ser sintoniza com outro equivalente, prevalecendo, por enquanto, os teores mais pesados de vibrações negativas, que perturbam gravemente a economia psíquica, social e moral dos homens que nele habitam. Não obstante, a vigilância do amor de Cristo Jesus atua positiva, laborando com eficiência, a fim de que se modifiquem os dolorosos quadros da atualidade, dando surgimento a uma fase nova de saúde e paz. Nesse contexto, o Espiritismo - que é o mais eficaz e fácil tratado de Higiene Mental - desempenha um relevante papel, qual seja o de prevenir o homem dos males que ele gera para si mesmo e lhe cumpre evitar, como facultando-lhe os recursos para superar a problemática obsessiva, ao mesmo tempo apoiando e enriquecendo os nobres profissionais e missionários da Psicologia, da Psiquiatria, da Psicanálise...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Nas fronteiras da loucura)

“DELITO OCULTO. Na patogênese da alienação mental, sob qualquer aspecto em que se apresente, sempre defrontaremos um Espírito falido em si mesmo, excruciando-se sob a injunção reparadora, de que se não pode deslindar, senão mediante o cumprimento da justa pena a que se submete pelo

processo da evolução. As Soberanas Leis, que mantêm o equilíbrio da vida, não podem, em hipótese alguma, sofrer defraudações, sem que se estabeleçam critérios automáticos de recomposição, em cujo mister se envolvem os que agem com desregramento ou imprevidência. Sintetizadas na *lei de amor*, que é a lei natural fomentadora da própria vida, toda criatura traz o germen, a noção do bem e do mal, em cuja vivência programa o *céu* ou o *inferno* e aos quais se vincula, nascendo as matrizes das alegrias ou das dores, que passam a constituir-lhe o *modus vivendi* do futuro, atividade essa pela qual ascende ou recupera os prejuízos que se impôs. Não há, nesse Estatuto, nenhum regime de exceção, em que alguém goze de bênção especial, tampouco de qualquer premeditada punição. Programado para a ventura, o Espírito não prescinde das experiências que o promovem, nele modelando o querubim, embora, quando tomba nos gravames da marcha, possa parecer um malfadado satanás, que a luta desvestirá da armadura perniciosa que o estrangula, fazendo que liberte a essência divina que nele vige, inalterada. Quem elege a paisagem pestilencial, nela encontra motivos de êxtase, tanto quanto aquele que ama a estesia penetra-se de beleza, na contemplação de um raio de Sol ou de uma flor, inundando-se de silêncio íntimo para escutar a musicalidade sublime da Vida. Não existe, portanto, uma dor única, na alma humana, que não proceda do próprio comportamento, sendo mais grave o deslize que se apoia na razão, no discernimento capaz de distinguir, na escala de valores, as balizas demarcatórias da responsabilidade que elege a ação edificante ou a comprometedora... Só Jesus viveu a problemática da aflição imerecida, a fim de lecionar coragem, resignação, humildade e valor ante o sofrimento, Ele que era Justo, de modo que ninguém se exacerbe ou desvarie ao expungir as penas a que faz jus. Apesar disso, a paisagem torpe e angustiante da alienação mental, por distúrbios psíquicos como por obsessões espirituais, não deixa de ser profundamente constrangedora, acompanhando-se o entorpecer do raciocínio com o decorrente mergulho nas águas turvas do primitivismo animal, de que se deve liberar o Espírito.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 3)

“DESTINO E RESPONSABILIDADE. O primeiro e mais imediato efeito da fé que assenta sobre as bases da razão é a consciência da responsabilidade. Não tendo o homem senão uma visão estreita da vida, limitada aos curtos horizontes da existência terrena, as suas aspirações tomam-se de breve período e pequena extensão, tendo em vista o término que se anuncia ante o advento da morte. Pelo contrário, considerando o corpo como sendo uma veste de rápida duração e elaborado para a sua finalidade transitória, embora fundamental ao progresso da alma,

dilatam-se as ambições e transferem-se para o futuro, através de um fenômeno natural, sem acomodação ao conformismo, as metas que não podem, de imediato, ser alcançadas. Os estímulos para a luta fazem-se mais poderosos e as realizações constituem vitórias logradas no dia-a-dia da existência corporal. Por outro lado, os sofrimentos perdem a aparência primitiva e revelam-se como desafios que são colocados ao longo do caminho do progresso, com a finalidade de promover o indivíduo e facultar-lhe a aquisição de valores que, sem esses testes e imposições, permaneceriam adormecidos. Semeador diligente e responsável, o homem ciente dos seus deveres não tem pressa, tampouco retarda a marcha, porquanto sabe que há época para preparar o solo, ensementá-lo, cuidar das débeis plântulas até que elas respondam corretamente através do fatalismo que lhes jaz inato. Não tem, desse modo, a presunçosa preocupação de colher em solo não semeado, assim como não pretende resultados antes do tempo adequado. Cada ação se dá no seu momento próprio. O que antes se lhe afigurava enigma ou injustiça, cede lugar a uma ordem natural, com o conhecimento da qual tudo se aclara e revela. A criança frágil e macerada, enferma e mutilada no corpo ou na mente, não foi criada, como ser algum, no momento do seu nascimento, nem ali se encontra para punir os genitores ou ancestrais mais recuados, cuja conduta arbitrária ou equívoca ensinasse a rude expiação. Pelo contrário, carpe o próprio ser os seus desatinos que foram transferidos de uma para outra existência corporal, qual ocorre com o aluno rebelde e incapaz, que a benefício dele mesmo como da sociedade, no educandário, ao invés de ser promovido, o que seria uma injustiça, é conservado na mesma classe para revisar os assuntos não assimilados e aprender o que lhe permite a ascensão a outro nível. Cumprido o áspero período de recuperação e reparação dos erros, aquele ser prisioneiro na dor se liberta e volve à sua individualidade, que reúne todas as suas conquistas, prosseguindo em novas etapas de progresso sem o sinete da aflição ou o limite expiatório. No intervalo entre uma e outra reencarnação, reintegrado nos seus valores intelecto-morais, mantém correspondência mediúnica com os afetos que permanecem no corpo, animando-os e impulsionando-os ao progresso, mediante o qual volverão mais tarde a reunir-se, felizes, em grupos familiares ou fraternais. Recuperando a lucidez após a morte do corpo físico, compreende a necessidade da provação anterior a que foi submetido, bem como as razões que ligaram os seus pais ao quadro de dor, podendo explicar-lhes tais sucessos e armá-los de valor para procedimentos futuros. A ignorância, a falta de discernimento, as limitações são corporais, logo superadas após a libertação do cárcere orgânico no

qual esteve por breve ou longo período para a redenção educativa. Pais e filhos crucificados nas traves invisíveis das enfermidades físicas, psíquicas ou morais são comparsas dos mesmos delitos, novamente reunidos para a renovação de propósitos, através do ressarcimento dos débitos que ficaram após a morte anterior e que não foram saldados. As leis fomentadoras do progresso reúnem os incursos nos mesmos códigos da Justiça e os trazem aos sítios onde delinquiram, de modo que, juntos outra vez, recomponham a paisagem moral danificada, soerguendo os que ficaram vitimados pela sua tirania ou insensibilidade. Seria um absurdo, se fosse diferente o comportamento da Divina Sabedoria, brindando a esses seres infelizes da Terra com os desajustes nos quais se estorcegam, não houvesse para eles uma causa anterior ou se lhes concedesse após a morte o paraíso para cuja conquista nada fizeram, tendo-se em vista a impossibilidade em que se encontram para realizá-lo. Deixá-los à própria sorte em qualquer lugar de dor eterna, após tanto sofrimento, constituiria, da mesma forma, aberração maior... Não se depurasse o criminoso através da reencarnação, e permaneceriam nele as marcas ultrizes dos seus desvarios, resultado da sua imperfeição espiritual, que as experiências sucessivas no corpo logram aprimorar, libertando-o da inferioridade. Assim, as inteligências que se compraziam na luxúria e na tirania retomam nas patologias da idiotia, assim como os suicidas que esfacelaram o crânio, esmigalhando o cérebro, volvem nas expressões da excepcionalidade, do mongolismo, da hidrocefalia, vinculados àqueles que, de alguma forma, se fizeram comparsas da delinquência a que se entregaram. Os quadros complexos das enfermidades que dilaceraram os homens restauram-lhes a dignidade perdida e despertam-nos para a valorização dos recursos da vida, que são malbaratados quase sempre com leviandade e prepotência, revolta e presunção, que o egoísmo comanda, soberano. Às vezes, ficam surpresas muitas pessoas que são aquinhoadas com mensagens afetuosas dos filhos de tenra idade, já desencarnados, de doentes e limitados mentais, como de analfabetos, que ora se expressam com fluidez e correção, preocupados em identificar-se e auxiliar os familiares e amigos que permaneceram na Terra. Guarde-se na mente que tais dificuldades e prejuízos pertencem ao corpo, impostos pelo Espírito necessitado de expiar e de reparar faltas, jamais do ser eterno que, após a recuperação moral, assume o controle dos seus triunfos e pode expressar-se sem os impositivos constritores do processo de reeducação a que esteve submetido. Ciente dessa realidade lógica e normal, a responsabilidade assume o comando dos atos atuais do homem, que se engaja, consciente e espontaneamente, num programa de elevação, a que

se entrega com otimismo por antecipar os resultados do seu empreendimento, em face das realizações que se permite. Não se trata de uma utopia, senão do prosseguimento das atividades que a morte não interrompe, da mesma forma que os planos acalentados antes do berço, após este se desdobram em operações de grave significado para a vida e que vão tomando corpo, à medida que as oportunidades e os meios se apresentam. Essa visão responsável da vida confere ao sofrimento o valor que tem: concitar o Espírito endividado ao resgate ou estimulá-lo à conquista de novos títulos de enobrecimento de que necessita para ser feliz. Não entendendo a linguagem silenciosa, embora operante, do amor e da beleza, em toda parte presentes, o homem não se pode furtar à reflexão, ao exame, quando colhido pela dor ou recambiado ao leito pela provação, ou impedido de seguir conforme lhe apraz através da expiação que surge no momento e que menos espera, como a cegueira repentina, a paralisia progressiva sem aparente causa lógica, a hemiplegia ou a paraplegia, a incapacidade para o matrimônio, a reviravolta econômica, que o leva à escassez de recursos, ou os dramas morais, os tormentos emocionais e psíquicos que estrugem de um para outro momento, alterando completamente a programação estabelecida ou o curso dos acontecimentos agradáveis no qual se encontrava. Em tudo, porém, se apresenta a providencial sabedoria de Deus demonstrando a fugacidade da organização física ante a perenidade da vida em si mesma. A fé, racionalmente adquirida, responsabilizando o homem, é farol que lhe ilumina o passo em qualquer circunstância, apontando-lhe o rumo seguro por onde segue.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Destino e responsabilidade)

“SAÚDE MENTAL. No estudo da complexidade do homem, a saúde mental possui caráter de alta magnitude, constituindo um capítulo relevante. Concomitantemente, o esforço dos lidadores das ciências psíquicas tem sido de grande significação para eliminar ou minimizar os males que decorrem das variadas formas de alienações mentais, que aumentam assustadoramente nos espaços emocionais da sociedade hodierna. Desde os antigos conceitos dos **humores**, de Galeno, até as incursões mais profundas no inconsciente da personalidade, superando-se as credências de que “o cérebro não pode enfermar”, as conquistas são expressivas, sem que haja apresentado resultados mais tranquilizadores para as criaturas. As estatísticas demonstram que aumenta o número de enfermos mentais **consumidos** pelos impositivos desagregadores da sociedade. Estabelecidas as causas preponderantes, coercitivas, e as predisponentes, que levam às psicopatologias, os fatores endógenos e exógenos, ao lado dos traumatismos cranianos e

das sequelas provenientes de enfermidades viróticas, as pressões psicológicas, com as suas altas cargas de tensões, respondem pelos elevados índices das neuroses, das psicoses, das mudanças de comportamento... Condições psicossociais, em desabalado crescimento, estão ceifando o equilíbrio do homem e conduzindo-o a distúrbios que se agravam. A falta de orientação psicoterápica preventiva entre os indivíduos desagua nas aflições injustificáveis, que desencadeiam processos de desagregação da personalidade, conduzindo à loucura nas suas variadas formas... Desestruturado, o indivíduo que não se enriqueceu de valores emocionais para enfrentar os sucessos ou os dissabores da vida tomba nas urdiduras da ansiedade, gerando perturbações psicológicas que se agravam a cada dia, muitas vezes por influência do próprio meio ambiente, familiar, igualmente desconcertante, que acelera o distúrbio inicial até a instalação da enfermidade de curso demorado, quando ou se apresenta com recidivas constantes ou se transforma em quadro irreversível. A linha demarcadora entre saúde e doença, no seu curso sinuoso, encontra, na área das enfermidades mentais, menos campo de limitação, pelo fato de o indivíduo transitar de um para o outro estado com frequência e facilidade. Sendo muito complexa a definição de normalidade mental, os dados que lhe estabelecem as expressões não podem ser aplicados com êxito, em se considerando a quase infinita gama de comportamentos humanos. Estabelecidos os parâmetros da normalidade, quaisquer incursões, em outras faixas de conduta, chamam a atenção para uma análise que objetiva evitar a queda pela rampa do **inabitual** até o tombo na alienação. Examinado o homem na sua legítima realidade, tem-se que considerá-lo como o resultado de um Espírito imortal que é, a exteriorizar-se mediante o perispírito, órgão intermediário responsável pela programação e formação do corpo no qual se movimenta na Terra. Preexistente à vida física e a ela sobrevivente, deve ser estudado como sendo o resultado das suas multifárias experiências, nas etapas reencarnatórias do passado de onde procede, graças às quais logrou a saúde temporária ou a transitória enfermidade. Aceitando, porque legítimas, as explicações da Psicologia, da Psiquiatria e da Psicanálise, a respeito da saúde mental, não podemos, os espiritistas, nessas causas únicas, fixar todos os comportamentos alienados, dissociando o Espírito, qual se ele não existisse... Individualidade eterna, desde quando foi criado, “é o princípio inteligente do Universo”, responsável pelo próprio crescimento na direção da fatalidade para a qual está destinado, que é a perfeição relativa a atingir. Arquiteto do destino, mediante as leis da justiça que nele se encontram em germe, representando a Consciência Cósmica, tudo

quanto faz se lhe transforma em bênção ou desdita, conforme a qualidade da ação desenvolvida. Graças a isso, torna-se herdeiro de si mesmo no largo processo de evolução no qual se encontra situado. Essa reação se torna mais evidente, excetuados os fenômenos teratológicos mais chocantes, na área das doenças mentais. Imprimindo nos implementos constitutivos da cerebração, bem como dos sistemas nervosos e das glândulas de secreção endócrina, os conflitos e desconfortos, as cargas de crimes não justificados do ontem, hoje a criatura humana ressurgue incursa nos quadros graves da esquizofrenia, da catatonia, do autismo, das psicoses profundas. Sem dúvida, por efeito de sintonia vibratória, vincula-se, no momento da reencarnação, a gametas portadores de genes propiciatórios de futuros distúrbios ou de porvindoura harmonia psicofísica. A mente culpada, ao reencarnar-se, fugindo à responsabilidade de antigos crimes, bloqueia o campo da razão, gerando estados autistas lamentáveis como forma de **esquecer** ou **destruir** os focos de recordações dolorosas e cruéis. Nas manifestações fóbicas, encontramos o Espírito impregnado das emoções rudes que o venceram, vitimando-lhe o corpo anterior, seja através da catalepsia que o levou à tumba, seja por outra ocorrência, na qual o pavor se lhe fez tão chocante que agora ressurgue como medo incontrolável que desconcerta e aparvalha. Em toda e qualquer manifestação anormal do comportamento, o Espírito encarnado é o agente que responde pela própria aflição. Idiotia, imbecilidade, atraso mental são remanescentes de suicídios espetaculares, quando a rebeldia e o orgulho exacerbado estilharam a **casa mental** em utópica tentativa de fuga à responsabilidade, assim perdendo o corpo, mas não se liberando dos fenômenos desencadeados, que ora exigem reparação, recuperação. Noutros capítulos, defrontaremos justas psíquicas entre as vítimas de antanho e os seres seveciadores, os algozes impenitentes que os infelicitaram, dando origem a obsessões, ou a intercâmbios mente-a-mente, corpo-a-corpo, em desforços desditosos... Carregando a consciência culpada, em matrizes que se fixam no inconsciente profundo — as telas delicadas da organização perispiritual —, estabelecem-se os vínculos da desídia perturbadora, a envolver ambos os litigantes em lutas inglórias, que só o amor consegue pacificar. Na trama e urdidura das obsessões, os agentes vingadores insistem na pugna, até que a vítima tombe irremissivelmente, iniciando-se com o desconcerto da emoção o quadro da loucura. Igualmente se há de considerar que, sendo o Espírito em si mesmo o responsável pela saúde ou doença de que se toma instrumento, mesmo quando se estabelece a loucura, quase sempre piorando-lhe o quadro, manifestam-se perturbações de ordem obsessiva...” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Saúde mental)

VII.1. Autismo (Transtorno do Espectro do Autismo)⁹

“FENÔMENO AUTO OBSESSIVO. Silenciando, o amigo, tive a atenção focalizada em um paciente, que se deixava conduzir para o meio do círculo pela Mentora ainda incorporada. O olhar parado, denotando a demência adiantada, os músculos em rigidez, a face pálida e descarnada, a absoluta ausência do lugar em que se encontrava, demonstravam que o enfermo padecia de autismo já avançado. Não relutava, apesar da dificuldade de locomoção, quase arrastado para o centro da agitação. Ali posto, foram entoados pontos diferentes e se lhe aplicaram passes, do meu ponto de vista, desordenadamente, que ele parecia pouco assimilar, permanecendo na mesma invariável postura de semimorto, em situação apenas vegetativa. Os ritmos da dança e da música, das palmas e das vozes, a pouco e pouco, pareceram penetrar-lhe, como se arrancasse de esconso abismo interior algum débil lampejo de consciência, graças a ligeiro brilho que lhe assomou aos olhos, e uma mudança de respiração noutra cadência, qual se buscasse mais oxigênio do ar, e movimentos, embora desordenados, dos braços e tronco. — Isto mesmo! — exclamou a Entidade vigilante, que o estimulava. — Retome, tome conta da consciência. Saia desse mundo sombrio e mentiroso. Volte à nossa realidade. Não fuja mais. Você já foi reencontrado. Não tema, pois que ninguém lhe fará qualquer mal; nós não o deixaremos. Desperte! Os apelos enérgicos prosseguiram, sintéticos e fortes, enquanto o doente voltava a mergulhar no estado anterior, mumificado para o mundo externo. O inusitado da ocorrência provocou-me inúmeras interrogações, que o Instrutor atento se propôs responder. — Que ocorria com o paciente — indaguei, com sadio interesse — junto a quem eu não percebia a presença de obsessores, conforme é frequente em estados de alienação semelhantes? Por que o convocavam ao retomo? O Espírito estava fora do corpo, aprisionado em algum lôbreco reduto, embora a situação de reencarnado, ou que se passava?... Ia prosseguir indagando, quando o lúcido interlocutor interrompeu-me, com paciência. — “Vamos por etapa” — propôs. — “O nosso amigo é o típico autista, conforme a clássica denominação psiquiátrica. Apesar de serem comuns as cobranças obsessivas, paralelamente às enfermidades mentais, este paciente sofre-as menos, porque vem recebendo a ajuda desta Casa, há mais de seis meses. Aparentemente, não se registrou qualquer mudança no seu quadro

geral. Todavia, sob nossa observação, descobrimos que excelentes resultados já foram logrados, antecipando futuros benefícios espirituais para ele próprio. Os inimigos que lhe adicionavam sofrimento, e ainda não o liberaram da cobrança que se permitem, encontram, graças à assistência espiritual que lhe tem sido dispensada, dificuldade de sintonia, embora permaneçam as irradiações das ondas mentais inferiores pelas quais se manifesta a sincronização Espírito a Espírito. É que a cobertura fluídica e magnética que o envolve dificulta a vibração doentia que ele emite, não se imantando às emissões morbíficas que lhe são dirigidas. “A princípio, as defesas eram breves, logo destruídas pela consciência culpada e a insistência dos perseguidores. Com o tempo tem havido assimilação vibratória dessas energias benéficas, por mimetismo natural, e os interregnos, sem a intoxicação telepática dos adversários desencarnados, vêm proporcionando-lhe a revitalização mental, destruindo as paredes do mundo íntimo para onde, apavorado, fugiu, desde quando a reencarnação o trouxe à infância carnal. “Estamos diante, tecnicamente, de um vigoroso processo de auto-obsessão, por abandono consciente da vida e dos interesses objetivos. Quando o indivíduo mantém intensa vida mental em ações criminosas, que oculta com habilidade, mascarando-se para o cotidiano, a duplicidade de comportamento faz-se-lhe cruel transtorno que ele carpe, silenciosamente. O delito, que fica ignorado das demais pessoas, é conhecido do delinquente, que o vitaliza com permanentes construções psíquicas, nas quais mais o oculta, destruindo a polivalência das ideias, que terminam por sintetizar-se numa fixação mórbida, que lentamente empareda o seu autor. Passam desconhecidos pelo mundo, esses gravames, que o eu consciente sepulta nos depósitos da memória profunda, sem que eles se aniquilem, ali permanecendo em gérmen, que irradia ondas destruidoras, envolvendo o criminoso. Às vezes, irrompem como estados depressivos graves, e noutras surgem como “complexos de culpa”, com fundamento real para eles mesmos, que se tornam desconfiados, acreditando-se perseguidos e fazendo quadros de torpes alienações, caindo nas malhas da loucura ou no abismo do suicídio, artifícios que buscam para aniquilar os dramas tormentosos que os esfacelam interiormente. As cenas hediondas que fixaram, retomam, implacáveis, cada vez mais nítidas, sem que quaisquer novas paisagens se lhes sobreponham. “Não é raro ver-se dama recatada, ou cidadão ilustre, repentinamente enveredar por um desses trágicos comportamentos, a

⁹ A partir do DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5th edition, published by the American Psychiatric Association), o “Autismo” passa a ser chamado de “Transtorno do Espectro do Autismo”, apresentando déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (Nota do Autor)

todos causando admiração, em face da aparente falta de motivos. Quando estes não se encontram na existência atual, ei-los nos subterrâneos da mente, no inconsciente, nos arquivos perispirituais, reclamando por justiça, reparação. Não há quem logre dilapidar o patrimônio da ordem e do bem, sem incidir na compulsória da reabilitação, que sempre se apresenta no curso da evolução do ser, reajustando-o e ensinando-lhe o respeito e o amor à vida. Ninguém, portanto, permanece indefinidamente no mal, em razão dos automatismos que a Lei impõe, proporcionando mecanismos de recuperação. O importante, na conjuntura, não é o conhecimento que a sociedade tenha das ações nefastas ou nobres por alguém praticadas, mas o autor conhecê-las, não as podendo apagar... No lado positivo, torna-se indiferente que se recebam louvaminhas e tributos de gratidão, pelo bem recebido. A quem o bem realiza, é secundário ser conhecido pelo feito, embora muita gente assim o deseje, rebelando-se quando a bajulação e o reconhecimento não lhe vêm trazer as oferendas de homenagem. A satisfação íntima, defluente do bem realizado, constitui a melhor e mais grata láurea a que se pode aspirar. No sentido inverso, no deslize moral ou no crime de qualquer procedência, ocorrem equivalentes fenômenos, com imposições mais difíceis de ser resolvidas de um só golpe.” O narrador contemplou, com ternura e piedade, o enfermo, que volvia ao reduto íntimo onde se refugiava, e aduziu: — “A queda no despenhadeiro do crime ou do vício dá-se de um salto ou por meio de sucessivos passos; todavia, a ascensão é sempre muito penosa e a esforço continuado, qual ocorre na terapia das doenças de grave porte, exigindo esforço incessante e medicação cuidadosa. As exulcerações da alma são de gênese profunda, em consequência, doridas, no seu processo de cicatrização. O caro irmão Aderson, que aí vemos, dedicou-se, na sua reencarnação passada, a urdir planos escabrosos e de efeitos nefastos contra diversas pessoas a quem levou à desdita. De início, desforçava-se daqueles com quem antipatizava, endereçando-lhes cartas anônimas, recheadas de acusações vis, e, exorbitando na calúnia, espalhava a perfídia que sempre encontrava aceitação nos indivíduos venais, gerando insegurança e dissabor às suas vítimas. Dentre outras, o infeliz, picado pelo veneno da inveja, passou a perturbar o lar honrado de um amigo, endereçando, ora ao esposo e, noutras vezes, à senhora, cartas repletas de misérias, nas quais a infâmia passou a triturá-los, entre suspeitas infundadas, terminando por levar o marido honesto ao suicídio, envergonhado pelo comportamento da esposa, tachada de adúltera, enquanto aquela acreditava, pelas missivas recebidas, na desonra do consorte. Quando o suicídio o infelicitou, ela acreditou que fora pelo remorso e caiu em irreversível depressão, aumentando o sofrimento da

família. O ardiloso caluniador, entretanto, jamais se deixou trair, permanecendo amigo do lar durante todos os transe por ele mesmo produzidos e fazendo-se confiante fiel das ocorrências desditosas... Não ficou, porém, somente nisso. Apaixonando-se por uma jovem que não ocultava a antipatia em relação à sua pessoa, endereçou cartas infames ao homem que propôs casamento à mesma, lançando a lama da suspeita contra a honorabilidade e a compostura da criatura desejada. Desgostoso, o noivo, inseguro e orgulhoso, desfez o compromisso e, porque instado a apresentar razões que justificassem a atitude, entregou-lhe as cartas, que diziam proceder de um ex-namorado predisposto a fazer revelações para poupá-lo às decepções que, segundo afirmava, sofreu, enquanto se relacionava com ela... Ante o choque, e sem recursos para provar a inocência, a vítima refugiou-se no quarto, de onde se recusava sair, até que a morte a libertou, após negar-se à alimentação, à vida, em terrível transe de ensimesmamento e amargura... É necessário dizer-se que a inocência não se prova, antes, a culpa é que pode ser comprovada, em face dos testemunhos e do material que a evidenciam e confirmam. Por isso, assevera o refrão: “Todos são inocentes perante a Lei, até prova em contrário”, o que ali não ocorria, sendo, aliás, o oposto: “Todos são culpados, até que demonstrem a sua inocência”. Jamais alguém soube da autoria das cartas, a maioria das quais permaneceu desconhecida das demais pessoas. O missivista, no entanto, conhecia o que realizava, gozando o prazer funesto das ações hediondas. “Na aparência, era um cavalheiro nobre e distinto, que o egoísmo e a desconfiança recambiavam para o celibato, vivendo de recursos herdados, num parasitismo vergonhoso, enquanto explorava os sentimentos de mulheres mais infelizes, nas quais buscava companhias pagas e prazeres de superfície. Para manter a jovialidade artificial e o aspecto sociável, autoconvencia-se da correção das suas atitudes e cuidava-se com esmero, a fim de que nada o denunciasse. No desvio mental que se iniciava, acreditava que as suas denúncias, embora destituídas de fundamento constatado, podiam ser legítimas, tal se lhe afiguravam na volúpia da inferioridade moral. “Mais idoso, quando o tempo escoava rápido, ao revés de corrigir-se, mais se permitiu o nefário jogo das missivas caluniosas, levando dor e desconforto a pessoas e lares que atingia, sem a consideração mínima pelo próximo, com quem sequer mantinha qualquer relacionamento... Um ataque de apoplexia, após discussão acalorada com um familiar, que lhe sofria o guante, recambiou-o à Vida. Despertou sob a vista daqueles que o aguardavam feroces, exibindo as feridas do desespero que ele lhes provocara. O suicida, a senhora e a jovem desvairada passaram a supliciá-lo com a mesma impiedade que dele sofreram a perseguição. Surpreso, ante a vida

após a morte física, negou os fatos escabrosos e, mesmo sob a implacável cobrança da loucura, bloqueou a mente, em tentativa inútil de fugir ao ressarcimento inditoso imposto pela ignorância dos seus inimigos...” Dr. Bezerra, sempre prudente, calou-se, por alguns momentos, e logo deu prosseguimento à elucidação: — “Transcorridos muitos anos de infortúnio, Aderson foi reconduzido à reencarnação com todas as marcas do horror que lhe foi infligido. Refugiando-se na negação do fato como crime, já que se cria no direito de havê-lo feito e não se arrependia honestamente, imprimiu, no corpo, os limites de movimento e produziu a prisão na qual se encastela. Assomando à consciência todas as lembranças do passado, vive, nesse mundo, agora sob a injunção da culpa que o vergasta, procurando esconder-se e apagar-se, de modo a não ser reconduzido aos lugares de horror de onde foi arrancado pelo Amor, que lhe favorece a reparação noutras circunstâncias. Expiar o mal que se fez, para logo depois repará-lo, é o impositivo da Justiça Divina ao alcance de todos nós. Larga, como efeito, se faz a expiação. Caso Aderson venha a recuperar-se, surgir-lhe-á a oportunidade da reparação, edificando a felicidade pessoal nos alicerces do que possa propiciar às suas vítimas ainda mergulhadas no sofrimento. A consciência de culpa somente desaparece quando o delinquente liberta aqueles que lhe sofreram o mal. “Incursos neste capítulo há muitos Espíritos que buscaram na alienação mental, através do autismo, fugir à suas vítimas e apagar as lembranças que os acicatam, produzindo um mundo interior agitado ante uma exteriorização apática, quase sem vida. O modelador biológico imprime, automaticamente, nas delicadas engrenagens do cérebro e do sistema nervoso, o de que necessita para progredir: asas para a liberdade ou presídio para a reeducação. “Como se vê, a obsessão não é, neste caso, fator responsável pela loucura. A autopunição gerou o quadro de resgate para o infrator da Lei. Aqueles inimigos desencarnados que se lhe acercam pioram-lhe a expiação, mas é o Espírito calceia quem se impõe os sofrimentos que sabe lhe serão benéficos para a redenção. Entre os auto-obsidiados encontramos também os narcisistas, que abrem as portas da mente a parasitoses espirituais muito sérias, como decorrência da conduta passada. Outros mais, indivíduos culpados, são promotores das psicogêneses que irão propeler a organização física a produzir a casa mental mais conforme às suas necessidades expiatórias.” No intervalo, que se fez natural, indaguei: — E ele se curará? — Os desígnios de Deus — respondeu, reflexionando — são inescrutáveis. Caso não recupere todas as suas funções para a atual existência, melhorará as condições para os próximos cometimentos. Deveremos examinar a Vida sob o ponto de vista global e não angular, de uma única experiência física, como

a atual. Da mesma forma que vamos buscar as origens dos males de hoje no passado do Espírito, é justo que pensemos na sua felicidade em termos de amanhã, considerando o presente como sendo uma ponte entre os dois períodos e não a situação única a vivenciar. Destas atitudes resulta o porvir com todas as suas implicações. Assim, lancemos para amanhã os resultados do esforço de agora.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 7)

[...] Desse modo, concluindo as consultas, a Amiga Espiritual veio ao círculo onde as pessoas se encontravam, para os atendimentos e instruções finais. Aderson novamente foi colocado no centro, auxiliado por dois companheiros encarnados. O olhar parado, a face pálida, refletindo-lhe a desvitalização, sem nenhuma reação aparente, era o Espírito encarcerado no corpo silencioso, que a consciência culpada construía para a reabilitação. Tomando-lhe as mãos e fitando-o nos olhos, a Mentora repetiu a terapia já nossa conhecida, convocando-o à realidade, pois não tinha mais o que temer. A fuga já terminara e fazia-se mister enfrentar os efeitos dos males causados. Na ordem que lhe dava, expressava confiança e infundia-lhe fé no futuro. Havia uma emanção de bondade que acompanhava o fluxo da energia de que se fazia revestir. A princípio, o paciente em nada reagiu. À instância do convite, pareceu despertar de um longo letargo, alterando o ritmo respiratório, movimentando as pálpebras e os lábios. Um fluxo sanguíneo fê-lo corar-se e já voltava ao estado anterior, quando ela determinou: — Hoje é o nosso dia de despertamento, e você terá que reagir. Ouça-me, e não se esconda mais. Já lhe conhecemos a história. Recorde-se, enfrente-se e viva! Aderson, viva! Ele tremeu, como se fora vítima de uma ligeira convulsão, debateu-se com agitação e voltou ao torpor habitual. Podemos perceber o júbilo que se estampou na face do médium, refletindo a emoção da Benfeitora, que lograra expressivo rendimento espiritual no tentame. [...] As opiniões valiosas calavam-me com profundidade na alma, quando se anunciou o momento para o socorro a Aderson. A convite da Benfeitora Espiritual retomamos à pequena sala das consultas, onde Felinto e alguns outros auxiliares haviam armado um equipamento semelhante aos videocassetes modernos. Dois assistentes, adrede selecionados, haviam seguido o paciente e família, no retorno ao lar, a fim de o trazerem, mediante o desdobramento pelo sono, para a reunião, ali chegando naquele instante. Organizado um semicírculo em frente a duas cadeiras, nas quais se sentaram a Mensageira e Dr. Bezerra, este proferiu comovedora oração ao Terapeuta Divino, rogando auxílio, e a reunião teve o seu começo. A irmã Emerenciana despertou o enfermo, que, para minha surpresa, mantinha a mesma fâcies, qual se fora uma máscara incapaz de refletir as emoções e a vida. Tal como se apresentava

no corpo, a mesma imobilidade estava presente no seu estado espiritual. A Mensageira aplicou-lhe passes de dispersão fluídica, desintoxicando-o, numa tentativa de arrancá-lo do estado de hibernação profunda, no qual se recolhera buscando esconder-se da própria consciência. — Este é o dia do seu reencontro — afirmou-lhe a Mentora. — Você tem compromisso com a vida e não poderá ficar, indefinidamente, detido na inconsciência. Todos conhecemos a sua história, que você se recusa a admitir. Você é suicida, que devia à existência física vários anos que não cumpriu. Você matou o corpo, mas não morreu... Fiquei chocado com aquela afirmação sem reboços. Eu fora informado antes de que ele desencarnara por apoplexia: desse modo, não via como considerá-lo um suicida. Não tive, porém, tempo de interrogar Felinto a respeito, porque a Mentora instava, reafirmando: — Você matou o corpo, no entanto, continua vivendo. Recorde-se, Aderson... Suicida, você é suicida! O choque produzido pela voz enérgica, numa indução poderosa, fez o Espírito agitar-se e, rompendo uma cadeia de forças que o imobilizavam, reagiu, possesso: — Não!... Não me matei!... Eu nem esperava... ou queria morrer... naquele dia... Não me matei!... Percebi o alívio da Benfeitora, que desejava essa ruptura, arrancando-o daquele mundo cruel de silêncio e mumificação, pois que, em outro tom de voz, ela prosseguiu: — Matou, sim, o corpo, mediante os tóxicos que você ingeriu ao largo do tempo, como decorrência do seu egoísmo e dos monstros a que deu guarida em seu mundo mental. Fora outro o seu comportamento, e viveria mais um decênio no corpo físico. Que fez, porém? Agasalhou a inveja e a perversidade, distante dos sentimentos de humanidade, sem compaixão, nem amor. Viveu para si, acumulou mágoas e insensatez, enquanto a vida o invitava à fraternidade, ao serviço do bem. — Ninguém me amou! Desabafou, em convulsão. — Assim você o crê, porque nunca amou. Temia dar-se e invejava aqueles que se doavam uns aos outros. Não acreditava em pureza, pois que vivia em clima mental de perversão e promiscuidade, observando a conduta dos seus irmãos através das lentes distorcidas da sua enfermidade moral. — Por que me acusa? — interrogou, ofegante. — Não o fazemos em forma de acusação; antes, desejamos que você enfrente os acontecimentos, a fim de que deles se liberte. Fugir de si mesmo ou anestesiar a consciência é experiência inútil, pois que ninguém o consegue, em definitivo. Onde você se refugia, continua com você mesmo. — Sou inocente! — bradou, ainda estertorando. — Você sabe que não o é. Outros crimes lhe pesam na consciência, cobrando-lhe a reparação. As suas vítimas sucumbiram, não somente na trama difamatória, mas no suicídio a que você levou mais de uma... Portanto é homicida igualmente, não resolvendo o seu problema, o auto aprisionamento

no corpo. — Eles se mataram, não por minha causa... — Veremos, meu filho... Você mesmo o constatará pela segunda vez. Acompanhem alguns lances da sua última existência corporal, que selecionamos para este momento. A um sinal, a fita gravada foi posta no aparelho e as imagens passaram a refletir-se em uma tela de média proporção, com uma peculiaridade especial: a da terceira dimensão. Era como se nos encontrássemos acompanhando os fatos no momento em que sucediam. Aderson se apresentava na chamada idade da razão, quando começou o expediente infeliz das cartas anônimas difamatórias e o hábito de levantar, verbalmente, suspeitas destrutivas contra quem lhe caía sob a alça-de-mira da inferioridade. Simultaneamente às imagens vivas, captávamos os pensamentos de cada momento, precedente e durante a ação nefasta, que se lhe irradiava da mente maldosa. Confesso que era a minha primeira experiência nesse setor de avaliação do passado de alguém, em terapia das suas vivências próximas e pretéritas, através de um equipamento tão sensível. Já conhecêramos o cinemascópio, as ideoplastias vivas, os clichês mentais que ressumavam dos depósitos profundos do perispírito, as evocações por indução telepática, as espontâneas, menos aquela técnica fascinante, em que a vida retomava esfuziante e se podia penetrar no íntimo dos fatos, que eram o emocional e o mental de cada personagem apresentada. As cenas sucediam-se em ritmo crescente, selecionadas, conforme referido. O enfermo balbuciava defesas injustificáveis, passando do desespero convulsivo à revolta e à blasfêmia, para ir-se aquietando, desperto, conscientizando-se da gravidade dos atos praticados. Foi o suicídio da jovem, a quem difamara mediante carta criminosa ao seu enamorado, que mais o afligiu. Ele acompanhava-lhe a onda mental, as dores que lhe precederam ao autocídio, a sua infinita amargura e desconhecimento do autor de tão cavilosas acusações e, porque ela o sensibilizava afetivamente, ele rendeu-se, suplicando: — Parem com isso! Interrompam a peça condenatória. Não podia imaginar, no começo, que tudo chegaria a este ponto... Quando me entreguei a esta loucura eu era e sou ainda mais infeliz do que as minhas vítimas. Eu me encontrava louco e não podia, não me queria deter. A volúpia dos desgraçados é sorver até a última gota a própria degradação. Oh! Deus meu! — Agora que você sabe — confortou-o a Amiga dos infelizes —, reorganize-se interiormente e re programe a sua atual existência. Você buscou o encarceramento orgânico para fugir sem resgatar... Use o expediente para beneficiar-se, começando a reparação das faltas cometidas. Até agora você expiou em trevas íntimas, o que não é suficiente para recompor-lhe a paz. Indispensável a ação que regulariza o erro e ajuda aos prejudicados, erguendo-os de acesso ao bem-estar pessoal. E se as vítimas, ao acaso, já se encontram em

posição melhor do que a sua, é a hora de socorrer a outrem, não diretamente vinculado a você, todavia incurso em necessidades que poderão ser supridas. — Que pode um alienado fazer? — indagou, revelando a lucidez a respeito da própria situação no corpo. — Pediremos ao nosso venerando Médico Dr. Bezerra de Menezes que lhe explique. O Mentor, que aguardava o instante para auxiliar, acercou-se e, com imensa bondade e sabedoria, prosseguiu, explicando: — “No autismo, que lhe toma a vida mental, após cuidadoso exame que fizemos em seu cérebro físico, não encontramos lesões que o impeçam, a partir de agora, de manter uma vida com relativa normalidade. Os limites e bloqueios que você lhe impôs, são de ordem psíquica profunda, sem equivalentes danos nos equipamentos especiais que por ela respondem. Partindo para uma nova ação de pensamentos lúcidos do eu espiritual, com insistência, os neurocensores passarão a captá-los e, lentamente, irão transformando-os em ideias que fluirão, irrigando a mente consciente e estimulando-a às atividades que oferecem o retorno ao equilíbrio psicofísico. “No começo, serão apenas lampejos rápidos; depois, tênue claridade, até que você alcançará o possível, o que lhe seja permitido, em razão dos seus títulos de merecimento, por enquanto, não serem muitos... Durante o sono fisiológico, porém, você receberá, no processo de desdobramento da personalidade, estímulos novos e constantes para mais perfeita fixação de propósitos. “Ser-lhe-ão aplicados recursos especiais no perispírito, na área do centro cerebral, despertando-lhe as potencialidades ainda bloqueadas, para que se destravem os controles da memória, da razão, prosseguindo, no centro motor, de modo a reordenar os movimentos, reestruturando os equipamentos nervosos, que serão melhormente utilizados em favor da sua própria reabilitação. O estacionamento não resolve o problema, nem a fuga, estimulada pelo remorso, auxilia na solução das dívidas. Assim mesmo, não será de aguardar-se resultado miraculoso. O processo de reajustamento emocional é lento como qualquer outro tipo de reequilíbrio. “À medida que a consciência libere energias positivas, regularizar-se-ão os ritmos da onda mental responsável pela ação coordenada entre a afetividade e a segurança interior, canalizando as forças psíquicas para o restabelecimento relativo da saúde. Da mesma forma que a culpa edificou a prisão sem grades do remorso em desconcerto, o desejo de recuperação rompe as amarras que o retêm no presídio celular. Como providência complementar de relevo, estas impressões permanecerão

luarizando-o em nome da esperança, que consolidará o seu equilíbrio. Por fim, estas sessões regressivas serão repetidas algumas vezes, de forma que sejam aceitas as injunções do sofrimento reparador mediante as quais se lhe desanuviará a razão ante os desígnios da Justiça.” Fez uma pausa oportuna e concluiu: — Do ponto de vista neurológico não detectamos qualquer lesão de consequência irreversível. As sequelas serão mais de ordem psicológica, como efeito dos desmandos perpetrados, do que de outra natureza. Aderson, embora sob estas perspectivas abençoadas, não pôde sopitar uma indagação: — E se eu falhar? — Repetirá a experiência aflitiva, em condições menos favoráveis, já que não há exceção para ninguém, nos Estatutos Divinos. Pensar na possibilidade de fracasso é gerar insucesso por antecipação. O agricultor seleciona as sementes e as plantas, confiando nos fatores climáticos que lhe escapam, sem pensar em derrota... Assim também, na semeadura do bem, a todos nos cumpre desenvolver esforços máximos dentro do que nos é lícito fazer, porquanto o restante pertence a Deus. Lágrimas silenciosas perolaram os olhos do paciente agora submisso e resignado, afirmando, sem palavras, os propósitos salutares de realização libertadora. Foram aplicados novos recursos fluídicos e o mesmo adormeceu, sendo, posteriormente, reconduzido ao lar. A reunião terminou com uma comovedora oração gratulatória, na palavra austera e nobre do Dr. Bezerra. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 18)

VII.2. Deficiência Intelectual (Transtorno do Desenvolvimento Intelectual)¹⁰

“A essa altura, os novos amigos entravam em palestra com as entidades da sombra. Um deles dirigiu-se a uma senhora desencarnada, em tristes condições, que se ligava a um dos obsidiados em posição de idiotia, e falou-lhe, bondoso: — Com que então, minha irmã parece melhorada, mais forte! Ainda bem! Ela explodiu em crise de pranto. Todavia, prosseguiu o missionário, sem qualquer inquietude: — Acalme-se! A vingança agrava os crimes cometidos. Para restabelecer a felicidade perdida, minha amiga, é necessário esquecer todo o mal. Enquanto abrigar pensamentos de ódio, não poderá atingir as melhoras que deseja. A cólera perseverante constitui estado permanente de destruição. Não conseguirá articular os elementos da paz íntima, até que perdoe de coração. — É quase impossível — respondeu a interpelada —, este homem afrontou meu

10 Segundo o DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5th edition, published by the American Psychiatric Association), “Deficiência Intelectual” ou “Transtorno do Desenvolvimento Intelectual” é um transtorno com início no período do desenvolvimento que inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático (graus de acometimento: leve, moderado, grave e profundo). (Nota do Autor)

ideal de mulher, lançou-me à corrupção, escarneceu de minha sorte, transformou-me o destino em corrente de males. Não será justo que pague agora? Não apregoam que o Pai é justo? Eu não vejo, porém, o Pai e preciso fazer justiça, usando minhas próprias forças. E, porque o doutrinador desencarnado a fitasse, compadecido, murmurou: – E se fosse o senhor a mulher? Ponha-se no meu caso e pense como procederia. Prontificar-se-ia a desculpar os malvados que lhe atiraram lama ao coração? Cerraria as portas da memória, a ponto de anestesiar os mais belos sentimentos do caráter? Não acredito. O senhor reagiria como estou reagindo. Há condições para perdoar. E as condições que eu imponho, na qualidade de vítima, são as de que o meu verdugo experimente também o sarcasmo da sorte. Ele infelicitou-me e voltou ao mundo. Preparou-se para uma vida regalada de considerações sociais. Titulou-se para conquistar a estima alheia. E o que me deve? Também eu, noutro tempo, não era digna de respeito geral? Não me candidatara a uma existência laboriosa e honesta, com o firme propósito de servir a Deus? Acompanhava a discussão com forte interesse, admirando o individualismo que caracteriza cada criatura, ainda mesmo além da morte do corpo. O intérprete de nossa esfera, contemplando-a, sem irritação, observou: – Todas as suas considerações, minha amiga, são aparentemente muito respeitáveis. Todavia, em todos os desastres que nos ocorram, devemos examinar serenamente a percentagem de nossa coparticipação. Apenas em situações raríssimas, poderíamos exibir, de fato, o título de vítimas. Na maioria dos acontecimentos dessa natureza, porém, temos a nossa parte de culpa. Não podemos evitar que a ave de rapina cruze os ares sobre a nossa frente, mas podemos impedir que faça ninho em nossa cabeça. Nesse ponto, a interlocutora, parecendo melindrada, acentuou asperamente: – Suas palavras são filhas da pregação religiosa, mas eu estou à procura da justiça... E com riso irônico, terminava: – Aliás, da justiça apregoada por Jesus. [...] Ao se tratar de interesses alheios, minha irmã, devemos ser rápidos na justificação legítima; entretanto, quando os assuntos difíceis e dolorosos nos envolvem o “eu”, convém moderar todos os impulsos de reivindicação. Nem sempre a nossa visão incompleta nos deixa perceber a altura da dívida que nos é própria. E, na dúvida, é lícita a abstenção. Acredita que Jesus tivesse algum débito para merecer a sentença condenatória? Ele conhecia o crime que se praticava, possuía sólidas razões para reclamar o socorro das leis; no entanto, preferiu silenciar e passar, esperando-nos no campo da compreensão legítima. É que o Mestre, acima do “olho por olho” das antigas disposições da lei, ensinou o “amai-vos uns aos outros”, praticando-o invariavelmente. Confirmou a legalidade da justiça, mas proclamou a divindade do amor. Demonstrou que será sempre heroísmo o

ato de defender os que merecem, mas se absteve de fazer justiça a si mesmo, para que os aprendizes da sua doutrina estimassem a prudência humana e a fidelidade divina, nos problemas graves da personalidade, fugindo aos desvarios que as paixões do “eu” podem desencadear nos caminhos do mundo. A interlocutora, em face da argumentação veemente e bela, emudeceu, fortemente impressionada.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“A essa altura das lições que eu recebia em forma de palestra ligeira, enquanto nos movimentávamos em serviço, atingimos residência de aspecto simples, que se distinguia pelo jardim bem cuidado, em toda a volta. – Temos, aqui – disse-me, o instrutor –, indefesso companheiro de outras épocas, reencarnado em dolorosas condições. De algumas semanas para cá, assisto-lhe a mãezinha através de passes reconfortantes. Em virtude da horrível estrutura orgânica do filho, a ela encadeado há muitos séculos, a razão da pobrezinha está periclitando; prendem-se mutuamente por grilhões de graves compromissos. Considerando-lhe o nobre costume da oração em horário prefixado, valemo-nos dessas ocasiões para vir-lhe em amparo. Admirando a ordem instituída para os quefazeres de nosso plano, e que transparecia nas mínimas ações, silenciosamente acompanhei Calderaro ao interior doméstico. Em rápidos minutos achávamo-nos em pequena câmara, onde magro doentinho repousava, choramingando. Cercavam-no duas entidades tão infelizes quanto ele mesmo, pelo estranho aspecto que apresentavam. O menino enfermo inspirava piedade. – É paralítico de nascença, primogênito de um casal aparentemente feliz, e conta oito anos na existência nova – informou Calderaro, indicando-o –; não fala, não anda, não chega a sentar-se, vê muito mal, quase nada ouve da esfera humana; psiquicamente, porém, tem a vida de um sentenciado sensível, a cumprir severa pena, lavrada, em verdade, por ele próprio. Há quase dois séculos, decretou a morte de muitos compatriotas numa insurreição civil. Valeu-se da desordem político-administrativa para vingar-se de desafetos pessoais, semeando ódio e ruínas. Viveu nas regiões inferiores, apartado da carne, inomináveis suplícios. Inúmeras vítimas já lhe perdoaram os crimes; muitas, contudo, seguiram-no, obstinadas, anos afora... A malta, outrora densa, rareou pouco a pouco, até que se reduziu aos dois últimos inimigos, hoje em processo final de transformação. Com as lutas acrememente vividas, em sombrias e dantescas furnas de sofrimento, o desgraçado aprestou-se para esta fase conclusiva de resgate; conseguiu, assim, a presente reencarnação com o propósito de completar a cura efetiva, em cujo processo se encontra, faz muitos anos. A paisagem era triste e enternecedora. O doente, de ossos enfezados e carnes quase transparentes, pela idade deveria ser uma

criança bela e feliz; ali, entretanto, se achava imóvel, a emitir gritos e sons guturais, próprios da esfera sub-humana. Com o respeito devido à dor e com a observação imposta pela Ciência, verifiquei que o pequeno paralítico mais se assemelhava a um descendente de símios aperfeiçoados. – Sim, o espírito não retrocede em hipótese alguma – explicou Calderaro –; todavia, as formas de manifestação podem sofrer degenerescência, de modo a facilitar os processos regenerativos. Todo mal e todo bem praticados na vida impõem modificações em nosso quadro representativo. Nosso desventurado amigo envenenou para muito tempo os centros ativos da organização perispiritual. Cercado de inimigos e desafetos, frutos da atividade criminosa a que se consagrou voluntariamente, permanece quase embotado pelas sombras resultantes dos seus tremendos erros. No campo consciencial, chora e debate-se, sob o aguilhão de reminiscências torturantes que lhe parecem intermináveis; mas os sentidos, mesmo os de natureza física, mantêm-se obnubilados, à maneira de potências desequilibradas, sem rumo... Os pensamentos de revolta e de vingança, emitidos por todos aqueles aos quais deliberadamente ofendeu, vergastaram-lhe o corpo perispiritual por mais de cem anos consecutivos, como choques de desintegração da personalidade, e o infeliz, distante do acesso à zona mais alta do ser, onde situamos o castelo das noções superiores, em vão se debateu no Campo do esforço presente, isto é, à altura da região em que localizamos as energias motoras; é que os adversários implacáveis, apegando-se a ele, através da influência direta, compeliaram-lhe a mente a fixar-se nos impulsos automáticos, no império dos instintos; permitiu a Lei que assim acontecesse, naturalmente porque a conduta de nosso infortunado irmão fora igual à do jaguar que se aproveita da força para dominar e ferir. Os abusos da razão e da autoridade constituem faltas graves ante o Eterno Governo dos nossos destinos. O estimado Assistente fitou-me com seus olhos muito lúcidos e perguntou: – Compreendeste? Como desejasse ver-me suficientemente esclarecido, acrescentou: – Espiritualmente, este pobre doente não regrediu. Mas o processo de evolução, que constitui o serviço do espírito divino, através dos milênios, efetuado para glorioso destino, foi por ele mesmo (o enfermo) espezinhado, escarnecido e retardado. Semeou o mal, e colhe-o agora. Traçou audacioso plano de extermínio, valendo-se da autoridade que o Pai lhe conferira, concretizou o deplorável projeto e sofreu-lhe as consequências naturais de modo a corrigir-se. Já passou a pior fase. Presentemente, já se afastou do maior número de inimigos, aproximando-se de amoroso coração materno, que o auxilia a refazer-se, ao término de longo curso de regeneração. Reparando a estranha atitude dos infelizes desencarnados que o seguiam, pretendia indagar algo relativamente a eles,

quando Calderaro veio ao encontro de meus desejos, continuando: – Também os míseros perseguidores são duendes do ódio e da vingança, como o nosso enfermo é um remanescente do crime. São náufragos na derradeira fase de salvação, após enorme hecatombe no mar da vida, onde se perderam por muitos anos, por incapazes de usar a bússola do perdão e do bem. Aproximam-se, porém, do porto socorrista. Voltarão ao Sol da existência terrestre, por intermédio de um coração de mulher que compreendeu com Jesus o valor do sacrifício. Em breve, André, consoante o programa redentor já delineado, ingressarão neste mesmo lar na qualidade de irmãos do antigo adversário. E quando entrelaçarem as mãos sobre ele, consumindo energias por ajudá-lo, assistidos pela ternura de abnegada mãe, amorosa e justa, beijarão o velho inimigo com imenso afeto. Transmudar-se-ão as negras algemas do ódio em alvinitentes liames de luz, nos quais refulgirá o amor eterno. Chegado esse tempo, a força do perdão restituirá nosso doente à liberdade; largará ele, qual pássaro feliz, este mirrado corpo físico, sufocante cárcere do crime e suas consequências, onde se debateu por quase dois séculos. Até lá, importa zelar com empenho pela valorosa mulher que é essa, vestalina senhora deste lar, em quem as Forças Divinas respeitam a vocação para o martírio, por iluminar a vida e enriquecer a obra de Deus. Mal terminava Calderaro as elucidações, quando um dos verdugos desencarnados se moveu e tocou com a destra o cérebro do doentinho, recomendando-me o Assistente examinasse os efeitos desse contato. Extrema palidez e enorme angústia transpareceram no semblante do paralítico. Notei que a infeliz entidade emitia, através das mãos, estrias negras de substância semelhante ao piche, as quais atingiam o encéfalo do pequenino, acentuando-lhe as impressões de pavor. Dirigi ao Assistente um olhar interrogativo, e Calderaro informou: – Se o amor emite raios de luz, o ódio arremessa estiletos de treva. Nos lobos frontais recebemos os estímulos do futuro, no córtex abrigamos as sugestões do presente, e no sistema nervoso, propriamente dito, arquivamos as lembranças do passado. Nosso pobre amigo está sendo bombardeado por energias destrutivas do ódio na região de serviços do presente, isto é, em suas capacidades de crescimento, de realização e de trabalho nos dias que correm. Tal situação, derivante da culpa, compele-o a descer mentalmente para a zona de reminiscências do passado, onde o seu comportamento é inferior, ralando pela semi-inconsciência dos estados evolucionários primitivos. Esmagadora maioria dos fenômenos de alienação psíquica procedem da mente desequilibrada. Repara o cosmo orgânico. O doentinho, da aflição em que se mergulhara, passou às contorções, evidenciando todos os característicos da idiotia clássica. Os órgãos revelavam agora estranhos

deslocamentos. O sistema endócrino patenteava indefiníveis perturbações. Compadecido, inclinou-se o instrutor sobre o doente, e esclareceu: – Os raios destrutivos alcançam-lhe a zona motora, provocando a paralisação dos centros da fala, dos movimentos, da audição, da visão e do governo de todos os departamentos glandulares. Na verdade, essa dolorosa situação cronicificou-se, pela repetição desta ocorrência milhares de vezes, em quase duas centenas de anos. Fez intervalo significativo e tornou: – Examina a conduta do enfermo. Fixando a mente na extrema região dos impulsos automáticos, seu padrão de comportamento é, efetivamente, sub-humano. Volta a viver estados primários, dos quais a individualidade já emergiu há muitos séculos. [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“**Débito estacionário.** [...] A breves minutos, achávamo-nos em paisagem rural pobre e triste. Num casebre, totalmente exposto à ventania noturna, infortunada mulher jazia enrolada em farrapos, numa esteira de palha ao rés do solo e, a poucos metros, mísero anão paralítico exibia o semblante alvar. Reconhecia-se-lhe, de pronto, a idiotia completa, sob a vigilância da enferma desditosa, que o fitava entre a aflição e o desencanto. Abarcando-os com o olhar, nosso condutor informou solícito: – Temos aqui nossa irmã Poliana e Sabino, o filho desventurado que o Poder Celeste lhe confiou. Espiritualmente, são ambos tutelados da Mansão, em pedregoso caminho de reajuste. [...] Em seguida, convidou-nos a observar o campo orgânico de Sabino. Por fora, sim, era ele dolorosa máscara de anormalidade e aberração. Mirrado, nada medindo além de noventa centímetros e apresentando grande cabeça, aquele corpo disforme, tresandando odores fétidos, inspirava compaixão e repugnância. A fisionomia denotava configuração macacóide, exibindo, porém, no sorriso inconsciente e nos olhos semilúcidos, a expressão de um palhaço triste. Recomendou-nos o Assistente auscultar-lhe o campo íntimo e, em razão disso, findos alguns minutos de reflexão, assimilei-lhe a faixa mental, observando-lhe as singulares reminiscências... Demonstrando viver essencialmente distante da realidade, a memória de Sabino mergulhava, toda, em quadros estranhos. Corporificados ante a nossa visão espiritual, os pensamentos dele tomavam consistência, compelindo-nos a enxergá-lo qual se sentia em verdade. Víamo-lo em trajes de palaciano bem-posto, influenciando pessoas categorizadas para a consumação de crimes ocultos, a culminarem sempre na flagelação do povo. Viúvas e órfãos, trabalhadores humildes e escravos misérrimos desfilavam nas telas de suas complicadas recordações. Palacetes aristocráticos e mesas opíparas constavam por detalhes faustosos das lembranças que lhe povoavam o espírito... E, ao seu lado, sempre a mesma mulher, cujo porte soberbo revelava Poliana, aquela mesma Poliana que jazia inerte

na esteira de palha... Assombrados, identificávamos ambos cercados de luxo e ouro, manchados, porém, de sangue, ao qual se faziam plenamente insensíveis... Reconhecíamos sem dificuldade que mantinham consigo escusos compromissos um com o outro, no terreno da crueldade. Sabino, o fidalgo orgulhoso, não tomava conhecimento de Sabino, o anão paralítico. Em absoluta introspecção, revivia o pretérito, com requintes de egolatria, demonstrando-se na posição do homem iludido por mentirosa superioridade à frente dos semelhantes. Percebendo-nos a perplexidade, Silas observou: – Decerto, não lhe ouviremos a palavra articulada, mudo e surdo qual se encontra, mas podemos consultar-lhe o pensamento, porquanto reagirá em pensamento, respondendo-nos às interpelações, através da conversação ideada. Para isso, porém, é imprescindível lhe dispensemos o tratamento devido à personalidade que julga viver... Mentalizemo-lo como sendo o Barão de S..., título que exibiu na existência última e com o qual se desvairou calamitosamente nas trevas da delinquência e da vaidade. Observando as manchas rubras nos quadros vivos das vivas reminiscências em que se enclausurava, perguntei com a gravidade natural que a experiência exigia: – Barão, por que tanto sangue em seu caminho? Terão muitos chorado, em torno de sua marcha? Notei, perfeitamente, que ele não recolhera a interrogação com os tímpanos comuns, mas a apreendera em forma de ideia, formulada de si para consigo, devolvendo-nos a seguinte ponderação pelos fios mentais, em que comungávamos um com o outro, sem que me identificasse por seu interlocutor invisível: – “Sangue e lágrimas, sim!... Precisei de grande dose de semelhante material em meus empreendimentos... Que triunfador do mundo não terá sangue e lágrimas, na base das pirâmides da fortuna ou da dominação política em que todos eles se apoiam? A vida é um sistema de luta, no qual a Humanidade se divide em dois campos opostos – aquele dos que conquistam e aquele dos que são conquistados... Sou um nobre... Não guardo a vocação de perder... Que importa a aflição dos fracos, se a morte para eles significa descanso e mercê?” Desliguei-me do foco mental em que se lhe exprimiam os pensamentos e, depois de alguns instantes, nos quais se consagrava Hilário ao mesmo exame que me tomara a atenção, o Assistente esclareceu: – Segundo é fácil de concluir, ante a perquirição da ciência terrestre vulgar, Sabino será o idiota paralítico, surdo e mudo de nascença... Para nós, no entanto, é um prisioneiro ainda perigoso, engaiolado nos ossos físicos, de cuja tessitura, por agora, não tem qualquer noção, tal o egoísmo que ainda lhe turva a alma, em processo de incontrolável hipertrofia... A sede da posse ignóbil e o orgulho virulento perverteram-lhe a vida íntima, fixando-o em pavoroso labirinto de sinistros enganos, que resultam

para ele em completa alienação mental no tempo, de vez que o relógio avança na contagem dos dias, enquanto se mantém parado nas reminiscências em que se supõe dominador na Terra, vivendo o pesadelo criado por si próprio... Diante dos problemas que o estudo suscitava, indagou Hilário, surpreso: – Mas... onde a vantagem de semelhantes padecimentos? Silas esboçou leve expressão de tristeza e considerou: – Temos sob nossa atenção lamentável débito congelado. Nosso pobre companheiro, deploravelmente tombado, praticou numerosos delitos na Terra e no Plano Espiritual e, há mais de mil anos, vem sucumbindo, vaidoso e desprevenido, às garras da criminalidade... De existência a existência, não soube senão consumir os recursos do campo físico, tumultuando as paisagens sociais em que o Senhor lhe concedeu viver. Calamidades diversas, como sejam homicídios, rebeliões, extorsões, calúnias, falências, suicídios, abortos e obsessões foram por ele provocados, desde muitos séculos, porquanto nada viu à frente dos olhos senão o seu egoísmo a saciar... Entre o berço e o túmulo, é o desatino incessante, e, do túmulo para o berço, é a maldade fria e inconsequente, apesar das intercessões de amigos abnegados, que o amparam em novas tentativas de regeneração e levantamento. Quase sempre inspirado nos pontos de vista de Poliana, que lhe vem sendo a companheira de múltiplas jornadas, cristalizou-se como infeliz empresário do crime, agigantando-se-lhe de tal modo o desequilíbrio na existência última, terminada no suicídio indireto através do mergulho deliberado na viciação, que não houve outro remédio para ele senão o insulamento absoluto na carne, ao nevoeiro da romagem presente, na qual o identificamos, assim, como fera enjaulada na armadura de células aviltantes, sob a custódia da mulher que o ajudou nas quedas sucessivas, erigida agora à posição de enfermeira maternal do seu longo infortúnio. Poliana, a companheira fútil e transviada do bem, que habitualmente escolheu para si a condição de boneca do prazer delituoso, acordou, além-túmulo, para as realidades da vida, antes dele... Despertou e sofreu muito, aceitando a tarefa de auxiliá-lo na recuperação em que, por certo, despenderão muito tempo ainda... No campo perispiritual do anão ensimesmado, observamos, através da sua aura verde-trevosa, que todas as energias dos seus fulcros vibratórios refluíam sobre os pontos de origem, dando-nos a impressão de que Sabino estava enovelado inteiramente em si mesmo, à maneira da lagarta ilhada no casulo dela própria nascido. Às perguntas que não nos foi possível sopitar, respondeu Silas com presteza: – Nosso amigo, até que se amadureça em espírito para a renovação necessária, guarda a mente trabalhando em circuito fechado, isto é, pensa constantemente para si mesmo, incapaz da permuta de vibrações com os semelhantes, exceção feita com

Poliana, de quem se fez satélite mudo e expectante, como parasita em fronde seivosa. Sabino é um problema de débito estacionário, porque jaz em processo de hibernação espiritual, compulsoriamente enquistado no próprio íntimo, a benefício da comunidade de Espíritos desencarnados e encarnados, porquanto tão expressivos se lhe destacam os gravames de ordem material e moral que a sua presença consciente, na Terra ou no Espaço, provocaria perturbações e tumultos de consequências imprevisíveis. Desfruta, desse modo, uma pausa na luta, como ensaio de esquecimento, a fim de que possa, de futuro, encarar o montante dos compromissos em que se enleia, promovendo-lhes solução digna nos séculos próximos, a golpes de férrea vontade na renúncia de si mesmo. – Mas – indagou Hilário, inquieto – não disporia a Espiritualidade Superior de elementos para encarcerá-lo, a distância da carne? – Sim – confirmou Silas –, isso não é impossível. Entretanto, se temos enxovias pungentes para a expiação dos crimes que entenebrece a mente humana, muitas delas a se expressarem por vales de miséria e de horror, é preciso considerar que os delinquentes aí segregados atraem-se uns aos outros, contagiando-se mutuamente das chagas morais de que são portadores, gerando o inferno em que passam transitoriamente a viver. Por outro lado, contamos com muitas instituições, funcionando à semelhança de estufas, nas quais criaturas desencarnadas dormem pacificamente largos sonos, mergulhadas nos pesadelos que merecem até certo ponto, depois de efetuada a travessia do sepulcro... Em Sabino, contudo, encontramos um caso excepcional de rebeldia e delinquência sistemáticas, em cujas sombras, um dia, sentiu baquearem-se-lhe as forças. O remorso feriu-lhe o coração como a bala mortífera assalta um tigre solto... A prece fulgurou-lhe na consciência e, antes que a sua nova atitude provocasse reações e vinditas soezes entre os que lhe seguiam os passos na rota perversa, recolheram-no à Mansão, onde foi naturalmente magnetizado, caindo em hipnose de longo curso, sendo recebido mais tarde pelo carinho de Poliana, então segregada em campo de regeneração pelo sacrifício. Como vemos, tamanhas são as ligações de nosso companheiro nos planos infernais que, por mercê de Jesus, foi ele ocultado provisoriamente neste corpo monstruoso em que se faz não apenas incomunicável, mas também de algum modo irreconhecível, em favor dele próprio. É indispensável que o tempo com a Bondade Divina lhe amparem os problemas aflitivos e complexos. E, fitando-nos serenamente, juntou: – Compreenderam? Sim, havíamos entendido. A experiência, aos nossos olhos, era dura mas lógica, terrível mas justa. E como quem nada mais podia dar ao triste amigo, além do coração, Silas afagou-lhe a cabeça imunda e

ofertou-lhe, comovido, a bênção de uma prece.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 13)

“SOCORRO DE LIBERTAÇÃO. [...] Na reunião para aquela noite estava programada uma tarefa, que a irmã Emerenciana denominara “socorro de libertação”. Seguindo a praxe ritualística da Casa, após a abertura dos trabalhos, ela psicofonicamente elucidou que a gravidade do cometimento exigia muito esforço e dedicação dos companheiros encarnados, razão por que teria lugar na esfera mediúnica, mediante a cooperação dos membros mais dedicados do Grupo. [...] A irmã Emerenciana, que se afastara do médium, agora conduzia indigitado sofredor, que foi atraído ao perispírito de Antenor, de imediato entrando em estertores e transfigurando, a pouco e pouco, a face do médium e o seu conjunto: expressão, gestos, voz. — Nunca o perdorei! — exclamou, em agonia dolorosa. Um senhor, com pouco menos de cinquenta anos, aproximou-se, visivelmente emocionado. Estava aureolado por tênue claridade. A Mentora influenciava-o psiquicamente com vigor. Dele se irradiava envolvente bondade natural, que nos despertou imediata simpatia. — Não te pedimos que o perdoes — disse, com a voz ligeiramente trêmula. — Rogamos que lhe dê oportunidade de reparar os males que praticou em relação a ti e àqueles a quem amas. Sem querer justificá-lo, digo-te, que ele estava louco. O traidor, que rouba a confiança e estrangula a amizade, nas forças do seu crime, encontra-se fora de si. Basta que tenhas piedade e lhe concedas o que a ti ele não ofereceu, levando-te a este estado... — Só palavras, que em nada modificam a situação. Você tem o direito de interceder por ele: é seu filho, o infame que a mim desgraçou. — Eu o sei e me apiedo de vós ambos. Choro o meu filho infeliz e lamento por ti, meu pobre irmão. Ele acaba de completar vinte anos e já se vão dezesseis de dores inomináveis para nós e para ele. Quando se iniciou a doença, ele foi, a pouco e pouco, perdendo os recursos da fala, da compreensão, enquanto se lhe aumentava a agressividade, a irritação, a pardo retardamento mental... [...] A princípio, não sabíamos o de que se tratava. Criamos apenas no diagnóstico médico, que afirmava ser um incurável distúrbio neurológico, que lhe lesara grandes áreas orgânicas. Da aflição inicial e da amargura que nos tomou, passamos à piedade... Quando a fé em Deus e na Sua justiça nos clareou a noite das dores, ante a certeza da reencarnação e da sobrevivência do Espírito à morte física, passamos a amá-lo e a ter mais coragem... Não me tente sensibilizar - interrompeu-o, congestionado —, pois que isto mais me revolta. Ele é seu filho querido, porém traiu-me, roubando-me Iara, filha amada, a quem corrompeu e desgraçou, levando-a ao suicídio... [...] Falas do suicídio da filhinha, que teve os sonhos de menina trucidados pela ignorância do sedutor; no entanto, conforme não desconheces,

ele também sucumbiu sob a sanha da mesma alucinação, interrompendo, anos mais tarde, a existência corporal, varando o cérebro com uma bala destruidora. Com aquela atitude originou-se a paralisia em que se amarra, porém, com a tua vingança, ele sofre mais amplos limites mentais... — Não é assim — cortou-lhe a palavra. — A sua limitação é resultado do tiro que lhe afetou a razão, destruindo o órgão dela encarregado. — Comprazo-me em descobrir que conheces a Lei de Causa e Efeito, mas surpreendo-me por constatar que, não obstante a identifiques, permanexas desafiando-a hoje, a fim de sofrê-la amanhã... A elucidação oportuna colheu o interlocutor desavisado com grande impacto. — E certo — deu prosseguimento — que o cérebro atingido, em face do gesto de revolta contra a vida, deixou impressões no perispírito, que lhe modelou a nova usina mental com as deficiências correspondentes à ação nefasta... Apesar disso, porque o afliges, Espírito-a-Espírito, o enlouqueces, e, em razão da tua presença ameaçadora, ele se debilita, o que te permite tomá-lo e agredir-nos, arrojando-o contra as paredes, os objetos e o solo... Se tiveres misericórdia e o deixares por um pouco, ele prosseguirá encarcerado nas grades do suicídio, porém, menos desditoso, podendo pensar, além do uso do cérebro danificado, e compreenderá a sabedoria e a necessidade do sofrimento. Vê-lo-ás padecendo, se isto te faz bem... [...] — Então, eu te rogo, em nome da Mãe dele, sem culpa alguma, cujo crime único foi ser genitora extremada e nada poder fazer em favor do Filho, cuja missão e grandeza, em sua humildade, talvez não tivesse o conhecimento, na sua total dimensão, porém, daria a sua pela vida dele. Pedimos-te, portanto, em Seu nome, e em homenagem a esta mãe, também crucificada na agonia... O perseguidor recebeu o apelo com um grande choque e titubeou. [...] — Você pede-me que o liberte e não tem ideia do que solicita. A palavra liberte terá um significado muito profundo, quase terrível para você e para ele, para a família, caso eu concorde com o apelo. Estamos tão intimamente ligados, quanto a planta parasita na árvore que a hospeda. Com o tempo, as raízes da naturalmente enxertada penetraram na seiva da outra, gerando tremenda simbiose. Ambos nos necessitamos para viver. Embora eu aqui me encontre, estou vinculado a ele... Se eu me arrancar do seu convívio físico e mental, eu me desequilibrarei muito, e o corpo dele morrerá...” A palavra produziu um choque. A Mentora manteve o apoio sobre o doutrinador, que se abalou, mas, recompondo-se, prosseguiu: — Faze a tua parte, e o restante é com o Pai Celestial, realmente o dono da vida. — Seu filho morrerá, então, infelizmente. Sem mim, ele não sobreviverá. [...] Logo que a Entidade se afastou a irmã Emerenciana tomou a palavra e exortou-nos ao amor, à irrestrita confiança em Deus, à fé, entretecendo judiciosas considerações

sobre o caso em pauta. Dirigiu-se aos pais do enfermo, que a ouviram com verdadeira unção e reconhecimento. Logo depois, foi encerrada a reunião, e o grupo se desfez, cada qual seguindo o seu rumo.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 19)

“PROCESSO DESENCARNATÓRIO. [...] Chegando ao lar, o casal foi recebido por gentil familiar que assistia o jovem, enquanto os pais se encontravam ausentes. A senhora estava aflita e narrou, apressadamente, que Alberto se encontrava muito mal. Quando chegamos ao quarto, deparamo-nos com uma cena comovente. Um jovem, de corpo volumoso, agitava-se no leito. As marcas da limitação mental se estampavam na face do idiota e, embora os cuidados que o amparavam, o conjunto físico era desagradável à vista, numa primeira e apressada impressão. Respirava com dificuldade, e gemia, exteriorizando um estado íntimo agônico e opressivo. A mãezinha correu ao telefone e chamou o médico com urgência. O pai se deteve no quarto e pudemos ouvir-lhe a mente raciocinando. Ele constata o significado da palavra liberdade, conforme se referia o desencarnado, igualmente infeliz. Percebeu que o filho estava morrendo. — Desde quando ele está assim? — indagou, à parenta, a senhora Clotilde. — Há cerca de duas horas tudo começou. Eu estava tricotando, na sala, quando ouvi um ruído inusitado. Corri ao quarto e encontrei-o encostado à cabeceira da cama, com os olhos projetados para fora das órbitas, como se acompanhasse alguma cena pavorosa. Depois, contorceu-se e agitou-se, qual se alguma coisa estivesse sendo arrancada de dentro dele. Por fim, deu um grito e arriou, respirando com dificuldade e vertendo um pranto silencioso, como jamais eu o vira fazer... A genitora ajoelhou-se ao lado da cama, segurou a mão do filho e começou a falar-lhe com ternura, enquanto chorava com resignação, apesar da imensa dor que a vencia. A irmã Emerenciana aproximou-se da senhora e vitalizou-a com energias de sustentação na área coronária, depois, na cardíaca, enquanto a estimulava à coragem e à confiança no futuro. Ela não ouvia as palavras, entretanto, senti-as como reconforto e serenidade. Nesse momento, o caroável Médico da caridade acercou-se do moribundo e começou a aplicar-lhe recursos de dispersão fluídica, desvinculando-o do envoltório carnal. A operação complexa demorou por vários minutos. O jovem adquiriu lampejos de lucidez, nos olhos marejados de lágrimas, fitou os pais, como se lhes desejasse externar gratidão e amor, tal a sensação de ventura que experimentava, livre da terrível constrição que padecera pelos largos anos. A mãezinha sentiu-lhe o aperto de mão, equilibrado, afetuoso. — Ele se está despedindo de nós! — exclamou, angustiada. — Segure-o! O Sr. Anselmo sentou-se ao lado, ergueu-lhe o tórax e a cabeça, que encostou ao seu ombro e, amparado pela Mentora, falou:

— É a libertação, meu filho querido. O Pai deseja e espera a salvação de todos e não a sua perda. Não tema! Este capítulo de dor está encerrado; abre-se um novo, na sua e em nossas vidas. Você seguirá; todavia, não nos separaremos, continuando a avançar pela mesma trilha. Arrebetam-se as algemas e você recobra os seus movimentos. Poderá, agora, voar, livre e feliz. A noite cede lugar ao dia. Bons Amigos o aguardam. Chame por Jesus e seja dócil... Nós iremos, logo mais. Ele estremeceu e tentou balbuciar algumas palavras: — Pa...pai!... Ma...mãe!... A respiração fez-se-lhe mais difícil. Cerrou os olhos e começou o quadro comatoso, prenunciador da morte. O Benfeitor, após a operação delicada, cessou a técnica de que se utilizava, enquanto suave oração se evolava das almas contritas dos pais, que se despediam. Neste comenos, chegou o médico, que percebeu, de imediato, a gravidade do caso. Mesmo assim, examinou-o, superficialmente, e, homem acostumado aos momentos in extremis, não teve dúvidas, e acentuou: — Tarde demais! Ele está entregando a alma a Deus. É questão de pouco tempo. Demoramo-nos no recinto até ao amanhecer, quando Alberto desencarnou e Dr. Bezerra deslindou os últimos liames, entrando o corpo na imediata eliminação das energias vitais restantes. Adormecido, ele permaneceu no local, recebendo apropriada assistência por parte do Benfeitor, até que se fizesse oportuno removê-lo dali, o que se daria após a inumação cadavérica. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 20)

“**Obsessão, idiotia e loucura.** Analisando-se com lógica e serenidade o extraordinário fenômeno da transfiguração de Jesus no monte Tabor diante dos Espíritos Moisés e Elias, constata-se haver sido esse momento incomum, o de uma reunião espírita de caráter mediúnico. Diante dos três discípulos convidados para o cometimento superior, Pedro, Tiago e João, que serviram de suporte auxiliar para a exteriorização do ectoplasma, o Mestre se lhes apresentou na plenitude do espírito, fulgurante e puro, dialogando com o excelente legislador do povo hebreu e do Seu abnegado profeta que, até há pouco, estivera reencarnado como João Batista, o Precursor do Seu ministério, e que fora decapitado por ordem do governante Herodes Antipas. Verdadeiro intercâmbio mediúnico de natureza superior ali se apresentou, quando Moisés, que tivera o cuidado em advertir os hebreus a respeito das comunicações espirituais, recomendando-lhes a não evocação dos mortos, conforme vinham fazendo, o mesmo em referência a consultas com adivinhos e feiticeiros, retornava, ele mesmo, da vida abundante para confirmar essa realidade do ser eterno, através da sua comunicação, que demonstra de maneira inequívoca a sobrevivência da vida à morte. E Elias, igualmente, passada a rude prova da decapitação em que se recuperara da intolerância e dos terríveis crimes praticados

contra os adoradores e sacerdotes do deus Baal, nas margens do rio Quisom, ressurgia esplendente em beleza e em luz, reverenciando o Messias de Israel e Guia de toda a Humanidade. O santuário para o eloquente intercâmbio foi a Natureza em festa, no alto de um monte, longe do bulício e da perturbação das mentes em desalinho, a fim de que fosse repetido no futuro em homenagem ao Seu feito. Entre o espanto e a admiração, os discípulos humildes deslumbraram-se com o acontecimento e o anotaram, transmitindo-o à posteridade sem mais amplos e profundos detalhes do que representava uma proposta importante para o futuro das criaturas, no que diz respeito às comunicações espirituais. Um grande silêncio pairou até hoje em torno do diálogo havido entre o Mestre e os Seus visitantes desencarnados. No entanto, o fato extraordinário assinalou em definitivo a ascendência de Jesus sobre todos os espíritos da Terra e o Seu poder em relação aos mesmos. Ainda não terminara o encantamento, quando Ele convidou os companheiros a descerem à planície onde se encontravam as criaturas aturdidas e sofredoras. Ao fazê-lo, ainda nimbado de mirífica luz, foi solicitado por um pai aflito, a fim de que curasse o seu filho, que um espírito o tomava, fazia-o convulsionar até babar sangue e ninguém conseguia curá-lo, de imediato acrescentando que nem mesmo os Seus discípulos o conseguiram, por faltar neles a autoridade moral indispensável em relação ao comunicante atormentado. Sem delongas, porque ainda permanecia na vibração da atividade mediúnica, o Senhor expulsou com energia e misericórdia o perturbador inclemente, devolvendo o rapaz antes enfermo ao seu pai, agora perfeitamente saudável e jubiloso. Todo esse episódio encaixa-se com perfeição nos moldes de uma atual sessão mediúnica de desobsessão, na qual o amoroso Psicoterapeuta advertiu o hóspede invisível e atuante, tomado de impiedade e insânia mental, que cedeu, abandonando os seus propósitos infelizes ante a Sua autoridade incomum referta de conhecimento e de amor. O jovem que convulsionava, como se fosse vitimado por transtorno epilético repetitivo, era vítima de rude obsessão espiritual, que a sabedoria e a misericórdia de Jesus reverteram à paz e à calma, à saúde e à observância dos deveres em relação à vida. Guardadas as proporções, a mesma ocorrência tem lugar nas reuniões de desobsessão quando, após serem ouvidas as orientações dos Mentores espirituais, procedem-se às terapias liberativas de obsessores e de obsidiados, mediante a palavra repassada de bondade e conhecimentos do doutrinador, convocando o perseguidor ao perdão e à caridade, ao mesmo tempo ensinando-se recuperação e paz. Esse distúrbio, o da obsessão, difere bastante daqueles de natureza orgânica, que produzem a idiotia e a loucura. Em todos esses casos, porém, encontram-se espíritos enfermos,

aqueles que estão reencarnados, endividados perante as Leis Cósmicas, em processos graves de provações dolorosas ou expiações reeducativas. Na obsessão, encontra-se atuante um agente espiritual que se faz responsável pelo transtorno reversível; no entanto, nos casos em que o ser renasce sob o estigma da idiotia ou chancelado pelos fatores que propiciam a loucura, os seus débitos e gravames são de tal natureza grave, que imprimiram no corpo o látego e o presídio necessários para a sua renovação moral. Desde o momento da reencarnação, a consciência culpada e os sentimentos em desordem imprimiram nos equipamentos orgânicos e cerebrais as deficiências de que o endividado tem necessidade para reparar os males anteriormente praticados, desde quando, portador de inteligência e mesmo de genialidade, delas se utilizou para a alucinação no prazer exorbitante em prejuízo de grande número de pessoas outras que lhe experimentaram a crueldade, a intemperança, a indiferença... Malbaratado o patrimônio superior que a vida lhe concedeu para multiplicar os talentos de que dispunha, volta agora ao orbe terrestre para expiar, passando pelos sítios tormentosos da falta de lucidez e com limitação mental, encarcerado em equipamentos que são incapazes de lhe permitir a comunicação com o mundo exterior. Sitiado em si mesmo, sofre as consequências da hediondez que se permitiu, padecendo rudes aflições pela impossibilidade de agir com segurança e desenvoltura. O corpo, atingido pelos fatores endógenos — hereditariedade, sequelas de enfermidades infectocontagiosas — de que se revestiu o espírito por sintonia vibratória no momento da reencarnação, é resultado da utilização de genes com características deformadas, não havendo possibilidade então de recomposição, de restauração da saúde mental, de equilíbrio psíquico. No entanto, resgatando os males ainda preponderantes na sua economia moral, adquirirá a harmonia que lhe facultará futuros cometimentos felizes, mediante os quais contribuirá em favor da ordem e do desenvolvimento intelectual, moral e espiritual de si mesmo, assim como da sociedade. Nada se perde ou se confunde na Contabilidade Divina, que estabelece os procedimentos espirituais futuros de acordo com os investimentos realizados por cada ser humano durante a sua vilegiatura carnal. Quando as obsessões se fazem prolongadas e o paciente não se dispõe à recuperação ou não a consegue, a incidência continuada dos fluidos deletérios sobre os neurônios cerebrais termina por produzir afecções e distúrbios de grave porte que se tornam irrecuperáveis. Desse modo, as obsessões podem conduzir à loucura, à idiotia, e essas, por sua vez, serão ampliadas por influências espirituais perniciosas, que são realizadas pelos adversários do enfermo, que se utilizam da sua incapacidade de autodefesa para os esforços infelizes, nos quais se comprometem, por sua vez, com a própria

consciência. Jesus penetrou o mundo sombrio que envolvia o jovem obsessivo e detectou o agente da enfermidade que o estigmatizava, conseguindo liberá-lo, para que pudesse dar curso à existência física com os equipamentos da lucidez e da consciência de maneira digna e produtiva, a fim de que lhe não viesse a acontecer nada pior, conforme assinalava sempre após as curas realizadas. Isto porque, cada um é o responsável pelos seus atos, dos quais se derivam a saúde ou a enfermidade, o bem ou o mal-estar. Obsidiados existem que, logo se recuperam da ação perniciosa que sofrem, voltam aos mesmos sítios de antes, atraídos pelo atavismo vicioso, não corrigindo as imperfeições morais que os assinalam, até que se tornam vítimas novamente, se não dos antigos adversários, mas de outros espíritos levianos e mesquinhos, que neles encontram campo apropriado para vampirizações mentais e despautérios de outras expressões degradantes. Qualquer distúrbio na área do comportamento emocional, mental ou físico, tem o propósito de alertar o espírito, a fim de que analise os fatores que são propiciatórios a esse desencadeamento, procurando, de imediato, corrigir a deficiência ou a malversação de valores, assim fruindo da oportunidade feliz de evitar gravames maiores. Não obstante, reduzido é o número daqueles que se dão conta do processo em desenvolvimento, procurando justificar as ocorrências penosas no seu início com reflexões exclusivamente materialistas, distantes de uma atitude preventiva moral, que poderia interromper o fluxo do desequilíbrio em face da transformação que fosse operada, facultando a alteração do ritmo vibratório do perispírito, encarregado de conduzir a energia ao organismo em todas as células através da circulação do sangue que lhe serve de veículo material... Desse modo, as obsessões, na sua fase inicial, antes da tragédia da subjugação, de mais difícil reequilíbrio, têm caráter provocacional, enquanto que a idiotia e a loucura estão incurtidas nas expiações redentoras, através das quais o espírito calceta desperta para a compreensão dos valores da vida, enriquecendo-se de sabedoria para os futuros comportamentos. Assim mesmo, nos casos dessa ordem, a contribuição psicoterapêutica do Espiritismo através da bioenergia, da água fluidificada, da doutrinação do paciente e dos espíritos que, possivelmente, estarão complicando-lhe o processo de desequilíbrio, a oração fraternal e intercessória são de inequívoco resultado saudável, proporcionando o bem-estar possível e a diminuição de sofrimento do paciente, a ambos encaminhando para a paz e a futura plenitude.” (MPM, *Reencontro com a vida*, Obsessão, idiotia e loucura)

VII.3. Epilepsia¹¹

“**No Santuário da Alma.** Noite fechada. Calderaro e eu penetramos casa confortável e nobre, onde o instrutor, segundo prometera, me proporcionaria alguns esclarecimentos novos com referência aos desequilíbrios da alma. – Não é caso tão grave quanto aquele do paralítico que visitamos – adiantou o prestimoso orientador –; trata-se, a bem dizer, de questão quase vencida. Há muito tempo assisto Marcelo com fluidos reconfortantes e a sua situação é de triunfo integral. Dócil à nossa influência, encontrou na prece e na atividade espiritual o suprimento de energias de que necessitava. Vimos ontem um caso de destrambelho total dos elementos perispiríticos, com a consequente desagregação do sistema nervoso, em doloroso quadro que só o tempo corrigirá. Aqui, entretanto, a paisagem é outra, O problema de perturbação essencial já está resolvido, o reajustamento da vida surgiu pleno de esperanças novas, a paz regressou ao tabernáculo orgânico; mas perseveram ainda as recordações, os remanescentes dos dramas vividos no passado aflorando sob forma de fenômenos epileptóides, as ações reflexas da alma, que emergem de vasto e intricado túnel de sombras e que tornam, em definitivo, ao império da luz. Se o mal demanda tempo para fixar-se, é óbvio que a restauração do bem não pode ser instantânea. Assim ocorre com a doença e a saúde, com o desvio e o restabelecimento do equilíbrio. Após atravessar o pórtico, dirigimo-nos, devidamente autorizados, ao interior, onde agradavelmente me surpreendeu encantadora cena de piedade doméstica: um cavalheiro, uma senhora e um rapaz achavam-se imersos nas divinas vibrações da prece, cercados de grande número de amigos do nosso plano. Fomos recebidos amorosamente. Convidou-me o orientador a colaborar nos trabalhos em curso, de vez que, com a valiosa cooperação daqueles três companheiros encarnados, se prestavam a irmãos recém-libertos da Crosta reais auxílios, de modalidades várias. Digna de registro era a respeitável beleza daquela reduzida assembleia, consagrada ao bem e à iluminação do espírito. Admirando a harmonia daqueles três corações unidos nos mesmos nobres pensamentos e propósitos, e que miríficos fios de luz entrelaçavam, o Assistente amigo comentou com oportunidade: – A família é uma reunião espiritual no tempo e, por isto mesmo, o lar é um santuário. Muitas vezes, mormente na Terra, vários de seus componentes se afastam da sintonia com os mais altos objetivos da vida; todavia, quando dois ou três de seus membros

11 Epilepsia é uma condição clínica neurológica caracterizada por uma predisposição do cérebro a gerar crises epiléticas recorrentes, ou seja, descargas elétricas anormais que provocam alterações temporárias nas funções cerebrais. Essas crises podem variar de leves a graves, incluindo episódios de convulsões, perda de consciência, confusão ou movimentos involuntários. (Nota do Autor)

aprendem a grandeza das suas probabilidades de elevação, congregando-se intimamente para as realizações do espírito eterno, são de esperar maravilhosas edificações. Compreendi que o instrutor estimaria prestar-me outros esclarecimentos, ampliando a santificante concepção da família; contudo, o serviço urgente não nos permitia mais longa palestra. O trabalho de socorro a irmãos sofredores prosseguiu ativo, em nosso lado. Terminado o concurso do trio familiar, com expressiva e comovedora oração, começou a retirada dos companheiros de nossa esfera, enquanto os amigos encarnados entravam em carinhosa conversação. O cavaleiro, com o sorriso feliz do trabalhador que bem cumpriu o dever, dirigiu-se aos circunstantes em voz alta: – Graças a Deus, tudo normal. Encarando o rapaz com imensa ternura paternal, indagou: – E você, Marcelo, continua bem? – Oh! Sem dúvida – respondeu o interpelado, alegre; estou maravilhado, papai, com os excelentes resultados que venho colhendo em nossas reuniões das quintas-feiras. – Têm voltado os ataques noturnos? – Não. À proporção que me esforço no conhecimento das verdades divinas, cooperando com a minha própria vontade no terreno da aplicação prática das lições recebidas, sinto que passo cada vez melhor, que me reforço intimamente, recuperando a saúde perdida. Reconheço também que, em me desinteressando da edificação espiritual, distraído da minha necessidade de elevação, voltam as perturbações com intensidade. Nessas fases nocivas, desperto alta noite com os membros cansados e doloridos, e assaltam-me evidentes sinais das convulsões, deixando-me longos momentos sem sentido... O jovem sorriu a esta sua singela confissão filial e prosseguiu: – Felizmente, porém, agora que me consagro, zeloso e assíduo à tarefa espiritualizante, reconheço que os passes de mamãe são mais eficientes. Estou mais receptivo e observo que a boa vontade é fator decisivo em meu bem-estar. Os ouvintes entreolharam-se, contentes, e o entendimento íntimo continuou, edificante, repleto de belas sugestões. O Assistente, preparando-me o raciocínio, informou: – Certo, não precisarei de esclarecer que Marcelo se entretém com os pais. Possui outros irmãos que ainda não se afinam com a sagrada missão do casal. Ele, porém, é portador de sentimentos elevados e generosos. Tem, como quase todos nós, um pretérito intensamente vivido nas paixões e excessos da autoridade. Exerceu, outrora, enorme poder de que não soube usar em sentido construtivo. Senhor de vigorosa inteligência, planejou em altos níveis intelectuais, de onde nem sempre desceu para confortar ou socorrer. Portador de vários títulos honoríficos, muita vez os esqueceu, precipitando-se na vala comum dos caprichos criminosos. Impôs-se pelo absolutismo e intensificou a lavra de espinhos que o dilacerariam mais tarde. Chegada a colheita de nefanda messe,

experimentou sofrimentos atrozes. Inúmeras vítimas o esperavam além do sepulcro e arremeteram contra ele. Entretanto, se errou clamorosamente, Marcelo, em muitas ocasiões, desejou ser bom e formou dedicações valiosas em torno de seu nome; tais devotamentos, contudo, houveram que aguardar oportunidade por auxiliá-lo. Os inimigos eram massa compacta e gritavam furiosamente, invocando a justiça vulgar; retiveram-no longo tempo nas regiões inferiores, saciaram velhos propósitos de vingança, seviciando-lhe a organização perispiritual. Marcelo, em plena sombra da consciência, rogou, chorou e penitenciou-se vastos anos. Por mais que suplicasse e por muito que insistissem os elementos intercessórios, a ansiada libertação demorou muitíssimo, porque o remorso é sempre o ponto de sintonia entre o devedor e o credor, e o nosso amigo trazia a consciência fustigada de remorsos cruéis. Os desequilíbrios perispiríticos flagelaram-no, assim, logo que atravessou o pórtico do túmulo, obstinando-se anos a fio... Feito breve intervalo nas explicações, acrescentei, curioso: – Isso quer, então, dizer que o fenômeno epileptoide... – ... mui raramente ocorre por meras alterações no encéfalo, como sejam as que procedem de golpes na cabeça – elucidou o Assistente, cortando-me a observação reticenciosa – e, geralmente, é enfermidade da alma, independente do corpo físico, que apenas registra, nesse caso, as ações reflexas. Longe vai o tempo em que a vazão admitia o paraíso ou o purgatório como simples regiões exteriores: céu e inferno, em essência, são estados conscienciais; e, se alguém agiu contra a Lei, ver-se-á dentro de si mesmo em processo retificador, tanto tempo quanto seja necessário. Ante a realidade, portanto, somos compelidos a concluir que, se existem múltiplas enfermidades para as desarmonias do corpo, outras inúmeras hão para os desvios da alma. O instrutor fez pausa curta, apontou para o rapaz e continuou: – Mas, regressando às informações a respeito de Marcelo, cabe-me dizer-te que, pouco a pouco, esgotou ele as substâncias mais pesadas do fundo cálice de provas. Longos anos de desequilíbrio, em que as vítimas, tornadas em algozes, o abalaram com tremendas convulsões, através de choques e padecimentos inenarráveis, clarearam-lhe os horizontes internos, tendo nosso irmão, afinal, logrado entender-se com prestimoso e sábio orientador espiritual, a quem se liga desde remoto passado. Foi socorrido e amparado. Indagou, ansioso, por almas que lhe eram particularmente queridas, sendo-lhe cientificado que os seus laços mais fortes já se encontravam de novo na carne, em testemunhos e labores dignificantes. Suplicou a reencarnação, prometeu aceitar compromissos de concurso espiritual na Crosta, a fim de resgatar os enormes débitos, colaborando no bem e na evolução dos inimigos de outrora, e conseguiu a dádiva, apoiado por abnegado mentor

que o estima de muitos séculos. Tornou à esfera carnal e reiniciou o aprendizado. Ultimamente, renasceu estreitado em braços carinhosos, aos quais se sente vinculado no curso de várias existências vividas em comum. Agora, sinceramente aproveitando as bênçãos recebidas, desde os mais tenros anos, preocupa-se em reajustar as preciosas qualidades morais: caracteriza-se, desde menino, pela bondade e obediência, docilidade e ternura naturais. Passou a infância tranquilo, embora continuamente espreitado por antigos perseguidores invisíveis. Não se achava a eles atraído, em virtude do serviço regenerador a que se submetera; mas ao topar com algum dos adversários, nos minutos de parcial desprendimento propiciado pelo sono físico, sofria amargamente com as recordações. Tudo prosseguia sem novidades dignas de menção. Sob a vigilância dos pais e com o amparo dos benfeitores invisíveis, preparava-se o menino para os trabalhos futuros. Contudo, logo que se lhe consolidou a posse do patrimônio físico, ultrapassados os catorze anos de idade, Marcelo, com a organização perispiritual plenamente identificada com o invólucro fisiológico, passou a rememorar os fenômenos vividos e surgiram-lhe as chamadas convulsões epiléticas com certa intensidade. O rapaz, todavia, encontrou imediatamente os antídotos necessários, refugiando-se na residência dos princípios nobres, isto é, na região mais alta da personalidade, pelo hábito da oração, pelo entendimento fraterno, pela prática do bem e pela espiritualidade superior. Limitou, destarte, a desarmonia neuropsíquica e reduziu a disfunção celular, reconquistando o próprio equilíbrio, dia a dia, mobilizando as armas da vontade. Nesse esforço, dentro do qual se fez extremamente simpático, recebeu vultosa colaboração de nossa esfera, aproveitando-a integralmente pela adesão criteriosa ao esforço construtivo do bem. Recebendo a luta com serenidade e paciência, instalou em si mesmo valiosas qualidades receptivas, favorecendo-nos o concurso e dispensando, por isso mesmo, a terapêutica dos hipnóticos ou dos choques, a qual, provocando estados anormais no organismo perispiritual, quase sempre nada consegue senão deslocar os males, sem os combater nas origens. O caso de Marcelo oferece, por isto, características valiosas. Atendendo as sugestões daqueles que o beneficiam, adaptando-se à realidade, vem sendo o médico de si mesmo, única fórmula em que o enfermo encontrará a própria cura. Nesse instante, o rapaz despedia-se delicadamente dos pais, retirando-se para o quarto particular, onde se recolheu ao leito, após abluir a mente em pensamentos de paz e de gratidão a Deus. Dentro de breves minutos afastava-se do veículo denso e vinha ter conosco, saudando Calderaro com especial carinho. O Assistente apresentou-me, afável. Mostrava o jovem profunda lucidez. Abraçado a nós ambos, com

inequívocas demonstrações de alegria, comentou suas esperanças no porvir. Expôs-nos ardente desejo de trabalhar pela difusão do Espiritismo evangélico, disposto a colaborar na obra edificante que os genitores vêm realizando. Referiu-se, para admiração minha, às atividades de nossa colônia espiritual, indagou das minhas impressões de “Nosso Lar”, seduzindo-me pela oportunidade de conceitos e pela beleza das apreciações inteligentes e espontâneas. Ia a conversa a meio, quando dois vultos sombrios cautelosamente se aproximaram de nós. Quem seriam, senão míseros transeuntes desencarnados? Inteiramente distraído, continuei nos comentários humildes, mas o estimado interlocutor perdeu visivelmente a calma. Qual se fora tocado no íntimo por forças perturbadoras, Marcelo empalideceu, levou a destra ao peito e arregalou os olhos desmesuradamente. Reparei que as ideias lhe baralhavam no cérebro perispiritual, que não conseguia ouvir-nos com tranquilidade e, desprendendo-se, célere, de nossos braços, correu desabalado, retomando ao corpo. Quis detê-lo, penalizado, pois conosco estava perfeitamente sintonizado; algo mais forte que o conhecimento cordial unia-me ao novo amigo, o que reconheci desde o primeiro contato; não pude, porém, fazê-lo. Reteve-me Calderaro, com vigor, e exclamou: – Deixa-o, André. Acompanhem-no. Não podemos olvidar que Marcelo não se encontra perfeitamente curado. Indicando as entidades provocadoras, a pequena distância, prosseguiu esclarecendo: – A simples reaproximação dos inimigos de outra época altera-lhe as condições mentais. Receoso, aflito, teme o regresso à situação dolorosa em que se viu, há muitos anos, nas esferas inferiores e busca, apressado, o corpo físico, à maneira de alguém que se socorre do único refúgio de que dispõe, em face da tempestade iminente. Os espíritos erradios bateram em retirada e tornamos ao interior doméstico, onde encontramos o jovem tomado de contorções. Abracei-o, como se o fizesse a um filho querido. O ataque amainou, sem, contudo, cessar de todo. Ergui os olhos para o orientador, em muda interrogação. Por que tal distúrbio? A câmara de Marcelo permanecia isolada, quanto ao contato direto com as entidades inferiores. Permanecíamos os três em palestra edificante. Por que motivo a perturbação, se nos mantínhamos em salutar atmosfera de santificantes pensamentos? O instrutor contemplou-me, bondoso e recomendou: – Observa o campo orgânico, examinando particularmente o cérebro. Notei que a luz habitual dos centros endócrinos empalidecera, persistindo somente a epífise a emitir raios anormais. No encéfalo o desequilíbrio era completo. Das zonas mais altas do cérebro partiam raios de luz mental, que, por assim dizer, bombardeavam a colmeia de células do córtex. Os vários centros motores, inclusive os da memória e da fala, jaziam desorganizados, inânimes. Esses raios

anormais penetravam as camadas mais profundas do cerebelo, perturbando as vias do equilíbrio e destrambelhando a tensão muscular; determinavam estranhas transformações nos neurônios e imergiam no sistema nervoso cinzento, anulando a atividade das fibras. Via-se totalmente inibido o delicado aparelho encefálico. As zonas motoras, açoitadas pelas faíscas mentais, perdiam a ordem, a disciplina, o autodomínio, por fim, cedendo, baldas de energia. Enquanto isso, Marcelo-espírito contorcia-se de angústia, justaposto ao Marcelo-forma, encarcerado na inconsciência orgânica, presa de convulsões que me confrangiam a alma. Após detido exame, indaguei de Calderaro: – Como explicar essa ocorrência? Afinal de contas, nosso amigo não se encontra aqui sob o guante dos perseguidores desencarnados, mas em nossa exclusiva companhia. O orientador, agora em ação de socorro magnético, interferia, restaurando o equilíbrio, recomendando-me aguardar alguns minutos. Em breve, dominou a desarmonia. Envolvendo-lhe o campo mental em emissões fluídico-balsâmicas, o desastre não chegou a termo. Marcelo aquietou-se. Refez-se a atividade cerebral, qual praça em tumulto logo des congestionada. As células nervosas retomaram sua tarefa, normalizaram-se as vias do tráfego, o sistema endocrínico regressou à regularidade, as redes de estímulos restabeleceram os serviços costumeiros. Marcelo, desapontado e abatido, caiu em profundo sono, pois Calderaro entendeu conveniente proporcionar-lhe maior repouso, não lhe permitindo a retirada em corpo perispiritual nos primeiros minutos de paz que se sucederam à forte crise. Observando o rapaz, no conchego do leito, o instrutor fitou-me, benévolo e perguntou: – Lembras-te dos reflexos condicionados de Pavlov? Como não? Recordava-me, sim, da famosa experiência com cães, aplicada a fenômenos outros. – Pois bem – prosseguiu Calderaro, bondoso –, o caso de Marcelo verifica-se em consonância com os mesmos princípios. Em existências passadas, errou em múltiplos modos e o remorso, imperiosa força a serviço da Divina Lei, guardou-lhe a consciência, qual sentinela vigilante, entregando-o aos seus inimigos nos planos inferiores e conduzindo-o à colheita de espinhos que semeara, logo após a perda do vaso físico, num dos seus períodos mais intensos de queda espiritual. Em consequência de tais desvios, perambulou desequilibrado, de alma doente, exposto à dominação das antigas vítimas. Desarranjou os centros perispirituais, enfermado-os para muito tempo. Sustentado pelo socorro de um grande instrutor que intercedeu por ele, renasceu mais calmo, agora, para importante serviço de resgate. Todavia, a cooperação valiosa recebida do exterior não poderia transformar-lhe de modo visceral a situação íntima. Conservava-se desafogado dos impiedosos adversários, aos quais deveria ajudar doravante; contudo, o organismo

perispiritico arquivava a lembrança fiel dos atritos experimentados fora do veículo denso. As zonas motoras de Marcelo, em razão disso – salientou o atencioso orientador –, simbolizando a moradia das forças conscientes, em sua atualidade de trabalho, constituem uma região perispiritual em convalescença, quais as sensíveis cicatrizes do corpo físico. Ao se reaproximar de velhos desafetos, o rapaz, que ainda não consolidou o equilíbrio integral, sujeita-se aos violentos choques psíquicos, com o que as emoções se lhe desvairam, afastando-se da necessária harmonia. A mente desorientada abandona o leme da organização perispiritica e dos elementos fisiológicos, assume condições excêntricas, dispersa as energias que lhe são peculiares, em movimentos desordenados; passam, então, essas energias a atritarem-se e a emitir radiações de baixa frequência, aproximadamente igual à da que lhe incidia do pensamento alucinado de suas vítimas. Essas emissões destruidoras invadem a matéria delicada do córtex encefálico, assenhoreiam-se dos centros corticais, perturbam as sedes da memória, da fala, da audição, da sensibilidade, da visão e inúmeras outras sedes do governo de vários estímulos; temos, destarte, o grande mal, de sintomatologia aparatosa, determinando as convulsões, nas quais o corpo físico, prostrado, vencido, mais se assemelha a embarcação repentinamente à matroca. As elucidações de Calderaro enchiam-me de respeito pelos fundamentos morais da vida. Compreendia agora a impossibilidade de uma psiquiatria sem as noções do espírito. Lembrou-me a luta secular entre fisiologistas e psicologistas, disputando a norma de socorro aos alienados mentais. Mesmer e Charcot, Pinel e Broca desfilarão ante minha imaginação, enriquecida de novos conhecimentos. A interrupção das digressões do Assistente não durou muito. Devo, na verdade, consignar que, desde a primeira hora de nossas conversações, tais intermitências se fizeram habituais, parecendo-me que Calderaro intencionalmente me proporcionava tréguas para ruminar-lhe os conceitos. Respondendo-me às íntimas ponderações, continuou: – Impossível é pretender a cura dos loucos à força de processos exclusivamente objetivos. É indispensável penetrar a alma, devassar o cerne da personalidade, melhorar os efeitos socorrendo as causas; por conseguinte, não restauraremos corpos doentes sem os recursos do Médico Divino das almas, que é Jesus-Cristo. Os fisiologistas farão sempre muito, tentando retificar a disfunção das células; no entanto, é mister intervir nas origens das perturbações. O caso de Marcelo é tão somente um dos múltiplos aspectos do fenômeno epileptoide, para empregarmos a terminologia dos médicos encarnados. Esse desequilíbrio perispiritual assinala-se, todavia, por gradação demasiado complexa. A confirmação da teoria dos reflexos condicionados não se aplica exclusivamente a

ele. Temos milhões de pessoas irascíveis que, pelo hábito de se encolerizarem facilmente, viciam os centros nervosos fundamentais pelos excessos da mente sem disciplina, convertendo-se em portadores do pequeno mal, em dementes precoces, em neurastênicos de tipos diversos ou em doentes de franjas epiléticas, que andam por aí, submetidos à hipoglicemia insulínica ou ao metrazol; enquanto isso, o serem educados mentalmente, para a correção das próprias atitudes internas no ramerrão da vida, lhes seria tratamento mais eficiente e adequado, pois regenerativo e substancial. Enunciando tais verdades, não subestimamos o ministério dos psiquiatras abnegados, que consomem a existência na dedicação aos semelhantes, nem avançamos que todos os doentes, sem exceção, possam dispensar o concurso dos choques renovadores, tão necessários a muita gente, como ducha para os nervos empoeirados. Desejamos apenas salientar que o homem, pela sua conduta, pode vigorar a própria alma, ou lesá-la. O caráter altruísta, que aprendeu a sacrificar-se para o bem de todos, estará engrandecendo os celeiros de si mesmo, em plena eternidade; o homicida, espargindo a morte e a sombra em sua cercania, estabelece o império do sofrimento e da treva no próprio íntimo. Ao topar com irmãos nossos sob o domínio das lesões perispiríticas, consequências vivas dos seus atos, exarados pela Justiça Universal, é indispensável, para assisti-los com êxito, remontar à origem das perturbações que os molestam; isto se fará não a golpes verbalísticos de psicanálise, mas socorrendo-os com a força da fraternidade e do amor, a fim de que logrem a imprescindível compreensão com que se modifiquem, reajustando as próprias forças... Nesse instante, observando que Marcelo se reerguia, o instrutor interrompeu-se nas elucidações e convidou-o a vir ter conosco novamente. O rapaz abraçou-nos, comovido. – Então – disse fitando humildemente Calderaro –, fraquejei e caí... – Oh! Não! – exclamou o orientador, afagando-o –, não te sintas em queda. Estás ainda em tratamento e não podemos esquecer a realidade. Teu esforço é admirável; entretanto, há que aguardar a contribuição do tempo. Sorriu e acentuou: – Em épocas recuadas perdeste valioso ensejo de seguir na senda progressiva, a escorregar, a resvalar... Agora, é imprescindível retomar a subida cautelosamente. O pássaro de asas débeis não pode abusar do voo. O jovem cobrou esperanças novas e, contemplando Calderaro, reconhecidamente, inquiriu: – Acredita o meu benfeitor que deva optar pelo uso de hipnóticos? – Não. Os hipnóticos são úteis só na áspera fase de absoluta ignorância mental, quando é preciso neutralizar as células nervosas ante os prováveis atritos da organização perispirítica. Em teu caso, Marcelo, para a tua consciência que já acordou na espiritualidade superior, o remédio mais eficaz consiste na fé positiva, na

autoconfiança, no trabalho digno, em pensamentos enobrecedores. Permanecendo na zona mais alta da personalidade, vencerás os desequilíbrios dos departamentos mais baixos, competindo-te, por isto mesmo, atacar a missão renovadora e sublime que te foi confiada no setor da própria iluminação e no bem do próximo. Os elementos medicamentosos podem exercer tutela despótica sobre o cosmo orgânico, sempre que a mente não se disponha a controlá-la, recorrendo aos fatores educativos. O rapaz osculou-lhe as mãos, enternecidamente, e Calderaro, ocultando a comoção, falou, bem-humorado: – Nada fizemos ainda por merecer o reconhecimento de qualquer criatura. Somos não mais do que trabalhadores imperfeitos em serviço e o serviço é a maior força que nos põe de manifesto nossas próprias imperfeições. Todos temos um credor divino em Jesus, cuja infinita bondade não nos é lícito esquecer. E, acariciando-lhe os cabelos, acentuou: – Já lhe ouviste a palavra celestial, abandonando o mal, para que te não suceda coisa pior. Assim sendo, és agora feliz. Em verdade, somos presentemente felizes, porque nosso objetivo de hoje é a realização do Reino de Deus, em nós, com o Cristo. Trabalhemos com Ele, por Ele e para Ele, curando nossos males para sempre. O jovem abraçou-se a nós, qual se fora um filho, de encontro aos nossos corações, e saímos juntos em agradável excursão de estudos, enquanto seu corpo físico repousava tranquilamente.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 8)

“Possessão. O cavalheiro doente, na pequena fila de quatro pessoas que haviam comparecido à cata de socorro, parecia incomodado, aflito... Articulava palavras que eu não conseguia registrar com clareza, quando o irmão Clementino, consultado por Áulus, disse, cortês, para o Assistente: – Sim, já que o esforço se destina a estudos, permitiremos a manifestação. Percebi que o nosso orientador solicitava alguma demonstração importante. Convidados pelo instrutor, abeiramo-nos do moço enfermo que se fazia assistir por uma senhora de cabelos grisalhos, sua própria mãezinha. Atendendo às recomendações do supervisor, os guardas admitiram a passagem de uma entidade evidentemente aloucada, que atravessou, de chofre, as linhas vibratórias de contenção, vociferando, frenética: – Pedro! Pedro!... Parecia ter a visão centralizada no doente, porque nada mais fixava além dele. Alcançando o nosso irmão encarnado, este, de súbito, desfecha um grito agudo e cai desamparado. A velha progenitora mal teve tempo de suavizar-lhe a queda espetacular. De imediato, sob o comando de Clementino, Silva determinou que o rapaz fosse transferido para um leito de câmara próxima, isolando-o da assembleia. Dona Celina foi incumbida do trabalho de assistência. Junto dela acompanhamos o enfermo com carinhoso interesse. As variadas tarefas do recinto

prosseguiram sem quebra de ritmo, enquanto nos insulávamos no aposento para a cooperação que o caso exigia. Pedro e o obsessor que o jugulava pareciam agora fundidos um no outro. Eram dois contendores engalfinhados em luta feroz. Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que o ataque epilético, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível. O doente trazia agora a face transfigurada por indefinível palidez, os músculos jaziam tetanizados e a cabeça, exibindo os dentes cerrados, mostrava-se flectida para trás, enquanto que os braços se assemelhavam a dois galhos de arvoredo, quando retorcidos pela tempestade. Dona Celina e a matrona afetuosa acomodaram-no na cama e dispu-nham-se à prece, quando a rigidez do corpo se fez sucedida de estranhas convulsões a se estenderem aos olhos que se moviam em reviravoltas contínuas. A lividez do rosto deu lugar à vermelhidão que invadiu as faces congestas. A respiração tornara-se angustiada, ao mesmo tempo que os esfíncteres se relaxavam, convertendo o enfermo em torturado vencido. O insensível perseguidor como que se entranhara no corpo da vítima. Pronunciava duras palavras, que somente nós outros conseguíamos assinalar, de vez que todas as funções sensoriais de Pedro se mostravam em deplorável inibição. Dona Celina, afagando o doente, pressentia a gravidade do mal e registrava a presença do visitante infeliz, contudo, permanecia alerta de modo a manter-se, valorosa, em condições de auxiliá-lo. Anotei-lhe a cautela para não se apassivar, a fim de seguir, por si própria, todos os trâmites do socorro. Bondosa, tentou estabelecer um entendimento com o verdugo, mas em vão. O desventurado continuava gritando para os nossos ouvidos, sem acolher-lhe os apelos comovedores. – Vingar-me-ei! Vingar-me-ei! Farei justiça por minhas próprias mãos!... – bradava, colérico. Repreensões injuriosas apagavam-se na sombra, porquanto não conseguiam exteriorizar-se através das cordas vocais da vítima, a contorcer-se. Permanecia o cavalheiro plenamente ligado ao algoz que o tomara de inopino. O córtex cerebral apresentava-se envolvido de escura massa fluídica. Reconhecíamos no moço a incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo. Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus informou, compadecido: – É a posseção completa ou a epilepsia essencial. – Nosso amigo está inconsciente? – aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito. – Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória

comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra, de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências. Fitei, sensibilizado, o quadro triste e perguntei, com objetivo de estudo: – De vez que nos achamos defrontados por um encarnado e por um desencarnado, jungidos um ao outro, não obstante a dolorosa condição de sofrimento em que se caracterizam, será lícito considerar o fato sob nosso exame como sendo um transe mediúnico? Embora ativo na tarefa assistencial, o instrutor respondeu: – Sim, presenciamos um ataque epilético, segundo a definição da medicina terrestre, entretanto, somos constrangidos a identificá-lo como sendo um transe mediúnico de baixo teor, porquanto verificamos aqui a associação de duas mentes desequilibradas, que se prendem às teias do ódio recíproco. E, fixando o par de infelizes em contorções, acrescentou: – Nessa aflitiva situação achava-se Pedro nas regiões inferiores, antes da presente reencarnação que lhe constitui uma bênção. Por muitos anos, ele e o adversário rolaram nas zonas purgatorias, em franco duelo. Presentemente, melhorou. Qual ocorre em muitos processos semelhantes, os reencontros de ambos são agora mais espaçados, dando azo ao fenômeno que observamos, em razão de o rapaz ainda trazer o corpo perispirítico provisoriamente lesado em centros importantes. Nesse ínterim, percebendo a dificuldade para atingir o obsessor com a palavra falada, Dona Celina, com o auxílio de nosso orientador, formulou vibrante prece, implorando a Compaixão Divina para os infortunados companheiros que ali se digladiavam inutilmente. As frases da venerável amiga libertavam jatos de força luminescente a lhe saltarem das mãos e a envolverem em sensações de alívio os participantes do conflito. Vimos que o perseguidor, qual se houvesse aspirado alguma substância anestesiante, se desprende automaticamente da vítima, que repousou enfim, num sono profundo e reparador. Guardas e socorristas conduziram o obsessor semiadormecido a um local de emergência. E enquanto Dona Celina ministrava um pouco d'água fluidificada à genitora do enfermo, chorosa e assustada, retornamos à conversação cordial. – Apesar da carga doentia que suporta na atualidade, devemos aceitar o nosso Pedro na categoria de um médium? – perguntou Hilário, atencioso. – Pela passividade com que reflete o inimigo desencarnado, será justo tê-lo nessa conta, contudo, precisamos considerar que, antes de ser um médium na acepção comum do termo, é um Espírito endividado a redimir-se. – Mas não poderá cogitar do próprio desenvolvimento psíquico? O Assistente sorriu e observou: – Desenvolver, em boa sinonímia, quer dizer “retirar do invólucro”, “fazer progredir” ou

produzir. Assim compreendendo razoável que Pedro, antes de tudo, desenvolva recursos pessoais no próprio reajuste. Não se constroem paredes sólidas em bases inseguras. Necessitará, portanto, curar-se. Depois disso, então... – Se é assim – objetou meu colega –, não resultará infrutífera a sua frequência a esta casa? – De modo algum. Aqui recolherá forças para refazer-se, assim como a planta raquítica encontra estímulo para a sua restauração no adubo que lhe oferecem. Dia a dia, ao contato de amigos orientados pelo Evangelho, ele e o desafeto incorporarão abençoados valores em matéria de compreensão e serviço, modificando gradativamente o campo de elaboração das forças mentais. Sobrevirá, então, um aperfeiçoamento de individualidades, a fim de que a fonte mediúnica surja, mais tarde, tão cristalina quanto desejamos. Salutares e renovadores pensamentos assimilados pela dupla de sofrendores em foco expressam melhoria e recuperação para ambos, porque, na imantação recíproca em que se veem, as ideias de um reagem sobre o outro, determinando alterações radicais. Diante da nossa atitude cismarenta, no exame das questões complexas de que nos sentíamos nodeados, o Assistente ponderou: – Aparelhos mediúnicos valiosos, naturalmente, não se improvisam. Como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem, tempo... E sem amor e devotamento, não será possível a criação de grupos e instrumentos louváveis, nas tarefas de intercâmbio. Voltando, porém, a atenção para o doente adormecido, Áulus continuou: – Nosso amigo está preso a significativo montante de débitos com o passado e ninguém pode avançar livremente para o amanhã sem solver os compromissos de ontem. Por esse motivo, Pedro traz consigo aflitiva mediunidade de provação. É da Lei que ninguém se emancipe sem pagar o que deve. A rigor, por isso, deve ser encarado como enfermo, requisitando carinho e tratamento. Em seguida, como se quisesse recolher dados informativos para completar a lição, tocou a fronte de Pedro, auscultando-a demoradamente. Decorridos alguns instantes de silêncio, informou: – A luta vem de muito longe. Não dispomos de tempo para incursões no passado, mas, de imediato, podemos reconhecer o verdugo de hoje como vítima de ontem. Na derradeira metade do século findo, Pedro era um médico que abusava da missão de curar. Uma análise mental particularizada identificá-lo-ia em numerosas aventuras menos dignas. O perseguidor que presentemente lhe domina as energias era-lhe irmão consanguíneo, cuja esposa nosso amigo doente de agora procurou seduzir. Para isso, insinuou-se de formas diversas, além de prejudicar o irmão em todos os seus interesses econômicos e sociais, até incliná-lo à internação num hospício, onde estacionou, por muitos anos, aparvalhado e inútil, à espera da morte. Desencarnando e encontrando-o na posse da

mulher, desvairou-se no ódio de que passou a nutrir-se. Martelou-lhes, então, a existência e aguardou-o, além-túmulo, onde os três se reuniram em angustioso processo de regeneração. A companheira, menos culpada, foi a primeira a retornar ao mundo, onde mais tarde recebeu o médico delinquente nos braços maternos, como seu próprio filho, purificando o amor de sua alma. O irmão atraído de outro tempo, todavia, ainda não encontrou forças para modificar-se e continua vampirizando-o, obstinado no ódio a que se rendeu impensadamente. Respondendo com um olhar amigo à nossa expressão de assombro, acrescentou: – Penetramos forçosamente no inferno que criamos para os outros, a fim de experimentarmos, por nossa vez, o fogo com que afligimos o próximo. Ninguém ilude a justiça. As reparações podem ser transferidas no tempo, mas são sempre fatais. O ensinamento era simples, contudo, a terrível situação do enfermo fatigado e triste infundia-nos justificável espanto. Estudando sempre, Hilário considerou: – Se Pedro, no entanto, é ainda um médium torturado, que poderá fazer num agrupamento como este? O instrutor sorriu e obtemperou: O acaso não consta dos desígnios superiores. Não nos aproximamos uns dos outros sem razão. Decerto, nosso amigo possui aqui ligações afetivas do pretérito com o dever de auxiliá-lo. Se não pode, desse modo, ser um elemento valioso ao conjunto, de imediato, pode e precisa receber o concurso fraterno, imprescindível ao seu justo soerguimento. – Curar-se-á, contudo, em tempo breve? – indaguei por minha vez. – Quem sabe? – retrucou Áulus, sereno. E, com o grave entono de quem pesa a substância das próprias palavras, prosseguiu: – Isso dependerá muito dele e da vítima com quem se encontra endividado. A assimilação de princípios mentais renovadores determina mais altas visões da vida. Todos os dramas obscuros da obsessão decorrem da mente enferma. Aplicando-se com devotamento às novas obrigações de que será investido, caso persevere no campo de nossa Consoladora Doutrina, sem dúvida abreviará o tempo de expiação a que se acha sujeito, de vez que, em se convertendo ao bem, modificará o tônus mental do adversário, que se verá arrastado à própria renovação pelos seus exemplos de compreensão e renúncia, humildade e fé. Ainda assim, depois de se extinguirem os acessos de possessão, Pedro sofrerá os reflexos do desequilíbrio em que se envolveu, a se exprimirem nos fenômenos mais leves da epilepsia secundária, que emergirão, por algum tempo, ante as simples recordações mais fortes da luta que vem atravessando, até o integral reajuste do corpo perispiritico. – E isso é trabalho de longa duração? – inquiriu Hilário, algo aflito. Nosso interlocutor estampou significativa expressão fisionômica e ponderou: – Quem poderá penetrar a consciência alheia? Com o esforço da vontade é possível apressar a solução de

muitos enigmas e reduzir muitas dores. O assunto, porém, é de foro íntimo... Estejamos, entretanto, convencidos de que as sementes da luz jamais se perdem. Os médiuns que hoje se enlaçam a tremendas provas, se persistirem na plantação de melhores destinos, transformar-se-ão em valiosos trabalhadores no futuro que a todos aguarda em abençoadas reencarnações de engrandecimento e progresso... E, ante a nossa admiração, concluiu: – O problema é de aprender sem desanimar e de servir ao bem sem esmorecer.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 9)

“EPILEPSIA. [...] Concluída a assistência à senhora Eudóxia, o amoroso Mentor convidou-nos a observar uma jovem que dormia desassossegadamente. De quando em quando, era sacudida por tremores violentos, ao tempo em que exsudava abundantemente. Não ultrapassara os vinte anos, embora o desgaste orgânico que a consumia. Observamos que, a despeito do ressonar angustiado, não se encontrava exteriorizada, antes parecia agitada em espírito, com visíveis sinais de perturbação psíquica. De repente pareceu despertar e, assustada, com os olhos desmesuradamente abertos, pôs-se a gritar como se possuída por sevícias rigorosas. Incontinente, no estado de alucinação, ergueu-se contorcendo-se, tremendo como varas verdes e tombou, convulsionada. O rosto experimentou forte congestão, enquanto os membros mantiveram-se rígidos por alguns segundos, após as convulsões hipertônicas. Logo depois, retorceu-se-lhe a face e a boca cerrou-se fortemente mordendo a língua. Advieram as convulsões clônicas, com os movimentos de flexão e extensão dos membros e da cabeça em desconcerto, expulsão de urina e a consequente coma que a dominou, mantendo-a inconsciente por alguns breves minutos. Cessada a crise epiléptica, despertou ignorando o que ocorrera e, apesar do cansaço que denotava, levantou-se, atônita, com cefaleia, sendo vitimada por novo acesso, qual se fora acometida de violenta incorporação mediúnica... Com o olhar vigilante, porém, não conseguimos identificar a presença de qualquer agressor desencarnado. Ante a minha surpresa, esclareceu o Instrutor afável e cômico: — Estamos diante de uma problemática epiléptica genuína, mui diferente da classificada como bravais-jacksoniana, também chamada cortical, em razão de somente manifestar-se quando há lesões do córtex cerebral motor, — sistema nervoso central — que é o fator causal das convulsões tônicas e clônicas paroxísticas, que iniciam num grupo muscular de um membro. “No caso em pauta, a progressão da enfermidade está conduzindo a paciente ao estado de mal epiléptico, graças ao fato de se prolongarem as crises sucessivamente por várias horas, quando, não raro, pelas consequências que impõe ao organismo, em forma de cargas excedentes, poderá ocasionar-lhe a desencarnação, mediante colapso ou

consequente a processos de encefalite aguda, inevitável. Outras vezes, a sucessão das crises produz perturbações nervosas graves que conduzem o enfermo a total demência irreversível.” Fazendo uma pausa, como a formar juízo para valiosas considerações prosseguiu: — Este é importante capítulo da Neuropatologia que merece acurada atenção, particularmente dos estudiosos do Espiritismo, tendo em vista a parecnça das síndromes epilépticas com as disposições medianímicas, no transe provocado pelas Entidades sofredoras ou perniciosas. Mui frequentemente, diante de alguém acometido pela epilepsia, assevera-se que se trata de “mediunidade a desenvolver”, qual se a faculdade mediúnica fora uma expressão patológica da personalidade alienada. Graças à disposição simplista de alguns companheiros pouco esclarecidos, faz-se que os pacientes enxameiem pelas salas mediúnicas, sem qualquer preparação moral e mental para os elevados tentames do intercâmbio espiritual. “Não desconhecemos que toda enfermidade procede do Espírito endividado, sendo a terapêutica espírita de relevante valia. Convém, porém, considerar, que antes de qualquer esforço externo se há que predispor o paciente à renovação íntima, intransferível, ao esclarecimento, à educação espiritual, a fim de que se conscientize das responsabilidades que lhe dizem respeito, dando início ao tratamento que melhor lhe convém, partindo de dentro para fora. Posteriormente, e só então, se fará lícito que participe dos labores significativos do ministério mediúnico, na qualidade de observador, cooperador e instrumento, se for o caso. “Não obstante suas causas reais e remotas estejam no Espírito que ressarte débitos, há fatores orgânicos que expressam as causas atuais e próximas, nas quais se fundamentam os estudiosos para conhecer e tratar a epilepsia com maior segurança, através dos anticonvulsivos.” Fez nova pausa, olhou a enferma que se encontrava em coma, dando curso à explicação: — Pela lei das afinidades, o Espírito calceta é atraído antes da reencarnação à progênie, na qual se encontram os fatores genéticos de que tem necessidade para a redenção. Quase sempre seus genitores estão vinculados, em grupos familiares, a esses Espíritos em trânsito doloroso, o que constitui, normalmente, manifestação hereditária, com procedência nos graves males do alcoolismo paterno, no uso dos tóxicos, a se expressarem por meio de fatores múltiplos, tais a fragilidade orgânica, as excitações psíquicas, as infecções agudas que geram sequelas lamentáveis... Os mais credenciados mestres discutem se as suas causas matrizes são resultado da intoxicação endógena ou consequentes aos distúrbios das glândulas de secreção interna, responsáveis pela cognominada epilepsia genuína. Além dessas há aquelas outras resultantes dos traumatismos cranianos, das afecções como a sífilis, a encefalite, os tumores localizados no

sistema nervoso central, as emocionais, e alguns Autores admitem que a essencial ou idiopática está mais ligada às leis da hereditariedade, não obedecendo a um mecanismo patogênico definido. “Mesmo nesses casos, temos que levar em conta os fatores cármicos incidentes para imporem ao devedor o precioso reajuste com as leis divinas, utilizando-se do recurso da enfermidade-resgate, expiação purgadora de elevado benefício para todos nós. Utilizando-me do silêncio natural, alvitrei uma indagação: — E as sessões mediúnicas não produziram resultado salutar, em casos dessa natureza? Sem demonstrar enfado, esclareceu o sábio Instrutor: — Sem dúvida, a dívida persiste enquanto se não a regulariza. Considerando-se que o devedor se dispõe à renovação, com real propósito de reajustamento íntimo, modificando as paisagens mentais a esforço de leitura salutar, oração e reflexão com trabalho edificante em favor do próximo e de si mesmo, mudam-se-lhe os quadros provacionais, e providências relevantes são tomadas pelos Mensageiros encarregados da sua reencarnação, alterando-lhe a ficha cármica. Como vê, o homem é o que lhe compraz, o que cultiva... “O Evangelho, dessa forma, é a mais avançada terapêutica de que se tem notícia para o homem que se resolve vivê-lo em plenitude.” E como me parecesse comportar maiores esclarecimentos, voltei a indagar: - Seria, então, de supor-se que não ocorrem manifestações de epilepsia simulacro, isto é, obsessões cruéis, produzindo aparentes estados epiléticos? — Indubitavelmente há processos perniciosos de obsessão, que fazem lembrar crises epiléticas, tal a similitude da manifestação. No caso, porém, em pauta, o hóspede perturbador exterioriza a personalidade de forma característica, através da psicofonia atormentada, diferindo da epilepsia genuína. Nesta, após a convulsão vem a coma; naquela, à crise sucede o transe, no qual o obsessor, nosso infeliz irmão perseguidor, se manifesta. “Ocorrência mais comum dá-se quando o epilético sofre a carga obsessiva simultaneamente, graças aos gravames do passado, em que sua antiga vítima se investe da posição de cobrador, complicando-lhe a enfermidade, então, com caráter misto. “Conveniente, nesse como noutros casos, cuidar-se de examinar as síndromes das enfermidades psiquiátricas, a fim de as não confundir com os sintomas da mediunidade, no período inicial da manifestação, quando o médium se encontra atormentado. “Nesse sentido é mister evitar-se a generalidade, isto é, a simplificação do problema com arremetidas simplistas, como é de hábito muitos fazerem. “A contribuição fluidoterápica, nas diversas expressões em que se apresenta, é de valor inconcusso, de indiscutível benefício, desde que o paciente se disponha realmente a ajudar-se.” Silenciou, momentaneamente, depois do que voltou a considerar, pausado, cuidadoso: — Examinemos a jovem

Vivianne sob nossa caridosa observação. “No último quartel do século passado, iremos encontrá-la na roupagem de atriz menos categorizada que, portadora de invulgar beleza, de cedo entregou-se a toda sorte de dissipações, nas quais manteve graves conúbios com pessoas pervertidas, deixando-se arrastar a gravames muito sérios. “À aproximação dos 40 anos, como não se celebrizasse no teatro, fez-se hábil na preservação do patrimônio em dinheiro e joias, avidamente reunidos, pensando garantir-se na velhice, quando exaurida. Para lograr o intento, consorciou-se com astuto chantagista que a utilizava na arte da exploração de cavalheiros idosos e irresponsáveis, mantenedores da arte galante que conduz aos prazeres fugidios. “É claro que logrou sucesso... Demandou a Europa diversas vezes, a expensas de cidadãos apaixonados, entregando o corpo e a alma às mais torpes sensações. “Desenvolveu-se-lhe singular ganância, fascinada cada vez mais em tormentosa cupidez pelas joias, que a deslumbavam, convertendo-se em infeliz negociante de prazeres, mediante a utilização de jovens mulheres, que ludibriava e escravizava. “Com habilidade invulgar, recorrendo à dissimulação e ao engodo, em que se fez excelente atriz, logrou descartar-se do esposo inditoso, comparsa dos seus crimes, através de bem urdido homicídio, no qual tomou parte relevante um jovem apaixonado, a quem se uniu por algum tempo, acariciando glórias, padecendo receios, dando prosseguimento ao programa de leviandades. “Temendo a denúncia do cômpar, quando este denotava sinais de cansaço das suas carícias, não trepidou eliminá-lo, a seu turno, numa das viagens transatlânticas, recorrendo a guloseimas envenenadas, não mais se vinculando especialmente a pessoa alguma, saturada dos excessos da sensualidade e atormentada, mais ainda, pelo pavor de vinganças ou rapinas, no meio em que vivia, explorando as vítimas com maior agudeza e fazendo-se, em consequência, execrável crapulosa. “Viveu longos anos perseguida pelos desvarios da posse, que defendia mediante a usança de todo artifício imaginável, agasalhando, porém, sem o perceber, a memória das vítimas, em forma de receios e remorsos que se lhe infiltraram na mente em desalinho, até que a loucura, no termo da existência física, arrastou-a a um Manicômio, onde sucumbiu, esquecida, malsinada... “Não faltaram aqueles que se locupletaram nos haveres deixados, sob os estigmas da desonra, da hediondez. “Ingressou no além-túmulo exaurida e seviciada pelos antigos consórcios que a aguardavam, vingativos, padecendo, por algumas décadas, inomináveis aflições. “O genitor atual é o antigo esposo, que a precedeu, a fim de esperá-la e que não titubeou em interná-la nesta Casa, logo se lhe agravaram as crises epiléticas, depois de martirizá-la demoradamente, com o desprezo e o ódio com que a tratava. “A mãe, por sua vez, é

uma das jovens exploradas, que desde cedo exteriorizou singular aversão pela filha, enferma desde os verdes anos da primeira infância, quando padecia as ausências prenunciadoras das disritmias cerebrais, que se agravariam na puberdade, tornando-se a epilepsia genuína de hoje.” Compungido, o Orientador facultou-nos, em pausa significativa e oportuna, reflexionar ante o quadro austero do sofrimento, a refletir a justiça das Leis da Vida, que não esquecem, não condenam, não liberam senão pela reabilitação do culpado. — Condição por longos anos — elucidou com benignidade - a dissimulação, à mentira, ao suborno, acalentando pavores que a arrastaram à loucura, lesou os centros perispirituais, que em se fixando no novo corpo, alteraram o metabolismo endócrino, produzindo a enfermidade que ora lhe cobra os delitos cometidos. “Face ao estado avançado da enfermidade, porquanto as fixações mentais antigas ressurgem como alucinações que lhe complicam o quadro patológico, defronta, quando se desprende parcialmente do corpo nas rudes refregas convulsivas, o amante assassinado, ainda no Plano Espiritual, que a atemoriza com bem urdida maldade. O horror que a assoma se transmite à aparelhagem orgânica, motivando nova e penosa crise, a suceder-se, não raro, por horas contínuas. “Tem, então, noção do resgate, embora o tumulto que a vence, reconhecendo a culpa que arrasta consigo, aspirando pela libertação, que pressente próxima. “Realmente arrependida dos erros praticados, não jaz aqui à mercê do abandono, uma vez que antigo afeto em melhor posição espiritual, que intercedeu pelo seu renascimento, vem visitá-la com assiduidade, lenindo-lhe as aflições e encorajando-a a avançar. Nunca faltam os sublimes recursos do amor, mesmo nos abismos mais infelizes onde vigem os déspotas e os maus de todos os tempos, ali transitando para as experiências libertadoras... Nesse comenos, adentrou-se pelo apartamento respeitável Entidade que nos saudou cordialmente, acercando-se da enferma que demorava em estado comatoso no solo. Envolveu-a com imensa ternura, aplicou-lhe recursos refazentes e balsâmicos, desembaraçando-a dos fluídos tóxicos que a entorpeciam e despertando-a, a pouco e pouco, fê-la reconhecê-lo. O semblante se lhe tornou agradável, descontraído, e, tomada por inusitada emotividade, deixou-se conduzir, afastando-se daqueles sítios, na busca de renovação e paz. — Acreditamos — arrematou o Mensageiro da caridade — que logo mais desencarnará, vitimada por um colapso cardíaco, após haver pago os compromissos negativos antes assumidos. “Muitos companheiros lutariam para que permanecesse no corpo, esquecidos de que a vida verdadeira é a Espiritual, representando a experiência carnal bênção e oportunidade transitória para a nossa evolução.” Estávamos fascinados. Realmente, também nós, quando no corpo físico,

supúnhamos que, na epilepsia, defrontávamos invariavelmente o fenômeno obsessivo, sem logicar que no organismo vêm impressas as necessidades de cada um, a se traduzirem como deficiências, limitações, coarctações, problemas de saúde. Idiotia, oligofrenia, mongolismo, epilepsia, psicoses várias, esquizofrenia, demência são terapêuticas de que se utiliza a Justiça Divina para alcançar os Espíritos doentes, que tentam fugir à Verdade, mancomunados com o crime e a ilusão. Para que tais cometimentos se realizem, entram em jogo os programas cromossômicos e genéticos tão bem estudados por Gregório Mendel, no século passado, encarregados de expressarem durante a reencarnação os impositivos redentores.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 11)

“Lisandra, portadora de radiosa beleza infantil, refletia os traços joviais da mãe, bem como sua alegria no passado, quando longe dos tormentos ora sofridos. Meiga e afável, era o encanto do lar. Não obstante conquistasse todos com facilidade, caía, vez que outra, em crises de “ausências”, que a distanciavam da realidade objetiva. Nesses momentos, olhar parado, fixo em cenas distantes, pálida, com sudorese abundante e fria, vertia lágrimas longas, inexplicáveis. Felizmente, tais ocorrências, de breve duração, não lhe produziam danos verificáveis, já que, passada a fase, logo se recuperava, embora algo debilitada. Após o sono que a prostrava, recuperava o brilho e a buliçosidade habituais. Preocupados, os genitores recorreram a devotado esculápio, que lhe receitou calmantes, alimentação cuidadosa, sono reparador, conforme a terapia de então, ante a suspeição de problemas defluentes de disritmias cerebrais, com incidência primária de epilepsia. Sem embargo, Lisandra era dominada, em tais ocasiões, pela presença de clichês mentais gravados no inconsciente atual e ali arquivados pelos atos incorretos que os insculpiram na existência anterior, que ora deveria rever para superá-los, mediante resgate sacrificial. No corpo pequenino e gentil, risonho e róseo, se ergastulava um espírito endividado, a quem a Soberana Legislação facultava sublimação, porquanto é da Lei Divina que todos podem semear o bem como o mal a bel-prazer, onde, como e quando o desejem, porém, serão impelidos a colher onde e como semearam, pela compulsória da reabilitação impostergável.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 2)

“AUTO-OBSESSÃO [...] Já Lisandra descambava, lenta, porém, continuamente, para um doloroso processo de alienação auto-obsessiva. A conselho médico, fora privada de continuar os estudos, deixando-se arrastar pelo alheamento e pelas crises, que persistiam, periódicas, com maior vigor nos dias do fluxo catamênio, que, então, a depauperava. Nessas oportunidades, não armada de conhecimentos que a auxiliassem com as forças capazes de poder reagir ao deperecimento

psíquico e físico, acalentava a autocompaixão, mais fixando o desequilíbrio nas tecelagens sensíveis do perispírito. No íntimo, rebelde, sentindo a ausência do genitor que a mimava e em quem encontrava estímulos oriundos da afetividade subjacente desde a existência passada, que ora reajustava mediante o programa expiatório atual, fugia psiquicamente à realidade, permitindo que os clichês impressos na mente subconsciente ressurgissem nebulosos, produzindo-lhe inquietação em alguns momentos e, noutros, profunda melancolia. Parecia recordar-se de prazeres nos quais fora personagem de relevo e revia-se, mentalmente, requestada, numa sociedade ociosa em que sobressaía pela beleza e futilidade, pela posição a que se guindava e pela permissividade bem disfarçada, que usufruía. Nessa situação, a memória referta de sensações orgíacas divagava, e a jovem recolhia-se com avidez à penetração, cada vez mais ansiosa, da paisagem íntima que a agradava. [...] Cria, talvez, que tudo fosse imaginação, desejo silenciado, não obstante, nas poucas reflexões cuidadas que se permitia, dava-se conta de que tais “sonhos”, em plena lucidez, estavam presentes em sua vida, desde até aonde chegavam suas recordações da vida infantil. Sem meios de comunicação normais que lhe produzissem esses anseios e lampejos, mortificava-se, sem entender a ocorrência que a deleitava. Era esse o seu “mundo feliz”, conforme o imaginava, exceto quando, em face de qualquer problema que a excitasse, fugia, atendendo a poderoso mecanismo para ela incompreensível, para as “ausências”, nos desmaios em que sucumbia. Também lhe sucedia o vágado, quando a regressão da memória em devaneio defrontava os episódios macabros de que cria haver participado, naquele mundo mental, e que a censura automática dos centros da consciência se negava revelar com toda a força da sua realidade. Necessário esclarecer que o problema da auto-obsessão decorre da necessidade que o Espírito se impõe, no processo reencarnatório, de expungir crimes perpetrados e que não foram denunciados, nem também justificados a seu tempo. A culpa insculpida nos mecanismos do ser consciente, nos recessos da alma, é brasa viva a requeimar, até que se dilua pelo soerguimento do defraudador da justiça, quando se sinta recuperado e quite, desaparecendo, então, os agentes causadores do desequilíbrio. Após identificar os erros, sem os poder negacear ou iludir-se, quando em estado de erraticidade, o Espírito reencarna com a consciência do desacato às Leis Divinas, sabendo-se carente de reeducação. Permanecem-lhe semiapagadas as reminiscências que procura esquecer no mergulho carnal. No entanto, o arrependimento como o remorso de que padeceram no além-túmulo ressuscitam-nos, dando-lhes mais vigor e infundindo receios profundos, graças à lucidez adquirida quanto à responsabilidade dos mesmos

delitos que ora devem resgatar... Durante a reencarnação, em que se apagam, normalmente, as lembranças transatas, aquelas de naturezas criminosas desatrelam-se de permeio com as construções mentais do cotidiano, gerando perturbações, receios aparentemente infundados para o observador comum, aumentando, a pouco e pouco, sua liberação quase total, reincorporando-se à personalidade, agora em forma de pensamentos atuais, tumultuados, desconexos. O paciente, incurso em tal processo, se concentra no obscuro poço das recordações que se acentuam e tomba em alucinações, delírios, porque são invadidos os centros da consciência pelas fortes impressões desagradáveis, trágicas, de que se desejava libertar. Desaparecem os contornos das aquisições do momento, enquanto resumam as experiências arquivadas, que passam a governar em desalinho as reações da emotividade do “eu” consciente, produzindo a alienação. Sua reativação, mesmo por processos indiretos — determinados objetos e pessoas, acontecimentos e expressões ocasionalmente produzem associação de ideias por semelhança, conseguindo projetar na consciência atual as imagens correlatas que dormem sepultadas nos escaninhos da “memória extracerebral”, trazendo-as de volta —, faz que o enfermo se auto apiede do que lhe ocorre no seu mundo íntimo de sombras e receios, criando as auto-obsessões, geratrizes das psicoses várias, quais a maníaco-depressiva, que se expressa, dentre outra forma, pelas tentativas de suicídio com que o Espírito reencarnado supõe evadir-se novamente à justiça de que necessita; as perturbações mentais da epilepsia, quando as cenas horrendas conduzem-no às “ausências”, às convulsões, em face dos desequilíbrios e das consequências daqueles mesmos delitos, impressos como distúrbios na engrenagem encefálica, pela presença das infecções, das disritmias, etc., que são parte expressiva das psicoses endógenas estudadas pela Psiquiatria moderna, num capítulo próprio. Noutros processos, são responsáveis pelas neuroses complexas e perturbadoras. Por ponderáveis razões, o esquecimento das vidas anteriores é misericórdia e sabedoria divina para com os homens. As síndromas das enfermidades mentais têm suas raízes no espírito endividado e são, tais doenças, recursos punitivos e reeducadores de que se utiliza a vida, em nome da Divindade, para lecionar justiça e administrar evolução aos que se negam à vivência dentro das linhas do amor, conforme o ensinaram todos os construtores éticos da Humanidade e, especificamente, Jesus, o amor por excelência de todas as criaturas. Em Lisandra, a crise epiléptica, oscilante entre “pequeno e grande mal”, resultava do pavor que lhe inspiravam as reminiscências culposas, fazendo-a fugir da organização somática. Não obstante reencarnada, desligava-se parcialmente do corpo, induzida pelo medo, quando,

então, defrontava os cúmplices e as vítimas do passado que a haviam reencontrado, nela produzindo os justos horrores que a vingança infeliz propicia. Compreensivelmente, sacudido pelas altas cargas energéticas que procedem do espírito e atuam no encéfalo por ele profundamente interpenetrado, este produzia as convulsões, levando a paciente, no caso em pauta, a automatismos psicológicos, nos quais se exteriorizava verbalmente, com palavras que retratavam retalhos das ocorrências pretéritas que se negava aceitar. D. Artêmis insistia com a filha, tentando arrancá-la da lassidão, emulava-a às prendas domésticas, cujo labor lhe seria proveitoso, com resultados mínimos. O espírito viciado, indolente, instava por cultivar infelicidade, pessimismo, deixando-se sofrer parasitariamente e ensejando o intercâmbio com os inimigos desencarnados que lhe aumentavam as dores e receios, dando curso à obsessão que assumiria com o tempo, não fosse cuidado o caráter subjugador. [...] Lisandra, auto-obsidiada pelas evocações inconscientes, anulava os esforços conjugados do médico e dos familiares, por enjaular-se na obstinação cega de ser e permanecer inditosa. Todo problema deve constituir um repto ao valor moral do homem a fim de ser solucionado. Submeter-se passivamente a qualquer conjuntura de dor, ignorância e sombra, resulta de tácita covardia moral ante a luta, na qual todos devem investir e empenhar esforços para a superação das dificuldades e a instauração dos triunfos que produzem seres ditosos. O maior inimigo do paciente auto-obsidiado é a sua consciência de culpa, de que não se esforça, realmente, por libertar-se, conseguindo merecimentos pelo uso bem dirigido da força que empreende para a regularização dos erros pungentes. No capítulo das auto-obsessões aparece vasta gama de alienados, egoístas, narcisistas, hipocôndricos, exibicionistas, etc., em cuja gênese da enfermidade se fixam complexas matrizes para a fascinação e a subjugação, que procedem dos Espíritos infelizes que são afins ou se lhes vinculam por processos cármicos redentores. Em toda e qualquer injunção, porém, a psicoterapia do Evangelho é o mais eficaz medicamento para a alma e, conseqüentemente, para a vida. Lisandra percorreria ainda vasta e longa via expurgatória para conscientizar-se verdadeiramente das finalidades da vida na Terra.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

“O calvário de Adelaide.” [...] Do exterior chegava-nos o alarido da malta de desocupados, de seres perversos que frequentam os cemitérios, impedidos de adentrar graças às defesas magnéticas que haviam sido providenciadas. Alguns amigos do extinto, antes do sepultamento, proferiram palavras de simpatia, e homenagens foram-lhe prestadas, havendo sido transferido o ataúde para a área externa verdejante onde seria inumado. No instante em que o mesmo era baixado,

Adelaide, que permanecia impactada, tensa, pareceu despertar, e, emitindo um grito rouco, qual rugido de uma fera aprisionada, empalideceu, tombando inconsciente. A face apresentou-se congestionada, as pernas e os braços distenderam-se, a língua foi projetada para fora da arcada dentária. A cabeça passou a mover-se de cima para baixo freneticamente, e, logo depois, instalou-se a fase clônica, o momento terrível da convulsão... Familiares e amigos correram a segurá-la, porém os movimentos rápidos, bruscos, tornavam difícil a tarefa. O Dr. Carneiro, profundamente compadecido, envolveu a paciente em fluidos calmantes, e disse-nos: — Nossa irmã começa a viver o seu calvário redentor. Trata-se de uma crise convulsiva de natureza epiléptica e é necessário aguardar-se o estado de torpor, pois que providência alguma poderá ser tomada em tal circunstância. Já havéramos estudado o problema epiléptico anteriormente em outra obra, quando examinávamos a sua psicopatogênese, na qual incluíamos as síndromes obsessivas. No quadro, diante dos nossos olhos, não detectávamos interferência espiritual negativa, responsável pelo desencadear da crise convulsiva. Percebendo-nos o embaraço, e enquanto a enferma, agora em torpor, era conduzida para sala próxima, o Dr. Carneiro explicou-nos, didática e pacientemente: — A epilepsia é conhecida desde remotas eras, particularmente na Antiguidade clássica, quando se acreditava que Hércules fosse epiléptico, daí se derivando a designação de morbus hercules. É também sabido que as sacerdotisas experimentavam convulsões de caráter punitivo, dando origem ao morbus divinus. Por muito tempo, acreditou-se na influência da lua como desencadeadora de crises, facultando a denominação de morbus lunaticus e, por fim, entre outros nomes e causas, o morbus demoniacus, por suposição de que os pacientes eram possuídos por seres demoníacos. Nessa última classificação, incluímos os episódios mediúnico-obsessivos, que certamente alguns psiquiatras e neurologistas não consideram legítimos. “A história da epilepsia é longa e tem raízes profundas nas sutis engrenagens do Espírito, qual o caso da nossa Adelaide. O estudo dos efeitos e da sua psicogênese necessita avançar no rumo das estruturas originais do ser humano, a fim de serem detectados os fatores desencadeantes verdadeiros como veremos. “Abandonando a hipótese obsessiva, a ciência médica refere-se a epilepsias reflexas, por traumatismos cranianos, por tumorações no sistema nervoso central, endócrinas, tóxicas e emocionais... “De acordo com as síndromes — conjunto de fatores etiológicos — que facultam o surgimento da forma sintomática, acredita-se naquela denominada essencial ou idiopática, que seria efeito de manifestações constitucionais, não obedecendo às gêneses estabelecidas, porém derivada de fatores hereditários.” Silenciou por momentos e deu

curso às informações oportunas. — A epilepsia não perturba a inteligência, podendo encontrar-se pacientes idiotas como intelectualizados. Lamentavelmente, como irrompe de surpresa, leva sua vítima a complexos de inferioridade, graças à insegurança em que vivem, não sabendo quando pode ocorrer um episódio ou crise. Esse caráter faculta-lhes reações inesperadas, mesmo em decorrência de acontecimentos de pequena monta. Tal crise pode ser precedida de uma aura psíquica, sensitiva, sensorial, motora, mediante pequeno tremor, visões, percepções de sons inexistentes, falsas sensações gustativas, olfativas, tácteis, cenestésicas... Alguns pacientes, às vezes, pressentem o ataque em razão de determinadas percepções... “O epilético pode ser vítima de impulsos inesperados, que o levam a atitudes criminosas e até mesmo automutiladoras, qual ocorreu com Van Gogh, que decepcionou uma orelha depois de acirrada discussão com Gauguin. “Há muitos outros fenômenos patológicos e criminosos que decorrem da epilepsia — desnecessário aqui serem apresentados. “Consideramos o caso da nossa Adelaide incurso no quadro das epilepsias psicogenéticas, cujos fatores desencadeantes são os atos pretéritos perturbadores, a sua conduta irregular em relação ao esposo traído e assassinado no passado, que lhe insculpiu a consciência de culpa, responsável pela disfunção de que foi objeto. Ora, esse tipo de episódio resulta de emoções violentas, inesperadas, qual suportou há pouco. Além delas, a sua tem sido uma conduta agressiva, muitas vezes mascarada sob pressão da suspeita de adultério do consorte, gerando-lhe contínua ansiedade. Não suportando a pressão, que alcançou o máximo, a crise foi uma forma de eliminação das tensões. “Por ter a sua gênese no comportamento fútil e criminoso da existência pretérita, o seu tratamento irá exigir cuidados psiquiátricos específicos e espirituais profundos, a começar pela mudança de comportamento para melhor, superando, por meio da ação do bem, os grandes males que praticou e os estímulos negativos que infundiu no companheiro na atual vilegiatura carnal. “Todo esse triste panorama poderia ser diferente, hoje, caso houvesse encontrado ressonância no íntimo a proposta iluminativa, amorosa, que o Espiritismo lhe concedeu. “A ambição exorbitante responde pelo despautério e alucinação humanos, nos seus desregramentos. “Vamos vê-la.” Na sala, onde se realizara o velório, atendida por um médico e familiares, ela recobrava a lucidez, ainda sonolenta e sem qualquer ideia do que acontecera. Supôs haver sido vítima de um desmaio sem maiores consequências. O Dr. Carneiro aplicou-lhe energias para dispersar os miasmas e a indisposição gerados pela convulsão, asserenando-a. Inspirando o médico, esse propôs à amiga: — Após estes dias, passe pelo meu consultório. Necessitamos de alguns exames, a fim de verificar como se encontra,

depois de tão pesada carga de aflições. Não postergue muito. É necessário e até mesmo urgente. A genitora sofrida informou que lhe levaria a filha, logo fosse possível, pois se encontrava muito preocupada com a ocorrência inesperada que vinha somar-se aos demais problemas e aflições. Dali mesmo foi conduzida de volta ao lar, ainda sob os efeitos da convulsão violenta. [...] Chamemos, ao caso que explicaremos, efeito bumerangue. Quando se pratica um mal, atira-se algo na direção do futuro. Se são tomadas providências nobres, estas eliminam os efeitos da ação molesta, que perde o impacto para a volta. Em caso contrário, o retorno é inevitável. Foi o que sucedeu à nossa Adelaide. Porque não enviou outras melhores ações, que diluíssem os males que direcionou, anteriormente, pelo desvario das paixões asselvajadas, eis que retornam os efeitos a que faz jus. No seu inconsciente profundo encontram-se as marcas dos atos ignóbeis, aguardando soluções que, não apresentadas, expressam-se na catarse epilética. “Na busca da psicopatogênese em nossa irmã, aparelho algum registrará os sinais da enfermidade e seus fatores desencadeantes, sendo necessário que se recorra aos de natureza genética, portanto, hereditários, ou de ordem psíquica, derivados dos distúrbios emocionais. Dar-se-á razão, desse modo, à causalidade próxima, por sua vez efeito de outra anterior, de natureza moral-espiritual. O Espírito é sempre o arquiteto da sua vida, o formulador do seu destino. Por entendê-lo dessa forma, Jesus, o Psicoterapeuta Excelente, recomendava morigeração, equilíbrio, vida íntima saudável e, ao curar, propunha a terapia preventiva do não voltar a pecar, a comprometer-se, a fim de que não acontecesse nada pior. “Assim sendo, o amor cobre a multidão de pecados, a soma das boas ações sobrepõe-se à das negativas, infelicitadoras.” Calando-se, deixou-nos material suficiente para largas meditações. A lei de amor é universal, insuplantável, porque é a mesma em toda parte, oferecendo ensejo de felicidade a quantos a vivenciem e a difundam pelo exemplo. O bem operante é recurso terapêutico holístico, por irrigar todo o organismo de quem o aplica, vitalizando-o com energias de equilíbrio, hauridas na natureza — o livro no qual a Divindade inscreveu os códigos da ordem e da beleza. No que dizia respeito à problemática de Adelaide, pus-me a pensar no que lhe ocorreria, caso Guillaume não houvesse sido esclarecido e a perseguisse naquela fase, aumentando-lhe a força da convulsão por meio de suas energias deletérias e de seu pensamento vingador. Provavelmente, ao ocorrer o surto convulsivo, e ela desprender-se parcialmente do corpo, na fase da inconsciência, defrontá-lo-ia com o aspecto de crueldade e ódio, levando-a ao pavor. A repetição do fato degeneraria em comprometimento mental com agravantes sérios. No caso das percepções alucinatórias durante a manifestação da

aura epiléptica, consideramos a viabilidade de um fenômeno alterado de consciência, e não apenas de natureza patológica. Ocorre que no processo pré-convulsivo dilatam-se as percepções paranormais do paciente, e este penetra noutros campos de ondas vibratórias de vida pulsante, registrando, embora desordenadamente, visões e sonho do ali existente. Confiamos em que a Psiquiatria e a Neurologia do futuro, prosseguindo suas pesquisas conforme vem acontecendo, alcançarão o mundo transpessoal e compreenderão que os biorritmos theta e delta não são exclusivamente patológicos, mas também de natureza paranormal.” (MPM, *Trilhas da libertação*, O calvário de Adelaide)

VII.4. Histeria (Transtorno da Personalidade Histriônica)¹²

“**HISTERIA.** [...] Prosseguiram as valiosas explicações ante os quadros vivos, nos quais hauríamos indispensáveis conhecimentos para a própria iluminação. Confirmávamos que o homem é o juiz de si mesmo, recolhendo da atividade em que se envolveu os frutos merecidos da plantação realizada. Os conceitos de justiça ampliavam-se e as soberanas leis de amor se nos reafirmavam, então, como as mais elevadas manifestações da Sabedoria Divina. A reencarnação, desse modo, afigurava-se-nos como uma escola de recuperação, na qual os Espíritos se aprimoram, mediante cujo labor recuperam o patrimônio da paz malbaratado nas aventuras da insensatez e da perversidade. Cada homem é a soma das suas realizações. Na problemática das enfermidades mentais, melhor se desvelam as paisagens íntimas de cada ser, uma vez que o impositivo do resgate exige da organização fisiopsicológica a exteriorização dos abusos e crimes perpetrados anteriormente. Ninguém se exime às consequências da culpa. Esta insculpe na tecelagem sutil e poderosa do perispírito o de que tem necessidade para anular o gravame. Enquanto reflexionávamos, o sábio Orientador indicou-nos uma enferma de aproximadamente vinte e cinco anos que dormia, anestesiada pelo sedativo utilizado fazia poucas horas. Ressonava, ofegante, traduzindo indisfarçável mal-estar. — Não se trataria de algum pesadelo? — inquiri, atencioso. — Certamente — anuiu, afável. — Essa ocorrência — volvi à inquirição — decorre de algum encontro espiritual infeliz, no qual se vê perseguida? — Poderia ser — respondeu, aprofundando observação. — No caso em tela, porém, encontra-se a dormir espiritualmente. A continuidade dos fortes

sedativos, por processo de assimilação perispiritual, prostram-lhe, também, a alma aturdida. No entanto, fenômenos inconscientes produzem-lhe sonhos desagradáveis, por automatismo psicológico, que são fruto das recordações impressas nos dédalos da memória perispiritual. “Esta é nossa irmã Angélica, cuja distonia nervosa começou a partir dos quatorze anos de idade, agravando-se a pouco e pouco. A princípio suas crises eram amenas, tornando-se mais amiúde nos últimos meses. “É portadora de uma psicose de natureza histérica em longo curso, a caracterizar-se por ataques violentos de psicastenia dolorosa, que surgira em consequência dos distúrbios neurovegetativos que vem experimentando desde há algum tempo, acompanhados por outros distúrbios de ordem motora. “De início, as síndromes eram perturbadoras, revelando-se em estados de hiperestesia como de hipestesia em que experimentava rudes embates dos quais saía trituração emocional e fisicamente. Tornando-se condicionada por impressões profundas da personalidade desequilibrada, vem caminhando de estágio a estágio na direção da loucura. “O tratamento a que se vem submetendo, felizmente, ser-lhe-á mui salutar. E porque a mãezinha seja credenciada por expressivos títulos de enobrecimento moral, sua interferência pela oração fê-la granjear a assistência de generosos Benfeitores do nosso plano, que a vêm auxiliando no ministério da recuperação. Algumas Entidades perniciosas que a martirizam, utilizando o seu desequilíbrio, deverão corporificar-se por seu intermédio, mais tarde, caso esteja disposta à maternidade, cessada a doença atual, o que se encarregará de consolidar-lhe a cura, ficando assim, liberada em parte dos pesados débitos.” [...] “A histeria” — tornou à consideração — “já era conhecida desde remota antiguidade. Fenômenos psíquicos, por ignorados, muitas vezes foram com ela confundidos, como reciprocamente ocorria. Na Idade Média, graças às superstições engendradas pela ignorância e mantidas pela intolerância, a histeria alcançou o seu período áureo, particularmente quando das ocorrências das “posseções espirituais coletivas” que tomavam de assalto cidades, regiões, monastérios, do que decorreram as hoje clássicas demonopatias rudemente punidas pela Igreja, mediante aplicação de métodos nefandos.” [...] Como desejando ser mais explícito, prosseguiu: — Angélica vem de um passado moral pouco recomendável. Jovem e atraente, aos primeiros dias do século atual, consorciou-se por imposição paterna com um homem a quem não amava, mais idoso, do que ela, o que lhe constituiu, a princípio, inominável martírio. “Seu

¹² Segundo o DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5th edition, published by the American Psychiatric Association), a antiga “Histeria” é classificada como “Transtorno da Personalidade Histriônica”, que apresenta como característica essencial um padrão difuso de emocionalidade e busca de atenção em excesso, que surge no início da vida adulta e está presente em diversos contextos. (Nota do Autor)

consorte, impossibilitado para o matrimônio, confidenciou-lhe o problema que o afligia, prometendo-lhe regular liberdade, desde que se mantivessem as conveniências sociais para ele relevantes. Tal conjuntura afetiva constituía já uma medida coercitiva de que se utilizava a Vida a fim de discipliná-los corretamente... Deveria, portanto, ter aproveitado a oportunidade, mediante a austeridade moral que a guindaria a relevante posição espiritual. Isto, porém, não se deu. Acobertada pelo esposo insensato e leviano, tombou em quedas sucessivas, ocultando os frutos das dissipações por meio de infanticídios impiedosos que se repetiram por quatro vezes consecutivas, no último dos quais logrou ser expulsa do corpo, através de hemorragia violenta... “Ao despertar no Além reencontrou aqueles que impedira de renascer, passando a sofrer-lhes acrimônias, injúrias e rudes perseguições. “Infelizmente, conduta que tal ainda hoje é corrente: apagar o erro por meio de maior crime, isto é: ocultar o ultraje moral, incidindo no aborto delituoso, destruindo quem não tem culpa da leviandade. “A Lei, porém, sempre chama a necessárias contas todos os seus arbitrários desrespeitadores, como estamos verificando. “Ao reencarnar-se o Espírito culpado através de processo muito complexo, fixou no centro coronário, onde se situa a epífise, a veladora da sexualidade, os abusos anteriormente cometidos, que foram sendo revelados, à medida que a puberdade ativava o centro genésico, produzindo-lhe o estado atual, e, simultaneamente, fazendo que a memória dos sucessos infelizes comesse a trasladar-se do inconsciente profundo para o consciente atual, em forma de tormentosas crises evocativas das sensações experimentadas nas pavorosas regiões de dor donde proveio... [...] Nela mesma, na paciente, nas zonas fisiológicas estão as distonias psicofísicas já instaladas pela consciência culpada, em forma de sintomas vários e desconexos que, no caso, lhe constituem a histeria. O Benfeitor aplicou-lhe recursos próprios, através de passes especiais, enquanto nos quedamos a meditar, procurando melhor entender as sutis vinculações causa-efeito, na histeria e na obsessão, na loucura e na possessão.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 12)

“Terapia desobsessiva. Uma jovem frágil e pálida, sentada à mesa, chamou-nos a atenção. Percebíamos-lhe o esforço para manter-se concentrada em ideias otimistas, superiores, nos textos que foram lidos ou nos comentários apresentados. A mente parecia fugir-lhe ao controle, e, acompanhando-lhe atentamente a luta, notamos que lhe assomavam do inconsciente atual os conflitos psicológicos que a atormentavam. Deveria estar com trinta anos, e uma grande amargura se lhe desenhava na alma sensível. Repassava os seus sonhos e aspirações de menina-moça, que lhe pareciam sempre malogrados, e guardava no íntimo uma grande mágoa pela solidão que experimentava. Ansiava por

amar e ser amada, no entanto sentia-se repelente, porque todos os rapazes que dela se aproximavam, após os primeiros contatos superficiais, afastavam-se rapidamente, deixando-a frustrada, decepcionada. Buscara o socorro do Espiritismo, aconselhada por uma amiga, por sofrer de terrível enxaqueca que a prostrava, especialmente no período que precedia ao fluxo catamenial. Sentira-se bem e, estudando a Doutrina, frequentando as reuniões, adquirira alguma consolação e crença. Depois de participar de um dos grupos de estudos, passou a tomar parte nas tarefas de desobsessão, porquanto o Sr. Almiro, tomando conhecimento dos seus sofrimentos, acreditou tratar-se de uma faculdade mediúnica conflitada, com certa dose de obsessão. Ela, porém, não tinha certeza disso. Desejava acreditar e libertar-se do problema, no entanto titubeava na fé. Por duas ou três vezes fora acometida de incorporação psicofônica, todavia, porque ficasse consciente, temia que o fenômeno se apresentasse mais anímico do que mediúnico. Enquanto lhe acompanhávamos as reflexões íntimas, percebíamos a presença de taciturno Espírito, portador de uma face marcada pelo ódio, que a inspirava negativamente. Ele exercia grande controle emocional e psíquico sobre ela. Observamos, também, que lhe roubava energias do aparelho genésico, que se apresentava escuro, com manchas negras e obstruções vibratórias em vários dos seus órgãos. Ele parecia haver bloqueado com a mente atormentada canais e condutos internos, produzindo-lhe dificuldades orgânicas e, possivelmente, as cefalalgias no período pré-menstrual: talvez isto lhe explicasse a palidez e debilidade de forças... Acompanhamos o penoso processo de vingança que exercia contra sua vítima, interpenetrando a sua mente na dela. Destilando amargura e escarnecendo-a, ele passou a controlar-lhe o centro coronário, o cerebral e o cardíaco, produzindo-lhe sudorese abundante e colapso periférico, seguidos de alteração respiratória. Subitamente, comprimiu-lhe com força os ovários, como se desejasse estrangulá-los, e gargalhou estentóricamente. A paciente perdeu o controle e gritou, sendo logo dominada pelo sarcasmo que ele injetava na perseguição implacável. Uma observação superficial catalogaria o episódio como de natureza histérica, tais as reações físicas e emocionais apresentadas. Ela debatia-se atabalhoadamente e, mesmo emulada pelo doutrinador a manter o controle, toda vez que o invasor lhe comprimia a região, sensível e enferma, ela sentia dores e estrugiu em gritos, que misturava a gargalhadas e quase convulsões nervosas. A cena era constrangedora e dolorosa. Pacientemente, o Sr. Almiro começou a doutrinar o perseguidor invisível e consciente, advertindo-o quanto à responsabilidade que assumia com aquela atitude e as demais de vingador constante. A palavra calma do orientador mais o excitava à vingança, prosseguindo nas atitudes de

desforços e maus-tratos. Aplicando energias saudáveis na médium e fluidos dispersivos nos centros da fixação mediúnica, por entender que a terapia deveria ser de longo curso, o dirigente conseguia interromper a psicofonia atormentada, enquanto o irmão Vicente induzia psiquicamente o obsessor para o afastamento da vítima. Semidesmaiada, fria e suarenta, ela retornava à normalidade sob a ajuda bondosa do diretor, enquanto, simultaneamente, recebia forças que lhe eram aplicadas por especialistas de nossa esfera. A região genésica, muito afetada, recebia vibrações dispersivas para interceptar e destruir os bloqueios, ao tempo em que ondas vibratórias calmantes lhe eram ministradas na área cardíaca. O coração retomou o ritmo normal e ela recompôs-se cansada. De imediato, começou a interrograr-se: “Teria sido uma crise histérica ou anímica? Seria um fenômeno mediúnico? Deus meu, que haja sido!” Recordava-se de tudo, embora não pudesse controlar-se. — Esta é a nossa Raulinda — informou-nos Dr. Carneiro. — Iremos estudar, no momento próprio, mais acuradamente, o seu problema. Por enquanto, basta-nos considerar o seu conflito psicológico sobre a autenticidade do fenômeno mediúnico por seu intermediário. Ela o aceita, quando se trata de outros intermediários. Todavia, o fantasma do animismo apavora-a.” [...] Calando-se por um pouco, aduziu: — No episódio da nossa Raulinda, as expressões anímicas da sua comunicação foram estimuladas pelo adversário desencarnado, que a utiliza mediunicamente. Assim tivemos um fenômeno duplo — animismo e mediunismo — com prevalência e direcionamento do último sobre o primeiro. E o que lhe ocorre, praticamente, no dia a dia da atual existência, em que o perseguidor, afligindo-a, deprime-a, desarticulando-lhe os centros do equilíbrio, fazendo-a passar por portadora de histeria, a um passo de transtorno psicótico maníaco-depressivo, a caminho da autodestruição.” [...] (MPM, *Trilhas da libertação*, Terapia desobsessiva)

“Ensinaamentos preciosos. [...] O Dr. Carneiro acercou-se e convidou-nos, a Fernando e a nós, para que retornássemos à Casa espírita, onde as realizações mediúnicas de socorro teriam desdobramentos, estando programadas para as duas horas da manhã, portanto em breves minutos. Rumamos alegres para o novo compromisso e vencemos a distância facilmente. Quando lá chegamos, o irmão Vicente comandava os serviços com presteza e ordem. Além dos Espíritos amigos, que diligenciavam as tarefas, alguns dos médiuns encarnados e assistentes, bem como o adversário espiritual de Raulinda, aguardavam em silêncio. A jovem, também parcialmente desdobrada, mantinha-se sob tensão, em expectativa, algo lúcida. No semblante conturbado notavam-se as marcas dos conflitos que a aturdiavam. Quando terminara a reunião e retornara ao lar, em vez de manter o clima de otimismo do trabalho,

voltara aos pensamentos pessimistas, derrotistas. Anteriormente diagnosticada como uma psicótica maníaco-depressiva por um psiquiatra, e por outro identificada como histérica, aceitara as duas hipóteses, sem esforçar-se para dar novo rumo à própria existência. Reconhecia que a frequência aos labores espíritas lhe fazia um grande bem, no entanto, não conseguia a harmonia íntima que almejava. Apesar de crer nas manifestações espirituais, supunha que o fenômeno, por seu intermediário, era anímico, o que a levava a dúvidas atroz. Lamentavelmente, ainda viceja entre as pessoas que acreditam na reencarnação, conhecendo, portanto, a causalidade dos sofrimentos humanos, uma ideia equivocada quanto às próprias problemáticas. Parecem anelar pelas soluções de fora, e, porque não chegam conforme gostariam, entregam-se ao desânimo ou às dúvidas. Nossa Raulinda não era exceção. Esperava que o Espiritismo lhe resolvesse o problema de saúde emocional e lhe brindasse um companheiro fiel, amoroso, para sempre... Sonho esse, aliás, acalentado por muitas pessoas do sexo feminino como do masculino, no sentido inverso, resolvendo-lhes a questão basilar da afetividade. Acercando-nos da moça, o Dr. Carneiro de Campos comentou: — Sem dúvida, como decorrência de atitudes levianas do pretérito, nossa paciente apresenta algumas síndromes do fenômeno histérico, associado ao transtorno psicótico maníaco-depressivo. “O seu perseguidor foi-lhe vítima da insensatez moral, que se imprimiu nas tessituras sutis do perispírito e que ora se manifesta como insatisfação, crises periódicas de contrações, paralisias e nevralgia uterina... O fenômeno fisiológico está intimamente ligado ao distúrbio psicológico, derivado da consciência de culpa. Esta impõe a autoflagelação e perturba as atividades nervosas normais, dando surgimento aos estados de desequilíbrio. “Do ponto de vista médico, a opinião mais antiga a respeito da histeria pertence a Freud, como recordamos, que a considerava como de referência às emoções sexuais que estão recalçadas no subconsciente desde a infância, procurando ressurgir, assim dando lugar a satisfações substitutas das anormais impelidas pelo eu. Charcot, por sua vez, estudou-a detidamente, chegando a conclusões hoje não aceitas por algumas escolas, após as observações de Babinski e outros, que demonstraram ser a histeria o resultado de sugestões provocadas ou autossugestões, denominando tais fenômenos como pitiatismo. Outros estudiosos ainda, como Dupré, afirmam que a histeria está muito vinculada à mitomania, enquanto os professores Janet e Claude asseveram que a mesma não passa de uma crise de nervos banal. Outros mais, como o Dr. Dezwarte, conferem-lhe uma base fisiológica... “O importante é verificarmos que todas as teorias abrem espaço para os conflitos que remontam à reencarnação, que os nobres cientistas não estudaram.

Se o conflito histórico dorme no subconsciente desde a infância, no conceito de Freud, seria de pensar-se na possibilidade da sua preexistência ao berço, como herança do Espírito para si mesmo. Na hipótese de ser uma sugestão transmitida ou autossugestão, no conceito de Babinski, verificamos que essa sugestão procede do mundo espiritual, da vítima do gravame sofrido... Na visão de Dupré, sendo a decorrência de uma organização mitômata, encontramos as reminiscências morais deficientes do caráter do enfermo, que procedem das experiências transatas. Por fim, ante os conceitos de Janet e Claude, tais crises nervosas são resultado dos conflitos da consciência culpada, e, mesmo nos casos de Dezwarte e outros que lhe conferem gênese fisiológica, o psiquismo é fator preponderante para a sua manifestação.” O bondoso amigo silenciou por alguns segundos, enquanto olhou a paciente, com um misto de ternura e de piedade, logo concluindo: — Seja qual for a causa detectada pelos cientistas da Medicina, não podemos dissociar o paciente da sua enfermidade. Concluímos que os fenômenos perturbadores da nossa irmã têm suas matrizes no perispírito, decorrentes da conduta irregular de ontem e de severa obsessão atual, conforme estudaremos. “Somente uma visão holística na área médica, examinando o enfermo como um ser global — Espírito, perispírito e matéria — poderá ensinar-lhe uma terapia de profundidade, erradicando as causas preponderantes das enfermidades e dos transtornos de comportamento. O ser humano terá que ser estudado como um conjunto de vibrações que se apresentam sutis, semimateriais e físicas. A análise de uma parte da sua constituição, como matéria ou como Espírito apenas, será sempre incompleta. “Graças à Física Quântica, à Biologia Molecular, à Psicobiofísica e outras modernas ciências que estudam o ser integral, vão tombando as muralhas do materialismo, que cede lugar ao espiritualismo. Diante do universo desaparecem o observador e o observado, conforme a equívoca visão da Física newtoniana, já que aquele que observa é observado por sua vez. Um não está lá e outro cá. Todos fazem parte do mesmo conjunto, porquanto um somente passa a existir para o outro quando é percebido, por sua vez também percebendo. “Pouco a pouco, luz, entendimento novo da realidade, e as concepções antigas de venerandas doutrinas espiritualistas de épocas recuadas são trazidas à atualidade, sendo aceitas sob modernas denominações.” Porque fosse chegado o momento da assistência espiritual programada, não pude apresentar algumas

interrogações ao sábio instrutor, silenciando-as até oportunidade própria.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Ensinos preciosos)

VII.5. Esquizofrenia (Espectro da Esquizofrenia)¹³

“Estranha enfermidade. Acompanhando o abnegado irmão dos sofredores, penetrei confortável residência, onde Calderaro me conduziu, incontinentemente, à presença de um nobre cavalheiro em repouso. Acharmo-nos em elegante aposento, decorado em ouro-velho. Magnífico tapete completava a graça ambiente, exibindo caprichosos arabescos em harmonia com os desenhos do teto. Estirado num divã, o enfermo que visitávamos engolfava-se em profunda meditação. Ao lado, humilde entidade de nossa esfera como que nos aguardava. Aproximou-se e cumprimentou-nos, gentil. Às fraternas interpelações do Assistente, respondeu solícita: – Fabrício vai melhorando; no entanto, continuam os fenômenos de angústia. Tem estado inquieto, aflito... O orientador lançou expressivo olhar ao doente e insistiu: – Mantém ainda o autodomínio? Não se abandonou totalmente às impressões destrutivas? A interlocutora, revelando contentamento, informou: – A Divina Misericórdia não tem faltado. O desequilíbrio integral, por enquanto, não erigiu seu império. Em nome de Jesus, nossa colaboração tem prevalecido. Calderaro, então, fraternalmente indagou, dirigindo-se a mim: – Chegaste, alguma vez, a examinar casos declarados de esquizofrenia? Não adquirira conhecimentos especializados da matéria; todavia, não ignorava constituir esse morbo uma das mais inquietantes questões da psiquiatria moderna. – Este ramo ingrato da Ciência, que estuda a patologia da alma – declarou o companheiro, compreendendo a minha insipiência –, é, há muito tempo, campo de batalha entre fisiologistas e psicologistas; tal conflito é, em verdade, lamentável e bizantino, de vez que ambas as correntes possuem razões substanciais nos argumentos com que se digladiam. Somos, contudo, forçados a reconhecer que a psicologia ocupa a melhor posição, por escarpelar o problema nas adjacências das causas profundas, ao passo que a fisiologia analisa os efeitos e procura remediá-los na superfície. Logo após, o Assistente recomendou-me examinar a esfera mental do visitado. Auscultei-lhe o íntimo, ficando aterrado com as inquietudes que lhe povoavam o ser. O cérebro apresentava anomalias estranhas. Toda a face inferior mostrava

13 Segundo o DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5th edition, published by the American Psychiatric Association), a “Esquizofrenia” faz parte do “Espectro da Esquizofrenia e outros Transtornos Psicóticos”, que também inclui outros transtornos psicóticos e transtorno (da personalidade) esquizotípica. Esses transtornos são definidos por anormalidades em um ou mais dos cinco domínios: delírios, alucinações, pensamento (discurso) desorganizado, comportamento motor grosseiramente desorganizado ou anormal (incluindo catatonia) e sintomas negativos. (Nota do Autor)

manchas sombrias. Os distúrbios da circulação, do movimento e dos sentidos eram visíveis. Calderaro apresentara-me Fabrício, classificando-o como esquizofrênico; mas não estaríamos, ali, perante um caso de neurastenia cerebrocardíaca? O instrutor ouviu-me pacientemente e observou: – Diagnóstico exato, no aspecto em que o nosso amigo se apresenta hoje. A esquizofrenia, contudo, originando-se de sutis perturbações do organismo perispirítico, traduz-se no vaso rico por surpreendente conjunto de moléstias variáveis e indeterminadas. No momento, temos aqui a doença de Kriahaber com todos os característicos especiais. Mostrando grave expressão no semblante, acrescentou: – Repara, contudo, além dos efeitos mutáveis. Analisa a mente e os domínios das sensações. Lancei mais profundamente a sonda de minha observação sobre os quadros interiores do enfermo e percebi-lhe imagens torturantes na tela da memória. Ensimesmado, Fabrício não se dava conta do que ocorria no plano externo. Braços imóveis, olhos parados, mantinha-se distante das sugestões ambientes; no íntimo, todavia, a zona mental semelhava-se a fornalha ardente. A imaginação superexcitada detinha-se a ouvir o passado... Recordava-lhe a figura de um velhinho agonizante. Escutava-lhe as palavras da última hora do corpo, a recomendar-lhe aos cuidados três jovens presentes também ali, na paisagem de suas reminiscências. O moribundo devia ser-lhe o genitor, e os rapazes, irmãos. Conversavam, entre si, lacrimosos. De repente, modificavam-se-lhe as lembranças. O ancião e os jovens pareciam revoltados contra ele, acusando-o. Nomeavam-no com descaridas designações... O doente ouvia as vozes internas, ansioso, amargurado. Desejava desfazer-se do pretérito, pagaria pelo esquecimento qualquer preço, ansiava de fugir a si próprio, mas em vão: sempre as mesmas recordações atrozes vergastando-lhe a consciência. Verificava-lhe eu os estragos orgânicos, resultantes do uso intensivo de analgésicos. Aquele homem deveria estar duelando consigo mesmo, desde muitos anos. Achava-me no exame da situação, quando uma senhora idosa surgiu no aposento, tentando chamá-lo à realidade. – Vamos, Fabrício! Não se alimenta hoje? O interpelado vagueou o olhar pela sala, esboçou uma resposta negativa sem palavras e deixou-se ficar na mesma posição. A matrona insistiu, afável, mas não conseguiu movê-lo. E porque prosseguisse, atenciosa, buscando ministrar-lhe um caldo, o enfermo levantou-se, de súbito, como se houvera repentinamente enlouquecido. Esbravejou expressões inconvenientes e ingratas; rubro de cólera, repeliu o oferecimento, surpreendendo-me pela crise de nervos destrambelhados. A esposa regressou ao interior da casa, enxugando os olhos, enquanto Calderaro me esclarecia, comovido: – Está no limiar da loucura e ainda não enveredou francamente pelo terreno da alienação

mental graças à dedicação de velha parenta desencarnada que o assiste, vigilante. Logo após, o Assistente o submeteu a operações magnéticas de reconforto, vigorando-lhe a resistência. Ante o neurastênico, mais calmo agora, narrou, com serenidade: – Nosso irmão enfermo teve a infelicidade de apropriar-se indebitamente de grande herança, depois de haver prometido ao genitor moribundo velar pelos irmãos mais novos, na presença destes; ao se sentir, porém, senhor da situação, desamparou os manos e expulsou-os do lar, valendo-se de rábulas bem remunerados, desses que, sem escrúpulo, vivem de inquinar os textos legais. Por mais enérgicas e convincentes as reclamações arrazoadas, por mais comovedores os apelos à amizade fraterna, manteve-se ele em clamorosa surdez, arrojando os irmãos à penúria e a dificuldades de toda a sorte. Dois deles morreram num sanatório em catres da indigência, minados pela tuberculose que os surpreendeu em excessivas tarefas noturnas; e o outro desencarnou em míseras condições de infortúnio, relegado ao abandono, antes dos trinta anos, presa de profunda avitaminose, consequente da subalimentação a que fora compelido. Tudo isto nosso desditoso amigo conseguiu fazer, escapando à justiça terrena; entretanto, não pôde eliminar dos escaninhos da consciência os resquícios do mal praticado; os remanescentes do crime são guardados em sua organização mental como carvões em paisagem denegrida, após incêndio devorador; e esses carvões convertem-se em brasas vivas, sempre que excitados pelo sopro das recordações. O mau filho e perverso irmão, enquanto senhor dos patrimônios de resistência que a virilidade do corpo lhe permitia, lograva fugir de si mesmo, sem grandes dificuldades. O dinheiro fácil, a saúde sólida, os divertimentos e prazeres, desempenhavam para ele a função de pesadas cortinas entre o personalismo arrogante e a realidade viva. Todavia, o tempo cansou-lhe o aparelho fisiológico e consumiu-lhe a maioria das ilusões; pouco a pouco, encontrou-se a si mesmo; na viagem de volta ao próprio eu, viu-se, porém, a sós com as lembranças de que não conseguira escoimar-se. Debalde intentou descobrir o bom ânimo e o bem-estar: estes se lhe ocultavam. Impossível era concentrar-se no próprio ser, sem ouvir o pai e os irmãos, acusando-o, exprobrando-lhe a vileza... A mente atormentada não achava refúgio consolador. Se rememorava o pretérito, este lhe exigia reparação; se buscava o presente, não obtinha tranquilidade para se manter no trabalho sadio; e, quando tentava erguer-se a plano superior, desejoso de orar ao Altíssimo, era surpreendido, ainda aí, por dolorosas advertências, no sentido de inadiável correção da falta cometida. Nesse estado espiritual, interessou-se tardiamente pelo destino dos irmãos. As informações colhidas não lhe deixavam margem ao pagamento imediato; haviam todos partido, precedendo-o

na grande jornada do túmulo. Desde então, verificando a impraticabilidade de rápida retificação do tortuoso destino, o infeliz fixou-se nas zonas mais baixas do ser. Perdeu as ambições nobres e os ideais sadios, passou a ignorar os recursos da esperança. As vantagens materiais, ao invés de confortá-lo, infundiam-lhe, agora, pavoroso tédio e indizível desgosto. Engrazado à máquina das responsabilidades financeiras, criadas por ele mesmo sem o espírito de possuir para dar em nome do Bem Universal, não lhe foi possível esquivar-se às imposições da vida social, na qualidade de homem de alto comércio, até que baqueou, em supremo torpor. Sentindo-se incriminado no tribunal da própria consciência, começou a ver perseguidores em toda a parte. Adquiriu, assim, fobias lamentáveis. Para ele, todos os pratos estão envenenados. Desconfia de quase todos os familiares e não tolera as antigas relações. O excesso de recursos materiais fê-lo descrente da amizade sincera, conferiu-lhe noções de privilégio que nunca mereceu, acentuou-lhe a independência destrutiva, extinguiu-lhe no coração a bendita luz do verbo “servir”. Como vemos, sua situação é absolutamente desfavorável ao necessário reerguimento. A condição, a que se impôs pelos desejos menos nobres que sempre nutriu, é de apatia e de esterilidade... A essa altura da narrativa, Calderaro apontou em particular o cérebro doente e explicou: – O sistema nervoso, que se liga à câmara encefálica através de processos indescritíveis na técnica da ciência humana, mais não é do que a representação de importante setor do organismo perispirítico, segundo acabamos de estudar. A mente falida de Fabrício, experimentando insistentes remorsos e aflitivas preocupações, intoxicou esses centros vitais com a incessante emissão de energias corruptoras. Consequentemente, verificou-se o que em boa psiquiatria poderíamos designar por “lesão generalizada do sistema nervoso”. Tal desastre atingiu, em primeiro lugar, as sedes das conquistas mais recentes da personalidade, isto é, as células e os estímulos mais jovens, que se localizam nos lobos frontais e no córtex motor, inutilizando temporariamente o nosso amigo, para a meditação elevada e para o trabalho sadio, e obrigando-o a regredir, no terreno espiritual, para dentro de si mesmo. De mente estacionária agora, em plena região instintiva da individualidade, nosso enfermo ainda não se acha positivamente desequilibrado, graças à contínua assistência de nosso plano. Calando-se o Assistente, ousei interrogar: – Mas há esperança de reequilíbrio para breve? – Absolutamente não – respondeu o interpelado, de maneira significativa –; no caso dele, funcionariam em vão as terapêuticas em uso. O espírito delinquente pode receber os mais variados gêneros de colaboração, mas será imperiosamente o médico de si mesmo. A Justiça Divina exerce invariável ação, embora os homens não a identifiquem no mecanismo de

suas relações ordinárias. Os criminosos podem, por muito tempo, escapar ao corretivo da organização judiciária do mundo; no entanto, mais cedo ou mais tarde, vaguearão, perante os seus irmãos em humanidade, em baixo terreno espiritual, representado no quadro de aflições punitivas. Para os familiares e amigos, Fabrício é um esquizofrênico, incapaz de resistir às aplicações do choque insulínico em virtude do coração frágil e cansado; todavia, para nós é um companheiro acidentado na ambição inferior, curtindo amargos resultados de seus propósitos de dominar egoisticamente na vida.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 12)

“**A LOUCURA.** [...] O dia imediato surgiu penumbroso, apesar da pujança do Sol e do calor que assolava a cidade. No apartamento do Coronel Santamaria, a dor se dobrava em sucessivos esgares, destroçando os que lhe caíam nas malhas. Ester não recobrou a lucidez. Embora a prostração que a dominara, após os sedativos, as crises voltaram terrificantes, enquanto a débil mocinha, transfigurada, tornou-se o espécime legítimo da desequilibrada. Palavras obscenas e gestos vis repetiam-se ininterruptamente; gritos e gargalhadas constantes terminaram por enrouquecê-la. Muito pálida, com olheiras arroxeadas e manchas nas faces, tinha os lábios escuros e a expressão de olhar dura, sem luminosidade. Sacudida a cada momento por convulsões torturantes, traduzia no rosto conturbado as dores inextricáveis que experimentava. Saindo desse estado, por instantes, parecia recobrar a claridade da razão, desvairando de imediato, a elucidar que alguém a lapidava com longo relho de que não se conseguia evadir. Nesses comenos, tornava-se rubra e, se fosse observada mais detidamente, poder-se-ia verificar que alguns vergalhões lhe intumesciam a pele delicada e marcavam a face em congestão. Logo retornava ao desequilíbrio, ao sarcasmo, e as ofensas se sucediam mordazes como se as Fúrias a estivessem cavalgando. O clínico, facultativo de larga experiência, durante a primeira crise ocorrida à noite, elucidara que, se houvesse recidiva, seria de todo conveniente convidar um especialista em doenças nervosas, pois tudo indicava tratar-se de uma crise histeropata, com agravantes para um longo curso. Aquele, dissera, era o período da transição, em que se fixam os caracteres da personalidade e nos quais desbordam as expressões da sexualidade, em maior intensidade. E, como bom discípulo das doutrinas freudianas, teceu considerações sobre a libido e sua ação enérgica nas engrenagens da emotividade. Os pais, alarmados, não sabiam exatamente como proceder. Convidado, porém, o médico da família, este confirmou literalmente a diagnose do colega: tratava-se de um problema histérico com alarmantes sinais tendentes a complicações mais graves. O psiquiatra se fazia necessário. Indicada eminente autoridade em Psiquiatria, o tratamento teve início

no próprio lar, sem que diminuíssem os sintomas do desequilíbrio ou se modificasse o quadro patológico como de desejar. O estado da enferma se tornava cada vez pior, enquanto se lhe minavam as resistências físicas, pois que recusava qualquer alimentação, sistematicamente, sendo necessário aplicar-lhe indispensáveis medicações tônicas, de sustentação orgânica, à força. Transcorridos três dias sob carinhosa assistência especializada e familiar, sem que qualquer resultado fosse lóbrgado, o psiquiatra aconselhou internamento em Casa de Saúde relevante, onde poderia aplicar técnicas próprias, a par de isolamento do grupo doméstico, em que, certamente, estavam as causas inconscientes dos traumas e distonias que a impediam retornar ao campo da lucidez. Inconsoláveis, os pais, aflitos, aquiesceram. Sob forte sedativo, Ester deu entrada no Sanatório, localizado em recanto bucólico e praieiro do Rio de Janeiro, onde as perspectivas de recuperação da saúde pareciam auspiciosas. Sem embargo, a utilização dos melhores recursos da moderna Psiquiatria, a jovem paciente reagia negativamente em alucinação demorada, irreversível. Dia a dia registravam-se distúrbios novos e, no monólogo da distonia, não cessava de referir-se à vingança, à imperiosa necessidade de lavar a desonra com o sangue da imolação de uma vítima, à justiça demorada, mas sempre oportuna, ao desforço pessoal. Um mês transcorrido e a psicopata era frangalhos. O tratamento a que sempre resistia se lhe oferecia um aspecto de vitalidade superficial já que com o corpo volumoso, graças às drogas que lhe eram ministradas, a realidade expressava a insânia que dela se apossara totalmente. Não mais voltara à lucidez, por mais amplas fossem as tentativas experimentadas. A técnica do eletrochoque não produziu, na primeira série, qualquer resultado. Pelo contrário, fê-la hebetada, o que poderia parecer um recuo da loucura, quando, em verdade, ante a impossibilidade de reações nervosas, em face das pesadas cargas assimiladas, frenava, temporariamente, o desalinho psíquico. Os genitores desesperados não sabiam para que apelar. Sem formação religiosa segura, acostumados à tradição e ao convencionalismo da fé, entregaram-se a orações formuladas por palavras que redundavam em exorbitantes exigências à Divindade, sem que conseguissem lenir o coração na prece confortadora, no intercâmbio salutar com as Fontes Geradoras da Vida. Objetivando apenas a cura da filha, mediante o concurso da oração de que se utilizavam como alguém que, através da prece, paga um imposto a Deus e de tal mister desagradável se desobriga. Infelizmente, não possuíam o hábito superior do dulçuroso convívio da meditação, em que se haurem expressões de vida e paz indispensáveis ao equilíbrio no carro somático, retornando das experiências e vilegiaturas religiosas com o espírito ressequido e o sentimento revoltado.

Surda mágoa contra tudo e todos aumentavam-lhes o aniquilamento íntimo. Feridos no orgulho e esmagados na suscetibilidade a que se dão apreço na Terra das frivolidades, passaram a experimentar sentimentos controvertidos em relação à própria filha, motivo da aflição que os compungia. Enquanto o tempo se dojava, uma aceitação mórbida, parasitária, indolente, foi criando situação apática no lar, como já ocorria entre os facultativos que assistiam a jovem, no Sanatório. Dos cuidados iniciais, insistentes e imediatos, a uma tácita compreensão de que tudo se estava a fazer, veio o diagnóstico alarmante, irreversível: Esquizofrenia! A simples palavra ainda hoje constitui aparvalhante libelo.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 2)

“Sem dúvida, para o Coronel Constância e Senhora, o desequilíbrio que vitimava Ester significava inominável tragédia. Logo passados os terríveis primeiros dias, em que a surpresa conseguira obliterar a lógica do raciocínio ante os acontecimentos, adveio a intolerável adaptação à realidade: Ester enlouquecera e o processo que a aturdiava se caracterizava por parcas possibilidades de recuperação. O fantasma do desespero rondava, portanto, a família vencida, em prostração moral indescritível. O tempo transcorria lento, traumatizante, desanimador. O especialista encarregado de assistir a jovem não ocultava a estranheza, face ao comportamento inusitado da enferma. O quadro clínico era desalentador, tal o desgaste orgânico de que se via objeto. Atendida pelo eletrochoque, após a convulsão e o repouso, não retornava à lucidez, como seria de desejar, por um momento sequer. À prostração sucedia, surpreendentemente, maior tresvario. A jovem, de lábios de mínio, jamais proferira expressões obscenas, pois fora educada com refinamento, sem maior condicionamento inconsciente de vis palavras, agora estorcegava, maquinal, verbetes infelizes para esbordoar moralmente o genitor, qual se estivesse dominada por ignominiosa força inteligente que a governava, desgovernando-a. Na literatura psiquiátrica que compulsara — refletia o esculápio — a paciente não tinha menecma, era especial, porquanto mudava de características a todo instante, como se voltivoando em personalidades estranhas. Reagia à convulsoterapia de forma negativa, e a terapêutica do sono não conseguira o êxito cobiçado. Recusava-se à alimentação como se estivesse com a boca impedida, fazendo-se mister obrigá-la a alimentar-se contra sua vontade. As terapias várias naquele primeiro mês foram inócuas, quando não se fizeram perniciosas. Após conferenciarmos com eminente colega, terminou por confessar ao senhor Coronel o próprio embaraço que, todavia, não significava receio ou fracasso. Pacientes havia que somente apresentavam os primeiros sinais de melhora depois de longo tratamento realizado através dos meses. A providência em apresentar honestas informações,

justificava como salutar medida para impedir a inquietação crescente e a vã expectativa dos genitores por uma pronta, imediata recuperação da enferma, o que estava sendo improvável. A realidade é que o problema psíquico de Ester se enquadrava noutra diagnose, dificilmente constatada pelos métodos tradicionais do agrado puro e simples do academicismo dos que se permitem a fatuidade, evitando o aprofundamento nas questões que dizem respeito à vida espiritual, à sobrevivência ao túmulo, à obsessão!” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 3)

“Auscultando as exteriorizações mentais da Senhora atormentada, em espírito, ora ressonando, o abnegado Instrutor esclareceu: — Esta nossa irmã está catalogada como esquizofrênica irreversível, demorando-se na fase da hebefrenia de largo porte, em diagnose apropriada. Fixadas as matrizes da distonia mental, nas sedes perispirituais, o mecanismo cerebral correspondente à área da razão e da personalidade, apresenta sombras características que preexistem desde a vida anterior, quando supunha poder burlar as Leis, entregando-se aos desvarios e alucinações complexos. Em verdade, manteve-se inatacável no conceito do mundo, entretanto, não conseguiu fugir a si mesma, às lembranças da consciência em despertar, lesando os centros correspondentes da lucidez e do equilíbrio, que produziram nas sedes sutis plasmadoras do “campo da forma” os desajustes que ora a lancinam.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 10)

“Dr. Emir Tibúrcio Reis, o Missionário. [...] Estávamos um tanto perplexos, necessitando de algumas explicações, quando vieram chamar o Dr. Emir para a conferência com os demais médicos, mantida hebdomadariamente, naquele horário, no hospital. Dr. Ximenes convidou-nos para que seguissemos naquela direção, porquanto, para esse fim, propusera a visita do nosso mentor com o grupo. Enquanto nos dirigíamos à sala reservada para o mister, ele comentou: - Nem todos os médicos que colaboram nesta clínica são espíritas, como é fácil de entender-se. Por esta razão, o nosso Emir conseguiu que se reunissem, uma vez por semana, a fim de discutirem as problemáticas dos pacientes, as terapias aplicadas, os seus resultados e, de quando em quando, fosse realizado um estudo mais profundo sobre determinada psicopatologia. Hoje será examinada a esquizofrenia, sob as vertentes acadêmica e espírita pelo nosso pupilo. Quando chegamos ao local, o recinto era simpático, pintado em tom pérola, tendo o excesso de luminosidade solar diminuído por delicada cortina de tecido claro. Uma grande mesa, ornada por quatorze cadeiras, que se encontravam ocupadas pelo que deparei-me ser a equipe médica do hospital. O Dr. Emir saudou-os jovialmente, enquanto solicitou a um auxiliar que fosse buscar o prontuário que houvera deixado sobre o seu

móvel, quando fora chamado para socorrer o paciente em crise. Atendido, sentou-se, por sua vez, à cabeceira, e após ligeiros comentários, foi iniciada a reunião sem mais delongas. O Dr. Ximenes acercou-se-lhe, envolveu-o em fluidos enriquecedores de paz e, praticamente tomando-lhe o comando do raciocínio, facultou-lhe iniciar os estudos reservados para aquele dia. Com simplicidade, o jovem psiquiatra entreteceu algumas considerações históricas iniciais, adindo: - Como recordamos, deve-se a Eugen Bleuler, o inescutível psiquiatra suíço, o conceito sobre esquizofrenia, em 1911, que, a partir de então, foi introduzido na psiquiatria, como uma fragmentação das funções mentais. Por sua vez, Emil Kraepelin, o psiquiatra alemão, denominou-a como uma demência precoce (*dementia praecox*). Atualmente, ambos os conceitos são considerados incorretos para muitas autoridades psiquiátricas, por considerarem tratar-se de um distúrbio muito complexo e não necessariamente de uma fragmentação das funções mentais. Dessa forma, na impossibilidade de definir-se as causas particulares, esses fatores foram sintetizados em biológicos, psicológicos e sociais, que incluem as mudanças químicas no cérebro, a hereditariedade e os fatores genéticos (perturbação neurodesenvolvimental), as alterações estruturais, a gravidez e o parto... Outros autores ainda recorrem aos fatores virais — ainda não constatados — e aos traumas encefálicos como desencadeadores do processo esquizofrênico. Estatisticamente, observa-se que, se um dos genitores ou ambos são esquizofrênicos, a incidência de nascer um filho portador do transtorno é de 30%, demonstrando a predominância da hereditariedade no ser. Assim mesmo, outros estudiosos discordam dessa elevada estatística. Em consequência, pela sua complexidade, são conhecidas várias formas de esquizofrenia, apresentadas em subgrupos, como: paranoide, hebefrênica e catatônica, não se ignorando as demais manifestações atípicas já identificadas no passado. Ainda não se pôde padronizar o conceito de esquizofrenia, sendo considerada, mais modernamente, como uma síndrome, como um grupo de psicoses endógenas, resultado do mecanismo da hereditariedade, surgindo muito cedo, de acordo com o ambiente familiar, os impositivos da vida que geram desestruturação da personalidade; desestabilidade da informação e da comunicação, cujas raízes psicológicas encontram-se na pessoa e surgem quase sempre como efeito de conflitos na convivência e na conduta. Bastante comum, muito mais do que se pensa, manifesta-se em diferentes períodos da vida física, especialmente na adolescência, tornando-se difícil de ser diagnosticada com precipitação, o que exige um cuidadoso estudo da personalidade do indivíduo, bem como do seu comportamento. No seu início, pode apresentar-se de maneira sutil, pouco diferindo de um

estado de normalidade. Igualmente, pode irromper em forma de surto característico, agressivo, perturbador. A sua sintomatologia é muito abrangente, considerando-se entre outras manifestações: 1) a perturbação do pensamento — incoerência, neologismos, vagas associações, delírio; 2) distúrbios de percepção e da atenção — perturbação nas sensações do corpo, alucinações auditivas e raras visuais, despersonalização, dificuldade de escolher e de inundação de estímulos; 3) perturbações motoras — conduta excêntrica e esdrúxula, variação entre a imobilidade catatônica e a hiperatividade; 4) perturbações afetivas — afeto insignificante, impassível ou inadequado, ambivalente, diverso do contexto, variando entre os extremos; 5) isolamento social — solitário, sem amigos, desinteresse sexual, medo de convivência com os outros... O expositor calou-se por pouco, organizando as ideias, em razão da complexidade do tema e mais sintonizando com o mentor, logo dando continuidade: — Existem muitas teorias para justificar o seu surgimento, tais como: a bioquímica, que considera o desequilíbrio neuroquímico como responsável pelas falhas da comunicação celular do grupo de neurônios responsáveis pelo comportamento, pela sensopercepção, pelo pensamento; a biológica molecular, que diz respeito a anomalias no padrão de células cerebrais durante a formação antes do nascimento; a genética, demonstrada pela presença do distúrbio em membros da mesma família; a do fluxo sanguíneo cerebral, que apresenta uma grande dificuldade de coordenação nas atividades entre diferentes áreas cerebrais, conforme tem sido constatado nas investigações das imagens cerebrais, quando nos mapeamentos com emissão de pósitrons; a do estresse, que se encarrega de agravar os sintomas, especialmente em pessoas que participaram de violências, como estupro, revoluções, acidentes graves, guerras, atos terroristas, assaltos; a da drogadicção, que também agrava os sintomas, não se podendo demonstrar por enquanto que seja responsável pela ocorrência... Outros estudos ainda analisam as consequências virais ou a remota possibilidade de um vírus da esquizofrenia, permanecendo sem qualquer confirmação. Entre as alucinações nos esquizofrênicos, as mais comuns são as de natureza auditiva, em forma de vozes que humilham o paciente, que o xingam, depreciam, perseguem, ameaçam... Igualmente, os delírios fazem parte do seu esquema de sintomas perturbadores, como manias persecutórias, pelas quais alguém deseja matá-lo ou prejudicá-lo (esquizofrenia paranoide). As perturbações do pensamento também surgem gerando confusão no enfermo, que apresenta alteração da sensação do eu, negando a própria identidade, ou que outro ser lhe tomou o corpo e leva-o ao desequilíbrio, ou que ele não existe, ou que seu corpo é uma ilusão (esquizofrenia desorganizada). São muito comuns,

ainda, a apatia, o desinteresse, a falta de motivação para qualquer realização, abandonando-se à indiferença, inclusive em relação à higiene. Quase sempre o paciente é vítima de embotamento afetivo, porque as emoções não são mais experimentadas como anteriormente... Por fim, o isolamento social, já referido. Seria ideal que a esquizofrenia fosse diagnosticada no seu início, o que nem sempre é factível, em razão das dificuldades de o paciente ser levado ao especialista. Em nossa clínica, por exemplo, quando o paciente nos é trazido, ei-lo em estado de desarmonia quase total, quando não vitimado pela catatonia ou pela hiperatividade, ou vítima da desorganização da personalidade. Em razão das grandes conquistas farmacológicas na atualidade, tem-nos sido possível realizar uma terapêutica de natureza química, cujos resultados são, em alguns casos, positivos, facultando ao enfermo uma relativa possibilidade de convivência social e familiar, com as naturais recidivas, quase periódicas, que podem ser controladas com medicamentos. A verdade, porém, é que defrontamos um fenômeno orgânico de desequilíbrio muito grave, e que cada dia apresenta maior incidência em número expressivo de criaturas humanas. Se os indivíduos portadores de esquizofrenia fossem internados, neste momento, os leitos hospitalares em clínicas especializadas existentes no mundo não os poderiam receber, senão em uma terça parte entre os diagnosticados com relativa segurança. Novamente ele silenciou, relanceando o olhar pelos ouvintes atentos e curiosos, adentrando-se num outro campo de considerações: — Se levarmos em conta, porém, que o paciente esquizofrênico é um ser imortal, que ele procede de experiências ancestrais, que traz, nos tecidos sutis do Espírito, os fatores que o predispõem à síndrome que se manifestará mais tarde, compreenderemos que as mudanças químicas no cérebro, os fenômenos genéticos, as alterações estruturais, são efeitos da sua consciência de culpa, da sua necessidade moral de reparação dos crimes cometidos, que ficaram ignorados pela justiça terrestre, mas que ele conhece. Entendendo-se o Espírito como o ser causal, em processo de evolução, adquirindo experiências e superando as manifestações primárias por meio de novas experiências iluminativas, trataremos dos inevitáveis efeitos dos seus atos danosos, mas remontaremos à causalidade que se encontra no ser real e não no seu símile material. Na contingência de alguns casos irreversíveis, como os temos aqui, em nossa clínica, esquecidos propositalmente pelas famílias, como ocorre em todos os hospitais psiquiátricos, constataremos que se trata de impositivos expiatórios para eles, já que foram malsucedidos em outros tentames provocacionais, agora se encontrando sob injunção expiatória recuperadora que lhes foi imposta. Como corolário da tese que ora defendemos, o que muitos consideram como

simples delírios e alucinações, muitas vezes são contatos mediúnicos com as antigas vítimas, ora transformadas em algozes, que os vêm perseguir, desforçando-se dos males que lhes foram infligidos anteriormente. Se esse conúbio enfermigo continuar por largo prazo, é natural que a energia destrutiva aplicada nos delicados tecidos neuronais termine por danificá-los, alterando o quimismo cerebral e as neurocomunicações. Tenhamos em vista, no momento, o paciente Arcanjo, que acabei de atender. Nada obstante se encontre sob forte terapia química, foi acometido de uma exaltação, na qual uma personalidade independente tomou-o, permitindo-me um diálogo lúcido, que terminou por uma proposta coerente de abandoná-lo à própria sorte, não mais lhe constituindo um parasita espiritual. Após o diálogo, ao informar que se iria, o obsidiado tranquilizou-se, adormeceu e, certamente, apresentará logo mais um quadro satisfatório, embora seja portador igualmente do transtorno esquizofrênico, que lhe permitirá uma vida relativamente equilibrada caso prossiga com o tratamento, retornando ao meio familiar e social sem perigo. Tomando do prontuário onde se encontrava a anamnese do referido enfermo, leu o diagnóstico e a medicação aplicada, sem que os resultados apresentados fossem significativos, diferindo diametralmente do efeito da terapia aplicada no agente espiritual. Logo após, deu curso ao estudo: — Definimos, então, a esquizofrenia: primeiro, como um transtorno espiritual, que se manifesta no corpo físico, por uma série de desequilíbrios já referidos, mas decorrente da necessidade de o Espírito resgatar os delitos praticados em existências anteriores. Chamá-la-emos, nesse caso, de um distúrbio orgânico, já que foram impressas no aparelho fisiológico todas as necessidades para a liberação; segundo, de um processo de natureza obsessiva, em que o agente perturbador, hospedando-se no perísprito do seu inimigo, aquele que antes o infelicitou, atormenta-o, apresenta-se-lhe vingador, desorganiza-o interiormente, desestabiliza as conexões neuronais, produz-lhe outras disfunções orgânicas, delírios, alucinações; terceiro, de um processo misto, no qual o enfermo fisiológico é também vítima de cruel perseguição, tornando-se obsidiado simultaneamente. Seja, porém, em qual classificação se enquadre o paciente psiquiátrico, ele é digno de compaixão e de amizade, de envolvimento fraternal e de interesse profissional, recebendo, não somente a terapêutica específica proposta pela Psiquiatria, mas também a espiritual apresentada pelo Espiritismo, que estuda e investiga o ser integral, constituído por Espírito ou causa inteligente do ser, perísprito ou invólucro semimaterial que lhe preserva as necessidades, possuidor de várias e específicas funções, a fim de imprimi-las na organização física, e essa, ou corpo somático, por onde deambula na execução

do programa de sublimação que lhe é proposto. A oração ungida de amor, a vibração de afeto transformada em emissão de onda de simpatia e de saúde são, sem qualquer dúvida, terapêuticas de invulgar resultado, que o futuro adotará em qualquer situação humana em que se encontrem os indivíduos. Observara como o jovem assimilara o pensamento do seu instrutor que, por sua vez, encontrara nele o material indispensável para a explanação. Concomitantemente, a irradiação de segurança e de veracidade impressa nas suas palavras, procedente do mentor, muito houvera contribuído para o entendimento e aceitação da tese exposta. Outros Espíritos amigos, igualmente interessados no tema, acercaram-se e formamos todos um grupo vigilante e afetuosos, contribuindo em favor do êxito da reunião. Dr. Ximenes exteriorizava grande alegria ante os resultados obtidos, convidando-nos a que ficássemos na clínica participando das demais atividades, por mais algum tempo, no que foi atendido de boa mente pelo nosso amoroso guia, desde que nosso futuro compromisso estava programado para a noite.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 13)

“Análises e novas observações. [...] Havendo grande material a meditar, silencieei, dando lugar a que o nosso instrutor dialogasse sobre outros temas com o generoso, simpático e sábio anfitrião. Ele levou-nos a um quarto, no qual se encontrava um enfermo igualmente em camisa de força, que estorcegava, balbuciando palavras desconexas, os olhos projetados além das órbitas e com manifestas características de uma convulsão de largo porte. Poucos minutos após chegarmos, ele atingiu o clímax dos espasmos, tombando no solo e contorcendo-se dolorosamente, enquanto espumava e rilhava os dentes cerrados. A expressão da face congestionada era terrível, traduzindo um sofrimento incomum. Automaticamente, pusemo-nos a orar, envolvendo-o em vibrações de reconforto e apaziguamento, enquanto o Dr. Ximenes socorreu-o com passes bem direcionados, diminuindo a intensidade da ocorrência até o momento em que asserenou. Os esfíncteres relaxados permitiram a eliminação de substâncias urinárias e fecais... De imediato, um auxiliar de enfermagem foi convocado ao auxílio e à higiene, colocando o paciente no leito, ainda adormecido, enquanto se providenciava o asseio do ambiente. — Estamos diante de um distúrbio misto muito grave - falou, pausadamente, o Dr. Ximenes. - O transtorno fisiológico leva-o à desorganização do raciocínio, à irreflexão, à alienação. Estando, porém, lúcido, em Espírito, dá-se conta da perseguição de que se vê objeto, apavorando-se e transmitindo ao cérebro desregulado as emoções que não tem como exteriorizar com correção. Tenta articular palavras para traduzir o pensamento, e as neurotransmissões, torpedeadas pela inarmonia que as

interrompe, não conseguem decodificá-las em oralidade lógica, transformando-as em ruídos e vocábulos desconexos. Sob os acúleos da vingança do inimigo tenta fugir, mas permanece fortemente vinculado ao corpo estropiado, experimentando um horror que não pode ser definido... E nesse momento que, agredido fisicamente pelo desafeto, entra em convulsão, gerando um quadro típico de epilepsia em face das características apresentadas e dos efeitos orgânicos. No momento em que silenciou, por pouco tempo, pude observar que o Espírito vingador se encontrava colado ao doente como se estivesse acoplado da cabeça aos pés, desde o cérebro, descendo pela coluna vertebral, em atitude mental exploradora de energias, e em comando total da sua mente entorpecida e envolta em sucessivas camadas de campos vibratórios degenerativos. A expressão de fúria e de prazer ante a vitória do desforço desenhava-lhe uma fâcies única, terrível. - Na década 1940-1950 - retomou a palavra o psiquiatra desencarnado - o Dr. Ladislaus Von Meduna, em Budapeste, estudando os cérebros de esquizofrênicos e de epiléticos, em suas notáveis e contínuas necropsias, anotou algumas diferenças entre eles, como resultado dos distúrbios de que foram acometidos. Essas diferenças levaram-no a defender a tese na qual a esquizofrenia e a epilepsia excluem-se, porquanto, encontrando-se instalada uma, a outra não se manifestaria. Assim concluiu, tendo em vista que a convulsão epilética produz a anóxia cerebral, impedindo o transtorno esquizofrênico, em razão dos resultados obtidos mediante as terapias realizadas pelo Dr. Sakel, por meio do choque insulínico e, mais tarde, pelo eletrochoque, ambos responsáveis pela ausência de oxigênio no cérebro, fator essencial, no conceito da época, para a recuperação da saúde mental. A tese encontra-se, na atualidade, totalmente ultrapassada. Diante de nós, está um quadro de esquizofrenia real e de epilepsia não orgânica, de natureza espiritual, em que a ação fluídica do desencarnado sobre o cérebro do paciente encarnado, produz-lhe a reação convulsiva. Caso a tese referida tivesse validade, essa convulsão, mesmo que de ordem psíquica, teria caráter terapêutico, quando, em verdade, é mais desgastante para o organismo do enfermo, que mais se abate pela perda das energias vitais ao processamento das forças orgânicas. Ambos os enfermos da alma encontram-se tão afinados que as nossas providências não podem violentar as leis que os unem, cabendo-nos o dever de compaixão para com os dois, até quando soe o momento da desencarnação do hospedeiro que, provavelmente, será liberado da constrição do seu temível adversário, que poderá permanecer ligado aos despojos carnais que explorou, em alucinação indefinível e prolongada.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 14)

“As obsessões sutis e insidiosas. [...] Nesse clima de suave renovação, Dr. Juliano, ainda impressionado com o que tivera oportunidade de acompanhar, esclareceu: “A esquizofrenia, por exemplo, sempre me despertou um grande interesse. Na minha visão unicista da vida, delegava à genética a quase total responsabilidade pela então enfermidade mental, que também se apresentava como decorrência de doenças letais ou de recuperação difícil, do alcoolismo, das drogas, tornando-se-me difícil entender esse mecanismo. Reduzia toda a responsabilidade ao acaso que elegia uns, mais infelizes do que outros, para cercar-lhes a felicidade, interessando-me em encontrar procedimentos hábeis para diminuir-lhes os padecimentos ou, quem sabe, liberá-los totalmente deles. Fascinado pelas descobertas do Dr. Emil Kraepelin, nos seus estudos em torno da melancolia, hoje conhecida como depressão, passei a interessar-me pelos fatores psicológicos que a desencadeavam. Igualmente interessado pela incomparável contribuição do Dr. Eugene Bleuler, o eminente psiquiatra suíço que denominou a demência precoce como esquizofrenia, aprofundei os estudos nas causas endógenas a que ele se referia para entender essa terrível doença mental que ataca o ser humano em todas as idades, mas de preferência entre os 15 e 25 anos, quando a vida começa a florescer no corpo. As alterações de pensamento, as alucinações e delírios, a falta de discernimento, a ausência de interesse social, o abandono de si mesmo ou a agressividade, acabrunhavam-me, e envidei os melhores esforços para contribuir em favor da recuperação das suas vítimas. Hoje, com a visão das causas profundas, compreendo a justeza das divinas leis que alcançam os infratores conforme o estágio moral em que se encontram. Ninguém defrauda a vida inutilmente, sem deixar de ser alcançado pelo desencadeamento dos males que se permitiu. É natural, portanto, que as denominadas causas atuais, nada mais sejam que efeitos daqueles desastres que cada qual se permitiu. Atualmente, reconhecida não mais como uma doença mental, mas como um conjunto de patologias diversas, é um látigo aplicado à consciência leviana, a fim de reajustá-la aos códigos superiores. Felizmente, a Farmacologia conseguiu sintetizar diversas substâncias que mantêm o paciente em parcial equilíbrio, permitindo-lhe uma vida social relativamente normal, desde que permaneça em tratamento cuidadoso. Nessa ocasião, o discernimento pode induzi-lo à renovação moral, à mudança de comportamento, que lhe trarão benefícios muito maiores, reduzindo a intensidade da doença em face da melhora espiritual do doente. Mediante a visão espiritualista, no entanto, modifica-se totalmente o conhecimento em torno desse terrível transtorno psicótico, que toma conta de 1% da população terrestre. Podemos incluir nessa taxa os casos tipicamente obsessivos, muito

díficeis de separá-los daqueles considerados clássicos, pela razão da semelhança de sintomas com que se manifestam. Deduzo que o perseguidor desencarnado, reencontrando aquele que o infelicitou, acerca-se-lhe e, pela Lei de Afinidade - débito crédito -, emitindo as ondas do sentimento rancoroso, alcança e sincroniza com as matrizes morais do endividado, como verdadeiros plugues que se lhe fixam, utilizando-me da linguagem recentemente aprendida, passando este último a experimentar o pensamento invasor, que lentamente o aliena, por desequilibrar as sinapses neuronais, o sistema nervoso central e algumas glândulas de secreção endócrina... Ao largo do tempo, o que era apenas uma influência perniciosa destrambelha a harmonia das comunicações mentais, transformando-se na decantada loucura"... [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 7)

VII.6. Psicose Maníaco-Depressiva (Transtorno Bipolar)¹⁴

“Chamando o Dr. Armando Passos, este e o Mentor se acercaram de Lisandra, que retomara a forma atual, consoante ocorrera com o genitor, e, apontando o encéfalo da paciente, alvitrou: —Apesar de havermos separado Ermínio, que rumará noutra trilha, a partir deste momento passaremos a remover os fulcros da obsessão, imantados ao perispírito de Lisandra. “Considerando-se, porém, as próprias fixações advindas do inconsciente, em razão dos débitos que ocultou, a psicose maníaco-depressiva exigirá tratamento especializado em Casa de Saúde própria. Além do mais, é imperioso termos em vista que a constante, demorada indução hipnótica exercida por Ermínio contra ela, a intoxicação produzida pelos seus fluidos deletérios, a quase simbiose psíquica perturbaram o equilíbrio da delicada tecelagem mental. “O internamento para uma terapêutica própria faz-se inadiável. Não aguardemos mais tempo.” O esculápio, que não ocultava o júbilo, concordou plenamente. Convocando os membros desencarnados da equipe dos socorros aos participantes da experiência educativa, procedentes do plano físico, administraram-lhes passes e sugeriram-lhes o olvido, a fim de que as lembranças não os perturbassem nas

aquisições da luta humana, a que estavam submetidos. Por fim, em comovedora oração, que Natércio proferiu em reconhecimento ao Médico Divino, encerrou-se o ministério do auxílio. Todos foram reconduzidos aos seus penates a pouco e pouco.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 22)

“A VISITA À ENFERMA. [...] O doutor Artur Figueiredo recebeu-nos afetuosamente, prontificando-se a auxiliar-nos no ministério da caridade, logo se inteirou do móvel da nossa visita. Mantendo uma atitude de respeito à dor que ali se apresentava em multiface atordoante, vencemos a distância que nos separava da enferma. Encontramo-la em um apartamento especial, adormecida sob a alta dose de um antidepressivo. O ambiente, em razão da psicofera geral, era irrespirável. Podia-se notar, à primeira vista, a presença de Espíritos perturbados e irresponsáveis, que enxameavam naqueles sítios, não necessariamente vinculados à paciente. Solicitado pelo olhar percuciente do coraçoável Bezerra, o diretor espiritual elucidou, paciente: - Trata-se de jovem senhora de 25 anos, vitimada pela irresponsabilidade moral. Apesar de haver renascido por intermédio de abnegada genitora, que se comprometeu ampará-la no cometimento atual, quando deveria elevar-se pelo amor e pela abnegação, ela preferiu derrapar, invigilante, assumindo mais graves compromissos negativos. Após uma breve pausa acentuou: - Nenhuma censura de nossa parte. A falta de visão a respeito da vida, como um todo harmonioso, responde por muitas insânias a que se entregam os homens. Quando se compreenda que o corpo é efeito e não causa da vida, no qual se estabelecem as bases da elevação; quando se conscientizem os seres de que o berço é porta que se descerra para o corpo quanto o túmulo é a que se fecha, sem que ninguém entre ou saia da vida; quando se estabeleçam metas que transponham os limites de uma breve existência corporal, será diversa a atitude a assumir-se ante as ocorrências e circunstâncias do dia-a-dia. “Somente a visão reencarnacionista responde pela forma de uma perfeita integração do Espírito no processo da ascensão. “Nossa irmã Julinda é uma prova disso. “O seu drama atual tem raízes muito profundas, que se encontram fixadas nas existências passadas...”

¹⁴ No DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5th edition, published by the American Psychiatric Association), o capítulo “Transtorno Bipolar e Transtornos Relacionados” são colocados entre os capítulos “Espectro da Esquizofrenia e outros Transtornos Psicóticos” e “Transtornos Depressivos”, em virtude do reconhecimento de seu lugar como uma ponte entre as duas classes diagnósticas em termos de sintomatologia, história familiar e genética. Os critérios para transtorno bipolar tipo I representam o entendimento moderno do transtorno ou psicose maníaco-depressiva clássica, ou psicose afetiva, descrito no século XIX. O transtorno bipolar tipo II, que requer um ou mais episódios depressivos maiores e pelo menos um episódio hipomaniaco durante o curso da vida, não é mais considerado uma condição “mais leve” que o transtorno bipolar tipo I, em grande parte em razão da quantidade de tempo que pessoas com essa condição passam em depressão e pelo fato da instabilidade do humor vivenciada ser tipicamente acompanhada de prejuízo grave no funcionamento profissional e social. (Nota do Autor)

Sintetizando a anamnese da enferma, esclareceu prestativo: - Do ponto de vista psiquiátrico, ela fez um quadro de psicose maníaco-depressiva, que se apresenta com gravidade crescente. Da euforia inicial, passou à depressão angustiante, armando um esquema de autodestruição. “Inicialmente foram-lhe aplicados os recursos da balneoterapia, buscando-se produzir uma melhor circulação sanguínea periférica, através das duchas rápidas, ligeiramente tépidas. Logo após, foram aplicados opiáceos e agora associam-se os derivados barbitúricos e o eletrochoque, sem resultados favoráveis mais expressivos. “Graças aos recursos financeiros de que dispõe, é possível mantê-la isolada sob regular assistência. Ao lado desses, o concurso moral da mãezinha e o devotamento do esposo têm-lhe sido de grandes benefícios, evitando-se males maiores. “No entanto...” Bezerra acercou-se da paciente e, após um exame mais acurado, expôs: - É lamentável que persista a distância entre a terapia psiquiátrica e a psicoterapêutica espiritual. No caso em tela, têm redundado infrutíferos, senão perniciosos, os tratamentos à base dos derivados de barbitúricos, quanto do eletrochoque. “Do ponto de vista psiquiátrico discute-se que a PMD quanto a esquizofrenia são uma psicose endógena, cuja causa se encontra nos genes, transmitida hereditariamente de uma para outra geração, sendo, em consequência, uma fatalidade inditosa e irremissível para os descendentes de portadores da mesma enfermidade, especialmente nas vítimas da chamada convergência hereditária. “Afirma-se, dentro dessa colocação, que o desvio patológico exagerado da forma de ser cicloide, somado a uma formação física pícnica, no qual estão presentes as forças predominantes das glândulas viscerais encarregadas da determinação do humor, faz-se responsável pelo quadro da psicose maníaco-depressiva. É exatamente, dizem, esta constituição cicloide que oferece os meios próprios para a irrupção da psicose maníaco-depressiva, tornando-se, dessa forma, o indutor hereditário. “Asseveram outros estudiosos, que a PMD resulta das alterações endócrinas, particularmente nos quadros das manias e melancolias. “Ainda diversos psiquiatras acreditam como fatores predominantes as variações do quimismo orgânico... “São relevantes, também, as contribuições psicológicas, que procuram as causas desta alienação na prevalência das reações do êxito e do insucesso e, ao amparo do conceito psicanalítico, os traumatismos morais, já constatados antes, responderiam pelos choques impostos ao narcisismo de cada um, facultando o eclodir da distonia.” O amável benfeitor silenciou, como se coordenasse uma síntese conclusiva da breve informação, afirmando: - Embora alguns desses fatores estejam presentes no quadro da nossa Julinda, como estudaremos, são eles consequências de causas remotas que os produziram

ao império da atual reencarnação.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 2)

“O DRAMA DE CARLOS. Desnecessário dizer que, na sala contígua, continuava o culto ao som das palmas e dos instrumentos de percussão, durante o qual as comunicações mediúnicas prosseguiam ruidosas, incessantes. Estimulada à narração do problema, a viúva referiu-se à sua condição de católica e, para ser honesta consigo mesma, informou que receava estar pecando. A interlocutora espiritual, muito conhecedora dos conflitos humanos e apiedada da ignorância dos homens a respeito da Vida, ripostou, afável: — Deus é o Pai Criador e está presente em todos os setores da Sua criação. Do contrário, não seria onipresente, conforme declaram todas as crenças religiosas. O pecado tem origem no mal que se pratica, jamais no bem que se busca. Esteja, desse modo, tranquila e prossigamos. — Trata-se do meu filho Carlos — aclarou a consulente —, que é portador, segundo os médicos, de uma doença denominada esquizofrenia catatônica, considerada incurável. Criança boa, sempre foi triste o meu filho único. Notei nele alguns sinais estranhos, por ocasião da puberdade, isolando-se dos amigos e mais se tomando silencioso. A princípio, acreditei que melhorasse com o tempo. No entanto, o seu rendimento escolar foi decrescendo, a ponto de desinteressar-se pelos estudos, quase que totalmente. Com a morte do pai o caso se agravou e, embora a assistência médica cuidadosa a que foi submetido desde os primeiros sintomas, encontra-se hoje desenganado em deplorável condição. É possível imaginar-se o meu sofrimento, adicionado à viuvez. Não me fosse a fé religiosa em que me apoio e receio que não suportaria a carga de aflição, em face da ambivalência de comportamento do meu rapaz, nas diferentes fases por que passa... As lágrimas de dor lhe aureolavam as palavras, demonstrando a veracidade do sofrimento macerador. Naquele momento, vimos adentrar-se no compartimento dois enfermeiros, que traziam um jovem em estado de sono, por desdobramento parcial do corpo físico, e um cavalheiro desencarnado, que pude identificar como sendo o seu progenitor. Convidado a examinar o paciente, nosso Dr. Bezerra de Menezes auscultou-lhe os registros psíquicos, mergulhando nos arquivos perispirituais, elucidando que o diagnóstico psiquiátrico era exato, embora luzisse uma esperança com que o Amor sempre defere os requerimentos das almas necessitadas. Em breves palavras, explicou à mentora do grupo o que se passava, remontando à última reencarnação do rapaz, quando a arbitrariedade e o despudor levaram-no ao desregramento e ao abuso da transitória autoridade de que desfrutava, perturbando a paz de muitas pessoas e chafurdando no abuso do sexo. Reencarnando, manteve a consciência de culpa, autopunindo-se, mediante perturbação na

área da afetividade e conflitos outros no trânsito da adolescência, quando lhe ficaram impressos os graves delitos que agora expungia. Adicionando-se à autorreparação que a consciência endividada lhe impunha, alguns adversários espirituais se lhe vinculavam, como cobradores impenitentes, em particular uma jovem negra de aspecto feroz, com singulares deformidades faciais, denotando-lhe o processo de monoideísmo degenerador, centralizado na vingança. Referidos adversários, dando-se conta de que o seu antagonista fora conduzido àquele recinto, chegaram após, facilitando uma anamnese espiritual mais completa. Tratava-se, como se depreende facilmente, de um quadro muito sério, em razão das suas múltiplas implicações. O genitor abraçou a esposa, que lhe percebeu a presença de forma intuitiva e como decorrência do bem-estar e tranquilidade que a dominaram. Agora ela *sabia* que estava agindo com acerto, naquela busca de ajuda para si própria e para o filho. Inteirada do panorama espiritual do esquizoide, a Entidade, mais uma vez revelando sabedoria, filtrou a informação recebida, transmitindo somente o que a cliente podia assimilar. — O *menino* — referiu-se com segurança — está sob superior amparo, que zela por todos nós, em justo processo de resgate de faltas graves. — Mas, que eu saiba, ele não cometeu qualquer deslize que justifique este sofrimento — apressou-se a mãezinha a esclarecer. — “Certamente, que não o fez na atual existência corporal. O homem, porém, não realiza apenas uma experiência física, no seu processo de evolução. Etapa a etapa, o Espírito cresce, adquirindo sabedoria, como um aluno diligente, classe a classe, conquista conhecimentos. O *tempo sem fim* da Eternidade não é vencido de um salto. Assim, lentamente, todos nós, pelo processo da reencarnação, adquirimos os valores de enobrecimento que um dia nos tornarão ditos. A dor e o sofrimento resultam dos *acidentes comportamentais*, quando o homem exorbita do livre-arbítrio e faz-se verdugo de si mesmo, visto que, agindo erradamente, impõe-se a ele a necessidade da reparação e da reconquista do tempo malbaratado no erro...” “Não se surpreenda, a irmã, com esta informação. Jesus não disse tudo no seu tempo, já que não havia entendimento para as suas palavras. Muitas verdades Ele velou com alegorias e símbolos, e outras deixou para que fossem ditas no momento próprio, pelo Espírito Consolador, que prometeu enviar e que já chegou, estando a libertar as consciências da ignorância e do erro...” — E quem é esse Espírito Consolador? — indagou, interessada, a mãe de Carlos. — É o Espiritismo, que se encontra na Terra para moralizar os homens através do esclarecimento da verdade que liberta e salva. Quando se entender a missão verdadeira do Espiritismo, mudar-se-ão as paisagens morais, sociais e evolutivas do Planeta, graças à transformação dos seus habitantes

para melhor. Participávamos do diálogo mentalmente, e anuíamos, *in totum*, com o esclarecimento apresentado. — E haverá algum tratamento adequado para o meu filho, além do que vem recebendo? — indagou a senhora, confiante. — “Naturalmente que sim — respondeu, convicta. — Iremos providenciar alguns trabalhos, que denominamos de desobsessão, no suceder dos dias, de que lhe daremos ciência, tentando remover os fatores mais perniciosos que lhe pesam na economia moral, passando depois a outros processos de reparação necessários. “Hoje ele receberá o primeiro concurso dessa natureza, iniciando-se o esforço em seu favor, cujos resultados só o Pai de misericórdia pode prever. A nós nos cumpre tentar sempre, ajudando sem cessar.” Ato contínuo, estabeleceu um programa-roteiro que D. Catarina deveria atender, ali retornando nos dias assinalados, até quando Carlos estivesse em condições de igualmente vir. A senhora ficou exultante. Agradeceu com efusão as diretrizes que lhe foram apresentadas e afastou-se, não sem antes oscular a destra do médium, em atitude de carinho para com a Mensageira do bem. Vi Dr. Bezerra envolver Carlos em fluidos de restauração de energias, aprofundando-lhe o sono, de modo que não sofresse a constante agressão que lhe era infligida pelos inimigos desencarnados que o surpreendiam nos desprendimentos parciais, especialmente pela mulher, acusadora e vingativa. Imediatamente, os cooperadores que o trouxeram, com diligência, atendendo o Benfeitor reconduziram-no ao lar. Porque se apresentasse favorável a oportunidade, indaguei ao Amigo espiritual: — Haveria, no caso Carlos, algum fator orgânico que respondesse pelo seu quadro esquizofrênico, além daqueles espirituais, identificados, no academicismo psiquiátrico, como de natureza psicogênica? — “Sem dúvida — respondeu-me, solícito. — Como sabemos, a esquizofrenia é enfermidade muito complexa, nos estudos da saúde mental. As pesquisas psiquiátricas, psicanalíticas e neurológicas têm projetado grande luz às terapêuticas de melhores resultados nas vítimas dessa terrível alienação. No entanto, há ainda muito campo a desbravar, em razão de as suas origens profundas se encontrarem ínsitas no Espírito que delinque. A consciência individual, representando, de algum modo, a Cósmica, não se poupa, quando se descobre em delito, após a liberação da forma física, engendrando mecanismos de autorreparação ou que lhe são impostos pelos sofrimentos advindos da estância do além-túmulo. “Afetando o equilíbrio da energia espiritual que constitui o ser eterno, a consciência individual imprime, nas engrenagens do perispírito, os remorsos e turbações, os recalques e conflitos que perturbarão os centros do sistema nervoso e cerebral, bem como os seus equipamentos mais delicados, mediante altas cargas de emoção descontrolada, que lhe danificam o

complexo orgânico e emocional. “Noutras vezes, desejando fugir a sanha dos inimigos, o Espírito busca o corpo como um refúgio, no qual se esconde, bloqueando os centros da lucidez e da afetividade, que respondem como indiferença e insensibilidade no paciente de tal natureza. “Eugênio Bleuler, sem demérito para os demais pesquisadores das alienações mentais, foi quem mais penetrou nas causas da esquizofrenia, do ponto de vista científico, concluindo que a mesma é “uma afecção fisiógena, mas com ampla superestrutura psicógena”. Nessa “estrutura psicógena”, situamos os fatores cármicos, de procedência anterior ao berço, que pesam na consciência culpada...” Dando-me margem a *digerir* a explicação, o Amigo silenciou por breves minutos, logo ampliando os conceitos: — “O esquizofrênico, segundo a escola bleuleriana, não tem destruída, conforme se pensava antes, a afetividade, nem os sentimentos; somente que os mesmos sofrem dificuldade para ser exteriorizados, em razão dos profundos conflitos conscienciais, que são resíduos das culpas passadas. E porque o Espírito se sente devedor, não se esforça pela recuperação, ou teme-a, a fim de não enfrentar os desafetos, o que lhe parece a pior maneira de sofrer, do que aquela em que se encontra. Nesses casos, pode-se dizer, como afirmava o ilustre mestre suíço, que a esquizofrenia se encontra no paciente de forma *latente*, pois que, acentuamos, é-lhe *imposta* desde antes da concepção fetal. Razão essa que responde pelas sintomatologias neuróticas, produzindo alterações da personalidade que se vai *degenerando* em razão dos mecanismos de culpa impressos no inconsciente. Assim, não é raro que o paciente fuja para o *autismo*...” “Rigidez, desagregação do pensamento, ideias delirantes, incoerência são algumas alterações do comportamento esquizofrênico, originadas nos recessos do Espírito que, mediante a aparelhagem fragmentada, se expressa em descontrole, avançando para a demência, passando antes pela fase das alucinações, quando reencontra os seus perseguidores espirituais que ora vêm ao desforço. Sejam, portanto, quais forem os fatores que propiciam a instalação da esquizofrenia no homem, o que desejamos é demonstrar que o Espírito culpado é o responsável pela alienação que padece no corpo, sendo as suas causas atuais consequências diretas ou não do passado. “No caso de Carlos, houve alteração neurológica por ação do perispírito no sistema extrapiramidal, resultando na alteração de alguns reflexos tendinosos, conforme se observa na rigidez da pupila. Da mesma forma, ocorreram distúrbios neurovegetativos, na série vagotônica... A conhecida “mão *catatônica*”, úmida e fria, com cianose, sem pressão coordenada, igualmente faz parte do quadro do nosso paciente. Além desses, naturalmente, ocorrem nele os distúrbios metabólicos como defluência do estado geral que padece.” Houve nova

pausa, a fim de elucidar-me mais especificamente quanto ao drama em estudo. Assim, reunindo argumentos simples para o meu alcance, deu curso às explicações, informando: — “Como veremos mais tarde, a ação perturbadora do nosso pupilo foi muito grave, em razão do uso desordenado do sexo, tombando em degenerescência glandular, que lhe afetou os testículos, facultando o surgimento de uma fibrose perniciososa, bem como de uma atrofia dos tubos seminíferos daqueles órgãos, em face de uma deficiente produção do hormônio gonadotrópico do lobo anterior da hipófise. “Vemos aí a mente espiritual — consciência de culpa — interferindo na constituição orgânica e dando curso às etiopatogenias detectadas pelos cientistas nas suas nobres investigações. “A ação obsessiva, por parte dos cobradores desencarnados, contribui para o baixo consumo de oxigênio, a anemia secundária e outros distúrbios que são registrados nos pacientes esquizoides e que, em Carlos, são habituais, porque a ingestão dos fluidos perniciosos intoxicam-no, levando os órgãos a funcionamento alterado, inclusive à lentidão do fluxo sanguíneo com *ingerência fluidica* no sistema enzimático do organismo...” “De qualquer forma, colhido pelas malhas da rede que teceu com os fios da perversidade, o nosso defraudador das leis retorna ao educandário abençoado para recompor o esquema de equilíbrio e ordem que vigem em toda parte. Foi muito sábia a Mentora amiga, propondo, em primeiro ato, a desobsessão, para depois serem aplicadas outras fluidoterapias ao lado da medicamentosa e da psicoterapia que a Doutrina Espírita pode propiciar com excelentes resultados, a depender de fatores vários como do próprio paciente, quando possa optar pela ocupacional, dedicando-se ao serviço de benemerência e de abnegação em favor do próximo, através do qual granjeará méritos que influirão na regularização das suas dívidas, pela diminuição dos seus débitos. Não devemos, como é sabido, agasalhar ideias otimistas exageradas quanto à recuperação da saúde mental do nosso doente, considerando, sobretudo, que a estada na Terra é apenas breve período no programa da vida. Não é importante que os resultados de qualquer cometimento espiritual sejam manifestos salutareis, enquanto se está no corpo, de acordo com o desejo imediatista das criaturas humanas, cuja visão da realidade é unilateral e limitada. Estamos construindo para a eternidade e o nosso compromisso de realização não tem limite de tempo, nem se subordina a espaços de interesses afetivos, pessoais. Encontramo-nos engajados na tarefa de edificação do bem nas almas, lançando os alicerces do mundo novo de amanhã, sem pressa, mas sem receio ou negligência. O presente é nossa oportunidade para agir, enquanto o amanhã é de Deus.” Silenciou o prestimoso Guia, e eu me encontrava extasiado.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 4)

VII.7. Depressão (Transtornos Depressivos)¹⁵

“Sexo e responsabilidade. [...] Quando lá chegamos, a diligente servidora do Evangelho recepcionava uma senhora, visivelmente preocupada, em razão do quadro depressivo que lhe atormentava a filha, moçoila de aproximadamente dezesseis anos. D. Apolônia acompanhava a conversação, inspirando a anfitriã. Saudado com efusão pela veneranda amiga desencarnada, ela pediu-me cooperar no socorro às duas pessoas presentes. Observando o transcurso do diálogo notei a presença de um ser infeliz que transmitia fluidos deletérios à jovem, pensamentos infelizes, ignorando a situação de desencarnado. Recordei-me de lições ministradas oportunamente pelo Espírito Dr. Bezerra de Menezes, quando se referia às causas das depressões, no capítulo dos transtornos psicóticos, afirmando que elas poderiam ser endógenas e exógenas. As primeiras vincular-se-iam à hereditariedade, às sequelas de várias doenças, principalmente sífilis, câncer, tuberculose, hanseníase, distúrbios do trato digestivo e, modernamente, de viroses como AIDS etc... As exógenas abarcariam os fatores psicossociais, socioeconômicos, socio comportamentais... No entanto, o nobre mentor incluía as psicogêneses obsessivas, vinculadas ao pretérito espiritual dos envolvidos na trama, em processo de ajustamento emocional e recuperação moral. Em razão do vasto elenco de causas atuais e pregressas, a depressão generaliza-se entre as criaturas, ampliando-se, como circular ou bipolar, senil e, no capítulo dos transtornos psicóticos, como demência e outras. Em rápida análise, a jovem enfocada sofria um distúrbio mediúnico, de caráter obsessivo simples, provocado, inconscientemente, pelo desencarnado que a assessorava, absorvendo-lhe a energia e intoxicando-a, por sua vez, com os seus fluidos de pesadas cargas vibratórias. Sem dúvida, havia problemática originária do passado a pesar na economia da vítima, facultando-lhe esse doloroso processo de despertamento para a realidade da vida espiritual, desde que não existem efeitos sem causas equivalentes. No imo do ser dormem as razões da vida, com todos os elementos constitutivos da sua paisagem histórica. Acompanhei, então, a conversação. Ernestina explicava que os problemas na existência terrena se originam no

ser profundo, no Espírito, e dele se inicia a terapêutica, no caso das enfermidades, ou a solução, quando são de outra natureza. — Na questão em tela — afirmava — o concurso médico faz-se indispensável, ao mesmo tempo a terapia espírita: passes, água fluidificada, reuniões de esclarecimento, ao lado, naturalmente, da inestimável cooperação do paciente. “Ao enfermo cabe o esforço maior, iniciando pela sua renovação moral mediante a oração, os exercícios de paciência, de humildade e de perdão, que terminam por sensibilizar e esclarecer o agente da perturbação que, conscientizado do mal que vem praticando, modifica-se e liberta a sua presa, liberando-se também.” [...] Depois de proferir uma oração, colocou-se, receptiva, à disposição e, influenciando-a, aplicamos energias dispersivas na enferma, revitalizando-a a seguir. Ato contínuo, retiramos o doente espiritual da fixação no perispírito da vítima, e Ernestina, ao terminar o labor, ofereceu água magnetizada à mãe e à filha. Transpirando e emocionada, sentindo-se normalizar, a moça chorou um pouco e, confortada pela anfitriã, disse-lhe com débil voz: — Sinto-me sair de uma espécie de camisa de força e de uma nuvem escura que me dificultavam raciocinar. — Necessita, a partir de agora — respondeu-lhe a terapeuta espiritual —, manter um bom estado de espírito, e quando sentir tristeza substituí-la por um pensamento otimista. É muito fácil superar os estados depressivos, não cultivando as ideias negativas, pessimistas, fixando-se em outras, as que geram bom ânimo, alegria e paz. “Amanhã, às dezenove horas e trinta minutos, esperamo-las aqui para o estudo evangélico e nova terapia bioenergética.” [...] D. Apolônia agradeceu a cooperação, e entretecemos considerações variadas a respeito dos distúrbios da depressão e da síndrome de pânico, que se tornaram graves dramas na área do moderno comportamento psicológico do ser humano. Conforme pretendia Freud, afirmando que na raiz de toda neurose há sempre um problema da libido, permitimo-nos acentuar que o pensamento do pai da Psicanálise estaria incompleto, aduzindo-lhe que, na raiz de todo distúrbio da libido, encontramos um fator causal determinante que responde pela distonia. Não iniciando o ser a sua história na concepção, a sua origem perde-se nas remotas eras da Criação, quando o psiquismo foi gerado e começou a evoluir, atravessando os reinos mineral, vegetal, animal, hoje

15 Segundo o DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5th edition, published by the American Psychiatric Association), a “Depressão” ou “Transtornos Depressivos” incluem transtorno disruptivo da desregulação do humor, transtorno depressivo maior (incluindo episódio depressivo maior), transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo induzido por substância/medicamento, transtorno depressivo devido a outra condição médica, outro transtorno depressivo especificado e transtorno depressivo não especificado. A característica comum desses transtornos é a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. O que difere entre eles são os aspectos de duração, momento ou etiologia presumida. (Nota do Autor)

hominal e amanhã angélico, em direção do porvir sem limite. A natureza, que gastou bilhões de anos na elaboração das formas que a constituem, não gerou o ser humano a golpes de acasos perfeitos e determinantes, conforme pretendem algumas correntes materialistas, simplistas e ingênuas. A vida narra, nas histórias paleontológica, embriogenética, anatomofisiológica todo o processo da evolução fatalista do ser. Acima das causas filogenéticas, transformistas, mesológicas, paira, no entanto, a Causalidade Absoluta, que é Deus, seja qual for o nome que se lhe dê, sempre de secundária importância tal denominação, orientando o processo transformador, evolutivo. Quando a criatura humana aprofundar estudos e reflexões sobre as causas reais das aflições, encontrará as terapias hábeis, preventivas e curadoras, para as problemáticas que a afligem, erradicando o sofrimento das suas paisagens terrenas. Lentamente, porém, e com segurança, já estão sendo colocados os paradigmas da nova Medicina, a holística, a espiritual, portanto, a essencial.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Sexo e responsabilidade)

“**DISTÚRBIO DEPRESSIVO.** Os momentos, uns após outros, enriqueciam-me com as experiências adquiridas no Hospital espiritual. As diferentes vidas que prosseguiram buscando o rumo de segurança, e que ali se encontravam ou eram trazidas para atendimento, constituíam-me um laboratório expressivo para preciosas conquistas iluminativas. [...] Nesse ínterim, fui convidado por dr. Ignácio a participar de um ato solene, quando um estudioso dos transtornos psicológicos deveria proferir uma conferência sobre o fascinante e grave tema do distúrbio depressivo. Enquanto estava na Terra, as informações a respeito do assunto eram relativamente escassas, sendo mais abundantes entre os estudiosos da psiquiatria e da psicologia, sem maior divulgação em relação aos leigos. Passadas algumas décadas após a desencarnação, podia constatar que os avanços na pesquisa das gêneses e terapêuticas dessa síndrome haviam avançado muito e, no mundo espiritual, sendo o conhecimento mais profundo, facultava respostas próprias para o que podemos denominar quase de epidemia na atualidade do convulsionado planeta de provas... Assim, aguardei com interesse redobrado a ocasião para participar do magno evento. À hora aprazada dirigimo-nos, Alberto e eu, ao Auditório ao ar livre, onde teria lugar o significativo cometimento. Tratava-se de um recinto de amplas proporções com capacidade para aproximadamente mil pessoas e a sua edificação recordava os anfiteatros greco-romanos, que facultavam uma bela visão do palco de qualquer lugar onde se estivesse, O entardecer estava deslumbrante, abençoado por favônios perfumados, enquanto os convidados assentavam-se nas arquibancadas semicirculares. O expositor adentrou-se no recinto acompanhado por Eurípedes, dr. Ignácio e outros

nobres Espíritos que eu não conhecia pessoalmente. Apresentava um semblante calmo e demonstrava na face que houvera desencarnado com mais de setenta anos... Jovial e de agradável expressão, foi conduzido à parte central, tomando parte na mesa da cerimônia presidida pelo fundador do Nosocômio. Encontravam-se presentes médicos especializados no estudo da psique, enfermeiros e trabalhadores dos diversos departamentos do Hospital, interessados nos esclarecimentos que seriam oferecidos pelo culto conferencista e muitos outros Espíritos especialmente convidados. Após expressiva exortação ao Senhor da Vida, a todos sensibilizando, Eurípedes fez breve apresentação do cientista-orador, esclarecendo que o mesmo exercera a profissão de psiquiatra enquanto reencarnado na Terra, havendo oferecido expressivo contributo à psicanálise e à psicologia, e que se encontrava liberado do corpo havia mais de trinta anos, dando prosseguimento às pesquisas em torno da mente e da emoção humana como resultado dos processos da evolução espiritual. Sem mais delongas, o esclarecido médico acercou-se da tribuna, deteve-se em breve silêncio durante o qual exteriorizou uma suave claridade que o emoldurou delicadamente. Em seguida, deu início à conferência, saudando-nos a todos com jovialidade e adentrando-se no tema: — A depressão, também identificada anteriormente como melancolia, é conhecida na Humanidade desde recuados tempos, por estar associada ao comportamento psicológico do ser humano. A Bíblia, especialmente no Livro de Jó, dentre outros, nos apresenta vários exemplos desse distúrbio que ora aflige incontável número de criaturas terrestres. Podemos identificá-la na Grécia antiga, considerada como sendo uma punição infligida pelos deuses aos seres humanos em consequência dos seus atos incorretos. Encontramo-la, desse modo, também presente no século 4º a.C., graças a diversas referências feitas por Hipócrates. Mais tarde, no século 2º a.C., Galeno estudou esse transtorno como sendo resultado do desequilíbrio dos quatro humores: sangue, bile amarela, bile negra e fleuma, que seriam responsáveis pelo bem-estar e pela saúde ou não dos indivíduos. Aristóteles assevera que Sócrates e Platão, como muitos outros filósofos, artistas, combatentes gregos, foram portadores de melancolia, que acreditava estar vinculada às capacidades intelectuais e culturais do seu portador. A Igreja romana, a partir do século 4º, também passou a considerá-la e defini-la, ligando-a à tristeza, sendo tida como um pecado decorrente da falta de valor moral do homem para enfrentar as vicissitudes do processo existencial. Posteriormente, esteve associada à acídia, passando a ser definida com mais severidade como sendo um pecado cardinal, em razão de tornar os religiosos preguiçosos e amedrontados ante as tarefas que deveriam desempenhar. As lendas

a seu respeito fizeram-se muito variadas e as discordâncias complexas, vinculando-a, não raro, à bílis negra, responsável pelo ato impensado de Adão ao comer a maçã no paraíso... “A história da medicina também relata que, já no século 10º, um médico árabe, estudando a melancolia, confirmou que a mesma resultava da referida e tradicional bílis negra. Com o Renascimento, porém, esse transtorno passou a ser tido como uma forma de insanidade mental, surgindo nessa época diferentes propostas terapêuticas de resultado duvidoso. “À medida que se processava o progresso cultural, a melancolia passou a expressar os estados depressivos e, a partir de 1580, tornou-se popular na literatura com características melhor definidas. Foi a partir do século 15 que a tese de Galeno começou a ser superada e lentamente substituída por definições que abrangiam a natureza química e mecânica do cérebro, responsável pelo distúrbio perturbador. Não obstante a descoberta da circulação do sangue pelo eminente Harvey, que facultou a apresentação de novos conceitos explicativos para a depressão, esclarecendo que se podia tratar de uma deficiência circulatória, permaneceram ainda aceitos os conceitos ancestrais de Galeno, e, por efeito, a terapia se apresentava centrada nos métodos da aplicação de sangrias, purgantes, vomitórios com o objetivo de limpar o corpo, eliminando os humores negros nefastos. No século 19, ainda por um largo período, foi associada à hipocondria, responsável pela ansiedade mórbida referente ao estado de saúde e às funções físicas... Logo depois, passou à condição de uma perturbação mental, de um estado emocional deprimido. “A melancolia alcançou homens e mulheres notáveis que não conseguiram superá-la, e padeceram por largos períodos a sua afugente presença e, em alguns casos, conduzindo-os a perturbações profundas e até mesmo a suicídios hediondos. Inúmeros poetas, escritores, artistas, religiosos, cientistas famosos não passaram sem sofrer-lhe a incidência cruel, dando margem a que alguns desavisados pensassem que se tratava da exteriorização da genialidade de cada um...” Houve uma pausa oportuna, a fim de facultar o entendimento do discurso na sua apresentação histórica para logo prosseguir: - A depressão é hoje classificada como sendo uma perturbação do humor, uma perturbação afetiva, um estado de mal-estar que se pode prolongar por tempo indeterminado. Foi o admirável Emil Kraepelin, o nobre psiquiatra alemão, quem apresentou melhores análises sobre a depressão no século passado, classificando-a como de natureza unipolar, quando é menos grave, mais simples e rápida, e bipolar, quando responsável pelas associações maníacas. Aprofundadas pesquisas ofereceram novas classificações nos anos sucessivos, incluindo as melancolias de involução, que se manifestam em forma de medo, de culpa e de

vários distúrbios do pensamento. O eminente psicanalista Sigmund Freud sugeriu o luto como sendo responsável pela depressão, resultado de perda, de um ser amado ou de outra natureza. A perda, para o nobre mestre austríaco, produz dilacerações psicológicas muito graves, gerando distúrbios comportamentais que se prolongam por tempo indeterminado. Concomitantemente, outros pesquisadores estabeleceram que a depressão poderia ser endógena, quando originada em disfunções orgânicas, portanto, de natureza biológica, e reativa, como consequência de fatores psicossociais, socioeconômicos, sócio morais, em razão das suas nefastas consequências emocionais. Outros observadores, no entanto, detiveram-se em analisar a depressão sob dois outros aspectos: a de natureza neurótica e a de natureza psicótica. A primeira é mais simples, com melhores possibilidades terapêuticas, enquanto que a segunda, por se caracterizar pelas alucinações e ilusões perturbadoras, exige procedimentos mais cuidadosos e prolongados. “A depressão, seja como for considerada, é sempre um distúrbio muito angustiante pelos danos que proporciona ao paciente: dores físicas, taquicardias, problemas gástricos, inapetência, cefalalgia, sentimento de inutilidade, vazio existencial, desespero, isolamento, ausência total de esperança, pensamentos negativos, ansiedade, tendência ao suicídio... O enfermo tem a sensação de que todas as suas energias se encontram em desfalecimento e as forças morais se diluem ante a sua injeção dolorosa. “A perturbação depressiva ainda pode apresentar-se como grave e menos grave, crônica ou distímica, cuja fronteira é muito difícil de ser estabelecida. Somente através dos sintomas é que se pode defini-las, tendo-se em vista as perturbações que produz nos pacientes. Nesse sentido, a somatização, decorrente de estigmas e constrangimentos que lhe facultam a instalação, pode dar lugar ao que Freud denominou perturbação de conversão, graças à qual um conflito emocional se converte em cegueira, mudez, paralisia ou equivalentes, enquanto outros psicoterapeutas, discordando da tese, acreditam que esses fenômenos resultem de perturbações físicas não identificadas... “Por outro lado, a fadiga tem sido analisada como responsável por vários estados depressivos, especialmente a de natureza crônica, que se apresenta acima do nível tolerável de gravidade. Não obstante, a depressão também se manifesta em crianças e jovens, estruturada em fatores endógenos e outros de natureza sociológica, decorrentes do relacionamento entre pais e filhos, do convívio familiar e comunitário conflitivo. “A mania, por outro lado, é mais severa em razão das alterações manifestadas no humor, que se fazem mui amiúde em proporções gravemente elevadas. Em determinado paciente pode expressar-se como um estado de excessivo bom humor, de exaltação da emotividade, em

contraste com os acontecimentos vivenciados no momento, logo regredindo com rapidez para a depressão, as lágrimas, envolvendo sentimentos contraditórios, que passam dos risos excitados aos prantos pungentes. No momento de exacerbação o enfermo delira, acreditando-se messias, gênio da política, da arte, com demasiada valorização das próprias possibilidades. Vezes outras, experimenta estados de temor, por acreditar que existe conspiração contra sua vida e seus desejos, seus valores especiais. Apresenta-se em determinado momento palrador, mudando de conduta com muita frequência, ou então deixa-se ao abandono, sem higiene, aparecendo, noutras vezes, de maneira extravagante e vulgar. Nessa fase, torna-se sexualmente excitado, exótico, irresponsável, negando-se a aceitar a enfermidade e mesmo a submeter-se ao tratamento adequado. “A incidência do distúrbio depressivo apresenta-se quantitativamente maior no sexo feminino. Nesse caso, podemos aduzir ao quadro geral, as manifestações da depressão pré e post-partum, que se originam em disfunções hormonais, conduzindo as pacientes a estados de grave perda do equilíbrio emocional e mental.” O expositor calou-se por um pouco, enquanto o público atento, acompanhava-lhe o raciocínio rico de ensinamentos oportunos. De imediato, deu curso à conferência: — As influências básicas para a síndrome depressiva são muitas, e podem ser encontradas nas crenças religiosas, nos comportamentos sociais, políticos, artísticos, culturais e nas mudanças sazonais. Por outro lado, a hereditariedade é fator decisivo na ocorrência inquietante, tanto quanto diversos outros de natureza ambiental e social, como guerras, fome, abandono, sequelas de enfermidades dilaceradoras... Pode-se, portanto, informar que é também multifatorial. Do ponto de vista psicanalítico, conforme eminentes estudiosos quais Freud, Abraham e outros, a depressão oculta uma agressão contra a pessoa ou o objeto oculto. Numa análise biológica, podemos considerar como fatores responsáveis pelo desencadear do distúrbio depressivo, as alterações do quimismo cerebral, no que diz respeito aos neurotransmissores como a serotonina e a noradrenalina. Em uma análise mais cuidadosa, além dos agentes que produzem stress, incluímos entre os geradores da depressão, os hormônios esteroides, estrogênios e androgênios, relacionados com o sexo, que desempenham papel fundamental no humor e no comportamento mental. “É claro que não estamos relacionando todas as causas que predis põem ou que dão origem à depressão, antes desejamos referir-nos, mui superficialmente, a somente algumas daquelas que desencadeiam esse processo alienante. Nosso objetivo essencial, neste momento, é identificar o fator de natureza preponderante para depois concluirmos pelo de natureza predisponente. E esse, essencial, importante, é o próprio Espírito reencarnado,

por nele se encontrarem ínsitas as condições indispensáveis para a instalação do distúrbio a que faz jus, em razão do seu comportamento no transcurso das experiências carnis sucessivas. “O Espírito é sempre o semeador espontâneo, que volve pelo mesmo caminho, a fim de proceder à colheita das atividades desenvolvidas através do tempo. Não bastassem as suas próprias realizações negativas para propiciar o conflito depressivo e as suas ramificações decorrentes, que geraram animosidades, mágoas e revoltas em outros seres que conviveram ao seu lado e foram lesados nos sentimentos, transformando-se em outro tipo de razão fundamental para a ocorrência nefasta. “Ao reencarnar-se o Espírito, o seu perispírito imprime no futuro programa genético do ser os requisitos depurativos que lhe são indispensáveis ao crescimento interior e à reparação dos gravames praticados. Os genes registram o desconserto vibratório produzido pelas ações incorretas no futuro reencarnante, passando a constituir-se um campo no qual se apresentarão os distúrbios do futuro quimismo cerebral. Quando se apresentam as circunstâncias predisponentes, manifesta-se o quadro já existente nas intrincadas conexões neuronais, produzindo por fenômenos de vibração eletroquímica o transtorno, que necessitará de cuidadosa terapia específica e moral. Não apenas se fará imprescindível o acompanhamento do terapeuta especializado, mas também a psicoterapia da renovação moral e espiritual através da mudança de comportamento e da compreensão dos deveres que devem ser aceitos e praticados. “Nesse processo, no qual o indivíduo é responsável direto pelo distúrbio psicológico face aos erros cometidos, às perdas e ao luto que lhe permanecem no inconsciente e agora ressumam, o distúrbio faz-se inevitável, exceto se, adotando nova conduta, adquire recursos positivos que eliminam o componente cármico que lhe dorme interiormente. Não são da Lei Divina a punição, o castigo, a vingança, mas são impostas a necessidade da reparação do erro, da renovação do equivocado, da reconstituição daquilo que foi danificado... O Espírito reflete o amor de Deus nele insculpido, razão pela qual está fadado à perfeição relativa, que alcançará mediante o esforço empreendido na busca da meta que lhe está reservada. São, portanto, valiosas, as modernas contribuições das ciências da psique, auxiliando os alienados e depressivos a reencontrar a paz, a alegria interior, a fim de prosseguirem no desiderato da evolução.” Novamente, o lúcido orador fez uma pausa oportuna, logo dando prosseguimento: — Nesse capítulo, não podemos olvidar aqueles outros Espíritos que foram vitimados pelo infrator, que agora retorna ao palco terrestre a fim de crescer interiormente. Quando permanecem em situação penosa, sem olvido do mal que padeceram, amargurados e fixados nas dores terríficas que

experimentaram, ou se demoram em regiões pungitivas, nas quais vivenciam sofrimentos incomuns, face à pertinácia nos objetivos perversos do desforço pessoal, são atraídos psiquicamente aos antigos verdugos, com eles mantendo intercurso vibratório danoso, que a esses últimos conduz a transtornos obsessivos infelizes. O cérebro do hospedeiro, bombardeado pelas ondas mentais sucessivas do hóspede em desalinho, recebe as partículas mentais que podem ser consideradas como verdadeiros elétrons com alto poder desorganizador das conexões neuronais, afetando-lhe os neurotransmissores como a serotonina, a noradrenalina, a dopamina e outros mais, aos quais se encontra associado o equilíbrio emocional e o do pensamento. “Instalado o plugue na tomada perispiritual, o intercâmbio doentio prosseguirá atingindo o paciente até o momento quando seja atendido por psicoterapia especial, qual seja a bioenergética, por intermédio dos passes, da água fluidificada, da oração, das vibrações favoráveis à sua restauração, à alteração da conduta mental e comportamental, que contribuirão para anular os efeitos morbosos da incidência alienadora. Simultaneamente, a desobsessão, mediante cujo contributo o perseguidor desperta para as próprias responsabilidades, modifica a visão espiritual, ajudando-o a resolver-se pela mudança de atitude perante aquele que lhe foi adversário, entregando-o, e a si mesmo também se oferecendo, aos desígnios insondáveis do Pai Criador. “Nunca será demasiado repetir que, na raiz de todo processo de desequilíbrio mental e emocional, nas psicopatologias variadas, as causas dos distúrbios são os valores morais negativos do enfermo em processo de reeducação, como decorrência das ações pretéritas ou atuais praticadas. Não existindo efeito sem causa, é compreensível que toda ocorrência infeliz de hoje resulte de atividade agressiva e destrutiva anterior. “Não poucas vezes, também se pode identificar na gênese da depressão o fator responsável pelo funcionamento sexual deficiente, receoso, frustrante, que induz o paciente ao desinteresse pela vida, à fuga da realidade... “Desse modo, a depressão, mesmo quando decorra de uma psicogênese bem delineada, seja pela hereditariedade ou pelos fatores psicossociais e outros, sua causa profunda se encontra sempre no Espírito endividado que renasce para liberar-se da injunção penosa a que se entregou. “Assim sendo, aproxima-se o dia, no qual, a ciência acadêmica se dará conta da realidade do ser que transcende a matéria, e cujas experiências multifárias através dos renascimentos corporais responde pelo binômio saúde-doença. “Nós próprios, quando nos labores terrestres, muito nos aproximamos da fronteira da imortalidade, não a havendo transposto em razão dos preconceitos acadêmicos, embora não nos houvessem sido regateados os recursos que evidenciavam a

indestrutibilidade do ser através da morte e isso demonstravam de forma irretocável. Como ninguém pode deter o progresso, que se multiplica por si mesmo, o amanhã constitui a esperança dos que tombaram nos processos perturbadores e degenerativos, quando encontrarão a indispensável contribuição dos cientistas e religiosos que, de mãos dadas, estarão trabalhando em favor da sua recuperação mental e orgânica.” Fez, propositadamente, uma nova pausa, que a todos nos comoveu pelo que disse de imediato: — Não há como negar-se: Jesus-Cristo é o Psicoterapeuta excepcional da Humanidade, o único que pôde penetrar psiquicamente no âmago do ser, auxiliando-o na reestruturação da personalidade, da individualidade, facultando-lhe uma perfeita identificação entre o ego e o self, harmonizando-o para que não mais incida em compromissos degenerativos. Por isso mesmo, todos aqueles que lhe buscaram o conforto moral, a assistência para a saúde combalida ou comprometida, física ou mental, defrontaram a realidade da vida, alterando a forma existencial do comportamento que lhes seria de inapreciado valor nas futuras experiências carnis. “A Ele, o afável Médico das almas e dos corpos, a nossa sincera gratidão e o nosso apelo para que nos inspire na equação dos dramas que afligem a humanidade, tornando a Terra um lar melhor para se crescer moral e espiritualmente, onde os sofrimentos decorrentes das enfermidades de vária gênese cedam lugar ao equilíbrio e à produção da vera fraternidade assim como da saúde integral.” Pairava no ambiente uma dulçurosa vibração de paz e de alegria. Todos apresentavam o semblante irradiante de júbilo. O lúcido orador mantinha-se sereno e suavemente iluminado, banhado por peregrina claridade que jorrava dos Altos Cimos... Eurípedes levantou-se, abraçou-o, conduziu-o à mesa diretora da solenidade e, visivelmente feliz, proferiu inesquecível oração gratulatória, dando como encerrada a conferência. A noite havia chegado e se encontrava banhada por argênteo luar e pelos pingentes estelares que cintilavam muito ao longe. Os mais interessados acercaram-se do palco, a fim de conhecer mais de perto o convidado eloquente e com ele dialogarem brevemente. Nós, Alberto, dr. Ignácio e eu, fomos daqueles que se lhe acercaram, a fim de fruir mais proximamente a sua vibração penetrante e saudável, congratulando-nos com a exposição oportuna e esclarecedora.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 19)

“TERAPIAS ENRIQUECEDORAS. A conferência oferecera-me valioso material para meditação, especialmente na parte em que o orador se referira à interferência das Entidades desencarnadas, produzindo transtornos depressivos, mediante os lamentáveis processos de obsessão. Irrupendo em onda caudalosa, essa psicopatologia moderna, ora denominada como a doença do século, investe contra uma verdadeira

multidão de criaturas reencarnadas, cujo processo se prolonga além da roupagem física, advindo a desencarnação. No dia seguinte, Alberto apresentou-me ao dr. Orlando Messier, que fora, no país onde vivera a sua mais recente experiência carnal, devotado psiquiatra que se dedicara ao estudo da psicologia com alma. Não conhecera o Espiritismo conforme a estrutura doutrinária defluente da Codificação Kardequiana. No entanto, mediante cuidadosas investigações com os seus pacientes, ao lado da análise demorada das obras dos drs. Roberto Assagioli e Viktor Frankl, conseguira detectar a sobrevivência do Espírito à disjunção molecular da matéria e entender a interferência que os desencarnados exercem na conduta dos viandantes terrestres. Tivera também oportunidade de atender a diversos pacientes portadores de obsessões, em cujas oportunidades se manifestaram os seus algozes, bem como examinou a contribuição do psiquiatra Karl Whikland, através das narrações das suas experiências de consultório, exaradas no livro *Trinta anos entre os mortos*, que o auxiliaram a aceitar a realidade da vida além do corpo, facultando-lhe desenvolver psicoterapias valiosas no atendimento àqueles enfermos mentais que o buscaram. Desencarnado, foi convidado a especializar-se no Sanatório Esperança, onde se encontrava em atividade socorrista fazia mais de dez anos. Também estivera na conferência da noite anterior e encontrava-se vivamente fascinado com a exposição do visitante ilustre. Para ele não houve propriamente novidades quanto às origens dos distúrbios psicológicos e das alienações mentais, bem como no tocante às terapias que eram aplicadas largamente em nosso pavilhão. Todavia, as referências procedentes de mais doutos conhecedores da psique humana, perfeitamente concordes com as suas conclusões, constituíam-lhe motivo de compreensível gáudio. Foi, portanto, num clima de muita cordialidade, que decorreu o nosso encontro, propiciando-me mais amplas possibilidades de aprendizagem. O amigo recente dirigia-se a uma das Enfermarias onde se hospedam os irmãos violentos, não se escusando a uma conversação fraterna que ele próprio iniciou. — Convenço-me, cada vez mais — informou-nos dr. Orlando — que ao lado de todos os tratamentos especializados para a cura da depressão, assim como de outros distúrbios de comportamento, o trabalho desempenha um papel terapêutico fundamental. O mesmo acreditamos, no que diz respeito à psicodança. Enquanto a mente do enfermo se encontrar direcionada para um objetivo saudável, desvinculando-se da ideia depressiva, irá regularizando a distonia e provocando uma positiva reação cerebral, face à imposição do pensamento bem direcionado, que agirá nos neurônios, favorecendo-lhes as sinapses em ritmo equilibrado. O trabalho é recurso muito valioso para fazer o tempo passar, informa a tradição

terrestre, mas, sobretudo, para que passe de maneira saudável e dignificadora, acentuamos nós. Felizmente, a praxiterapia vem sendo utilizada com propriedade, colhendo resultados positivos. “Quando o indivíduo se envolve com qualquer tipo de trabalho ou responsabilidade edificante, concentra-se na sua execução e mantém-se atento aos objetivos delineados. Naturalmente estimulados pela ação mental saudável, os neurônios produzem enzimas carregadas de energia que, à semelhança de fótons especializados, produzem harmonia vibratória nos neurotransmissores, proporcionando reequilíbrio. O mesmo milagre produz a oração. Como, porém, raros desses pacientes podem demorar-se concentrados na prece, na meditação ou nas leituras elevadas, porque entram em divagação pessimista, o trabalho e a dança, em razão do esforço físico para desempenhá-los, produz resposta mais direta e imediata. “Sempre quando atendia um cliente portador de distúrbio depressivo, após as recomendações terapêuticas acadêmicas, propunha-lhe qualquer tipo de laborterapia, a começar por quase insignificantes esforços no próprio lar, no jardim, na reparação de objetos ou móveis quebrados até os serviços de beneficência em favor da comunidade. Os resultados, apesar das permanentes negativas do mesmo em executá-los, explicando que lhe era quase impossível atender-me, redundavam sempre positivos. Renascia-lhe o interesse pela vida, o desejo de prosseguir, a diminuição da ansiedade, a autoconfiança, claro que lentamente. O importante era demonstrar-lhe as imensas possibilidades que lhe estavam à disposição e que, por momentos se encontravam adormecidas, aguardando somente o despertar da vontade e do esforço. “Como passo seguinte procurava identificar-lhe a confissão religiosa, a fim de estimulá-lo à crença em Deus, eliminando as propostas fanatizantes das diversas religiões, ensinando que o apoio divino nunca falta, e quando a criatura se entrega ao Criador, Ele corresponde-lhe com segurança e amor. Esse meu comportamento causava estranheza em muitas famílias, nas quais se encontravam os problemas depressivos, bem como entre os colegas, quase sempre aferrados a terrível convicção materialista. No entanto, a observância de tal procedimento terapêutico conferia-me estatística valiosa, quantitativa e qualitativamente, confirmando-me a sua excelência nos resultados favoráveis à recuperação da saúde.” Olhando-me com interesse, o novo amigo indagou-me: - Nas suas experiências com obsidiados na Terra, alguma vez sugeriu o trabalho como terapia libertadora? Recordando-me dos momentos valiosos vivenciados nas atividades desobsessivas, retruquei, sem qualquer dúvida: — Somos também de parecer que o trabalho é, realmente, um dos mais eficazes mecanismos de promoção do indivíduo. Jesus teve ocasião de acentuar, conforme anotado pelo evangelista

João, no capítulo 5, versículo 17: — “Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho”, demonstrando a alta significação desse procedimento. Não poucas vezes, estimulando os obsessos ao trabalho, eles reagiam justificando-se incapacidade de realizar alguma coisa de útil, ao que lhes objetava, informando que sempre se pode fazer algo, mínimo que seja, quando se tem interesse. E insistindo, conseguia auxiliá-los a sair da inércia, da autocompaixão, da frustração existencial ou da revolta neles instalada pela ação corrosiva da obsessão... “Quando a mente se desvincula de atividades enriquecedoras, o drama da obsessão se torna mais grave, porque a insistente ideia transmitida torna-se acolhida pelo enfermo, que passa ao diálogo desestruturador do comportamento. Quanto mais recua para o interior, vivenciando a conversação infeliz, mais poderosa se torna a indução do agente perseguidor.” [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 20)

“**As lutas recrudescem.** [...] Estávamos cooperando com os médiuns passistas, quando o nosso mentor foi procurado por uma senhora desencarnada em avançada idade, que vinha rogar socorro especial para o neto, naquele momento sendo orientado pelo atendente fraterno. Mentalmente convocados, seguimos os demais membros da equipe e acompanhamos o diálogo de um dos jovens depressivos, que também sofria constritora obsessão de uma entidade insensível e vingativa. O aspecto do desencarnado era repelente e permitia perceber-se que se encontrava em fase de transformação lupina... Acoplada ao jovem, perísprito a perísprito, beneficiava-se das suas energias, absorvendo-as por intermédio dos chacras genésico e cerebral, ao tempo em que o induzia à fuga pelo suicídio... Aturdido, sem equilibrada coordenação das ideias, com dificuldade e lentidão de pensamento, o paciente dizia-se infeliz, não sabendo o rumo a tomar, conforme narrava ao ouvinte atento. Encontrava-se sob tratamento psiquiátrico e as drogas que usava eram muito fortes, não conseguindo reverter o processo depressivo, ao tempo em que mais o perturbavam. Estava disposto a parar a terapêutica, porém, sentia ímpetos de atirar-se pela janela do apartamento em que morava num décimo piso, buscando a morte, que seria inevitável. - Nesse ínterim — explicou com dificuldade — a avozinha me apareceu em sonho, amparando-me. No dia imediato experimentei uma paz que já não recordava de haver sentido antes, mas logo depois voltaram as estranhas sensações e tornaram-se agudos os impulsos para o salto no vazio... Em casa, sou muito martirizado por meu pai — lamentou com voz trêmula — que me considera um demente e preguiçoso, o que mais me atormenta e assusta. Não fosse o apoio de minha mãe e já teria resolvido essa dificuldade... Parou a narrativa e deixou-se dominar pela emoção das lágrimas. Era jovem com menos de

25 anos de idade, apesar do desgaste que demonstrava, dando-lhe aparência de envelhecimento precoce. Inspirado pelo seu guia espiritual que demonstrava sentimento de compaixão pelo enfermo, o amigo ouvinte explicou-lhe: — Nem toda doença é, realmente, apenas doença. Conforme você ouviu na palestra, há pouco, todos provimos de existências anteriores nas quais nem sempre mantivemos uma conduta sóbria ou digna, prejudicando, pela nossa incúria, outras pessoas que não conseguiram perdoar-nos. A morte arrebato uns e outros, mantendo as consequências do seu comportamento escritas na consciência. Ao retornarmos à Terra para darmos continuidade ao processo evolutivo, defrontamos os gravames que seguiram conosco, agora, em forma de resgate, sofrimento, perturbação, especialmente provocados por aqueles que padeceram em nossas mãos ou graças a nós... Não poucos desses Espíritos, sedentos de vingança, vinculam-se-nos mentalmente e transmitem-nos os seus pensamentos negativos, desejando o nosso fracasso. A depressão é uma das formas pela qual a Divina Consciência ajusta os endividados morais, porque a culpa adormecida na consciência ressurgue, gerando conflitos e perturbando as neurocomunicações. Concomitantemente, porém, aqueles adversários investem furiosos contra a nossa fragilidade e agravam-nos o distúrbio, intoxicando-nos com as suas energias deletérias, com os seus pensamentos de ódio e, com o tempo, conseguem dominação quase absoluta sobre a nossa vontade. Torna-se necessário um grande esforço para nos desprendermos da situação desditosa, recuperando a lucidez mental e o interesse pela vida. Você fez muito bem em vir até nós, e acredito que haja sido a sua avó generosa quem o inspirou a essa tomada de decisão. Não desanime, porquanto agora começa uma fase nova e feliz na sua atual existência. Mediante a terapia pelos passes, as instruções que absorverá nas palestras públicas e o seu esforço mental, você conseguirá libertar-se da constrição afligente do perseguidor e dos impulsos que o empurram para o suicídio... Se resolvesse o problema, o suicídio seria uma forma de libertar-se do mesmo. No entanto, porque a vida prossegue, aquele que foge das aflições dessa forma, as reencontrará no Além-túmulo ampliadas, somando-se às dores impostas pelo gesto de covardia. Recorra à oração, às leituras edificantes, de forma que o seu pensamento abandone o pessimismo e passe a cultivar a esperança e a alegria existencial, assim contribuindo para a normalização das neurocomunicações, graças, também, aos medicamentos que irão cooperar em favor do seu reequilíbrio. Passe à sala de passes, beneficiando-se, desde já, e re programe a sua existência. Você somente poderá ser ajudado se resolver por ajudar-se, oferecendo a sua parte, que é indispensável, nesse processo muito complicado. Revelando melhor

ânimo, o jovem levantou-se e retornou ao recinto onde estivera antes. Um médium solícito acercou-se-lhe e aplicou-lhe passes com vibrações de saúde e paz. Por nossa vez, o mentor também contribuiu com a sua energia poderosa, praticamente anestesiando o acompanhante desencarnado, sandeu e cínico, que zombava da sua vítima... Ato contínuo, Dr. Bezerra afirmou à avozinha confiante que, ainda, naquela noite, o neto seria convenientemente atendido, além do auxílio que acabara de auferir. O jovem, que se apresentara antes quase vencido, renovou-se, experimentou a esperança de conseguir a cura, e assessorado pela avó saiu refletindo de maneira diferente a respeito do problema que o angustiava. Quando a verdadeira solidariedade viger entre as criaturas humanas e todas se recordarem de que o bem-estar de um membro redundará na alegria de todos, mudar-se-ão os quadros do sofrimento, em razão do auxílio recíproco que predominará, vencendo o egoísmo e as paixões primárias responsáveis pelos desastres morais e espirituais que assolam a Terra. A missão do Espiritismo é a de conduzir as consciências aos irreprocháveis cultos do dever, tendo o amor como diretriz segura e insubstituível, o que não implica aceitação dos disparates apresentados pelos insanos, mas coragem para divulgar e viver o bem em todas e quaisquer situações, trabalhando-se pela ordem e pelo progresso, tanto individual quanto coletivo. Mais tarde, quando as tarefas convencionais da instituição foram encerradas, o nosso benfeitor convidou-nos e, ante a aquiescência do generoso Hermano, programou o trabalho de socorro ao jovem depressivo e obsidiado. [...] Raimundo acompanhava todo o acontecimento sem o entender, quando Dr. Bezerra, tomando-lhe as mãos, explicou-lhe, suavemente: - Hoje tem início um diferente amanhecer em tua existência. Toda dor, por mais se prolongue, alcança o momento de cessar... Isto porque o amor é a lei que vige soberana em todo o Universo. Recomeça o caminho e ama, procurando reabilitar-te dos gravames do passado que te seguem como torpe sombra. Enfrentarás, ainda, por algum tempo, o transtorno depressivo a que fazes jus, tendo ocasião de meditar na dimensão dos antigos desmandos e considerar as grandiosas messes de que podes dispor para auto iluminar-te e servir a sociedade. Deste contato conosco terás uma ideia pálida ao despertar, porém todas as ocorrências estarão arquivadas no teu inconsciente, a fim de que a tentação da prepotência e do crime não mais encontre guarida

nos teus sentimentos. Que o Senhor de bênçãos te favoreça com a Sua misericórdia e paz! Ato contínuo, induziu-o ao sono e propôs que fosse levado de retorno ao lar, o que aconteceu, de imediato, pelos cooperadores dedicados.” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 12)

VII.8. Pedofilia (Transtorno Pedofílico)¹⁶

“O poder da oração. [...] Explicou-nos o condutor da empresa que, inicialmente, iríamos atender a um jovem sacerdote que se encontrava em momento muito grave da sua existência, lutando com tenacidade contra as tendências infelizes do passado, que o assaltavam agora com pertinaz incidência. Embora forjado em sentimentos humanitários e cristãos, perdia lentamente as forças na imensa pugna travada contra as más inclinações que lhe predominavam no íntimo e porque também estava sob indução espiritual perversa e perigosa. Quando chegamos ao local em que deveríamos iniciar as atividades socorristas, encontramos um jovem religioso mergulhado em terrível conflito interior. Não obstante se encontrasse ajoelhado, orando em desespero, o seu pensamento turbilhonado, exteriorizava imagens atormentadoras de que se desejava libertar. Aparentava trinta anos de idade, era portador de boa constituição orgânica e apresentava-se com harmonia física e mesmo alguma beleza nos traços que lhe delineavam a face. Acercando-me, ouvi o Benfeitor sugerir que lhe penetrasse o campo mental, de modo a registrar os seus apelos aflitivos, inteirando-me do conflito que o assaltava, levando-o a inevitável desesperação. As emanções mentais eram carregadas de imagens infantis escabrosas e cenas de perversão sexual com crianças nos seus aspectos mais chocantes. Entre sombras densas, que lhe dominavam as reflexões, destacavam-se a promiscuidade sadomasoquista e aberrações outras que o pareciam satisfazer ao tempo que o afligiam de maneira especial. Percebendo-me a perplexidade, o irmão Anacleto veio em minha ajuda, elucidando-me: – O nosso Mauro é um jovem que buscou a Religião sem qualquer inclinação legítima, tentando fugir dos tormentos que o sitiavam desde a adolescência. Sentindo-se dominado pelo desvario das tendências sexuais infelizes procurou refúgio na Religião, na qual poderia esconder-se e deter os desejos infrenes que o aturdem, buscando o Seminário onde pensava disciplinar os instintos e corrigir as más inclinações. Infelizmente, não foi bem-sucedido, porquanto,

16 Segundo o DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - 5th edition, published by the American Psychiatric Association), a “Pedofilia” é definida como “Transtorno Pedofílico” (incluída no capítulo “Transtornos Parafílicos”), caracterizando-se por fantasias sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos intensos e recorrentes envolvendo atividade sexual com criança ou crianças pré-púberes (em geral, 13 anos ou menos), por um período de pelo menos seis meses, em indivíduos maiores de 16 anos de idade e pelo menos cinco anos mais velho que a criança ou as crianças. (Nota do Autor)

no lugar onde esperava encontrar paz e orientação, defrontou-se com diversos companheiros portadores de desequilíbrios equivalentes, que também buscavam a fuga ao invés do enfrentamento no século, resvalando, a pouco e pouco, para comportamentos esdrúxulos e insanos. Silenciou por um pouco, e logo prosseguiu: – Concluindo o curso, e sendo ordenado sacerdote, a princípio tentou manter-se distante dos hábitos doentios, procurando exercer o ministério com atitudes saudáveis. Todavia, lentamente o cerco das paixões se fez inexorável, e no contato com alguns veículos de informação, especialmente a televisão, foi-lhe quase impossível deixar de anestesiá-lo outra vez pelas sensações grosseiras dos desejos incoercíveis. Foi-se permitindo arrastar pelos programas vulgares, recheados de paixões e vilanias, embriagando-se com as cenas portadoras de obscenidades e aberrações, passando à convivência mental com outros insensatos e enfermos morais, utilizando-se de fotografias para prosseguir no tormento que ora o despedaça interiormente. Ante a pausa natural, que me pareceu oportuna, ensejou-me interrogá-lo, o que fiz naturalmente. – Pude perceber – acentuei, surpreso – que o seu drama íntimo envolve crianças e alguns jovens imaturos, que se rebolcam nas suas paisagens mentais entre sombras e cenas de hedionda qualidade. Qual a razão dessas manifestações do seu pensamento atormentado? Generoso e sábio, o amigo explicou: – O drama do nosso paciente tem suas raízes na pedofilia, desequilíbrio moral e sexual, hoje muito difundido pelos infelizes vendedores de sexo, a prejuízo da saúde e da dignidade de inúmeros psicopatas e perversos. Saturados pelos excessos sexuais que se permitem, procuram novas experiências aberrantes e cruéis, utilizando-se de crianças indefesas e ingênuas para o triste mercado das suas vilezas. “Por outro lado, pais inescrupulosos e de conduta esquizofrênica, igualmente ambiciosos e cruéis, alugam seus filhos para o comércio ignóbil, no qual adultos totalmente inescrupulosos e destituídos de sentimentos dignos, delas se utilizam para dar vaza às suas tendências mórbidas, esfacelando essas vidas em floração, que se estiolam, desde cedo, tornando-se, aquelas que sobrevivem, cínicas e depravadas, sem nenhum objetivo existencial, exceto a luxúria para ganhar dinheiro e manter o vício, logo derrapando no uso das drogas alucinantes e destruidoras. “O nosso Mauro encontra-se envolvido com uma gangue pornográfica que lhe exige mais crianças para o comércio desnaturado, considerando-se a facilidade de que ele dispõe no convívio infantil, face à sua condição de religioso... Igualmente viciado, instalou um pequeno estúdio no qual fotografa e grava cenas horríveis com desprevenidas vítimas que arrebanha, a princípio iludindo-as com guloseimas e pequenos presentes, para depois viciá-las e utilizá-las

abertamente no mercado da crueldade.” Novamente silenciou, como a concatenar informações preciosas, para prosseguir de imediato: – Vinculado a terrível Organização espiritual jesuítica do passado, quando cometeu arbitrariedades contra criaturas tidas como inimigas e silvícolas que lhes tombaram nas garras ignóbeis, que deveriam evangelizar, ainda não conseguiu libertar-se desses comparsas, que hoje prosseguem inspirando-o na situação calamitosa em que se encontra. Outrossim, em razão de arbitrariedades morais cometidas no século XIX, experimenta o atual tormento. Entretanto, inspirado pela genitora desencarnada, que o acompanha com imenso sofrimento, nos últimos tempos, percebendo o abismo cada vez mais devorador que o traga, vem recorrendo à oração, pedindo misericórdia e ajuda, por não mais suportar a própria insânia. A fé ingênua da infância, que o cinismo do comportamento tisnou, vem-lhe retornando à mente, de forma que, tomado de sincero desejo de ter diminuídas as angústias, cada dia mais sincera se lhe torna a súplica, que chegou até aos nossos Centros de Comunicação Oracional, graças a cuja diretriz aqui nos encontramos. Sempre ávido de conhecimentos, utilizei-me do novo ensejo para interrogar: – Reconhecendo-se a deficiência de comportamento do nosso paciente, os seus graves delitos pretéritos, poderemos considerar os conflitos sexuais do momento como efeitos da conduta infeliz de outrora ou como uma obsessão, já que não identifico qualquer Entidade específica a sua volta? Exteriorizando bondade e paciência, o Instrutor esclareceu: – Estamos diante de uma resposta da Vida aos atos clamorosos perpetrados anteriormente pelo nosso amigo. É natural que, havendo desconsiderado as Leis que estabelecem o respeito, o amor e o dever para com o próximo, hoje sofra os conflitos e as perturbações que lhe constituem mecanismo de depuração dos gravames cometidos. Ao mesmo tempo, algumas das suas vítimas cercam-no de vibrações deletérias e odientas, inspirando-o nas tendências doentias, a fim de mais o afligirem, ao tempo em que o alucinam e o estarrecem ante os próprios absurdos gerados pela mente em desalinho. Sempre há cobrador, quando existe devedor na pauta dos processos atuais de evolução do planeta terrestre e dos seus habitantes. Examinando com atenção o enfermo que orava em desespero, estorcegendo-se na consciência culpada pelos excessos cometidos e quase arrancando os cabelos em ato de deplorável inconsciência, o Orientador concluiu: – Os seus adversários espirituais encharcam-no de ideias pervertidas e desejos lúbricos insaciáveis, desvairando-o. Fixando-se-lhe nos painéis mentais, telecomandam-no a distância, e quando se desprende pelo sono físico é atraído ou arrebatado para os sítios de vergonha e de depravação, nos quais mais se

acentuam os desbordamentos da paixão insana. Naquele momento vimos acercar-se do jovem sacerdote um Espírito de aspecto feroz e asselvajado, com muitas anomalias na forma em que se apresentava, que o examinou detidamente e, após gargalhar zombeteiro, esgarneceu-o com palavras vulgares, em razão do anseio da vítima em buscar libertar-se do cerco em que se debatia através da oração. Ouvimo-lo, então, exclamar, exprobrando-o: – Por que buscas Deus, miserável, em nome de Quem te escondes para dares prosseguimento aos teus anseios degenerados? Pensas que Ele te atenderá ou socorrerá àqueles aos quais mutilas moralmente e infelicitas? Quanto cinismo! Orar, como se a prece te pudesse ajudar nesta conjuntura, senão para encontrares mais gado para o nosso matadouro! Mudemos de atitude e vamos ao prazer. Assumindo uma posição de sicário ergueu um chicote que trazia numa das mãos e aplicou sibilante golpe nas costas do desesperado. Naquela postura de desequilíbrio, as palavras desconexas que exteriorizava não mais constituíam uma prece, mas refletiam o estado de perturbação que se lhe vinha sendo quase habitual, embora a intenção inicial fosse de encontrar paz e a libertação do drama excruciante. O jovem padre experimentou uma estranha sensação e, à medida que os golpes se repetiram, enquanto o adversário o fixava no chakra coronário com olhos em brasas, expressando o ódio que o acometia, foi-se-lhe acentuando a percepção e, logo depois de alguns breves minutos, passou a sentir o acicatar das dores que aumentavam enquanto o chicote repetia os golpes, atirando-se, por inteiro, no solo, entrando em delírio de torpeza sexual, no qual se misturavam gemidos e gritos surdos, sob o delirar da mente excitada pelos clichês vulgares que lhe eram habituais. Entrando em exaustão, cessada a aplicação da sova inusitada, estertorou por um pouco, e entrou em pesado sono agitado, até que se libertou do corpo envolto em densa névoa escura, sendo surpreendido pelo algoz que o segurou com vigor, arrastando-o do recinto com grosseria. O corpo tombado continuava com leves estremecimentos e uma baba pegajosa escorria-lhe da boca retorcida como se houvesse sido acometido por uma crise epileptiforme. [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 2)

“**O drama da obsessão na infância.** Logo que foi possível, acorremos à Casa paroquial onde residia Mauro, a fim de acompanharmos o seu despertar no corpo físico. O jovem teve dificuldade de reassumir as funções mentais coordenadas. Terrível torpor assomara-lhe à consciência, dificultando-lhe o raciocínio lúcido. Dores musculares mortificavam-no, espalhadas por todo o corpo, enquanto expressiva debilidade orgânica se lhe apresentava dominadora. Exalava fluidos deletérios através da expiração ao tempo em que se encontrava envolvido nos chakras coronário,

cerebral e genésico por densa energia que se evolava pastosa a princípio, desvanecendo-se paulatinamente. Quase cambaleante buscou a ducha com água fria e banhou-se, tentando recuperar-se, o que de certo modo conseguiu parcialmente. Logo após, sentando-se na cama, começou a refletir e coordenar as ideias, que lhe traziam à memória as terríveis lembranças das cenas bestiais da noite, que passou a considerar como registros do inconsciente sobre algo terrível que não conseguia compreender plenamente. O pesadelo assustou-o, quase o levando a um choque nervoso, por identificar a perigosa trilha que percorria, conduzindo-o a delírios exorbitantes qual o vivenciado fazia pouco. [...] Mauro havia terminado a refeição frugal, sem haver superado totalmente o mal-estar que o acometia. A mente continuava tomada por interrogações perturbadoras, o peito arfava sob peculiar fardo de sentimentos desconstruídos, e a consciência de culpa acoimava-o sem piedade. Cabia-lhe seguir ao Educandário onde lecionava a crianças. Normalmente, o pedófilo, a fim de ocultar os seus conflitos e tormentos sexuais, procura atividades respeitáveis que o ponham em contato com as suas futuras vítimas, de forma que não provoquem suspeitas em torno do seu comportamento. A própria perturbação torna-os muito hábeis na arte da dissimulação, apresentando-os como pessoas gentis e dedicadas, compreensivas e bondosas, que conquistam os incautos. A camuflagem abre-lhes as possibilidades para os intentos infelizes que quase sempre se coroam de êxito temporário... Por outro lado, pais invigilantes permitem que os seus filhos se relacionem com adultos desconhecidos, demasiadamente generosos, permitindo-lhes convivência não acompanhada, que resulta em descalabro e perturbação. Isso, quando alguns dos genitores, igualmente desequilibrados, não se fazem os exploradores perversos da prole, que submetem aos caprichos degenerados da sua personalidade psicopata. Há muito ainda para se aprender, debater e vigiar, em torno dos relacionamentos de adultos malvados com crianças inocentes e desprevenidas. Chegando à Escola, alguns colegas notaram a palidez quase mortal do professor, e comentaram-na, havendo recebido explicação de distúrbio gástrico que justificava o estado de indisposição assinalado. A alacridade infantil, a movimentação dos alunos na direção das salas de aula, produziram peculiar sensação no sacerdote que se sentiu estimulado, mudando de atitude mental e de disposição orgânica. Parecia alimentar-se da vibração musical e da presença da infância. Era um dia fascinante de luz e tudo respirava alegria. A natureza em festa e a algazarra das crianças renovavam as forças debilitadas do jovem sacerdote. Subitamente, porém, se lhe tisonou o júbilo ante a chegada de um menino de oito anos, aproximadamente, que se lhe acercou, sorridente e inundado

de encantamento. A mente de Mauro recuou à própria infância e foi assaltada pela presença grosseira do genitor, que o acariciava e abusava da sua inocência, há algum tempo. Sem poder fugir às cenas interiores que o afligiam, desencadeadas pelo pequeno que lhe tocou a mão, beijando-a carinhosamente, ele se reviu no flagício que lhe fora imposto pelo pai desnaturado, começando a transpirar e a sentir disritmia cardíaca. Sem nada perceber, o juvenzinho dizia-lhe palavras de ternura e de alegria por havê-lo reencontrado, o que mais o afligia, pois que os clichês mentais perversos eram liberados ante esses estímulos, levando-o quase a um transtorno emocional. Tentando manter-se equilibrado, soltou a sua da mão do pequeno, e sorriu canhestramente, pedindo-lhe que o procurasse em outro momento, durante o intervalo para a merenda. A criança disparou na direção de outro grupo infantil enquanto ele buscou abrigo sob generosa copa de árvore, para recobrar a serenidade. No entanto, a imagem do pai continuou assaltando-o, e um estranho sentimento de ódio dominou-o por completo. Conjeturou interiormente, que fora o inditoso genitor quem o iniciara no tormento sexual que ora se lhe transformara em cravo perfurante nas carnes da alma, revolvendo-as quase sem cessar, levando-o ao não ignorado crime a que se entregava em busca de prazeres da sensualidade pervertida. Ademais, pensava que era o caminho para a alucinação, porque sempre saía das infelizes experiências sem alegria, dominado pela culpa, exaurido de energias valiosas que tinha dificuldade em recuperar. Ignorando totalmente a parasitose da obsessão de que também era vítima, não podia raciocinar com clareza e encontrar uma explicação capaz de acalmá-lo, acreditando-se ser um verdadeiro monstro, face ao descalabro a que se entregava. Nesse momento, o irmão Anacleto aproximou-se-lhe e aplicou-lhe energias restauradoras do equilíbrio, considerando que, naquele momento, as suas eram disposições de luta, de renovação e de busca do equilíbrio perdido. Sentindo-se renovar, respirou aliviado, e adentrou-se no Educandário. Saudado cordialmente pelos colegas de magistério, não mais deixava transparecer o conflito em que se debatia minutos antes.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 4)

“Conflito obsessivo. Ao adentrar-nos no recinto, deparamo-nos com uma cena dolorosamente chocante. A delicada criança que saudara o sacerdote, havia poucas horas, encontrava-se sentada sobre os seus joelhos, enquanto, emocionado e aturdido, o inditoso sedutor acariciava-a, falando-lhe palavras iníquas, que não eram alcançadas pela mente infantil. Revendo-se, de alguma forma, sendo seduzido pelo próprio pai enfermo, começou a sentir-se estimulado e a perder o controle. A mente em desalinho disparava ondas de energia mórbida que logo atraíram o

sequaz desencarnado da véspera, que se lhe acercou truculento e vil, acoplando-se-lhe ao chakra coronário e imantando-se ao paciente a partir do hipotálamo e descendo pela medula espinhal... O espetáculo tinha características truanescas, escandalosas, e a sala, com as cortinas cerradas num ambiente de semiobscuridade, facilitava a ocorrência absurda. A criança, totalmente seduzida, sem noção da gravidade do ato vil que iria suceder, sorria ante as carícias do adulto, agora teleguiado pelo seu terrível obsessor, comprazendo-se os dois no intercâmbio fisiopsíquico, que lhes facultava o recrudescer das paixões mais primitivas. Lentamente, o bafio pestilencial de ambos passou a envolver o menino, que não podia suspeitar da trama sórdida, quando se adentrou na sala a mãezinha desencarnada do pedófilo que, em lágrimas, solicitou a Anacleto que interferisse antes da execução de mais um crime. O venerando amigo, compreendendo a gravidade do momento e dando-se conta da necessidade de uma terapia de emergência, cujos resultados fossem capazes de frear futuras crueldades, retirou-se do recinto e trouxe, telementalizada, a diretora do Estabelecimento que, estranhando o silêncio no ambiente e a porta cerrada, solicitou a uma auxiliar a chave mestra, com a qual, abrindo-a, surpreendeu o obsessor, segundos antes da prática do atentado ao pudor. Tomada de espanto, e gritando, fez com que o indigitado parasite, trêmulo, procurando apresentar escusas para o ato vergonhoso, enquanto o obsessor, colérico e odiento, tentou agredir a mestra que, amparada por Anacleto e captando-lhe o pensamento, conseguiu dominar-se, libertando a criança das garras do desequilibrado, e impondo-lhe com severidade: – O assunto será tratado conforme convém em momento próprio. O senhor retire-se da Escola, por favor, imediatamente! Tartamudeando, Mauro procurou justificar-se, elucidando que não havia nada além de um mal-entendido, já que ele e a criança eram muito afins, e não via motivo algum que, em verdade, justificasse a encenação do escândalo. A senhora, visivelmente perturbada, segurou a criança no braço com energia, e, embora pálida, manteve a atitude de advertência, solicitando-lhe o afastamento imediato daquele lugar. A providência radical operada pelo Mentor fora a única maneira de deter a onda de crueldades que o sacerdote vinha praticando. Atônito e envergonhado, Mauro afastou-se, quase cambaleante, sem forças para prosseguir na própria defesa, face às evidências da sua conduta reprochável e cruel. Logo se afastou do Educandário, saiu, quase a correr, como se desejasse fugir de si mesmo. Convidado pelo Mentor, acompanhamo-lo, a fim de que fosse evitado outro tipo de crime, que seria o suicídio, já que o indigitado obsessor, induzia-o à fuga da realidade, cuja trama o subjugaria por tempo indeterminado na sua região espiritual de obscenidades inimagináveis.

[...] Chegando à Casa paroquial, Mauro atirou-se sobre a cama e começou a soluçar, quase convulsionando, enquanto era inspirado ao autocídio pelo seu inimigo soez. Tremia como varas verdes e batia a cabeça na parede como se desejasse arreventá-la, a fim de ver-se livre da pressão cruel de que se sentia objeto. Quase ardia em febre emocional que irrompera após o choque traumático... A genitora desencarnada pôs-se a suplicar a misericórdia do Pai Todo Amor para o Seu filho doente, reconhecendo a gravidade do delito, porém, aguardando, senão o perdão, pelo menos uma nova oportunidade para a reparação dos dislates que vinham sendo praticados. O irmão Anacleto acercou-se do infeliz e começou a aplicar-lhe a bioenergia no chakra coronário, desligando o obsessor, que se afastou ruidosamente, blasfemando e ameaçando com impérios nova urdidura de vingança, ao tempo em que diminuía a capacidade de raciocínio e alucinação do atormentado jovem. Prosseguiu na ação fluídica, agora distendendo-lhe energias relaxantes, que lhe diminuíssem a rigidez nervosa, a fim de o adormecer, retirando-o momentaneamente do casulo físico, de modo a prepará-lo para o enfrentamento das consequências que a sua sandice havia provocado.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 5)

“Conflito obsessivo. [...] Não demorou muito e Mauro desprende-se parcialmente do corpo, sendo carinhosamente recebido pela genitora e por nós outros. Estavam estampados no seu rosto o horror e a vergonha, o desespero e o medo, não entendendo o que acontecia naquele momento. Reconhecendo a mãezinha enternecida, atirou-se-lhe aos braços, qual criança assustada que busca apoio, e entregou-se às lágrimas de dor e angústia que lhe explodiam do peito. A nobre senhora procurou acalmá-lo com palavras de ternura impregnadas de dúbido amor, enquanto o infeliz se maldizia, acusando o genitor que o desgraçara emocionalmente. – Não acuses o teu pai – propôs a Entidade gentil – procurando justificar um erro através de outro. Sem dúvida, a conduta do teu desditado genitor é perversa e infame, no entanto isso não se faz argumento para que te atires pela mesma rampa da alucinação, destruindo a esperança e a pureza de outras vidas que chegam ao teu regaço, buscando orientação e apoio. A fé religiosa que elegeste é filha do Calvário, havendo nascido dos lábios e da conduta de Jesus, quando preconizou o amor e a caridade, as bem-aventuranças e a misericórdia, nunca um valha-couto para que nele se homiziassem destruidores de existências infantis, que necessitam de exemplos de dignidade e honradez, para prosseguirem pela senda evolutiva. Parecendo coordenar as ideias, igualmente aflita como se encontrava, prosseguiu, severa, embora sem censura: – Como pudeste, filho amado, utilizar das tuas forças mentais e físicas para perturbar e

desorganizar projetos espirituais materializados em vidas, que são encaminhados para os teus sentimentos? Onde colocaste o raciocínio e os valores morais, para perderes completamente a dignidade e desceres ao abismo das aberrações, utilizando-te dessas flores ainda não desabrochadas, que são as crianças? Como podes alucinar-te ante elas e feri-las mortalmente, a fim de dares vazão aos teus vícios e perplexidades? Onde tens colocado Deus e Seu filho Jesus? Como conseguiste expulsá-los da mente e do sentimento? – Sou um monstro, mamãe – gritou, estorcegendo-se – que não merece sequer misericórdia, quanto mais o perdão. Não nego que conheço a gravidade do meu delito e que me debato na prece, procurando amenizar a volúpia insana que me toma com frequência. Mas não consigo libertar-me da sede maldita. Sinto-me arrastar cada dia para a parte mais profunda do abismo, sem esperança de retorno, asfixiando-me com sofreguidão no pântano a que me arrojo. [...] Esse estigma te segue, desde há muito, quando te entregaste a desmandos e desvarios sexuais, em ocasião que desfrutavas do poder transitório no mundo terrestre. Iremos fazer-te recordar algumas das cenas mais fortes que ficaram gravadas em teu mundo íntimo, e de onde procedem os males atuais que te aturdem. Repousa... O corpo de Mauro se encontrava em sono profundo, enquanto, em espírito, era também adormecido, a fim de que a sua memória liberasse algumas lembranças anestesiadas pelos neurônios cerebrais e seus neuropeptídios. Com a voz muito calma, em cadência harmônica, o Instrutor impunha o repouso profundo ao paciente: – Recorda, agora recorda o início do século XIX; volta à Paris napoleônica, retorna à Mansão de M., às orgias comandadas por Madame X... Observa o bosque em torno da casa palaciana e acompanha as festas de exaustão dos sentidos, a embriaguez pelo álcool, pelo absinto, pela luxúria esfuziante e depravada... Madame X comanda o espetáculo, em razão dos seus vínculos obscenos e extravagantes com o palácio das Tulherias, a mansão de Malmaison e alguns dos seus famosos políticos e parasitas sociais... O nobre Amigo espiritual sugeriu-nos que nos concentrássemos no centro da memória do paciente e acompanhássemos o desenrolar dos fatos. À medida que lhe ia enunciando o lugar e seus acontecimentos, o rosto de Mauro se modificava, assumindo outras características, agora femininas e vulgares. Vagarosamente plasmavam-se nos delicados tecidos perispirituais as formas e a aparência anteriores, quando, utilizando-se de verbetes e versos fesceninos, o paciente sob hipnose voltou ao lupanar onde vivia e comandava a orgia desenfreada. Entre as ordens que seus lábios expediam, assinalava-se a hedionda imposição da necessidade de crianças para os banquetes da loucura desenfreada, de psicopatas e de histéricas para os histriões e viciados que, à

semelhança de animais no cio, se atiravam uns sobre os outros locupletando-se em aberrações de muitos gêneros sob o comando compassivo da proprietária, igualmente debochada. Num desses momentos, um laicaio apresentou-lhe uma criança de oito anos que fora tomada quase à força do pai devotado e trabalhador, que residia na periferia da cidade, e que se encontrava à porta, desejando falar-lhe, suplicar-lhe a libertação da presa valiosa. A infeliz mulher mandou-o entrar e, sem delongas nem pudor, propôs ao genitor aturdido a compra do seu filho, atirando-lhe um saco de moedas de ouro que, recusadas, conduziram-no a um quase delírio de ódio, ameaçando-a com palavras chulas de vingança pelo descalbro de roubar-lhe o filho... Expulso, sem piedade, e sem ter a quem queixar-se, o desditoso, em pranto e alucinado, desapareceu na noite, ruminando o desforço ante a tragédia que se abateu sobre o seu lar. – Reconheces, Mauro – interrogou o Mentor – esse homem que vitimaste com a tua crueldade e desabrida falta de moral? Reencarnou-se como teu genitor, e não te havendo perdoado, sem mesmo saber a procedência dos sentimentos ambíguos que mantinha em relação a ti, tornou-se o teu algoz infantil, o cruel explorador das tuas forças e pureza. Desditoso, sim, continua, porque ninguém tem o direito de fazer justiça com a própria indignidade, pois que as Leis Soberanas da Vida sempre buscam o calceta e o alcançam, levando-o à reparação. O ódio, porém, semeia venenos que são absorvidos, intoxicando aqueles que o conservam. Houve um silêncio de perplexidade. Mauro/Madame X, comoveu-se e estertorou. Anacleto, porém, prosseguiu: – Conservas uma herança infeliz daqueles dias passados em desrespeito à Vida. A misericórdia do Pai Criador trouxe-te de volta ao corpo, a fim de reparares, encarcerado em corpo diferente, e para que não resvalasses pela borda de novos crimes, porém como filho daquele a quem infelicitaste, para experimentares o licor amargo da recuperação moral. Isso, entretanto, não justifica o desbordamento das paixões a que te vens atirando, afogando-te no trágico pantanal de lascívia e perversão. O paciente sofria ante as cenas que ressumavam do inconsciente, e que conseguíamos acompanhar na sucessão de suas tragédias. Repentinamente, vimos um poderoso membro do Império napoleônico acercar-se da grandiosa mansão com o seu séquito, e manter entrevista com Madame X. – Necessitava – expunha, diabólico, logo que foi recebido – de carne moça, muito jovem, sem experiência, a fim de ser-lhe o iniciador... Madame, besuntada de tintas escarlates na face envilecida, não teve dificuldade em atender a hórrida solicitação, mandando trazer-lhe a criança recém-chegada ao bordel de luxo, após o que entregou-a ao psicopata que, cansado de batalhas cruéis e de excessos de perversão, aspirava por prazeres novos ainda não

desfrutados à exaustão. O menino, apavorado, conduzido à força, foi entregue ao militar desnaturado, que o levou com a sua corte igualmente insensata... A voz do Benfeitor fez-se ouvir, interrogativa: – Sabes quem é este ser? Consegues identificá-lo hoje? Dir-te-ei que o mesmo, ao largo dos anos, adaptou-se à situação, mantendo terrível ódio contra ti. Na idade adulta, tornando-se corrompido ao máximo, nunca esqueceu a cena em que o pai desesperado recusou a oferta de ouro pela sua inocência e a tua perversidade empurrou-o para o lixo e o apodrecimento moral a que foi relegado. A morte, que a todos recolhe, tomou-vos a todos, e a Vida voltou a reunir-vos no momento próprio, a fim de que recupereis os tesouros atirados fora e as oportunidades perdidas. Sabes de quem se trata? O sacerdote, incapaz de responder com segurança na aflição que o dominava, facultou que o Mentor concluísse: – É o algoz que ora te arrebatou e te conduz ao abismo sórdido da cidade do deboche onde reside com outros comensais dos prazeres exorbitantes e exaustivos do sexo pervertido. Manténs com ele identificação vibratória que lhe faculta o domínio das tuas forças mentais, saturando-te de fluidos venenosos e desordenados desejos de prazeres não saciáveis. Após uma curta pausa, voltou a propor com energia e bondade: – Agora, desperta, volta à consciência lúcida atual. Volta... Acorda... Confia e tranquiliza-te... O Espírito estremeceu, desapareceram-lhe as marcas da reencarnação anterior e ele abriu os olhos, angustiado, inseguro, temeroso. – Tem bom ânimo, meu irmão – acalmou-o o nobre Anacleto. Estás agora entre amigos e companheiros do caminho, que te desejamos o bem, a felicidade, o despertar para a vida, a fim de que esse tormento e esse capítulo hediondo da tua existência cedam lugar a novas experiências iluminativas, libertadoras. Voltarás ao corpo físico mantendo vagas lembranças destas ocorrências, que estarão presentes em tua memória atual, a fim de ajudar-te a enfrentar as consequências da conduta atroz a que te relegaste. Nunca, porém, esqueças de Jesus. Abraças uma doutrina religiosa que consagrou santos e heróis, mártires e benfeitores da Humanidade, na qual também tiveram lugar homens e mulheres temerários, que respondem por crimes contra a criatura e a sociedade, mas que te poderá conduzir à paz, se souberes aceitar as injunções que desencadeaste contra ti mesmo e que logo mais te chamarão ao acerto de contas. A genitora abraçou-o com especial ternura, despedindo-se e acalmando-o com palavras tecidas em fios de esperança e fé em Deus, auxiliando-o a reintegrar-se ao corpo, que ressonava um pouco agitado, pelos reflexos dos acontecimentos revividos na esfera espiritual. A seguir, vimos Mauro despertar, sentindo-se muito cansado e confuso. Levantou-se, banhou o rosto em água fria, absorveu o ar da manhã em festa, aproximando-se do

meio-dia, e voltou à meditação, sucumbindo sob os camartelos dos receios que o dominavam.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 5)

“Programações abençoadas. [...] Retornando ao seu lugar, a mestra permaneceu quieta, quando o Mentor deu continuidade à reunião, agora dirigindo-se a Mauro: – Não ignoras a extensão do teu erro, e desde há muito vens tentando cicatrizar a chaga moral que te dilacera interiormente, fazendo-te decompor em espírito. Reconheces que se trata de um crime grave, no qual ocultavas as tuas aflições, justificadas pelo que a ti mesmo acontecera na infância... As raízes, porém, desses erros, agora sabes que estão no teu passado espiritual, assinalado pelo deboche e pelo desrespeito a outras vidas. Ninguém atinge esse patamar de miséria sem que não haja transitado pelos pântanos das paixões sórdidas e asfixiantes. Agora, no entanto, importem-nos os novos rumos que deverás imprimir à tua existência. Necessitas de tratamento especializado e de um expressivo afastamento das tuas obrigações sacerdotais, demorado estudo de ti mesmo e reeducação dos hábitos, começando pelos mentais. Os devaneios que vitalizas através das imagens que intercambias sob pseudônimo com outros doentes morais, devem ser imediatamente interrompidos, pois que eles trazem uma alta carga de sensações perturbadoras que se te fixam nos painéis da mente, mais atordoando-te, mais excitando-te. Severas medidas disciplinantes deverás impor-te, para que possas reparar as vidas dilaceradas mediante as que, futuramente, serão dignificadas. “Ao despertares terás uma nítida lembrança, quanto possível, destes acontecimentos de que participas, de modo que um novo programa te será delineado e deverás segui-lo com os olhos postos no amanhã feliz. Somente o bem incessante te constituirá refúgio e garantia de saúde moral sob as bênçãos de Jesus, o Herói silencioso de todos os momentos. Não temas, nem te permitas novos pesadelos de horror.” [...] O nobre Anacleto deixara claro que, desde os dias do corpo físico, no mundo, se houvera dedicado à sexologia, de cuja tarefa se desincumbira com elevada folha de serviços prestados aos enfermos e a outros portadores de distúrbio na área genésica. Por isso mesmo, prosseguia afeiçoado ao mister de atendimento aos infelizes que tombaram nas paixões mais grosseiras do sexo enfermo, havendo sido designado por Estância Superior para a tarefa na qual nos encontrávamos investidos. [...] – Ninguém foge das Leis de Deus que vigem em toda parte e que estão escritas na consciência de todos nós. O nosso irmão não fugirá de si mesmo, das cenas escabrosas que se permitiu, do remorso que o dominará por largo período. Isso, porém, somente sucederá mais tarde, quando, desperto e disposto ao resgate, começar o período de refazimento. A punição divina ao pecado mortal nunca se faz de maneira destrutiva

do pecador, mas de forma que o edifique, convidando-o a reparar todos os danos perpetrados, mediante ações dignificantes e restauradoras do equilíbrio. Por isso mesmo, é-nos a todos muito difícil o julgamento correto, por desconhecimento das causas profundas e a modesta percepção do todo no acontecimento, que somente a Consciência Cósmica penetra. Mas ninguém se libera da culpa sem padecer-lhe os efeitos danosos e cruéis... Interrompeu a explicação por um pouco, a fim de nos permitir assimilar o seu conteúdo profundo, e continuou: – Pelo que nos é dado perceber, a renovação de Mauro já começou, a partir do instante em que se deu conta da própria loucura. Por sua vez, a Misericórdia do Pai em nome de Sua Justiça, facultar-lhe-á um longo período de isolamento, possivelmente em uma Clínica onde se irá reajustar aos padrões de comportamento saudável, inspirando-o a cuidar de crianças enfermas, portadoras de alienações mentais e distúrbios nervosos, assim resguardando-se da prática de atos indecorosos, assistindo-as, socorrendo-as, amando-as, sendo repudiado, maltratado, agredido... As Entidades perversas que as obsidiarem, sabendo do passado do então futuro devotado benfeitor, agirão agressivamente tentando desanimá-lo, provocando-o para que se afaste do bem-fazer e tombe novamente nos escuros abismos da loucura... Nesses momentos, porém, luzirá o amor do Pai inspirando-o a prosseguir, e sua mãezinha desencarnada, que o vem ajudando a sair do fosso, ser-lhe-á o anjo da guarda, insistindo pela sua renovação e felicidade. Igualmente, não faltarão outros socorros, porque o bem é a coroa da vida e jamais segue a sós sem amparo na retaguarda e com atração na vanguarda. “As criancinhas danificadas emocionalmente receberão igualmente o melhor conforto moral e espiritual, ao invés de, após o escândalo, receber polpudas indenizações, expostas ao ridículo, aos conflitos públicos e ao escárnio daqueles mesmos que aplaudem as eclosões das cenas estúpidas e escabrosas. Aprisioná-lo em um cárcere infecto, colocá-lo entre bandidos outros que poderão assassiná-lo como vem ocorrendo no mundo, de maneira alguma fará deter a eclosão de episódios de pedofilia que se multiplicam em razão do deboche que desgoverna as criaturas. Antes, estimularão outros enfermos a serem mais hábeis, a investirem mais no turismo sexual, em grande voga, que rende fortunas incalculáveis aos seus exploradores e aos veículos de informação que os divulgam com dubiedade, sem o caráter sério de deter o fluxo destruidor.” Novamente fez pausa. Adentrando-se pelo futuro na programação que trazia em mente sob os auspícios de venerandos Mensageiros da Luz, concluiu: – Chegará o dia em que a perversidade desaparecerá da Terra e a escabrosidade das almas será substituída pela compaixão e pelos sentimentos de amor com respeito pela vida. Nesse

dia, que certamente não será imediato, as ocorrências abomináveis estarão nas páginas da História como pertencentes ao período de brutalidade e primitivismo da criatura humana, qual ocorre com inúmeros fenômenos do passado... Até chegar esse momento, a todos nos cabem as atitudes de ajuda e de compreensão, de energia e de bondade, reeducando os calcetas e atendendo às vítimas, de forma que o equilíbrio moral predomine nos arraiais da sociedade terrestre. “Nosso irmão enfermo transitará um longo percurso de recuperação e de reconquista de si mesmo. Ajudemo-lo, antes que o destruamos, considerando que a vida são bênçãos e que todo aquele que estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra.” Todos nos encontrávamos emocionados. A lógica, a temperança e a sabedoria do Benfeitor levavam-nos a reflexões interiores muito profundas, quando analisamos o que fizéramos e como nos encontrávamos ante o infinito de possibilidades edificantes que nos aguardavam.” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 7)

“ESCLARECIMENTOS OPORTUNOS. [...] Ao reunirmo-nos no momento estabelecido, fomos informados de que as nossas atividades naquele dia seriam num educandário para crianças socialmente abandonadas, sob os cuidados da prefeitura local. Fomos visitá-lo sob o comando do nosso venerando diretor e, ao chegarmos, não pudemos sopitar a surpresa desagradável, pelo descaso dos administradores daquele reduto. A imundície predominava, e o desinteresse dos cuidadores era patente. Iniciava-se o jejum em ambiente tumultuado, gritaria e reclamações, palavras grosseiras e gestos brutais. Algumas crianças malnutridas e sem higiene quase nenhuma, em quartos infectas e abarrotados, esfaimadas, inspiravam compaixão. A mixórdia em toda parte era vergonhosa. Encontramos algumas senhoras desencarnadas, mães de alguns internos, tentando minimizar a situação dos filhinhos, enquanto Espíritos perversos, portadores de carantonhas ameaçadoras, exploravam as poucas resistências de alguns dos pequeninos. O nosso objetivo, porém, era um funcionário de aproximados quarenta anos, que explorava sexualmente crianças masculinas, por sua vez vampirizado por hediondo desencarnado. Denunciado, mais de uma vez, por algumas vítimas, não havia sido chamado a depoimento sequer, nem afastado do cargo em que se comprazia, em razão do protetor político que lhe interferia a favor. Nesse ambiente hostil e destruidor de vidas, laborava uma jovem servidora social que se esfalfava para tornar melhor o ambiente, movimentando recursos e pessoas para auxiliar a Instituição desprestigiada, sempre atenta à vigilância em relação ao pedófilo e suas vítimas. Espírita dedicada, orava sempre ao Senhor pedindo socorro para aquelas avezitas implumes atiradas ao abandono coletivo. Na sua última súplica dirigida ao Dr. Bezerra de Menezes,

pedia inspiração para interromper o curso criminoso do réprobo funcionário, temido pelas crianças assustadas. Captado o seu pedido, o benfeitor convocou-nos a atendimento e ali nos encontrávamos compadecidos, a fim de auxiliá-la. Quando ela chegou ao internato, produziu uma alegria diferente entre as crianças e alguns auxiliares mais modestos. Tomou providências a respeito do asseio de um bom número, enquanto preparava algumas para as aulas que tinham lugar ali mesmo, ao tempo em que transmitia instruções para preservar a higiene do refeitório. Nessa azáfama, notou a falta de um garotinho de aproximados cinco anos, que vinha, nos últimos tempos, manifestando muita tristeza e buscava fugir do seu e do contato com as demais pessoas. Preocupada que lhe houvesse acontecido algo, saiu a buscá-lo nos dormitórios, no pátio, quando o benfeitor acercou-se-lhe, induziu-a a seguir na direção de uma sala pouco usada. Ao aproximar-se, experimentou peculiar emoção que a tomou de imediato, uma intuição do que estaria acontecendo no seu interior. Abriu a porta de inopino e surpreendeu o nefando explorador usando a criança que chorava apavorada, enquanto o seu sicário a ameaçava de punição, totalmente dominado pela volúpia da sua loucura. A cena foi terrível! Não se podendo conter pelo choque sofrido, pôs-se a gritar, atraindo a atenção de outros servidores e crianças, que seriam as testemunhas do infame comportamento do adulto inescrupuloso. Ele tentou agredi-la, ameaçando-a e denominando-a de caluniadora ante o espanto de todos e o terror da criança que a abraçou, procurando socorro e proteção. Ante o fato escandaloso, o mentor transmitiu-lhe energias reequilibrantes e, embora trêmula, diante dos que haviam ocorrido à sala do crime, falou com voz enérgica: - Desta vez não, bandido! Você não se escusará, fugindo à responsabilidade, e será julgado e condenado pelos seus crimes hediondos. Aqui estão as testemunhas e as vítimas que iremos submeter a exames médicos que dirão a verdade que vem conseguindo ocultar com cinismo. A alteração que se fez com acusações de outros funcionários atraídos ao ambiente logo ultrapassou as paredes da instituição, despertando o interesse de passantes, enquanto alguém com mais expediente telefonou à polícia, e antes que o relapso fugisse, ou que fosse linchado pelos violentos externos, revoltados com o acontecimento, chegou um carro da Ronda que tomou apontamentos ligeiros da ocorrência e conduziu o criminoso à reclusão. De imediato, jornais, rádio e televisão, que nunca se preocuparam em visitar o local, a fim de auxiliar na melhor condução, acercaram-se da entidade que vivia em quase total abandono, e o acontecimento infeliz tornou-se o assunto daqueles dias sucessivos. O serviço social da prefeitura, alertado, tentou maquilar a Casa, tomando providências rápidas para diminuir a

situação de desprezo que existia, fazendo promessas de modificar as estruturas do edifício e os métodos de educação das crianças ali residentes. O benfeitor, embora lamentando a forma em que ocorreu o fato, agradeceu a Deus a Sua interferência, eliminando um foco de degradação e criminalidade, que pervertia as crianças sofredoras e malsinava-lhes o futuro. No tumulto estabelecido, nas providências apressadas para diminuir a responsabilidade dos envolvidos, algumas crianças foram transferidas para outras instituições, a fim de diminuir o excesso, produzindo muita aflição, que buscamos acalmar com os recursos ao nosso alcance. A cidade foi sacudida pelos comentários da frivolidade, sem que reais providências fossem tomadas pelas autoridades e pelo próprio povo para evitar ocorrências de tal porte, sendo um fenômeno a mais no dia a dia, que logo passaria a plano secundário, assim que sucedesse algo semelhante ou de pior efeito moral, a que se estava acostumado. Apesar da indiferença humana, a verdade é que nenhuma rogativa ao Senhor da Vida, quando feita com a alma em unção e fé, permanece sem atendimento, pois que não faltam emissários do Bem que se encarregam de acorrer pressurosos e afáveis. - O escândalo, disse Jesus, é preciso, mas ai do escandaloso! Tendo em vista a gravidade do mal, como um câncer, outra alternativa não havia, senão aquela que desmascarava o farsante e aproveitador, que responderia, a partir daquele instante, pela hediondez que se permitiu por alguns anos, sob as vistas complacentes da corrupção vigente em toda parte. Amparada espiritualmente, a jovem servidora social foi chamada a prestar depoimento na Delegacia de Amparo à Infância e à Juventude, iniciando-se o processo contra o infrator que, embora casado e pai de família, era um delinquente impiedoso... Infelizmente, a pedofilia é crime terrível, embora nem sempre reconhecida pelas leis, mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, é enfermidade da alma que grassa na sociedade, ora acobertada por legislações indignas, ora como recurso de atendimento a doentes tresvariados, que não tergiversam em entregar-se ao nefando comércio. São considerados como crimes os atos praticados pelos pedófilos, quais a libidinagem e a ação sexual com crianças, pré-púberes e adolescentes... Nos países pobres e em regiões miseráveis daqueles que desfrutam de poder econômico, pais insensíveis e sofredores vendem os filhos ainda crianças para o vil comércio da prostituição, ficando, alguns desses, célebres e próprios para o denominado turismo sexual infantil, sob

o olhar complacente de transgressores inescrupulosos e sem alma. Já existem leis severas e punições graves em muitos países civilizados, sendo um crime tão horrendo que, nas penitenciárias para onde são enviados os seus condenados, é necessária muita vigilância para que não sejam assassinados por outros criminosos que se rebelam contra a aberração.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo 15)

VII.9. Doença de Alzheimer e Doença de Parkinson¹⁷

“As obsessões sutis e insidiosas. [...] Quando silenciou, demonstrando o entusiasmo pelo que houvera visto e acompanhara, Petitinga completou: “A reencarnação é a luz que aclara o entendimento lógico em torno dos incontáveis quesitos afligentes da existência humana. Demonstrando que cada espírito é autor de suas conquistas e desgraças, faculta a reabilitação de quem erra e estimula o progresso de quem acerta através dos mesmos processos pedagógicos do amor e do trabalho. Chama-me a atenção, porém, na atualidade, a alta estatística de portadores do mal de Alzheimer, padecendo de lamentável degeneração neuronal, em processo expiatório aflitivo para eles mesmos e para os familiares, nem sempre preparados para essa injunção dolorosa. Incompreendido o processo degenerativo, a irritação e a revolta tomam conta da família que maltrata o enfermo, quando este necessita de mais carinho, em face do processo irreversível. A segurança dos diagnósticos já contribui para que, no início, se possa atenuar e retardar os efeitos progressivos dessa demência assustadora. Sem dúvida, trata-se de um veículo expiatório para o paciente e o seu grupo familiar. Embora a gravidade de que se reveste essa degenerescência, adversários desencarnados pioram o quadro, afligindo a vítima em tormentosos processos de agressão espírito a espírito, em razão do paciente encontrar-se em parcial desdobramento, pela impossibilidade de utilizar-se do cérebro, então alucinando-o pelo medo que alcança as vascas do terror... Ignorava que nessa demência também pudessem ocorrer influências nefastas. Sem dúvida que, em todos os processos de resgate espiritual sempre existem dois envolvidos, e aquele que foi vítima sempre aproveita de qualquer oportunidade, sem compaixão, para desforrar-se de quem o prejudicou. A obsessão, por isso mesmo, é mais volumosa e sutil do que se conhece, mesmo nos estudos espíritistas atuais, porquanto, nem todos os

17 A Doença de Alzheimer é uma demência neurodegenerativa progressiva que afeta a memória, o pensamento, o comportamento e as habilidades de realização das atividades cotidianas. É a forma mais comum de demência, responsável por cerca de 60% a 70% dos casos. A Doença de Parkinson é uma doença neurodegenerativa de incidência lenta e progressiva, caracterizada por tremores em repouso, rigidez muscular, movimentos lentos e diminuídos (bradicinesia) e, com o tempo, instabilidade postural e/ou de marcha. (Nota do Autor)

quadros podem ser percebidos exteriormente, sendo muito comuns nos estágios do coma, da morte aparente, das degenerações cerebrais... Recordo-me de quando Alois Alzheimer estudou uma paciente, a senhora Augusta D., portadora de um tipo de degenerescência mental e nela encontrou os elementos cerebrais de estruturação dos seus alicerces para o conhecimento da enfermidade que posteriormente lhe recebeu o nome, em homenagem ao seu trabalho extraordinário, ainda mais considerando-se o atraso da pesquisa óptica através dos microscópios, que ele conseguiu de forma exaustiva nas suas longas necropsias. Desencarnando a paciente, embora o diagnóstico estabelecido, foi constatado que ela falecera de outro tipo de enfermidade, mas abriu o caminho para o conhecimento desse flagelo neurodegenerativo. Foi ele quem descreveu, por primeira vez, em 1906, o que sucede com os novos neurofibrilares, que são as modificações intracelulares que se apresentam no citoplasma dos neurônios, complicando diversos departamentos cerebrais. Como efeito desse processo, os pacientes têm afetada inicialmente a memória, sofrem distúrbios cognitivos, especialmente aqueles que respondem pela fala, pela capacidade de concentração, ampliando-se o desequilíbrio no raciocínio, na perda da orientação espacial, da habilidade para calcular, enfim, dos processos normais de lógica e de comportamento... Anteriormente ignorada, a enfermidade era tratada como um estado de demência progressiva, sem possibilidade de reversão. Ainda hoje continua sem grande esperança de cura, em face dos danos graves produzidos ao cérebro, que se atrofia expressivamente, mas que, detectada precocemente, pode ter diminuídos os efeitos desastrosos... Então constato que, em se tratando de uma expiação, num processo terminal, não tem como ser estacionada, e menos, recuperada. O curioso, nesse quadro, é a hereditariedade, que exerce um papel fundamental na sua manifestação, comprovando que esses pacientes são espíritos incursos em delitos idênticos e praticados juntos, não lhe parece? Pesquisadores atenciosos identificaram uma base hereditária mediante a descoberta de um marcador genético no cromossoma 21 em determinado grupo familiar, enquanto que, noutro, a evidência induz à ação do cromossoma 19"... "Exatamente" - concluiu, Petitinga - graças a essa ocorrência infeliz, os espíritos acumpliciados retornam no mesmo grupo biológico, a fim de encontrarem os fatores predisponentes e preponderantes para a ação do perispírito na elaboração do corpo que propiciará o aparecimento da enfermidade moralizadora do endividado. Aquele, porém, que não consegue a dádiva da reencarnação, permanece na erraticidade em aflição, vinculando-se ao antagonista quando as circunstâncias se fazem propiciatórias. As obsessões sutis são muito graves,

porque passam quase despercebidas e, quando são anotadas, elas já enraizadas nos departamentos mentais e emocionais das suas vítimas. Silenciou, um pouco, como que ordenando o raciocínio, e prosseguiu: "Em face dessas degenerações, o parkinsonismo, cujas raízes profundas estão no espírito endividado, ao manifestar-se, enseja também a vinculação morbígena com os adversários vigilantes que lhe pioram o quadro, ensejando, desse modo, a recuperação moral do enfermo... Eis, portanto, como se inicia o tormento obsessivo que nem sempre culmina com a desencarnação do paciente." - "Assim considerando, a questão em torno das obsessões é muito grave — adiu o Dr. Juliano. — Conforme dados estatísticos confiáveis, a população de portadores da doença de Parkinson na Terra alcança na atualidade 1% das pessoas de mais de 50 anos, o que não deixa de ser quase alarmante. Surgem os primeiros sinais em forma de leves tremores que se tornam mais graves, aumentando progressivamente e consumindo a vítima. Graças à identificação dos neuroeptídios, a dopamina especialmente, produzida na região denominada substantia nigra, no cérebro, que é encarregada de conduzir as correntes nervosas por todo o corpo, responde por essa cruel problemática da área da saúde. A sua ausência causa o desequilíbrio neurotransmissor, afetando os movimentos e dando lugar a outros distúrbios orgânicos sempre graves, porque irreversíveis." - Como se encaixa aí a vinculação obsessiva? Petitinga refletiu calmamente, e respondeu: - "Algumas vezes, desde o berço, os litigantes permanecem mais ou menos vinculados psiquicamente. Aquele que reencarnou sofre a presença doentia do inimigo que o aflige, levando-o a uma infância atormentada, hiperativa ou molesta. Através dos anos, o sitiante aguarda que ocorra algum fator orgânico que lhe proporcione o desforço, instalando o seu pensamento nos delicados tecidos mentais, passando a desestabilizar as sinapses e a gerar perturbações nos diferentes sistemas nervosos simpático e autônomo... Lentamente, têm início os distúrbios em relação à vida vegetativa, à pressão arterial, aos fenômenos respiratórios, facultando a instalação de doenças orgânicas. Nos processos degenerativos parkinsonianos, esse procedimento vibratório mais inibe a produção de dopamina e afeta igualmente as musculaturas vinculadas ao sistema nervoso autônomo, dando lugar à perda de equilíbrio. Compreendemos, porém, que nem todos os casos tenham influência obsessiva, porque há muitos espíritos em recuperação dos seus delitos, mas portadores de outros valores que os resguardam da interferência malsã dos inimigos desencarnados. Quando os investigadores científicos puderem dedicar maior atenção às pesquisas parapsíquicas, especialmente aquelas de natureza mediúnica - pois que, na base da ocorrência, sempre se está diante de um fenômeno

mediúnico de longo porte - serão encontradas respostas para muitas incógnitas defrontadas nas terapêuticas aplicadas às enfermidades. Em alguns pacientes - não obsidiados - os resultados são surpreendentes, enquanto que, noutros - os obsidiados - os efeitos são quase nulos, quando não apresentam sequelas, às vezes, injustificáveis, que são decorrentes dos fluidos doentios emitidos pelo agressor e assimilados pelas delicadíssimas engrenagens nervosas.” [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 7)

VIII Efeitos dos tratamentos convencionais

“Nesse instante, o mesmo médico que víamos, pela manhã, avizinhou-se do leito para a inspeção noturna, acompanhado de diligente enfermeira. Chamado por ele, voltou-se Cavalcante e, pondo na boca todas as forças que lhe restavam, notificou, feliz: – Veja, doutor, minha esposa chegou, enfim! E, interessado em conquistar a atenção do interlocutor, prosseguia: – Estou contente, conformado... Mas minha pobre Bela parece enferma, abatida... Ajude-a por amor de Deus! Relanceando, em seguida, o olhar pela extensa enfermaria e fixando os quadros tristes, entre encarnados e desencarnados, inquiriu: – Por que motivo tantos loucos foram internados aqui? Olhem, olhem aquele! Parece sufocar o infeliz... Indicava particularidade dolorosa, em que certa entidade assediava pobre doente atacado de asma cardíaca. O médico, no entanto, contemplou-o, compadecido, e disse à servente: – É o delírio, precedendo o fim. Entrementes, Jerônimo recomendou a Bonifácio retirasse a sombria figura da ex-consorte de Cavalcante, acentuando: – Não nos convém doravante a permanência de semelhante criatura. Já cumpriu as obrigações que a trouxeram aqui e ainda possui numerosos credores à espera. A desventurada reagiu, procurando ficar, mas Bonifácio empregou força magnética mais ativa para alcançar o objetivo necessário. Reparando, porém, que a ex-companheira se afastava aos gritos, o agonizante pôs-se a bradar, alucinado: – Volta, Bela! Volta! Esforçou-se o clínico por trazê-lo à esfera de observações que lhe era própria, mas de balde. Cavalcante continuava invocando a presença da esposa, em voz rouquenha, oprimida, sumida. O médico abanou a cabeça e exclamou quase num sussurro: – É impossível continuar assim. Será aliviado. Jerônimo penetrou-lhe o íntimo, porque passou a mostrar extrema preocupação, comunicando-me, gravemente: – Beneficiemos o moribundo, por nossa vez, empregando medidas drásticas. O doutor pretende impor-lhe fatal anestésico. Atendendo-lhe a ordem, segurei a fronte do agonizante, ao passo que ele lhe aplicava passes

longitudinais, preparando o desenlace. Mas o teimoso amigo continuava reagindo. – Não – exclamava, mentalmente –, não posso morrer! Tenho medo! Tenho medo! O clínico, todavia, não se demorou muito e como o enfermo lutava, desesperado, em oposição ao nosso auxílio, não nos foi possível aplicar-lhe golpe extremo. Sem qualquer conhecimento das dificuldades espirituais, o médico ministrou a chamada “injeção compassiva”, ante o gesto de profunda desaprovação do meu orientador. Em poucos instantes, o moribundo calou-se. Inteiriçaram-se-lhe os membros, vagorosamente. Imobilizou-se a máscara facial. Fizeram-se vítreos os olhos móveis. Cavalcante, para o espectador comum, estava morto. Não para nós, entretanto. A personalidade desencarnante estava presa ao corpo inerte, em plena inconsciência e incapaz de qualquer reação. Sem perder a serenidade otimista, o orientador explicou-me: – A carga fulminante da medicação de descanso, por atuar diretamente em todo o sistema nervoso, interessa os centros do organismo perispiritual. Cavalcante permanece, agora, colado a trilhões de células neutralizadas, dormentes, invadido, ele mesmo, de estranho torpor que o impossibilita de dar qualquer resposta ao nosso esforço. Provavelmente, só poderemos libertá-lo depois de decorridas mais de doze horas. Regressando Bonifácio, o meu dirigente prestou-lhe informações exatas e confiou-lhe o pobre amigo, que foi imediatamente transportado ao necrotério. E, conforme a primeira suposição de Jerônimo, somente nos foi possível a libertação do recém-desencarnado quando já haviam transcorrido vinte horas, após serviço muito laborioso para nós. Ainda assim, Cavalcante não se retirou em condições favoráveis e animadoras. Apático, sonolento, desmemoriado, foi por nós conduzido ao asilo de Fabiano, demonstrando necessitar maiores cuidados.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 19)

“Liberto, Cavalcante oferecia-me amplo ensejo a infatigáveis pesquisas. A injeção sedativa, veiculando anestésicos em dose alta, afetara-lhe o corpo perispiritual, como se fora choque elétrico. Devido a isso, ele permanecia quase inerte, ignorando-se a si mesmo. Inquirido por mim, vezes diversas, não sabia concatenar raciocínios para responder às questões mais rudimentares, alusivas à própria identidade pessoal. Notando o meu interesse a respeito do assunto, Jerônimo, após ministrar-lhe os primeiros socorros magnéticos, na Casa Transitória, prestou-me os seguintes esclarecimentos: – Qualquer droga, no campo infinitesimal dos núcleos celulares, se faz sentir pelas propriedades elétricas específicas. Combinar aplicações químicas com as verdadeiras necessidades fisiológicas, constituirá, efetivamente, o escopo da Medicina no porvir. O médico do futuro aprenderá que todo remédio está saturado de energias eletromagnéticas em seu raio de

ação. É por isso que o veneno destrói as vísceras e o entorpecente modifica a natureza das células em si, impondo-lhes incapacidade temporária. A gota medicamentosa tem princípios elétricos, como também acontece às associações atômicas que vão recebê-la. Segundo sabemos, em plano algum a Natureza age aos saltos. O perispírito, formado à base de matéria rarefeita, mobiliza igualmente trilhões de unidades unicelulares da nossa esfera de ação, que abandonam o campo físico saturadas da vitalidade que lhe é peculiar. Daí os sofrimentos e angústias de determinadas criaturas, além do decesso. Os suicidas costumam sentir, durante longo tempo, a aflição das células violentamente aniquiladas, enquanto os viciados experimentam tremenda inquietação pelo desejo insatisfeito. A elucidação era lógica e humana. Fui compreendendo, por minha vez, pouco a pouco, a importância do desapego às emoções inferiores para os homens e mulheres encarnados na Crosta. Matéria e espírito, vaso e conteúdo, forma e essência, confundiam-se aos meus olhos como a chama da vela e o material incandescente. Integrados um no outro, produziam a luz necessária aos objetivos da vida.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 19)

“O doentinho, da aflição em que se mergulhara, passou às contorções, evidenciando todos os característicos da idiotia clássica. Os órgãos revelavam agora estranhos deslocamentos. O sistema endócrino patenteava indefiníveis perturbações. Compadecido, inclinou-se o instrutor sobre o doente, e esclareceu: – Os raios destrutivos alcançam-lhe a zona motora, provocando a paralisação dos centros da fala, dos movimentos, da audição, da visão e do governo de todos os departamentos glandulares. Na verdade, essa dolorosa situação cronicificou-se, pela repetição desta ocorrência milhares de vezes, em quase duas centenas de anos. Fez intervalo significativo e tornou: – Examina a conduta do enfermo. Fixando a mente na extrema região dos impulsos automáticos, seu padrão de comportamento é efetivamente sub-humano. Volta a viver estados primários, dos quais a individualidade já emergiu há muitos séculos. Em outros casos menos graves, a medicina atual vem utilizando a terapêutica do choque, à maneira do experimentador que investiga nas sombras, examinando efeitos e ignorando as causas. Cumpre-nos, no entanto, reconhecer que o belo esforço da psiquiatria moderna merece o maior carinho de nossas autoridades espirituais, que patrocina os médicos diligentes e devotados, orientando-os para o bem comum, simultaneamente em diversos centros culturais; por enquanto, não podem aceitar a verdade como seria de desejar, em virtude da necessidade de guardar-se a medicina terrena em campo conservador, menos aberto aos aventureiros; todavia, mais tarde os sacerdotes da saúde humana compreenderão que o

choque elétrico, ou a hipoglicemia, provocada pela invasão da insulina, constituem apelos vivos aos centros do organismo perispirítico, convocando-os ao reajustamento e compelindo os neurônios a se readaptarem para o serviço da mente em processo regenerador. A bem dizer, é de notar que esse recurso às reservas profundas do cosmo psíquico não é novo. Outrora, as vítimas da loucura eram conduzidas a poços de víboras, a fim de que a aborrrível comoção operasse a transformação súbita da mente desequilibrada; é que, desde remota antiguidade, compreendeu o homem, intuitivamente, que a maioria dos casos de alienação mental decorrem da ausência voluntária ou involuntária da alma à realidade. E, em nosso campo de observação mais clara, podemos adir que todo desequilíbrio promana do afastamento da Lei. Silenciou Calderaro por alguns instantes e, em seguida, indicou o pequeno, acentuando: – Neste caso, porém, o choque aplicado pela ciência dos homens não surtiria vantagem alguma. Estamos perante o eclipse total da mente, pela total ausência da Lei com que se conduziu o interessado no socorro. A retificação, aqui, reclama tempo. As águas pantanosas do mal, longamente represadas no coração, não se escoam facilmente. O plano mental de cada um de nós não é vaso de conteúdo imaginário: é repositório de forças vivas, qual o veículo físico de manifestação, que nos é próprio, enquanto peregrinamos na Crosta Planetária.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“Noite fechada. Calderaro e eu penetramos casa confortável e nobre, onde o instrutor, segundo prometera, me proporcionaria alguns esclarecimentos novos com referência aos desequilíbrios da alma. – Não é caso tão grave quanto aquele do paralítico que visitamos – adiantou o prestimoso orientador –; trata-se, a bem dizer, de questão quase vencida. Há muito tempo, assisto Marcelo com fluidos reconfortantes e a sua situação é de triunfo integral. Dócil à nossa influência, encontrou na prece e na atividade espiritual o suprimento de energias de que necessitava. Vimos ontem um caso de destrambelho total dos elementos perispiríticos, com a consequente desagregação do sistema nervoso, em doloroso quadro que só o tempo corrigirá. Aqui, entretanto, a paisagem é outra, O problema de perturbação essencial já está resolvido, o reajustamento da vida surgiu pleno de esperanças novas, a paz regressou ao tabernáculo orgânico; mas perseveram ainda as recordações, os remanescentes dos dramas vividos no passado aflorando sob forma de fenômenos epileptoides, as ações reflexas da alma, que emergem de vasto e intricado túnel de sombras e que tornam, em definitivo, ao império da luz. Se o mal demanda tempo para fixar-se, é óbvio que a restauração do bem não pode ser instantânea. Assim ocorre com a doença e a saúde, com o desvio e o restabelecimento

do equilíbrio. [...] O jovem cobrou esperanças novas e, contemplando Calderaro, reconhecidamente, inquiriu: – Acredita o meu benfeitor que deva optar pelo uso de hipnóticos? – Não. Os hipnóticos são úteis só na áspera fase de absoluta ignorância mental, quando é preciso neutralizar as células nervosas ante os prováveis atritos da organização perispirítica. Em teu caso, Marcelo, para a tua consciência que já acordou na espiritualidade superior, o remédio mais eficaz consiste na fé positiva, na autoconfiança, no trabalho digno, em pensamentos enobrecedores. Permanecendo na zona mais alta da personalidade, vencerás os desequilíbrios dos departamentos mais baixos, competindo-te, por isto mesmo, atacar a missão renovadora e sublime que te foi confiada no setor da própria iluminação e no bem do próximo. Os elementos medicamentosos podem exercer tutela despótica sobre o cosmo orgânico, sempre que a mente não se disponha a controlá-la, recorrendo aos fatores educativos.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 8)

“Ester não recobrou a lucidez. Embora a prostração que a dominara, após os sedativos, as crises voltaram terríficas, enquanto a débil mocinha, transfigurada, tornou-se o espécime legítimo da desequilibrada. Palavras obscenas e gestos vis repetiam-se ininterruptamente; gritos e gargalhadas constantes terminaram por enrouquecê-la. Muito pálida, com olheiras arroxeadas e manchas nas faces, tinha os lábios escuros e a expressão de olhar dura, sem luminosidade. Sacudida a cada momento por convulsões torturantes, traduzia no rosto conturbado as dores inextricáveis que experimentava. Saindo desse estado, por instantes, parecia recobrar a claridade da razão, desvairando de imediato, a elucidar que alguém a lapidava com longo relho de que não se conseguia evadir. Nesses comenos, tornava-se rubra e, se fosse observada mais detidamente, poder-se-ia verificar que alguns vergalhões lhe intumesciam a pele delicada e marcavam a face em congestão. Logo retornava ao desequilíbrio, ao sarcasmo, e as ofensas se sucediam mordazes como se as Fúrias a estivessem cavalcando. [...] Sem embargo, a utilização dos melhores recursos da moderna Psiquiatria, a jovem paciente reagia negativamente em alucinação demorada, irreversível. Dia a dia registravam-se distúrbios novos e, no monólogo da distonia, não cessava de referir-se à vingança, à imperiosa necessidade de lavar a desonra com o sangue da imolação de uma vítima, à justiça demorada, mas sempre oportuna, ao desforço pessoal. Um mês transcorrido e a psicopata era frangalhos. O tratamento a que sempre resistia se lhe oferecia um aspecto de vitalidade superficial já que com o corpo volumoso, graças às drogas que lhe eram ministradas, a realidade expressava a insânia que dela se apossara totalmente. Não mais voltara à lucidez, por mais amplas fossem as tentativas experimentadas. A

técnica do eletrochoque não produziu, na primeira série, qualquer resultado. Pelo contrário, fê-la hebetada, o que poderia parecer um recuo da loucura, quando, em verdade, ante a impossibilidade de reações nervosas, em face das pesadas cargas assimiladas, frenava, temporariamente, o desalinho psíquico. Os genitores desesperados não sabiam para que apelar.” (MPM, *Gri-lhões partidos*, Capítulo 2)

“Julinda, imatura e desequilibrada, com viciações que a retinham em malhas de obsessões sutis, porque temesse, inconscientemente embora, a presença do antigo companheiro, agora na condição de filho, não tergiversou em interromper-lhe o processo fetal, tombando em fundo fosso de desequilíbrio psíquico. O Espírito, sentindo-se frustrado e porque anelasse pela ocasião que sabia de incalculável proveito, por ser ainda rebelde, deixou-se comburir pelo ódio, persistindo na vingança injustificável, convertida em luta feroz, com o objetivo de eliminar o corpo da inditosa, para aguardá-la depois do tûmulo, onde prosseguem desforços de largo porte... As altas doses de sonífero, aplicadas na paciente, provocavam-lhe o entorpecimento espiritual, em cujo estado, graças à invigilância a que se entregara, deixava-se arrebatado pelo Espírito, agora, por sua vez, convertido em seu algoz. Semi-desprendida do corpo, era conduzida à presença de Entidades perversas residentes no Hospital, que obedeciam ao cruel dirigente do famigerado clã, encarregado de punir os caídos nas teias da alienação mental, como se a Justiça Divina necessitasse de delinquentes para corrigir infratores. Não obstante, porque padecendo de cegueira da razão e obstinados na crueza dos propósitos inferiores, tornavam-se instrumentos necessários, complicando a própria situação, que deveriam recompor mais tarde...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 5)

“Na atualidade, grande número de pacientes portadores de alienação por obsessão, transita por gabinetes de respeitáveis psiquiatras que lhes prescrevem drogas aditivas de que se encharcam, viciando a vontade, que perde os comandos e demorando-se abúlicos, sofrendo dependências de demorada erradicação. Sem o controle da vontade, que sofre a ação barbitúrica da droga e a perniciosa interferência da mente perturbadora, o enfermo tem dificuldade de lutar, utilizando-se dos recursos desobsessivos cujos efeitos dele dependem. É claro que não censuramos este procedimento psiquiátrico, tendo em vista que, em determinados quadros da loucura, a providência é salutar, especialmente nos muito agitados, nos catatônicos, nos psicótico-maniaco-depressivos — mesmo que estejam sob a indução de adversários desencarnados, evitando-se, dessa forma, a consumação do suicídio provocado —, mas não o seu uso genérico. O futuro próximo contribuirá com critérios mais rigorosos e selecionados na

aplicação de tais terapêuticas, especialmente quando o preconceito científico ceder lugar ao discernimento cultural, que verá no paciente, não apenas o soma, senão, e principalmente, o Espírito com os seus equipamentos de perispírito e matéria...” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 24)

“Felinto, o companheiro destacado pela Mentora para assessorar-nos, recebeu-nos com expressões de afeto e conduziu-nos à Benfeitora que supervisionava os serviços. Depois dos cumprimentos iniciais, percebendo-me as interrogações mudas, ela explicou-nos com solicitude: — Dedicamos a noite de hoje a serviços especiais em favor dos consulentes da véspera, cujos compromissos no campo das obsessões são muito expressivos. Outrossim, atendemos os hóspedes psíquicos de alguns dos nossos frequentadores habituais e necessitados de vária procedência que nos são trazidos por cooperadores dedicados à assistência direta e aos que conseguem sensibilizar, retirando-os da ociosidade ou da exploração viciosa aos semelhantes ainda domiciliados no corpo físico. Aplicamos-lhes o choque anímico, antes de serem tomadas outras providências. — Choque anímico?! — interroguei, admirado. — “Não se surpreenda o amigo Miranda. Da mesma forma que, na terapia do eletrochoque, aplicada a pacientes mentais, os Espíritos que se lhes imantam recebem a carga de eletricidade, deslocando-se com certa violência dos seus hospedeiros, aqui o aplicamos, através da psicofonia atormentada, que preferimos utilizar com o nome de incorporação, por parecer-nos mais compatível com o tipo de tratamento empregado, e colhemos resultados equivalentes. “Não ignora o amigo que, do mesmo modo que o médium, pelo perispírito, absorve as energias dos comunicantes espirituais que, no caso de estarem em sofrimento, perturbação ou desespero, de imediato experimentam melhora no estado geral, por diminuir-lhes a carga vibratória prejudicial, a recíproca é verdadeira... Trazido o Espírito rebelde ou malfazejo ao fenômeno da incorporação, o perispírito do médium transmite-lhe alta carga fluídica animal, chamemo-la assim, que bem comandada aturde-o, fá-lo quebrar algemas e mudar a maneira de pensar...” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 11)

“TERAPIAS ENRIQUECEDORAS. [...] Estávamos quase chegando à Enfermaria, quando o psiquiatra nos convidou a entrar, caso não tivéssemos outra tarefa em pauta no momento. Alberto e eu nos olhamos, e porque não nos encontrássemos comprometidos com atividade imediata, anuímos, acompanhando-o. Utilizei-me desses breves minutos antes de penetrarmos no recinto, para interrogá-lo: — E que me diz sobre a aplicação dos fármacos e antidepressivos outros, quais o Prozac, tão utilizado atualmente nos diversos transtornos emocionais e em alguns outros mentais? Com a mesma gentileza, considerou: — O avanço da ciência,

buscando entender e solucionar os graves problemas humanos, é considerável, constituindo-se numa demonstração do amor de Deus pelas Suas criaturas, diariamente enviando à Terra os Seus missionários em todas as áreas, a fim de alterar as ocorrências para melhor, estabelecendo parâmetros de equilíbrio e de paz, bem como de renovação e de saúde para todos. Os fármacos antidepressivos, em geral, têm por meta elevar os níveis da serotonina, bem como da norepinephrina, substâncias relacionadas com a depressão conforme ouvimos na conferência da noite passada. Significa dizer, que têm por meta aumentar a quantidade de neurotransmissores no cérebro, que lhes sofre carência. O que ainda merece estudos é a necessidade de compreender-se como as alterações que ocorrem em uma molécula tão simples podem produzir transtornos tão profundos no comportamento do ser? Sabemos, nós outros, os estudiosos da vida espiritual, que essa ocorrência tem sua gênese no processo reencarnatório, quando o Espírito imprime nos genes as suas necessidades evolutivas, desencadeando os distúrbios correspondentes ao processo de crescimento moral no momento adequado da vida física. Não obstante, os antidepressivos oferecem resultados positivos de acordo com a ficha cármica de cada paciente, porque a função, por exemplo, do Prozac, composto denominado hidrocloreto de fluoxetina, é bloquear a captação da serotonina, constituído de tal forma semelhante àquela, que pode enganar os neurônios, competindo com a mesma na sua captação e deixando-a na face exterior da célula. Como todos os fármacos objetivam alterar diretamente a química cerebral, inevitavelmente produzem dependência e algumas sequelas, que podem ser contornadas pelo psiquiatra e também pelo esforço do próprio paciente no processo de recuperação. “Variam as opiniões de especialistas em torno do Prozac. Alguns consideram-no como excelente, com respostas positivas quase imediatas à sua aplicação. Outros, no entanto, evitam-no, por haverem constatado em alguns dos seus clientes resultados menos felizes, até mesmo indutivos ao suicídio... Tudo isso tem a ver, sem dúvida, com o passado espiritual do enfermo, porquanto cada indivíduo possui as conquistas que o tipificam, diferenciando-o dos demais. O medicamento que, em alguém produz resultado positivo, noutrem desencadeia distúrbios e efeitos diferentes, como é compreensível, face à estrutura orgânica de cada qual. “Reconhecendo e valorizando a contribuição científica dos nobres pesquisadores e dos resultados das suas conquistas em favor dos pacientes depressivos como de outras enfermidades, a conduta do recuperado terá muito que ver com o seu processo de preservação da saúde, evitando as perturbadoras recidivas que invariavelmente acontecem por novos desvios de comportamento, por falta de identificação com os valores

enobrecedores da vida, por abuso e desgaste das energias nos prazeres exorbitantes e primários. “Avançamos, a pouco e pouco, para a eliminação das terapias realizadas mediante a aplicação de drogas que, por enquanto, ainda se fazem necessárias. Relatórios cuidadosos atestam que existem, neste momento, aproximadamente duzentos tipos de psicoterapias variadas, incluindo-se, bem se vê, aquelas denominadas alternativas que, em diferentes regiões do planeta oferecem resultado positivo, desde as denominadas fitoterapia, acupuntura, bioenergia, florais de Bach, energização através de metais, de cristais, de perfumes e óleos, de Do-In, de Reiki, etc., auxiliando o ser humano na conquista e no encontro de si mesmo.” Alcançamos a porta de entrada da Enfermaria, quando o amigo, sorrindo, sentenciou: — Em cada de um nós se encontram ínsitos os valores da saúde e da doença, dependendo da ocorrência de fenômenos adequados para a sua manifestação... Entremos!” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 20)

“[...] O diretor médico da clínica, por sua vez, interessou-se em compreender toda a extensão do programa socorrista, indagando: - Naturalmente, que os caros amigos concordarão com as terapêuticas convencionais acadêmicas que vimos aplicando, ou sugerem alguma alteração? “Estamos de pleno acordo com os processos terapêuticos em uso na clínica - elucidou Dr. Ignácio - Não ignoramos que muitos pacientes, vítimas de transtornos fisiológicos uns e outros de ordem psicológica, necessitam do atendimento nos moldes que vêm recebendo, ao mesmo tempo reconhecendo a necessidade de outros mais serem libertados do alcoolismo, da drogadicção, dos imensos conflitos que lhes caracterizam os distúrbios pelos procedimentos habituais. Certamente, confirmamos que todos eles são espíritos enfermos em processo de reabilitação moral, fragilizados em decorrência dos delitos perpetrados que geraram as causas atuais das próprias aflições. No caso dos obsidiados, como efeito das perturbações espirituais que padecem, experimentam descontrole dos mecanismos nervosos e do pensamento, para cuja recuperação os tratamentos normais irão produzir excelentes resultados por auxiliar os equipamentos em destrambelho, recompondo o que a insidiosa energia penetrante desorganizara. Cessada a interferência espiritual, ficam os efeitos do trâmite encerrado, requerendo ajustamento e renovação. Felizmente, os processos contemporâneos

aplicados na recuperação do paciente mental são humanos e dignos de encômios, embora alguns compreensíveis mal-estares que o enfermo experimenta, sempre menores, no entanto, do que os distúrbios que os afligem”. “Sendo a causa - prosseguiu, interrogando - meramente espiritual, depreendo, a terapêutica deve ser aplicada normalmente, enquanto são trabalhados os mecanismos que a desencadearam. Como o psiquiatra poderia identificar essa psicogênese de natureza extra cerebral? — “Mediante a observação sistemática do enfermo — respondeu Dr. Ignácio. - Embora as fronteiras entre aquelas de origens fisiopsicológicas e as obsessivas sejam muito tênues, no segundo caso, podem-se perceber as diferenças de comportamento mediante as manifestações de personalidades diversas no mesmo indivíduo. As alterações contínuas de humor, como numa luta em que hora um vence e logo depois é vencido, tipificam ações externas ao organismo. Por outro lado, o conteúdo das alucinações aponta visões reais daquelas provocadas pelos delírios psicológicos. A observação descobrirá nas manias do paciente características incomuns, graças à ação dos seus perseguidores, confirmando-as nos diálogos com ele mantidos, quando, não poucas vezes, em semitranse mediúnico expressarão atrevidamente a sua interferência. Portanto, em qualquer quadro em que se situe o doente, será sempre conveniente atendê-lo com os métodos que reorganizem os equipamentos cerebrais e os decorrentes fisiológicos. Seria ideal, isto sim, que se pudessem acrescentar ao tratamento convencional as terapias dos passes, da água fluidificada aos enfermos, que as famílias permitam, porquanto, desse modo, se beneficiariam da bioenergia que lhes seria transmitida, que iria trabalhar-lhes a recomposição energética nos seus campos vibratórios. Vivemos num mundo único de vibrações, de ondas, de campos energéticos, eletromagnéticos, de gravitação, de forças quânticas fortes e fracas, diferenciando a potência, na qual nós, os desencarnados, habitamos, e vós outros, transitais. Somente existe uma realidade profunda que é a inicial de onde se derivam todas as outras expressões, através de condensações de campos de energias que alcançam variações substanciais. Assim, unindo nos no mesmo objetivo, podemos contribuir em favor dos resultados terapêuticos saudáveis a benefício de todos.” [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 6)



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Sexta Parte

Medicina Espiritual – Terapias Espíritas

- I. Cura das doenças segundo a medicina espiritual**
 - II. Psicoterapia espiritual: evangelização e reforma íntima**
 - III. Prece e oração**
 - IV. Fluidoterapia – Passes magnéticos**
 - V. Tratamento dispensado pelos espíritos**
 - VI. Desobsessão**
 - VII. Importância da alimentação e da respiração**
-

I Cura das doenças segundo a medicina espiritual¹

“[...] **CURAS. 31.** Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, seja homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas. **32.** São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, a desempenhar o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais. **33.** A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras: 1º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido; 2º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito; 3º pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse

derramamento. É o magnetismo misto, semi-espiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador. **34.** É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional. No entanto, em épocas diversas e no seio de quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero assentam num princípio natural e que o poder de operá-las não constitui privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da Natureza e que só são miraculosas na aparência.¹ (¹ Casos de curas instantâneas relatados na *Revue Spirite*: “O príncipe de Hohenlohe”, dezembro de 1866, pág. 368; — “Jacob”, outubro e novembro de 1866, págs. 312 e 345; outubro e novembro de 1867, págs. 306 e 339; — “Simonet”, agosto de 1867, página 232; — “Caid Hassan”, outubro de 1867, pág. 303; — “O cura Gassner”, novembro de 1867, pág. 331.)” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“– Recordemos o antigo ensinamento que se refere a muitos chamados e poucos escolhidos na Terra. E vagueando o olhar no horizonte longínquo, como a fixar experiências de si mesmo no painel das recordações mais íntimas, acentuou: – As religiões, no planeta, convocam as criaturas ao banquete celestial. Em sã consciência, ninguém que se tenha aproximado, um dia, da noção de Deus, pode alegar ignorância nesse particular. Incontável é o número dos chamados, meu amigo; mas, onde os que atendem ao chamado? Com raras exceções, a massa humana prefere aceder a outro gênero de convites. Gasta-se a possibilidade nos desvios do bem, agrava-se o capricho de cada um, elimina-se o corpo físico a golpes de irreflexão. Resultado: milhares de criaturas retiram-se diariamente da esfera da carne em doloroso estado de incompreensão. Multidões sem conta erram em todas as direções nos círculos imediatos à crosta planetária, constituídas de loucos, doentes e ignorantes. Notando-me a admiração, interrogou: – Acreditaria, porventura, que a morte do corpo nos conduziria a planos de milagres? Somos compelidos a trabalho áspero, a serviços pesados e não basta isso. Se temos débitos no planeta, por mais alto que ascendamos, é imprescindível voltar, para

¹ Vide os Capítulos II (“Saúde segundo a medicina espiritual”) e III (“Doença segundo a medicina espiritual”), Quarta Parte (“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

retificar, lavando o rosto no suor do mundo, desatando algemas de ódio e substituindo-as por laços sagrados de amor. Não seria justo impor a outrem a tarefa de mondar o campo que semeamos de espinhos, com as próprias mãos. Abanando a cabeça, acrescentava: – Caso dos muitos chamados, meu caro. O Senhor não esquece homem algum; todavia, raríssimos homens o recordam. Acabrunhado com a lembrança dos próprios erros, diante de tão grandes noções de responsabilidade individual, objetei: – Como fui perverso! Contudo, antes que me alongasse noutras exclamações, o visitante colocou a destra carinhosa em meus lábios, murmurando: – Cale-se! Meditemos no trabalho a fazer. No arrependimento verdadeiro é preciso saber falar, para construir de novo. Em seguida, aplicou-me passes magnéticos, atenciosamente. Fazendo os curativos na zona intestinal, esclareceu: – Não observa o tratamento especializado da zona cancerosa? Pois note bem: toda medicina honesta é serviço de amor, atividade de socorro justo; mas o trabalho de cura é peculiar a cada espírito. Meu irmão será tratado carinhosamente, sentir-se-á forte como nos tempos mais belos da sua juventude terrena, trabalhará muito e, creio, será um dos melhores colaboradores em “Nosso Lar”; entretanto, a causa dos seus males persistirá em si mesmo, até que se desfaça dos germes de perversão da saúde divina, que agregou ao seu corpo sutil pelo descuido moral e pelo desejo de gozar mais que os outros. A carne terrestre, onde abusamos, é também o campo bendito onde conseguimos realizar frutuosos labores de cura radical, quando permanecemos atentos ao dever justo. Meditei os conceitos, ponderei a bondade divina e, na exaltação da sensibilidade, chorei copiosamente. Lísias, contudo, terminou o tratamento do dia, com serenidade, e falou: – Quando as lágrimas não se originam da revolta, sempre constituem remédio depurador. Chore, meu amigo. Desabafe o coração. E abençoemos aquelas beneméritas organizações microscópicas que são as células de carne na Terra. Tão humildes e tão preciosas, tão detestadas e tão sublimes pelo espírito de serviço. Sem elas, que nos oferecem templo à retificação, quantos milênios gastaríamos na ignorância? Assim falando, afagou-me carinhosamente a fronte abatida e despediu-se com um ósculo de amor.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 5)

“O instrutor fez pausa curta, apontou para o rapaz e continuou: – Mas, regressando às informações a respeito de Marcelo, cabe-me dizer-te que, pouco a pouco, esgotou ele as substâncias mais pesadas do fundo cálice de provas. Longos anos de desequilíbrio, em que as vítimas, tornadas em algozes, o abalaram com tremendas convulsões, através de choques e padecimentos inenarráveis, clarearam-lhe os horizontes internos, tendo nosso irmão, afinal, logrado entender-se com prestimoso e sábio orientador espiritual, a

quem se liga desde remoto passado. Foi socorrido e amparado. Indagou, ansioso, por almas que lhe eram particularmente queridas, sendo-lhe cientificado que os seus laços mais fortes já se encontravam de novo na carne, em testemunhos e labores dignificantes. Suplicou a reencarnação, prometeu aceitar compromissos de concurso espiritual na Crosta, a fim de resgatar os enormes débitos, colaborando no bem e na evolução dos inimigos de outrora, e conseguiu a dádiva, apoiado por abnegado mentor que o estima de muitos séculos. Tornou à esfera carnal e reiniciou o aprendizado. Ultimamente renasceu estreitado em braços carinhosos, aos quais se sente vinculado no curso de várias existências vividas em comum. Agora, sinceramente, aproveitando as bênçãos recebidas, desde os mais tenros anos, preocupa-se em reajustar as preciosas qualidades morais: caracteriza-se, desde menino, pela bondade e obediência, docilidade e ternura naturais. Passou a infância tranquilo, embora continuamente espreitado por antigos perseguidores invisíveis. Não se achava a eles atraído, em virtude do serviço regenerador a que se submetera; mas ao topar com algum dos adversários, nos minutos de parcial desprendimento propiciado pelo sono físico, sofria amargamente com as recordações. Tudo prosseguia sem novidades dignas de menção. Sob a vigilância dos pais e com o amparo dos benfeitores invisíveis, preparava-se o menino para os trabalhos futuros. Contudo, logo que se lhe consolidou a posse do patrimônio físico, ultrapassados os catorze anos de idade, Marcelo, com a organização perispiritual plenamente identificada com o invólucro fisiológico, passou a rememorar os fenômenos vividos e surgiram-lhe as chamadas convulsões epiléticas com certa intensidade. O rapaz, todavia, encontrou imediatamente os antídotos necessários, refugiando-se na residência dos princípios nobres, isto é, na região mais alta da personalidade, pelo hábito da oração, pelo entendimento fraterno, pela prática do bem e pela espiritualidade superior. Limitou, destarte, a desarmonia neuropsíquica e reduziu a disfunção celular, reconquistando o próprio equilíbrio, dia a dia, mobilizando as armas da vontade. Nesse esforço, dentro do qual se fez extremamente simpático, recebeu vultosa colaboração de nossa esfera, aproveitando-a integralmente pela adesão criteriosa ao esforço construtivo do bem. Recebendo a luta com serenidade e paciência, instalou em si mesmo valiosas qualidades receptivas, favorecendo-nos o concurso e dispensando, por isso mesmo, a terapêutica dos hipnóticos ou dos choques, a qual, provocando estados anormais no organismo perispiritual, quase sempre nada consegue senão deslocar os males, sem os combater nas origens. O caso de Marcelo oferece, por isto, características valiosas. Atendendo as sugestões daqueles que o beneficiam, adaptando-se à realidade, vem sendo o médico de si

mesmo, única fórmula em que o enfermo encontrará a própria cura.” (AL, *No mundo maior*; Capítulo 8)

“Todavia, terapêutica indispensável em qualquer tratamento, o amor consegue, não raro, o que muitos medicamentos não produzem, ajudando a visualizar causas e efeitos, doando segurança, melhorando comportamentos e reações em toda a gama necessária aos resultados eficazes. Raros procuram a inspiração divina ante a nebulosa das enfermidades complexas, quer pela oração, ou pela sintonia mental com Deus. Diz-se, porém, que nos tratados médicos não existem as palavras Deus, oração e, todavia, Seu providencial socorro é que liberta e encaminha os padecentes da amargura para as trilhas da saúde, da paz... Quando a sombra mais se adensa e as esperanças são flébeis, um raio jalne de luz rompe tudo e brilha nos escaninhos do horror, modificando a estrutura da área desolada, por impositivo divino.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 4)

“Tramas do destino. Muito difícil, senão de todo improvável ao estudioso da problemática humana, compreender do ponto de vista da unicidade das existências as tramas do destino. Examinada apenas uma vida, mesmo com o melhor apuro psicológico, não se dispõe de dados para explicar a justiça divina, em se considerando a pluralidade dos sucessos felizes e desgraçados que gravitam em torno dos homens, e que os distingue na vasta gama policromada das suas conquistas e quedas. De um só golpe, é inexequível tentar abarcar o campo de ação e as ocorrências num todo fixo e completo, no qual o homem seja uma peça impulsionada por um determinismo cego ou alguém cujo livre-arbítrio disponha de uma clarividência muito especial para tudo realizar numa só vida, acertando e sublimando-se, equivocando-se e reabilitando-se. As conceituações da predestinação pela graça, das concessões pelo ingresso no paraíso e das punições infernais encontram-se ultrapassadas, mesmo no seio de algumas das religiões que as prescreviam. Por outro lado, negando-se o Autor Divino da Criação, e a vida sendo relegada ao caos, isto não basta para explicar os porquês inteligentes que a todos assomam e dominam, diante das incontáveis aquisições do espírito humano, aturdido em face das inquestionáveis provas da sobrevivência do ser, da comunicabilidade do princípio intelectual depois do túmulo... As modernas doutrinas da Parapsicologia, da Psicobiofísica e outras ciências experimentais equivalentes tentam colocar no lugar do Espírito, com que não se defrontam nos seus laboratórios, sucedâneos materialistas e energeticistas, sem o êxito que seria de esperar-se, porquanto esses mesmos agentes se esboroam, quando colocados diante de novos fatos que espocam, incessantes. A temerária reação contra o Espírito, entidade inteligente que preexiste ao corpo e lhe sucede após a morte, vivendo com

ou sem a aparelhagem somática, lentamente vai sendo vencida, embora a cautelosa posição assumida pelos pesquisadores científicos e estudiosos da atualidade. Mantendo intransigente atitude contrária à Religião, de que a Ciência foi vítima milenarmente, transitam os modernos parapsicólogos e psicobiofísicos, com algumas exceções, adotando intolerantes posições de anátema contra a fé, numa reação injustificável. Asseveram que ainda não têm provas concludentes, definitivas, da sobrevivência do Espírito ao túmulo, nem documentação alguma que consiga provar a existência da alma. Toda vez que um fato novo faz soçobrar a teoria negativista anterior, apressam-se por elaborar outra que atenda com relativa eficiência ao propósito a que se afeiram, na mesma inquietação e insegurança que caracterizavam os metapsiquistas de ontem e os psiquistas do passado. A imortalidade, no entanto, triunfa sobre os seus negadores. Os homens interexistentes, os homens psi multiplicam-se e os fenômenos de que são objeto impõem urgente reconsideração nas ideias e opiniões preconceituosas. As enfermidades da mente sucedem-se, avassaladoras, na razão direta em que os métodos psiquiátricos, psicanalíticos e psicológicos se aprimoram, incapazes de deter a grande avalanche dos distônicos, dos esquizoides, dos neuróticos, dos psicóticos... Saturado do tecnicismo, o homem cético arroja-se na busca das emoções fortes e ressuscita cultos demoníacos, missas negras, sabats, ansioso pelo sobrenatural, pelo fantástico... As orgias de sangue, sexo e droga fazem-no recuar às origens do primitivismo, revelando a falência das conquistas extrínsecas e o malogro da ética dissociada das aspirações legítimas, tornada passadista... Fantasmas reais e imaginários prenunciam hecatombes gerais, desde que as parciais se sucedem por toda parte. As soluções superficiais e apressadas não resolvem as questões complexas de profundidade, atenuando na superfície os efeitos, sem remover nas causas as legítimas raízes em que se fixam os males contínuos. O homem hodierno se encontra aturdido. Adicionando-se a essas inquietantes injunções, surgem as parasitoses espirituais, que os acadêmicos insistem em ignorar, teimando desconsiderá-las. Não obstante, nas células espíritas onde vibram as harmonias do Consolador prometido por Jesus, reaparece a terapêutica do Evangelho, através de técnicas especiais com que se libertam perseguidos e perseguidores, facultando-se-lhes a saúde íntima, a paz... Nas suas nobres tarefas de desobsessão, defrontam-se os dois mundos em litígio: o espiritual e o físico, de cujos painéis se pode apreender, nas causas reais, a lógica dos efeitos que engendram e produzem as tramas dos destinos. Mediante o conhecimento da reencarnação, da pluralidade das existências planetárias, pode-se formar o quadro esclarecedor, para se entenderem as ocorrências que escapam, aparentemente misteriosas,

muitas vezes inexplicáveis ... O homem não experimenta uma só e única vida terrestre. A Terra é seu berço e sua escola, onde evolui, demandando mais altas aquisições espirituais. Suas experiências exitosas ou malsucedidas produzem a engrenagem em que se movimentará no futuro. A cada ação corresponde uma reação equivalente. Não sendo a morte mais do que uma transferência de posição vibratória, a vida mantém sua interação e harmonia nas diversas situações no corpo físico e fora dele, sem qualquer solução de continuidade ou defasagem perturbante. [...]” (MPM, *Tramas do destino*, Tramas do destino)

“**Tramas do destino.** [...] Muitos dos problemas graves, no contingente da saúde física e mental que a Medicina depara a cada momento, têm suas raízes no pretérito espiritual do paciente. Seus erros e suas aquisições fazem-se os agentes da sua paz ou da sua perturbação. Reencarnando cada qual com a soma das próprias experiências, diferentes são as situações pessoais, conforme se observa no mundo. Vinculados aos desafetos de que se desejaram livrar, mas de que não se liberaram, padecem-lhes as injunções e influências maléficas. Auto-obsessões, obsessões, subjugações são capítulos que merecem da Patologia Médica estudo simultâneo, à base dos postulados do Espiritismo. A reencarnação é a chave para a explicação dos seus enigmas. Ao lado das terapêuticas valiosas, ora aplicadas nos obsessos de vários portes, impõem-se os recursos valiosos e salutares da fluidoterapia e das expressivas contribuições doutrinárias da Terceira Revelação, que traz de volta os insuperáveis métodos evangélicos de que se fez expoente máximo Jesus, o Divino Médico de todos nós. O amor e a prece, o perdão e a caridade, a tolerância e a confiança, a fé e a esperança não são apenas virtudes vinculadas às religiões passadas, porém, insubstituíveis valores de higiene mental, de psicoterapia, de laborterapia, que se fazem de urgência para neutralizar as ondas crescentes do ódio e da revolta, da vingança e da mágoa, da intolerância e da suspeita, da descrença e da desesperança, que irrompem e se instalam no homem, tudo avassalando intempestivamente. A Doutrina Espírita dispõe de valiosos tesouros para a aquisição da felicidade na Terra e depois da desencarnação. Conhecer-lhe e praticar-lhe os ensinamentos representa uma ensancha ditosa para aqueles que aspiram a melhores dias, anelam por paz e laboram pelo bem. [...] MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA.” (MPM, *Tramas do destino*, Tramas do destino)

“D. Artêmis insistia com a filha, tentando arrancá-la da lassidão, emulava-a às prendas domésticas, cujo labor lhe seria proveitoso, com resultados mínimos. O espírito viciado, indolente, instava por cultivar infelicidade, pessimismo, deixando-se sofrer parasitariamente e ensejando o intercâmbio com os inimigos desencarnados que lhe aumentavam as dores e

receios, dando curso à obsessão que assumiria com o tempo, não fosse cuidado o caráter subjugador. Em problemas desta natureza, a terapêutica sempre deverá iniciar-se pela conscientização do paciente, reeducando-se-lhe a vontade, disciplinando-o e motivando-o à aquisição de ideias nobres, mediante o exercício de leituras salutares, diálogos otimistas e positivos, oração e reflexões nobres, passando-se à fluidoterapia ou realizando-a, simultaneamente, pelo processo dos passes e da água fluidificada, utilizando-se, também, a laborterapia e, em casos mais graves, os específicos da técnica psiquiátrica. Não padecem dúvidas, porém, quanto aos promissores e relevantes resultados que se obtêm através da renovação íntima do enfermo, sua radical mudança dos velhos hábitos, para as realizações edificantes e os exercícios da caridade ao próximo, no que, em análise última, é sempre caridade para consigo próprio. Lentamente, o conhecimento da reencarnação, fora dos núcleos espiritistas, vai propondo mudanças auspiciosas na forma de encarar-se um sem-número de ocorrências, sugerindo práticas não ortodoxas diante de enfermos e perante enfermidades tidas como verdadeiros flagelos sociais que, ainda, prosseguem como tais. Não está longe o dia em que as “ciências da mente” recorrerão ao Espiritismo, verdadeira “ciência da alma e da vida”, a fim de beberem na sua fonte os informes que lhes faltam, de cujos resultados se felicitará a Humanidade, colocando-se definitivamente a luminosa ponte que ligará a Ciência à Religião, originando-se uma nobre filosofia de vida para o ser humano, que, então, se sentirá mais feliz e mais irmão do seu próximo, conforme a previsão estatuída nos ensinamentos evangélicos.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 7)

“**DESTINO E RESPONSABILIDADE.** [...] Pais e filhos crucificados nas traves invisíveis das enfermidades físicas, psíquicas ou morais são comparsas dos mesmos delitos, novamente reunidos para a renovação de propósitos, através do ressarcimento dos débitos que ficaram após a morte anterior e que não foram saldados. As leis fomentadoras do progresso reúnem os incursos nos mesmos códigos da Justiça e os trazem aos sítios onde delinquiram, de modo que, juntos outra vez, recomponham a paisagem moral danificada, soerguendo os que ficaram vitimados pela sua tirania ou insensibilidade. Seria um absurdo, se fosse diferente o comportamento da Divina Sabedoria, brindando a esses seres infelizes da Terra com os desajustes nos quais se estorcegam, não houvesse para eles uma causa anterior ou se lhes concedesse após a morte o paraíso para cuja conquista nada fizeram, tendo-se em vista a impossibilidade em que se encontram para realizá-lo. Deixá-los à própria sorte em qualquer lugar de dor eterna, após tanto sofrimento, constituiria, da mesma forma, aberração maior... Não se depurasse o

criminoso através da reencarnação, e permaneceriam nele as marcas ultrizes dos seus desvarios, resultado da sua imperfeição espiritual, que as experiências sucessivas no corpo logram aprimorar, libertando-o da inferioridade. Assim, as inteligências que se compraziam na luxúria e na tirania retomam nas patologias da idiotia, assim como os suicidas que esfacelaram o crânio, esmigalhando o cérebro, volvem nas expressões da excepcionalidade, do mongolismo, da hidrocefalia, vinculados àqueles que, de alguma forma, se fizeram comparsas da delinquência a que se entregaram. Os quadros complexos das enfermidades que dilaceram os homens restauram-lhes a dignidade perdida e despertam-nos para a valorização dos recursos da vida, que são malbaratados quase sempre com leviandade e prepotência, revolta e presunção, que o egoísmo comanda, soberano. Às vezes, ficam surpresas muitas pessoas que são aquinhoadas com mensagens afetuosas dos filhos de tenra idade, já desencarnados, de doentes e limitados mentais, como de analfabetos, que ora se expressam com fluidez e correção, preocupados em identificar-se e auxiliar os familiares e amigos que permaneceram na Terra. Guarde-se na mente que tais dificuldades e prejuízos pertencem ao corpo, impostos pelo Espírito necessitado de expiar e de reparar faltas, jamais do ser eterno que, após a recuperação moral, assume o controle dos seus triunfos e pode expressar-se sem os impositivos constritores do processo de reeducação a que esteve submetido. Ciente dessa realidade lógica e normal, a responsabilidade assume o comando dos atos atuais do homem, que se engaja, consciente e espontaneamente, num programa de elevação, a que se entrega com otimismo por antecipar os resultados do seu empreendimento, em face das realizações que se permite. Não se trata de uma utopia, senão do prosseguimento das atividades que a morte não interrompe, da mesma forma que os planos acalentados antes do berço, após este se desdobram em operações de grave significado para a vida e que vão tomando corpo, à medida que as oportunidades e os meios se apresentam. Essa visão responsável da vida confere ao sofrimento o valor que tem: concitar o Espírito endividado ao resgate ou estimulá-lo à conquista de novos títulos de enobrecimento de que necessita para ser feliz. Não entendendo a linguagem silenciosa, embora operante, do amor e da beleza, em toda parte presentes, o homem não se pode furtar à reflexão, ao exame, quando colhido pela dor ou recambiado ao leito pela provação, ou impedido de seguir conforme lhe apraz através da expiação que surge no momento e que menos espera, como a cegueira repentina, a paralisia progressiva sem aparente causa lógica, a hemiplegia ou a paraplegia, a incapacidade para o matrimônio, a reviravolta econômica, que o leva à escassez de recursos, ou os dramas morais, os

tormentos emocionais e psíquicos que estrugem de um para outro momento, alterando completamente a programação estabelecida ou o curso dos acontecimentos agradáveis no qual se encontrava. Em tudo, porém, se apresenta a providencial sabedoria de Deus demonstrando a fugacidade da organização física ante a perenidade da vida em si mesma. A fé, racionalmente adquirida, responsabilizando o homem, é farol que lhe ilumina o passo em qualquer circunstância, apontando-lhe o rumo seguro por onde segue.” (MPM, *Temas da vida e da morte*, Destino e responsabilidade)

“No intervalo, que se fez natural, indaguei: — Ele se curará? — Os desígnios de Deus — respondeu, reflexionando — são inescrutáveis. Caso não recupere todas as suas funções, para a atual existência, melhorará as condições para os próximos cometimentos. Deveremos examinar a Vida sob o ponto de vista global e não angular, de uma única experiência física, como a atual. Da mesma forma que vamos buscar as origens dos males de hoje no passado do Espírito, é justo que pensemos na sua felicidade em termos de amanhã, considerando o presente como sendo uma ponte entre os dois períodos e não a situação única a vivenciar. Destas atitudes resulta o porvir com todas as suas implicações. Assim, lancemos para amanhã os resultados do esforço de agora. [...] Por fim, um recurso terapêutico com eficiência imediata somente resultaria positivo num paciente cujo mérito lhe facultasse a recuperação, porque os fatores que geram a enfermidade, na condição de regularizadores das dívidas, não podem ficar esquecidos, quando da reconquista da saúde por parte de quem os sofre. Isto ocorre em todos os campos da vida, exceto quando a misericórdia de acréscimo funciona, liberando o ser de uma forma de provação, para que outro recurso regenerador, pela ação do bem praticado, seja posto em campo. A verdade é que a dívida se toma o sinal de identificação de quem delinque, esperando a justa regularização. Até esse momento, auxiliemos conforme nos esteja ao alcance.” [...] (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 7)

“[...] “Outrossim, sugiro-lhe cultivar pensamentos edificantes e não usar palavras vãs, pois que estas “corrompem o coração”, na mente se inicia o processo perturbador, que se manifesta pelas palavras e domina a realidade do ser. A queixa, a lamentação, a autopiedade são lixo mental que deve ser atirado fora, antes que intoxique aquele que o conserva como resíduo danoso. As conversações vulgares, salpicadas de erotismo, de permissividade produzem clima de promiscuidade emocional com os Espíritos perniciosos que se locupletam na vampirização e no comércio ignominioso com aqueles que lhes fazem parceria. [...] “De certo modo, acostumado à preguiça mental e à aparente infelicidade, o homem não reage o suficiente para superar a situação, teimando em cultivar as ideias

deprimentes a que se afeiçoara. Toda renovação exige esforço, sacrifício e disciplina da vontade, porquanto, é mais agradável ceder, acomodar-se, para logo depois queixar-se. “A Doutrina de Jesus é toda baseada na revolução do amor, essa força motriz indispensável à vida, que dimana de Deus e pulsa na Criação. Porque os modernos cristãos não a vivem conforme seria de desejar, ei-los a braços com o sofrimento, experimentando desequilíbrios e aturdimentos que seriam evitáveis. É a ignorância acerca do amor e a sua má interpretação que dão origem aos males que se desenrolam nas vidas de conduta superficial ou vã. Quando se entenda que o crescimento pessoal e a felicidade somente serão possíveis através do amor e do esclarecimento das Leis de Deus, modificar-se-ão os quadros das existências humanas, alterando-se completamente as paisagens sociais do mundo. Portanto, meu filho, eu não conheço outros métodos, senão os que lhe acabo de apresentar, para a estruturação de uma conduta sábia, propiciadora de uma existência ditosa. Reconheço que entre os conceitos emitidos e a vivência deles medeia um pego, que você vencerá somente com persistência e decisão.” [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 23)

“**Medicina holística.** O cenário especial era um convite à reflexão, uma superior mensagem de estesia. Em pleno coração da natureza, recordava um anfiteatro grego, sem as paredes circunjacentes, banhado pela tênue claridade de um longo entardecer. Reuníamos ali, alguns milhares de ouvintes interessados nas conferências hebdomadárias que estudavam e discutiam temas pertinentes ao futuro da humanidade terrestre. Os oradores eram convidados conforme suas especialidades e abordagens dos assuntos, por isso mesmo eram cativantes, arrebatadores. Naquela oportunidade, o conferencista era o Dr. José Carneiro de Campos, médico baiano que contribuíra grandemente para o desenvolvimento e a prática do sacerdócio a que se dedicara na condição de verdadeiro apóstolo. Enquanto perfumada aragem perpassou no ar, Petitanga e nós acomodamo-nos entre os muitos interessados e aguardamos a alocação. Apresentado por venerando benfeitor, em poucas palavras, sem as referências vazias e desnecessárias, o amigo assomou à tribuna e, depois das saudações cordiais, começou a sua oração: — A perfeita interação mente-corpo, espírito-matéria, constitui desde já a base do atual modelo holístico para a saúde. A anterior separação cartesiana desses elementos, que constituem um todo, contribuiu para que a terapia médica diante das enfermidades tivesse aplicações isoladas, dissociando a influência de um sobre o outro, com a preponderância dos efeitos de cada um deles na paisagem do equilíbrio orgânico assim como da doença. “Cada vez mais se evidencia que na raiz de muitos males está agindo a vontade do paciente,

que se compraz na preservação do estado que experimenta, negando-se, consciente ou inconscientemente, à recuperação. Multiplicam-se, por consequência, as técnicas da auto cura, e mediante estas são colocados à disposição do enfermo os recursos que ele deve movimentar a benefício próprio, liberando-se dos mecanismos de apoio por meio dos quais mascara os conflitos, estresses e desconfortos íntimos que lhe subjazem no cotidiano.” Fazendo uma pausa, para que pudéssemos apreender a tese, logo prosseguiu com voz agradável: — As tensões mal direcionadas e suportadas por largo período, quando cessam, são substituídas por moléstias de largo porte, na área dos desequilíbrios físicos, dando gênese a cânceres, crises asmáticas, insuficiência respiratória etc. Outras vezes, propiciando estados esquizofrênicos, catatônicos, neuróticos, psicóticos, profundamente perturbadores. Quando afetam a área do comportamento moral, conduzem à ingestão e uso de drogas adictícias, alcoólicas, tabagismo, que representam formas de enfermidades sociais, degenerando o grupo humano que lhe padece a presença perniciosa. “A influência da mente sobre o corpo é de grande significação para a saúde, pelo estimular ou reter da energia que a sustenta, e, quando bloqueada pelo psiquismo perturbado, cede campo à proliferação dos germes que se lhe instalam, fomentando os distúrbios que se catalogam como doenças. Da mesma forma, a ação da vontade, aplicada com equilíbrio em favor da harmonia pessoal, desbloqueia as áreas interrompidas, e a energia de sustentação das células passa a vitalizá-las, restabelecendo o campo de desenvolvimento propiciador da saúde.” Novamente fez oportuno silêncio, e logo adiu: — A causalidade do comportamento psicofísico do indivíduo encontra-se no ser espiritual, artífice da existência corpórea, que conduz os fatores básicos da felicidade como da desdita, que decorrem das suas experiências ditosas ou desventuradas, responsáveis pela energia saudável ou não, que lhe constitui o organismo, bem como pela vontade ajustada ou descontrolada, que lhe assinala o psiquismo. O ser interior reflete-se no soma, que somente se recompõe e renova sob a ação da conduta mental e moral dirigida para o equilíbrio das emoções e da existência. A ação da vontade, no restabelecimento da saúde ou na manutenção da doença, é de ponderável resultado, refletindo os estados de harmonia ou os conflitos que decorrem da presença ou ausência da consciência de culpa impondo reparação. Os estresses e traumas prolongados desgastam os controles retentivos do bem-estar e desatrelam as emoções que geram a desorganização celular. “Diante de quaisquer problemas na área da saúde, a conscientização do paciente quanto ao poder de que dispõe para a auto cura, desde que o deseje sinceramente, é de primacial

importância, facultando-lhe a visão de um quadro otimista, que lhe propicia a restauração pessoal. “Há, em todos os indivíduos, quase uma tendência para a auto-compaixão, a autodestruição, a vingança contra os outros em desforço inconsciente por ocorrências que lhe são desagradáveis. Ante a impossibilidade de assumir essa realidade exteriormente, transformam tal aptidão em doenças, estimulando a degenerescência das células que aceleram a sua multiplicação, formando tumores cancerígenos, matando as defesas imunológicas e abrindo-se às infecções, às contaminações que perturbam a maquinaria orgânica e fomentam a instalação das enfermidades.” A assembleia silenciosa acompanhava-lhe o raciocínio claro com encantamento. Dando maior ênfase às palavras, prosseguiu: — Não raro, pessoas portadoras de neoplasia maligna e outras doenças, quando recuperam a saúde sentem-se surpreendidas e algo decepcionadas, tão acostumadas se encontravam com a injunção mortificadora de que eram objeto. Por outro lado, dão-se conta de que a família já lhes não dispensa a mesma atenção e o grupo social logo se desinteressa por suas vidas, despreocupando-se em relação às mesmas. Sentindo-se isoladas, desmotivam-se de viver, criam recidivas ou facultam a presença de outras mazelas com que refazem o quadro de protecionismo que passam a receber, satisfazendo-se com a ocorrência aflitiva. “Uma terapêutica bem orientada deverá sempre fundamentar-se na realidade do Espírito e nos reflexos do seu psiquismo no corpo. Da mesma forma, diante dos fenômenos perturbadores da mente, o conhecimento do estado somático é de importância para aquilatar-se sobre a sua influência no comportamento mental. “Espírito e corpo, mente e matéria, não são partes independentes do ser, mas complementos um do outro, que se inter-relacionam poderosamente por meio do psicossoma ou corpo intermediário — perispírito — encarregado de plasmar as necessidades evolutivas do ser eterno na forma física e conduzir as emoções e ações às telas sutis da energia pensante, imortal, então reencarnada. Sem essa visão da realidade do homem, a sua análise é sempre deficiente e o conhecimento sobre ele de pequena monta. “Os traumas, os estresses, os desconcertos psíquicos e as manifestações genéticas estão impressos nesse corpo intermediário, que é o modelo organizador biológico sob a ação do Espírito em processo de evolução e irão expressar-se no campo objetivo como necessidade moral de reparação de crimes e erros antes praticados. Se aquelas causas não procedem desta existência, hão de ter sido em outra anterior. Igualmente, as conquistas do equilíbrio, da saúde, da inteligência, do idealismo, resultam das mesmas realizações atuais ou transatas que assinalam o ser. “A evolução é inexorável, e todos a realizarão a esforço pessoal, embora sob estímulos e diretrizes superiores

que a Paternidade divina dispensa igualitariamente a todos. “A transitoriedade de uma existência corporal, como a sua brevidade no tempo, é insuficiente para o processo de aprimoramento, de beleza, de felicidade a que estamos destinados. As diferenças entre o bruto e o harmônico, o sábio e o ignorante, o feliz e o desventurado, confirmam a boa e a má utilização das experiências anteriores, como também assinalam as maiores ou menores vivências mais ou menos numerosas de uns e de outros. A reencarnação é, portanto, processo intérmino de crescimento ético-espiritual, facultando a aquisição de valores cada vez mais expressivos na conquista da Vida. Seria irrisão limitar a adição de títulos iluminativos ao Espírito projetado na sublime aventura da evolução, tendo pela frente a não dimensionalidade do tempo que lhe está destinado. Nesse contexto, a doença é acidente de trânsito evolutivo de fácil correção, experiência de sensação desagradável que emula à aquisição do bem-estar e das emoções saudáveis, ocorrendo por opção exclusiva de cada qual, e somente o próprio indivíduo poderá resolver, corrigir e dela libertar-se.” O interesse geral era manifesto. Os rostos denotavam em todos a satisfação. Passado breve tempo, deu curso à exposição: — Os processos degenerativos que se manifestam como enfermidades dilaceradoras e de longo trânsito procedem sempre do caráter moral do homem, com as exceções daqueles que os solicitam para ensinar aos demais abnegação, dignidade e sublimação. Originam-se nos profundos recessos do temperamento rebelde, violento, egoísta, e explodem como flores em decomposição nos órgãos que se esfacelam, sem possibilidades de recuperação. Pode-se dizer que esses mecanismos ulcerativos sempre se apresentam nos déspotas, nos sanguinários, nos ditadores, quando apeados do poder ou ainda durante a sua dominação, refletindo os terríveis contingentes de energias deletérias que veiculam intimamente. Os seus estágios finais são caracterizados por dores excruciantes e decomposição do corpo, em vida, que ultrajaram com a mente perversa e insana. Quando tal não ocorre, fogem do mundo por meio dos suicídios covardes, que lhes demonstram a fragilidade moral, ou partem da Terra vitimados por acidentes e homicídios dolorosos. O mesmo ocorre com aqueles que se utilizaram da roupagem física para o mercado do sexo, das sensações grosseiras e vivem aspirando sempre os tóxicos de potencial elevado de destruição vibratória. No seu tormento, são destruídos pelo psiquismo que lhes consumiu as forças e a capacidade de viver acima dos baixos padrões morais aos quais se entregaram. E mesmo quando, no cansaço dos anos e no desgaste da vitalidade, resolvem-se por mudanças éticas, por assumir nova postura, não logram tempo para evadir-se aos efeitos dos atos passados, tombando nas engrenagens

emperradas e esfaceladas do organismo escravo das construções mentais viciosas. “A mente, exteriorizando as aspirações do Espírito, impõe à organização somática as suas próprias aspirações e preferências, que se corporificam, quando mórbidas, nas mais diferentes dependências e patologias, responsáveis pela desarticulação dos seus mecanismos. Assim sendo, qualquer abordagem terapêutica não deve ser parcial, e sim holística, atendendo a todas as partes construtivas do ser. Em boa hora, a consciência médica confere atenção às terapias alternativas que, na sua maioria, consideram o homem um ser total e buscam-no essencial, imortal, trabalhando sobre a sua realidade profunda, que é o Espírito, a fonte de energia a manifestar-se no corpo. Assim, mediante o novo modelo biológico, todo tentativa em favor do equilíbrio deve fundamentar-se na transformação moral do paciente, na sua recomposição emocional, originada na mudança dos painéis mentais para a adoção de pensamentos sadios e na vivência concorde com os ideais de engrandecimento, que são catalisadores das forças vivas presentes na natureza — sintonia ecológica — que interagem na sua constituição global. Eis por que as preocupações com o verde, a harmonia do meio ambiente e a sua preservação fazem parte do esquema de saúde social, mudando completamente os conceitos modernos da agricultura industrial para superprodução com os consequentes danos que decorrem das aplicações químicas, bem como as atuais alucinações imobiliárias que destroem a flora, tanto quanto a poluição dos rios, lagos, ar e mares com os detritos químicos das fábricas, com o mercúrio, nas áreas de mineração, e todos os fatores que se transformam em chuvas ácidas destruidoras, no aumento das áreas desérticas e no efeito estufa avassalador...” “O homem, desnorteado e ambicioso, destruindo a vida do planeta, mata-se também, como quase elimina as suas possibilidades futuras, na menor das hipóteses, retardando-as. “Qualquer modelo de saúde holística terá que abranger o conjunto das necessidades humanas e nunca se deter, apenas, às suas partes isoladamente. “O homem é membro da Vida, tem vida integrada à natureza e deve ser considerado globalmente, alterando o tradicional modelo biomédico para uma visão mais completa, na qual o amor, conforme a proposta de Jesus Cristo, tenha prevalência, assinalando definitivamente as atitudes e condutas de cada um. Enquanto a Medicina não se unir à Psicologia, à Ecologia, à Agricultura e a outras doutrinas afins para um mais amplo conhecimento do ser, dando-lhe uma conduta holística, as terapias prosseguirão deficientes, incapazes de integrá-lo no contexto da realidade a que pertence, minimizando somente as doenças sem as erradicar, atendendo às partes sem maior ação no conjunto, assim permanecendo incompleta, insuficiente portanto para a finalidade da saúde

global. “Jesus Cristo, por conhecer profundamente o homem, curava-o, admoestando-o para evitar-lhe o comprometimento negativo, de modo a associá-lo ao bem geral, graças ao qual se poupava a males outros maiores.” Fazendo uma pausa mais demorada, concluiu: — O homem do futuro, após superar as suas deficiências presentes, receberá mais amplo auxílio da Medicina, adquirindo uma saúde integral, que será também resultado da sua perfeita consciência de amor e respeito à vida. O crepúsculo fora substituído suavemente pela colcha escura da noite salpicada de estrelas fulgurantes, e uma claridade de luar tomara todo o recinto que respirava as emoções gerais. A reunião foi encerrada em clima de paz.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Medicina holística)

“Ampliando os conhecimentos. [...] — Qual seria, então, o papel da Medicina holística, nesse caso? — insistiu o interessado. — Trabalhar o paciente globalmente — elucidou. — De início, demonstrar-lhe que a doença é efeito, e somente atendendo-lhe às causas torna-se possível saná-la. Logo depois, conscientizá-lo da necessidade de modificação no comportamento moral, mudando-lhe o condicionamento cármico, por cuja conduta adquirirá mérito para uma alteração no seu mapa existencial. Desse modo, as imposições reencarnacionistas, que dependem das novas ações do ser, alteram-se para melhor, a mente reajusta-se a uma nova realidade, e, irradiando-se de maneira positiva, providencial, contribui para o estado de bem-estar fisiopsíquico. O médico, nesse programa, torna-se também conselheiro, sacerdote que inspira confiança fraternal e dispensa ajuda moral, ampliando a sua antes restrita área de ação. Concordávamos plenamente com as colocações apresentadas. A oficialização da Medicina, sem qualquer crítica de nossa parte, tornou os seus profissionais instrumentos quase automáticos de determinados comportamentos aceitos, que veem no paciente apenas um caso a mais, no variado número daqueles aos quais conferem assistência, preocupando-se, só razoavelmente, em propiciar-lhe suspensão dos efeitos — as dores, a ansiedade, o medo, a insegurança — em vez de penetrar-lhe mais profundamente as gêneses, trabalhando-as com maior soma de atenção. O órgão doente reflete o desconforto do Espírito, em si mesmo insano, que manifesta naquela área a deficiência, a mazela que o afeta. Não me pude deter em mais amplas reflexões, porque uma senhora, ao nosso lado, indagou com respeito: — E o perispírito? Qual o seu papel no modelo da Medicina holística? Sem demonstrar enfado ou desatenção, o Dr. Carneiro esclareceu: — Sabemos que o perispírito, com a sua alta sensibilidade, é o veículo modelador da forma, portador de inumeráveis potencialidades, tais como: memória, penetrabilidade, tangibilidade, elasticidade, visibilidade, que manipuladas, conscientemente

ou não, pelo Espírito, por meio da energia psíquica, exteriorizam-se no corpo físico, nele plasmando os implementos para ajudá-lo na evolução. Assim, a irradiação mental agindo no campo perispiritual alcança a organização fisiológica. Daí por que a mudança do pensamento para uma faixa superior, a da saúde, por exemplo, propicia que a energia desprendida sintonize com as vibrações desse campo, alterando o teor de irradiação que irá estimular o equilíbrio das células e a restauração da saúde física. Da mesma maneira, a reconquista do comportamento moral, trabalhando o corpo, produzirá modificações na área do psicossoma, que influenciará a conduta mental. A energia que provém do psiquismo, pelo modelo organizador biológico, alcança a matéria, assim como a conduta orgânica disciplinada, pelo mesmo processo atinge o psiquismo, imprimindo-se no Espírito. Os hábitos, portanto, os condicionamentos vêm do exterior para o interior e os anseios, as aspirações cultivadas partem de dentro para fora, transformando-se em necessidades que se impõem. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Ampliando os conhecimentos)

“Ampliando os conhecimentos. [...] Silenciou, por alguns instantes, como a facultar-me tempo de assimilar o raciocínio, para logo prosseguir: — Modelo de terapia holística para a saúde encontra-se muito bem delineado na Codificação Espírita, especialmente pela abrangência que esta faculta ao homem, que é um ser integral, importante em todos os aspectos que o constituem, em particular quando o analisa reencarnado. “As recomendações espiritistas têm em mente os valores do Espírito: morais, intelectuais, comportamentais, trabalhando-os em conjunto com o objetivo de propiciar a saúde, como decorrência da reparação dos erros pretéritos, e a aquisição de recursos positivos atuais para o pleno equilíbrio perante as leis cósmicas. Na análise dos pacientes espirituais, a terapia espírita não dispensa a de natureza psiquiátrica, seja nas depressões profundas — transtornos psicóticos maníaco-depressivos — seja nas exaltações esquizofrênicas e paranoides... Impõe, entretanto, como primordial, a renovação moral do paciente e a sua ação edificante, assumindo o valioso concurso da praxiterapia, especialmente direcionada para o bem, que lhe facultará créditos a serem considerados no balanço moral da sua existência. Especificamente, para atender-se obsidiados, o modelo espírita, que é holístico na sua profundidade, preocupa-se com o enfermo encarnado, mas também com o desencarnado, não menos doente, procurando demovê-lo do mal que pratica, porque esta nova atitude lhe fará bem, tanto quanto preocupando-se com a família da aparente vítima, o seu meio social e ambiental. A transformação moral do grupo familiar para melhor é um efeito saudável da terapia desobsessiva, que se expressa de maneira psicológica

amorosa, abrindo espaço social para o antagonizante, que então recebe o aceno para a reencarnação. Não se detém, portanto, em eliminar efeitos, ajudando o hospedeiro com desprezo pelo opositor, às vezes, mais infeliz, em razão da mente fixa no desar há muito sem ensejo de alívio, alucinado pelo ódio, pelo ciúme, pela sede de vingança, pelo amor atormentado... “A obsessão é parasitose profunda e grave, que deve ser atendida globalmente, arrancando-se-lhe as raízes perigosas, que repontam com mais vigor se não são extirpadas por meio da conquista plena do adversário em perturbação.” [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Ampliando os conhecimentos)

“O desafio. [...] “Certamente, a função da mediunidade não é de promover curas, como arbitrariamente supõem e pretendem alguns desconhecedores da missão do Espiritismo na Terra. Fossem eles vinculados à Doutrina e seria incompreensível tal comportamento. Entretanto, em uma Sociedade Espírita, a tarefa primacial é a de iluminação da consciência ante a realidade da vida, seus fins, sua melhor maneira de agir, preparando os indivíduos para a libertação do jugo da ignorância, a grande geradora de males incontáveis. Apesar disso, o amor de Deus permite que nós também, os desencarnados, procuremos auxiliar as criaturas humanas, quando enfermas, sem nos entregarmos à injustificável competição com os médicos terrenos, fazendo crer que tudo podemos...” Silenciou por breves minutos e logo prosseguiu: —Os curados, qual ocorreu ao tempo de Jesus, prosseguem como antes, com raríssimas exceções, retornando quando adquirem novas mazelas e mandando outros enfermos, que se sucedem, em espetáculos lamentáveis. Não cuidam de remover as causas morais das suas doenças mediante a adoção de uma conduta correta, de um trabalho fraternal de socorro, de educação pessoal, de modo que possam entender os fundamentos da vida e, transformados interiormente, contribuam em favor de uma sociedade mais justa e mais feliz. Somente quando o homem assumir suas culpas, delas reabilitando-se; suas responsabilidades, aplicando-as numa vivência correta; sua consciência, agindo com equilíbrio, é que ocorrerá a sua integração plena na vida com saúde e paz. Utilizando-se dos mecanismos escapistas a que se aferra e escamoteando o dever, apenas logra adiar o enfrentamento com os problemas que gera, com as dores que desencadeia, portanto, consigo próprio. Ninguém se evade indefinidamente da sua realidade. “Buscamos auxiliar estes labores que foram instalados em nossa Casa, à nossa revelia, porque os necessitados, embora ignoremos os problemas reais que os tipificam, são credores de compaixão e amor, constituindo-nos oportunidade para treinarmos paciência e caridade. [...] Permanecemos em reflexões profundas, constatando a excelência e oportunidade

dos argumentos do amigo, considerando, sobretudo, a transitoriedade do corpo, que sempre está sujeito a alterações que decorrem da sua estrutura frágil e complexa, invariavelmente vítima da condução irregular que lhe impõe o Espírito reencarnado. O homem-Espírito é um ser eterno, e as suas experiências no corpo constituem-lhe metodologia para aprendizagem dos valores elevados e fixação deles no imo. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, O desafio)

“Diálogos esclarecedores. [...] Aproveitando-me do silêncio, que se fez natural, indaguei: — Poderia depreender, em razão das informações recém-colhidas, que a nossa irmã Raulinda é uma obsidiada, não obstante as disfunções ovarianas e os distúrbios assinalados pelos neurotransmissores que a levam ao estado depressivo? Como educador gentil que é, o Amigo respondeu: — As consequências das leviandades cometidas estão impressas pelo Espírito nos seus equipamentos físicos, caracterizando-a hoje como uma enferma do aparelho genésico e vítima de transtornos psicológicos. Em face do exposto, ela necessita de assistência ginecológica e psiquiátrica. Todavia, porque se encontra assinalada pela consciência de culpa, que gera a auto-obsessão, e pela perseguição da sua vítima, em processo de perturbação obsessiva, diagnosticamos uma parasitose espiritual. Os dois distúrbios se mesclam, tornando-se difícil estabelecer as fronteiras onde um começa e o outro termina. Eis por que, em casos dessa natureza, em que se misturam os fenômenos perturbadores, como na maioria deles, os pacientes necessitam de uma terapia holística, que engloba a participação das diferentes áreas da ciência médica, a que nos referimos, e espíritas: leitura educativa, passes, água fluidificada, desobsessão e renovação íntima aplicada ao bem. Recorreríamos, também, à contribuição da Sociologia, amparando o grupo familiar, indiretamente envolvido na problemática. Alongando a análise, buscaríamos a ajuda da Ecologia, em considerando o envenenamento do ar que se respira; da Agricultura, respeitando as técnicas naturais da adubação e consequente diminuição dos agrotóxicos... Vemos a aplicação desordenada de hormônios em aves e animais, a fim de que se desenvolvam, alterando-lhes o ciclo biológico de postura, de reprodução e de crescimento, sem refletir nos danos que esses métodos e produtos causarão ao organismo humano. Em uma sociedade justa, realmente cristã, antes se pensará no ser propriamente dito, do que nos lucros que se pretenda obter dissociados do dever ético para com a vida. “Parecem ainda estar distantes os dias em que esses comportamentos vicejarão. Oxalá logo cheguem. Conquanto demorados, devemos empenhar-nos para despertar as consciências e aclarar mais o discernimento humano, que se devem voltar para essas cogitações protetoras da vida. “Não podemos negar os valiosos contributos

modernos da ciência e da tecnologia em favor da saúde, do bem-estar. Entretanto, não ignoramos a outra face da moeda, voltada para os interesses subalternos, criminosamente egoístas... “O homem marcha para Deus. É inevitável essa fatalidade. O Espiritismo, ensinando uma visão holística da realidade e dos procedimentos saudáveis, é o bandeirante ímpar dos novos tempos.” [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, Diálogos esclarecedores)

“Considerações últimas. O salão, adornado com guirlandas de mirto e rosas, que caíam em festões bem elaborados, estava repleto de trabalhadores da Casa e seus amigos, assim como alguns amigos reencarnados em desdobramento parcial pelo sono. Sobre o estrado, na parte posterior à entrada, uma mesa e três cadeiras compunham o cenário do lugar reservado aos comentários, palestras e conferências espíritas. Respirava-se simplicidade no ambiente arejado e agradável no qual a harmonia se exteriorizava benfazeja. O irmão Vicente convidou o Dr. Carneiro de Campos e Ernesto a assomarem à mesa. Após breves considerações acerca do evento, passou a palavra ao benfeitor baiano que se levantou fazendo a saudação cristã, tomou de *O evangelho segundo o espiritismo*, de Allan Kardec, e com voz pausada leu: A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos muita vez à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes, até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam. Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam. Fez uma pausa, enquanto espreitou os olhos pela sala iluminada, e ante os semblantes joviais, interessados, prosseguiu: — A Medicina holística, perseguindo a saúde integral, não poderá dissociar do ser humano a importante realidade espiritual. Os binômios mente-cérebro, espírito-matéria, que alguns estudiosos examinaram individualmente e que outros transformaram em uma unidade organicista, devem receber novo enfoque, no qual o espírito, perispírito e matéria estejam reunidos num trinômio, a fim de facultarem o perfeito entendimento do complexo humano. — Como o Espírito foi criado por Deus essencialmente simples e ignorante, a sua fatalidade é a perfeição relativa que lhe cumpre alcançar etapa a etapa. À medida que se

conscientiza, estabelecendo os paradigmas de comportamento saudável, desenvolve os valores adormecidos no imo e avança com equilíbrio no rumo do alvo que o aguarda. “Identificando o indivíduo atual como remanescente do seu próprio passado, todos os atos pretéritos encontram-se-lhe insculpidos no perispírito, de onde procedem as emanações geradoras de harmonia ou desequilíbrio catalogado como tragédia, insucesso ou enfermidade. A ação desenvolvida no soma, mesmo quando lhe proporciona refazimento, este é de breve duração, porque a causa geradora prossegue emitindo ondas desorganizadas que afetam o conjunto celular, produzindo recidiva ou desarticulando outros implementos em áreas diferentes, porém, vinculadas entre si. “O conhecimento do perispírito e a terapia de profundidade — a mudança mental e comportamental do Espírito reencarnado — tornam-se o ponto-chave do quesito binominal doença-saúde.” Silenciou por breve momento, a fim de facultar ao auditório correta assimilação do seu pensamento, prosseguindo: — Em boa hora os terapeutas da autoestima encaminham os seus pacientes para um trabalho de interiorização psíquica, na tentativa do autodescobrimento, onde se localizam os fatores básicos da sua existência. Após esse auto encontro, torna-se possível a identificação das causas reais dos distúrbios que os afetam. Conhecidas as geratrizes do fenômeno perturbador, mais factíveis se tornam as providências para a sua erradicação e por via de consequência os seus efeitos danosos. “Adicione-se ao perispírito a problemática das alienações mentais e patologias orgânicas que decorrem da influência dos Espíritos enfermos, dos obsessores, gerando distúrbios no campo da energia com as lamentáveis decorrências em forma de doenças. Impossível dissociarmos, dos problemas que afetam a saúde, a presença da obsessão. O intercâmbio mental entre os desencarnados e as criaturas humanas é belo capítulo da Ciência Espírita, graças ao qual se demonstram a imortalidade da alma, a reencarnação, a Justiça divina e a gênese de muitas ocorrências terrestres. “O Espírito é o ser preexistente ao corpo e a ele sobrevivente. O perispírito é o seu envoltório plástico maleável, constituído de energia específica. E o corpo físico é a condensação da energia primitiva elaborada pelo Espírito. “Aprofundando-se a sonda no âmago da energia pensante, encontra-se a vida inteligente, estuante, causadora do ser físico.” Novamente fez uma pausa oportuna, facultando-nos a compreensão do assunto lógico. Ali estávamos, Espíritos de vária procedência, e de níveis diferentes de compreensão, como é óbvio. Logo deu curso à bela análise: — O reducionismo, que pretende tornar o ser humano um grupamento de células que o acaso reuniu, vai cedendo lugar à visão espiritualista, e esta à compreensão espiritista. “Assim sendo, quanto mais avança a Física Quântica no

campo das partículas e subpartículas, mais detém os campos de energia, detectando-a na sua forma primordial. O conhecimento, portanto, do corpo, das suas necessidades e exigências, leva à identificação do ser profundo que o aciona e o comanda. Inevitavelmente, esse holismo conduzirá à aceitação do ser complexo e à solução dos seus múltiplos desafios na sua viagem. “Nestes dias de convivência espiritual estudamos juntos, alguns dos presentes, várias patologias físicas e psíquicas holisticamente, tendo dado preferência ao fator imortalista, mergulhados como nos encontramos no sublime oceano da sobrevivência. Com essa compreensão, recorrendo à Psicanálise reencarnacionista, encontramos as matrizes determinantes das afecções, aflições e comportamentos dos nossos assistidos, trabalhando nas suas respectivas áreas, e os resultados foram plenamente satisfatórios. “Antevemos com júbilo o momento em que o homem e a mulher holísticos serão considerados plenamente, quando a paranormalidade se lhes torne um natural sexto sentido, como o Prof. Richet ao seu tempo definiu a mediunidade. Quando as faculdades PSI se tornarem normais e o desdobramento dessas potencialidades parapsíquicas e mediúnicas alargarem os horizontes terrenos, as enfermidades experimentarão terapias menos violentas, menos amputadoras, todas trabalhadas no campo da energia. Nesse sentido, a constatação da psiconeuroimunologia já enseja a confirmação antecipada dessa perspectiva abençoada.” Outra vez permaneceu em rápida reflexão silenciosa, continuando: “Nesses próximos dias, a mediunidade exercida com consciência de responsabilidade oferecerá valioso contributo para a compreensão do ser holístico. Esse exercício mediúnico, porém, será com Jesus, não remunerado, não exaltado, destituído de estrelismo, de exibicionismo. Tomando cuidado com o dar de graça o que de graça se recebe, o ínclito codificador do Espiritismo advertiu, elucidando que a mediunidade nobre jamais subirá aos palcos e a sua gratuidade, conforme lemos, é sempre condição sine qua non para merecer respeito, confiança e apoio espiritual relevante. “Trabalhemos todos por esses programados dias do amanhã, oferecendo a nossa cota, na certeza de que logo chegarão, felicitando-nos, bem como ao planeta que nos tem sido formoso lar-escola de evolução.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Considerações últimas)

“**PROVA E FRACASSO.** [...] Mudando o ritmo da conversação, convidou-nos, a Alberto e a mim, para visitarmos uma das alas do pavilhão, na qual se encontravam as enfermarias reservadas aos pacientes portadores de transtornos psíquicos. Jubilosamente surpreendidos, aquiescemos de bom grado e dirigimo-nos ao andar superior ao da administração, onde eram atendidos os portadores de distúrbios mentais além da morte... Os enfermos mais agitados permaneciam em

ambientes restritos, enquanto os outros em processo de recuperação, desfrutavam da convivência geral com diversos companheiros, a fim de readquirirem a autoconfiança e a sociabilização. — Visitaremos — elucidou o diretor — o irmão Gustavo Ribeiro, que foi recolhido em nossa Clínica após dois anos da desencarnação, quando recambiado do lar e da família a que se fixava em terrível perturbação psíquica. Sob tratamento especializado, há mais de seis meses, reajusta-se e readquire, mui lentamente, o equilíbrio da consciência. [...] — E qual a terapia — voltei à carga — que lhe tem sido oferecida, a fim de liberá-lo do transtorno psíquico em que se debate? Pacientemente, o Amigo explicou: — Três vezes por dia são-lhe aplicados recursos magnéticos para reajustamento dos neurônios perispirituais desagregados pelas ondas da rebeldia que lhe assinalou a existência física. As sinapses, sofrendo a irregularidade das cargas elétricas, funcionam-lhe desordenadamente liberando os fantasmas encarcerados no inconsciente, que foram os comportamentos odientos, censuráveis, que agora, ressuscitados, perturbam-no. Duas vezes por semana são aplicadas técnicas hipnóticas, levando-o a processos regressivos, a fim de serem trabalhadas as lembranças, que recebem terapia calmante para que desapareçam, lentamente diluídas as formas de conflitos e remorsos que o aturdem. Concomitantemente, são realizadas leituras edificantes que se lhe vão imprimindo na mente e estabelecendo novos raciocínios propiciadores de paz e de esperança. — Qual a perspectiva — insisti com amabilidade — de recuperação da sua lucidez mental? — Dependerá do esforço dele mesmo — redarguiu, gentilmente. — As fixações mentais são trabalho de demorado curso, realizadas por aqueles que as estimam. Quando de qualidade inferior, mantêm-se prejudicando e enlouquecendo. E natural que a sua desestruturação ocorra também de maneira lenta, a fim de serem evitados choques emocionais no comportamento dos pacientes. A violência não faz parte dos Soberanos Códigos, sendo expressão de atraso espiritual daquele que a desencadeia. Assim mesmo, providências cuidadosas têm sido tomadas, de forma a reconduzi-lo à realidade. [...] “O nosso Sanatório tem como prioridade, conforme o Miranda está esclarecido, atender os amigos da fé espírita que optaram pela perturbação, pelo engodo, pelos compromissos infelizes, e que necessitam de atendimento carinhoso para o prosseguimento das tarefas interrompidas. Naquele momento, chegaram os passistas encarregados do atendimento de Gustavo. Era uma excelente oportunidade para auxiliá-lo com o nosso modesto contributo de oração e simpatia. Proferida a prece por Alberto, solicitado pelo Orientador, logo após foi lida uma página de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e depois de breve comentário por um dos servidores, foram aplicados

passes dispersivos no chakra coronário, alongando-se por todo o corpo perispiritual, prosseguindo-se com a doação de energias saudáveis. No início, o paciente estertorou, acalmando-se lentamente, até ser abençoado por um sono repousante e tranquilo. Estava encerrada a nossa visita. Despedimo-nos dos assistentes, e quando nos encontrávamos no corredor, indaguei ao médico uberabense: — São aplicados outros recursos, que desconhecemos na Terra? — Sim — respondeu com simpatia — todos eles de natureza energética. Houve tempo, em alguns casos muito graves, em que foram aplicados eletrochoques, e mesmo hoje, vez que outra, um tanto raramente, se fazem necessários procedimentos terapêuticos dessa natureza. Todavia, os mecanismos espirituais são muito variados para o atendimento dos enfermos mentais, incluindo regressão de memória, hipnose profunda, fixação de pensamentos libertadores através da sua repetição mental em direção ao enfermo e aplicação de energias especiais encontradas em nosso campo vibratório... Mas, é sobretudo através do amor, com o interesse pelo bem-estar dos enfermos que, por meio da oração que nos vincula ao Pensamento Divino, e do qual se haurem forças vigorosas para transmiti-las em favor dos necessitados que, na razão em que vão sendo absorvidas, o quadro em que demoram se modifica para melhor, alterando o comportamento emocional e psíquico, por fim, propiciando-lhes a recuperação do equilíbrio. “Vivemos em um universo de ondas e de mentes, de ideias, de vibrações, de energia, e tudo quanto existe é resultado das várias apresentações desses campos de forças, apresentando-se em variado painel de formas e de acontecimentos. Se nos recordarmos de Jesus, constataremos essa realidade quando Ele nos ensinou: — Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis, e vos será concedido — conforme as anotações de Marcos 11, versículo 24. Por que, na prece? Em razão desse miraculoso mecanismo vibratório poder alterar a estrutura da nossa realidade, passamos a experimentar outras expressões da energia que promana de Deus e nos modifica a realidade interior. Sendo o pensamento uma fonte de energia específica, de acordo com a sua constituição positiva ou negativa, sempre alcança a meta para a qual é direcionado. No que se refere ao bem que produz, à excelência dos resultados que proporciona, à qualidade de onda de que se constitui, transforma-se num excepcional recurso terapêutico que podemos utilizar em qualquer lugar onde nos encontremos e que, entre nós, desencarnados lúcidos e trabalhadores, face à maior facilidade de elaborá-lo, torna-se-nos um instrumento dos mais preciosos para a construção do equilíbrio, propiciando a saúde.” [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 16)

“**Análises e novas observações.** Em razão da gentileza do nosso anfitrião, que nos liberara para a

formulação de algumas questões, após ouvir comentários oportunos apresentados pelo nosso mentor, de acompanhar atentamente as indagações dos outros companheiros em torno da clínica de saúde mental e dos seus pacientes, controlando a natural ansiedade, propus-lhe uma pergunta, solicitando escusas pelo atrevimento: - Em recordando a problemática de que é objeto o nosso irmão Arcanjo, vitimado pela esquizofrenia e, ao mesmo tempo, pela obsessão, não seria de esperar que, recebendo a terapêutica acadêmica e a espírita, adquirisse a recuperação total? Muito amável e pacientemente, Dr. Ximenes respondeu-me: — Seria, sim, ideal que assim acontecesse. Nada obstante, devemos considerar que o paciente psiquiátrico é, normalmente, alguém que se utilizou da inteligência e do sentimento com muita falta de responsabilidade, lesando os núcleos perispirituais que plasmam no cérebro carnal as necessidades de reparação. Imaginemos um médico, no uso da sua missão de melhorar a qualidade de vida dos enfermos, de amenizar-lhes os sofrimentos, de prolongar-lhes a existência e até mesmo de recuperá-los das doenças, que se utiliza do conhecimento intelectual para a exploração dos seus recursos econômicos, sem respeito pelo ser humano, que posterga terapias valiosas, a fim de retê-los por mais tempo sob seus cuidados, ou que se utiliza da medicina para o enriquecimento criminoso mediante o aborto, a eutanásia, cirurgias desnecessárias; como despertará no Além-túmulo? Tenhamos em consideração um escritor que intoxica as mentes dos seus leitores com clichês de perversidade e de luxúria, de vandalismo e de desrespeito; um ator ou atriz que, em nome da arte entrega-se aos despropósitos das sensações grosseiras, arrastando multidões fanatizadas aos abismos morais; um sacerdote ou pastor religioso, um pregador espírita, muçulmano ou israelita, ou de outro credo qualquer, que esgrime a palavra da sua fé religiosa como espada de separação e de destruição de vidas, ou dela se utiliza para a própria lubricidade mediante a sedução de pessoas inexperientes para crimes sexuais, políticos, de qualquer espécie; os maledicentes e acusadores contumazes, que somente veem e comentam o que podem destruir e infelicitar; um cientista que se utiliza do comércio ignóbil de vidas para as suas experiências macabras, para a venda de órgãos vitais, para a conquista do poder, malsinando a inteligência; os traficantes de drogas, de mulheres e crianças para o comércio do vício, como despertarão depois da morte? O remorso cruel, o desespero pelo acoimar das suas vítimas, a angústia em constatar as alucinações que se permitiram, o uso perverso que deram às suas aptidões, aos seus pensamentos e técnicas, explodem-lhes no Espírito e levam-nos à loucura, que prosseguem vivenciando quando recambiados à reencarnação. As suas vítimas seguem-nos empós, imantadas à área da

consciência de culpa e ferreteando-os mais em duelos de ódios inimagináveis. A nossa tarefa é de permitir-lhes melhores condições para reparar os crimes, oportunidades mais longas para a libertação de si mesmos dos grilhões e dos cárceres sem paredes em que se atiraram espontaneamente. A recuperação da saúde, portanto, está na razão direta da gravidade do delito, porque alguns, não remodelados pelos camartelos do sofrimento, em retornando à sociedade com discernimento, correm o perigo de reincidirem nos desequilíbrios com maiores prejuízos. Assim, no caso em tela, nosso amigo tem sido beneficiário de muito socorro, em razão do investimento de entidades nobres que por ele zelam e contribuem em seu favor, não impedindo, porém, que ressarça os gravames sérios que se permitiu. Diariamente, acompanhamos pessoas que possuem tudo para fazer o bem, para o correto procedimento, para uma vida equilibrada, que se deixam desviar do rumo feliz pelas atrações do mal em sintonia com o seu psiquismo. Conscientes dos perigos e ingratos a Deus pelas concessões de que desfrutam, permitem-se abandonar os bons propósitos, as realizações enobrecedoras a que se vinculavam, optando pelo desbordar das paixões, traindo, malsinando, ferindo com astúcia o seu próximo, os afetos que lhes entregaram o coração e a vida... É natural que recebam liberdade condicional na afecção ou no transtorno de que se tornem portadores, mas sob vigilância, a fim de utilizarem a parcial lucidez para agir com dignidade e equilíbrio, acumulando méritos para a total libertação. Um hospital, de qualquer especialidade, é laboratório de recuperações sob a direção da Divindade, que para ele recambia os destroçados por si mesmos, a fim de serem remendados. O psiquiátrico, porém, é também um grande presídio com melhores recursos de renovação do que o cárcere convencional. Todos quantos nele se hospedam, temporária ou permanentemente, além de se encontrarem em reconstrução, expungem os fluidos deletérios do mal que se permitiram por longo período. É o caso do nosso irmão Arcanjo. Liberado de uma das suas vítimas, a sua conduta atrairá outras companhias compatíveis com as aspirações que acalente. A medicação auxiliá-lo-á no quimismo cerebral, trabalhando possibilidades de equilíbrio e de discernimento, mas ele terá que recompor-se interiormente e recuperar-se.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 14)

“Parasitoses físicas. [...] - O irmão Miranda sabe que os elementos constitutivos do perísprito são de energia muito específica, ainda não havendo sido classificada pelos estudiosos da física quântica. Pensam muitos especialistas de nosso plano que ele seria constituído por átomos muito sutis ionizados ou por partículas semelhantes aos neutrinos ainda mais tênues e velozes do que aqueles que foram detectados

nos formidandos laboratórios terrestres; nada obstante, prefiro, pessoalmente, a definição do preclaro codificador, quando se refere a um envoltório semimaterial, portanto, em termos muito simples, resultado de uma energia semimaterial, de um campo específico. A sua irradiação contínua impregna a organização física dos seus conteúdos, que são resultantes dos atos que procedem do ser pensante — o Espírito imortal. Essa maravilhosa estrutura energética pode ser penetrada por outras, dependendo dos valores morais do ser espiritual que a acolhe, de acordo com a afinidade de constituição. Quando é superior, torna-se mais vibrante e resistente, gerando valores positivos no organismo; sendo de procedência inferior, termina por tornar-se cediça e frágil, apresentando lesões que se refletem como distúrbio equivalente no mundo das formas. Forma energética do corpo somático, tudo aquilo que lhe ocorre na organização será refletido na forma. Eis porque, toda e qualquer terapêutica direcionada a doenças deve sempre considerar o ser humano total, não apenas como o corpo ou como o corpo e a mente (Espírito), mas como Espírito, perísprito e corpo. Quando isso ocorrer, e não estão longe os dias da sua aceitação, o binômio saúde-doença estará recebendo muito melhor contribuição do que aquela que lhe tem sido direcionada até estes dias. - Compreendo sim - aduzi-lhe aos comentários - a realidade do enfoque apresentado pelo caro amigo, porque muitos cancerologistas, cardiologistas e outros profissionais da saúde de ambos os planos da vida, são unânimes em afirmar que transtornos psicológicos, raiva e ressentimento, ciúme e inveja, isto é, todos esses fatores de perturbação emocional, refletem-se na área da saúde, dando surgimento a patologias graves, como algumas das que dizem respeito às suas especialidades. Por outro lado, verificamos amiúde, os casos de problemas orgânicos derivados dos conflitos, particularmente dos aparelhos digestivo e cardíaco, por somatização. Se a mente pessoal gera esses fenômenos perturbadores, sob ação de outras mentes mais vigorosas, ainda sob a cruz dos conflitos originados na conduta extravagante do passado, é claro que os efeitos danosos são muito mais fortes, favorecendo o surgimento de doenças mais graves, produzidas pelos agentes microbianos de destruição dos tecidos. Em assim sendo, qual a melhor terapia para ser aplicada? - Indiscutivelmente - redarguiu -, a do Evangelho, isto é, a da transformação moral do paciente, que é a sua parte fundamental, e a nossa contribuição em relação a ele, a fluidoterápica, a fim de afastar o agente desencadeador do problema, a sua conveniente doutrinação, a compaixão e misericórdia para com ele, sem nenhuma diferença daquela que seria aplicada nos transtornos obsessivos mentais e comportamentais. Pelo pensamento, cada um de nós elege a companhia espiritual que melhor nos apraz.

Na larga experiência de lidar com obsessos físicos, tenho aprendido que é a mente o grande agente fomentador de vida, como de destruição dos seus elementos constitutivos. Afinal, o que criou e rege o universo é a mente divina na qual tudo se encontra imerso. A mente humana, nos seus limites, produz a constelação de ocorrências próximas à sua fonte emissora de energia, sempre em sintonia com a qualidade de vibrações exteriorizadas. Pensar bem, portanto, já não tem sentido apenas ético ou religioso, mas uma abrangência muito maior que é o psicoterapêutico preventivo e curador.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 15)

“Compromissos com o espiritismo. [...] Vige, modernamente, com alarde, no Movimento Espírita, a proclamação de reuniões especialmente dedicadas a curas, atraindo sempre pessoas que não desejam assumir graves compromissos com a vida e que somente planejam libertar-se das aflições, para seguirem de imediato na busca de novos problemas... Sem qualquer dúvida, toda reunião onde dois ou mais chamam por Jesus, reúnem-se em seu nome, conforme Ele prometeu, ei-lo presente, desenvolvendo o ministério de amor, de saúde e de paz. A cura real, devemos de isso conscientizar-nos, vem de dentro do ser, da sua transformação moral, da sua mudança de atitude em relação ao comportamento existencial e não do exterior como alguns pensam irresponsavelmente. As soluções apressadas não erradicam o mal, que permanece aguardando oportunidade para a recidiva piorada com os novos gravames da leviandade. Em consequência, toda reunião espírita séria e nobre é de cura, porque as energias que se movimentam no ambiente possuem qualidades para proporcionar o refazimento das organizações física, emocional, psíquica e espiritual daquele que ali se encontra... Acostumados, porém, às bengalas psicológicas das soluções miraculosas, os indivíduos menos esclarecidos preferem o culto das ilusões e a participação em grupos formados por místicas de ocasião, deixando de lado a responsabilidade e o dever auto iluminativo. Aqueles que perseveram fiéis aos postulados básicos, ironicamente são taxados de ortodoxos, antiquados, porque os modernistas preferem a superficialidade, as distrações, as comodidades imediatas derivadas do prazer, distanciando-se da consciência da imortalidade e da fugacidade de tudo quanto é material. [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 15)

“Prosseguem as experiências libertadoras. [...] A sociedade, que fora criada para divulgar o Espiritismo e orientar as vidas, passou a dedicar todos os seus esforços em favor da assistência social, criando mecanismos antidoutrinários para recolher donativos, e utilizando-se da onda de curas, adotando uma das muitas terapias complementares, então denominadas alternativas, para atrair público e, por consequência,

conseguir moedas para a caridade que se pretendia realizar... O clímax aconteceu quando, para auferir-se benefícios materiais da decantada terapia, passou-se a exigir que o paciente se tornasse sócio da entidade, o que, sem qualquer dúvida, era um disfarce para a simonia, para a venda do produto exposto, porquanto as pessoas eram constrangidas a fazê-lo, embora nunca mais voltassem... As reuniões doutrinárias perderam o encanto e o conteúdo, porque os clientes sentavam-se à sala, ouvindo os expositores pouco motivados, aguardando a transferência para outro recinto onde eram realizados os atribuídos benefícios energéticos. Toda uma parafernália de instrumentos foi colocada nas respectivas salas, dando-lhes um falso aspecto de laboratórios terapêuticos, mais voltados para a sugestão e a autoindução, do que portadores de efeitos salutares. Os passes, a água fluidificada, a psicoterapia pelas orientações doutrinárias, as propostas de reforma íntima, os labores desobsessivos, lentamente passaram a plano secundário, ante o fantástico fenômeno em voga. Naquela ocasião, a Sociedade Espírita, em consequências de tal comportamento, era somente um simulacro da veneranda entidade do passado. [...] A palestra da noite deveria ser proferida por um convidado especial, dedicado ao estudo e à vivência da mensagem espírita. Estava aguardado, mais por curiosidade do que por interesse de aprendizagem por grande parte dos diretores da Casa. No momento da chegada, foi recebido com certa indiferença, por um dos membros, justificando a ausência do presidente, que o convidara e assinalara a data para o cometimento doutrinário, porque o mesmo encontrava-se noutra sala, organizando os atendimentos terapêuticos para o público, pelo que solicitava escusas. Surpreendido ante o inusitado, o visitante aguardou as próximas ocorrências, que não demoraram. Já, à mesa dos trabalhos, recebeu um bilhete do seu dirigente solicitando-lhe que abordasse o tema em tom baixo de voz, a fim de não interferir nos processos de cura ao lado. Ignorando o de que se tratava, o expositor perguntou se em assim comportando-se, todos os presentes na sala teriam como ouvi-lo, recebendo uma inesperada resposta, que o intranquilizou de forma significativa: - A palestra tem por finalidade entreter os presentes - elucidou o diretor da reunião - enquanto aguardam o momento de serem direcionados para o outro recinto, onde se dão as operações curativas. [...] Terminada a estranha e tormentosa atividade, o expositor foi convidado a visitar o recinto terapêutico, onde o aguardava risonho e frívolo, o seu dirigente, que logo esclareceu: — Nosso objetivo aqui vem sendo cumprido à risca. Todos os enfermos são atendidos dentro da programação. Como vê, estamos equipados para bem servir. Sinceramente compungido, o expositor, igualmente médium ostensivo, serviu de instrumento para

que Petitinga, por seu intermédio, dialogasse com o deslumbrado curador leviano. - Não será - indagou, a seu turno - o objetivo do Espiritismo curar o ser interno ao invés da roupagem que o reveste? Não tem por objetivo a reencarnação a necessidade reparadora e a aquisição de novos conhecimentos para não mais se incidir no erro? Observei que os clientes de maneira alguma interessaram-se pelas informações espíritas, que são as respostas dos céus a todos os questionamentos e problemas humanos. A preocupação generalizada era a de receber o tratamento que aqui deveriam fazer e fugir do ambiente quanto antes, como quem desejasse o direito de não assumir qualquer tipo de compromisso... - Sim — respondeu o insensato, inspirado por um hábil mistificador, que se fizera responsável pelas mudanças ocorridas na sociedade - essa é a função do Espiritismo, sem dúvida, mas nunca deveremos esquecer da caridade imediata, conforme Jesus a fazia. - O Mestre, porém - respondeu o convidado - quando atendia os enfermos do corpo e da alma, sempre lhes perguntava se desejavam que Ele os curasse, e após atendê-los, recomendava com ênfase: “(...) não peques Trafw” (comprometer-se moralmente), “para que não te suceda alguma coisa pior? (João: 5, 14). Não desejo desconsiderar a terapêutica aplicada, e confesso desconhecer os benefícios que propicia, embora respeite-a, mas penso que o Centro Espírita não pode ser transformado em uma clínica de terapias alternativas, competindo com aquelas especialmente programadas para esse fim. O nosso compromisso é com o ser integral, a partir do espírito, e não apenas com uma parte dele, como seja, o problema que cada um expressa no momento. Perturbando-se, o dirigente, com o humor alterado, irritando-se com as descargas de fluidos deletérios que lhe eram aplicadas pelo símile desencarnado, foi rude: - Você não foi convidado para vir ensinar-me o que devo fazer, na minha Casa... - “Sem dúvida - redarguiu, tranquilo, o trabalhador espírita — que não venho ensinar-lhe o que o senhor deve saber, já que se investiu na condição de orientador de vidas. Apenas respondo-lhe às informações com as explicações espíritas, que o senhor, por certo conhece, embora não as aplique na prática. Transformar uma entidade espírita em uma clínica desse porte, não apenas é um desrespeito à Doutrina, que não se deve encarregar desse mister, como também é um atentado à saúde pública, porquanto as autoridades sanitárias não lhe concederam permissão para essa função, nem aqueles que aplicam esses recursos estão credenciados com o conhecimento acadêmico para exercer a atividade terapêutica, que executam, sem real habilidade para tanto, em face de serem todos autodidatas... Ademais, desde Jesus, quando atendia aos necessitados de todo jeaz, que aprendemos com Ele, que nada se deve receber em volta quando se pretende dar algo,

especialmente na área da recuperação da saúde, porque os benefícios procedem do Pai e dele, através dos seus mensageiros, que nada recebem em retribuição. Trata-se do “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus: 10, 8), meu caro amigo, que não podemos esquecer. [...] O espírito perverso que assessorava o presidente estorcejava na raiva e transmitia-a ao seu parceiro emocional que, assumindo a presunçosa condição de dono da Casa, encerrou o encontro, rispidamente: - Penso que nada mais temos a comentar. Assim, considero dispensável a sua presença nesta Casa que dirijo... Era só o que me faltava aparecer! - “Com muito prazer e, sinceramente, sinto-me feliz por havê-lo advertido pessoalmente, sem qualquer agressão, a respeito da malversação do patrimônio que herdou dos nobres trabalhadores do passado, que lamentam a transformação da veneranda entidade em um mercado de pseudocuras. [...] Na próxima reunião da diretoria, os membros que acompanharam a conversa enérgica, encorajados pela limpidez do pensamento espiritual, censuraram o comportamento do presidente, que praticamente se indispôs com os mesmos, tomado de

ira. Havia sido criado o ambiente para futuros estudos em torno do assunto, que resultariam, bem mais tarde, com o retorno às lides espíritas, a supressão da terapia que se encontrava em lugar indevido e a transformação do lar, de internamento para uma creche-escola de resultados muito mais positivos, dentro dos padrões da caridade que ilumina e que liberta da ignorância, assim como das paixões inferiores. [...]” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 17)

II Psicoterapia espiritual: evangelização e reforma íntima^{2,3,4,5,6,7,8,9}

“DA PERFEIÇÃO MORAL. [...] CARACTERES DO HOMEM DE BEM. 918. *Por que indícios se pode reconhecer em um homem o progresso real que lhe elevará o Espírito na hierarquia espírita?* “O Espírito prova a sua elevação, quando todos os atos de sua vida

- 2 Vide Subcapítulos I.6 [“O corpo físico é controlado pela mente (psicossomatismo)”] e I.9 [“O corpo físico funciona como depurador das moléstias da alma”], Capítulo I [“Corpo material ou físico”], Segunda Parte [“Constituição Humana – Corpos Sutis”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].
- 3 Vide Subcapítulos III.3 [“Relação entre perispírito, mente, pensamentos e sentimentos”] e III.5 [“Purificação do perispírito pela depuração dos pensamentos e sentimentos (evolução espiritual ou ética-moral)”], Capítulo III [“Corpo perispirítico, perispírito ou psicossoma”], Segunda Parte [“Constituição Humana – Corpos Sutis”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].
- 4 Vide Subcapítulos IV.2 [“Evolução do espírito ou princípio inteligente”], IV.6 [“O binômio espírito-mente comanda o corpo físico (psicossomatismo): espírito-mente / perispírito / corpo físico-vital”] e IV.13 [“Necessidade de cultivar bons pensamentos”], Capítulo IV [“Espírito, alma ou princípio inteligente”], Segunda Parte [“Constituição Humana – Corpos Sutis”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].
- 5 Vide Subcapítulos I.6 [“Obsessão e evolução espiritual (evolução ética-moral)”] e I.13 [“Obsessão causando distúrbios ou doenças físicas e mentais”], Capítulo I [“Obsessão”], Terceira Parte [“Obsessão e Desobsessão”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].
- 6 Vide Subcapítulos II.2 [“Fundamentos da terapia desobsessiva: doutrinação, evangelização, estudo da doutrina, tratamento fluídico do obsidiado e do obsessivo”] e II.3 [“Poder da prece, da leitura edificante e da evangelização”], Capítulo II [“Desobsessão”], Terceira Parte [“Obsessão e Desobsessão”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].
- 7 Vide Subcapítulo III.3 [“Doença e evolução ética-moral”], Capítulo III [“Doença segundo a medicina espiritual”], Quarta Parte [“Medicina Espiritual – Aspectos Gerais”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].
- 8 Vide Capítulo II [“Maturidade psicológica e evolução ética-moral”], Quinta Parte [“Medicina Espiritual – Transtornos Mentais”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].
- 9 Vide Subcapítulo IV.1 [“Causas cármicas – Matrizes perispirituais consequentes aos deslizes éticos-morais do passado”], Capítulo IV [“Causas espirituais”], Quinta Parte [“Medicina Espiritual – Transtornos Mentais”] do Volume III [“Saúde segundo o Espiritismo”] dessa série de livros [“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”].

corporal representam a prática da lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual.” Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem *que podia*, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim, se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem. Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça. É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças. Se Deus lhe outorgou o poder e a riqueza, considera essas coisas como UM DEPÓSITO, de que lhe cumpre usar para o bem. Delas não se envaidece, por saber que Deus, que lhas deu, também lhas pode retirar. Se sob a sua dependência a ordem social colocou outros homens, trata-os com bondade e complacência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: *Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado*. Não é vingativo. A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois não ignora que, *como houver perdoado, assim perdoado lhe será*. Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como quer que os mesmos direitos lhe sejam respeitados.

CONHECIMENTO DE SI MESMO. 919. *Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?* “Um sábio da antiguidade vo-lo disse: *Conhece-te a ti mesmo*.” **a)** — *Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?* “Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquiresse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo-de-guarda que o esclarecesse, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuráreis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai

ainda mais: ‘Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?’ “Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado. “O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificáreis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseqüentemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas; dê balanço no seu dia moral para, a exemplo do comerciante, avaliar suas perdas e seus lucros e eu vos asseguro que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida. “Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! Que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a ideia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso, foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar.

Com este objetivo é que ditamos *O Livro dos Espíritos*.” SANTO AGOSTINHO. Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, efetivamente, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais amiúde a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem que o suspeitemos, unicamente por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que qualquer máxima, que muitas vezes deixamos de aplicar a nós mesmos. Aquela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não abrem lugar para qualquer alternativa e que não outros tantos argumentos pessoais. E, pela soma que derem as respostas, poderemos computar a soma de bem ou de mal que existe em nós.” (AK, *O livro dos espíritos*, Terceira parte, Capítulo XII)

“SEDE PERFEITOS. CARACTERES DA PERFEIÇÃO.

1. *Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. – Porque, se somente amardes os que vos amam, que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? – Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? – Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.* (S. MATEUS, 5:44, 46 a 48) **2.** Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar. Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem.” Mostra ele, desse modo, que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes. Com efeito, ao se observarem os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobre-excita o sentimento da personalidade destrói ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é

sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial.” **O HOMEM DE BEM. 3.** O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem *que podia*, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem. Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas. Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais. Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar. Possuindo do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça. Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa. O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção *de raças, nem de crenças*, porque em todos os homens vê irmãos seus. Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam. Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor. Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado Lhe será conforme houver perdoado. É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado.” Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o

mal. Estuda suas próprias imperfeições e trabalha, incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera. Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros. Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado. Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões. Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para esmagá-los com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram. O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, nº 9) Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus. Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforça por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz. **OS BONS ESPÍRITAS.** 4. Bem compreendido, mas, sobretudo, bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam. Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as consequências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo oculto ao vulgo. Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados maticizes. Provém isso de que a parte por assim dizer *material* da ciência somente requer olhos que observem, enquanto a parte *essencial* exige certo

grau de sensibilidade, a que se pode chamar *maturidade do senso moral*, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado. Nalguns, ainda muito tenazes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com os seus pendores, nem com seus hábitos, não percebendo haja qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados. Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas. Numa palavra: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações. Atêm-se mais aos fenômenos do que à moral, que se lhes afigura cediça e monótona. Pedem aos Espíritos que, incessantemente, os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os arcanos do Criador. Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções. Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência. Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: *é tocado no coração*, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.* Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme a vontade. **PARÁBOLA DO SEMEADOR.** 5. *Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à borda do mar; – em torno dele logo reuniu-se grande multidão de gente; pelo que entrou numa barca, onde sentou-se, permanecendo na margem todo o povo. – Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim: Aquele que semeia saiu a semear; – e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. – Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído.*

– Mas, levantando-se, o Sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. – Outra parte caiu entre espinheiros e estas, crescendo, as abafaram. – Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. – Ouça quem tem ouvidos de ouvir. (S. MATEUS, 13:1 a 9) Escutai, pois, vós outros a parábola do semeador. – Quem quer que escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. – Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. – Mas, não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Em sobrevivendo reveses e perseguições por causa da palavra, tira ele daí motivo de escândalo e de queda. – Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas, em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. – Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um. (S. MATEUS, 13:18 a 23) **6.** A parábola do semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá! Não menos justa aplicação encontra ela nas diferentes categorias de espíritos. Não se acham simbolizados nela os que apenas atentam nos fenômenos materiais e nenhuma consequência tiram deles, porque neles mais não veem do que fatos curiosos? Os que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que reconhecem muito bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si próprios? Aqueles, finalmente, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos? **INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS. O DEVER. 7.** O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem. Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o

adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde ele começa? Onde termina? *O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranquilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.* Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sua consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem, infinitamente variado nas suas expressões, não é o mesmo o critério. *A igualdade em face da dor é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.* O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. *O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo.* É, a um tempo, juiz e escravo em causa própria. O dever é o mais belo laurel da razão; descende desta como de sua mãe o filho. O homem tem de amar o dever, não porque preserve de males a vida, mas aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento. O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos. – *Lázaro.* (Paris, 1863) **A VIRTUDE. 8.** A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal, a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe, o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadeirar-se. Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas. S. Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno Cura d'Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse completo e inteiro esquecimento de si mesmos. À

virtude assim compreendida e praticada é que vos convindo, meus filhos; a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que vos concito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imiteis o homem que se apresenta como modelo e trombeta, ele próprio, suas qualidades a todos os ouvidos complacentes. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma imensidade de pequenas torpezas e de odiosas covardias. Em princípio, o homem que se exalta, que ergue uma estátua à sua própria virtude, anula, por esse simples fato, todo mérito real que possa ter. Entretanto, que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito de boa mente que o homem que pratica o bem experimenta uma satisfação íntima em seu coração; mas, desde que tal satisfação se exteriorize, para colher elogios, degenera em amor-próprio. Ó vós todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabeis quão longe da perfeição está o homem, jamais esbarreis em semelhante escolho. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritos sinceros. Contudo, dir-lhes-ei: Mais vale pouca virtude com modéstia, do que muita com orgulho. Pelo orgulho é que as Humanidades sucessivamente se hão perdido; pela humildade é que um dia elas se hão de redimir. – *François-Nicolas-Madeleine*. (Paris, 1863) [...] **O HOMEM NO MUNDO. 10.** Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Purificai, pois, os vossos corações; não consentais que neles demore qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevai o vosso espírito àqueles por quem chamais, a fim de que, encontrando em vós as necessárias disposições, possam lançar em profusão a semente que é preciso germine em vossas almas e dê frutos de caridade e justiça. Não julgueis, todavia, que, exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental, pretendamos vivais uma vida mística, que vos conserve fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não; vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar. Sois chamados a estar em contato com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. Sede joviais, sede ditosos, mas seja a vossa jovialidade a que provém de uma consciência limpa, seja a vossa ventura a do herdeiro do Céu que conta os dias que faltam para entrar na posse da sua herança. Não consiste a virtude em assumirdes severo e lúgubre aspecto, em repelirdes os prazeres que as vossas condições humanas vos permitem. Basta reporteis todos os atos da vossa vida ao Criador que

vo-la deu; basta que, quando começardes ou acabardes uma obra, eleveis o pensamento a esse Criador e lhe peçais, num arroubo d'alma, ou a sua proteção para que obtenhais êxito, ou a sua bênção para ela, se a concíuístes. Em tudo o que fizerdes, remontai à Fonte de todas as coisas, para que nenhuma de vossas ações deixe de ser purificada e santificada pela lembrança de Deus. A perfeição está toda, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas, os deveres da caridade alcançam todas as posições sociais, desde o menor até o maior. Nenhuma caridade teria a praticar o homem que vivesse insulado. Unicamente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais árduas é que ele encontra ensejo de praticá-la. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta. (Cap. V, nº 26) Não imagineis, portanto, que, para viverdes em comunicação constante conosco, para viverdes sob as vistas do Senhor, seja preciso vos cilicieis e cubrais de cinzas. Não, não, ainda uma vez vos dizemos. Ditosos sede, segundo as necessidades da Humanidade; mas, que jamais na vossa felicidade entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer se vele o semblante dos que vos amam e dirigem. Deus é amor, e aqueles que amam santamente ele os abençoa. – *Um Espírito Protetor*. (Bordéus, 1863) [...]” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XVII)

“O EGOÍSMO E O ORGULHO. SUAS CAUSAS, SEUS EFEITOS E OS MEIOS DE DESTRUÍ-LOS. É bem sabido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um pensa em si antes de pensar nos outros e cogita antes de tudo de satisfazer aos seus desejos, cada um naturalmente cuida de proporcionar a si mesmo essa satisfação, a todo custo, e sacrifica sem escrúpulo os interesses alheios, assim nas mais insignificantes coisas, como nas maiores, tanto de ordem moral, quanto de ordem material. Daí todos os antagonismos sociais, todas as lutas, todos os conflitos e todas as misérias, visto que cada um só trata de despojar o seu próximo. O egoísmo, por sua vez, se origina do orgulho. A exaltação da personalidade leva o homem a considerar-se acima dos outros. Julgando-se com direitos superiores, melindra-se com o que quer que, a seu ver, constitua ofensa a seus direitos. A importância que, por orgulho, atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta. O egoísmo e o orgulho nascem de um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm sua razão de ser e sua utilidade, porquanto Deus nada pode ter feito inútil. Ele não criou o mal; o homem é quem o produz, abusando dos dons de Deus, em virtude do seu livre-arbítrio. Contido em justos limites, aquele sentimento é bom em si mesmo. A exageração é o que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece

com todas as paixões que o homem, frequentemente, desvia do seu objetivo providencial. Ele não foi criado egoísta, nem orgulhoso por Deus, que o criou simples e ignorante; o homem é que se fez egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe outorgou para sua conservação. Não podem os homens ser felizes, se não viverem em paz, isto é, se não os animar um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; numa palavra, enquanto procurarem esmagar-se uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; uma e outra, porém, pressupõem a abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com esses vícios, não é possível a verdadeira fraternidade, nem, por conseguinte, igualdade, nem liberdade, dado que o egoísta e o orgulhoso querem tudo para si. Eles serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto dominarem, ruirão aos seus golpes os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados. É belo, sem dúvida, proclamar-se o reinado da fraternidade, mas, para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É edificar em terreno movediço; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; insta destruir as causas da insalubridade. Para que os homens vivam na Terra como irmãos, não basta se lhes deem lições de moral; importa destruir as causas de antagonismo, atacar a raiz do mal: o orgulho e o egoísmo. Essa a chaga sobre a qual deve concentrar-se toda a atenção dos que desejem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto subsistir semelhante obstáculo, eles verão paralisados todos os seus esforços, não só por uma resistência de inércia, como também por uma força ativa que trabalhará incessantemente no sentido de destruir a obra que empreendam, por isso que toda ideia grande, generosa e emancipadora arruína as pretensões pessoais. Impossível, dir-se-á, destruir o orgulho e o egoísmo, porque são vícios inerentes à espécie humana. Se fosse assim, houvéríamos de desesperar de todo progresso moral; entretanto, desde que se considere o homem nas diferentes épocas transcorridas, não há negar que evidente progresso se efetuou. Ora, se ele progrediu, ainda, naturalmente, progredirá. Por outro lado, não se encontrará homem nenhum sem orgulho, nem egoísmo? Não se veem, ao contrário, criaturas de índole generosa, em quem parecem inatos os sentimentos do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação? O número delas, positivamente, é menor do que o dos egoístas; se assim não fosse, não seriam estes últimos os fautores da lei. Há muito mais criaturas dessas do que se pensa e, se parecem tão pouco numerosas, é porque o orgulho se põe em evidência,

ao passo que a virtude modesta se conserva na obscuridade. Se, portanto, o orgulho e o egoísmo se contassem entre as condições necessárias da Humanidade, como a da alimentação para sustento da vida, não haveria exceções. O ponto essencial, pois, é conseguir que a exceção passe a constituir regra; para isso, trata-se, antes de tudo, de destruir as causas que produzem e entretêm o mal. Dessas causas, a principal reside evidentemente na ideia falsa que o homem faz da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Por não saber donde vem, ele se crê mais do que é; e não sabendo para onde vai, concentra na vida terrena todo o seu pensar; acha-a tão agradável, quanto possível; anseia por todas as satisfações, por todos os gozos; essa a razão porque atropela sem escrúpulo o seu semelhante, se este lhe opõe alguma dificuldade. Mas, para isso, é preciso que ele predomine; a igualdade daria, a outros, direitos que ele só quer para si; a fraternidade lhe importaria sacrifícios em detrimento do seu bem-estar; a liberdade também ele só a quer para si e somente a concede aos outros quando não lhe fira de modo algum as prerrogativas. Alimentando todos as mesmas pretensões, têm resultado os perpétuos conflitos que os levam a pagar bem caro os raros gozos que logram obter. Identifique-se o homem com a vida futura e completamente mudará a sua maneira de ver, como a do indivíduo que apenas por poucas horas haja de permanecer numa habitação má e que sabe que, ao sair, terá outra, magnífica, para o resto de seus dias. A importância da vida presente, tão triste, tão curta, tão efêmera, se apaga, para ele, ante o esplendor do futuro infinito que se lhe desdobra às vistas. A consequência natural e lógica dessa certeza é sacrificar o homem um presente fugidio a um porvir duradouro, ao passo que antes ele tudo sacrificava ao presente. Tomando por objetivo a vida futura, pouco lhe importa estar um pouco mais ou um pouco menos nesta outra; os interesses mundanos passam a ser o acessório, em vez de ser o principal; ele trabalha no presente com o fito de assegurar a sua posição no futuro, tanto mais quando sabe em que condições poderá ser feliz. Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhe obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se lançar os olhos para o alto, para uma felicidade a que ninguém pode obstar, interesse nenhum se lhe deparará em oprimir a quem quer que seja e o egoísmo se lhe torna carente de objeto. Todavia, restará o estimulante do orgulho. A causa do orgulho está na crença, em que o homem se firma, da sua superioridade individual. Ainda aí se faz sentir a influência da concentração dos pensamentos sobre a vida corpórea. Naquele que nada vê adiante de si, atrás de si, nem acima de si, o sentimento da personalidade sobrepuja e o orgulho fica sem contrapeso. A incredulidade não só carece de meios para

combater o orgulho, como o estimula e lhe dá razão, negando a existência de um poder superior à Humanidade. O incrédulo apenas crê em si mesmo; é, pois, natural que tenha orgulho. Enquanto que nos golpes que o atingem, unicamente, vê uma obra do acaso e se ergue para combatê-la, aquele que tem fé percebe a mão de Deus e se submete. Crer em Deus e na vida futura é, conseqüentemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer ideia exata do presente. Para que o orgulhoso deixe de crer na sua superioridade, cumpre-se que prove que ele não é mais do que os outros e que estes são tanto quanto ele; que a igualdade é um fato e não apenas uma bela teoria filosófica; que estas verdades ressaltam da preexistência da alma e da reencarnação. Sem a preexistência da alma, o homem é induzido a acreditar que Deus, dado creia em Deus, lhe conferiu vantagens excepcionais; quando não crê em Deus, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita; ele fica sabendo que as almas saem todas iguais das mãos do Criador; que todas têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todas hão de alcançar, em mais ou menos tempo, conforme os esforços que empreguem; que ele próprio não chegou a ser o que é, senão depois de haver, por longo tempo e penosamente, vegetado, como os outros, nos degraus inferiores da evolução; que, entre os mais atrasados e os mais adiantados, não há senão uma questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corpóreas e independem do Espírito; que o simples proletário pode, noutra existência, nascer num trono e o maior potentado renascer proletário. Se levar em conta unicamente a vida planetária, ele vê apenas as desigualdades sociais do momento, que são as que o impressionam; se, porém, deitar os olhos sobre o conjunto da vida do Espírito, sobre o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o de chegada, aquelas desigualdades se somem e ele reconhece que Deus nenhuma vantagem concedeu a qualquer de seus filhos em prejuízo dos outros; que deu parte igual a todos e não achou o caminho mais para uns do que para outros; que o que se apresenta menos adiantado do que ele na Terra pode tomar-lhe a dianteira, se trabalhar mais do que ele por aperfeiçoar-se; reconhecerá, finalmente, que, nenhum chegando ao termo senão por seus esforços, o princípio da **igualdade** é um princípio de justiça e uma lei da Natureza, perante a qual cai o orgulho do privilégio. Provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer por expiação, quer por provação, a reencarnação ensina que, naquele a quem tratamos com desdém, pode estar um que foi nosso superior ou

nosso igual noutra existência, um amigo ou um parente. Se o soubesse, o que com ele se defronta o trataria com atenções, mas, nesse caso, nenhum mérito teria; por outro lado, se soubesse que o seu amigo atual foi seu inimigo, seu servo ou seu **escravo**, sem dúvida o repeliria. Ora, não quis Deus que fosse assim, pelo que lançou um véu sobre o passado. Deste modo, o homem é levado a ver, em todos, irmãos seus e seus iguais, donde uma base natural para a **fraternidade**; sabendo que pode ser tratado como haja tratado os outros, a **caridade** se lhe torna um dever e uma necessidade fundados na própria Natureza. Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma lei da Natureza que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará, desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreenda a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que, por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho. Mas, para isso, é-lhe necessária a fé, sem a qual permanecerá na rotina do presente; não a fé cega, que foge à luz, restringe as ideias e, em consequência, alimenta o egoísmo. É-lhe necessária a fé inteligente, racional, que procura a claridade e não as trevas, que ousadamente rasga o véu dos mistérios e alarga o horizonte. Essa fé, elemento básico de todo progresso, é que o Espiritismo lhe proporciona, fé robusta, porque assente na experiência e nos fatos, porque lhe fornece provas palpáveis da imortalidade da sua alma, lhe mostra donde ele vem, para onde vai e por que está na Terra e, finalmente, lhe firma as ideias, ainda incertas, sobre o seu passado e sobre o seu futuro. Uma vez que haja entrado decisivamente por esse caminho, já não tendo o que os incite, o egoísmo e o orgulho se extinguirão pouco a pouco, por falta de objetivo e de alimento, e todas as relações sociais se modificarão sob o influxo da caridade e da fraternidade bem compreendidas. Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, fora impossível, nada se opera bruscamente em a Natureza; jamais a saúde volta de súbito a um enfermo; entre a enfermidade e a saúde, há sempre a convalescença. Não pode o homem mudar, instantaneamente, o seu ponto de vista e volver da Terra para o céu o olhar; o infinito o confunde e deslumbra; ele precisa de tempo para assimilar as novas ideias. O Espiritismo

é, sem contradita, o mais poderoso elemento de moralização, porque mina pela base o egoísmo e o orgulho, facultando um ponto de apoio à moral. Há feito milagres de conversão; é certo que ainda são apenas curas individuais e não raro parciais. O que, porém, ele há produzido com relação a indivíduos constitui penhor do que produzirá um dia sobre as massas. Não lhe é possível arrancar de um só golpe as ervas daninhas. Ele dá a fé e a fé é a boa semente, mas mister se faz que ela tenha tempo de germinar e de frutificar, razão por que nem todos os espíritas já são perfeitos. Ele tomou o homem em meio da vida, no fogo das paixões, em plena força dos preconceitos e se, em tais circunstâncias, operou prodígios, que não será quando o tomar ao nascer, ainda virgem de todas as impressões malsãs; quando a criatura sugar com o leite a caridade e tiver a fraternidade a embalar-lo; quando, enfim, toda uma geração for educada e alimentada com ideias que a razão, desenvolvendo-se, fortalecerá, em vez de falsear? Sob o domínio destas ideias, a cimentarem a fé comum a todos, não mais esbarrando o progresso no egoísmo e no orgulho, as instituições se reformarão por si mesmas e a Humanidade avançará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, aguardando os do céu.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, O egoísmo e o orgulho)

“Obsessão. [...] Observei, agradavelmente surpreendido, as emissões magnéticas dos que se reuniam ali, em tarefa de socorro, movidos pelo mais santo impulso de caridade redentora. Nossos técnicos em cooperação avançada valiam-se do fluxo abundante de forças benéficas, improvisando admiráveis recursos de assistência, não só aos obsidiados, mas também aos infelizes perseguidores. De todos os enfermos psíquicos, somente a jovem resoluta a que nos referimos conseguia aproveitar nosso auxílio cem por cento. Identificava-lhe o valoroso esforço para reagir contra o assédio dos perigosos elementos que a cercavam. Envolvida na corrente de nossas vibrações fraternas, recuperara normalidade orgânica absoluta, embora em caráter temporário. Sentia-se tranquila, quase feliz. Apesar de manter-se em trabalho ativo, Alexandre chamou-me a atenção, assinalando o fato. – Esta irmã – disse o orientador – permanece, de fato, no caminho da cura. Percebeu a tempo que a medicação, qualquer que seja, não é tudo no problema da necessária restauração do equilíbrio físico. Já sabe que o socorro de nossa parte representa material que deve ser aproveitado pelo enfermo desejoso de restabelecer-se. Por isso mesmo, desenvolve toda a sua capacidade de resistência, colaborando conosco no interesse próprio. Observe. Efetivamente, sentindo-se amparada pela nossa extensa rede de vibrações protetoras, a jovem emitia vigoroso fluxo de energias mentais, expelindo todas as ideias malsãs que os

desventurados obsessores lhe haviam depositado na mente, absorvendo, em seguida, os pensamentos regeneradores e construtivos que a nossa influência lhe oferecia. Aprovando-me o minucioso exame com um gesto significativo, Alexandre tornou a dizer: – Apenas o doente convertido voluntariamente em médico de si mesmo atinge a cura positiva. No doloroso quadro das obsessões, o princípio é análogo. Se a vítima capitula sem condições, ante o adversário, entrega-se-lhe totalmente e torna-se possessa, após transformar-se em autômato à mercê do perseguidor. Se possuir vontade frágil e indecisa, habitua-se à persistente atuação dos verdugos e vicia-se no círculo de irregularidades de muito difícil corrigenda, porquanto se converte, aos poucos, em polos de vigorosa atração mental aos próprios algozes. Em tais casos, nossas atividades de assistência estão quase circunscritas a meros trabalhos de socorro, objetivando resultados longínquos. Quando encontramos, porém, o enfermo interessado na própria cura, valendo-se de nossos recursos para aplicá-los à edificação interna, então podemos prever triunfos imediatos. Calando-se o instrutor, prossegui observando os serviços que se desenrolavam no recinto. [...] Vendo o quadro expressivo, analisado pelos esclarecimentos do instrutor, compreendi que o contágio pelo exemplo não constitui fenômeno puramente ideológico, mas, sim, que é um fato científico nas manifestações magnético-mentais. Com exceção da pobre irmã, que se encontrava possessa, os demais obsidiados, naqueles momentos, ficavam livres da influência direta dos perseguidores; entretanto, menos a jovem que reagia valorosamente, os outros apresentavam singular inquietude, ansiosos de se reunirem de novo ao campo de atração dos algozes. Auxiliares nossos haviam arrebatado os verdugos, expulsando-os daqueles corpos enfermos e atormentados; todavia, os interessados nas melhoras físico-psíquicas primavam pela ausência íntima, conservando-se a longa distância espiritual dos ensinamentos que o doutrinador encarnado, ao influxo dos mentores de Mais Alto, ministrava com admirável sentimento. A atitude deles era de insatisfação e ansiedade. Dir-se-ia que não suportavam a separação dos obsessores invisíveis. Habituaado a enfermos que, pelo menos aparentemente, demonstravam desejo de cura, estranhei a posição mental daqueles que se reuniam em pequenino grupo, à nossa frente, tão lamentavelmente desinteressados do remédio que a Espiritualidade lhes oferecia, por amor. Alexandre percebeu-me a surpresa e observou-me: – Em geral, noventa por cento dos casos de obsessão que se verificam na Crosta constituem problemas dolorosos e intrincados. Quase sempre, o obsidiado padece de lastimável cegueira, com relação à própria enfermidade. E, porque não atende ao chamamento da verdade pela cristalização personalista, torna-se presa fácil e

inconsciente, embora responsável, de perigosos inimigos das zonas de atividades grosseiras. Comumente, verificam-se casos dessa natureza em vista de ligações vigorosas e profundas pela afetividade mal dirigida ou pelos detestáveis laços do ódio que, em todas as circunstâncias, é a confiança desequilibrada convertida em monstro. O orientador amigo fez longa pausa, verificando os trabalhos em curso, mas como quem desejasse socorrer-me, com lições inesquecíveis na luta prática, prosseguiu, apesar das absorventes obrigações da hora: – Por este motivo, André, ainda mesmo para o psiquiatra esclarecido à luz do Espiritismo cristão, a maioria dos casos desta ordem é francamente desconcertante. Em virtude dos ascendentes sentimentais, cada problema destes exige solução diferente. Além disso, importa notar que os nossos companheiros encarnados observam somente uma face da questão, quando cada processo desse teor se caracteriza por aspectos infinitos, com vistas ao passado dos protagonistas encarnados e desencarnados. Diante do obsidiado, fixam apenas um imperativo imediato – o afastamento do obsessão. Mas, como rebentar, de um instante para outro, algemas seculares, forjadas nos compromissos recíprocos da vida em comum? Como separar seres que se agarram uns aos outros, ansiosamente, por compreenderem que na dor de semelhante união permanece o preço do resgate indispensável? Efetivamente, não faltam os casos, raros embora, de libertação quase instantânea. Aí, porém, vemos o fim de laborioso processo redentor, ou então encontramos o doente que, de fato, faz violência a si mesmo, a fim de abreviar a cura necessária. Examinando a extensão dos obstáculos ao restabelecimento completo dos enfermos psíquicos, considere: – Depreende-se então que... Alexandre, porém, não me deixou terminar. Cortando-me a frase inoportuna, respondeu: – Já sei o que vai dizer. Verificando as dificuldades que relaciono para o seu aprendizado natural, você pergunta se não será infrutífero o nosso trabalho e se não será melhor entregar o obsidiado à própria sorte. Esta observação, contudo, é um contrassenso. Se você estivesse na Terra, ainda na carne, e visse um filho amado, em condições pré-agônicas, totalmente desenganado pela medicina humana, teria coragem de abandoná-lo ao sabor das circunstâncias? Não confiaria nalgum recurso inesperado da Providência Divina? Não aguardaria, ansioso, a manifestação favorável da Natureza? Quem está firmemente no âmago do coração de um homem, nosso irmão, para dizer, com certeza matemática, se ele vai reagir contra o mal ou deixar de fazê-lo, se pretende o repouso ou o trabalho ativo? Não podemos, desse modo, mobilizar qualquer argumento intelectual para fugir ao nosso dever de assistência fraterna ao ignorante e sofredor. Urge atender à nossa parte de obrigação imediata, compreendendo que a construção

do amor é também uma obra de tempo. Nenhuma palavra, nenhum gesto ou pensamento, nos serviços do bem, permanece perdido. Compreendi a nobreza da observação e mantive-me em silêncio. E porque o meu orientador voltasse a cooperar ativamente nos trabalhos em andamento, passei a examinar os doentes psíquicos, enquanto o doutrinador terreno prosseguia em sua luminosa tarefa de evangelização.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 18)

“[...] A subconsciência é, de fato, o porão dilatado de nossas lembranças, o repositório das emoções e desejos, impulsos e tendências que não se projetaram na tela das realizações imediatas; no entanto, estende-se muito além da zona limitada de tempo em que se move um aparelho físico. Representa a estratificação de todas as lutas com as aquisições mentais e emotivas que lhes foram consequentes, depois da utilização de vários corpos. Faltam, pois, às teorias de Segismundo Freud e seus continuadores a noção dos princípios reencarnacionistas e o conhecimento da verdadeira localização dos distúrbios nervosos, cujo início muito raramente se verifica no campo biológico vulgar, mas quase que invariavelmente no corpo perispiritual preexistente, portador de sérias perturbações congênitas, em virtude das deficiências de natureza moral, cultivadas com desvairado apego, pelo reencarnante, nas existências transcorridas. As psicoses do sexo, as tendências inatas à delinquência, tão bem estudadas por Lombroso, os desejos extravagantes, a excentricidade, muita vez lamentável e perigosa, representam modalidades do patrimônio espiritual dos enfermos, patrimônio que ressurgue, de muito longe, em virtude da ignorância ou do relaxamento voluntário da personalidade em círculos desarmônicos. [...] – Tenho minhas atribuições junto aos desequilibrados mentais; todavia, meu esforço maior, ultimamente, desdobra-se na região inspiracional dos médicos humanitários, para que os candidatos involuntários à perturbação sejam auxiliados a tempo. Depois de verificada a loucura propriamente dita, na maioria dos casos terminou o processo da desarmonia psíquica. Muito difícil conduzir a restauração perfeita aos alienados com ficha reconhecida, embora seja incessante a nossa batalha pelo restabelecimento integral da percentagem possível de enfermos. Antes do desequilíbrio completo, houve enorme período em que o socorro do psiquiatra poderia ter sido providencial e eficiente. Não será, portanto, um grande trabalho orientarmos indiretamente o médico bem-intencionado, para que ele auxilie o provável alienado, a tempo, empregando a palavra confortadora e o carinho restaurador? Incalculável número de pessoas permanece no plano carnal, tentando a solução dos profundos problemas relativos ao próprio ser. [...] Precisamos divulgar no mundo o conceito moralizador da personalidade congênita, em processo de melhoria gradativa,

espalhando enunciados novos que atravessem a zona de raciocínios falíveis do homem e lhe penetrem o coração, restaurando-lhe a esperança no eterno futuro e revigorando-lhe o ser em suas bases essenciais. As noções reencarnacionistas renovarão a paisagem da vida na Crosta da Terra, conferindo à criatura não somente as armas com que deve guerrear os estados inferiores de si própria, mas também lhe fornecendo o remédio eficiente e salutar. Faz muitos séculos, afirmou Plotino que toda a antiguidade aceitava como certa a doutrina de que, se a alma comete faltas, é compelida a expiá-las, padecendo em regiões tenebrosas, regressando, em seguida, a outros corpos, a fim de reiniciar suas provas. Falta, desse modo, lamentavelmente, aos nossos companheiros de Humanidade o conhecimento da transitoriedade do corpo físico e o da eternidade da vida, do débito contraído e do resgate necessário, em experiências e recapitulações diversas.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 2)

“Alienados mentais. [...] – “Não asseguramos que todos os casos do hospício se relacionem exclusivamente com esse fator. Muita gente atravessa este pavoroso túnel, premida por exigências da prova retilificadora; é, no entanto, forçoso reconhecer que a maioria encetou o pungitivo drama em si mesma. São irmãos nossos, revoltados ante os desígnios superiores que os conduziram a recapitular ensinamentos difíceis, qual o de se reaproximarem de velhos inimigos por intermédio de laços consanguíneos ou o de enfrentarem obstáculos aparentemente insuperáveis. “Para que se efetue a jornada iluminativa do espírito é indispensável deslocar a mente, revolver as ideias, renovar as concepções e modificar, invariavelmente, para o bem maior o modo íntimo de ser, tal qual procedemos com o solo na revivificação da lavoura produtiva ou com qualquer instituto humano em reestruturação para o progresso geral. Negando-se, porém, a alma a receber o auxílio divino, através dos processos de transformação incessante que lhe são oferecidos em seu benefício próprios pelas diferentes situações de que os dias se compõem no aprendizado carnal, recolhe-se à margem da estrada, criando paisagens perturbadoras com desejos injustificáveis. “Quase podemos afirmar que noventa em cem dos casos de loucura, excetuados aqueles que se originam da incursão microbiana sobre a matéria cinzenta, começam nas consequências das faltas graves que praticamos, com a impaciência ou com a tristeza, isto é, por intermédio de atitudes mentais que imprimem deploráveis reflexos ao caminho daqueles que as acolhem e alimentam. Instaladas essas forças desequilibrantes no campo íntimo, inicia-se a desintegração da harmonia mental: esta por vezes perdura, não só numa existência, mas em várias delas, até que o interessado se disponha, com fidelidade, a valer-se das bênçãos divinas que o aljofram,

para restabelecer a tranquilidade e a capacidade de renovação que lhe são inerentes à individualidade, em abençoado serviço evolutivo. Pela rebeldia, a alma responsável pode encaminhar-se para muitos crimes, a cujos resultados nefastos se cativa indefinidamente; e, pelo desânimo, é propensa a cair nos despenhadeiros da inércia, com fatal atraso nas edificações que lhe cabe providenciar.” [...]” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 16)

“[...] «No sentido oposto, as ideias superiores, alimentadas pelo espírito em excursão vitoriosa, condicionam-no à libertação, concedendo «peso específico» ao seu perispírito, que pode, então, librar além e acima das vicissitudes grosseiras do liame carnal. «Com muita sabedoria, Allan Kardec enunciou que: «Relativamente às sensações que vêm do mundo exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa — elucidando, em admirável síntese, o poder do pensamento na vida orgânica e das sensações no Espírito.»⁽⁴⁾ (⁽⁴⁾ “Obras Póstumas” — Allan Kardec — 11ª edição — “Manifestações dos Espíritos” — Item 11 — FEB. — Nota do Autor espiritual) Amplo silêncio se espalhou pela sala. Todos mergulhamos em meditações, enquanto o angélico Instrutor propiciou uma pausa para reflexão dos ouvintes. E como fazendo as elucubrações para finalizar, arrematou: — “Por essa razão, a vitalização de ideias edificantes constrói o céu generoso da felicidade, tanto quanto a mentalização deprimente gera o inferno da aflição que passa a governar o comportamento do espírito. «É nesse particular que se avultam as lições soberanas do Mestre Galileu, conclamando o homem ao ajustamento à vida, respeitando-lhe as diretrizes abençoadas, através das medidas da mansuetude, da compaixão, da misericórdia, do amor indistinto e do perdão incessante. «Reverenciamos hoje na Terra, felizmente, o Espiritismo com Jesus, verdadeira fonte de ideias superiores e enobrecidas que libertam o espírito e o conduzem às verdadeiras causas em que devem residir os seus legítimos interesses, fazendo que a dúvida seja banida, no que diz respeito à vida verdadeira, e trabalhando contra o egoísmo, fator infeliz de quase todos os males que afligem a Humanidade. «Se alguém incide em erro, que se levante do equívoco e recomece o trabalho da própria dignificação. O erro representa lição que não pode constituir látigo, mas ensejo de enobrecimento pela oportunidade que faculta para a reparação e o refazimento. «O intercâmbio permanente dos Espíritos de uma com outra esfera da vida objetiva, seguramente, oferece ao homem a visão porvindoura do que, desde já, lhe está reservado. No entanto, para dizer-se alguém espírita não basta que se tenha adentrado

nos conceitos espiritistas ou participado de algumas experiências práticas da mediunidade... É imprescindível incorporar ao modo de vida os ensinamentos dos Espíritos da Luz, tomando parte ativa na jornada de redenção do homem, por todos os modos e por todos os meios ao alcance, para que triunfem os postulados da paz, da justiça e do amor entre todas as criaturas. «Nesse particular, o amor, conforme nos legou Jesus-Cristo, possui a força sublime capaz de nos preservar de nós mesmos, ainda jornaleiros do instinto, ensinando-nos que a felicidade tem as suas bases na renúncia e na abnegação, ensejando-nos mais ampla visão de responsabilidade e dever na direção do futuro. «Dia virá, não muito longe, em que a dor baterá em retirada, definitivamente, e o intercâmbio do bem, pela força criadora do amor que se origina nos Dínamos Mentais da Divina Providência, envolverá vigorosamente todos os seres e os conduzirá à direção da tranquilidade plena, em cujo caminho já nos encontramos desde agora... «Confiemos, pois, na vitória final do bem e desde logo nos entreguemos ao Sumo Bem que cuidará do nosso próprio bem». Calou-se o Amigo Espiritual. Suas vibrações como que carregadas por mãos invisíveis invadiram a sala, e ondas de imensa tranquilidade nos dominavam a todos.» (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 4)

“Petitinga, ameno e cortês, após escutar as promessas de desforço do infortunado agredido, relatou-lhe a experiência de Jesus-Cristo e as Suas lições, sem lograr, de imediato, qualquer resultado. De mente viciada por longos anos de desequilíbrios contínuos, o esposo de Dona Rosa sintonizava na faixa do despautério moral e se permitia o conúbio com os seus antigos comparças, apresentando-se irreduzível nos pontos de vista, na conduta, nas atitudes. Dizia aceitar o concurso do Espiritismo, conquanto fosse apenas para libertá-lo mais facilmente do leito, de modo a facultar-lhe de pronto o retorno aos sítios da sua humilhação, retomando a pureza da sua honra... Solícito, utilizando-se do ensejo, o zeloso amigo convidou-nos a orar e, em sentida peroração, exorou os recursos divinos para aquela família, mas principalmente para o genitor enfermo, rogando a interferência do Médico Divino que nunca falta, de modo a que o lar dos Soares não fosse arrastado a drama mais grave e a consequências imprevisíveis. As palavras ungidas de emoção vibravam doces no quarto singelo qual música delicada, envolvendo-nos em consoladora esperança. A sintonia natural, espontânea, com as Altas Esferas se fez imediata, e Saturnino, o abnegado Mentor, tomando o comando mental da Verdade, proferiu expressiva quão valiosa dissertação sobre os deveres do perdão, como normativa de comportamento para a própria felicidade. — “Felizes são os que perdoam — enunciou, consciente —, porquanto conferem paz a si mesmos

e por sua vez liberam da dívida os que os ofenderam, entregando-os, desse modo, às Soberanas Leis encarregadas da evolução dos homens. Os que perdoam e ajudam conseguem ainda maior galardão, porque amparam os maus e os vencem com a luz da misericórdia. No entanto, aqueles que conservam as mágoas intoxicam-se, envenenam-se, dando causa a graves enfermidades que se desatrelam rigorosas, transformando-se em suplícios demorados, cujos responsáveis, no entanto, são os que cultivam os pensamentos inditosos e se comprazem na sementeira da ira e do ódio, absorvendo as próprias emanções tóxicas da mente desalinhada. E os que revidam mal por mal, agressão por agressão, estes já se encontram descambando na direção do abismo, em posição quase irreversível... «O amor é pólen que fecunda a vida, enquanto o ódio é gás que a interrompe...» A advertência, vazada em termos suaves, fazia-se severa, não dando margem a controvérsias ou mal entendimentos de natureza alguma. Conclamou-nos, ainda, o Sábio Instrutor ao cultivo das boas ideias, à vivência da paz íntima, mediante a elaboração de pensamentos enobrecedores, estimulando-nos à correção mental, de cuja fonte — o pensamento — procedem os elos da escravidão ou as asas da liberdade que fixamos às nossas vidas. Antes de afastar-se aplicou, generoso, demorado passe longitudinal no paciente, exortando-o: — Mude a ideia do mal em você, meu amigo, antes que a raiva o vença; e esqueça a vingança antes que a vingança o esqueça em situação dolorosa e lamentável... Jesus nos ensinou que: «quando estivéssemos orando e mantivéssemos alguma coisa contra alguém, perdoássemos» (Marcos, capítulo 9, versículo 25. — Nota do Autor espiritual). Ore e perdoe para ter saúde e paz.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 13)

“A TERAPIA DA VERDADE. [...] Em face do quadro múltiplo das auto-obsessões, das obsessões simples e complexas como das que se manifestam em áreas mistas de alienação por interferência espiritual, a contribuição do enfermo é imprescindível, quanto relevante. Sem que este produza, a esforço hercúleo que seja, uma mudança de atitude mental com a execução de um programa edificante, no qual granjeie simpatia e solidariedade, credenciando-se a ser auxiliado, qualquer ajuda de outrem redundará quase sempre nula. Não havendo uma forte predisposição interior do enfermo — e em casos dessa natureza o paciente sempre se escusa ao esforço, justificando-se estar contribuindo com o máximo, em razão da vontade viciada, da falta de persistência no bem e da ausência de crença robusta em Deus — os estímulos de fora produzem efeito positivo, porém, transitório, porque não logram romper as vibrações densas do desculpismo e da autopiedade, da revolta sem palavras e da ira que destila, em cujas armadilhas se refugia. Providencial como terapêutica

inicial, é através da leitura evangélica que o espírito se irriga de esperança e se renova, abrindo verdadeiras clareiras e brechas na psicofera densa que elabora e de que se nutre, a fim de que penetrem outras energias benéficas que o predisporão para o bem, de intervalo a intervalo, até que logrem modificar a paisagem interior, animando-se a investimentos maiores. Neste capítulo, é comum encontrar-se largo número de obsidiados em diversos graus de alienação que asseveram não poder ler, por se verem vencidos por incoercível letargo que os toma ou por impossibilidade total de entenderem o conteúdo das leituras que lhes são recomendadas. Merece considerarmos que, em alguns casos, o amolentamento, a falta de discernimento e a não fixação do conteúdo da leitura procedem da falta do hábito salutar e da convivência com os bons livros. A mente viciosa, indisciplinada, acostumada ao trivial, ao burlesco e ao insensato, se recusa atenção e interesse no esforço novo. Conveniente, desse modo, insistência e perseverança. Leiam-se pequenos textos e façam-se acompanhar as leituras de subsequente reflexão da parte examinada; tente-se a memorização, a anotação como exercício gráfico, através do que se não conceda, porém, à mente, a ociosidade nem a escusa de nada conseguir nesse capítulo. Asseverou Jesus, com muita propriedade, ao pai do epilético que lhe rogava ajuda, conforme se lê era o Evangelho segundo Marcos, no capítulo nove, versículo vinte e três: “Se podes! Tudo é possível àquele que crê.” E, interferindo junto ao Espírito obsessor, retirou-O do jovem, restituindo-lhe a saúde. O crer não pode ser tomado como uma atitude estática ou estanque, em que se aguardam resultados, parasitariamente. Decorre a crença de uma posição dinâmica, atuante em torno da vida, graças a um esforço bem dirigido, com o qual se conseguem resultados opimos. Em razão disso, asseverou o Apóstolo Tiago: “Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.” (Tiago, 2:17 — Nota do Autor espiritual) Casos outros ocorrem em que o mal-estar, que provém da leitura evangélica, conforme muitos asseveram, é produzido, ora pela exsudação das altas cargas pestilenciais, aspiradas pelo longo processo obsessivo, enquanto se modificam e depuram os centros da razão viciada, mudando-se os clichês mentais perniciosos, ora em face da hábil técnica da hipnose de que se utilizam os perturbadores desencarnados, que sabem irão encontrar na renovação psíquica da sua vítima os antídotos à sua pertinácia infeliz, alienadora. Pela forma como interferem na vontade doentia do paciente, induzem-no ao desinteresse, distraem-no, interpondo-se no plano do raciocínio, inspirando receios injustificáveis ou adormecendo-os. E, quando logram vencê-los pelo sono desagradável, auxiliam no desbordar das lembranças em que se acumpliciam nos erros, produzindo sonhos e pesadelos apavorantes

ou, ainda, assomam à recordação, defrontando-os no parcial desprendimento, com que mais os atemorizam. Quase sempre conseguem o triunfo, por ser mais fácil ao obsidiado recuar, ceder no esforço da própria edificação, do que perseverar no empreendimento libertador. Especialmente, em ocorrências dessa natureza, a leitura edificante, evangélica e espírita é o medicamento eficaz, imprescindível a uma pronta conquista de resultados salutareos. Outrossim, pelo mesmo processo com que o pensamento obsidente atua sobre o médium em processos obsessivos — e todo paciente que experimenta tal alienação é um médium em desequilíbrio de forças psíquicas —, as construções mentais, as ideias deste são assimiladas pelo hóspede indesejável, resultando, muitas vezes, na evangelização do perseguidor, que também se modifica à instância dos preciosos ensinamentos que lhe chegam. Fato análogo ocorre na evangelização, por meio da psicofonia atormentada. Além da leitura, a oração revigorante é o tônico de que se devem utilizar os pacientes de todo jaez, daí partindo para as realizações superiores da vida. Mesmo nos casos da obsessão por subjugação, a terapêutica do esforço pessoal do enfermo é valiosa. Não obstante, com os comandos da vontade dominados, a doutrinação que recebe desperta-o para o trabalho que deve realizar a benefício de si mesmo, irrigando a mente com a esperança da libertação que iniciará de dentro para fora. Nesses casos, o auxílio de outrem, oferecendo palavras de reconforto, lições de estímulo otimista, lene o coração e suaviza o atendimento espiritual, conclamando-o ao controle e governo das peças e implementos do precioso corpo com que a Divindade o enriquece para a bênção da evolução. A psicoterapia espírita, evangélica é fator essencial para o reequilíbrio de qualquer alienação, mesmo nos casos específicos estudados pela Patologia médica e que constituem os notáveis capítulos das modernas “ciências da alma.” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 11)

“ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES. [...] Quando os homens compreenderem, afirmando-o pela vivência, que nunca estão a sós, mas sempre rodeados de Entidades que se lhes assemelham e com eles se sintonizam pela afinidade mental de gostos e atitudes, sem dúvida adotarão outros hábitos de raciocínios, aspirações e comportamentos, a fim de experimentarem e manterem superior relacionamento espiritual. Disso fruirão abençoadas alegrias, experiências de paz e felicidade, porque se alçarão intimamente a situações muito diversas das que lhes são habituais. As notícias que chegavam de ambos os Hospitais constituíam grande lenitivo aos Ferguson. Lisandra, não obstante, em processo de recuperação lenta, dava mostras de singular renovação. Participava dos trabalhos espiritistas e lia, agora, espontaneamente, “O Evangelho”. Estimulada pela enfermeira, com quem repartia apreensões

e receios, começou a meditar nas lições do Senhor, submetendo-se ao rigoroso tratamento com humildade e esforçando-se, de certo modo, por cooperar em prol da própria cura. Prosseguindo, sob a custódia da avó e Natércio, com os sucessivos tratamentos a que era conduzida, quando em parcial desprendimento pelo sono, se liberava da angústia. Sem a constrição de Ermínio, que recebia cuidados afetuosos, recuperando-se em recinto próprio, experimentava menor tensão, desaparecendo as crises de epilepsia totalmente. Já não defrontando o adversário da paz, diminuíram os pavores e as fugas psíquicas. Sem dúvida, outros que lhe sofreram o jugo ou o desdém, a perseguição ou o sarcasmo insistiam na cobrança. Também o amor de alguns beneficiários da sua devoção somava créditos e interferências, qual ocorria com Rose, a camareira, que lhe fora fiel e dela recebera afeto, ora transformada pela reencarnação em benfeitora natural, desde que nenhuma aquisição de qualquer espécie jaz esquecida nas anotações da vida... Longa seria, porém, a senda da ascensão para a enferma. Nos encontros espirituais, Natércio a conscientizava das responsabilidades assumidas e apresentava-lhe, com a lógica do amor, os recursos que ela poderia investir, a fim de liberar-se quanto antes da difícil situação. Poderia, sim, na conjuntura expiatória em que o sofrimento diminuía, optar por protelamento de parte dos débitos restantes ou pelo imediato resgate deles. Raciocinando em regime de fé, compreendendo a imperiosa necessidade de não mais adiar a libertação, passou a desejar a glória da ascensão. Com a visão dilatada, considerando, então, os acontecimentos já do ponto de vista espiritual, aquiescia, naqueles superiores momentos, em receber espontaneamente novas rudes provanças. Já não se evadia à consciência da culpa, nem se justificava com a frivolidade pelos erros cometidos. Sincero arrependimento, isento da ideia pessimista de infelicidade, deu-lhe maiores dimensões aos imperativos de expiação e ressarcimento... Compreensivelmente, a boa disposição não anulava os camartelos da saudade da família no espírito sofrido. O conforto da fé e a presença da caridade cristã de que era objeto impediam que a revolta e a mágoa lhe tisassem as esperanças, fazendo-a mergulhar inda mais no poço do desespero e do azedume, de que saía agora para a largueza da planície em sol da saúde mental. Já se interessava pelos demais pacientes e, quando seu estado o permitia, acompanhava Lisa, procurando ser útil. [...]” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 26)

“**Medidas profiláticas para obsessões.** [...] “Os indivíduos tornam-se presas fáceis dos seus antigos comparsas, tombando nos processos variados de alienações obsessivas, porque, além de se descurem da observância espiritual da existência, mediante atitudes salutaras, comportamento equilibrado e vida mental

enriquecida pela prece, pela reflexão, não se esforçam por libertar-se dos aborrecimentos e problemas desgastantes, mediante a aplicação dos recursos físicos e, especialmente, dos mentais, por acomodação preguiçosa ou por uma dependência emotiva, infantil, que sempre transfere responsabilidades para os outros e prazeres para si. São poucos, ainda, os indivíduos que se utilizam corretamente da razão, isto é, que tomam conhecimento e participam dos acontecimentos do mundo objetivo como do subjetivo, conscientizando-se da sua realidade espiritual. Faz-se imperioso aprender a pensar e a utilizar com sabedoria o raciocínio, extraindo equilíbrio e discernimento. Naqueles nos quais o hábito de bem pensar é fugidio ou raro, porque a mente permanece em desconcerto, rica de imagens perturbadoras e recordações de teor prejudicial, mais facilmente os parasitas espirituais encontram campo para se instalar, desenvolvendo as suas metas infelizes. A vontade disciplinada e o hábito da concentração superior armam o homem para, e contra, mil vicissitudes que defronta na sua escalada evolutiva. Não há milagre! Quando tal parece ocorrer, isto é resultado de muitos fatores que se conjugam, produzindo um efeito natural, ético, que irrompe com desconhecimento das suas causas, não, porém sem elas. “A concentração positiva libera a mente dos clichês viciosos, próprios ou recebidos de outras mentes como do meio onde vive, já que todos somos sensíveis ao ambiente no qual nos movimentamos. Por adaptação às ocorrências do dia-a-dia, o homem se deixa arrastar meio dormido pela correnteza dos acontecimentos, sem despertar o pensamento para que o intelecto raciocine com objetividade e discernimento, estabelecendo parâmetros do que deve e não deseja, ao que não deve, mas deseja fazer... Como efeito, a preguiça mental é um polo de captação das induções obsessivas pelo princípio de aceitação irracional de tudo quanto a atinge. Cabe ao homem que pensa dar plasticidade ao raciocínio, ampliando o campo das ideias e renovando-as com o aprimoramento da possibilidade de absorver os elementos salutaras que o enriquecem de sabedoria e de paz íntima. Com o tempo, a capacidade de discernir dota-o com a aptidão da escolha dos valores que o impulsionam para mais altas aspirações, com plena libertação dos vícios de toda natureza, *inocente* como uma criança, quero dizer, sem os tormentos da insatisfação e equilibrado nas aspirações como um sábio que já se resolveu pela conquista, em harmonia, daquilo que lhe é melhor. “Podemos chamar a essa atitude de psicoterapia preventiva ou tratamento para as obsessões.” Confesso que me encontrava extasiado. Na humildade do amigo discreto, havia um *filão aurífero* de conhecimentos que variavam nos campos da Psicologia e da Psicanálise, da Fisiologia e da Terapêutica Médica com apurado senso de discernimento numa

mente clara, sem ortodoxias e aberta à contribuição do conhecimento donde quer que procedesse.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“A GRANDEZA DA RENÚNCIA. Quando acuramos o senso de observação e aprendemos a discernir, encontramos em toda parte lições vivas para serem incorporadas à nossa reflexão, tornando-se-nos patrimônio iluminativo de alta magnitude. Assim, os convites da vida são para a união, a solidariedade, a compreensão, enquanto os caprichos do egoísmo impelem à divisão, ao partidarismo, à sujeição aos rótulos e formalismos de linguagem, distantes, às vezes, da ação que se empreende. O amor é de essência universal, penetrando em tudo e a todos vitalizando, em face da sua procedência divina. Naquele desfilar de sofrimentos diferentes havia a mesma tônica centrada numa gênese única: a ação malfazeja do passado produzindo os atuais efeitos afligentes. O culto à personalidade, a sobre-estima, a fatuidade, a ambição desmedida, filhos diretos do egocentrismo, são cânceres da alma que o sofrimento faz drenar até o desaparecimento total dos seus tentáculos de longo alcance, abrindo espaço para que se instalem os sentimentos da fraternidade, do auxílio recíproco, do perdão indiscriminado, decorrentes do amor que os vivifica. Quantas vezes visitamos Grupos e Sociedades pomposos, nos quais se exibem os campeões do verbo orientador e da conduta vazia de ações que lhes subsidiem as palavras! Acompanhamos muitos homens de cérebro incendiado pelo ideal nobre e mãos desocupadas apontando erros e necessidades; muitas mentes iluminadas pelo conhecimento e sentimentos frios, na escuridão da impiedade e do desprezo aos menos dotados ou mais ignorantes; muitos orientadores estribando-se em técnicas revolucionárias, sem a verdadeira compreensão das necessidades alheias, dos limites dos demais. Naquele recinto, onde havia escassez de conhecimentos, sobejava a ação da bondade. Não que o conhecimento seja fator de inércia ou soberba, de mesquinhez ou fatuidade. Ele é claridade que deve derruir a ignorância, começando em quem o conduz, e é sombra que se disfarça com certas excrescências morais que atestam a pequena evolução real do ser. A cultura tem a finalidade de dilatar o campo de compreensão do homem, concedendo-lhe mais clara visão da vida, antes que intoxicá-lo de informações que nem a ele próprio aproveitam. São diferentes, o homem culto do sábio, pela simples razão de que o primeiro armazena conhecimentos e o outro vive-os de forma edificante, promovendo aqueles que o cercam. Asas da evolução, o conhecimento e o amor constituem a força da sabedoria que liberta a criatura.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 8)

“**TERAPIAS ENRIQUECEDORAS.** [...] Após o silêncio, que se fez natural, dr. Messier adiu: — Estou seguro de que a Evangelhoterapia é o recurso precioso

para produzir a recuperação do equilíbrio das criaturas, preservá-lo naquele que já o possui e irradiá-lo na direção de quem se encontra necessitado. “Partindo-se do princípio através do qual todos reconhecemos que o paciente mental necessita de compreensão, bondade e estímulo constante, nas lições do Evangelho de Jesus, mesmo tendo-se em vista algumas distorções que decorrem das traduções incorretas, infiéis, ou das adulterações que experimentou durante os quase dois milênios, assim mesmo ainda é um repositório de otimismo, de esperança e de conforto moral, difícil de ser encontrado em outra qualquer Obra da humanidade. Não negamos a excelência de outros livros básicos de diversas religiões, ricos de misericórdia, de paz e de consolo espiritual. No entanto, o Evangelho, face à sua linguagem simples e profunda, ética e atual, dá-nos a impressão que foi elaborado para este momento tormentoso que se vive no planeta terrestre, atendendo a todas as necessidades do ser humano. A sua leitura calma, com reflexão, objetivando entender as ocorrências existenciais, constitui incomum medicamento para o Espírito que se recupera da ansiedade e dos distúrbios que o afetam, repousando na alegria de viver. Ademais, sua proposta de saúde fundamenta-se no amor, em todo o bem que se pode fazer, no deslocamento do eu para o nós, do isolamento a que se arroja o enfermo para a solidariedade que aguarda a sua parcela de cooperação. “Com essas disposições interiores, altera-se para melhor a paisagem íntima, e Espíritos nobres, interessados no bem-estar de toda a humanidade, acercam-se da pessoa, envolvendo-a em ondas de amor, de autoconfiança, de bem-estar, não poucas vezes apresentando-se nos estados oníricos, quando a reconfortam e a estimulam ao prosseguimento da jornada. “Todo indivíduo é constituído de antenas psíquicas transceptoras, que emitem e captam ondas equivalentes à sua capacidade vibratória, portanto, à intensidade e qualidade da energia que exterioriza. Não é, pois, de estranhar-se, que cada qual viva conforme pensa, tornando-se feliz ou desventurado em razão das ideias que agasalha na mente.” [...]” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 20)

“**PERISPÍRITO.** [...] MORAL E PERISPÍRITO - Refletindo o pretérito do homem, na forma de tendências no presente, liberta-se das fixações negativas ou as avoluma, consoante a direção, que ao Espírito aprouver aplicar, dos recursos natos. Toda experiência venal brutaliza-o, desequilibrando-lhe os centros vitais que, posteriormente, responderão com distonias e desordens variadas, em forma de enfermidades insolúveis. As ações de enobrecimento e os pensamentos superiores, quando cultivados, oferecem-lhe potencialidades elevadas, que libertam das paixões, com consequente sublimação dos sentimentos que exornam o Espírito. Não foi por outra razão que o Mestre recomendou

cuidado em relação aos escândalos, às agressões mentais, morais e físicas, considerando melhor o homem entrar na Vida sem o membro escandaloso, do que com ele, como a afirmar que melhor é ser vítima do que fator de qualquer desgraça. Possui todo Espírito os inestimáveis recursos para a felicidade como para a desdita, competindo-lhe moralizar-se, disciplinar-se, elevar-se, a fim de ascender à pureza, após a libertação das mazelas de que se impregnou. [...]” (JA, *Estudos espíritas*, Capítulo 4)

III Prece e oração

III.1. Valor e poder da prece

“DA LEI DE ADORAÇÃO. [...] A PRECE. 658. Agrada a Deus a prece? “A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração. Agrada-lhe a prece, quando dita com fé, com fervor e sinceridade. Mas, não creiais que o toque a do homem fútil, orgulhoso e egoísta, a menos que signifique, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.” **659.** Qual o caráter geral da prece? “A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer.” **660.** A prece torna melhor o homem? “Sim, porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.” **a)** — Como é que certas pessoas, que oram muito, são, não obstante, de mau-caráter, ciosas, invejosas, impertinentes, carentes de benevolência e de indulgência e até, algumas vezes, viciosas? “O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas supõem que todo o mérito está na longura da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Fazem da prece uma ocupação, um emprego do tempo, nunca, porém, um estudo de si mesmas. A ineficácia, em tais casos, não é do remédio, sim da maneira por que o aplicam.” **661.** Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas? “Deus sabe discernir o bem do mal; a prece não esconde as faltas. Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras.” **662.** Pode-se, com utilidade, orar por outrem? “O Espírito de quem ora atua pela sua vontade de praticar o bem. Atrai a si, mediante a prece, os bons Espíritos e estes se associam ao bem

que deseje fazer.” O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale. **663.** Podem as preces, que por nós mesmos fizermos, mudar a natureza das nossas provas e desviar-lhes o curso? “As vossas provas estão nas mãos de Deus e algumas há que têm de ser suportadas até ao fim; mas, Deus sempre leva em conta a resignação. A prece traz para junto de vós os bons Espíritos e, dando-vos estes a força de suportá-las corajosamente, menos rudes elas vos parecem. Temos dito que a prece nunca é inútil, quando bem-feita, porque fortalece aquele que ora, o que já constitui grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará, bem o sabes. Demais, não é possível que Deus mude a ordem da natureza ao sabor de cada um, porquanto o que, do vosso ponto de vista mesquinho e do da vossa vida efêmera, vos parece um grande mal é quase sempre um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males não se constitui o homem o próprio autor, pela sua imprevidência ou pelas suas faltas? Ele é punido naquilo em que pecou. Todavia, as súplicas justas são atendidas mais vezes do que supondes. Julgais, de ordinário, que Deus não vos ouviu, porque não fez a vosso favor um milagre, enquanto que vos assiste por meios tão naturais que vos parecem obra do acaso ou da força das coisas. Muitas vezes também, as mais das vezes mesmo, ele vos sugere a ideia que vos fará sair da dificuldade pelo vosso próprio esforço.” **664.** Será útil que oremos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? E, neste caso, como lhes podem as nossas preces proporcionar alívio e abreviar os sofrimentos? Têm elas o poder de abrandar a justiça de Deus? “A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira àquele que por ela pede e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, mediante a prece, aquele que ora concita o desgraçado ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. Neste sentido é que se lhe pode abreviar a pena, se, por sua parte, ele secunda a prece com a boa vontade. O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vão esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-vos, desse modo, que culpados vos tornaríeis, se não fizésseis o mesmo

pelos que mais necessitam das vossas preces.” **665.** Que se deve pensar da opinião dos que rejeitam a prece em favor dos mortos, por não se achar prescrita no Evangelho? “Aos homens disse o Cristo: Amai-vos uns aos outros. Esta recomendação contém a de empregar o homem todos os meios possíveis para testemunhar aos outros homens afeição, sem haver entrado em minúcias quanto à maneira de atingir ele esse fim. Se é certo que nada pode fazer que o Criador, imagem da justiça perfeita, deixe de aplicá-la a todas as ações do Espírito, não menos certo é que a prece que lhe diriges por aquele que vos inspira afeição constitui, para este, um testemunho de que dele vos lembrais, testemunho que, forçosamente, contribuirá para lhe suavizar os sofrimentos e consolá-lo. Desde que ele manifeste o mais ligeiro arrependimento, mas só então, é socorrido. Nunca, porém, será deixado na ignorância de que uma alma simpática com ele se ocupou. Ao contrário, será deixado na doce crença de que a intercessão dessa alma lhe foi útil. Daí resulta, necessariamente, de sua parte, um sentimento de gratidão e afeto pelo que lhe deu essa prova de amizade ou de piedade. Em consequência, crescerá num e noutro, reciprocamente, o amor que o Cristo recomendava aos homens. Ambos, pois, se fizeram assim obedientes à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina, de que resultará a unidade, objetivo e finalidade do Espírito.”¹ [Resposta dada pelo Sr. Monod (Espírito), pastor protestante em Paris, morto em abril de 1856. A resposta anterior, nº 664, é do Espírito São Luís.] **666.** Pode-se orar aos Espíritos? “Pode-se orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades. O poder deles, porém, está em relação com a superioridade que tenham alcançado e dimana sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. Eis porque as preces que se lhes dirigem só são eficazes, se bem aceitas por Deus.” [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Terceira parte, Capítulo II)

“PEDI E OBTEREIS. [...] EFICÁCIA DA PRECE.

5. *Seja o que for que peçais na prece, crede que o obtereis e concedido vos será o que pedirdes.* (S. MARCOS, 11:24) **6.** Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, inútil se torna expor-lhes. E acrescentam os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus. Sem dúvida alguma há leis naturais e imutáveis que não podem ser ab-rogadas ao capricho de cada um; mas, daí a crer-se que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância. Se assim fosse, nada mais seria o homem do que instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a cabeça ao jugo dos acontecimentos, sem cogitar de evitá-los; não deverá

ter procurado desviar o raio. Deus não lhe outorgou a razão e a inteligência, para que ele as deixasse sem serventia; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Sendo livre o homem de agir num sentido ou noutro, seus atos lhe acarretam, e aos demais, consequências subordinadas ao que ele faz ou não. Há, pois, devidos à sua iniciativa, sucessos que forçosamente escapam à fatalidade e que não quebram a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se funda o mecanismo. Possível é, portanto, que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, subordinada sempre essa anuência à sua vontade. **7.** Desta máxima: “Concedido vos será o que quer que pedirdes pela prece”, fora ilógico deduzir que basta pedir para obter e fora injusto acusar a Providência se não acede a toda súplica que se lhe faça, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para nosso bem. É como procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. Em geral, o homem apenas vê o presente; ora, se o sofrimento é de utilidade para a sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura. O que Deus lhe concederá sempre, se ele o pedir com confiança, é a coragem, a paciência, a resignação. Também lhe concederá os meios de se tirar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que fará lhe sugiram os bons Espíritos, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. Ele assiste os que se ajudam a si mesmos, de conformidade com esta máxima: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará”; não assiste, porém, os que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das faculdades que possui. Entretanto, as mais das vezes, o que o homem quer é ser socorrido por milagre, sem despende o mínimo esforço. (Cap. XXV, nºs 1 e seguintes) **8.** Tomemos um exemplo. Um homem se acha perdido no deserto. A sede o martiriza horivelmente. Desfalecido, cai por terra. Pede a Deus que o assista, e espera. Nenhum anjo lhe virá dar de beber. Contudo, um bom Espírito lhe sugere a ideia de levantar-se e tomar um dos caminhos que tem diante de si. Por um movimento maquinal, reunindo todas as forças que lhe restam, ele se ergue, caminha e descobre ao longe um regato. Ao divisá-lo, ganha coragem. Se tem fé, exclamará: “Obrigado, meu Deus, pela ideia que me inspiraste e pela força que me deste.” Se lhe falta a fé, exclamará: “Que boa ideia tive! Que sorte a minha de tomar o caminho da direita, em vez do da esquerda; o acaso, às vezes, nos serve admiravelmente! Quanto me felicito pela minha coragem e por não me ter deixado abater!” Mas, dirão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: “Segue este caminho, que encontrarás o de que necessitas”? Por que não se lhe mostrou

para o guiar e sustentar no seu desfalecimento? Dessa maneira tê-lo-ia convencido da intervenção da Providência. Primeiramente, para lhe ensinar que cada um deve ajudar-se a si mesmo e fazer uso das suas forças. Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança que nele deposita a criatura e a submissão desta à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai e que, dando com alguém, se põe a gritar e fica à espera de que a venham levantar; se não vê pessoa alguma, faz esforços e se ergue sozinha. Se o anjo que acompanhou a Tobias lhe houvera dito: “Sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo”, nenhum mérito teria tido Tobias. Fiando-se no seu companheiro, nem sequer de pensar teria precisado. Essa a razão por que o anjo só se deu a conhecer ao regressarem.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVII)

“PEDI E OBTEREIS. [...] DA PRECE PELOS MORTOS E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES.

18. Os Espíritos sofredores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos abandonados se sentem, menos infelizes. Entretanto, a prece tem sobre eles ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação, e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento. É nesse sentido que lhes pode não só aliviar, como abreviar os sofrimentos. (Veja-se: *O Céu e o Inferno*, 2ª Parte – “Exemplos”) **19.** Pessoas há que não admitem a prece pelos mortos, porque, segundo acreditam, a alma só tem duas alternativas: ser salva ou ser condenada às penas eternas, resultando, pois, em ambos os casos, inútil a prece. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por instantes, a realidade das penas eternas e irremissíveis e que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr termo. Perguntamos se, nessa hipótese, será lógico, será caridoso, será cristão recusar a prece pelos réprobos? Tais preces, por mais impotentes que fossem para os liberar, não lhes seriam uma demonstração de piedade capaz de abrandar-lhes os sofrimentos? Na Terra, quando um homem é condenado a galés perpétuas, quando mesmo não haja a mínima esperança de obter-se para ele perdão, será defeso a uma pessoa caridosa ir carregar-lhe os grilhões, para aliviá-lo do peso destes? Em sendo alguém atacado de mal incurável, dever-se-á, por não haver para o doente esperança nenhuma de cura, abandoná-lo, sem lhe proporcionar qualquer alívio? Lembrai-vos de que, entre os réprobos, pode achar-se uma pessoa que vos foi cara, um amigo, talvez um pai, uma mãe ou um filho, e disseis se, não havendo, segundo credes, possibilidade de ser perdoado esse ente, lhe recusaríeis um copo d'água para mitigar-lhe a sede? Um bálsamo que lhe seque as chagas? Não faríeis por ele o que faríeis por um galé? Não lhe daríeis uma prova de amor, uma

consolação? Não, isso cristão não seria. Uma crença que petrifica o coração é incompatível com a crença em um Deus que põe na primeira categoria dos deveres o amor ao próximo. A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, dado não ser possível que Deus, em sua justiça, confunda o bem e o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, fora negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos, dos bons conselhos; fora negar a força que haurimos da assistência moral dos que nos querem bem. **20.** Outros se fundam numa razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas; a não ser assim, careceria de estabilidade o mundo. O homem, pois, nada tem de pedir a Deus, só lhe cabendo submeter-se e adorá-lo. Há, nesse modo de raciocinar, uma aplicação falsa do princípio da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei, no que concerne à penalidade futura. Essa lei revela-a hoje os Espíritos do Senhor, quando o homem se tornou suficientemente maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos. Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se levam em conta ao culpado os remorsos, nem o arrependimento. É-lhe inútil todo desejo de melhorar-se: está condenado a conservar-se perpetuamente no mal. Se a sua condenação foi por determinado tempo, a pena cessará, uma vez expirado esse tempo. Mas, quem poderá afirmar que ele então possua melhores sentimentos? Quem poderá dizer que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair da prisão, ele não seja tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que voltou ao bem; no segundo, seria agradecer a um que continua culpado. A lei de Deus é mais providente. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, não estabelece para a pena, qualquer que esta seja, duração alguma. Ela se resume assim: **21.** “O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que fique sem a correspondente punição. “A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta. “*Indeterminada é a duração do castigo, para qualquer falta; fica subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno à senda do bem;* a pena dura tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento. “Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas, não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito. “O homem é, assim, constantemente, o árbitro de sua própria sorte; pertence-lhe abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua

felicidade ou a sua desgraça dependem da vontade que tenha de praticar o bem.” Tal a lei, lei *imutável* e em conformidade com a bondade e a justiça de Deus. Assim, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar-se a si mesmo: a lei de Deus estabelece a condição em que se lhe torna possível fazê-lo. O que as mais das vezes lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, *em lugar de pedirmos a Deus que derogue a sua lei, tornamo-nos instrumentos da execução de outra lei, também sua, a de amor e de caridade*, execução em que, desse modo, ele nos permite participar, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Veja-se *O Céu e o Inferno*, 1ª Parte, caps. IV, VII, VIII)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVII)

“PEDI E OBTEREIS. [...] INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] FELICIDADE QUE A PRECE PROPORCIONA. 23. Vinde, vós que desejais crer. Os Espíritos celestes acorrem a vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros, para vos outorgar todos os benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece! A prece! Ah! Como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós, já não há mistérios; eles se vos desvendam. Apóstolos do pensamento, é para vós a vida. Vossa alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem. Avançai, avançai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estrídulos da Terra; são as líras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos vossos bosques. Por entre que delícias não caminhareis! A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os vossos poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que, orando, se bebe. Dulçurosas vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnisais, são divinas todas as aspirações. Também vós, orai como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que lhe passavam n’alma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai. – *Santo Agostinho*. (Paris, 1861)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVII)

“[...] Eu havia deixado o corpo físico a contragosto. Recordava meu porfiado duelo com a morte. Ainda julgava ouvir os últimos pareceres médicos, enunciados na Casa de Saúde; lembrava a assistência desvelada que tivera, os curativos dolorosos que experimentara nos dias longos que se seguiram à delicada operação dos intestinos. Sentia, no curso dessas reminiscências, o contato do termômetro, o pique desagradável da agulha de injeções e, por fim, a última cena que precedera o grande sono: minha esposa ainda jovem e os três filhos contemplando-me, no terror da eterna separação. Depois... o despertar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia sem-fim. [...] O homem mais forte conhecerá limites à resistência emocional. Firme e resoluto a princípio, comecei por entregar-me a longos períodos de desânimo e, longe de prosseguir na fortaleza moral, por ignorar o próprio fim, senti que as lágrimas longamente represadas me visitavam com mais frequência, extravasando do coração. A quem recorrer? Por maior que fosse a cultura intelectual trazida do mundo, não poderia alterar, agora, a realidade da vida. Meus conhecimentos, ante o infinito, semelhavam-se a pequenas bolhas de sabão levadas ao vento impetuoso que transforma as paisagens. Eu era alguma coisa que o tufão da verdade carregava para muito longe. Entretanto, a situação não modificava a outra realidade do meu ser essencial. Perguntando a mim mesmo se não enlouquecera, encontrava a consciência vigilante, esclarecendo-me que continuava a ser eu mesmo, com o sentimento e a cultura colhidos na experiência material. Persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação. Castigava-me a fome todas as fibras e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes, em torno de humildes filetes d’água a que me atirava sequioso. Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios à nascente turva, enquanto me permitiam as forças irresistíveis, a impelirem-me para frente. Muita vez suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. Não raro, era imprescindível ocultar-me das enormes manadas de seres animais, que passavam em bando, quais feras insaciáveis. Eram quadros de estarecer! acentuava-se o desalento. Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. Essa ideia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente arraigado ao negativismo da minha geração, impunha-se-me atitude renovadora. Tornava-se imprescindível confessar a falência do amor-próprio, a que me consagrara orgulhoso. E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me,

pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternas, em tão amargurosa emergência. Quanto tempo durou a rogativa? Quantas horas consagrei à súplica, de mãos-postas, imitando a criança aflita? Apenas sei que a chuva das lágrimas me lavou o rosto; que todos os meus sentimentos se concentraram na prece dolorosa. Estaria, então, completamente esquecido? Não era, igualmente, filho de Deus, embora não cogitasse de conhecer-lhe a atividade sublime quando engolfado nas vaidades da experiência humana? Por que não me perdoaria o Eterno Pai, quando providenciava ninho às aves inconscientes e protegia, bondoso, a flor tenra dos campos agrestes? Ah! É preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança. Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente. Inclinou-se, fixou nos meus os grandes olhos lúcidos, e falou: – Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara. Amargurado pranto banhava-me a alma toda. Emocionado, quis traduzir meu júbilo, comentar a consolação que me chegava, mas, reunindo todas as forças que me restavam, pude apenas inquirir: – Quem sois, generoso emissário de Deus? O inesperado benfeitor sorriu bondoso e respondeu: – Chama-me Clarêncio, sou apenas teu irmão. E, percebendo o meu esgotamento, acrescentou: – Agora, permanece calmo e silencioso. É preciso descansar para reaver energias. Em seguida, chamou dois companheiros que guardavam atitude de servos desvelados e ordenou: – Prestemos ao nosso amigo os socorros de emergência. Alvo lençol foi estendido ali mesmo, à guisa de maca improvisada, aprestando-se ambos os cooperadores a me transportarem, generosamente. Quando me alçavam, cuidadosos, Clarêncio meditou um instante e esclareceu, como quem recorda inadiável obrigação: – Vamos sem demora. Precisamos atingir “Nosso Lar” com a presteza possível.” (AL, *Nosso lar*; Capítulo 2)

“Preocupava-me, todavia, permanecer ali, num parque de saúde, havia muitas semanas, sem a visita sequer de um conhecido do mundo. Afinal, não fora eu a única pessoa do meu círculo a decifrar o enigma da sepultura. Meus pais me haviam antecipado na grande jornada. Amigos vários, noutro tempo, me haviam precedido. Por que, então, não apareciam naquele quarto de enfermidade espiritual, para conforto do meu coração dolorido? Bastariam alguns momentos de consolação. Um dia, não pude conter-me e perguntei ao solícito visitante: – Meu caro Lísias, acha possível, aqui, o encontro com aqueles que nos antecederam na morte do corpo físico? – Como não? Pensa que está esquecido?... – Sim. Por que não me visitam? Na Terra,

sempre contei com a abnegação maternal. Minha mãe, entretanto, até agora não deu sinal de vida. Meu pai, igualmente, fez a grande viagem; três anos antes do meu trespasse. – Pois note - esclareceu Lísias -, sua mãe o tem ajudado dia e noite, desde a crise que antecipou sua vinda. Quando se acamou para abandonar o casulo terrestre, duplicou-se o interesse maternal a seu respeito. Talvez não saiba, ainda, que sua permanência nas esferas inferiores durou mais de oito anos consecutivos. Ela jamais desanimou. Intercedeu, muitas vezes, em “Nosso Lar”, a seu favor. Rogou os bons ofícios de Clarêncio, que começou a visitá-lo frequentemente, até que o médico da Terra, vaidoso, se afastasse um tanto, a fim de surgir o filho dos Céus. Compreendeu? Eu tinha os olhos úmidos. Ignorava o número de anos que me distanciavam da gleba terrestre. Desejei conhecer os processos de proteção imperceptível, mas não consegui. Minhas cordas vocais estavam entorpecidas, com o nó de lágrimas represadas no coração. – No dia em que você orou com tanta alma - prosseguiu o enfermeiro visitante -, quando compreendeu que tudo no Universo pertence ao Pai Sublime, seu pranto era diferente. Não sabe que há chuvas que destroem e chuvas que criam? Lágrimas há também, assim. É lógico que o Senhor não espera por nossas rogativas para nos amar; no entanto, é indispensável nos colocarmos em determinada posição receptiva, a fim de compreender-lhe a infinita bondade. Um espelho ofuscado não reflete a luz. Desse modo, o Pai não precisa de nossas penitências, mas convenhamos que as penitências prestam ótimos serviços a nós mesmos. Entendeu? Clarêncio não teve dificuldade em localizá-lo, atendendo aos apelos de sua carinhosa genitora da Terra; você, porém, demorou muito a encontrar Clarêncio. E quando sua mãezinha soube que o filho havia rasgado os véus escuros com o auxílio da oração, chorou de alegria, segundo me contaram... – E onde está minha mãe? - exclamei, por fim. Se me é permitido, quero vê-la, abraçá-la, ajoelhar-me a seus pés! – Não vive em “Nosso Lar” - esclareceu Lísias -, habita esferas mais altas, onde trabalha não somente por você. Observando meu desapontamento, acrescentou, fraterno: – Virá vê-lo, por certo, antes mesmo do que pensamos. Quando alguém deseja algo ardentemente, já se encontra a caminho da realização. Tem você, nesse particular, a lição do próprio caso. Anos a fio rolou, como pluma, albergando o medo, as tristezas e desilusões; mas, quando mentalizou firmemente a necessidade de receber o auxílio divino, dilatou o padrão vibratório da mente e alcançou visão e socorro. Olhos brilhantes, encorajado pelo esclarecimento recebido, exclamei, resoluta: – Desejarei, então, com todas as minhas forças... ela virá... ela virá... Lísias sorriu com inteligência e, como quem previne, generoso, afirmou ao despedir-se: – Convém não esquecer, contudo, que

a realização nobre exige três requisitos fundamentais, a saber: primeiro, desejar; segundo, saber desejar; e, terceiro, merecer, ou, por outros termos, vontade ativa, trabalho persistente e merecimento justo. O visitador ganhou a porta de saída, sorridente, enquanto eu me detinha silencioso, a meditar no extenso programa formulado em tão poucas palavras.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 7)

“Efeitos da oração. As luzes da prece inundaram o vasto recinto. Palpitava em tudo, agora, uma clari-
dade serena, doce, irradiante, muito diversa da luminosidade artificial. Os flocos radiosos que partiam de nós multiplicavam-se no ar, como se obedecessem a misterioso processo de segmentação, e caíam sempre sobre os corpos inanimados e enrijecidos, dando a impressão de lhes penetrarem as células mais íntimas. Eu estava boquiaberto. Não me fora permitido contemplar fenômenos dessa natureza em “Nosso Lar”. Aliás, concluía, ainda não recebera auxílio magnético às percepções, senão poucas horas antes da viagem. A clareza crescia e estendia-se em espetáculo prodigioso. Agora, porém, abandonáramos a atitude de recolhimento destinada à concentração de nossas próprias forças e emissão de energias vibratórias. Nossos corpos, todavia, continuavam envolvidos em vasto círculo irradiante. Prosseguindo, porém, o grande silêncio, notei que a luz da oração se fazia mais clara, mais penetrante. Comecei a ver, como no caso de Ana, que todos aqueles esqueletos misérrimos apresentavam núcleos de sombra, além das máscaras mortuárias, núcleos que se mostravam dentro de formas variadíssimas. As bolhas luminosas caíam incessantemente, mas agora, como se fossem dirigidas por uma vontade inteligente, concentravam-se quase todas sobre as frentes imóveis. Então, pude observar o inaudito e inconcebível para mim. As múmias, porque não posso dar outro nome aos irmãos que dormem, começaram a dar sinais de vida. Alguns daqueles infelizes deixavam escapar gemidos angustiosos, outros falavam em voz alta, dando conta dos pesadelos que os atormentavam, como sonâmbulos prestes a despertar. Muitos moviam os pés e as mãos, como a se esforçarem por fugir ao sono doloroso. Eminentemente surpreendido, reparei que dois se levantaram, distante de nós. Recordei que ambos faziam parte daqueles que haviam recebido toda espécie de assistência, inclusive o sopro curativo. Olharam-nos de longe, como loucos que acordassem de súbito, e dispararam a correr, espavoridos, não obstante a impressão de cadáveres ambulantes, que nos causavam. Admirado, verifiquei que ninguém esboçou a menor disposição de segui-los. E quando me propunha, instintivamente, a fazê-lo, Alfredo deteve-me, exclamando: – Não se preocupe. Eles seriam amargamente surpreendidos, se fossem notificados agora de sua permanência longa entre verdadeiras múmias. Acreditam

sonhar e é melhor assim. Não poderão fugir às nossas fortificações e voltarão a pedir socorro noutras dependências, a que serão recolhidos para adequado tratamento. Continuamos silenciosos mais alguns minutos e notei que as luzes se foram apagando gradativamente, ao passo que os cadáveres retomavam a imobilidade anterior. Ismália declarou terminadas as nossas atividades da oração e o administrador, após o sinal luminoso, que notificava aos operários o término das obrigações, adiantou-se para nós, exclamando: – Gratíssimo pelo concurso fraternal. Realizamos belo serviço intercessório.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 25)

“A essa altura do esclarecimento, notei que formas sombrias, algumas monstruosas, se arrastavam na rua, à procura de abrigo conveniente. Reparei, com espanto, que muitas tomavam a nossa direção, para, depois de alguns passos, recuarem amedrontadas. Provocavam assombro. Muitas pareciam verdadeiros animais perambulando na via pública. Confesso que insopitável receio me invadira o coração. Calmo, como sempre, Aniceto nos tranquilizou: – Não temam – disse. Sempre que ameaça tempestade, os seres vagabundos da sombra se movimentam procurando asilo. São os ignorantes que vagueiam nas ruas, escravizados às sensações mais fortes dos sentidos físicos. Encontram-se ainda colados às expressões mais baixas da experiência terrestre e os aguaceiros os incomodam tanto quanto ao homem comum, distante do lar. Buscam, de preferência, as casas de diversão noturna, onde a ociosidade encontra válvula nas dissipações. Quando isto não se lhes torna acessível, penetram as residências abertas, considerando que, para eles, a matéria do plano ainda apresenta a mesma densidade característica. E, demonstrando interesse em valorizar a lição do minuto, acrescentou: – Observem como se inclinam para cá, fugindo, em seguida, espantados e inquietos. Estamos colhendo mais um ensinamento sobre os efeitos da prece. Nunca poderemos enumerar todos os benefícios da oração. Toda vez que se ora num lar, prepara-se a melhoria do ambiente doméstico. Cada prece do coração constitui emissão eletromagnética de relativo poder. Por isso mesmo, o culto familiar do Evangelho não é tão só um curso de iluminação interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas clarezas espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo inalienável coraça. O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza, compreenderam? As entidades da sombra experimentam choques de vulto, em contato com as vibrações luminosas deste santuário doméstico, e é por isso que se mantêm a distância, procurando outros rumos...” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 37)

“A oração. [...] Entendendo-me a estranheza, Alexandre indicou o rapaz que se dispunha a penetrar o reduto doméstico, depois de pequeno percurso a pé, e

falou: – Há diversos processos de medicação espiritual contra o vampirismo, os quais poderemos desenvolver em direções diversas; mas, para fornecer a você uma demonstração prática, visitemos o lar de nosso amigo. Conhecerá o mais poderoso antídoto. Curioso, observei que as entidades infelizes se mostravam, agora, terrivelmente contrafeitas. Alguma coisa impedia-lhes acompanhar a vítima ao interior. – Naturalmente – acentuou meu generoso companheiro – você já sabe que a prece traça fronteiras vibratórias. Sim, já observara experiências dessa ordem. – Aqui – prosseguiu ele – reside uma irmã que tem a felicidade de cultivar a oração fervorosa e reta. Entramos. E, enquanto o amigo encarnado se preparava a recolher, Alexandre explicava-me o motivo da sublime paz reinante entre as paredes humildes. – O lar – disse – não é somente a moradia dos corpos, mas, acima de tudo, a residência das almas. O santuário doméstico que encontre criaturas amantes da oração e dos sentimentos elevados, converte-se em campo sublime das mais belas florações e colheitas espirituais. Nosso amigo não se equilibrava ainda nas bases legítimas da vida, depois de extremas vacilações e levianas experiências da primeira mocidade; no entanto, sua companheira, mulher jovem e cristã, garante-lhe a casa tranquila, com a sua presença, pela abundante e permanente emissão de forças purificadoras e luminosas, de que o seu Espírito se nutre. Achava-me eminentemente surpreendido. De fato, a tranquilidade interior era grande e confortadora. Em cada ângulo das paredes e em cada objeto isolado havia vibrações de paz inalterável. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 6)

“**A oração.** [...] O rapaz, agora, penetrava o aposento modesto, naturalmente disposto ao descanso noturno. Alexandre tomou-me a destra, paternalmente, encaminhou-se até à porta, que se fechara sem estrépito, e bateu, de leve, como se estivéssemos ante um santuário que não devíamos penetrar sem religioso respeito. Uma senhora muito jovem, em quem percebi imediatamente a esposa de nosso companheiro, desligada do corpo físico, em momentos de sono, veio atender e saudou o instrutor afetuosamente. Após cumprimentar-me, graças à apresentação de Alexandre, exclamou, jovial: – Agradeço a Deus a possibilidade de orarmos juntos. Entrem. Desejo transformar nossa casa no templo vivo de Nosso Senhor. Ingressamos no aposento íntimo e, de minha parte, mal continha a surpresa da situação. Nesse mesmo instante, punha-se o rapaz entre os lençóis, com evidente cuidado para não despertar a esposa adormecida. Contemplei o quadro luminoso e santificante. Rodeava-se o leito de intensa luminosidade. Observei os fios tenuíssimos de energia magnética, ligando a alma de nossa nobre amiga à sua forma física, placidamente recostada. – Desculpem-me – disse, bondosa, fixando o olhar no instrutor –,

preciso atender agora aos meus deveres imediatos. – Esteja à vontade, Cecília! – falou o orientador com a ternura dum pai que abençoa – passamos aqui tão só para visitá-la. Cecília beijou-lhe as mãos e rogou: – Não se esqueça de deixar-nos os seus benefícios. Alexandre sorriu em silêncio e, por alguns minutos, manteve-se em meditação mais profunda. E enquanto ele se mantinha insulado em si mesmo, eu observava a delicada cena: A esposa, desligada do corpo, sentou-se à cabeceira e, no mesmo instante, o rapaz como se estivesse ajeitando os travesseiros descansou a cabeça em seu regaço espiritual. Cecília, acariciando-lhe a cabeleira com as mãos, elevava os olhos ao Alto, revelando-se em fervorosa prece. Luzes sublimes cercavam-na toda e eu podia sintonizar com as suas expressões mais íntimas, ouvindo-lhe a rogativa pela iluminação do companheiro a quem parecia amar infinitamente. Comovido com a beleza de suas súplicas, reparei com assombro que o coração se lhe transformava num foco ardente de luz, do qual saíam inúmeras partículas resplandcentes, projetando-se sobre o corpo e sobre a alma do esposo com a celeridade de minúsculos raios. Os corpúsculos radiosos penetravam-lhe o organismo em todas as direções e, muito particularmente, na zona do sexo, onde identificara tão grandes anomalias psíquicas, concentravam-se em massa, destruindo as pequenas formas escuras e horripilantes do vampirismo devorador. Os elementos mortíferos, no entanto, não permaneciam inativos. Lutavam, desesperados, com os agentes da luz. O rapaz, como se houvera atingido um oásis, perdera a expressão de angustioso cansaço. Demonstrava-se calmo e, gradativamente, cada vez mais forte e feliz, no momento em curso. Restaurado em suas energias essenciais, enlaçou devagarzinho a esposa amorosa que se conservava maternalmente ao seu lado e adormeceu jubiloso. A cena íntima era maravilhosamente bela aos meus olhos. Disponha-me a pedir explicações, quando o instrutor me chamou delicadamente, encaminhando-me ao exterior. Fora do quarto, falou-me paternalmente: – Já observou quanto devia. Agora, poderá extrair as próprias ilações. – Sim – retruquei –; estou assombrado com o que vi; no entanto, estimaria ouvi-lo em considerações esclarecedoras. – Não tenha dúvida – prosseguiu o orientador –, a oração é o mais eficiente antídoto do vampirismo. A prece não é movimento mecânico de lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. É vibração, energia, poder. A criatura que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de inexprimível significação. Semelhante estado psíquico descortina forças ignoradas, revela a nossa origem divina e coloca-nos em contato com as fontes superiores. Dentro dessa realização, o Espírito, em qualquer forma, pode emitir raios de espantoso poder. Após breve intervalo, Alexandre considerou, imprimindo mais força ao ensinamento:

– E você não pode ignorar que as próprias formas inferiores da Terra se alimentam quase que integralmente de raios. Descem sobre a fronte humana, em cada minuto, bilhões de raios cósmicos, oriundos de estrelas e planetas amplamente distanciados da Terra, sem nos referirmos aos raios solares, caloríficos e luminosos, que a ciência terrestre mal começa a conhecer. Os raios gama, provenientes do elemento rádio que se desintegra incessantemente no solo, e os de várias expressões emitidos pela água e pelos metais, alcançam os habitantes da Terra pelos pés, determinando consideráveis influências. E, em sentido horizontal, experimenta o homem a atuação dos raios magnéticos exteriorizados pelos vegetais, pelos irracionais e pelos próprios semelhantes. A admiração impusera-me silêncio, mas o orientador prosseguiu, após ligeiro intervalo: – E as emanções de natureza psíquica que envolve a Humanidade, provenientes das colônias de seres desencarnados que rodeiam a Terra? Em cada segundo, André, cada um de nós recebe trilhões de raios de várias ordem e emitimos forças que nos são peculiares e que vão atuar no plano da vida, por vezes, em regiões muitíssimo afastadas de nós. Nesse círculo de permuta incessante, os raios divinos, expedidos pela oração santificadora, convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e iluminação da consciência. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e toda criatura que cultiva a oração, como devido equilíbrio do sentimento, transforma-se, gradativamente, em foco irradiante de energias da Divindade. As elucidações do instrutor calaram-me profundamente no ser. Desejando, contudo, certificar-me quanto a outro pormenor da sublime experiência, interroguei: – Bastará, porém, o recurso da esposa para que o nosso doente restaure o equilíbrio psíquico? Alexandre sorriu e respondeu: – O socorro de Cecília é valioso para o companheiro, mas o potencial de emissão divina pertence a ela, como fruto incorruptível dos seus esforços individuais. Significa para ele o “acréscimo de misericórdia” que deverá anexar, em definitivo, ao patrimônio de sua personalidade, através do trabalho próprio. Receber o auxílio do bem não quer dizer que o beneficiado seja bom. Nosso amigo precisa devotar-se, com fervor, ao aproveitamento das bênçãos que recebe, porque, inegavelmente, toda cooperação exterior pode ser interrompida e cada filho de Deus é herdeiro de possibilidades sublimes e deve funcionar como médico vigilante de si mesmo.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 6)

“Nossa venerável irmã, no entanto, longe de irritar-se, falou pacientemente: – Pediremos a Jesus te restitua, ainda que por alguns momentos, o dom de ouvir. Solicitando-nos acompanhar-lhe a rogativa, invocou: – Senhor, dá que possamos amparar teu infeliz tutelado!

Tens o pão que extingue a fome de justiça, a água eterna que sacia a sede de paz, o remédio que cura, o bálsamo que alivia, o verbo que esclarece, o amor que santifica, o recurso que salva, a luz que revela o bem, a providência que retifica, o manto acolhedor que envolve a esperança em tua misericórdia!... Mestre, tu, que fazes descer a bendita luz de teu reino aos que ainda choram no vale das sombras, concede que o teu discípulo transviado possa ouvir aqueles que o amam!... Pastor Divino, compadece-te da ovelha desgarrada do aprisco de teu coração! Permite que aos seus ouvidos tenham acesso os ecos suaves de teu infinito amor!... Concede-nos semelhante alegria, não por méritos que não possuímos, mas por acréscimo de tua inesgotável bondade!... Oh! Mais uma vez, reconheci que a prece é talvez o poder máximo conferido pelo Criador à criatura! Em seguida à súplica, sensibilizado, observei que de todos nós se irradiavam forças brilhantes que alcançavam o tórax de Zenóbia, como a reforçar-lhe as energias, e de suas mãos carinhosas e beneméritas, então iluminadas de claridade doce e branda, emanavam raios diamantinos. A amorável amiga colocou-as sobre a fronte do desventurado, oferecendo-nos a certeza de que maravilhosas energias se haviam improvisado em benefício dele.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 6)

“Finda a comovente rogativa, o orientador baixou os olhos nevodados de pranto e então vi, dominado de júbilo, que da incognoscível altura uma claridade diferente caía sobre nós, em jorros cristalinos. Partículas semelhantes a prata eterizada choviam no recinto, infiltrando-se nas raízes das árvores mais próximas, lá fora. Ignoto encantamento fizera-se em minh'alma. Ao contato dos eflúvios divinos, reparei que minhas forças gradualmente serenavam, em receptividade maravilhosa. Em torno, pairavam as mesmas notas de alegria e de beleza, pois a calma e a ventura transpareciam de todos os rostos, voltados, extáticos, para o Instrutor, em redor do qual se mostravam mais intensas as ondas de luz celeste. Sublime felicidade inundava-me todo o ser, mergulhara-me em indefinível banho de energias renovadoras. Meus olhos foram impotentes para conter as lágrimas felizes que as formosas cintilações me destilavam das fontes ocultas do espírito. E, antes que o nobre mentor retomasse a palavra, agradei em silêncio a resposta do Céu, reconhecendo na prece, mais uma vez, não só a manifestação da reverência religiosa, senão também o recurso de acesso aos inesgotáveis mananciais do Divino Poder.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 1)

“Verificando-se pausa natural nos esclarecimentos de Calderaro, indaguei, curioso: – Como se opera, entretanto, a administração de tais auxílios? Indiscriminadamente? – Não – explicou o interpelado –, o senso de ordem preside-nos à atividade em todas as

circunstâncias. Quase sempre é a força intercessória que determina os processos de ajuda. A prece, representada pelo desejo não manifestado, pelas aspirações íntimas ou pelas petições declaradas, proveniente da zona superior ou surgida do fundo vale, onde se agitam as paixões humanas, é, a rigor, o ascendente de nossas atividades. Dispunha-me a formular certa pergunta, oriunda de velhas concepções do separatismo religioso, quando Calderaro, percebendo-me a ponderação prestes a exprimir-se, acrescentou, calmo: – Não aludimos, aqui, a orações ou a aspirações de correntes idealísticas determinadas: o dístico não interessa. Colaboramos com o espírito eterno em sua ascensão à zona divina, aduzindo novas forças ao bem, onde ele se encontre, independentemente de fórmulas dogmáticas, ou não, com que ele se manifeste nos círculos humanos. Nosso problema não é de favoritismo, senão de espiritualidade superior, mercê da união dos valores substanciais, em favor da vida melhor. A essa altura das lições que eu recebia em forma de palestra ligeira, enquanto nos movimentávamos em serviço, atingimos residência de aspecto simples, que se distinguia pelo jardim bem cuidado, em toda a volta. – Temos, aqui – disse-me, o instrutor –, indefesso companheiro de outras épocas, reencarnado em dolorosas condições. De algumas semanas para cá, assisto-lhe a mãezinha através de passes reconfortantes. Em virtude da horrível estrutura orgânica do filho, a ela encadeado há muitos séculos, a razão da pobrezinha está periclitando; prendem-se mutuamente por grilhões de graves compromissos. Considerando-lhe o nobre costume da oração em horário prefixado, valemo-nos dessas ocasiões para vir-lhe em amparo. Admirando a ordem instituída para os quefazeres de nosso plano, e que transparecia nas mínimas ações, silenciosamente acompanhei Calderaro ao interior doméstico.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 7)

“Em torno da prece. No Templo do Socorro¹, o Ministro Clarêncio comentava a sublimidade da prece e nós o ouvíamos com a melhor atenção [1 Instituição da cidade espiritual em que se encontra o Autor. (Nota do Autor espiritual)]. – Todo desejo – dizia, convincente – é manancial de poder. A planta que se eleva para o alto, convertendo a própria energia em fruto que alimenta a vida, é um ser que ansiou por multiplicar-se... – Mas todo petitório reclama quem ouça – interferiu um dos companheiros. – Quem teria respondido aos rogos, sem palavras, da planta? O venerando orientador respondeu, tranquilo: – A Lei, como representação de nosso Pai Celestial, manifesta-se a tudo e a todos, através dos múltiplos agentes que a servem. No caso a que nos reportamos, o Sol sustentou o vegetal, conferindo-lhe recursos para alcançar os objetivos que se propunha atingir. E, imprimindo significativa entonação à voz, continuou: – Em nome

de Deus, as criaturas, tanto quanto possível, atendem às criaturas. Assim como possuímos em eletricidade os transformadores de energia para o adequado aproveitamento da força, temos igualmente, em todos os domínios do Universo, os transformadores da bênção, do socorro, do esclarecimento... As correntes centrais da vida partem do Todo-Poderoso e descem a flux, transubstanciadas de maneira infinita. Da luz suprema à treva total, e vice-versa, temos o fluxo e o refluxo do sopro do Criador, através de seres incontáveis, escalonados em todos os tons do instinto, da inteligência, da razão, da humanidade e da angelitude, que modificam a energia divina, de acordo com a graduação do trabalho evolutivo, no meio em que se encontram. Cada degrau da vida está superlotado por milhões de criaturas... O caminho da ascensão espiritual é bem aquela escada milagrosa da visão de Jacob, que passava pela Terra e se perdia nos céus... A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais, ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. Desejos banais encontram realização próxima na própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobre são amparados pelas almas que se enobreceram. Ideais e petições de significação profunda na imortalidade remontam às alturas... O mentor generoso fez pequeno intervalo, como a dar-nos tempo para refletir e acentuou: – Cada prece, tanto quanto cada emissão de força, se caracteriza por determinado potencial de frequência e todos estamos cercados por Inteligências capazes de sintonizar com o nosso apelo, à maneira de estações receptoras. Sabemos que a Humanidade Universal, nos infinitos mundos da grandeza cósmica, está constituída pelas criaturas de Deus, em diversas idades e posições... No Reino Espiritual, compete-nos considerar igualmente os princípios da herança. Cada consciência, à medida que se aperfeiçoa e se santifica, aprimora em si qualidades do Pai Celestial, harmonizando-se, gradativamente, com a Lei. Quanto mais elevada a percentagem dessas qualidades num espírito, mais amplo é o seu poder de cooperar na execução do Plano Divino, respondendo às solicitações da vida, em nome de Deus, que nos criou a todos para o Infinito Amor e para a Infinita Sabedoria... Quebrando o silêncio que se fizera natural para a nossa reflexão, o irmão Hilário perguntou: – Contudo, como interpretar o ensinamento, quando estivermos à frente de propósitos malignos? Um homem que deseja cometer um crime estará também no serviço da prece? – Abstenhamo-nos de empregar a palavra “prece”, quando se trate do desequilíbrio – aduziu Clarêncio, bondoso –, digamos “invocação”. E acrescentou: – Quando alguém nutre o desejo de perpetrar uma falta está invocando forças inferiores e

mobilizando recursos pelos quais se responsabilizará. Através dos impulsos infelizes de nossa alma, muitas vezes descemos às desvairadas vibrações da cólera ou do vício e, de semelhante posição, é fácil cairmos no enredado poço do crime, em cujas furnas nos ligamos, de imediato, a certas mentes estagnadas na ignorância, que se fazem instrumentos de nossas baixas idealizações ou das quais nos tornamos deploráveis joguetes na sombra. Todas as nossas aspirações movimentam energias para o bem ou para o mal. Por isso mesmo, a direção delas permanece afeita à nossa responsabilidade. Analisemos com cuidado a nossa escolha, em qualquer problema ou situação do caminho que nos é dado percorrer, porquanto o nosso pensamento voará, diante de nós, atraindo e formando a realização que nos propomos atingir e, em qualquer setor da existência, a vida responde, segundo a nossa solicitação. Seremos devedores dela pelo que houvermos recebido. O Ministro sorriu, benevolente e lembrou: – Estejamos convictos, porém, de que o mal é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto de curta ou longa duração, a dissolver-se, por fim, no bem infinito, à medida que se reeducam as Inteligências que a ele se aglutinam e afeiçoam. O Senhor tolera a desarmonia, a fim de que por intermédio dela mesma se efetue o reajustamento moral dos espíritos que a sustentam, de vez que o mal reage sobre aqueles que o praticam, auxiliando-os a compreender a excelência e a imortalidade do bem, que é o inamovível fundamento da Lei. Todos somos senhores de nossas criações e, ao mesmo tempo, delas escravos infortunados ou felizes tutelados. Pedimos e obtemos, mas pagaremos por todas as aquisições. A responsabilidade é princípio divino a que ninguém poderá fugir.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 1)

“Numa sala ampla, em que numerosas entidades trabalhavam solícitas, Clarêncio recebeu da jovem um pequeno gráfico que passou a examinar, cauteloso. Em seguida, comentou, espontâneo: – Ainda agora, falávamos de responsabilidade. Eis um fato que nos ilustra os conceitos. E, exibindo o documento que trazia nas mãos, explicou: – Temos aqui uma oração como vedora que superou as linhas vibratórias comuns do plano de matéria mais densa. Parte de uma devotada servidora que se ausentou de nossa cidade espiritual, há precisamente quinze anos terrestres, para determinadas tarefas na reencarnação. Não seguiu, porém, desassistida. Permanece sob nossa orientação, O nascimento e o renascimento, no mundo, sob o ponto de vista físico, jazem confiados a leis biológicas de cuja execução se incumbem Inteligências especializadas, contudo, em suas características morais, subordinam-se a certos ascendentes do espírito. [...] – Mas, que vem a ser uma oração refratada? – indagou o meu

colega, mordido de curiosidade. Hilário fora igualmente médico no mundo e, tanto quanto eu, permanecia em tarefas ligadas à responsabilidade de Clarêncio, adquirindo conhecimentos especializados. – A prece refratada é aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro objetivo. Inclínávamo-nos a desfechar novas perguntas, no entanto o orientador sossegou-nos, esclarecendo: – Esperem. Reconhecerão comigo que nos achamos todos imanados uns aos outros. Em seguida, falou para a jovem que o observava, respeitosa: – Chame a irmã Eulália. Alguns momentos passaram, rápidos, e a cooperadora mencionada apareceu irradiando bondade e simpatia. – Irmã – disse Clarêncio, preciso –, este gráfico registra afitivo apelo de Evelina, cuja volta ao aprendizado na carne foi garantida por nossa organização. Parece-me estar a pobrezinha em extremas dificuldades... – Sim – concordou a interpelada –, Evelina, apesar da fragilidade do novo corpo, vem sustentando imensa luta moral. O pai, sobrecarregado de questões íntimas, tem a saúde periclitante e a filha vem sofrendo obstinada perseguição por parte da madrastra, nossa desventurada Odila. [...] Reparávamos o pequeno gráfico em Silêncio. Sustando a pausa longa, o Ministro fixou Hilário e indagou: – Compreendem agora o que seja uma oração refratada? Evelina recorre ao espírito materno que não se encontra em condições de escutá-la, mas a solicitação não se perde... Desferida em elevada frequência, a súplica de nossa irmãzinha vara os círculos inferiores e procura o apoio que lhe não faltará.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 2)

“– Então, de que vale a súplica, rogando essa ou aquela medida atinente à nossa reeducação? – Oh! Não formule semelhante problema! – falou Druso em voz grave. – A prece, no sentido a que aludimos, é sempre um atestado de boa-vontade e compreensão, no testemunho da nossa condição de Espíritos devedores... Sem dúvida, não poderá modificar o curso das leis, diante das quais nos fazemos réus sujeitos a penas múltiplas, mas renova-nos o modo de ser, valendo não só como abençoada plantação de solidariedade em nosso benefício, mas também como vacina contra reincidência no mal. Além disso, a prece faculta-nos a aproximação com os grandes benfeitores que nos presidem os passos, auxiliando-nos a organização de novo roteiro para a caminhada segura.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 19)

“**ORAÇÃO.** [...] **Grandeza da oração.** Observamos em todos os momentos da alma, seja no repouso ou na atividade, o reflexo condicionado (ou ação independente da vontade que se segue, imediatamente, a uma excitação externa) na base das operações da mente, objetivando esse ou aquele gênero de serviço. Daí resulta o impositivo da vigilância sobre a nossa própria orientação, de vez que somente a conduta reta

sustenta o reto pensamento e, de posse do reto pensamento, a oração, qualquer que seja o nosso grau de cultura intelectual, é o mais elevado toque de indução para que nos coloquemos, para logo, em regime de comunhão com as Esferas Superiores. De essência divina, a prece será sempre o reflexo positivamente sublime do Espírito, em qualquer posição, por obrigá-lo a despedir de si mesmo os elementos mais puros de que possa dispor. No reconhecimento ou na petição, na diligência ou no êxtase, na alegria ou na dor, na tranquilidade ou na aflição, ei-la exteriorizando a consciência que a formula, em efusões indescritíveis, sobre as quais as ondulações do Céu corrigem o magnetismo torturado da criatura, insulada no sofrimento educativo da Terra, recompondo-lhe as faculdades profundas. A mente centralizada na oração pode ser comparada a uma flor estelar, aberta ante o Infinito, absorvendo-lhe o orvalho nutriente de vida e luz. Aliada à higiene do espírito, a prece representa o comutador das correntes mentais, arrojando-as à sublimação.

Equilíbrio e prece. É indispensável compreender que a Inteligência encarnada conta com múltiplos meios de preservar o corpo físico em que se demora. Além dos inestimáveis serviços da pele e da mucosa intestinal que o defendem das intromissões indébitas de elementos físicos e químicos, prontos a lhe arruinarem a estabilidade, o homem consegue mobilizar todo um sistema de quimioterapia bacteriana, atualmente em plena evolução para mais ampla eficiência, com a antibiose ou atuação bacteriostática levada a efeito por determinadas unidades microbianas sobre outras, na vanguarda dos processos imunológicos. É possível, então, coibir, com relativa segurança, a febre tifoide, as disenterias, a tuberculose, as riquetsioses, a psitacose, as infecções pulmonares e urinárias, etc.; entretanto, não acontece o mesmo, quando nos reportamos à atmosfera psicológica em que toda criatura se submerge na vida social do Planeta. Visto a distância, o homem, na arena carnal, pode ser comparado a um viajor na selva de pensamentos heterogêneos, aprendendo, por intermédio de rudes exercícios, a encontrar o seu próprio caminho de libertação e de ascese. Mentalmente exposto a todas as influências psíquicas, é imperioso se eduque para governar os próprios impulsos, aperfeiçoando-se moral e intelectualmente, para que se lhe aprimorem as projeções. No que tange à saúde e manutenção do corpo e no que se refere à aquisição de conhecimentos, utiliza a consulta a médicos e nutricionistas, professores e orientadores diversos. É natural, dessa forma, se valha da prece para angariar a inspiração de que precisa, a fim de afinizar-se com as diretrizes superiores. No circuito de forças estabelecido com a oração, a alma não apenas se predispõe a regenerar o equilíbrio das células físicas viciadas ou exaustas, através do influxo das energias renovadoras

que incorpora, espontaneamente, assimilando os raios da Vida Mais Alta a que se dirige, mas também reflete as sugestões iluminativas das Inteligências desencarnadas de condição mais nobre, com as quais se coloca em relação. **Prece e renovação.** Na floresta mental em que avança, o homem, frequentemente, se vê defrontado por vibrações subalternas que o golpeiam de rijo, compelindo-o à fadiga e à irritação, sejam elas provenientes de ondas enfermigas, partidas dos desencarnados em posição de angústia e que lhe partilham o clima psíquico, ou de oscilações desorientadas dos próprios companheiros terrestres desequilibrados a lhe respirarem o ambiente. Todavia, tão logo se envolva nas vibrações balsâmicas da prece, erguesse-lhe o pensamento aos planos sublimados, de onde recolhe as ideias transformadoras dos Espíritos benevolentes e amigos, convertidos em vanguardeiros de seus passos, na evolução. Orar constitui a fórmula básica da renovação íntima, pela qual divino entendimento desce do Coração da Vida para a vida do coração. Semelhante atitude da alma, porém, não deve, em tempo algum, resumir-se a simplesmente pedir algo ao Suprimento Divino, mas pedir, acima de tudo, a compreensão quanto ao plano da Sabedoria Infinita, traçado para o seu próprio aperfeiçoamento, de maneira a aproveitar o ensejo de trabalho e serviço no bem de todos, que vem a ser o bem de si mesma. **Mediunidade e prece.** A mediunidade, na ordem superior da vida, esteve sempre associada à oração, para converter-se no instrumento da obra iluminativa do mundo. Entre os egípcios e hindus, chineses e persas, gregos e cipriotas, gauleses e romanos, a prece, expressando invocação ou louvor, adoração ou meditação, é o agente refletor do Plano Celeste sobre a alma do homem. Orando, Moisés recolhe, no Sinai, os mandamentos que alicerçam a justiça de todos os tempos e, igualmente em prece, seja nas margens do Genesaré ou em pleno Tabor, respirando o silêncio de Getsêmani ou nos braços da cruz, o Cristo revela na oração o reflexo condicionado de natureza divina, suscetível de facultar a sintonia entre a criatura e o Criador.” (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 25)

“**O Cristo consolador.** [...] Inspirado por Saturnino, Petitinga ergueu a voz e, numa eloquente oração, traduziu os sentimentos de todos, ao Cristo de Deus, o Excelso Benfeitor e Guia da Humanidade. Com a alma túmida de emoções, retiramo-nos da alcova, para poupar o paciente de novos choques emocionais, e retornamos à sala de refeições. Mariana, que tinha sede de luz, perguntou sem preâmbulos a Petitinga: — Ante essa prova do socorro dos nossos Guias Espirituais, eu não poderia, sempre que possível, estando ao lado do papai, ler-lhe «O Evangelho segundo o Espiritismo», de modo a nos ir instruindo lentamente nas lições da fé? É claro que procurarei não cansá-lo. Uma boa leitura,

além de edificar, também distrai, não é mesmo? Petitinga fitou-a, admirado, e concordou prontamente: — De pleno acordo. É evidente que a messe de luz muito favorece a riqueza da arca que a recebe. Muito bom esse alvitre, essa lembrança. A palavra evangelizante dirigida a ele atenderá, também, aos sofredores espirituais que porventura se lhe vinculem por esta ou aquela razão. Numa casa onde se acende a claridade do Evangelho, erguem-se defesas poderosas, impedindo a invasão das forças desagregadoras da erraticidade inferior. Quando um grupo ora, unido nos liames da comunhão pela prece, estabelecem-se resistências capazes de suportar as descargas da agressão da malade originada num ou noutro plano da vida. A prece e a lição edificante transformam-se em potentes ondas de energia vivificadora que beneficia todos os que delas participam. E para deixar muito bem esclarecido o valor do nobre tentame, argumentou: — Ainda não conhecemos, devidamente, na Terra, o poder do pensamento. A mente atua dentro e fora do cérebro pelo qual se manifesta, atraindo ou repelindo forças compatíveis ou antagônicas. Todos sofremos os reflexos uns dos outros, na carne, como também daqueles que estagiam fora do invólucro material, com os nossos recursos possíveis de assimilação ou desassimilação. Nenhum homem consegue estacionar, livre das ondas de intercâmbio dessa ou de outra ordem, que nos envolvem incessantemente. Absorvemos como eliminamos as imagens que nos são peculiares, e caminhando com elas, e atando-nos às suas amarras ou delas nos libertando, na direção da felicidade. Isto quer dizer que somos o que produzimos mentalmente, vivendo imanados aos nossos como aos pensamentos que recebemos dos outros... O Universo todo são permutas. A ideia que o homem plasma e cultiva, exterioriza e difunde, traduz o seu estado, a sua altura moral e espiritual. Ora, sintonizados com a ideia da Vida Excelsa, plasmaremos imagens superiores e viveremos emoções vitalizantes que nos esboçarão os pródromos da paz interior que, por fim, nos dominará.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 14)

“Delicado e sóbrio, fez breve silêncio, no qual os seus olhos claros se iluminaram, e logo prosseguiu: — O Espiritismo é a Doutrina de Jesus, em Espírito e verdade, sem fórmulas nem ritos, sem aparências nem representantes, sem ministros. É a religião do amor e da verdade, na qual cada um é responsável pelos próprios atos, respondendo por eles, conforme o conhecimento que tenha da Imortalidade, dos deveres. «É a religião da Filosofia, a Filosofia da Ciência e a Ciência da Religião, conforme predicou Vianna de Carvalho em nossa Casa, com justas razões. Não se firma em enunciados estranhos à Boa Nova e tudo quanto os Espíritos informaram ao Missionário Allan Kardec se encontra fundamentado nos Evangelhos. Alguns

adversários gratuitos dizem que os Espíritos nada trouxeram de novo. E me permito indagar, repetindo o filósofo antigo: Que há de novo sob o Sol? Novidade é também sinal de leviandade. O que nos parece novo é atualização do que acontecia e ignorávamos. «Os Espíritos sempre se comunicaram e falaram dos renascimentos, das Leis de Causa e Efeito, conhecidas desde remotíssimas civilizações, sob a designação sânscrita de Carma. Em todos os tempos encontramos os chamados “mortos” falando aos chamados “vivos”... O que os sábios conseguiram nestes tempos foi constatar a legitimidade da existência *post-mortem* e comprovarem a preexistência do Espírito, antes do corpo, com a consequente sobrevivência após a morte do corpo. Allan Kardec, o Enviado para os tempos modernos, teve o incomparável mérito de codificar os ensinamentos esparsos, dando-lhes uma ordem filosófica, extraindo o significado moral e eterno das lições contínuas dos Imortais. Dotado de raras faculdades de inteligência e razão, acolitado por Legião de Benfeitores e por eles fortemente inspirado, propõe questões do conhecimento, indagou sobre assuntos não devidamente esclarecidos até então. Não há, porém, em toda a Codificação um só item que se não alicerce nos ensinamentos do Cristo, ora confirmados universalmente pelos Espíritos. O próprio Mestre, na sua assertiva da promessa do Consolador, informou claro e conciso que o Paraclete diria muito mais do que Ele dissera. E dando melhor ênfase aos ensinamentos, concluiu: — Não, não há qualquer culto externo no Espiritismo e se houvera teríamos a sua morte anunciada já para breve. Sendo Doutrina dos Espíritos, revive o Cristianismo, repitamos: em espírito e verdade! — E não poderíamos — retornou interessado, Adalberto — formular uma oração de ação de graças em momentos que tais? — Sim, orar, podemos fazê-lo, porém, na intimidade dos corações, no silêncio do quarto. Uma oração pública requer sempre alguém mais bem adestrado, de verbo fácil e inspirado. Assim, iremos transferindo para outrem o que nos cabe fazer. E como orar é banhar-se de luz e penetrar-se de paz, pela decorrente comunhão com o Alto, devemos fazê-lo, nós mesmos, cada um, em particular. Que os compromissados o façam, está muito bem; que os nublados o realizem, na intimidade da alcova, é de necessidade; que os aniversariantes o produzam, no altar da alma, é muito justo. Mas evitemos hoje que a nossa emoção e a nossa festividade sejam transformadas amanhã num culto exterior, que tenhamos começado... Cada um de nós, aqui presente, deve estar em oração silenciosa de bons pensamentos, em atitude de prece pela sobriedade dos atos, mediante o respeito moral e fraternal que nos devemos todos uns aos outros... O Espiritismo é a religião que religa, permitam-nos a redundância, a criatura ao Criador, interiormente... Que tenhamos mais atitudes do que palavras!... A frase final

enunciada com um toque de bom-humor a todos nos fez sorrir, terminando, assim, a maravilhosa aula que o noivo conseguira motivar.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 16)

“[...] “Várias conjunturas trazem-nos até seu catre de enferma. Orações intercessórias agora se conjugam a seu benefício: sua mãezinha, as componentes do Culto Evangélico do Lar do dr. Gilvan, os membros do serviço desobsessivo da Sociedade Espírita “Francisco de Assis” e das pessoas devotadas à mediunidade, os irmãos Joel e Rosângela. “Necessário nos recordemos de que a lei é de justiça, na qual, porém, não vigem ausentes os recursos da misericórdia de Nosso Pai, sempre ao alcance de quantos O buscam pelo conúbio oracional. A prece é de essência divina. Registros especiais captam as rogativas da Terra e as transformam em respostas de socorro celeste. Nenhum apelo, neste Universo de vibrações e intercâmbios, jaz sem resposta. Quem se compraz na revolta sintoniza com as mentes carregadas de ira, que se conjugam em comércio de longa duração, assim como quem vibra esperança e amor sincroniza com as forças emissoras da paz e da harmonia, estabelecendo ligações que favorecem o otimismo e a saúde. “Não poucas vezes, nos admiramos de como algumas frágeis criaturas sobrevivem sob cargas de penosas agonias, sem desfalecerem; de outras que resistem a alucinantes situações; de muitas que exalam paz, embora o coração estiolado pelas conjunturas da adversidade... Todas elas haurem, através da prece, a vitalidade que as sustenta e mantém pelo concurso da oração, através do recolhimento na meditação, ampliando os processos de captação pelas antenas psíquicas que recebem as respostas divinas, jamais atrasadas. “Sofrem, sem dúvida, por estarem em recuperação, mas não exsudam pessimismo nem enfermidade. Onde se encontram, luze a esperança e a alegria se faz presente, qual atestado inequívoco da sua comunhão com Deus. “Não foi por outra razão que o Senhor recomendou nos amássemos, orando uns pelos outros, particularmente pelos nossos adversários como pelos que nos perseguem. “A prece intercessória não apenas alcança a quem se destina como beneficia aquele que a realiza. Telefonando com os avançados Centros do Amor Divino, produz ligação de contínuo intercâmbio.” [...]” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 13)

“Cândido segurou-o pelo braço e o levou à enfermaria, à sala de curativos. Cerrou a porta. Sentaram-se. Abrindo uma gaveta, dali retirou um livro. — Eis aqui o meu enxugador de lágrimas — disse com grave acento na voz. — Trata-se de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Abra-o, por favor, em qualquer lugar. O Sr. Rafael obedeceu mecanicamente e devolveu a Obra. Cândido leu, com ênfase e unção, a página de luz que respingava bálsamo e conforto

moral sobre o ouvinte sucumbido. Cessada a leitura edificante, que carreu para o ambiente forças sutis do Mundo Invisível, orou, pedindo-lhe que o acompanhasse em silêncio. A prece, partida das nascentes do coração a fluir na direção do Pai, caldeava as energias puras das Divinas Concessões e retornava como poderoso agente restaurador. Ato contínuo, impellido pelo sadio desejo de ajudar, aplicou-lhe passes refazentes, após o que, gentil, interrogou: — Então, como se sente? — Sinto-me melhor, como jamais ocorreu comigo antes. Algo inexplicável infunde-me paz e fé, conforto, quase alegria, pela primeira vez, nestes tristes, demorados anos de minha existência. — É o efeito da oração que refrigera, acalma e encoraja. A prece nem sempre modifica as coisas, todavia, sempre nos modifica, ajudando-nos a ver e entender os acontecimentos pelo ângulo correto, através do qual deve ser examinado. E isto é o que importa. Não é válido que Deus nos afaste os obstáculos, quanto é sábio que nos dê meios para os afastar...” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 10)

“RESPOSTA À ORAÇÃO. [...] O abnegado Bezerra de Menezes, à frente de expressiva equipe de médicos e enfermeiros, de técnicos em socorros especiais, tomava providências, distribuía informações e cuidava, pessoalmente, dos casos mais graves, nos quais aplicava os recursos da sua sabedoria. As horas avançavam num recrudescer de atividades, fazendo recordar um campo de guerra, em que os litigantes mais se compraziam em ferir, malsinar, destruir... Frente de batalha, sem dúvida, em que se convertia a cidade, naqueles dias, cujo ônus lhe pesava, cada ano, em forma de maior incidência na agressividade, na violência, nos desajustes socioeconômicos lamentáveis... Outrossim, o nosso centro de comunicações registrava apelos e notícias de vária ordem, donde emanavam as diretrizes para o atendimento dos casos passíveis de ajuda imediata. Os outros ficavam selecionados para ulteriores providências, quando diminuíssem os fatores desagregantes do equilíbrio geral. Pessoas sinceramente afervoradas ao bem enviavam pedidos de ajuda, intercediam por familiares a um passo de tombarem nos aliciamentos extravagantes e fatais. Os seletos de preces facultavam as ligações com os Núcleos Superiores da Vida, ao mesmo tempo intercambiando forças de auxílio aos orantes contritos, enquanto aparelhagens específicas acolhiam pensamentos e forças psíquicas que se transformavam em agentes energéticos que irradiavam correntes diluentes das condensações deletérias. Neste comenos, dedicado auxiliar do benfeitor incansável trouxe-lhe a informação de que fora captada uma solicitação veemente, de urgência, a ele dirigida nominalmente, e que os seletos, pelo tom vibratório com que se fazia emitida, expressavam a necessidade de suas imediatas providências. Anotado

o endereço da requerente, fomos convidados a acompanhá-lo, a fim de aprender e auxiliar conforme a circunstância. A residência agradável, em área distante do bulício do centro da cidade, donde partia o apelo, apresentava, do *nosso lado*, irradiações mentais equilibradas e parecia erguida sobre os alicerces da honradez e do sacrifício. Embora o narrador do desfile apresentado nos aparelhos de televisão da vizinhança, ligados em alto volume, se adentrasse pela casa, àquela hora da madrugada, o ambiente ressumava harmonia. Dirigindo-nos à ampla alcova, deparamos com uma senhora de pouco mais de meio século, ajoelhada, orando. A ausência de Espíritos malévolos e viciosos deu-me notícia do tesouro das virtudes de que era portadora a suplicante. Acompanhando a atitude de respeito do amigo e protetor espiritual, ouvi-o dizer-me, a meia-voz: - Sintonize na faixa mental da nossa irmã e ouçamo-la. Percebi que ela irradiava luz opalina, que variava para o tom azul-violáceo, denotando a sua perfeita consciência espiritual na prece afervorada.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 1)

“ROGATIVA E SOCORRO. [...] Quando o Benfeitor silenciou, encerrando o assunto, aproximou-se um cooperador do Departamento de Comunicações informando que o setor de registros de orações captara um pedido de emergência, partido de uma jovem que estava encurralada, em local ermo, próximo, por um grupo de atormentados sexuais, ameaçando-a... Localizando mentalmente onde ocorria a agressão a ser culminada, partimos, Artur e nós, acompanhando Dr. Bezerra que, presto, inteirou-se do que estava a suceder, passando à ação urgente. Concentrou o pensamento no Cristo e dirigiu a onda mental com alta carga vibratória sobre os agressores que tentavam imobilizar a moça, a fim de facilitar a tarefa dos outros violentadores, e descarregou-lhes enérgica vontade bem controlada. A jovem debatia-se, sem poder libertar-se nem gritar, quase totalmente dominada, não obstante o pensamento suplicasse, firme, apoio e ajuda do Alto, em cujo amparo se colocara nobre Entidade que a assessorava, dando-lhe forças. Sob a imantação mental que os colheu de surpresa, os agressores afrouxaram os membros sem poder conter a vítima que se levantou do solo aonde fora arrojada, com as vestes rotas, chorando, copiosamente. Os outros dois, sem entenderem o que aconteceu, voltaram à carga... Nesse comenos, por que visse, a distância regular, em rua próxima, um veículo policial, o Benfeitor recorreu a uma ação prática, própria para a circunstância. Sintonizou com o motorista do carro da Rádio Patrulha e chamou-o, mentalmente, com vigor. Subitamente a sirene aberta anunciou a passagem do veículo, fazendo que os malfeitores desandassem a correr, quando os faróis do carro nos colheram, iniciando-se uma perseguição, que culminou na detenção de todos, que foram recolhidos. A jovem foi socorrida,

prontamente e, porque não apresentasse lesões e se negasse a formular queixa, demonstrando muito nervosismo, foi levada a um Posto de Saúde, onde recebeu medicação específica e depois conduzida ao lar. No trâmite do atendimento médico da moça, o seu acompanhante espiritual revelou-nos que ela retornava da visita a uma enferma, a quem fora atender com a palavra amiga, confortando-a com a sua assistência fraterna. Tratava-se de uma anciã solitária, que lhe recebia ajuda financeira e espiritual. Sabendo-a doente, muito embora os perigos a que se exporia, por estar desacompanhada, orou e foi em seu auxílio. Levou-lhe o concurso de emergência e algum medicamento oportuno. Atendendo-a, demorou-se além do previsto. No entanto, espiritista convicta, buscou inspiração na prece e retornou ao lar, quando foi defrontada pelos rapazes, algo embriagados. [...] Ante a narrativa espontânea, não pude sopitar a indagação que me veio à mente: - Não estava a moça em tarefa relevante da caridade, envolvida pela força da oração? Como explicar a agressão de que fora objeto, quase redundando em prejuízos irreversíveis que, além dos danos físicos e morais, poderia abalá-la profundamente, perturbando-lhe o sistema emocional? Foi o Benfeitor quem me respondeu, gentil: - A oração imuniza-nos contra o mal, dá-nos força para suportá-lo, mas não muda os nossos necessários processos de evolução. No caso em tela, a irmãzinha afeiçoada ao bem e afervorada à oração, recebeu a resposta ao seu apelo, de forma positiva. Liberou-se dos perturbadores da ordem e, graças à rápida aflição experimentada, anulou grandes, porvindouros sofrimentos que lhe pesavam na economia da evolução, por erros graves cometidos na área da sexualidade e da prepotência que a infelicitaram, gerando muito dissabor naqueles que lhe sofreram os desequilíbrios... Sinceramente consciente da necessidade de depuração, ante a luz do conhecimento espírita que lhe vitaliza o ser, dispôs-se à renovação pelo amor e pela ação do trabalho edificante, granjeando méritos para ter mudados os fatores cármicos da atual existência. “Pelo teor mental e alta dose de sincera unção da prece, os sensores de seleção de rogativas registraram o seu apelo, que mereceu atendimento e, porque de conduta reta, faz jus à assistência do protetor espiritual que a atendeu até nossa chegada. Sintetizando: num momento de provação bem suportada, graças aos valores que já lhe pesam positivamente, liberou-se de largos testemunhos de dor e sombra no futuro. “Observe, o amigo, que nem todos que são surpreendidos em circunstância desse teor conseguem sair ilesos, o que a situa em excelente condição. “O amor anula os erros e *pecados*, preparando o ser para, testado, superar os impactos desagregadores do comportamento sadio. E ela, convenhamos, triunfou, não complicando a situação dos invigilantes, que não estão no pleno

uso da razão. Ficarão impedidos até amanhã, quando, recuperando a sobriedade, sem prejuízos maiores, volverão ao trabalho, sob a circunstância da lição que receberam, acautelando-se, de futuro, da prática de novas, semelhantes atitudes.” Eram muito lógicos os argumentos apresentados. Fosse diferente, a oração se transformaria em técnica *negocista* com a Divindade e não, conforme é, em recurso de intercâmbio inspirativo e providencial com as Fontes Inexauríveis do Bem. Do homem sempre depende o resultado dos seus empreendimentos, mesmo quando sob a inspiração das forças negativas que tentam levá-lo à queda, ou dos Emissários do Bem que o propõem para a conquista da evolução. Em verdade, nenhuma rogativa honesta, dirigida ao Senhor, fica sem resposta do socorro imediato. Quiçá, não chegue na forma que se pretende, mas, conforme é de melhor para o necessitado, o que expressa o grau da sabedoria que responde. Fosse de forma diversa e o caos se estabeleceria, desde que, ainda na infância espiritual, as criaturas não sabemos pedir, solicitando, não raro, o que nos é bom num momento, que deixa de ter qualquer valor, ou, às vezes, transformando-se em desagrado, logo depois. Felizes o que pedem ajuda, sem orientar o tipo e a forma de auxílio que desejam receber, orando, pura e simplesmente, numa confiante entrega total de amor e de fé.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 21)

“O poder da oração. Quando o ser humano se aperceber das infinitas possibilidades de que dispõe através da oração, conceder-lhe-á mais atenção e cuidados. Força dinâmica, responsável pelo restabelecimento de energias, é constituída de vibrações específicas que penetram o orante, mantendo-lhe a vinculação com as Fontes Inexauríveis de onde procedem os recursos vitais. Em razão da intensidade e do hábito a que o indivíduo se permita, torna-se valioso instrumento para a conquista da paz e a preservação da alegria, nele instaurando um estado de receptividade permanente das vibrações superiores que se encontram espalhadas no Cosmo, preservando-lhe a saúde, gerando-lhe satisfação íntima e proporcionando-lhe inspiração nas mais variadas situações do caminho evolutivo. Como consequência, nenhuma louvação, rogativa ou gratidão expressa através da prece fica sem resposta adequada, desde que os sentimentos lhe acompanhem o curso oracional. [...] O Instrutor, que se encontrava familiarizado com a ocorrência, convidou-nos a que seguissemos os dois litigantes, que rumavam para um recinto espiritual de perversão e deboche em que se compraziam. Enquanto nos movimentávamos nessa direção, indaguei com respeito: – As orações, embora expressando desespero, atingem o nosso Departamento de captação? – É claro que sim – respondeu, generoso. – Todo apelo que procede do coração, mesmo quando as possibilidades emocionais

não permitem melhor entrosamento entre o sentimento e a razão, atingem o fulcro para o qual é direcionado. Nosso Mauro, depois de delinquir, inspirado pela mãezinha, conforme já acentuamos, dá-se conta do caminho sem volta por onde segue e, na falta de outra alternativa, vem buscando o concurso do Céu, apesar dos clamorosos erros que prossegue cometendo sob a guarda da fé religiosa na qual se oculta. – E o sarcasmo do seu comparsa em relação a essa atitude, conforme vimos, teria razão para fundamentá-lo? – De forma alguma – esclareceu, bondoso. – O antagonista sabe que o seu paciente poderá fugir do seu comando, caso continue na busca de Deus. Para atemorizá-lo e anular-lhe a inesperada disposição, critica-o, zurzindo-lhe o látego, cujo açoite vibratório faculta-lhe o prazer masoquista que a mente desorientada cultiva. “Nenhuma solicitação ao Pai Amantíssimo fica sem resposta, seja qual for a natureza do seu conteúdo, recebendo-a de acordo com o propósito de que se reveste. “Sigamos os nossos irmãos.” [...]” (MPM, *Sexo e obsessão*, Capítulo 2)

“O poder da oração. O cérebro, este dínamo gerador de energia psíquica, é também fonte de exteriorização que se espraia, facultando a vitalização ou o desequilíbrio na área que focaliza. Externando-se através do pensamento, este se lhe torna o veículo que a potencializa e direciona. Quanto maior for a intensidade mental da ideia, mais poderosa se apresenta a onda em que se movimenta. Em face dessa realidade, o cultivo dos pensamentos edificantes, pela constituição vibratória de que se reveste, estimula os neurônios cerebrais a produzirem substâncias saudáveis e processamentos eletroquímicos, que facilitam as sinapses e viajam pelo sistema circulatório, vitalizando as células e auxiliando-as no processo de mitose harmônica. Quando estão carregados de pessimismo ou malquerença, de ressentimentos e ódios, produzem moléculas que são eliminadas pelos mesmos neurônios com alto poder destrutivo, que perturbam as comunicações e se alojam no sistema nervoso central e no endócrino, afetando o de natureza imunológica, naquele indivíduo que prossegue na emissão das mensagens tóxicas e perturbadoras, às vezes atingindo a pessoa que está na mira da sua revolta. O ato da oração é constituído pelo fixar dos pensamentos nobres e aspirações superiores, produzindo ondas carregadas de amor e de harmonia que mantêm em grande atividade os centros nervosos, que se alimentam de forças e, de imediato exteriorizam as vibrações que atraem os bons espíritos, que acorrem para ajudar, ao tempo em que as canalizam no rumo das Esferas superiores onde são captadas para análise imediata. Em face do seu conteúdo especial, são potencializadas e re-tornam ao emissor, proporcionando-lhe vitalização e alegria. Pode, dessa forma, a oração ser encaminhada

aos Centros espirituais de captação para análise de conteúdo ou direcionar-se para os objetivos a que se destina. Por isso, a oração pode ser de louvor, quando se expressa em hinos de alegria e de homenagem ao Criador, à vida, às ocorrências existenciais; de rogativa, quando revestida pela necessidade que pode ser socorrida pelo Divino Poder, não apenas por quem ora, assim como em favor daquele por quem se intercede; e de gratidão, transformada em júbilo pelo que se tem logrado ou ainda não se conseguiu... A oração inunda de emoções superiores o ser que se lhe entrega ao ministério. Quando é a favor do próximo, encarnado ou no plano espiritual, alcança-o como uma onda de paz, que favorece a reflexão, o despertar da consciência para a responsabilidade, o diminuir das aflições, ensejando o prosseguimento a partir desse momento com diferente disposição emocional e psíquica. Mesmo quando o beneficiário ignora o recurso que lhe é direcionado, ainda assim é alcançado pela emissão vibratória e experimenta alteração para melhor no quadro do comportamento em que se encontra. Se conhecedor do benefício, gerando sintonia mental, mais se robustece de recursos valiosos, que se transformam em bem-estar, saúde e paz. Enfermos terminais uns, portadores de doenças degenerativas outros, de distúrbios psicológicos ou psiquiátricos diversos, quando envolvidos pelas ondas benéficas da oração, experimentam sensações favoráveis que, se utilizadas de forma edificante, podem modificar a situação em que se encontram, reiniciando os processos de recuperação ou de diminuição dos seus sofrimentos. Os desencarnados, por sua vez, sentindo-se recordados e queridos, ao captarem a onda mental que lhes é direcionada, têm diminuídas as angústias e perturbações, reconsiderando a situação em que se encontram e se reanimando, desse modo adquirindo forças e valor para superarem as dificuldades que os afligem, frutos amargos da insensatez a que se entregaram anteriormente. A onda mental da oração cinde a densa camada da psicofera deletéria onde respiram aqueles a quem é enviada a mensagem de amor, e qual um raio vigoroso deixa a claridade da sua presença e descarga de energia benéfica de que se faz portadora. Não elimina, certamente, os débitos, nem seria justo que assim acontecesse, também não impede o insucesso, mas oferece serenidade e confiança para o enfrentamento dos efeitos perniciosos dos atos transatos, trabalhando em favor da mudança da paisagem, que se nimba de diferente conteúdo propiciador de paz e de vitória que devem ser alcançadas, a partir de então. Simultaneamente, aquele que ora se potencializa e irradia ondas

de harmonia que envolvem a tudo e a todos quantos lhe estão no campo psíquico ou emocional. Animais e plantas captam as ondas mentais que lhes são dirigidas, refletindo no comportamento os efeitos saudáveis ou danosos do tipo de vibrações de que se constituem. No momento em que a criatura humana se conscientizar do poder da oração ou do pensamento nobre, o planeta será beneficiado pela emissão individual e coletiva de orações para recuperá-lo após todas as agressões que tem sofrido pela imprevidência e loucura dos seus habitantes, tornando-se abençoado reduto de regeneração, ao invés de oficina de dolorosas provas e expiações. O pensamento, portanto, vinculado a Deus, ao bem, ao amor, ao desejo sincero de ajudar, eis a oração que todos podem e devem utilizar, a fim de que a felicidade se instale por definitivo nos corações. Por isso que as formas e as fórmulas utilizadas para a oração se fazem secundárias, sendo indispensável a intenção do orante, cujo propósito estimula o dínamo cerebral a liberar a onda psíquica vigorosa que lhe conduzirá a aspiração. O hábito de orar, a constância da oração, a elevação do pensamento se transformará em um estado especial de equilíbrio espiritual, que sustentará o ser em todas e quaisquer ocasiões da sua existência. Isto, porque, oração é vida, e com Jesus é vida em abundância..." (MPM, *Reencontro com a vida*, O poder da oração)

III.2. Prece e emanção de forças¹⁰

"PEDI E OBTEREIS. [...] AÇÃO DA PRECE. TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO. 9. A prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces feitas a Deus escutam-nas os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus. **10.** O Espiritismo torna compreensível a ação da prece, explicando o modo de transmissão do pensamento, quer no caso em que o ser a quem oramos acuda ao nosso apelo, quer no em que apenas lhe chegue o nosso pensamento. Para apreendermos o que ocorre em tal circunstância, precisamos conceber mergulhados no fluido universal, que ocupa o espaço, todos os seres, encarnados e desencarnados, tal qual nos achamos, neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe

¹⁰ Vide Subcapítulo IV.4 ("Utilização da palavra como fonte de forças transformadoras"), Capítulo IV ("Doutrinação de entidades obsessoras"), Sexta Parte ("Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas") do Volume I ("Religiosidade segundo o Espiritismo") dessa série de livros ("Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo").

da vontade uma impulsão; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Dirigido, pois, o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som. A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que relações se estabelecem a distância entre encarnados. Essa explicação vai, sobretudo, com vistas aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística. Não tem por fim materializar a prece, mas tornar-lhe inteligíveis os efeitos, mostrando que pode exercer ação direta e efetiva. Nem por isso deixa essa ação de estar subordinada à vontade de Deus, juiz supremo em todas as coisas, único apto a torná-la eficaz. **11.** Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê arruinada a sua saúde, em consequência de excessos a que se entregou, e arrasta, até o termo de seus dias, uma vida de sofrimento: terá ele o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, pois que houvera podido encontrar na prece a força de resistir às tentações. **12.** Se em duas partes se dividirem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua incúria ou por seus excessos (cap. V, nº 4), ver-se-á que a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira. Faz-se, portanto, evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, às quais se pouparia, se sempre obrasse com sabedoria e prudência. Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às leis de Deus e que, se as observássemos, pontualmente, seríamos inteiramente ditosos. Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não apanharíamos as enfermidades que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que as doenças acarretam. Se puséssemos freio à nossa ambição, não teríamos de temer a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não teríamos de recear a queda; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maldizentes, nem

invejosos, nem ciosos, e evitaríamos as disputas e dissensões; se mal a ninguém fizéssemos, não houvéríamos de temer as vinganças, etc. Admitamos que o homem nada possa com relação aos outros males; que toda prece lhe seja inútil para livrar-se deles; já não seria muito o ter a possibilidade de ficar isento de todos os que decorrem da sua maneira de proceder? Ora, aqui, facilmente se concebe a ação da prece, visto ter por efeito atrair a salutar inspiração dos Espíritos bons, granjear deles força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser funesta. Nesse caso, *o que eles fazem não é afastar de nós o mal, porém, sim, desviar-nos a nós do mau pensamento que nos pode causar dano; eles em nada obstam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis da Natureza; apenas evitam que as infringamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio.* Agem, contudo, à nossa revelia, de maneira imperceptível, para nos não subjugar a vontade. O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los, ou não. Quer Deus que seja assim, para que aquele tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso o que o homem pode estar sempre certo de receber, se o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem, sobretudo, aplicar estas palavras: “Pedi e obtereis”. Mesmo com sua eficácia reduzida a essas proporções, já não traria a prece resultados imensos? Ao Espiritismo fora reservado provar-nos a sua ação, com o nos revelar as relações existentes entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Os efeitos da prece, porém, não se limitam aos que vimos de apontar. Recomendam-na todos os Espíritos. Renunciar alguém à prece é negar a bondade de Deus; é recusar, para si, a sua assistência e, para com os outros, abrir mão do bem que lhes pode fazer. **13.** Acedendo ao pedido que se lhe faz, Deus muitas vezes objetiva recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora. Daí decorre que a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, porquanto o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente nascem do sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, do daquele que apenas de lábios ora, unicamente saem palavras, nunca os ímpetus de caridade que dão à prece todo o seu poder. Tão claramente isso se compreende que, por um movimento instintivo, quem se quer recomendar às preces de outrem fá-lo de preferência às daqueles cujo proceder, sente-se, há de ser mais agradável a Deus, pois que são mais prontamente ouvidos. **14.** Por exercer a prece uma como ação magnética, poder-se-ia supor que o seu efeito depende da força fluídica. Assim, entretanto, não é. Exercendo sobre os homens essa ação, os Espíritos, em sendo preciso, suprem a

insuficiência daquele que ora, ou agindo diretamente *em seu nome*, ou dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno dessa graça, ou que ela lhe pode ser proveitosa. O homem que não se considere suficientemente bom para exercer salutar influência, não deve por isso abster-se de orar a bem de outrem, com a ideia de que não é digno de ser escutado. A consciência da sua inferioridade constitui uma prova de humildade, grata sempre a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança são um primeiro passo para a sua conversão ao bem, conversão que os Espíritos bons se sentem ditosos em incentivar. Repelida só o é a prece do orgulhoso que deposita fé no seu poder e nos seus merecimentos e acredita ser-lhe possível sobrepor-se à vontade do Eterno. **15.** Está no pensamento o poder da prece, que por nada depende nem das palavras, nem do lugar, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar ou do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e colimam o mesmo objetivo, porquanto é como se muitos clamassem juntos e em uníssono. Mas, que importa seja grande o número de pessoas reunidas para orar, se cada uma atua isoladamente e por conta própria? Cem pessoas juntas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma mesma aspiração, orarão quais verdadeiros irmãos em Deus, e mais força terá a prece que lhe dirijam do que a das cem outras. (Cap. XXVIII, nºs 4 e 5)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVII)

“**A prece de Ismália.** [...] Dentro de poucos instantes, reuníamo-nos, de novo, ao grupo. O administrador fez um sinal luminoso, em forma triangular, e observei que todos os cooperadores se puseram de pé, em atitude respeitosa. – É o momento da oração, no Posto de Socorro – disse Alfredo, gentil, como a prestar-nos esclarecimentos precisos. [...] Ismália, então, num gesto de indefinível delicadeza, começou a orar, acompanhada por todos nós, em silêncio, salientando-se, porém, que lhe seguíamos a rogativa, frase por frase, atendendo a recomendações do nosso orientador, que aconselhou repetir, em pensamento, cada expressão, a fim de imprimir o máximo ritmo e harmonia ao verbo, ao som e à ideia, numa só vibração. [...] A voz de Ismália penetrava-me o recesso do coração. Observando-a, por um momento, reparei que a esposa de Alfredo se transfigurara. Luzes diamantinas irradiavam de todo o seu corpo, em particular do tórax, cujo âmago parecia conter misteriosa lâmpada acesa. Em vista da ligeira pausa que imprimira à oração, observei a nós outros, verificando que o mesmo fenômeno se dava conosco,

embora menos intensamente. Cada qual parecia, ali, apresentar uma expressão luminosa, gradativa. As senhoras que acompanhavam Ismália estavam quase semelhantes a ela, como se trajassem soberbos costumes radiosos, em que predominava a cor azul. Depois delas, em brilho, vinha a luz de Aniceto, de um lilás surpreendente. Em seguida, tínhamos Alfredo, cuja luz era de um verde suave e sugestivo, sem grande esplendor. Depois dele, vinham alguns servidores ostentando na fronte claridades sublimes, expressas em variadas cores, e, logo após, Vicente e eu, mostrávamos fraca luminosidade, a qual, porém, nos enchia de júbilo intenso, considerando que a maioria dos cooperadores em serviço apresentava o corpo obscuro, como acontece na esfera carnal. [...] Fizera Ismália nova pausa, agora mais longa. Enxuguei os olhos umedecidos de pranto. Suave calor, todavia, apossava-se-me da alma. E tão intensa era essa nova sensação de conforto, que interrompi a concentração em mim mesmo, a fim de olhar em torno. Fixando instintivamente o alto, enxerguei, maravilhado, grande quantidade de flocos esbranquiçados, de tamanhos variadíssimos, a caírem copiosamente sobre nós que orávamos, exceto sobre os que dormiam. Tive a impressão de que eram derramados do céu sobre nossa fronte, caindo com a mesma abundância sobre todos, desde Ismália ao último dos servidores. Não cabia em mim de admiração, quando novo fenômeno me surpreendeu. Os flocos leves desapareciam ao tocar-nos, começando, porém, a sair de nossa fronte e do peito grandes bolhas luminosas, com a coloração da claridade de que estávamos revestidos, elevando-se no ar e atingindo as múmias numerosas. Ainda aí, reparava o problema da gradação espiritual. As luzes emitidas por Ismália eram mais brilhantes, intensas e rápidas, alcançando muitos enfermos de uma só vez. Em seguida, vinham as fornecidas pelas senhoras do seu círculo pessoal. Depois, tínhamos as de Aniceto, de Alfredo e dos demais. Os servos de corpo obscuro emitiam vibrações fracas, mas visivelmente luminosas. Cada qual, naquele instante de contato com o plano superior, revelava o valor próprio na cooperação que podia prestar. Observando-me o assombro, Aniceto falou-me aos ouvidos: – Na prece, encontramos a produção avançada de elementos-força. Eles chegam da Providência em quantidade igual para todos os que se deem ao trabalho divino da intercessão, mas cada Espírito tem uma capacidade diferente para receber. Essa capacidade é a conquista individual para o mais alto. E como Deus socorre o homem pelo homem e atende a alma pela alma, cada, um de nós somente poderá auxiliar os semelhantes e colaborar com o Senhor, com as qualidades de elevação já conquistadas na vida.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 24)

“**Efeitos da oração.** [...] Aniceto, percebendo-nos a perplexidade, falou a Vicente e a mim, de maneira

significativa: – Conforme viram, o trabalho da prece é mais importante do que se pode imaginar no círculo dos encarnados. Não há prece sem resposta. E a oração, filha do amor, não é apenas súplica. É comunhão entre o Criador e a criatura, constituindo, assim, o mais poderoso influxo magnético que conhecemos. Acresce notar, porém, já que comentamos o assunto, que a rogativa maléfica conta, igualmente, com enorme potencial de influência. Toda vez que o Espírito se coloca nessa atitude mental, estabelece um laço de correspondência entre ele e o Além. Se a oração traduz atividade no bem divino, venha donde vier, encaminhar-se-á para o Além em sentido vertical, buscando as bênçãos da vida superior, cumprindo-nos advertir que os maus respondem aos maus nos planos inferiores, entrelaçando-se mentalmente uns com os outros. É razoável, porém, destacar que toda prece impessoal dirigida às Forças Supremas do Bem, delas recebe resposta imediata, em nome de Deus. Sobre os que oram nessas tarefas benditas, fluem, das esferas mais altas, os elementos-força que vitalizam nosso mundo interior, edificando-nos as esperanças divinas, e se exteriorizam, em seguida, contagiados de nosso magnetismo pessoal, no intenso desejo de servir com o Senhor. E, procurando materializar o pensamento, para facilitar-nos a compreensão, acentuou: – Viram, vocês, cair sobre nós os elementos a que me refiro, e observaram a sua exteriorização com as luzes de cada um de nós, em benefício dos irmãos que dormem e sofrem. Concedeu-nos o Altíssimo a força de auxiliar, em porções iguais para todos, mas nós a espalhamos de acordo com a nossa possibilidade e coloração individuais. Ismália, cujos sentimentos são mais amplos e universalistas que os nossos, pôde receber com mais clareza o auxílio divino e distribuí-lo com mais abundância e eficiência. Temos, aqui, uma profunda lição. Como já disse, o Pai visita os filhos necessitados, através dos filhos que procuram compreendê-lo. Não poderíamos abusar do Senhor, como abusamos no círculo terrestre dos nossos pais humanos. Não vive Ele ao sabor de nossos caprichos pessoais. Nunca poderia vir, em pessoa, enxugar o pranto do necessitado que chora, em consequência, aliás, do olvido das Divinas Leis. Compete ao necessitado caminhar ao reencontro d'Ele. O Senhor, todavia, atende sempre a todos os homens de boa vontade, por intermédio dos homens bons, que se edificam na casa divina. Todos os nossos desejos e impulsos razoáveis são atendidos pelas bênçãos paternas do Eterno. Ainda que nos demoremos nas lágrimas e nas aflições, jamais permanecemos ao desamparo. Apenas devemos salientar que as respostas de Deus vão sendo maiores e mais diretas, à medida que se intensifique o nosso merecimento, competindo-nos reconhecer que, para semelhantes respostas, são utilizados todos quantos trazem consigo

a luz da bondade, ou já possuem mérito e confiança para auxiliar em nome de Deus.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 25)

“O poder do amor. [...] Assim dizendo, acercou-se de ambos os infelizes, postando-se em atitude de oração. Que estaria pedindo às Forças Superiores, ali, diante de nós, aquela mulher de extraordinária expressão? Sentia-lhe, enlevado, a sinceridade profunda, a humildade fiel. A prece, em que por alguns minutos se concentrou, saturava-se de sublime poder, porquanto em breve suave luz descia do alto sobre a sua fronte venerável. Gradativamente, Cipriana se fazia mais bela. Os raios divinos a fluírem dos mananciais invisíveis, envolvendo-a, transfiguravam-na toda. Tive a impressão de que a sua organização perispiritual absorvia a claridade maravilhosa, represando-se-lhe no ser. Escoados alguns momentos, circundava-a refulgente halo, cuja santidade senti dever respeitar. Dos olhos, do tórax e das mãos influíam irradiações de frouxa e suave luz, que não me terrificava a retina surpresa. Estava formosa, radiante, qual se fora a materialização da madona de Murilo, em milagrosa aparição. Perante a sua personalidade transfigurada, quase me prosternei, tal a comoção daquele minuto inesquecível. Nenhum olhar nos dirigiu, quicá, por humildade, no desejo de ocultar a elevada posição que desfrutava. Estendeu as mãos para os dois desventurados, atingindo-os com o seu amoroso magnetismo, e notei, assombrado, que o poder daquela mulher sublimada lhes modificava o campo vibratório. Sentiram-se ambos desfalecer, oprimidos por uma força que os compelia à quietação. Entrelharam-se com indizível espanto, experimentando o respeito e o temor, presas de comoção irreprimível e desconhecida... Seus olhos espelhavam, no silêncio, angustiosa perquirição, quando a mensageira, avizinhandose, os tocou de leve na região visual; reparei, de minha parte, que ambos registraram abalo mais forte e indisfarçável. Reconhecendo o poder divino de que era dotada a emissária, notei que o enfermo, parcialmente liberto do corpo, e o perseguidor implacável passaram a ver-nos com indescritível assombro. Gritaram, violentamente, empolgados pela surpresa, e, por julgar cada um de nós o que vê através do prisma de conhecimentos adquiridos, cuidaram fossem visitados pela excelsa Mãe de Jesus: definiam o ambiente em harmonia com as noções religiosas que o mundo lhes inculcara. O doente ajoelhou-se de súbito, dominado por incoercível comoção, e desfez-se em copioso pranto. O outro, porém, embora perplexo e abalado, manteve-se ereto, qual se o bendito favor daquela hora não lhe fosse, a ele mesmo concedido. – Mãe dos Céus! – clamou o companheiro hospitalizado, chorando convulsivamente – como vos dignais de visitar o criminoso, que sou eu? Sinto vergonha de mim mesmo, sou imperdoável pecador, abatido pela

minha própria miséria... Vossa luz revela-me toda a extensão das trevas em que me debato! Condoei-vos de mim, Senhora!... Havia uma sinceridade imensa, aliada a imensa dor, naquelas palavras de angústia e de arrependimento. Soluços sufocantes assomaram-lhe à boca, interrompendo-lhe a tocante súplica. Cipriana acercou-se dele, de olhos faiscantes e úmidos. Tentou soerguê-lo, sem, no entanto, lograr que ele deixasse a postura genuflexa. Certo, a piedosa missionária informara-se de todas as minúcias necessárias ao êxito de sua missão naqueles minutos, porque, enlaçando-o maternalmente, o chamou pelo nome, esclarecendo: – Pedro, filho meu, não sou quem julgas, no transporte de viva confiança que te sensibiliza a alma. Sou simplesmente tua irmã na eternidade; todavia, também fui mãe na Terra e sei quanto sofres.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 5)

“O instrutor imprimira tocante inflexão aos últimos lances da rogativa. Elói e eu tínhamos os olhos turvos de lágrimas, tanto quanto Saldanha que recuara, aterrado, para um dos ângulos escuros da cela triste. Gúbio transformara-se, gradualmente. As vibrações vigorosas daquela súplica, que arrancara ao próprio coração, expulsaram as partículas obscuras de que se havia tocado, quando penetrávamos a colônia penal em que conhecêramos Gregório, e sublimada luz brilhava-lhe agora no semblante que o pranto de amor e compunção irisava com intraduzível beleza. Parecia ocultar desconhecido lampadário no peito e na fronte, que despediam raios luminosos de intenso azul, ao mesmo tempo que formoso fio de claridade incompreensível o ligava com o Alto, perante nosso aturdido olhar. Findo o intervalo, fez incidir toda a luminosidade que o envolvia sobre as três criaturas que asilava no regaço e exorou: – “É para eles, Senhor, para os que repousam aqui em densas sombras, que te suplicamos a bênção! “Desata-os, Mestre da caridade e da compaixão, liberta-os para que se equilibrem e se reconheçam... “Ajuda-os a se aprimorarem nas emoções do amor santificante, olvidando as paixões inferiores para sempre. “Possam eles sentir-te o desvelado carinho, porque também te amam e te buscam, inconscientemente, embora permaneçam supliciados no vale fundo de sentimentos escuros e degradantes.” Nesse ponto, o orientador interrompeu-se. Intensos jorros de luz projetavam-se em torno dele, atirados por mãos invisíveis aos nossos olhos. Com perceptível emotividade, Gúbio aplicou passes magnéticos em cada um dos três infelizes e, em seguida, falou ao rapaz encarnado: – Jorge, levanta-te! Estás livre para o necessário reajustamento. O interpelado arregalou os órgãos visuais, parecendo acordar de pesadelo angustioso. Inquietação e tristeza desapareceram-lhe do rosto, celeremente. Num impulso maquinal, obedeceu à ordem recebida, erguendo-se com absoluto controle do raciocínio. A interferência

do benfeitor quebrara os elos que o prendiam às parentas desencarnadas, liberando-lhe a economia psíquica. Presenciando o acontecimento, Saldanha gritou, em lágrimas: – Meu filho! Meu filho!... O doente não registrou as exclamações nascidas do entusiasmo paterno, mas procurou o leito singelo onde se aquietou com inesperada serenidade.” [...]” (AL, *Libertação*, Capítulo 12)

“Dr. Bezerra tranquilizou-a com breves apontamentos. Quando fomos vistos pelos Espíritos estúrdios, doestos e imprecações absurdas choveram sobre nós. Éramos quatro servidores em nome do Bem, enquanto os agressores formavam uma horda expressiva, ruidosa e agressiva. O amigo induziu-nos, mentalmente, à harmonia íntima e à confiança integral, de que nos revestimos, evitando qualquer sintonia com os rebeldes, que nos incitavam a reações indevidas. - Chegaram os salvadores! - baldou atrevido perseguidor de fácies patibular, retratando todo o infortúnio que fingia não sofrer - Vêm em nome do Crucificado, que a Si mesmo, sequer, não se salvou. Um coro de blasfêmias estrugiu no ar. Punhos se levantaram cerrados e as agressões verbais sucederam-se, ameaçadoras. - Formemos uma muralha em torno deles - rosnou ímpio verdugo, que se aproximou de nós, denotando as suas intenções maléficas - e impeçamos que se intrometam em nossos direitos. Esmaguemos os impostores, não convidados. Percebi o semblante do Instrutor, que orava, quanto fazíamos nós outros e, subitamente, ele se transfigurou. Uma luz irradiante dele se exteriorizou, débil a princípio e forte a seguir, envolvendo-nos aos quatro, enquanto começaram a cair leves flocos de delicadíssima substância, igualmente luminosa, que parecia provocar *choques* na malta irreverente, graças às desencontradas reações que eclodiam, no desespero que os assaltou de repente. - São feiticeiros perigosos - pontificaram alguns, que se afastaram, assustados. - Desencadeiam o fogo do céu, que nos está a queimar. Fugamos daqui! - São anjos de Deus, que nos podem socorrer - expressaram os mais infelizes, caindo de joelhos e mãos postas, recordando as atitudes dos seus cultos antigos -. Socorrei-nos e retirai-nos desta vida purgatorial! - São apenas mágicos, utilizando-se de forças mentais que nos não intimidam - exclamaram os mais pertinazes malfeitores, que teimavam em permanecer -. Os desgraçados que acabam de morrer são nossos e daqui não arredaremos pé... As sentenças acrimoniosas, ensurdecedoras, prosseguiram, enquanto se intensificava a divina resposta à prece ungida de amor. Um clarão mais forte fez-se de inopino, que atemorizou a súcia furibunda, que se dispersou em verdadeira alucinação. Rapidamente diluiu a treva densa e desapareceram os comensais da maldade, vítimas de si mesmos que eram, ficando o ambiente respirável.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 10)

“TÉCNICA DE LIBERTAÇÃO. [...] “Apesar de ter a *casa mental* sitiada pelo fluido pernicioso do perseguidor, pude notar alguns pontos não dominados integralmente. O Mentor, percebendo as minhas interrogações silenciosas, explicou-me: - Como tomamos conhecimento por ocasião da nossa primeira visita a Julinda, o remorso foi a ponte que se utilizou Ricardo para dominá-la. Ao natural sentimento de culpa que nela se instalou, o inimigo impôs a ideia da loucura, amedrontando-a e fazendo-a fixar o momento do aborto delituoso com que terminou por vencê-la, a pouco e pouco. “Simultaneamente, porque desarmada dos valores espirituais, que relegara a plano secundário, não ficou indene às irradiações positivas do amor da mãezinha, portadora de credenciais de relevo no nosso plano, quanto das suas orações que a envolvem, ainda hoje, dificultando a ação plena do adversário. “A oração intercessória, realizada com unção, com sentimentos elevados, envolve aquele por quem se recorre, considerando-se que toda emissão mental, de acordo com a sua intensidade e o conteúdo que lhe dá frequência, termina por alcançar o que ou a quem se destina. “A prece é vibração poderosa de que o homem não tem sabido valer-se como seria de desejar.” Ricardo não nos pôde ver, sem embargo, pressentiu-nos, afastando-se, molesto. Dr. Bezerra convidou-nos discretamente à concentração e aplicou passes refazentes em Julinda-Espírito, repetindo a experiência no seu corpo, atendendo, especialmente, aos campos cerebral e genésico. Sob a ação da energia benfazeja, a pobre enferma movimentou-se um pouco como a diminuir a torpe intoxicação fluídica e a das drogas ingeridas, acalmando-se suavemente, num sono, agora refazente. Observei que o cuidadoso Mentor a imantou de fluidos especiais, que pareciam resguardá-la da ação perniciosa do perseguidor. Mal terminara o processo socorrista, quando ouvimos um alarido estranho, a destacar-se no tumulto vigente, adentrando-se pelo quarto. Ricardo fora recorrer ao Chefe, que viera, pessoalmente, com alguns acólitos, ameaçadores, produzindo estrépitos com que atemorizam os que lhes caem nas malhas apertadas e cruéis. [...] Na tela mental ouvi o Benfeitor convidar-me à necessidade de união psíquica, em prece a Jesus, objetivando o atendimento aos envolvidos na trama do sofrimento que para si mesmos haviam engendrado. A operação que ali se realizou, escapou-me. Deduzi que o Amigo Espiritual, mediante a ação do pensamento identificado com o Mestre, canalizara reforços de energia superior para o recinto, modificando a psicosfera ambiente que afetou o inimigo de Julinda. Vi-o lentamente aquietar-se e percebi que entrou em reflexão, ao império das ondas mentais que o atingiam. - Agora poderemos ir levando-o conosco, no estado de sono de que será acometido dentro em pouco. “Começando a pensar,

afrouxar-se-ão os vínculos de tensão e ele cederá ao repouso, que nos propiciará trasladá-lo sob indução hipnótica. “A nossa não é uma atitude de violência ao seu livre-arbítrio. No entanto, se desejamos auxiliar Julinda, somos convidados a socorrê-lo primeiramente, porque a sua insânia de hoje resulta de dores vigorosas de que padece desde antes, ocasionadas pela invigilância dela... “Magnetizado o ambiente e porque não mais acostumado a uma psicosfera menos densa, diminui-lhe a fixação do ódio, permitindo-lhe retroceder no tempo, inconscientemente, e sentir saudades da paz...” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 25)

— E a luz que se projetou sobre Gumerindo? — insisti. — Trata-se — concluiu — da condensação do amor do Divino Médico, restaurando, em definitivo, as forças do enfermo e tonificando-lhe o corpo perispiritual para a empresa a executar. Tudo são vibrações em estados diferentes de energia, desde a pedra até o pensamento que se exterioriza pela vontade. Captadas pelos Centros de registros mentais e transmitidas aos sábios prepostos do Senhor, as nossas rogativas levavam cargas psíquicas que facilmente traduziam o significado real das nossas aspirações, ao mesmo tempo, facultando-lhes ajuizar com presteza a respeito da conveniência ou não, da justeza e oportunidade do pedido, assim facilitando o seu deferimento. Como a dimensão de tempo é variável em todas as faixas da vida, o que aos homens exige determinada duração, muda de contextura e obedece a outra sistemática de velocidade entre nós. Com a resposta que nos foi transmitida, veio também o recurso solucionador, que fixava nas células em renovação os nossos fluidos recém-transmitidos. Eis porque se dilata o conceito, cada dia, de que a luz divina cura. Isto porque, ela é constituída de energia pura, causa essencial e primitiva da vida orgânica em germe em toda parte.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 26)

III.3. Maneira correta de orar

“PEDI E OBTEREIS. QUALIDADES DA PRECE.

1. Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que, afetadamente, oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. — Digo-vos, em verdade, que eles já receberam sua recompensa. — Quando quiserdes orar, entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai a vosso Pai em secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em secreto, vos dará a recompensa. Não cuideis de pedir muito nas vossas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que é que tendes necessidade, antes que lho peçais. (S. MATEUS, 6:5 a 8) **2.** Quando vos apressardes para orar, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos

*céus, também vos perdoe os vossos pecados. – Se não perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, também não vos perdoará os pecados. (S. MARCOS, 11:25 e 26) 3. Também disse esta parábola a alguns que punham a sua confiança em si mesmos, como sendo justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. – O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo. O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas, batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador. Declaro-vos que este voltou para a sua casa, justificado, e o outro não; porquanto, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado. (S. LUCAS, 18:9 a 14) 4. Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau. (Cap. X, nºs 7 e 8)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVII)*

“PEDI E OBTEREIS. [...] PRECES INTELIGÍVEIS. 16. *Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo e aquele que me fala será para mim um bárbaro. – Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas a minha inteligência não colhe fruto. – Se louvais a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá amém no fim da vossa ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizeis? – Não é que a vossa ação não seja boa, mas os outros não se edificam com ela. (S. PAULO, 1ª epístola aos Coríntios, 14:11, 14, 16 e 17) 17.* A prece só tem valor pelo pensamento que lhe está conjugado. Ora, é impossível conjugar um pensamento qualquer ao que se não compreende, porquanto o que não se compreende não pode tocar o coração. Para a imensa maioria das criaturas, as preces feitas numa língua que elas não entendem não passam de amálgamas de palavras que nada dizem ao espírito. Para que a prece toque, preciso se torna que cada palavra desperte uma ideia e, desde que não seja entendida, nenhuma ideia poderá

despertar. Será dita como simples fórmula, cuja virtude dependerá do maior ou menor número de vezes que a repitam. Muitos oram por dever; alguns, mesmos, por obediência aos usos, pelo que se julgam quites, desde que tenham dito uma oração determinado número de vezes e em tal ou tal ordem. Deus vê o que se passa no fundo dos corações; lê o pensamento e percebe a sinceridade. Julgá-lo, pois, mais sensível à forma do que ao fundo é rebaixá-lo. (Cap. XXVIII, nº 2)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“PEDI E OBTEREIS. [...] INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS. MANEIRA DE ORAR. 22. O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos são os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que maquinalmente articulais umas às outras, fazendo disso um hábito, um dever que cumpris e que vos pesa como qualquer dever? A prece do cristão, do espírita, seja qual for o seu culto, deve ele dizê-la logo que o Espírito haja retomado o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da Majestade Divina com humildade, com profundidade, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até aquele dia; pela noite transcorrida e durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem consciência disso, ir ter com os seus amigos, com os seus guias, para haurir, no contato com eles, mais força e perseverança. Deve ela subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a vossa fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia. Deve ser profunda, porquanto é a vossa alma que tem de elevar-se para o Criador, de transfigurar-se, como Jesus no Tabor, a fim de lá chegar nívea e radiosa de esperança e de amor. A vossa prece deve conter o pedido das graças de que necessitais, mas de que necessitais em realidade. Inútil, portanto, pedir ao Senhor que vos abrevie as provas, que vos dê alegrias e riquezas. Rogai-lhe que vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como o fazem muitos: “Não vale a pena orar, porquanto Deus não me atende.” Que é o que, na maioria dos casos, pedis a Deus? Já vos tendes lembrado de pedir-lhe a vossa melhora moral? Oh! Não; bem poucas vezes o tendes feito. O que, preferentemente, vos lembrais de pedir é o bom êxito para os vossos empreendimentos terrenos e haveis com frequência exclamado: “Deus não se ocupa conosco; se se ocupasse, não se verificariam tantas injustiças.” Insensatos! Ingratos! Se descêsseis ao fundo da vossa consciência, quase sempre depararíeis, em vós mesmos, com o ponto de partida dos males de que vos queixais. Pedi, pois, antes de tudo, que vos possais melhorar e vereis que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vós. (Cap. V, nº 4) Deveis orar incessantemente, sem que, para isso, se faça mister vos recolhais ao vosso

oratório, ou vos lanceis de joelhos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento dos vossos deveres, sem exceção de nenhum, qualquer que seja a natureza deles. Não é ato de amor a Deus assistirdes os vossos irmãos numa necessidade, moral ou física? Não é ato de reconhecimento o elevardes a ele o vosso pensamento, quando uma felicidade vos advém, quando evitaís um acidente, quando mesmo uma simples contrariedade apenas vos roça a alma, desde que vos não esqueçais de excluir: *Sede bendito, meu Pai?! Não é ato de contrição o vos humilhardes diante do supremo Juiz, quando sentis que falistes, ainda que somente por um pensamento fugaz, para lhe dizerdes: Perdoai-me, meu Deus, pois pequei* (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade); *dai-me forças para não falir de novo e coragem para a reparação da minha falta?! Isso independe das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados. Como o vedes, a prece pode ser de todos os instantes, sem nenhuma interrupção acarretar aos vossos trabalhos. Dita assim, ela, ao contrário, os santifica. Tende como certo que um só desses pensamentos, se partir do coração, é mais ouvido pelo vosso Pai celestial do que as longas orações ditas por hábito, muitas vezes sem causa determinante e às quais apenas maquinalmente vos chama a hora convencional. – V. Monod. (Bordéus, 1862)”* (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVII)

“COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS.

PREÂMBULO. 1. Os Espíritos hão dito sempre: “A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais nada tenha o coração.” Os Espíritos jamais prescreveram qualquer fórmula absoluta de preces. Quando dão alguma, é apenas para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Fazem-no também com o fim de auxiliar os que sentem embaraço para externar suas ideias, pois alguns há que não acreditariam ter orado realmente, desde que não formulassem seus pensamentos. A coletânea de preces, que este capítulo encerra, representa uma escolha feita entre muitas que os Espíritos ditaram em várias circunstâncias. Eles, sem dúvida, podem ter ditado outras e em termos diversos, apropriadas a certas ideias ou a casos especiais; mas, pouco importa a forma, se o pensamento é essencialmente o mesmo. O objetivo da prece consiste em elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas nenhuma diferença deve criar entre os que nele creem, nem, ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, porquanto Deus as aceita todas quando sinceras. Não há, pois, considerar esta coletânea como um formulário absoluto e único, mas, apenas, uma variedade no conjunto das instruções que os Espíritos ministram. É uma aplicação dos

princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos ditados deles, relativos aos deveres para com Deus e o próximo, complemento em que são lembrados todos os princípios da Doutrina. O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração e não de lábios somente. Nenhuma impõe, nem reprova nenhuma. Deus, segundo ele, é sumamente grande para repelir a voz que lhe suplica ou lhe entoa louvores, porque o faz de um modo e não de outro. *Quem quer que lance anátema às preces que não estejam no seu formulário provará que desconhece a grandeza de Deus.* Crer que Deus se atenha a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da Humanidade. Condição essencial à prece, segundo S. Paulo (cap. XXVII, nº 16), é que seja inteligível, a fim de que nos possa falar ao espírito. Para isso, não basta seja dita numa língua que aquele que ora compreenda. Há preces em língua vulgar que não dizem ao pensamento muito mais do que se fossem proferidas em língua estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração. As raras ideias que elas contêm ficam, as mais das vezes, abafadas pela superabundância das palavras e pelo misticismo da linguagem. A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são meros adornos de lentejoulas. Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma ideia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: *deve fazer refletir.* Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo, *não passa de ruído.* Entretanto, notai com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas na maioria dos casos. Vêem-se lábios a mover-se; mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz, verifica-se que ali apenas há um ato maquinal, puramente exterior, ao qual se conserva indiferente a alma. Estão divididas em cinco categorias as preces constantes nesta coletânea; 1ª) Preces gerais; 2ª) Preces por aquele mesmo que ora; 3ª) Preces pelos vivos; 4ª) Preces pelos mortos; 5ª) Preces especiais pelos enfermos e pelos obsidiados. Com o propósito de chamar, de maneira especial, a atenção sobre o objeto de cada prece e de lhe tornar mais compreensível o alcance, vão todas precedidas de uma instrução preliminar, de uma espécie de exposição de motivos, sob o título de *prefácio*. [...]” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“Deixando perceber que ouvira meus pensamentos profundos, Aniceto dirigiu-me a palavra de maneira especial, asseverando: – Você, André, ainda não pôde auxiliar os amigos encarnados porque ainda não adquiriu a devida capacidade para ver. É razoável. Quando na carne, somos muitas vezes inclinados a verificar tão somente os efeitos, sem ponderar as origens. No men-digo, vemos apenas a miséria; no enfermo, somente a

ruína física. Faz-se indispensável identificar as causas. Depois de meditar alguns momentos, prosseguiu: – Procuraremos, contudo, remediar a situação. Amanhã, pela madrugada, você e Vicente apareçam no Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções, que fica junto ao Centro de Mensageiros. Darei as providências para que vocês alcancem o necessário melhoramento da visão. Peço-lhes, todavia, receberem semelhante auxílio em prece. Roguem a Deus lhes permita a dilatação do poder visual. Compenetrem-se da grandeza desse dom sublime. E, sobretudo, enviem à Majestade Eterna um pensamento de consagração ao seu amor e aos seus serviços divinos. Não desejo induzi-los a atitudes de fanatismo sem consciência. Não podemos abusar da oração aqui, segundo antigas viciações do sentimento terrestre. No círculo carnal, costumamos utilizá-la em obediência a delituosos caprichos, suplicando facilidades que surgiriam em detrimento de nossa própria iluminação. Aqui, todavia, André, a oração é compromisso da criatura para com Deus, compromisso de testemunhos, esforço e dedicação aos superiores desígnios. Toda prece, entre nós, deve significar, acima de tudo, fidelidade do coração. Quem ora, em nossa condição espiritual, sintoniza a mente com as esferas mais altas e novas luzes lhe abrilhantam os caminhos.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 14)

“[...] Ismália, então, num gesto de indefinível delicadeza, começou a orar, acompanhada por todos nós, em silêncio, salientando-se, porém, que lhe seguíamos a rogativa, frase por frase, atendendo a recomendações do nosso orientador, que aconselhou repetir, em pensamento, cada expressão, a fim de imprimir o máximo ritmo e harmonia ao verbo, ao som e à ideia, numa só vibração. [...]” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 24)

“Entrementes, na câmara de Angelita reinava consoladora paz espiritual. Vibrações harmoniosas dulcificavam o ambiente num como sussurrar enternecido de prece. Mas ninguém orava. Pelo menos julgava não orar a personalidade que de si despendia tão sedutoras irradiações... Sim, porque nem sempre uma prece é real somente quando se dirigem exortações a Deus ou a seus mensageiros, no intuito da oração. Uma leitura edificante, que retempere ou enobreça a mente, pensamentos altruísticos e beneficentes em favor do próximo ou de si mesmo poderão repercutir nos fluidos cósmicos, encaminhando-se para os altos círculos do Bem, e daí carrear para o coração que assim procede, como para aqueles que lhe ficam ao pé, consideráveis estímulos para o melhor, tal como o faria a prece propriamente dita. Sim! No aposento de Angelita ninguém orava! Era tão somente Sara, a jovem viúva, que, à cabeceira da amiga inanimada, abria diante de si um pequeno livro e percorria, atenta, as suas páginas, em leitura suave e restauradora. Curioso, procurei inteirar-me do conteúdo daquelas páginas que tão docemente

protegia o quarto da doente. Tratava-se da “Imitação de Cristo”, livro então muito acatado pelos adeptos cultos da religião católica romana e em cujas lições sorviam, efetivamente, doces mananciais de consolação e esperanças, nas horas doridas do infortúnio, os corações sedentos de justiça, levados pela vontade de se predisporem ao Bem: — “Com duas asas se levanta o homem acima das coisas terrenas: a simplicidade e a pureza. A simplicidade procura a Deus, a pureza o abraça e frui.” — “A glória do homem virtuoso é o testemunho da boa consciência. Conserva pura a consciência, e sempre terá alegria. A boa consciência pode suportar muita coisa e permanecer alegre, até nas adversidades. A má consciência anda sempre medrosa e inquieta. Suave sossego gozarás, se de nada te acusa o coração.” — “Chega-te a Jesus na vida e na morte, entrega-te à sua fidelidade, que só Ele te pode socorrer, quando todos te faltam...” — “Para que buscas repouso, se nasceste para o trabalho? Dispõe-te mais à paciência que à consolação, mais para levar a cruz que para ter alegria...” [...]” (BM, *Dramas da obsessão*, A severidade da lei, Capítulo 4)

“Frágil, organicamente, sua saúde era periclitante, por mais de uma vez muito abalada e quase que tendo interrompida a vida física. Agora, com maior intensidade, os riscos da desencarnação se faziam presentes. Venceslau o pressentia e, por isso, empenhava-se na fervorosa oração, rogando misericórdia. Não se encorajava a pedir que fosse oferecido este ou aquele resultado. Entregava-se a Deus e suplicava amparo para o filhinho espiritual, semi-desfalecido. Ao lado da cama, a genitora desencarnada, de joelhos, conforme o hábito da religião que professara na sua humildade de mulher simples, na Terra, igualmente pedia pela permanência daquele a quem emprestara o corpo. A um sinal da Irmã Angélica o médium Venceslau começou a aplicar passes de dispersão fluídica sob o comando psíquico de Bernardo, retirando as energias deletérias que o envenenavam, provenientes de pertinaz processo pneumônico resistente ao tratamento especializado. Observamos que o sensitivo, carregado de vibrações de alto teor, desembaraçava o frágil organismo do pequeno enfermo das correntes pesadas de energia negativa, ao mesmo tempo infundindo-lhe forças novas. Tornara-se um dínamo irradiante e ele próprio iluminara-se com uma tonalidade opalino-azulácea brilhante, que alcançava os centros coronário e cardíaco do paciente, irrigando a corrente sanguínea e vitalizando as hemácias que passaram a adquirir a coloração que do médium se exteriorizava. A medida que o passe socorrista prosseguia, observamos que a febre começou a ceder e uma sudorese abundante foi-se alastrando por todo o pequeno corpo. A respiração passou, lentamente, ao ritmo da quase normalidade. Nesse momento, quando ficou concluída a terapia fluídica, vimos a Benfeitora

desembaraçar o Espírito Gumercendo da teia material e desdobrá-lo, como ocorre nos processos do sono natural. Quase de imediato ele assumiu a personalidade anterior, de quando desencarnara, no século passado, com idade aproximada de doze anos, e, dirigido pela Mentora, acercou-se do médium, que acompanhava a cena, falando-lhe, comovido: — Necessito, paizinho, de prosseguir. Ajude-me com o seu amor, rogando ao Senhor que nos ampare os propósitos do bem, sustentando-nos na luta redentora. Abraçou-o, em lágrimas, e insistiu: — Rogue para que possamos ficar juntos por mais algum tempo... Balbuciou, então, uma breve e sentida oração, ungida de amor e rica de submissão à vontade de Deus, colocando-se à disposição dos Seus elevados desígnios. O médium, comovido, quanto nós outros, acompanhava a cena tocante e bela, irmanando-nos todos àquela rogativa de alta nobreza. Não havia, no ambiente, qualquer presença perturbadora ou infeliz. O quarto humilde se transformou num santuário de amor e fé onde pulsavam as harmonias da Espiritualidade. Concluída a oração, no silêncio que se fez natural, permanecemos em estado de paz psíquica fruindo a psicofera reinante, quando uma luz de tonalidade indescritível adentrou-se pela parte superior da habitação, banhando o corpo da criança, adormecido, no leito, e uma voz suave-doce fez-se ouvir: — O Senhor aquiesceu às vossas rogativas. Bendizei-O! Gumercendo permanecerá na Terra. A custo, controlei a emoção, que me assaltou, de felicidade. [...] No silêncio de uma habitação, longe da hulha e das artificialidades mundanas, sem quaisquer parafernâlias e tumultos, no refúgio da oração e sob recursos fluidoterápicos fora travada uma grande batalha, na qual triunfara o amor, proporcionando ventura e crescimento espiritual para o combatente que iniciava a marcha sob a bênção da reencarnação. Percebendo-me a emoção sem palavras, o gentil médico, em ligeiro comentário, referiu-se: — Quando aprendamos, realmente, desencarnados ou não, a recorrer à Providência Divina, jamais nos escassearão recursos para os cometimentos elevados. Fazendo parte do Todo Universal, em nossas individualidades somos, também, porção ativa desse conjunto harmônico. De nós depende sempre a sintonia ou não com o equilíbrio geral, a fim de preservarmos a essência divina que nos sustenta e que deve ser desenvolvida a contributo do esforço e da tenacidade de cada qual. “Partícula de luz, que todos somos, nosso fanal é a Grande Luz, cuja potencialidade jaz em nós. O “pedi e dar-se-vos-á” não é uma alegoria, nem tampouco uma promessa vã, que permanece na mensagem evangélica, recordando Jesus. Trata-se de um dispositivo de segurança ao alcance de todos, que saibam o que querem, para que o querem e como devem pedir, a fim de não colocar paixões sufocantes no lugar de necessidades reais, nem

caprichos sustentados como sendo bases de apoio para a sobrevivência, porquanto, nem tudo o que queremos é sempre o de melhor para o nosso progresso real, que é de consequências eternas. Deve haver uma perfeita consciência de conteúdo do que se deseja, a fim de que se não extrapolem, nos pedidos, daquilo que é indispensável para o supérfluo, do útil para o aparente. Foi o que acabamos de presenciar. Não houve qualquer imposição de quem quer que seja, senão a colocação de todos sob a vontade mais sábia, com a preferência da elevação, no pedido que fizemos, conseguindo-se, em consequência, o beneplácito de Deus.” [...]” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 26)

“TERAPIAS ENRIQUECEDORAS. [...] Exteriorizando um sorriso jovial, dr. Messier alongou as considerações psicoterapêuticas: — A oração, por sua vez, produz uma interação mente-corpo, espírito-matéria, de incontáveis benefícios. Examinemos, por exemplo, o que sucede com as ideias desconcertantes. A medida que o paciente as fixa, uma energia deletéria se prolonga pela corrente sanguínea, partindo do cérebro ao coração e espraiando-se por todo o organismo, o que produz desconforto, sensações de dores, dificuldades respiratórias, taquicardias, num crescendo que decorre do estado auto sugestivo pessimista, que ameaça com a possibilidade de morte próxima, de perigo iminente de acontecimentos nefasto e semelhantes... Trata-se essa, sem dúvida, de uma oração negativa, cujos efeitos imediatos são aflição e desalinho emocional. Tal sucede, porque a mente visitada pelos pensamentos destrutivos responde com produção de energia tóxica que alcança o coração — o chakra cerebral envia ondas eletromagnéticas ao cardíaco, que as absorve de imediato — e esparze pelo aparelho circulatório os petardos portadores de altas cargas dessa vibração, somatizando os distúrbios. Da mesma forma, portanto, a oração, que é a estruturação do pensamento em comunhão com as elevadas fontes do Amor Divino, permite que a mente sintonize com os campos de vibração sutil e elevada, realizando o mesmo processo, somente que de natureza saudável e reconfortante. Captadas essas ondas pelo psiquismo, irradiam-se do espírito ao perispírito, que aumenta a resistência energética, vitalizando as células e os campos organizados da matéria, modificando-lhes a estrutura para o equilíbrio, a harmonia. “Quando alguém ora, torna-se um dínamo gerador de força, a emitir ondas de teor correspondente à qualidade da energia assimilada. De incomparável resultado terapêutico, a oração é, também, ponte de ligação com a Divindade, na qual se haurem coragem e bem-estar. O exemplo mais dignificante vem de Jesus. Sempre que o cansaço lhe tomava o organismo, Ele buscava a oração, a fim de comungar com Deus, reabastecendo-se de vitalidade. E era Ele quem conseguia alterar os campos de energia com a simples vontade,

direcionando-a conforme Lhe aprouvesse.” Encontrava-me encantado com os conceitos lógicos do médico gentil, e recordava-me dos efeitos salutareos da oração, toda vez, quando, na Terra e no Além, deixava-me conduzir pelas suas vigorosas correntes de ondas saudáveis.” (MPM, *Tórrmentos da obsessão*, Capítulo 20)

IV Fluidoterapia – Passes magnéticos

IV.1. Transfusão de energias curativas – Auxílio terapêutico-magnético

“DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO. [...] PROPRIEDADES DA MATÉRIA. 29. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria? “Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada.” A gravidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo. **30.** A matéria é formada de um só ou de muitos elementos? “De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva.” **31.** Onde se originam as diversas propriedades da matéria? “São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias.” **32.** De acordo com o que vindes de dizer, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou salutareas dos corpos não passam de modificações de uma única substância primitiva? “Sem dúvida e que só existem devido à disposição dos órgãos destinados a percebê-las.” A demonstração deste princípio se encontra no fato de que nem todos percebemos as qualidades dos corpos do mesmo modo: enquanto que uma coisa agrada ao gosto de um, para o de outro é detestável; o que uns veem azul, outros veem vermelho; o que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou salutar. **33.** A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades? “Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!”¹ (Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em dar-se, pela ação da vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, propriedades muito diversas: um gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que não há mais de um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos

são apenas modificações desse elemento, o que se segue é que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que se compõe de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, se torna corrosiva, duplicando-se a proporção do oxigênio. Transformação análoga se pode produzir por meio da ação magnética dirigida pela vontade.) “É acertada essa opinião. Falta somente acrescentar: e conforme à disposição das moléculas, como o mostra, por exemplo, um corpo opaco, que pode tornar-se transparente e vice-versa.” O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são meras modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores consequências, tê-los como tais, até nova ordem. **a)** — Não parece que esta teoria dá razão aos que não admitem na matéria senão duas propriedades essenciais: a força e o movimento, entendendo que todas as demais propriedades não passam de efeitos secundários, que variam conforme à intensidade da força e à direção do movimento? **34.** As moléculas têm forma determinada? “Certamente, as moléculas têm uma forma, porém não sois capazes de apreciá-la.” **a)** — Essa forma é constante ou variável? “Constante a das moléculas elementares primitivas; variável a das moléculas secundárias, que mais não são do que aglomerações das primeiras. Porque, o que chamais molécula longe ainda está da molécula elementar. [...]” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo II)

“DO PRINCÍPIO VITAL. [...] A VIDA E A MORTE. 68. Qual a causa da morte dos seres orgânicos? “Esgotamento dos órgãos.” **a)** — Poder-se-ia comparar a morte à cessação do movimento de uma máquina desorganizada? “Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.” **69.** Por que é que uma lesão do coração mais depressa causa a morte do que as de outros órgãos? “O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.” **70.** Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem? “A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.” Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, os quais haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, o absorvem e assimilam, para novamente o restituírem a essa fonte, quando deixarem de existir. Os órgãos se impregnam, por assim dizer, desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e

normaliza as funções momentaneamente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Destruída que seja, por uma causa qualquer, esta harmonia, o funcionamento deles cessa, como o movimento da máquina cujas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para pô-lo de novo a andar. Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Os fenômenos elétricos, porém, não se produzem senão quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Poder-se-ia então dizer que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, cessa o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte. A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais tenaz e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contém. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.” (AK, *O livro dos espíritos*, Primeira parte, Capítulo IV)

“DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA. [...] LETARGIA, CATALEPSIA, MORTES APARENTES. [...] 424. Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido? “Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso. O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.” A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao

corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética.” (AK, *O livro dos espíritos*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL. [...] Modificação das propriedades da matéria. Ação magnética curadora. [...] 129.

A teoria acima se pode resumir desta maneira: o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. Os objetos que o Espírito forma, têm existência temporária, subordinada à sua vontade, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Há formação; porém, não criação, atento que do nada o Espírito nada pode tirar.

130. A existência de uma matéria elementar única está hoje quase geralmente admitida pela Ciência, e os Espíritos, como se acaba de ver, a confirmam. Todos os corpos da Natureza nascem dessa matéria que, pelas transformações por que passa, também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos. Daí vem que uma substância salutar pode, por efeito de simples modificação, tornar-se venenosa, fato de que a Química nos oferece numerosos exemplos. Toda gente sabe que, combinadas em certas proporções, duas substâncias inocentes podem dar origem a uma que seja deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água. Juntai um átomo de oxigênio e tereis um líquido corrosivo. Sem mudança nenhuma das proporções, às vezes, a simples alteração no modo de agregação molecular basta para mudar as propriedades. Assim é que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Pois que ao Espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo. **131.** Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro

Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como atrás dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida. Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode, do mesmo modo, mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contato e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Veja-se, no capítulo dos Médiuns, o parágrafo referente aos *Médiuns curadores*. Veja-se também a *Revue Spirite*, de julho de 1859, págs. 184 e 189: *O zuavo de Magenta; Um oficial do exército da Itália*.) (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo VIII)

“DOS MÉDIUNS. [...] 7. MÉDIUNS CURADORES. 175. Unicamente para não deixar de mencioná-la, falaremos aqui desta espécie de médiuns, porquanto o assunto exigiria desenvolvimento excessivo para os limites em que precisamos ater-nos. Sabemos, ao demais, que um de nossos amigos, médico, se propõe a tratá-lo em obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isso mais não é do que magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar

de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Veja-se atrás o nº 131) **176.** Eis aqui as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que lhes dirigimos sobre este assunto: 1ª Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns? “Não há que duvidar.” 2ª Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha. “É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.” 3ª Há, entretanto, bons magnetizadores que não creem nos Espíritos? “Pensas então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus.” 4ª Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos? “Faria coisas que consideráreis milagre.” 5ª Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contato, sem o emprego dos passes magnéticos? “Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?” 6ª Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos? “Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam quais médiuns curadores, conforme o entendes.” 7ª Pode transmitir-se esse poder? “O poder, não; mas o conhecimento de que necessita, para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse poder, se não acreditar que lhe foi transmitido.” 8ª Podem obter-se curas unicamente por meio da prece? “Sim, desde que Deus o permita; pode dar-se, no entanto, que o bem do doente esteja em sofrer por mais tempo e então julgaís que a vossa prece não foi ouvida.” 9ª Haverá para isso algumas fórmulas de prece mais eficazes do que outras? “Somente a superstição pode emprestar virtudes quaisquer a certas palavras e somente Espíritos ignorantes, ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer que, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente

espirituais, o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia, mas na fé, que aumenta por efeito da ideia ligada ao uso da fórmula”. [...]” (AK, *O livro dos médiuns*, Segunda parte, Capítulo XIV)

“COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS. [...] V – PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDADOS PELOS DOENTES. 77. PREFÁCIO. As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germens malsãos, às vezes, hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado surdamente pelo corrosivo das paixões. (Cap. III, nº 9) Temos, assim, de nos resignar às consequências do meio onde nos coloca a nossa inferioridade, até que mereçamos passar a outro. Isso, no entanto, não é de molde a impedir que, esperando tal se dê, façamos o que de nós depende para melhorar as nossas condições atuais. Se, porém, malgrado aos nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos passageiros males. Se Deus não houvesse querido que os sofrimentos corporais se dissipassem ou abrandassem em certos casos, não houvera posto ao nosso alcance meios de cura. A esse respeito, a sua solicitude, em conformidade com o instinto de conservação, indica que é dever nosso procurar esses meios e aplicá-los. A par da medicação ordinária, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluídica e o Espiritismo nos revela outra força poderosa na *mediunidade curadora* e a influência da prece. (Ver, no Cap. XXVI, a notícia sobre a mediunidade curadora.) [...]” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XXVIII)

“OS FLUIDOS. [...] II. EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS CONSIDERADOS SOBRENATURAIS. [...] CURAS. 31. Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, seja

homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas. **32.** São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes, é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, há infinitos matizes. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido desempenha o papel de agente terapêutico e cujo efeito se acha subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais. **33.** A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras: 1º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido; 2º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;¹ (¹ Exemplos: *Revue Spirite*, fevereiro de 1863, pág. 64; — abril de 1865, pág. 113; — setembro de 1865, pág. 264.) 3º pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o *magnetismo misto, semi-espiritual*, ou, se o preferirem, *humano-espiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador. **34.** É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício; mas, a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, essa é mais rara e o seu grau máximo se deve considerar excepcional. No entanto, em épocas diversas e no seio de quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, apareceram muitos exemplos notáveis, cuja autenticidade não sofre contestação. Uma vez que as curas desse gênero assentam num princípio natural e que o poder de operá-las não constitui privilégio, o que se segue é que elas não se operam fora da Natureza e que só são miraculosas na aparência.² (² Casos de curas instantâneas relatados na *Revue Spirite*: “O príncipe de Hohenlohe”, dezembro de 1866, pág. 368; — “Jacob”, outubro e novembro de 1866, págs. 312 e 345; outubro e novembro de 1867,

págs. 306 e 339; — “Simonet”, agosto de 1867, página 232; — “Caid Hassan”, outubro de 1867, pág. 303; — “O cura Gassner”, novembro de 1867, pág. 331.” (AK, *A gênese*, Capítulo XIV)

“OS MILAGRES DO EVANGELHO. [...] CURAS.

Perda de sangue. 10. Então, uma mulher, que havia doze anos sofria de uma hemorragia; — que sofrera muito nas mãos dos médicos e que, tendo gasto todos os seus haveres, nenhum alívio conseguira — como ouvisse falar de Jesus, veio com a multidão atrás dele e lhe tocou as vestes, porquanto, dizia: Se eu conseguir ao menos lhe tocar nas vestes, ficarei curada. — No mesmo instante o fluxo sanguíneo lhe cessou e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade. Logo, Jesus, *conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra*, se voltou no meio da multidão e disse: Quem me tocou as vestes? — Seus discípulos lhe disseram: Vês que a multidão te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou? — Ele olhava em torno de si à procura daquela que o tocara. A mulher, que sabia o que se passara em si, tomada de medo e pavor, veio lançar-se-lhe aos pés e lhe declarou toda a verdade. — Disse-lhe Jesus: Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada da tua enfermidade. (S. Marcos, 5:25 a 34) **11.** Estas palavras: *conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra*, são significativas. Expressam o movimento fluídico que se operara de Jesus para a doente; ambos experimentaram a ação que acabara de produzir-se. É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura. Mas, por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e tinha a cercá-lo a multidão? É bem simples a razão. Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a matéria orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba calcante e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, basta uma só. O segundo caso foi o que ocorreu na circunstância de que tratamos. Razão, pois, tinha Jesus para dizer: Tua fé te salvou. Compreende-se que a fé a que ele se referia não é uma virtude mística, qual a entendem muitas pessoas, mas uma verdadeira força atrativa, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou, pelo menos, uma força de inércia, que paralisa a ação. Assim sendo, também, se compreende que, apresentando-se ao curador dois doentes da mesma enfermidade, possa um ser curado e outro não. É este um dos mais importantes princípios

da mediunidade curadora e que explica certas anomalias aparentes, apontando-lhes uma causa muito natural. (Cap. XIV, n^{os} 31, 32 e 33) **Cego de Betsaida. 12.** Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e lhe pediam que o tocasse. Tomando o cego pela mão, ele o levou para fora do burgo, passou-lhe saliva nos olhos e, havendo-lhe imposto as mãos, lhe perguntou se via alguma coisa. — O homem, olhando, disse: Vejo a andar homens que me parecem árvores. — Jesus lhe colocou de novo as mãos sobre os olhos e ele começou a ver melhor. Afinal, ficou tão perfeitamente curado, que via distintamente todas as coisas. — Ele o mandou para casa, dizendo-lhe: Vai para tua casa; se entrares no burgo, a ninguém digas o que se deu contigo. (S. Marcos, 8:22 a 26) **13.** Aqui, é evidente o efeito magnético; a cura não foi instantânea, porém gradual e consequente a uma ação prolongada e reiterada, se bem que mais rápida do que na magnetização ordinária. A primeira sensação que o homem teve foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobram a vista. Por um efeito de óptica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.” (AK, *A gênese*, Capítulo XV)

“OS MILAGRES DO EVANGELHO. [...] RESURREIÇÕES. A filha de Jairo. 37.

Tendo Jesus passado novamente, de barca, para a outra margem, logo que desembarcou, grande multidão se lhe apinhava ao redor. Então, um chefe de sinagoga, chamado Jairo veio ao seu encontro e, ao aproximar-se dele, se lhe lançou aos pés, — a suplicar com grande instância, dizendo: Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para a curar e lhe salvar a vida. Jesus foi com ele, acompanhado de grande multidão, que o comprimia. Quando Jairo ainda falava, vieram pessoas que lhe eram subordinadas e lhe disseram: Tua filha está morta; por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe? — Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: Não te aflijas, crê apenas. — E a ninguém permitiu que o acompanhasse, senão a Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago. Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu ele uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos. — Entrando, disse-lhes ele: Por que fazeis tanto alarido e por que chorais? *Esta menina não está morta, está apenas adormecida.* — Zombavam dele. Tendo feito que toda a gente saísse, chamou o pai e mãe da menina e os que tinham vindo em sua companhia e entrou no lugar onde a menina se achava deitada. — Tomou-lhe a mão e disse: *Talitha cumi*, isto é: Minha filha, levanta-te, eu te ordeno. — No mesmo instante a menina se levantou e se pôs a andar, pois contava doze anos, e ficaram todos maravilhados e espantados. (S. Marcos, 5:21 a 43) **O filho da viúva de Naim. 38.** No dia seguinte, dirigiu-se Jesus para uma cidade chamada Naim;

acompanhavam-no seus discípulos e grande multidão de povo. — Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam a sepultar um morto, que era filho único de sua mãe e essa mulher era viúva; estava com ela grande número de pessoas da cidade. — Tendo-a visto, o Senhor se tomou de compaixão para com ela e lhe disse: Não chores. — Depois, aproximando-se, tocou o esquife e os que o conduziam pararam. Então, disse ele: Mancebo, levanta-te, eu o ordeno. — Imediatamente, o moço se sentou e começou a falar. E Jesus o restituiu à sua mãe. Todos os que estavam presentes ficaram tomados de espanto e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo. — O rumor desse milagre que ele fizera se espalhou por toda a Judéia e por todas as regiões circunvizinhas. (S. Lucas, 7:11 a 17)

39. Contrário seria às leis da Natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou. Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato. É, pois, de todo ponto provável que nos dois casos acima, apenas síncope ou letargia houvesse. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: *Esta menina*, disse ele, *não está morta, está apenas adormecida*. Dado o poder fluídico que ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda se não rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que na realidade havia era cura e não ressurreição, na acepção legítima do termo. **40.** A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida. E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas, como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter. (Cap. XIV, nº 29)” (AK, *A gênese*, Capítulo XV)

“CARÁTER E CONSEQUÊNCIAS RELIGIOSAS DAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS. [...] § VI — DOS MÉDIUNS. [...] 52. Médiuns curadores

— Consiste a mediunidade desta espécie na faculdade que certas pessoas possuem de curar pelo simples contato, pela imposição das mãos, pelo olhar, por um gesto, mesmo sem o concurso de qualquer medicamento. Semelhante faculdade, incontestavelmente, tem o seu princípio na força magnética; difere desta, entretanto, pela energia e instantaneidade da ação ao passo que as curas magnéticas exigem um tratamento metódico, mais ou menos longo. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se sabem proceder convenientemente; dispõem da ciência que adquiriram. Nos médiuns curadores, a faculdade é espontânea e alguns a possuem sem nunca ter ouvido falar de magnetismo. A faculdade de curar pela imposição das mãos deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la, entre as quais são de colocar-se, na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais. A força magnética é puramente orgânica; pode, como a força muscular, ser partilha de toda gente, mesmo do homem perverso; mas, só o homem de bem se serve dela exclusivamente para o bem, sem ideias ocultas de interesse pessoal, nem de satisfação de orgulho ou de vaidade. Mais depurado, o seu fluido possui propriedades benéficas e reparadoras, que não pode ter o do homem vicioso ou interesseiro. Todo efeito mediúnico, como já foi dito, resulta da combinação dos fluidos que emitem um Espírito e um médium. Pela sua conjugação, esses fluidos adquirem propriedades novas, que separadamente não teriam, ou, pelo menos, não teriam no mesmo grau. A prece, que é uma verdadeira evocação, atrai os bons Espíritos sempre solícitos em secundar os esforços do homem bem-intencionado; o fluido benéfico dos primeiros se casa facilmente com o do segundo, ao passo que o do homem vicioso se junta ao dos maus Espíritos que o cercam. O homem de bem, que não dispusesse da força fluídica, pouca coisa conseguiria fazer por si mesmo, só lhe restando apelar para a assistência dos Espíritos bons, pois quase nula seria a sua ação pessoal; uma grande força fluídica, aliada à maior soma possível de qualidades morais, pode operar, em matéria de curas, verdadeiros prodígios. **53.** A ação fluídica, ao demais, é poderosamente secundada pela confiança do doente, e Deus quase sempre lhe recompensa a fé, concedendo-lhe o bom êxito. **54.** Somente a superstição pode emprestar qualquer virtude a certas palavras e unicamente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Pode, entretanto, acontecer

que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o uso de uma fórmula de prece ou de determinada prática contribua a lhes infundir confiança. Nesse caso, porém, não é na fórmula que está a eficácia e sim na fé que aumentou com a ideia ligada ao emprego da fórmula.

55. Não se devem confundir os **médiuns curadores** com os **médiuns receitistas**, que são simples médiuns escreventes, cuja especialidade consiste em servirem mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas; absolutamente mais não fazem que transmitir o pensamento do Espírito, sem exercerem, de si mesmos, nenhuma influência.” (AK, *Obras póstumas*, Primeira parte, Manifestações dos espíritos)

“FLUIDOS MATERIAIS E FLUIDOS ESPIRITUAIS. 1º - Serão os fluidos correntes de electrônios?

2º - Serão essas correntes de duas naturezas – uma para atuar sobre a matéria e outra sobre o Espírito preso a essa matéria? 3º - A corrente espiritual será formada pelas ondas eletrônicas? 4º - O electrônio da corrente espiritual será o mesmo da corrente material?

1º – A ciência terrestre classifica o electrônio como a derradeira unidade de matéria, de carga elétrica negativa. No mundo do Infinitesimal, porém, temos um caminho ilimitado e progressivo a percorrer. O homem, diante da incapacidade da sua estrutura e em face da sua zona sensorial limitada, não consegue ir além, no labirinto de segredos do microcosmo e, para que nos façamos entendidos, não podemos convir convosco em que os fluidos, de um modo geral, sejam correntes de electrônios, ainda mesmo considerando-se a necessidade de representar-se, com essa unidade, uma base para a vossa possibilidade de compreensão e de análise, porque os electrônios são ainda expressões de matéria em estado de grande rarefação. 2º, 3º e 4º – Embora sintéticas, pela sua construção fraseológica, essas proposições são bastante complexas em si mesmas. As correntes de fluidos espirituais têm a sua organização particular e estão aptas a determinar a transformação das correntes de força material, em qualquer circunstância. Seria aconselhável nunca se confundir as ondas eletrônicas com os fluidos de natureza espiritual. A matéria, atingindo sublimidades de quintessência, quase se confunde no plano puro do espírito, constituindo tarefa difícil para o eletromagnetismo positivar onde termina uma e onde começa outro. Ainda agora, os cientistas, investigando a natureza da radioatividade em todos os corpos da matéria viva, perguntam ansiosos qual a fonte permanente e inesgotável onde os corpos absorvem, incessante e automaticamente, os elementos necessários a essa perene e inextinguível irradiação. No que se refere às ondas eletrônicas ou aos elementos radioativos da matéria em si mesma, essa fonte reside, sem dúvida, na energia solar, que vitaliza todo o organismo planetário. O orbe

terrestre é um grande magneto, governado pelas forças positivas do Sol. Toda matéria tangível representa uma condensação de energia dessas forças sobre o planeta e essa condensação se verifica debaixo da influência organizadora do princípio espiritual, preexistindo a todas as combinações químicas e moleculares. É a alma das coisas e dos seres o elemento que influi no problema das formas, segundo a posição evolutiva de cada unidade individual. Todas as correntes eletrônicas, portanto, ou ondas de matéria rarefeita, são elementos subordinados às correntes de fluidos ou vibrações espirituais; aquelas são os instrumentos passivos, estas as forças ativas e renovadoras do Universo. Os corpos terrestres encontram no Sol a fonte mantenedora de suas substâncias radioativas, mas todas essas correntes de energia são inconscientes e passivas. Os Espíritos, por sua vez, encontram em Deus a fonte suprema de todas as suas forças, em perene evolução, no drama dinâmico dos sistemas. As correntes fluídicas no mundo espiritual são, pois, vibrações da alma consciente, dentro da sua gloriosa imortalidade. Concluímos, assim, que há fluidos materiais e fluidos espirituais; que os primeiros são elementos inconscientes e passivos e os últimos a força eterna e transformadora dos mundos, salientando-se que uma só lei rege a vida, em sua identidade substancial. Nas ondas eletrônicas, filhas da energia solar, chama-se-lhe afinidade, magnetismo, atração, e, nas correntes de fluidos espirituais, filhas da alma, partícula divina, chama-se-lhe misericórdia, simpatia, piedade e amor. Nessa lei única, que liga a Criação ao seu Criador e da qual estudamos os fenômenos isolados, desenrola-se o drama da evolução do espírito imortal.” (EMM, *Emmanuel*, Capítulo XXII)

“Serviço de passes. [...] Ambos os médiuns atacaram a tarefa. Enfermos de variada expressão entravam esperançosos e retiravam-se, depois de atendidos, com evidentes sinais de reconforto. Das mãos de Clara e Henrique irradiavam-se luminosas chispas, comunicando-lhes vigor e refazimento. Na maioria dos casos, não precisavam tocar o corpo dos pacientes, de modo direto. Os recursos magnéticos, aplicados a reduzida distância, penetravam assim mesmo o “halo vital” ou a aura dos doentes, provocando modificações subitâneas. Os passistas afiguravam-se-nos como duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos, depois de lhes percorrerem a cabeça, ao contato do irmão Conrado e de seus colaboradores. O quadro era efetivamente fascinador pelos jogos de luz que apresentava. Hilário sondou o ambiente e, em seguida, indagou de nosso orientador: – Por que motivo a energia transmitida pelos amigos espirituais circula primeiramente na cabeça dos médiuns? – Ainda aqui – disse Áulus –, não podemos subestimar a importância da mente. O pensamento influi de maneira decisiva, na doação de princípios curadores. Sem a

ideia iluminada pela fé e pela boa-vontade, o médium não conseguiria ligação com os Espíritos amigos que atuam sobre essas bases. – Entretanto – ponderei –, há pessoas tão bem-dotadas de força magnética perfeitamente despreocupadas do elemento moral!... – Sim – redarguiu o Assistente –, refere-se você aos hipnotizadores comuns, muita vez portadores de energia excepcional. Fazem belas demonstrações, impressionam, convencem, contudo, movimentam-se na esfera de puro fenômeno, sem aplicações edificantes no campo da espiritualidade. É imperioso não esquecer, André, que o potencial magnético é peculiar a todos, com expressões que se graduam ao infinito. – Mas semelhantes profissionais podem igualmente curar? – frisou meu companheiro, completando-me as observações. – Sim, podem curar, mas acidentalmente, quando o enfermo é credor de assistência espiritual imediata, com a intervenção de amigos que o favorecem. Fora disso, os que abusam dessa fonte de energia, explorando-a ao seu bel-prazer, quase sempre resvalam para a desmoralização de si mesmos, porque interferindo num campo de forças que lhes é desconhecido, guiados tão-somente pela vaidade ou pela ambição inferior, fatalmente encontram entidades que com eles se afinam, precipitando-se em difíceis situações que não vêm à baila comentar. Se não possuem um caráter elevado, suscetível de opor um dique à influência viciosa, acabam vampirizados por energias mais acentuadas que as deles, porquanto, se considerarmos o assunto apenas sob o ponto de vista da força, somos constrangidos a reconhecer que há imenso número de vigorosos hipnotizadores espirituais, nas linhas atormentadas da ignorância e da crueldade, de onde se originam os mais aflitivos processos de obsessão. E, sorrindo, acrescentou: – Recordemos a Natureza. A serpente é um dos maiores detentores de poder hipnótico. [...]” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 17)

“**Serviço de passes.** [...] – E em que bases se articula semelhante processo de curar? – O passe é uma transfusão de energias, alterando o campo celular. Vocês sabem que na própria ciência humana de hoje o átomo não é mais o tijolo indivisível da matéria... que, antes dele, encontram-se as linhas de força, aglutinando os princípios subatômicos, e que, antes desses princípios, surge a vida mental determinante... Tudo é espírito no santuário da Natureza. Renovemos o pensamento e tudo se modificará conosco. Na assistência magnética, os recursos espirituais se entrosam entre a emissão e a recepção, ajudando a criatura necessitada para que ela ajude a si mesma. A mente reanima a reergue as vidas microscópicas que a servem, no templo do corpo, edificando valiosas reconstruções. O passe, como reconhecemos, é importante contribuição para quem saiba recebê-lo, com o respeito e a confiança que o valorizam. – E pode, acaso, ser dispensado a

distância? – Sim, desde que haja sintonia entre aquele que o administra e aquele que o recebe. Nesse caso, diversos companheiros espirituais se ajustam no trabalho do auxílio, favorecendo a realização, e a prece silenciosa será o melhor veículo da força curadora. O serviço, em torno, prosseguia intenso.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 17)

“**MEDIUNIDADE CURATIVA. Mente e psicossoma.** Compreendendo-se o envoltório psicossomático por templo da alma, estruturado em bilhões de células a se caracterizarem por atividade incessante, é natural imaginemos cada centro de força e cada órgão por departamentos de trabalho, interdependentes entre si, não obstante o caráter autônomo atribuível a cada um. Semelhantes peças, no entanto, obedecem ao comando mental, sediado no cérebro, que lhes mantém a coesão e o equilíbrio, por intermédio das oscilações inestancáveis do pensamento. Temos, assim, as variadas províncias celulares sofrendo o impacto constante das radiações mentais, a lhes absorverem os princípios de ação e reação desse ou daquele teor, pelos quais os processos da saúde e da enfermidade, da harmonia e da desarmonia são associados e desassociados, conforme a direção que lhes imprima a vontade. Naturalmente, não podemos esquecer que o alimento comum garante a subsistência do corpo físico, através da permuta contínua de substâncias com a incessante transformação de energia, e isso acontece porque a força mental conjuga substância e energia na produção dos recursos de apoio à existência e dos elementos reguladores do metabolismo. Além desses fatores, cabe-nos contar com os fatores mentais para a sustentação de todos os agentes da vida, que se fará dessa ou daquela forma, segundo a qualidade desses mesmos ingredientes. Conforme a integridade desses princípios, resultará a integridade do poder mecânico da mente para a formação dos anticorpos na intimidade das forças componentes do sistema sanguíneo.

Sangue e fluidoterapia. Salientando-se que o sistema hemático no corpo físico representa o conjunto das energias circulantes no corpo espiritual ou psicossoma, energias essas tomadas, em princípio, pela mente, através da respiração, ao reservatório incomensurável do fluido cósmico, são para ele que nos compete voltar a atenção, no estudo de qualquer processo fluidoterápico de tratamento ou de cura. Relacionados com os centros psicossomáticos, os variados núcleos da vida sanguínea produzem as grandes coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, trombócitos, macrófagos, linfócitos, histiócitos, plasmócitos, monócitos e outras unidades a se dividirem, inteligentemente, em famílias numerosas, movimentando-se em trabalho constante, desde os fulcros geradores do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o âmago dos órgãos. Fácil entender que todo desregramento

de natureza física ou moral faz-se refletir, de imediato, por reações mentais consequentes, sobre as províncias celulares, determinando situações favoráveis ou desfavoráveis ao equilíbrio orgânico. O pensamento é a força que, devidamente orientada, no sentido de garantir o nível das entidades celulares no reino fisiológico, lhes facilita a migração ou lhes acelera a mobilidade para certos efeitos de preservação ou defensiva, seja na improvisação de elementos combativos e imunológicos ou na impugnação aos processos patogênicos, com a intervenção da consciência profunda. Deduzimos, sem dificuldade, que se é possível a hipnotização da mente humana, com vistas a certos fins, com mais propriedade operar-se-á a magnetização das entidades corpusculares, para efeitos determinados, no ajustamento das células.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 22)

“MEDIUNIDADE CURATIVA. [...] Mecanismo do passe. Tendo mencionado o fenômeno hipnótico em diversas passagens de nossas anotações, a ele recorreremos, ainda uma vez, para definir o mediunidade do passe magnético por autêntico representante do magnetizador espiritual, à frente do enfermo. Estabelecido o clima de confiança, qual acontece entre o doente e o médico preferido, cria-se a ligação sutil entre o necessitado e o socorrista e, por semelhante elo de forças, ainda imponderáveis no mundo, verte o auxílio da Esfera Superior, na medida dos créditos de um e outro. Ao toque da energia emanante do passe, com a supervisão dos benfeitores desencarnados, o próprio enfermo, na pauta da confiança e do merecimento de que dá testemunho, emite ondas mentais características, assimilando os recursos vitais que recebe, retendo-os na própria constituição fisiopsicossomática, através das várias funções do sangue. O socorro, quase sempre hesitante a princípio, corporifica-se à medida que o doente lhe confere atenção, porque, centralizando as próprias radiações sobre as províncias celulares de que se serve, lhes regula os movimentos e lhes corrige a atividade, mantendo-lhes as manifestações dentro de normas desejáveis e, estabelecida a recomposição, volve a harmonia orgânica possível, assegurando à mente o necessário governo do veículo em que se amolda.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 22)

“Cada mente é um dínamo gerador de energias, cuja intensidade e procedência canalizam forças poderosas, conforme a direção que se lhes dá. Portadora de energias ainda desconhecidas para nós outros desencarnados, a onda mental agrega como desarticula as moléculas que compõem a matéria em suas múltiplas e complexas expressões. A criação, por isso mesmo, é decorrência da Mente Divina que tudo rege, em razão do que, em parte alguma, existe o vácuo, ocorrem mecanismos de inutilidade produzindo paradas ou caos.

Este é apenas pobreza das percepções e primarismo da nossa ideia de conjunto. Na energia pura está a base de todas as coisas. A mente, por sua vez, constituída por energia especial, emitindo raios e ondas contínuos, quando dirigida com objetivos próprios e conhecidos, sincroniza com as vibrações que constituem o mecanismo geral, podendo alterar-lhe o conteúdo, o potencial dinâmico... [...] No conjunto dos cooperadores encarnados, o médium passista, disciplinado e vigilante, pode ser comparado a um interruptor que aciona a passagem de forças, através das suas próprias potencialidades, funcionando entre os desencarnados e os portadores de quaisquer distúrbios. Nesse ministério, ao filtrar as energias procedentes de nós outros, transmite-as carregadas das forças pessoais, mais facilmente assimiláveis pelos necessitados, em função do estágio na conjuntura fisiológica. Verdadeiro transreceptor, é-lhe indispensável gerar energias puras, salutares, de que nos utilizamos para os complexos mistérios de restauração de perispíritos enfermos e organizações somáticas lesadas... Todavia, por mais alto potencial curador disponha o homem, se este não se vincula aos labores de santificação e não se engrandece interiormente, mediante a vivência do Cristianismo em sua pureza, torna-se detentor de graves recursos destrutivos, que são utilizados por mentes infelizes e impiedosas com as quais sintoniza por processos especiais de identificação de propósitos, de inconsciência e irresponsabilidade, que passam a comandá-lo em dominação perniciosa. Aliás, a ocorrência sucede com todo aquele que se permite licenças e desequilíbrios morais. Os que portam expressivas forças de atuação enérgica mais facilmente se fazem presas daquelas mentes, por motivos óbvios. Cada criatura emite as vibrações que lhe são próprias, cabendo-lhe o dever inadiável de aprimorar tais energias, colocando-se a serviço do bem operante. E esse precioso meio de alterar providencialmente as próprias forças é o conhecimento e a vivência do Evangelho de Jesus em toda a sua eloquência. De essencial relevância, portanto, a ajuda dos companheiros na realização da caridade moral e espiritual, particularmente nos socorros aos obsidiados que pululam em agonia por toda parte, aguardando por nós...” (MPM, *Tramas do destino*, Capítulo 23)

“O Santuário de Bênçãos. [...] Indaguei ao irmão Petitinga: - O que teremos hoje, neste salão? Como se aguardasse a minha curiosidade, o fraterno companheiro respondeu-me, sem qualquer indisposição: - Até onde posso depreender, trata-se de uma atividade de atendimento coletivo, quando são desenvolvidos serviços iluminativos pela palavra esclarecedora e socorrista, por intermédio de fluidoterapia em aplicação de passes individuais e coletivos. [...] A seguir, clamou todos à oração silenciosa, ao tempo em que

enunciava alguns nomes de aflitos para que as mentes emitissem vibrações de saúde, de paz, de fraternidade. Enquanto esse labor era realizado com unção e harmonia que a todos envolvia, os portadores de mediunidade curadora e passistas distenderam os braços com as mãos espalmadas na direção do público, deixando que as energias de que eram veículos se exteriorizassem, ou eles próprios se transformassem em antenas captadoras-transmissoras das correntes de vibração superior que invadiam a sala, sendo canalizadas em direção do público receptivo. A operação prolongou-se por, aproximadamente, dez minutos, quando as luzes voltaram à sua pujança e teve lugar o encerramento. Pude notar que os participantes da ágape espiritual se encontravam abastecidos de forças fluídicas e seus campos perispirituais exteriorizavam as variadas cores de que se constituíam. Uma alegria natural invadia quase todos, confirmando os excelentes resultados da operação socorrista, na qual participaram também os trabalhadores desencarnados que mantinham compromisso com a associação. A medida que as vibrações eram direcionadas pelas mentes ativas sobre o público, formou-se uma abóbada fluídica de vários campos vibratórios que se potencializavam, quanto maior era a concentração e mais favoráveis os sentimentos de amor e de fraternidade. Ao mesmo tempo em que se assimilavam as ondas mentais originadas no público e fortalecidas pelos Espíritos operosos que a plasma-vam, devolviam-nas mais vigorosas, sendo absorvidas pelos organismos vivos ali pulsantes. Dei-me conta ainda, de que os Espíritos sofredores que acompanharam os seus hospedeiros psíquicos, assim como outros que foram trazidos para participar da atividade igualmente beneficiaram-se expressivamente. Os primeiros haviam sido recambiados por vigilantes trabalhadores de nossa esfera a outras áreas de renovação, muitos outros, que ficaram mergulhados em profunda reflexão, continuaram beneficiando-se e, outros mais que, embora retornando aos lugares de onde vieram, levaram recursos valiosos para a alteração de conduta.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 16)

“PROGRAMAÇÕES REENCARNACIONISTAS. [...] Desse modo, fomos convocados por Dr. Sílvia para visitar alguns casais que se haviam comprometido em receber os irmãos de Alcione. Nossa primeira visita, na cidade de Belo Horizonte, levou-nos a uma residência confortável, num dos seus bairros elegantes, onde tudo era silêncio. O casal, adormecido na alcova, encontrava-se em parcial desdobramento pelo sono fisiológico e dialogava com aquele que lhe seria o primogênito. Os nubentes haviam lutado para conseguir a prole sem o êxito desejado. Vários especialistas haviam sido consultados oportunamente e a resposta era sempre desanimadora, explicando aos parceiros que não haviam detectado qualquer impedimento fisiológico

em nenhum dos dois, no entanto, a possibilidade permanecia nula. Após receberem sugestão para uma fecundação *in vitro*, haviam concordado, e preparavam-se para o cometimento através de cuidadoso tratamento especializado. No dia seguinte, seria feita a primeira tentativa, para posterior utilização dos espermatozoides do esposo ansioso pela paternidade. Considerando-se o mérito de ambos os cônjuges, foram destacados dois Espíritos da equipe da Era Nova, para que renascessem através desse processo especial. Conversavam, desse modo, com aqueles que lhes renasceriam através das conjunturas genéticas e revelavam incontida ansiedade. Dr. Sílvia, solícito, conhecendo o programa que seria executado, propôs que déssemos início à terapia auxiliar preparatória, convidando-nos à oração de súplica ao Senhor da Vida em favor dos futuros genitores. Após comovedora prece proferida por ele mesmo, foram aplicados recursos bioenergéticos nos corpos adormecidos de ambos os parceiros, de modo a facilitar-lhes a produção de espermatozoides saudáveis, assim como de óvulos que permitissem a fecundação exitosa. Embora os cuidados de que se revestia o momento, notamos a presença de alguns Espíritos em aflição, que haviam ocorrido à residência, ao saberem dos planos para o renascimento dos visitantes, e que, de alguma forma, tinham vinculação emocional com os cônjuges. Aliás, fora um aborto no passado que criara a dificuldade atual, embora recuperados do delito, ficaram as sequelas no perispírito da senhora, que lhe dificultavam a concepção... Um daqueles candidatos frustrados havia sido um filho não aceito, e apesar de já não existir ressentimento de sua parte, no momento sem possibilidade de tornar-se factível o seu retorno, em razão do programa ora elaborado. Com muita ternura e bondade o nosso mentor explicou-lhe a ocorrência, tranquilizando-o em relação ao próprio futuro, quando também mergulharia no corpo somático, fruindo de melhores recursos para o progresso pessoal. [...] Desse modo, os preparativos para a inseminação artificial, no caso referido, prosseguiram amparados por Dr. Sílvia e nossa equipe, transformando-se em realidade, dias depois, quando foi possível fazer a transferência dos embriões, com os respectivos Espíritos vinculados, facultando, posteriormente, a constatação do fenômeno da gestação.” (MPM, *Transição planetária*, Capítulo 16)

IV.2. Requisitos para sua aplicação

“DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES. [...] MEDIUNIDADE GRATUITA. [...] 10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição, de modo ainda mais absoluto, é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos,

muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam. Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XVI)

“**Passes.** Em todas as reuniões do grupo junto ao qual funciona Alexandre, com atribuições de orientador, vários são os serviços que se desdobram sob a responsabilidade dos companheiros desencarnados. Nem sempre me foi possível estudá-los separadamente; todavia, em respeito a alguns deles, não me furtei ao desejo forte de receber elucidações do respeitável instrutor. Um desses serviços era o de passes magnéticos, ministrados aos frequentadores da casa. O trabalho era atendido por seis entidades, envoltas em túnicas muito alvas, como enfermeiros vigilantes. Falavam raramente e operavam com intensidade. Todas as pessoas vindas ao recinto recebiam-lhes o toque salutar e, depois de atenderem aos encarnados, ministravam socorro eficiente às entidades infelizes do nosso plano, principalmente as que se constituíam em séquito familiar dos nossos amigos da Crosta. Indagando de Alexandre, relativamente àquela secção de atividade espiritual, indicando-lhe os companheiros em esforço silencioso, esclareceu o mentor, com a bondade de sempre: – Aqueles nossos amigos são técnicos em auxílio magnético, que comparecem aqui para a dispensação de passes de socorro. Trata-se dum departamento delicado de nossas tarefas, que exige muito critério e responsabilidade. – Esses trabalhadores – interroguei – apresentam requisitos especiais? – Sim – explicou o mentor amigo –, na execução da tarefa que lhes está subordinada, não basta a boa vontade, como acontece em outros setores de nossa atuação. Precisam revelar determinadas qualidades de ordem superior e certos conhecimentos especializados. O servidor do bem, mesmo desencarnado, não pode satisfazer em semelhante serviço se ainda não conseguiu manter um padrão superior de elevação mental continua, condição indispensável à exteriorização das faculdades radiantes. O missionário do auxílio magnético, na Crosta ou aqui em nossa esfera, necessita ter grande domínio sobre si mesmo, espontâneo equilíbrio de sentimentos, acendrado amor aos semelhantes, alta compreensão da vida, fé vigorosa e profunda confiança no Poder Divino. Cumpre-me acentuar, todavia, que semelhantes

requisitos, em nosso plano, constituem exigências a que não se pode fugir, quando, na esfera carnal, a boa vontade sincera, em muitos casos, pode suprir essa ou aquela deficiência, o que se justifica, em virtude da assistência prestada pelos benfeitores de nossos círculos de ação ao servidor humano, ainda incompleto no terreno das qualidades desejáveis. Ouvindo as considerações do orientador, lembrei-me de que, de fato, vez por outra, viam-se nas reuniões costumeiras do grupo os médiuns passistas, em serviço, acompanhados de perto pelas entidades referidas. Vali-me, então, do ensejo para intensificar meu aprendizado. – Os amigos encarnados – perguntei –, de modo geral, poderiam colaborar em semelhantes atividades de auxílio magnético? – Todos, com maior ou menor intensidade, poderão prestar concurso fraterno, nesse sentido – respondeu o orientador –, porquanto, revelada a disposição fiel de cooperar a serviço do próximo, por esse ou aquele trabalhador, as autoridades de nosso meio designam entidades sábias e benevolentes que orientam, indiretamente, o neófito, utilizando-lhe a boa vontade e enriquecendo-lhe o próprio valor. São muito raros, porém, os companheiros que demonstram a vocação de servir espontaneamente. Muitos, não obstante bondosos e sinceros nas suas convicções, aguardam a mediunidade curadora como se ela fosse um acontecimento miraculoso em suas vidas e não um serviço do bem, que pede do candidato o esforço laborioso do começo. Claro que, referindo-nos aos irmãos encarnados, não podemos exigir a cooperação de ninguém, no setor de nossos trabalhos normais; entretanto, se algum deles vem ao nosso encontro, solicitando admissão às tarefas de auxílio, logicamente receberá nossa melhor orientação, no campo da espiritualidade. – Ainda mesmo que o operário humano revele valores muito reduzidos, pode ser mobilizado? interroguei, curioso. – Perfeitamente – aduziu Alexandre, atencioso –, Desde que o interesse dele nas aquisições sagradas do bem seja mantido acima de qualquer preocupação transitória, deve esperar incessante progresso das faculdades radiantes, não só pelo próprio esforço, senão também pelo concurso de Mais Alto, de que se faz merecedor. Não longe de nós, permaneciam os técnicos espirituais do auxílio magnético, em atividade metódica. Reconhecia-lhes nos trabalhos silenciosos um mundo novo de ensinamentos, convidando-me a experiências proveitosas; todavia, anotando as explicações do instrutor, ponderei quanto à possibilidade de contribuição pelo esclarecimento de algum amigo encarnado, em face do assunto, e perguntei: – Quando na Crosta, envolvidos pelos fluidos mais densos, como poderemos desenvolver a capacidade radiante, depois da edificação de nossa boa vontade real, a serviço do próximo? O orientador percebeu-me a intenção e elucidou, de pronto:

– Conseguida a qualidade básica, o candidato ao serviço precisa considerar a necessidade de sua elevação urgente, para que as suas obras se elevem no mesmo ritmo. Falaremos tão-só das conquistas mais simples e imediatas que deve fazer, dentro de si mesmo. Antes de tudo, é necessário equilibrar o campo das emoções. Não é possível fornecer forças construtivas a alguém, ainda mesmo na condição de instrumento útil, se fazemos sistemático desperdício das irradiações vitais. Um sistema nervoso esgotado, oprimido, é um canal que não responde pelas interrupções havidas. A mágoa excessiva, a paixão desvairada, a inquietude obsidente, constituem barreiras que impedem a passagem das energias auxiliadoras. Por outro lado, é preciso examinar também as necessidades fisiológicas, a par dos requisitos de ordem psíquica. A fiscalização dos elementos destinados aos armazéns celulares é indispensável, por parte do próprio interessado em atender as tarefas do bem. O excesso de alimentação produz odores fétidos, através dos poros, bem como das saídas dos pulmões e do estômago, prejudicando as faculdades radiantes, porquanto provoca dejeções anormais e desarmonias de vulto no aparelho gastrintestinal, interessando a intimidade das células. O álcool e outras substâncias tóxicas operam distúrbios nos centros nervosos, modificando certas funções psíquicas e anulando os melhores esforços na transmissão de elementos regeneradores e salutareos. O mentor fez uma pausa mais longa, observando em mim o efeito de suas palavras, e concluiu: – Levada a efeito a construção da boa vontade sincera, o trabalhador leal compreende a necessidade do desenvolvimento das qualidades a que nos referimos, porquanto, em contato incessante com os benfeitores desencarnados, que se valem dele na missão de amparo aos semelhantes, recebe indiretas sugestões de aperfeiçoamento que o erguem a posições mais elevadas. As observações de Alexandre não podiam ser mais claras; contudo, aventurei-me ainda a ponderar: – Consideremos, todavia, que surja a necessidade imediata de socorrer alguém, no círculo dos encarnados, e examinemos a hipótese da imprescindibilidade dum instrumento humano. Imaginemos que não exista, de pronto, em derredor de nossa tarefa, o órgão completo e adequado à influência das potências superiores. Existirá, certamente, porém, ao nosso lado, um companheiro em condições comuns, que, mergulhado na ignorância, ainda não percebe os perigos a que expõe o próprio corpo, mas que se deixará aproveitar pelo nosso esforço espiritual em benefício de outrem. Será crível que não possa ser aproveitado? O instrutor sorriu, bondosamente e considerou: – Seria demasiado rigor. Em todo lugar onde haja merecimento nos que sofrem e boa vontade nos que auxiliam, podemos ministrar o benefício espiritual com relativa eficiência. Todos os

enfermos podem procurar a saúde; todos os desviados, quando desejam, retornam ao equilíbrio. Se a prática do bem estivesse circunscrita aos Espíritos completamente bons, seria impossível a redenção humana. Qualquer cota de boa vontade e espírito de serviço recebe de nossa parte a melhor atenção. Imprimiu Alexandre pequeno intervalo à palestra e, depois de pensar um minuto, esclareceu: – Quando nos referimos às qualidades necessárias aos servidores desse campo de auxílio, a ninguém desejamos desencorajar, mas orientar as aspirações do trabalhador para que a sua tarefa cresça em valores positivos e eternos.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“**Serviço de passes.** Atravessamos a porta e fomos defrontados por ambiente balsâmico e luminoso. Um cavalheiro maduro e uma senhora respeitável recolhiam apontamentos em pequeno livro de notas, ladeados por entidades evidentemente vinculadas aos serviços de cura. Indicando os dois médiuns, o Assistente informou: – São os nossos irmãos Clara e Henrique, em tarefa de assistência, orientados pelos amigos que os dirigem. – Como compreender a atmosfera radiante em que nos banhamos? – aventurou Hilário, curioso. – Nesta sala – explicou Áulus, amigavelmente – se reúnem sublimadas emanções mentais da maioria de quantos se valem do socorro magnético, tomados de amor e confiança. Aqui possuímos uma espécie de altar interior, formado pelos pensamentos, preces e aspirações de quantos nos procuram trazendo o melhor de si mesmos. Não dispúnhamos, todavia, de muito tempo para a conversação isolada. Clara e Henrique, agora em prece, nimbavam-se de luz. Dir-se-ia estavam quase desligados do corpo denso, porque se mostravam espiritualmente mais livres, em pleno contato com os benfeitores presentes, embora por si mesmos não no pudessem avaliar. Calmos e seguros, pareciam haurir forças revigorantes na intimidade de suas almas. Guardavam a ideia de que a oração lhe mantinha o espírito em comunicação com invisível e profundo manancial de energia silenciosa. Ante a porta ainda cerrada, acotovelavam-se pessoas aflitas e bulhentas, esperando o término da preparação a que se confiavam. Os dois médiuns, porém, afiguravam-se-nos espiritualmente distantes. Absortos, em companhia das entidades irmãs, registravam-lhes as instruções, através dos recursos intuitivos. Pelas irradiações da personalidade magnética de Henrique, reconhecia-se-lhe, de imediato, a superioridade sobre a companheira. Era ele, dentre os dois, o ponto dominante. Por isso, decerto, ao seu lado se achava o orientador espiritual mais categorizado para a tarefa. Áulus abraçou-o e no-lo apresentou, gentil. O irmão Conrado, nosso novo amigo, enlaçou-nos acolhedor. Anunciou que o serviço estaria à nossa disposição para os apontamentos que desejássemos. E o nosso instrutor, colocando-nos

à vontade, autorizou-nos dirigir a Conrado qualquer indagação que nos ocorresse. Hilário, que nunca sopitava a própria espontaneidade, começou, como de hábito, a inquirição, perguntando respeitosamente: – O amigo permanece frequentemente aqui? – Sim, tomamos sob nossa responsabilidade os serviços assistenciais da instituição, em favor dos doentes, duas noites por semana. – Dos enfermos tão-somente encarnados? – Não é bem assim. Atendemos aos necessitados de qualquer procedência. – Conta com muitos cooperadores? – Integramos um quadro de auxiliares, de acordo com a organização estabelecida pelos mentores da Esfera Superior. – Quer dizer que, numa casa como esta, há colaboradores espirituais devidamente fichados, assim como ocorre a médicos e enfermeiros num hospital terrestre comum? – Perfeitamente. Tanto entre os homens como entre nós, que ainda nos achamos longe da perfeição espiritual, o êxito do trabalho reclama experiência, horário, segurança e responsabilidade do servidor fiel aos compromissos assumidos. A Lei não pode menosprezar as linhas da lógica. – E os médiuns? São invariavelmente os mesmos? – Sim, contudo, em casos de impedimento justo, podem ser substituídos, embora nessas circunstâncias se verifiquem, inevitavelmente, pequenos prejuízos resultantes de natural desajuste. Meu colega passeou o olhar inquieto pelos dois companheiros encarnados, em oração, e continuou: – Preparam-se nossos amigos, à frente do trabalho, com o auxílio da prece? – Sem dúvida. A oração é prodigioso banho de forças, tal a vigorosa corrente mental que atrai. Por ela, Clara e Henrique expulsam do próprio mundo interior os sombrios remanescentes da atividade comum que trazem do círculo diário de luta e sorvem do nosso plano as substâncias renovadoras de que se repletam, a fim de conseguirem operar com eficiência, a favor do próximo. Desse modo, ajudam e acabam por ser firmemente ajudados. – Isso significa que não precisam recluir a sua exaustão... – De modo algum. Tanto quanto nós, não comparecem aqui com a pretensão de serem os senhores do benefício, mas sim na condição de beneficiários que recebem para dar. A oração, com o reconhecimento de nossa desvalia, coloca-nos na posição de simples elos de uma cadeia de socorro, cuja orientação reside no Alto. Somos nós aqui, neste recinto consagrado à missão evangélica, sob a inspiração de Jesus, algo semelhante à singela tomada elétrica, dando passagem à força que não nos pertence e que servirá na produção de energia e luz. A explicação não podia ser mais clara. E enquanto Hilário sorria satisfeito, Conrado afagou os ombros de Henrique, como a recordar-lhe o horário estabelecido, e o médium, apesar de não lhe assinalar o gesto no campo das sensações físicas, obedeceu, de pronto, encaminhando-se para a porta e descerrando-a aos sofrendores. Pequena multidão de encarnados e

desencarnados aglomerou-se à entrada, todavia, companheiros da casa controlavam-lhes os movimentos. Conrado entregou-se ao trabalho que lhe competia e, em razão disso, tornamos à intimidade do Assistente.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 17)

“**Serviço de passes.** [...] – Então – disse Hilário –, para curar, serão indispensáveis certas atitudes do espírito... – Indiscutivelmente, não prescindimos do coração nobre e da mente pura, no exercício do amor, da humildade e da fé viva, para que os raios do poder divino encontrem acesso e passagem por nós, a benefício dos outros. Para a sustentação de um serviço metódico de cura, isso é indispensável. – Entretanto, para o esforço desse tipo precisaremos de pessoas escolhidas, com a obrigação de efetuarem estudos especiais? – Importa ponderar – disse Áulus, convicto – que em qualquer setor de trabalho a ausência de estudo significa estagnação. Esse ou aquele cooperador que desistam de aprender, incorporando novos conhecimentos, condenam-se fatalmente às atividades de sub-nível; todavia, em se tratando do socorro magnético, tal qual é administrado aqui, convém lembrar que a tarefa é de solidariedade pura, com ardente desejo de ajudar, sob a invocação da prece. E toda oração, filha da sinceridade e do dever bem cumprido, com respeitabilidade moral e limpeza de sentimentos, permanece tocada de incomensurável poder. Analisada a questão nestes termos, todas as pessoas dignas e fervorosas, com o auxílio da prece, podem conquistar a simpatia de veneráveis magnetizadores do Plano Espiritual, que passam, assim, a mobilizá-las na extensão do bem. Não nos achamos à frente do hipnotismo espetacular, mas sim num gabinete de cura, em que os médiuns transmitem os benefícios que recolhem, sem a presunção de doá-los de si mesmos. É importante não esquecer essa verdade para deixarmos bem claro que, onde surjam a humildade e o amor, o amparo divino é seguro e imediato.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 17)

“**MEDIUNIDADE CURATIVA.** [...] **Médium passista.** Entendemos que a mediunidade curativa se reveste da mais alta importância, desde que alicerçada nos sentimentos mais puros da mais pura fraternidade. É claro que não nos reportamos aos magnetizadores que desenvolvem as forças que lhes são peculiares, no trato da saúde humana. Referimo-nos, sim, aos intérpretes da Espiritualidade Superior, consagrados à assistência providencial aos enfermos, para encorajar-lhes a ação. Decerto, o estudo da constituição humana lhes é naturalmente aconselhável, tanto quanto ao aluno de enfermagem, embora não seja médico, se recomenda a aquisição de conhecimentos do corpo em si. E do mesmo modo que esse aprendiz de rudimentos da Medicina precisa atentar para a assepsia do seu quadro de trabalho, o médium passista necessitará

vigilância no seu campo de ação, porquanto de sua higiene espiritual resultará o reflexo benfazejo naqueles que se proponha socorrer. Eis porque se lhe pede a sustentação de hábitos nobres e atividades limpas, com a simplicidade e a humildade por alicerces no serviço de socorro aos doentes, de vez que semelhantes fatores funcionarão à maneira do tungstênio na lâmpada elétrica, suscetível de irradiar a força da usina, produzindo a luz necessária à expulsão da sombra. O investimento cultural ampliar-lhe-á os recursos psicológicos, facilitando-lhe a recepção das ordens e avisos dos instrutores que lhe propiciem amparo, e o asseio mental lhe consolidará a influência, purificando-a, além de dotar-lhe a presença com a indispensável autoridade moral, capaz de induzir o enfermo ao despertamento das próprias forças de reação. [...]

Passe e oração. O passe, como gênero de auxílio, invariavelmente aplicável sem qualquer contraindicação, é sempre valioso no tratamento devido aos enfermos de toda classe, desde as criancinhas tenras aos pacientes em posição propecta na experiência física, reconhecendo-se, no entanto, ser menos rico de resultados imediatos nos doentes adultos que se mostrem jungidos à inconsciência temporária, por desajustes complicados do cérebro. Esclareçamos, porém, que, em toda situação e em qualquer tempo, cabe ao médium passista buscar na prece o fio de ligação com os planos mais elevados da vida, porquanto, através da oração, contará com a presença sutil dos instrutores que atendem aos misteres da Providência Divina, a lhe utilizarem os recursos para a extensão incessante do Eterno Bem. [...]” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 22)

“Passes. [...] O chefe da assistência magnética ia estender-se, talvez, em considerações educativas, mas um dos cooperadores do serviço aproximou-se e notificou-lhe, atencioso: – Estimaria receber a sua orientação num caso de “décima vez”. Trata-se do nosso conhecido, que apresenta graves perturbações no baço. Extremamente surpreendido, acompanhei Anacleto, que se dirigiu para um dos recantos da sala. À nossa frente estava um cavalheiro idoso, que o orientador examinou com atenção. Por minha vez, observei-lhe o fígado e o baço, que acusavam enorme desequilíbrio. – Lastimável! – exclamou o chefe do auxílio, depois de longa perquirição. – Entretanto, apenas poderemos aliviá-lo. Agora, após dez vezes de socorro completo, é preciso deixá-lo entregue a si mesmo, até que adote nova resolução. E, dirigindo-se ao auxiliar, acentuou: – Poderá oferecer-lhe melhoras, mas não deve alijar a carga de forças destruidoras que o nosso rebelde amigo acumulou para si mesmo. Nossa missão é de amparar os que erraram e não de fortalecer os erros. Percebendo-me o espanto, Anacleto explicou: – Nosso esforço é também educativo e não podemos desconsiderar a dor que instrui e ajuda

a transformar o homem para o bem. Nas normas do serviço que devemos atender, nesta casa, é imprescindível ajuizar das causas na extirpação dos males alheios. Há pessoas que procuram o sofrimento, a perturbação, o desequilíbrio, e é razoável que sejam punidas pelas consequências de seus próprios atos. Quando encontramos enfermos dessa condição, salvamo-los dos fluidos deletérios em que se envolvem por deliberação própria, por dez vezes consecutivas, a título de benemerência espiritual. Todavia, se as dez oportunidades voam sem proveito para os interessados, temos instruções superiores para entregá-los à sua própria obra, a fim de que aprendam consigo mesmos. Poderemos aliviá-los, mas nunca libertá-los. Depois de ligeira pausa e sentindo que eu não me atreveria a interromper-lhe os preciosos ensinamentos, Anacleto prosseguiu: – Este homem, não obstante simpatizar com as nossas atividades espiritualizantes, é portador dum temperamento menos simpático, por extremamente caprichoso. Estima as rixas frequentes, as discussões apaixonadas, o império de seus pontos de vista. Não se acautela contra o ato de encolerizar-se e desperta incessantemente a cólera e a mágoa dos que lhe desfrutam a companhia. Tornou-se, por isso mesmo, o centro de convergência de intensas vibrações destruidoras. Veio ao nosso grupo em busca de melhoras e, desde há muitas semanas, buscamos orientá-lo no serviço do amor cristão, chamando-lhe a consciência à prática de obrigações necessárias ao seu próprio bem-estar. O infeliz, porém, não nos ouve. Adquire ódios com facilidade temível e não percebe a perigosa posição em que se confina. Frequenta-nos há pouco mais de três meses e, durante esse tempo, já lhe fizemos as dez operações de socorro magnético integral, alijando-lhe as cargas malignas, não só dos pensamentos de angústia e represália que ele provoca nos outros, mas também dos pensamentos cruéis que fabrica para si. Agora temos de interromper o serviço de libertação, por algum tempo. A sós com a sua experiência forte, aprenderá lições novas e ganhará muitos valores. Mais tarde receberá, de novo, o socorro completo. Profundamente edificado com o processo educativo, ousei perguntar: – Qual a medida de tempo estipulada para os casos dessa natureza? O interlocutor, porém, assumindo atitude discreta, contornou a pergunta e respondeu: – Varia de acordo com os motivos. O efeito obedece à causa. Anacleto prosseguiu auxiliando, enquanto eu me perdia em profundas considerações de ordem superior. Depois de partir os laços carnis, compreendemos, com mais clareza e intensidade, a função da dor no campo da justiça edificante. Aquela permanência de minutos, junto ao serviço de assistência magnética, renovava-me as concepções referentemente a socorros e corrigendas. O Senhor ama sempre, mas não perde a ocasião de aperfeiçoar, polir, educar...” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“Socorros espirituais relevantes. [...] Porque a Comunidade mantinha um serviço de socorro fluido-terápico aos necessitados, durante uma hora, todos os dias, o Dr. Arnaldo convidou-nos a acompanhá-lo com Bernardo, ao recinto próprio. Movimentava-se um expressivo número de Entidades operosas em ajuda contínua. Observamos que a entrada do edifício estava guardada por diversos vigilantes do nosso plano, que controlavam a chegada dos acompanhantes que seguiam os seus parceiros encarnados. Eles evitavam que se adentrassem os Espíritos vulgares, ociosos, perturbadores, não interferindo, no entanto, quando se tratava de obsessores muito identificados com os seus hospedeiros. Já, à porta principal da Colônia, foram providenciados cuidados especiais que impedissem a invasão de hordas dos irmãos alucinados, asselvajados e perniciosos, assim poupando os servidores do Cristo a lutas maiores do que as suas forças, nesta batalha sem quartel do mal transitório contra o bem permanente. Víamos chegar as pessoas sob altas cargas fluídicas deprimentes, intoxicadas pelas próprias vibrações decorrentes das mentes viciadas e caprichosas. Algumas padeciam de doenças orgânicas e psíquicas rebeldes, em conexão com processos obsessivos, enquanto noutras os quadros da subjugação espiritual inferior eram patentes. Variavam os estados de receptividade ao recurso que buscavam. Incrédulos sistemáticos, uns, ali acorriam, indiferentes e frios, como se estivessem a fazer um favor àqueles que os iam beneficiar; ansiosos por efeitos imediatos, outros, não excogitavam de esforçar-se pela própria melhora, transferindo essa responsabilidade aos passistas e Mentores aos quais iam recorrer; aturdidos pelos conflitos, muitos outros, não dispunham de clima mental para sintonizar e absorver as forças curadoras que receberiam e logo delas se liberavam, sem qualquer proveito quase. Apresentavam-se, sem embargo, diversos clientes afervorados, que já se faziam assinalar por predisposição favorável ao mister, credenciando-se a resultados benéficos mais imediatamente. Todos, porém, adentravam-se assessorados por enfermeiros especializados que lhes identificavam as causas dos problemas e mazelas, não interferindo de moto próprio, porém vigilantes para a cooperação adequada no momento da aplicação dos passes. Convidava-se, inicialmente, um grupo de pessoas, que ouviam uma leitura evangélica breve, como preparação para o serviço do auxílio que buscavam. Curioso notar-se como grande número ficava com a mente dispersa durante aqueles rápidos minutos que se destinavam a criar as condições propiciatórias à terapêutica que buscavam. Desinteressados, permaneciam com a mente nos vícios habituais, mantendo as ideias comuns, sem intentarem o mais leve esforço pela renovação íntima ou, pelo menos, ouvindo com alguma atenção, a fim de

meditarem, reflexionarem depois. Terminada a página e proferida uma oração, iniciava-se a segunda etapa, a do passe propriamente dito. Todavia, enquanto era lido o texto, os Espíritos encarregados do ministério passista já contribuía com recursos desintoxicantes, socorrendo os pacientes que se não davam conta da ocorrência providencial. No momento em que os médiuns se acercavam, amparados por técnicos especiais, estava assegurado melhor campo para o prosseguimento do serviço. Vimos doutrinadores desencarnados conclamando os sistemáticos obsessores a mudarem de atitude, a benefício próprio; familiares de Entidades aturdidadas pela morte recente, liberando-as das fixações naqueles que ficaram, e aos quais, sem o desejarem, transmitiam humores psíquicos perniciosos, que os enfermavam. A outros sofrendores, igualmente carregados das doenças que lhes vitimaram os corpos, dispensavam-se energias restauradoras, de modo a liberá-los dos fluidos mais pesados, que os atormentavam. Alguns eram convidados a permanecer no recinto para posterior atendimento e transferência para Colônias-hospitais de tratamento adequado. A verdade é que os benefícios se distribuíam amplamente nas duas esferas vibratórias, com carinho, tendo-se presente a caridade, conforme a lecionou e viveram Jesus e os Seus discípulos. Observei que nem todos os encarnados recolham os benefícios que se lhes ofereciam e as razões eram óbvias, todavia, com a continuação do tratamento terminavam por assimilar resultados positivos que lhes competiam sustentar e multiplicar a favor de si mesmos. Os grupos sucediam-se até o momento de encerrada a tarefa. Os benefícios ofertados haviam sido múltiplos e de alto teor, restando a cada pessoa bem aplica-los, assim preservando-os e fortalecendo-se para as lutas. As Entidades mais perversas, quando convidadas a uma mudança de atitude, tornavam-se receptivas, ficando no recinto a aguardar os trabalhos mediúnicos de desobsessão, que tinham lugar em dias próprios, vivendo, desde então, o clima de prece e de paz da Comunidade, o mesmo acontecendo com outros necessitados espirituais. Conversando com o Dr. Lustoza a respeito da excelência desse ministério colocado a serviço do bem geral, este elucidou: — Como existem Prontos Socorros para os males físicos e assistência imediata para os alienados mentais em crises, já é tempo que a caridade cristã, nas Instituições Espíritas, crie serviços de urgência fluidoterápica e de consolação para quantos se debatem nos sofrimentos do mundo, e não têm forças para esperar datas distantes ou dias exclusivos para o atendimento. Espíritas e esclarecidos, imbuídos do sentimento da caridade, poderiam unir-se neste mister, reservando algum tempo disponível e revezando-se num serviço de atendimento cuidadosamente programado, a fim de mais amplamente auxiliar-se o próximo, diminuindo a margem

de aflições no mundo. Seriam valiosos os resultados para todos, que conjugariam esforços no bem, contribuindo para a mudança das atuais paisagens humanas aflitivas. Saímos do recinto, no entanto, concluída a parte na qual cooperaram os médiuns encarnados, os labores prosseguiram com o concurso de obreiros do nosso campo de ação.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 26)

“Passesterapia. “Restituí a saúde aos doentes...” (Mateus: 10, 8) A proposta de Jesus para que os Seus discípulos se aplicassem ao ministério da cura das enfermidades que afligem as criaturas humanas encontra suporte abençoado na terapia através dos passes. A transmissão da energia constituída por *raios* psíquico-magnéticos está ao alcance de todas as criaturas que se queiram dedicar à ação do bem. O *dom de curar* não constitui privilégio de ninguém, embora algumas pessoas sejam mais bem aquinhoadas dos recursos energéticos destinados a esse fim. Desejando contribuir em favor da saúde do seu próximo, cabe ao interessado equipar-se dos recursos hábeis para o desiderato. Inicialmente, o desejo sincero de servir torna-se-lhe fundamental para o empreendimento a que se propõe. Interessado em adquirir o conhecimento para lograr os resultados melhores, cabe-lhe conhecer a natureza humana, a constituição orgânica e os fulcros de energia no corpo físico, bem como no perispiritual, assim também as leis dos fluidos, desse modo, equipando-se com os elementos valiosos indispensáveis ao tentame. Em seguida, torna-se necessária a consciência do contributo que deve oferecer, trabalhando os sentimentos da simpatia, da amizade e da compaixão, a fim de envolver o enfermo em ondas de energia favorável à sua recuperação. Cuidados especiais são-lhe imprescindíveis, tais como a higiene física e mental, mediante os hábitos superiores da oração e dos bons pensamentos, cultivando as ideias edificantes, reflexionando em páginas portadoras de conteúdos morais relevantes, para servirem de sustentáculo emocional ao equilíbrio. A mente é a fonte geradora da energia que procede do Espírito e se transforma em ação. Todo e qualquer investimento se inicia na *sede da alma*, transformando-se em ideia e corporificando-se em ato. Pensar corretamente, cultivando os ideais do amor, da fraternidade e do bem, é a regra áurea para uma existência saudável e, portanto, para ser repartida em favor daqueles que se encontram em situação menos favorável. Adotando atitudes morigeradas e evitando qualquer tipo de comportamento esdrúxulo ou carregado de misticismo, o passista deve manter-se sempre sereno e em condição de sintonia com os abnegados mentores do Mais Além. A iniciativa do bem nasce no sentimento da criatura humana e encontra ressonância na Espiritualidade que, de imediato, faz-se presente através de nobres amigos dedicados ao

labor da misericórdia e do progresso. Naturalmente, à medida que o passista se afeioa à atividade e adquire autoconfiança, mais facilmente registrará as presenças dos nobres guias espirituais que passarão a supervisionar-lhe a tarefa, predispondo-se ao auxílio valioso com segurança por seu intermédio. O passista é alguém que opta pelo edificante serviço de ajuda ao próximo por ocasião da sua problemática na área da saúde. Mas, não somente pode ser útil no período de enfermidade, quanto também nos processos de revitalização de energia dos que estão mais debilitados, assim como na renovação de entusiasmo e de forças para o prosseguimento da jornada reencarnacionista. De igual modo, favorece a solidariedade por meio da conversação edificante, do aconselhamento fraternal, ensejando a quem necessita, diretrizes dignas para o feliz desiderato existencial. Trabalhando-se emocionalmente e cada vez mais conscientizando-se da responsabilidade assumida, é imperioso esforçar-se para adquirir e multiplicar os bônus de energia que possa doar. Tal recurso é conseguido como decorrência natural do esforço que empreende e da dedicação ao serviço socorrista. Conhecendo as áreas em que se instalam os *chakras*, que são verdadeiros *centros de força*, que podem e devem ser ativados, a fim de que os recursos terapêuticos sejam absorvidos pelo perispírito, mais fácil lhe será o procedimento especializado... De bom alvitre também ter em mente que a investidura curativa não o imuniza contra os agentes do mal, as contaminações, os desgastes, os fenômenos perturbadores, as possíveis obsessões, os transtornos do cansaço e do mal-estar... Todo indivíduo encontra-se sujeito às intercorrências da jornada empreendida, não havendo regime de exceção, e caso houvesse daria lugar a procedimentos de injustiça nos Divinos Códigos, privilegiando uns em detrimento de outros. O trabalho é o campo especial de desenvolvimento dos valores adormecidos no ser que se agiganta na razão direta em que empreende as atividades de enobrecimento moral e espiritual. Desse modo, a ginástica para o Espírito é o contínuo labor em benefício da autoiluminação. Para bem desincumbir-se, portanto, do mister aceito espontaneamente, é necessário ao passista desfrutar de saúde, especialmente moral, tanto quanto psíquica, emocional e física, a fim de poder transmiti-la com eficiência aos necessitados que o busquem. Sempre que experimente, porém, algum mal-estar ou qualquer outra sensação desagradável durante a operação socorrista, é justo considerar que algo se encontra desajustado nele próprio. Por certo, deve estar intoxicado pelos resíduos de vibrações negativas, por tentativas de perturbação providas de fora, por obsessão instalando-se... Cabe-lhe suspender de imediato o concurso fraternal e, mentalmente, em clima de calma, sem qualquer prática externa, concentrar-se, e,

pelo pensamento, procurar eliminar as energias deletérias, expulsando-as das áreas em que se encontram localizadas, fazendo-as sair pelas extremidades inferiores... Noutras circunstâncias, é de bom alvitre, antes da aplicação dos passes nos enfermos, fazê-la em si próprio através dos recursos mentais de que é portador. A irrestrita confiança em Deus, conectando-se às Fontes da Vida, proporcionará a correta captação de forças psíquicas e fluídicas que serão transmitidas aos sofredores, auxiliando-os na necessária recuperação. Em qualquer cometimento, portanto, de natureza espiritual, são indispensáveis o amor e a caridade como recursos transcendentais para os bons resultados do labor em desenvolvimento. Conscientizando-se de que sempre transitará na faixa vibratória dos próprios pensamentos e atos, a manutenção dos valores otimistas e edificantes torna-se de vital significado. *Restitui a saúde aos enfermos* - propôs Jesus - enfermos, que somos ainda quase todos, n'Ele, o sublime Psicoterapeuta, encontramos o apoio necessário, a fim de servirmos com abnegação, certos de que ao longo do tempo conseguiremos a saúde integral." (MPM, *Mediunidade: desafios e bênçãos*, Capítulo 20)

IV.3. Relação entre a fé e a receptividade do auxílio magnético

“A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS. [...] A FÉ HUMANA E A DIVINA. 12. No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em germen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade. Até ao presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a exalçou como poderosa alavanca e porque o têm considerado apenas como chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem, quando tem fé, isto é, a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação. Também os apóstolos não operaram milagres, seguindo-lhe o exemplo? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais, cujas causas os homens de então desconheciam, mas que, hoje, em grande parte se explicam e que pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo se tornarão completamente compreensíveis? A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou das suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe faculta imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres

ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendoros que se não chegue a vencer. O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres. Repito: a fé é humana e divina. Se todos os encarnados se achassem bem persuadidos da força que em si trazem, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o a que, até hoje, eles chamaram prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas. – Um Espírito Protetor. (Paris, 1863)” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XIX)

“OS MILAGRES DO EVANGELHO. [...] CURAS. [...] Os dez leprosos. 16. Um dia, indo ele para Jerusalém, passava pelos confins da Samaria e da Galileia — e, estando prestes a entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, conservando-se afastados, clamaram em altas vozes: Jesus, Senhor nosso, tem piedade de nós. — Dando com eles, disse-lhes Jesus: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. Quando iam a caminho, ficaram curados. Um deles, vendo-se curado, voltou sobre seus passos, glorificando a Deus em altas vozes; — e foi lançar-se aos pés de Jesus, com o rosto em terra, a lhe render graças. Esse era samaritano. Disse então Jesus: Não foram curados todos dez? Onde estão os outros nove? — Nenhum deles houve que voltasse e glorificasse a Deus, a não ser este estrangeiro? — E disse a esse: Levanta-te; vai; tua fé te salvou. (S. Lucas, 17:11 a 19) 17. Os samaritanos eram cismáticos, mais ou menos como os protestantes com relação aos católicos, e os judeus os tinham em desprezo, como heréticos. Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, dava Jesus, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância; e fazendo ressaltar que só o samaritano voltara a glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento, do que nos que se diziam ortodoxos. Acrescentando: “Tua fé te salvou”, fez ver que Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados. Fora mister que tal se verificasse, para que ele pudesse dar a lição que tinha em vista e tornar-lhes evidente a ingratidão. Quem sabe, porém, o que daí lhes haja resultado; quem sabe se eles terão se beneficiado da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano: “Tua fé te salvou”, dá Jesus a entender que o mesmo não aconteceu aos outros.” (AK, *A gênese*, Capítulo XV)

“Efeitos da oração. [...] As explicações de Aniceto abriam-me novos campos de meditação. O esclarecido instrutor, contudo, não dera por finda a lição

e, depois de longa pausa, concluiu: – Já que vocês se encontram comigo num curso de serviço auxiliar, espero aproveitem o máximo ensinamento desta hora. Reparem que, nestes pavilhões, temos mil e novecentos e oitenta abrigados que dormem. Todos recebem diariamente alimento e medicação comuns, mas só quatrocentos são atendidos com alimento e medicação especializados, por se mostrarem mais suscetíveis de justa melhora. Desses quatrocentos, apenas dois terços se revelaram aptos à recepção de passes magnéticos. Muitos não podem receber, por enquanto, a água efluviada. Poucos foram contemplados com o sopro curativo e somente dois se levantaram, ainda assim, profundamente perturbados. Já que iniciam um trabalho de cooperação fraternal, não esqueçam esta lição. Façamos todos o bem, sem qualquer ansiedade. Semeemo-lo sempre e em toda a parte, mas não estacionemos na exigência de resultados. O lavrador pode espalhar as sementes à vontade e onde quer que esteja, mas precisa reconhecer que a germinação, o crescimento e o resultado pertencem a Deus.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 25)

“**Passes.** [...] Eu estava admirado. E como o assunto envolvia problemas espirituais de elevada significação, assim que o instrutor terminou o trabalho, indaguei: – Perdoe-me a pergunta, mas, na hipótese de não se socorrer esta irmã, da colaboração de uma casa espirítista, como se haveria com a doença oculta? Estaria ao abandono? – De modo algum – respondeu Anacleto, sorrindo. – Há verdadeiras legiões de trabalhadores de nossa especialidade amparando as criaturas que, através de elevadas aspirações, procuram o caminho certo nas instituições religiosas de todos os matizes. A manifestação de fé não se limita a simples afirmação mecânica de confiança. O homem que vive mentalmente, visceralmente, a religião que lhe ensina a senda do bem, está em atividade intensa e renovadora, recebendo, por isto mesmo, as mais fortes contribuições de amparo espiritual, porquanto abre a porta viva da alma para o socorro de Mais Alto, através da oração e da posição ativa de confiança no Poder Divino. O novo companheiro indicou a irmã que se libertara da desastrosa influência e esclareceu, depois de uma pausa: – Nossa amiga está procurando a verdade, cheia de sincera confiança em Jesus. Ovelha fustigada pela tempestade do mundo e inexperiente na esfera do conhecimento, volta-se para o Divino Pastor, como a criança frágil, sequiosa do carinho materno. Estivesse orando numa igreja católica romana ou num templo budista, receberia o socorro de nossa Esfera, por intermédio desse ou daquele grupo de trabalhadores do Cristo. Naturalmente, aqui, no seio de uma organização indene das sombras do preconceito e do dogmatismo, nosso concurso fraternal pode ser mais eficiente, mais puro, e as suas possibilidades de aproveitamento são

muito mais vastas. É preciso assinalar, porém, que os auxiliares magnéticos transitam em toda parte, onde existam solicitações da fé sincera, distribuindo o socorro do Divino Mestre, dentro da melhor divisão de serviço. Onde vibre o sentimento sincero e elevado, aí se abre um caminho para a Proteção de Deus. A elucidação fez-me grande bem pela revelação de imparcialidade na distribuição dos bens de nosso plano. Entretanto, outra pergunta ocorreu-me, de imediato. – Todavia, meu amigo – considere –, admitamos que esta nossa irmã fosse estranha a qualquer atividade de ordem espiritual. Imaginemo-la sem fé, sem filiação a qualquer escola religiosa e sem qualquer atestado de merecimento na prática da virtude. Ainda assim, receberia o benefício dos passes libertadores? Anacleto, com aquela bondade paciente que eu conhecia em Alexandre, observou: – Se fosse uma criatura de sentimentos retos, embora infensa à religião, em suas meditações naturais receberia auxílio, não obstante menor, pela sua incapacidade de recepção mais intensa das nossas energias radiantes; mas se ficasse integralmente mergulhada nas sombras da ignorância ou da maldade, permaneceria distante da colaboração de ordem superior e as suas forças físicas sofreriam desgastes violentos e inevitáveis, pela continuidade da intoxicação mental. Quem se fecha às ideias regeneradoras, fugindo às leis da cooperação, experimentará as consequências legítimas.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“**Serviço de passes.** [...] O ministério da cura, porém, a desdobrar-se eficiente e pacífico, reclamava-nos atenção. Os doentes entravam dois a dois, sendo carinhosamente atendidos por Clara e Henrique, sob a providencial assistência de Conrado e seus colaboradores. [...] Alinhando apontamentos, começamos a reparar que alguns enfermos não alcançavam a mais leve melhora. As irradiações magnéticas não lhes penetravam o veículo orgânico. Registrando o fenômeno, a pergunta de Hilário não se fez esperar. – Por quê? – Falta-lhes o estado de confiança – esclareceu o orientador. – Será, então, indispensável a fé para que registrem o socorro de que necessitam? – Ah! Sim. Em fotografia precisamos da chapa impressionável para deter a imagem, tanto quanto em eletricidade carecemos do fio sensível para a transmissão da luz. No terreno das vantagens espirituais, é imprescindível que o candidato apresente uma certa “tensão favorável”. Essa tensão decorre da fé. Certo, não nos reportamos ao fanatismo religioso ou à cegueira da ignorância, mas sim à atitude de segurança íntima, com reverência e submissão, diante das Leis Divinas, em cuja sabedoria e amor procuramos arrimo. Sem recolhimento e respeito na receptividade, não conseguimos fixar os recursos imponderáveis que funcionam em nosso favor, porque o escárnio e a dureza de coração podem

ser comparados a espessas camadas do gelo sobre o templo da alma. A lição fora simples e bela. Hilário calou-se, talvez para refletir sobre ela, em silêncio.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 17)

“Na terapia do passe, por exemplo, a disposição do paciente exerce papel relevante para os resultados. A má vontade habitual, em muitos enfermos, que se agastam com facilidade, tornando-se exigentes e biliosos, gera energia de alto teor destrutivo que se irradia do interior da pessoa para o seu exterior, produzindo a anulação da força que parte de fora para dentro... Julinda, inspirada e apoiada que fora, o que, aliás, acontece com todos nós, agasalhou a inspiração positiva, resolvendo-se por cooperar, o que muito facilitou o prosseguimento do socorro que lhe continuou sendo ministrado. Mesmo assim, houve dias mais difíceis, em que o aturdimento interior, resultante da natural mudança de comportamento, provocava-lhe estranheza, consequência, é certo, do velho e arraigado hábito, que se lhe fizera atitude normal perante a vida.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 30)

IV.4. Fluidoterapia para tratamento de doenças físicas e mentais

“OS MILAGRES DO EVANGELHO. [...] CURAS. [...] Numerosas curas operadas por Jesus. 26. Jesus ia por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todos os langores e todas as enfermidades no meio do povo. — Tendo-se a sua reputação se espalhado por toda a Síria; traziam-lhe os que estavam doentes e afligidos por dores e males diversos, os possessos, os lunáticos, os paralíticos e ele a todos curava. — Acompanhava-o grande multidão de povo da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e de além Jordão. (S. Mateus, 4:23 a 25) **27.** De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são, não há contestar, as curas. Queria ele provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias. Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e sinceros, do que se apenas os maravilhasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se se limitasse a produzir surpreendentes fatos materiais, conforme os fariseus reclamavam, a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que os desocupados iriam apreciar para se distraírem. Assim, quando João Batista manda, por seus discípulos, perguntar-lhe se ele era o Cristo, a sua resposta não foi: “Eu o sou”, como qualquer impostor houvera podido dizer. Tampouco lhes fala de prodígios, nem de coisas maravilhosas; responde-lhes

simplesmente: “Ide dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, o Evangelho é anunciado aos pobres.” O mesmo era que dizer: “Reconhecei-me pelas minhas obras; julgai da árvore pelo fruto”, porquanto era esse o verdadeiro caráter da sua missão divina. **28.** O Espiritismo, igualmente, pelo bem que faz é que prova a sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas cura, sobretudo, as doenças morais e são esses os maiores prodígios que lhe atestam a procedência. Seus mais sinceros adeptos não são os que se sentem tocados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que dele recebem a consolação para suas almas; os a quem liberta das torturas da dúvida; aqueles a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza, que lhes trouxe, acerca do futuro, no conhecimento do seu ser espiritual e de seus destinos. Esses os de fé inabalável, porque sentem e compreendem. Os que no Espiritismo unicamente procuram efeitos materiais, não lhe podem compreender a força moral. Daí vem que os incrédulos, que apenas o conhecem através de fenômenos cuja causa primária não admitem, consideram os espíritas meros prestidigitadores e charlatães. Não será, pois, por meio de prodígios que o Espiritismo triunfará da incredulidade; será pela multiplicação dos seus benefícios morais, porquanto, se é certo que os incrédulos não admitem os prodígios, não menos certo é que conhecem, como toda gente, o sofrimento e as aflições e ninguém recusa alívio e consolação.” (AK, *A gênese*, Capítulo XV)

“Não havia terminado, quando se acercou de nós, inesperadamente, uma velhinha simpática. – Justina, minha irmã, que o Senhor a abençoe! – saudou-a o orientador, gentil. A entidade amiga, que demonstrava muita inquietude no olhar, respondeu com afetuoso respeito e explicou-se: – Alexandre, tenho necessidade de seu auxílio urgente e vim ao seu encontro. Desculpe-me. E, antes que o instrutor pudesse sondar-lhe verbalmente a aflição, a interlocutora prosseguiu: – Meu filho Antônio encontra-se em estado gravíssimo... Agora era Alexandre que a interrompia: – Adivinho o que se passa. Quando o visitei, no mês findo, notei-lhe as perturbações circulatórias. – Sim, sim – continuou a mãe aflita. – Antônio vive no círculo de pensamentos muito desregrados, apesar do bom coração. E hoje trouxe para o leito de repouso tantas preocupações descabidas, tanta angústia desnecessária, que as suas criações mentais se transformaram em verdadeiras torturas. Embalde, auxiliiei-o com os meus humildes recursos; infelizmente, é tão grande o seu desequilíbrio interior, que toda a minha colaboração resultou inútil, permanecendo-lhe o cérebro sob a ameaça dum deramamento mortífero. E sentindo a gravidade do minuto, acrescentou, triste: – Ó Alexandre, bem sei que devemos subordinar nossos desejos aos desígnios de

Deus. Entretanto, meu filho necessita de mais alguns dias na Terra. Creio que, em dois meses, conseguirei dele, indiretamente, a solução de todos os problemas que lhe afetam a paz da família. Sua autoridade pode auxiliar-nos! Seu coração edificado em Cristo permanece em condições de fazer-nos semelhante bem!... Reconhecendo a urgência do assunto, exclamou o orientador: – A caminho! Não temos um segundo a perder! Daí a poucos instantes, penetramos na residência confortável. A velhinha, aflita, conduziu-nos a uma alcova espaçosa, onde o filho, chefe da casa, repousava metido em alvos lençóis, dando-me a impressão característica dum moribundo. Antônio parecia próximo dos setenta anos e exibia todos os sinais do arteriosclerótico adiantado. O quadro era agora profundamente educativo para mim, que entrara num círculo valioso de observações novas. Identificava perfeitamente o estado pré-agônico, em todas as suas expressões físico-espirituais. A alma confusa, inconsciente, movimentava-se com dificuldade, quase que totalmente exteriorizada, junto do corpo imóvel, a respirar dificilmente. Enquanto Alexandre se inclinava paternalmente sobre ele, observei que estávamos diante de uma trombose perigosíssima, por localizar-se numa das artérias que irrigam o córtex motor do cérebro. A apoplexia não se fizera esperar. Mais alguns instantes e a vítima estaria desencarnada. Alexandre, que centralizara todas as atenções no enfermo, tocou-lhe o cérebro perispiritual e falou com autoridade serena: – Antônio, mantenha-se vigilante! Nosso auxílio pede a sua cooperação! O moribundo, desligado parcialmente do corpo, abriu os olhos fora do invólucro de carne, dando a entender vagas noções de consciência, e o instrutor prosseguiu: – Você foi acidentado pelos próprios pensamentos em conflito injustificável. Suas preocupações excessivas criaram-lhe elementos de desorganização cerebral. Intensifique o desejo de retomar as células físicas, enquanto nos preparamos a fim de ajudá-lo. Este momento é decisivo para as suas necessidades. O interpelado não respondeu, mas observei que Antônio compreendera a advertência, no imo das forças da consciência, colocando-se em boa posição para colaborar em favor de si mesmo. Em seguida, o orientador iniciou complicadas operações magnéticas, no corpo inanimado, ministrando energias novas à espinha dorsal. Decorridos alguns instantes, colocou a destra ao longo do fígado e, mais tarde, demorando-a no cérebro físico, bem à altura da zona motora, chamou-me e disse: – André, mantenha-se em prece, cooperando conosco. Convocarei alguns irmãos em serviço, nesta noite, para auxiliar-nos. E acentuou, após meditar por alguns segundos: – o grupo do Irmão Francisco não pode estar longe. Dito isto, Alexandre assumiu atitude de profunda concentração de pensamento. Não passou mais dum minuto e pequena

expedição de oito entidades, quatro companheiros e quatro irmãs, penetrou o recinto doméstico, em religioso silêncio. Saudamo-nos todos, ligeiramente, e o instrutor dirigiu-se, atencioso, à entidade que guardava atribuições de chefia. – Francisco, precisamos aqui das emanações de algum dos nossos amigos encarnados, cujo veículo material esteja agora em repouso equilibrado. E ao passo que o novo irmão observava, cuidadoso, o agonizante, Alexandre acrescentava: – Conforme observa, estamos diante dum caso gravíssimo. É preciso muito critério na escolha do doador de fluidos. O dirigente dos socorristas pensou um momento e obtemperou: – Temos um companheiro que nos atenderá razoavelmente. Trata-se de Afonso. Enquanto vou buscá-lo, nosso grupo auxiliará sua ação curativa, emitindo forças de colaboração magnética, através da prece. Francisco ausentou-se imediatamente. Nesse instante, a velhinha aproximou-se do instrutor e falou, respeitosa: – Se há necessidade de fluidos de irmãos encarnados, quem sabe poderíamos empregar o concurso de minhas netas que repousam nos aposentos próximos? – Não – respondeu Alexandre, delicadamente –, não atenderiam as exigências em curso. Precisamos de alguém suficientemente equilibrado no campo mental. A mãe inquieta afastou-se, enxugando os olhos. Atendendo a sinal afetuoso do orientador, aproximei-me, observando o doente de mais perto, mantendo-me embora na íntima atitude de oração. – Antônio é viúvo faz vinte anos – explicou Alexandre – e está nas vésperas de vir ter conosco, no plano espiritual. Nosso amigo, porém, necessita de mais alguns dias na esfera da Crosta para deixar alguns problemas sérios devidamente solucionados. O Senhor nos concederá a satisfação de colaborar no reerguimento provisório de suas forças. E fosse porque me detinha a observar o grupo de entidades que oravam, silenciosas, ou em razão de pretender beneficiar-me com novos ensinamentos, o instrutor esclareceu: – Temos aqui o grupo do Irmão Francisco. Trata-se de uma das inumeráveis turmas de serviço que nos prestam cooperação. Muitos companheiros consagram-se aos trabalhos dessa natureza, mormente à noite, quando as nossas atividades de auxílio podem ser mais intensas. Verdadeiro mundo de interrogações assomava-me ao cérebro, a fim de solucionar as questões do momento; contudo, compreendendo a gravidade dos minutos, em face da tarefa para a qual fôramos chamados, resolvi silenciar. Não decorreu muito tempo e Francisco voltava seguido de alguém. Tratava-se do companheiro encarnado a que Alexandre se referira. Não houve oportunidade para saudações. O orientador, tomando-lhe a destra, conduziu-o imediatamente à cabeceira do moribundo, dizendo-lhe com autoridade afetuosa: – Afonso, não temos um segundo a perder. Coloque ambas as mãos na frente do enfermo e

consERVE-SE em oração. O interpelado não pestanejou. Dando-me a impressão dum veterano em semelhantes serviços de assistência, parecia sumamente despreocupado de todos nós, fixando-se tão somente na obrigação a cumprir. Foi então que vi Alexandre funcionar como verdadeiro magnetizador. Recordando meus antigos trabalhos médicos nos casos extremos de transfusão de sangue, via-lhe perfeitamente o esforço de transferir vigorosos fluidos de Afonso para o organismo de Antônio, já moribundo. Na qualidade de discípulo, acentuando minhas faculdades de análise, junto de preciosa lição, observei que o semblante do enfermo se transformava gradualmente. À medida que o instrutor movimentava as mãos sobre o cérebro de Antônio, este revelava sinais crescentes de melhoras. Verificava, sob forte assombro, que a sua forma perispiritual reunia-se devagarzinho à forma física, integrando-se, harmoniosamente, uma com a outra, como se estivessem, de novo, em processo de reajustamento, célula por célula. Depois de um quarto de hora, segundo meu cálculo de tempo, estava finda a laboriosa intervenção magnética e Alexandre, chamando a velhinha, acentuou: – Justina, o coágulo acaba de ser reabsorvido e conseguimos socorrer a artéria com os nossos recursos, mas Antônio terá, no máximo, cinco meses a mais, de permanência na Terra. Se você pleiteou o auxílio de agora para ajudá-lo a resolver negócios urgentes, não perca as oportunidades, porque os reparos deste instante não perdurarão por mais de cento e cinquenta dias. E não se esqueça de preveni-lo, pelos processos intuitivos ao nosso alcance, quanto ao cuidado que deverá manter consigo mesmo no terreno das preocupações excessivas, mormente à noite, quando ocorrem os fenômenos desastrosos mais sérios de circulação, em vista da invigilância de muitas pessoas que se valem das horas sagradas do repouso físico para a criação de fantasmas cruéis, no campo vivo do pensamento. Se o nosso amigo se despreocupar da autocorrigenda, talvez desencarne antes dos cinco meses. Toda a cautela é indispensável. A genitora agradeceu, comovida, em lágrimas de contentamento. Alexandre recomendou ao “socorrista” encarnado que retirasse as mãos de sobre a fronte do enfermo e vi, então, o inesperado. O doente grave, reintegrado nas funções orgânicas, com a harmonia possível, abriu os olhos físicos, como se estivesse profundamente embriagado, e começou a gritar estentoricamente: – Socorro! Socorro!... Acudam-me por amor de Deus! Eu morro, eu morro!... Algumas jovens acorreram, espantadas e trêmulas, em roupas brancas, percebendo-se que as filhas carinhosas e sensíveis vinham atender ao pai ansioso. – Papai! Papai! – exclamavam, lacrimosas – que foi isto? – Estou morrendo! – clamava o enfermo, em voz pungente – chamem o médico... Depressa! – Mas que sente, papai? – perguntou uma delas, em pranto

convulso. – Sinto-me morrer, tenho a cabeça tonta, incapaz de raciocinar... Grande era a azáfama dos encarnados que passavam por nós em bulha indescritível, atropelando-se uns aos outros, sem o mais leve traço de consciência a respeito da nossa presença ali. Alexandre solicitou ao Irmão Francisco fornecesse instruções a Afonso para que este regressasse ao lar e, depois da providência, dispôs-se a retirar e disse-me sorrindo, diante da estranheza que a atitude alarmante das moças me causava: – Geralmente, quando os nossos amigos encarnados gritam, chorosos, por socorro, nosso serviço de assistência já se encontra completo. Partamos. O doente, semilúcido, prosseguia inquieto, enquanto o telefone tilintava, cooperando para a imediata visita do médico. A velhinha despediu-se de nós, comovedoramente, permanecendo junto do enfermo, velando, devotada e humilde.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 7)

“Passes. [...] Nesse momento, aproximou-se um dos companheiros em serviço, pedindo a cooperação de Alexandre em determinado setor. Ele atendeu, gentil. No entanto, antes de separar-se de mim, conduziu-me ao reduzido grupo de entidades que se encarregavam dos passes e, apresentando-me ao amigo que chefiava o trabalho, explicou, generoso: – Anacleto: nosso irmão André Luiz, que exerceu funções de médico na última experiência terrestre, estimaria receber alguns esclarecimentos, quanto aos serviços de sua especialidade. Desde já, agradeço tudo o que você fizer por ele. O diretor daquele departamento de auxílio acolheu-me fraternalmente e, fosse porque estava em trabalho ativo ou porque se dava a poucas palavras, convidou-me, sem perda de tempo, às observações diretas das atividades sob sua chefia. Delicadamente, colocou-me ao lado de uma senhora respeitável, que se localizara à mesa, não longe do orientador da casa. – Vejamos esta irmã – exclamou Anacleto, prontificando-se ao auxílio afetuoso –, observe-lhe o coração e, principalmente, a válvula mitral. Detive-me em acurado exame da região mencionada e, efetivamente, descobri a existência de tenuíssima nuvem negra, que cobria grande extensão da zona indicada, interessando ainda a válvula aórtica e lançando filamentos quase imperceptíveis sobre o nódulo sino-auricular. Expus ao novo amigo minhas observações, ao que me respondeu: – Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que lhe intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais. Se a mente da criatura encarnada ainda não atingiu a disciplina das emoções, se alimenta paixões que a desarmonizam com a realidade, pode, a qualquer momento, intoxicar-se com as emissões mentais daqueles com quem convive e que se encontrem no mesmo estado de desequilíbrio. Às vezes, semelhantes

absorções constituem simples fenômenos sem maior importância; todavia, em muitos casos, são suscetíveis de ocasionar perigosos desastres orgânicos. Isto acontece, mormente quando os interessados não têm vida de oração, cuja influência benéfica pode anular inúmeros males. Indicou o coração de carne da irmã presente e continuou: – Esta amiga, na manhã de hoje, teve sérios atritos com o esposo, entrando em grave posição de desarmonia íntima. A pequena nuvem que lhe cerca o órgão vital representa matéria mental fulminatória. A permanência de semelhantes resíduos no coração pode ocasionar-lhe perigosa enfermidade. Atendamos ao caso. Sempre sob minha observação, Anacleto assumiu nova atitude, dando-me a entender que ia favorecer suas expansões irradiantes e, em seguida, começou a atuar por imposição. Colocou a mão direita sobre o epigástrico da paciente, na zona inferior do esterno e, com surpresa, notei que a destra, assim disposta, emitia sublimes jatos de luz que se dirigiam ao coração da senhora enferma, observando-se nitidamente que os raios de luminosa vitalidade eram impulsionados pela força inteligente e consciente do emissor. Assediada pelos princípios magnéticos postos em ação, a reduzida porção de matéria negra, que envolvia a válvula mitral, deslocou-se vagarosamente e, como se fora atraída pela vigorosa vontade de Anacleto, veio aos tecidos da superfície, espalhando-se sob a mão irradiante, ao longo da epiderme. Foi então que o magnetizador espiritual iniciou o serviço mais ativo do passe, alijando a maligna influência. Fez o contato duplo sobre o epigástrico, erguendo ambas as mãos e descendo-as, logo após, morosamente, através dos quadris até os joelhos, repetindo o contato na região mencionada e prosseguindo nas mesmas operações por diversas vezes. Em poucos instantes, o organismo da enferma voltou à normalidade.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“**Passes.** [...] O novo companheiro dirigiu-se a diferente setor. Postávamo-nos, agora, ao lado de um cavalheiro idoso, para cujo organismo Anacleto me reclamou atenção. Analisei-o acuradamente. Com assombro, notei-lhe o fígado profundamente alterado. Outra nuvem, igualmente muito escura, cobria grande parte do órgão, compelindo-o a estranhos desequilíbrios. Toda a vesícula biliar permanecia atingida. E via-se, com nitidez, que os reflexos negros daquela pequena porção de matéria tóxica alcançavam o duodeno e o pâncreas, modificando o processo digestivo. Alguns minutos de observação silenciosa davam-me a conhecer a extrema perturbação de que o órgão da bile se sentia objeto. As células hepáticas pareciam presas de perigosas vibrações. Enderecei ao amigo espiritual meu olhar de admiração. – Observou? – disse ele, bondosamente – Toda perturbação mental é ascendente de graves processos patológicos. Afligir a

mente é alterar as funções do corpo. Por isso, qualquer inquietação íntima chama-se desarmonia e as perturbações orgânicas chamam-se enfermidades. Colocou a destra amiga sobre a fronte do cavalheiro e acrescentou: – Este irmão, portador dum temperamento muito vivo, está cheio dos valores positivos da personalidade humana. Tem atravessado inúmeras experiências em lutas passadas e aprendeu a dominar as coisas e as situações com invejável energia. Agora, porém, está aprendendo a dominar a si mesmo, a conquistar-se para a iluminação interior. Em semelhante tarefa, contudo, experimenta choques de vulto, porquanto, dentro de sua individualidade dominadora, é compelido a destruir várias concepções que se lhe figuravam preciosas e sagradas. Nesse empenho, os próprios ensinamentos do Cristo, que lhe serve de modelo à renovação, doem-lhe no íntimo como marteladas, em certas circunstâncias. Este homem, no entanto, é sincero e deseja, de fato, reformar-se. Mas sofre intensamente, porque é obrigado a ausentar-se de seu campo exclusivo, a caminho do vasto território da compreensão geral. No círculo dos conflitos dessa natureza, vem lutando, desde ontem, dentro de si mesmo, para acomodar-se a certas imposições de origem humana que lhe são necessárias ao aprendizado espiritual e, no esforço mental gigantesco, ele mesmo produziu pensamentos terríveis e destruidores, que segregaram matéria venenosa, imediatamente atraída para o seu ponto orgânico mais frágil, que é o fígado. Ele, porém, está em prece regeneradora e facilitará nosso serviço de socorro, pela emissão de energias benéficas. Não fosse a oração, que lhe renova as forças reparadoras, e não fosse o socorro imediato de nossa esfera, poderia ser vítima de doenças mortais do corpo. A permanência de matéria tóxica, indefinidamente, na intimidade deste órgão de importância vital, determinaria movimentos destruidores para os glóbulos vermelhos do sangue, complicaria as ações combinadas da digestão e perturbaria, de modo fatal, o metabolismo das proteínas. Anacleto fez uma pausa mais longa, sorriu cordialmente e acentuou: – Isto, porém, não acontecerá. Na luta titânica em que se empenha consigo mesmo, a vontade firme de acertar é a sua âncora de salvação. Permanecia tão surpreso com o ensinamento que não ousei dirigir-lhe qualquer interrogação. Anacleto continuou de pé e aplicou-lhe um passe longitudinal sobre a cabeça, partindo do contato simples e descendo a mão, vagarosamente, até à região do fígado, que o auxiliador tocava com a extremidade dos dedos irradiantes, repetindo-se a operação por alguns minutos. Surpreendido, observei que a nuvem, de escura, se fizera opaca, desfazendo-se, pouco a pouco, sob o influxo vigoroso do magnetizador em missão de auxílio. O fígado voltou à normalidade plena.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“Passes. [...] Mais alguns minutos e nos encontramos diante de uma senhora grávida, em sérias condições de enfraquecimento. Anacleto deteve-se mais respeitoso. – Aqui – disse ele, sensibilizado – temos uma irmã altamente necessitada de nossos recursos fluídicos. Profunda anemia invade-lhe o organismo. Em regime de subalimentação, em virtude das dificuldades naturais que a rodeiam de longo tempo, a gravidez constitui para ela um processo francamente doloroso. O marido é parcamente remunerado e a esposa é obrigada a vigílias, noite adentro, a fim de auxiliá-lo na manutenção do lar. A prece, porém, não representa para este coração materno tão-somente um refúgio. A par de consolações espontâneas, ela recolhe forças magnéticas de substancial expressão que a sustentam no presente drama biológico. Em seguida, indicou a região do útero e ponderou: – Observe as manchas escuras que cercam a organização fetal. Efetivamente, aderindo ao saco de líquido amniótico, viam-se microscópicas nuvens pardacentas vagueando em várias direções, dentro do sublime laboratório de forças geradoras. Dando-me a perceber seu fundo conhecimento da situação, Anacleto continuou: – Se as manchas atravessarem o líquido provocarão dolorosos processos patológicos em toda a zona do epiblasto. E o fim da luta será o aborto inevitável. Comovidíssimo, contemplei o quadro divino daquela mãe sacrificada, unida à organização espiritual daquele que lhe seria o filho no porvir. Foi o chefe da assistência magnética que me arrebatou daquela silenciosa admiração, explicando: – Não obstante a fé que lhe exorta o caráter, apesar dos seus mais elevados sentimentos, nossa amiga não consegue furtar-se, de todo, à tristeza angustiosa, em certas circunstâncias. Há seis dias permanece desalentada, aflita. Dentro de algum tempo, o esposo deve resgatar um débito significativo, faltando-lhe, porém, os recursos precisos. A pobre senhora, contudo, além de suportar a carga de pensamentos destruidores que vem produzindo, é compelida a absorver as emissões de matéria mental doentia do companheiro, que se apoia na coragem e na resignação da mulher. As vibrações dissolventes acumuladas são atraídas para a região orgânica, em condições anormais e, por isso, vemo-las congregadas como pequeninas nuvens em torno do órgão gerador, ameaçando, não só a saúde maternal, mas também o desenvolvimento do feto. Estupefato ante os novos ensinamentos, reparei que Anacleto chamou um dos auxiliares, recomendando-lhe alguma coisa. Logo após, muito cuidadosamente, atuou por imposição das mãos sobre a cabeça da enferma, como se quisesse aliviar-lhe a mente. Em seguida, aplicou passes rotatórios na região uterina. Vi que as manchas microscópicas se reuniam, congregando-se numa só, formando pequeno corpo escuro. Sob o influxo magnético do auxiliador, a reduzida bola

fluídico-pardacenta transferiu-se para o interior da bexiga urinária. Intensificando-me a admiração, o novo companheiro, dando os passes por terminados, esclareceu: – Não convém dilatar a colaboração magnética para retirar a matéria tóxica de uma vez. Lançada no excretor de urina, será alijada facilmente, dispensando a carga de outras operações. Foi então que se aproximou de Anacleto o servidor a quem me referi, trazendo-lhe uma pequenina ânfora que me pareceu conter essências preciosas. O orientador do serviço tomou-a, zeloso e falou: – Agora, é preciso socorrer a organização fetal. A alimentação da genitora, por força de circunstâncias que independem de sua vontade, tem sido insuficiente. Anacleto retirou do vaso certa porção de substância luminosa, projetando-a nas vilosidades uterinas, enriquecendo o sangue materno destinado a fornecer oxigênio ao embrião. Expressando minha profunda admiração pelo concurso eficiente de que fora testemunha, considerou o generoso auxiliador: – Não podemos abandonar nossos irmãos na carne ao sabor das circunstâncias, mormente quando procuram a cooperação precisa através da prece. A oração, elevando o nível mental da criatura confiante e crente no Divino Poder, favorece o intercâmbio entre as duas esferas e facilita nossa tarefa de auxílio fraternal. Imensos exércitos de trabalhadores desencarnados se movimentam em toda parte, em nome de Nosso Pai. Em vista disto, meu irmão, o homem de bem encontrará, depois da morte do corpo, novos mundos de trabalho que o esperam e onde desenvolverá, infinitamente, o amor e a sabedoria, de que possui os germens no coração.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“Passes. [...] Em seguida, Anacleto passou a atender um cavalheiro, cujos rins pareciam envolvidos em crepe negro, tal a densidade da matéria mental fulminante que os cercava. Aplicou-lhe passes longitudinais, com muito carinho, e, finda a operação, observou-me: – Um dia, compreenderá o homem comum a importância do pensamento. Por agora, é muito difícil revelar-lhe o sublime poder da mente.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 19)

“Reparei que Jerônimo e Aristeu passaram a aplicar passes longitudinais no enfermo, observando que deixavam as substâncias nocivas à flor da epiderme, abstando-se de maior esforço para alijá-las de vez. Finda a operação, indaguei dos motivos que os levavam a semelhante medida. – Está muito enfraquecido, agonizando quase – informou o meu dirigente –, e fazemos o possível por beneficiá-lo, sem lhe aumentar o cansaço. As substâncias retidas nas paredes da pele serão absorvidas pela água magnetizada do banho, a ser usado em breves minutos. Efetivamente, atendendo à influência dos amigos espirituais, que lhe davam intuições indiretamente, Fábio dirigiu-se à esposa, expressando o desejo de leve banho morno,

no que foi atendido em reduzidos instantes. Jerônimo e Aristeu ministraram à água pura certos agentes de absorção e ampararam a dedicada senhora, que, por sua vez, auxiliou o marido a banhar-se, como se estivesse satisfazendo o desejo de uma criança. Notei, admirado, que a operação se fizera acompanhar de salutaríssimos efeitos, surpreendendo-me, mais uma vez, ante a capacidade absorvente da água comum. A matéria fluídica prejudicial fora integralmente retirada das glândulas sudoríparas. Terminado o banho, o enfermo voltou ao leito, em pijama, de fisionomia confortada e espírito bem-disposto. Algumas fricções de álcool, levadas a efeito, completaram-lhe a melhora fictícia.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 16)

“**Serviço de passes.** [...] Sem descurar dos nossos objetivos de estudo, Áulus considerou a conveniência de nosso contato direto com o serviço em ação. Seria interessante para nós a auscultação de algum dos casos em foco. Para isso, aproximou-se de idosa matrona que acabava de entrar, à cata de auxílio e, com permissão de Conrado, convidou-nos a examiná-la com cuidado possível. A senhora, aguardando o concurso de Clara, sustentava-se dificilmente de pé, com o ventre volumoso e o semblante dolorido. – Observem o fígado! Utilizando-nos dos recursos ao nosso alcance, passamos a analisar. Realmente, o órgão mencionado demonstrava a dilatação característica das pessoas que sofrem de insuficiência cardíaca. As células hepáticas pareceram-me vasta colmeia, trabalhando sob enorme perturbação. A vesícula congestionada impeliu-me a imediata inspeção do intestino. A bile comprimida atingira os vasos e assaltava o sangue. O colédoco interdito facilitava o diagnóstico. Ligeiro exame da conjuntiva ocular confirmava-me a impressão. A icterícia mostrava-se inofismável. Após ouvir-me, Conrado reafirmou: – Sim, é uma icterícia complicada. Nasceu de terrível acesso de cólera, em que nossa amiga se envolveu no reduto doméstico. Rendendo-se, desarvorada, à irritação, adquiriu renitente hepatite, da qual a icterícia é a consequência. – E como será socorrida? Conrado, impondo a destra sobre a fronte da médium, comunicou-lhe radiosa corrente de forças e inspirou-a a movimentar as mãos sobre a doente, desde a cabeça até o fígado enfermo. Notamos que o córtex encefálico se revestiu de substância luminosa que, descendo em fios tenuíssimos, alcançou o campo visceral. A senhora exibiu inequívoca expressão de alívio, na expressão fisionômica, retirando-se visivelmente satisfeita, depois de prometer que voltaria ao tratamento. Hilário fixou os olhos interrogadores no Assistente que nos acompanhava, solícito e indagou: – Nossa irmã estará curada? – Isso é impossível – acentuou Áulus, paternal –; temos aí órgãos e vasos comprometidos. O tempo não pode ser desprezado na solução.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 17)

“Sob a atenção de Clarindo e Leonel que nos seguiam, surpresos, convocou-nos, a Hilário e a mim, para o socorro imediato. Determinando permanecêsemos ambos em oração, com a destra colada ao cérebro da doente, começou a fazer operações magnéticas excitantes sobre o colo uterino. Substância leitosa, qual neblina leve, irradiava-se-lhe das mãos, espalhando-se sobre todos os escaninhos do aparelho genital. Decorridos alguns minutos de pesada expectativa, surgiram contrações que, pouco a pouco, se acentuaram intensamente. Silas, atencioso, controlou a evolução do parto, até que o médico ingressou no recinto. Longe de registrar-nos a presença, sorriu, satisfeito, reclamando o concurso de competente enfermeira. A cesariana foi esquecida. Convidou-nos o Assistente ao regresso, informando-nos mais tranquilo: – O organismo de Laudemira reagiu brilhantemente. Esperamos possa continuar na obra que lhe compete, com o êxito necessário.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 10)

“**Passe magnético.** – *Como podemos encarar o passe magnético no campo espírita, do ponto de vista da medicina humana?* – Em verdade, para conseguirmos alguma ideia precisa no dicionário terreno, com respeito ao poder do fluído magnético, que constitui por si emanação controlada de força mental sob a alavanca da vontade, será interessante figurar o nosso veículo de manifestação como sendo o Estado Orgânico em que nos expressamos na condição de Espíritos imortais, em multifária graduação evolutiva. Semelhante esfera celular, para a nossa conceituação mais simples na técnica fraseológica das criaturas encarnadas, pode ser dividida em duas partes essenciais – o hemisfério visível ou campo somático e o hemisfério por enquanto invisível na Terra ao sensorio comum, ou campo psicossomático. No primeiro, temos o comboio fisiológico tangível, capaz de oferecer positivos elementos de estudo à perquirição histológica. No segundo, encontramos o perispírito da definição kardequiana, ou corpo espiritual, que preside a todas as formações do cosmo físico. Observando, assim, o carro de exteriorização da inteligência por um Estado Orgânico, perfeitamente estruturado em sua base e comportamento, é fácil interpretar-lhe os órgãos como províncias diferenciadas entre si, não obstante conjugadas em sintonia de ação para os mesmos fins, e apreciar-lhe os milhões de células como entidades microscópicas em comunidades distintas, como povos infinitesimais a se caracterizarem por atividades específicas. Representando o sistema hemático, no corpo humano, o conjunto das energias circulantes no psicossoma, energias essas tomadas pela mente, através da respiração, ao infinito reservatório do fluído cósmico, é para ele que se encontra intimamente associado ao estímulo nervoso ou aparelho de comunicação entre o governo do Estado simbólico a que nos referimos e suas províncias e

cidadãos – os órgãos e as células. Correspondendo a centros vitais do perispírito – que não podemos entender agora, por ausência de terminologia adequada entre os homens –, temos o eritrônio, o leucocitônio e o trombônio, tanto quanto o sistema reticuloendotelial e os gânglios linfáticos, dando nascimento, no plasma sanguíneo, às coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, dos trombócitos, dos macrófagos e dos linfócitos a se dividirem através de famílias numerosas, em trabalho incessante, desde as usinas geratrizes do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o estroma dos órgãos. Reconhecendo-se a capacidade do fluído magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do Estado Orgânico – particularmente as sanguíneas e as histiocitárias –, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda. Toda queda moral nos seres responsáveis opera certa lesão no hemisfério psicossomático ou perispírito, a refletir-se em desarmonia no hemisfério somático ou veículo carnal, provocando determinada causa de sofrimento. A dor, portanto, dessa ou daquela forma, é sempre uma situação de alarme ou emergência, mais ou menos durável no império orgânico, requisitando o socorro externo da medicina do corpo ou da alma, na execução do alívio ou da cura. Pelo passe magnético, no entanto, notadamente naquele que se baseie no divino manancial da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem para que essa vontade novamente ajustada à confiança magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico, nessa ou naquela contingência, se recomponha para o equilíbrio indispensável. Assim é que orar em nosso favor é atrair a Força Divina para a restauração de nossas forças humanas, e orar a benefício dos outros ou ajudá-los, através da energia magnética, à disposição de todos os Espíritos que desejem realmente servir, será sempre assegurar-lhes as melhores possibilidades de auto reajustamento, compreendendo-se, porém, que se o amor consola, instrui, ameniza, levanta, recupera e redime, todos estamos condicionados à justiça a que voluntariamente nos rendemos, perante a Vida Eterna, justiça que preceitua, conforme o ensinamento de Nosso Senhor Jesus-Cristo, seja dado isso ou aquilo a cada um segundo as suas próprias obras”, cabendo-nos recordar que as obras felizes ou menos felizes podem ser fruto de nossa orientação todos os dias e, por isso mesmo, todos os dias será possível alterar o

rumo de nosso próprio roteiro. – *Qual a velocidade da emissão fluidica de um passe?* – A questão envolve, na base, o estudo da partícula do pensamento, em sua composição de estrutura e potencial, para o que ainda não possuímos qualquer recurso nas definições humanas. Uberaba, 11/6/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 15)

“**CORPO ESPIRITUAL** [...] **Exteriorização dos centros vitais.** Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo físico vulgar, reconheceremos facilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

“Quando chegamos à Enfermaria onde fora alojado o novo paciente, o Dr. Vasconcelos, mui atentamente, procurava reanimá-lo de uma síncope sofrida momentos antes, em razão de uma brutal hemoptise, decorrente do agravamento da enfermidade com o transporte incômodo de que fora objeto. Tratava-se de um homem desgastado, com a tipologia do tísico tradicional, vítima da soez doença e de fatores outros socioeconômicos que contribuíram para o seu mais célere deperecimento orgânico. Deveria estar com trinta e cinco anos, aproximadamente, apesar da aparência envelhecida, debilitada. O médico aplicou-lhe uma substância estimulante, endovenosa, e outra para refazer-lhe as forças, providenciando colocação de soro fisiológico e sangue. Lentamente, o recém-chegado, transpirando em quantidade, recobrou a consciência, ainda pálido, sob visível emoção. Nesses comenos, vimos chegar a Irmã Angélica, que se acercou, saudou-nos e encarou o doente, como a penetrar-lhe o mundo interior, indevassável a uma observação menos acurada. — Graças a Deus! — respirou, aliviada — Ainda é possível auxiliar o nosso Valtércio. Ato contínuo, conclamou-nos à oração silenciosa, recorrendo ao auxílio psicoterápico do dedicado Bernardo, que o acudiu com passes de dispersão fluidica, a princípio, para, logo depois, em movimentos rítmicos, circulares, objetivando a área cardiopulmonar, revigorá-lo com energias especiais. A esse momento, o soro lhe estava sendo colocado e, quando terminou o concurso espiritual, podia-se notar-lhe os sinais de refazimento,

sob o palio de um sono restaurador, tranquilizante. O médico demonstrou satisfação ante o efeito do remédio de urgência, sem perceber a interferência oportuna e segura que procedia do nosso campo de ação. A transmissão de força fluídica e a absorção pelo doente das energias canalizadas pela oração constituíam-lhe, no momento, alta carga de recursos terapêuticos a estimularem os campos vitais encarregados de aglutinar e fomentar o surgimento das células para o milagre da saúde. — Agora ele repousará — asseverou a Benfeitora Espiritual — e isto lhe fará muito bem. Mesmo em face da gravidade do seu estado de saúde, poderemos intentar dispensar-lhe socorros, liberando-o, mesmo que parcialmente, da conjuntura espiritual negativa que o estiola. À noite, tomaremos providência a esse respeito, em hora que informaremos aos amigos.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 11)

“Socorros espirituais relevantes. [...] O pequeno enfermo, Gumerindo, era um Espírito querido, que reincitava a caminhada sob o peso de graves dívidas. Graças a isso, nasceu por intermédio de humilde senhora portadora de tuberculose pulmonar, que se poupava à alimentação para mais oferecer ao filhinho recém-chegado. Cliente da Casa, recebia ajuda, desde há algum tempo. Em pressentindo a aproximação da morte, ela rogara ao médium responsabilizar-se pelo filho, a fim de partir tranquila. Desse modo, restabeleceram-se os liames da afetividade entre o trabalhador do Evangelho e o candidato ao crescimento espiritual de volta à carne. Frágil, organicamente, sua saúde era periclitante, por mais de uma vez muito abalada e quase que tendo interrompida a vida física. Agora, com maior intensidade, os riscos da desencarnação se faziam presentes. Venceslau o pressentia e, por isso, empenhava-se na fervorosa oração, rogando misericórdia. Não se encorajava a pedir que fosse oferecido este ou aquele resultado. Entregava-se a Deus e suplicava amparo para o filhinho espiritual, semi-desfalecido. Ao lado da cama, a genitora desencarnada, de joelhos, conforme o hábito da religião que professara na sua humildade de mulher simples na Terra, igualmente, pedia pela permanência daquele a quem emprestara o corpo. A um sinal da Irmã Angélica, o médium Venceslau começou a aplicar passes de dispersão fluídica sob o comando psíquico de Bernardo, retirando as energias deletérias que o envenenavam, provenientes de pertinaz processo pneumônico resistente ao tratamento especializado. Observamos que o sensitivo, carregado de vibrações de alto teor, desembaraçava o frágil organismo do pequeno enfermo das correntes pesadas de energia negativa, ao mesmo tempo infundindo-lhe forças novas. Tornara-se um dínamo irradiante e ele próprio iluminara-se com uma tonalidade opalino-azulácea brilhante, que alcançava os centros coronário e cardíaco do paciente, irrigando

a corrente sanguínea e vitalizando as hemácias que passaram a adquirir a coloração que do médium se exteriorizava. A medida que o passe socorrista prosseguia, observamos que a febre começou a ceder e uma sudorese abundante foi-se alastrando por todo o pequeno corpo. A respiração passou, lentamente, ao ritmo da quase normalidade. Nesse momento, quando ficou concluída a terapia fluídica, vimos a Benfeitora desembaraçar o Espírito Gumerindo da teia material e desdobrá-lo, como ocorre nos processos do sono natural. Quase de imediato, ele assumiu a personalidade anterior de quando desencarnara no século passado, com idade aproximada de doze anos e, dirigido pela Mentora, acercou-se do médium que acompanhava a cena, falando-lhe comovido: — Necessito, paizinho, de prosseguir. Ajude-me com o seu amor, rogando ao Senhor que nos ampare os propósitos do bem, sustentando-nos na luta redentora. Abraçou-o, em lágrimas, e insistiu: — Rogue para que possamos ficar juntos por mais algum tempo... Balbuciou, então, uma breve e sentida oração, ungida de amor e rica de submissão à vontade de Deus, colocando-se à disposição dos Seus elevados desígnios. O médium, comovido, quanto nós outros, acompanhava a cena tocante e bela, irmanando-nos todos àquela rogativa de alta nobreza. Não havia, no ambiente, qualquer presença perturbadora ou infeliz. O quarto humilde se transformou num santuário de amor e fé onde pulsavam as harmonias da Espiritualidade. Concluída a oração, no silêncio que se fez natural, permanecemos em estado de paz psíquica fruindo a psicofera reinante, quando uma luz de tonalidade indescritível se adentrou pela parte superior da habitação, banhando o corpo da criança, adormecido no leito, e uma voz suave-doce fez-se ouvir: — O Senhor aquiesceu às vossas rogativas. Bendizei-O! Gumerindo permanecerá na Terra. A custo controlei a emoção, que me assaltou, de felicidade. Foi a Irmã Angélica quem rendeu graças, reconduzindo o Espírito Gumerindo ao corpo, não sem antes permitir-lhe oscular a genitora desencarnada, igualmente feliz e agradecida a Deus. Como que recebendo uma instrução telepática da Orientadora, o Dr. Arnaldo acercou-se do médium e recomendou-lhe trocar as roupas úmidas do paciente e do leito, aplicando-lhe uma substância para o caso, logo depois despertando-o para sorver um caldo quente, a fim de auxiliar o organismo depauperado. O servidor do Evangelho não sopitava o imenso júbilo que o invadia e, à medida que nos dirigimos a outros misteres, com acendrado carinho ele passou às providências recomendadas entre sorrisos e gratidões ao Pai. No silêncio de uma habitação, longe da hulha e das artificialidades mundanas, sem quaisquer parafernálias e tumultos, no refúgio da oração e sob recursos fluidoterápicos, fora travada uma grande batalha, na qual triunfara o amor, proporcionando ventura e

crescimento espiritual para o combatente que iniciava a marcha sob a bênção da reencarnação. Percebendo-me a emoção sem palavras, o gentil médico, em ligeiro comentário, referiu-se: — Quando aprendamos, realmente, desencarnados ou não, a recorrer à Providência Divina, jamais nos escassearão recursos para os cometimentos elevados. Fazendo parte do Todo Universal, em nossas individualidades, somos, também, porção ativa desse conjunto harmônico. De nós depende sempre a sintonia ou não com o equilíbrio geral, a fim de preservarmos a essência divina que nos sustenta e que deve ser desenvolvida a contributo do esforço e da tenacidade de cada qual. “Partícula de luz, que todos somos, nosso fanal é a Grande Luz, cuja potencialidade jaz em nós. O “pedi e dar-se-vos-á” não é uma alegoria, nem tampouco uma promessa vã, que permanece na mensagem evangélica, recordando Jesus. Trata-se de um dispositivo de segurança ao alcance de todos que saibam o que querem, para que o querem e como devem pedir, a fim de não colocar paixões sufocantes no lugar de necessidades reais, nem caprichos sustentados como sendo bases de apoio para a sobrevivência, porquanto, nem tudo o que queremos é sempre o de melhor para o nosso progresso real, que é de consequências eternas. Deve haver uma perfeita consciência de conteúdo do que se deseja, a fim de que se não extrapolem, nos pedidos, daquilo que é indispensável para o supérfluo, dó útil para o aparente. Foi o que acabamos de presenciar. Não houve qualquer imposição de quem quer que seja, senão a colocação de todos sob a vontade mais sábia, com a preferência da elevação, no pedido que fizemos, conseguindo-se, em consequência, o beneplácito de Deus.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 26)

“O auxílio de Bernardo, valioso, criara a predisposição para que o doente assimilasse, desta vez, outro tipo de fluidos procedentes do corpo físico sadio do sensitivo. Foi proferida uma oração de alto significado emocional, de que todos participamos e, ato contínuo, o médium, seguramente conduzido pela Irmã Angélica, deu início à operação socorrista. A princípio, com movimentos rítmicos e em direção longitudinal, desembaraçou o enfermo das energias absorvidas e dos miasmas venenosos que lhe empestavam o organismo, como a desintoxicar as células, facilitando-lhes a renovação. Foram mais cuidadosamente atendidos os centros coronário, cardíaco e gástrico, que exteriorizavam coloração escura e fluido pastosa, letal. Em seguida, passou a transferir-lhe as forças restauradoras, mediante a imposição das mãos nas referidas áreas que, lentamente foram absorvendo a energia salutar e mudando de cor, irradiando para todo o corpo as vibrações de reequilíbrio. Logo após, foi magnetizada a água, que lhe foi oferecida em pequena dose e se encerrou o labor da caridade fraternal. Argos foi aconselhado a

trocar de roupa, que estava úmida pelo suor abundante, a seguir com a medicação, e a repousar o mais possível, tanto física, como mentalmente. A palavra calma, repassada de bondade e de confiança do médium, que lhe informava serem aquelas instruções apresentadas pela Benfeitora, fizeram-lhe um grande bem, auxiliando-o a recuperar o alento e a adormecer, após atendidas as sugestões providenciais.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 27)

“**Futuros desafios.** Ficou estabelecido que as reuniões de socorro desobsessivo seriam hebdomádias, ocorrendo uma vez apenas, de modo que os médiuns pudessem manter-se vigorosos, na seara da luz. Simultaneamente, haveria duas reuniões de estudos de *O Livro dos Espíritos* e de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, propiciando aos pacientes melhorados e em fase de recuperação da lucidez melhor discernimento em torno dos problemas existenciais e da própria enfermidade que os vitimava. Outrossim, diariamente haveria passes precedidos da leitura de uma breve página consoladora com singelos comentários, predispondo os enfermos à captação e fixação das energias benéficas. Essa providência era de alta significação, porque além de propiciar renovação emocional, de beneficiar o raciocínio com novos conceitos otimistas a respeito da existência, faziam-se de relevante utilidade também para os seus exploradores psíquicos desencarnados, que os acompanhariam. No dia seguinte, foram organizadas as equipes de serviço sob a orientação do administrador da clínica e do Dr. Norberto, que revelara uma lucidez acima do esperado, no que diz respeito às questões do além-túmulo. [...] A aplicação dos passes magnéticos e espíritos ficou estabelecida para o horário matinal, após as providências de higiene e medicação dos pacientes, quando já houvessem recebido a visita psiquiátrica ou clínica, de acordo com as patologias de que eram portadores. Dois dias após a reunião de desobsessão, Dr. Ignácio convidou-nos a todos, para que participássemos do recurso terapêutico em pauta. [...] A hora avançava, quando começaram a chegar os companheiros encarnados responsáveis pela terapia bioenergética. Discretos e sérios, sentaram-se em silêncio, e cada qual tomou de algum livro que trazia ou de páginas mediúnicas que se encontravam impressas sobre a mesa, recolhendo-se à leitura e à reflexão. Logo depois, adentraram-se dois pacientes, mais ou menos equilibrados e, à medida que os minutos se sucediam, outros mais adentraram-se na sala, alguns acompanhados por enfermeiros e auxiliares de enfermagem, apresentando os sintomas típicos dos estados que vivenciavam. Um que outro exteriorizava inquietação, enquanto alguns pareciam distantes e indiferentes a tudo que se passava à sua volta. Às 10h, pontualmente, a irmã da

veneranda benfeitora da clínica, dona Isabel, assumiu a direção dos trabalhos, proferindo comovida oração de súplica aos céus em favor do cometimento espiritual que se iniciava. Ato contínuo, uma jovem leu uma página de delicada obra mediúnica, com muita oportunidade, após o que entreteceu ligeiros comentários, a fim de não cansar os pacientes. Logo depois, o pequeno grupo, constituído por seis pessoas, começou a aplicação dos passes, todos visivelmente inspirados pelos seus guias espirituais e por alguns de nós, atendendo a orientação do nosso diretor. Podia ver a assimilação dos fluidos por uns enfermos, enquanto outros geravam uma repelência, sem que, naquela primeira experiência pudessem beneficiar-se. Embora essa ocorrência, o que haviam ouvido, o ambiente onde respiravam, as harmonias que os envolviam se transformariam em benefícios que os alcançariam a longo prazo. Todo o ministério não excedeu a trinta minutos, após o que os pacientes retornaram aos seus quartos e enfermarias, ou ao solário e aos exercícios físicos. Os membros do trabalho ficaram por mais meia hora, aguardando algum retardatário, lendo, a meia voz, realizando vibrações em favor de todos, quando, então, com outra oração emocionada foi encerrado o labor.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 13)

IV.5. Passes com função anestésiante e indutora do sono

“Em seguida, permaneceu Calderaro longos minutos em vigorosas irradiações magnéticas, que, envolvendo a cabeça e a espinha dorsal do enfermo, se me afiguraram fortemente repousantes, porque, em breve, o doente, antes torturado, se abandonava a sono tranquilo, como se sorvera suavíssimo anestésico. Dentro em pouco se encontrava em nosso círculo, temporariamente afastado do veículo denso, tomado de pavor perante o verdugo implacável, que se mantinha sentado, impassível, num dos ângulos do leito.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“Antonina sorriu, em êxtase, a despeito do pranto que lhe rolava a flux. Observando o salutar efeito de suas palavras animadoras, Márcio acariciou-lhe os cabelos, murmurando: – Por que razão esperar os rebentos da carne para exemplificar o verdadeiro amor? Jesus não os teve e, no entanto, todos nos sentimos tutelados de sua infinita abnegação. Prometes, Antonina, modificar as disposições mentais doravante? A mulher digna e generosa, excelsa e cristã, olvida o mal e ama sempre... Comovidos, vimos a interlocutora ajoelhar-se de novo, e exclamar solenemente: – Comprometo-me a modificar minha atitude, em nome de Deus. Nesse instante, o emissário espalmou as mãos sobre a fronte da enferma, envolvendo-a em

jactos de luz que não tocaram tão somente a matéria perispiritica, mas se estenderam além, até no corpo denso, fixando-se particularmente nas zonas do encéfalo, do tórax e dos órgãos feminis. Logo após, Antonina, empolgada pela mãezinha e pelo companheiro da espiritualidade superior, afastou-se para agradável e repousante excursão. Incumbiu-se Calderaro de auxiliá-la a retomar o veículo pesado nas primeiras horas da manhã clara. Edificado com as observações da noite, regressei, em companhia dele, ao quarto da senhorita quase suicida. Entre as seis e sete horas, a genitora desencarnada trouxe a filha, em cuja fisionomia fulgurava ignota e incompreensível felicidade. O instrutor ajudou-a reapossar-se do envoltório fisiológico, cercando-lhe o cérebro de emanções fluídicas anestésiantes, para que lhe não fosse permitido o júbilo de recordar, em todas as suas particularidades, a experiência da noite; se guardasse a lembrança integral, disse Calderaro, provavelmente enlouqueceria de ventura. Destarte, as alegrias por ela intensamente vividas seriam arquivadas em seu organismo sob forma de forças novas, estímulos desconhecidos, coragem e satisfação de procedência ignorada. Com efeito, daí a minutos Antonina despertou, como que outra criatura; sentia-se inexplicavelmente reanimada, quase feliz. Um dos pequenos sobrinhos penetrou o aposento, chamando-a. A generosa tia contemplou-o, enlevada. Alguma energia prodigiosa, que lhe não era dado conhecer, religara-a ao interesse pela vida. Achou indizível contentamento no Sol que atravessava a vidraça, bendizia o quarto humilde onde lutava por atender aos desígnios de Deus e sorria-se de haver, na véspera, pensado em fugir, sem razão, ao aprendizado do mundo. Não fora aquinhoada pela Providência com maravilhoso número de bênçãos? Contemplou a encantadora criança pobremente vestida, a solicitar-lhe a companhia para descerem ao pequeno jardim, onde flores novas desabrochavam. Que importa insignificante malogro do coração diante dos trabalhos sublimes que poderia executar, na sua posição de mulher sadia e jovem? Os filhinhos da irmã não lhe pertenciam igualmente? Não seria mais nobre viver para ser útil, esperando sempre da Inesgotável Misericórdia? – Titia Antonina! Titia Antonina, vamos! Vamos ver a roseira nova! – gritava o trêfego menino de cinco anos, em alegre invite à vida. Observando-lhe a restauração das forças, vimo-la, sinceramente rejubilados, levantar-se a responder, sorrindo: – Espera! Já vou, meu filho!” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 13)

“Todavia, não houve mais tempo para qualquer outra divagação. Atingíramos no plano físico pequena moradia constituída de três peças desataviadas e estreitas. O relógio acusava alguns minutos depois de zero hora. Acompanhando Silas, cuja presença

deslocou diversas entidades da sombra que ali se ajuntavam com a manifesta intenção de perturbar, ingressamos num quarto humilde. Percebemos, sem palavras, que o problema era efetivamente desolador. Junto de jovem senhora agoniada e exausta, uma menina de dois a três anos choramingava, inquieta... Via-se-lhe nos olhos esgazeados e inconscientes o estigma dos que foram marcados por irremediável sofrimento ao nascer. Contudo, através da preocupação indisfarçável de Silas, era fácil reconhecer que a pobre senhora era o caso mais urgente para os nossos cuidados. A infeliz, de joelhos, beijava sofregamente a pequenina, mostrando a indefinível angústia dos que se despedem para sempre. Logo após, em movimento rápido, tomou de um copo em que se encontrava beberagem cujo teor tóxico não nos deixava qualquer dúvida. Antes, porém, de colá-lo à boca em febre, eis que o Assistente lhe disse em voz segura: – Como podes pensar na sombra da morte, sem a luz da oração? A desventurada não lhe ouviu a pergunta com os tímpanos de carne, mas a frase de Silas invadiu-lhe a cabeça qual rajada violenta. Lampejaram-lhe os olhos com novo brilho e o copo tremeu-lhe nas mãos, agora indecisas. Nosso orientador estendeu-lhe os braços, envolvendo-a em fluidos anestésicos de carinho e bondade. Marina, pois era ela a irmã para quem aflito coração materno suplicara socorro, dominada de novos pensamentos, recolocou o perigoso recipiente no lugar primitivo e, sob a vigorosa influência do diretor de nossa excursão, levantou-se automaticamente e estirou-se no leito, em prece... – “Deus meu, Pai de Infinita Bondade – implorou em voz alta –, compadece-te de mim e perdoa-me o fracasso! Não suporto mais... Sem minha presença, meu marido viverá mais tranquilo no leprosário e minha desventurada filhinha encontrará corações caridosos que lhe dispensem amor... Não tenho mais recursos... Estou doente... Nossas contas esmagam-me... Como vencer a enfermidade que me devora, obrigada a costurar sem repouso, entre o marido e a filhinha que me reclamam assistência e ternura?...” Silas administrava-lhe passes magnéticos de prostração e, induzindo-a a ligeiro movimento do braço, fez que ela mesma, num impulso irrefletido, batesse com força no copo fatídico, que rolou no piso do quarto, derramando o líquido letal. Em lágrimas copiosas, a pobre criatura insistiu, desolada: – Ó Senhor, compadece-te de mim!... Reconhecendo no próprio gesto impensado a manifestação de uma força estranha a entrar-lhe a possibilidade da morte deliberada naquele instante, passou a orar em silêncio, com evidente sinais de temor e remorso, atitude mental essa que lhe acentuava a passividade e da qual se valeu o Assistente para conduzi-la ao sono provocado. Silas emitiu forte jacto de energia fluídica

sobre o córtex encefálico dela, e a moça, sem conseguir explicar a si mesma a razão do torpor que lhe invadia o campo nervoso, deixou-se adormecer pesadamente, qual se houvera sorvido violento narcótico. [...] Nesse instante, a irmã Luísa penetrou no recinto, entre deprimida e ansiosa. Inteirou-se de todas as ocorrências e agradeceu, enxugando as lágrimas. Silas, no entanto, interessado em conduzir o socorro até ao fim, administrou novos recursos magnéticos à mãezinha debilitada, e então presenciamos um quadro inesquecível. Marina ergueu-se em Espírito sobre o corpo somático e pousou em nós o olhar vago e inexpressivo... Nosso diretor, porém, como a despertar-lhe as percepções do Espírito, afagou-lhe as pupilas, com as mãos aureoladas de fluidos luminescentes e, de repente, à maneira do cego que retorna à visão, a pobre criatura viu a genitora que lhe estendia os braços amigos e carinhosos. Com lágrimas a lhe correrem dos olhos, refugiou-se-lhe no regaço, gritando de alegria: – Mãe! Minha mãe!... Pois és tu? Luísa acolheu-a docemente no colo afetoso, qual se o fizesse a uma criança doente e, mal reprimindo a emoção, falou-lhe, triste: – Sim, filha querida, sou eu, tua mãe!... Rendamos graças a Deus por este minuto de entendimento. [...] – Mãe querida, perdoa-me! Perdoa-me!... Luísa ergueu-a com esforço e, dando-nos ideia dos calvários maternos que costumam prender as grandes mulheres depois da morte, conduziu-a em passos vacilantes até à criança enferma e, acarinhando a fronte da pequenina, empapada de suor, implorou, humilde: – Filha querida, não procures a porta falsa da deserção... Vive para tua filhinha, como permite o Senhor possa eu continuar vivendo por ti!... A moça, renovada, rojou-se sobre a menina triste, mas, como se a emotividade daquela hora lhe sufocasse a mente desperta, foi repentinamente atraída pelo corpo de carne, como o grânulo de ferro pelo ímã, e vimo-la acordar, em pranto copioso, bradando, inconsciente: – Minha filha!... Minha filha!... O Assistente, respeitoso, despediu-se de Luísa e afirmou: – Louvado seja Deus! Nossa Marina ressurgiu, transformada.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 12)

“O irmão Saturnino, semi-incorporado no venerando doutrinador, ergueu-o, e, dirigindo-se ao perturbador-perturbado, em oração, começou a aplicar-lhe passes, de modo a diminuir-lhe as agudíssimas exulcerações e torturas. Branda claridade envolveu o comunicante, enquanto as mãos de Saturnino, justapostas às de Petitinga, como depósitos de radiosa energia, que também se exteriorizava do plexo cardíaco do passista, lentamente penetrou os centros de força do desencarnado, como a anestesiá-lhe a organização perispiritual em desalinho. Com voz compassiva, o diretor dos trabalhos começou a exortar: Durma, durma, meu irmão... O sono far-lhe-á

bem. Procure tudo esquecer para somente lembrar-se de que hoje é novo dia... Durma, durma, durma... Banhado pela energia balsamizante e dominado pelas vibrações hipnóticas que fluíam de Saturnino através de Petitinga, o perseguidor foi vencido por estranho torpor, sendo desligado do médium por devotados assessores desencarnados, que cooperavam no serviço de iluminação.” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 1)

“Atentos às instruções do Orientador Espiritual, acercamo-nos do sofredor em desvario e aplicamos-lhe passes cuidadosos, anestésiantes. A Entidade que fora acometida de grande surpresa, ao ouvir enunciado o nome de Jesus Cristo, recebeu a vibração mental que o acompanhava e lembrou-se, momentaneamente, do Crucificado. Pela mente aturdida, repassaram algumas impressões das oleogravuras que conhecera na Terra e estremeceu, receoso. Com os recursos que lhe aplicáramos, experimentou rápido colapso da palavra, dos sentidos e, enquanto o Evangelizador falava sobre a grandeza do Cristo de Deus, impregnando o sofrido perseguidor, este adormeceu e foi retirado, inconsciente. Reincorporando o Mentor abnegado para complementar a reunião com instruções oportunas concernentes ao próximo labor, após a prece produzida em clima de júbilos e esperanças, foi a mesma encerrada sob eflúvios de energias saturadas de forças benéficas.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 16)

IV.6. Passes para recordação do passado (reativação da memória perispiritual)¹¹

“Clarêncio, logo após a oração, começou a aplicar-lhe forças magnéticas no campo cerebral. O paciente revelou-se mais intensamente abatido. A cabeça pendeu-lhe sobre o peito, desgovernada e sonolenta. Fitando-nos de modo significativo, o Ministro ponderou: – A corrente de força devidamente dinamizada no passe magnético arrancá-lo-á da sombra anestésiante da amnésia. Poderemos, então, sondar-lhe o íntimo com mais segurança. Assistido por nossos recursos, a memória dele regredirá no tempo, informando-nos quanto à causa que o retém junto da neta, aclarando-nos, ainda, sobre prováveis ligações que nos conduzirão à chave do socorro, a benefício dele mesmo. – Mas o retrocesso das recordações poderá verificar-se de improviso? – indagou Hilário, perplexo. – Sem dúvida – respondeu o instrutor –, a memória pode ser comparada a placa sensível que,

ao influxo da luz, guarda para sempre as imagens recolhidas pelo espírito, no curso de seus inumeráveis aprendizados, dentro da vida. Cada existência de nossa alma, em determinada expressão da forma, é uma adição de experiência, conservada em prodigioso arquivo de imagens que, em se superpondo umas às outras, jamais se confundem. Em obras de assistência, qual a que desejamos movimentar, é preciso recorrer aos arquivos mentais, de modo a produzir certos tipos de vibração, não só para atrair a presença de companheiros ligados ao irmão sofredor que nos propomos socorrer, como também para descerrar os escaninhos da mente, nas fibras recônditas em que ela detém as suas aflições e feridas invisíveis. – Quer dizer então que... A frase de Hilário, porém, se lhe apagou nos lábios, porque o Ministro atalhou, completando-lhe a conceituação: – A mente, tanto quanto o corpo físico, pode e deve sofrer intervenções para reequilibrar-se. Mais tarde, a ciência humana evolverá em cirurgia psíquica, tanto quanto hoje vai avançando em técnica operatória, com vistas às necessidades do veículo de matéria carnal. No grande futuro, o médico terrestre desentranhará um labirinto mental, com a mesma facilidade com que atualmente extrai um apêndice condenado. Hilário arregalou os olhos, espantado e feliz. E exclamou, em voz quase gritante: – Ah! Freud, como viste a verdade!..., Como detinhas a razão!... O orientador fixou-o, paternalmente e aduziu: – Freud vislumbrou a verdade, mas toda verdade sem amor é como luz estéril e fria. Não bastará conhecer e interpretar. É indispensável sublimar e servir. O grande cientista observou aspectos de nossa luta espiritual na senda evolutiva e catalogou os problemas da alma, ainda encarcerada nas teias da vida inferior. Assinalou a presença das chagas dolorosas do ser humano, mas não lhes estendeu eficiente bálsamo curativo. Fez muito, mas não o bastante. O médico do porvir, para sanar as desarmonias do espírito, precisará mobilizar o remédio salutar da compreensão e do amor, retirando-o do próprio coração. Sem mão que ajude, a palavra erudita morre no ar. O Ministro, contudo, calou-se, dando-nos a entender que o momento não comportava digressões filosóficas. Acariciou, ainda por alguns instantes, a cabeça do ancião e, em seguida, chamou-o, de manso: – Leonardo, recorda! Volta ao Paraguai, onde adquiriste o remorso que hoje te retalha o coração! A dor, quase sempre, é culpa sepultada dentro de nós... Retrocedamos ao ponto inicial de teu sofrimento!... Recorda! Recorda!... O velhinho, diante de nosso intraduzível assombro, acordou de olhos transtornados. Ergueu a

¹¹ Vide Subcapítulo V.3 (“Regressão da memória para análise mental e conscientização terapêutica”), Capítulo V (“Tratamento dispensado pelos espíritos”), Sexta Parte (“Medicina Espiritual - Terapias Espíritas”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

fronte, mas seu rosto alterara-se de maneira sensível. Sustentava iniludivelmente os traços fundamentais, mas fizera-se mais jovem. Registrando a surpreendente transfiguração, Hilário interferiu, perguntando: – Oh! Que força mágica será esta? Nosso orientador fitou-o, sereno e esclareceu: – Não nos esqueçamos de que temos diante de nós o veículo espiritual, por excelência vibrátil. O corpo da alma modifica-se, profundamente, segundo o tipo de emoção que lhe flui do âmago. Isso, aliás, não é novidade. Na própria Terra, a máscara física altera-se na alegria ou no sofrimento, na simpatia ou na aversão. Em nosso plano, semelhantes transformações são mais rápidas e exteriorizam aspectos íntimos do ser, com facilidade e segurança, porque as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensivos que as moléculas do corpo carnal. A consciência, por fulcro anímico, expressa-se, desse modo, na matéria sutil com poderes plásticos mais avançados.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 13)

“Saturnino solicitou a Ambrósio que aplicasse recursos magnéticos nos centros coronário e cerebral de Mariana, de modo a despertar-lhe o passado adormecido nas telas da memória. Ativados os chakras (*), através dos passes habilmente aplicados, a paciente desdobrada parcialmente pelo sono físico pareceu sofrer um delíquio para logo modificar a expressão semelhante a alguém que acorda após demorado sono, no qual pesadelos cruéis houvessem tomado corpo destruidor... Do mal-estar momentâneo passou a um aspecto de desvario, através do qual as palavras fluíam ora no idioma de Mariana ora na língua de Aldegundes, para firmar-se nos vocábulos em que se exprimia esta última. Parecendo reconhecer Guilherme, o vigoroso perseguidor, estremeceu, olhando-o, esgazeada, como se desejasse fugir. Lentamente se lhe transfigurou o semblante que adquiria as características fisiológicas de harleniense do passado. Eram visíveis os sinais da loucura que dela se apossara nos últimos dias da existência física. Do descontrole inicial passou à mortificação, libertando-se dos braços acolhedores de dona Rosa e arrojando-se aos pés do antigo esposo, a rogar-lhe perdão, em lancinantes, agoniados apelos. [...] [(*) Chakra é uma palavra sânscrita que significa roda — Nota do Autor espiritual]” (MPM, *Nos bastidores da obsessão*, Capítulo 3)

“O jovem espraiou o olhar pelo recinto e, ao defrontar a sofredora incorporada, que podia identificar, apesar de perceber, também, o médium, pôs-se a tremer; tentou fugir, no que foi detido, e indagou, apavorado: — Que faz o monstro aqui? Tenho que fugir... — Ninguém foge da consciência culpada, meu filho. Tu a vês, porque ela está insculpida igualmente em tua memória. — Ela persegue-me e deseja matar-me. Eu lhe tenho horror. — Sabemos disso.

No entanto, ela é o que lhe fizeste. Tua irmã, converteste-a num monstro, pelo que lhe infligiste. Nem sempre foi assim a sua forma ou a sua maneira de ver. Recorda-te conosco. Recua no tempo e a encontrarás.... Aplicando-lhe passes de despertamento da memória, o Médico Espiritual fê-lo recuar, no mergulho interior, a fim de encontrar a razão da desdita, por ele mesmo provocada. Enquanto isto se dava, ocorria uma metamorfose na sua face, transfiguração que lhe repetia a estrutura anterior quando, no passado, soberbo e frio, recebeu um grupo de escravos recém-chegados da África [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 13)

“Despertando Lício e o tio, a irmã Emerenciana pediu-lhes atenção e serenidade. O primeiro recobrou a lucidez rapidamente, enquanto o outro, embriagado pelos fluidos deletérios que absorvera, apesar daqueles com finalidade relaxante que o Mentor lhe aplicara, apresentou-se amargo, perturbado. Assistência especial foi-lhe providenciada, após o que pareceu adquirir o equilíbrio. Surpreendeu-se de encontrar o sobrinho e, ato contínuo, os demais circunstantes que lhe causaram estranheza. — Desejais entender a trama dos vossos destinos — ponderou o Dirigente, calmo —, e aqui nos encontramos para tanto. Tende tento e observai, aproveitando-vos deste magno momento que vos definirá o futuro. Conhecendo os propósitos do Mentor, a irmã Emerenciana aproximou-se do jovem e, aplicando-lhe energias no centro cerebral, pediu com rigorosa inflexão de voz: Annette, volte à sua realidade. Recorde-se. Reviva o matrimônio, seu momento culminante, a festa anelada..., à tarde-noite de sonho, que se converteria em pesar. Lembre-se do seu consórcio com Filipe. Evoque tudo... Vimos o jovem cerrar os olhos, debater-se um pouco e mergulhar no passado, alterando-se-lhe a forma, que cedeu lugar à de uma jovem, pouco mais que adolescente, no apogeu da beleza juvenil. Vendo-a, o indigitado Espírito gritou: — Eis aí a criminosa! Qual o sortilégio que usou para retomar ao tempo da minha desgraça! Em nada mudou. Utilizando-se de recurso equivalente, a Benfeitora agiu sobre o Dr. Nicomedes, convocando-lhe a memória à ação: — Agora é sua vez, Henri. Você lá se encontrava. Retome ao passado, a fim de dar novo curso à sua atual existência. Pelo mesmo processo, o induzido assumiu a personalidade referida. Tratava-se de um homem com aproximadamente quarenta anos, trajando-se com elegância, ao costume do fim do século XVIII, em França. Sem poder conter-se, Filipe acusou: — Defronto o infelicitador do meu lar, que se uniu à desnaturada para destruir-me. — Até agora — declarou o Dr. Bezerra — somente acusaste. Ouçamos os outros, que têm algo a dizer. E voltando-se para Annette, propôs-lhe: — Fala, minha filha. Narra a tua desdita. [...]” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 15)

IV.7. Fluidoterapia para desligar obsessores e suas emanações tóxicas¹²

“Serviço de passes. [...] Obsidiados ganhavam ingresso no recinto, acompanhados de frios verdugos, no entanto, com o toque dos médiuns sobre a região cortical, depressa se desligavam, postando-se, porém, nas vizinhanças, como que à espera das vítimas, com a maioria das quais se reacomodavam, de pronto.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 17)

“Tomadas as providências para a incursão, foram aplicadas energias especiais no casal Santamaria, que somente recobrou a visão e a consciência quando nos encontrávamos no quarto das pacientes atormentadas. Antes, haviam sido destacados pelo Benfeitor dois dedicados enfermeiros que tinham a tarefa de afastar da cela hospitalar os Espíritos frívolos, não vinculados ao quadro reparador da alienada, trabalhando, no recinto, de modo a torná-lo condigno ao mister em pauta. Não obstante a medida acautelatória, o local transudava miasmas, e substância pastosa, perniciosa ali se demorava, como resultante do vampirismo reinante em processo dominador. Providenciados recursos defensivos para o quarto, impedindo a invasão da pequena área pelos comensais do desespero, e colocados os visitantes próximos à filha que dormia, inquieta, o Diretor Espiritual orou comovida súplica que a todos nos permeou de vibrações renovadoras. O ambiente sombrio, a pouco e pouco, se foi clarificando com diáfana luz, que parecia possuir desconhecidas potencialidades de desagregação das moléculas pestilenciais que impregnavam a atmosfera interna. Acercando-se da obsidiada e aplicando-lhe vigorosos passes de dispersão fluídica, o Benfeitor desprende a Entidade perturbadora, que, por sua vez, era teledirigida por outras mentes situadas distantes do Hospital. O Espírito perseguidor, ignorante e iracundo, viu-se contido e impossibilitado de maior reação pelos envoltórios magnéticos que o detinham, como consequência dos recursos de que se utilizava o Instrutor. No entanto, colhido pela surpresa, blasfemava, hórrido e atormentado, proferindo ameaças, com que pretendia exterminar a doente, desforçando-se do genitor da mesma. Sem permitir-se piedade injustificada ou impaciência negativa, o diligente Bezerra deu prosseguimento, inalterável, ao ministério, objetivando desdobrar Ester para o encontro com os pais, na esfera espiritual, em cujo ensejo lhe seria aplicada terapêutica especial de esclarecimento, que constituiria o passo significativo para os empreendimentos porvindouros.

Atuando nos centros cerebral e coronário, donde emanavam fluídos dissolventes ali condensados e vitalizados desde o início da agressão obsessiva, Ester-espírito deslocou-se do corpo somático, perfeito símile deste, no qual se notavam as mesmas debilidades do outro: aparência maltratada, vestes andrajosas, descuidadas, desgaste... Não dispondo a jovem do mecanismo mental que aciona a conformação do corpo perispiritual em face ao desequilíbrio que a vitimava, este retratava os condicionamentos da organização física a que se imantava, absorvendo-lhe as imposições determinantes. Fenômeno consentâneo ocorre quando o Espírito, acostumado às construções superiores da Vida, não obstante reencarnado em uma forma grotesca ou desgastada pelo sofrimento, ao desprender-se, assume aparência harmoniosa e luminífera, por ser o soma dirigido pela mente que extrai do psicossoma os progressos, as conquistas morais que nele imprimem as linhas de equilíbrio, beleza e fluidez. Desperta do sono provocado, Ester-espírito se deu conta da presença dos progenitores, atirando-se ao regaço maternal, que a acolheu carinhosamente. Lágrimas espontâneas, incontroláveis, expressavam a alegria daquele momento. O Coronel, ansioso, envolveu a esposa e a filha num só amplexo de ternura e saudade, demoradamente contidas, deixando extravasar os sentimentos de dor e de amor desde há muito represados. — É um sonho, mamãe! — Exclamou a jovem, parcialmente lúcida, cansada. — É um sonho celeste, papai! Meu Deus, meu Deus, não me permita acordar jamais!... D. Margarida, por ser dotada de maior sensibilidade do que o esposo, passou a receber o poderoso influxo mental de Bezerra de Menezes, que, num abençoado processo telepático vigoroso, a induziu aos esclarecimentos de que a filha tinha necessidade. - Sim, filhinha — registrou e transmitiu a matrona, comovida, — este é um sonho ditoso, no curso do pesadelo demorado. Sonho, porém, que se transformará, em breve, numa realidade feliz, após expungirmos nossos erros e repararmos nossos compromissos. Despertaremos logo mais, todavia, ficará em nossa lembrança a recordação, embora tênue, deste instante, a refrigerar-nos a ardência do desespero e acenar-nos com a coragem em relação ao futuro. [...]” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 15)

“O nobre Bezerra, depois de auscultar o psiquismo de Julinda e reflexionar por um pouco, concertou o Dr. Figueiredo a respeito de um labor para daí a duas noites, quando seriam tomadas providências para mais cuidadoso atendimento aos incursos no drama ali apresentado. Ele próprio aplicou recursos magnéticos na obsidiada, fazendo a dispersão dos fluídos tóxicos

¹² Vide Subcapítulo IV.5 (“Emprego do magnetismo humano (ectoplasma) na tarefa de doutrinação”), Capítulo IV (“Doutrinação de entidades obsessoras”), Sexta Parte (“Espiritismo Prático – Sociedades Espíritas”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

que a asfixiavam, mediante movimentos longitudinais, rítmicos, logo após insuflando energias restauradoras de forças. Todo o Amigo Espiritual, ante a prece espontânea que lhe brotou do coração nos lábios e durante a aplicação do passe aureolou-se de opalina claridade, que se irradiava da região do epigástrico, qual tivesse uma estrela fulgurante entre os hipocôndrios. A energia que lhe escorria dos dedos venceu as resistências da carapaça de sombras que envolvia a doente, que estorcegou, atingida pelas ondas vibratórias que a alcançavam, para logo depois acalmar-se. O corpo relaxou os músculos antes retesados e vimos, repentinamente, Julinda-Espírito ser atraída e tombar, adormecida, no casulo carnal. - Ela terá um sono reparador - esclareceu, gentil - pela primeira vez desde o delito, momentaneamente liberada da agressão de Ricardo. "Os fluidos salutares decorrentes da oração e do amor fraterno de todos nós, anestesiá-lhe-ão os centros psíquicos, de alguma forma atenuando a aflição que a golpeia, contínua. O Senhor não deseja a punição do infrator, mas sua reeducação com vitória sobre a infração. Como os impositivos da vida são amor e justiça, a misericórdia e a caridade jamais se afastam dos que necessitam de renovação e paz, sem que as suas vítimas fiquem em esquecimento. Surge o auxílio ao delinquente com concomitante socorro ao defraudado. Logo, Ricardo será também auxiliado, quando se iniciem os labores em favor de ambos." [...] (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 5)

"Informado da hora era que nos deveríamos reunir para um atendimento especial a Valtércio, procuramos comparecer minutos antes, estimulado pelo interesse fraternal de auxiliar o enfermo, como pela necessidade de aprofundar estudos e observações valiosos. A Irmã Angélica, o Dr. Lustoza, o amigo Bernardo e dois outros simpáticos cooperadores postaram-se em volta do leito do companheiro encarnado, que denotava acentuada quão incômoda dispneia. Observando-o mais atentamente não podíamos evitar a compaixão que nos inspirava ante a consumpção orgânica e o aturdimento mental que o excruciavam. Detendo-me na sua aura com radiações de cores carregadas e irregulares, pude perceber uma sombra mais densa que o cobria quase por inteiro, fazendo recordar a concha sobre o caramujo com menor volume e maior comprimento... A forma que se lhe justapunha, dominando-lhe a parte posterior do cérebro e alongando-se por toda a coluna vertebral parecia constituída de ventosas que se lhe fixavam penosamente, ao mesmo tempo absorvendo-lhe as energias e intoxicando a região na qual se firmava. Ungido de verdadeira caridade pus-me a orar em silêncio, não apenas por Valtércio, senão também pelo seu adversário, que deveria, na alucinação em que se deixara enredar, estar sofrendo amargas e desconcertantes aflições. A Benfeitora, sem delongas,

exorou a proteção de Deus para o empreendimento socorrista, depois do que o nosso abençoado técnico em passes aplicou recursos magnéticos especiais, desenovelando dos fluidos mais densos o Espírito perverso, que se não dava conta, conscientemente da ocorrência, embora experimentasse os choques da corrente de energia com que o especialista o desligava da situação constritora que impunha a Valtércio. Não o liberou, porém, totalmente, deixando que permanecesse uma certa imantação perispiritual com o enfermo, que foi, a seu turno, semidesligado da forma física, a fim de serem conduzidos sob sono profundo à Colônia Espiritual onde o carinho do venerando Héber contribuiria para o cometimento da caridade. [...]" (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 12)

IV.8. Água fluidificada e sopro curativo

"No Bosque das Águas. [...] Deslumbrou-me o panorama de belezas sublimes. O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranquila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso. Notando o meu deslumbramento, Lísias explicou: - Estamos no Bosque das Águas. Temos aqui uma das mais belas regiões de "Nosso Lar". Trata-se de um dos locais prediletos para as excursões dos amantes, que aqui vêm tecer as mais lindas promessas de amor e fidelidade, para as experiências da Terra. A observação ensejava considerações muito interessantes, mas Lísias não me deu azo a perguntas nesse particular. Indicando um edifício de enormes proporções, esclareceu: - Ali é o grande reservatório da colônia. Todo o volume do Rio Azul, que temos à vista, é absorvido em caixas imensas de distribuição. As águas que servem a todas as atividades da colônia partem daqui. Em seguida, reúnem-se novamente, abaixo dos serviços da Regeneração, e voltam a constituir o rio, que prossegue o curso normal, rumo ao grande oceano de substâncias invisíveis para a Terra. Percebendo-me a indagação íntima, acrescentou: - Com efeito, a água aqui tem outra densidade. Muito mais tênue, pura, quase fluídica. Notando as magníficas construções que me fronteavam, interroguei: - A que Ministério está afeto o serviço de distribuição? - Imagine - elucidou Lísias - que este é um dos raros serviços materiais do Ministério da União Divina! - Que diz? - perguntei, ignorando como conciliar uma e outra

coisa. O visitador sorriu e obtemperou prazenteiro: – Na Terra, quase ninguém cogita seriamente de conhecer a importância da água. Em “Nosso Lar”, contudo, outros são os conhecimentos. Nos círculos religiosos do planeta, ensinam que o Senhor criou as águas. Ora, é lógico que todo serviço criado precisa de energias e braços para ser convenientemente mantido. Nesta cidade espiritual, aprendemos a agradecer ao Pai e aos seus divinos colaboradores semelhante dádiva. Conhecendo-a mais intimamente, sabemos que a água é veículo dos mais poderosos para os fluidos de qualquer natureza. Aqui, ela é empregada, sobretudo, como alimento e remédio. Há repartições no Ministério do Auxílio absolutamente consagradas à manipulação de água pura, com certos princípios suscetíveis de serem captados na luz do Sol e no magnetismo espiritual. Na maioria das regiões da extensa colônia, o sistema de alimentação tem aí suas bases. Acontece, porém, que só os Ministros da União Divina são detentores do maior padrão de Espiritualidade Superior, entre nós, cabendo-lhes a magnetização geral das águas do Rio Azul, a fim de que sirvam a todos os habitantes de “Nosso Lar”, com a pureza imprescindível. Fazem eles o serviço inicial de limpeza e os institutos realizam trabalhos específicos, no suprimento de substâncias alimentares e curativas. Quando os diversos fios da corrente se reúnem de novo, no ponto longínquo, oposto a este bosque, ausenta-se o rio de nossa zona, conduzindo em seu seio nossas qualidades espirituais. Eu estava embevecido com as explicações. – No planeta - objetei -, jamais recebi elucidações desta natureza. – O homem é desatento, há muitos séculos - tornou Lísias -; o mar equilibra-lhe a moradia planetária, o elemento aquoso fornece-lhe o corpo físico, a chuva dá-lhe o pão, o rio organiza-lhe a cidade, a presença da água oferece-lhe a bênção do lar e do serviço; entretanto, ele sempre se julga o absoluto dominador do mundo, esquecendo que é filho do Altíssimo, antes de qualquer consideração. Virá tempo, contudo, em que copiará nossos serviços, encarecendo a importância dessa dádiva do Senhor. Compreenderá, então, que a água, como fluido criador, absorve, em cada lar, as características mentais de seus moradores. A água, no mundo, meu amigo, não somente carrega os resíduos dos corpos, mas também as expressões de nossa vida mental. Será nociva nas mãos perversas, útil nas mãos generosas e, quando em movimento, sua corrente não só espalhará bênção de vida, mas constituirá, igualmente, um veículo da Providência Divina, absorvendo amarguras, ódios e ansiedades dos homens, lavando-lhes a casa material e purificando-lhes a atmosfera íntima. Calou-se o interlocutor em atitude reverente, enquanto meus olhos fixavam a corrente tranquila a despertar-me sublimes pensamentos.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 10)

“Entre nós, todavia, iniciaram-se providências para socorro imediato, O pai do enfermo dirigiu-se a Jerônimo: – Sei que a libertação de Fábio exige grande esforço. Entretanto, desejava auxiliá-lo no derradeiro culto doméstico em que tomará parte fisicamente ao lado da família. Regra geral, as últimas conversações dos moribundos são gravadas com mais carinho pela memória dos que ficam. Em razão disso, ser-me-ia sumamente agradável ajudá-lo a endereçar algumas palavras de aviso e estímulo à companheira. – Com muita satisfação – aquiesceu o Assistente – colaboraremos também na execução desse propósito. É mais conveniente que a família esteja a sós. – Bem lembrado! – disse o genitor, agradecido. Reparei que Jerônimo e Aristeu passaram a aplicar passes longitudinais no enfermo, observando que deixavam as substâncias nocivas à flor da epiderme, abstendo-se de maior esforço para alijá-las de vez. Finda a operação, indaguei dos motivos que os levavam a semelhante medida. – Está muito enfraquecido, agonizando quase – informou o meu dirigente -, e fazemos o possível por beneficiá-lo, sem lhe aumentar o cansaço. As substâncias retidas nas paredes da pele serão absorvidas pela água magnetizada do banho, a ser usado em breves minutos. Efetivamente, atendendo à influência dos amigos espirituais, que lhe davam intuições indiretamente, Fábio dirigiu-se à esposa, expressando o desejo de leve banho morno, no que foi atendido em reduzidos instantes. Jerônimo e Aristeu ministraram à água pura certos agentes de absorção e ampararam a dedicada senhora, que, por sua vez, auxiliou o marido a banhar-se, como se estivesse satisfazendo o desejo de uma criança. Notei, admirado, que a operação se fizera acompanhar de salutaríssimos efeitos, surpreendendo-me, mais uma vez, ante a capacidade absorvente da água comum. A matéria fluidica prejudicial fora integralmente retirada das glândulas sudoríparas. Terminado o banho, o enfermo voltou ao leito, em pijama, de fisionomia confortada e espírito bem-disposto. Algumas fricções de álcool, levadas a efeito, completaram-lhe a melhora fictícia. O relógio marcava alguns minutos além das dezenove horas. Silveira, que se havia ausentado, voltou depressa, falando particularmente a Jerônimo, a quem informou: – Tudo pronto. Conseguiremos a reunião exclusiva da família.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 16)

“Notei que a reunião atingia a fase terminal. Duas horas bem vividas haviam corrido céleres para nós. Raul Silva consultou o relógio e cientificou os companheiros de haver chegado o momento das preces de despedida. Os amigos sofredores, aglomerados no recinto, poderiam receber vibrações de auxílio, enquanto os elementos do grupo recolheriam, através da oração, o refazimento das próprias forças. Pequeno cântaro de vidro, com água pura, foi trazido à mesa.

E porque Hilário perguntasse se iríamos assistir a alguma cerimônia especial, o Assistente explicou, afável: – Não, nada disso. A água potável destina-se a ser fluidificada. O líquido simples receberá recursos magnéticos de subido valor para o equilíbrio psicofísico dos circunstantes. Com efeito, mal acabávamos de ouvir o apontamento, Clementino se abeirou do vaso e, de pensamento em prece, aos poucos se nos revelou coroadado de luz. Daí a instantes, de sua destra espalmada sobre o jarro, partículas radiosas eram projetadas sobre o líquido cristalino que as absorvia de maneira total. – Por intermédio da água fluidificada – continuou Áulus –, precioso esforço de medicação pode ser levado a efeito. Há lesões e deficiências no veículo espiritual a se estamparem no corpo físico, que somente a intervenção magnética consegue aliviar, até que os interessados se disponham à própria cura.” (AL, *Nos domínios da mediunidade*, Capítulo 12)

“A breves minutos, achávamo-nos em paisagem rural pobre e triste. Num casebre, totalmente exposto à ventania noturna, infortunada mulher jazia enrolada em farrapos, numa esteira de palha ao rés do solo e, a poucos metros, mísero anão paralítico exibia o semblante alvar. Reconhecia-se-lhe, de pronto, a idiotia completa, sob a vigilância da enferma desditosa, que o fitava entre a aflição e o desencanto. Abarcando-os com o olhar, nosso condutor informou solícito: – Temos aqui nossa irmã Poliana e Sabino, o filho desventurado que o Poder Celeste lhe confiou. Espiritualmente, são ambos tutelados da Mansão, em pedregoso caminho de reajuste. Entretanto, o generoso amigo parecia mais interessado na assistência prática que na obra informativa. Inclinando-se, atento, para a desventurada mulher, auscultou-lhe o tórax, explicando algo inquieto: – Caso urgente. E, convidados ao concurso imediato, associamo-nos à minuciosa pesquisa, observando que o coração da enferma apresentava alarmante arritmia, figurando-se-nos agitado prisioneiro a emaranhar-se nas artérias estreitadas em estranhas calcificações. Examinando aquele atormentado quadro circulatório, o Assistente informou: – Os vasos enfraquecidos do miocárdio ameaçam ruptura próxima, porquanto a doente se encontra na tensão de angústia extrema. A parada súbita do órgão central pode ocorrer de um instante para outro. Assim dizendo, relanceou o olhar sobre o homem-criança, estirado a dois passos, e acrescentou: – Entretanto, Poliana precisa mais tempo no corpo, de vez que o filho não lhe dispensa os cuidados. Acham-se não apenas jungidos à mesma prova, mas imanizados ao mesmo clima fluídico, reciprocamente alimentados pelas forças que exteriorizam, no campo da afinidade pura. Dessa maneira, a desencarnação da genitora repercutiria mortalmente sobre o filho, cuja existência, no estágio de segregação em que se encontra, gravita, invariável, em derredor

da carícia materna. Aflitiva expectativa caiu sobre nós. Silas como que buscava, na choça desgarnecida de tudo, algo que pudesse funcionar à guisa de socorro, todavia, somente velho cântaro ali guardava pequena porção d’água. O Assistente comunicou-nos que a enferma reclamava medicação imediata, considerando, porém, que naquela hora da noite não era fácil trazer algum companheiro encarnado ao sítio deserto, nem dispúnhamos, ali, de recursos quaisquer. Ainda assim, vimo-lo aplicar-lhe passes à glote, com desvelada atenção. Logo após, administrou recursos fluídicos à linfa pura. Compreendemos que Silas ativara a sede na doente, constringendo-a a servir-se da água simples então convertida em líquido medicamentoso. Despendendo enorme esforço, Poliana abandonou o leito e buscou o pote humilde. Após beber ligeiros goles, asserenou as próprias ânsias, qual se houvera sorvido valiosa poção calmante. As preocupações obcecantes da hora em curso cederam lugar à bonança de espírito. Foi assim que o diretor de nossa excursão, acariciando-lhe a fronte, pendida nos molambos a se agregarem por travesseiro, transmitia-lhe forças revigorantes.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 13)

[...] “Aprendemos com Allan Kardec, e a experiência o demonstra, especialmente para nós outros desencarnados, quanto à ineficácia de certas práticas fetichistas e quejandos. Como a morte não muda a ninguém, sabemos que aqueles que conviviam com determinados cultos a que se afervoravam ou cujas práticas temiam mais do que respeitavam, ante a desencarnação não alteraram a forma íntima de ser, permanecendo vinculados aos atavismos que lhes dizem respeito. Católicos, protestantes e outros religiosos, após a morte, não se tornaram espiritistas ou conhecedores da realidade ultra tumular; ao revés, dão curso aos seus credos, reunindo-se em grupos e igrejas afins. É natural, portanto, que os originados das crenças derivadas do sincretismo afro-brasileiro continuem ligados às suas ideações religiosas. Enquanto não luz a verdade em mais amplos círculos de libertação espiritual, valorizemos o esforço de abnegados seareiros do amor, na ampliação dos horizontes da saúde, da paz e da fraternidade entre os homens, “onde quer que se encontrem”. — E quanto aos banhos e beberagens? — animei-me a questionar. Sem enfado, o nobre amigo respondeu: — “A água, em face da sua constituição molecular, é elemento que absorve e conduz a bioenergia que lhe é ministrada. Quando magnetizada e ingerida, produz efeitos orgânicos compatíveis com o fluido de que se faz portadora. Assim, é crença ancestral que os banhos teriam o efeito de retirar as energias deletérias que os poros eliminam, e quando a água recebesse a infusão de ervas aromáticas e medicinais propiciaria bem-estar, revitalizaria o campo vibratório do indivíduo. Sabemos, no entanto,

que mais importante do que quaisquer práticas e ritualismos externos, **a ação interior, mental, comportamental responde pela realidade psíquica do homem e opera a sua legítima recuperação.** Como, porém, nem todos estagiamos na mesma faixa de evolução, cabe-nos compreender e respeitar outras experiências que atingem imenso grupo de criaturas e as beneficiam, em razão do componente emocional que oferecem, a fim de que sejam logrados os resultados positivos. À medida que irão crescendo, esses indivíduos libertar-se-ão das fórmulas, adotando a forma correta e transcendente para encontrar a felicidade que todos buscamos. “No que tange às beberagens, algumas destituídas dos cuidados que requer qualquer produto para ser ingerido, não podemos ignorar o valor da fitoterapia, de resultados excelentes em inúmeros problemas da saúde. As medicinas alternativas que estão encontrando consideração, mesmo entre os estudiosos mais ortodoxos, resultam de larga experiência humana e de diversas delas nasceram o que ora consideramos científico, acadêmico. A flora medicinal foi a grande protetora dos nossos avoengos que nela encontraram recursos saudáveis para muitos dos males que os afligiam e, posteriormente, submetidas à ação dos laboratórios, dela extraíram incontáveis substâncias de ação rápida e eficaz.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 3)

“**O sopro.** [...] Nesse momento, como se fora chamado, de súbito, à lembrança de grave compromisso de trabalho, falou o administrador, dirigindo-se à companheira: – É preciso prevenir Olívia e Madalena das providências que se fazem imperiosas para a noite. Necessitaremos a colaboração de mais alguns técnicos do sopro. Temos alguns irmãos em estado grave, tomados de impressões físicas mais fortes. – Técnicos do sopro? – indaguei, assombrado, antes que Ismália pudesse fazer qualquer observação referente aos serviços. – Sim, meu amigo – respondeu Alfredo, atenciosamente –, o sopro curador, mesmo na Terra, é sublime privilégio do homem. No entanto, quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros que nos pertencem. Comumente, vivemos por lá, perdendo tempo com a fantasia, acreditando em futilidades ou alimentando desconfiças. Quem pudesse compreender, entre as formas terrestres, toda a extensão deste assunto, poderia criar no mundo os mais eficientes processos soproterápicos. – Mas, semelhante patrimônio está à disposição de qualquer Espírito encarnado? – perguntou Vicente, compartilhando minha surpresa. Nosso interlocutor pensou alguns instantes e respondeu, atencioso: – Como o passe, que pode ser movimentado pelo maior número de pessoas, com benefícios apreciáveis, também o sopro curativo poderia ser utilizado pela maioria das criaturas, com vantagens prodigiosas. Entretanto, precisamos acrescentar que,

em qualquer tempo e situação, o esforço individual é imprescindível. Toda realização nobre requer apoio sério. O bem divino, para manifestar-se em ação, exige a boa vontade humana. Nossos técnicos do assunto não se formaram de pronto. Exercitaram-se longamente, adquiriram experiências a preço alto. Em tudo há uma ciência de começar. São servidores respeitáveis pelas realizações que atingiram, ganham remunerações de vulto e gozam enorme acatamento, mas, para isso, precisam conservar a pureza da boca e a santidade das intenções. Compreendendo o interesse que suas palavras despertavam, continuou o administrador, depois de pequena pausa: – Nos círculos carnavais, para que o sopro se afirme suficientemente, é imprescindível que o homem tenha o estômago sadio, a boca habituada a falar o bem, com abstenção do mal, e a mente reta, interessada em auxiliar. Obedecendo a esses requisitos, teremos o sopro calmante e revigorador, estimulante e curativo. Através dele, poder-se-á transmitir, também na Crosta, a saúde, o conforto e a vida. E, como Vicente e eu não pudéssemos ocultar a perplexidade, Alfredo considerou: – Isto não é novo. Jesus, além de tocar naqueles a quem curava, concedia-lhes, por vezes, o sopro divino. O sopro da vida percorre a Criação inteira. Toda página sagrada, comentando o princípio da existência, refere-se a isso. Nunca pensaram no vento, como sopro criador da Natureza? Quanto a mim, desde o ingresso em Campo da Paz, quando fui ali recolhido em péssimas condições espirituais, tenho aprendido maravilhosas lições nesse particular. Tanto assim que, chefiando este Posto, tenho incentivado, com as possibilidades ao meu alcance, a formação de novos cooperadores nesse sentido, oferecendo compensações aos que se decidam iniciar a tarefa de especialização, nem sempre fácil para todos. A esse tempo, Ismália recebia algumas colaboradoras de importância, que se preparavam para a tarefa. Impressionado com o que ouvira, acompanhei de perto as providências que se organizavam. Encontrando-me, porém, mais a sós com Aniceto, transmiti-lhe minha enorme surpresa, respondendo-me ele em tom confidencial: – Esquecem-se vocês de que a própria Bíblia, aludindo aos primórdios do homem, narra que o Criador assoprou na forma criada, comunicando-lhe o fôlego da vida. Referindo-nos aos nossos irmãos encarnados, faz-se preciso reconhecer, André, que, mesmo partindo de homens imperfeitos, mas de boa vontade, todo sopro com intenção de aliviar ou curar tem relevante significação entre as criaturas, porque todos nós somos herdeiros diretos do Divino Poder. Aliás, é necessário observar também que não estamos diante de uma exclusividade. Você, por certo, passou muito ligeiramente pelo nosso Ministério do Auxílio. Temos, ali, grande instituto especializado nesse sentido, onde nobres colegas se votam a essa modalidade de cooperação.

No plano carnal, toda boca, santamente intencionada, pode prestar apreciáveis auxílios, notando-se, porém, que as bocas generosas e puras poderão distribuir auxílios divinos, transmitindo fluidos vitais de saúde e reconforto.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 19)

“As explicações de Aniceto abriam-me novos campos de meditação. O esclarecido instrutor, contudo, não dera por finda a lição e, depois de longa pausa, concluiu: – Já que vocês se encontram comigo num curso de serviço auxiliador, espero aproveitem o máximo ensinamento desta hora. Reparem que, nestes pavilhões, temos mil e novecentos e oitenta abrigados que dormem. Todos recebem diariamente alimento e medicação comuns, mas só quatrocentos são atendidos com alimento e medicação especializados, por se mostrarem mais suscetíveis de justa melhora. Desses quatrocentos, apenas dois terços se revelaram aptos à recepção de passes magnéticos. Muitos não podem receber, por enquanto, a água efluviada. Poucos foram contemplados com o sopro curativo e somente dois se levantaram, ainda assim, profundamente perturbados. Já que iniciam um trabalho de cooperação fraternal, não esqueçam esta lição. Façamos todos o bem, sem qualquer ansiedade. Semeemo-lo sempre e em toda a parte, mas não estacionemos na exigência de resultados. O lavrador pode espalhar as sementes à vontade e onde quer que esteja, mas precisa reconhecer que a germinação, o crescimento e o resultado pertencem a Deus.” (AL, *Os mensageiros*, Capítulo 25)

“Transcorridos pouco mais de cinquenta minutos, Cláudio, seguido por médico que se lhe afeiçoara à família e que conhecia Marita, desde muito, deu entrada no posto de assistência. Márcia, sob a pressão de Moreira e interrogada pelo marido, liberara as informações de que dispunha. O facultativo recém-chegado deixou o bancário no vestíbulo para efetuar a inspeção, identificando a menina sem maiores dificuldades. Feito isso, tomou providências, junto aos colegas, para que a Jovem fosse imediatamente transferida para o Hospital Central dos Acidentados, com vistas ao tratamento urgente e minucioso. E depois de ligações telefônicas, no preparo da instalação necessária, determinou as medidas inadiáveis. Que limpassem Marita, que se lhe purificasse o ambiente, que mesmo acreditada em coma fosse tratada com o máximo apreço. Seja dito, no entanto, que não se registrara, ali, qualquer desleixo. As condições precárias da moça exigiam repouso, quietação. Justo observá-la, antes de qualquer alteração suscetível de agravar-lhe os constrangimentos. Com efeito, iniciada a laboriosa remoção que Cláudio e Moreira seguiram, de longe, a cabeça, pendida para trás, impeliu o sangue a movimento retrógrado

e surgiu a possibilidade de asfixia. Félix controlou, quanto pôde, as mãos dos condutores, e, tão logo a vimos ajustada em novo leito, vali-me do socorro magnético de profundidade que as circunstâncias exigiam. Sentei-me, de maneira a guardar aquele corpo abatido em meus braços, envolvendo-o no meu próprio hálito, numa operação que nos permitiremos nomear aqui por adição de força, cujos resultados se destacam surpreendentes, quando a criatura retida no envoltório físico se mostra nos últimos lances da resistência.” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 1)

V Tratamento dispensado pelos espíritos¹³

V.1. Tratamento fluídico-magnético

“Socorro espiritual. [...] Na via pública, pedi ao instrutor me pusesse em contato mais íntimo com o Irmão Francisco, que nos acompanhava, solícito. Alexandre, afável como sempre, atendeu-me aos desejos. – Nossa pequena expedição – esclareceu o chefe do agrupamento, depois de trocar comigo palavras muito cordiais – é uma das inumeráveis turmas de socorro que colaboram nos círculos da Crosta. Somos milhares de servidores, nessas condições, ligados a diversas regiões espirituais mais elevadas. – Seu núcleo – perguntei – procede de nossa colônia? – Sim. E temos nossas atividades entrelaçadas com as tarefas de vários instrutores de “Nosso Lar”. – E há tarefas especializadas para cada grupo dessa natureza? – Perfeitamente. O nosso, por exemplo – acentuou Francisco, gentil –, destina-se ao reconforto de doentes graves e agonizantes. De modo geral, as condições de luta para os enfermos são mais difíceis à noite. Os raios solares, nas horas diurnas, destroem grande parte das criações mentais inferiores dos doentes em estado melindroso, não acontecendo o mesmo à noite, quando o magnetismo lunar favorece as criações de qualquer espécie, boas ou más. Em vista disso, o nosso esforço há de ser vigilante. Quase ninguém no círculo de nossos irmãos encarnados conhece a extensão de nossas tarefas de socorro. Permanecem eles num campo de vibrações muito diferentes das nossas e não podem apreender ou discriminar nosso auxílio. Isto, porém, não importa. Outros benfeitores, muito mais elevados que aqueles dos quais podemos guardar conhecimento direto, velam por nós e inspiram-nos, devotadamente, no campo das obrigações comuns, sem que vejamos a sua forma de expressão nos trabalhos referentes aos divinos

13 Vide Capítulo IV (“Fluidoterapia – Passes magnéticos”), Sexta Parte (“Medicina Espiritual - Terapias Espíritas”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

desígnios. E talvez porque eu sorrisse, admirando-lhe o ideal de renúncia serena e santificante, o interlocutor também sorriu e acrescentou: – Sim, meu amigo, reclamar compreensão e resultado de criaturas e situações, ainda incapacitadas para no-las dar, constitui exigência mais cruel que a solicitação de recompensas imediatas. Era bem a verdade convincente. Mantinha-se o Irmão Francisco dentro da lógica mais elevada. Os que auxiliam alguém, interessados no reconhecimento ou na compensação, quase sempre permanecem de olhos cerrados para o concurso divino e invisível que de Mais Alto recebem. Exigem que outros lhes identifiquem a posição de benfeitores, mas nunca se recordam de que amigos sábios e desvelados lhes oferecem a melhor cooperação de planos superiores, sem deles reclamarem a mínima nota de gratidão pessoal. – São muitos os irmãos afins – continuou o meu interlocutor, interrompendo-me as reflexões íntimas – que se reúnem, depois da morte do corpo, em tarefas de amparo fraternal, quando já alcançaram os primeiros degraus da escada de purificação. Do que me é possível ajuizar, semelhantes trabalhos são dos mais eficientes e dignos em favor dos homens. Raramente, os companheiros encarnados, quando em excelentes condições de saúde física, podem compreender as aflições dos enfermos em posição desesperadora ou dos moribundos prestes a partir. Nós outros, porém, no quadro de realidades mais fortes, sabemos que, muitas vezes, é possível efetuar realizações deveras sublimes, de natureza espiritual, em poucos dias, nessas circunstâncias, depois de largos anos de atividades inúteis. No leito da morte, as criaturas são mais humanas e mais dóceis. Dir-se-ia que a moléstia intransigente enfraquece os instintos mais baixos, atenua as labaredas mais vivas das paixões inferiores, desanimaliza a alma, abrindo-lhe, em torno, interstícios abençoados por onde penetra infinita luz. E a dor vai derrubando as pesadas muralhas da indiferença, do egoísmo cristalizado e do amor-próprio excessivo. Então, é possível o grande entendimento. Lições admiráveis felicitam a criatura que, palidamente embora, percebe a grandeza da herança divina. Acentua-se-lhe o heroísmo e gravam-se-lhe no coração, para sempre, mensagens vivas de amor e sabedoria. Na noite espessa da agonia começa a brilhar a aurora da vida eterna. E aos seus clarões indistintos, nossos princípios são facilmente aceitos, a sensibilidade demonstra características sublimes e a luz imortal lança fontes de infinito poder nos recessos do espírito. O interlocutor fez longa pausa e rematou: – Desse modo, conseguimos efetuar um serviço de assistência eficaz, carreando novos valores no campo da fraternidade e do bem legítimo. Nunca observou a paciência inesperada de doentes graves, a calma de certos enfermos incuráveis e a suprema conformação da maioria dos moribundos? Muitas vezes, semelhantes

edificações, incompreensíveis para os encarnados que os cercam, constituem o fruto do esforço de nossos grupos itinerantes de socorro. Francisco enunciara sublimes verdades. De fato, a serenidade dos enfermos em condição desesperadora e a resignação inexplicável dos agonizantes, absolutamente distanciados da fé religiosa, não poderiam guardar outra origem. A bondade divina é infinita e, em todos os lugares, há sempre generosas manifestações da Providência Paternal de Deus, confortando os tristes, acalmando os desesperados, socorrendo os ignorantes e abençoando os infelizes.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 7)

“Calderaro fez aplicações magnéticas sobre o crânio do enfermo, envolvendo-o em fluidos benéficos, e disse-me, após longa pausa: – Temos aqui dois amigos de mente fixada na região dos instintos primários. O encarnado, depois de reiteradas vibrações no campo de pensamento, em fuga da recordação e do remorso, arruinou os centros motores, desorganizando também o sistema endócrino e perturbando os órgãos vitais. O desencarnado converteu todas as energias em alimento da ideia de vingança, acolhendo-se ao ódio em que se mantém foragido da razão e do altruísmo. Outra seria a situação de ambos se houvessem esquecido a queda, reerguendo-se pelo trabalho construtivo e pelo entendimento fraternal, no santuário do perdão legítimo. O Assistente deixou perceber novo brilho nos olhos percucientes e acrescentou: – Segundo verificamos, Jesus-Cristo tinha sobradas razões recomendando-nos o amor aos inimigos e a oração pelos que nos perseguem e caluniam. Não é isto mera virtude, senão princípio científico de libertação do ser, de progresso da alma, de amplitude espiritual: no pensamento residem as causas. Época virá em que o amor, a fraternidade e a compreensão, definindo estados do espírito, serão tão importantes para a mente encarnada quanto o pão, a água, o remédio; é questão de tempo. Lícito é esperar sempre o bem, com o otimismo divino. A mente humana, de maneira geral, ascende para o conhecimento superior, apesar de, por vezes, parecer o contrário. Em seguida, permaneceu Calderaro longos minutos em vigorosas irradiações magnéticas, que, envolvendo a cabeça e a espinha dorsal do enfermo, se me afiguraram fortemente repousantes, porque em breve o doente, antes torturado, se abandonava a sono tranquilo, como se sorvera suavíssimo anestésico. Dentro em pouco se encontrava em nosso círculo, temporariamente afastado do veículo denso, tomado de pavor perante o verdugo implacável, que se mantinha sentado, impassível, num dos ângulos do leito. Verifiquei que o enfermo não nos notava a presença, qual acontecia com o algoz em muda expectativa. [...] Mais alguns instantes, durante os quais o verdugo e a vítima reciprocavam palavras amargas, e o prestimoso mentor prosseguiu: – Lembras-te de De Puysegur? Sim,

recordava-me de modo vago. Fez-se em meu cérebro uma livre associação de ideias, rememorando estudos que levava a efeito sobre certas realizações de Charcot. Não podia, entretanto, especificar particularidades, porquanto a psiquiatria não fora meu campo direto de trabalho na medicina. Tornou Calderaro, solícito: – De Puysegur foi dos primeiros magnetistas que encontraram o sono revelador, em que era possível conversar com o paciente noutro estado consciencial que não o comum. Desde então, a descoberta impressionou os psicologistas; com ela, surgia nova terapêutica para tratamento das moléstias nervosas e mentais. Entretanto, para nós, neste lado da vida, o fenômeno é corriqueiro: diariamente milhões de pessoas adormecem sob a influência magnética de amigos espirituais, a fim de serem auxiliadas nas resoluções inadiáveis.” (AL, *No mundo maior*, Capítulo 4)

“Alcançáramos a orla do mar, em plena noite. A movimentação da vida espiritual era aí muito intensa. Desencarnados de várias procedências reencontravam amigos que ainda se demoravam na Terra, momentaneamente desligados do corpo pela anestesia do sono. Dentre esses, porém, salientava-se grande número de enfermos. Anciães, mulheres e crianças, em muitos aspectos diferentes, compareciam ali, sustentados pelos braços de entidades numerosas que os assistiam. Conversações edificantes e lamentos doloridos chegavam até nós. Serviços magnéticos de socorro urgente eram improvisados aqui e além... E o ar, efetivamente, confrontado ao que respirávamos na área da cidade, era muito diverso. Brisas refrescantes sopravam de longe, carreando princípios regeneradores e insuflando em nós delicioso bem-estar. – O oceano é miraculoso reservatório de forças – elucidou Clarêncio, de maneira expressiva –; até aqui, muitos companheiros de nosso plano trazem os irmãos doentes, ainda ligados ao corpo da Terra, de modo a receberem refazimento e repouso. Enfermeiros e amigos desencarnados desvelam-se na reconstituição das energias de seus tutelados. Qual acontece na montanha arborizada, a atmosfera marinha permanece impregnada por infinitos recursos de vitalidade da Natureza. O oxigênio sem mácula, casado às emanações do planeta, converte-se em precioso alimento de nossa organização espiritual, principalmente quando ainda nos achamos direta ou indiretamente associados aos fluidos da matéria mais densa. Passávamos agora na vizinhança de uma dama extremamente abatida, quase em decúbito dorsal à frente das águas, recolhendo o auxílio magnético de um benfeitor que se iluminava no serviço e na oração. Clarêncio deixou-nos por momentos, conversou algo com um amigo, a pequena distância, e regressou, informando: – Trata-se de irmã do nosso círculo pessoal, assediada pelo câncer. Foi retirada do veículo físico, através da hipnose, a fim de obter a assistência que

lhe é necessária. – Mas – objetei, curioso – esse tipo de tratamento pode sustar o desequilíbrio das células orgânicas? A doente conseguirá curar-se, de modo positivo? O Ministro sorriu e aclarou: – Realmente, na obra assistencial dos espíritos amigos, que interferem nos tecidos sutis da alma, é possível, quando a criatura se desprende parcialmente da carne, a realização de maravilhas. Atuando nos centros do perispírito, por vezes, efetuamos alterações profundas na saúde dos pacientes, alterações essas que se fixam no corpo somático, de maneira gradativa. Grandes males são assim corrigidos, enormes renovações são assim realizadas. Mormente, quando encontramos o serviço da prece na mente enriquecida pela fé transformadora, facilitando-nos a intervenção pela passividade construtiva do campo em que devemos operar, a tarefa de socorro concretiza verdadeiros milagres. O corpo físico é mantido pelo corpo espiritual a cujos moldes se ajusta e, desse modo, a influência sobre o organismo sutil é decisiva para o envoltório de carne, em que a mente se manifesta. Nesse ponto das explicações, porém, o Ministro abanou a cabeça e ajuntou: – Nossa ação, contudo, está subordinada à lei que nos rege. No problema de nossa irmã, o concurso de nosso plano conseguirá tão somente angariar-lhe reconforto. A moléstia, em razão das provas que lhe assinalam o roteiro pessoal, atingiu insopitável extensão. – Quer dizer que ela, agora, apenas se habilita à morte calma? – indagou Hilário, atencioso. – Justamente – confirmou o orientador –. Com a cooperação em curso, despertará no corpo desfalecente mais serena e mais confortada. Repetindo as excursões até aqui, noite a noite, habituar-se-á, com entendimento superior, à ideia da partida, transmitindo aos familiares resignação e coragem para o transe da separação; aprenderá a contribuir com o seu esforço, no sentido de aliviar-lhes as aflições pela humildade que edificará, dentro de si mesma... pouco a pouco; desligar-se-á da carne enferma, acentuando a luz interior da própria consciência, a fim de separar-se do ambiente que lhe é caro, como quem encontra na morte física valiosa liberação para serviço mais enobrecido. E, assim, em algumas semanas, mostrar-se-á admiravelmente preparada ante o novo caminho... Clarêncio silenciara. O assunto requisitava-me a novas observações. – Nesse caso – comecei a falar, hesitante. O Ministro, porém, sorriu compreensivo e atalhou, esclarecendo: – Já sei a tua conclusão. É isso mesmo. A enfermidade longa é uma bênção desconhecida entre os homens, constitui precioso curso preparatório da alma para a grande libertação. Sem a moléstia dilatada, é muito difícil o êxito rápido no trabalho da morte.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 5)

“Decorridos alguns minutos, Poliana mostrava-se plenamente fora do vaso físico, mas sem a necessária lucidez espiritual para identificar-nos a presença.

Contudo, subordinada ao comando magnético de Silas, ergueu-se automaticamente. Enlaçada por ele e seguidos ambos por nós, demandamos bosque vizinho. Longe de perceber-se sob a assistência carinhosa de que era objeto, a enferma ausente do corpo de carne, como num sonho consolador, foi convenientemente acomodada por Silas no tapete de relva macia, sentindo-se calma eleve... Finda essa operação, o Assistente convocou-nos à prece e, levantando o olhar para o firmamento faiscante de estrelas, rogou compungidamente: – “Pai de Infinita Bondade, Tu que dás provimento às necessidades do verme aparentemente esquecido no ventre do solo, que vestes a flor anônima, perfumando-lhe a contextura, muitas vezes sobre a lama do charco, desce compassivo olhar sobre nós, que nos tresmalhamos a distância de Teu amor! “Em particular, Pai Justo, compadece-Te de nossa Poliana, vencida!... “Ela não é mais, Senhor, a mulher sequiosa de aventura e de ouro, disposta a lançar lodo e treva no caminho dos semelhantes, mas sim pobre mãe fatigada, reclamando novas forças para a renúncia! Não é mais a moça vaidosa que tripudiava nos tormentos do próximo, mas triste mendiga, anulada para o trabalho, que soluça de porta em porta, esmolando o pão com que deve sustentar o torturado filho de sua dor e nutrir a própria vida. “Ó Pai, não a deixes perder agora a benção do corpo, na senda redentora onde se arrasta! “Acrescenta-lhe os recursos para que não interrompa a experiência sublime em que se localiza... “Tu que nos deste, pelo Cristo, a divina revelação do sofrimento, como sendo o roteiro de nossa recondução para os Teus braços, ajuda-a a refazer as energias aniquiladas, a fim de que não pereça antes de encontrar a nova luz que lhe aguarda o coração para a subida à Glória Eterna!...” A voz de Silas, tocada de profunda fé, arrebata-nos ao pranto insofreado. Azulíneas cintilações nimbavam-lhe a cabeça e, como resposta do Alto, ali, na selvagem floração do bosque ermo, vimos, ao longe, cinco flamas, em pontos diferentes do Espaço, que se aproximavam de nós, celeremente... Renteando conosco, transfiguraram-se em companheiros que nos saudaram regozijantes. Em rápidos minutos, energias imponderáveis da Natureza, associadas aos fluidos de plantas medicinais, foram trazidas à nossa enferma, que as inalava a longos sorvos, e, em tempo breve, vimos Poliana surpreendentemente refeita, pronta a retomar o envoltório para a necessária restauração. – Ricos da Terra – pensei com lágrimas –, onde o poder das vossas arcas abarrotadas de ouro, ante a simples fulguração de uma prece? Onde a grandeza de vossos palácios, recheados de fausto e pedraria, confrontada com um simples minuto de reverência da alma, em comunhão com a Paternidade de Deus, na majestade do Céu? Incapaz de raciocinar por si, quanto à metamorfose experimentada, por força das inibições que

sufria na provação temporária, a doente não conseguia ver-nos, mas sorria, venturosa, sentindo-se mais robusta e mais ágil. Novamente amparada, regressou ao túgúrio infecto e auxiliamo-la a retomar a cápsula física. Enquanto descerrava os olhos, reconfortada, Silas esclareceu: – As melhoras adquiridas pela organização perispiritica serão apressadamente assimiladas pelas células do equipamento fisiológico. E acentuou: – Sabem os médicos terrenos que o sono é um dos ministros mais eficientes da cura. É que, ausente do corpo, muitas vezes consegue a alma prover-se de recursos prodigiosos para a recuperação do veículo carnal em que estagia no mundo. Após a elucidação, afagou os cabelos grisalhos da pobre doente e prometeu-lhe em voz alta; – Descanse. Quando o dia ressurgir, nossos companheiros trarão até aqui o socorro da caridade fraternal, valendo-se de algum samaritano das redondezas... Permitirá o Senhor que você continue...” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 13)

“CORPO ESPIRITUAL. [...] Exteriorização dos centros vitais. Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo físico vulgar, reconheceremos facilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Primeira parte, Capítulo 2)

V.2. Cirurgia fluídico-magnética e cirurgia mediúnica

“DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES. [...] MEDIUNIDADE GRATUITA. [...] 10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição, de modo ainda mais absoluto, é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam. Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer

parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.” (AK, *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo XVI)

“Não havia terminado, quando se acercou de nós, inesperadamente, uma velhinha simpática. – Justina, minha irmã, que o Senhor a abençoe! – saudou-a o orientador, gentil. A entidade amiga, que demonstrava muita inquietude no olhar, respondeu com afetuoso respeito e explicou-se: – Alexandre, tenho necessidade de seu auxílio urgente e vim ao seu encontro. Desculpe-me. E, antes que o instrutor pudesse sondar-lhe verbalmente a aflição, a interlocutora prosseguiu: – Meu filho Antônio encontra-se em estado gravíssimo... Agora era Alexandre que a interrompia: – Adivinho o que se passa. Quando o visitei, no mês findo, notei-lhe as perturbações circulatórias. – Sim, sim – continuou a mãe aflita. – Antônio vive no círculo de pensamentos muito desregrados, apesar do bom coração. E hoje trouxe para o leito de repouso tantas preocupações descabidas, tanta angústia desnecessária, que as suas criações mentais se transformaram em verdadeiras torturas. Embalde, auxiliiei-o com os meus humildes recursos; infelizmente, é tão grande o seu desequilíbrio interior, que toda a minha colaboração resultou inútil, permanecendo-lhe o cérebro sob a ameaça dum derramamento mortífero. E sentindo a gravidade do minuto, acrescentou, triste: – Ó Alexandre, bem sei que devemos subordinar nossos desejos aos desígnios de Deus. Entretanto, meu filho necessita de mais alguns dias na Terra. Creio que, em dois meses, conseguirei dele, indiretamente, a solução de todos os problemas que lhe afetam a paz da família. Sua autoridade pode auxiliar-nos! Seu coração edificado em Cristo permanece em condições de fazer-nos semelhante bem!... Reconhecendo a urgência do assunto, exclamou o orientador: – A caminho! Não temos um segundo a perder! Daí a poucos instantes, penetramos na residência confortável. A velhinha, aflita, conduziu-nos a uma alcova espaçosa, onde o filho, chefe da casa, repousava metido em alvos lençóis, dando-me a impressão característica dum moribundo. Antônio parecia próximo dos setenta anos e exibia todos os sinais do arteriosclerótico adiantado. O quadro era agora profundamente educativo para mim, que entrara num círculo valioso de observações novas. Identificava perfeitamente o estado pré-agônico, em todas as suas expressões físico-espirituais. A alma confusa, inconsciente, movimentava-se com dificuldade, quase que totalmente exteriorizada, junto do corpo imóvel, a respirar dificilmente. Enquanto Alexandre se inclinava paternalmente sobre ele, observei que estávamos diante de uma trombose

perigosíssima, por localizar-se numa das artérias que irrigam o córtex motor do cérebro. A apoplexia não se fizera esperar. Mais alguns instantes e a vítima estaria desencarnada. Alexandre, que centralizara todas as atenções no enfermo, tocou-lhe o cérebro perispiritual e falou com autoridade serena: – Antônio, mantenha-se vigilante! Nosso auxílio pede a sua cooperação! O moribundo, desligado parcialmente do corpo, abriu os olhos fora do invólucro de carne, dando a entender vagas noções de consciência, e o instrutor prosseguiu: – Você foi acidentado pelos próprios pensamentos em conflito injustificável. Suas preocupações excessivas criaram-lhe elementos de desorganização cerebral. Intensifique o desejo de retomar as células físicas, enquanto nos preparamos a fim de ajudá-lo. Este momento é decisivo para as suas necessidades. O interpelado não respondeu, mas observei que Antônio compreendera a advertência, no imo das forças da consciência, colocando-se em boa posição para colaborar em favor de si mesmo. Em seguida, o orientador iniciou complicadas operações magnéticas, no corpo inanimado, ministrando energias novas à espinha dorsal. Decorridos alguns instantes, colocou a destra ao longo do fígado e, mais tarde, demorando-a no cérebro físico, bem à altura da zona motora, chamou-me e disse: – André, mantenha-se em prece, cooperando conosco. Convocarei alguns irmãos em serviço, nesta noite, para auxiliar-nos. E acentuou, após meditar por alguns segundos: – o grupo do Irmão Francisco não pode estar longe. Dito isto, Alexandre assumiu atitude de profunda concentração de pensamento. Não passou mais de um minuto e pequena expedição de oito entidades, quatro companheiros e quatro irmãs, penetrou o recinto doméstico, em religioso silêncio. Saudamo-nos todos, ligeiramente, e o instrutor dirigiu-se, atencioso, à entidade que guardava atribuições de chefia. – Francisco, precisamos aqui das emanações de algum dos nossos amigos encarnados, cujo veículo material esteja agora em repouso equilibrado. E ao passo que o novo irmão observava, cuidadoso, o agonizante, Alexandre acrescentava: – Conforme observa, estamos diante dum caso gravíssimo. É preciso muito critério na escolha do doador de fluidos. O dirigente dos socorristas pensou um momento e obtemperou: – Temos um companheiro que nos atenderá razoavelmente. Trata-se de Afonso. Enquanto vou buscá-lo, nosso grupo auxiliará sua ação curativa, emitindo forças de colaboração magnética, através da prece. Francisco ausentou-se imediatamente. Nesse instante, a velhinha aproximou-se do instrutor e falou, respeitosa: – Se há necessidade de fluidos de irmãos encarnados, quem sabe poderíamos empregar o concurso de minhas netas que repousam nos aposentos próximos? – Não – respondeu Alexandre, delicadamente –, não atenderiam as exigências em curso. Precisamos de

alguém suficientemente equilibrado no campo mental. A mãe inquieta afastou-se, enxugando os olhos. Atendendo a sinal afetoso do orientador, aproximei-me, observando o doente de mais perto, mantendo-me embora na íntima atitude de oração. – Antônio é viúvo faz vinte anos – explicou Alexandre – e está nas vésperas de vir ter conosco, no plano espiritual. Nosso amigo, porém, necessita de mais alguns dias na esfera da Crosta para deixar alguns problemas sérios devidamente solucionados. O Senhor nos concederá a satisfação de colaborar no reerguimento provisório de suas forças. E fosse porque me detinha a observar o grupo de entidades que oravam, silenciosas, ou em razão de pretender beneficiar-me com novos ensinamentos, o instrutor esclareceu: – Temos aqui o grupo do Irmão Francisco. Trata-se de uma das inumeráveis turmas de serviço que nos prestam cooperação. Muitos companheiros consagram-se aos trabalhos dessa natureza, mormente à noite, quando as nossas atividades de auxílio podem ser mais intensas. Verdadeiro mundo de interrogações assomava-me ao cérebro, a fim de solucionar as questões do momento; contudo, compreendendo a gravidade dos minutos, em face da tarefa para a qual fomos chamados, resolvi silenciar. Não decorreu muito tempo e Francisco voltava seguido de alguém. Tratava-se do companheiro encarnado a que Alexandre se referira. Não houve oportunidade para saudações. O orientador, tomando-lhe a destra, conduziu-o imediatamente à cabeceira do moribundo, dizendo-lhe com autoridade afetiva: – Afonso, não temos um segundo a perder. Coloque ambas as mãos na frente do enfermo e conserve-se em oração. O interpelado não pestanejou. Dando-me a impressão dum veterano em semelhantes serviços de assistência, parecia sumamente despreocupado de todos nós, fixando-se tão somente na obrigação a cumprir. Foi então que vi Alexandre funcionar como verdadeiro magnetizador. Recordando meus antigos trabalhos médicos nos casos extremos de transfusão de sangue, via-lhe perfeitamente o esforço de transferir vigorosos fluidos de Afonso para o organismo de Antônio, já moribundo. Na qualidade de discípulo, acentuando minhas faculdades de análise, junto de preciosa lição, observei que o semblante do enfermo se transformava gradualmente. À medida que o instrutor movimentava as mãos sobre o cérebro de Antônio, este revelava sinais crescentes de melhoras. Verificava, sob forte assombro, que a sua forma perispiritual reunia-se devagarzinho à forma física, integrando-se, harmoniosamente, uma com a outra, como se estivessem, de novo, em processo de reajustamento, célula por célula. Depois de um quarto de hora, segundo meu cálculo de tempo, estava finda a laboriosa intervenção magnética e Alexandre, chamando a velhinha, acentuou: – Justina, o coágulo acaba de ser reabsorvido e conseguimos socorrer a

artéria com os nossos recursos, mas Antônio terá, no máximo, cinco meses a mais, de permanência na Terra. Se você pleiteou o auxílio de agora para ajudá-lo a resolver negócios urgentes, não perca as oportunidades, porque os reparos deste instante não perdurarão por mais de cento e cinquenta dias. E não se esqueça de preveni-lo, pelos processos intuitivos ao nosso alcance, quanto ao cuidado que deverá manter consigo mesmo no terreno das preocupações excessivas, mormente à noite, quando ocorrem os fenômenos desastrosos mais sérios de circulação, em vista da invigilância de muitas pessoas que se valem das horas sagradas do repouso físico para a criação de fantasmas cruéis, no campo vivo do pensamento. Se o nosso amigo se despreocupar da auto corrigenda, talvez desencarne antes dos cinco meses. Toda a cautela é indispensável. A genitora agradeceu, comovida, em lágrimas de contentamento. Alexandre recomendou ao “socorrista” encarnado que retirasse as mãos de sobre a frente do enfermo e vi, então, o inesperado. O doente grave, reintegrado nas funções orgânicas, com a harmonia possível, abriu os olhos físicos, como se estivesse profundamente embriagado, e começou a gritar estentoricamente: – Socorro! Socorro!... Acudam-me por amor de Deus! Eu morro, eu morro!... Algumas jovens acorreram, espantadas e trêmulas, em roupas brancas, percebendo-se que as filhas carinhosas e sensíveis vinham atender ao pai ansioso. – Papai! Papai! – exclamavam, lacrimosas – que foi isto? – Estou morrendo! – clamava o enfermo, em voz pungente – chamem o médico... Depressa! – Mas que sente, papai? – perguntou uma delas, em pranto convulso. – Sinto-me morrer, tenho a cabeça tonta, incapaz de raciocinar... Grande era a azáfama dos encarnados que passavam por nós em bulha indescritível, atropelando-se uns aos outros, sem o mais leve traço de consciência a respeito da nossa presença ali. Alexandre solicitou ao Irmão Francisco fornecesse instruções a Afonso para que este regressasse ao lar e, depois da providência, dispôs-se a retirar e disse-me sorrindo, diante da estranheza que a atitude alarmante das moças me causava: – Geralmente, quando os nossos amigos encarnados gritam, chorosos, por socorro, nosso serviço de assistência já se encontra completo. Partamos. O doente, semilúcido, prosseguia inquieto, enquanto o telefone tilintava, cooperando para a imediata visita do médico. A velhinha despediu-se de nós, comovedoramente, permanecendo junto do enfermo, velando, devotada e humilde.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 7)

“Tudo, pois, corria bem no círculo dos trabalhos que nos foram cometidos, quando nosso mentor foi chamado por autoridade superior de nossa colônia. Esperei impaciente o regresso dele, porque Jerônimo, em obediência às determinações recebidas, deveria partir, imediatamente, para entendimento inadiável.

Recomendou-nos aguardá-lo, em serviço na Casa Transitória, acentuando que seria breve. De fato, não se demorou mais de um dia. E, ao regressar, cientificou-nos da novidade. A irmã Albina fora autorizada a permanecer na Crosta Planetária por mais tempo, razão por que a desencarnação fora adiada “sine die”. Certa rogativa influíra decisivamente no assunto. Entrara em jogo imperiosa exigência que nossa colônia examinara com a devida consideração. Em vista disso, renovara-se o programa da missão que trazíamos. Ao invés de auxílio para a liberação, a velha educadora receberia forças para se demorar na Crosta. Devíamos procurar-lhe a residência, sem perda de oportunidade, propiciando-lhe ao organismo os possíveis recursos magnéticos ao nosso alcance. Quis perguntar alguma coisa, inteirar-me das particularidades. Todavia, Jerônimo costumava dizer com proveito tudo o que necessitávamos saber e não me cabia constrangê-lo a qualquer informação antecipada. Porque se modificaria decisão de tamanho relevo? Quem possuía, afinal, tanto poder na oração, para ter influência nas diretivas de nossa colônia espiritual? Seria justo o adiamento? Por que motivo determinada súplica impunha a renovação do roteiro a seguir? O Assistente percebeu as indagações que se me entrecrocavam no cérebro e adiantou: – Não se torture, André. Saberá tudo no momento oportuno. E, traçando sintética programação de serviço, acrescentou: – Vamo-nos. Hipólito e Luciana velarão pelos convalescentes. Em caminho, porém, não resisti. Pedi permissão para ouvi-lo, de maneira sumária, quanto à nova deliberação, e Jerônimo aquiesceu, esclarecendo: – A medida não deve provocar admiração. Ninguém, senão Deus, detém poderes absolutos. Todos nós, no desenvolvimento das tarefas conferidas às nossas responsabilidades, experimentaremos limitações nos atributos ou no acréscimo de deveres, segundo os desígnios superiores. O futuro pode ser calculado em linhas gerais, mas não podemos prejudicar quanto ao setor da interferência divina. O Pai efetua a organização universal com independência ilimitada no campo da sabedoria infalível. Nós cooperamos com relativa liberdade na obra do mundo, sujeitos a necessária e esclarecedora interdependência, em virtude da imperfeição da nossa individualidade. Deus sabe, enquanto nós nem sequer imaginamos saber. E, com expressivo gesto de bom humor, prosseguiu: – Não existe, portanto, novidade propriamente dita. Aliás, é justo considerar que a desencarnação de Albina não é suscetível de ser adiada por muito tempo – O organismo que a serve está gasto e a nova resolução destina-se apenas a remediar difícil situação, de modo a trazer benefícios para muita gente. A prece, em qualquer ocasião, melhora, corrige, eleva e santifica. Mas somente quando estabelece modificação de roteiro, igual à de hoje, é que paira, acima

das circunstâncias comuns, o interesse coletivo. Ainda assim, a medida prevalecerá por reduzido tempo, isto é, apenas enquanto perdurar a causa que a motiva. Recordei uma experiência anterior (Vide Cap. 7 de “Missionários da Luz” - Nota do Autor espiritual), em que observara certo irmão recebendo alguns dias de acréscimo à existência no corpo, para poder solucionar problemas particulares, e compreendi a alteração havida. De qualquer modo, porém, minha surpresa não era desarrazoada, porque constituíamos comissão de trabalho definido, com atividades traçadas por superiores hierárquicos. No caso a que me reportava, vira amigos de nossa esfera intercedendo junto de outros amigos, em benefício de terceiro. Todavia, na questão em exame, tratava-se de pedido da Crosta, atuando diretamente em nosso núcleo distante. Conservando, pois, minha curiosidade insatisfeita, acompanhei o Assistente até ao apartamento confortável em que residia a interessada. Os prognósticos acerca do estado físico da enferma eram desanimadores. Seu espírito, no entanto, mantinha-se calmo e confiante, a despeito da profunda perturbação orgânica. Não só o coração e as artérias apresentavam sintomas graves: também o fígado, os rins, o aparelho gastrointestinal. A dispnéia castigava-a, intensamente. Chegáramos no instante em que gracioso grupo de jovens, catorze ao todo, fazia em derredor da enferma o culto doméstico do Evangelho. Enquanto oravam, antes dos comentários construtivos, de alma voltada para a sublime fonte da fé viva, atiramo-nos ao trabalho, seguidos, de perto, por outros amigos de nosso plano, ligados à missão da nobre educadora. O ambiente equilibrado pela prece e pelos pensamentos de elevação moral contribuía eficazmente na execução de nossos propósitos. A zona perigosa do corpo abatido era justamente a que situava o aneurisma, provável portador da libertação. O tumor provocara a degenerescência do músculo cardíaco e ameaçava ruptura imediata. Jerônimo, entretanto, revelou-se, mais uma vez, o médico experimentado e competente de nosso plano de ação. Começou aplicando passes de restauração ao sistema de condução do estímulo, demorando-se, atencioso, sobre os nervos do tônus. Em seguida, forneceu certa quantidade de forças ao pericárdio, bem como às estrias tendinosas, assegurando a resistência do órgão. Logo após, meu orientador magnetizou, longamente, a zona em que se localizava o tumor bastante desenvolvido, isolando certos complexos celulares, e esclareceu: – Poderemos confiar em grande melhora, que persistirá por alguns meses. Com efeito, finda a complexa operação magnética, observei que o coração doente funcionava com diferente equilíbrio. As válvulas cardíacas passaram a denotar regularidade. Cessou a aflição, o que foi atribuído, e de fato, com razões poderosas, ao efeito da prece. Albina sentiu-se reconfortada, mais calma. Fitou, comovida,

as discípulas que se achavam presentes em afetuosa homenagem a ela, e considerou, satisfeita: – Como me sinto melhor! Motivos fortes possuía o apóstolo Tiago, recomendando a prece aos enfermos! As alunas e as filhas riram-se de contentamento e ergueram, em seguida, formosa oração gratulatória, emocionando-nos o coração. Contrariando a expectativa geral, a enferma aceitou o oferecimento de um caldo confortante. [...]” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 17)

“Findos alguns minutos, chegamos a vasto hospital de movimentada cidade terrestre. Na portaria, um dos vigilantes espirituais dirigiu-se carinhosamente a Silas, em saudação fraterna, e o nosso dirigente no-lo apresentou, atencioso: – Este é o nosso companheiro Ludovino, que no momento se encontra encarregado da necessária vigilância, a benefício de alguns enfermos de cuja reencarnação cuida a nossa casa. Abraçamo-nos todos, irmãmente. Logo após, o responsável por nossa equipe de trabalho tomou a palavra, indagando: – E a nossa irmã Laudemira? Recolhemos hoje notícias graves... – Sim – concordou o interpelado –, tudo faz acreditar que a pobrezinha sofrerá perigosa intervenção. Envolta nos fluidos anestésicos que lhe são desfechados pelos perseguidores, durante o sono, tem a vida uterina sensivelmente prejudicada por extrema apatia. O cirurgião voltará dentro de uma hora e, na hipótese de os recursos aplicados não surtirem efeito, providenciará uma cesariana como remédio aconselhável... Nosso amigo mostrou funda preocupação a vincar-lhe o semblante habitualmente calmo, e ajuntou: – Uma operação dessa espécie acarretar-lhe-á grandes prejuízos para o futuro. Consoante o programa organizado, em favor dela, cabe-lhe receber ainda mais três filhos no templo do lar, de modo a utilizar-se do presente estágio humano, com tanta eficiência quanto se torne possível... O guarda fixou um gesto de respeito e ponderou: – Creio, então, que não há tempo a perder. Silas tomou-nos a dianteira e conduziu-nos a pequena enfermaria, onde jovem senhora se lamentava, aflita. Simpática matrona de nevados cabelos, em cuja ternura percebíamos a presença materna, velava, atenta, acariciando-lhe as mãos inquietas. Notando a expressão de pavor que os olhos da doente exibiam em pranto, procurei a palavra de Silas, quanto à causa de tão agoniado padecimento. – Nossa irmã – esclareceu, prestativo – será novamente mãe, em minutos breves. Encontra-se, porém, algemada a provas difíceis. Demorou-se muito tempo, em nossa Mansão, antes de retornar ao corpo denso de carne, sempre vigiada por inimigos que ela mesma criou em outro tempo, quando se valeu da beleza física para acumpliciar-se com o crime. Bela mulher, atuou em decisões políticas que arruinaram a estrada de muita gente. Padeceu muitos anos nas trevas infernais, entre a carne e a sombra, até que mereceu agora a felicidade

de renascer com a tarefa de restaurar-se, restaurando alguns dos companheiros de crueldade que, na feição de filhos, com ela se levantarão para mais amplos serviços regeneradores... Silas, contudo, lançou-me expressivo olhar e acrescentou: – Historiaremos o assunto mais tarde. Agora, é indispensável agir... Sob a atenção de Clarindo e Leonel que nos seguiam, surpresos, convocou-nos, a Hilário e a mim, para o socorro imediato. Determinando permanecêssemos ambos em oração, com a destra colada ao cérebro da doente, começou a fazer operações magnéticas excitantes sobre o colo uterino. Substância leitosa, qual neblina leve, irradiava-se-lhe das mãos, espalhando-se sobre todos os escaninhos do aparelho genital. Decorridos alguns minutos de pesada expectativa, surgiram contrações que, pouco a pouco, se acentuaram intensamente. Silas, atencioso, controlou a evolução do parto, até que o médico ingressou no recinto. Longe de registrar-nos a presença, sorriu, satisfeito, reclamando o concurso de competente enfermeira. A cesariana foi esquecida. Convidou-nos o Assistente ao regresso, informando-nos mais tranquilo: – O organismo de Laudemira reagiu brilhantemente. Esperamos possa continuar na obra que lhe compete, com o êxito necessário.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 10)

“Explicando a técnica da cirurgia a ser realizada, o Orientador deu início à mesma, na parte superior do cérebro, na região do centro coronário, deslindando tenuíssimos filamentos escuros e retirando-os, ao tempo em que, utilizando-se de um aspirador de pequeno porte, fazia sugar resíduos do centro cerebral, que haviam bloqueado a área da consciência. À medida que a equipe recorria a instrumentos muito delicados para aquela microcirurgia diante dos meus olhos, a cor retornou à face da jovem e a respiração foi, a pouco e pouco, sendo percebida, em face dos estímulos aplicados na área cardíaca. Aproximadamente, vinte minutos depois, a paciente, em sono reparador, foi removida para a enfermaria contígua sob cuidadosa assistência, enquanto o dedicado médico pontificou: – Morrer é fácil. Liberar-se da morte, após ela, é que se faz difícil. Encerrando-se um capítulo da vida, outro se inicia em plenitude de forças. Acabar, jamais!” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 8)

“A um sinal sutil do Mentor, o irmão Genézio Duarte passou a aplicar recursos fluídicos de desmagnetização nos centros coronário e cerebral de Manuel Alfredo incorporado em Jonas. Aqueles largos minutos de intercâmbio psíquico e perispiritual, com o médium, beneficiaram expressivamente o irmão, de forma alterada. Ajustado ao molde humano do companheiro encarnado e assimilando as energias benéficas do ambiente, passadas as reações mais fortes das evocações dos acontecimentos pretéritos, modificaram-se-lhe um tanto o aspecto e a agitação incontrolada, diminuindo,

ao mesmo tempo, a ferocidade acumulada e as densas vibrações da auto-hipnose, bem como das induções negativas de que o mesmo fora vítima durante anos. O contágio do bem é de eficiência imediata, por isso que a vida resulta de um ato de amor do nosso Pai... À medida que eram dispersadas as energias perniciosas que se encontravam fixadas no centro cerebral do sofredor, víamos deslindar-se um fio negro de substância pegajosa que emanava um odor desagradável. Simultaneamente, exteriorizavam-se do centro coronário ondas vibratórias sucessivas, que se diluíam, na medida em que abandonavam o fulcro emissor. O técnico em passes permanecia inatingido pelas irradiações negativas, porque, em profunda concentração produzia, por sua vez, correntes de uma energia que o envolvia em suave tonalidade prata-violácea. A Entidade atormentada gemia, pungentemente, como se estivesse sob uma cirurgia psíquica um pouco dolorosa. - As forças deletérias absorvidas - explicou-me o Dr. Bezerra, a meia-voz - impregnaram-lhe os centros perispirituais tão profundamente, que se condensaram, impondo-lhe a compleição simiesca, na sucessão do tempo. As ideias pessimistas e deprimentes, gerando nele mesmo a forma-pensamento que lhe era imposta pela hipnose de outros companheiros empedernidos no mal e impenitentes, atuaram no corpo de plasma biológico encarregando-se de submetê-lo à situação em que se encontra. “Atuando-se em sentido oposto, através de movimentos contrários, rítmicos, circulares, da direita para esquerda, sob comando mental bem dirigido, pode-se extrair as fixações que se condensam, liberando o paciente da poderosa constrição que o submete. “Mesmo nesse caso, estamos diante de uma forma de obsessão por subjugação deformadora. Os fenômenos de licantropia, de zoantropia e monoideísmos diversos produzem a degenerescência da harmonia molecular do perispírito, que aprisiona a vítima a mentes mais poderosas, conhecedoras do mecanismo da evolução, embora profundamente vinculadas ao mal. Sucede que as inteligências cultivadas, que se esquecem de Deus e do amor, simbolizadas na figuração do anjo caído, se ensoberbecem e pensam poder atuar na condição de pequenos deuses. “Tornam-se Entidades infinitamente infelizes, que pululam nas regiões inferiores do planeta, atribuindo-se o controle de muitas vidas, que delas, infelizmente, necessitam, assenhoreando-se-lhes da condução mental e interferindo no seu comportamento. “São de transitório poder, certamente, mas, por enquanto, de resultados muito prejudiciais à economia moral-espiritual do homem e do planeta.” Calou-se o Amigo, enquanto prossegui observando. O corpo do médium tomou a posição normal, na cadeira, enquanto a face da Entidade experimentava uma sutil remodelação. O queixo diminuiu, o sobrolho e as maçãs do rosto recompuseram-se, a testa fez-se mais

larga, os olhos tornaram-se oblíquos e o nariz exteriorizou-se mais humanamente. Estávamos diante de uma recuperação. A cirurgia psíquica era feita, naquele caso, no perispírito alterado, servindo de molde refazente o psicossoma do médium encarnado, em transe, por desdobramento parcial do corpo. Quando o irmão Genézio terminou a tarefa, era visível a melhora do comunicante espiritual.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 28)

“**Técnica de sobrevida.** Argos tivera um pós-operatório dolorido, como se há de compreender, em se considerando a extensão da cirurgia. Advieram-lhe os efeitos colaterais martirizando-o, o que propiciou ao médico gentil mantê-lo sedado por um prazo mais longo. Retirado do Centro Cirúrgico foi conduzido à Unidade de Terapia Intensiva onde ficou sob cuidados especiais. Tranquilizada pelo facultativo, Áurea, por sua vez, pôde retornar ao lar onde se hospedava para algum necessário repouso. Por telefone acompanhou a convalescença do esposo, através das enfermeiras e religiosas cuja afeição conquistara. Conforme ficara estabelecido, à hora aprazada reunimo-nos ao grupo que se encarregaria de proporcionar os recursos para a moratória outorgada ao enfermo. Após as primeiras palavras de esclarecimento sobre o que se iria realizar, a Irmã Angélica convidou-nos a seguir à UTI donde conduziríamos à nossa Esfera de ação o companheiro desdobrado em espírito. Encontramo-lo imanado ao corpo, igualmente entorpecido pelos fortes anestésicos. A Benfeitora aplicou-lhe passes longitudinais, detendo-se mais na área do epigástrico e, em poucos segundos, ele se exteriorizava, denotando as sensações traumatizantes que o ato produzira no corpo, alcançando os tecidos sutis do Espírito pelo processo automático da ação-reação. Sob o comando da nobre Entidade saímos e, chegando à área ajardinada, utilizando-nos da volição demandamos nosso campo de atividades. Amparado pelo Dr. Arnaldo (Lustoza) e pelo nosso técnico de passes, Argos foi conduzido sem dar-se conta da ocorrência. Quando chegamos ao nosso local de destino, fomos recebidos pela equipe especializada no socorro programado, indo todos para uma ampla e agradável sala onde não havia a monotonia das linhas arquitetônicas, nem os instrumentais hospitalares da Terra. Era a primeira vez em que eu, pessoalmente, deveria tomar parte numa providência grave de tal natureza, comovedora pela grandiosidade do amor de nosso Pai em relação às criaturas. Em razão disso, ao lado do interesse pela saúde do jovem, eu mantinha uma curiosidade positiva, objetivando aprender para mais servir, adquirindo assim experiências numa área ainda pouco estudada e, embora soubesse da sua realização mais ou menos frequente, desconhecia completamente o seu “modus operandi”. A sala agradável era dividida em duas partes: à entrada

havia um “hall” e, logo após, três degraus conduziam à segunda etapa, de maior proporção, onde podíamos ver alguns aparelhos por mim desconhecidos e uma mesa cirúrgica. Janelas laterais permitiam a entrada do ar balsâmico da Natureza, em suaves lufadas contínuas. Argos foi colocado sobre a mesa e a Irmã Angélica fez as apresentações. O diretor da Clínica era um lutador abnegado que ali se radicava fazia mais de trinta anos e que, na Terra, fora dedicado estudioso das cirurgias cardíacas em campo aberto, o que, à época, constituía uma verdadeira temeridade. O Dr. Froebel explicou a técnica da sobrevida, numa síntese muito bem urdida, com a intenção de esclarecer-nos, principalmente a nós outro que sou leigo em assuntos médicos. — Iremos retirar o tônus vital — começou por elucidar — que degenera em Argos, predispondo-o à desencarnação e o faremos ser absorvido pelo pulmotor onde já depositamos regular quantidade de maaprana* ou energia superior e de vitalidade extraída dos vegetais terrestres [* Resolvemos utilizar a expressão maaprana, de origem sânscrita, que significa energia proveniente de Brama. Acredita-se, na tradição bramânica, que da sua atuação com a acaxa, ou substância, se dá a origem da pracríte ou matéria. Como se tratava de um processo para a restauração orgânica e material do paciente, recorremos a esse verbete por parecer-nos mais apropriado para a elucidação do leitor. (Notas do Autor espiritual)]. Na parte superior interna e transparente da máquina serão misturadas, sob a ação de uma pequena bomba encarregada de fazer a oxigenação da substância fluídica. Fez um intervalo, enquanto apontou o aparelho e o setor onde se daria o processo referido. Logo depois, deu prosseguimento: — Providenciaremos um doador encarnado que, consultado em encontro conosco, em reunião especializada, prontificou-se a cooperar. Isto porque, no caso em tela, faz-se necessário, também, o fluido humano e, como sói acontecer nos trabalhos de transfusão de sangue, em que a identidade de tipos é condição indispensável para os resultados que se almejam, aqui encontramos algo semelhante. “Um antigo amigo de Argos, que o acompanha desde o apelo do Sol de Assis** [** Refere-se ao santo da humildade: Francisco de Assis. (Nota do Autor espiritual)] aos corações terrenos, tentando conduzir os homens a Jesus, será o tipo ideal para o tentame, ainda mais considerando que este, exercendo a mediunidade, está de certo modo mais adestrado, em labores do nosso lado.” Chamando um jovem que se encontrava presente, concluiu: — Este é o nosso irmão Venceslau, que residiu nesta Colônia e se reencarnou com tarefas definidas no campo da des cristianização dos homens, através da abençoada Doutrina Espírita. Acostumado à vida religiosa, em face de experiências passadas, nosso amigo adaptou-se sem maior sacrifício ao clima de ação que lhe diz

respeito sob a salutar proteção da Irmã Angélica, sua desvelada benfeitora maternal. Venceslau sorriu gentilmente e saudou-nos com espontaneidade. Enquanto isto ocorria, uma outra mesa foi localizada ao lado do paciente adormecido sob os cuidados do Irmão Bernardo. De imediato, o Dr. Froebel solicitou à Irmã Angélica que se encarregasse de orar, suplicando o divino beneplácito para o trabalho a iniciar-se. A generosa Mentora, ungida de amor, fê-lo com breves palavras, repassando-as de ternura e submissão à vontade superior. Todos nos dirigimos ao local e acompanhamos o médico, que passou a ser ajudado pelo Dr. Arnaldo e duas enfermeiras prestativas que já se encontravam no posto. Foram introduzidos dois cateteres no braço direito de Argos, que se ligavam ao pulmotor. Vimos, de imediato, que saía uma substância pardo-acinzentada para o interior da máquina. O médico fechou pequena válvula, interrompendo o fluxo. Um outro cateter foi ligado do aparelho ao braço esquerdo do enfermo por onde deveria retornar a energia purificada. Imediatamente vimos uma das enfermeiras fazer uma terceira ligação, desta vez era um cateter que se fixava à artéria do braço esquerdo de Venceslau, que deveria doar determinada dose de tônus vital. Era um momento comovedor e de elevação espiritual significativa. A Irmã Angélica acompanhava o delicado serviço de sobrevida, numa postura de veneranda diretora da tarefa, inspirando confiança e tranquilidade. A um sinal do chefe cirúrgico, foram abertas as pequenas válvulas. Vimos a energia de Argos, que já se encontrava em grande parte do cateter, penetrar no depósito de maaprana e clorofila, ao mesmo tempo em que do médium Venceslau o tono vital chegava à parte inferior do pulmotor, que uma pequena bomba impelia para cima de modo a confundir-se com a substância em renovação e fosse transferida para o paciente pelo cateter do braço esquerdo. A operação transcorreu num prazo de trinta minutos, aproximadamente. Desde o primeiro momento da transfusão de força vital, o Espírito Argos começou a dar sinais de menos desconforto. Normalizou-se-lhe a respiração e, ao terminar, já apresentava a face com o róseo da saúde em retorno. — Acreditamos — explicou o cirurgião — que ele disporá de energia para um quinquênio, aproximadamente, quando, segundo as suas conquistas, poderá receber nova dose ou interromper-se-lhe a estada no domicílio carnal. Retirados os cateteres, Venceslau recebeu passes de revigoramento aplicados por Bernardo, que lhe recomendou repousasse para o refazimento necessário, fazendo-o adormecer. Argos ficou na Clínica até as 6:00hs da manhã mais ou menos, sendo então recambiado ao corpo. Quando o médico veio examiná-lo mais tarde, ficou surpreso com o resultado da operação e não ocultou o contentamento, que transmitiu a Áurea sempre expectante. — Dentro de mais dois dias

— afirmou-lhe com euforia — se o quadro não sofrer alteração, ele retornará à Enfermaria e, em breve, estará caminhando para a restauração orgânica. A jovem não pôde sopitar as lágrimas e recorreu à oração de graças. Porque a Irmã Angélica prosseguisse acompanhando a etapa final da técnica de sobrevida, indaguei-lhe, com o propósito de aprendizagem: — Como terá despertado Venceslau hoje? Manterá na consciência as lembranças da ocorrência? E Argos? A verdade é que a minha mente esfervilhava de interrogações. Tudo era um mundo novo a ser conhecido e não posso negar o interesse que me despertava. — Venceslau — respondeu, bondosa e paciente — terá a recordação de um sonho bom em nossa Esfera, durante o qual se sentira impelido à solidariedade espiritual em socorro a um amigo... Quanto a Argos, nenhuma lembrança lhe ficará em razão do estado de inconsciência em que permaneceu. A convalescença do nosso paciente foi longa, com as naturais limitações que a máquina orgânica, em fase de ajustamento, lhe impunha neste estágio do seu quinquênio de sobrevida.” (MPM, *Painéis da obsessão*, Capítulo 5)

“O desafio. [...] Abordando os presentes com expressões afetuosas, apesar do seu estilo rude, solicitou que lhe fosse trazido o primeiro paciente. Nesse comenos, os trabalhadores espirituais da Casa, sob o comando de Vicente, estabeleceram as defesas vibratórias até então não conseguidas em razão da perturbação reinante no recinto. Aproveitando-se do momentâneo clima de expectativa geral, e de algumas mentes que sinceramente se concentravam em Deus e nas ideias superiores, esses laboriosos servidores distendiam telas magnéticas que circundavam a sala, enquanto uma lâmpada projetava irradiações semelhantes ao laser, com potencial bactericida, responsável pela assepsia, anestesia e hemóstase nos pacientes durante a incursão cirúrgica. Simultaneamente, outros Espíritos que haviam sido médicos na Terra, acercaram-se do cirurgião-chefe, responsabilizando-se por diferentes especialidades, já que o Dr. Hermann preferia operar as neoplasias, especialmente as de caráter maligno ainda sem metástases, o que lhe facultava dar largas à presunção, apresentando ruidosos espetáculos que divertiam a clientela e perturbavam alguns facultativos convidados ou que, curiosos, acorriam para acompanhar-lhe as demonstrações. O que deveria ser realizado com unção e respeito, a pretexto falso de comprovar a imortalidade da alma, convertia-se em cenário para exibição teatral. A primeira paciente era portadora de uma pequena tumoração da mama (displasia), que a afligia sobremaneira. Atemorizada pelos resultados da tomografia e do aconselhamento médico para a pequena cirurgia, acreditava-se ludibriada, receando tratar-se de um câncer, havendo recorrido, por isso, ao auxílio espiritual. A pobre tremia, vitimada

por acentuado desequilíbrio nervoso, e notava-se-lhe a face e os olhos congestionados por efeito das últimas noites mal dormidas e do choro contínuo. Mandando-a deitar-se na mesa de curativos, ora transformada em cirúrgica, o Dr. Hermann pediu à auxiliar que desembaraçasse a paciente da blusa e sutiã, tocando a região afetada. De pronto deu-se conta da quase nenhuma gravidade do problema, o que lhe facultaria uma bela atuação cirúrgica. Tomando de uma lâmina e sem desinfetá-la, começou o trabalho, que se nos afigurava hábil e grotesco, em face da introdução dos dedos com o objetivo de separar os tecidos que envolviam o nódulo displásico. Ante o temor da senhora, exortava-a, rudemente, à fé em Deus e nele, conseguindo, em poucos minutos, extirpar o pequeno tumor. Exibindo-o, informou que se poderia fazer o estudo patológico e se constataria a presença das células cancerosas. Ato contínuo, atirou-o a um recipiente reservado à coleta das peças extraídas. Uniu as bordas da incisão, da qual não brotava sangue, colou esparadrapo, enfaixou com gaze a operada e, todo sorrisos diante da aclamação geral, mandou-a retirar-se, convocando outro paciente. O novo cliente era portador de uma catarata que lhe ameaçava a vista esquerda, tal a dimensão que assumira. Assistido por jovem médico oftalmologista desencarnado e membro da equipe, fez a remoção da película opacificada e colocou um chumaço de algodão, preso por esparadrapo sobre o olho, recomendando o curativo para três dias depois. Desfilaram quase oitenta pacientes, diferindo em pouco os problemas que os afligiam. A maioria trazia perturbações psicossomáticas, enquanto alguns outros portavam enfermidades diversas. Não obstante, não fora realizada cirurgia alguma de grande porte ou em órgãos essenciais e de difícil acesso, embora tal incursão fosse possível. Eram somente tentames que provocavam mais pasmo do que renovação moral, ajudando na propaganda dos efeitos. O amigo Vicente, percebendo-me a perplexidade e as mudas interrogações, com discrição e respeito, veio-me em socorro. —O nosso Dr. Hermann — disse com certa melancolia — poderia realizar um trabalho precioso em favor do próximo, imprimindo dignidade ao fenômeno mediúnico e à imortalidade da alma. Afim, moralmente, com o instrumento de que se utiliza, quando constata um grave problema de saúde, que não pode resolver, apela para a informação de que se trata de carma e o paciente deve recorrer à Medicina terrestre, como se não o fossem todos os fenômenos afligentes que procedem do passado remoto ou próximo... “Certamente, a função da mediunidade não é de promover curas, como arbitrariamente supõem e pretendem alguns desconhecedores da missão do Espiritismo na Terra. Fossem eles vinculados à Doutrina e seria incompreensível tal comportamento. Entretanto, em uma Sociedade Espírita, a

tarefa primacial é a de iluminação da consciência ante a realidade da vida, seus fins, sua melhor maneira de agir, preparando os indivíduos para a libertação do jugo da ignorância, a grande geradora de males incontáveis. Apesar disso, o amor de Deus permite que nós também, os desencarnados, procuremos auxiliar as criaturas humanas, quando enfermas, sem nos entregarmos à injustificável competição com os médicos terrenos, fazendo crer que tudo podemos...” Silenciou por breves minutos e logo prosseguiu: — Os curados, qual ocorreu ao tempo de Jesus, prosseguem como antes, com raríssimas exceções, retornando quando adquirem novas mazelas e mandando outros enfermos, que se sucedem, em espetáculos lamentáveis. Não cuidam de remover as causas morais das suas doenças mediante a adoção de uma conduta correta, de um trabalho fraternal de socorro, de educação pessoal, de modo que possam entender os fundamentos da vida e, transformados interiormente, contribuam em favor de uma sociedade mais justa e mais feliz. Somente quando o homem assumir suas culpas, delas reabilitando-se; suas responsabilidades, aplicando-as numa vivência correta; sua consciência, agindo com equilíbrio, é que ocorrerá a sua integração plena na vida com saúde e paz. Utilizando-se dos mecanismos escapistas a que se aferra e escamoteando o dever, apenas logra adiar o enfrentamento com os problemas que gera, com as dores que desencadeia, portanto, consigo próprio. Ninguém se evade indefinidamente da sua realidade. “Buscamos auxiliar estes labores que foram instalados em nossa Casa, à nossa revelia, porque os necessitados, embora ignoremos os problemas reais que os tipificam, são credores de compaixão e amor, constituindo-nos oportunidade para treinarmos paciência e caridade. Acreditamos, porém, que, em face da conduta do pobre médium, em breve teremos esses serviços interrompidos, quando então retornaremos às bases do compromisso que ficou esquecido.” Permanecemos em reflexões profundas, constatando a excelência e oportunidade dos argumentos do amigo, considerando, sobretudo, a transitoriedade do corpo, que sempre está sujeito a alterações que decorrem da sua estrutura frágil e complexa, invariavelmente vítima da condução irregular que lhe impõe o Espírito reencarnado. O homem-Espírito é um ser eterno, e as suas experiências no corpo constituem-lhe metodologia para aprendizagem dos valores elevados e fixação deles no imo. [...]” (MPM, *Trilhas da libertação*, O desafio)

“**Serviços de desobsessão.** O irmão Vicente tomou conhecimento da ocorrência infeliz que envolvia Davi, membro atuante da Casa por ele administrada espiritualmente, encontrando aí o motivo de que necessitava, além de outros, para a tomada de saneadora decisão. Ao primeiro ensejo, durante a reunião

mediúnica da qual participavam vários diretores da Sociedade, incorporando o médium que sempre utilizava, após diversas considerações foi explícito: — Para o bem de todos nós, sugerimos que ainda este mês retornemos aos trabalhos de origem que motivaram a criação da nossa Instituição. Consideramos que a caridade das curas do corpo é de grande relevância, mas o nosso compromisso é com a saúde espiritual das criaturas. O nosso é o programa de iluminação das consciências, a fim de que nos não divorciemos da atividade primeira, que é a transformação moral dos homens para melhor, permanecendo nos socorros aos efeitos da inadvertência, da desordem e do desrespeito às leis soberanas da vida. Quem desejar cooperar conosco sob a égide de Jesus, que também curava, mas não se detinha nesse exclusivo mister, fá-lo-á por meio do programa da caridade plena sem qualquer retribuição, direta ou indiretamente. Amando todos, não teremos exceções, nem exclusivismos. Avançamos para os níveis elevados de libertação, e a nossa é a conquista dos altiplanos íntimos e nobres da vida. Ao fazer silêncio, um dos beneficiários das cirurgias mediúnicas, pedindo licença, interrogou o Amigo: — Teremos, então, que suspender os trabalhos realizados por Dr. Hermann? E se ele não concordar? Sem deixar-se inquietar, o bondoso Vicente respondeu: — Não pretendemos suspender qualquer atividade, senão volver ao programa inicial que abraçamos. As cirurgias continuarão, porém, de natureza psíquica, no corpo perispiritual, sem alarde, sem a presença dos pacientes, como sempre as houve, pois que o amor de Deus jamais se eximiu de socorrer-nos, mesmo quando a mediunidade ostensiva não realizava essas atividades. “Quanto ao amigo Hermann não concordar conosco, ou o seu médium também discrepar, certamente eles tomarão providências fora do nosso recinto, que acaataremos com prazer. Quando os dois companheiros chegaram aqui, buscando ajudar e ser ajudados, encontraram-nos a postos, de boa vontade, sem objeção. Desse modo, a decisão será deles, porquanto a nossa já está tomada.” Sem perda de tempo, o Diretor espiritual prosseguia esclarecendo a respeito das novas metas a alcançar, enquanto diversos companheiros encarnados, que não concordavam com aquelas atividades cirúrgicas, sentiam-se aliviados, exultantes. A vitória do Bem, por meio da paciência e do amor para com os equivocados, tornava-se uma realidade, evitando-se ulcerações nas almas, sem, entretanto, anuências ambíguas, que denunciavam convivência injustificável.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Serviços de desobsessão)

“**Últimas advertências.** [...] Ernesto, o Dr. Carneiro, Fernando e nós fomos participar do labor, a convite, agora, do Dr. Hermann Grass, que se apresentava gravemente abatido e preocupado com a sucessão de loucuras praticadas pelo seu pupilo mediúnico.

Antes, era-lhe possível controlar-lhe a gula financeira e sexual, aparecendo-lhe severo e ameaçador, repreendendo-o e até tomando-o à revelia da sua vontade. Com o tempo, à medida que ele se atirava ao desalinho moral e mental, as faculdades mediúnicas ficaram-lhe bloqueadas, sem a sensibilidade para a clarividência, e só com relativa possibilidade para a incorporação, mesmo assim com o mistificador desencarnado, que usurpara o lugar do médium, graças à sintonia infeliz entre o comunicante e o instrumento mediúnico. Compreendia, então, o cirurgião desencarnado que também contribuía para o atual estado de ocorrências, por haver sido imprevidente quão presunçoso, faltando-lhe os valores morais, que são as bases inamovíveis para qualquer tentame de enobrecimento. A vida não se desenvolve ao acaso, havendo códigos de equilíbrio que devem ser preservados, sob pena de se sofrerem as consequências desastrosas, quando não respeitados ou não tidos em conta. Ao retornarmos à residência rica, lamentavelmente frequentada por Espíritos vulgares, podíamos sentir a psicofera densa, negativa, na qual toda a família se movimentava, com prejuízo para a saúde das crianças. Uma hora antes do compromisso o casal despertou, com ressaca e indisposição própria, que alguns medicamentos ingeridos deveriam resolver. Após banharem-se e cuidarem da aparência, os cônjuges desceram para ligeiro lanche enquanto aguardaram a cliente, seus pais e o intermediário. Em sala reservada, com alguns instrumentos cirúrgicos, álcool, éter, uma mesa de exames, toalhas felpudas, lençóis, havia-se preparado o lugar para o tratamento combinado. Nesse comenos, deram entrada no recinto o intrujão desencarnado, que se passava pelo Dr. Hermann, e alguns sequazes que lhe ofereciam cobertura vibratória. O semblante patibular alterava-se-lhe em sucessivos esgares de cinismo e crueldade, não permitindo a exteriorização de sensibilidade moral alguma. [...] Silenciou, compungido, e pudemos notar-lhe os olhos marejados de pranto. Enquanto isso, o médium Davi agitava-se, estertorando sob a ação dos fluidos perturbadores do carrasco espiritual. Tomado de compaixão, o Dr. Carneiro transmitiu breve instrução ao Dr. Hermann, acercou-se da mãezinha da enferma, infundindo-lhe ânimo e inspirando-a. A senhora, como-vida, levantou-se e pediu: — Oremos a Deus em favor da minha filhinha. A entonação da voz era profunda, sensibilizando a indiferente Adelaide e os demais presentes que se recolheram em prece silenciosa. Lentamente o ambiente passou a ser visitado por vibrações de harmonia, que começaram a esbater as sombras dominantes. O amigo Ernesto, mentor de Davi, utilizando-se da mudança mental dos presentes, exortou a Deus suas bênçãos e, dentre as suas palavras repassadas de amor e fé, suplicou: — Desde que não nos é lícito alterar o quadro provocacional da pequena enferma,

suplicamos permissão para minorar-lhe as dores, suavizar-lhe o sofrimento, confortar os paizinhos. Ao silenciar, emocionado, pairavam outras vibrações no recinto. O Dr. Carneiro e o Dr. Hermann acercaram-se, então, do médium em quase transe. Tornando-se visíveis ao obsessor, o primeiro ordenou-lhe com energia: — Retire-se! Sua tarefa aqui está concluída. Ordeno-lhe, em nome de Deus, que se afaste. À medida que o exprobrava, exteriorizou uma diáfana claridade que envolveu Davi; e a Entidade perversa, tomada de espanto, como se houvesse recebido uma descarga elétrica, deu um grito e afastou-se aturdida. De imediato, o Dr. Hermann aproximou-se de Davi e envolveu-o em fluidos, erguendo-o e assenhoreando-se dos seus recursos mediúnicos como ocorria no passado. Às primeiras palavras, Adelaide reconheceu-o, percebendo a diferença das comunicações anteriores. Não houve tempo, porém, para diálogo. O Espírito, renovado e consciente das graves responsabilidades, examinou a pequena enferma e, tomado de carinho nele incomum, pôs-se a animá-la. Explicou-lhe que lhe ia aplicar algumas agulhas na coluna vertebral para estimular-lhe a circulação de energia e diminuir-lhe as dores. Enquanto Adelaide saía em busca do instrumento, ele recorria aos passes longitudinais sobre a menina, após o que passou a colocar as agulhas com regular distância uma da outra. A pequenina não acusava a dor das picadas nem da introdução do metal, que permaneceu ao longo das costas por vários minutos. Buscou confortar os pais, sem os animar demasiadamente, explicando que nem sempre se pode curar todos os tipos de mazelas. Elucidou que a morte é lei da Vida e que a sobrevivência é ato de amor do Pai Criador. Exortou Adelaide ao despertar e explicou que estivera com Davi em experiência fora do corpo pelo sono, confirmando-lhe as lembranças e anulando a falsa hipótese de haver sido um pesadelo ou derivado. [...] Retirou as agulhas da criança, que adormeceu como se houvesse sido anestesiada, o que certamente aconteceu mediante o magnetismo bem direcionado. Teceu palavras de alento moral e despediu-se, retornando, jubiloso, ao nosso convívio. Foi mais uma tentativa, no empenho da caridade fraternal, a que todos nos devemos comprometer. Davi despertou sem convulsões, sentindo-se disposto, como decorrência dos fluidos hauridos no intercâmbio saudável. Sorriu, espontâneo, e observou a doentinha adormecida, bem como a tranquilidade dos pais. Adelaide, embora alegre, deixava transparecer alguma preocupação. Os visitantes despediram-se, agradeceram, e carregando a filhinha voltaram ao veículo que os trouxera, demandando o hotel...” (MPM, *Trilhas da libertação*, Últimas advertências)

“**Novos rumos.** [...] Dirigindo-se ao Dr. Grass, o benfeitor Ernesto adicionou: — Milhares de pessoas de ambos os planos da Vida rogam bênçãos a Deus para

o amigo, que as ajudou a diminuir sofrimentos físicos e angústias morais. Outras tantas se interrogam como ficarão agora, tendo em vista o afeto que devotam ao nobre médico. Sinceramente tocado, o cirurgião indagou, por sua vez: — Como ficarei? Que farei? Bem sei que Deus me sustentará, porém, encerrado este capítulo, gostaria de prosseguir com uma visão diferente, no entanto com o mesmo afã e a mesma dedicação. O Dr. Carneiro envolveu-o em um amplexo afetoso e comentou: — Ao bom trabalhador nunca falta oportunidade de ação, especialmente no delicado campo da caridade fraternal aos enfermos. Um especialista, com as qualidades do querido irmão, é bem-vindo ao nosso grupo de ação, exatamente neste momento em que as doenças grassam desenfreadas e a dor se agiganta nos corações aflitos. “Tomaremos providências para que lhe seja facultado um curso de aperfeiçoamento acerca do perispírito e das suas funções, a fim de poder operar nessa área complexa onde estão sediadas as matrizes de muitos males. “O período dos fenômenos mediúnicos ostensivos, ruidosos, mesmo chocantes, vai cedendo lugar às sutilezas do comportamento, à educação dos pacientes, de modo a ser lograda a cura real, e a mediunidade deixar o palco do exibicionismo, que a uns convence, mas não os transforma intimamente para melhor, e a outros, pelo seu aspecto agressivo, como no caso em tela, provoca debate, suspeita, confusão mental...” “Este é o momento da Doutrina Espírita acima da manifestação mediúnica, não obstante a sua imensa contribuição à causa do Bem. “Nesta Casa de amor e luz dispomos de excelentes médiuns que poderão ser adestrados para a atividade curativa, como já vem ocorrendo discretamente.” Unindo as palavras aos atos, o Dr. Carneiro expôs ao irmão Vicente o que acabara de falar ao Dr. Hermann e pediu-lhe permissão para que Leonardo fosse convidado a colaborar com o nobre médico, no futuro, prosseguindo o labor agora sob novo comportamento. O Diretor espiritual não ocultou o contentamento, comprometendo-se a levar ao mentor de Leonardo a proposta edificante e convencionando que Fernando, que exercera a mediunidade curativa na sua existência anterior, encarregar-se-ia de adestrar o companheiro encarnado, o qual teria os seus compromissos mediúnicos aumentados com responsabilidade ampliada. Testado por anos a fio, o candidato ao trabalho mais específico havia superado empecilhos e problemas, sendo fiel aos compromissos abraçados, particularmente os de referência às atividades mediúnicas. Sendo esse um campo espinhoso, seriam tomadas providências para que as realizações ocorressem com discrição. O próprio Dr. Hermann, no futuro, adotaria pseudônimo, de modo a evitar as habituais romarias de necessitados em busca de milagres. Novos rumos se delineavam, abençoados, para o desdobramento das realizações

espíritas. Os envolvidos na programação aguardavam agora ocasião de ouvirem o mentor de Leonardo, assim como ele próprio. Após as aflições do processo de crescimento espiritual, surgiam possibilidades de crescimento íntimo para todos, particularmente com o ingresso do médico-cirurgião na caravana conduzida pelo Dr. Carneiro. Outras atividades aguardavam-nos, e os desafios se tornavam mais próximos, convidando-nos ao recolhimento e à gratidão a Deus.” (MPM, *Trilhas da libertação*, Novos rumos)

“EXPERIÊNCIA INCOMUM. [...] Quando nos acercamos de um dos leitos enfileirados em duas ordens, uns defronte dos outros, deparei-me com uma cena surpreendente. Sobre a cama havia algo semelhante a um casulo de expressiva proporção, como um envoltório mumificador ocultando o Espírito que se encontrava revestido por essa forma estranha. Já conhecia a ocorrência com Agenor que, no entanto, não se consumara totalmente, como a transformação que agora estava diante dos meus olhos. O Espírito assim revestido movia-se com dificuldade, aprisionado por resistentes fios sucessivos que o imobilizavam quase, apertando-o no horrível envoltório de coloração cinza e de estrutura viscosa. [...] Silenciando, analisou o paciente demoradamente, detendo-se na área cerebral igualmente oculta. O seu olhar penetrante alcançava o ser infeliz que se escondia de si mesmo e gerara mentalmente o casulo para refugiar-se. O atendente espiritual, que o cuidava, acercou-se prestimoso e explicou que as providências para o ato cirúrgico haviam sido tomadas, estando a equipe aguardando no Centro destinado a esse fim. Anuindo à elucidação, dr. Orlando autorizou a remoção do enfermo para a sala reservada para o mister, convidando-nos, a Alberto e a mim, a acompanhá-lo. Na parte final da imensa enfermaria encontrava-se o centro cirúrgico, onde já estavam alguns membros do tratamento especializado que ali deveria ter lugar. Apresentando-nos rapidamente ao grupo, o paciente que fora trazido em cama com roldanas foi transferido para a mesa cirúrgica, iluminada por forte luz que se originava em lâmpadas próprias, qual ocorre nas mesmas circunstâncias na Terra. O casulo, que tinha a dimensão de um homem, exteriorizava na parte superior a exsudação que se convertia em fio espesso sempre se concentrando em volta da cápsula densa. Logo depois de ser proferida por dr. Orlando uma oração fervorosa suplicando o auxílio divino, dois médicos ao seu lado tomaram posição em volta do paciente. Tudo fazia recordar um tratamento cirúrgico conforme os padrões conhecidos no mundo físico. Havia o instrumentador, o anestesista, que permaneciam concentrados, irradiando energia calmante que se direcionava para o chakra cerebral do adormecido e dois outros enfermeiros-auxiliares que aguardavam instruções. Nesse momento, percebi que o paciente se encontrava sob

ação hipnótica de uma energia que lhe chegava como ressonância psíquica e que o mantinha na estranha autopunição. Compreendi que, mesmo naquele caso, estava diante de um processo obsessivo à distância, que deveria ser interrompido com muito cuidado. O anestesista acercou-se mais e começou a aplicar bioenergia dispersiva na área do chakra coronário, onde se adensavam campos de magnetismo perturbador, como se se podia depreender pela coloração escura condensada. À medida que eram aplicados os recursos libertadores e diluídas as sucessivas camadas que cobriam a região, interrompeu-se o fluxo exterior e o paciente agitou-se por alguns segundos dentro do envoltório confrangedor. Foi a vez de dr. Orlando, utilizando-se de uma lâmina semelhante a um bisturi a laser, tentar cortar os fios superpostos uns e interpenetrados outros, para alcançar a cabeça do enfermo. A delicada tarefa era feita com perfeição, cortando os mais viscosos, exteriores, e adentrando-se naqueles que se encontravam consolidados internamente. O cirurgião auxiliar, utilizando-se de uma pinça própria, mantinha aberta a pequena cavidade, enquanto era aprofundado o corte. À medida que se fazia a incisão, aqueles fios grosseiros desmanchavam-se e se transformavam em um líquido nauseabundo, que escorria pela carapaça e a mesa, caindo no piso. Os enfermeiros vigilantes recolhiam-no com vasilhames especiais, mantendo a assepsia do ambiente. A incisão deveria medir dez centímetros mais ou menos, tornando-se mais cuidadosa à medida que se acercava do ser espiritual ali encarcerado. Logo depois, o outro médico ampliou-a de forma que alcançasse a dimensão de toda a cabeça numa linha reta. Nesse instante, dr. Messier, começou a bloquear o campo coronário-cerebral com algo semelhante a uma atadura que irradiava peculiar vibração para que impossibilitasse a exteriorização do psiquismo doentio do cirurgião. Para minha surpresa, constatei que era o próprio paciente quem emitia as sucessivas cargas de energia deletéria que lhe procedia da mente fixada na autopunição. Quando a cabeça pôde ser vista, percebi que do seu interior vinham as ondas excêntricas, agora com menor intensidade, porque parcialmente impedidas pelo tecido vibratório de proteção, para evitar a ocorrência do processo danoso. O anestesista direcionou as mãos para a parte desvelada e começou a aplicar a bioenergia que se exteriorizava em campos vibratórios de tonalidades azul-prateada e violácea, penetrando o cérebro perispiritual e modificando-lhe a coloração escura, enfermiza. Enquanto esse processo se realizava, dr. Orlando continuou cortando o casulo da parte superior da testa para baixo, alongando-se pelo tórax e membros inferiores, auxiliado pelo outro cirurgião. Havia tensão nos especialistas que se encontravam profundamente concentrados no tratamento de emergência e de gravidade. Transcorrida mais de uma

hora, foi aberta toda a cápsula, deixando à mostra o Espírito infeliz, que se apresentava com horrível aparência, esquelético, com várias excrescências tumorosas na face e por todo o corpo, como flores despedaçadas e apodrecidas, fazendo-me recordar as enfermidades parasitas que agridem os pacientes destituídos dos recursos imunológicos de defesa orgânica. O aspecto era repelente e nauseante. No entanto, se tratava de um irmão colhido pelo vendaval das paixões, que retornava ao lar destroçado pela loucura de si mesmo, mas que nunca estivera ao abandono... Carinhosamente, foi retirado do molde grosseiro que o vestia e transferido para outra mesa próxima, onde o processo de auxílio prosseguiu. Sobre as pústulas foram aplicadas substâncias especiais que eram concentrados de energia asséptica, para auxiliar o refazimento dos tecidos decompostos e, apesar de encontrar-se em sono profundo, o cirurgião passou a gemer dolorosamente. Os procedimentos de recuperação prosseguiram fortalecendo-o, enquanto os enfermeiros auxiliares retiravam os resíduos morbidos dos envoltórios que o vitimavam. Concluída a intervenção cirúrgica, dr. Orlando recomendou que se continuassem com os recursos de reenergização a cada quatro horas, tendo-se o cuidado de substituir a atadura vibratória que funcionava como bloqueador da mente em desalinho, a fim de evitar que novos comprometimentos pudessem ser exteriorizados. O trabalho agora seria de despertar de Evaldo ao primeiro ensejo, de modo a conscientizá-lo da necessidade de modificar o direcionamento mental para o próprio bem. Outras recomendações foram feitas, e após uma prece gratulatória saímos da sala com o hábil cirurgião e psiquiatra.” (MPM, *Tormentos da obsessão*, Capítulo 21)

“Terapia desobsessiva. [...] Você nutre-se das suas energias e tornou-se-lhe um parasita psicofísico, nisso comprazendo-se e dependendo desse alimento. A hospedagem, porém, está perto de extinguir-se ante a próxima consumpção orgânica pela morte que dele se acerca, separando-os mesmo que contra a sua vontade. [...] A minha mente, fixada na sua, criou raízes vibratórias muito fortes, facultando circular as ondas de energia que emito pelos seus neurônios e sistema nervoso, permitindo-me pensar nele e receber o ricochetear do seu pensamento em mim. Somos interdependentes agora, não havendo possibilidade de liberar um sem causar danos irreversíveis no outro. Se tentar arrancar os meus tentáculos psíquicos da sua miserável usina mental, ele enlouquecerá imediatamente, além do que já se encontra. Não há, portanto, alternativa. O socorro, que ele não merece, chega tarde demais. [...] Não discutiremos, argumentando com lições que você conhece de sobejo. Soou o momento, no qual, com o seu consentimento ou sem ele, a Divindade irá interferir, liberando-os, um do outro, responsáveis que são pelos padecimentos que se têm infligido. É conveniente

que você se resolva pela conquista da paz, do progresso, avançando para o futuro, desamarrando-se do passado inditoso. [...] O rosto enrubescera de cólera e todo ele tremia. Podia-se notar-lhe os tentáculos constituídos pelas vibrações de rancor que se exteriorizavam do seu cérebro perispiritual fixados no do paciente... Eram fios tênues, elaborados pelas energias carregadas de sucessivas irradiações de vingança, uns exteriorizando cores quentes, que denotavam o vigor pernicioso, e outros escuros, densos, como se fossem de tecidos materiais... Embora separados, o obsidiado experimentava os choques produzidos pelo volume do ressentimento emitidos pelo seu adversário, abalando-o e desorientando-o. O vigilante instrutor aproximou-se mais de Laércio e começou a entorpecê-lo com passes específicos, enquanto Petitinga dialogava com o seu verdugo. Poucos momentos transcorridos e o paciente voltou a dormir, estorcendo em convulsões semelhantes às produzidas pela epilepsia, que eram resultado das descargas vibratórias produzidas pelo antagonista consciente do que proporcionava. - Teremos que proceder a uma cirurgia perispiritual em nosso enfermo - transmitiu-nos mentalmente o orientador - logo após encerrada a doutrinação de Jean-Jacques. [...] Carinhosamente conduzido por Ângelo e Germano a outra cama adrede colocada no recinto, permaneceu adormecido, enquanto Laércio, o antigo verdugo, igualmente foi conduzido ao sono reparador. Observei que os laços fluídicos que ligavam aqueles Espíritos através dos seus corpos perispirituais, haviam diminuído de intensidade. Dr. Arquimedes convidou Germano ao delicado processo cirúrgico de extirpar do cérebro perispiritual as matrizes e, por consequência, também do físico do enfermo reencarnado, utilizando-se de instrumentos que eu desconhecia que me faziam lembrar algumas pinças cirúrgicas, em que se fixavam os fios de energia perniciosos. O tratamento libertador prolongou-se por alguns minutos e, à medida que eram liberados os condutos psíquicos do ódio, eles se desfaziam, ao tempo em que eram absorvidos para o interior da mente do desencarnado. Ambos os pacientes espirituais, de quando em quando, experimentavam frêmitos decorrentes da separação psíquica pelas energias que antes os fixavam um ao outro. Laércio parecia mais enfraquecido, porque, de alguma forma, o fluxo vibratório que absorvia, embora de qualidade perturbadora, sustentava-lhe a própria energia. Enquanto isso, o emissor dos fluidos tóxicos apresentava-se envolto em sucessivas ondas deletérias que procediam do viciado campo mental. Terminada a operação, coube ao amigo Germano aplicar no vingador passes dissolventes das densas cargas enfermigas, de maneira que a fonte geradora deixasse de produzi-las, conforme o automatismo que lhe fora imposto pela pertinácia do ódio... Três horas após o início do

ministério de socorro, Laércio foi levado de volta ao lar físico, onde se encontrava entorpecido pelo sono induzido, enquanto o seu adversário seria, logo depois, encaminhado à nossa colônia para o tratamento prolongado de que necessitava. [...]” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 12)

“**Tribulações no ministério.** [...] Convocados a auxiliar, Ângelo e Germano ergueram-no do solo e o conduziram a uma das camas preparada para recebê-lo. Sentindo-se menos aflito e respirando com relativa calma, o Mentor propôs, em um transe superficial hipnótico, que ele recuasse. A palavra doce e profunda penetrou-lhe nos arquivos do inconsciente, direcionando-o a determinado período próximo, e ele exclamou: — Vejo-me em uma fumaça sombria, iluminada por archotes vermelhos, sob vigilância de figuras satânicas... Estou deitado e deverei passar por um tratamento cirúrgico... Adormeço... Sinto dores ao despertar... — Fizemos-lhe um implante — afirmou um dos cirurgiões, verdadeiro monstro espiritual - para ser comandado a distância por nós. A partir de agora você fará exatamente o que desejarmos. O nosso inimigo é o Crucificado nazareno, a quem detestamos. Na impossibilidade momentânea de atingi-lo, iremos desestimular o trabalho de Silvério Carlos, seu subalterno e cupincha, objetivando retirá-lo do corpo. Você é nosso robô... Agora vá e encontre lugar para a desincumbência do seu trabalho. [...] - Iremos operá-lo, a fim de libertá-lo do comando do mal. Não tenha qualquer receio e, se possível, seja como for que você ame a Deus, chame-o com ardor, deixando de lado o ressentimento e a revolta. Podia-se perceber a mudança que se operava no paciente espiritual, que agora adormeceu com tranquilidade. Assessorado pelos nossos Ângelo e Germano, o nobre esculápio, utilizando-se de instrumentos que me faziam recordar aqueles que eram usados nos tratamentos cirúrgicos da Terra, porém mais sofisticados, um dos quais emitia um finíssimo jato de luz, semelhante ao laser, retirou a célula fotoelétrica, que se lhe encontrava implantada no lobo temporal esquerdo. Transcorridos alguns minutos em que se realizara a cirurgia reparadora, o paciente espiritual foi transferido para uma sala contígua onde se recuperaria, iniciando nova etapa do seu processo evolutivo. [...] Não podendo sopitar as interrogações, que me bailavam na mente, indaguei ao caroável Petitinga: - Tivemos um exemplo de obsessão por telecomando entre Espíritos desencarnados. É isso comum ou trata-se de uma experiência inusual? - O que vimos - respondeu, ponderando, o amigo — é pequena parte de uma ocorrência que se torna comum, em face das habilidades que possuem os Espíritos perversos, que deambularam por academias terrestres e trouxeram o conhecimento que ora aplicam desvairadamente.” (MPM, *Entre os dois mundos*, Capítulo 17)

V.3. Regressão da memória para análise mental e conscientização terapêutica

“Logo após, o orientador fez vibrar pequena campainha e a assembleia se colocou à vontade para a livre conversação. Um moço de expressão simpática abeirou-se de nós e, depois de saudar-nos afetuosamente, observou, inquieto: – Instrutor amigo, ouvindo-lhe a palavra educativa e ardente, fico a cismar nos enigmas da memória... Por que este olvido para cá da morte física? Se tive existências outras, antes da última, cujos erros agora procuro reparar, por que razão me não lembro delas? Antes de partir para o campo físico, na romagem que me fixou o nome pelo qual hoje respondo, devo ter deixado bons amigos na vida espiritual, assim como alguém que, viajando na Terra de um continente para outro, comumente deixa no cais afeições queridas que não o esquecem... Como justificar a amnésia que não me permite recordar os companheiros que devo possuir à distância? – Bem –, ponderou o interpelado, sabiamente –, os Espíritos que na vida física atendem aos seus deveres com exatidão, retomam pacificamente os domínios da memória, tão logo se desenhaem do corpo denso, reentrando em comunhão com os laços nobres e dignos que os aguardam na Vida Superior, para a continuidade do serviço de aperfeiçoamento e sublimação que lhes diz respeito; contudo, para nós, consciências intranquilas, a morte no veículo carnal não exprime libertação. Perdemos o carro fisiológico, mas prosseguimos atados ao pelourinho invisível de nossas culpas; e a culpa, meu amigo, é sempre uma nesga de sombra eclipsando-nos a visão. Nossas faculdades mnemônicas, relativamente às nossas quedas morais, assemelham-se, de certo modo, às conhecidas chapas fotográficas, as quais, se não forem convenientemente protegidas, sempre se inutilizam. O mentor fez breve pausa em suas considerações e continuou: – Imaginemos a mente como sendo um lago. Se as águas se acham pacificadas e límpidas, a luz do firmamento pode retratar-se nele com segurança. Mas, se as águas vivem revoltas, as imagens se perdem ao quebro das ondas móveis, principalmente, quando o lodo acumulado no fundo aparece à superfície. A rigor, somos aqui, nas zonas inferiores, seres humanos muito distantes da renovação espiritual, não obstante desencarnados. O consulente escutava-o, visivelmente surpreendido, e dispunha-se a formular interrogações novas, ante a pausa que se fizera, mas Druso, antecipando-se-lhe à palavra, acentuou em tom amigo: – Observe a realidade em si mesmo. A despeito dos estudos a que presentemente se confia e apesar das sublimes esperanças que lhe ocupam agora o coração, seu pensamento vive preso aos sítios e paisagens de que, pela morte, supostamente se

desvencilhou. Em pleno caminho da espiritualidade, você se identifica com as escuras reminiscências que permanecem ao longe, no tempo: o lar, a família, os compromissos imperfeitamente solucionados... Tudo isso é lastro, inclinando a sua mente para o mundo físico, onde nossos débitos reclamam sacrifício e pagamento. – É verdade, é verdade... – suspirou o rapaz, compungidamente. Mas o Instrutor prosseguiu: – Sob a hipnose, nossa memória pode regredir e recuperar-se por momentos. Isso, porém, é um fenômeno de compulsão... E em tudo convém satisfazer à sabedoria da Natureza. Libertemos o espelho da mente que jaz sob a lama do arrependimento, do remorso e da culpa, e esse espelho divino refletirá o Sol com todo o esplendor de sua pureza. Druso ia continuar, mas a chegada de um colaborador impeliu-nos à conclusão do assunto.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 2)

“A intervenção na memória. [...] Nesse instante, porém, um servidor da casa penetrou no recinto e disse: – Instrutor Druso, conforme as recomendações havidas, o doente recolhido na noite passada foi instalado no gabinete de socorro magnético, aguardando-lhe a intervenção. – Conseguiu dizer algo? – Não. Continua apenas com os gemidos periódicos. – Nenhum indício de identificação? – Nenhum. O mentor infatigável convidou-nos a segui-lo, explicando que a operação em perspectiva poderia oferecer importantes elementos de estudo ao trabalho que nos propúnhamos realizar. A breve trecho de tempo, vimo-nos os quatro numa sala de regulares proporções, que primava pela simplicidade e pelo azul repousante. Em mesa desmontável, um homem disforme estirava-se em decúbito dorsal, respirando apenas. Para referir-nos com franqueza à criatura sob nossos olhos, cabe-nos afirmar que o aspecto do infeliz chegava a ser repelente, apesar dos cuidados de que já fora objeto. Parecia sofrer inqualificável hipertrofia, mostrando braços e pernas enormes. Entretanto, onde o aumento volumétrico do instrumento perispirítico se fazia mais desagradável era justamente na máscara fisionômica, em que todos os traços se confundiam, qual se estivéssemos à frente de uma esfera estranha, à guisa de cabeça. Seria um homem desencarnado em algum atropelamento terrestre, aguardando, ali, o imediato alívio que se deve aos acidentados comuns? Druso sentiu-nos a pergunta silenciosa e explicou: – Trata-se de um companheiro, dificilmente identificável, trazido até aqui por uma de nossas expedições socorristas. – Mas terá sido recentemente liberto do mundo físico? – indagou meu colega, tanto quanto eu, dolorosamente impressionado. – Por enquanto, não sabemos – elucidou o orientador. – É uma dessas pobres almas que terá deixado o círculo carnal sob o império de terrível obsessão, tão terrível que não terá podido recolher o amparo espiritual das caridosas legiões que operam nos túmulos. Indubitavelmente, largou o

corpo denso sob absoluta subjugação mental, caindo em problemas angustiantes. – Mas, por que semelhante calamidade? – inquiriu Hilário, empolgado de assombro. – Meu amigo – replicou Druso, benevolente –, não será mais justo sondar os motivos pelos quais nos decidimos a contrair débitos, assim tão escabrosos? E, modificando o tom de voz que se fez algo triste e comovedor, aconselhou: – As regiões infernais estão superlotadas do sofrimento que nós mesmos criamos. Precisamos equilibrar a coragem e a compaixão no mesmo nível, para atender com segurança aos nossos compromissos nestes lugares. Fitei o irmão desventurado que se mantinha em funda prostração, qual enfermo em estado de coma, e, considerando os imperativos de nosso aprendizado, indaguei: – Poderemos conhecer a razão da surpreendente deformidade sob nosso exame? O orientador percebeu a essência construtiva de minha perquirição e respondeu: – O fenômeno, todo ele, é de natureza espiritual. Recordasse você de que a dor no veículo físico é um acontecimento real no encéfalo, mas puramente imaginário no órgão que supõe experimentá-la. A mente, através das células cerebrais, registra a desarmonia corpórea, constrangendo a urdidura orgânica ao serviço, por vezes torturado e difícil, do reajuste. Aqui, também, o aspecto anormal, até monstruoso, resulta dos desequilíbrios dominantes na mente que, viciada por certas impressões ou vulcanizada pelo sofrimento, perde temporariamente o governo da forma, permitindo que os delicados tecidos do corpo perispirítico se perturbem, tumultuados, em condições anormais. Em tal situação, a alma pode cair sob o cativeiro de Inteligências perversas e daí procedem as ocorrências deploráveis pelas quais se despenha em transitória animalização por efeito hipnótico. Notei, contudo, que o Instrutor, compadecido, não desejava alongar entendimentos que se não reportassem ao socorro devido ao infeliz, e calei-me. Druso inclinou-se sobre ele com a ternura de alguém que auscultasse um irmão muito amado, e anunciou: – Procuremos ouvi-lo. Incapaz de conter o assombro que me empolgava, inquiri: – Ele dorme? O mentor fez um gesto afirmativo, notificando: – Nosso desventurado amigo encontra-se sob terrível hipnose. Inegavelmente, foi conduzido a essa posição por adversários temíveis, que, decerto, para torturá-lo, fixaram-lhe a mente em alguma penosa recordação. – Mas – insisti, emocionado – semelhante martírio poderia sobrevir, sem razão justa? – Meu amigo – falou o orientador, expressivamente –, com exceção do caminho glorioso das grandes almas, que elegem no sacrifício próprio o apostolado de amor com que ajudam os companheiros da Humanidade, não se ergue o espinheiro do sofrimento sem as raízes da culpa. Para atingir a miserabilidade em que se encontra, nosso irmão terá acumulado débitos sobremaneira escabrosos.

Em seguida, contrariando-nos qualquer propósito de divagação, acentuou: – Desintegremos as forças magnéticas que lhe constroem os centros vitais e ajude-mo-lhe a memória, para que se liberte e fale. E talvez porque o meu olhar lhe endereçasse mudo apelo a esclarecimento mais amplo, acrescentou: – Não seria lícito agir à base de hipóteses. É indispensável ouvir os delinquentes e as vítimas, a fim de que, através das informações deles mesmos, saibamos por onde começar a obra de auxílio. Procurei sopitar inquirições extemporâneas e entreguei-me à expectativa. Logo após, o Assistente, Hilário e eu, de maneira instintiva, estabelecemos uma corrente de oração, sem prévia consulta, e nossas forças reunidas como que fortaleciam o Instrutor, que, demonstrando fisionomia calma e otimista, passou a operar, magneticamente, aplicando passes dispersivos no companheiro em prostração. O enfermo reagiu, com movimentação gradativa, qual se acordasse de longo sono. Decorridos alguns minutos, o orientador pousou a destra sobre a cabeça disforme, como se lhe chamasse a memória ao necessário despertamento e, logo em seguida, o desventurado começou a gemer, revelando o pavor de quem suspira por desvencilhar-se de um pesadelo. Porque Druso interrompesse a operação, detendo-o nesse estado, Hilário indagou, aflito: – Deverá permanecer, então, assim, à beira da vigília, sem reapossar-se de si mesmo? – Não lhe convém o imediato retorno à realidade – esclareceu o mentor amigo. – Poderia sofrer deplorável crise de loucura, com graves consequências. Conversará conosco, assim qual se vê, com a mente enovelada à ideia fixa que lhe encarcera os pensamentos no mesmo círculo vicioso, a fim de que lhe venhamos a conhecer o problema crucial, sem qualquer distorção. A palavra do orientador denotava grande experiência na psicologia dos Espíritos vitimados nas trevas. Depois de nova intervenção do mentor sobre a glote, o infeliz descerrou as pálpebras e, mostrando os olhos esgazeados, começou a bramar: – Socorro! Socorro!... sou culpado, culpado!... Não posso mais... Perdão! Perdão! Dirigindo-se a Druso, e tomando-o decerto por magistrado, exclamou: – Senhor juiz, senhor juiz!... até que enfim, posso falar! Deixem-me falar!... O dirigente da Mansão afagou-lhe a cabeça atormentada e replicou em tom amigo: – Diga, diga o que deseja. O rosto do asilado cobriu-se de lágrimas, entremostrando a superexcitação dos sonâmbulos que transformam a própria fraqueza em energia inesperada, e começou a falar, compungidamente: – Sou Antônio Olímpio... o criminoso!... Contarei tudo. Em verdade, pequei, pequei... por isso é justo... que eu sofra no inferno... O fogo tortura minh'alma sem consumi-la... E o remorso, bem sei... Se eu soubesse, não teria... cometido a falta... entretanto, não pude resistir à ambição... Depois da morte de meu pai... vi-me obrigado... a partilhar nossa

grande fazenda com meus dois irmãos mais novos... Clarindo e Leonel... Trazia, porém, a cabeça... dominada de planos... Pretendia converter a propriedade... que eu administrava... em larga fonte de renda, contudo... a partilha me estorvava... Notei que os manos... tinham ideias diferentes das minhas... e comecei a maquinaar o projeto que acabei... executando... Uma crise de soluços embargou-lhe a voz, mas Druso, amparando-o magneticamente, insistiu: – Continue, continue... – Admiti – continuou o enfermo com acento mais firme – que somente poderia ser feliz, aniquilando meus irmãos e... quando o inventário estava prestes a decidir-se, convidei-os a passear comigo... de barco... inspecionando grande lago de nosso sítio... Antes, porém, dei-lhes a beber um licor entorpecente... Calculei o tempo que a droga reclamaria para um efeito seguro e... quando a nossa conversação ia acesa... percebendo-lhes os sinais de fadiga... num gesto deliberado desequilibrei a embarcação, em conhecido trecho... onde as águas eram mais profundas... Ah! Que calamidade esquecível!... Ainda agora, escuto-lhes os brados arrepiantes de horror, implorando socorro... mas... de nervos dormentes... a breves minutos... encontraram a morte... Nadei de consciência pesada, mas firme em meus aloucados propósitos... abordando a praia e clamando por auxílio... Com atitudes estudadas, pinte um imaginário acidente... Foi assim que me apossei da fazenda inteira, legando-a, mais tarde, a Luis... o meu filho único... Fui um homem rico e tido por honesto... O dinheiro granjeou-me considerações sociais e privilégios públicos que a política distribui com todos aqueles que se fazem vencedores no mundo... pela sagacidade e pela inteligência... De quando em quando... recordava meu crime... nuvem constante a sombreado-me a consciência... mas... em companhia de Alzira... a esposa inolvidável... procurava distrações e passeios que me tomassem a atenção... Nunca pude ser feliz... Quando meu filho se fez jovem... minha mulher adoeceu gravemente... e da febre que a devorou por muitas semanas... passou à loucura... com a qual se afogou no lago... numa noite de horror. Viúvo... perguntava a mim mesmo se não estava sendo joguete... do fantasma de minhas vítimas... entretanto... temia todas as referências em torno da morte... e busquei simplesmente gozar a fortuna que era bem minha... O infeliz entregou-se a larga pausa de repouso, diante de nossa expectativa, continuando, logo após: – Ai de mim, porém!... Tão logo cerrei os olhos físicos... diante do sepulcro... não me valeram as preces pagas... porque meus irmãos que eu supunha mortos... se fizeram visíveis à minha frente... Transformados em vingadores, ladearam-me o túmulo... Atiraram-me o crime em rosto... cobriram-me de impropérios e flagelaram-me sem compaixão... até que... talvez... cansados de me esparecarem... conduziram-me a tenebrosa fumaça...

onde fui reduzido ao pesadelo em que me encontro... Em meu pensamento... vejo apenas o barco no crepúsculo sinistro... ouvindo os brados de minhas vítimas... que soluçam e gargalham estranhamente... Ai de mim!... estou preso à terrível embarcação... sem que me possa desvencilhar... Quem me fará dormir ou morrer?... Como se o término da confissão lhe trouxesse algum descanso, arrojou-se o doente a enorme apatia. Druso enxugou-lhe o pranto, dirigiu-lhe palavras de consolo e carinho e recomendou ao Assistente recolhê-lo à enfermaria especializada e, em seguida, falou-nos, pensativo: – Já sabemos o necessário para estabelecer um ponto de partida na tarefa assistencial. Tornaremos ao caso em momento oportuno. E acrescentou, cismativo, depois de longa pausa: – Que Jesus nos ampare.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 3)

“A explicação não podia ser mais clara; entretanto, Hilário parecia interessado em solver qualquer dúvida e, talvez por isso, inquireu novamente: – Considera possível venhamos a saber quais seriam as existências de Laudemira, antes de haver ingressado na Corte de Joana II? – Sim – elucidou Silas, tolerante –, será fácil conhecê-las, mas não nos convém num simples estudo efetuar o tentame, porque o assunto em si reclamaria largas quotas de atenção e de tempo. Basta lhe pesquisemos a condição referida para definir-lhe as lutas redentoras de agora, porquanto nossos estágios em qualquer eminência social no mundo, seja no campo da influência ou das finanças, da cultura ou da ideia, servem como pontos vivos de referência da nossa conduta digna ou indigna, no usufruto das possibilidades que o Senhor nos empresta, designando com clareza nosso avanço na direção da luz ou nosso aprisionamento maior ou menor nos círculos da treva, pelas virtudes conquistadas ou pelos débitos assumidos. A conceituação luminosa de Silas era verdadeiro jorro solar em meu entendimento... Ainda assim, meu companheiro insistiu: – Não obstante os seus valiosos conceitos já expendidos, quanto à memória nas regiões inferiores, será interessante saber se Laudemira, antes da atual reencarnação, chegava a lembrar-se com nitidez dos estágios porque passou nas difíceis provações a que se refere... Nosso amigo esclareceu com a maior tolerância: – Estou na Mansão há oito lustros, e acompanhei-lhe a internação em nossa casa, faz precisamente trinta anos. Havia encerrado a existência última, no plano carnal, no início deste século, e atravessara longos padecimentos, nas esferas de baixo nível. Ingressou em nosso instituto acusando terrível demência e, submetida à hipnose, revelou os fatos que venho de narrar, fatos esses que constam naturalmente da ficha que lhe define a personalidade, no arquivo das observações que nos orientam. Nossos instrutores, porém, não julgaram necessário mais amplo recuo mnemônico, pelo menos por enquanto, para lhe prestarem

auxílio. Sei, no entanto, que Laudemira, conturbada qual se achava, não dispunha de forças para articular qualquer reminiscência na vigília comum, mesmo porque foi trazida à reencarnação atual, sob os auspícios de benfeitores que velam por nossa organização, ainda mentalmente sintonizada com os laços menos dignos do caminho que escolheu. Deve agora receber cinco de seus antigos cúmplices na queda moral, para reerguer-lhes os sentimentos, na direção da luz, em abençoado e longo sacerdócio materno. Do seu êxito no presente, dependerão as facilidades que espera recolher do futuro, para a liberação definitiva das sombras que ainda lhe ofuscam o Espírito, pois, se conseguir formar cinco almas na escola do bem, terá conquistado enorme prêmio, diante da Lei amorosa e justa.” (AL, *Ação e reação*, Capítulo 10)

“**Análise mental.** [...] Clarêncio, logo após a oração, começou a aplicar-lhe forças magnéticas no campo cerebral. O paciente revelou-se mais intensamente abatido. A cabeça pendeu-lhe sobre o peito, desgobernada e sonolenta. Fitando-nos de modo significativo, o Ministro ponderou: – A corrente de força devidamente dinamizada no passe magnético arrancá-lo-á da sombra anestesiante da amnésia. Poderemos, então, sondar-lhe o íntimo com mais segurança. Assistido por nossos recursos, a memória dele regredirá no tempo, informando-nos quanto à causa que o retém junto da neta, aclarando-nos, ainda, sobre prováveis ligações que nos conduzirão à chave do socorro, a benefício dele mesmo. – Mas o retrocesso das recordações poderá verificar-se de improviso? – indagou Hilário, perplexo. – Sem dúvida – respondeu o instrutor –, a memória pode ser comparada a placa sensível que, ao influxo da luz, guarda para sempre as imagens recolhidas pelo espírito, no curso de seus inumeráveis aprendizados, dentro da vida. Cada existência de nossa alma, em determinada expressão da forma, é uma adição de experiência, conservada em prodigioso arquivo de imagens que, em se superpondo umas às outras, jamais se confundem. Em obras de assistência, qual a que desejamos movimentar, é preciso recorrer aos arquivos mentais, de modo a produzir certos tipos de vibração, não só para atrair a presença de companheiros ligados ao irmão sofredor que nos propomos socorrer, como também para descerrar os escaninhos da mente, nas fibras recônditas em que ela detém as suas aflições e feridas invisíveis. – Quer dizer então que... A frase de Hilário, porém, se lhe apagou nos lábios, porque o Ministro atalhou, completando-lhe a conceituação: – A mente, tanto quanto o corpo físico, pode e deve sofrer intervenções para reequilibrar-se. Mais tarde, a ciência humana evolverá em cirurgia psíquica, tanto quanto hoje vai avançando em técnica operatória, com vistas às necessidades do veículo de matéria carnal. No grande futuro, o médico terrestre

desentranhará um labirinto mental, com a mesma facilidade com que atualmente extrai um apêndice condenado. [...] O Ministro, contudo, calou-se, dando-nos a entender que o momento não comportava digressões filosóficas. Acariciou, ainda por alguns instantes, a cabeça do ancião e, em seguida, chamou-o, de manso: – Leonardo, recorda! Volta ao Paraguai, onde adquiriste o remorso que hoje te retalha o coração! A dor, quase sempre, é culpa sepultada dentro de nós... Retrocedamos ao ponto inicial de teu sofrimento!... Recorda! Recorda!... O velhinho, diante de nosso intraduzível assombro, acordou de olhos transtornados. Ergueu a fronte, mas seu rosto alterara-se de maneira sensível. Sustentava, iniludivelmente, os traços fundamentais, mas fizera-se mais jovem. Registrando a surpreendente transfiguração, Hilário interferiu, perguntando: – Oh! Que força mágica será esta? Nosso orientador fitou-o, sereno e esclareceu: – Não nos esqueçamos de que temos diante de nós o veículo espiritual, por excelência vibrátil. O corpo da alma modifica-se, profundamente, segundo o tipo de emoção que lhe flui do âmago. Isso, aliás, não é novidade. Na própria Terra, a máscara física altera-se na alegria ou no sofrimento, na simpatia ou na aversão. Em nosso plano, semelhantes transformações são mais rápidas e exteriorizam aspectos íntimos do ser, com facilidade e segurança, porque as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensivos que as moléculas do corpo carnal. A consciência, por fulcro anímico, expressa-se, desse modo, na matéria sutil com poderes plásticos mais avançados. [...]” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 13)

“Reparávamos com assombro, que Leonardo e Antonina sob o controle paternal de Clarêncio, se mantinham detidos na posição vibratória em que haviam subitamente caído. Porque não se recordavam os dois do parentesco que os reunia? Nosso instrutor, assinando-nos a indagação socorreu-nos, esclarecendo: – Encontram-se ambos imobilizados em certo momento do pretérito, num encontro provocado por influência magnética. Em tais recursos utilizados por nosso plano, no tratamento salutar das moléstias da alma, determinados centros da memória se reavivam, ao passo que outros empalidecem. As sensações do presente dão lugar às sensações do passado, para efeito de reajustamento perante o futuro. O fenômeno, porém, é momentâneo. A breves minutos regressarão à consciência normal, melhorados para a boa luta. A explicação não podia ser mais satisfatória nem mais simples. O Ministro continuava prestando assistência à nossa amiga, qual se Antonina não devesse avançar na faixa de lembranças. [...]” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 14)

“A noite caíra de todo, quando abordamos a venda que se reduzira a um casarão às escuras. A Lua plena assemelhava-se a uma lâmpada enorme que

estivesse conscientemente recolhida a distância, envergonhada de apresentar à dona do palacete uma visão assim funesta. O genitor, arrependido da instigação infeliz, diligenciou recuar, mas não pôde... Dolorosamente magnetizada pelas próprias recordações, Beatriz avançou apressada, à procura dos tesouros domésticos; todavia, não encontrou, nos lúgubres recintos, senão poeira e sombra do oásis familiar que construía... Além de tudo, o elegante domicílio, condenado a lei-lão, transformara-se em valhacouto de malfeitores desencarnados, aos quais se reconhecia absolutamente sem forças para expulsar... A desesperada criatura correu de peça em peça, de susto em susto, de grito em grito, até que se rojou de borco, nos tacos da espaçosa câmara que lhe merecia a preferência, pronunciando frases desconexas... Beatriz enlouquecera. Postei-me de vigia, asserenando-a, enquanto Neves, desolado, recorria aos serviços de amparo urgente, ligados ao “Almas Irmãs”, em local não distante. O auxílio não tardou. No dia seguinte, enfermeiras especializadas colaboraram conosco, por determinação de Félix; mas, somente depois de quatro dias sobre o incidente, logramos reentrar no instituto, reconduzindo-a, dementada. Duas semanas de trabalho vigoroso e atenção constante se esvaíram, infrutiferamente, no lar de Félix, até que um dos orientadores da equipe médica recomendou a internação da enferma em hospital adequado, a fim de que se lhe aplicasse a sonoterapia, com algum exercício de narcoanálise, para que se lhe exumassem as recordações possíveis da existência anterior, com a cautela devida, de modo a que se não precipitasse em mergulhos de memória, alusivos a períodos precedentes. O parecer foi acatado. Félix convidou-nos, a Neves e a mim, comparecer, junto dele e do irmão Régis, no gabinete em que se efetuariam a pesquisa. No momento indicado, ao pé de Beatriz, que dormia num leito, cujo travesseiro se achava munido de recursos eletromagnéticos especiais, permanecíamos, Félix, o irmão Régis, o distinguido psiquiatra que aventara a medida, acompanhado de dois assistentes, o chefe de arquivo do “Almas Irmãs”, Neves e eu, ao todo, oito companheiros observando a paciente, sendo forçoso explicar que as autoridades ali reunidas dispunham de aperfeiçoado sistema de comunicação, para consulta rápida às repartições a que se mantinham vinculadas. Félix circunspecto, Neves sob nervosismo, os médicos diligentes e nós outros em expectativa... Iniciada a experiência, Beatriz, denotando voz e maneiras diversas das que lhe eram habituais, revelou-se num ponto indeterminado de existência anterior, reclamando contra uma certa Brites Castanheira, mulher à qual imputava os infortúnios que lhe devastavam a alma... Pelas considerações amargas, via-se que o analista esbarrara com expressivo foco de exacerbação, facultando-lhe fácil penetração nos domínios recônditos da mente.

[...] A magnetizada narrava sucessos da época, exteriorizando impressões, acerca de pessoas, coisas, realizações e ocorrências, qual se trouxesse a imaginação recheada de crônicas vivas. [...] Diante das reticências, o irmão Félix, visivelmente comovido, solicitou que o serviço de análise se detivesse nas possíveis recordações da noite mencionada. [...]” (AL, *Sexo e destino*, Capítulo 13)

“[...] **2) O obsessor.** [...] Ocorrências há, de agressão violenta, pertinaz, dominadora, pela mesma mecânica psíquica, em que o enfermo tomba inerte sob a dominação mental e física do subjugador. Pacientemente atendidos, nos abençoados trabalhos de desobsessão, nos quais se lhes desperta a lucidez perturbada, concitando-os ao avanço no rumo da felicidade que supõem perdida, faculta-se-lhes entender os desígnios sublimes da Criação, convidando-os a entregarem os que se lhes fizeram razão de sofrimento à Consciência Universal, de que ninguém se evade, e tratando de reabilitar-se, eles mesmos, ante as oportunidades ditosas que fluem e refluem através do tempo, esse grandioso companheiro de todos. Em outros casos, — quando a fixação da ideia venenosa produziu dilacerações nos tecidos muito sutis do perispírito, comprometendo o reequilíbrio que se faria necessário para a libertação voluntária do processo obsessivo, o que ocorre com frequência, — os Instrutores Espirituais, durante o transe psicofônico, operam nos centros correspondentes da Entidade, produzindo estados de demorada hibernação pela sonoterapia ou utilizando-se de outros processos não menos eficientes, para ensejarem a recomposição dos centros lesados, após o que despertam para as cogitações enobrecedoras. Na maioria dos labores de elucidação, podem-se aplicar as técnicas de regressão da memória no paciente espiritual, fazendo-se que reveja os fatos a que se vincula, mostrando-lhe a legítima responsabilidade dele mesmo, nos acontecimentos de que se diz molesto, após o que percebe o erro em que moureja, complicando a atualidade espiritual que deve ser aproveitada para reparo e ascensão, jamais para repetições de sandices, pretextos de desídia, ensejos de desgraças...” (MPM, *Grilhões partidos*, Prolusão)

“**CRIMES OCULTOS.** [...] Diante da transformação operada no Coronel Santamaria, que reassumira a total aparência da última reencarnação, o Mentor providenciou a colocação de um aparelho muito parecido aos receptores de televisão da Terra, com aproximadamente quinze polegadas por dez, na face do vídeo, que de imediato, qual se estivesse acionado por desconhecida energia, passou a apresentar formosa cidade, colorida e movimentada. Ato contínuo, o Mentor aproximou-se do agitado Coronel e sugeriu: — Recorde mais. Lembre-se de Eduardina Rosa Montalvão do Alcantilado. Pense, mergulhe nas lembranças, Monsenhor Severo

Augusto dos Mártires... Recorde... À força da ideia plasmadora, a transmutação se fez presente em todos os detalhes. A face macilenta apresentou-se sulcada e os lábios finos contraídos; os olhos se tornaram brilhantes, denunciando na vista direita um piscar nervoso que retorcia o lado correspondente da boca. Sentando-se, apoiou a cabeça nas mãos e, concentrando-se, mergulhou em profundo transe. As imagens mentais evocadas reviviam no receptor com a pujança de vida e cor da realidade. [...] Nesse momento Bezerra, que dirigia as lembranças do Coronel Santamaria, como o visse ofegante, recorreu aos passes de reequilíbrio e fez que cessassem as lembranças deixando-o, no entanto, despertar. Acercou-se de Matias e sugeriu: — Recorde, Casimiro. Lembre-se de quando lhe chegou a precatória para apresentar-se ao Tribunal. — Sim, sim, foi como aconteceu... Revivendo as ocorrências pretéritas, passou a projetar no aparelho sensível as imagens retidas no inconsciente, enquanto se retorcia. [...] Durante as evocações Casimiro alternava lágrimas com ameaças, desespero com promessas de vingança. Despertado, sem que lhe fossem censuradas as recordações, permaneceu sob a custódia fraternal do enfermeiro desencarnado. Aplicando o mesmo recurso nas recordações da viúva Eduardina Rosa, sua mente imprimiu o desforço contra a sobrinha, encaminhando-a a um Convento de religiosas, que cuidavam de jovens equivocadas e iludidas, como se encarregavam de ocultar o que muitos pais consideravam vergonha, vivendo essas inditasas jovens praticamente sepultadas entre as fortes paredes dos Monastérios-presídios, em que o desespero as alucinava e a revolta lhes marcava os espíritos por longos períodos, quando não o fazia por sucessivas reencarnações. [...] Lágrimas abundantes eram vertidas pela viúva desequilibrada, a escorrerem pela face escaldante, de Ester. Os cenários esmaeceram e os socorros aplicados trouxeram-na à atualidade. Sob a inspiradora orientação do Diretor Espiritual, aplicaram-se passes com o objetivo de libertar as mentes dos envolvidos nos acontecimentos. Em breves minutos, o Coronel Santamaria, Ester e Matias retomavam as aparências da jornada atual. Dona Margarida, que permanecera serena, enquanto se operavam os fenômenos de regressão da memória, plasmando na tela do visor as imagens vivas do passado, comoveu-se, quando acompanhou o destino de Maria do Socorro, ao Convento, e o conseqüente abandono da criança... [...] — Numa análise mais profunda — asseverou o Mentor — constataríamos que o mesmo grupo procede de outros tipos de experiências, que engendraram os reencontros nos quais fracassaram há pouco, infelizmente. “Desarmados, naquela oportunidade, para o entendimento fraterno, capaz de transformar cupidez em renúncia, concupiscência em castidade moral, presunção em simplicidade, mergulharam nas águas turvas

da desdita, utilizando-se da astúcia e do despudor, da vindita e da traição, com que agora são despertados para novas arremetidas, que devem conduzir com as ferramentas da mansuetude, da abnegação. “Caminho longo todos deveremos percorrer, ainda, antes do encontro com a felicidade almejada. Nesse trilhar contínuo, iremos desfazendo os erros e gravames deixados à orla da estrada, simultaneamente semeando flores de alegria e plantando ações de beneficência, que nos servirão de fiadores para os propósitos acalentados de santificação. Fez uma oportuna pausa, que a todos ensinava maior apercebimento do conteúdo das lições há pouco aprendidas e das palavras que fixávamos para posterior reflexão. [...]” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 21)

“Quando se dispersaram os companheiros encarnados, indaguei ao Orientador: — Desde que os participantes da terapêutica do mergulho no passado não iriam guardar lembranças, por que a presença deles? — Miranda, — respondeu, afável — nenhuma experiência, mesmo as não recordadas, se perde em nosso cabedal de aquisições pessoais. O importante, no caso, não é recordar o erro, mas dele libertar-se, expulsando o débito praticado dos painéis da alma. “Os assuntos perniciosos que são sepultados sem a elucidação que os anula, ressurgem, quando menos se espera, em forma de ansiedade, frustração, receio ou insegurança. “As impressões do ódio, quando sufocadas, por falta de oportunidade de serem diluídas no amor, geram enfermidades que afetam o corpo e a mente. “Procedendo ao ressumar das lembranças, programamos uma psicoterapia de grupo — hoje utilizada na Terra por alguns de forma algo imprevidente — realizando uma catarse verbal, com que desarmamos as ciladas da ira e despindo as personagens da vindita, cujos braços fortes são a traição e a sombra. Após uma breve pausa, continuou: Recordas-te de Jesus, na casa de Zaqueu, o rico cobrador de impostos? - Sim — redargui, atencioso. — Pois, ali, — prosseguiu, calmo e seguro — sabendo-se o anfitrião sem mérito para receber o Divino Amigo sob o seu teto, a primeira preocupação foi inquirir à massa que seguira o Senhor, se alguma vez prejudicara ou espoliara injustamente alguém. Se o fizera, estava disposto a ressarcir o dano várias vezes... Como o silêncio informasse que era detestado coletor de impostos, mas, não infelicitador do próximo, afirmou ao Mestre, que dividiria parte dos seus bens com os servos e auxiliares, em ação de graças por recebê-lo em sua casa. O Senhor, então, asseverou-lhe: “Zaqueu, a felicidade entrou hoje na tua casa”. “A intenção inicial de Zaqueu, acusado pela consciência de ser avaro, era libertar-se dos remorsos íntimos e recompensar os que lhe foram vítimas. “Assim, os atos são nossos benfeitores ou perseguidores cruéis. Imperioso libertar-nos do mal que existe dentro de nós, ao preço de

honesto reabilitação. “Fazendo nossos amigos recordarem-se das causas anteriores que os afligem hoje, propiciamos-lhes o ensejo de se enfrentarem, uns diante dos outros, sem ardisosidades nem desculpismo vulgar, aquilando cada um a inutilidade de conduzir ácido e lodo nos depósitos da alma, queimando-se e manchando-se eles próprios inicialmente. “A recordação total, no entanto, para alguns, na esfera física, não treinados para a vida nos dois planos, simultaneamente, constituiria aflição e distonia desnecessárias. Daí a misericórdia do Senhor facultando-lhes o olvido.” Era lógico, sem dúvida, o oportuno argumento. Crianças espirituais, muitas pessoas propõem-se informações das coisas negativas, que passam depois a carregar, sem forças, como tormentos que poderiam ter evitado.” (MPM, *Grilhões partidos*, Capítulo 22)

“CAUSAS ANTERIORES DOS SOFRIMENTOS. [...] “Vejam o nosso problema, especificamente, porquanto não me posso dissociar da sua e da aflição de Enalda e de Cândido... Não pretendemos justificar as atitudes incorretas, mas não nos colocamos na posição de julgar os erros alheios e programar punições para os seus responsáveis. “Para colhermos melhores elucidações, convidei nobre Benfeitor de todos nós, a fim de que nos auxiliasse neste cometimento de suma importância para a sua paz. Graças ao Senhor, você pôde ser socorrida a tempo, para prosseguir, considerando-se que a vida física é sublime concessão que ninguém deve interromper, seja qual for a alegação em que se pretenda apoiar.” O Mentor aproximou-se e permitiu-se ver condensando as suas energias na forma com a qual partira da Terra... - Trata-se do Dr. Bezerra de Menezes - apresentou-o com simplicidade e respeito - que nos protege e ampara, em nome de Jesus. A irradiação de bondade e ternura do Amigo Espiritual fascinou Noemi, que exclamou, sinceramente comovida: - Sim, já ouvi falar dele... É um anjo de luz! - Não se equivoque, filha - interrompeu-lhe as referências encomiásticas, que não aceitava -. Sou somente seu irmão, nas experiências da evolução, transitoriamente desvestido do corpo físico. Eu bem compreendo a luta que todos travam, na Terra, pela sua ascensão. Aí estive, da última vez, por um bom e útil período, aprendendo e trabalhando-me, a fim de errar menos e acertar, em definitivo, o passo com o bem, que ainda não logrei... “A menina, como todos nós, vem de experiências muito ásperas, nas quais, nem sempre agiu como deveria fazê-lo. Atuando com incorreção, atraiu animosidades e tombou nas armadilhas da insensatez, donde se deverá liberar na presente oportunidade.” Utilizando-se do seu cabedal de forças psíquicas e dotado da superior acuidade de penetrar nos arquivos mentais dos Espíritos, identificando-lhes as reencarnações, ele sugeriu a Noemi: - Vejam se você recorda. Durma um pouco... Durma e sonhe com

o seu passado, o passado próximo... Portugal de 1832, a cidade do Porto... Recorde determinado conciliábulo, em outubro desse ano... A jovem, em Espírito, que dormia, subitamente estremeceu, agitando-se, como se, em sonho, voltasse a viver acontecimentos apagados na memória anterior, como realmente era o que acontecia. As cenas que lhe ressurgiam, sob o convite do Benfeitor, que nos solicitou fixar-lhe o centro da memória, passaram a ser registradas também por nós. [...] - A sabedoria das Leis - explicou o Diretor prudente - reúne todas as personagens do velho drama, no cenário do mundo, a fim de que se elevem e, pelo amor, resgatem os delitos perpetrados. Desde que compliquem a situação, serão levados à compulsória do sofrimento, em expiação oportuna através da qual reeducar-se-ão, crescendo para o bem. “Portanto, minha filha, nenhum rancor, que é cultivo de urze na terra do coração, nem programação de vingança, que constitui intoxicação venenosa a longo prazo. O perdão incondicional e a irrestrita confiança em Deus deverão tornar-se as alavancas impulsionadoras dos atos a serem vivenciados doravante.” Movimentando recursos próprios fez Noemi retornar à lucidez. [...] A jovem, em Espírito, recebeu assistência conveniente, que lhe foi também ministrada ao corpo. Após a operação fluidoterápica, tudo transpirava ordem e paz. Chegou um enfermeiro do Posto Central para prosseguir assistindo Noemi e cooperar com outros trabalhadores sediados no Nosocômio, nos socorros aos demais pacientes ali em tratamento.” (MPM, *Nas fronteiras da loucura*, Capítulo 20)

“FENÔMENO AUTO OBSESSIVO. [...] Não desejando ser impertinente, mas interessado em aclarar o estudo a respeito de novas terapias, solicitei licença e questionei: — Não seria o caso de aplicar-se em Adereson a regressão de memória como recurso terapêutico, liberando-o da culpa, isto é, demonstrando-lhe que as ocorrências já são passadas, e delas ele se deve libertar, apagando-as, para dar ensejo a novas conquistas? — “Caio Miranda — contestou, gentil, exteriorizando uma bonomia superior —, aqui nos encontramos para estudar, e o diálogo é sempre valioso recurso pedagógico, de que nos devemos utilizar amiúde. “A terapia de vidas passadas é conquista muito importante, recentemente lograda pelos nobres estudiosos das “ciências da alma”. Como ocorre com qualquer terapêutica, tem os seus limites bem identificados, não sendo uma panaceia capaz de produzir milagres. Em grande número de casos, os seus resultados são excelentes, principalmente pela contribuição que oferece, na área das pesquisas sobre a reencarnação, entre os cientistas. Libera o paciente de muitos traumas e conflitos, propiciando a reconquista do equilíbrio psicológico, para a regularização dos erros pretéritos, sob outras condições. Mesmo aí, são exigidos muitos cuidados

dos terapeutas, bem como conhecimento das leis do reencarnacionismo e da obsessão, a fim de ser levado a bom termo o tratamento, nesse campo. Outrossim, nesta, mais do que em outras terapias, a conduta moral do agente deve ser superior, de tal forma que não se venha a enredar com os consócios espirituais do seu paciente, ou que não perca uma pugna, num enfrentamento com os mesmos, que facilmente se interpõem no campo das evocações trazidas à baila... Ainda devemos considerar que cristalizações de longo período, no inconsciente, não podem ser arrancadas com algumas palavras e induções psicológicas de breve duração. Neste setor, além dos muitos cuidados exigíveis, o tempo é fator de alto significado, para os resultados salutareis que se desejam alcançar. “Inicialmente, em se considerando a intensidade da alienação de Aderson, com o seu total alheamento ao mundo objetivo, nada seria conseguido com essa terapia, em face da sua total ausência de respostas aos estímulos externos. Demais, se fora possível fazê-lo, numa fase menos grave, o seu reencontro com toda a gama de fatos danosos praticados produzir-lhe-ia tal horror, que a demência o assaltaria da mesma forma. Desejando esquecer, não dispõe de forças para enfrentar-se e superar todos os prejuízos ocasionados às suas vítimas. Desta forma, o recurso que ora se lhe aplica, nesta Casa, embora haja outros, fará que, a pouco e pouco, retome à lucidez, e, quiçá, ao interesse pela vida. Por fim, um recurso terapêutico com eficiência imediata somente resultaria positivo num paciente cujo mérito lhe facultasse a recuperação, porque os fatores que geram a enfermidade, na condição de regularizadores das dívidas, não podem ficar esquecidos, quando da reconquista da saúde por parte de quem os sofre. Isto ocorre em todos os campos da vida, exceto quando a misericórdia de acréscimo funciona, liberando o ser de uma forma de provação, para que outro recurso regenerador, pela ação do bem praticado, seja posto em campo. A verdade é que a dívida se toma o sinal de identificação de quem delinque, esperando a justa regularização. Até esse momento, auxiliemos conforme nos esteja ao alcance.” Aderson foi reconduzido ao lugar onde se encontrava anteriormente, e os rituais chegaram ao fim, encerrando-se a reunião, após ligeira mensagem da Entidade diretora do Núcleo, carregada de otimismo, esperança e estímulos à vida correta e sadia. Eram duas horas da manhã quando os cantos e tambores silenciaram, propiciando às pessoas o retomo aos lares. Para nós, era um breve intervalo, que precedia a mais demoradas cogitações.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 7)

“O DESPERTAR DE ADERSON. [...] — Sou inocente! — bradou, ainda estertorando. — Você sabe que não o é. Outros crimes lhe pesam na consciência, cobrando-lhe a reparação. As suas vítimas sucumbiram,

não somente na trama difamatória, mas no suicídio a que você levou mais de uma... Portanto é homicida igualmente, não resolvendo o seu problema, o auto aprisionamento no corpo. — Eles se mataram, não por minha causa... — Veremos, meu filho... Você mesmo o constatará pela segunda vez. Acompanhem alguns lances da sua última existência corporal, que selecionamos para este momento. A um sinal, a fita gravada foi posta no aparelho e as imagens passaram a refletir-se em uma tela de média proporção, com uma peculiaridade especial: a da terceira dimensão. Era como se nos encontrássemos acompanhando os fatos no momento em que sucediam. Aderson se apresentava na chamada idade da razão, quando começou o expediente infeliz das cartas anônimas difamatórias e o hábito de levantar, verbalmente, suspeitas destrutivas contra quem lhe caía sob a alça-de-mira da inferioridade. Simultaneamente às imagens vivas, captávamos os pensamentos de cada momento, precedente e durante a ação nefasta, que se lhe irradiava da mente maldosa. Confesso que era a minha primeira experiência nesse setor de avaliação do passado de alguém, em terapia das suas vivências próximas e pretéritas, através de um equipamento tão sensível. Já conhecêramos o cinemascópio, as ideoplastias vivas, os clichês mentais que ressumavam dos depósitos profundos do perispírito, as evocações por indução telepática, as espontâneas, menos aquela técnica fascinante, em que a vida retomava esfuziante e se podia penetrar no íntimo dos fatos, que eram o emocional e o mental de cada personagem apresentada. As cenas sucediam-se em ritmo crescente, selecionadas, conforme referido. O enfermo balbuciava defesas injustificáveis, passando do desespero convulsivo à revolta e à blasfêmia, para ir-se aquietando, desperto, conscientizando-se da gravidade dos atos praticados. Foi o suicídio da jovem, a quem difamara mediante carta criminoso ao seu enamorado, que mais o afligiu. Ele acompanhava-lhe a onda mental, as dores que lhe precederam ao autocídio, a sua infinita amargura e o desconhecimento do autor de tão cavilosas acusações, e, porque ela o sensibilizava afetivamente, ele rendeu-se, suplicando: — Parem com isso! Interrompam a peça condenatória. Não podia imaginar, no começo, que tudo chegaria a este ponto... Quando me entreguei a esta loucura, eu era e sou ainda mais infeliz do que as minhas vítimas. Eu me encontrava louco, e não podia, não me queria deter. A volúpia dos desgraçados é sorver até a última gota a própria degradação. Oh! Deus meu! — Agora que você sabe — confortou-o a Amiga dos infelizes —, reorganize-se interiormente e reprograme a sua atual existência. Você buscou o encarceramento orgânico para fugir sem resgatar... Use o expediente para beneficiar-se, começando a reparação das faltas

cometidas. Até agora você expiou em trevas íntimas, o que não é suficiente para recompor-lhe a paz. Indispensável a ação que regulariza o erro e ajuda aos prejudicados, erguendo-os de acesso ao bem-estar pessoal. E se as vítimas, ao acaso, já se encontram em posição melhor do que a sua, é a hora de socorrer a outrem, não diretamente vinculado a você, todavia incurso em necessidades que poderão ser supridas. [...] Lágrimas silenciosas perolaram os olhos do paciente agora submisso e resignado, afirmando, sem palavras, os propósitos salutareis de realização libertadora. Foram aplicados novos recursos fluídicos e o mesmo adormeceu, sendo, posteriormente, reconduzido ao lar. A reunião terminou com uma comovedora oração gratulatória, na palavra austera e nobre do Dr. Bezerra. Minutos depois, porque as circunstâncias nos permitissem, indagamos ao querido Médico: — O que tivemos foi uma regressão de memória, embora a técnica se fizesse diferente. Anteriormente, o senhor afirmara da inutilidade ou perigo, caso lhe fosse aplicada esta terapia. Por que? — Referíamos-nos, então — ripostou com paciência —, à terapêutica de tal natureza, porém, sob indução de um encarnado. À dificuldade maior, de início, seria a do autista não responder aos estímulos verbais do indutor. Além dessa, o desconhecimento da causa, por parte do mesmo, que o paciente se negava a admitir, não lograria arrebentar a parede invisível que o Espírito erguera, para esconder a culpa não aceita, embora existente no inconsciente profundo. Dissemos, também, que o excelente método de recente aplicação não produz resultados positivos, como é natural, em toda e qualquer psicopatologia e, se tal ocorresse, estaríamos diante de um fenômeno violador do equilíbrio das Leis de Causa e Efeito. Os logros alcançados são muito valiosos, favorecendo a uma ampla faixa de alienados, como ocorre com o psicodrama e outras terapêuticas valiosas que proporcionam campo ao resgate dos erros sem o encarceramento do endividado. Nas civilizações mais avançadas da Terra, a preocupação com o delinquente é a de reeducá-lo, a fim de que se recupere, cooperando com a sociedade. Aí estão as prisões-domiciliares, as colônias agrícolas e outros métodos que substituem as punições medievais, que destruíam a dignidade e o valor do indivíduo, ao invés de curá-lo dos males que o infelicitavam. Entre nós, diante dos Soberanos Códigos, é mais importante reparar do que expungir em lágrimas, reedificar do que aprisionar nos estreitos limites da impiedade vingativa... O mais importante é destruir o mal, conquistando o homem que lhe sofre a injunção. O amor de Deus se manifesta sempre em mil oportunidades de redenção e a reencarnação é, dentro de todas, a mais abençoada. Convém recordar, porém, que mesmo reencarnado, o Espírito

renasce ou morre diversas vezes, durante o ciclo da vilegiatura carnal. Isto é, cada novo erro que comete torna-se-lhe uma forma de morte da oportunidade feliz, enquanto que toda conquista significa-lhe um novo renascimento para a verdade e para o bem. Ao silenciar, anotei que não se fazia necessário adir mais nada. Mergulhamos, então, em reflexões, enquanto a Alva erguia, lentamente, o manto da noite, derramando a sua taça de luz na paisagem que despertava, em maravilhosa festa de cor e beleza.” (MPM, *Loucura e obsessão*, Capítulo 18)

“Compromissos com o espiritismo. [...] Parecendo perceber o que eu desejava, com sinceridade foi diretamente ao assunto: “Realmente, a criatura humana, com as exceções compreensíveis, ainda possui a habilidade de tudo adaptar ao seu *modus operandi*, fugindo às regras mais elementares de qualquer aprendizado que lhe exige esforço, de modo que não se sinta constrangida às mudanças de hábitos... O Espiritismo é doutrina dinâmica, portadora de extraordinários recursos ainda não totalmente desvelados, em razão da falta de oportunidade e de demonstrações no campo científico, para serem absorvidos. Em razão disso, são válidas as experiências que visam a contribuir em favor do progresso das criaturas e da atualização dos seus notáveis procedimentos ante as modernas conquistas da Ciência e da Tecnologia, capazes de demonstrar a sua autenticidade. Veja-se, por exemplo, o que ocorre em relação à terapia a existências passadas, quantas críticas e quantas resistências ao método que confirma a reencarnação, que faculta inestimável socorro aos padecentes de muitos males, sem que isso fira de maneira alguma o esquecimento do passado, conforme a recomendação do mestre Kardec. Não é da sua alçada levar o paciente a recordar-se das existências anteriores, antes o conduz ao momento em que delinuiu, em que se comprometeu, ajudando-o a trabalhar melhor a culpa, a irresponsabilidade, já que a lei é de progresso, e o Pai não deseja a eliminação do pecador, mas a do pecado... Essa valiosa contribuição da Psicologia Transpessoal merece todo o nosso apoio e respeito, por confirmar que, no perísprito encontram-se as matrizes geradoras dos distúrbios de todo porte, que trabalham em favor dos processos purificadores. Os estudiosos sinceros não informam que se trata de uma panaceia para todos os males, mas de um recurso terapêutico eficiente, assim como a Psicanálise em relação aos conflitos que lhe são pertinentes ou à Psicologia clínica no seu ramo de observações e estudos... De igual maneira, o nosso propósito é o de contribuir para uma fusão de técnicas que facilitem a libertação do obsidiado, ao tempo em que seja esclarecido o seu adversário, denominado obsessor, sem qualquer conflito com o pensamento kardequiano.” (MPM, *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*, Capítulo 15)

“Procedimentos libertadores. [...] Se existem lei e justiça, este é o meu estatuto de compensação, não desejando, senão, promover o equilíbrio entre os seus débitos e os males que a muitos continua fazendo. Na pausa que se fez natural, Marcelo, fortemente inspirado pelo benfeitor, elucidou: — As divinas leis não são aplicadas em cobranças indébitas, mas sim em forma de mecanismos de reabilitação e de reequilíbrio. Sem dúvida, a insânia por ela perpetrada é muito grave, mas não lhe cabe o direito de fazer justiça porque o seu é um critério caprichoso e cheio de rancor, empurrando-o para a vingança insana. Deus não necessita do nosso apoio a fim de fazer que as leis de amor sejam respeitadas e aqueles que se comprometem recebam o necessário corretivo. Para tanto, existem as enfermidades depuradoras, as circunstâncias do destino, os fenômenos-problemas da afetividade e do relacionamento, os acidentes, as anomalias orgânicas e mentais, enfim, uma infinidade de métodos eficazes para a recuperação. Enquanto que ao ser aplicada a sevícia pela vingança, aquele que a perpetra cai no abismo dos crimes hediondos, por desconhecer a justa medida para a correção do equivocado. Não lhe cabe, portanto, o direito de desforço, por mais se justifique na condição de vítima... — Mas eu odeio-a e hei de vingar-me... — Em verdade, o que o atormenta não é o ódio, e sim a sua ignorância a respeito das divinas leis, porquanto, à medida que mantém o veneno desse sentimento, mais se embriaga de luxúria e de perturbação, vinculando-se-lhe e passando quase a viver em função dos disparates morais que ela se permite. Encontra-se você na situação do explorador dominado pelo desejo do gozo ignóbil, passando a depender do comportamento doentio da sua vítima. Já é chegado o momento de mudar o foco da sua aspiração para o encontro com a felicidade. Afinal, todo esse período passado fez-se caracterizar pelo seu sofrimento que pareceu não ter fim... Raia o momento da sua libertação das amarras constritoras das paixões inditasas. Nesse momento, o venerável benfeitor aplicou energias no espírito atormentado, enquanto o dialogador impôs-lhe: — Recue no tempo e constatará que existem culpas na sua economia espiritual evolutiva, que justificaram os referidos padecimentos, que você poderia haver aproveitado como resgate, caso houvesse seguido as diretrizes da sua religião da época: perdão e misericórdia para com a infeliz, conforme Jesus aplicou em relação à mulher adúltera, narrada no Evangelho. Porque a indução psicoterapêutica prosseguisse, o comunicante começou a contorcer-se mais nos fluidos da médium e, contemplando cenas de terrível conteúdo, começou a pedir socorro, sucumbindo ante os arquivos dos acontecimentos inditosos que lhe assinalavam uma das mais recentes existências transatas... — Não

pode ser comigo o que se passa, o que estou vendo! — exclamou, aterrorizado. — Exatamente, meu irmão, refere-se a você o que ora enxerga, proveniente dos arquivos da sua memória ancestral. O que você praticou de cruel tornou-se-lhe sementeira de dedita que lhe cumpria resgatar. O orgulho machista, porém, o temperamento rebelde e o egoísmo doentio não lhe permitiram assimilar a dor que se lhe acercou, deixando o filhinho desencarnar por indiferença. Você reclama da mulher que fugiu do santuário doméstico, acusando-a de responsável pela morte das duas crianças, sendo que você, afogando-se, na mágoa, também olvidou-se de oferecer aos juvenis solitários e infelizes o apoio de que eles necessitavam, no momento em que se tornavam órfãos de mãe viva... Ninguém pode erguer a clava da justiça contra os outros, porque igualmente encontra-se incurso em terríveis compromissos, que são sempre os geradores das situações deploráveis que acontecem. Observe bem a insânia de que foi portador, a prepotência perversa que lhe assinalou a existência e esqueça-se da postura de vítima, considerando que outros, por sua vez, experimentaram-lhe a impiedade, tornando-se-lhe vitimados pela sua indiferença e crueldade. Concentrado profundamente, Marcelo percebia os quadros evocados pela memória ancestral do comunicante sob a ação da força regressiva imposta pelo abençoado Dr. Bezerra. Transcorridos alguns minutos, demonstrando exaustão, o inditoso perguntou: — E agora, o que me sucederá? — O amor de Deus não tem dimensão — respondeu-lhe o psicoterapeuta espiritual - Você será encaminhado a uma comunidade espiritual na condição de enfermo, onde receberá conveniente tratamento, renovando-se e adaptando-se a novo comportamento, deixando a nossa irmã inditosa prosseguir conforme estabelece a Lei de Causa e Efeito... Agora, repouse e durma em paz, a fim de despertar noutra dimensão e em condição diferente desta que vem vivenciando há quase duzentos anos... Aplicando energias calmantes na médium, que alcançavam o espírito, vimo-lo adormecer profundamente, sendo desligado e conduzido em maca ao lugar próprio para posterior remoção.” (MPM, *Amanhecer de uma nova era*, Capítulo 5)

“AS ATIVIDADES PROSSEGUEM. [...] - O que posso afirmar é que ninguém nos afastará daqui! - Quanto engano! Não o desejamos afastar, mas atraí-lo cada vez mais, a fim de que nos conheça e participe conosco da Era Nova de amor que se anuncia. Faz quantos séculos que o amigo e outros se debatem na escuridão da ignorância, no sentimento de rancor contra Jesus, em razão do fanatismo de alguns déspotas que se Lhe apossaram do nome da doutrina, corrompendo-a? Mas eles também

desencarnaram e retornaram, estando em processo de redenção, como é o nosso caso particular de Espírito equivocado, em tentativa de reabilitação. Não é a primeira vez que nós outro mantemos contato com Jesus, mas este é o instante definitivo da nossa mudança radical para o Seu lado, para o Seu amor. “Não somos inimigos, meu irmão. Temos ideias diferentes por enfoques equivocados de sua parte. Dominado por larga hipnose, vitimado por inclemente inimigo de si mesmo e da Verdade, você deixou-se conduzir até este momento pela ignorância do bem. Você irá despertar, reconhecer o amor de Jesus e a vitória da ternura ante a crueldade, do sentimento de compaixão em relação ao ódio...” De imediato, o irmão Germano Passos acercou-se da médium em transe profundo e aplicou passes de despertamento mental na Entidade comunicante, enquanto lhe dizia de maneira monocórdia: - Acorde, reveja o seu passado. Quase de imediato, o Espírito pôs-se a chorar copiosamente, revendo os dias que precederam ao seu martírio no passado, quando fora vítima das perseguições espanholas através do Santo Ofício. Podia-se perceber-lhe a aflição, e ver-se-lhe os clichês mentais arquivados no inconsciente, que revelavam a sua situação de explorador de outros companheiros, o infame comércio de moedas com juros extorsivos, a impiedade na cobrança daqueles que não podiam pagar os empréstimos absurdos. Igualmente, apareciam à nossa vista as atitudes de mesquinhez e de injustiça que praticavam, quando foram arrancados do lar e atirados, uns, às labaredas, outros, às prisões infectas... - Não existem efeitos sem causas equivalentes - adiu Dr. Bezerra. - O irmão apresenta-se como vítima inocente. Vítima, sim, inocente, porém, de forma alguma, já que as suas paisagens mentais e morais são tenebrosas. Agora deve dormir, a fim de despertar para novos cometimentos que o libertarão das densas sombras das ações nefárias. E porque o aflito estorcegava na médium, foi retirado carinhosamente e colocado em maca especial a fim de ser transportado para recinto próprio em nossa Esfera de ação.” (MPM, *Perturbações espirituais*, Capítulo)

VI Desobsessão

Vide Capítulo II (“Desobsessão”), Terceira Parte (“Obsessão e Desobsessão”) do Volume III (“Saúde segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

VII Importância da alimentação e da respiração¹⁴

“Problema de Alimentação. Enlevado na visão dos jardins prodigiosos, pedi ao dedicado enfermeiro para descansar alguns minutos num banco próximo. Lísias anuiu de bom grado. Agradável sensação de paz me felicitava o espírito. Caprichosos repuxos de água colorida ziguezagueavam no ar, formando figuras encantadoras. – Quem observa esta colmeia imensa de serviço - ponderei - é induzido a examinar numerosos problemas. E o abastecimento? Não tenho notícia de um Ministério da Economia... – Antigamente - explicou o paciente interlocutor - os serviços dessa natureza assumiam feição mais destacada. Deliberou, porém, o atual Governador atenuar todas as expressões de vida que nos recordassem os fenômenos puramente materiais. As atividades de abastecimento ficaram, assim, reduzidas a simples serviço de distribuição, sob o controle direto da Governadoria. Aliás, a providência constitui medida das mais benéficas. Rezam os anais que a colônia, há um século, lutava com extremas dificuldades para adaptar os habitantes às leis da simplicidade. Muitos recém-chegados ao “Nosso Lar” duplicavam exigências. Queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos. Apenas o Ministério da União Divina ficou imune de tais abusos, pelas características que lhe são próprias; no entanto, os demais viviam sobrecarregados de angustiosos problemas dessa ordem. O Governador atual, todavia, não poupou esforços. Tão logo assumiu obrigações administrativas, adotou providências justas. Antigos missionários, daqui, puseram-me ao corrente de curiosos acontecimentos. Disseram-me que, a pedido da Governadoria, vieram duzentos instrutores de uma esfera muito elevada, a fim de espalharem novos conhecimentos, relativos à ciência da respiração e da absorção de princípios vitais da atmosfera. Realizaram-se assembleias numerosas. Alguns colaboradores técnicos de “Nosso Lar” manifestavam-se contrários, alegando que a cidade é de transição e que não seria justo, nem possível, desambientar imediatamente os homens desencarnados, mediante exigências desse teor, sem grave perigo para suas organizações espirituais. O Governador, contudo, não desanimou. Prosseguiram as reuniões, providências e atividades, durante trinta anos consecutivos. Algumas entidades eminentes chegaram a formular protestos de caráter público, reclamando.

¹⁴ Vide Subcapítulo II.5 (“Alimentação dos espíritos”), Capítulo II (“Aspectos da vida dos espíritos desencarnados”), Quinta Parte (“Mundos Habitados, Vida dos Espíritos e Planos Espirituais”) do Volume I (“Religiosidade segundo o Espiritismo”) dessa série de livros (“Saúde, Espiritualidade e Religiosidade segundo o Espiritismo”).

Por mais de dez vezes, o Ministério do Auxílio esteve superlotado de enfermos, onde se confessavam vítimas do novo sistema de alimentação deficiente. Nesses períodos, os opositores da redução multiplicavam acusações. O Governador, porém, jamais castigou alguém. Convocava os adversários da medida a palácio e expunha-lhes, paternalmente, os projetos e finalidades do regime; destacava a superioridade dos métodos de espiritualização, facilitava aos mais rebeldes inimigos do novo processo variadas excursões de estudo, em planos mais elevados que o nosso, ganhando, assim, maior número de adeptos. Ante pausa mais longa, reclamei, interessado: – Continue, por favor, meu caro Lísias. Como terminou a luta edificante? – Depois de vinte e um anos de perseverantes demonstrações, por parte da Governadoria, aderiu o Ministério da Elevação, passando a abastecer-se apenas do indispensável. O mesmo não aconteceu com o Ministério do Esclarecimento, que demorou muito a assumir compromisso, em vista dos numerosos espíritos dedicados às ciências matemáticas, que ali trabalham. Eram eles os mais teimosos adversários. Mecanizados nos processos de proteínas e carboidratos, imprescindíveis aos veículos físicos, não cediam terreno nas concepções correspondentes daqui. Semanalmente, enviavam ao Governador longas observações e advertências, repletas de análises e numerações, atingindo, por vezes, a imprudência. O velho governante, contudo, nunca agiu por si só. Requisitou assistência de nobres mentores, que nos orientam através do Ministério da União Divina, e jamais deixou o menor boletim de esclarecimento sem exame minucioso. Enquanto argumentavam os cientistas e a Governadoria contemporizava, formaram-se perigosos distúrbios no antigo Departamento de Regeneração, hoje transformado em Ministério. Encorajados pela rebeldia dos cooperadores do Esclarecimento, os espíritos menos elevados que ali se recolhiam entregaram-se a condenáveis manifestações. Tudo isso provocou enormes cisões nos órgãos coletivos de “Nosso Lar”, dando ensejo a perigoso assalto das multidões obscuras do Umbral, que tentaram invadir a cidade, aproveitando brechas nos serviços de Regeneração, onde grande número de colaboradores entretinha certo intercâmbio clandestino, em virtude dos vícios de alimentação. Dado o alarme, o Governador não se perturbou. Terríveis ameaças pairavam sobre todos. Ele, porém, solicitou audiência ao Ministério da União Divina e, depois de ouvir o nosso mais alto Conselho, mandou fechar provisoriamente o Ministério da Comunicação, determinou funcionassem todos os calabouços da Regeneração para isolamento dos recalcitrantes, advertiu o Ministério do Esclarecimento, cujas impertinências suportou mais de trinta anos consecutivos, proibiu temporariamente os auxílios às regiões inferiores e, pela primeira vez na sua

administração, mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum. Não houve combate, nem ofensiva da colônia, mas resistência resoluta. Por mais de seis meses, os serviços de alimentação, em “Nosso Lar”, foram reduzidos à inalação de princípios vitais da atmosfera, através da respiração, e água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos. A colônia ficou, então, sabendo o que vem a ser a indignação do espírito manso e justo. Findo o período mais agudo, a Governadoria estava vitoriosa. O próprio Ministério do Esclarecimento reconheceu o erro e cooperou nos trabalhos de reajustamento. Houve, nesses comenos, regozijo público e dizem que, em meio da alegria geral, o Governador chorou sensibilizado, declarando que a compreensão geral constituía o verdadeiro prêmio ao seu coração. A cidade voltou ao movimento normal. O antigo Departamento da Regeneração foi convertido em Ministério. Desde então, só existe maior suprimento de substâncias alimentícias que lembram a Terra, nos Ministérios da Regeneração e do Auxílio, onde há sempre grande número de necessitados. Nos demais, há somente o indispensável, isto é, todo o serviço de alimentação obedece a inexcusável sobriedade. Presentemente, todos reconhecem que a suposta impertinência do Governador representou medida de elevado alcance para nossa libertação espiritual. Reduziu-se a expressão física e surgiu maravilhoso coeficiente de espiritualidade. Lísias silenciou e eu me entreguei a profundos pensamentos sobre a grande lição.” (AL, *Nosso Lar*, Capítulo 9)

“Amor, Alimento das Almas. Terminada a oração, chamou-nos à mesa a dona da casa, servindo caldo reconfortante e frutas perfumadas, que mais pareciam concentrados de fluidos deliciosos. Eminentemente surpreendido, ouvi a senhora Laura observar com graça: – Afinal, nossas refeições aqui são muito mais agradáveis que na Terra. Há residências, em “Nosso Lar”, que as dispensam quase por completo; mas, nas zonas do Ministério do Auxílio, não podemos prescindir dos concentrados fluídicos, tendo em vista os serviços pesados que as circunstâncias impõem. Despendemos grande quantidade de energias. É necessário renovar provisões de força. – Isso, porém - ponderou uma das jovens -, não quer dizer que somente nós, os funcionários do Auxílio e da Regeneração, vivamos a depender de alimentos. Todos os Ministérios, inclusive o da União Divina, não os dispensam, diferindo apenas a feição substancial. Na Comunicação e no Esclarecimento há enorme dispêndio de frutos. Na Elevação o consumo de sucos e concentrados não é reduzido e, na União Divina, os fenômenos de alimentação atingem o inimaginável. Meu olhar indagador ia de Lísias para a Senhora Laura, ansioso de explicações imediatas. Sorriam todos da minha natural perplexidade, mas

a mãe de Lísias veio ao encontro dos meus desejos, explicando: – Nosso irmão talvez ainda ignore que o maior sustentáculo das criaturas é justamente o amor. De quando em quando, recebemos em “Nosso Lar” grandes comissões de instrutores, que ministram ensinamentos relativos à nutrição espiritual. Todo sistema de alimentação, nas variadas esferas da vida, tem no amor a base profunda. O alimento físico, mesmo aqui, propriamente considerado, é simples problema de materialidade transitória, como no caso dos veículos terrestres, necessitados de colaboração da graxa e do óleo. A alma, em si, apenas se nutre de amor. Quanto mais nos elevarmos no plano evolutivo da Criação, mais extensamente conheceremos essa verdade. Não lhe parece que o amor divino seja o cibo do Universo? Tais elucidações confortavam-me sobremaneira. Percebendo-me a satisfação íntima, Lísias interveio, acentuando: – Tudo se equilibra no amor infinito de Deus e, quanto mais evolvido o ser criado, mais sutil o processo de alimentação. O verme, no subsolo do planeta, nutre-se essencialmente de terra. O grande animal colhe na planta os elementos de manutenção, a exemplo da criança sugando o seio materno. O homem colhe o fruto do vegetal, transforma-o segundo a exigência do paladar que lhe é próprio e serve-se dele à mesa do lar. Nós outros, criaturas desencarnadas, necessitamos de substâncias suculentas, tendentes à condição fluídica, e o processo será cada vez mais delicado, à medida que se intensifique a ascensão individual. – Não esqueçamos, todavia, a questão dos veículos - acrescentou a senhora Laura -, porque, no fundo, o verme, o animal, o homem e nós dependemos absolutamente do amor. Todos nos movemos nele e sem ele não teríamos existência. – É extraordinário! - aduzi, comovido. – Não se lembra do ensino evangélico do “amai-vos uns aos outros”? - prosseguiu a mãe de Lísias atenciosa - Jesus não preceituou esses princípios objetivando tão-somente os casos de caridade, nos quais todos aprenderemos, mais dia menos dia, que a prática do bem constitui simples dever. Aconselhava-nos, igualmente, a nos alimentarmos uns aos outros, no campo da fraternidade e da simpatia. O homem encarnado saberá, mais tarde, que a conversação amiga, o gesto afetuosos, a bondade recíproca, a confiança mútua, a luz da compreensão, o interesse fraternal - patrimônios que se derivam naturalmente do amor profundo - constituem sólidos alimentos para a vida em si. Reencarnados na Terra, experimentamos grandes limitações; voltando para cá, entretanto, reconhecemos que toda a estabilidade da alegria é problema de alimentação puramente espiritual. Formam-se lares, vilas, cidades e nações em obediência a imperativos tais. Recordei instintivamente as teorias do sexo, largamente divulgadas no mundo; mas, adivinhando-me talvez os pensamentos, a senhora Laura sentenciou: – E ninguém diga que

o fenômeno é simplesmente sexual. O sexo é manifestação sagrada desse amor universal e divino, mas é apenas uma expressão isolada do potencial infinito. Entre os casais mais espiritualizados, o carinho e a confiança, a dedicação e o entendimento mútuos permanecem muito acima da união física, reduzida, entre eles, a realização transitória. A permuta magnética é o fator que estabelece ritmo necessário à manifestação da harmonia. Para que se alimente a ventura, basta a presença e, às vezes, apenas a compreensão. Valendo-se da pausa, Judite acrescentou: – Aprendemos em “Nosso Lar” que a vida terrestre se equilibra no amor, sem que a maior parte dos homens se aperceba. Almas gêmeas, almas irmãs, almas afins, constituem pares e grupos numerosos. Unindo-se umas às outras, amparando-se mutuamente, conseguem equilíbrio no plano de redenção. Quando, porém, faltam companheiros, a criatura menos forte costuma sucumbir em meio da jornada. – Como vê, meu amigo - objetou Lísias contente -, ainda aqui é possível relembrar o Evangelho do Cristo. “Nem só de pão vive o homem.” [...]” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 18)

– Sua neta não vem à mesa para as refeições? - perguntei à dona da casa, ensaiando palestra mais íntima. – Por enquanto, alimenta-se a sós - esclareceu dona Laura -, a tolinha continua nervosa, abatida. Aqui, não trazemos à mesa qualquer pessoa que se manifeste perturbada ou desgostosa. A neurastenia e a inquietação emitem fluidos pesados e venenosos, que se misturam automaticamente às substâncias alimentares. Minha neta demorou-se no Umbral quinze dias, em forte sonolência, assistida por nós. Deveria ingressar nos pavilhões hospitalares, mas, afinal, veio submeter-se aos meus cuidados diretos.” (AL, *Nosso lar*, Capítulo 19)

“Desenvolvimento mediúnico. [...] O instrutor colocou-me, em seguida, ao lado de uma dama simpática e idosa. Após examiná-la, atencioso, acrescentou: – Repare nesta nossa irmã. É candidata ao desenvolvimento da mediunidade de incorporação. Fraquíssima luz emanava de sua organização mental e, desde o primeiro instante, notara-lhe as deformações físicas. O estômago dilatara-se-lhe horivelmente e os intestinos pareciam sofrer estranhas alterações. O fígado, consideravelmente aumentado, demonstrava indefinível agitação. Desde o duodeno ao sigmoide, notavam-se anomalias de vulto. Guardava a ideia de presenciar, não o trabalho de um aparelho digestivo usual, e sim de vasto alambique, cheio de pastas de carne e caldos gordurosos, cheirando a vinagre de condimentação ativa. Em grande zona do ventre superlotado de alimentação, viam-se muitos parasitos conhecidos, mas, além deles, divisava outros corpúsculos semelhantes a lesmas voracíssimas, que se agrupavam em grandes colônias, desde os músculos e as fibras do estômago

até a válvula ileocecal. Semelhantes parasitos atacavam os sucos nutritivos, com assombroso potencial de destruição. Observando-me a estranheza, o orientador falou em meu socorro: – Temos aqui uma pobre amiga desviada nos excessos de alimentação. Todas as suas glândulas e centros nervosos trabalham para atender as exigências do sistema digestivo. Descuidada de si mesma, caiu na glotonaria crassa, tornando-se presa de seres de baixa condição. E porque me conservasse em silêncio, incapacitado de argumentar, ante ensinamentos tão novos, o instrutor considerou: – Perante estes quadros, pode você avaliar a extensão das necessidades educativas na esfera da Crosta. A mente encarnada engalanou-se com os valores intelectuais e fez o culto da razão pura, esquecendo-se de que a razão humana precisa de luz divina. O homem comum percebe muito pouco e sente muito menos. Ante a eclosão de conhecimentos novos, em face da onda regeneradora do Espiritualismo que banha as nações mais cultas da Terra angustiadas por longos sofrimentos coletivos, necessitamos acionar as melhores possibilidades de colaboração, para que os companheiros terrestres valorizem as suas oportunidades benditas de serviço e redenção. Compreendi que Alexandre se referia, veladamente, ao grande movimento espiritista, em virtude de nos encontrarmos nas tarefas de uma casa doutrinária, e não me enganava, porque o bondoso mentor continuou a dizer, gravemente: – O Espiritismo cristão é a revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo e a mediunidade constitui um de seus fundamentos vivos. A mediunidade, porém, não é exclusiva dos chamados “médiuns”. Todas as criaturas a possuem, porquanto, significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. Não bastará, entretanto, perceber. É imprescindível santificar essa faculdade, convertendo-a no ministério ativo do bem. A maioria dos candidatos ao desenvolvimento dessa natureza, contudo, não se dispõe aos serviços preliminares de limpeza do vaso receptivo. Dividem, inexoravelmente, a matéria e o espírito, localizando-os em campos opostos, quando nós, estudantes da Verdade, ainda não conseguimos identificar rigorosamente as fronteiras entre uma e outro, integrados na certeza de que toda a organização universal se baseia em vibrações puras. Inegavelmente, meu amigo – e sorriu –, não desejamos transformar o mundo em cemitério de tristeza e desolação. Atender a santificada missão do sexo, no seu plano respeitável, usar um aperitivo comum, fazer a boa refeição, de modo algum significa desvios espirituais; no entanto, os excessos representam desperdícios lamentáveis de força, os quais retêm a alma nos círculos inferiores. Ora, para os que se trancafiam nos cárceres de sombra, não é fácil desenvolver percepções avançadas. Não se pode cogitar de mediunidade construtiva sem o equilíbrio construtivo

dos aprendizes, na sublime ciência do bem-viver.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 3)

“Não conseguia dissimular o assombro que me dominava. – Porque tamanha estranheza? – perguntou o cuidadoso orientador – e nós outros, quando nas esferas da carne? Nossas mesas não se mantinham à custa das vísceras dos touros e das aves? A pretexto de buscar recursos proteicos, exterminávamos frangos e carneiros, leitões e cabritos incontáveis. Sugávamos os tecidos musculares, roíamos os ossos. Não contentes em matar os pobres seres que nos pediam roteiros de progresso e valores educativos, para melhor atenderem a Obra do Pai, dilatávamos os requintes da exploração milenária e infligíamos a muitos deles determinadas moléstias para que nos servissem ao paladar, com a máxima eficiência. O suíno comum era localizado por nós, em regime de ceva, e o pobre animal, muita vez à custa de resíduos, devia criar para nosso uso certas reservas de gordura, até que se prostrasse, de todo, ao peso de banhas doentias e abundantes. Colocávamos gansos nas engordadeiras para que hipertrofiassem o fígado, de modo a obtermos pastas substanciosas destinadas a quitutes que ficaram famosos, despreocupados das faltas cometidas com a suposta vantagem de enriquecer os valores culinários. Em nada nos doía o quadro comovente das vacas-mães, em direção ao matadouro, para que nossas panelas transpirassem agradavelmente. Encarecíamos, com toda a responsabilidade da Ciência, a necessidade de proteínas e gorduras diversas, mas esquecíamos de que a nossa inteligência, tão fértil na descoberta de comodidade e conforto, teria recursos de encontrar novos elementos e meios de incentivar os suprimentos proteicos ao organismo, sem recorrer às indústrias da morte. Esquecíamos-nos de que o aumento dos laticínios, para enriquecimento da alimentação, constitui elevada tarefa, porque tempos virão, para a Humanidade terrestre, em que o estábulo, como o lar, será também sagrado.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 4)

“A casa da pobre viúva localizava-se em rua modesta e, embora relativamente confortável, parecia habitada por muitas entidades de condição inferior, o que observei sem dificuldade, pelo movimento de entradas e saídas, antes mesmo de nossa penetração no ambiente doméstico. Entramos sem que os desencarnados infelizes nos identificassem a presença em virtude do baixo padrão vibratório que lhes caracterizava as percepções. O quadro, porém, era doloroso de ver-se. A família, constituída da viúva, três filhos e um casal de velhos, permanecia à mesa de refeições, no almoço muito simples. Entretanto, um fato, até então inédito para mim, feriu-me a observação: seis entidades envolvidas em círculos escuros acompanhavam-nos ao repasto, como se estivessem tomando alimentos por absorção. – Ó meu Deus! – exclamei,

aturdido, dirigindo-me ao instrutor – será crível? Desencarnados à mesa? Alexandre replicou, tranquilo: – Meu amigo, os quadros de viciação mental, ignorância e sofrimento nos lares sem equilíbrio religioso, são muito grandes. Onde não existe organização espiritual, não há defesas da paz de espírito. Isto é intuitivo para todos os que estimem o reto pensamento. Após ligeira pausa em que fixava, compadecido, a paisagem interior, prosseguiu: – Os que desencarnam em condições de excessivo apego aos que deixaram na Crosta, neles encontrando as mesmas algemas, quase sempre se mantêm ligados à casa, às situações domésticas, aos fluidos vitais da família. Alimentam-se com a parentela e dormem nos mesmos aposentos onde se desligaram do corpo físico. – Mas chegam a se alimentar, de fato, utilizando os mesmos acepipes de outro tempo? – indaguei, espantado, ao ver a satisfação das entidades congregadas ali, absorvendo gostosamente as emanções dos pratos fumegantes. Alexandre sorriu e acrescentou: – Tanta admiração, somente por vê-los tomando alimentos pelas narinas? E nós outros? Desconhece você, porventura, que o próprio homem encarnado recebe mais de setenta por cento da alimentação comum através de princípios atmosféricos, captados pelos condutos respiratórios? Você não ignora também que as substâncias cozidas ao fogo sofrem profunda desintegração. Ora, os nossos irmãos, viciados nas sensações fisiológicas, encontram nos elementos desintegrados o mesmo sabor que experimentavam quando em uso do envoltório carnal. – No entanto – ponderei –, parece desagradável tomar refeições, obrigando-nos à companhia inevitável de desconhecidos e, mormente desconhecidos da espécie que temos sob os olhos. – Mas você não pode esquecer – aduziu o orientador – que não se trata de gente anônima. Estamos vendo familiares diversos, que os próprios encarnados retêm com as suas pesadas vibrações de apego doentio. Alexandre pensou um momento e continuou: – Admitamos, contudo, a sua hipótese. Ainda que a mesa doméstica estivesse rodeada de entidades indignas, estranhas aos laços consanguíneos, resta a certeza de que as almas se reúnem obedecendo às tendências que lhes são características e à circunstância de que cada Espírito tem as companhias que prefere. E, desejoso de fornecer bases sólidas ao meu aprendizado, considerou: – A mesa familiar é sempre um receptáculo de influências de natureza invisível. Valendo-se dela, medite o homem no bem e os trabalhadores espirituais, nas vizinhanças do pensador, virão partilhar-lhe o serviço no campo abençoado dos bons pensamentos; conserve-se a família em plano superior, rendendo culto às experiências elevadas da vida, e os orientadores da iluminação espiritual aproximar-se-ão, lançando no terreno da palestra construtiva as sementes das ideias novas, que então se movimentam com

a beleza sublime da espontaneidade. Entretanto, pelos mesmos dispositivos da lei de afinidade, a maledicência atrairá os caluniadores invisíveis e a ironia buscará, sem dúvida, as entidades galhofeiras e sarcásticas, que inspirarão o anedotário menos digno, deixando margem vastíssima à leviandade e à perturbação. Indicando o grupo à mesa, Alexandre acentuou: – Aqui, os tristes inveterados atraem os familiares desencarnados de análoga condição. É o vampirismo recíproco. Ouça você o que falam. [...]” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“Em pouco tempo, distanciando-nos dos núcleos suburbanos, encontramos-nos nas vizinhanças de grande matadouro. Minha surpresa não tinha limites, porque observei a atitude de vigilância assumida pelo meu orientador, que penetrou firmemente a larga porta de entrada. Pelas vibrações ambientes, reconheci que o lugar era dos mais desagradáveis que conhecera, até então, em minha nova fase de esforço espiritual. Seguindo Alexandre de muito perto, via numerosos grupos de entidades francamente inferiores que se alojavam aqui e ali. Diante do local em que se processava a matança dos bovinos, percebi um quadro estarrecedor. Grande número de desencarnados, em lastimáveis condições, atiravam-se aos borbotões de sangue vivo, como se procurassem beber o líquido em sede devoradora... Alexandre percebera o assombro doloroso que se apossara de mim e esclareceu-me com serenidade: – Está observando, André? Estes infelizes irmãos que não nos podem ver, pela deplorável situação de embrutecimento e inferioridade, estão sugando as forças do plasma sanguíneo dos animais. São famintos que causam piedade. Poucas vezes, em toda a vida, eu experimentara tamanha repugnância. As cenas mais tristes das zonas inferiores que, até ali, pudera observar, não me haviam impressionado com tamanho amargor. Desencarnados à procura de alimentos daquela espécie? Matadouro cheio de entidades perversas? Que significava tudo aquilo? Lembrei meus reduzidos estudos de História, remontando-me à época em que as gerações primitivas ofereciam aos supostos deuses o sangue de touros e cabritos. Estaria ali, naquele quadro horripilante, a representação antiga dos sacrifícios em altares de pedra? Deixei que as primeiras impressões me incandescessem o cérebro, a ponto de sentir, como noutro tempo, que minhas ideias vagueavam em turbilhão. Alexandre, contudo, solícito como sempre, acercou-se mais carinhosamente de mim e explicou: – Porque tamanha sensação de pavor, meu amigo? Saia de si mesmo, quebre a concha da interpretação pessoal e venha para o campo largo da justificação. Não visitamos, nós ambos, na esfera da Crosta, os açougues mais diversos? Lembro-me de que em meu antigo lar terrestre havia sempre grande contentamento familiar pela matança dos porcos. A carcaça de carne e

gordura significava abundância da cozinha e conforto do estômago. Com o mesmo direito, acercam-se os desencarnados, tão inferiores quanto já o fômos, dos animais mortos, cujo sangue fumegante lhes oferece vigorosos elementos vitais. Sem dúvida, o quadro é lastimável; não nos compete, porém, lavar as condenações. Cada coisa, cada ser, cada alma, permanece no processo evolutivo que lhe é próprio. E se já passamos pelas estações inferiores, compreendendo como é difícil a melhoria no plano de elevação, devemos guardar a disposição legítima de auxiliar sempre, mobilizando as melhores possibilidades ao nosso alcance, a serviço do próximo.” (AL, *Missionários da luz*, Capítulo 11)

“ALIMENTAÇÃO DOS DESENCARNADOS. – Como se verifica a alimentação dos Espíritos desencarnados? – Encarecendo a importância da respiração no sustento do corpo espiritual, basta lembrar a hematose no corpo físico, pela qual o intercâmbio gasoso se efetua com segurança, através dos alvéolos, nos quais os gases se transferem do meio exterior para o meio interno e vice-versa, atendendo à assimilação e desassimilação de variadas atividades químicas no campo orgânico. O oxigênio que alcança os tecidos entra em combinação com determinados elementos, dando, em resultado, o anidrido carbônico e a água, com produção de energia destinada à manutenção das províncias somáticas. Estudando a respiração celular, encontraremos, junto aos próprios arraiais da ciência humana, problemas somente equacionáveis com a ingerência automática do corpo espiritual nas funções do veículo físico, porque os fenômenos que lhe são consequentes se graduam em tantas fases diversas que o fisiologista, sem noções do Espírito, abordá-los-á sempre com a perplexidade de quem atinge o insolúvel. Sabemos que para a subsistência do corpo físico é imprescindível a constante permuta de substâncias, com incessante transformação de energia. Substância e energia se conjugam para fornecer ao carro fisiológico os recursos necessários ao crescimento ou à reparação do contínuo desgaste, produzindo a força indispensável à existência e os recursos reguladores do metabolismo. O alimento comum ao corpo carnal experimenta, de início, a digestão, pela qual os elementos coloidais indifusíveis se transubstanciam em elementos cristaloides difusíveis, convertendo-se ainda as matérias complexas em matérias mais simples, acessíveis à absorção, a que se sucede a circulação dos valores nutrientes, suscetíveis de aproveitamento pelos tecidos, seja em regime de aplicação imediata, seja no de reserva, destinando-se os resíduos à expulsão natural. A ciência terrena não desconhece que o metabolismo guarda a tendência de manter-se em estabilidade constante, tanto assim que, reconhecidamente, a despesa de oxigênio e o teor de glicemia em jejum revelam quase nenhuma diferença de dia para dia. É que o corpo espiritual, comandando

o corpo físico, sana espontaneamente, quando harmonizado em suas próprias funções, todos os desequilíbrios acidentais nos processos metabólicos, presidindo as reações do campo nutritivo comum. Não ignoramos, desse modo, que desde a experiência carnal o homem se alimenta muito mais pela respiração, colhendo o alimento de volume simplesmente como recurso complementar de fornecimento plástico e energético, para o setor das calorias necessárias à massa corpórea e à distribuição dos potenciais de força nos variados departamentos orgânicos. Abandonado o envoltório físico na desencarnação, se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no auto reajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular. Na maioria das vezes, os desencarnados em crise dessa ordem são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, onde encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica, recebendo-a em porções adequadas até que se adaptem aos sistemas de sustentação da Esfera Superior, em cujos círculos a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma, porquanto, pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos sutilizados ou sínteses quimioeletromagnéticas, hauridas no reservatório da Natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si. Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade. Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral. De qualquer modo, porém, o corpo espiritual com alguma provisão de substância específica ou simplesmente sem ela, quando já consiga valer-se apenas da difusão cutânea para refazer seus potenciais energéticos, conta com os processos da assimilação e da desassimilação dos recursos que lhe são peculiares, não prescindindo do trabalho de exsudação dos resíduos, pela epiderme ou pelos emunctórios normais, compreendendo-se, no entanto, que pela harmonia de nível, nas operações nutritivas, e pela essencialização dos elementos absorvidos, não existem para o veículo psicossomático determinados excessos e inconveniências dos sólidos e líquidos da excreta comum. Uberaba, 16/4/58.” (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 1)

“– E você? – interoguei, talvez indiscreto – onde passa os recreios e entretenimentos? – De conformidade com os estatutos que nos regem, possuo também minhas horas de repouso. Todavia – e a sua voz tocou-se de velada tristeza – ainda não posso fruí-las em esfera mais alta. Desfruto-as nos campos da Crosta, respirando o ar puro e tonificante dos pomares e jardins silvestres. O oxigênio, por lá, é mais leve que o absorvido por nós, nestes círculos abafados de transição, onde há que lidar com os resíduos do pensamento humano. As árvores e as águas, as flores e os frutos da Natureza terrestre, indenes das emanções empesadas de multidões ignorantes e caprichosas, permanecem repletos de substâncias divinas para quantos de nós que começam a viver efetivamente em espírito. As cidades humanas são imensos e benditos cadinhos de purificação das almas encarnadas, onde se forja o progresso real da Humanidade, mas o campo simples e acolhedor é sempre a estação direta das bênçãos de Deus, garantindo as bases da manutenção coletiva. Não é estranhável, portanto, que aí recolhamos grandes colheitas de energias de paz restauradora.” (AL, *Obreiros da vida eterna*, Capítulo 5)

“Alcançáramos a orla do mar, em plena noite. A movimentação da vida espiritual era aí muito intensa. Desencarnados de várias procedências reencontravam amigos que ainda se demoravam na Terra, momentaneamente desligados do corpo pela anestesia do sono. Dentre esses, porém, salientava-se grande número de enfermos. Anciães, mulheres e crianças, em muitos aspectos diferentes, compareciam ali, sustentados pelos braços de entidades numerosas que os assistiam. Conversações edificantes e lamentos doloridos chegavam até nós. Serviços magnéticos de socorro urgente eram improvisados aqui e além... E o ar, efetivamente, confrontado ao que respirávamos na área da cidade, era muito diverso. Brisas refrescantes sopravam de longe, carreando princípios regeneradores e insuflando em nós delicioso bem-estar. – O oceano é miraculoso reservatório de forças – elucidou Clarêncio, de maneira expressiva –, até aqui, muitos companheiros de nosso plano trazem os irmãos doentes, ainda ligados ao corpo da Terra, de modo a receberem refazimento e repouso. Enfermeiros e amigos desencarnados desvelam-se na reconstituição das energias de seus tutelados. Qual acontece na montanha arborizada, a atmosfera marinha permanece impregnada por infinitos recursos de vitalidade da Natureza. O oxigênio sem mácula, casado às emanções do planeta, converte-se em precioso alimento de nossa organização espiritual, principalmente, quando ainda nos achamos direta ou indiretamente associados aos fluidos da matéria mais densa.” (AL, *Entre a terra e o céu*, Capítulo 5)

“Passe magnético. – Como podemos encarar o passe magnético no campo espírita, do ponto de

vista da medicina humana? – Em verdade, para conseguirmos alguma ideia precisa no dicionário terreno, com respeito ao poder do fluído magnético, que constitui por si emanção controlada de força mental sob a alavanca da vontade, será interessante figurar o nosso veículo de manifestação como sendo o Estado Orgânico em que nos expressamos na condição de Espíritos imortais, em multifária graduação evolutiva. Semelhante esfera celular, para a nossa conceituação mais simples na técnica fraseológica das criaturas encarnadas, pode ser dividida em duas partes essenciais – o hemisfério visível ou campo somático e o hemisfério por enquanto invisível na Terra ao sensorio comum, ou campo psicossomático. No primeiro, temos o comboio fisiológico tangível, capaz de oferecer positivos elementos de estudo à perquirição histológica. No segundo, encontramos o perispírito da definição kardequiana, ou corpo espiritual, que preside a todas as formações do cosmo físico. Observando, assim, o carro de exteriorização da inteligência por um Estado Orgânico, perfeitamente estruturado em sua base e comportamento, é fácil interpretar-lhe os órgãos como províncias diferenciadas entre si, não obstante conjugadas em sintonia de ação para os mesmos fins, e apreciar-lhe os milhões de células como entidades microscópicas em comunidades distintas, como povos infinitesimais a se caracterizarem por atividades específicas. Representando o sistema hemático, no corpo humano, o conjunto das energias circulantes no psicossoma, energias essas tomadas pela mente, através da respiração, ao infinito reservatório do fluído cósmico, é para ele que se encontra intimamente associado ao estímulo nervoso ou aparelho de comunicação entre o governo do Estado simbólico a que nos referimos e suas províncias e cidadãos – os órgãos e as células. Correspondendo a centros vitais do perispírito – que não podemos entender agora, por ausência de terminologia adequada entre os homens –, temos o eritrônio, o leucocitônio e o trombônio, tanto quanto o sistema reticuloendotelial e os gânglios linfáticos, dando nascimento, no plasma sanguíneo, às coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, dos trombócitos, dos macrófagos e dos linfócitos a se dividirem através de famílias numerosas, em trabalho incessante, desde as usinas geratrizes do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o estroma dos órgãos. Reconhecendo-se a capacidade do fluído magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do Estado Orgânico – particularmente as sanguíneas e as histiocitárias –, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra as invasões bacterianas e

na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda. [...] Pelo passe magnético, no entanto, notadamente naquele que se baseie no divino manancial da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem para que essa vontade novamente ajustada à confiança magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico, nessa ou naquela contingência, se recomponha para o equilíbrio indispensável. [...]" (AL, *Evolução em dois mundos*, Segunda parte, Capítulo 15)

"MEDIUNIDADE CURATIVA. [...] **Sangue e fluidoterapia.** Salientando-se que o sistema hemático no corpo físico representa o conjunto das energias circulantes no corpo espiritual ou psicossoma, energias essas tomadas, em princípio, pela mente, através da respiração, ao reservatório incomensurável do fluido cósmico, são para ele que nos compete voltar a atenção, no estudo de qualquer processo fluidoterápico de tratamento ou de cura. Relacionados com os centros

psicossomáticos, os variados núcleos da vida sanguínea produzem as grandes coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, trombócitos, macrófagos, linfócitos, histiócitos, plasmócitos, monócitos e outras unidades a se dividirem, inteligentemente, em famílias numerosas, movimentando-se em trabalho constante, desde os fulcros geradores do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o âmago dos órgãos. Fácil entender que todo desregramento de natureza física ou moral faz-se refletir, de imediato, por reações mentais consequentes, sobre as províncias celulares, determinando situações favoráveis ou desfavoráveis ao equilíbrio orgânico. O pensamento é a força que, devidamente orientada, no sentido de garantir o nível das entidades celulares no reino fisiológico, lhes facilita a migração ou lhes acelera a mobilidade para certos efeitos de preservação ou defensiva, seja na improvisação de elementos combativos e imunológicos ou na impugnação aos processos patogênicos, com a intervenção da consciência profunda." (AL, *Mecanismos da mediunidade*, Capítulo 22)



Volume III

Saúde

segundo o Espiritismo

Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

Allan Kardec. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *O céu e o inferno, ou, a justiça divina segundo o espiritismo*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *O livro dos espíritos: filosofia espiritualista*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013a. 526 p.

Allan Kardec. *O livro dos médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

Allan Kardec. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

André Luiz (Espírito). *Ação e reação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

André Luiz (Espírito). *Desobsessão*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

André Luiz (Espírito). *E a vida continua...* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1968.

André Luiz (Espírito). *Entre a terra e o céu*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

André Luiz (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

André Luiz (Espírito). *Libertação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1949.

André Luiz (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1960.

André Luiz (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

André Luiz (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1947.

André Luiz (Espírito). *Nos domínios da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1955.

André Luiz (Espírito). *Nosso lar*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

André Luiz (Espírito). *Obreiros da vida eterna*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1946.

André Luiz (Espírito). *Os mensageiros*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

André Luiz (Espírito). *Sexo e destino*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1963.

Bezerra de Menezes (Espírito). *Dramas da obsessão*. Psicografado por Yvonne do Amaral Pereira. Rio de Janeiro: FEB, 1964.

Emmanuel (Espírito). *A caminho da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

Emmanuel (Espírito). *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

Emmanuel (Espírito). *O consolador*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1941.

Emmanuel (Espírito). *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

Joanna de Ângelis (Espírito). *Estudos espíritas*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

Joanna de Ângelis (Espírito). *O homem integral*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1990.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Amanhecer de uma nova era*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Entre os dois mundos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Grilhões partidos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1974.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Loucura e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Mediunidade: desafios e bênçãos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2012.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nas fronteiras da loucura*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1982.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Nos bastidores da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1970.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Painéis da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 1984.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Perturbações espirituais*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2015.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Reencontro com a vida*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2006.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Sexo e obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2003.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Temas da vida e da morte*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tormentos da obsessão*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2001.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Tramas do destino*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1976.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transição planetária*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2010.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Transtornos psiquiátricos e obsessivos*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Salvador: LEAL, 2009.

Manoel Philomeno de Miranda (Espírito). *Trilhas de libertação*. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Rio de Janeiro: FEB, 1996.